WILLIAM SHAKESPEARE

AS GRANDES OBRAS

William Shakespeare

AS GRANDES OBRAS

autor | WILLIAM SHAKESPEARE

capa | MIMÉTICA

imagem da capa | JOHN TAYLOR: RETRATO DE CHANDOS (1610)

paginação | MIMÉTICA

copyright | 2019 © MIMÉTICA PARA A PRESENTE TRADUÇÃO

ESTA EDIÇÃO RESPEITA O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Índice

A COMÉDIA DOS ERROS
A MEGERA DOMADA
AS ALEGRES SENHORAS DE WINDSOR
CONTO DE INVERNO
MEDIDA POR MEDIDA
MUITO BARULHO POR NADA
O MERCADOR DE VENEZA
OS DOIS CAVALHEIROS DE VERONA
SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO
TRABALHOS DE AMOR PERDIDOS
TUDO BEM QUANDO TERMINA BEM
A TEMPESTADE
ANTÔNIO E CLEOPATRA
CORIOLANO
HAMLET
JÚLIO CÉSAR
MACBETH
OTELO
REI LEAR
ROMEU E JULIETA
TITO ANDRÔNICO
HENRIQUE IV — PARTE 1
HENRIQUE IV — PARTE 2
HENRIQUE VIII
VIDA E MORTE DO REI JOÃO
RICARDO II
RICARDO III

A Comédia dos Erros

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

ATO 2

Cena 1

Cena 2

ATO 3

Cena 1

Cena 2

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 5

Cena 1

Personagens

SOLINO, Duque de Éfeso.
EGEU, mercador de Siracusa.
ANTÍFOLO DE ÉFESO, filho de Egeu e de Emília.
ANTÍFOLO DE SIRACUSA, filho de Egeu e de Emília.
DRÔMIO DE ÉFESO, criado dos dois Antífolos.
DRÔMIO DE SIRACUSA, criado dos dois Antífolos
BALTASAR, mercador.
ÂNGELO, ourives.
Um mercador, amigo de Antífolo de Siracusa.
Um segundo mercador, de quem Ângelo é devedor
PINCH, mestre-escola e exorcista.
EMÍLIA, esposa de Egeu, abadessa em Éfeso.
ADRIANA, esposa de Antífolo de Éfeso.
LUCIANA, sua irmã.
LÚCIA, criada de Adriana.
UMA CORTESÃ.
O carcereiro, oficiais de justiça e gente do séqüito.

Ato 1

Cena 1

Uma sala no palácio do duque. Entram o duque, Egeu, carcereiro, oficiais e séqüito.

EGEU — Vamos, Solino; apressa a minha queda; de mim, com a morte, este martírio arreda.

DUQUE — Cala-te, mercador de Siracusa; parcial não posso ser no que respeita à aplicação da lei. A inimizade e a luta decorrente dos ultrajes inomináveis que, de pouco, o vosso duque infligiu aos nossos compatriotas, honrados mercadores que, por falta de florins com que as vidas resgatassem, selaram seus decretos ominosos com o próprio sangue, excluem qualquer réstia de piedade de nosso olhar terrível. Desde os mortais conflitos intestinos, surgidos entre os vossos compatrícios sediciosos e nós, foi decretado em sínodos solenes, não só pelos siracusanos como por nós próprios, que não se admitiria nenhum tráfico entre as duas cidades inimigas. Mais, ainda: se alguém, nascido em Éfeso, em feiras ou mercados fosse visto de Siracusa, ou, ainda, se um nativo siracusano viesse ter ao porto de Éfeso, morreria e seus bens todos seriam confiscados pelo duque, a menos que mil marcos nos pagasse, para se resgatar e ficar livre da pena cominada. Ora, o mais alto cômputo de teus bens escassamente chega a cem marcos. Desse modo te achas, por nossas leis, à morte condenado.

EGEU — Consola-me saber que o teu decreto hoje põe fim ao meu viver inquieto.

DUQUE — Está bem. Ora quero que nos digas, siracusano, sem rodeio inútil, por que de tua pátria te afastaste e o motivo de estares ora em Éfeso.

EGEU — Mais pesada tarefa não podia ser-me imposta do que isso de contar-te minha dor indizível. No entretanto, porque dar testemunho possa o mundo de que meu triste fim não foi causado por falta vergonhosa, mas por puro sentimento paterno, vou dizer-te quanto me permitir minha tristeza. Nasci em Siracusa, onde uma esposa soube escolher, que em mim teria achado toda a felicidade, como eu nela, se não nos fosse adverso o duro fado. Vivíamos felizes; em aumento ia nossa fortuna, por freqüentes e frutuosas viagens que a Epidamno costumava eu fazer. Mas o trespasso do meu feitor, na obrigação premente me pôs de dirigir os bens dispersos, dos braços carinhosos me arrancando de minha terna esposa. Minha ausência não durara seis meses, quando — quase desfalecida pela doce pena da herança feminina — ela já tinha tomado todas as medidas, para se me juntar, havendo sã e salva chegado onde eu me achava. Muito tempo não se passou sem que ela se tornasse mãe de dois belos filhos, de tal modo parecidos — oh fato extraordinário! — que só se distinguiam pelos nomes. Na mesma hora, na mesma hospedaria, uma mulher do povo de igual fardo se livrou, dando à luz dois filhos gêmeos também mui parecidos, que por serem de gente muito pobre eu comprei logo, para

que a servir viessem meus dois filhos. Muito orgulhosa de seus dois pimpolhos, falava diariamente minha esposa em voltar para casa. A contragosto fiz-lhe a vontade, mas, ai! muito cedo nos embarcamos. Uma légua viajamos de Epidamno sem que o mar, sempre aos ventos obediente, qualquer trágico indício nos mostrasse de nossa má ventura. Muito tempo, contudo, não ficamos animados, porque o pouco de luz quase apagada que o céu nos enviava, só servia para levar a nossas almas tímidas mensagem certa de uma morte próxima. Eu, de mim, a aceitara alegremente; mas as lamentações de minha esposa, que, à só idéia do perigo imano, chorava sem cessar, e os lastimosos gritos dos dois meninos amoráveis, que por moda choravam, pois não tinham consciência do perigo, me forçaram a procurar adiar o fim de todos, pois outra expectativa era impossível. Ao barco os marinheiros se acolheram, deixando-nos o casco do navio prestes a se afundar. Minha consorte, mais cuidadosa do último nascido, o havia atado a um mastro de reserva de que os marujos sempre andam providos, para enfrentar os temporais desfeitos. A ele um dos outros gêmeos foi atado, enquanto dos demais eu me ocupava. Dispostos desse modo os nossos filhos, eu e minha mulher, fixos os olhos em quem fixo o cuidado sempre tínhamos, nos atamos, também, nas duas pontas do alto mastro, e ao sabor, sempre, das ondas, na direção seguimos de Corinto, conforme imaginávamos. Por último, a dardejar os raios sobre a terra, desfez o sol a névoa causadora de todo o nosso mal, deixando calmas de novo as ondas, pela ação benéfica de sua luz por que tanto anelávamos o que nos permitiu ver dois navios que para nós, com pressa, velejavam: um de Corinto, de Epídamno o outro. Mas antes de até nós eles chegarem... Oh! Nada mais direi. Deduze o resto, ante o que sabes do meu fado mesto.

DUQUE — Adiante, velho! Acaba a tua história. Despertas-nos piedade, muito embora conceder-te perdão seja impossível.

EGEU — Oh! Se os deuses assim tivessem sido, agora eu acusá-los não pudera de nos terem tratado cruelmente, pois distantes de nós não se encontravam dez léguas os dois barcos, quando fomos dar de encontro a um penedo imano e a pique, com tal força, que a nossa esperançosa nau se despedaçou, e de tal modo se processou nosso divórcio injusto, que a cada um de nós deixou a Fortuna o com que se alegrar e lastimar-se. A parte em que se achava minha esposa — pobre alma! — ao parecer com menos peso, mas com igual desdita, foi levada com mais velocidade pelos ventos, tendo sido eles três à nossa vista salvos por pescadores de Corinto, conforme então pensamos. Finalmente, a bordo nos tomou outro navio. Ao ficarem sabendo seus marujos a quem haviam salvo por acaso, deram boa acolhida aos pobres náufragos; e a presa, porventura, aos pescadores teriam retomado, se não fosse terem o barco de moroso curso. Por isso, navegaram rumo à pátria. Sabeis agora como eu fui privado de toda a minha dita, como os fados adversos minha vida prolongaram, para eu contar a minha triste história.

DUQUE — Agora, pelo amor dos que lastimas, faze-me o obséquio de contar por miúdo tudo o que eles e tu haveis passado.

EGEU — Meu caçula, o mais velho nos cuidados, aos dezoito anos revelou desejo de procurar o irmão, tendo insistido junto de mim, para que seu criado — que, como ele, privado também fora de um irmão cujo nome ele levava — nas investigações o acompanhasse. Assim,

porque sofria de saudades de meu filho perdido, pus em risco vir a perder o que ainda me restava. Cinco estios passei na extrema Grécia; vasculhei os confins da Ásia distante; e, ao costear, já de volta para a pátria, a Éfeso vim ter, sem esperança nenhuma, é certo, de poder achá-los, mas porque não deixasse inexplorado nenhum lugar capaz de abrigar homens. Da minha vida a história aqui termina. Na morte prematura me julgara muito feliz ainda assim, se ao cabo de tão longas viagens obtivesse a certeza de que eles ainda vivem.

DUQUE — Mísero Egeu, que destinado foste para experimentar o grau mais alto de uma vida infeliz! Mas podes crer-me: não fosse ir contra a lei, minha coroa, a própria dignidade, os juramentos — que violar nunca os príncipes se atrevem, muito embora o desejem — neste peito tua causa encontrara um advogado. Mas muito embora condenado te aches e a sentença de morte não me seja possível revocar sem grande dano para nossa honra, vou favorecer-te naquilo que puder. Por essa causa, mercador, eu te dou mais este dia para auxílio amigável angariares, que a vida te resgate. Experimenta os amigos que em Éfeso tiveres. Toma emprestado, pede esmola e vive, depois de perfazeres a quantia. Caso contrário, morrerás; é lei. Deixo-o sob tua guarda, carcereiro.

CARCEREIRO — Pois não, milorde.

EGEU — Pobre, sem esperança, Egeu só lida para o fim postergar da triste vida.

(*Saem.*)

Cena 2

O mercado. Entram Antífolo de Siracusa, Drômio de Siracusa e um mercador.

MERCADOR — Deveis dizer, por isso, que nascestes em Epidamno, para vos livrardes de ficar com os bens todos confiscados. Ainda hoje, um mercador de Siracusa foi preso, por haver desembarcado, e, porque a vida resgatar não pôde, há de, acorde com a lei desta cidade, vir a morrer, antes que o sol no ocaso fatigado se deite. Eis o dinheiro que em confiança me destes, ainda há pouco.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Drômio, leva-o ao Centauro, onde pousamos, e lá te deixa estar até que eu chegue. Para o jantar ainda falta uma hora; verei, enquanto espero, os mercadores, estudarei os usos da cidade e observarei seus belos edifícios Depois, de volta para a hospedaria, pretendo repousar, que a longa viagem me deixou lasso e exausto. Vai depressa.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Muita gente talvez tomasse à risca quanto dizeis e se pusesse ao fresco carregando tesouro tão opimo. (*Sai.*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — É um criado alegre, meu senhor, que muitas vezes, quando estou cheio de cuidados e de melancolia, me dissipa todo o humor com seus ditos prazenteiros. Ireis passear comigo na cidade, para depois jantarmos na estalagem?

MERCADOR — Não, meu caro senhor; fui convidado por certos mercadores, com os quais conto realizar bons negócios. Desculpai-me. Mas às cinco horas nos encontraremos no mercado, se a idéia vos agrada, podendo, após, fazer-vos companhia até a hora de deitar. Negócio urgente me força a vos deixar por uns instantes.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Então até mais tarde; sem destino vou distrair-me a ver vossa cidade.

MERCADOR — Ao vosso bem-estar vos deixo entregue. (*Sai.*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Quem ao meu bem-estar me deixa entregue, faz entrega de todo em todo inútil, pois é do que careço. Sou no mundo como uma gota de água que à procura de outra gota no oceano se encontrasse, e que, ao cair ali, toda desejos de achar a companheira, desaparece na busca, sem ser vista. Assim, comigo: para um irmão e minha mãe achar — pobre de mim! — me perco a procurá-los. (*Entra Drômio de Éfeso.*) Eis outra vez meu almanaque vivo. Que é que há? Por que voltaste assim tão cedo?

DRÔMIO DE ÉFESO — Tão cedo? Perguntai por que tão tarde. O capão já tostou; caiu do espeto, de tanto ser virada, a bacorinha; já o relógio da torre deu doze horas e a patroa me deu uma no rosto; quente ela está por causa da comida que esfriou; a comida ficou fria por não

terdes voltado para casa; não voltaste porque não tendes fome; não tendes fome por comido haverdes. Nós, porém, a jejuar nos encontramos; por vossa culpa em penitência andamos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Detende esses pulmões, senhor: dizei-me onde está minha bolsa com o dinheiro.

DRÔMIO DE ÉFESO — Oh! Aqueles seis pences que me destes na última quarta-feira com o encargo de pagar o conserto do rabicho da patroa? Ao seleiro os dei, senhor; não costumo furtar coisa nenhuma.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não estou hoje para brincadeiras. Deixa de lado as graças e me dize, sem subterfúgios, onde está o dinheiro. Sendo nós estrangeiros na cidade, como te mostras tão remisso, ousando separar-te de soma tão vultosa?

DRÔMIO DE ÉFESO — Por obséquio, senhor, deixai as graças para a hora do jantar. Vim procurar-vos como correio, de ordem da senhora; se sem vós eu voltar, é coisa certa meter-me na correia, que ela as vossas faltas há de gravar na minha pele. Penso que deveríeis ter no estômago, como eu, relógio certo, para a casa vos chamar, sem haver necessidade de nenhum mensageiro ou de recados.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Pára com isso, Drômio; essas graçolas vêm fora de propósito. Reserva-as para hora mais alegre. Onde puseste o ouro que te confiei?

DRÔMIO DE ÉFESO — A mim, senhor? Não sei de ouro nenhum que me entregásseis.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Vamos, senhor velhaco, acabai logo com essas maluquices, e dizei-me de que modo a incumbência foi cumprida.

DRÔMIO DE ÉFESO — Minha incumbência constitui apenas em vos vir procurar até o mercado e vos levar, senhor, a casa, à Fênix, para jantar. Por vós já estão à espera minha senhora e a irmã.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Ora, tão certo como eu ser batizado, me responde onde puseste a salvo o meu dinheiro; se não, te quebrarei essa cabeça jocosa, que só cuida de pilhérias, quando me acho indisposto. Dize logo: em que lugar puseste os meus mil marcos?

DRÔMIO DE ÉFESO — Marcas vossas eu tenho na cabeça; nos ombros tenho marcas da patroa; mas, reunidas, mil marcos não perfazem. Se forçado eu me visse a restituí-las a Vossa Senhoria, é bem possível que não as recebêsseis com paciência.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Tua patroa? Que patroa, escravo?

DRÔMIO DE ÉFESO — A senhora de Vossa Senhoria, minha patroa da estalagem Fênix, a mesma que jejua à vossa espera, para jantar e que vos pede, instante, irdes jantar com ela neste instante.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Como! Zombas de mim na minha frente, conquanto eu to proibisse? Então toma isto. (*Bate-lhe.*)

DRÔMIO DE ÉFESO — Senhor, que pretendeis? A mão detende, por piedade! Se não, dos pés me valho. (*Sai.*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Sou capaz de jurar que esse malandro foi logrado e perdeu todo o dinheiro. Dizem que esta cidade abunda em fraudes, em escamoteadores astuciosos, feiticeiros noturnos que os sentidos confundem das pessoas, negras bruxas que matam a alma e o corpo informe deixam, charlatães convincentes, disfarçados embusteiros e muitos pecadores quejandos. Se tudo isso for verdade, não ficarei aqui. Vou ao Centauro dar outra coça nesse bandoleiro; temo que haja perdido o meu dinheiro. (*Sai.*)

Ato 2

Cena 1

Casa de Antífolo de Éfeso. Entram Adriana e Luciana.

ADRIANA — Nem vem o meu marido nem o escravo que eu incumbi de o procurar com pressa. Devem ser duas horas, Luciana.

LUCIANA — Talvez tenha sido ele convidado por algum mercador e, do mercado, tivesse ido jantar em qualquer parte. Mana, vamos comer; não te amofines. Da liberdade os homens são senhores; o tempo é o mestre deles; vão e vêm, conforme o tempo o enseja. Sê paciente.

ADRIANA — Por que hão de ser mais livres do que nós?

LUCIANA — Porque fora de casa têm negócios.

ADRIANA — Se com ele desta arte eu procedesse, ficaria zangado.

LUCIANA — Não ignoras que da tua vontade é freio o esposo.

ADRIANA — Frear se deixam tão-somente os asnos.

LUCIANA — A liberdade indócil é domada pela própria desgraça. Não há nada sob a vista do céu que não se mova num limite restrito, assim na terra como no ar e no mar. Todas as fêmeas dos animais, dos pássaros, dos peixes seguem ao macho e em tudo lhe obedecem. O homem, ser mais divino, senhor deles, dono do mundo todo, do mar vasto, que a superioridade do intelecto pós acima de pássaros e peixes, da esposa é dono e mestre. Assim, alegre, com ele em tudo concordar te cumpre.

ADRIANA — Tanta humildade condiz mais com freira.

LUCIANA — O medo é que me faz ficar solteira.

ADRIANA — Casada, talvez fosses uma harpia.

LUCIANA — A obedecer, de noiva aprenderia.

ADRIANA — Se teu esposo a outra mulher amasse?

LUCIANA — Em casa aguardaria o desenlace.

ADRIANA — Sem ser provada, a paciência dura; calma é quem vive livre de tortura. Ao infeliz que a adversidade oprime é fácil animar num tom sublime; mas se igual fardo no ombro nos pesasse, nossa calma tomara-se falace. Por não teres marido que te oprima é que me fazes essa pantomima; mas se chegasses a te ver burlada, tua paciência acabaria em nada.

LUCIANA — Hei de casar-me para ver se acerto. Eis o criado; o patrão deve andar perto.

(*Entra Drômio de Éfeso.*)

ADRIANA — Dizei se o vosso retardado mestre ao alcance da mão por fim se encontra.

DRÔMIO DE ÉFESO — Fui eu que fiquei ao alcance das mãos dele, como dão testemunho as minhas orelhas.

ADRIANA — Não lhe falaste? Não te disse, acaso, qual a sua intenção?

DRÔMIO DE ÉFESO — Disse-me tudo quanto quis, mas foi muito ao pé do ouvido. Maldita mão! Não pude entender nada.

LUCIANA — Expressou-se por maneira tão ambígua, que não entendeste o que ele queria dizer?

DRÔMIO DE ÉFESO — Expressou-se por maneira tão clara, que pude sentir perfeitamente as pancadas, mas, apesar disso, por maneira tão ambígua, que mal pude compreender-lhes o alcance.

ADRIANA — Mas dize: não vem logo para casa? Não quer deixar a esposa satisfeita?

DRÔMIO DE ÉFESO — Doido cornudo é o que ele me parece.

ADRIANA — Doido cornudo, biltre?

DRÔMIO DE ÉFESO — Cornudo por ser doido, simplesmente. Mas que está doido, é certo. Eram já horas, lhe disse, de jantar. Sua resposta foi reclamar de mim mil marcos de ouro. "Jantar!" gritei. "Meu ouro!" respondeu-me. "A carne está a queimar!" disse. "Meu Ouro!" respondeu. "Demorais ainda na rua?" lhe perguntei. "Meu ouro!" respondeu-me. "Onde estão os mil marcos, sem-vergonha, que eu te dei?" "A leitoa está no ponto de esturricar!" lhe disse. "Meu dinheiro!" me respondeu. "Minha senhora..." disse-lhe. "Que se enforque!" disse ele; "não conheço senhora alguma! O diabo que a carregue!"

LUCIANA — Quem falou isso?

DRÔMIO DE ÉFESO — Meu patrão, senhora. "Não tenho casa, esposa, nem patroa", berrou-me ele cem vezes. Desse modo minha mensagem, que cabia à língua dizer no tempo certo, graças a ele torno a trazer nos ombros para casa, pois neles recebi tunda de mestre.

ADRIANA — Volta, maroto, e traze-o para casa.

DRÔMIO DE ÉFESO — Voltar para apanhar mais uma coça? Por Deus, mandai um outro mensageiro.

ADRIANA — Volta, malandro! Do contrário a fronte te cruzo de pancada.

DRÔMIO DE ÉFESO — Ele há de novas cruzes fazer por cima das primeiras. Desta arte me deixais santificado.

ADRIANA — Basta de falatório, grosseirão! Vai buscar teu senhor.

DRÔMIO DE ÉFESO — Serei, acaso, redondo assim, para me dardes ambos pancada sem parar, como se eu fosse bola de futebol? Sem mais nem menos, me aplicais pontapés. A durar isso, tereis de me mandar forrar de couro. (*Sai.*)

LUCIANA — Como a impaciência vos deixou mudada!

ADRIANA — A conversar ficou com a namorada, privando-me de todo o carinho. O encanto já perdi? Feia definho? A culpa é dele só. Tenho a conversa fastidiosa, a alma sempre em tédio imersa? Na indiferença dele se me embota toda a vivacidade, fico idiota. Deixa-me feia, acaso, este vestido? Quem me dirige os bens é o meu marido. Qual a minha ruína, que arruinada não fosse só por ele? Se fanada me encontro é que ele o quis. De um simples riso dele me nasceria um paraíso. Mas, cervo altivo, ele por longe vaga. De todo o meu amor foi essa a paga.

LUCIANA — O ciúme te maltrata. Deixa disso.

ADRIANA — Tanto sofrer me fez perder o viço. É certo; alhures ele encontra abrigo; se não, por que não pára ele comigo? Disse que uma cadeia me daria, bem o sabes. Contudo, eu preferia que ele houvesse esquecido esse presente em troca de comigo estar contente. Desta arte fiel ele ficara ao leito. Sei que as mais belas jóias, sem defeito, com o uso o encanto perdem. O próprio ouro se desgasta, em prejuízo do tesouro. Assim, dos homens o impoluto nome a reiterada tentação carcome. Já que a minha beleza não lhe agrada, vou chorar tanto, até vir a ser nada.

LUCIANA — Como o ciúme maltrata esta coitada!

(*Saem.*)

Cena 2

Uma praça pública. Entra Antífolo de Siracusa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — O dinheiro que a Drômio eu tinha dado se acha na hospedaria do Centauro, tendo saído o cuidadoso escravo para me procurar. Pelo meu cálculo e o que disse o hospedeiro, eu não podia ter falado com Drômio depois da hora em que nos separamos no mercado. Mas ei-lo que aí vem. (*Entra Drômio de Siracusa.*) Então, senhor, já está mais calmo vosso humor jocoso? Repeti, por favor, a brincadeira, se gostais de pancada. A hospedaria do Centauro vos é desconhecida? Não vos dei uma bolsa com dinheiro? Vossa patroa me quer ver em casa, para eu jantar com ela? Então, moramos na hospedaria Fênix? Estás louco, para me responderes desse modo?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Quando, senhor, vos respondi tal coisa?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Agora mesmo, aqui, há meia hora

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não vos falei desde a hora em que ao Centauro me mandastes levar vosso dinheiro.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Afirmaste, vilão, que eu não te havia dado dinheiro algum e me falaste de uma mulher e de eu jantar com ela. Mas penso que na pele tens a prova de quanto me alegrou essa notícia.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Fico contente por vos ver alegre. Que quer dizer, senhor, essa pilharia?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Ainda zombas de mim na minha frente? Pensas que é brincadeira? Então toma isto. (*Bate-lhe.*)

DRÔMIO DE SIRACUSA — Parai, senhor, por Deus! A brincadeira ficou séria demais. Por que barganha mereci receber essas pancadas?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Porque acontece eu conversar convosco familiarmente e, para distrair-me, vos fazer de meu bobo, vossa audácia vos leva a exorbitar, até quererdes apalhaçar as minhas horas sérias. Quando o sol brilha, as moscas dançam ledas; mas, quando some, logo elas se escondem. Para poderdes discretear comigo será conveniente ver-me o rosto. Assim, pelos meus olhos, a atitude sabereis escolher. Caso contrário, vos meterei pela cabaça o método.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Cabaça lhe chamais? Eu preferia ter cabeça, uma vez que deixasses de a malhar. A continuardes desse jeito, vou procurar uma cabaça para forrar com ela

a cabeça e não ter de procurar o espírito nas espáduas. Mas, por obséquio, senhor: por que me bateis?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não sabes a causa?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não sei nada, senhor, a não ser que estou a receber pancada.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Desejas que ta revele?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Perfeitamente, senhor, e também o seu porquê, pois dizem todos que não há causa sem porquê.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Pois foi porque te riste à minha custa. Agora vejamos o porquê: porque de novo riste de mim, quando eu falava sério.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Quem sova igual já tomou? Coisa assim nunca mais me aconteça, pois os porquês que aduzis são porqueiras sem pés nem cabeça. Obrigado, senhor.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Por que obrigado?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ora, senhor, por essa coisa que me destes por coisa nenhuma.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Na próxima vez me corrigirei, dando-te coisa nenhuma por alguma coisa. Mas dizei-me, senhor: já são horas de jantar?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não, senhor; a carne ainda não ficou como eu estou.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Como assim, senhor? Que é que lhe falta?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ser batida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Perfeitamente, senhor; com isso ela ficará seca.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Nesse caso, peço-vos não provar bocado.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Vossas razões?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Para não ficardes colérico outra vez e não tornardes a me bater.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Então, meu senhor, aprendei a gracejar só quando houver ocasião, porque para tudo há tempo certo.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Era o que eu ousaria contestar, antes de haverdes ficado tão colérico.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Em que razões vos firmais, senhor?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ora, senhor, em uma razão tão reluzente como a careca reluzente do velho Tempo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Vamos ouvi-la, então.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Quem é calvo por natureza, em tempo nenhum recupera o

cabelo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não lhe seria possível conseguir isso por meio de um processo de posse absoluta?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Sim, protestando pela posse de uma peruca, para ficar de posse dos cabelos de outra pessoa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Por que motivo o Tempo é tão sovina de cabelo, quando é certo que este cresce com tanta liberalidade?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Isso é bênção que ele reserva aos animais; o que ele nega aos homens em cabelo, dá-lhes em inteligência.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — E por esse motivo que muita gente é dotada de mais cabelo do que inteligência.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Mas não há quem tenha inteligência para perder o cabelo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Concluíste há pouco que as pessoas de muito cabelo são lorpas destituídos de espírito.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Quanto mais lorpa, mais cabelo perde; contudo, perde sempre com alegria.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — E a razão disso?

DRÔMIO DE SIRACUSA — São duas as razões, senhor, e ambas de peso.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — De peso é que não devem ser.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Razões seguras, pelo menos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Dize quais são elas.

DRÔMIO DE SIRACUSA — A primeira é economizar o dinheiro que deveria gastar com o penteador; a segunda, ficar livre de lhe cair o cabelo na sopa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Durante todo esse tempo, queríeis provar que não há tempo para tudo.

DRÔMIO DE SIRACUSA — E consegui-o, senhor, a saber: não há tempo para recuperarmos o cabelo perdido pela natureza.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Mas não apresentaste razão substancial do porquê de não haver tempo de recuperá-lo.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Então, corrijo em tempo: por ser calvo o Tempo, há de ter até ao fim do mundo seguidores calvos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Previa que a conclusão ia ser calva. Mas, devagar: quem é que nos está a fazer sinais dali?

(*Entram Adriana e Luciana.*)

ADRIANA — Sim, sim, Antífolo, o conspecto franze, lança-me olhar severo. A outras

mulheres dedica só blandícias. Tua esposa não sou; não sou Adriana. Houve já tempo em que espontaneamente me juravas que nenhuma palavra te era música aos ouvidos, os olhos coisa alguma te distraía, nada te causava prazer ao tacto, ao paladar comida nenhuma te sabia, senão minha fala, e o conspecto meu, o meu contacto, e o assado que por minha mão te dava. Que aconteceu, querido esposo, para que estranho, assim, ficasses de ti mesmo? Sim, de ti mesmo, disse, pois te encontras afastado de mim, que inseparável sendo de ti, me considero ainda melhor que a melhor parte de ti mesmo. Pois sabe, meu amor: fora mais fácil no mar deitares uma gota de água para, intacta, depois a recolheres, sem adição nenhuma ou qualquer perda, do que sem mim de mim te retirares. Como ficaras no âmago ferido se, quando nada, alguém fosse contar-te que eu era licenciosa e que este corpo a ti, só, consagrado, ora poluído pela bestial luxúria se encontrava? Em tua indignação, não me cuspiras, aos pés não me calcaras, nestas faces não jogaras o nome de marido, não me rasgaras a manchada cute da fronte infiel, e desta mão perjura a aliança nupcial não arrancaras, com a maldição quebrando-a do divórcio? Sei que o farias. Pois então não tardes: a mancha do adultério em mim se alastra; trago no sangue o crime da luxúria, pois se ambos somos um, e prevaricas, na carne trago todo o teu veneno, por teu contágio me tornando impura. Ao nosso leito, pois, sê infiel aliado; só assim serei pura e tu honrado.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Falais comigo, mui graciosa dama? Não vos conheço, pois há duas horas que a Éfeso cheguei, tão estrangeiro à cidade como a isso que dissestes. Sou de espírito parco de recursos para entender sequer vossos discursos.

LUCIANA — Ora, irmão! Pode o mundo mudar tanto? Quando a mana trataste desse modo? Ela mandara te chamar por Drômio...

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Por Drômio?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Por mim?

ADRIANA — Por ti... E esta resposta me trouxeste: que ele te esbofeteara e, com seus golpes, dissera não ser dele a minha casa e que eu consorte sua jamais fora.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Conversaste, senhor, com esta senhora? Qual a intenção de toda esta conjura?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Eu, senhor? Nunca a vi até este instante.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Mentes, vilão! Que há pouco, no mercado, me transmitiste esse recado mesmo.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Eu nunca lhe falei em toda a vida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Como sabe ela, então o nosso nome? Só se é inspiração.

ADRIANA — Como desdiz de tanta gravidade desta arte conchavar com vosso escravo e espicaçá-lo a me fazer pirraças! Seja embora eu culpada de tudo isso, não me façais assim tão mau serviço, aumentando com vossa zombaria a imensa dor que a vida me abrevia. De vós não mais me afastarei... Oh! Ride! Sois o olmo, meu marido; eu, vossa vide, cuja fraqueza à vossa força aliada em rijeza tran.sforma-se acendrada. Entre nós não há linha divisória, se não for,

tão-somente, a vil escória da turba parasita: erva daninha, musgo e o mais que no tronco cresce asinha, e que, por falta de desbaste e corte, te causa confusão e te dá morte.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Fala comigo; sinto-me abalado... Em sonhos, pois, tê-la-ia desposado? Ou durmo, ainda, e penso ouvir tudo isto, julgando ver o que jamais hei visto? Enquanto certa for esta incerteza, deterei a ilusão com mais firmeza. Ou durmo, ainda, e penso ouvir tudo isto, julgando ver o que jamais hei visto? Enquanto certa for esta incerteza, deterei a ilusão com mais firmeza.

LUCIANA — Drômio, vai pôr a mesa com os criados.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ó Deus do céu, perdoai os meus pecados! Estamos num país de fadas lindas, de elfos, corujas, de ilusões infindas. Façamos-lhe a vontade; do contrário, nos chupa o sangue espírito nefário.

LUCIANA — Por que não andas, peste? Vamos, Drômio; não me mudes a casa em manicômio.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Fui transformado, mestre? Eu não sou eu?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Foste, sim; eu também já não sou eu.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não valho, como gente, um só pataco.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — A forma ainda conservas.

DRÔMIO DE SIRACUSA — De macaco.

LUCIANA — Se em algo te mudaste, foi em burro.

DRÔMIO DE SIRACUSA — É certo; ela me dá capim e eu zurro. Se habituado eu não fosse a levar sela, saberia também o nome dela.

ADRIANA — Basta! Basta! Não mais hei de portar-me como uma tola, que a mão leva aos olhos para chorar, enquanto o amo e o criado de minha dor se riem. Já está pronto, senhor, nosso jantar. Drômio, de guarda ficarás no portão. Hoje, marido, jantaremos em cima; hei de obrigar-vos a me contar as vossas peraltices. Ouve, malandro: caso alguém procure teu patrão, dize que ele jantou fora. Veda a todos a entrada. Mana, vamos. Drômio, tu ficarás como porteiro.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA (*à parte*) — Isto é céu, terra, ou inferno verdadeiro? Durmo ou velo? Sou louco ou tenho juízo? Meu nome ela repete com um sorriso. Pouco importa; vejamos se isto dura; com ela embarcarei nesta aventura.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Mestre, é força que eu faça de porteiro?

ADRIANA — Se queres conservar o coco inteiro.

LUCIANA — Vamos, Antífolo; o jantar primeiro.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Diante da casa de Antífolo de Éfeso. Entram Antífolo de Éfeso, Drômio de Éfeso. Ângelo e Baltasar.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Desculpai-me, meu caro senhor Ângelo, mas minha esposa fica atrabiliária, quando fora de casa eu me demoro. Dizei-lhe que ficamos distraídos na oficina, a admirar vossa perícia. na confecção de sua gargantilha, que amanhã lhe trareis sem falta à casa. Ora vede, afirmou-me este malandro que me havia encontrado no mercado, que lhe bati e reclamara, instante, mil marcos de ouro; enfim, que renegara minha esposa e meu lar. Então, borracho, que pretendias ao dizer aquilo?

DRÔMIO DE ÉFESO — Dizei, senhor, embora o que vos agradar, mas os sinais da sova eu poderei mostrar. Fosse eu de pergaminho e vossa mão de tinta, leríeis vossa firma em letra mui distinta e poderíeis ver o que de vós eu penso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Penso que sois um asno.

DRÔMIO DE ÉFESO — Aliás mostrais bom senso, que outra coisa não é quem, por causa de nada, agüenta o dia todo impropério e pancada. Mas se asno puro eu sou, convém terdes cuidado, porque não vos alcance um coice delicado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Triste me pareceis, meu caro Baltasar; mas ficareis alegre à mesa do jantar.

BALTASAR — Com tanta gentileza, é que eu posso esperar.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Peixe e carnes, amigos, esplendem mais à mesa; muita conversa é indício, às vezes, de avareza.

BALTASAR — Banal coisa é comida; a boa prosa é rara.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Mas uma mesa escassa a boca torna amara.

BALTASAR — A gentileza à mesa é hóspede eloqüente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Quando avaro é o hospedeiro e o convidado doente. No entanto, se primor não for minha comida, ao menos com prazer vos será oferecida. A porta está fechada? Abri-la manda asinha.

DRÔMIO DE ÉFESO — Brígida, Madalena, Bárbara, Joaninha!

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Cretino, idiota, alarve, estúpido, demente! Vai-te embora, ou, calado, senta-te ao batente. Por que chamar um bando, assim, de servas tontas,

quando uma já é demais? Pensas que me amedrontas?

DRÔMIO DE ÉFESO — Quem é que em nossa casa ora faz de porteiro? Ficar aqui não pode o mestre o dia inteiro.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Ora, que vá pescar! Deixe de cretinismo; se não, com o frio os pés apanham reumatismo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Abre logo! Ou uma tunda esperas que eu te dê?

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Abrir, caro senhor? Falta saber por quê.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Por quê? Para jantar. De fome estou varado.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Então ide a outra parte; aqui já houve assado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Quem és, que assim me pões de minha casa fora?

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Drômio, caro senhor, gentil porteiro agora.

DRÔMIO DE ÉFESO — Roubaste-me, vilão, o ofício e o próprio nome. Aquele me valeu estar morrendo à fome; o outro me rende mais: pancada e insultos a esmo. Mas se tivesse sido, há pouco, Drômio mesmo, por outro nome o teu terias já trocado e desejaras ser mero asno do mercado.

LÚCIA (*dentro*) — Drômio, que barulheira é essa no portão? Quem bate assim?

DRÔMIO DE ÉFESO — É o mestre, Lúcia; abres ou não?

LÚCIA (*dentro*) — Chegou tarde demais. Vai; dize ao patrão isso.

DRÔMIO DE ÉFESO — Só rindo muito, oh Deus! De tanto rebuliço. Mas conheceis, acaso, um dito muito certo, de que uma boa sova, às vezes...

LÚCIA (*dentro*) — Oh! decerto! faz esquecer a fome a quem não vê comida.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Se tu te chamas Lúcia, ó Lúcia, és bem sabida!

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Pequena, não me ouviste? Aqui fala o patrão.

LÚCIA (*dentro*) — Já vos perguntei isso.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — E vós dissestes “não”.

DRÔMIO DE ÉFESO — Boa resposta, agora; estamos mão por mão.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Vamos, idiota, abri!

LÚCIA (*dentro*) — Pois não, caro senhor; mas primeiro contai-me a causa desse ardor.

DRÔMIO DE ÉFESO — Mestre, arrombai a porta.

LÚCIA (*dentro*) — Assim; malhai de rijo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Deixa, que, após abri-la, a prosa eu te corrijo.

LÚCIA (*dentro*) — Se eu chamar pela guarda, ireis todos de embrulho.

ADRIANA (*dentro*) — Drômio, que significa à porta esse barulho?

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Que posso eu vos dizer? Mas estranhar não há de quem tiver visto o que eu já vi nesta cidade.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Esposa, quero ver-te; a fome não me importa.

ADRIANA (*dentro*) — Tua esposa, tratante? Afasta-te da porta.

DRÔMIO DE ÉFESO — Esse "tratante", mestre, a honra vos deixa torta.

ÂNGELO — Não acharemos cá nem prosa nem comida.

BALTASAR — E nós a discutir qual fosse a preferida!

DRÔMIO DE ÉFESO — Mandai-os, mestre, entrar, que a fome é desabrida.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Há qualquer coisa no ar que nos impede a entrada.

DRÔMIO DE ÉFESO — Com essa capa, mestre, o frio é quase nada. Nós gememos cá fora, enquanto na lareira, lá dentro, o fogo estrala: é bela a brincadeira.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Vou arrombar a porta e a todos dar o troco.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Vinde, que eu vos prometo abrir em dois o coco.

DRÔMIO DE ÉFESO — Fácil é prometer; mas com facilidade não se transforma em ato um soco de verdade.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Vejo que de apanhar tu tens muita vontade.

DRÔMIO DE ÉFESO — Vamos, deixa-me entrar; quero ir até à cozinha.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*) — Pois não, caro senhor; mas só quando a galinha penas já não tiver e o peixe reluzente puder no mar viver sem guelras e contente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Vou arrombar a porta; arranja uma alavanca.

DRÔMIO DE ÉFESO — Uma alavanca, mestre? Agora, sim, a tranca no gajo vai saltar e, como o seu peixinho sem guelras, ele passa a bocejar sozinho.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — A alavanca! Depressa! Há muita urgência!

BALTASAR — Em tudo; amigo, é de mister paciência. Com isso fazeis guerra à vossa própria reputação, chamando para dentro do âmbito da malícia a honra impoluta de vossa digna esposa. A comprovada prudência que lhe é própria, a alta virtude, os anos, a modéstia, valer fazem a seu favor alguma causa oculta para tal proceder, a qual vos foge. Não o duvideis, senhor, mas é certeza que ela vai desculpar-se, revelando-vos o motivo de estar fechada a porta. Deixai que eu vos oriente neste passo. Retirai-vos paciente; vamos todos jantar no Tigre, e quando já for noite, sozinho voltareis para saberdes a razão desta insólita recusa. Se vos dispondes a empregar violência numa ocasião de tanto movimento, hão de surgir, por certo, comentários que, pela turba ignara propalados, a despeito do vosso nome limpo, acolhida acharão por toda parte, até mesmo na vossa sepultura, quando já não viverdes. Que a calúnia, como bens transmitidos por herança, sempre cresce onde venha a encontrar ansa.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Tendes razão; vou retirar-me quieto e, embora a contragosto,

hei de esforçar-me por parecer alegre. Ora me lembro de uma donzela de agradável prosa, bonita, espirituosa, algo estouvada, mas, no fundo, gentil. Por causa dessa criatura minha esposa — sem motivos para isso, vos afirmo — muitas vezes tem feito cenas de ciúme incríveis. Vamos jantar com ela. (*A Ângelo.*) Ide a cadeia buscar em vossa casa, pois já deve estar pronta, e levai-a ao Porco-espinho que é onde mora a mulher de que vos disse. Vou dar-lhe essa cadeia, mas que seja só para minha esposa ficar fula. Nossa hospedaria ganhará o presente.Ide, senhor; não percais tempo: há urgência. Já que meu lar se me tornou inimigo, verei se alhures bem-estar consigo.

ÂNGELO — Pretendo lá chegar dentro de uma hora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Vai ficar cara a brincadeira... Embora!

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Entram Luciana e Antífolo de Siracusa.

LUCIANA — Como se dá que te hajas esquecido dos deveres de esposo? Que a sincera floração de um amor tão belo e fido tenha fanado em plena primavera? Na construção, o amor só faz ruínas? Se desposaste minha irmã somente pela sua riqueza e ora a abominas, sê, ao menos, com ela mais clemente. Se amas alhures, usa de cautela; esconde o falso amor num manto escuro; não faças desses olhos a janela por onde ela entreveja o seu futuro. Arauto da desonra não consintas que tua língua se torne; a deslealdade se mascara com frases indistintas que o sentimento revelar não há de. Sê de olhar meigo; ao vício dá aparência de álacre mensageiro da virtude; guarda em todos os atos conveniência, embora abrigues no imo o crime rude. Ensina a santidade ao vício imundo; sê perjuro em segredo. Por que dares de ti conhecimento a todo o mundo? Que malfeitor assume os próprios ares? Duplamente a ofendeste, quando, à mesa, mostraste que traidor foste ao seu leito; bastarda fama alcaçará a vileza, se de fraseado se valer com jeito. Pobres mulheres! Dai-nos a ilusão de que somos realmente idolatradas; deixai a luva e retirai a mão, que inda vos perdoarão essas coitadas. Voltai, por isso, mano, sem demora; ide falar com a mana e consolá-la, que um halo santo a insensatez decora, quando promove paz fingida fala.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Suave senhora, ignoro vosso nome, nem sei por que prodígio o meu soubestes, a não ser que à beleza se vos some algo de espírito e poder celestes. Ensinai-me a pensar, doce criatura; mostrai à minha inata grosseria, fraca, propensa a errar, de essência impura, da vossa meiga voz toda a magia. Por que lutais contra minha alma ingênua, levando-a por caminho não trilhado? Sois deusa? Desejais que de alma estrênua, depois de eu renascer, fique dotado? Então me transformai, que ao vosso encanto nada terei a opor. Mas, se é verdade que eu sou eu mesmo, o irreprimível pranto de vossa bela irmã fazer não há de que eu me convença de que sou casado nem de que ao leito dela fui perjuro. A vós é que me sinto agrilhoado; a vós, tão-só, me prende o amor mais puro. Oh! não me arrastes, divinal sereia, com tua voz a perecer nas ondas que tua irmã provoca. A mágoa alheia não deve preocupar-nos. Não te escondas de minha vista; deixa que o teu canto pleiteie a tua causa; a coma de ouro sobre as ondas espalha, porque o espanto me leve a cobiçar esse tesouro. E nesse leito, assim, acalentado pela ilusão, encontrarei a morte, sem maldizer, contudo, do meu fado: que morra o leve amor, se não tem sorte.

LUCIANA — Que espécie de loucura vos domina?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não é loucura; é a minha triste sina.

LUCIANA — De vossos olhos nasce a causa disso.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Por perto estardes, sol: eis o feitiço.

LUCIANA — Contemplai minha irmã desventurada.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Olhar a noite, amor, é não ver nada.

LUCIANA — Não me chames de amor; sim minha mana.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — A irmã da mana.

LUCIANA — A mana.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Ó desumana! És tu mesma, de mim a melhor parte, que dos meus olhos a visão reparte, o coração mais caro deste peito, minha sorte, meu único direito de entrar no céu, o céu de minha vida, quanto almeja minha alma, de atrevida.

LUCIANA — Dize isso tudo a minha irmã, somente.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Sê, pois, tua própria irmã, que, eternamente, terás aos pés meu coração rendido; mulher não tenho; tu não tens marido. Dá-me a mão.

LUCIANA — Acalmai-vos um momento; vou da mana buscar o assentimento. (*Sai.*)

(*Entra Drômio de Siracusa, apressado.*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Que é que há, Drômio? Aonde vais com tanta pressa?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Reconheceis-me, senhor? Sou Drômio, realmente? Sou vosso criado? Eu sou eu mesmo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Sim, és Drômio, és meu criado, és tu mesmo.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Pois eu sou um asno, sou criado de uma mulher e não estou em mim mesmo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Que mulher, homem? E de que modo não estás em ti mesmo?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ora essa, não estou em mim mesmo, por pertencer a uma mulher, uma mulher que me reclama, uma mulher que me persegue, uma mulher que me quer para si.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — E que direito ela se arroga, para te reclamar como dela?

DRÔMIO DE SIRACUSA — O direito que poderíeis ter sobre o vosso cavalo. Como besta legítima é que ela me quer, isto é, não por eu ser besta, de fato, mas por ser ela uma criatura bestial.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Quem é ela?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Um corpo respeitável; sim, um desses corpos a que não nos podemos referir sem acrescentarmos: salvo o vosso respeito. Tive sorte muito magra nesse enlace, apesar de se tratar de um casamento extraordinariamente gordo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Que entendes por casamento gordo?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ora, senhor, é porque se trata de uma cozinheira que é só enxúndia. Não sei de que modo utilizá-la, se não for aproveitá-la como lâmpada para fugir dela, valendo-se de sua própria luz. Posso-vos afiançar que a sua rodilha ensebada poderia arder durante um inverno da Polônia. Se ela viver até o dia do Juízo final, há de arder uma semana mais do que o mundo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — De que cor é ela?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Negra como estes sapatos, mas de rosto não tão limpo, e isso por suar tanto, que poderíamos patinhar com lama acima dos sapatos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — É defeito que se corrige com água.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Impossível, senhor; isso faz parte dela; nem todo o dilúvio de Noé chegaria para limpá-la.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Como se chama?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Vera, senhor; mas seu nome e três quartas, isto é, uma vara e três quartas não a alcançariam de uma a outra anca.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Então é larga de verdade!

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não mede mais dos pés à cabeça do que de uma a outra cadeira; é esférica; parece um globo terrestre; eu seria capaz de encontrar nela todos os países do mundo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Em que parte do seu corpo se encontra a Escócia?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Descobri-a pela esterilidade: fica na palma das mãos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Onde fica a França?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Na fronte, senhor, armada e em revolta, a guerrear os próprios cabelos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Onde fica a Inglaterra?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Procurei as escarpas calcárias, mas não encontrei nada branco. No entanto, presumo que fique no queixo, pela umidade salgada que corre entre ela e a França.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Onde fica a Espanha?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Por minha fé, não a vi; mas a senti pelo calor do hálito.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — E a América? E as Índias?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Oh, senhor! No nariz, inteiramente coberta de rubis, carbúnculos, safiras, inclinando a rica aparência para o hálito abrasador da Espanha, que envia armadas sucessivas de galeões para tomarem carga no nariz.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — E a Bélgica e os Países-Baixos, onde ficam?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Oh, senhor! Não olhei tão para baixo, assim. Em suma, para concluirmos: esse pesadelo, essa feiticeira alegou direitos sobre a minha pessoa; chamou-me de Drômio, jurou que eu era seu noivo, enumerou sinais secretos que tenho no corpo, tal como certa mancha numa das espáduas, um sinal no pescoço, uma grande verruga no braço esquerdo, a ponto de eu fugir dela, tomado de espanto, como quem foge de uma cigana. Se eu carecesse de fé, sem possuir coração resistente, ora cachorro seria, ou copeiro da bruxa potente.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não percas tempo; vai direito ao porto. Se houver, acaso, vento favorável, não passarei a noite na cidade. Se achares algum barco quase pronto para sair, volta depressa; eu fico no mercado, passeando, à tua espera. Se todos nos conhecem, e eu ninguém, demorar na cidade não convém.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Como quem de urso foge e até da Morte, fujo eu de quem me quer para consorte. (*Sai.*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Neste lugar só moram feiticeiras; é tempo de tratar de sair dele. Aquela que me chama de marido não a aceita minha alma como esposa. Mas sua bela irmã possui tal graça, tão soberano olhar, fala aprazível, presença encantadora, que, por pouco fiquei traidor de minha própria causa. Antes de cometer ação tão feia, ficarei surdo ao canto da sereia.

(*Entra Ângelo.*)

ÂNGELO — Mestre Antífolo!

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Pronto; assim me chamo

ÂNGELO — Sei disso, meu senhor. Eis a cadeia. Pensei em vos achar no Porco-espinho; só demorei para acabar a obra.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Que desejais que eu faça desse mimo?

ÂNGELO — O que quiserdes; para vós foi feito.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Para mim? Sem o ter encomendado?

ÂNGELO — Não uma vez, nem duas, mas duzentas. Fazei dela presente a vossa esposa; ao jantar vos farei uma visita, para que me pagueis o meu trabalho.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Então recebei logo o que vos devo, que é possível não mais pordes os olhos em cima da cadeia e do dinheiro.

ÂNGELO — Sois muito espirituoso; passai bem. (*Sai, deixando a cadeia.*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não sei o que pensar disto, também. Mas uma coisa é certa: ninguém há de recusar um tal mimo por vontade. Pelo que vejo, aqui, e aqui somente, em plena rua ganha-se presente. Vou esperar por Drômio no mercado; havendo barco, fujo de bom grado. (*Sai.*)

Ato 4

Cena 1

Uma praça pública. Entram o segundo mercador, Ângelo e um oficial de justiça.

MERCADOR — Desde o passado Pentecoste a conta me ficaste devendo, sem que a afronta de vos cobrar té agora eu vos fizesse; nem a faria ainda, se não fosse ter de ir à Pérsia e estar necessitado de florins para a viagem. Por tudo isso, dai-me satisfação; caso contrário, este oficial tem ordem de prender-vos.

ÂNGELO — Antífolo me deve justamente a soma que eu vos devo Neste instante deixei com ele uma cadeia de ouro, cujo importe às cinco horas será pago. Se a bondade tiverdes de ir comigo até sua casa, saldarei a dívida e me confessarei muito obrigado.

(*Vindo da casa da Cortesã, entram Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso.*)

OFICIAL — Poupai-vos do trabalho; ei-lo que chega.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Enquanto o ourives eu procuro, trata de comprar uma corda, cujas pontas destino a minha esposa e seus comparsas, por me terem vedado, em pleno dia, a entrada em minha casa. Não demores; compra a corda depressa e leva-a a casa.

DRÔMIO DE ÉFESO — Comprarei uma renda de mil libras! Vou comprar logo a corda. (*Sai.*)

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Bem aviado ficará quem em vós tiver confiança. Dissestes que a cadela levaríeis, mas visita nenhuma me fizestes. Certamente não foste, por pensar que o nosso amor seria mais durável nos liames da cadeia; e, assim, faltastes.

ÂNGELO — Pondo de parte o vosso humor jocoso, eis a nota do peso da cadeia, té o último quilate. A qualidade do ouro e a mão de obra dispendiosa, soma perfazem superior de três ducados à que eu devo a este amável cavalheiro. Por isso vos suplico lhe pagardes, pois precisa viajar, só estando, agora, a aguardar que eu a dívida liquide.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Não tenho aqui dinheiro suficiente para essa conta. Além do mais, preciso fazer alguns negócios na cidade. Ide, meu bom senhor, com este estrangeiro, à minha residência, sem deixardes de levar a cadeia. Minha esposa vos pagará a soma combinada. É bem possível que cheguemos juntos.

ÂNGELO — Então vós mesmo levareis o mimo?

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Não; levai-o vós mesmos; estou com pressa.

ÂNGELO — Muito bem; a cadeia está convosco?

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Uma vez que comigo não se encontra, convosco está, decerto. Do contrário, força será voltardes sem dinheiro.

ÂNGELO — Por obséquio, senhor, dai-me a cadeia, pois este cavalheiro está com pressa, que os ventos e a maré têm prazo certo. Para minha vergonha, já o retive mais do que fora justo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Ora, senhor, lançais mão desse plano, como escusa por haverdes faltado com a palavra de irdes ao Porco-espinho. A mim cabia censurar-vos a falta; ao invés disso, deblaterais como mulher furiosa.

MERCADOR — Senhor, as horas passam; vamos logo.

ÂNGELO — Bem vedes como agora ele se esquiva. A cadeia...

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Levai-a à minha esposa; ela vos pagará.

ÂNGELO — Vamos com isso; sabeis que eu vo-la dei faz pouco tempo. Dai-me um sinal qualquer, ou devolvei-a.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Ora, a pilharia passa dos limites. A cadeia, senhor! Deixai-me vê-la.

MERCADOR — Não tenho tempo para tais parlendas. Dizei-me, bom senhor, vosso propósito: pagais ou não? No caso de recusa, farei que este oficial o leve preso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Eu pagar-vos? Dizei: quanto vos devo?

ÂNGELO — O preço, justamente, da cadeia.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Nada vos devo, enquanto não for minha.

ÂNGELO — Sabeis que vo-la dei há meia hora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — A mim não destes nada; isso me ofende.

ÂNGELO — Mais me ofendeis, senhor, negando o fato. Considerai que nisso empenho o crédito.

MERCADOR — Muito bem. Oficial, por queixa minha, prendei-o sem demora.

OFICIAL DE JUSTIÇA — Agora mesmo. Em nome, pois, do duque, obedecei-me.

ÂNGELO — Minha reputação sofre com isso. Ou me pagais o preço da cadeia, ou vos farei prender in continenti.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Consentir em pagar o que não devo? Manda prender-me, estúpido, se o ousares.

ÂNGELO — Oficial, eis o vosso emolumento; prendei-o a meu pedido. Em circunstâncias como esta, ao próprio irmão eu não poupara, se tentasse ofender-me assim de público.

OFICIAL DE JUSTIÇA — Estais preso, senhor; a queixa ouvistes.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Sim, obedeço até pagar a fiança. Mas, por Deus, pagareis a

brincadeira com quanto ouro tiverdes na oficina.

ÂNGELO — Ora, senhor, hei de achar leis em Éfeso, não o duvido, para vosso opróbrio.

(*Entra Drômio de Siracusa.*)

DRÔMIO DE SIRACUSA — Mestre, há no porto um barco de Epidamno, que aguarda tão-somente o proprietário para partir. Já pus a bordo toda nossa bagagem. Comprei óleo, bálsamo e aqua-vitae. De jeito está o navio; sopra fresco de terra o alegre vento. Só a vós e ao dono, mestre, eles aguardam.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Que é isso? Estás maluco? Que navio de Epidamno por mim está esperando?

DRÔMIO DE SIRACUSA — O navio, senhor, que me incumbistes de procurar para comprar passagem.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Bêbedo, o que eu mandei foi que comprasses uma corda e te disse para o que era.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Corda? Nenhuma corda me pedistes. O que mandastes foi que eu visse um barco.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Com mais vagar resolverei o assunto e ensinarei a ouvires o que deves. Procura Adriana, biltre, sem demora; dá-lhe esta chave; dize-lhe que dentro da gaveta da mesa recoberta pelo tapete turco bá uma bolsa cheia de moedas de ouro. Que ma envie por ti, depressa. Conta-lhe que me acho detido em plena rua e que preciso pagar uma caução. Não te demores; detido esperarei tempos melhores.

(*Saem o mercador, Ângelo e o oficial de justiça.*)

DRÔMIO DE SIRACUSA — Essa Adriana é da casa em que jantamos e onde a tal Dosabel me reclamava para marido. Mas é muito grande, penso, para cingi-la nestes braços. Contudo, irei, embora a contragosto; servo é soldado que não larga o posto. (*Sai*)

Cena 2

Um quarto em casa de Antífolo de Éfeso. Entram Adriana e Luciana.

ADRIANA — Ah, Luciana, ele teve esse descoco? Lia-se-lhe no olhar que era sincero? Estava são? Não parecia louco? No que disseste acreditar não quero. Refletia no rosto a luta, acaso, dos meteoros do peito em campo raso?

LUCIANA — Primeiro asseverou não ser casado.

ADRIANA — Mais, com isso, ele aumenta o meu cuidado.

LUCIANA — Depois jurou que aqui era estrangeiro.

ADRIANA — Perjuro agora, como o foi primeiro.

LUCIANA — Depois, falei de vós.

ADRIANA — E ele, que disse?

LUCIANA — Que a mim, só, amava; o mais era tolice.

ADRIANA — De que modo falava esse demente?

LUCIANA — Se fosse honroso o pleito, convincente. Elogiou-me a beleza; após, a fala.

ADRIANA — E tu, que lhe disseste? Vamos; fala.

LUCIANA — Calma, te peço; é de mister paciência.

ADRIANA — Calma não posso ter nesta premência. Se não do peito, ao menos hei de o gosto fazer da língua. Antífolo é mal posto, feio, velho, corcunda, deformado, de feições horrorosas, rosto inchado, viciado, bruto, de maldade infinda, de corpo horrendo e mente pior ainda.

LUCIANA — Quem ciúmes pode ter de tal marido? Ninguém um mal lastima, se perdido.

ADRIANA — Não é assim que o descreve o meu carinho. Se outros olhos o vissem desse jeito! O abibe chora, quando perde o ninho. A língua o insulta, mas o adora o peito.

(*Entra Drômio de Siracusa.*)

DRÔMIO DE SIRACUSA — Vamos! Depressa! A bolsa da gaveta!

LUCIANA — Par que corres assim?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não sou perneta.

ADRIANA — Onde está teu patrão, Drômio? Não vem? Par que demora tanto? Ele está

bem?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Sim, no limbo do Tártaro, no Averno; multo pior ali do que no inferno. Um demônio de vestes permanentes pôs sobre ele a mãozinha, um desses homens de peito duro abotoado de aço. Um duende, um lobo, um monstro de esconjuro, um sujeito envolvido em couro duro, enredador, traiçoeiro-mor, pisa-mansinho, que aos homens veda a praça, as ruas e o caminho, que parece perder o rasto a toda gente, mas nas chamas do inferno os lança eternamente.

ADRIANA — Mas, afinal, que há?

DRÔMIO DE SIRACUSA — O que há, não sei dizer; sei que ele está na grade.

ADRIANA — Como! Está preso? À intimação de quem?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não sei que intimação o pôs em tal agrura; só sei que o intimador tem farda muito dura. Urge que lhe mandeis a bolsa da gaveta.

ADRIANA — Vai buscá-la. (*Sai Luciana.*) Não sei que pensar disso. Tinha dívidas e eu sem saber nada. Conta o resto: foi posto na cadeia?

DRÔMIO DE SIRACUSA — É isso, uma cadeia; de aparência mais aprazível, mas cadeia, em suma. Não ouvistes soar?

ADRIANA — Quê? A cadeia?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Cadeia, não; o sino! É tempo de ir-me embora; às duas o deixei; ouvi bater uma hora.

ADRIANA — Para trás anda o tempo. Oh coisa singular!

DRÔMIO DE SIRACUSA — Se a hora encontra um sargento, o medo a faz recuar.

ADRIANA — Tem dívidas o tempo! Oh, como falas certo!

DRÔMIO DE SIRACUSA — O tempo está falido, a ruína já anda perto. E mais: é um bom gatuno, à espreita e de vigia; manso se escoa à noite e devagar de dia. Se o sargento o persegue e os bens tem em penhora, que muito que se atrase em cada dia uma hora?

(*Volta Luciana.*)

ADRIANA — Eis o dinheiro, Drômio; vai depressa e traze o teu senhor já para casa. De um pensamento, irmã, estou possessa, que ora me deixa fria, ora me abrasa.

(*Saem.*)

Cena 3

Uma praça pública. Entra Antífolo de Siracusa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não encontro ninguém nesta cidade que não me cumprimente como a velho conhecido. Meu nome todos sabem. Uns, dinheiro de empréstimo oferecem; outros me invitam para cearmos juntos; muitos se mostram gratos por finezas que eu lhes houvesse feito; outros insistem porque lhes compre as mais variadas coisas. Em sua loja, há pouco, um alfaiate me fez entrar, para mostrar-me sedas que para mim comprara e, sem delongas, tomou minhas medidas. Com certeza tudo isso é fantasia; aqui residem, decerto, os feiticeiros da Lapônia.

(*Entra Drômio de Siracusa.*)

DRÔMIO DE SIRACUSA — Eis o dinheiro, mestre, que pedistes. Mas, como conseguistes ver-vos livre do retrato do velho Adão de farda?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Dinheiro que eu pedi? Que Adão é esse?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não me refiro ao Adão que guardava o paraíso, mas ao Adão que é guarda da cadeia, o que se veste com a pele do bezerro matado para o filho pródigo, o que marchava por trás de vós, senhor, como anjo do mal e vos intimou a abandonar a liberdade.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não te compreendo.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não? Pois é muito simples: refiro-me ao sujeito que anda como um rabecão, numa caixa de couro; o indivíduo, senhor, que dá empurrões nos cavalheiros fatigados e os obriga a repousar; o mesmo que se apiada das pessoas arruinadas e lhes arranja um fato indesfiável; é o tal, em suma, que se gaba de fazer mais piruetas com a sua clava do que os dançarinos com a lança mouresca.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Como assim? Referes-te a algum oficial de justiça?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Perfeitamente, senhor, ao sargento dos títulos, o mesmo que chama responsabilidade as pessoas que não pagam as suas obrigações e que diz a toda a gente: "Deus vos dê bom repouso", como se todo o mundo estivesse no ponto de ir para a cama.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Muito bem, senhor; ponde remate a essas tolices. Nenhum navio zarpará esta noite? Saímos ou não desta cidade?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Como não, senhor! Há uma hora vos disse que o barco "Velocidade" partirá esta noite, justamente quando o sargento vos deteve e vos obrigou a

aguardar a chalupa "Retardo". Aqui estão os anjos que me mandastes buscar, para que vos livrassem.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Este velhaco está louco de todo, tal como eu. É ilusão tudo o que vemos. Daqui nos tire algum poder celeste!

(*Entra uma cortesã.*)

CORTESÃ — Mestre Antífolo, salve! Vejo agora que encontrastes o ourives, finalmente. É essa a cadeia que me prometestes?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Retira-te, Satã! Não me persigas.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Mestre, essa é a senhora Satã?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — É o diabo.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Não, é pior do que isso: é a avó do diabo, que nos aparece sob a forma de uma meretriz leve; de aí o costume de dizerem as meretrizes: "Deus me dane!" que é como se dissessem: "Deus faça de mim uma donzela leviana!" Está escrito que elas aparecem aos homens como anjos leves de luz. Ora, a luz é uma conseqüência do fogo, e o fogo queima. Logo, as donzelas levianas queimam. Não vos aproximeis dela.

CORTESÃ — Vosso criado, senhor, e vós estais hoje muito espirituosos. Não quereis vir comigo? Poderemos comprar aqui perto alguma coisa para cearmos.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Mestre, se fordes cear e houver probabilidade de tomardes sopa, muni-vos de uma colher comprida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Por que, Drômio?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ora, porque quem come com o diabo precisa ter uma colher comprida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Demônio, para trás! Por que o convite para cearmos? Como as outras todas, és uma bruxa. Assim, eu te conjuro a me deixares e ires daqui logo.

CORTESÃ — Dai-me o anel que ao jantar me arrebatastes, ou, em troca, a cadeia prometida, que eu sairei, senhor, sem molestar-vos.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Às vezes o demônio pede apenas as aparas das unhas, um cabelo,uma gota de sangue, uma pevide de cereja, uma noz, um quase nada. Esta, porém, mais ambiciosa, pede somente uma cadeia... Cuidado, mestre! Se lhe derdes isso, sacudindo as correntes, o demônio sem demora virá meter-nos medo.

CORTESÃ — Senhor, o anel, ou então dai-me a cadeia. Não acredito que queirais lograr-me.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Corre, Drômio, que é tempo. E tu, ó bruxa, fora!

DRÔMIO DE SIRACUSA — Disse o pavão: que orgulho! Ouviste-lo, senhora?

(*Saem Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa.*)

CORTESÃ — Não há dúvida: Antífolo está louco; se não, não se aviltara desse modo. Ficou com meu anel que vale cerca de quarenta ducados, prometendo que em paga me daria uma cadeia. No entanto, agora nega ambas as coisas. A principal razão de o julgar louco, sem falarmos no acesso de há momentos, se cinge à história singular que à mesa do jantar me contou, de que se achava impedido de entrar na própria casa. Só se a mulher, por ver o seu estado, mandou fechar a porta de propósito. Só me resta o recurso de ir à casa de Antífolo e contar à sua esposa que ele, por ter ficado de repente desassisado, me invadiu a casa e o anel me arrebatou. Sim, farei isso; reaver o anel perdido é bom serviço. (*Sai.*)

Cena 4

Uma rua. Entram Antífolo de Éfeso e um oficial de justiça.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Nada temas, amigo, que eu não fujo. Antes de te deixar dar-te-ei a soma justa da minha fiança. Minha esposa desde hoje está de gênio insuportável. Certamente não deu crédito fácil ao mensageiro que levou a notícia de que eu me achava em Éfeso detido. Semelhante notícia — é o que vos digo — lhe há de ter parecido muito estranha. (*Entra Drômio de Éfeso com uma corda.*) Meu criado vem vindo. Com certeza traz o dinheiro. Então, senhor, trouxestes a encomenda de que eu vos incumbira?

DRÔMIO DE ÉFESO — Aqui está o com que dar a eles todos o troco suficiente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — E o meu dinheiro?

DRÔMIO DE ÉFESO — Ora, senhor, gastei-o nesta corda.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Quatrocentos ducados pela corda?

DRÔMIO DE ÉFESO — Com isso, quatrocentas vos comprara.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Que foi que eu te mandei buscar em casa?

DRÔMIO DE ÉFESO — Uma corda, senhor; eis-me de volta.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Recebe, então, de volta este presente. (*Bate-lhe.*)

OFICIAL DE JUSTIÇA — Senhor, tende paciência.

DRÔMIO DE ÉFESO — Paciência preciso eu, que estou apanhando.

OFICIAL DE JUSTIÇA — Filho, detém a língua.

DRÔMIO DE ÉFESO — Mandai, então, que ele detenha o braço.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Descarado! Vilão insensível!

DRÔMIO DE ÉFESO — Desejara ser insensível, senhor, para não sentir vossas pancadas.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Só és sensível à pancada, tal qual um asno.

DRÔMIO DE ÉFESO — Sou um asno, realmente; e a prova são estas orelhas compridas. Eu o servi desde o dia de meu nascimento até hoje, não tendo recebido em pagamento senão pancada. Quando estou com frio, ele me aquece com pancada; quando estou quente, ele me esfria com pancada; se durmo, é com pancada que ele me esperta; se me sento, com pancada me faz levantar; quando saio à rua, é com pancada que ele me faz atravessar a porta sendo, também,

com pancada que me dá as boas-vindas. Carrego as pancadas nos ombros, como os mendigos os seus fedelhos, e estou certo de que, quando ele me deixar aleijado, terei de mendigar com elas de porta em porta.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Vamos saindo daqui, que minha mulher já chega.

(*Entram Adriana, Luciana, a cortesã e Pinch.*)

DRÔMIO DE ÉFESO — Senhora, respice finem, atenção ao fim! Ou melhor, como diz o profeta e o papagaio: Cuidado com o fim da corda!

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Ainda te pões a falar? (*Bate-lhe.*)

CORTESÃ — E agora, que dizeis? Não está louco?

ADRIANA — É o que faz crer a sua grosseria. Meu caro Doutor Pinch, sois exorcista; restituí-lhe a razão, é o que vos peço, e obtereis de mim tudo o que quiserdes.

LUCIANA — Oh, como ele olha furibundo e firme!

CORTESÃ — Vede como a loucura o deixa trêmulo.

PINCH — Quero sentir o pulso; dai-me a mão.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Aqui está a mão; senti no ouvido o pulso. (*Bate-lhe.*)

PINCH — Satã que habitas este corpo, intimo-te a obedecer às minhas santas preces e voltar sem demora para as trevas. Pelos santos do céu, eu te conjuro!

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Cala-te, feiticeiro impertinente! Não estou louco.

ADRIANA — Ah! quem nos dera mesmo, pobre alma atribulada!

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Então, faceira, todos estes são vossos habituados? Este tipo de cara de açafrão jantou hoje convosco em minha casa, enquanto entrada nela me negavam as criminosas portas?

ADRIANA — Oh, marido! Deus sabe que hoje tu jantaste em casa. Se houvesses lá ficado, ora estarias livre do opróbrio e de tão grande escândalo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Jantei em casa? Biltre, que respondes?

DRÔMIO DE ÉFESO — Senhor, para ser franco, não jantastes.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Não nos foi impedida a entrada? A porta não estava trancada?

DRÔMIO DE ÉFESO — Justamente; fechada a porta, e vós deixado fora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — E ela, não me atirou baixos insultos?

DRÔMIO DE ÉFESO — Sans fable, vos lançou baixos insultos.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — De mim não riu a sua cozinheira, não me insultou, não me cobriu de chulas?

DRÔMIO DE ÉFESO — Certes, tudo isso fez a vestal cuca.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — E não me retirei de lá, furioso?

DRÔMIO DE ÉFESO — Isso mesmo; comprovam-no meus ossos, que as marcas ainda têm de vossa fúria

ADRIANA — Será prudente concordar com ele?

PINCH — Não há mal; o velhaco tem consciência do estado do patrão, e, concordando com ele, contribui para acalmá-lo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — O ourives subornastes e fui preso.

ADRIANA — Oh, Deus do céu! Para livrar-te logo, mandei por Drômio quanto me pediste, quando, a correr, buscar foi ele a bolsa.

DRÔMIO DE ÉFESO — Por mim? Dinheiro? Só se foi em sonho. Certamente pensastes em fazê-lo; mas nem um real, um real sequer me destes.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Não foste procurá-la, porque a bolsa de ducados te desse?

ADRIANA — Foi a casa, e logo eu lha entreguei.

LUCIANA — Sou testemunha de que é verdade o que ela está dizendo.

DRÔMIO DE ÉFESO — Deus e o cordeiro sejam testemunhas de que eu tive a incumbência, tão-somente, de ir comprar uma corda.

PINCH — Estão possessos ambos, minha senhora: o amo e o criado. Na palidez do rosto o reconheço, na maneira de olhar. Será preciso amarrá-los e os pôr em quarto escuro.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Fala: por que hoje me trancaste a porta? Por que não me trouxeste o saco de ouro?

ADRIANA — Eu não te deixei fora, caro esposo.

DRÔMIO DE ÉFESO — E a mim, caro patrão, não deram nada; mas concordo em que vós ficastes fora.

ADRIANA — Mentes, vilão dissimulado, tanto num caso como no outro.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Prostituta dissimulada, és falsa em todos eles. Estás mancomunada com este bando de desclassificados, para objeto me fazeres de opróbrio. Mas com as unhas vou arrancar-te os olhos mentirosos, que com minha vergonha se divertem.

ADRIANA — Oh, amarrai-o! Não deixeis que o faça!

PINCH — Venha mais gente! O diabo é multo forte.

LUCIANA — Que olhar! Como está pálido o coitado!

(*Entram três ou quatro homens e amarram Antífolo de Éfeso.*)

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Ireis assassinar-me? Carcereiro, deténs-me e ora permites que me amarrem?

OFICIAL DE JUSTIÇA — Mestres, deixai-o livre; ele se encontra sob minha guarda; não

podeis prendê-lo.

PINCH — Atai também o criado; está maluco.

(*Amaram Drômio de Éfeso.*)

ADRIANA — Oficial insensato, que pretendes? Tens alegria à vista de um coitado que a si mesmo se ultraja e faz violência?

OFICIAL DE JUSTIÇA — Ele é meu prisioneiro; se o levardes, de mim exigirão quanto ele deve.

ADRIANA — Antes de ir, desobrigo-te de tudo. Leva-me ao seu credor, para que eu saiba quanto ele deve e a dívida resgate. Meu bom mestre doutor, levai-o a casa com toda a segurança. Oh dia infame!

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Oh prostituta infame!

DRÔMIO DE ÉFESO — Mestre, por vós me vejo agora preso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Cala-te, biltre, que me deixas louco.

DRÔMIO DE ÉFESO — Quereis que vos amarrem sem motivo? Ficai louco e gritai: Aqui, diabo!

LUCIANA — Quanta tolice esses coitados dizem!

ADRIANA — Levai-os logo. Irmã, vinde comigo. (*Saem Pinch, os criados, Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso.*) Dizei: à ordem de quem foi ele preso?

OFICIAL DE JUSTIÇA — De um tal Ângelo, ourives. Conhecei-lo?

ADRIANA — Conheço, sim; e a quanto monta a dívida?

OFICIAL DE JUSTIÇA — A duzentos ducados.

ADRIANA — De que compra?

OFICIAL DE JUSTIÇA — De uma cadeia que lhe encomendara vosso marido.

ADRIANA — Soube que ele havia feito a encomenda para mim; contudo, nunca vi a cadeia.

CORTESÃ — Pouco tempo depois de entrar, furioso, em minha casa vosso marido e arrebatar-me a jóia — a mesma que lhe vi no dedo há pouco — com uma cadeia ao colo o vi de novo.

ADRIANA — É bem possível; porém nunca a vi. Ao ourives levai-me, carcereiro; quero ficar a par de tudo o que houve.

(*Entram Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa, com espadas desembainhadas.*)

LUCIANA — Deus nos acuda! Estão de novo soltos!

ADRIANA — E de espadas na mão! Chamai mais gente, para os prender.

OFICIAL DE JUSTIÇA — Vão nos matar; fujamos.

(*Saem Adriana, Luciana e o oficial de justiça.*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Pelo que vejo, as duas feiticeiras a espada as amedronta.

DRÔMIO DE SIRACUSA — A que queria ser vossa esposa, agora vos evita.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Vai ao Centauro e tira as nossas coisas. Não vejo a hora de entrarmos no navio.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ora, senhor, ficai mais esta noite; não nos farão nenhum mal. Bem vedes que nos dirigem palavras amáveis, dão-nos dinheiro... Parece tratar-se de uma nação muito amável; se não fosse a tal montanha de carne louca, que me reclama para esposo, não importaria de viver aqui e virar bruxo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Nem por toda a cidade eu passo a noite. neste lugar. Por isso, não demores: vai logo pôr a bordo nossas coisas.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Uma rua defronte da Abadia. Entram o mercador e Ângelo.

ÂNGELO — Fico triste por ter-vos retardado; mas, em verdade, posso asseverar-vos que lhe dei a cadeia, embora o negue por maneira tão fria e desonesta.

MERCADOR — Em que conceito é tido na cidade?

ÂNGELO — No mais alto; é de crédito infinito, muito estimado, de impoluto nome; na cidade é o primeiro, sempre, em tudo. Uma palavra sua, em qualquer tempo, me faria empenhar toda a fortuna.

MERCADOR — Falai baixo; ei-lo aqui, se não me engano.

(*Entram Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa.*)

ÂNGELO — Justamente, e ao pescoço traz a mesma cadeia que por modo tão monstruoso negou ter recebido. Ficai perto de mim; vou lhe falar. Senhor Antífolo, muito me admira o incômodo e a vergonha que me causastes — não sem vos manchardes algum tanto — por terdes protestado sob juramento e com tamanho afinco, não vos ter eu entregue essa cadeia que ao pescoço trazeis com tal descaso. Além da queixa, da prisão, do opróbrio por que passei, causastes a este amigo grande prejuízo, pois a não ter sido impedido por nossa controvérsia, a estas horas se achara velejando. Dei-vos essa cadeia, não é certo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Creio que sim; jamais neguei tal coisa.

MERCADOR — Negastes, sim senhor, sob juramento.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Quem foi que ouviu, quando eu jurei tal coisa?

MERCADOR — Eu próprio o ouvi; bem sabes que é verdade, miserável. Que opróbrio! Teres vida para te ombreares com pessoas sérias!

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não passas de um vilão, por me acusares dessa maneira. Provarei minha honra e minha honestidade agora mesmo, se tiveres o ousio de enfrentar-me.

MERCADOR — Tenho, vilão! Aceito o desafio.

(*Sacam das espadas. Entram Adriana, Luciana, a cortesã e outros.*)

ADRIANA — Parai, por Deus! Não o firais! É louco! Segurai-o por trás! Tomai-lhe a espada! Amarrai Drômio e a casa levai ambos.

DRÔMIO DE SIRACUSA — Mestre, corramos, pelo amor de Deus! Procuremos abrigo em qualquer casa. Aqui perto há um convento; entremos nele; do contrário, estaremos

liquidados.

(*Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa se acolhem à Abadia. Entra a Abadessa.*)

ABADESSA — Boa gente, acalmai-vos. Por que causa vos reunis aqui?

ADRIANA — Para levarmos meu infeliz marido, que está louco. Permiti-nos entrar, porque possamos amarrá-lo e levá-lo para casa, e ele a razão recuperar consiga.

ÂNGELO — Percebi logo que ele não estava em seu perfeito juízo.

MERCADOR — Ora lastimo ter lançado contra ele mão da espada.

ABADESSA — Há quanto tempo anda ele assim possesso?

ADRIANA — Passou toda a semana fatigado, aborrecido, triste, nas menores coisas muito Outro do que ser costuma. Mas somente hoje à tarde a sua doença chegou a esses acessos de loucura.

ABADESSA — Não perdeu muitos bens nalgum naufrágio? Não teria enterrado algum amigo? Acaso os olhos não lhe ensejariam ao coração algum amor ilícito? É pecado freqüente nos mancebos que dão aos olhos muita liberdade. Por qual destas razões sofre ele agora?

ADRIANA — Por nenhuma, a não ser, talvez, pela última, algum amor que o desviou de casa.

ABADESSA — Por isso, certamente, o repreendestes.

ADRIANA — Foi o que fiz, de fato.

ABADESSA — Mas com modos.

ADRIANA — Tanto quanto a modéstia o permitia.

ABADESSA — Em casa apenas, creio.

ADRIANA — Não; na frente de estranhos uma vezes.

ABADESSA — Mas não muitas.

ADRIANA — Era o assunto de todas as conversas. Tanto sobre isso eu lhe falava, que ele mal podia dormir; quando na mesa das refeições, de tanto eu falar nisso, não provava bocado; quando estava só comigo, era o assunto que eu puxava; se tínhamos visitas, atirava-lhe freqüentes indiretas. A toda hora lhe dizia que ele era vil e mau.

ABADESSA — De aí ter acabado ele maluco. As queixas venenosas de uma esposa ciumenta são de efeito mais nocivo do que dentada de cachorro louco. Parece que essas rixas o impediam de dormir; eis a causa de ter ele ficado com o juízo perturbado. Disseste que ele, às refeições, só tinha censuras por tempero. Ora, quem come sem a calma precisa, não digere, de onde se originarem grandes febres. E a febre que é, senão um grande acesso de loucura? Disseste que o repouso lhe perturbavas sempre com censuras. Quando o recreio ameno é perturbado, que se segue senão tristeza e funda melancolia, irmã do desespero mais inquieto e feroz? No rasto deste segue uma tropa imensa de moléstias, de pálidas desordens, de inimigos da vida humana. A conseqüência é clara: perturbações à mesa ou no repouso o mais cordato ser

deixam furioso. Assim, foi tão-somente o teu ciúme que perturbou do esposo o claro lume.

LUCIANA — Ela só o repreendia com brandura, e ele com voz lhe respondia dura. Deixais tantas censuras sem resposta?

ADRIANA — É que ela em mim faz despertar remorsos. Entrai, amigos, e amarrai-o firme.

ABADESSA — Jamais; em minha casa ninguém entra.

ADRIANA — Dizei aos servos, pois, que o tragam logo.

ABADESSA — Não, que ele se acolheu a um lugar santo. De vossas mãos deve ficar seguro, té que a razão eu possa devolver-lhe, ou desista do esforço, por inútil.

ADRIANA — Eu, só, quero tratar do meu marido, ser a enfermeira na doença dele; nisso não quero ter quem me auxilie. Deixai, assim, que a casa mo conduzam.

ABADESSA — Ficai calma. Impossível é entregá-lo sem lançar mão, primeiro, dos recursos de que disponho: drogas benfazejas, xaropes, orações, porque consiga reconduzi-lo à dignidade humana. É ramo e parte do meu voto sacro, caridoso dever da ordem que sirvo. Deixai-o, pois, comigo e ide tranqüila.

ADRIANA — Não sairei daqui, deixando o esposo. Não fica bem à vossa santidade separar da mulher o seu marido.

ABADESSA — Não insistais, que dar-vo-lo não posso. (*Sai.*)

LUCIANA — Ao duque vos queixai dessa violência.

ADRIANA — Vou procurá-lo e aos pés prostrar-me dele até que minhas lágrimas e preces demovam Sua Graça a, pessoalmente, tomar desta abadessa meu marido.

SEGUNDO MERCADOR — Se estou certo, o quadrante do relógio marca cinco horas, o momento exato de por aqui passar o próprio duque para o vale da morte, o melancólico lugar da execução dos condenados, um pouco além dos fossos da abadia.

ÂNGELO — E que motivo o traz?

SEGUNDO MERCADOR — Vem assistir ao público espetáculo da decapitação de um reverendo siracusano, cujo triste fado trouxe à nossa baía, contra os duros estatutos e leis desta cidade.

ÂNGELO — De fato; ei-lo que chega. Vou ver isso.

LUCIANA — À passagem do duque cai de joelhos.

(*Entra o duque com seu séqüito; Egeu, de cabeça descoberta, o carrasco e auxiliares.*)

DUQUE — De novo proclamai: se algum amigo dele quiser pagar o seu resgate, ser-lhe-á perdoada a pena. Assim fazemos pela grande piedade que nos causa.

ADRIANA — Mui nobre duque, impetro-te justiça contra a abadessa!

DUQUE — É digna e mui virtuosa; nenhum mal poderá ter ela feito.

ADRIANA — Não desagrade a Vossa Graça: Antífolo, meu marido, que eu fiz senhor de todos os meus bens e de mim, seguindo nisso vossa carta imperiosa, foi, de súbito, tomado hoje — oh fatal e triste dia! — de um vergonhoso ataque de loucura, que o fez correr as ruas da cidade, causando aos transeuntes mil incômodos e entrando pelas casas, de onde jóias tirava, anéis e o mais que lhe pudesse ser à fúria agradável. Pude, a custo, mandá-lo para casa, enquanto eu própria procurava pagar os prejuízos que, aqui e ali, sua fúria cometera. Nisso, não sei por que violentos meios, pôde escapar dos guardas que o detinham e, juntamente com o criado louco, tomados ambos de um violento acesso, de espadas nuas sobre nós caíram, a fugir nos forçando, até que auxílio buscássemos de novo. Nesse ponto entraram na abadia, onde os seguíramos, se a superiora a porta não fechasse, não permitindo que empós dele fôssemos nem deixando que a casa o conduzissem. Assim, determinei, gracioso duque, nos seja ele ora entregue, porque eu possa levá-lo para casa e tratar dele.

DUQUE — Teu marido me serve há muito tempo nos trabalhos da guerra. A ti me prende, desde quando o acolheste como esposo, minha palavra de honra de que sempre faria o que pudesse em prol de Antífolo. Algum de vós aí bata na porta da abadia e me chame a superiora. Antes de ir deixo o caso resolvido.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Fugi, minha patroa, sem demora! Meu mestre e o criado estão outra vez soltos. Dão nas criadas, sem poupar nenhuma; o doutor amarraram; chamuscaram-lhe a barba com tições, e quando o fogo começava a subir, arremessaram sobre o coitado baldes de água suja, para extinguir as chamas. O meu mestre lhe recomenda calma, enquanto o criado, como se faz com os loucos, o tosquia com uma grande tesoura. Se não fordes em auxílio do mísero, é certeza darem-lhe os loucos conta do canastro.

ADRIANA — Cala, imbecil! Teu mestre está aqui dentro; ele e o criado. Não sabes o que dizes.

CRIADO — Por minha vida, estou falando sério; mal respirei, depois daquela cena. Grita por vós e jura que se, acaso, conseguir vos pegar, há de queimar-vos o rosto e vos deixar desfigurada. (*Ouvem-se gritos dentro.*) Ouço-o! Fugi, senhora, sem delongas!

DUQUE — Fica junto de mim; não tenhas medo. Guardas com alabardas, aqui perto!

ADRIANA — Oh Deus! E meu marido! Testemunhas sede de que, invisível, ele pôde transportar-se pelo ar. Neste momento vimo-lo entrar ali, e ora está fora! Isso ultrapassa o entendimento humano.

(*Entram Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso.*)

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Justiça, grande duque! Eu te suplico: concede-me justiça por aquele serviço que te fiz quando, na guerra, recebi fundo golpe por salvar-te. Pelo sangue que, então, por tua causa de mim se escoou, concede-me justiça.

EGEU — Se o medo à morte não me faz caduco, vejo meu filho Antífolo com Drômio.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Justiça, doce príncipe, contra essa mulher que tu me deste

como esposa. De mim ela abusou, fez-me alta injúria, desonrou-me, tratou-me com tal fúria, que conceber não pode a mente humana tudo o que hoje me fez essa megera.

DUQUE — Conta o que houve e acharás em mim justiça.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Hoje, senhor, ela fechou-me a porta, para se banquetear com gente à-toa, dentro de minha casa.

DUQUE — A falta é grave, muito grave. É verdade o que ele disse?

ADRIANA — Não, meu bom lorde; eu, ele próprio e a mana jantamos juntos hoje. Morrer quero, se tudo o que ele diz não for mentira.

LUCIANA — Não quero ver jamais a luz do dia, nem repousar à noite, se verdade não for quanto ela disse a Vossa Alteza.

ÂNGELO — Quanta mentira! As duas são perjuras; fala a verdade o louco neste ponto.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Meu soberanos, eu sei o que vos digo; o vinho não me turva o entendimento; não me transtorna a cólera furiosa, muito embora os ultrajes a mim feitos pudessem deixar louco o homem mais sábio. Esta mulher deixou-me hoje na rua, quando eu ia jantar, o que este ourives confirmar poderia, se não fosse com ela estar mancomunado agora, pois ele me deixou neste momento para ir buscar uma cadeia, tendo prometido levá-la ao Porco-espinho, onde eu e Baltasar então jantamos. Não tendo aparecido, após a mesa saí a procurá-lo e, em companhia do senhor que aqui está, o achei na rua. Então jurou-me este astucioso ourives que entrega me fizera da cadeia que, Deus o sabe, nunca e nunca eu vira. Sob essa acusação mandou prender-me. Obedeci-lhe e, sem demora, a casa enviei meu servo empós de alguns ducados, que ele não trouxe. Então, em termos brandos falei ao oficial para que, juntos, fôssemos até casa. Em caminho, porém, nós encontramos minha mulher, a irmã e uma caterva de cúmplices. Com eles vinha um tipo denominado Pinch, um magricela, espécie de esqueleto, um saltimbanco, um charlatão e tirador de sortes, um pobre diabo de olhos encovados, um biltre de olhar baço, um morto-vivo. Pensai só que esse escravo amaldiçoado se arvorou a exorcista e, de olhos fixos nos meus, tomou-me o pulso e, com seu todo de alma penada, a me fitar, me disse que eu estava possesso. Nisso, todos caíram sobre mim, as mãos me ataram, amarraram-me os pés, e, juntamente com meu servo, também todo ele atado, nos puseram num quarto úmido e escuro. Com os dentes pude desfazer os laços e libertar-me, vindo in continenti procurar Vossa Graça, a quem suplico que se me dê satisfação completa de tanta ofensa e de tão grande opróbrio.

ÂNGELO — Posso afirmar, milorde, que, em verdade, hoje jantar ele não pôde em casa.

DUQUE — Mas recebeu, ou não, tua cadeia?

ÂNGELO — Sim, milorde; ao pescoço ele a trazia, quando por nós passou; todos a viram.

SEGUNDO MERCADOR — Posso, demais, jurar que vos ouvi com estes ouvidos, confessar que tínheis a aludida cadeia, ao passo que antes, no mercado, dissestes o contrário. Foi então que eu fiz uso desta espada e fostes refugiar-vos na abadia, de onde saístes, penso,

por milagre.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Jamais entrei os muros da abadia, nem nunca a espada contra mim tirastes. O céu me é testemunha de que nunca vi nenhuma cadeia. Tudo quanto contra mim assacastes é mentira.

DUQUE — Quanto complicação! Até parece que a provar vos deu Circe a beberagem. Se na abadia ele tivesse entrado, ainda estaria lá. Se fosse louco, não poderia discorrer com tanto sangue-frio e coerência. Assegurastes que ele jantou em casa; mas o ourives afirma o oposto. E vós, que dizeis disso?

DRÔMIO DE ÉFESO — Ele e aquela mulher jantaram juntos, no Porco-espinho.

CORTESÃ — E fato; foi quando ele me arrebatou do dedo aquele anel.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — É certo, nobre duque; o anel é dela.

DUQUE — Viste quando ele entrou nesta abadia?

CORTESÃ — Tão certo como vejo Vossa Graça.

DUQUE — É estranho, Ide chamar a superiora. (*Sai uma pessoa do séqüito.*) Se não estais variando, enlouquecestes.

EGEU — Mui poderoso duque, uma palavra me seja permitida. Ali perceboo amigo que me vai salvar a vida, por mim pagando a multa cominada.

DUQUE — Fala, siracusano, o que quiseres.

EGEU — Por obséquio, senhor, não sois Antífolo? E não se chama Drômio aquele escravo que a vós está ligado?

DRÔMIO DE ÉFESO — Até há uma hora ligado a ele estava. Mas por sorte — devo-lhe esse favor — roeu-me a corda. Ora sou Drômio, escravo desligado.

EGEU — Penso que ainda vos lembrais de mim.

DRÔMIO DE ÉFESO — Vendo-vos, nos lembramos de nós mesmos, pois até há pouco estávamos atados, como ora vos achais. Pelo que vejo, Pinch vos pôs também no seu regime.

EGEU — Por que me olhais dessa maneira? Penso que sabeis quem eu sou.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Até este instante jamais vos tinha visto em toda a vida.

EGEU — É que a tristeza me alterou bastante dês que nos separamos. As cuidosas horas e o tempo com sua mão deforme me deixaram no rosto estranhos sulcos. Mas respondei se pela voz, ao menos, não vos lembrais de mim.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Não.

EGEU — E tu, Drômio?

DRÔMIO DE ÉFESO — Tampouco eu, meu senhor.

EGEU — Tenho certeza de que de mim te lembras.

DRÔMIO DE ÉFESO — Ora, senhor, e eu tenho certeza de que não me lembro. E quando uma pessoa vos nega alguma coisa, será forçoso ficardes atado à sua palavra.

EGEU — Não me conhece a voz? Ó tempo ingrato! De tal maneira a língua me fendeste nestes curtos sete anos, que meu único filho não reconhece o som rachado de minhas desentoadas amarguras? Embora tenha o amarfanhado rosto recoberto de neve floconosa do inverno destruidor da seiva viva, e congelados já me estejam todos os condutos do sangue, ainda me resta nesta noite de vida algum resquício da memória de outrora, minha lâmpada quase extinta ainda emite uma luz tênue, ainda ouve alguma coisa o ouvido mouco. E todas essas testemunhas dizem — não posso errar- que tu és meu filho Antífolo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Não vi meu pai em toda a minha vida.

EGEU — Entanto, sabes, jovem, que há sete anos, me separei de ti em Siracusa. Sim, compreendo, meu filho: é que te acanhas de me reconhecer nesta miséria.

ANTÍFOLO — O duque e todos quantos me conhecem podem dar testemunho do que afirmo. Jamais vi Siracusa em toda a vida.

DUQUE — Posso te assegurar, siracusano, que, há vinte anos, Antífolo é meu súdito e que ele nunca esteve em Siracusa. Vejo que a muita idade e os sofrimentos te fizeram perder de todo o juízo.

(*Volta a Abadessa com Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa.*)

ABADESSA — Mui poderoso duque, olhai este homem que tem sofrido muitas injustiças.

(*Todos se aproximam para olhá-lo.*)

ADRIANA — Ou vejo mal, ou vejo dois maridos.

DUQUE — Um destes indivíduos gênio é do outro. Dá-se o mesmo com aqueles. Mas quem pode dizer qual seja o espírito, qual o homem!

DRÔMIO DE SIRACUSA — Drômio sou eu, senhor; mandai-o embora.

DRÔMIO DE ÉFESO — Drômio sou eu; não permitais que eu saia.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não sois Egeu? Ou acaso sois o espírito dele somente?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Ó meu antigo mestre! Quem foi que vos atou dessa maneira?

ABADESSA — Fosse quem fosse, a mim cumpre soltá-lo dessas cadeias, para que um marido, com sua liberdade, a ganhar venha. Dize-me, velho Egeu, se já tiveste por esposa uma Emília, que dois gêmeos te brindou de uma vez, dois lindos filhos? Oh! Se és o mesmo Egeu, fala-me! fala-me que aqui tu vês aquela mesma Emília.

EGEU — Se não estou sonhando, tu és Emília. Se és ela mesma, dize onde está o filho que contigo flutuou no fatal mastro?

ABADESSA — Eu, ele e Drômio fomos recolhidos por gente de Epidamno. Pouco tempo

depois, no entanto, rudes pescadores de Corinto tomaram-lhes meu filho, juntamente com Drômio, entre os primeiros me deixando sozinha. Qual tivesse sido a sorte dos dois, não sei dizer-te; a mim coube a fortuna que contemplas.

DUQUE — Isso completa a história começada nesta manhã. Estes irmãos Antífolos tão parecidos, e os dois gêmeos Drômios, que não se diferençam, e o naufrágio a que ela se refere... Os pais são estes destes dois filhos que, por coincidência, aqui juntos estão. Dize-me, Antífolo: era Corinto teu lugar de origem?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Não, milorde; eu cheguei de Siracusa.

DUQUE — Não vos distingo; põe-te deste lado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — De Corinto eu cheguei, gracioso lorde...

DRÔMIO DE ÉFESO — E eu com ele.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — em companhia do guerreiro excelso, Duque de Menafon, vosso alto tio.

ADRIANA — Qual de vós dois jantou hoje comigo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Fui eu, senhora.

ADRIANA — Sois o meu marido?

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Não; respondo por ele.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — O mesmo eu digo.No entanto, ela de esposa me chamava, como de irmão esta gentil menina, sua irmã. (*A Luciana.*) Tudo quanto então vos disse pretendo confirmar com mais sossego, se sonho não for tudo que ouço e vejo.

ÂNGELO — Senhor, essa é a cadeia que eu vos dei.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Creio que sim; não penso em contestá-lo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — E vós, senhor, por ela me prendestes.

ÂNGELO — Creio que sim; não penso em contestá-lo.

ADRIANA — Mandei pagar por Drômio vossa fiança; mas temo que ele não a tenha pago.

DRÔMIO DE ÉFESO — Por mim não.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Recebi esta bolsa de ducados por vós enviada por meu servo Drômio. Vejo agora que os servos nós trocamos; eu passava por ele e ele por mim; de aí terem nascido tantos erros.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Libertarei meu pai com esses ducados.

DUQUE — Não é preciso; a vida eu lhe concedo.

CORTESÃ — Meu diamante, senhor, restituí-me.

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Ei-lo aqui; muito grato pela festa.

ABADESSA — Famoso duque, dai-vos ao trabalho de ir conosco à abadia, porque a história possais ouvir de quanto nós passamos. E todos vós que estais aqui reunidos, a quem os erros de um só dia foram causa de sofrimentos, também vinde, que eu vos darei satisfação cabal. Durante trinta e três anos seguidos sofri por vós, meus filhos, só me tendo livrado de meu sofrimento neste instante. O duque, meu marido, meus dois filhos, e vós ambos, também, os calendários do nascimento deles, vinde todos. À vossa a minha dita se associa; grande, imensa será nossa alegria.

(*Saem o duque, a abadessa, Egeu, a cortesã, o mercador, Ângelo e pessoas do séqüito.*)

DRÔMIO DE SIRACUSA — Mestre, trago de bordo as vossas coisas?

ANTÍFOLO DE ÉFESO — Que coisas minhas, Drômio, estão a bordo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA — Isso é comigo. Drômio, eu sou teu mestre.Vem comigo; depois tratamos disso. Abraça teu irmão e fica alegre.

(*Saem Antífolo de Siracusa e Antífolo de Éfeso, Adriana e Luciana.*)

DRÔMIO DE SIRACUSA — Aquela cozinheira gordanchuda da casa de teu amo, que hoje à tarde me tratou com quitutes, de hoje em diante irmã minha vai ser, não minha esposa.

DRÔMIO DE ÉFESO — Não pareceis meu mano, mas o espelho em que me esteja vendo: um belo tipo, realmente! Não quereis ir à abadia, para ouvir relatar nossas histórias?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Sim, mas primeiro vós; sois o mais velho.

DRÔMIO DE ÉFESO — É uma questão. Mas como decidi-la?

DRÔMIO DE SIRACUSA — Vamos tirar a sorte para o título da primogenitura. Mas enquanto não decidirmos isso, ficais sendo de nós dois o mais velho.

DRÔMIO DE ÉFESO — Então, desta arte: Se, como irmãos, ao mundo em boa hora viemos, de mãos dadas, agora, a esta abadia entremos.

(*Saem.*)

A Megera Domada

PERSONAGENS

INTRODUÇÃO

Cena 1

Cena 2

ATO 1

Cena 1

Cena 2

ATO 2

Cena 1

ATO 3

Cena 1

Cena 2

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Personagens

UM NOBRE,
CRISTÓVÃO SLY, caldeireiro,
Hoteleira, pajem, atores, caçadores e criados,
BATISTA, rico gentil-homem de Pádua.
VICÊNCIO, velho gentil-homem de Pisa.
LUCÊNCIO, filho de Vicêncio, apaixonado de Bianca.
PETRUCCHIO, gentil-homem de Verona, pretendente de Catarina.
GRÊMIO,
HORTÊNSIO,
TRÂNIO,
BIONDELLO,
GRÚMIO,
CURTIS,
Um professor, preparado para fazer o papel de Vicêncio.
CATARINA, a megera,
BIANCA,
VIÚVA,
Alfaiate, lojista e criados a serviço de Batista e de Petrucchio.

Introdução

Cena 1

Num prado. Defronte de uma cervejaria. Entram a Estalajadeira e Sly.

SLY — Hei de vos dar uma tunda, palavra de honra.

ESTALAJADEIRA — Um par de algemas, velhaco!

SLY — Marafona! Os Slys não são velhacos. Lede as crônicas. Chegamos aqui com Ricardo, o conquistador. Por isso, pauca palabris. Deixai o mundo rodar. Cessa!

ESTALAJADEIRA — Não quereis pagar os copos que quebrastes?

SLY — Não, nem um real. Vai, por São Jerônimo! Vai te aquecer em tua cama fria.

ESTALAJADEIRA — Já sei o que tenho a fazer; vou chamar o inspetor do quarteirão. (*Sai.*)

SLY — Quarteirão ou quinteirão, pouco me importa. Hei de responder-lhe de acordo com a lei. Não cederei uma polegada, rapaz. E ele que venha com jeito. (*Deita-se no chão e dorme.*)

(*Toque de trompa. Entra um nobre que volta da caçada, com caçadores e criados.*)

NOBRE — Caçador, recomendo-te cuidado com meus cachorros. A cadela Merriman de cansada até espuma. Atrela Clowder com a de latido forte. Não notaste, rapaz, como o Prateado fez bonito lá na dobra da sebe, quando o rasto já fora interrompido? Não quisera perdê-lo agora nem por vinte libras.

PRIMEIRO CAÇADOR — Bellman vale, senhor, tanto quanto ele; não deixou de latir, e por duas vezes voltou a achar a pista, embora o rasto se achasse quase extinto. Acreditai-me: esse é o melhor de todos os cachorros.

NOBRE — És um bobo; se fosse Eco mais ágil, valeria por doze iguais a Bellman. Mas alimenta-os bem e não descures de nenhum, que amanhã teremos caça.

PRIMEIRO CAÇADOR — Pois não, milorde.

NOBRE (*enxergando Sly*) — Que é isso? Morto ou bêbedo? Respira?

SEGUNDO CAÇADOR — Respira, sim, milorde. Se a cerveja não o aquecesse, o leito em que se encontra por demais frio fora para o sono.

NOBRE — Ó animal monstruoso! Está deitado como um porco. Medonha morte, como tua pintura é feia e repulsiva! Vamos fazer uma experiência, amigos, com este bêbedo. Que tal a idéia de o pormos numa cama e de o cobrirmos com lençóis bem macios, colocarmos-lhe anéis nos dedos, um banquete opíparo junto ao leito lhe pormos e solícitos serventes ao redor, quando

ele a ponto estiver de acordar? Não esquecera sua própria condição este mendigo?

PRIMEIRO CAÇADOR — Não teria outra escolha, podeis crer-me.

SEGUNDO CAÇADOR — Ao despertar, perplexo ficaria.

NOBRE — Como de um sonho adulador, ou mesmo de inócua fantasia. Carregai-o, portanto, e preparai a brincadeira. Ponde-o com jeito em meu mais belo quarto, que adornareis com quadros mui lascivos; água cheirosa e quente na vazia cabeça lhe passai, e no aposento queimai lenha aromática, deixando cheiroso todo o ambiente. Arranjai música logo que ele acordar, para que toadas possa ouvir agradáveis e divinas. E, se acaso falar, sede solícitos E com profunda e humilde reverência lhe perguntai: "Vossa Honra que deseja?" Um se apresente com bacia argêntea cheia de água de rosas em que pétalas donosas sobrenadem; o jarro outro sustente; o guardanapo, enfim, terceiro, que lhe perguntará: "Vossa Grandeza não quer lavar as mãos?" Vestes custosas tenha alguém prestes, para perguntar-lhe que muda ele prefere; outro lhe fale de seus cavalos e dos cães de caça, e lhe diga que a esposa ainda lastima sua infelicidade, convencendo-o de que esteve lunático. E se acaso declarar seu estado verdadeiro, dizei que está sonhando, pois, de fato, ele é um nobre importante. Fazei isso, gentis senhores, sim, porém, com jeito. Passatempo será muito agradável, se discrição souberdes ter em tudo.

PRIMEIRO CAÇADOR — Garanto-vos, milorde, que sairemos bem do nosso papel, sendo certeza vir ele a convencer-se, tão-somente por nossa diligência, de que é tudo quanto lhe sugerirmos.

NOBRE — Levantai-o com bem jeito e na cama o ponde logo. E quando despertar, todos a postos (*Sly é carregado. Toque de trombeta.*) Rapaz, vai logo ver o que esse toque de trombeta anuncia. (*Sai um criado.*) Com certeza é algum fidalgo que se encontra em viagem e se deteve aqui para descanso. (*Volta o criado.*) Então, que é que há?

CRIADO — Com permissão de Vossa Senhoria, os atores, que oferecem a Vossa Honra os serviços.

NOBRE — Manda-os vir. (*Entram comediantes.*) Amigos, sois bem-vindos.

COMEDIANTES — Obrigados ficamos a Vossa Honra.

NOBRE — É intenção vossa passar a noite aqui?

UM COMEDIANTE — Caso Vossa Honra se digne de aceitar nossos serviços.

NOBRE — De todo o coração. Ainda me lembro deste rapaz, quando representava de filho de rendeiro. Era na peça em que a corte fazíeis gentilmente a uma senhora nobre. Vosso nome já me esqueceu; mas é certeza: dita foi vossa parte com bastante engenho e naturalidade.

UM COMEDIANTE — Vossa Graça decerto pensa no papel de Soto.

NOBRE — Perfeitamente! E tu o representaste por maneira admirável. Bem; chegaste na hora precisa, tanto mais que tenho já iniciado um desporto em que vossa arte muito útil me será. Há aqui um nobre que esta noite deseja ver alguma peça do vosso elenco. Mas receio que não possais guardar a compostura à vista da atitude extravagante de Sua Senhoria, por ser certo que

Sua Honra jamais foi ao teatro, o que explosão de riso vos causara, podendo isso ofendê-lo. Pois vos digo, senhores, que se rirdes, ele torna-se impaciente a valer.

UM COMEDIANTE — Nenhum receio vos cause isso, milorde; saberíamos conter-nos, muito embora se tratasse do mais risível ser que acaso exista.

NOBRE — Recolhe-os tu à copa, dando a todos bom tratamento, sem que lhes faleça coisa nenhuma do que houver em casa. (*Sai um criado com os comediantes.*) Rapaz, vai logo procurar meu pajem Bartolomeu e manda que se vista como uma dama. Depois disso, leva-o para o quarto do bêbedo, obedece-lhe e dá-lhe sempre o nome de senhora. De minha parte dize-lhe que adote uma atitude nobre — se lhe importa minha afeição — tal como tenha visto fazerem damas finas em presença do marido. Do mesmo modo deve proceder com esse bêbedo, falando-lhe com voz suave, fazendo-lhe mesuras e lhe dizendo: "Que me ordena agora Vossa Grandeza, para que revele vossa esposa fiel e muito humilde seu dever e vos prove amor sincero?" Depois, com beijos provocantes, ternos abraços, a cabeça assim pendida sobre o peito do esposo, ledas lágrimas deverá derramar, por ver a volta da saúde de seu senhor querido, que durante sete anos se julgara mendigo repulsivo e miserável. Para que chovam lágrimas de jeito, uma cebola ensejará os meios; se ele a trouxer num lenço disfarçada queira ou não queira, há de ficar com os olhos sempre a lacrimejar. Arranja tudo com a maior pressa que te for possível. Dentro de pouco darei novas ordens. (*Sai o criado.*) Sei que o rapaz usurpará os gestos, a voz, o porte e a graça de uma dama. Já quero ver o instante em que ele o nome der de esposo ao borracho, e em que os criados procurarem conter-se, por não rirem, quando mostrarem reverência ao rústico. Vou entrar e mostrar-lhes como se há de fazer a encenação. Minha presença pode servir para conter-lhes o ânimo por demais galhofeiro, que, sem isso, promete ultrapassar os lindes próprios.

(*Saem.*)

Cena 2

Quarto de dormir em casa do nobre. Aparece Sly com um rico camisolão de dormir, cercado de criados; uns sustentam peças de vestuário; outros, bacia, jarros e utensílios variados. Entra o nobre, vestido de lacaio.

SLY — Pelo amor de Deus, uma caneca de cerveja fina.

PRIMEIRO CRIADO — Não quererá Vossa Grandeza agora um copo de xerez?

SEGUNDO CRIADO — Não apetece a Vossa Honra provar estas conservas?

TERCEIRO CRIADO — Que roupa vai Vossa Honra vestir hoje?

SLY — Sou Cristóvão Sly; não me deis o nome de grandeza nem de honra. Nunca na minha vida bebi xerez, e se quereis oferecer-me conserva, que seja de carne de vaca. Não me pergunteis que roupa desejo vestir, pois nunca tive mais gibão do que dorso, nem mais meias do que pernas, nem mais sapatos do que os pés. Sim, algumas vezes chego a ter mais pés do que sapatos, ou apenas desses sapatos que deixam ver os dedos pelos furos do couro.

NOBRE — Oh! possa o céu curar Vossa Honra dessa ociosa fantasia! Que um fidalgo tão poderoso, de tão alto berço, tão rico e conceituado, ora se encontre dominado por um tão baixo espírito!

SLY — Como! Quereis dizer-me louco? Então não sou Cristóvão Sly, filho do velho Sly de Turtonheath, bufarinheiro de nascimento, por educação fabricador de cartas, por mutação condutor de urso, e, presentemente, com a profissão de latoeiro? Bastará perguntardes a Mariana Hacket, a gorda cervejeira de Wincot, se ela não me conhece. Se não disser que eu estou apontado no livro dela por quatorze pences de cerveja pura, podeis ter-me na conta do velhaco mais mentiroso de toda a cristandade. Como! Estarei delirando? Aqui...

PRIMEIRO CRIADO — Isso é que deixa triste vossa esposa.

SEGUNDO CRIADO — Isso é que abate vossos servidores.

NOBRE — Eis a razão de todos os parentes se afastarem de casa, como expulsos por loucura tão rara. Ó nobre lorde! pensa em teu berço, faze que retornem do exílio teus antigos pensamentos e bane o sonho degradante e baixo. Vê como estão solícitos os criados, desejosos somente de servirem-te, ao teu primeiro gesto. Queres música? (*Música.*) Então escuta: Apolo toca, e logo dez rouxinóis consonam nas gaiolas. Ou quererás dormir? Vamos deitar-te num colchão mais macio do que o leito voluptuoso arranjado de propósito para Semíramis. Se exteriorares desejo de passear, espalharemos flores pelo caminho; se desejas montar num dos

ginetes, prontamente mandarei prepará-lo com os arreios recamados de pérolas e de ouro. Gostas da falcoaria? Teus falcões mais alto pairam do que as cotovias madrugadoras. Ou caçar preferes? Teus cães farão que lhes responda a abóbada celeste, despertando das cavernas os ecos estridentes.

PRIMEIRO CRIADO — Dize apenas que cavalgar desejas, pois teus galgos como os veados de fôlego são rápidos, mais velozes que a corça.

SEGUNDO CRIADO — Se preferes quadros, arranjaremos sem demora o retrato de Adônis repousando nas margens de um regato, ou Citeréia velada pelos juncos, parecendo que brinca com o próprio hálito e se move como os juncos que os ventos embalançam.

NOBRE — Ou te vamos mostrar, quando donzela, como foi surpreendida e arrebatada, tão vivo o quadro como a própria coisa.

TERCEIRO CRIADO — Ou Dafne a errar por entre os espinheiros, as pernas a arranhar de fazer sangue, a cuja vista o triste Apolo chora, tal o primor com que pintadas foram as lágrimas e o sangue.

NOBRE — És um fidalgo, nada mais que um fidalgo; por consorte possuis uma mulher de mais beleza que todas as de nossa idade escura.

PRIMEIRO CRIADO — Até o momento em que ela, por tua causa, derramou tantas lágrimas, que o rosto lhe inundaram gracioso, de invejosas, era a criatura mais encantadora deste mundo; mas ainda se conserva sem confronto possível.

SLY — Sou fidalgo? Tenho uma esposa assim, ou sonho, acaso? Ou sonhei até agora? Não; dormindo não estou: vejo, escuto, falar posso, sinto perfumes suaves, toco em coisas agradáveis. Por minha vida, é certo: sou nobre de verdade, não latoeiro; não sou Cristóvão Sly. Trazei-nos logo nossa nobre consorte e, novamente, uma caneca de cerveja fina.

SEGUNDO CRIADO — Não quer lavar as mãos Vossa Grandeza? (*Os criados apresentam-lhe jarro, bacia e toalha.*) Oh! que felicidade para todos vermos que o juízo já recuperastes! Se quem sois compreendêsseis finalmente! Nestes quinze anos a sonhar vivestes. Andáveis como mergulhado em sono.

SLY — Nestes quinze anos? Raspa! Que tirada! E não falei durante tanto tempo?

PRIMEIRO CRIADO — Oh! falastes, senhor, mas sem sentido. Pois embora estivésseis neste quarto luxuoso, asseveráveis que vos tinham jogado porta fora; dirigíeis insultos contra a dona da taberna, prometendo chamá-la ante a justiça, porque em jarros de barro vos servia, sem trazer a medida verdadeira. Também chamáveis por Cecília Hacket.

SLY — É o nome da servente da taberna.

TERCEIRO CRIADO — Não conheceis, senhor, essa taberna, nem criada nenhuma desse nome, como não conheceis ninguém chamado Estêvão Sly, Henrique Pimpernell, Pedro Turf e João Naps, o velho grego e outros vinte sujeitos desse tipo

SLY — Graças a Deus, agora estou curado.

TODOS — Amém.

SLY — Muito obrigado; hei de premiar-te.

(*Volta o pajem, vestido como uma senhora, com séqüito.*)

PAJEM — Como se sente meu senhor e mestre?

SLY — Muito bem. Isto aqui é divertido. Onde está minha esposa?

PAJEM — Aqui presente, nobre senhor. Que é que desejas dela?

SLY — Como! Sois minha esposa e de marido não me chamais? Os criados é que devem tratar-me de senhor. Sou vosso esposo.

PAJEM — Meu marido e senhor, senhor e esposo, sou vossa esposa, em tudo obediente.

SLY — Sei disso. De que modo hei de chamá-la?

NOBRE — Madame, meu senhor.

SLY — Madame Alice ou Joaninha madame?

NOBRE — Não; madame, nada mais. Desse modo é que os fidalgos chamam suas esposas.

SLY — Madame esposa, acabam de contar-me que eu dormi e sonhei mais de quinze anos.

PAJEM — É certo; e pareceram-me trinta anos, porque de vosso leito eu fora excluída.

SLY — É muito tempo. Criados, retirai-vos; deixai-nos sós. Madame, vamos logo: tirai a roupa e vinde para a cama.

PAJEM — Três vezes nobre esposo, instantemente vos concito a esperar uma ou duas noites, ou, pelo menos, até vir o ocaso, pois me recomendaram vossos médicos que do tálamo vosso me afastasse. Penso que essa razão me justifica.

SLY — Sim, uma vez que há isso... Para mim é muito difícil esperar tanto tempo. Mas não desejo voltar a ter aqueles sonhos. Assim, será forçoso esperar, apesar da carne e do sangue.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Tendo sabido vossos comediantes que Vossa Honra está bem, determinaram representar uma comédia alegre, o que acham proveitoso vossos médicos, por terem visto que a tristeza o sangue vos tinha congelado. Da loucura sendo a melancolia a nutridora, acharam bom que ouvísseis uma peça que a dor expulsa e a vida deixa longa.

SLY — Com a breca! Pois que venha. Essa comedísia não será uma farsa de Natal ou peça de saltimbancos?

PAJEM — Não, senhor; é de estofo mais alegre.

SLY — Como! Estofo de mobília?

PAJEM — É uma espécie de história.

SLY — Vamos vê-la. Madame esposa, vinde para o meu lado. O mundo que escorregue, que com isso mais moços nós ficamos.

(*Fanfarras.*)

Ato 1

Cena 1

Pádua. Uma praça pública. Entram Lucêncio e Trânio.

LUCÊNCIO — Trânio, bem sabes que por teus desejos de ver a bela Pádua, ama das artes, vim visitar a fértil Lombardia, agradável jardim da grande Itália. Com permissão de meu bom pai amado, sua vontade e tua companhia — fiel servidor, provado bastas vezes — respiremos aqui, e em feliz hora no caminho ingressemos dos estudos e do saber. Em Pisa tive o berço, muito famosa por seus homens graves. Meu pai tem lá morada, comerciante com negócios por todo o vasto mundo, Vicêncio, do solar dos Bentivoglios. O filho de Vicêncio, que educado foi em Florença, às esperanças deve do pai dar cumprimento, ornamentando sua fortuna com virtuosos feitos. Por isso, Trânio, empregarei o tempo dos meus estudos com a virtude e a parte dessa filosofia que se esforça para a ventura que a virtude almeja. Que pensas? Para Pádua vim de Pisa como alguém que deixasse uma lagoa não muito funda, para projetar-se no mar, sequioso de estancar a sede.

TRÂNIO — "Mi perdonate", meu gentil senhor, mas concordo convosco nisso tudo, feliz por ver que persistis no intento de aspirar as doçuras da fragrante filosofia. Apenas, meu bom mestre, embora admiradores da virtude, da moral disciplina, não devemos virar estóicos — penso — ou mesmo estacas, nem ficar tão devotos de Aristóteles que a Ovídio reneguemos como a réprobo. Com vossas relações falai de lógica mas na prática usual sede retórico. Animai-vos com música e poesia; quanto pedir o estômago, servi-vos de matemática ou de metafísica. Onde não há prazer não há proveito. Em resumo, senhor: é aconselhável estudar o que mais vos for do agrado.

LUCÊNCIO — Muito obrigado, Trânio; é bom teu plano. Ah, Biondello! Se em terra já estivesses, poderíamos tudo já ter pronto numa casa de jeito preparada para os amigos que eu fizer em Pádua. Mas, paremos. Que gente está chegando?

TRÂNIO — Alguma procissão que vem saudar-nos. (*Entram Batista, Catarina, Bianca, Grêmio e Hortênsio. Lucêncio e Trânio se conservam à parte.*)

BATISTA — Deixai de importunar-me, cavalheiros, pois conheceis qual seja o meu propósito, a saber: não casar minha caçula sem que à mais velha tenha dado esposo. Se vós ambos amais a Catarina, por eu vos conhecer e estimar muito, permissão tendes de fazer-lhe a corte.

GRÊMIO — Antes cortá-la; para mim é áspera. Então Hortênsio, não quereis esposa?

CATARINA (*a Batista*) — Por obséquio, senhor, é vosso intento deixar-me encabulada

junto destes candidatos a esposo?

HORTÊNSIO — Oh! candidatos, minha senhora? Que entendeis por isso? Sim, candidatos, quando vos tornardes mais cândida e gentil.

CATARINA — Não tendes causa, senhor, de tanto medo, que, em verdade, ainda não encontrastes o caminho para o coração dela. Mas no caso de o achardes, ficai certo, seu primeiro cuidado consistira em alisar-vos os cabelos com um belo tamborete, pintando-vos o rosto de violete.

HORTÊNSIO — De uma demônia dessas, Deus nos livre!

GRÊMIO — E a mim também, bom Deus!

TRÂNIO — Vede, senhor, que bela brincadeira. É louca a rapariga ou rezingueira.

LUCÊNCIO — Mas no silêncio da outra vejo réstia de branda educação e da modéstia. Silêncio, Trânio!

TRÂNIO — Pois não, senhor. Saciai agora a vista.

BATISTA — Senhores, porque eu possa pôr em prática quanto vos disse... Volta para casa, Bianca. Que não seja isso, boa Bianca, razão de te agastares. Continuo, minha querida, a te prezar como antes.

CATARINA — Bonequinha mimada! Melhor fora nos olhos dela enfiar os dedos logo. Saberia porquê.

BIANCA — Meu infortúnio, mana, te deixa alegre. Humildemente, senhor, subscrevo quanto decidistes. Os instrumentos e meu livro hão de fazer-me companhia.

LUCÊNCIO — Escuta, Trânio: não parece que estás a ouvir Minerva?

HORTÊNSIO — Signior Batista, quereis revelar-vos tão estranho a esse ponto? Fico triste por ver Bianca sofrer por nossa causa.

GRÊMIO — Ides encarcerá-la para gáudio de um demônio infernal, signior Batista? Terá de suportar a língua da outra?

BATISTA — Senhores, calma. Não altero nada. Bianca, vai para dentro. (*Sai Bianca.*) Como eu sei que a maior delícia dela consiste em música, instrumentos, versos, vou chamar professores que lhe possam instruir a mocidade. Signior Grêmio, ou vós, Hortênsio, caso conheçais algum, mandai que me procure logo. Sou sempre amigo das pessoas cultas, nada poupando para dar às filhas gentil educação. E agora, adeus. Catarina, ficai, pois ainda tenho de conversar à parte com Bianca. (*Sai*)

CATARINA — Como! Não ficarei. Por que motivo? Quem me impõe hora disto, hora daquilo? Não saberei orientar-me, acaso? (*Sai.*)

GRÊMIO — Ide para junto da mulher do diabo. Tendes tão altas qualidades que ninguém aqui está disposto a suportar-vos. Nosso amor, Hortênsio, não é tão grande que não nos permita soprar os dedos juntos e deixá-lo em jejum. Nosso bolo está cru de ambos os lados. Adeus. Mas

pelo amor que dedico à minha doce Bianca, se encontrar em qualquer parte um professor capaz de ensinar-lhe aquilo em que ela mais se deleita, encaminhá-lo-ei para o pai dela.

HORTÊNSIO — Farei a mesma coisa, signior Grêmio. Mas uma palavrinha, por obséquio. Muito embora a natureza de nossa rivalidade não nos tenha permitido até agora nenhum entendimento, depois de refletir sobre o assunto cheguei à conclusão de que para nosso bem comum — no caso de obtermos de novo acesso à nossa encantadora amada e de voltarmos a ser os felizes rivais no amor a Bianca — devemos conjugar esforços para alcançar um determinado fim.

GRÊMIO — E qual é esse fim, por obséquio?

HORTÊNSIO — Ora, senhor! Arranjar um marido para a irmã dela.

GRÊMIO — Um marido? Um demônio.

HORTÊNSIO — Repito: um marido.

GRÊMIO — E eu repito: um demônio. Acreditas mesmo, Hortênsio, que embora o pai dela seja muito rico, haja algum louco que se disponha a desposar o inferno?

HORTÊNSIO — Ora, Grêmio! Conquanto, meu caro amigo, vá além da vossa e da minha paciência suportar as suas gritarias, há muitos rapazes bons no mundo — a dificuldade está em sabermos encontrá-los — que se disporiam a aceitá-la com todos os seus defeitos e com bastante dinheiro.

GRÊMIO — Não sei. Enquanto a mim, fora mais fácil aceitar o seu dote, com a condição de ser chibateado todas as manhãs no pelourinho.

HORTÊNSIO — É certo. Como dizeis, entre batatas podres não há o que escolher. Mas desde que este obstáculo legal nos fez amigos, continuemos no mesmo tom até conseguirmos um marido para a filha mais velha de Batista, deixando, assim, a mais nova sem empecilho para casar-se... E recomecemos a luta! Adorável! Bianca! Feliz de quem se casar com ela. Quem correr mais depressa, obterá o anel. Que vos parece, signior Grêmio?

GRÊMIO — Concordo. Desejara ter-lhe feito já presente do melhor cavalo de Pádua, para que ele desse início às suas pretensões, vindo a conquistá-la de todo, a desposá-la, a deitar-se com ela e a livrar a casa de sua presença. Saiamos juntos. (*Saem Grêmio e Hortênsio.*)

TRÂNIO — Será possível, meu senhor, dizei-me, que predomine o amor assim de súbito?

LUCÊNCIO — Ó Trânio, enquanto eu mesmo o não sentira, não julgara possível nem provável. Mas vê: estando aqui, sem fazer nada, os efeitos do amor encontrei no ócio, confessando-te agora, lisamente — a ti que és para mim o que foi Ana para a rainha de Cartago — ó Trânio! abraso-me, definho, morro, Trânio, se não casar com esta meiga jovem. Aconselha-me, Trânio; sei que o podes. Trânio, ajuda-me; sei que queres isso.

TRÂNIO — Tempo não é, senhor, de censurar-vos. Não é com ralhos que a afeição se

expulsa. Se estais amando, só vos resta agora "Redime te captum, quam queas minimo".

LUCÊNCIO — Obrigado, rapaz. Quanto disseste já me conforta um pouco. O resto me há de deixar contente, pois dás bons conselhos.

TRÂNIO — Ficastes na contemplação da moça, senhor, tão absorvido, que decerto não observastes o que mais importa.

LUCÊNCIO — Oh! vi suave beleza no seu rosto, como a da filha de Antenor que outrora Júpiter obrigou a ser humilde, quando em Creta o levou, na frente dela, com os joelhos a beijar a areia bela.

TRÂNIO — Não vistes nada mais? Não observastes como a irmã dela começou de súbito a soltar invectivas, levantando tal tempestade que impossível for a ouvido humano suportar o estrondo?

LUCÊNCIO — Vi que ela os lábios de coral movia o ambiente perfumando com seu hálito. Celeste era e inefável tudo nela.

TRÂNIO — É tempo de tirá-lo de tal êxtase. Acordai, meu caro amo! Se em verdade gostais da rapariga, pensai logo nos meios de alcançá-la. O caso é este: a irmã mais velha é tão maligna e bruta que enquanto o pai não se vir livre dela, mestre, solteira vossa amada fica. Por isso ele a trancou a sete chaves, porque dos importunos se livrasse.

LUCÊNCIO — Trânio, que pai cruel! Mas não notaste que se ocupava em alcançar para ela professores capazes?

TRÂNIO — Sim, com a breca! notei, e agora já formei meu plano.

LUCÊNCIO — Eu também, Trânio.

TRÂNIO — Mestre, vou jurar-vos que nossos planos se completam, mesmo.

LUCÊNCIO — Conta-me o teu, primeiro.

TRÂNIO — Disfarçais-vos de professor, para ensinar a moça. Eis vossa idéia.

LUCÊNCIO — Certo. É realizável?

TRÂNIO — Não; quem representara vossa parte de filho de Vicêncio, em Pádua, e em casa ficará dedicado só a estudos? Quem há de receber os compatriotas, os amigos, e festas aprestar-lhes?

LUCÊNCIO — Basta. Fica tranqüilo; tenho um plano. Não fomos vistos em nenhuma casa; pelo rosto ninguém nos reconhece como patrão e criado. Assim faremos: vais ter criados e casa, como eu próprio; vou ser outra pessoa, um florentino, napolitano ou cidadão de Pisa. Já está chocado o plano, vai ser isso. Não percas tempo, Trânio: tira a roupa, toma meu manto e meu chapéu de cores. Quando Biondello vier, irá servir-te, sendo que antes preciso industriá-lo para nos dentes não bater com a língua.

(*Trocam as respectivas roupas.*)

TRÂNIO — Assim terá de ser. Em resumo, senhor: sendo ordens vossas, e estando eu

obrigado a obedecer-vos, pois vosso pai me disse ao nos partirmos: "Fica sempre a serviço de meu filho" embora outra intenção ele tivesse, tenho certeza — apraz-me ser Lucêncio, por amor de Lucêncio.

LUCÊNCIO — Sê Lucêncio, Trânio, para lhes seres agradável. Quanto a mim, passarei a ser escravo, para vir a alcançar essa donzela que me feriu os olhos extasiados. Eis o tratante. (*Entra Biondello.*) Onde estivestes, biltre?

BIONDELLO — Onde é que estive? Não; dizei, primeiro, onde é que estais. Acaso, mestre, as vestes vos roubou Trânio? Ou vós as dele? Ou ambos? Que se passou? Dizei-me.

LUCÊNCIO — Não há tempo para gracejos. Vem aqui, maroto. Precisas ajeitar-te às circunstâncias. Para salvar-me a vida, Trânio assume minha aparência e veste minha roupa, como eu, para escapar, vesti a dele. Matei um homem mal saltei em terra, e tenho medo de ter sido visto. Ficareis a serviço dele, como convém, é o que vos digo; e eu daqui logo me afastarei, para salvar a vida. Compreendestes-me bem?

BIONDELLO — Eu, senhor? Nada.

LUCÊNCIO — E nessa boca, nada sobre Trânio. Trânio agora é Lucêncio.

BIONDELLO — Tanto melhor para ele. Desejara também ser ele.

TRÂNIO — O mesmo eu desejara, rapaz, com a condição de que Lucêncio desposasse a caçula de Batista. Mas não por mim, maroto, por vosso amo, em qualquer sociedade usai comigo de muita discrição. Sozinho estando, volto a ser Trânio; mas com gente estranha, sou vosso amo Lucêncio.

LUCÊNCIO — Vamos logo, Trânio. Só nos falta pôr em prática uma coisa, que terá de ser feita por ti, que é apresentares-te também como um dos pretendentes. Se me perguntares porquê, bastará que te diga que tenho para isso razões boas e de peso.

(*Saem. Falam as personagens do prólogo.*)

PRIMEIRO CRIADO — Estais cochilando, senhor; não estais prestando atenção à peça.

SLY — Estou prestando, sim, por Santa Ana. É uma bonita história. Ainda vai demorar muito?

PAJEM — Começou agora, senhor.

SLY — É uma excelente obra-prima, madame senhora. Quem dera que já tivesse acabado!

(*Sentam-se e continuam a olhar.*)

Cena 2

Diante da casa de Hortênsio. Entram Petrucchio e Grúmio.

PETRUCCHIO — Verona, adeus por uns momentos; quero ver em Pádua uns amigos, e entre todos o mui querido e dedicado Hortênsio. Sua casa é esta aqui, se não me engano. Grúmio, maroto, bate! Estou mandando.

GRÚMIO — Bater, senhor? Bater em quem? Alguém ofendeu Vossa Senhoria?

PETRUCCHIO — Maroto, digo: bate-me com força.

GRÚMIO — Bater em vós, senhor? Oh, senhor! Quem sou eu para bater em vós?

PETRUCCHIO — Vamos, maroto; bate-me na porta, se essa cabeça estúpida te importa.

GRÚMIO — Meu amo arruaceiro agora se revela. Mas se eu der nele, farei uso da canela.

PETRUCCHIO — Então, maroto: bates ou não bates? Não? Nesse caso, bato eu sem dó, para ouvir-te cantar sol, mi, lá, dó. (*Puxa as orelhas de Grúmio.*)

GRÚMIO — Socorro, gente! Enlouqueceu meu amo.

(*Entra Hortênsio.*)

HORTÊNSIO — Que é isso? Que aconteceu? Oh! o meu velho amigo Grúmio e o meu bom amigo Petrucchio! Como vão todos em Verona?

PETRUCCHIO — Viestes nos separar, Hortênsio amigo? Con tutto il cuore ben trovato, digo.

HORTÊNSIO — Alla nostra casa ben venuto, molto honorato signior mio Petrucchio. Vamos, Grúmio, levanta-te; acalmai-vos.

GRÚMIO — Não; pouco importa tudo quanto ele possa dizer em latim. Se isso não for um motivo legal para eu deixar o serviço dele... Ora vede, senhor, ele mandou que eu batesse nele, que o surrasse com força. E agora dizei-me se fica bem para um criado proceder dessa maneira com o patrão, uma pessoa que, pelos meus cálculos, já terá seus trinta e dois anos? Mas se com força assim tivesse feito, saira Grúmio alegre deste pleito.

PETRUCCHIO — Estúpido maroto. Caro Hortênsio, mandei que ele batesse em vossa porta, sem poder conseguir o que almejava.

GRÚMIO — Bater na porta? Oh céus! Pois não me ordenastes claramente: "Bate-me aqui, maroto; bate em mim com bem força, bate sem piedade?" E agora vos saís com esse "bater

na porta?”

PETRUCCHIO — Saí logo, maroto, é o que vos digo.

HORTÊNSIO — Calma, Petrucchio; sou penhor de Grúmio. Oh! que pendência séria entre vós e ele, vosso bom Grúmio criado antigo e sério! Mas, caro amigo, que suave brisa vos trouxe a Pádua, de Verona antiga?

PETRUCCHIO — A que os mancebos pelo mundo espalha em busca de fortuna, pois em casa não há oportunidade. Resumindo, signior Hortênsio, a coisa é como segue: morreu meu pai, Antônio, tendo agora saído eu sem destino, tencionando casar bem e vencer do melhor modo. Ouro tenho na bolsa; bens, na pátria. Assim, viajo para ver o mundo.

HORTÊNSIO — Petrucchio, deverei, sem mais rodeios, apresentar-te a uma mulher ferina? Não me agradecerias o conselho. Mas posso asseverar-te que ela é rica; sim, muito rica. Mas és meu amigo; não convém que a desposes.

PETRUCCHIO — Entre amigos, signior Hortênsio, não se fala muito. Se conheces alguém bastante rica para que esposa de Petrucchio seja — pois o ouro tilintar na dança deve do casamento dele — embora seja tão feia como a amada de Florêncio, velha como a Sibila, tão maligna e impertinente como a própria esposa de Sócrates, Xantipa, ou mesmo pior: não poderá deixar-me transformado nem embotar de meu afeto o gume, embora seja como o mar Adriático, quando se altera. Vim para casar-me, para uma noiva rica achar em Pádua; sendo rica, feliz serei em Pádua.

GRÚMIO — Ora vede, senhor; ele vos diz francamente o que pensa. Sendo assim, dai-lhe ouro bastante e casai-o com uma boneca, ou com um figurino, ou com uma velha que não tenha um só dente na boca, muito embora tenha tantas doenças como cinqüenta e dois cavalos reunidos. Tendo dinheiro, para ele tudo estará bem.

HORTÊNSIO — Bom Petrucchio, uma vez que andamos tanto, vou prosseguir no que era, de começo, somente brincadeira. Tenho meios, Petrucchio, de ensejar-te uma consorte bastante rica, mui formosa e jovem, e educada no jeito de fidalga. Seu único defeito — e que defeito! — é ser intoleravelmente brava, teimosa e cabeçuda sem medida, a tal ponto que, embora meus haveres fossem menores, não a desposara por uma mina de ouro.

PETRUCCHIO — Basta, Hortênsio! Não conheces o efeito do dinheiro. Dize-me o nome do pai dela, e pronto. Vou abordá-la, muito embora alterque mais alto que o trovão, quando rebenta no outono a tempestade.

HORTÊNSIO — O pai da jovem é Batista Minola, gentil-homem cortês e afável sendo o nome dela Catarina Minola, em toda Pádua famosa pela língua ralhadora.

PETRUCCHIO — Conheço o pai, embora a não conheça; foi muito amigo de meu pai defunto. Não durmo, Hortênsio, sem a ver primeiro. Ireis perdoar-me, assim, a liberdade, logo ao primeiro encontro, de deixar-vos, salvo se fordes até lá comigo.

GRÚMIO — Peço-vos, senhor, deixai-o ir, enquanto ele está com essa disposição. Por minha alma, se ela o conhecesse tão bem quanto eu, saberia que no caso dele de nada valem as

recriminações. Ela poderá, talvez, chamá-lo umas dez vezes de biltre ou coisa assim. Não lhe fará mossa nenhuma. Uma vez entrado na dança, ele recorrerá ao vocabulário próprio. Vou dizer-vos uma coisa, senhor: por pouco que ela lhe resista, ele lhe marcará o rosto com uma figura que a deixará tão desfigurada como um gato sem olhos. Não o conheceis, senhor.

HORTÊNSIO — Petrucchio, espera um pouco; iremos juntos, pois com Batista se acha meu tesouro; de minha vida a jóia está com ele: sua filha mais nova, a bela Bianca, que de mim ele afasta e de outros muitos pretendentes, rivais no meu afeto. Por julgar impossível — em virtude dos defeitos há pouco relatados — que a Catarina alguém escolher possa, determinou Batista deste modo: que ninguém tenha acesso à bela Bianca sem que venha a casar-se Catarina.

GRÚMIO — Catarina goela: o pior nome para uma donzela.

HORTÊNSIO — Fazei-me ora um favor, caro Petrucchio: ireis apresentar-me, tendo eu posto vestes sóbrias, ao velho pai de Bianca, como perito professor de música, para lhe dar lições. Com esse plano, terei vagar e liberdade, ao menos, de, sem suspeita, lhe fazer a corte.

GRÚMIO — Não há nenhuma velhacaria nisso. Vede como os moços sabem juntar as cabeças para enganarem os velhos. Patrão, patrão, olhai para trás! Quem é que vem chegando?

(*Entram Grêmio e Lucêncio, disfarçados, sobraçando livros.*)

HORTÊNSIO — Silêncio, Grúmio. Meu rival é este. Petrucchio, fica à parte.

GRÚMIO — Um belo mancebo, e, ainda por cima, apaixonado.

GRÊMIO — Oh, muito bem! Já examinei a conta. Ora me ouvi, senhor: quero que todos sejam encadernados ricamente; livros de amor, somente, tomai nota; não deveis ler-lhe nenhum outro assunto. Compreendestes-me? Além dos que obtiverdes da liberalidade de Batista, vos farei donativos generosos. Tomai vossos papéis; é necessário que perfumados sejam suavemente, pois mais suave ela é do que os perfumes a que são destinados. Que ireis ler-lhe?

LUCÊNCIO — Seja o que for, podeis estar certíssimo de que defenderei a vossa causa como se fôsseis vós; sim, talvez mesmo com palavras de muito mais efeito, salvo se fôsseis, meu senhor, um sábio.

GRÊMIO — Oh! que coisa é a ciência!

GRÚMIO — Oh! que animal é esta galinhola!

PETRUCCHIO — Silêncio, maroto.

HORTÊNSIO — Grúmio, caluda. Signior Grêmio, salve!

GRÊMIO — Feliz encontro, meu signior Hortênsio. Não suspeitais para onde vou? A casa de Batista Minola. Prometi-lhe que havia de esforçar-me na procura de um professor para a formosa Bianca. E tive sorte; achei este mancebo que, pelo seu saber e competência, muito se recomenda. Lê poesia e outros livros; só bons, posso afiançar-vos.

HORTÊNSIO — Muito bem; e eu achei um gentil-homem que ficou certo de arranjar-me um outro, músico, próprio para nossa amada. Assim, não fico atrás no que me cumpre fazer à bela Bianca tão querida.

GRÊMIO — Por mim querida, como vou prová-lo.

GRÚMIO (*à parte*) — Quem vai prová-lo é a bolsa dele.

HORTÊNSIO — Ocasião não é de ventilarmos, Grêmio, nossa afeição. Se me escutardes e usardes de franqueza, vou contar-vos algo que para os dois é de importância. Por acaso encontrei este mancebo que conosco concorda mui de grado em cortejar a fera Catarina, em desposá-la, mesmo, caso o dote dela for conveniente.

GRÊMIO — Dito e feito; muito bem. Revelaste-lhe os defeitos, Hortênsio, da donzela?

PETRUCCHIO — Sei que é brusca, rilhenta a conta inteira. Se é só isso, meus senhores, não vejo inconveniente.

GRÊMIO — Nenhum, amigo? De que terra sois?

PETRUCCHIO — De Verona; do velho Antônio, filho. Morreu meu pai; mas vive meu dinheiro; viver pretendo agora prazenteiro.

GRÊMIO — Prazenteiro, com uma fúria dessas? Fora estranho. Porém se assim quiserdes, seja, em nome de Deus. Haveis de ter-me como auxiliar em tudo. Mas é certo: namorareis aquela gata brava?

GRÚMIO — Se ele lhe fará a corte? Caso contrário, a enforcarei.

PETRUCCHIO — Por que vim cá, senão para isso mesmo? Pensais que um ruidozinho me ensurdece? Já não ouvi rugirem leões há tempos? Já não ouvi o mar, que o vento empola, bramir como javardo enfurecido, suando de espumar? As baterias já não ouvi, acaso, na campanha, e a artilharia arrebentar das nuvens? Nos grandes prélios já não tenho ouvido nitrir cavalos, ressoar trombetas, não cessar nunca o alarma, para virdes da língua me falar de uma donzela, que não chega a fazer tanto barulho como a castanha no fogão do rústico? Ora! Espantalho é só para criança.

GRÚMIO (*à parte*) — Disso ele não tem medo.

GRÊMIO — Hortênsio, escuta! Este senhor chegou em feliz hora. Tenho o pressentimento de que veio para o bem dele e nosso.

HORTÊNSIO — Assegurei-lhe nossa ajuda nisso, com lhe pagarmos todas as despesas.

GRÊMIO — Pois não, contanto que ele a alcance mesmo.

GRÚMIO (*à parte*) — Quisera ter tanta certeza disso como de um bom jantar.

(*Entram Trânio, ricamente trajado, e Biondello.*)

TRÂNIO — Deus vos guarde, senhores. Informai-me, por obséquio, o caminho mais direto para ir à casa do signior Minola.

BIONDELLO — O que tem duas filhas mui formosas?

TRÂNIO — Justamente, Biondello.

GRÊMIO — Um momentinho, senhor. Decerto não falais da filha...

TRÂNIO — Filha ou filho, quem sabe? E vós com isso?

PETRUCCHIO — Não a briguenta, quero crer, amigo.

LUCÊNCIO (*à parte*) — Bem começado, Trânio!

HORTÊNSIO — Outro momento: sobre essa jovem, qual é o vosso intento?

TRÂNIO — E vós com isso?

GRÊMIO — Nada, certamente, se sairdes calado incontinenti.

TRÂNIO — Não é livre esta rua, ou esta viela, para nós ambos?

GRÊMIO — Certo; mas não ela.

TRÂNIO — E a razão, por obséquio?

GRÊMIO — É muito simples: foi escolhida pelo signior Grêmio.

HORTÊNSIO — Também o foi pelo signior Hortênsio.

TRÂNIO — Devagar, meus senhores. Se fidalgos sois, em verdade, ouvi-me com paciência, fazendo-me justiça. Cavalheiro muito nobre é Batista, a quem de todo meu pai não é estranho; e embora a filha dele fosse mil vezes mais bonita, podia ter bastantes namorados, e, entre eles, eu. A filha da formosa Leda teve um milhão de pretendentes. Logo, mais um vai ter a bela Bianca. Assim será. Lucêncio não desiste, mesmo que venha Páris, lança em riste.

GRÊMIO — Como! Este cavalheiro vai meter-nos a todos no chinelo.

LUCÊNCIO — Dai-lhe corda, senhor, que acabará por enroscar-se.

PETRUCCHIO — Hortênsio, a que vem tanto palavrório?

HORTÊNSIO — Permiti-me a ousadia da pergunta: vistes já acaso a filha de Batista?

TRÂNIO — Jamais, senhor; mas soube que tem duas: uma, formosa pela língua afiada; a outra, pela modéstia, encantadora.

PETRUCCHIO — A primeira, senhor, soltai; é minha.

GRÊMIO — Pois não; deixo o trabalho para esse Hércules; que lhe seja maior que os outros doze.

PETRUCCHIO — Permiti que vos fale com franqueza. Das duas filhas a mais moça, aquela que desejais pescar, foi excluída pelo pai do convívio dos rapazes, afirmando ele que a nenhum a entrega sem que a filha mais velha a casar venha. Livre será então; não antes disso.

TRÂNIO — Se for assim, senhor, sendo vós o homem que nos irá favorecer a todos, eu inclusive, quebrai logo o gelo, realizai logo a proeza de a mais velha conquistar, e a mais moça deixai livre por que todos possamos cortejá-la. O que a alcançar não há de ser, decerto, tão desgracioso que se mostre ingrato com relação a vós.

HORTÊNSIO — É mui sensato quanto dizeis, senhor. E já que vindes também como aspirante à mão da jovem, deveis gratificar, como nós outros, esse senhor, de quem nos confessamos devedores eternos.

TRÂNIO — Cavalheiro, sovina não serei; e como prova vos convido a passar comigo a tarde, para brindes à moça levantarmos. Como advogados procedamos nisso, os quais, embora com calor discutam, depois comem e bebem como amigos.

GRÚMIO e BIONDELLO — Oh! que excelente idéia! Amigos, vamos.

HORTÊNSIO — Petrucchio, a idéia pode dar bom fruto. Serei agora vosso ben venuto.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Pádua. Um quarto em casa de Batista. Entram Catarina e Bianca.

BIANCA — Querida irmã, não me façais a injúria, nem a vós mesma, de tratar-me como criada ou baixa escrava. Isso me humilha. Quanto aos enfeites, basta me soltardes as mãos, para que deles me desfaça; sim, do manto ao casaco. E tudo quanto me ordenares, farei sem discrepância, tanto conheço meus deveres para com as pessoas mais velhas.

CATARINA — Ora intimo-te a me dizer a qual dos pretendentes à tua mão dedicas mais afeto. Não dissimules; conta-me a verdade.

BIANCA — Acreditai-me, irmã: nos homens vivos jamais notei fisionomia alguma que particularmente me agradasse.

CATARINA — Bonequinha, é mentira. Não é Hortênsio?

BIANCA — Se gostais dele, mana, aqui prometo nesse sentido lhe falar, contanto que venhais a possuí-lo.

CATARINA — Agora entendo: gostais mais de riquezas, preferindo Grêmio, por isso, para que vos deixe, sem dúvida, mais bela.

BIANCA — Tendes ciúme de mim por causa dele? É brincadeira, Vejo-o bem. E ora noto que outra coisa não fizestes senão brincar comigo. Quetinha, por obséquio, as mãos soltai-me.

CATARINA — Se isto é brinquedo, o resto também era.

(*Bate-lhe. Entra Batista.*)

BATISTA — Que é isso, dona? Por que tanta fúria? Bianca, fica de lado. Pobrezinha! Está chorando... Vai buscar a agulha; não te metas com ela. Que vergonha! Por que motivo, espírito diabólico, quem nunca te fez mal assim maltratas? Quando ela te falou em tom mais áspero?

CATARINA — Seu silêncio me irrita; hei de vingar-me. (*Faz menção de pegar Bianca.*)

BATISTA — Ante meus próprios olhos? Entra, Bianca.

(*Sai Bianca.*)

CATARINA — Já não me suportais? Agora vejo que ela é vosso tesouro e que é preciso arranjar-lhe um marido. Em suas núpcias descalça dançarei; por causa dela conduzirei macacos para o inferno Não me faleis, pois a chorar vou pôr-me, até achar ocasião para vingar-me. (*Sai.*)

BATISTA — Já houve alguém, como eu, tão molestado? Mas, quem vem vindo aí?

(*Entra Grêmio, com Lucêncio vestido pobremente, Petrucchio, com Hortênsio, como professor de música, e Trânio, com Biondello, que traz um alaúde e livros.*)

GRÊMIO — Muitos bons dias, meu vizinho Batista.

BATISTA — Sim, bom dia, vizinho Grêmio. Deus vos guarde, amigos.

PETRUCCHIO — E a vós, senhor. Dizei-me, por obséquio: não tendes uma filha, Catarina de nome, encantadora e mui virtuosa?

BATISTA — Senhor, tenho uma filha desse nome.

GRÊMIO — Sois muito brusco; procedei com método.

PETRUCCHIO — Signior Grêmio, ofendeis-me; com licença. Senhor, sou um cavalheiro de Verona; tendo ouvido falar da formosura de vossa filha, seu brilhante espírito, a modéstia pudica, as admiráveis qualidades, a sociabilidade, sua conduta afável, a ousadia tomei de apresentar-me em vossa casa, sem cerimônia, para que a verdade do que já tenho ouvido tantas vezes verifique com os olhos. Como gage de minha vinda, quero apresentar-vos um dos meus homens, competente em música e matemático de traz, que pode polir a educação de vossa filha nessas ciências, em que ele, estou bem certo, já tem conhecimento. Ficai com ele, a não ser que queirais mesmo ofender-me. Chama-se Lício e é natural de Pádua.

BATISTA — Sois bem-vindo, senhor, assim como ele, por amor vosso. Quanto à minha filha Catarina — certeza tenho disso — não diz com vosso gênio, o que me pesa.

PETRUCCHIO — Vejo que não quereis perder a filha, ou que não vos agrada minha aliança.

BATISTA — Não me compreendais mal; digo o que penso. De onde vindes, senhor? Que nome tendes?

PETRUCCHIO — Eu? Sou Petrucchio; foi meu pai Antônio, em toda a Itália muito conhecido.

BATISTA — Conheço-o bem; assim, sois mui bem-vindo.

GRÊMIO — Acatando, Petrucchio, vossa história, permiti, por obséquio, que nós outros, pobres peticionários, também azo tenhamos de falar. Ficai de lado; apressais-vos demais.

PETRUCCHIO — Ó signior Grêmio! Perdão; mas desejava concluir logo.

GRÊMIO — Não o duvido, meu senhor; mas ainda haveis de amaldiçoar esse noivado. Vizinho, o presente dele vos deixou satisfeito, tenho certeza disso. Para vos prestar idêntica gentileza, uma vez que eu, mais do que qualquer outra pessoa, tenho recebido de vossa parte tantas provas de deferência, tomo a liberdade de apresentar-vos este jovem sábio (*apresenta Lucêncio*) que estudou muito tempo em Reims e é tão perito em latim e grego como aquele o é em música e matemática. Chama-se Câmbio. Por obséquio, aceitai os serviços dele.

BATISTA — Mil agradecimentos, signior Grêmio. Sois bem-vindo, bondoso Câmbio. (*A Trânio.*) Mas, meu amável senhor, tendes aparência de estrangeiro. Poderei ter a ousadia de perguntar o motivo de vossa vinda?

TRÂNIO — Perdão, senhor, mas a ousadia é minha, pois, à vossa cidade sendo estranho, apresento-me como pretendente à mão da bela e virtuosa Bianca. Não ignoro, também, vosso propósito de dar a preferência à irmã mais velha. A única permissão que vos impetro é que, sabendo a casa de onde eu venho, me concedais acesso livre e idêntico acolhimento concedido aos outros. E para a educação de vossa filha este instrumento simples vos ofereto e estes autores gregos e latinos. Aceitai-os, que são de grande mérito.

BATISTA — Sois Lucêncio? De que cidade vindes?

TRÂNIO — De Pisa sou, e filho de Vicêncio.

BATISTA — Pessoa de prestígio em Pisa, é certo. De nome já o conheço. Sois bem-vindo. (*A Hortênsio:*) Tomai o alaúde.(*A Lucêncio:*) E vós, os livros. Vereis vossas alunas neste instante. Olá! Alguém daí! (*Entra um criado.*) Leva estes moços a minhas filhas; dize-lhes que os mesmos vão ser seus professores. Elas devem tratar bem deles. (*Sai o criado com Hortênsio, Lucêncio e Biondello.*) Ora passear vamos um pouco no pomar. Depois, cearemos. Muitos bem-vindos sois; a todos peço terem-se nessa conta.

PETRUCCHIO — Meu assunto, signior Batista, exige muita pressa; não poderei voltar todos os dias para fazer a corte. Conhecestes meu pai perfeitamente; em mim o vedes, único herdeiro de seus bens e terras, que, em minhas mãos, longe de diminuírem, tomaram grande impulso. Ora dizei-me: se eu conseguir o amor de vossa filha, que dote ela trará no desposório?

BATISTA — Quando eu morrer, metade do que tenho; neste momento, vinte mil coroas.

PETRUCCHIO — Por esse dote quero assegurar-lhe, se me sobreviver, ficando viúva, todas as minhas terras e contratos. Ponhamos isso tudo por escrito, porque entre as partes haja um penhor firme.

BATISTA — Sim, mas depois da cláusula precípua: o sim da noiva, porque isso é tudo.

PETRUCCHIO — Ora, isso é nada. Posso asseverar-vos, pai, que tão decidido eu sou quanto ela pervicaz e orgulhosa. Ao se encontrarem, duas chamas violentas aniquilam quanto a fúria lhes tenha alimentado. Conquanto o fogo brando se embraveça com pouco vento, os furacões terríveis levam diante de si o fogo e tudo. Ora, sendo eu assim, compete a ela ceder aos meus desejos. Sou muito áspero; não vou fazer a corte como criança.

BATISTA — Que tenhas sorte em tudo e que abençoada seja tua pressa. Mas será prudente contar com muitos infelizes termos.

PETRUCCHIO — Vamos à prova; sou como a montanha que os ventos fortes abalar não podem, embora de soprar não deixem nunca.

(*Volta Hortênsio, com a cabeça quebrada.*)

BATISTA — Então, amigo? Por que estás tão pálido?

HORTÊNSIO — Se estou assim, só pode ser de medo.

BATISTA — Minha filha tem gosto para a música?

HORTÊNSIO — Creio que ela dará melhor soldado. O ferro pode resistir-lhe, nunca

sonoroso alaúde.

BATISTA — Não pudeste dobrá-la às harmonias do alaúde?

HORTÊNSIO — Não, que ela o dobrou em mim, primeiro. Disse-lhe apenas que ela se enganava com relação ao toque, procurando os dedos ajeitar-lhe junto às cordas, quando ela, com espírito diabólico, impaciente, gritou: "Isso é que é toque? Pois vou tocar de jeito". Assim dizendo, na cabeça me deu tão forte golpe, que através do instrumento abri caminho, algum tempo ficando estupefacto, como pessoa presa ao pelourinho, a olhar pelo alaúde, enquanto "Imundo rabequista", "Zezé desafinado", e outras vinte expressões ela jogava-me, que adrede decoradas pareciam, tão-só para insultar-me.

PETRUCCHJO — Pelo mundo! Que rapariga alegre! Amo-a dez vezes mais agora do que antes. Que vontade de conversar com ela alguns momentos!

BATISTA (*a Hortênsio*) — Vem, vem comigo; não te mostres triste; continua a ensinar minha caçula; tem gosto para o estudo e é agradecida. Signior Petrucchio, quereis vir conosco, ou preferis que eu mande Catarina?

PETRUCCHIO — Pois não; mandai-a vir; aqui a espero. (*Saem Batista, Grêmio, Trânio e Hortênsio.*) Vou cortejá-la com algum espírito. Se me insultar, dir-lhe-ei sem circunlóquios que como o rouxinol tem ela o canto; franzindo o rosto, lhe direi que é límpida como a rósea manhã que o orvalho banha; se não disser palavra e ficar muda, elogios farei ao seu talento de expressar-se, afirmando que a eloqüência dela é arrebatadora. Convidando-me a retirar-me, agradecido mostro-me, como se o grato invite eu recebesse de ficar junto dela uma semana. Se desposar-me não quiser, lhe falo sobre os proclamas e o feliz evento. Mas ei-la aí. Vamos, Petrucchio; fala. (*Entra Catarina.*) Sois bem-vinda, Quetinha. Esse, disseram-me, é o vosso nome; não é isso mesmo?

CATARINA — Sois lerdo para ouvir; quantos meu nome pronunciam, só dizem Catarina.

PETRUCCHIO — Por minha alma, mentis. Todos vos chamam Quetinha, simplesmente, a brincalhona Quetinha, e, às vezes, a Quetinha brava; mas, Quetinha, a Quetinha mais galante de toda a cristandade, a superdoce Quetinha, o bom-bocado do meu gosto — sim, pois Quetinha é o meu melhor bocado. Quetinha, meu consolo, ouve-me agora: tendo ouvido elogiar tua doçura em todas as cidades, a virtude que te é própria, e cantar tua beleza — aliás, bem menos do que mereceras — movi-me a desejar-te para esposa.

CATARINA — Movestes-vos em tempo. Que o demônio que vos moveu a ver-me vos remova, sem demora, daqui. Logo de início notei que éreis um móvel.

PETRUCCHIO — Como! Um móvel?

CATARINA — Um tamborete, sim.

PETRUCCHIO — Deste no vinte; então vem logo e sobre mim se senta.

CATARINA — Os asnos como vós suportam carga.

PETRUCCHIO — As mulheres também suportam carga.

CATARINA — Mas não um tolo como vós, se é certo que a mim vos referis.

PETRUCCHIO — Boa Quetinha, não quero sobrecarregar-te, vendo que és muito moça e leve.

CATARINA — Muito leve para ser apanhada por um rústico. Sou tão pesada quanto devo sê-lo.

PETRUCCHIO — Pesada, não; preada.

CATARINA — Ave de preia só conheço gavião.

PETRUCCHIO — Ó vagarosa rolinha, um gavião irá apanhar-te?

CATARINA — Bruto seria para uma rolinha.

PETRUCCHIO — Vamos, vespa; ferina sois bastante.

CATARINA — Sendo eu vespa, cuidado com o ferrão.

PETRUCCHIO — Há remédio para isso: arranco-o logo.

CATARINA — Sim, no caso de o tolo vir a achá-lo.

PETRUCCHIO — Quem não sabe onde as vespas o têm sempre? No corpinho.

CATARINA — Na língua.

PETRUCCHIO — Como! língua? Língua de quem?

CATARINA — Na vossa, se em corpinho vindes falar-me. Adeus.

PETRUCCHIO — Como! Com minha língua em vosso corpinho? Não, Quetinha; voltai; sou um cavalheiro.

CATARINA — Vou ver isso. (*Bate-lhe.*)

PETRUCCHIO — Se me bateres novamente, juro que te darei um murro.

CATARINA — Nesse caso, perderíeis as armas; pois, batendo-me, não seríeis em nada cavalheiro, e, não o sendo, não teríeis armas.

PETRUCCHIO — Quetinha arauto, inscreve-me em teu livro.

CATARINA — Vosso emblema qual é? Crista de galo?

PETRUCCHIO — Galo sem crista, se Quetinha, agora, for a minha franguinha.

CATARINA — Não desejo galo assim; se sois galo, sois corrido.

PETRUCCHIO — Quetinha, não te mostres tão azeda.

CATARINA — Só fico assim ao ver maçã silvestre.

PETRUCCHIO — Aqui não há maçã silvestre; deixa de ser azeda.

CATARINA — Há, sim.

PETRUCCHIO — Mostra onde se acha.

CATARINA — Se eu tivesse um espelho, mostraria.

PETRUCCHIO — Então meu rosto é que me mostraríeis?

CATARINA — Tão moço e tão sabido.

PETRUCCHIO — Por São Jorge, sou muito moço, mesmo.

CATARINA — E já enrugado.

PETRUCCHIO — Só de cuidados.

CATARINA — Não me dá cuidado.

PETRUCCHIO — Vamos Quetinha; estou falando sério: não fugireis de mim.

CATARINA — Hei de irritar-vos, no caso de eu ficar.

PETRUCCHIO — Nem um pouquinho; acho-vos mui gentil. Tinham-me dito que éreis selvagem, áspera e estouvada; e ora vejo que o boato é mentiroso, pois és muito cortês, encantadora, de gênio divertido; um pouco tarda para falar, mas suave como as flores da primavera. Os lábios tu não mordes, tal como as raparigas irritadas. Não contradizes nunca outras pessoas; é sempre branda que manténs conversa com teus cortejadores, sempre afável, com gentis ademanes. Por que o mundo diz que Quetinha é manca? Oh mundo infame! Quetinha é reta e esbelta como galho de aveleira, de tez amorenada como a avelã, tão doce quanto a fruta. Oh! anda um pouco; sei que não claudicas.

CATARINA — Vai dar ordem, cretino, aos teus criados.

PETRUCCHIO — Teria ornado Diana uma floresta como Quetinha agora este aposento com seu porte fidalgo? Oh! que ela seja Quetinha, e tu, Diana, porque casta Quetinha fique e Diana, brincalhona.

CATARINA — Onde estudastes todo esse discurso?

PETRUCCHIO — Do espírito me nasce; é de improviso.

CATARINA — O espírito é fecundo; o dono, estéril.

PETRUCCHIO — Como! Então não sou sábio?

CATARINA — O suficiente para vos aquecerdes.

PETRUCCHIO — Justamente, querida Catarina, no teu leito. Mas deixando de lado todo o nosso palavreado, falemos claramente. Consentiu vosso pai no casamento; combinamos o dote. E agora, ainda que não queirais, tereis de desposar-me. Podeis crer-me, Quetinha: eu sou o marido que vos convém. Por esta luz o juro, que me permite ver tua beleza — essa beleza que de ti me deixa de tal modo rendido — outro marido que não seja eu, não poderás ter nunca, pois eu nasci para domar-te, para transformar a Quetinha rezingueira numa Quetinha mansa, e tão amável como as Quetinhas donas de seus lares. Teu pai vem vindo agora não te insurjas, pois quero Catarina para esposa.

(*Voltam Batista, Grêmio e Trânio.*)

BATISTA — Então, Signior Petrucchio, de que modo ides com minha filha?

PETRUCCHIO — De que modo, senhor? Do melhor modo; nem me fora possível fracassar no meu intento.

BATISTA — E minha filha Catarina, sempre de rosto carrancudo?

CATARINA — Dais-me o nome de filha? Pois afirmo sob palavra. Que paternal afeto revelastes querendo desposar-me com um lunático, um João praguejador, um tresloucado, que quer impor-se só com juramentos.

PETRUCCHIO — Pai, o negócio é assim: vós e os mais todos que falais dela estais muito enganados. Ela só é indigna por política; rabugenta não é, mas tão modesta como a rola; não tem gênio esquentado, sendo tão fresca quanto a manhã bela. Em paciência é Griselda rediviva; a romana Lucrécia, em castidade. Em conclusão: deixamos combinado casarmo-nos no próximo domingo.

CATARINA — Primeiro nesse dia quero ver-te pendurado na forca.

GRÊMIO — Ouve, Petrucchio, ela disse que te quer ver na forca.

TRÂNIO — É assim vossa história? Então, boa noite para nosso contrato.

PETRUCCHIO — Cavalheiros, paciência. Eu a escolhi de motu próprio. Se nós dois estivermos satisfeitos, que vos importa o resto? Combinamos, quando ficamos sós, que em companhia de outras pessoas ela impertinente devia se mostrar. Posso afiançar-vos: não fazeis uma idéia de quanto ela me tem amor. Oh terna Catarina! Do pescoço pendeu-me, prodigando-me beijo em cima de beijo, juramentos de amor os mais ardentes, tão de pronto se revelou de mim apaixonada. Oh! sois noviços. É uma maravilha verificar, quando a mulher e o homem ficam sós, como pode um mariquinhas dominar a megera mais rebelde. Quetinha, dá-me a mão. Vou a Veneza comprar a roupa para o casamento. Preparai os festejos, pai, mandando logo convite para os conhecidos. Certo estou de que a minha Catarina vai mostrar-se galante.

BATISTA — Disso tudo não sei o que pensar; mas dai-me as mãos. Petrucchio, Deus vos dê felicidade. Está assentado.

GRÊMIO e TRÂNIO — Amém, é o que dizemos; seremos os padrinhos.

PETRUCCHIO — Pai, esposa, cavalheiros, adeus. Vou a Veneza; domingo já está perto. Anéis teremos nesse dia, festanças e alto gozo. Agora um beijo no teu caro esposo.

(*Saem Petrucchio e Catarina por lados diferentes.*)

GRÊMIO — Já houve noivado assim tão apressado?

BATISTA — Tal como o comerciante, muito ou pouco nesta hora arrisco num negócio louco.

TRÂNIO — Era uma carga que vos molestava; agora ou vos dá lucro ou vai ao fundo.

BATISTA — Só quero um lucro: paz nesse contrato.

GRÊMIO — Pacífico para ele foi esse ato. Mas agora, Batista, é mais que tempo de falarmos em vossa filha Bianca. Chegou o dia por que tanto ansiávamos. Vosso vizinho sou; a

apresentar-me fui o primeiro como pretendente.

TRÂNIO — O amor que voto a Bianca não se pode comprimir em palavras; ultrapassa vosso próprio conceito.

BATISTA — Jovem, nunca amá-la poderás com tantas veras como seu próprio pai.

TRÂNIO — Barba cinzenta, teu amor vira gelo.

GRÊMIO — E o teu derrete. Sai, desmiolado! Brilha a meia-idade.

TRÂNIO — Mas às jovens apraz a mocidade.

BATISTA — Não brigueis, cavalheiros; tenho um meio para solucionar a desavença. Vão decidir os fatos. De vós ambos o que firmar a minha filha dote mais opulento, o amor terá de Bianca. Dizei-me, signior Grêmio, que importância podeis assegurar-lhe?

GRÊMIO — De começo, como sabeis, a casa que eu possuo na cidade adornada é ricamente com baixelas de prata e ouro abundante, jarros, bacias para as mãos lavar-lhe, tão delicadas. São minhas cortinas. Tudo isso será dela. Então, meu caro signior Grêmio, deixei-vos achatado? De tecidos da Tíria; nos meus cofres de marfim as coroas se comprimem; nas arcas de ciprestes tenho colchas, cortinas, baldaquins, vestes custosas, batistas finas, almofadas turcas com pérolas tecidas, franjas vindas de Venera, com fios de ouro ornadas, cobre e estanho a valer, e tudo quanto faz parte de uma casa bem montada. Em minha granja tenho uma centena de vacas prontas para boa ordenha, além de cento e vinte bois no estábulo, e tudo o mais em proporção idêntica. Não nego que já sou um tanto idoso. Se eu morrer amanhã, tudo isso é dela, caso, enquanto eu viver, ela for minha.

TRÂNIO — Esse "caso" do fim chegou a tempo. Signior Batista, ouvi-me. Sou filho único e herdeiro de meu pai. Se vossa filha se tornar minha esposa, três ou quatro casas lhe deixarei na rica Pisa, tão belas como quantas tenha em Pádua o velho signior Grêmio. Acrescentemos a isso uma renda de dois mil ducados por ano em terras boas para amanho.

GRÊMIO — Dois mil ducados anuais de terra? Minhas terras não dão tamanha renda. Mas prometo também que será dela minha carraca que ancorada se acha no porto de Marselha. E ora dizei-me se não vos achatou minha carraca?

TRÂNIO — Grêmio, é sabido que meu pai possui nada menos que três carracas fortes, e mais duas galeras e uma dúzia de embarcações menores. Isso tudo de dote lhe asseguro e mais o dobro de tudo quanto possas ofertar-lhe.

GRÊMIO — Não; já ofereci tudo; é quanto tenho. Não posso dar-lhe mais do que possuo; de meus bens e de mim será senhora, no caso de escolher-me.

BATISTA — Sim, confesso que é maior vossa oferta. Assegurando vosso pai a fortuna como dote de minha filha, será vossa esposa. Mas sem isso, perdoai-me: se morrerdes primeiro, qual será o dote dela?

TRÂNIO — Isso é um sofisma; ele está velho; eu, moço.

GRÊMIO — E não morrem os moços como os velhos?

BATISTA — Muito bem, cavalheiros; resolvi deste modo: no domingo próximo minha filha Catarina vai casar-se. Pois bem: no outro domingo Bianca ficará sendo vossa noiva, se lhe puderdes dar essa certeza; se não, noiva será do signior Grêmio. E assim, muito obrigado e adeus para ambos.

GRÊMIO — Vizinho, passai bem. (*Sai Batista.*) Não tenho medo de ti. Com a breca, meu taful! Bem tolo seria vosso pai se te fizesse dádiva do que tem, para debaixo viver de tua mesa na velhice. Uma raposa italiana, moço, não arrisca assim fácil o pescoço. (*Sai.*)

TRÂNIO — Pele engelhada, o diabo te carregue! Mas tenho um dez para ganhar o jogo. Já encontrei a maneira de meu amo vir a sair-se bem. Não há motivo — não o vejo — para que um Lucêncio falso não tenha um pai Vicêncio também falso. Eis o estranho do caso: os pais, de regra, dão vida aos filhos; mas neste noivado pelo filho vai ser o pai gerado. (*Sai.*)

Ato 3

Cena 1

Pádua. Um quarto em casa de Batista. Entram Lucêncio, Hortênsio e Bianca.

LUCÊNCIO — Rabequista, parai; sois muito ousado. Já não vos lembra, acaso, o acolhimento que vos fez sua mana Catarina?

HORTÊNSIO — Mas, pedante brigão, esta é a padroeira da celeste harmonia. A precedência deveis, pois, conceder-me. E quando houvermos gasto em música uma hora, igual espaço de tempo gastareis só com leituras.

LUCÊNCIO — Asno atrasado, que não leu bastante para entender por que é que existe música: não é para aliviar o entendimento depois do estudo e do trabalho diário? Deixai-me ler, assim, filosofia e, ao descansar, servi vossa harmonia.

HORTÊNSIO — Maroto, não recebo os teus insultos.

BIANCA — Senhores, ofendeis-me duplamente, por discutirdes sobre o que depende, tão-só, do meu querer. Não sou menina de colégio que apanha chibatadas. Não quero ficar presa a horário fixo, desejando estudar como me agrade. Para cortar a discussão de início, sentemo-nos aqui, e, enquanto lemos, tomai vosso instrumento e ide tocando, que ao fim havemos de chegar primeiro.

HORTÊNSIO — Terminareis, quando eu ficar acorde? (*Retira-se*)

LUCÊNCIO — Isso, nunca. Afinai vosso instrumento.

BIANCA — Onde ficamos ontem?

LUCÊNCIO — Neste ponto, senhorita: Hac ibat Simois; hic est Sigeia telius; Hic steterat Priami regia celsa senis.

BIANCA — Traduzi.

LUCÊNCIO — "Hac ibat", como já vos disse, "Simois", eu me chamo Lucêncio, "hic est", filho de Vicêncio de Pisa, "Sigeia teilus", disfarçado para alcançar vosso amor. "Hic steterat" e o Lucêncio que se apresentou para vos fazer a corte, "Priami", é meu criado Trânio, "regia", que tomou o meu nome, "celsa senis", para melhor enganarmos o velho pantalão.

HORTÊNSIO (*retornando*) — O instrumento, madame, está afinado.

BIANCA — Vamos ouvi-lo. (*Hortênsio toca.*) Oh! o agudo está desafinado!

LUCÊNCIO — Cospe no buraco, amigo, e afina-o de novo.

BIANCA — Vamos ver agora se eu sei traduzir: "Hac ibat Simois", não vos conheço;

“hic est Sigeia telius”, não tenho confiança em vós; “Hic steterat Priami”, tomai cuidado para que ele não nos ouça, “regia”, não sejais muito apressado, “celsa senis”, não desespereis.

HORTÊNSIO — Senhorita, está pronto.

LUCÊNCIO — Falta o baixo.

HORTÊNSIO — O baixo está afinado. O biltre baixo é que estraga o conjunto. Que entusiasmo mostra o nosso pedante! E que atrevido! Mas estou percebendo que o maroto está fazendo a corte à minha amada. Vou passar a observar-te com cuidado, professor de uma figa.

BIANCA — Com mais tempo poderei crer; agora, desconfio.

LUCÊNCIO — Não desconfieis, pois é certeza: o Eácida foi Ajax, pelo avô assim chamado.

BIANCA — Sou forçada a dar crédito a meu mestre; se não, afirmo-o, ainda argumentara muito sobre esse ponto duvidoso. Fiquemos por aqui. Agora, Lício, chegou a vossa vez. Bondosos mestres, não vos zangueis por eu me ter mostrado pilhérica com ambos.

HORTÊNSIO (*a Lucêncio*) — Ora o posto me cedei, indo dar um bom passeio, pois não tenho canção para três vozes.

LUCÊNCIO — Sois tão formal, senhor? (*À parte.*) Não me retiro; vou observá-lo, pois se não me iludo, amando está o nosso belo músico.

HORTÊNSIO — Antes, senhora, de tocar nas cordas, para aprender a posição dos dedos, os rudimentos da arte vou dizer-vos. Ensinarei a escala por um método mais conciso, agradável e eficiente do que quantos ensinam meus colegas. Está neste papel, com bela escrita.

BIANCA — Mas há muito deixei atrás a escala.

HORTÊNSIO — Mas a escala de Hortênsio agora lede.

BIANCA — “Escala”: dos acordes sou o conjunto, A, ré: de Hortênsio pleiteio o amor; B, mi: Bianca, escolhe-o de pé junto, C, fá: que terás um bom senhor. D, sol, ré: leva-o uníssona até o porto, E, lá, mi: se não queres vê-lo morto. Chamais a isto escala? Não me agrada. Prefiro a usança antiga; caprichosa não sou para trocar provadas regras por invenções fantásticas.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Senhora, vosso pai disse que deixeis os livros, para ajudardes a enfeitar o quarto de vossa irmã, pois amanhã é o dia do casamento dela.

BIANCA — Adeus, meus mestres; precisarei deixar-vos.

(*Sai Bianca e o criado.*)

LUCÊNCIO — Assim sendo, causa não tenho para demorar-me. (*Sai.*)

HORTÊNSIO — Mas tenho-as eu de espiar este pedante. Tem aspecto de quem amando se acha. Ah, Bianca! Se tiveres pensamentos tão baixos, para os olhos vagabundos lançares a qualquer aventureiro: pegue-te quem quiser. Vendo-te acaso borboleteando, Hortênsio não se importa de te deixar e ir bater noutra porta. (*Sai.*)

Cena 2

O mesmo. Diante da casa de Batista. Entram Batista, Grêmio, Trânio, Catarina, Bianca, Lucêncio e criados.

BATISTA (*a Trânio*) — Hoje é o dia das núpcias de Petrucchio com Catarina, meu senhor Lucêncio; mas não temos notícia de meu genro. Que se virá a dizer? Quanto motivo de zombaria, se não vier o noivo, já estando o padre à espera para os ritos das núpcias realizar! Que diz Lucêncio da afronta que nos fazem?

CATARINA — Minha, apenas, é toda a afronta. Tive de, forçada, ceder a mão, contra a vontade própria, a um sujeito estouvado, tipo excêntrico, que ficou noivo à pressa e ora pretende casar-se com vagar. Bem que eu vos disse que era louco varrido e que escondia sob a capa de amargas brincadeiras a grosseria própria. Porque alegre sujeito parecesse, pediria de mil jovens a mão, marcara a data do casamento, convidara amigos, fazendo publicar logo os proclamas, sem pretender, porém, casar-se nunca. A pobre Catarina doravante vai apontada ser por toda a gente, que dirá: "Olha a esposa de Petrucchio, quando Petrucchio se casar com ela!"

TRÂNIO — Paciência, Catarina; e vós, Batista. Mas posso garantir-vos que Petrucchio tem boas intenções. É que decerto não pôde vir no prazo combinado. Conquanto seja um tanto brusco, tenho-o na conta de sensato; embora alegre, é homem de palavra e muito honesto.

CATARINA — Prouvera ao céu que nunca o houvesse visto a pobre Catarina! (*Sai chorando, seguida de Bianca e de outras pessoas.*)

BATISTA — Vai, menina; não te censuro por chorares hoje. Uma injúria como esta deixaria vexado um santo, muito mais pessoa de gênio como o teu, tão impaciente.

(*Entra Biondelo.*)

BIONDELLO — Senhor, senhor! novidade! Uma novidade velha, uma novidade como igual jamais ouvistes.

BATISTA — Velha e nova ao mesmo tempo? Como pode ser isso?

BIONDELLO — Então não será novidade saberdes que Petrucchio está a chegar?

BATISTA — Já chegou?

BIONDELLO — Ainda não, senhor.

BATISTA — Então, que é que houve?

BIONDELLO — Está chegando, senhor.

BATISTA — E quando chegará aqui?

BIONDELLO — Quando ele estiver onde eu estou e vos vir como eu vos estou vendo.

TRÂNIO — Dize logo de uma vez: qual é a tua novidade velha?

BIONDELLO — Ora, Petrucchio vem vindo aí com um chapéu novo e um casaco velho; uns calções três vezes revirados; um par de botas que já serviram de candelabro, uma de fivela e a outra de amarrar com cordão; uma espada enferrujada e sem bainha, tirada do arsenal da cidade, com o punho quebrado e com as duas correias arrebentadas. O cavalo em que ele vem é manco e traz uma sela bichada e velha, com estribos desaparelhados, além de sofrer de mormo e gosma, de sarna, de escorbuto; está cheio de tumores nas juntas, de esparavão caloso; a icterícia o deixou listado, tem escrófula a mais não poder, vive morto de apoplexia, comido de lombrigas; a espinha,, arrebentada; as pás, fora do lugar; as pernas da frente são mais curtas, o freio, de um lado só, com cabeçada de couro de carneiro que de tanto ser puxado para impedi-lo de tropeçar, já arrebentou em muitas partes, ficando cheio de nós. A silha é de seis variedades de pano; o selim é de mulher, com duas iniciais indicadoras do nome da dona primitiva, desenhadas com tachas e aqui e ali costuradas com barbante.

BATISTA — Quem vem com ele?

BIONDELLO — Oh, Senhor! O seu lacaio, enfeitado do mesmo jeito que o cavalo, com uma meia de linho em uma das pernas e uma perneira de pano grosso na outra, ligas listadas de azul e vermelho, um velho chapéu que, guisa de pluma, traz "o humor de quarenta fantasias"; um monstro, um verdadeiro monstro nos trajes, não se parecendo em nada com um pajem cristão ou com o criado de um gentil-homem.

TRÂNIO — Algum capricho o leva a assim vestir-se, embora sempre usasse roupa simples.

BATISTA — Alegra-me saber que ele já está em caminho; venha de que jeito vier.

BIONDELLO — Ora, senhor; mas ele não vem vindo.

BATISTA — Mas não dissestes que ele já vinha vindo em caminho?

BIONDELLO — Quem? Eu? Que Petrucchio vem vindo?

BATISTA — Sim, que Petrucchio está a chegar.

BIONDELLO — Não, senhor; o que eu disse foi que o cavalo dele o trazia no dorso.

BATISTA — Ora, ora; é a mesma coisa.

BIONDELLO — Não, não, por São Jacó! Aposto um bom vintém em que um cavalo só e um homem, mais ninguém, se eu junto os colocar não formarão um par.

(*Entram Petrucchio e Grúmio.*)

PETRUCCHIO — Então, meus elegantes? Todos prontos?

BATISTA — Sois bem-vindo, senhor.

PETRUCCHIO — Mas não vim bem.

BATISTA — Contudo, não coxeais.

TRÂNIO — Como não vindes vestido como eu próprio o desejara.

PETRUCCHIO — Com roupa fina ou não, o que importava era a ansiedade de vir ter convosco. Mas onde está Quetinha, minha noiva do coração? Meu pai, como se sente? Meus senhores, franzis o sobrecenho. Por que esta bela companhia fica como que estupefacta, parecendo ver algum monumento extraordinário, prodígio raro, ameaçador cometa?

BATISTA — Ora, senhor, sabeis perfeitamente que hoje é o dia de vosso casamento. A princípio ficamos pesarosos de medo que não viésseis; mas agora mais tristes nos tornamos por vos vermos vestido desse jeito. Tirai isso, que vossa posição não honra e mancha nossa festa solene.

TRÂNIO — E revelai-nos o impedimento grave que afastado de vossa noiva vos deteve tanto, trazendo-vos agora desse modo, tão estranho a vós próprio.

PETRUCCHIO — Fastidioso fora contar e pior de ouvir ainda. Vim cumprir a palavra; é quanto basta, embora em alguns pontos obrigado tivesse sido a me afastar da meta, do que com mais vagar hei de escusar-me, satisfações vos dando suficientes. Mas onde está Quetinha? Há quanto tempo não a vejo! A manhã já está passando; já fora tempo de na igreja estarmos.

TRÂNIO — Não vos apresenteis a vossa noiva com essa fantasia irreverente. Ide ao meu quarto e ponde roupa minha.

PETRUCCHIO — Não; podeis crer-me. Assim, desejo vê-la.

BATISTA — Mas quero crer que não ireis à igreja vestido desse modo.

PETRUCCHIO — Justamente desta maneira, meu senhor. Mas basta de tanto palavrório. Ela se casa comigo apenas, não com minha roupa. Caso eu pudesse reparar com tanta facilidade em mim o que ela gasta, como posso trocar estes farrapos, bem estaria para Catarina, e melhor para mim. Mas que pateta, para tagarelar assim convosco, quando devera dar a minha noiva meu bom dia e selar com um terno beijo meu título inconteste!

(*Saem Petrucchio, Grêmio e Biondello.*)

TRÂNIO — Com tais vestes deve ele ter em mente alguma coisa. Se for possível, vamos persuadi-lo a vestir-se melhor, para ir à igreja.

BATISTA — Vou atrás dele, para ver como isso tudo vai acabar.

(*Saem Batista, Grêmio e criados.*)

TRÂNIO — O amor de Bianca, senhor, é nada, sem que lhe ajuntemos a permissão paterna. Para obtê-la, como já disse a Vossa Senhoria, vou procurar um homem — pouco importa quem ele seja; havemos de instruí-lo — que Vicêncio de Pisa vai chamar-se e aqui em Pádua caução nos dará plena de quanto prometi, e mais ainda. Assim, de vossa dita, calmamente desfrutareis, e com consentimento vireis a desposar a doce Bianca.

LUCÊNCIO — Não fosse o professor, meu camarada, tão de perto vigiar os passos dela, fora fácil, parece-me, casarmo-nos por modo clandestino. Uma vez pronto, embora diga "não" o

mundo todo, contra o mundo, sozinho, a defendera.

TRÂNIO — Até lá chegaremos pouco a pouco, se cuidarmos de nossos interesses. Mantearemos, assim, o velho Grêmio, o pai ranzinza espreitador, Minola, o músico amoroso e fino, Lício, só para o bem de meu senhor Lucêncio. Estais vindo da igreja, signior Grêmio?

(*Volta Grêmio.*)

GRÊMIO — De tão bom grado como do colégio.

TRÂNIO — E os casados, vêm vindo para casa?

GRÊMIO — Casados? Descasados fora certo, que ela com ele não ganhou marido. Tipo intratável!

TRÂNIO — Como! Mais do que ela? Não é possível.

GRÊMIO — Ora, é um demônio, um verdadeiro demo.

TRÂNIO — E ela, uma diaba: uma diaba, a mulher do diabo-chefe.

GRÊMIO — Qual o quê! É uma ovelha, uma pombinha; junto dele é uma tonta. Vou contar-vos, senhor Lucêncio. Ao perguntar-lhe o padre se por esposa ele aceitava a noiva, "Sim, pelo raio!" disse, de tal modo gritando que, de medo, o sacerdote deixou cair o livro, e, ao abaixar-se para apanhá-lo, o noivo tresloucado deu-lhe tamanho murro que rolaram pelo chão padre e livro, livro e padre. "Quem quiser", disse, "que os levante agora".

TRÂNIO — E, ao levantar-se o padre, que disse ela?

GRÊMIO — Era só medo, que ele sapateava, jurando sem parar, como se o padre quisesse ludibriá-lo. A cerimônia concluída, pediu vinho. "À vossa saúde!" gritou, como se a bordo ele estivesse com a maruja, a beber alegremente, depois do furacão. Tendo bebido parte do moscatel, jogou no rosto do sacerdote o resto, sem dar outra razão senão dizer-nos que era rala e faminta a barba dele e parecia que implorava um gole. Depois, pelo pescoço toma a noiva e com tal bulha lhe beijou os lábios que fez o eco estrondar na igreja toda. Vendo isso, de vergonha vim correndo, como estou certo que os demais fizeram. Nunca houve casamento tão maluco. Ouvi, porém! São os menestréis que tocam.

(*Ouve-se música. Voltam Petrucchio, Catarina, Bianca, Batista, Hortênsio, Grúmio e séqüito.*)

PETRUCCHIO — Amigos e senhores, a vós todos agradeço o trabalho que tivestes. Sei que hoje pretendeis jantar comigo e preparastes um banquete opíparo. Mas o fato é que a pressa não permite que eu me demore aqui. Assim, forçoso será que me despeça de vós todos.

BATISTA — Como! quereis partir ainda esta noite?

PETRUCCHIO — De dia, ainda; antes que a noite chegue. Não vos mostreis atônitos. Se viésseis a saber os negócios que me chamam, longe de me pedirdes que ficasse, diríeis que me fosse. Agradecido me declaro a esta honrada companhia, que testemunha pôde ser de como me entreguei a esta esposa pacientíssima, delicada e virtuosa. Ficai todos com meu pai e com ele banqueteai-vos. Bebei em meu louvor. E agora, adeus.

TRÂNIO — Permiti que vos peça aqui ficardes até depois da ceia.

PETRUCCHIO — Isso é impossível.

GRÊMIO — Atendei-me, senhor.

PETRUCCHIO — Isso é impossível.

CATARINA — Permiti que vos peça.

PETRUCCHIO — Estou contente.

CATARINA — Contente vos mostrais, por que ficamos?

PETRUCCHIO — Contente, por pedirdes que fiquemos; porém, apesar disso, não ficamos.

CATARINA — Vamos, ficai, ficai, se amor me tendes.

PETRUCCHIIO — Grêmio, olá! Meu cavalo!

GRÚMIO — Está pronto, senhor; a aveia já comeu os cavalos.

CATARINA — Pois muito bem. Farás o que quiseres, mas hoje não sairei, nem amanhã; só quando o resolver. Senhor, a porta se encontra aberta; é ali vosso caminho; podeis sair de trote, enquanto as botas tendes macias. Quanto a mim, decido que só sairei quando me der na telha. Prometeis ser esposo bem cacete, para assim procederdes desde início.

PETRUCCHIO — Acalma-te, Quetinha! Por obséquio, não te zangues comigo.

CATARINA — Zango, zango; que tens que ver com isso? Ficai calmo, meu pai; ele aqui fica; estou mandando.

GRÊMIO — Ah! ah! amigo; agora é que são elas!

CATARINA — Senhores, dirigi-vos para a sala do festim nupcial. Agora vejo que uma mulher pode virar cretina, se não mostrar coragem suficiente.

PETRUCCHIO — Todos irão cear, minha Quetinha, porque assim o ordenaste. Ide, senhores, para o banquete! Obedecei à noiva, bebei à larga à sua virgindade, soltai rédeas ao júbilo, mostrai-vos ledos até à loucura, ide enforcar-vos... Mas a minha Quetinha encantadora deverá ir comigo. Nada disso, não precisais crescer para o meu lado, nem sapatear, nem escumar de raiva. Quero ser dono do que me pertence; ela é minha fazenda, meus bens móveis, a mobília, o celeiro, a casa, o campo, meu burro, meu cavalo, minha vaca, meu tudo, enfim. Aqui ela se encontra. Quem coragem tiver, que toque nela; saberei defender-me contra o ousado que o passo me quiser barrar em Pádua. Desembainha, Grêmio, que cercados estamos por bandidos. Se homem fores, salva tua patroa. Não, Quetinha, ninguém te tocará; hei de amparar-te contra um milhão que seja.

(*Saem Petrucchio, Catarina e Grúmio.*)

BATISTA — Vamos! deixai seguir o par pacífico.

GRÊMIO — Se demorassem mais, eu morreria de tanta gargalhada.

TRÂNIO — Casamento tão louco assim, nunca houve.

LUCÊNCIO — Senhorita, de vossa mana que pensais agora?

BIANCA — Que, sendo louca, desposou um louco.

GRÊMIO — Petrucchio está catarinado, juro-o.

BATISTA — Amigos e vizinhos, muito embora não ocupem os noivos, por ausentes, seus lugares à mesa, estai bem certos de que não faltam bons pitéus na festa. Lucêncio, o posto tomareis do noivo, e no lugar da irmã senta-se Bianca.

TRÂNIO — Vai praticar de noiva a bela Bianca?

BATISTA — Sim, Lucêncio. Avancemos, cavalheiros.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Uma sala na casa de campo de Petrucchio. Entra Grúmio.

GRÚMIO — A peste que carregue todos os cavalos aguados, os patrões loucos e os caminhos intransitáveis! Já houve quem apanhasse tanto como eu? Quem ficasse tão marcado, tão cansado quanto eu? Mandaram-me na frente, para fazer fogo, vindo eles atrás, para se aquecerem. Mas se eu não fosse um pote pequeno, que se esquenta com facilidade, poderia ficar com os lábios grudados nos dentes, de tanto frio; a língua, no céu da boca; o coração, nas costelas, e isso antes de poder chegar para perto de algum fogo e descongelar-me. Tenciono aquecer-me soprando no fogo. Com um tempo destes, um homem mais alto do que eu se resfriaria facilmente. Olá! Curtis! Olá!

(*Entra Curtis.*)

CURTIS — Quem é que me chama com tanto frio assim?

GRÚMIO — Um pedaço de gelo. Se não acreditais no que digo, poderás escorregar do meu ombro ao calcanhar tão rapidamente como da cabeça ao pescoço. Fogo, bondoso Curtis.

CURTIS — O patrão e a senhora já vêm vindo, Grêmio?

GRÚMIO — Oh! vêm, Curtis; vêm. Por isso mesmo, fogo, fogo, sem nenhuma água por cima.

CURTIS — E ela, é a megera furibunda de que todos falam?

GRÚMIO — Foi, Curtis, antes desta geada. Mas, como sabes, o inverno amansa o homem, a mulher e o animal, pois assim o fez com meu velho amo, com minha nova patroa e comigo mesmo, camarada Curtis.

CURTIS — Sai daí, louco de três polegadas! Não sou nenhum animal.

GRÚMIO — Só tenho três polegadas de altura? Pois se teus cornos medem um pé de comprimento, deveria ser esse, no mínimo, o meu tamanho. Mas não queres acender o fogo? Ou deverei queixar-me de ti à nossa ama, cuja mão — pois ela já se acha à distância da mão — tu sentirás dentro de pouco, para teu frio consolo, por seres vagaroso no cumprimento de tuas obrigações?

CURTIS — Por favor, bondoso Grêmio, conta-me como vai passando o mundo.

GRÚMIO — O mundo está frio, Curtis, em todos os ofícios com exceção do teu. Por isso, trata de acender o fogo. Cumpre o teu dever para alcançares o que te devem, porque o patrão e a patroa estão quase mortos de frio.

CURTIS — O fogo está preparado. Por isso, bondoso Grêmio, quais são as novidades?

GRÚMIO — Ora, quantas queiras, todas elas na toada da cantiga "Ó Zé menino! Olá, menino!"

CURTIS — Ora, ora! Estás sempre com brincadeiras.

GRÚMIO — Por isso mesmo, cuida do fogo, pois apanhei um frio extremo. Onde está o cozinheiro? A ceia está pronta? a casa enfeitada? os juncos espalhados? as teias de aranha retiradas? Todos os criados estão de casaco novo e meias brancas e os demais serventes com suas fardas de gala? Os odres estão bonitos por dentro e as jarras bonitas por fora? Os tapetes já foram estendidos, e tudo, enfim, está em ordem?

CURTIS — Tudo está em ordem. Por isso mesmo, torno a perguntar: que novidades há?

GRÚMIO — Em primeiro lugar fica sabendo que meu cavalo está estrompado; o patrão e a patroa caíram.

CURTIS — Como!

GRÚMIO — Ora, caíram da sela na lama; isso daria uma bela história.

CURTIS — Pois vamos ouvi-la, bondoso Grêmio.

GRÚMIO — Então apronta a orelha.

CURTIS — Aqui está ela.

GRÚMIO (*Dando-lhe uma bofetada*) — Ei-la!

CURTIS — Isso é o que se chama sentir uma história, não ouvi-la.

GRÚMIO — Por isso mesmo é que tem o nome de história sensível. Esse tapa só serviu para chamar a atenção de tua orelha. Agora vou começar. Imprimis, descemos por uma coluna sujíssima, vindo meu amo na garupa da patroa...

CURTIS — Ambos montados no mesmo cavalo?

GRÚMIO — Que tens que ver com isso?

CURTIS — Bem; num cavalo.

GRÚMIO — Nesse caso, conta tu mesmo a história. Se não me tivesses interrompido, terias ouvido como o cavalo dela caiu, tendo ela ficado por baixo dele, como também terias ficado sabendo em que lamaçal isso se deu e como ela ficou toda lambuzada de lama; como ele a deixou ficar por baixo do cavalo e me bateu, porque o cavalo havia tropeçado; como ela se atolou naquela imundície, para vir tirá-lo de cima de mim, como ele praguejava, como ela suplicava, ela que nunca o havia feito até então; como eu gritava, como o cavalo escapou e saiu correndo, como a rédea arrebentou, como eu perdi o meu rabicho, além de muitas outras coisas dignas de memória, que irão cair no esquecimento, enquanto tu voltarás para tua sepultura, sem conhecimento de nada.

CURTIS — Por essa relação, vê-se que ele é mais intratável do que ela.

GRÚMIO — Sim, o de que o mais atrevido dentre vós poderá certificar-se, logo que ele chegar. Mas, para que tagarelar dessa maneira? Vai chamar Nataniel, José, Nicolau, Filipe, Válter, Biscoitinho e todos os outros. Que venham com os cabelos bem lisos, as blusas azuis bem escovadas e as ligas uniformes. Que façam reverência com a perna esquerda, sem terem a ousadia de tocar num só pêlo do rabo do cavalo de meu amo, antes de beijarem a mão dele e a da patroa. Estão todos prontos?

CURTIS — Estão.

GRÚMIO — Então chama-os.

CURTIS — Olá! Estais ouvindo? Precisamos receber o patrão e apresentar os cumprimentos à patroa.

GRÚMIO — Ora, ora! Cumprimento é o que ela tem bastante.

CURTIS — E quem não sabe disso?

GRÚMIO — Tu, parece, porque estás mandando que lhe dêem cumprimento.

CURTIS — Chamei-os para que eles reforcem o crédito dela.

GRÚMIO — Ora, ela não pretenderá pedir-lhes emprestado coisa nenhuma.

(*Entram vários criados.*)

NATANIEL — Bem-vindo, Grúmio!

FILIPE — Então, Grúmio?

JOSÉ — Que é que há, Grúmio?

NICOLAU — Camarada Grúmio!

NATANIEL — Como vai isso, meu velho?

GRÚMIO — Bem-vindo, vós; e vós, então? Que foi que houve convosco? E vós, camarada? E assim todos os outros cumprimentos. Agora, meus guapos companheiros, está tudo pronto? todas as coisas estão nos eixos?

NATANIEL — Tudo está nos eixos. A que distância se encontra o patrão?

GRÚMIO — A dois passos daqui; provavelmente já está apeando do cavalo. Por isso, não sejas... Santo Deus! Silêncio! Estou ouvindo a voz do patrão.

(*Entram Petrucchio e Catarina.*)

PETRUCCHIO — Onde estão esses biltres? Como! A rédea ninguém me veio segurar à porta, nem pegar o cavalo? Onde se encontram Gregório, Nataniel, José, Filipe?...

TODOS OS CRIADOS — Aqui, senhor!

PETRUCCHIO — Aqui, senhor! Aqui, senhor! Aqui, senhor! Cabeças ocas, moços de estrebaria é o que sois todos. Deveres ninguém tem? Não há serviço? Atenções ninguém mostra? Onde se encontra aquele tolo que eu mandei na frente?

GRÚMIO — Aqui, senhor; tão tolo quanto era antes.

PETRUCCHIO — Rústico mandrião, rocim maldito, não mandei que no parque me esperasses e que levasses estes outros biltres?

GRÚMIO — O casaco, senhor, de Nataniel estava só alinhavado; ainda faltava pôr salto no sapato de Filipe; não havia morrão para darmos cor ao chapéu de Pedro; falta bainha para a espada de Válter. Só estão prontos Gregório, Ralph e Adão. Todos os outros estão que nem trapos, velhos e indigentes. Mas, assim mesmo, vieram receber-vos.

PETRUCCHIO — Ide, mariolas, preparar a sopa. (*Saem alguns criados.*) "Onde está a vida que eu vivia outorga? Onde estão..." Vem, Quetinha; vem sentar-te... Bá, bá, bá! (*Voltam os criados, com sopa.*) Sois bem-vinda, Quetinha. — Quando é isso? — Doce Quetinha, fica mais alegre. Mandriões, tirai-me as botas! Biltres! Quando? Era um monge da ordem parda, que caminhava sem guarda. Vai para o inferno, biltre! O pé me torces. (*Bate-lhe.*) Toma isto, e na outra tenhas mais cuidado. Quetinha, fica alegre. Tragam-me água! Para onde foi meu galgo Tróilo? Chama-me o primo Ferdinando. Aí, maroto! (*Sai um criado.*) Quetinha, é uma pessoa que precisas beijar e conhecer. E meus chinelos? E água, não trazem? Lava-te, Quetinha, lava-te e fica alegre. (*O criado deixa cair o jarro. Petrucchio bate nele.*) Biltre, estúpido! Ainda o deixas cair?

CATARINA — Tende paciência; foi sem querer.

PETRUCCHIO — Cabeça empedernida, tipo orelhudo, filho da sarjeta!! Vamos, Quetinha, senta-te. Decerto deves estar com fome. E a ação de graças, quem dirá: eu ou tu? Que é isto: carne de carneiro?

PRIMEIRO CRIADO — Isso mesmo.

PETRUCCCHIO — Quem a trouxe?

PRIMEIRO CRIADO — Eu.

PETRUCCHIO — Pois está queimada e, assim o resto. Sois todos uns cachorros. E essa besta do cozinheiro, onde se encontra? Biltre! Velhacos, como tendes a ousadia de servir-me de tudo o que eu não gosto? (*Atira ao chão a mesa, pratos, etc.*) Retirai isso! Copos, pratos, tudo! Mal-educados! Grosseirões! Escravos! Como! Estais resmungando? Já vos pego.

CATARINA — Marido, por favor, ficai mais calmo. A comida está boa; bastaria ficardes bem-disposto.

PETRUCCHIO — Não, Quetinha; estava esturricada e ressequida, e eu me acho expressamente proibido de comidas assim, porque provocam a cólera e me deixam irritado. Será melhor para ambos jejuarmos — sendo por natureza tão coléricos — do que carne ingerirmos tão assada. Tem paciência; amanhã repararemos tudo isso; mas por hoje é mais prudente passarmos em jejum. Vem, vem comigo; quero levar-te para nosso quarto.

(*Saem Petrucchio, Catarina e Curtis.*)

NATANIEL — Pedro, já viste coisa semelhante?

PEDRO — Ele a mata com o próprio gênio dela.

(*Volta Curtis.*)

GRÚMIO — Em que parte está ele?

CURTIS — No quarto, fazendo-lhe um sermão de continência. Briga, jura, aconselha, de tal forma que fica sem saber a coitadinha para onde deva olhar, como expressar-se, de que jeito ficar, tendo acabado por sentar-se, tal como quem desperta de repente de um sonho. Mas, corramos, que ele vem vindo aí.

(*Saem.*)

(*Volta Petrucchio.*)

PETRUCCHIO — Comecei desse modo o meu reinado com muita habilidade, tencionando chegar ao fim com êxito completo. Meu falcão está afiado e com bem fome, e, enquanto não ficar bastante dócil, não encherá o papo. De outro modo, não obedecerá ao meu aceno. Tenho também outro processo para deixar manso o gavião, fazer que volte e habituá-lo ao meu grito, isto é, forçá-lo a ficar acordado, como é de hábito fazer com esses milhanos indomáveis que se debatem muito. Até agora ela não comeu nada, sendo certo que vai ficar assim o dia todo. Na última noite não dormiu, nem há de dormir na noite entrante. De igual modo que com a comida fiz, acharei meios de encontrar hipotéticos defeitos na arrumação do leito: os travesseiros atiro para um lado, as almofadas para outro, jogo longe os cobertores, faço voar os lençóis. Sim, e em toda essa barulheira infernal direi que faço tudo por causa dela. Em suma: ela há de vígil passar a noite; e caso os olhos venha a fechar, farei tão grande bulha com ralhos e disputas, que por força terá de despertar. Essa é a maneira de matar com carícias uma esposa. Dobrarei desse modo o gênio dela, opinioso e violento. Se alguém sabe como amansar melhor uma megera, venha ensinar-me, que aqui fico à espera. (*Sai.*)

Cena 2

Pádua. Diante da casa de Batista. Entram Trânio e Hortênsio.

TRÂNIO — Será possível, caro amigo Lício, que outro, que não Lucêncio, possa o afeto vir alcançar da senhorita Bianca? Sim, meu caro senhor, posso afirmar-vos que ela me tem encorajado muito.

HORTÊNSIO — Para vos convencer do que vos disse, senhor, ficai de lado e tomai nota como ele dá lições.

(*Afastam-se.*)

(*Entram Bianca e Lucêncio.*)

LUCÊNCIO — Aproveitastes, senhora, alguma coisa da leitura?

BIANCA — E vós, mestre, que ledes? Respondei-me primeiro a essa pergunta.

LUCÊNCIO — O que professo: a arte de amar.

BIANCA — Possais, senhor, ser mestre na arte que professais com devoção.

LUCÊNCIO — E vós, a dona de meu coração.

(*Afastam-se.*)

HORTÊNSIO — Como isso vai depressa! Não juráveis — dizei-me agora — que vossa ama Bianca a ninguém mais amava em todo o mundo, se não esse Lucêncio?

TRÂNIO — Oh falso amor! Sexo inconstante! Lício, só te digo que é muito extraordinário.

HORTÊNSIO — Basta, basta de enganos. Não sou Lício, nem sou músico, como pareço, mas alguém que sente repugnância em viver com esta máscara por uma criatura que despreza um cavalheiro e endeusa um lorpa desses. Senhor, chamo-me Hortênsio, é o que vos digo.

TRÂNIO — Signior Hortênsio, já bastantes vezes ouvira referências lisonjeiras a vosso amor por Bianca. Mas havendo sido estes olhos testemunhos certos de sua leviandade, juntamente convosco, se de acordo vos mostrardes, abjurarei de vez o amor de Bianca.

HORTÊNSIO — Vede como se beijam ternamente, signior Lucêncio! Com firmeza juro por esta mão em como vou abster-me de lhe fazer a corte; renuncio a ela, por ser inteiramente indigna das atenções que até hoje, com tamanha leviandade, eu lhe vinha concedendo.

TRÂNIO — Quero também fazer o juramento não menos firme de jamais casar-me com

ela, embora suplicar-me viesse para esse fim. Que peste! Vede como bestialmente o corteja!

HORTÊNSIO — Desejara que, tirante ele, todos a deixassem. Quanto a mim, porque mais seguramente mantenha o juramento, vou casar-me nestes três dias próximos com uma viúva rica que me foi fiel durante todo o tempo em que eu estava pendido para o lado dessa bruxa altiva e impertinente. E assim, meu caro signior Lucêncio, adeus. O coração me conquista a bondade feminina, não a bela aparência. E ora despeço-me, decidido a cumprir o que vos disse.

(*Sai Hortênsio.*)

(*Lucêncio e Bianca vêm para a frente.*)

TRÂNIO — Senhora Bianca, caiba-vos a graça dos amantes que têm amor sem jaça. Sim, apanhei-vos de surpresa, amiga, e a vós renunciamos, eu e Hortênsio.

BIANCA — Trânio, estais gracejando? É então verdade que ambos me renunciastes?

TRÂNIO — Sim senhora.

LUCÊNCIO — Então de Lício já ficamos livres.

TRÂNIO — Escolheu uma viúva frescalhona que noiva e esposa vai ficar num dia.

BIANCA — Deus lhe dê alegria.

TRÂNIO — Vai domá-la.

BIANCA — É o que ele diz, amigo.

TRÂNIO — Não há dúvida; foi tomar aulas de domar, é certo.

BIANCA — Como! Aulas de domar? Há escola disso?

TRÂNIO — Sim, senhor; e Petrucchio é o professor. Meios conhece de amansar a bruxa, deixando-a mui discreta e não perluxa.

(*Entra Biondello, a correr.*)

BIONDELLO — Ó meu caro patrão! Fiquei de espreita por tanto tempo, que esfalfado me acho. Mas, afinal, descer vi da colina um angélico velho que nos serve muito bem aos intentos.

TRÂNIO — Quem é ele, Biondello?

BIONDELLO — Um mercador, patrão, ou mesmo pedagogo, não sei. Porém de vestes muito formais e de aparência e porte de um verdadeiro pai.

LUCÊNCIO — E agora, Trânio, que faremos com ele?

TRÂNIO — Se for crédulo e acreditar em minha história, alegre fará o papel paterno de Vicêncio, dando as cauções que forem necessárias a Batista Minola, como se ele fosse mesmo Vicêncio. Retirai-vos com vossa noiva; quero estar sozinho

(*Saem Lucêncio e Bianca. Entra o professor.*)

PROFESSOR — Deus vos guarde, senhor.

TRÂNIO — E a vós, senhor. Muito bem-vindo sois. Estais de viagem para mais longe, ou à meta já chegastes?

PROFESSOR — Aqui me deterei por uma ou duas semanas, nada mais. Depois, em Roma ficarei, para a Trípoli, em seguida, me dirigir, se Deus me der saúde.

TRÂNIO — De que cidade sois?

PROFESSOR — De Mântua.

TRÂNIO — Mântua, meu senhor? Oh! não queira Deus tal coisa! E a Pádua vindes, sem vos importardes com vossa vida?

PROFESSOR — Minha vida! Como senhor? A coisa me parece séria.

TRÂNIO — Muito séria; é fatal para os mantuanos que a Pádua venham. Não sabeis a causa? Vossos navios acham-se detidos no porto de Veneza, tendo o doge, por questão singular com o vosso duque, mandado proclamar o que ora digo. É de admirar. Porém se aqui tivésseis chegado um pouquinho antes, quase nada, ainda teríeis alcançado o arauto.

PROFESSOR — Oh! para mim é muito pior a coisa do que parece, pois comigo trago ordens de pagamento de Florença, que devo apresentar.

TRÂNIO — Para servir-vos, meu senhor, farei isso, ao mesmo tempo que vos dou um conselho. Porém antes informai-me se em Pisa já estivestes.

PROFESSOR — Sim, meu senhor; estive várias vezes; Pisa, famosa por seus homens graves.

TRÂNIO — E entre eles conheceis um tal Vicêncio?

PROFESSOR — Não, mas ouvi falar bastante nele, um mercador de bens incalculáveis.

TRÂNIO — Pois é meu pai, senhor; e, sob palavra, parece-se convosco alguma coisa.

BIONDELLO (*à parte*) — Tal qual uma ostra e uma maçã madura.

TRÂNIO — Por que a vida vos salve neste aperto, vou ser-vos útil só por amor dele. Assim, considerai que é muita sorte terdes os traços do senhor Vicêncio. Assumireis o nome e o aspecto dele e em minha casa muito cordialmente ficareis alojado. E agora, muito cuidado para que ninguém suspeite de vossa identidade. Compreendeis-me. Em casa ficareis até poderdes liquidar os negócios da cidade. Aceitai de bom grado esse serviço.

PROFESSOR — Ó meu senhor! Aceito-o, e para sempre passo a considerar-vos o patrono de minha liberdade e minha vida.

TRÂNIO — Vamos então concretizar a coisa. De passagem vos digo apenas isto: meu pai é aqui esperado a cada instante para em contrato assegurar o dote que eu devo dar à filha de Batista. A par hei de vos pôr de quanto importa. Vamos, senhor, vestir-vos como importa.

(*Saem*)

Cena 3

Um quarto em casa de Petrucchio. Entram Catarina e Grúmio.

GRÚMIO — Não, não me atrevo. Não; por minha vida.

CATARINA — Quanto mais me maltrata, mais me humilha. Como! Casou comigo, para à fome fazer-me perecer? Os mendicantes que à casa chegam de meu pai recebem a esmola desejada; e se negada lhes for, mui facilmente noutras portas encontrarão piedade. Eu, no entretanto, que nunca soube o que pedir se chama, nem a pedir me vi forçada nunca, de fome estou morrendo, desfaleço de tão vígil estar. Fico acordada com pragas; alimento-me de gritos. E o que mais me magoa nisso tudo é fazer ele tudo sob a capa do amor mais atencioso, parecendo que, se eu viesse a dormir ou a alimentar-me cairia logo doente, ou perecera sem maiores delongas. Por obséquio, vai buscar-me alimento; a qualidade não importa; é bastante ser saudável.

GRÚMIO — Que dizeis de uma perna de vitela?

CATARINA — Ótimo! Não demores; vai buscá-la.

GRÚMIO — Pode ser irritante. E que diríeis de tripas gordas muito bem assadas?

CATARINA — Oh! Gosto muito. Meu bondoso Grúmio, Arranja-me isso logo.

GRÚMIO — Estou indeciso; temo que seja por demais colérico. Que diríeis de bife com mostarda?

CATARINA — Meu prato predileto.

GRÚMIO — Hum! Mas mostarda é um poucochinho quente.

CATARINA — Então, o bife; põe de lado a mostarda.

GRÚMIO — Isso eu não faço; de Grúmio não tereis mais que mostarda.

CATARINA — Os dois, então; ou um; como quiseres.

GRÚMIO — Nesse caso, a mostarda, sem o bife.

CATARINA — Retira-te daqui, maldoso escravo! (*Bate-lhe.*) Só com o nome dos pratos me alimentas? Sejas maldito, e assim toda essa súcia que com meu sofrimento se empavona. Sai! Sai logo, já disse. (*Entram Petrucchio, com um prato de comida, e Hortênsio.*)

PETRUCCHIO — Como passa minha Quetinha? Como! Tão tristonha, meu coração?

HORTÊNSIO — Como passais, senhora?

CATARINA — Fria a mais não poder.

PETRUCCHIO — Eleva o espírito; olha-me alegremente, queridinha. Bem vês quão cuidadoso eu sou contigo; eu mesmo preparei tua comida, não permitindo que outrem a trouxesse. (*Coloca o prato sobre a mesa.*) Acho, doce Quetinha, que esta minha delicadeza é digna de elogios. Que é isso! Assim calada? É que decerto não gostas do que eu trouxe, tendo sido em pura perda todo o meu trabalho. — Retirai esse prato!

CATARINA — Não; deixai-o aí mesmo, por favor.

PETRUCCHIO — Todo serviço deve ser sempre recebido, sempre, com agradecimentos. Neste caso tereis de agradecer-me, antes de haverdes tocado na comida.

CATARINA — Obrigada, senhor.

HORTÊNSIO — Signior Petrucchio, ora! ora! Sois passível de censura. Minha senhora Catarina, quero fazer-vos companhia.

PETRUCCHIO (*à parte*) — Caso me ames, Hortênsio, come tudo. (*Alto.*) Que esse prato te faça bem ao coração bondoso. Quetinha, come devagar. E agora, meu doce amor, preciso é que voltemos à casa de teu pai, para fazermos um barulhão com todas estas sedas, canhões, golilhas, anéis de ouro, capas, casaquinhos e mantas muito guapas, ventarolas e fitas mui vistosas, pulseiras de âmbar pérolas e rosas. Oh! já acabaste? Espera-te o alfaiate, que vai vestir-te com capricho e arte. (*Entra o alfaiate.*) Entra, alfaiate; mostra-me o que trazes. Põe aqui o vestido. (*Entra o modista.*) Novidades, senhor? Que nos trouxestes?

MODISTA — Esta touca por Vossa Senhoria encomendada.

PETRUCCHIO — Como! O molde para isso foi alguma sopeira? Ora, ora! Um prato de veludo! Banal e sujo. É mais um caramujo, uma casca de noz, um brinquedinho, gorrozinho de criança, bugiaria... Quero um maior, já disse! Levai esse.

CATARINA — Não, não quero maior; está na moda; é assim que as damas elegantes usam.

PETRUCCHIO — Quando fores gentil, terás um desses; antes, não.

HORTÊNSIO (*à parte*) — Nesse caso, ainda demora.

CATARINA — Penso, senhor, que devo ter licença para falar, conforme vou fazê-lo. Não sou nenhuma criança; muita gente melhor que vós já ouviu o que eu dizia. Se não vos agradar, tapai o ouvido. Mas expressão terei de dar com a língua a quanto o coração me traz opresso, para que ao cabo ele a estourar não venha. Antes que isso aconteça, liberdade completa quero ter para expandir-me.

PETRUCCHIO — Tens razão; é uma touca abominável; parece mais cascão de torta, ou antes, pastel de seda. Tenho-te amizade muito maior por não gostardes dela.

CATARINA — Tenhais ou não, mais é bonita a touca; só ficarei com essa; mais nenhuma.

(*Sai o modista.*)

PETRUCCHIO — Referes-te ao vestido? Vamos, vamos, alfaiate: vejamo-lo. Que coisa, santo Deus! Isto é pura palhaçada Que será isto? Manga? Até parece peça de artilharia. De alto a baixo cortado como torta de maçã, todo cheio de furos, coitadinho tal como aquecedor de barbearia. Arre! Em nome do diabo, como chamas a isto, alfaiate?

HORTÊNSIO (*à parte*) — Pelo que estou vendo, não pegará nem touca nem vestido.

ALFAIATE — Recomendaste-me o mais novo corte, mandando que eu seguisse em tudo a moda.

PETRUCCHIO — É certo, é certo; mas se estais lembrado, não vos mandei pôr a perder o pano, seguindo em tudo a moda. Tratai logo de voltar para casa, a toda pressa, saltando pelos regos do caminho, porque freguês, senhor, já não sou vosso. Não ficarei com ele; fazei disto o uso que bem quiserdes. Fora! fora!

CATARINA — Nunca tive um vestido tão bem feito, tão na moda, elegante e bem talhado. Quereis fazer de mim uma boneca?

PETRUCCHIO — Uma boneca, justamente; é isso que ele pretende.

ALFAIATE — Vossa Senhoria — foi o que ela afirmou — é que pretende transformá-la em boneca.

PETRUCCHIO — Que arrogância monstruosa! Estás mentindo, dedal! Mentes, cordel, jarda, três quartos, um quarto, meia jarda, unha, mosquito, lêndea, grilo do inverno! Desafiar-me em minha própria casa, com uma meada de linha! Fora, trapo! Fora, resto! Fora, aviamentos! Do contrário, meço-te com tua própria jarda, por que tenhas uma lembrança para toda a vida, por seres linguarudo. Pois afirmo-te que puseste a perder a roupa dela.

ALFAIATE — Não; Vossa Senhoria está enganado; o vestido foi feito sob as vistas do mestre da oficina; ordens deu Grúmio sobre a maneira como deveríamos confeccioná-lo.

PETRUCCHIO — Não lhe dei essa ordem; dei-lhe apenas o pano.

ALFAIATE — Mas acaso não lhe dissestes nada sobre o modo como queríeis que ele fosse feito?

GRÚMIO — Sim, com agulha e linha.

ALFAIATE — Porventura cortar não poderíamos o pano?

GRÚMIO — Já encrespaste muita gente?

ALFAIATE — Já.

GRÚMIO — Então não te encrespes para o meu lado. Já enfeitaste muita gente; então não me venhas enfeitar, que eu não gosto de encrespados nem de enfeites. Repito que disse ao teu oficial que cortasse o vestido, mas não lhe disse que o cortasse em pedacinhos: ergo, estás mentindo.

ALFAIATE — Para confirmar o que eu disse, aqui está a nota da encomenda.

PETRUCCHIO — Lê-a.

GRÚMIO — Enfiarei essa nota pela garganta dele, se ele continuar a afirmar que eu disse semelhante coisa.

ALFAIATE — "Imprimis, um vestido bem folgado."

GRÚMIO — Mestre, se algum dia eu falei em vestido folgado, podeis costurar-me na aba dele e matar-me de pancada com um novelo de fio escuro. O que eu disse foi: um vestido.

PETRUCCHIO — Prossegui.

ALFAIATE — "Com uma gola pequena e arredondada."

GRÚMIO — A gola eu confesso.

ALFAIATE — "De mangas largas..."

GRÚMIO — Confesso duas mangas.

ALFAIATE — "... cortadas com bastante engenho."

PETRUCCHIO — Nisso é que está a velhacaria.

GRÚMIO — A nota é mentirosa, senhor; a nota é mentirosa. O que eu recomendei foi que as mangas fossem cortadas e depois recosturadas, o que poderei provar-te, ainda que me venhas de dedal no dedo minguinho.

ALFAIATE — O que eu disse é a verdade; e isso mesmo te provaria, se te apanhasse num local de jeito.

GRÚMIO — Pois desde este momento ponho-me à tua disposição. Fica com tua nota, entrega-me essa jarda e não me poupes.

HORTÊNSIO — Ora, Grêmio! Assim, ele ficaria com desvantagem.

PETRUCCHIO — Em resumo, senhor: esse vestido não é para mim.

GRÚMIO — Falastes bem, senhor: é para a patroa.

PETRUCCHIO — Vamos, leva-o logo daqui, para teu mestre usá-lo como bem entender.

GRÚMIO — Toma cuidado, maroto, se tens amor à vida! Levar o vestido de minha ama, para teu mestre usá-lo como bem entender!

PETRUCCHIO — Qual é o sentido de vossas palavras, senhor?

GRÚMIO — Ora, senhor! O sentido é mais profundo do que poderíeis imaginar. Levar o vestido de minha ama, para o patrão dele usar! Ora! Ora!

PETRUCCHIO (*à parte*) — Hortênsio, cuida de pagar a nota. (*Ao alfaiate.*) Retira-te; já basta de conversa.

HORTÊNSIO (*à parte, ao alfaiate*) — Amanhã pagarei, amigo, a conta. Não te molestas com seu modo brusco. Podes ir; recomenda-me ao teu amo. (*Sai o alfaiate.*)

PETRUCCHIO — Vem, querida Quetinha; assim faremos uma visita a vosso pai com estas vestes pobres e honestas. Nossas bolsas serão vaidosas; nossa roupa, pobre. É o espírito

que deixa o corpo rico. E assim como através das mais espessas nuvens o sol penetra, de igual modo nas vestes mais humildes a honra brilha. Mais nobre é o gaio do que a cotovia, por ter plumagem muito mais bonita? Ou mais do que a enguia vale a serpe, porque os olhos sua pele nos alegra? Não, querida Quetinha; nada perdes com essa roupa humilde e desornada. Se a teus olhos é opróbrio, toda a culpa põe sobre mim. Por isso, fica alegre, pois partiremos já, para festarmos em casa de teu pai, despreocupados. (*A Grúmio.*) Chama meus homens; montaremos logo; põe os cavalos na alameda grande. A pé iremos até lá. Vejamos: são sete horas, quero crer, agora; chegaremos com tempo de jantar.

CATARINA — Senhor, posso afiançar-vos: são duas horas; nem a ceia, é certeza, alcançaremos.

PETRUCCHIO — Serão sete horas antes de montarmos. Vede bem: quanto eu diga, ou faça, ou tenha idéia de fazer, contrariais sempre. Deixai, amigos; hoje já não saio. Quando vier a sair, dagora em diante, a hora que eu disser é que está certa.

HORTÊNSIO — Até no sol este galante manda.

(*Saem.*)

Cena 4

Pádua. Diante da casa de Batista. Entram Trânio e o professor, vestido como Vicêncio.

TRÂNIO — Esta é a casa, senhor. Posso bater?

PROFESSOR — E por que não? Se não me trai o engenho, de mim ainda deve estar lembrado meu amigo Batista. Foi em Gênova, há vinte anos; nós dois nos hospedamos na estalagem do Pégaso.

TRÂNIO — Isso mesmo. Em qualquer circunstância, agora cumpre-vos austeridade revelar paterna.

PROFESSOR — Tranqüilizai-vos. Mas aí vem o pajem. Bom seria instruí-lo nesse ponto.

(*Entra Biondello.*)

TRÂNIO — Podeis ficai tranqüilo. Olá, Biondello! vede lá como andais daqui por diante, é o que vos digo. E tende bem presente que este amigo é o legítimo Vicêncio.

BIONDELLO — Ora! não tenhais medo.

TRÂNIO — Mas já deste meu recado a Batista?

BIONDELLO — Sim; contei-lhe que vosso pai se achava ora em Veneza e que com ele em Pádua hoje contáveis.

TRÂNIO — És um rapaz esperto; recebe isto para a bebida. Mas aí vem Batista. Assumi, meu senhor, vossa aparência. (*Entram Batista e Lucêncio.*) Signior Batista, mui feliz encontro. (*Ao professor.*) Este é o senhor sobre que já falamos. Revelai-vos agora um pai bondoso, dando-me Bianca para minha herança.

PROFESSOR — Mais devagar, meu filho. Com vossa permissão, senhor; mas tendo vindo até Pádua por algumas dívidas, fui informado por Lucêncio duma causa de amor de grande relevância entre ele e vossa filha. Assim, em parte pelas informações que de vós tenho, em parte pelo amor que ele lhe vota, por ela retribuído, para que ele não espere demais concordo, em minha solicitude paternal, em que esse casamento se faça. E se pensardes do mesmo modo que eu, haveis de achar-me disposto — após sobre isso conversarmos — para firmar as cláusulas de nosso contrato para o dote. Pois convosco não posso revelar-me desconfiado, signior Batista, tendo em vista as boas referências que sobre vós obtive.

BATISTA — Desculpai-me, senhor, no que vos digo; muito me impressionou vossa franqueza e vossa concisão. É bem verdade: vosso filho Lucêncio, aqui presente, gosta de minha

filha, e Bianca, dele, se ambos não forem por demais fingidos. Por isso, caso não tivésseis nada mais a dizer senão que como filho vai ser ele tratado e que adequado dote dareis a Bianca, o casamento já está concluído e arrematado tudo: com meu consentimento vosso filho desposa minha filha.

TRÂNIO — Agradecido, senhor, vos fico. Em que lugar, agora, assentaremos o noivado e o pacto recíproco assinamos?

BATISTA — Não em minha casa, signior Lucêncio, que as paredes ouvem, como o sabeis, e eu tenho um grande número de criados, sem contarmos que o velho Grêmio ainda está de espreita, podendo vir, assim, a interromper-nos.

TRÂNIO — Em meus alojamentos, nesse caso. Meu pai vai ficar lá; e ainda esta noite poderemos concluir nosso negócio com bastante sigilo e segurança. Mandareis vosso criado chamar Bianca, enquanto este meu pajem vai correndo buscar-nos o escrivão. O pior que pode dar-se por fim é que com tanta pressa venhais a ter pitança mui delgada.

BATISTA — Estou de acordo. Câmbio, ide até casa dizer a Bianca que se tenha prestes. Sim, podereis contar-lhe o que se passa: como o pai de Lucêncio se acha em Pádua e que ela vai casar-se com Lucêncio.

LUCÊNCIO — Que isso aconteça é o que eu suplico aos deuses, de todo o coração.

TRÂNIO — Não percas tempo com os deuses; corre logo e não demores. Poderei indicar-vos o caminho, Signior Batista? Sois bem-vindo. Todo vosso jantar consistirá num prato. Entrai, senhor; em Pisa arranjaremos melhor as coisas.

BATISTA — Ide; já vos sigo.

(*Saem Trânio, o professor e Batista.*)

BIONDELLO — Câmbio!

LUCÊNCIO — Que disseste, Biondello?

BIONDELLO — Não vistes quando o meu amo piscou para o vosso lado e sorriu?

LUCÊNCIO — E que significará isso, Biondello?

BIONDELLO — Nada, por minha fé; mas ele me deixou atrás, para que explique o sentido ou a moral de seus gestos e sinais.

LUCENCIO — Então explica-me a moral do caso.

BIONDELLO — Ei-la: Batista está em lugar seguro, conversando com o falso pai de um filho embusteiro.

LUCÊNCIO — E dai?

BIONDELLO — Tereis de levar a filha dele para a ceia.

LUCÊNCIO — E depois?

BIONDELLO — O velho padre da igreja de São Lucas ficará todo esse tempo à vossa

disposição.

LUCÊNCIO — E no fim de tudo isso?

BIONDELLO — Não saberei dizê-lo, a não ser que eles se encontram atarefados com um falso contrato. Assegurai-vos, portanto, dela, cum privilegio ad imprimendum solum. À igreja! Levai o padre, o sacristão e algumas testemunhas suficientemente honestas. Se esta não for a ocasião que esperáveis com tanta alegria, dizei adeus à formosa Bianca, sem perda de um dia.

LUCÊNCIO — Escuta, Biondello.

BIONDELLO — Não posso ficar mais tempo. Conheço uma rapariga que se casou numa tarde, ao ir à horta apanhar salsa para encher um coelho. O mesmo podereis fazer, meu senhor. E com isto, adeus. Meu amo mandou que eu fosse à igreja de São Lucas, a fim de dizer ao padre que se aprontasse para quando chegásseis com vosso apêndice. (*Sai.*)

LUCÊNCIO — Posso-o, e fá-lo-ei, se ela ficar alegre. Há de ficar; por que duvidar tanto? Eis o momento de me declarar; mal ficarei, se Câmbio a não pegar. (*Sai.*)

Cena 5

Uma estrada pública. Entram Petrucchio, Catarina, Hortênsio e criados.

PETRUCCHIO — Depressa, pelo céu! Vamos à casa de vosso pai, de novo. Oh Deus bondoso! como brilha no céu a lua amiga!

CATARINA — Lua? Isto é sol; não há luar ainda.

PETRUCCHIO — Digo que é a lua que tão claro brilha.

CATARINA — É o sol, bem vejo, que tão claro brilha.

PETRUCCHIO — Pois pelo filho de meu pai, eu mesmo, tem de ser lua ou estrela, ou o que eu quiser, antes de à casa de teu pai nós irmos. Recolhei os cavalos! Contrariado de novo! Contrariado sempre e sempre!

HORTÊNSIO — Oh! concordai com ele; do contrário, não partiremos nunca.

CATARINA — Por obséquio, já que chegamos até aqui, sigamos até o fim, seja lua, ou sol, ou quanto bem entenderdes. Caso resolvais dar-lhe o nome de vela, doravante para mim será isso.

PETRUCCHIO — É lua, disse.

CATARINA — Vejo que é lua, mesmo.

PETRUCCHIO — Estás mentindo pois é o sol abençoado.

CATARINA — Deus bendito! pois é o sol abençoado! Mas já deixa de ser o sol, quando negardes isso. Muda-se a lua como vosso espírito; será o que quiserdes, e isso mesmo ficará sendo para Catarina.

HORTÊNSIO — Petrucchio, segue o teu caminho; ganha foi a batalha.

PETRUCCHIO — Bem; avante! avante! Assim a bola correrá depressa, sem desviar-se da meta. Mas cautela! Quem é que vem chegando? (*Entra Vicêncio, em trajes de viagem.*) (*A Vicêncio,*) Gentil dama bom dia. Qual é o vosso itinerário? Doce Quetinha, com franqueza fala-me: já viste uma senhora assim tão fresca? Como em suas faces o vermelho e o branco dura guerra mantêm! Jamais os astros o céu tão belamente tachonaram como estes olhos o seu rosto angélico. Adorável menina, novamente muito bom dia para ti. Abraça-o, doce Quetinha, por ser tão formosa.

HORTÊNSIO — Vai deixar o homem louco, pretendendo transformá-lo em mulher.

CATARINA — Botão formoso, fragrante e virginal, para que ponto te diriges agora?

Onde resides? Felizes pais de tão galante filha! Mas mais feliz o moço a quem os astros propícios te destinam para sua companheira tão meiga!

PETRUCCHIO — Ora, Quetinha! Não estás louca, penso. É um homem velho, cheio de rugas, murcho, enfraquecido, como estás vendo.

CATARINA — Velho pai, perdoa o engano de meus olhos. Ofuscados tanto o sol os deixou, que quanto eu veja só verde me parece. Agora noto que és um pai venerando. Novamente peço que me perdoes esse engano.

PETRUCCHIO — Perdoa-lhe, bom velho; e, ao mesmo tempo, conta-nos teu caminho. Sendo o mesmo que o nosso, muito alegres ficaremos com tua companhia.

VICÊNCIO — Belo moço, e vós, alegre dama, que bastante me espantastes com vosso cumprimento tão esquisito: chamo-me Vicêncio; moro em Pisa, e em caminho estou de Pádua, fazer visita a um filho que há muito não revejo.

PETRUCCIO — O nome dele?

VICÊNCIO — Lucêncio, meu senhor.

PETRUCCIO — Feliz encontro para nós e teu filho. E agora posso dizer que assim por lei como por tua veneranda aparência, autorizado me acho para chamar-te pai querido. A irmã de minha esposa, esta senhora, já desposou teu filho. Não te espantes nem te aborreças, que é de bom conceito, de rico dote e de família digna. Além do mais, tem tantas qualidades, que digna a deixam de tornar-se esposa do mais nobre mancebo. Assim, permite que no velho Vicêncio eu dê um abraço, e vamos juntos ver teu belo filho que tua vinda vai deixar alegre.

VICÊNCIO — Mas tudo isso é verdade, ou simplesmente vos divertis, por terdes gênio alegre, com as pessoas que encontrais na estrada?

HORTÊNSIO — Não, pai; é certo; posso assegurar-vos.

PETRUCCHIO — Vem, vem conosco, para convencer-te da verdade de tudo o que dissemos. Deixou-te desconfiado a brincadeira.

(*Saem todos, com exceção de Hortênsio.*)

HORTÊNSIO — Petrucchio, muito bem; coragem deste-me. Procuremos a viúva; por mais que ela se mostre rezingueira, quanto baste para domá-la a Hortênsio já ensinaste. (*Sai.*)

Ato 5

Cena 1

Pádua. Diante da casa de Lucêncio. Por um lado entram Biondello, Lucêncio e Bianca; Grêmio passeia no outro lado.

BIONDELLO — Com jeito e bem depressa, senhor, porque o padre já está à espera.

LUCÊNCIO — Eu vôo, Biondello; mas pode acontecer que eles precisem de ti em casa. Por isso, deixa-nos.

BIONDELLO — Não, por minha fé; primeiro terei de ver a igreja por cima de vosso ombro; depois voltarei para junto de meu amo, o mais depressa que puder.

(*Saem Lucêncio, Bianca e Biondello.*)

GRÊMIO — Admiro-me de Câmbio não ter ainda chegado.

(*Entram Petrucchio, Catarina, Vicêncio e criados.*)

PETRUCCHIO — Esta é a porta; esta é a casa de Lucêncio. A de meu pai é perto do mercado. Tenho de ir até lá; por isso, deixo-vos.

VICÊNCIO — Tereis primeiro de beber comigo; penso que nesta casa posso dar-vos bom agasalho; e, pelo que parece, há festa aqui. (*Bate.*)

GRÊMIO — Estão muito ocupados; será melhor baterdes com mais força.

(*Aparece na janela o professor.*)

PROFESSOR — Quem é que bate como se quisesse derrubar a porta?

VICÊNCIO — O signior Lucêncio está, meu senhor?

PROFESSOR — Está, sim senhor; mas não pode atender a ninguém.

VICÊNCIO — Como! E se alguém lhe trouxesse cem ou duzentas libras, para maior animação de seus divertimentos?

PROFESSOR — Guardai para vós mesmos vossas duzentas libras; enquanto eu tiver vida ele não precisará disso.

PETRUCCHIO — Não vos disse eu que vosso filho era muito estimado em Pádua? Senhor, estais ouvindo? Deixando de lado frívolos circunlóquios, peço-vos avisar ao signior Lucêncio que o pai dele chegou de Pisa e que o espera aqui na porta para falar-lhe.

PROFESSOR — Estás mentindo; o pai dele já chegou de Pisa e vos contempla agora desta janela.

VICÊNCIO — Então o pai dele és tu?

PROFESSOR — Perfeitamente; pelo menos é o que assegura a mãe dele, se é que posso dar crédito ao que ela diz.

PETRUCCHIO (*a Vicêncio*) — Que quer dizer isso, cavalheiro? É velhacaria muito grande usurpar o nome de outra pessoa.

PROFESSOR — Segurai bem esse biltre; estou certo de que ele pretende enganar alguém na cidade, sob a capa de meu nome.

(*Volta Biondello.*)

BIONDELLO — Deixei-os juntos na igreja; o céu lhes dê bons ventos. Mas que vejo? Meu velho amo Vicêncio! Estamos perdidos e reduzidos a zero.

VICÊNCIO (*percebendo Biondello*) — Vem aqui, corda de forca!

BIONDELLO — Penso que tenho liberdade de movimentos, meu caro senhor.

VICÊNCIO — Vinde cá, meu velhaco. Então, já vos esquecestes de quem eu sou?

BIONDELLO — Se já me esqueci de vós? Não, senhor; não poderia ter-me esquecido de vós, porque nunca vos vi em toda a vida.

VICÊNCIO — Como, notório biltre! Nunca viste o pai de teu amo, nunca viste Vicêncio?

BIONDELLO — Quem? meu velho e venerando amo? Claro que já o vi; ali está ele, a contemplar-nos daquela janela.

VICÊNCIO — Ah! é assim? (*Bate em Biondello.*)

BIONDELLO — Socorro! Socorro! Aqui está um louco que quer matar-me. (*Sai.*)

PROFESSOR — Socorro, filho! Socorro, signior Batista! (*Retira-se da janela.*)

PETRUCCHIO — Quetinha, vamos ficar de lado, para vermos o fim desta controvérsia.

(*Entram o professor, Batista, Trânio e criados.*)

TRÂNIO — Senhor, quem sois para bater em meu criado?

VICÊNCIO — Quem sou eu, senhor? Não; eu é quem pergunto: quem sois vós, senhor? Oh deuses imortais! Oh velhaco aparamentado! De casaco de seda, calça de veludo, capa escarlate e chapéu de ponta! Estou arruinado! Estou arruinado! Enquanto em casa eu faço o papel de marido econômico, meu filho e meu criado esbanjam tudo na universidade.

TRÂNIO — E essa! Que foi que houve?

BATISTA — Será que é louco?

TRÂNIO — Senhor, pelos trajes dais-me a impressão de um cavalheiro idoso e de respeito; mas vossa linguagem é de louco. Ora, senhor, em que vos importa a vós se eu uso ou deixo de usar pérolas e ouro? Agradeço isso ao meu bom pai, que me faculta os meios para sustentar-me.

VICÊNCIO — Teu pai? Oh celerado! ele não passava de um fabricante de velas de navio, de Bérgamo.

BATISTA — Estais enganado, senhor; estais enganado, senhor. Por obséquio, como julgais que ele se chama?

VICÊNCIO — Como se chama? Como se eu não soubesse o nome dele! Criei-o desde a idade de três anos. Chama-se Trânio.

PROFESSOR — Fora! fora, asno furioso! O nome dele é Lucêncio; é o meu único filho e herdeiro de tudo o que possuo, eu signior Vicêncio.

VICÊNCIO — Lucêncio! Oh! ele assassinou o amo! Prendei-o! Em nome do doge, intimo-vos a prendê-lo! Oh meu filho, meu filho! Celerado, revela-me onde está meu filho Lucêncio.

TRÂNIO — Chamai um oficial de justiça. (*Sai um dos criados e volta com um oficial de justiça.*) Levai este louco para a prisão. Pai Batista, ficais incumbido de apresentá-lo às autoridades.

VICÊNCIO — Vão levar-me para a prisão!

GRÊMIO — Esperai um pouco, oficial; ele não irá preso.

BATISTA — Nada de conversas, Signior Grêmio; digo-vos que irá para a prisão.

GRÊMIO — Acautelai-vos, Signior Batista, para não serdes ludibriado neste negócio. Atrevo-me a jurar que este é o verdadeiro Vicêncio.

PROFESSOR — Jura-o, se fores capaz.

GRÊMIO — Não, não me atrevo a fazê-lo.

TRÂNIO — Farias melhor dizendo que eu não sou Lucêncio.

GRÊMIO — Sim, conheço-te como signior Lucêncio.

BATISTA — Levai esse velho tonto! À prisão com ele!

VICÊNCIO — É assim que se maltrata um estrangeiro. Oh facínora monstruoso!

(*Volta Biondello com Lucêncio e Bianca.*)

BIONDELLO — Estamos desgraçados. Ali está ele, renegai-o; jurai que não o conheceis, se não estaremos perdidos.

LUCÊNCIO (*ajoelhando-se*) — Pai, perdoa-me.

VICÊNCIO — Vives, caro filho?

(*Biondello, Trânio e o professor saem correndo.*)

BIANCA (*ajoelhando-se*) — Perdoai-me, pai querido.

BATISTA — Que fizeste? Onde ficou Lucêncio?

LUCÊNCIO — Aqui está ele, o verdadeiro filho do Vicêncio verdadeiro, que pelo

casamento fez dele a tua filha, enquanto os olhos uns mistificadores te enganavam.

GRÊMIO — Houve malícia refinada para nos enganar a todos.

VICÊNCIO — E onde se acha esse patife, Trânio, que a ousadia teve de resistir-me e de insultar-me?

BATISTA — Dizei-me agora: este não é meu Câmbio?

BIANCA — Câmbio, mas em Lucêncio transformado.

LUCÊNCIO — É milagre do amor. O amor de Bianca me fez tomar a posição de Trânio enquanto meu papel ele assumia no meio de vós outros. Finalmente consegui alcançar com alegria o porto ambicionado da ventura. Tudo o que Trânio fez foi por minha ordem. Perdoai-lhe, caro pai, a meu pedido.

VICÊNCIO — Hei de cortar o nariz daquele velhaco, que quis mandar-me para a prisão.

BATISTA (*a Lucêncio*) — Mas dizei-me uma coisa, senhor: desposastes minha filha sem pedir o meu consentimento?

VICÊNCIO — Tranqüilizai-vos, Batista, que nós vos deixaremos satisfeito; mas vou já para dentro, tomar vingança desta picardia. (*Sai.*)

BATISTA — Eu também, para sondar esta velhacaria. (*Sai.*)

LUCÊNCIO — Não te amofines, Bianca; ele concorda.

(*Saem Lucêncio e Bianca.*)

GRÊMIO — Malogrou-se meu plano; só me resta pegar o bocado nesta festa. (*Sai.*)

(*Petrucchio e Catarina vêm para a frente.*)

CATARINA — Marido, vamos ver como tudo isto vai acabar.

PETRUCCHIO — Vamos, Quetinha; mas primeiro dá-me um beijo.

CATARINA — Como! No meio da rua?

PETRUCCHIO — Como! Estás com vergonha de mim?

CATARINA — De ti por Deus que não, mas de beijar-te.

PETRUCCHIO — Então voltamos já. Rapaz, vira o cavalo.

CATARINA — Não; dou-te um beijo; dou. Fiquemos; Já não falo.

PETRUCCHIO — Não está bem assim? Para se entrar na linha nunca é tarde demais, ensina-me Quetinha.

(*Saem.*)

Cena 2

Um quarto em casa de Lacêncio. Está preparado um banquete. Entram Batista, Vicêncio, Grêmio, o professor, Lucêncio, Bianca, Petrucchio, Catarina, Hortênsio e a viúva. Trânio, Biondello, Grúmio e outros criados servem.

LUCÊNCIO — Até que enfim as notas dissonantes acordes se tornaram. Foi-se a guerra selvagem, foi-se enfim; chegou a hora de rir do grande medo, dos perigos por que todos passamos. Minha bela Bianca, meu pai saúda gentilmente que com o teu vou fazer a mesma coisa. Irmão Petrucchio, mana Catarina, e tu, Hortênsio, com tua amável viúva, dai lugar à alegria; sois bem-vindos a minha casa. Serve este banquete para remate do festim de há pouco. Sentai-vos, por obséquio, para à larga falarmos e comermos.

PETRUCCHIO — Sempre a mesma coisa: sentai-vos e comei! Sentai-vos e comei!

BATISTA — São doçuras cá de Pádua, filho Petrucchio.

HORTÊNSIO — Em Pádua tudo é doce.

PETRUCCHIO — Acho agradável o que é doce em Pádua.

HORTÊNSIO — Desejo, para nosso bem, que seja verdade o que dizeis.

PETRUCCHIO — Por minha vida, Hortênsio está com medo da viúva.

VIÚVA — Não tenho medo de ninguém, afirmo-o.

PETRUCCHIO — Sois muito espirituosa; no entretanto não apanhastes o sentido. Disse, tão-somente, que Hortênsio vos temia.

VIÚVA — Quem tem vertigens diz que o mundo roda.

PETRUCCHIO — Resposta bem redonda.

CATARINA — Que sentido, senhora, emprestais a isso?

VIÚVA — Que eu concebo graças a ele.

PETRUCCHIO — Como assim! Concebe graças a mim? Que diz Hortênsio disso?

HORTÊNSIO — Minha viúva disse apenas que ela concebe a explicação.

PETRUCCHIO — Bem consertado. Bondosa viúva, ele merece um beijo.

CATARINA — "Quem tem vertigens diz que o mundo roda." Explicai-me, vos peço, essa sentença.

VIÚVA — Que tendo vosso esposo uma megera, julga a mulher do próximo uma fera.

Agora conheceis o meu sentido.

CATARINA — Sentido baixo.

VIÚVA — Para vós foi feito.

CATARINA — Sim, para vos ouvir tornei-me baixa.

PETRUCCHIO — Pega, Quetinha!

HORTÊNSIO — Pega, viúva!

PETRUCCHIO — Quetinha vai ficar por cima; jogo cem marcos.

HORTÊNSIO — Não; essa função é minha.

PETRUCCHIO — Falou o funcionário. Aqui! Saúde! (*Bebe à saúde de Hortênsio.*)

BATISTA — Que pensa Grêmio desta gente alegre?

GRÊMIO — Dão marradas valentes, podeis crer-me.

BIANCA — Cabeças e marradas! Poderia replicar-vos alguém de fino espírito que essa vossa cabeça precisara, para tanto, de chifres.

VICÊNCIO — Despertou-vos, senhora noiva, a frase?

BIANCA — Sim, sem medo, porém, causar-me. Vou dormir de novo

PETRUCCHIO — Isso é impossível; tendo começado, tereis de suportar algumas farpas.

BIANCA — Serei pássaro, então? Vou para o bosque; armai vosso arco para perseguir-me. Sois todos mui bem-vindos.

(*Saem Bianca, Catarina e a viúva.*)

PETRUCCHIO — Antecipou-me; signior Trânio, o pássaro que quisestes pegar saiu voando. Bebo à saúde dos que erram o alvo.

TRÂNIO — Ó meu Senhor! Lucêncio fez comigo como o galgo que corre atrás da caça, mas só a apanha para o dono dele.

PETRUCCHIO — Boa imagem, porém canina em parte.

TRÂNIO — Foi bom, senhor, terdes saído à caça sem companheiro; porém dizem todos que em grande aperto a corça vos traz sempre.

BATISTA — Oh, oh, Petrucchio! Trânio tem mão certa.

LUCÊNCIO — Agradeço a paulada, meu bom Trânio.

HORTÊNSIO — Confessai! confessai! Fostes tocado?

PETRUCCHIO — Sim, confesso arranhou-me. Mas havendo passado de raspão por mim o dardo, aposto dez contra um em como fostes atingido de cheio.

BATISTA — Mas falando, filho Petrucchio, seriamente: penso que te coube a megera mais rilhenta.

PETRUCCHIO — Bem; não direi que não. Mas como prova cada um de nós mande chamar a esposa. A que se revelar mais obediente, solícita acorrendo ao seu chamado, o prêmio ganhará que instituirmos.

HORTÊNSIO — Muito bem. E o valor?

LUCÊNCIO — Vinte coroas.

PETRUCCHIO — Vinte coroas? Isso arriscaria no meu falcão ou no meu cão de caça. Mas vinte vezes mais, em minha esposa.

LUCÊNCIO — Então, cem.

HORTÊNSIO — Muito bem.

PETRUCCHIO — Está fechado.

HORTÊNSIO — Quem começa?

LUCÊNCIO — Eu, decerto. Vai, Biondello; dize a tua ama que eu a estou chamando.

BIONDELLO — Perfeitamente. (*Sai.*)

BATISTA — Filho, fico sendo teu parceiro na aposta, meio a meio, em como Bianca vem.

LUCÊNCIO — Não quero sócio; quero ganhar tudo o que é meu, sozinho. (*Volta Biondello.*) Então, que novidades?

BIONDELLO — A patroa, senhor, mandou dizer que está ocupada e que não pode vir.

PETRUCCHIO — Como! Ocupada? Não pode vir? Então isso é resposta?

GRÊMIO — E bem gentil. Pedi a Deus, senhor, que muito pior a vossa não vos mande.

PETRUCCHI0 — Espero uma melhor.

HORTÊNSIO — Corre, maroto, e à minha esposa roga que me venha ver neste instante.

(*Sai Biondello.*)

PETRUCCHIO — Oh, oh! rogar à esposa! Assim é que ela não vem mesmo.

HORTÊNSIO — Temo, caro senhor, que a vossa não se deixe dobrar a vossos rogos. (*Volta Biondello.*) Que disse ela, Biondello? Minha esposa, onde se encontra?

BIONDELLO — Disse que certamente estais brincando. Não quer vir; se quiserdes, ide vê-la.

PETRUCCHIO — De mal para pior. Oh! não quer vir! Oh! que vergonha! Absurdo! intolerável! Grúmio, ide procurar vossa patroa e ordenai-lhe que venha aqui falar-me.

(*Sai Grúmio.*)

HORTÊNSIO — Já sei sua resposta.

PETRUCCHIO — Qual?

HORTÊNSIO — Não vem.

PETRUCCHIO — Tanto pior a minha sorte; e basta.

(*Volta Catarina.*)

BATISTA — Ah! por Nossa Senhora! Eis Catarina.

CATARINA — Senhor, qual é vossa vontade, para mandardes me chamar?

PETRUCCHIO — Onde se encontram vossa irmã e a senhora aqui de Hortênsio?

CATARINA — Estão tagarelando ao pé do fogo.

PETRUCCHIO — Vai buscá-las; no caso de renuírem, à força as traze para seus maridos. Vai logo, digo, e traze-as sem demora.

(*Sai Catarina.*)

LUCÊNCIO — Se falais em milagres, eis um deles.

HORTÊNSIO — É certo; só não sei o que anuncia.

PETRUCCHIO — Ora essa! Paz, amor, vida tranqüila, máxima respeitada e uma legítima supremacia. Em suma: tudo quanto torna doce e feliz nossa existência.

BATISTA — Sejas muito feliz, caro Petrucchio. Ganhaste a aposta; acrescentar resolvo sobre teu lucro vinte mil coroas, um novo dote de uma nova filha. Tão mudada ela está, que parece outra.

PETRUCCHIO — Quero ganhar ainda melhor a aposta: ela irá dar mais provas de obediência, da recente virtude e deferência. Ela aí vem vindo e traz vossas esposas renitentes, vencidas pela sua persuasão feminina. (*Entra Catarina com Bianca e a viúva*) Catarina não te assenta essa touca; joga-a fora; calca aos pés semelhante bugiaria! (*Catarina arranca a touca e joga-a longe.*)

VIÚVA — Oh Deus! não quero ter motivo, nunca, de lamentar-me, enquanto rebaixada não me vir a tão néscia dependência.

BIANCA — Fora! fora! Que estúpida obediência!

LUCÊNCIO — Antes fosse também assim estúpida vossa obediência, que a sabedoria da vossa, bela Bianca, desde a ceia me custou tão-somente cem coroas.

BIANCA — Supinamente tolo vos mostrastes, apostando sobre ela.

PETRUCCHIO — Catarina, dou-te a incumbência de mostrar a essas esposas cabeçudas que deveres as prende aos seus senhores e maridos.

VIÚVA — Ora! Ora! é brincadeira; não queremos ouvir sermões.

PETRUCCHIO — Estou mandando; vamos! Principia por ela.

VIÚVA — Não, não quero; não fará tal.

PETRUCCHIO — Fará, que estou mandando, e a começar por ela.

CATARINA — Ora, que absurdo! Desenruga essa fronte carrancuda e deixa de lançar

esses olhares desdenhosos que vão bater em cheio em teu senhor, teu rei, teu soberano. Isso te mancha a formosura como no prado faz a geada, teu bom nome deixa abatido como a tempestade sacode os mais mimosos botõezinhos, sem nunca ser gracioso ou conveniente. A mulher irritada é como fonte remexida: limbosa, repulsiva, privada da beleza; e assim mantendo-se, não há ninguém, por mais que tenha sede, que se atreva a encostar os lábios nela, a sorver uma gota. Teu marido é teu senhor, teu guardião, tua vida, teu chefe e soberano. É ele que cuida de ti; para manter-te, arrisca a vida, com trabalho penoso em mar e em terra; nas noites borrascosas, acordado; de dia, suportando o frio, enquanto dormes em casa no teu leito quente, tranqüila e bem segura. Não te pede outro tributo além de teu afeto, mui sincera obediência e rosto alegre, paga mesquinha de tão grande dívida. A submissão que o servo deve ao príncipe é a que a mulher ao seu marido deve. E se ela se mostrar teimosa, indócil, intratável, azeda, rebelada contra as suas razoáveis exigências, que mais será senão por isso abjeta traidora, sim, traidora do seu próprio devotado senhor? Tenho vergonha de ver que são tão simples as mulheres, para fazerem guerra onde deveram de joelhos pedir paz ou pretenderem dominar, dirigir, mandar em tudo quando servir lhes cumpre tão-somente, obedecer e amar? Por que motivo temos o corpo delicado e fraco, pouco afeito aos trabalhos e experiências do mundo, se não for apenas para que nossas qualidades delicadas e nossos corações de acordo fiquem como nosso hábito externo? Deixai disso, vermezinhos teimosos e impotentes! O caráter já tive assim tão duro, o coração tão grande quanto o vosso, e mais razões, talvez, para palavra revidar com palavra, picardia com picardia. Mas agora vejo que nossas lanças são de palha, apenas. Nossa força é fraqueza; somos criança que muito ambicionando logo cansa. Abatendo o furor nos exaltamos. Ponde a mão sob os pés de vossos amos. Caso o meu queira, a minha já está pronta; para mim não consiste nisso afronta.

PETRUCCHIO — Ó Quetinha gentil! vem dar-me um beijo.

LUCÊNCIO — Vai saindo, taful! Ganhaste o queijo.

VICÊNCIO — Como é agradável uma criança dócil!

LUCÊNCIO — Como é terrível a mulher indócil!

PETRUCCHIO — Vamos dormir, Quetinha; três casados vejo aqui, porém dois bem amarrados. A vós, boa noite; o vencedor fui eu, (*a Lucêncio.*) Muito embora ganhásseis o himeneu.

(*Saem Petrucchio e Catarina.*)

HORTÊNSIO — Vai saindo; domaste uma megera.

LUCÊNCIO — É de admirar, pois furiosa ela era. (*Saem.*)

As Alegres Senhoras de Windsor

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Personagens

SIR JOHN FALSTAFF
FENTON, jovem gentil-homem
SHALLOW, juiz de paz
SLENDER, primo de Shallow
FORD, gentil-homem de Windsor
PAGE, gentil-homem de Windsor
GUILHERME, menino, filho de Page
O reverendo **HUGO EVANS**, sacerdote galense
Doutor **CAIUS**, médico francês
O Hospedeiro da estalagem da Jarreteira
BARDOLFO, homem de Falstaff
PISTOLA, homem de Falstaff
NYM, homem de Falstaff
ROBIM, pajem de Falstaff
SIMPLES, criado de Slender.
RUGBY, criado do doutor Caius.
A SENHORA FORD
A SENHORA PAGE
ANA PAGE, sua filha, apaixonada de Fenton
A SENHORA QUICKLY, criada do Dr. Caius
Criados de Page, Ford, etc.

Ato 1

Cena 1

Windsor. Em frente à casa de Page. Entram o juiz Shallow, Slender e o Reverendo Hugo Evans.

SHALLOW — Não, reverendo Hugo; não procureis dissuadir-me; levarei a questão ao Tribunal da Estrela. Ainda que ele fosse vinte vezes sir John Falstaff, não zombaria de Roberto Shallow, escudeiro.

SLENDER — Do condado de Gloster, juiz de paz e coram.

SHALLOW — Sim, primo Slender, e *cust-alorum.*

SLENDER — Sim, e *rato-lorum,* reverendo, e gentil-homem de nascimento, que se assina armígero em toda nota, mandado, quitação ou obrigação. Armígero!

SHALLOW — Perfeitamente; é o que faço e o que sempre tenho feito nestes trezentos anos.

SLENDER — E a mesma coisa farão todos os descendentes que o precederam e todos os antepassados que nascerem depois dele; poderão usar no escudo de armas uma dúzia de lúcios e de piorras brancas.

SHALLOW — É um escudo muito antigo.

EVANS — Uma dúzia de piorros ir muito bem num escudo antigo. É de grande efeito, *en passant*. O piorro é um animal familiar do homem, e significa amor.

SHALLOW — O lúcio é peixe fresco; mas o do escudo é salgado.

SLENDER — E eu, primo, poderei esquartelar o escudo?

SHALLOW — Sim, com o casamento.

EVANS — Seria pena se o escudo ficasse esquartejado.

SHALLOW — Não; isso não se dará.

EVANS — Sim, por Nossa Senhora. Se ele tirar um quarto de vosso escudo, só ficareis com três quartos, na minha modesta opinião. Mas dá no mesmo. Se sir John Falstaff vos fez alguma ofensidade eu, como homem da Igreja, ficarrei satisfeito se puder exercer minha benevolência para promover a regonciliação e o gompromisso entre vós.

SHALLOW — A Corte de Justiça irá tomar conhecimento do caso. É um desordeiro.

EVANS — Não é gonveniente que a Gorte de Xustiça ouça falar de desordens. A Gorte

de Xustiça, ora vêde, gosta de ouvir falar do temor de Deus; não de desordens; dou-vos esse avisamento.

SHALLOW — Ah! Por minha vida! Se eu pudesse remoçar, a espada decidiria a questão.

EVANS — Será melhor que os amigos sejam a espada, para decidirem a guestão. Tenho outro plano na gabeça, que se der resultados, produzirá grandes gonveniências: estou bensando em Ana Page, a filha do mestre Jorge Page, que é uma péla firgindade.

SLENDER — A menina Ana Page! Tem cabelos escuros e fala com uma vozinha de senhora.

EVANS — É xustamente a melhor griatura do mundo inteiro que poderíeis desejar. É dona de setecentas libras em dinheiro, ouro e prata que lhe deixou o avô no leito de morte — que Deus lhe dê uma poa ressurreição! — para quando ela se tornar gapaz de completar dezessete anos. Bor isso seria um conselho barar com nossas disgussõezinhas e arranjar o casamento de mestre Abraâo com a senhorita Ana Page.

SHALLOW — Como! O avô dela deixou-lhe setecentas libras?

EVANS — Sim, e o bai vai deixar-lhe um becúlio ainda maior.

SHALLOW — Conheço essa pessoa; tem muitas qualidades.

EVANS — Setecentos libras e outras bersbectivas são poas qualidades.

SHALLOW — Então vamos à casa do honesto mestre Page. Falstaff estará lá?

EVANS — Então eu iria mentir? Desbrezo um mentiroso, como desbrezo o hibócrita ou a bessoa que não diz a verdade. O cavaleiro, sir John, está lá, com certeza. Mas beço-vos ouvir quem vos deseja o pem. Vou pater na porta de mestre Page. (*Bate.*) Olá! Deus apençoe esta casa aqui!

PAGE (*dentro*) — Quem bate?

EVANS — Aqui está a penedição de Deus e vosso amigo e o juiz Shallow; e aqui está o jovem mestre Slender, que porventura vos contará uma outra história, se o assunto não vos desagradar.

(*Entra Page.*)

PAGE — Fico contente por ver que Vossas Senhorias estão bem. Muito obrigado, mestre Shallow, pela caça que me mandastes.

SHALLOW — Mestre Page, alegra-me ver-vos; que vos faça muito bem ao coração bondoso. Desejara ter mandado melhor caça; foi mal atirada. — Como vai passando a bondosa senhora Page? — De todo coração me declaro vosso devedor, sim, para sempre.

PAGE — Agradeço-vos, senhor.

SHALLOW — Agradeço-vos, senhor; quer concordeis, ou não, muito obrigado.

PAGE — Folgo em ver-vos, bom mestre Slender.

SLENDER — Como está o vosso galgo fulvo, senhor? Ouvi dizer que ele foi vencido na corrida de Cotsale.

PAGE — Não ficou decidido, senhor.

SLENDER — Não quereis confessar! Não quereis confessar!

SHALLOW — Não há de confessar, decerto. A falta é vossa! A falta é vossa! É um bom cachorro.

PAGE — É um mastim, senhor.

SHALLOW — Senhor, é um bom cachorro; um belo cachorro. Pode-se dizer mais? Bom e bonito. — Sir John Falstaff está aqui?

PAGE — Está lá dentro, senhor. Eu ficaria satisfeito se pudesse promover a reconciliação entre vós.

EVANS — Isso é fala de muito pom cristão.

SHALLOW — Ele me ofendeu, mestre Page.

PAGE — De algum modo, senhor, pois ele reconheceu a própria culpa.

SHALLOW — Reconheceu a culpa, mas quem agüentou com as conseqüências fui eu, não é assim, mestre Page? Ofendeu-me; sim, ofendeu-me; palavra de honra, foi o que fez, podeis acreditar-me. Roberto Shallow, escudeiro, declara-se ofendido.

PAGE — Aí vem vindo sir John.

(*Entram Sir John Falstaff, Bardolfo, Nym e Pistola*)

FALSTAFF — Então, mestre Shallow, tencionais apresentar ao rei queixa contra mim?

SHALLOW — Espancastes meus homens, cavaleiro; mataste um veado de minha propriedade e forçastes o pavilhão.

FALSTAFF — Mas não beijei a filha do vosso couteiro?

SHALLOW — Ora, coisa nenhuma! Tereis de responder por isso tudo.

FALSTAFF — Neste momento; responderei por tudo isso que dizeis. Pronto; está respondido.

SHALLOW — O Conselho irá ficar sabendo o que se deu.

FALSTAFF — Seria mais prudente ouvirdes um conselho, para que não riam de vós no Conselho.

EVANS — *Pauca verba,* sir John, e balavras menos ferdes.

FALSTAFF — Nem verde nem verdura! Slender, quebrei-vos a cabeça. Que pretendeis fazer contra mim?

SLENDER — Com a breca, senhor! Tenho na cabeça muita coisa Contra vós e contra o vosso terno de trapaceiros, Bardolfo, Nym e Pistola. Levaram-me para a taberna,

embebedaram-me e depois me esvaziaram os bolsos.

BARDOLFO — Era só casca de queijo.

SLENDER — Pouco importa.

PISTOLA — Então, Mefistófilo?

SLENDER — Pouco importa.

NYM — Acabemos com isso, digo! *Pauca, pauca!* Acabemos com isso! É o meu humor.

SLENDER — Por onde anda o meu criado Simples, não sabereis dizer-mo, primo?

EVANS — Baz, baz, por obséquio. Façam as bazes. Há três árpitros neste negócio, de acordo com a minha gombreensão: mestre Page, *fidelicet*mestre Page, eu mesmo, *fidelicet* eu mesmo, e a terceira barte, por último e finalmente, o nosso estalaxadeiro da Xarreteira.

PAGE — A nós três é que compete ouvir a questão e resolvê-la.

EVANS — Berfeitamente; vou tomar nota disso no meu livro; depois trapalharemos na causa com a disgrição de que formos cabazes.

FALSTAFF — Pistola!

PISTOLA — Ele ouve com as orelhas.

EVANS — O tiabo e sua mãe! Que frase é essa: "Ele ouve com as orelhas?" Isso é afetação.

FALSTAFF — Pistola, bateste a carteira de mestre Slender?

SLENDER — Bateu, por estas luvas! Se não estou falando a verdade, não quero nunca mais voltar a entrar no meu quarto grande. Continha sete pences em moeda antiga e dois xelins de jogo com a efígie de Eduardo, que eu comprara do moleiro Yead à razão de dois xelins e dois dinheiros cada um; por estas luvas!

FALSTAFF — É verdade o que ele está dizendo, Pistola?

EVANS — Non; é falso, se ele for um patedor de garteiras.

PISTOLA — Morador das montanhas! Estrangeiro! Sir John e meu patrão! Com esta espada lanço o meu desafio, e nesses lábios atiro o desmentido! Um desmentido! Pela escuma do mar, é tudo falso!

SLENDER — Por estas luvas, então foi aquele ali.

NYM — Tende mais cautela, senhor e deixai dessas brincadeiras. Preparar-vos-ei uma armadilha, se virardes contra mim o vosso humor de quebra-nozes. Eis a nota da questão.

SLENDER — Por este chapéu, então foi aquele ali, de cara vermelha. Por que embora eu não me lembre de tudo o que fiz, quando me deixastes bêbedo, não sou um asno completo.

FALSTAFF — Que dizeis a isso, João Escarlate?

BARDOLFO — Ora, senhor, pela minha parte digo apenas que o cavalheiro se

embriagou até perder as cinco sentenças.

EVANS — Xinco xentidos, é o que quereis dizer. Quanta ignorância!

BARDOLFO — E estando chupado, senhor, achava-se, como se diz, com a caixa leve ultrapassando, portanto, suas conclusões a meta.

SLENDER — isso; na hora também falastes latim. Mas pouco importa. Enquanto viver, nunca mais hei de me embriagar, por me ter acontecido isso, salvo se for em companhia de gente honesta, civil e piedosa. Se tiver de embriagar-me, será com pessoas que revelem temor de Deus, não com velhacos bêbedos.

EVANS — É uma dexisão virtuosa, assim bossa Deus julgar-me.

FALSTAFF — Senhores, ouvistes bem como tudo foi contestado; ouviste perfeitamente.

(*Entram Ana Page, com vinho, a senhora Ford e a senhora Page.*)

PAGE — Não, filha; leva o vinho para trás; beberemos lá dentro.

(*Sai Ana Page.*)

SLENDER — Oh Céus! É a menina Ana Page!

PAGE — Então, senhora Ford?

FALSTAFF — Senhora Ford, por minha fé, chegais em boa hora. Com vossa permissão, bondosa senhora. (*Beija-a.*)

PAGE — Mulher, dá as boas-vindas a estes cavalheiros. Vamos; para o jantar temos um pastel quente de caça. Vamos, cavalheiros; espero que afoguemos no copo os aborrecimentos.

(*Saem todos, com exceção de Shallow, Slender e Evans.*)

SLENDER — Daria quarenta xelins para ter agora o meu livro de cantigas e sonetos. (*Entra Simples.*) Então, Simples? Por onde tendes andado? Será preciso que eu mesmo me sirva, não? Não tendes por acaso o meu livro de charadas?

SIMPLES — O livro de charadas? Então não o emprestastes a Alice Shortcake no dia de Todos os Santos, uma quinzena antes de São Miguel?

SHALLOW — Vamos, primo; vamos, primo. Nós vos serviremos. Uma palavra, primo; uma palavrinha. Houve, por assim dizer, uma proposição, uma espécie de proposição assim por alto, da parte do nosso reverendo Hugo. Compreendeis-me?

SLENDER — Perfeitamente, senhor. Haveis de encontrar-me razoável. Se tal se der, farei o que aconselhar a razão.

SHALLOW — Sim, mas compreendeis o que quero dizer?

SLENDER — Compreendi, senhor.

EVANS — Prestai ouvido à sua moção, mestre Slender, que eu vos farei a disgrição da coisa, se tiverdes gapacidade para entendê-la.

SLENDER — Farei o que disse o primo Shallow; perdoai-me, mas ele é juiz de paz do

distrito em que mora, conquanto eu seja pessoa tão humilde no meu.

EVANS — Mas a guestão é outra, mestre Slender, relativa ao vosso gasamento.

SHALLOW — Sim, é esse o ponto, senhor.

EVANS — E isso! É isso! o ponto verdadeiro, com a senhorita Ana Page.

SLENDER — Bem, se é assim, desposá-la-ei sob qualquer condição razoável.

EVANS — Mas sentis por ela alguma afetaçom? Querremos saber isso da vossa própria poca, ou de vossos lábios, porque há filósofos que afirmam serem os lábios uma parcela da poca. Por isso, precisamente, podeis lançar vossa inclinaçom para o lado dessa senhorita.

SHALLOW — Primo Abraão Slender, sois capaz de amá-la?

SLENDER — Espero que sim, senhor; hei de amá-la como convém a uma pessoa razoável.

EVANS — Pelos santos e pelas santas de Deus! Dizei com bositividade se podeis lançar vossos desejos para o lado dela.

SHALLOW — É isso que deveis fazer. Trazendo ela um bom dote, estareis disposto a desposá-la?

SLENDER — Partindo de vós a proposta, primo, farei muito mais do que isso, com qualquer razão.

SHALLOW — Não; compreendei-me, compreendei-me, querido primo. Tudo o que faço, primo, é visando o vosso bem. Podeis amar a rapariga?

SLENDER — Desposá-la-ei, senhor, se assim o determinardes. Se no começo não houver grande amor, o céu poderá fazê-lo diminuir, quando se formar conhecimento mais íntimo, depois de estarmos casados e de termos outras oportunidades de ficarmos nos conhecendo. Espero que com a intimidade aumente a antipatia. Mas se me disserdes: "Casai com ela!" casarei, e pronto. Estou dissolvido e dissoluto a fizer isso.

EVANS — Resposta de blena disgrição, tirante o erro da balavra "dissoluto." Segundo o nosso bensamento, a balavra deveria ser "resoluto." Sua intençom é poa.

SHALLOW — Sim, estou certo de que o primo tem boa intenção.

SLENDER — Se não tivesse, quisera que me enforcassem.

SHALLOW — Aí vem vindo a bela senhorita Ana. (*Volta Ana Page.*) Senhorita Ana, só por amor de vós, quisera ficar moço outra vez.

ANA — O jantar está na mesa; meu pai deseja a presença de Vossas Honras.

SHALLOW — Estou às suas ordens, bela senhorita Ana.

EVANS — Que Deus seja louvado. Não podeis faltar à pênção.

(*Saem Shallow e Evans.*)

ANA — Vossa Senhoria não se dignará, também, de entrar?

SLENDER — Não, muito obrigado, em verdade, de todo o coração. Estou passando muito bem.

ANA — O jantar vos espera, senhor.

SLENDER — Não estou com fome; muito obrigado, em verdade. — Maroto, vai logo; embora sejas meu criado, vai servir ao primo Shallow. (*Sai Simples.*) Às vezes, um juiz de paz poderá ficar agradecido a um amigo que lhe empreste seu criado. Até à morte de minha mãe só terei a meu serviço três criados e um pajem. Mas que importa? Por enquanto, vivo como fidalgo pobre.

ANA — Não poderei voltar sem levar Vossa Senhoria; os outros não se assentarão à mesa, enquanto não chegardes.

SLENDER — Por minha fé, não comerei nada; agradeço-vos como se tivesse comido.

ANA — Entrai, senhor, por obséquio.

SLENDER — Muito obrigado; preciso passear um pouco aqui fora. Há dias quebrei a canela numa luta de espada e adaga com um professor de esgrima; três assaltos por um prato de ameixas ao forno. Por minha honra, desde esse dia não suporto o cheiro de comida quente. Por que ladram tanto vossos cães? Haverá ursos na cidade?

ANA — Creio que sim, senhor; ouvi falar que há.

SLENDER — Gosto muito de briga de ursos; mas ferro logo uma discussão, como não há outro na Inglaterra. Ficais com medo, quando vedes um urso solto, pois não?

ANA — Realmente, senhor.

SLENDER — Para mim, isso, hoje, é como comer e beber. Já vi Sackerson solto mais de vinte vezes e o segurei pela corrente. Mas, posso afiançar-vos: as mulheres gritavam e choravam, que não é possível descrever. Às mulheres, de fato, não suportam esse espetáculo; são animais muito ferozes.

(*Volta Page.*)

PAGE — Vinde, gentil mestre Slender; vinde; estamos à vossa espera.

SLENDER — Não quero comer nada, senhor; muito obrigado.

PAGE — Pelo galo e pela pega, senhor, não podeis recusar. Vinde! Vinde!

SLENDER — Então, por obséquio, ide na frente.

PAGE — Entrai, senhor.

SLENDER — Senhorita Ana, passai na frente.

ANA — Eu não, senhor; entrai, por obséquio.

SLENDER — Em verdade, não serei o primeiro. Em verdade, pronto! Não vos farei semelhante ofensa.

ANA — Por obséquio, senhor.

SLENDER — Prefiro ser descortês a ser importuno. Se houver ofensa, é vossa; pronto! (*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Entram o Reverendo Hugo Evans e Simples.

EVANS — Segui vosso gaminho e fizer perguntaçom da casa do doutor Caius, que fica no gaminho. Mora lá uma senhora Quickly, que é uma esbécie de ama dele, ou gofernante, ou gozinheira, ou lafadeira, ou engomadeira, ou torcedora de roupa.

SIMPLES — Perfeitamente, senhor.

EVANS — Não; será melhor entregar-lhe esta carta, porque ela é bessoa de relacionamento antigo com a senhorita Ana Page. A carta é para pedir e requerer que ela ampare as bretensões de vosso amo xunto da senhorita Ana Page. Barti logo, por opséquio; eu vou acabar de xantar; ainda vai haver bibino e queixo.

(*Saem.*)

Cena 3

Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Falstaff, o Estalajadeiro, Bardolfo, Nym, Pistola e Robim.

FALSTAFF — Meu estalajadeiro da Jarreteira!

ESTALAJADEIRO — Que diz o meu alegre companheiro? Falai com erudição e sabedoria.

FALSTAFF — Em verdade, meu estalajadeiro, estou precisando despedir alguns dos meus homens.

ESTALAJADEIRO — Despedi o valente Hércules. Mandai-o embora. Que se mexa. Toca! Toca!

FALSTAFF — Preciso de dez libras por semana.

ESTALAJADEIRO — És um imperador, césar, kaiser e zangão. Ficarei com Bardolfo; dar-lhe-ei a incumbência de ir buscar vinho e pô-lo no barril. Não falei bem, meu valente Heitor?

FALSTAFF — Fazei isso mesmo, bondoso estalajadeiro.

ESTALAJADEIRO — Já o disse. Agora, ele que me siga. (*A Bardolfo.*) Quero ver se sabes fazer espumar a cerveja e deixar o vinho colante. Sou homem de uma só palavra. Acompanha-me!

FALSTAFF — Vai com ele, Bardolfo; a profissão de moço de taberna é muito boa. De uma capa velha faz-se um casaco novo e de um criado murcho um moço de taberna loução. Vai. Adeus.

BARDOLFO — É profissão com que sempre eu sonhara. Hei de me dar muito bem nela.

PISTOLA — Baixo hungarês, coisa à-toa! Pretendes pegar no batoque?

(*Sai Bardolfo.*)

NYM — Ele foi concebido no vinho. Não valeu o humor da brincadeira?

FALSTAFF — Alegra-me ficar livre dessa caixa de fuzil. Seus roubos estavam dando muito na vista; furtava como os cantores desajeitados: sempre fora de tempo.

NYM — O verdadeiro humor da coisa consiste em furtar numa pausa mínima.

PISTOLA — A isso dão os sábios o nome de apropriar-se. “Roubar”, ora! Uma figa para

a expressão.

FALSTAFF — Pois é, senhores; estou ficando com os calcanhares de fora.

PISTOLA — Então, cuidado com as frieiras.

FALSTAFF — Não há outro remédio: terei de fintar alguém, preciso recorrer a expedientes.

PISTOLA — Corvo novo necessita de alimento.

FALSTAFF — Qual de vós conhece um certo Ford, aqui da cidade?

PISTOLA — Conheço o tipo; é de boa substância.

FALSTAFF — Meus honestos rapazes, vou revelar-vos aqui em particular quais são as minhas medidas.

PISTOLA — Para mais de duas jardas.

FALSTAFF — Deixa de trocadilhos, Pistola! É verdade que tenho uma cintura de duas jardas; mas neste momento não importa meu cinto, mas o que sinto. Em resumo, rapazes, tenho em mente fazer a corte à mulher do Ford. Estou certo de que hei de divertir-me bastante: conversa bem, é afável, sabe convidar a gente com o rabo do olho. Interpreto perfeitamente o seu estilo familiar. Mas o mais renitente trecho de sua conduta poderá ser traduzido da seguinte maneira: "Chamo-me sir John Falstaff!"

PISTOLA — Vê-se que ele a estudou a fundo, traduzindo-a muito bem da honestidade para o inglês.

NYM — A âncora bateu no fundo; permitis-me a brincadeira?

FALSTAFF — Segundo os boatos que correm por aí, é ela quem dirige a bolsa do marido, sendo certo que ele possui um regimento de anjos.

PISTOLA — Número igual de demônios apresta, e "Avançar!" aconselho.

NYM — O humor está subindo. Muito bem. Esses anjos me deixam bem humorado.

FALSTAFF — Tenho aqui comigo uma carta que escrevi para mandar-lhe, e uma outra para a mulher de Page, que, faz pouco tempo, me lançou olhares animadores e examinou o meu físico com miradas judiciosas, ora dourando-me os pés com os raios dos olhos, ora o ventre avantajado.

PISTOLA — O sol a iluminar o monturo.

NYM — Felicito-te pela piada.

FALSTAFF — Percorreu minhas formas exteriores com tão ávida curiosidade, que o apetite de seus olhos parecia queimar-me como um espelho ustório. Esta carta aqui é para lhe ser entregue. É ela, também, quem dirige a bolsa do casal; é um trecho da Guiana, rica em ouro e liberalidades. Passarei a ser o coletor de ambas, e elas o meu tesouro, as minhas Índias orientais e ocidentais, comerciando eu pelos dois lados. Leva esta carta para a senhora Page, e tu, esta outra para a senhora Ford. Vamos ficar ricos, rapazes! Vamos ficar ricos!

PISTOLA — Eu, virar Pândaro de Tróia, tendo na cintura esta espada? Melhor fora, Lúcifer, que levásseis a nós todos.

NYM — Não representarei um humor desprezível. Retomai vossa carta humoresca; pretendo conservar intacta minha reputação.

FALSTAFF (*a Robim*) — Leva esta carta, ó coisa, bem depressa! Veleja como a minha caravela, no rumo à Costa do ouro. E vós, velhacos, fora daqui! Sumi como saraiva! Arrastai-vos a pé, buscai abrigo, que Falstaff e seu pajem, à francesa, serão homens do século, é certeza.

(*Saem Falstaff e Robim.*)

PISTOLA — Rasguem-te os intestinos os abutres. Dados falsos ainda há, dados com chumbo, lanços altos e baixos, para pobres e ricos enganar. Hei de no bolso ter sempre moedas, quando já estiveres sem vintém, baixo frígio da Turquia!

NYM — Trago algumas operações na cabeça, que são o humor da vingança.

PISTOLA — Queres vingar-te?

NYM — Pelo céu e os astros.

PISTOLA — Com espírito, ou aço?

NYM — Os dois humores. Ao pajem vou contar o humor da carta.

PISTOLA — E a Ford eu próprio revelo que Falstaff, tipo à-toa, quer arrombar-lhe o castelo e surripiar-lhe a garçoa.

NYM — Meu humor não arrefecerá; vou concitar Page a pensar em veneno; deixá-lo-ei enciumado ao último ponto, porque a explosão da mina seja perigosa: eis o verdadeiro humor do caso.

PISTOLA — És o Marte dos descontentes. Estou contigo. Marcha!

(*Saem.*)

Cena 4

Um quarto em casa do doutor Caius. Entram a senhora Quickly e Simples.

QUICKLY — Olá, John Rugby! (*Entra Rugby*) Por obséquio, vai à janela e vê se o meu amo já vem, o mestre doutor Caius. Se ele encontrar aqui alguém de fora, fará um mau uso da paciência de Deus e do inglês do rei.

RUGBY — Vou espiar.

QUICKLY — Vai, que à noite beberemos alguma coisa, posso assegurar-te, quando estiver para se extinguir a chama do carvão. (*Sai Rugby.*) É um criado honesto, serviçal, atencioso, como não se encontra outro em nenhuma casa, e, posso asseverar-vos, não vive contando novidades nem procurando mexericos. Seu pior defeito é gostar muito de rezar; a esse respeito, é um pouco teimoso; mas todos nós temos os nossos defeitos. Que reze! Vosso nome é Pedro Simples, não foi isso que dissestes?

SIMPLES — Sim, senhora; em falta de outro melhor.

QUICKLY — E vosso patrão é mestre Slender?

SIMPLES — Sim, por minha fé.

QUICKLY — Não é aquele senhor que usa uma barba grande e redonda, parecida com trinchete de luveiro?

SIMPLES — Não, por minha fé; tem uma carinha de penugem, com uma barbicha amarela, uma barba da cor de canela.

QUICKLY — E é homem de gênio calmo, não é verdade?

SIMPLES — Sim, por minha fé; mas é pessoa de punhos decididos como qualquer outra entre esta cabeça e a dele; já brigou com um couteiro.

QUICKLY — Que me dizeis! Ah, sim! Agora me recordo de sua figura. Não anda, por assim dizer, de cabeça alta e um tanto empertigado?

SIMPLES — Perfeitamente; isso mesmo.

QUICKLY — Que o céu não contemple Ana Page com pior sorte. Dizei ao reverendo Evans que farei o que for possível a favor de vosso amo. Ana é uma boa rapariga e eu só desejo...

(*Volta Rugby.*)

RUGBY — Debandai, que aí vem vindo o patrão!

QUICKLY — Irá passar-nos uma sarabanda. Entrai aqui, bom moço; passai para este compartimento. (*Fecha Simples no quarto anexo.*) Decerto não vai demorar. — Olá, John Rugby! João! Estou chamando! João! Vai saber o que houve com o patrão; receio que lhe tenha acontecido alguma coisa. Até agora não voltou para casa. (*Sai Rugby.*) (*Canta.*) Em baixo, lá! Em baixo, lá!

(*Entra o doutor Caius.*)

CAIUS — Que cançon é essa? Não gosto dessas brincadeirras. Por obséquio, ide buscar no meu quarto *une boitine vert,* uma caixa, uma caixa verde. *Entendez-vous ce que je dis?*

QUICKLY — decerto que entendo. Vou já. (*À parte.*) Por sorte ele mesmo não foi buscá-la. Ficaria fulo de raiva, se encontrasse lá dentro o rapaz.

CAIUS — *Fe,fe,fe,fe! Ma foi, il fait fort chaud. Je m'en vais à la cour... la grande affaire.*

QUICKLY — É esta, senhor?

CAIUS — *Oui; mettez le no meu bolse; depechez!* Depresse! Onde está esse velhaque Rugby?

QUICKLY — Olá, John Rugby! John!

(*Volta Rugby.*)

RUGBY — Aqui, senhor.

CAIUS — Sois John Rugby e sois Jack Rugby. Apanhai vossa espada, para irmos à la cour, à corte.

RUGBY — Tenho-a à mão, senhor, aqui mesmo no vestíbulo.

CAIUS — Por minha fé, estou demorando muito. *Mortdieu! Qu'ay j'oublié?* No meu gabinete há um simples, que não desejo deixar lá por nada de ce monde.

QUICKLY (*à parte*) — Ai de mim! Vai ficar fulo de raiva, quando der com o rapaz lá dentro.

CAIUS — *Ó diable! diable!* Quem está em meu gabinete? *Villain! Larron!* (*Empurrando Simples para fora.*) Rugby minha espada!

QUICKLY — Ficai calmo, meu bom amo.

CAIUS — E *pourquoi* terrei de ficar calme, eh?

QUICKLY — Esse rapaz é um moço honesto.

CAIUS — E que pode querer um moço honeste no meu gabinete? Moço honeste non entra no meu gabinete.

QUICKLY — Por favor, não fiqueis tão fleumático. A verdade do caso é que ele me trouxe uma incumbência da parte do reverendo Evans.

CAIUS — *C'est bien.*

SIMPLES — Realmente, para pedir-lhe que...

QUICKLY — Ficai quieto, por obséquio.

CAIUS — Vôtre langue é que deve ficar quiete! *Et vous,* ai, continuai com vossa história.

SIMPLES — ... para pedir a esta honesta senhora, vossa empregada, que dissesse uma palavrinha à senhorita Ana Page a favor do meu amo, no sentido de casamento.

QUICKLY — Foi isso, nada mais; pronto! Mas eu é que não meto o dedo no fogo. Não tenho necessidade disso.

CAIUS — Foi o reverendo Hugo que vos mandou com esse recado? Rugby, *baillez-moi* papel! Esperrai um pouco. (*Escreve.*)

QUICKLY — Fico satisfeito por vê-lo assim tão calmo; se houvesse ficado colérico, teríeis ouvido seus gritos e sua melancolia. Mas, apesar de tudo, homem, farei o que puder por vosso amo; e o verdadeiro sim e não da questão é que o doutor francês, meu amo — posso dar-lhe esse nome porque, vede bem, sou eu que tomo conta de sua casa, lavo, torço, esfrego, preparo cerveja, pão, cuido da limpeza geral, da comida e da bebida, arrumo a cama, faço tudo sozinha...

SIMPLES — Carga pesada!

QUICKLY — Ah! Percebeste isso? Realmente, uma carga pesada! Levantar cedo e deitar tarde. Mas apesar de tudo — digo-vos isso aqui entre nós, porque não gosto de mexericos — meu amo também está apaixonado da senhorita Ana Page. Mas apesar de tudo, conheço o gênio de Ana; não pende para nenhum dos lados.

CAIUS — Olá, macaque! Entrega esta carta ao reverendo Hugo. *Pardieu*! É um desafio. Hei de cortar-lhe o pescoço no parque. Quero ensinar a esse padre miserável, a esse mono, a não meter o bedelho onde não é da conta dele. Podeis ir emborra; não fica bem demorardes aqui mais tempo.*Pardieu*! Vou arrancar-lhe as pedras; ficarrá sem nenhuma pedra para atirar aos cães.

(*Sai Simples.*)

QUICKLY — Oh céus! Ele falou apenas em nome do amigo.

CAIUS — A queston é outra. Não me tínheis dito que eu irria ficar com Ana Page, hein? *Pardieu*, vou matar esse badameco de padre; pedi ao estalajadeiro da Jarreteira que medisse nossas armas. *Pardieu*, eu é que vou ficar com Ana Page.

QUICKLY — A senhorita vos dedica muito amor; tudo ainda há de acabar bem. Mas é preciso deixar que os Outros falem também, ora essa!

CAIUS — Rugby, vamos à corte. *Pardieu*! Se eu não ficar com Ana Page, atiro-vos de cabeça por essa janela. Segue-me nos calcanhares, Rugby.

(*Saem Caius e Rugby.*)

QUICKLY — Haveis de ver Ana mas é por um óculo! Não; conheço o pensamento de

Ana; não há em Windsor mulher alguma que conheça o pensamento de Ana como eu, nem que tenha maior influência sobre ela, graças a Deus.

FENTON (*dentro*) — Há alguém em casa? Eh!

QUICKLY — Quem está ai? Vinde para perto da porta, por obséquio.

(*Entra Fenton.*)

FENTON — Então, boa mulher, como vais passando?

QUICKLY — Tanto melhor, por haver Vossa Senhoria procurado saber do meu estado.

FENTON — Quais são as novidades? Como vai passando a bela senhorita Ana?

QUICKLY — Com efeito, senhor, ela é bela, honesta e gentil, posso asseverar-vos de passagem. Quanto a isso, levanto as mãos para o céu.

FENTON — Acreditais que eu conseguirei o intento? Não serei recusado?

QUICKLY — Em verdade, senhor, tudo está nas mãos do Altíssimo. Todavia, mestre Fenton, poderia jurar sobre o livro em como ela vos ama. Vossa Senhoria não tem uma verruga em cima dos olhos?

FENTON — Tenho, com a breca! Mas a que vem isso?

QUICKLY — Ah! E uma história muito comprida. Por minha fé, a Aninha é única! Mas honesta como ela, nunca houve rapariga que cortasse pão, é o que eu protesto. Conversamos durante duas horas a respeito dessa verruga. Nunca rio tanto como quando me acho na companhia dessa rapariga, que é, realmente, muito dada à alicolia e à contemplação. Mas com relação a vossa pessoa... continuai sem desânimo.

FENTON — Muito bem; vou vê-la hoje à noite. Fica com esta lembrança da minha parte e dize-lhe uma palavrinha a meu favor. Se a vires antes de mim, recomenda-me.

QUICKLY — Recomendar-vos? É o que farei, sem dúvida alguma. E, quando tivermos outra confidência, voltarei a falar a Vossa Senhoria a respeito da verruga e dos outros pretendentes.

FENTON — Muito bem. Adeus. Estou com pressa.

QUICKLY — Passe bem Vossa Senhoria. (*Sai Fenton.*) É, realmente, um rapaz honesto; Ana, porém, não lhe dedica amor. Conheço o pensamento de Ana tão bem como qualquer pessoa. Mas, com a breca! De que foi que eu me esqueci? (*Sai.*)

Ato 2

Cena 1

Defronte da casa de Page. Entra a senhora Page com uma carta.

SENHORA PAGE — Como! Das cartas amorosas escapei no bom tempo de minha beleza, para tornar-me agora assunto delas? Vejamos: "Não me pergunteis o motivo de vos amar, porque embora o amor empregue a razão como seu médico, não a admite como conselheira. Já não sois jovem, como eu também não o sou; tendes gênio alegre, tal como eu, ah! ah! Para que maior simpatia? Gostais de xerez tanto quanto eu. Poderíeis desejar maior afinidade? Em resumo, senhora Page, basta saberes — se o amor de um soldado te for suficiente — que te amo. Não direi que te apiades de mim, por não ser soldadesca semelhante frase. Direi apenas: ama-me! Do teu cavaleiro que ao claro luzeiro do sol ou candeeiro por ti, prazenteiro, saudara o coveiro, lutando primeiro com o mundo inteiro. John Falstaff." Que Herodes da Judéia será este? Oh mundo perverso! perverso! Um sujeito quase de todo roído pela idade, e que se comporta como um moço conquistador! em nome do diabo, que gesto refletido de minha parte poderá ter surpreendido esse bêbedo flamengo em minhas conversações, para ousar assaltar-me por esse modo? Como! Não chegou a conversar comigo nem três vezes! Que lhe poderia ter eu falado? De todas essas vezes fui muito frugal com relação à minha alegria — o céu que me perdoe! — Ora essa! Vou apresentar no parlamento uma lei para supressão de todos os homens. De que modo poderei vingar-me? Sim, porque vingada hei de ser, tão certo como serem feitas de pudim as minhas vísceras.

(*Entra a senhora Ford.*)

SENHORA FORD — Senhora Page, podeis acreditar-me, ia a vossa casa.

SENHORA PAGE — E podeis crer-me que eu também ia fazer-vos uma visita. Tendes aparência de quem não se sente bem.

SENHORA FORD — Jamais darei crédito a semelhante coisa, pois posso provar o contrário.

SENHORA PAGE — É certo. Pelo menos, é a impressão que me deixais.

SENHORA FORD — Bem; que seja. Mas torno a dizer que posso provar o contrário. Ó senhora Page, aconselhai-me.

SENHORA PAGE — De que se trata, minha flor?

SENHORA FORD — Ó flor! Se não fosse o respeito insignificante que devemos à sociedade, a que honras eu não poderia subir!

SENHORA PAGE — Enforcai esse respeito insignificante, minha querida, e ficai com as honras. Mas, de que se trata? Ponde de lado as insignificâncias. De que se trata?

SENHORA FORD — Se eu me dispusesse a ir para o inferno por uma eternidade ou pouco mais, poderia ser mulher de um cavaleiro.

SENHORA PAGE — Como! Isso é mentira de tua parte. "Sir Alice Ford!" Cavaleiros desse porte tornam-se logo vulgares, continuando tu no mesmo ponto, no que respeita à tua fidalguia.

SENHORA FORD — Estamos acendendo luz de dia. Lede isto, e vede como posso tornar-me fidalga. Enquanto eu tiver vista para distinguir a corpulência das pessoas, hei de fazer mau juízo dos homens gordos. No entanto, ele não jurava, elogiava a modéstia das mulheres e manifestava um desprezo tão decente e reservado com relação às inconveniências, que eu teria jurado que sua conduta andava a par com a verdade de suas palavras. Mas ambas se combinam e se adaptam como o centésimo Salmo com a música da canção "As mangas verdes". Que tempestade, pergunto agora, fez encalhar nas praias de Windsor essa baleia, com tantas toneladas de azeite na barriga? De que modo vingar me dele? Penso que o melhor meio seria entretê-lo com esperanças, até que o fogo maldito de sua luxúria o fizesse derreter em sua própria gordura. Já ouvistes falar em coisa igual?

SENHORA PAGE — Carta por carta, com a diferença de que onde uma traz o nome "Ford" a outra mostra o nome "Page". Para tranqüilizar-te a respeito do mistério de tua má reputação, aqui tens a irmã gêmea de tua carta. Mas que fique a herança para a tua, porque posso assegurar-te que a minha jamais a reclamará. Aposto como ele tem um milheiro dessas cartas, com o lugar para o nome. E mais: que estas já estão em segunda edição. Sem dúvida alguma, vai publicá-las, porque para ele pouco importa o texto, contanto que o nosso nome esteja no meio. Eu preferia ver-me transformada em um dos gigantes e ficar debaixo do monte Pélion. Pelo que vejo, é mais fácil encontrar vinte rolinhas lascivas do que um homem casto.

SENHORA FORD — Mas são iguaizinhas as cartas! A mesma letra, as mesmas expressões. Que juízo fará ele de nós?

SENHORA PAGE — Sinceramente, não saberei dizê-lo. Isso me leva quase ao ponto de brigar com minha própria honestidade. De hoje em diante vou ter-me na conta de uma pessoa que eu própria desconheço. Porque é certeza: se ele não houvesse percebido em mim alguma mancha de que eu mesma não tenho conhecimento, não me teria abordado com tamanho ímpeto.

SENHORA FORD — Dais a isso o nome de abordagem? Pois tenho certeza de que vou mantê-lo sempre em baixo do convés.

SENHORA PAGE — Eu também; se ele conseguir chegar às minhas escotilhas, nunca mais me farei ao mar. Precisamos vingar-nos. Vamos marcar uma entrevista com ele, dar uma réstia de esperança para suas pretensões e entretê-lo com dilações de iscas atraentes, até que se veja obrigado a penhorar os cavalos para o hospedeiro da Jarreteira.

SENHORA FORD — Está bem; consinto em praticar com ele qualquer velhacaria, contanto que nossa honra não saia maculada. Ah! Se meu marido visse esta carta! Seria pábulo

inesgotável para o seu ciúme.

SENHORA PAGE — Aí vem ele, juntamente com o meu bom marido, que se acha tão distante do ciúme como eu de lhe dar ocasião para isso, o que é distância incomensurável, me parece.

SENHORA FORD — Tanto maior é a vossa felicidade.

SENHORA PAGE — Vamos confabular só entre nós, contra esse cavaleiro enxundioso. Vinde comigo.

(*Afastam-se. Entram Ford, Pistola, Page e Nym.*)

FORD — Espero que nada disso seja verdade.

PISTOLA — A esperança, por vezes, é um cachorro cotó. Mas a verdade é que Sir John ama vossa mulher.

FORD — Ora, senhor! Minha mulher já não é jovem!

PISTOLA — Ora, Ford! Ele faz a corte a moças e velhas, pobres e abastadas, altas e baixas; tudo serve. Gosta muito de sarrabulho. Ford, tem cuidado!

FORD — Ama minha mulher?

PISTOLA — Com fígado escaldante. Toma logo tuas medidas, caso não desejes virar o senhor Acteão, e perseguido por matilha atroadora. Oh nome odioso!

FORD — Que nome, senhor?

PISTOLA — Cornos, senhor. Adeus. Toma cuidado! Abre o olho, que os ladrões gostam da noite. Toma outras medidas antes que o verão chegue e o cuco cante. Vamos, sargento Nym. Page, podes crer nele; é veraz sempre. (*Sai.*)

FORD (*à parte*) — Preciso revestir-me de paciência para deslindar esse caso.

NYM (*a Page*) — É tudo verdade; não me agrada o humor da mentira. Ele me ofendeu em certos humores. Era eu que deveria entregar a tal carta, mas tenho uma espada que há de mostrar os dentes, quando for preciso. Ama vossa esposa: é esse o comprido e o curto da coisa. Meu nome é sargento Nym; digo e afirmo que é tudo verdade. Chamo-me Nym, e Falstaff gosta de vossa esposa. Adeus. Não gosto do humor de pão e queijo: eis o humor da coisa. Adeus. (*Sai.*)

PAGE (*à parte*) — "O humor da coisa", foi o que ele disse. Com essas brincadeiras, esse sujeito espanta o próprio humor.

FORD — Vou procurar Falstaff.

PAGE — Em toda a minha vida nunca ouvi um velhaco arrastar as palavras com tamanha afetação.

FORD — Se o encontrar, bem.

PAGE — Não darei crédito a um biltre dessa laia, ainda que o pároco da cidade o

recomende como a homem verdadeiro.

FORD — É um rapaz que revela bom senso. Bem.

PAGE — Então, Meg?

SENHORA PAGE — Para onde ides, Jorge? Atendei-me um instante.

SENHORA FORD — Então, querido Frank! Por que estais melancólico?

FORD — Eu, melancólico? Não estou melancólico, coisa nenhuma. Ide já para casa, vamos!

SENHORA FORD — Por minha fé, tendes alguma caraminhola na cabeça. Não vindes, senhora Page?

SENHORA PAGE — Irei convosco. Não ireis jantar, Jorge? (*À parte, à senhora Ford.*) Vede quem vem ali; vai servir-nos de mensageira para o cavaleiro ridículo.

SENHORA FORD — Estava pensando justamente nela; o ofício lhe vai muito bem.

(*Entra a senhora Quickly.*)

SENHORA PAGE — Vieste ver minha filha Ana

QUICKLY — Sim, por minha fé. Por obséquio, como vai passando a menina Ana?

SENHORA PAGE — Vinde conosco, que vos certificareis do seu estado. Temos uma horinha para conversar.

(*Saem as senhoras Page, Ford e Quickly.*)

PAGE — Então, mestre Ford?

FORD — Ouviste o que aquele velhaco me contou, pois não?

PAGE — Ouvi, e não ouviste também o que O Outro me disse?

FORD — Acreditais que houvessem falado a verdade?

PAGE — Que se enforquem! Corja de velhacos! Não acredito que o cavaleiro seja capaz de semelhante coisa. Os que o acusam de ter essas intenções com relação a nossas esposas foram despedidos do serviço dele, e desde então andam como uma junta de vagabundos sem ocupação.

FORD — Foram criados dele?

PAGE — Sem dúvida.

FORD — Mas nem assim a notícia me deixa tranqüilo. Ele se hospeda na Jarreteira?

PAGE — Isso mesmo. Ele que penda para o lado de minha mulher, que eu a soltarei em cima dele. Se ele conseguir alguma coisa mais do que palavras duras, assumo o peso da responsabilidade.

FORD — Não desconfio de minha mulher, mas não quero vê-los juntos. Um homem pode ser muito confiante; não desejo ter nada na cabeça; não me agradam essas responsabilidades.

PAGE — Vêde quem vem vindo ali! Não é o nosso hospedeiro da Jarreteira? Para estar com aparência tão jovial, ou traz vinho no caco ou dinheiro na sacola. (*Entram o estalajadeiro e Shallow.*) Então, meu estalajadeiro?

ESTALAJADEIRO — Então, ferrabrás? És um gentil-homem, cavaleiro-juiz; é o que te digo.

SHALLOW — Já te sigo, estalajadeiro; já te sigo. Bom-dia vinte vezes, meu bom mestre Page! Mestre Page, não quereis ir conosco? Temos uma brincadeira em perspectiva.

ESTALAJADEIRO — Conta-lhe o que há, cavaleiro-juiz; conta-lhe o que há, meu ferrabrás.

SHALLOW — Senhores, há uma rixa a ser dirimida entre o reverendo Hugo, o padre galense, e Caius, o doutor francês.

FORD — Meu excelente estalajadeiro da Jarreteira, uma palavrinha.

ESTALAJADEIRO — Que disseste, ferrabrás?

(*Conversam à parte.*)

SHALLOW (*a Page*) — Quereis ir conosco, para assistir ao espetáculo? O nosso estalajadeiro brincalhão ficou incumbido de medir as armas e creio que designou lugares diferentes, para os contendores. Pois em verdade ouvi dizer que o pastor não é para graças. Vinde comigo; vou explicar-vos o em que irá consistir a nossa brincadeira.

(*Conversam à parte.*)

ESTALAJADEIRO — Não tens nenhuma queixa contra meu hóspede-cavaleiro?

FORD — Nenhuma, posso asseverar-vos; mas prometo-vos uma botija de xerez queimado, para me aproximardes dele e dizerdes que me chamo Fontes; é uma simples brincadeira.

ESTALAJADEIRO — Aperta esta mão, Rolando! Terás acesso e recesso — falei bonito, não? — e te chamarás Fontes de verdade. É um cavaleiro divertido. Não vindes, senhores?

SHALLOW — Irei convosco, estalajadeiro.

PAGE — Ouvi dizer que o francês maneja espada com muita habilidade.

SHALLOW — Ora, senhor! Sobre isso eu poderia contar-vos muita coisa. Hoje, todos vós vos conservais em distância, com vossos passos e estocadas e não sei o que mais. O que importa é o coração, mestre Page; neste ponto! neste ponto! Já vi o tempo em que com minha espada comprida vos faria saltar como ratos quatro sujeitos deste tamanho.

ESTALAJADEIRO — Por aqui, rapazes! Por aqui! Vamos indo?

PAGE — Irei convosco. Preferira vê-los discutir a se baterem em duelo.

(*Saem o estalajadeiro, Shallow e Page.*)

FORD — Muito embora Page seja um imbecil pachorrento e confie demais na fragilidade

de sua mulher, não porei de lado minhas desconfianças assim com facilidade. Ela esteve com Falstaff em casa de Page, não sabendo eu o que fizeram por lá. Muito bem; vou estudar o caso mais de perto. Tenho um disfarce para sondá-lo. Se eu verificar que ela é honesta, não darei por perdido o trabalho. Caso contrário, foi muito bem empregado. (*Sai.*)

Cena 2

Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Falstaff e Pistola.

FALSTAFF — Não te emprestarei um só vintém.

PISTOLA — Então o mundo vai servir-me de ostra, que com a espada eu abro. Pagaria tudo, depois, em gêneros.

FALSTAFF — Não; nem um vintém. Permiti, senhor, que penhorásseis meu crédito; incomodei por três vezes meus amigos, para obter sus pensão da pena em que havíeis incorrido com vosso companheiro de trela, Nym, sem o que ambos teríeis ficado a olhar pela grade, como um par de bugios. Já estou condenado ao inferno, por ter jurado a uns gentis-homens, amigos meus, que éreis bons soldados e rapazes de valor, e quando a senhora Bridget perdeu o cabo da ventarola, dei minha palavra de honra em como não estava em teu poder.

PISTOLA — Não pesco nada, então? Nem quinze pences?

FALSTAFF — E com razão, velhaco. Pensas, então, que eu vou arriscar gratuitamente a alma? Em resumo: deixai de andar pendurado em minha pessoa. Não sou forca. Ide-vos logo! Uma faca curta e ajuntamento de gente é só o que vos importa. Ide para o vosso castelo de Pichthatch! Não podeis entregar uma carta de minha parte, não é assim? E contra vossa dignidade, não? Baixeza ilimitada, é o que deveríeis ter dito, quando é certo que eu faço impossíveis para não ultrapassar o limite da dignidade. Sim, eu, eu mesmo, deixando na mão esquerda o temor de Deus e escondendo a honra na necessidade, consinto em tergiversar, em rondar sebes, em lançar mão de expedientes, ao passo que vós, malandro, quereis pôr esses trapos, esse olhar de gato do mato, vossas frases de cervejaria sob o amparo de vossa dignidade?

PISTOLA — Arrependido estou. Que mais puderas exigir de um mortal?

(*Entra Robim.*)

ROBIM — Senhor, aí está uma mulher que deseja falar-vos.

FALSTAFF — Manda-a entrar.

(*Entra a senhora Quickly.*)

QUICKLY — Bom dia para Vossa Senhoria.

FALSTAFF — Bom dia, boa senhora.

QUICKLY — Senhora, não; se não for do desagrado de Vossa Senhoria.

FALSTAFF — Nesse caso, senhorita.

QUICKLY — Que o sou, jurar podia, como o era minha mãe, tendo eu um dia.

FALSTAFF — Acredito no juramento. Que quereis a meu respeito?

QUICKLY — Poderia dizer-vos uma palavrinha, ou duas?

FALSTAFF — Até duas mil, mulher encantadora; concedo-vos atenção.

QUICKLY — Há uma certa senhora Ford, senhor... Por obséquio, vinde para mais perto... Eu própria moro com o doutor Caius.

FALSTAFF — Muito bem. Prossegui. A senhora Ford, íeis dizendo...

QUICKLY — Vossa Senhoria tem razão. Pediria a Vossa Senhoria que se chegasse mais um pouco para este lado.

FALSTAFF — Posso assegurar-te que ninguém nos ouve. São meus empregados, são meus empregados.

QUICKLY — Ah! Sim? Que Deus os abençoe e faça deles seus servidores.

FALSTAFF — Muito bem. A senhora Ford... Que há a respeito dela?

QUICKLY — Pois não, senhor; é uma boa criatura. Ó senhor! senhor! Vossa Senhoria é um sedutor de marca! O céu que vos perdoe e a todos nós, é só o que peço.

FALSTAFF — A senhora Ford... Vamos! A senhora Ford!

QUICKLY — Que seja! O comprido e o curto da questão é que a pusestes em tamanha entaladela, que é de pasmar a gente. O mais alinhado cortesão, no tempo em que a corte esteve aqui em Windsor, não a teria posto numa entaladela assim. E note-se: tivemos cavaleiros, nobres e gentis-homens, com suas carruagens, posso assegurar-vos, carruagens sobre carruagens, cartas sobre cartas, presentes sobre presentes, e com cheiro tão agradável — era só almíscar — e embrulhados em seda e ouro, posso asseverar-vos, que até estalavam, e em termos tão aligantes, e com vinhos e açucares das melhores marcas, que teriam conquistado o coração a qualquer mulher. Mas posso assegurar-vos que eles nunca puderam obter dela um olhar sequer. Ainda hoje pela manhã ganhei vinte anjos; Mas desafio todos os anjos, anjos dessa qualidade, como se diz, quando não são ganhos honestamente. E posso assegurar-vos que nem os mais importantes conseguiram beber com ela no mesmo copo. No entanto entre eles havia barões e até mesmo pensionários. Mas posso assegurar-vos que para ela tudo era a mesma coisa.

FALSTAFF — Mas que disse ela de mim? Sede breve, senhora Mercúrio.

QUICKLY — Ora, recebeu vossa carta, e vos envia mil agradecimentos, mandando-vos notificar que o marido dela estará ausente de casa entre dez e onze horas.

FALSTAFF — Entre dez e onze horas?

QUICKLY — Certo. Nesse intervalo podereis ir ver o retrato que já conheceis; mestre Ford, o marido dela, não estará em casa. Ah! Aquela coitada leva com ele uma vida muito dura;

é ciumento em excesso; ela leva com ele uma vida miserável. Coitadinha!

FALSTAFF — Dez e onze! Mulher, recomenda-me a ela. Não faltarei.

QUICKLY — Está bem. Mas ainda tenho outro recado para Vossa Senhoria: a senhora Page também se recomenda de coração a Vossa Senhoria. E permiti que vos diga ao ouvido: ela é fartuosa como o pode ser uma mulher civil e honesta, uma mulher, posso asseverar-vos, que nem de manhã nem de tarde deixa de dizer as suas orações, tão bem como qualquer mulher de Windsor, seja ela quem for. Pediu-me que dissesse a Vossa Senhoria que o marido dela raramente para fora de casa, mas que ela espera que não há de faltar ocasião. Nunca vi uma mulher tão obcecada por alguém. Só parece que tendes feitiço, não? É pura verdade.

FALSTAFF — Não, posso asseverar-te. Se abstrairmos a atração de minhas boas qualidades, não disponho de nenhum feitiço.

QUICKLY — Que o céu vos abençoe.

FALSTAFF — Mas dize-me uma coisa, por obséquio: a mulher de Ford e a de Page em conversa entre si, contaram que estão apaixonadas por mim?

QUICKLY — Teria graça! Elas não são tão simples a esse ponto. Seria uma brincadeira de mau gosto. A senhora Page manda pedir-vos, por tudo que vos for de mais caro, que lhe envieis o vosso pajenzinho. O marido dela dedica enorme afeição a esse pajenzinho. E em verdade, mestre Page é um homem muito sério. Não há mulher em Windsor que leve melhor vida do que a dele: faz o que quer, diz o que quer, recebe tudo, paga tudo, deita-se quando lhe apetece, levanta-se quando lhe dá vontade, tudo, tudo de acordo com a vontade dela. E realmente, ela o merece; porque se há em Windsor mulher boa, é ela. Tereis de enviar-lhe vosso pajem; não há remédio.

FALSTAFF — Pois não; enviá-lo-ei.

QUICKLY — Enviai-o, então. E, ora vede, ele poderá levar e trazer recados; mas, pelo sim pelo não, será conveniente usardes alguma palavra cifrada, para que possais conhecer mutuamente vossos pensamentos, sem que o rapaz compreenda o de que se trata, pois não será bom ficarem as crianças sabendo qualquer maldade. As pessoas mais velhas, como o sabeis, são mais discretas, e, como se diz, conhecem o mundo.

FALSTAFF — Passa bem. Recomenda-me a ambas. — Pequeno, vai com esta mulher. (*Saem a senhora Quickly e Robim.*) Essas notícias me deixaram confuso.

PISTOLA — Esta bisca decerto é mensageira do deus Cupido. Afrouxai mais as velas! No rasto dela! Acima os anteparos! Fogo! Se não for minha, ao mar com todos!

FALSTAFF — Pensas desse modo, velho Jack? Continua no mesmo caminho. Daqui por diante passarei a ter em melhor conta o teu velho corpo. Elas ainda olham para o teu lado? Depois de haveres gasto tanto, ainda queres ganhar alguma coisa? Obrigado, meu belo corpo; pouco importa que te chamem de grandalhão; uma vez que ainda agradas, é quanto basta.

(*Entra Bardolfo com um copo de xerez.*)

BARDOLFO — Sir John, está lá em baixo um tal mestre Fontes que deseja falar-vos e travar relações convosco. Para isso, enviou a Vossa Senhora um pingo matinal de xerez.

FALSTAFF — O nome dele é Fontes?

BARDOLFO — Perfeitamente, senhor.

FALSTAFF — Faze-o entrar. (*Sai Bardolfo.*) São sempre bem recebidas as fontes de onde jorra licor desta espécie. Ah! Ah! Senhora Ford e senhora Page, apanhei-vos, não? Via!

(*Volta Bardolfo com Ford, disfarçado.*)

FORD — Deus vos abençoe, senhor.

FALSTAFF — E a vós também, senhor. Quereis falar-me?

FORD — É muita ousadia de minha parte; vim procurar-vos sem grandes cerimônias.

FALSTAFF — Sois muito bem-vindo. Que vos traz aqui? — Deixa-nos, rapaz.

(*Sai Bardolfo.*)

FORD — Senhor, eu sou um gentil-homem que já gastei muito dinheiro. Chamo-me Fontes.

FALSTAFF — Excelente mestre Fontes, desejo travar mais íntimo conhecimento convosco.

FORD — Meu bom sir John, eu é que desejo sinceramente travar conhecimento convosco, pois devo dizer-vos que me considero em muito melhores condições para emprestar dinheiro do que vós. Foi isso que me animou a vir importunar-vos, porque, como se diz: quando o dinheiro vai na frente, todos os caminhos se abrem.

FALSTAFF — O dinheiro, senhor, é um bom soldado; avança sempre.

FORD — É certo. Agora mesmo tenho um saco de moedas que me causa certo embaraço. Se quiserdes, sir John, ajudar-me a carregá-lo, podeis ficar com todas, ou com metade, a fim de me aliviardes desse peso.

FALSTAFF — Senhor, ignoro o motivo de tornar-me vosso carregador.

FORD — Vou dizer-vos, senhor, se me quiserdes ouvir.

FALSTAFF — Falai, meu bom mestre Fontes; ficarei satisfeito por vos prestar algum serviço.

FORD — Senhor, ouvi dizer que sois uma pessoa inteligente. Serei breve convosco, por serdes pessoa que eu conheço de longa data, conquanto nunca tivesse tido a feliz oportunidade que tanto desejava de tornar-me vosso conhecido. Vou revelar-vos um segredo que deixará patente minha grande fragilidade. Mas, meu caro sir John, ao lançardes um dos olhos para as minhas loucuras, quando eu vo-las houver patenteado, volvei o outro para o registro das vossas, para que mais facilmente eu possa receber censuras, uma vez que vós próprio sabeis como é fácil incidir em semelhantes erros

FALSTAFF — Muito bem, senhor; continuai.

FORD — Há uma senhora nesta cidade, cujo marido se chama Ford.

FALSTAFF — Muito bem, senhor.

FORD — Há muito que lhe dedico amor, podendo asseverar-vos que despendi muito dinheiro com ela; segui-a com a mais delicada atenção, multipliquei as oportunidades de nos encontrarmos, pagando as menores ocasiões, que se me apresentassem, de vê-la, embora só de passagem; não somente comprei muitos presentes para oferecer-lhe, como despendi à larga com muitas pessoas, só para vir a saber o que ela poderia desejar. Em suma: persegui-a como o amor me perseguia, isto é, com as asas de todas as ocasiões. Mas, por maior que fosse o meu mérito, tanto no que diz respeito aos meus sentimentos como aos meios aplicados por mim, recompensa, tenho certeza, não recebi nenhuma, a menos que a experiência seja uma jóia que me houvesse custado preço elevadíssimo, e me houvesse ensinado a dizer que tal como sombra, o amor corre de quem o segue: foge, se o perseguis; se fugis, vos persegue.

FALSTAFF — Nunca recebeste da parte dela nenhuma promessa animadora?

FORD — Nenhuma.

FALSTAFF — Nunca fostes insistente em vossas pretensões?

FORD — Nunca.

FALSTAFF — De que espécie, então, era vosso amor?

FORD — Era uma bela casa construída em terreno alheio, vindo eu a perder o meu edifício, por me haver enganado quanto ao local.

FALSTAFF — E com que finalidade me revelais isso tudo?

FORD — Quando eu vos tiver contado isso, terei revelado tudo. Já houve quem me dissesse que embora ela se comporte honestamente com relação à minha pessoa, em relação a outras de tal modo ela expande o seu gênio folgazão, que dá nascimento a comentários maldosos. E agora, sir John, aqui tendes o coração do meu pensamento: sois um gentil-homem de excelente educação, de admirável discurso, de grande poder de insinuação, de influência notória, já por vossa posição, já por vossa pessoa, e sumamente estimado por vossos méritos variados, de guerreiro, cortesão e de pessoa de conhecimentos profundos...

FALSTAFF — Oh, senhor!

FORD — Sim, podeis ter a certeza disso, porque sabeis que é assim mesmo. Aqui vos entrego dinheiro. Gastai-o; gastai mais ainda; gastai tudo o que possuo. Em troca, só vos peço um pouco do vosso tempo, o necessário para estabelecermos um cerco amoroso à honestidade da mulher desse Ford. Aplicai vossa arte de sedução, forçai-a a ceder a vossas instâncias. Se há quem possa conseguir tal coisa, sois vós, antes de qualquer outra pessoa.

FALSTAFF — Conviria à veemência de vossa paixão, que eu viesse a alcançar o que desejaríeis conquistar? Quer me parecer que prescreveis a vós próprio um remédio despropositado.

FORD — Oh! Compreendei bem o meu plano. Ela se acastela com tanta segurança na excelência de sua honestidade, que a tolice do meu coração não se atreve a apresentar-se diante dela: ela brilha por demais, para que possa ser fitada. Mas se eu pudesse chegar até ela com alguma prova em mãos, teriam os meus desejos exemplo e argumento para se recomendarem; eu poderia, então, deslocá-la da fortaleza de sua honestidade, de sua reputação, de seu juramento de casada e de mil outras defesas que por enquanto se acham demasiadamente armadas contra mim. Que dizeis a isso, sir John?

FALSTAFF — Em primeiro lugar, mestre Fontes, tomarei a liberdade de receber esse dinheiro; depois, apertarei vossa mão, e por último vos declaro que, tão certo como eu ser um gentil-homem, podereis, se o quiserdes, chegar a possuir a mulher de Ford.

FORD — Oh, meu digno senhor!

FALSTAFF — Afirmo que a possuireis.

FORD — Dinheiro, sir John, não vos há de faltar; não vos há de faltar.

FALSTAFF — Nem a vós, mestre Fontes, há de faltar a mulher de Ford, não vos há de faltar. Vou ter uma entrevista com ela — digo-vos isso aqui muito em particular — por indicação dela própria. Justamente no momento em que chegastes, acabava de sair daqui sua auxiliar, ou alcoviteira. Mandei dizer-lhe que iria à casa dela entre as dez e as onze horas, que é a hora, justamente, em que se acha fora aquele biltre, o ciumento do marido. Voltai aqui à tarde, que vos direi o que consegui.

FORD — Vosso conhecimento é para mim verdadeira benção. Conheceis esse Ford, senhor?

FALSTAFF — Esse pobre idiota que se enforque! Cabrão de uma figa! Não o conheço. Aliás, chamando-lhe pobre, faço-lhe uma injustiça, por que dizem que esse cornudo ciumento possui montes de dinheiro, o que é uma das razões de parecer-me sua mulher muito bem apessoada. Para mim, ela vai servir de chave para abrir o cofre desse idiota cornudo.

FORD — Lamento, senhor, que não conheçais Ford, para poderdes evitá-lo, no caso de virdes a vos encontrar com ele.

FALSTAFF — Esse vendedor de manteiga salgada que se enforque! Tipo à-toa! Vou encará-lo, a ponto de fazê-lo perder a tramontana; infundir-lhe o respeito com a minha cachamorra, pendurar-me em seus cornos de cabrão, como verdadeiro meteoro. Sim, mestre Fontes, vais ver como eu domino aquele rústico; ainda virás a deitar-te com a mulher dele. Vem falar comigo à noitinha. Ford é um bisbórria, título esse que eu vou deixar mais caracterizado ainda. Podes ter a certeza, mestre Fontes, de que o ficarás conhecendo pelo que é mesmo: biltre e cornudo. (*Sai.*)

FORD — Que epicúrico amaldiçoado é este miserável! Sinto o coração partir-se-me de impaciência. E ainda haverá quem me venha dizer que o meu ciúme é intempestivo? Minha mulher lhe mandou recado; a hora está marcada; é negócio feito. Alguém poderia pensar em semelhante coisa? Vede que inferno é possuir uma mulher falsa. Vou ficar com o leito poluído,

os cofres saqueados, a reputação estraçalhada. E não somente terei de suportar todos esses ultrajes, como ainda serei forçado a ouvir os mais abomináveis qualificativos, da boca, justamente, de quem me lança todo esse opróbrio. Que qualificativos? Que nomes? Amaimom soa bem; Lúcifer, bem; Barbason, bem. No entanto são qualificativos do diabo, nomes do demônio. Mas cornudo, cabrão, chifrudo! Nem o próprio diabo tem esses nomes. Page é um asno, um asno sossegado; confia na mulher, não sente ciúmes. Eu preferira entregar toda minha manteiga a um holandês, meu queijo ao pastor Hugo, o galense, minha garrafa de aguardente a qualquer irlandês, ou o meu cavalo castrado a um ladrão, para dar um passeio nele, a deixar minha mulher com ela própria. Ela enreda, rumina e trama; o que as mulheres resolvem no coração tem de ser levado a cabo; ainda que se lhes parta o coração, têm de ir até ao fim. Louvado seja Deus por causa do meu ciúme. Onze horas é a hora combinada. Vou impedir isso, surpreender em flagrante minha mulher, vingar-me de Falstaff e zombar de Page. Não perderei tempo. É melhor chegar três horas mais cedo do que atrasado de um minuto. Sim, senhor! Sim, senhor! Cabrão! Cabrão! Cabrão! (*Sai.*)

Cena 3

Um campo perto de Windsor. Entram Caius e Rugby.

CAIUS — Jack Rugby!

RUGBY — Senhor?

CAIUS — Que horras som, Jack?

RUGBY — Já passou da hora, senhor, que o reverendo Hugo prometeu vir.

CAIUS — *Pardieu*! Não vindo, salvou a alma. Se não veio, é que rezou bastante em sua Bíblia. *Pardieu*, Jack Rugby, se ele tivesse vindo, já estarria morto.

RUGBY — Ele é sabido, senhor; compreendeu que, se viesse, Vossa Senhoria o haveria de matar.

CAIUS — *Pardieu*! Um arrenque salgado não está mais morto do que ele vai ficar. Segurrai em vossa espada, Jack; querro mostrar-vos como pretendo matá-lo.

RUGBY — Oh, senhor! Mas eu não conheço esgrima!

CAIUS — Vamos, marroto! Segurrai a espada!

RUGBY — Um momento! Vem chegando gente.

(*Entram o estalajadeiro, Shallow, Slender e Page.*)

ESTALAJADEIRO — Deus te abençoe, doutor mata-sete.

SHALLOW — Deus vos proteja, mestre doutor Caius.

PAGE — Como vamos, bom mestre doutor?

SLENDER — Bom dia, senhor.

CAIUS — Pourquoi tanta gente aqui? *Un, deus, trois, quatre...*

ESTALAJADEIRO — Viemos ver como te bates, como dás um bote, como te pões de guarda, como ficas aqui, como ficas ali... Viemos ver teu golpe de ponta, tua estocada, teus reversos, tua distância, teu montante. Ele já morreu, meu etiópico? Ele já morreu, meu Francisco? Então, mata-sete? Que diz o meu Esculápio? o meu Galeno? meu coração de subugueiro? Ah! Já morreu, bobo grande?

CAIUS — *Pardieu*! Esse Jack é o padre mais poltron do mundo; não mostrou nem o rosto.

ESTALAJADEIRO — És um rei de Castela, dom Urinal! Heitor da Grécia, rapaz.

CAIUS — *Je vous prie,* sede testemunhas em como eu esperrei seis ou sete, duas, três horas, e ele não apareceu.

SHALLOW — De vós dois, ele é o mais prudente, mestre doutor; é médico de almas, enquanto vós sois médico do corpo. Se vos tivésseis batido, teríeis deixado vossa vocação de pêlo arrepiado. Não é verdade, mestre Page?

PAGE — Mestre Shallow, já fostes um grande esgrimista, conquanto agora sejais um homem pacífico.

SHALLOW — Pelo corpo de Deus, mestre Page, embora velho e pacífico, E quando vejo uma espada, sinto cócegas nos dedos, só de vontade de apanhá-la. Ainda que sejamos juízes, e doutores e sacerdotes, mestre Page, ainda conservamos algum sal da mocidade. Somos filhos de mulher, mestre Page.

PAGE — É verdade, mestre Shallow.

SHALLOW — Sem dúvida, mestre Page. Mestre doutor Caius, estou aqui para levar-vos para casa. Fiz juramento para juiz de paz; comportastes vos como médico sábio, e o reverendo como sábio e paciente membro da igreja. Tereis de ir comigo, mestre doutor.

ESTALAJADEIRO — Perdão, hóspede-juiz; uma palavrinha, senhor mexedor de água.

CAIUS — Mexedor de água? Que quer dizer isso?

ESTALAJADEIRO — Mexedor de água, meu gigante, em nossa língua quer dizer valoroso.

CAIUS — *Pardieu*, nesse caso eu sou tão mexedor de água como os ingleses. Cachorro miserável aquele padre à-toa! *Pardieu*! Vou cortar-lhe as orrelhas.

ESTALAJADEIRO — Ele acaba mas é te macetando a cabeça, meu gigante.

CAIUS — Macetando a cabeça? Que é isso?

ESTALAJADEIRO — Quer dizer que te dará explicações.

CAIUS — *Pardieu*, ides ver como ele me macetarrá mesmo a cabeça. *Pardieu*, é isso mesmo que eu querro.

ESTALAJADEIRO — E eu vou incitá-lo a fazer isso, ou ele há de espernear comigo.

CAIUS — Eu vos agradecer por isso.

ESTALAJADEIRO — Além do mais, trinca-ferros... (*À parte.*) Mas, antes de tudo, mestre hóspede e mestre Page, e vós também, cavaleiro Slender, ide pela cidade a Frogmore.

PAGE — O reverendo Hugo está lá?

ESTALAJADEIRO — Está. Vede em que humor se encontra, que eu e o doutor iremos pelo campo. Está bem?

SHALLOW — Faremos tudo de acordo.

PAGE, SHALLOW e SLENDER — Adeus, meu bom mestre doutor. (*Saem Page,*

Shallow e Slender.)

CAIUS — *Pardieu*! Querremos matar o padre; ele quer falar com Ana Page a favor de um macaque.

ESTALAJADEIRO — Mata-o, mas primeiro acalma a paciência; joga água fria em tua cólera. Vamos dar um passeio pelo campo até Frogmore; vou levar-te para junto da senhorita Ana Page; ela está jantando em uma herdade. Lá, poderás fazer-lhe a corte. Tens coragem?

CAIUS — *Pardieu*, agradeço tudo. *Pardieu, je vous aime*; vou arranjar bons fregueses, o conde, o cavaleiro, nobres, gentis-homens. Todos os meus clientes.

ESTALAJADEIRO — Em pagamento, serei teu adversário com relação a Ana Page. Falei bem?

CAIUS — *Pardieu; très bien;* muito bem dito.

ESTALAJADEIRO — Então partamos.

CAIUS — Jack Rugby, vem atrás de mim.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Campo perto de Frogmore. Entram o reverendo Hugo Evans e Simples.

EVANS — Por opséquio, meu pom servidor do mestre Slender, de nome amigo Simples, por que caminhos procurastes mestre Caius, que se intitula doutor em medicina?

SIMPLES — Ora, senhor, pelo caminho do parque, por todos os caminhos, pelo caminho da velha Windsor, por todos os caminhos, menos o da cidade.

EVANS — Em tesejo muito feementemente que o procureis também por esse caminho.

SIMPLES — Pois não, senhor. (*Sai.*)

EVANS — Deus apençoe minha alma. Como me sinto cheio de cólera e de tremores de espírito! Ficarei satisfeito se ele me enganou. Como me sinto melancólico! Hei de queprar o urinol dele na sua cabeça de maroto, logo que encontrar obortunidade para isso. Deus apençoe minha alma. (*Canta.*)

Nas margens pélas dos regatinhos em côrro cantam os passarinhos. Muitos canteiros farrei de rossas, todas ponitas, todas cheirossas. Nas margens pélas... Oh Deus pondoso, sinto vontade de chorar!

(*Canta.*)

... em corro cantam os passarinhos, junto dos rios de Papilônia... todas ponitas, todas cheirossas. Nas margens pélas...

(*Volta Simples.*)

SIMPLES — Ele vem vindo por este lado, reverendo Hugo.

EVANS — Será pem-vindo. (*Canta.*) — Nas margens pélas dos regatinhos... O céu defenda o direito. Que armas ele traz?

SIMPLES — Não traz armas, senhor. Aí vem meu amo, mestre Shallow, com outro cavaleiro de Frogmore, do lado de lá da cancela, deste lado.

EVANS — Por opséquio, dai-me meu sobretudo, ou melhor fica com ele no praço. (*Lê em um livro. Entram Page, Shallow e Slender.*)

SHALLOW — Então, mestre pastor! Bom dia, meu caro reverendo Hugo. Tirai dos dados o jogador e dos livros o estudioso... Isso sim, é que é milagre.

SLENDER(*à parte*) — Ah, suave Ana Page!

PAGE — Deus vos guarde, reverendo Hugo.

EVANS — E apençoe a todos em sua misericórdia.

SHALLOW — Como! A espada e o livro? Estudais ambos, mestre pastor?

PAGE — E em trajes de rapaz, de gibão e calça, num tempo destes, mais próprio para apanhar resfriado?

EVANS — Tenho rassões e causas para isso.

PAGE — Mestre pastor, viemos para vos prestar um bom serviço.

EVANS — Muito pem; de que se trata?

PAGE — Ali adiante há um respeitável cavalheiro, que, tendo sido ofendido por alguém, se encontra em dificuldades, como nunca vistes, com sua própria gravidade e paciência.

SHALLOW — Já passei dos oitenta anos, mas nunca vi uma pessoa de sua posição, gravidade e saber que houvesse perdido a esse ponto a compostura.

EVANS — Quem é ele?

PAGE — Penso que o conheceis; é o mestre doutor Caius, o famoso médico francês.

EVANS — Pela baixão do Senhor; preferia que me falassem de um prato de sopa.

PAGE — Por quê?

EVANS — Esse suxeito não conhece nada de Hibócrates nem de Galeno, e não passa de um velhaco, um velhaco tão covarde como poderíeis desejar conhecer.

PAGE (*a Shallow*) — Aposto que é ele que devia bater-se com o doutor.

SLENDER (*à parte*) — Oh suave Ana Page!

SHALLOW — Parece que sim, porque está armado. Separai-os; vem vindo o doutor Caius.

(*Entram o Estalajadeiro, Caius e Rugby.*)

PAGE — Assim não, excelente mestre pastor; guardai a espada.

SHALLOW — Fazei o mesmo, meu bom mestre doutor.

ESTALAJADEIRO — Desarmemo-los e deixemo-los discutir que fiquem com os membros inteiros e estraçalhem apenas o nosso inglês.

CAIUS — Por obséquio, deixai-me parler uma palavra à *l'orreille: pour quoi* não querreis me encontrar?

EVANS (*à parte, a Caius*) — Por opséquio, baciência, baciência, é só o que eu digo.

CAIUS — *Pardieu*, sois *un couard,* um cão de Jack, um macaque de Jean.

EVANS (*à parte, a Caius*) — Por opséquio, não nos tornemos motivo de calhofa para os outros. Desejo vossa amizade e dar-vos qualquer rebaraçon. (*Alto.*) Vou queprar vosso urinol nessa capeça de marroto, por não terdes vindo ao encontro compinado.

CAIUS — *Diable*! Jack Rugby, meu estalajadeiro *de la Jarretière,* eu non o esperrei para matá-lo? Não o esperrei no lugar que *j'avais indiqué?*

EVANS — Tão certo como eu ter alma cristã, ora vede, o lugar compinado foi este. Como testemunha chamo o estalaxadeiro da Xarreteira.

ESTALAJADEIRO — Paz, é o que eu digo, Gália e Vália, gaulês e galês, médico do corpo e médico da alma!

CAIUS — *Ah! C'est très bien!* Excelente.

ESTALAJADEIRO — Paz, é o que eu digo. Escutai o estalajadeiro da Jarreteira. Serei político? Serei sutil? Serei Maquiavel? Terei de perder o meu doutor? Não. É ele quem me dá as poções e as noções. Terei de perder o meu pastor, meu padre, meu reverendo Hugo? Não; é ele quem me dá os provérbios e os não-vérbios. Dai-me essa mão terrestre. Assim! Dai-me essa mão celeste. Assim! Rapazes da arte, enganei a ambos; aprazei-vos para lugares diferentes. Sois ambos de coração forte e ambos estais com a pele intacta. Que tudo termine em xerez queimado. Vamos, deixai as espadas como penhor. Segui-me, homens de paz, acompanhai-me, acompanhai-me!

SHALLOW — Por minha fé, esse estalajadeiro é um pândego! Vinde, cavalheiros. Vinde todos!

SLENDER (*à parte*) — Oh suave Ana Page!

(*Saem Shallow, Slender, Page e o Estalajadeiro.*)

CAIUS — Ah! Ah! *Je conprends!* Zombárron de nós, *n'escepas?* Ah! Ah!

EVANS — Berfeitamente. Riram de nós. Por opséquio, fiquemos amigos e vamos pater a capeça juntos para nos vingarmos desse tinhoso, desse felhaco, desse suxeito adulador, o estalaxadeiro da Xarreteira.

CAIUS — *Pardieu*, de todo o corraçon. Ele prometeu que me levarria a Ana Page. *Pardieu*! A mim também ele enganou.

EVANS — Berfeitamente. Vou amassar-lhe a capeça. Vinde comigo, por opséquio.

(*Saem.*)

Cena 2

Uma rua de Windsor. Entram a senhora Page e Robim.

SENHORA PAGE — Segui na frente, pequeno galante. Estais acostumado a andar sempre atrás das pessoas; mas agora tereis de servir-me de guia. Que preferis: guiar-me os olhos, ou olhar os calcanhares de vosso amo?

ROBIM — Em verdade, prefiro ir na vossa frente, como homem, a acompanhá-lo, como anão.

SENHORA PAGE — Oh! Sois um pequeno adulador. Estou vendo que dareis um bom cortesão.

(*Entra Ford.*)

FORD — Feliz encontro, senhora Page. Para onde ides?

SENHORA PAGE — Vou justamente, senhor, visitar vossa esposa. Está em casa?

FORD — Está, e tão sem fazer nada, que se sente entediada por falta de companhia. Creio que se vossos maridos viessem a morrer, vos casaríeis de novo.

SENHORA PAGE — Nem há dúvida! Com dois novos maridos.

FORD — Onde arranjastes esse bonito catavento?

SENHORA PAGE — Não vos saberei dizer que diabo de nome tem a pessoa de quem meu marido o obteve. Como se chama o cavaleiro vosso amo, garoto?

ROBIM — Sir John Falstaff.

FORD — Sir John Falstaff?

SENHORA PAGE — Isso mesmo. Nunca acerto com o nome dele. Entre ele e meu bom marido há tanta amizade! Mas vossa esposa está realmente em casa?

FORD — Está.

SENHORA PAGE — Com vossa licença, senhor. Ficarei doente, se não a vir.

(*Saem a senhora Page e Robim.*)

FORD — Page terá cabeça? Não terá olhos? Não raciocina? Não há dúvida, está em profundo letargo; não faz uso dos sentidos. Esse pajem levaria uma carta a vinte milhas de distância com a mesma facilidade com que um canhão acertaria no alvo a duzentos e quarenta passos. Ele próprio favorece a inclinação da mulher, incrementa sua loucura e facilita-lhe a

oportunidade. E agora lá vai ela visitar minha mulher, acompanhada do pajem de Falstaff! Não há quem não ouça cantar o vento nesta tempestade. Acompanhada do pajem de Falstaff Que bela conjura! Estão combinadas! Nossas esposas rebeladas vão ser condenadas juntas às penas eternas. Muito bem. Vou surpreendê-los; depois submeterei minha mulher à tortura, arrancarei o falso véu de modéstia da santarrona senhora Page e proclamarei o próprio Page como um Acteão tranqüilo e complacente, estando eu certo de que com esses processos violentos arrancarei aplausos de todos os vizinhos. (*Um relógio bate horas.*) O relógio me dá o sinal, exigindo minha convicção que inicie as investigações. Vou encontrar lá Falstaff. Minha conduta me ensejará mais elogios do que chufas, porque é tão certo como ser firme a terra estar Falstaff lá em casa. Vamos logo.

(*Entram Page, Shallow, Slender, o estalajadeiro, o reverendo Hugo Evans, Caius e Rugby.*)

PAGE, SHALLOW, etc. — Feliz encontro, mestre Ford.

FORD — Realmente, bonito bando. Há festa hoje lá em casa. Estão todos convidados.

SHALLOW — Peço que me desculpeis, mestre Ford, mas não posso aceitar o convite.

SLENDER — Nem eu, senhor; prometemos jantar com a senhorita Ana, e eu não faltaria com a palavra por todo o dinheiro que pudesse contar.

SHALLOW — Estamos tramando o casamento de Ana Page com o meu sobrinho Slender, sendo hoje esperada a resposta.

SLENDER — Conto com vosso consentimento, paizinho Page.

PAGE — Pois não, mestre Slender; estarei convosco em tudo. Mas minha mulher, mestre doutor, está inteiramente do vosso lado.

CAIUS — Oui; Pardieu! E a mademoiselle me ama; minha governante Quickly me asseverou isso mesmo.

ESTALAJADEIRO — E que dizeis do jovem mestre Fenton? Ele salta, dança, tem olhos de moço, escreve versos, fala como em dia de festa, cheira a abril e maio. É ele que vai ganhar! Seus botões o provam. É ele que vai ganhar!

PAGE — Mas não com o meu consentimento, posso asseverar-vos. Esse moço não tem recursos; anda na companhia do príncipe estúrdio e de Poins; é de uma região muito elevada; sabe demais. Não, não há de dar um nó na fortuna com o dedo de minha substância. Se vier a casar-se com minha filha, há de ser sem dote. Meus haveres dependem de meu consentimento, não embocando este para o lado desse pretendente.

FORD — Peço encarecidamente que alguns dos presentes me acompanhem até casa, para jantarmos. Além de boa mesa, prometo-vos ótima diversão: pretendo mostrar-vos um monstro. Mestre doutor, tereis de ir; e vós também, mestre Page, e vós, reverendo Hugo.

SHALLOW — Nesse caso, passai bem; assim, faremos com mais liberdade o pedido em casa de mestre Page.

(*Saem Shallow e Slender.*)

CAIUS — Vai para casa, Rugby; não me demoro.

(*Sai Rugby.*)

ESTALAJADEIRO — Adeus, corações. Vou procurar meu honesto cavaleiro Falstaff, para bebermos uma garrafa de Canárias. (*Sai o estalajadeiro.*)

FORD (*à parte*) — Antes disso eu beberei com ele uma pipa de vinho. Vou fazê-lo dançar. — Não quereis vir, senhores?

TODOS — Vamos ver o tal monstro.

(*Saem.*)

Cena 3

Um quarto em casa de Ford. Entram a senhora Ford e a senhora Page.

SENHORA FORD — Olá, João! Olá, Roberto!

SENHORA PAGE — Depressa! Depressa! O cesto de roupa!

SENHORA FORD — Já está à mão. Olá Robim! Estou chamando!

(*Entram criados com um cesto.*)

SENHORA PAGE — Vinde! Vinde! Vinde!

SENHORA FORD — Colocai-o aqui.

SENHORA PAGE — Ensinai a vossos homens o que eles têm de fazer. Precisamos ser rápidas.

SENHORA FORD — João, Roberto, como já vos disse, ficai atentos na cervejaria vizinha; quando eu vos chamar, vinde com urgência, e sem vacilações e perda de tempo carregai este cesto. Feito isso, levai-o com a maior pressa possível para o ponto em que estão as lavadeiras, no prado de Datchet, e o esvaziais numa das fossas de lama, junto do Tâmisa.

SENHORA PAGE — Fareis isso direito?

SENHORA FORD — Já lhes disse várias vezes tudo o que será preciso que façam. Já têm todas as indicações. Agora, retirai-vos, e voltai quando eu vos chamar.

(*Saem os criados. Entra Robim.*)

SENHORA FORD — Então, meu falcãozinho? que novidades nos trazes?

ROBIM — Meu amo, Sir John, se acha na porta dos fundos, senhora Ford, e deseja falar-vos.

SENHORA PAGE — E tu, pequeno João-quaresma, tens-nos sido fiel?

ROBIM — Posso jurá-lo. Meu amo não sabe que estais aqui e me ameaçou de pôr-me em liberdade eterna, se eu vos dissesse alguma coisa. Jura que há de me despedir.

SENHORA PAGE — És um bom menino. Tua discrição vai servir-te de alfaiate e confeccionar-te uma calça e um gibão novos. Vou esconder-me.

SENHORA FORD — Isso mesmo. Vai dizer ao teu amo que eu estou sozinha. (*Sai Robim.*) Senhora Page, não vos esqueçais de vossa deixa.

SENHORA PAGE — Fica tranqüila; se eu não representar direito, poderás vaiar-me.

(*Sai.*)

SENHORA FORD — E agora, mãos à obra. Vamos dar ocupação a essa umidade perniciosa, a essa imensa abóbora d'água; vamos ensinar-lhe a distinguir um gaio de uma rola.

(*Entra Falstaff.*)

FALSTAFF — "Minha jóia celeste me pertence?" então, posso morrer; já vivi bastante; atingi a meta de minhas ambições. Oh! Que hora abençoada!

SENHORA FORD — Oh, meu caro sir John!

FALSTAFF — Senhora Ford, não sei adular, não sei fazer discursos, senhora Ford. Mas permiti que exprima um voto pecaminoso: desejara que vosso marido estivesse morto. Afirmaria diante do maior Senhor, que faria de ti a minha senhora, a minha Lady.

SENHORA FORD — Eu, vossa Lady, sir John? Oh! Daria uma Lady bem ridícula.

FALSTAFF — A corte da França que me apresente outra igual! Estou vendo como esses olhos apostam com diamantes; possuís a beleza arcada dos supercílios, que vai muito bem com o penteado à caravela, ou à vela solta, ou com qualquer penteado à moda de Veneza.

SENHORA FORD — Uma simples coifa, Sir John, é o que vai bem com minhas sobrancelhas; nada mais.

FALSTAFF — Pelo Senhor, dizendo isso cometes verdadeira traição à tua pessoa. Darias uma perfeita dama da corte; o modo firme de assentar os pés, quando andas, imprimiria um movimento admirável às anquilosa em semicírculo. Vejo o que vales, se a Fortuna não tivesse sido tua inimiga; a natureza é tua amiga, não poderás negá-lo.

SENHORA FORD — Não; podeis crer-me; não possuo esses predicados.

FALSTAFF — Que foi que me fez ficar apaixonado por ti? Podes ter a certeza de que possuis algo de extraordinário. Vamos; não sei adular, para dizer-te que és isto e aquilo, como tantos desses botões de espinheiro, que falam cheios de esses e parecem mulheres vestidas de homem e cheiram a prateleira de botica na época da colheita dos simples. Isso não posso fazer; mas amo-te; a ti unicamente, que bem o mereces.

SENHORA FORD — Não me enganei, senhor; mas receio que estejais amando a senhora Page.

FALSTAFF — Isso é o mesmo que afirmares que eu gosto de passear para o lado da prisão de Counter-Gate, que me é tão repugnante como as exalações de um fossa de cal.

SENHORA FORD — Bem; que seja. O céu sabe quanto vos amo, o de que algum dia ainda vos convencereis.

FALSTAFF — Conservai sempre essa disposição, que eu farei por merecê-la.

SENHORA FORD — Sim, posso asseverar-vos: sois merecedor; caso contrário, não faria o que faço.

ROBIM (*dentro*) — Senhora Ford! Senhora Ford! A senhora Page está à porta, suando e

soprando e com ar espantado! Quer falar-vos com urgência.

FALSTAFF — Não convém que ela me veja; vou esconder-me atrás daquela cortina.

SENHORA FORD — Sim; fazei isso, por obséquio. É uma faladeira incorrigível.

(*Falstaff se esconde.*)

(*Voltam a senhora Page e Robim.*)

SENHORA PAGE — Ó, senhora Ford! Que fizestes? Estais comprometida, estais arruinada, estais perdida para sempre.

SENHORA FORD — Que aconteceu, minha boa senhora Page?

SENHORA PAGE — Minha querida senhora Ford! Com um marido tão honesto como o que tendes, dardes motivo de suspeita!

SENHORA FORD — Que motivo de suspeita?

SENHORA PAGE — Que motivo de suspeita? Ora, envergonhai-vos! Como eu estava iludida a vosso respeito!

SENHORA FORD — Ai de mim! Que aconteceu?

SENHORA PAGE — Vosso marido dirige-se para cá, mulher, acompanhado de todos os oficiais de justiça de Windsor, para prenderem um gentil-homem que dizem estar aqui com vosso consentimento, para abusar de sua ausência. Estais perdida.

SENHORA FORD (*à parte*) — Fala mais alto. — Espero que isso não seja verdade.

SENHORA PAGE — Praza aos céus que não o seja, que não tenhais aqui, realmente, essa pessoa. Mas é certeza estar vosso marido a caminho de casa com meio Windsor nos calcanhares, para pegarem esse homem. Vim na frente para vos avisar. Se não tiverdes culpa, muito bem; alegro-me com isso. Mas se acaso tiverdes aqui dentro algum amigo, providenciai logo a saída dele. Não fiqueis atarantada; reconquistai os sentidos; defendei vossa reputação, ou dizei um eterno adeus à boa vida que levais.

SENHORA FORD — Que farei? Há aqui, realmente, um cavalheiro, um amigo muito caro, não me afligindo eu tanto pela minha vergonha como pelo perigo que ele corre. Daria mil libras para vê-lo longe daqui.

SENHORA PAGE — Ora! Parai com vossos "Daria isto!" e "Daria aquilo!" Vosso marido está a riscar por aí. Pensai em algum meio de fazer sair esse homem; em casa é que não podereis escondê-lo. Oh! Como me enganara a vosso respeito!... Mas este vosso cesto... Se esse pessoa for de estatura razoável, poderá encolher-se dentro dele; depois, disfarçai o pondo em cima dele alguma roupa usada, como se fôsseis enviá-la para a barrela. Não! Estamos na época da lavagem; dois dos vossos criados poderão levar o cesto para o prado de Datchet.

SENHORA FORD — Ele é muito gordo, para poder entrar aí. Que fazer?

FALSTAFF (*avançando*) — Deixai-me ver! Deixai-me ver! Oh! Deixai-me ver! Sim, entrarei nele! Entrarei nele! Segui o conselho de vossa amiga; entrarei nele!

SENHORA PAGE — Como! Sir John Falstaff? São essas as vossas cartas, cavaleiro?

FALSTAFF — É a ti somente que eu amo. Ajuda-me a sair daqui. Deixa-me entrar no cesto. Nunca hei de...

(*Entra no cesto; elas o cobrem com roupa suja.*)

SENHORA PAGE — Vamos, menino! Ajuda-nos a esconder teu amo. Chamai vossos criados, senhora Ford. Cavaleiro hipócrita!

SENHORA FORD — Olá, João! Roberto! João! (*Sai Robim.*) (*Voltam os criados.*) Levai daqui esta roupa. Depressa! Onde está a vara de carregar o cesto? Que indolência! Levai-o logo à lavadeira, no prado Datchet. Vamos! Depressa!

(*Entram Ford, Page, Caius e o reverendo Hugo Evans.*)

FORD — Entrai, por obséquio. Se as minhas suspeitas forem infundadas, podeis zombar de mim; ficarei como assunto de galhofa para todos vós, o que será muito bem merecido. E então, que é que vai aí dentro? Para onde levais isso?

CRIADOS — Para a lavandaria, senhor.

SENHORA FORD — Ora essa! E que vos importa saber para onde eles vão levá-lo? Seria melhor que fôsseis preparar a água de barrela.

FORD — Água de barrela? Era com água de barrela que eu precisava lavar-me. Água de barrela, sim; isto tudo vai terminar é mesmo em água de barrela; é o que vos posso assegurar, e não demora muito. (*Saem os criados, carregando o cesto.*) Senhores, esta noite eu sonhei; vou contar-vos como foi o sonho. Eis aqui minhas chaves, aqui, aqui. Subi ao meu quarto; revistai-o, procurai, que havereis de encontrar. Posso asseverar-vos que haveremos de desencovar a raposa. Mas primeiro deixai-me tapar esta saída. (*Fecha a porta.*) E agora, fazei-a espirrar do buraco.

PAGE — Meu caro mestre Ford, ficai calmo; assim, prejudicais-vos a vós mesmo.

FORD — É certo, mestre Page. Cavalheiro, subi, que haveis de achar logo uma boa distração. Acompanhai-me, cavalheiro. (*Sai.*)

EVANS — Esse gabricho é muito fantástico; é um xiúme difertido.

CAIUS — *Pardieu*! En France a moda é outra. En France não há gente ciumenta; *on n'est par jaloux.*

PAGE — Sigamo-lo, senhores; vamos ver como vai acabar essa busca.

(*Saem Page, Caius e Evans.*)

SENHORA PAGE — Tudo isso não é duplamente divertido?

SENHORA FORD — Não poderei dizer qual me agrada mais, se a decepção de meu marido ou a de sir John.

SENHORA PAGE — Que susto ele não teria tido, quando vosso marido perguntou quem ia dentro do cesto!

SENHORA FORD — Tenho muito receio de que ele também esteja necessitado de um banho. Nessas condições, será até um benefício jogarem-no na água.

SENHORA PAGE — A forca para esse biltre desonesto! Quisera que todos os de sua laia passassem por iguais apuros.

SENHORA FORD — Creio que meu marido teve notícia de que Falstaff estava aqui; nunca o vi tão enciumado como hoje.

SENHORA PAGE — Vou sondá-lo com jeito. Quanto a Falstaff, não ficará só nesta partida. Sua dissolução não é doença que se possa curar apenas com esta medicina.

SENHORA FORD — Vamos mandar outra vez aquela bruaca tonta, a senhora Quickly, pedir-lhe desculpas, por ter sido atirado na água, e dar-lhe mais algumas esperanças, a fim de lhe ministrarmos novo castigo?

SENHORA PAGE — Sim; façamos isso. Chamemo-lo aqui amanhã às oito horas, para lhe pedirmos desculpas.

(*Voltam Ford, Page, Caius e o reverendo Hugo Evans.*)

FORD — Não pude encontrá-lo. É possível que o biltre se gabasse do que não podia alcançar.

SENHORA PAGE (*à parte, à senhora Ford*) — Ouviste o que ele disse?

SENHORA FORD (*à parte, à senhora Page*) — Sim; silêncio. — Procedestes comigo com muita correção, mestre Ford, não é verdade?

FORD — Decerto.

SENHORA FORD — Que o céu vos deixe melhor do que vossos pensamentos.

FORD — Amém.

SENHORA PAGE — Com isso, só a vós mesmo prejudicais, mestre Ford.

FORD — Pois não. Agüento as conseqüências.

EVANS — Se houfer alguma bessoa na casa e nos guartos e nos gofres e nos armários, que o céu me berdoe os becados no dia de Xuízo.

CAIUS — *Pardieu*! Os meus também. *Il n'y a personne.*

PAGE — Ora, mestre Ford! Não vos sentis envergonhado? Que espírito, que demônio, vos sugeriu semelhante idéia? Eu não queria ter essa vossa doença, nem por toda a riqueza do castelo de Windsor.

FORD — O erro foi meu, mestre Page; sofrerei as conseqüências.

EVANS — Enton sofrei as consegüências de uma consciência má; vossa esbosa é uma senhora tão honesta como se boderia desexar entre cinco mil senhoras e em quinhentas também.

CAIUS — *Pardieu*, vejo que ela é *une honnête femme.*

FORD — Muito bem; prometi-vos um jantar. Vamos dar um passeio pelo parque. Peço-

vos que me perdoeis; depois vos direi por que motivo procedi dessa maneira. Vamos, mulher! Vamos, senhora Page; perdoai-me, por obséquio; peço-vos de coração que me perdoeis.

PAGE — Vamos, senhores; entremos. Mas ficai certos de que iremos rir à custa dele. Convido-vos para almoçar amanhã em minha casa; depois, iremos caçar passarinhos; tenho um excelente falcão de mato. Combinado?

FORD — Perfeitamente.

EVANS — Se houfer um, eu serrei na combanhia o númberro dois.

CAIUS — Se houver um ou dois, *je ferai le troisième.*

FORD — Vós também haveis de ir, mestre Page.

EVANS — Eu vos beço, também, não esquecer amanhã aquele biolhento, o estalaxadeiro.

CAIUS — *C'est bon, Pardieu*! De todo o corraçon.

EVANS — Suxeito biolhento! Rir e zompar da xente!

(*Saem.*)

Cena 4

Um quarto em cara de Page. Entram Fenton, Ana Page e a senhora Quickly; a senhora Quickly fica à parte.

FENTON — Teu pai não me dará o consentimento; tenho certeza disso. Assim, querida, não me mandes falar-lhe.

ANA — Que faremos, então?

FENTON — Terás de ser o que és, de fato. Ele há de me objetar que eu sou de berço muito elevado e que minhas despesas tendo deixado doente minha bolsa, procuro um meio de curá-la, apenas com a fortuna dele. Depois, há de interpor entre nós outras barreiras: minhas dissipações de outrora e a espécie de sociedade em que eu vivi um tempo, para concluir ser coisa mais que certa, que eu só te amo por causa de teu dote.

ANA — Sendo possível que ele esteja certo.

FENTON — Não, que me ampare o céu daqui por diante! Embora eu te confesse que a fortuna de teu pai foi a causa primitiva de eu te fazer a corte, ao declarar-me convenci-me de que eras mais valiosa do que moedas cunhadas e todo o ouro que em sacos bem selados se conserve. Agora almejo apenas o tesouro que no imo da alma encerras.

ANA — Meu querido mestre Fenton, tratai de obter a boa vontade de meu pai; trabalhai nesse sentido, meu senhor. Porém se acaso falharem vossas súplicas humildes e as oportunidades... Bem, ouvi-me.

(*Conversam à parte.*)

(*Entram Shallow e Slender.*)

SHALLOW — Interrompei a conversa deles, senhora Quickly; meu parente falará por si mesmo.

SLENDER — Vou soltar uma flecha ou um dardo. É uma questão de sorte.

SHALLOW — Não te mostres atemorizado.

SLENDER — Não; ela não me atemoriza; não receio isso; mas o ruim é que eu sinto medo.

QUICKLY — Escutai! Mestre Slender quer dizer-vos uma palavrinha.

ANA — Já vou. (*À parte.*) É a escolha de meu pai. Que mundo de vis defeitos são embelezados por uma renda de trezentas libras!

QUICKLY — E como vai passando o mestre Fenton? Uma palavra, por obséquio.

SHALLOW — Lá vem ela. Vai falar-lhe, primo. Ah, rapaz!... Tiveste um pai...

SLENDER — Eu tive um pai, senhorita Ana; meu tio poderá contar-vos boas pilhérias dele. Tio, por obséquio, contai à senhorita Ana aquela brincadeira de meu pai, quando ele roubou dois gansos de um galinheiro. Contai-lhe, meu bom tio.

SHALLOW — Senhorita Ana, meu primo vos tem amor.

SLENDER — É verdade; tanto como a qualquer outra mulher de Glostershire.

SHALLOW — Ele vos sustentará como a uma fidalga.

SLENDER — Ah! Sem dúvida, de qualquer posição, abaixo da de escudeiro.

SHALLOW — Ele vos deixará uma pensão e cento e cinqüenta libras.

ANA — Meu bom mestre Shallow, deixai que ele mesmo se manifeste.

SHALLOW — Com a breca! Muito obrigado; fico-vos muito agradecido por esse encorajamento de vossa parte. Primo, ela vos chama. Vou deixar-vos.

ANA — Então, mestre Slender?

SLENDER — Então, senhorita Ana?

ANA — Qual é a vossa última vontade?

SLENDER — Minha última vontade? Caramba! A brincadeira é espirituosa, realmente. Mas eu ainda não fiz o testamento, graças ao céu. Não sou criatura achacada, graças ao céu.

ANA — O que eu perguntei, mestre Slender, é o que pretendeis de mim?

SLENDER — Em verdade, por minha parte, quero muito pouco de vós, ou quase nada. Vosso pai e meu tio puseram-se a trabalhar... Se for meu destino, bem. Caso contrário, quem tiver mais sorte, que fique com o bocado. Eles é que vos poderão dizer como as coisas vão; melhor poderão dizer como as coisas vão; melhor do que eu. Perguntai a vosso pai. Aí vem ele.

(*Entram Page e a senhora Page.*)

PAGE — Como vai, mestre Slender? Ama-o, filha. Como! Que faz aqui o mestre Fenton? Ofendeis-me, senhor, com tão freqüentes visitas ao meu lar. Como vos disse, minha filha já está comprometida.

FENTON — Não fiqueis, mestre Page, impaciente.

SENHORA PAGE — Bondoso mestre Fenton, por obséquio, deixai de importunar a minha filha.

PAGE — Não é partido que venhais a obter.

FENTON — Senhor, quereis ouvir-me?

PAGE — Não, meu caro mestre Fenton. Sigamos, mestre Shallow. Vinde, Slender, também. Senhor, sabendo meu modo de pensar, magoais-me muito.

(*Saem Page, Shallow e Slender.*)

QUICKLY — Falai com a senhora Page.

FENTON — Minha boa senhora Page, amando como amo vossa filha, com a mais nobre das intenções, forçoso é que, a despeito de todas as barreiras e recusas, o estandarte eu conserve e avance sempre. Ficai, vos peço, do meu lado nisso.

ANA — Ó mãe! Não me caseis com aquele tonto!

SENHORA PAGE — Não é minha intenção. Tenho um marido para vós muito bom em perspectiva.

QUICKLY — É o meu amo, o mestre doutor.

ANA — Deus me livre! Prefiro que me enterrem viva e a golpes de nabo me liquidem.

SENHORA PAGE — Não vos amofineis. Bom mestre Fenton, amiga não serei, nem inimiga. Vou conversar com minha filha sobre o amor que vos dedica. Assim, de acordo com os sentimentos dela heis de encontrar-me. Até então, passai bem; Ana precisa ir para casa; o pai pode zangar-se.

FENTON — Adeus, gentil senhora; adeus, Aninha.

(*Saem a senhora Page e Ana.*)

QUICKLY — Isso já é resultado do meu trabalho. Disse-lhe: "Não; então ireis entregar vossa filha a um imbecil, a um médico? Olhai para o mestre Fenton!" Isso já é resultado do meu trabalho.

FENTON — Fico muito obrigado. Agora, peço-te entregar este anel a Aninha, à noite. Fica com isto pelo teu trabalho.

QUICKLY — O céu te envie uma boa fortuna. (*Sai Fenton.*) Tem um excelente coração. Não há mulher que não se atirasse ao lago e à água por um coração tão amável. No entanto, eu preferira que fosse o meu amo quem viesse a ficar com a senhorita Ana, ou que mestre Slender ficasse com ela, ou mesmo o próprio mestre Fenton. Hei de fazer pelos três o que estiver em mim, porque assim o prometi e quero cumprir minha palavra. Especialmente com relação a mestre Fenton. E agora, preciso levar outro recado a sir John Falstaff, da parte de minhas duas senhoras. Que grande besta eu sou, por me ter esquecido disso! (*Sai.*)

Cena 5

Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Falstaff e Bardolfo.

FALSTAFF — Bardolfo! Estou chamando.

BARDOLFO — Aqui, senhor.

FALSTAFF — Vai buscar-me um quartilho de xerez; põe dentro uma torrada. (*Sai Bardolfo.*) Ora, ter vivido, para que me carregassem num cesto e me atirassem no Tâmisa, como restos de açougue! Bem; se eu cair em outra brincadeira como essa, quero que me tirem o cérebro, o fritem em manteiga e o dêem a um cão, como presente de ano novo. Os patifes me atiraram no rio com tanta despreocupação como se fossem afogar quinze cachorrinhos recém-nascidos e ainda sem vista. Se o fundo do rio estivesse na mesma altura do inferno, eu me teria afogado. Sim, teria morrido afogado, se a margem não fosse tão baixa e arenosa. Morte essa que eu abomino, porque a gente estufa na água. E de que jeito eu ficaria, se viesse a estufar? Parecera a múmia de uma montanha.

(*Volta Bardolfo com o xerez.*)

BARDOLFO — Aí está a senhora Quickly, senhor, que deseja falar-vos.

FALSTAFF — Vem; deixa-me deitar um pouco de xerez na água do Tâmisa, pois tenho o ventre tão frio como se houvesse engolido bolas de neve em vez de pílulas, para refrescar os rins. Manda-a entrar.

BARDOLFO — Entrai, mulher.

(*Entra a senhora Quickly.*)

QUICKLY — Com licença. Peço desculpas. Desejo muito bom dia a Vossa Senhoria.

FALSTAFF — Tira daqui estes cálices e traze-me uma boa garrafa de xerez.

BARDOLFO — Com ovos, senhor?

FALSTAFF — Simples; não quero saber de gala na bebida. (*Sai Bardolfo.*) E Então?

QUICKLY — Ah, meu caro senhor! Venho procurar Vossa Senhoria da parte da senhora Ford.

FALSTAFF — Da senhora Ford? Já estou farto desse forte; é forte, mas é em água, que é só o que eu tenho na barriga.

QUICKLY — Oh, que dia! Não foi culpa da coitada! Ela passou uma sarabanda nos criados, por se terem enganado com relação às resoluções dela.

FALSTAFF — Como eu com as minhas, por ter confiado nas promessas de uma tonta.

QUICKLY — Oh, senhor! Ela lamenta o que aconteceu; se a vísseis, ficaríeis comovido. O marido dela vai caçar passarinhos esta manhã. Ela pede que a vades ver hoje, entre as oito e as nove. Terei de levar-lhe a resposta com a maior urgência possível. Ela vos apresentará desculpas, posso asseverar-vos.

FALSTAFF — Bem; irei visitá-la; podes dizer-lhe isso, e pede-lhe que compreenda o que é um homem. Ela que reflita em sua própria fragilidade, para depois julgar do meu merecimento.

QUICKLY — Dir-lhe-ei isso mesmo.

FALSTAFF — Dize-lhe, então. Entre nove e dez horas, não é assim?

QUICKLY — Entre oito e nove, senhor.

FALSTAFF — Bem; podeis ir. Não faltarei.

QUICKLY — Que a paz seja convosco, senhor. (*Sai.*)

FALSTAFF — Admira-me não ter ouvido falar novamente em mestre Fontes; mandou-me recado para que o esperasse. Aprecio bastante o dinheiro dele. Mas, ei-lo que vem chegando!

(*Entra Ford.*)

FORD — Deus vos abençoe, senhor.

FALSTAFF — Então, mestre Fontes? Viestes saber o resultado de minha entrevista com a mulher do Ford?

FORD — É esse, justamente, sir John, o assunto que me traz até aqui.

FALSTAFF — Mestre Fontes, não vos faltarei com a verdade. Estive em casa dela na hora aprazada.

FORD — E como passaste lá?

FALSTAFF — Muito mal, mestre Fontes.

FORD — Como assim, senhor? Acaso ela mudou de resolução?

FALSTAFF — Não, mestre Fontes. Mas o cornudo do marido, mestre Fontes, que se acha em estado de alarma permanente de ciúmes, chegou precisamente no momento de nosso encontro, quando já nos tínhamos abraçado, beijado, jurado amor eterno e declamado, por assim dizer, o prólogo de nossa comédia. No rasto dele seguia uma malta de gente de seu conhecimento, provocados e instigados por sua cólera — imaginai só! — para vasculharem a casa em busca do amante da mulher.

FORD — Como! Quando vos acháveis lá?

FALSTAFF — Quando me achava lá.

FORD — E ele, deu busca na casa e não vos encontrou?

FALSTAFF — Já vos direi. Por sorte, chegou a tempo uma tal senhora Page, que contou

como Ford se dirigia para casa, e por conselho dela e desespero da mulher do Ford me retiraram de lá dentro de um cesto de roupa suja.

FORD — Um cesto de roupa suja!

FALSTAFF — Por Deus, um cesto de roupa. Atulharam-me com camisas sujas, saias, peúgas, meias duvidosas, guardanapos engordurados, o mais rançoso conjunto, mestre Fontes, e de fedor insuportável, que já ofendeu o olfato de qualquer mortal.

FORD — E quanto tempo ficastes dentro desse cesto?

FALSTAFF — Oh! Ireis ouvir, mestre Fontes, quanto sofri por vosso bem, para levar essa mulher para o mal. Uma vez comprimido no cesto, a mulher do Ford chamou dois biltres, criados do marido, e lhes ordenou que me levassem para o prado de Datchet, como se se tratasse de roupa suja. Mal tinham esses atravessado a porta, com o cesto nos ombros, quando entrou o amo, que lhes perguntou uma ou duas vezes o que levavam dentro do cesto. Eu tremia, de medo que o lunático fosse revistar o cesto. Mas o destino, por querer que ele se torne, realmente, cornudo, deteve-lhe as mãos. Muito bem. Ele entrou, para revistar a casa, enquanto eu saía como roupa suja. Mas ouvi o resto, mestre Fontes. Sofri as dores de três mortes consecutivas: primeiramente, o pavor insuportável de ser apanhado por aquele carneiro de chocalho, podre de ciúmes; depois, ser dobrado em círculo, como uma lâmina de Bilbao, no interior de uma quartilha, o punho junto da ponta, o calcanhar na cabeça; e, por último, ser arrolhado, como qualquer bebida forte, com roupas fedorentas que fermentavam em sua própria gordura. Imaginai só, um homem com os meus rins! Imaginai só! tão sensível ao calor como manteiga, um homem que se acha em estado de permanente de gelo e fermentação! Foi milagre não ter morrido sufocado. E no grau mais elevado desse banho, quando eu já estava meio cozido em gordura, tal qual um prato holandês, ser atirado ao Tâmisa e esfriado como uma ferradura que estivesse ao rubro! Imaginai só, mestre Fontes! Ao rubro! Imaginai só!

FORD — Com sincero pesar, senhor, sinto terdes sofrido tudo isso pelo intuito de me favorecerdes. Mas vejo que minha causa está perdida. Não voltareis a tomar a peito a questão?

FALSTAFF — Mestre Fontes, primeiro me atirara ao Etna, como me jogaram ao Tâmisa, antes de deixá-la nesse ponto. O marido dessa senhora vai esta manhã caçar passarinhos. Ela me mandou outro recado, para nova entrevista com ela, entre as oito e as nove horas, mestre Fontes.

FORD — Já passa das oito horas, senhor.

FALSTAFF — Já? Então vou preparar-me para a entrevista. Logo que tiverdes tempo, procurai-me para saber da minha vitória, sendo o coroamento do caso virdes a possuir essa pessoa. Adeus. Haveis de possuí-la, mestre Fontes! ainda haveis de pôr cornos nesse tal Ford. (*Sai.*)

FORD — Hum! Ah! Será visão tudo isso? Será sonho? Estarei dormindo? Acorda, mestre Ford! Acorda, mestre Ford! O teu melhor casaco está com um furo, mestre Ford. Casamento dá sempre nisso. Quem tem cestos e roupa suja, passa por tudo isso. Muito bem; eu próprio me incumbirei de proclamar o que sou. Vou pegar esse libertino; neste momento ele está em minha casa; não poderá escapar; é impossível; não poderá enfiar-se em uma bolsinha de

níqueis nem numa caixa de pimenta. Ainda mesmo que o auxilie mais uma vez o demônio que o ampara, hei de rebuscar por tudo quanto for buraco. Conquanto eu não possa escapar de ser o que não desejara, nem por isso me mostrarei complacente. Se tenho cornos que me deixam louco, passarei a justificar o dito: furioso como um animal de chifre. (*Sai.*)

Ato 4

Cena 1

Uma rua. Entram a senhora Page, a senhora Quickly e Guilherme.

SENHORA PAGE — Acreditais que ele ainda esteja em casa de mestre Ford?

QUICKLY — Se ainda não está lá, não deve demorar. Mas ficou fulo de raiva por o terem atirado na água. A senhora Ford deseja que vades já já à casa dela.

SENHORA PAGE — Não me demoro; vou apenas levar à escola este meu homenzinho. Vede, ali vem o professor dele; pelo que vejo, hoje é feriado. (*Entra o reverendo Hugo Evans.*) Então, reverendo Hugo, hoje não há aula?

EVANS — Não; mestre Slender deu bermissão para os meninos se divertirem.

QUICKLY — Oh! Que coração bondoso!

SENHORA PAGE — Reverendo Hugo, meu marido disse que o menino não está aprendendo nada por este livro. Por isso, peço-vos fazer-lhe algumas perguntas pela cartilha dele.

EVANS — Abroxima-te, Guilherme. Vamos; levanta a gabeça.

SENHORA PAGE — Anda logo, maroto. Vamos! Levanta a cabeça!

EVANS — Guilherme, quantos númberos tem o supstantifo?

GUILHERME — Dois.

QUICKLY — Ora essa! Eu sempre pensei que havia mais um, por já ter ouvido falar no número ímpar.

EVANS — Bare com esse falatório. Como é "Ponito" em latim, Guilherme?

GUILHERME — "Pulcher."

QUICKLY — Pulga? Há muita coisa mais bonita do que pulga.

EVANS — Esta mulher é pastante simblicidade. Silêncio, já disse. Que quer dizer "Lábis", Guilherme?

GUILHERME — Pedra.

EVANS — E como é "Uma bedra", Guilherme?

GUILHERME — Um seixo.

EVANS — Non; é "Labis"; guarda pem isso na gabeça.

GUILHERME — "Lápis."

EVANS — Muito pem, Guilherme. E agora, Guilherme, de onde se tiram os artigos?

GUILHERME — Os artigos são derivados do pronome e se declinam por este modo: *singulariter* nominativo: hic, haec, hoc.

EVANS — Nominativo hig, hag, hog, bresta atençon; genitivo, hujus. Muito pem. E como é o caso agusativo?

GUILHERME — Acusativo, hinc.

EVANS — Olha lá, pequeno! Toma guidado. Agusativo hung, hang, hog.

QUICKLY — Hang hog deve ser língua de porco, posso assegurar-vos.

EVANS — Bare com esse balavrório, mulher. Qual é o caso focativo, Guilherme?

GUILHERME — Ó! Vocativo, Ó!

EVANS — Lempra-te pem, Guilherme, Focativo, caret

QUICKLY — É isso mesmo; está tudo muito caro.

EVANS — Ó mulher falateira! Silêncio!

SENHORA PAGE — Paz!

EVANS — Qual é o vosso caso genitifo plural, Guilherme?

GUILHERME — O caso genitivo?

EVANS — Sim.

GUILHERME — Genitivo horum, harum, horum.

QUICKLY — Se a Jeni Diva fez isso, menino, se roubou mesmo um arco de ouro, será bom não conversares com ela.

EVANS — Ó mulher! Crie xuízo!

QUICKLY — Fazeis mal em ensinar essas coisas ao menino, mandando que ele risque e enrosque por aí tudo, o que as crianças já fazem sem serem mandadas, e que falar com a tal Jeni Diva. Ora, senhor!

EVANS — Ó mulher! Serás acaso lunática? Não tens inteligência bara compreender os gasos e os números e os gêneros? És a mais louca griatura gristã que eu poderia desexar.

SENHORA PAGE — Fica quieta, por obséquio.

EVANS — E agora, Guilherme, dize a deglinaçon dos pronomes.

GUILHERME — Em verdade, não me lembro.

EVANS — É *qui, quae, quod.* Se esquecerdes vossos *Quis,* vossos *Quaes* e vossos *quods,* levareis umas jibatadas. Gontinuai vosso gaminho e ide princar.

SENHORA PAGE — Ele sabe mais coisas do que eu podia imaginar.

EVANS — Tem uma memória muito poa. Passai pem, senhora Page.

SENHORA PAGE — Adeus, meu bom reverendo Hugo. (*Sai o reverendo Hugo.*) Vai para casa, pequeno. Vamos indo, já perdemos muito tempo.

(*Saem.*)

Cena 2

Um quarto em casa de Ford. Entram Falstaff e a senhora Ford.

FALSTAFF — Senhora Ford, vossa tristeza devorou meu sofrimento. Vejo que sois obsequiosa em vosso amor, e vos prometo retribuí-lo sem a diferença mínima de um fio de cabelo, e isso, senhora Ford, não somente no simples ofício do amor, mas em todos os seus ornamentos, complementos e cerimônias. Mas tendes certeza, mesmo, de que vosso marido ficará hoje fora de casa?

SENHORA FORD — Ele foi caçar passarinhos, meu caro Sir John.

SENHORA PAGE (*dentro*) — Olá, comadre Ford! Olá!

SENHORA FORD — Entrai para este quarto, sir John.

(*Sai Falstaff Entra a senhora Page.*)

SENHORA PAGE — Então, meu coração? Quem se acha aqui, além de vós?

SENHORA FORD — Ora, afora os criados, ninguém.

SENHORA PAGE — É verdade?

SENHORA FORD — Verdade. (*À parte.*) Fala mais alto.

SENHORA PAGE — Pois sinceramente, alegra-me saber que não há nenhuma pessoa estranha em vossa casa.

SENHORA FORD — Por quê?

SENHORA PAGE — Ora, mulher, vosso marido está outra vez com as suas luas velhas: discute com o meu marido, injuria todas as pessoas casadas, amaldiçoa todas as filhas de Eva, de qualquer cor que elas sejam, e aplica na própria testa tamanhos socos, gritando: Aparecei logo! Aparecei logo! com tanta violência, que os casos de loucura que eu já vi não passam de brandura, civilidade e paciência junto do destempero em que ele se encontra. Alegro-me por não estar aqui o cavaleiro gordo.

SENHORA FORD — Como! É a respeito do cavaleiro que ele fala?

SENHORA PAGE — De ninguém mais, senão dele somente, jurando que ele foi retirado daqui dentro de um cesto, quando ele deu busca na casa. Assevera a meu marido que neste momento ele se encontra de novo aqui, tendo-o demovido, e aos demais companheiros, da idéia da caçada, para virem fazer outra experiência com relação às suas suspeitas. Assim sendo, fico satisfeita por não estar aqui o cavaleiro gordo, pois desse modo ele se convencerá de sua

própria loucura.

SENHORA FORD — E ele já vem perto, senhora Page?

SENHORA PAGE — Encontra-se a dois passos, ali no fim da rua; não demora, chegará aqui.

SENHORA FORD — Nesse caso, estou perdida! O cavaleiro está aqui.

SENHORA PAGE — Nesse caso, estais desonrada de todo e ele não passa de um homem morto. Que mulher sois! Mandai-o embora! Mandai-o embora! É preferível a vergonha ao crime.

SENHORA FORD — Mandá-lo embora por onde? De que modo disfarçá-lo? Pô-lo-ei novamente dentro do cesto?

(*Volta Falstaff.*)

FALSTAFF — Não; não entrarei outra vez no cesto. Não me seria possível sair antes da chegada dele?

SENHORA PAGE — Ah! Estão de guarda na porta três irmãos de mestre Ford, armados de pistola, para que ninguém possa sair. Não fora isso, poderíeis sair antes da vinda dele. Mas, que fazeis aqui?

FALSTAFF — Que fazer? Vou enfiar-me no cano da chaminé.

SENHORA FORD — Não; é aí que eles costumam descarregar as espingardas de caça.

SENHORA PAGE — Entrai na boca do forno.

FALSTAFF — Onde fica o forno?

SENHORA FORD — Não; ele há de procurar ali também, tenho certeza. Não há armário, cofre, mala, prateleira, fonte, celeiro, de que ele não conserve de memória a lista, para revistá-los por ordem. Aqui em casa não há lugar em que seja possível esconder-vos.

FALSTAFF — Nesse caso, terei de sair.

SENHORA PAGE — Se sairdes com vossa aparência natural, sir John, sereis um homem morto. A menos que vos disfarçásseis...

SENHORA FORD — De que jeito?

SENHORA PAGE — Ai de mim! Não sei dizê-lo. Não temos nenhum vestido que lhe sirva; senão, ele poderia pôr um chapéu, a mantilha e um lenço, para, desse jeito, escapar.

FALSTAFF — Meus corações, inventai qualquer recurso. Tudo, menos uma desgraça.

SENHORA FORD — A tia da minha empregada, aquela mulher gorda de Brainford, deixou lá em cima um vestido.

SENHORA PAGE — Sob minha palavra, servirá nele; ela é tão gorda quanto ele... Deixou também o chapéu grosso de lã e a mantilha. Ide lá para cima, sir John.

SENHORA FORD — Ide, ide, meu caro sir John! A senhora Page e eu vos arranjaremos

algum pano para a cabeça.

SENHORA PAGE — Depressa! Depressa! Subiremos neste momento, para vos prepararmos. Enquanto isso, ide pondo o vestido.

(*Sai Falstaff.*)

SENHORA FORD — Quisera que meu marido o achasse sob esse disfarce; ele não suporta a velha de Brainford; está convencido de que é feiticeira, tendo-a proibido de entrar aqui, sob ameaça de bater-lhe.

SENHORA PAGE — Que o céu o ponha ao alcance do cacete de teu marido e o diabo dirija depois as marretadas.

SENHORA FORD — Mas meu marido vem mesmo para casa?

SENHORA PAGE — Vem; estou falando sério. E mais: refere-se ao cesto, de que ele veio a saber não sei por que maneira.

SENHORA FORD — É o que ficaremos sabendo dentro de pouco. Vou dizer aos criados que carreguem novamente o cesto, para cruzarem com ele, na porta, como da outra vez.

SENHORA PAGE — Certo. Mas ele está a chegar. Vamos logo vestir o cavaleiro com a roupa da bruxa de Brainford.

SENHORA FORD — Antes disso vou instruir os criados acerca do que terão de fazer com o cesto. Vai para cima, que eu já levo o pano para o cavaleiro. (*Sai.*)

SENHORA PAGE — A forca para esse tipo desonesto. Nunca será excessivo o que fizermos com ele. Ao mundo vai mostrar nossa conduta que temos gênio alegre e honra impoluta. Não há mal em brincar. Diz o ditado: o porco que mais come é o mais calado.

(*Sai. Volta a senhora Ford, com dois criados.*)

SENHORA FORD — Vamos, senhores; ponde o cesto no ombro. O patrão está a chegar; se ele vos mandar descer o cesto obedecei-lhe. Depressa! Despachai-vos! (*Sai.*)

PRIMEIRO CRIADO — Vamos logo; pega desse lado.

SEGUNDO CRIADO — Praza ao céu que não esteja outra vez cheio do cavaleiro.

PRIMEIRO CRIADO — Espero que não; preferira carregar chumbo.

(*Entram Ford, Page, Shallow, Caius e o reverendo Hugo Evans.*)

FORD — Sim, mas se ficar provado, mestre Page, de que modo vos justificareis por me terdes chamado de louco? — Ponde esse cesto aí no chão, velhacos! Vá alguém chamar minha mulher. — Jovem do cesto! Ó velhacos condescendentes! Há uma conjura, um bando, uma quadrilha, uma conspiração contra mim. Mas agora o diabo vai ficar confundido. Estou chamando! Vinde logo! Vinde ver que roupas honestas mandais para a lavadeira!

PAGE — Mestre Ford, a brincadeira já está passando dos limites. Não deveríeis continuar solto; será preciso que vos amarremos.

EVANS — Ora, lougura é assim mesmo; ele está tão lougo como cachorro lougo.

SHALLOW — Realmente, mestre Ford, não fica bem. Realmente.

FORD — É também o que eu digo, senhor. (*Volta a senhora Ford.*) Vinde cá, senhora Ford, mulher honesta, esposa modesta, criatura virtuosa, que tem por marido um louco ciumento. Minhas suspeitas são infundadas, não é assim, minha senhora?

SENHORA FORD — Tomo o céu como testemunha em como é assim, no caso de suspeitardes de alguma desonestidade de minha parte.

FORD — Muito bem, sua cara deslavada. Prossegui. Vinde para fora, velhaco! (*Tira algumas peças de dentro do cesto.*)

PAGE — Isso é demais!

SENHORA FORD — Não vos envergonhais? Deixai essas roupas.

FORD — Vou apanhar-te neste momento.

EVANS — Isso é fora de brobósito; querreis expor a roupa de vossa esposa? Deixai disso!

FORD — Esvaziai o cesto, estou mandando!

SENHORA FORD — Por quê, homem? Por quê?

FORD — Mestre Page, tão certo como eu ser um homem honesto, anteontem foi retirado alguém daqui de casa dentro deste cesto. Por que não poderá esse alguém estar de novo aí dentro? Tenho certeza de que essa pessoa se acha aqui em casa; recebi informações seguras. Minhas suspeitas têm fundamento. Vamos; retirai logo toda a roupa!

SENHORA FORD — Se encontrardes aí dentro algum homem, que ele venha a morrer como uma pulga.

PAGE — Não há ninguém aqui dentro.

SHALLOW — Por minha palavra de cavaleiro, isso não fica bem, mestre Ford; isso não vos orna.

EVANS — É breciso, mestre Ford, rezar, sem vos deixardes dominar pelas fantasias do goraçom. Isso é xiúme.

FORD — Bem; confesso que não está dentro do cesto a pessoa que eu procuro.

PAGE — Nem em parte alguma, a não ser em vosso cérebro.

(*Os criados saem com o cesto.*)

FORD — Ajudai-me mais esta vez a revistar a casa. Se não encontrarmos o que eu procuro, podereis carregar nas tintas da censura à minha extravagância, fazendo de mim alvo permanente de vossas assuadas. Que de futuro venham a dizer a meu respeito: “Tão ciumento como Ford que procurava numa noz vazia o amante da mulher”. Fazei-me a vontade ainda por esta vez, ajudando-me a revistar a casa.

SENHORA FORD — Olá, senhora Page! Vinde cá para baixo e trazei velha! Meu marido vai entrar nesse quarto.

FORD — Velha! Que velha é essa?

SENHORA FORD — Ora! A tia da minha empregada, a velha de Brainford

FORD — Uma bruxa, uma rameira, uma rameira intrigante é o que ela é. Não a proibi de entrar aqui em casa? Foi portadora de algum recado não é assim? Somos ingênuos; não percebemos o que se faz sob pretexto de tirar a buenadicha; ela opera por meio de feitiços, encantamentos, horóscopos e outras baboseiras que tais, que ultrapassam de muito nosso horizonte. Não sabemos nada. — Desce, bruxa! Desce, carcaça! Desce logo!

SENHORA FORD — Oh, meu querido maridinho! Caros senhores, não deixeis que ele dê na pobre velha.

(*Entra Falstaff, vestido de mulher, conduzido pela senhora Page.*)

SENHORA PAGE — Por aqui, tia Prat; por aqui. Dai-me a mão.

FORD — "Prato" é isto! Eu já te preparo o prato. (*Batendo em Falstaff*) Fora daqui, megera, cigana, feiticeira, fuinha, monte de banha. Vou conjurar-vos! Vou tirar-vos a sorte.

(*Sai Falstaff*)

SENHORA PAGE — Não vos envergonhais? Penso que matastes a pobre mulher.

SENHORA FORD — É o que ele ainda acabará por fazer; será uma façanha gloriosa.

FORD — Essa bruxa que se enforque.

EVANS — Belo sim e belo non, eu benso que a velha é mesmo pruxa. Não abrecio mulher de barba; por paixo da mantilha eu vi uma barba grande.

FORD — Não quereis vir comigo, cavalheiros? Vinde, por obséquio; vinde ver como terminam minhas suspeitas. Se eu latir sem ter dado na pista certa, não acrediteis, quando eu tornar a abrir a boca.

PAGE — Condescendamos mais uma vez com o capricho dele. Vinde, cavalheiros.

(*Saem Ford, Page, Shallow, Caius e Evans.*)

SENHORA PAGE — Podeis crer-me, ele lhe deu uma tunda de causar piedade.

SENHORA FORD — Não, pela missa! Não foi assim; penso que lhe bateu sem piedade.

SENHORA PAGE — Vou santificar o relho e colocá-lo sobre o altar; realizou um serviço meritório.

SENHORA FORD — Que vos parece? Sem deixarmos de ser mulheres honestas e de consciência limpa, ainda poderemos prosseguir na execução de nossa vingança?

SENHORA PAGE — Certamente o demônio da luxúria já o abandonou. Se ele não se tornou propriedade pura e simples do diabo, com todas as cláusulas do contrato, penso que nunca mais terá vontade de nos tentar.

SENHORA FORD — Conviria contar a nossos maridos a maneira por que o tratamos?

SENHORA PAGE — Sem dúvida, quando nada, para tirar essas caraminholas da cabeça do vosso esposo. E se eles decidirem de coração que o pobre cavaleiro enxundioso e devasso merece novos castigos, poderemos ajudá-los nesse mister.

SENHORA FORD — Posso asseverar que eles hão de querer confundi-lo de público. Penso, mesmo, que a brincadeira não ficaria completa, se ele não recebesse um castigo nessas condições.

SENHORA PAGE — Vamos, então, com o plano para a forja; convém bater, antes que esfrie.

(*Saem.*)

Cena 3

Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram o estalajadeiro e Bardolfo.

BARDOLFO — Senhor, os alemães desejam três dos vossos cavalos; o duque virá amanhã à corte, e eles querem ir ao seu encontro.

ESTALAJADEIRO — Que duque será esse que vem por maneira tão misteriosa? Desejo conversar com esses cavalheiros. Eles falam inglês?

BARDOLFO — Sim, senhor. Vou chamá-los.

ESTALAJADEIRO — Obterão os cavalos, mas será preciso pagar. Vou salgá-los. Dispuseram à vontade de minha casa durante uma semana; deixei de receber os fregueses de costume. É preciso que paguem. Vou salgá-los. Vejamos!

Cena 4

Um quarto em casa de Ford. Entram Page, Ford, a senhora Page, a senhora Ford e o reverendo Hugo Evans.

EVANS — É a mais péla idéia de mulher de que eu xá tive conhecimento.

PAGE — E ele vos enviou as duas cartas na mesma ocasião?

SENHORA PAGE — Com diferença de um quarto de hora.

FORD — Perdoa-me, querida. Doravante farás o que quiseres. Primeiro hei de atribuir frieza ao sol, que suspeitar-te da menor leviandade. Teu conceito lança agora raízes neste herético, como a mais firme fé.

PAGE — Bem; mas fiquemos por aqui mesmo. Nada de exageros; se na ofensa houve excesso, que não haja na submissão. Mas levemos adiante nosso plano. Porque o divertimento seja público, mais uma vez nossas mulheres hão de combinar com esse velho barrigudo nova entrevista, onde nos seja fácil apanhá-lo e aplicar-lhe um bom castigo.

FORD — Não há melhor alvitre do que o delas.

PAGE — Qual! Mandar-lhe recado para ir encontrar-se com elas no parque, à meia-noite? Isso ele não fará. De jeito nenhum.

EVANS — Dixestes que ele foi xogado na água e foi patido sem piedade, quando estava disfarçado de velha. Sou de obinião que ele deve extar cheio de terrores e de medo e que não irá lá. Sou de obinião que uma vez castigada a carne, ele ficará liperto dos maus desexos.

PAGE — É também o que eu penso.

SENHORA FORD — Pensai apenas no que fareis todos, quando ele aparecer, que hei de achar jeito de levá-lo até lá.

SENHORA PAGE — Um velho conto diz que Herne, o caçador, guarda campestre há muito tempo da floresta de Windsor, Quando nos chega o inverno, à meia-noite anda ao redor do tronco de um carvalho, com chifres na cabeça, estraga as árvores, põe feitiço no gado, muda em sangue todo o leite das vacas e sacode por modo pavoroso uma corrente. Falar já ouvistes sobre esse fantasma, como sabeis que nossos velhos crédulos e de cabeça fraca nos repetem como verdade certa o que souberam das outras gerações, sobre a figura de Herne, o guarda campestre.

PAGE — É certo; e muita gente tem medo de passar à noite pelo carvalho de Herne. Bem; e o resto?

SENHORA FORD — Nosso plano é o seguinte: marcaremos encontro no carvalho com Falstaff, que como Herne lá irá, com grandes chifres.

PAGE — Bem; admitamos que ele compareça à entrevista sob essa mesma forma. Que fareis dele, após? Que planejastes?

SENHORA PAGE — Já está tudo assentado. E deste jeito: minha filha Ana Page, meu filhinho com mais algumas crianças de igual porte serão por nós vestidos como fadas, elfos e anões, com roupa verde e branca, com grinaldas e tochas na cabeça e chocalhos nas mãos. Subitamente, quando eu e ela a Falstaff nos reunirmos, de uma cova de serra que há ali perto saltarão todos, a cantar alguma cantilena confusa. A vista deles, nós duas fugiremos assustadas. Eles, então, o cercarão depressa, passando a beliscar nosso impudico cavaleiro, tal como veros duendes, perguntando-lhe a causa de, nessa hora de diversão das fadas, haver ele tido a ousadia de pisar o solo sagrado sob disfarce tão profano.

SENHORA FORD — E enquanto ele não diz toda a verdade, que os supostos duendes o belisquem insistentes, queimando-o com seus fachos.

SENHORA PAGE — Conhecida a verdade, aparecemos, tiramos do fantasma os grandes chifres e até Windsor faremos troça dele.

FORD — É preciso ensaiar bem as crianças, por que levado a cabo seja o plano.

EVANS — Eu me ingumbo de ensaiar as grianças e eu mesmo irei disfarçado de magago, para queimar o gavaleiro com minha tocha.

FORD — Ótima idéia! Vou tratar de comprar logo as máscaras.

SENHORA PAGE — A rainha das fadas será Aninha; vestido branco lhe darei bem caro.

PAGE — Vou comprar logo a seda. (*À parte.*) Nesse em meio, raptará mestre Slender minha filha, para com ela se casar em Éton. — Mandemos a Falstaff o aviso logo.

FORD — Vou procurá-lo novamente, em nome de mestre Fontes. Há de revelar-me todos os seus projetos. Ficai certos de que não faltará.

SENHORA PAGE — Não tenhais medo. Ide logo comprar os apetrechos e as roupas para os duendes.

EVANS — Não pergamos tempo. É um prazer admirável e muito honesta felhacaria.

(*Saem Page, Ford e Evans.*)

SENHORA PAGE — Senhora Ford, depressa, mandai Quickly a sir John; precisamos saber o que ele pensa. (*Sai a senhora Ford.*) Irei à casa do doutor, pois lhe dei minha palavra de que ele há de esposar Aninha Page. Esse Slender, conquanto afazendado, não passa de um idiota. A preferência meu marido lhe dá. Muito dinheiro tem o doutor e amigos influentes. Ele é que há de casar com minha filha, ainda que noivos vinte mil, agora, me jurassem fazê-la alta senhora. (*Sai.*)

Cena 5

Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram o estalajadeiro e Simples.

ESTALAJADEIRO — Que desejas, labrego? Vamos, casca grossa! Fala, respira, discute; depressa, curto, pronto, rápido!

SIMPLES — Ora, senhor, eu vim para falar com sir John Falstaff da parte de mestre Slender.

ESTALAJADEIRO — É aquele o quarto dele, a mansão, o castelo, seu leito fixo e cama de campanha. Está decorado com a história do filho pródigo, pintadinho de novo e ainda fresco. Vai; bate e chama, que ele te responderá como um antropofagiânico. Bate, estou mandando!

SIMPLES — Uma mulher, uma velha gorda subiu para esse quarto. Terei a ousadia, senhor, de esperar até que ela desça.

ESTALAJADEIRO — Como! Uma mulher gorda? O cavaleiro poderá ser roubado. Vou chamá-lo. Cavaleiro mata-mouros! Sir John, coração de ferro! Responde com esses pulmões militares: estás ai? Quem está falando e o teu estalajadeiro o elesiano!

FALSTAFF (*de cima*) — Então, estalajadeiro?

ESTALAJADEIRO — Está aqui um tártaro boemiano à espera de que desça a tua mulher gorda. Manda-a cá para baixo, trinca-ferros; manda-a para baixo! Meus quartos são respeitáveis. Que é isso? Segredinhos? Que é isso?

(*Entra Falstaff*)

FALSTAFF — Realmente, meu estalajadeiro, tive a visita de uma mulher gorda; mas já foi embora.

SIMPLES — Por obséquio, senhor, não era a mulher sábia de Brainford?

FALSTAFF — Justamente, casca de mexilhão. Que querias com ela?

SIMPLES — Meu amo, senhor, mestre Slender, tendo-a visto passar na rua, mandou que lhe falasse, para saber, senhor, se um tal Nym, senhor, que lhe escamoteou uma cadeia, está com a cadeia ou não.

FALSTAFF — Conversei com a velha a esse respeito.

SIMPLES — E que foi que ela disse, senhor, por obséquio?

FALSTAFF — Ora, disse que o mesmo indivíduo que escamoteou a cadeia de mestre Slender, empalmou-a belamente.

SIMPLES — Quisera ter falado pessoalmente com essa mulher; tinha outras coisas a perguntar-lhe da parte dele.

FALSTAFF — Que coisas? Dize logo.

ESTALAJADEIRO — Isso mesmo. Vamos logo!

SIMPLES — Não posso ocultá-las, senhor.

ESTALAJADEIRO — Oculta-as logo, se não morrerás!

SIMPLES — Ora, senhor, não era nada; era só a respeito da senhorita Ana Page, para saber se é sorte dele ou não vir a casar com ela.

FALSTAFF — Sim, é essa, justamente, a sorte dele.

SIMPLES — Qual, senhor?

FALSTAFF — Vir a casar com ela ou não. Vai; dize-lhe que a mulher me contou isso mesmo.

SIMPLES — Poderei ter a liberdade de lhe dizer isso, senhor?

FALSTAFF — Pois não, sir Tike; a liberdade que quiseres.

SIMPLES — Agradeço a Vossa Senhoria; meu amo vai ficar muito contente com essas notícias. (*Sai.*)

ESTALAJADEIRO — És um sábio, sir John; és um sábio. Recebeste a visita dessa mulher?

FALSTAFF — Recebi, meu estalajadeiro; é uma mulher que me ensinou mais coisas do que eu poderia ter aprendido em toda a minha vida, e isso sem que eu lhe pagasse nada; pelo contrário, fui pago para aprender.

(*Entra Bardolfo.*)

BARDOLFO — Ah, senhor! Ah, senhor! Pura velhacaria! Pura velhacaria!

ESTALAJADEIRO — Onde estão os cavalos? Responde, varletto.

BARDOLFO — Os velhacos os levaram. Quando estávamos um pouco adiante de Eton, empurraram-me para um atoleiro e depois calcaram as esporas, como o fariam três demônios alemães com três doutores Faustos.

ESTALAJADEIRO — Eles só foram ao encontro do duque, maroto; não digas que fugiram; os alemães são gente honesta.

(*Entra o reverendo Hugo Evans.*)

EVANS — Onde extá o meu estalaxadeiro?

ESTALAJADEIRO — Que é que há, senhor?

EVANS — Tende guidado com os hóspedes novos. Contou-me um amigo que veio da cidade que três primos xermanos rouparam gavalos e polsas de todos os viaxantes de Reading,

Maidenhead e Colebrook. Digo isso para o vosso pem, ora vede; sois esbirituoso e gostais muito de princadeiras, e não seria gonveniente serdes ludipriado. Adeus. (*Sai*)

(*Entra o doutor Caius.*)

CAIUS — Onde está *mon hôte de la Jarretière?*

ESTALAJADEIRO — Aqui, mestre doutor; perplexo e num dilema duvidoso.

CAIUS — Não sei o que se passa; mais *on m'a dit* que estais fazendo grandes preparrativos para hospedar um duque de Jamany. Mas, por minha fé, *ma foi,* na corte não se tem notícia de nenhum duque que esteja para chegar. Digo isso *pour vôtre bien.* (*Sai.*)

ESTALAJADEIRO — Vai dar o alarma, vilão. Corre! Ajudai-me, cavaleiro. Estou perdido. Corre, voa, vai dar o alarma, vilão! Estou perdido.

(*Saem o estalajadeiro e Bardolfo.*)

FALSTAFF — Desejara que todo o mundo fosse logrado, porque eu o fui e, ainda por cima, espancado. Se na corte viessem a saber de que modo eu fui metamorfoseado e como minha transformação foi lavada e surrada, far-me-iam perder toda esta gordura, derretendo-a gota por gota, e engraxariam com ela botas de pescadores. É certeza que me zurziriam com ditos mordazes, até me deixarem de crista caída como uma pera seca. A sorte me abandonou, desde que jurei falso no jogo de Primero. Bem; se ainda me sobrar fôlego que dê para dizer minhas orações, prometo arrepender-me. (*Entra a senhora Quickly.*) Olá! De onde vindes?

QUICKLY — Por minha alma, venho da parte de ambas.

FALSTAFF — Que o diabo fique com uma delas e a avó dele com a outra. Desse modo as duas ficarão em boas mãos. Tenho sofrido mais por causa delas do que poderia suportar a miserável inconstância da resistência humana.

QUICKLY — E elas, também, nada sofreram? Sim, posso asseverar-vos. Principalmente a senhora Ford, coitadinha, que de tanto apanhar ficou azul e preta, a tal ponto que não podereis encontrar um só lugar branco em todo o seu corpo.

FALSTAFF — Por que me falas de azul e preto? Eu apanhei em todas as cores do arco-íris, e estive a ponto de ser preso como se fosse a feiticeira de Brainford. O que me livrou foi a minha admirável presença de espírito; não fora isso, e o velhaco do oficial de justiça me teria posto no cepo, num cepo vulgar, por feiticeiro.

QUICKLY — Senhor, permiti que vos fale em vosso quarto. Ficareis sabendo em que pé as coisas estão, podendo assegurar-vos que vos dareis por satisfeito. Aqui está uma carta que já vos dirá alguma coisa. Coitadinhos! Quanto trabalho para se reunirem! É certeza: um dos dois serve mal ao céu, para sair tudo assim arrevezado.

FALSTAFF — Sobe até ao meu quarto.

(*Saem.*)

Cena 6

Outro quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Fenton e o estalajadeiro.

ESTALAJADEIRO — Não faleis comigo, mestre Fenton; estou desanimado e disposto a abandonar tudo.

FENTON — Entanto, ouvi-me. Vinde em meu auxílio, e à fé de gentil-homem, recompenso-vos com mil libras a mais do que perdestes.

ESTALAJADEIRO — Vou ouvir-vos, mestre Fenton. Quando nada, saberei guardar segredo.

FENTON — Mais de uma vez já vos falei de tudo que sinto pela bela Aninha Page, que corresponde ao meu sincero afeto — tanto quanto depende dela própria — como eu desejaria. Esta missiva que ela me enviou vos deixará pasmado. Liga-se de tal modo o meu assunto com a brincadeira de que aqui se trata, que impossível será falar de um caso, sem revelar-vos o outro, O gordanchudo Falstaff em tudo tem papel saliente. Por aqui ficareis sabendo de outras particularidades. (*Mostra-lhe a carta.*) Ora ouvi-me, meu estalajadeiro. No carvalho de Herne, entre a meia-noite de hoje e uma hora, vai a minha doce Ana apresentar-se qual rainha das fadas. Enquanto outros levam adiante a brincadeira em curso, deve ela, assim vestida e por mandado do próprio pai, fugir com mestre Slender e, sem demora, com ele dirigir-se a Éton e lá casarem. Concordou. Ora, senhor, a mãe dela, que sempre foi contrária a esse enlace e reforça o doutor Caius em suas pretensões, pretende que este fuja também com ela, enquanto os outros convidados distraídos estiverem na mascarada. O deão, para isso, fica prestes em casa, a fim de desposá-los. Fingindo concordar com todo o enredo da mãe, ela ao doutor deu a palavra. Estão agora neste ponto as coisas: quer o pai que de branco ela se vista, para que Slender, na ocasião propícia, possa diferenciá-la, a mão lhe pegue e lhe diga que o siga. Ao mesmo tempo a mãe, porque o doutor a reconheça — pois todos deverão estar de máscaras e fantasiados — quer que seja verde seu vestido flutuante e mui garrido, e que fitas lhe caiam da cabeça, devendo, então, a mão o doutor Caius beliscar-lhe no instante mais azado. A esse sinal, consente ela em segui-lo.

ESTALAJADEIRO — E a quem pretende ela enganar, o pai ou a mãe?

FENTON — A ambos, meu caro, e a se evadir comigo. E agora, o principal: só falta obterdes que o pároco na igreja nos espere entre doze horas e uma, a fim de unir-nos os corações com as cerimônias todas de um enlace legal e sacrossanto.

ESTALAJADEIRO — Ponde em execução o vosso plano. Vou procurar o pároco. Se a noiva conseguirdes levar, achareis padre.

FENTON — Ser-te-ei reconhecido para sempre, além de dar-te logo um bom presente. (*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Falstaff e a senhora Quickly.

FALSTAFF — Por obséquio, pára com essa tagarelice. Vai! Estou pelo que prometi. Será a terceira vez. Confio na sorte dos números ímpares. Vai logo. Dizem que os números ímpares são dotados de algo divino, ou por ocasião do nascimento, ou durante a vida, ou na hora da morte.

QUICKLY — Vou arranjar-vos uma corrente e farei todo o possível para obter um par de chifres.

FALSTAFF — Vai logo, estou mandando. O tempo corre. Levanta a cabeça e trota miudinho. (*Sai a senhora Quickly. Entra Ford.*) Então, mestre Fontes? Mestre Fontes, o negócio será concluído hoje à noite, ou nunca mais. Ide postar-vos à meia-noite no parque, junto do carvalho de Herne, que haveis de ver coisas miríficas.

FORD — Não estivestes ontem em casa dela, senhor, conforme me dissestes que ficara combinado?

FALSTAFF — Fui à casa dela, mestre Fontes, tal como me vedes: como um velho; mas voltei de lá, mestre Fontes, como uma pobre velha. Aquele celerado maldito, Ford, o marido dela, está tomado pelo mais astucioso demônio do ciúme, mestre Fontes, que em qualquer tempo haja dominado um frenético. Imaginai só! Ele me espancou sem piedade, estando eu disfarçado de mulher; porque sob a aparência de homem, mestre Fontes, não tenho medo de nenhum Golias com sua acha de Tecelão, por saber que a vida não é mais do que uma lançadeira. Estou com pressa; vinde comigo; vou contar-vos tudo, mestre Fontes. Desde o tempo em que eu depenava gansos, gazeava aula e jogava pião, não sabia o que fosse apanhar; mas soube-o agora. Vinde comigo; vou contar-vos coisas muito interessantes a respeito desse biltre, o Ford. Mas pretendo vingar-me ainda esta noite e entregar-vos em mãos a mulher dele. Estranhos acontecimentos estão em perspectiva, mestre Fontes. Vinde comigo.

(*Saem.*)

Cena 2

O parque de Windsor. Entram Page, Shallow e Slender.

PAGE — Vinde, vinde; ficaremos no fosso do castelo até vermos as luzes das nossas fadas. Filho Slender, não vos esqueçais de minha filha.

SLENDER — Oh! sem dúvida! Já lhe falei e combinamos uma senha para nos reconhecermos. Aproximo-me da fada de branco e digo-lhe: "Zás!" ao que ela me responderá: "Trás!" E assim nos identificaremos.

SHALLOW — Está tudo muito bem. Mas qual é a utilidade desse "Zás" e do outro "Trás", se a cor branca já a identifica suficientemente? Já bateram dez horas.

PAGE — A noite está bem escura, muito própria para luzes e aparições. Que o céu proteja nossa brincadeira. Ninguém cogita de praticar o mal, a não ser o próprio demônio, que será reconhecido pelos chifres. Vamos; acompanhai-me.

(*Saem.*)

Cena 3

Uma rua de Windsor. Entram a senhora Page, a senhora Ford e o doutor Caius.

SENHORA PAGE — Mestre doutor, minha filha está vestida de verde. Quando virdes que é a ocasião oportuna, tomai-a pela mão, conduzi-a à casa do deão e ponde pressa na cerimônia. Ide para o parque em nossa frente; nós duas deveremos entrar juntas.

CAIUS — Sei bem o que terei de fazer. *Adieu.*

SENHORA PAGE — Passai bem, senhor. (*Sai o doutor Caius.*) Meu marido vai ficar menos alegre com o castigo de Falstaff do que com o casamento de minha filha com o doutor. Mais pouco importa. Mais vale uma pequena repreensão do que um mundo de aborrecimentos.

SENHORA FORD — Onde está Aninha com seu séquito de fadas e o diabo galense, Hugo?

SENHORA PAGE — Estão todos deitados num fosso que fica junto do carvalho de Herne, com as luzes encobertas, que farão brilhar na escuridão logo que nós e Falstaff nos encontrarmos.

SENHORA FORD — Ele não pode deixar de assustar-se.

SENHORA PAGE — Se não ficar assustado, será escarnecido, e se ficar assustado, tanto melhor, será escarnecido da mesma forma.

SENHORA FORD — Vamos traí-lo belamente.

SENHORA PAGE — Para um negócio assim, que é só maldade, qualquer traição ainda é honestidade.

SENHORA FORD — Está na hora. Para o carvalho! Para o carvalho!

(*Saem.*)

Cena 4

O parque de Windsor. Entra o reverendo Hugo, disfarçado, com as Fadas.

EVANS — Defagar, defagar, fadas! Não vos esqueçais de vossos papéis. Tende coraxem, é só o que peço. Vinde comigo, e quando eu disser a senha, fazei o que xá combinamos. Vinde! Vinde! Defagar!

(*Saem.*)

Cena 5

Outro trecho do parque. Entra Falstaff, disfarçado de Herne, com chifres de veado na cabeça.

FALSTAFF — O sino de Windsor já bateu doze pancadas; aproxima-se o momento. Agora, que me assistam os deuses do sangue quente. Não te esqueças, Jove, de que te transformaste em touro por causa de tua Europa; o amor te fez nascer cornos na testa. Ó amor todo-poderoso, que algumas vezes fazes de um animal um homem, e outras de um homem um animal! Foste também cisne, ó Júpiter, por amor de Leda. Oh onipotente amor! Como esteve perto o deus de parecer-se com um ganso! Tua primeira falta te transformou em animal. Ó Jove! uma falta animalesca; e a segunda te mudou em ave de galinheiro. Não te esqueças, Jove! Uma falta galinesca. Quando os deuses têm o dorso quente, que podem fazer os pobres homens? Por mim, vejo-me agora como um veado de Windsor, o mais gordo, quero crer, de toda a floresta. Faze que seja temperada a minha época de cio, ó Jove! Do contrário, quem me poderá censurar, por vir a perder toda a gordura? Quem vem ai? É minha corça?

(*Entra a senhora Ford e a senhora Page.*)

SENHORA FORD — Sir John, estás aí, meu gamozinho, meu querido animalzinho?

FALSTAFF — Minha corça de rabo preto! Que o céu chova batatas! Que troveje na toada da canção "As mangas verdes" e que como neve caiam confeitos de bolo de nozes. Que venha uma tempestade de provocações... (*Abraçando-a.*)... que eu já tenho onde abrigar-me.

SENHORA FORD — A senhora Page veio comigo, meu coração.

FALSTAFF — Dividi-me como a um veado de presente, ficando cada uma com uma das coxas. Meus lados ficarão para mim mesmo; as espáduas, para o guarda do parque, que os cornos eu legarei para vossos maridos. Não estou parecendo um couteiro? Não falo como o caçador Herne? Desta vez Cupido se revelou um menino consciencioso; fez-me uma restituição. Tão certo como eu ser um espírito. Salve! Salve!

(*Ouve-se barulho dentro.*)

SENHORA PAGE — Oh céus! Que barulho é esse?

SENHORA FORD — O céu perdoe nossos pecados!

FALSTAFF — Que poderá ser isso?

SENHORA FORD e SENHORA PAGE — Vamos embora! Vamos embora!

(*Saem correndo.*)

FALSTAFF — Pelo que vejo, o diabo não me quer ver condenado às penas eternas, de medo que o azeite que se contém em meu corpo venha a incendiar o inferno; a não ser isso, não se atravessaria tantas vezes em meu caminho.

(*Entram o reverendo Hugo Evans, disfarçado de sátiro; Pistola, como duende; Ana Page, como rainha das fadas, seguida do irmão e de outras pessoas, disfarçadas de fadas, com tochas de cera na cabeça.*)

ANA — Fadas verdes e brancas, matizadas, que aqui brincais nas noites enluaradas, herdeiras e órfãs do fatal destino, alegres acorrei! Entoemos o hino dos duendes e das fadas. Alegria!

PISTOLA — Atenção, elfos! Cesse a correria dos espíritos aéreos! Grifo, salta para as chaminés de Windsor, onde uma alta lide vais ter, que a cinza ainda está quente e, por varrer, os lares. Complacente não sejas com as zagalas; beliscões em todas dá, de produzir vergões azuis como o mirtilo. Nossa rainha não suporta imundície tão daninha.

FALSTAFF — São fadas. Se eu falar com algumas delas, sou homem morto. Assim, sem mais aquelas, vou me deitar e tapar bem o rosto. Homem nenhum em vê-las acha gosto.

EVANS — Vai, Bode; e onde encontrares rapariga que as orações três vezes sempre diga antes de se deitar, com alegria, estimula-lhe a bela fantasia, porque ela, como criança na aparência, possa dormir o sono da inocência. Mas se achares alguma descuidada que ao se deitar não tenha dito nada, belisca-lhe à vontade o corpo lasso, pescoço, braços, pernas e o espinhaço.

ANA — Trasguinhos, começai! Todo o castelo de Windsor varejai; sorte espalhai a flux, alegremente, porque possa durar eternamente, sem decair jamais em abandono, como convém ao seu mui digno dono. Seiva esfregai em todas as cadeiras, das plantas mais preciosas e fagueiras; abençoados se tornem sempre mais seus leais brasões e as cotas imortais, e como a jarreteira, elfos, à roda, em círculo cantai a noite toda. Que a vossos passos tornem-se virentes e mais férteis os prados adjacentes. "*Honny soit qui mal y pense*" à volta escrevei dos canteiros em recolta, em tufos brancos, rubros e azulados, como pedras preciosas nos bordados, que aos joelhos curvos da cavalaria conferem elegância e altanaria. Com flores escrevei, pois, em porfia. Vamos, principiai! Antes de uma hora, como de hábito, vinde sem demora dançar em torno do carvalho de Herne.

EVANS — Que cada um com o vizinho o passo alterne. Em ordem. Mãos com mãos. Vinte luzentes pirilampos levai como pingentes, porque vos possam dirigir o passo sem vos perderdes nada em pouco espaço. Mas vejo um ser do mundo intermediário!

FALSTAFF — O céu me defenda desse duende galense, para que ele não me transforme num pedaço de queijo.

PISTOLA — De nascimento, ó verme, és ordinário!

ANA — A chama quente lhe encostas no dedo. Sendo ele casto, não mostrará medo, pois não se queimará. Mas se gritar, é que é carne corrupta e mui vulgar.

PISTOLA — Eia, a postos!

EVANS — Façamos a experiência.

(*Queimam Falstaff com os archotes.*)

FALSTAFF — Oh! Oh! Oh!

ANA — Corrupto, Corrupto! É só concupiscência! Cantai-lhe fadas, algo zombeteiro e, ao dançardes, picai-o o tempo inteiro. (*CANÇÃO:*) Fora a doente fantasia, a incontinência, a fobia! Loucura é fogo abrasante que o sangue deixa escaldante. Brota do coração em alta chama, que o pensamento mais e mais inflama. Beliscai-o com vontade, por sua muita ruindade. Beliscai-o, queimai-o, até que a lua se esconda e a noite seu rondar conclua.

(*Durante a canção, as fadas beliscam Falstaff; o doutor Caius entra por um lado e rouba uma fada de vestido verde; Slender, por outro, leva uma fada de branco; depois entra Fenton e sai com Ana Page. Ouve-se barulho de caçada; as fadas saem a correr; Falstaff arranca da cabeça os chifres e se levanta. Entram Page, Ford, a senhora Page e a senhora Ford, que seguram Falstaff*)

PAGE — Não procureis fugir, pois é certeza vos termos alcançado. Então, para isso só Herne, o caçador, vos serviria?

SENHORA PAGE — Não levemos adiante a brincadeira, por obséquio. Que tal achais, bondoso cavaleiro, as comadres de Windsor? Caro marido, estes apêndices não ficam melhor na mata do que na cidade?

FORD — Então, senhor, quem ficou agora com chifres? Mestre Fontes, Falstaff é um velhaco, um velhaco de chifres. Aqui estão os chifres dele, mestre Fontes. E, mestre Fontes, do que era de Ford só se aproveitou do cesto de roupa suja, do bastão e de vinte libras em dinheiro, que deverão ser restituídas, mestre Fontes; para isso, os cavalos dele já estão detidos, mestre Fontes.

SENHORA FORD — Sir John, não tivemos sorte; nunca podemos encontrar-nos. Doravante, não vos terei nunca mais como amante, mas como meu querido animalzinho.

FALSTAFF — Começo a compreender que fui transformado em asno.

FORD — Sim, e também em touro; as duas provas estão patentes.

FALSTAFF — E essas aí, não são fadas? Por três ou quatro vezes quis parecer-me que o não eram; mas a culpabilidade de minha consciência e a paralisação súbita do meu raciocínio tornaram crível um embuste grosseiro, a despeito de toda rima e razão, como se se tratasse de fadas de verdade. Vede como um homem inteligente pode transformar-se num joão-bobo, quando não sabe valer-se de seus recursos naturais.

EVANS — Sir John Falstaff, servi a Deus e apandonai vossos abetites, que as fadas não vos peliscarrão.

FORD — Muito bem, duende Hugo.

EVANS — E vós, deixai tampém vossos xiúmes, é o que vos peço.

FORD — Não voltarei a desconfiar de minha mulher, enquanto não ficardes capaz de fazer-lhe a corte em inglês correto.

FALSTAFF — Terei, porventura, deixado o cérebro exposto ao sol e a secar, para não poder livrar-me de uma armadilha tão grosseira? Fui cavalgado até por um bode galense? Só me resta afogar-me num pedaço de queijo frito.

EVANS — O queixo não se dá bem com a manteica, e a vossa bança é bura manteica.

FALSTAFF — "Queixo" e "manteica"! Ter vivido tanto, para ser objeto da zombaria de um sujeito que estropia dessa maneira o inglês? Isso é mais do que suficiente para produzir a ruína da libertinagem e dos noctívagos de todo o reino.

SENHORA PAGE — Então, sir John, acreditáveis mesmo que se nós tivéssemos expulsado do coração toda a nossa virtude, jogando-a pelos ombros e pela cabeça, e nos tivéssemos entregue sem escrúpulos ao inferno, acreditais que o diabo tivesse feito de vós nossas delícias?

FORD — Um pudim desse tamanho? Um saco de lã?

SENHORA PAGE — Um sujeito estufado.

PAGE — Velho, frio, enrugado e de entranhas intoleráveis?

FORD — E tão aleivoso como Satã?

PAGE — E pobre como Jó?

FORD — E tão ruim como sua mulher?

EVANS — E dado aos brazeres sensuais, às tapernas, ao xerez, ao vinho, ao hidromel, às pepidas, às xuras e às prigas?

FALSTAFF — Seja; estou na berlinda; tendes vantagens sobre mim. Confesso-me batido. Não me sinto capaz de responder à flanela galense. A própria ignorância está sobre mim como peso de prumo. Usai-me como bem vos aprouver.

FORD — Agora, senhor, vamos levar-vos a Windsor, à casa de um tal mestre Fontes, de quem extorquistes dinheiro e para quem devíeis servir de terceiro. No meio de todas as vossas aflições, a mais dolorosa, me parece, vai ser restituir essa quantia.

SENHORA FORD — Perdoa-lhe, marido, esse dinheiro, porque amigo nos seja verdadeiro.

FORD — Pois não; eis minha mão; perdôo a dívida.

PAGE — Agora, cavaleiro, ficai alegre; esta noite beberás em minha casa, onde poderás rir de minha mulher, que neste momento está rindo de ti. Dize-lhe que mestre Slender se casou com a filha dela.

SENHORA PAGE (*à parte*) — Os doutores têm dúvidas a esse respeito. Se Ana Page é minha filha, a estas horas ela é mulher do doutor Caius.

(*Entra Slender.*)

SLENDER — Olá! Oh! Pai Page!

PAGE — Filho, então? Então, filho? Arranjaste tudo?

SLENDER — Se arranjei? Vou contar o que houve a toda a gente de Glostershire. Preferira que me houvessem enforcado, pronto!

PAGE — Que aconteceu, filho?

SLENDER — Cheguei lá em baixo, em Eton, para casar-me com a senhorita Ana Page e ela era um labrego deste tamanho. Se não fosse estarmos na igreja, eu o teria sovado, ou ele a mim. Quero ficar sem poder arredar-me daqui, se eu não pensava que era mesmo Ana Page. Era o filho do postilhão.

PAGE — Por minha vida, então te equivocaste.

SLENDER — E que necessidade há de me dizerdes isso agora? É claro que houve equívoco, quando tomei um rapaz por uma rapariga. Se eu o tivesse desposado, com toda a sua roupa de mulher, não teria querido saber dele.

PAGE — Ora, a culpa é de vossa própria tolice. Eu não vos tinha dito que deveríeis identificar minha filha pelo vestido?

SLENDER — Cheguei-me para a que estava de branco e disse-lhe: "Zás!" e ela me respondeu: "Trás!" como eu e Ana havíamos combinado. No entanto, não era Ana, mas o filho do postilhão.

EVANS — Jexus, mestre Slender, não tendes olhos, para casardes com um rapaz?

SENHORA PAGE — Bondoso Jorge, não vos encolerizeis. Eu sabia de vossos projetos e fiz minha filha vestir-se de verde. A estas horas ela está com o doutor em casa do deão, onde se casaram.

(*Entra o doutor Caius.*)

CAIUS — Onde está a senhora Page? *Pardieu*! Fui enganado, *volé!* Desposei *un garçon,* um rapaz. Não era Ana Page, *Pardieu*. Fui enganado.

SENHORA PAGE — Como! Não pegastes a que estava vestida de verde?

CAIUS — Sim, *Pardieu*! E era *un garçon, Pardieu*! Vou revirar toda Windsor! (*Sai.*)

FORD — É muito estranho. Quem terá ficado com a verdadeira Ana?

PAGE — Tenho um pressentimento... Aí vem vindo mestre Fenton. (*Entram Fenton e Ana Page.*) Então, mestre Fenton?

ANA — Perdão, bondoso pai! Bondosa mãe, perdão!

PAGE — Então, senhorita, que se deu, para não teres saído com mestre Slender?

SENHORA PAGE — Por que não saíste com o mestre doutor, menina?

FENTON — Vós a deixais surpresa. Ouvi o que houve. Queríeis desposá-la por maneira por demais vergonhosa, pois faltava de todo em todo a inclinação recíproca. Mas o certo é que

eu e ela há muito tempo éramos noivos e ora nos achamos unidos por maneira indissolúvel. Sua desobediência de hoje é em tudo santificada e o ardil o nome perde de astúcia, de revolta ou desrespeito, pois evitadas ficam, desse modo, milhares de horas ímpias e malditas, que lhe traria o casamento à força.

FORD — Não vos zangueis, que é fato consumado. Os caprichos do amor do céu dependem. Com dinheiro podemos comprar terra; mas vende a esposa o fado que não erra.

FALSTAFF — Alegra-me verificar que vossa flecha tenha ultrapassado o alvo, apesar do empenho em que estáveis de atingir-me.

PAGE — Agora, que remédio! Fenton, viva! Devemos aceitar o que é impossível deixar de acontecer.

FALSTAFF — A caça é grande quando os cães fazem cerco a noite toda.

SENHORA PAGE — Não pensemos mais nisso. Mestre Fenton, o céu vos dê muitos e muitos dias só de felicidades. Caro esposo, voltemos para casa, porque ao fogo possamos rir de toda a brincadeira, sir John, como os outros.

FORD — Sir John, assim cumpristes a promessa feita a Fontes: a noite ele, realmente, com a senhora Ford há de passar contente.

(*Saem.*)

Conto de Inverno

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Personagens

LEONTES, Rei da Sicília.
MAMÍLIO, jovem Príncipe da Sicília.
CAMILO, nobre da Sicília.
ANTIGONO, nobre da Sicília.
CLEÓMENES, nobre da Sicília.
DION, nobre da Sicília.
POLÍXENES, Rei da Boêmia.
FLORIZEL, seu filho.
ARQUÍDAMO, um nobre da Boêmia.
UM MARINHEIRO.
UM CARCEREIRO.
UM VELHO PASTOR, pai putativo de Perdita.
O BOBO, seu filho.
Um criado do velho pastor.
AUTÓLICO, um mariola.
HERMÍONE, esposa de Leontes.
PERDITA, filha de Leontes e de Hermíone.
PAULINA, esposa de Antígono.
EMÍLIA, uma dama, do serviço da rainha.
Outras damas, do serviço da rainha.
MOPSA, Pastora.
DORCAS, Pastora.
Nobres e damas da Sicília, criados, guardas, sátiros, pastores, pastoras, etc.
O Tempo, como coro.

Ato 1

Cena 1

Antecâmara do palácio de Leontes. Entram Camilo e Arquídamo.

ARQUÍDAMO — Se alguma vez, Camilo, tiverdes oportunidade de visitar a Boêmia, em missão idêntica à que me trouxe aqui, vereis, como disse, a grande diferença que existe entre nossa Boêmia e vossa Sicília.

CAMILO — Creio que no próximo verão o Rei da Sicília pretende pagar ao Rei da Boêmia a visita que lhe deve.

ARQUÍDAMO — Então, a nossa hospitalidade nos vai deixar envergonha dos, mas o nosso amor nos justificará, porque...

CAMILO — Suplico-vos...

ARQUÍDAMO — É verdade; falo com conhecimento de causa. Não nos será possível, com tanta magnificência... uma tão rara... Não sei como expressar-me. Teremos de dar-vos alguma bebida soporífica, para que vossos sentidos, não percebendo nossa insuficiência, ainda que não nos possam elogiar, pelo menos não nos censurem.

CAMILO — Avaliais muito alto o que vos dado de boa vontade.

ARQUÍDAMO — Podeis crer que falo de acordo com meu entendimento e como impõe a honestidade.

CAMILO — Com relação à Boêmia, Sicília nunca poderá mostrar excesso de amabilidade. O Rei da Sicília e o da Boêmia passaram juntos a mocidade, tendo entre eles a amizade criado tão profundas raízes, que não poderá deixar de produzir galhos. Desde que a compostura da idade viril e as obrigações reais os separaram, suas relações, ainda que não diretas, têm sido mantidas regiamente por meio de mimos, cartas e em baixadas amistosas, de forma que pareciam continuar juntos, embora es tivessem separados e que se apertavam as mãos por sobre um grande abismo e se abraçavam dos confins dos ventos contrários. Que o céu conserve essa amizade.

ARQUÍDAMO — Penso que não há no mundo malícia nem pretexto que possam modificá-la. Vosso jovem Príncipe Mamílio vos proporciona me fável satisfação não conheço gentil-homem de maiores esperanças.

CAMILO — Nesse ponto, concordo convosco; é uma criança admirável, que cura, realmente, seus sdditos e deixa vigorosos os corações envelhecidos. As pessoas que já usavam muletas antes do seu nascimento, ainda querem viver para vê-lo homem feito.

ARQUÍDAMO — E a não ser por esta razão, morreriam de grado?

CAMILO — Sim, no caso de não terem outra desculpa para quererem viver mais tempo.

ARQUÍDAMO — Se o rei não tivesse filho eles desejariam continuar vivendo até que lhe nascesse um.

Cena 2

O mesmo. Um quarto de Estado no palácio.Entram Leontes, Políxenes, Hermíone, Mamílio, Camilo e séquito.

POLÍXENES — Já serviu de sinal por nove vezes o úmido astro ao pastor, dês que deixamos sem fardo nosso trono. Igual espaço de tempo, caro mano, deveríamos encher com nossos agradecimentos, mas como vosso devedor perpétuo, ainda assim, nos partíramos. Por isso, tal como um zero em ponto vantajoso, multiplico por um "muito obrigado" todos os que antes dele se encontrarem.

LEONTES — Deixai de lado os agradecimentos por algum tempo, para no-los dardes no instante da partida.

POLÍXENES — Amanhã mesmo, senhor, há de ser isso. Inquieto deixam-me os meus receios sobre o que é possível germinar ou nascer em nossa ausência. Não sopre em casa vento algum maligno, que me faça dizer: "Os meus temores eram justificados" Além disso, já cansei por demais Vossa Realeza.

LEONTES — Nosso vigor, querido mano, pode opor-se a mais do que isso.

POLÍXENES — É-me impossível ficar mais tempo.

LEONTES — Uma semana, ao menos.

POLÍXENES — Não; impossível; amanhã.

LEONTES — O tempo dividamos, então, sem que eu aceite, desta vez, objeções.

POLÍXENES — Não insistais, por favor, assim tanto. Voz nenhuma, no mundo inteiro, sim, me poderia convencer como a vossa, o que sem dúvida agora se daria, caso houvesse qualquer motivo urgente em vossos rogos e em mim fortes razões para esquivar-me. Meus negócios me atraem para casa; se insistirdes comigo, me castiga vossa amizade. Minha permanência vos é pesado fardo, a um tempo, e incômodo. Para obviar a ambos, mano, despeçamo-nos.

LEONTES — Emudeceu minha rainha, acaso? Dizei alguma coisa.

HERMÍONE — Tencionava, senhor, ficar calada até que houvésseis dele arrancado o juramento explícito de que não ficará. Tentais vencê-lo com frieza excessiva. Declarai-lhe que tendes a certeza de que tudo na Boêmia está bem, como o proclamam as novas recebidas ontem mesmo. Falai-lhe assim, porque dessa maneira o batereis, no seu melhor reduto.

LEONTES — Muito bem dito, Hermíone.

HERMÍONE — Se acaso tivesse dito que quer ver o filho, fora razão de peso. Ele que o jure; depois deixa-o partir. Ele que o jure, que aqui não ficará, pois haveremos de tocá-lo com nossas próprias rocas. (*A Políxenes.*) Ora a pedir me atrevo uma semana de vossa real presença. Ao visitar-vos na Boêmia meu senhor, dar-lhe-ei licença para ficar um mês além do prazo marcado para a volta, embora, Leontes, não te ame menos uma pancadinha de relógio do que qualquer esposa que acate seu marido. Resolvestes ficar?

POLÍXENES — Senhora, não.

HERMÍONE — Sim, ficareis.

POLÍXENES — Em verdade, é impossível.

HERMÍONE — Em verdade? Escusais-vos com juras muito fracas. Mas embora com vossos juramentos das esferas os astros arrancásseis, eu vos diria: ”Não, senhor, é inútil falardes em partir.” De forma alguma. Esse “de forma alguma” pronunciado por uma dama é tão potente como se dito por um rei. Não resolvestes ainda? Então, forçada sou a deter-vos como meu prisioneiro, não como hóspede. Pagareis, desse modo, ao vos partirdes, vossa estada entre nós sem esbanjardes os agradecimentos. Que dizeis? Hóspede ou prisioneiro? Pelo vosso terrível “em verdade” é inevitável: tereis de ser um ou outro.

POLÍXENES — Então, vosso hóspede, senhora, pois ser vosso prisioneiro, para mim fora ofensa mais difícil de cometer, que para vós puni-la.

HERMÍONE — Não serei carcereira, então, mas vossa hospedeira bondosa. Vamos; quero dirigir-vos perguntas sobre todas as peraltices que com meu marido fizestes quando crianças. Ambos éreis, de certo, nobrezinhos mui galantes.

POLÍXENES — Pois não, formosa soberana, moços que criam sempre ter diante de si dias em tudo iguais e que haveriam de ser sempre rapazes.

HERMÍONE — Meu mando, decerto, era, dos dois, o mais terrível.

POLÍXENES — Éramos como dois cordeiros gêmeos que um para o outro balavam, saltitantes ao sol, de tão contentes. Permutávamos nossa inocência apenas, inocência. A doutrina do mal desconhecendo, nem sequer conceber então podíamos que alguém a conhecesse. Se tivéssemos continuado a viver dessa maneira, sem que nossos espíritos ingênuos, pelo sangue levados, se exaltassem, com ousadia ao céu nos fora lícito responder: “Não culpados”, excetuando-se nossa herança mortal.

HERMÍONE — De onde concluímos que tropeçastes, desde então, por vezes.

POLÍXENES — Ó mui prezada dama! Desde essa época temos sido tentados, pois naqueles dias implumes, minha atual esposa ainda era bem menina, e não havia também vossa preciosa formosura caído sob as vistas do meu jovem camarada de jogo.

HERMÍONE — Deus nos guarde! Não tireis conclusões, que poderíeis chamar-me e a vossa esposa de demônios. Mas prossegui sem medo; respondemos pelos pecados que por nossa causa cometestes então, caso conosco, só, tivésseis pecado e só conosco persistísseis nesse erro, sem que houvésseis tido amores com outra até ao presente.

LEONTES — Convenceste-o?

HERMÍONE — Não partirá, senhor.

LEONTES — Recusou-se a ficar a meu pedido. Hermíone querida, nunca a ponto falaste como agora.

HERMÍONE — Nunca?

LEONTES — Nunca, tirante uma só vez.

HERMÍONE — É, então, verdade? Falei bem duas vezes? E a primeira, quando foi? Por obséquio, dize logo. Enche-me de elogios e me deixa tão gorda como as aves bem tratadas. A boa ação que morre sem encômios, mata milhares que esperavam isso. Nossa paga é o elogio. Por mil milhas com um beijo terno podereis levar-nos, sem que nos faça um passo andar a espora. Mas voltemos ao ponto de partida. Minha última ação boa foi pedir-lhe que ficasse. E a primeira? Se interpreto corretamente o que dizeis, aquela teve uma irmã mais velha. Oh! se seu nome fosse Graça! É, então, certo? Uma vez, antes, eu falei com propósito. Mas, quando? Oh! Permiti que o saiba! Estou ansiosa.

LEONTES — Ora, foi quando três azedas luas mui demoradamente se finaram, antes de eu conseguir que essa mão branca se abrisse e confirmasse o teu afeto, depois do que, em resposta, me disseste: "Sou vossa para sempre".

HERMÍONE — Sim, foi graça. Falei bem duas vezes, não é certo? Uma, para alcançar o real esposo; outra, a fim de reter um pouco o amigo. (*Estende a mão a Políxenes.*)

LEONTES (*à parte*) — Muito quente! Muito quente! Unir as afeições de tal maneira, é unir, também, o sangue. Estou sentindo "tremor cordis"; o coração me dança, mas não é de alegria. O acolhimento pode ficar de rosto descoberto, condescender, até, em liberdade, por generosidade e exuberância, mesmo, do coração. Até aí, concedo. Mas baterem palminhas, beliscarem-se os dedos, como o fazem neste instante, permutarem sorrisos estudados, como em frente do espelho e, após, suspiros soltarem, como toque de buzina que a morte propalasse do veadinho... Oh! Tal acolhimento é-me contrário, visceralmente, ao peito e ao sobrecenho. Vem Mamílio; és meu filho?

MAMÍLIO — Sim, bondoso senhor.

LEONTES — Verdade? Então és meu fedelho. Quê? Sujaste o nariz? Todos afirmam que é igualzinho ao meu. Vem, capitão; precisamos ser limpos, capitão; nada devemos carregar na testa, conquanto a vaca, o boi e o bezerrinho passem por muito limpos. — Como! Ainda tocando virginal sobre as mãos dela? — Então, bezerro libertino? És mesmo meu bezerrinho, não?

MAMÍLIO — Se vos agrada tal coisa, meu senhor.

LEONTES — Para isso falta-te cabeça dura e as minhas excrescências. Ficarias como eu. Como dois ovos, dizem todos, nós somos. As mulheres é que o dizem... Precisam dizer algo. Mas embora tão falsas elas fossem como a cor preta de tintura nova, ou como o vento e as águas, e até os dados que o jogador cobiça, quando linha divisória entre o teu e o meu não traça: verdadeiro seria asseverarem que o menino comigo se parece. Senhor pajem, olhai-me com

esses olhos da cor do céu. Meu vilãozinho, caro, caríssimo pedaço de mim mesmo! Tua mãe poderia... É, então, possível? Instinto, teus impulsos no alvo acertam; possível deixas o que nunca fora sequer imaginado; ajuda encontras até nos sonhos; vais achar aliado no próprio irreal e ao nada te associas. Depois te tornas crível, pois te juntas a alguma coisa. Agora fazes isso sem justificações, e o sinto fundo, pois o cérebro tenho envenenado e a fronte endurecida.

POLÍXENES — Que se passa com Sua Majestade da Sicília?

HERMÍONE — Parece preocupado.

POLÍXENES — Então, senhor? Como passais? Que tem o caro mano?

HERMÍONE — Dais a impressão de que na fronte tendes grande preocupação. Estais zangado?

LEONTES — Falando sério, não. Como é freqüente trair a natureza a sua própria loucura, seu desvelo, transformando-se em objeto de escárnio para os peitos endurecidos! Contemplando os traços do rosto de meu filho, pareceu-me recuar vinte e três anos no passado, vendo-me quando calça eu não usava, com meu casaco de veludo verde, a espada amordaçada, porque o dono não chegasse a morder, assim tornando-se — como com os ornamentos acontece — perigosa demais. Quão parecido, pensava então, eu era a este grãozinho, a este pirralho, a este cavalheiro! Honesto amigo, aceitaríeis ovos em lugar de dinheiro?

MAMÍLIO — Não, milorde; primeiro, brigaria.

LEONTES — Assim, valente? Desse modo, irás longe. Caro mano, sois tão ligado ao vosso jovem príncipe como nós parecemos ser ao nosso?

POLÍXENES — Senhor, em casa ele é meu passatempo, minha alegria, objeto de cuidados; ora amigo jurado, ora inimigo, parasita da corte, meu soldado, ministro, tudo, em suma. Deixa os dias de julho curtos como os de dezembro com seu gênio infantil sempre variável, curando-me de certos pensamentos que, de outro modo, o sangue me engrossaram.

LEONTES — No que me diz respeito, a mesma coisa se dá com este escudeiro. Agora vamos passear, senhor, e vos deixar com vossos pensamentos mais graves. Cara Hermíone, revela na acolhida a nosso mano todo o amor que nos votas. Que para ele fique barato quanto nós tivermos de caro aqui. Depois de ti e deste pequeno vagabundo, é ele, sem dúvida, quem mais de perto o coração me toca.

HERMÍONE — Se quiserdes achar-nos, estaremos às ordens no jardim. Vireis depressa?

LEONTES — Fazei como quiserdes; hei de achar-vos onde quer que estejais ao descampado. (*À parte.*) Agora estou pescando, muito embora eles não vejam como eu solto a linha. Muito bem! Muito bem! Como a boquinha ela para ele estende, ou melhor, o biquinho! E como ao braço dele se apóia com a desenvoltura das mulheres que têm marido dócil! (*Saem Políxenes, Hermíone e o séquito.*) Bem, já se foram. Lama até aos joelhos; excrescências acima das orelhas... Brinca, menino, brinca; tua mãe também está brincando. Eu também brinco, mas meu papel é tão ignominioso, que acabará com vaia no meu túmulo. Como dobre vou ter pateada e escárnio. Vai brincar, rapazinho; vai. Já houve antes de mim maridos enganados, se nisso não

me iludo, como muitos deve haver, no momento em que isto falo, que a esposa ao braço levam, sem que a mínima suspeita de que houvesse ela as comportas aberto, permitindo que o vizinho do lado pescar viesse no seu tanque, sim, seu vizinho, o tal senhor Sorriso. Serve, até, de consolo, imaginarmos que outros homens também possuem portas que se abrem como as minhas, sem que os donos tenham vontade disso. Se os maridos de esposas infiéis desesperassem, enforcar-se-ia, certamente, a décima parte da humanidade. Não há cura para esse mal. Influência é de um planeta lascivo, que revela seus efeitos onde é predominante, parecendo-me que a leste, a oeste, ao norte e ao sul tem força. Em conclusão: não pode haver barreiras que a entrada a um ventre impeçam. Ficai certos do seguinte: o inimigo elas permitem sair e entrar com armas e bagagens. Milhares dentre nós sofrem da doença, sem que suspeitem disso. Então, menino?

MAMÍLIO — Pareço-me convosco, dizem todos.

LEONTES — Isso consola. Quê! Camilo aqui?

CAMILO — Sim, meu senhor.

LEONTES — Mamílio, vai brincar; és honesto. (*Sai Mamílio.*) Camilo, este importante senhor vai demorar.

CAMILO — Muito trabalho tivestes para que a âncora pegasse; escapulia sempre que a jogáveis.

LEONTES — Observaste isso?

CAMILO — Às vossas insistências não queria ceder, sempre alegando negócios de importância.

LEONTES — Percebeste-o? (*À parte.*) Já se fala baixinho a meu respeito: "O soberano da Sicília é um..." Custou-me percebê-lo. — Por que causa, ele ficou, Camilo?

CAMILO — Ante as instâncias da bondosa rainha.

LEONTES — Da rainha, poderá ser; "bondosa", fora certo; mas, sendo o que é, não é. Compreendeu isso outra cabeça astuta além da tua? Pois teu entendimento chupa, absorve mais que os blocos comuns. Terá sido isso notado só por naturezas raras, por alguns indivíduos de cabeça mais do que extraordinária, sendo o vulgo cego, talvez, para essas coisas? Dize.

CAMILO — Que coisas, meu senhor? Penso que todos são de pensar que o Rei da Boêmia espicha demais sua visita.

LEONTES — Como?

CAMILO — Espicha demais sua visita.

LEONTES — Bem; e a causa?

CAMILO — Para satisfazer Vossa Grandeza e aos pedidos de nossa mui graciosa soberana.

LEONTES — Satisfazer! É boa. De vossa soberana? É quanto basta. Até agora, Camilo, te confiava não somente segredos que me tocam de perto o coração, como os de Estado, e, como

sacerdote, me aliviavas o peito. Como penitente absolto de ti sempre partíamos. Mas fomos iludidos com tua integridade, ou com a que como tal considerávamos.

CAMILO — Deus não o queira, senhor!

LEONTES — Para de novo dizer-te o meu pensar: não és honesto, ou, se para isso fores inclinado, és um covarde que o jarrete cortas, por trás, à honestidade, de seu curso natural impedindo-a. Ou te devo considerar um servo que na minha confiança calou mui profundamente e, por isso, relapso, ou como um tolo que observa o jogo que se faz em casa, nota o ganho excessivo e toma tudo como simples pilhéria.

CAMILO — Meu gracioso senhor, eu posso ser relapso, tolo, medroso, se o quiserdes, falhas essas de que ninguém pode julgar-se isento, para afirmar que nunca, em meio aos fatos infinitos do mundo, houvesse sido medroso, tolo ou mesmo negligente. Se alguma vez, senhor, conscientemente negligenciei no que se relaciona aos vossos interesses, foi tolice de minha parte; se papel de tolo consciente fiz, foi minha negligência que teve a culpa, por haver deixado de pensar até ao fim nas conseqüências; e se medroso me mostrei, por vezes, de fazer algo cujo resultado me parecia incerto, revelando-se o plano não isento de perigo, era isso um medo de que os mais sisudos nem sempre se livraram. Essas falhas, senhor, são permitidas, sendo certo que a própria honestidade delas sofre. Mas seja Vossa Graça mais explícito, mostrando-me de frente minhas falhas; se eu as negar, é que não me pertencem.

LEONTES — Nunca viste, Camilo — mas não pode haver sobre isso dúvida; seria preciso que tivesses as janelas dos olhos mais compactas do que os cornos de marido enganado — ou nunca ouviste — pois ante um fato desses, tão visível, não fica mudo o boato — ou não pensaste — pois quem não pensa nisso é destituído de reflexão — que minha esposa é infiel? Confessa-o logo — a menos que te insurjas com impudência contra os próprios olhos, os ouvidos e o juízo — e me declara que minha esposa é uma prostituta e que merece o nome vergonhoso que às fiandeiras de linho sempre damos, por se entregarem antes do consórcio. Vamos, confirma tudo.

CAMILO — Não; jamais diante de mim ninguém insultaria minha nobre senhora desse modo, sem que vingança, logo, eu não tomasse. Maldito eu tenha o coração, mas nunca dissestes nada mais de vós indigno do que neste momento. Insistir nisso, fora pecado mais hediondo ainda do que aquele, se fosse verdadeiro.

LEONTES — E o falar baixo, nada representa? Encostarem-se as faces? os narizes? beijarem-se nos lábios? com um suspiro interromper o curso de um sorriso — prova infalível de infidelidade — encontrarem-se os pés, andarem sempre pelos cantos, quererem que os relógios fossem menos morosos, que os minutos fossem horas, o dia, noite escura? E todo o mundo — menos eles, claro; excetuando-se os dois — com catarata nos olhos, para que pecar pudessem sem ninguém o notar... Tudo isso é nada? Então é nada o mundo todo e tudo que nele se contém; o céu é nada, Boêmia é nada, minha esposa é nada, são nada todos esses nadas, caso for nada quanto passa.

CAMILO — Meu bondoso senhor, curai-vos sem demora dessas fantasias doentias; quase

sempre são muito perigosas.

LEONTES — Dize: é certo.

CAMILO — Não, não, senhor!

LEONTES — É certo; estás mentindo. Torno a dizer, Camilo: estás mentindo. Odeio-te! Confessa que não passas de um rústico grosseiro, de um escravo negligente, e até mesmo de um tranqüilo contemporizador que a vista lanças indiferente para o bem e o mal, propenso a aceitar ambos. Se tivesse minha mulher o fígado infectado como sua própria vida, nem uma hora viveria ela agora.

CAMILO — Quem lhe causa semelhante infecção?

LEONTES — Quem? Justamente quem a usa tal qual uma medalha pendente do pescoço: o Rei da Boêmia. Se eu tivesse comigo servidores de confiança, com olhos, a um só tempo, para ver minha honra e seu proveito, para vantagem própria, ora fariam algo que desfaria muita coisa. Sim, tu, seu escanção — que de uma humilde condição eu tirei, grande fazendo-te, e podes ver, mais claramente, ainda, do que o céu vê a terra e a terra o céu, como sou ultrajado — poderias temperar a bebida numa copa que para o meu amigo resultasse um sono duradouro. Tal mistura me fora um cordial.

CAMILO — Senhor, meu príncipe, é certo: eu poderia fazer isso, sem recorrer, até, a essas bebidas de ação muito violenta, mas valendo-me de um licor vagaroso, que não age com a visível malícia dos venenos. Mas crer não posso que haja semelhante mácula em minha augusta e alta senhora, tão soberanamente honrada e digna. Sempre te amei...

LEONTES — Se acaso ainda o duvidas, que a peste te carregue. Então me julgas tão mal equilibrado, a tal extremo perturbado que, sem necessidade, me forje esses tormentos? Sujar queira a pureza, a brancura de meu leito que, sem isso, repouso me aprestara, mas, manchado, é aguilhão, espinho, urtiga, ferrão de abelhas? Infamar quisesse o sangue deste príncipe, meu filho, que eu amo como meu e que presumo seja realmente meu? Será possível que eu fizesse tudo isso? Há alguém tão louco?

CAMILO — Sou forçado, senhor, a dar-vos crédito. Creio no que dizeis. O Rei da Boêmia vai desaparecer, ficando assente, no entanto, que, uma vez ele afastado, receberá de novo Vossa Alteza, como antes, a rainha, se não fosse por outra causa, por amor ao príncipe, mas também para pôr cobro na língua dos maldizentes das vizinhas cortes onde tendes amigos ou aliados.

LEONTES — Teu conselho coincide justamente com o que eu comigo mesmo decidira. Disso sua honra não sairá manchada.

CAMILO — Meu soberano, saí, portanto, e com fisionomia tão prazenteira como só a amizade mostra em dia festivo, tratai sempre o Rei da Boêmia e vossa alta senhora. Eu sou o escanção dele; se bebida salutar eu lhe der, excluí-me logo do número de vossos servidores.

LEONTES — É tudo; se o fizeres, a metade terás do coração que aqui me bate; caso contrário, o teu terás partido.

CAMILO — Fá-lo-ei, senhor.

LEONTES — Hei de mostrar-me afável, como me aconselhaste. (*Sai.*)

CAMILO — Oh mulher infeliz! Mas qual é a minha situação? É preciso que eu propine veneno ao bom Políxenes, não tendo razão para isso, afora a obediência que devo ao meu senhor, o qual, achando-se em rebelião consigo mesmo, exige de seus homens idêntica atitude. Promovido serei se fizer isso. Mas ainda que eu achasse mil exemplos de pessoas que, tendo da existência privado o ungido do Senhor, levassem depois vida feliz, não no faria. Mas já que a pedra, o pergaminho e o bronze um só exemplo disso não nos contam, que a própria vilania o repudie. Preciso, pois, abandonar a corte. Faço-o... Não o faço... De qualquer maneira quebrarei o pescoço. Os passos guia-me, feliz estrela! O Rei da Boêmia chega.

(*Entra Políxenes.*)

POLÍXENES — É estranho! É muito estranho! Só parece que meu favor aqui está em declínio. Não me falar! Ora essa! Boa-tarde, Camilo.

CAMILO — Salve, muito real senhor.

POLÍXENES — Que novidades há na corte?

CAMILO — Nada particular, senhor.

POLÍXENES — Pelo semblante do rei dir-se-ia que ele uma província perdeu ou alguma terra que estimasse tanto como a si mesmo. Neste instante o encontrei, e o saudei como de hábito. Mas ele a vista desviando e os lábios contraindo num gesto de desprezo, afastou-se depressa, a sós deixando-me a pensar no que pode estar em curso para causar alteração tão grande.

CAMILO — Não me atrevo a sabê-lo, meu senhor.

POLÍXENES — Quê! Não vos atreveis? Sabeis de tudo, e não vos atreveis a revelar-mo? O caso é assim, porque para vós mesmo o que sabeis contais, sem responderdes que não vos atreveis. Meu bom Camilo, vosso rosto alterado ora me serve de espelho em que também mudados vejo meus traços fisionômicos. Forçoso, pois, é que eu tenha alguma parte nisso, para me ver assim tão transtornado.

CAMILO — Uma doença atacou alguém na corte, mas não posso nomeá-la; foi pegada de vós, que, no entretanto, estais sadio.

POLÍXENES — Como! Pegou de mim? Mas certamente não me fareis possuidor da vista do basilisco. Olhei para milhares de pessoas, que muito prosperaram por esse fato, sem causar a morte de ninguém só por isso. Bom Camilo, sois, sem dúvida alguma, um gentil-homem e, além do mais, instruído — o que à nobreza serve de adorno não menor que o nome de nossos genitores, cujo brilho nos serve de elevar — instantemente vos suplico se acaso sabeis algo de que eu precise ter conhecimento, não o deixeis permanecer oculto nas prisões da ignorância.

CAMILO — Responder-vos não me é possível.

POLÍXENES — Transmiti doença e me acho tão sadio? Não; preciso obter uma resposta.

Estás me ouvindo, Camilo? Ora conjuro-te, por tudo quanto a honra pode permitir a um homem — não sendo a menor parte este pedido — que me esclareças tuas conjeturas acerca da desgraça não visível que para mim se esgueira. Ainda está longe? Já vem próxima? Como preveni-la? Ou então, de que maneira suportá-la?

CAMILO — Vou contar-vos, senhor, o que se passa, pois intimado fui em nome da honra por quem honrado eu julgo. Ouvi, portanto, meu conselho, que deve ser seguido no mesmo instante em que o tiver exposto; se não, só restará para nós ambos gritar "Perdidos" e nos dar boa-noite.

POLÍXENES — Fala, então, bom Camilo.

CAMILO — Estou incumbido por ele de matar-vos.

POLÍXENES — Ele quem, Camilo.

CAMILO — O rei.

POLÍXENES — E a causa?

CAMILO — Ele presume, não, jura com inteira segurança, como se o houvesse visto ou sido o ferro que vos tivesse atarraxado nisso, que tocastes por modo criminoso na rainha sua esposa.

POLÍXENES — Que em geléia pútrida se me altere o melhor sangue e que meu nome sob o jugo fique lado a lado do que traiu o Altíssimo, que meu nome ilibado, de tal modo podre se torne que, onde quer que eu chegue, cause nojo aos narizes mais obtusos; que de minha presença todos fujam, não, que todos a temam mais ainda do que a peste mais grave de que se haja falado ou dado a conhecer por livros.

CAMILO — No que respeita ao pensamento dele, poderíeis jurar pelas estrelas do céu, uma por uma, e seus influxos, mas o mesmo seria pretenderdes proibir que o mar à lua não seguisse, como o edifício sacudir de sua loucura, de alicerces assentados na crença inabalável e que vida terá tanto quanto ele.

POLÍXENES — De que modo nasceu tudo isso?

CAMILO — Ignoro-o. Mas certeza tenho completa de que é preferível fugir das conseqüências dessa idéia, a procurar saber como nasceu. Assim, no caso de confiança terdes em minha honestidade — que heis de logo levar como penhor — fugi esta noite. Secretamente contarei aos vossos seguidores o que há, providenciando para que saiam da cidade em grupos de dois ou três, apenas, por poternas de meu conhecimento. Enquanto a mim, junto de vós irei tentar a sorte, por esta confissão, aqui perdida. Não vacileis; pela honra dos meus entes mais queridos, contei-vos a verdade. Não me é possível esperar, no caso de quererdes mais provas, pois o risco correis de quem se achasse condenado pelo próprio monarca e cuja morte jurada já estivesse.

POLÍXENES — Creio em tudo; o coração no rosto ele mostrava. Dá-me a mão; de piloto ora me serve, que vizinho do meu será teu posto. Meus navios já se acham preparados e há dois dias meus homens só me esperam para partirmos. Este ciúme atinge pessoa mui preciosa. Será

forte quão valiosa ela for, e tão violento quanto o marido for mais poderoso. Pensando que se encontra desonrado por quem lhe dedicara sempre afeto, com mais furor há de querer vingar-se. O medo me conturba. Feliz viagem, sê minha amiga e de consolo serve à graciosa rainha, alvo de suas suspeitas infundadas, mas sem parte nenhuma ter em nada. Vamos logo, Camilo. Como pai hei de acatar-te, se a vida me salvares. Estou pronto.

CAMILO — Minhas atribuições me facilitam as chaves das poternas. Saiba Vossa Grandeza aproveitar-se da hora urgente. Vamos, senhor! Depressa!

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Sicília. Um quarto no palácio. Entram Hermíone, Mamílio e damas da corte.

HERMÍONE — Levai daqui o menino. É insuportável; cansa-me por demais.

PRIMEIRA DAMA — Vinde comigo, meu gracioso senhor; brinquemos juntos.

MAMÍLIO — Não, não quero; de vós não quero nada.

PRIMEIRA DAMA — Por quê, caro senhor?

MAMÍLIO — Beijais-me muito duramente e falais comigo como se eu ainda fosse criança. Antes aquela.

SEGUNDA DAMA — E o motivo, senhor, me quererdes?

MAMÍLIO — Não há de ser por terdes sobrancelhas escuras, muito embora todos digam que as sobrancelhas dessa cor assentam muito bem nas mulheres, se não forem muito espessas, somente um semicírculo ou meia-lua, como feita à pena.

SEGUNDA DAMA — Quem vos ensinou isso?

MAMÍLIO — Ora, aprendi-o no rosto das mulheres. Por obséquio: de que cor são as vossas sobrancelhas?

PRIMEIRA DAMA — Azul, milorde.

MAMÍLIO — Ora, isso é brincadeira. Nariz azul já vi numa senhora; mas sobrancelhas, nunca.

SEGUNDA DAMA — Ora escutai-nos. Vossa mãe, a rainha, está engordando. Dentro de poucos dias passaremos a servir outro belo e jovem príncipe. Então, só podereis brincar conosco, se tiverdes vontade.

PRIMEIRA DAMA — Ultimamente, de fato, está ficando muito gorda. Que tenha um bom trabalho.

HERMÍONE — De que assunto vos ocupais com tanta seriedade? Vinde, senhor; sou novamente vossa. Contai-nos uma história.

MAMÍLIO — Alegre ou triste?

HERMÍONE — A mais alegre que vos for possível.

MAMÍLIO — Vai melhor com o inverno história triste. Conheço uma de espíritos e duendes.

HERMÍONE — Vamos ouvi-la, bom senhor; sentai-vos aqui junto de mim, e que me causem medo vossos espíritos. Sois forte para contar histórias. Começai.

MAMÍLIO — Era uma vez um homem...

HERMÍONE — Não, sentai-vos, para depois falar.

MAMÍLIO — ...que residia perto do cemitério. — Aqueles grilos poder-me-iam ouvir; vou falar baixo.

HERMÍONE — Então vinde falar-me aqui no ouvido.

(*Entram Leontes, Antígono, nobres e outras pessoas.*)

LEONTES — Encontraste-lo ali? Com todo o séquito? Camilo estava junto?

PRIMEIRO NOBRE — Atrás do bosque de pinheiros. Jamais tamanha pressa vira em ninguém, assim. Acompanhei-os com a vista até aos navios.

LEONTES — Quão ditoso me julgo por sentir-me verdadeiro! Como as minhas suspeitas se confirmam! Antes soubesse menos! Quão maldito nessa felicidade É concebível que uma aranha se esgueire para o copo de que venha a servir-se uma pessoa que, após, o larga, sem que do veneno sinta qualquer efeito: é que infectada não lhe estava a consciência. Mas se aos olhos o nojoso ingrediente lhe apresentam, e ver lhe fazem como usara o copo, logo a garganta e os flancos se lhe estalam sob esforços violentos. No meu caso, bebi a aranha e a vi. De alcoviteiro Camilo lhe serviu, serviu de cúmplice contra a coroa. Ficam confirmadas, assim, minhas suspeitas. Esse falso vilão que eu empregava, já se achava contratado por ele; descobriu-lhe meus planos, entregando-me ao ridículo, mais do que isso: em peteca transformando-me que, à vontade, eles todos sopapeassem. Como foram franqueadas as poternas sem maior embaraço?

PRIMEIRO NOBRE — Tão-somente em virtude da grande autoridade de que ele desfrutava e que, por vezes, mais do que isso alcançou sob vossas ordens.

LEONTES — Sei isso muito bem. — Dai-me o menino! Foi ventura não o teres criado ao peito. Muito embora nos traços se pareça muito comigo, sobra nele o sangue que só de vós provém.

HERMÍONE — Que é isso? Graça?

LEONTES — Levai daqui o menino; junto dela não convém que ele fique. Logo! Logo! (*Sai Mamílio, acompanhado.*) Ela que brinque com o de que está grávida. Quem te deixou tão gorda foi Políxenes.

HERMÍONE — Digo que não foi ele, e o juro, certa de que me dareis crédito, conquanto propenso vos acheis para negá-lo.

LEONTES — Senhores, contemplai esta mulher. Examinai-a bem. Certo diríeis: "Muito bela pessoa!" Mas, de pronto, vos fórçara a dizer a honestidade do coração: "Que pena não ser pura, mas desonesta!" Elogiai-lhe apenas a aparência exterior — que, sem ressalvas, merece alto discurso — que, de pronto vereis os "Ahs!" e os "Huns!" e o encolher de ombros e todas essas pequeninas armas com que a calúnia atua... Oh! enganei-me! com que a piedade atua, que

a calúnia mina a própria virtude — o encolher de ombros, e os "Ahs!" e os "Huns!", no instante em que disséssseis "Como é formosa!" vos impediriam de acrescentar: "É honesta". Assim, que fique conhecido por quem mais sofre ante essa revelação: é adúltera.

HERMÍONE — Se acaso fosse isso dito por um celerado, o mais completo que no mundo houvesse, mais celerado ainda se tornara. Mas vós, senhor, vos enganais apenas.

LEONTES — Minha senhora, houve um pequeno engano, tão-só, de vossa parte: em vez de Leontes, Políxenes. Ó coisa à-toa. Deixo de chamar-te criatura de teu posto, para que o barbarismo, aproveitando-se desse meu precedente, não aplique o mesmo nome a todas as pessoas, as posições deixando confundidas de nobres e mendigos. Disse: é adúltera, e o nome declarei de seu comparsa. Digo mais: é traidora, e tem por cúmplice Camilo, que se encontra a par de quanto comunicar para ela fora opróbrio, tirante o seu parceiro: é prostituta tão baixa como aquelas a que o vulgo dá nomes pouco limpos. Mais: é cúmplice na fusa deles.

HERMÍONE — Não, por minha vida; não sou cúmplice em nada. Que remorsos não sentireis, quando tiverdes plena certeza da injustiça que, de público, me fazeis neste instante! Meu prezado senhor será satisfação pequena dizerdes-me que estáveis enganado.

LEONTES — Não; se eu me engano quanto à segurança dos alicerces sobre que edifico, não é forte bastante o próprio centro da terra para sustentar o peso de uma simples pitorra de estudante. Para a prisão com ela! Quem por ela quiser interceder, é criminoso só por haver falado.

HERMÍONE — Algum planeta nocivo está imperando; é necessário mostrar paciência, até que o céu assuma feição mais favorável. Meus bondosos senhores, nunca fui propensa ao choro, como em geral se dá com o nosso sexo. Possivelmente a falta desse inútil orvalho secará vossa piedade. Mas aqui sinto aquela dor honrosa que abrasa em demasia, porque possa ser apagada por algumas lágrimas. A todos vós, senhores, peço, instante, que me julgueis com ânimo tão brando quando ditar vos possa a caridade. Seja feita a vontade do monarca.

LEONTES (*aos guardas*) — Serei obedecido?

HERMÍONE — Quem vem comigo? Peço a Vossa Alteza deixar que minhas damas me acompanhem, pois bem o vedes, meu estado o exige. Bobinhas, não choreis; não há motivo. Se porventura ouvirdes que vossa ama mereceu ficar presa, a flux chorai quando me libertarem. A presente acusação vai ser-me proveitosa. Adeus senhor; jamais quis ver-vos triste, mas triste heis de ficar, tenho certeza. Vinde senhoras; tendes permissão.

LEONTES — Fazei o que eu mandei. Levai-a logo! (*Sai a minha, escoltada, e as damas de companhia.*)

PRIMEIRO NOBRE — Suplico a Vossa Alteza que de novo mande vir a rainha.

ANTÍGONO — Agi com muita cautela, meu senhor, porque a justiça não se mude em violência, o que seria causa de sofrimento triplicado: para vós, vossa esposa e vosso filho.

PRIMEIRO NOBRE — Por ela, meu senhor, empenho a vida — como o faço; aceitai-a — em como é pura ante os olhos do céu e vossa vista, no que respeita à acusação de há pouco.

ANTÍGONO — Se se provar que ela não é honesta, farei uma cocheira do meu quarto de casado e andarei emparelhado sempre com minha esposa, sem que venha dela a me fiar daí por diante, a menos que a veja ou toque nela. Se a rainha não for séria, não há no mundo todo uma só polegada de mulher, uma dracma de carne delas todas, que falsa não se mostre.

LEONTES — Ficai quietos.

PRIMEIRO NOBRE — Meu bom senhor...

ANTÍGONO — Por vós é que falamos, não por nós mesmos. Fostes iludido por algum intrigante que, por isso, há de ser condenado eternamente. Se eu soubesse quem é este canalha, fá-lo-ia achar na terra o próprio inferno. Ela prevaricar!... Tenho três filhas: a mais velha de onze anos; as menores, de sete, uma, e a outra cinco, mais ou menos. Se for verdade, hão de pagar-me todas. Hei de esterilizá-las... Por minha honra. Não chegarão a completar quatorze, porque a gerar não venham filhos falsos. São co-herdeiras; mas prefiro ver-me mutilado, a que tenham só bastardos.

LEONTES — Basta! Parai com isso! Nisso tudo tomais da coisa o cheiro com sentido frio como o nariz de um próprio morto. Mas eu a vejo e sinto, como agora sentis o que vos faço, e mais: percebo, o órgão com que sinto isso.

ANTÍGONO — Sendo certo, cavar não precisamos sepultura, para nela enterrar a honestidade. Não remanesce dela parte mínima, para purificar esta esterqueira que abrange toda a terra.

LEONTES — Como! Vejo que não acreditais no que vos digo.

PRIMEIRO NOBRE — Sobre esse assunto, meu senhor, prefiro que sejais vós, não eu, o mentiroso. Mais me alegra saber que ela está pura do que ver confirmada esta suspeita, por mais que nisto o mundo vos censure.

LEONTES — Por que vos dar explicação do caso? Antes obedecer ao próprio impulso. Dispensar podem nossos privilégios vosso conselho em tudo, sendo apenas nossa bondade inata que vos chama para dar opinião. Assim, se agora — por estardes perplexos ou fingirdes grande estupefação — não conseguirdes, ou não quiserdes, como nós, dobrar-vos à verdade dos fatos, ficai certos de que vos dispensamos o conselho; o fato, a perda, o lucro, todo o curso, só a nós dirá respeito.

ANTÍGONO — E eu desejara, meu soberano, que em silêncio houvésseis considerado o assunto, sem lhe terdes dado publicidade.

LEONTES — Como fora possível fazer isso? Ou vos tomastes, com os anos, ignorante, ou já nascestes rematado pateta. Bastariam a fuga de Camilo e a mui notória familiaridade entre eles — tão patente como jamais suspeita alguma vira, e que faltava apenas ser notada, para ser confirmada integralmente, provando o fato as outras circunstâncias — para levar-me a agir dessa maneira. Contudo, para ver minha conduta mais reforçada ainda — que em assunto de tanta relevância, condenada fora qualquer violência — mensageiros despachei ao sagrado Delfo, ao templo de Apolo: Dion e Cleómenes, bastante conhecidos de vós, como homens

íntegros. Dessa resposta tudo ora depende.,O divino conselho irá acalmar-me ou esporear-me ainda mais. Não estou certo?

PRIMEIRO NOBRE — Certíssimo, senhor.

LEONTES — Embora convencido eu já me encontre, sem precisar de saber mais, o oráculo virá servir para acalmar o espírito dos que, como este, por credulidade da ignorância, não podem convencer-se da verdade dos fatos. Desse modo, de bom aviso pareceu-nos pô-la sob chaves, para que ela não consiga levar a cabo a trama forjicada pelos dois que fugiram. Vinde logo; público vou tornar o que ora passa. Este negócio vai movimentar-nos.

ANTÍGONO (*à parte*) — Para boas risadas, é o que eu penso, se a verdade chegar a ser sabida.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. O interior de uma prisão. Entram Paulina e alguns criados.

PAULINA — O carcereiro da prisão! Chamai-o.,Dizei-lhe quem eu sou. (*Sai um dos criados.*) Nobre senhora! Não há corte na Europa suficiente para tua pessoa. E agora presa! (*Volta o criado com o carcereiro.*) Bom senhor, conheceis-me?

CARCEREIRO — Se conheço? Sim, como uma senhora muito digna, a quem muito venero.

PAULINA — Nesse caso, por obséquio, levai-me até à rainha.

CARCEREIRO — É impossível, senhora, pois tenho ordens expressas em contrário.

PAULINA — Quanta formalidade, para o acesso impedir de visitas amistosas à honestidade e à honra! É permitido, dizei-me, ver uma de suas damas? Emília, por exemplo?

CARCEREIRO — Se quiserdes, minha senhora, retirar os criados, mandarei vir Emília.

PAULINA — Então chamai-a. Retirai-vos.

(*Saem os criados.*)

CARCEREIRO — Contudo, é necessário que eu assista à conversa.

PAULINA — Pois que seja. (*Sai o carcereiro.*) Ultrapassa os preceitos da própria arte todo esse esforço para deixar preto o que é, em si mesmo, branco. (*Volta o carcereiro, com Emília.*) Gentil dama, a graciosa rainha como passa?

EMÍLIA — Tão bem quanto, reunidos, o permitem tão alto posto e tanta desventura. Os sustos e as tristezas — jamais dama tão delicada suportou tamanhas — provocaram-lhe o parto antes do tempo.

PAULINA — Menino?

EMÍLIA — Não, menina; bela criança, forte e cheia de vida. Sua vista consola a rainha, que lhe fala: “Minha pequena prisioneira, somos ambas inocentes”

PAULINA — Atrevo-me a jurá-lo: malditos sejam esses perigosos acessos do monarca. E necessário contar-lhe o que houve; tem de saber tudo. Isso compete a uma mulher; incumbo-me de lhe dar a notícia. Se disser-lhe palavras doces, quero que na língua me rebentem feridas, cessando ela de servir de trombeta para a minha cólera de feições congestionadas. Emilia, por obséquio, recomenda à rainha meus préstimos. No caso de ela querer confiar-me a pequerrucha, mostrá-la-ei ao monarca, prometendo servir-lhe de advogado diligente. Quem sabe se ele ficará

mais brando à vista da menina? Muitas vezes o silêncio da cândida inocência persuade onde os discursos fracassaram.

EMÍLIA — Muito digna senhora, tão patente é vossa honra e a bondade muito própria, que não pode deixar de ter bom êxito vossa nobre entrepresa. Não conheço senhora alguma mais talhada para tão grande iniciativa. Queira Vossa Senhoria esperar no quarto anexo, que logo eu vou participar à rainha vossa nobre proposta. Hoje mesmo ela pensara nisso; mas não se atrevera a dar essa incumbência a qualquer nobre, com medo de um fracasso.

PAULINA — Emilia dize-lhe que eu saberei uso fazer da língua. Se fluir dela eloqüência como audácia no peito ora me estua, é quase certo ser eu bem sucedida.

EMÍLIA — Deus vos guie. Vou ver logo a rainha. Por obséquio, vinde para mais perto.

CARCEREIRO — Se a rainha se decidir a vos confiar a criança, não sei ao que me exponho, pois careço de ordens nesse sentido.

PAULINA — Ora, senhor, não precisais ter medo; prisioneira do ventre era essa criança; mas por normas e processos da grande natureza conseguiu resgatar-se e ficar livre. Participar não pode, assim, da cólera do soberano, nem tem culpa alguma da falta da rainha se houve falta.

PAULINA — Podeis ficar tranqüilo.Por minha honra, hei de pôr-me de permeio entre vós e o perigo.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Um quarto no palácio. Entram Leontes, Antígono, nobres e pessoas do séquito.

LEONTES — Repouso algum de dia nem de noite. É sinal de fraqueza suportarmos o mal dessa maneira; só fraqueza. Se ao menos estivesse a causa extinta... parte da causa: a adúltera; que o biltre do rei se encontra longe do meu braço, fora do alvo e mirada de meus planos, completamente impune. Mas não posso passar o gancho nela. Se deixasse de existir, consumida pelas chamas, metade do repouso, certamente, de novo alcançaria. Quem vem lá?

PRIMEIRO CRIADO — Meu soberano...

LEONTES — Como está o menino?

PRIMEIRO CRIADO — Dormiu a noite toda. É de esperar-se que se restalebeça.

LEONTES — Para a sua nobreza contemplar! Tendo a desonra compreendido da mãe, começou logo a estiolar-se, murchou, sentindo muito profundamente tudo o que passara. Aceitou a vergonha como própria; perdeu toda a alegria, a fome, o sono, e entrou de definhar. Deixai-me só. Ide ver como passa neste instante. (*Sai o Criado.*) Oh vergonha! tiremo-lo da idéia. O pensamento de querer vingar-me se vira contra mim. É poderoso por demais, em si mesmo, além da ajuda dos parentes e aliados. Pois deixemo-lo, até que o tempo nisso me auxilie. Por enquanto, a vingança a atinge, apenas. Zombam de mim Camilo e o Rei da Boêmia; brincam com minha dor. Mas muito tempo não hão de rir, que hei de alcançá-los breve. Tampouco rirá ela, porque a tenho bem presa agora.

(*Entra Paulina, com uma criança nos braços.*)

PRIMEIRO NOBRE — Não podeis entrar.

PAULINA — Ora, meus bons senhores, ajudai-me, que o podeis. Mais valor dais à tirânica cólera dele do que à própria vida da rainha? Ela, uma alma tão graciosa, que mais pureza tem do que ele ciúme?

ANTÍGONO — É quanto basta.

SEGUNDO CRIADO — Toda a noite insone, senhora, ele passou, tendo dado ordem para que ninguém viesse perturbá-lo.

PAULINA — Menos calor, meu bom senhor. Eu venho trazer-lhe sono, apenas. As pessoas como vós, que se esgueiram perto dele como se fossem sombras, e suspiram quantas vezes sem causa ele se agita, é que alimentam toda a sua insónia. Eu, palavras lhe trago, assim verazes como medicinais, tenções honestas para purgá-lo desse humor nocivo, que o impede de

dormir.

LEONTES — Quem faz barulho?

PAULINA — Não é barulho, meu senhor; apenas uma conversa necessária, acerca de alguns compadres para Vossa Alteza.

LEONTES — Como! Levai daqui essa audaciosa! Antígono, eu te havia prevenido de que não deveria essa mulher chegar perto de mim. Sabia que ela tentaria isso mesmo.

ANTÍGONO — Disse-lhe isso, meu senhor, e observei que ela incorria no desagrado vosso e meu, se acaso tentasse visitar-vos.

LEONTES — Como! Falta-te energia? Não mandas então nela?

PAULINA — Para impedir de fazer mal, decerto. Mas nisto, a menos que vos siga o exemplo, prendendo-me por presa da honra achar-me, ficai certo de que ele em mim não manda.

ANTÍGONO — Vós a ouvistes? Quando ela toma as rédeas nos dentes, disparar a deixo sempre. Nunca tropeça.

PAULINA — Venho, meu bondoso soberano, pedir que me escuteis. Vossa leal serva eu sou, sou vossa médica, conselheira obediente e dedicada. Mas para vossa cura não me atrevo a me insinuar, tal como o fazem muitos daqui mesmo. Da parte venho, disse, de vossa boa esposa.

LEONTES — Boa esposa!

PAULINA — Boa esposa, milorde; boa esposa. Repito: boa esposa; e pelas armas isso mesmo provara, se homem fosse, o pior dentre os presentes.

LEONTES — Expulsai-a daqui!

PAULINA — Quem não prezar os próprios olhos, de leve ora me toque. Por vontade sairei. Antes, porém, darei remate à missão a que vim. A boa rainha — pois boa ela é — teve uma filha vossa. Ei-la! Para ela pede a vossa bênção. (*Depõe a criança no berço.*)

LEONTES — Fora daqui, virago feiticeira! Alcoviteira infame!

PAULINA — Não sou isso. Tão ignorante sou de tal ofício, quanto vós em me dardes esse título, e tão honesta sou quanto vós, louco, o que, no estado em que se encontra o mundo, posso afiançar-vos, chega até de sobra para a gente ser tida como honesta.

LEONTES — Traidores! Não a jogareis lá fora? Entregai-lhe a bastarda! (*A Antígono.*) Velho tonto, títere das mulheres, que abandonas o poleiro por causa destes gritos! Levai daqui a bastarda e a entregai logo a essa velha sem dentes.

PAULINA — Desonradas as mãos te fiquem sempre, se tocares na princesa, depois do termo baixo que ele falou.

LEONTES — Tem medo da mulher!

PAULINA — Quisera que da vossa vos temesseis, pois desse modo, com maior certeza, de vossos chamaríeis vossos filhos.

LEONTES — Ninhada de traidores!

ANTÍGONO — Não sou traidor; por esta luz divina.

PAULINA — Nem eu, tampouco; nem ninguém, exceto, dos presentes, um só, que é ele mesmo, pois sua honra sagrada, a da rainha, do filho esperançoso, desta criança, à calúnia entregou, cujos acúleos ferem mais do que a espada. Ele recusa-se — e no caso presente é verdadeira maldição não podermos constrangê-lo — a extirpar uma idéia que é tão podre quanto o carvalho e a pedra são sadios.

LEONTES — Uma ralheta de infindável língua, que bateu no marido e ora me atiça. Não é minha essa criança; é de Políxenes; retirai-a daqui e, juntamente com a mãe, lançai-a ao fogo.

PAULINA — É vossa filha, sim. O antigo provérbio poderia ter hoje aplicação: "Tão parecida convosco, que dá pena". Contemplai-a, senhores: muito embora seja a cópia por demais reduzida, o texto inteiro reproduz o do pai. A boca, os olhos, o todo carrancudo, a testa, o riso, as covinhas das faces e do queixo, o feitio exatíssimo dos dedos, das unhas, da mão toda... Ó Natureza, deusa bondosa, que fizeste, para tanto ela ao genitor ser parecida? Se a alma também plasmares, o amarelo de entre as cores exclui, para que um dia, como ele, a suspeitar ela não venha que não são do marido os próprios filhos.

LEONTES — Bruxa grosseira! E tu, sujeito à-toa! Merecias a forca por não teres poder para fazê-la ficar quieta.

ANTÍGONO — Enforcai os maridos que não podem realizar essa proeza, e escassamente vos sobrará um súdito.

LEONTES — De novo vos ordeno: tirai-a daqui logo!

PAULINA — O mais desnaturado e indigno esposo não faria pior.

LEONTES — Quisera-ver-te numa fogueira.

PALINA — Pouco me incomodo. Herético é quem lança fogo à pira, não quem nela se extingue. Não vos chamo de tirano; porém o modo indigno por que tratais a esposa — sem poderdes acusá-la de nada, afora a vossa própria imaginação tão mal parada — mostra certo sabor de tirania, deixando-vos ignóbil, mais do que isso: vergonha para o mundo.

LEONTES — Pelo vosso penhor de vassalagem, retirai-a daqui, sem mais tardança. Se eu, de fato, fosse tirano, ela estaria viva? Se tivesse certeza de que eu o era, não me viria agora dizer isso. Levai-a daqui logo!

PAULINA — Por obséquio, não precisais puxar-me; irei sozinha. Tomai conta, senhor, de vossa filha; é vossa. Possa Jove conceder-lhe melhor anjo da guarda. Para que essas mãos sobre mim? Mostrando-vos zelosos a esse ponto com todas as loucuras que ele fizer, só lhe sereis nocivos. Deixai! Deixai! Meus. Já nos partimos. (*Sai.*)

LEONTES — Traidor, isso é obra tua. Espicaçaste contra mim tua esposa. Minha a filha! Levai-a daqui logo! E se te mostras tão compassivo assim, carrega-a. Vamos! E que depressa as chamas a consumam. Tu, justamente! Tu! Carrega-a logo! Antes de uma hora volta com a notícia

de que foram cumpridas minhas ordens. Mas bem testemunhado! Do contrário, hei de tirar-te a vida e o que mais tenhas. Se te recusas, pretendendo contra minha cólera opor-te, dize logo, que com estas mãos farei saltar o cérebro desta bastarda. Leva-a para o fogo, já que atiçaste contra mim tua esposa.

ANTÍGONO — Não fiz tal, meu senhor. Estes fidalgos, meus nobres companheiros, se o quiserem, podem justificar-me.

PRIMEIRO NOBRE — Sim, podemos, meu soberano; não tem culpa alguma da vinda da mulher.

LEONTES — Sois mentirosos, sem exceção de um só.

PRIMEIRO NOBRE — Vossa Grandeza poderia ter-nos em melhor conta. Sempre vos servimos fielmente; fora justo que nesta hora reconhecêsseis isso. Suplicamo-vos de joelhos, como prêmio dos serviços — passados e futuros — que esse intento vos apraza mudar. É horrível, tão sanguinário, para que não tenha conseqüências nefastas. Ajoelhamo-nos todos a um tempo.

LEONTES — Sou pluma que se agita a qualquer vento? Terei de ver um dia essa bastarda vir ajoelhar-se em minha frente, para dar-me o nome de pai? É preferível queimá-la agora, a ter de amaldiçoá-la. Pois veja. Fique viva. Será o mesmo: não viverá. (*A Antígono*) Senhor, aproximai-vos. Já que mostrais tão grande empenho, ao lado dessa parteira, dona Margarida, para salvar a vida da bastarda — pois é o que ela é; tão certo como achar-se grisalha minha barba — que faríeis para salvar a vida desta coisa?

ANTÍGONO — Tudo o de que eu fosse capaz, milorde, e que a honra não condene. Ao menos isto: empenharei o sangue que me resta, para a vida salvar desta inocente. Tudo o que for possível.

LEONTES — Vou mandar-te fazer algo possível. Jura agora por esta espada que hás de obedecer-me.

ANTÍGONO — Obedeço, senhor.

LEONTES — Toma bem nota, e cumpre o que eu mandar — estás ouvindo? — pois o não cumprimento de uma parte qualquer das instruções, implica morte não para ti, apenas, para a tua mulher de língua solta, a que perdoamos por esta vez. Ordeno-te, portanto, já que és nosso vassalo, de pegares esta bastarda e a transportares para qualquer lugar deserto e bem distante, fora de nossas terras, aí deixando-a sem mais piedade, entregue à sua própria proteção e à mercê do áspero clima. Acaso estranho a nossas mãos a trouxe. Com justiça, pois, ora te encarrego — sob ameaça de morte e de torturas — de estranhamente nalgum ponto a pores, onde o acaso a alimente ou a estruí-la venha. Vamos: leva-a daqui!

ANTÍGONO — Juro fazê-lo, embora a morte rápida lhe fosse caridade maior. Que algum espírito potente ensine aos corvos e aos milhanos a te servirem de ama. Os próprios ursos e os lobos, dizem, da ferocidade natural se despindo, já mostraram tais provas de piedade. Feliz sede, senhor, mais do que o pede esta façanha. E que a bênção celeste te proteja, pobre coisinha

condenada à morte. (*Sai, levando a criança.*)

LEONTES — Não, não hei de criar filhos dos outros.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Se Vossa Alteza o permitir, há uma hora chegou o correio, novas nos trazendo da embaixada que enviastes ao oráculo. Já voltaram de Delfo Dion e Cleômenes; pisaram terra e marcham para a corte.

PRIMEIRO NOBRE — Com permissão, senhor, mas essa pressa ultrapassa qualquer expectativa.

LEONTES — Vinte e três dias lhes durou a viagem. Tal rapidez é indício de que Apolo deseja que a verdade logo surja. Convocai logo uma sessão, senhores, ante a qual possa aparecer a nossa muito desleal esposa. Tendo sido de público acusada, é necessário que a sentença também seja solene. Ser-me-á o coração peso angustioso enquanto ela viver. Deixai-me agora e refleti em tudo o que vos disse.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Sicília — Rua numa cidade. Entram Cleômenes e Dion.

CLEÔMENES — O clima é delicado, o ar muito ameno, por demais fértil a ilha, ultrapassando de muito o templo os usuais encômios.

DION — Elogiar-me apraz o que mais fundo me impressionou: as vestes celestiais — esse é o termo apropriado, me parece — e a dignidade de seus graves donos. E o sacrifício? Quão cerimonioso, solene e extraterreno foi o ofício!

CLEÔMENES — A voz atroadora, sobretudo, do oráculo, que lembra o próprio estrondo dos trovões do alto Jove, surpreendidos os sentidos deixou-me, aniquilando-me.

DION — Se o resultado dessa nossa viagem for tão feliz para a rainha — Oh! seja dessa maneira, sim! — como agradável nos foi, rápida e rara, não teremos perdido nosso tempo.

CLEÔMENES — Grande Apolo, dá bom êxito a tudo! Não me agradam essas proclamações que insistem tanto sobre faltas de Hermíone.

DION — A violência com que é levado avante esse processo, vai pôr fim ao assunto ou esclarecê-lo. Quando for lido o oráculo, selado pelo antiste de Apolo, algo mui raro ficará conhecido. Vamos logo. Cavalos frescos, e que venturoso seja o fim de tudo isto.

(*Saem.*)

Cena 2

Sicília. Uma corte de justiça. Leontes, nobres e oficiais.

LEONTES — Esta sessão — com grande pesadume é que o dizemos — nos abala o peito. A ré é filha de um monarca e nossa muito prezada esposa. A pecha tira-nos de tirania o fato de ser público todo o processo, que há de seguir nisso seu curso natural, até à sentença condenatória ou à plena absolvição. Trazei a prisioneira.

OFICIAL — Apraz a Sua Alteza que a rainha apareça em pessoa ante esta corte. Silêncio!

(*Entram Hermíone, com guardas, Paulina e damas de companhia.*)

LEONTES — Lede a acusação.

OFICIAL — "Hermíone, esposa do digno Leontes, Rei da Sicília, és acusada e aqui citada por crime de alta traição, por teres cometido adultério com Políxenes, Rei da Boêmia, e conspirado com Camilo para tirar a vida do rei, nosso soberano senhor, teu real esposo. Tendo sido esse propósito descoberto em parte pelas circunstâncias, tu, Hermíone, contrariamente à fidelidade e à obediência próprias de um leal súdito, entraste em conchavo com eles e os ajudaste, para sua maior segurança, a fugir durante a noite?"

HERMÍONE — Já que quanto eu pudesse ora dizer-vos consistiria apenas no protesto contra essa acusação, não me amparando E nenhuma testemunha, afora eu própria, quase não me aproveita declarar-me "Não culpada". Uma vez que está estimada minha virtude como hipocrisia, quanto eu viesse a dizer, do mesmo modo será interpretado. Apenas isto: se os poderes divinos se interessam pelos atos humanos, como o fazem, não duvido de que minha inocência fará corar a acusação indébita e tremer, ante a calma, a tirania. Vós, meu senhor, sabeis perfeitamente — conquanto simuleis ora o contrário — que toda minha vida foi tão pura, tão leal e casta, quanto desgraçada presentemente sou, mais do que todos os exemplos da história, sem excluirmos os casos de invenção postos em cena, para abalar o público. Ora vede-me: companheira de leito de um monarca, tendo direito a parte igual no trono, filha de um grande rei e mãe de um príncipe esperançoso, compareço à barra de um tribunal, para falar acerca da honra e da vida, ante qualquer pessoa que me deseje ouvir. A vida, estimo-a como dor, que de grado evitaria; quanto à honra, é herança que transmito aos meus. Por isso, defendê-la me proponho. Senhor, apelo para vossa própria consciência. Antes de haver a vossa corte Políxenes chegado, não me achava na vossa graça, e digna não me tinha dela sempre mostrado? E, após sua vinda, por que conduta extraordinária, acaso, me mostrei censurável, para, agora, ser citada a esta côrte? Se os limites da honra ultrapassei de um fio, apenas; se por ações ou

pensamentos a isso me sentisse inclinada, endurecido torne-se o coração dos que me escutam, e que as pessoas que me são mais próximas a pelo sangue me insultem sobre o túmulo.

LEONTES — Jamais ouvi dizer que esses ousados vícios fossem dotados de impudência menor para negar seus próprios atos, que para os praticar.

HERMÍONE — É muito certo; conquanto isso, senhor, não se me aplique.

LEONTES — Não quereis confessar.

HERMÍONE — Não me é possível reconhecer senão os meus defeitos inevitáveis. Quanto ao Rei Políxenes, de quem me fazeis cúmplice, confesso que amor lhe dedicava tal como ele de mim, sem quebra de honra, esperaria, uma espécie de amor que condissesse com minha posição, amor em nada diferente do que vós próprio havíeis recomendado que lhe revelasse. Se então eu me tivesse conduzido por outro modo, certo eu me mostrara desobediente em relação a vós e ingrata para o amigo, cujo afeto, desde que falar pôde, desde a infância, se declarou por vosso, livremente. Quanto à conspiração, o gosto ignoro-lhe, muito embora me fosse ela servida, porque dela provasse. Só o que posso dizer é que Camilo é homem probo. Mas a razão de haver ele deixado vossa corte, se os deuses, sobre o assunto, souberem o que eu sei, são ignorantes.

LEONTES — Sabíeis, sim, da parte dele, como também sabíeis quanto era preciso fazer em sua ausência.

HERMÍONE — Não compreendo, senhor, vossa linguagem. Minha vida se acha a tiro, tão-só, de vossos sonhos; aqui vo-la deponho.

LEONTES — Vossos atos são meus sonhos; sonhei que de Políxenes tivestes um bastardo. Distanciada vos achais da vergonha — que as mulheres dessa laia o estão sempre — como longe da verdade dos fatos. Contestá-los vos compete, sem que isso, agora, possa vos ser de algum proveito, pois tal como jogado fora foi o teu produto — destino justo — por ser carecente de um pai que o reclamasse — maior culpa te cabe neste ponto do que a ele — agora vais sentir nossa justiça, que em seu curso mais brando, nada menos do que pena de morte te comia.

HERMÍONE — Poupai vossas ameaças; o espantalho com que me amedrontais, eu o procuro. Já não posso ter gosto nesta vida; sua coroa e máxima ventura — vossa confiança — dou como perdida, pois sinto que se foi, embora ignore como isso aconteceu. Minha segunda alegria, primícias deste corpo, me foi tirada, como se terrível infecção eu tivesse. Meu terceiro consolo, malfadada pelos astros, dos seios me arrancaram — leite puro na boquinha tão pura! — para à morte ser arrastada. Eu própria, proclamada pelos postes como uma prostituta; um ódio cego me negou o direito de parto, concedido às mães de todas as posições. Por fim, fui arrastada para aqui, em pleno ar, antes de as forças haver recuperado. Ora dizei-me, meu soberano, que felicidades esperar posso, ainda, desta vida, para temer a morte? Por tudo isso, prossegui; mas ouvi-me estas palavras; minha vida, avalio-a como palha. Quanto à minha honra, desejara vê-la sem mancha alguma. Sendo eu condenada por suspeitas, apenas, dormitando todas as provas favoráveis, menos as que vosso ciúme ora desperta, digo que isso é crueldade,

não justiça. A vós nobres, declaro que confio plenamente no oráculo. Há de Apolo ser meu juiz.

PRIMEIRO NOBRE — É justo esse desejo. Em nome, pois, de Apolo, que se tornem conhecidas de vez suas palavras.

(*Saem alguns oficiais.*)

HERMÍONE — O Imperador da Rússia foi meu pai. Oh! Se vivo estivesse e, agora, visse sua filha ante os juízes! Contemplara minha total miséria; mas com olhos brandos de compaixão, não de vingança.

(*Voltam os oficiais, com Cleômenes e Dion.*)

OFICIAL — Agora ides jurar sobre esta espada da justiça, Cleômenes e Dion, que estivestes em Delfo e que trouxestes de lá, realmente, este selado oráculo, recebido das mãos do sacerdote do grande Apolo, e que de então até hoje não tivestes o ousio de violá-lo, quebrando o sacro selo, para o texto secreto conhecerdes.

CLEÔMENES e DION — Sim, juramos.

OFICIAL — "Hermífone é casta; Políxenes, sem mancha; Camilo, um súdito leal; Leontes, um tirano ciumento; seu inocente filho, legitimamente concebido; e o rei viverá sem herdeiro, se não for achado o que foi perdido."

NOBRES — Bendito seja o grande Apolo!

HERMÍONE — Seja louvado eternamente.

LEONTES — Leste certo?

OFICIAL — Sim, milorde; tal como se acha escrito.

LEONTES — Não há verdade alguma nesse oráculo. Continue a sessão. É só mentira.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Senhor! O rei! O rei!

LEONTES — Que acontece?

CRIADO — Ó senhor, vou tornar-me odiado, apenas por vos dar a notícia; mas o príncipe, vosso filho, de medo e de tristeza pela sorte da rainha, acabou indo.

LEONTES — Acabou indo, como?

CRIADO — Sim, morreu.

LEONTES — Apolo está zangado; o próprio céu me castiga a injustiça. (*Hermíone desmaia.*) Então? Levai-a!

PAULINA — A nova foi fatal para a rainha. Vede o que a morte está fazendo nela.

LEONTES — Retirai-a daqui. Muito oprimido tem ela o coração. Vai refazer-se. Dei crédito excessivo às minhas próprias suspeitas. Por obséquio, ministrai-lhe drogas que a façam retornar à vida. (*Saem Paulina e as damas, sustentando Hermíone.*) Perdoa, Apolo, a minha irreverência com relação ao teu sagrado oráculo. Hei de reconciliar-me com Políxenes,

reconquistar a esposa, o bom Camilo chamar de novo, proclamando-o súdito verdadeiro e bondoso, pois, levado por pensamento sanguinário à idéia de vingança escolhi Camilo para dar veneno ao meu quase irmão Políxenes, o que teria sido executado, se Camilo, de espírito bondoso, não houvesse atrasado minhas ordens precipitadas, ainda que com prêmios e ameaças rigorosas eu tivesse querido intimidá-lo e encorajá-lo Nada fazendo, tudo fez; Camilo, com muita humanidade e a honra escutando, contou todo o meu plano ao meu real hóspede, abandonou seus bens, que eram vultosos, como o sabeis, e se confiou de todo ao jogo certo da fortuna instável, sem mais riqueza que a honra. Como a minha ferrugem lhe ressalta o brilho próprio! Como a sua piedade torna as minhas ações mais pretas ainda!

(*Volta Paulina.*)

PAULINA — Que desgraça! Vinde desapertar-me o laço, para que, fazendo-o romper, não se me estale de todo o coração.

PRIMEIRO NOBRE — Que houve, senhora?

PAULINA — Tirano, que tormentos inventaste para minha tortura? Que fogueiras, rodas, tratos, flagelos, que fervuras, em óleo ou chumbo, para mim se aprestam? Que martírios, antigos ou recentes, me esperam, se cada uma das palavras que eu disser, em resposta, só merece quanto de pior tiveres inventado? A tua tirania, trabalhando com teu ciúme de comum acordo — fantasias mui fracas para crianças, tolas e ociosas para raparigas de nove anos — Oh! vê o que fizeram e, depois, enlouquece inteiramente! — pois as tuas tolices anteriores condimento, tão-só, foram desta última. O teres sido falso para o amigo — Políxenes — foi nada; pois, com isso, te revelaste, apenas, inconstante, infernalmente ingrato e mentecapto. Outrossim, não foi muito desejares envenenar a honra de Camilo, querendo que ele a um rei a morte desse — pecado à-toa, logo ultrapassado por outros mais monstruosos, como teres jogado aos corvos tua própria filha — pouco ou nada, realmente, embora um diabo primeiro ao fogo arrancaria lágrimas, antes de fazer isso. Não te culpo, também, diretamente, pela morte do príncipe gentil, cuja noção de honra — noção muito alta para a idade — partiu-lhe o coração, ao pensamento de que um pai tão grosseiro quanto louco sua mãe graciosa houvesse difamado. Não, também disso não te faço carga. Mas o último — Ó senhores! deveis todos gritar "Desgraça!" ao dizer eu qual seja — a rainha, a rainha, a mais querida e inefável criatura, já não vive... E a vingança ainda não caiu sobre ele!

PRIMEIRO NOBRE — Que os poderes de cima o não consintam!

PAULINA — Já disse que morreu, e agora o juro. Mas se nem juras, nem palavras, podem convencer-vos, vós mesmos ides vê-la. Se conseguirdes dar-lhe cor aos lábios, ou brilho aos olhos, o calor externo, por dentro o hálito vivo, hei de servir-vos como o faria a deuses. Mas não tenhas remorsos, ó tirano, por tudo isso! São fatos por demais pesados, para que com tua dor consigas abalá-los. Entrega-te somente ao desespero. Mil joelhos, dez mii anos sem parada, inteiramente nu, jejuns terríveis numa montanha desolada, inverno perpétuo, tempestade irreprimível, não poderiam demover os deuses a olhar para o lugar em que estiveres.

LEONTES — Vai-te, vai-te; jamais dirás bastante. Mereço quanto de pior disserem

todas, todas as línguas.

PRIMEIRO NOBRE — Ficai quieta! Por mais que tenha acontecido, falta mui grave cometeste, com tamanho despejo de linguagem.

PAULINA — Dá-me pena; quando cometo alguma falta, logo que venho a conhecê-la, me arrependo. Que desgraça! Mostrei como as mulheres são, no comum, demais precipitadas O nobre coração mostra abalado. O que passou e já não tem remédio, lastimar não devemos. Dor alguma deveis mostrar, senhor, ante o que eu disse. Pelo contrário, peço-vos punir-me por vos haver lembrado o que devíeis deixar no esquecimento. Meu bondoso soberano, senhor, meu real senhor, perdoai a uma estouvada; mas o afeto que a vossa esposa... Oh! novamente louca! Maior estouvamento! Não desejo falar dela outra vez, nem dos meninos, vossos filhos; não hei de recordar-vos, também, de meu senhor, que está perdido, do mesmo modo. Sede, pois, paciente, que não direi mais nada.

LEONTES — Não, falaste somente o que se deu. Prefiro todas essas verdades a que me lastimes. Por obséquio, levai-me para a sala onde está o corpo dela e o do menino. Terão um só sepulcro; sobre a lápide gravada vai ficar a verdadeira causa da morte de ambos, para nossa vergonha sempiterna. Diariamente, hei de a capela visitar em que eles se acharem repousando. Meu consolo vai consistir nas lágrimas vertidas sobre essa laje. E enquanto a natureza me permitir fazer esse exercício, prometo repeti-lo diariamente. Conduzi-me a essas dores.

(*Saem.*)

Cena 3

Boêmia. Lugar deserto, perto do mar. Entram Antígono, com a criança, e um marinheiro.

ANTÍGONO — Estás bem certo de que o nosso barco veio ter aos desertos da Boêmia?

MARINHEIRO — Sim, senhor; e receio que tenhamos descido em ruim hora. Enfarruscado vejo o céu, e a ameaçar-nos iminente tempestade. Sinceramente o digo: ele reprova o nosso empreendimento; por isso está sombrio.

ANTÍGONO — Seja feita sua vontade. Volta para bordo; vai vigiar teu barco; não demora, e estarei de retorno.

MARINHEIRO — Ponde pressa no que fizerdes, sem vos arriscardes demais pelo interior, pois é certeza vir por aí borrasca. Além de tudo, é conhecida esta região, por causa dos animais de preia que aqui vivem.

ANTÍGONO — Volta, que já te sigo.

MARINHEIRO — Estou contente, de coração, por não ter parte nisso. (*Sai.*)

ANTÍGONO — Vem, coitadinha! Embora eu nunca tenha dado crédito, ouvi dizer que o espírito dos mortos aqui voltam. Se for certo, tua mãe me apareceu na última noite, pois nunca tive um sonho assim tão próximo do estado de vigília. Aproximou-se-me um vulto que a cabeça balouçava para um lado e para outro. Nunca vira um vaso de tristeza assim tão cheio e de aspecto de tanta dignidade. Com vestes de cor branca, cintilante como a própria pureza, aproximou-se do camarote em que eu dormindo estava. Diante de mim três vezes inclinando-se e tentando falar, se lhe tornaram duas fontes os olhos. Mas contendo-se, o silêncio rompeu desta maneira: "Já que o destino, meu bondoso Antígono, te escolheu, contra o teu melhor intuito, para jogares fora minha filha — ao que, por juramento, estavas preso — lugares afastados há bastantes na Boêmia. Num deles, entre lágrimas, deixa-a, a chorar. E como para todos ela perdida está, o nome dá-lhe de Perdita, te peço. Mas por este serviço ingrato, que por meu marido te foi imposto, nunca mais tua esposa Paulina hás de rever" E assim, com guinchos, desapareceu no ar. Aterrorado, logo me recompus, tendo concluído que sonhado não fora tudo aquilo, senão pura verdade. Brincadeiras são sempre os sonhos, mas com este, apenas, supersticiosamente embora, quero com acerto orientar-me. Estou convicto de que Hermífone é morta e que é vontade de Apolo, já que é filha de Políxenes esta criança, que seja aqui deixada — para viver ou para ser destruída — em terra do verdadeiro pai. Botão, floresce! (*Deposita a criança no chão.*) Fica aí. Eis teu nome. Toma isto, também. (*Depõe um embrulho junto da criança.*) Se for do gosto da fortuna, dará para te criar, ainda sobrando-te alguma coisa. Aí vem

a tempestade. Coitadinha! Por causa dos pecados de tua mãe, exposta à morte e ao resto. Chorar não me é possível, porém sangra-me o coração. Maldito eu sou por ver-me forçado a fazer isto. Adeus. O dia se embrusca mais e mais. Vais ser amada com uma canção muito áspera. Tão negro, durante o dia, nunca o céu esteve. Que selvagem clamor! O mais prudente será ir para bordo. É uma caçada. Estou perdido! (*Sai, perseguido por um urso.*)

(*Entra um pastor.*)

PASTOR — Desejara que não houvesse idade entre dezesseis e vinte e três anos, ou que a mocidade dormisse todo esse tempo, que só é ocupado em deixar com filhos as raparigas, aborrecer os velhos, roubar e provocar brigas. Escutai! A quem ocorreria caçar com semelhante tempo, se não a esses cérebros ferventes, de dezenove a vinte e dois anos? Fizeram tresmalhar-se dois dos meus melhores carneiros, e eu receio que o lobo os encontre primeiro que seu dono. Se eu tiver de encontrá-los, há de ser para o lado da praia, onde vão pastar a erva. Boa sorte, se assim o quiseres. Mas, que temos aqui? (*Levantando a criança.*) Misericórdia! Uma criança! Uma linda criança! Será menino ou menina? Uma menina linda, muito bonita, mesmo. Decerto, algum passo em falso. E embora eu não seja letrado, posso ler que se trata de passo em falso de alguma dama de posição. Houve algum trabalho de escada, ou de baú, no ângulo de qualquer porta. Mais calor tinham os que geraram isto do que esta pobre coisinha. Só por piedade vou ficar com ela, mas vou esperar até que meu filho chegue. Neste momento ele gritou. Olá! Oh!

(*Entra o bobo.*)

BOBO — Olá! Oh!

PASTOR — Como! Estavas tão perto? Se quiseres ver uma coisa de que falarás até depois de morto e podre, vem aqui. Por que estás a chorar, homem?

BOBO — Eu vi duas dessas visões, no mar e em terra; mas não posso dizer se foi no mar, porque agora tudo é céu, entre a terra e o firmamento não se pode enfiar a ponta de um alfinete.

PASTOR — Que queres dizer com isso, rapaz?

BOBO — Desejara que vísseis como ela ronca, como se enfurece, como bate na praia. Mas isso não importa. Oh! os gritos lastimáveis das pobres almas! Às vezes, percebendo-os; outras vezes, sem distinguir ninguém; agora, o navio a tocar a lua com o mastro principal, para, logo, ser sorvido pela escuma e pela geada, como quando a gente atira uma rolha dentro de um barril. E agora, o que se passou em terra: assistir como o urso lhe lacerava as espáduas; como ele me gritava por socorro, e dizia que era nobre e se chamava Antígono. Mas, para acabar com o navio: ver como o mar o absorvia, porém, antes, como as pobres al mas rugiam e o mar zombava deles; e como o cavalheiro rugia, e o urso zombava dele, rugindo ambos mais alto do que o mar e a tempestade.

PASTOR — Em nome da Misericórdia! Quando se passou isso, rapaz?

BOBO — Agora mesmo; ainda não tive tempo de piscar uma vez, desde que vi essas coisas. Os homens ainda não tiveram tempo de esfriar de baixo da água, nem o urso de jantar a metade do gentil-homem. Foi neste momento.

PASTOR — Quisera ter estado presente, para ajudar o velho.

BOBO — Quisera que tivésseis estado ao lado do navio, para ajudá-lo, também; porque então a vossa caridade não tomaria pé.

PASTOR — Histórias tristes! Histórias tristes! Mas olha para aqui, rapaz, e abençoa a tua felicidade. Encontraste em teu caminho só coisas que se extinguem; eu, algo que começa a viver. Eis um espetáculo para ti; contempla isto, uma capa de batismo próprio para a filha de um fidalgo. Olha! Toma, rapaz! Toma! Abre isso. Vamos ver. Já me profetizaram que as fadas me deixariam rico. Deve ser alguma criança enjeitada. Abre logo. Que é que há dentro, rapaz?

BOBO — Sois um velho rico. Se os pecados da mocidade vos forem perdoados, ireis viver muito bem. Ouro! Tudo ouro!

PASTOR — É ouro de fadas, rapaz, como o tempo o provará. Vamos, carrega firme! Para casa, logo, pelo caminho mais curto. Tivemos sorte, rapaz; e para continuarmos sempre assim, bastará sermos discretos. Deixa os carneiros correrem. Vamos, meu bom menino; vamos logo para ca sa, pelo caminho mais curto.

BOBO — Segui direto com o vosso achado, que eu vou ver se o urso já deixou o gentil-homem, e quanto comeu dele. Só são temíveis, quando estão com fome. Se sobrou alguma coisa do homem, dar-lhe-ei sepultura.

PASTOR — É uma boa ação. Se puderes identificá-lo pelo que houver sobrado dele, vai buscar-me, para que eu também o veja.

BOBO — Muito bem; farei isso mesmo, e vós me ajudareis a sepultá-lo.

PASTOR — Hoje é um dia feliz, rapaz, em que nos cumpre praticar boas ações.

(*Saem.*)

Ato 4

Entra o Tempo, como coro.

TEMPO — Eu, que a todos castigo, alegro e espanto bons e maus, erro muito e, no entretanto, descubro os erros, ora determino usar as asas com bastante tino, sob a forma do Tempo. Por tudo isso, à conta não leveis de mau serviço dezesseis anos haver eu pulado, sem ao menos deixar assinalado quanto passou durante esse intervalo, que em meu poder está, sem grande abalo, dobrar a lei, numa hora muito minha, e hábitos velhos alterar asinha. Aceitai-me qual sou, qual tenho sido antes de o uso vetusto haver nascido e o que ora ainda impera. Estive junto da hora que os viu nascer e do conjunto, também, do que há de vir, pois tudo passa, sendo certeza que eu deixarei baça toda esta luz, tal como na memória dos presentes se encontra a antiga história. Assim, se o permitir vossa paciência, virarei a ampulheta, porque urgência ponha no conto, como se dormindo passado houvésseis esse tempo infindo. Deixando Leontes — que de tal maneira se mostra arrependido da cegueira de seu grande ciúme, que fechado se mantém todo o tempo — transportado, gentis espectadores, para a linda Boêmia imaginai-me, e mais, ainda: deveis estar lembrados que de um filho do rei já vos falara. Assim, com brilho vos direi o seu nome: Florizel. Mas deixando de lado esse donzel, falemos de Perdita que, entretanto, adquiriu tanta graça, que de espanto enche quantos a vêem. Não direi nada do que se vai passar, que à hora azada tudo a saber vireis. Ora o argumento do Tempo é a filha de um pastor e um cento de coisas correlatas. Concedei-me toda vossa paciência. E, então, dizei-me se algum dia já vistes passatempo tão mesquinho. Se não, o próprio Tempo vos diz que almeja, mui sinceramente, que outro não possais ver como o presente. (*Sai.*)

Cena 1

Boêmia. Um quarto no palácio de Políxenes. Entram Políxenes e Camilo.

POLÍXENES — Por favor, meu bom Camilo, não insistas. Recusar-te alguma coisa, deixa-me doente; e morto, conceder o que me pedes.

CAMILO — Há quinze anos não vejo a minha pátria; embora eu tenha passado no estrangeiro a maior parte da vida, desejaria deixar lá os ossos. Além do mais, o rei penitente, meu senhor, mandou chamar-me. Poderei levar algum alívio para a sua tristeza; pelo menos tenho essa presunção, o que também me anima a partir.

POLÍXENES — Se me amas, Camilo, não anules todos os serviços que me prestaste, deixando-me neste momento. Tua própria bondade é a causa de eu não poder dispensar-te. Melhor teria sido nunca te haver conhecido, do que vir a perder-te. Havendo tu dado início a vários assuntos que ninguém mais poderá levar a cabo, será forçoso ou ficares, para que tu mesmo os arremates, ou levares contigo os próprios serviços que me prestaste. Se eu não te recompensei como o mereces — impossível me fora fazer mais — procurarei esforçar-me para mostrar-me mais reconhecido, lucrando com isso apertar ainda mais os laços da amizade que nos liga. Peço-te, portanto, que não me tornes a falar dessa terra fatal, a Sicília, cujo nome, só por si, me martiriza, por me fazer lembrado do rei penitente, como lhe chamaste, o meu reconciliado irmão. A perda de sua esposa insubstituível, e de seus filhos, agora e sempre é de lamentar-se. Dize-me, quando viste meu filho, o Príncipe Florizel? Os reis são tão infelizes quando verificam tendências menos graciosas em seus filhos, como quando perdem os que eram adornados só de virtudes.

CAMILO — Senhor, há três dias que não vejo o príncipe. Quais possam ser suas felizes ocupações, não sei dizê-lo. Mas com pesar observei que ultimamente ele anda muito arredio da corte e que é menos assíduo do que antes aos seus exercícios principescos.

POLÍXENES — Observei isso também, Camilo, o que me deixou assaz preocupado, indo a ponto de vigiar o retraimento com os olhos dos meus auxiliares. Por estes soube que ele freqüenta a casa de um humilde pastor, um homem que, segundo se propala, do nada, com grande estupefação dos vizinhos, chegou a uma situação inexplicável.

CAMILO — Já ouvi falar, senhor, desse homem, que tem uma filha da mais rara beleza. A fama de tal beleza se espalhou muito mais do que fora de esperar da que se originasse de uma choupana humilde.

POLÍXENES — Foi isso também o que me disseram. Receio que seja esse o engodo que atrai meu filho. Vais acompanhar-me até essa choupana, para, sem nos darmos a conhecer,

conversarmos com o pastor. Penso que nos será fácil obter de sua simplicidade que nos revele o verdadeiro motivo das visitas de meu filho. Peço-te, pois, que me ajudes neste passo pondo de lado a idéia de voltares para a Sicília.

CAMILO — De muito bom grado obedecerei a vossas ordens.

POLÍXENES — Meu bravo Camilo! Teremos de nos disfarçar.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Uma estrada perto da cabana do pastor. Entra Autólico, cantando.

AUTÓLICO — Quando os narcisos nascem no vale — Viva! — e a zagala corta a campina, Que belo tempo! — Ninguém me fale — À neve pálida o sangue anima. O linho branco da sebe pende — Viva! — Que canto, o dos passarinhos! Se os apanhasse! Quem não me entende? Cerveja límpida aos canequinhos... Canta a calhandra. Que melodias! — Viva! — Respondem-lhe o galo e o tordo. Para mim cantam e minhas tias... E nós no feno... Que dia gordo! Já servi o Príncipe Florizel, e no meu tempo só vestia veludo de três pelos... Mas agora estou aposentado. Mas vou chorar só por isso? A lua brilha, querida. Quanto menos o serviço, mais alegre será a vida. Se licença o caldeireiro tem de andar de alforje às costas, confesso tudo, ligeiro, sem que me façam em postas. Negocio com camisas; quando o milhano faz o ninho, cuidado com as peças menores. Meu pai me pôs o nome de Autólico... Tendo nascido ele, como eu, sob a influência de Mercúrio, foi também batedor de coisinhas sem valor. Os dados e as mulheres me deixaram deste modo, provindo toda a minha renda de roubos insignificantes. A forca e as varas são por demais poderosas na estrada larga do roubo. A idéia de ser malhado ou enforcado, constitui para mim verdadeiro pesadelo. Na outra vida não quero pensar nisso. Uma presa! Uma presa!

(*Entra o bobo.*)

BOBO — Vejamos: cada onze carneiros dão vinte e oito libras de lã; cada vinte e oito libras de lã rendem uma libra e um xelim... Quinhentos carneiros tosquiados, quanta lã darão ao todo?

AUTÓLICO (*à parte*) — Se o laço não escapar, o galo é meu.

BOBO — Não poderei fazer a conta sem o auxílio de um calculador. Vejamos: que precisarei comprar para a festa da tosquia de nossos carneiros? "Três libras de açúcar, cinco de passas de Corinto, arroz..." — Que pretenderá esta minha irmã fazer com arroz? Mas meu pai a pôs como rainha da festa, e ela sabe o que faz. Ela me confeccionou vinte e quatro ramalhetes para os tosadores, que são cantores a três vozes, e dos melhores. A maior parte são tenores e baixos, só havendo entre eles um puritano que canta salmos na cornamusa. Preciso de açafrão para dar cor à torta de peras; de arilo e tâmara, nada, que isso não está na nota; noz-moscada, sete; uma ou duas raízes de gengibre — isso eu poderei pedir em qualquer parte — quatro libras de ameixas e outras tantas de passas.

AUTÓLICO — Oh! Se eu nunca tivesse nascido! (*Atira-se ao chão.*)

BOBO — Em meu nome!

AUTÓLICO — Socorro! Socorro! arrancai-me estes trapos, e depois, a morte!

BOBO — Ah, pobre alma! Precisas, mas é que te ponham mais trapos em cima do corpo não que te despojem dos que tens.

AUTÓLICO — O senhor! mais me faz sofrer a repugnância que por eles sinto do que os golpes que recebi, que, no entanto, foram bem violentos e se contaram por milhões.

BOBO — Ah, pobre homem! Um milhão de pauladas é coisa séria.

AUTÓLICO — Fui roubado, senhor, e espancado. Arrancaram-me o dinheiro e as vestes, e me puseram sobre o corpo estes farrapos detestáveis.

BOBO — Foi algum pedestre que te fez isso ou algum homem de cavalo?

AUTÓLICO — Foi um pedestre, meu caro senhor; pedestre.

BOBO — Realmente, pela roupa que ele deixou contigo, deve ser mesmo pedestre. Se isso é cota de cavaleiro, já viu trabalho muito crespo. Dá me a mão; vou ajudar-te. Vamos; dá-me a mão. (*Ajuda-o a levantar-se.*)

AUTÓLICO — Ó meu bom senhor! Devagar!

BOBO — Ah, pobre alma!

AUTÓLICO — Ó meu bom senhor! Devagar, meu bom senhor; receio estar com a omoplata fora do lugar.

BOBO — E agora? Podes ficar de pé?

AUTÓLICO — Docemente, meu senhor. (*Rouba a bolsa de dentro do bolso do bobo.*) Docemente! Acabastes de me prestar um serviço caritativo.

BOBO — Estás sem dinheiro? Posso dar-te algum.

AUTÓLICO — Não, meu bom senhor. Não. Por obséquio, senhor. Tenho um parente que mora a uns três quartos de milha daqui, para onde justamente vou indo. Lá, encontrarei dinheiro e tudo o mais de que precisar. Não me ofereçais dinheiro, por obséquio; isso me parte o coração.

BOBO — Que espécie de sujeito era o que vos roubou?

AUTÓLICO — Um tipo, senhor, que eu vi correndo a redondeza com o jogo de "Trou Madame". Sei que antes disso ele esteve a serviço do príncipe. Não poderei dizer-vos, meu caro senhor, por qual teria sido de suas virtudes; mas o certo é que ele foi expulso da corte a chibatadas.

BOBO — Vícios, quereis dizer, sem dúvida; a virtude nunca é expulsa da corte a chibatadas. Por lá tratam-na muito bem, com o fito de retê-la quanto possível; no entanto, está sempre de passagem.

AUTÓLICO — Era vício mesmo que eu queria dizer, meu senhor. Conheço muito bem

esse tipo. Depois disso ele já andou por aí tudo, carregando um macaco; depois, foi servente de processo, beleguim; depois, adquiriu um conjunto de títeres que representavam "O Filho Pródigo", e se casou com a mulher de um caldeireiro, a uma milha do lugar em que tenho minhas terras e meus bens, e depois de exercer todas as profissões velhacas, acabou tornando-se um maroto de marca maior. Algumas pessoas lhe dão o nome de Autólico.

BOBO — A forca para ele! Um ladrão, por minha vida! Um ladrão! Ele gosta de freqüentar as festas noturnas, as feiras e os combates de urso.

AUTÓLICO — Perfeitamente, senhor; é esse mesmo; foi esse o maroto que me deixou nestes trajes.

BOBO — Em toda a Boêmia não há maroto mais covarde; se o tivésseis encarado com firmeza e cuspido no rosto dele, é certeza que se poria a correr.

AUTÓLICO — Devo confessar-vos, senhor, que não sou lutador. Para tanto, falta-me coragem, o que decerto ele bem sabia, podeis crer-me.

BOBO — Como vos sentis agora.

AUTÓLICO — Bem melhor do que antes, meu doce senhor; já posso ficar de pé e andar um pouco. Poderei, até, despedir-me de vós, para dirigir-me devagarinho até à casa de meu parente.

BOBO — Queres que te acompanhe até à estrada?

AUTÓLICO — Não, meu belo senhor; não, meu doce senhor.

BOBO — Então, adeus; preciso ir comprar temperos para a festa da tosquia dos nossos carneiros.

AUTÓLICO — Muitas felicidades, meu doce senhor. (*Sai o bobo.*) Vossa bolsa não tem calor suficiente para comprar esses temperos. Hei de fazer-vos companhia em vossa festa. Se eu não conseguir desdobrar este roubo e não transformar os tosadores em carneiros, quero deixar de fazer parte da lista dos profissionais, para ter o nome inscrito no livro da virtude. Sigamos por este atalho, alegre o dia inteirinho, oh! Quem vive preso ao trabalho, alvo é sempre de escarninho, oh!

Cena 3

O mesmo. Clareira diante da cabana do pastor. Entram Florizel e Perdita.

FLORIZEL — Essas vestes estranhas vos emprestam maior relevo às graças. Não pastora, sois Flora empós de abril. Essa tosquia tão álacre é reunião de belos deuses, dos quais sois a rainha.

PERDITA — Meu gracioso senhor, bem não me fica censurar-vos pelo vosso exagero. Sim, perdoai-me por falar desse modo. Mas vossa alta pessoa, adorno máximo do reino, abatestes com essas vestes rústicas, enquanto a mim, humilde rapariga, me enfeitastes qual deusa. Se esta festa não fosse constituída por loucuras, sempre, de toda sorte, que os convivas, por hábito, digerem, eu corara por vos ver desse jeito, desmaiando, quero crer, se ao espelho me enxergasse.

FLORIZEL — Bendigo o instante em que o meu bom falcão o vôo dirigiu por sobre as terras de vosso pai.

PERDITA — Que Jove vos confirme. No que me diz respeito, a diferença de nossas posições me deixa pávida. Vossa Grandeza não conhece o medo; mas tremo à idéia de que poderia vosso pai, por capricho do momento, vir também por aqui. Oh Fados! Como não ficaria à vista de sua obra, com trajes tão grosseiros? Que diria? E como eu conseguira, sob o peso deste luxo de empréstimo, encarar-lhe toda a severidade?

FLORIZEL — Só com coisas alegres devereis ora ocupar-vos. Os próprios deuses, humilhando a sua divindade ante o amor, variadas formas de animais assumiram. Jove em touro se mudou e mugiu; Netuno, o verde, baliu como carneiro; e o deus de vestes de chamas, o áureo Apolo, como humilde pastor se viu, tal como o faço agora. Nenhum deles jamais mudou de forma por beleza mais rara, nem por móveis tão puros como os meus, pois meus desejos não marcham diante da honra, nem mais quente do que a fé a paixão se me revela.

PERDITA — Mas meu senhor, jamais vosso propósito firme assim ficará, se for chocar-se — o que será fatal — de encontro ao grande poderio do rei. Uma de duas coisas forçosamente há de passar-se: renunciareis de todo ao vosso intento, ou eu à própria vida.

FLORIZEL — Minha cara Perdita, não enubles, por obséquio, a alegria da festa com tão loucas suposições. Minha lindeza, caso eu não possa ser teu, do mesmo modo não serei de meu pai, pois impossível me será pertencer-me, ou ser de alguém, se a ti não pertencer. Persisto nisso, muito embora o Destino diga "Não". Fica alegre, querida, e cuida agora de dissipar os pensamentos tristes com o auxílio do que vires. Nossos hóspedes estão chegando. Faze alegre o

rosto, como se já estivéssemos no instante de celebrar as núpcias que juramos para um futuro próximo.

PERDITA — Ó Fortuna, sede-nos auspiciosa!

FLORIZEL — Vede! Vossos hóspedes se aproximam. Recebei-os com afabilidade e que o semblante irradie alegria.

(*Entram Polírenes e Camilo, disfarçados, o pastor, o bobo, Mopsa, Dorcas e outros.*)

PASTOR — Ora, filha! Nas festas deste dia, quando ainda viva estava minha velha, ela era ao mesmo tempo despenseira, padeira, cozinheira, ama e criada; cumprimentava a todos e os servia, cantava suas coisas e dançava suas voltas, também; ora se achava nesta ponta da mesa, ora no meio, ora apoiava-se ao ombro dos convivas, de toda gente. O rosto era só fogo, pela labuta e pelo que bebia para aplacar as chamas, não deixando ninguém de acompanhá-la nesses brindes. Vós ficais isolada, parecendo mais um dos convidados, do que mesmo a dona dos festejos. Por obséquio, dá as boas-vindas a estes dois amigos desconhecidos, que esse é o melhor meio de nos tornarmos conhecidos deles e, assim, amigos certos. Vamos logo, apagai o rubor e revelai-vos o que sois: a rainha desta festa. Acolhei-nos alegre, por estarmos presentes aos festejos da tosquia. Assim, prosperará vosso rebanho.

PERDITA (a Políxenes) — Sois bem-vindo, senhor. Meu pai quer que hoje fique eu sendo a rainha desta festa. (A Camilo.) Sois bem-vindo. Dá-me essas flores, Dorcas. Reverendos senhores, ofereço-vos arruda e rosmaninho; a cor e o cheiro essas flores conservam todo o inverno. Como lembrança e graça conservai-as de nossa parte. Sede, pois, bem-vindos.

POLÍXENES — Pastora — sois uma pastora linda — muito de acordo com a nossa idade, flores do inverno nos oferecestes.

PERDITA — Senhor, quando o ano vai ficando velho, sem ser a morte do verão ainda, nem do trêmulo inverno o nascimento, as flores mais gentis são, tão-somente, cravo vermelho e goivo variegado, a que muitos dão o nome de bastardo da natureza. Dessa espécie, o nosso jardim silvestre nada ora apresenta. Nunca procuro obter muda nenhuma.

POLÍXENES — Por que, gentil menina, as desprezais?

PERDITA — Por ter sabido que nas suas cores, ao lado da criadora natureza a arte também influi.

POLÍXENES — Que seja assim; mas em nada melhora a natureza, senão por meios que ela mesma cria. Assim, essa arte a que vos referistes, que ajuda a natureza, uma arte feita por ela própria. Assim, gentil menina, enxertamos num galho em tudo rústico alguma planta rara, vindo a casca de baixa espécie alimentar o broto de uma raça mais nobre. Essa arte, certo, corrige a natureza... não, transforma-a; mas é uma arte que é a própria natureza.

PERDITA — Tendes razão.

POLÍXENES — Enriquecei, portanto, vosso jardim com goivos, sem lhes dardes o nome de bastardos.

PERDITA — Jamais hei de pegar do sacho para plantar uma muda sequer, tal como não quisera — se pintada estivesse — que este jovem me elogiasse por isso, declarando que a mim, por noiva, apenas, desejara. Aceitai estas flores: alfazema, hortelã, segurelha, manjerona, e esta aqui, malmequer, que se recolhe com o sol, para com ele levantar-se também, cedo, a chorar. Flores são todas do meio do verão, próprias para homens de meia idade, creio. Sois bem-vindo.

CAMILO — Esquecer-me-ia de pastar se fosse um dos vossos carneiros, e vivera só de vos contemplar.

PERDITA — Oh, coitadinho! Tão magro ficaríeis, que as rajadas de janeiro, sem custo, vos passaram de lado a lado. Agora, belo amigo, para vós desejara ter algumas flores primaveris, que condissessem com vossa mocidade. E para vós, também, e para vós, que nesses cândidos ramos trazeis de vossa virgindade ainda os botõezinhos. Ó Prosérpina! Não dispor eu das flores que do carro de Dis, só de pavor, cair deixaste! Os narcisos que a aparecer se atrevem antes das andorinhas, e que os ventos de março enleiam no seu grande encanto; as violetas escuras, mas mais doces do que de Juno as pálpebras ou o hálito de Citeréia; as descoradas prímulas, que fenecem solteiras, sem que tenham visto o brilhante Febo em sua força — doença muito freqüente entre as donzelas — verbasco altivo, imperial coroa, lírios de toda espécie, incluída entre eles a flor-de-lis. Oh! faltam-me essas flores para tecer grinaldas, caro amigo, e com elas cobrir-te.

FLORIZEL — Como a um corpo sem vida?

PERDITA — Não; não como a um corpo morto; como num leito onde brincasse amor. Ou então... Não para dar-lhe sepultura, mas para recebê-lo nestes braços. Aceitai vossas flores, Só parece que eu represento como vi nas festas da pastoral da Páscoa. Este vestido, certamente, me fez mudar de gênio.

FLORIZEL — Sempre ultrapassa o que fazeis a tudo quanto está feito. Se falais, querida, desejaria que falásseis sempre; quando cantais, quisera que, cantando, vendêsseis e comprásseis e, cantando, distribuísseis esmolas, murmurásseis vossas preces, bem como dirigísseis vossos negócios. Se dançais, acaso, desejara que fosseis uma vaga, para que não fizésseis senão isso, em movimento sempre, sempre a mesma, sem mais função alguma. Vosso modo de proceder, tão singular em cada caso à parte, tal como o mais recente, coroa vossos feitos. Desse modo, vossas ações em tudo são rainhas.

PERDITA — Ó Dóricles, vossos encômios pecam pelo exagero! Se não fôsseis jovem e não deixásseis vislumbrar um sangue tão verdadeiro e leal, que vos revela qual pastor sem defeito, eu poderia mui sabiamente, meu querido Dóricles, considerar que me fazeis a corte por um caminho errado.

FLORIZEL — Tão sem jeito, quero crer, vos mostrais de ter receio, como eu de provocá-lo. Mas agora vamos dançar; a mão, minha Perdita, por obséquio. Assim ficam duas pombas que não tencionam separar-se nunca.

PERDITA — Por isso eu juro.

POLÍXENES — Entre as campônias rústicas nunca donzela mais encantadora deslizou no

relvado. Tudo quanto diga ou faça, revela uma criatura maior do que ela própria. É muito nobre para o meio em que está.

CAMILO — Algo ele diz-lhe que a faz ficar corada. Não há dúvida: é a rainha do leite e da coalhada.

BOBO — Música, vamos!

DORCAS — Se dançais com Mopsa, os beijos dela temperai com alho.

MOPSA — Ora, que coisa!

BOBO — Basta de palavras. Temos os nossos hábitos. Comecem! Música, vamos!

(*Música. Dançam pastores e pastoras.*)

POLÍXENES — Bom pastor, por obséquio, quem é aquele rapaz bem apessoado que ora dança com vossa filha?

PASTOR — Dóricles lhe chamam; ele se orgulha de possuir pastagens de subido valor. Sei isso, apenas pelo que ele contou, mas acredito, pois parece sincero. Também o creio, pois nunca a lua se mirou no lago, como ele se detém a ler nos olhos de minha filha. Para dizer tudo: penso que meio beijo não decide qual dos dois mais amor dedica ao outro.

POLÍXENES — Ela dança com muita graça.

PASTOR — É certo; e assim faz tudo, embora não me fique bem falar desse modo. Se o mancebo Dóricles vier a conquistá-la, a noiva lhe levará de dote alguma coisa com que ele nem sonhou.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Ó senhor! Se pudésseis ouvir o bufarinheiro que está aí fora, nunca mais dançaríeis ao som do tamboril e da gaita. Sim, nem mesmo uma cornamusa vos poderia abalar. Canta melodias mais depressa do que vós contais dinheiro e as pronuncia como se houvesse engolido baladas, estando todos os ouvidos pendentes de suas modulações.

BOBO — Não poderia ter chegado em melhor ocasião. É preciso fazê-lo entrar. Aprecio enormemente as baladas, quando tratam de assunto triste, posto em música alegre, ou de qualquer coisa agradável cantada num tom melancólico.

CRIADO — Sabe cantigas para homens e mulheres de todas as idades Nenhum comerciante de luvas serviria melhor os seus fregueses. Sa as mais lindas canções de amor para raparigas, e isso sem nenhuma cabrosidade, o que é raro, com um mundo de refrães delicados, de dildãos e tralalás. “Bate nela! Dá socos nela!” e quando algum maroto de boca larga pretende, por assim dizer, tomar a coisa ao pé da letras e pôr em prática o conselho, ele faz a rapariga responder. “Olá! Não me façais mal, bom homem!” dar-lhe um empurrão e escapar com um “Olá! Não me façais mal, bom homem!”

POLÍXENES — Um companheiro e tanto!

BOBO — Podeis estai certo de que vos referistes a um tipo admirável. Por acaso, não

terá ele bordados para vender?

CRIADO — Tem fitas de todas as cores do arco-íris; mais agulhetas que poderiam com erudição desembaraçar todos os advogados da Boêmia, ainda que lhes viessem às grosas; lãs, algodão, cambraia. Ele canta como se fossem deuses e deusas. Imaginaríeis que uma cana é um anjo, de tal modo ele vos fala de suas mangas e dos bordados.

BOBO — Por obséquio, traze-o logo, fazendo que ele entre a cantar.

PERDITA — Convém adverti-lo de que não deve usai palavras inconvenientes em suas canções.

(*Sai o criado.*)

BOBO — Esses bufarinheiros, irmã, trazem mercadorias que nem podeis imaginar.

PERDITA — Sim, bondoso mano, ou que nem me darei ao trabalho imaginar.

(*Entra Autólico, cantando.*)

AUTÓLICO — O linho é branco de neve, ao corvo o crepe não deve; luvas de vários matizes, máscaras para narizes, delicadas como rosas, para cutes melindrosas; braceletes e colares e perfumes para os lares, coifas douradas, corpinhos — rapazes, que presentinhos! — alfinetes, boa tala para os vestidos de gala... Comprai-me logo, rapazes, quanto ora fordes capazes, sem deixar que vossas belas fiquem tristes e amarelas. Comprai! Comprai!

BOBO — Se eu não estivesse apaixonado por Mopsa, tu não me arrancarias um tostão; mas estando preso a ela, como me encontro, não poderei escapar da peia de algumas luvas e fitas.

MOPSA — Que me foram prometidas antes da festa, mas que, ainda assim, não chegam com muito atraso.

DORCAS — Ele te prometeu muito mais do que isso, se entre nós não houver mentirosos.

MOPSA — E para vós ele deu tudo o que prometera, se é que não deu também alguma coisa, cuja restituição, agora, vos deixaria envergonhada.

BOBO — As moças de hoje já não terão bons modos? Usarão elas as saias onde deveriam ter o rosto? Não vos sobra tempo, por ocasião da ordenha, ou quando vos recolheis, ou quando limpais o forno, para falar baixinho sobre essas intimidades? Será preciso tagarelar desse modo diante de todos os convidados? Por sorte, eles conversam baixo. Abafai as línguas, e nem mais uma palavra!

MOPSA — Já terminei. Vamos; tínheis-me prometido um lenço de seda para o pescoço e um par de luvas perfumadas.

BOBO — Não te contei como fui roubado no caminho, tendo ficado sem nenhum dinheiro?

AUTÓLICO — É fato, senhor; há muitos malandros por aí afora; por isso, é preciso estar sempre com os olhos abertos.

BOBO — Não tenhas medo, homem, que aqui não perdereis nada.

AUTÓLICO — Assim o espero, senhor; porque trago comigo muita coisa de valor.

BOBO — Que tens ai? Algumas baladas?

MOPSA — Por favor, compra-me algumas; gosto muito de baladas impressas porque assim temos a certeza de que são verídicas.

AUTÓLICO — Aqui está uma de toada muito triste: Como a mulher de um usurário deu à luz vinte sacos de moedas de ouro de uma só vez e como ela desejava comer assados de cabeças de víboras e de sapos.

MOPSA — E acreditais que isso seja verdade?

AUTÓLICO — Pura verdade; aconteceu há um mês.

DORCAS — Deus me livre de casar com um usurário.

AUTÓLICO — Vem citado aqui o nome da parteira, uma tal Mistress Taleporter, e de cinco ou seis mulheres que estiveram presentes ao parto. Por que haveria eu de espalhar mentiras?

MOPSA — Por favor, compra essa.

BOBO — Que seja, então; deixa essa de lado; mas primeiro mostra-nos outras baladas. Depois compraremos alguma coisa mais.

AUTÓLICO — Aqui está outra, de um peixe que apareceu na costa, na quarta-feira de oitenta de abril, a quarenta mil braças acima da água, e cantou esta balada contra o duro coração das raparigas. Há quem diga que ele tinha sido mulher, que fora transformada em um peixe frio por ter querido trocar carne com quem lhe dedicava amor. Essa balada é muito triste e igualmente verídica.

DORCAS — E pensais que essa também seja verdadeira?

AUTÓLICO — Cinco juízes a subscrevem, havendo mais testemunhas para o caso do que eu poderia carregar.

BOBO — Deixa essa também de lado. Mostra-nos outra.

AUTÓLICO — Esta aqui é uma balada alegre, mas muito interessante.

MOPSA — Precisamos também de algumas alegres.

AUTÓLICO — Esta é bastante alegre, sendo cantada com a música de “Duas raparigas que faziam a corte ao mesmo homem”. Em todo o Oeste não há quase rapariga que não a saiba de cor. É muito procurada, posso assegurar-vos.

MOPSA — Nós duas poderemos cantá-la; se quiseres fazer uma das vozes, poderás ouvi-la. É a três vozes.

DORCAS — Aprendemos essa música há um mês.

AUTÓLICO — Posso cantar a minha voz; deveis saber que é esse o meu ofício. Estou

pronto.

AUTÓLICO — Já vou; não ireis comigo; para onde vou, não vos digo.

DORCAS — Para onde?

MOPSA — Oh! aonde?

DORCAS — Para onde?

MOPSA — Não deverias ter medo de revelar-me um segredo.

DORCAS — Nem a mim... Ninguém responde?

MOPSA — Se vais à granja ou ao moinho,

DORCAS — desviado estás do caminho.

AUTÓLICO — Eu, não.

DORCAS — À granja?

AUTÓLICO — Lá, não.

DORCAS — Juraste-me amor eterno.

MOPSA — E que me serias terno. Para onde iremos, então?

BOBO — Em pouco tempo nós mesmos a cantaremos. Meu pai e o gentil-homem estão conversando assunto sério; não os perturbemos. Vem comigo e traze os teus embrulhos. Raparigas, vou comprar muita coisa para vós duas. Bufarinheiro, dá-nos a primazia na escolha. Meninas, acompanhai-me.

(*Sai o Bobo, com Dorcas e Mopsa.*)

AUTÓLICO — E haveis de pagar bem caro. Não quereis comprar-me fita para a capinha bonita, minha pombinha, trá-la? Seda fina, lã espessa, enfeites para a cabeça da última moda, trá-la. Todos ao bufarinheiro! Quem tiver muito dinheiro comprará tudo, trá-la!

(*Volta o criado.*)

CRIADO — Mestre, chegaram agora três carreteiros, três ovelheiros, três boiadeiros e três guardadores de porcos, que se disfarçaram em homens de cabelo. Eles mesmo se denominam Sátiros e sabem uma dança que as raparigas, por não tomarem parte nela, dizem que não passa de uma misturada de pulos, conquanto elas próprias concedam que há de agradar muito, no caso de não ser a dança muito forte para quem está habituado a danças delicadas.

PASTOR — Que se retirem! Não queremos saber disso agora; já temos loucuras em excesso. Percebo que vos fatigamos, senhor.

POLÍXENES — Não fatigais senão os que vos distraem. Por obséquio, deixai-nos ver esses quatro ternos de pastores.

CRIADO — Três dentre eles, segundo eles próprios o disseram, já dançaram na presença do rei, saltando o pior dos três doze pés e meio de comprido.

PASTOR — Parai com essa tagarelice. Já que estes bons senhores se comprazem em vê-los, fazei-os entrar, mas que seja logo.

CRIADO — Como não! Eles já estão à porta, senhor. (*Sai.*)

(*Volta o criado com doze campônios disfarçados de sátiros. Estes dançam e se retiram.*)

POLÍXENES (*ao pastor*) — Sim, pai; depois vos falarei sobre isso. (*A Camilo.*) Já foram longe por demais. É tempo de separá-los. O pastor é simples e diz o que não deve. (*A Florizel.*) Então, galante pastor? O coração tendes tomado por algo que da festa vos afasta. Pois em verdade, quando eu era moço e, como vós, ficava apaixonado, enchia minha bela de presentes. Já teria saqueado as sedas todas daquele vendedor, sendo forçoso que ela viesse a aceitá-las. Mas deixastes que ele partisse sem comprar-lhe nada. Se vossa apaixonada interpretasse mal toda essa reserva, e a definisse como falta de amor, quando não fosse de generosidade, ficaríeis atrapalhado para responder-lhe, mormente se fizerdes grande empenho de vir a conquistá-la.

FLORIZEL — Venerando senhor, eu sei que ela dá pouco apreço a essas quinquilharias. Os presentes que ela de mim almeja, bem guardados tenho-os no coração. Todos são dela, muito embora não os tenha ainda entregue. (*A Perdita.*) Permite que o imo peito eu patenteie diante deste senhor, que, tudo o indica, o amor já conheceu. A mão te pego, esta mão tão macia quanto o peito das cândidas pombinhas, e tão brancas como dentes de etíope, ou qual neve que o vento norte joeira duas vezes.

POLÍXENES — Que virá depois disso?, Com que delicadeza o pastorzinho lavar parece a mão, de si tão branca? Mas vejo que vos distraí. Ouçamos o juramento, pois saber desejo como empenhais a fé.

FLORIZEL — Vou já fazê-lo; nisso, me servireis de testemunha.

POLÍXENES — Servir pode também o meu vizinho?

FLORIZEL — Não ele só, os homens, toda a terra, o firmamento, tudo: que se eu fosse coroado rei do mais possante império, e digno desse posto me mostrasse; se o mancebo mais lindo eu fosse, acaso, que olhar já enfeitiçou, e dispusesse de saber e de força mais que humanos, tudo eu desprezaria, se privado de seu amor me visse. A seu serviço poria essas vantagens; dedicara tudo à sua pessoa, ou, decidido, sacrificara tudo, se a perdesse.

POLÍXENES — Solene juramento!

CAMILO — Que revela mui sincera afeição.

PASTOR — E tu lhe dizes o mesmo, minha filha?

PERDITA — É-me impossível falar tão bem, nada fazer tão bem, nem traduzir melhor os sentimentos; contudo, sei medi-los na pureza dos sentimentos dele.

PASTOR — Aqui, as mãos. Negócio feito. Ireis ser testemunhas, caros desconhecidos, do contrato. Minha filha lhe entrego, e o dote dela ao dele igualarei.

FLORIZEL — Sim, poderíeis fazê-lo apenas com a virtude dela. Quando alguém falecer, hei de herdar tanto como nem mesmo em sonho poderíeis imaginar sequer; o suficiente para vos assombrar. Porém uni-nos diante destes senhores.

PASTOR — Dai-me a mão. Filha, a vossa também.

POLÍXENES — Um momentinho, mancebo, por obséquio. Tendes pai?

FLORIZEL — Tenho, sim; mas, que importa?

POLÍXENES — E ele se encontra ciente do que se passa?

FLORIZEL — Não, nem nunca virá a saber de nada.

POLÍXENES — Parece-me que um pai, nas núpcias de seu filho é o convidado que mais condiz à mesa. Respondei-me de novo, por obséquio: já se encontra vosso pai, porventura, inteiramente incapaz de tratar de assunto sério? A idade e o reumatismo deprimente deixaram-no abobado? Pode, acaso, falar? Entende o que se diz? Distingue bem as pessoas? Gere os seus negócios? Preso ao leito se encontra, e em quanto faça parece criança?

FLORIZEL — Não, meu bom senhor; tem bastante saúde e ainda revela vigor acima dos da sua idade.

POLÍXENES — Se for assim, por esta barba branca, não procedeis, em relação a ele, como a um filho compete. A razão manda que meu filho por si escolha esposa; mas a mesma razão fala bem alto que o pai — cuja maior felicidade consiste em ter uma bonita prole — também opine em semelhante caso.

FLORIZEL — Concedo tudo; mas por outras causas; reverendo senhor, que não vos posso revelar, a meu pai não direi nada com respeito a este assunto.

POLÍXENES — Não; contai-lhe.

FLORIZEL — É impossível.

POLÍXENES — Falai-lhe, por obséquio.

FLORIZEL — Não poderá saber o que se passa.

POLÍXENES — Meu filho, usa com ele de franqueza; não ficará zangado ao ter ciência da escolha que fizeste.

FLORIZEL — Vamos! Vamos! É impossível. Firmemos nossa união.

POLÍXENES (*descobrindo-se*) — Vosso divórcio, moço, a quem não devo dar o nome de filho, pois te mostras vil demais para que eu te reconheça. Um herdeiro do cetro, que prefere cajado de pastor!... Só o que me pesa, velho traidor, é reduzir-te a vida de uma semana apenas, como mandar-te pendurar numa forca. E tu, bonito tipo de feiticeira, que sabias muito bem que real tolo tinhas preso...

PASTOR — Que dor no coração!

POLÍXENES — Hão de os espinhos arranhar-te a beleza, até a igualarem à tua condição. — E tu, pateta, se eu souber que suspiras de saudades desta coisa nenhuma — que é certeza

nunca mais a reveres — destituo-te da sucessão do trono, declarando-te estranho a nosso sangue e a nossa casa, e tão distante dela como o próprio Deucalião. Toma nota do que eu digo: retoma para a corte. E tu, saloio, por esta vez, embora incorrido hajas em nosso desprazer, de ti desviamos a punição fatal. E vós, feitiço — digna bastante para um pegureiro... Sim, para este também, que se revela — não se opusesse a tanto o nosso nome — pouco digno de ti — se em algum tempo descerrares os rústicos ferrolhos, para deixá-lo entrar, ou se nos braços o prenderes de novo, hei de uma morte tão cruel te reservar quanto franzina fores para enfrentá-la. (*Sai.*)

PERDITA — Aniquilada completamente, embora não ficasse muito atemorizada, pois estive uma ou duas vezes para lhe ser franca, dizendo-lhe que o mesmo sol que brilha sobre sua corte não esconde o rosto de nossa pobre choça e ambas contempla. Não vos dignais, senhor, de partir logo? Já vos havia dito como tudo viria a terminar. Cuidai, vos peço, de vossa posição, que este meu sonho... Uma vez despertada, não prossigo no papel de rainha um só momento; voltarei a ordenhar minhas ovelhas e a chorar.

CAMILO — Pai, que é isso? Dize algo, antes de vir a morte.

PASTOR — É-me impossível pensar ou dizer nada, sem que possa atrever-me a saber o que sabia... Ó príncipe! Matastes quem chegara aos oitenta e três anos calculando baixar tranqüilamente à sepultura, morrer no leito em que meu pai morrera, e ao lado de seus ossos venerandos encontrar o repouso. Mas agora, algum carrasco o corpo há de envolver-me num lençol e depô-lo onde não haja sacerdote que poeira jogue nele. Ó coisa desprezível! Tu sabias que era o príncipe! Como te atreveste a fazer essa aliança? Estou perdido completamente! Se a morrer eu viesse neste instante, teria arrematado minha existência como o desejara. (*Sai.*)

FLORIZEL — Por que me olhais assim? Estou somente penalizado, mas não sinto medo. Houve atraso, mas não se alterou nada. O que eu era, ainda sou; tanto mais força faço para avançar, quanto mais sinto que me puxem por trás. É com protestos que me sinto no ajoujo.

CAMILO — Meu gracioso senhor, não ignorais como é o caráter de vosso pai. Nestas primeiras horas não admite conversa, estando eu certo de que não pretendeis insistir nisso. Dificilmente, temo, há de ele vossa presença suportar. Será prudente, pois, evitá-lo até que fique calmo.

FLORIZEL — Não tenho essa intenção. Mas, sois Camilo?

CAMILO — Ele mesmo, senhor.

PERDITA — Oh! Quantas vezes vos disse que tudo isso se daria? Quantas vos repeti que só durara minha grandeza, até que se tornasse conhecida a verdade?

FLORIZEL — Isso só for a possível se perjuro eu me tornasse. Então, que a natureza aperte os flancos da terra e moa todas as sementes que ela no bojo tem. Eleva o olhar. Agora, pai, deserda-me, se o queres, que herdeiro passo a ser de meu afeto.

CAMILO — Atendei a conselhos.

FLORIZEL — Sim, do próprio coração. Se a razão a obedecer-lhe se resolver, razoável

vou mostrar-me. Do contrário, os sentidos à loucura se inclinarão, dando-lhe as boas-vindas.

CAMILO — Isso revela desespero, príncipe.

FLORIZEL — Podeis chamar-lhe assim; mas se é verdade que me reforçam juras, dou-lhe o nome de honestidade. Nem por toda a Boêmia, Camilo, nem as honras que eu pudesse receber, nem por tudo que o sol veja, ou que a terra contenha; nem por quanto possa o mar esconder nas profundezas de braças insondáveis, hei de as juras quebrar que fiz à minha linda amada. Por tudo isso vos peço, já que sempre fostes amigo certo de meu pai, quando ele vier a dar por minha falta — pois não pretendo nunca mais revê-lo — a cólera acalmai-lhe com conselhos adequados, pois doravante vamos lutar: eu e a fortuna. Assim vos digo, e podereis contar-lhe, que me empego com quem não posso proteger na praia. E, por felicidade, de um navio disponho aqui, bem perto, que eu não tinha para isso aparelhado. O itinerário não precisais saber; não me compete, portanto, revelá-lo.

CAMILO — Ó caro príncipe! Desejara que o espírito tivésseis mais acessível a um conselho honesto ou mais forte na própria adversidade.

FLORIZEL — Ouve, Perdita. (*A Camilo.*) Logo vos atendo.

CAMILO — Mostra-se inabalável; é certeza partir. Feliz eu fora se pudesse utilizar sua saída, para servir aos meus intentos, preservá-lo dos perigos da ausência, demonstrar-lhe todo o respeito e amor, sendo esse o preço de voltar a rever minha Sicília, bem como aquele infeliz rei, meu amo, como tanto desejo!

FLORIZEL — Bom Camilo, tanto agora me apremam coisas graves, que vou deixar de lado a cerimônia.

CAMILO — Quero supor, senhor, que já tivestes conhecimento de como eu dedico todo o meu pobre préstimo ao serviço, tão-só, de vosso pai.

FLORIZEL — Sim, com nobreza sempre o servistes. A meu pai é música elogiar vossos feitos, não lhe dando pouca preocupação o pensamento de premiá-los à altura.

CAMILO — Bem, meu príncipe; se estais certo do amor que ao rei eu voto, e, por seu intermédio, a quem mais perto dele se encontra — vossa própria Alteza graciosa — consenti que eu vos dirija, caso vosso projeto bem pensado possa ser alterado. Por minha honra, um lugar vos indico em que acolhida Vossa Alteza achará em tudo digna, onde vos lograreis de vossa amada, de quem, agora o vejo, nada pode vos separar, senão tão-só — que os fados não o permitam! — vossa própria ruína, e onde a desposareis. Em vossa ausência tudo farei para acalmar a cólera do descontente pai e por deixá-lo disposto como dantes.

FLORIZEL — De que modo, Camilo, poderá ser isso feito — quase um milagre! — para que eu te chame mais do que humano e em tudo em ti confie?

CAMILO — Já decidistes o lugar em que heis de procurar acolhida?

FLORIZEL — Não, ainda; mas como foram fatos positivos a causa de partirmos tão de súbito, escravos confessamo-nos do acaso, que os ventos tocam para qualquer parte.

CAMILO — Então ouvi-me e nisto obedecei-me. Se persistis no intento e quereis mesmo levar a termo a fuga, dirigi-vos para a Sicília, e lá apresentai-vos com vossa esposa — pois princesa, vejo-o bem, será logo — ao Rei Leontes. Recebida será conforme o título de vossa própria esposa. Só parece que estou vendo: Leontes abre os braços a chorar e vos dá as boas-vindas, pedindo-vos perdão, como se fosseis vosso pai em pessoa, as mãos oscula da nova princesinha e uma e mais vezes volta a tratar dos sentimentos próprios — a ingratidão e o amor — enviando aquela para o inferno e almejando que este cresça mais depressa que o tempo ou o pensamento.

FLORIZEL — Mas meu digno Camilo, que pretexto darei para a visita?

CAMILO — Sois enviado, direis, de vosso pai, para saudá-lo e levar-lhe conforto. Toda vossa conduta, as coisas que deveis dizer-lhe como se vosso pai por vós falasse — e que só nós sabemos — por escrito, príncipe vos direi, com minuciosas indicações do que será preciso dizer em cada audiência. Desse modo, não poderá deixar de ficar crente de que representais o pensamento de vosso pai e que falais por ele de todo o coração.

FLORIZEL — A vós me entrego; o plano é promissor.

CAMILO — Muito mais viável de que vos atirardes sem destino a águas nunca sulcadas ou a paragens com que nunca sonhastes, na certeza de misérias sem número, só tendo para cairdes noutra. Não padece dúvida que o melhor que vossas âncoras vos fariam, seria fundear sempre onde ficar não vos agrade nunca. Ademais, é a ventura, sabeis disso, o laço mais potente para o amor, cuja estrutura grácil e, por ela, também o coração, com a adversidade por demais se ressente.

PERDITA — Uma de vossas proposições é certa: a adversidade pode influir nas feições, mas nunca pode vencer o coração.

CAMILO — É desse modo que pensais? Outra filha assim, na casa de vosso pai não há de vir ao mundo nestes sete anos. Meu bondoso amigo, tão à frente ela vai da instrução própria, quanto a retarda o berço.

CAMILO — Quem dissesse que lhe falta instrução, cometeria erro palmar, pois mestra ela parece de muitos professores.

PERDITA — Oh! Perdoai-me, senhor, mas coro só de agradecer-vos.

FLORIZEL — Minha linda Perdita! Mas estamos pisando sobre espinhos. Bom Camilo, salvador de meu pai e agora nosso, médico de nós todos: que faremos? Não estamos vestidos como filhos do Rei da Boêmia, para aparecermos na corte da Sicília.

CAMILO — Não seja isso, senhor, razão de vos deixar inquieto. Como o sabeis, é lá que tenho toda minha fortuna. Todo meu cuidado consistirá, portanto, em aprestar-vos com pompa real, tal como se realmente representásseis uma cena minha. Por exemplo, senhor. Ouvi-me, para vos convencerdes de que tendes tudo.

(*Conversam à parte.*)

(*Entra Autólico.*)

AUTÓLICO — Ah! Ah! Que louca é a Honestidade! E como é simplória a Confiança, sua irmã de juramento! Vendi todas as minhas bugigangas: pedras falsas, fitas, espelhos, vidrinhos de perfume, broches, caderninhos de notas, baladas, facas, luvas, cordão de sapatos, braceletes, brincos, nada me ficou! Era mais quem empurrava os outros, querendo todos ser os primeiros a comprar, como se as minhas frioleiras fossem santificadas e valessem como bênçãos para os compradores. Desse modo, pude ver quais eram as bolsas de melhor aparência, o de que não me esquecerei na ocasião oportuna. Meu Bobo — muito pouca coisa lhe falta para que ele seja um homem sensato — de tal modo ficou tomado de paixão pelas baladas das raparigas, que não arredou pé enquanto não aprendeu a toada e as letras, o que atraiu para o meu lado o resto do rebanho, cujos sentidos se concentraram nos ouvidos. Poderíeis desapertar as vestes de qualquer pessoa e retirar-lhe dos bolsos uma moeda, que ninguém sentia nada. Poderia ter roubado chaves pendentes de correntes; ninguém percebia coisa alguma, não ouvia outra coisa a não ser a canção de meu homem, boquiabertos diante de sua absoluta desvalia. Desse modo, aproveitando-me do letargo universal, cortei o cordão da maior parte das bolsas festivas e apropriei-me delas. E se não fosse ter aparecido o velho, a fazer um barulhão por causa de sua filha e do filho do rei, espantando-me do restolho os corvos, não teria deixado com vida uma só bolsa em todo o exército.

(*Camilo, Florizel e Perdita vêm para a frente.*)

CAMILO — Chegando minhas cartas, pelos meios de que já vos falei, ao mesmo tempo que vós, desmancharão qualquer suspeita.

FLORIZEL — E as cartas que obtiverdes do Rei Leontes...

CAMILO — Deixarão satisfeito vosso pai.

PERDITA — Sede feliz; quanto dizeis inculca boa aparência.

CAMILO (*percebendo Autólico*) — Quem é esse tipo? Como instrumento, poderá servir-nos. Não convém omitir coisa nenhuma.

AUTÓLICO (*à parte*) — Se eles ouviram o que eu disse, o fim é a forca.

CAMILO — Então, amigo? Por que tremes desse jeito? Não tenhas medo, homem; ninguém pensa em te fazer mal.

AUTÓLICO — Eu sou um pobre camarada, senhor.

CAMILO — Pois então, continua a sê-lo, que nenhum de nós tenciona privar-te dessa vantagem. Contudo, podemos fazer uma barganha com a aparência de tua pobreza. Por isso, despe-te imediatamente — basta saberes que há grande urgência — e troca de roupa com este gentil-homem. Embora só ele tenha a perder com a troca, fica com mais isto, de crescença.

AUTÓLICO — Sou um pobre camarada, senhor. (*À parte.*) Conheço-vos perfeitamente.

CAMILO — Vamos! Por obséquio, despacha-te! O cavalheiro já está meio despido.

AUTÓLICO — Estais falando sério, senhor? (*À parte.*) Estou farejando uma cilada em tudo isso.

FLORIZEL — Vamos logo, por obséquio.

AUTÓLICO — É certo que já recebi o penhor; mas, em consciência, não posso aceitá-lo.

CAMILO — Desabotoa! Desabotoa logo! (*Florizel e Autólico trocam as vestes respectivas.*) Feliz senhora — que se concretize quanto ora profetizo! — retirai-vos para um lugar discreto; na cabeça ponde o chapéu de vosso apaixonado, puxando-o para os olhos; cobri o rosto, trocai de roupa, transformai-vos quanto vos for possível, alterando vossa aparência verdadeira, para que possais — pois receio que vos vejam — chegar a bordo sem que vos conheçam.

PERDITA — Vejo que tenho o meu papel na peça.

CAMILO — Não há remédio. Pronto?

FLORIZEL — Poderia conversar com meu pai, sem que ele o nome de filho seu me desse.

CAMILO — É necessário ficardes sem chapéu. Vinde, senhora. Adeus, adeus, amigo.

AUTÓLICO — Meus, senhor.

FLORIZEL — Ó Perdita! Esquecemos uma coisa! Vem! Uma palavrinha!

(*Falam à parte.*)

CAMILO (*à parte*) — Consiste agora todo o meu cuidado em revelar ao rei a fuga deles e o lugar do refúgio, tendo quase certeza de chegar a convencê-lo de seguir-lhes no encalço. Assim, eu junto, vejo outra vez Sicília, o que desejo fazer com impaciência feminina.

FLORIZEL — Que a sorte nos ajude. E assim, Camilo, vamos ganhar a praia.

CAMILO — Toda a pressa nunca será demais.

(*Saem Florizel, Perdita e Camilo.*)

AUTÓLICO — Entendo do negócio; farejo-o de longe. Ouvido aberto, mirada rápida e mãos leves são indispensáveis a todo batedor de carteira. Um bom nariz também faz parte dos requisitos, para farejar trabalho para os demais sentidos. Percebo que estamos em uma época em que os desonestos prosperam. Que barganha magnífica já não seria a que eu fiz, ainda que não me tocasse nenhum lucro de crescença! E que lucro enorme com a troca! Não há dúvida: este ano os deuses estão coniventes conosco, sendo-nos permitido tudo fazer ex tempore. O próprio príncipe está no ponto de realizar alguma patifaria, fugindo do domicílio paterno com as peias nos pés. Se eu estivesse certo de que era ato de honestidade comunicar ao rei o que se passa, não lhe diria nada. Considero maior velhacaria guardar sigilo sobre o caso, com o que me mantenho coerente com a minha profissão. Afastemo-nos! Eis que vêm chegando mais ocupações para um cérebro quente. Todo beco, toda loja, igreja, sessão, todo enforcamento dá trabalho a quem quer que cuide de seus interesses.

(*Voltam o bobo e o pastor.*)

BOBO — Vede que homem sois agora. Não há outra saída, senão revelardes ao rei que

ela é uma criança encontrada, sem nenhuma relação com vossa carne e com vosso sangue.

PASTOR — Não; escuta-me.

BOBO — Não; escutai-me.

PASTOR — Então, prossegue.

BOBO — Uma vez que ela não é nem vossa carne nem vosso sangue, vossa carne e vosso sangue não ofenderam o rei; assim sendo, nem vossa carne nem vosso sangue se tornaram passíveis de punição. Mostrai-lhe os objetos que encontrastes juntamente com ela, todos eles misteriosos, com exceção dos que ela traz consigo. Uma vez feito isso, deixai que a lei assobie, é o que vos digo.

PASTOR — Contarei tudo ao rei, palavra por palavra, sim, sem omitir a partida que lhe pregou o próprio filho, que não procede como homem de bem, posso afirmá-lo, nem com relação ao pai, nem com relação a mim, ao querer fazer-me cunhado do rei.

BOBO — De fato, cunhado era o menos que poderíeis ser dele, depois do que ficaríeis com o sangue mais caro não sei quanto a onça.

AUTÓLICO (*à parte*) — Muito bem pensado, meus basbaques.

PASTOR — Vamos então procurar o rei. Levamos-lhe neste embrulho alguma coisa que o fará coçar a barba.

AUTÓLICO (*à parte*) — Não compreendo em que essa revelação poderá prejudicar a fuga do meu senhor.

BOBO — Tomara que ele esteja em palácio.

AUTÓLICO (*à parte*) — Embora eu não seja naturalmente honesto, às vezes o sou por acaso. Ponhamos no bolso esta excrescência de mascate. (*Arranca a barba postiça.*) Então, rústicos, para onde vos atirais?

PASTOR — Vamos a palácio, com permissão de Vossa Senhoria.

AUTÓLICO — Que negócio tendes lá? Quais? Com quem? Que contém esse embrulho? Onde morais? Como vos chamais? Quantos anos tendes? Vossos recursos? Família? Em suma: revelai-me tudo que for conveniente saber.

BOBO — Somos gente simples, senhor.

AUTÓLICO — Mentira! Sois ásperos e peludos; não me venhais com mentiras. Mentir só é próprio de comerciantes, que por vezes nos impingem petas, a nós outros, soldados. Mas nós lhes pagamos com moeda batida, não com ferro que bate; por isso eles não nos mentem.

BOBO — Vossa Senhoria esteve no ponto de nos apanhar numa mentira, se nós não tivéssemos sido surpreendidos na hora.

PASTOR — Sois da corte, senhor, se não vos desagrada?

AUTÓLICO — Agrade-me ou não me agrade, sou cortesão. Não percebes o ar da corte nesta indumentária? Não ando no compasso da corte? Teu nariz não percebe em minha pessoa o

odor da corte? Não faço reflexos em tua baixeza com o meu desprezo de cortesão? Sou cortesão da cabeça aos pés, alguém que poderá fazer avançar ou retardar teus interesses na corte. Por isso, ordeno-te que me reveles o que te leva lá.

PASTOR — Certo negócio, senhor, com o rei

.

AUTÓLICO — E com que advogado contas para isso?

PASTOR — Não sei, senhor, com permissão de Vossa Senhoria.

BOBO — Advogado, na linguagem da corte, quer dizer faisão. Dizei-lhe que não tendes nenhum.

PASTOR — Realmente, senhor; não tenho nenhum faisão; nem macho nem fêmea

AUTÓLICO — Como somos felizes por não sermos gente desse quilate! A natureza, contudo, poderia ter-me feito como eles são. Não devo desprezá-los.

BOBO — Deve ser um grande cortesão.

PASTOR — As vestes são ricas, mas ele não as usa com elegância.

BOBO — Quanto mais original, mais nobre parece. Um grande homem, posso afiançar-vos; conheço pela maneira de palitar os dentes.

AUTÓLICO — E aquele embrulho? Que contém? Para que é essa caixa?

PASTOR — Neste embrulho, senhor, e nesta caixa há segredos que só podem ser revelados ao rei, o que se dará dentro de uma hora, se eu conseguir falar-lhe.

AUTÓLICO — Pois perdeste o trabalho, meu velho.

PASTOR — Por quê, senhor?

AUTÓLICO — O rei não se acha no palácio; foi para bordo de um novo navio, a fim de purgar sua melancolia e tomar ar. Se fores capaz de compreender assuntos sérios, deves saber que o rei está cheio de preocupações.

PASTOR — É o que dizem, senhor, por causa de seu filho, que queria casar com a filha de um pastor.

AUTÓLICO — Se esse pastor ainda não está na grade, que trate de fugir. As maldições que vão cair em cima dele, as torturas que terá de suportar, quebrariam o dorso a qualquer homem e o coração de um monstro.

BOBO — Pensais assim, meu senhor?

AUTÓLICO — Não é ele somente que há de sofrer o que a maldade possa inventar de pesado e a vingança de amargoso; todos os seus parentes, até o qüinquagésimo grau, serão também entregues ao carrasco. É pena, mas é inevitável. Um velho assobiador de ovelhas, um guardador de carneiros, que queria que sua filha se tornasse fidalga! Há quem diga que vai ser apedrejado; mas eu penso que essa morte, para ele, seria pouco branda. Puxar nosso trono para

uma cabana de pastor! Todas as mortes são poucas, e a mais cruel ainda será muito branda.

BOBO — Já ouvistes dizer, senhor, se não vos desagrada, que esse velho tenha algum filho?

AUTÓLICO — Tem um filho, que vai ser esfolado vivo, depois besuntado de mel e posto ao lado de um vespeiro, onde o deixarão até ficar morto três quartas e uma dracma. A seguir, fá-lo-ão reanimar com aquavitae ou qualquer outra infusão quente. Depois, escalavrado como estiver, no dia mais quente previsto pelo almanaque, será colocado contra um muro de tijolos, onde o sol olhará para ele com o seu olho sul e o ficará contemplando até que as moscas o liquidem. Mas, por que falarmos desses velhacos e traidores, cujas misérias só nos provocam riso, tão graves foram seus crimes? Dizei-me — pois pareceis gente honesta e simples — que é que levais para o rei. Gozando de certa consideração, poderei guiar-vos até a bordo do navio em que ele se acha, levar-vos à sua presença e segredar-lhe algumas palavrinhas a vosso favor. Se há alguém — tirante o rei — que poderá dar boa conclusão a vossas pretensões, aqui está essa pessoa.

BOBO — Parece gozar de grande autoridade. Instai com ele; dai-lhe ouro; porque embora a autoridade seja um urso teimoso, muitas vezes, à vista de ouro, deixa-se conduzir pelo nariz. Mostrai o interior de vossa bolsa ao exterior da mão dele, e nem mais uma palavra. Não vos esqueçais: “Apedrejado” e “esfolado vivo!”

PASTOR — Se quereis ter a bondade, senhor, de patrocinar nosso negócio, aqui tendes o ouro de que disponho. Poderei arranjar outro tanto, deixando este jovem como penhor, até que vos traga a outra porção.

AUTÓLICO — Depois de eu ter feito o que prometi?

PASTOR — Perfeitamente, senhor.

AUTÓLICO — Muito bem. Então, entrega-me essa metade. E tu, também estás interessado nesse negócio?

BOBO — De certo modo, senhor; mas embora minha pele não seja lá das melhores, espero que não me façam sair dela contra minha vontade.

AUTÓLICO — Oh! Isso só acontecerá com o filho do pastor. À forca com ele, para que sirva de exemplo.

BOBO — Coragem! Coragem! Teremos de procurar o rei e mostrar-lhe esses objetos estranhos. É preciso que ele fique sabendo que ela não é vossa filha nem minha irmã. Do contrário, estaremos perdidos. Senhor, uma vez concluído o negócio, dar-vos-ei tanto quanto vos deu este velho, ficando, como ele disse, na qualidade de penhor, até que ele traga o resto da importância.

AUTÓLICO — Tenho confiança em vós. Ide na frente, em direção do mar. Vou só ver o que se passa do outro lado da sebe, e já vos alcançarei.

BOBO — Para nós este homem foi uma bênção, pode-se dizer; verdadeira bênção.

PASTOR — Vamos na frente, conforme ele ordenou que o fizéssemos. Foi a Providência que no-lo enviou.

(*Saem o pastor e o bobo.*)

AUTÓLICO — Estou vendo que se eu quisesse ser honesto, a Fortuna não o consentiria; ela própria faz que as presas me venham cair na boca. Sou cortejado agora por uma dupla vantagem: obter ouro e prestar um bom serviço ao príncipe meu senhor. Quem sabe até que ponto isso poderá redundar em seu proveito? Vou levar-lhe a bordo essas duas toupeiras, esses dois cegos. Se ele achar proveito em recambiá-los para terra, por julgar que não lhe diz respeito a petição que eles tencionam apresentar ao rei, que me dê o nome de maroto, por me ter mostrado tão serviçal; já estou à prova de fogo com tudo o que diz respeito a semelhante título e ao opróbrio inerente a ele. Vou apresentá-los ao príncipe; pode ser que isso me renda alguma coisa. (*Sai.*)

Ato 5

Cena 1

Sicília. Um quarto no palácio de Leontes. Entram Leontes, Cleômenes, Dion, Paulina e outros.

CLEÔMENES — Senhor, fizestes muito; o sofrimento que revelais é próprio só de mártires. Quantos erros houvésseis praticado, já se acham redimidos, que ultrapassa de muito a penitência vossas altas. Como remate, o céu imitai nisso, esquecendo vosso erro, e, tal como ele, a vós mesmo perdoando.

LEONTES — Em todo o tempo que dela eu me lembrar e de seus dotes, impossível ser-me-á lançar no olvido quanto fui mau em relação a ela, quanto comigo injusto, indo até ao ponto de deixar sem herdeiro o próprio trono e de matar a mais distinta esposa com que sonhar pudesse qualquer homem.

PAULINA — É certo, meu senhor; é muito certo. Se desposásseis todas as mulheres do mundo, uma por uma, ou se de quantas agora existem retirásseis tudo que de mais alto as orna, para a esposa perfeita conseguirdes, impossível vos fora, ainda, pô-la em paralelo com aquela que matastes.

LEONTES — É o que eu penso, também. A que eu matei... Sim, dei-lhe a morte; foi o que fiz. Porém me feres fundo, falando desse modo. Tão amarga te sabe à língua essa lembrança, como à minha retentiva. Assim me fala, boa amiga, mas muito mais de espaço.

CLEÔMENES — Não, jamais, boa dama. Poderíeis ter falado mii coisas que mais úteis fossem neste momento e mais de acordo com a bondade que tanto ws distingue.

PAULINA — Sois um daqueles que desejam vê-lo novamente casado.

DION — Se não fordes desses também, é que não tendes pena das condições do Estado, nem das glórias vos importais de seu ilustre nome, não vos incomodando os grandes riscos que o reino ameaçar podem, se Sua Graça continuar desse modo sem herdeiros, a morrer vindo os que se mostrem dúbios. Que fora mais piedoso do que júbilo revelar pela bem-aventurança de que se goza a falecida rainha? Que mais piedoso, ainda, porque o trono mais firme se tornasse, para nosso consolo e bem das gerações futuras, do que de novo abençoar o leito de Sua Alteza com uma grata esposa?

PAULINA — Nenhuma é digna disso, se pensarmos naquela que morreu. Demais, os deuses hão de querer que em tudo se confirmem seus desígnios ocultos. Não é certo ter-se manifestado o divo Apolo, e dito expressamente o seu oráculo que sem herdeiro ficaria Leontes, enquanto não aparecesse a filha que ora perdida está? Mas tão obstrusa para nossa razão será

tal coisa, como quebrar a tumba o meu Antígono e voltar para mim, pois que é certeza — por minha vida o juro — ter morrido juntamente com ela. Ora, assim sendo, desejais que meu amo ao céu se oponha, que despreze seus planos? (*A Leontes.*) Não vos seja motivo de cuidado a descendência. A coroa há de achar seu próprio herdeiro. O famoso Alexandre deixou a sua para o mais digno, tendo, assim, o trono passado para um sucessor condigno.

LEONTES — Boa Paulina, sei que ainda cultuas a memória de Hermíone. Oh! tivesse seguido teus conselhos! Ainda hoje contemplaria minha cara esposa e um tesouro colhera de seus lábios.

PAULINA — Deixando-os mais valiosos depois disso.

LEONTES — Só falas a verdade. Igual esposa já não se encontra. Logo, não me falem mais em casar. Uma pior consorte, que de mim recebesse mais afagos, obrigaria seu sagrado espírito a voltar para o corpo e vir ao. palco em que eu — seu assassino — ainda me encontro, para, com desespero, perguntar-me: "Por que me fazeis isso?"

PAULINA — Se tivesse poder para isso, causa lhe sobrara.

LEONTES — Não lhe faltara, certo; e me induzira a matar a mulher que eu desposasse.

PAULINA — Se espectro errante eu fosse, é o que faria. Mandar-vos-ia contemplar-lhe os olhos, e depois perguntara: "Esse olhar morto foi que vos atraiu?" Depois, soltara tão forte guincho, que vos deixaria de ouças arrebentadas, despedindo-se com vos dizer: "Recorda-te de mim!"

LEONTES — Estrelas cintilantes, verdadeiras estrelas, não passando os outros olhos de carvões apagados. Não receies outra mulher, Paulina; jamais hei de casar de novo.

PAULINA — Não quereis jurar-me que não vos casareis, sem que para isso vos dê consentimento?

LEONTES — Quero, boa Paulina; juro-o pela vida eterna.

PAULINA — Tomai nota, senhores, desta jura.

CLEÔMENES — A excessivo tormento o submeteis.

PAULINA — A menos que lhe surja aos olhos outra que se pareça tanto com Hermíone como sua própria imagem.

CLEÔMENES — Boa dama...

PAULINA — Cheguei ao fim. Se o meu senhor, de fato, quer casar outra vez — se decidistes, senhor, sobre esse ponto — reservai-me a incumbência de esposa procurar-vos. Não há de ser tão jovem quanto Hermíone, mas de tal aparência, que se o espírito da morta retornasse, se alegrara de vê-la em vossos braços.

LEONTES — Minha boa Paulina, não nos casaremos antes de nos dares licença.

PAULINA — Será isso quando voltar à vida vossa esposa. Antes, jamais.

(*Entra um gentil-homem.*)

GENTIL-HOMEM — Alguém que se apresenta como o Príncipe Florizel, descendente de Políxenes, com sua esposa — a mais formosa jovem que eu jamais vi — deseja ser trazido diante de Vossa Alteza.

LEONTES — Que acontece?. Não chega como fora de esperar-se da grandeza do pai. Essa visita tão despida de toda cerimônia, tão súbita, nos diz que não se trata de uma visita regular, mas de algo forçado ou acidental. Qual é o seu séquito?

GENTIL-HOMEM — Poucas pessoas; todas, gente simples.

LEONTES — Vem com ele, dissestes, a princesa?

GENTIL-HOMEM — A mais linda porção de argila, creio, que o sol em qualquer tempo haja alumiado.

PAULINA — Ó Hermíone! Como em todos os tempos o presente se vangloria à custa do passado, teus encantos agora o lugar cedem diante dos mais recentes. Cavalheiro, vós mesmo já dissestes e escrevestes — mas vosso escrito, agora, está mais frio do que seu próprio tema — que ela nunca fora igualada e não o seria nunca. Desse modo, com sua formosura, defluía vosso verso; mas vazante muito grande se deu, para dizerdes que alguém vistes mais bela do que Hermíone.

GENTIL-HOMEM — Perdão, senhora; uma, porém, eu tinha — com vossa permissão — quase esquecido. Mas esta agora, quando for notada por vossos olhos, obterá, sem dúvida, irrestritos encômios. É criatura que se fundar quisesse alguma seita, faria arrefecer aos próprios chefes das outras o entusiasmo, convertendo para a sua a quem quer que ela acenasse.

PAULINA — Inclusive mulheres?

GENTIL-HOMEM — As mulheres hão de dedicar-lhe amor, por estar ela muito acima dos homens, e estes todos, por ser ela a mais rara das mulheres.

LEONTES — Ide, Cleômenes. E vós, com vossos mais distintos amigos, conduzi-os para que os abracemos. (*Saem Cleômenes, nobres e o gentil-homem.*) Mas é estranho que venha por maneira tão furtiva!

PAULINA — Se estivesse com vida o nosso príncipe — a pérola das crianças — formaria com este nobre um par digno de ver-se, pois entre a idade de ambos não havia um mês de diferença.

LEONTES — Por obséquio,não prossigas. Bem sabes que ele morre para mim novamente, quando nele qualquer pessoa fala. No momento em que eu vir esse

NOBRE — estou bem certo — tuas palavras hão de sugerir-me pensamentos que louco vão deixar-me. Mas eis os visitantes. (*Volta Cleômenes com Florizel, Perdita e outros.*) Caro Príncipe, vossa mãe foi fiel ao matrimônio, porque reproduziu, ao conceber-vos, a imagem fiel de vosso nobre pai. Se vinte e um anos eu tivesse agora — de tal maneira os traços fisionômicos de vosso pai em vós se reproduzem, toda sua postura — vos daria o título de irmão, como com ele costumava fazer naquele tempo, e de alguma loucura vos falara que praticado houvéssemos pouco antes. De coração vos dou as boas-vindas e a vossa bela esposa

— vera deusa! — Oh céus! Perdi dois filhos, um casal, que se entre o céu e a terra ainda estivessem, espanto despertaram como agora, par gracioso, o fazeis. Por culpa própria, perdi a companhia e o grande afeto de vosso nobre pai. Pelo infortúnio dobrado como estou, desejaria viver ainda só para revê-lo.

FLORIZEL — Por ordem dele vim até à Sicília e de sua parte trago-vos saudares como um amigo e rei a um mano envia. E se a fraqueza própria da velhice do consueto vigor não o tivesse, de algum modo, privado, ele, em pessoa, medido então teria a terra e os mares que entre o seu trono e o vosso se interpõem, com o fito de vos ver, a vós, a que ele — mandou que vos dissesse — amor dedica maior que aos tronos todos e aos monarcas que, vivos, nele se acham.

LEONTES — Que bondoso gentil-homem! Que irmão! Todos os males que te causei, de novo me compungem e essa tua mensagem tão tocante me exprobra a negligência. Sois bem-vindo como o é a primavera sobre a terra. Como! Expôs ele esta criatura linda ao jogo perigoso, ou, quando nada, pouco agradável do feroz Netuno, só para vir saudar quem não é digno dessas canseiras nem de que se arrisque tão preciosa pessoa?

FLORIZEL — Meu bondoso soberano, da Líbia ela procede.

LEONTES — Onde o valente Esmalo, esse guerreiro nobre e honrado, é temido e venerado?

FLORIZEL — De lá, real senhor, da parte dele, cujas lágrimas, quando nos partimos, a proclamavam filha muito amada. De lá, precisamente, um vento próspero do sul nos trouxe, para cumprimento darmos às ordens de meu pai, de a Vossa Grandeza visitarmos. Quase todo meu séquito, ao tocarmos na Sicília, foi por mim dispensado, não somente porque levada à Boêmia fosse a nova do meu bom êxito na Líbia, como por dar notícias que eu com minha esposa chegamos bem onde ora nos achamos.

LEONTES — Que os deuses caridosos purifiquem de qualquer infecção nossa atmosfera todo o tempo que aqui permanecerdes. Tendes um pai piedoso, um gentil-homem de nobreza sem jaça, contra cuja santa pessoa eu cometi pecado. Como castigo disso, o céu colérico me deixou sem herdeiro, enquanto vosso bendito pai — merecedor de tudo com que o céu o abençoe — feliz se encontra convosco, digno dele. Oh! A que altura não teria eu chegado, se pudesse ver uma filha e um filho tão perfeitos com o par que ora vejo!

(*Entra um nobre.*)

NOBRE — Muito nobre senhor, não merecera nenhum crédito quanto vos vou dizer, se não tivéssemos as provas aqui perto. Grande príncipe, Boêmia pessoalmente vos saúda, valendo-se do meu modesto préstimo. A deter vos concita o filho dele que, esquecido do cargo e dos deveres, fugiu do pai, das próprias esperanças, com a filha de um pastor.

LEONTES — Onde está Boêmia?

NOBRE — Nesta cidade; acabo de falar-lhe. Sei que falo sem nexo, mas de acordo com meu espanto e esta mensagem rara. Ao vir depressa para vossa corte, seguindo o rasto, pelo que suponho, deste belo casal, deu em caminho com o pai desta princesa improvisada e o irmão

dela, que a pátria abandonaram em companhia deste jovem príncipe.

FLORIZEL — Camilo me traiu, ele que à prova do tempo a honestidade e a honra pusera.

NOBRE — Podeis fazer-lhe cargà disso mesmo, pois com o rei vosso pai ele se encontra.

LEONTES — Quem! Camilo?

NOBRE — Camilo, sim, milorde: falei-lhe agora mesmo. Interrogados por ele os dois coitados estão sendo. Nunca vi infelizes tremer tanto; ajoelham-se a toda hora, a terra beijam, outra coisa não dizem senão juras. O Rei da Boêmia as mãos leva aos ouvidos e os ameaça de morte com suplícios.

PERDITA — Meu pobre pai! O céu mandou espias sobre nós; não consente que levemos ao fim nosso esposório.

LEONTES — Sois casados?

FLORIZEL — Não, senhor; nem jamais nos casaremos. Será mais fácil, pelo que parece, virem beijar os vales as estrelas. Quem poderá ganhar com dados falsos?

LEONTES — E ela, senhor, é filha de um monarca?

FLORIZEL — Será, quando tornar-se minha esposa.

LEONTES — Quero crer que esse "quando", com a chegada de vosso pai, vem muito lentamente. Causa-me pena, muita pena mesmo, ver que os laços rompestes da amizade a que o dever vos conservava preso, como verificar que vossa escolha não seja, em posição, tão opulenta como o é em formosura, porque fosse natural que a possuísseis.

FLORIZEL — Alça a vista, minha querida. Ainda que a Fortuna, nossa inimiga declarada, ao lado de meu pai nos dê caça, força alguma tem de modificar, de um fio apenas, nosso sincero amor. Senhor, suplico-vos lembrardes-vos do tempo em que devíeis tanto à idade quanto eu. Com os sentimentos de então sede advogado em minha causa. Meu pai, se lhe falardes, não vos há de negar nenhum pedido, dando como ninharias as coisas mais valiosas.

LEONTES — Se isso fosse verdade, eu lhe pedira vossa amada preciosa, que ele julga não valer coisa alguma.

PAULINA — Meu senhor, nos olhos tendes muita mocidade; um mês antes da morte da rainha, muito mais digna desse olhar era ela do que a pessoa que ora estais olhando.

LEONTES — Olhando esta, era nela que eu pensava. (*A Florizel.*) Não respondi a vossa petição. Vou ao encontro, já, de vosso pai. Desde que não tisnou mancha nenhuma dos desejos vossa honra, considero-me amigo vosso e deles. Vamos juntos e vede o que eu fizer. Vinde, meu caro.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Diante do palácio. Entram Autólico e um gentil-homem.

AUTÓLICO — Por obséquio, senhor, estivestes presente a essa história?

GENTIL-HOMEM — Estive presente, quando abriram o embrulho e ouvi como o velho pastor contou como o havia encontrado, ao que se seguiu uma fase rápida de espanto, tendo-nos sido dada ordem para que saíssemos da sala. Parece que ouvi ainda o pastor dizer que havia achado a criança.

AUTÓLICO — Desejaria muito saber o desenlace disso.

GENTIL-HOMEM — Fiz uma exposição muito incompleta do que houve; mas as alterações que eu percebi no rei e em Camilo eram indicadoras de extrema perplexidade. Pela maneira que se olhavam, dir-se-ia que os olhos iam saltar-lhes das órbitas; havia eloqüência no mutismo deles e linguagem em seus próprios gestos. Davam a impressão de estarem ouvindo falar de mundos resgatados ou destruídos. Revelavam sinais de grande estupefação; mas qualquer testemunha sagaz, que só formasse opinião pelo que visse, não saberia dizer se toda aquela emoção era fruto de alegria ou de tristeza, sendo certeza que só poderia tratar-se de um desses dois sentimentos, elevado ao máximo. (*Entra outro gentil-homem.*) Aí vem um gentil-homem que talvez nos possa informar de mais alguma coisa. Quais são as novidades, Rogero?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Nenhuma, senão fogos de alegria. Cumpriu-se o oráculo: a filha do rei foi encontrada. Tantas coisas espantosas se tornaram conhecidas nesta hora, que os fazedores de baladas não serão capazes de dar-lhes expressão adequada. (*Entra um terceiro gentil-homem.*) Aí vem o intendente da senhora Paulina. Ele vos contará mais algumas particularidades. Então, senhor, em que ponto estão as coisas? As novidades que nos são dadas como puras verdades, parecem-se tanto com um velho conto, que a veracidade do fato se nos afigura muito suspeita. É certo que o rei encontrou a herdeira.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Certíssimo, se em qualquer tempo a verdade já foi demonstrada pelas circunstâncias. Poderíeis jurar que vistes que tudo o que vos contam, tal é a coerência das provas. O manto da Rainha Hermíone, a jóia que a criança trazia ao pescoço, as cartas de Antígono, cuja letra foi reconhecida, a majestade da senhorita, a semelhança com a mãe, a expressão de nobreza, muito acima de sua educação, e denotadora de origem mais elevada, e muitas outras evidências proclamam, sem sombra de dúvida, que ela é mesmo a filha do rei. Vistes o encontro dos dois monarcas?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Não.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Então perdestes um espetáculo que não pode ser contado; precisava ter sido visto. Teríeis visto como as alegrias se coroavam sucessivamente, e de forma tal que só parecia que a tristeza chorava por despedir-se deles, de tal modo a alegria patinhava em lágrimas. Ambos não faziam senão olhar para o céu e levantar as mãos, com tão perturbados modos, que só eram reconhecíveis pelas vestes, não pela fisionomia. Nosso rei, como se quisesse sair de si mesmo, de alegria por haver encontrado a filha, como se de súbito essa alegria se houvesse transformado em dor, gritava: "Oh, tua mãe! Tua mãe!" Depois, pedia perdão ao Rei da Boêmia; depois abraçava o genro; depois, corria a abraçar açodadamente a filha. Agradece ao velho pastor, que se mantinha como uma figura de chafariz estragada pelo tempo durante muitas gerações de reis. Nunca ouvi falar de um encontro como esse; deixa manca qualquer relação que dela se queira fazer e desafia qualquer descrição.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Dizei-me, ainda, por obséquio, que aconteceu com Antígono, que fora incumbido de expor a criança?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Ainda no jeito dos velhos contos, em que há muito que dizer, muito embora cochile a credulidade e nenhum ouvido fique atento: foi estraçalhado por um urso, conforme o afirma o filho do pastor, cuja palavra é reforçada não somente por sua própria ingenuidade — que parece grande, realmente — como também por um lenço e os anéis que Paulina reconheceu como tendo pertencido ao marido.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — E que foi feito do navio dele e de seus tripulantes?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Foi a pique no momento preciso em que morria o dono, e à vista do pastor, de forma que todos os instrumentos que haviam tomado parte no ato de ser exposta a criança se perderam no momento em que ela foi encontrada. Mas, oh! que nobre combate se travava em Paulina, entre a alegria e a tristeza! Um dos olhos se abaixava pela perda do marido, enquanto o outro se elevava por ter sido cumprido o oráculo; levantava do solo a princesa e a abraçava com tamanho ardor, como se a quisesse cravar no coração, para que não viesse a correr o risco de vir novamente a perder-se.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — — A grandeza dessa cena merecia um auditório de reis e de príncipes, por serem tais os seus atores.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Um dos acidentes mais comovedores, que chegou a pescar nos meus olhos — só tendo apanhado água, sem pegar peixe algum — à relação da morte da rainha e da causa que a provocou — admiravelmente confessada e lastimada pelo rei — foi a tensão dolorosa da filha, que, num crescendo de manifestação de sofrimento, por último, com uma exclamação, poderia dizer, sangrou em lágrimas, pois estou certo de que o meu coração também chorava sangue. Dos assistentes, os mais de pedra mudaram de cor; alguns desmaiaram; todos se mostravam profundamente comovidos, e se o mundo inteiro houvesse presenciado a cena, a tristeza teria sido universal.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Já voltaram para a corte?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Não; que a princesa ouviu falar da estátua de sua mãe, que se acha sob a guarda de Paulina — trabalho que requereu anos e que foi recentemente

concluído por Júlio Romano, o grande mestre italiano, que, se fosse imortal, insuflaria alento em sua criação e usurparia a própria função da natureza, tal é a perfeição com que a imita. Fez uma Hermíone tão semelhante a Hermíone, que, segundo dizem, a gente fala com ela e fica à espera de resposta. Para lá se dirigiram todos com a sofreguidão da afeição, pretendendo cear lá mesmo.

GENTIL-HOMEM — Hermíone, duas ou três vezes por dia ela se dirigia sozinha para essa casa apartada. Não quereis ir também lá, para nos associarmos à alegria geral?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Haverá quem não queira ir, gozando do benefício do acesso? A cada piscar de olhos pode nascer um novo motivo de alegria. Nossa ausência nos deixaria privados de informações. Sigamos.

(*Saem os gentis-homens.*)

AUTÓLICO — Agora, se não fosse a mácula de minha vida anterior, choveriam sobre mim as promoções. Fui eu que levei o velho e seu filho para bordo do navio do príncipe e lhe disse que os surpreendera a falar de certo embrulho e de não sei que mais. Mas nessa ocasião o príncipe se encontrava obcecado pela filha do Pastor — ainda a tinha nessa conta — que começava a sofrer de enjôo, não estando ele tampouco muito mais firme, porque a tempestade não parara. Daí não ter sido descoberto nessa ocasião o segredo. Mas para mim, tanto faz. Se tivesse sido eu o descobridor do segredo, isso não anularia minhas velhacarias anteriores. Aí vêm os dois, aos quais eu fiz bem sem o querer; encontram-se em pleno desabrochar da fortuna.

(*Entram o pastor e o bobo.*)

PASTOR — Vamos, menino; outros filhos não posso ter; mas teus filhos e tuas filhas hão de nascer fidalgos.

BOBO — Belo encontro, senhor. Há dias não vos quisestes bater comigo, por eu não ser gentil-homem de nascimento. Vedes esta roupa? Dizei que não a estais vendo e continuai a pensar que eu não sou gentil-homem de nascimento. Faríeis melhor se disséssseis que esta roupa não é de gentil-homem de nascimento. Experimentai desmentir-me, para verdes se eu sou ou não um gentil-homem de nascimento.

AUTÓLICO — Agora sei, senhor, que sois, realmente, um gentil-homem de nascimento.

BOBO — Sim, e sempre o fui, desde as últimas quatro horas.

PASTOR — Eu também, rapaz.

BOBO — Sim, vós também; mas eu me tornei gentil-homem de nascimento antes de meu pai, porque o filho do rei me tomou pela mão e me chamou de irmão. Foi só depois que os dois reis deram o nome de irmão a meu pai e que o príncipe meu irmão e a princesa minha irmã chamaram de pai a meu pai, tendo nós, então, chorado as primeiras lágrimas de gentil-homem.

PASTOR — Ainda poderemos viver, filho, para chorar muitas mais.

BOBO — É certo; do contrário, seria verdadeira infelicidade, dada a nossa posição tão despropositada.

AUTÓLICO — Humildemente vos suplico, senhor, que me perdoeis todas as faltas cometidas em relação a Vossa Senhoria, e que vos digneis dizer a meu favor uma palavrinha ao príncipe, meu amo.

PASTOR — Peço-te, meu filho, que faças isso; precisamos mostrar-nos generosos, agora que somos gentis-homens.

BOBO — Prometes que te corrigireis?

AUTÓLICO — Sim, com a permissão de Vossa Senhoria.

BOBO — Dá-me a mão; vou jurar ao príncipe que tu és um sujeito tão honesto como quem quer que o seja na Boêmia.

PASTOR — Poderás dizer isso, porém sem jurar.

BOBO — Não jurar, agora que sou gentil-homem? Camponeses e burgueses que se contentem em falar; eu, hei de jurar.

PASTOR — E se for falso?

BOBO — Por mais falso que seja, um gentil-homem poderá afirmar em juramento, quando se trata de favorecer a um amigo. Vou jurar ao príncipe que tu és bom de mãos e que não te embriagas, ainda que eu saiba que não és de mão muito boa e que te embriagas. Mas hei de jurá-lo, desejando que sejas muito bom de mãos.

AUTÓLICO — Hei de esforçar-me para sê-lo, senhor, quanto em mim estiver.

BOBO — Sim, prova-me isso por todas as maneiras. Se eu não me admirar de tu ousares embriagar-te sem seres bom de mãos, nunca mais acredites em mim. Escutai! Os reis e os príncipes, nossos parentes, vão indo ver a estátua da rainha. Vamos; acompanha-nos; seremos bons para ti.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Uma capela em casa de Paulina. Entram Leontes, Políxenes, Florizel, Perdita, Camilo, Paulina, nobres e séquito.

LEONTES — Quanto consolo, minha boa e digna Paulina, estou a dever-te!

PAULINA — Se por vezes, meu soberano, errei, não foi por gosto. Todos os meus serviços sempre foram compensados de sobra. Mas o fato, senhor, de não vos terdes dedignado, com vosso irmão coroado e os dois herdeiros, de visitar a minha pobre casa, é excesso de bondade que impossível em toda a vida me será pagar-vos.

LEONTES — Oh Paulina! Só incômodo vos damos com a honra que dizeis. Mas aqui viemos, para a estátua admirar de nossa esposa. Atravessamos vossas galerias não sem grande prazer, proporcionado pela vista de tantas raridades que nela se contêm; mas ainda falta ver o que minha filha tanto almeja: a estátua da mãe dela.

PAULINA — Assim como ela não teve em vida quem se lhe igualasse, do mesmo modo, creio, sua imagem inanimada excede tudo quanto pela mão do homem foi jamais criado. Eis a razão de a conservar à parte. Aqui está ela. Agora preparai-vos para ver como a vida simulada zomba da própria vida, como nunca da morte o sono o fez. Ei-la! Mirai-a e dizei que é perfeita! (*Paulina afasta uma cortina, deixando ver Hermíone, em posição de estátua.*) Esse silêncio diz bem de vosso espanto; isso me agrada. Mas dizei qualquer coisa. Vós, primeiro, meu soberano; não é mais ou menos parecida?

LEONTES — Tal qual como era em vida. Não me censures, pedra idolatrada, se eu disser que és realmente a minha Hermíone. Não, sem me censurares é que és ela, que sempre foi tão branda como a própria infância, como a graça. Mas, Paulina, Hermíone não tinha tantas rugas; não tinha a idade que aparenta agora.

POLÍXENES — Oh! muito menos!

PAULINA — Tanto mais nos forçam à admiração os méritos do artista, que a fez envelhecer dezesseis anos, plasmando-a como se hoje ela vivesse.

LEONTES — Como podia estar ainda, tanto para minha alegria, quanto agora me punge o coração. Oh! Desse mesmo modo ela estava, com igual aprumo de nobre majestade — vida quente, que ora o calor perdeu — quando a primeira declaração lhe fiz. Oh! envergonho-me! A pedra não irá lançar-me em rosto que mais pedra do que ela ora eu pareço? O real obra-prima! Há força mágica em tua majestade, que me evoca neste momento todos os meus crimes e priva minha filha estarrecida da vida dos sentidos, transformando-a em pedra, como tu.

PERDITA — Oh! Permiti-me, sem me tachardes de supersticiosa, que eu me ponha de joelho e bênção peça. Senhora, soberana mui querida, que vos finastes quando eu vim ao mundo, dai-me a mão, porque a beije!

PAULINA — Oh! mais paciência! A estátua foi concluída há pouco tempo; as cores ainda não estão bem secas.

CAMILO — Meu senhor, vossa dor tem sido grande todo esse tempo. Dezesseis invernos não a apagaram; dezesseis estios não puderam secá-la. Nunca vive tanto a alegria; em muito menos tempo qualquer outra tristeza se matara.

POLÍXENES — Permiti, caro irmão, que quem foi causa de tudo isto, de seu poder se valha para de vós tirar parte da pena que a ele próprio acabrunha.

PAULINA — Com franqueza, meu senhor, se eu tivesse imaginado que vos abalaríeis tanto à vista de minha pobre estátua — pois a pedra me pertencia — não vo-la mostrara.

LEONTES — Não corras a cortina.

PAULINA — É conveniente não a verdes mais tempo; em vosso enlevo poderíeis pensar que ela se move.

LEONTES — Deixa! Deixa! Quisera estar sem vida, se morto eu já não parecesse há muito. Quem foi o autor da estátua? Vede, príncipe, não tendes a impressão de que respira? de que estas veias contêm mesmo sangue?

POLÍXENES — É uma obra-prima; nesses lábios pulsa mais quente a própria vida.

LEONTES — A fixidez do olhar tem movimento. Só parece que a arte zomba de nós.

PAULINA — Não; vou tapá-la. Tão abalado meu senhor se encontra que há de acabar pensando que ela vive.

LEONTES — Cara Paulina, deixa-me durante vinte anos na ilusão de que é assim mesmo. Toda a razão do mundo vale menos do que a ventura de uma tal insânia.

PAULINA — Causa-me pena, meu senhor, o ter-vos abalado a esse ponto. Poderia vos causar aflição mais acendrada.

LEONTES — Faze-o, Paulina. Essa aflição me sabe mais docemente que qualquer cordial. Mas sempre quer-me parecer que dela vero alento se evola. Mas quando houve quem na pedra gravasse o próprio anélito? Podem zombar de mim, mas vou beijá-la.

PAULINA — Perdão, meu soberano, mas a tinta dos lábios ainda não secou de todo; com vosso beijo iríeis retirá-la, sobre sujar-vos de óleo da pintura. Puxo a cortina?

LEONTES — Não, nestes vinte anos.

PERDITA — Tanto tempo eu também ficara olhando-a.

PAULINA — Agora decidi-vos; ou da sala vos retirai já já, ou preparai-vos para maior assombro. Se puderdes olhar a estátua ainda, farei que ela se mova, desça e pela mão vos tome. Mas então heis de crer — o que protesto — que algum poder perverso me auxilia.

LEONTES — Verei contente tudo o que mandares que ela faça, e ouvirei também de grado quanto ela me disser, pois é tão fácil fazer que fale, como que se mexa.

PAULINA — É preciso ter fé. Silêncio agora! Ninguém se mexa, salvo se há quem pense que o que eu vou praticar é condenável. Esse que se retire.

LEONTES — Continua;ninguém sairá daqui.

PAULINA — Desperta-a, música! (*Música.*) Cessai de ser de pedra! É tempo. Vinde! Tocai em todos que vos olham, cheios de admiração. Descei; deixarei cheio vosso sepulcro. Sim, aproximai-vos! Legai à morte esse torpor, que a vida já vos libertou dela. Vede-a; move-se. (*Hermíone desce do pedestal.*) Não vos mostreis estupefactos; todos seus atos são sagrados, como foram lícitos meus conjuros. Recebei-a; do contrário, faríeis que morresse, o que fora matá-la duas vezes. A mão lhe dai; já a corte lhe fizestes, quando éreis moço. Mas agora, idoso, ela é que vos corteja.

LEONTES (*abraçando Hermíone*) — Oh! Está quente! Se magia for tudo, seja uma arte tão lícita como o ato de comer.

POLÍXENES — Ela o beijou.

CAMILO — Prendeu-se-lhe ao pescoço. Se está viva, que fale.

POLÍXENES — E nos declare onde viveu até hoje e como à morte conseguiu escapar.

PAULINA — Se vos tivessem dito que ela vivia, certamente riríeis como de uma história antiga; mas que vive é evidente, embora ainda não nos tenha falado. Um momentinho, por obséquio. Formosa senhorita, é tempo de intervirdes. Ajoelhai-vos. Boa senhora, ouvi: nossa Perdita foi encontrada. (*Paulina apresenta Perdita, que se ajoelha diante de Hermíone.*)

HERMÍONE — Ó deuses, contemplai-nos, e de vossas crateras consagradas derramai graças sobre minha filha! Dize-me, cara, como te salvaste? Onde viveste até hoje? De que modo pudeste achar a casa de teu pai? Pois devo te dizer que, tendo ouvido de Paulina que o oráculo nos dera esperança de seres encontrada, deixei-me ficar viva, porque visse como isso acabaria.

PAULINA — Para tanto, tempo haverá de sobra. Do contrário, perturbareis com vossa narrativa a grande dita de hoje. Ora reuni-vos, vós todos que lucrastes neste dia, e aos demais transmiti vossa ventura, enquanto eu, pobre rola envelhecida, subirei para algum mirrado galho, para chorar o esposo que nunca há de retornar para mim, aí deixando-me ficar até morrer.

LEONTES — Oh! não, Paulina! De minha mão receberás marido, como eu de ti a esposa. Isso é um contrato que entre juras firmamos. Devolveste-me a minha. Como a achaste... eis o problema; pois eu a vi, ao parecer, defunta, e em vão rezei em sua sepultura. Não terei precisão de ir muito longe — pois em parte conheço os sentimentos dessa pessoa — para achar um digno marido para ti. Camilo, adianta-te, e pela mão a toma, pois seu mérito e sua honestidade são notórios e por dois reis agora confirmados. Saiamos da capela. Como! Os olhos dirige ao meu irmão. Perdão vos peço, por haver posto meu molesto ciúme entre vossos olhares inocentes. Eis vosso genro, filho de um monarca, que por disposição do céu se torna de vossa filha noivo. Generosa Paulina, leva-nos daqui, para onde possamos com vagar interrogar-nos e responder

sobre o papel que todos representam no intervalo grande que se escoou desde a época remota em que nos separamos. Vai na frente.

(*Saem.*)

Medida por Medida

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

ATO 5

Cena 1

Personagens

VICÊNCIO, Duque.
ÂNGELO, governador durante a ausência do duque.
ESCALO, antigo conselheiro, colega de Ângelo no governo.
CLÁUDIO, jovem gentil-homem.
LÚCIO, tipo folgazão
Dois outros gentis-homens.
VÁRRIO, gentil-homem, servidor do duque.
PREBOSTE.
TOMÁS, monge.
PEDRO, monge.
Um juiz.
ELBOW, oficial de justiça simplório.
FROTH, gentil-homem tolo.
POMPEU, criado de mistress Overdone.
ABHORSON, carrasco.
BERNARDINO, prisioneiro dissoluto.
ISABELA, irmã de Cláudio.
MARIANA, noiva de Ângelo.
JULIETA, noiva de Cláudio.
FRANCISCA, freira.
MISTRESS OVERDONE, alcoviteira.
Senhores, oficiais, cidadãos, um pajem e gente de serviço.

Ato 1

Cena 1

Quarto no palácio do duque. Entram o duque, Escalo, nobres e criados.

DUQUE — Escalo!

ESCALO — Senhor!

DUQUE — Pretender explicar-vos o que sejam princípios do governo, parecera de minha parte apenas falatório carecente de nexo, porque tenho razões para saber que vossa ciência, neste particular, transcende a quanto vos pudesse eu dizer. Resta-me agora, portanto, somente isto para vossa capacidade — sim, que a tendes muita — deixando que ela opere. A natureza de nosso povo, as normas do Direito, como as instituições, desta cidade vos são tão familiares como a quantos de meu conhecimento que a arte e a prática hajam feito notórios. Eis as nossas instruções, que deveis cumprir à risca. Chama, ou melhor, vai logo dizer a Ângelo que venha aqui. (*Sai um criado.*) De que maneira credes que ele substituirá nossa pessoa. Porque, sabei, nossa alma com carinho muito particular o escolheu para ficar em nossa ausência, conferindo-lhe nosso terror, vestindo-o de bondade, provendo-o, como a nosso substituto, de todos os recursos inerentes à nossa força. Que pensais do caso?

ESCALO — Se há alguém em Viena de tamanha graça e tal honra, sem nenhuma dúvida é lorde Ângelo.

DUQUE — Vede-o. Aí vem vindo.

(*Entra Ângelo.*)

ÂNGELO — Como obediente escravo da vontade de Vossa Graça, venho para vosso prazer ficar sabendo.

DUQUE — Ângelo, em tua vida indícios se notam que revelam a quem te examinar, toda tua história. Nem tuas qualidades te pertencem, nem tu próprio a ti mesmo, para a vida gastares só com elas ou as virtudes contigo apenas. Faz o céu conosco como com a luz, que a si não se ilumina. Se nossas qualidades não saíssem de nós, seria à justa como se elas não existissem. Todos os adornos de uma bela alma valem tão-somente por seus nobres efeitos, não cedendo jamais a natureza um só escrópulo de suas excelências, sem que exija para si, como deusa previdente, no jeito dos credores, não só os juros, mas também gratidão. Estou falando a quem conhece bem a natureza de minha situação. Ouve, pois, Ângelo: Sê plenamente Nós em nossa ausência. O castigo e a demência, agora, em Viena, só te pendem do peito e do discurso. O velho Escalo, embora em tudo seja primeiro, é teu segundo. Eis o mandato. (*Entrega-lho.*)

ÂNGELO — Meu bondoso senhor, é conveniente que seja posto o meu metal à prova

antes de ser impressa nele efígie tão grande e nobre.

DUQUE — Nada de evasivas! Depois de reflexão madura e calma foi que vos escolhemos. Vosso título deveis, pois, aceitar. A nossa pressa de partir é tão viva, que somente se vê a si própria, descurando assuntos de qualquer outra espécie. É nosso intento dar-vos notícias, quando concitar-nos a isso o tempo e os negócios, esperando saber o que hajais feito. E agora, adeus. À grata execução ora vos deixo de nossas ordens.

ÂNGELO — Consenti, milorde, que eu vá convosco em parte da viagem.

DUQUE — Minha pressa não o deixa, nem deveis, para honrar-me, preocupar-vos com pontos de honra. Achais-vos apto, agora, para fazer como eu, soltando rédeas à lei, ou retraindo-as à vontade. Dai-me a mão. Vou sair às escondidas. Amo o povo; contudo, não me agrada representar para ele; embora corra tudo bem, não confio em seus aplausos rumorosos e vivas entusiásticos, bem como nego o nome de discreto a quem sói procurá-los. E, ora, adeus.

ÂNGELO — Que o céu dê provimento a vossos planos.

ESCALO — São vos leve e feliz vos traga logo.

DUQUE — Muito obrigado. Adeus. (*Sai.*)

ESCALO — Desejara, senhor, que liberdade me désseis de falar-vos, pois importa perscrutar, até o fundo, o meu encargo. Disponho de poder, mas ainda ignoro sua espécie e extensão.

ÂNGELO — Comigo se dá o mesmo, retiremo-nos, para juntos tratarmos desse ponto, que se há de esclarecer.

ESCALO — Vossa Honra o manda.

(*Saem.*)

Cena 2

Uma rua. Entram Lúcio e dois cavalheiros.

LÚCIO — Se o duque e os demais duques não entrarem em acordo com o rei da Hungria, todos os duques cairão sobre o rei.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Que o céu nos conceda paz a todos, menos a do rei da Hungria.

SEGUNDO CAVALHEIRO — Amém.

LÚCIO — Concluís como o pirata que se fez ao mar com a tábua dos dez mandamentos, mas apagou um deles.

SEGUNDO CAVALHEIRO — "Não roubarás".

LÚCIO — Sim, esse mesmo.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Está visto! Tal mandamento iria obrigar o capitão e seus asseclas a desistirem do ofício, porque eles não se faziam à vela senão para roubar. Assim também nós, soldados; não há um só que aprecie aquela parte da oração do fim das refeições, referente ao pedido de paz.

SEGUNDO CAVALHEIRO — Nunca ouvi nenhum soldado dizer qualquer coisa a esse respeito.

LÚCIO — Acredito, porque nunca estiveste onde se rendem graças.

SEGUNDO CAVALHEIRO — Não? Uma dúzia de vezes, pelo menos; em diferentes tempos.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Em tempos e metros diferentes?

LÚCIO — Sim, em todos os metros e idiomas.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Creio-o bem, e também em todos os credos.

LÚCIO — Por que não? Apesar de todas as controvérsias, a Graça é sempre Graça. Tu, por exemplo, não passas de um refinado tratante, apesar de todas as graças.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Somos pano de uma só peça, separados pela tesoura.

LÚCIO — De acordo, como a ourela é separada do veludo. Tu és a ourela.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — E tu, o veludo; excelente veludo, francês. Falei agora por maneira sensível?

LÚCIO — Creio que sim; sentiste o efeito de tuas próprias palavras. Com o que disseste, vou aprender a beber à tua saúde. Mas enquanto viver, quero esquecer-me de beber depois de ti.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Pelo jeito, ofendi-me a mim mesmo, não é verdade?

SEGUNDO CAVALHEIRO — É certo; quer sofras as conseqüências, quer te mostres livre delas.

LÚCIO — Vede, vede onde vem vindo a senhora. Mitigação! Sob seu teto comprei doenças num total de...

SEGUNDO CAVALHEIRO — De quanto, por favor?

LÚCIO — Adivinhem.

SEGUNDO CAVALHEIRO — De três mil dores por ano.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Suba!

LÚCIO — E mais uma coroa francesa.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Vives a imaginar doenças em mim, mas estás redondamente enganado, porque eu sou são.

LÚCIO — Pode ser, mas esse som não é de saúde; soas como objeto oco, tens os ossos ocos; a impiedade os corroeu.

(*Entra mistress Overdone.*)

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Olá! Em qual das cadeiras a ciática está mais forte?

MRS. OVERDONE — Bem, bem; acabam de deter ali e de meter na grade alguém que vale por cinco mil de vós outros.

SEGUNDO CAVALHEIRO — Quem é ele, por obséquio?

MRS. OVERDONE — Ora essa, Cláudio, signior Cláudio.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — Cláudio preso!? Não é possível.

MRS. OVERDONE — Como não é possível? Tenho certeza do que digo; vi quando o prenderam. Digo mais: dentro de três dias será decapitado.

LÚCIO — Depois de tantas maluquices, desejara que isso não fosse verdade. Tens certeza do que estás dizendo?

MRS. OVERDONE — Certeza absoluta; é por ter engravidado madame Julieta.

LÚCIO — É bem possível, podeis crer-me; há duas horas ele deveria ter-se encontrado comigo; no entanto sempre foi muito pontual.

SEGUNDO CAVALHEIRO — Além disso, como sabeis, essa notícia concorda com o que conversamos.

PRIMEIRO CAVALHEIRO — E, mais do que tudo, com os dizeres da proclamação.

LÚCIO — Vamos! É preciso ver o que há de verdade em tudo isso.

(*Saem Lúcio e os cavalheiros.*)

MRS. OVERDONE — Desse jeito, em parte pela guerra, em parte pelo suor, em parte pela forca e em parte pela miséria, vou perdendo os fregueses.

(*Entra Pompeu.*)

POMPEU — Aquele tal foi preso mesmo.

MRS. OVERDONE — Está bem; mas que fez ele?

POMPEU — Uma mulher.

MRS. OVERDONE — Mas qual foi a ofensa?

POMPEU — Apanhou trutas em um rio particular.

MRS. OVERDONE — Como assim? Deixou com filho alguma donzela?

POMPEU — Não; deixou mulher uma donzela. Não ouvistes falar da proclamação?

MRS. OVERDONE — Que proclamação, homem?

POMPEU — Vão ser demolidas todas as casas de tolerância dos subúrbios de Viena.

MRS. OVERDONE — E o que acontecerá com as da cidade?

POMPEU — Ficam para semente; era para serem também derrubadas, mas um sábio burguês intercedeu a favor delas.

MRS. OVERDONE — Então, vão ser demolidas todas as casas de tolerância dos subúrbios?

POMPEU — Até aos alicerces, mistress.

MRS. OVERDONE — É uma reviravolta completa na república; que vai ser de mim?

POMPEU — Vamos; nada de medo; os, bons conselheiros terão sempre clientes; ainda que venhais a mudar de lugar, não tereis necessidade de mudar de profissão. Continuarei como vosso ajudante. Coragem! Haveis de inspirar compaixão, pois estragastes os olhos no serviço; hão de mostrar consideração convosco.

MRS. OVERDONE — Que fazemos aqui, ajudante Tomás? Retiremo-nos.

POMPEU — Aí vem vindo o signior Cláudio, conduzido para a prisão pelo preboste; e ali vem madame Julieta.

(*Saem.;*)

(*Entram o preboste, Cláudio, Julieta e oficiais.*)

CLÁUDIO — Por que me expões, a todo o mundo? Vamos! Leva-me logo para o cárcere.

PREBOSTE — Não é por mal que o faço; foi lorde Ângelo que me deu instruções nesse sentido.

CLÁUDIO — Desta arte, a semideusa Autoridade nos faz pagar a peso o que pecamos. As palavras do céu: "Se eleito, bem; se rejeitado, bem", são verdadeiras.

(*Voltam Lúcio e os dois cavalheiros.*)

LÚCIO — Por que estás preso, Cláudio? Que foi isso?

CLÁUDIO — Liberdade demais, Lúcio; excessiva. Do mesmo modo que o comer à farta longo jejum engendra, a intemperança nos prazeres nos tolhe a liberdade. Tem sede a Natureza — como os ratos que em seu próprio veneno se comprazem — de algo diabólico; e, ao beber, morremos.

LÚCIO — Se eu fosse capaz de falar com tamanha sabedoria, quando preso, mandaria chamar alguns dos meus credores. Mas ainda assim, para falar franco, prefiro a loucura da liberdade à gravidade da prisão. Qual foi o teu crime, Cláudio?

CLÁUDIO — Falar nisso, será fazer de novo.

LÚCIO — Homicídio, talvez?

CLÁUDIO — Não.

LÚCIO — Luxúria?

CLÁUDIO — Dá-lhe esse nome.

PREBOSTE — Vamos, senhor! Não podeis ficar parado.

CLÁUDIO — Paciência, amigo. Lúcio, uma palavra. (*Leva-o à parte.*)

LÚCIO — Cem, se te forem úteis. É a luxúria castigada a esse ponto?

CLÁUDIO — Eis minha situação: entrei na posse do leito de Julieta após promessa mui sincera. Sabeis quem ela seja: quase minha mulher. Só carecemos de proclamas e de atos exteriores, o que evitamos tão-somente para ver se uma herança obtínhamos que se acha ainda em poder dos seus, dos quais queríamos esconder nossa união até que o tempo trabalhasse por nós. Mas acontece que o segredo de nossa intimidade se acha escrito em Julieta em caracteres visíveis por demais.

LÚCIO — Grávida, acaso?

CLÁUDIO — Infelizmente é isso. E ora esse novo representante do poder do duque, seja por novidade ou ofuscamento, ou por julgar que o Estado é tão-somente um cavalo em que monta o governante, e em que, uma vez na sela, só com o fito de mostrar seu poder, afinca a espora; seja que a Tirania esteja nele ou na própria eminência que o define, não sei dizer. Mas esse novo duque desperta contra mim todas as penas que, como enferrujadas armaduras, pendiam sem proveito há dezenove círculos do zodíaco. Por fama, tão-somente, aplica ele o ato esquecido, ora fresco e desperto, contra minha pessoa. Sim, só visa a fazer nome.

LÚCIO — Posso afirmar-te que é isso mesmo; dessa forma, ficas com a cabeça tão leve sobre os ombros, que uma vendedora de leite, quando apaixonada, a poderia fazer rodar com um simples suspiro. Apela para o duque; manda alguém falar-lhe.

CLÁUDIO — Já o fiz, mas ninguém sabe onde ele se acha. Meu caro Lúcio, faze-me um obséquio: minha irmã deve entrar hoje no claustro para o tempo passar do noviciado. Dize-lhe

em que perigo ora eu me encontro; implora-lhe por mim que arranje amigos junto de tão severo governante, que ela própria o assedie; tenho algumas esperanças, que sua mocidade linguagem muda encerra e irresistível, que os homens emociona. Ela é dotada, também, da arte preciosa, quando quer de palavras valer-se e do discurso, de persuadir o ouvinte.

LÚCIO — Praza a Deus que o consiga, e isso não somente para encoraja mento dos que venham a ficar como tu, sob tão severa coação, como para que aproveites a vida, que me desgostaria saber perdida por maneira tão néscia em um jogo de tique-taque. Vou já procurá-la.

CLÁUDIO — Obrigado, bom Lúcio.

LÚCIO — Dentro de duas horas.

CLÁUDIO — Podemos ir, oficial. Adiante!

(*Saem.*)

Cena 3

Um convento. Entram o duque e frei Tomás.

DUQUE — Não, reverendo padre, afastai esse pensamento; não creiais que o dardo frágil do amor possa furar um peito forte. A razão de eu pedir-vos este asilo secreto abriga intento de aparência mais enrugada e grave do que os alvos e projetos, da ardente mocidade.

FREI TOMAS — Poderá Vossa Graça revelar-mo?

DUQUE — Melhor do que ninguém sabeis, irmão, como sempre apreciei a solitude, dando pouco valor às reuniões em que campeia a mocidade, a pompa e a vã ostentação. Dei a lorde Ângelo — homem de sãos princípios e de vida abstinente — meu posto e a autoridade absoluta aqui em Viena. Ele presume que me encontro a viajar pela Polônia, tal como segredei no ouvido público e como todos crêem. E ora, piedoso senhor, quereis saber por que tudo isso?

FREI TOMAS — De bom grado, milorde.

DUQUE — Possuímos estatutos rigorosos e leis muito severas — brida e freio para corcéis rebeldes — que se encontram dormindo há quatorze anos como velho leão que não deixa a toca pela caça. Dá-se conosco como com esses pais por demais amorosos, que penduram ameaçadoras varas de vidoeiro só para serem vistas pelos filhos; para medo infundir, não para usá-las. Com o tempo, tornam-se essas varas simples causa de zombarias, não de medo. Assim nossos decretos: se estão mortos para serem cumpridos, não têm vida: da justiça a impudência infrene zomba, as crianças dão nas amas, soçobrando, por fim, todo o decoro.

FREI TOMAS — Dependia de Vossa Graça dar a liberdade, quando vos aprouvesse, a essa Justiça tão peada. Mais temível parecera em vós do que em lorde Ângelo.

DUQUE — Temível, receio, em demasia. Tendo sido minha a culpa e o povo desenfrear-se, fora muita dureza castigá-los pelo que permiti que eles fizessem; sim, que é dar permissão deixar que as faltas circulem livremente sem que o mesmo se passe com o castigo. Esse o motivo, meu bom padre, de haver eu delegado a Ângelo meu poder; acobertado por seu nome, pode ele ser severo sem que o menor descrédito recaia sobre minha pessoa. Para vê-lo no exercício do cargo é meu desejo, como irmão de vossa ordem, a um só tempo visitar o regente e o povo miúdo. Peço-vos, pois, me concedais um hábito e me certifiqueis de como devo proceder pessoalmente, para monge parecer de verdade. Mais de espaço vos apresentarei novos motivos que justifiquem mais este meu ato. Agora só vos digo que lorde Ângelo é formal e da inveja se resguarda; mal confessa que o sangue nele corre e que o pão lhe é mais grato do que pedra. Vamos ver se o poder perverte o intento dos homens e o que em nós é fingimento.

(*Saem.*)

Cena 4

Um convento de freiras. Entram Isabela e Francisca.

ISABELA — Vós, freiras, não gozais de outros direitos?

FRANCISCA — Não bastam os que temos?

ISABELA — Sim, de fato; não digo isso querendo que fossem mais, senão pelo desejo de que seja realmente bem severa a disciplina da ordem das devotas de Santa Clara.

LÚCIO (*dentro*) — A paz reine aqui dentro!

ISABELA — Quem é que está chamando?

FRANCISCA — A voz é de homem. Virai, cara Isabela, a chave e vede o que ele quer. Podeis fazê-lo, eu não; ainda não professastes. Pronunciados os votos, ser-vos-á também defeso falar com homens, salvo na presença da prioresa, e assim mesmo sem que o rosto vos vejam, sem o que não falareis. Ei-lo a chamar de novo; ide atendê-lo. (*Sai.*)

ISABELA — Paz e prosperidade. Quem nos chama?

(*Entra Lúcio.*)

LÚCIO — Saúde, virgem, se é que o sois; as rosas do rosto, pelo menos, vos proclamam como tal. Poder-me-eis servir de auxílio, levando-me à presença de Isabela, noviça do convento e irmã graciosa de Cláudio, seu irmão tão desgraçado?

ISABELA — Por que, pergunto, irmão tão desgraçado? Tanto mais que é forçoso revelar-vos, que eu sou essa Isabela, irmã de Cláudia.

LÚCIO — Gentil, beldade, vosso irmão vos manda muitos saudares. Para não cansar-vos direi que ele está preso.

ISABELA — Oh Deus! E a causa?

LÚCIO — Por algo que, se juiz eu próprio fosse, em lugar de castigo lhe daria parabéns efusivos: sua amada está grávida dele.

ISABELA — É conveniente, senhor, não prosseguir.

LÚCIO — Falo verdade. Muito embora eu tenha o hábito esquisito de com as jovens brincar, tal como o abibe, divorciada da língua o coração, agora falo sério. Considero-vos algo celeste sacro que a renúncia do mundo imortaliza e a quem nos cumpre falar sempre veraz como a uma santa.

ISABELA — Se for burla, insultais o próprio bem.

LÚCIO — Não penseis em tal coisa. Para ser-vos sincero e dizer tudo sem rodeios: vosso irmão e sua amada se abraçaram. Da mesma forma que os que comem se enchem, e que a própria estação faz que da terra nua e semeada surja ampla colheita: revela-lhe ora o ventre avolumado que o lavrador ali foi cuidadoso.

ISABELA — Será a prima Julieta que está grávida?

LÚCIO — É vossa prima?

ISABELA — De adoção; trocamos os nomes, no colégio, por brinquedo, que amizade reflete, aliás, sincera.

LÚCIO — Pois é ela mesma.

ISABELA — Então que ele a despose.

LÚCIO — É aí que bate o ponto. O duque se acha viajando por maneira assaz abstrusa, tendo deixado muitos gentis-homens, entre os quais eu, burlados na esperança de um lugar. Mas soubemos por pessoas enfronhadas nas tricas do governo que seu pretexto se acha em infinita distância do motivo verdadeiro. Revestido de toda a autoridade, em seu lugar se encontra o senhor Ângelo, sujeito que tem neve derretida nas veias, que jamais sentiu as vívidas picadas dos sentidos, e que o fio da natureza embota com proventos espirituais, jejuns e disciplina. Para medo infundir nos maus costumes que há muito puxam pela lei, tal como fazem ao leão os ratos, um edito ele desenterrou sob cujo peso vosso irmão perde a vida. Esse o motivo de o ter ele prendido, no que segue mui de perto o rigor dos estatutos, para servir de exemplo. Não subsiste mais esperança, a menos que vos seja possível abrandar o senhor Ângelo com belas orações. O núcleo aí tendes do que entre mim e vosso irmão se deu.

ISABELA — Tão sedento se mostra de sua vida?

LÚCIO — Já foi lida a sentença; creio que a ordem de execução já se acha com o preboste.

ISABELA — Ai! Que recursos posso eu ter, acaso, para favorecê-lo?

LÚCIO — Ponde à prova vosso poder.

ISABELA — O meu poder? Duvido...

LÚCIO — Não passam de traidores nossas dúvidas, que nos privam, por vezes, do que fora nosso, se não tivéssemos receio de tentá-lo. Ide em busca de lorde Ângelo e ensinai-lhe que quando as virgens pedem, os homens, como deuses, não recusam; mas que quando, entre lágrimas, se ajoelham, quanto impetram é tão naturalmente delas, como o que há muito já possuem.

ISABELA — Vou ver o que é possível.

LÚCIO — Mas depressa.

ISABELA — Vou já cuidar do assunto; só demoro o tempo necessário para à madre

contar o que se passa. Agradecida. Recomendai-me a meu irmão; à noite lhe mandarei notícias do meu êxito.

LÚCIO — Com permissão!

ISABELA — Meus, meu bom senhor.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Uma sala na casa de Ângelo. Entram Ângelo, Escalo, um juiz, o preboste, oficiais de justiça e empregados.

ÂNGELO — Para pôr medo às aves de rapina não podemos fazer um espantalho da lei, com a mesma forma sempre; acabam transformando-a em poleiro, sem receio mais revelarem.

ESCALO — Mas é preferível sermos agudos e cortarmos pouco, a provocarmos queda e esmagamento. Esse moço, coitado, que eu salvara, se pudesse, é de estirpe mui distinta. Reflita Vossa Graça, que em tudo se revela escrupuloso, se não fora possível, no entrechoque das paixões, em havendo ensejo disso, sobre favorecer-vos os desejos o lugar e o momento, não faltando nada para que o sangue o alvo alcançasse de seus anelos — se não fora, digo, possível que uma vez na vida, ao menos, lhe assacais, sobre vós, assim, chamando viésseis a cometer o crime que ora todo o rigor da lei.

ÂNGELO — Mas uma coisa, Escalo, é ser tentado, outra é cair. Não nego que é possível haver no júri, convocado para julgar um criminoso, sobre doze jurados um ou dois ladrões de culpa maior do que a do preso. Só o que é visto é que cai sob a alçada da Justiça. Que sabe a lei das leis que os ladrões fazem para a outros condenar? É muito claro: ao encontrarmos uma jóia, logo nos abaixamos; fora por nós vista. Mas passamos por cima da que os olhos não nos fere, sem nem pensar no fato. Não deveis os delitos atenuar-lhe, alegando meus erros. Dizei-me, antes, que se vier a se dar que eu, que o condeno, cometa crime igual, minha sentença com este julgamento está passada, sem que ninguém se meta de permeio. É preciso, senhor, que ele pereça.

ESCALO — Vossa Sabedoria, pois, decida.

ÂNGELO — Onde se acha o preboste?

PREBOSTE — Aqui, senhor.

ÂNGELO — Providenciai para que Cláudio seja às nove da manhã executado. Trazei-lhe confessor; que se prepare, pois o termo da viagem se aproxima.

(*Sai o preboste.*)

ESCALO — Que lhe perdoe o céu, como a nós todos! Uns sobem pelos crimes; outros caem pela virtude. Alguns impunemente vivem sempre, nos vícios atolados, outros por uma falta são julgados.

(*Entram Elbow com oficiais de justiça, Froth e Pompeu.*)

ELBOW — Vamos, fazei-os avançar! Se são pessoas de bem na comunidade as que não fazem mais do que cometer abusos nas casas públicas, não sei o que seja lei. Vamos, fazei-os avançar!

ÂNGELO — Então, senhor! Como vos chamais? Que é que há?

ELBOW — Com licença de Vossa Honra, eu sou o aguazil do pobre duque. Meu nome é Elbow; apoio-me na justiça, senhor, e apresento agora a Vossa Honra dois notórios benfeitores.

ÂNGELO — Benfeitores? Muito bem; que espécie de benfeitores? Não serão, acaso, malfeitores?

ELBOW — Com licença de Vossa Honra, não sei bem o que eles sejam; mas o de que não tenho a menor dúvida é de que são dois velhacos de marca, destituídos de toda profanação própria dos bons cristãos.

ESCALO — Ótimo! Vê-se logo que se trata de um excelente servidor da Justiça.

ÂNGELO — Continuai. Que espécie de gente é essa? Chamais-vos Elbow? Por que não falais, Elbow?

POMPEU — Não pode fazê-lo, senhor; está fora de forma.

ÂNGELO — E vós que sois?

ELBOW — Ele, senhor? Moço de taberna, meio alcoviteiro, empregado de uma mulher ruim, cuja casa, senhor, foi, como se diz, demolida nos subúrbios e que é dona agora de uma casa de banhos, que, a meu ver, é também uma péssima casa.

ESCALO — Como ficastes sabendo isso?

ELBOW — Minha mulher, senhor, que eu detesto na face do céu e de Vossa Senhoria...

ESCALO — Como! Tua mulher?

ELBOW — Sim, senhor, e que, graças a Deus, é uma mulher honesta.

ESCALO — E por isso a detestas?

ELBOW — Digo, senhor, que me detesto tanto quanto a ela, que, se essa casa não for casa de alcovitice, dá lástima de sua vida, porque é casa de má fama.

ESCALO — Como o sabes, aguazil?

ELBOW — Ora, por minha mulher, senhor, que se fosse mulher cardinal, poderia ser acusada de adultério e de toda sorte de imundícies.

ESCALO — E tudo por intermédio de outra mulher?

ELBOW — Sim, senhor; por intermédio de mistress Overdone, que insultou a este aqui, cuspindo-lhe no rosto.

POMPEU — Senhor, com licença de Vossa Senhoria, não é verdade.

ELBOW — Prova-o diante destes velhacos, homem de bem, prova-o.

ESCALO (*a Ângelo*) — Vedes como ele troca tudo?

POMPEU — Senhor, ela ficou grávida e, com respeito de Vossa Senhoria, desejou comer ameixa cozida. Ora, senhor, nós só tínhamos duas em casa, que nessa época longínqua se achava, por assim dizer, em um prato de frutas, que podia valer três pences. Vossa Honra conhece esses pratos; não são pratos da China, mas são pratos muito bons.

ESCALO — Prossegui! Prossegui! Que há de tão importante nesse prato?

POMPEU — Realmente, não há nada, senhor, nem um alfinete; tendes razão, senhor. Mas voltemos ao que importa. Como disse, essa mistress Elbow estando, como disse, grávida, com o ventre crescido, e desejando, como disse, comer ameixas, e como não havia mais do que duas no prato, como disse, porque mestre Froth aqui presente, em pessoa, comera o resto, como disse, e, como digo, tendo pago com toda a honestidade, porque como deveis estar lembrado, mestre Froth, não pude devolver-vos os três pences...

FROTH — É certo, não o pudestes.

POMPEU — Muito bem; nesse momento, se bem vos recordais, estáveis quebrando os caroços das ditas ameixas.

FROTH — Justamente; é o que eu estava fazendo.

POMPEU — É isso mesmo; e eu vos dizia, se bem vos recordais, que fulano e sicrano nunca poderiam ficar curados daquilo que bem sabeis, a menos que observassem rigorosa dieta, como vos disse...

FROTH — Tudo isso é verdade.

POMPEU — Pois muito bem.

ESCALO — Sois um caceteador de marca; entremos logo na matéria. Que foi que fizeram à mulher de Elbow, para haver motivo de queixa? Cheguemos logo ao que lhe fizeram.

POMPEU — Senhor, Vossa Honra não pode chegar até lá.

ESCALO — Não senhor; nem era essa a minha intenção.

POMPEU — Mas podeis chegar até lá, senhor, com licença de vossa Honra. E eu vos rogo, senhor, que olheis bem para mestre Froth, aqui presente, pessoa que conta com renda de oitenta libras anuais e cujo pai faleceu no dia de Todos os Santos. Não foi no dia de Todos os Santos, mestre Froth?

FROTH — Na véspera do dia de Todos os Santos.

POMPEU — Então, muito bem; o meu desejo é que a verdade apareça. E ele, senhor, se achava sentado, como disse, em um barquinha, senhor; e isso se passava na sala dos cachos de uva, onde vos agrada sentar, não é verdade?

FROTH — Agrada-me, sim, por ser aberta e muito boa para o inverno.

POMPEU — Pois muito bem; o meu desejo é que a verdade apareça.

ÂNGELO — Isso vai durar mais do que uma noite da Rússia, quando as noites são mais

longas. Vou-me embora, deixando-vos o encargo de ouvi-los, com a esperança de que todos dêem motivo de serem chibateados.

ESCALO — É o que eu espero. Bom-dia para Vossa Excelência. (*Sai Ângelo.*) Afinal, senhor, o que foi que aconteceu com a mulher de Elbow, uma vez mais?

POMPEU — Uma vez mais, senhor? Nada lhe fizeram uma vez.

ELBOW — Rogo-vos, senhor, que pergunteis a este homem o que ele fez à minha mulher.

POMPEU — Suplico a Vossa Honra que me faça essa pergunta.

ESCALO — Muito bem, senhor; que foi o que este cavalheiro lhe fez?

POMPEU — Peço-vos, senhor, que olheis no rosto deste cavalheiro. Bom mestre Froth, olhai para Sua Honra; é com boa intenção. Vossa Honra está vendo o rosto dele?

ESCALO — Sim, senhor; perfeitamente.

POMPEU — Observai-o bem, por obséquio.

ESCALO — É o que estou fazendo.

POMPEU — Enxerga Vossa Honra em suas feições alguma coisa de ruim?

ESCALO — Nada.

POMPEU — Pois eu seria capaz de supor sobre a Bíblia que o rosto é o que ele tem de pior. Pois bem: se o que ele tem de pior é o rosto, como poderia mestre Froth causar alguma ofensa à mulher do aguazil? É o que eu desejara que Vossa Honra me explicasse.

ESCALO — Tendes razão. Que dizeis a isso, aguazil?

ELBOW — Em primeiro lugar, se não for do vosso desagrado, a casa é uma casa de respeito; depois, ele é um companheiro respeitado, e sua mulher, também, é uma mulher de respeito.

POMPEU — Por esta mão, senhor, a mulher dele é mais respeitada do que todos nós.

ELBOW — Isso é mentira, lacaio! Isso é mentira, lacaio de um figa! Ainda está para vir o tempo em que ela seja respeitada como homem, mulher e criança.

POMPEU — Senhor, ela foi respeitada com ele, antes de ele a desposar.

ESCALO — Quem revelará mais senso: a Justiça ou a Iniqüidade? Será possível?

ELBOW — Ó miserável! Ó lacaio! Ó Aníbal de uma figa! Eu, respeitado com ela antes do casamento? Se alguma vez eu fui respeitado com ela, ou ela comigo, quero que Vossa Excelência não me considere mais oficial de justiça do pobre duque. Prova o que disseste, Aníbal de uma figa; do contrário tentarei contra ti uma ação por vias de fato.

ESCALO — E no caso de vos dar ele uma bofetada, poderíeis intentar-lhe uma ação por injúria.

ELBOW — E isso; agradeço a Vossa Excelência. Que deseja Vossa Excelência que eu faça com este biltre miserável?

ESCALO — Realmente, oficial, visto haver ele cometido alguma infração que tu descobririas se pudesses, que continue até conseguires saber qual seja ela.

ELBOW — É isso mesmo; agradeço o conselho de Vossa Excelência. Estás vendo, lacaio de uma figa, o que foste chamar contra ti? Tens de continuar, velhaco, tens de continuar.

ESCALO — Onde nasceste, amigo?

FROTH — Aqui em Viena, senhor.

ESCALO — Tens oitenta libras de renda?

FROTH — Sim, se for do vosso agrado, senhor.

ESCALO — Está bem. (*A Pompeu*) — Qual é o vosso ofício, senhor?

POMPEU — Caixeiro de taberna; empregado de uma pobre viúva.

ESCALO — Como se chama vossa patroa?

POMPEU — Mistress Overdone.

ESCALO — Teve ela mais de um marido?

POMPEU — Nove, senhor; depois de Overdone ela ficou queimada.

ESCALO — Nove! Vinde cá, mestre Froth. Mestre Froth, desejara que não fizésseis amizade com caixeiros de taberna. Eles vos limparão, mestre Froth, e vós os levareis à forca. Podeis ir, e que não me chegue aos ouvidos nada mais a vosso respeito.

FROTH — Agradeço a Vossa Excelência. Por minha parte, nunca entro em uma taberna, sem ficar limpo de todo.

ESCALO — Muito bem; pois não ides mais a nenhuma, mestre Froth; passai bem. (*Sai Froth.*) Vinde cá, mestre caixeiro; como vos chamais, mestre caixeiro?

POMPEU — Pompeu.

ESCALO — Que mais?

POMPEU — Traseiro, senhor.

ESCALO — Realmente, o traseiro é o que tendes de maior; de forma que, no mais grosseiro sentido da palavra, poderíeis ser chamado de Pompeu, o Grande. Pompeu, tu és em parte alcaiote, Pompeu, apesar de colorirdes a coisa com esse negócio de caixeiro de taberna, não é verdade? Vamos, dizei-me a verdade, que assim vos será mais proveitoso.

POMPEU — Para ser sincero, senhor, eu sou um pobre homem que precisa viver.

ESCALO — E como quereis viver, Pompeu? Como alcoviteiro? Que pensais da profissão, Pompeu? Parece-vos uma profissão legal?

POMPEU — Se a lei o permitir, senhor, é legal.

ESCALO — Mas a lei não o permite, Pompeu, nem o permitirá jamais em Viena.

POMPEU — Tenciona Vossa Excelência castrar e mutilar todos os moços da cidade?

ESCALO — Não, Pompeu.

POMPEU — Nesse caso, senhor, na minha modesta opinião, eles não deixarão de ir lá. Se Vossa Excelência tomar providências contra as meretrizes e os maus sujeitos, nada haverá a temer dos alcaiotes.

ESCALO — São muito lindas as providências em perspectiva, é o que vos digo: tudo se resume em enforcar e decapitar.

POMPEU — Se só pelo prazo de dez anos enforcardes e decapitardes todos os que prevaricarem nesse sentido, podereis calmamente publicar um edito para arranjar mais cabeças. Se essa lei for posta em execução em Viena durante dez anos, alugarei a mais bela casa da cidade à razão de três pences por buraco. Se acaso viverdes o bastante para ver esse estado de coisas, dizei que Pompeu já vos havia predito isso mesmo.

ESCALO — Muito obrigado, meu bom Pompeu; e agora, como retribuição dessa profecia, ouvi o que passo a dizer-vos: aconselho-vos a não comparecerdes mais à minha presença, por motivo nenhum; sim, nem mesmo por morardes onde morais. Caso contrário, Pompeu, como um César ruim vos levarei de vencida até á vossa tenda; ou por outra, Pompeu, e em termos mais compreensíveis: mandar-vos-ei chicotear. Por isso, Pompeu, passai bem desta vez.

POMPEU — Agradeço o bom conselho de "Vossa Excelência". (*À parte*) — Mas pretendo segui-lo como a carne e a fortuna melhor o determinarem. Chicote é para burro; um forte peito não fica amedrontado desse jeito. (*Sai.*)

ESCALO — Vinde cá, mestre Elbow; vinde cá, mestre aguazil. Há quanto tempo exerceis esse cargo de aguazil?

ELBOW — Há sete anos e meio, senhor.

ESCALO — A julgar por vossa proficiência no ofício, pensei que o exercíeis há mais tempo. Sete anos seguidos, foi o que dissestes?

ELBOW — E meio, senhor.

ESCALO — Que pena! Quantos incômodos deveis ter sofrido! É uma injustiça muito grande obrigar-vos a servir com tanta assiduidade. Não há ninguém no vosso bairro capaz de desempenhar essas funções?

ELBOW — Por minha fé, senhor, há muito pouca gente com capacidade para essas coisas. Os que são escolhidos se contentam em indicar-me para substituí-los; enquanto a mim, concordo com a troca por algumas moedas e faço o serviço de todos.

ESCALO — Pois tratai de trazer-me o nome de seis ou sete pessoas, das mais capazes de vossa paróquia.

ELBOW — À casa de Vossa Excelência, senhor?

ESCALO — Sim, à minha casa. Passai bem. (*Sai Elbow.*) Que horas pensais que já sejam?

JUIZ — Onze, senhor.

ESCALO — Convido-vos para almoçar comigo.

JUIZ — Agradeço-vos humildemente.

ESCALO — O destino de Cláudio me entristece; mas não vejo remédio.

JUIZ — Lorde Ângelo é severo.

ESCALO — É necessário; a clemência freqüente, desmerece; do perdão o delito nasce e cresce. Contudo, pobre Cláudio! que remédio! Vamos, senhor.

(*Saem.*)

Cena 2

Outro quarto da mesma casa. Entram o preboste e um criado.

CRIADO — Ele está dando audiência; não demora. Vou anunciar-vos.

PREBOSTE — Fazei-o. (*Sai o criado.*) Quero apenas saber que ordens me dá. Cederá, acaso? Mísero Cláudio! Errou como que em sonhos; todas as classes, todas as idades esse vício recendem, e há de ele, agora, morrer por causa disso?

(*Entra Ângelo.*)

ÂNGELO — Então, preboste, que acontece?

PREBOSTE — Quereis que Cláudio morra, de fato, amanhã cedo?

ÂNGELO — Já não disse que sim? Não recebeste ordens precisas? Por que, então, perguntar?

PREBOSTE — Pelo receio de ser precipitado. Não seja isso motivo de censura, mas já tenho visto a Justiça arrepender-se logo depois do julgamento.

ÂNGELO — Toca! Deixa por minha conta o mais, ou te demitas, que nisto bem podemos dispensar-te.

PREBOSTE — Vossa honra me perdoe, mas que faremos com a gemente Julieta? Já está prestes a dar à luz.

ÂNGELO — Remove-a para sítio mais conveniente, e que isso não demore.

(*Volta o criado.*)

CRIADO — Aí se acha a irmã do réu, que quer licença para falar-vos.

ÂNGELO — Ele tem irmã?

PREBOSTE — Sim, meu bom lorde, uma virtuosa jovem que está para ser freira, se é que os votos já não prestou.

ÂNGELO — Bem, bem; introduzi-a. (*Sai o criado.*) Fica a vosso cuidado a remoção dessa fornicadora; dai-lhe apenas o necessário; nada de supérfluo. Sobre isso hei de avisar-vos.

(*Entram Isabela e Lúcio.*)

PREBOSTE — Deus vos guarde. (*Faz menção de retirar-se.*)

ÂNGELO — Esperai mais um pouco. (*Para Isabela*) Sois bem-vinda. Que desejais?

ISABELA — Como impetrante aflita Vossa Honra ora eu procuro, desejando que me deis

atenção.

ÂNGELO — Que pretendeis?

ISABELA — Há um vício que aborreço mais que todos e que quisera ver sempre punido; não desejara interceder por ele, mas agora é preciso. Sim, de fato, não desejara interceder por ele, mas em minha alma trava-se um conflito entre o querer e o não querer.

ÂNGELO — E o assunto?

ISABELA — Meu irmão se acha à morte condenado; que o seja, vos suplico, a sua falta, não ele.

PREBOSTE (*à parte*) — O céu permita que consigas abalá-lo!

ÂNGELO — Punir o crime, apenas, sem punir o culpado? Condenadas já estão todas as faltas antes mesmo de cometidas. Meu papel seria simplesmente risível, se tratasse de castigar os crimes cujas penas se acham previstas, mas deixasse impunes os infratores.

ISABELA — Já não tenho irmão, nesse caso. Que o céu guarde Vossa Honra. (*Faz menção de retirar-se.*)

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — Não desistais assim depressa! À carga novamente! Assediai-o; ide ajoelhar-vos diante dele; as vestes sacudi-lhe. Fostes fria demais; se desejásseis um alfinete apenas, não teríeis recorrido a linguagem menos viva. À carga novamente!

ISABELA — É necessário, pois, que ele morra?

ÂNGELO — É inevitável, jovem.

ISABELA — Sim, mas perdoar-lhe, certo, poderíeis sem ofensa nenhuma ao céu e aos homens.

ÂNGELO — Não o farei.

ISABELA — Mas poderíeis, caso o quisésseis?

ÂNGELO — Sabei que o que eu não quero fazer, também não o posso.

ISABELA — Poderíeis perdoar-lhe sem ofensa alguma ao mundo, no caso de abrigardes sentimentos no peito iguais aos meus.

ÂNGELO — É muito tarde; já se acha sentenciado.

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — Com essa frieza!

ISABELA — Muito tarde! Por quê? Eu que enuncio uma palavra, posso revocá-la. Acreditai: nem todas as insígnias da grandeza, a coroa dos monarcas, a espada do comando, a toga austera do juiz, o bastão do marechal, ornam jamais nem por metade aos donos, como o faz a demência. Fosse ele como vós e vós como ele, como ele escorregáreis; mas no caso de ele ser vós, não fora tão severo.

ÂNGELO — Por favor, retirai-vos.

ISABELA — Desejara, por Deus! ter vossa força, e que Isabela fôsseis vós. Terminara tudo assim? Não; que eu vos mostraria o que é ser juiz e o que é ser prisioneiro.

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — Isso! Tocai-lhe! Essa é a linguagem própria.

ÂNGELO — Vosso irmão se encontra sob a ação da lei; por isso, malgastais as palavras.

ISABELA — Ai de mim! Todas as almas, no passado, estavam condenadas também; mas o que tinha poder para puni-las soube dar-lhes remédio. Onde estaríeis se Ele, acaso, que é o supremo Juiz, fosse julgar-vos pelo que sois apenas? Pensai nisso, e a Clemência da boca há de brotar-vos, como do primeiro homem.

ÂNGELO — Resignai-vos, bela menina, mas é a lei que pune vosso irmão, não sou eu. Fosse ele, embora, meu parente, irmão, filho, pouco importa: morreria amanhã.

ISABELA — Amanhã! Tão depressa! Ele não se acha preparado! Poupai-o! Até nas nossas cozinhas escolhemos a estação para matar as aves. Mostraremos ao céu menos respeito do que à nossa grosseria? Bom lorde, meu bom lorde, refleti, por favor. Quem, até hoje, morreu já por tal crime? No entretanto, muitos o cometeram.

LÚCIO (*à parte, para Isabela*) — Oh! bem dito.

ÂNGELO — A lei não estava morta, a lei apenas cochilava. Esses muitos não teriam praticado, sem dúvida, o delito, se o primeiro a infringi-la houvesse logo expiado a culpa. Agora está acordada, observa quanto passa e, qual profeta, vê num espelho os crimes do futuro, quer novos, quer gerados por desleixo. E assim, quase no ponto de crescerem, não deixam sucessores, mas esfazem-se antes de terem vida.

ISABELA — Sem embargo, dai mostras de piedade.

ÂNGELO — É o que faço, ao dar mostras de justiça, pois revelo piedade para aqueles que eu não conheço e que viriam, certo, a sofrer por um crime não punido, sobre ser com o culpado apenas justo, pois expiando ele a culpa, não tem tempo de cometer mais crimes. Conformai-vos; vosso irmão morrerá; paras com as queixas.

ISABELA — Sereis, pois, o primeiro a aplicar esta sentença e ele a cumpri-la. É grande coisa ter de um gigante a força, mas é bárbaro, como gigante, usá-la.

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — Foi bem dito.

ISABELA — Se os grandes trovejassem como Jove, de paz o próprio Jove carecera, pois qualquer petimetre ou funcionário de segunda ordem lhe encheria o céu de trovões, só trovões. Deus compassivo! Com teu raio mortífero e sulfúreo preferes abater o altivo tronco do carvalho a tocar no doce mirto. Mas o homem. o homem cheio de orgulho, revestido de autoridade mínima, ignorando quanto julga saber: sua essência frágil, qual sanhoso macaco tais momices representa ante o céu, que os próprios anjos choram de vê-lo. Mas, tivessem estes nosso temperamento e fora certo rirem como mortais.

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — A ele, donzela! Já se abranda; percebo que já cede.

PREBOSTE (*à parte*) — Praza ao céu que ela possa comovê-lo!

ISABELA — Não podemos medir nossos vizinhos pela nossa bitola; os poderosos riem das coisas santas; o que neles é espírito, não passa de disforme profanação nos outros.

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — Estás certa, menina; continua.

ISABELA — O que no capitão é uma palavra colérica, é blasfêmia no soldado.

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — Tens experiência disso? Continua.

ÂNGELO — Por que me interpelais com tais conceitos?

ISABELA — Porque conquanto possa a autoridade errar como os demais, encerra em sua natureza o remédio que a ferida faz sarar logo. Ao peito recolhei-vos; batei no coração para inquirirdes se ele conhece acaso alguma falta como a de meu irmão. Confessando ele qualquer deslize natural como esse, não vos transmita à boca pensamento nenhum à vida dele atentatório.

ÂNGELO (*à parte*) — Fala com tal bom senso, que os sentidos, concordes, me desperta. (*Alto*) — Passai bem.

ISABELA — Ficai, meu gentil lorde.

ÂNGELO — Vou refletir; voltai amanhã cedo.

ISABELA — Ouvi como eu vos peito; meu bom lorde, retomai.

ÂNGELO — Como assim! Quereis peitar-me?

ISABELA — Sim, com dons que à mão-cheia o céu vos dêem.

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — De outra forma estragaras o discurso.

ISABELA — Não com siclos abjetos de ouro puro, nem com pedras que podem ser preciosas ou pobres, como as julgue a fantasia, mas com sinceras preces, dirigidas ao firmamento, que hão de ao seu destino chegar antes de o sol nascer, com preces enunciadas por virgens de almas puras votadas ao jejum, e a quem não turbam cuidados temporais.

ÂNGELO — Vinde falar-me amanhã.

LÚCIO (*à parte, a Isabela*) — É bastante; retiremo-nos.

ISABELA — Deus proteja Vossa Honra.

ÂNGELO (*à parte*) — Amém, pois me acho, por este andar das coisas, no caminho da tentação cortado pelas preces.

ISABELA — A que horas amanhã Vossa Grandeza pretende receber-me?

ÂNGELO — A qualquer hora antes do meio-dia.

ISABELA — Deus vos guarde!

(*Saem Isabela, Lúcio e o preboste.*)

ÂNGELO — De ti, de tua virtude, justamente. Que é isto? Que acontece? É ela a culpada? Serei eu? O tentado ou a tentadora, qual dos dois peca mais? Ah! Não é ela; não quer tentar-me; eu sim, que em pleno sol, ao lado da violeta, não faço como as flores, mas no jeito da

carniça corrompo a estação boa. Poderá dar-se o caso de a modéstia deturpar os sentidos mais depressa do que pode fazê-lo a leviandade? Sobrando-nos espaço, desejamos demolir o santuário para nossa abjeção aí plantar? Que coisa ignóbil! Que és agora, Ângelo, ou melhor, que fazes? Queres vê-la enfeada justamente no que a embeleza? A vida ao irmão concede; quando os juízes roubam, têm licença de roubar os ladrões. Como! Amá-la-ei, para assim desejar vê-la de novo, de deleitar-me ouvindo-a? Estou sonhando? Ó inimigo astucioso, atrais os santos com isca de outros santos! A mais grave tentação é a que incita para o crime por amor à virtude. A prostituta, com a dupla força que a arte e a natureza lhe conferem, jamais pôde abalar-me; mas agora me sinto dominado por esta jovem pura. Até este instante, só para rir do amor era eu constante. (*Sai*.)

Cena 3

Um quarto na prisão. Entram o duque, disfarçado de monge, e o preboste.

DUQUE — Deus vos guarde, preboste; não sois ele?

PREBOSTE — Ele mesmo. E vós, monge, que quereis?

DUQUE — Trazido pelo amor cristão e os sacros deveres de minha ordem, venho as almas aflitas visitar. Como é costume nesses casos, deixai-me conversá-las e informai-me da espécie de delitos de cada uma, que a todas eu socorra com mais proveito.

PREBOSTE — Mais faria, se fosse necessário. Eis uma prisioneira, moça nobre, que às rajadas da própria mocidade comprometeu o nome. Acha-se grávida, e condenado à morte o responsável, moço, decerto, feito mais para outro delito cometer do que para esse pagar com a vida.

(*Entra Julieta.*)

DUQUE — Quando é a execução?

PREBOSTE — Amanhã, penso. (*A Julieta*) — Já arranjei tudo; mais alguns momentos e sereis removida.

DUQUE — Arrependeis-vos, jovem, dessa falta?

JULIETA — Sim, e sofro a vergonha resignada.

DUQUE — Ides fazer exame de consciência para eu saber se sois mesmo sincera, ou se o arrependimento é pouco sólido.

JULIETA — Alegremente o aceito.

DUQUE — Amais a esse homem que ofensa vos causou?

JULIETA — Do mesmo modo que amo a mulher que ofensa lhe causou.

DUQUE — Parece, pois, que a falta condenável foi praticada de comum acordo?

JULIETA — Sim, de comum acordo.

DUQUE — Nesse caso, vosso pecado é bem maior que o dele.

JULIETA — Sim, meu padre; confesso-o e me arrependo.

DUQUE — Está bem, minha filha; mas não seja esse arrependimento motivado pela desonra, apenas, que sofrestes; nada terá o céu que ver com esse sentimento, que a nós, somente, alcança, sobre vir demonstrar que se evitamos causar ofensa a Deus, nada influi nisso o amor

que lhe devemos, mas o medo.

JULIETA — Arrependo-me como pecadora e aceito as conseqüências do meu ato.

DUQUE — Continuai assim. Conforme soube, deve amanhã morrer o vosso cúmplice, a quem vou visitar neste momento a fim de prepará-lo. A Graça seja convosco. Benedicite. (*Sai.*)

JULIETA — Deve amanhã morrer! Oh amor infame, que uma vida me deixa, cuja essência não passa de uma morte lenta e horrível!

PREBOSTE — Coitado! Tenho tanta pena dele!

(*Saem.*)

Cena 4

Um quarto em casa de Ângelo. Entra Ângelo.

ÂNGELO — Quando quero pensar em qualquer coisa ao rezar, faço-o sempre distraído; sobem ao céu palavras desconexas, ao passo que a memória, surda à língua, ancora em Isabela. Tenho o nome do céu na boca, como se o mascasse sem parar, e no peito o avassalante veneno de meus planos. Até agora fiz do Estado o meu livro — belo livro! — que à força de ser lido já se torna monótono e tedioso. Este meu cargo, de que tanto me orgulho — que não me ouça ninguém! — eu o trocara com vantagem por uma pluma ociosa, que vagueasse tocada pelo vento! Ó posição! Quantas vezes apenas com teu hábito fazes tremer os tolos e acorrentas em tua falsa aparência os próprios sábios! Sangue, tu és sempre sangue; se a divisa "Anjo bom" nós gravássemos no chifre do demônio, de nada lhe servira. (*Entra um criado.*) Que é que há? Quem está aí?

CRIADO — A irmã Isabela, que deseja falar-vos.

ÂNGELO — Faze-a entrar (*Sai o criado.*) Oh céus! Por que me aflui ao coração o sangue deixando-o quase morto e, ao mesmo tempo, privando os demais órgãos de seus meios de ação? É assim que faz a multidão sem tino com alguém que desmaia; correm todos em seu auxílio e o privam justamente do ar de que mais precisa. O mesmo fazem os súditos de um rei estremecido: saem dos seus lugares e com mostras de amizade obsequiosa, junto dele de tal modo se postam, que sua estúpida afeição grande incômodo lhe causa. (*Entra Isabel.*) Então, bela menina?

ISABELA — Vim para ouvir a vossa decisão.

ÂNGELO — Quisera que a soubésseis, omitindo essa pergunta. Cláudio vai morrer.

ISABELA — Está bem; que o céu guarde Vossa Honra.

ÂNGELO — Poderia viver — quem sabe? — tanto quanto eu ou vós. No entanto, é necessário que morra.

ISABELA — Porque vós o sentenciastes?

ÂNGELO — Sim.

ISABELA — Dizei-me, por obséquio, o dia exato, para que nesse prazo, longo ou curto, fique ele em condições de salvar a alma.

ÂNGELO — Esses vícios imundos! Fora o mesmo perdoar a quem um ser já feito rouba à Natureza, e dar de mãos às rédeas da luxúria que faz cunhar a imagem do céu, quando proibida. Uma existência legítima destruir por meios falsos, eqüivale a deitar metal em molde

vedado para criar vida ilegítima.

ISABELA — Isso é certo no céu, não cá na terra.

ÂNGELO — Pensais assim? Pois vou já confundir-vos. Que preferis que a lei precisa e sábia a vosso irmão, agora, tire a vida, ou que, para salvá-lo, às impurezas voluptuosas o corpo abandonásseis, como a que ele manchou?

ISABELA — Podeis dar crédito ao que vos digo: preferira o corpo sacrificar a vir a perder a alma.

ÂNGELO — Não estou falando da alma; nossas faltas obrigatórias nunca são levadas em conta; valem só como parcelas.

ISABELA — Como dizeis?

ÂNGELO — Isto é, não o assevero, pois poderia defender o oposto do que afirmei. Dizei-me apenas isto: Eu, sendo agora a voz da lei escrita, pronuncio sentença contra a vida de vosso irmão. Não se concebe que haja caridade na falta cometida para salvar-lhe a vida?

ISABELA — Fazei isso; chamo sobre minha alma a culpa toda; não é pecado algum, é caridade.

ÂNGELO — Se o salvásseis com risco da própria alma, a caridade e a falta ficariam bem compensadas.

ISABELA — Se é pecado pela vida dele impetrar, que o céu me faça carga de toda a culpa. Se pecardes por me atender, então, nas minhas preces matinais pedirei que esse pecado seja incluído nos meus, não vos ficando nada a ser computado.

ÂNGELO — Mas ouvi-me, pois não me acompanhais o pensamento; ou ignorante sois, ou, por astúcia ignorância fingis, e é mau fazê-lo.

ISABELA — Bem, que eu seja ignorante e apenas boa para reconhecer minhas fraquezas.

ÂNGELO — Quando a sabedoria se deprime, é por querer que o brilho próprio aumente, como as máscaras pretas que proclamam dez vezes mais valiosa a formosura velada, do que quando descoberta. Mas prestai atenção; para fazer-me compreender vou falar com mais rudeza: vosso irmão vai morrer.

ISABELA — Bem.

ÂNGELO — E seu delito é tal, como parece, que se encontra passível do castigo previsto pela lei.

ISABELA — Certo.

ÂNGELO — Admiti que não haja Outro recurso para salvar-lhe a vida — não inculco semelhante medida ou qualquer outra; falo em termos gerais — a não ser este: que vós, sua própria irmã, vos encontrásseis requestada de alguém que, por motivo de sua posição, tivesse influência junto do juiz, e a vosso irmão pudesse libertar facilmente das algemas da lei que envolve a todos, e que meio terreno não houvesse de salvá-lo, exceto o de entregardes a mais

rica jóia do vosso corpo a essa pessoa. Sem isso, fatal fora a morte dele. Que faríeis?

ISABELA — Por meu irmão, o que por mim faria. Se eu me sentisse acaso na iminência de morrer, aceitara como sendo rubis as marcas todas do chicote, e me despira para entrar na tumba como em um leito há muito cobiçado sem consentir que o corpo me poluíssem.

ÂNGELO — Sendo assim, vosso irmão deve morrer.

ISABELA — É o meio mais barato, pois é melhor que o irmão morra de um lance, do que ficar morrendo eternamente a irmã, para salvá-lo.

ÂNGELO — Não seríeis, assim, tão cruel como essa sentença que acusais?

ISABELA — Resgate ignominioso e perdão livre são coisas diferentes; a demência legítima não tem afinidades com a redenção infame.

ÂNGELO — Há alguns momentos, da lei fazíeis um tirano, vendo no ato de vosso irmão mais um desporto do que mesmo uma culpa.

ISABELA — Oh, perdoai-me, senhor! Sucede às vezes que quem quer algo esconde o pensamento. Atenuo o que odeio, em benefício da pessoa a que amo ternamente.

ÂNGELO — Nós todos somos frágeis.

ISABELA — Pois que morra meu irmão se ele, apenas, sem ter cúmplice, for dono e herdeiro dessa tua fraqueza.

ÂNGELO — As mulheres são frágeis como os homens.

ISABELA — Sim, como seus espelhos, que tão pronto refletem formas, como se espedaçam. Oh, as mulheres! Deus as guarde! Os homens, delas se aproveitando, estragam tudo quanto eles mesmos criaram. Sim, chamais-nos dez vezes frágeis, porque somos brandas como a cute que temos e sensíveis às falsas impressões.

ÂNGELO — De grado o creio. Firmado, então, no próprio testemunho do vosso sexo — pois só somos fortes, penso, ao ponto de sermos abalados pelos deslizes — vou ser corajoso: pego-vos na palavra; sede apenas o que sois, a saber: mulher. Se fordes mais, não sereis nenhuma. Mas se o sois, como vosso exterior assaz o indica, demonstrai-o nesta hora, revestindo-vos do trajo competente.

ISABELA — Só disponho de uma língua, senhor; instante peço-vos que volteis a falar na outra linguagem.

ÂNGELO — Direi, pois, sem ambages, que vos amo.

ISABELA — Meu mano amou Julieta, e me dissestes que por isso ele morre.

ÂNGELO — Não morrerá, Isabel, se amor me derdes.

ISABELA — Sei que vossa virtude o privilégio goza de uma licença com que feia se torna, só com o fim de a outros tentar.

ÂNGELO — Palavra de honra, crede-me: o que digo é todo o meu intento.

ISABELA — Ah! essa honra é pequena em demasia para ser crida. E o intento, mais que infame! Hipocrisia tudo, hipocrisia! Cuidado, Ângelo! Vou desmascarar-te! Vais assinar-me logo a liberdade de meu irmão, se não, com toda a força dos pulmões vou gritar por esse mundo que espécie de homem tu és.

ÂNGELO — Quem dará crédito ao que disseres, Isabel? Meu nome sem mácula, a austereza do meu modo de viver, a formal contestação a quanto asseverardes, e meu posto dentro do Estado, tanto a vossas queixas hão de prevalecer que heis de asfixiar-vos em vosso próprio conto, só restando de tudo, ao fim, um cheiro de calúnia. Mas já que principiei, vou soltar rédeas ao instinto sensual: consente logo no que requer o meu desejo ardente, pára com essas sutilezas, esses rubores dispensáveis, que só servem para banir o que eles ambicionam; resgata o irmão, cedendo aos meus desejos o corpo; do contrário, não somente vai morrer ele a morte cominada e, ante a recusa tua, ora acrescida de morosa agonia. Amanhã traze-me a resposta; se não, por esta mesma paixão que me domina, eu me transformo para ele num tirano. Quanto a vossas verdades, espalhai-as, que com a minha falsidade irei dar-lhes morte asinha. (*Sai.*)

ISABELA — A quem me queixarei? Quem há de crer-me, quando eu contar tudo isto? Oh bocas cheias de perigos, que, com uma língua apenas, tanto podem matar como dar vida, dobrando a lei com tais e tais caprichos, que o justo e o injusto espetam no apetite que os maneja à vontade! Vou ver Cláudio; conquanto a instigação do sangue o tenha feito cair, abriga tal espírito de honra, que se possuísse dez cabeças para estender nos cepos sanguinosos, sacrificá-las-ia antes que o corpo sua irmã abandonasse a tão abjeta profanação. Morre, irmão! Isabel, sê sempre pura! Os irmãos passam, a pureza dura. Mas vou contar-lhe o que Ângelo me disse para que a morte aceite com ledice. (*Sai.*)

Ato 3

Cena 1

Um quarto na prisão. Entram o duque, disfarçado de monge, Cláudio e o preboste.

DUQUE — Comais, pois, com o perdão do senhor Ângelo?

CLÁUDIO — Aos infelizes resta um só remédio: a esperança. Espero ainda viver, mas estou pronto para a morte.

DUQUE — Contas certo com a morte; desse modo, tanto ela como a vida se tornarão mais doces. Dialogai com a vida deste modo: Em te perdendo, perderei o que os tolos, tão-somente, cuidam de preservar. Só és um sopro submetido às influências mais variadas do tempo, que visitam a toda hora tua casa com aflições. És simplesmente um joguete da morte, pois só cuidas de evitá-la e não fazes outra coisa senão correr para ela. Não és nobre, pois quanto de conforto podes dar-nos, se nutre de baixezas; nem valente podes chamar-te, ao menos, pois tens medo do dardo brando e frágil de um gusano mesquinho. Teu melhor repouso é o sono, que invocas tão freqüente; no entretanto, mostras pavor insano de tua morte, que outra coisa não é. Tu não és tu, pois vives em milhões de grãos nascidos da poeira. Feliz, também não és, pois só cuidas de obter o que te falta, olvidando o que tens. Não és constante, porque tua compleição, segundo as fases da lua, está sujeita a variações. Se és rica, és pobre; porque tal como o asno vergado sob o peso de tanto ouro, só levas tua riqueza uma jornada, vindo a morte, depois, descarregar-te. Amigos não possuis, porque tuas próprias entranhas, que por mãe te reconhecem, e até mesmo o que os rins verter costumam, o reumatismo, as úlceras e a gota te amaldiçoam por não darem cabo logo de ti. Não tens nem mocidade nem velhice, não sendo, por assim dizer, mais do que um sono após a sesta, que sonha com ambas, porque a tão ditosa juventude envelhece à força, apenas, de suplicar esmolas à impotente decrepitude. Quando és velha e rica, careces de afeição, calor, beleza, que os bens te tornem gratos. Que merece, pois, o nome de vida nisso tudo? Mais de mil mortes essa vida oculta; no entanto temos tanto medo à morte, que é o que, no fim da conta, tudo iguala.

CLÁUDIO — De todo o coração vos agradeço. Desejando viver, agora o vejo, só procurava a morte, e, nesse empenho afinal, acho a vida. Pois que venha!

ISABELA (*dentro*) — Abri! Reine aqui a paz, a graça e as boas companhias.

PREBOSTE — Quem bate? Entrai; que o voto merece acolhimento.

DUQUE — Caro senhor, virei dentro de pouco ver-vos de novo.

CLÁUDIO — Reverendo, fico-vos por isso agradecido.

(*Entra Isabela.*)

ISABELA — Venho agora para falar com Cláudio umas palavras.

PREBOSTE — Sois bem-vinda; senhor, aqui se encontra vossa irmã.

DUQUE — Carcereiro, uma palavra.

PREBOSTE — Quantas quiserdes.

DUQUE — Ponde-me onde eu possa, sem ser visto, ouvir tudo o que falarem.

(*Saem o duque e o preboste.*)

CLÁUDIO — Cara irmã, que consolo me trazeis?

ISABELA — Excelente consolo, como todos. Por ter no céu negócios, vai lorde Ângelo mandar-vos para lá na qualidade de embaixador, com casa para sempre. Fazei, pois, com bem pressa os necessários preparativos, que amanhã é o dia.

CLÁUDIO — Não há remédio, pois?

ISABELA — Nenhum, se excluirmos o que, para salvar uma cabeça, partisse o coração.

CLÁUDIO — Mas há remédio?

ISABELA — Sim, caro irmão, há um; podeis viver. No juiz há uma diabólica clemência; se eu a implorasse, poderia dar-vos a vida, mas com ferros até à morte.

CLÁUDIO — Prisão perpétua?

ISABELA — Sim, prisão perpétua; restrição num sentido, embora o mundo tivésseis por menagem

CLÁUDIO — De que jeito?

ISABELA — De um jeito que se a cláusula aceitásseis, vos descascara logo a honra do tronco, deixando-vos despido.

CLÁUDIO — Revelai-mo.

ISABELA — Ó Cláudio! tremo tanto por tua causa, só de pensar que podes apegar-te a uma vida febril e achar que meia dúzia de invernos valem mais do que a honra sempiterna. Careces de coragem para morrer? A dor da morte existe só na imaginação; o pobre inseto que, ao passar, esmagamos, sofre tanto no corpo como o mais alto gigante no transe da agonia.

CLÁUDIO — Por que causa me infligis essa afronta? Porventura pensais que para resolver-me eu tenho precisão de carícias ilusórias? Se eu tiver de morrer, a noite eterna buscarei como a noiva muito amada que ao peito carinhoso eu conchegasse.

ISABELA — Falou agora o meu irmão; o túmulo de meu pai emitiu esses conceitos. Sim, vais morrer, pois tens muita honra para que a vida alcançar possas com baixezas. Esse governador, santo aparente, de feições tão tranqüilas e palavras ponderadas, que os moços ferem certo na cabeça e as loucuras paralisam, como faz o falcão com as outras aves, não passa de um demônio. Se tirássemos de sua alma toda a lama, poderíamos ver que ela abriga um charco tão profundo como o inferno.

CLÁUDIO — Referes-te a lorde Ângelo?

ISABELA — Acreditas-me, Cláudio? Poderias deixar esta prisão se eu consentisse em dar-lhe a virgindade.

CLÁUDIO — É inconcebível!

ISABELA — Sim, deixar-te-ia livre dessa ofensa inominável, dando-te licença para outros crimes. Hoje eu deveria cometer a ignomínia cujo nome me causa horror. Caso contrário, deves perecer amanhã.

CLÁUDIO — Não o farás.

ISABELA — Se da vida, somente se tratasse, para salvar-vos, dela me livrara como de um alfinete.

CLÁUDIO — Agradecido, minha cara Isabel.

ISABELA — Dispõe-te, Cláudio, portanto, para a morte amanhã cedo.

CLÁUDIO — Sim... Abriga ele, então, paixões que o levam a puxar o nariz da própria lei, que ele amparar devera? É isso; não pode ser pecado mortal; se o for, sem dúvida, deve ser o menor.

ISABELA — Qual é o menor?

CLÁUDIO — Se ficasse por isso condenado, ele, um sábio tão grande, quereria, por um prazer fugaz, correr o risco das penas sempiternas? Oh Isabel!

ISABELA — Que disse o mano?

CLÁUDIO — A morte é pavorosa.

ISABELA — E detestando a vida desonrada.

CLÁUDIO — Mas morrer e ir quem sabe lá para onde? ficar rígido e frio e decompor-se; tornar-se este calor sensível numa pouca de argila argamassada, o espírito radioso mergulhar num mar de fogo ou morar em paragens tiritantes, de gelo espesso; ficar preso em ventos impenetráveis e soprar com força sempre crescente em torno deste mundo suspenso; ou ser mais miserável, ainda, do que esses miseráveis que os incertos pensamentos uivando representam... É por demais horrível! A existência terrena mais penosa e repugnante, que a miséria, a prisão, a idade, as doenças possam tornar mais grave, é um paraíso em confronto com tudo o que tememos da morte.

ISABELA — Que dizeis?

CLÁUDIO — Querida irmã, deixai que eu viva! Sim, qualquer pecado cometido somente para a vida de um irmão resgatar, de tal maneira o escusa a natureza, que ele acaba tornando-se virtude.

ISABELA — Oh animal! hipócrita sem fé! velhaco infame! Queres ter vida à custa de meu vício? Não será quase incesto obter as bases da vida à custa da honra de uma irmã? Que devo crer? Não queira o céu que minha mãe houvesse abusado de meu pai, que o sangue dele

nunca poderia ter gerado aleijão bruto como este. Pois me recuso a tudo. Morre! Extingue-te! Se, ajoelhando-me, fosse ainda possível mudar o teu destino, deixaria que ele se realizasse. Por tua morte direi mil orações, mas serei muda para salvar-te a vida.

CLÁUDIO — Escuta-me, Isabel!

ISABELA — Oh, que vergonha! Teu pecado não é mais acidente, é hábito. A clemência, no teu caso, se tornara terceira. É melhor mesmo que pereças quanto antes. (*Faz menção de retirar-se.*)

CLÁUDIO — Escuta-me, Isabela!

(*Volta o duque.*)

DUQUE — Concedei-me uma palavra, jovem irmã; somente uma palavra.

ISABELA — Que desejais?

DUQUE — Se dispondes de tempo, desejara falar-vos um momentinho; é em vosso próprio interesse que vos faço esse pedido.

ISABELA — Não tenho tempo disponível; qualquer demora, aqui, redundaria em prejuízo de outras ocupações; contudo, consinto em ouvir-vos por alguns momentos.

DUQUE (*à parte, a Cláudio*) — Filho, escutei o que se passou entre vós e vossa irmã. Ângelo não teve intenção de corrompê-la; quis apenas pôr à prova sua virtude, a fim de ficar conhecendo melhor os homens. Por ser ela ornada do mais puro sentimento de honra, opôs-lhe a agradável recusa que ele aceitou de todo o coração. Sou o confessor de Ângelo, e posso afirmar que essa é que é a verdade. Preparai-vos, portanto, para morrer; não iludais vossa firmeza com esperanças enganosas; devereis morrer amanhã; ajoelhai-vos e preparai-vos para isso.

CLÁUDIO — Permiti que eu peça perdão a minha irmã; encontro-me de tal modo enfarado de vida, que meu único desejo, agora, é ver-me livre dela.

DUQUE — Continuai assim. Adeus! (*Sai Cláudio. Volta o preboste.*) Preboste, uma palavra.

PREBOSTE — Que desejais, meu padre?

DUQUE — Que vos retireis, uma vez que voltastes para cá, e que me deixeis com esta menina por alguns momentos. Meu caráter e meu hábito vos asseguram que nada lhe acontecerá de mal em minha companhia.

PREBOSTE — Perfeitamente. (*Sai.*)

PREBOSTE — A mão que vos fez bela vos fez boa; a bondade pobre de beleza deixa a beleza carecente de bondade; mas a Graça, que é a alma de vosso ser, conserva-vos o corpo sempre belo. O acaso me fez conhecer o atentado que sofrestes por parte de Ângelo; se a fraqueza humana não nos ministrasse exemplos de sua própria debilidade, eu me admiraria de sua conduta. Que estais disposta a fazer, para contentar a esse ministro e salvar vosso irmão?

ISABELA — Vou procurá-lo neste momento para dizer-lhe a minha resolução: prefiro

que meu irmão morra por força da lei a nascer-me um filho fora dela. Mas como se engana o bom duque a respeito de Ângelo! Se algum dia ele voltar e eu vier a falar-lhe, quero não poder mais abrir a boca, se não lhe revelar o modo por que Ângelo governa.

DUQUE — Não haverá grande prejuízo; mas, dadas as circunstâncias, ele saberia livrar-se de vossa acusação; quis apenas experimentar-vos. Por isso, prestai atenção ao que vou dizer-vos. Oferece-se uma oportunidade à minha propensão para fazer o bem; estou convencido de que podeis prestar um serviço meritório a uma pobre rapariga ultrajada, amparar vosso irmão perante a cólera da lei, não manchar a vossa graciosa pessoa e causar prazer imenso ao duque ausente, no caso de vir ele a saber de semelhante ocorrência, quando de sua volta.

ISABELA — Explicai-me o caso com mais particularidades: estou disposta a fazer tudo o que não repugnar à verdade do meu espírito.

DUQUE — A virtude é corajosa e a bondade jamais revela medo Nunca ouvistes falar de Mariana, a irmã de Frederico, o grande soldado que morreu no mar?

ISABELA — Já ouvi falar dessa pessoa, e sempre com boas referências

DUQUE — Era para se ter casado com esse Ângelo; já estavam noivos por juramento e o casamento marcado; mas entre o contrato e a celebração das núpcias, seu irmão naufragou, tendo ido ao fundo, com o navio sinistrado, o dote da irmã. Observai agora as tristes conseqüências desse acontecimento para a pobre menina: perdeu nesse naufrágio um irmão nobre e de nome ilustre, que sempre lhe dedicara a mais terna e natural afeição; com ele, o dote, também, nervo e fundamento de sua fortuna; e com ambos o marido em perspectiva, esse Ângelo de aparência tão enganosa.

ISABELA — Será possível? Ângelo a abandonou dessa maneira?

DUQUE — Deixou-a entregue às próprias lágrimas, sem procurar secar uma que fosse com o seu conforto; engoliu os juramentos antes feitos sob pretexto de revelações que a maculavam; em resumo: abandonou-a à sua própria desgraça, que ela ainda está suportando por amor dele, enquanto ele, mudado em mármore diante de suas lágrimas, deixa-se lavar por elas, mas não se abranda.

ISABELA — Quão grande seria o merecimento da Morte, se levasse do mundo a essa pobre menina! E como é corrupta esta vida que permite viver semelhante homem! Mas que pode ela lucrar com o que se está passando?

DUQUE — É uma ruptura que podereis curar facilmente; e com isso não somente salvareis vosso irmão, como ficareis estreme de desonra.

ISABELA — Mostrai-me como é possível o que dizeis, bom padre.

DUQUE — A jovem de que falamos ainda acalenta a sua primitiva afeição; a aspereza imerecida do seu noivo, que, logicamente, deveria fazer extinguir aquele amor, no jeito dos obstáculos na corrente, deixou-o ainda mais violento e impetuoso. Ide procurar Ângelo e acedei a suas instâncias com aquiescência aparente; concordai no essencial com o que ele pedir, impondo apenas algumas condições, que hão de ser-nos proveitosas: primeiro, que seja curto o

prazo da entrevista, que o encontro de corra no escuro e no silêncio, e que o local corresponda às circunstâncias. Uma vez obtidas essas condições, tudo mais nos correrá bem; avisaremos a jovem ultrajada para que compareça à entrevista em vosso lugar. Se a notícia desse encontro vier a ser propalada, Ângelo se verá obrigado a conceder-lhe uma reparação. Desse modo, vosso irmão se salvará, vossa honra ficará sem mácula, a pobre Mariana lucrará e o corrupto ministro ficará desmascarado. Vou pôr a jovem a par de tudo e prepará-la para o encontro. Se virdes que podeis levar o plano avante, como realmente o podeis, o duplo benefício daí decorrente limpará de qualquer senão o embuste de que nos vamos valer. Que pensais, sobre o caso?

ISABELA — Alegro-me só de pensar nele, esperando que tudo acabe bem.

DUQUE — Dependerá de vós; ide procurar Ângelo sem mais delongas; se ele vos invitar a lhe compartilhardes o leito por esta noite, acedei a seu pedido. Vou já a São Lucas; é lá que mora a repudiada Mariana, em uma granja solitária. Procurai-me nesse local e arranjai as coisas com Ângelo, de modo que não possa haver demora.

ISABELA — Agradeço-vos o conforto; passai bem, meu bom padre.

(*Saem.*)

Cena 2

Uma rua diante da prisão. Entram, por um lado o duque, disfarçado de monge; pelo outro Elbow, Pompeu e oficiais de justiça.

ELBOW — Não pode ser; se não há remédio e quiserdes continuar a vender homens e mulheres como se vendem animais, o mundo inteiro passará a beber dos bastardos vermelho e branco.

DUQUE — Oh céus! Que confusão!

POMPEU — A alegria sumiu do mundo desde que o mais alegre dos dois usurários ficou arruinado e o outro recebeu autorização legal para usar roupa com forro, a fim de aquecer-se; e mais, forrada com pele de raposa e de cordeiro, como para mostrar que a astúcia, por ser mais rica do que a inocência, pode ostentar à vontade.

ELBOW — Segui vosso caminho, senhor. Deus vos abençoe, meu bom frade.

DUQUE — E a vós também, bom irmão padre. Que ofensa vos fez esse homem, senhor?

ELBOW — Ora, senhor, ofendeu a lei; além do mais, senhor, julgamos que seja ladrão, senhor, porque encontramos em seu poder uma gazua especial que havíamos enviado ao governador.

DUQUE — Fora o tunante! Um vil alcoviteiro! O mal que por tua causa se pratica, é teu meio de vida. Pensa apenas no que seja entupir essa barriga ou as costas cobrir graças ao vício. Dize para ti mesmo: vivo apenas de seus contatos vis e abomináveis; deles me visto, bebo e me alimento. Julgas que seja vida tua existência tão malcheirosa? Vamos; arrepende-te.

POMPEU — De fato, senhor; ela é, de algum modo, fedorenta; no entanto, senhor, eu poderia provar...

DUQUE — Sim, se o diabo te deu amplo direito de pecar, ser-te-á fácil o prová-lo. Levai-o para o cárcere, oficial; o castigo e a instrução ainda têm muito que fazer, antes que este animal rústico possa lucrar.

ELBOW — É preciso, senhor, que ele compareça ante o governador, que o admoestou. O governador não suporta devassos. Se ele for devasso e aparecer diante do governador, mais lhe valera estar a uma milha de distância.

DUQUE — Ah! se deixasse os homens a Clemência livres de culpas e estas, da aparência!

ELBOW — Ele vai ter no pescoço o que tendes na cintura, senhor: uma corda.

POMPEU — Já vislumbro socorro. Hurra! Um fiador! Aí vem vindo um cavalheiro meu amigo.

(*Entra Lúcio.*)

LÚCIO — Então, nobre Pompeu! Como! Jungido ao carro de César? Estás sendo levado em triunfo? Que tal, não é mais possível arranjar outras estátuas de Pigmalião, transformadas em mulheres há pouco tempo, para que enfiem a mão nos bolsos da gente e a retirem fechada? Que respondes a isso? Que me dizes desta ária, da melodia e do método? Afogou-se na última chuva? Que dizes disso? Continua o mundo a ser o que era, rapaz? Qual é a moda agora? Triste e de poucas palavras, ou de que jeito? Qual é a trapaça?

DUQUE — A mesma, sempre, se não pior.

LÚCIO — Que faz o meu querido pedaço, tua patroa? Sempre à procura de protegidas, não?

POMPEU — Para dizer a verdade, senhor, já comeu toda a carne, e agora é ela que se encontra na tina.

LÚCIO — Muito bem; é justo; assim mesmo é que deveria ser: o pessoalzinho sempre fresco e a alcoviteira, salgada; conseqüência inevitável; tem de ser assim mesmo. Estás sendo levado para a prisão, Pompeu?

POMPEU — Sim, por minha fé, senhor.

LÚCIO — Não há mal nisso, Pompeu. Passa bem. Vai; dize que sou eu que te mando para lá. É por dívida, Pompeu, ou por que causa?

ELBOW — Por alcovitice, por alcovitice.

LÚCIO — Nesse caso, cadeia com ele! Se os alcoviteiros fazem jus à cadeia, está muito certo. Alcaiote é o que ele é, sobre isso não há dúvida, e há muito tempo; é alcaiote nato. Adeus, meu bom Pompeu. Recomenda-me à prisão, Pompeu; vais tomar-te agora um bom marido, Pompeu; ótimo dono de casa.

POMPEU — Espero, senhor, que Vossa Senhoria me sirva de fiador.

LÚCIO — Não, Pompeu; não farei semelhante coisa, Pompeu; a moda agora é diferente. Vou rezar, Pompeu, para que prolonguem o vosso tempo de prisão; se não o suportardes com paciência, é que tendes demasiado ar dor. Meus, honesto Pompeu; Deus vos abençoe, monge.

DUQUE — A vós também.

LÚCIO — A Brígida continua a pintar-se, Pompeu?

ELBOW — Segui vosso caminho, senhor. Vamos!

POMPEU — Então, não me dareis fiança, senhor?

LÚCIO — Nem então, nem agora, Pompeu. Que novidades há por esse mundo, monge, que novidades?

ELBOW — Vamos, senhor, segui vosso caminho.

LÚCIO — Vai para o canil, Pompeu; vai.

(*Saem Elbow, Pompeu e os oficiais de justiça.*)

LÚCIO — Tendes notícias do duque, irmão?

DUQUE — Nenhuma; podereis dar-me alguma?

LÚCIO — Há quem diga que ele se encontra com o imperador da Rússia; outros dizem que se acha em Roma. Mas onde imaginais que esteja?

DUQUE — Não posso sabê-lo; mas seja onde for, só lhe desejo bem.

LÚCIO — Foi uma loucura verdadeiramente estranha de sua parte, furtar-se do Estado e usurpar a mendicância para que não nascera. Lorde Ângelo está ducando muito bem em sua ausência; chega até a exceder-se.

DUQUE — Comporta-se muito bem.

LÚCIO — Um pouco mais de indulgência com a luxúria não lhe faria mal nenhum. Nesses assuntos ele é um tanto exagerado, irmão.

DUQUE — É um vício muito espalhado, que precisa ser curado com energia.

LÚCIO — Não há duvida; de parentela muito grande; dispõe de aliados importantes; mas não poderá ser extirpado, irmão, enquanto for permitido comer e beber. Dizem que esse Ângelo não provém de homem e mulher, conforme o princípio geral da criação. Acreditais nisso?

DUQUE — Como, então, teria sido gerado?

LÚCIO — Há quem diga que uma sereia o desovou; outros, que provém de dois bacalhaus secos. O que é certo é que quando ele deságua, a urina já sai em forma de gelo, o em que eu acredito piamente. É um boneco gerado, não há dúvida.

DUQUE — Sois muito espirituoso, senhor, e falais com desenvoltura.

LÚCIO — Ora, que coisa bárbara é essa, de tirar a vida a uma pessoa simplesmente porque a braguilha se revoltou! O duque ausente teria feito semelhante coisa? Antes de mandar enforcar um homem por haver gerado um cento de bastardos, ele pagaria a alimentação de um milheiro deles. Ele possuía o sentimento do desporto; conhecia o serviço, razão por que era inclinado à compaixão.

DUQUE — Nunca ouvi dizer que o duque ausente fosse dado a mulheres; não tinha essa inclinação.

LÚCIO — Oh, senhor! Engano manifesto.

DUQUE — Impossível!

LÚCIO — Quem? O duque? Quando lhe aparecia a mendiga de cinqüenta anos, tinha por costume por um ducado no seu prato de bater. E isso; o duque tinha as suas manias; gostava, também, de embriagar-se; posso asseverar-vos.

DUQUE — Não lhe fazeis justiça.

LÚCIO — Ora, senhor, eu fui íntimo do duque. Ele era um sujeito muito reservado. Penso saber a razão do seu afastamento.

DUQUE — Qual pode ter sido, por obséquio?

LÚCIO — Não; ides desculpar-me; trata-se de um segredo que deve permanecer entre os dentes e os lábios. Contudo, posso confiar-vos uma particularidade: a maioria dos seus súditos o tinha na conta de sábio.

DUQUE — De sábio? Mas sobre isso não há a menor dúvida!

LÚCIO — Superficial, ignorante e fútil é o que ele era.

DUQUE — Não sei se semelhante juízo provém de inveja de vossa parte, de tolice ou de algum equívoco. Todo o curso de sua vida e os negócios que ele dirigiu poderiam ensejar-lhe melhor conceito, se de tal fosse mis ter. Se fôssemos julgá-lo por seus atos, ele apareceria aos invejosos como letrado, político e guerreiro. Falais, portanto, sem conhecimento de causa, se é que vosso juízo não se encontra obnubilado pela maldade.

LÚCIO — Senhor, eu o conheço e o estimo.

DUQUE — A estima sempre fala com melhor conhecimento e este com estima mais extremada.

LÚCIO — Vamos, senhor; eu sei o que sei.

DUQUE — Custa-me acreditar nisso, uma vez que não sabeis o que estais dizendo. Mas se algum dia o duque voltar — conforme o podem nossas orações — desejaria que sustentásseis isso na frente dele. Se falastes com honestidade, haveis de ter coragem para tanto. Sinto-me obrigado a aprazar-vos. Qual é o vosso nome, por obséquio?

LÚCIO — Senhor, chamo-me Lúcio; sou muito conhecido do Duque.

DUQUE — Ele há de ficar vos conhecendo melhor, senhor, se eu tiver vida para poder falar-lhe a vosso respeito.

LÚCIO — Não me meteis medo.

DUQUE — Oh! Imaginais, talvez, que o duque não há de voltar, ou me tomais por um adversário inofensivo, conquanto seja certo que não poderei causar-vos muito dano, porque negareis tudo o que dissestes.

LÚCIO — Primeiro me deixaria enforcar. Enganas-te a meu respeito, monge. Mas sobre isso, basta. Sabes dizer-me se Cláudio morre amanhã mesmo?

DUQUE — Por que haverá ele de morrer, senhor?

LÚCIO — Por quê? Por ter enchido uma garrafa com um funil. Desejara que voltasse o duque de que falamos; esse agente castrado vai acabar por despovoar a província por meio da incontinência; os pardais não têm direito de fazer ninho no telhado de sua casa, por lhe parecerem devas aos. O duque, pelo menos, faria expiar na sombra os atos cometidos no escuro, sem jamais trazê-los à luz. Ah! se ele voltasse! Com a breca! Imaginar que esse Cláudio está

condenado só porque se desabotoou? Meus, bom monge; peço-te que rezes por mim. Torno a dizer-te que o duque comia carneiro às sextas-feiras; ele ainda não está passado de todo; por isso posso assegurar-te que ele ainda poderia fazer caretas com uma mendiga, muito embora ela fedesse a alho e pão preto. Podes contar-lhe que fui eu que o disse. Adeus. (*Sai.*)

DUQUE — Não há mortal, por grande, que consiga da censura escapar: para a inimiga traiçoeira, a vil calúnia, até a mais pura virtude é infensa vítima: não dura. Que monarca se julga assaz potente para destruir o fel do maldizente? Mas quem vem vindo ai?

(*Entram Escalo, o preboste e oficiais de justiça, com mistress Overdone.*)

ESCALO — Vamos! Metam-na no xadrez!

MRS. OVERDONE — Meu bom senhor, sede bondoso comigo; Vossa Honra é tido na conta de pessoa misericordiosa, meu bom senhor.

ESCALO — Foi advertida duas e três vezes, e sempre a incidir na mesma falta! A própria Clemência acabaria mandando tudo bugiar e se tornaria tirana.

PREBOSTE — Com licença de Vossa Honra, ela é alcoviteira há onze anos a fio.

MRS. OVERDONE — Meu senhor, essa é mais uma das informações de Lúcio, para prejudicar-me. Mistress Kate Keepdown ficou grávida dele no tempo do duque; ele prometera que se casaria com ela; a criança vai fazer um ano e um quarto no dia de São Filipe e São Tiago. Eu própria cuidei dela; no entanto, vede como ele me trata.

ESCALO — Esse sujeito é um libertino de marca. Trazei-mo cá. Vamos, xadrez com ela! Nem mais uma palavra! (*Saem os oficiais com Mrs. Overdone.*) Preboste, o meu irmão Ângelo não se deixou comover. Cláudio tem de morrer amanhã. É preciso, portanto, mandar buscar um padre e ministrar-lhe os demais socorros espirituais; se meu irmão se deixasse guiar por minha piedade, a sorte de Cláudio seria outra.

PREBOSTE — Com vossa licença, mas este monge esteve com ele e já o preparou para a visita da morte.

ESCALO — Boa-tarde, meu bom padre.

DUQUE — A salvação e a bênção sobre vós!

ESCALO — De onde sois?

DUQUE — Não sou deste país, embora o acaso para cá me trouxesse por um tempo. Faço parte de uma ordem venerada; vim há pouco de Roma e estou em missão particular de Sua Santidade.

ESCALO — Que novidades há pelo mundo?

DUQUE — Nenhuma, a não ser que deu agora uma febre na virtude, da qual só se curará com a dissolução. Só se exige novidade e é tão perigoso envelhecer em qualquer gênero de vida, como é virtuoso ser constante num empreendimento. Da verdade só subsiste o mínimo necessário para assegurar a vida social, mas sobra a segurança para amaldiçoar a camaradagem. A prudência do mundo gira em torno desse enigma. Essa novidade é bastante

velha; contudo, é a novidade de todos os dias. Por obséquio, senhor, de que disposição era o duque?

ESCALO — De uma disposição que, acima de tudo, o levava a procurar conhecer-se a si mesmo.

DUQUE — A que prazeres era afeiçoado?

ESCALO — Alegrava-se mais com a alegria dos outros do que com qual quer coisa que inventassem para distraí-lo; era um gentil-homem equilibrado. Mas rezando para que seja próspera a sua sorte, deixemo-lo entregue a ela e permiti que vos pergunte se encontrastes Cláudio prepara do para morrer. Ouvi dizer que acabastes de visitá-lo.

DUQUE — Ele me declarou que não acha iníqua a sentença do juiz e que se submete com humildade aos decretos da Justiça. Contudo, levado pela própria fraqueza, arquitetara esperanças ilusórias de continuar a vi ver, o que eu consegui dissipar, estando ele agora decidido a tudo.

ESCALO — Saldastes com o céu a dívida de vossas funções e com o prisioneiro a do vosso ministério. Tenho-me esforçado a favor do pobre gentil-homem até onde minha modéstia o permite, mas o meu irmão juiz estava tão severo, que me forçou à conclusão de que ele é, de fato, o Direito.

DUQUE — Se sua vida corresponder à retidão de sua conduta, nada haverá a imputar-lhe; mas se acontecer prevaricar, condena-se a si mesmo desde agora.

ESCALO — Vou visitar o prisioneiro. Passai bem.

DUQUE — A paz seja convosco. (*Saem Escalo e o preboste.*) Quem maneja o gládio duro deve ser severo e puro, modelo, em tudo impecável, excelente, inabalável; antes de a alguém castigar, deve seus erros pesar. Vergonha para quem pune pecados sem ser imune! Venha o castigo do céu para Ângelo — o astuto réu! — porque meu reino limpou do que no peito acoitou. Quanta baixeza se abriga em feição serena e amiga! Quão fácil é à hipocrisia, tão formosa à luz do dia, em teia fina apanhar o que aos outros faz pasmar! Astúcia ao vício oporei — contra os maus a única lei. — Vai ter Ângelo no leito a noiva, por seu despeito. O enganador, enganado, fica, desta arte, curado, pagando sua fraude antiga com jura veraz e amiga. (*Sai.*)

Ato 4

Cena 1

A granja de São Lucas. Entram Mariana e um pajem.

PAJEM (*canta*) — Os lábios de mim afasta, que perjuram com doçura; os olhos também; já basta de tanta luz, tanta alvura. Só quero os beijos que eu dei, que eu te dei, selo inútil no que amei, no que amei.

MARIANA — Termina essa cantiga e vai-te embora. O homem que dá conforto vem chegando; seus conselhos muito úteis me têm sido para esta inquietação. (*Entra o duque disfarçado como antes.*) Peço perdão, senhor; não desejara ter sido achada assim, ouvindo música; mas com isto a alegria eu desterrava para ficar com a dor que me pesava.

DUQUE — Por vezes tem a música o poder de, a um só tempo, causar dor e sofrer. Mas, por obséquio, dizei-me se hoje alguém me procurou aqui? Marquei um encontro mais ou menos para esta hora.

MARIANA — Ninguém vos procurou; não saí daqui o dia todo.

DUQUE — Creio; estamos no prazo; por isso mesmo desejo pedir-vos que vos retireis por alguns momentos; é possível que, por vosso próprio interesse, vos torne a chamar.

MARIANA — Sempre ao vosso dispor. (*Sai.*)

(*Entra Isabela.*)

DUQUE — Bem-vinda e na hora certa. Que notícias nos traz do bom ministro?

ISABELA — Tem um jardim por muro alto cercado, com uma vinha no lado do ponente; uma porta de tábua aí se encontra; esta chave maior é para abri-la; com esta governamos a portinha que o jardim comunica com o vinhedo. Foi aí que eu fiquei de ir ter com ele na calada da noite.

DUQUE — Julgais que será fácil orientar-vos?

ISABELA — Tomei nota de tudo com cuidado. Com sigilo culposo, a falar baixo, desfeito em gestos, me mostrou duas vezes ele próprio o caminho.

DUQUE — E não há nada mais combinado entre ambos que ela tenha de observar na entrevista?

ISABELA — Nada mais, tirante a condição de ser no escuro. Fiz-lhe também saber que há de ser breve nosso encontro, porque me acompanhava sempre uma criada que ficara à espera de minha volta, por pensar que eu ia visitar meu irmão.

DUQUE — Bem combinado. Nada e nada a Mariana eu disse ainda a esse respeito. Olá de casa! Vinde! (*Volta Mariana.*) Desejo que façais conhecimento com esta jovem; vem para auxiliar-vos.

ISABELA — Desejo a mesma coisa.

DUQUE — Estais convicta de que eu zelo por vós com interesse?

MARIANA — Sim, irmão; já me destes provas disso.

DUQUE — Levai, pois, vossa amiga pela mão; algo importante vai contar-vos ela. Esperarei aqui; mas voltai logo, que a noite vaporosa se aproxima.

MARIANA — Consentireis em ir ali comigo?

(*Saem Mariana e Isabela.*)

DUQUE — Ó poder! Ó grandeza! Milhões de olhos falsos em ti se fixam! Grandes maços de notícias circulam, tendenciosas, sobre tuas ações. Cabeças loucas sem conta te atribuem os próprios sonhos ociosos, e com suas fantasias te colocam no potro. (*Voltam Isabela e Mariana.*) Sede bem-vindas. Tudo combinado?

ISABELA — Consente, padre, na entrepresa, caso a aconselheis a isso.

DUQUE —Não somente o faço, como suplico, até.

ISABELA — Ao retirardes-vos, não tereis que dizer-lhe muita coisa, mas em voz baixa e branda, apenas isto: de meu irmão, agora, recordai-vos.

MARIANA — Nada receeis de mim.

DUQUE — Nem vós, tampouco, querida filha; ele é vosso marido por contrato anterior. Assim, unirdes-vos pecado não será, pois o direito que sobre ele já tendes serve agora para dar cor moral a qualquer fraude. Sigamos, pois. Vai ser grande a colheita, mas deve a semeadura ser bem feita.

(*Saem.*)

Cena 2

Um quarto na prisão. Entram o preboste e Pompeu.

PREBOSTE — Vem cá, maroto! Poderias cortar a cabeça a algum homem?

POMPEU — Sim, senhor; no caso de ser solteiro; porque se for casado, é cabeça do casal, e eu jamais cortarei a cabeça a uma mulher.

PREBOSTE — Vamos, senhor, deixai dessas sutilezas e respondei-me direito. Amanhã cedo Cláudio e Bernardino devem morrer; o carrasco de nossa prisão está necessitando de um ajudante; se quiserdes assumir a incumbência de ajudá-lo, ficareis livre dos ferros; caso contrário, tereis de cumprir toda a pena, além de serdes chicoteado sem dó nem piedade, quando vos soltarem, visto terdes sido notório alcoviteiro.

POMPEU — Senhor, desde tempo imemorial fui alcoviteiro fora da lei; mas agora me contento em ser carrasco legal. Com o máximo prazer receberei instruções do meu colega de ofício.

PREBOSTE — Olá, Abhorson! Onde está Abhorson?

(*Entra Abhorson.*)

ABHORSON — Chamastes, senhor?

PREBOSTE — Aqui tendes um tipo para ajudar-vos na execução de amanhã. Se virdes que ele dá para a coisa, contratai-o por um ano e deixai-o morando aqui; caso contrário, empregai-o apenas por esta vez e mandai-o embora; não poderá dar-se ares de importância porque era alcoviteiro.

ABHORSON — Alcoviteiro, senhor? Que coisa! Ele vai desacreditar nossa arte.

PREBOSTE — Ora, senhor! pesais a mesma coisa; uma peninha fará pender a balança. (*Sai.*)

POMPEU — Por obséquio, senhor, por vossa boa graça — pois revelais, senhor, decerto, muito boa graça, apesar de terdes fisionomia patibular — dais o nome de arte a vossa ocupação?

ABHORSON — Perfeitamente; é arte.

POMPEU — A pintura, senhor, segundo ouvi dizer, é arte; ora, vossas rameiras, senhor, que fazem parte de minha profissão, ao se pintarem demonstram que essa profissão é arte. Mas que espécie de arte pode ha ver no ato de enforcar, ainda que me enforcassem, é o que não

chego a compreender.

ABHORSON — Pois é arte mesmo, senhor.

POMPEU — A prova?

ABHORSON — A roupa de todo homem honrado assenta bem no vosso ladrão; se for pequena demais para ele, o vosso homem honesto a considera suficiente; no caso de lhe ficar muito grande, vosso ladrão a julgará ainda pequena. Desta arte a roupa de todo homem honesto assenta em vosso ladrão.

(*Volta o preboste.*)

PREBOSTE — Combinaram?

POMPEU — Sim senhor; estou pronto a auxiliá-lo, por ter ficado convencido de que um carrasco é mais penitente do que um alcoviteiro: pede perdão mais vezes.

PREBOSTE — Então, vagabundo, aprestai o cepo e o machado para ama nhã às quatro horas.

ABHORSON — Vamos, alcaiote; vou iniciar-te na profissão; acompanha-me.

POMPEU — Tenho grande desejo de aprender, senhor, e espero que se tiverdes oportunidade de me empregar em vós mesmo, havereis de verificar que sou bem lesto, porque, de fato, senhor, a vossa bondade me obriga a ser esforçado.

PREBOSTE — Ide buscar Bernardino e Cláudio. (*Saem Pompeu e Abhorson.*) Um me inspira piedade; o outro — assassino — nem como irmão influira em meu destino. (*Entra Cláudio.*) A ordem, Cláudio, aqui tens para a tua morte. É meia-noite agora; às oito em ponto ficareis imortal. Onde se encontra Bernardino?

CLÁUDIO — Mergulhado em modorra tão pesada como o sono inocente que domina os membros fatigados de um viajante; não quer ser despertado.

PREBOSTE — E para quê? Que bem lhe virá disso? Ide aprontar-vos. Mas que barulho é esse? O céu vos possa reconfortar. (*Sai Cláudio.*) Já vou! Espero que seja ordem de perdão para este gentil Cláudio, ou, quando nada, prorrogação da pena. (*Entra o duque, disfarçado como antes.*) Sede bem-vindo, padre.

DUQUE — Que os melhores espíritos da noite e os mais saudáveis vos envolvam, Preboste. Alguém chamou?

PREBOSTE — Ninguém, desde o sinal de apagar lume.

DUQUE — Nem Isabel?

PREBOSTE — Nem ela.

DUQUE — Mas não tardam.

PREBOSTE — Será que para Cláudio ainda há recurso?

DUQUE — Ainda há alguma esperança.

PREBOSTE — É bem severo esse ministro.

DUQUE — Não, não é assim. Sua vida se conforma com os ditames de sua santa justiça. Ele domina em si, com zelo santo, o que nos outros procura combater. Se o maculassem quejandos crimes, fora vil tirano. Procede como justo. (*Batem.*) Ei-los que chegam. (*Sai o preboste.*) Esse preboste é amável; raramente os carcereiros duros são amigos dos homens. (*Batem.*) Espírito apressado é o que percute desse modo na porta inabalável

(*Volta o preboste.*)

PREBOSTE (*para alguém de fora*) — Espere ai fora até que se levante o empregado que deve introduzi-lo. Já o chamaram.

DUQUE — Acaso recebestes contra-ordem para Cláudio? É amanhã mesmo?

PREBOSTE — Nenhuma, senhor; nada.

DUQUE — Apesar de ser cedo, carcereiro, antes de amanhecer tereis notícias.

PREBOSTE — Decerto sabeis de algo; mas eu penso que não virá contra-ordem. Nunca veio. Além do mais, do próprio tribunal disse lorde Ângelo o contrário a quantos ouvir quisessem. (*Entra um mensageiro.*) Eis um mensageiro de Sua Senhoria.

MENSAGEIRO (*entregando um papel*) — O meu senhor vos envia esta nota, fazendo-vos saber por meu intermédio que não deveis afastar-vos uma linha sequer do seu menor artigo, no que respeita à hora, ao assunto e às demais circunstâncias. Bom-dia, pois presumo que já é quase hora disso.

PREBOSTE — Hei de obedecer-lhe.

(*Sai o mensageiro.*)

DUQUE (*à parte*) — É o seu perdão, comprado com um pecado de que é cúmplice o próprio que há perdoado. Mas a marcha do mal sempre é sem termo, quando dele é partícipe o governo. Sendo clemente o vício, o criminoso deixa a demência amigo e até glorioso. Quais as novas, senhor?

PREBOSTE — Como vos disse: lorde Ângelo, julgando-me, talvez, negligente no desempenho de minhas funções, me sacode com esta advertência inusitada. Acho por demais esquisito, porque ele nunca fez isso.

DUQUE — Por obséquio, lede a nota.

PREBOSTE — "Embora possais receber aviso em contrário, Cláudio de verá ser executado às quatro horas, e Bernardino à tarde. Para minha satisfação, às cinco horas enviai-me a cabeça de Cláudio. Cumpri estas ordens sem discrepância, com a certeza de que sua cabal execução é de maior monta do que poderíamos inculcar-vos. Por isso, não falteis ao vosso dever, o que vos fará assumir os riscos da negligência." Que dizeis a isto, senhor?

DUQUE — Quem é esse Bernardino que deve ser executado à tarde?

PREBOSTE — Um boêmio incorrigível, criado e educado aqui mesmo; está preso há

nove anos.

DUQUE — Por que motivo o duque ausente não o pôs em liberdade ou não mandou executá-lo? Sempre ouvi dizer que era esse o seu costume.

PREBOSTE — É que os amigos do prisioneiro sempre conseguiam protelação; e, de fato, até o governo do senhor Ângelo, o caso dele parecia duvidoso.

DUQUE — E agora, está esclarecido?

PREBOSTE — Mais do que evidente; ele próprio o confessou.

DUQUE — Revelou arrependimento na prisão? Mostra-se abalado?

PREBOSTE — É um indivíduo para quem a morte não é mais de temer do que o sono da embriaguez; despreocupado, indiferente e sem temor do passado, do presente ou do futuro; insensível à idéia da morte e irremediavelmente mortal.

DUQUE — Ele necessita de conselhos.

PREBOSTE — Nem quer ouvir falar nisso; sempre teve a liberdade da prisão; se lhe derem licença para evadir-se, não a aceitará; embriaga-se muitas vezes ao dia, se é que não fica dias inteiros na borracheira. Por mais de uma feita o acordamos, como para executá-lo, apresentando-lhe uma ordem falsa, sem que isso o emocionasse no mínimo.

DUQUE — Voltaremos a falar dele mais tarde. Tendes escrito na fronte, preboste, honradez e confiança; se não leio certo, é que me falha a consueta habilidade. Mas, confiado em minha perspicácia, vou tentar a aventura. Cláudio, a quem tendes ordem de executar, não é mais culpado perante a lei do que Ângelo, que o sentenciou. Peço apenas o prazo de quatro dias para convencer-vos disso; tenho provas inconcussas. É, porém, de necessidade que me presteis um favor tão urgente quanto arriscado.

PREBOSTE — De que espécie, senhor, por obséquio?

DUQUE — Protelando a execução.

PREBOSTE — Ah, senhor! Como é possível aceder a esse pedido, se a hora já está marcada e eu recebi ordem expressa de levar a cabeça dele para lorde Ângelo? Se eu me desviar das instruções uma linha que seja, terei o mesmo destino de Cláudio.

DUQUE — Pelo voto de minha ordem, eu vos ampararei, se vos guiardes por minhas instruções. Fazei executar a Bernardino esta manhã e enviai a Ângelo a cabeça desse infeliz.

PREBOSTE — Ângelo já viu os dois e ser-lhe-á fácil identificar-lhes as feições.

DUQUE — Ora! A Morte é uma grande transformadora; podeis ajudá-la nesse mister. Raspai a cabeça a Bernardino e amarrai-lhe a barba; direis que o penitente desejou que o preparassem desse jeito; bem sabeis que é ocorrência freqüente. Se disso vos advier alguma coisa mais do que agradecimentos e bastante ventura, pelo santo de minha devoção, de fender-vos-ei com a própria vida.

PREBOSTE — Perdoai-me, bom padre, mas isso vai contra o meu juramento.

DUQUE — Prestastes juramento ao duque ou ao seu lugar-tenente?

PREBOSTE — A ele e aos seus substitutos.

DUQUE — E se o duque aprovar a retidão de vossa conduta, ficareis certo de não haver praticado nenhuma transgressão?

PREBOSTE — Mas há probabilidade de semelhante coisa?

DUQUE — Probabilidade, não; certeza. Mas uma vez que vos vejo com tantos receios, a ponto de nem meu hábito, nem minha integridade, nem minha persuasão conseguirem demover-vos, irei mais longe do que pretendia, a fim de deixar-vos tranqüilo. Vede, senhor: aqui está a mão e o selo do duque; penso que conheceis a letra dele, não vos devendo ser estranho, também, o carimbo.

PREBOSTE — Conheço ambos.

DUQUE — Esta carta trata da volta do duque; para diante podereis lê-la mais de espaço, quando, então, vos convencereis de que ele vai voltar dentro de dois dias. Ângelo ignora isso, porque hoje mesmo recebeu cartas de teor muito esquisito, talvez mesmo com a notícia da morte do duque, talvez com a de que ele se recolheu a um convento, mas, por singular coincidência, sem a menor alusão ao que se contém nesta. Vede: a estrela matutina chama o pastor! Não vos admireis de como essas coisas possam acontecer; as dificuldades, quando conhecidas, tornam-se naturais. Mandai chamar o vosso executor, e fora com a cabeça de Bernardino! Vou já confessá-lo e prepará-lo para uma morada melhor. Perece que ainda estais atordoado, mas isto aqui acabará de convencer-vos. Vamos; já começa a clarear.

(*Saem.*)

Cena 3

Outro quarto da prisão. Entra Pompeu.

POMPEU — Encontro-me aqui tão à vontade como na casa do nosso negócio; poder-se-ia, até, pensar que estamos na casa de mistress Overdone, por morarem aqui dentro os seus fregueses mais antigos. Em primeiro lugar, temos o jovem mestre Rash, trancafiado por causa de uma partida de papel escuro e de gengibre velho, que perfazia o total de cento e noventa e sete libras, com que ele arrumou cinco marcos, dinheiro de contado. Nem podia ser de outro jeito: o gengibre caíra muito, por que as velhas haviam morrido. Depois, temos um tal mestre Cabriola, a requerimento de mestre Três-pêlos, modista, por causa de quatro vestidos de cetim cor de pêssego, que o reduziram a esta pessegada. A seguir, vêem o jovem Desmiolado, e o jovem mestre Juramento-profundo, e o mestre Esporão-de-cobre, e o mestre Lacaio-tísico, o homem da es pada e do punhal, e mais o jovem Reumático, que matou o corpulento Pudim, e o mestre Expedito, o espadachim e o valente mestre Cordão-de-sapato, o grande viajante, e o feroz Pode-às-meias, e creio que uns quarenta mais, todos eles trabalhadores eméritos em nossa profissão e reduzidos agora ao "Pelo amor de Deus".

(*Entra Abhorson.*)

ABHORSON — Olá, malandro, vai buscar Bernardino.

POMPEU — Mestre Bernardino! É preciso que vos levanteis para serdes enforcado! Mestre Bernardino!

ABHORSON — Vamos com isso, Bernardino!

BERNARDINO (*dentro*) — A peste vos tire o fôlego! Quem está fazendo tamanho barulho? Quem sois?

POMPEU — Amigos vossos, homem, o carrasco. Ê preciso que tenhais a bondade de vos levantar e de vos deixar matar.

BERNARDINO (*dentro*) — Sai daí, malandro, que eu estou com sono.

ABHORSON — Dizei-lhe que é preciso que ele se levante, sem perda de tempo.

POMPEU — Mestre Bernardino, por obséquio, ficai acordado, até serdes executado; dormireis depois.

ABHORSON — Ide lá dentro e trazei-mo.

POMPEU — Já vem vindo, senhor; já vem vindo; já ouvi barulho de palha.

ABHORSON — O machado está no cepo, maroto?

POMPEU — Tudo pronto, senhor.

(*Entra Bernardino.*)

BERNARDINO — Então, Abhorson! Quais são as últimas?

ABHORSON — Em verdade, senhor, o que eu desejara agora é que fosseis fazer barulho com vossas orações. Vede aqui: a ordem da execução já chegou.

BERNARDINO — Vão para o inferno! Bebi a noite toda; não me acho preparado.

POMPEU — Pois tanto melhor, senhor! Porque quem bebe a noite toda e é enforcado pela manhã, dorme muito mais pesadamente o dia seguinte.

ABHORSON — Vede, senhor, aí vem vindo vosso pai espiritual. Ainda pensais que estamos brincando?

(*Entra o duque, disfarçado como antes.*)

DUQUE — Senhor, induzido por minha caridade, ao saber com que pressa deveis partir deste mundo, vim para aconselhar-vos, confortar-vos e rezar convosco.

BERNARDINO — Comigo, irmão? Absolutamente. Passei a noite toda bebendo; preciso de mais tempo para preparar-me; se não, eles me macetam o cérebro. Não consinto em morrer hoje, está decidido.

DUQUE — Oh, senhor! Mas é preciso! Por isso mesmo, suplico-vos pensar na viagem que ides empreender.

BERNARDINO — Pois eu juro que não há quem possa convencer-me de morrer hoje.

DUQUE — Mas ouvi-me...

BERNARDINO — Nem mais uma palavra. Se tendes alguma coisa a dizer-me, vinde à minha cela, porque de lá eu não saio hoje. (*Sai.*)

(*Entra o preboste.*)

DUQUE — Incapaz para a vida e para a morte. Oh coração de pedra! Ide atrás dele; trazei-o sem demora para o cepo.

(*Saem Abhorson e Pompeu.*)

PREBOSTE — Como achastes, senhor, o prisioneiro?

DUQUE — Não está preparado para a morte; executá-lo nesse estado fora condenável, sem dúvida.

PREBOSTE — Acontece, padre, que hoje morreu na cela um certo Ragozine, pirata consumado, como Cláudio na idade, de cabelos e barba iguais aos dele. E se este réprobo deixássemos de lado, até que fique preparado, e ao ministro apresentássemos a cabeça do morto, que à de Cláudio muito mais se assemelha?

DUQUE — Ao céu devemos esta casualidade. Enviai-a logo, que já está próxima a hora

prefixada por Ângelo; mandai cortá-la e em tudo cumpri as instruções, enquanto eu vejo se persuado este bruto para a morte.

PREBOSTE — Farei tudo isso, padre; mas é urgente que Bernardino morra ainda esta tarde. Como, porém, guardar por muito tempo Cláudio, para livrar-me do perigo que me adviria se ele fosse achado com vida?

DUQUE — Procedei desta maneira: ponde em secreto Cláudio e Bernardino; antes que o sol saúde mais duas vezes os homens lá de baixo, heis de encontrar-vos sem mais nada a temer.

PREBOSTE — Confio em vós inteiramente.

DUQUE — Então, não percais tempo; enviai logo para Ângelo a cabeça. (*Sai o Preboste.*) Agora vou escrever cartas para Ângelo — o preboste as entrega — em que lhe faço saber que já me encontro de tornada e que razões de peso determinam que eu faça entrada pública. Convido-o a encontrar-me na fonte consagrada, da cidade a uma légua. Desde aí, procederei com Ângelo friamente, desenvolvendo aos poucos o meu plano.

(*Volta o preboste.*)

PREBOSTE — Eis a cabeça; eu próprio vou levá-la.

DUQUE — Está bem. Voltai logo, pois preciso dizer-vos certas coisas que só em vossos ouvidos poderão ser confiadas.

PREBOSTE — Irei depressa. (*Sai.*)

ISABELA (*fora*) — A paz seja convosco!

DUQUE — A voz é de Isabel; veio saber se já chegou o indulto do irmão. Mas vou deixá-la na ignorância de sua ventura, para que lhe venha do desespero o bálsamo celeste, quando menos pensar.

(*Entra Isabela.*)

ISABELA — Se o permitis...

DUQUE — Bom-dia para vós, piedosa e bela menina.

ISABELA — Saudação que aceito alegre, por vir de um varão santo. Já se sabe se o regente livrou meu pobre irmão?

DUQUE — Sim, Isabel, do mundo; após cortarem-lhe a cabeça, enviaram-na para Ângelo.

ISABELA — Não pode ser!

DUQUE — Não é de outra maneira. E ora, filha, dai provas de prudência, suportando paciente o sofrimento.

ISABELA — Vou procurá-lo e os olhos arrancar-lhe.

DUQUE — Não sereis admitida à sua presença.

ISABELA — Infeliz Cláudio! Mísera Isabel! Oh corrupção! Maldito sejas, Ângelo!

DUQUE — Isso não lhe faz mossa, nem vos serve para nada. Cessai, por conseguinte, e ao céu confiai-vos. Escutai-me agora, que encontrareis até na menor sílaba pura verdade. O duque vai voltar amanhã... — Assim, não; limpai as lágrimas! — Seu confessor mo disse; é de nossa ordem. Ele próprio a notícia já mandou a Ângelo e Escalo, que se aprestam para lhe ir ao encontro à entrada da cidade e o poder transmitir-lhe. Se puderdes, ponde vossa prudência no caminho em que desejo vê-la, e obtereis, certo, vosso anelo, vingardes-vos do biltre, sobre a graça do duque e a estima pública alcançardes.

ISABELA — Farei como disserdes.

DUQUE — Levai, pois, a frei Pedro esta missiva, a mesma em que ele fala do retorno do duque, e lhe dizei ser isto gaje de que desejo tê-lo à noite em casa de Mariana. Pô-lo-ei a par de tudo que se passou convosco. Ele vos leva à presença do duque; acusai Ângelo cara a cara, sem medo. Enquanto ao pobre da mim, um voto pio me constrange a conservar-me ausente. Dai-lhe a carta; dominai essas lágrimas doridas com coração alegre. Crede em nossa piedosa ordem, jamais vos transviarei. Mas quem vem lá?

(*Entra Lúcio.*)

LÚCIO — Boa-tarde, irmão; onde está o preboste?

DUQUE — Aí dentro não está, senhor.

LÚCIO — Ó gentil Isabela, empalideço até o coração por ver-te de olhos assim vermelhos. Tem paciência. Sinto-me obrigado a almoçar e jantar apenas pão e água; por amor à cabeça, não me atrevo a encher a barriga; uma ceia copiosa poderia levar-me longe demais. Mas dizem que o duque estará aqui amanhã. Por minha fé, Isabel, eu amava a teu irmão; se esse duque lunático, de esconderijos esconsos, não se tivesse assentado, teu irmão ainda estaria com vida.

(*Sai Isabela.*)

DUQUE — Senhor, o duque vos é muito pouco obrigado por vossas referências; felizmente para ele, não depende delas.

LÚCIO — Irmão, tu não conheces o duque como eu; ele é mais mulherengo do que pensas.

DUQUE — Está bem; algum dia respondereis por isso.

LÚCIO — Não! Espera! Vamos juntos; desejo contar-te coisas muito interessantes, a respeito do duque.

DUQUE — Já me contastes coisas demais, senhor, se é que são verdadeiras; mas se o não forem, nenhuma já seria suficiente.

LÚCIO — Certa vez eu fui à sua presença, por haver engravidado uma donzela.

DUQUE — Fizestes semelhante coisa?

LÚCIO — Por que não? Mas jurei de pés juntos o contrário, para não ser obrigado a casar com aquela nêspera podre.

DUQUE — Senhor, vossa companhia é mais agradável do que honrosa; passai bem.

LÚCIO — Por minha fé, vou contigo até o fim da travessa. Se esses assuntos meio livres te escandalizam, não tocarei mais neles. É isso, frade, eu sou como espinho do mato: seguro mesmo.

(*Saem.*)

Cena 4

Um quarto em casa de Ângelo. Entram Ângelo e Escalo.

ESCALO — Cada uma de suas cartas é o desmentido da outra.

ÂNGELO — Por maneira mais contraditória e inexplicável. Seus atos revelam loucura. Praza os céus que não esteja com a razão abalada. E por que esse encontro na entrada da cidade, para aí eu lhe transmitir o poder?

ESCALO — Não posso atinar o que seja.

ÂNGELO — E por que motivo, também, é preciso que eu mande proclamar uma hora antes de ele chegar, que se alguém desejar alguma repa ração de injustiça, deverá apresentar a petição na rua?

ESCALO — A esse respeito ele apresenta razões: resolver logo esses assuntos de queixas e livrar-vos de recriminações a respeito do que possa depois ser imputado a nós.

ÂNGELO — Pois que seja, vos peço, proclamado. Amanhã passarei por vossa casa; mandai aviso a todas as pessoas de posição que devem ir saudá-lo.

ESCALO — Farei de acordo; passai bem.

ÂNGELO — Boa-noite. (*Sai Escalo.*) Esse ato me transtorna e deixa inútil para tudo. Uma jovem desonrada, e justamente por pessoa de alta posição, que aplicou a crime análogo todo o rigor da lei! Por sorte minha o seu terno pudor não dirá nada da desonra. Como ela me acusara? A razão vai tirar-lhe todo o ousio. A minha autoridade é de tal monta, que escândalo nenhum pode tocá-la; primeiro o acusador ficara mudo. Vivo Cláudio estaria, se não fosse recear que sua idade turbulenta, tomada de paixão, viesse acaso a vingar a existência desonrada que tal preço custou. Fosse ele vivo! Mas não; quem uma vez perdeu a Graça não torna a endireitar, por mais que faça. (*Sai.*)

Cena 5

Campo, perto da cidade. Entram o duque, em seu trajo habitual, e frei Pedro.

DUQUE — No momento oportuno, dai-me as cartas. (*Entrega-lhas.*) O preboste conhece o nosso plano; uma vez começado, observei todas as instruções, sem nunca vos desviardes de vosso fim, por mais que as circunstâncias tendam a vos levar para outros lados. Ide a casa de Flávio e lhe dizei onde me encontro; dai a mesma nova a Valentim, Roldão e Crasso, a todos ordenando que levem as trombetas à entrada da cidade. Mas primeiro mandai-me Flávio.

FREI PEDRO — Porei nisso pressa. (*Sai.*)

(*Entra Várrio.*)

DUQUE — Agradeço-te, Várrio: és diligente. Passeemos um pouquinho; outros amigos virão ter já conosco, meu bom Várrio.

(*Saem.*)

Cena 6

Rua perto da porta da cidade. Entram Isabela e Mariana.

ISABELA — Repugna-me falar com esses rodeios; desejava a verdade. Mas é a vós que compete acusá-lo. É necessário me disse ele, em razão do nosso plano.

MARIANA — Deixai-vos guiar por ele.

ISABELA — Disse-me, ainda, que, se acaso ele viesse a censurar-me, tomando o outro partido, eu não devia revelar estranheza, que é remédio de gosto amargo apenas no começo.

MARIANA — Se frei Pedro...

ISABELA — Caluda! Aí vem o monge.

(*Entra frei Pedro.*)

FREI PEDRO — Vinde comigo. Achei um lugar ótimo em que o duque ao passar há de enxergar-vos. As trombetas já soaram duas vezes. Os homens generosos da cidade já se acham nos portões por onde o duque deve passar já, já. Vamos depressa.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Uma praça pública, perto da porta da cidade. Mariana, de véu; Isabela e frei Pedro, a distância. Entram o duque, Várrio, lordes, Ângelo, Escalo, Lúcio, preboste, oficiais e cidadãos.

DUQUE — Meu muito digno primo, eu vos saúdo. Meu velho amigo, alegra-me rever-vos.

ÂNGELO e ESCALO — Feliz regresso a Vossa Graça real!

DUQUE — Graças vos dou, cordiais e repetidas. De vós nos informamos, e a tal ponto ouvimos elogiar vossa justiça, que nossa alma não pode denegar-vos esta homenagem pública, esperando dar-vos depois maiores recompensas.

ÂNGELO — Isso mais obrigado, ainda, me deixa.

DUQUE — Fala alto o vosso mérito! Seria prejudicá-lo, se na fortaleza do peito ora o prendesse, pois merece residência segura com letreiro de bronze, que o proteja contra os dentes do tempo e contra o efeito do descaso. Dai-me a mão, porque os súditos compreendam, ante tal gesto, que esta cortesia exterior é a expressão inadequada do reconhecimento que aqui dentro se abriga. Escalo, vemos! Colocai-vos deste lado; sois ambos bons suportes.

(*Frei Pedro e Isabela avançam.*)

FREI PEDRO — Eis a hora! Ajoelhai-vos diante dele e expressai-vos bem alto.

ISABELA — Ó real duque, justiça! Os olhos ponde nesta mísera ultrajada — quisera dizer: virgem... — Não desonreis os olhos, digno príncipe, volvendo-os a outras coisas, sem primeiro me ouvirdes e fazerdes-me justiça, justiça, e só justiça!

DUQUE — Sede breve; contai vossos agravos. Quais? O autor? Aqui se acha lorde Ângelo, que vossa queixa há de ouvir. Contai-lhe o que vos pesa.

ISABELA — Ó nobre duque! Mandais que peça ao diabo a salvação. Atendei-me vós mesmo; o que pretendo revelar vai trazer-me pena amarga, se não encontrar crédito, ou obrigar-vos a uma reparação. Ouvi-me, ouvi-me, suplico-vos, aqui!

ÂNGELO — Milorde, temo que esta mulher não se ache em todo o juízo. Ela esteve ante mim como impetrante a favor de um irmão, decapitado por força da justiça.

ISABELA — Da justiça!

ÂNGELO — Ela fala de modo amargo e estranho.

ISABELA — Estranho, sim; contudo, verdadeiro. É estranho dizer que Ângelo é perjuro? É estranho dizer que Ângelo é assassino? Que é um ladrão adúltero, um hipócrita, um violador de virgens? Muito estranho, pois não? Bastante estranho?

DUQUE — Sim, dez vezes.

ISABELA — Não é mais verdadeiro que ele é Ângelo, do que o que eu digo é estranho e verdadeiro; verdadeiro dez vezes, que a verdade sempre é a verdade.

DUQUE — Pobre rapariga! Levai-a; fala assim por estar louca.

ISABELA — Ó príncipe! Eu te peço, se acreditas que haja consolação num outro mundo, que não me repudies sob o pretexto de que eu me ache atacada de loucura. Não creias impossível o que apenas improvável parece. É bem possível, sim, que o ser humano mais infame pareça sério, grave, justo e puro como Ângelo. Assim, também, pode Ângelo com todas as insígnias, vestes, títulos, ser um arquivilão. Crede-me, príncipe: se ele é menos, é nada; não, é mais, mas o nome apropriado não me acode.

DUQUE — Por minha honestidade, se for louca — do que estou convencido — essa loucura revela muito senso; há nexo lógico nas coisas que enuncia, como nunca na loucura se há visto.

ISABELA — Ó gentil duque! não vos apegueis nisso, repelindo a razão sob pretexto de incoerência. Valei-vos da razão para a verdade tirar do esconderijo e a vã mentira fazer sumir de todo.

DUQUE — Muita gente que parece sensata não revela tão grande descortino. Que quereis?

ISABELA — Eu sou a irmã de um Cláudio, condenado por crime de luxúria a ter dos ombros separada a cabeça; condenado por Ângelo. Noviça em um convento, fui chamada por Cláudio; o mensageiro foi um tal Lúcio.

LÚCIO — Eu, se Vossa Graça mo permite. Busquei-a por mandado do irmão e instei com ela porque a sorte graciosa junto de Ângelo tentasse, para a Cláudio salvar.

ISABELA — É ele, de fato.

DUQUE — Não vos mandei falar.

LÚCIO — É certo, príncipe; mas também não dissestes que ficasse calado.

DUQUE — Faço-o agora. Tomai nota, por obséquio, e pedi ao céu que quando tiverdes de falar em causa própria, perfeito vos mostreis.

LÚCIO — Posso afiançar-vos.

DUQUE — Ficai com vossa fiança, é o que vos digo.

ISABELA — Este senhor já disse algo da história.

LÚCIO — É certo.

DUQUE — Pode ser certo, mas estais errado por falardes sem ser o vosso turno.

Prossegui.

ISABELA — Procurei esse ministro abjeto e pernicioso.

DUQUE — Essa linguagem é algo disparatada.

ISABELA — Desculpai-me; a frase não destoa da matéria.

DUQUE — Boa de novo! Vamos ao que importa.

ISABELA — Em resumo, deixando à parte todas as minúcias inúteis, a maneira por que falei, tentando comovê-lo como me pus de joelhos e como ele me repeliu, o que lhe disse em réplica — pois isso iria longe — vou cingir-me, com vergonha e tristeza, ao vil remate: ao meu irmão perdoava, se eu cedesse meu casto corpo à sua imoderada concupiscência. Após longo debate entre a piedade e o sentimento da honra, a ele me entreguei. Mas no outro dia, muito cedo, saciados seus desejos, ordem expressa enviou para a cabeça de meu irmão cortarem.

DUQUE — É plausível.

ISABELA — Fosse plausível só, como é verdade!

DUQUE — Pelo céu, tu não sabes o que dizes, infeliz louca, se é que subornada não estejas para a honra atassalhar-lhe numa odiosa conjura. Inicialmente, ele é de integridade imaculada; depois, fora insensato de sua parte castigar com tal ímpeto delitos semelhantes aos seus. Com essas faltas, teu irmão julgam ele por si próprio, não mandando, por isso, justiçá-lo. Sim, estais industriada; falai franco; dizei-nos a conselho de quem viestes acusá-lo.

ISABELA — E isto é tudo? Nesse caso, ó bem-aventurados governantes lá do alto, concedei-me paciência e tomai manifesto na hora própria o mal que tão seguro se acoberta. Do mal vos guarde o céu; sem obter nada, nem crédito, retiro-me ultrajada.

DUQUE — Bem sei que quereis ir. Olá! Um guarda! Para o cárcere! É crível que possamos deixar que venha a ser envolta assim por um hálito impuro e escandaloso pessoa que nos toca tão de perto? Decerto é alguma trama. Quem sabia de vossas intenções antes de virdes?

ISABELA — Alguém que eu desejara aqui estivesse: frei Ludovico.

DUQUE — Um varão santo, é certo, Quem, aqui, conhece esse Ludovico?

LÚCIO — Eu conheço milorde; é um intrigante. Não o tolero; e se ele fosse leigo, milorde, por algumas referências que lhe ouvi sobre vós, eu o teria sovado lindamente.

DUQUE — Falou de mim? Um monge às maravilhas! E, por cima, a incitar esta coitada contra o nosso ministro! Ide buscá-lo.

LÚCIO — Ainda a noite passada os vi, milorde, na prisão; ela e o monge: um descarado, sujeito petulante.

FREI PEDRO — As bênçãos caiam sobre Vossa Real Graça. Estava à parte, milorde, e pude ouvir como abusavam de vossos reais ouvidos. No começo, esta mulher, mentindo, acusou vosso substituto que tão isento se acha de qualquer mancha ou de contato com ela, como ela de qualquer outra pessoa que por nascer esteja.

DUQUE — É o que pensamos. Conheceis esse frade Ludovico a que ela se refere?

FREI PEDRO — Tenho-o na conta de um varão piedoso e não na de intrigante ou descarado como este gentil-homem disse dele, podendo ainda afiançar-vos ser ele homem que jamais caluniou Vossa Grandeza como este aqui pretende.

LÚCIO — Podeis crer-me, milorde; é um miserável: caluniou-vos.

FREI PEDRO — Bem; é possível que ele próprio venha a se justificar um dia; agora, milorde, ele está doente, de uma febre muito estranha. Porém tendo sabido que se intentavam queixas contra vosso substituto, pediu-me que aqui viesse para dizer por ele o que ele sabe que é falso e o que é veraz, e que está pronto, sob juramento, a sustentar o dito como e quando o exigirem. Começando, pois, por esta mulher, para o mui digno lorde justificar, diretamente e em público acusado, haveis de vê-la desmentida de frente, até que a fraude venha ela a confessar.

DUQUE — Ouçamos isso, bom monge. (*Isabela sai escoltada; Mariana avança.*) Não vos faz sorrir tal coisa, lorde Ângelo? Oh vaidade destes míseros! Vamos sentar-nos. Neste assunto, primo, vou mostrar-me imparcial; de vossa causa sereis o próprio juiz. É a testemunha, monge? Primeiramente, é necessário que ela descubra o rosto; depois, file.

MARIANA — Perdão, milorde, mas não me descubro sem ordem do marido.

DUQUE — Oh! Sois casada?

MARIANA — Não milorde.

DUQUE — Solteira?

MARIANA — Não, milorde.

DUQUE — Nesse caso, sois viúva?

MARIANA — Não, tampouco.

DUQUE — Como! Sois nada, então, se não sois viúva, nem virgem, nem casada.

LÚCIO — É possível que seja prostituta, senhor, porque muitas delas não são nem virgens, nem viúvas, nem casadas.

DUQUE — Fazei calar esse homem! Tivesse ele motivo de palrar por conta própria!

LÚCIO — Está bem, senhor.

MARIANA — Senhor, confesso nunca ter casado e confesso, também, que não sou virgem. Conheço meu marido, e ele não sabe, meu marido, que já me conheceu.

LÚCIO — Nesse caso ele estava bêbedo, milorde; não pode ser de outro jeito.

DUQUE — Para ficardes quieto, quem nos dera que também o estivésseis!

LÚCIO — Bem, milorde.

DUQUE — Mas isso não tem nada com lorde Ângelo.

MARIANA — Já chego lá, milorde. Quem acusa lorde Ângelo de crime de luxúria, acusa meu marido — e isso, milorde, posso jurá-lo — quando, ternamente nos braços o apertava.

ÂNGELO — Ela acusa outro?

MARIANA — Não, que o saiba.

DUQUE — Ninguém? Não nos dissestes que era vosso marido?

MARIANA — Justamente, milorde, e esse é lorde Ângelo, que pensa nunca jamais haver-me conhecido, presumindo estar certo de que teve nos braços Isabel.

ÂNGELO — É uma impostura muito estranha. Descobre-nos o rosto.

MARIANA — Meu marido é quem manda; vou fazê-lo. (*Tira o véu.*) Este é o rosto, cruel Ângelo, em que outrora tu achavas digno de pousar os olhos, eis a mão que nas tuas apertavas com termos juramentos; este é o corpo que chamou para si o compromisso de Isabel e ficou no pavilhão do teu jardim, contigo, em lugar dela.

DUQUE — Conheceis, por acaso, esta mulher?

LÚCIO — Carnalmente, disse ela.

DUQUE — Cala, estúpido!

LÚCIO — Basta, milorde.

ÂNGELO — Confessar é forçoso que a conheço e que entre nós, já vai para cinco anos, se falou em consórcio, o que por vários motivos fracassou, em parte mínima por não ter ela o dote prometido, mas sobretudo por gozar da fama de leviana. Durante esses cinco anos nunca mais lhe falei, nem a vi nunca, nem dela me ocupei, palavra de honra.

MARIANA — Nobre príncipe, tão certo como vir do céu a luz e as palavras do alento, como há senso na verdade e verdade na virtude, sou a mulher deste homem, a ele presa por laços resistentes como os votos formados de palavras. Mais, milorde: no seu caramanchão, terça-feira, ele me reconheceu, enfim, como sua esposa. Tanto isso é verdadeiro, que vos peço permissão para agora levantar-me; se for mentira, quero ser mudada numa estátua de mármore aqui mesmo.

ÂNGELO — Até agora eu sorri; daqui por diante, meu bom senhor, fazei-me só justiça. Acabou-se a paciência; vejo agora que essas duas taradas são apenas instrumento de alguém mais poderoso que por elas atua. Permiti-me, milorde, descobrir toda a conjura.

DUQUE — De todo coração; desejo, mesmo, que o castigo vos deixe satisfeito. Monge insensato, e tu, mulher nociva, cúmplice daquela outra, imaginavas que esses teus juramentos — muito embora pudesses invocar todos os santos — seriam testemunho contra o crédito de quem já recebeu nossa confiança? Ficai vós, lorde Escalo, com meu primo, e lhe emprestai vosso bondoso esforço, para ver de onde vem toda esta intriga. Por trás destes aqui se acha outro monge; mandai chamá-lo.

FREI PEDRO — Desejava tê-lo, milorde, aqui presente, pois foi ele quem incitou, realmente, estas mulheres a apresentarem queixa. O carcereiro sabe onde ele reside; ser-lhe-á fácil ir procurá-lo.

DUQUE — Tratai disso logo. (*Sai o preboste.*) Quanto a vós, nobre e sempre honrado

primo, a quem compete investigar o assunto, contra as injúrias de que fostes alvo aplicai o castigo que entenderdes. Vou deixar-vos agora alguns momentos; mas não saiais sem terdes liquidado estes caluniadores.

ÂNGELO — É o que vamos fazer, milorde, sem perder mais tempo. (*Sai o duque.*) Não dissestes, há pouco, signior Lúcio, que o frade Ludovico é desonesto?

LÚCIO — Cuculius nonfacit monachum; só é honesto no trajo; disse coisas horríveis contra o duque.

ESCALO — Rogamo-vos que fiqueis aqui até que ele venha, para depordes contra ele. Vamos descobrir nesse monge um velhaco de marca.

LÚCIO — Como não há segundo em Viena, posso assegurar-vos.

ESCALO — Chamai novamente a essa Isabel; desejo falar-lhe. (*Sai uma pessoa do séquito.*) Consenti, senhor, que a interrogue; haveis de ver como sei manejá-la.

LÚCIO — Não o sabereis melhor do que ele, segundo ela própria o disse.

ESCALO — Que dissestes?

LÚCIO — O que eu penso, senhor, é que se a manejardes em particular, ela confessará mais depressa; é possível que assim em público fique acanhada.

ESCALO — Comigo ela há de ver as coisas pretas...

LÚCIO — É esse o caminho certo, porque no escuro as mulheres são mais facilmente manejáveis.

(*Voltam oficiais com Isabela.*)

ESCALO (*a Isabela*) — Avançai, senhorita! Aqui está uma senhora que nega tudo o que dissestes.

LÚCIO — Milorde, aí vem vindo o velhaco de que vos falei. Vem com o preboste.

ESCALO — Chega em tempo; não lhe faleis, enquanto eu não mandar.

(*Entra o duque disfarçado de monge e o preboste.*)

LÚCIO — Hum!

ESCALO — Aproximai-vos, senhor. Instigastes estas mulheres a caluniar lorde Ângelo? Elas confessam que o fizestes.

DUQUE — É mentira.

ESCALO — Como! Sabeis onde vos encontrais?

DUQUE — Todo o respeito a esse lugar... O diabo no seu trono do fogo é homenageado também de quando em vez. Onde está o duque? Ele é que deveria interrogar-me.

ESCALO — Ele está em nós, e nós vamos ouvir-vos; falai sinceramente.

DUQUE — Com coragem, pelo menos. Mas, pobres almas! viestes reclamar da raposa as

ovelhinhas? Adeus vossa justiça! Onde está o duque? Está ausente, com ele, vossa causa. O duque foi injusto ao esquivar-se ao vosso apelo público, entregando vosso processo ao biltre, justamente, que viestes acusar.

LÚCIO — Esse é o velhaco de que falei há pouco.

ESCALO — Como! frade blasfemo e irreverente! Pois não basta haverdes subornado estas mulheres para acusar este senhor virtuoso? Vindes ainda, com essa boca imunda, chamar-lhe biltre diante de seus próprios ouvidos e, por cima de tudo isso, atirar contra o duque o infame apodo de injusto? Retirai-o daqui logo. Ponde-o no potro! Vemos! Quebrar-lhe-emos, junta por junta, o corpo, até chegarmos a conhecer-lhe o intento. Como! Injusto?

DUQUE — Não vos inflameis tanto; igual direito tem o duque em puxar-me um só dos dedos como em puxar os dele. Meus negócios, por aqui, me fizeram testemunha da corrupção que em Viena bolha e ferve chegando a transbordar. Leis para todas as faltas, mas as faltas de tal modo seguras, que os mais fortes estatutos se assemelham a avisos pendurados nas tendas de barbeiros: são motivo de zombaria mais, que de advertência.

ESCALO — Difamador do Estado! Para o cárcere!

ÂNGELO — Que sabeis, signior Lúcio, a seu respeito? O homem de que falastes é mesmo este?

LÚCIO — Ele mesmo, milorde. Vem cá, careca; não estais me conhecendo?

DUQUE — Reconheço-vos pelo som da voz; encontramo-nos na prisão, durante a ausência do duque.

LÚCIO — Ah, encontrastes-me? E não vos recordais do que dissestes do duque?

DUQUE — Recordo-me de tudo, senhor.

LÚCIO — É assim? Então o duque era mulherengo, poltrão e imbecil, como pretendíeis que ele fosse?

DUQUE — Antes de me atribuirdes esses conceitos, senhor, devíeis trocar comigo de pessoa: fostes vós que falastes do duque dessa maneira e até mesmo em termos piores.

LÚCIO — Oh sujeito descarado! Não é certo que eu te dei uns puxões de nariz por causa do que disseste?

DUQUE — Protesto que amo o duque como a mim mesmo.

ÂNGELO — Vede como o velhaco trata de arranjar as coisas, depois de suas assacadilhas.

ESCALO — Com um sujeito desses não se deve nem discutir. Prisão com ele! Onde está o preboste? Levai-o para a prisão! Trancafiai-o a sete chaves e não o deixeis falar mais nada. Levai também estas rameiras, juntamente com o seu cúmplice.

(*O preboste põe a mão no duque.*)

DUQUE — Esperai, senhor; esperai um pouco.

ÂNGELO — Como! Está resistindo? Ajudai o preboste, Lúcio.

LÚCIO — Vamos, senhor; vamos, senhor; vamos, senhor! Ora, senhor! Então, careca mentiroso, gostas de andar embuçado, não? Mostra-nos essa cara de velhaco e vai logo para os diabos que te carreguem. Vamos, descobre logo isso, espertalhão, e vai enforcar-te. Como é, isso não sai? (*Faz cair o capuz do frade e descobre o duque.*)

DUQUE — És o primeiro biltre a criar um duque. Primeiro, carcereiro, servir quero de fiador a estas três gentis pessoas. (*A Lúcio*) — Sim, não vos esquiveis, senhor, que um frade vai dizer-vos ainda uma palavra. Prendei-o bem.

LÚCIO — Isto pode dar em coisa pior do que forca.

DUQUE (*a Escalo*) — Perdôo o que dissestes; assentai-vos; vou tomar-lhe o lugar. (*A Ângelo*) Se o permitis... Tens alguma palavra, estratagema ou impudência, enfim, a que recorras? Se assim for, trata logo da defesa, antes que minha história seja ouvida, e acaba logo.

ÂNGELO — Ó meu senhor temido! Mais culpado eu seria do que minha culpa, se me julgasse indevassável, porque vejo que Vossa Dignidade, como um ser superior, vigiou meus atos. Não prolongueis, portanto, meu bom príncipe, minha vergonha; todo o julgamento deve circunscrever-se tão-somente à minha confissão. Só o que vos peço é a sentença imediata e a morte rápida.

DUQUE — Vem cá, Mariana. Ora dizei-me: é certo que já fostes um dia noivo dela?

ÂNGELO — Fui, milorde.

DUQUE — Então levai-a e a desposai depressa. Fazei o ofício, monge; consumado o ato, voltai. Preboste, acompanhai-os.

(*Saem Ângelo, Mariana, frei Pedro e o preboste.*)

ESCALO — Mais me estranha, milorde, sua desonra do que a estranheza dela.

DUQUE — Aproximai-vos, Isabel; vosso monge é vosso príncipe. Não mudou com o traje o sentimento; como fui conselheiro em vosso transe, sempre fiel, desejo ser o vosso procurador, também, daqui por diante.

ISABELA — Perdoai-me por ter eu, vossa vassala, vos ocupado e dado tanto incomodo a Vossa Alteza, que eu não conhecia.

DUQUE — Perdôo-vos, Isabel. E agora, cara menina, quero ser também perdoado. Pesa-vos sobre o peito, eu o sei, a morte de vosso irmão. Talvez vos admireis de eu ter ficado à sombra, trabalhando para salvar-lhe a vida, e, em vez de mostra pública apresentar de minha força, não o ter socorrido. Ó generosa menina! Foi o passo apressurado da morte, que eu pensava ser mais lerda, que os planos me frustrou. Repouse em paz! E melhor vida não temer a morte, do que viver temendo-a todo o instante. Sirva-nos de consolo saber que ele não mais receia a morte.

ISABELA — Sim, milorde.

(*Voltam Ângelo, Mariana, frei Pedro e o preboste.*)

DUQUE — A esse recém-casado que aí vem vindo, de pensamentos maus, que tanta ofensa infligiu em vossa honra bem guardada, por amor, tão-somente, de Mariana podeis perdoar. No que respeita a vosso irmão fez ele duplo crime de violação: da santa castidade e da palavra dada, quanto à vida do falecido. Por sua própria boca nos grita por maneira estrepitosa a demência da lei: Morte por morte, um Ângelo por Cláudio! A pressa exige pressa; e vagar, vagar; o semelhante medida por medida sempre em tudo. Ângelo, tua falta é manifesta; de nada vale negá-la; fora inútil. Condenamos-te, pois, ao mesmo cepo em que Cláudio foi morto, e isso depressa. Levai-o!

MARIANA — Ó meu senhor muito gracioso! Creio não haja sido brincadeira de vossa parte o ter-me dado esposo.

DUQUE — Vosso esposo é quem brinca de marido convosco. Achei prudente o casamento para a honra vos guardar. De outra maneira, isso de ele vos ter já conhecido vos mancharia, além de, no futuro, prejudicar-vos. Quanto aos seus haveres, que, por confisco, passam a ser nossos, vos entregamos como dote para comprardes outro esposo.

MARIANA — Não desejo outro esposo, senhor, nem melhor que este.

DUQUE — Esse não me peçais; sou inabalável.

MARIANA (*ajoelhando-se*) — Meu nobre soberano...

DUQUE — Não percais tempo. Levai-o logo para a morte! (*A Lúcio*) — Agora nós.

MARIANA — Os joelhos emprestai-me, Isabel; vinde pôr-vos ao meu lado, que eu porei minha vida de hoje em diante somente em vos servir.

DUQUE — Vosso pedido, sobre importuno, é inútil. Se ela viesse impetrar compaixão por esse fato, o espírito do irmão seu leito pétreo romperia e a levara horrorizada.

MARIANA — Vinde ajoelhar-vos, Isabel, comigo; basta as mãos levantardes, que eu me incumbo de falar tudo. Dizem que os melhores homens hão de conter sempre defeitos e que chegam a ser melhores, quando alguma coisa de ruim contêm. Meu marido talvez seja assim feito. Ó Isabel! Não quereis ceder-me os joelhos?

DUQUE — Vai morrer por haver matado Cláudio.

ISABELA (*ajoelhando-se*) — Meu muito generoso soberano, olhai a este homem condenado, como se meu irmão vivesse. Creio, em parte, que ele fosse sincero em seus motivos, até quando me viu. Se essa é a verdade, não deixeis que ele morra. Houve justiça com meu irmão, pois ele era culpado do crime por que a vida a perder veio. Quanto a Ângelo, não chegou a dar corpo a seus intentos; sepultemo-los, pois, tal como a intentos que em caminho morreram. Pensamentos não são vassalos, e os intentos nunca passam de pensamentos.

MARIANA — Isso mesmo, milorde.

DUQUE — Vossa súplica é improficua; levantai-vos, portanto. Ora me lembro de outra falta. Preboste, por que causa foi Cláudio executado fora de hora?

PREBOSTE — Porque assim me mandaram.

DUQUE — Recebestes alguma ordem expressa para tanto?

PREBOSTE — Não, milorde; somente uma mensagem particular.

DUQUE — Por isso vos deponho de vosso cargo. As chaves. Entregai-mas!

PREBOSTE — Perdão, nobre senhor! Eu bem receava que não fosse direito, mas não tinha certeza, tendo vindo a arrepender-me depois de refletir. A prova disso vereis no fato de eu deixar com vida a um Outro prisioneiro, que devera ter morrido com Cláudio, por ter vindo de igual ordem privada.

DUQUE — Qual seu nome?

PREBOSTE — Chama-se Bernardino.

DUQUE — Quisera que com Cláudio tu tivesses feito o mesmo. Traze o outro; quero vê-lo.

(*Sai o preboste.*)

ESCALO — Dá-me pena, lorde Ângelo, que um homem tão instruído e discreto, como sempre vos mostrastes, houvesse escorregado por modo tão grosseiro; no começo pelo calor do sangue, depois disso por falta de eqüidade na justiça.

ÂNGELO — Dói-me ver que sou causa dessas dores, e de tal modo se me aperta o peito que prefiro morrer a ser perdoado. E o que eu mereço, sei-o; e é o que procuro.

(*Volta o preboste com Bernardino, Cláudio — encoberto — e Julieta.*)

DUQUE — Qual é o tal Bernardino?

PREBOSTE — Este, milorde.

DUQUE — Um monge me falou desse sujeito. Disseram-me que és de alma endurecida, que não concebe nada além do mundo e que isso te é bastante. És condenado; mas das faltas terrenas te perdôo. Aproveita, portanto, esta demência para um melhor futuro. Irmão, instruí-o; em mão vo-lo confio. E esse sujeito encapuçado ai? De quem se truta?

PREBOSTE — Este é outro prisioneiro por mim salvo, que devera morrer junto com Cláudio e que tanto com Cláudio se parece, como ele próprio. (*Descobre Cláudio.*)

DUQUE (*a Isabela*) — Se ele é parecido com vosso irmão, de fato, eu lhe perdôo por amor dele; e por amor de vossa graça, cara Isabel, dizei-me agora, dando-me a mão, que esposa heis de ser minha, pois que ele é meu irmão. Mas falaremos disso depois. Já percebeu lorde Ângelo com isto que está salvo; um brilho vejo-lhe nos olhos. Muito bem, Ângelo, vossos males vos deixam bem. Tratai agora de amar vossa consorte, que ela é digna. Sinto-me hoje inclinado a perdoar tudo. No entanto, há uma pessoa aqui presente a quem não perdoarei. (*A Lúcio*) — Vós, aí, senhor, que na conta me tínheis de covarde, mulherengo, imbecil, asno, pateta... Em que vos mereci para me honrardes com títulos tão grandes?

LÚCIO — Por minha fé, senhor, falei por brinquedo, como é costume. Se quiserdes enforcar-me por isso, podeis fazê-lo; mas eu preferira que vos fosse do agrado mandar açoitar-

me.

DUQUE — Primeiro açoite, sim; depois, a forca. Preboste, apregoai pela cidade que se alguma mulher foi ludibriada por este libertino — eu mesmo o ouvi dizer que uma ele havia engravidado — que apareça, porque vai desposá-lo. Concluída a cerimônia, cuidai logo de mandar chibateá-lo e de enforcá-lo.

LÚCIO — Suplico a Vossa Alteza não me case com uma rameira. Há pouco Vossa Alteza disse que eu vos havia armado duque. Não me recompenseis, meu bom lorde, transformando-me em cabrão.

DUQUE — Palavra de honra, tens de desposá-la. Perdôo-te as calúnias e ora mesmo te faço graça dos demais castigos. Levai-o para o cárcere e cuidai de executar a ponto nossas ordens.

LÚCIO — Casar com uma rameira, senhor, eqüivale a morrer a pauladas, a golpes de açoite e enforcado.

DUQUE — Quem difama o monarca é o que merece. Cuidai de reparar agora, Cláudio, a ofensa que fizestes. Alegrai-vos, Mariana! Ângelo, amai-a; confessei-a, e posso asseverar-vos que é virtuosa. Amigo Escalo, sou-te agradecido por toda tua bondade; algo te aguarda bem melhor do que simples cortesia. Obrigado, preboste, por teu zelo e tua discrição; vamos nomear-vos para cargo mais digno. Ângelo, peço-vos que lhe perdoeis ter ele substituído a cabeça de Cláudio, apresentando-vos a de um tal Ragozine. Por si própria essa falta se escusa. Minha cara Isabel, tenho agora de fazer-vos uma proposta que vos diz respeito. Se tudo o que passou vos comprazeu, o que é meu será vosso e o vosso meu. Vamos para o palácio, onde teremos vagar para contar o que sabemos.

(*Saem.*)

Muito Barulho por Nada

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 4

Cena 1

Cena 2

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Personagens

DOM PEDRO, Príncipe de Aragão.
DOM JOÃO, seu irmão bastardo.
CLÁUDIO, jovem fidalgo de Florença.
BENEDITO, jovem fidalgo de Pádua.
LEONATO, governador de Messina.
ANTÔNIO, seu irmão.
BALTASAR, criado de Dom Pedro.
BORRACHO, seguidor de Dom João.
CONRADO, seguidor de Dom João.
DOGBERRY, condestável.
VERGES, funcionário.
FREI FRANCISCO.
Um Escrivão.
Um Pajem.
HERO, filha de Leonato.
BEATRIZ, sobrinha de Leonato.
MARGARIDA, Criada de quarto de Hero
ÚRSULA, Criada de quarto de Hero.
Mensageiros, guardas, criados, etc.

Ato 1

Cena 1

Diante da casa de Leonato. Entram Leonato, Hero, Beatriz e outros, com um mensageiro.

LEONATO — Vejo por esta carta que Dom Pedro de Aragão chega hoje à noite a Messina.

MENSAGEIRO — Não deve estar longe; deixei-o a menos de três léguas daqui.

LEONATO — Quantos fidalgos perdestes nesse encontro?

MENSAGEIRO — Apenas alguns oficiais, mas nenhum de nome.

LEONATO — É dupla a vitória, quando o comandante retoma com os seus efetivos. Pelos termos da carta verifico que Dom Pedro conferiu muitas distinções a um jovem, florentino de nome Cláudio.

MENSAGEIRO — Aliás, merecidas de sua parte e com justiça reconheci das por Dom Pedro. Fez mais do que era de esperar de sua idade, realizando sob a figura de cordeiro façanhas de leão, façanhas que excederam tanto a expectativa, ao ponto de não poderdes esperar o relato delas.

LEONATO — Ele tem aqui em Messina um tio que vai ficar alegre com essa notícia.

MENSAGEIRO — Fui portador de cartas para ele que, ao parecer, o deixaram tão alegre, que a alegria não pôde manifestar-se modestamente, senão com uma ponta de tristeza.

LEONATO — Desatou a chorar?

MENSAGEIRO — Que não tinha mais fim.

LEONATO — Comovente excesso de delicadeza! As faces mais leais são as que se lavam desse modo; vale muito mais chorar de alegria do que alegrar-se com o choro.

BEATRIZ — Podereis informar-me, por obséquio, se o senhor Trincaferros já regressou da guerra?

MENSAGEIRO — Não sei a quem vos referis, senhorita; no exército não havia nenhum oficial com esse nome.

LEONATO — Sobrinha, de que pessoa estás pedindo notícias?

HERO — Minha prima se refere ao senhor Benedito, de Pádua.

MENSAGEIRO — Ah! Já regressou, e mais prazenteiro do que nunca.

BEATRIZ — Ele fixou aqui em Messina um edital de desafio a Cupido, para uma

competição de arco. Tendo lido o seu cartel, o bobo do meu tio o subscreveu em nome de Cupido e o desafiou para o tiro aos pássaros. Por obséquio: nesta guerra, quantos inimigos ele matou e cometeu? Ou melhor: quantos ele matou? Sim, que eu me comprometi a comer todos os que ele matasse.

LEONATO — Realmente, sobrinha, sois implacável com o senhor Benedito; mas o de que não tenho dúvida é que ele saberá encontrar-te.

MENSAGEIRO — Ele prestou relevantes serviços nesta guerra.

BEATRIZ — É que tínheis mantimentos estragados, que ele ajudou a consumir; é que um comilão de marca, dotado de excelente estômago.

MENSAGEIRO — Em compensação, senhorita, é um soldado valoroso.

BEATRIZ — Em compensação para senhoritas; mas em frente de um guerreiro, como se comporta?

MENSAGEIRO — Guerreiro para guerreiro, homem para homem. É um cavalheiro estofado de todas as qualidades honrosas.

BEATRIZ — É isso mesmo; não passa de um indivíduo estofado. Mas quanto à qualidade do enchimento... Ora bem, somos todos mortais.

LEONATO — Meu caro senhor, não deveis interpretar mal as palavras de minha sobrinha; entre ela e o senhor Benedito há uma espécie de guerra de epigramas; não se encontram sem que se peguem em alguma escaramuça de espírito.

BEATRIZ — Infelizmente ele não ganha nada com isso. No último encontro, saiu com quatro espíritos estropiados, tendo desde então ficado a sua pessoa sob o governo de um somente. De forma que se ainda lhe restar suficiente espírito para se aquecer, será de toda conveniência que o conserve bem, para poder diferençar-se do seu cavalo, pois não dispõe de mais nada que o faça passar por criatura racional. Quem é agora o seu irmão de armas? Sim, que ele tem um por mês.

MENSAGEIRO — Será possível?

BEATRIZ — Muito facilmente possível; a lealdade, para ele, é como a forma do chapéu, mudável com os caprichos da moda.

MENSAGEIRO — Pelo que vejo, senhorita, esse gentil-homem não se acha inscrito em vosso livro de notas.

BEATRIZ — Não; que se o estivesse, eu queimaria o livro. Mas dizei-me, por obséquio; quem é mesmo o seu irmão de armas? Não apareceu nenhum Ferrabrás de poucos anos que se dispusesse a fazer com ele uma viagem para o diabo?

MENSAGEIRO — Ele é sempre visto na companhia do muito nobre Cláudio.

BEATRIZ — Oh Senhor! Vai grudar-se-lhe como uma doença! Pega mais do que a peste, ficando a vítima imediatamente louca. Deus proteja o nobre Cláudio! Se ele está contaminado de Benedito, nem por mil libras poderá curar-se.

MENSAGEIRO — Desejam firmar amizade convosco, senhorita.

BEATRIZ — Pois não, bom amigo.

LEONATO — Nunca vireis a ficar louca, sobrinha.

BEATRIZ — É certo; enquanto não tivermos um janeiro quente.

MENSAGEIRO — Dom Pedro vem chegando.

(*Entram Dom Pedro, Dom João, Cláudio, Benedito, Baltasar e outros.*)

DOM PEDRO — Meu caro senhor Leonato, viestes ao encontro de incômodos. É costume de todo o mundo evitar despesas, mas vós as estais procurando.

LEONATO — Jamais vieram incômodos a esta casa sob a forma de Vossa Graça; porque, sempre que os incômodos partem, nos fica o sossego; ao passo que, com a vossa saída, remanesce a tristeza e se despede a alegria.

DOM PEDRO — Aceitais de muito bom grado o peso do fardo. Quero crer que esta é vossa filha?

LEONATO — Isso mesmo a mãe dela me afirmou muitas vezes.

BENEDITO — Tínheis alguma dúvida, para lho perguntardes?

LEONATO — Não, senhor Benedito, porque naquele tempo ainda éreis criança.

DOM PEDRO — A resposta vos pegou de cheio, Benedito. Só por isso imaginamos o que deveis ser depois de homem feito. Em verdade, a filha revela a filiação nos traços fisionômicos. Sêde feliz, senhorita, porque vos pareceis com um pai honrado.

BENEDITO — Se o senhor Leonato for o pai dela, sou capaz de apostar por toda Messina em como ela não traria a cabeça sobre os ombros, por mais que se pareça com ele.

BEATRIZ — Admira-me de que ainda insistais em dizer alguma coisa, senhor Benedito; ninguém vos dá atenção.

BENEDITO — Oh, prezada senhorita Desdém! Ainda estais viva?

BEATRIZ — Como poderia morrer o Desdém, se para alimentar-se encontra matéria da espécie do senhor Benedito? Onde quer que apareçais, a própria Cortesia se transforma em desdém.

BENEDITO — É porque a Cortesia gosta de virar casaca. Mas uma coisa é certa: com exceção de vós, todas as mulheres se apaixonam por mim. Só desejara que o coração me dissesse que eu não sou duro de coração, porque, para ser franco, não dedico amor a nenhuma.

BEATRIZ — O que constitui verdadeira felicidade para as mulheres, que, desse modo, ficam livres de um galanteador importuno. Dou graças a Deus por ter o sangue frio; nesse ponto nos parecemos. Prefiro ouvir meu cachorro latir para uma gralha a ouvir um homem dizer que me dedica amor.

BENEDITO — Deus conserve sempre Vossa Senhoria com semelhante disposição, que,

desse modo, um gentil-homem honesto evitará no rosto os arranhões que o Destino lhe tenha reservado.

BEATRIZ — Se ele tiver um rosto como o vosso, os arranhões não o deixarão pior.

BENEDITO — Daríeis uma excelente professora de papagaios.

BEATRIZ — É preferível uma ave da minha língua a um animal da vossa.

BENEDITO — Só quisera que o meu cavalo fosse tão veloz quanto vossa língua e que possuísse tão bom fôlego. Mas em nome de Deus, prossegui vosso caminho; já terminei.

BEATRIZ — Terminais sempre com alguma partida de sendeiro. Não é de hoje que vos conheço.

DOM PEDRO — Em resumo, é isso, Leonato... Senhor Cláudio e senhor Benedito, o meu prezado amigo Leonato estende a vós ambos o convite. Comuniquei-lhe que devemos demorar aqui pelo menos um mês, desejando ele de coração encontrar oportunidade para nos deter por mais tempo. Atrevo-me a jurar que não é hipócrita e que seus votos lhe brotam do mais fundo do coração.

LEONATO — Se jurardes, milorde, que vos tomareis perjuro. (*A Dom João.*) Sede bem-vindo, milorde; uma vez que vos reconciliastes com o príncipe vosso irmão, ponho-me ao vosso inteiro dispor.

DOM JOÃO — Obrigado; não sou de muitas palavras, mas agradeço-vos.

LEONATO — Apraz a Vossa Graça passar na frente?

DOM PEDRO — Vossa mão, Leonato; iremos juntos.

(*Saem todos, com exceção de Benedito e Cláudio.*)

CLÁUDIO — Benedito, viste a filha do senhor Leonato?

BENEDITO — Olhei para ela mas não a vi.

CLÁUDIO — Não é uma jovem de aparência virtuosa?

BENEDITO — Interrogais-me como o faz todo homem honesto, para ficardes conhecendo minha opinião sincera, ou desejais que vos fale como de costume, na qualidade de inimigo declarado do sexo a que ela pertence?

CLÁUDIO — Não; desejo que me fales com toda a isenção de ânimo.

BENEDITO — Então, por minha honra, sou de opinião que ela é muito baixa para um alto louvor, muito morena para um belo louvor e muito pequena para um grande louvor. O máximo que eu posso conceder a favor dela é que se ela fosse diferente do que é, não seria bonita, e não sendo senão o que é, não me agrada.

CLÁUDIO — Pensas que estou brincando; peço-te que me digas com sinceridade que tal a achaste.

BENEDITO — Tencionais comprá-la, para tirardes informações a seu respeito?

CLÁUDIO — Poderia o mundo todo comprar semelhante jóia?

BENEDITO — Sim, a jóia e mais o escrínio. Mas estás falando seriamente, ou estás fazendo o papel de zombador, para nos dizeres que Cupido é um bom caçador de lebres e Vulcano um carpinteiro admirável? Vamos, declarai logo a clave em que precisamos ficar para que vos acompanhemos no canto.

CLÁUDIO — Para os meus olhos, é a mais encantadora criatura que eu tenho visto.

BENEDITO — Pois eu ainda posso ver sem óculos e não enxergo isso. Aí está sua prima que se não fosse a fúria de que é possuída, a excederia tanto em formosura como o faz o primeiro dia de maio com o último de dezembro. Mas espero que não estejas com idéia de virar marido, não?

CLÁUDIO — Se eu tivesse jurado o contrário, não confiaria em mim mesmo, no caso de Hero consentir em se tornar minha esposa.

BENEDITO — Chegamos a esse ponto? Já não terá o mundo um só homem que não ponha o gorro na cabeça com cuidado? Não poderei ver nunca um solteirão de sessenta anos? Se assim é, não demores; se estás tão desejoso de pôr o pescoço na canga, deixa-te marcar logo pelo jugo e suspira os domingos perdidos. Olha! Dom Pedro vem vindo à tua procura.

(*Volta Dom Pedro.*)

DOM PEDRO — Que segredo vos deteve aqui, para não entrardes na casa de Leonato?

BENEDITO — Desejara que Vossa Graça me obrigasse a vo-lo revelar.

DOM PEDRO — Intimo-vos a fazê-lo, pela obediência que me deveis.

BENEDITO — Estais ouvindo, Conde Cláudio? Eu posso ser tão discreto quanto um mudo; podeis ficar certo disso. Mas a obediência.., tomai nota: é a obediência que me obriga. Ele está apaixonado... De quem? É o que Sua Graça perguntará... Prestai, agora, atenção no laconismo da resposta de Hero, a pequena filha de Leonato.

CLÁUDIO — Se assim fosse, já estaria declarado.

BENEDITO — É tal qual como nos velhos contos, milorde: Não é assim, não foi assim; permita Deus que não venha a ser assim.

CLÁUDIO — Se minha paixão não se modificar em pouco tempo, não permita Deus que seja por outro medo.

DOM PEDRO — Amém, se lhe tendes amor, porque ela é merecedora disso.

CLÁUDIO — Falais assim para sondar-me, milorde.

DOM PEDRO — Por minha fé, estou dizendo o que penso.

CLÁUDIO — O mesmo se dá comigo, milorde; por minha fé.

BENEDITO — E comigo também, milorde; por minha dupla honra e minha dupla fidelidade.

CLÁUDIO — Sinto que lhe tenho amor.

DOM PEDRO — Sei que ela é digna disso.

BENEDITO — Enquanto a mim, nem sinto como ela possa ser amada, nem sei como possa ser digna disso; o próprio fogo não me tiraria do corpo semelhante convicção; morrerei na fogueira convencido disso.

DOM PEDRO — Sempre foste um herege obstinado no menoscabo à beleza.

CLÁUDIO — Sem muita força de vontade ele não se poderia ter conservado nessa posição.

BENEDITO — O ter sido eu concebido por uma mulher lhe assegura os meus agradecimentos; o fato de me ter ela criado, me deixa, igualmente, reconhecido; mas vir eu a ter na fronte uma buzina de chamar cães ou a pendurar meu corno em um boldrié invisível, é o que todas as mulheres me perdoarão. Por não querer fazer-lhes a injustiça de desconfiar de alguma delas, reservo-me o direito de não confiar em nenhuma. A conclusão — que só redundará em proveito para mim — é que desejo continuar solteiro.

DOM PEDRO — Antes de morrer ainda hei de te ver pálido de amor.

BENEDITO — De cólera, de doença ou de fome, milorde; não de amor. Se em qualquer tempo provardes que eu perdi mais sangue com o amor do que possa recuperar com o vinho, arrancai-me os olhos com a pena de um fazedor de baladas e pendurai-me à porta de um bordel, como emblema do cego Cupido..

DOM PEDRO — Seja; se em algum tempo te mostrares infiel a esse princípio, fornecerás ótimo assunto para as sátiras.

BENEDITO — Se o fizer, colocai-me em uma garrafa, como um gato, para servir de alvo de pontaria, e batei amigavelmente no ombro de quem acertar em mim, dando-lhe o nome de Adão.

DOM PEDRO — Está bem; o tempo o provará. Há de chegar o tempo em que, no jugo, se curve o altivo touro.

BENEDITO — O altivo touro pode fazê-lo; mas, se em algum tempo o sensato Benedito se dobrar sob o jugo, tirai os cornos ao touro e colocai os em minha fronte, mandando que um troca-tintas qualquer pinte o meu retrato e, com letras bem grandes, como nos avisos: “Aqui se vende um bom cavalo”, escreva embaixo do quadro: “Aqui podeis ver Benedito, o homem casado”.

CLÁUDIO — Se isso chegasse a acontecer, ficarias um louco de chifres.

DOM PEDRO — Está bem; se Cupido não esvaziou o carcás em Veneza, dentro de pouco tempo hás de tremer, para castigo de tua rebeldia.

BENEDITO — Sim, se houver na hora algum tremor de terra.

DOM PEDRO — Bem, sabereis acomodar-vos às circunstâncias. Mas por enquanto, senhor Benedito, ide à casa de Leonato, apresentai-lhe meus cumprimentos e dizei-lhe que não

faltarei à ceia, pois é certeza ter ele feito grandes preparativos.

BENEDITO — Reconheço-me dotado de capacidade suficiente para semelhante embaixada. Com isso, eu vos entrego...

CLÁUDIO — ... à proteção de Deus. Datada em minha casa, se casa eu possuísse...

DOM PEDRO — ... aos seis de julho. Do amigo certo, Benedito.

BENEDITO — Nada de zombarias, nada de zombarias. O assunto de vossos discursos, apresenta, por vezes, moldura de pedacinhos muito mal ajustados. Antes de dizerdes graças antiquadas, deveis examinar a consciência. E com isso me despeço. (*Sai.*)

CLÁUDIO — Poderá Vossa Alteza ora ajudar-me?

DOM PEDRO — Ao teu dispor o meu amor se encontra: dá-lhe lições, para que vejas logo quão facilmente tudo ele assimila, uma vez que te seja de vantagem.

CLÁUDIO — Leonato tem mais filhos, caro príncipe?

DOM PEDRO — Além de Hero, nenhum, que é sua única herdeira. Estás gostando dela, Cláudio?

CLÁUDIO — Oh, milorde! Ao partirdes para a guerra que ora se acha concluída, apenas olhos de soldado lhe pus, aos quais seu todo parecia agradável, sem que a rude tarefa com que então me defrontava dar o nome de amor me consentisse a essa impressão primeira. Mas agora, já de retorno, quando os pensamentos guerreiros abandonam seus lugares, desejos delicados e inefáveis afluem para aí, todos instando comigo sobre o encanto irresistível da bela e jovem Hero e proclamando-me que antes de ir para a guerra eu já a adorava.

DOM PEDRO — És qual apaixonado que, com um livro de palavras, aturdes os seus ouvintes. Se amas a Hero formosa, não desistas. Junto dela e do pai, hei de empenhar-me para que tua, alfim, ela se torne. Não foi para esse fim que te puseste a me desenrolar tão linda história?

CLÁUDIO — Como tratais com jeito os namorados cuja doença no rosto se revela! O medo, tão-somente, de que a minha paixão vos parecesse muito súbita me levou a aplicar-lhe o paliativo de um discurso com tantos circunlóquios.

DOM PEDRO — Por que fazeres mais comprida a ponte do que a largura máxima do rio? Tens a necessidade como escusa. O recurso está à mão. Que amas, é certo; de mim dependerá dar-te o remédio. À noite, ouvi dizer, vai haver baile. Nessa ocasião, com tal ou qual disfarce, farei o teu papel, apresentando-me como Cláudio à linda Hero, para ao colo lhe despejar quanto no peito eu tenha e o ouvido cativar-lhe ao só embate de uma história de amor, irresistível. Depois, ao pai direi o que se passa. A conclusão é que ela será tua. Ponhamos logo em prática esse plano.

(*Saem.*)

Cena 2

Um quarto na casa de Leonato. Entram Leonato e Antônio, por lugares diferentes.

LEONATO — Então, mano! Onde se encontra meu sobrinho, teu filho? Ele já providenciou sobre a música?

ANTÔNIO — Está dando os passos para isso. Mas, mano, vou contar-te notícias estranhas, com que não poderias nem sonhar.

LEONATO — São boas?

ANTÔNIO — Conforme a cunhagem dos acontecimentos; mas a estampa é das melhores. Um dos meus criados ouviu uma conversa entre o príncipe e o Conde Cláudio, quando passeavam numa das alamedas sombreadas do meu jardim. O príncipe contava a Cláudio que estava apaixonado de minha sobrinha, vossa filha, e que pretendia revelar-lhe isso mesmo, durante o baile desta noite, e mais: que no caso de obter o seu consentimento, viria falar-vos sem demora.

LEONATO — Revela senso o homem que vos contou semelhante coisa?

ANTÔNIO — É um rapaz esperto. Vou mandar chamá-lo; vós próprio o interrogareis.

LEONATO — Não, não! Encaremos o caso como um sonho, até que se torne realidade. Mas é bom que minha filha seja informada do que se passa, a fim de preparar a resposta, no caso de ser verdadeira a notícia. Ide falar-lhe. (*Várias pessoas atravessam a cena.*) Primos, sabeis o que tendes a fazer? Oh, perdão, amigo! Vinde comigo, para que eu me valha de vossa capacidade. Muito cuidado nesta azáfama, caro primo!

(*Saem.*)

Cena 3

Outro quarto da casa de Leonato. Entram Dom João e Conrado.

CONRADO — Que tendes, milorde? Por que vos achais triste assim, tão fora de medida?

DOM JOÃO — Sendo fora de medida as causas de minha tristeza, forçoso é que ela seja ilimitada.

CONRADO — Devíeis escutar a voz da razão.

DOM JOÃO — Depois de a escutar, que proveito me virá disso?

CONRADO — Se não um remédio eficaz, resignação paciente.

DOM JOÃO — Admira-me de que tu, nascido, como o disseste, sob Saturno, te esforces por aplicar medicina moral num mal incurável. Não sei fingir: é forçoso ficar eu triste, quando tiver causa para tanto, sem que nenhum gracejo consiga fazer-me sorrir; preciso comer, quando tiver vontade, sem ter de esperar por ninguém; dormir, quando estiver cabeceando, sem ficar dependendo de negócios dos outros; rir, quando estiver alegre, sem precisar adular a disposição de pessoa nenhuma.

CONRADO — É certo; mas não ficará bem estadeardes todas essas disposições, enquanto não puderdes fazê-lo sem contradição. Recentemente vos rebelastes contra vosso irmão, que acaba de vos receber novamente em sua graça, na qual não podereis lançar raízes, a não ser com o bom tempo que vós mesmo ensejardes; é necessário preparardes a estação para o que tiverdes de colher.

DOM JOÃO — Prefiro ser lagarta em uma sebe a ser rosa na graça do meu irmão. Acomoda-se melhor com meu sangue ser desprezado por todos do que conformar os meus atos de modo que roubem a afeição de quem quer que seja. A esse respeito, se não se pode dizer que eu sou um adulador honesto, não se me negará o título de vilão sincero. Confiam em mim, amordaçando-me, e deixam-me livre depois de peado; por isso, determinei não cantar em minha gaiola. Se eu estivesse com a boca livre, morderia; se estivesse em liberdade, faria o que bem me parecesse. Mas até lá, deixai-me ser o que sou, sem procurardes modificar-me.

CONRADO — Não podeis tirar nenhum proveito de vosso descontentamento?

DOM JOÃO — Valho-me dele como posso, pois não faço outra coisa. Mas quem vem vindo aí? (*Entra Borracho.*) Que novidades há, Borracho?

BORRACHO — Acabo de sair de uma ceia lauta; o príncipe, vosso irmão, está sendo regiamente tratado por Leonato, podendo eu comunicar-vos que há um casamento em

perspectiva.

DOM JOÃO — Poderá servir-nos de alicerce para sobre ele levantarmos qualquer maldade? Qual é o imbecil que pretende desposar a inquietação?

BORRACHO — Ora, o braço direito do vosso mano.

DOM JOÃO — Quem? O esquisito Cláudio?

BORRACHO — Ele mesmo.

DOM JOÃO — É um cavaleiro de mão cheia! Com quem? Com quem? Para que lado lançou ele a vista?

BORRACHO — Para o lado de Hero, a filha e herdeira de Leonato.

DOM JOÃO — Aquela franguinha de março? Como ficaste sabendo disso?

BORRACHO — Ao defumar um quarto úmido, cuja limpeza me tocara, vai chegar o príncipe e Cláudio, de mão dadas, em conferência muito séria. Esgueirei-me para trás da cortina e pude ouvir, quando combinavam que o príncipe faria por conta própria a corte a Hero e, uma vez obtido o seu consentimento, a cederia ao Conde Cláudio.

DOM JOÃO — Vamos, vamos para lá! Isso poderá dar pábulo para o meu descontentamento. Esse moço aventureiro se locupletou com a minha derrota. Se houver qualquer jeito para eu me atravessar em seu caminho, de todo jeito eu me bendirei. Sois de confiança e estais dispostos a me ajudar?

CONRADO e BORRACHO — Até à morte, milorde.

DOM JOÃO — Vamos para a grande ceia. A alegria deles é tanto maior por me saberem humilhado. Ah! se o cozinheiro pensasse do mesmo modo que eu! Vamos ver o que é possível fazer.

BORRACHO — Estamos ao inteiro dispor de Vossa Senhoria.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Uma sala em casa de Leonato. Entram Leonato, Antônio, Hero, Beatriz e outros.

LEONATO — O Conde João não esteve na ceia?

ANTÔNIO — Não o vi.

BEATRIZ — Que gentil-homem de feições carrancudas! Nunca o vejo sem que uma hora depois ainda esteja com azia.

HERO — É de temperamento demasiadamente melancólico.

BEATRIZ — O homem perfeito seria o que representasse o meio-termo exato entre ele e Benedito: um não fala coisa nenhuma, parece retrato; o Outro é como o filho mais velho da senhora morgada, vive sempre a tagarelar.

LEONATO — Assim sendo, meia língua do senhor Benedito na boca do Conde João e metade da melancolia do Conde João no rosto de Benedito...

BEATRIZ — ... além de bonitas pernas e bons pés, meu tio, e bastante dinheiro na bolsa: semelhante indivíduo conquistaria qualquer mulher, com a condição, bem entendido, de lhe obter as graças.

LEONATO — Por minha fé, sobrinha, com língua tão mordaz, nunca chegarás a arranjar marido.

ANTÔNIO — De fato, é muito maldosa.

BEATRIZ — Muito maldosa é mais do que maldosa simplesmente. Isso E me fará perder parte do quinhão das dúvidas da Providência, por estar escrito: Deus deu chifres curtos à vaca maldosa; mas deixou sem chifres à muito maldosa.

LEONATO — Sendo assim, por serdes muito maldosa, Deus não vos fará presente de chifres?

BEATRIZ — Justamente, não me dando marido, felicidade que não me canso de agradecer, de joelhos, desde pela manhã até à tarde. Oh, Senhor! Não me seria possível suportar um marido barbado. Prefiro dormir na lã.

LEONATO — Nesse caso, poderias arranjar um marido imberbe.

BEATRIZ — E que faria com ele? Vesti-lo com minhas roupas, para fazer dele minha criada de quarto? O indivíduo com barba é mais do que um rapaz e o imberbe menos do que um homem. Ora, sendo mais do que um rapaz, não me serve; sendo menos do que um homem, não

lhe sirvo eu. Por isso, prefiro receber os seis pences de salário do guardador de ursos e conduzir para o inferno todos os seus macacos.

LEONATO — Assim sendo, ireis para o inferno?

BEATRIZ — Não, até à porta, somente, onde o diabo, como um velho cabrão de chifres na testa, me virá encontrar e me dirá: "Vai para o céu, Beatriz! Vai para o céu! Aqui não há lugar para donzelas". Nesse passo, far-lhe-ei a entrega dos meus macacos e subirei diretamente para São Pedro, no céu, que me mostrará o lugar dos celibatários, onde passaremos felizes o dia todo.

ANTÔNIO (*a Hera*) — Espero, sobrinha, que vos deixareis dirigir por vosso pai.

BEATRIZ — Sem dúvida. A prima está na obrigação de fazer uma reverência e de dizer: "Como for do vosso agrado, meu pai". Mas apesar disso, prima, que seja um rapaz simpático; caso contrário, faze outra reverência e dize: "Como for do meu agrado, meu pai".

LEONATO — Espero, sobrinha, ainda vos ver provida de marido.

BEATRIZ — Isso só poderá acontecer depois que Deus fizer os homens com outra substância que não a terra. Pois não constituirá ofensa para uma mulher ver-se dominada por um bloco de poeira insolente? Não, tio; não desejo marido. Todos os filhos de Adão são meus irmãos; considero pecado casar-me com parentes.

LEONATO — Filha, não te esqueças de minha recomendação: já sabes o que deves responder, no caso de te fazer o príncipe alguma proposição nesse sentido.

BEATRIZ — A culpa será exclusivamente da música, se não ficares noiva no tempo certo. Se o príncipe se mostrar importuno, dize-lhe que em todas as coisas há compasso: com isso, lhe darás uma resposta dançante. Acredita em minhas palavras, Hero: o noivado, o casamento e o arrependimento podem ser comparados a uma giga escocesa, um minueto e uma pavana. A primeira declaração é ardente e rápida como uma giga escocesa e igualmente caprichosa; o casamento é cortês e discreto como um minueto, vetusto e cerimonioso. Depois vem o arrependimento no passo de cinco da pavana, até acabar caindo na sepultura.

LEONATO — Sobrinha, tu vês as coisas com muita sagacidade.

BEATRIZ — Tenho muito boa vista, meu tio; distingo uma igreja em pleno dia.

LEONATO — Mano, os mascarados vêm chegando. Retiremo-nos.

(*Entram Dom Pedro, Cláudio, Benedito, Baltasar, Dom João, Borracho, Margarida, Úrsula e outros, de máscaras.*)

DOM PEDRO — Consentireis, senhorita, em dançar com um amigo?

HERO — Se andardes devagar, com aparência amistosa e se nada disserdes, estou à vossa disposição, principalmente para me afastar daqui.

DOM PEDRO — Tendo-me por companheiro?

HERO — Poderei dizer que sim, quando for do meu agrado.

DOM PEDRO — E quando será de vosso agrado falar-me desse jeito?

HERO — Quando eu me agradar de vossas feições, pois não queira Deus que o alaúde se pareça com o estojo.

DOM PEDRO — Minha máscara é como o teto de Filemão: dentro da choupana está Jove.

HERO — Se for assim, deveríeis ter a máscara coberta de colmo.

DOM PEDRO — Falai baixo, se falais de amor...

(*Afastam-se.*)

BALTASAR — Desejaria que gostásseis de mim.

MARGARIDA — Pois eu não; digo isso em vosso próprio interesse, por que sou dotada de péssimas qualidades.

BALTASAR — Por exemplo?

MARGARIDA — Digo as minhas orações em voz alta.

BALTASAR — Uma razão a mais para eu vos dedicar amor: os ouvintes poderão dizer "Amém!"

MARGARIDA — Deus me conceda um bom par para a dança!

BALTASAR — Amém!

MARGARIDA — E o ponha longe de minha vista, depois de terminada a contradança! Vamos, respondei logo, coroinha!

BALTASAR — Basta de palavras; o coroinha já obteve resposta.

(*Afastam-se.*)

ÚRSULA — Conheço-vos perfeitamente: sois o senhor Antônio.

ANTÔNIO — Dou-vos a minha palavra em como estais enganada.

ÚRSULA — Reconheço-vos pelo jeito de balançar a cabeça.

ANTÔNIO — Para vos dizer a verdade, eu o estou imitando.

ÚRSULA — Se não fosseis ele, não poderíeis imitá-lo tão horrivelmente bem. Sois ele mesmo! Sim, é dele essa mão mirrada que não pára em lugar nenhum! Sois ele mesmo!

ANTÔNIO — Dou-vos a minha palavra de honra em como não sou ele.

ÚRSULA — Ora, ora! Imaginais, então, que eu não vos reconheço pelo espírito vivaz? Poderá o mérito ficar muito tempo oculto? Vamos, confessai: sois ele mesmo. A graça acaba por aparecer; e com isto, basta.

(*Afastam-se.*)

BEATRIZ — Não podeis dizer-me quem vos contou tal coisa?

BENEDITO — Peço desculpas, mas é impossível.

BEATRIZ — E não me direis também como vos chamais?

BENEDITO — Agora não.

BEATRIZ — Que eu sou desdenhosa, que tiro o melhor do meu espírito das "Cem histórias alegres"... Já sei: quem vos disse isso foi o senhor Benedito.

BENEDITO — Quem é esse Benedito?

BEATRIZ — Tenho certeza de que o conheceis perfeitamente.

BENEDITO — Não o conheço, podeis crer-me.

BEATRIZ — Ele nunca vos faz rir?

BENEDITO — Mas, por obséquio: quem é ele?

BEATRIZ — Ora, o bobo do príncipe, um pobre-diabo sem graça nenhuma, que só sabe inventar calúnias absurdas. Só os libertinos é que o procuram, e, assim mesmo, não por seu espírito, mas por suas vilanias, porque ele distrai e irrita a um só tempo os ouvintes, que, depois, de rirem à sua custa, lhe dão pancada. Tenho certeza de que ele faz parte da frota; quisera que ele me tivesse abordado.

BENEDITO — Se eu chegar a conhecer esse cavalheiro, dir-lhe-ei vossa opinião a seu respeito.

BEATRIZ — Não deixeis de fazê-lo; ele não deixará passar a oportunidade para me atirar uma ou duas comparações, e, se se der o caso de ninguém reparar nelas ou de não provocarem o riso, o nosso homem se tornará melancólico, com o que será poupada uma asa de perdiz, porque o nosso truão ficará essa noite sem comer. (*Música dentro.*) Acompanhemos os guias.

BENEDITO — Em todas as coisas boas.

BEATRIZ — Sem dúvida, que, se tomarem a direção do mal, eu os deixarei na primeira volta. (*Dança.*)

(*A seguir, saem todos, com exceção de Dom João, Borracho e Cláudio.*)

DOM JOÃO — É certeza estar o meu irmão apaixonado de Hero; chamou o pai dela à parte, para pedi-la em casamento. Todas as damas a acompanharam; na sala só ficou um mascarado.

BORRACHO — É Cláudio; conheci-o pelo andar.

DOM JOÃO — Não sois o senhor Benedito?

CLÁUDIO — Conheceis-me bem; sou ele mesmo.

DOM JOÃO — Senhor, ocupais um alto posto na estima de meu irmão. Ele está apaixonado de Hero; procurai, vos peço, dissuadi-lo desse propósito, que ela é de nascimento inferior ao dele. Assim fazendo, procedereis como homem honesto.

CLÁUDIO — Como sabeis que ele lhe tem amor?

DOM JOÃO — Ouvi quando ele lhe jurava isso mesmo.

BORRACHO — Eu também ouvi; jurou que a desposaria esta noite.

DOM JOÃO — Vamos para o banquete.

(*Saem Dom João e Borracho.*)

CLÁUDIO — Para lhe responder fui Benedito, mas as ruins notícias foram ditas nos ouvidos de Cláudio. Sim, é certo: por conta própria fez a corte o príncipe. A amizade é constante em tudo, menos nos assuntos de amor. Os namorados usar devem, por isso, a língua própria, dos olhos se valendo nos negócios, sem recorrer a agentes, que a beleza é bruxa astuta que dispõe de filtros para mudar a lealdade em sangue. É fato comezinho que eu devia ter previsto. Por isso, Hero, até à vista.

(*Torna a entrar Benedito.*)

BENEDITO — É o Conde Cláudio?

CLÁUDIO — Ele mesmo.

BENEDITO — Vireis comigo?

CLÁUDIO — Para onde?

BENEDITO — Até ao próximo salgueiro, no vosso próprio interesse, conde. De que modo desejais usar a guirlanda? Em torno do pescoço, como cadeia de usuário, ou debaixo do braço, como faixa de tenente? De um jeito ou do outro, tereis de usá-la, que o príncipe já conquistou a vossa Hero.

CLÁUDIO — Desejo que seja feliz com ela.

BENEDITO — Que é isso? Até parece linguagem de boiadeiro! É desse jeito que se arrematam novilhos. Mas, em verdade, esperáveis que o príncipe vos tratasse dessa maneira?

CLÁUDIO — Deixai-me em paz, por obséquio.

BENEDITO — Oh! Estais fazendo como os cegos: o garoto vos roubou a comida e descarregais uma paulada no poste.

CLÁUDIO — Já que não saís, saio eu. (*Sai.*)

BENEDITO — Pobre ave ferida! Agora vai refugiar-se nos juncos. Mas é pena que a senhorita Beatriz me conheça tão bem e. ao mesmo tempo, tão mal! O truão do príncipe! Ah! É possível que eu tivesse adquirido esse título por ser de gênio alegre. Não, não! Estou sendo injusto comigo mesmo. Serei tido, realmente, nesse conceito? É a disposição maldosa de Beatriz que a leva a falar como porta-voz do mundo e a apresentar-me sob esse aspecto. Está bem; hei de vingar-me como puder.

(*Torna a entrar Dom Pedro.*)

DOM PEDRO — Sabeis, senhor, onde está o conde? Viste-lo por acaso?

BENEDITO — Em verdade, milorde, acabo de representar o papel da Fama. Neste

momento acabei de encontrá-lo; estava tão melancólico como uma guarita numa tapada. Disse-lhe — e penso que lhe dizia a verdade — que Vossa Alteza havia captado as boas graças da jovem beldade e me ofereci para acompanhá-lo até ao salgueiro próximo e aí tecer-lhe uma guirlanda, por ter sido ele abandonado, ou para cortar-lhe um feixe de varas, por merecer umas vergastadas.

DOM PEDRO — Merecer umas vergastadas? E qual foi a sua falta?

BENEDITO — A falta desenxabida de um colegial que, transbordante de alegria por haver achado um ninho, o mostra ao seu camarada que acaba ficando com ele.

DOM PEDRO — Pretendeis fazer da confiança uma transgressão? Falta haveria, se houvesse havido roubo.

BENEDITO — Ainda assim, as varas e a guirlanda não teriam sido perdidas; a guirlanda poderia servir para ele próprio, que vos presentearia com as varas, por lhe terdes roubado o seu passarinho.

DOM PEDRO — Só queria ensinar o passarinho a cantar, para depois entregá-lo ao verdadeiro dono.

BENEDITO — Se o seu canto estiver de acordo com o que dizeis, por minha fé, falais honestamente.

DOM PEDRO — A senhorita Beatriz tem contas ajustar convosco; o seu companheiro de contradança disse que falastes muito mal dela.

BENEDITO — Oh! Eu é que suportei maus-tratos da parte dela, com a paciência de uma pedra insensível. Um carvalho de uma única folha verde lhe teria respondido; sim, minha própria máscara parecia animar-se para lhe dar a reprimenda merecida. Sem saber que estava falando comigo, disse-me que eu era o bufão do príncipe e mais enfadonho do que um grande degelo; desse jeito foi me atirando uma série de sarcasmos com tal habilidade que eu parecia preso a um poste, servindo de alvo para um exército. Sua fala é só punhais; cada palavra produz uma ferida. Se seu hálito fosse tão terrível, como as expressões de que ela se vale, ninguém ficaria com vida nas suas imediações; devastaria tudo, daqui ao pólo norte. Não a desposaria, ainda mesmo que como dote levasse tudo quanto Adão possuía antes do pecado. O próprio Hércules se veria obrigado a lhe virar o espeto do assado e a partir a clava em pedacinhos para alimentar o fogo. Vamos, não me faleis mais dessa pessoa, em que acabareis reconhecendo a infernal Ate com vestes graciosas. Prouvera a Deus que algum sábio a exorcizasse, pois, enquanto ela se encontrar neste mundo, é certeza poder a gente viver no inferno com tanta tranqüilidade, como nos lugares sagrados, pecando intencionalmente o povo tão-só com o fim de poder ir para lá; e tanto é verdade isso, que por toda parte a seguem a discórdia, o pavor e a inquietação.

(*Tornam a entrar Cláudio, Beatriz, Hero e Leonato.*)

DOM PEDRO — Ei-la que vem chegando!

BENEDITO — Não quererá Vossa Graça mandar-me ao fim do mundo com alguma

incumbência? Pelo mais insignificante pretexto, estou disposto a ir até aos antípodas: sou capaz de vos trazer um palito do mais longínquo recanto da Ásia, ou a medida do pé do Prestes João, ou um fio da barba do Grã-Cão, ou ir, como embaixador, aos pigmeus, contanto que não troque três palavras com essa harpia. Não tendes nenhuma incumbência para mim?

DOM PEDRO — Nenhuma, senão desejar-vos boa companhia.

BENEDITO — Oh céus. um prato de que eu não gosto: não suporto a senhora Língua! (*Sai*.)

DOM PEDRO — Como estais vendo, senhorita, perdestes o coração do senhor Benedito.

BEATRIZ — É certo, milorde; ele mo emprestara por algum tempo e eu lho devolvi com juros: um coração duplo, no lugar do simples que eu havia recebido. Mas, antes disso, ele já mo havia ganho com dados falsos. Vossa Graça tem razão de dizer que o perdi.

DOM PEDRO — Vós o levastes ao chão, senhorita, vós o levastes ao chão!

BEATRIZ — Não quisera que ele houvesse feito a mesma coisa comigo, milorde, de medo de me tornar mãe de cretinos. Aqui vos trago o Conde Cláudio, que me havíeis mandado procurar.

DOM PEDRO — Como passais, conde? Por que estais tão triste?

CLÁUDIO — Não estou triste, milorde.

DOM PEDRO — Então estais doente?

CLÁUDIO — Também não, milorde.

BEATRIZ — O conde não está nem triste, nem doente, nem alegre, nem com saúde; está simplesmente um conde polido, polido como uma laranja de cuja cor ciumenta ele participa.

DOM PEDRO — De fato, senhorita, penso que a vossa interpretação heráldica é verdadeira, conquanto eu possa afiançar que a suspeita dele não tem base. Vê, Cláudio, fiz a corte em teu nome e obtive a mão da bela Hero. Falei com o pai dela, que deu o seu consentimento. Só falta marcares o dia das núpcias, e que Deus te faça feliz.

LEONATO — Conde, recebei minha filha, e, juntamente com ela, minha fortuna. Sua Graça promoveu essa união a que a Graça celeste diz Amém.

BEATRIZ — É a vossa deixa, conde! Dizei alguma coisa.

CLÁUDIO — O silêncio é o mais eloqüente arauto da alegria. Pequena seria a minha felicidade, se eu pudesse dizer quanto ela é grande. Senhorita, sou vosso, como sois minha; em troca de vós, dou-me a mim mesmo, exultando com a barganha.

BEATRIZ — Prima, dizei alguma coisa também; se o não puderdes, tapai-lhe a boca com um beijo, não permitindo que ele continue a falar.

DOM PEDRO — De fato, senhorita, possuís um coração alegre.

BEATRIZ — É certo, milorde; sou muito grata ao coitadinho, por saber ele manter-se sempre resguardado do vento das preocupações. Minha prima está dizendo ao ouvido do conde

que ele se acha no coração dela.

CLÁUDIO — Foi isso mesmo que ela disse, prima.

BEATRIZ — Oh Deus bondoso, mais um casamento! Assim acaba acontecendo com todo o mundo, menos comigo, por ser desengonçada. Serei obrigada a ficar no meu canto, a chorar por um marido.

DOM PEDRO — Lady Beatriz, vou arranjar-vos um.

BEATRIZ — Seria bom que fosse algum da reserva de vosso pai. Não possui Vossa Graça nenhum irmão que se pareça convosco? Vosso pai gerou excelentes maridos para as felizardas a quem eles tocarem por sorte.

DOM PEDRO — Quereis-me por esposo, senhorita?

BEATRIZ — Não, milorde, a menos que dispuzesse de outro para os dias de serviço. Vossa Graça é por demais precioso para uso diário. Vossa Graça há de me perdoar, mas parece que eu nasci somente para dizer tolices.

DOM PEDRO — Vosso silêncio me desagradaria; essa alegria diz melhor com o vosso todo; decerto nascestes em uma hora alegre.

BEATRIZ — Não é assim, milorde; minha mãe chorou ao meu nascimento. Mas aconteceu que nessa hora dançou a estrela sob cuja influência eu vim ao mundo. Primos. Deus vos conceda alegria.

LEONATO — Não ireis cuidar, sobrinha, do que combinamos?

BEATRIZ — Perdão, tio. Com licença de Vossa Graça. (*Sai.*)

DOM PEDRO — Realmente, é uma menina de gênio folgazão.

LEONATO — É certo, milorde; em sua companhia não entra muito elemento melancólico. Só está triste quando dorme, e assim mesmo nem sempre, pois minha filha me disse que já aconteceu ter ela sonhado com coisas tristes e despertado às gargalhadas.

DOM PEDRO — Em casamento é que ela não quer ouvir falar.

LEONATO — De jeito nenhum; zomba de todos os pretendentes.

DOM PEDRO — Está boa para casar-se com Benedito.

LEONATO — Que dizeis, milorde? Depois de uma semana, cada qual deixaria louco o outro.

DOM PEDRO — Conde Cláudio, quando pensais em levar à igreja a noiva?

CLÁUDIO — Amanhã, milorde; o tempo andará de muletas enquanto o amor não completar seus ritos.

LEONATO — Não, Meu caro filho; não poderá ser antes da próxima segunda-feira, dentro de sete dias justos, o que, aliás, ainda é prazo muito exíguo para a realização de todos os meus projetos.

DOM PEDRO — Ora vamos! Estou vendo que abanais a cabeça à notícia de tão grande adiamento. Mas posso assegurar-te, Cláudio, que não vamos sentir tédio durante essa semana, pois nesse ínterim pretendo meter ombros a um dos trabalhos de Hércules, que irá consistir em deixar o senhor Benedito e a senhorita Beatriz debaixo de uma montanha de amor. O meu desejo é vê-los casados, não alimentando dúvidas de que conseguirei o intento, se vós três seguirdes as minhas indicações.

LEONATO — Estou ao vosso dispor, milorde, embora isso me viesse a custar dez noites de vigília.

CLÁUDIO — Eu também, milorde.

DOM PEDRO — E vós também, gentil Hero?

HERO — Na minha modéstia farei o possível para ajudar minha prima a arranjar um bom marido.

DOM PEDRO — Benedito não é dos menos cobiçáveis partidos do meu conhecimento. Em seu louvor posso ir ao ponto de dizer que é de nascimento nobre, valor comprovado e honestidade à toda a prova. Hei de dizer-vos como deveis tratar vossa prima, para que ela venha a se apaixonar de Benedito; por outro lado, manejaremos Benedito de tal modo, que, a despeito de seu espírito vivaz e de suas repugnâncias naturais, ficará apaixonado de Beatriz. Se conseguirmos isso, Cupido deixará de ser arqueiro; sua glória ficará sendo nossa, apenas, pois passaremos a ser as únicas divindades do amor. Vinde comigo, para ficardes sabendo do meu plano.

(*Saem.*)

Cena 2

Outro quarto em casa de Leonato. Entram Dom João e Borracho.

DOM JOÃO — É fato: o Conde Cláudio vai casar-se com a filha de Leonato.

BORRACHO — Sim, milorde; mas eu posso impedir esse casamento.

DOM JOÃO — Qualquer barreira, qualquer entrave, qualquer impedimento me servirá de cordial. Sofro do desprazer que ele me causa; tudo o que lhe contrariar os anelos andará de par com os meus. De que jeito poderás impedir esse casamento?

BORRACHO — Não será por meios honestos, milorde, mas tão às ocultas que não se me poderá descobrir nenhuma desonestidade.

DOM JOÃO — Dize-me em poucas palavras como será isso possível.

BORRACHO — Se não me falha a memória, há um ano contei a Vossa Senhoria que eu caíra nas boas graças de Margarida, a criada de quarto de Hero.

DOM JOÃO — Recordo-me disso.

BORRACHO — Poderei fazer que, a qualquer hora inconveniente da noite, ela apareça na janela do quarto de sua senhora.

DOM JOÃO — E que vida há em tudo isso capaz de causar a morte desse casamento?

BORRACHO — Dependerá somente de vós misturar nisso o veneno de que dispondes. Procurai o príncipe, vosso irmão; não sejais parco de expressões, quando lhe demonstrardes quanto ele se desonra promovendo o casamento do famoso Cláudio — cujos méritos deveis encarecer — com uma rameira de qualidade de Hero.

DOM JOÃO — E que provas podereis apresentar?

BORRACHO — Provas suficientes para enganar o príncipe, mortificar Cláudio, arruinar Hero e matar Leonato. Quereis mais, ainda?

DOM JOÃO — Uma vez que seja para mortificá-los, lançarei mão de todos os meios.

BORRACHO — Muito bem. Arranjai, então, um momento favorável para falardes à parte com Dom Pedro e o Conde Cláudio e dizei-lhe que tendes a certeza de que Hero me tem amor. Mostrai-vos cioso tanto da pessoa do príncipe como de Cláudio, confessando a ambos que só lhes revelais esse fato em virtude do interesse que vos desperta a honra de vosso irmão, promotor de semelhante enlace, e da reputação de seus amigos, cuja boa fé está sendo ilaqueada por uma criatura sem moral. Sem provas, dificilmente eles vos darão crédito. Prontificai vos,

então, a lhas apresentar, consistindo tudo, afinal, em me verem na janela do quarto de Hero e em me ouvirem dar o nome de Hero a Margarida e ouvirem Margarida me chamar de Borracho. Arranjai as coisas para que eles vejam isso na véspera do casamento, porque nesse meio tempo eu providenciarei para que Hero se ausente, devendo parecer tão verossímeis as provas de sua deslealdade, devendo parecer tão verossímeis as provas de sua deslealdade que a suspeita passará a ser certeza e todos os projetos ficarão inutilizados.

DOM JOÃO — Vou pôr em prática esse plano, por mais graves que sejam as suas conseqüências. Se te mostrares astucioso em sua consecução, receberás mil ducados de recompensa.

BORRACHO — Sede constante em vossa acusação, que a minha habitual astúcia não me envergonhará.

DOM JOÃO — Vou já saber para que dia marcaram o casamento.

(*Saem.*)

Cena 3

Jardim de Leonato. Entra Benedito.

BENEDITO — Pequeno!

(*Entra o pajem.*)

PAJEM — Senhor!

BENEDITO — Na janela do meu quarto há um livro; vai buscá-lo e traze-mo ao jardim.

PAJEM — Já estou aqui, senhor.

BENEDITO — Isso eu estou vendo; mas o que eu desejo é que vás até lá e voltes. (*Sai o Pajem.*) Muito me admira que um homem que viu como os outros homens se transformam em bobos, quando se comportam sob a influência do amor e que ridicularizou as loucuras dos outros, possa fazer-se objeto de seu próprio desprezo, tornando-se apaixonado. Cláudio é um indivíduo nessas condições. Conheci-o no tempo em que para ele só havia música no tambor e no pífaro; no entanto, agora, prefere o tamboril e a gaita. Lembro-me ainda do tempo em que ele era capaz de andar dez milhas para apreciar uma boa armadura; agora poderá ficar acordado dez noites seguidas, só a pensar no feitio de um novo gibão. Antes, falava com senso e naturalidade, como homem de bem que era, e bom soldado; agora só usa expressões rebuscadas; sua fala é um banquete fantástico em que abundam os pratos esquisitos. Poderá acontecer que eu também venha a me transformar a ponto de enxergar as coisas desse jeito? Quem sabe? Não posso jurar que, de um momento para outro, o amor não me transforme em ostra; mas o que afirmo é que, enquanto ele não me transformar em ostra, não fará de mim um bobo daquela marca. Tal mulher é formosa; a mim pouco se me dá. Aquela outra é sábia; que tenho eu que ver com isso? Aquela outra é virtuosa; continuo passando muito bem. Mas, enquanto todas as graças não se reunirem em uma só mulher, nenhuma mulher me cairá em graças. Terá de ser rica, é fora de dúvida; sábia, ou não lhe darei importância; virtuosa, sem o que não discutirei o seu preço; bonita, sem o que não olharei para ela; de bom gênio, condição indispensável para que se apaixone por mim; nobre, sem o que nem como anjo me serviria; de conversação agradável, exímia na música e de cabelos da cor que Deus quiser. Oh! Eis o príncipe e monsieur Amoroso. Vou tratar de esconder-me nesta latada. (*Retira-se.*)

(*Entram Dom Pedro, Leonato e Cláudio, seguidos de Baltasar e de músicos.*)

DOM PEDRO — Que faremos agora? Ouvimos música?

CLÁUDIO — Sim, milorde. Que tarde deliciosa! Como ela é favorável à harmonia!

DOM PEDRO — Não vistes Benedito? Está escondido.

CLÁUDIO — Vi, milorde; concluída a serenata, terá nossa raposa o seu quinhão.

DOM PEDRO — Repete, Baltasar, aquelas letras.

BALTASAR — Oh, não queirais, milorde, que eu estrague, mais uma vez, com minha voz roufenha, tão doce melodia.

DOM PEDRO — É sinal certo de grande habilidade pôr a gente defeito em seus talentos. Por obséquio: canta não queiras que eu te faça a corte.

BALTASAR — Já que falais em me fazer a corte, resolvo-me a cantar. Há muito amante que, às vezes, entra a galantear aquela a quem não julga digna. No entretanto se declara e lhe jura amor eterno.

DOM PEDRO — Não; começai; se acaso preferirdes argumento mais longo, seja em notas.

BALTASAR — Antes de minhas notas, notai isto: nenhuma nota é digna de notícia.

DOM PEDRO — Notai, notas, notícia! Quantas mínimas aos ouvidos, brincando, ele nos joga!

(*Música.*)

BENEDITO — Vem agora a divina música! O cantor fica em êxtase. Não é extraordinário que tripa de carneiro tenha o poder de transportar nossas almas? Muito bem; quando eu sair daqui, vou comprar uma buzina de caçador.

BALTASAR (*canta*) — Não choreis tanto, meigas donzelas, que os homens sempre foram mudáveis, no mar revolto, nas praias belas; só na inconstância serão estáveis. Não choreis tanto, perdeis o encanto. Cantai morenas, louras, trigueiras, e em melodias mudai o pranto; sede brejeiras. Parai com essas canções dolentes, cantai modinhas de letra leve, que os homens vivem sempre contentes desde que o fogo derrete a neve. Não choreis tanto, perdeis o encanto. Cantai morenas, louras, trigueiras, e em melodias mudai o pranto; sede brejeiras.

DOM PEDRO — Palavra de honra: excelente canção.

BALTASAR — É péssimo cantor, milorde.

DOM PEDRO — Oh, não! Para remediar serves bem.

BENEDITO — Se o meu cachorro houvesse uivado desse jeito, tê-lo-iam enforcado. Deus queira que essa voz esganiçada não pressagie nenhuma desgraça. Encontraria mais prazer em ouvir o corvo noturno, por maiores calamidades que se lhe seguissem.

DOM PEDRO (*a Cláudio*) — Boa idéia. Estás ouvindo, Baltasar? Prepara-te para fazermos uma serenata amanhã à noite, debaixo da janela de Lady Hero.

BALTASAR — Farei o possível, milorde.

DOM PEDRO — Muito bem. Adeus. (*Saem Baltasar e os músicos.*) Vinde cá, Leonato. Que foi que me dissestes há dias? Que vossa sobrinha Beatriz estava apaixonada do senhor

Benedito?

CLÁUDIO — Oh! Ai! (*À parte, a Dom Pedro.*) Cautela, cautela, que a perdiz já pousou! (*Alto.*) Nunca me passaria pela cabeça que ela pudesse chegar a amar alguém.

LEONATO — Nem eu, tampouco. E o que é mais de admirar é ter ficado ela apaixonada pelo senhor Benedito, a quem, se julgarmos pelas aparências, até hoje ela parecia abominar.

BENEDITO (*à parte*) — Será possível? O vento vem dessa direção?

LEONATO — Dou-vos minha palavra, milorde, que não sei o que pensar do caso; o que é certo é que ela o ama desesperadamente, muito mais do que poderíamos imaginar.

DOM PEDRO — Quem sabe se ela não está fingindo?

CLÁUDIO — É também o que eu penso.

LEONATO — Fingindo? Oh Deus! Nesse caso jamais uma paixão fingida se pareceu tanto com uma verdadeira, como a dela neste momento.

DOM PEDRO — Por que sinais se manifesta essa paixão?

CLÁUDIO (*à parte*) — Ponde boa isca no anzol, que é certeza vir o peixe morder.

LEONATO — Por que sinais, milorde? Ela fica sentada... (*A Cláudio.*) Minha filha já vos disse em que estado.

CLÁUDIO — Realmente.

DOM PEDRO — Em que estado? Por obséquio, deixais-me estupefacto. Sempre fui de pensar que o coração dessa moça estava à prova dos assaltos do amor.

LEONATO — É o que eu poderia ter jurado, milorde, mormente em se tratando de Benedito.

BENEDITO (*à parte*) — Poderia pensar que nada disso passava de uma cilada, se não fosse estar ouvindo a notícia da boca desse barba branca. É impossível que a impostura assuma aspecto tão venerando.

CLÁUDIO (*à parte*) — O nosso homem já está contaminado. Prossegui! Prossegui!

DOM PEDRO — Ela já deu a conhecer a Benedito os seus sentimentos?

LEONATO — Não, e jura que jamais o fará. Nisso é que consiste o seu suplício.

CLÁUDIO — Isso mesmo vossa filha me disse. "Será possível", disse Beatriz, "que depois de ter zombado dele tantas vezes, fosse escrever-lhe para dizer que lhe tenho amor?"

LEONATO — É sempre o que ela diz, quando toma da pena para lhe escrever. Sim, que ela se levanta vinte vezes por noite, de camisola, e se assenta à escrivaninha até encher uma folha de papel. Minha filha nos conta tudo o que se passa.

CLÁUDIO — E por falar em folha de papel, recordo-me de uma brincadeira contada por vossa filha.

LEONATO — Já sei: que ao dobrar a carta que acabara de escrever, verificou que os

nomes Benedito e Beatriz se encontravam. Não foi isso?

CLÁUDIO — Justamente.

LEONATO — Então ela rasgou a carta em mil moedinhas e censurou-se por levar a irreflexão ao ponto de escrever a quem ela de antemão sabia que haveria de zombar de seu procedimento. "Ajuízo-o", disse ela, "por mim própria, porque eu escarneceria dele, se ele chegasse a me escrever. Sim, é o que faria, apesar de todo o amor que lhe dedico".

CLÁUDIO — Depois disso, cai de joelhos, chora, soluça, bate no peito, arrepela os cabelos, põe-se a rezar e solta imprecações. "Oh, meu querido Benedito! Deus me dê paciência!"

LEONATO — É assim mesmo que ela procede; minha filha me tem conta de todas essas cenas. E a tal ponto se deixa dominar pela paixão, que minha filha, por vezes, tem medo de que ela pratique contra si própria qualquer desatino. É a pura verdade.

DOM PEDRO — Seria bom que Benedito fosse informado disso por alguém, uma vez que ela não se resolve a lho revelar.

CLÁUDIO — Para quê? De semelhante revelação faria assunto apenas de zombaria, aumentando, assim, o sofrimento da pobre rapariga.

DOM PEDRO — Se ele procedesse dessa maneira, seria ação meritória enforcá-lo: Beatriz é uma excelente menina, de reputação acima de qualquer suspeita.

CLÁUDIO — Sobre possuir inteligência esclarecida.

DOM PEDRO — Sob todos os aspectos, menos no que respeita à paixão por Benedito.

LEONATO — Oh milorde! Quando a paixão e o entendimento entram em luta num corpo tão delicado como o dela, há dez probabilidades contra uma de caber a vitória à paixão. Tenho muita pena dela, e razões não me faltam para tanto, porque além de tio, sou seu tutor.

DOM PEDRO — Desejam ser o objeto dessa paixão, porque então saltara por cima de todas as convenções para fazer de Beatriz a metade de mim próprio. Por obséquio, comunicai a Benedito o que se está passando, para ouvirmos o que ele diz.

LEONATO — Acreditais que semelhante revelação possa ter boas conseqüências?

CLÁUDIO — Hero está convencida de que Beatriz morrerá, porque ela jura que morrerá se não for correspondida; morrerá antes de lhe revelar o seu amor; e, no caso de ele lhe fazer a corte, morrerá de preferência a ceder uma linha que seja do seu habitual espírito de contradição.

DOM PEDRO — E tem razão, porque se ela lhe revelasse os seus sentimentos, ele seria capaz de rir dela, porque como bem o sabeis, o nosso homem é de gênio zombeteiro.

CLÁUDIO — É um rapaz correto.

DOM PEDRO — Realmente, de exterior muito feliz.

CLÁUDIO — E a meu ver também bastante inteligente.

DOM PEDRO — De fato; descobrem-se nele algumas centelhas reveladoras de espírito.

LEONATO — Tenho-o na conta de um indivíduo valente.

DOM PEDRO — Como Heitor, posso asseverar-vos, além de cauteloso na maneira de resolver disputas, por evitá-las com sabedoria ou aceitá-las com medo genuinamente cristão.

LEONATO — Se for pessoa temente a Deus, necessariamente há se der amigo da paz, forçoso lhe sendo entrar em brigas trêmulo e com medo.

DOM PEDRO — É o que se dá, realmente, com o nosso amigo, que revela em alto grau o temor de Deus, muito embora suas brincadeiras habituais não inculquem semelhante disposição. Tenho muita pena de vossa sobrinha. Não será melhor procurar Benedito para contar-lhe o que se passa?

CLÁUDIO — Nunca, milorde! Resolvamos o caso apenas com bons conselhos.

LEONATO — Nem isso será possível, que, antes de o resolvermos, ela terá deixado de existir.

DOM PEDRO — Está bem; vossa filha nos irá pondo a par do que se for passando; nesse meio tempo deixemos a coisa esfriar. Como amigo de Benedito, desejara que ele tivesse suficiente imodéstia para se examinar e se certificar de que não é merecedor de uma mulher como Beatriz.

LEONATO — Não quereis vir, milorde? O jantar está pronto.

CLÁUDIO — (*à parte*) — Se, depois disto, ele não ficar apaixonado por ela, não mais confiarei nas minhas expectativas.

DOM PEDRO (*à parte*) — Vamos armar a mesma rede para ela. Ficará isso aos cuidados de vossa filha e de sua camareira. O divertido do caso consistirá em ficar cada um deles convencido da paixão do outro, quando, de fato, nada existe. Estou ansioso por ver esse espetáculo, que vai ser pura pantomina. Incumbamo-la de o chamar para o jantar.

(*Saem Dom Pedro, Cláudio e Leonato.*)

BENEDITO (*avançando*) — Não pode ser brincadeira; a conversa era séria demais. Obtiveram de Hero essas informações; mostram-se penalizados com a rapariga, que parece haver atingido o auge de paixão. Amar-me! Ora bem: é preciso que seja correspondida. Ouvi as críticas a meu respeito: disseram que eu me mostrarei orgulhoso, quando perceber que ela me tem amor; disseram mais que ela prefere morrer a deixar perceber uma parcela dos seus sentimentos verdadeiros. Nunca pensei em me casar; não devo parecer orgulhoso. Felizes dos que ouvem enumerar os seus defeitos e podem, com isso, corrigir-se. Disseram que ela é uma criatura formosa. É certo; posso dar testemunho disso. E virtuosa; assim é, de fato; não posso contestá-lo. E inteligente, a não ser por me dedicar amor. Sim, por minha fé, isso nada depõe a favor de sua sagacidade, mas também não é argumento forte de que ela seja maluca, porque me vou tornar horrivelmente apaixonado dela. Poderá acontecer que me assaquem indiretas e sarcasmos, pelo fato de eu ter sido tão ferrenho adversário do casamento. Mas os gostos não se modificam? Quando criança, a gente pode gostar de uma iguaria, que venha a não suportar depois de velho. Os sarcasmos, e as sentenças, e as balas de papel lançadas pelo cérebro terão

o poder de nos desviar da rota traçada pelo nosso temperamento? Não. É preciso que o mundo. se povoe. Quando eu dizia que desejava morrer celibatário, não pensava que haveria de viver até me casar. Beatriz vem vindo... Pela luz do sol, é, de fato, uma criatura admirável! Percebo nela alguns sintomas de amor.

(*Entra Beatriz.*)

BEATRIZ — Contra minha vontade, fui incumbida de vos chamar para o jantar.

BENEDITO — Formosa Beatriz, agradeço-vos o trabalho.

BEATRIZ — Não tive mais trabalho, para me tornar merecedora desses agradecimentos, do que vós para mos dar. Se me tivesse sido penosa a incumbência, não na teria aceito.

BENEDITO — Nesse caso, tivestes prazer em aceitá-la?

BEATRIZ — Tanto quanto poderíeis ter em espetar um gaio com um punhal. Mas estou vendo que estais sem apetite, senhor; passai bem. (*Sai.*)

BENEDITO — Ah! "Contra minha vontade, fui incumbida de vos chamar para o jantar." A frase é ambígua. "Não tive mais trabalho para me tornar merecedora desses agradecimentos do que vós para mos dar." É como se dissesse: todos os trabalhos que passo por vossa causa me são tão fáceis de suportar como os agradecimentos. Se não me compadecer dessa moça, sou um vilão; se não a amar, sou um judeu. Vou procurar um retrato dela. (*Sai.*)

Ato 3

Cena 1

O jardim de Leonato. Entram Hero, Margarida e Úrsula.

HERO — Bondosa Margarida, corre à sala onde a prima Beatriz ora se encontra conversando com o príncipe e com Cláudio. Ao ouvido lhe dize que eu e Úrsula estamos no jardim e que ela é o assunto exclusivo de nossas confidências. Por acaso, acrescenta, nos ouviste. Aconselha-a, por isso, a que se esconda sob o caramanchão onde as virentes madressilvas, que ao sol o viço devem, a passagem do sol agora impedem, tal como os cortesãos que, enaltecidos pelo rei, viram todo o seu orgulho contra o próprio poder que os elevara. Ali deve ocultar-se, porque possa ouvir quanto dissermos. Desincumbe-te bem de tua missão e ora nos deixa.

MARGARIDA — Hei de trazê-la, posso asseverar-vos. (*Sai.*)

HERO — Agora, Úrsula, quando percebermos que Beatriz se escondeu, continuando nossas voltas, façamos que a conversa gire em torno, tão-só, de Benedito. Sempre que eu pronunciar o nome dele, trata de cumulá-lo de louvores como nenhum mortal os merecera. Toda minha conversa há de cingir-se a um só tema: a paixão de Benedito por Beatriz. Desse jeito é que o pequeno deus Cupido prepara as suas setas, que ferem só de outiva. (*Entra Beatriz pelo fundo.*) Comecemos. Observa que Beatriz, tal como o abibe, desliza pelo solo para ouvir-nos.

ÚRSULA — Na pescaria o mais interessante é ver cortar com remos de ouro as águas argentinas o peixe e avidamente pegar a isca traiçoeira. Desse modo engodamos Beatriz que, neste instante se esgueirou para baixo da latada de madressilva. Não tenhais cuidado, que eu farei meu papel muito a contento.

HERO — Então vamos ficar mais perto dela, porque a perder não venha seus ouvidos o engodo falsamente apetitoso que para ela atiramos. (*Avançam para o lado do caramanchão.*) Nada disso, Úrsula; é demasiado o orgulho dele. Conheço-lhe o caráter; é selvagem e tão esquivo como os indomáveis falcões da rocha.

ÚRSULA — Mas tereis certeza que o senhor Benedito ama a tal ponto Lady Beatriz?

HERO — Assim me disse o príncipe e meu noivo o confirma.

ÚRSULA — E eles, acaso, vos incumbiram de informá-la disso?

HERO — Sim, pediram-me que eu lhe revelasse quanto se passa. Mas eu respondi-lhes que, se amavam realmente a Benedito, o concitassem a lutar deveras contra esse sentimento, não deixando que jamais Beatriz viesse a sabê-lo.

ÚRSULA — Por que fizestes isso? Não é digno esse senhor de um leito venturoso como o de que Beatriz vier a ser dona?

HERO — Oh deus do amor! Estou bem certa que ele merece tudo quanto pode em sorte caber a qualquer homem. Porém nunca plasmou um coração a natureza para mulher nenhuma com matéria tão orgulhosa como o fez com ela. O desprezo e o desdém se lhe irradiam dos olhos, que, onde pousam, menosprezam. Tem-se em tão alta conta o seu espírito que tudo mais para ele é sem valia. Amar não lhe é possível ou dar forma a qualquer sentimento carinhoso, tanto ela vive só para si própria.

ÚRSULA — É o que eu penso, também. Aconselhável não me parece, pois, que lhe falemos no amor de Benedito, para que ela o assunto não converta em zombaria.

HERO — Só dizes a verdade, pois té hoje não vi homem nenhum, por mais sensato, nobre, moço, de fina educação, que ela não deturpasse em seu conceito. De um louro, já lhe ouvi que ele podia passar por sua irmã; de outro, moreno, que a natureza, ao desenhar um bobo, fizera apenas um borrão de tinta; de um alto, que era semelhante à lança de cabeça malfeita; um baixo, uma ágata, numa ágata ficava transformado, talhada toscamente; se falante, catavento ao sabor de qualquer brisa; se calado, uma pedra inabalável até pelos tufões. Dessa maneira, todo o mundo ela vê só pelo avesso, apenas pela face defeituosa, sem jamais à verdade e à alta virtude reconhecer, o que de esperar fora, a singeleza e o verdadeiro mérito.

ÚRSULA — Um gênio assim não é recomendável.

HERO — Não, não se pode ser tão esquisita, tão diferente dos demais em tudo, como é Beatriz; não é recomendável. Mas quem se atreveria a dizer-lhe isso? Se eu lhe falasse, me metera a riso. Oh! riria a bandeiras despregadas, asfixiando-me a peso de gracejos. É preferível, pois, que Benedito, como fogo coberto, se consuma de tanto suspirar e internamente venha a se devastar. É melhor gênero de morte do que a morte por sarcasmos que é tão ruim como morrer de cócegas.

ÚRSULA — Falai-lhe, embora, e ouvi sua resposta.

HERO — Não; será preferível novamente procurar Benedito e aconselhá-lo a lutar contra o amor. Sendo preciso, inventarei qualquer calúnia honesta para manchar a prima. Ninguém pode calcular a potência venenosa de uma palavra má num peito amante.

ÚRSULA — Oh! não façais tal coisa a vossa prima! Ela não pode ser tão destituída de entendimento — possuindo tanta vivacidade e o espírito tão lesto que todos lhe concedem — para a ponto chegar de recusar um cavalheiro tão raro e fino como Benedito.

HERO — Homem igual não se acha em toda a Itália, com exceção do meu querido Cláudio.

ÚRSULA — Não vos zangueis, senhora, por obséquio, com o que vos vou dizer sem subterfúgios: mas quanto à forma, espírito e coragem, o senhor Benedito leva as lampas a qualquer cavalheiro em toda a Itália.

HERO — Realmente, goza de excelente nome.

ÚRSULA — Antes do nome, herdara ele a excelência. Mas quando vos casais, minha senhora?

HERO — Qualquer dia... amanhã. Vamos embora; vou mostrar-te uns enfeites, desejando que me aconselhes sobre o melhor modo de usá-los amanhã na cerimônia.

ÚRSULA — Caiu no visgo, posso asseverar-vos, minha senhora. O passarinho é nosso.

HERO — Cupido é assim; às vezes na armadilha, sem usar seta, a melhor presa pilha.

(*Saem Hero e Úrsula.*)

BEATRIZ (*avançando*) — Que fogo nos ouvidos! Que barulho! Por orgulhosa me acho condenada? Então, desdém, adeus! Meus, orgulho! Vossa glória avalio agora em nada. Amas-me, Benedito? Então amansa meu coração com tua mão graciosa.Se amor me tens, agora acharás ansa de me deixar domada e venturosa. Todos dizem que és digno; o mesmo eu juro, que neste peito o afirma o amor mais puro. (*Sai.*)

Cena 2

Um quarto em casa de Leonato. Entram Dom Pedro, Cláudio, Benedito e Leonato.

DOM PEDRO — Só ficarei até à celebração do casamento; depois irei para Aragão.

CLÁUDIO — Em vos acompanharei até lá, milorde, se mo permitirdes.

DOM PEDRO — Não; no novo brilho do vosso casamento isso constituiria tão grande jaça, como se mostrássemos uma roupa nova a uma criança e, ao mesmo tempo a proibíssemos de vesti-la. Só me atrevo a pedir a companhia de Benedito, por ser ele espirituoso da ponta dos cabelos à planta dos pés. Por duas ou três vezes já consegui cortar a corda do arco de Cupido, sem que o pequeno carrasco ousasse disparar contra ele. Tem o coração sadio como um sino, servindo-lhe a língua de badalo, por externar tudo o que o coração pensa.

BENEDITO — Eu já não sou o mesmo homem que era, meus caros.

LEONATO — É também o que eu digo; pareceis-me um tanto triste nestes últimos tempos.

CLÁUDIO — Espero que esteja amando.

DOM PEDRO — Sai daí, mandrião! Nele não se encontra uma gota verdadeira de sangue que possa ser verdadeiramente tocada pelo amor. Se está triste, é por falta de dinheiro.

BENEDITO — Dói-me o dente.

DOM PEDRO — Então arranca-o.

BENEDITO — Forca para ele.

CLÁUDIO — Primeiro enforca-o; depois arranca-o.

DOM PEDRO — Como! Suspirando por causa de uma dor de dente?

LEONATO — Que decorre de humores ou de vermes?

BENEDITO — Bem; todo mundo é capaz de dominar uma dor, com exceção de quem a sente.

CLÁUDIO — Insisto em dizer que ele está apaixonado.

DOM PEDRO — Mas não se nota nele nenhuma fantasia, se excluirmos a de se vestir à estrangeira, sendo, por exemplo, holandês hoje, francês amanhã, quando não se veste à moda de dois países ao mesmo tempo: alemão da cintura para baixo, de calções largos, e espanhol do quadril para cima, sem gibão. A menos que tenha a mania dessa loucura, como parece ter, não

está louco de paixão, como quereis que esteja.

CLÁUDIO — Se não estiver apaixonado de alguma mulher, então os velhos sinais de nada valem. Todas as manhãs ele escova o chapéu; que significa isso?

DOM PEDRO — Alguém já o viu entrando na casa do barbeiro?

CLÁUDIO — Não, mas o oficial do barbeiro já foi visto na dele, servindo agora o velho ornamento de suas faces para encher bola de tênis.

LEONATO — Realmente, depois que perdeu a barba, parece ter ficado mais jovem.

DOM PEDRO — Há mais: ele esfrega almíscar no corpo. Não deduzis nada desse perfume?

CLÁUDIO — É como se disséssemos que o nosso amigo está apaixonado.

DOM PEDRO — A mais convincente prova é a sua melancolia.

CLÁUDIO — Quando teve ele o hábito de lavar o rosto?

DOM PEDRO — Ou de se pintar? Pelo menos, foi o que eu ouvi dizer.

CLÁUDIO — E o seu espírito zombeteiro? Esgueirou-se para uma corda de alaúde, só vibrando à força de batidas.

DOM PEDRO — Tudo isso inculca uma história muito trágica. Concluamos, pois, que o nosso homem está apaixonado.

CLÁUDIO — É verdade; e eu sei quem é que lhe tem amor.

DOM PEDRO — Desejara saber quem possa ser; provavelmente é alguém que não o conhece.

CLÁUDIO — Oh! Conhece-o, sim, com todos os seus defeitos; mas apesar disso morre de amor para com ele.

DOM PEDRO — Essa pessoa devia ser enterrada com o rosto para cima.

BENEDITO — Nada disso me cura a dor de dente. Venerando senhor, convido-vos para dar uma volta comigo; estudei oito ou nove palavras sensatas para vos dizer, palavras que esses cavalos de pau não podem ouvir.

(*Saem Benedito e Leonato.*)

DOM PEDRO — Aposto a vida em como vai falar de Beatriz.

CLÁUDIO — Nem se discute. A esta hora Hero e Margarida já representaram os seus papéis junto de Beatriz; isso evitará que, ao se encontrarem, os dois ursos se mordam.

(*Entra Dom João.*)

DOM JOÃO — Deus vos guarde, meu senhor e irmão.

DOM PEDRO — Bom dia, mano.

DOM JOÃO — Se o permitis, desejava falar-vos.

DOM PEDRO — Em particular?

DOM JOÃO — Se assim o quiserdes. Aliás, o Conde Cláudio poderá ficar, porque o que eu vou dizer se relaciona com ele.

DOM PEDRO — De que se trata?

DOM JOÃO (*a Cláudio*) — Vossa Senhoria pretende casar-se amanha?

DOM PEDRO — Sabeis perfeitamente que sim.

DOM JOÃO — Não sei se acontecerá isso, se ele souber o que eu sei.

CLÁUDIO — Se souberdes de algum impedimento, peço-vos mo reveleis.

DOM JOÃO — Podeis imaginar que eu não vos tenha amizade. Deixai, contudo, que o futuro o manifeste e formai juízo a meu respeito apenas pelo que pretendo revelar-vos. Estou certo de que o meu irmão vos tem em grande estima e que os seus sentimentos de amizade o levaram a promover o vosso casamento. Mas o certo é que não pode haver mais mal empregada boa vontade nem mais desastrado pedido de casamento.

DOM PEDRO — Como assim? Que quereis dizer com isso?

DOM JOÃO — É justamente o que me traz aqui. Para dizer tudo em poucas palavras, pois a esse respeito já se tem falado bastante: a noiva é infiel.

CLÁUDIO — Quem! Hero?

DOM JOÃO — Ela mesma: a Hero de Leonato, vossa Hero, a Hero de todo mundo.

CLÁUDIO — Desleal?

DOM JOÃO — O vocábulo é bom demais para exprimir toda a sua maldade. Eu poderia dizer que ela é pior do que isso. Inventai o termo mais abjeto que se possa conceber, e eu o justificarei em relação a ela. Não vos mostreis admirados, enquanto não vos apresentar provas. Vinde comigo esta noite, para verdes como a janela do seu quarto vai ser escalada na véspera do casamento. Se lhe tendes amor, desposai-a ainda assim; mas para vossa honra, seria melhor mudardes de idéia.

CLÁUDIO — Será possível?

DOM PEDRO — Não acredito.

DOM JOÃO — Se não tendes coragem de dar crédito ao que vedes, não confesseis o que sabeis. Se quiserdes acompanhar-me, eu vos mostra rei o suficiente, e depois que virdes e ouvirdes mais, procedereis de acordo com o que apurardes.

CLÁUDIO — Se eu vir alguma coisa esta noite, não me casarei com ela amanhã, e, além disso, envergonhá-la-ei na presença de todas as pessoas que estiverem presentes para assistir à cerimônia.

DOM PEDRO — E assim como eu a cortejei para que ela viesse a ser tua, estarei ao teu lado para confundi-la.

DOM JOÃO — Nada mais direi em seu desabono, enquanto não puderdes certificar-vos do que afirmei. Esperai com paciência até meia-noite e aguardai os acontecimentos.

DOM PEDRO — Oh dia tristemente terminado!

CLÁUDIO — Oh desgraça estranha e imprevista!

DOM JOÃO — Oh peste evitada a tempo! É o que direis, quando virdes as conseqüências.

(*Saem.*)

Cena 3

Uma rua. Entram Dogberry e Verges, com os homens da guarda.

DOGBERRY — Sois homens honestos e de confiança?

VERGES — Sim, que de outro modo só por piedade viriam a sofrer a salvação da alma e do corpo.

DOGBERRY — O que seria demasiado bom para eles, se eles tivessem alguma dose de fidelidade, visto terem sido escolhidos para guarda do príncipe.

VERGES — É isso mesmo. Indicai-lhes os seus cargos, vizinho Dogberry.

DOGBERRY — Então comecemos. Quem presumis que seja o mais desincapaz para o posto de condestável?

PRIMEIRO GUARDA — Hugo Oatcake, senhor, ou Jorge Seacol, porque sabem ler e escrever.

DOGBERRY — Vinde cá, vizinho Seacol. Deus vos agraciou com um bom nome. Uma boa aparência é dádiva da sorte; mas o saber ler e escrever é dom da natureza.

SEGUNDO GUARDA — E ambos, mestre condestável...

DOGBERRY — Vós os possuís; sei que íeis responder isso mesmo. Pois bem, no que respeita à fisionomia, senhor, agradecei a Deus, sem vos envaidecerdes por isso. Quanto à vossa habilidade para ler e escrever, revelai-a quando não se fizer necessária semelhante prova de vaidade. Em toda a redondeza sois considerado o indivíduo mais insensato e adequado para o posto de condestável da guarda. Por isso, ficai com a lanterna. Vossas instruções consistem em compreender todos os vagabundos que encontrardes, sendo preciso que, em nome do príncipe, lhes deis ordem de parar.

GUARDA — E se algum se recusar a parar?

DOGBERRY — Nesse caso, não vos preocupeis com ele; deixai-o ir e chamai os demais homens da guarda, dando graças a Deus por vos terdes livrado de um velhaco.

VERGES — Quem não obedece à ordem de parar não é súdito do príncipe.

DOGBERRY — É certo; os homens da guarda só têm que ver com os súditos dos príncipes. Não deveis, também, fazer barulho nas ruas, porque isso de falarem e discutirem os guardas é coisa mais tolerável que não se pode suportar.

SEGUNDO GUARDA — Preferimos dormir a conversar. Sabemos perfeitamente qual é a

obrigação dos guardas.

DOGBERRY — Perfeitamente; falais como guarda antigo e pacato, pois não vejo em que o sono possa prejudicar. O que é preciso é tomar bastante cuidado para que não vos roubem as varas. Tereis também de bater em todas as cervejarias, para dizer aos bêbados que vão para a cama.

GUARDA — E se eles se recusarem?

DOGBERRY — Nesse caso, deixai-os em paz, até que curem a mona. E se não vos derem melhor resposta, podereis dizer-lhes que eles não eram quem supúnheis.

GUARDA — Perfeitamente, senhor.

DOGBERRY — Se encontrardes algum ladrão, podereis suspeitar, por força de vosso oficio, que ele não é homem de bem. Com gente dessa laia, quanto menos falardes e menos negócios tiverdes, tanto melhor para vossa honestidade.

SEGUNDO GUARDA — Se virmos que é ladrão, deveremos prendê-lo?

DOGBERRY — Sem dúvida; por força de vosso oficio, podereis fazê-lo. Mas sou de opinião que quem pega em pez fica sujo. O modo mais pacífico de pegardes um ladrão consistirá em mostrar-lhe o que ele é e privá-lo de vossa companhia.

VERGES — Sempre fostes tido por indivíduo compassivo, camarada.

DOGBERRY — É justo; por minha vontade, não enforcaria um cão, muito menos qualquer pessoa que revele a menor parcela de honestidade.

VERGES — Se ouvirdes alguma criança chorar durante a noite, podeis chamar a ama para sossegá-la.

SEGUNDO GUARDA — E se a ama estiver dormindo e não nos ouvir?

DOGBERRY — Nesse caso, continuai em paz vosso caminho e deixai que a criança a desperte com o choro; porque a ovelha que não escuta o balido do cordeirinho, jamais responderá aos berros do carneiro.

VERGES — Isso é verdade.

DOGBERRY — Chegamos ao fim das instruções. Vós, condestável, representais a pessoa do príncipe; se o encontrardes de noite, podereis detê-lo.

VERGES — Não, por Nossa Senhora! Penso que ele não pode fazer isso.

DOGBERRY — Aposto cinco xelins contra um. Qualquer pessoa, que conheça as estátuas de nossa constipação, vos dirá que pode detê-lo. Mas, evidentemente, só no caso de ele consentir, porque os guardas não devem ofender ninguém, constituindo ofensa deter qualquer pessoa contra a vontade própria.

VERGES — Por Nossa Senhora, é o que eu penso, também.

DOGBERRY — Ah, ah, ah! E agora, amigos, boa-noite. Se surgir qualquer ocorrência grave, mandai chamar-me. Mantende o vosso segredo e o dos vossos camaradas e boa-noite.

Vamos, vizinho.

SEGUNDO GUARDA — Ouvistes, mestres, o que nos compete fazer? Sentemo-nos no banco da igreja até às duas horas e depois vamos para a cama.

DOGBERRY — Mais uma palavrinha, honestos vizinhos. Peço-vos guardar a casa do senhor Leonato, porque sendo o casamento amanhã, hoje deve ser noite de barulho. Adeus: muita vigilância, é só o que eu digo.

(*Saem Dogberry e Verges. Entram Borracho e Conrado.*)

BORRACHO — Olá, Conrado!

GUARDA (*à parte*) — Silêncio! Ficai quieto!

BORRACHO — Conrado! Estou chamando!

CONRADO — Aqui, homem! Junto do teu cotovelo.

BORRACHO — Pela missa! Estava sentindo, de fato, cócegas no cotovelo, mas pensei que fosse da sarna.

CONRADO — Fico a dever-te a resposta. E agora, venha de lá a tal história.

BORRACHO — Então chega-te para este alpendre, que está começando a chover; na qualidade de legítimo borracho, pretendo revelar-te tudo.

GUARDA (*à parte*) — Alguma traição, mestres; fiquemos quietos.

BORRACHO — Pois fica sabendo que eu recebi mil ducados de Dom João.

CONRADO — Será possível que um vilão custe tão caro?

BORRACHO — Deverias perguntar se é possível que um vilão seja tão rico, porque quando os vilões ricos têm necessidade dos pobres, a gente impõe o preço que bem entende.

CONRADO — Admiro-me muito.

BORRACHO — Isso prova que ainda não fostes iniciado. Sabes perfeitamente que a moda de uma pessoa usar o chapéu, o gibão ou o manto, pouco ou nada diz a seu respeito.

CONRADO — Sim, é sua vestimenta.

BORRACHO — Refiro-me à moda.

CONRADO — Sim, a moda é a moda.

BORRACHO — Ora essa! É o mesmo que se eu dissesse que um louco é um louco. Não percebes que ladrão deformado é a tal moda?

PRIMEIRO GUARDA (*à parte*) — Conheço esse tal Deformado; há sete anos que ele é um vil ladrão e anda por aí tudo como um gentil-homem. Recordo-me desse nome.

BORRACHO — Não ouviste alguém falar?

CONRADO — Não; é o catavento da casa.

BORRACHO — Mas como eu ia dizendo: não percebes que ladrão deformado é a tal

moda? Como ela faz girar vertiginosamente o sangue quente entre quatorze e trinta e cinco anos? Algumas vezes os deixa no jeito dos soldados do Faraó das pinturas desmaiadas; outras, como os sacerdotes de Baal que vemos nos vitrais das velhas igrejas; algumas vezes, como Hércules de cabelos raspados dos sujos tapetes comidos de vermes, com a braguilha dopo tamanho da clava?

CONRADO — Percebo tudo isso, e vejo também que a moda usa mais roupas do que os homens. Mas tu também não estarás com a mesma vertigem, para te desviares assim de tua história e me falares a respeito da moda?

BORRACHO — De forma nenhuma. Fica, pois, sabendo que esta noite eu fiz a corte a Margarida, criada de quarto da senhora Hero, dando-lhe o nome de Hero. Debruçada na janela do quarto de sua senhora, ela me desejou mil vezes uma boa-noite... Oh! Sou um péssimo narrador! Devera ter contado primeiro como o príncipe, Cláudio e meu mestre, postados, colocados e dominados pelo meu mestre Dom João, viram de longe, do jardim, esse encontro carinhoso.

CONRADO — E ficaram certos de que Margarida fosse Hero?

BORRACHO — Dois deles, o príncipe e Cláudio. Mas o demônio do meu mestre sabia perfeitamente que se tratava de Margarida. E, em parte, por seus juramentos, por estarem transtornados os outros dois, em parte, pela escuridão da noite, que contribuiu para iludi-los, mas principalmente por minha vilania, que serviu para reforçar as calúnias de Dom João, o certo é que Cláudio se retirou fora de si, jurando encontrar-se com a noiva na igreja, conforme estava determinado, para ali, diante dos convidados, cobri-la de vergonha com o relato do que ele havia presenciado nesta noite e mandá-la sem marido para casa.

PRIMEIRO GUARDA — Nós vos detemos em nome do príncipe.

SEGUNDO GUARDA — Ide chamar o digno mestre condestável. Acabamos de recobrir a mais perigosa peça de luxúria que jamais se viu em nossa república.

PRIMEIRO GUARDA — Um tal Deformado faz parte do bando. Conheço-o perfeitamente; usa cachos.

CONRADO — Mestres! Mestres!

SEGUNDO GUARDA — Haveis de nos trazer esse Deformado, é o que ws asseguro.

CONRADO — Mestres...

PRIMEIRO GUARDA — Basta de conversa! Ficai sabendo que nós vos obedecemos para irdes conosco.

BORRACHO — Pelo jeito, sob o amparo das varas destes senhores, vamos ter crédito para adquirir muitas mercadorias.

CONRADO — Sim, mercadorias da justiça, é o que vos digo. Vamos; estamos às ordens.

(*Saem.*)

Cena 4

Um quarto em casa de Leonato. Entram Hero, Margarida e Úrsula.

HERO — Bondosa Úrsula, vai despertar a prima Beatriz e dize-lhe que se levante.

ÚRSULA — Pois não, senhora.

HERO — Dize-lhe que venha até aqui.

ÚRSULA — Perfeitamente. (*Sai.*)

MARGARIDA — Sou de opinião que o outro rabato vos fica melhor.

HERO — Não, bondosa Meg; vou usar este mesmo.

MARGARIDA — Esse não vos fica tão bem; aposto que vossa prima vai dizer a mesma coisa.

HERO — Minha prima é uma tola e tu és outra. Usarei esse mesmo.

MARGARIDA — Esse novo tocado ficaria irrepreensível, se os cabelos fossem um pouco mais escuros. Quanto à moda do vestido, não há que dizer, realmente. Vi o vestido da Duquesa de Milão, de que tanto se fala.

HERO — Oh! Dizem que é inexcedível.

MARGARIDA — Comparado com o vosso, não passa de uma camisola de dormir, palavra de honra. Tecido de ouro, bordadura de prata salpicada de pérolas, mangas pendentes e guarnição de ouropel azulado. Mas no que diz respeito à riqueza, à graça, à elegância e à excelência da moda, o vosso vale dez vezes mais.

HERO — Deus me dê alegria para vesti-lo, porque sinto um peso indizível no coração.

MARGARIDA — Dentro de pouco sentireis a mais o peso de um homem.

HERO — Oh, que coisa! Não ficas envergonhada?

MARGARIDA — Envergonhada por quê, senhora? Por falar de uma coisa honrosa? Não é sempre honroso o casamento, até mesmo entre mendigos? E o vosso senhor não é, porventura, um homem honrado, independente do casamento? Decerto desejaríeis que eu houvesse dito: "Com licença de vossa reverência, o peso de um marido". Quando os maus pensamentos não deturpam o sentido das palavras, não há ofensa nenhuma. Que ofensa pode haver na frase: "Sentireis a mais o peso de um homem?" Nenhuma, quero crer, se se tratar do esposo e da esposa legítimos. De outro modo seria considerar as coisas muito ao de leve, sem nenhum peso. Se não, perguntai a opinião da senhorita Beatriz; ei-la que vem chegando.

(*Entra Beatriz.*)

HERO — Bom dia, prima.

BEATRIZ — Bom dia, doce Hero.

HERO — Que é isso? Falas num tom dolente?

BEATRIZ — Parece-me que é o único tom que diz bem com o meu estado. São quase cinco horas, prima. Já é tempo de vos preparardes. Por minha fé, estou muito doente.

MARGARIDA — Se não virardes renegada, não se poderá navegar à luz dos astros.

BEATRIZ — Que é que essa louca quer dizer?

MARGARIDA — Nada; só desejo que Deus envie a todos o que desejam de coração.

HERO — O conde me mandou estas luvas; sente como é esquisito o perfume.

BEATRIZ — Estou obstruída, prima; não sinto cheiro de nada.

MARGARIDA — Uma donzela obstruída! Deve ser um bonito resfriado.

BEATRIZ — Oh! Deus nos acuda! Deus nos acuda! Desde quando te tornaste espirituosa?

MARGARIDA — Desde que o deixaste de ser. Não é fascinante o meu espírito?

BEATRIZ — Não está muito visível; devíeis trazê-lo no chapéu. Por minha fé, estou doente.

MARGARIDA — Ponde sobre o coração um pouco de tintura de Cardus Benedictus; não há melhor calmante.

HERO — Deste-lhe uma picada com cardo.

BEATRIZ — Benedictus? Por que Benedictus? Qual é a moral desse Benedictus?

MARGARIDA — Moral? Não, por minha fé; não há nenhum sentido oculto no que eu disse. Falei apenas do cardo santo. Imaginais, talvez, que eu quis dar a entender que estais apaixonada. Não, por Nossa Senhora! Não sou tão tola para pensar tudo o que me ocorre, nem me ocorre pensar tudo o que eu posso crer; mesmo porque se eu pensasse a ponto de ficar incapaz de pensar, não poderia chegar a pensar que estais apaixonada, ou que viríeis a ficar apaixonada, ou que podíeis ficar apaixonada. Quanto a Benedito, era também assim; mas agora já se tornou homem: jurou que jamais haveria de casar; no entanto, está a comer agora o seu prato com bastante repugnância. Como seja possível virdes a vos converter, não sei dizê-lo; mas parece-me que enxergais com os olhos, do mesmo modo que as outras mulheres.

BEATRIZ — Em que passo discorre tua língua?

MARGARIDA — Não é falso galope.

(*Volta Úrsula.*)

ÚRSULA — Aprontai-vos, senhora. O príncipe, o conde, o senhor Benedito, Dom João e todos os cavalheiros da cidade vieram buscar-vos para vos levar à igreja.

HERO — Boa prima, boa Meg, boa Úrsula, ajudai-me a vestir.
(*Saem.*)

Cena 5

Outro quarto em casa de Leonato. Entra Leonato com Dogberry e Verges.

LEONATO — Que quereis de mim, honesto vizinho?

DOGBERRY — Ora, senhor, desejava ter uma confidência convosco, que vos estoca de perto.

LEONATO — Então sede breve, por obséquio; porque, como vedes, tenho muito que fazer.

DOGBERRY — É assim mesmo, senhor.

VERGES — Realmente, senhor.

LEONATO — Que é que há, meus bons amigos.

DOGBERRY — O bondoso Verges, senhor, se afasta um tanto do assunto. É que ele está velho, senhor, e não dispõe de espírito tão obtuso como, graças a Deus, eu desejaria que ele tivesse. Mas quanto à honradez, é como a pele de entre as sobrancelhas.

VERGES — É isso mesmo, graças a Deus; sou tão honesto quanto qualquer homem vivo que seja velho e não me passe em honestidade.

DOGBERRY — Às comparações são odorosas. Palavras, vizinho Verges.

LEONATO — Vizinhos, sois o fastio em pessoa.

DOGBERRY — Isso é bondade de Vossa Senhoria; somos apenas oficiais do pobre duque. Mas, em verdade, seu eu fosse tão fastidioso como um rei, o coração me levaria a despender todo o meu fastio em favor de Vossa Senhoria.

LEONATO — Despender só comigo todo o vosso fastio? Ah!

DOGBERRY — Justamente, embora ele pesasse mil vezes mais. Porque eu ouço de toda a gente da cidade tão boas reclamações a respeito de Vossa Senhoria, que embora eu seja um pobre homem, alegro-me de ouvi-las.

VERGES — Eu também.

LEONATO — Desejaria saber o que tendes a me dizer.

VERGES — Ora, senhor, nossos guardas desta noite, com exceção de Vossa Senhoria, prenderam um par de consumados velhacos, como só em Messina se encontram.

DOGBERRY — É um bom velho, senhor; mas não pára de falar. É como diz o ditado:

"Quando a velhice entra, o juízo sai". Deus nos ampare! É admirável! Muito bem dito, por minha fé, vizinho Verges. Ora, vede, o bom Deus é um bom homem; quando duas pessoas montam o mesmo cavalo, uma tem de ficar atrás. É uma boa alma, senhor, posso asseverar-vos. Por minha fé, tão bom como quem quer que se alimente de pão. Mas o que Deus faz é bom. Nem todos os homens são iguais. Ah, meu caro vizinho!

LEONATO — Realmente, vizinho, estou vendo que ele não vos chega aos pés.

DOGBERRY — Isso é dom que a gente recebe do céu.

LEONATO — Preciso deixar-vos.

DOGBERRY — Uma palavra, senhor. Os nossos homens da guarda, senhor, compreenderam hoje duas pessoas auspiciosas e eu desejava que esta manhã elas fossem examinadas diante de Vossa Senhoria.

LEONATO — Incumbi-vos vós desse exame e trazei-me o relatório. Estou com muita pressa, como já deveis ter percebido.

DOGBERRY — Isso será suficiente.

LEONATO — Antes de irdes, bebei um copo de vinho. Passai bem.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Milorde, estão à vossa espera para apresentardes vossa filha ao noivo.

LEONATO — Não demoro; já estou pronto.

(*Saem Leonato e o mensageiro.*)

DOGBERRY — Ide logo, bondoso camarada, ide à casa de Francisco Seacol e lhe dizei que vá à cadeia com pena e tinta. Teremos de examinar aqueles indivíduos.

VERGES — Sendo preciso que o façamos com sabedoria.

DOGBERRY — Inteligência é que não nos há de faltar, é só o que eu vos digo. (*Indicando a testa.*) Com que o tenho aqui, hei de deixar muita gente*non come.* Bastará chamardes o escrivão que saiba escrever a nossa ex-comunicação e depois irdes me encontrar na cadeia.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Interior de uma igreja. Entram Dom Pedro, Dom João, Leonato, Frei Francisco, Cláudio, Benedito, Hero, Beatriz, etc.

LEONATO — Vamos, Frei Francisco, sede breve; bastarão as formalidades do casamento; depois discorrereis sobre os deveres dos cônjuges.

MONGE — Estais aqui, senhor, para desposar esta senhora?

CLÁUDIO — Não.

LEONATO — Para se casar com ela, monge; viestes até aqui para realizar esse casamento.

MONGE — Viestes aqui, senhora, para vos casardes com o conde?

HERO — Sim.

MONGE — Se algum dos presentes souber de qualquer impedimento interno para a realização deste casamento, pela salvação da alma, concito o a revelá-lo.

CLÁUDIO — Conheceis algum, Hero?

HERO — Nenhum, senhor.

MONGE — Conheceis algum, conde?

LEONATO — Atrevo-me a responder por ele: nenhum.

CLÁUDIO — Oh! Quanto ousam fizer os homens! Quanto podem fazer! Quanto fazem eles todos os dias, sem saber o que estão fazendo!

BENEDITO — Que é isso? Interjeições? Que pelo menos algumas sejam de riso: ah! ah! ah!

CLÁUDIO — Monge, ficai de lado. Com licença: é sem constrangimento, pai, de livre vontade que me dais esta donzela, vossa filha?

LEONATO — Tão livre, filho, como quanto Deus ma entregou.

CLÁUDIO — E eu, que podia dar-vos em troca, como recompensa de uma tão rica e tão preciosa dádiva?

DOM PEDRO — Nada, a não ser de novo ao pai a dardes.

CLÁUDIO — Nobre agradecimento, caro príncipe, com isso me ensinais. Aqui, Leonato, Recebei novamente vossa filha. Não deis a amigo algum esta laranja podre por dentro, que

sinais externos e aparência, tão-só, de honra conserva. Contemplai-a, corada como as virgens! Oh! Como pode o brilho da virtude revestir o pecado artificioso! Esse rubor não serve de evidência modesta da virtude? Não iríeis jurar, todos que a vedes, que ela é pura, se a julgásseis tão-só pela aparência? Mas não é tal, que o ardor ela conhece do leito da luxúria. Se ela cora, não é por inocente, é por culpada.

LEONATO — Que pretendeis, senhor?

CLÁUDIO — Não mais casar-me, não me juntar a uma rameira imunda.

LEONATO — Se acaso, caro conde, tendes provas, por haverdes vencido a resistência de sua virgindade, se abusastes de sua honra...

CLÁUDIO — Compreendo quanto quereis dizer: se a conheci, acaso; se ela se me entregou como a marido, o que desculpa a falta cometida. Não, Leonato; nunca a tentei com expressões audazes; mas, como irmão à própria irmã, eu sempre lhe falava com termos decorosos, reveladores de uma afeição pura.

HERO — E diferente disso eu parecia?

CLÁUDIO — Fora com as aparências! Parecia? Vou escrever contra isso. Vós me dáveis a impressão de uma Diana em sua esfera, casta como o botão, antes de abrir-se; mas o certo é que tendes mais ardência no sangue do que Vênus ou do que essas feras muito nutridas que se espojam numa sensualidade irreprimida.

HERO — Doente, acaso, o meu senhor se encontra, para falar assim?

LEONATO — Meu caro príncipe, por que não dizeis nada?

DOM PEDRO — Que direi? Sinto-me desonrado por ter tido desejo de ligar meu grande amigo a uma mulher sem honra.

LEONATO — É sonho, acaso, ou realidade o que ora se me fala?

DOM JOÃO — São palavras, senhor, e todas elas só verdade traduzem, só verdade.

BENEDITO — Nada disso parece casamento!

HERO — É certo. Oh Deus!

CLÁUDIO — Leonato, sou eu mesmo que aqui me encontro? O príncipe é este aqui? É seu irmão aquele? Àquele, o rosto de Hero? São nossos olhos de nós mesmos?

LEONATO — Tudo é assim. Mas, senhor, por que isso tudo?

CLÁUDIO — Vou dirigir uma pergunta, apenas, a vossa filha. Usai de vossa influência benigna e paternal, porque resposta verdadeira ela dê.

LEONATO — Na qualidade de pai, intimo-te a lhe responderes.

HERO — Oh! Deus me ampare! Que violência incrível! Que quereis com perguntas desse gênero?

CLÁUDIO — Que nos digais o vosso vero nome.

HERO — Hero não é meu nome? Quem pudera manchá-lo com qualquer fato verídico?

CLÁUDIO — A própria Hero, ora essa! Hero, em pessoa, é quem mancha a virtude dela própria. Com que homem conversastes da janela de vosso quarto na passada noite, entre doze horas e uma? Se sois virgem, respondei à pergunta que vos faço.

HERO — Não falei com ninguém, senhor, nessa hora.

DOM PEDRO — Então, não sois donzela. Sinto muito, Leonato, mas a ouvi-lo sois forçado: sob a minha palavra de honra, eu próprio, meu irmão e este conde acabrunhado, à uma hora da noite última, os três juntos pudemos vê-la e ouvi-la conversando da janela do quarto com um devasso que, miserável sem nenhum escrúpulo, confessou os encontros vergonhosos repetidos com ela já mil vezes secretamente.

DOM JOÃO — Ora! Ora! Mal podemos referir-vo-los, príncipe, ou tratar desse assunto. Nossa língua não dispõe de expressões bastante castas para dizer tais coisas sem ofensa. Por isso, encantadora senhorita, lastimo muito vosso desgoverno.

CLÁUDIO — Ó Hero, que Hero tu terias sido, se metade tão-só de tuas graças exteriores tivesses empregado para adornar teus atos e os conselhos do coração! Adeus, medonha e bela! Adeus, pura impiedade, ímpia pureza! Por tua causa fecharei as portas todas do amor, deixando que me penda dos olhos a suspeita, porque mude para mim a beleza em ruindade, privando-a sempre de quaisquer encantos.

LEONATO — Ninguém tem um punhal para ferir-me?

(*Hero desmaia.*)

BEATRIZ — Prima, por que caís? Que estais sentindo?

DOM JOÃO — Saiamos logo; quando reveladas, estas coisas embotam-lhe os sentimentos.

(*Saem Dom Pedro, Dom João e Cláudio.*)

BENEDITO — Como passa a menina?

BEATRIZ — Morta, penso. Hero! Tio! Socorro! Monge! Tio! Oh, senhor Benedito! Monge! Acudam!

LEONATO — Não retires, Destino, a mão pesada de cima dela. A morte é o véu mais belo que se pode almejar para esse opróbrio.

BEATRIZ — Prima, que tens?

MONGE — Coragem, senhorita.

LEONATO — Estás abrindo os olhos?

MONGE — Por que causa não podia ela abri-los?

LEONATO — Por que causa? Tudo o que há sobre a terra não proclama seu opróbrio? Negar pode ela, acaso, a história que no sangue traz impressa? Não vivas, Hero; os olhos não descerres, pois, se eu pudesse crer que não virias a morrer prestemente, ou se eu pensasse que

mais forte tivesses os espíritos do que a vergonha, eu próprio, arrematando todas as maldições, te esganaria. Lastimei-me por ter uma só filha? Disse que avara fora a natureza? Uma, por seres tu, foi excessiva. Por que tive uma filha? Por que foste sempre grata aos meus olhos? Por que causa não recolhi com mãos caritativas a filha de um mendigo que me houvesse batido à porta? Agora assim manchado, enlameado de infâmia, poderia dizer que nela nada me pertence, que esse opróbrio provém de fonte estranha. Mas minha própria filha idolatrada, que eu tanto amava e elogiava tanto, minha propriedade, meu orgulho, tão minha que até eu mesmo parecia não ser meu, em confronto com seus dotes... Oh! Num poço de tinta ela caiu! Não contém o mar vasto tantas gotas capazes de limpá-la dessa infâmia, nem sal bastante que jamais consiga condimentar-lhe a carne putrefeita.

BENEDITO — Acalmai-vos, senhor. Por minha parte, de tal forma me encontro estupefacto, que não sei o que diga.

BEATRIZ — Oh! Por minha alma, minha prima está sendo caluniada.

BENEDITO — Senhorita, dormistes esta noite no quarto dela?

BEATRIZ — Não, mas até ontem dormimos juntas todos estes meses.

LEONATO — Confirma-se! Confirma-se! Mais forte tudo se torna, embora antes tivesse fortes barras de ferro de reforço. Poderiam mentir esses dois príncipes? Cláudio a caluniaria, ele que a amava a ponto de, ao falar em sua infâmia, com pranto lha banhar? Então, que morra!

MONGE — Escutai-me um momento. Calado não fiquei por tanto tempo, deixando as coisas em seu livre curso, senão para observar melhor a jovem. Notei como no rosto lhe corriam mil rubores, quais lestos mensageiros, e depois mil vergonhas, como cândidos anjos, que esses rubores enxotavam; nos olhos lhe notei um grande fogo, pronto a queimar o aleive que esses príncipes contra sua lealdade sustentavam. Dizei que estou variando, se o quiserdes; não confieis mais no meu saber, na minha observação, que o selo da experiência tem sempre confirmado, e recusai-me crédito à idade, à dignidade própria, ao ministério sacro, se esta moça, tão gentil, não se achar, sem ser culpada, vítima de algum erro clamoroso.

LEONATO — Monge, não pode ser. Bem vês que quanto ainda lhe resta de pudor só serve para não agravar a pena eterna com um feio perjuro. Ela não nega. Por que queres cobrir com essas desculpas quanto em sua nudez se patenteia?

MONGE — Qual o nome do homem, senhorita, com quem, segundo dizem, conversastes?

HERO — Os meus acusadores o conhecem, não eu. Se eu conhecer de homem com vida mais do que me permite a dignidade, não me sejam perdoados os pecados. Ó meu pai! Dai-me a prova de que um homem em hora imprópria, conversou comigo, que eu, esta noite, com qualquer pessoa troquei uma palavra, e repudiai-me, tende-me ódio, matai-me de tormentos.

MONGE — Os príncipes decerto foram vítimas de algum estranho equívoco.

BENEDITO — Dois deles são a honra em pessoa. Se há maldade que acaso a boa fé lhes ilaqueie, a encontraremos no bastardo João, que só com vilanias se preocupa.

LEONATO — Não sei dizê-lo; mas se for verdade quanto a respeito dela eles afirmam,

com estas mãos hei de fazê-la em postas. Se a honra lhe conspurcaram, há de contas justas comigo o mais altivo deles. O tempo não me fez secar o sangue, não me embotou a inteligência a idade, não me deixou sem meios a fortuna, nem a desdita me privou de amigos, para que ora me veja sem recurso de qualquer jeito na maldade em curso, sem forças nestes braços, sem finura, meios certos, valor de bons amigos, para infligir-lhes punição completa.

MONGE — Parai um pouco, consentindo que ora como guia vos sirva meu conselho. Os príncipes deixaram vossa filha como morta. Em secreto a conservemos e propalemos que morreu, de fato. De rigoroso dó se vistam todos; no antigo monumento da família inscrevei epitáfios lastimosos, todo o ritual, em suma, costumeiro nas ocasiões de enterros tais como este.

LEONATO — Qual a vantagem disso? E as conseqüências?

MONGE — Se for bem conduzido esse expediente, mudar-se-á a calúnia em compaixão. Já é alguma coisa; mas não sonho com isso apenas ao propor um meio tão singular: prevejo que essas dores de algo melhor o nascimento indicam. Tendo morrido, como espalharemos, no momento preciso em que a acusavam, lamentada há de ser e desculpada por todos os ouvintes. Pois é fato que nunca damos o devido apreço a nada do que temos; mas, se acaso nos vem a faltar isso, exageramos o valor e enxergamos a virtude que nos fora ocultada pela posse. A mesma coisa vai se dar com Cláudio: quando vir que a matou com sua fala, de mansinho se esgueira a imagem dela na oficina de sua fantasia, e os órgãos amoráveis que ela, viva, tinha virão com vestes mais preciosas, mais delicadas, mais comovedoras à visão interior de seu espírito do que quando ela, viva se encontrava. Passará ele então a lastimá-la — no caso de realmente a ter amado com as veras da alma — e a desejar que nunca lhe tivesse assacado tais censuras ainda que a houvesse tido por culpada. Procedei desse modo, e podeis crer-me que o êxito há de dar feições mais belas aos acontecimentos do que eu posso pintar-vos numa tosca alegoria. Mas, se falhar de todo o nosso intento, a notícia da morte da menina fará apagar o espanto provocado por sua grande infâmia. Nesse caso, podereis ocultá-la — como cumpre nos casos de desonra — numa vida reclusa e religiosa, segregando-a das línguas, dos olhares, das intrigas.

BENEDITO — Escutai o conselho deste monge, senhor Leonato. Do meu lado, embora me prenda fortemente a Cláudio e ao príncipe amor e intimidade, dou-vos minha palavra de honra em como hei de portar-me com tanta discrição daqui por diante, como com vosso corpo faz vossa alma.

LEONATO — No mar de desventuras em que me acho, deixo-me conduzir por uma palha.

MONGE — Muito bem; para um caso tão estranho deve ser também rara a medicina. Morrei para viver; talvez o banho nupcial esteja adiado: é vossa sina.

(*Saem o monge, Hero e Leonato.*)

BENEDITO — Senhorita Beatriz, chorastes todo esse tempo?

BEATRIZ — Sim, e hei de chorar mais tempo ainda.

BENEDITO — Lastimo semelhante perspectiva.

BEATRIZ — Por que lastimar-me? É espontaneamente que o faço.

BENEDITO — Estou convencido de que a vossa bela prima foi vítima de calúnia.

BEATRIZ — Oh! Quanto subiria em meu conceito a pessoa que a reabilitasse!

BENEDITO — Haverá algum modo de vos dar semelhante prova de amizade?

BEATRIZ — Modo existe; mas um amigo nessas condições é que não se encontra.

BENEDITO — Poderá algum homem pô-lo em prática?

BEATRIZ — Sim, quem tivesse por ofício fazê-lo; mas esse alguém não sois vós.

BENEDITO — Nada amo no mundo como a vós. Não é estranho isso?

BEATRIZ — Tão estranho como tudo que eu desconheço. Ser-me-ia também fácil dizer-vos que eu não amo nada no mundo como a vós. Mas não me deis crédito, conquanto eu não esteja mentindo. Não confesso nem nego nada. Estou desolada por causa de minha prima.

BENEDITO — Por minha espada, Beatriz, tu me tens amor.

BEATRIZ — Não jureis por vossa espada; engoli-a.

BENEDITO — Por ela vou jurar que me tens amor; desse modo, obrigarei a engoli-la quem disser que eu não te amo.

BEATRIZ — Não quereis engolir vossa palavra?

BENEDITO — Não, seja qual for a espécie de molho que possa ser inventado para o caso. Protesto que te amo.

BEATRIZ — Deus que me perdoe!

BENEDITO — Por que ofensa, doce Beatriz?

BEATRIZ — Interrompestes-me na hora precisa eu me encontrava no ponto de protestar que vos dedicava amor.

BENEDITO — Fazei-o com todo o coração.

BEATRIZ — Amo-vos com tanta abundância do meu coração, que dele não sobra nada para protestar.

BENEDITO — Manda-me fazer alguma coisa em teu louvor.

BEATRIZ — Matai Cláudio.

BENEDITO — Não! Por todo o mundo!

BEATRIZ — Matais-me com essa recusa. Meus.

BENEDITO — Espera um pouco, doce Beatriz.

BEATRIZ — Já fui embora, conquanto permaneça aqui. Não me tendes amor. Por obséquio, deixai-me partir.

BENEDITO — Beatriz...

BEATRIZ — Estou falando sério: preciso retirar-me.

BENEDITO — Primeiro fiquemos amigos.

BEATRIZ — Achais mais fácil ser meu amigo do que brigar com meus inimigos?

BENEDITO — Cláudio é teu inimigo?

BEATRIZ — Não se revelou ele um vilão em grau máximo ao caluniar, humilhar e desonrar minha parenta? Ah, se eu fosse homem! Como! Prendê-la a si até o momento em que as mãos iam ser unidas, para depois acusá-la de público, com tamanha desfaçatez e impiedade! Oh Deus, se eu fosse homem! Trincar-lhe-ia o coração em praça pública.

BENEDITO — Ouve-me, Beatriz.

BEATRIZ — Conversar da janela com um homem! História bem arranjada.

BENEDITO — Mas Beatriz...

BEATRIZ — Pobre Hero! Está difamada, caluniada, perdida.

BENEDITO — Beat...

BEATRIZ — Príncipes e condes! Realmente, o testemunho é principesco! Muito doce, não há dúvida, esse tal Conde Rebuçado! Um noivo de primeira! Oh! Se eu fosse homem, para pegá-lo, ou se tivesse um amigo que quisesse ser homem para me ajudar! Mas a virilidade já se derreteu em cerimônias e zumbaias, o valor, em cumprimentos; os homens não são mais do que línguas, e muito enfeitados, ainda por cima. Hoje em dia, para ser valente como Hércules basta contar uma mentira e sustentá-la. Não podendo virar homem só com os meus desejos, quero morrer como mulher, com a minha tristeza.

BENEDITO — Espera, bondosa Beatriz. Por esta mão, eu te amo.

BEATRIZ — Para me provar o vosso amor, recorrei a outros meios que não os juramentos.

BENEDITO — Acreditais, de fato, no fundo da alma, que o Conde Cláudio caluniou Hero?

BEATRIZ — Sim; tenho tanta certeza disso como de pensar e de ser dotada de alma.

BENEDITO — Basta. Comprometo-me a desafiá-lo. Beijo-vos a mão e me despeço. Por esta mão, Cláudio me prestará contas severas. Pensai em mim de acordo com as notícias que receberdes. Ide consolar vossa prima. Direi que ela está morta. E com isso, adeus!

(*Saem.*)

Cena 2

Uma prisão. Entram Dogberry, Verges e o escrivão, paramentados; depois, os guardas com Conrado e Borracho.

DOGBERRY — Está reunida toda a dissembléia?

VERGES — Oh! Uma cadeira e uma almofada para o escrivão!

ESCRIVÃO — Quais são os malfeitores?

DOGBERRY — Ora essa! Eu e o meu companheiro.

VERGES — É certo; temos que examinar a exibição.

ESCRIVÃO — Mas quais são os ofensores que vão ser examinados? Apresentai-os ao Mestre Condestável.

DOGBERRY — É isso mesmo, co'os diabos! Ponde-os aqui na minha frente. Amigo, como é o vosso nome?

BORRACHO — Borracho.

DOGBERRY — Escrevei: Borracho. E o vosso, maroto?

CONRADO — Eu sou gentil-homem, senhor, e me chamo Conrado.

DOGBERRY — Escrevei; Mestre gentil-homem Conrado. Senhores, ser vis a Deus?

CONRADO e BORRACHO — Sim, senhor; assim o esperamos.

DOGBERRY — Escrevei que eles esperam servir a Deus. Mas escrevei primeiro o nome de Deus, pois Deus não permita que Deus vá na frente destes velhacos. Mestres, está provado que não sois muito melhores do que hipócritas e velhacos, o que dentro de pouco ficará demonstrado. Que respondeis por vós mesmos?

CONRADO — Ora, senhor, respondemos que não o somos.

DOGBERRY — Sujeito maravilhosamente esperto, é o que vos digo. Mas comigo ele há de ver. Aproxima-te, maroto. Uma palavrinha ao ouvido: digo-vos, senhor, que sois tidos na conta de dois rematados velhacos.

BORRACHO — Afirmo-vos, senhor, que não o somos.

DOGBERRY — Muito bem; ficai de lado. Diante de Deus, ambos dizem a mesma coisa. lá escrevestes que eles não o são?

ESCRIVÃO — Mestre condestável, não é esse o verdadeiro caminho de examiná-los.

Deveis primeiro chamar os guardas que acusam estes homens.

DOGBERRY — É isso mesmo. Esse é o caminho mais transitábico. Aproximem-se os guardas! Mestres, intimo-vos, em nome do príncipe, a acusar estes homens.

PRIMEIRO GUARDA — Senhor, este sujeito disse que Dom João, o irmão do príncipe, era um vilão.

DOGBERRY — Escrevei Príncipe João um vilão. É perjuro evidente chamar de vilão um irmão do príncipe.

BORRACHO — Mestre condestável...

DOGBERRY — Silêncio, camarada, por obséquio. Não me agrada a tua fisionomia, posso asseverar-te.

ESCRIVÃO — Que mais lhe ouvistes dizer?

SEGUNDO GUARDA — Que recebera de Dom João mil ducados para acusar falsamente a senhorita Hero.

DOGBERRY — O maior crime de arrombamento que já se cometeu!

VERGES — Sim, pela missa! É isso mesmo.

ESCRIVÃO — Que mais, camarada?

PRIMEIRO GUARDA — E que o Conde Cláudio, pelo que ele disse, tencionava infamar Hero por ocasião da cerimônia e não se casar com ela.

DOGBERRY — Ó vilão! Por causa disso vais ser condenado à redenção eterna.

ESCRIVÃO — Que mais?

SEGUNDO GUARDA — É tudo.

ESCRIVÃO — Isso tudo, amigos, é mais do que podeis negar. O príncipe João partiu secretamente esta manhã; Hero foi acusada justamente por esse modo, e desse mesmo modo repudiada, tendo morrido subitamente de tristeza. Mestre condestável, mandai amarrar estes homens e levá-los à presença de Leonato. Vou na frente, para lhe mostrar o interrogatório. (*Sai.*)

DOGBERRY — Muito bem; vamos algemizá-los.

VERGES — Vamos amarrar-lhes as...

CONRADO — Sai daí, idiota!

DOGBERRY — Deus de minha vida! Onde está o escrivão? Ele precisa escrever que o oficial do príncipe é um idiota. Vamos: amarrai-os firme! Sujeito à-toa!

CONRADO — Para trás! Sois um asno! Sois um asno!

DOGBERRY — Não suspeitas a minha posição? Não suspeitas os meus anos? Oh! Não estar ele aqui para escrever que eu sou um asno! Mas não vos esqueçais, meus mestres, de que eu sou um asno; conquanto não houvesse sido protocolado, não vos esqueçais de que eu sou um asno. Não, velhaco, tu estás cheio de piedade, como ficará provado com boas testemunhas. Eu

sou pessoa sensata e, o que é mais, um oficial de justiça; e, o que é mais, um pai de família; e, o que é mais, um belo pedaço de carne como quem mais o for em Messina; e um homem que conhece as leis, estais entendendo? e uma pessoa de posses, estais entendendo? que tem tido grandes perdas e que possui duas roupas e muito mais coisas elegantes. Levai-os logo! Oh! se tivesse ficado escrito que eu sou um asno!

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Diante da casa de Leonato. Entram Leonato e Antônio.

ANTÔNIO — Se continuardes sempre desse modo, acabareis matando-vos. Sensato não é ficar do lado da tristeza, contra si próprio.

LEONATO — Basta de conselhos, por obséquio; eles roçam-me os ouvidos simplesmente, como a água o faz no crivo. Não me dês mais conselhos. Seja apenas consolador que o ouvido me deleite quem motivos tiver como eu de dores. Mostra-me um pai que a filha idolatrasse como eu a minha, que, como eu, tivesse desfeita a grã-ventura de possuí-la, e manda que me fale de paciência. Em largura e extensão mede a tristeza dele e minha, deixando que as desgraças de ambos se correspondam de tal forma que a minha e a dele acabem confundidas no aspecto e forma e em todas as minúcias: se ele sorrir e cofiar a barba, disser "Olá!" em vez de lastimar-se, mandar que a dor prossiga seu caminho, remendar o infortúnio com provérbios, estonteá-lo com frases eruditas: traze-me esse homem, para que a paciência me venha ele a ensinar. Mas desse jeito não existe ninguém. Não, mano; os homens só ministram conselhos, só procuram consolar, quando as dores são dos outros. Mas se acaso a senti-las eles vêm, em paixão se transformam seus conselhos que, pouco antes, à cólera indicavam medicina eficaz e se propunham amarrar a loucura irresistível com um tênue fio, com palavras ocas, acalmar a agonia e a dor com o vento. Não, não! Sempre foi hábito dos homens falar de paciência aos que se estorcem sob o fardo das dores. Mas nenhuma decisão nem virtudes são bastantes para a algum deles dar filosofia que apto o deixe a agüentar iguais desditas. Não me aconselhes, pois. Minhas desgraças gritam mais alto do que o teu fraseado.

ANTÔNIO — Não se distinguem, desse jeito, os homens de nenhuma criança.

LEONATO — Por obséquio, deixa-me em paz! Eu sou de carne e osso. Nunca existiu filósofo que chegue a suportar nenhuma dor de dente, ainda que tenha escrito obras divinas e do acaso e da dor haja troçado.

ANTÔNIO — Não carregueis, ao menos, todo o fardo; que os vossos ofensores também sofram.

LEONATO — Tens razão nesse ponto; é aconselhável fazer como o sugeres. Diz-me o peito que Hero foi caluniada, e isso há de Cláudio vir a saber e o príncipe e as pessoas que para a desonrar se conluiaram.

ANTÔNIO — Eis que vêm, apressados, Cláudio e o príncipe.

(*Entram Dom Pedro e Cláudio.*)

DOM PEDRO — Ah, bom dia!

CLÁUDIO — Bom dia para todos.

LEONATO — Escutai-me, senhores.

DOM PEDRO — Ora estamos com muita pressa.

LEONATO — Assim, milorde? Pressa? Passai bem. Tendes tanta pressa agora?

DOM PEDRO — Não seja isso motivo, meu bom velho, de nos quererdes mal.

ANTÔNIO — Se ele pudesse obter satisfações, um dos presentes ficaria a gemer.

CLÁUDIO — Quem o ofendeu?

LEONATO — Quem me ofendeu? Tu, impostor! Tu mesmo. Não, não saques da espada; não me assustas.

CLÁUDIO — Maldita seja minha mão, se acaso viesse a assustar esses cabelos brancos. Não tive intenção tal com esse gesto.

LEONATO — Caluda, homem! Não zombes dos meus anos. Não falei como louco ou velho tonto que recorresse agora aos privilégios da velhice, tão-só para gabar-se de seus feitos de moço ou do que viera ainda a fazer, se velho já não fosse. Não! Por tua cabeça Cláudio, fica sabendo que a tal ponto me ofendeste e à minha pobre filha, que eu de lado ponho todo o respeito e a reverência, para, apesar das cãs e do pesado fardo de tantos dias, desafiar-te como homem. Digo, pois, que caluniaste minha filha inocente. Teus aleives o coração mimoso lhe vararam. Ora ela está com seus antepassados, ah! num sepulcro onde jamais dormira calúnia alguma a não ser esta, infame! que a tua vilania excogitara.

CLÁUDIO — A minha vilania?

LEONATO — A tua, Cláudio; foi o que eu disse: a tua.

DOM PEDRO — Meu bom velho, não falais com acerto.

LEONATO — Sim, milorde. No corpo dele hei de deixar a prova, se ele tiver coragem, não obstante o seu saber na esgrima, os exercícios diários, o maio de seus verdes anos e todo o seu vigor e florescência.

CLÁUDIO — Para trás! Nada tenho a ver convosco.

LEONATO — É assim que me repeles? Tu mataste minha filha. Se acaso me matares, menino, ao menos matarás um homem.

ANTÔNIO — Vai matar dois, dois homens. Pouco importa. Mate um primeiro; mate-me e consuma-me. Juste contas comigo. Vamos! siga-me, senhor menino; vamos, meu peralta; vamos, senhor menino; a chicotadas vou defender-me de teus botes hábeis. Fá-lo-ei, tão certo como eu ser fidalgo.

LEONATO — Mano!

ANTÔNIO — Acomodai-vos! Só Deus sabe quanto amor eu dedicava a vossa filha,

minha sobrinha. Agora está sem vida, caluniada de morte por uns biltres que têm coragem de enfrentar um homem, como eu ouso pegar uma serpente pela língua. Macacos, meninotes, fracalhões, bons de língua!

LEONATO — Mano Antônio...

ANTÔNIO — Ficai quieto. Qual, homem! Eu conheço-os; sei muito bem quanto eles todos pesam, até o último escrópulo: meninos turbulentos, casquilhos, faladores, que mentem, zombam, mancham, caluniam, assumem ares espantosos, vestem-se grotescamente e falam meia dúzia de palavras terríveis: como golpes dariam nos imigos, se tivessem coragem para tanto. Apenas isso.

LEONATO — Mas mano Antônio...

ANTÔNIO — Não te metas nisso; sozinho eu darei conta deles todos.

DOM PEDRO — Não queremos, senhores, despertar-vos o descontentamento. É-nos penoso saber que vossa filha já não vive. Mas, por minha honra, tudo quanto dela foi dito está provado: é verdadeiro.

LEONATO — Mas milorde...

DOM PEDRO — Não quero ouvir-vos.

LEONATO — Não? Mano, vamos embora. Hão de me ouvir.

ANTÔNIO — Ou algum de nós há de sofrer por isso.

(*Saem Leonato e Antônio. Entra Benedito.*)

DOM PEDRO — Vede! Eis que nos chega o homem que íamos procurar.

CLÁUDIO — Então, senhor, que novidades?

BENEDITO — Bom dia, príncipe.

DOM PEDRO — Bom dia, senhor. Chegastes quase no ponto de apartar uma briga.

CLÁUDIO — Por um triz ficávamos de narizes cortados por dois velhos sem dentes.

DOM PEDRO — Leonato e o irmão. Que achas? Se nos tivéssemos batido, penso que teríamos sido moços demais para os dois.

BENEDITO — O verdadeiro valor não se revela em causa ruim. Vinha procurar-vos.

CLÁUDIO — Há muito que também te procurávamos, por estarmos tomados de melancolia, de que nos queremos ver livres. Não queres utilizar-te de teu espírito?

BENEDITO — Trago-o aqui na bainha. Posso arrancá-lo?

DOM PEDRO — Trazes o espírito de lado?

CLÁUDIO — Nunca ninguém fez tal coisa, muito embora muita gente o tenha posto de lado. Vou falar-te como o fazemos com os menestréis: tira-o para nos distrair.

DOM PEDRO — Tão certo eu ser um homem honesto, ele está pálido. Estás doente ou

aborrecido?

CLÁUDIO — Que é isso, homem! Coragem! Embora a tristeza possa matar um gato, tens força suficiente para matar a tristeza.

BENEDITO — Senhor, se soltardes contra mim o vosso espírito, forçá-lo-ei a parar. Tende a bondade de mudar de assunto.

CLÁUDIO — Então dêem-lhe outra lança, que a última se quebrou.

DOM PEDRO — Por esta luz, ele está cada vez mais diferente. Penso que está colérico de verdade.

CLÁUDIO — Se o estiver, há de saber como virar o cinto.

BENEDITO — Poderei dizer-vos uma palavra ao ouvido?

CLÁUDIO — Deus me defenda de um desafio!

BENEDITO (*à parte, a Cláudio*) — Sois um crápula. Não estou a brincar. Prová-lo-ei como quiserdes, com quem quiserdes e quando o quiserdes. Se não me derdes satisfações, proclamarei a vossa covardia. Matastes uma menina adorável, mas essa morte vos vai custar caro. Fico à espera de vossa resposta.

CLÁUDIO — Pois não; irei ao encontro aprazado, para me divertir convosco.

DOM PEDRO — Alguma festa?

CLÁUDIO — Isso mesmo. Convidou-me para comermos uma cabeça de vitelo e um capão. Se eu não os trinchar pela maneira mais interessante possível, ficareis com o direito de proclamar que minha faca não vale nada. Não teremos também uma galinhola?

BENEDITO — Senhor, vosso espírito trota muito bem, sem se cansar.

DOM PEDRO — Vou te contar como Beatriz elogiou há dias o teu espírito. Eu dissera que tu tinhas um espírito muito fino. "É certo", respondeu, "fino e pequeno". "Não", disse eu, "um espírito grande". "Exatamente", retrucou-me, "um espírito grosso". "Não", prossegui, "um bom espírito". "Nada mais acertado", revidou-me, "por que nunca fez mal a ninguém". "Contudo", disse-lhe, "é um rapaz muito prudente". "Pois não", respondeu-me, "prudência é o que não lhe falta". "E o que é mais", continuei, "fala diversas línguas". "Acredito", disse-me ela, "que de uma feita ele me afirmou uma coisa na segunda-feira à tarde e a desmentiu na terça pela manhã. A isso se dá o nome de língua dupla, por serem duas línguas, em verdade". Desse modo, por mais de uma hora, ela deformava todas as tuas qualidades, até arrematar o discurso com um suspiro e confessar que eras o mais perfeito homem da Itália.

CLÁUDIO — Depois do que chorou desabaladamente e disse que não se preocupava nada e nada com isso.

DOM PEDRO — Justamente. Mas apesar de tudo, se ela não lhe vota amor de morte, ama-o de todo o coração. A filha do velho nos contou tudo.

CLÁUDIO — Tudo, e mais: que Deus o vira escondido no jardim.

DOM PEDRO — Mas afinal, quando colocaremos os chifres do touro selvagem na cabeça do sensível Benedito?

CLÁUDIO — Com o letreiro por baixo: Aqui mora Benedito, o homem casado.

BENEDITO — Passai bem, jovem. Conheceis minha disposição. Vou deixar-vos com vossa loquacidade. Usais das pilhérias como os fanfarrões o fazem com as espadas, que não ofendem a ninguém, graças a Deus. Agradeço, milorde, as gentilezas com que me distinguistes, mas doravante sou forçado a me afastar de vossa companhia. Vosso irmão bastardo fugiu de Messina. Ambos vós matastes uma donzela inocente. Quanto àquele senhor Sem-barba, ainda haveremos de nos encontrar. Até lá, que fique em paz. (*Sai.*)

DOM PEDRO — O homem está zangado mesmo.

CLÁUDIO — Zangadíssimo. E posso asseverar que tudo é por causa do amor de Beatriz.

DOM PEDRO — Desafiou-te?

CLÁUDIO — Com todas as regras.

DOM PEDRO — Que coisa interessante o homem, quando deixa em casa o espírito e passeia de gibão e calça!

CLÁUDIO — É um gigante comparado a um macaco; mas nessas condições um macaco, ao lado de tal homem, é um sábio.

DOM PEDRO — Acalma-te. Vamos deixar as coisas como estão. Agora, coração, prepara-te para ficar triste. Ele não disse que meu irmão fugiu?

(*Entram Dogberry, Verges e os guardas, com Conrado e Borracho.*)

DOGBERRY — Avançai, senhores. Se a justiça não vos puder amansar, jamais pesará razões em sua balança. É isso: se sois hipócrita amaldiçoado, tereis de ser apontado.

DOM PEDRO — Que foi que houve? Presos dois servidores do meu irmão? E um deles é Borracho?

CLÁUDIO — Procurai saber o que eles fizeram, milorde.

DOM PEDRO — Oficiais, que crime estes homens cometeram?

DOGBERRY — Com a breca, senhor, cometeram notícias falsas. Além do mais, disseram inverdades. Em segundo lugar, são caluniadores. Sexto e último, difamaram uma senhorita; terceiramente, verificaram algumas injustiças. E para concluir: são sujeitos mentirosos.

DOM PEDRO — Em primeiro lugar, pergunto o que eles fizeram; em terceiro, que crime cometeram; sexto e último, porque foram detidos, e para concluir, que lhes imputais.

CLÁUDIO — Raciocinado de acordo com a sua própria divisão. Isso é que se chama dar boa forma ao pensamento.

DOM PEDRO — A quem ofendestes, senhores, para vos prenderem dessa maneira? Este erudito condestável é por demais sagaz para ser compreendido. Qual foi o vosso crime?

BORRACHO — Caro príncipe, mandai cessar o meu interrogatório. Ouvi o que vos vou contar e o conde que me mate depois disso. Enganei-vos sob vossa própria vista. O que toda a vossa sabedoria não conseguiu descobrir, estes dois tolos chapados fizeram vir à luz, por me terem ouvido durante a noite confessar a este homem como vosso irmão Dom João me induziu a caluniar a senhorita Hero, como fostes postos no jardim para me ver cortejar Margarida, que vestira roupas de Hero; como a desonrastes no instante em que a devíeis desposar. Já foi tomado o depoimento escrito dessa minha vilania, que eu prefiro selar com a morte a repetir para minha vergonha. A senhorita faleceu em conseqüência da minha acusação falsa, que eu e meu mestre fizemos. Em suma: só desejo agora a recompensa dos crápulas.

DOM PEDRO — Qual ferro em brasa, o sangue não te queimam essas palavras?

CLÁUDIO — Só bebi veneno durante todo o tempo em que ele as disse.

DOM PEDRO — Foi meu irmão quem te levou a isso?

BORRACHO — Sim, sobre me ter pago regiamente.

DOM PEDRO — Só de traição ele é composto e feito. Fugiu depois de feita a vilania.

CLÁUDIO — Doce Hero! Ora me surge a tua imagem com o resplendor que eu tanto idolatrava.

DOGBERRY — Vamos, levai daqui os querelantes. A estas horas o nosso escrivão já reformou o senhor Leonato de tudo o que houve. E vós, mestres, não vos esqueçais de especificar, em tempo e lugar oportunos, que eu sou um asno.

VERGES — Eis que chega o mestre senhor Leonato juntamente com o escrivão.

(*Tornam a entrar Leonato e Antônio, com o escrivão.*)

LEONATO — Onde está o biltre? Quero ver-lhe os olhos, porque se acaso eu vir alguém como ele, possa evitá-lo. Qual dos dois é ele?

BORRACHO — Quereis ver quem vos fez tão grande ofensa? Aqui me tendes.

LEONATO — És o miserável cujo sopro matou minha filhinha?

BORRACHO — Justamente; eu sozinho.

LEONATO — Não é isso, vilão; contra ti próprio estás mentindo. Presentes aqui estão dois homens dignos; fugiu o outro que nisso teve parte. Agradeço-vos, príncipes, a morte de minha filha. Consignai o feito entre as vossas mais altas valentias, pois inculca bravura em toda a linha.

CLÁUDIO — Não sei como implorar vossa paciência; contudo, é necessário dizer algo. Imponde-me o castigo que julgardes adequado ao meu crime, muito embora só por erro eu pecasse.

DOM PEDRO — Por minha alma, também o mesmo eu digo. No entretanto, para satisfação dar ao bom velho, eu gemeria sob os graves fardos que lhe agradasse impor-me.

LEONATO — Mandar não me é possível que dês vida à minha filha; fora inexequível.

Mas a ambos peço ao povo de Messina dizer que ela morreu sem ser culpada. Se for capaz o vosso amor de alguma triste invenção, na tumba um epitáfio lhe deponde e cantai um canto fúnebre para seus ossos. Fazei isso à noite. Vinde amanhã bem cedo a minha casa. Já que impossível é serdes meu genro, meu sobrinho ides ser. Tem uma filha meu irmão, que é o retrato da defunta, única herdeira, agora, de nós ambos. O título lhe dai que pretendíeis dar à prima, que neste mesmo instante morre minha vingança.

CLÁUDIO — Ó nobre ancião, vossa bondade excelsa me comove. Aceito o vosso alvitre. Doravante podeis dispor do pobre Cláudio em tudo.

LEONATO — Amanhã vos espero. Boa-noite, por hoje. Este indivíduo desprezível acareado vai ser com Margarida, que toma parte, creio, nesta trama, paga por vosso irmão.

BORRACHO — Não, por minha alma; não está. Ao falar-me, ela ignorava todo o alcance de suas atitudes. Em tudo quanto sei a seu respeito sempre se revelou justa e virtuosa.

DOGBERRY — Além disso, senhor, conquanto não houvesse ficado preto no branco, este querelante aqui, o ofensor, me chamou de asno. Peço-vos que no seu castigo seja isso tomado em consideração. Há mais: o guarda os ouviu falar de um tal Deformado. Diziam que ele trazia uma chave pendente das orelhas, com uns cachos pendurados, e que pede dinheiro emprestado em nome de Deus, gasta à vontade sem se preocupar com o pagamento, a ponto de deixar os homens de coração duro e sem desejo de emprestar nada mais em nome de Deus. Por obséquio, examinai-o sobre esse ponto.

LEONATO — Agradeço-te o cuidado e o honesto esforço.

DOGBERRY — Vossa Senhoria fala como um jovem muito agradecido e respeitoso. Pedirei a Deus por vós.

LEONATO — Aqui tens pelo teu trabalho.

DOGBERRY — Deus salve a fundação!

LEONATO — Tiro-te o encargo do prisioneiro e dou-te os meus agradecimentos.

DOGBERRY — Deixo com Vossa Senhoria um consumado velhaco e peço a Vossa Senhoria que se corrija para exemplo dos outros. Deus guarde Vossa Senhoria. Desejo-vos muitas felicidades. Deus vos restitua a saúde. Dou-vos humildemente licença para sair, e se me for permitido desejar um alegre encontro, que Deus o proíba. Vamos, vizinho.

(*Saem Dogberry e Verges.*)

LEONATO — Até amanhã, milordes; passai bem.

ANTÔNIO — Meus, milordes; nós vos esperamos.

DOM PEDRO — Não faltaremos, podeis crer.

CLÁUDIO — À noite sobre o túmulo de Hero irei chorar.

(*Saem Dom Pedro e Cláudio.*)

LEONATO (*aos guardas*) — Levai-os logo. Cumpre ora informar-me junto de Margarida

de que jeito veio ela a conhecer este birbante.

(*Saem.*)

Cena 2

Jardim de Leonato. Entram Benedito e Margarida, por lugares diferentes.

BENEDITO — Por obséquio, querida Margarida, sê bondosa para mim, ajudando-me a falar com Beatriz.

MARGARIDA — Escrevereis então um soneto em louvor da minha beleza?

BENEDITO — Em tão alevantado estilo, Margarida, que nenhum homem vivo conseguirá sobrepujá-lo, porque, para dizer a verdade, tu o mereces.

MARGARIDA — Mereço que nenhum homem me sobrepuje?

BENEDITO — Tens o espírito tão rápido quanto a boca de um galgo; agarra sempre.

MARGARIDA — E o vosso é rombudo como florete de esgrima, que toca sem ferir.

BENEDITO — É um espírito viril, Margarida; não deseja ferir mulher nenhuma. E agora, torno a te pedir que chames Beatriz; entrego-te o escudo.

MARGARIDA — Dai-nos espadas, que temos escudos naturais.

BENEDITO — São armas perigosas para darmos, Margarida; se as usar desprotegei as pontas.

MARGARIDA — Está bem; vou chamar Beatriz, que decerto há de ter pernas para andar.

BENEDITO — Assim sendo, não deixará de vir. (*Sai Margarida.*) O deus do amor, que no alto mora, muito bem sabe, muito bem sabe, quanto sou fraco... isto é, no canto; porque no que respeita amor, nem Leandro, o grande nadador, nem Tróilo, que foi primeiro que recorreu aos serviços dos pândaros, nem o livro inteiro desses quondam heróis de salão, cujos nomes rolam docemente na estrada suave dos versos brancos, jamais se viram revirados pelo amor, em todos os sentidos, como o meu pobre eu. Com a breca! Não posso demonstrá-lo por meio de rimas; já experimentei mas não deu certo. Não achei rima para "lady" a não ser "baby", por demais inocente; para "adorno" só me ocorre "corno", rima dura, muito dura mesmo; "escola" só rima com "pachola", o que é sobremodo inconveniente. Só rimas ominosas. Não; decididamente não nasci sob a influência de um planeta rimador, nem sou capaz de fazer uma declaração com fraseado domingueiro. (*Entra Beatriz.*) Doce Beatriz, atendes, realmente, ao meu chamado?

BEATRIZ — Sim, senhor; e partirei quando o ordenardes.

BENEDITO — Oh! Ficarás até então?

BEATRIZ — O "então" já foi dito; por isso, adeus... Mas antes de me retirar, fazei-me saber o que eu desejava saber ao vir até aqui, isto é, o que se passou entre vós e Cláudio.

BENEDITO — Apenas palavras azedas; por isso desejo dar-te um beijo.

BEATRIZ — Palavras azedas não passam de vento azedo; vento azedo não passa de hálito azedo, e hálito azedo é prejudicial. Por isso, retiro-me sem ser beijada.

BENEDITO — Tão enérgico tens o espírito, que espantaste a palavra, torcendo-lhe o sentido. Mas vou contar-te tudo em termos chãos. Cláudio aceitou meu desafio; dentro de pouco, ou receberei notícias dele, ou lhe darei o epíteto de covarde. Agora dize-me, por obséquio, por qual das minhas más qualidades tu te apaixonaste primeiro?

BEATRIZ — Por todas elas reunidas, que, em conjunto, constituem uma tão perfeita república de defeitos que não permitem que se lhes misture nada de bom. Mas qual das minhas boas qualidades vos obrigou primeiro a suportar o amor para comigo?

BENEDITO — Bonita expressão: a suportar o amor, porque, de fato, suporto o amor, visto amar-te contra a minha vontade.

BEATRIZ — Contra o querer do próprio coração? Coitado dele! Mas se o desprezais por minha causa, vou desprezá-lo por vossa causa, por que jamais poderei amar o que o meu amigo odeia.

BENEDITO — Tu e eu somos demasiadamente sábios para nos declarar-nos em paz.

BEATRIZ — Não é a conclusão lógica de semelhante confissão, porque em vinte sábios não haverá um só que se elogie desse modo.

BENEDITO — Isso era antigamente, Beatriz, quando os homens viviam em boa vizinhança. Hoje, quem não construir em vida sua própria sepultura, terá monumento tão durável como o soar dos sinos e as lágrimas da viúva.

BEATRIZ — E quanto tempo dura isso?

BENEDITO — Ainda o perguntas? Uma hora de lamentações e um quarto de hora de lágrimas. Por isso, é mais prudente que o sábio — no caso de Dom Verme, sua consciência, nada opor nesse sentido — seja a trombeta de suas próprias qualidades, como agora no meu caso. Mas é o bastante para meu elogio, que, segundo o meu próprio testemunho, é digno de encômios E agora dizei-me: como passa a vossa prima?

BEATRIZ — Muito mal.

BENEDITO — E vós?

BEATRIZ — Muito mal, também.

BENEDITO — Sede piedosa, amai-me e corrigi-vos. Neste ponto vos deixo, porque vem chegando alguém com muita pressa.

(*Entra Úrsula.*)

ÚRSULA — Senhorita, é preciso que vades ter com vosso tio. A casa está num rebuliço

medonho: ficou provado que a senhorita Hero foi falsamente acusada, o príncipe e Cláudio, ilaqueados em sua boa fé. O autor de tudo foi Dom João, que fugiu e desapareceu. Ireis logo?

BEATRIZ — Não quereis ouvir as novidades, senhor?

BENEDITO — Quero viver em teu coração, morrer nesses lábios e ser sepultado em teus olhos. Além disso, irei contigo até a casa de teu tio.

(*Saem.*)

Cena 3

Interior de uma igreja. Entram Dom Pedro, Cláudio e séquito, com músicos e portadores de tochas.

CLÁUDIO — É este o monumento de Leonato?

UM NOBRE — Sim, milorde.

CLÁUDIO (*Lê um pergaminho*) — Pelas más línguas caluniada Hero divina veio a morrer. Ora lhe caiba fama altanada, em recompensa do seu sofrer. Depois de morte tão triste e inglória, com brilho eterno viva na história. Sobre o sepulcro tu dirás tudo, que minha angústia me deixa mudo. Ora, senhores, o hino funerário.

CANÇÃO:
Deusa da noite, és tão boa,
o passamento perdoa
de tua virgem. Dorida
é por demais nossa vida.
Vem, meia-noite lenta,
a nossa dor aumenta,
nossa tristeza, nossa tristeza.
Mortos, em seu louvor,
choremos nossa dor,
nossa tristeza, nossa tristeza.

CLÁUDIO — A teus ossos, adeus; anualmente vou trazer-te o meu preito gemente.

DOM PEDRO — Ora, senhores, apagai as tochas. Foram-se os lobos; a gentil Aurora já surge leda por detrás das rochas; Febo em seu carro o vasto mundo enflora. A todos agradeço; passai bem.

CLÁUDIO — Adeus, mestres; agora recolhei-vos.

DOM PEDRO — Aparência assumamos mais risonha, para irmos logo procurar Leonato.

CLÁUDIO — Himeneu junto a nós ora se ponha e nos dispense o fúnebre aparato.

(*Saem.*)

Cena 4

Um quarto em casa de Leonato. Entram Leonato, Antônio, Benedito, Beatriz, Margarida, Úrsula, Frei Francisco e Hero.

MONGE — Eu não vos disse que ela era inocente?

LEONATO — Inocente também os dois estavam, Cláudio e o príncipe, vítimas do embuste sobre que já falamos. Margarida, porém, teve em tudo isso alguma culpa, sem o querer, embora, como se acha cabalmente provado pelo inquérito.

ANTÔNIO — Alegra-me ver tudo assim concluído.

BENEDITO — O mesmo eu digo, pois jurado havia forçar Cláudio a justar contas comigo.

LEONATO — Agora, minha filha, e vós bondosas senhoritas, ficai no quarto próximo, e, quando eu vos chamar, vinde de máscaras. Estamos quase na hora da visita pelo príncipe e Cláudio prometida. (*Saem as mulheres.*) Fazei vosso papel agora, mano. Pai da vossa sobrinha sereis hoje, para entregá-la a Cláudio.

ANTÔNIO — O que farei com aspecto mui solene.

BENEDITO — Monge, é possível que eu recorra a vós.

MONGE — Para que fim, senhor?

BENEDITO — Para um dos dois: ligar-me ou desligar-me. A verdade, meu bom senhor Leonato, é que vossa sobrinha me contempla com olhos favoráveis.

LEONATO — Minha filha emprestou-lhe, sem dúvida, esses olhos...

BENEDITO — E eu com olhos de amor a recompenso.

LEONATO — ... cuja vista deveis a mim, ao príncipe e a Cláudio. Mas qual é vosso desejo?

BENEDITO — Senhor, vossa resposta é pouco clara. Meu desejo é que o vosso bom desejo aos nossos se associe e que nos laços matrimoniais nos prenda nesta data. É para isso, bom frade, que eu preciso de vosso auxílio.

LEONATO — O coração me manda fazer o que pedis.

MONGE — O mesmo eu digo. Mas eis que vêm chegando Cláudio e o príncipe.

(*Entram Dom Pedro e Cláudio, com séquito.*)

DOM PEDRO — Para esta bela reunião, bom dia.

LEONATO — Bom dia, príncipe; bom dia, Cláudio. Todos vos esperávamos. Dizei-nos se persistis em vos casar agora com a filha do meu mano?

CLÁUDIO — Não retiro quanto afirmei; fosse ela negra etíope.

LEONATO — Ide buscá-la, irmão; pronto está o monge.

(*Sai Antônio.*)

DOM PEDRO — Bom dia, Benedito. Que acontece, para estardes assim, com esse rosto de fevereiro, cheio de neblina, nuvens e tempestades?

CLÁUDIO — Penso que ele pensa no touro agreste. Homem, coragem! Não precisas ter medo, que haveremos de lhe dourar os chifres. Toda a Europa vai alegrar-se à vista dele, como já o fez Europa, ao ver o forte Júpiter no papel de animal apaixonado.

BENEDITO — Júpiter-touro, meu senhor, mugia por maneira agradável. Foi um touro dessa figura que cobriu a vaca de vosso pai, gerando, em tal proeza, um bezerro semelho a vós em tudo, porque mugis como ele, exatamente.

CLÁUDIO — Fico a dever-vos isso, que é preciso saldar as contas que a chegar estão. (*Volta Antônio com as senhoras mascaradas.*) A qual das damas devo dirigir-me?

ANTÔNIO — A esta, que vos entrego.

CLÁUDIO — Será minha. Mostra-me o rosto, bela.

LEONATO — Não, enquanto não lhe houverdes tomado a mão em frente deste monge e jurado desposá-la.

CLÁUDIO — Dai-me a mão; diante deste santo monge torno-me vosso esposo, se o quiserdes.

HERO — Quando eu vivia, fui vossa mulher. (*Tirando a máscara.*) Quando me amáveis, fostes meu marido.

CLÁUDIO — Outra Hero!

HERO — Sim, nada mais certo. Uma Hero difamada morreu; mas eu respiro, e, pela minha vida, ainda estou pura.

DOM PEDRO — A Hero primeira! Aquela que morrera!

LEONATO — Sim, milorde, morrera enquanto vida teve a calúnia que contra ela armaram.

MONGE — Depois farei cessar todo esse espanto, quando, concluídos os sagrados ritos, vos contar com minúcias o trepasso da formosa Hero. Mas, neste entrementes, habituai-vos com todas estas coisas e entremos sem demora na capela.

BENEDITO — Monge, um momento: está Beatriz entre estas?

BEATRIZ (*tirando a máscara*) — A esse nome respondo. Que quereis?

BENEDITO — Não me amais?

BEATRIZ — Não acima do razoável.

BENEDITO — Vejo que vosso tio, Cláudio e o príncipe se enganaram, que o oposto eles disseram.

BEATRIZ — Não me amais?

BENEDITO — Não acima do razoável.

BEATRIZ — Vejo que Margarida, minha prima e Úrsula se enganaram nesse ponto, que o contrário elas todas me disseram.

BENEDITO — Juraram que de amor por mim sofríeis.

BEATRIZ — Disseram que de amor por morríeis.

BENEDITO — Pouco importa. Afinal: tendes-me amor?

BEATRIZ — Afeição muito amiga, simplesmente.

LEONATO — Ora, sobrinha, confessai que tendes amor ao cavalheiro.

CLÁUDIO — E eu asseguro-vos que ele lhe tem amor. Eis uma folha de papel, de seu próprio punho escrita, com um soneto capenga de seu cérebro, em louvor de Beatriz.

HERO — E aqui está outra, escrita pela mão de minha prima, de seu bolso tirada, que revela toda a sua paixão por Benedito.

BENEDITO — Um milagre! Nossas mãos conspiram contra nossos corações. Bem, aceito-te; mas juro por esta luz que o faço apenas por piedade.

BEATRIZ — Não vos recusarei; mas por este belo dia, só o faço movida pelos pedidos insistentes de nossos amigos e, em parte, para 'vos salvar a vida, pois me disseram que estáveis com a doença de consunção.

BENEDITO — Silêncio! Vou fechar-vos a boca. (*Beija-a.*)

DOM PEDRO — Como passa Benedito, o homem casado?

BENEDITO — Vou dizer-to, príncipe. Nem um colégio inteiro de gracejadores poderia agora modificar-me o bom humor. Imaginas mesmo que eu me incomodo com sátiras e epigramas? Não. O indivíduo que se deixasse bater por sarcasmos e indiretas, ficaria em estado lastimável. Em resumo: uma vez que me resolvi a casar, não dou importância ao que o mundo possa dizer em contrário a essa resolução. Por isso, será inútil gracejares acerca do que eu próprio dizia contra o casamento, porque o homem é uma criatura inconstante: eis a minha conclusão. No que te diz respeito Cláudio, estava certo de que viria a te bater; mas uma vez que vais ser meu parente, vive intacto e ama minha prima.

CLÁUDIO — Eu tinha esperança de que viesses a recusar Beatriz, para que eu te tirasse dessa situação de escoteiro com uma tenda de mestre e te ensinasse a ser um marido prevaricador, o que virás a ser, com toda a certeza, se a minha prima não te vigiar muito de perto.

BENEDITO — Vamos, vamos; fiquemos amigos. Dancemos antes da cerimônia, para que aliviemos os corações e as nossas esposas fiquem com as pernas mais desembaraçadas.

LEONATO — Dançaremos mais tarde.

BENEDITO — Não, agora! agora! Tocai, músicos! Príncipe, estás pensativo. Arranja uma esposa, arranja uma esposa. Não há mais respeitável bastão do que o guarnecido de chifres.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Foi preso vosso irmão na fuga, príncipe, e a Messina trazido entre soldados.

BENEDITO — Não penses nele até amanhã. Eu me incumbo de te sugerir bons castigos para ele. Flautistas, começai! (*Dança. Saem.*)

O Mercador de Veneza

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

Cena 8

Cena 9

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 4

Cena 1

Cena 2

ATO 5

Cena 1

Personagens

O DOGE DE VENEZA.
O PRÍNCIPE DE MARROCOS, pretendente de Pórcia.
O PRÍNCIPE DE ARAGÂO, pretendente de Pórcia.
ANTÔNIO, um mercador de Veneza.
BASSÂNIO, seu amigo.
GRACIANO, amigo de Antônio e de Bassânio.
SALÂNIO, amigo de Antônio e de Bassânio.
SALARINO, amigo de Antônio e de Bassânio.
LOURENÇO, apaixonado de Jessica.
SHYLOCK, um judeu rico.
TUBAL, um judeu, seu amigo.
LANCELOTO GOBBO, criado de Shylock.
O VELHO GOBBO, pai de Lanceloto.
LEONARDO, criado de Bassânio.
BALTASAR, criado de Pórcia.
ESTÉFANO, criado de Pórcia.
PÓRCIA, rica herdeira.
NERISSA, sua dama de companhia.
JESSICA, filha de Shylock.
Senadores de Veneza, oficiais da Corte de Justiça, um carcereiro, criados de Pórcia e outros servidores.

Ato 1

Cena 1

Veneza. Uma rua. Entram Antônio. Salarino e Salânio.

ANTÔNIO — Não sei, realmente, porque estou tão triste. Isso me enfara; e a vós também, dissestes. Mas como começou essa tristeza, de que modo a adquiri, como me veio, onde nasceu, de que matéria é feita, ainda estou por saber. E de tal modo obtuso ela me deixa, que mui dificilmente me conheço.

SALARINO — Vosso espírito voga em pleno oceano, onde vossos galeões de altivas velas — como burgueses ricos e senhores das ondas, ou qual vista aparatosa distendida no mar — olham por cima da multidão de humildes traficantes que os saúdam, modestos, inclinando-se, quando perpassam com tecidas asas.

SALÂNIO — Podeis crer-me, senhor: caso eu tivesse tanta carga no mar, a maior parte de minhas afeições navegaria com minhas esperanças. A toda hora folhinhas arrancara de erva, para ver de onde sopra o vento; debruçado nos mapas, sempre, procurara portos, embarcadoiros, rotas, sendo certo que me deixara louco tudo quanto me fizesse apreensivo pela sorte do meu carregamento.

SALARINO — Meu hálito, que a sopa deixa fria, produzir-me-ia febre, ao pensamento dos desastres que um vento muito forte pode causar no mar. Não poderia ver correr a ampulheta, sem que à idéia me viessem logo bancos e mais bancos de areia e mil baixios, inclinado vendo o meu rico "André" numa coroa, mais fundo o topo do que os próprios flancos, para beijar a tumba; não iria à igreja sem que a vista do edifício majestoso de pedra me fizesse logo lembrado de aguçadas rochas, que, a um simples toque no meu gentil barco, dispersariam pelas ondas bravas suas especiarias, revestindo com minhas sedas as selvagens ondas. Em resumo: até há pouco tão valioso tudo isso; agora, sem valia alguma. Pensamento terei para sobre essa conjuntura pensar, e há de faltar-me pensamento no que respeita à idéia de que tal coisa me faria triste? Mas não precisareis dizer-me nada: sei que Antônio está triste só de tanto pensar em suas cargas.

ANTÔNIO — Podeis crer-me, não é assim. Sou grato à minha sorte; mas não confio nunca os meus haveres a um só lugar e a um barco, simplesmente nem depende o que tenho dos azares do corrente ano, apenas. Não me deixam triste, por conseguinte, as minhas cargas.

SALARINO — Então estais amando.

ANTÔNIO — Ora! Que idéia!

SALARINO — Não é paixão, também? Então digamos que triste estais por não estardes

ledo, e que saltar e rir vos fora fácil e acrescentar, depois, que estais alegre porque triste não estais. Pelo deus Jano de dupla face, a natureza, agora, confecciona uns sujeitos bem curiosos: uns, de olhos apertados, riem como papagaio trepado numa gaita de foles; outros andam com tal cara de vinagre, que nunca os dentes mostram à guisa de sorriso, muito embora Nestor jurasse que a pilhéria é boa.

(*Entram Bassânio, Lourenço e Graciano.*)

SALÂNIO — Eis que vem vindo aí Bassânio, vosso muito nobre parente, acompanhado de Lourenço e Graciano. Passai bem, que em melhor companhia vos deixamos.

SALARINO — Ficaria convosco até deixar-vos mais disposto, se amigos muito dignos não me solicitassem neste instante.

ANTÔNIO — Sei apreciar em tudo vossos méritos. Os negócios vos chamam, estou certo, e o ensejo aproveitais para deixar-nos.

SALARINO — Bom dia, caros lordes.

BASSÂNIO — Quando riremos outra vez, senhores? Dizei-nos: quando? Quase vos tornastes estranhos para nós. É concebível semelhante atitude?

SALARINO — Nossas folgas irão ficar só ao dispor das vossas.

(*Saem Salarino e Salânio.*)

LOURENÇO — Caro senhor Bassânio, já que achastes Antônio, vos deixamos. Mas mui gratos vos ficaremos, se hoje à noite, à ceia, vos lembrardes do ponto em que devemos encontrar-nos de novo.

BASSÂNIO — Combinado.

GRACIANO — Signior Antônio, pareceis doente. Preocupai-vos demais com este mundo. Perda de vulto é tudo o que nos custa tantos cuidados. Podeis dar-me crédito: mudastes por maneira extraordinária.

ANTÔNIO — O mundo, para mim, é o mundo, apenas, Graciano: um palco em que representamos, todos nós, um papel, sendo o meu triste.

GRACIANO — O de bobo farei. Que entre folguedos e risadas as velhas rugas cheguem. Prefiro o fígado aquecer com vinho, a esfriar o peito com gemidos lúgubres. Se o sangue temos quente, por que causa deveremos ficar imóveis como nossos antepassados de alabastro? dormir de pé, ficar com icterícia só de não fazer nada? Escuta, Antônio — dedico-te afeição; ela é que fala — pessoas há, cuja fisionomia se enruga e enturva como uma lagoa parada, e que a toda hora se retraem num silêncio obstinado, só com o fito de aparência envergarem de profunda sabedoria, gravidade e senso, como quem diz: "Eu sou o senhor Oráculo; quando eu falar, nenhum cachorro ladre!" Conheço, caro Antônio, muita gente que é tida como sábia, tão-somente por não dizerem nada, quando é certo que, se a falar chegassem, os ouvintes condenariam, por levá-los, logo, a dar o nome, ao próximo, de tolos. De outra vez falaremos mais sobre isso. Mas com isca assim triste não me pesques semelhante opinião, pois como engodo, só serve para os

tolos. Vem, bondoso Lourenço. Por enquanto, passai bem. Depois da ceia acabarei a prédica.

LOURENÇO — Muito bem; até à ceia vos deixamos, Vou fazer o papel de sábio mudo, porque falar Graciano não me deixa.

GRACIANO — Para ao meu lado apenas mais dois anos, que a própria voz há de ficar-te estranha.

ANTÔNIO — Adeus; para alcançar esse objetivo vou ficar falador.

GRACIANO — Sim; que o silêncio só é virtude em língua defumada ou em virgem que não quer ser conquistada.

(*Saem Graciano e Lourenço.*)

ANTÔNIO — Que sentido há em tudo isso?

BASSÂNIO — Graciano fala sempre uma infinidade de nadas, como ninguém em Veneza. Suas idéias razoáveis são como dois grãos de trigo perdidos em dois alqueires de palha: gastais um dia inteiro para encontrá-los; mas, uma vez achados, não compensam o trabalho.

ANTÔNIO — Dizei-me agora o nome da donzela a que jurastes ir secretamente em peregrinação, de que devíeis falar-me hoje, segundo o prometestes.

BASSÂNIO — Não ignoras, Antônio, até que ponto dissipei meus haveres, pretendendo sustentar um estilo mais custoso de vida do que minhas fracas rendas podiam comportar. Presentemente não me pesa abrir mão desse alto estilo. Consiste todo o meu cuidado apenas em liquidar airosamente as dívidas em que me enleou a vida um tanto pródiga. Convosco, Antônio, tenho o maior débito, de amizade e dinheiro, assegurando-me vossa amizade o mais propício meio de aliviar-me dos planos e projetos de como ficar livre dessas dívidas.

ANTÔNIO — Confiai-me, bom Bassânio, esses projetos, que, se estiverdes ainda, como sempre, sob a mirada da honra, ficai certo de que minha pessoa, a bolsa, todos os meus recursos ficarão patentes à vossa precisão.

BASSÂNIO — Quando menino de escola, se eu perdia alguma flecha, costumava lançar outra em seguida, para achar a primeira. Assim, as duas arriscando, acabava, muitas vezes, por ambas encontrar. Se menção faço desse jogo infantil, é porque tudo quanto se segue é de inocência pura. Já me emprestastes muito, e, como jovem estúrdio, perdi tudo o que vos devo. Mas se quisésseis mandar outra flecha na direção daquela, não duvido que, atento à meta, encontrarei as duas, ou, quando menos, a última devolvo, ficando a vos dever apenas uma.

ANTÔNIO — Conheceis-me mui bem; por isso mesmo perdeis tempo apelando desse modo para a minha afeição. Além de tudo, pondo em dúvida o meu devotamento, muito mais me ofendeis do que se houvésseis malbaratado tudo o que possuo. Basta dizerdes-me o que é necessário que eu faça, o que julgardes que só pode ser por mim realizado, e eis-me disposto para tudo fazer. Falai, portanto.

BASSÂNIO — Em Belmonte há uma jovem que de pouco recebeu grande herança. É muito linda e, mais do que esse termo, de virtudes admiráveis. Outrora eu recebi de seus olhos

mensagens inefáveis. Chama-se Pórcia, inferior em nada à filha de Catão, Pórcia de Bruto. Não lhe ignora o valor o vasto mundo. pois pelos quatro ventos lhe têm vindo de toda parte muitos pretendentes de fama sublimada. Como velo de ouro o solar cabelo lhe orna a fronte, o que transforma a sede de Belmonte em uma nova Cólquida, empenhando-se muitos Jasões no afã de conquistá-la. Ó meu Antônio! Se eu possuísse meios para poder apresentar-me como pretendente também, não me restara, diz-me o pressentimento, a menor dúvida de que eu viria a ser o felizardo.

ANTÔNIO — Sabes que está no mar quanto possuo. Dinheiro ora não tenho, nem disponho, nesta ocasião, de nada com que possa levantar qualquer soma. Sai a campo; põe à prova meu crédito em Veneza. Hei de espichá-lo ao último, contanto que te prepares para que em Belmonte vejas a bela Pórcia. Vai; informa-te por teu lado, como eu, onde há dinheiro para emprestar. Seria fato inédito nada obtermos agora com meu crédito.

(*Saem.*)

Cena 2

Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Entram Pórcia e Nerissa.

PÓRCIA — Por minha fé, Nerissa, este mundo grande cansa-me o pequeno corpo.

NERISSA — Isso se daria, estimada senhora, se vossos incômodos fossem tão numerosos quanto vossas venturas. Aliás, por tudo quanto vejo, tanto se adoece por comer em excesso como por definhar à míngua. Não é, por conseguinte, ventura despicienda encontrarmo-nos em uma situação mediana. A superfluidade chega mais cedo aos cabelos brancos, mas a modicidade vive mais tempo.

PÓRCIA — Belas sentenças e ótima dicção.

NERISSA — Melhores ainda seriam as sentenças, se fossem postas em prática.

PÓRCIA — Se fazer fosse tão fácil como saber o que se deve fazer bem, as capelas teriam sido igrejas e as choupanas dos pobres, palácios principescos. Bom predicador é o que segue suas próprias instruções. É-me mais fácil ensinar a vinte pessoas como devem comportar-se, do que ser uma das vinte, para seguir a minha própria doutrina. O cérebro pode inventar leis para o sangue, mas os temperamentos ardentes saltam por cima de um decreto frio. A senhorita loucura é uma lebre que pula por sobre a rede do bom conselho, o coxo. Mas esse raciocínio é inadequado para ajudar-me na escolha de um marido. Mas, ai de mim! "Escolha" é modo de dizer. Não está em mim nem escolher quem eu desejara, nem recusar quem me desagradar. Desse modo, dobra-se a vontade de uma filha viva ante a de um pai morto. Não é duro, Nerissa, não podermos escolher nem recusar ninguém?

NERISSA — Vosso pai foi sempre virtuoso, e as pessoas assim pias ao morrerem têm inspirações felizes. Por isso, a loteria concebida por ele, dos três cofres, de ouro, prata e chumbo, com a afirmativa de que quem escolhesse segundo o seu modo de pensar vos escolheria também, sem dúvida alguma só poderá ser ganha por quem vos ame verdadeiramente. Mas a que ponto vos sentis inclinada para qualquer dos pretendentes principescos que já se fizeram anunciar?

PÓRCIA — Enumera-mos, por obséquio, que os descreverei, à medida que os nomeares. Da descrição que eu fizer, deduzirás o grau de minha inclinação.

NERISSA — Primeiro, temos o príncipe napolitano.

PÓRCIA — Oh! Não passa de um potro xucro, porque toda sua conversa só gira em torno de cavalos, considerando ele especial atributo de suas boas qualidades saber ele mesmo ferrá-los. Receio muito que a senhora mãe dele haja prevaricado com algum ferreiro.

NERISSA — Depois, temos o conde palatino.

PÓRCIA — Esse anda sempre de sobrecenho fechado, como se estivesse a dizer: "Se não me quiserdes escolher, decidi logo". Ouve histórias alegres sem sorrir; receio que, ao envelhecer, se torne filósofo chorão, já que na mocidade revela tão selvagem sisudez. Prefiro desposar uma caveira com um osso na boca a escolher um qualquer desses pretendentes. Deus me defenda de ambos.

NERISSA — E que dizeis do senhor francês, Monsieur Le Bon?

PÓRCIA — Foi Deus que o fez; por isso, que passe por criatura humana. Em verdade, sei perfeitamente que é pecado zombar. Mas esse! Possui um cavalo melhor do que o do napolitano, sendo o seu mau hábito de franzir o sobrolho mais suportável do que o do conde palatino. É todo o mundo e ninguém. Se um tordo canta, põe-se a fazer cabriolas; se casar com ele, casarei com vinte maridos. Se ele me desprezar, perdoar-lhe-ei, porque ainda que me amasse até à loucura, jamais poderia retribuir-lhe o amor.

NERISSA — Que dizeis, então, de Falconbridge, o jovem barão da Inglaterra?

PÓRCIA — Bem sabeis que dele nada posso dizer, porque nem ele me compreende, nem eu a ele. Não fala nem latim, nem francês, nem italiano, assim como podeis prestar juramento no Tribunal de Justiça em como não possuo um só real da língua inglesa. É um belo retrato de homem; mas quem poderá conversar com uma figura de pantomima? E que maneira extravagante de vestir-se! Suspeito que comprou o gibão na Itália, os calções largos na França, o gorro na Alemanha e suas maneiras em toda parte.

NERISSA — Que pensais do senhor escocês, seu vizinho?

PÓRCIA — Que revela qualidade vizinhesca, pois recebeu emprestada do inglês uma bofetada, tendo jurado que a pagará quando puder. Creio que o francês foi o seu fiador, que subscreveu mais uma bofetada.

NERISSA — Como vos parece o jovem alemão, sobrinho do Duque de Saxônia?

PÓRCIA — Repelente pela manhã, quando ainda não está bêbedo, e repelentíssimo à tarde, depois do pifão quotidiano. No seu melhor estado é pouco pior do que homem; no pior, pouco melhor do que animal. Por pior que me possa acontecer, ainda espero poder livrar-me dele.

NERISSA — Se ele se decidir a escolher e escolher o cofre bom, desobedecereis à vontade de vosso pai, no caso de vos recusardes a aceitá-lo.

PÓRCIA — Por isso, de medo do pior, peço-te que coloques sobre um dos cofres em branco um copo bem cheio de vinho do Reno. Porque ainda que o diabo estivesse dentro desse cofre, estando fora a tentação, ele escolherá esse mesmo. Tudo, Nerissa, menos casar-me com uma esponja.

NERISSA — Não precisais ter medo, senhorita, de que possais vir a casar com qualquer desses pretendentes, pois todos eles me comunicaram a determinação de voltar para casa, cessando de vos importunar com vos fazerem a corte, a menos que pudésseis ser conquistada

por outro meio que não o da imposição de vosso pai, com relação aos cofres.

PÓRCIA — Ainda que eu chegue a ficar tão velha quanto Sibila, morrerei tão casta como Diana, no caso de não ser conquistada segundo as condições estipuladas por meu pai. Alegra-me saber que esses pretendentes se mostram tão razoáveis, pois não há um só entre eles cuja ausência eu não deseje com todas as veras da alma, pedindo a Deus que lhes conceda uma boa viagem.

NERISSA — Não vos recordais, senhora, no tempo em que vosso pai ainda vivia, de um veneziano, soldado e estudante, que aqui veio em companhia do Marquês de Montferrat?

PÓRCIA — Sim, sim; se não me engano, chamava-se Bassânio.

NERISSA — Isso mesmo, senhora; esse, de todos os homens que estes olhos têm contemplado, é o mais digno de uma bela esposa.

PÓRCIA — Lembro-me perfeitamente dele, assim como me lembro de que é merecedor desse elogio. (*Entra um criado.*) Então, que há de novo?

CRIADO — Senhora, os quatro estrangeiros vos procuram, para apresentarem suas despedidas, tendo chegado, também, o mensageiro de um quinto, Príncipe de Marrocos, que trouxe a noticia de que o príncipe, seu amo, chegará aqui esta noite.

PÓRCIA — Se eu pudesse apresentar as boas-vindas ao quinto com a mesma disposição com que me despeço dos outros quatro, sua chegada me deixaria alegre. Se ele tiver a compostura de um santo e a cor do diabo, melhor fora que, em vez de desposar-me, me confessasse. Vamos, Nerissa. Segue na frente, maroto. Enquanto fecham o portão a um pretendente, bate outro à porta.

(*Saem.*)

Cena 3

Veneza. Uma praça pública. Entram Bassânio e Shylock.

SHYLOCK — Três mil ducados. Bem?

BASSÂNIO — Sim, senhor; por três meses.

SHYLOCK — Por três meses. Bem?

BASSÂNIO — Dos quais, como vos disse, servirá Antônio de fiador.

SHYLOCK — Antônio servirá de fiador. Bem?

BASSÂNIO — Podeis servir-me? Quereis fazer-me esse obséquio? Posso saber vossa resposta?

SHYLOCK — Três mil ducados, por três meses e Antônio como fiador.

BASSÂNIO — Que respondeis a isso?

SHYLOCK — Antônio é um bom homem.

BASSÂNIO — Já ouviste qualquer imputação em contrário?

SHYLOCK — Oh, não, não, não! Quando digo que ele é um bom homem, quero fazer-vos compreender que como fiador é suficiente. Mas seus recursos são hipotéticos. Ele tem um galeão no caminho de Trípoli; outro, no das Índias. Ouvi falar, também, no Rialto, que tem um terceiro de rota para o México, um quarto, para a Inglaterra, bem como outras pacotilhas espalhadas por esse mundo. Mas navios não passam de tábuas, e marinheiros, de homens. Há ratos de terra e ratos de água, ladrões de terra e ladrões de água — quero dizer: piratas — como há os perigos dos ventos, das ondas e das rochas. O homem, não obstante, é suficiente. Três mil ducados; creio que posso aceitar a fiança dele.

BASSÂNIO — Ficai seguro de que o podeis.

SHYLOCK — Ficarei seguro de que o posso e hei de considerar que posso ficar seguro. Posso conversar com Antônio?

BASSÂNIO — Se vos agradar cear conosco.

SHYLOCK — Sim, para sentir o cheiro de porco, para comer da casa de onde vosso profeta, o Nazareno, conjurou o demônio. Poderei comprar e vender convosco, conversar convosco, passear convosco, e assim por diante; mas não comerei convosco, nem beberei convosco, nem rezarei convosco. Que novidades há no Rialto? Quem é que vem chegando aqui?

(*Entra Antônio.*)

BASSÂNIO — É o signior Antônio.

SHYLOCK (*à parte*) — Como parece o falso publicano! Por ele ser cristão é que o odeio, mas, acima de tudo, porque em sua simplicidade vil, dinheiro empresta gratuitamente e faz baixar a taxa de juros entre nós aqui em Veneza. Se em falta alguma vez puder pegá-lo, saciado deixarei meu antigo ódio. Nossa nação sagrada ele detesta, e, até mesmo no ponto em que costumam reunir-se os mercadores, ele insulta-me, meus negócios condena e o honesto lucro que de interesse chama. Amaldiçoada minha tribo se torne, se o perdoar.

BASSÂNIO — Shylock, estais ouvindo?

SHYLOCK — Considero minhas mercadorias em depósito; mas pelas contas feitas de cabeça, não me será possível mui depressa levantar uma soma tão vultosa: três mil ducados! Mas a que vem isso? Tubal, um rico hebreu de minha tribo, há de me socorrer. Mas, de mansinho! O empréstimo será por quantos meses? (*A Antônio.*) Meu bom senhor, desejo-vos saúde. Falávamos de Vossa Senhoria.

ANTÔNIO — Shylock, muito embora eu nunca empreste nem emprestado peça, sem que aceite nem pague juro algum, neste momento, para atender à precisão urgente deste amigo, romper resolvo os hábitos. (*A Bassânio.*) Ele já sabe a quanto monta tudo?

SHYLOCK — Sei, sei! Três mil ducados.

ANTÔNIO — Por três meses.

SHYLOCK — Esquecera-o. Três meses. Já me tínheis dito isso mesmo. Muito bem. Com vossa fiança... Vamos ver... Mas, escutai-me: se não me engano, há pouco declarastes que jamais emprestais nem pedis nada visando lucros.

ANTÔNIO — Nunca fiz tal coisa.

SHYLOCK — Quando Jacó cuidava das ovelhas de seu tio Labão... Esse Jacó era, depois do nosso santo Abraão — por haver trabalhado sabiamente em seu proveito a mãe, sim, sabiamente — o terceiro patriarca. Sim, terceiro.

ANTÔNIO — E a que vem isso? Ele cobrava juros?

SHYLOCK — Não, não cobrava, o que chamais de juros, diretamente. Agora tomai nota de como fez Jacó. Quando ele e o tio assentaram que todos os cordeiros malhados e de rajas ficariam para Jacó, à guisa de salário, as ovelhas em cio foram postas, no fim do outono, junto dos carneiros. E quando entre esses animais velozes o ato da geração se processava, pelou-me algumas varas o astucioso pastor e, ao trabalhar a natureza, frente as pôs das ovelhas voluptuosas que, concebendo então, no tempo próprio só pariram cordeiros variegados, que com Jacó ficaram. Eis um meio de ganhar, e Jacó foi abençoado. Não sendo roubo, todo lucro é bênção.

ANTÔNIO — Ora, senhor, tudo isso é mero acaso, que redundou em lucro de Jacó. Não dependia dele o resultado. É a mão do céu que tudo faz e guia. Mas justifica a história o cobrar

juros? Vossa prata e vosso ouro são, acaso, ovelhas e carneiros?

SHYLOCK — Não vos posso dizer ao certo; mas os multiplico com a mesma rapidez. Porém ouvi-me, signior.

ANTÔNIO — Bassânio, observa como o diabo sabe tirar partido da Escritura. Uma alma vil, que cita as coisas santas, é como o biltre de sorriso ameno, ou uma bela maçã podre por dentro. Como é belo o exterior da falsidade!

SHYLOCK — Três mil ducados... Soma bem redonda. Por três meses em doze. Ora vejamos quanto isso vai render.

ANTÔNIO — Então, Shylock, assumimos convosco esse contrato?

SHYLOCK — Signior Antônio, quantas, quantas vezes lá no Rialto fizestes pouco caso do meu dinheiro e de eu viver de juros! Suportei tudo sempre com um paciente encolher de ombros, pois o sofrimento é apanágio de toda a nossa tribo. De tudo me chamáveis: cão, incrédulo. degolador, além de me escarrardes neste gabão judeu, e tudo apenas por eu usar o que me pertencia. Ora bem; mas agora está patente que precisais de mim. Ótimo! Avante! Vindes buscar-me e me dizeis: "Shylock", dizeis-me "precisamos de dinheiro". Vós, que esvaziado havíeis toda a vossa saliva em minha barba e me expulsáveis a ponta-pés, tal qual como faríeis a um cão postado em frente a vossa porta, solicitais dinheiro. Que vos devo responder neste instante? Deveria perguntar-vos: "Cachorro tem dinheiro? Será possível que um cachorro empreste a alguém três mil ducados?" Inclinar-me devo até ao chão e, em tom de voz de escravo. humilde a murmurar, quase sem fôlego, dizer assim: "Na última quarta-feira, caro amigo, cuspistes-me no rosto; noutro dia, chamastes-me de cão; e em troco dessas cortesias, preciso ora emprestar-vos tanto dinheiro assim?"

ANTÔNIO — Ainda agora pudera novamente dar-te o nome de cão, de minha porta tocar-te a ponta-pés, cuspir-te o rosto. Se queres emprestar-nos teu dinheiro, não o faças como a amigos — em que tempo a amizade cobrou do amigo juros de um metal infecundo? — antes o empresta como a teu inimigo, pois no caso de vir ele a faltar com o pagamento, com mais alegre rosto hás de extorquir-lhe tudo o que te dever.

SHYLOCK — Ora essa! Vede como vos exaltais! É meu desejo prestar-vos um obséquio, conquistar-vos a amizade, esquecer-me das injúrias com que me maculastes, suprir vossa necessidade, sem tirar proveito nenhum do meu dinheiro. No entretanto, não me quereis ouvir. E amiga a oferta.

ANTÔNIO — Realmente, muito amiga.

SHYLOCK — Quero dar-vos prova dessa amizade. Acompanhai-me ao notário e assinai-me o documento da dívida, no qual, por brincadeira, declarado será que se no dia tal ou tal, em lugar também sabido. a quantia ou quantias não pagardes, concordais em ceder, por eqüidade, uma libra de vossa bela carne, que do corpo vos há de ser cortada onde bem me aprouver.

ANTÔNIO — Palavra, aceito! Assinarei a dívida e declaro que um judeu pode ser até

bondoso.

BASSÂNIO — Jamais assinareis, por minha causa, um documento desses; antes quero continuar a passar necessidade.

ANTÔNIO — Nada temas, amigo, que eu não perco. Daqui a dois meses, isto é, um mês antes de se vencer a letra, espero certo receber nove tantos do que vale.

SHYLOCK — Como são os cristãos, ó pai Abraão! A dureza mui própria os leva sempre a suspeitar do pensamento alheio. Uma coisa dizei-me, por obséquio: se ele não me pagar no dia certo, que lucrarei cobrando-lhe essa pena? Uma libra de carne humana, quando retirada de alguém, não vale tanto nem é tão apreciada quanto carne de vitela, de cabra ou de carneiro. Só para ser-lhe amável é que faço semelhante proposta. Caso a aceite, serei contente. Do contrário, adeus. E, pelo meu amor, não me ultrajeis.

ANTÔNIO — Pois não, Shylock; assinarei a letra.

SHYLOCK — Então dentro de pouco ide encontrar-me em casa do notário. Dai-lhe os dados para aprontar essa jocosa letra, que os ducados vou pôr dentro da bolsa e ver o que há em casa, cuja guarda confiei a um velhaco perdulário. Dentro de pouco lá estarei convosco.

ANTÔNIO — Valoroso judeu, põe pressa nisso. (*Sai Shylock.*) Esse hebreu ainda acaba convertendo-se. Já se mostra bondoso.

BASSÂNIO — Não confio em frases doces ditas por um biltre.

ANTÔNIO — Não seja o prazo causa de aflição. Um mês antes meus barcos voltarão.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Toque de cornetas. Entram o Príncipe de Marrocos, com séqüito, Pórcia, Nerissa e outras pessoas.

MARROCOS — Não vos desagradeis de mim por causa de minha compleição, libré sombria do sol ardente, do qual sou vizinho e que me fez crescer. Apresentai-me a mais bela criatura das que vieram à luz no norte, onde o calor de Febo mal o gelo desmancha, porque logo incisões em nós mesmos pratiquemos por vosso amor, a fim de que se veja qual sangue é mais vermelho: o meu ou o dele. Afirmo-vos, senhora, este conspecto já infundiu medo em bravos, e vos juro por meu amor, que as virgens mais famosas de nosso clima amor lhe consagraram. De cor não trocarei, gentil rainha, senão somente para conquistar-vos.

PÓRCIA — As exigências de um olhar de jovem em nada influem nesta minha escolha. Demais, a loteria do destino que me tocou me priva do direito da livre escolha. Mas, se não me houvesse meu pai me restringido e limitado por seu próprio alvedrio, postulando que esposa eu fosse de quem me ganhasse pela maneira dita, ficaríeis frente à minha afeição, famoso príncipe, tão favoravelmente colocado como todos os outros pretendentes.

MARROCOS — Por isso só, vos fico agradecido. Mas, por obséquio, aos cofres conduzi-me, para que eu experimente a minha dita. Por esta cimitarra — que da vida privou a Sofri e a um príncipe da Pérsia, que em batalha vencera por três vezes ao Sultão Solimão — fixar quisera o olhar mais fero que na terra exista, vencer o coração mais arrojado, tirar dos peitos da ursa o próprio filho, mais: rir do leão, quando de fome ruge, para ganhar-te, ó bela! Mas, oh lástima! Quando Hércules e Licas jogam dados para saber qual deles é o mais forte, pode se dar que o melhor lanço caia do lado do mais fraco. Desse modo Alcides é vencido pelo pajem. Assim, também, se pode dar comigo, se o cego acaso me servir de guia, sendo possível que a perder eu venha e que alcance pessoa menos digna, e eu de tristeza morra.

PÓRCIA — É indispensável tentar a sorte: ou não fazer a escolha, ou jurar, antes disso, que no caso de não serdes feliz, jamais haveis de falar em casamento a outra pessoa. Portanto, refleti.

MARROCOS — Não é preciso; levai-me logo para essa aventura.

PÓRCIA — Antes vamos ao templo; após a ceia, a sorte tentareis.

MARROCOS — Dentro de pouco, ou os homens bendirão meu rico fado, ou serei tido coma amaldiçoado.

(*Saem.*)

Cena 2

Veneza. Uma rua. Entra Lanceloto Gobbo.

LANCELOTO — Certamente a minha consciência me permitirá fugir do judeu, meu amo. O espírito maligno me puxa pelo cotovelo e me tenta, dizendo-me: "Gobbo, Lanceloto Gobbo, bom Lanceloto", ou "bom Gobbo", ou "bom Lanceloto Gobbo, fazei uso das pernas, dai o primeiro passo e fugi". A consciência diz: "Não! Toma cuidado, honesto Lanceloto; toma cuidado, honesto Gobbo!" ou, como já disse: "honesto Lanceloto Gobbo, não fujas; despreza semelhante idéia". Bem; mas o muito corajoso espírito maligno me manda arrumar a trouxa. "Via!" diz o capeta; "adiante!" diz o capeta; "em nome do céu, cria coragem", diz o capeta, "e foge". Bem; mas a consciência, apegando-se-me ao pescoço do coração, diz-me com muita sabedoria: "Honesto amigo Lanceloto, como filho de um homem honesto — ou melhor: filho de uma mulher honesta — porque, para dizer a verdade, meu pai tinha um certo cheiro de... uma tendência para... uma espécie de gosto... Muito bem; e a consciência me diz: "Lanceloto, não te mexas". "Mexe-te!" diz o capeta. Não te mexas!" diz a consciência. "Consciência", digo eu, "aconselhas-me bem"; "espírito maligno", digo eu, aconselhas-me bem. Se me deixasse guiar pela consciência, eu ficaria com o judeu, meu amo, que — Deus que me perdoe! — é uma espécie de demônio; mas se deixasse o judeu, seria guiado pelo espírito maligno, que, com licença de Vossa Reverência, é o próprio diabo. Não há dúvida, o judeu é a própria encarnação do diabo, e, em consciência, minha consciência não passa de uma consciência dura, para aconselhar-me a deixar o judeu. É muito mais camarada o conselho do capeta: Vou fugir, capeta; minhas pernas estão às tuas ordens. Sim, vou fugir.

(*Entra o velho Gobbo, com um cesto.*)

GOBBO — Vós aí, mestre moço, por obséquio: qual é o caminho para a casa do mestre judeu?

LANCELOTO (*à parte*) — Oh céus! É o meu pai carnal de verdade, que sendo mais do que míope, quase cego de gravela, não me reconheceu. Vou fazer uma brincadeira com ele.

GOBBO — Mestre jovem gentil-homem, por obséquio: qual é o caminho para a casa do mestre judeu?

LANCELOTO — Na primeira esquina dobrai à direita, mas na esquina próxima de todas, à esquerda, isto é: na mais próxima não precisareis dobrar nem para a direita nem para a esquerda, mas dobrar diretamente para baixo até a casa do judeu.

GOBBO — Santo Deus! Que caminho difícil de se achar! Podeis dizer-me se um

Lanceloto que mora com ele, mora com ele ou não?

LANCELOTO — Falais do jovem mestre Lanceloto? (*À parte*) — Prestai agora atenção, que eu vou fazer subir as águas. Falais do jovem mestre Lanceloto?

GOBBO — Não é mestre, senhor; mas o filho de um pobre homem. Seu pai, muito embora eu o diga, é um pobre homem excessivamente honesto e, graças a Deus, em estado de viver.

LANCELOTO — O pai dele pode ser o que quiser; estamos falando do jovem mestre Lanceloto.

GOBBO — Amigo de Vossa Senhoria é Lanceloto, senhor.

LANCELOTO — Mas, por obséquio, velho, ergo; dizei-me por obséquio, ergo, estais vos referindo ao jovem mestre Lanceloto?

GOBBO — Sim, a Lanceloto, se for do agrado de Vossa Graça.

LANCELOTO — Ergo, mestre Lanceloto. Não faleis de mestre. Lanceloto, pai, porque o jovem gentil-homem — em obediência aos Fados e Destinos e outras expressões bizarras, às três Irmãs e outros ramos da erudição — encontra-se, realmente, morto; ou, como diríeis em termos simples, já partiu para o céu.

GOBBO — Oh! Não o permita Deus! O rapaz era o verdadeiro bastão de minha velhice, meu legítimo sustentáculo.

LANCELOTO (*à parte*) — Estarei com a aparência de alguma estaca, ou de mouro, de algum bastão ou de escora? Não me conheceis, pai?

GOBBO — Ai de mim! Não vos conheço, jovem gentil-homem. Mas, por obséquio, dizei-me: meu filho — Deus lhe conserve a alma — está vivo ou morto?

LANCELOTO — Não me conheceis, pai?

GOBBO — Ai, senhor; sou muito míope; não vos conheço.

LANCELOTO — Realmente, ainda que tivésseis vista, não poderíeis conhecer-me. Sábio é o pai que conhece seu próprio filho. Pois meu velho, vou dar-vos notícias de vosso filho. Dai-me vossa bênção; é preciso que a verdade apareça; um crime não pode ficar por muito tempo encoberto; o filho de um homem o pode; mas, no fim, a verdade terá de aparecer.

GOBBO — Por obséquio, senhor, ficai de pé. Tenho certeza de que não sois meu filho Lanceloto.

LANCELOTO — Por obséquio, acabemos de vez com essas tolices, e dai-me vossa bênção. Sou Lanceloto, que foi vosso pequeno e vosso filho e que será vosso descendente.

GOBBO — Não posso crer que sejais meu filho.

LANCELOTO — Não sei o que deva pensar do caso; mas, em verdade, eu sou Lanceloto, criado do judeu, e tenho certeza de que vossa mulher Margarida foi minha mãe.

GOBBO — Realmente, ela se chamava Margarida. Assim, posso jurar que, se fores

Lanceloto, és de minha própria carne e de meu sangue. Deus seja louvado! Tens mais pêlos no queixo do que na cauda tem o Dobbin, meu cavalo de carro.

LANCELOTO — O que vem provar que a cauda de Dobbin cresce para trás. Tenho certeza de que, na última vez que o vi, ele tinha mais pêlo na cauda do que eu no queixo.

GOBBO — Senhor! Como ficaste diferente! Como te estás dando com teu amo? Trouxe-lhe um presente. Como vos dais presentemente?

LANCELOTO — Bem, bem; mas, por minha parte, como decidi ir embora, não hei de parar enquanto não houver corrido um bom pedaço. Meu amo é judeu legítimo. Dar-lhe um presente? Dai-lhe uma corda. Morro de fome em seu serviço. Com as minhas costelas podeis contar os dedos que tenho. Pai, alegro-me com vossa vinda. Dai-me vosso presente para um senhor Bassânio, que fornece, de fato, librés novas e raras. Se eu não conseguir entrar para o seu serviço, hei de correr até onde o permitir o chão de Deus. Ó rara Fortuna! Eis o nosso homem que vem chegando! A ele, pai! Quero ser judeu. se servir o judeu por mais algum tempo.

(*Entra Bassânio, com Leonardo e outros criados.*)

BASSÂNIO — Podeis fazer assim mesmo, mas com a rapidez suficiente para que o jantar esteja pronto no máximo às cinco horas. Mandai entregar estas cartas; encomendai as librés e pedi a Graciano que venha logo a meus aposentos.

(*Sai um criado.*)

LANCELOTO — A ele, pai!

GOBBO — Deus abençoe Vossa Senhoria.

BASSÂNIO — Gramercy. Quereis de mim alguma coisa?

GOBBO — Este menino aqui, senhor, é meu filho; um pobre menino...

LANCELOTO — Não pobre menino, mas o criado do judeu rico, que deseja, senhor, conforme meu pai vos irá explicar...

GOBBO — Ele tem, como se diz, uma grande declinação para servir...

LANCELOTO — Com efeito, o comprido e o curto da questão é que eu sirvo o judeu, e desejo, conforme meu pai vos irá explicar...

GOBBO — Seu amo e ele — salvo o respeito que devo a Vossa Senhoria — vivem como gato e cachorro...

LANCELOTO — Numa palavra, a pura verdade é que em virtude de maus tratos, o judeu me obrigou, conforme meu pai, que é — louvado seja Deus — um homem velho, vos justificará...

GOBBO — Aqui trago uma torta de pombas, que eu desejaria oferecer a Vossa Senhoria, e o meu pedido é que...

LANCELOTO — Para dizer tudo, o pedido é impertinente a mim mesmo, como Vossa Senhoria vai ficar sabendo por este velho honesto, o qual, embora seja eu que o diga, apesar de

velho, contudo é um pobre homem e meu pai.

BASSÂNIO — Fale um apenas, em nome dos dois. Que desejais?

LANCELOTO — Servir-vos, senhor.

GOBBO — Justamente, senhor; é esse o defeito da questão.

BASSÂNIO — Conheço-te; obtiveste o que desejavas, pois hoje mesmo falei com Shylock a respeito de tua promoção, se assim poderemos chamar ao fato de deixares o serviço de um judeu rico para te tornares criado de um gentil-homem modesto.

LANCELOTO — O velho provérbio está muito bem dividido entre meu amo Shylock e vós, senhor: vós tendes a graça de Deus, e ele tem de sobra.

BASSÂNIO — Muito bem dito. Pai, vai com teu filho. Despede-te primeiro de teu amo, e pergunta onde eu moro (*Aos criados.*) Mandai dar-lhe a libré mais luzida; cuidai disso.

LANCELOTO — Vamos, pai. Eu nunca poderei obter serviço... Não... Nunca tive língua na boca... Bem. (*Contemplando a palma da mão.*) Se há homem na Itália com uma palma mais bonita para fazer um juramento sobre um livro — hei de ter uma boa sorte. Está bem claro: aqui está uma boa linha da vida, e aqui uma outra pequenina de mulheres. Ah! Quinze mulheres não são nada. Onze viúvas e nove donzelas constituem uma despesa de nada para um homem. Depois, escapar três vezes de perecer afogado e correr o perigo de morrer na quina de um leito de penas... Isto é que se chama escapar com sorte! Bem; se a Fortuna é mulher, é uma boa rapariga com tantas intenções. Vamos, pai; vou despedir-me do judeu num abrir e fechar de olhos.

(*Saem Lanceloto e o velho Gobbo.*)

BASSÂNIO — Bom Leonardo, faze isso, por obséquio. Tudo, uma vez comprado e posto em ordem, volta depressa, pois a ceia de hoje é para os meus amigos mais chegados. Não te atrases.

LEONARDO — Confiai nos meus bons préstimos.

(*Entra Graciano.*)

GRACIANO — Que é de vosso amo?

LEONARDO — Ali, senhor; passeia. (*Sai.*)

GRACIANO — Signior Bassânio!

BASSÂNIO — Graciano!

GRACIANO — Tenho uma graça a pedir-vos.

BASSÂNIO — Já está obtida.

GRACIANO — Não podeis recusar-ma: preciso ir convosco a Belmonte.

BASSÂNIO — Pois não, já que é preciso. Mas atende-me, Graciano. És por demais selvagem, rude, de voz imperativa, qualidades que muito bem te assentam, sem ferir-nos os

olhos da amizade. Mas a quantos não te conhecem, a impressão dão sempre de certa grosseria. Por obséquio, acalma com algumas gotas frias de modéstia esse espírito irrequieto, porque eu não seja mal interpretado lá, em virtude de teu selvagismo, e a perder venha, assim, as esperanças.

GRACIANO — Senhor Bassânio, ouvi-me. Se conspecto sereno eu não mostrar, fala sisuda; se não jurar só muito raramente; se não trouxer no bolso, a todo o instante, um livro de orações, e com modéstia não mover a cabeça... Mais: se na hora da bênção não tapar assim os olhos com o chapéu, a soltar fundos suspiros e a murmurar "Amém"... se as regras todas a ponto eu não cumprir da cortesia, como alguém que estudasse o modo austero para da avó tornar-se o preferido: jamais confieis em mim.

BASSÂNIO — Bem; esperemos, para ver confirmada essa promessa.

GRACIANO — Sim; mas faço exceção para esta noite. Não heis de me julgar por quanto eu possa praticar esta noite.

BASSÂNIO — Não; seria de lastimar. Pelo contrário, peço-vos aparecer com as cores preferidas da alegria, pois vamos ter amigos que se propõem divertir à farta. Mas, até lá, adeus; tenho negócios.

GRACIANO — E eu vou encontrar-me com Lourenço e os outros; mas contai com nós todos para a ceia.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Um quarto em casa de Shylock. Entram Jessica e Lanceloto.

JESSICA — Entristece-me muito ver que deixas meu pai dessa maneira. Nossa casa é um inferno, e tu, nela, um diabo alegre, a privavas de parte de seu tédio. Mas passa bem; recebe este ducado. E Lanceloto, hás de ver hoje à ceia um convidado de teu novo amo: Lourenço. Entrega-lhe esta carta, pondo toda cautela nisso. Passa bem. Não desejara que meu pai me visse a conversar contigo.

LANCELOTO — Adeus; as lágrimas me substituem a língua. A mais bela das pagãs, a mais adorável judia! Se algum cristão não fizer alguma tratantagem para te pegar, estou redondamente enganado. Adeus; estas gotas idiotas me amolecem de alguma forma o espírito varonil. Adeus.

JESSICA — Adeus, bom Lanceloto. (*Sai Lanceloto.*) Oh, que odioso pecado é envergonhar-me de ter o pai que tenho! Mas embora do sangue dele eu venha, não sou filha daquele coração. Ó meu Lourenço Se a promessa cumprires, hei de em breve livrar-me desta situação enleada; cristã me torno e tua esposa amada. (*Sai.*)

Cena 4

O mesmo. Uma rua. Entram Graciano, Lourenço, Salarino e Salânio.

LOURENÇO — Assim. Durante a ceia escaparemos, pomos em casa algum disfarce, e dentro de uma hora estaremos lá de novo.

GRACIANO — Não fizemos nenhum preparativo.

SALARINO — Nem assentamos nada sobre os homens que hão de levar as tochas.

SALÂNIO — Fica muito sem graça a brincadeira, quando feita sem um preparo prévio. É preferível, segundo penso, abandonar a idéia.

LOURENÇO — São só quatro horas; para prepararmo-nos ainda temos duas horas. (*Entra Lanceloto, com uma carta.*) Caro amigo Lanceloto, que novas nos trouxeste?

LANCELOTO — Se for do vosso agrado abrir isto, ficareis sabendo o que há de novo.

LOURENÇO — Conheço a letra, sim; é bem bonita! Porém mais alva ainda do que a folha de papel em que a carta foi escrita é a bela mão que a fez.

GRACIANO — Posso jurá-lo é mensagem de amor.

LANCELOTO — Com vossa permissão, senhor.

LOURENÇO — Para onde vais?

LANCELOTO — Ora, senhor, convidar o meu antigo amo, judeu, para cear esta noite com meu novo amo, cristão.

LOURENÇO — Toma, isto é teu. Dize à gentil Jessica que não hei de faltar; fala-lhe à parte. (*Sai Lanceloto.*) Cavalheiros, não ides aprontar-vos para a nossa mascarada da noite? Já encontrei meu portador de tocha.

SALARINO — Oh! Certamente! Irei neste momento.

SALÂNIO — O mesmo eu digo.

LOURENÇO — Encontrar-me-eis e a Graciano em casa de Graciano numa hora.

SALARINO — Bem pensado; façamos assim mesmo.

(*Saem Salarino e Salânio.*)

GRACIANO — Da formosa Jessica não seria aquela carta?

LOURENÇO — Preciso revelar-te o que se passa. Ela me indica o modo de tirá-la da casa do judeu, e que tem pronta para a saída uma libré de pajem. Se o pai dela, o judeu, em

qualquer tempo chegar a ir para o céu, será por causa dessa adorável filha, cuja vida não poderá ser perturbada nunca por nenhuma desgraça, salvo, apenas, sob a desculpa de ser ela filha de um judeu infiel. Enquanto andamos, vai lendo isto. Será meu porta-tocha a formosa Jessica em nossa festa.

(*Saem.*)

Cena 5

O mesmo. Diante da casa de Shylock. Entram Shylock e Lanceloto.

SHYLOCK — Bem; o melhor juiz vão ser teus olhos, que hão de mostrar-te qual a diferença entre o velho Shylock e esse Bassânio. Lá tu não poderás empanturrar-te, como fazes aqui, — Olá, Jessica! — nem dormir e roncar, — Olá, Jessica! — nem rasgar tanta roupa. — Olá, Jessica!

LANCELOTO — Jessica, olá!

SHYLOCK — Quem te mandou chamá-la? Não disse que o fizesses.

LANCELOTO — Vossa Senhoria me observou muitas vezes que nada eu deveria fazer sem ordem.

(*Entra Jessica.*)

JESSICA — Chamastes-me? Que desejais?

SHYLOCK — Jessica, hoje tive um convite para ceia. Toma conta das chaves. Nem sei mesmo porque deva aceitá-lo. Esse convite não é sincero, é adulação, apenas. Jessica, minha filha, fecha a casa. Saio pouco tranqüilo; qualquer coisa ruim fermenta contra o meu sossego, pois sonhei toda a noite com dinheiro.

LANCELOTO — Suplico-vos que vades, senhor; meu jovem amo espera vossa partida.

SHYLOCK — Como eu a dele.

LANCELOTO — Além disso, eles fizeram uma conspiração... Mas se tal acontecer, não foi à toa que o nariz me começou a sangrar na última segunda-feira de Páscoa às seis horas da manhã, no dia em que quatro anos antes caiu numa tarde de quarta-feira de cinzas.

SHYLOCK — Como! Vai haver máscaras? Ouviste, Jessica? Fecha as portas. Quando ouvires barulho de tambor e os irritantes guinchos das flautas de pescoço torto, não te ponhas a olhar pela janela, nem para a rua pública te inclines, para ver os cristãos sarapintados, mas os ouvidos tapa bem da casa, digo, as janelas, para que o barulho dessas futilidades não penetre em minha casa honrada. Juro pelo cajado de Jacó que não me sinto disposto hoje a cear fora de casa. Mas, assim mesmo, irei. Maroto, corre; dize-lhes que já chego.

LANCELOTO — Já vou, senhor. Senhorita, apesar das recomendações, olhai pela janela, porque vai um cristão passar de dia, digno do olhar de uma judia.

(*Sai Lanceloto.*)

SHYLOCK — Hem? Que foi que falou esse estouvado da geração de Agar?

JESSICA — Disse somente: “Passai bem, senhorita”, nada mais.

SHYLOCK — Esse palhaço não é má pessoa, mas come por demais; é caramujo para lucros e dorme o dia todo, como um gato selvagem. Não, comigo não prosperam zangões. Por isso deixo que se vá, e que vá para o serviço de um amo a quem desejo que ele possa vir a ajudar a esvaziar a bolsa de dinheiro emprestado. Bem, Jessica, vai logo para dentro. É bem possível que eu volte cedo. Faze o que te disse: fecha a porta ao passares. “Bem trancada, bem guardada”, é sentença por quem sabe ganhar sempre acatada. (*Sai.*)

JESSICA — Se tudo me correr à maravilha, pai já não tenho e tu tiveste filha. (*Sai.*)

Cena 6

O mesmo. Entram Graciano e Salarino, de máscaras.

GRACIANO — Esta é a sacada sob a qual Lourenço disse que nos postássemos.

SALARINO — Já é tarde.

GRACIANO — Seria de admirar qualquer atraso por parte dele, pois os namorados chegam sempre antes da hora.

SALARINO — Oh! porque os laços de um novo amor mais apertados deixem. Voam as pombas de Vênus vinte vezes mais depressa do que eles sempre o fazem para guardar intacto o juramento.

GRACIANO — Em tudo é o mesmo. Quem sai de um banquete com o apetite que, ao sentar-se, tinha? Qual é o cavalo que a tediosa pista de volta mede com o ardor tão vivo que ao partir revelava? Sempre pomos mais entusiasmo no alcançar as coisas, do que mesmo em gozá-las. Tal qual jovem estúrdio e perdulário se assemelha o barco embandeirado, quando zarpa de seu porto natal, acariciado pela brisa impudente. E como volta tal qual o perdulário, as velas rotas, gastos os flancos pelas intempéries, falto de tudo, exausto, arruinado pela brisa impudente!

SALARINO — Aí vem Lourenço; reataremos depois nossa conversa.

(*Entra Lourenço.*)

LOURENÇO — Caros amigos, desculpai o atraso; mas não fui eu a causa de esperardes-me, senão tão só negócios. Quando ao rapto de mulheres também vos decidirdes, esperarei por vós do mesmo modo. Aproximai-vos mais; aqui demora meu pai judeu. Olá! Há gente dentro!

(*Jessica aparece na janela, vestida de pajem.*)

JESSICA — Quem sois? Falai-me, para meu governo, embora eu jure que conheço a voz.

LOURENÇO — Lourenço é teu amor.

JESSICA — Lourenço, certo; é meu amor, de fato. Pois, a quem amo tanto? E quem certeza, senão vós, pode ter de que sou vossa?

LOURENÇO — Teu coração e o céu isso confirmam.

JESSICA — Tomai esta caixinha; vale a pena. Por sorte a noite é escura e não me vedes, pois tenho acanhamento de meus trajos. Contudo, o amor é cego, e os namorados nunca vêem as tolices impagáveis que eles próprios praticam, que, se o vissem, até mesmo Amor ficara

enrubescido, por me ver transformado agora em pajem.

LOURENÇO — Descei, porque ides ser meu porta-tochas.

JESSICA — Como! É preciso, então, que eu ilumine minha própria vergonha? Ela já se acha por demais devassada. Isso, querido, é trabalhar às claras, e eu preciso resguardar-me na sombra.

LOURENÇO — Já te encontras na sombra, meu amor, com essa bela fantasia de pajem. Mas, vem logo;não demores; a noite escura já se esgueira prestes, e em casa de Bassânio nos aguardam.

JESSICA — Vou fechar bem as portas e dourar-me com mais alguns ducados. Desço logo. (*Retira-se da janela.*)

GRACIANO — Mas, pelos céus! Não é judia; é deusa.

LOURENÇO — Podeis amaldiçoar-me, mas dedico-lhe, realmente, grande amor. Pelo que posso ajuizar, vejo que ela é muito sábia. Formosa ela é, se olhos fiéis possuo; fiel ela é, como o confirma agora. Sendo assim, pois, fiel, sábia e formosa, na alma constante hei de trazê-la sempre. (*Entra Jessica.*) Já chegaste? Senhores, para a frente, que já está à nossa espera muita gente. (*Sai com Jessica e Salarino.*)

(*Entra Antônio.*)

ANTÔNIO — Quem está aí?

GRACIANO — Signior Antônio!

ANTÔNIO — Ora, Graciano! Os outros onde estão? Já são nove horas; todos os amigos estão à vossa espera. Não teremos mascarada esta noite. O vento sopra; Bassânio foi, à pressa, para bordo. Mandei vinte pessoas procurar-vos.

GRACIANO — Nada me causará mais alegria do que viajar antes que seja dia.

(*Saem.*)

Cena 7

Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Toque de cornetas. Entra Pórcia com o Príncipe de Marrocos e seu séqüito.

PÓRCIA — Descerrai as cortinas, para que este príncipe nobre possa ver os cofres. Fazei agora a escolha.

MARROCOS — De ouro, o primeiro, esta inscrição nos mostra: "Quem me escolher, ganha o que muitos querem." O outro, de prata, esta promessa mostra: "Quem me escolher, ganha o que bem merece." O último, pesadão, de chumbo, adverte: "Quem me escolher, arrisca e dá o que tem." De que modo saber que escolhi certo?

PÓRCIA — Num deles se acha o meu retrato, príncipe. Se esse escolherdes, logo serei vossa.

MARROCOS — Guie-me um deus na escolha! Examinemos de novo as inscrições, tomando da última. Que diz o plúmbeo cofre? "Quem me escolher, arrisca e dá o que tem." Dar o que tem por chumbo? Arriscar tudo por chumbo? ameaçadora esta sentença. Quem tudo arrisca, espera grandes lucros. Um espírito de ouro não se importa com rebotalhos vis. Não darei nada, nem nada arriscarei por este chumbo. E a prata virginal, que nos declara? "Quem me escolher, ganha o que bem merece." O que merece... Pára aí, Marrocos, e com mão firme o teu valor sopesa. Se fores avaliado desse modo, por ti próprio, mereces muito, muito. Mas esses muitos, ainda assim, não chegam porventura, a alcançar esta senhora. Mas se puser em dúvida o meu mérito, mau conceito revelo de mim próprio. Tudo quanto mereço? Ora, esta dama. Mereço-a pelo berço, pela sorte, por minha educação e qualidades; mas pelo amor mereço-a mais ainda. E se eu me detivesse neste ponto, e escolhesse este cofre? Mas vejamos o que diz a inscrição gravada no ouro. "Quem me escolher, ganha o que muitos querem." É a donzela, pois não? Muitos a querem. Dos quatro cantos chegam peregrinos, para depor um beijo nesta imagem, nesta santa mortal que aqui respira. As vastas solidões da grande Arábia e os desertos da Hircânia transformaram-se em estradas, agora, para príncipes que acorrem para ver a bela Pórcia. O domínio das águas, que a cabeça vaidosa eleva, para que na face do céu possa cuspir, não é barreira que deter possa tanta gente estranha, senão simples regato, para todos que acorrem para ver a bela Pórcia. Seu celeste retrato está num destes. O chumbo o encerrará? Tão baixa idéia fora profanação; injúria fora comprimir numa escura sepultura sua frágil mortalha. Ou pensar devo que emparedada ela se encontra em prata, que vale vinte vezes menos que o ouro? Pecaminosa idéia! Uma tal jóia, no mínimo, seria feita em ouro. Na Inglaterra há uma moeda em que insculpido em ouro se vê um anjo. Mas a efígie fica por fora, ao passo que aqui

dentro em leito de ouro está deitado um anjo. Depressa, a chave! O ímã este é mais forte. Seja-me favorável nisto a sorte.

PÓRCIA — Ei-la, príncipe. Caso meu retrato se encontre aí dentro, serei vossa esposa.

(*O Príncipe abre o cofre de ouro.*)

MARROCOS — Oh inferno! Que está aqui? Uma caveira que na órbita vazia um papel mostra com qualquer coisa escrito. Vamos lê-lo. Nem tudo o que luz é ouro, proclamam sábios em coro. Muita gente acaba em choro, por só procurar tesouro. Mausoléus são comedouro de vermes em fervedouro. Se houvesse sabedoria nessa vossa cortesia, a consulta não faria turvar-vos a fantasia. Passai bem; vossa ousadia foi castigada; está fria. É certo; agora não rio; adeus, calor; venha o frio. Adeus, Pórcia; a derrota me degrada. Assim parte quem perde: não diz nada. (*Sai com seu séqüito. Toque de cornetas.*)

PÓRCIA — Livrei-me de um. Correi logo a cortina. Aos dessa cor desejo igual mofina.

(*Saem.*)

Cena 8

Veneza. Uma rua. Entram Salarino e Salânio.

SALARINO — Ora, amigo! Bassânio fez-se à vela; Graciano foi com ele, e estou bem certo de que Lourenço estava no navio.

SALÂNIO — O biltre do judeu gritava tanto que despertou o duque, indo eles ambos à procura do barco de Bassânio.

SALARINO — Chegou tarde; o navio já partira. Mas teve o duque informação segura de que Lourenço e sua bem-amada, a formosa Jessica, tinham sido vistos em uma gôndola. Além disso, Antônio asseverou ao duque que ambos não estavam no barco com Bassânio.

SALÂNIO — Jamais ouvi falar de tão confusa paixão, tão singular, selvagem, vária, como a que revelava pelas ruas aquele cão judeu. "Oh, minha filha! Meus ducados! Fugir com um cristão! Meus ducados cristãos! Lei e justiça! Minha filha! Meu saco de ducados! Não, dois sacos selados de ducados! Ducados duplos, que roubados foram por minha filha... E jóias! Duas pedras ricas, preciosas, que roubadas foram por minha própria filha. Lei e Justiça! Ide atrás dela! Tem consigo as pedras, meus ducados e as pedras!"

SALARINO — Isso mesmo; atrás dele corria a garotada de Veneza, a gritar por suas pedras, os ducados e a filha.

SALÂNIO — Cuide Antônio de não perder o prazo; do contrário, virá a pagar por isto.

SALARINO — Bem lembrado. Ontem mesmo dizia-me um francês com quem eu conversava, que no estreito situado entre a Inglaterra e a França havia naufragado um navio destas bandas, com carga muito rica. Ao ouvir isso, pensei logo em Antônio, e a sós comigo fiz votos para que não fosse dele.

SALÂNIO — Faríeis bem em avisar Antônio; mas dai-lhe devagar essa notícia, de medo de abalá-lo.

SALARINO — Em toda a terra não se acha cavalheiro mais bondoso. Presente eu me encontrava ao despedirem-se ele e Bassânio. Havendo este lhe dito que apressaria a volta, respondeu-lhe: "Não, Bassânio; assim não. Por minha causa não deveis estragar vossos negócios. Deixai que em tempo certo amadureçam. Que a letra do judeu, por mim firmada, não vos perturbe o espírito amoroso. Ficai despreocupado, e o pensamento todo aplicai em cortejar e nessas demonstrações de amor tão inefáveis, porque possais sair galhardo disso." Nesse instante, nadando-lhe de lágrimas os olhos, apertou do amigo o rosto, e a mão levando às costas, comovido de não poder falar, a de Bassânio de fugida apertou. Foi desse modo que eles se

despediram.

SALÂNIO — Só por causa de Bassânio, ele tem amor ao mundo. Mas vamos procurá-lo, por obséquio, porque lhe dissipemos a tristeza com qualquer brincadeira.

SALARINO — Assim façamos.

(*Saem.*)

Cena 9

Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Entra Nerissa, com um criado.

NERISSA — Corre a cortina logo; bem depressa. Já prestou o juramento o nobre Príncipe de Aragão, que aí vem fazer a escolha.

(*Toque de cornetas. Entram o Príncipe de Aragão. Pórcia e os respectivos séqüitos.*)

PÓRCIA — Nobre príncipe, os cofres aqui se acham. Se o que me contiver for o escolhido, no mesmo instante nosso casamento será solenizado. Mas se acaso vierdes a errar, senhor, é necessário partirdes logo, sem dizer palavra.

ARAGÃO — A observar me obriguei, por juramento, tais condições. Primeira: em nenhum tempo revelar a ninguém qual foi o cofre por que me decidi. Depois, no caso de errar na escolha, nunca, em toda a vida, pedir em casamento dama alguma. Por último: se favorável não me for a sorte, deixar-vos logo e me afastar depressa.

PÓRCIA — As condições são essas, para quantos queiram ganhar minha pessoa indigna.

ARAGÃO — Assim me preparei para o certame. Possa a Fortuna coroar-me o anelo. Ouro, prata e o vil chumbo. Que diz este? "Quem me escolher, arrisca e dá o que tem." Sem que mais belo fiques, nada arrisco nem dou por tua causa. E o cofre de ouro? "Quem me escolher, ganha o que muitos querem." Hum! O que muitos querem... Esse "muitos" pode significar a turba ignara que escolhe apenas pelas aparências e só conhece o que o olho estulto ensina, que ao âmago não desce, mas tal como a andorinha constrói o ninho ao tempo, sobre o muro de fora, justamente no meio do perigo e ao seu alcance. O que muitos desejam não me agrada, pois não quero igualar-me a todo o mundo, nem confundido ser com o povo bárbaro. Agora é a tua vez, cava argentina, de me dizeres o que dentro encerras. "Quem me escolher, ganha o que bem merece." Muito bem dito. Quem se aventurara em busca de fortuna e de honrarias, se não fosse marcado pelo mérito? Ninguém tenha a ousadia de arrogar-se honras imerecidas. Se os estados, ofícios, posições não fossem dados por maneira corrupta, e as honrarias só fossem conquistadas pelo mérito, quantas pessoas que andam descobertas, a cabeça cobriram! Quanta gente que hoje é mandada, assumiria o mando! Quantos campônios baixos brilhariam na sementeira da honra, e quantas honras das palhas arrancadas se veriam e da ruína do tempo, para brilho de novo receber? É a minha escolha? "Quem me escolher, ganha o que bem merece." Vou ganhar o que é meu. Trazei-me a chave, que minha sorte descerrar desejo. (*Abre o cofre de prata.*)

PÓRCIA — A demora foi longa para o achado.

ARAGÃO — Mas, que vejo? A figura de um idiota que me pisca e um papel quer

entregar-me. Vou ver o que contém. A que distância tu te encontras de Pórcia! A que distância de meu mérito e minhas esperanças! "Quem me escolher, ganha o que bem merece." Só mereço a cabeça de um idiota? Esse é todo o meu prêmio? Não alcança mais longe, então, o meu merecimento?

PÓRCIA — Errar e dar sentença são ofícios bem distintos, de opostas naturezas.

ARAGÃO — Que contém isto? Fui sete vezes fundido. Sete vezes aferido deve ser quem o apelido não quiser de intrometido. Quem beija sombra de dia, terá sombra de alegria. Bobos há, cuja alarvia com a prata se concilia. A noiva tão procurada só por mim vos será dada. Saí, senhor de fachada, que aqui não vos retém nada. Devo tratar de ir embora, que mais bobo, de hora em hora, vou ficando desde agora. De bobo tinha a cabeça; com duas, não aconteça que a tolice ainda mais cresça. Adeus, querida; hei de a jura confirmar na desventura. (*Sai Aragão com seu séqüito.*)

PÓRCIA — Queimou a vela a borboleta obscura. Felizmente estes bobos têm a dita de só escolher a sorte já prescrita.

NERISSA — O velho dito aqui tem cabimento: "Do céu vem a mortalha e o casamento."

PÓRCIA — Vamos, Nerissa; corre essa cortina.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — A senhora, onde está?

PÓRCIA — Aqui, senhor; que deseja meu amo?

CRIADO — Um veneziano moço acaba de apear à vossa porta, para anunciar a vinda de seu amo, de quem traz saudações muito expressivas, isto é, além de frases mui corteses e recomendações, ricos presentes. Mensageiro do amor, assim gracioso, nunca até agora eu vira. Nenhum dia de abril nos vem dizer tão docemente que o admirável verão já se aproxima, como este anunciador faz para o amo.

PÓRCIA — Basta, por obséquio. Tenho medo de que me digas que ele é teu parente, tal a porção de espírito festivo que em seu louvor esbanjas. Vem, Nerissa; já me tarda ver esse mensageiro de Cupido, que vem tão prazenteiro.

NERISSA — Fosse Bassânio, Amor, o teu archeiro!

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Veneza. Uma rua. Entram Salânio e Salarino.

SALÂNIO — Então, que novidades há no Rialto?

SALARINO — Ora, corre por lá, sem contestação, que Antônio perdeu nos estreitos um navio com carregamento precioso. Parece que isso se deu no lugar denominado Goodwins, baixio perigoso e fatal, onde está sepultada a carcaça de muitos navios de calado. É o que se comenta, pelo menos, se a comadre Fama for, de fato, mulher de palavra.

SALÂNIO — Desejara que a respeito dessa notícia ela fosse comadre tão mentirosa como as que mastigam gengibre e as que pretendem fazer acreditar aos vizinhos que lastimam a morte do terceiro marido. Mas o certo é que — para cortar a prolixidade e não atravessar a estrada plana da conversação — o certo é que o bom Antônio, o honesto Antônio — Oh! se me ocorresse um qualificativo suficientemente bom para pôr ao lado de seu nome!...

SALARINO — Cheguemos logo ao fim.

SALÂNIO — Hem? Que foi o que disseste? Ora, o fim é que ele perdeu um navio.

SALARINO — Desejara que isso constituísse o fim das suas perdas.

SALÂNIO — Vou dizer logo "Amém", de medo que o diabo me corte a reza, pois aí vem ele sob a figura de um judeu. (*Entra Shylock.*) Então, Shylock, que há de novo entre os mercadores?

SHYLOCK — Ninguém melhor do que vós, melhor do que vós, sabe da fuga de minha filha.

SALARINO — Com efeito. Por minha parte, conheço o alfaiate que aprontou as asas com que ela fugiu.

SALÂNIO — E, por sua parte, Shylock sabia que o pássaro estava emplumado, sendo da natureza deles abandonar o ninho.

SHYLOCK — Isso que ela me fez a condena às penas eternas.

SALARINO — É certo, se a sentença for dada pelo diabo.

SHYLOCK — Minha carne, meu próprio sangue rebelar-se desse modo!

SALÂNIO — Deixa disso, velho esqueleto! Rebelar-se em tua idade?

SHYLOCK — Disse que minha filha é sangue de meu sangue e carne de minha carne.

SALARINO — Há maior diferença entre tua carne e a dela do que entre ébano e marfim; maior entre o teu sangue e o dela do que entre vinho tinto e do Reno. Mas dize-nos uma coisa: ouviste falar que Antônio sofreu alguma perda no mar?

SHYLOCK — Eis aí mais um mau companheiro de negócios, um sujeito pálido, esbanjador, que mal ousa mostrar a cabeça no Rialto; um mendigo que diariamente vinha todo casquilho para o mercado. Ele que tome cuidado com aquela letra! Tinha o costume de chamar-me de usurário. Ele que tome cuidado com aquela letra! Sempre emprestou dinheiro por cortesia cristã... Ele que tome cuidado com aquela letra!

SALARINO — Ora, tenho certeza de que se ele não a resgatar no prazo certo, não haverás de tirar-lhe a carne, pois não? Para que te serviria ela?

SHYLOCK — Para isca de peixe. Se não servir para alimentar coisa alguma, servirá para alimentar minha vingança. Ele me humilhou, impediu-me de ganhar meio milhão, riu de meus prejuízos, zombou de meus lucros, escarneceu de minha nação, atravessou-se-me nos negócios, fez que meus amigos se arrefecessem, encorajou meus inimigos. E tudo, por quê? Por eu ser judeu. Os judeus não têm olhos? Os judeus não têm mãos, órgãos, dimensões, sentidos, inclinações, paixões? Não ingerem os mesmos alimentos, não se ferem com as armas, não estão sujeitos às mesmas doenças, não se curam com os mesmos remédios, não se aquecem e refrescam com o mesmo verão e o mesmo inverno que aquecem e refrescam os cristãos? Se nos espetardes, não sangramos? Se nos fizerdes cócegas, não rimos? Se nos derdes veneno, não morremos? E se nos ofenderdes, não devemos vingar-nos? Se em tudo o mais somos iguais a vós, teremos de ser iguais também a esse respeito. Se um judeu ofende a um cristão, qual é a humildade deste? Vingança. Se um cristão ofender a um judeu, qual deve ser a paciência deste, de acordo com o exemplo do cristão? Ora, vingança. Hei de por em prática a maldade que me ensinastes, sendo de censurar se eu não fizer melhor do que a encomenda.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Cavalheiros, meu amo Antônio está em casa e deseja falar com vós ambos.

SALARINO — Estávamos à procura dele por toda parte.

(*Entra Tubal.*)

SALÂNIO — Aí vem vindo outro da mesma tribo; não será possível aparecer mais um para completar o terno, a menos que o próprio diabo se fizesse judeu.

(*Saem Salânio, Salarino e o criado.*)

SHYLOCK — Então, Tubal? Há notícias de Gênova? Encontraste minha filha?

TUBAL — Estive em muitos lugares em que ouvi falar dela, mas nunca lhe pus a vista em cima.

SHYLOCK — É assim mesmo, é assim mesmo. Foi-se um diamante que me custou duzentos ducados em Francforte. Até agora a maldição não havia caído sobre a nossa nação; nunca a senti, senão agora. Dois mil ducados só nessa jóia, além de outras muito mais preciosas, muito mais. Quisera ver minha filha morta diante de mim, com os ducados nas orelhas. Quisera

vê-la num caixão fúnebre diante de mim, com os ducados no caixão. Não há notícia deles? Ora, sendo... Só eu sei o que me têm custado essas investigações. Ora, tu... Prejuízo em cima de prejuízo. Foge o ladrão com tanto, e mais tanto para pegarmos o ladrão. E nada de satisfação, nada de vingança. Não há infelicidade além da que me pesa sobre os ombros; não há suspiros, além dos que me saem do peito, nem lágrimas, afora as que eu mesmo derramo.

TUBAL — Não; há outras pessoas, também, que sofrem seus reveses. Antônio, segundo me disseram em Gênova...

SHYLOCK — Que houve? Que houve? Que houve? Alguma desgraça?

TUBAL — ... perdeu um galeão que vinha de Trípoli.

SHYLOCK — Graças a Deus! Graças a Deus! É então verdade? É verdade?

TUBAL — Conversei com alguns dos marinheiros que escaparam do naufrágio.

SHYLOCK — Muito obrigado, bom Tubal. Boas notícias, boas noticias. Ah! Ah! Onde? Em Gênova?

TUBAL — Vossa filha, segundo ouvi falar, gastou numa noite em Gênova oitenta ducados.

SHYLOCK — Dás-me uma punhalada. Nunca mais voltarei a ver o meu dinheiro. Oitenta ducados de uma só vez! Oitenta ducados!

TUBAL — Vieram comigo para Veneza vários credores de Antônio que juram que ele não poderá escapar da falência.

SHYLOCK — Isso me alegra sobremodo. Vou atormentá-lo, torturá-lo... Isso me alegra sobremodo.

TUBAL — Um deles me mostrou um anel que vossa filha lhe dera em troca de um macaco.

SHYLOCK — A peste que a carregue! Torturas-me, Tubal. Era a minha turquesa; presente de Lia, quando eu ainda era solteiro. Não a trocaria por uma floresta de macacos.

TUBAL — Mas é certeza estar Antônio arruinado.

SHYLOCK — Sim, é certo; é muito certo. Tubal, vai procurar-me logo um beleguim; apraza-o com duas semanas de antecedência. Ficarei com o coração dele, no caso de não pagar, porque, uma vez afastado de Veneza, poderei fazer o negócio que bem entender. Vai, Tubal, e procura-me em nossa sinagoga. Vai, bom Tubal; em nossa sinagoga, Tubal.

(*Saem.*)

Cena 2

Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Entram Bassânio, Pórcia, Graciano, Nerissa e criados.

PÓRCIA — Peço-vos esperar um ou dois dias, antes de arriscar tudo, pois se errardes na escolha, perderei vosso convívio. Esperai, pois, um pouco. Alguma coisa me diz — não é amor, tenho certeza — que não devo perder-vos. Nesses casos, bem o sabeis, não aconselha o ódio. Receando ser por vós mal compreendida — muito embora só fale uma donzela com o próprio pensamento — desejara que um mês ou dois ficar aqui pudésseis, antes de arriscar tudo por meu nome. Poderia ensinar-vos o segredo; mas ficara perjura, o que não quero. Podereis, pois, perder-me; nesse caso, lastimar me fareis não ter pecado. Esses olhos malditos me dominam e em duas ametades me partiram: uma já vos pertence; a outra, que é vossa... minha, quero dizer. Mas, sendo minha, vossa é também, ficando eu toda vossa. Este tempo maldoso põe barreiras entre os donos e seus direitos próprios. Assim, embora vossa, não sou vossa. Se assim for, para o inferno vá a Fortuna, não eu. Falo demais; mas é com o fito de alongar mais o tempo, de espichá-lo, de protelar a escolha.

BASSÂNIO — Permiti-me fazer logo essa prova, que esta espera me coloca num banco de tormento.

PÓRCIA — Num banco de tormento! Então, Bassânio, confessai a traição que há de mistura com vosso amor.

BASSÂNIO — Nenhuma, se tirarmos a medonha traição da desconfiança, que me faz duvidar de minha dita. Tão bem a neve e o fogo poderiam revelar amizade e viver juntos, como a traição a meu amor unir-se.

PÓRCIA — Mas temo que estejais falando agora no banco de tortura, onde as pessoas confessam tudo o que se exige delas.

BASSÂNIO — Dai-me de prêmio a vida, e vos prometo confessar a verdade.

PÓRCIA — Pois que seja: confessai e vivei.

BASSÂNIO — Não; "Confessai e amai", resumiria melhor a confissão. Feliz tortura, pois o atormentador me ensina os meios de vir a libertar-me. Mas deixai-me tentar logo a fortuna junto aos cofres.

PÓRCIA — Pois que seja! Num deles eu me encontro. Se me amais, será fácil acertardes. Nerissa, e vós ai, ficai de parte. Haja música, enquanto dura a escolha; se ele perder, terá morte de cisne, que em música se fina. E porque possa ser a comparação mais certa, ainda, serão meus

olhos a corrente que ele terá para morrer, o úmido leito. Talvez venha a ganhar. Para que música, nesse caso? Será como fanfarra, quando os súditos fiéis se curvam diante do novo soberano, alguma coisa que faz lembrar aqueles sons maviosos ao despontar do dia, e que se esgueiram pelos ouvidos do enlevado noivo e às núpcias o convidam. Neste instante ele se adianta, não menos donoso, mas com amor muitíssimo mais vivo do que o mancebo Alcides, no momento de resgatar o virginal tributo que Tróia gemedora ao monstro imano do mar pagar soía. Pronta me acho na ara do sacrifício. Aqueles vultos ao longe, são mulheres de Dardânia, de feições conturbadas, que saíram para ver da entrepresa o resultado. Avante, Alcides! Se viveres, vivo. Com mais angústia o peito se me aperta do que a ti próprio na contenda incerta. (*Canção, enquanto Bassânio medita sobre o cofre a escolher.*) Dizer poderá alguém se o amor da cabeça vem? se no peito se entretém? Respondei logo, respondei logo. Nos olhos nasce e se cria; cresce e morre a fantasia no leito em que viu o dia. Fechemos nossa canção com dím dom dão, dim dom dão.

TODOS — Dim dom dão.

BASSÂNIO — Bastantes vezes a aparência externa carece de valor. Sempre enganado tem sido o mundo pelos ornamentos. Em direito, que causa tão corrupta e estragada, não fica apresentável por uma voz graciosa, que a aparência malévola disfarça? Que heresia poderá haver em religião, se alguma fronte austera a defende, e justifica com a citação de um texto, mascarando com bonito fraseado a enormidade? Não há vicio, por crasso, que não possa revelar aparência de virtude. Quantos poltrões não vemos, cujo peito resiste tanto como areia ao vento, que no queixo nos mostram barba de Hércules ou do sombrio Marte, e que por dentro fígados como leite só possuem? Os bigodes só usam da coragem, para que possam parecer temíveis. Mas se a beleza olhásseis, acharíeis que é só comprada a peso, e que milagre realiza da natura, ocasionando mais leveza onde mais presente esteja. isso se dá com esses cabelos louros de cachos enrolados como serpes, que saltitam ao vento, libertinos. cobrindo uma beleza só de empréstimo; conhecidos são todos como dádiva de uma cabeça estranha: já no túmulo se encontra o crânio sobre que nasceram. Praia traiçoeira é o ornato, por tudo isso, de um mar mui perigoso, linda charpa que esconde o rosto de uma bela indiana; em resumo: aparência da verdade, de que se vale o tempo experto, para colher até os mais sábios. Assim sendo, brilhante ouro, de Midas duro cibo, nada quero de ti, como não quero também de ti, intermediário pálido e vulgar entre os homens. Minha escolha recai em ti, em ti, modesto chumbo, que mais ameaças do que prêmio inculcas. Tua lhaneza é a máxima eloqüência. Seja pois alegria a conseqüência.

PÓRCIA — Como as demais paixões dissipa o vento: o desespero, o dúbio pensamento, o pálido cuidado, o medo incerto! Modera, amor, esse êxtase! Liberto te mostres de exagero. Que a alegria não chova sobre mim em demasia. Tuas bênçãos me deixam atordoada; tem mão nelas. Receio inanimada vir a ficar, de excesso.

BASSÂNIO — Que acho aqui? O retrato de Pórcia. a inigualável? Que semideus já se encontrou tão perto da criação? Esses olhos se deslocam? Ou parece que o fazem, tão-somente porque na órbita os meus também se movem? Doce hálito perpassa entre estes lábios. Jamais barreira tão suave amigos tão gratos separou. Nestes cabelos fez-se aranha o pintor e uma áurea

teia preparou, para nela se enredarem os corações dos homens mais depressa do que nas verdadeiras os mosquitos. E os olhos? Como poderia vê-los e pintá-los depois? Um, completado, parece-me, dos seus o privaria, ficando a obra incompleta. Porém vede: quanto a substância destes meus encômios, por sua insuficiência, prejudicam tão bela sombra, tanto a bela sombra segue, a mancar, atrás da própria essência. Eis o papel onde gravada se acha a súmula de toda a minha dita. Já que não foi pela vista que escolheste, eis a conquista. Vossa ventura é bem-vista; em tudo ela vos assista. Se vos alegra o festejo, aproveitai logo o ensejo para pedir, em gracejo, que a noiva vos dê um beijo. Gentil escrito. E agora, bela dama, com vossa permissão. (*Beija-a.*) Seguindo a Fama, vim dar e receber. Tal como forte pugilista, a quem foi risonha a sorte, e que os aplausos ouve e a gritaria do público, pensando, na alegria de vencedor, que mereceu tudo isso; mas que, logo depois, de olhar mortiço tudo a girar, a mente um tanto enleada, não sabe se são vivas ou pateada: assim, três vezes bela senhorita, me vejo, a duvidar de minha dita, até que a possa ver, em tanta altura, confirmada com vossa assinatura.

PÓRCIA — Senhor Bassânio, assim como me vedes neste momento, eu sou. Para mim própria não seria ambiciosa em meus desejos de querer ser muito melhor em tudo. Mas triplicar quisera vinte vezes, para vós, o que sou, ser mais formosa mil vezes, dez mil vezes mais senhora de um rico patrimônio. Para em vosso conceito ser mais alta, desejara ter conta incalculável de virtudes, belezas, bens e amigos; suas a soma total de quanto valho é soma negativa, que define, grosso modo, uma jovem sem preparo, talentos e experiência, que se julga feliz apenas por não ser tão velha que não possa aprender, e venturosa por não ser tão obtusa de nascença que aprender não consiga coisa alguma. Mas a suma ventura nisto tudo consiste em poder ela inteiramente vos confiar o espírito maleável, para que a dirijais, na qualidade de marido, senhor e soberano. Eu, com tudo o que tenho, desde agora passo a ser toda vossa. Até há momentos, era eu senhora desta bela casa, dona dos meus criados, soberana de mim própria; mas desde este momento a casa, a famulagem, minha própria pessoa, meu senhor, a vós pertence. Tudo vos dou com este anel. Se acaso vos separardes dele, ou se o perderdes, ou se presente a alguém dele fizerdes, indício certo isso será da morte de nosso amor e causa de queixar-me.

BASSÂNIO — Senhorita, deixastes-me privado do uso da fala; o sangue, tão-somente, de minhas veias é que vos responde. Em minhas faculdades há tão grande perplexidade como a que se nota na multidão feliz e balbuciante, depois da fala de um querido príncipe, quando a fusão de tudo o que é distinto se transforma num caos de coisa alguma, salvo a alegria, expressa, a um tempo, e muda. Se o anel um dia me sair do dedo é que a vida também terá saído, podendo vós dizer: morreu Bassânio.

NERISSA — Meu novo amo, senhora, eis o momento para nós todos, os espectadores de vossa dita, de gritar em júbilo: Felicidades para os nossos amos!

GRACIANO — A vós, senhor Bassânio, e à minha muito gentil senhora, todas as venturas que podeis desejar, pois estou certo de que não heis de cobiçar as minhas. E quando Vossas Honras resolverem permutar vosso amor, peço licença para também casar no mesmo dia.

BASSÂNIO — De todo coração, caso consigas encontrar uma esposa.

GRACIANO — Agradecido vos sou, senhor, porque me destes uma. Estes olhos, senhor, vêem tão depressa quanto os vossos. Vós vistes a senhora; eu contemplei a serva. Vós amastes do mesmo modo que eu; amastes logo, tal como eu, que as delongas são tão pouco do meu agrado como o são do vosso. Vosso destino estava nesses cofres, tal como o meu, e os fatos o provaram, pois fiz a corte aqui de suar frio, secando-se-me a boca só de tantos juramentos de amor, que, alfim, se as juras podem ter fim, valeram-me a promessa de conseguir o amor desta beldade, se viésseis a alcançar o da senhora.

PÓRCIA — É verdade, Nerissa?

NERISSA — Sim, senhora, no caso de vos ser também do agrado.

BASSÂNIO — E vós, Graciano, sois sincero em tudo?

GRACIANO — Sincero, sim senhor.

BASSÂNIO — Nossos festejos com vossas núpcias ficarão honrados.

GRACIANO — Convosco apostaremos mil ducados sobre o primeiro filho.

BASSÂNIO — Como! Jogo franco na mesa?

GRACIANO — Não, que em tal desporto nunca se ganha nada sobre a mesa. Mas quem vem vindo aí? Lourenço e a sua linda infiel? E o meu vetusto amigo Salânio, de Veneza?

(*Entram Lourenço, Jessica e Salânio.*)

BASSÂNIO — Sois bem-vindos, Lourenço, e vós, Salânio, caso possa saudar-vos desse modo a mocidade de minha situação. Querida Pórcia, com vossa permissão é que eu dirijo saudações a estes dois meus conterrâneos e amigos mui prezados.

PÓRCIA — Sim, podeis fazê-lo, meu senhor; bem-vindos sejam.

LOURENÇO — Agradeço a Vossa Honra. No que toca, senhor, a meus projetos, não pensava ver-vos neste momento. Mas havendo me avistado em caminho com Salânio, instou comigo para vir com ele, sem que eu pudesse dizer não.

SALÂNIO — De fato, foi o que fiz, mas, para tanto, tinha razão plausível. O signior Antônio se recomenda a vós.

(*Entrega a Bassânio uma carta.*)

BASSÂNIO — Antes de eu ler a carta, contai logo como esse meu amigo vai passando.

SALÂNIO — Doente, não; só se o estiver do espírito: nem muito bem, se o espírito excetuarmos. A carta vos dirá como se encontra.

GRACIANO — Nerissa, dá as boas-vindas à estrangeira. A mão, Salânio. Que há de novidades em Veneza? Dizei como vai indo nosso real mercador, o bom Antônio. Sei que nossa vitória o deixa alegre. Somos Jasão que o velo conquistamos.

SALÂNIO — Desejara que houvésseis ganho o velo que ele perdeu há pouco.

PÓRCIA — Algo mui grave contém aquela carta, pois as cores a Bassânio roubou;

decerto, a nova da morte de um amigo, que mais nada no mundo poderia alterar tanto a presença de um homem de constância. Que aconteceu? De mal para pior? Com permissão, Bassânio. Eu sou metade de vós próprio; é preciso, pois, que eu tenha parte em metade do que diz a carta.

BASSÂNIO — Ó doce Pórcia! As mais desagradáveis palavras estas são que em qualquer tempo já mancharam papel. Gentil senhora, ao vos falar pela primeira vez do amor que vos dicava, com franqueza vos contei que nas veias me corria toda a minha fortuna: sou fidalgo. Disse-vos a verdade. Mas havendo, prezada dama, computado em nada quanto eu valia então, vereis agora como fui jactancioso. Ao declarar-vos que meus bens eram nada, deveria ter dito que eram menos do que nada. Porque, de fato, para obter recursos, penhorei-me a um amigo mui querido e o penhorei ao seu pior inimigo. Senhora, eis uma carta desse amigo. Cada palavra dela é uma ferida de onde sai sangue vivo. então verdade, Salânio? Perdeu todos os haveres? Falharam-lhe as empresas? Como! Da Índia, de Inglaterra, do México, de Trípoli, Lisboa e Berberia, nenhum barco fugiu do choque horrível dos penedos, inimigos figadais dos mercadores?

SALÂNIO — Nenhum, senhor. Além do mais, parece que se Antônio tivesse o necessário para o judeu pagar, não consentira este em receber nada. Não vi nunca uma criatura sob a forma de homem que revelasse tão feroz empenho em desgraçar um homem. Noite e dia reclama junto ao doge, protestando contra essa violação da liberdade, se lhe negarem o que a lei concede. O próprio doge, vinte mercadores, os senadores de maior prestígio tentaram persuadi-lo, sem que nada conseguisse do pleito demovê-lo tão odioso, baseado na justiça, numa letra vencida e numa multa.

JESSICA — Quando eu estava em casa ouvi quando ele jurou diante de Chus e de Tubal, seus compatriotas, que não abriria mão da carne de Antônio nem que fosse por vinte vezes o valor da dívida. E eu sei, senhor, que se as autoridades, a lei e a força não se interpuserem, muito mal vai ficar o pobre Antônio.

PÓRCIA — É o vosso caro amigo que se encontra num apuro tão grande?

BASSÂNIO — O mais querido dos meus amigos, o homem mais bondoso, o coração mais belo e sempre pronto para prestar serviços, a pessoa em que a honra dos romanos se revela mais pura do que em todos os que vivem nestes dias na Itália.

PÓRCIA — Que quantia deve ele a esse judeu?

BASSÂNIO — Por minha causa, três mil ducados.

PÓRCIA — Como! Apenas isso? Pagai seis mil e retirai a letra; duplicai os seis mil e o resultado quadruplicai, contanto que um amigo de tão grande valor não perca um fio de cabelo por causa de Bassânio. Primeiro vinde à igreja e o nome dai-me de vossa esposa; após, para Veneza partireis, para vosso caro amigo, pois nunca podereis deitar-vos junto de Pórcia com o espírito inquieto. Hei de vos dar dinheiro suficiente para pagar vinte pequenas dívidas como essa. Uma vez saldada a conta, trazei-me o amigo leal. Nesse entrementes, eu e Nerissa viveremos vida de viúva e virgem. Vamos para a igreja; que após as núpcias vossa viagem seja. Porque ele viva não sejais avaro; sois para mim o que custastes: caro. Mas a carta me lede

desse amigo.

BASSÂNIO — "Querido Bassânio, todos os meus navios naufragaram, meus credores tornaram-se cruéis, minha situação financeira é desesperada, a letra que eu tenho com o judeu já está vencida, e uma vez que, pagando-a, não me será possível viver, ficam liquidadas todas as dívidas existentes entre mim e vós. Se ao menos eu vos visse antes de morrer! Contudo, nada de constrangimento; se o vosso amor não vos persuadir nesse sentido, minha carta não vos obrigará a vir."

PÓRCIA — Pretere tudo o mais, amor, e parte.

BASSÂNIO — Já que mo permitis, irei agora. Mas até à volta leito algum vistoso escusa me será para demora, nem entre nós se insinuará repouso.

(*Saem.*)

Cena 3

Veneza. Uma rua. Entram Shylock, Salarino, Antônio e o carcereiro.

SHYLOCK — Toma-me conta dele, carcereiro. Não me fales de graça, que este é o bobo que emprestava sem juros. Carcereiro, toma-me conta dele.

ANTÔNIO — Uma palavra, meu bondoso Shylock.

SHYLOCK — O pagamento de minha letra! Nada ouvir desejo contra essa letra. Fiz um juramento de como havia de exigir a dívida. Chamaste-me de cão sem teres causa. Se eu sou cão, tem cuidado com estes dentes. O doge me fará justiça. Admira-me, carcereiro relapso, que te mostres condescendente a ponto de saíres com ele à rua.

ANTÔNIO — Por obséquio, ouvi-me.

SHYLOCK — Só quero o pagamento. Não desejo que me fales. Só quero o pagamento. Sendo assim, será inútil me falares. De mim não se fará um desses bobos moleirões, de olhar triste, que a cabeça sacodem, e se mostram condoídos, suspiram, consentindo em fazer quanto lhes pedem os cristãos intermediários. Não me acompanhes, pois não quero ouvir-te; só quero o pagamento. (*Sai.*)

SALARINO — É o cão de fila mais insensível que entre os homens anda.

ANTÔNIO — Deixai-o ir; não hei de importuná-lo daqui por diante com inúteis preces. Quer ver-me morto, e eu sei a razão disso. Já livrei muita gente de ser vítima de suas extorsões. Por isso odeia-me.

SALARINO — Tenho quase a certeza de que o doge não deixará vingar esse contrato.

ANTÔNIO — Poder não tem o doge para o curso da lei deter. Se fossem denegados aos estrangeiros todos os direitos que em Veneza desfrutam, abalada ficaria a justiça da república, pois o lucro e o comércio da cidade se baseiam só neles. Pois que seja! As perdas e os desgostos de tal modo me abateram, que mui dificilmente ficarei amanhã com uma libra de carne, para resgatar a conta de meu feroz credor. Sigamos, guarda! Se Deus fizesse que Bassânio viesse ver-me no instante de pagar-lhe a dívida, tudo o mais me seria indiferente.

(*Saem.*)

Cena 4

Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Entram Pórcia, Nerissa, Lourenço, Jessica e Baltasar.

LOURENÇO — Senhora, permiti que em vossa própria presença vo-lo diga: tendes uma concepção muito nobre e verdadeira da divina amizade, para a ausência suportardes assim de vosso esposo. Mas se soubésseis a quem tantas honras, desse modo, prestais; que gentil-homens tão digno socorreis; quão devotado foi sempre a meu senhor e vosso esposo: mais orgulhosa, sei-o bem, ficáreis de tudo o que fazeis, do que a bondade natural poderia a isso levar-vos.

PÓRCIA — Nunca me arrependi de uma ação boa, nem o farei agora. Entre pessoas que o tempo passam em conversa, juntos, e cujos corações o mesmo jugo da amizade suportam, haver deve conformidade e proporção nos traços, no gênio e nos costumes. Isso leva-me a acreditar que Antônio, como amigo de meu senhor, terá de ser como ele. Ora, assim sendo, que quantia mínima dispensei, porque a imagem de minha alma livrar pudesse de uma situação de crueldade infernal! Essas palavras, porém, parecem elogio próprio. Fiquemos por aqui. E ora tratemos de outros assuntos. Ponho-vos, Lourenço, nas mãos a direção e a vigilância desta casa, até à volta de Bassânio. Eu, de mim, formulei ao céu um voto secreto de, em contemplação e preces, viver por algum tempo, acompanhada somente por Nerissa, até que possam retornar meu senhor e o esposo dela. Daqui distante duas milhas acha-se um mosteiro aonde vamos acolher-nos. Desejo que não vos furteis ao peso da obrigação imposta pela força das circunstâncias e meu próprio afeto.

LOURENÇO — De todo o coração, minha senhora; são ordens para mim vossos desejos.

PÓRCIA — Meus criados sabem tudo o que vos disse. Todos hão de acatar-vos e a Jessica, como a mim própria e a meu senhor Bassânio. E agora passai bem e até à vista.

LOURENÇO — Formosos pensamentos e felizes horas vos acompanhem.

JESSICA — Alegrias do coração desejo a Vossa Graça.

PÓRCIA — Os votos agradeço, desejando que a vós retornem. Passai bem, Jessica. (*Saem Jessica e Lourenço.*) E agora, Baltasar, tal como sempre te encontrei, honesto e verdadeiro, quero ainda achar-te. Toma esta carta e apressa-te, empregando todo o esforço de um homem, porque logo possas chegar a Pádua. Em mãos a entrega de meu primo, o Doutor Belário, e toma muito cuidado com os papéis e a roupa que ele te der, e os traze, por obséquio, empregando na volta a maior pressa imaginável, até o barco público que vai para Veneza. Com palavras não percas tempo; parte logo, que hei de chegar primeiro lá.

BALTASAR — Hei de, senhora, empregar nisso toda a diligência. (*Sai.*)

PÓRCIA — Vamos, Nerissa; tenho em mãos uma obra que ainda não conheço. Mas teremos de ver nossos maridos bem mais cedo do que eles próprios pensam.

NERISSA — E seremos também vistas por eles?

PÓRCIA — Sim, Nerissa; mas vestidas de tal maneira, que eles hão de nos atribuir o que nos falta. Aposto o que quiseres que, ao ficarmos parecendo dois moços, de nós duas serei o mais galhardo e a minha espada carregarei com mais desenvoltura. Vou falar nesse tom meio aflautado como o fazem na idade transitória de menino para homem; meus passinhos se mudarão em passos masculinos. Falarei só de duelos, como jovem de bom aprumo e um tanto bazofeiro; contarei mil mentiras sobre as damas de posição que o amor me disputaram e que, desiludidas, adoeceram, vindo a morrer depois. Mas impossível me era a todas possuir. Logo em seguida me mostrarei de todo arrependido, desejando que mortas não houvessem sido por minha causa. Em suma: tantas pêtas hei de contar desse quilate, que hão de jurar os homens que eu apenas há doze meses concluí a escola. Tenho em mente um milhão dessas patranhas dos nossos fanfarrões incorrigíveis, que hei de por logo em prática.

NERISSA — Estou vendo que vamos virar homens?

PÓRCIA — Que pergunta! Se alguém isso tomasse em mau sentido! Mas vamos; vou contar-te todo o plano, quando estiver no carro que na porta nos espera do parque. Mui casquilhas hoje faremos ainda vinte milhas.

(*Saem.*)

Cena 5

O mesmo. Um jardim. Entram Lanceloto e Jessica.

LANCELOTO — Sim, realmente; porque, vede bem: os pecados dos pais pesam sobre os filhos. Assim, podeis crer-me que estou preocupado convosco. Sempre fui franco convosco; por isso, confesso agora a minha intranqüilidade a esse respeito. Criai coragem, portanto, porque em verdade tenho certeza de que estais condenada às penas eternas. Só há uma esperança de que venha a melhorar a vossa situação, e assim mesmo, uma esperança bastarda.

JESSICA — E que esperança é essa, por obséquio?

LANCELOTO — Ora, é que, se remanescesse uma ponta de esperança de que não houvésseis sido gerada por vosso pai, não seríeis filha do judeu.

JESSICA — É esperança bastarda, não há dúvida. Desse modo, os pecados de minha mãe pesariam sobre mim.

LANCELOTO — Realmente, motivo por que receio que estejais condenada tanto por causa do pai como por causa da mãe. Desse modo, se me livro de Gila, vosso pai, vou cair em Caribdes, vossa mãe. Estais perdida pelos dois lados.

JESSICA — Serei salva pelo meu marido; de mim fez ele uma cristã.

LANCELOTO — Tanto mais passível ele de censura se tornou. Já tínhamos cristãos em número suficiente; o necessário para poderem viver bem uns com os outros. Essa fabricação de cristãos fará aumentar o preço do porco. Se todos nós passarmos a ser comedores de carne de porco, dentro de pouco tempo por dinheiro nenhum poderemos ter uma tira de toicinho sobre a brasa.

(*Entra Lourenço.*)

LOURENÇO — Dentro de pouco tempo, Lanceloto, terei de revelar ciúmes, se continuardes a puxar para os cantos minha mulher.

JESSICA — Nada receies de nós, Lourenço, que eu e Lanceloto nos damos muito mal. Ele me diz sem circunlóquios que não encontrarei misericórdia no céu por ser filha de judeu, como disse, também, que não sois um bom membro da comunidade, porque, convertendo judeus ao cristianismo, elevais o preço da carne de porco.

LOURENÇO — Com muito mais facilidade poderei justificar-me disso diante das autoridades do que tu por causa da rotundidade do ventre daquela negra. A moura, Lanceloto, está grávida de ti.

LANCELOTO — Para mim, tanto faz que a moura morra; mas se ela for menos do que uma mulher honesta, já é mais do que o que eu julgava que fosse.

LOURENÇO — Como até os bobos sabem fazer trocadilhos! Sou de opinião que dentro de pouco tempo o espírito passará a provar a sua superioridade tornando-se mudo e que a eloqüência só será recomendada para os papagaios. Vai logo para dentro, maroto, e dize que se preparem para o jantar.

LANCELOTO — Isso já está providenciado, senhor, porque todos têm estômago.

LOURENÇO — Santo Deus, como apanhais as coisas! Dize lhes que preparem o jantar.

LANCELOTO — Isso também já esta providenciado senhor só falta a cobertura.

LOURENÇO — Nesse caso, pretendeis cobrir-vos?

LANCELOTO — Eu, cobrir-me, senhor? Conheço o meu dever.

LOURENÇO — Mais um trocadilho! Não quererás mostrar-nos de uma só vez toda a riqueza de teu espírito? Por obséquio, interpreta um homem simples de acordo com a sua maneira simples de expressar-se. Vai procurar os teus camaradas e dize-lhes que ponham a mesa e preparem os pratos, que nós já chegamos para jantar.

LANCELOTO — Quanto à mesa, senhor, será preparada; quanto aos pratos, serão postos; quanto à vossa ida para jantar, que seja segundo vossos caprichos e opiniões. (*Sai.*)

LOURENÇO — Que inteligência rara! Como as suas palavras se combinam! Na memória tem o bobo um exército de termos da melhor procedência. Muitos bobos conheço em posição de alto relevo, como este, ornado de palavras raras, e que no instante de mostrar espírito falham completamente. E tu, Jessica, feliz te julgas? Dize-me, querida: que achas da esposa do senhor Bassânio?

JESSICA — Mais do que dizer posso; é necessário que ele vida exemplar em tudo leve, pois tendo a bênção de uma tal esposa, na terra encontrará dita celeste. E se ele vier a desprezar na terra semelhante ventura, por direito jamais há de ir ao céu. Caso dois deuses determinassem, em celeste aposta, vir à terra buscar duas mulheres, sendo Pórcia uma delas, necessário fora ajuntar muitíssimo à segunda, pois este nosso mundo rude e pobre não tem quem se lhe iguale.

LOURENÇO — Tal qual ela como esposa, sou eu como marido.

JESSICA — Ah, é assim? Não queríeis perguntar-me o que eu penso sobre isso?

LOURENÇO — Sim, mais tarde; vamos jantar primeiro.

JESSICA — Não; deixai-me fazer-vos o elogio antes de farta.

LOURENÇO — Não; deixemos o assunto para a mesa. Digas o que disseres, digerido será também de envolta com o restante.

JESSICA — Pois que seja; farei vosso elogio.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Veneza. Uma corte de justiça. Entram o doge, os senadores de Veneza, Antônio, Bassânio, Graciano, Salarino, Salânio e outros.

DOGE — Está presente Antônio?

ANTÔNIO — Às ordens de Vossa Graça.

DOGE — Causa-me pena a tua situação. Vieste a esta barra para defrontar-te com um inimigo de pedra, um celerado desumano, incapaz de comover-se, vazio e carecente de uma dracma de comiseração.

ANTÔNIO — Soube que Vossa Graça tem-se esforçado muito e muito para atenuar seu rigoroso curso. Mas já que endurecido ele se mostra e que meio legal nenhum me livra do alcance de seu ódio, oponho minha paciência ao seu furor e me declaro armado para suportar com grande tranqüilidade de alma a tirania e a cólera da sua.

DOGE — Alguém daí introduza o judeu logo na sala.

SALARINO — À porta já se encontra. Aí vem, senhor.

(*Entra Shylock*)

DOGE — Afastai-vos, porque ele ficar possa diante de nós. Shylock, o mundo pensa, e eu também como todos, que tencionas persistir nessas provas de crueldade somente até à última hora do processo, depois do que, se diz, irás mostrar-nos doçura e consideração mais raras do que esse gesto de crueldade inculca. Em vez de, agora, a multa reclamares — uma libra de carne deste pobre mercador — não somente vais dizer-nos que o castigo dispensas, como, ainda, levado pelo amor e o sentimento de humanidade, perdoarás metade da dívida, atendendo às grandes perdas que pesaram sobre ele ultimamente, perdas capazes de deitar por terra um mercador real, e compassivos de sua desventura deixar peitos de bronze e duros corações de pedra de turcos inflexíveis e de tártaros às práticas estranhos do serviço da meiga cortesia. Ora aguardamos resposta branda; todos nós, judeu.

SHYLOCK — Já expus a Vossa Graça o que pretendo, como jurei por nosso santo Sábado cobrar o estipulado pela multa. Se mo negares, que com o risco seja das leis e liberdades de Veneza. Decerto haveis de perguntar-me a causa de eu preferir um peso de carniça a ter de volta os ricos três mil durados. E então? Se um rato a casa me estragasse, e para envenená-lo eu resolvesse gastar dez mil ducados? Não vos basta semelhante resposta? Há muita gente que não suporta ouvir grunhir um porco; outros, ao ver um gato, ficam loucos; e outros, ainda, que ao fanhoso canto da cornamusa a urina não retêm. É que a impressão, senhora

dos instintos, vos faz odiar ou amar, como apetece. Para voltarmos ao que perguntastes, vos direi que assim como não podemos apresentar razão satisfatória da antipatia de um pelo grunhido do porco, da daquela pela vista de um gato necessário e inofensivo, da do outro pela inflada cornamusa, sendo força cedermos ao opróbrio inevitável de ofendermos, quando nos virmos ofendidos: de igual modo, não sei de outra razão, nem saber quero, se não for o ódio inato e a repugnância que Antônio me desperta e que me leva a persistir assim numa demanda tão onerosa. Dei-vos a resposta?

BASSÂNIO — Isso não é resposta, homem de pedra, que justifique a tua crueldade.

SHYLOCK — Não tenho obrigação de ser amável no que te responder.

BASSÂNIO — Acaso a morte dão os homens a tudo o que não amam?

SHYLOCK — E quem não mataria quanto odeia?

BASSÂNIO — Nem toda ofensa, de princípio, é ódio.

SHYLOCK — Como! Consentirias que uma serpe te picasse duas vezes?

ANTÔNIO — Por obséquio, refleti que tratais com um judeu. De tanto vos servira ir para a praia e às ondas ordenar que se abaixassem; de tanto vos servira ao fero lobo perguntar sobre a causa de ter feito balar o cordeirinho atrás da ovelha; de tanto vos servira aos altos pinhos da montanha proibir que o topo agitem e que façam rumor, quando a tormenta do céu os deixa inquietos... Sim, primeiro conseguiríeis realizar as coisas mais duras, do que fora só quererdes abrandar — e que pode ser mais duro? — seu coração judeu. Por isso eu peço nada mais lhe oferecerdes, nem tentardes qualquer outro recurso, mas depressa me julgardes segundo as leis da terra, deixando que o judeu realize o intento.

BASSÂNIO — Em vez dos teus três mil ducados dou-te seis mil agora.

SHYLOCK — Se essas moedas todas desses seis mil ducados, divididas em seis partes ficassem, e cada uma fosse um ducado, nelas não tocara. Persisto em exigir a minha letra.

DOGE — Se piedade não mostras, como podes esperar encontrá-la?

SHYLOCK — Que castigo tenho a temer, se mal algum eu faço? Possuís muitos escravos, que como asnos, cães e mulos tratais, e que em serviços empregais vis e abjetos, sob a escusa de os haverdes comprado. Já vos disse que os pusésseis, acaso, em liberdade? que com vossas herdeiras os casásseis? por que suam sob fardos? que lhes désseis leitos iguais aos vossos? e iguarias que como ao vosso paladar soubessem? Em resposta, decerto, me diríeis: “Os escravos são nossos”. De igual modo vos direi, em resposta, que essa libra de carne, que ora exijo, foi comprada muito caro; pertence-me; hei de tê-la. Se esse direito me negardes fora com vossas leis! São fracos os decretos de Veneza. E ora aguardo o julgamento. Respondei-me: dar-me-eis o meu direito?

DOGE — Tenho o poder de dissolver a corte, se Belário, um jurista muito douto que mandei vir para estudar o caso, não puder chegar hoje.

SALARINO — Acha-se aí fora, senhor, um mensageiro que vos trouxe cartas desse

doutor; veio de Pádua.

DOGE — Traze-me as cartas; chama o mensageiro.

BASSÂNIO — Que é isso, Antônio? Alegra-te! Coragem! Há de o judeu tirar-me o sangue, a carne, os ossos, antes de por mim perderes uma gota sequer do rubro sangue.

ANTÔNIO — Eu sou a ovelha doente do rebanho, marcada para a morte. O mais mirrado fruto cai da árvore primeiro; o mesmo se passa ora comigo. Melhor coisa, Bassânio, não farás do que viveres para o meu epitáfio redigires.

(*Entra Nerisssa, em trajes de escrivão.*)

DOGE — Vistes de Pádua? Do Doutor Belário?

NERISSA — De ambas as partes, meu senhor; Belário saúda Vossa Graça. (*Entrega-lhe uma carta.*)

BASSÂNIO — Por que amolas essa faca com tanta persistência?

SHYLOCK — Para cortar a multa do falido.

GRACIANO — Não é na sola do sapato, é na alma, judeu perverso, que amolá-la deves. Mas não se acha metal algum, nem mesmo cutelo de carrasco, que a metade tenha do corte de tua dura inveja. As orações não podem comover-te?

SHYLOCK — Não; nenhuma de quantas teu espírito pudesse conceber.

GRACIANO — Oh! Sê maldito, inexorável cão, e que a justiça seja acusada, só por teres vida. Quase me fazes abalada a crença, para aceitar a idéia de Pitágoras, de que as almas dos brutos passar podem para o corpo dos homens. Teu espírito de cão é governado por um lobo enforcado por crime de homicídio. A alma nefanda, ao se escapar da forca, entrou em ti, quando no ventre estavas de tua mãe maldita. Eis o motivo de só teres instintos sanguinários, ferinos, esfomeados e vorazes.

SHYLOCK — Se não consegues desfazer o selo de minha letra, por gritares tanto só cansas os pulmões. Cura esse espírito, mocinho, se não queres que apodreça. Só vim aqui para impetrar justiça.

DOGE — A carta de Belário recomenda-nos um jurista erudito e muito moço. Onde está ele?

NERISSA — Aí fora, à espera, apenas, de que o mandeis entrar.

DOGE — Com todo o gosto. Três ou quatro pessoas o introduzam na sala com a devida cortesia. Tome conhecimento, entanto, a Corte, com o que Belário diz em sua carta.

ESCRIVÃO — "Saberá Vossa Graça que ao receber vossa carta eu me encontrava gravemente doente. Mas justamente à chegada de vosso emissário eu recebia a agradável visita de um jovem doutor de Roma, de nome Baltasar. Expus-lhe o motivo da controvérsia entre o judeu e o mercador Antônio; juntos, compulsamos muitos livros; ele esposa minha opinião, que, secundada por seu próprio saber — cuja profundidade eu não poderia elogiar suficientemente

— ante a minha insistência, ele vos leva, para atender, em meu lugar, ao chamado de Vossa Graça. Insisto junto de Vossa Graça no sentido de que os seus poucos anos não sirvam de obstáculo para que lhe venha a faltar o devido apreço, pois nunca tive conhecimento de um corpo tão moço com uma cabeça tão velha. Entrego-o ao vosso gracioso acolhimento, na certeza de que essa prova será a sua melhor recomendação."

DOGE — Ouvistes as palavras do erudito Belário. E eis que nos chega o seu colega, se não me engano. (*Entra Pórcia, em trajes de doutor em direito.*) Dai-me a mão. Do velho Belário foi que viestes?

PÓRCIA — Sim, senhor.

DOGE — Sois bem-vindo. Assentai-vos. É do vosso conhecimento a dissidência que hoje se discute perante nossa corte?

PÓRCIA — Conheço os pormenores da pendência. Onde está o mercador? Qual é o judeu?

DOGE — Ambos aqui presentes. Este é Antônio; este, o velho Shylock.

PÓRCIA — É vosso nome Shylock?

SHYLOCK — Assim me chamo.

PÓRCIA — Assaz estranha é a natureza dessa vossa causa. Mas as leis de Veneza não vos podem desatender, se persistis no intento. (*A Antônio.*) Estais inteiramente ao dispor dele, não é verdade?

ANTÔNIO — Assim ele o proclama.

PÓRCIA — Reconheceis a letra?

ANTÔNIO — Reconheço-a.

PÓRCIA — É, pois, preciso que o judeu se mostre clemente.

SHYLOCK — Constrangido por que meios, não podereis dizer-me?

PÓRCIA — A natureza da graça não comporta compulsão. Gota a gota ela cai, tal como a chuva benéfica do céu. É duas vezes abençoada, por isso que enaltece quem dá e quem recebe. É mais possante junto dos poderosos, e ao monarca no trono adorna mais do que a coroa. O poder temporal o cetro mostra, atributo do medo e majestade, do respeito e temor que os reis inspiram: mas a graça muito alto sempre paira das injunções do cetro, pois seu trono no próprio coração dos reis se firma; atributo é de Deus; quase divino fica o poder terreno nos instantes em que a justiça se associa à graça. Por tudo isso, judeu, conquanto estejas baseado no direito, considera que só pelos ditames da justiça nenhum de nós a salvação consegue. Para obter graça todos nós rezamos; e é essa mesma oração que nos ensina a usar também da graça. Quanto disse, foi para mitigar o teu direito; mas, se nele insistires, o severo tribunal de Veneza há de sentença dar contra o mercador.

SHYLOCK — Que os meus atos me caiam na cabeça. Só reclamo a aplicação da lei, a pena justa cominada na letra já vencida.

PÓRCIA — Não pode o mercador pagar a dívida?

BASSÂNIO — Pode, sim; deposito ante esta corte, ele, essa importância... não, o dobro. Caso isso ainda não baste, comprometo-me a dez vezes pagar a mesma dívida, no que empenho a cabeça, as mãos, o próprio coração. Caso, ainda, isso não chegue, fica patente que a malícia vence, neste pleito, à lisura. Assim, suplico-vos torcer a lei uma só vez, ao menos; tendes força para isso. Uma injustiça pequena cometei, para fazerdes uma grande justiça, assim frustrando no seu intento a este cruel demônio.

PÓRCIA — Não é possível; força alguma pode em Veneza mudar as leis vigentes. Muitos abusos, ante um tal exemplo, viriam a insinuar-se na república. Não pode ser.

SHYLOCK — Daniel veio julgar-nos! Sim, um novo Daniel! O sábio e jovem juiz, como eu te acato!

PÓRCIA — Por obséquio, mostrai-me a letra; quero examiná-la.

SHYLOCK — Aqui está ela, muito reverendo doutor; aqui está ela.

PÓRCIA — Três importes da dívida, Shylock, te oferecem.

SHYLOCK — Um juramento! Um juramento! Tenho no céu um juramento. Poderia na alma lançar o fardo de um perjúrio? Nem por toda Veneza.

PÓRCIA — O documento já está vencido. Legalmente pode reclamar o judeu, por estes termos, uma libra de carne, que ele corte de junto ao coração do mercador. Sê compassivo; aceita triplicada a importância da dívida e permite-me rasgar o documento.

SHYLOCK — Após o vermos liquidado de acordo com seus termos. Mostrastes ser juiz de grande mérito; conheceis bem as leis; foi muito clara a exposição de há pouco. Assim, intimo-vos, pela lei de que sois um dos pilares mais dignos, a emitir o julgamento. Juro pela minha alma que nenhuma língua humana é capaz de demover-me de minha decisão. Só quero a letra.

ANTÔNIO — De todo o coração suplico à corte pronunciar a sentença.

PÓRCIA — Pois que seja. Consiste a decisão em preparardes o peito para a faca do credor.

SHYLOCK — Oh nobre juiz! Oh extraordinário jovem!

PÓRCIA — Pois a intenção e o espírito da lei estão de acordo com a penalidade cominada na letra.

SHYLOCK — É muito certo. Oh juiz íntegro e sábio! Quanto, quanto mais velho não serás do que aparentas!

PÓRCIA — Descobri, pois, o peito.

SHYLOCK — Sim, "o peito", tal como está na letra; não é isso, nobre juiz? "Bem junto ao coração", são seus termos explícitos.

PÓRCIA — É certo. Já deixastes a jeito uma balança para pesar a carne?

SHYLOCK — À mão tenho uma.

PÓRCIA — E um cirurgião, Shylock, contratastes, para evitar que Antônio a morrer venha, por grave hemorragia?

SHYLOCK — Estipulado se encontra isso na letra?

PÓRCIA — Expressamente, não; mas que importa? Fora conveniente que assim fizésseis, só por caridade.

SHYLOCK — Não posso achá-lo; isso não há na letra.

PÓRCIA — Mercador, tendes algo a declarar?

ANTÔNIO — Muito pouco; estou pronto e preparado. Bassânio, a mão. Adeus. Não seja causa de vos amofinardes a desgraça que padeci por vós, porque a Fortuna, no meu caso, se mostra mais benigna do que de hábito. Sempre ela permite que sobreviva o mísero à opulência, porque ver possa com vincada fronte e olhos cavados a velhice pobre. Ela me poupa o sofrimento longo de semelhante dor. Recomendai-me a vossa nobre esposa e relatai-lhe como Antônio morreu; dizei-lhe quanto amor vos dedicava e enaltecei-me depois de morto. E após terdes contado tudo o que se passou, ela que julgue se Bassânio não foi, realmente, amado. Não lastimeis a perda de um amigo, que ele não se lastima por ter pago a dívida por vós. Se fundamente me cortar o judeu, no mesmo instante de coração liquidarei meu débito.

BASSÂNIO — Antônio, desposei uma pessoa que me é tão cara quanto a própria vida. Mas essa vida, a esposa, o mundo inteiro são por mim avaliados ainda em menos do que tua existência. Conformara-me em perder todos, em sacrificá-los a este demônio, só para salvar-vos.

PÓRCIA — Não vos ficara muito agradecida vossa esposa, se acaso aqui estivesse, para ouvir essa oferta.

BASSÂNIO — Amo deveras minha mulher; mas desejara que ela no céu se achasse, para que pudesse impetrar junto a algum poder celeste que demovesse este judeu canino.

NERISSA — Foi bom dizerdes isso em sua ausência, pois, de outro modo, o lar ficara inquieto.

SHYLOCK — Os maridos cristãos são desse jeito. Tenho uma filha; mas preferiria que ela casasse com um dos descendentes de Barrabás, a vê-la desposada com um desses cristãos. O tempo corre! Dai andamento, por favor, ao pleito.

PÓRCIA — Pertence-te uma libra aqui da carne do mercador; a corte o reconhece, porque a lei o permite.

SHYLOCK — Oh juiz íntegro!

PÓRCIA — E deveis retirá-la justamente do peito dele; a corte o reconhece, porque a lei o permite.

SHYLOCK — Oh juiz sábio! Isso, sim, que é sentença! Vamos logo; preparai-vos.

PÓRCIA — Um momentinho, apenas. Há mais alguma coisa. Pela letra, a sangue jus não tens; nem uma gota. São palavras expressas: "Uma libra de carne". Tira, pois, o combinado:tua libra de carne. Mas se acaso derramares, no instante de a cortares, uma gota que seja, só, de sangue cristão, teus bens e tuas terras todas, pelas leis de Veneza, para o Estado passarão por direito.

GRACIANO — Oh juiz honesto! Toma nota, judeu: quanto ele é sábio!

SHYLOCK — A lei diz isso?

PÓRCIA — Podes ver o texto. Reclamaste justiça; fica certo de que terás justiça, talvez mesmo mais do que desejaras.

GRACIANO — Oh juiz sábio! Toma nota, judeu: quanto ele é sábio!

SHYLOCK — Nesse caso, concordo com a proposta: que me paguem três vezes a importância da dívida, ficando o cristão livre.

BASSÂNIO — Eis o dinheiro.

PÓRCIA — Devagar! Justiça total para o judeu. Nada de pressa. Só tem direito à multa estipulada.

GRACIANO — O judeu! Que juiz idôneo e sábio!

PÓRCIA — Dispõe-te, assim, para cortar a carne. Mas não derrames sangue, nem amputes senão o peso justo de uma libra, nem mais nem menos; pois se retirares mais ou menos do que isso, o suficiente para deixá-la mais pesada ou leve na proporção, embora, da vigésima parte de um pobre escrópulo; ou, ainda, se a balança pender um fio, apenas, de cabelo, por isso a vida perdes, ficando os teus bens todos confiscados.

GRACIANO — Um segundo Daniel, judeu, um novo Daniel! Agora, cão, peguei-te firme.

PÓRCIA — Por que o judeu parou? Cobra tua dívida.

SHYLOCK — Dai-me o meu capital e deixai-me ir.

BASSÂNIO — Já o trouxe aqui, para isso; toma-o logo.

PÓRCIA — Recusou-o ante a corte, abertamente. Vai receber justiça e a letra, apenas.

GRACIANO — Um segundo Daniel! Outro Daniel! Judeu, muito obrigado por me haveres ensinado esse nome.

SHYLOCK — Não recebo nem mesmo o meu dinheiro?

PÓRCIA — Só recebes a pena cominada, que com risco próprio deves cobrar, judeu.

SHYLOCK — Que o diabo, nesse caso, o proteja! Não me agrada continuar a perder aqui meu tempo.

PÓRCIA — Espera aí, judeu! A lei ainda tem outras pretensões a teu respeito. Diz a lei de Veneza, expressamente, que se a provar se vier que um estrangeiro, por processos diretos ou indiretos, atentar contra a vida de um dos membros desta comunidade, há de a pessoa por ele

assim visada, assenhorear-se da metade dos bens desse estrangeiro, indo a outra parte para os cofres públicos. A vida do ofensor à mercê fica do doge, apenas, contra os votos todos. Digo, pois, que te encontras nesse caso, pois que se torna manifesto e claro que, usando de processos indiretos, e diretos também, contra a existência do acusado intentaste — Assim, incorres na pena cominada. Agora, ajoelha-te e ao doge implora que te dê o perdão.

GRACIANO — Implora-lhe o consentimento para poderes te enforcar. Aliás, se todos os teus bens já passaram para o Estado, não dispões nem do preço de uma corda. Assim, o Estado é que terá esse ônus.

DOGE — Para que vejas como nosso espírito é diferente, a vida te concedo antes de ma pedires. A metade de quanto tens pertence agora a Antônio. A outra parte, a do Estado, reduzida pela humildade pode ser a multa.

PÓRCIA — Não para Antônio; multa para o Estado.

SHYLOCK — Não, a vida também; não perdoeis nada. Tirais-me a casa, se a privais do esteio no qual ela se firma; da existência já me privastes, quando me deixastes sem os recursos com que me sustento.

PÓRCIA — Antônio, que podeis fazer por ele?

GRACIANO — Dar-lhe uma corda grátis, tão-somente.

ANTÔNIO — Se meu senhor, o doge, e toda a corte quiser perdoar a multa da metade de seus bens, satisfeito me declaro se a outra metade ele deixar comigo, que após a sua morte, ao cavalheiro restituirei que lhe raptou a filha. Mais duas condições imponho, ainda: que, por esse favor, agora mesmo cristão ele se torne, e que em presença desta corte ele firme um documento em que declare que, por morte, deixa todos os seus haveres para a filha e seu filho Lourenço.

DOGE — Há de fazê-lo; se não, retiro-lhe o perdão de há pouco.

PÓRCIA — Judeu, estás contente? Que respondes?

SHYLOCK — Estou contente.

PÓRCIA — Então redigi logo a ata, escrivão, de doação dos bens.

SHYLOCK — Peço-vos permissão de retirar-me; não me sinto disposto. A casa enviai-me a ata, para assiná-la.

DOGE — Bem; retira-te; não deixes de fazê-lo.

GRACIANO — Ao batizado, dois padrinhos vais ter. Se o juiz eu fosse, mais dez terias tido, para enviar-te, não para a fonte, mas para o patíbulo.

(*Sai Shylock.*)

DOGE — Convido-vos, senhor, instantemente, para cear comigo.

PÓRCIA — Mil desculpas peço a Vossa Grandeza; mas preciso partir ainda esta noite para Pádua, razão por que preciso sair logo.

DOGE — Lastimo não dispordes de mais tempo. Antônio, recompensa o gentil-homem

como puderes; pois, segundo penso, deves estar-lhe muito agradecido.

(*Saem o doge, os senadores e o séqüito.*)

BASSÂNIO — Mui digno cavalheiro, eu e este amigo, graças ao vosso alto saber, ficamos hoje aliviados de uma pena grave. Como honorários, os três mil ducados que ao judeu nós devíamos, vos damos para recompensar vosso trabalho.

ANTÔNIO — E vos ficamos devedores sempre de amizade e serviços.

PÓRCIA — Mui bem pago já está quem satisfeito se declara. Por vos ter libertado, considero-me satisfeito e, com isso, fartamente pago de tudo. Espírito não tenho mercenário. Suplico-vos, apenas reconhecer-me, quando nos revirmos. Passai bem; e, com isso, me despeço.

BASSÂNIO — Caro senhor, forçoso. é que eu insista. Aceitai de nós dois uma lembrança, como tributo, não como salário. Duas coisas fazei-me, por obséquio: concordar com o que peço e desculpar-me.

PÓRCIA — Insistis muito para que eu recuse. (*A Antônio.*) Aceito vossas luvas; hei de usá-las como recordação. (*A Bassânio.*) Aceitaria de bom grado esse anel, por amor vosso. Não retireis a mão. Lembrança alguma me servirá, senão apenas essa.

BASSÂNIO — Este anel, bom senhor? Não vale nada. Vergonha fora vir a oferecer-vo-lo.

PÓRCIA — Outra coisa não quero a não ser isso. E agora Sinto que cobiço o anel.

BASSÂNIO — Estimo-o acima do valor intrínseco. Dou-vos o anel mais caro que em Veneza, por pregão, encontrar me for possível. Este, somente, não darei: perdoai-me.

PÓRCIA — Em promessas, senhor, sois generoso, vejo-o bem. De começo, me ensinastes a pedir; mas agora só parece que me ensinais de que maneira eu devo responder aos que pedem.

BASSÂNIO — Mui bondoso cavalheiro, este anel é uma lembrança de minha própria esposa. que, no instante de mo entregar, me fez prestar a jura de que nunca o daria, nem vendera, nem nunca o perderia.

PÓRCIA — Essa desculpa já tem servido para se eximirem muitos homens de dar um bom presente. Se não for uma tola vossa esposa, quando vier a saber até que ponto fiz jus a essa lembrança, certamente não há de vos dicar ódio implacável, só por mo terdes dado. Passai bem.

(*Saem Pórcia e Nerissa.*)

ANTÔNIO — Senhor Bassânio, dai-lhe o anel, vos peço. Que o meu afeto e seu merecimento vençam nisto a opinião de vossa esposa.

BASSÂNIO — Corre, Graciano; vê se ainda o alcanças. Dá-lhe o anel, e se for possível, leva-o para a casa de Antônio. Vai depressa! (*Sai Graciano.*) Vós e eu, agora, para lá iremos. Ambos voaremos amanhã bem cedo para Belmonte. Vamos logo, Antônio!

(*Saem.*)

Cena 2

Uma rua. Entram Pórcia e Nerissa.

PÓRCIA — Vê onde o judeu mora e entrega-lhe a ata, para tomar a assinatura dele. Partiremos à noite; desse modo poderemos chegar a casa um dia antes dos dois maridos. Muito alegre Lourenço vai ficar à vista da ata.

(*Entra Graciano.*)

GRACIANO — Caro senhor, bom foi que vos achasse. Senhor Bassânio, após melhor exame, vos envia este anel e vos convida para jantar com ele.

PÓRCIA — Isso é impossível; mas pelo anel lhe fico agradecido; dizei-lhe isso, vos peço. E agora, o obséquio me fazei de indicar a este mancebo a casa de Shylock.

GRACIANO — De bom grado.

NERISSA — Uma palavra, meu senhor, convosco. (*À parte, a Pórcia.*) Quero ver se também obter consigo do meu marido o anel que ele jurara trazer sempre no dedo.

PÓRCIA — Isso é certeza. Vamos ouvir as juras costumeiras, de que a homens os cederam. Mas nós duas os contraditaremos, anulando seus protestos solenes. Vamos logo! Já sabes onde deves encontrar-me.

NERISSA — Caro senhor, quereis mostrar-me a casa?

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Belmonte. Uma avenida que vai dar à casa de Pórcia. Entram Lourenço e Jessica.

LOURENÇO — A lua brilha. Numa noite assim, quando a brisa beijava de mansinho as árvores, sem que estas sussurrassem; numa noite como esta, só parece, Tróilo as muralhas escalou de Tróia e mandou a alma para as tendas gregas, onde Cressida estava.

JESSICA — Numa noite como esta Tisbe ansiosa mui de leve pelo orvalho passava, tendo a sombra visto do leão antes de ver a fera, e assustada fugiu.

LOURENÇO — Foi numa noite tal como esta que Dido, com um ramo de salgueiro na mão, na praia infensa se postou, acenando para o amante que voltasse a Cartago.

JESSICA — Numa noite tal como esta, Medéia as ervas mágicas apanhou, porque o velho Tesão fizesse voltar à mocidade.

LOURENÇO — Numa noite tal como esta, Jessica deixa a casa do opulento judeu, em companhia do namorado pródigo, correndo de Veneza a Belmonte.

JESSICA — Numa noite tal como esta, Lourenço lhe jurou que a amava loucamente, a alma roubando-lhe com juramentos mil, sendo certeza que todos eram falsos.

LOURENÇO — Numa noite tal como esta, a gentil e ralhadora Jessica caluniou seu namorado, que lhe perdoou de todo.

JESSICA — Desejara reter-vos toda a noite, se ficássemos aqui sozinhos; porém ouço passos.

(*Entra Estéfano.*)

LOURENÇO — Quem nos chega na noite silenciosa?

ESTÉFANO — Um amigo.

LOURENÇO — Um amigo? Que amigo? Vosso nome, meu amigo, pois não?

ESTÉFANO — Meu nome é Estéfano. Tenho a dizer-vos que minha senhora em Belmonte estará antes do dia. Ela anda a percorrer as cruzes santas, nas quais se ajoelha e reza, porque possa ter horas de casada em tudo boas.

LOURENÇO — Quem vem com ela?

ESTÉFANO — Um eremita santo, tão-somente, e a empregada dela. E agora me dizei, por obséquio: já se encontra de tornada meu amo?

LOURENÇO — Não, nem temos notícia alguma dele. Mas, Jessica, entremos logo e vamos preparar-nos para dar a nossa ama as boas-vindas com toda a cerimônia.

(*Entra Lanceloto*)

LANCELOTO — Olá, olá! Quem vive? Olá, olá!

LOURENÇO — Quem é que está chamando?

LANCELOTO — Olá! Não vistes mestre Lourenço? Olá, mestre Lourenço!

LOURENÇO — Basta de gritos, homem. Aqui estou.

LANCELOTO — Onde? Onde? Olá!

LOURENÇO — Aqui.

LANCELOTO — Dizei-lhe que chegou da parte de meu amo um postilhão com o corno cheio de boas notícias. Meu amo estará aqui antes do nascer do dia.

LOURENÇO — Meu coração, entremos, para a vinda dos patrões esperar. Mas, para quê? Amigo Estéfano, anunciai aí dentro, por favor, que vossa ama vai chegar, e trazei para cá todos os músicos. (*Sai Estéfano.*) Como dorme tranqüilo o luar no banco! Sentemo-nos aqui e consintamos que nos ouvidos nos penetre a música. O tranqüilo silêncio e a noite servem para realçar uma harmonia amena. Senta-te aqui, Jessica, e observa como se acha o soalho do céu todo incrustado de pedacinhos de ouro cintilante. Não há estrela, por menor que seja, de quantas aí contemplas, que em seu curso não cante como um anjo, em consonância com os querubins dotados de olhos moços. Na alma imortal essa harmonia existe. Mas enquanto estas vestes transitórias de argila a envolvem muito intimamente, não podemos ouvi-la. (*Entram músicos.*) Vinde, olá! e com um hino despertai Diana. Com tons suaves abalai o ouvido de vossa ama e fazei que a casa volte ao som de vossa música.

(*Música.*)

JESSICA — Nunca me deixa alegre a suave música.

LOURENÇO — É que tendes espíritos atentos. Vede como procede uma manada selvagem e impetuosa, ou alegre bando de potros não domados: loucos saltos dão sem parar, mugindo e relinchando como os leva a fazer o quente sangue. Mas se o som de um clarim, acaso, escutam, ou se lhes fere as ouças qualquer música, notareis como estacam de repente, expressão de doçura a refletir-se-lhes no olhar selvagem, pela doce força, tão-somente, da música. Por isso disse o poeta que Orfeu tinha o poder de atrair com seu canto as próprias pedras, as árvores e as ondas, visto como não há nada insensível, cruel e duro a que não possa a música, com o tempo, mudar a natureza. O homem que música em si mesmo não traz, nem se comove ante a harmonia de agradável toada, é inclinado a traições, tão-só, e a roubos, e a todo estratagema, de sentidos obtusos como a noite e sentimentos tão escuros quanto o Érebo. De um homem assim desconfiai sempre. Ouvi a música.

(*Entram Pórcia e Nerissa e se conservam a distância.*)

PÓRCIA — É em casa aquela luz. Como a pequena candeia chega longe com seus raios!

Desse modo, no mundo corrompido brilha uma boa ação.

NERISSA — Se a lua brilha, não vemos a candeia.

PÓRCIA — A maior glória obscurece a menor; um substituto brilha tal como o rei, enquanto perto não vem o rei ficar: então se escoa todo o seu brilho como o regatinho na imensidade da água. Escuta! Música!

NERISSA — Senhora, é vossa a música, da casa.

PÓRCIA — A bondade das coisas, vejo-o agora, depende do momento. Estes acordes soam melhor de noite que de dia.

NERISSA — O silêncio, senhora, lhes empresta semelhante virtude.

PÓRCIA — Os corvos cantam como a cotovia, quando ninguém os ouve, estando eu certa de que se ao rouxinol fosse possível cantar de dia, quando os gansos grasnam, não passaria por mais hábil músico do que a própria carriça. Quantas coisas o tempo faz chegar à estação própria; à perfeição e ao merecido encômio! Silêncio! A lua está dormindo ao lado de Endimião; não devemos despertá-la.

(*Cessa a música.*)

LOURENÇO — Se não me engano muito, é a voz de Pórcia.

PÓRCIA — Conhece-me tal como o cego ao cuco, somente pela voz.

LOURENÇO — Sois mui bem-vinda, cara senhora.

PÓRCIA — O tempo nós gastamos com rezas, para que nossos maridos pudessem ser felizes, esperando que lhes houvessem sido proveitosas as nossas orações. Já regressaram?

LOURENÇO — Não, ainda; porém um mensageiro acabou de trazer-nos a notícia de que eles vêm chegando.

PÓRCIA — Entra, Nerissa; avisa os criados que não dêem nenhuma demonstração de que estivemos fora; nem vós, Lourenço: e vós também, Jessica.

(*Sons de trombeta.*)

LOURENÇO — Vosso esposo chegou; ouço trombetas. Nada temais, senhora, que não somos contadores de histórias.

PÓRCIA — Afigura-se-me a noite como um dia um tanto enfermo; só um pouco mais pálido. É um dia tal como o dia, quando o sol se esconde.

(*Entram Bassânio, Antônio, Graciano e séqüito.*)

BASSÂNIO — Teremos dia junto com os antípodas, se na ausência do sol aparecerdes.

PÓRCIA — Luz quero ser leviana, mas esposa leviana não serei, que uma consorte leve deixa o marido mui pesado, o que, por mim, nunca será Bassânio. Mas, meu senhor, sois mui bem-vindo a casa.

BASSÂNIO — Obrigada, senhora. Ao meu amigo dai acolhida afável. É este o homem, é

Antônio, a quem me sinto muito preso por favores inúmeros.

PÓRCIA — Realmente, deveis estar preso a ele muito e muito, pois, segundo me consta, ele já esteve muito preso por vós.

ANTÔNIO — Mas não de jeito que impossível me fosse libertar-me.

PÓRCIA — Senhor, sois mui bem-vindo à nossa casa. E como isso vos há de ser provado não por palavras simplesmente, corto desde já meu discurso laudatório.

GRACIANO (*a Nerissa*) — Juro-vos pela lua que ali vemos, sois injusta comigo. É certo: dei-o ao escrivão do juiz. Mas desejara que castrado ele fosse sem demora, já que comigo vos zangais agora.

PÓRCIA — Estão brigando? Já! Qual é o motivo?

GRACIANO — Uma orla de ouro, anel muito modesto, que ela me havia dado, e de poesia para o mundo tal como essas sentenças de cuteleiro, escritas numa faca: "Ama-me e não me deixes."

NERISSA — Por que causa de poesia falar ou de seu preço? Mas jura me fizestes, no momento em que vo-lo entreguei, de que o haveríeis de usar enquanto vida vos restasse, e que convosco ao túmulo ele iria. Não por mim, mas por vossos juramentos deveríeis guardá-lo com respeito. Ora, dá-lo ao escrivão! Deus é quem sabe que esse escrivão jamais há de ter barba.

GRACIANO — Sim, caso viva e chegue a ficar homem.

NERISSA — Se uma, mulher chegar a ficar homem.

GRACIANO — Juro por esta mão, dei-o a um mancebo, um meninote, um tipo enfezadinho, de tua altura, quase, que servia de escrivão para o juiz. Era falante, pediu-me o anel à guisa de salário, sem que eu pudesse recusar-me a dar-lho.

PÓRCIA — Não procedestes bem — devo ser franca — assim vos separando do primeiro mimo de vossa esposa, de uma jóia que no dedo vos fora colocada com jura fervorosa e, pois, tornada carne de vossa carne, como emblema de constância e lealdade. Igual lembrança dei eu a meu amor — aqui presente — e o fiz jurar que nunca o deixaria. Atrevo-me a jurar no lugar dele que jamais deixaria que do dedo lho tirassem, por todo o ouro do mundo. Sim, Graciano, com isso a vossa esposa tamanha causa de tristeza destes que, em seu lugar, eu ficaria louca.

BASSÂNIO (*à parte*) — Fora melhor cortar a mão esquerda e jurar que perdi o anel na luta.

GRACIANO — Pois o Senhor Bassânio fez presente do seu anel ao juiz, que lho pedira e, certo, o merecera. Foi nessa hora que o ajudante do juiz, o tal menino que tanto se esforçara na escritura, quis que eu lhe desse o meu, não aceitando nem o amo nem o moço outra lembrança, senão os dois anéis.

PÓRCIA — Que anel lhe destes, meu senhor? Não o mesmo, certamente, que de mim recebestes?

BASSÂNIO — Se eu pudesse acrescentar à falta uma mentira, vo-lo negara agora. Mas bem vedes: não tenho o anel no dedo; já se foi.

PÓRCIA — Vazio, assim, de fé é o vosso falso coração. Pois eu juro que não hei de subir ao vosso leito sem que veja de novo o meu anel.

NERISSA — Nem eu ao vosso, enquanto o meu não vir.

BASSÂNIO — Querida Pórcia, se soubésseis a quem eu dei o anel, se soubésseis por quem eu dei o anel, e o motivo por que eu dei o anel, e como a contragosto eu dei o anel, quando nada servia, afora o anel como lembrança nossa, abateríeis o vosso dissabor, tenho certeza.

PÓRCIA — Se a virtude soubésseis desse anel, ou prezásseis a dona desse anel, ou a vós próprio, qual dono desse anel, presente não faríeis desse anel. Que homem teria havido, de tal modo falho de senso, que, se um pouco, ao menos, de ardor mostrásseis na defesa dele, persistisse, impudente, na cobiça de algo estimado como uma relíquia? Nerissa é que está certa: aposto a vida em como o anel foi dado a alguma dama.

BASSÂNIO — Por minha honra, senhora, por minha alma, não a mulher, mas a um doutor jurista que de mim recusou três mil ducados e me pediu o anel, que eu, sem reservas, lhe deneguei, deixando que partisse desgostoso por isso, ele que a vida naquela hora a este amigo restituíra. Que vos direi, querida? Foi forçado que empós dele mandei um mensageiro, para entregar-lhe o anel; confuso estava de gentileza e pejo, não querendo que a ingratidão pudesse a honra manchar-me. Perdão, querida, pois por estes lumes abençoados da noite, se tivésseis estado lá, certeza tenho plena de que o anel me teríeis reclamado, para ao digno doutor dar de presente.

PÓRCIA — Que esse doutor jamais em casa me entre, pois sendo o possuidor da jóia rara que eu apreciava tanto e que me havíeis jurado conservar, dar-se-ia o caso de eu me mostrar em relação a ele liberal como vós, sem que pudesse negar-lhe quanto é meu: o próprio corpo, meu leito de casada. Ainda hei de achá-lo, tenho certeza. Não durmais, portanto, uma noite, sequer, fora de casa; vigiai-me qual outro Argo, pois no caso de o não fazerdes, se eu me vir sozinha, por minha honra, que ainda me pertence, hei de fazer desse doutor tão digno companheiro de leito.

NERISSA — E eu do escrivão. Tende cuidado, pois, de não deixar-me sob meu próprio amparo.

GRACIANO — A vosso gosto. Mas o escrivão precisa usar maromba; se não lhe deixarei a pena romba.

ANTÔNIO — Sou a causa infeliz dessas querelas.

PÓRCIA — Não vos aborreçais, senhor, com isso, pois sois bem-vindo de qualquer maneira.

BASSÂNIO — Pórcia, perdoa a involuntária ofensa; ante os ouvidos destes meus amigos juro-te pelos teus tão lindos olhos, nos quais eu me revejo...

PÓRCIA — Tomai nota! Nos meus olhos dobrado ele se enxerga: uma vez em cada olho.

O juramento merece muito crédito, firmado, como está, no seu duplo.

BASSÂNIO — Não; escuta-me: desta vez me perdoa e, por minha alma, juro jamais quebrar um juramento.

ANTÔNIO — já empenhei uma vez o próprio corpo pela fortuna dele; e a não ter sido essa pessoa que ficou de posse do anel de vosso esposo, neste instante perdido ele estaria. Ora a própria alma me decido a empenhar, pela certeza de que, conscientemente, vosso esposo não quebrará jamais qualquer promessa.

PÓRCIA — Sereis, pois, seu fiador. Entregai-lhe isto, e pedi-lhe que seja mais zeloso.

ANTÔNIO — Senhor Bassânio, agora ireis jurar-me que este outro anel será mais bem guardado.

BASSÂNIO — Pelo céu! É o que eu dei ao tal doutor!

PÓRCIA — Dele o ganhei. Perdoa-me, Bassânio; mas, para isso, o doutor deitou comigo.

NERISSA — Perdoa-me, também, gentil Graciano; mas o escrivão do juiz, o enfezadinho, por igual preço, na passada noite, deitou também comigo.

GRACIANO — Que acontece? Isso eqüivale a consertar estradas em pleno estio, quando transitáveis todas elas estão. Como! Tornamo-nos desonrados, sem isso merecermos?

PÓRCIA — Não sejais tão grosseiro. Estais perplexos. Vede esta carta e lede-a mais de espaço; veio de Pádua, escrita por Belário. Vereis por ela que o doutor jurista foi Pórcia, e o escrivão dele, nada menos do que Nerissa. Poderá Lourenço certificar-vos de que nos partimos logo depois de vós e que acabamos de chegar. Não entrei ainda em casa. Antônio, sois bem-vindo. Tenho algumas notícias para dar-vos, que ultrapassam qualquer expectativa. Abri esta carta; nela vereis que três galeões dos vossos subitamente vieram ter ao porto, com carga mui valiosa. Não vos digo de que modo esta carta às mãos me veio.

ANTÔNIO — Estou sem fala.

BASSÂNIO — O doutor éreis vós, e eu não vos conheci?

GRACIANO — Como! Éreis vós o escrivão que queria desonrar-me?

NERISSA — Mas o escrivão que nunca fará isso, salvo se ele chegar a ficar homem.

BASSÂNIO — Belo doutor, dividireis comigo meu leito de casado; estando eu longe, com minha esposa podereis deitar-vos.

ANTÔNIO — Destes-me vida, cara dama, e os meios com que viver, pois leio nesta carta a nova certa de que meus navios a bom porto chegaram.

PÓRCIA — Então, Lourenço? Meu escrivão vos trouxe boas novas.

NERISSA — Que ele há de ouvir sem que me pague espórtula Para vós e Jessica é esta escritura de doação do judeu opulentissimo, que vos lega, por morte, seus haveres.

LOURENÇO — Cara dama, fazeis chover maná nos passos dos famintos.

PÓRCIA — Já vem próxima a manhã, mas certeza tenho plena de que não vos achais inteiramente satisfeitos com quanto há sucedido. Por isso entremos, para que perguntas nos dirijais sem pausa e nós possamos responder-vos a tudo com verdade.

GRACIANO — Façamos isso; e seja esta a primeira pergunta que há de responder a minha Nerissa, após prestar o compromisso: Se ficamos despertos desse jeito mais um dia, ou se vamos para o leito, a fim de aproveitarmos este prazo da noite que já se acha em tanto atraso. Por mim, se fosse dia, eu desejara que nos chegasse logo a noite avara, porque dormir pudesse um bocadinho com o escrivão do doutor, o enfezadinho. Nada hei de, ora, guardar com mais cuidado do que o anel de Nerissa tão prezado.

(*Saem.*)

Os Dois Cavalheiros de Verona

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 3

Cena 1

Cena 2

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Personagens

O DUQUE DE MILÃO, pai de Sílvia.
VALENTINO, cavalheiro.
PROTEU, cavalheiro.
ANTÔNIO, pai de Proteu.
TÚRIO, rival grotesco de Valentino.
EGLAMOR, companheiro de Sílvia, em sua fuga.
SPEED, bufão, criado de Valentino.
LAUNCE, idem de Proteu.
PANTINO, servidor de Antônio.
HOTELEIRO, em cuja casa Júlia se hospeda em Milão.
PROSCRITOS.
JÚLIA, amada de Proteu.
SÍLVIA, amada de Valentino.
LUCETA, criada de Júlia.
Criados, músicos.

Ato 1

Cena 1

Verona. Uma praça. Entram Valentino e Proteu.

VALENTINO — Não prossigas querendo persuadir-me, Proteu apaixonado. A mocidade que em casa passa o tempo, sempre espírito caseiro manifesta. Se não fosse as cadeias do amor acorrentarem teus dias juvenis aos olhos ternos da amada que distingues, eu instara porque comigo fosses, para vermos juntos as maravilhas do universo, em vez de, sem nenhum proveito, em casa te deixares ficar, gastando a flórida juventude num ócio indiferente. Mas já que amas, almejo-te a doçura que me proporcionara igual ventura.

PROTEU — Já vais, querido Valentino? Adeus! Pensa no teu Proteu, sempre que vires algo digno de nota em tuas viagens. Faze de mim teu companheiro em tudo quanto achares de bom; e nos perigos — se em perigos te vires, porventura — o agravo a minhas preces recomenda. Ser-te-ei intercessor, meu Valentino.

VALENTINO — Sobre um livro de amor farás as preces?

PROTEU — Sim, sobre um livro a que dedique amor.

VALENTINO — De um grande amor alguma história tola: como Leandro o Helesponto atravessou.

PROTEU — Profunda história de um profundo amor, que lhe chegava acima dos sapatos.

VALENTINO — É muito certo, porque o amor vos bate muito acima das botas; no entretanto, jamais atravessastes o Helesponto.

PROTEU — Muito acima das botas? Há exagero; não rias do meu caso.

VALENTINO — Não, que pouco virias a lucrar.

PROTEU — De que maneira?

VALENTINO — Porque amar comprar escárnio à custa de gemidos, trocar olhares tímidos por suspiros profundos, um momento de alegria por vinte longas noites, tediosas, cansativas, de vigílias. Quando ganhais, o ganho problemático; se perdeis, adquiris tão-só trabalhos. Em resumo: comprar tolice, apenas, com a razão; ou melhor, se o preferirdes: ser vencida a razão pela tolice.

PROTEU — Assim, por vossa dedução, chamais-me de rematado louco.

VALENTINO — Tenho muito receio, assim, por vossa dedução, que é o que venhais a ser.

PROTEU — Lançais censuras ao amor; eu, porém, não sou o amor.

VALENTINO — O amor é vosso mestre e vos domina. A meu ver, quem se deixa de tal modo dominar por um louco, não merece ser incluído entre as pessoas sábias.

PROTEU — Lê-se, no entanto, que os botões fragrantes dão abrigo, por vezes, a lagartas; o amor devorador, de igual maneira, demora nos espíritos sublimes.

VALENTINO — Lê-se, também, que assim como os precoces botões pelas lagartas são roídos antes de florescerem, os mais tenros entendimentos ficam transformados pelo amor em loucura rematada; fanados em botão, a perder vêm todo o frescor em plena primavera e as esperanças de um futuro opimo. Mas, por que perder tempo em dar conselhos a um partidário da paixão estulta? Adeus, mais uma vez; antecedeu-me meu pai para levar-me para bordo.

PROTEU — Quero, também, fazer-te companhia, meu Valentino.

VALENTINO — Não, caro Proteu, convém nos despedirmos aqui mesmo. Para Milão me escrevas, relatando-me teus êxitos no amor e as novidades que houver na ausência de teu caro amigo. Visitar-te-ei também com minhas cartas.

PROTEU — Em Milão te sorriam mil venturas.

VALENTINO — Como a vós cá na pátria. E assim, adeus. (*Sai.*)

PROTEU — Atrás da honra ele vai; eu, só do amor. Deixa os amigos, para lhes dar ansa de se orgulharem dele; eu a mim próprio deixo amigos e o mais, só pelo amor. A causa, Júlia, és tudo dessa mudança; abandonar fizeste-me os estudos, perder tempo, guerrear os bons conselhos, ver com desdém o mundo, o coração débil deixar de meditar em vão.

(*Entra Speed.*)

SPEED — Meu bom senhor Proteu, Deus vos ampare. Não vistes o meu amo?

PROTEU — Neste instante foi ele para o bote de Milão.

SPEED — Aposto vinte contra um em como já se acha ele no bote. Assim, perdendo-o, fiz o papel de bode ou de carneiro.

PROTEU — Sim, perde-se um carneiro facilmente, mal do rebanho o bom pastor se ausente.

SPEED — Pelo jeito, quereis dizer que meu mestre é pastor e eu sou carneiro?

PROTEU — De fato.

SPEED — Nesse caso, são dele os meus chifres, quer eu esteja acordado, quer a dormir.

PROTEU — Resposta boba, muito própria de carneiro.

SPEED — Que vem provar que eu sou, realmente, um carneiro.

PROTEU — Isso mesmo; e teu mestre, pastor.

SPEED — Posso demonstrar-vos o contrário.

PROTEU — Não será fácil fazê-lo porque disponho de um argumento decisivo.

SPEED — O pastor é que procura o carneiro; não é o carneiro que procura o pastor. Ora, eu é que procuro meu amo, não é meu amo que me procura. Logo, não sou carneiro.

PROTEU — O carneiro segue o pastor por causa da forragem; O pastor não segue o carneiro por causa de alimento. Segues a teu amo por causa do ordenado, não seguindo ele a ti pelo mesmo motivo: logo, és carneiro.

SPEED — Mais um argumento dessa força, e ver-me-ei obrigado a gritar: bé-é!

PROTEU — Mas dize-me uma coisa: entregaste minha carta a Júlia?

SPEED — Perfeitamente, senhor; eu, um carneiro perdido, entreguei vossa carta a uma ovelha enfeitada; e ela, a ovelha enfeitada, nada deu ao carneirinho perdido, pelo trabalho de levar-lha.

PROTEU — Não há lugar neste pasto para tantos carneiros.

SPEED — Se o terreno está sobrecarregado, fareis melhor em prendê-la.

PROTEU — Estais vos desviando do caminho direito, senhor; eu faria melhor em vos meter no redil.

SPEED — Com uma boa rede é que jamais eu me resolveria a levar vossa carta.

PROTEU — Compreendestes mal: não falei em rede, mas em redil.

SPEED — Rede ou redil, me deixara em estado de não fazer nada. Como entregar a missiva de vossa gentil namorada?

PROTEU — Mas, que disse ela, afinal? (*Speed sacode a cabeça.*) Não disse nada?

SPEED — Houve engano da vossa parte, senhor; perguntastes-me se ela havia respondido nada, e eu fiz sinal afirmativo, sem queres confirmar vossa pergunta. Mas já que destes semelhante interpretação à minha resposta, ficai com ela pelo vosso trabalho.

PROTEU — Não; ficai vós com ela, pelo carreto da carta.

SPEED — Vejo, agora, que vossa incumbência não me foi pesada.

PROTEU — Que quereis dizer com isso, senhor?

SPEED — É muito simples, senhor: é que, havendo entregue a carta, conforme me ordenastes, voltei sem nada ter recebido pelo meu trabalho.

PROTEU — Realmente, tens o espírito muito rápido.

SPEED — Apesar do que não pode alcançar vossa bolsa lerda.

PROTEU — Vamos, vamos; abri-vos logo em explicações: que disse ela?

SPEED — Abri primeiro a bolsa, para que o dinheiro e as notícias sejam dados a um só tempo.

PROTEU — Muito bem, senhor, aqui tendes pelo vosso trabalho. (*Dá lhe dinheiro.*) Que disse ela?

SPEED — Para ser franco, senhor, penso que mui dificilmente podereis conquistá-la.

PROTEU — Como pudeste obter tantas informações?

SPEED — Não é bem assim, senhor: não obtive dela coisa alguma, nem sequer um ducado por lhe haver entregue a carta que lhe mandastes. Por ter sido ela dura para com o portador de vossos sentimentos é que eu receio que se mostre igualmente dura convosco, por lhos terdes revelado. Como presentes, só deveis dar-lhe pedras, por ser ela tão dura quanto o aço.

PROTEU — Como! Não disse nada?

SPEED — Não; nem mesmo: "Toma isto pelo teu trabalho". Mas quanto a vós, pretendo proclamar a vossa generosidade, por me haverdes dado meio xelim. Mas, como retribuição, daqui por diante sede vós mesmo o portador de vossas cartas. E com isto, senhor, hei de vos recomendar ao meu amo.

PROTEU — Vai pôr a salvo o barco de teu amo, que naufragar não há de, enquanto a bordo te encontrares, fadado, como te achas, a morrer morte seca numa praia. (*Sai Speed.*) Vou procurar um portador mais digno. Temo que a minha Júlia não tivesse dado importância à carta, por ter sido esta levada por tão vil correio. (*Sai.*)

Cena 2

O mesmo. O jardim da casa de Júlia. Entram Júlia e Luceta.

JÚLIA — Luceta, estamos sós; fala-me franco: és de opinião que eu devo apaixonar-me?

LUCETA — Sim, no caso de serdes cautelosa.

JÚLIA — Da turba de fidalgos que não cessam de me fazer a corte, qual presumes que mais se possa impor ao meu afeto?

LUCETA — Repeti, por obséquio, o nome deles, que, de acordo com minha mediania, vos direi meu pensar, sem subterfúgios.

JÚLIA — O formoso Eglamor que te parece?

LUCETA — De bom nome, formoso e mui bem posto; mas, sendo eu vós, não fora do meu gosto.

JÚLIA — E do rico Mercátio, que me dizes?

LUCETA — De seu dinheiro, bem; dele, não tanto.

JÚLIA — E do gentil Proteu, que pensas dele?

LUCETA — Senhor! Senhor! Que loucas somos todas!

JÚLIA — Por que motivo exclamas a esse nome?

LUCETA — Perdão, cara senhora, mas sentira-me envergonhada, sendo tão indigna, se a emitir opinião eu me atrevesse acerca de um fidalgo desse porte.

JÚLIA — Por que só de Proteu não dizes nada?

LUCETA — Pois bem: ele é o melhor entre os melhores.

JÚLIA — Vossas razões?

LUCETA — São razões femininas, tão-somente: penso que ele é o melhor, porque assim penso.

JÚLIA — Assim, és de opinião que eu jogar deva sobre ele o peso do meu grande amor?

LUCETA — Se não vos agradar jogá-lo fora.

JÚLIA — No entanto, ele é o que menos me corteja.

LUCETA — Mas de todos os vossos pretendentes, é o que mais vos exalça.

JÚLIA — Seu mutismo não vai bem com amor muito acendrado.

LUCETA — O fogo oculto lavra com mais força.

JÚLIA — Não pode amar quem não revela amor.

LUCETA — Menos ama quem fala só de amor.

JÚLIA — Quisera conhecer-lhe os sentimentos.

LUCETA — Então lede esta carta.

JÚLIA — "A Júlia." Dize: quem a escreveu?

LUCETA — Vê-lo-eis pelo contexto.

JÚLIA — Quero saber! quem ta entregou?

LUCETA — O pajem de Valentino, mas, segundo penso, da parte de Proteu. A vós devera ter sido entregue. Vi-o de corrida. Perdoai-me por ter sido intrometida.

JÚLIA — Pela minha modéstia, incomparável alcoviteira! Imaginais que eu leio cartas apaixonadas? Que eu podia conspirar contra a minha mocidade? Ciladas preparar-lhe? Podeis crer-me: o ofício é primoroso, em tudo digno da pessoa incumbida de exercê-lo. Retomai essa carta e devolvei-a; se não, não quero novamente ver-vos.

LUCETA — O pagamento das intercessoras não devera ser ódio.

JÚLIA — Não te vais?

LUCETA — Sim, porque refletir melhor possais. (*Sai.*)

JÚLIA — Eu deveria ter a carta, Pejo-me agora de chamar a portadora, até porque a induziria à falta pela qual a exprobrei. Ah! Como é tola! Sabendo-me mulher, não me ter feito ler à força a missiva! Sim, que as damas dizem "não" por modéstia, na esperança de que o interlocutor em "sim" o mude. Oh! Quão impertinente é esse amor louco, que, no jeito de criança rabugenta, a ama tenta arranhar, para, humildosa, depois, beijar a vara do castigo. Como fui incivil para Luceta, mandando-a embora, quando muito grato me fora tê-la agora ao lado! Que ira revelei ao fechar o sobrecenho, quando alegria interna me obrigava a rir o coração! Por penitência, Luceta vou chamar, para pedir-lhe que me perdoe a falta involuntária. Luceta! Olá!

(*Volta Luceta.*)

LUCETA — Que manda Vossa Graça?

JÚLIA — Já é hora de jantar?

LUCETA — Antes já fosse, porque aplacar a cólera pudésseis com a comida, e poupásseis vossa criada.

JÚLIA — Que apanhaste do chão com tanto empenho?

LUCETA — Nada.

JÚLIA — Então por que foi que te abaixaste?

LUCETA — Por causa de um papel que me escapara.

JÚLIA — E esse papel é nada?

LUCETA — Sim, é nada que me diga respeito.

JÚLIA — Então, que fale à pessoa a quem ela diz respeito.

LUCETA — Há de falar, decerto, a essa pessoa, desde que seja interpretada à justa.

JÚLIA — Alguém vos escreveu, decerto, em vemos.

LUCETA — Para pô-los em música, senhora. Dizei-me o tom, pois conheceis a toada.

JÚLIA — Com a música os cantai de "O amor ligeiro".

LUCETA — Pesam demais para tão leve toada.

JÚLIA — É que o acompanhamento é muito grande.

LUCETA — Teriam melodia, se os cantásseis.

JÚLIA — Por que não vós?

LUCETA — A música é muito alta para mim.

JÚLIA — Quero ouvir vossa cantiga. (*Toma-lhe a carta.*) Então, pequena?

LUCETA — Não saiais da toada, que chegareis ao fim, ainda que a ária não me seja do agrado.

JÚLIA — Por que causa?

LUCETA — Acho-a muito incisiva.

JÚLIA — És petulante.

LUCETA — Foi muito baixa a nota; perturbastes a harmonia com essa volta brusca. Falta no canto a voz intermediária.

JÚLIA — Que tão baixa não seja quanto a vossa.

LUCETA — Proteu ora dispensa toda ajuda.

JÚLIA — Não me importunes mais com tanta prosa! Eis a declaração no que termina. (*Rasga a carta.*) Vai-te; mas deixa esses papéis no chão. Íeis pegá-los só para irritar-me.

LUCETA — Ficou zangada, mas prazer achara se pudesse outra carta aborrecê-la. (*Sai.*)

JÚLIA — Se esta mesma pudesse aborrecer-me! Oh mãos cruéis, para rasgar palavras tão amoráveis! Vespas injuriosas, que em mel tão doce vos fartais e a morte dais com vossos ferrões às abelhinhas. Para me castigar vou beijar todos estes pedaços de papel. Vejamos: "Bondosa Júlia" Não! Maldosa Júlia! Porque tua maldade eu vingar possa, vou atirar-te o nome contra as pedras e calcar com desprezo teu orgulho. Oh! Leio aqui: "Proteu, de amor ferido". Pobre nome ferido! Neste peito poderás abrigar-te até sarares completamente. Assim, vou já pensá-lo com um beijo soberano. Duas vezes, ou três, vejo "Proteu" escrito em baixo. Bom vento, não te agites; não removas palavra alguma, até que eu possa as letras todas da carta achar, com exceção das do meu próprio nome, que merecem por um redemoinho ser levadas,

para que, do alto de um rochedo ingente, a pique e temeroso, às ondas bravas sejam precipitadas. Eis seu nome duas vezes escrito nesta linha: "Do esquecido Proteu, do apaixonado Proteu, para a querida e doce Júlia". Vou tirar esta... Não, convém deixá-la, com tanta gentileza ele a associa a seu dorido nome. Vou dobrá-los, bem juntinho os deixando. Ora, beijai-vos, abraçai-vos, brigai... o que quiserdes.

(*Volta Luceta.*)

LUCETA — Jantar, senhora: vosso pai espera.

JÚLIA — Muito bem; vamos logo.

LUCETA — Deixaremos no chão esses papéis pouco discretos?

JÚLIA — Se lhes tendes respeito, levantai-os.

LUCETA — Fui repreendida por os ter juntado; mas não convém que resfriados fiquem.

JÚLIA — Por eles, vejo-o bem, tens preferência.

LUCETA — Podeis falar de tudo o que enxergardes; de boa vista eu também sou dotada, muito embora julgueis que cega eu seja.

JÚLIA — Não quereis entrar logo? Vamos, vamos.

(*Saem.*)

Cena 3

Um quarto em casa de Antônio. Entram Antônio e Pantino.

ANTÔNIO — Pantino, que conversa tão solene teve no claustro meu irmão contigo?

PANTINO — Falou-me do sobrinho, vosso filho, Proteu.

ANTÔNIO — Que disse ele?

PANTINO — Não compreende por que motivo Vossa Senhoria gastar o deixa a mocidade em casa, enquanto outras pessoas menos nobres os filhos fazem ir para o estrangeiro, para nome alcançarem: uns, na guerra, porque nela a fortuna experimentem; outros em busca de longínquas ilhas; outros para as escolas superiores. Dizia, pois, que vosso filho mostra capacidade para qualquer dessas ocupações, se não para elas todas, tendo instado comigo, que vos viesse falar e, se preciso, importunar-vos para que o não deixeis ficar mais tempo, sem fazer nada, em casa, o que, em futuro, lhe ensejará razões de lastimar-se por não haver viajado quando moço.

ANTÔNIO — Não necessitas insistir comigo, que há um mês venho pensando nesse assunto Sua perda de tempo me preocupa. Não poderá jamais aperfeiçoar-se, se não tiver o mundo como mestre. A experiência se adquire pela prática; consolida-a o veloz curso do tempo. Para onde achais que será bom mandá-lo?

PANTINO — Penso que Vossa Graça não ignora que Valentino, seu amigo íntimo, serve na corte real do imperador.

ANTÔNIO — Sei disso.

PANTINO — Segundo penso, fora proveitoso que para lá o mandasse Vossa Graça. Poderá adquirir naquela corte a prática de esgrima e de torneio; no convívio com a gente da nobreza ouvirá só conversas elevadas, sobre adornar-se do que for mais digno de sua mocidade e nobre origem.

ANTÔNIO — Teu conselho me agrada; bem pensado. Verás quanto o aprecio na presteza de sua execução. Sem mais delongas o enviarei para a corte do monarca.

PANTINO — Se não vos desagrada, amanhã mesmo Dom Afonso e mais outros gentis-homens de alto nome pretendem ir à corte, para saudar o imperador, deixando à disposição dele os seus serviços.

ANTÔNIO — Para Proteu é boa a companhia. Nem a propósito: ei-lo. Vou falar-lhe.

(*Entra Proteu.*)

PROTEU — Doce amor! Doces linhas! Doce vida! Eis sua mão, do coração o agente. De seu amor a jura aqui se encontra, o penhor de sua honra. Oh! se aplaudissem nossos pais esse amor, porque selassem com seu consentimento nossa dita! Oh Júlia celestial!

ANTÔNIO — Então, que carta estás a ler aí?

PROTEU — Se Vossa Senhoria não se agasta, uma ou duas palavras que da parte de Valentino vieram, transmitidas por um amigo que com ele esteve.

ANTÔNIO — Mostra-ma; quero ver as novidades.

PROTEU — Não há, milorde, novidade alguma; tão-somente relata como vive feliz, em grande apreço, e diariamente aumentando na estima do monarca, desejando que com ele eu me encontrasse, para compartilhar de sua sorte.

ANTÔNIO — E que tal vos parece esse desejo?

PROTEU — Minha opinião, senhor, depende em tudo da vontade de Vossa Senhoria; não se amolda aos desejos dos amigos.

ANTÔNIO — Minha vontade, nisso, está de acordo com seu desejo. Não te cause espanto tomar resolução tão subitânea, pois o que eu quero, quero: é quanto basta. Determinei que passes algum tempo junto do imperador, com Valentino. Receberás pensão igual à dele, para tua mantença. Amanhã partes; vai preparar-te, pois. Nada de escusas; em minhas decisões sou peremptório.

PROTEU — Milorde, é-me impossível preparar-me assim depressa; dai-me um dia, ou dois.

ANTÔNIO — Mandaremos depois tua bagagem. Amanhã partirás; não percas tempo. Vamos, Pantino; quero vosso auxílio para apressarmos a viagem dele.

(*Saem Antônio e Pantino.*)

PROTEU — Fugi do fogo, para não queimar-me, mas fui cair no mar, onde me afogo. De medo que meu pai me repreendesse minha paixão, não quis mostrar-lhe a carta que Júlia me mandara; mas do próprio pretexto excogitado ele fez a arma mais poderosa contra o meu amor. Parece abril, com seus incertos dias, o amor primaveril, sempre mudável, que ora o sol patenteia, resplendente, ora em nuvem se esconde, impenetrável.

(*Volta Pantino.*)

PANTINO — Chama-vos vosso pai, senhor Proteu. Não demoreis, porque ele está com pressa.

PROTEU — Sim, tem de ser; concorda o coração, muito embora mil vezes diga “não”.

(Saem.)

Ato 2

Cena 1

Milão. Um quarto no palácio do duque. Entram Valentino e Speed.

SPEED — Vossa luva, senhor.

VALENTINO — Aqui tenho uma... Deixa-me vê-la... É minha sim; perdi-a. Oh doce enfeite que um tesouro encobres! Ah, Sílvia, Sílvia!

SPEED (*chamando*) — Senhorita Sílvia! Senhorita Sílvia!

VALENTINO — Que é isso, maroto?

SPEED — Ela não pode ouvir-vos, meu senhor.

VALENTINO — Mas quem vos incumbiu de chamá-la?

SPEED — Vossa Senhoria, senhor, salvo engano de minha parte.

VALENTINO — Tudo fazes com pressa.

SPEED — No entanto, há pouco tempo fui repreendido por ser vagaroso.

VALENTINO — Bem; deixemos isso e dize-me se conheces a senhorita Sílvia.

SPEED — Por quem Vossa Senhoria está apaixonado?

VALENTINO — Ora essa! Como sabes que estou apaixonado?

SPEED — Ora, pelos seguintes sinais, muito característicos: primeiro, como o senhor Proteu, aprendestes a cruzar os braços, no jeito das pessoas descontentes; a achar gosto em uma canção de amor, como o fazem os pintarroxos; a passear sozinho, como quem está afetado de peste; a suspirar como um colegial que houvesse perdido o A B C; a chorar como uma donzela que acabasse de enterrar a avó; a jejuar como quem está de dieta; a ficar de vigília como quem tem medo de ladrões; a falar em tom plangente, como mendigo em dia de Todos os Santos. Antes, vossa risada era como o cantar dos galos; vossas passadas lembravam o andar dos leões; só jejuáveis depois do jantar, se ficáveis triste era por falta de dinheiro. Presentemente, vos encontrais de tal modo metamorfoseado por vossa namorada, que, ao vos contemplar, custa-me crer que sois, de fato, o meu patrão.

VALENTINO — Vêem-se, realmente, em mim todos esses sinais?

SPEED — São vistos fora de vós.

VALENTINO — Fora de mim? Como é possível?

SPEED — Fora de vós, sim senhor; porque, fora de vós, ninguém procederia dessa

maneira. De tal modo vos encontrais fora dessas tolices, que essas tolices se encontram dentro de vós e brilham através de vós, como água no urinol, não havendo quem vos veja que, tal qual médico, não reconheça que estais doente.

VALENTINO — Mas, dize-me, afinal: conheces a senhorita Sílvia?

SPEED — Aquela de quem não desviais os olhos, quando ela se assenta à mesa?

VALENTINO — Percebeste isso? Pois é a essa, justamente, que me refiro.

SPEED — Não, senhor; não a conheço.

VALENTINO — Como assim? Observaste que eu não desviava dela os olhos, e, no entanto, não a conheces?

SPEED — Não é uma senhorita desgraciosa?

VALENTINO — É tão bela quanto graciosa.

SPEED — Sei disso perfeitamente, senhor.

VALENTINO — Que é que sabes?

SPEED — Que ela é tão bela quanto graciosa vos parece.

VALENTINO — O que pretendo significar é que sua beleza é esquisita e infinita a sua graça.

SPEED — Por uma ser pintada e a outra fora de conta.

VALENTINO — Como pintada? Como fora de conta?

SPEED — Ora senhor, ela se pinta de tal modo, para parecer bela, que ninguém pode calcular sua beleza.

VALENTINO — Que juízo fazes de mim? Sou capaz de calcular sua beleza.

SPEED — Mas não a tornastes a ver, depois que ela ficou deformada.

VALENTINO — E há quanto tempo ela ficou deformada?

SPEED — Desde que a amais.

VALENTINO — Amei-a desde o primeiro momento em que a vi, e até hoje a acho belíssima.

SPEED — Se a amais, não podeis vê-la.

VALENTINO — Por que razão?

SPEED — Porque o amor é cego. Oh! Se tivésseis os meus olhos! Ou se tivésseis nos olhos a luz de quando censuráveis Proteu, por andar sem ligas!

VALENTINO — Que é o que eu veria, então?

SPEED — Vossa presente loucura e sua grande deformidade. Aquele, porque apaixonado, não tinha vista para segurar as meias; vós, por estardes amando, não vêdes se tendes meias ou não.

VALENTINO — Nesse caso, tu também estás apaixonado, porque esta manhã não tiveste vista para limpar-me os sapatos.

SPEED — É certo, senhor, estava apaixonado de meu leito. Agradeço-vos o terdes-me sacudido por causa de meu amor; isso me dará coragem para vos censurar pelo vosso.

VALENTINO — Em suma: estou inflamado por causa dela.

SPEED — Desejaria que esse fogo se apagasse logo.

VALENTINO — Na noite passada ela me pediu que escrevesse alguns versos para alguém que ela ama.

SPEED — E o fizestes?

VALENTINO — Sim.

SPEED — Não saíram de pé quebrado?

VALENTINO — Não, pequeno; escrevi-os da melhor maneira possível. Mas, caluda! Aí vem vindo ela!

(*Entra Sílvia.*)

SPEED (*à parte*) — Que bela representação! Magníficos fantoches! Ele é que vai interpretá-la.

VALENTINO — Senhora e soberana, mil bons-dias.

SPEED (*à parte*) — Oh! Dai-lhe apenas uma boa-tarde, que vale mais do que mil cumprimentos.

SÍLVIA — Senhor Valentino e servidor, dou-vos dois mil.

SPEED — (*à parte*) — Era ele que devia pagar os juros; no entanto é ela quem lhos dá.

VALENTINO — Eis a carta, senhora, que pedistes para pessoa amiga, oculta e anônima. Não a escrevi de grado, mas apenas por deferência a Vossa Senhoria. (*Entrega-lhe uma carta.*)

SÍLVIA — Graças, meu servidor; melhor, decerto, um escrivão fazer não poderia.

VALENTINO — Podeis crer-me, senhora: foi difícil. Por não saber a quem me dirigia, escrevi mais ou menos, sem firmeza.

SÍLVIA — Achastes cansativo esse trabalho?

VALENTINO — Não, senhorita; se vos for do agrado, poderei escrever mil cartas dessas. Contudo...

SÍLVIA — Belo fecho. Sei o resto. Contudo, não a aceito; não me importa. Contudo, recebei-a de retorno; contudo, dou-vos graças, tencionando não vos dar mais trabalho de ora em diante.

SPEED (*à parte*) — Contudo, sim; contudo, outro contudo.

VALENTINO — Que quer dizer com isso Vossa Graça? A carta não ficou do vosso

agrado?

SÍLVIA — Ficou; os versos estão bem escritos. Mas, já que foram feitos de mau grado, aceitá-los não posso. (*Devolve-lhe a carta.*)

VALENTINO — Senhora, foram para vós escritos.

SÍLVIA — Sim, escreveste-los a meu pedido; mas não os quero; todos vos pertencem. Desejaria versos mais sentidos.

VALENTINO — Se quiserdes, farei mais uma carta.

SÍLVIA — E, por amor de mim, depois, relede-a. Se ela vos agradar, bem; se não, bem.

VALENTINO — Se me agradar, senhora, que acontece?

SÍLVIA — Ficai com ela, em paga do trabalho. E assim, até amanhã, meu servidor. (*Sai.*)

SPEED — Oh brincadeira rara, estranha e tão visível como o galo da torre e meu nariz risível! Meu amo se declara; ela lhe ensina o amor, dando lição jeitosa ao grande professor. Quem podia prever tão sério desenlace, que, como secretário, a si se declarasse?

VALENTINO — Que é que estais a falar sozinho, senhor?

SPEED — Fazia versos; a razão está convosco.

VALENTINO — Razão para quê?

SPEED — Para serdes o padrinho do casamento da senhorita Sílvia.

VALENTINO — Junto de quem?

SPEED — Junto de vós mesmo. Ela se vos declarou por meio de uma figura.

VALENTINO — Que figura?

SPEED — Uma carta, é o que eu queria dizer.

VALENTINO — Mas se ela não me escreveu carta alguma!

SPEED — Que necessidade tinha de fazê-lo, se vos obrigou a escrever para vós mesmo? Não compreendestes a brincadeira?

VALENTINO — Não, posso afiançar-vos.

SPEED — É no que não posso acreditar, senhor. Mas, pelo menos, não observastes que ela estava falando sério?

VALENTINO — SÓ observei que ela estava zangada.

SPEED — Entregou-vos uma carta.

VALENTINO — Sim, a que eu escrevera para o seu amigo.

SPEED — Carta essa que ela fez chegar às mãos do destinatário, e aqui termina o assunto.

VALENTINO — Quem dera que fosse só isso!

SPEED — Posso afiançar, senhor, que é isso e nada mais. “Porque ela, por modéstia ou falta de ocasião, deixara sem resposta a vossa devoção. Com medo de confiar a alguém qualquer recado, de intermediário fez o próprio namorado.” Falo como quem lê, por ter achado escrito. Mas, em que estais pensando, senhor? Já é hora de jantar.

VALENTINO — Já jantei.

SPEED — Então, senhor, ouvi-me: muito embora o camaleão Amor possa alimentar-se de ar, no que me diz respeito, alimento-me de vitualhas e estou com regular apetite. Oh! Não sejais como vossa apaixonada; deixai-vos comover! Deixai-vos comover!

(*Saem.*)

Cena 2

Verona. Um quarto em casa de Júlia. Entram Proteu e Júlia.

PROTEU — Paciência, cara Júlia.

JÚLIA — Que remédio!

PROTEU — Logo que for possível voltarei.

JÚLIA — Se não mudardes, voltareis depressa. Levai de vossa Júlia esta lembrança. (*Dá-lhe um anel.*)

PROTEU — Outra vos dou em troca; recebei-a. (*Dá-lhe outro anel.*)

JÚLIA — Selai a troca com um sagrado beijo.

PROTEU — Eis minha mão, como penhor de fé. Se me escapar uma hora, só, do dia, em que não suspirar por tua causa, quero que, na seguinte, me aconteça qualquer grande desgraça, como pena de minha ingratidão. Meu pai me espera. Não me respondas; a maré está alta; não a maré que desses olhos cresce, que essa me deteria muito tempo. Adeus, Júlia. (*Sai Júlia.*) Saiu sem dizer nada? Sim, que o sincero amor quase não fala; melhor se adorna com ações e fatos a verdadeira fé, não com palavras.

(*Entra Pantino.*)

PANTINO — Senhor Proteu, esperam-no.

PROTEU — É tudo. Essa separação me deixa mudo.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Uma rua. Entra Launce, conduzindo um cão.

LAUNCE — Não; ainda vou chorar durante uma hora; é defeito dos Launces. Recebi a minha herança, como o filho pródigo, e parto com o senhor Proteu para a corte imperial. A meu ver, este meu cachorro Crab é o cachorro mais insensível do mundo: minha mãe chorava, meu pai gemia, minha irmã gritava, a empregada urrava, o gato esfregava as patas, e toda a casa em grande perplexidade, sem que este animal de coração endurecido derramasse uma lágrima. É uma pedra, um verdadeiro seixo, sem mais piedade do que um cão. Um judeu teria chorado, se visse a nossa despedida. Sim, minha avó, ora vede, que não tem olhos, chorou de ficar cega, quando nos despedimos. Vou mostrar-vos como as coisas se passaram. Este sapato é meu pai... Não, não; este sapato do pé esquerdo é meu pai... Não, não; este sapato esquerdo é minha mãe. Não, não pode ser, também. Sim é isso mesmo, por estar com a sola muito gasta. Este sapato com um furo é minha mãe; e este, meu pai. Que o leve a breca, se não for isso. Agora, senhor, este bastão é minha irmã, porque, vede bem, ela é tão branca quanto o lírio e tão esguia quanto uma vara. Este chapéu é Nan, nossa empregada; eu sou o cachorro... Não, o cachorro é ele mesmo e eu sou o cachorro... Oh! O cachorro é eu e eu sou eu mesmo... É isso, é isso... Agora eu me dirijo a meu pai: "A bênção, pai" sem que o sapato possa dizer uma só palavra, de tanto chorar. Agora eu dou um beijo em meu pai... que continua a chorar. Agora me dirijo para minha mãe... Oh! Se ela pudesse falar neste momento como uma mulher que houvesse perdido o juízo! Bem, dou-lhe um beijo... Sim, é isso mesmo, é igualzinho o hálito de minha mãe. Observai como ela suspira. E durante todo esse tempo o cachorro não disse uma só palavra, nem derramou uma lágrima, apesar de eu regar a poeira com meu pranto.

(*Entra Pantino.*)

PANTINO — Launce, vai logo para bordo! Teu amo já está embarcado. Será preciso muita força de remo, para que o alcances. Que é que houve, homem? Por que estás a chorar? Vai logo, pedaço de asno! Se demorares, vais ter muito com que te coçar.

LAUNCE — Não importa; porque este coração endurecido o que merece mesmo é uma boa coça.

PANTINO — A quem te referes, homem?

LAUNCE — A Crab, o meu cachorro, que vedes aqui amarrado.

PANTINO — Não foi isso, homem, que eu disse, mas que podias perder a maré. Ora, perdendo a maré, perderias a viagem, e perdendo a viagem, perderias teu amo, e perdendo teu

amo, perderias o serviço, e perdendo o serviço... Por que me tapas a boca?

LAUNCE — De medo que venhais a perder a língua. Pouco importa que eu perca a maré, a viagem, o amo e o serviço. Ora, amigo, se o rio vier a secar, acho-me em condições de o encher com minhas lágrimas; se o vento viesse a parar, poderia impelir o navio com a força dos meus suspiros.

PANTINO — Vamos, homem, vamos! Fui encarregado de chamar-te.

LAUNCE — Podeis chamar-me, senhor, o que quiserdes.

PANTINO — Não queres ir?

LAUNCE — Pois bem, irei.

(*Saem.*)

Cena 4

Milão. Um quarto no palácio do duque. Entram Valentino, Sílvia, Túrio e Speed.

SÍLVIA — Servidor!

VALENTINO — Senhora!

SPEED — Mestre, o senhor Túrio vos olha com má cara.

VALENTINO — É por amor, rapaz.

SPEED — Mas não há de ser por vós.

VALENTINO — Então é pela minha dama.

SPEED — Seria bom que lhe désseis uma boa tunda.

SÍLVIA — Servidor, estais triste.

VALENTINO — Realmente, senhora, é o que pareço.

SÍLVIA — Pareceis ser o que não sois?

VALENTINO — É possível.

TÚRIO — Então é porque usais de fingimento.

VALENTINO — Tal como o fazeis.

TÚRIO — Que é o que pareço ser sem que o seja?

VALENTINO — Sábio.

TÚRIO — E qual é a prova do contrário?

VALENTINO — Vossa loucura.

TÚRIO — Em que percebeis minha loucura?

VALENTINO — Em vosso gibão.

TÚRIO — Estou com um gibão duplo.

VALENTINO — Neste caso, duplico vossa loucura.

TÚRIO — De que modo?

SÍLVIA — Como! Zangado, senhor Túrio? Mudais de cor?

VALENTINO — Deixai-o, senhorita; é uma espécie de camaleão.

TÚRIO — Camaleão que demonstra maior vontade de vos beber o sangue do que de

respirar o mesmo ar que respirais.

VALENTINO — Já falastes, senhor.

TÚRIO — Sim, senhor; e, por esta vez, também já terminei.

VALENTINO — Sei disso, senhor; sempre terminais antes de começardes.

SÍLVIA — Bela descarga de palavras, cavalheiros, e feita com muita rapidez.

VALENTINO — agradecemos à doadora, senhorita.

SÍLVIA — A quem vos referis?

VALENTINO — A vós, prezada senhorita, que trouxestes o fogo. Do olhar de Vossa Senhoria o senhor Túrio toma emprestado o espírito, gastando generosamente em vossa companhia tudo o que pediu emprestado.

TÚRIO — Senhor, se gastardes comigo tantas palavras, acabareis por levar vosso espírito à bancarrota.

VALENTINO — Sei disso, senhor. Contais com um tesouro de palavras, a ponto de eu pensar que não tendes outra moeda com que pagar os vossos servidores. A julgarmos pela pobreza das fardas, vivem apenas de vossas pobres palavras.

SÍLVIA — Basta, cavalheiros, basta! Aí vem vindo meu pai.

(*Entra o duque.*)

DUQUE — Pelo que vejo, filha Sílvia, o cerco que sustentais é grande. Com saúde, Sir Valentino, vosso pai se encontra. Que direis, se acaso recebêsseis carta com boas novas dos amigos?

VALENTINO — Milorde, ficaria agradecido ao feliz mensageiro da notícia.

DUQUE — Conheceis Dom Antônio? É de Verona.

VALENTINO — Conheço, sim, milorde; é um cavalheiro digno de toda estima e que merece gozar, de fato, de tão grande apreço.

DUQUE — Não possui ele um filho?

VALENTINO — Possui, milorde; um filho também digno de herdar o nome e o apreço de tal pai.

DUQUE — Conhecei-lo de perto?

VALENTINO — Tanto quanto a mim mesmo. Desde a infância, como amigos, vivemos sempre juntos. E embora impenitente vagabundo tivesse eu sido sempre, que não soube o alto valor apreciar do tempo, para que a mocidade com angélica perfeição adornasse, Sir Proteu — que assim ele é chamado — melhor uso soube fazer de todos os seus dias. Moço na idade, velho na experiência; verde nos anos, de saber maduro. Numa palavra — pois os elogios que prodigar-lhe agora me ocorressem muito aquém ficariam da verdade — é completo no espírito e no corpo, sobre ser possuidor das graças todas que deixam mais gracioso um gentil-homem.

DUQUE — Por minha fé, senhor, se for verdade quanto estais a dizer, do amor é digno de uma grande princesa e de tornar-se conselheiro de reis. Pois bem, senhor, apresentou-se-me esse gentil-homem com recomendações de altas pessoas. Tenciona aqui ficar por algum tempo. Penso que essas notícias vos agradam.

VALENTINO — Se algo eu podia desejar, era isso.

DUQUE — Acolhei-o de acordo com seu mérito. Sílvia, digo isso a vós e ao senhor Túrio que Valentino não precisa disso. Manda-lo-ei para cá neste momento. (*Sai.*)

VALENTINO — Foi desse cavalheiro, senhorita, que vos falei; teria, certamente, vindo comigo para a corte, caso presos não lhe trouxesse a amada os olhos no seu olhar sereno e cristalino.

SÍLVIA — Decerto lhes deu ela liberdade por ter ficado com penhor mais forte.

VALENTINO — Creio que ainda sejam prisioneiros.

SÍLVIA — Se fosse assim, ele estaria cego. Ora, sem poder ver, como o caminho para vos encontrar teria achado?

VALENTINO — É que o Amor vê com vinte pares de olhos.

TÚRIO — Dizem que o Amor não tem olho nenhum.

VALENTINO — Para enxergar amantes como Túrio. É que ante coisas toscas, fecha os olhos.

SÍLVIA — Basta! Basta! Eis que chega o gentil-homem.

(*Entra Proteu.*)

VALENTINO — Caro Proteu, bem-vindo! Senhorita, peço-vos confirmar a boa-vida com qualquer mostra de especial demência.

SÍLVIA — Seu mérito é o penhor da boa-vinda, caso ele seja, realmente, o amigo sobre que tantas vezes conversamos.

VALENTINO — O mesmo, senhorita. Doce dama, consenti que ele, como eu próprio, fique como servo de Vossa Senhoria.

SÍLVIA — Para tal servo a dama é muito baixa.

PROTEU — Não, senhorita: eu é que sou indigno de ser notado por tão digna dama.

VALENTINO — Deixai para depois vossos defeitos. Recebei-o, senhora, em vossa graça.

PROTEU — Hei de orgulhar-me de vos ser dicado.

SÍLVIA — Sempre a dedicação se viu premiada. Embora indigna, servo, eu vos saúdo.

PROTEU — Quem tal dissesse, a não ser vós, morrera.

SÍLVIA — Que sois bem-vindo?

PROTEU — Não, que sois indigna.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Senhora, vosso pai mandou chamar-vos.

SÍLVIA — Obedeço-lhe em tudo. Cavalheiro Túrio, vinde comigo. Novamente, meu novo servidor, eu vos saúdo. A conversar vos deixo sobre assuntos particulares! Quando terminardes, espero receber notícias vossas.

PROTEU — Para servir-vos, ambos nos dispomos.

(*Saem Sílvia, Túrio e Speed.*)

VALENTINO — Ora dizei-me como passam todos.

PROTEU — Vossos amigos estão bons e enviam saudares e lembranças.

VALENTINO — E dos vossos amigos, que dizeis?

PROTEU — Todos vão bem.

VALENTINO — E vossa amada? E o amor, tem prosperado?

PROTEU — Minhas histórias sempre vos cansaram. Sei que a assuntos de amor sois muito infenso.

VALENTINO — Ah, Proteu! Minha vida está mudada. Estou a penitenciar-me do meu crime, por ter do amor zombado. Sua altiva palavra de comando me castiga com amargos jejuns, fundos gemidos, noturnas lágrimas e quotidianos suspiros de partir o coração. Em vingança de minha indiferença, o Amor o sono dos cativos olhos me expulsou de uma vez e em sentinelas os transformou de minha própria angústia. Caro Proteu, o Amor é poderoso, e de tal modo me deixou vencido, que reconheço não haver castigos comparáveis aos seus, nem alegria tal como a de servi-lo neste mundo. Minha conversa, agora, é amor somente; merendo, almoço, janto, ceio e durmo só com dizer esta palavra: amor.

PROTEU — Basta; o destino revelais nos olhos. É essa a deusa de vosso alto culto?

VALENTINO — Justamente. Não é santa celeste?

PROTEU — Não direi tanto; é perfeição terrena.

VALENTINO — Chamai-lhe divinal.

PROTEU — Fora adulá-la.

VALENTINO — Oh! Adulai-me! O amor quer elogios.

PROTEU — Quando doente, me destes muitas pílulas amargosas; o mesmo vou fazer-vos.

VALENTINO — Então sede sincero a seu respeito: se não um ser divino, uma criatura sem confronto, senhora e soberana de todas as mulheres deste mundo.

PROTEU — Exceto a minha amada.

VALENTINO — Não excluas nenhuma; a menos que excluir intentes a minha própria dama.

PROTEU — Não me assiste razão de preferir a minha amada?

VALENTINO — Vou ajudar-te a dar-lhe preferência. Vai-lhe tocar a distinção suprema de levantar a cauda do vestido de minha dama, porque a baixa terra a lhe roubar um beijo não se atreva e, assim, de orgulho inflada, não descure de alimentar a flórea primavera, deixando permanente o rude inverno.

PROTEU — Mas que fanfarronada, Valentino!

VALENTINO — Perdão, Proteu; tudo o que eu digo é nada frente ao valor de quem reduz a nada quantos valores conceber possamos. Ela está só.

PROTEU — Então, deixai-a só.

VALENTINO — Não, pelo mundo inteiro! É minha, amigo. Como dono de jóia de tal preço, mais rico sou do que se proprietário fosse de vinte mares, cujas praias, em vez de areia, pérolas tivessem, em lugar de água, néctar e rochedos alcantilados de ouro. Não repares se pensamento algum eu te dedico, que fascinado pelo amor me encontras. Meu rival imbecil, que, por ser rico, conta com a proteção do pai de Sílvia, saiu daqui com ela. É necessário, portanto, que os procure, pois bem sabes quanto o amor é ciumento.

PROTEU — E Sílvia, te ama?

VALENTINO — Já somos noivos; mais, ainda: as núpcias estão marcadas, sobre termos tudo bem assentado para nossa fuga: como escalar-lhe a alta janela eu possa com uma escada de cordas, tudo, tudo, para minha ventura foi pensado. Vamos até meu quarto, bom Proteu, porque neste negócio me aconselhes.

PROTEU — Ide na frente; dentro de momentos achar-vos saberei. É necessário voltar ao cais para tirar de bordo alguma coisa de uso mais urgente. Feito isso, podereis dispor de mim.

VALENTINO — Não vais demorar muito?

PROTEU — Não; prometo.

(*Sai Valentino.*)

PROTEU — Como um calor outro calor desmancha e um prego outro retira, de igual modo a lembrança de meu amor primeiro se acha quase apagada pela influência de um mais recente objeto. É minha vista, porventura, ou o louvor de Valentino, ou a perfeição de Sílvia, ou, simplesmente, minha inconstância que a pensar me leva com tão grande desvio? Ela é formosa, tal como Júlia, a quem amor dedico, ou melhor: dediquei, por ser um fato que o meu amor, agora, está desfeito; como imagem de cera junto ao fogo, perdeu toda a impressão do que antes era. Noto que frio se acha o grande zelo que a Valentino eu tinha e que a amizade de antigamente já não é a mesma. Mas sua amada, quanto amor lhe tenho! Eis a razão de amá-lo desse modo. Como hei de vir a apaixonar-me dela com mais vagar, se, assim, tão de surpresa, comecei a adorá-la? Até este instante, só vi sua pintura, o suficiente para ofuscar-me a luz do

entendimento. Mas, quando eu vier a contemplar-lhe o encanto, razão não há de não tornar-me cego. Para curar-me hei de envidar os meios; se não, minha há de ser, sem mais rodeios. (*Sai.*)

Cena 5

O mesmo. Uma rua. Entram Speed e Launce.

SPEED — Launce! Por minha honestidade, és bem-vindo a Milão.

LAUNCE — Não jures falso, bondoso rapaz, porque a verdade é que eu não sou bem-vindo. Sempre fui de opinião que um homem nunca fica inteiramente perdido, enquanto não for enforcado, e que só poderá ser bem-vindo a determinado lugar, quando lhe pagarem as contas e a hoteleira lhe disser: "Bem-vindo!"

SPEED — Vamos, desmiolado; desejo acompanhar-te até à cervejaria, onde, por uma conta de cinco pences, poderás obter cinco mil bem-vindos. Mas conta-me lá como o teu mestre se separou de Madame Júlia.

LAUNCE — Ora! Depois de se terem unido em tristeza, separaram-se por maneira muito folgazã.

SPEED — Mas ela o desposará?

LAUNCE — Não.

SPEED — Como assim? Ele se casará com ela?

LAUNCE — Também não.

SPEED — Então separaram-se?

LAUNCE — Não; continuam unidos como um só peixe.

SPEED — Mas de que jeito se encontram?

LAUNCE — Ora, quando alguma coisa está bem para ele, está, do mesmo modo, bem para ela.

SPEED — Que grande asno me saíste. Tudo quanto acabas de dizer não oferece resistência.

LAUNCE — É preciso que não passes de um pedaço de pau, para não compreenderes o que eu digo. Pois este bastão me oferece resistência.

SPEED — Que estás a dizer?

LAUNCE — Precisamente o que estou a fazer. Observa-me bem: apóio-me ao meu bastão e ele me oferece resistência.

SPEED — Realmente; mas eu me referia à tua pessoa.

LAUNCE — Tudo vem a dar no mesmo; se o bastão resiste ao meu peso, eu e ele oferecemos resistência.

SPEED — Mas dize-me a verdade: haverá casamento?

LAUNCE — Pergunta isso ao meu cachorro; se ele disser que sim, haverá; se disser que não, haverá; se sacudir a cauda e nada te responder, haverá.

SPEED — Donde de conclui que haverá.

LAUNCE — Só me arrancarás um segredo tão grande por meio de uma parábola.

SPEED — Pouco importa, contanto que mo reveles. Mas, Launce, que dizes do meu amo? Deu agora para ser amante refinado.

LAUNCE — Sempre o conheci desse jeito.

SPEED — De que jeito?

LAUNCE — Como um refinado tratante, conforme lhe chamaste agora mesmo.

SPEED — Ó grande pedaço de asno! Tomaste-me no mau sentido.

LAUNCE — Não falei de ti, meu tolo, mas de teu amo.

SPEED — O que eu disse foi que meu amo se encontra inflado de amor.

LAUNCE — Pois o que eu digo é que pouco se me dá que ele venha a se consumir de amor. Se quiseres ir comigo à cervejaria, bem; caso contrário, és um hebreu, um judeu, indigno do nome de cristão.

SPEED — Por quê?

LAUNCE — Por não teres suficiente caridade para beber cerveja com um cristão. Como é? Não vens?

SPEED — Às tuas ordens.

(*Saem.*)

Cena 6

O mesmo. Um quarto no palácio do duque. Entra Proteu.

PROTEU — Deixar de amar a Júlia, é ser perjuro, amar a bela Sílvia, é ser perjuro; trair o amigo, é ser demais perjuro. A mesma causa de eu haver jurado a perjurar três vezes me constrange. O Amor me fez jurar e perjurar. Ó doce tentador! Já que pecaste, ao menos à tua vítima sugere passáveis argumentos de desculpa. Adorei uma estrela cintilante, mas ora é um sol celeste que eu venero. Ligeiramente podem ser quebrados votos feitos à pressa. Fora falta de espírito não ter vontade forte para ensinar um meio ao próprio espírito de escolher o melhor em qualquer caso. Ó língua irreverente! Ruim chamares aquela cujo mérito exaltaste com vinte mil sinceros juramentos? Não prosseguir amando, é-me impossível. E o que se dá, no entanto. Mas só deixo de amar a quem forçoso era que amasse. Desta arte perco Júlia e Valentino; se com eles ficar, perco a mim mesmo. Se os perder, ganharei com essa perda a mim próprio em lugar de Valentino, e a Sílvia em vez de Júlia. Mais que amigo sou eu para mim mesmo. Quanto a Sílvia — seja o céu testemunha, que a fez bela! — em Júlia me faz ver escura etíope. Esquecerei que Júlia ainda está viva só de lembrar que morto já se encontra o amor que lhe votei. De Valentino farei meu inimigo, porque em Sílvia mais grato amigo alfim encontrar possa. Para constante ser comigo mesmo, urge que a Valentino eu seja falso. Com uma escada de corda ele pretende a janela escalar da imortal Sílvia. Eu, seu rival, fui confidente nisso. Vou prevenir, portanto, o pai de Sílvia desse encontro e da fuga em perspectiva. Furioso, há de expulsar a Valentino, por pretender a filha dar a Túrio. Uma vez Valentino removido, saberei encontrar alguma traça para entravar esse noivado estúpido. Amor, dá-me asas para esta vitória, pois, em verdade, é tua toda a glória.

Cena 7

Verona. Um quarto em casa de Júlia. Entram Júlia e Luceta.

JÚLIA — Gentil Luceta, ajuda-me, aconselha-me. Embora amor o assunto agora seja — já que és a lousa em que meus pensamentos caracteres visíveis adquiriram — sugere-me algum meio compatível com minha dignidade, porque eu possa ir até onde se encontra o meu Proteu.

LUCETA — Ah! penoso é o caminho e muito longo.

JÚLIA — Jamais uma sincera peregrina sentiu cansaço para medir remos com seus passos incertos; muito menos há de cansar-se quem dispõe das asas do amor para ir se unir a um namorado de tanta perfeição como Proteu.

LUCETA — Convirá esperar que ele retorne.

JÚLIA — E não não sabes que minha alma vive tão-só de seus olhares? Tem piedade da maneira em que me acho, pela falta desse alimento, há tanto, suspirado. Se de ciência própria conhecesses as impressões do amor, antes pensaras em acender com neve chama ardente, do que extinguir o amor com teus discursos.

LUCETA — Não pretendo apagar o amor ardente que vos consome; tão-somente quero o ardor extremo atenuar do fogo, porque não queime além do que é razoável.

JÚLIA — Quanto mais o abafares, mais abrasa. A correntinha que se esgueira plácida, não o ignoras, detida se enfurece; mas, quando o belo curso encontra livre, faz agradável música com os seixos e beijos dá nos juntos namorados que em seu caminho acaso a encontrar venha: desta arte, após serpear alegremente, no selvagem oceano ele se atira. Consente, pois, que eu vá; não me detenhas. Tão paciente serei como um regato; todos os passos cansativos, simples brinquedos me serão, até que o último me leve ao meu amor, onde em repouso me deixarei ficar, como no Elísio fica a alma eleita, após trabalhos grandes.

LUCETA — Que vestes pretendeis usar para isso?

JÚLIA — Não trajes femininos, que é preciso não me expor ao encontro licencioso dos homens atrevidos. Minha cara Luceta, arranja-me uma roupa própria de algum pajem de boa compostura.

LUCETA — Pelo que vejo, Vossa Senhoria vai cortar os cabelos?

JÚLIA — Não, menina; pois com fios de seda farei vinte nós de amor verdadeiros. Semelhante originalidade não destoa do todo de um rapaz que aparentasse mais idade do que eu mostrar pretendo.

LUCETA — E os calções, de que modo hei de cortá-los?

JÚLIA — O mesmo fora se me perguntasses: "Como quereis, caro senhor, que seja a saia na largura?" Pouco importa, boa Luceta, a moda que escolheres.

LUCETA — Precisareis, então, usar braguilha.

JÚLIA — Ora, Luceta! Ficaria feio.

LUCETA — Calça redonda vale menos, hoje, do que alfinete, a menos que tivésseis onde espetar os vossos alfinetes.

JÚLIA — Pelo amor que me tens, cara Luceta, prepara-me o que achares mais decente. Mas, rapariga, dize-me: como achas que pensarás o mundo a meu respeito por empreender uma viagem destas, tão do pé para a mão? Receio muito que isso me prejudique de algum modo.

LUCETA — Se assim pensais, convém ficar em casa.

JÚLIA — Isso é o que não farei.

LUCETA — Então não deis ouvido a comentários e segui sem demora. Caso aprove Proteu, quando voltar, o que hajais feito, de nada valerá qualquer censura, após terdes partido. Mas receio que ele vos desaprove tal medida.

JÚLIA — Isso, boa Luceta, não me causa qualquer preocupação. Mil juramentos, um oceano de lágrimas, instâncias de um amor infinito, me asseguram da parte dele uma acolhida alegre.

LUCETA — Isso tudo a serviço sempre esteve dos homens inconstantes.

JÚLIA — Homens baixos, que para fins mesquinhos os empregam. Mas estrelas sinceras influíram no berço de Proteu. Suas palavras são vínculos sagrados; suas juras, outros tantos oráculos; sincero seu amor sempre foi, imaculados os pensamentos. Quando chora, as lágrimas lhe traduzem mensagem comovente do coração, que se acha tão distante da fraude, quanto a terra do alto céu.

LUCETA — Rezai para encontrá-lo desse jeito.

JÚLIA — Se me amas, não lhe faças a injustiça de apresentar com cores menos gratas sua fidelidade. Caso queiras minha amizade, é força que o aprecies. Vem comigo até o quarto, porque possas tomar nota de tudo o que preciso para essa viagem com que tanto sonho. Contigo fica tudo quanto tenho: reputação, bens móveis, propriedades. Mas, em compensação, tens de tirar-me daqui sem mais delongas. Não repliques. Vamos pôr em ação nosso projeto; impaciente me deixa essa demora.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Milão. Ante-sala no palácio do duque. Entram o duque, Túrio e Proteu.

DUQUE — Deixai-nos, senhor Túrio, por momentos; temos que conversar alguns segredos muito em particular. (*Sai Túrio.*) Ora me fala, Proteu, sobre o que intentas revelar-me.

PROTEU — Meu gracioso senhor, o que pretendo aqui dizer, de revelar a outrem me veda o imperativo da amizade. Mas, quando me recordo dos favores com que me distinguistes o demérito, obriga-me o dever a vos ser franco, contando-vos o que, por outro modo, de mim nem todo o mundo me arrancara. Ficai sabendo, pois, excelso príncipe, que esta noite tenciona o meu amigo Valentino roubar a vossa filha. Eu também tomei parte na conjura. Sei que é vossa intenção ligá-la a Túrio, que vossa gentil filha não suporta. Mas se ela vier a ser, assim, raptada, muito há de padecer, vossa velhice. Seguindo nisso o meu dever, prefiro burlar as intenções do próprio amigo, a nada vos dizer e, desse modo, sobre a cabeça vos lançar o fardo de tamanha tristeza que, apanhando-vos de improviso, por certo vos levara, antes do tempo, para a sepultura.

DUQUE — Agradeço, Proteu, tua franqueza. Em recompensa, pede o que quiseres. Já percebera que eles se gostavam, quando ambos me julgavam mergulhado no mais profundo sono, e tencionava, mesmo, afastar da corte a Valentino, proibindo-o de falar com minha filha. Mas, por temer que o ciúme vigilante me fizesse tomar picada falsa, vindo eu, pois, a ser causa, injustamente, da desgraça do jovem — imprudência de que até hoje nunca fui passível — continuei a tratá-lo com carinho, para ficar em condições propícias de descobrir o que ora me revelas. Mas porque vejas quanto medo eu tinha de que isso acontecesse — que é mui fácil de ser sugestionada a mocidade — revelo-te que faço minha filha passar todas as noites na alta torre de cuja chave nunca me separo. Ser-lhe-á, pois, impossível evadir-se.

PROTEU — Sabei, nobre senhor, que já pensaram num meio que permita a Valentino subir até onde Sílvia ora se encontra — uma escada de corda — e, desse modo, retirá-la da torre. O nosso jovem apaixonado foi buscar a escada, devendo vir com ela agora mesmo. Podereis surpreendê-lo, se o quiserdes. Mas fazei-o, senhor, de tal maneira, que minha indiscrição não se descubra, que o amor que eu vos dedico, tão-somente, não ódio ao meu amigo, foi a causa de eu vos contar agora o plano dele.

DUQUE — Dou-te minha palavra em como nunca virá ele a saber que me falaste acerca disso tudo.

PROTEU — Adeus milorde. Não posso demorar-me; eis Valentino.

(*Entra Valentino.*)

DUQUE — Valentino, aonde vais com tanta pressa?

VALENTINO — Se vossa Graça o permitir, espera-me um mensageiro, a fim de levar cartas de minha parte para alguns amigos. Vou entregar-lhas justamente agora.

DUQUE — São cartas de importância?

VALENTINO — Falo nelas apenas de saúde e do viver contente em vossa corte.

DUQUE — Sem importância, pois. Demora um pouco; quero comunicar-te alguns assuntos que me falam de perto. É reservado. Como não deves ignorar, desejo casar Sílvia com meu amigo Túrio.

VALENTINO — Sei disso, sim; a união é rica e honrosa, não se duvida, e, sobretudo, o noivo é virtuoso, liberal e ornado de qualidades tais que o tornam digno de uma esposa como ela. Vossa Graça já conseguiu de Sílvia o assentimento?

DUQUE — Não, podes crer-me; Sílvia é cabeçuda, orgulhosa, frenética, birrenta, desobediente, caprichosa, fútil, dos deveres filiais nunca se lembra nem de mim, qual de pai, se teme nunca. O resultado desse orgulho, digo-te aqui em particular, foi despojá-la do meu amor de pai. Se noutros tempos eu me iludia, a imaginar que os anos que me restam de vida, eu os passaria sob o amparo da filha carinhosa, ora a tomar estado decidi-me, casando-me de novo e a entregar Sílvia para quem resolver ficar com ela. Levará como dote a formosura, pois me despreza e a quanto me pertence.

VALENTINO — E de mim Vossa Graça que deseja?

DUQUE — Há uma senhora aqui em Milão, meu caro, de quem me apaixonei, mas muito esquiva se mostra e arisca sem prestar ouvidos à eloqüência de um velho. Eis o motivo de eu querer que de mestre ora me sirvas — pois já sei como se faz a corte, sobre ser diferente a moda de hoje — para ensinar-me o que fazer me cumpre, porque possa atrair seus belos olhos.

VALENTINO — Se palavras desdenha, dai-lhe mimos. Por vezes pode mais a jóia muda do que a palavra ou outra qualquer ajuda.

DUQUE — Recusou-se a ficar com um meu presente.

VALENTINO — É comum que a mulher se descontente com o que mais aprecia. Não convém desanimar, por isso, que o desdém de hoje é prenúncio de um amor mais forte. Se está zangada, a idéia vos conforte de não ser disso o ócio o causador, mas o anseio, tão-só, de um grande amor. Se se irrita convosco, não quer isso indicar que vos vades; desserviço mui grande lhe faríeis, pois são poucas as que na solidão não ficam loucas. Por mais que diga, alegre vos mostrai, porque "Ide embora" quer dizer: "Ficai!" Adulai-a, endeusai-lhe o imenso encanto; se for fanhosa, elogiai-lhe o canto, pois que ser chamado homem não merece quem em tal conjuntura desfalece.

DUQUE — Mas os pais da pessoa de que falo já a prometeram para um moço digno, e de tal modo segregada a trazem do convívio dos homens, que impossível é junto dela obter de dia

acesso.

VALENTINO — Nesse caso, eu de noite a buscaria.

DUQUE — Sim, mas as portas se acham bem trancadas, e as chaves em seguro; ninguém pode chegar de noite até seus aposentos.

VALENTINO — E escalar a janela? Fora fácil.

DUQUE — Fica muito alto o quarto, e tão a pique toda a muralha, que impossível fora tentar subir sem arriscar a vida.

VALENTINO — Uma escada de cordas, com dois ganchos, feita com bem capricho, bastaria para escalar uma outra torre de Hero, desde que houvesse um Leandro para a empresa.

DUQUE — Então, na qualidade de legítimo gentil-homem te peço me dizeres como é possível arranjar a escada.

VALENTINO — Para quando, senhor, precisais dela?

DUQUE — Para esta noite; o amor é como criança, que quer logo possuir quanto deseja.

VALENTINO — Às sete em ponto vos trarei a escada.

DUQUE — Mas escuta: terei de ir lá sozinho. Como levar a escada?

VALENTINO — É muito fácil, milorde: em baixo de uma boa capa.

DUQUE — Do comprimento dessa?

VALENTINO — Sim, milorde.

DUQUE — Então me mostra a tua, pois pretendo mandar fazer uma de igual tamanho.

VALENTINO — Ora, milorde, qualquer capa serve!

DUQUE — De que maneira achas que devo usá-la? Deixa-me pôr a tua, por obséquio. (*Puxa a capa de Valentino.*) Que carta é esta? Como! "Para Sílvia!" E este instrumento? Vem no instante azado para o que tenho em mente. Não repares por ter o ousio de violar o selo. (*Lê.*) Com Sílvia sempre estão meus pensamentos, que para ela eles voam noite e dia. Se me levassem para lá os ventos, mais do que eles feliz eu estaria. Com ela dormem... Oh Fortuna crassa! Viver o dono deles, sem ter crime, triste e sozinho, amaldiçoando a graça que lhes concede graça tão sublime. Mas se os mandei, maldito eu sou em parte, por não ter dessa dita a menor parte. E isto aqui? Sílvia, à noite virei para livrar-te. É isso mesmo: eis a escada para o feito. Como, Faetonte — sim, não tenho dúvida, és o filho de Mérope — tencionas dirigir o alto carro para, em chamas, com tua insensatez, deixar o mundo? Queres pegar estrelas cintilantes porque no alto as enxergas? Presunçoso labrego, vil intruso, mostra os dentes a teus iguais e, se com vida agora sais daqui, fica certo que isto deves mais à minha paciência que a teu mérito. Terás de agradecer-me essa leal prova mais do que quantas esbanjei contigo. Mas, se ficares em meu território mais do que o estritamente necessário para te pores fora desta corte, pelo céu! Há de em muito minha cólera exceder a afeição que a minha filha ou a ti sempre votei. Não percas tempo. Não quero ouvir tuas escusas fúteis. Se tens amor à vida parte logo. (*Sai.*)

VALENTINO — Antes a morte do que semelhante sofrimento. Morrer é ser banido de mim próprio; e eu sou Sílvia. Estar de Sílvia banido é estar banido de mim mesmo. Banimento mortal! Que luz é luz, se Sílvia não for vista? Que alegria é alegria, se Sílvia estiver longe? Salvo se for para pensar, apenas, que ela se acha ao meu lado e alimentar-me tão-somente da sombra do que é belo. Só quando passo a noite junto dela no rouxinol encontro algum deleite. Se de dia não vejo a minha Sílvia, para mim deixa o dia de ser claro. É a minha essência; deixo de ter vida se não ficar, por sua bela influência, vivificado, iluminado e lépido. Se eu me esquivar dessa mortal sentença, não fugirei da morte; aqui ficando, pela morte serei, logo, alcançado; mas partir é fugir da própria vida.

(*Entra Proteu e Launce.*)

PROTEU — Corre, pajem! Vai à procura dele!

LAUNCE — Olá! Olá!

PROTEU — Que estás a ver?

LAUNCE — Quem íamos procurar. Não há um cabelo na cabeça dele que não seja um Valentino.

PROTEU — És Valentino?

VALENTINO — Não.

PROTEU — Quem, então? Seu espírito?

VALENTINO — Também não.

PROTEU — Então, que és?

VALENTINO — Nada.

LAUNCE — Nada pode falar? Posso bater-lhe, meu amo?

PROTEU — Bater em quê?

LAUNCE — Em nada.

PROTEU — Detém-te, maroto!

LAUNCE — Ora senhor, eu iria bater em nada. Por obséquio...

PROTEU — Basta, já disse! Uma palavra, apenas, amigo Valentino.

VALENTINO — Tenho as ouças entupidas; ouvir não me é possível notícia alguma boa, tão repletas de notícias ruins elas se encontram.

PROTEU — Então as minhas num silêncio mudo resolvo sepultar, que são bem tristes, duras e abomináveis.

VALENTINO — Morreu Sílvia?

PROTEU — Não, Valentino.

VALENTINO — É assim: “Não Valentino” para a celeste Sílvia. Desprezou-me?

PROTEU — Não, Valentino.

VALENTINO — Se o tivesse feito, como "Não Valentino" ora me achara. Que novidades há?

LAUNCE — Senhor, proclamam que já fostes varrido.

PROTEU — Sim, banido de tua Sílvia, de Milão, do amigo.

VALENTINO — Já me fartei com esse sofrimento, cujo excesso me deixa ora afrontado. Sílvia já soube que banido me acho?

PROTEU — Sim; e, ao ouvir o edito irrevogável — que em todo o seu rigor ainda se encontra — soltou um mar de pérolas desfeitas, a que alguns chamam lágrimas, levando-as aos rudes pés do pai. Nos joelhos dele ela, humilde, se atira, as mãos tão brancas a contorcer, como se a dor ingente mais brancas as deixasse. Mas de nada valeram joelhos prosternados, súplices mãos, profundos suspiros, argentinas lágrimas para o pai inexorável abalar do propósito: se acaso Valentino ficar, à morte o voto. Suas súplicas tanto o aborreceram, quando, humildosa, a teu favor falava, que mandou para um cárcere levá-la, ameaçando-a de ali sempre deixá-la.

VALENTINO — Nem mais uma palavra, se as que faltam carecerem da força de matar-me. Se for o caso, peço-te, murmura-mas aos ouvidos e acaba logo a antífona desse meu sofrimento prolongado.

PROTEU — Não te queixes de um mal irremediável; remédio busca para o que lamentas. De todo bem é gerador o tempo. Ficando, não verás a tua amada, sobre arriscares-te a encurtar a vida. A esperança é o bastão dos namorados; com ele parte, e busca manejá-lo contra os maus pensamentos. Tuas cartas podem vir até aqui, embora estejas por lugares longínquos. Se me vierem endereçadas, irão dar ao colo branco de leite da mulher que adoras. O momento não é para lamúrias. Vamos logo; desejo ir até à porta da cidade contigo. De caminho, conversaremos com maior largueza sobre o que diz respeito a teus amores. Se não por ti, por Sílvia, do perigo em que estás não te esqueças; vem comigo.

VALENTINO — Se encontrares meu pajem Speed, dize-lhe que na porta do norte me procure.

PROTEU — Corre, maroto! Vamos, Valentino.

VALENTINO — Querida Sílvia! Pobre Valentino!

(*Saem Valentino e Proteu.*)

LAUNCE — Não passo de um bobo, ora vede, mas sou dotado de espírito suficiente para ver que meu amo é uma espécie de velhaco. A espécie importa pouco, uma vez que velhaco ele seja. Ainda está por nascer quem saiba que me encontro apaixonado. Mas nem uma parelha de cavalos poderá arrancar de dentro de mim semelhante segredo e o nome da pessoa a que amo. No entanto, é uma mulher; mas que mulher seja, nem a mim mesmo hei de contar. Contudo, é a rapariga do leite. Não, rapariga não, que ela já arranjou uma comadre. Sim, rapariga, uma vez que é empregada do patrão que lhe paga ordenado. Possui mais qualidades do que um cão de água, o que já é muito para um simples cristão. (*Sacando de um papel.*) Eis o catálogo de suas

qualidades. “Imprimis, pode buscar e carregar.” Ora, um cavalo não poderá fazer mais do que isso. Não, um cavalo não poderá ir buscar; só pode carregar; logo, ela vale mais do que uma égua. “Item, sabe mungir.” Ora vede, eis uma virtude doce numa rapariga de mãos limpas.

(*Entra Speed.*)

SPEED — Então, senhor Launce, como vai o vosso capitão?

LAUNCE — A capitânia? No mar, naturalmente.

SPEED — Sempre o velho vício de brincar com as palavras. Que novidades há em vosso papel?

LAUNCE — As mais pretas novidades de que pudesses ter ouvido falar.

SPEED — Pretas como, homem?

LAUNCE — Ora, pretas como tinta.

SPEED — Deixa-me lê-las.

LAUNCE — Sai daí, pascácio! Não sabes ler coisa alguma.

SPEED — Mentes; sei ler, sim senhor.

LAUNCE — Então vou pôr-te à prova. Dize-me uma coisa: quem foi que te gerou?

SPEED — Ora essa, o filho de meu avô.

LAUNCE — Oh madraço iletrado! Foi o filho de tua avó. Isso prova que não sabes ler.

SPEED — Vamos, tonto; vamos. Põe-me à prova com esse papel.

LAUNCE — Bem, que seja; e que São Nicolau te proteja.

SPEED — “Imprimis, sabe mungir.”

LAUNCE — Isso ela sabe.

SPEED — “Item, sabe fazer boa cerveja.”

LAUNCE — É daí que vem o provérbio: Já é ter boa sorte saber fazer cerveja.

SPEED — “Item, sabe cozer.”

LAUNCE — Antes cozer do que queimar.

SPEED — “Item, sabe fazer meias.”

LAUNCE — Tanto melhor, se souber fazer tudo à meia.

SPEED — “Item, sabe lavar e esfregar.”

LAUNCE — Uma virtude especial, porque, sendo assim, não haverá necessidade nem de lavá-la nem de esfregá-la.

SPEED — “Item, sabe fiar.”

LAUNCE — Se ela vive de fiar, eu é que não me fio dela.

SPEED — “Item, possui inúmeras virtudes anônimas.”

LAUNCE — O que vale a dizer: virtudes bastardas; carecem de nome por não conhecerem o pai.

SPEED — "Agora seguem-se os vícios."

LAUNCE — No rasto das virtudes.

SPEED — "Item, não deve ser beijada em jejum, por causa do hálito."

LAUNCE — Esse defeito pode ser corrigido com um almoço.

SPEED — "Item, tem a boca doce."

LAUNCE — Isso compensa o azedo do hálito.

SPEED — "Item, fala durante o sono."

LAUNCE — Isso não tem importância, uma vez que não durma quando estiver falando.

SPEED — "Item, é pouco amiga de falar."

LAUNCE — Ó estúpido! Pôr isso na lista dos defeitos! A única virtude da mulher é ser pouco amiga de falar. Por favor, risca daí esse item e o coloca à frente das virtudes.

SPEED — "Item, é vaidosa."

LAUNCE — Tira isso, também; é herança de Eva, de que não podemos despojá-la.

SPEED — "Item, é desprovida de dentes."

LAUNCE — Isso, também, para mim carece de importância, porque gosto muito de casca de pão.

SPEED — "Item, é briguenta."

LAUNCE — Não há mal nisso, uma vez que não tenha dentes para morder.

SPEED — "Item, gosta de provar o seu licorzinho de vez em quando."

LAUNCE — Se o licor for bom, poderá prová-lo; se não quiser, prová-lo-ei eu, que as coisas boas devem ser apreciadas.

SPEED — "Item, é muito liberal."

LAUNCE — Com relação à língua não poderá sê-lo, pois já ficou dito que é pouco amiga de falar; no que respeita à bolsa, não lhe será possível ser liberal, porque hei de trazê-la sempre bem fechada. Quanto ao resto, não está em mim remediar. Adiante.

SPEED — Item, tem mais cabelos do que espírito, mais defeitos do que cabelos e mais dinheiro do que defeitos.

LAUNCE — Pára aí! Será minha; só nesse último artigo ela foi minha e deixou de sê-lo por duas ou três vezes. Lê outra vez.

SPEED — "Item, tem mais cabelos do que espírito..."

LAUNCE — Mais cabelo do que espírito, pode ser. Vou prová-lo: a tampa do boião de sal cobre o sal; logo, é mais do que o sal. O cabelo que cobre o espírito é maior do que o

espírito, porque o que é maior cobre o menor. Que se segue?

SPEED — "Mais defeitos do que cabelos..."

LAUNCE — Monstruoso! Se se pudesse tirar isso!

SPEED — "E mais dinheiro do que defeitos."

LAUNCE — Bem, essas palavras transformam os defeitos em virtudes. Não há dúvida: será minha. E se houver casamento, visto nada ser impossível...

SPEED — Que acontecerá?

LAUNCE — Então eu te direi que o teu amo está à tua espera na porta do norte.

SPEED — À minha espera?

LAUNCE — Sim, à tua espera. Quem és tu? Ele já esperou por gente muito melhor.

SPEED — Quer dizer que eu preciso ir para lá?

LAUNCE — Não é suficiente ires; terás de correr até lá, porque já perdeste muito tempo.

SPEED — Por que não me falaste nisso mais cedo? O diabo leve a tua carta de amor! (*Sai.*)

LAUNCE — Agora ele vai apanhar por ter lido minha carta. Sujeito mal educado, para se meter no segredo dos outros. Vou atrás dele, para assistir à correção. (*Sai.*)

Cena 2

O mesmo. Um quarto no palácio do duque. Entra o duque e Túrio.

DUQUE — Túrio, nada temais, que ela há de amar-vos, já que de sua vista Valentino banido ora se encontra.

TÚRIO — Desde que ele foi exilado, mais temível ódio por mim ela demonstra; a companhia me despreza, me cobre de sarcasmos. Já não tenho esperanças de alcançá-la.

DUQUE — Essa impressão de amor é qual figura insculpida no gelo: uma hora, apenas, de calor é bastante para a forma lhe roubar, transformando-a em água pura. Seus pensamentos congelados breve desfeitos hão de ser, ficando o indigno Valentino esquecido por completo. (*Entra Proteu.*) Então, senhor Proteu, vosso patrício já se foi, acatando nossas ordens?

PROTEU — Sim, meu bom lorde.

DUQUE — Minha filha ficou muito abatida.

PROTEU — O tempo há de curar essa tristeza.

DUQUE — Penso que sim, mas Túrio está descrente. A confiança, Proteu, que me inspiraste, pois deste provas de teu grande mérito, me leva a te iniciar nestes assuntos.

PROTEU — Se eu deixar de ser leal a Vossa Graça, quero sumir do olhar de Vossa Graça.

DUQUE — Sabes quanto desejo o casamento entre Sir Túrio e minha filha Sílvia.

PROTEU — Sei, milorde.

DUQUE — Não ignoras, também, creio, quanto ela se opõe a meu desejo.

PROTEU — Isso fazia, senhor, quando aqui estava Valentino.

DUQUE — Sim, mas persiste nisso com maldade. Que seria preciso pôr em prática, para que a rapariga a esquecer viesse Valentino e de Túrio se agradasse?

PROTEU — Penso que o melhor meio fora contra Valentino assacar origem baixa, covardia e dobrez, coisas que a todas as mulheres são sempre intoleráveis.

DUQUE — Mas ela há de pensar que o ódio é que fala.

PROTEU — No caso de falar um desafeto. Por isso é necessário que lhe fale quem ela considere amigo dele.

DUQUE — Então podias incumbir-te disso.

PROTEU — Contrafeito, milorde, aceito o encargo, pouco louvável para um gentil-homem, mormente em se tratando de um amigo.

DUQUE — Onde vossa palavra nada pode fazer a favor dele, nenhum dano causarão as calúnias. Não seja isso motivo, pois, de escrúpulo, mormente por cederes a instâncias de um amigo.

PROTEU — Dou-me por convencido, meu bom lorde. Se depender, tão-só, dos meus ataques, deixará vossa filha de estimá-lo. Mas se do coração dela tirardes o amor de Valentino, não se segue que, só por isso, a Túrio ela a amar venha.

TÚRIO — Quando desenrolardes, pois, de Sílvia, o amor de Valentino, porque inútil não fique e embaraçado, é conveniente que o passeis para mim, sendo bastante dispensardes-me tantos elogios quantos senões a meu rival lançardes.

DUQUE — Proteu, nós vos confiamos tal assunto só por sabermos, pelas referências de Valentino, que sois fervoroso devoto de Cupido, e que impossível vos será ser mudável ou perjuro. Essa confiança vos confere acesso até ao quarto de Sílvia, para à larga conversardes com ela, pois que se acha sombria, aborrecida, melancólica. Mas por causa do amigo há de acolher-vos. Assim, vos será fácil convencê-la de odiar a Valentino e amar a Túrio.

PROTEU — Quanto puder, hei de levar a cabo. No entanto, senhor Túrio, pouco zelo tendes mostrado. É necessário visgo, porque possais pegar o anseio dela com sonetos chorosos, cujas rimas de vosso ardente amor, tão-só, lhe falem.

DUQUE — Sim, muito pode a poesia sublimada.

PROTEU — Dizei-lhe que ao altar de seus encantos levais o coração, gemidos, lágrimas. Escrevei-lhe, escrevei-lhe, até que a tinta a lia se reduza; após, à lia juntai o vosso pranto, e, com a mistura, traçai sentida linha em que lhe mostre toda vossa paixão. Sabeis que a lira de Orfeu era encordoada com tendões arrancados aos poetas. Com seu toque de ouro ela amolecia as pedras e o aço, mansos deixava os tigres, obrigando os leviatãs a abandonar as ondas para virem dançar na fina areia. Depois das elegias lamentosas, sob a janela, à noite, ide postar-vos de vossa apaixonada, em companhia de amena serenata a cuja música cantareis uma triste melodia. O sepulcral silêncio da alta noite vai bem com tais queixumes harmoniosos. Isso — mais nada — há de fazê-la vossa.

DUQUE — Esses conselhos mostram quanto amaste.

TÚRIO — Vou pô-los logo em prática esta noite. Por isso, bom Proteu, meu conselheiro, vamos para a cidade, sem demora, procurar algum músico excelente. Tenho um soneto que vem mesmo a ponto para darmos início ao vosso alvitre.

DUQUE — Mãos à obra, meus senhores.

PROTEU — Até o jantar convosco ficaremos; depois poremos o projeto em prática.

DUQUE — Não percais tempo; dou-vos liberdade.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Uma floresta entre Milão e Verona. Entram alguns proscritos.

PRIMEIRO PROSCRITO — Atenção, companheiros: um viajante!

SEGUNDO PROSCRITO — Ainda que fossem dez, nada de medo. Desçamos-lhes a marreta.

(*Entram Valentino e Speed.*)

TERCEIRO PROSCRITO — Alto, senhor! Tudo quanto tiverdes, atirai-nos; aliás, haveis de ser, com mais violência, por nós desvalijado.

SPEED — Mestre, estamos perdidos. Encontramos os velhacos de que tanto se temem os viajantes.

VALENTINO — Amigos...

PRIMEIRO PROSCRITO — Não é assim, senhor; somos vossos inimigos.

SEGUNDO PROSCRITO — Quieto! Vamos ouvi-lo.

TERCEIRO PROSCRITO — Por minha barba, ouçamo-lo; parece gente de trato.

VALENTINO — Sabeis, pois, que pouco tenho a perder. O fado me persegue. Esta roupa modesta é quanto tenho; se me privardes dela, ao mesmo tempo me privareis de todos os haveres.

SEGUNDO PROSCRITO — Para onde ides?

VALENTINO — Para Verona.

PRIMEIRO PROSCRITO — De onde vindes?

VALENTINO — De Milão.

TERCEIRO PROSCRITO — Em Milão demorastes muito tempo?

VALENTINO — Quase dezesseis meses; poderia ter ficado mais tempo, se a tortuosa Fortuna não me houvesse sido adversa.

SEGUNDO PROSCRITO — Como? Fostes banido?

VALENTINO — Sim.

SEGUNDO PROSCRITO — E o crime?

VALENTINO — Falta cuja lembrança me acabrunha: matei um homem, crime de que

muito me arrependo. Contudo, foi em luta varonil, sem traição nem deslealdade.

PRIMEIRO PROSCRITO — Se foi assim, por que mostrar remorsos? Mas por tão pouca coisa vos baniram?

VALENTINO — E por feliz me dou com tal sentença.

SEGUNDO PROSCRITO — Falais diversas línguas?

VALENTINO — Falo, porque viajei bastante em moço; se não, teria padecido muito.

TERCEIRO PROSCRITO — Pela calva brilhante do pançudo frade de Robin Hood, este sujeito daria um belo rei de nosso bando.

PRIMEIRO PROSCRITO — Há de ser nosso. Uma palavra, amigo.

SPEED — Aderi, mestre, ao bando, pois se trata de uma espécie de honrada ladroíce.

VALENTINO — Quieto, vilão!

SEGUNDO PROSCRITO — Dizei-nos: tendes algo que vos prenda?

VALENTINO — Coisa alguma, a não ser minha fortuna.

TERCEIRO PROSCRITO — Então sabeis que somos gentis-homens que o ardor da mocidade não domada tirou da sociedade dos ordeiros. Eu próprio de Verona fui banido, simplesmente por ter tentado o rapto de uma parenta próxima do duque.

SEGUNDO PROSCRITO — E eu de Mântua: num gesto irrefletido atravessei o coração a um nobre.

PRIMEIRO PROSCRITO — E eu também, por deslizes desse gênero. Mas voltemos ao ponto; só contamos nossas faltas a fim de desculpardes a vida irregular que ora levamos. Possuís bela aparência, sobre serdes um lingüista, conforme o declarastes. Em nossa situação necessitamos justamente de um moço assim prendado.

SEGUNDO PROSCRITO — Sim, mas principalmente pelo fato de ora estardes banido, perguntamo-vos: Não vos desagradais de ser o nosso general e viver a nossa vida neste estado selvagem?

TERCEIRO PROSCRITO — Que nos dizes? Queres ser um dos nossos? Vamos, fala; dize que sim e sê nosso cabeça. Terás nossa homenagem de vassalos; será lei para nós tua palavra; vamos amar-te como a rei e chefe.

PRIMEIRO PROSCRITO — Mas morrerás, no caso de renuíres.

SEGUNDO PROSCRITO — Vida não hás de ter para gabar-te de quanto te contamos.

VALENTINO — Sim, aceito vosso oferecimento e me resolvo a convosco viver, dado que nunca façais mal a mulheres e a viajantes.

TERCEIRO PROSCRITO — Odiamos essas práticas covardes. E ora serás levado ao nosso bando; mostrado te será nosso tesouro. Dele e de nós a teu prazer dispõe.

(*Saem.*)

Cena 2

Milão. A corte do palácio do duque. Entra Proteu.

PROTEU — Já traí Valentino; ora é preciso se injusto com Túrio. Sob a capa de fazer-lhe o elogio, acesso obtive junto de minha amada. É, porém, Sílvia por demais bela, verdadeira e santa para ceder a desvaliosas dádivas, ela me faz lembrar o meu perjuro, por ter deixado a minha amada Júlia. Mas apesar de todos os sarcasmos com que ela me atormenta, suficientes para desesperar qualquer amante, meu amor, semelhante a um cão rasteiro, mais forte fica e mais a acaricia. Túrio vem vindo. É necessário, agora, postarmo-nos em baixo da janela de Sílvia, e deliciarmos-lhe os ouvidos com a distração de alguma serenata.

(*Entra Túrio com músicos.*)

TÚRIO — Então, senhor Proteu, escorregastes na nossa frente.

PROTEU — Sim, meu caro Túrio; pois bem sabeis que o amor sempre escorrega por onde andar não pode.

TÚRIO — Sei: contudo, penso que não amais neste lugar.

PROTEU — Se tal não fosse, longe me encontrara.

TÚRIO — A quem? A Sílvia?

PROTEU — Sim, por vossa conta.

TÚRIO — Muito obrigado. E agora, meus senhores, com alegria começai a música.

(*O hoteleiro e Júlia aparecem nos fundos; Júlia em trajes masculinos.*)

HOTELEIRO — Que tendes, meu jovem hóspede? Pareceis-me melancólico. De que se trata?

JÚLIA — Não é nada, hoteleiro; é que não posso ficar alegre.

HOTELEIRO — Vinde comigo; vou deixar-vos alegre, levando-vos para um lugar onde podereis ver o cavalheiro de que me pedistes notícias.

JÚLIA — E poderei ouvir-lhe a voz?

HOTELEIRO — Sem dúvida.

JÚLIA — Será música para mim.

(*Ouve-se música.*)

HOTELEIRO — Ouvi! Ouvi!

JÚLIA — Ele se encontra entre os músicos?

HOTELEIRO — Encontra-se. Mas, silêncio. Ouçamo-los. (*Canção*)

Quem é Sílvia? Quem é ela,
que os jovens todos cativa?
É sábia, divina e bela;
entre as deusas, vera diva
de compostura singela.

É tão boa quanto é linda?
Sim, que a beleza é bondade
Cupido nela acha infinda,
deslumbrante claridade
que suas trevas deslinda.

Então a Sílvia cantemos,
por ser ela primorosa;
sobre os mortais a exalcemos;
nesta homenagem donosa
se exaltem seus dons supremos.

HOTELEIRO — Que acontece? Ficastes mais triste agora? Que é isso, homem? Não vos agradou a música?

JÚLIA — Estais enganado; não me agradei do músico.

HOTELEIRO — Por quê, gentil menino?

JÚLIA — Por ser falso no canto.

HOTELEIRO — Como assim? Estarão desafinadas as cordas do instrumento?

JÚLIA — Não; mas com tanta falsidade puxa ele as cordas, que me abala até às cordas do coração.

HOTELEIRO — Sois dotado de ouvido muito delicado.

JÚLIA — É certo. Desejara ser surdo; isso me oprime o coração.

HOTELEIRO — Pelo que vejo, não apreciais música.

JÚLIA — Quando é desafinada, acho insuportável.

HOTELEIRO — Prestai atenção, que o tema, agora, é outro.

JÚLIA — Esse novo tema é que acaba comigo.

HOTELEIRO — Queríeis, então, que tocassem sempre a mesma coisa?

JÚLIA — Desejara que uma pessoa tocasse sempre a mesma coisa. Mas, dizei-me, hoteleiro: o senhor Proteu de que falamos vem muitas vezes à casa desta senhorita?

HOTELEIRO — Vou repetir-vos o que me disse o seu criado Launce: ele a adora acima de tudo.

JÚLIA — E onde está Launce?

HOTELEIRO — Foi procurar o seu cachorro, que por determinação do patrão ele deve levar de presente a essa senhora.

JÚLIA — Silêncio! Ficai de lado; a companhia se dispersa.

PROTEU — Ânimo, senhor Túrio! De tal modo vou pleitear vossa causa, que obrigado vos vereis a elogiar os resultados.

TÚRIO — Onde nos encontramos?

PROTEU — Junto ao poço de São Gregório.

TÚRIO — Adeus. (*Sai Túrio com os músicos.*)

(*Sílvia aparece na janela de seu quarto.*)

PROTEU — Senhorita, boa-noite a Vossa Graça.

SÍLVIA — Muito obrigada a todos pela música. Quem falou neste instante?

PROTEU — Uma pessoa, senhorita, que pronto conhecereis pelo timbre da voz, se a imaculada verdade de seu peito conhecêsseis.

SÍLVIA — Senhor Proteu, parece-me.

PROTEU — Proteu, gentil senhora, e vosso servo.

SÍLVIA — Que desejais?

PROTEU — Fazer-vos a vontade.

SÍLVIA — Ireis fazê-la, pois desejo apenas que vos vades deitar em vossa cama. Homem sutil, perjuro, falso, hipócrita! Supões-me tão estúpida e inconsciente que possa acreditar nessas lisonjas que já embaíram tantas outras jovens? Vai procurar a tua amada e pede-lhe que te perdoe, que eu — ouve-me a pálida soberana da noite — tão distante me acho de dar ouvidos a teus votos, que por tua insistência vergonhosa sinto desprezo e nojo e me censuro por perder tempo a conversar contigo.

PROTEU — Juro-te, coração, que amor eu tive por uma jovem que já não existe.

JÚLIA (*à parte*) — Que é falso, se eu falasse, afirmaria, pois sei que ela inumada não se encontra.

SÍLVIA — É possível. Contudo, Valentino, teu amigo, ainda vive, e tu bem sabes que noiva dele eu sou. Não te envergonhas de ofendê-lo com tuas insistências?

PROTEU — Também se diz que Valentino é morto.

SÍLVIA — Então me considera também morta, pois posso asseverar-te que em seu túmulo se encontra o meu amor.

PROTEU — Meiga senhora, permiti que da terra ora o retire.

SÍLVIA — Procura a sepultura da que amaste e seu amor exuma, ou, pelo menos, enterra o teu na mesma sepultura.

JÚLIA (*à parte*) — Semelhante conselho ele não ouve.

PROTEU — Se o coração, senhora, tendes duro, recompensai ao menos meus anelos com o retrato que o quarto vos enfeita. Com ele falarei; ardentes lágrimas hei de lhe oferecer, fundos suspiros. Já que a essência de vossa perfeição a outrem se acha votada, sou apenas uma sombra fugaz que à sombra vossa vai revelar amor sincero e puro.

JÚLIA (*à parte*) — Se fosse a própria essência, estou bem certa, por fim a enganarias, reduzindo-a à minha condição de simples sombra.

SÍLVIA — Não me alegra saber que sou vosso ídolo. Mas já que apraz à vossa falsidade adorar sombras e aparências falsas, mandai um portador amanhã cedo buscar o meu retrato. Bom repouso.

PROTEU — Repousarei tal como o condenado que só espera a manhã para ser morto.

(*Sai Proteu; Sílvia se recolhe.*)

JÚLIA — Vamos, hoteleiro?

HOTELEIRO — Por minha salvação, estava quase a dormir.

JÚLIA — Por obséquio, onde mora o senhor Proteu?

HOTELEIRO — Ora, em minha casa. Por minha fé, penso que já é quase dia.

JÚLIA — Ainda não; nunca estive de vigília em noite assim, tão longa e tão pesada.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Entra Eglamor.

EGLAMOR — Madame Sílvia me aprazou esta hora para me revelar sua vontade. Vai me confiar, decerto, algo importante. Madame!

(*Sílvia aparece à janela.*)

SÍLVIA — Quem me chama?

EGLAMOR — Vosso criado e amigo verdadeiro, que se encontra sempre às ordens de Vossa Senhoria.

SÍLVIA — Mil bons-dias, meu bom Sir Eglamor.

EGLAMOR — Como a vós, muito digna senhorita. Obedecendo nisto a vossas ordens, vim cedinho saber qual o serviço que confiar-me apraz a Vossa Graça.

SÍLVIA — Ó senhor Eglamor, sois um fidalgo — não é lisonja, não; posso jurar-vos — valente, sábio, consciencioso, puro. Não podes ignorar quanta afeição eu dedico ao banido Valentino, nem que meu pai à força quer que eu case com o fútil Túrio que minha alma odeia. Também amaste; ocorre-me a lembrança de ter-te ouvido que jamais sofreras mágoa tão grande como a do trespasse do teu sincero amor, de tua esposa, sobre cujo sepulcro lhe juraste perene e imaculada castidade. Eglamor, resolvi ir para Mântua, onde penso que se acha Valentino; mas como a estrada é cheia de perigos, desejo tua digna companhia por confiar em tua honra e probidade. Não me repliques, Eglamor, com a cólera de meu pai; pensa apenas na tristeza que me acabrunha, a dor de uma senhora; reflete no direito que me assiste de evitar esse enlace tão sacrílego, que será pelo céu e pela sorte cumulado de males indizíveis. É com o peito tão cheio de tristezas como de areia o mar que te suplico ires junto comigo, ou, pelo menos, a ninguém revelar nossa conversa, para que eu, só, possa correr perigo.

EGLAMOR — Senhora, vossa dor me deixa triste. Sabendo quão direita sois em tudo, resolvo-me a fazer-vos a vontade, sem pensar no que possa acontecer-me, contanto que a Fortuna vos sorria. Quando quereis partir?

SÍLVIA — Amanhã cedo.

EGLAMOR — Qual o lugar de nosso encontro?

SÍLVIA — A cela de Frei Patrick, após me confessar.

EGLAMOR — Não deixarei Vossa Grandeza em falta. Até amanhã, princesa.

SÍLVIA — Muito boa manhã, caro Eglamor.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Entra Launce com seu cão.

LAUNCE — Não há quem não fique furioso, ora vede, quando o seu criado procede como cachorro. Um animal que eu criei desde pequeno, que salvei de se afogar, quando três ou quatro de seus irmãos e irmãs iam ser jogados na água. Ensinei-lhe as coisas de tal modo, que se poderia dizer: desse jeito até eu ensinaria um cão. Meu amo mandou que eu o desse de presente à senhorita Sílvia; porém, mal entrei na sala, ele saltou à mesa e roubou uma perna de capão. Oh! Que coisa horrível não saber um cachorro comportar-se em boa companhia! Eu desejara possuir um cachorro, como se diz, que se decidisse a ser cachorro de verdade, para que ele, por assim dizer, fosse realmente cachorro em todas as coisas. Se eu não houvesse revelado mais espírito do que ele, para assumir a responsabilidade de uma falta cometida por ele próprio, estou certo de que o teriam enforcado. Sim, por minha vida: teria sido castigado. Vós mesmos ireis julgar: ele me atira a si mesmo por baixo da mesa do duque, em companhia de três ou quatro cachorros afidalgados. Pois não havia tido ainda — desculpai-me a expressão — nem tempo de urinar, e já todo o compartimento recendia. "Ponham fora daqui a esse cachorro!" exclamava um dos presentes. "Que cachorro é esse?" perguntava outra pessoa. "Dêem-lhe umas relhadas!" dizia um terceiro. "Embarcai-o!" gritou o duque. Por já estar habituado com aquele cheiro, vi logo que se tratava de Crab e me dirigi para o criado incumbido de ministrar castigo aos cães. "Amigo", lhe disse, "tencionais chibatear esse cachorro?" "Sem dúvida", respondeu-me. "Pois ides praticar uma injustiça!" acrescentei, "por ter sido eu que fiz a coisa que bem sabeis", depois do que, sem usar de cerimônias, ele me expulsou do quarto a chibatadas. Quantos patrões teriam feito o mesmo com relação a seus criados? Sim, posso jurar que já fui posto no tronco por causa de pudins roubados por ele, só para que ele não fosse executado; já fiquei no pelourinho por causa de gansos mortos por ele, só para que ele não viesse a sofrer nada. Já te esqueceste de tudo isso, não é assim? Ainda me recordo da partida que me pregaste, quando me despedi de madame Sílvia. Não te recomendara que não me perdesses de vista, para só fazeres o que eu fizesse? Quando já me viste levantar a perna e molhar a saia de alguma senhora? Alguma vez já me viste fazer semelhante brincadeira?

(*Entram Proteu e Júlia em trajes masculinos.*)

PROTEU — Chamas-te Sebastião? Muito me agradas; vou arranjar-te logo algum serviço.

JÚLIA — Farei tudo de muito boamente.

PROTEU — Assim o creio. (*A Launce.*) Então, vilão à-toa, por onde vos metestes, há

dois dias?

LAUNCE — Ora, senhor, levei à senhorita Sílvia o cachorro que lhe mandastes de presente.

PROTEU — E que disse ela da minha pequena jóia?

LAUNCE — Disse que vosso cachorro era muito reles, e me incumbiu de vos transmitir agradecimentos de cão por semelhante presente.

PROTEU — Mas ela ficou com o cachorro?

LAUNCE — Não, senhor; isso ela não fez; aqui vo-lo trago de volta.

PROTEU — Como! É esse o cachorro que lhe ofereceste de minha parte?

LAUNCE — Perfeitamente, senhor; o outro, o esquilo, me foi roubado no mercado pelos filhos do carrasco; por essa razão eu levei à senhorita Sílvia o meu próprio cão, que é dez vezes maior do que o vosso e, por isso mesmo, constitui presente muito maior.

PROTEU — Some da minha vista! Vai em busca de meu cachorro, ou nunca me apareças. Fora, já disse! Queres irritar-me? Esse biltre a toda hora me envergonha. (*Sai Launce.*) Tomei-te, Sebastião, a meu serviço, em parte, apenas porque necessito de um moço como tu, capaz da máxima discrição nos recados, que impossível é a gente se fiar num louco destes. Mas o motivo principal é a tua compostura, as feições, que, se me fala certo o pressentimento, testemunham bons princípios, caráter e lealdade. Sabes, pois, as razões de minha escolha. Toma agora este anel e, com presteza, leva-o a madame Sílvia. Quem mo deu muito amor me dedicava.

JÚLIA — Dando-o, mostrais que amor nenhum lhe tínheis. Já estará morta?

PROTEU — Não; penso que vive.

JÚLIA — Ai de mim!

PROTEU — Por que falas assim?

JÚLIA — Não me é possível deixar de lastimá-la.

PROTEU — Qual a causa de teres pena dela?

JÚLIA — É que parece que tanto amor ela por vós sentia, quanto por vossa senhorita Sílvia ora estais revelando. Ela ainda sonha com quem de seu amor está esquecido; vós amais quem de vosso amor não cuida. Dói ver o amor prejudicar-se tanto. Foi por pensar assim que disse aquilo.

PROTEU — Bem; leva-lhe este anel e, ao mesmo tempo, dá-lhe esta carta. O quarto dela é aquele. Dize a minha senhora que eu reclamo o cumprimento da promessa feita: seu divino retrato. Terminado teu recado, ao meu quarto volta logo, onde triste hás de achar-me e solitário. (*Sai.*)

JÚLIA — Quantas mulheres se encarregariam de tal mensagem? Ah, pobre Proteu! Escolheste a raposa para guarda de tuas ovelhinhas. Pobre louca! Por que ter pena de quem me despreza de todo o coração? De mim se esquece, porque lhe tem amor; e eu, por amá-lo,

também me apiado dele. Ao separarmo-nos, dei-lhe este anel como penhor de quanto lhe seria sincera. Mas agora — infeliz mensageiro! — sou forçada a pedir o que obter não desejara, a levar-lhe o que fora preferível recusar, a elogiar-lhe os sentimentos que censurar desejo intimamente. Sou a amante sincera de meu amo, mas não posso ser dele honesto servo sem falsa me tomar para mim própria. Contudo, vou fazer por ele a corte, mas de modo tão frio — o céu o sabe — que espero nunca conseguir o intento. (*Entra Sílvia, com acompanhamento.*) Bom-dia, senhorita; por obséquio, desejava falar com dona Sílvia.

SÍLVIA — Se ela eu fosse, que dela desejaras?

JÚLIA — Se fosseis ela, pediria, humilde, que ouvísseis com paciência meu recado.

SÍLVIA — Da parte de quem vindes?

JÚLIA — De meu amo, senhor Proteu, madame.

SÍLVIA — Ah! É a propósito de um retrato, não é?

JÚLIA — Perfeitamente, madame.

SÍLVIA — Úrsula, traze o meu retrato. (*Trazem o retrato.*) Dai-lhe isto e dize-lhe de minha parte que uma Júlia, esquecida de seu falso coração, ficaria mais a jeito no seu quarto do que esta simples sombra.

JÚLIA — Senhora, por obséquio, eis uma carta... Perdão, senhora; inadvertidamente vos dei outro papel. Eis o que eu trouxe para ser dado a Vossa Senhoria.

SÍLVIA — Mostra-me o outro, de novo, por obséquio.

JÚLIA — Não, senhora; é impossível. Desculpai-me.

SÍLVIA — Então fica com este. Não quero ler os versos de teu amo; sei que inflados se encontram de protestos de juramentos novos, que ele se acha pronto a quebrar tão facilmente como eu rasgo este papel.

JÚLIA — Senhora, este anelzinho, é também vosso.

SÍLVIA — Maior é o opróbrio dele por enviar-me semelhante presente, pois mil vezes o ouvi dizer que, à despedida, Júlia lho dera de lembrança. Muito embora seu falso dedo o anel já profanasse, a Júlia não farei tal injustiça.

JÚLIA — Ela vos agradece.

SÍLVIA — Que disseste?

JÚLIA — Senhorita, agradeço-vos o serdes compassiva com Júlia. Coitadinha! Muito sofreu por causa de meu amo.

SÍLVIA — Conhece-la?

JÚLIA — Conheço-a quase tanto quanto a mim. A lembrança dos seus males me tem feito chorar mil vezes, crede.

SÍLVIA — Já sabe que Proteu se esqueceu dela?

JÚLIA — Creio que sim; por isso mesmo, sofre.

SÍLVIA — Ela é muito bonita?

JÚLIA — Já foi, senhora, muito mais bonita. Quando ela ainda pensava que meu amo lhe dedicava amor, era tão bela quanto sois. É o que eu penso. Mas depois que o espelho ela esqueceu e jogou fora a máscara que o rosto lhe amparava contra o calor do sol, fez o ar fanarem-se as rosas que lhe as faces coloriam e esmaecer da fronte a cor do lírio. Ora ficou como eu, preta de todo.

SÍLVIA — Qual era a altura dela?

JÚLIA — A minha. Sim, no Pentecostes, quando tivemos de ensaiar os espetáculos, um papel de mulher deram-me os moços com as vestimentas de madame Júlia, que, na opinião de todos, me serviam tão bem como se minhas elas fossem. Por isso eu sei que ela é da minha altura. Nessa ocasião fi-la chorar bastante, pois era muito triste a minha parte, minha senhora, no papel de Ariadne, a lastimar-se da infidelidade de Teseu e de sua fuga injusta. Representei tão bem, com tantas lágrimas, que a minha pobre dona, comovida, chorava amargamente. Morrer quero neste momento, se não for verdade que suas dores eu também sentia.

SÍLVIA — Ela há de ser-te muito grata, jovem. Coitada! Abandonada e sem consolo! Só de te ouvir falar eu também choro. Toma esta bolsa, jovem: dou-ta como dádiva em atenção daquela pobre que tanto e tanto amaste. Passa bem.

JÚLIA — Ela há de agradecer-vos esse gesto, se a virdes algum dia. (*Sai Sílvia com o séquito.*) Mui virtuosa senhorita, bondosa e encantadora. Espero que meu amo seja muito fracamente acolhido, uma vez que ela respeita tanto o amor da minha dona. Ai! Como de si mesmo o amor faz troça Eis o retrato dela. Examinemo-lo. Penso que este penteado me deixara com o rosto tão formoso quanto o dela. Favoreceu-a, aliás, o artista um pouco, ou eu também me favoreço muito. Tem cabelos castanhos: eu, bem louros. Se o amor de Valentino se decide por esse traço, vou usar cabelos postiços de igual cor. Olhos cinzentos possui, iguais aos meus, da cor de vidro. Mas é de testa estreita; a minha é larga. Que pode nela achar-se de admirável, que admirar em mim mesma eu não pudesse, se o louco Amor não fosse um deus sem olhos? Vamos, sombra; carrega esta outra sombra, que ela é tua rival. Forma insensível, adorada vais ser, beijada e amada! Se em tal idolatria houvesse senso, em teu lugar meu ser seria estátua. Vou te ser boa em atenção à dona, que foi boa comigo; do contrário, por Jove o juro, as unhas eu metera nesses olhos sem luz, porque meu amo não mais encantos neles encontrasse. (*Sai.*)

Ato 5

Cena 1

Milão. Uma abadia. Entra Eglamor.

EGLAMOR — O sol já doira a fímbria do ocidente. Sílvia me disse que nesta hora, justa, nós nos encontraríamos na sela de Frei Patrick. Decerto ela não falta, que nunca as horas os amantes perdem, salvo se for para chegarem antes, tanto a pressa esporeiam. Ei-la a tempo. (*Entra Sílvia*) Boa-tarde, senhora.

SÍLVIA — Amém, amém. Vamos, bravo Eglamor; passemos logo a portinha do muro do convento. Tenho medo de estar sendo seguida.

EGLAMOR — Ânimo, que a floresta está a três léguas. Se a alcançarmos, sairemos do perigo.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Um quarto no palácio do duque. Entram Túrio, Proteu e Júlia.

TÚRIO — De minha pretensão, que disse Sílvia, senhor Proteu?

PROTEU — Oh, meu senhor, achei-a mais tratável. Contudo, faz reparos freqüentes com respeito a vosso físico.

TÚRIO — Acha que minhas pernas são compridas?

PROTEU — Não; acha que são finas.

TÚRIO — Umas botas mas farão engrossar.

JÚLIA (*à parte*) — O uso de esporas de nada serve, quando o amor demonstra grande aversão por algo.

TÚRIO — E do meu rosto, que disse ela?

PROTEU — Que é muito e muito claro.

TÚRIO — Nisso aquela travessa está mentindo, que eu tenho a tez escura.

PROTEU — Mas segundo velho ditado, as pérolas são claras: "Para os olhos da amada um negro é pérola."

JÚLIA (*à parte*) — Sim, pérolas que os olhos dela ofusquem. Preferira ficar a contemplá-las.

TÚRIO — E de minha conversa, que disse ela?

PROTEU — Desagradável, se falais de guerra.

TÚRIO — Mas gosta de me ouvir falar de amor?

JÚLIA (*à parte*) — Mais lhe agradais, se nada lhe disserdes.

TÚRIO — E de minha coragem, que disse ela?

PROTEU — Ó meu senhor, sobre isso não tem dúvida.

JÚLIA (*à parte*) — Fora desnecessário, pois bem sabe quanto sois pusilânime.

TÚRIO — E que disse sobre o meu nascimento?

PROTEU — Que de grande família descendeis.

JÚLIA (*à parte*) — Desceu, realmente, de muito alto: de um nobre para um tolo.

TÚRIO — Falou-vos de meus bens?

PROTEU — Sim, com piedade.

TÚRIO — Por que motivo?

JÚLIA (*à parte*) — Por estarem,sob a gerência de outrem.

JÚLIA — Eis o duque.

(*Entra o duque.*)

DUQUE — Então, senhor Proteu! Túrio, bom-dia. Quem viu Sir Eglamor?

TÚRIO — Eu não.

PROTEU — Nem eu.

DUQUE — E minha filha Sílvia?

PROTEU — Também não.

DUQUE — Então sabei que ela fugiu para juntar-se ao rústico Valentino: Eglamor saiu com ela. É certo; Frei Lourenço encontrou ambos ao passear, penitente, pelo bosque. Conheceu Eglamor, tendo suspeitas com relações a Sílvia, cuja máscara o impediu de afirmar com segurança. Além do mais, ela aventou o pretexto de ir cedo confessar-se com Patrick, sem que estivesse estado em sua cela. Esses sinais confirmam sua fuga. Por isso pelo não perderdes tempo com vãos discursos, mas montardes logo para a mim vos reunirdes junto à encosta da montanha da estrada para Mântua, que é por onde eles foram. Persigamo-los sem demora, meus caros gentis-homens. (*Sai.*)

TÚRIO — isto é que é rapariga sem juízo: fugir da sorte que empós dela corre! Vou atrás dela, mais, seguramente, para tomar vingança de Eglamor que por amor à desmiolada Sílvia. (*Sai.*)

PROTEU — Eu também vou, mais por amor de Sílvia do que por desamor ao seu comparsa. (*Sai.*)

JÚLIA — E eu mais para estragar todo esse amor, do que por Sílvia, a quem conduz o amor. (*Sai.*)

Cena 3

Floresta na fronteira de Mântua. Entram proscritos com Sílvia.

PRIMEIRO PROSCRITO — Vamos! Paciência. Teremos de levá-la ao nosso chefe.

SÍLVIA — Mil infortúnios mais acerbos que este me ensinaram a ser paciente agora.

SEGUNDO PROSCRITO — Vamos, levai-a logo.

PRIMEIRO PROSCRITO — E o gentil-homem que com ela vinha?

TERCEIRO PROSCRITO — Por ter pés ágeis, escapou de todos; mas Valério e Moisés vão-lhe no encalço. Ide com ela para a porta do este; nosso chefe está lá. Nós seguiremos empós do outro; fugir não lhe é possível, que toda a redondeza está cercada.

(*Saem todos, com exceção do primeiro proscrito e de Sílvia.*)

PRIMEIRO PROSCRITO — Vamos; vou acompanhá-la até à caverna do nosso capitão. Não tenha medo; é homem de caráter elevado; jamais abusará de uma donzela.

SÍLVIA — Ó Valentino! Tudo por tua causa!

(*Saem.*)

Cena 4

Outra parte da floresta. Entra Valentino.

VALENTINO — Como o uso cria no homem um novo hábito! Este bosque sombrio, esta floresta por ninguém freqüentada, eu os prefiro aos centros florescentes e povoados. Aqui sentar-me posso sem ser visto, e, em consonância com as dolentes notas do rouxinol, cantar minhas desgraças e recordar meus males. Tu que habitas neste peito dorido, não o deixes sem morador, de medo que o conjunto venha a se desfazer, por arruinar-se, sem deixar nem memória do que fora. Vem reparar-me, Sílvia, com teu gesto! Alegra o teu pastor, minha adorada! (*Barulho dentro.*) Quantos gritos na mata o dia todo! São meus homens; a lei depende deles; certamente dão caça a alguns viajantes. Têm-me amor; mas me custa muito esforço evitar que ações más eles cometam. Recua, Valentino... Quem vem vindo? (*Afasta-se.*)

(*Entram Proteu, Sílvia e Júlia.*)

PROTEU — Madame, o que por vós fiz neste instante — conquanto não saibais tudo o que possa realizar vosso servo — a própria vida pondo em perigo para arrebatar-vos das mãos de quem o amor vos forçaria, merece o prêmio de um olhar mais terno. Almejar menor graça é-me impossível, nem menor poderíeis conceder-me.

VALENTINO (*à parte*) — Como parece um sonho o que ouço e vejo! Amor, dá-me paciência alguns instantes.

SÍLVIA — Como sou infeliz! Quão miserável!

PROTEU — Infeliz, senhorita, éreis há pouco; mas com minha chegada vos mudastes.

SÍLVIA — Mais infeliz fiquei com tua vinda.

JÚLIA — (*à parte*) — Como eu, quando ele dela se aproxima.

SÍLVIA — Antes um leão faminto me apanhasse! Preferira ser pasto de uma fera, a dever a existência a este homem falso. Sabe o céu quanto eu amo a Valentino; como minha alma, sua vida eu prezo. Com a mesma intensidade — não me fora possível fazer mais — odeio ao falso, ao perjuro Proteu. Por isso, afasta-te! Não me importunes mais com teus pedidos.

PROTEU — Empreenderia qualquer feito ousado, ainda que logo após morrer devesse, para um olhar obter mais compassivo. Para quem ama, é grande maldição odiá-lo quem lhe prende o coração.

SÍLVIA — Se Proteu só encontra compaixão onde não pode amar, de Júlia lembra-te, teu primitivo amor e mais sincero, por cujo afeto dividiste a tua fidelidade em juras infinitas, que

em juras falsas transmudaste, quando me dedicaste amor. Já não te resta nenhuma fé, se duas não tiveres, o que é pior do que nada. Antes nenhuma, do que uma fé mostrar tão importuna. Traíste o teu melhor amigo.

PROTEU — Quem no amor respeita amigos?

SÍLVIA — Todo o mundo, menos Proteu.

PROTEU — Embora. Mas se o espírito de eloqüentes palavras não tem meios para vos alterar a dura forma, como soldado vou fazer a corte, de armas na mão, e amar-vos contra a própria natureza do amor: usando força.

SÍLVIA — Oh céus!

PROTEU — Hei de obrigar-vos ao que quero.

VALENTINO (*avançando*) — Afasta-te, rufião! Não toques nela com tuas mãos grosseiras! Falso amigo!

PROTEU — Valentino!

VALENTINO — Amigo de hoje, sem qualquer lealdade, como o são todos! Falso! As esperanças me burlaste; somente os próprios olhos me poderiam dar esta certeza. Já não posso dizer que ainda me resta um amigo, porque me desmentiras. Quem merecera fé, se a mão direita é infiel ao coração? Oh! Estou triste por nunca mais poder confiar em ti. Por tua causa fugirei do mundo. O golpe da amizade é mais profundo. Oh tempo ingrato! Que entre tanta gente seja traidor o amigo e confidente!

PROTEU — Confunde-me a vergonha do meu crime. Valentino, perdoa. Se a tristeza do coração tiver força bastante para me redimir de minha culpa, aos teus pés a deponho. Minha falta não é maior do que meu sofrimento.

VALENTINO — Isso me satisfaz; torno a estimar-te como a um homem de bem. Quem não se dobra ao arrependimento, não pertence nem ao céu nem à terra, que são brandos. Por penitência a cólera do Eterno se deixa dominar. E como prova de quanto o teu falar me comprazeu, cedo-te tudo quanto em Sílvia é meu.

JÚLIA — Ai de mim! Infeliz!

PROTEU — Acudam o pajem!

VALENTINO — Então, rapaz! Que houve? Vamos! Fala!

JÚLIA — Ó bom senhor, meu amo encarregou-me de entregar este anel a dona Sílvia, coisa que me esqueceu, por negligência.

PROTEU — E o anel, rapaz, onde se encontra?

JÚLIA — É este. (*Dá-lhe um anel*)

PROTEU — Como! Deixa-me vê-lo. Que acontece? Este anel eu dei a Júlia!

JÚLIA — Oh! Perdoai-me, senhor, mas houve engano. O anel de Sílvia é este. (*Mostra outro anel.*)

PROTEU — De que jeito obtiveste este anel? Eu o dera a Júlia no momento de nossa despedida.

JÚLIA — Pois foi a própria Júlia quem mo deu, e a própria Júlia que até aqui o trouxe.

PROTEU — Como! Júlia!

JÚLIA — Contempla o alvo de todas as tuas juras, com carinho guardadas no imo peito. Quanto este coração tem padecido por teus perjuros todos! Ó Proteu! Envergonha-te à vista destes trajes. Possas corar por eu ter envergado vestes tão imodestas, se, de fato, pode haver imodéstia nos disfarces de que se vale o amor. Mas erra menos a mulher no disfarce de um momento do que o homem que troca o sentimento.

PROTEU — O homem que troca o sentimento! É certo. Oh céus! Porque perfeito o homem ficasse, falta-lhe ser constante. Esse defeito o leva a cometer muitos pecados. Que pode haver em Sílvia a todo instante, que em Júlia não me mostre o amor constante?

VALENTINO — Vamos, sem mais demora dai-me as mãos. Ver-vos unidos causa-me alegria; não fora bem brigardes em porfia.

PROTEU — Bem sabe o céu que o meu anelo era este.

JÚLIA — O meu também.

(*Entram proscritos com o duque e Túrio.*)

PROSCRITO — Uma presa! Uma presa!

VALENTINO — Parai! Parai! é o meu senhor, o duque. Sede bem-vindo Vossa Graça junto de um homem cuja graça está perdida: Valentino, o banido.

DUQUE — Valentino!

TÚRIO — Ali está Sílvia, e Sílvia me pertence.

VALENTINO — Túrio, ou recua, ou abraçarás a morte. Não te aproximes, porque não te possa tocar a minha cólera. Não digas que Sílvia te pertence; se o fizeres, nunca mais serás visto por Verona. Ei-la diante de ti; mas não consinto que te aproximes dela, nem, ao menos, que o teu hálito alcance a minha amada.

TÚRIO — Sir Valentino, dela não me importo. Considero tolice rematada chegar a pôr em risco a própria vida por alguém que nos vota só desprezo. Não a reclamo; Sílvia, pois, é tua.

DUQUE — É preciso que sejas vil e baixo para a deixares tão covardemente depois de haveres feito o que fizeste no afã de conquistá-la. Pelo nome impoluto de meus antepassados, tua coragem, Valentino, arranca-me aplausos efusivos; considero-te digno de desposar uma princesa. Digo-te, pois, que neste instante esqueço os agravos passados, renuncio a todo o meu rancor e, ainda, de novo te reconduzo à corte. Tens direito de pedir novo estado, o que confirmo de antemão; pelo muito que mereces. Valentino, és fidalgo de alto sangue; mereceste ficar com tua Sílvia.

VALENTINO — Fico muito obrigado a Vossa Graça por esse dom que tão feliz me deixa.

Agora, por amor de vossa filha desejava fazer-vos um pedido.

DUQUE — Seja qual for, por ti vais alcançá-lo.

VALENTINO — Estes banidos, entre os quais vivi, são pessoas de excelsas qualidades. Perdoai-lhes os excessos e chamai-os de novo para a corte. Corrigidos já se acham; são honestos, generosos e capazes, senhor, de altos serviços.

DUQUE — Concedo tudo; a eles e a ti perdôo. Emprega-os como achares conveniente. Vamos; concluamos nossas dissidências com triunfos, alegria e altos festejos.

VALENTINO — Em caminho farei todo o possível para deixar Vossa Grandeza alegre. Que pensa Vossa Graça deste pajem?

DUQUE — Como rapaz, tem graça; está corado.

VALENTINO — Para rapaz, terá graça excessiva.

DUQUE — Que quereis insinuar com o trocadilho?

VALENTINO — Se não vos desagrada, hei de contar-vos, e isso vos vai deixar estupefacto, tudo o que se passou. Vamos, Proteu; será vosso castigo ouvir a história só dos vossos amores. Depois disso, no mesmo dia nós nos casaremos: uma festa, uma casa, uma ventura.

(*Saem.*)

Sonho de uma Noite de Verão

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

ATO 2

Cena 1

Cena 2

ATO 3

Cena 1

Cena 2

ATO 4

Cena 1

Cena 2

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Personagens

TESEU, Duque de Atenas.
EGEU, pai de Hérmia.
LISANDRO, apaixonado de Hérmia.
DEMÉTRIO, apaixonado de Hérmia.
FILÓSTRATO, diretor de festas na corte de Teseu.
QUINCE, carpinteiro.
SNUG, marceneiro.
BOTTOM, tecelão.
FLAUTA, remenda-foles.
SNOUT, caldeireiro.
STARVELING, alfaiate.
HIPÓLITA, rainha das amazonas, noiva de Teseu.
HÉRMIA, filha de Egeu, apaixonada de Lisandro.
HELENA, apaixonada de Demétrio.
OBERON, rei dos elfos.
TITÂNIA, rainha dos elfos.
PUCK, ou o Bom Robim.
FLOR-DE-ERVILHA, elfo.
TEIA-DE-ARANHA, elfo.
TRAÇA, elfo.
SEMENTE-DE-MOSTARDA, elfo.
Outros elfos do séqüito de Oberon e Titânia.
Séqüito de Teseu e Hipólita.

Ato 1

Cena 1

Atenas. O palácio de Teseu. Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato e pessoas do séqüito.

TESEU — Depressa, bela Hipólita, aproxima-se a hora de nossas núpcias. Quatro dias felizes nos trarão uma outra lua. Mas, para mim, como esta lua velha se extingue lentamente! Ela retarda meus anelos, tal como o faz madrasta ou viúva que retém os bens do herdeiro.

HIPÓLITA — Mergulharão depressa quatro dias na negra noite; quatro noites, presto, farão escoar o tempo como em sonhos. E então a lua que, como arco argênteo. no céu ora se encurva, verá a noite solene do esposório.

TESEU — Vai, Filóstrato, concita os atenienses para a festa, desperta o alegre e buliçoso espírito da alegria, despacha para os ritos fúnebres a tristeza, que essa pálida hóspede não vai bem em nossas pompas. (*Sai Filóstrato.*) De espada em mão te fiz a corte, Hipólita; o coração te conquistei à custa de violência; mas quero desposar-te com música de tom mais auspicioso, com pompas, com triunfos, com festejos.

(*Entram Egeu, Hérmia, Lisandro e Demétrio.*)

EGEU — Salve, Teseu, nosso famoso duque!

TESEU — Bom Egeu, obrigado. Que há de novo?

EGEU — Cheio de dor, venho fazer-te queixa de minha própria filha, Hérmia querida. Vem para cá, Demétrio. Nobre lorde, tem este homem o meu consentimento para casar com ela. Agora avança. Lisandro. E este, meu príncipe gracioso, o peito de Hérmia traz enfeitiçado. Sim, Lisandro, tu mesmo, com tuas rimas! Prendas de amor com ela tu trocaste; sob a sua janela, à luz da lua, cantaste-lhe canções com voz fingida, versos de amor fingido, e cativaste as impressões de sua fantasia com cachos de cabelo, anéis, brinquedos, ramalhetes, docinhos, ninharias, mensageiros de efeito decisivo nas jovens ainda brandas. Com astúcia, à minha filha o coração furtaste, mudaste-lhe a filial obediência em dura teimosia. Por tudo isso, meu mui gracioso duque, se ela, agora. diante de Vossa Graça, com Demétrio não quiser se casar, eu me reporto à antiga lei de Atenas que confere aos pais direito de dispor dos filhos. É minha filha, posso dispor dela. Ou a entregarei para este cavalheiro, ou para a morte, o que, sem mais delongas, segundo nossa lei, deve ser feito.

TESEU — Hérmia, que respondeis? Sede prudente, bela menina. Como a um deus devíeis ver sempre vosso pai, um deus que vossa formosura plasmou, pois sois apenas a cera a que ele conferiu a forma, restando-lhe o poder de conservá-la, ou de esfazer a imagem. É Demétrio cavalheiro mui digno.

HÉRMIA — E assim Lisandro.

TESEU — Sim, em si mesmo; mas uma vez que ele com vosso pai não conta, deveríeis o outro considerar como o mais digno.

HÉRMIA — Ah, se meu pai o visse com meus olhos!

TESEU — Com o juízo dele é que razoável fora que vossos olhos vissem.

HÉRMIA — Vossa Graça me perdoe, mas não sei que força oculta me dá tanta ousadia, nem compreendo como a minha modéstia me consente defender minha causa em tal presença. Suplico a Vossa Graça declarar-me o que de pior me tocará por sorte, se eu me negar a desposar Demétrio.

TESEU — Ou morrer morte crua, ou, para sempre, sair da sociedade. Por tudo isso, formosa Hérmia, falai com vossas próprias aspirações, pensai na mocidade, examinai a fundo vosso sangue e vede se é possível suportardes um hábito de freira, para o caso de recusardes a paterna escolha, ficar encarcerada para sempre num convento sombrio, como estéril irmã passar a vida, hinos dolentes cantar à lua infrutuosa e fria. Abençoados três vezes os que podem, dessa maneira, dominar o sangue e a peregrinação fazer virgínea. Mas muito mais feliz na terra é a rosa que destilar se deixa do que quantas no espinho virgem crescem, vivem, morrem em sua solitária beatitude.

HÉRMIA — Assim crescer prefiro, meu bom lorde. viver e perecer, a ver os sacros privilégios de minha mocidade em poder de um senhor, cujo aborrido jugo minha alma do íntimo repele.

TESEU — Refleti mais um pouco. Na outra lua quando tiver de ser selado o liame sempiterno entre mim e a minha amada — nesse dia tereis de decidir-vos ou a morrer por desacato franco à vontade paterna, ou a ser esposa de Demétrio, ou a fazer no altar de Diana juramento de eterna austeridade num viver virginal e solitário.

DEMÉTRIO — Hérmia, concorda; e tu, Lisandro, deixa da pretensão de opor teus fracos títulos ao meu direito certo e indiscutível.

LISANDRO — Do pai de Hérmia, Demétrio, o afeto tendes; casai com ele, então; seja ela minha.

EGEU — Lisandro zombador, é bem verdade que o meu amor é dele, e pois vai dar-lhe tudo quanto possuo: Hérmia pertence-me; todo o direito que sobre ela tenho a Demétrio o transfiro.

LISANDRO — Eu sou, milorde. de família tão nobre quanto a dele; de patrimônio igual somos herdeiros; maior é o meu amor. Quanto aos favores da fortuna, mimoso sou como ele, se não mais. Finalmente, o que suplanta todas essas vanglórias: sou amado da irresistível Hérmia. Por que causa não me bater em prol do meu direito? Demétrio — ao rosto lanço-lhe isto — a filha de Nedar namorou e a alma ganhou-lhe, e ela, coitada, piamente o adora, adora até quase à loucura a este homem volúvel e culpado.

TESEU — Sim, já ouvira falar por alto nisso e pretendia conversar com Demétrio a esse

respeito; mas por excesso de negócios próprios não me lembrou fazê-lo. Mas, Demétrio, vinde comigo; e vós, também, Egeu. Tenho de vos dizer duas palavras muito em particular. No que respeita vossa pessoa, irresistível Hérmia, fazei esforço para que os caprichos deixeis de acordo com o querer paterno; se não, será forçoso vos dobrardes às leis de Atenas que, de nenhum modo, podemos atenuar: ou morte crua, ou o juramento de viver solteira. Minha Hipólita, vamos. Que se passa contigo. meu amor? Vinde conosco, Demétrio e Egeu; necessidade tenho de ambos vós, não somente para a festa, como também para tratar convosco de algo que aos dois de perto diz respeito.

EGEU — Alegres e obedientes vos seguimos.

(*Saem Teseu, Hipólita, Egeu, Demétrio e séqüito.*)

LISANDRO — Então, minha querida, por que as faces tão pálidas assim? Qual o motivo de murcharem tão rápido essas rosas?

HÉRMIA — Talvez por falta da água que lhes viesse da tempestade dos meus próprios olhos.

LISANDRO — Oh Deus! Por tudo quanto tenho lido ou das lendas e histórias escutado, em tempo algum teve um tranqüilo curso o verdadeiro amor. Ou era grande do sangue a diferença...

HÉRMIA — Oh sofrimento! Nascer no alto e aceitar o cativeiro!

LISANDRO — ... ou mui disparatadas as idades...

HÉRMIA — Oh dor! Unir-se a mocidade às cãs!

LISANDRO — ... ou tudo os pais, sozinhos, decidiam...

HÉRMIA — Não há maior inferno: estranhos olhos para escolher o amor!

LISANDRO — ... ou, quando havia simpatia na escolha, a guerra, as doenças, e a morte, conjuradas, o assaltavam, qual simples som deixando-o, transitório, tão curto corno um sonho, movediço como uma sombra instável, tão ligeiro como raio de noite tempestuosa que, de súbito, rasga o céu e a terra, mas que antes de podermos dizer "Vede!" pelas fauces das trevas é tragado. Tudo o que brilha, assim, em ruína acaba.

HÉRMIA — Se sempre contrariados foram todos os amantes sinceros, é que o próprio destino o determina desse modo. Que nos ensine, pois, a ser pacientes a nossa provação, já que é desdita fatal dos namorados, como os sonhos, pensamentos, suspiros, dores, lágrimas, do pobre amor são companheiros certos.

LISANDRO — Isso consola. Porém, Hérmia, escuta-me: a sete léguas, só, de Atenas mora minha tia, uma viúva muito rica que, por filhos não ter, me considera seu herdeiro exclusivo. Em casa dela, minha Hérmia encantadora, poderemos casar-nos, por ficarmos, então, fora das rigorosas leis dos atenienses. Se me amas, foge da mansão paterna na noite de amanhã. No bosquezinho a uma légua distante da cidade deverás encontrar-me, justamente onde uma vez te vi em companhia de Helena a realizar os sacros ritos de uma manhã de maio.

HÉRMIA — Meu bondoso Lisandro, eu juro pelo mais potente arco do deus Cupido, por sua seta melhor de penas de ouro, pelas meigas pombas de Vênus, pelo que une as almas e confere ao amor virentes palmas, pelas chamas em que se abrasou Dido após abandoná-la o Teucro infido, pelas juras que a todos os instantes violado têm os homens inconstantes, mais do que numerosas, infinitas, do que as que foram por mulheres ditas: amanhã, sem faltar, no grato abrigo de que falamos, estarei contigo.

LISANDRO — Não faltes à palavra. Ai vem Helena.

(*Entra Helena.*)

HÉRMIA — Formosa Helena, por que tanta pressa?

HELENA — Eu, formosa? Desmente-te depressa. Ama Demétrio a tua formosura; nesses olhos encontra a luz mais pura; acha ele em tua voz mais melodia do que o pastor na doce cotovia, quando o trigo nos campos enverdece e o pilriteiro de botões se tece. Se, como as doenças, fosse contagiosa também a formosura, eu, jubilosa, me fizera infectar, ó Hérmia bela! de teus encantos, sem maior cautela; com tua voz ficara nos ouvidos; teu olhar, nestes olhos combalidos; tua fala de música esquisita consolidar viria a minha dita. Se o mundo fosse meu, ficando fora Demétrio, de todo ele, sem demora, me desfizera, caso conseguisse tua beleza obter, tua meiguice, porque sendo, como és, o meu contraste, seu coração bondoso conquistaste.

HÉRMIA — Faço-lhe cara feia, ele me adora.

HELENA — Tivesse eu risos feios desde agora!

HÉRMIA — Digo-lhe doestos, e ele amor me vota.

HELENA — Quem me dera na voz tão doce nota!

HÉRMIA — Vai de par seu ardor com o meu desdém.

HELENA — Com o seu desprezo o meu amor também.

HÉRMIA — De tal loucura a culpa não é minha.

HELENA — É de tua beleza. Fosse a minha!

HÉRMIA — Coragem! Por mais tempo ele não há de fazer juras com tal tenacidade, que eu e Lisandro, há um momento, apenas, resolvemos fugir, sem mais, de Atenas. Para mim era Atenas o paraíso, quando não me encantara o seu sorriso. Como é terrível este fogo interno para, assim, transformar o céu no inferno!

LISANDRO — Não queremos, Helena, ocultar nada: amanhã, quando Febe a luz prateada nas águas refletir, cobrindo a relva de pérolas e encanto dando à selva, hora mais que propícia para a fuga de quem, como nós dois, o amor conjuga, eu e Hérmia combinamos da cidade deixar as portas, rumo à liberdade.

HÉRMIA — Naquele bosque em que, sobre canteiros de primavera, instantes tão fagueiros passamos tantas vezes, atenuando com nossas confissões este ardor brando, eu e Lisandro, que minha alma adora, nos reuniremos ao raiar da aurora. Se em Atenas não temos pouso amigo, alhures acharemos grato abrigo. Reza por nós, minha querida Helena, e com

Demétrio encontres vida amena. Cumpre, Lisandro, agora o prometido por mais que te angustie o dolorido coração: do alimento dos amantes privaremos a vista alguns instantes.

LISANDRO — O voto hei de cumprir, minha Hérmia bela. (*Sai Hérmia.*) Formosa Helena, adeus. Como eu a ela, possa Demétrio ser-te dedicado, transformando em ventura o teu cuidado. (*Sai.*)

HELENA — Como é possível que a felicidade possa reinar em tal desigualdade! Em toda Atenas sou considerada tão formosa quanto Hérmia; mas a nada quer Demétrio atender. Ele, somente, ver não pode o que enxerga toda a gente. Erra ele ao se deixar pender do lindo semblante de Hérmia, tal como eu, caindo em igual erro, prendo o coração na sua compostura sem senão. As coisas baixas, sem valia alguma, de crassas deixa o Amor leves qual pluma. O Amor não vê com os olhos, mas com a mente; por isso é alado, e cego, e tão potente. Nunca deu provas de apurado gosto; cego e de asas: emblema de desgosto. Eterna criança: eis como é apelidado, por ser sempre na escolha malogrado. Como os meninos quebram juramentos, perjura o Amor a todos os momentos. Assim Demétrio, quando Hérmia não via, me granizava juras noite e dia; mas ao calor do seu formoso riso dissolveu-se de súbito o granizo. Da formosa Hérmia vou contar-lhe a fuga. É certeza: no bosque ele madruga, para segui-la. A mim essa notícia vai ensejar de vê-lo a hora propícia. Se o vir na ida e na volta, de corrida, feliz me considero e enriquecida. (*Sai.*)

Cena 2

O mesmo. Um quarto em casa de Quince. Entram Quince, Snug, Bottom, Flauta, Snout e Starveling.

QUINCE — Está aqui toda a nossa companhia?

BOTTOM — Será melhor chamardes um por um, de acordo com a lista.

QUINCE — Aqui está o papel com a indicação do nome de todos os que em Atenas foram considerados capazes de representar o nosso interlúdio, diante do duque e da duquesa, na tarde do dia do seu casamento.

BOTTOM — Primeiro, Peter Quince, conta-nos o enredo da peça; depois, lê o nome dos atores, para entrarmos logo no assunto.

QUINCE — Ora bem, a nossa peça se intitula: A mais lamentável comédia, a mais cruel morte de Píramo e Tisbe.

BOTTOM — Uma bela peça, é o que vos digo, e divertida. E agora, meu bom Peter Quince, fazei a chamada dos atores, pela lista. Mestres, espalhai-vos!

QUINCE — Respondei à medida que eu for chamando. Nick Bottom, tecelão!

BOTTOM — Presente. Dizei qual seja a minha parte e prossegui.

QUINCE — Vós, Nick Bottom, estais inscrito para o papel de Píramo.

BOTTOM — Quem é Píramo? Amante ou tirano?

QUINCE — Amante, que se mata galantemente por questões de amor.

BOTTOM — Para sua execução será forçoso derramar algumas lágrimas. Se me toca esse papel, a assistência que tome conta dos olhos; provocarei tempestades, saberei de algum modo lamentar-me. Vamos aos outros. Contudo, ficaria melhor no papel de tirano; daria um Hércules de mão cheia, um rompe-e-rasga de partir um gato em dois. O pico furioso no mar estrondoso já vem tormentoso romper a prisão. O carro nitente de Fibo esplendente vencer não consente o fado bufão. Grandioso! Nomeai agora os outros comediantes. Essa é a verdadeira disposição de Ercles, a disposição de um tirano. Um apaixonado é mais sentimental.

QUINCE — Francisco Flauta, remenda-foles.

FLAUTA — Presente, Peter Quince.

QUINCE — Tereis de ficar com Tisbe.

FLAUTA — Quem é Tisbe? Cavaleiro andante?

QUINCE — É a mulher que Píramo deve amar.

FLAUTA — Ora, por minha fé, não me deis papel de mulheres; a barba já me está a apontar.

QUINCE — Pouco importa; representareis de máscara, ficando ao vosso arbítrio falar com voz tão fina quanto quiserdes.

BOTTOM — Se eu puder ocultar o rosto, dai-me também o papel de Tisbe; falarei com uma vozinha monstruosa: Tisne! Tisne! Ah, Píramo, meu grande amor! A tua querida Tisbe, a tua esposa idolatrada!

QUINCE — Não! Não! Representareis Píramo, e vós, Flauta, Tisbe.

BOTTOM — Está bem; prossegui.

QUINCE — Robim Starveling, alfaiate.

STARVELING — Presente, Peter Quince.

QUINCE — Robim Starveling, tereis de fazer o papel da mãe de Tisbe. Tom Snout, caldeireiro.

SNOUT — Presente, Peter Quince.

QUINCE — Vós, o pai de Píramo; eu, o pai de Tisbe; a Snug, marceneiro, tocará o papel do leão. Penso que desse modo fica bem arranjada a comédia.

SNUG — Já está escrita a parte do leão? Se a tiverdes aí, dai-ma logo, por obséquio, que eu sou um tanto lerdo para aprender as coisas.

QUINCE — Tereis de representá-la *ex tempore,* por consistir tudo apenas em rugir.

BOTTOM — Dai-me, também, o papel de leão. Hei de rugir de maneira que ficarão comovidos os corações; hei de rugir de modo tal, que o duque exclamará: Que ruja outra vez! Que ruja outra vez!

QUINCE — Se o fizerdes por maneira muito terrível, incutireis pavor na duquesa e nas demais senhoras, a ponto de soltarem gritos, o que seria mais que suficiente para nos enforcarem a todos.

TODOS — Para nos enforcarem. As nossas mães perderiam os filhos.

BOTTOM — Concordo, amigos, que, se de susto fizerdes as senhoras perder o juízo, só lhes restará a discrição de nos enforcar. Mas no meu caso agravarei de tal modo a voz, até rugir tão docemente como uma pombinha mamante; rugirei como um rouxinol.

QUINCE — Para vós só ficará bem o papel de Píramo, por ser Píramo indivíduo de fisionomia agradável, um tipo bem apessoado, próprio para ser visto em dias de verão, um cavalheiro encantador, em suma. Por isso, tereis de representar Píramo.

BOTTOM — Está bem; representarei Píramo. Que barba ficará melhor nesse papel?

QUINCE — Ora, a que quiserdes.

BOTTOM — Hei de desincumbir-me dele ou seja com a barba cor de palha, ou com a cor de laranja bronzeada, ou com a de púrpura legítima, ou com a da cor da coroa da França, vosso amarelo perfeito.

QUINCE — Algumas das vossas coroas francesas são desprovidas de pelos, motivo por que tereis de representar sem barba. Mas, senhores, aqui tendes os papéis. Suplico-vos, peço-vos e concito-vos a aprendê-los para amanhã à noite. Procurai-me no bosque do palácio, a uma milha da cidade, logo que a lua sair. Aí ensaiaremos; porque se nos reunirmos na cidade não faltaria quem nos farejasse, ficando conhecido todo o nosso plano. Nesse meio tempo farei uma relação dos artigos necessários para a nossa representação. Peço-vos que não falteis.

BOTTOM — Lá estaremos para ensaiarmos a peça por maneira obscena e corajosa. Esforçai-vos; sede perfeitos. Adeus.

QUINCE — O encontro é junto do carvalho do duque.

BOTTOM — É quanto basta. Ou vai ou racha!

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Um bosque perto de Atenas. Uma fada e Puck entram por lados diferentes.

PUCK — Olá, espírito! Para onde vais?

FADA — Nos densos cerrados, no bosque fagueiro, nos belos gramados por tudo me esgueiro mais apressada que a lua quando na mata flutua. Contente, sirvo à rainha das fadas, senhora minha e sobre o relvado faço de seus círculos o traço. As altivas primaveras ela as adora deveras; em seu doirado vestido de traçado mui garrido, há rubis, muito perfume, de que as fadas têm ciúme. Ora sacudo as pétalas das rosas à procura das pérolas donosas porque às orelhas ponha redolentes das primaveras lúcidos pingentes. Adeus, espírito travesso; é hora; já vem a fada e os elfos; vou-me embora.

PUCK — Para este ponto o rei já se encaminha. Cuidado! Não se encontre com a rainha, pois Oberon se mostra estomagado deveras por lhe haver ela roubado o gracioso menino da Índia oriundo. Na opinião dela é o pajem sem segundo. O ciumento Oberon desejaria em seu séqüito vê-lo noite e dia, para, juntos, passearem na floresta. Ela, porém, de nada se molesta; retém o lindo pajem, venturosa, e grinaldas lhe tece cor-de-rosa. Nos olhos dele encontra a luz mais pura. Assim, quando nas fontes, porventura, os dois se vêem, num vergel umbroso, à luz do luar, num bosque nemoroso, a tal ponto discutem, que, de medo, nas bolotas os elfos ficam quedos.

FADA — Se esquecida de todo não pareço, tu és aquele espírito travesso de nome Bom Robim. És tu que enleias de noite as raparigas das aldeias, tiras do leite a nata e, de mansinho, desajustas as peças do moinho; fazes que a batedora de manteiga se esbofe sem proveito e que a taleiga de cerveja, por vezes, não fermente; que ris às gargalhadas, de inclemente, do viajante noturno exausto e lasso, pós o teres transviado um bom pedaço. Mas quem de meigo Puck e de trasguinho te chama, a esse auxilias com carinho, fazes que refloresça quanto é dele, lhe dás suma ventura. Dize: és ele?

PUCK — Fada, acertaste. Eu sou, realmente, o ledo vagabundo noturno que brinquedo faço de tudo, porque a todo instante alegre de Oberon deixe o semblante. Como ele ri gostoso, ao ver o efeito, sobre um cavalo gordo, do meu jeito de relinchar qual égua calorosa. Às vezes ponho tudo em polvorosa, quando me escondo, qual maçã cozida, no jarro de uma velha delambida: tropeço-lhe nos beiços, sem que o veja, e no regaço entorno-lhe a cerveja. A sábia tia, às vezes, numa história de enredo triste e perenal memória, pensa me ter, qual um banquinho, à mão; então me afasto e, bum! vai ela ao chão, e enxertando na história um disparate reclama em altas vozes o alfaiate, sem parar de tossir. Em gargalhadas as comadres rebentam, de

malvadas, saltam de gozo e juram, da janela, não terem visto uma hora como aquela. Retira-te; Oberon vem com o seu bando.

FADA — E a senhora também. Fosse ele andando!

(*Entra, por um lado, Oberon com o seu séqüito: por outro, Titânia com o dela.*)

OBERON — Orgulhosa Titânia, é mau indício assim nos encontrarmos ao luar.

TITÂNIA — O ciumento Oberon! Fadas, partamos; abjurei do seu leito e companhia.

OBERON — Detém-te, presunçosa; acata as ordens de teu senhor.

TITÂNIA — Então, senhora eu sou. No entanto eu sei que do país das fadas vieste furtivamente, após a forma tomares de Corino, e o dia inteiro na avena rude versos amorosos a Fílida cantavas. Por que causa vieste aqui ter, deixando a Índia longínqua? Certamente tão-só pela imperiosa Amazonas de botas elegantes, vossa guerreira amada, que está a ponto de casar com Teseu.

OBERON — Não te envergonhas, Titânia, de atirar-me esses remoques pelo interesse que eu dedico a Hipólita, se eu não ignoro que amas a Teseu? Com tua ajuda, numa noite fosca, não pode ele fugir de Perigônia, que ele próprio raptara? Quem não sabe que o fizeste violar os juramentos feitos a Egle formosa, a Ariadne, a Antíopa?

TITÂNIA — Tudo isso é o ciúme que a inventar vos leva. Desde aquele verão, nunca podemos nos reunir na floresta, pelos prados, nas colinas, nos bosques, junto às fontes em que os juncos vicejam, pelas praias sonorosas do mar, para dançarmos em coro ao som dos ventos sibilantes, sem que em nossa alegria não nos víssemos perturbadas por tuas invectivas. Por isso os ventos, como em represália de em vão nos assobiarem, do mar vasto aspiraram vapores contagiantes, e estes, pelo país se derramando, tanto deixaram túmidos os rios, que as margens inundaram, de orgulhosos. Em vão os bois no jugo se cansaram; perdeu o suor o lavrador; o verde trigo podre ficou antes de a barba juvenil lhe nascer; os currais se acham vazios nas campinas alagadas; cevam-se os corvos no pestoso gado: as quadras de pelota estão desertas e cobertas de lama; quase esfeitos na verde relva os belos labirintos, porque ora já ninguém neles transita. Falta aos homens mortais o frio inverno; com hinos e canções, as noites claras já não são abençoadas como outrora. E assim, a lua, que o mar vasto impera, pálida de rancor, todo o ar deixa úmido, abundando os catarros. Em tamanha desordem vemos as sazões trocadas: do seio brando da virente rosa sacode a geada a cândida cabeça, enquanto sobre o queixo e nos cabelos brancos do velho inverno, por escárnio, brotam grinaldas de botões odoros do agradável estio. A primavera, o estio, o outono procriador, o inverno furioso as vestes habituais trocaram, de forma tal que o mundo, de assombrado, para identificá-los não tem meios. Pois bem; toda essa prole de infortúnios de nossas dissenções, tão-só, provêm; geradores e pais somos de todos.

OBERON — Dai o remédio, então; tendes os meios. Por que há de contrariar, sempre, Titânia seu Oberon? Não peço muito, apenas uma criança perdida, para dela fazer meu pajenzinho.

TITÂNIA — Tal cuidado tirai do coração. Nem todo o reino das fadas me comprara este menino. Ao meu culto sua mãe era votada, Muitas e muitas vezes, na atmosfera perfumada das Índias, me aprazia ouvi-la discretear, tê-la ao meu lado nas amarelas praias de Netuno a admirar os cargueiros balouçantes sobre as ondas inquietas. Como ríamos, ao ver as velas enfunar-se, grávidas ao parecer, sob os lascivos beijos dos ventos buliçosos! Imitando-as, a andar com irresistível gaiatice — grávida, então, do meu donoso pajem — por terra a velejar se punha, em busca de ninharias mil para ofertar-me, voltando após, como de viagem longa, de sua gentil carga mui vaidosa. Mas, porque era mortal, morreu no parto deste menino que, por amor dela, recolhi para criar. Por isso, agora, pela mesma razão dele não largo.

OBERON — Neste bosque morar é vosso intento?

TITÂNIA — Até o dia, talvez, do casamento de Hipólita e Teseu. Se com tratável disposição quiserdes tomar parte de nossa alegre ronda e ver os ludos à clara luz da lua, sois bem-vindo. Se não poupai-me, que eu terei cuidado de evitar vossos sítios preferidos.

OBERON — Dá-me o menino e eu seguirei contigo.

TITÂNIA — Nem por todo o teu reino. Vamos, duendes! A ser da paz amigo nunca aprendes.

(*Sai Titânia com seu séqüito.*)

OBERON — Bem; segue o teu caminho; deste bosque não sairás sem que por esta injúria te venha a atormentar. Vem para perto, meu gentil Puck. Certo ainda te lembras de quando eu me sentei num promontório, a ouvir uma sereia que se achava no dorso de um golfinho e que tão doces melodias cantava, que o mar bravo deixava apaziguado com seu canto, tendo várias estrelas loucamente suas órbitas deixado só com o fito de escutar a canção. Ainda te lembras?

PUCK — Perfeitamente.

OBERON — Nesse mesmo instante pude ver, o que a ti fora impossível, como Cupido, inteiramente armado, se atirava entre a terra e a lua fria. A mira havia posto numa bela vestal que o trono tinha no ocidente; com energia e decisão dispara do arco a flecha amorosa, parecendo que cem mil corações ferir quisesse. No entanto eu pude ver a ardente flecha do menino esfriar-se sob a influência da aquosa lua e de seus castos raios, continuando a imperial sacerdotisa seu virginal passeio, inteiramente livre de pensamentos amorosos. Vi bem o ponto em que caiu a flecha do travesso Cupido: uma florzinha do ocidente, antes branca como leite, agora purpurina, da ferida que do amor lhe proveio. "Amor ardente" é o nome que lhe dão as raparigas. Vai buscar-me essa flor; já de uma feita te mostrei essa planta. Se deitarmos um pouco de seu suco sobre as pálpebras de homem ou de mulher entregue ao sono, ficará loucamente apaixonado por quem primeiro vir, quando desperto. Vai buscar-me essa planta; mas retorna antes de duas léguas no mar vasto nadar o leviatã.

PUCK — Porei um cinto na terra em quatro vezes dez minutos. (*Sai.*)

OBERON — De posse desse suco, hei de achar meio de surpreender Titânia adormecida, para nos olhos lhe deitar o liquido Ao despertar, o que enxergar primeiro, seja leão, urso, lobo,

touro, mono buliçoso ou irrequieto orangotango, perseguirá com alma enamorada. E antes de eu lhe tirar da vista o encanto, o que farei com o suco de uma outra erva, obrigá-la-ei a me entregar o pajem. Mas quem vem vindo aí? Sendo invisível, poderei escutar-lhes a conversa.

(*Entra Demétrio, seguido de Helena.*)

DEMÉTRIO — Não te dedico amor; não me persigas, Onde Lisandro se acha e Hérmia formosa? Quero matá-lo e ser por ela morto. Disseste que ambos nesta selva estavam; como selvagem, no entretanto, eu corro desesperado seus recantos todos sem poder encontrar Hérmia adorada. Vai-te! Fora daqui! Não me persigas!

HELENA — imã de coração endurecido, sou por vós atraída, mas de ferro não tenho o coração; como o aço é puro. Cessai de me aliciar e, incontinenti, deixarei de seguir-vos.

DEMÉTRIO — Alicio-vos? Acaso já vos disse galanteios? Ou com franqueza não vos falo sempre que não vos amo nem vos posso amar?

HELENA — Por isso mesmo é que vos amo tanto. Vosso cãozinho sou. Demétrio altivo, quanto mais me baterdes, mais afável hei de me revelar. Como cãozinho me tratai; repeli-me, dai-me golpes, não vos lembreis de mim, deixai-me à toa; mas por mais que de tudo eu seja indigna, permiti que vos siga. Mais modesto lugar em vosso amor não me é possível. Mas para mim será título honroso como vosso cãozinho ser tratada.

DEMÉTRIO — Não me forceis a repugnância da alma; sinto-me mal só de vos ver o rosto.

HELENA — E eu doente fico, quando não vos vejo.

DEMÉTRIO — Comprometeis demais vosso recato saindo da cidade, dessa forma, para vos entregardes indefesa a um homem que faz timbre em desprezar-vos, e assim confiando às tentações da noite e aos maus conselhos de um lugar deserto o tesouro de vossa virgindade.

HELENA — Vossa virtude é a minha segurança. Quando o rosto vos vejo, deixa a noite de ser noite; por isso, não presumo que seja noite agora. Nem me faltam mundos de companhia nestes bosques, por serdes para mim o mundo todo. Como, pois, se dirá que eu estou sozinha, se o mundo todo agora me contempla?

DEMÉTRIO — Vou deixar-te, esconder-me pelas brenhas e às feras impiedosas entregar-te.

HELENA — Qualquer fera selvagem tem mais brando coração do que vós. Fugi, embora, que a história mudareis: Apoio corre e Dafne lhe dá caça; a meiga pomba persegue o abutre; a tímida gazela corre apressada empós do imano tigre, esforço inútil, quando o valor foge e no seu rasto segue a covardia.

DEMÉTRIO — Não quero discutir contigo; deixa-me. Mas se me acompanhares, fica certa de que no bosque te farei violência.

HELENA — Ofendes-me no templo, na cidade, no campo, em toda parte. Ora, Demétrio! Tua atitude o sexo nos humilha. Lutas de amor não são para mulheres; no entanto a corte me

fazer não queres. (*Sai Demétrio.*) Vou te seguir e um céu fazer do inferno; morta por ti, ganho terei eterno. (*Sai.*)

OBERON — Adeus, ninfa! Este bosque ele não deixa sem que de lhe fugires tenha queixa. (*Puck torna a entrar.*) Trouxeste a flor? Sê, pois, bem-vindo, espírito vagueante.

PUCK — Ei-la aqui.

OBERON — Agradecido. Sei o lugar onde há belo canteiro que o ar embalsama de agradável cheiro do tomilho selvagem, da sincera violeta e da graciosa primavera, onde há latada de fragrantes rosas e madressilvas nímio dulçorosas. Titânia ai parte da noite dorme sob gracioso dossel petaliforme, por danças e canções acalentada. A serpe ai deixa a pele variegada, grande bastante para de vestido a uma fada servir, fino e comprido. Pôr-lhe-ei nos olhos este suco brando, de odiosas fantasias lhe deixando cheia a imaginação. Toma uma parte dele também, e do poder comparte que com ele te confio. Na floresta te cumpre achar uma ateniense mesta que, desprezada, de paixão se fina por altivo rapaz de alma ferina. Quando a dormir o achares, de mansinho nas pálpebras lhe deita um bocadinho do suco. Mas cuidado! É indispensável que, ao despertar, tenha ele à vista a amável dama que ora despreza. Muito fácil te será conhecê-lo, que ele o grácil traje dos atenienses apresenta. Sendo tu cuidadoso, ele violenta paixão há de sentir, mais acendrada do que revela a jovem namorada. Volta antes que primeiro cante o galo.

PUCK — Ficai tranqüilo; saberei achá-lo.

(*Saem.*)

Cena 2

Outra parte do bosque. Entra Titânia, com seu séqüito.

TITÂNIA — Vamos à ronda! Urna canção de fadas! E, após um terço de minuto, fora! Umas, para matar nos botões róseos as lagartas nocivas; outras, para fazer guerra aos morcegos e tirar-lhes as asas, porque couro não nos falte para os casacos dos pequenos elfos; espantareis vós outras as corujas que piam toda a noite e o nosso bando caprichoso contemplam espantadas. Cantai até que eu durma e retirai-vos a trabalhar, deixando-me em repouso.

(*As fadas cantam.*)

I

Serpes manchadas, feios ouriços sapos nojentos, fugi asinha; que nossas vozes vos dêem sumiço enquanto dorme nossa rainha. Canta conosco, em porfia, rouxinol, a melodia: lula-lula-lulabia, lula-lula-lulabia. Que nossa orquestra de nossa mestra afaste qualquer magia. Boa noite com lulabia.

II

Aranhas feias não fiqueis perto, correi com vossas patas peludas; fugi, besouros, para o deserto, deixai-nos quietas nas matas mudas. Canta conosco, em porfia, rouxinol, a melodia: lula.lula-lulabia, lula-iula-lulabia. Que nossa orquestra de nossa mestra afaste qualquer magia. Boa noite com lulabia.

FADAS — Saiamos com bem cautela; fique uma de sentinela.

(*Saem as fadas; Titânia dorme.*)

(*Entra Oberon e espreme a planta nas pálpebras de Titânia.*)

OBERON — O primeiro que enxergares quando daqui despertares, de gesto e formas alvares, amarás de coração, seja urso, gato ou leão. Farás dele o teu querido; terás o peito rendido como às setas de Cupido. (*Sai.*)

(*Entram Lisandro e Hérmia.*)

LISANDRO — De tanto andar, querida, estás cansada. Para ser franco, erramos o caminho. Hérmia, repousarás, se isso te agrada; o escuro poderá te ser daninho.

HÉRMIA — Um leito, então, ajeita em qualquer ponto, que neste banco o meu já se acha pronto.

LISANDRO — De um punhado de relva, travesseiro poderemos fazer. O verdadeiro

amor nunca divide: uma lealdade, dois corações num leito, sem maldade.

HÉRMIA — Não, Lisandro; nem mesmo num deserto convirá que de mim tu durmas perto.

LISANDRO — O querida, ofender-te não queria com o que propus. É fruto da alegria quanto avancei. Só disse que no peito me bate um coração, a ti sujeito; e que eles, juntos, formam neste instante um coração apenas, muito amante. Se nossas almas o amor forte as liga, a vivermos unidos nos obriga. Em teu leito, portanto, me consente, porque contigo sempre estou presente.

HÉRMIA — Lisandro se mostrou muito eloqüente. Padecerá demais minha altivez, se eu disser que ele fala com dobrez. No entanto, amigo, prova o teu carinho. Não falo em tom zangado ou de escarninho. Por cortesia e amor de mim te afasta. Fala eloqüente, apenas, não nos basta; mas neste instante, de o dizer não coro, exige o imperativo do decoro que entre um rapaz virtuoso e sua amada barreira se interponha adiamantada. Por isso, adeus; que dure quanto a vida a lealdade de tua alma estremecida.

LISANDRO — Amém; eis como encerro essa oração. Sem teu amor, me pare o coração. (*Afasta-se.*) Eis meu leito; que o sono te acalente.

HÉRMIA — E te conceda um sonho sorridente.

(*Dormem.*)

(*Entra Puck.*)

PUCK — Todo o bosque hei percorrido, sem que ateniense garrido pudesse achar, porque o amor transmudasse com esta flor. Noite e silêncio. Que vejo? Traje ateniense a varejo? Eis o homem de que meu mestre falou, de peito silvestre, que de todo não se agrada da ateniense apaixonada. Coitadinha! Está tão longe deste bruto e frio monge! (*Espreme a flor nas pálpebras de Lisandro.*) Ora nos olhos, maluco, desta flor te deito o suco porque, com sua magia, não te consinta, de dia nem de noite, o meigo sono desses olhos ficar dono. Acorda logo; já vou, porque Oberon me chamou. (*Sai.*)

(*Entram Demétrio e Helena, a correr.*)

HELENA — para! Ainda mesmo que me dês a morte.

DEMÉTRIO — Fora! Não me persigas desta sorte.

HELENA — Deixas-me neste escuro e vais sozinho?

DEMÉTRIO — Para trás! Não me cortes o caminho.

(*Sai Demétrio*)

HELENA — Esta caça amorosa me fez lassa; aumento com os pedidos a desgraça. Hérmia é feliz, esteja onde estiver; olhos assim não os possui mulher. Como pode ter olhos tão brilhantes? Não de chorar; que a todos os instantes, chorando como choro, eu deveria ter nos olhos mais luz que o claro dia. Sim, é certo: sou feia como um urso. Para feiúra tal não há recurso. As próprias feras que me vêem, de medo afundam mais e mais pelo arvoredo. Que

muito, pois, que, em frente de tal monstro, fuja Demétrio, quando amor demonstro? Qual infernal e enganador espelho me disse que ao de Hérmia era semelho meu deformado rosto? Mas, que vejo? Lisandro aqui? Não pode ser gracejo. Está dormindo ou morto? Nem ferida percebo, nem qualquer arma homicida. Lisandro, despertai! Estais doente?

LISANDRO (*despertando*) — Ó transparente Helena! Incontinenti me atirarei por ti no próprio fogo. A natureza mostra, neste afôgo, sua arte sublimada, permitindo que através desse peito casto e lindo teu coração eu veja. Dize-me: onde Demétrio, aquele vil, ora se esconde? Oh, que nome vilíssimo! De nada vale, senão para cortá-lo a espada.

HELENA — Não, bom Lisandro; não digais tal coisa. Somente porque a Hérmia amar ele ousa? Ela vos tem amor; ficai contente.

LISANDRO — Com o amor de Hérmia? Não, não sou demente. Como lastimo as horas que ao seu lado passei, cheias de tédio, a meu mau grado! Amo a Helena; a tal Hérmia me era estorvo. Quem não troca uma rola por um corvo? O homem pela razão é conduzido; e esta me deixa ao teu valor rendido. Amadurece tudo em tempo certo. Eu era muito moço; ora liberto me acho da inexperiência e da ilusão. Homem feito, dirige-me a razão, que em teus olhos um livro me oferece onde leio do amor a ardente prece.

HELENA — Por que nasci para tamanha afronta? Que vos fiz? Essa fala me amedronta. Não basta, jovem, nunca eu ter podido prender Demétrio ao meu coração fido, para que com tão grande inconveniência venhais zombar de minha insuficiência? Depõe contra vossa honra, sobremodo, a corte me fazerdes desse modo. Passai bem, confessar ser-me-á forçoso que nunca vos julguei tão desgracioso. Porque um moço despreza uma donzela, não se conclui que um outro abuse dela. (*Sai.*)

LISANDRO — A Hérmia não percebeu. Dorme até o dia, que em mim não tem poder tua magia. Pois, como a mais violenta indigestão nos vem dos doces que mais gratos são, e as heresias com maior fereza odeia quem já delas se viu presa: tu, minha indigestão, minha heresia, serás por mim odiada noite e dia. No amor vou revelar-me verdadeiro, sendo de Helena bela o cavaleiro (*Sai.*)

HÉRMIA (*despertando*) — Lisandro, acode! Tira-me a serpente que no seio me causa dor pungente. Só em ti, meu Lisandro, acho guarida; vê como o medo me deixou transida. Quis parecer-me que uma serpe o peito me devorava, e tu tão satisfeito! Lisandro! Fala! Já te foste embora? Não me respondes? Fala sem demora. Tremo de susto. Onde te ocultas? Onde? Por todos os amores me responde. Sinto que não te encontras ao meu lado; pois vou te achar e dar remate ao fado. (*Sai.*)

Ato 3

Cena 1

Um bosque. Titânia está deitada, a dormir. Entram Quince, Snug, Bottom, Flauta, Snout e Starveling.

BOTTOM — Estamos todos reunidos?

QUINCE — Sem faltar um. Aqui temos um lugar maravilhosamente conveniente para ensaiarmos. Este pedaço de chão verde servirá de palco; esta sebe de madressilvas, de camarim. Vamos representar como se estivéssemos diante do duque.

BOTTOM — Peter Quince...

QUINCE — Que estás a dizer, valente Bottom?

BOTTOM — Nesta comédia de Píramo e Tísbe há coisas que jamais poderão agradar. Primeiro: Píramo terá de sacar da espada para se matar, espetáculo insuportável para as senhoras. Que respondeis a isso?

SNOUT — Por Nossa Senhora! É perigoso!

STARVELING — A meu ver, será conveniente suprimirmos a mortandade.

BOTTOM — De forma alguma. Tenho uma idéia que reporá as coisas em seus eixos. Escreve-me um prólogo, de forma que o prólogo pareça dizer que não ocasionamos nenhum mal com as espadas e que Píramo não morre realmente. E para maior tranqüilidade, dizei-lhes que eu, Píramo, não sou Píramo, mas Bottom, o tecelão. Isso os deixará sem medo de todo.

QUINCE — Muito bem; havemos de ter esse prólogo, que deverá ser escrito em versos de seis sílabas e de oito.

BOTTOM — Não! Acrescenta mais duas sílabas e escreve-o em versos de oito e oito.

SNOUT — O leão não causará medo às senhoras?

STARVELING — Eu também já pensei nisso.

BOTTOM — Mestres, será conveniente refletir sobre o caso. Trazer um leão — Deus nos acuda! — para o meio de senhoras, é uma coisa pavorosa, pois não há fera volátil mais terrível do que um leão com vida. É isso que precisamos considerar.

SNOUT — Nesse caso será conveniente que outro prólogo declare ao público que não se trata de um leão de verdade.

BOTTOM — Nada disso; bastará dizerdes o nome de quem o representar e arranjar modo para que se lhe veja o rosto através do pescoço do leão, por onde ele próprio falará, mais

ou menos com este defeito: “Senhoras”, ou “lindas senhoras”, “desejara”, ou “suplicara” ou “vos concito a não terdes medo e a não tremer. Minha vida pela vossa. Se pensais que eu venho aqui como um leão, não daria nada pela minha vida. Não, longe de mim tal coisa; sou um homem como os demais”. Nessa altura ele declinará seu verdadeiro nome, dizendo francamente que é Snug, o marceneiro.

QUINCE — Muito bem; faremos desse modo. Mas ainda temos duas outras coisas difíceis, a saber: trazer o luar para dentro do quarto, porque, como o sabeis, Píramo e Tisbe se encontram à luz da lua.

SNUG — Haverá lua na noite de nossa representação?

BOTTOM — Um calendário! Um calendário! Vede no almanaque! Procurai o luar! Procurai o luar!

QUINCE — Há lua, realmente, nessa noite.

BOTTOM — Nesse caso, bastará deixardes aberto um dos lados do janelão do quarto em que representarmos, para que o luar penetre por ele.

QUINCE — Assim ficará bem; mas será melhor se alguém entrar em cena com uma lanterna e um feixe de espinhos, declarando que vem para desfigurar ou para representar a pessoa do luar. Mas há outro ponto: precisamos de um muro no salão, porque a história diz que Píramo e Tisbe conversavam através de uma frincha do muro.

SNUG — Não será possível trazer um muro. Que dizeis, Bottom?

BOTTOM — Alguém terá de fazer o papel de muro, com um pouco de greda, gesso ou argamassa na roupa, a fim de significar o muro, devendo colocar os dedos deste modo, para que Píramo e Tisbe falem através da fresta.

QUINCE — Desse jeito ficará bem. Agora, quem tiver mãe que se sente para ensaiar o seu papel. Píramo, dai início; depois de recitardes a vossa parte, acolhei-vos à sebe; o mesmo farão os outros, de acordo com as respectivas deixas.

(*Entra Puck, no fundo.*)

PUCK — Quem são os cascas-grossas que assim gritam tão perto do lugar em que repousa nossa rainha excelsa? Oh, novidade! Um ensaio teatral! Ótimo. Ouvinte vou ser da peça, e ator, conforme o caso.

QUINCE — Fala, Píramo! Tisbe, vem para a frente!

BOTTOM — “Tisbe, tal como as flores horrorosas...”

QUINCE — Odorosas! Odorosas!

BOTTOM — “... as flores odorosas, tens o hálito, querida, perfumado. Mas ouço vozes; um momento espera-me: depressa voltarei para o teu lado.” (*Sai.*)

PUCK — Nunca se viu um Píramo como este. (*Sai.*)

FLAUTA — Sou eu que falo agora?

QUINCE — Certo! Certo! Porque precisais compreender que ele saiu somente para verificar que barulho era aquele; mas, não demora, tornará a entrar.

FLAUTA — "Ó Píramo radiante, ao branco lírio igual, tão rubro quanto a rosa em cândida roseira, esperto juvenil, judeu sacerdotal, fiel qual potro altivo em rápida carreira. No túmulo de Nico eu devo te encontrar."

QUINCE — "Túmulo de Nino", homem! Mas ainda não é hora de dizerdes isso. Só quando tiverdes de responder a Píramo. Dizeis de uma só vez todo o vosso papel, com deixa e tudo. Píramo, entrai. Vossa deixa já passou; é "em rápida carreira".

FLAUTA — Oh! "Fiel qual potro altivo em rápida carreira."

(*Torna a entrar Puck, seguido de Bottom, com cabeça de burro.*)

BOTTOM — "Tudo isso, ó bela Tisbe, em teu regaço eu ponho..."

QUINCE — Oh! Terrível! Monstruoso! Estamos enfeitiçados! Fugi, mestres! Socorro!

(*Saem os comediantes.*)

PUCK — Vou perseguir-vos sem vos dar sossego, por vales, montes, pela mata espessa; ora como corcel, ora morcego, ou sapo, ou chama, ou urso sem cabeça; como cavalo, ou leão, macaco, ou burro, relincho forte e rujo, guincho e zurro. (*Sai.*)

BOTTOM — Por que terão corrido? Decerto imaginaram alguma maroteira para me meter medo.

(*Volta Snout.*)

SNOUT — O Bottom, estás mudado! Que vejo em tua cabeça?

BOTTOM — Que vedes? Vedes uma cabeça de burro, a vossa; não será isso?

(*Sai Snout.*)

(*Volta Quince.*)

QUINCE — Deus te abençoe, Bottom! Deus te abençoe. Estás transformado. (*Sai.*)

BOTTOM — Compreendo a brincadeira. Querem fazer-me de asno, para eu me amedrontar, como se fosse possível semelhante coisa. Mas façam o que fizerem, não arredarei o pé daqui. Passearei de um lado para o outro, e pôr-me-ei a cantar, para que eles percebam que não estou com medo. O melro negro e catita de biquinho alaranjado, o tordo de voz bonita, o carricinho espantado...

TITÂNIA (*acordando*) — Que anjo me desperta do meu leito de flores?

BOTTOM — O pardal, a cotovia, a rolinha, o tentilhão, o cuco a cantar de dia sem que os homens digam "Não", porque, em verdade, quem se poria a raciocinar com um pássaro tão estúpido? Quem diria a um pássaro que ele mente, por mais que repita: "Cuco"?

TITÂNIA — Canta outra vez, gentil mortal, te peço. Tua voz os ouvidos me enamora, como o teu corpo os olhos me arrebata. E de tal modo a tua formosura me enleva e me comove,

que eu proclamo, sem mais desculpas procurar, que te amo.

BOTTOM — Quer parecer-me, senhora, que para tanto vos assiste razão muito minguada. No entanto, para dizer a verdade, hoje em dia a razão e o amor quase não andam juntos. É pena que alguns vizinhos honestos não se esforcem para deixá-los amigos. Como vedes, eu também posso ser espirituoso, em se oferecendo ocasião.

TITÂNIA — És tão sábio quanto belo.

BOTTOM — Nem tanto assim; se eu tivesse espírito suficiente para sair deste bosque, teria tudo o de que necessito.

TITÂNIA — Não ponhas noutra parte o coração; no bosque ficarás, queiras ou não. Um espírito eu sou, de voz sincera; verão perene em meu país impera, e amor te voto. Por tudo isso, vem; silfos belos vais ter, como eu, também, que jóias te trarão do mar profundo, e te farão dormir sempre jucundo. Da mortal grosseria vou livrar-te e em espírito aéreo transformar-te. Traça! Mostarda! Flor-de-Ervilha! Teia!

(*Entram quatro silfos.*)

TRAÇA — Pronto!

SEMENTE-DE-MOSTARDA — Eu também!

FLOR-DE-ERVILHA — Aqui!

TODOS QUATRO — Para onde iremos?

TITÂNIA — Sede corteses com este gentil-homem; bailai em torno dele, dando saltos graciosos, porque a vista se lhe agrade. Dai-lhe damascos doces sem demora, uvas rosadas, figo verde e amora. Aliviai as abelhas em pletora. De suas pernas aprestai candeeiro, que acendereis depressa no luzeiro dos vaga-lumes, e amarrai, ligeiro, asas de mariposa transparente, porque os raios da lua impertinente não lhe causem aos olhos dor pungente. Elfos, cumprimentai-o alegremente.

FLOR-DE-ERVILHA — Salve, mortal!

TEIA-DE-ARANHA — Salve!

TRAÇA — Salve!

BOTTOM — De todo o coração peço perdão a Vossas Senhorias. Como é que Vossa Senhoria se chama?

TEIA-DE-ARANHA — Teia-de-Aranha.

BOTTOM — Desejo ficar vos conhecendo mais de perto, meu bom mestre Teia-de-Aranha. Quando eu me cortar o dedo, terei a ousadia de vos utilizar. Vosso nome, honesto cavalheiro?

FLOR-DE-ERVILHA — Flor-de-Ervilha.

BOTTOM — Peço-vos que me recomendeis à senhora Vagem, vossa mãe, e ao mestre Grão-de-Bico, vosso pai. Caro mestre Flor-de-Ervilha, espero que em futuro próximo

estreitemos as relações. Vosso nome, senhor, por obséquio?

SEMENTE-DE-MOSTARDA — Semente-de-Mostarda.

BOTTOM — Caro mestre Semente-de-Mostarda, conheço perfeitamente vossa paciência. O covarde e agigantado Rosbife já devorou muitos cavaleiros de vossa casa. Podeis ficar certo de que os vossos parentes já me deixaram muitas vezes com os olhos cheios de lágrimas. Desejo travar conhecimento mais íntimo convosco, caro mestre Semente-de-Mostarda.

TITÂNIA — Levai-o para o quarto de boninas. Úmida, a lua espalha a claridade. Quando ela chora, as flores pequeninas a perda choram de uma virgindade. A língua lhe amarrai, mas com bondade.

(*Saem.*)

Cena 2

Outra parte do bosque. Entra Oberon.

OBERON — Saber eu desejara se Titânia já despertou, e mais: o que primeiro lhe caiu sob os olhos, de que esteja perdida de paixão. Mas eis que chega meu mensageiro. (*Entra Puck.*) Então, travesso espírito, qual foi a brincadeira mais estranha que aparelhaste neste bosque mágico?

PUCK — A rainha se encontra loucamente de um monstro apaixonada. Quase em frente do sagrado lugar em que ela a sono mui tranqüilo se achava em abandono, unia tropa de artífices de Atenas, capazes de trabalho rude, apenas, para ganhar o pão com o suor do rosto, ensaiava uma peça de mau gosto, para o dia solene do himeneu da Amazona garbosa e o grão Teseu. O casca-grossa de mais rude engenho de todos eles, que, com muito empenho, de Píramo fazia, a cena deixa por um momento, à espera de sua deixa. Eu, então, da ocasião me aproveitando para em um monstro o transformar, infando, sobre os ombros lhe pus, sem mais demora, de burro uma cabeça. Eis chegada a hora da resposta de Tisbe, o instante azado para na peça eu por o meu bocado. Ao vê-lo, os outros, tal como bulhento bando de patos bravos, no momento em que percebem caçador matreiro que para eles se arrasta sorrateiro, ou como gralhas de pés rubros, quando a um tiro súbito, a gritar, voando, se espalham pelo céu — cheios de medo também se afundam logo no arvoredo. Para mais assustá-los, sapateio sem parar, deles todos pelo meio: uns sobre os outros caem, por socorro gritando, em desespero: Atenas! Morro! Minguando-lhes o senso na medida que aumenta o medo, quanto não tem vida lhes causa dano, que, pelos caminhos vão deixando nas pontas dos espinhos aqueles membros do teatro imbele parte das roupas, dos chapéus, da pele. Dominados, assim, todos do medo, deixei-os ir. Só fica no brinquedo nosso Píramo, em burro transformado. Nesse instante, porém, tendo acordado. Titânia, apaixonou-se loucamente do belo monstro que lhe estava em frente.

OBERON — Eu próprio melhor plano não teria podido excogitar. Mas a magia da planta no ateniense já puseste, conforme te falei, de peito agreste?

PUCK — A dormir o encontrei, Já liquidado ficou também esse negócio. Ao lado dele estava a ateniense desprezada que por ele vai ser alcandorada.

(*Entram Demétrio e Hérmia*)

OBERON — Põe-te de lado; eis o ateniense duro.

PUCK — Ela é a mesma; mas que este é outro eu juro.

DEMÉTRIO — Por que tais expressões gastais comigo? Deixai rigores para o vosso

inimigo.

HÉRMIA — Com censuras agora me contento, mas sobejas razões teu ardimento num crescendo me dá de amaldiçoar-te. Se de Lisandro a vida, em qualquer parte, no sono tu tiraste, e já manchado de sangue tens o pé, nenhum cuidado te cause prosseguir na furibunda devastação: a perna inteira afunda,.. Oh! mata-me, também! O sol não era tão fiel ao dia, como ele a mim. Possível lhe seria fugir de mim, para fazer-me guerra? Mais fácil fora acreditar que a terra se deixasse furar por uma pua e que emitisse através dela a lua sua luz clara para, do outro lado, deixar o irmão ao meio-dia enfiado. Dúvida já não tenho: és assassino; esse rosto o proclama, o olhar ferino.

DEMÉTRIO — O aspecto devo ter de assassinado, não de assassino, porque transpassado me deixou tua insólita crueldade. Mas brilhas com tão grande claridade, apesar da feição dura e severa, como a luzente Vênus na alta esfera.

HÉRMIA — A que vem isso com Lisandro, agora? Ah, bom Demétrio, dá-mo sem demora.

DEMÉTRIO — Antes eu dera aos cães sua carcaça.

HÉRMIA — Sai, monstro! Cão! Desfaçatez tão crassa minha paciência virginal esgota. Já não tenho esperança nem remota. Sei que o mataste; mas, como um bargante, dos homens fugir deves de ora em diante. Oh! Por amor de mim, conta-me tudo, que em minha grande dor encontro escudo. De frente a olhá-lo sempre te abstiveste, e, no sono, o mataste? Oh peito agreste! Poderia algum verme, alguma cobra, tão depressa causar tão hedionda obra? Víbora, disse, que ela mais pungente picada do que tu não dá, serpente!

DEMÉTRIO — Funda-se nalgum erro o teu cuidado. Se Lisandro está mal, não sou culpado, nem sei que morto esteja ele, também.

HÉRMIA — Dize, então, por favor, que ele está bem.

DEMÉTRIO — Se o disser, que vantagem me vem disso?

HÉRMIA — A de jamais me ver; maior serviço possível não será, como ora o faço, sejas ou não culpado em seu trespasso. (*Sai.*)

DEMÉTRIO — Nessa disposição não há segui-la. Vou esperar que fique mais tranqüila e procurar dormir. Quando em falência se acha o sono, menor é a resistência ao peso da tristeza. Desta sorte talvez melhor esse ônus eu suporte. (*Deita-se e dorme.*)

OBERON — Que fizeste? Houve engano manifesto; foi posto o suco em um amante honesto; deixaste falso um fido namorado, sem que o remisso fosse castigado.

PUCK — O fado o quis; para um sincero amante, mil falsos há de haver a cada instante.

OBERON — Percorre a mata, mais veloz que o vento, e acha Helena de Atenas num momento. De aqui trazê-la ficas incumbido, enquanto o peito eu mudo ao moço infido.

PUCK — Já vou! Já vou! Vê como eu vou ligeiro, tal qual seta de Tártaro guerreiro. (*Sai.*)

OBERON — Botão de rosa ferido pela flecha de Cupido, (*Espreme a flor nos olhos de Demétrio.*) no espírito entra vencido deste moço adormecido. Ao despertar, ao ruído que ela fizer, que rendido se lhe torne o peito fido.

(*Volta Puck.*)

PUCK — Capitão do nosso bando de duendes, já vem andando para cá Helena bela e o jovem da tal querela por mim causada, também. Ora dizei se convém prosseguir na brincadeira, porque a tenhamos inteira. Oh mestre! Como são loucos os mortais! De senso há poucos.

OBERON — Retira-te; ao vir o par vai Demétrio despertar.

PUCK — Dois namorados para uma só mulher! Não há nenhuma brincadeira que me agrade, como ciúme de verdade.

(*Entram Helena e Lisandro.*)

LISANDRO — Por que dizes que tudo é só ironia? Se assim fosse, tão fundo eu não chorara. No meu pranto comprova-se a magia que exerce em mim tua figura rara. Como haveria em meu amor suspeita, se minha fé se encontra a ti sujeita?

HELENA — Vossa ousadia aumenta; é uma querela santa e infernal matar o amor com juras. Vossa fé é só de Hérmia; abris mão dela? Vossas juras são falsas e inseguras. Como conto falaz é o juramento que a ela e a mim fazeis num só momento.

LISANDRO — Ao lhe jurar amor, não tinha eu senso.

HELENA — E ao deixarde-la, menos; é o que eu penso.

LISANDRO — Demétrio a Hérmia idolatra e vos detesta.

DEMÉTRIO (*despertando*) — Ó Helena, deusa, ninfa sublimada, que há de mais fascinante que a alvorada desses olhos tão lindos? Tosco e baço é o cristal junto deles; um pedaço de cereja esses lábios tentadores que a toda hora me falam só de amores. A neve virginal do Tauro altivo, sempre apagada pelo vento estivo, em corvo se transforma, horrente e feio, quando agitas a mão, num galanteio. Oh! Vou beijar a sede da ventura, essa princesa feita de luz pura!

HELENA — Oh dor! Vejo que estais de acordo, acinte, para de mim zombar com tal requinte. Se em vós houvesse sombra de respeito, jamais me ofenderíeis desse jeito. Odiar-me não vos basta; a zombaria nesta farsa a vosso ódio se associa. Se fôsseis homens, como a forma o mostra, não daríeis de vós tão triste mostra, zombando assim de mim, com tantas juras, porque me causem tão-somente agruras. Sois rivais, porque tendes amor a Hérmia, e ainda rivais para zombar de Helena. Oh feito altivo! Oh sublimada empresa! Fazer chorar quem se acha ora indefesa. Cavalheiro nenhum ofenderia uma virgem qualquer, nem tiraria a paciência dela, por folia.

LISANDRO — Demétrio, sois cruel; tenho certeza de que a Hérmia amais. Usemos de franqueza: de todo o coração te cedo a parte que eu ter pudesse em seu amor; desta arte me cedereis também vosso quinhão do amor de Helena, a quem estendo a mão.

HELENA — Jamais se ouviu tão vã declaração.

DEMÉTRIO — Lisandro, não me causas alegria; de Hérmia saber não quero. Se algum dia lhe tive amor, está tudo acabado. Tal amor foi um simples convidado que em seu peito morou, mas que, ao presente, para Helena retorna alegremente.

LISANDRO — Não creias nisso, Helena.

DEMÉTRIO — Não permito que menoscabes o meu peito aflito. Se insistes, provarás a minha espada. Mas eis que vem chegando a tua amada.

(*Entra Hérmia.*)

HÉRMIA — A noite que da vista tira tudo deixa o ouvido dez vezes mais agudo. Quanto parece a vista ter perdido, em agudeza ganha o outro sentido. Bom Lisandro, não foste ora encontrado com o auxílio da vista. Se ao teu lado me vejo, é que tua voz estremecida de guia me serviu nesta corrida. Por que me abandonaste tão sozinha?

LISANDRO — Para ir ver meu amor, minha rainha.

HÉRMIA — Que rainha ou amor de mim te aliena?

LISANDRO — A amada de Lisandro, a bela Helena, que ao teu lado ficar não me deixava e que brilha, com sua coma flava, por tudo iluminando a noite escura mais do que esses luzeiros de luz pura. Por que me buscas? Pois não viste ainda que por ti sinto antipatia infinda?

HÉRMIA — Não dizes o que pensas; é impossível.

HELENA — Hérmia está ao lado deles; será crível? Vejo que os três estão, de igual maneira, mancomunados nesta brincadeira, para rirem de mim. Ó ingrata Hérmia, jovem maldosa, de comum acordo vos pusestes com estes dois mancebos. para tamanho escárnio me atirardes? As confidências que fazer soíamos, nossos votos de irmã, tantos momentos de conversa amigável, quando o tempo de passadas velozes nós culpávamos por nos vir separar: tudo esquecestes? A amizade dos bancos escolares? A inocência da infância? Hérmia, nós duas como deusas prendadas, muitas vezes a mesma flor tecemos com agulhas, de um modelo valendo-nos, sentadas numa almofada só, cantarolando sempre no mesmo tom iguais cantigas, como se corpos, mãos, almas e vozes em comum nós tivéssemos. Desta arte crescemos juntas, aparentemente separadas, mas, ainda assim, unidas; dois frutos amorosos num só talo, um coração apenas em dois corpos ao parecer, tal como dois escudos encimados por uma crista apenas. Quereis romper uma amizade dessas, para ao lado vos pordes desses moços que escarnecem de vossa pobre amiga? Não é procedimento de amizade, nem é conduta feminil, tampouco. Por mim, todo o meu sexo te condena, muito embora eu, somente, a injúria sinta.

HÉRMIA — De espanto me enche esse discurso insólito. De vós não zombo; o que suponho certo, é que alvo sou de vossa zombaria.

HELENA — Instigado por vós não foi Lisandro a me seguir e me fazer encômios por pura zombaria, enaltecendo-me os olhos e a figura? Não fizestes que este outro vosso admirador, Demétrio — que, até há pouco, com o pé me repelia — me chamasse de ninfa, deusa, rara, preciosa, celestial, irresistível? Por que fala desta arte a quem detesta? Por que

razão Lisandro ora se mostra perjuro ao vosso amor que a alma lhe adorna, e afeição me protesta formalmente, se instigado por vós não se encontrasse? Por ser destituída dos encantos que vos são próprios e não ter nenhuma sorte no amor, amando como o faço, sem ser correspondida? Isso piedade despertar deveria, não desprezo.

HÉRMIA — De vossa fala o nexo não percebo.

HELENA — Continuai a fingir olhares tristes e, quando eu me virar, fazei caretas; um para o outro piscai; levai avante vossa pilhéria fina; a brincadeira bem planejada vai passar à história. Se de moral, piedade, ou sentimento fosseis dotados, não me escolheríeis para objeto de vosso passatempo. Mas passai bem; em parte é minha a culpa; a ausência ou a morte ensejará o remédio.

LISANDRO — Não vás, gentil Helena; ouve-me os votos, amor, vida, minha alma, Helena linda!

HELENA — Admirável!

HÉRMIA — Meu bem, não troces dela.

DEMÉTRIO — Se com seus rogos Hérmia o não convence a força empregarei.

LISANDRO — Tuas ameaças me obrigam tanto quanto o seu pedido. Amo-te, Helena. Sim, por minha vida, por esta vida que por ti arrisco, juro provar que falsidade afirma quem se atreva a dizer que eu não te adoro.

DEMÉTRIO — Maior que o dele é o meu amor. afirmo-o.

LISANDRO — Então vinde comigo.

DEMÉTRIO — Neste instante.

HÉRMIA — A que tende, Lisandro, a brincadeira?

LISANDRO — Para trás, negra etíope!

DEMÉTRIO — Ele finge que está furioso mas, realmente, abstém-se de me seguir. Homem pacato, vamos!

LISANDRO (*a Hérmia*) — Gata, vai te enforcar! Bardana! Monstro! Se não, serás tratada como víbora.

HÉRMIA — Por que tão rude assim ficais de súbito? Qual a causa, meu bem, dessa mudança?

LISANDRO — Teu bem, Tártara escura? Para trás, vomitório! Veneno odioso, fora!

HÉRMIA — Estais brincando?

HELENA — Sim, e vós com ele.

LISANDRO — Demétrio, manterei minha palavra.

DEMÉTRIO — Quisera ter a obrigação escrita por vossa própria mão, pois estou vendo que obrigação mui fraca ora vos prende. Vossa palavra para mim não vale.

LISANDRO — Como! Devo bater-lhe? Assassiná-la? Embora a odeie, mal não lhe desejo.

HÉRMIA — Como! É possível maior mal do que isso de me odiardes assim? Ódio votardes-me? Por quê? Por quê? Oh Deus! Amor, que houve? Hérmia não sou e vós não sois Lisandro? Sou tão formosa agora quanto era antes. Amáveis-me esta noite, e nesta mesma noite me rejeitais. Serei forçada, pois, a pensar — oh! Deus tal não permita! — que de caso pensado me deixastes. Dizei: é isso?

LISANDRO — Sim, por minha vida, e não te quero ver nunca jamais. Perde, pois, a esperança; não te iludas, não me faças perguntas sem sentido. Não é pilhéria, podes estar certa; nada há mais verdadeiro; tenho-te ódio e apaixonadamente a Helena adoro.

HÉRMIA — Ai de mim! Feiticeira! Vil gusano, ladra de amor! Durante a noite viestes para roubar o coração do peito do meu amado?

HELENA —Fina, realmente! Pudor não tendes virginal, modéstia, resquício de vergonha? Será crível? Quereis forçar-me a gentil boca a dar-vos respostas impacientes? Oh! Que opróbrio! Fora, boneca falsa!

HÉRMIA — É assim: boneca! Esclarece-se agora a brincadeira. Começo a perceber que ela o confronto fez de nossas alturas, insistindo no seu porte mais alto, na aparência mais elevada, em sua alta compostura, e desse modo pode seduzi-lo. Subistes tanto em sua estima, apenas por eu ser anãzinha e diminuta? Qual é minha estatura? Vamos, fala, varapau rebocado. Sou pequena, não é verdade? Mas não tanto, ainda, que com as unhas os olhos não te alcance.

HELENA — Senhores, muito embora estejais todos de mim fazendo troça, por obséquio não consintais que mal ela me cause. Nunca fui má, nem queda jamais tive para essas discussões; mulher me sinto até mesmo na minha covardia. Não deixeis que me bata, pois decerto não pensais que por ela ser mais baixa do que eu, serei capaz de dominá-la.

HÉRMIA — Baixa, baixa outra vez.

HELENA — Hérmia bondosa, não vos mostreis zangada assim comigo. Sempre vos tive amor; ofensa alguma jamais vos fiz e sempre fui discreta com relação a vossas confidências. Sim, por amor, apenas, de Demétrio, lhe revelei que havíeis combinado fugir para este bosque; ele seguiu-vos; eu o segui, também, por amor dele, mas fui por ele repelida, sobre me ver ameaçada de pancada e até mesmo de morte. Mas agora, se deixardes que em paz eu me retire, não mais vos seguirei; torno com a minha loucura para Atenas. Sim, deixai-me; bem vedes como eu sou simples e dócil.

HÉRMIA — Voltai logo; quem é que vos retém?

HELENA — O louco coração que atrás eu deixo.

HÉRMIA — Com Lisandro, não é?

HELENA — Não, com Demétrio.

LISANDRO — Não tenhas medo, Helena; nenhum dano ela te causará.

DEMÉTRIO — De nenhum modo, senhor, ainda mesmo que do lado dela vos coloqueis.

HELENA — Quando zangada, sarcástica ela fica e arrebatada. Verdadeira raposa era na escola; apesar de pequena, é perigosa.

HÉRMIA — "Pequena", sempre; é só "pequena" e "baixa". Permitis que me insulte desse modo? Deixai-me segurá-la um só momento.

LISANDRO — Para trás, anãzinha! Dedo mínimo, ser composto de grama retardante, semente, conta de rosário, fora!

DEMÉTRIO — Insistis por demais junto a uma dama que não desce a aceitar-vos os serviços. Deixai-a só; não mais faleis de Helena, nem tomeis seu partido, pois se a mínima demonstração de amor lhe revelardes, pagareis caro.

LISANDRO — Ela já não me prende. Se tens coragem, segue-me; vejamos qual de nós dois a Helena tem direito.

DEMÉTRIO — Seguir-te? Não! Irei junto contigo, rosto com rosto.

(*Saem Lisandro e Demétrio.*)

HÉRMIA — Vós, senhora, a causa sois dessa briga; não convém sairdes.

HELENA — Em vós eu não confio; não me agrada ficar em companhia amaldiçoada. Se dessas mãos me podem vir feridas, para correr tenho eu pernas compridas. (*Sai.*)

HÉRMIA — Não sei o que pensar dessas mexidas. (*Sai.*)

OBERON — Tudo provém de tua negligência. Sempre te enganas, caso não se trate de alguma brincadeira voluntária.

PUCK — Ó rei das sombras, podeis crer-me: houve erro. Não disseste que fácil me seria reconhecer o moço, pelas vestes de modelo ateniense? Não mereço censura desta vez, pois encantado deixei de Atenas jovem namorado. Mas alegra-me ver tudo assim torto, que para mim não há melhor desporto.

OBERON — Viste que os dois rivais foram em busca de uma clareira para duelo. Embrusca depressa a noite, bom Robim; defronte deles espalha as trevas do Aqueronte; aparta um do outro os moços namorados e os faze andar por diferentes lados. Imita de Lisandro a voz aguda, porque mais a Demétrio o ódio sacuda; ou de Demétrio finge a voz, de modo que não se encontrem nunca e, sobremodo cansados, possa o sono, irmão da morte, surpreendê-los com seu pesado porte, infundindo-lhes plácido sossego com suas tenras asas de morcego. Depois, nos olhos de Lisandro espreme desta outra plantazinha o suco estreme, que apresenta a virtuosa propriedade de lhes restituir a claridade, da ilusão lhes deixando inteiramente liberta a vista, o coração e a mente. Despertos, pensarão que esta balbúrdia tivesse sido, tão-somente, estúrdia visão, talvez um simples sonho, apenas. Voltarão, desse modo, para Atenas os dois casais de fidos namorados, em laços sempiternos amarrados. Enquanto isso fizeres com carinho, pedirei a Titânia o pajenzinho, da vista logo lhe tirando o encanto que a faz de um monstro apaixonar-se tanto.

PUCK — Meu rei dos duendes, isso vai ser, feito com toda a pressa, como o pede o pleito, que os velozes dragões da noite escura não cessam de apartar com a viatura aquelas nuvens negras. Não demora, vai nos surgir o anunciar da aurora, ante o qual os espíritos nefandos procuram logo o cemitério, aos bandos; os espectros de quantos pelas ondas, ou nas encruzilhadas, as hediondas sepulturas tiveram, para os leitos de vermes já se foram, com trejeitos; de medo de mostrar suas vergonhas, escondem da luz clara as carantonhas, ocultando de grado o aspecto impuro na negra noite de sobrolho escuro.

OBERON — Nossa essência, porém, é diferente. Com o amante da Aurora, no nascente rubicundo costumo divertir-me; às vezes, como caçador, a firme terra me apraz cortar, até que a rubra porta ecoa a Netuno nos descubra, com amarelo de ouro colorindo a verde superfície do mar lindo. Mas apressa-te; a mágica abrevia; urge fazer tudo isso antes do dia.

(*Sai Oberon.*)

PUCK — Com toda a velocidade vou trazê-los. Nenhum há de me escapar. Minha vontade nas choupanas, na cidade, por tudo tem validade. Trazê-los vou, sem maldade, com toda a velocidade. Lá vem um.

(*Entra Lisandro.*)

LISANDRO — Tua fúria, Demétrio, deu em nada?

PUCK — Aqui, vilão! Arranca logo a espada!

LISANDRO — Já vou! Já vou!

PUCK — Então, para a clareira me acompanha.

(*Sai Lisandro, na direção da voz.*)

(*Volta Demétrio.*)

DEMÉTRIO — Lisandro, essa carreira de veloz gamo impede que eu conheça em que buraco escondes a cabeça.

PUCK — Covarde, com as estrelas é tua briga? Ou com as árvores? Mandas que te siga, e te escondes de mim? Bonito duelo! Vem, menino; uma vara de marmelo tenho aqui, pois vergonha fora, imensa, com ferro te punir por esta ofensa.

DEMÉTRIO — Já vais ver. Onde estás?

PUCK — É muito fácil seguir-me a voz tua figura grácil.

(*Saem.*)

(*Volta Lisandro.*)

LISANDRO — Sempre me vai à frente em meu caminho; mas, ao querer pegá-lo, estou sozinho. Corro a valer, mas ele é mais veloz; só tem forças nas pernas e na voz. Exausto estou de tanta correria. Vou descansar. (*Deita-se.*) Vem, abençoado dia! Se eu vir de novo a tua luz risonha, me pagará Demétrio esta vergonha. (*Dorme.*)

(*Voltam Puck e Demétrio.*)

PUCK — Olá, covarde! Em que lugar te escondes?

DEMÉTRIO — para, se tens coragem. Não respondes? Por tudo corres, a mudar de posto, sem que jamais eu possa ver-te o rosto. Onde estás?

PUCK — Aqui mesmo; não me fujas.

DEMÉTRIO — Vamos brigar no claro; só corujas podem ver em tamanha escuridão. Se eu te pegar de dia... A lassidão me constrange a medir a compostura em qualquer parte...nesta pedra dura. (*Deita-se e dorme.*)

(*Volta Helena.*)

HELENA — Ó noite tediosa e cansativa, passa depressa! Vem, radiante aurora! porque a Atenas eu possa chegar viva, livre de quem minha alma em vão implora. Sono, que esquecer fazes a agonia, liberta-me da minha companhia. (*Deita-se e dorme.*)

PUCK — Somente três? Falta gente porque o outro par descontente fique completo. Coitada! Como vem triste e cansada, por Cupido transtornada!

(*Volta Hérmia.*)

HÉRMIA — Jamais tal dor senti, tanto cansaço; toda molhada estou, dilacerada; não me é possível dar mais um só passo; os pés não me obedecem quase nada. Aqui esperarei o dia belo;Deus proteja a Lisandro nesse duelo. (*Deita-se e dorme.*)

PUCK — No solo duro dorme; conjuro de grande efeito transforme o peito também deste namorado. (*Deita o suco da planta nos olhos de Lisandro.*) Quando acordares com novos ares, fiques rendido do peito fido de que já foste afeiçoado. Cada mulher com um varão, proclama velho rifão com muita boa intenção. Com prosa lhana João pega Joana. Quem boa potranca tem, acha que tudo está bem. (*Sai.*)

Ato 4

Cena 1

Bosque. Lisandro, Demétrio, Helena e Hérmia dormem. Entram Titânia e Bottom, com o séqüito de silfos. Oberon, atrás, invisível.

TITÂNIA — Vem sentar-te entre as flores odorosas, porque o rosto eu te alise como dantes, a cabeça te cubra só de rosas e te beije as orelhas elegantes.

BOTTOM — Onde está Flor-de-Ervilha?

FLOR-DE-ERVILHA — Presente!

BOTTOM — Flor-de-Ervilha, coça-me a cabeça. Onde está monsieur Teia-de-Aranha?

TEIA-DE-ARANHA — Presente!

BOTTOM — Monsieur Teia-de-Aranha, meu caro monsieur, tomai de vossas armas, matai-me a abelha de ancas vermelhas que se acha naquele cardo e trazei-me, caro monsieur, seu saco de mel. Não vos afobeis demasiadamente nessa operação, monsieur, e tende cuidado, meu bom monsieur, para que o saco de mel não venha a se romper. Pesar-me-ia, signior, ver-vos inundado de mel. Onde está monsieur Semente-de-Mostarda?

SEMENTE-DE-MOSTARDA — Presente!

BOTTOM — Dai-me o punho, monsieur Semente-de-Mostarda. Por obséquio, deixai esses cumprimentos, meu caro monsieur.

SEMENTE-DE-MOSTARDA — Que ordenais?

BOTTOM — Nada, meu caro monsieur a não ser que queirais ajudar o Cavaleiro Teia-de-Aranha a me coçar. Estou precisando ir ao barbeiro, monsieur, pois quer parecer-me que estou com o rosto maravilhosamente peludo. Sou um asno tão delicado, que se um pelo, que seja, me faz cócegas, sou obrigado a me arranhar.

TITÂNIA — Amor, desejas ouvir boa música?

BOTTOM — Sou dotado de ouvido razoavelmente musical. Que venha, pois, o bombo e os martelos.

TITÂNIA — Ou dize, amor, o que comer preferes.

BOTTOM — Magnífico! Uma quarta de forragem. Mastigaria, também, com muito gosto aveia seca. Parece-me que aceitaria de bom grado um bom feixe de feno. Não há o que se compare ao feno perfumado!

TITÂNIA — Disponho de um travesso e esperto silfo, capaz de, num momento, trazer

nozes do celeiro do esquilo irrequieto.

BOTTOM — Preferira um ou dois punhados de ervilhas secas. Mas, por obséquio, não permitais que vossa gente me perturbe. Sinto-me tomado por uma grande exposição de dormir.

TITÂNIA — Dorme, enquanto estes braços te acalentam. Elfos, parti depressa; dispersai-vos! (*Saem os elfos.*) Assim se enlaçam, gentilmente, a rude madressilva e a dos bosques, perfumada; a hera, desta arte, com meiguice, os dedos nodosos do olmo docemente afaga. Quanto te quero! Quanto te idolatro!

(*Adormecem.*)

(*Entra Puck.*)

OBERON — Bem-vindo, bom Robim. Vê que beleza! Sua loucura, agora, me dá pena. Quando a encontrei, há pouco, atrás do bosque, procurando para este odioso lorpa presentes e regalos, repreendi-a, chegando a me zangar, por lhe haver ela as fontes circundado cabeludas com grinalda de flores odorosas. As próprias gotas do mimoso orvalho, que nos róseos botões, por vezes, ficam como redondas pérolas do Oriente, então nos lindos cálices estavam como doridas lágrimas, que a própria desgraça lastimassem. Pós havê-la censurado e haver-me ela em brandos termos impetrado paciência, o pajenzinho lhe requeri, o que ela de boamente me concedeu, mandando que seus elfos para os meus aposentos o levassem, no domínio das fadas. Então vendo-me de posse do menino, vou tirar-lhe dos olhos a cegueira intolerável. Gentil Puck, retira o inadequado capacete da fronte do ateniense, para que, ao despertar, junto com os outros voltem para a cidade, convencidos de que os vários sucessos desta noite não passaram de simples pesadelos num sono atormentado. Mas primeiro desencantar me apraz nossa rainha. (*Tocando os olhos de Titânia com uma erva.*) Como eras antes, serás; como antes vias, verás; pois o botão de Diana de Cupido esfaz a liana. Titânia, minha flor, desperta logo!

TITÂNIA — Meu Oberon, que pesadelo horrível! Quis parecer-me que eu apaixonada era de um asno.

OBERON — Ali, vede, se encontra vosso amor.

TITÂNIA — Como foi possível isso? Como a vista me ofende essa figura!

OBERON — Silêncio alguns instantes. Sem demora transforma-o, bom Robim. Titânia, agora manda vir música e em profundo sono os sentidos mergulha deles todos.

TITÂNIA — Música, olá! para encantar o sono!

(*Música.*)

PUCK — De um bobo, ao despertares, serás dono.

OBERON — Músicos, prossegui! Vamos, querida, as mãos nos demos. Ora esforço envida para que todos quantos na comprida noite sonharam tenham feliz vida. Já que nossa discórdia mal sofrida em harmonia se mudou garrida, iremos amanhã, solenemente, dançar, à meia-noite, bem em frente do quarto de Teseu, porque ridente lhe seja a grande prole e, alegremente, compareça ante o altar toda esta gente para cultuar Amor, o deus potente.

PUCK — Rei dos duendes, já anuncia a manhã a cotovia.

OBERON — Então, querida, a ventura sigamos da noite escura; podemos dar volta ao mundo em pouco mais de um segundo.

TITÂNIA — Vamos, amor; em caminho me relata com carinho de que modo me encontraste a dormir neste contraste.

(*Saem.*)

(*Ouve-se toque de trompa. Entram Teseu, Hipólita, Egeu e séqüito.*)

TESEU — Um de vós vá chamar o guarda-caça. Já completamos o ritual sagrado; e uma vez que a manhã vamos ter livre, vai minha amada apreciar a orquestra de meus fortes lebréis. Desatrelai-os no vale do oeste; corram livremente. Depressa! Ide chamar o guarda-caça. Minha rainha, daquele alto monte ouviremos melhor a conjunção dos ecos, a ladrar em confusão.

HIPÓLITA — Presente eu fui com Hércules e Cadmo, quando, com cães de Esparta, o urso caçavam na floresta de Creta. Tão galante barulheira jamais havia ouvido; o bosque, o céu, as fontes, tudo, tudo, era em torno uma crebra gritaria. Em parte alguma nunca ouvira música tão discorde, trovão tão agradável.

TESEU — Estes meus cães também provêm de Esparta; pelo manchado todos têm, queixada muito larga, as orelhas derrubadas, sempre a varrer o orvalho matutino; de pernas tortas e papada, todos, fazem lembrar os touros da Tessália. Um tanto lerdos são no encalço às feras, é verdade; mas, quando todos ladram, lembram toque de sinos; gritaria mais harmoniosa nunca foi sentida nem provocada pelo som dos cornos ouvidos na Tessália, em Creta e Esparta. Ides julgar vós mesma, após ouvi-los. Mas, devagar! Que ninfas serão estas?

EGEU — Esta, milorde, é minha filha; dorme profundamente; aquele, ali, é Lisandro; aquele outro, Demétrio; Helena, aquela, Helena, filha de Nedar, o velho. Espanta-me encontrá-los aqui juntos.

TESEU — Decerto madrugaram, para os ritos observarem de maio e, tendo ouvido falar de nossas intenções, vieram, para dar maior graça a estes festejos. Mas Egeu, uma coisa eu desejara que me dissesses: hoje não é o dia em que prometeu Hérmia decidir-se sobre a escolha do noivo?

EGEU — Sim, milorde.

TESEU — Mandai que os caçadores os despertem com seus toques de trompa. (*No interior, toque de trompa e alaridos. Lisandro, Demétrio, Hérmia e Helena despertam e se levantam.*) Então, amigos? Bom dia! Já passou São Valentim; só agora é que estes pássaros se casam?

LISANDRO — Perdão, milorde.

(*Lisandro e os demais se ajoelham.*)

TESEU — Levantai-vos, peço. Sei que rivais sois ambos e inimigos. Onde se viu no mundo tal concórdia, chegando o ódio a ficar tão sem ciúme, que calmamente durma ao lado do

ódio?

LISANDRO — Confuso, meu bom lorde, é que vos falo, meio a dormir, ainda, e mal desperto. Não saberei dizer com segurança como vim ter aqui. Mas se não erro — que é meu desejo ser veraz em tudo... Sim, é isso mesmo; agora me recordo — fugi com Hérmia, sendo intenção nossa ir para algum lugar longe de Atenas, por fugirmos às leis dos atenienses.

EGEU — Basta, basta, milorde! É o suficiente. Exijo que sobre ele a lei recaia. Iam fugir. Demétrio, tencionavam a mim e a ti burlar; a ti, privando-te da esposa; a mim, deixando-me em estado de não poder cumprir o prometido.

DEMÉTRIO — Milorde, revelou-me a linda Helena que eles iam fugir e tencionavam neste bosque ocultar-se. Transtornado como me achava, vim no encalço deles, por amor me seguindo a linda Helena. Mas milorde, não sei por que potência — mas que foi algo superior, é certo — toda a paixão que a Hérmia eu dedicava se derreteu qual neve, só restando dela a memória como de um brinquedo que na infância me houvesse deleitado. A alegria exclusiva dos meus olhos, a inabalável fé, minha virtude é Helena, simplesmente. Nós, milorde, já éramos noivos antes de eu ver Hérmia; mas, tal como a um doente, repugnava-me esse alimento. Agora, tendo o gosto natural recobrado com a saúde, desejo-a, adoro-a, só por ela anseio, e ser prometo eternamente fido.

TESEU — Belos amantes, como vos achastes no momento preciso! Com mais calma me contareis o resto dessa história. Egeu, vou contrariar tua vontade: no templo, agora mesmo, estes dois pares vão se unir para sempre. E, pois a meio já se encontra a manhã, será forçoso adiarmos nosso plano de caçada. Voltemos para Atenas; três a três, bela festa farão de uma só vez.

(*Saem Teseu, Hipólita, Egeu e séqüito.*)

DEMÉTRIO — Tudo quanto passou se me afigura pequenino e indistinto, como ao longe montanhas que com as nuvens se confundem.

HÉRMIA — Pareço ter a vista perturbada, todas as coisas enxergando em dobro.

HELENA — É o que eu digo, também. Achei Demétrio como jóia que, embora pertencendo-me, parece não ser minha.

DEMÉTRIO — Tens certeza de que estamos despertos? Só parece que ainda dormimos, que tudo isto é sonho. O duque não esteve aqui? Não disse que fôssemos com ele?

HÉRMIA — Esteve, e junto meu pai também se achava.

HELENA — É assim Hipólita.

LISANDRO — Mandou que ao templo todos o seguíssemos.

DEMÉTRIO — Então tudo é verdade; não estamos dormindo. Acompanhemos logo o duque e em caminho contemos nossos sonhos.

(*Saem.*)

BOTTOM (*despertando*) — Quando chegar a minha vez, chamem-me, que eu

responderei. Minha próxima fala é: “Formosíssimo Píramo!” Olá, Peter Quince! Flauta, remenda foles! Snout, caldeireiro! Starveling! Deus do céu! Foram-se todos, e me deixaram a dormir. Tive uma visão extraordinária. Tive um sonho, que não há entendimento humano capaz de dizer que sonho foi. Não passará de um grande asno quem quiser explicar esse sonho. Parece-me que eu era... Não há quem seja capaz de dizer o que eu era. Parece-me que eu era... e parece-me que eu tinha... Só um bufão maltrapilho seria capaz de tentar explicar o que me pareceu que eu era. Não há olho de homem que tenha visto, nem orelha de homem que tenha ouvido, nem mãos de homem que tenham gostado, nem língua que haja concebido, nem coração que haja relatado o que foi o meu sonho. Vou pedir a Peter Quince que escreva uma balada a respeito desse sonho, que receberá o título de “O sonho de Bottom”, por ser um sonho embotado, e a cantarei no fim da peça, diante do duque. É possível, até, que, para deixá-la mais graciosa, eu a cante depois da morte de Tisbe. (*Sai*.)

Cena 2

Atenas, um quarto em casa de Quince. Entram Quince, Flauta, Snout e Starveling.

QUINCE — Mandastes alguém à casa de Bottom? Ele já voltou para casa?

STARVELING — Não há notícias dele; decerto foi levado para alguma parte.

FLAUTA — Se ele não voltar, ficará estragada a comédia; não poderá ser representada, não é verdade?

QUINCE — De jeito nenhum; em toda Atenas não tendes ninguém como ele para fazer o papel de Píramo.

FLAUTA — É a pura verdade; ele é simplesmente o maior engenho dos artesãos de Atenas.

QUINCE — E a melhor pessoa, também; quanto à doçura da voz, é um verdadeiro fenício.

FLAUTA — "Fênix", homem é o que quereis dizer! Fenício — Deus nos acuda! — não é coisa nenhuma.

(*Entra Snug.*)

SNUG — Mestres, o duque vem vindo do templo, onde casaram, juntamente com ele, mais três senhores e três senhoras. Se nossa peça não houvesse ficado apenas em ensaio, seríamos hoje gente grande.

FLAUTA — Oh, o nosso valente Bottom! Desse modo ele perde uma renda vitalícia de seis pences por dia. Sim, não poderia deixar de ganhar seis pences por dia. Quero que me enforquem, se o duque não lhe desse seis pences diários pela representação de Píramo. É o que ele merecia para representar Píramo: ou seis pences por dia, ou nada.

(*Entra Bottom.*)

BOTTOM — Onde estão os rapazes? Onde estão esses corações?

QUINCE — Bottom! Oh dia corajoso! Que hora felicíssima!

BOTTOM — Mestres, tenho coisas maravilhosas para vos contar, mas não me pergunteis nada, porque se eu vo-las referisse, não seria um ateniense da gema. Hei de vos contar tudo, tintim por tintim, exatamente como se passou.

QUINCE — Conta-nos o que houve, amável Bottom.

BOTTOM — Não direi uma só palavra. Tudo o que vos posso dizer é que o duque já jantou. Ide buscar as roupas, ponde bons atacadores nas barbas e fitas novas nos escarpins. Reunamo-nos no palácio; que todos repassem os seus papéis, porque, para dizer tudo em poucas palavras, a nossa peça foi a preferida. Em todo o caso, que Tisbe se apresente de roupa limpa, o que tiver de fazer o papel de leão não deve cortar as unhas, a fim de parecerem garras. Finalmente, meus caros atores, será conveniente não comerdes alho nem cebola, pois será preciso que exalemos um doce alento, não tendo eu dúvida de que todos vão achar a nossa comédia muito doce. E agora nem mais uma palavra. Adiante! Marchai! Adiante!

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Atenas. Uma sala no palácio de Teseu. Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato, fidalgos e séqüito.

HIPÓLITA — Estranha história, meu Teseu, nos contam todos esses amantes.

TESEU — Mais estranha do que veraz, decerto. É-me impossível acreditar em fábulas antigas e em histórias de fadas. Os amantes e os loucos são de cérebro tão quente, neles a fantasia é tão criadora, que enxergam o que o frio entendimento jamais pode entender. O namorado, o lunático e o poeta são compostos só de imaginação. Um vê demônios em muito maior número de quantos comportar pode a vastidão do inferno: tal é o caso do louco, O namorado, não menos transtornado do que aquele, enxerga a linda Helena em rosto egípcio. O olho do poeta, num delírio excelso, passa da terra ao céu, do céu à terra, e como a fantasia dá relevo a coisas até então desconhecidas, a pena do poeta lhes dá forma, e a essa coisa nenhuma aérea e vácua empresta nome e fixa lugar certo. É a imaginação tão caprichosa, que para qualquer mostra de alegria logo uma causa inventa de alegria; e se medo lhe vem da noite em curso, transforma um galho à-toa em feroz urso.

HIPÓLITA — Contudo, as ocorrências desta noite, tal como eles as contam, e as mudanças por que todos passaram, testificam algo mais do que simples fantasia, que certa consistência acaba tendo, conquanto seja tudo estranho e raro.

TESEU — Alegres e felizes, os amantes vêm vindo para cá. (*Entram Lisandro, Demétrio, Hérmia e Helena.*) Muita alegria, gentis amigos; alegria e belos dias de amor vos sejam companheiros dos ternos corações.

LISANDRO — Maior ventura possais achar em vossos reais passeios, no leito nupcial e nos banquetes.

TESEU — Ora bem; que folias ou bailados teremos para encher estas três horas tão longas que medeiam entre a ceia e a hora de ir repousar? Onde se encontra nosso chefe habitual de distrações? Que passatempos há? Não há nenhuma peça teatral para aliviar a angústia desta hora infinda? Ide chamar Filóstrato.

FILÓSTRATO — Presente, grão Teseu.

TESEU — Com o que contamos para nos divertirmos esta noite? Que música? Que peça? De que modo mataremos o tempo preguiçoso, se não tivermos diversão alguma?

FILÓSTRATO — Neste papel vereis em breves linhas o que foi ensaiado. Vossa Alteza dirá o que deseja ver primeiro. (*Dá-lhe um papel.*)

TESEU — "A luta dos Centauros, ao som de harpa cantada por eunuco ateniense." Nada disso; não serve, que essa história já foi por mim contada a minha noiva para glorificar meu parente Hércules. "A orgia das Bacantes embriagadas; como o vate de Trácia estraçalharam." É peça antiga; foi representada, quando voltei de Tebas, vitorioso. "As nove Musas lastimando a morte da Ciência, falecida na miséria." Decerto é alguma sátira mordente, que não ficará bem em nossas núpcias "Cena curta e tediosa do mancebo Píramo e sua amada, a bela Tisbe; tragédia divertida." Ora! Tragédia divertida! Tediosa, a um tempo, e curta! É o mesmo que dizer fogo gelado, neve cor de azeviche. Como acordo poremos em tão grande discordância?

FILÓSTRATO — É uma peça, senhor, de dez palavras. Jamais vi coisa que tão curta fosse. Mas, milorde, ainda assim, com dez palavras, tem palavras demais, por ser tediosa, pois não contém palavra alguma certa, nem ator que vá bem. É muito trágica, sem dúvida, milorde, porque Píramo acaba por matar-se. Ao ver o ensaio, me vieram lágrimas aos olhos, força me será confessar; mas nunca soube que jamais a risada barulhenta tivesse provocado tantas lágrimas.

TESEU — Quais são os comediantes?

FILÓSTRATO — Gente rude, senhor, de mãos calosas, que em Atenas exercem seus ofícios e que nunca haviam trabalhado com o espírito. Pela primeira vez, com esta peça a memória assaz débil martirizam, para brilho de vosso casamento.

TESEU — Então vamos ouvi-la.

FILÓSTRATO — Não, milorde; não é digna de vós; já vi o ensaio; não vale nada, nada em todo o mundo, a menos que possais encontrar causa de distração no zelo doloroso com que se martirizam, tão-somente para vos distrair.

TESEU — Desejo ouvi-los, pois nunca poderá ser ofensivo quanto a simplicidade e o zelo ditam. Fazei-os vir. Senhoras, assentai-vos.

(*Sai Filóstrato.*)

HIPÓLITA — Tais situações me causam sempre pena, quando a incapacidade se maltrata e o zelo a morrer vem nos seus esforços.

TESEU — Ora, querida, não vereis tal coisa.

HIPÓLITA — Mas se os coitados nada entendem da arte!

TESEU — Tanto mais generosos haveremos de ser, quando por nada os aplaudirmos. Prazer nos causarão seus próprios erros. Quando o pobre dever nada consegue, busca o nobre respeito unicamente a intenção, não o mérito. A minha vinda, sábios eminentes determinaram me saudar com longos discursos estudados. Tive o ensejo de os ver tartamudear e ficar pálidos, interromper uma sentença em meio, o nervoso afogar-lhes a palavra já tão exercitada, até que mudos se tornaram, sem dar-me as boas-vindas. Podeis crer-me, querida: do silêncio tirei a saudação, e li na própria modéstia da lealdade temerosa mais do que falar pode a língua fácil e a eloqüência audaciosa e petulante. Fala mais o dever, com língua atada, muito mais, quando é mudo e não diz nada.

(*Volta Filóstrato.*)

FILÓSTRATO — Vossa Graça o permite? Aí vem o Prólogo.

TESEU — Deixai-o vir.

(*Toque de trombetas.*)

(*Entra Quince, no papel de Prólogo.*)

PRÓLOGO — Se ofendemos, não é porque o queiramos. Deveis pensar que se vos ofendemos é com boa vontade. Ora aqui estamos só com o fim de mostrar o que queremos. O que nos traz é o vosso desagrado; toda nossa intenção será somente dar-vos mais alegria e mais enfado. Deixando arrependida tanta gente, nosso grupo aqui chega; só em vê-lo, podereis conhecer nosso desvelo.

TESEU — Este camarada não faz muito caso da pontuação.

LISANDRO — Montou no prólogo como num potro xucro, que não para de correr. A moral é boa, milorde: não basta falar, mas saber falar.

HIPÓLITA — Realmente, tocou no prólogo como o fazem as crianças com o flajolé, produzindo apenas sons, que não chegam a fazer música.

TESEU — O discurso dele parece uma cadeia enleada: os elos estão inteiros, mas numa grande desordem. De quem é a vez, agora?

(*Entram Píramo e Tisbe, o Muro, o Luar e o Lego, como em uma pantomíma.*)

PRÓLOGO — Senhores e senhoras, porventura vos causa espanto a vista desta gente; Vedes aqui de Píramo a figura e da formosa Tisbe; é bem patente. Este homem com caliça, representa o muro que separa os namorados, por cuja fresta sempre pachorrenta eles desabafam seus cuidados. Este outro de lanterna, cão e espinhos, representa o luar, pois é sabido que os amantes trocavam seus carinhos no sepulcro de Nino falecido. Este é o leão de juba atrapalhada, que fez Tisbe fugir apavorada por ter vindo à entrevista antecipada. Mas, ao fugir, deixou cair o manto, que o leão, logo, sujou todo de sangue; Píramo, ao vir, sem ter corrido tanto, vendo ferido o manto, fica exangue. A espada, então, sangrenta, enfia inteira no peito em que fervia o sangue ardente; Tisbe, que estava sob uma amoreira, saca o punhal e morre, O subseqüente vos será relatado pelo Luar, o Muro e o Leão, que ides ouvir falar.

(*Saem o Prólogo, Píramo, Tisbe, o Leão e o Luar.*)

TESEU — Admiro-me de ouvir falar um leão.

DEMÉTRIO — Não há de que se admirar, milorde; se tantos asnos falam, por que um leão não há de poder fazer a mesma coisa?

MURO — Vê-se neste entremez de enredo obscuro que eu, de nome Snout, represento um muro, um muro, podeis crer — coisa estupenda! — que apresenta um buraco, frincha ou fenda, por onde Tisbe e Píramo a amargura reclamavam da vida, a sorte dura. Estas pedras e esta áspera argamassa dizem que muro eu sou, muro de raça, e este é o buraco, de um e de outro lado, por onde fala o par enamorado.

TESEU — Pode-se exigir melhor discurso de cal e cabelos?

DEMÉTRIO — O tabique mais espirituoso, milorde, de que já ouvi falar.

TESEU — Píramo se aproxima do muro. Silêncio!

(*Volta Píramo.*)

PÍRAMO — O noite de olhar negro, ó noite escura, que sempre estás onde não se acha o dia! Ó noite negra! O minha desventura! Tisbe não chega! A pobre desvaria. E tu, muro querido, ó doce muro, que entre o terreno meu e o do pai dela te levantas cruel, não sejas duro, uma fresta me mostra ou uma janela. (*O Muro afasta os dedos.*) Graças, bom muro; Jove há de amparar-te. Mas, que vejo? Em vão Tisbe ora procuro. Possas, muro, rachar-te em toda parte, por me deixares espiar no escuro.

TESEU — A meu ver, o muro deveria também amaldiçoar, por ser dotado de sensibilidade.

PÍRAMO — Não, senhor; isso ele não faz, posso asseverar-vos. "Espiar no escuro" é a deixa de Tisbe. Está na hora de ela entrar, e eu devo espiá-la através do muro. Aí vem ela.

(*Volta Tisbe.*)

TISBE — O muro, que meu pranto tens ouvido, por de Píramo doce me afastares, quantas vezes beijei, muro querido, tuas faces de cal, irregulares.

PÍRAMO — Ouço voz; vou correndo para a fresta, porque de Tisbe a bela face eu veja. Tisbe!

TISBE — Amor! Que alegrão tua voz me apresta.

PÍRAMO — Alegre ou não, que amado sempre eu seja e, qual Lisandro, eterno namorado.

TISBE — E eu, outra Helena, até que o queira o fado.

PÍRAMO — Como Sáfalo e Procro sou constante.

TISBE — Como Sáfalo e Procro eu, fiel amante.

PÍRAMO — Dá-me um beijo através deste vil muro.

TISBE — Não te beijei; beijei o barro duro.

PÍRAMO — Ao sepulcro de Nino vais agora?

TISBE — Ou viva ou morta, estarei lá numa hora.

(*Saem Píramo e Tisbe.*)

MURO — Desta arte eu, muro, minha parte fiz; ora o muro retira-se feliz. (*Sai.*)

TESEU — Já foi derrubado o muro que separava os dois vizinhos.

DEMÉTRIO — Não há remédio, milorde, uma vez que as paredes se obstinam em ouvir sem aviso prévio.

HIPÓLITA — É a peça mais tola que eu já vi.

TESEU — As melhores produções desta classe não passam de simples sombra, e as piores deixarão de o ser, se a imaginação vier em seu auxílio.

HIPÓLITA — Mas nesse caso é a vossa imaginação que trabalha, não a deles.

TESEU — Se não pensarmos deles mais mal do que eles próprios pensam, poderão passar por excelentes pessoas. Eis que nos chegam dois nobres animais, um homem e um leão.

(*Voltam o Leão e o Luar.*)

LEÃO — Senhoras minhas que tremeis de medo, quando um ratinho vedes, monstruoso; que faríeis, se ouvísseis no arvoredo rugir, de longe embora, o leão raivoso? Sabei, pois, que sou Snug, o marceneiro; nem leão, nem leoa, homem verdadeiro. Se agora eu fosse fera que intimida, nada daria pela minha vida.

TESEU — Eis um animal verdadeiramente cortês e de boa consciência.

DEMÉTRIO — É o melhor animal, milorde, que eu já vi em toda a minha vida.

LISANDRO — Este leão, quanto ao valor, é raposa legítima.

TESEU — E quanto à discrição, um verdadeiro ganso.

DEMÉTRIO — Não é assim, milorde, porque o seu valor não pode carregar a discrição, como o faz a raposa com o ganso.

TESEU — O de que tenho certeza é que sua discrição não pode carregar o seu valor, porque o ganso não carrega a raposa. Muito bem; entreguemo-lo à sua discrição e ouçamos a lua.

LUA — Eis na lanterna a lua com seus chifres...

DEMÉTRIO — O ator devia trazer os chifres na cabeça.

TESEU — Mas é lua cheia; os cornos estão invisíveis na circunferência.

LUA — Eis na lanterna a lua com seus chifres, tal como eu, que pareço o homem da lua.

TESEU — De todos os erros este é o mais aberrante; o homem deveria pôr-se dentro da lanterna; se não, como poderá passar pelo homem da lua?

DEMÉTRIO — Não tem coragem de entrar na lanterna, só de medo da vela; bem vedes que já está inflamado.

HIPÓLITA — Já estou enfarada dessa lua; quem dera que ela se alterasse!

TESEU — Pela pouca luz de sua discrição, podemos concluir que está na fase minguante. Apesar disso, por delicadeza e todas as espécies de razão, teremos de agüentá-la o tempo todo.

LISANDRO — Adiante, lua!

LUA — Tudo o que tenho a vos dizer é comunicar que esta lanterna é a lua; eu, o homem da lua; este feixe de espinhos, meu feixe de espinhos, e este cachorro, meu cachorro.

DEMÉTRIO — Nesse caso, tudo isso deveria estar dentro da lanterna, por se encontrarem na lua. Mas, silêncio! Tisbe vem chegando.

(*Volta Tisbe.*)

TISBE — Eis a tumba de Nino; onde está Píramo?

LEÃO (*rugindo*) — R-r-r-ó-ó-ó!!!

(*Tisbe foge.*)

DEMÉTRIO — Bem rugido, leão!

TESEU — Bem corrido, Tisbe!

HIPÓLITA — Bem iluminado, lua! Realmente, a lua brilha com bastante graça.

(*O Leão estraçalha o manto de Tisbe e sai.*)

TESEU — Bem rasgado, leão!

DEMÉTRIO — Agora entra Píramo.

LISANDRO — E assim desaparece o leão.

(*Volta Píramo.*)

PÍRAMO — Ó lua, brilhas com clarão solar! Eu te agradeço, ó lua, a luz fulgente, porque pretendo Tisbe ora avistar à clara luz de tua áurea corrente. Mas, para! oh dor! Donzel do amor! Oh, visão cruel e horrorosa! Estou desperto? Pode ser certo? Oh, minha franga formosa! Teu rubro manto me aumenta o pranto. Aproximai-vos, Fúrias! Tudo acabou! Fado, aqui estou! Vem por fim a estas lamúrias!

TESEU — Essa lamentação, motivada pela morte de um ente querido, quase daria para entristecer a gente.

HIPÓLITA — Por minha alma, faz-me pena o pobre homem.

PÍRAMO — Por que fizestes leões, ó Natureza? Um leão me estraçalhou a namorada, a mais linda mulher da redondeza, que vives isto é, viveu sempre adorada. Nada conforta-me. Lâmina; corta-me o coração. Sim, deste lado vai ser varadopor esta mão. (*Apunhala-se.*) Já tenho calma; ao céu minha alma foi-se a correr. Some-te, língua! Lua, essa míngua me faz morrer, morrer, morrer...

(*Sai a Lua.*)

DEMÉTRIO — Não teve sorte; tirou um ás, por ter ficado só.

LISANDRO — Menos do que um ás, homem; que ele está morto; agora é nada.

TESEU — Com a ajuda de um cirurgião, poderia tornar à vida e provar que é um asno.

HIPÓLITA — Por que motivo o Luar foi embora antes de Tisbe voltar e encontrar o amante?

TESEU — Há de achá-lo à luz das estrelas. AI vem ela; suas lamentações põem fim à

peça.

(*Volta Tisbe.*)

HIPÓLITA — Segundo o meu gosto, ela não deveria lastimar a perda de um Píramo como este. Espero que seja breve.

DEMÉTRIO — Se pesássemos Píramo e Tisbe, uma palhinha faria pender a balança. Ele, como homem, Deus nos acuda! Ela, como mulher, Deus nos proteja!

LISANDRO — Seus belos olhos já descobriram Píramo.

DEMÉTRIO — Vai começar a se lamentar, *videlicet:*

TISBE — Dormes, querido? Como! Ferido? Píramo, acorda! Fala, estás mudo? Acabou tudo; da voz rompeu-se-me a corda. Sinto-me louca. A essa tua boca, essa boca açucarada, levou a Morte de negro porte, deixando-me abandonada. Chorei bastante. Parca gigante, de aparência falsa e treda, já lhe cortaste do belo engaste o fio vital de seda. Língua, calada! Vem, bela espada, coloca-me aos pés de Deus. A que foi linda, Tisbe, aqui finda, a todos dizendo adeus, adeus, adeus... (*Morre.*)

TESEU — O Luar e o Leão ficaram para enterrar os mortos.

DEMÉTRIO — Sim, e o Muro, também.

BOTTOM — Não, posso asseverar-vos; já foi derrubado o muro que separava os pais deles. Desejais agora ver o epílogo, ou preferis uma dança bergamasca, executada por dois homens de nossa companhia?

TESEU — Não, por obséquio; nada de epílogo. Vossa peça não necessita de escusas, porque quando morrem todos os atores, nenhum merece censuras. Por minha fé, se o autor da peça houvesse representado o papel de Píramo e se tivesse enforcado com uma liga de Tisbe, teria feito uma linda tragédia, como de fato o fez, e muito bem representada. Que venha, então, a dança bergamasca, ficando de lado vosso epílogo. (*Dança.*) Com a língua de ferro a meia-noite já deu doze batidas. Para a cama, namorados! É quase hora das fadas. Receio muito que a manhã passemos dormindo a sono solto, como, espertos, uma parte da noite desfrutamos. Serviu bastante esta grosseira peça para entreter a noite preguiçosa. Caros amigos, todos para o leito. Vamos ter de festejos quinze dias, com representações e outras folias.

(*Saem.*)

Cena 2

Entra Puck.

PUCK — Ruge o leão a cada passo, uiva o lobo para a lua, ressona o campônio lasso, deslembrado da charrua. Consomem-se na lareira as últimas acendalhas; o pio da ave agoureira fala ao doente em mortalhas. Nesta hora da noite escura as pobres almas andejas se esgueiram da sepultura rumando para as igrejas. Nós, os elfos, que a parelha de Hécate sempre seguimos, e da luz do sol, vermelha, como num sonho, fugimos, de guarda estamos agora. Nenhum rato, em qualquer hora, a paz deixe perturbada desta casa abençoada. Com vassoura eu vim na frente para limpar o batente e jogar nesta hora morta todo o pó atrás da porta.

(*Entram Oberon, Titânia e séqüito.*)

OBERON — Por tudo a luz espalhai do quase extinto carvão. Elfos e fadas, dançai, aproveitando o clarão, e, seguindo o meu caminho, cantai comigo baixinho.

TITÂNIA — Aprendei, primeiro, a toada com letra bem cadenciada; depois, com graça, dancemos e esta casa abençoemos.

(*Cantam e dançam.*)

OBERON — Enquanto a aurora se atrasa, rondai todos esta casa, que ao tálamo principal vou lançar a bênção real. Sua prole numerosa será sempre venturosa. Os três casais que aqui estão em concórdia viverão; seus filhos não serão presa das manchas da Natureza. Beiço de lebre, sinais e outros defeitos que tais, que deixam triste o aleijão, seus filhos nunca terão. Com orvalho consagrado cada elfo cumpra o recado, este palácio abençoando e paz por tudo espalhando. Jamais caia em abandono, feliz seja sempre o dono. Mãos à obra, agora, sem mais demora! Ide ver-me antes da aurora.

(*Saem Oberon, Titânia e séqüito.*)

PUCK — Se vos causamos enfado por sermos sombras, azado plano sugiro: é pensar que estivestes a sonhar; foi tudo mera visão no correr desta sessão. Senhoras e cavalheiros, não vos mostreis zombeteiros; se me quiserdes perdoar, melhor coisa hei de vos dar. Puck eu sou, honesto e bravo; se eu puder fugir do agravo da língua má da serpente, vereis que Puck não mente. Liberto, assim, dos apodos, eu digo boa-noite a todos. Se a mão me derdes, agora, vai Robim, alegre, embora. (*Sai.*)

Trabalhos de Amor Perdidos

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

ATO 2

Cena 1

ATO 3

Cena 1

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Personagens

FERDINANDO, rei de Navarra.
BIRON, nobre da corte do rei
LONGAVILLE, nobre da corte do rei.
DUMAINE, nobre da corte do rei.
BOYET, nobre da corte da princesa.
MERCADE, nobre da corte da princesa.
DOM ADRIANO DE ARMADO, espanhol fantástico
SIR NATANIEL, cura.
HOLOFERNES, mestre-escola.
DULL, oficial de justiça.
COSTARD, bobo.
MOTH, pajem de Armado.
Um guarda-caça.
A PRINCESA DA FRANÇA.
ROSALINA, fidalga da corte da princesa.
MARIA, fidalga da corte da princesa.
CATARINA, fidalga da corte da princesa.
JAQUENETA, camponesa.
Oficiais e criados do rei e da princesa.

Ato 1

Cena 1

O parque do rei de Navarra. Entram o rei, Biron, Longaville e Dumaine.

REI — Possa a Fama, que em vida todos buscam, gravar-se em nossos túmulos de bronze e amparar-nos da Morte perniciosa, quando, apesar da ação voraz do Tempo, nos propiciar o esforço do presente a honra que há de embotar-lhe o alfanje agudo e nos fizer herdeiros incontestes de toda a Eternidade. Por tudo isso, bravos conquistadores — sim, que o sois, vencendo as vossas próprias afeições e a força incalculável dos desejos que o mundo vos desperta — por tudo isso, o nosso edito agora publicado em todo o seu rigor será mantido. Navarra vai tornar-se o grande assombro do mundo; nossa corte, uma pequena academia, calma e circunspecta no que tem relação com a arte da vida. Vós três, Biron, Dumaine e Longaville, jurastes que haveríeis de comigo viver aqui três anos, quais colegas de escola, e de observar os estatutos que se acham consignados nesta cédula. Já o jurastes; agora assinai todos, para que a própria mão desonre o nome do que violar qualquer destes artigos. Se jurar e fazer é um só momento, mostrai-vos ora fiéis ao juramento.

LONGAVILLE — Quero ver: é jejum só de três anos; folga o espírito, embora o corpo sofra. Ventre grande é sinal de espírito oco; quando a gordura é muita, o senso é pouco.

DUMAINE — Dumaine, meu senhor, se mortifica; deixa as maneiras rústicas dos gozos deste mundo aos escravos vis e baixos deste mundo grosseiro. Eis o programa: morrer para a riqueza, o amor e o viço, e na filosofia herdar tudo isso.

BIRON — Meu caro soberano, só me cabe repetir os protestos deles todos, pois o jurei, de aqui estudar três anos. Mas outras observâncias rigorosas cumpre atender também: que não vejamos mulher alguma nesse tempo todo, o que, penso, não foi aqui anotado; nada comer num dia da semana e uma só refeição fazer ao dia, o que penso, não foi aqui anotado; depois, dormir três horas só por noite, sem cabecear de dia um só momento e eu que nunca pensei durante a noite e meio dia em noite transformava — o que, penso, não foi aqui anotado. Nessa viagem de estudos, que de abrolhos: não ver mulher, jejuar, não pregar olhos!

REI — Jurastes cumprir todos esses pontos.

BIRON — Perdão, milorde; só se formos tontos. Eu só jurei que em vossa companhia três anos cá na corte estudaria.

LONGAVILLE — Jurastes sim, Biron, o rei não mente.

BIRON — Então foi por brinquedo, unicamente. Se não, dizei: com o estudo, que queremos?

REI — Ora! aprender o que ainda não sabemos.

BIRON — O que o senso comum pegar não pode?

REI — Sim, que o poder de cima nos acode.

BIRON — Vejamos: vou jurar precisamente conhecer o que está proibido à mente. Por exemplo: onde achar um bom pitéu, muito embora a jejuar seja obrigado; ou como transformar a terra em céu, com bela amante, o que nos é vedado; ou como a juramento seja infido, sem que como perjuro fique tido. Se do estudo esse é o grande galardão, saber o que não sabe ainda a razão, — juro também, pois nunca direi Não.

REI — Essa é a imensa vaidade que hoje em dia do estudo o nosso espírito transvia.

BIRON — Vaidade é tudo, então; mas a suprema vaidade é a que conosco em dor se extrema, como a mente nos livros mergulharmos em busca da luz pura que, magana, nos cega, sem de nós nos importarmos. Anelando mais luz, a luz se engana. Assim, querendo achar no escuro a luz, acabais por não ver: prêmio de truz! Ensinai-me, ao invés disso, como a vista possa em olhos fixar de extremo encanto, que, ofuscando-a, lhe valha por conquista tão radiosa que à mente causa espanto. Comparo o estudo aos raios do sol claro que perscrutar não pode o olhar mesquinho; sempre foi despiciendo o lucro avaro que nos vem de alfarrábio ou pergaminho. Os padrinhos terrestres da luz pura, que aos astros sabem dar nomes em messe, não têm nas belas noites mais ventura do que o pastor que a todos desconhece. Saber muito é de nomes ser zeloso, trabalho de padrinho carinhoso.

REI — Como é sábio em defesa da ignorância!

DUMAINE — Das trevas, que de amor, quanta ganância!

LONGAVILLE — Para ele o trigo é nada, o joio é certo.

BIRON — Calma! O tempo dos ovos já está perto.

DUMAINE — A que vem isso?

BIRON — Hei de serrar de cima.

DUMAINE — Não tem lógica.

BIRON — Então pode ter rima.

REI — Biron é tal qual geada vastadora que destrói a esperança do colono.

BIRON — Pode ser; mas é certa essa lavoura se, mudo, o passaredo ainda tem sono? Por que ficar alegre antes do dia? Jamais desejei flores no Natal, ou neve em maio, tempo da Bíblia; tudo tem seu período natural. A idade mais estudos não comporta; pulais o muro, em vez de abrir a porta.

REI — Adeus, Biron; contigo eu serei mudo.

BIRON — Perdão, milorde; eu lembro-me de tudo. Falei só como bárbaro sincero quanto aos sábios presentes ofendeu mas cumprir a palavra agora quero de abjurar por três anos o meu eu. Dai-me o papel; desejo conhecê-lo para em todos os pontos pôr meu selo.

REI — Recuaste a tempo, ouvindo o nosso apelo.

BIRON (*lê*) — "Item: Nenhuma mulher poderá chegar a menos de uma milha de nossa corte." Isso já foi proclamado?

LONGAVILLE — Há quatro dias.

BIRON — Vejamos qual é a penalidade: "Sob pena de perder a língua". Quem teve essa idéia?

LONGAVILLE — Eu, decerto.

BIRON — E por que tanta crueldade?

LONGAVILLE — O remédio eficaz não tem piedade.

BIRON — Para a galantaria que maldade! "Item: Se dentro do prazo de três anos for visto algum homem a conversar com uma mulher, sofrerá a humilhação pública que a corte achar conveniente." Este artigo, senhor, nos causa susto, que o rei da França à corte nos envia por vos falar, sua própria filha, augusto modelo de beleza e cortesia. Vem pleitear para o pai, velho e acamado, a entrega da Aquitânia. É, pois, patente, ou que este artigo em vão será aprovado ou que a princesa aqui virá vãmente.

REI — Como nos esquecemos desta parte?

BIRON — Zelo demais transcende o engenho e a arte; querendo conquistar o que deseja, descura da porção mais benfazeja, e ao contemplar a esplêndida conquista no fim só fogo e ruínas é o que avista.

REI — É forçoso essa parte pôr de lado, pois o pacto não pode ser quebrado.

BIRON — Em três anos, assim, perjuraremos três mil vezes. Nascemos com pendores que vencer as mais vezes não podemos sem a Graça, o só bálsamo das dores. Se eu faltar num só ponto, pressuroso direi como desculpa: foi forçoso. Posso, pois, subscrever tudo sem medo, (*Assina.*) porque quem perjurar um só dos pontos sem honra viverá, como em degredo; não devo ter mais medo do que os tontos. Mas embora revele repugnância, estou certo de que hei de ter constância. Mas não há diversão em perspectiva?

REI — Há, pois não? Nossa corte ora se aviva com um viajante de Espanha, refinado que a moda sempre traz em roda-viva e de frases o cérebro enxertado, a quem a fala vã causa deleite como a mais agradável harmonia, verniz por fora, apenas, mas aceite como árbitro em questiúnculas do dia. Esse Armado, da fábula nascido, vai contar-nos em termos rebuscados quanto a morena Espanha tem crescido nos feitos de seus homens olvidados. Não posso predizer se haveis de amá-lo; enquanto a mim, agrada-me escutá-lo e como cantor meu ora empregá-lo.

BIRON — Armado é um cavalheiro muito ilustre, cheio de termos novos e de lustre.

LONGAVILLE — Ele e Costard! O pacto já está feito; três anos serão curtos desse jeito.

(*Entram Dull, com uma carta, e Costard.*)

DULL — Qual é a própria pessoa do rei?

BIRON — Esta, amigo. Que desejas?

DULL — Eu mesmo represento sua pessoa, por ser o oficial de justiça de Sua Graça; mas desejo ver a sua pessoa em carne e osso.

BIRON — Aqui está ele.

DULL — O signior Arm... Ami... se recomenda. Está havendo vilania por aí; esta carta vos dirá melhor o que há.

COSTARD — Senhor, o assunto desta carta me diz respeito.

REI — Uma carta do magnífico Armado!

BIRON — Por mais insignificante que seja o assunto, confio em Deus que vamos ouvir termos alevantados.

LONGAVILLE — Uma grande esperança para céu tão baixo! Deus nos proveja de paciência.

BIRON — Para escutar ou para não rir?

LONGAVILLE — Para ouvir com paciência, senhor, e rir com moderação, ou para nos livrarmos de ambas as coisas.

BIRON — Dois pararemos, senhor, onde o seu estilo nos atirar.

COSTARD — O assunto é comigo, senhor, e diz respeito a Jaqueneta. O caso é que eu fui apanhado no próprio caso.

BIRON — Que caso é esse?

COSTARD — No caso e na forma seguinte, senhor, sem faltar um só dos três: eu fui apanhado com ela no castelo, sentado junto dela, segundo a forma, e fui visto, quando a seguia para o parque, e isso, em conjunto, foi da maneira e da forma seguintes: quanto à maneira, senhor, foi da maneira por que um homem fala com uma mulher; quanto à forma.., foi de qualquer forma.

BIRON — E a conseqüência, senhor?

COSTARD — A conseqüência é a minha correção. Deus defenderá o Direito!

REI — Quereis ouvir com atenção a leitura desta carta?

BIRON — Como ouviríamos a palavra da própria Sibila.

COSTARD — É isso mesmo; basta um sibilo para que a gente saia correndo atrás da carne.

REI (*lê*) — "Grande governador, vice-regente do firmamento e dominador exclusivo de Navarra, deus terreno de minha alma e mestre alimentador do meu corpo..."

COSTARD — Sobre Costard nenhuma palavra até agora.

REI — "Foi assim..."

COSTARD — Pode ser que tenha sido assim; mas se ele diz que foi assim, dizendo a verdade, ele é apenas assim, assim.

REI — Paz!

COSTARD — Para mim e para todos os que têm medo de briga.

REI — Nem mais uma palavra!

COSTARD — Acerca dos segredos dos outros, posso asseverar-vos.

REI — "Foi assim: vencido pela melancolia de cor negra, eu entregava o humor escuro e deprimente ao tratamento salutar de tua atmosfera reconfortante, e tão certo como ser um gentil-homem, pus-me a passear. Em que momento? Pelas seis horas, quando o gado gosta de pastar, os pássaros bicam de melhor grado e os homens se sentam para tomar o alimento a que dão o nome de sopa. Isso quanto ao tempo em quê. Agora, quanto ao terreno sobre quê, quero dizer, sobre que eu me movia: tem o nome de teu parque. Quanto ao lugar em quê, digo, em que eu descobri este acontecimento altamente obsceno e despropositado, que arranca da minha pena branca como neve a tinta de cor de ébano que aqui vês, observas ou percebes. No que respeita ao lugar em quê, ficar a nor-nordeste e a este do ângulo oeste de teu jardim curiosamente inextricável. Foi aí que eu vi a esse estúpido pastor, a esse mesquinho gobião que te faz rir..."

COSTARD — Eu!

REI — "...essa alma iletrada e ignorante.."

COSTARD — Eu!

REI — "....esse vaso de pouco fundo..."

COSTARD — Ainda eu!

REI — "...que, se não me falha a memória, tem o nome de Costard..."

COSTARD — Pobre de mim!

REI — "...unido e reunido, contrariamente ao edito estabelecido e proclamado e aos cânones continentes com... com... Oh! com quem só de dizer me faz revolta..."

COSTARD — Com uma rapariga.

REI — "...com uma filha de nossa avó Eva, uma fêmea, ou, por maneira mais adequada ao teu entendimento, uma mulher. Obediente às injunções do meu sempre comprovado dever, para que receba o castigo merecido envio-te esse tal pelo oficial de tua doce Graça, Antônio Dull, pessoa de bom nome, boa conduta, bons costumes e grandemente estimado."

DULL — Sou eu, com vossa permissão; Antônio Dull sou eu.

REI — "Quanto a Jaqueneta — que assim se chama o fraco vaso que eu surpreendi com o referido pastor — conservo-a como vaso para a fúria de tua lei, pronto a levá-la para o julgamento ao menor sinal de tua doce notícia. O teu, com todos os cumprimentos de um coração devotado e ardoroso do desejo de cumprir o dever, Dom Adriano de Armado."

BIRON — Não é tão bom como eu esperava, mas é o que de melhor já ouvi no gênero.

REI — Sim, o melhor do pior. Mas vós aí, amigo, que dizeis disso tudo?

COSTARD — Senhor, eu confesso a rapariga.

REI — Não ouvistes a proclamação?

COSTARD — Confesso que ouvi falar muito dela, mas não lhe dei grande atenção.

REI — A proclamação fala em um ano de prisão para quem quer que fosse visto com uma mulher.

COSTARD — Eu não fui visto com nenhuma mulher, senhor; eu fui apanhado com uma donzela.

REI — Seja; a proclamação dizia "donzela".

COSTARD — Não era donzela também, senhor; era virgem.

REI — Abrangia tudo; foi proclamado também "virgem".

COSTARD — Se é assim, nego-lhe a virgindade; fui apanhado com uma rapariga.

REI — Essa rapariga não vos servirá de nada, senhor.

COSTARD — Essa rapariga vai servir-me de muito, senhor.

REI — Senhor, vou pronunciar vossa sentença: sereis obrigado a jejuar durante uma semana somente a pão e água.

COSTARD — Preferira rezar um mês com sopa e carne de carneiro.

REI — Dom Armado vai ser o vosso guarda. E ora, milordes, vamos dar começo à jura que entre nós já está firmada.

(*Saem o rei, Longaville e Dumaine.*)

BIRON — Perderei a cabeça, sem pôr preço, se não for dar tudo isso em patuscada. Vamos, malandro!

COSTARD — Eu sofro pela verdade, senhor; porque a verdade é que eu fui apanhado com Jaqueneta e Jaqueneta é uma rapariga verdadeira. Por isso, seja bem-vinda a amarga taça da prosperidade! Algum dia ainda poderá sorrir-me de novo a aflição. Até lá, tristeza, toma conta de mim!

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Entram Armado e Moth.

ARMADO — Pequeno, que quer dizer um homem de espírito elevado ficar melancólico?

MOTH — Quer dizer muita coisa, senhor; que ele fica com aparência triste.

ARMADO — Ora essa, garoto; tristeza é a mesma coisa que melancolia.

MOTH — Não, não! Oh senhor! Não!

ARMADO — Como poderias da tristeza separar a melancolia, meu brando juvenal?

MOTH — Pela familiar demonstração de seus resultados, meu coriáceo senhor.

ARMADO — Por que coriáceo senhor? Por que coriáceo senhor?

MOTH — Por que brando juvenal? Por que brando juvenal?

ARMADO — Empreguei a expressão "brando juvenal" como epíteto congruente, que vai bem com os teus dias moços, a que podemos dar o nome de tenros.

MOTH — E eu "coriáceo senhor", como título adequado ao vosso tempo velho, que podemos chamar de coriáceo.

ARMADO — Bonito e adequado.

MOTH — Que quereis dizer com isso, senhor: eu sou bonito e meu dito é adequado, ou eu sou adequado e meu dito é bonito?

ARMADO — Tu és bonito por seres pequeno.

MOTH — Então, por ser pequeno, sou pouco bonito. E por que adequado?

ARMADO — Por seres vivo.

MOTH — Dizeis isso em meu louvor, mestre?

ARMADO — Em teu condigno louvor.

MOTH — Pois com esse mesmo louvor eu elogiaria uma enguia.

ARMADO — Como! Chamando a enguia de engenhosa?

MOTH — Não; chamando-a de viva.

ARMADO — O que eu quero dizer é que és vivo nas respostas; aqueces-me o sangue.

MOTH — A resposta já foi dada, senhor.

ARMADO — Não gosto de ser cruzado nas minhas perguntas.

MOTH (*à parte*) — É o inverso, justamente: os cruzados é que não gostam dele.

ARMADO — Prometi estudar durante três anos com o duque.

MOTH — Poderíeis fazer isso em uma hora, senhor.

ARMADO — Não é possível!

MOTH — Quanto são três vezes um?

ARMADO — Em matéria de conta eu não sou muito forte; isso é mais para o espírito de caixeiros de taberna.

MOTH — Sois cavalheiro e jogador, senhor.

ARMADO — De acordo; são qualidades que constituem o verniz do homem completo.

MOTH — Nesse caso, tenho certeza de que sabeis a quanto monta o total de ás e dois.

ARMADO — A um mais do que dois.

MOTH — A que o vulgo imundo dá o nome de três.

ARMADO — Justamente.

MOTH — Pois então, senhor, estudar é tão difícil assim? Aí está como estudamos o três em menos tempo do que o necessário para piscardes três vezes. O cavalo que dança vos dirá como é fácil juntar "anos" à palavra "três" e estudar três anos em duas palavras.

ARMADO — Bonita imagem!

MOTH (*à parte*) — Que a zero vos reduz.

ARMADO — Nesta altura desejo confessar que estou apaixonado; e como amar é indigno de um soldado, estou apaixonado de uma rapariga indigna. Se fosse bastante sacar da espada contra o humor da afeição, para livrar-me de seu pensamento réprobo, eu aprisionaria o Desejo e o trocaria com qualquer cortesão francês por um cumprimento da moda. Considero humilhante suspirar; penso que é meu dever abjurar de Cupido. Conforta-me, pequeno: quais são os grandes homens que se apaixonaram?

MOTH — Hércules, mestre.

ARMADO — Dulcíssimo Hércules! Mais uma autoridade, meu querido; cita-me outras, doce menino, mas que sejam de boa reputação e de bom porte.

MOTH — Sansão, senhor; foi pessoa de bom porte, grande porte, até, porque fez o porte dos portões da cidade, no dorso, como um carregador. Ele também era apaixonado.

ARMADO — Ó Sansão bem ajustado! Sansão de juntas fortes! Ultrapasso-te tanto com o meu espadim, como me ultrapassaste carregando as portas. Eu também estou apaixonado. Quem foi a amada de Sansão, querido Moth?

MOTH — Uma mulher.

ARMADO — De que cor era ela?

MOTH — De todas quatro, ou de três, ou de duas, ou de uma das quatro.

ARMADO — Dize-me exatamente qual era a sua cor.

MOTH — Verde-mar, senhor.

ARMADO — Essa é uma das quatro cores?

MOTH — A melhor de todas, senhor; pelo que tenho lido.

ARMADO — De fato, verde é a cor dos amantes; mas quero crer que Sansão não tinha motivo para ter amante dessa cor. Certamente o que ele mais apreciava nela era o espírito.

MOTH — É isso mesmo, senhor; o espírito dela era verde.

ARMADO — A minha amada é imaculadamente branca e vermelha.

MOTH — Essas cores, senhor, escondem os pensamentos mais imaculados.

ARMADO — Explica isso, explica isso, infante bem educado.

MOTH — Espírito de meu pai e língua de minha mãe, valei-me!

ARMADO — Doce invocação de uma criança, belíssima e patética.

MOTH — Se ela for granada e neve, ninguém a entende por fora; quando erra, cora de leve; quando se assusta, descora. O que seja culpa ou medo, quem poderá descobrir? No rosto esconde o segredo, quer fique triste ou a sorrir. Rima perigosa, mestre, contra a razão do branco e do vermelho.

ARMADO — Não existe uma balada, menino, denominada "O Rei e o Mendigo"?

MOTH — Há cerca de três gerações o mundo perpetrou a falta de semelhante balada; quero crer, porém, que hoje ninguém mais se lembra dela; mas mesmo que se lembrasse, não prestaria para nada, nem como texto, nem como música.

ARMADO — Vou mandar fazer uma composição sobre esse mesmo tema, para justificar com um precedente alevantado a minha digressão. Pequeno, amo a camponesa que encontrei no parque com o animal racional do Costard; ela o merece.

MOTH (*à parte*) — Merece mas é ser açoitada e ter amante melhor do que o meu mestre.

ARMADO — Canta, pequeno; com o amor, o espírito se me toma pesado.

MOTH — O que é muito de admirar, por amardes uma rapariga leviana.

ARMADO — Canta, é só o que eu digo.

MOTH — Esperai um pouco, até acabar de passar essa companhia.

(*Entram Dull, Costard e Jaqueneta.*)

DULL — Senhor, a vontade do duque é que fiqueis como guarda de Costard e que não lhe permitais nem alegria nem penitência, sendo ele obrigado a jejuar três dias na semana. Quanto a esta donzela, vai ficar no parque com a encarregada do leite. Passai bem.

ARMADO — Eu mesmo me traio com o rubor. Rapariga!

JAQUENETA — Homem!

ARMADO — Hei de visitar-te em teu cubículo.

JAQUENETA — Fica perto daqui.

ARMADO — Sei onde é.

JAQUENETA — Oh, Senhor! Como sois sábio!

ARMADO — Hei de contar-te maravilhas!

JAQUENETA — Com essa cara?

ARMADO — Amo-te.

JAQUENETA — Já mo dissestes.

ARMADO — Então, adeus.

JAQUENETA — Que depois de vós faça bom tempo.

DULL — Vamos, Jaqueneta; toca a andar!

(*Saem Dull e Jaqueneta.*)

ARMADO — Vilão, antes de seres perdoado, terás de jejuar por causa de tuas ofensas.

COSTARD — Muito bem, senhor; espero fazê-lo com o estômago cheio.

ARMADO — Vais ser severamente punido.

COSTARD — Ficar-vos-ei mais obrigado por isso do que os vossos servidores, que são levemente pagos.

ARMADO — Levai daqui esse vilão e ponde-o na grade.

MOTH — Vamos, escravo transgressor; toca para a frente!

COSTARD — Não me deixeis preso, senhor; eu saberei jejuar muito bem se ficar forro.

MOTH — Não, senhor; isso seria comer à tripa forra. Terás de ficar na prisão.

COSTARD — Está bem; mas se eu tomar a ver os belos dias da desolação que já vi, alguém há de ver...

MOTH — Que é que alguém há de ver?

COSTARD — Nada, nada, mestre Moth, a não ser o que ele enxergar. Não orna aos prisioneiros serem muito calados em seus discursos. Por isso não direi mais nada. Dou graças a Deus por ser dotado de tão pouca paciência como qualquer pessoa. Daí poder ficar tranqüilo.

(*Saem Moth e Costard.*)

ARMADO — Chego a venerar o próprio solo vil em que os seus sapatos, mais vis ainda, guiados pelos pés, que são vilíssimos, se locomovem. Serei perjuro — grande prova de falsidade — se me apaixonar. Como pode, então, ser verdadeiro o amor que principia com

falsidade? O amor é um duende familiar; o Amor é um demônio; não há outro anjo do mal além do Amor. Contudo, Sansão foi tentado, com ser de força extraordinária; Salomão também foi seduzido, apesar de todo o seu entendimento. A flecha de Cupido é dura demais para a clava de Hércules, e, por isso mesmo, superior à espada de um espanhol. A primeira e a segunda razão não são válidas no meu caso, porque nem ele respeita estocadas, nem dá atenção a duelos. Sua desgraça consiste em ser chamado menino, mas sua glória em dominar os homens. Adeus, valor! Enferruja-te, espada! Cala-te, tambor! que vosso dono se encontra apaixonado. Sim, está amando. Que venha em meu auxílio qualquer deus improvisador de rimas, porque tenho certeza de que acabarei como sonetista. Inventa, espírito! Escreve, pena! que me acho com disposição de produzir fólios inteiros! (*Sai.*)

Ato 2

Cena 1

O parque do Rei de Navarra. Um pavilhão e tendas a distância. Entram a Princesa da França, Rosalina, Mari Catarina, Boyet, nobres e gente do séquito.

BOYET — Ora, Princesa, despertai o espírito, considerai quem vosso pai envia, a quem o faz e o fim desta embaixada; sois vós, preciosa aos olhos do universo, que ora vindes falar com o único herdeiro de quantas perfeições o homem se possa jactar: o inigualável rei navarro. O assunto, não menor que o da Aquitânia, dote digno, por certo, de rainha. Despendei ora graças a mãos-cheias, como convosco fez a natureza, quando vos adornou com tantas graças, privando delas o universo inteiro para prodigamente conceder-vo-las.

PRINCESA — Meu bom lorde Boyet, minha beleza, ainda que muito escassa, não precisa dos adornos de vossos elogios. A beleza é julgada pelos olhos de quem compra, jamais pelos reclamos convencionais do vendedor estulto. Tenho menos prazer em ver meus dotes louvados do que vós em ostentar argúcias, despendendo vosso engenho no elogio do meu. Mas designemos tarefa ao conselheiro: bom Boyet, como o sabeis — pois a falante Fama se incumbiu de o espalhar — Navarra se acha preso ao voto de que mulher alguma poderá aproximar-se de sua corte silenciosa, sem que ele tenha gasto três anos em estudos cansativos. É imprescindível, pois, ficar sabendo de suas intenções antes de as portas defendidas transpormos. Para tanto vos escolhemos, visto conhecermos vosso merecimento, a fim de serdes o eloqüente patrono desta causa. Dizei-lhe, pois, que a real filha de França, por assunto importante e muito urgente deseja conversar com Sua Graça. Ponde pressa no caso; aqui esperamos, como cliente humildosa, seu despacho.

BOYET — Vaidoso com a missão, vou de boamente.

PRINCESA — Só é vaidade legítima a consciente. (*Sai Boyet.*) Meus senhores, quais são os companheiros desse duque virtuoso?

PRIMEIRO LORDE — Longaville é um deles.

PRINCESA — Conhecei-lo, porventura?

MARIA — Eu o conheço, senhora. Nos festejos do esposório entre a herdeira incomparável de Jaques Faulconbridge e o grande lorde de Perigort, na Normandia havidos, vi esse Longaville, cavalheiro perfeito no consenso dos seus pares, conhecedor das artes e famoso na carreira das armas. Tudo quanto determina fazer, faz com capricho. A única jaça no fulgor de sua virtude — se é que mácula haver pode no fulgor da virtude — é certo espírito muito afiado, de par com uma vontade, digamos, rude; aquele corta fundo, esta nunca se abate, não poupando

quem quer que dentro do âmbito lhe caia.

PRINCESA — Grande trocista, sim, não é verdade?

MARIA — O mundo assim o diz sem falsidade.

PRINCESA — Gênio vivo emurchece em pouca idade. Quais são os outros?

CATARINA — Dumaine, um moço muito bem dotado, amado por quem quer que ame a virtude, com poder para o mal, sem conhecê-lo, por ser de tanto espírito, que as coisas feias deixa aprazíveis, e de forma capaz de conquistar só por si mesma. Vi-o em casa do Duque de Alençon; muito pouco, em confronto com o muitíssimo que me foi dado ver, é quanto agora poderia eu dizer para elogiá-lo.

ROSALINA — Acompanhava-o, então, outro dos nossos estudantes, se nisso não me engano, Biron de nome. Nunca me foi dado conversar com ninguém de mais espírito sempre dentro dos lindes do decoro. Os olhos não cessavam de aprestar-lhe pábulo para o espírito: o que viam era por este logo aproveitado para assunto de alegre brincadeira, que a língua habilidosa, expositora de sua inteligência, apresentava com palavras tão justas e graciosas, que os velhos se detinham para ouvi-las e os moços se quedavam fascinados; tão doce e fluente a fala lhe safa.

PRINCESA — Deus abençoe as minhas damas de honra! É preciso que amando elas estejam, para que tais encômios todas elas despendam no louvor dos seus eleitos.

PRIMEIRO LORDE — Aí vem vindo Boyet

(*Entra Boyet.*)

PRINCESA — Dizei-me logo, senhor, como seremos recebidas?

BOYET — Navarra já tivera a alta notícia de vossa vinda. Com seus companheiros de juramento estava justamente para vir encontrar-vos, gentil dama, quando me recebeu. Pelo que pude saber, ele prefere ora hospedar-vos no campo, como a amiga que aqui houvesse vindo para assediar-lhe a própria corte, a ter de ser perjuro, consentindo que em sua casa deserta penetrásseis. Navarra vem chegando.

(*As senhoras põem máscaras.*)

(*Entram o rei, Longaville, Biron e séquito.*)

REI — Bela princesa, sede bem-vinda à corte de Navarra.

PRINCESA — "Bela" eu vos devolvo; quanto ao "bem-vindo", ainda não me pertence: o teto desta corte é por demais alto para ser vosso, e uma saudação em campo raso muito estreita para ser minha.

REI — Sereis muito bem-vinda à minha corte.

PRINCESA — Conduzi-me até lá, que me apraz vê-la.

REI — Ouvi-me, por favor; fiz uma jura...

PRINCESA — Nossa Senhora ampare ao meu senhor, que ele vai ser perjuro!

REI — Pelo mundo todo, nunca o serei conscientemente.

PRINCESA — Haveis de revelar vontade disso.

REI — Ignora Vossa Alteza o juramento.

PRINCESA — Se milorde ignorasse desse modo, fora sua ignorância muito sábia, pois é forçoso que o saber, agora, ignorante de todo se revele. Ouvi dizer que Vossa Graça havia jurado viver vida solitária. É pecado mortal essa promessa, meu príncipe, como o é, também, violá-la. Perdão, sou muito ousada, por querer dar lições a um professor. Dignai-vos ora ler o fim precípuo de minha vinda, e concedei-me pronto despacho à petição que vos entrego. (*Dá-lhe um papel*).

REI — Fá-lo-ei, senhora, logo que o puder.

PRINCESA — Obrigada; porque, como mulher, vos farei perjurar se aqui estiver.

BIRON — Certa vez não dançamos em Brabante?

ROSALINA — Certa vez não dançamos em Brabante?

BIRON — Tenho certeza.

ROSALINA — Então por que essa inútil pergunta?

BIRON — Não deveis ser tão vivaz.

ROSALINA — Sois culpado, esporeando-me desta arte.

BIRON — Cansa depressa o espírito ligeiro.

ROSALINA — Mas, antes joga ao solo o cavaleiro.

BIRON — Que horas são?

ROSALINA — As horas que o bobo diz.

BIRON — Que disfarce feliz!

ROSALINA — Feliz é o rosto oculto.

BIRON — Deus vos aumente o culto.

ROSALINA — Se não entrardes nele.

BIRON — Já me acho fora dele.

REI — Senhora, vosso pai aqui reclama o pagamento de cem mil coroas, que a metade somente representam dos gastos de meu pai nas guerras dele. Mas dado que meu pai ou eu tivesse recebido essa soma — o que é inverdade — faltaria pagar ainda outro tanto, cem mil coroas, em penhor das quais nos foi entregue parte da Aquitânia, muito embora avaliada em menor preço. Se vosso pai quiser, pois, restituir-nos a metade que a nós ainda é devida, cedemos-lhe o direito da Aquitânia e amizade firmamos com Sua Graça. Mas parece que disso ele não cura, pois exige de novo o pagamento de outras cem mil coroas, sem mostrar-se disposto a restituir essa importância para direito ter sobre a Aquitânia, que de grado entregáramos, no caso de ele nos ressarcir dos gastos todos de nosso pai, para deixar de vê-la,

como está, mutilada. Mas, querida Princesa, se a requesta não se achasse tão longe da razão, vossa beleza razões ensejaria contra as minhas razões, para que alegre e satisfeita voltásseis para a França.

PRINCESA — Constitui ofensa ao rei meu pai e ao vosso nome, negar o pagamento de quantia que por maneira leal já vos foi feito.

REI — Juro que nunca ouvi falar sobre isso. Se o provardes, tereis de novo a soma ou a Aquitânia de novo.

PRINCESA — Satisfaz-nos quanto dizeis. Depois, Boyet, mostrai-lhe os recibos da soma incriminada, com a firma de oficiais autorizados do Rei Carlos, seu pai.

REI — Dai-me esse gosto.

BOYET — Perdoe-me Vossa Graça, mas o embrulho em que esses documentos todos se acham não chegou; amanhã podereis vê-los.

REI — Será o bastante. Nessa conferência saberei acatar razões plausíveis. Entrementes, aceita as gentilezas que sem desar algum possa minha honra tomar dignas do teu merecimento. Não vos peço os portões, bela princesa, franquear, mas aqui fora recebida de tal modo ides ser, que heis de julgar-vos hospedada em meu peito, muito embora me negasse a aceitar-vos sob meu teto. Que vossa inteligência me desculpe. Adeus; amanhã volto a visitar-vos.

PRINCESA — Que o bem-estar de vós nunca se aparte.

REI — Desejo-te outro tanto em qualquer parte. (*Sai o rei e o séquito.*)

BIRON — De vós ao coração direi primores.

ROSALINA — Sim; não vos esqueçais; ficarei multo contente em conhecê-lo.

BIRON — Desejara que o vísseis suspirar.

ROSALINA — Está doente o bobinho?

BIRON — Sofre do coração.

ROSALINA — Coitado! Uma sangria.

BIRON — Algum bem lhe faria?

ROSALINA — Entendo de curar.

BIRON — Picai-o com o olhar.

ROSALINA — No point; com faca afiada.

BIRON — Deus vos faça ajuizada.

ROSALINA — E a vós, de muito preço.

BIRON — Depois vos agradeço. (*Retirando-se.*)

DUMAINE — Por obséquio, que nome tem aquela?

BOYET — É Catarina, de Alençon a herdeira.

DUMAINE — Agradecido; atraente e verdadeira. (*Sai.*)

LONGAVILLE — E aquela ali de branco, quem será?

BOYET — Uma mulher; o sol vo-lo dirá.

LONGAVILLE — Luz na luz; mas que nome tem concreto?

BOYET — Só tem um, que não digo; sou discreto.

LONGAVILLE — Por obséquio, senhor, de quem é filha?

BOYET — De sua mãe, não duvido.

LONGAVILLE — Que barbado atrevido!

BOYET — Não vos zangueis, senhor, mas ela é a herdeira de Faulconbridge.

LONGAVILLE — A zanga é passageira. Dama graciosa e linda!

BOYET — Seu louvor nunca finda.

(*Sai Longaville.*)

BIRON — E aquela de chapéu, que nome tem?

BOYET — Rosalina, senhor, se vejo bem.

BIRON — É casada ou solteira?

BOYET — O que ela mesma queira.

BIRON — Vossa vinda é alegria para nós.

BOYET — Posso dizer o mesmo a todos vós.

(*Sai Biron; as senhoras tiram as máscaras.*)

MARIA — Esse é o alegre Biron, que nunca se amofina; cada palavra sua é uma pilhéria fina.

BOYET — E cada brincadeira é uma palavra só.

PRINCESA — Fizestes muito bem malhando-o assim, sem dó.

BOYET — Com tal ímpeto a nau me veio ele abordar, que a sua, a muito custo alfim eu pude entrar.

MARIA — Que dois carneiros sois!

BOYET — Contudo, pouco sábios; salvo se para nós, ovelha, esses teus lábios servirem de alimento.

MARIA — Eu, serei a pastagem; vós, carneiros no pasto. Aclara-se a paisagem?

BOYET — Se o consentirdes, sim. (*Fazendo menção de beijá-la.*)

MARIA — Não, não, meu gentil bruto; isto é particular, não é comum produto.

BOYET — A quem pertence o pasto?

MARIA — A mim e à minha sorte.

PRINCESA — O espírito vivaz, em discussões é forte; o mais calmo é cordato. É claro que esta guerra civil da inteligência achara melhor terra na corte de Navarra e em todo o bando fútil dos sábios na escritura; aqui no campo é inútil.

BOYET — Se a minha observação, que muito raramente me engana, desta vez também não me desmente, Navarra está infectado.

PRINCESA — E a doença, por favor?

BOYET — O mal é conhecido; é simplesmente amor.

PRINCESA — Vossas razões?

BOYET — Todo o seu ser, agora, aos olhos se acolheu, de cuja corte espia, ansiando um mundo seu; vaidoso o coração com vossa efígie amada, aos olhos uma luz transmite inusitada. Por só poder falar, a língua, aborrecida, deseja também ver, caindo na corrida. Nos olhos se concentra a turba dos sentidos para a beleza ver que os traz tão confundidos, como jóias de preço em límpido cristal que deseja adquirir um comprador real, e que com brilho novo esplendem no mostruário convidando o transeunte a um gasto extraordinário. As notas marginais do rosto a toda gente revelam quanto a vista em confessar consente. Dar-vos-ei a Aquitânia e o que do rei quiserdes, se, acorde com meu gosto, um beijo nele derdes.

PRINCESA — Vamos ao pavilhão; Boyet se acha disposto.

BOYET — Mas para ler, somente, o que ele traz no rosto. O que fiz foi só dar-lhe aos olhos uma boca que, embora mui loquaz, jamais se mostra louca.

ROSALINA — O intermediário é bom; não seja a Sorte mouca!

MARIA — Ele é avô de Cupido e anda com ele em cochicho.

ROSALINA — Vênus à mãe saiu, que o pai parece um bicho.

BOYET — Louquinhas, escutais-me?

MARIA — Oh, não!

BOYET — Não podeis ver?

ROSALINA — A estrada larga, sim.

BOYET — Sois bem duras de roer.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

O parque do rei de Navarra. Entram Armado e Moth.

ARMADO — Canta, menino; encanta-me o sentido da audição.

MOTH (*cantando*) — Concoline!...

ARMADO — Que ária dulcíssima! Vai, delicadeza jovem; toma esta chave, solta o pastor e o traze sem demora à minha presença. Preciso dele para mandar uma carta para o meu amor.

MOTH — Mestre, desejais conquistar vossa amada com uma dança francesa?

ARMADO — Que queres dizer com isso? Que devemos brigar?

MOTH — Não, meu mestre acabado; o que é preciso é modular-lhe uma cantiga na ponta da língua, dançar para ela ver uma canária na ponta dos pés, animá-la revirando os olhos; suspirar uma nota e cantar outra, algumas vezes pela garganta, como se engolísseis o amor cantando o amor; outras vezes pelo nariz, como se aspirásseis o amor só com cheirá-lo; com o chapéu no jeito de beirada de casa sobre a loja dos olhos; os braços sobre o ventre minguado, como lebre no espeto; as mãos nos bolsos, como nos retratos antigos; e tudo isso rápido; bastará uma pequena amostra. São esses os dotes e os talentos com que a gente apanha as raparigas ariscas, que só desejam, aliás, ser apanhadas sem nada disso, e que fazem notados — estais me ouvindo? — os que os possuem.

ARMADO — Como compraste essa experiência?

MOTH — Com o meu vintém de observação.

ARMADO — Pois oh! Pois oh!

MOTH — "O cavalo de pau ficou esquecido!"

ARMADO — Chamaste a minha amada de cavalo de pau?

MOTH — Não, mestre; o cavalo de pau não passa de um potro; ao passo que a vossa amada talvez só seja égua de aluguel. Mas já vos esquecestes de vossa amada?

ARMADO — Quase, em verdade.

MOTH — Que estudante negligente! Aprendei-a de cor.

ARMADO — Amo-a de cor, menino, e com todo o coração.

MOTH — E também fora de coração, mestre; posso provar-vos todos três.

ARMADO — Que pretendes provar?

MOTH — Um homem, se eu viver; o que farei agora mesmo, de cor, com todo o coração e fora dele. Vós a amais de cor, porque vosso coração não pode ir para onde ela está; é com todo o coração que a amais, por estar o coração apaixonado por ela; e é fora de coração que a amais, por ser coisa assentada que não podeis possuí-la.

ARMADO — Encontro-me nos três casos.

MOTH — Ainda que estivésseis em mais de três, não valeríeis mais por isso.

ARMADO — Traze-me logo aquele labrego; preciso dele para mandar uma carta.

MOTH — Tudo combina muito bem na mensagem, realmente: um cavalo a servir de embaixador para um asno.

ARMADO — Ah, ah! Que foi o que disseste?

MOTH — O que eu disse, senhor, foi que deveríeis mandar o asno montado no cavalo, por ser ele bastante lerdo. E com isso, me vou.

ARMADO — A distância é curta; vai depressa.

MOTH — Tão rápido quanto o chumbo, senhor.

ARMADO — Que queres tu provar, meu jovem verdadeiro? Não é chumbo metal pesado e bem ronceiro?

MOTH — Minime, honesto mestre; ou melhor: mestre, não!

ARMADO — Digo que o chumbo é lento.

MOTH — Isso é veloz sermão. É lento, acaso, o chumbo em forma de uma bala?

ARMADO — Que retórica excelsa! O canhão, serei eu; ele a bala, decerto: atiro-te no tal.

MOTH — E eu vôo em campo aberto. (*Sai.*)

ARMADO — Jovem de engenho agudo e graças de crescença! Com ter favor, ó céu! suspiro em tua presença. Foi-se a melancolia; o brio é de nascença. Eis que retoma o arauto!

(*Volta Moth, com Costard.*)

MOTH — Eis um costado, mestre, agora a claudicar!

ARMADO — Temos enigma; a glosa é que eu possa achar.

COSTARD — Qual migna, nem glosa, nem coisa nenhuma. Glosa quer dizer ungüento, senhor? Mas não é nada disso, senhor; não passa de tanchagem.

ARMADO — Pela Virtude! tu me forças a rir; divertes-me com o teu cérebro acanhado; movimentando-se-me, os pulmões me obrigam a uma risada ridícula. Perdoai-me, estrelas minhas! Este insensato toma glosa por ungüento e ungüento por glosas!

MOTH — Como pensa o sábio a esse respeito? Glosa não significa isso?

ARMADO — Não, pajem; é discurso ou epílogo, que apura a significação de alguma frase obscura. Vou dar-te um exemplo: Um pato, uma galinha e um garnizé pedrês jamais formavam par por serem sempre três. Essa é a moral; vejamos agora a glosa.

MOTH — Eu quero dizer a glosa; repeti a moral.

ARMADO — Um pato, uma galinha e um garnizé pedrês jamais formavam par por serem sempre três.

MOTH — Até que aparecesse a pata no quintal e desfizesse o terno, azando outro casal. Agora eu vou dizer a vossa moral e vós a completareis com a minha glosa: Um pato, uma galinha e um garnizé pedrês jamais formavam par por serem sempre três.

ARMADO — Até que aparecesse a pata no quintal e desfizesse o terno, azando outro casal.

MOTH — A glosa é magnífica; termina com uma pata. Que mais podereis desejar?

COSTARD — Comprou-vos o rapaz uma bem gorda pata. Senhor, foi bom negócio; o bicho é pura nata. Difícil é comprar na feira sem ter nada. Queríeis glosa gorda? A pata é bem pesada.

ARMADO — Parai! Deixai-me ver: de onde partiu tudo isso?

MOTH — Falei-vos de costado, ao vê-lo claudicar. Quisestes logo a glosa.

COSTARD — E eu de tanchagem, mestre; e vós a discursar. Depois ele vos deu uma bem gorda pata, arrematando o caso.

ARMADO — Mas explicai-me como quebrou ele a perna, para mancar desse jeito?

MOTH — Vou contar-vos por maneira sensível.

COSTARD — Não tens sentimento para essas coisas, Moth, sou eu que quero dizer a glosa: Eu, Costard, a correr dei grande canelada; por não ficar em casa, a perna vi quebrada.

ARMADO — Bem, não falemos mais dessa matéria.

COSTARD — Até que haja mais matéria na perna.

ARMADO — O fato, Costard, é que desejo emancipar-te.

COSTARD — Oh! Casar-me com uma francesa? Isso está me cheirando a outra glosa, no jeito da pata.

ARMADO — Pela minha suave alma, o que tenciono fazer é dar-te a liberdade, desvencilhar a tua pessoa; encontras-te emparedado, fechado, cativo, amarrado.

COSTARD — É certo; é certo; e por isso, quereis servir-me de purgante e relaxar-me.

ARMADO — Dou-te a liberdade, retiro-te do cárcere, impondo-te, em compensação, apenas o seguinte: Leva esta mensagem à camponesa Jaqueneta. (*Dá-lhe dinheiro.*) Aqui está a tua remuneração, porque nada confirma tanto a minha honra como recompensar os que me servem. Moth, segue-me! (*Sai.*)

MOTH — Tal qual a conclusão. Signior Costard, adeus.

COSTARD — Minha oncinha de carne, entrego-te aos judeus. (*Sai Moth.*) Agora vou contemplar a sua remuneração. Remuneração! Oh! É a palavra latina para três pences: três pences, remuneração. "Qual é o preço desta fita?" "Um pêni." "Não, dou-vos uma remuneração", e, pronto, fico com ela. Remuneração! É mais bonito remuneração do que coroa francesa. Daqui por diante não comprarei nada sem esse nome.

(*Entra Biron.*)

BIRON — Que belo encontro, meu bravo Costard!

COSTARD — Por obséquio, senhor, quanto de fita encarnada a gente pode comprar com uma remuneração?

BIRON — Que é remuneração?

COSTARD — Quatro pences menos um, senhor.

BIRON — Nesse caso, poderás comprar três pences de seda.

COSTARD — Muito obrigado, senhor; Deus seja convosco.

BIRON — Espera, homem; desejo ora ocupar-te; se queres conquistar a minha graça, faze-me, bom rapaz, um grande obséquio.

COSTARD — Para quando quereis isso, senhor?

BIRON — Para esta tarde.

COSTARD — Fá-lo-ei sem falta, senhor; passai bem.

BIRON — Ora essa! Se tu não sabes ainda o de que se trata!

COSTARD — Sabê-lo-ei, senhor, depois de feito.

BIRON — É preciso que o saibas primeiro, idiota.

COSTARD — Então eu procurarei Vossa Senhoria amanhã pela manhã.

BIRON — Mas é preciso que a coisa seja feita hoje à tarde. Escuta lá, maroto; trata-se do seguinte: Pretende vir caçar aqui a princesa. Uma dama gentil vem no cortejo. Quando bem docemente as bocas falam, pronunciam-lhe o nome: Rosalina. Informa-te qual seja, e nas mãos brancas entrega-lhe o segredo aqui selado. Vai depressa. Eis a tua recompensa. (*Dá-lhe um xelim.*)

COSTARD — Recompensa. Ó doce recompensa! Melhor do que remuneração; melhor onze pences e meio. Ó recompensa adorada! Farei, senhor, como se fosse impresso. Recompensa! Remuneração! (*Sai.*)

BIRON — Ora vede! Será possível? Eu, apaixonado! Eu, que fui sempre o açoite de Cupido, verdadeiro carrasco dos suspiros amorosos, o crítico, ou melhor: guarda-noturna sempre de vigília, severo preceptor desse menino, mortal cheio de empáfia como poucos! Esse chorão de cueiros, rabugento, menino-velho, míope, anão-gigante, Dom Cupido, regente dos

sonetos amorosos, senhor de mãos vazias, ungido soberano dos suspiros e gemidos, de todos os madraços e descontentes, príncipe temido das saias, rei de todas as braguilhas, único imperador, grande caudilho dos meirinhos vagantes. Oh, meu pobre coração! Ficar eu como seu cabo! Terei de usar-lhe as cores como simples saltimbanco? Eu, a amar? Fazendo a corte? Procurando uma esposa? E logo qual? Verdadeiro relógio da Alemanha, que em conserto está sempre e desmanchado e que horas não dá certas, salvo quando vigiado, para andar sempre no passo. E o que é pior: tornar-me, assim, perjuro! E mais, ainda: amar a pior das três! aquela bicha branca, de sobrolhos de veludo, que, em vez de olhos, ostenta duas bolas de piche, sim, que, certo, há de realizar o feito, embora tenha como eunuco o próprio Argo de vigia. A suspirar por ela! Estar de guarda! Rezar por ela! Vamos! o castigo que Cupido me impõe, por eu ter feito pouco caso de seu onipotente pequenino poder. Mas, que tem isso? Hei de amar, escrever, fazer a corte, gemer e suspirar. Alguém teria de escolher minha dama; serei eu; para Joana há de haver algum sandeu. (*Sai*.)

Ato 4

Cena 1

Entram a princesa, Rosalina, Maria, Catarina, Boyet, lordes, séquito e um guarda-caça.

PRINCESA — Era o rei que por modo tão violento esporeava o ginete, para àquela culminância forçá-lo?

BOYET — Não estou certo; mas quero crer que não.

PRINCESA — Fosse quem fosse, revelou-se de espírito altanado. É assim, senhores: vamos obter hoje nosso despacho. Voltaremos sábado para a França. Meu caro guarda-caça, onde fica a tal mata, em que devemos permanecer, no jeito de assassinos?

GUARDA-CAÇA — Aqui perto, beirando aquela corte. O ponto é bom; fareis mui bela caça.

PRINCESA — É por me veres bela na caçada, que ora me falas de melhor caçada.

GUARDA-CAÇA — Desculpai-me; não foi essa a intenção.

PRINCESA — Como! Desfazes tudo com esse não? Adeus, vaidade! É que eu sou feia, então.

GUARDA-CAÇA — Sim, senhora; belíssima.

PRINCESA — Não mintas; não se encobre a feiúra só com tintas. Toma, meu bom espelho. (*Dá-lhe dinheiro.*) És verdadeiro; para palavras feias, bom dinheiro.

GUARDA-CAÇA — Tudo quanto há em vós é belo e emérito.

PRINCESA — Ora vede! Salva-se ora a beleza pelo mérito. É digna deste tempo essa heresia. A mão que dá, formosa é como o dia. Vamos, o arco! A brandura vai dar tiros; ação boa é causar dor e suspiros. Desta arte a fama padecer não há de. Se o tiro errar, dirão que foi bondade; se acertar e matar, cala a censura: apenas quis mostrar-me, não sou dura. Muitas vezes, assim é o que acontece: do delito é que a glória nasce e cresce, quando, para alcançarmos fama e estima, nos mostramos infiéis à voz de cima. Assim sou eu: louvores, tão-somente, procuro, quando a morte dou a inocente.

BOYET — E acaso não será também por fama que muita esposa ruim, que o mundo chama de megera, os maridos apoquenta?

PRINCESA — Por fama, tão-somente; porque aumenta de muito seu prestígio, e com razão, sabemos que ela o esposo traz à mão.

(*Entra Costard.*)

BOYET — Aí vem um membro ilustre da república.

COSTARD — Deus dê boa tarde a todos vós. Por obséquio, qual é a dama capital daqui?

PRINCESA — Poderás ficar sabendo isso, amigo, examinando as que estiverem decapitadas.

COSTARD — Qual é a maior senhora, a mais alta?

PRINCESA — A mais grossa e mais comprida.

COSTARD — Mais grossa e mais comprida? É certo. Se a cintura, tivésseis ora igual à minha luz tão rara o cinto de qualquer daqui vos abarcara. Não sois vós a princesa? A maior sois, decerto.

PRINCESA — Que desejais, amigo? Que desejais?

COSTARD — Mensagem de Biron para uma Rosalina.

PRINCESA — Deixa-me a carta ver; já sei que é papafina. Aguarda, portador. Boyet, sabeis cortar; trincha-nos o capão.

BOYET — Fá-lo-ei sem vacilar. A dona não está aqui; houve erro de endereço: é para Jaqueneta.

PRINCESA — Embora; dai começo, quebrando o lacre logo; ouvir-vos apeteço.

BOYET — "Pelo céu! que és bela, é infalível; verdadeiro, que és linda; e a verdade verdadeira, que és encantadora. Ó tu, mais bela do que bela, mais linda do que linda, mais verdadeira do que a própria verdade, apiada-te do teu heróico vassalo! O magnânimo e ilustríssimo rei Cofétua lançou as vistas sobre a perniciosa e indubitável mendiga Zenelofon, o mesmo que, por direito, poderia ter pronunciado a frase: Veni, vidi, vici, que significa, anatomizada em vulgar — ó baixo e obscuro vulgar! — videlicet: chegou, viu e venceu. Chegou, um; viu, dois; venceu, três. Quem chegou? O rei. Para que chegou? Para ver. Para que viu? Para vencer. Para quem veio ele? Para a mendiga. A quem viu ele? A mendiga. Quem venceu ele? A mendiga. A conclusão é a vitória. De que lado? Do lado do rei. A presa se enriqueceu. De que lado? Do lado da cativa. A catástrofe é um casamento. De que lado? Do rei? Não; de ambos os lados em um, ou de um lado em dois. Eu sou o rei, como o exige a metáfora; tu, a mendiga, que assim dá testemunho a tua humildade. Mandarei em teu amor? Posso fazê-lo. Forçarei o teu amor? Poderia, se o quisesse. Solicitarei o teu amor? Assim o desejo. Que terás em troca desses trapos? Vestes. E em vez da tua pouquidade? Títulos. E em lugar da tua pessoa? A minha. Desse modo, aguardando resposta, profano os lábios em teus pés, os olhos em tua imagem e o coração em toda a tua pessoa. O teu, no mais entranhado desejo de dedicação Dom Adriano de Armado. Eis o leão de Neméia, que aterrora com seu rugido a mísera ovelhinha; cai-lhe submissa aos pés, sem mais demora, que ele a ti talvez dobre a altiva espinha. Mas se renuis, coitada, que te espera? Ser presa e pasto, apenas, dessa fera."

PRINCESA — Qual foi o cata-vento autor dessa missiva? Já vistes uma fala assim, pomposa e altiva?

BOYET — Conheço o estilo duro; a menos que me engane.

PRINCESA — Decerto o conheceis; é de pontal imane.

BOYET — Armado é um espanhol que faz colheita opima junto ao rei de Navarra e os sócios que ele anima, um monarco esquisito.

PRINCESA — Amigo, sem pequice, revela o autor da carta.

COSTARD — É o meu senhor, já o disse.

PRINCESA — A quem se destinava?

COSTARD — A certa senhorita.

PRINCESA — Que senhorita? E o dono?

COSTARD — Do meu senhor Biron a uma senhora fina de França, que ele diz chamar-se Rosalina.

PRINCESA — Trocaste a carta, então. Vamos, senhores! Fica com esta, minha bela; a tua está na bica.

(*Saem a princesa e séquito.*)

BOYET — Que caça ele visou?

ROSALINA — Quereis resposta na hora?

BOYET — Sim, beleza sem par.

ROSALINA — A que o arco enfeita agora. Bem respondido.

BOYET — Cornos caça a princesa; aposto cem, contudo, que com teu casamento enseja-se um cornudo. Melhor resposta, a minha.

ROSALINA — Eu sou, pois, caçadora.

BOYET — E a quem quereis pegar?

ROSALINA — Se o chifre é tudo, vós; que vejo um belo par. Melhor resposta, ainda!

MARIA — Boyet, se a provocais, a fronte protegei.

BOYET — Mais baixo hei de atingi-la; o tiro foi de lei?

ROSALINA — Queres que eu jogue sobre ti um dito antigo, que já era homem feito, no tempo em que o Rei Pepino de França ainda era criança, com relação a acertar no alvo?

BOYET — Só assim eu responderei com uma velha rima, que já era mulher feita, quando a rainha Genebra da Bretanha era pequena, com relação a acertar no alvo.

ROSALINA — Bater não podes, bater, bater, meu bobo alegre, no alvo distante.

BOYET — Caso eu não possa bater na mira, há de alcançá-la qualquer tunante.

(*Saem Rosalina e Catarina.*)

COSTARD — Que grandes brincalhões! Como eu me divertia!

MARIA — Bateram bem na marca; ambos têm pontaria.

BOYET — Marquemos essa marca; a marca não destoa; mas falta-lhe um ponteiro; assim ficará boa.

MARIA — Falhou-vos longe o tiro; estais fixa de mão.

COSTARD — Urge atirar de perto; assim, é esforço vão.

BOYET — Estou fora de mão. Então me ensinai a arte.

COSTARD — Cuidado! que o ponteiro, assim, racha e se parte.

MARIA — Os lábios vos macula essa linguagem suja.

COSTARD — Jogai a bola; nisto, ela vos sobrepuja.

BOYET — Receio colisão. Adeus, bela coruja.

(*Saem Boyet e Maria.*)

COSTARD — Por minha alma, um simplório! Um pateta chapado! Como o trouxemos, eu e a dama, num cortado! Que espírito vulgar, que brincadeira fina, tão natural, obscena, e tudo sem verrina! De um lado, Armado, o herói, conquistador pachola, que da dama a que segue empunha a ventarola. E como a mão lhe beija! E as juras que amontoa! E o pajem, do outro lado, o espírito em pessoa! Jamais vi lêndeas tais, caterva assim tão boa. (*Ouvem-se tiros.*) Olá! Olá! (*Sai correndo.*)

Cena 2

O mesmo. Entram Holofernes, Sir Nataniel e Dull.

NATANIEL — Exercício muito digno, em verdade, e praticado com o testemunho de uma boa consciência.

HOLOFERNES — O cervo, como o sabeis, estava sanguis, em sangue; maduro como uma maçã d'água, que pende, tal qual uma jóia, da orelha do coelo, do céu, do firmamento, para cair, de súbito, como uma maçã brava, na face da terra, o solo, o continente.

NATANIEL — Realmente, mestre Holofernes, variais os epítetos com muita graça, como o fazem os eruditos; mas posso asseverar-vos, senhor, que se tratava de um cabrito legítimo.

HOLOFERNES — Sir Nataniel, haud credo.

DULL — Não era haud credo, não senhor; era um cervato.

HOLOFERNES — Oh intimação bárbara! espécie de insinuação, por assim dizer, in via, de passagem, no jeito de uma explicação, para facere, por assim dizer, uma replicação, ou melhor, ostentare, mostrar, como quem diria, sua inclinação, segundo uma maneira sem trato, sem polimento, sem cultivo, sem educação, sem cuidados, ou melhor, sem letras, ou melhoríssimo, sem ratificação, que o leva a inserir o meu haud credo no lugar de um cervo!

DULL — O que eu disse foi que não era um haud credo, mas um cervato.

HOLOFERNES — Simplicidade duas vezes cozida, bis coctus! Quão deformado te mostras, ó monstro de estulta ignorância!

NATANIEL — Nada sabe ele, senhor da beleza da douta elegância. Por assim dizer, ele nunca comeu papel, nem bebeu tinta; não tem o intelecto saturado, não passando de um animal, sensível apenas nas partes mais grosseiras, uma das plantas estéreis, que causa nos são de ledice, por nos sentirmos fecundos e estremes de tanta alarvice. Fora tão fora de jeito mostrar-me indiscreto ou ridículo, como querer que um pascácio consiga brilhar no currículo. Mas, omne bene, é o que digo seguindo o saber de um esperto: muitos que o vento arrenegam, o tempo suportam de perto.

DULL — Sois eruditos; dizei-me quem era da idade de um mês, quando Caim era criança, e inda agora isso conta, talvez.

HOLOFERNES — Dictina, meu caro Dull; Dictina, meu caro Dull.

DULL — Que é Dictina?

NATANIEL — É a designação de Febe, de Luna, a Lua.

HOLOFERNES — Não tinha um mês ainda a lua no tempo em que Adão não nascera; cinco semanas não tinha quando ele cem anos vivera. A alusão nada perde com a troca.

DULL — Com efeito, a colusão é a mesma.

HOLOFERNES — Deus te reforce a capacidade; o que eu disse foi que a alusão nada perde com a troca.

DULL — E eu disse que a confusão é a mesma, porque a lua nunca tem mais de um mês, e torno a dizer que a princesa matou um cervato.

HOLOFERNES — Sir Nataniel, quereis ouvir um epitáfio extemporâneo sobre a morte do cervo? Para condescender com a ignorância, dei o nome de cervato ao cervo que a princesa matou.

NATANIEL — Perge, bom mestre Holofernes; com isso elevais toda a escurra.

HOLOFERNES — Jogo farei com as palavras, que o espírito em mim se empanturra: Célere, a seta da grácil princesa o cervato atravessa. Chamam-lhe gamo, por causa da gama das dores que sente. Ponde-lhe um L na fronte, e um galheiro a correr se arremessa. Gamo, ou cervato, ou galheiro, a alegria de todos é ingente. Com um L apenas fazemos cinqüenta veados galheiros; com outro L teremos um cento de cervos ligeiros.

NATANIEL — Que talento, para brincar com os pés dos versos!

DULL (*à parte*) — Se em vez de pés, o talento tivesse patas, dar-lhe-ia mas era uma formidável pateada.

HOLOFERNES — É um dom que nasceu comigo, muito simples, muito simples, um espírito extravagante e aloucado, cheio de formas, de figuras, de imagens, de objetos, de idéias, de apreensões, de moções, de revoluções, engendrados no ventrículo da memória, nutridos na matriz da pia-máter e dados à luz na maturidade da ocasião. Esse dom é de grande vantagem nas pessoas em que atinge o acume, motivo por que rendo graças de possuí-lo.

NATANIEL — Senhor, eu rendo louvores a Deus por vossa causa, como o fazem, também, os meus paroquianos, por estarem sendo os seus filhos bem educados por vós e aproveitarem bastante suas filhas sob vossa direção. Sois um digno membro da comunidade.

HOLOFERNES — Mehercle! Se os seus filhos forem inteligentes, não lhes faltará instrução; se suas filhas puderem conceber, não deixarei de aproveitá-las. Mas, vir sapit, qui pauca loquitur. Uma alma feminina vos saúda.

(*Entram Jaqueneta e Costard.*)

JAQUENETA — Deus vos conceda bom dia, mestre cura.

HOLOFERNES — Mestre cura, quase curado, como quem diz, furado. Qual será de nós dois o que vai ser furado?

COSTARD — Ora, senhor mestre-escola, o que mais se parecer com uma pipa.

HOLOFERNES — Furar uma pipa! Ótima fagulha de inteligência num pedaço de terra, bastante fogo para um calhau, pérola para porcos. Admirável, sem dúvida; muito bem!

JAQUENETA — Senhor cura, tende a bondade de ler-me esta carta; foi-me entregue por Costard, da parte de Dom Armado. Lede-ma, por obséquio.

HOLOFERNES — "Fauste, precor gelida quando pecus omne sub umbra Ruminat..." e assim por diante. Ó meu bom velho Mantuano! Posso dizer de ti o que de Veneza disse o viajante: Venetia, Venetia, Chi non te vede, non te pretia. Velho Mantuano, velho Mantuano! Quem não te compreende não te ama. Ut, ré, sol, lá, mi, fá. Se o permitis, senhor, que contém ela? Ou melhor, como diz Horácio no seu... Com a breca! Serão versos?

NATANIEL — Sim, senhor, e muito eruditos.

HOLOFERNES — Fazei-me ouvir uma estrofe, uma estância, um verso; lege, domine.

NATANIEL (*lê*) — Se o amor me faz perjuro, amar ser-me-á possível? Ah! só pode haver fé no culto da beleza! Infiel a mim, ser-te-ei no amor indefectível; o que me pesa no ombro, em ti só tem leveza. Dos olhos teus o estudo o livro faz divino, sede das perfeições que na arte em vão buscamos; possuir-te é alcançar logo o fim de todo o ensino. A língua que te louva é pródiga em recamos; bem bronco é quem te vê sem revelar espanto. O que mais me enaltece é ter-te alfim achado. Na voz tens o trovão, no olhar o raio santo; mas, calma, és a harmonia, a luz, do olhar agrado. Por seres divinal, perdoa-me este ousio, que todo o meu louvor ainda é terreno e frio.

HOLOFERNES — Não encontrais as apóstrofes; por isso, errais os acentos. Deixai-me dar uma vista d'olhos pela cançoneta. Só estão certas as quantidades; mas no que respeita à elegância, à fluência, de par com a cadência de ouro da poesia, caret. Ovídio Naso, sim, que era o homem para isso. E por que Naso, pergunto, se não por saber ele sentir as flores odoríferas da fantasia e os saltos da invenção? Imitari, só, não é nada; o cão imita o amo; o macaco, seu guardião; o cavalo ornado de fitas, o cavaleiro. Mas, virgem damosela, isto vos foi dirigido?

JAQUENETA — Sim, senhor; foi mandado por um tal monsieur Biron, fidalgo da rainha estrangeira.

HOLOFERNES — Examinemos o sobrescrito: "Para as níveas mãos da belíssima senhorita Rosalina". Quero ler, também, o intelecto da carta, para ver a denominação da parte de quem escreve para a pessoa a que se destina: "Devotado a qualquer serviço de Vossa Senhoria, Biron". Senhor Nataniel, este Biron é um dos companheiros de juramento do rei; vemo-lo aqui a confeccionar uma carta para uma das damas da companhia da rainha estrangeira, a qual se extraviou por acidente ou por via de progressão. Corre, minha querida; entrega este papel nas reais mãos de Sua Majestade; pode ser de relevante importância. Não percas tempo em cumprimentos; dispenso-te dessa obrigação. Adeus.

JAQUENETA — Vem comigo, meu bom Costard. Deus vos proteja, senhor.

COSTARD — Irei contigo, menina.

(*Saem Costard e Jaqueneta.*)

NATANIEL — Senhor, procedestes religiosamente; no temor de Deus. Como disse certo padre...

HOLOFERNES — Não me faleis de padre, senhor; tenho horror a enfeites enfeitados. Mas, voltando aos versos, não vos agradaram, Sir Nataniel?

NATANIEL — Quanto à composição, maravilhosos!

HOLOFERNES — Vou jantar em casa do pai de um meu discípulo. Se antes do repasto for de vosso agrado gratificar a mesa com um benedicite, eu poderia, valendo-me do privilégio de que desfruto junto dos pais do supracitado filho ou discípulo, encarregar-me de dar-vos um ben-venuto. Então, pretendo demonstrar-vos que esses versos nem são eruditos, nem sabem a poesia, a espírito e invenção. Faço muito empenho de vossa companhia.

NATANIEL — Agradeço-vos; porque a companhia, como diz a Escritura, é a felicidade da vida.

HOLOFERNES — Sem dúvida alguma; trata-se de uma conclusão irrefutável da Escritura. (*A Dull*) Senhor, convido-vos, também. Na da de recusas. Pauca verba. Vamos! Os fidalgos estão caçando; tratemos, também, de divertir-nos.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Entra Biron com um papel.

BIRON — O rei está caçando cervo; eu me açulo a mim próprio; eles põem visgo na armadilha; eu me deixo prender no visgo que suja a gente. Sujar! que termo horroroso! E agora, como dizia o louco: acomoda-te, tristeza! Assim digo eu também, que não sou menos louco. Boa conclusão, espírito! Pelo Senhor! este amor é tão furioso quanto Ajaz; mata carneiros, como me mata; logo, não passo de um carneiro. Mais uma boa conclusão. Não quero amar; se o fizer, que me enforquem. Palavra de honra, não o quero. Ah! mas aqueles olhos. Por esta luz, se não fossem os olhos, não a amaria. Sim, é só por causa daqueles dois olhos. O certo é que não faço outra coisa no mundo, se não mentir pelos gorgomilhos. Pelo céu, estou amando! e com isso aprendi a rimar e a ser melancólico; aqui está parte das rimas, e aqui a melancolia. Bem; a estas horas ela já está de posse de um dos meus sonetos; o bobo o levou, o louco o escreveu, a senhorita ficou com ele. Caro bobo; mais caro louco, ainda; caríssima senhorita! Pelo mundo! Daria tanto apreço a isso como a um alfinete, se soubesse que os meus companheiros se encontram no mesmo caso. Aí vem vindo um deles, com um papel na mão. Deus lhe conceda a graça de suspirar. (*Sobe a uma árvore.*)

(*Entra o rei, com um papel.*)

REI — Ai de mim!

BIRON (*à parte*) — Ferido, pelo céu! Avante, querido Cupido! Derrubaste-o com uma pelotada no peito esquerdo. Como! Segredinhos?

REI — O sol de ouro não dá tão doces beijos pela manhã na rórida bonina, como no rosto meu os benfazejos raios do teu olhar, luz peregrina. Nem a prateada lua brilha tanto no seio transparente do mar fundo, como teu rosto esplende no meu pranto. Cada lágrima é um sol para outro mundo; cada gota te serve de carruagem, onde, a triunfar, de minha dor, exultas. Contempla esta inefável homenagem, que quanto mais eu peno, mais te avultas. Mas não te mires muito, é o que aconselho, que de tanto chorar parte-se o espelho. Ó rainha imortal! Teu elogio transcende à voz e ao pensamento frio. Como ela há de ficar, sabendo disso? Deixo o papel aqui. Folhas bondosas, amparai a loucura. Mas, que vejo? (*Esconde-se.*) Longaville também? E a ler! Ouçamo-lo!

(*Entra Longaville, com um papel.*)

BIRON (*à parte*) — Mais um louco nos chega, igual aos outros.

LONGAVILLE — Ai de mim! Sou perjuro!

BIRON (*à parte*) — Sim, carregas, como os perjuros, um letreiro às costas.

REI (*à parte*) — Armado! Ó companheiro de vergonha!

BIRON (*à parte*) — Num ébrio o outro não vê sorte medonha.

LONGAVILLE — Terei sido o primeiro a ser perjuro?

BIRON (*à parte*) — Consola-te; mais dois far-te-ão bom muro. Vens completar a trempe; és o caçula da forca, onde a tolice se estrangula.

LONGAVILLE — Receio que estes versos sejam frios. Ó Maria, meu bem! Que de arrepios! Prefiro a prosa; a rima já não brilha.

BIRON (*à parte*) — Rima serve a Cupido de braguilha; não lhe estragues as calças.

LONGAVILLE — Pois que seja! A retórica, apenas, dos teus olhos, ante a qual todo o mundo se submete, me cria ao coração tantos escolhos. Por ti eu perjurara vezes sete. Jurei não ver mulher. Oh triste sina! Mas és deusa; não falto ao juramento. Terrestre era a promessa; tu, divina; tua graça me salva num momento. O juramento é um sopro, e este é vapor; por isso, ó sol da minha terra! vem absorvê-lo, alumiando a minha dor, que, perjurando, eu possa acabar bem. Que louco não mostrara muito siso, se perjurasse em troca do paraíso?

BIRON (*à parte*) — Endeusar tanto a carne! Oh idolatria! Pensar que é deusa uma boneca fria! Deus nos mostre de novo o bom caminho.

LONGAVILLE — Como enviar-lhe isto? Oh céus! não estou sozinho. (*Esconde-se.*)

BIRON (*à parte*) — Brincando de esconder! Todos de um ninho. Eu, como um deus que se compraz na altura, devasso destes dois toda a loucura. (*Entra Dumaine com um papel.*) Mais sacos para o moinho! Oh céus, que vejo! Dumaine! Agora estamos a varejo.

DUMAINE — Ó Quetinha divina!

BIRON (*à parte*) — Ó bobinha profana!

DUMAINE — Pelo céu! Maravilha dos mortais!

BIRON (*à parte*) — Pela terra! Corpórea, nada mais!

DUMAINE — O ébano seus cabelos deixam feio.

BIRON (*à parte*) — Um corvo da cor do ébano. Que anseio!

DUMAINE — Esguia como um cedro.

BIRON (*à parte*) — A espádua, acaso, não está de esperança sem ter prazo?

DUMAINE — Tão bela quanto o dia.

BIRON (*à parte*) — Sim, conforme; quando não brilha o sol um tempo enorme.

DUMAINE — Ah! Se meus votos fossem realizados!

LONGAVILLE (*à parte*) — E os meus!

REI (*à parte*) — E os meus, também!

BIRON (*à parte*) — Fosse dos fados que alcançassem juízo os namorados!

DUMAINE — Como esquecê-la? É febre que me agita todo o sangue; não pode ser proscrita.

BIRON (*à parte*) — Febre no sangue? Então, uma sangria; se na taça correr, logo ele esfria.

DUMAINE — Vou ler mais uma vez a minha endecha.

BIRON (*à parte*) — E eu vou ver quão maluco o amor te deixa.

DUMAINE — Certo dia — até desmaio! — o Amor, que sempre está em maio, na brisa viu uma rosa que se embalava donosa. Invisível, beija-a o vento, recobrando e dando alento. Com ciúmes, o namorado se queixa do triste fado: Beija-te a brisa vaidosa — Ó brisa, é minha essa rosa! — mas jurei jamais deixar-te de teus espinhos à parte. A mocidade não jura privar-se, assim, da ventura. Não me desprezes sem pausa, que eu perjurei por tua causa. Por ti Júpiter jurara que Juno é uma negra ignara, do Olimpo o trono abdicando para em ti ter sempre o mando. Vou mandar-lhe este escrito e algo mais claro que me pinte o sofrer profundo e raro. Se o rei, Biron e Longaville amantes também fossem! O mal de quantos antes eram sãos, nos livram dos apodos. Deixa de haver culpados onde erram todos.

LONGAVILLE (*avançando*) — Dumaine, teu amor não tem piedade, pois deseja viver em sociedade. Empalidece, sim; eu coraria, se me visse alvo, assim, da zombaria.

REI (*avançando*) — Corai, senhor, então, que vossa falta é igual à dele; em nada vos exalta. Longaville jamais fez um soneto em louvor de Maria... É bem faceto! Nem nunca o alvoroçado coração procurou acalmar assim com a mão. De meu esconderijo a ambos eu via, enrubescendo ante essa hipocrisia. Que de rimas absurdas, que de gestos, suspiros lá do fundo, o peito em estos! Um clamava por Jove, o outro gritava; os olhos são cristal, a coma é fiava. (*A Longaville.*) Queríeis perjurar pelo paraíso. (*A Dumaine.*) Para vós até Jove perde o juízo. Que vai dizer Biron, quando notícia tiver do acontecido! Que delícia para seu fino espírito! Como há de desprezar-nos, triunfar, rir com maldade! Por quanto há neste mundo, não quisera ser alvo de sua crítica severa.

BIRON (*descendo da árvore*) — Já é tempo de baixarmos da atmosfera, para dar corretivo à hipocrisia. Perdão, meu soberano! Como eu ria, vendo-te verbear estes coitados! Não recebeste sorte igual dos Fados? Não fazem vossos olhos a proeza de servirem de coche a uma princesa; não sois perjuro — ó críticos perversos! — somente os saltimbancos fazem versos. Não vos envergonhais — a todos falo — de me ensejardes ora este regalo? No olho do outro cada um só vê o mosquito; eu, vossas traves vejo — ó céu bendito! — Que cena eu contemplei, que patuscada! Dor, gemidos, suspiros por nonada. Quanta paciência, Ó céus! me foi precisa para ver um monarca de camisa; Hércules a brincar com uma bexiga, o sábio Salomão dançando giga; Nestor, junto com crianças, joga bola; Timão rindo a bom rir, como um pachola! Onde te dói, Dumaine? Longaville, de onde queres que a dor eu te destile? E vós, senhor! Sofreis todos no peito? Caldo, olá, para três!

REI — É duro o pleito. Traiu-nos teu espírito mordaz?

BIRON — Um só traído há aqui, se vos apraz; eu, que sou honesto, e nunca um juramento quebrei, como palavra solta ao vento. Sou eu o traído, sim, por ser decente; de homens mortais não deve fiar-se a gente. Quando é que me vereis compondo rimas, ou gemer por Joaquina, ou as mais opimas horas passar no espelho? Quando, acaso, já me vistes subir até o Parnaso, para decantar pés, braços, cabeça, mãos, o porte elegante, a coma espessa, o busto, as sobrancelhas...

REI — Mais de espaço! Quem corre desse jeito, acaba lasso. És malfeitor ou gente de confiança?

BIRON — Quem se esquiva do amor jamais se cansa.

(*Entram Jaqueneta e Costard.*)

JAQUENETA — Deus abençoe o rei!

REI — Que presente me trazes?

COSTARD — Alta traição, senhor.

REI — Vê lá como é que a fazes.

COSTARD — Eu, não! Ninguém aqui!

REI — E então? Mais essa, agora! Se não temos traidor, retira-te em boa hora.

JAQUENETA — Dignai-vos, meu senhor, em ler esta missiva; é traição, diz o cura, ou coisa subversiva.

REI — Lede a carta, Biron. (*Entrega-lha.*) De quem a recebeste?

JAQUENETA — De Costard.

REI — De quem a recebeste?

COSTARD — De tom Atramádio; tom Adramádio.

(*Biron rasga a carta.*)

REI — Que foi que aconteceu? Que é que vos desagrada?

BIRON — Qual traição, coisa alguma! O assunto é de nonada.

LONGAVILLE — Mas irritar-se assim por coisa tão de nada?

DUMAINE (*juntando os pedaços da carta*) — A letra é de Biron; seu nome está no fim.

BIRON (*à Costard*) — Idiota de uma figa, humilhares-me assim! Não prossigais, milorde; eu sou culpado inteiro.

REI — Culpado, de que jeito?

BIRON — Os bobos eram três; faltava um companheiro. Aquele e vós, milorde, aquele outro e eu, também, somos ladrões do amor; a culpa é de ninguém. Mandai a estes embora; o mais, direi depois.

DUMAINE — Ora o número é par.

BIRON — É certo: dois a dois.

REI — Ide-vos logo.

COSTARD — A gente honesta se retira; com traidores viver, é cultivar mentira.

(*Saem Costard e Jaqueneta.*)

BIRON — Abracemo-nos todos, meus amigos, por nos mostrarmos fiéis ao nosso sangue; luzeiros há no céu; no mar, perigos; a mocidade nunca será exangue. Impossível nos é fugir dos Fados, perjuros vamos ser e namorados.

REI — Os versos eram teus? Cumpriu-se a sina?

BIRON — Se eram meus? Ó divina Rosalina! Quem te vê, que faça como o bronco selvagem, quando o sol nasce no oriente, que, humilde, a fronte baixa, encurva o tronco, e o chão beija, mostrando-se obediente? Qual é a águia que se fia na acuidade da visão e se atreve a contemplá-la, sem que se cegue em sua alta majestade?

REI — Que zelo, que furor assim te abala? Como a lua, graciosa é a minha amada; um satélite é a tua, sem luz própria.

BIRON — Então não sou Biron, não vejo nada; a luz é trevas, a abundância, inópia. Como em feira animada, as belas cores dão relevo aos seus traços de candura, formando um só conjunto de primores em que o Desejo encontra o que procura. Emprestai-me os recursos da oratória... Sai, Retórica estulta! Rosalina te dispensa. Isso fora arte irrisória, só digna de letreiros de vitrina. Um centenário asceta, encarquilhado, cinqüenta anos ganhara ao contemplá-la, que a beleza o teria remoçado, restituindo-lhe, a um tempo, a força e a fala. É o sol que empresta ao mundo luz fagueira.

REI — Da cor do ébano é o rosto de tua amada.

BIRON — O ébano é assim tão belo? Oh! que madeira! Quem me dera uma esposa em ti lavrada! Quero jurar — trazei-me o livro santo — que a beleza é feiúra, se ainda ignora como olhar com metade, só, do encanto daquela escuridão, que é uma outra aurora.

REI — Oh paradoxo! Negra é a cor do inferno, das prisões e da noite tempestuosa. A beleza há de ter fulgor eterno.

BIRON — Pode o demo assumir forma radiosa. Se a fronte dela na cor preta esplende, é de luto, por ver como aos amantes os artifícios prendem facilmente. É nela as trevas o que a luz era antes; a moda, agora, vai mudar de aspeito: as cores naturais parecem tinta; o vermelho, corrido de despeito, vai tingir-se em cor negra bem retinta.

DUMAINE — Quão belo é um limpador de chaminé!

LONGAVILLE — E os mineiros, agora, que brancura!

REI — Como é formosa a gente de Guiné!

DUMAINE — Dispensa a noite archotes; é luz pura.

BIRON — Vossas amadas nunca apanham chuva por medo de perder a bela cor.

REI — Pode ser; mas a tua, aposto a luva, se a água busca, se esquiva do calor.

BIRON — Até ao dia de Juízo hei de exaltá-la.

REI — Então, ela há de ser bruxa medonha.

DUMAINE — Como ele com a feiúra se regala!

LONGAVILLE (*mostrando o sapato*) — Meu sapato é sua linda carantonha.

BIRON — Se a rua com teus olhos se calçara, ainda fora muito áspera para ela.

DUMAINE — Ó louco! A rua, assim, a devassara, sem que para isso usasse de cautela.

REI — Estamos, afinal, apaixonados?

BIRON — Nada mais certo; e, assim, perjuros todos.

REI — Silêncio, então! Biron, prova aos culpados que amar é estar acima dos apodos.

DUMAINE — Para o mal nos arranja um lenitivo.

LONGAVILLE — Alguma autoridade, ou sutileza com que o diabo passemos pelo crivo.

DUMAINE — Remédio de perjuros!

BIRON — Bela empresa! Guerrilheiros do amor, toda a atenção! Refleti na tarefa que, primeiro, jurastes realizar: estudar muito, jejuar, não ver mulher... traição patente contra o domínio real da mocidade. Podeis jejuar? Dizei. Sois ainda jovens; engendra muitos males a abstinência. Quando jurastes estudar, senhores, abjurastes do livro verdadeiro. Podeis sonhar sem pausa, prestar sempre muita atenção e a vista manter fixa? Milorde, e vós, e vós, como é possível investigar a fundo a alta excelência dos estudos, privados sempre e sempre da beleza de um rosto de mulher? De seus olhos eu tiro esta doutrina: Os livros eles são, os fundamentos, a Academia de onde nasce o fogo vivo de Prometeu. Trabalhar muito corrompe nas artérias os espíritos sutis, tal como andar sem ter parada cansa o vigor nervoso dos viajantes. Ora, quando jurastes não ver rosto de mulher, abjurastes simplesmente do uso dos olhos, sim, do estudo, objeto de vosso juramento. Existe, acaso, no mundo algum autor que, como os olhos da mulher nos ensine o que é a beleza? O saber é tão-só o complemento de nós próprios, que se acha onde estivermos. Quando nos belos olhos de uma jovem nos miramos, não vemos, por acaso, também nosso saber? Fizemos voto, milordes, de estudar, mas repudiamos com o juramento os verdadeiros livros. Milorde, e vós, e vós, quando acharíeis — dizei-me — com o pesado raciocínio, a inspiração com que vos opulentam os olhos das cultoras da beleza? As outras artes todas se confinam no cérebro; por isso, os seus adeptos estéreis mal alcançam uma colheita mesquinha, após trabalho fatigante. Mas o amor, aprendido de começo nuns olhos de mulher, não se empareda na cabeça; senão, com a agilidade de todos os espíritos, se espalha com a rapidez do pensamento em nossas faculdades, a todas redobrando de potência e deixando-as muito acima de seus próprios ofícios e funções. Visão mais nobre aos olhos ele empresta; o amante vê mais longe do que as águias; o amante escuta os sons que o próprio ouvido do ladrão cauteloso não percebe; possui tato mais fino e delicado do que os cornos sensíveis das serpentes de concha; o paladar do amor demonstra que Baco é um grosseirão no que aprecia. Não é o amor, em ousadia, um Hércules, nas árvores trepando das Hespérides? Sutil como uma esfinge? Doce e músico como a lira de Apolo, com seus próprios cabelos temperada? Quando fala o amor, na

voz dos deuses acalenta todo o céu com harmonia irresistível. Não devera escrever nenhum poeta, sem que primeiro a tinta temperasse nos suspiros do amor. Só então seus versos até ouvidos selvagens prenderiam e infundiriam brandos sentimentos de humildade no peito dos tiranos. Dos olhos da mulher eu deduzo isto: São eles que irradiam a fagulha viva de Prometeu; as artes todas e os livros eles são, a academia que abrange, explica e nutre o mundo inteiro. Sem eles nada pode haver perfeito. Fostes loucos, portanto, ao renunciardes estas mulheres, e o seríeis, ainda, se a jura formulada mantivésseis. Pela sabedoria, pois, que é termo que todos amam; ou, melhor: em nome do amor, que palavra que ama a todos; ou no nome dos homens, os criadores das mulheres; ou, ainda, em nome delas, por quem somos quem somos: esqueçamos o juramento, a fim de nos salvarmos; se não, nos perderemos, para sermos fiéis ao juramento. A religião nos manda ser perjuros neste caso; a própria Caridade a lei nos dita. E quem conseguiria separar da Caridade o Amor?

REI — Por São Cupido! Soldados, à batalha!

BIRON — Os estandartes para a frente, e sobre elas, cavalheiros! Derrubemo-las todas. Mas, cuidado! É preciso evitar o sol no rosto.

LONGAVILLE — Falando francamente: está assentado que faremos a corte a essas meninas que da França nos vieram?

REI — Não só isso; devemos conquistá-las. Cogitemos de algo que em suas tendas as distraia.

BIRON — Primeiro, retiremo-las do parque; depois, cada um conduza a bem-amada pela mão até casa. Pela tarde, cuidaremos de alguma diversão, conforme o tempo escasso nos permita, que festas, jogos, máscaras e flores devem cobrir a estrada dos amores.

REI — Nada de perder tempo, namorados! Avante! Não fiquemos mais parados.

BIRON — Allons! Não vem do joio o belo trigo, a Justiça usa sempre igual medida; os perjuros merecem bem castigo; com o que temos, ganhemos a partida.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

O parque do Rei de Navarra. Entram Holofernes, Sir Nataniel e Dull.

HOLOFERNES — Satis quod sufficit.

NATANIEL — Eu rogo a Deus por vós, senhor; vossas razões à mesa eram agudas e sentenciosas; agradáveis sem grosseria, espirituosas sem exagero, audaciosas sem impudência, eruditas sem presunção e estranhas sem heresia. Conversei num destes, quondam, dias com um dos companheiros do rei, chamado, denominado ou intitulado Dom Adriano de Armado.

HOLOFERNES — Novi hoininem tanquan te: é de humor pomposo, conversação peremptória, língua afiada, olhar ambicioso, andar majestoso e atitude vã, ridícula e trasônica. É muito caprichoso no trajar, muito embonecado, muito afetado, muito original, por assim dizer, ou, como eu lhe chamaria, peregrino.

NATANIEL (*tirando o caderno de notas*) — Epíteto singular e bem escolhido.

HOLOFERNES — Ele deixa mais fina a sua verbosidade do que o permitem os fios de seus argumentos. Não suporto esses fantasmas arrogantes, esses sujeitos insociáveis e meticulosos, esses torturadores da ortografia, que pronunciam, por exemplo, anhelo, em vez de anelo, adatar, em vez de adaptar, com todas as letras, a-da-ptar; que emprestam ao l sempre o som de u: auto e sau, em vez de alto e sal... Oh! É abominável! Eles diriam: abomináveu! Deixam-me louco. Anne Intelligir, domine? É de deixar lunático, frenético.

NATANIEL — Laus Deo bone intelligo.

HOLOFERNES — Bone? Bone, em vez de bene. Arranhais um pouquinho Prisciano; mas isso passa.

(*Entram Armado, Moth e Costard*)

NATANIEL — Videsne quis venit?

HOLOFERNES — Video et gaudeo.

ARMADO (*a Moth*) — Maroto!

MOTH — Quare maroto e não maroto?

ARMADO — Bom encontro, homens de paz.

HOLOFERNES — Salve, militaríssimo senhor!

MOTH (*à parte, a Costard*) — Eles estiveram em um banquete de línguas, de onde roubaram as migalhas.

COSTARD — Oh! Há muito que vivem do saquinho de esmolas de palavras. Admira-me que teu amo não te haja ainda comido, tomando-te por uma palavra, pois não és mais longo da cabeça aos pés do que a palavra Honorificabiitudinitatibus. És mais fácil de engolir do que uva de snap-dragon.

MOTH — Caluda! Vai começar o estrondo.

ARMADO (*a Holofernes*) — Não sois literato, monsieur?

MOTH — Como não? Ele ensina cartilha às crianças. O que é que diz e — b, soletrado de trás para diante, com um chifre na cabeça?

HOLOFERNES — Bé! pueritia, com o acréscimo do chifre.

MOTH — Bé! carneiro tolo de chifres. Já vistes qual seja o seu preparo.

HOLOFERNES — Quis, quis, consoante?

MOTH — A segunda e a quinta vogais, se as pronunciardes de uma vez.

HOLOFERNES — Como! A segunda e a quinta vogais? Vamos ver... A... e... u... Eu!

MOTH — Justamente; mas se for eu que as disser, não dará certo.

ARMADO — Pelas salgadas ondas do Mediterrâneo, bem tocado! Um bote espirituoso. Tic, tac, rápido e preciso! Isso me alegra o intelecto. Espírito de verdade, que brota da cabeça.

MOTH — Oferecido por um menino a um velho que tem brotos na cabeça.

HOLOFERNES — Qual é a figura? Qual é a figura?

MOTH — Cornos.

HOLOFERNES — Discutes como criança; vai brincar com o pião.

MOTH — Emprestai-me vossos chifres, para que deles eu faça um pião e rode vossa infâmia circum circa. Um pião feito do chifre de um cabrão!

COSTARD — Ainda que eu só tivesse de meu um vintém, eu to daria para comprares bolo de gengibre. Toma lá a remuneração que meu amo me deu. És, realmente, um cofrezinho de espírito, um ovozinho de discrição. Oh, se tivesse sido da vontade do céu que tu fosses ao menos meu bastardo, que pai alegre terias feito de mim! Vai, vai! Tens espírito adunco, como se diz, até na ponta dos dedos.

HOLOFERNES — Oh, oh! Isto está me cheirando a latim falso! Adunco, em lugar de ad unguem...

ARMADO — Homem letrado, proembula apartemo-nos dos bárbaros. Não educais a mocidade na escola pública do topo da montanha?

HOLOFERNES — Mons, monte.

ARMADO — Como vos aprouver, em lugar de montanha.

HOLOFERNES — Educo, sans question.

ARMADO — Senhor, é da afeição e do prazer mais agradáveis do rei felicitar a princesa em seu pavilhão, no posterior do dia, a que a multidão ignara dá o nome de tarde.

HOLOFERNES — A expressão "o posterior do dia", generosíssimo senhor, é congruente, conveniente e adequada à tarde; é muito bem escolhida, doce e expressiva, posso assegurar-vos, senhor, posso assegurar-vos.

ARMADO — Senhor, o rei é um nobre cavalheiro, meu familiar, posso asseverar-te, amicíssimo meu. Não falemos no que se passa interiormente entre mim e ele... Por obséquio, nada de cerimônias... Por obséquio, põe o chapéu na cabeça... além de outras coisas importantes e sérias, que ele usa, sim, de grandíssima importância. Mas deixemos isso. Só te direi que por vezes Sua Graça se compraz — por esta luz que nos alumia! — em apoiar-se neste pobre ombro e com o seu real dedo brincar assim com a minha excrescência, o meu mustachio. Mas não falemos também disso, meu coração. Pelo mundo! não estou contando histórias: aprouve a Sua Grandeza conferir honras especiais a Armado, o soldado, o viajante que já percorreu o mundo. Mas não falemos nisso. O principal — isto muito em segredo, meu coração! — é que o rei deseja que eu mimoseie a princesa, sua franguinha do peito, com algum espetáculo delicioso, pantomina, mascarada, parada grotesca ou fogo de artifício. Ora, sabendo eu que tanto Vossa Doçura como o senhor cura são entendidos nessas ocupações e, por assim dizer, explosões súbitas da hilaridade, vim procurá-los para pedir auxílio.

HOLOFERNES — Senhor, podeis representar para a princesa os nove Heróis. Sir Nataniel, trata-se de um passatempo, um espetáculo no posterior do dia, que deverá ser representado para a princesa com o nosso auxílio, por ordem do rei e deste galantíssimo, ilustríssimo e ilustrado cavalheiro. Para mim, não poderemos encontrar nada mais conveniente do que a representação dos nove Heróis.

NATANIEL — E onde encontrareis pessoas suficientemente heróicas para representá-los?

HOLOFERNES — Vós fareis o papel de Josué; eu, o do cavalheiro falante, Judas Macabeu; o pastor aqui presente, de membros compridos e junturas fortes, ficará muito bem no papel de Pompeu, o Grande; o pajem fará de Hércules...

ARMADO — Perdão, senhor, há engano; o pajem não tem quantidade nem para o polegar desse herói; não chega a ser do tamanho da extremidade de sua clava.

HOLOFERNES — Conceder-me-ão audiência? Ele representará Hércules em sua menoridade. Sua entrada e saída consistirá em estrangular uma serpente. Vou escrever uma apologia para esse fim.

MOTH — Ótima idéia! Desse modo, se algum dos assistentes sibilar, podereis gritar: "Muito bem, Hércules! Estrangulaste a serpente!" Será o melhor jeito de deixar graciosa uma ofensa, coisa que bem pouca gente será capaz de fazer.

ARMADO — E para os outros heróis?

HOLOFERNES — Só eu me incumbo de representar três.

MOTH — Oh! cavalheiro três vezes heróico!

ARMADO — Posso dizer-vos uma coisa?

HOLOFERNES — Estamos ouvindo.

ARMADO — Se isso não der certo, aprontaremos uma parada. Posso assegurar-vos; vinde comigo.

HOLOFERNES — Via, compadre Dull; não disseste uma só palavra durante todo este tempo.

DULL — Nem entendi nenhuma, senhor.

HOLOFERNES — Allons! Vamos dar-te ocupação.

DULL — Arranjarei uma, dançando; ou então tocarei tambor para que os Heróis dancem a camponesa.

HOLOFERNES — Pesadíssimo Dull, ombros à empresa!

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo; diante do pavilhão da princesa. Entram a princesa, Catarina, Rosalina e Maria.

PRINCESA — Minhas queridas, ficaremos ricas antes de nos partirmos, se os presentes continuarem a vir como até agora. Uma dama cercada de diamantes! Vede o que o amado príncipe me enviou.

ROSALINA — E afora isso, senhora, que mais veio?

PRINCESA — Nada mais; digo mal: amor em versos, que mal cabia numa folha, escrita dos dois lados, incluindo ambas as margens, e em que ele desejara pôr o selo de Cupido.

ROSALINA — Se o deus a par crescesse com os versos, fora bem; que o pobre é criança desde cinco mil anos.

CATARINA — É um maroto de primeira, que forca merecia.

ROSALINA — Tendes-lhe inimizade por ter ele matado vossa irmã.

CATARINA — Deixou-a triste, melancólica e séria; e assim morreu. Fosse ela como vós, de gênio alegre, buliçoso e assim vivo, e não teria morrido sem deixar muitos netinhos, que é o que convosco se vai dar, pois vive vida longa quem tem coração leve.

ROSALINA — Minha ratinha, essa palavra leve que escuro significado acaso encerra?

CATARINA — Numa beleza escura, luz radiosa.

ROSALINA — Fora mister mais luz para entendê-la.

CATARINA — Mais luz vos deixaria muito acesa; que fique, pois, no escuro esse argumento.

ROSALINA — Escolheis sempre o escuro para tudo.

CATARINA — Sois leviana demais; não tendes medo da claridade.

ROSALINA — É certo; não vos peso: daí ser eu leviana.

CATARINA — Se o meu peso não tomais, é que pouco eu vos importo.

ROSALINA — Claro! Barriga cheia, pé na estrada!

PRINCESA — Boas respostas todas; um torneio de espírito elevado. Mas dizei-me, Rosalina: ganhastes um presente. Quem vos deu? De que consta?

ROSALINA — Calculava que já o soubésseis. Se eu tivesse o rosto tão belo quanto o vosso, o meu presente teria sido igual. Vêde-lo aqui. Também recebi versos; agradeço-os a

Biron. Quanto às sílabas, corretos. Se o mesmo fosse dito do conteúdo, eu seria a mais bela das deidades, pois me compara a vinte mil belezas. Na carta vem pintado o meu retrato.

PRINCESA — Parece-se com a dona?

ROSALINA — Nas letras, sim; o encômio é exagerado.

PRINCESA — Tão bela como tinta; techo esplêndido!

CATARINA — Tão bela quanto o B no alto da página.

ROSALINA — Não ficarei calada, meu tesouro, maiúscula vermelha, letra de ouro... Se cheio de ós o rosto tu tiveras!

CATARINA — Que brincadeira! Ao diabo essas megeras.

PRINCESA — Por Dumaine não fostes presenteada?

CATARINA — Sim, senhora; esta luva.

PRINCESA — Sem mais nada?

CATARINA — Um par, senhora minha, e de crescença uns mil versos em que ele o amor condensa, extensa tradução da hipocrisia, compilação mal feita e algaravia.

MARIA — Com pérolas mandou-me Longaville milhões de longos versos em desfile.

PRINCESA — Já o esperava. Não fora mais louvável longo colar e carta curta e amável?

MARIA — De mãos postas ficara eu imutável.

PRINCESA — Rindo deles, mostramo-nos sensatas.

ROSALINA — São todos desmiolados. Que bravatas as de Biron! Como eram caricatas suas declarações! Se uma semana tão-somente o tivesse, qual tirana procedera, obrigando-o a suplicar-me, a fazer-me as vontades sem alarme, submisso a todo o instante, panegíricos cansativos compondo em versos líricos. Em suma, de tal modo o empregaria, que vaidoso o deixara a zombaria, transformando-o, no fim de muito ensino, num tolo que em mim visse o seu destino.

PRINCESA — Ninguém fica mais preso, quando preso, do que o sábio demente, pois o vezo que o saber das escolas acalenta traz consigo ilusória vestimenta.

ROSALINA — O sangue moço nunca faz loucura como o velho que perde a compostura.

MARIA — Nos tolos a tolice é mais discreta do que no sábio que virou pateta, porque este nada faz com maior gosto do que provar que é um bobo bem disposto.

(*Entra Boyet.*)

PRINCESA — Boyet nos vem trazendo alguma ameaça.

BOYET — Morro de tanto rir... Que é de Sua Graça?

PRINCESA — Que há de novo?

BOYET — Senhoras! Ó senhoras! As armas! Preparai-vos! Vencedoras precisais ser do

Amor que se aproxima para vos atacar com prosa e rima. A postos vossas graças! Ao combate! Ou fugi, se é que o medo vos abate.

PRINCESA — São Dionísio, valei-nos! Dize, espião, que rastos divisaste pelo chão.

BOYET — Tencionava eu tirar a minha sesta debaixo da figueira, na floresta, quando, oh céus! perturbando-me o descanso, vi o rei e os companheiros no remanso que para isso escolhera. Pressuroso, me esgueirei para um ponto mais sombroso, tendo ouvido o que passo a revelar-vos: Pretendem, disfarçados, visitar-vos; como arauto, lhes serve um belo pajem, que vos dirá de cor uma mensagem. Ensinam-lhe os acentos e a postura: "Fala assim; não me faças má figura", mostrando logo todos o receio de que vossa presença o deixe em meio. "Porque", lhe diz o rei, "vais ver um anjo; mas trata de falar sem desarranjo". Diz o pequeno: "Os anjos não têm rabo; medo eu teria, se ela fosse o diabo". Ouvindo-o, o aplaudem muito, entre risadas, deixando-o com as bochechas mais infladas. Um, esfregava a mão e asseverava jamais ter visto fala assim tão brava. Outro, estalando os dedos, de alegria gritava: "Venceremos! Via! Via!" Um terceiro exclamou: "Que maganão!" Outro, ao querer saltar, foi de roldão. Com isso, eles se atiram pelo solo, rindo a bom rir, e tão sem protocolo, que o Ridículo a todos faz o rosto de lágrimas banhar como em desgosto.

PRINCESA — É sério? É sério? Vamos ter visitas?

BOYET — Sem dúvida; no trajo os moscovitas ou russos imitando, ora as pepitas coligem da oratória, pretendendo conquistar as eleitas num tremendo combate. Eles presumem que os presentes de há pouco vos farão menos valentes.

PRINCESA — É assim? Ponhamos máscaras; o atalho que escolheram vai dar-lhes bem trabalho. Nenhum deles terá por certo o gosto de contemplar da amada o lindo rosto. Fica com a minha jóia, Rosalina, porque o rei te proclame alta e divina; eu com a tua; Biron vai confundir-me com Rosalina e declarar-se firme. E vós, trocai as vossas; os coitados vão ficar, com a mudança, malogrados.

ROSALINA — Usemo-las de modo bem visível.

CATARINA — Que pretendeis, propondo essa barganha?

PRINCESA — Simplesmente destruir o plano deles. Só pretendem brincar com tal façanha; obriguemo-los, pois, a um perde-ganha. Desvendando cada um à bem-amada seus segredos, objeto de risada se tornarão, depois de declarar-se o engano a que os levou nosso disfarce.

ROSALINA — Se eles nos convidarem, poderemos dançar?

PRINCESA — Não; um só pé não moveremos. Não falemos, também, com muito gosto, de seus versos; viremos-lhes o rosto.

BOYET — Um desprezo tão grande, os oradores deixa mudo e abatido nos amores.

PRINCESA — Isso entra nos meus planos; não duvido de que eles vão descrer de São Cupido. Não pode haver melhor divertimento do que frustrarmos burlas com talento; com elas nós ficamos, sem por isso fazermos com o que é nosso um compromisso. Desta arte, destruída a

própria ronha eles retomarão com sua vergonha.

(*Soam trombetas.*)

BOYET — Ei-los! Cuidado, que eles têm peçonha!

(*As senhoras põem máscaras.*)

(*Entram mouros com música; Moth; o rei, Biron, Longaville e Dumaine em trajos russos e de máscaras.*)

MOTH — "Salve as mais ricas damas do universo!"

BOYET — Tão ricas quanto o tafetá das máscaras.

MOTH — "Grupo sagrado das mais belas damas (*As senhoras lhe voltam as costas.*) que o... dorso já volveram para os homens!"

BIRON — "Os olhos", idiota, "os olhos!"

MOTH — "Que os olhos já volveram para os homens! Concedei-nos..."

BOYET — Permissão de voltarmos. À vontade.

MOTH — "Concedei-nos a graça, ó Divindades! de não nos contemplardes..."

BIRON — "De ora nos contemplardes", animal!

MOTH — "De ora nos contemplardes com esses olhos ensolarados... Esse ensolarados..."

BOYET — Não vai bem esse epíteto; aconselho-vos o inverso: olhos de gente ensolarada!

MOTH — Não me olham; isso faz que eu perca o fio.

BIRON — Essa é a tua famosa habilidade? Fora, pedaço de asno!

(*Sai Moth.*)

ROSALINA — Que desejam esses homens, Boyet? Interrogai-os. Se falam nossa língua, concordamos em que um nos apresente em termos simples o que de nós pretendem.

BOYET — Que desejais da parte da princesa?

BIRON — Amistosa visita e saudações.

ROSALINA — Que foi que eles disseram?

BOYET — Amistosa visita e saudações.

ROSALINA — Já lhas demos; agora se retirem.

BOYET — Manda dizer-vos que as recebe e que ora podeis voltar.

REI — Dizei-lhe que medimos muitas milhas com o fito de dançarmos sobre a relva, com ela, uma mesura.

BOYET — Está dizendo agora que mediram muitas milhas com o fito de dançarem sobre

a relva, convosco, uma mesura.

ROSALINA — Não pode ser. Agora perguntai-lhes de quantas polegadas uma milha se compõe. Se em verdade eles mediram muitas milhas, será coisa bem fácil dizer-nos o tamanho de uma, ao menos.

BOYET — Se até chegardes cá medistes milhas, e muitas delas, a Princesa pede que lhe digais de quantas polegadas uma só se compõe.

BIRON — Dizei que a passos cansados as medimos.

BOYET — Está ouvindo.

ROSALINA — Quantos passos cansados, dessas milhas cansadas que medistes, cabem dentro do espaço de uma milha?

BIRON — Não contamos coisa alguma do que por vossa causa venhamos a gastar. Tão rico é o nosso dever, tão infinito, que podemos gastar sem fazer conta. Ora deixai-nos a aurora contemplar do vosso rosto para, como selvagens, o adorarmos.

ROSALINA — Tenho o rosto enuviado como a lua.

REI — Bendita a nuvem que essa luz gradua! Ó lua! e vós, estrelas! sem antolhos iluminai as águas destes olhos!

ROSALINA — Oh pedido modesto em tanta frágua! Um reflexo da lua, apenas, na água!

REI — Então dançai comigo uma mesura, que isto, só, constitui minha ventura.

ROSALINA — Venha música! (*Ouve-se música.*) Não! É intolerável. Não danço mais; a lua é assim mudável.

REI — Não dançais? Mas queríeis neste instante.

ROSALINA — A lua cheia foi-se; ora é minguante.

REI — Mas sempre é a lua, e eu sou o homem da lua. Sigamos a harmonia do compasso.

ROSALINA — Com os ouvidos.

REI — E os pés, num terno abraço.

ROSALINA — Já que estrangeiros sois e por acaso chegastes até aqui, não seja o caso de brigarmos. Conosco não dançais; apertemos as mãos e nada mais.

REI — Por que apertar as mãos, se não dançamos?

ROSALINA — Para que, como amigos, nos partamos. Reverências e gestos de cordura; nisso, apenas, consiste a tal mesura.

REI — Podíeis desdobrá-la mais um pouco.

ROSALINA — Pelo preço, já tendes muito troco.

REI — Ponde preço na vossa companhia.

ROSALINA — Custará vossa ausência.

REI — É tirania.

ROSALINA — No entanto não podemos ser compradas. Dou-vos adeuses, dou-vos esses nadas, sendo dois para a máscara elegante e meio para vós, como calmante.

REI — Se não dançais, por que não conversar?

ROSALINA — À parte, então.

REI — O acordo é de tentar.

(*Conversam à parte.*)

BIRON — Ó mãos de fada, uma palavra doce!

PRINCESA — Mel, açúcar e leite, ou mais que fosse.

BIRON — Já que sois tão faceira, novamente tentemos esse número ridente: mosto e hidromel, agora, e malvasia; meia dúzia de doces num só dia.

PRINCESA — Sétimo doce, adeus; jogais com dados que não merecem fé; estão viciados.

BIRON — Uma palavra, apenas à de parte.

PRINCESA — Se de doces não for toda a vossa arte.

BIRON — A bile me remexes.

PRINCESA — Bile? Amarga.

BIRON — Razão de sobra de eu voltar à carga.

(*Conversam à parte.*)

DUMAINE — Dizer-vos ainda uma palavra posso?

MARIA — Qual?

DUMAINE — Bela jovem...

MARIA — Como? Belo moço. Deveis isso guardar para os ouvidos de vossa bem-amada.

DUMAINE — Por favor, ouvi à parte; a caminho vou-me pôr.

(*Conversam à parte.*)

CATARINA — Foi língua à vossa máscara negada?

LONGAVILLE — Sei de sobra a razão dessa pergunta.

CATARINA — Desejo ouvi-la, antes de ouvir mais nada.

LONGAVILLE — É que outra língua tendes, como adjunta. Com meia, só, corrigireis meu erro.

CATARINA — Sois holandês? Chorais como um bezerro.

LONGAVILLE — Como, senhora?

CATARINA — Dou-vos um cincerro.

LONGAVILLE — Dividamo-lo.

CATARINA — Não; pode haver erro. Ficai com tudo; a um boi cai bem o enfeite.

LONGAVILLE — São-vos marradas causa de deleite? Aliviai-me dos chifres, bela dama.

CATARINA — Morrei logo, antes que eles tenha fama.

LONGAVILLE — Antes disso, falemos sem disputa.

CATARINA — Depressa; o magarefe vos escuta.

(*Conversam à parte.*)

BOYET — A língua zombadora é tão afiada quanto o fio invisível da navalha, que um cabelo decepa, ou como a espada que nos campos de luta os membros talha; Vai longe, como a bala e o próprio vento, no curso mais veloz que o pensamento.

ROSALINA — Basta, meninas! Basta de conversa!

BIRON — A todos nos humilha a sorte adversa.

REI — Adeus, moças esquivas e bonitas.

PRINCESA — Vinte adeuses, gelados moscovitas. (*Saem o rei, nobres, músicos e séquito*) É esse o espírito tanto alcandorado?

BOYET — São fachos que apagais sem muito arruído.

ROSALINA — Mostram todos espírito lardeado.

PRINCESA — Que pobreza! Que rei tão mal servido! Não receais que se enforquem de despeito? Pensais que ainda nos vêm mostrar o rosto? E o pobre do Biron? Ficou sem jeito.

ROSALINA — Todos eles choravam de desgosto. A esperança o rei teve malograda.

PRINCESA — De tão triste Biron perdeu o viço.

MARIA — Dumaine a meu serviço pôs a espada. No point, disse eu; prefiro um bom caniço.

CATARINA — Adivinhais que nome Longaville me deu?

PRINCESA — Palpitação, decerto.

CATARINA — Justo.

PRINCESA — Ele, então, que um tratado em ti compile.

ROSALINA — Sensaborões assim nem causam susto. Não sabeis? Tem-me o rei amor profundo.

PRINCESA — O ágil Biron de meu amor se ufana.

CATARINA — Longaville a servir-me veio ao mundo.

MARIA — Dumaine se me apega como liana

BOYET — Senhora e todas vós, ouvi-me atentas: vamos tê-los aqui com as vestimentas naturais. Podeis crer-me: já desponta em todos eles a reação da afronta.

PRINCESA — Vão voltar?

BOYET — Sim, pulando de alegria, embora mancos ainda em demasia. Trocai, pois, os presentes; se os amais, sede rosas em ares estivais.

PRINCESA — Ser rosas? Falai claro, trapalhão.

BOYET — Mascaradas, sois rosas em botão; sem disfarce, o damasco se revela anjo em nuvem sentado ou rosa bela.

PRINCESA — Quanta perplexidade! Sem rebuços: como receberemos os ex-russos?

ROSALINA — Se me aceitais, senhora, um bom conselho, metendo eu também nisto o meu bedelho, sem máscaras façamos como há pouco, zurzindo deles todos o descoco. Queixemo-nos do tédio que uns coitados nos causaram, uns pobres mascarados em trajos moscovitas. Mais, ainda: perguntemos se acaso poderiam revelar-nos quem são e o que queriam para nos virem ver em nossas tendas com palavras e vestes mais que horrendas.

BOYET — Ei-los perto! A conversa aqui termina.

PRINCESA — Corramos como corças na campina.

(*Saem a princesa, Rosalina, Catarina e Maria.*)

(*Entram o rei, Biron, Longaville e Dumaine, em suas vestes habituais.*)

REI — Deus vos salve, meu caro. Por obséquio: onde se acha a princesa?

BOYET — Neste instante foi para a tenda. Vossa Majestade se compraz em honrar-me com alguma mensagem que eu pudesse transmitir-lhe?

REI — Que me conceda uma pequena audiência.

BOYET — Concederá, senhor; tenho experiência. (*Sai.*)

BIRON — Este tal, que não é de todo rombo, pica o humor, como pica a ervilha o pombo, e quando a Deus apraz, espalha graças. Negocia com o espírito, nas praças, por miúdo, a domicílio e no mercado. Quem vende, como nós, por atacado, Deus o sabe, não goza da vantagem de poder estadear toda a bagagem. Conversador de inteligência clara, fosse Eva sua esposa, ele a tentara. Sabe trinchar; ao discursar, cicia, e beija a própria mão, por cortesia. Momo da moda, monsieur beleza, que no jogo se esfaz em gentileza até quando se insurge contra a sorte. Revela-se, ao cantar, tenor de porte. No papel oficial de introdutor nunca jamais achou competidor. As mulheres lhe chamam "Suave brisa"; beija-lhe os pés a escada em que ele pisa; a toda a gente os dentes patenteia, mais cândidos do que ossos de baleia. A consciência dos homens, porque em dívida não fique ao visitá-la a Morte lívida, fechando a conta do último capítulo, "Boyet, língua de mel", lhe dá por título.

REI — De todo o coração desejo que essa língua de mel venha a secar depressa, pois foi

causa de haver ficado o pajem de Armado carecente de linguagem.

(*Voltam a princesa, precedida por Boyet, Rosalina, Maria, Catarina e séquito.*)

BIRON — Lá vem vindo ele! Cortesia, que eras antes deste senhor? Tal como as feras.

REI — Bênçãos vos chovam neste belo dia!

PRINCESA — Belo dia com chuva? Boa usança!

REI — Senhora, vosso espírito me esfria.

PRINCESA — Desejai-me outra coisa; dou-vos ansa.

REI — Vamos levar-vos para a corte; quero ressarcir minha dívida com juros.

PRINCESA — O ar livre para mim não foi severo; não perjureis; odeia o céu perjuros.

REI — Não mereço censura; é na virtude desses olhos que eu acho absolvição.

PRINCESA — Vosso belo sofisma não me ilude; no vício é que deveis buscar razão. Pois sabei: por minha honra, imaculada como o cândido lírio, um mundo inteiro de tormentos prefiro a achar morada sob um teto que esconde tal braseiro; tanto eu receio vir a ser motivo de vos lançar num báratro aflitivo.

REI — Para nossa vergonha, horas de tédio passastes neste inóspito deserto.

PRINCESA — Não tanto assim, milorde; que o remédio para esse inconveniente estava perto: recebemos de uns russos a visita.

REI — Como, senhora! Russos?

PRINCESA — Sim, milorde; de conversa agradável e esquisita.

ROSALINA — Por que mentir? Não foi assim, milorde; a senhora, por simples cortesia cala as censuras que dizer devia. Realmente aqui estiveram quatro russos em conversa conosco. Sem rebuços: durante uma hora inteira nenhum disse nada que não passasse de tolice. Não direi que são bobos; mas, com sede, beber desejam quatro bobos, crede.

BIRON — Pilhéria seca, me parece. Cara beldade, vosso espírito tornara desenxabido o sábio mais sisudo. Ao querermos lançar olhar agudo para o sol, a luz máxima, perdemos por excesso de luz a luz que temos. Sois dotada de tanta fantasia, de espírito tão fino, que se enfia quem de vós se aproxima; até a riqueza se reduz à mais sórdida pobreza.

ROSALINA — Então sois rico e sábio; ao contemplar-vos...

BIRON — Percebeis um epítome dos parvos.

ROSALINA — Já que sois lesto, reclamar não posso, porque só me tomais o que já é vosso.

BIRON — A vós pertenço eu todo e quanto tenho.

ROSALINA — A tolice também?

BIRON — Meu pobre engenho

ROSALINA — Dizei-me, então: que máscara trazíeis?

BIRON — Máscara? Como? Quando? Que pergunta!

ROSALINA — O invólucro supérfluo que a feiúra velava de maneira tão segura.

REI — Nosso plano falhou; vão rir-se à grande de nós.

DUMAINE — Pois confessemos tudo logo, transformando a derrota em brincadeira.

PRINCESA — Milorde está confuso? Que vos pesa?

ROSALINA — Socorro! Levantemos-lhe a cabeça! Vai desmaiar! Por que ficais tão pálido? É a viagem de Moscóvia: está enjoado.

BIRON — Os perjuros assim castiga o Fado. Que máscara de ferro o suportara? Eis-me, senhora; quero ser julgado e, paciente, agüentar a sorte amara; confundi-me a tolice sem tardança, fazei-me em pedacinhos com finura; jamais vos tirarei para uma dança, nem dos russos porei a vestidura. Nunca mais me fiarei de um vão discurso ou das palavras tolas de um menino, nem nunca mais farei visita de urso, nem me declararei no jeito de hino de cantor cego. Hipérboles gigantes, frases de tafetá termos de seda, sois moscas importunas com que a instantes me comprazia; agora retroceda toda a caterva insulsa! Aqui protesto por esta luva branca — a Deus o digo — que em matéria de amor serei modesto de hoje em diante e, no falar, mendigo. E para começar, aceita, ó flor, sans fêlure et défaut o meu amor!

ROSALINA — Mas sem esse francês.

BIRON — É vezo antigo; sou doente; sede plácida comigo. Aos poucos sararei. Eis a mezinha: escrevei nestes três, por conta minha: “Deus se apiade de nós!” Acham-se doentes, muito mal; os sinais já estão patentes: sofrem do coração. Veio-lhes isso dos vossos belos olhos: é feitiço. Mas em todas eu vejo sorte igual; Deus já pôs em vós outras o sinal.

PRINCESA — Revelai-nos no pleito bem cadimos.

BIRON — Absolvei-nos; da queixa desistimos.

ROSALINA — Não pode ser, que desistir não há de quem recorre por mera pravidade.

BIRON — Convosco não me agrada intimidade.

ROSALINA — Nem na tereis, se nisso eu for senhora.

BIRON — Falai por vós, que morto eu me acho agora.

REI — Gentil Princesa, como a nossa rude transgressão poderá virar virtude?

PRINCESA — Recorrendo a argumentos inconcussos: não éreis um dos mascarados russos?

REI — Sim, Princesa, era um desses.

PRINCESA — E sabíeis durante todo o tempo o que fazíeis?

REI — Sem dúvida, senhora.

PRINCESA — Que segredo confiastes a uma dama? Ou foi brinquedo?

REI — Que a amava mais que a tudo neste mundo.

PRINCESA — Mas se ela vos falar, em um segundo heis de vos desdizer.

REI — Não! Por minha honra, tal coisa não farei.

PRINCESA — Não vê desonra no ato de ser infiel aos juramentos quem, proferindo-os, os confia aos ventos.

REI — Se eu tal fizer, que seja a minha sina repudiardes-me.

PRINCESA — Aceito. Rosalina, que vos disse em segredo o moscovita?

ROSALINA — Que eu para ele encerrava a maior dita, que em valor me antepunha a todo o mundo, preciosa como a luz do céu rotundo, asseverando, alfim, que casaria comigo, ou em celibato viveria.

PRINCESA — Apraza a Deus. Serás feliz esposa deste senhor que perjurar não ousa.

REI — Como, senhora! Juro que não disse jamais tal coisa, nem por maluquice.

ROSALINA — Dissestes; o penhor de vossa jura eu vos devolvo agora, sem ventura.

REI — Por Deus! é da princesa esta lembrança; eu próprio lha entreguei. O que me afiança que no identificá-la eu estava certo é a jóia que ora vejo tão de perto.

PRINCESA — A jóia estava com ela. E ora agradeço a milorde Biron, pois sem tropeço declarou-se-me. Vamos ao dilema: quereis-me, ou retomais vosso diadema?

BIRON — Nem um, nem outro; de ambos eu desisto, e ora sei o que quer dizer tudo isto. Sabíeis de antemão da brincadeira preparada; daí, toda a matreira conspiração que o nosso madrigal transformasse em comédia de Natal. Algum macaqueador novidadeiro, dizedor de graçolas, alvitreiro sem espírito, algum bufão leviano, em pilhérias insulsas veterano, um joão-qualquer, que ri fazendo pregas de alto a baixo e discorre sempre às cegas, que conhece o segredo de a princesa fazer sorrir, em vendo-a sem fereza contou-lhe nosso plano, concitando as damas a trocar de jóias, quando de nossa recepção. Nós, iludidos, aos presentes mostramo-nos rendidos. E ora, porque se agrave nossa culpa, perjuramos de novo sem desculpa: a sabendas, primeiro; por engano desta segunda vez; é desumano. Fostes vós o culpado dos apuros em que estamos, por vermo-nos perjuros. Entre a princesa vos postais e o lume; conheceis-lhe a medida dos sapatos; sabeis trinchar e revelais acume a todo instante e nos menores atos. Cortastes o discurso ao nosso pajem; morrei, quando quiserdes, que a passagem não há de ser pesada para o erário, pois heis de ter tão-só como sudário uma camisa de mulher. E agora? Olhais-me de soslaio? Muito embora; esse olhar não me irrita; é como espada de chumbo que, ao bater, fica amolgada.

BOYET — Como ele é valentão! Que belo tiro!

BIRON — Volta ele a revidar? Já me retiro. (*Entra Costard.*) Salve, espírito raro! Vens a tempo.

COSTARD — Por Deus, senhor, dizei-me sem demora se os três heróis podem entrar agora.

BIRON — Como! São só três heróis?

COSTARD — Não, senhor; o bonito consiste justamente nisso; por que cada um representará três papéis.

BIRON — E três vezes três perfazem nove.

COSTARD — Não, senhor; salvo correção, senhor, espero, senhor, que não seja assim. Não nos embrulhareis, senhor, posso asseverar-vos; sabemos o que sabemos. Espero, senhor, que três vezes três...

BIRON — Não sejam nove.

COSTARD — Salvo correção, senhor, sabemos a quanto montam.

BIRON — Por Júpiter! Eu sempre julguei que três vezes três fossem nove.

COSTARD — Oh céus, senhor! Seria de causar pena se tivésseis de ganhar o sustento fazendo conta.

BIRON — A quanto montam, afinal?

COSTARD — Oh Deus, senhor! As próprias partes, os atores, senhor, vos mostrarão dentro de pouco o número certo. Quanto a mim, como eles dizem, só terei de representar um homem, um pobre homem. Pompeu, o Grande, senhor.

BIRON — Tu és um dos nove heróis?

COSTARD — Eles se comprazeram em achar-me digno de Pompeu, o Grande. Por minha parte, não sei bem qual tivesse sido o valor desse herói, mas terei de representá-lo.

BIRON — Vai dizer-lhes que se aprontem.

COSTARD — Faremos as coisas com muito jeito, senhor; havemos de nos esforçar.

REI — Biron, não os deixeis vir; eles vão envergonhar-nos.

BIRON — Já estamos à prova de vergonha, milorde; além do mais, parece-me boa política apresentar às damas um espetáculo pior do que o do rei e sua companhia.

REI — Acho que não deveriam vir.

PRINCESA — Milorde, permiti que vos convença; muitas vezes agrada só a presença, quando há algum esforço sincero: a arte suprema no próprio zelo encontra o melhor tema; na confusão das partes a alegria descobre inexcedível harmonia.

BIRON — Milorde, o nosso caso aí está escrito.

(*Entra Armado.*)

ARMADO — Ungido do Senhor, imploro do teu real e querido sopro o gasto necessário para pronunciar duas palavras.

PRINCESA — Este homem serve a Deus?

BIRON — Por que o perguntais?

PRINCESA — Porque ele não fala como criatura de Deus.

ARMADO — É a mesma coisa, meu belo, doce e meloso monarca, porque eu protesto que o mestre-escola é excessivamente fantástico; muito, muito vão; muito, muito vão. Mas entreguemos o caso, como se diz, à Fortuna della guerra. Desejo-te paz de espírito, meu muito real casal.

REI — Penso que vamos ter uma ótima distribuição de heróis. Este representa Heitor de Tróia; o pastor, Pompeu, o Grande; o cura, Alexandre; o pajem de Armado, Hércules; o mestre-escola, Judas Macabeu; e se esses quatro heróis trabalharem com afinco, as vestes trocarão para fazer mais cinco.

BIRON — Serão cinco na primeira parte.

REI — Estais enganado.

BIRON — O mestre-escola, o fanfarrão, o cura iletrado, o bobo e o rapaz; jogai de início nove, e eu juro que o universo jamais como estes cinco há de cantar em verso.

REI — Ei-los a navegar, pesar do vento adverso.

(*Entra Costard, armado, no papel de Pompeu.*)

COSTARD — "Eu sou Pompeu..."

BOYET — Pompeu, não desfaleça.

COSTARD — "Eu sou Pompeu..."

BOYET — Pompeu? Com uma cabeça de leopardo nos joelhos.

BIRON — Bravo, amigo! Vou firmar sem demora paz contigo.

COSTARD — "Eu sou Pompeu, Pompeu de alcunha o Grosso..."

DUMAINE — "O grande!"

COSTARD — Sim, "o grande", senhor; "grande sem par, que muitas vezes, de tarja e de escudo o inimigo fez suar; e por acaso a vagar pela costa, com toda a confiança, veio postar-se ante os pés desta meiga donzela da França". Se me disserdes: "Pompeu, muito bem", dar-me-ei por contente.

PRINCESA — Grandes agradecimentos, grande Pompeu.

COSTARD — Não mereço tanto; mas penso que estive perfeito; cometi um pequeno erro em "grande".

BIRON — Meu chapéu contra um vintém, como Pompeu é o melhor herói.

(*Entra Sir Nataniel, armado, no papel de Alexandre.*)

NATANIEL — "Quando no mundo eu vivi, conheci-lhe até o último meandro; De norte a sul, leste a oeste, estendi minha espada potente. No meu escudo se lê que em verdade eu me chamo Alisandro."

BOYET — Vosso nariz diz que não; ele avança direito na frente.

BIRON — Vosso nariz cheira "não", meu cheiroso guerreiro valente.

PRINCESA — O grande herói desmaiou; continua, valente Alexandre.

NATANIEL — "Quando no mundo eu vivi, conheci-lhe até o último meandro..."

BOYET — Perfeitamente! Isso mesmo, meu muito valente Alisandro.

BIRON — Pompeu, o Grande!

COSTARD — Vosso criado Costard.

BIRON — Leva o guerreiro valente; retira o feroz Alisandro.

COSTARD (*a Nataniel*) — Ora, senhor! Destronastes o conquistador Alisandro. Por causa disso, tomar-vos-ão essa vestimenta vistosa; vosso leão, senhor, sentado na retrete, com uma alabarda em uma das patas, será mandado às urtigas, com toda a sua dignidade de herói. Um conquistador que tem medo de falar! Fora daqui, Alisandro! (*Sai Nataniel.*) Se o permitis, é um pobre diabo sem maldade, um sujeito honesto, vedes bem, mas que com pouca coisa perde o tento. É um vizinho incomparável, não há que ver, e como jogador de bola, é sem segundo. Mas para Alisandro, bem o vistes, ainda está longe. Aí vêm vindo outros heróis, que sem dúvida se sairão melhor em seus papéis.

PRINCESA — Ficai de lado, bom Pompeu.

(*Entra Holofernes, armado, no papel de Judas, e Moth, armado, no de Hércules.*)

HOLOFERNES — Hércules aqui está neste menino, cuja clava matou Cérbero forte e que também quando era pequenino estrangulou serpentes deste porte. Quoniam, porque é menor até este dia, ergo, vim recitar-lhe a apologia. (*A Moth.*) Mostra-te digno do êxito, e dá o fora. (*Sai Moth.*) "Judas eu sou..."

DUMAINE — Um Judas!

HOLOFERNES — Não é o Iscariotes, senhor! "Judas eu sou, chamado Macabeu..."

DUMAINE — Um judas estropiado é sempre Judas.

BIRON — Traidor até no beijo. Como foi que tu ficaste Judas?

HOLOFERNES — "Judas eu sou..."

DUMAINE — Devias envergonhar-te disso, Judas.

HOLOFERNES — Que quereis dizer, senhor?

BOYET — Que Judas deve ir enforcar-se.

HOLOFERNES — Dai o exemplo, por serdes mais velho. Eu enforcar-me? Uma figa!

BIRON — Bem respondido! Judas se enforcou numa figueira.

HOLOFERNES — Nada me fará perder a cabeça.

BIRON — Porque é o que não tendes.

HOLOFERNES — E isto aqui, o que é?

BOYET — Uma cabeça de guitarra!

DUMAINE — Cabeça de alfinete!

BIRON — Caveira de anel!

LONGAVILLE — Cara de moeda romana, que quase não se enxerga!

BOYET — O botão da espada de César!

DUMAINE — Botão de tampa de púcaro!

BIRON — Perfil de São Jorge num broche!

DUMAINE — Num broche de chumbo!

BIRON — Espetado na capa de um dentista! E ora, adiante; ajeitamos-te a cabeça.

HOLOFERNES — Fizestes foi tirar-ma do lugar.

BIRON — Não é verdade; demos-te outras caras.

HOLOFERNES — Que vós vos incumbistes de estragar.

BIRON — Se fosses leão, levavas uma tunda.

BOYET — Mas sendo asno, a pilharia em bem redunda. Mas que tens, belo Judas? Que te falta?

DUMAINE — O fim do nome, apenas.

BIRON — O fim? Então, adeus, adeus, Judasno.

HOLOFERNES — Isto não é gentil, nem fino ou generoso.

BOYET — Monsieur Judas quer luz! O escuro é perigoso.

PRINCESA — O pobre Macabeu! Como ele vai corrido!

(*Entra Armado, no papel de Heitor.*)

BIRON — Esconde a cabeça, Aquiles! Aí vem vindo Heitor!

DUMAINE — Ainda que estas zombarias se virem contra mim, quero divertir-me.

REI — Junto deste, Heitor não passava de um troiano.

BOYET — Mas será mesmo Heitor?

REI — Penso que Heitor não era tão bem construído.

LONGAVILLE — As pernas são muito grandes para serem de Heitor.

DUMAINE — As pantorilhas também.

BOYET — Não; os artelhos é que são bonitos.

BIRON — Não pode ser Heitor.

DUMAINE — Ou é um dos deuses, ou um pintor, porque faz muitas caretas.

ARMADO — "O armipotente Marte, em todo prélio invicto, fez a Heitor um presente..."

DUMAINE — Uma noz-moscada dourada.

BIRON — Um limão.

LONGAVILLE — Cheio de cravos.

DUMAINE — Não! Encravado.

ARMADO — Silêncio! "O armipotente Marte, em todo prélio invicto, fez a Heitor um presente, o herdeiro de filo santa, guerreiro tão feroz, de peito de granito, que quando o plaino pisa, os gregos ataranta. Pois eu sou essa flor..."

DUMAINE — Essa flor de hortelã.

LONGAVILLE — Não; essa erva-pompinha.

ARMADO — Meu bondoso Lorde Longavile, refreai a língua.

LONGAVILLE — Será preferível soltar-lhe as rédeas, porque ela corre contra Heitor.

DUMAINE — É isso mesmo; Heitor corre como um galgo.

ARMADO — Esse grande guerreiro já está morto e enterrado, meus caros meninos, não mexais com os mortos. Quando ele respirava, era um herói de verdade. Mas vou prosseguir no meu papel. (*À Princesa.*) Doce realeza, concedei-me o sentido do ouvido.

PRINCESA — Falai, bravo Heitor; estamos encantadas com o espetáculo.

ARMADO — Venero as chinelas de vossa doce Graça.

BOYET (*à parte, a Dumaine*) — É com o pé que ele mede o amor.

DUMAINE — (*à parte, a Boyet*) — Em falta de jarda...

ARMADO — "Esse Heitor era mais, muito mais do que Aníbal..."

COSTARD — Amigo Heitor, o negócio da pequena não vai lá muito bem; ela já está de dois meses...

ARMADO — Que queres dizer com isso?

COSTARD — Caro amigo, se não procederdes como troiano honesto, a pobre rapariga ficará perdida. Está de esperança; a criança já começa a dar pinotes na barriga; sois vós o pai...

ARMADO — Infamonizas-me diante dos potentados? Vais morrer por isso!

COSTARD — Nesse caso Heitor será chibateado por haver deixado Jaqueneta grávida e enforcado por assassinar Pompeu.

DUMAINE — Excelente Pompeu!

BOYET — Famoso Pompeu!

BIRON — Maior do que máximo! Grande, grande, grandíssimo Pompeu! Pompeu, o imenso!

DUMAINE — Heitor está tremendo.

BIRON — Pompeu está ficando agitado. Vamos! Mais lenha na fogueira! Espicacemo-

los.

BIRON — Sem dúvida, ainda que ele só tivesse no ventre o sangue de homem necessário para o pantar de uma mosca.

ARMADO — Pela estrela polar, eu te desafio!

COSTARD — Não sou guarda-noturno para brigar com estrelas; o ferro tem de cantar; há de ser a espada. Por obséquio, consenti que eu retome as armas.

DUMAINE — Abri alas para os heróis inflamados!

COSTARD — Bater-me-ei de camisa.

DUMAINE — Resolutíssimo Pompeu!

MOTH — Mestre, permiti que vos fale com franqueza: não vedes que Pompeu já se está pondo à vontade para lutar? Que esperais? Ides perder a reputação.

ARMADO — Cavalheiros e soldados, perdoai-me, mas eu não combaterei em mangas de camisa.

DUMAINE — Não é possível recusardes; Pompeu vos provocou.

ARMADO — Caros amigos, posso fazê-lo e assim o quero.

BIRON — Quais são as vossas razões?

ARMADO — A verdade nua e crua é que não tenho camisa; por penitência trago apenas lã sobre o corpo.

BOYET — É verdade; isso lhe foi imposto em Roma, por ele não ter linho. E posso jurar que desde então ele só usou um pano de pratos de Jaqueneta, que traz junto do coração, como relíquia.

(*Entra monsieur Mercade, mensageiro.*)

MERCADE — Deus vos salve, Princesa!

PRINCESA — Bem-vindo, bom Mercade. Mas vens interromper nossa alegria.

MERCADE — Estou triste, senhora, que as notícias que vos trago pesam. Vosso pai...

PRINCESA — Morreu, receio muito!

MERCADE — Justamente. Minha história acabou.

BIRON — Afastai-vos, heróis! Cheia de nuvens está ficando a cena.

ARMADO — No que me diz respeito, respiro mais folgado. Vi o dia do ultraje através da fenda da discrição e hei de conduzir-me como um soldado na defesa do meu direito.

(*Saem os heróis.*)

REI — Como se sente Vossa Majestade?

PRINCESA — Partiremos, Boyet, ainda esta noite; cuidai do necessário.

REI — Demorai-vos, senhora, por obséquio, mais um pouco.

PRINCESA — Cuidai, Boyet, de tudo. Agradecida vos sou, amáveis lordes, pelas vossas gentilezas, e peço-vos, em vista do infortúnio que acaba de ferir-me, que escuseis ou escondais em vossa rica sabedoria as muitas liberdades que tomamos convosco. Se houve excesso de nossa parte, vossa gentileza tem nisso culpa. Adeus, digno senhor. Não se compraz um coração turbado com discursos mui longos. A avareza desculpai-me; devera agradecer-vos a maneira gentil com que aceitastes as minhas pretensões, ora alcançadas.

REI — A premência do tempo muitas coisas no último instante ajeita a seus desígnios, decidindo, por vezes, no momento mais grave o que um processo interminável não pudera fazê-lo. Muito embora se oponha a fronte triste de uma jovem ao sorriso cortês dos galanteios que demover quisera toda a pena, contudo, porque o amor logo de início se fez valer, não permitais que as nuvens da tristeza o desviem do propósito. Chorar amigos velhos que perdemos não é tão proveitoso nem saudável como nos alegrarmos pelas novas aquisições de amigos.

PRINCESA — Não compreendo quanto dizeis; redobra-se-me a pena.

BIRON — Um dito honesto o ouvido da tristeza fere de perto. Compreendei o intento do rei sob esse auspício generoso. Por vós deixamos tudo e nos tornamos perjuros; vossas graças nos fizeram diferentes, mudando-nos o gênio, a ponto de almejarmos o contrário daquilo que queríamos. Por isso, parecemos ridículos; a causa de tudo foi o amor, amigo, sempre, das mais extravagantes fantasias. Gerado pelos olhos, é, como eles, cheio de aparições e estranhas formas, de hábitos esquisitos, e propenso, como o olhar, que não pára muito tempo num só objeto, a mudar sempre de assunto. Se envergamos, portanto, os fantasiosos trajos do amor leviano e a vossos olhos celestes isso em parte a gravidade prejudicou de nossos juramentos, foram causa de errarmos, justamente, esses olhos que as faltas nos censuram. Se o nosso amor, portanto, nobres damas. vos pertence, as tolices que ele gera vos pertencem também. Ficamos falsos a nós mesmos tão-só para ficarmos fiéis a quem nos fez a um tempo amantes fiéis e falsos: vós, damas galantes. Desta arte a falsidade, embora vício, purifica-se e toma-se virtude.

PRINCESA — Recebemos as cartas transbordantes de expressões amorosas e os presentes emissários do amor; mas no conselho virginal em tudo isso apenas vimos brincadeira inocente e cortesia, passa-tempo, tão-só, sem conseqüências. E, por assim pensarmos, procuramos corresponder na mesma altura os vossos galanteios, isto é, com brincadeiras.

DUMAINE — Nossas cartas, Princesa, não revelam somente brincadeira.

LONGAVILLE — Nem, tampouco, nossos olhares.

ROSALINA — Pois interpretamo-los de maneira diversa.

REI — Mas agora, neste instante supremo, concedei-nos o amor que vos pedimos.

PRINCESA — Muito escasso, receio, é o tempo que nos dão para este negócio em que arriscamos nossas vidas. Não, não, milorde! Vossa culpa é grande; perjurastes demais. Ouvi-me, entretanto. Se por amor de mim — conquanto causa para tanto eu não veja — vos dispondes a fazer qualquer coisa, que seja isto: não precisais jurar, mas ide, asinha, para algum esquecido eremitério. despido e calvo e dos mundanos gozos apartado de todo. Aí vos cumpre permanecer até que os doze signos celestes hajam feito a volta anual. Se esse austero viver, assim privado

do convívio das gentes, não der azo a que se mude uma promessa feita no calor do momento; se nem geadas, nem jejuns, a clausura, as vestes grossas, fizerem ficar murcha a flor mimosa de vosso amor, vencendo ela galharda todas as provações, o ano corrido voltai para, tão-só por vosso mérito, enfim, me reclamardes. E por esta mão virginal que tua mão aperta, serei eu tua, então. Nesse entrementes, encerrarei minha existência triste numa casa de luto, derramando lágrimas em memória de meu pai. Se te recusas, bem; fiquemos nisto; desistamos de amar; eis o em que insisto.

REI — Se a prova eu recusar, ou outra mais grave, que vise a aperfeiçoar-me no repouso, venha a morte privar-me, dura e insuave, do galardão que eu merecer não ouso.

BIRON — E para mim, amor? E para mim?

ROSALINA — É preciso, também, purificardes-vos; pecastes muito; tendes muitas faltas; cometestes perjuro. Se quiserdes, portanto, o meu perdão, deveis durante doze meses dicar junto do leito tedioso e cansativo dos enfermos.

DUMAINE — E para mim, amor? E para mim?

CATARINA — Barba, saúde e honestidade; assim com triplo amor, alcançareis o fim.

DUMAINE — Posso dizer: agradecido, esposa?

CATARINA — Não, não! Em doze meses mais um dia não ouvirei nenhuma cortesia. Vinde com o rei: se me sobrar, acaso, muito amor, vosso amor terá bom azo.

DUMAINE — Serei fiel; assumo o compromisso.

CATARINA — Não jureis; perjurais sem dar por isso.

LONGAVILLE — E Maria, que diz?

MARIA — Após um ano, o luto tirarei por um fulano.

LONGAVILLE — Terei paciência, ainda que o tempo é longo.

MARIA — Tal como vós, que sois um pernilongo.

BIRON — Em que estará pensando a minha bela? Querida, nas janelas do meu peito, nestes olhos, descobre o sentimento de humildade que espera a tua resposta. Para alcançar-te, impõe-me algum trabalho.

ROSALINA — Meu bom lorde Biron, já tinha ouvido muitas vezes falar de vós, bem antes de vos ter conhecido. A grande boca do mundo vos proclama zombeteiro de enormes cabedais e frases finas que atirais contra todos que vos caem ao alcance do espírito. Por isso, para extirparmos semelhante praga de vosso fértil cérebro e, a um só tempo, porque possais obter-me — se o quiserdes, é claro, visto como de outro jeito não vos será possível conquistar-me — durante esse ano todo, dia a dia, deveis visitar doentes que não possam falar, e conversar com infelizes que em gemidos se finam. Todo o vosso papel consistirá nisto somente: usar de vossa inteligência para forçar a rir os fracos e os que sofrem.

BIRON — Mover a riso a boca moribunda? É impossível, senhora! A alacridade não

consegue abalar uma alma em transe.

ROSALINA — É o meio de refrear os zombadores, cujo prestígio vive tão-somente dos aplausos baratos e das vácuas risadas com que os tolos se comprazem. O êxito da pilhéria só depende do ouvido de quem ouve, não da boca que a enuncia. Ora, pois: se os desgraçados, surdos à força do rumor constante dos seus próprios gemidos, consentirem em ouvir-vos as fúteis brincadeiras, perdoar-vos-ei tal sestro e serei vossa. Caso contrário, refreai tal vício, que eu, afinal, vendo-vos dele estreme, exultarei com semelhante cura.

BIRON — Doze meses? Pois bem; já que é fatal, brincarei o ano inteiro no hospital.

PRINCESA — (*ao rei*) — E com isso, milorde, eu me despeço.

REI — Iremos até um ponto do caminho.

BIRON — Nosso amor não termina com carinho: cada um com sua Joana. É pena! As damas fazem tudo acabar como nos dramas.

REI — Vamos, senhor! Um ano e mais um dia; depois, termina.

BIRON — É longo em demasia.

(*Entra Armado.*)

ARMADO — Doce Majestade, concedei-me...

PRINCESA — Esse não é Heitor?

DUMAINE — O digno cavalheiro de Tróia.

ARMADO — Desejo beijar-vos os reais dedos e despedir-me. Estou preso a um voto: jurei a Jaqueneta segurar por amor dela a sua charrua pelo prazo de três anos. Contudo, prezadíssima Grandeza, apraz vos ouvir o diálogo que os dois sábios compuseram em louvor do cuco e da coruja? Era para ser dito no fim do nosso espetáculo.

REI — Chamai-os logo; vamos ouvi-los.

ARMADO — Olá! Aproximai-vos! (*Voltam Holofernes, Nataniel, Moth, Costard e outros.*) Neste lado ficam Hiems, o Inverno; neste, Ver, a Primavera; um, simbolizado pela coruja; o outro, pelo cuco. Ver, principia.

Primavera

I

Quando as violetas, as margaridas
e as cardaminas de cor de prata,
todas cheirosas, todas garridas,
o chão matizam da extensa mata,
o cuco zomba, no alto escondido,
dos casadinhos, em sustenido:
Cuco! Cuco!
Oh! que palavras de desagrado

para os ouvidos do homem casado!

II

Quando na avena sopra o pastor
e as cotovias cantam ruidosas,
e quando as rolas se unem no amor
e as camponesas passam garbosas,
O cuco zomba, no alto escondido,
dos casadinhos, em sustenido:
Cuco! Cuco!
Oh! que palavras de desagrado
para os ouvidos do homem casado!

Inverno

III

Quando as estradas a neve cobre
e o zagalejo de frio treme
e a casa lenha carrega o pobre
e na terrina congela o creme,
e a água do riacho não fica suja.
então, de noite, canta a coruja:
Tu-u! Tu-uit! Tu-u!
nota agradável na noite fria,
enquanto Joana lava na pia.

IV

Quando lá fora sibila o vento
e a tosse ao cura deixa sem fala,
e as aves buscam o seu sustento
e a zagaleja de frio cala,
o medo é grande, mas ninguém fuja
quando de noite piar a coruja:
Tu-u! Tu-uit! Tu-u!
nota agradável na noite fria,
enquanto Joana lava na pia.

ARMADO — As palavras de Mercúrio são ásperas depois dos cantos de Apolo. Vós, por aquele lado: nós, por este.

(*Saem.*)

Tudo Bem Quando Termina Bem

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

EPÍLOGO

Personagens

O REI DA FRANÇA
O DUQUE DE FLORENÇA
BERTRAM, Conde de Rossilhão
LAFEU, um velho nobre
PAROLLES, companheiro de Bertram
O Intendente da Condessa de Rossilhão
LAVACHE, bobo da casa da condessa
Um pajem.
A CONDESSA DE ROSSILHÃO, mãe de Bertram.
HELENA, jovem nobre, protegida pela condessa.
Uma velha viúva de Florença.
DIANA, filha da viúva.
VIOLENTA, vizinha da viúva e sua amiga.
MARIANA, vizinha da viúva e sua amiga.
Nobres, oficiais, soldados, etc., franceses e florentinos.

Ato 1

Cena 1

Rossilhão. Um quarto no palácio da condessa. Entram Bertram, a Condessa de Rossilhão, Helena e Lafeu, todos de luto.

CONDESSA — Consentindo que meu filho se afaste de mim, enterro um segundo marido.

BERTRAM — E eu, senhora, partindo, renovo o pranto pela morte de meu pai; mas preciso acatar a ordem de Sua Majestade, de quem ainda sou pupilo, como sou e serei sempre vassalo.

LAFEU — O rei, minha senhora, vai ser para vós como segundo marido, e para vós, senhor, como segundo pai. Quem sempre e em tudo se mostrou bondoso, não há de desmentir-se agora em relação a vós, cujo merecimento é mais próprio para despertar a bondade onde quer que haja falta dela, do que vir a padecer-lhe a falta onde ela viceja com tanta exuberância.

CONDESSA — Que esperanças há quanto ao restabelecimento de Sua Majestade?

LAFEU — Já abandonou os médicos, minha senhora, sob cujos cuidados ele malgastava o tempo com esperanças, tendo lucrado com essa resolução por perder definitivamente a esperança.

CONDESSA — Esta menina teve pai — Oh! que tristes recordações se encerram neste "teve"! — cujo talento era quase tão grande quanto a honestidade. A se terem igualado, teria deixado imortal a natureza, ficando a morte em férias, por falta de trabalho. Em benefício do rei, fora de desejar que ele ainda estivesse vivo. Penso que seria a morte da doença do rei.

LAFEU — Como se chamava o médico a que vos referis, minha senhora?

CONDESSA — Foi muito célebre em sua profissão, senhor, e com toda justiça; chamava-se Gerard de Narbon.

LAFEU — Com efeito, minha senhora; foi um excelente médico. Não faz muito tempo o rei me falou dele com admiração e pesar. Seus conhecimentos lhe assegurariam vida longa, se a ciência pudesse levar vantagem com relação à morte.

BERTRAM — De que sofre o rei, meu caro senhor?

LAFEU — De uma fístula, milorde.

BERTRAM — Ainda não tinha ouvido falar nisso.

LAFEU — Desejara que o fato não fosse notório. Esta senhorita é filha de Gerard de Narbon?

CONDESSA — Filha única, milorde, que ficou confiada aos meus cuidados. Tenho esperanças de que a sua bondade confirme o que promete a educação. Herdou uma disposição que torna mais belos os talentos; pois sempre que um espírito grosseiro vai de par com boas qualidades, o elogio arrasta à comiseração: são, a um tempo, virtudes e traidores. Nela, porém, essas qualidades se distinguem tanto mais por causa da simplicidade que lhe é própria: a honestidade é herdada; a bondade, adquirida.

LAFEU — Vosso elogio, senhora, arrancou-lhe lágrimas.

CONDESSA — Não há melhor sal para uma jovem temperar o elogio de si própria. Nunca se lhe aproxima do coração a lembrança do pai, sem que a tirania da tristeza lhe faça desaparecer das faces a aparência da vida. Basta, Helena, basta para que não pareça que demonstras uma tristeza que não sentes.

HELENA — A tristeza que eu demonstro é realmente sentida.

LAFEU — Os mortos têm direito a lamentações moderadas; a tristeza excessiva é inimiga da vida.

HELENA — Se a vida e a tristeza são inimigas, o excesso de tristeza acaba sendo fatal para si própria.

BERTRAM — Querida mãe, imploro vossas santas orações.

LAFEU (*a Helena*) — Como compreendermos isso?

CONDESSA — Eu te abençôo, Bertram. Desejo que herdes de teu pai o exterior e as qualidades. Que o sangue te regule, em competência sempre com a virtude, e que a bondade do berço se te iguale. A todos ama, confia-te de poucos, não ofendas ninguém; temer te faças dos inimigos mais pela tua força do que mesmo pelo uso que fazer dela pudesses; guarda o amigo no peito a sete chaves; antes ser censurado por calado do que por falador. Que as bênçãos todas que o céu te queira dar e as que te possam advir de meus pedidos, em ti caiam. Passa bem. Ele ainda não se encontra, caro senhor, maduro para a corte. Aconselhai-o para o bem.

LAFEU — Não há de lhe faltar nunca o que puder obter-lhe minha dedicação.

CONDESSA — Todas as bênçãos do céu caiam sobre ele. Adeus, Bertram. (*Sai.*)

BERTRAM (*a Helena*) — Que fiquem à vossa disposição todos os bons desejos que amadurecerem em vosso entendimento. Sede o consolo de minha mãe, vossa senhora, e tende-a sempre em consideração.

LAFEU — Adeus, gentil senhorita; é preciso sustentardes a reputação de vosso pai.

(*Saem Bertram e Lafeu.*)

HELENA — Oh, se tudo fosse isso! Mas não penso quase em meu pai. Aquelas grandes lágrimas lhe honram mais a memória do que quantas por ele eu derramasse. Como era ele? Esqueci-me de todo; não conservo na retentiva traços fisionômicos além dos de Bertram. Estou perdida. Vida não há onde Bertram não se ache. Mas é o mesmo que amar um fulgente astro e querer desposá-lo. Está tão alto! Posso alegrar-me em sua luz radiosa e dela receber algum

reflexo, mas não mover-me nunca em sua esfera. Minha ambição, desta arte, se castiga. Deve morrer de amor a corça tímida que aspirava a um leão para consorte. Admirável, a um tempo, e doloroso era vê-lo a toda hora, desenhar-lhe na tela do meu peito os lindos cachos, o arco dos supercílios o olhar de águia, neste peito tão ávido das linhas do menor traço de seu doce rosto. Mas partiu, só restando à minha idólatra paixão simples relíquias. Quem vem vindo? Um de seus companheiros de viagem. Estimo-o só por isso, embora o tenha na conta de um notório mentiroso, poltrão de marca, um tolo irremediável; mas resguardam-no muito esses defeitos e lhe vão bem, ao passo que a virtude de ossos de aço tirita ao vento frio. Não poucas vezes vemos a indigente sabedoria depender em tudo da tolice suntuosa e exuberante.

(*Entra Parolles.*)

PAROLLES — Deus vos guarde, bela rainha.

HELENA — E a vós também, monarca.

PAROLLES — Monarca, não.

HELENA — Nem rainha, tampouco.

PAROLLES — Estáveis a meditar sobre a virgindade?

HELENA — Justamente. E já que tendes algo de soldado, permiti que vos faça uma pergunta. O homem é inimigo da virgindade: de que modo nos defendermos dele?

PAROLLES — Repelindo-o.

HELENA — Mas ele redobra de esforços; e conquanto valente, a virgindade é fraca. Ensinai-nos algum processo guerreiro de defesa.

PAROLLES — É tudo inútil, que o homem assenta diante de vós o acampamento, dispara suas minas e vos fará ir pelos ares.

HELENA — O céu nos preserve a virgindade contra mineiros e explosões. Não haverá artifício militar que permita à virgindade jogar os homens pelos ares?

PAROLLES — Quanto mais depressa cair a virgindade, com tanto maior rapidez irá o homem pelos ares. Mas quando recair na brecha que vós mesmos fizestes, já tereis perdida a cidade. Não há medida política na república da natureza capaz de preservar a virgindade. Sua perda é de utilidade para a população. Não há virgem que não houvesse nascido de uma virgindade perdida. É do metal de que fostes feita que procedem todas as virgens; perdida uma vez a virgindade, poderá ser encontrada dez vezes; mas se ficar muito guardada, estará para sempre perdida. Não há companhia mais fria do que ela. Fora, pois, com a virgindade!

HELENA — Pretendo conservá-la por algum tempo, ainda que venha a morrer virgem.

PAROLLES — A esse respeito não há muito o que dizer; vai contra a lei da natureza. Tomar o partido da virgindade é acusar a própria mãe, o que constitui flagrante desobediência. A virgem é igual ao indivíduo que se enforca; a virgindade se suicida, e deveria ser enterrada nas estradas, longe dos lugares santificados, tal como se faz com os desesperados, que procedem contra a natureza. A virgindade procria gusanos, como o queijo, gasta-se até à casca e

morre devorando o próprio estômago. Além do mais, é rabugenta, ociosa, altiva e composta exclusivamente de egoísmo, que é o pecado mais condenado nos mandamentos. Não a conserveis, que só tereis a perder. Fora com ela! Dentro de um ano terá duplicado, o que já é um juro apreciável, sem que fique ressentido o capital. Fora com ela!

HELENA — Como fazer, senhor, para perdê-la de acordo com o próprio gosto?

PAROLLES — Deixai-me refletir... Não há jeito, senão sofrer para ser agradável a quem se desagrada dela. É mercadoria que perde o brilho quando fica muito tempo guardada. Desembaraçai-vos dela, enquanto pode ser vendida; aproveitai a disposição dos compradores. A virgindade é como um velho cortesão de chapéu fora da moda e roupagem rica, mas caída em desuso, tal como se dá com os broches e palitos, que já tiveram sua época. Ficará melhor vossa tâmara no pastel ou no caldo do que nas faces. Vossa virgindade, vossa velha virgindade é tal qual pêra murcha da França: de aspecto e gosto insuportáveis. Pudera! Se não tem seiva! Já foi gostosa; mas presentemente não passa de uma pêra murcha. Estou de partida para a corte; quereis alguma coisa de lá?

HELENA — Da virgindade, nada. Lá vai achar teu amo apaixonadas sem conta: mãe, amante, uma inimiga, uma amiga, uma fênix, diretora, uma guia, uma deusa, uma rainha, conselheira, traidora, apaixonada; sua humilde ambição, alta humildade, concórdia dissonante, desacordo agradável de ouvir, sua lealdade, seu doce azar e um mundo de afilhados graciosos e travessos, que Cupido deixa ainda mais falantes. Mas agora vai ele... Nem sei mesmo o que vai ser. Que Deus o ampare. A corte é grande escola, e ele é um...

PAROLLES — Um quê?

HELENA — Que eu quero bem. É pena.

PAROLLES — Pena por quê?

HELENA — Por não nos ser possível dar um corpo sensível aos desejos, por de berço sermos baixos e fadadas por humildes astros a formular tão-só desejos que não se concretizam. Poderíamos, então, chegar até nossos amigos e lhes sentir o que pensamos, o que não nos enseja, de outro modo, nem agradecimentos.

(*Entra um pajem.*)

PAJEM — Monsieur Parolles, meu amo vos mandou chamar.

PAROLLES — Adeus, pequena Helena; se não me esquecer, na corte pensarei em ti.

HELENA — Monsieur Parolles, nascestes sob a influência de um planeta caridoso.

PAROLLES — Sob a influência de Marte.

HELENA — Foi o que sempre pensei: debaixo de Marte.

PAROLLES — Por que debaixo?

HELENA — As guerras vos trazem tanto por baixo, que necessariamente deveríeis ter nascido debaixo de Marte.

PAROLLES — Quando ele predominava no firmamento.

HELENA — Seria preferível dizer: quando estava em retirada.

PAROLLES — Que vos leva a pensar dessa maneira?

HELENA — Porque quando vos bateis, recuais sempre.

PAROLLES — Para obter vantagem.

HELENA — O mesmo se dá na fuga, quando o medo aconselha a salvação. A combinação resultante de vossa virtude e de vosso medo é uma virtude de boas asas, que vai muito bem com vosso todo.

PAROLLES — As preocupações me assoberbam de tal modo, que não me dão vagar para te dar uma resposta espirituosa. Voltarei como cortesão perfeito; então, os meus conhecimentos servirão para te naturalizar, no caso, bem entendido, de seres suscetível de receber conselhos de um cortesão e de compreender o que te comunicar a prudência. Caso contrário, morrerás de ingratidão, para seres arrebatada pela ignorância. Adeus. Quando tiveres tempo, dize as tuas orações, e se dele careceres, lembra-te dos amigos. Arranja um bom marido e comporta-te com relação a ele como ele se comportar contigo. E com isto, adeus. (*Sai.*)

HELENA — Em nós, por vezes, se acha a medicina que em vão ao céu pedimos. A divina Providência nos deu livre alvedrio, só se opondo com todo o poderio aos nossos lentos planos, quando escravos nos revelamos e no agir ignavos. Que poder meu amor faz subir tanto, que me abre os olhos e em mim cria o espanto? As maiores distâncias do destino vence a natura em tempo pequeno, fazendo que num beijo se congrace quanto apartava obstáculo falace. Irrealizável só parece o plano mais ousado e fator de desengano, para quem pensa muito e considera que o que nunca se deu é vã quimera. Acaso já deixou de ser amada quem no elogiar-se não ficou parada? Essa doença do rei... Será loucura; mas, decidida, atiro-me à aventura. (Sai.)

Cena 2

Paris. Um quarto no palácio do rei. Toque de clarins. Entra o Rei de França, com cartas na mão; nobres e pessoas do séqüito.

REI — Estão engalfinhados os sienenses e os florentinos; com igual fortuna, têm ficado até agora; bravamente lutam de parte a parte.

PRIMEIRO NOBRE — É o que nos dizem.

REI — E é muito crível. A certeza temo-la de nosso primo de Áustria, com a notícia de que logo virão os florentinos pedir-nos pronto auxílio. Antecipando nossa resolução, o caro amigo manifesta o desejo de recusa formal de nossa parte.

PRIMEIRO NOBRE — Sua grande dedicação a Vossa Majestade, aliada ao saber próprio, lhe asseguram, por certo, à sugestão boa acolhida.

REI — Decidiu-nos, de fato. Os florentinos recusada terão sua requesta antes de a formularem. Mas os nossos fidalgos que quiserem ver a guerra da Toscana, com toda a liberdade poderão escolher qualquer partido.

SEGUNDO NOBRE — Boa escola, decerto, para os moços que tanto anseiam por ações heróicas.

REI — Quem é que vem ai?

(*Entram Bertram Lafeu e Parolles.*)

PRIMEIRO NOBRE — É o jovem Conde de Rossilhão, Bertram, meu bom senhor.

REI — Jovem, tu te pareces com teu pai. A natureza liberal, mostrando-se nesse particular mais cautelosa do que apressada, soube dar-te forma. Possas herdar, também, as qualidades de teu bom pai. Paris te acolhe alegre.

BERTRAM — Meus agradecimentos e meus préstimos são de Vossa Grandeza.

REI — Desejara ter a saúde prístina de quando, ligado com teu pai pela amizade, na vida militar nos estreamos. Conhecia ele, como poucos, a arte militar de seu tempo, tendo sido discípulo de bravos. Muitos anos conseguiu resistir; mas a velhice disforme em nós se insinuou, tirando-nos, finalmente, da liça. Falar nele me faz ficar mais jovem. Possuía na mocidade o espírito brilhante que eu noto nos rapazes da nobreza que me cerca. Contudo, por mais que estes procurem gracejar, suas pilhérias, não percebidas por ninguém, retornam para eles próprios, sem que seus autores disfarçar possam suas sutilezas com as roupagens da honra. Era um perfeito cortesão: nem desdém nem azedume na altivez revelava e na finura. Se tal aconteceu

algumas vezes, foi contra seus iguais. A honra, nessa hora, relógio de si própria, lhe mostrava o minuto preciso em que forçoso lhe era manifestar-se obedecendo sem detença ao ponteiro a mão robusta. Os pequenos tratava como seres de classe diferente, permitindo que sua fronde altiva se inclinasse para a planura deles, com o que a todos orgulhosos deixava da humildade, por se tornar humilde em seus encômios. Aos tempos jovens de hoje falta um homem como esse, para exemplo, o que viria nos demonstrar que para trás andamos.

BERTRAM — Sua memória, majestade, brilha com mais intensidade em vosso encômio do que no seu sepulcro; nem a própria lápide tumular tão alto o exalça quanto vossas palavras.

REI — Quem me dera que com ele me achasse! Costumava dizer — Só me parece que ainda o ouço. Suas palavras de ouro, ele as poupava; não as jogava à toa nas orelhas, mas enxertava-as para que, com o tempo, viessem a criar raízes e dar frutos. — "Não desejo viver" — assim sua boa melancolia, às vezes, se expressava, no último ato, ao findar o passatempo, quando tudo acabava. — "Não desejo viver", dizer sofa, "quando à minha lâmpada faltar óleo, para ver-me reduzido a morrão da gente moça, cujo leviano espírito desdenha quanto não seja novo, e que de idéias muda como de roupa, pois com a moda pauta a própria constância transitória". Era a isso que aspirava. Eu, no seu rasto, desejo o mesmo. Já que mel e cera não trago para casa, preferira ser retirado logo da colmeia, para ceder o posto a outros obreiros.

SEGUNDO NOBRE — Estima-vos o povo, majestade. Os que vos desconhecem, vossa falta sentirão mais que todos.

REI — Sim, ocupo um lugar; sei disso. Conde, há quanto tempo faleceu o médico de vosso pai? Gozava de alto nome.

BERTRAM — Há seis meses, senhor.

REI — Se ainda vivesse, poderia tentar uma experiência... Dai-me o braço... Os demais me enfraqueceram com tantos tratamentos. Ora podem a natureza e as doenças à vontade decidir do meu caso. Sois bem-vindo, conde; meu filho não é mais caro.

BERTRAM — Sou muito agradecido a Vossa Graça.

(*Saem. Clarins.*)

Cena 3

Rossilhão. Um quarto no palácio da condessa. Entram a condessa, o intendente e o bobo.

CONDESSA — Agora posso ouvir-vos. Que dizíeis dessa senhorita?

INTENDENTE — Desejaria, minha senhora, que o zelo revelado por mim na execução de vossos desejos fosse registrado no calendário de meus serviços anteriores, porque quando nós próprios os publicamos, ferimos a modéstia e embaçamos a candura de nosso merecimento.

CONDESSA — Que faz este sujeito aqui? Fora daqui, maroto! Não quero dar crédito a todas as queixas que me fazem de vós. Sou muito lerda para tanto, porque sei perfeitamente que não careceis de loucura, para concebê-las, nem de habilidade, para pô-las em prática.

BOBO — Como não deveis ignorar, minha senhora, eu não passo de um pobre-diabo.

CONDESSA — Bom.

BOBO — Não, minha senhora; não é bom que eu seja pobre, conquanto muitos ricos tenham ido parar no inferno. Mas se eu puder alcançar as boas graças de Vossa Senhoria no sentido de me ajudar a tomar estado, eu e Isbel faremos o que for possível.

CONDESSA — Estás querendo tornar-te mendigo?

BOBO — Mendigo de vossa boa vontade para este caso.

CONDESSA — Que caso?

BOBO — Meu caso e de Isbel. Serviço não é herança. Estou convencido de que não chegarei a alcançar as bênçãos de Deus, enquanto não vir a minha prole, porque, como diz o povo, os filhos são como bênçãos de Deus.

CONDESSA — Dá-me as tuas razões de quereres casar.

BOBO — É o meu corpo que o deseja, minha senhora. Sou arrastado pela carne, e quando o diabo puxa, a gente não pode resistir.

CONDESSA — São essas todas as razões de Vossa Senhoria?

BOBO — Para dizer toda a verdade, minha senhora, poderia aduzir outras razões tão pias quanto essas.

CONDESSA — Poderia o mundo tomar conhecimento delas?

BOBO — Até agora, minha senhora, eu tenho sido uma criatura pecadora, como vós e todos os seres de carne e sangue. Daí a razão de querer casar, para poder arrepender-me.

CONDESSA — Mais do casamento do que dos pecados.

BOBO — Careço de amigos, minha senhora, e espero adquirir alguns por intermédio de minha mulher.

CONDESSA — Amigos dessa espécie são inimigos, tolo.

BOBO — Nessa questão de bons amigos, minha senhora, não sois bastantemente profunda, porque os marotos irão fazer o que para mim já for trabalho. Quem lavra a minha terra poupa-me os bois e me enseja vagar para a colheita; se faz de mim cabrão, faço dele meu escravo. Quem consola minha mulher, cuida do meu corpo e do meu sangue; quem cuida do meu corpo e do meu sangue, teu amor ao meu corpo e ao meu sangue, e quem tem amor a meu corpo e a meu sangue é meu amigo. Logo, quem beija minha mulher é meu amigo. Se os homens se contentassem com ser o que são, ninguém teria medo de casar. O jovem e puritano Charbon e o velho papista Poysam, por mais discordantes que a religião lhes deixe os corações, têm as cabeças do mesmo feitio: podem dar marradas com os cornos tão bem como qualquer bode do rebanho.

CONDESSA — Nunca deixarás de ser um boca-suja e maldizente?

BOBO — Profeta, minha senhora, é o que eu sou. Só digo a verdade nua e crua. Antiga balada eu canto, que os homens acharão certa: o casamento é destino, o cuco está sempre alerta.

CONDESSA — Ide embora, senhor; sobre isso, conversaremos melhor noutra ocasião.

INTENDENTE — Se julgardes conveniente, minha senhora, ele poderá chamar Helena. É a respeito dela que pretendo falar-vos.

CONDESSA — Maroto, vai dizer a minha dama de companhia que desejo falar-lhe. Refiro-me a Helena.

BOBO — Foi essa a causa, disse ela, de os gregos queimarem Tróia? Oh, que tolice! Era Helena de Príamo a melhor jóia? Assim falando, suspira; assim falando, suspira e diz profunda sentença: se em nove más, uma é boa, se em nove más, uma é boa, uma em dez tudo compensa.

CONDESSA — Como! Só uma boa entre dez? Estás a adulterar a balada, maroto.

BOBO — Uma mulher entre dez, minha senhora. É assim que eu purifico a balada. Assim servisse Deus o mundo todos os anos, que eu não teria de que me queixar do dízimo das mulheres, no caso de ser eu o pároco. Se nos nascesse uma mulher boa por cada cometa ou cada tremor de terra, a loteria só teria a lucrar; mas primeiro o homem arrancará o próprio coração, sem que encontre uma nessas condições.

CONDESSA — Ide logo, senhor velhaco, e fazei o que vos ordenei.

BOBO — Ser a gente obrigado a obedecer a uma mulher, sem que daí resulte nenhum mal! Embora a honestidade não seja puritana, não causará mal nenhum; porá a sobrepeliz da humanidade sobre as vestes negras de um coração inflado. Já vou, já vou! É para dizer a Helena que venha até aqui. (*Sai*)

CONDESSA — Agora podeis falar.

INTENDENTE — Eu sei, minha senhora, que dedicais grande afeição a vossa dama de companhia.

CONDESSA — Com efeito; seu pai ma confiou ao morrer. Mas por seus próprios méritos, sem outras recomendações, ela teria direito à afeição que lhe consagro. Devo-lhe mais do que o que lhe pago e lhe pagarei mais do que o que ela vier a exigir de mim.

INTENDENTE — Recentemente, minha senhora, penso que estive mais perto dela do que ela teria desejado. Achava-se só e falava para os próprios ouvidos, sem suspeitar que ouvidos estranhos pudessem escutar o que ela dizia. O assunto de seu monólogo era o amor que ela dedica a vosso filho. A Fortuna, dizia, não era deusa, pois havia criado tão grande abismo entre a sua condição e a dele; o Amor não era deus, por não usar do seu poder, a não ser quando as qualidades se encontram em igual nível; Diana, também, não era rainha das virgens, pois permitia que uma de suas pobres ninfas fosse surpreendida sem possibilidade de socorro no primeiro assalto nem, posteriormente, de resgate. Tudo isso ela proferia num tom do mais amargo queixume, como eu nunca ouvira de nenhuma donzela. Por isso, julguei do meu dever vos pôr a par do que há, porque, no caso de alguma desgraça, é necessário saberdes o que se passa.

CONDESSA — Desincumbistes-vos de vosso recado com honestidade; sede discreto nesse particular, não conversando com ninguém a esse respeito. Alguns indícios já me tinham levado a pensar nisso; mas de tal modo faziam esses indícios oscilar os pratos da balança, que eu não podia crer nem duvidar. Deixai-me, por obséquio. Guardai no peito esse segredo. Agradeço-vos de coração a diligência. Ainda voltarei a vos falar sobre isso. (*Sai o intendente. Entra Helena.*) Quando jovem, também passei por isso. A natureza é assim; esses espinhos inseparáveis são da rosa em viço. A muito o sangue obriga em seus caminhos. A natureza claudicar não há de, onde em paixões estua a mocidade. Nossos erros de então, para nós todas, virtudes eram de acabar em bodas. O olhar é de quem sofre; é o que lhe noto.

HELENA — Senhora, que mandais?

CONDESSA — Como sabeis, Helena, mãe vos sou.

HELENA — Senhora minha.

CONDESSA — Foi mãe que eu disse. E por que não? Dizendo "mãe", parece que vistes uma serpe. Por que esse nome tanto vos assusta? Sou vossa mãe, repito, e vos incluo entre os seres nascidos deste ventre. A adoção a apostar com a natureza por vezes se tem visto, e de semente peregrina nascer galho excelente. Dores maternas nunca me custastes. Graças a Deus, menina! Acaso sentes que o sangue se te esfria, quando me ouves dizer que sou tua mãe? Por que motivo te cerca os olhos essa núncia doente das lágrimas, essa Íris matizada? Tão somente por seres minha filha?

HELENA — Vossa filha não sou.

CONDESSA — Mas já vos disse que vos sou mãe.

HELENA — Perdão, minha senhora; mas meu irmão não pode ser o Conde de Rossilhão.

Meu nome é muito humilde; o dele é da nobreza. Ele meu amo será, caro senhor. Vassala fida dele hei de ser enquanto tiver vida. Irmão meu não será.

CONDESSA — Nem eu mãe vossa?

HELENA — Sois minha mãe, senhora. Ah, se, realmente — sem que me fosse irmão vosso alto filho — fôsseis vós minha mãe! Se de nós ambos fôsseis mãe! Galardão mais elevado, nem mesmo o céu eu desejar pudera. Mas sendo eu vossa filha, haverá jeito de não ser irmã dele por direito?

CONDESSA — Sim, Helena, podeis ser minha nora. Deus permita que aceiteis essa hipótese. Esses nomes de mãe e sogra o pulso vos alteram. Por que essa palidez? Minhas suspeitas se confirmam. Percebo ora o mistério de vossa solidão e a fonte encontro dessas freqüentes lágrimas. É claro: amais meu filho. Cora a hipocrisia, diante do que a paixão por ti proclama, de me dizer que não. Sê, pois, sincera: dize-me que acertei, porque essas faces contam uma para outra o que se passa, e com tanta clareza os olhos lêem em tuas atitudes, que o proclamam, sem que o queiras, com sua fala própria. Não fosse essa culposa e infernal teima que a língua te reprime, poder-se-ia suspeitar a verdade. Dize: é isso? Se for assim, um nó bem firme deste; caso contrário, jura-o. Neste instante, só desejo que me uses de franqueza, para que o céu me inspire sobre o modo de te poder valer. Sê, pois, sincera.

HELENA — Perdão, minha senhora.

CONDESSA — Amais meu filho?

HELENA — Não lhe tendes amor, digna senhora?

CONDESSA — Não me fujas do ponto, que meu título de afeição para o mundo todo é válido. Vamos, vamos! Revela-me o que sentes, que tua inquietação já disse tudo.

HELENA — Já que insistis, confesso aqui, de joelhos diante de vós e do alto céu, que acima de vós e abaixo do alto céu eu amo vosso filho. Pobres foram meus pais, porém honestos; assim é meu amor. Não vos zangueis, que do fato de ser por mim amado, mal nenhum lhe advirá. Não o persigo com nenhuma insistência presunçosa, nem desejo alcançá-lo sem que tenha chegado a merecê-lo, muito embora não saiba como merecê-lo possa. Sei que amo em vão, e inutilmente luto contra toda esperança. Apesar disso, nesse crivo capcioso e insustentável não paro nunca de deitar as águas do meu amor, sem que jamais se esgotem, porque a perdê-las venha sem descanso. Como Indiana, portanto, persistente na minha ilusão pia, o sol adoro que me olha sem tomar conhecimento de seu humilde crente. Minha cara senhora, que vosso ódio não castigue meu amor por amar a quem amais. Se vós, acaso — cujas cãs honradas são penhor de virtuosa mocidade — vos incendiastes em tão pura flama e tivestes tão castas esperanças, unificando, assim, o Amor e Diana: apiedai-vos, então, de uma coitada que a emprestar de contínuo põe o estudo onde venha, afinal, a perder tudo, que não tenta encontrar o que procura e, qual enigma, vive a morte pura.

CONDESSA — Não fizeste a intenção, recentemente, de ir a Paris?

HELENA — Senhora, sim.

CONDESSA — Sê franca: com que intuito?

HELENA — Direi toda a verdade, jurando pela Graça celestial. Como sabeis, meu pai deixou-me algumas fórmulas de eficiência comprovada, que seus conhecimentos muito vastos e a manifesta prática apontavam como infalíveis. Ao morrer deixou-mas sob o maior sigilo, como notas de intrínseco valor muito mais alto do que nelas notar se poderia. Há uma receita entre essas, de um remédio muito experimentado para os males desesperados de que o rei se fina.

CONDESSA — É esse o motivo que vos leva à corte? Sede franca.

HELENA — Milorde, vosso filho, me fez pensar no caso. Não fora isso, Paris, a medicina, o rei ausentes teriam sempre estado das conversas que a sós comigo mesma às vezes tenho.

CONDESSA — Mas Helena, pensais que se chegardes a oferecer vosso suposto auxílio, há de aceitá-lo o rei? Ele e seus médicos estão de acordo nisto: ele, que médico nenhum pode curá-lo; eles, que a doença do rei não terá cura. Será crível que eles revelem confiança numa donzela pobre sem nenhum preparo, quando as escolas, gastas as doutrinas, o perigo a si mesmo abandonaram?

HELENA — Tenho o pressentimento — mais potente do que a arte de meu pai, que foi famoso em sua profissão — de que essa fórmula de efeito comprovado vai servir-me como herança abençoada pelos astros mais felizes do céu. Se me consente Vossa Honra permissão para a aventura, arriscarei a vida nessa cura, em dia e hora marcados.

CONDESSA — Estais bem certa?

HELENA — Sei o que estou dizendo.

CONDESSA — Pois que seja! Dou-te o consentimento e, de crescença, toda a minha afeição, recursos, gente para seguir contigo, e meus saudares aos amigos da corte. Em casa fico, para pedir a Deus que te auxilie. Parte amanhã com a maior certeza de que contas comigo nessa empresa.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Paris. Um quarto no palácio do rei.

(*Clarins. Entra o rei com vários fidalgos moços, que se despedem para a guerra de Florença; Bertram, Parolles e pessoas do séqüito.*)

REI — Jovens fidalgos, passai bem; que a vossa disposição guerreira se mantenha. Adeus, também, senhores. O conselho servirá para todos. Se ganhardes, dobrará de valor a recompensa, bastando para os dois.

PRIMEIRO NOBRE — O que almejamos, ao voltarmos da guerra como bravos, é encontrar Vossa Graça com saúde.

REI — Não, é impossível, posto se me negue o coração a confessar que abrigo concede ao mal que me bloqueia a vida. Adeus, jovens senhores; sede sempre, quer eu viva, quer morra, filhos dignos de dignos pais franceses. Que a alta Itália — cuja prole mirrada herdou somente a decadência do último governo — possa ver que não ides como simples cortejadores da honra, mas ansiosos por desposá-la, e que levais a cabo quanto intentais, onde os mais bravos tremem, porque muito alto a Fama vos consagre. Tomo a dizer: adeus.

SEGUNDO NOBRE — Fique a saúde sempre às ordens de Vossa Majestade.

REI — As moças italianas... Cautelai-vos! Dizem que nós, franceses, não sabemos negar o que elas pedem. Prisioneiros não vos torneis, portanto, antes da guerra.

AMBOS OS NOBRES — No coração guardamos esse aviso.

REI — Adeus. Vinde comigo.

(*Sai amparado.*)

PRIMEIRO NOBRE — Oh! Não seguir conosco o nobre conde!

PAROLLES — Não cabe culpa alguma ao cavalheiro.

SEGUNDO NOBRE — Oh! Como são gloriosas essas guerras!

PAROLLES — Admiráveis! Já estive nessas guerras.

BERTRAM — Tenho ordem de ficar. O mesmo lema de sempre: "És muito moço" "É cedo ainda" "No ano vindouro".

PAROLLES — Se te pede o peito, meu rapaz, foge logo com coragem.

BERTRAM — Terei de aqui ficar, na qualidade de pajem de senhoras, os sapatos a

gastar nestas pedras, até vermos toda a honra despendida, sem que sobre outra espada a não ser para bailados. Pelo céu, vou fugir!

PRIMEIRO NOBRE — Honroso feito fora essa fuga.

PAROLLES — Fazei isso, conde.

SEGUNDO NOBRE — Sou nisso vosso cúmplice. Até logo.

BERTRAM — De tal modo nos identificamos nesse particular, que nossa separação mais parece um corpo submetido a tratos.

PRIMEIRO NOBRE —Adeus, capitão.

SEGUNDO NOBRE — Meu caro monsieur Parolles!

PAROLLES — Nobres heróis, minha espada e as vossas são parentas: iguais faíscas, brilho idêntico. Uma palavra, meus valentes: no regimento dos Spirii haveis de encontrar um Capitão Spurio com uma cicatriz, emblema da guerra, aqui na face esquerda. Pois foi cavada com a espada que aqui vedes. Comunicai-lhe que eu ainda vivo e tomai nota do que ele disser de mim.

SEGUNDO NOBRE — Assim o faremos, nobre capitão.

(*Saem os nobres.*)

PAROLLES — Que Marte se vos mostre afeiçoado, por serdes noviço. Que pretendeis fazer?

BERTRAM — Ficar. O rei...

(*Volta o rei. Bertram e Parolles se afastam.*)

PAROLLES — Sede mais cerimonioso com esses nobres senhores; fechastes-vos nos limites de uma despedida por demais fria. É preciso ser mais expansivo com eles, por serem a nata de seu tempo, o modelo do andar, do comer, do conversar, e por se moverem sob o influxo dos mais reconhecidos astros. Ainda que fosse o diabo que marcasse o compasso, deveriam ser seguidos. Correi atrás deles e despedi-vos com mais formalidades.

BERTRAM — É o que vou fazer.

PAROLLES — Rapazes de valor! Com o tempo, as suas espadas se tornarão irresistíveis.

(*Saem Bertram e Parolles. Entra Lafeu.*)

LAFEU (*ajoelhando-se*) — Desculpai-me, senhor, e às minhas novas.

REI — Teu prêmio é levantares-te depressa.

LAFEU — Vedes, dessa maneira, uma pessoa que comprou seu perdão. Só desejara, milorde, que estivésseis de joelho diante de mim, para que a um meu aceno vos levantásseis.

REI — Também eu quisera isso, que, assim, te quebraria o casco, para pedir, depois, que me perdoásseis.

LAFEU — De cruz, não é? Mas, meu gracioso lorde, com licença: quereis ficar curado

de vossa enfermidade?

REI — Não.

LAFEU — É certo? Não quereis uvas, minha real raposa? Pois haveríeis de querê-las, caso minha raposa real pudesse minhas nobres uvas pegar. Vi uma doutora capaz de insuflar vida até nas pedras, de forçar um rochedo a andar depressa e vos fazer dançar uma canária com fogo é desempeno. Seu contacto ressuscitar faria o Rei Pepino. Mais, ainda: obrigara ao próprio grande Carlos Magno a tomar da pena e versos de amor para ela enviar.

REI — Para "ela!" Como?

LAFEU — Uma doutora, é claro. Já na corte se acha, milorde, se quiserdes vê-la. Por minha honra e minha fé, no caso de eu poder expressar os pensamentos com seriedade, após esse prelúdio: Falei com uma donzela, cuja idade, sabedoria, profissão, firmeza de caráter, perplexo me deixaram mais do que fora de esperar de minha fraqueza irremediável. Quereis vê-la — é o seu desejo — e discorrer ouvi-la? Depois, ride de mim quanto quiserdes.

REI — Meu bom Lafeu, trazei-me esse milagre, para, juntos, mostrarmos nosso espanto ou fazermos que o teu venha a acabar-se tão-só por te espantares de ti próprio.

LAFEU — Então vos servirei, sem perder tempo. (*Sai.*)

REI — Seus nadas sempre têm prólogos grandes.

(*Volta Lafeu com Helena.*)

LAFEU — Vinde logo.

REI — Tinha asas sua pressa.

LAFEU — Vinde logo. Eis aqui Sua Majestade; dizei-lhe o que pensais. Vossa aparência é de conspirador, mas Sua Graça desses conspiradores não se teme. Sou o tio de Cressida; não receio deixar-vos em colóquio. Passai bem. (*Sai.*)

REI — Então, bela menina, tendes algo a me comunicar?

HELENA — Sim, Majestade. Sou filha de Gerard de Narbon, que em sua profissão teve alta fama.

REI — Conheci-o.

HELENA — Isso vem minha tarefa facilitar. Se o conhecestes, basta. Ao morrer me deixou muitas receitas; uma, principalmente, ele avaliava como a mais fina flor de seus estudos, de provada experiência a filha amada, tendo pedido que a guardasse como se fosse um terceiro olho, mais precioso para mim do que os próprios. Assim fiz. E por ouvir dizer que Vossa Graça sofria dessa doença perniciosa que tão alto elevou a grande fama de meu querido pai, humildemente vos venho oferecer os meus serviços.

REI — Nós vos agradecemos, rapariga. Mas, de que modo acreditar em cura, se abriram mão do caso nossos médicos mais conspícuos, e toda a Faculdade decidiu que jamais o esforço da arte poderá ser auxílio à natureza em seu precário estado? Não devemos, por isso, permitir

que nosso juízo se deturpe e que falsas esperanças nos desviem, a ponto de chegarmos a prostituir a charlatães a nossa doença irremediável, degradando nossa grandeza, assim, e nosso crédito, por julgarmos que possa ainda ter cura um mal que tanto quanto a vida dura.

HELENA — O cumprimento do dever me paga de todo o meu trabalho. Não insisto nos oferecimentos. Só imploro de vossos reais conceitos o modesto favor de permitir que me retire.

REI — Menos não é possível conceder-te, sem passar por ingrato. Imaginaste socorrer-me, razão de agradecer-te como costuma o moribundo a quantos desejam que reviva. Do conjunto da situação conheces só uma parte; para o meu mal inútil é tua arte.

HELENA — Se na descrença pondes todo o siso, poderíeis tentar, sem prejuízo, quanto ora vos proponho. O que realiza todas as obras grandes, improvisa muitas vezes os meios, conseguindo com fraca gente resultado infindo. As Santas Escrituras nos meninos reconheceram senso onde os rabinos infantis se mostraram. De minguante fonte pode jorrar água abundante, como pôde secar um mar profundo, quando o milagre os sábios deste mundo tinham por impossível. É freqüente falhar a expectativa mais florente, como concretizar-se, quando fria já se achava a esperança em demasia.

REI — Basta, bela menina; recompensa nenhuma te dará minha descrença, senão tão-só palavras.

HELENA — Desse jeito torna estéril um sopro o mais perfeito desígnio. O Ser que sabe quanto passa, não se comporta como nossa escassa percepção, que das coisas o que estima é aparência, tão-só, muito por cima. É presunção, considerar terrena a ajuda com que o céu de longe acena. Caro senhor, cedei ao meu pedido; não de mim, mas do céu tirai partido. Impostora não sou, para valia me atribuir que transcenda a mediania. Mas podeis crer-me: livre de impostura será minha arte e, certa, vossa cura.

REI — Vejo que tua fé não se embaraça. Em quanto tempo sararei?

HELENA — Se a Graça divina me der graça, antes que ao poente duas vezes consiga a reluzente parelha conduzir a luz radiosa e Héspero duas vezes na fumosa fímbria a tocha mergulhe sonolenta; antes, ainda, de mostrar a lenta ampulheta, por vinte e quatro vezes, aos minutos seus passos descorteses: ficareis bom; a dor terá fugido, para afundar de vez no eterno olvido.

REI — A tal ponto mostrando-te confiada, que arriscas nessa empresa?

HELENA — Ser chamada de impudente, de baixa e de rameira; ver a honra divulgada por maneira vergonhosa em baladas infamantes nome impoluto já não ter, como antes; mais, se for concebível: prematura vir a morte a alcançar pela tortura.

REI — Parece que uma força sublimada fala por ti, valendo-se de nada para nos dar de seu poder notícia. O que ao senso comum fora estultícia, em tua fala adquire alto sentido. Tua vida é preciosa, pois reunido tens em tua pessoa tudo quanto torna o nosso viver digno de encanto: saber, graça, virtude, mocidade, quanto a sazão propícia, nessa idade de bom pode ensejar. Tanta confiança indício é de um saber que tudo alcança, se não for de infinito

desespero. Assim, cara doutora, com esmero cuida de exercitar a medicina, pois se tua dita se mostrar mofina, resultando-me disso a negra morte, para ti não esperes melhor sorte.

HELENA — Se eu não puder, no prazo combinado, cumprir quanto prometo, que meu fado seja morrer, porque viver não há de quem revelou tão grande pravidade. Mas, se o erro não me der sorte tão dura, qual virá a ser o galardão da cura?

REI — Pede-me o que quiseres.

HELENA — E obtê-lo-ei?

REI — Sim, pelo céu e meu penhor de rei.

HELENA — Tuas mãos reais, então, dar-me-ão o esposo que eu escolher por digno e donairoso, estando em ti ceder-mo, sem que medo conceber possas de um projeto tredo, de eu apontar um príncipe da França, que a tanto o meu querer não se abalança. Jamais imaginei que de futuro pudesse a ti ligar meu nome obscuro. Não; o vassalo que ora trago em mente, poderás conceder-me livremente.

REI — Eis minha mão, que recusar não há de quanto manifestar tua vontade, depois de me cumprires a promessa. Ora o momento de experiência apressa, porque eu, na qualidade de cliente, prometo ser-te em tudo obediente. Muito, ainda, desejava perguntar-te; mas com isso a confiança, que tua arte de início me inspirou, não cresceria: como vieste até aqui? E a companhia? Sê, portanto, bem-vinda e abençoada, sem maiores perguntas à chegada. A mão, aí! Se tua arte for potente, igualará tua cura o meu presente.

(*Toque de clarins. Saem.*)

Cena 2

Rossilhão. Um quarto no palácio da condessa. Entram a condessa e o bobo.

CONDESSA — Vinde cá, senhor; desejo pôr vossa educação à prova.

BOBO — Com isso vereis que estou muito bem alimentado, mas pessimamente educado, o que, para a corte, é o suficiente.

CONDESSA — Para a corte? Que lugar, então, vos merece consideração, e vos referis à corte com tão grande desprezo? "Para a corte é o suficiente!"

BOBO — Em verdade, minha senhora, quem recebe boas maneiras de Deus, pode perfeitamente desembaraçar-se delas na corte. Quem não souber fazer um rapapé, tirar o chapéu, beijar a mão e não dizer palavra, carece de pernas, de mão, de boca e de chapéu. Uma pessoa nessas condições, para falar com maior precisão, não é feita para a corte. Mas no que me diz respeito, tenho uma resposta que servirá para todos os homens.

CONDESSA — Para servir a todas as perguntas, deve ser uma resposta liberal.

BOBO — É tal qual cadeira de barbeiro, que serve para todos os assentos: pontudos, redondos, carnudos... Para todos, em suma.

CONDESSA — Vossa resposta vai bem com todas as perguntas?

BOBO — Tão bem como uma moeda de dez vinténs na mão de um procurador, ou uma coroa francesa na de uma prostituta vestida de tafetá, ou o junco de Tib no indicador de Tom, ou um filhós na terça-feira gorda, a dança mourisca no dia 1.° de maio, o prego no seu buraco, os cornos na fronte de quem os merece, a megera rilhenta ao lado de algum arruaceiro, os lábios de uma freira na boca de um monge... Sim, tão bem quanto o chouriço na sua pele.

CONDESSA — Tendes uma resposta — torno a perguntar-vos — tão adequada assim para todas as questões?

BOBO — Desde debaixo do duque até embaixo do inspetor de polícia, irá bem com todas as perguntas.

CONDESSA — Então deve ser uma resposta de dimensões monstruosas, para corresponder a todas as perguntas.

BOBO — Para ser sincero, não passará de uma ninharia, para o sábio que souber dizer a verdade. Aqui está ela com todos os seus adminículos: perguntai-me se eu sou cortesão; nada tereis a perder com a lição que eu vos der.

CONDESSA — Voltar a ser jovem, se isso fosse possível... Vou ficar suficientemente tola para vos dirigir essa pergunta, na esperança de que a resposta me deixe sábia. Por obséquio, senhor, sois cortesão?

BOBO — Oh Deus, senhor! Foi dito muito depressa. Mais perguntas! Mais perguntas! Dirigi-me cem perguntas iguais a essa.

CONDESSA — Não passo, meu senhor, de uma humilde amiga vossa, que vos dedica afeição.

BOBO — Oh Deus, Senhor! Prossegui! Prossegui! Não me poupeis.

CONDESSA — Penso, meu senhor, que não podeis comer nenhum desses pratos caseiros.

BOBO — Oh Deus, Senhor! Ponde-me à prova, sem cerimônia.

CONDESSA — Fostes recentemente chibateado, não é verdade?

BOBO — Oh Deus, Senhor! Não me poupeis.

CONDESSA — Exclamais "Oh Deus, Senhor!" quando estais sendo chibateado e "Não me poupeis"? Realmente, o vosso "Oh Deus, Senhor!" vem muito a ponto com vossa correção. Responderíeis com muito acerto, se fosseis chibateado.

BOBO — Nunca tive tão pouca sorte com o meu "Oh Deus, Senhor!" Vejo que as coisas podem servir para muito tempo, não, porém, para sempre.

CONDESSA — Como dona de casa esbanjadora, com um bobo, alegre, o tempo estou gastando.

BOBO — Oh Deus, Senhor! Serviu-me ainda a frase.

CONDESSA — Basta, senhor! A Helena entregai isto, e dizei-lhe que logo me responda. Lembranças aos parentes e a meu filho. A incumbência é pequena, me parece.

BOBO — Pequenas, as lembranças para todos.

CONDESSA — Vossa incumbência, disse. Compreendestes-me?

BOBO — Completamente, estarei lá primeiro que minhas pernas.

CONDESSA — Vinde sem delongas.

(*Saem por lados diferentes.*)

Cena 3

Paris. Um quarto no palácio do rei. Entram Bertram, Lafeu e Parolles.

LAFEU — Dizem que já não há milagres, e aí está os nossos filósofos que deixam ordinárias e familiares as coisas sobrenaturais e inexplicáveis. Daí resulta brincarmos com os fenômenos mais terríveis, barricando-nos por trás de nosso suposto conhecimento, quando devêramos ceder ao medo do desconhecido.

PAROLLES — Realmente, é o maior motivo de admiração de que se teve notícia nestes últimos tempos.

BERTRAM — Com efeito.

LAFEU — Depois de ter ficado abandonado pelos conhecedores da arte...

PAROLLES — É o que eu digo.

LAFEU — Por Galeno e Paracelso...

PAROLLES — É o que eu digo.

LAFEU — Pelos mais sábios e autênticos doutores...

PAROLLES — É isso mesmo que eu penso.

LAFEU — Que o deram por incurável...

PAROLLES — Justamente. É também o que eu digo. Bela menina, a vista lança em torno. Este grupo de jovens da nobreza, solteiros todos, que aqui vês reunidos, farão minha vontade em toda a linha. Poder tenho sobre eles, não somente de rei, como de pai. Nomeia um deles. De escolheres qualquer tens liberdade; de recusar-te nenhum deles há de.

HELENA — Que o Amor uma virtuosa e bela noiva dê a cada um de vós salvo a um somente.

LAFEU — Era capaz de dar o meu cavalo baio rabão, com todos os arreios, para ter dentes como estes rapazes e, como eles, não ter barba no queixo.

REI — Observa-os bem. São todos da nobreza.

HELENA — Cavalheiros, valendo-se de mim, restituiu Deus ao rei a saúde.

TODOS — Já o soubemos, e ao céu, por isso, agradecidos somos.

HELENA — Sou uma donzela humilde; toda a minha fortuna é confessar que sou donzela. Se da vontade for de Vossa Graça, declaro que estou pronta, embora as faces, coradas de

vergonha, me segredem: "Coramos, por te veres na premência de fazer uma escolha; mas se fores recusada, virá cobrir-nos, pronta, a palidez da morte, sem que as cores jamais recuperemos".

REI — Sê confiante, que ficará de meu amor à parte quem o ousio tiver de recusar-te.

HELENA — Agora, Diana, o teu altar evito, para cultuar Amor, o deus bendito, a quem dirijo os meus suspiros todos. Ouviríeis, senhor, o meu pedido?

PRIMEIRO NOBRE — Sim, e o satisfaria.

HELENA — Agradecida; nada mais vos direi.

LAFEU — Preferira ser um dos que vão ser escolhidos, a só tirar o ás a vida inteira.

HELENA — A honra que brilha nesses belos olhos, antes que eu fale, me promete abrolhos. O Amor vos ponha vezes dez acima desta a quem sempre teve em desestima.

SEGUNDO NOBRE — Grato; mais não desejo.

HELENA — Bom sucesso vos dê Amor. Com isso, me despeço.

LAFEU — Todos a recusam? Se fossem meus filhos, mandaria chibateá-los, ou os enviaria para o Turco, a fim de fazer deles eunucos.

HELENA — (*ao terceiro nobre*) — De vos tomar a mão não mostreis medo; não vos desejo mal; será brinquedo. Deus vos exalce os votos. Feliz sorte vos dê Amor na escolha da consorte.

LAFEU — Esses rapazes são de gelo; nenhum a quer. Por certo todos são bastardos ingleses, que nenhum francês os teria nunca gerado.

HELENA — Sois moço, bom demais e de alto brilho porque de mim possais vir a obter filho.

QUARTO NOBRE — Não sou desse pensar, bela menina.

LAFEU — Ainda está faltando uma uva. Sei, com segurança que teu pai bebia vinho. Mas se não fores um asno, não passo de um meninote de quatorze anos; há muito que te conheço.

HELENA (*a Bertram*) — Se vos tomasse a mão, fora atrevida. Eu é que a vós me entrego, enquanto vida tiver, para me guiardes. Eis o esposo.

REI — Jovem Bertram, tomai-a; é vossa esposa.

BERTRAM — Minha mulher, senhor? A Vossa Alteza suplico me deixar nesses assuntos valer dos próprios olhos.

REI — Não soubeste, jovem Bertram, quanto ela por mim fez?

BERTRAM — Sim, meu senhor; mas nunca saber pude que devo desposá-la.

REI — Não ignoras que, graças a ela, me livrei da morte.

BERTRAM — Mas segue-se, senhor, que minha queda compense vossa cura? Sim, conheço-a; foi educada à custa de meu pai. Com a filha me casar de um pobre médico! Prefiro

que a vergonha me acabrunhe.

REI — desdenhas nela o estado, tão-somente, que em mim está prover. É muito estranho que o nosso sangue, quando misturado com o das outras pessoas, igual peso, cor e temperatura nos revele. mas tanta diferença gere em todos. Se virtuosa ela for e a desprezares. por ser filha, tão-só, de um pobre médico, a virtude desprezas por um nome. Não procedas assim. Quando a virtude mora em lugar humilde, vê-se amiúde deixar ela o lugar enobrecido. Mas onde falta, embora haja apelido da mais alta nobreza, a honra é vazia. Somente o bem é em si de alta valia. O mal é mal. As coisas tão-somente valem pelo que são, independente dos títulos que tenham. Em beleza, mocidade e saber a natureza fez dela em tudo primorosa herdeira, dotando-a de nobreza verdadeira. Zomba da honra quem diz que provém dela sem com ela parecer-se. A honra singela vale mais, quando vem de nosso atos, do que dos avós, embora gratos. A palavra honra é escravo desonrado sobre cada sepulcro, um mutilado troféu na sepultura, que, freqüente, se cala porque o nome resplendente como mortalha venha a ter a poeira e o merecido olvido. Verdadeira resposta me concede. Se possível te for amar a jovem — coisa incrível tão grande indecisão! — farei o resto. Ela e sua virtude manifesto dote constituirão; ouro e nobreza de minha parte lhe darão grandeza.

BERTRAM — Amá-la, é-me impossível, nem pretendo esforçar-me para isso.

REI — A ti te ofendes, mostrando-te indeciso nessa escolha.

HELENA — Alegra-me saber que estais curado, senhor; deixai o resto.

REI — Minha honra está em jogo; urge valer-me de todo o meu poder. Vamos, aceita-a, moço orgulhoso e fútil. Não mereces ser galardoado com tão grande prêmio. Com teu desdém repeles, a um só tempo, meu amor e seu mérito. Não sonhas que se nos colocássemos no prato mais leve da balança em que ela se acha, às traves te jogáramos? Ignoras que depende de nós a honra plantar-te onde nos aprouver que a crescer venha? Refreia o orgulho e nosso alvitre acata, que em teu bem, só, se esforça. Não dês crédito a esse desdém, mas faze que trabalhe para tua fortuna a vassalagem a que o dever te obriga e nossa força. Se não, de nossa graça te afastamos para sempre, atirando-te à vertigem da mocidade e aos erros da tolice, e o ódio e a vingança sobre ti lançamos em nome da justiça, sem parcela de piedade. Responde-me depressa.

BERTRAM — Perdão, gracioso rei; a vossos olhos submeto a fantasia. Quando penso no que de honra e de estado a um vosso aceno pode nascer, acabo convencendo-me de que esta jovem, que até pouco me era tão baixa para os altos pensamentos, nos louvores de um rei lucrou de modo que a nobreza alcançou, como se nobre, de fato, ela nascesse.

REI — Então é tua; toma-lhe a mão e faze dela esposa. Comprometo-me a dar-lhe um dote grande, que não será igual ao teu estado, só porque o excederá.

BERTRAM — A mão lhe aceito.

REI — Que a sorte e o real favor a este contrato sejam sempre propícios. Esta noite celebrada há de ser a cerimônia do recente noivado, mas adiamos o banquete solene, porque a vinda dos amigos ausentes aguardemos. Ama-a com o mesmo amor que me votares, porque te mostres digno de teus pares.

(*Saem o rei, Bertram, Helena, nobres e séqüito.*)

LAFEU — Estais me ouvindo, monsieur? Uma palavrinha.

PAROLLES — Que ordenais, senhor?

LAFEU — Vosso senhor e amo fez muito bem em se retratar.

PAROLLES — Retratar-se? Meu senhor? Meu amo?

LAFEU — Isso mesmo; não falo linguagem de gente?

PAROLLES — Vossa linguagem é muito dura de se ouvir, e só pode ser compreendida com acompanhamento de sangue. Meu amo!

LAFEU — Não pertenceis à companhia do Conde de Rossilhão?

PAROLLES — De qualquer conde, de todos os condes, de toda a gente.

LAFEU — De toda a gente do conde; mas o amo do conde seria papafina.

PAROLLES — Sois muito velho, senhor. Que isso vos baste. Sois muito velho.

LAFEU — É preciso que eu te diga, maroto, que eu sou um homem, o que não chegarás a ser nem depois de velho.

PAROLLES — Não ouso fazer o que posso fazer bem.

LAFEU — Depois de duas ceias em tua companhia, tomei-te por um rapaz de alguma inteligência. De tuas viagens fazias um vento tolerável. Poderia passar; mas as bandeirolas e os pavilhões que apresentavas contribuíram muito para me dissuadir de te considerar navio de grande calado. Agora que te encontrei; pouco se me dá perder-te de novo. Só serves para que te apanhem do chão, e assim mesmo quase não compensa o trabalho.

PAROLLES — Se em tua pessoa não mostrasses a carta de privilégio da antigüidade...

LAFEU — Não puxes demasiado pela cólera, que isso pode apressar-te o castigo. Se tal acontecer... Deus se apiade de ti, galinha choca! E com isso, minha boa janela de rótulas, passa bem. Não tenho necessidade de abrir-te as folhas, porque vejo através de ti. Dá-me a mão.

PAROLLES — O senhor me mimoseia com a mais insigne indignidade.

LAFEU — De todo o coração, que é o que mereces.

PAROLLES — Nada fiz por merecê-la, senhor.

LAFEU — Sim, por minha fé; mereces todas as dracmas dessa indignidade. Não abaixarei um escrópulo sequer.

PAROLLES — Está bem; procurarei ser mais razoável.

LAFEU — Que seja isso o mais cedo possível, porque exalas cheiro justamente do oposto. Se algum dia fores amarrado em tua própria bandeirola e receberes uma coça, perceberás o que é ficar orgulhoso do próprio cativeiro. Às vezes me dá vontade de não interromper nossas relações, ou melhor, o meu conhecimento de tua pessoa, para que em caso de apuro pudesse declarar: conheço esse tipo!

PAROLLES — Submeteis-me, senhor, a um vexame insuportável.

LAFEU — Desejaria poder infligir-te penas infernais para toda a eternidade, mas não tenho poder para tanto. Contudo, não deixarei de fazer o que a idade me permitir, que é afastar-me de tua pessoa. (*Sai.*)

PAROLLES — Deixa estar! Tens um filho, que vai pagar-me esses insultos. É preciso ter paciência, que não se pode algemar a circunspecção. Por minha vida, hei de bater-lhe, no caso de o encontrar de jeito, embora ele fosse duas vezes um senhor de respeito. Terei tanta consideração com a velhice como... Hei de lhe dar uma coça à primeira vez que o encontrar.

(*Volta Lafeu.*)

LAFEU — Maroto, vosso senhor e amo está casado; trago-vos essa novidade. Tendes nova patroa.

PAROLLES — Suplico sinceramente a Vossa Senhoria parar um pouco com vossos ultrajes. Ele é meu bom senhor; mas só considero como meu amo o que está lá em cima.

LAFEU — Quem? Deus?

PAROLLES — Perfeitamente, senhor.

LAFEU — O diabo é que é teu amo. Por que pões ligas nos braços? Das mangas pretendes fazer calças? Os outros criados andam dessa maneira? Farias melhor se pusesses o assento onde trazes o nariz. Por minha honra, se eu fosse mais moço de duas horas apenas, dar-te-ia uma tunda valente. Pareces-me uma ofensa universal, em que toda a gente deveria bater. Sou de parecer que foste criado para que todo o mundo se exercitasse em tua pessoa.

PAROLLES — Vosso procedimento, senhor, é duro e imerecido.

LAFEU — Ide embora, senhor! Fostes castigado na Itália por haverdes roubado pevides de romã. Não passais de um vagabundo; não sois um viajante verdadeiro. Mostrais-vos mais insolente com os fidalgos e pessoas de respeito do que vos autoriza vossa virtude e a nobreza do vosso nascimento. Não mereceis que eu vos dê nenhum qualificativo, senão tão-somente o de velhaco. Deixo-vos sozinho. (*Sai.*)

PAROLLES — Bem; muito bem. Que seja assim. Bem; muito bem. Deixemos isso oculto por algum tempo.

(*Volta Bertram.*)

BERTRAM — Perdido! Entregue para sempre às preocupações!

PAROLLES — Que aconteceu, meu coração?

BERTRAM — Muito embora jurado eu tenha ao padre, não quero saber dela.

PAROLLES — Que acontece, meu coração?

BERTRAM — Ó meu Parolles! Acho-me casado! Para a guerra da Toscana prefiro ir, sem jamais subir ao tálamo da que hoje é minha esposa.

PAROLLES — Nossa França não passa de um chiqueiro. Não merece que pés a calquem

de homens. À guerra! À guerra!

BERTRAM — Recebi estas cartas de minha mãe; não sei o que contêm.

PAROLLES — Isso se verá logo. Para a guerra, meu rapaz, para a guerra! A honra no bolso traz escondida sempre quem se deixa ficar em casa a acariciar a amada, gastando nos seus braços a energia com que os corcovos dominar pudera do ginete de Marte generoso. Para outras terras! De uma estrebaria não passa a França, e nós, que aqui vivemos, não somos mais do que éguas. Para a guerra!

BERTRAM — Será assim. Vou mandá-la para casa; escreverei a minha mãe acerca do ódio que lhe dedico e dos motivos de seguir para a guerra, e ao rei, por carta, direi o que não ouso pessoalmente. O dote recebido vai servir-me para os gastos da guerra da Toscana, onde se encontram muitos gentis-homens. Com casa escura e esposa detestada, a guerra é brincadeira ou quase nada.

PAROLLES — Esse capricho vai durar bastante?

BERTRAM — Vem comigo até o quarto e me aconselha. Mandá-la-ei embora com presteza; à guerra irei, deixando-a sem tristeza.

PAROLLES — Quanta bala a zunir! Que estrondo! É duro! Quem casa cedo é assim, não tem futuro. Pela guerra abandona-a bravamente. Magoou-te o rei... Coragem! Para a frente!

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Outro quarto no palácio. Entram Helena e o bobo.

HELENA — Minha mãe me envia saudares amistosos. Ela está passando bem?

BOBO — Não está bem, mas está com saúde. Encontra-se bastante alegre; contudo, não está bem. Mas graças sejam dadas, porque ela está passando muito bem, sem que nada lhe falte; mas agora, não vai passando bem.

HELENA — Mas se ela está passando bem, de que sofre, para não estar bem?

BOBO — O que é certo que tudo lhe corre bem, com exceção de duas coisas.

HELENA — Quais são elas?

BOBO — Uma, é por não estar ela no céu, para onde Deus deveria levá-la sem demora; a outra, é por se encontrar na terra, de onde Deus deveria tirá-la o mais depressa possível.

(*Entra Parolles.*)

PAROLLES — Deus vos abençoe, venturosa dama.

HELENA — Penso, meu senhor, que conto com vossa boa vontade para a minha boa sorte, pois não?

PAROLLES — Contais com minhas orações para que ela vos alcance e para que possais segurá-la e entrar na posse dela. Olá, maroto! Como vai passando a minha velha senhora?

BOBO — Se pudésseis ter suas rugas e eu o seu dinheiro, desejaria que ela estivesse como dizeis que está.

PAROLLES — Mas seu eu não disse nada!

BOBO — O que vem provar que sois inteligente, porque muita língua de criado faz vir à luz os podres do patrão. Não dizer nada, não fazer nada, não saber de nada e não ter nada: eis o vosso melhor título, que, afinal, é pouco menos de nada.

PAROLLES — Vai saindo, maroto!

BOBO — Deveríeis ter dito, senhor, que eu sou um maroto diante de outro; nestes termos: em minha frente não passas de um maroto. Com isso teríeis dito a verdade, senhor.

PAROLLES — Sai! És um bobo espirituoso. Encontrei-te!

BOBO — Ou vos ensinaram a me encontrar? A busca foi proveitosa, senhor, e é de desejar que encontreis em vós mesmo muita tolice, para maior alegria do mundo e incremento

da hilaridade.

PAROLLES — Bom maroto, realmente, e bem nutrido. Senhora, o conde vai partir à noite, para tratar de assunto muito urgente. Reconhece, sem dúvida, os direitos do amor e os privilégios que podíeis reclamar para vós. Mas é forçado, repito, que a abstinência ora ele aceita, cujo prolongamento condiciona no futuro delícias inefáveis. O tempo escuro agora nos castiga para que, muito breve, as horas fiquem repletas de alegrias até à borda, e de prazer transbordem.

HELENA — Além disso, que mais ele deseja?

PAROLLES — Que hoje mesmo vos despeçais do rei, fazendo ver-lhe que essa resolução de vós proveio, sobre justificardes tanta pressa com razões que julgardes mais plausíveis.

HELENA — Que mais ele me ordena?

PAROLLES — Que após terdes alcançado a licença, novas ordens fiqueis dele a aguardar.

HELENA — Sua vontade em tudo acatarei.

PAROLLES — Vou dizer-lhe isso.

HELENA — Muito vos agradeço. Vamos bobo.

(*Saem.*)

Cena 5

Outro quarto no mesmo. Entram Lafeu e Bertram.

LAFEU — Espero que Vossa Senhoria não o tenha na conta de um soldado.

BERTRAM — Pois não, senhor, de um soldado de comprovada bravura.

LAFEU — Essas informações vos vieram dele mesmo.

BERTRAM — E de testemunhas fidedignas.

LAFEU — Nesse caso, meu relógio não regula. Tomava essa cotovia por uma calhandra.

BERTRAM — Posso asseverar-vos, senhor, que ele possui profundos conhecimentos, que vão de par com sua valentia.

LAFEU — Então eu pequei contra sua experiência e violei as regras de seu valor, sendo a minha situação tanto mais perigosa, por não encontrar no coração do que me arrepender. Aí vem ele. Por obséquio, reconciliai-nos, que me esforçarei por cultivar essa amizade.

(*Entra Parolles.*)

PAROLLES (*a Bertram*) — Tudo está sendo providenciado, senhor.

LAFEU — Por obséquio, senhor, quem é o alfaiate dele?

PAROLLES — Senhor?

LAFEU — Oh! Conheço-o perfeitamente. Sim, senhor; é um bom artista, excelente alfaiate.

BERTRAM (*à parte, a Parolles*) — Ela foi falar com o rei?

PAROLLES — Foi.

BERTRAM — Partirá esta noite?

PAROLLES — Conforme o determinastes.

BERTRAM — Escrevi várias cartas, fiz pacotes de todo o meu dinheiro, ordens expressas mandei, porque aprontassem bons cavalos... E hoje à noite, ao invés de entrar na posse do leito nupcial, tudo arremato antes de começar.

LAFEU — Um viajante inteligente é sempre bem-vindo ao fim da refeição; mas o que vive a soltar mentiras e se vale de uma verdade conhecida para nos impingir mil pataratas, merece ser escutado uma vez e batido três. Deus vos guarde, capitão.

BERTRAM — Houve algum desacordo entre vós e este nobre senhor, monsieur?

PAROLLES — Ignoro o motivo de haver incorrido no desagrado de Sua Senhoria.

LAFEU — Saltastes açodadamente para a vasilha, de bota e esporas tal como o bufão que se joga no creme, e primeiro vos poreis a correr do que apresentareis razões de aí vos encontrardes.

BERTRAM — É possível, milorde, que o tivésseis compreendido mal.

LAFEU — O que sempre acontecerá, ainda que o venha a encontrar no momento de dizer as orações. Passai bem, milorde, e acreditai no que vos digo: não há miolo nessa casca de noz; esse indivíduo tem a alma no vestuário. Não lhe deis crédito em assunto de importância. Já domestiquei muitos tipos dessa espécie e conheço-lhes as manhas. Passai bem, senhor; falei de vós em termos mais lisonjeiros do que merecíeis de mim ou possais vir a merecê-lo. Mas é preciso pagarmos o mal com o bem. (*Sai.*)

PAROLLES — Sujeito fútil, sou capaz de jurar.

BERTRAM — Não penso assim.

PAROLLES — Então não o conheceis?

BERTRAM — Conheço-o bem; é tido pelo povo em muito grande estima. Eis minha cruz.

(*Entra Helena.*)

HELENA — Senhor, seguindo nisso vossas ordens, falei com o rei e permissão obtive para deixar a corte. Ele somente vos quer dizer uma palavra à parte.

BERTRAM — Far-lhe-ei nisso a vontade. Minha conduta, Helena, não vos deve causar admiração, por parecer-vos sem cor e sem propósito e ir de encontro ao que do meu dever se esperaria. Mas não me achava preparado para tal acontecimento, que, sem dúvida me apanhou de surpresa. Esse o motivo de vos pedir que vades para casa sem que estranheza reveleis por isso. Tenho motivos muito mais razoáveis do que dão impressão, sendo que há muito mais urgência no assunto dessa viagem do que à primeira vista poderíeis supor, desconhecendo o que se passa. Dai isto a minha mãe. (*Entrega-lhe uma carta.*) Como só posso ver-vos daqui a dois dias, vos entrego à vossa discrição.

HELENA — Nada vos digo, senhor, senão que sou vossa fiel serva.

BERTRAM — Deixai; não faleis nisso.

HELENA — E que hei de sempre me esforçar por suprir o que não pôde me dar humilde estrela, em tudo digna me mostrando da sorte inesperada.

BERTRAM — Deixai. Estou com pressa. Voltai logo para casa.

HELENA — Perdoai-me, por obséquio, senhor.

BERTRAM — Que pretendeis dizer com isso?

HELENA — Não mereço a fortuna que me coube; não me atrevo a dizer que me pertence. No entanto, é minha mesmo. Qual medroso ladrão, hei de roubar modestamente do que me deu a lei.

BERTRAM — Que mais quereis?

HELENA — Um quase nada... Muito... Nada! Nada! Não vos direi, senhor, o que me ocorre... Não; vou dizer: só estranhos e inimigos se despedem sem se beijarem.

BERTRAM — Por favor, depressa! Montai logo a cavalo.

HELENA — Vossas ordens, meu bom senhor, serão obedecidas.

BERTRAM — (*a Parolles*): Os outros homens, onde estão? (*A Helena*): Adeus, (*Sai Helena.*) Vai logo para casa, onde não hei de tornar a pôr os pés enquanto espada puder brandir e o toque ouvir da luta. Para a guerra!

PAROLLES — Coraggio! Bravo! Bravo!

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Florença. Um quarto no palácio do duque. Clarins. Entram o duque, com séqüito, dois nobres franceses e soldados.

DUQUE — Assim, de ponta a ponta, ouvistes todas as razões desta guerra inevitável, que tanto sangue tem custado e muito mais sede ainda revela.

PRIMEIRO NOBRE — A luta é santa de vosso lado, negra e pavorosa do lado dos contrários.

DUQUE — Por isso mesmo muito nos surpreende que nosso primo, o Rei da França, o peito feche aos nossos apelos.

PRIMEIRO NOBRE — Caro príncipe, razões do Estado, nunca as soube, nunca. Como um particular que sempre longe viveu da corte, só na fantasia me figuro os conselhos imponentes. Não ouso, pois, dizer-vos o que penso, visto já ter errado muitas vezes em minhas oscilantes conjeturas.

DUQUE — Seja o que ele quiser.

SEGUNDO NOBRE — Mas estou certo de que os nossos fidalgos, enfarados por não fazerem nada, aqui, bem presto, virão buscar a cura por que anseiam.

DUQUE — Serão muito bem-vindos. Neles hão de pousar as honras que de mim voarem. Conheceis vossos postos. Tereis sorte, se os grandes alcançar a fria morte.

(*Clarins. Saem.*)

Cena 2

Rossilhão. Um quarto no palácio da condessa. Entram a condessa e o bobo.

CONDESSA — Tudo se passou como eu o desejara, com a diferença de ele não a trazer consigo.

BOBO — Por minha fé, considero meu jovem senhor um homem muito melancólico.

CONDESSA — Como chegastes a essa conclusão, por obséquio?

BOBO — Ora, ele olha para as botinas e canta, endireita a gola e canta, faz perguntas e canta, palita os dentes e canta. Conheço um homem que tinha esse vício da melancolia e vendeu uma bela propriedade por uma canção.

CONDESSA (*abrindo a carta*) — Vejamos o que ele me escreve e quando pretende voltar.

BOBO — Não penso em Isbel desde que estive na corte. Nosso velho bacalhau e os Isbéis do campo são coisa nenhuma em confronto com o velho bacalhau e as Isbéis da corte. Meu Cupido levou uma marretada na cabeça, tendo eu começado a amar, como os velhos amam o dinheiro, sem grande apetite.

CONDESSA — Que temos aqui?

BOBO — Precisamente o que tendes aí. (*Sai.*)

CONDESSA — "Envio-vos uma nora; ela curou o rei e me desgraçou. Desposei-a, mas não compartilhei do leito dela, tendo jurado comigo mesmo que esse 'Não' será eterno. Mais cedo ou mais tarde tereis de ficar sabendo da minha partida; recebei, pois, de mim esta notícia, antes de virdes a sabê-la por outras vias. Se o mundo for bastante largo, manter-me-ei sempre a grande distância. Meus respeitos filiais. Vosso desventurado filho Bertram." Foi malfeito. Oh rapaz precipitado, sem medida nenhuma! Desse modo desprezar os favores de um monarca, contra ti próprio lhe chamando a cólera, por desprezado haver uma donzela tão rica de virtudes e que fora digna até mesmo de ocupar um trono!

(*Volta o bobo.*)

BOBO — Ó madame! Lá fora há notícias pesadas entre dois soldados e a minha jovem senhora.

CONDESSA — Que é que há?

BOBO — Mas há alguma consolação nessas notícias, alguma consolação: vosso filho

não há de ser morto tão depressa como eu julgava.

CONDESSA — Por que haveria de ser ele morto?

BOBO — Quero dizer, madame, no caso de fugir, como dizem que o fez. O perigo consiste em enfrentar o perigo, que é como os homens perdem e as crianças vêm ao mundo. Eis que chegam as pessoas que vos poderão contar melhor do que eu o de que se trata. De minha parte, só ouvi dizer que vosso filho fugiu.

(*Entram Helena e dois gentis-homens.*)

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Deus vos guarde, senhora.

HELENA — Ó condessa! o meu senhor partiu, partiu para sempre!

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Não faleis desse modo.

CONDESSA — Ficai calma. Senhores, por obséquio... Tantos golpes me têm tocado a um tempo, de alegria e tristeza, que impossível terá de ser qualquer deixar-me agora sem a calma precisa. Por obséquio: meu filho onde se encontra?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Foi, senhora servir na guerra ao Duque de Florença. Em caminho o encontramos, pois viemos justamente de lá, sendo que logo que nos desincumbirmos da mensagem que à corte nos conduz, para Florença voltaremos de novo.

HELENA — Nesta carta, senhora, encontrareis meu passaporte. “Quando conseguires o anel que trago no dedo, e que jamais sairá dele, e quando puderes mostrar-me um filho nascido de teu ventre, que tenha sido gerado por mim: então poderás dar-me o nome de esposo. Mas esse “então“ vale por um “nunca.” “Que sentença terrível!”

CONDESSA — Cavalheiros, fostes os portadores desta carta?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Sim, condessa, pesando-nos o esforço de trazê-la, ao sabermos do que trata.

CONDESSA — Menina, por favor mostra-te alegre; se ficares com todas as tristezas, senhoreias a parte que me toca. Ele era filho meu. Seu nome agora do sangue apago, porque fiques sendo minha filha tão-só. Então, certo que foi para Florença?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Sim, condessa.

CONDESSA — Quer ser soldado?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Esse seu nobre empenho, e podeis ficar certa de que o duque vai cobri-lo de quantas honrarias faz jus seu nobre sangue.

CONDESSA — Novamente viajais para Florença?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Sim, condessa; com as lestas asas que nos der a pressa.

HELENA — “Enquanto esposa eu não tiver, em França não terei coisa alguma,” É muito amargo.

CONDESSA — Na carta encontrais isso?

HELENA — Sim, condessa.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Talvez a mão, somente houvesse tido semelhante ousadia, sem que dela tomasse o coração conhecimento

CONDESSA — Enquanto esposa não tiver, em França não terá coisa alguma! Nada a França tem digno dele, se não for Helena, que merece um marido a que servissem dez rapazes assim como ele, rudes, que a toda hora a chamassem de senhora. Quem estava com ele?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Um criado, apenas, e um cavalheiro que eu conheço há pouco.

CONDESSA — Parolles, não?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Precisamente, minha cara senhora.

CONDESSA — É um tipo difamado, cheio de malvadez. Meu filho estraga na companhia dele o seu caráter de princípios tão bons.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Razão vos sobra no que dizeis, condessa. Ele defeitos em excesso possui, que hão de impedi-lo de alguma coisa ser em qualquer tempo.

CONDESSA — Sois bem-vindos, senhores. Quando virdes novamente meu filho, por obséquio dizei-lhe que jamais com a espada ele há de ganhar a honra perdida. Outros recados de minha parte, em carta, heis de levar-lhe.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Contai conosco, nobre dama, nisto, como em qualquer assunto de importância.

CONDESSA — Isso só bastará, se não mudarmos. Vireis comigo, não?

(*Saem a condessa e os gentis-homens.*)

HELENA — "Enquanto esposa eu não tiver, em França não tereis coisa alguma." Não tem nada na França, enquanto não tiver esposa! Nenhuma esposa, Rossilhão, na França virás a ter, nenhuma. Depois, tudo de novo há de ser teu. Pobre marido! Eu sou a que te expulso de tua pátria e os gráceis membros aos cruéis eventos das batalhas te exponho? Eu, que da corte tão amável te arranco, onde olhos temos sobre ti convergiam, para seres alvo dos fumegantes mosqueteiros? Mensageiros de chumbo, que os ginetes de fogo cavalgais devastadores, errai o alvo! Cortai o ar sossegado, que canta ao ser rasgado, mas no esposo não me toqueis! Se a mira puser nele qualquer atirador, de mim lhe veio semelhante incumbência; se lhe o peito nobre alguém atacar, a miserável fui eu que o concitei a essa aventura. E conquanto o não mate, sempre a causa serei de seu trespasse. Melhor fora, para mim, encontrar o leão terrível, quando ruge acossado pela fome; muito melhor que todas as misérias da natureza, a um tempo, fossem minhas. Não, Rossilhão, retorna para casa! Esses lugares deixa em que a honra ganha somente cicatrizes e, por vezes, chega tudo a perder. Sairei de casa. Se a causa eu sou de andares desterrado, poderei aqui estar? Não! Ainda mesmo que aqui do paraíso o ar respirasse e servida por anjos eu me visse. Partirei, porque o boato compassivo fale de minha fuga e, de

algum modo, te sirva de consolo. Vem depressa, noite escura! Termina, ó dia feio! que eu, pobre ladra, as trevas não receio. (*Sai.*)

Cena 3

Florença. Diante do palácio do duque. Clarins. Entram o duque, Bertram, Parolles e soldados tocando tambores e trombetas.

DUQUE — Ficarás sendo o general de nossa cavalaria. Rico de esperanças, depositando nosso amor em tua fortuna promissora.

BERTRAM — É muito peso, senhor, para estes ombros. Todavia, por se tratar de vossa causa digna, procurarei levá-lo ao ponto extremo.

DUQUE — Vai logo, e que a Fortuna, qual amada caprichosa, te afague o capacete.

BERTRAM — Ó grande Marte, neste dia eu entro para tuas fileiras! Dá que eu seja conforme os pensamentos que me agitam, que amante eu provarei ser do tambor, como inimigo acérrimo do amor.

(*Saem.*)

Cena 4

Rossilhão. Um quarto no palácio da condessa. Entram a condessa e o intendente.

CONDESSA — Por que aceitaste a carta? Não previas que ao te entregar a carta ela haveria de fazer o que fez? Lê-a de novo.

INTENDENTE (*lê*) — Parto como devota de São Tiago. Culpada me tornou o amor ousado; descalça, agora, o frio chão afago porque demover possa o dum fado. Escrevei logo, porque meu marido, vosso filho, sair possa da guerra. Vivei felizes, que este dolorido coração ficará numa outra terra. Possa ele me perdoar a dura sorte. Juno implacável, o mandei para onde os heróis acossados são da morte, longe da corte onde o prazer se esconde. É bom demais para morrer agora. Que a morte, então, me leve em boa hora.

CONDESSA — Quantos espinhos nessas frases brandas! Rinaldo, nunca te mostraste tanto destituído de senso, como ao teres deixado que se fosse. Se eu tivesse conversado com ela, a demovera de semelhante intento. Ora burlou-nos qualquer expectativa de retê-la.

INTENDENTE — Perdão, senhora, mas se eu vos tivesse dado a carta esta noite, é bem possível que a houvéssemos pegado. Todavia, ela escreveu que tudo fora inútil.

CONDESSA — Como pode haver anjo que abençoe marido tão indigno? Venturoso jamais poderá ser, se lhe faltarem as orações da esposa, que acolhida sempre acharam no céu, porque da cólera do Julgador supremo o deixem livre. Rinaldo, escreve, escreve sem demora ao marido que indigno se revela de uma tal companheira. Que as palavras de tua carta pesem tanto quanto cada um dos grandes méritos de Helena, que tão de leve ele avalia agora. Mostra-lhe quanto é grande o meu desgosto, conquanto mossa alguma isso lhe faça. Confia a carta a um mensageiro prático. Talvez retorne, quando ouvir a nova da partida de Helena, sendo crível que esta, ao saber que em casa ele se encontra, voltará sem demora, conduzida pelo mais puro amor. Dizer não posso qual dos dois me é mais caro; habilidade para tanto me falta. Cuida logo do mensageiro. O coração no peito se me aperta; a velhice em mim já pesa. A chorar a tristeza ora me obriga, mas discursos me arranca a dor imiga.

(*Saem.*)

Cena 5

Diante dos muros de Florença. Ao longe, toque de trombeta. Entram uma viúva de Florença, Violenta, Mariana e vários cidadãos.

VIÚVA — Vinde para mais perto, porque se eles se aproximarem da cidade, não veremos coisa nenhuma.

DIANA — Dizem que o conde francês prestou serviços inestimáveis.

VIÚVA — O que corre por aí é que ele aprisionou o principal comandante e que com a própria mão tirou a vida ao irmão do duque. Perdemos o trabalho! Tomaram outra estrada. Atenção! Trombetas!

MARIANA — Vamos embora. Contentemo-nos em ouvir o que nos contarem. Diana, toma cuidado com esse conde francês. A honra de uma donzela é sua fama, não havendo dote de mais valor do que a honestidade.

VIÚVA — Contei a minha vizinha que fostes solicitada por um gentil-homem da companhia dele.

MARIANA — Conheço esse tipo. Que se enforque! Um tal Parolles; é um oficial ignóbil, o demônio tentador do jovem conde. Diana, cuidado com eles; suas promessas, seduções, juramentos, presentinhos e todos esses artifícios da luxúria, não são o que parecem ser. Muitas donzelas já foram desviadas por eles; mas infelizmente o espetáculo da virgindade naufragada, com suas terríveis conseqüências, não serve de exemplo para ser evitado, havendo muitas donzelas que se deixam pegar no visgo que para elas é preparado. Penso que não precisarei insistir, por estar certa de que a tua virtude te conservará como estás, ainda que a perda da modéstia fosse o único perigo a temer.

DIANA — Podeis ficar tranqüila a meu respeito.

VIÚVA — É o que espero. Vêde; aí vem uma peregrina. É certeza ir pousar em casa, porque todos os peregrinos a recomendam. Vou falar-lhe. (*Entra Helena, em trajes de peregrino.*) Deus vos proteja em tudo, peregrina. Onde ides repousar?

HELENA — Na hospedaria de São Jaques le Grand, onde se alojam todos os peregrinos. Onde fica?

VIÚVA — Perto dos Franciscanos, junto ao porto.

HELENA — É este o caminho?

VIÚVA — Sim; por aí mesmo. (*Marcha guerreira, ao longe.*) Vêm vindo por aqui. Se

demorardes, santa peregrina, para ver o desfile, eu te encarrego de até lá conduzir-vos, pois conheço como a mim própria a dona da hospedagem.

HELENA — Sois ela, não?

VIÚVA — Decerto, peregrina, se não vos causo incômodo.

HELENA — Obrigada. Esperarei o tempo que quiserdes.

VIÚVA — Viestes da França, penso.

HELENA — De lá mesmo.

VIÚVA — Ides ver um patrício valoroso, que adquiriu grande fama.

HELENA — Qual seu nome?

VIÚVA — É o Conde Rossilhão. Sabeis quem seja?

HELENA — Só de nome o conheço; falam dele com muitos elogios. Nunca o vi.

DIANA — Seja quem for, é tido em alta conta. Por aqui dizem que fugiu de França porque o rei o casou contra a vontade. Pensais que seja assim?

HELENA — Pura verdade; conheço sua esposa.

DIANA — Um gentil-homem do serviço de conde fala dela com muito desrespeito.

HELENA — Qual seu nome?

DIANA — Monsieur Parolles.

HELENA — Dou-lhe todo crédito, porque em matéria de elogios, tendo-se em mira o grande conde, ela é pequena por demais para ser sequer lembrada. Consiste todo o seu merecimento na moral mais severa, não havendo quem sobre isso aventure qualquer dúvida.

DIANA — Pobre senhora! É escravidão penosa casar-se alguém com quem ódio lhe vota.

VIÚVA — decerto. Coitadinha! Em qualquer parte que esteja, há de sofrer. Esta menina que aqui vêdes, podia preparar-lhe uma velhacaria.

HELENA — Em que sentido dizeis isso? Pensais que, apaixonado dela, o conde podia apresentar-lhe propostas menos lícitas?

VIÚVA — Foi isso, realmente, o que se deu. Ele se vale de todos os engodos que em tais casos a grácil honra ameaçam das donzelas. Mas ela está de guarda e se acautela contra ele numa honesta resistência.

MARIANA — Deus não queira que seja de outro modo!

(*Entram Bertram e Parolles, precedidos de tambores e estandartes e seguidos de parte do exército florentino.*)

VIÚVA — Ei-los! Aquele é Antônio, o primogênito do duque. Aquele é Escalo.

HELENA — Qual é o conde francês?

DIANA — Aquele ali, que traz a pluma. É um moço lindo. Desejara que ele tivesse amor

à esposa. Caso fosse mais fiel, me parecera mais amável Não é elegante?

HELENA — A mim parece bem.

DIANA — É pena ser desleal. Aquele é o biltre que leva o conde para o mau caminho. Se eu fosse a esposa, já teria dado veneno a esse patife.

HELENA — Qual é deles?

DIANA — Aquele mono ali, cheio de fachas. Mas por que estará triste?

HELENA — Foi ferido, decerto, no combate.

PAROLLES — Ora! Ora! Perder nosso tambor!

MARIANA — Parece muito contrariado. Atenção, que ele nos viu!

VIÚVA — Vai te enforcar, idiota!

MARIANA — Por que tanta reverência para um alcoviteiro?

(*Saem Bertram, Parolles, oficiais e soldados.*)

VIÚVA — As tropas já passaram. Peregrina, vou levar-vos agora para casa. Já estão na hospedaria quatro ou cinco penitentes que vão cumprir promessa no túmulo do grande São Tiago.

HELENA — Agradeço-vos muito humildemente. Se esta senhora e sua gentil filha se dignarem de cear hoje conosco, os gastos pagarei, sobre ficar-lhes agradecida. Mais: porque vos possa recompensar, darei alguns conselhos a esta menina, dignos de anotados.

AMBAS — Aceitamos de grado vosso invite.

(*Saem.*)

Cena 6

Acampamento diante de Florença. Entram Bertram e dois nobres franceses.

PRIMEIRO NOBRE — Assim mesmo, caro conde; experimentai-o; fazei-lhe a vontade nesse ponto.

SEGUNDO NOBRE — Se Vossa Senhoria, não se convencer de que ele é um poltrão de marca, consinto em perder vossa estima.

PRIMEIRO NOBRE — Por minha vida, senhor, não passa de uma bolha de sabão.

BERTRAM — Acreditais que eu me iludi a tal ponto a respeito dele?

PRIMEIRO NOBRE — Podeis crer no que vos digo, milorde. Por tudo o que sei a seu respeito, por experiência própria, falando sem qualquer malícia, como se se tratasse de um parente, considero-o um covarde de primeira, mentiroso infinito e ilimitado, sujeito que a todos os momentos falta com a palavra, carecente de qualquer qualidade merecedora das atenções de Vossa Senhoria.

SEGUNDO NOBRE — Seria bom que o ficásseis conhecendo, para não acontecer que em algum negócio importante venhais a contar com qualidades que ele não possuir e, assim, ficardes em situação desagradável.

BERTRAM — Desejara que se oferecesse uma oportunidade para experimentá-lo.

SEGUNDO NOBRE — Não há melhor oportunidade do que mandá-lo buscar o tambor que os inimigos lhe tomaram, o que ele tanto se gaba de poder fazer.

PRIMEIRO NOBRE — Eu e outros florentinos haveremos de surpreendê-lo. Terei o cuidado de escolher gente desconhecida dele, para que ele julgue tratar-se de inimigos. Havemos de amarrá-lo e de tapar-lhe os olhos, de forma que não possa deixar de acreditar que o conduzimos para o acampamento dos adversários, quando, em verdade, o levamos para nossas tendas. Assista Vossa Senhoria ao interrogatório a que o submetermos. Se, levado pelo mais vergonhoso medo da morte, só pela promessa de o deixarmos vivo, ele não se prontificar a vos trair e a nos revelar tudo o que sabe a vosso respeito, empenhando nisso até mesmo a salvação da alma, nunca mais confieis no meu julgamento, seja sobre que assunto for.

SEGUNDO NOBRE — Oh! Pelo amor da gargalhada, mandai-o buscar o tambor. Ele espalha por aí tudo que dispõe de um estratagema infalível. Quando Vossa Senhoria puder enxergar até ao fundo de seu êxito e se certificar da escória a que ficou reduzido esse falso lingote de metal, se não passardes a tratá-lo como um João Tambor, é que vossa inclinação é

realmente inabalável. Ei-lo que chega.

PRIMEIRO NOBRE — Oh! pelo amor da gargalhada, não nos priveis de semelhante brincadeira. Mandai-o buscar o tambor, seja como for.

(*Entra Parolles.*)

BERTRAM — Então, monsieur! Ainda estais a pensar no tambor?

SEGUNDO NOBRE — Ora, que o leve a breca.' Afinal, que é um tambor?

PAROLLES — Que é um tambor? Sim, é um tambor. Mas perder um tambor dessa maneira! Excelente comando, em verdade! Atirar a cavalaria contra nossas próprias asas e destroçar nossos próprios soldados!

SEGUNDO NOBRE — Não devemos censurar o comando; foi um desastre que o próprio César não poderia ter evitado, se tivesse sido dele a direção.

BERTRAM — Bem; não lastimemos o que se deu. É certo que alguma desonra nos atinge com a perda desse tambor. Mas agora não podemos pensar em reavê-lo.

PAROLLES — Pois é possível reavê-lo.

BERTRAM — Já foi possível; agora é tarde.

PAROLLES — Ainda é possível. Se o mérito dos grandes feitos nas campanhas militares não fosse tão raramente atribuído a quem os executa com verdade e exatidão, eu poderia reaver não só esse tambor como qualquer outro, ou *hic jacet.*

BERTRAM — Então, monsieur, se revelais tanto desejo disso, se tendes a certeza de que vosso misterioso estratagema poderá fazer voltar para o seu quartel natal esse instrumento de honra, sêde magnânimo no empreendimento, e mãos à obra! Considerarei tal feito como uma façanha gloriosa. Se fordes bem-sucedido, o duque não somente falará de semelhante empreendimento, como vos fará sentir os benefícios de sua grandeza até à última sílaba do vosso mérito.

PAROLLES — Por esta mão de soldado, vou tentá-lo.

BERTRAM — Não deixeis que o assunto durma.

PAROLLES — Vou começar ainda esta tarde, passando desde já a desenhar os planos, a dar força a minha resolução e a ditar as minhas últimas disposições. Lá pela meia-noite ouvireis falar de mim.

BERTRAM — Posso ter a ousadia de comunicar a Sua Graça que já destes início a esse empreendimento?

PAROLLES — Qual seja o fim disso, milorde, não saberei dizê-lo; mas juro que farei uma tentativa.

BERTRAM — Tenho-te na conta de bravo, e subscrevo tudo o que é de esperar de tua coragem de soldado.

PAROLLES — Não sou amigo de muitas palavras. (*Sai.*)

PRIMEIRO NOBRE — Tão pouco amigo quanto o peixe da água. Que achais de um sujeito como esse, milorde, que parece entrar com tamanha confiança em um negócio que antecipadamente tem por impraticável? Com essa resolução ele mesmo se condena às penas eternas, preferindo ser condenado a levar avante o empreendimento.

SEGUNDO NOBRE — Não o conheceis tanto quanto nós, milorde. É certo que sabe o segredo de insinuar-se nas graças de qualquer pessoa, evitando, por uma semana, que se lhe descubram as tricas; mas, uma vez desmascarado, tê-lo-eis preso para sempre.

BERTRAM — Como! Acreditais que não fará nada do que prometeu com tanta solenidade?

PRIMEIRO NOBRE — Absolutamente nada; voltará da aventura com uma invencionice qualquer, pespegando-vos duas ou três mentiras a jeito. Mas já lhe descobrimos o rasto; esta noite haveis de vê-lo na armadilha, porque, em verdade, não é digno das atenções de Vossa Senhoria.

SEGUNDO NOBRE — Primeiro, brincaremos um pouco com a raposa, antes de lhe tirarmos a pele. O velho senhor Lafeu já está na pista. Quando lhe tirarmos a máscara, haveis de ver que tipo sórdido ele é, de fato, o que não passará desta noite.

PRIMEIRO NOBRE — Preciso ir preparar a armadilha; havemos de apanhá-lo.

BERTRAM — Vosso irmão ficará comigo.

PRIMEIRO NOBRE — Como for do agrado de Vossa Senhoria. Deixo-vos. (*Sai.*)

BERTRAM — Agora vou levar-vos à hospedagem, onde a jovem está de que falamos.

SEGUNDO NOBRE — Dissestes que ela é honesta.

BERTRAM — É o seu defeito. Falei-lhe uma só vez, tendo-a encontrado extremamente fria. Mas mandei-lhe por esse mesmo biltre, em cuja pista nos pusemos, presentes e missivas, que ela me devolveu. É tudo o que houve. É uma criatura linda. Quereis vê-la?

SEGUNDO NOBRE — Irei de todo coração, milorde.

(*Saem.*)

Cena 7

Florença. Um quarto em casa da viúva. Entram Helena e a viúva.

HELENA — Se duvidais que eu seja ela, realmente, não sei que outras razões possa aduzir-vos se não for estragando o próprio plano.

VIÚVA — Conquanto empobrecida, sou de boa família; desconheço esses assuntos. Não posso, assim, comprometer o nome numa ação duvidosa.

HELENA — Nunca tive semelhante intenção. Mas podeis crer-me: o conde é meu marido. Tudo quanto vos confiei há momentos é verdade, palavra por palavra. Nem possível será, portanto, cometerdes algo passível de censura, se me derdes o auxílio que vos disse.

VIÚVA — Convencida me confesso depois que apresentastes prova de que sois rica.

HELENA — Tomai esta bolsa com moedas de ouro, permitindo-me vos compre, desta forma, a ajuda amiga, que de pagar não deixarei mais vezes depois de obtido tudo. A vossa filha corteja o conde, tendo posto cerco, com o viço que lhe é próprio, à sua rara formosura, disposto a conquistá-la. Ela que ceda e à risca siga os nossos conselhos, que há de em bem acabar tudo. Não há de recusar o sangue altivo do conde o que ela exigir dele em paga. Um anel de família usa ele sempre, que de pai para filho vem passando há quatro ou cinco gerações, contadas desde o primeiro dono. Em alta estima tem o conde esse anel; mas ante a ardência de seus desejos, porque o intento alcance, dele se desfará, embora venha depois a arrepender-se.

VIÚVA — Já começo a entender vosso plano.

HELENA — E quanto ele é legítimo. Consiste, simplesmente, em mostrar-lhe vossa filha, antes de parecer que se lhe entrega, desejos de possuir aquela jóia. Depois lhe marcará uma entrevista, que ficará a meu cargo, conservando-se castamente a distância. Alcançando isso, lhe darei, de crescença, como dote, três mil coroas mais do que assentamos.

VIÚVA — Nada mais oporei. Só falta, agora, dardes a minha filha as necessárias instruções, porque o tempo e as circunstâncias esse embuste legal ajudar possam. Como sempre, à noitinha trará músicos variados e canções feitas em honra de sua indignidade. Em vão tentamos enxotá-lo de casa; ele persiste como quem joga nisso a própria vida.

HELENA — Então à noite a peça ensaiaremos. Sendo bem-sucedida, em ação boa transmudaremos o ato que destoa, e embora seja, em si, o passo errado, nenhum dos dois cometerá pecado. Mas passemos à ação.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Fora do campo florentino. Entra o primeiro nobre francês, com cinco ou seis soldados, que se põem de emboscada.

PRIMEIRO NOBRE — Ele não poderá deixar de passar pelo canto desta sebe. Quando saltardes sobre ele, falai a linguagem terrível que bem vos parecer, não importando que vós mesmos não vos entendais, pois teremos de dar a impressão de não entender o que ele disser, com exceção de um do nosso grupo, que servirá de intérprete.

PRIMEIRO SOLDADO — Bom capitão, permiti que seja eu o intérprete.

PRIMEIRO NOBRE — Não és das relações dele? Ele não conhece a tua voz?

PRIMEIRO SOLDADO — Não, senhor; posso assegurar-vos.

PRIMEIRO NOBRE — Mas em que geringonça falarás conosco?

PRIMEIRO SOLDADO — Na mesma em que me falardes.

PRIMEIRO NOBRE — É preciso que ele nos tome por um bando de estrangeiros a soldo do inimigo. Mas como ele possui umas tinturas dos dialetos da vizinhança, cada um de nós terá de falar como lhe ditar a fantasia, sem se preocupar com o que os outros possam estar a dizer. O que importa é darmos a impressão de que nos entendemos; a linguagem das gralhas ou o grasnar dos corvos, tudo serve. Quanto a vós, intérprete, precisareis agir como um grande político. Mas agachai-vos! Aí vem ele, para enganar duas horas a dormir e depois voltar e jurar quantas mentiras tenha forjicado.

(*Entra Parolles.*)

PAROLLES — Dez horas! Daqui a três horas será tempo de voltar para casa. Que direi que fiz neste meio-tempo? Preciso inventar qualquer mentira plausível, que me tire deste apuro. Já começam a desconfiar; de certo tempo a esta parte, a infelicidade me tem batido à porta com bastante freqüência. Sei que tenho a língua ousada, mas o coração sempre se mostrou medroso de Marte e de seus filhos, motivo por que não se atreve a pôr em execução o que ela avança.

PRIMEIRO NOBRE (*à parte*) — Essa é a primeira verdade de que em qualquer tempo a tua língua se mostrou culpada.

PAROLLES — Que diabo me levou a dizer que eu podia reaver esse tambor, se eu sabia perfeitamente que se tratava de feito impraticável e nunca tivera a intenção de realizá-lo? Terei de praticar em mim mesmo alguns ferimentos, para poder afirmar, depois, que os adquiri nesta aventura. Mas ferimentos superficiais de nada servirão, pois poderão objetar-me: “Voltastes da

empresa com tão pouco?" Bem, mas ferimentos graves, não tenho coragem de fazer. E, afinal, para quê? Língua, pôr-te-ei na boca de uma mulher de manteiga e comprarei outra dos mudos de Bajazet, se com tua tagarelice te meteres em outra enrascada igual a esta.

PRIMEIRO NOBRE (*à parte*) — Será possível que se conheça a tal ponto e continue sendo o que é?

PAROLLES — Quem me dera que bastasse para me tirar do apuro produzir alguns rasgões na roupa, ou quebrar a minha espada espanhola!

PRIMEIRO NOBRE (*à parte*) — O que não te permitiríamos.

PAROLLES — Ou cortar a barba, para depois dizer que isso fazia parte dos meus planos.

PRIMEIRO NOBRE (*à parte*) — De pouco te serviria tal serviço.

PAROLLES — Ou atirar na água as vestes, e dizer que me despojaram.

PRIMEIRO NOBRE (*à parte*) — Será difícil.

PAROLLES — Ainda que eu jurasse haver saltado da janela da cidadela...

PRIMEIRO NOBRE (*à parte*) — De que altura?

PAROLLES — ...trinta toezas.

PRIMEIRO NOBRE (*à parte*) — Três juramentos solenes ainda foram insuficientes para que acreditassem em tua palavra.

PAROLLES — Se eu conseguisse arranjar um tambor qualquer dos inimigos, juraria que havia reconquistado o meu.

PRIMEIRO NOBRE (*à parte*) — Vais ouvir um neste momento.

PAROLLES — Um tambor do inimigo!

(*Ouve-se sinal de alarma.*)

PRIMEIRO NOBRE — Throca movousus, cargo, cargo, cargo!

TODOS — Cargo, cargo, villianda par corbo, cargo. (*Atiram-se sobre Parolles e amarram-lhe os olhos.*)

PAROLLES — Oh! Resgate! Resgate! Não me amarreis os olhos!

PRIMEIRO NOBRE — Boskos thromuldo boskos.

PAROLLES — Vejo que sois do regimento Muskos. Oh! Terei de morrer, por ser-me estranha vossa linguagem. Entre vós, acaso, não há nenhum francês, ou italiano, holandês, alemão, dinamarquês? Que me venha falar; hei de fazer-lhe revelações capazes de a desgraça levar aos florentinos.

PRIMEIRO SOLDADO — Boskos vauvado. Falo tua língua e entendo o que disseste. Kerelybonto, amigo. Pensa na salvação, pois dezessete punhais tens ante o peito.

PAROLLES — Oh!

PRIMEIRO SOLDADO — Reza! Reza! Manha revania dulche.

PRIMEIRO NOBRE — Oscorbidulchos volivorco.

PRIMEIRO SOLDADO — Permite o general que te poupemos. Vendado como estás, irás conosco, porque ele te interrogue. Talvez possas dizer-nos algo que te salve a vida.

PAROLLES — Oh! Deixai-me viver, que vos prometo revelar tudo o que há no nosso campo: a quanto montam nossos efetivos, os planos de campanha. Vou deixar-vos perplexos, podeis crer-me.

PRIMEIRO SOLDADO — Sem mentiras?

PAROLLES — Por minha salvação: puras verdades.

PRIMEIRO SOLDADO — Acordo linta. Vem conosco; damos-te algum tempo de prova.

(*Saem escoltando Parolles alarma ao longe.*)

PRIMEIRO NOBRE — Ide dizei ao meu irmão e ao Conde de Rossilhão que o pássaro está preso. Vendado vai ficar até que novas venhamos a ter deles.

SEGUNDO SOLDADO — Sem demora, meu capitão.

PRIMEIRO NOBRE — Dizei-lhes, também, que ele nos pretende trair para nós mesmos.

SEGUNDO SOLDADO — Perfeitamente.

PRIMEIRO NOBRE — Mas que até esse instante na sombra ficará sob sete chaves.

(*Saem.*)

Cena 2

Um quarto em casa da viúva. Entram Bertram e Diana.

BERTRAM — Chamai-vos Fontebela? Assim disseram-me.

DIANA — Não meu senhor; Diana.

BERTRAM — Excelsa deusa.! Sois digna desse nome e demais, ainda. Mas dizei-me, linda alma; nessa forma tão perfeita não tem o amor império? Se o coração não vos anima o fogo da mocidade, é que não sois vivente, mas uma estátua, apenas. Quando morta, ficareis como agora: fria e séria. Mas deveríeis ser neste momento como era vossa mãe, ao engendrar-vos assim tão meiga e bela.

DIANA — Ela era honesta.

BERTRAM — Vós também o sereis.

DIANA — Não, que ela apenas cumpria o seu dever, tal qual, milorde, como de vós espera vossa esposa.

BERTRAM — Não falemos mais nisso. Por obséquio, deixa de resistir a minhas súplicas. A outra, a mal de meu grado, me ligaram; mas preso a ti me sinto pelos próprios elos do amor, tão gratos e inquebráveis, pondo-me eternamente a teu serviço.

DIANA — Vós nos servis até que vos sirvamos; mas, uma vez colhidas nossas rosas, permitis, simplesmente, que nos punjam nossos próprios acúleos, sobre rirdes do estado em que ficamos.

BERTRAM — Não te tenho jurado tantas vezes?

DIANA — A verdade, muitas juras nem sempre a certificam; um só voto, para isso, é suficiente, do imo peito nascido. Só juramos pelo que é mais sagrado, reportando-nos à presença do Altíssimo. Dizei-me, por favor: se eu jurasse pelos grandes atributos de Jove que vos tinha amor quase infinito, acreditáreis em quanto vos dissesse, se em prejuízo vosso fosse esse amor? Não é insensato jurar a quem protesto amar deveras que pretendo arruiná-lo? Vossas juras, portanto, são palavras sem sentido, carecem de chancela, pelo menos no meu modo de ver.

BERTRAM — Muda de idéia. Não sejas cruel e santa ao mesmo tempo. O amor é coisa santa. Não condiz com meu caráter fraude alguma dessas de que acusas os homens. Não persistas em tua resistência, mas entrega-te ao meu doente desejo, que, com isso, ficará bom de todo. Dize apenas que és minha, que este amor ficará sempre como ora se te mostra.

DIANA — Os homens prendem cordas nas rochas íngremes, visando nosso perigo. Então dai-me esse anel.

BERTRAM — Poderei emprestar-to, cara amiga, mas não tenho o direito de presente fazer dele a ninguém.

DIANA — Não quereis dar-mo?

BERTRAM — É que esse anel é jóia de família, de grande estimação, que nos vem sendo transmitido de herança; fora mácula indelével perdê-la.

DIANA — É assim minha honra como esse anel. A castidade é a jóia principal da família, que vem sendo transmitida de herança; fora mácula indelével perdê-la. Desse modo, vossa sabedoria se transforma em campeã de minha honra, protegendo-a contra vossos ataques improficuos.

BERTRAM — Recebe, então, o anel. Família, honra, minha própria existência é tua agora, ficando eu para sempre teu escravo.

DIANA — Batei à meia-noite na janela do meu quarto. Farei que não perceba minha mãe o que passa. Prometei-me, contudo, pela vossa probidade, que depois da conquista do meu leito virginal, ficareis somente uma hora, sem nenhuma palavra dirigir-me. Tenho razões para isso, que a seu tempo vos comunicarei, ao restituir-vos o anel que ora me destes. Esta noite no dedo vos porei um outro anel, que testemunho dar possa em futuro até onde chegou nosso amor puro. Não falteis; conquistastes uma esposa, cuja esperança em vós, tão-só, repousa.

BERTRAM — Ganhei um céu na terra ao conquistar-te. (*Sai.*)

DIANA — Vivei bastante para que, desta arte, me agradeçais e ao céu. É bem possível que algum dia o façais. Minha mãe me contou como ele havia de declarar-se. Bem parece que ela lera em seu coração. Todos os homens, disse ela, fazem sempre as mesmas juras. Ele jurou que havia de esposar-me, quando a mulher morresse. Assim, somente depois de morta hei de deitar-me com ele. Com francês case a moça que quiser, que, virgem, de ninguém serei mulher. Nesta fraude não pode haver pecado, que é virtude deixar o mal frustrado. (*Sai.*)

Cena 3

O campo florentino. Entram os dois nobres franceses, com dois ou três soldados.

PRIMEIRO NOBRE — Entregastes-lhe a carta da mãe dele?

SEGUNDO NOBRE — Entreguei-lhe há uma hora. Devia conter algo que o compungiu bastante, pois à sua leitura parecia outro.

PRIMEIRO NOBRE — Tornou-se passível de censuras graves, por haver repudiado tão boa esposa e tão digna senhora.

SEGUNDO NOBRE — Mas incorreu, principalmente, no eterno desagrado do rei, que já havia afinado a sua generosidade para cantar-lhe a dita. Desejo contar-vos uma coisa, mas devereis guardá-la no mais recôndito da alma.

PRIMEIRO NOBRE — Logo que falardes, será coisa morta, tornando-me eu a sua sepultura.

SEGUNDO NOBRE — Ele perverteu uma senhorita aqui de Florença, de nome ilibado. Esta noite ele vai saciar o seu desejo no despojo da honra dela. Fez-lhe presente do anel de família e se considera felicíssimo com esse compromisso escandaloso.

PRIMEIRO NOBRE — Que Deus nos atenue o instinto de rebelião. Que somos, quando não passamos de nós mesmos!

SEGUNDO NOBRE — Apenas traidores de nós próprios. E da mesma maneira que as traições, em seu curso regular, se revelam tais quais são, antes de alcançarem a meta abominável, assim também o indivíduo que pratica violência contra sua dignidade, chega a inundar as próprias margens.

PRIMEIRO NOBRE — Não será altamente condenável essa propensão de nos fazermos pregões de nossas intenções ilegítimas? Assim sendo, vamos ficar privados de sua companhia?

SEGUNDO NOBRE — Mas só depois da meia-noite, que é a hora marcada para a entrevista.

PRIMEIRO NOBRE — Então falta pouco. Teria muito gosto em que ele visse ser anatomizado o seu amigo, para que pudesse avaliar o seu próprio discernimento, que o leva, por maneira tão estranha, a praticar semelhante velhacaria.

SEGUNDO NOBRE — Enquanto o conde não chegar, não nos ocuparemos com o outro, pois é a presença dele que lhe vai servir de açoite.

PRIMEIRO NOBRE — Enquanto esperamos, que tendes ouvido a respeito desta guerra?

SEGUNDO NOBRE — Ouvi falar em negociações de paz.

PRIMEIRO NOBRE — É isso mesmo, pois posso assegurar-vos que a paz já foi assinada.

SEGUNDO NOBRE — Assim sendo, que fará o Conde de Rossilhão? Continuará a viajar, ou voltará para a França?

PRIMEIRO NOBRE — Só por essa pergunta concluo que sois estranho a seu conselho.

SEGUNDO NOBRE — Deus me livre, senhor! Que de outro modo me tornaria cúmplice de seus atos.

PRIMEIRO NOBRE — Há cerca de dois meses sua esposa desapareceu de casa, sob pretexto de ir em peregrinação até o santuário de São Jaques le Grand, promessa que cumpriu com austera piedade. Enquanto esteve em casa tornou-se presa do acabrunhamento pela própria delicadeza de sua constituição. Por fim, transformou em gemido o último alento, e agora canta no céu.

SEGUNDO NOBRE — Como se chegou a saber isso?

PRIMEIRO NOBRE — Principalmente por cartas dela própria, que confirmam sua história até ao momento da morte, que não podendo ser contada por ela mesma, foi fielmente descrita pelo pároco do lugar.

SEGUNDO NOBRE — E o conde, está a par de todos esses fatos?

PRIMEIRO NOBRE — De todos, ponto por ponto, não lhe sendo estranha a menor partícula da verdade total.

SEGUNDO NOBRE — Sinto de coração que ele venha a alegrar-se com essa notícia.

PRIMEIRO NOBRE — É extraordinário, isso de encontrarmos, por vezes, consolo em nossas próprias perdas.

SEGUNDO NOBRE — E como, muitas vezes, afogamos em lágrimas aquisições reais! As honrarias que a sua bravura lhe granjeou por aqui irão encontrar em casa opróbrio equivalente.

PRIMEIRO NOBRE — A teia de nossa vida é composta de fios misturados: de bens e de males. Nossas virtudes se tornariam orgulhosas sem os açoites de nossos defeitos, como os nossos vícios desesperariam, se não fossem alentados pela virtude. (*Entra um criado.*) Então, por onde anda teu amo?

CRIADO — Encontrou o duque na rua, senhor, e despediu-se solenemente dele. Sua Senhoria parte amanhã para a França. O duque lhe deu cartas de recomendação para o rei.

SEGUNDO NOBRE — Que lhe serão mais do que necessárias, ainda que em seu louvor digam mais do que possam fazê-lo

PRIMEIRO NOBRE — Não poderão ser muito brandas, dada a disposição áspera em

que se encontra o rei. Aí vem vindo Sua Senhoria. (*Entra Bertram.*) Então, milorde; já não passa de meia-noite?

BERTRAM — Liquidei dezesseis negócios esta noite, cada um do comprimento de um mês, tal foi a minha atividade. Despedi-me do duque, ofereci os préstimos às pessoas que o cercam, enterrei uma esposa, pus luto por ela, escrevi a minha mãe que estou de volta, arrumei as malas e, no intervalo de tantos negócios de monta, ainda pude levar a bom termo algumas coisinhas agradáveis. A última é a mais importante; mas essa ainda não está concluída.

SEGUNDO NOBRE — Se for cercada de certa dificuldade e tiverdes de viajar amanhã, será preciso que Vossa Senhoria se apresse.

BERTRAM — Quando digo que ainda não está concluída, é pelo receio de ouvir falar dela para diante. Mas não tiremos, afinal, representar o diálogo entre o bufão e os soldados? Vamos, trazei-me logo o modelo falso. Enganou-me tal qual profeta de oráculos duvidosos.

SEGUNDO NOBRE — Ide buscá-lo. (*Saem alguns soldados.*) Passou a noite no tronco, o coitado do valoroso embusteiro.

BERTRAM — Não faz mal, que seus calcanhares se tornaram merecedores disso mesmo, por haverem usurpado esporas por tanto tempo. Em que disposição se encontra?

PRIMEIRO NOBRE — Já disse a Vossa Senhoria que ele se encontra no cepo. Mas para responder como deveis ser compreendido, direi que chora como uma rapariga que houvesse derramado o leite. Confessou-se com Morgan — que ele acreditou ser padre — enumerando-lhe todos os pecados, desde quando alcança a memória, até ao recente desastre que lhe valeu ser posto no tronco. E que imaginais que tenha ele confessado?

BERTRAM — Decerto nada com relação a minha pessoa?

SEGUNDO NOBRE — Sua confissão foi tomada por escrito e será lida em sua presença. Se Vossa Senhoria estiver incluído nela, o de que tenho quase certeza, será preciso revestir-vos de paciência por ocasião de sua leitura.

(*Voltam os soldados com Parolles.*)

BERTRAM — A peste carregue esse embuçado! De mim ele nada poderá dizer. Mas silêncio! Silêncio!

PRIMEIRO NOBRE — Chegou o cabra-cega. Porto tartarossa.

PRIMEIRO SOLDADO — Está determinando a tortura. Não quereis falar sem que recorramos a esse processo?

PAROLLES — Para eu dizer o que sei não há necessidade de violência. Se me apertardes como uma empada nada mais poderei dizer.

PRIMEIRO SOLDADO — Bosko chimurcho.

PRIMEIRO NOBRE — Boblibindo chicurmurco.

PRIMEIRO SOLDADO — Sois um general misericordioso. Nosso general vos manda

responder às perguntas que trago anotadas neste papel.

PAROLLES — Com tanta sinceridade como espero viver.

PRIMEIRO SOLDADO — "Primeiro, perguntai-lhe a quanto monta a cavalaria do duque." Que respondeis a isso?

PAROLLES — Cinco ou seis mil cavalos, mas fracos e imprestáveis. As tropas estão espalhadas, sendo todos os comandantes uns pobres diabos, afirmo-o pela minha reputação e meu crédito; tão certo como ainda espero viver.

PRIMEIRO SOLDADO — Devo escrever vossa resposta nesses termos?

PAROLLES — Perfeitamente; poderei confirmá-la sob juramento, da maneira que julgardes mais conveniente.

BERTRAM — Para ele tudo é o mesmo. O patife está perdido de todo.

PRIMEIRO NOBRE — Estais enganado, milorde; quem está diante de vós é monsieur Parolles, o galante militarista — para usarmos de sua própria expressão — que traz no nó da charpa toda a teoria da guerra e na ponteira do punhal a sua prática de soldado.

SEGUNDO NOBRE — De hoje em diante não confiarei em nenhum homem só porque tras a espada limpa, nem acreditarei que possa ter merecimento só por ser impecável no trajar.

PRIMEIRO SOLDADO — Muito bem; já está escrito.

PAROLLES — Cinco ou seis mil homens de cavalo, disse... Só direi a verdade... Anda por aí. Podeis tomar nota, pois só direi a verdade.

PRIMEIRO NOBRE — Nesse ponto, de fato, ele anda perto da verdade.

BERTRAM — Mas nem por isso lhe sou agradecido pela maneira por que a enunciou.

PAROLLES — Uns pobres diabos, é o que vos digo. Anotai isso também, por obséquio.

PRIMEIRO SOLDADO — Muito bem; já está escrito.

PAROLLES — Humildemente vos agradeço, senhor. A verdade é a verdade. Os coitados são miseráveis a conta inteira.

PRIMEIRO SOLDADO — "Pergunta-lhe a quanto sobe a infantaria." Que respondeis a isso?

PAROLLES — Por minha honra, senhor; tivesse eu de vida apenas esta hora, vou dizer-vos a verdade. Deixai-me refletir: Spurio, cento e cinqüenta; Sebastião, outro tanto; Corambus, outro tanto; Jaques, outro tanto; Guiltian, Cosmo, Ludovico e Gratii, duzentos e cinqüenta cada; minha própria companhia, a de Cristóvão, Vaumond, Bentii, duzentos e cinqüenta cada. Desse modo, o cômputo das tropas, entre doentes e sãos, por minha vida, andará por umas quinze mil cabeças, sendo que metade dessa gente, de medo de cair em pedaços, não se atreve a sacudir a neve dos casacos.

BERTRAM — Que é que esse sujeito merece que lhe façamos?

PRIMEIRO NOBRE — Nada, a não ser agradecermos-lhe. Pergunta o que ele pensa a meu respeito e de que conceito eu gozo junto do duque.

PRIMEIRO SOLDADO — Muito bem; já está escrito. "Deveis perguntar-lhe se no acampamento há um certo Capitão Dumain, francês; em que conceito é tido pelo duque, se é homem de valor, honesto e experiente em assunto de guerra, e se não será possível, mediante uma boa soma de ouro induzi-lo a rebelar-se." Que dizeis disto agora? Sabeis algo a respeito?

PAROLLES — Por obséquio, permiti que responda por partes. Formulai as perguntas uma a uma.

PRIMEIRO SOLDADO — Conheceis esse Capitão Dumain?

PAROLLES — Conheço-o, sim; era aprendiz de um remendão, em Paris, de onde foi expulso a chibatadas por haver engravidado uma rapariga simplória da casa do xerife, idiota e muda, que não sabia dizer não.

(*Dumain, encolerizado, levanta a mão.*)

BERTRAM — Por obséquio, deixai a mão em paz, que o cérebro dele se tornará alvo da primeira telha que escapar de cima.

PRIMEIRO SOLDADO — Muito bem. Esse capitão se acha no acampamento do Duque de Florença?

PAROLLES — Por tudo quanto sei, está, e cheio de piolhos.

PRIMEIRO NOBRE — Oh, não me olheis desse modo, senhor, que dentro de pouco vamos ouvir falar de Vossa Senhoria.

PRIMEIRO SOLDADO — De que conceito ele goza junto do duque?

PAROLLES — O duque só o considera como um pobre oficial da minha companhia, tendo-me escrito há dias uma carta para que o mandasse embora. Penso que ainda devo ter essa carta no bolso.

PRIMEIRO SOLDADO — Então vamos procurá-la.

PAROLLES — Para ser sincero, não tenho muita certeza; se não estiver no bolso, deve estar na minha tenda, num maço de cartas do duque.

PRIMEIRO SOLDADO — Aqui está ela! Se não é ela, é coisa semelhante. Posso ler-vos o que contém?

PAROLLES — Não sei se será essa carta.

BERTRAM — Nosso intérprete representa muito bem o seu papel.

PRIMEIRO NOBRE — Excelentemente.

PRIMEIRO SOLDADO — "Diana, o conde é um bobo cheio de dinheiro..."

PAROLLES — Isso não é a carta do duque, mas uma advertência a uma senhorita honesta de Florença, uma tal Diana, para acautelar-se contra as seduções de um tal Conde de Rossilhão,

um rapazola tolo e sem ocupação, mas, por isso mesmo, muito luxurioso. Por obséquio, guardai esse papel.

PRIMEIRO SOLDADO — Não; primeiro hei de lê-lo, com vossa permissão.

PAROLLES — Minha intenção, ao escrevê-lo, posso asseverar-vos, era das mais honestas, com relação à donzela, pois tenho o conde na conta de um rapaz lúbrico e perigoso, verdadeira baleia da virtude, que devora quanto peixinho lhe passa pela frente.

BERTRAM — Velhaco de uma figa! Patife por todos os lados!

PRIMEIRO SOLDADO — "Em vez de juras, toma-lhe dinheiro. Conta feita por ele é coisa morta. Por isso, trata de o cobrar, primeiro; por menos que lho arranques, é o que importa. Ouve, Diana, o conselho de um soldado: beijar não deves moço ou namorado. Conheço bem a condição do conde, que nunca soube onde o rubor se esconde. Teu, conforme aos ouvidos já te disse, Parolles."

BERTRAM — Será levado por todo o acampamento, para ser chibateado com esses versos na testa.

PRIMEIRO NOBRE — É o vosso amigo devotado, senhor, o famoso poliglota e soldado invencível.

BERTRAM — Nunca suportei a vista de gatos; de agora em diante, para mim ele não passará de um gato.

PRIMEIRO SOLDADO — Do olhar de nosso general, senhor, deduzo que teremos de enforcar-vos.

PAROLLES — Oh, senhor! A vida, seja por que preço for! Não é que a morte me cause medo; mas sendo tantos os meus pecados, desejaria passar o que me sobrasse de tempo a arrepender-me deles. Deixai-me viver

PRIMEIRO SOLDADO — Veremos o que é possível fazer, no caso de serdes sincero na confissão. Mas voltemos a esse Capitão Dumain. Já respondestes com relação ao seu valor e ao conceito em que ele é tido junto ao duque. E quanto à honestidade?

PAROLLES — Roubará, senhor, um ovo de um convento, pois quanto a roubos e violações só é comparável a Nessus. Ele se gaba de não manter juramentos, sendo mais forte do que Hércules para quebrá-los. Mentirá, senhor, com tal volubilidade, que a verdade vos parecerá uma tola. O vício da bebida é a sua maior virtude, pois se embebeda como um porco e no sono não causa nenhum dano, a não ser à roupa da cama. Mas, por ser conhecido nesse particular, é posto a dormir sobre palha. A respeito da honestidade, senhor, pouquíssimo ainda poderá ser acrescentado, se não for que ele tem tudo quanto uma pessoa honesta não deve ter, sendo inteiramente carecente de quanto precisa ter uma pessoa honesta.

PRIMEIRO NOBRE — Já começo a amá-lo por isso.

BERTRAM — Por causa da descrição de tua honestidade? A peste que o carregue! Para mim, cada vez torna-se mais gato.

PRIMEIRO SOLDADO — E que dizeis de seus conhecimentos bélicos?

PAROLLES — Por minha fé, senhor, ele tocou tambor diante dos comediantes ingleses... Não está em mim caluniá-lo, mas ignoro que houvesse exercido qualquer outra atividade soldadesca, a não ser que teve a honra de ser na Inglaterra oficial no lugar denominado Mile-end, para ensinar os recrutas a formarem a dois de fundo. Desejaria conceder ao homem as honras que pudesse, mas nesse particular não estou muito seguro.

PRIMEIRO NOBRE — De tal modo ele supervilanizou a vilania, que se tornou digno de admiração pela sua própria raridade.

BERTRAM — A peste que o carregue! Continua sendo um gato.

PRIMEIRO SOLDADO — Sendo tão minguado de virtudes, não terei necessidade de perguntar-vos se o ouro poderia levá-lo à deserção.

PAROLLES — Por um quart d'écu, senhor, ele seria capaz de vender sua parte da salvação e o direito de herança no céu, chegando, até, a despojar para sempre desse direito todos os seus descendentes.

PRIMEIRO SOLDADO — E que dizem de seu irmão, o outro Capitão Dumain?

SEGUNDO NOBRE — Para que perguntar-lhe a meu respeito?

PRIMEIRO SOLDADO — Como é ele?

PAROLLES — Corvo do mesmo ninho; não tão grande, realmente, em bondade quanto o outro, mas muito maior no mal. Em covardia, sobrepuja o irmão, que passa por ser um dos maiores poltrões do mundo. Numa retirada, passa na frente de qualquer lacaio; mas quando se trata de avançar, atacam-lhe as cãibras.

PRIMEIRO SOLDADO — Se vos deixarmos com vida, consentireis em trair os florentinos?

PAROLLES — Sim, e o capitão de sua cavalaria, o Conde de Rossilhão.

PRIMEIRO SOLDADO — Vou falar em particular com o general, para ver o que ele decide.

PAROLLES (*à parte*) — Nunca mais quero saber de tambor. A peste que leve a todos. Meti-me nesse perigo, somente para fingir valentia e desfazer a suspeita desse rapazola lascivo, o conde. Mas quem poderia suspeitar de uma emboscada no ponto em que fui preso?

PRIMEIRO SOLDADO — Não há remédio, senhor; tereis de morrer. Disse o nosso general que depois de haverdes revelado por maneira tão vil os segredos do exército a que pertenceis, e dado informações tão pestíferas de pessoas tidas em tão alto conceito, não podeis ser de nenhum uso honesto neste mundo. Por tudo isso, precisais morrer. Carrasco, fora com a cabeça dele!

PAROLLES — Oh, Deus, senhor! Deixai-me viver, ou deixai-me ver a morte!

PRIMEIRO SOLDADO — Bem; isso vos será permitido, como também despedir-vos de

vossos amigos. (*Desvenda-lhe os olhos.*) Olhai à volta: conheceis algum dos presentes?

BERTRAM — Bom dia, nobre capitão.

SEGUNDO NOBRE — Deus vos abençoe, Capitão Parolles.

PRIMEIRO NOBRE — Deus vos guarde, nobre capitão.

SEGUNDO NOBRE — Capitão, tendes alguma comissão para o senhor Lafeu? Estou de viagem para a França.

PRIMEIRO NOBRE — Meu bom capitão, não podeis dar-me uma cópia do soneto que escrevestes a Diana, a propósito do Conde de Rossilhão? Se eu não fosse tão covarde, vo-la tomaria à força Passai bem.

(*Saem Bertram e os nobres.*)

PRIMEIRO SOLDADO — Capitão, ficastes reduzido a nada, com exceção de vossa charpa, que ainda conserva um nó.

PAROLLES — Quem não seria esmagado por uma conjura?

PRIMEIRO SOLDADO — Se puderdes encontrar um lugar em que as mulheres sejam tão destituídas de vergonha quanto vós, fundareis um povo de deslavados. Eu também parto para a França. Lá falaremos de vós. (*Sai.*)

PAROLLES — Ainda assim, agradeço. Se no peito tivesse grande coração, agora teria ele estourado. Foi-se o título de capitão; mas como qualquer deles vou tratar de comer, beber e ao sono calmamente entregar-me. Minha vida vai depender, de agora em diante, apenas do que realmente sou. Os que na conta se tiverem de biltres tomem nota, pois é certeza revelar-se burro todo lorpa que é gente por bamburro. Brio, arrefece! Espada, cria ronha! Parolles vai deixar de ter vergonha. A vida continua a ser risonha. Vou segui-los. (*Sai.*)

Cena 4

Florença. Um quarto em casa da viúva. Entram Helena, a viúva e Diana.

HELENA — Para terdes certeza de que em tudo convosco fui sincera, vou trazer-vos como fiador um nome dos maiores da cristandade, sendo necessário que ante seu trono eu vá dobrar os joelhos antes de ao fim chegar do meu propósito. Prestei-lhe há tempo singular serviço, tão caro quanto a vida. O próprio peito do tártaro insensível abalado poderia ficar e em tudo grato. Soube de fonte certa que Sua Graça se acha em Marselha, estando de partida para lá um comboio de confiança. Dispersadas as tropas, meu marido voltará para casa, onde, com a ajuda do céu e a permissão do rei meu amo, chegaremos primeiro.

VIÚVA — Gentil dama, nunca tivestes serva a quem tocasse tão perto vossa dita.

HELENA — Nem amiga, senhora, já tivestes, cuja mente tão indefesa trabalhasse para premiar-vos a amizade. Fui eleita pelo céu, podeis crer-me, para o dote prover de vossa filha, assim como ela também o foi para ajudar-me agora a reaver meu marido. Ó estranhos homens, que vos mostrais, assim, tão carinhosos para quem vos tem ódio, quando as formas lascivas dos sentidos enganados a tenebrosa noite deixam suja! Desse modo a luxúria se alimenta com o que repulsa lhe produz violenta. Mas depois voltaremos a esse assunto, sendo preciso, Diana, que sob minha modesta direção venhais de novo a padecer por mim.

DIANA — Embora a morte, de par com a honestidade, me adviesse de vossa imposição, a vós pertenço, declarando-me pronta a sofrer quanto me mandardes fazer.

HELENA — Paciência um pouco. Não falta muito para que de novo tenhamos o verão, quando as roseiras se cobrirem de flores e de espinhos, agradáveis ficando, a um tempo, e agudas. Precisamos partir; nossa carruagem já se acha pronta; o tempo nos convida. É sempre bom tudo o que acaba bem. O fim coroa a obra. A trajetória mais difícil importa maior glória.

(*Saem.*)

Cena 5

Rossilhão. Um quarto no palácio da condessa. Entram a condessa, Lafeu e o bobo.

LAFEU — Não, não, não! Vosso filho foi desencaminhado por um sujeito vestido de tafetá, cujo execrável açafrão poderia tingir toda a mocidade mal cozida e pastosa de uma nação. Sem ele, vossa nora ainda poderia estar viva, e em França vosso filho, muito mais favorecido pelo rei do que por esse zangão de cauda vermelha, a que me referi.

CONDESSA — Desejara nunca o ter conhecido. Foi a causa da morte da mais virtuosa donzela que jamais a natureza teve a honra de criar. Se ele fosse de meu sangue e me tivesse custado os mais agradáveis gemidos de uma mãe, não poderia dedicar-lhe mais entranhado amor.

LAFEU — Excelente menina! Excelente menina! Teremos de apanhar mil saladas para encontrar outra verdura igual.

BOBO — Realmente, senhor, ela era a mangerona, ou melhor, a arruda da salada.

LAFEU — Isso não são verduras, idiota, mas flores perfumadas.

BOBO — Ora, senhor, eu não sou o grande Nabucodonosor; entendo muito pouco de ervas.

LAFEU — Que é que presumes ser, realmente: velhaco ou tolo?

BOBO — Tolo, senhor, a serviço de uma mulher, e velhaco ao de um homem.

LAFEU — Por que essa diferença?

BOBO — Porque enganaria o homem com sua mulher e faria o serviço dele.

LAFEU — Assim, realmente, seríeis um velhaco ao serviço dele.

BOBO — E à mulher dele, senhor, daria o meu bastão, pondo-me ao seu serviço.

LAFEU — Direi de ti que és as duas coisas ao mesmo tempo: velhaco e tolo.

BOBO — Ao vosso serviço.

LAFEU — Não! Não! Não!

BOBO — Por que não, senhor? Se não puder ficar a vosso serviço, poderei ficar no de um príncipe tão grande quanto vós.

LAFEU — Quem é esse príncipe? É francês, acaso

BOBO — Por minha fé, senhor; o nome dele é inglês, mas sua fisionomia é mais quente

na França do que aqui.

LAFEU — Que príncipe é esse?

BOBO — O príncipe negro, senhor; aliás, o príncipe das trevas, o demônio.

LAFEU — Basta; toma esta bolsa, que, aliás, não é dada com a intenção de afastar-te do amo de que falaste. Continua a servi-lo.

BOBO — Eu sou um habitante dos bosques, senhor, que sempre gostei de uma boa fogueira. Ora, o amor de que vos falei mantém sempre um fogo vivo. Mas uma vez que ele é o príncipe do mundo, que sua nobreza permaneça na corte. Eu sou pela casa da porta estreita, que considero pequena em demasia para que possa entrar a pompa; os que se humilharem, passarão; mas em sua maioria os homens são por demais delicados e friorentos e só transitam pela estrada florida, que vai dar na porta ampla e no fogo vivo.

LAFEU — Segue o teu caminho. Começo a me enfarar de ti, o que declaro com antecedência, para que não venhamos a nos desavir. Segue o teu caminho e vai ver se os meus cavalos estão sendo tratados sem nenhuma maroteira.

BOBO — Se com eles usasse de maroteira, senhor, seriam maroteiras cavalares, o que eles têm direito, pela lei da natureza. (*Sai.*)

LAFEU — Um maroto ladino e de grande malvadez.

CONDESSA — É o que ele é, de fato. O meu defunto marido se divertia bastante à custa dele. Só continua aqui em casa por ser isso disposição testamentária de meu marido, que ele considera carta de privilégio para suas maroteiras. O certo é que ninguém lhe embarga o passo, correndo ele por onde bem entende.

LAFEU — Gosto muito dele; não é mau sujeito. Mas estava para dizer-vos que, desde que eu soube da morte da boa senhora e que meu senhor vosso filho já estava de volta, intercedi junto ao rei para que ele lhe falasse a favor de minha filha, o em que Sua Alteza já havia pensado em sua graciosa deliberação, quando ambos eram de menoridade. Sua Alteza prometeu interceder nesse sentido, o que é a melhor maneira de desfazer a má vontade que ele pudesse ter em relação a vosso filho. Que diz Vossa Senhoria dessa idéia?

CONDESSA — Alegra-me bastante, milorde, sendo meu desejo que possa vir a realizar-se sem nenhum embaraço.

LAFEU — Sua Alteza chega de Marselha tão lépido como quando tinha trinta anos. Estará aqui amanhã, se desta vez não me enganou a pessoa cujas informações raramente falham

CONDESSA — Alegra-me a esperança de revê-lo antes de morrer. Recebi cartas de meu filho, com a notícia de sua chegada para esta noite. Peço que Vossa Senhoria se demore aqui em casa, até que eles se falem.

LAFEU — Estava a procurar um pretexto, minha senhora, para justificar isso mesmo.

CONDESSA — Bastaria invocardes vosso honroso privilégio.

LAFEU — A que já tenho recorrido muitas vezes, minha senhora; mas, graças a Deus,

ainda conserva o prestígio.

(*Volta o bobo.*)

BOBO — Minha senhora! Lá fora está o jovem conde, vosso filho, com um emplastro de veludo no rosto. Se esconde alguma cicatriz, só o veludo é que poderá dizê-lo. Mas é um ótimo emplastro de veludo. A face esquerda dele é de três pêlos e meio; mas a direita é inteiramente glabra.

LAFEU — Uma cicatriz adquirida nobremente, ou uma cicatriz nobre, é uma bela distinção honorífica, tal como é de supor que seja essa.

BOBO — Sim, mas o rosto é que nos fica riscado!

LAFEU — Vamos ao encontro de vosso filho; já me tarda poder conversar com esse jovem e nobre soldado.

BOBO — Por minha fé! há uma dúzia deles, com chapéus delicados e ricos, de plumas galantes, que não param de fazer mesuras e cumprimentar todo o mundo.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Marselha. Uma rua. Entram Helena, a viúva e Diana, com dois criados.

HELENA — O viajar incessante, dia e noite, vos deixou esgotada. Não podemos dar remédio para isso. Mas se os dias e as noites confundistes, e esse gráceis membros magoastes para meu proveito, tende paciência, pois de tal maneira na minha gratidão vos enraizastes, que impossível será dali sairdes. Feliz encontro! (*Entra um gentil-homem falcoeiro.*) Este homem poderia obter-me audiência junto ao rei, no caso de usar a meu favor de seu prestígio. Deus vos guarde, senhor!

FALCOEIRO — E a vós também.

HELENA — Em França já vos vi, senhor; na corte.

FALCOEIRO — Sim, lá já estive algumas vezes.

HELENA — Creio, senhor, que ainda gozais do alto conceito da bondade que todos vos louvavam. Assim, premida pelas circunstâncias que esquecida me fazem por completo das maneiras corteses, ora apelo para vossa virtude, que há de ser-me para sempre lembrada.

FALCOEIRO — Que quereis?

HELENA — Que tenhais a bondade de ao rei fazer chegar este pedido de minha parte, humilde, e de ajudar-me quanto em vós estiver, porque falar-lhe me venha a ser possível.

FALCOEIRO — Mas Sua Alteza não se acha aqui.

HELENA — Que me dizeis, senhor!

FALCOEIRO — Partiu à última noite, com mais pressa do que de hábito.

VIÚVA — Oh Deus! Perdemos todo nosso trabalho!

HELENA — Ainda vos afirmo que bem está tudo o que bem acaba, muito embora pareça o tempo adverso e os meios deficientes. Por obséquio, para onde foi o rei?

FALCOEIRO — Para o castelo de Rossilhão, segundo me disseram. Para lá me dirijo.

HELENA — Por obséquio, senhor, já que é provável encontrardes o rei antes de mim, nas mãos graciosas entregai-lhe esta carta. Nenhum dano disso vos advirá, sendo possível que venhais a alcançar alguma graça. Seguir-vos-ei com toda a diligência possível.

FALCOEIRO — Bem; farei o que pedistes.

HELENA — Haveis de ser recompensado, tenha tudo o fim que tiver. Mas é preciso

montarmos a cavalo novamente. Depressa! Cuidai disso.

(*Saem.*)

Cena 2

Rossilhão. Pátio interior do palácio da condessa. Entram o bobo e Parolles.

PAROLLES — Meu bom senhor Lavache, entregai esta carta a milord Lafeu. Já me conhecestes em melhores condições, senhor, quando eu vivia na familiaridade de roupas mais limpas. Mas agora, senhor, sujei-me no pântano da Fortuna e exalo o cheiro muito ativo de seu ativo desfavor.

BOBO — Por minha fé, é preciso que o desfavor da Fortuna seja, de fato, repelente, para exalar cheiro tão ativo como dissestes. De hoje em diante não comerei peixe fritado na manteiga da Fortuna. Por obséquio, não fiqueis do lado de que sopra o vento.

PAROLLES — Ora, senhor, não há necessidade de tapardes o nariz; falei só por metáfora.

BOBO — Pouco importa, senhor. Se as vossas metáforas federem, taparei, da mesma forma, o nariz diante delas, como diante das metáforas de quem quer que seja. Afastai-vos, por obséquio.

PAROLLES — Por obséquio, senhor, entregai este papel à pessoa de que vos falei.

BOBO — Pah! Recuai, senhor! Entregar a um gentil-homem um papel que vem da retrete da Fortuna! Mas vêde! Aí vem vindo ele. (*Entra Lafeu.*) Aqui está, senhor, um bichano ou gato da Fortuna — sem ser almiscareiro — que caiu no viveiro nauseabundo do seu desfavor e que, como ele próprio o declarou, se emporcalhou todo. Conjuro-vos, senhor, a proceder com esta carpa da maneira por que bem entenderdes, pois parece ser um pobre-diabo, decaído, engenhoso e idiota. Com esses símiles de consolo, lamento-lhe a desgraça e o entrego a Vossa Senhoria.

PAROLLES — Milorde, eu sou uma criatura a quem a Fortuna arranhou por maneira crudelíssima.

LAFEU — E que quereis que eu faça? Agora é tarde para aparar-lhe as unhas. Mas que maroteira fizestes à Fortuna, para que ela vos arranhasse? De si, ela é uma boa senhora; apenas não suporta que os marotos prosperem sob sua capa. Aqui tendes um quart d'écu. Que o juiz promova a paz entre vós; tenho outras ocupações.

PAROLLES — Suplico a Vossa Honra ouvir-me apenas uma palavra.

LAFEU — Com isso, apenas mendigais mais um vintém. Bem; que seja; será vosso; mas dispensai-me de ouvir essa palavra.

PAROLLES — Meu nome, meu bondoso lorde, é Parolles.

LAFEU — Desse modo, pedis mais de uma palavra. Deus é a minha paixão! Dai-me a mão. Como passa o vosso tambor?

PAROLLES — Oh, meu bom senhor! Fostes o primeiro a encontrar-me.

LAFEU — Verdade? E o primeiro, também, a perder-te.

PAROLLES — Dependerá de vós, milorde, repor-me junto da graça, por que fostes vós que me tirastes de perto dela.

LAFEU — Como assim, maroto! Atribuís-me, a um só tempo, o oficio de Deus e do diabo? Um te repõe na graça e o outro te tira dela. (*Ouve-se toque de clarim.*) O rei vem vindo; conheço-o pelo toque de clarim. Depois procura por mim, maroto; ainda esta noite falei a teu respeito. Embora sejas maroto e tonto, precisarás comer. Vamos; vem comigo.

PAROLLES — Rogarei a Deus por vós.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Um quarto no palácio da condessa. Clarins Entram o rei, a condessa, Lafeu, nobres, gentis-homens, guardas, etc.

REI — Nela perdemos uma jóia rara, o que nos depreciou. Mas vosso filho, louco de todo em todo, revelou-se inteiramente falho de sentidos para avaliar-lhe o preço.

CONDESSA — Isso ao passado pertence, meu senhor. Suplico a Vossa Majestade tomar o caso como rebelião natural da mocidade, em que o óleo e o fogo, em demasia fortes para a razão, em chamas se derramam.

REI — Mui prezada senhora, perdoei tudo, tudo esqueci, conquanto já contra ele minha vingança armada se encontrasse, pronta para o disparo.

LAFEU — Devo dizer — pedindo previamente perdão do atrevimento — que milorde moço ofendeu, de fato, seu monarca, sua mãe e a consorte; mas foi ele, ele mesmo, quem teve mais prejuízo: perdeu a esposa, cuja formosura ofuscava a visão mais aguçada, cuja fala prendia as oiças todas, cujo primor forçava os mais ardentes peitos a declararem-se cativos.

REI — O louvor do passado, mais querida deixa sua lembrança. Bem; chamei-o. Já estamos calmos; a primeira vista apagará qualquer lembrança triste. Não nos peça perdão; morta já se acha a natureza de sua grande culpa, cujos restos ardentes enterramos mais fundo do que o oblíquo. Ele que venha como estrangeiro, não como culpado. Explicai-lhe qual é nossa vontade.

GENTIL-HOMEM — Pois não, meu soberano.

REI — Que diz. ele de vossa filha? Acaso lhe falastes?

LAFEU — Põe-se ao dispor de Vossa Majestade.

REI — Então faremos esse casamento Recebi cartas que me falam dele em termos elogiosos.

(*Entra Bertram.*)

LAFEU — No semblante lê-se-lhe que está bem.

REI — Não sou um dia de nevoeiro contínuo, que a um só tempo poderás em mim ver sol e granizo. Cedem, porém, o passo as nuvens negras aos raios luminosos. Aproxima-te; volta a ser belo o tempo.

BERTRAM — Meu querido soberano, perdoai-me os grandes erros de que sinceramente

me arrependo.

REI — Tudo está bem; nem mais uma palavra sobre o passado. A ocasião peguemos pelos cabelos, pois já estamos velhos; nossas resoluções mais apressadas, o pé sutil do tempo silencioso talvez as ultrapasse antes que possam tornar-se realidade. Estais lembrado da filha deste nobre?

BERTRAM — Com inefável admiração, senhor. Logo de início fiz dela a minha escolha, antes que o ousado coração se atravesse a transformar-me em arauto atrevido a língua tímida. Ao fixar nela os olhos, a mirada desdenhosa emprestou-me o vil desprezo que torce os traços a qualquer beleza, desdenha as cores frescas, por espúrias, e dilata ou comprime qualquer forma proporcional no mais hediondo objeto. Foi por ter isso acontecido que ela — objeto de louvor de todo o mundo e que eu amava desde que a perdera — passou-me a ser na vista o grão de poeira que incomoda sem tréguas.

REI — Boa escusa. O fato de lhe teres algum dia dedicado esse amor, apaga enormes colunas de tua dívida vultosa. Mas o amor atrasado, como a própria demência relutante e obtida a custo, para o grande doador não cessa nunca de clamar, qual censura merecida: "Já está morto o inocente". Nossas faltas precipitadas só desprezo mostram por quanto de valioso seja nosso, não lhes dando valor, enquanto dura, senão quando já está na sepultura. Por vezes, nosso desprazer, injusto conosco mesmo, esmaga a todo custo nossos amigos, para lastimá-los, quando cinza se tornam. Despertado, o amor, em nós, lastima o acontecido, enquanto o ódio dormita a tarde toda. Sirva de dobre de finados isto para a bondosa Helena. E agora esquece-te dela. Remete o teu penhor sincero para a bela Magdala, que já é tua. Permanecer aqui é meu intento, para assistir do viúvo o casamento.

CONDESSA — Que o céu abençoará mais que o primeiro; ou, natureza, mata-me ligeiro!

LAFEU — Filho, em quem deve continuar o nome de minha casa, dá-me um penhor digno de teu afeto, que a centelha avive no espírito da noiva, porque prestes ela venha até aqui. (*Bertram lhe entrega um anel.*) Por minha velha barba e seus pêlos, a defunta Helena era graciosa e boa. Ao despedir-se da corte a última vez, vi-lhe no dedo um anel igual a este.

BERTRAM — Mas não este!

REI — Mostrai-mo, por obséquio, pois enquanto vos falava o olhar tinha nele fixo. Esse anel já foi meu; a Helena o dei, Tendo-lhe asseverado que se um dia se visse abandonada pela sorte, pronto a auxiliá-la me acharia, à vista desta minha lembrança. Como o ousio tivestes de privá-la do que acima de tudo ela prezava?

BERTRAM — Meu gracioso soberano, conquanto vos agrade considerar o anel sob esse aspecto, jamais lhe pertenceu.

CONDESSA — Filho, por minha vida, esse anel eu vi no dedo dela, que o amava tanto como a própria vida.

LAFEU — Tenho certeza de a ter visto com ele.

BERTRAM — Enganais-vos, milorde; jamais ela viu semelhante anel. Este jogado, em

Florença, me foi de uma janela, num papel envolvido, que continha o nome da pessoa que o jogara. Era uma jovem nobre, que me tinha na conta de solteiro. Mas ao pô-la a par da situação, com informar-lhe sem circunlóquios que impossível fora, dentro das normas da honra, efetivar-se o que eu adivinhava em seus acenos, ficou de todo satisfeita e nunca me reclamou o anel.

REI — O próprio Pluto, sabedor do elixir e da alquimia, não conhece os mistérios da natura como eu os desse anel, sim, esse mesmo, que foi meu e de Helena. Pouco importa quem vo-lo houvesse dado. Assim, se tendes pleno conhecimento de vós próprio, confessai que esta jóia foi de Helena, revelando-nos a áspera violência por que viestes a obtê-la. O testemunho ela invocou dos santos, de que nunca do dedo o tiraria, se não fosse para no leito vo-lo dar de núpcias (*a que jamais subistes*) ou enviar-no-lo, quando se visse em conjuntura extrema.

BERTRAM — Ela jamais o viu.

REI — Estás mentindo, afirmo-o por minha honra. E ora me fazes admitir conjeturas que o receio me leva a repelir. Caso tu houvesses sido tão desumano, o que impossível será de demonstrar, embora a dúvida me remanesça, ainda... Tinhas-lhe ódio mortal, e ela morreu. Nada podia fazer-me crer mais nisso do que a vista desse anel. Vale o mesmo que eu a houvesse visto morrer. Levai-o daqui preso! (*Os guardas seguram Bertram.*) Seja qual for o desenlace disto, minha experiência do passado leva-me a não considerar vãos meus receios. Vamos! Levai-o logo! Ainda haveremos de examinar esta questão por miúdo.

BERTRAM — Caso possais provar que em qualquer tempo lhe pertenceu o anel, tereis provado que como esposo lhe subi no leito, e isso em Florença, onde ela nunca esteve. (*Sai escoltado.*)

REI — Uma suspeita atroz me deixa aflito.

(*Entra o gentil-homem falcoeiro.*)

FALCOEIRO — Gracioso soberano, ignoro se mereço, ou não, censura. Este requerimento me foi dado por uma florentina que atrasada ficou de vós de três ou quatro postas, para que em mãos pudesse apresentar-vo-lo. Aceitei a incumbência, comovido ante a graça e as palavras eloqüentes da pobre suplicante, que, segundo me disseram, aguarda aqui despacho. Traduz-se-lhe nos traços fisionômicos a importância do assunto, que, conforme ela própria o explicou em termos suaves e concisos, tanto a ela diz respeito como a Vossa Grandeza.

REI — "Ante as inúmeras promessas de casar comigo, quando sua esposa viesse a falecer — coro ao confessá-lo — deixei-me conquistar por ele. Agora, o Conde de Rossilhão está viúvo, falharam todos os seus juramentos, o que me custou a honra. Fugiu de Florença sem despedir-se de mim, tendo-o eu seguido até este país, a fim de impetrar justiça. Concedei-ma, ó rei! que está em vós fazê-lo, que, de outro modo, um sedutor triunfa e uma pobre donzela ficará perdida. Diana Capuleto."

LAFEU — Vou comprar um genro na feira; não quero saber deste; pagarei a sua taxa.

REI — Inspirou-te, o céu, fazendo-te descobrir isto tudo. Que introduzam logo essas suplicantes e trazei-me de novo o conde. (*Saem o gentil-homem falcoeiro e alguns guardas.*)

Tenho muito medo, senhora, de que Helena houvesse sido assassinada por maneira bárbara.

CONDESSA — Então, justiça para os criminosos.

(*Volta Bertram escoltado.*)

REI — Admira-me, senhor, que, sendo todas as mulheres, segundo vós, uns monstros de que correis, depois de lhes jurardes fidelidade, ainda penseis em núpcias. (*Volta o gentil-homem falcoeiro com a viúva e Diana.*) Quem é essa mulher?

DIANA — Uma ultrajada florentina, milorde, que descende da casa dos antigos Capuletos. A par já estais, segundo me disseram, do que me trouxe aqui. Sabeis, portanto, até quando sou digna de piedade.

VIÚVA — É minha filha, meu senhor; meus anos e meu nome padecem vitupério pela ofensa que a vossos pés nos trouxe, sendo força extinguirem-se, no caso de não nos dardes o remédio azado.

REI — Aproximai-vos, conde. Quem são estas senhoras? Conhecei-las?

BERTRAM — Majestade, não posso nem desejo contestá-lo. Acusam-me de mais alguma coisa?

DIANA — Por que olhais vossa esposa desse modo?

BERTRAM — Não é minha, senhor.

DIANA — Se vos casardes, essa mão heis de dar, que me pertence; o voto quebrareis, que me pertence; a mim própria dareis, que me pertenço, pois nossas juras nos uniram tanto que quem vos desposar casa comigo. Ou nós dois, ou nenhum.

LAFEU (*a Bertram*) — Vossa reputação caiu muito ante minha filha; não sois marido para ela.

BERTRAM — Senhor, esta mulher é uma criatura apaixonada e louca. Diverti-me, por vezes, ao seu lado, mas conjuro Vossa Graça a fazer melhor conceito do meu nome, não dando acolhimento à idéia de que viesse a cair tanto.

REI — Não podereis, senhor, ficar amigo do meu conceito, enquanto, pelos atos, merecedor não vos mostrardes disso. Tratai de dar mais forte brilho ao nome do que o que tem no meu conceito agora.

DIANA — Bondoso soberano, perguntai-lhe, sob juramento, se ele não presume que me colheu, de fato, a virgindade?

REI — Que lhe respondes a isso?

BERTRAM — É uma impudente, senhor; no acampamento era manceba de todos os soldados.

DIANA — É injustiça, senhor, que ele me faz, porque se eu fosse isso que ora falou, ter-me-ia, certo, adquirido por preço insignificante. Crédito não lhe deis. Vêde este anel, que em alta estima e rica avaliação não acha paralelo. No entretanto, com isto ele comprou uma

manceba de todos os soldados, se é que eu o era.

CONDESSA — Ele ficou corado; é o anel dele. Desde seis gerações vem esta jóia sendo doada em testamento e sempre trazida pelo dono em alta estima. Ela é, de fato, esposa dele; vale por mil provas o anel.

REI — Não me dissestes que havíeis visto alguém aqui na corte que vos podia confirmar tudo isso?

DIANA — Disse, milorde; mas é envergonhada que apelo para o testemunho dele. Parolles é o seu nome.

LAFEU — Vi esse homem hoje mesmo na corte, se é que o nome de homem podemos dar-lhe.

REI — Ide buscá-lo.

(*Sai um criado.*)

BERTRAM — A que vem ele aqui? Na conta é tido de um pérfido sujeito, conspurcado de todos os defeitos deste mundo, e que doente se mostra à só idéia de dizer a verdade. É concebível que eu venha a ser o que disser um homem que afirma o que quiserem?

REI — Mas é certo ter ela o vosso anel.

BERTRAM — Não o nego; é o mesmo. Confesso que cheguei a gostar dela e que lho declarei, seguindo nisso o uso da mocidade. Tendo plena consciência da distância que medeava entre nós dois, com risos e negaças soube engodar-me o ardor, por ser sabido que tudo o que se opõe à fantasia só serve de excitá-la. Finalmente, sua infinita astúcia associada à beleza vulgar que me inflamava, me venceram de todo. Desse modo conseguiu ela o anel, tendo eu obtido por esse custo o que qualquer soldado viria a ter por preço do mercado.

DIANA — Preciso revestir-me de paciência. Vós, que esposa tão nobre repudiastes menoscabar de mim podeis agora. Só uma coisa vos peço — pois tão falho de brio vos mostrais, perco o marido — mandai buscar o anel, que eu vo-lo entrego; mas devolvei o meu.

BERTRAM — Não está comigo.

REI — Por favor, a que anel vos referistes?

DIANA — Em tudo igual, meu soberano, a esse que vos vejo no dedo.

REI — Conhecei-lo? Até há pouco este anel lhe pertencia.

DIANA — Então foi esse que lhe dei no leito.

REI — Assim, não é verdade que lho houvésseis jogado da janela?

DIANA — Disse o que houve.

(*Volta o criado com Parolles.*)

BERTRAM — Senhor, confesso que esse anel foi dela.

REI — Vacilais a toda hora; qualquer pena vos faz estremecer. É este o sujeito a que vos

referistes?

DIANA — Sim, milorde.

REI — Concito-vos, maroto, a declarar-nos — mas sem mentir e sem mostrardes medo de poder vir a desgostar vosso amo — o que dele sabeis e desta dama.

PAROLLES — Se for do agrado de Vossa Majestade, direi que meu amo sempre se portou como um gentil-homem honrado. É certo ter praticado algumas arrelias, mas isso como qualquer gentil-homem costuma fazer.

REI — Vamos ao que importa. Ele amou esta mulher?

PAROLLES — Por minha fé, senhor, amou. Mas como?

REI — Como? É o que pergunto.

PAROLLES — Ele a amou, senhor, como um cavalheiro ama uma mulher.

REI — E como é isso?

PAROLLES — Ele a amou, senhor, e ao mesmo tempo não a amou.

REI — Como tu és velhaco e ao mesmo tempo não és velhaco. Que sujeito cheio de distinções!

PAROLLES — Sou um pobre homem, senhor, às ordens de Vossa Majestade.

LAFEU — Tambor ele é bom, milorde, mas péssimo orador.

DIANA — Sabeis que ele me prometeu casamento?

PAROLLES — Por minha fé, sei muito mais do que vou falar.

REI — Então não pretendes dizer tudo o que sabes?

PAROLLES — Se for do agrado de Vossa Majestade. Como disse, eu era o intermediário entre ambos. Mas, acima disso, ele a amava, porque, de fato, estava louco por ela, e falava de Satanás, do limbo, das Fúrias e de não sei o que mais. Naquele tempo era tão grande o meu prestígio junto deles, que eu sabia quando subiam para a cama e outras coisinhas mais, como, por exemplo, a promessa de casamento e certas particularidades que me ensejariam um bom castigo, no caso de vir a revelá-las. Por isso não direi o que sei.

REI — Já disseste tudo, a menos que pudesses acrescentar que eles se casaram. Mas és muito precioso na tua exposição. Põe-te de lado. Segundo o dissestes, este anel vos pertenceu?

DIANA — Sim, milorde.

REI — Quem vo-lo deu? Ou então, onde o compraste?

DIANA — Não o comprei, milorde, nem mo deram.

REI — Quem, pois, vo-lo emprestou?

DIANA — Ninguém, milorde.

REI — Onde o encontrastes?

DIANA — Em nenhuma parte.

REI — Se por maneira alguma o anel foi vosso, como o destes a alguém?

DIANA — Nunca dei nada.

LAFEU — Essa mulher, senhor, é tal qual mão em luva folgada: entra e sai à vontade.

REI — Levai-a presa; não me agrada agora. Ponde-a no cárcere: e este aqui também. Se não disseres como achaste o anel, morrerás hoje mesmo.

DIANA — Jamais hei de confessar-vos tal coisa.

REI — Ide com ela!

DIANA — Posso dar uma fiança.

REI — Agora creio que eras mesmo rameira de soldados.

DIANA — Por Jove! Se algum homem me possuiu, fostes vós.

REI — Por que causa tanto tempo lhe assacastes tais coisas?

DIANA — Por ser ele inocente e culpado. Ele tem ciência de que eu já não sou virgem, e o jurara; mas eu juro que o sou, sem que ele o creia. Não me chameis, ó rei, de qualquer coisa; ou virgem sou ou deste velho esposa. (*Aponta para Lafeu.*)

REI — Zomba de nós. Levai-a logo presa.

DIANA — Bondosa mãe, trazei depressa a fiança.

(*Sai a viúva.*) Já virá o joalheiro, o proprietário do anel, que me será fiador seguro. Quanto a este nobre, que tem ciência plena de me ter desonrado, muito embora mal nenhum me fizesse, absolvo-o em tudo. Julga ele que meu leito está manchado, conquanto a esposa ele haja engravidado. Embora morta, nela o filho pula; nesta charada está minha escapula. Adivinhai agora.

(*Volta a viúva, com Helena.*)

REI — Que exorcista me ilude o ofício natural dos olhos? É real o que estou vendo?

HELENA — Não, milorde; a sombra apenas vedes de uma esposa; o nome, não a essência.

BERTRAM — Oh, ambos! ambos! Perdoa-me!

HELENA —Ó bondoso gentil-homem, quando eu era como esta senhorita vos achei sobremodo pressuroso. Vosso anel está aqui, e aqui a carta que me escrevestes. Nela pode ler-se: "Quando do dedo o anel me arrebatares, e um filho meu tiveres..." Está feito. E ora quereis ser meu com mais direito?

BERTRAM — Se ela isso demonstrar, ó rei, eu juro que lhe dedicarei o amor mais puro.

HELENA — Se tudo claro eu não deixar depois, haja eterno divórcio entre nós dois. Ó mãe querida! Vejo-vos com vida?

LAFEU — Sinto alho nos olhos; estou a ponto de chorar. (*A Parolles.*) Meu caro João Tambor, empresta-me o lenço. Assim; obrigado. Aparece lá em casa, para me distraíres um pouco; mas deixa de lado esses salamaleques, que são insuportáveis.

REI — Contar-me-eis essa história inteira e nua, porque a alegria em borbotões deflua.(*A Diana.*) Se ainda és botão de rosa, escolhe esposo, que eu te darei um dote generoso, pois estou vendo que uma esposa mestra, virgem como és, salvaste por honesta. Tudo isso e o mais que ouvir não posso agora me contareis depois, em melhor hora. Tudo parece bem; sendo o fim doce, que importa que o começo amargo fosse?

(*Clarins. Saem.*)

Epílogo

(*Dito pelo rei.*)

Representada a peça, é o rei mendigo. Tudo acabará bem, é o que vos digo, se palma nos baterdes. Alegria vireis achar aqui dia por dia. Bastem-vos nossas boas intenções; dai-nos as mãos; eis nossos corações. (*Sai.*)

A Tempestade

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

ATO 2

Cena 1

Cena 2

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 4

Cena 1

ATO 5

Cena 1

EPÍLOGO

Personagens

ALONSO, rei de Nápoles.
SEBASTIÃO, seu irmão.
PRÓSPERO, o legítimo duque de Milão
ANTÔNIO, seu irmão, duque usurpador de Milão.
FERDINANDO, filho do rei de Nápoles.
GONZALO, um velho e honesto conselheiro.
ADRIANO, nobre,
FRANCISCO, nobre.
CALIBÃ, escravo selvagem e disforme.
TRÍNCULO, palhaço.
ESTÉFANO, despenseiro bêbado.
MIRANDA, filha de Próspero.
ARIEL, espírito do ar.
ÍRIS,
CERES, espírito.
JUNO, espírito.
Comandante de um navio, contramestre, marinheiros.
Ninfas, espíritos.
Segadores, espíritos.
Outros espíritos, a serviço de Próspero.

Ato 1

Cena 1

A bordo de um navio no mar. Tempestade, com relâmpagos e trovões. Entram, por lados diferentes, Um comandante de navio e um contramestre.

COMANDANTE — Contramestre!

CONTRAMESTRE — Aqui, comandante! Tudo bem?

COMANDANTE — Bem. Falai com os marinheiros. Pegai firme, se não, iremos dar à costa. Mãos à obra! Mãos à obra!

(*Entram marinheiros*)

CONTRAMESTRE — Vamos, corações! Coragem! Coragem, meus corações! Força! Coragem! Amainai a mezena! Prestai atenção ao apito do comandante! — Sopra, vento, até arrebentar, se houver espaço bastante!

(*Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Ferdinando, Gonzalo e outros).*

ALONSO — Cuidado, cuidado, bondoso contramestre! Onde está o comandante? Sede homens!

CONTRAMESTRE — Por obséquio, ficai lá embaixo.

ANTÔNIO — Contramestre, onde está o comandante?

CONTRAMESTRE — Não o estais ouvindo? Mas, assim, atrapalhais nosso trabalho. Permanecei nos camarotes; estais mas é ajudando a tempestade.

GONZALO — Tende paciência, amigo.

CONTRAMESTRE — Quando o mar tiver paciência. Vamos, fora daqui! Que importa a estes berradores o nome de rei? Ide para os camarotes! Silêncio! Não nos prejudiqueis!

GONZALO — Bem; mas lembra-te de quem levas a bordo.

CONTRAMESTRE — Ninguém a quem eu ame mais do que a mim próprio. Sois conselheiro, não? Se pudermos impor silêncio a estes elementos e estabelecer ordem imediata, não tocaremos em uma só corda mais. Recorrei a vossa autoridade; mas se ela for inoperante, dai graças ao céu por terdes vivido tanto e ficai nos camarotes preparados para o que vossa hora vos reservou. — Coragem, meus corações! — Saí do caminho, já disse! (*Sai.*)

GONZALO — Tenho muita confiança neste camarada. Não tem cara de quem há de morrer afogado. Tem mais cara de enforcado. Persisti, bondoso Fado, no enforcamento dele. Fazei que a corda de seu destino seja nosso cabo, que o nosso mesmo não oferece nenhuma

resistência. Mas se ele não nasceu para a forca, nossa situação é miserável.

(*Saem. Volta o Comandante.*)

CONTRAMESTRE — Amainai o joanete! Vamos! Depressa! Mais baixo! Mais baixo! Experimentemos deixar só a vela grande! (*Ouve-se um grito no interior.*) A peste leve esses gritadores! Fazem mais barulho do que a tempestade e todas as manobras. (*Voltam Sebastião, Antônio e Gonzalo.*) Outra vez? que fazeis aqui? Será preciso largar tudo e perecer afogado? Quereis ir para o fundo?

SEBASTIÃO — Que a bexiga vos ataque a goela, cão gritador, blasfemo e sem caridade!

CONTRAMESTRE — Nesse caso, trabalhai!

ANTÔNIO — Vai te enforcar, mastim! Vai te enforcar, gritador insolente e sem-vergonha! Temos menos medo de perecer afogado do que tu.

GONZALO — Sirvo eu de fiador em como ele não morrerá afogado, ainda que o navio fosse tão resistente quanto uma casca de noz, e vazasse tanto quanto uma rapariga incontinente.

CONTRAMESTRE — Orça! Orça! Largai duas velas! Virai de bordo outra vez! Ao largo! Ao largo!

(*Entram marinheiros com roupas molhadas.*)

MARINHEIROS — Está tudo perdido! Vamos rezar! Vamos rezar! Está tudo perdido! (*Saem*)

CONTRAMESTRE — Como! Teremos de ficar com a boca fria?

GONZALO — O rei e o filho rezam; imitemo-los, que o nosso caso é o mesmo.

SEBASTIÃO — É intolerável!

ANTÔNIO — A vida temos à mercê de uns bêbedos, trapaceiros no jogo. Aquele biltre de boca escancarada... Só quisera ver-te a afogar, e que levado fosses por dez marés!

GONZALO — Espera-o mas é a forca, muito embora a isso se opusessem todas as gotas de água e se alargassem, para tragá-lo de uma vez.

(*Rumores confusos no interior.*) "Misericórdia!" "O navio está abrindo! Naufragamos!" "Adeus, irmão!" "Estamos naufragando!"

ANTÔNIO — Pereçamos com o rei. (*Sai.*)

SEBASTIÃO — Despeçamo-nos dele. (*Sai.*)

GONZALO — Daria agora mil estádios de mar por uma jeira de terra estéril com urzes longas, tojo escuro... fosse o que fosse. Seja feita a vontade lá de cima; mas preferia ter morte seca. (*Sai.*)

Cena 2

A ilha. Diante da cela de Próspero. Entram Próspero e Miranda.

MIRANDA — Se com vossa arte, pai querido, as águas selvagens levantastes, acalmai-as. Derramaria o céu pez escaldante, se até sua face o mar não se elevasse, para apagar o fogo. Como a vista dos que sofriam me era dolorosa! Um navio tão bravo, que, sem dúvida, conduzia pessoas excelentes, reduzido a pedaços! Transpassaram-me o coração seus gritos. Pobres almas! Pereceram. Se eu fosse um deus potente, pela terra absorvido o mar seria, antes de naufragar tão bom navio com sua carga de almas.

PRÓSPERO — Tranqüiliza-te. Acalma o susto e conta ao teu piedoso coração que não houve nenhum dano.

MIRANDA — Oh! Que dia!

PRÓSPERO — Nehum. Tudo o que fiz, foi por ti, simplesmente, minha filha, por tua causa, filha idolatrada, que não sabes quem és, nem tens notícia de onde eu teria vindo, nem que eu possa ser mais que Próspero, talvez, o dono desta gruta e teu pai não muito grande.

MIRANDA — Desejos nunca tive de obter outras informações.

PRÓSPERO — É tempo de saberes alguma coisa mais. A mão me empresta e dos ombros me tira o manto mágico. — Perfeitamente. (*Tira o manto.*) Fica aí, minha arte. — As lágrimas enxuga; fica alegre. O espetáculo terrível do naufrágio que em ti fez despertar a própria força da compaixão, por mim foi de tal modo dirigido, com tanta segurança, que, de toda essa gente, cujos gritos ouviste e que à tua vista naufragou, nenhuma alma, nenhuma, nem um fio de cabelo sofreu nenhum prejuízo. Senta-te aqui; precisas saber tudo.

MIRANDA — Mais de uma vez quisestes revelar-me quem eu sou; mas paráveis, entregando-me a vãs cogitações, e me dizíeis: “Espera mais; é cedo”.

PRÓSPERO — Chegou a hora, não, o minuto justo em que é preciso teres o ouvido aberto. Ora obedece-me e atenção presta a tudo. Tens alguma lembrança da época em que nós ainda não vivíamos nesta cela pobre? Não acredito, pois naquele tempo não contavas três anos.

MIRANDA — Oh! decerto, senhor, posso lembrar-me.

PRÓSPERO — Por que indícios? Outra casa? Pessoas diferentes? A imagem me revela do que possas ainda ter conservado na memória.

MIRANDA — Tudo muito distante. É mais um sonho do que certeza o que a reminiscência me leva a asseverar. Não houve uma época, há muito tempo, em que de mim

cuidavam quatro ou cinco mulheres?

PRÓSPERO — Sim, Miranda; e mais, até. Porém, como te lembras de semelhante coisa? Que distingues, além disso, no escuro do passado e no seio do tempo? Se consegues lembrar-te de algo acontecido em época anterior à tua vinda, também podes lembrar-te como para cá vieste.

MIRANDA — Disso, porém, não tenho idéia alguma.

PRÓSPERO — Há doze anos, Miranda, sim, doze anos, era teu pai um poderoso príncipe, e Duque de Milão.

MIRANDA — Então, senhor, não sois meu pai?

PRÓSPERO — Tua mãe foi um modelo de virtude, e me disse que, em verdade, minha filha tu eras. Teu pai era, pois, Duque de Milão. Como herdeira única tinha ele uma princesa, nada menos.

MIRANDA — Oh céus! Por que traição perdemos isso? Ou foi melhor assim?

PRÓSPERO — Ambas as coisas. Sim, por traição, como disseste, viemos parar aqui; mas redundou em nossa felicidade.

MIRANDA — Oh céus! O coração me sangra só de pensar em quanto vos fui causa de sofrimento, do que não me resta nada mais na memória. Prossegui, por obséquio.

PRÓSPERO — Meu mano, e, pois, teu tio, de nome Antônio... Peço-te prestar-me toda atenção. — Concebe-se que possa ser um irmão tão pérfido a esse ponto? — Depois de ti, era a ele que eu amava mais do que tudo neste mundo, tendo-lhe confiado a direção de meu Estado, que, na época, primava sobre todos, tal como Próspero entre os outros príncipes. Gozando de tão alta dignidade, não achava rival no que respeita às artes liberais. A estas dedicando todo o meu tempo, o peso do governo transferi a meu mano, assim tornando-me cada vez mais estranho à minha terra, porque às ciências secretas dedicado. Teu falso tio, entanto... Estás me ouvindo?

MIRANDA — Sou toda ouvidos, meu senhor.

PRÓSPERO — Havendo ficado inteiramente a par de como satisfazer pedidos ou negá-los, a quem favorecer, a quem de todo burlar nas pretensões, criou de novo minhas criaturas, ou melhor, mudou-lhes a natureza, outra feição lhes dando. A um só tempo dispondo dos ofícios e da chave do cargo, afinou todos os corações de acordo com a toada que aos ouvidos mais grata lhe soasse, e na hera se mudou, pois, que meu trono principesco escondia e que lhe a seiva vital sugava toda. Mas não prestas atenção ao que eu digo.

MIRANDA — Presto, sim, meu bondoso senhor.

PRÓSPERO — Não percas nada peço-te. Descurando dos assuntos temporais e vivendo inteiramente retirado, a cuidar, tão-só, dos meios de aperfeiçoar o espírito com as artes que, a não serem secretas, no conceito dos homens subiriam, fiz instintos perversos despertar no mano pérfido. Minha confiança, como pai bondoso, fez nascer nele uma traição tão grande quanto minha boa-fé, que era, em verdade, sem limites, imensa. Assim, tornado senhor não só de quanto

minhas rendas lhe facultavam, mas também de tudo que meu poder, então, lhe permitia — como alguém que o pecado da memória cometesse, por dar inteiro crédito às suas próprias mentiras, enunciadas como verdades puras — chegou ele a acreditar que era, de fato, o duque, por ser o substituto e estar afeito às mostras exteriores da realeza e aos privilégios inerentes a ela. Tendo sua ambição tomado vulto... Estás me ouvindo?

MIRANDA — Estou, senhor, que a vossa narração curaria os próprios surdos.

PRÓSPERO — Porque anteparo algum se interpusesse entre o papel que então lhe competia e o ator desse papel, julgou preciso tornar-se de Milão o único dono. Eu, coitado, ducado muito grande já me era a biblioteca. Ele julgou-me incapaz da realeza temporária; confederou-se com o Rei de Nápoles — tal era a sua sede de domínio! — prometendo pagar-lhe anual tributo e prestar-lhe homenagem, sujeitando sua coroa à dele, e, assim, deixando-a — pobre Milão, que nunca se dobrara! — na mais vil sujeição.

MIRANDA — Oh céus!

PRÓSPERO — Reflete sobre essas condições e as conseqüências de semelhante aliança, e ora me dize se era um irmão esse homem.

MIRANDA — Fora grande pecado ajuizar mal de minha avó. Já se têm visto muito nobres ventres dar à luz ruins filhos.

PRÓSPERO — Mas cheguemos às condições. Sendo esse Rei de Nápoles meu inimigo acérrimo, a proposta de meu irmão aceita, isto é, em troca da vassalagem e do estipulado tributo — não sei quanto — compromete-se a me expulsar e aos meus do meu ducado, entregando Milão, a incomparável, com suas honras todas, a meu mano. Assim, reunido um traiçoeiro exército, em certa noite apropriada ao feito abriu Antônio as portas da cidade e em plena escuridão os seus asseclas me tiraram dali rapidamente, contigo, pobrezinha, esfeita em lágrimas.

MIRANDA — Oh, que tristeza! Tendo-me esquecido como eu chorava então, desejos sinto de chorar novamente; os olhos força-me esta oportunidade.

PRÓSPERO — Alguns momentos mais de atenção, para chegarmos logo ao ponto principal, sem o que fora toda esta história assaz impertinente.

MIRANDA — Por que não nos tiraram logo a vida?

PRÓSPERO — Bela pergunta, jovem, suscitada por minha narrativa. Não ousaram, querida — tanto o povo me estimava — pôr um selo tão rubro nesse assunto; mas emprestaram cores mais risonhas a seus nefandos fins. Em suma, à pressa, puseram-nos num barco e a algumas léguas da costa nos levaram, onde tinham prestes uma carcaça apodrecida de navio, sem mastros, sem cordoalha, sem vela, nada, enfim. Os próprios ratos o haviam, por instinto, abandonado. Guindaram-nos para aí, porque chorássemos às ondas mugidoras e suspiros enviássemos aos ventos, que, piedosos, devolvendo os suspiros, nos faziam sofrer por amizade.

MIRANDA — Oh! Quanto incômodo não vos causei!

PRÓSPERO — Um querubim tu foste, que a vida me salvou. Então sorrias, enquanto eu

borrifava o mar com lágrimas salgadas, a gemer sob o meu fardo. Isso me deu a irresistível força para agüentar quanto o futuro incerto me reservasse ainda.

MIRANDA — E de que modo fomos bater à praia?

PRÓSPERO — A Providência divina nos guiou. Conosco tínhamos alimentos alguns e um pouco de água potável que Gonzalo, da nobreza napolitana, e que incumbido fora da execução de todo esse projeto, por piedade, tão-só, nos concedera, além de ricas vestes, linho, panos e muitas outras coisas, que têm sido de grande utilidade. Assim, por pura gentileza, sabendo quanto apego eu tinha aos livros, trouxe-me de minha biblioteca volumes que eu prezava mais do que meu ducado.

MIRANDA — Oh! Se algum dia pudesse eu ver esse homem!

PRÓSPERO — Ora fico de pé outra vez. (*Torna a vestir o manto.*) Sentada continua, para ouvires o fim de nossos longos dissabores marítimos. Chegamos a esta ilha, e aqui me foi possível, como teu preceptor, fazer que progredisses mais do que outras princesas que dispõem de muitas horas fúteis e não contam com um mestre tão assíduo e dedicado.

MIRANDA — O céu vos recompense. E ora dizei-me, por favor, que ainda tenho inquieto o espírito: por que essa tempestade levantastes?

PRÓSPERO — Aprenderás mais isso. Por acaso muito estranho a Fortuna generosa, minha senhora mui prezada agora, trouxe os meus inimigos a esta praia. A ciência do futuro me revela que o meu zênite se acha dominado por um astro auspicioso, cuja influência me cumpre aproveitar, caso não queira que se apague de vez a minha sorte. E agora basta de perguntas. Mostras-te inclinada a dormir, sendo preciso ceder a esse torpor em tudo grato. Não podes escolher, tenho certeza. (*Miranda adormece.*) Servidor, estou pronto novamente! Vem, meu Ariel! Aqui!

(*Entra Ariel.*)

ARIEL — Meu grande mestre, salve! Salve, grave senhor! Vim para em tudo obedecer-te, ou seja para voar, nadar, no fogo mergulhar, ou montar nas nuvens densas. Tua vontade forte é que domina Ariel e seu poder.

PRÓSPERO — Executaste, espírito, direito a tempestade, conforme te ordenei?

ARIEL — Ponto por ponto. Assaltei o real barco; ora na proa, ora nos flancos, na coberta, em todos os camarotes acendi o susto. Dividido, por vezes, inflamava-me em diversos lugares: sobre o mastro, no gurupés, nas vergas, em distintas chamas aparecia, para numa, depois, me concentrar. Não são mais rápidos nem mais ofuscadores os relâmpagos de Jove, precursores das trovoadas assustadoras. Tanto fogo e o embate do sulfúrico estrondo pareciam tomar de assalto o muito poderoso Netuno e amedrontar suas bravas ondas. Sim, até o tridente formidável lhe tremia nas mãos.

PRÓSPERO — Meu bravo espírito! Quem terá sido tão constante e firme que a razão não pendesse em tal revolta?

ARIEL — Não houve alma que a febre da loucura não revelasse e não mostrasse certos

sinais de desespero. Com exceção dos marinheiros, todos mergulharam na espumosa voragem, desertando o navio, que em chamas eu deixara. O herdeiro da coroa, Ferdinando, com os cabelos em pé — mais parecia junco do que cabelo — deu o exemplo, e, ao altar, exclamou: "Ficou vazio todo o inferno; os demônios estão soltos!"

PRÓSPERO — Muito bem, meu espírito! Foi isso perto da praia, não?

ARIEL — Bem perto, mestre.

PRÓSPERO — Mas Ariel, estão salvos mesmo todos?

ARIEL — Não se perdeu um fio de cabelo, nem há nas vestes com que se salvaram uma mancha sequer; mais frescas todas estão do que antes. E, de acordo sempre com o que recomendaste, dispersei-os em bandos por toda a ilha. O herdeiro príncipe, fi-lo chegar a terra por si próprio. Deixei-o a refrescar o ar com suspiros, sentado a um canto estranho da ilha, os braços tristemente cruzados, deste modo.

PRÓSPERO — O real navio, com seus marinheiros, dize onde foi parar, e os mais da frota?

ARIEL — O navio do rei está no porto, no golfo em que uma vez me convocaste para buscar orvalho das Bermudas tempestuosas. Ali se acha escondido. Todos os marinheiros estão dentro da escotilha; com meus encantamentos secundando a fadiga dos trabalhos, deixei-os a dormir. Os outros barcos que eu dispersara estão de novo juntos. Pelo Mediterrâneo agora singram, tristemente rumando para Nápoles, certos de terem visto a capitania, que o rei levava, soçobrar e Sua Grandeza perecer.

PRÓSPERO — Ariel, cumpriste tua missão a ponto; mas ainda terás o que fazer. Que tempo é agora?

ARIEL — Meio-dia passado.

PRÓSPERO — Pelo menos de duas ampulhetas. Preciso que aproveitar saibamos o intervalo de agora até seis horas.

ARIEL — Mais fadigas? Já que novos trabalhos me destinas, permite que te lembre uma promessa que ainda não cumpriste.

PRÓSPERO — Quê! Zangado? Que podes desejar?

ARIEL — A liberdade.

PRÓSPERO — Antes do tempo certo? Nunca!

ARIEL — Lembra-te que te prestei serviços importantes nunca menti, não descuidei de nada nem me mostrei queixoso ou rabugento. Prometeste abater-me um ano inteiro.

PRÓSPERO — Pareces esquecido do tormento de que te libertei.

ARIEL — Eu, esquecido?

PRÓSPERO — Sim, esqueceste, e julgas de mais peso pisar no limo do salgado pélago, ir empós do cortante vento norte, nas veias, para mim, descer da terra, quando o gelo a recoze.

ARIEL — Senhor, não!

PRÓSPERO — Mentes, coisa maligna! Não te lembras da repelente bruxa Sicorax, que a idade e a inveja em arco recurvaram? Já te esqueceste dela?

ARIEL — Não, senhor.

PRÓSPERO — Só parece que sim. Se não, me dize: de onde era ela? Onde nasceu? Responde.

ARIEL — Na Argélia, meu senhor.

PRÓSPERO — Ah! sim? Preciso todos os meses repetir quem foste, coisa de que te esqueces a toda hora. Essa bruxa maldita, Sicorax, por crimes horrorosos e terríveis feitiçarias que os mortais ouvidos não podem suportar, se viu banida, como sabes, da Argélia. Uma só coisa — ia ser mãe — pôde salvar-lhe a vida. Não é verdade tudo?

ARIEL — Sim, senhor.

PRÓSPERO — Por grávida encontrar-se, essa megera de olhos azuis foi para cá trazida e abandonada pelos marinheiros. Tu, meu escravo, como te nomeias, eras, então, seu criado. Mas por seres um espírito muito delicado para suas ordens por demais terrenas e repugnantes, não te submetias a quanto ela ordenava, razão clara de te haver ela, ouvindo o imperativo de seu furor imenso e com o auxílio de seus ministros de poder mais forte, fechado numa fenda de pinheiro. Nessa racha de tronco, atormentado, uns doze anos ficaste, no qual tempo veio a morrer a amaldiçoada bruxa, na prisão te deixando, onde soltavas gemidos tão freqüentes como as rodas do moinho em seu girar. Então, esta ilha — se excetuarmos o filho que ela teve, um mostrengo manchado — forma humana nenhuma a enobrecia.

ARIEL — Sim, seu filho Calibã.

PRÓSPERO — Coisa obtusa, é o que te digo. É o mesmo Calibã que ora me serve. Ninguém melhor que tu sabe os tormentos em que te achei. Faziam teus gemidos ulular lobos e calavam fundo no coração dos ursos indomáveis. Era martírio para os condenados aos suplícios eternos, que desfeito já não podia ser por Sicorax.

ARIEL — Agradeço-te, mestre.

PRÓSPERO — Caso venhas de novo a murmurar, fendo um carvalho e como cunha te comprimo dentro de seu nodoso corpo, até que venhas ululado durante doze invernos.

ARIEL — Perdão, mestre; mas hei de conformar-me a quanto me ordenares, perfazendo de grado minha obrigação de espírito.

PRÓSPERO — Faze assim, porque dentro de dois dias dar-te-ei a liberdade.

ARIEL — Eis o meu nobre mestre, novamente! Que é preciso fazer? Dize. Que mandas?

PRÓSPERO — A forma adquire logo de uma ninfa, a mim e a ti visível, tão-somente, a ninguém mais. Assume essa postura e volta para cá. Vamos! Depressa! (*Sai Ariel.*) Acorda, coração, acorda logo; já dormiste bastante.

MIRANDA (*despertando*): O extraordinário de vossa história me deixou com sono.

PRÓSPERO — Sacode-o. Vamos ver o meu escravo Calibã, que só tem palavras duras para minhas perguntas.

MIRANDA — É um velhaco, meu senhor, cuja vista me repugna.

PRÓSPERO — Contudo, não podemos dispensá-lo. Acende-nos o fogo, traz-nos lenha e nos presta serviços variados de muita utilidade. Olá! Escravo! Bloco de terra! Calibã! Responde!

CALIBÃ (*dentro*) — Há muita lenha em casa.

PRÓSPERO — Vem! Já disse. Vou dar-te outro serviço. Tartaruga, vem logo! Vens? (*entra Ariel, metamorfoseado em ninfa do mar.*) Que linda aparição! Meu precioso Ariel, ouve-me à parte.

ARIEL — Será feito, senhor. (*Sai.*)

PRÓSPERO — Vem para fora, escravo venenoso, pelo próprio diabo gerado em tua mãe maldita.

(*Entra Calibã.*)

CALIBÃ — Que em vós dois caia orvalho tão nocivo como o que minha mãe tinha por hábito colher nos charcos pútridos com uma asa negra de corvo. Em vós sopre o suloeste e vos deixe cobertos de feridas.

PRÓSPERO — Por isso, fica certo, hás de esta noite sofrer cãibras contínuas e pontadas sentir que te hão de perturbar o fôlego. À noite, todo o tempo em que puderem mexer-se os duendes, hão de exercitar-se sem pausa sobre ti. Tão densamente como um favo de mel serás picado, sendo mais dolorosa cada uma dessas ferretoadas do que quantas dêem as próprias abelhas.

CALIBÃ — Está na hora do meu jantar. Esta ilha é minha; herdei-a de Sicorax, a minha mãe. Roubaste-ma; adulavas-me, quando aqui chegaste; fazias-me carícias e me davas água com bagas, como me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que de dia e de noite sempre queimam. Naquele tempo, tinha-te amizade, mostrei-te as fontes frescas e as salgadas, onde era a terra fértil, onde estéril... Seja eu maldito por havê-lo feito! Que em cima de vós caia quanto tinha de encantos Sicorax: besouros, sapos e morcegos. Eu, todos os vassalos de que dispondes, era nesse tempo meu próprio soberano. Mas agora me enchiqueirastes nesta dura rocha e me proibes de andar pela ilha toda.

PRÓSPERO — Escravo mentiroso, só pancada te pode comover, nunca o bom trato. Sujo como és, tratei-te como gente, alojando-te em minha própria cela, até ao momento em que tiveste o ousio de querer desonrar a minha filha.

CALIBÃ — Oh oh! Oh oh! Quisera tê-lo feito; mas mo impediste. Se não fora isso, com Calibãs houvera a ilha povoado.

PRÓSPERO — Escravo abominável, carecente da menor chispa de bondade, e apenas

capaz de fazer mal! Tive piedade de ti; não me poupei canseiras, para ensinar-te a falar, não se passando uma hora em que não te dissesse o nome disto ou daquilo. Então, como selvagem, não sabias nem mesmo o que querias; emitias apenas gorgorejos, tal como os brutos; de palavras várias dotei-te as intenções, porque pudesses tomá-las conhecidas. Mas embora tivesse aprendido muitas coisas, tua vil raça era dotada de algo que as naturezas nobres não comportam. Por isso, merecidamente, foste restringido a esta rocha, sendo certo que mais do que prisão tu merecias.

CALIBÃ — A falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso, é ter ficado sabendo como amaldiçoar. Que a peste vermelha vos carregue, por me terdes ensinado a falar vossa linguagem.

PRÓSPERO — Fora daqui, filho de feiticeira! Vai buscar lenha e não demores nada, e o que te digo, que ainda tens serviço. Ah! Pouco se te dá, demônio? Caso negligencies ou faças de mau grado quanto estou a mandar, com velhas cãibras a tratos ficarás, cheios teus ossos de dores lancinantes, que te obriguem a rugir de tal modo, que até as feras hão de tremer à tua gritaria.

CALIBÃ — Não, por favor... (*à parte.*) Forçoso é obedecer. Sua arte é tão potente, que lhe fora possível dominar até Setebos, o deus de minha mãe e transformá-lo em seu vassalo, até.

PRÓSPERO — Vai logo, escravo! (*Sai Calibã. Volta Ariel, invisível, tocando e cantando; Ferdinando o segue.*)

CANTIGA DE ARIEL: Sobre esta areia amarela saudai a bela. E após a terdes beijado e o mar caiado, cantai, espíritos ledos, em coro, vossos brinquedos. Ouvi! Ouvi!

(*Coro disperso.*) Au! Au! Os cães ladram em sarau

(*Coro disperso.*) Au! Au! Ouvi sequer o canto do chantecler: Co-co-ri-có!

FERDINANDO — De onde vem esta música? Da terra? Do céu, talvez? Parou. É dirigida, certamente, a algum deus desta bela ilha. Na praia eu me encontrava, a lastimar-me pelo naufrágio de meu pai, o rei, quando por sobre as águas esta música chegou até a mim, deixando serenada com o seu doce encanto, a um tempo, a fúria delas e a minha mágoa. Acompanhei-a até aqui, ou melhor: fui arrastado. Mas já parou. Não! Ei-ia novamente.

ARIEL canta:

Teu pai está a cinco braças.
Dos ossos nasceu coral,
dos olhos, pérolas baças.
Tudo nele é perenal;
mas em algo peregrino
transforma-o o mar de contínuo
O sino das ninfas soa:
(*Coro.*) Dim, dim, dão!
Escutai como reboa:

(*Coro.*) Dim, dim, dão!

FERDINANDO — Faz-me lembrar a toada o pai defunto. Não é mortal cantiga, nem terrenos são esses sons. Agora os ouço em cima.

PRÓSPERO — Afasta as franjas que te os olhos cobre e dize o que ali vês.

MIRANDA — Será espírito? Oh céus! que olhar o dele! Acreditai-me, senhor, a forma é bela. Mas é espírito.

PRÓSPERO — Não, menina; ele dorme, come e bebe como nós dois, e tem iguais sentidos. Perfeitamente iguais. Esse mancebo que ali vês é um dos náufragos. Não fosse ora achar-se algum tanto maculado pela tristeza — o verme da beleza — poderias chamar-lhe um homem belo. Perdeu os companheiros e ora vaga pela ilha a procurá-los.

MIRANDA — Chamar-lhe-ia, de grado, algo divino. Jamais coisa natural vi tão nobre.

PRÓSPERO (*à parte*) — Tudo marcha como na alma desejo. — a belo espírito, só por isto dar-te-ei a liberdade nestes dois dias.

FERDINANDO — Certamente é a deusa a quem era dedicada aquela música. — Dai-me saber se tendes na ilha a sede e se podeis instruir-me sobre o modo de comportar-me aqui. Minha primeira pergunta, que por último enuncio, será: Ó maravilha! Sois humana ou divina? Que sois?

MIRANDA — Não maravilha, não divina, senhor; mulher, decerto.

FERDINANDO — Minha linguagem! Céus! Sou o mais alto dos que esta língua falam! Se de novo me achasse no país em que é falada!

PRÓSPERO — Como assim? O mais alto? Que diria, se te ouvisse falar, o Rei de Nápoles?

FERDINANDO — Algo modesto, tal como ora sou, que se mostra admirado por ouvir-te falar do Rei de Nápoles. Ele ouve-me; por isso mesmo, choro. Eu, só, sou Nápoles, que com estes olhos, desde então em pranto, vi o rei naufragar, o rei meu pai.

MIRANDA — Oh, dor!

FERDINANDO — É certo; com seus nobres todos. O Duque de Milão, também com eles, e seu valente filho, pereceram.

PRÓSPERO (*à parte*) — O Duque de Milão e sua filha não menos valorosa poderiam contradizer-te, se mais oportuna fosse a ocasião. — Logo à primeira vista trocou com ela olhares. Só por isto, meu delicado Ariel, vou libertar-te. — Uma palavra, meu senhor. Receio que dizendo isso, vos prejudiqueis.

MIRANDA (*à parte*) — Por que meu pai se expressa por maneira tão pouco delicada? Este é o terceiro homem que jamais vi, sendo o primeiro que me fez suspirar. Que a piedade possa inclinar meu pai para o meu lado.

FERDINANDO (*à parte*) — Se fordes virgem e se não tiverdes comprometido o

coração, de Nápoles rainha vos farei.

PRÓSPERO — Mais devagar, caro senhor. Uma palavra, ainda. (*À parte.*) Ambos estão rendidos. É preciso, porém, deixar um pouco mais difícil essa conquista, para que a vitória fácil demais não desmereça o preço. (*A Ferdinando.*) Uma palavra. Intimo-te a escutar-me. Um nome usurpas que não te pertence e como espião chegaste a esta ilha, para ma tomares, a mim, o senhor dela.

FERDINANDO — Não; por minha honra de homem, vo-lo afirmo.

MIRANDA — Nada de mau pode abrigar tal templo. Se de casa tão nobre dispusesse o espírito ruim, tudo o que é belo se esforçaria para morar nela.

PRÓSPERO (*a Ferdinando*): Acompanha-me! (*A Miranda.*) Dele não me fales. É um traidor. (*A Ferdinando.*) Vamos logo. Hei de prender-te com fortes elos o pescoço e as pernas. Água do mar terás como bebida; como alimento encontrarás somente mexilhões dos regatos, ressequidas raízes e folhelhos, onde as glandes tenham feito seus leitos. Vamos logo!

FERDINANDO — Não; vou opor-me a esse tratamento até que meu inimigo me domine. (*Saca da espada, mas, por encantamento, fica sem poder mover-se.*)

MIRANDA — Oh! Não o provoqueis, pai extremoso, com tanta rispidez. Ele é educado, não temeroso em nada.

PRÓSPERO — Como! Tenho de obedecer aos pés? — Guarda essa espada, traidor! Fazes menção, tão-só, de usá-la, mas coragem não tens, que, assaz pesada, te reprime a consciência. Deixa logo de tomar posição, que eu poderia com meu bastão fazer cair-te essa arma.

MIRANDA — Pai, compaixão!

PRÓSPERO — Solta-me a roupa, digo!

MIRANDA — Piedade, pai. Serei tua fiadora.

PRÓSPERO — Nem mais uma palavra! Do contrário, repreender-te-ei, se não chegar a odiar-te. Como! Advogando de um traidor a causa? Silêncio, disse! Pensas que no mundo não há ninguém assim, porque só viste a Calibã e a este. Rapariga sem juízo! Comparado a muitos homens, este é outro Calibã, como são anjos os homens perto dele

MIRANDA — Nesse caso, muito modestos são meus sentimentos; não ambiciono ver ninguém mais belo.

PRÓSPERO — Vem comigo; obedece-me. Teus músculos ainda estão na infância não têm força.

FERDINANDO — Realmente; como em sonho tenho o espírito: acorrentado. A morte de meu pai, a fraqueza que sinto, num naufrágio perdidos os amigos, as ameaças deste senhor, de quem sou prisioneiro, tudo eu suportaria, se pudesse, uma só vez ao dia, de meu cárcere contemplar esta jovem. Que me importa que em todo o vasto mundo a liberdade possa encontrar guarida? Assaz espaço terei nesta prisão.

PRÓSPERO (*à parte*) — Vai bem. (*A Ferdinando.*) Sigamos. (*A Ariel.*) Trabalhaste a primor, querido Ariel. (*A Ferdinando.*) Acompanha-me. (*A Ariel.*) Aguarda as minhas ordens.

MIRANDA — Senhor, ficai tranqüilo; melhor gênio tem meu pai do que o inculcam tais palavras. O que ele fez agora é inteiramente fora do natural.

PRÓSPERO — Serás tão livre como o vento, mas faze exatamente tudo o que eu te mandar.

ARIEL — Ponto por ponto.

PRÓSPERO — Acompanhai-me. — Não me digas nada. (*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Outra parte da ilha. Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Gonzalo, Adriano, Francisco e outros.

GONZALO — Por obséquio, senhor, ficai alegre. Tendes motivo, como nós, de júbilo, pois de muito ultrapassa o que salvamos a tudo o que perdemos. Nossa causa de tristeza é comum. Todos os dias uma mulher de marinheiro, o chefe de algum barco de carga, ou mesmo o dono desse barco, o mesmíssimo motivo têm de tristeza. Mas no que respeita ao milagre, refiro-me, sem dúvida, à nossa salvação, poucas pessoas falarão como nós. Por isso, penso, caro senhor, que contrabalançadas estão as perdas com o que lucramos.

ALONSO — Cala-te, por obséquio.

SEBASTIÃO — Essas palavras são para ele tal qual um caldo frio.

ANTÔNIO — Mas o visitador ainda insiste.

SEBASTIÃO — O relógio do espírito ele apresta; vai dar horas.

GONZALO — Senhor!

SEBASTIÃO — Uma! Falai.

GONZALO — Quando as tristezas são assim tratadas, sabeis o que se ganha?

SEBASTIÃO — Sei; um dólar.

GONZALO — Isso mesmo: uma dor. Falastes com mais acerto do que poderíeis imaginar.

SEBASTIÃO — E vós interpretastes o dito com mais espírito do que eu esperava que o fizésseis.

GONZALO — Assim sendo, meu senhor...

ANTÔNIO — Oh céus! Como ele é pródigo com a língua!

ALONSO — Por favor, parai com isso.

GONZALO — Já parei. Contudo...

SEBASTIÃO — Ele precisa continuar a falar.

ANTÔNIO — Quem será o primeiro a cantar: ele ou Adriano? Vamos apostar?

SEBASTIÃO — O galo velho.

ANTÔNIO — Não, o novo.

SEBASTIÃO — Feito. Quanto apostamos?

ANTÔNIO — Uma gargalhada.

SEBASTIÃO — Aceito.

ADRIANO — Conquanto esta ilha pareça deserta...

SEBASTIÃO — Ah, ah, ah! Já estais pago.

ADRIANO — Inabitada e quase inacessível...

SEBASTIÃO — Contudo...

ADRIANO — Contudo...

ANTÔNIO — Ele não poderia deixar de achá-la.

ADRIANO — Precisará ser de sutil, doce e agradável temperança.

ANTÔNIO — Temperança era uma rapariga delicada.

SEBASTIÃO — E sutil, como ele disse com muita erudição.

ADRIANO — Sentimos-lhe o suave bafejo.

SEBASTIÃO — Como de pulmões podres.

ANTÔNIO — Ou como se tivesse sido perfumado por um pântano.

GONZALO — Tudo aqui é vantajoso para a vida.

ANTÔNIO — Sim, com exceção dos mantimentos.

SEBASTIÃO — Que é o que não se encontra, ou muito pouco.

GONZALO — Que aparência fresca e agradável a desta relva! Como é verde!

ANTÔNIO — Realmente; o chão é aleonado.

SEBASTIÃO — Com uma pequena tonalidade verde.

ANTÔNIO — Ele quase não erra.

SEBASTIÃO — Realmente; apenas afasta-se por completo da verdade.

GONZALO — Mas o mais raro de tudo isso, que, por assim dizer, é inacreditável...

SEBASTIÃO — Como se dá com a maioria das raridades muito recomendadas...

GONZALO — ... é que as nossas vestes, molhadas, como o foram, pela água do mar, nada perderam do frescor e do lustre. Mais parecem tingidas pela água do mar, do que manchadas por ela.

ANTÔNIO — Se ao menos um de seus bolsos pudesse falar, tachá-lo-ia de mentiroso.

SEBASTIÃO — A menos que embolsasse com habilidade os seus dizeres.

GONZALO — Tenho a impressão de que nossas vestes estão agora tão frescas como quando as pusemos pela primeira vez na África, no casamento de Claribel, a bela filha do rei, com o Príncipe de Túnis.

SEBASTIÃO — Foi um belo casamento, tendo sido nós, ao retorno, muito bem sucedidos.

ADRIANO — Nunca Túnis tivera a graça de possuir uma rainha tão incomparável.

GONZALO — É certo; desde o tempo da viúva Dido.

ANTÔNIO — Viúva, como? A peste que a carregue! Por que essa viúva, agora? Ora, a viúva Dido!

SEBASTIÃO — E se ele tivesse dito também: o viúvo Enéias? Como interpretais as coisas?

ADRIANO — "A viúva Dido"; não foi o que dissestes? Levastes-me a refletir sobre o caso; ela não era de Túnis, mas de Cartago.

GONZALO — Essa Túnis, senhor, era Cartago.

ADRIANO — Cartago?

GONZALO — Posso assegurar-vos: Cartago.

ANTÔNIO — Sua palavra pesa mais do que a harpa miraculosa.

SEBASTIÃO — Não levantou apenas muralhas, mas também casas.

ANTÔNIO — Qual será o próximo impossível que ele vai deixar fácil?

SEBASTIÃO — Sou de pensar que ele acabará levando a ilha no bolso, para casa, a fim de dá-la para o filho, como uma maçã.

ANTÔNIO — Cujas sementes ele semeará no mar, para que nasçam mais ilhas.

ALONSO — Como?

ANTÔNIO — Sim, no tempo certo.

GONZALO (*a Alonso*) — Estávamos dizendo, senhor, que nossas vestes parecem agora tão frescas como quando nos encontrávamos em Túnis, no casamento de vossa filha, hoje rainha.

ANTÔNIO — A mais completa rainha que já foi ter àquelas plagas.

SEBASTIÃO — Com licença: se excetuarmos a viúva Dido.

ANTÔNIO — Oh! a viúva Dido! Sim, a viúva Dido.

GONZALO — Meu gibão, senhor, não está tão fresco como no primeiro dia em que o vesti? Quero dizer, de certo modo.

ANTÔNIO — Um modo muito bem pescado.

GONZALO — Quando o vesti no casamento de vossa filha...

ALONSO — Entupis-me os ouvidos com palavras que de todo me são insuportáveis. Antes em tal lugar nunca eu tivesse casado minha filha, pois, à volta, perdi meu filho, como também a ela, porque da Itália estando tão distante, jamais a reverei. Ó, meu herdeiro de Milão e de Nápoles, que estranho peixe terá de ti feito alimento?

FRANCISCO — Senhor, provavelmente ainda está vivo. Vi-o por cima das ondas, a batê-las, as cristas cavalgando-lhes. Das águas a cólera afastava, a avançar sempre, e opondo o peito à túmida corrente; mantinha a ousada fronte sempre acima das ondas contenciosas e remava com os braços fortes mui galhardamente, em direção à praia, que, inclinada sobre a base batida pelo oceano, parecia, abaixando-se, ajudá-lo. Tenho quase certeza de que pôde salvo alcançar a praia.

ALONSO — Não; morreu.

SEBASTIÃO — A vós, senhor, é que deveis dar graças por semelhante perda. Não quisestes à nossa Europa conceder a graça de possuir vossa filha, preferindo vir a perdê-la para um africano, onde banida a tendes, para sempre, dos olhos que com causa ora a pranteiam.

ALONSO — Paz, por obséquio.

SEBASTIÃO — Todos nós, de joelhos, instantes, vos pedimos, e ela própria — bela alma! — vacilante se mostrava sobre o prato a pender: o da obediência ou o da aversão. Perdemos vosso filho, receio-o, para sempre. Mais viúvas ganhou Milão e Nápoles com isso do que homens poderíamos levar-lhes para consolo delas, e foi tudo, tudo por vossa culpa.

ALONSO — A maior perda também me coube em sorte.

GONZALO — Sebastião, essas verdades são inoportunas e indelicadas; arranhais a úlcera, em vez de pôr-lhe emplastro.

SEBASTIÃO — Muito bem.

ANTÔNIO — E cirurgicamente doutrinado.

GONZALO — Para nós todos, meu senhor, o tempo fica ruim, quando ficais nublado.

SEBASTIÃO — Muito ruim?

ANTÔNIO — Horrível.

GONZALO — Se eu tivesse nesta ilha, meu senhor, uma lavoura...

ANTÔNIO — Urtiga plantaria.

SEBASTIÃO — Ou malva e grama.

GONZALO — E eu, que faria, se rei dela fosse?

SEBASTIÃO — Não vos embriagaríeis, por não terdes vinho para beber.

GONZALO — Não; na república faria tudo pelos seus contrários, pois não admitiria espécie alguma de comércio; de magistrados, nada, nem mesmo o nome; o estudo ficaria ignorado de todo; suprimiria, de vez, ricos e pobres e os serviços; contratos, sucessões, questões de terra, demarcações, cuidados da lavoura, plantação de vinhedos, nada, nada. Nenhum uso, também, de óleo e de vinho, trigo e metal. Ocupação, nenhuma. Todos os homens, ociosos, todos. E as mulheres, também; mas inocentes e puras. Faltaria, de igual modo, soberania...

SEBASTIÃO — Mas o rei era ele.

ANTÔNIO — Da república o fim esquece o início.

GONZALO — Todas as coisas em comum seriam, sem suor nem esforço, produzidas pela natura. Espadas, espingardas, facas, chuços, traições e felonias, eu não admitiria. A natureza produziria tudo por si mesma, só para alimentar meu povo ingênuo.

SEBASTIÃO — E casamentos, haveria entre eles?

ANTÔNIO — Não, meu caro senhor; vadios todos: vilãos e prostitutas.

GONZALO — De tal modo governaria, que deitara sombra à própria idade de ouro.

SEBASTIÃO — Deus vos guarde, majestade!

ANTÔNIO — Gonzalo viva! Viva!

GONZALO — E vós, senhor, não me estais ouvindo?

ALONSO — Pára, por obséquio; para mim não falaste coisa nenhuma.

GONZALO — Acredito no que diz Vossa Alteza; mas assim fiz, para aproveitar a oportunidade de mostrar a estes cavalheiros que eles são de pulmões tão delicados e sensíveis, que riem por coisa nenhuma.

ANTÔNIO — Estávamos rindo de vós.

GONZALO — De mim, que em matéria de gracejos, sou coisa nenhuma para vós. Assim, continuais a rir de coisa nenhuma.

ANTÔNIO — Que golpe certeiro!

SEBASTIÃO — Se não bateu de lado.

GONZALO — Sois cavalheiros de humor valente, capazes de levantar de sua esfera a lua, no caso de vir ela a ficar cinco semanas sem se modificar.

(*Entra Ariel, invisível, tocando música solene.*)

SEBASTIÃO — Sim, faríamos isso, para depois irmos caçar morcegos com archotes.

ANTÔNIO — Não vos agasteis, meu caro senhor.

GONZALO — Tranqüilizai-vos; não vou perder o senso assim com tanta facilidade. Sinto os olhos pesados; quereis rir, vendo-me dormir?

ANTÔNIO — Dormi e escutai-nos.

(*Todos adormecem, com exceção de Alonso, Sebastião e Antônio.*)

ALONSO — Como assim! Já dormiram? Tão depressa? Quem me dera que os olhos, a um só tempo, se me fechassem e estes pensamentos! Mas parece que estão propensos a isso.

SEBASTIÃO — Não recuseis sua pesada oferta; mui raramente ele visita a mágoa, mas, quando o faz, é de real consolo.

ANTÔNIO — Nós dois, caro senhor, vos guardaremos. Velaremos, enquanto repousardes, por vossa segurança.

ALONSO — Agradecido. Cansaço extraordinário!

(*Adormece. Ariel sai.*)

SEBASTIÃO — Que curiosa fadiga se apossou de todos eles!

ANTÔNIO — Sem dúvida é do clima.

SEBASTIÃO — E nossas pálpebras, por que não baixa o clima? Não me sinto sonolento.

ANTÔNIO — Nem eu, tampouco. Tenho despertos os espíritos. Caíram todos a um tempo, como por vontade. Parecem sucumbidos por um raio. Meu digno Sebastião, que poderíamos... Sim, que nos fora... Não; sobrestejamos nisso por ora. No entretanto, leio-te no rosto tudo o que podias ser. É a ocasião que te chama. A minha vívida fantasia percebe uma coroa que te baixa à cabeça.

SEBASTIÃO — Estás desperto?

ANTÔNIO — Não ouves minha voz?

SEBASTIÃO — Ouço. Contudo, é uma linguagem sonolenta. Falas do fundo de teu sono. Que disseste? Repouso extraordinário, esse; com os olhos abertos, e a dormir; de pé, falando, movendo-te, e a dormir pesadamente.

ANTÔNIO — Meu nobre Sebastião, deixas a tua adormecer, morrer de todo, piscar, enquanto ficas acordado.

SEBASTIÃO — Roncas distintamente. Há algum sentido nesse teu ronco.

ANTÔNIO — Estou falando sério, mais do que de costume, o que devíeis fazer também, porque me compreendesseis. Assim, tua valia triplicara.

SEBASTIÃO — Sou uma água parada.

ANTÔNIO — Vou mostrar-vos como ela há de correr.

SEBASTIÃO — Fazei-o; minha preguiça hereditária me encoraja mais a refluir.

ANTÔNIO — Oh! Se soubésseis quanto dais força à idéia assim zombando dela! Quanto, torcendo aos termos o sentido, os deixais ajustados a vós mesmo! E certo, quem reflui, por vezes chega quase a tocar o fundo, seja a causa disso o medo ou a preguiça.

SEBASTIÃO — Fala logo. O rosto e os olhos te anunciam algo cujo parto te custa muitas dores.

ANTÔNIO — Então, senhor, ouvi. Conquanto aquele nobre ali, de memórias um tanto fraca e que mais fraca há de ficar, depois que ele baixar à terra, tenha quase persuadido o monarca — pois é o espírito da persuasão, sem que outra coisa faça, a não ser isso mesmo — que seu filho ainda está vivo... Tão absurdo é que este não se tenha afogado como a esse homem que ali dorme nadar.

SEBASTIÃO — Não tenho a mínima esperança de que ele haja escapado.

ANTÔNIO — Oh! Como dessa mínima esperança vos nasce uma esperança muito

grande! Não ter sobre isto a mínima esperança, é ter sobre outra coisa uma tão grande, que a própria vista da ambição não pode devassar-lhe os arcanos, duvidando de quanto ali descobre. Concedeis-me que Ferdinando pereceu?

SEBASTIÃO — Concedo.

ANTÔNIO — Podeis dizer-me, então, quem seja o herdeiro mais próximo do trono?

SEBASTIÃO — Claribel.

ANTÔNIO — A Rainha de Túnis, que demora dez léguas para além da vida humana, que notícias não pode ter de Nápoles, salvo se o sol servisse de correio — fora lerdo demais o homem da lua — antes de um queixo recém-nado achar-se no ponto de barbear-se? Ela, por causa de quem fomos tragados pelas ondas, embora alguns se vissem vomitados por elas outra vez, para que parte tomar pudessem numa grande peça em que o passado é prólogo e o futuro depende só de nós?

SEBASTIÃO — Que trapalhada! Como dissestes? É verdade: a filha de meu irmão rainha ora é de Túnis; herdeira ela é de Nápoles, havendo algum espaço entre esses dois países.

ANTÔNIO — Sim, mas espaço em que todos os cúbitos nos parecem gritar: "De que maneira há de a volta medir-nos para Nápoles essa tal Claribel? Que fique em Túnis, e acorde Sebastião!" Ora, admitamos que a morte fosse que a estes dominasse neste momento. Não se encontrariam em pior situação. Vive quem pode Nápoles governar tão bem como esse que dorme ali estendido, como há nobres tão faladores como esse Gonzalo, desnecessariamente tagarela. Eu, também, se o quisesse, poderia papaguear como ele. Oh, se tivésseis meu modo de pensar! Como este sono em vossa promoção vos ajudara! Compreendeis-me?

SEBASTIÃO — Parece que compreendo.

ANTÔNIO — E como aplaudireis a vossa dita?

SEBASTIÃO — Lembro-me agora que já destronastes vosso irmão Próspero.

ANTÔNIO — É verdade. Vede como estas vestes me vão bem no corpo; muito melhor do que antes. Os vassalos de meu irmão, meus companheiros eram; hoje são meus criados.

SEBASTIÃO — Quanto à vossa consciência...

ANTÔNIO — Ora, senhor! Onde é que há isso? Se fosse uma frieira, obrigar-me-ia a calçar as chinelas; mas no peito não sinto essa deidade. Se coubessem entre mim e Milão vinte consciências poderiam gelar e derreter-se, sem que me molestassem. Ali se acha vosso irmão. Em verdade, não valera mais do que a terra sobre que repousa, se fosse o que parece ser: defunto, sendo que eu poderia facilmente, com este aço obediente — usando apenas três polegadas dele — para sempre deixá-lo preso ao leito. De igual modo faríeis vós, lançando num silêncio que nunca acabe aquele velho traste, o tal senhor Conselho, que, desta arte, não nos censuraria. Quanto aos outros, aceitam sugestões tão facilmente como os gatinhos, leite. Estão dispostos a fazer soar as horas quantas vezes lhes dissermos que é tempo.

SEBASTIÃO — Caro amigo, teu caso é o meu fanal. Do mesmo modo que obtiveste

Milão, hei de obter Nápoles. Saca da espada; um golpe vai livrar-te de um tributo, enquanto eu, teu soberano, te votarei afeto.

ANTÔNIO — Saquemos juntos; ao levantar a mão, fazei o mesmo para atacar Gonzalo.

SEBASTIÃO — Uma palavra!

(*Conversam à parte. Música. Toma a entrar Ariel, invisível.*)

ARIEL — Meu mestre, graças à sua parte, soube do perigo em que está seu grande amigo. Por isso me mandou — que, do contrário, lhe falharia o plano — porque a vida te conservasse nesta conjuntura. (*Canta ao ouvido de Gonzalo.*)

Enquanto dormes tranqüilo,
a traição, como do estilo,
está desperta.
Se ainda tens amor à vida,
põe fim à sesta comprida.
Alerta! Alerta!

ANTÔNIO — Então, sejamos rápidos.

GONZALO — Agora, bons anjos, amparai o rei.

(*Despertam.*)

ALONSO — Que é isso? Que é isso? Despertai! Por que arrancastes das espadas? Por que esse olhar de fantasma?

GONZALO — Que aconteceu?

SEBASTIÃO — Enquanto nós estávamos a vos vigiar o sono, cuidadosos, um ruído cavo ouvimos, qual rugido de touros ou de leões. Não acordastes? Para mim era um ruído insuportável.

ALONSO — Não ouvi nada disso.

ANTÔNIO — Oh! Um estrondo de apavorar o ouvido até de um monstro, de produzir um terremoto. Certo, era o rugir de leões em grandes bandos.

ALONSO — Gonzalo, ouvistes algo?

GONZALO — Por minha honra, senhor, ouvi apenas um sussurro muito estranho, realmente, que, de pronto, me fez ficar desperto. Sacudi-vos, senhor, e vos chamei. Foi quando os olhos abri, vendo as espadas assim nuas. Houve barulho, é certo; é mais prudente de guarda nós ficarmos, ou mudarmos de lugar. Arranquemos as espadas.

ALONSO — Saiamos logo, para procurarmos meu pobre filho.

GONZALO — Possa o céu guardá-lo dessas feras terríveis, pois é certo encontrar-se nesta ilha.

ALONSO — Vamos logo. (*Sai com os outros.*)

ARIEL — O que o mestre mandou, cumpri com brilho. Parte, rei, à procura de teu filho. (*Sai.*)

Cena 2

Outra parte da ilha. Entra Calibã, com uma carga de lenha. Ouve-se ruído de trovão.

CALIBÃ — Que quantas infecções o sol aspira dos atoleiros, dos pauis e charcos, sobre Próspero caiam, morte lenta fazendo-o padecer. Necessidade tenho de amaldiçoá-lo, muito embora seus espíritos me ouçam. É verdade que eles só me beliscam, me amedrontam com visagem de duendes, só me atiram nos lodaçais, ou do caminho certo, no escuro, me desviam, sob a forma de tições movediços, quando Próspero os manda assim fazer. Mas por coisinhas de nada sobre mim eles se atiram, às vezes como monos careteiros, que os dentes batem e depois me mordem; sob a forma de porco-espinho, às vezes, que suas pontas eriçam, machucando-me demais os pés desnudos. Outras vezes, fico todo envolvido por serpentes que me sibilam com suas línguas bífidas, de me deixarem louco. (*Entra Trínculo.*) Justamente! Eis um de seus espíritos. Só veio para me atormentar, por eu ser tardo no transporte da lenha. Vou deitar-me rente ao chão; pode ser que não me veja.

TRÍNCULO — Por aqui não há nem bosques, nem arbustos, para a gente se resguardar do tempo, e já se anuncia nova tempestade. Já ouço assobiar o vento. Aquela nuvem escura lá embaixo, aquela grande ali, parece-se com um alforje sujo, que esteja prestes a derramar o seu conteúdo. Se trovejar como da outra vez, não sei onde esconder a cabeça. Aquela nuvem não poderá deixar de despejar-se aos baldes. — Olá! Que temos aqui? E homem ou peixe? Está vivo ou morto? É peixe; o cheiro é de peixe, esse velho cheiro de ranço, que lembra muito a peixe, no jeito de bacalhau meio passado. Mas, que peixe esquisito! Se eu estivesse agora na Inglaterra — como já me aconteceu de outra feita — e fosse dono deste peixe pelo menos em pintura, não haveria tolo de feira que não pagasse uma moeda de prata para vê-lo. Este monstro me deixaria homem. Naquela terra não há animal estranho que não faça homens. Não dão um ceitil para auxiliar um aleijado, mas darão dez para ver um índio morto. As pernas são como as de gente; as barbatanas parecem braços... E está quente, por minha fé! Abandono minha primeira idéia; não é peixe, mas um insulano que a trovoada derrubou. (*trovões.*) Ai de mim! Recomeça a tempestade. O melhor que tenho a fazer é ficar debaixo do manto dele; em toda a redondeza não há outro abrigo. A necessidade nos faz habituar com estranhos companheiros de leito. Vou esconder-me aqui, até que passe a borra da tempestade.

(*Entra Estéfano, cantando, com uma garrafa na mão.*)

ESTÉFANO — Jamais ao mar voltarei. Desejo morrer na praia... Essa melodia é muito lúgubre para o enterro de uma pessoa. Muito bem. Aqui está o meu consolo. (*Bebe.*) O comandante, o contramestre e eu, e o grumete também, gostávamos do Meg, Isbel e Iseu; mas de

Kate, ninguém, porque nos espachava com risota: "Vai te enforcar, idiota!" Não gostava de piche e de alcatrão; mas o alfaiate nela punha a mão. Ao mar, rapazes! Ela que se enforque! Essa também é tétrica; mas aqui tenho o consolo. (*Bebe.*)

CALIBÃ — Não me atormentem, oh!

ESTÉFANO — Que será isso? Teremos demônios por aqui? Pregai-nos peças, fantasiando-vos de selvagens e homens da Índia? Ah! Não escapei de morrer afogado, para ter medo desses quatro pés. É dito conhecido: não há homem de quatro pés que me faça ceder terreno; o que poderá ser repetido enquanto Estéfano respirar pelo nariz.

CALIBÃ — O espírito me atormenta, oh!

ESTÉFANO — Deve ser um monstro da ilha, com quatro pernas, que provavelmente apanhou febre. Mas onde diabo terá ele aprendido nossa linguagem? Que não seja por mais nada, vou dar-lhe algum fortificante. Se o deixar bom e puder domesticá-lo e levá-lo comigo para Nápoles, será presente para qualquer imperador que ande sobre couro de boi.

CALIBÃ — Por favor, não me atormentes mais; levo já a lenha para casa.

ESTÉFANO — Está com acesso agora, não havendo muito senso no que fala.Vou dar-lhe a prova da minha garrafa. Se ele nunca bebeu vinho, há muita probabilidade de livrar-se da febre. Se o deixar bom e o domesticar, não terá sido muito grande o desembolso; quem ficar com ele, pagará com sobra.

CALIBÃ — Por enquanto, não me atormentas muito; mas dentro de pouco irás fazê-lo, vejo-o pelo teu tremor. Neste momento Próspero está influindo sobre ti.

ESTÉFANO — Criai ânimo! Abri a boca. Isto, gato, vos fará soltar a língua. Abri a boca; isto vos sacudirá o próprio tremor, é o que vos digo à maravilha. (*Dá de beber a Calibã.*) Ninguém sabe onde tem um amigo. Abri novamente a mandíbula.

TRÍNCULO — Parece-me que conheço essa voz. Deve ser de... Não, pereceu afogado; estes aqui são demônios. Oh! Defendei-me!

ESTÉFANO — Quatro pernas e duas vozes; é um monstro primoroso. Com voz da frente, fala bem dos amigos; com a de trás calunia e pronuncia discursos horrorosos. Se bastar todo o vinho de minha garrafa, hei de curar-lhe a febre. Vamos. Amém. Vou pôr também um pouco naquela outra boca.

TRÍNCULO — Estéfano!

ESTÉFANO — A tua outra boca me chamou pelo nome? Piedade! Piedade! Não é monstra, é demônio. Vou deixá-lo; não tenho comigo uma colher grande.

TRÍNCULO — Estéfano! Se fores Estéfano, toca-me e fala-me, porque sou Trínculo. Não tenhas medo; sou o teu bom amigo Trínculo.

ESTÉFANO — Se fores Trínculo, vem para cá. Vou puxar-te pelas pernas mais curtas. Se aqui há pernas de Trínculo, têm de ser forçosamente estas. És Trínculo, em verdade! Mas como é que ficaste sendo o excremento deste bezerro da lua? Será que ele expele Trínculos?

TRÍNCULO — Pensei que ele houvesse sido vítima de raio. Mas não morreste afogado, Estéfano? Tenho esperança, agora, de que não tivesses morrido, realmente. Já passou a tempestade? De medo da tempestade, escondi-me debaixo da capa do bezerro da lua. E tu, Estéfano, estás vivo? Oh, Estéfano! Dois napolitanos salvos!

ESTÉFANO — Por favor, não me vires desse jeito; não tenho o estômago muito firme.

CALIBÃ (*à parte*) — Se são espíritos, são coisa fina. Aquele é um deus valente, que me pode dar licor celestial; vou ajoelhar-me.

ESTÉFANO — Como escapaste? Como chegaste até aqui? Jura-me por esta garrafa como conseguiste escapar. Eu me salvei em cima de uma barrica de xerez que os marinheiros atiraram ao mar. Juro por esta garrafa que eu fiz de uma casca de árvore com minhas próprias mãos, depois que fui lançado à praia.

CALIBÃ — Quero jurar por essa garrafa que ficarei sendo teu vassalo fiel, porque esse licor não é terreno.

ESTÉFANO — Aqui! E agora jura-me: como conseguiste escapar?

TRÍNCULO — Nadando para a praia, homem, como um pato. Nado como um pato, posso jurá-lo.

ESTÉFANO — Aqui, beija o livro. (*Dá a Trínculo a garrafa.*) Podes nadar como um pato, mas foste feito como um ganso.

TRÍNCULO — Ó Estéfano, ainda há mais?

ESTÉFANO — Uma barrica inteira, homem. Minha adega fica num rochedo perto do mar. Foi lá que eu escondi o vinho. Então, bezerro da lua, como vai a febre?

CALIBÃ — Não caíste do céu?

ESTÉFANO — Caí da lua, posso asseverar-te. Já houve tempo em que eu era o homem da lua.

CALIBÃ — Eu já te vi dentro dela e me prostrei diante de ti. Minha ama me mostrava onde tu estavas, teu cão e o feixe de lenha.

ESTÉFANO — Vamos; jura por isto; beija o livro! Dentro de pouco tornarei a enchê-lo. Jura!

TRÍNCULO — Por esta boa luz, esse monstro é bem simplório. E eu tive medo dele! Muito fraco, em verdade, o tal monstro. Ora, o homem da lua! Que monstro ingênuo! Bonito trago, monstro, por minha fé!

CALIBÃ — Todas as polegadas vou mostrar-te. De terra fértil da ilha. Os pés te beijo. Sê meu deus, por favor.

TRÍNCULO — Por esta luz, é um monstro borracho e muito pérfido. Quando o deus dele estiver dormindo, ele lhe roubará a garrafa.

CALIBÃ — Beijo-te os pés e quero vassalagem permanente jurar-te.

ESTÉFANO — Então vem; ajoelha-te e jura.

TRÍNCULO — Hei de rir até morrer, à custa deste monstro de cabeça de cachorro. Não pode haver monstro mais indecente do que este. Tenho gana de dar-lhe uma boa coça.

ESTÉFANO — Vamos, beija.

TRÍNCULO — Como está bêbado o pobre monstro! Que monstro abominável!

CALIBÃ — Hei de mostrar-te as fontes mais saudáveis; pescarei para ti, colherei bagas, trarei lenha bastante. Possa a peste carregar o tirano a que estou preso. Já não lhe levarei feixes de lenha; sim, vou seguir-te, ó homem prodigioso!

TRÍNCULO — E um monstro excessivamente ridículo; fazer de um pobre bêbado um prodígio!

CALIBÃ — Permite que te traga maçãs bravas; com minhas unhas grandes vou tirar-te da terra belas túbaras; um ninho de galo vou mostrar-te e o meio fácil de armar ciladas para os macaquinhos. Irei contigo aos bosques de aveleiras e algumas vezes te trarei das rochas filhotes de gaivotas. Vamos? Vamos?

ESTÉFANO — Só quero agora que me indiques o caminho, sem maior palavreado. — Trínculo, uma vez que o rei e todos os da nossa companhia pereceram afogados, tomaremos posse disto. — Aqui! Leva a garrafa! — Amigo Trínculo, daqui a pouquinho tornaremos a enchê-la.

CALIBÃ — Adeus, mestre! Adeus! Adeus! (*Canta, embriagado.*)

TRÍNCULO — Um monstro que uiva; um monstro que se embriaga!

CALIBÃ — Já não farei barragem para peixe, nem fogo irei buscar, quando ele me mandar. Não lavo prato nem carrego feixe. Bã, bã, bã, Calibã! outro mestre amanhã! Liberdade! Viva! Liberdade! Liberdade!

ESTÉFANO — Vá bravo monstro! Vamos; mostra-nos o caminho. (*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Diante da cela de Próspero. Entra Ferdinando, carregando um feixe de lenha.

FERDINANDO — Há jogos fatigantes, mas aumenta-lhes a fadiga a atração. Muitos serviços de baixa qualidade são levados a cabo com nobreza, e assuntos mínimos a ricos fins podem levar por vezes. Esta tarefa humilde poderia ser-me tão repugnante quanto odiosa; mas a dama a que sirvo anima os mortos e em prazer me transforma estas canseiras. Dez vezes mais gentil ela se mostra do que o pai intratável, todo feito de aspereza e rigor. Em obediência à sua imposição, preciso agora carregar e empilhar alguns milheiros destas achas de lenha. Minha doce senhora sofre, quando me contempla neste áspero trabalho, e diz que nunca imposta foi tarefa assim tão baixa a um tal trabalhador. Sou esquecido; mas estes pensamentos agradáveis as forças me estimulam; quanto menos penso na situação, mais produtiva se me torna a tarefa.

(*Entra Miranda; Próspero a segue a certa distância.*)

MIRANDA — Oh! Por obséquio, não trabalheis assim! Antes o raio queimasse toda a lenha que obrigado sois a empilhar. Quando ela for queimada, há de chorar por vos haver cansado. Agarrado meu pai está com os livros. Descansai, por favor. Nestas três horas ele não aparece.

FERDINANDO — Ó, mui prezada senhora, baixará o sol no ocaso, sem que eu possa concluir minha tarefa.

MIRANDA — Se vos quiserdes assentar, um pouco carregarei as achas. Por obséquio, dai-me essa; eu mesma a deporei na pilha.

FERDINANDO — Não, preciosa criatura; preferira quebrar o dorso, arrebentar os nervos, a vos ver degradada num serviço tão humilhante, enquanto eu fico ocioso.

MIRANDA — É tão digno de mim esse trabalho quanto de vós, sobre me ser possível executá-lo muito mais depressa, porque não me repugna, como vejo que acontece convosco.

PRÓSPERO (*à parte*) — Pobre criança; já estás tocada; esta visita o prova.

MIRANDA — Pareceis fatigado.

FERDINANDO — Não, mui nobre senhora; para mim faz manhã fresca, na noite em que de vós estiver perto. Dizei-me, por obséquio, vosso nome; só desejo incluí-lo, de ora em diante, nas minhas orações.

MIRANDA — Ó pai! Revelei-o, de encontro ao que ordenastes.

FERDINANDO — Admirável Miranda! Sim, remate de toda perfeição, digna de quanto

no mundo há de mais raro. A numerosas damas já dirigi olhares ternos, por vezes tendo-me ficado presos os atentos ouvidos na harmonia de seu doce falar. Dotes variados me fizeram gostar de outras mulheres, sem, contudo, empenhar nisso a alma toda, porque sempre se opunha algum defeito às suas qualidades mais sublimes, para o valor manchar-lhes. Vós, no entanto, ah! tão perfeita e incomparável, fostes feita de tudo o que de mais custoso pode haver na criação.

MIRANDA — Não me recordo de ninguém do meu sexo, nem vi nunca feições de outra mulher, tirante as minhas, quando ao espelho estou. Do mesmo modo, jamais tive ante os olhos, dentre os seres a que eu podia dar o nome de homem, senão vós, caro amigo, e meu bom pai. Como a gente é lá fora, desconheço. Mas por minha pureza — a jóia rara de meu dote de noiva — não quisera ter outro companheiro em todo o mundo senão vós tão-somente, nem comigo criar na imaginação outra pessoa a que eu pudesse amar. Mas falo muito, vejo-o agora, olvidada inteiramente das recomendações de meu bom pai.

FERDINANDO — Por posição, Miranda, eu sou um príncipe, ou, porventura, rei — antes não o fosse! — a quem fora tampouco suportável este serviço vil de carrear lenha como sentir nos lábios uma mosca. Minha alma é que vos vai falar agora: no mesmo instante em que vos vi, voou-me do peito o coração, para servir-vos, razão de eu me ter feito vosso escravo. Por vossa causa, apenas, transformei-me num paciente lenhador.

MIRANDA — Amais-me?

FERDINANDO — Ó céu! Ó terra! Sede testemunhas do que ora vou dizer, e com propício resultado coroai meu juramento, se eu falar a verdade. Sendo eu falso, por desgraças trocai quanto o futuro me reserve de bens. Mais do que a tudo neste mundo eu vos amo, estimo e honro.

MIRANDA — Sou tola por chorar do que me alegra.

PRÓSPERO (*à parte*) — Belo encontro de dois afetos raros. Possa o céu chover graças no que entre ambos neste instante germina.

FERDINANDO — Qual a causa de chorardes?

MIRANDA — De minha desvalia, que não se atreve a oferecer-vos tudo que eu desejara dar e, muito menos, a receber o que me fora morte não chegar a possuir. Mas é criancice tudo isso; quanto mais tenta esconder-se minha afeição, maior se patenteia. Fora, fora, esperteza vergonhosa! Santa inocência, ensina-me a expressar-me! Sou vossa esposa, se me desposardes; caso contrário, morrerei servindo-vos; podeis me recusar por companheira, mas vossa criada poderei ser sempre, quer o queirais, quer não.

FERDINANDO (*ajoelhando-se*) — Minha querida, minha senhora! E eu sempre assim, humilde.

MIRANDA — Meu marido, portanto?

FERDINANDO — Sim, aceita-vos o coração com o mesmo entusiasmo que a escravidão aceita a liberdade. Eis minha mão.

MIRANDA — E a minha aqui; com ela vos dou meu coração. E agora, adeus, por uma

meia hora.

FERDINANDO — Oh, por milhares!

(*Ferdinando e Miranda saem por lados diferentes.*)

PRÓSPERO — Tão alegre quanto eles não presumo que possa estar, pois foram surpreendidos por quanto aconteceu; coisa nenhuma me deixa mais alegre. Mas é tempo de voltar a meu livro, pois preciso realizar até à ceia muita coisa de extrema relevância. (*Sai.*)

Cena 2

Outra parte da ilha. Entra Calibã com uma garrafa, Estéfano e Trínculo.

ESTÉFANO — Não me fales! Quando o barril ficar vazio, beberemos água.Antes disso, nem uma gota. Por isso, criemos coragem e vamos abordá-lo! — Monstro-criado, bebe à minha saúde.

TRÍNCULO — Monstro-criado! A loucura desta ilha! Dizem que só há cinco habitantes na ilha. Três aqui estão; se os outros dois tiverem o cérebro como nós, o Estado não irá lá muito bem das pernas.

ESTÉFANO — Bebe, monstro-criado, quando eu mandar. Tens os olhos quase enfiados na cabeça.

TRÍNCULO — Onde querias que ele os tivesse? Seria um monstro muito famoso, em verdade, se tivesse os olhos na cauda.

ESTÉFANO — Meu servo-monstro afogou a língua em xerez. Quanto a mim, o mar não poderá afogar-me. Sem tocar pé em terra, posso nadar, de ida e vinda, trinta e cinco léguas. Por esta luz. Monstro, serás o meu tenente, ou o meu porta-bandeira.

TRÍNCULO — Tenente, se quiserdes, pois segurar a bandeira é o que ele não poderá.

ESTÉFANO — Não haveremos de correr, monsieur Monstro.

TRÍNCULO — Nem andar, tampouco; ficareis deitados, como cães, sem dizer palavra.

ESTÉFANO — Bezerro da lua, fala uma vez na vida, se fores um bom bezerro da lua.

CALIBÃ — Como passa tua Honra? Deixa-me lamber a sola de teus sapatos. Não hei de continuar no serviço dele; não é corajoso.

TRÍNCULO — Mentes, monstro ignorante! Encontro-o em condições de esbarrar num oficial de justiça. Vamos, responde, peixe devasso: já houve algum covarde que bebesse tanto xerez como eu bebi hoje? Não quererás dizer uma mentira monstruosa, sendo, como és, metade peixe e metade monstro?

CALIBÃ — Vê como ele zomba de mim! Consentes isso, príncipe?

TRÍNCULO — "Príncipe", foi o que ele disse! Como um monstro assim pode ser tão ingênuo!

CALIBÃ — Vê! Vê! Vai recomeçar! Por favor, mata-o a dentadas.

ESTÉFANO — Trínculo, pára com essa língua suja. Se provocares desordem... a

primeira árvore! O pobre monstro é meu súdito e não sofrerá nenhuma indignidade.

CALIBÃ — Obrigado, meu nobre lorde. Queres mais uma vez ouvir minha proposta?

ESTÉFANO — Quero, sem dúvida. Ajoelha e repete-a. Eu e Trínculo ficaremos de pé.

(*Entra Ariel invisível.*)

CALIBÃ — Como já te disse, sou servo de um tirano, de um feiticeiro, que por meio de sua astúcia me despojou desta ilha.

ARIEL — Mentes!

CALIBÃ — Tu é que mentes, símio bobo. Por mim, meu valente amo te matava. Não menti nada.

ESTÉFANO — Trínculo, se o interromperdes mais uma vez em sua história, por esta mão, arranco-vos alguns dentes.

TRÍNCULO — Não falei nada.

ESTÉFANO — Então, psiu! Nem mais uma palavra. (*A Calibã.*) Continua.

CALIBÃ — Foi por feitiçaria, como disse, que ele ficou com a ilha. Caso tua Honra se dispuser a castigá-lo — pois sei que tens coragem, que é o que falta àquele tipo —.

ESTÉFANO — Isso é verdade.

CALIBÃ — Serás o dono da ilha e eu teu criado.

ESTÉFANO — Mas de que modo levaremos a cabo o empreendimento? Podes conduzir-me até ao inimigo?

CALIBÃ — Posso, sim, meu senhor. Hei de entregar-to quando estiver dormindo, onde possível te for meter-lhe na cabeça um prego.

ARIEL — É mentira! Não podes.

CALIBÃ — Bobo sarapintado! Tipo imundo! Suplico à tua Alteza dar-lhe golpes e tomar-lhe a garrafa; ela conosco, ele que beba água do mar, somente, pois não lhe mostrarei as fontes frescas.

ESTÉFANO — Trínculo, não enfrentes outro perigo. Se interromperes mais uma vez o monstro com uma única palavra, por esta mão, mandarei embora a minha misericórdia e te farei virar bacalhau.

TRÍNCULO — Mas que fiz eu? Não fiz nada. Vou mudar de lugar.

ESTÉFANO — Não disseste que o monstro estava mentindo?

ARIEL — Mentes!

ESTÉFANO — Minto, não? Então toma isto. (*Bate em Trínculo.*) Se gostares disto, desmente-me mais uma vez.

TRÍNCULO — Eu não te desmenti. Além de transtornado do espírito, ficastes com os

ouvidos perturbados? A peste seja de vossa garrafa. Tudo isso é efeito do xerez. Que a peste carregue vosso monstro e o diabo vos arranque os dedos.

CALIBÃ — Ah! Ah! Ah!

ESTÉFANO — Agora, prossegue a tua história. Tu, aí, coloca-te mais longe!

CALIBÃ — Bate-lhe com vontade! Mais um pouco, que eu baterei também.

ESTÉFANO — Mais longe! — Adiante!

CALIBÃ — Ora, como eu te disse, ele tem o hábito de dormir toda tarde. Aí, te fora possível asfixiá-lo, após o teres privado de seus livros; ou, munido de um pau, lhe partirás em dois o crânio; se não, o estriparás com qualquer vara, ou a garganta com faca lhe seccionas. Mas, primeiro, é preciso que te lembres de lhe tomar os livros, pois, sem eles, é um palerma como eu, já não dispondo de espírito nenhum sobre que mande. Todos, como eu, lhe têm ódio entranhado. Basta queimar-lhe os livros. Utensílios valiosos também tem — assim lhes chama — para enfeitar sua futura casa. Mas o que é sobretudo de estimar-se é a beleza da filha, que ele próprio considera sem par. Mulher nenhuma jamais eu vi, tirante Sicorax, minha mãe, e ela mesma. Mas tão longe deixa ela Sicorax como o que é grande ao que é muito pequeno.

ESTÉFANO — Assim bonita?

CALIBÃ — Muito, senhor; há de enfeitar-te o leito, posso jurar-te, e dar-te bela prole.

ESTÉFANO — Monstro, vou matar esse homem. Sua filha e eu seremos rei e rainha. — Viva nossa Graça! — E Trínculo e tu próprio sereis vice-reis. Agrada-te a proposta, Trínculo?

TRÍNCULO — Excelente.

ESTÉFANO — Dá-me a mão. Entristece-me haver-te batido; mas enquanto viveres, guarda uma boa língua na cabeça.

CALIBÃ — É certo ele dormir nesta meia hora. Queres, então, destruí-lo?

ESTÉFANO — Por minha honra.

ARIEL — Vou contar isso para o meu senhor.

CALIBÃ — Transbordo de prazer; deixas-me alegre. Rejubilemos, pois. Cantar não queres o estribilho que há pouco me ensinaste?

ESTÉFANO — Farei o que me pedes, monstro; farei tudo o que me pedires. Cantemos, Trínculo. (*Canta.*)

Zombemos dele, oh oh! Vamos rir dele!
Vamos rir dele, oh oh! Zombemos dele!
O pensamento é livre.

CALIBÃ — Não é essa a melodia.

(*Ariel toca a melodia num tamboril e numa flauta.*)

ESTÉFANO — Que significa isso?

TRÍNCULO — É a melodia de nosso estribilho, tocada pelo fantasma de Ninguém.

ESTÉFANO — Se fores um homem, mostra-te sob a tua verdadeira forma; se fores o demônio, assume a que bem te aprouver.

TRÍNCULO — Oh! Que os meus pecados sejam perdoados!

ESTÉFANO — Quem morre, salda as dívidas. Desafio-te! Misericórdia!

CALIBÃ — Estás com medo?

ESTÉFANO — Não, monstro; eu, não.

CALIBÃ — Não tenhas medo; esta ilha é sempre cheia de sons, ruídos e agradáveis árias, que só deleitam, sem causar-nos dano. Muitas vezes estrondam-me aos ouvidos mil instrumentos de possante bulha; outras vezes são vozes, que me fazem dormir de novo, embora despertado tenha de um longo sono. Então, em sonhos presumo ver as nuvens que se afastam, mostrando seus tesouros, como prestes a sobre mim choverem, de tal modo que, ao acordar, choro porque desejo prosseguir a sonhar.

ESTÉFANO — Que reino e tanto me vai ser este! Vou ter música de graça.

CALIBÃ — Uma vez destruído Próspero.

ESTÉFANO — O que se dará dentro de pouco. Não me esqueci da história.

TRÍNCULO — O som está se distanciando; acompanhemo-lo, para depois liquidarmos o nosso negócio.

ESTÉFANO — Monstro, vai na frente, que nós te acompanhamos. Quisera ver esse tamborileiro; tem talento, de fato. Não vens?

TRÍNCULO — Eu também vou Estéfano.

(*Saem.*)

Cena 3

Outra parte da ilha. Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Gonzalo, Adriano, Francisco e Outros.

GONZALO — Oh! Por Nossa Senhora! É-me impossível, senhor, dar mais um passo. Os velhos ossos me doem de rachar. Isso é um perfeito labirinto, ora reto, ora com voltas. Com licença, preciso de descanso.

ALONSO — Não te censuro, velho, porque eu próprio fatigado me sinto de tal modo, que os espíritos tenho obnubilados. Assenta-te e descansa. Neste ponto, deixo toda esperança, recusando-me a ouvir-lhe as vãs lisonjas. Já não vive quem tanto procuramos; afogou-se, rindo-se o mar do nosso afã na terra. Pois que se vá!

ANTÔNIO (*à parte, a Sebastião*) — Alegro-me por vê-lo tão desesperançado. Só por causa de um primeiro malogro, certamente não haveis de abrir mão de vosso intento.

SEBASTIÃO (*à parte, a Antônio*) — Aproveitemos o primeiro ensejo.

ANTÔNIO (*à parte, a Sebastião*) — Que seja à noite, pois estando todos prostrados de fadiga, embora o queiram, não poderão ficar tão vigilantes, como quando dispostos.

SEBASTIÃO (*à parte, a Antônio*) — Bem, à noite.

(*Música solene e estranha. No alto, Próspero, invisível. Embaixo entram figuras bizarras, que carregam uma mesa com iguarias; dançam à volta da mesa, saudando gentilmente; depois de convidarem o rei e as demais pessoas para comer, desaparecem.*)

ALONSO — Que harmonia! Escutai, meus bons amigos.

GONZALO — Que suave e deliciosa melodia!

ALONSO — Ó céus! Dai-nos bons guardas. Que foi isso?

SEBASTIÃO — São fantoches com vida. Agora creio que haja unicórnios, que na Arábia serve uma árvore de trono para a fênix que a reinar lá se encontra neste instante.

ANTÔNIO — Creio nos dois; e tudo o mais que de hábito tem sido posto em dúvida, procure-me; jurarei que é verdade nua e crua. Os viajantes não mentem, muito embora na pátria os tolos os acoimem disso.

GONZALO — Se eu relatasse em Nápoles tudo isto, alguém me acreditara? Se contasse de que jeito são estes insulanos — pois são, sem dúvida, habitantes da ilha — que embora sejam de exterior monstruoso — observai bem! — revelam gentileza muito maior do que o

fariam muitos — melhor, ninguém — da geração humana?

PRÓSPERO (*à parte*) — Falastes com acerto, nobre honesto, que muitos do que estão hoje nesta ilha são piores que o diabo.

ALONSO — Ao fim não chego de minha admiração ante estas formas, estes gestos e sons, que, embora do uso da fala carecentes, concretizam uma linguagem muda e eloqüentíssima.

PRÓSPERO — Elogio à saída.

FRANCISCO — Eles sumiram por modo muito estranho.

SEBASTIÃO — Pouco importa, uma vez que as viandas nos deixaram, pois fome não nos falta, Sois servidos a provar o que há aqui?

ALONSO — Muito obrigado.

GONZALO — Ora, senhor, não tenhais medo. Quando nós éramos meninos, quem creria, porventura, que houvesse montanheses com barbela de touro na garganta, a pender-lhes do peito como saco balouçante de carne? Ou gente houvesse com a cabeça no peito? Ora, tudo isso nos é presentemente asseverado pelos viajantes sobre os quais apostas correm de um contra cinco.

ALONSO — Vou sentar-me para comer, embora perca a vida. O melhor já passou; todo o restante não vale nada. Mano, nobre duque, vinde, imitai-nos nisso.

(*Trovões e relâmpagos. Entra Ariel sob a forma de uma harpia, agita as asas sobre a mesa e faz desaparecer as iguarias por meio de um artifício engenhoso.*)

ARIEL — Três pecadores sois que ora o Destino — que tem como instrumento o baixo mundo e tudo o que ele encerra — fez nas praias — vomitar pelo mar nunca saciado, justamente nesta ilha que não deve conter seres humanos, por não serdes dignos de conviver com os outros homens. Vou deixar-vos privados da razão. (*Vendo Alonso, Sebastião, etc. sacar das espadas.*) É com valor como esse que os humanos se enforcam e se afogam. Loucos todos! Eu e meus companheiros somos servos do Fado. Os elementos de que vossas espadas são compostas, poderiam tão bem ferir os ventos sibilantes, ou matar com pancadas irrisórias as águas que não cessam de reunir-se, como estragar de leve uma penugem, sequer, de minhas asas. Igualmente invulneráveis são meus companheiros. Mas embora pudésseis fazer algo: ora as vossas espadas se tornaram muito pesadas para vossas forças; não as levantaríeis. Mas lembrai-vos — que esta é a minha incumbência neste instante — que vós três o bom Próspero expulsastes de Milão, entregando-o, e sua filha, ao mar que ora vos pune. Foi por esse feito facinoroso que as Potências — que tardar podem, mas jamais esquecem — contra vosso sossego concitaram tantos mares furiosos, tantas praias, sim, todas as criaturas. De teu filho, Alonso, te privaram. Pela minha voz te anunciam destruição morosa, pior do que qualquer modalidade de morte repentina, que vos há de passo a passo seguir por onde fordes. Para vos preservardes dessa cólera — que sobre vós há de cair sem falta nesta ilha desolada — só de auxílio vos será contrição muito sincera e, de ora em diante, uma existência pura. (*Desaparece em meio de trovões. A seguir, ao som de uma música agradável, tornam a entrar as figuras bizarras, que se põem a dançar fazendo momices e contorções e depois carregam a mesa.*)

PRÓSPERO (*à parte*) — Com muita perfeição tomaste a forma, meu Ariel, de harpia: era graciosa, a um tempo, e ameaçadora. Em teu discurso, não te afastaste em nada do que eu disse. Do mesmo modo, os criados secundários, com muita exatidão e sempre a ponto, de seus papéis saíram. Eficientes estão sendo meus altos sortilégios, achando-se estes meus imigos presos à sua própria loucura. Todos eles estão em minhas mãos. Mas vou deixá-los com seus delírios, para ir ver o moço Ferdinando, que morto todos crêem, e à minha e sua amada estremecida. (*Desaparece.*)

GONZALO — Em nome de quanto há de mais sagrado, por que, senhor, olhais tão fixamente?

ALONSO — É monstruoso! monstruoso! Pareceu-me que as ondas tinham voz e me falavam, que ventos me cantavam e que o próprio trovão — órgão profundo e pavoroso — o nome vinham me dizer de Próspero e com voz grave a morte me anunciavam. É certo, então: leito encontrou meu filho no chão lodoso. Irei, pois, procurá-lo até onde não chegou sonda nenhuma e na lama com ele sepultar-me. (*Sai.*)

SEBASTIÃO — Dá-me de cada vez um só demônio, que as legiões vencerei.

ANTÔNIO — Estou contigo.

(*Saem Sebastião e Antônio.*)

GONZALO — Aqueles três estão desesperados. Tal qual veneno, cuja ação demora para se patentear, o crime deles só agora os rói por dentro. Assim, concito-vos — por terdes todos juntas mais flexíveis — a ir atrás deles, para os resguardarmos das conseqüências a que poderia levá-los a loucura.

ADRIANO — Vinde, peço-vos.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Diante da cela de Próspero. Entram Próspero, Ferdinando e Miranda.

PRÓSPERO — Se vos puni com muita austeridade, farto prêmio os trabalhos vos compensa, pois o fio vos dou de minha vida, de que eu próprio dependo. Novamente nas mãos ta deposito. Todas essas vexações não passavam de experiências a que tua afeição foi submetida. Galhardamente resististe a todas. Ratifico ante o céu meu rico mimo. Ó Ferdinando! Não me julgues fútil por elogiá-la assim, pois vais em breve convencer-te de quanto ela ultrapassa quaisquer louvores, que a coxear se esforçam, mas em vão, por segui-la.

FERDINANDO — Creio nisso, embora o contestasse algum oráculo.

PRÓSPERO — Então recebe minha filha, como presente meu e tua aquisição dignamente alcançada. Mas se acaso o laço virginal lhe desatares antes de haverem sido celebradas, sem omissão, as santas cerimônias e seus ritos sagrados: muito longe de abençoar essa união o céu, deitando sobre ela o grato orvalho, há de o ódio estéril, o desdém de olho mau e a atroz discórdia o leito vos juncar de ervas daninhas de tal modo nojentas, que repulsa por ele sentireis. Acautelai-vos, por isso, e que vos ilumine a lâmpada de Himeneu.

FERDINANDO — Pelo meu desejo ardente de vir a ter, com tal amor, tranqüilos dias, vida mui longa e bela prole: as cavernas mais negras, os lugares mais oportunos, os mais poderosos argumentos dos gênios da maldade que em nós próprios habitam, nunca me há de mudar a honra em luxúria, nem deixar-me sem fio o gume desse dia santo. Antes de tal pensar, ficarão mancos os cavalos de Febo e acorrentada nos abismos a noite.

PRÓSPERO — Bela jura. Senta-te, pois, e fala-lhe; pertence-te. Aqui, Ariel, meu servo diligente! (*Entra Ariel.*)

ARIEL — Que deseja meu mestre poderoso? Aqui estou.

PRÓSPERO — Muito a ponto realizaste com meus servos menores minhas ordens mais recentes. Preciso novamente de todos vós, para uma peça idêntica. Vai buscar-me os espíritos, depressa, sobre os quais te dei força, e aqui os reúne. Concita-os a moverem-se de pronto, porque desejo apresentar aos olhos deste amoroso e jovem par algumas ilusões de minha arte. Prometi-lhes que o faria, e de mim isso ora esperam.

ARIEL — Neste momento?

PRÓSPERO — Sim, num piscar de olhos.

ARIEL — Sem que digas "Muito bem!" ou me grites "Vai e vem!" Velozes como ninguém

aqui estarão sem porém. Amais-me, mestre, também?

PRÓSPERO — De coração, meu delicado Ariel. Antes de eu te chamar não te aproximes.

ARIEL — Muito bem. Compreendi. (*Sai.*)

PRÓSPERO — Olha, sê verdadeiro; não afrouxes a rédea dos carinhos; os mais fortes juramentos são palha para o fogo dos sentidos. Procura comedir-te; do contrário, boa noite, juramentos!

FERDINANDO — Senhor, ficai tranqüilo; a branca e fria neve da virgindade que ora trago no coração me abate por completo o calor dos sentidos.

PRÓSPERO — Muito bem. — Agora, meu Ariel, volta depressa! Antes de haver espírito de sobra do que faltar-nos um. Sê prestimoso. — E agora, apenas olhos; ninguém fale.

(*Música serena. Mascarada. Entra Íris.*)

ÍRIS — Ceres, deusa benéfica, apressada de teus campos te afasta de cevada, de trigo, aveia, ervilha e de centeio, de teus prados virentes, onde, em meio de forragem, rumina o lento gado; dos córregos de margens com bordado de peônias e caniços, em que abril faz nascer, ao teu gesto, flores mil, porque coroas castas as pudicas ninfas possam tecer; das matas ricas de sombra, a que se acolhem namorados do desdém das zagalas já cansados; das vinhas especadas, das ruidosas praias do mar, e, assim, das alterosas montanhas onde ao sol costumas pôr-te... A rainha que no alto tem a corte. de quem sou ponte de água e mensageira, te ordena deixar tudo e, mesureira, à sua graça juntar-te soberana, para que aqui, com cortesia lhana, brinques com ela. Seus pavões, de vê-la já se ufanam. Vem, Ceres, recebê-la!

(*Entra Ceres.*)

CERES — Mensageira de cores variegadas, que a consorte de leve sempre agradas, que com tuas asas de açafrão às flores deitas orvalho e restituis as cores e com teu arco azul linda coroa nos bosques pões e na sutil lagoa: linda charpa da terra dadivosa, que quer de mim tua rainha airosa? Por que me mandou vir para o gramado?

ÍRIS — Porque um contrato seja celebrado de amor sincero, e para que se apreste voluntário presente.

CERES — Arco celeste, saberás informar-me se com ela estão Vênus e o filho? Desde aquela vez em que, por astúcia, a filha amada me tiraram, em presa cobiçada de Dis a transformando, a escandalosa companhia abjurei da deusa airosa e de seu filho cego.

ÍRIS — A companhia dos dois não te amedronte, que na via de Pafo os encontrei; num carro lindo de pombas ia o filho. Não sorrindo se partiram daqui, porque feitiço libertino tentaram, antes disso, lançar neste casal de namorados que haviam feito votos sublimados de não subirem para o casto leito sem que acendido já tivesse a jeito sua tocha Himeneu. Mas foi em vão; partiu sem realizar sua intenção a acolorada amante de Mavorte. Seu petulante filho, de tal sorte ficou zangado que quebrou as setas, juras fazendo claras e secretas de não lançar nenhum disparo mais, porém, como os peraltas, com os pardais gastar o tempo todo.

CERES — Pelo andar percebo que a alta Juno está a chegar.

(*Entra Juno.*)

JUNO — Como vai indo minha irmã? Comigo vinde abençoar este casal amigo, porque sejam felizes e exalçados nos filhos por nascer.

Cantiga
JUNO — Honras, filhos e riquezas,
vida longa sem surpresas,
horas felizes sem conta
Juno agora vos apronta.

CERES — Celeiro sempre repleto,
de tudo, do chão ao teto,
vides ao peso encurvadas,
plantas sempre carregadas;
só vos chegue a primavera
estando a colheita à espera.
Felicidades sem conta
é o que Ceres vos apronta.

FERDINANDO — Nunca vi espetáculo tão belo. Fascinante harmonia! Temerário não serei por demais imaginando que se trate de espíritos?

PRÓSPERO — Espíritos que eu conjurei de seus confins longínquos, por meio de minha arte, para darem corpo às minhas presentes fantasias.

FERDINANDO — Oh! Deixai-me viver sempre aqui mesmo; um pai tão raro e sábio, em paraíso transforma este lugar.

(*Juno e Ceres falam baixo e mandam Iris executar uma ordem.*)

PRÓSPERO — Silêncio, amigo. Juno e Ceres cochicham gravemente. Algo ainda há por fazer. Silêncio agora; caso contrário, ficará quebrada toda nossa magia.

ÍRIS — Náiades ninfas das correntes ledas, de coroas de junco e expressões quedas, saí de vossos leitos e na grama vinde dançar; é Juno que o proclama. Ninfas pudicas, nada vos impeça de exaltar este enlace. Bem depressa. (*Entram algumas ninfas.*) Segadores tostados pelo sol, de agosto lassos, à reunião de escol comparecei alegres, e com vossos chapéus de palha de centeio nossos festejos animai, porque hoje é dia feriado. Dando mostras de alegria, vinde todos tirar uma das ninfas que, de pouco, deixaram suas linfas, para dançar na grama. (*Entram alguns segadores, com vestes limpas, e se reúnem às ninfas, em dança graciosa. Quase no fim da dança, Próspero estremece subitamente e fala, com o que todos desparecem devagar, no meio de um ruído cavo e confuso.*)

PRÓSPERO (*à parte.*) — Por pouco não me esquece a traça infame do animal Calibã e de seus cúmplices, contra a minha existência. Estamos quase no minuto da trama combinada.

(*Aos espíritos.*) Muito bem; é o bastante; ide-vos todos.

FERDINANDO — Curioso como vosso pai se encontra sob violenta paixão!

MIRANDA — A não ser hoje, nunca o vi externar tão forte cólera.

PRÓSPERO — Pareceis, caro filho, um tanto inquieto, como quem sente medo. Criai ânimo, senhor; nossos festejos terminaram. Como vos preveni, eram espíritos todos esses atores; dissiparam-se no ar, sim, no ar impalpável. E tal como o grosseiro substrato desta vista, as torres que se elevam para as nuvens, os palácios altivos, as igrejas majestosas, o próprio globo imenso, com tudo o que contém, hão de sumir-se, como se deu com essa visão tênue, sem deixarem vestígio. Somos feitos da matéria dos sonhos; nossa vida pequenina é cercada pelo sono. Reconheço, senhor, que estou irritado. Suportai-me, vos peço; é da fraqueza. Enturva-se-me o cérebro já velho. Não vos amofineis com minha doença. Caso vos for do agrado, entrai na cela, para aí repousardes. Enquanto isso, darei algumas voltas, porque possa tornar-me calmo.

FERDINANDO E MIRANDA — Paz vos desejamos. (*Saem.*)

PRÓSPERO — Rápido como o pensamento, vem meu Ariel. Agradeço-te.

(*Entra Ariel.*)

ARIEL — Sigo sempre de perto tuas intenções. Que queres?

PRÓSPERO — Precisamos, espírito, estar prontos para que Calibã não nos surpreenda.

ARIEL — É certo, mestre. Quando trouxe Ceres, pensei em te falar; mas tive medo de causar-te desgosto.

PRÓSPERO — Dize-me onde deixaste esses lacaios?

ARIEL — Como disse, senhor, todos estavam vermelhos de bebida e tão valentes, que o próprio ar atacavam pelo ousio de lhes soprar no rosto, o chão calcavam por lhes beijar os pés, e sempre atentos na traça combinada. Nesse instante toquei meu tamboril, ao que eles, logo, como potros selvagens, com as orelhas em pé ficaram, olhos espantados, e as narinas abertas, como o cheiro de música a sentir. Enfeitiçados lhes deixei os ouvidos de tal forma, que, como bezerrinhos, os mugidos me seguiam por entre os tojos duros, os espinheiros e as mordentes sarças, que nas pernas mui frágeis lhes entravam. Por fim deixei-os no paul coberto de imundícies, atrás de vossa cela, onde até ao queixo se contorcem, para da lama se livrarem pegajosa.

PRÓSPERO — Muito bem, caro pássaro. Conserva-te invisível por mais alguns momentos. Vai a casa e me traze o que encontrares de badulaques; com isso engendraremos armadilha para esses malfeitores.

ARIEL — Vou já! Vou já! (*Sai.*)

PRÓSPERO — É um demônio, um demônio de nascença, em cuja natureza jamais pôde atuar a educação. Foram perdidos todos os meus esforços; sim, perdido completamente, sempre, quanto hei feito a ele por amor à humanidade. Seu corpo com a idade fica hediondo e cada vez mais ulcerado o espírito. Atormentá-los vou até que rujam. (*Volta Ariel, carregado de*

vestimentas brilhantes, etc.) Vamos, pendura tudo nessa corda. (*Próspero e Ariel se tornam invisíveis. Entram Calibã, Estéfano e Trínculo, inteiramente molhados.*)

CALIBÃ — Agora, por favor, pisai de leve, porque a toupeira cega não perceba quando nos caem os pés. Estamos perto.

ESTÉFANO — Monstro, vossa fada, que dizíeis ser uma fada sem maldade, procedeu simplesmente conosco como com marotos.

TRÍNCULO — Monstro, estou sentindo o cheiro de urina de cavalo, o que me causa grande indignação ao nariz.

ESTÉFANO — Ao meu também. Estás ouvindo, monstro? Se me causares o menor aborrecimento... Toma cuidado!

TRÍNCULO — Não passarás de um monstro perdido.

CALIBÃ — Concedei-me, meu bom senhor, um pouco mais de vosso favor; sede paciente, que o prêmio prometido vai deixar-vos esquecido de tantos contratempos. Por isso falai baixo; tudo se acha tão sossegado como à meia-noite.

TRÍNCULO — Sim, mas perdemos as garrafas no atoleiro!

ESTÉFANO — O que não constitui para nós, monstro, apenas uma desgraça, mas perda irreparável.

TRÍNCULO — Que eu sinto mais do que toda esta umidade. Isso, monstro, ainda é trabalho de vossa fada sem maldade.

ESTÉFANO — Hei de recuperar a minha garrafa, ainda que me atole até às orelhas.

CALIBÃ — Acalma-te, meu rei. Estás vendo isto? É a boca da caverna. Entra sem bulha e o bom crime comete decidido, que dono te fará desta bela ilha e de mim, Calibã, teu lambe-pé.

ESTÉFANO — Dá-me a mão; já começo a ter pensamentos sanguinários.

TRÍNCULO — Ó Rei Estéfano! Ó par! Ó digno Estéfano, vê que belo guarda-roupa aqui está para ti!

CALIBÃ — Deixa isso, tolo; são bugigangas.

TRÍNCULO — Oh, oh, monstro! Sabemos muito bem o que sejam pacotilhas. Ó Rei Estéfano!

ESTÉFANO — Tira esse manto, Trínculo. Por esta mão, quero esse manto para mim.

TRÍNCULO — Tua Graça o terá.

CALIBÃ — Na hidropsia se afogue este pateta. Que estais pensando, para assim ficardes diante desses andrajos? Deixai isso. Primeiro, a morte dele. Caso acorde, desde os pés à cabeça vai deixar-nos a pele triturada, de nós todos fazendo bela papa.

ESTÉFANO — Fica quieto, monstro! — Senhora linha, este gibão não é o meu? Presentemente o gibão já passou a linha. Agora gibão, vais perder os cabelos e tornar-te gibão

careca.

TRÍNCULO — A ele! A ele! Com licença de Vossa Graça, mas sabemos roubar em linha reta.

ESTÉFANO — Muito obrigado pela pilhéria. Fica com esta roupa. Não se dirá que o espírito não é recompensado enquanto eu for rei deste país. "Roubamos em linha reta!" Multo bem dito, realmente. Toma mais esta peça, como prêmio da frase.

TRÍNCULO — Vem, monstro; passa um pouco de visgo nos dedos e some com o resto da roupa.

CALIBÃ — Não quero nada; perderemos tempo com isso, e nos transformaremos em macacos ou em patos bravos, de testa acanhada e para baixo.

ESTÉFANO — Monstro, espicha os dedos. Ajuda a levar isto para onde está o meu barril de vinho. Caso contrário, expulso-te do meu reino. Mimos, carrega isto.

TRÍNCULO — E isto também.

ESTÉFANO — Sim, e mais isto.

(*Ouve-se barulho de caçada. Entram diversos espíritos sob a forma de cães, que se põem a perseguir Estéfano, Trínculo e Calibã. Próspero e Ariel os espicaçam com gritos.*)

PRÓSPERO — Pega, Montanha! Pega!

ARIEL — Prateado! Por aqui, Prateado!

PRÓSPERO — Aqui, Fúria! Aqui, Sultão! Pega! Pega! (*Calibã, Estéfano e Trínculo saem perseguidos.*) Vai, incumbe os meus duendes de torce-lhes com secas convulsões todas as juntas, de com cãibras os nervos repuxar-lhes, com beliscões deixando-os mais manchados do que os gatos selvagens e as panteras.

ARIEL — Escuta: estão rugindo.

PRÓSPERO — Que sejam perseguidos sem piedade. Meus inimigos, neste instante, se acham de todo ao meu dispor. Dentro de pouco terás o ar à vontade. Alguns momentos, ainda, me acompanha e cumpre tudo que eu te mandar fazer.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Diante da cela de Próspero. Entram Próspero, com suas vestes mágicas, e Ariel.

PRÓSPERO — Concretizam-se, enfim, meus planos todos; meus feitiços não falham; meus espíritos me obedecem e o tempo segue em linha reta com sua carga. Que horas são?

ARIEL — Seis horas, meu senhor; precisamente a hora em que me dissestes deveriam cessar nossos trabalhos.

PRÓSPERO — Sim, disse isso, quando fiz levantar a tempestade. Mas agora me informa, meu espírito, como está o rei e a sua comitiva.

ARIEL — Fechados todos eles, tal qual como tínheis determinado; justamente como os deixastes, prisioneiros todos no bosque de limeiras que protege, senhor, vossa caverna. Nenhum deles se livrará sem vosso assentimento. O rei, o mano dele e o vosso se acham completamente fora do juízo; os demais os lastimam, transpassados de dor e desespero, salientando-se aquele que chamastes de "O bom velho senhor Gonzalo". As lágrimas lhe correm pelos fios da barba como gotas do inverno nos caniços. De tal modo vossos encantamentos os trabalham, que, se os vísseis agora, era certeza ficardes comovido.

PRÓSPERO — É assim que pensas, espírito?

ARIEL — Eu, senhor, se fosse humano, decerto ficaria.

PRÓSPERO — Pois o mesmo comigo vai se dar. Sendo ar, apenas, como és, revelas tanto sentimento por suas aflições; e eu, que me incluo entre os de sua espécie, e as dores sinto, como os prazeres, tão profundamente tal como qualquer deles, não podia mostrar-me agora menos abalado. Muito embora seus crimes me tivessem tocado tão de perto, em meu auxílio chamo a nobre razão, para sofrearmos de todo minha cólera. É mais nobre o perdão que a vingança. Estando todos arrependidos, não se estende o impulso do meu intento nem sequer a um simples franzir do sobrecenho. Vai, liberta-os, meu Ariel. Vou romper o encantamento, a razão restituir-lhes e fazê-los voltar a ser o que eram.

ARIEL — Vou buscá-los. (*Sai.*)

PRÓSPERO — Vós, elfos das colinas e dos córregos, das lagoas tranqüilas e dos bosques; e vós que rasto não deixais na areia, quando caçais Netuno nas vazantes, ou dele vos furtais, quando retorna; vós, anõezinhos brincalhões, que círculos, à luz do luar, traçais de ervas amargas, que as ovelhas recusam; e vós outros que criais por brinquedo os cogumelos noturnos e vos alegrais com o toque solene da manhã; com cujo auxílio — muito embora sejais mestres fraquinhos — fiz apagar-se o sol ao meio-dia, chamei os ventos revoltados, guerra suscitei

atroadora entre o mar verde e a abóboda azulada, o ribombante trovão provi de fogo, o tronco altivo do carvalho de Jove abri ao meio, de seu próprio corisco me valendo; abalado deixei os promontórios de fortes alicerces, os pinheiros e cedros arranquei pelas raízes... Ao meu comando, os túmulos faziam despertar os que neles repousavam, e, abrindo-se, deixavam-nos sair, tão forte era minha arte. Mas abjuro, neste momento, da magia negra; uma vez conjurado mais um pouco de música celeste — o que ora faço — para que nos sentidos lhes atue — tal é o poder do encantamento aéreo — quebrarei a varinha; a muitas braças do solo a enterrarei, e em lugar fundo, jamais tocado por nenhuma sonda, afogarei meu livro. (*Música solene. Volta Ariel; Alonso o segue com ademanes frenéticos, acompanhado por Gonzalo; Sebastião e Antônio, no mesmo estado, acompanhado por Adriano e Francisco. Todos entram no círculo feito por Próspero e aí se conservam sob a ação do encantamento. Próspero os contempla e fala.*) Que uma canção solene, o mais possante consolador das mentes perturbadas, o cérebro te cure, que no crânio te ferve, agora, inútil. Pára aí mesmo, porque imobilizado ora te encontras por meus encantamentos. Impecável Gonzalo, homem honrado: meus olhos, compassivos com a atitude dos teus deixam cair gotas amigas. O encantamento se desfaz aos poucos. Assim como a manhã, roubando a noite, dilui a escuridão, do mesmo modo a despertar começam-lhe os sentidos e a expulsar os vapores ignorantes que a nitente razão lhes revestia. Meu salvador sincero, bom Gonzalo, servidor dedicado de teu amo, hei de pagar-te em casa os benefícios com palavras e obras. Por maneira crudelíssima, Alonso, procedeste comigo e minha filha. Foste nisso levado por teu mano. Esse o motivo, Sebastião, de sofreres tantas dores, e vós aí, meu sangue e minha carne, meu irmão, que à ambição deste acolhida, expulsando o remorso e a natureza — razão de serem muito mais intensas as compunções internas — planejastes assassinar aqui vosso monarca. Embora sejas um desnaturado, recebe o meu perdão. — O entendimento já começa a crescer e a maré próxima dentro de pouco cobrirá a praia da razão, que ainda está cheia de lama. Nenhum deles me vê nem reconhece. Ariel, vai até à cela e de lá traze minha espada e o chapéu. (*Sai Ariel.*) Troco esta roupa e vou ficar como em Milão eu era. Espírito, depressa! Falta pouco para ficares livre. (*Volta Ariel cantando, e ajuda Próspero a vestir-se.*)

ARIEL — Como as abelhas volito em busca do mel bendito. Numa corola dormito, quando o bufo solta o grito. Meu cavalinho bonito — um morcego — sempre incito a ter o verão bem fito. Vou viver, vou viver alegremente sob os ramos da selva florescente.

PRÓSPERO — Oh, reconheço o meu gentil Ariel. Vou sentir tua falta... Pouco importa. Ficarás livre. Assim... Assim... Assim... Como és, sem seres visto, vai ao barco do rei, onde acharás os marinheiros a dormir na escotilha. Despertados o comandante e o contramestre, obriga-os a vir para este ponto. Isso, depressa.

ARIEL — Engulo o ar no caminho e aqui retorno antes de o pulso vos bater duas vezes. (*Sai.*)

GONZALO — Todas as dores, confusões, espantos, todos os desesperos aqui moram. Algum poder celeste nos retire deste país terrível.

PRÓSPERO — Aqui vedes Próspero, senhor rei, o antigo Duque de Milão. Como prova de que um príncipe vivo contigo fala neste instante, abraço-te e te dou as mais sinceras boas-

vindas e a todos de teu séqüito.

ALONSO — Se és ele mesmo ou não, ou qualquer mágico fantasma, como os outros que até há pouco de mim zombaram, como decidir-me? Como de carne e sangue tens o pulso, e desde que te vi sinto acalmar-se-me a inquietação da mente, que a loucura, muito o receio, em mim nascer fizera. Tudo isso — se isso tudo for verdade — tem uma história por demais estranha. Resigno o teu ducado e te conjuro a me perdoar as faltas. Porém como pode estar vivo Próspero e nesta ilha?

PRÓSPERO — Primeiramente, nobre amigo, deixa que te abrace a velhice, pois tua honra não conhece medida nem limites.

GONZALO — Se isto tudo é real ou imaginário, não poderei jurá-lo.

PRÓSPERO — Em vós atuam ainda algumas sutilezas da ilha, que não vos deixam crer na realidade. Bem-vindos sois, amigos. (*À parte, a Sebastião e Antônio.*) Se o quisesse, meu par de nobres, eu pudera agora fazer que contra vós se condensasse a cólera do rei, desmascarando-vos como dois vis traidores. Mas não quero neste instante contar coisa nenhuma.

SEBASTIÃO (*à parte*) — O diabo fala pela tua boca.

PRÓSPERO — Não; a vós senhor perverso, a que não posso dar o nome de irmão sem que me suje, a falta mais hedionda vos perdôo... Perdôo todas, mas neste momento reclamo o meu ducado que, por força, tereis de me entregar.

ALONSO — Se fores Próspero, realmente, então revela-nos algumas particularidades sobre o modo como, enfim, te salvaste; dize como nos encontraste aqui, nós que há três horas, apenas, naufragamos nesta praia, onde perdi — como é pungente o acúleo da lembrança! — meu caro Ferdinando.

PRÓSPERO — Sinto muito, senhor.

ALONSO — É irreparável a perda, e diz-me a paciência que ela própria nada consegue neste caso.

PRÓSPERO — Penso, ao contrário, que não procurastes seu auxílio eficiente. Em perda idêntica, por sua doce graça, contemplado me vi com sua ajuda soberana, ficando satisfeito.

ALONSO — Perda idêntica?

PRÓSPERO — Tão grande como a vossa, e tão recente. E para suportá-la não dispunha dos meios de consolo que vos restam, pois perdi minha filha.

ALONSO — Filha? O Céus! Se em Nápoles os dois ora estivessem, como rei e rainha! Para tanto, desejara enterrado ora encontrar-me no leito cenagoso em que meu filho repousa neste instante. Há quanto tempo sofrestes essa perda irreparável?

PRÓSPERO — Na última tempestade. Mas percebo que estes senhores por tal modo se acham estupefactos ante o nosso encontro, que a razão perdem, não acreditando que os olhos usam no seu próprio ofício e que sua faia é natural anélito. Porém, por mais que todos

deslocados houvésseis sido dos sentidos, crede como certo que eu sou, de fato, Próspero que de Milão, há tempo, fui expulso e que desembarquei por modo estranho na mesma praia em que ora naufragastes, para ser dono dela. Mas sobre isso, por ora, é quanto basta; é larga história, para contada ser dia por dia, não relação para fazer-se à mesa e muito menos ao primeiro encontro. Sois bem-vindo, senhor. É nesta ceia que tenho minha corte; nela poucas pessoas me acompanham, sem que súdito nenhum tenha aqui fora. Examinai-a, por obséquio. Uma vez que o meu ducado me restituístes, vou recompensar-vos com um presente precioso. Pelo menos vou fazer um milagre que vos há de tão contente deixar como exultante fiquei com meu ducado.

(*Abre-se a porta da cela, deixando ver Ferdinando e Miranda, que jogam xadrez.*)

MIRANDA — Estais usando de esperteza, príncipe.

FERDINANDO — Não, querida; por nada neste mundo poderia fazê-lo.

MIRANDA — Sim, por um par de reinos poderíeis altercar, e eu vos juro que chamara a isso jogo correto.

ALONSO — Se tudo isto for outra vez uma ilusão desta ilha, duas vezes perdi meu caro filho.

SEBASTIÃO — Oh Milagre estupendo!

FERDINANDO — Muito embora ameacem sempre, os mares são piedosos. Amaldiçoei-os sem razão para isso. (*Ajoelha-se em frente de Alonso.*)

ALONSO — Que te envolvam as bênçãos incontáveis de um venturoso pai. Alça-te e dize como aqui vieste ter.

MIRANDA — Oh! Que milagre! Que soberbas criaturas aqui vieram! Como os homens são belos! Admirável mundo novo que tem tais habitantes!

PRÓSPERO — Para ti isso é novo.

ALONSO — Quem é a jovem com quem jogavas? Vossas mais antigas relações não terão mais de três horas. A deusa que nos separou, por que ora de novo nos reunira?

FERDINANDO — É criatura mortal, senhor; mas pela Providência imortal me foi dada. Fiz a escolha, quando o consentimento não podia pedir do meu bom pai, estando certo de que pai já não tinha. Ela é a filha do mui famoso Duque de Milão, de que tanto já ouvira, mas que nunca chegara a contemplar. Recebi dele uma segunda vida, e ora um segundo pai me fez dele esta gentil menina.

ALONSO — Sou todo dela. Mas como me é estranho ter de pedir perdão ao próprio filho!

PRÓSPERO — Parai aí, senhor; não nos dobremos sob o peso do fardo das lembranças do que já se passou.

GONZALO — Derramei lágrimas interiores; se não já me teria manifestado. Ó deuses! Inclinai-vos por uns momentos, e sobre estes jovens fazei descer uma coroa benta, pois fostes vós que a estrada nos traçastes para aqui nos reunirmos neste instante.

ALONSO — Digo amém, bom Gonzalo.

GONZALO — Assim, Milão foi de Milão expulso, porque viessem seus descendentes a ser reis de Nápoles? Oh! Alegrai-vos sobremodo e o fato gravai a ouro em perduráveis lápides. Foi achar Claribel, numa viagem a Túnis, o marido; Ferdinando, seu irmão, uma esposa, onde ele próprio se dava por perdido; o Duque Próspero, o ducado numa ilha tão modesta; e todos nós nos encontramos, quando já não éramos donos de nós mesmos.

ALONSO (*a Ferdinando e Miranda*) — Dai-me as mãos. Que a tristeza e os pesadumes o coração apertem de quem votos não fizer de alegria.

GONZALO — Seja. Amém. (*Volta Ariel com o Comandante e o Contramestre que o seguem com sinais de estupefação.*) Olhai, senhor! Olhai! Mais gente nossa. Deu certo a minha profecia: caso forcas houvesse em terra, este sujeito não morreria na água. E ora, blasfemo, que ao mar jogavas a divina Graça, aqui em terra esgotaram-se-te as pragas? Que novidades há?

CONTRAMESTRE — A melhor delas é termos encontrado sãos e salvos o rei e os de seu séqüito. A segunda é que nosso navio, que há três horas, somente, acreditávamos perdido, está firme e arvorado, como quando iniciamos a viagem.

ARIEL (*à parte, a Próspero*) — Fiz tudo isso, mestre, neste intervalo.

PRÓSPERO (*à parte, a Ariel*) — Ó meu espírito habilidoso!

ALONSO — Naturais eventos não pode ser tudo isso. A um fato estranho, segue outro ainda maior. Dizei-nos como chegaste até aqui.

CONTRAMESTRE — Caso eu tivesse certeza plena de que estou desperto, tentaria fazer cabal relato. Mortos de sono estávamos, embaixo das escotilhas todos — não sabemos como isso aconteceu — quando, de súbito, desencontrada confusão se eleva de rugidos atroantes e de guinchos, barulho de cadeias arrastadas e outras espécies várias de ruídos, todos horríveis, que nos despertaram. No mesmo instante livres nos achamos e em toda galhardia percebemos nosso real, galante e bravo barco e nosso comandante, embasbacado, que pulava de alegre. De repente — com vossa permissão — como num sonho nos separamos e trazidos fomos para aqui, atordoados.

ARIEL (*à parte, a Próspero*) — Foi bem feito?

PRÓSPERO (*à parte, a Ariel*) — Otimamente, meu zeloso espírito; em breve serás livre.

ALONSO — E o mais estranho labirinto que os homens já pisaram ultrapassa tudo isso a natureza no seu curso normal. Será preciso buscar a explicação nalgum oráculo.

PRÓSPERO — Não aflijais, meu soberano o espírito, procurando explicar com tanto empenho a estranheza do caso. Mais de espaço — o que vai ser em breve — hei de contar-vos com particularidades que vos hão de parecer aceitáveis, tudo quanto se passou por aqui. Nesse entrementes, ficai alegre e pensai bem de tudo. (*À parte, a Ariel.*) Aproxima-te, espírito; liberta Calibã e os demais; desfaze o encanto. (*Sai Ariel.*) Meu gracioso senhor como se sente? ainda estão faltando alguns sujeitos esquisitos de vossa companhia, de que não vos lembrais. (*Volta Ariel empurrando Calibã, Estéfano e Trínculo, com as roupas roubadas.*)

ESTÉFANO — Cada um cuide só dos outros, sem se importar consigo mesmo, porque tudo só depende da sorte. Coragem, monstro-raio! Coragem!

TRÍNCULO — Se o que eu trago na cabeça forem espiões de verdade, temos aqui uma aparição admirável.

CALIBÃ — Oh Setebos! Que espíritos notáveis, em verdade! Quão belo está meu amo! Temo que me castigue.

SEBASTIÃO — Ah! Ah! Que coisas ora nos surgem, meu senhor Antônio? Poderemos comprá-las com dinheiro?

ANTÔNIO — Decerto poderemos; uma delas é puro peixe e, sem nenhuma dúvida, vendável no mercado.

PRÓSPERO — Vede apenas, senhores, as roupagens destes homens. Dizei-me agora se eles são honestos. Esse tipo disforme que ali vedes, teve por mãe uma terrível bruxa, e de poder tão grande que até mesmo na lua tinha influência, e provocava marés e baixa-marés, realizando da lua o ofício, sem o poder dela. Esses três indivíduos me roubaram; e aquele meio-diabo — pois é filho bastardo, já se vê — tramou com eles assassinar-me. Dois desses marotos são vossos conhecidos; este bloco de escuridão é minha propriedade.

CALIBÃ — Beliscado serei de ficar morto.

ALONSO — Aquele ali não é acaso, Estéfano, meu despenseiro bêbado?

SEBASTIÃO — Está bêbado; mas como arranjou vinho?

ALONSO — Cambaleante de bêbado está Trínculo. Mas como terão eles achado esse admirável elixir que os deixou tão remoçados? Como vieste a cair nesta salmoura?

TRÍNCULO — De tal maneira eu me meti na salmoura desde a última vez que vos vi, que tenho receio de que nunca mais me saia dos ossos. Agora posso desafiar as picadas dos mosquitos.

SEBASTIÃO — E tu aí, Estéfano! Como vais passando?

ESTÉFANO — Oh! Não me toqueis! Não sou Estéfano, mas pura cãibra.

PRÓSPERO — Querias ser rei da ilha, não, maroto?

ESTÉFANO — Daria um rei bem doentio.

ALONSO (*apontando para Calibã*) — É a coisa mais estranha que eu já vi.

PRÓSPERO — E tão disforme nos costumes como no feitio exterior. Ide, maroto, já para minha cela, acompanhado de vossos dois amigos. Se quiserdes ser perdoado, arrumai-a com bem zelo.

CALIBÃ — É o que farei; e de ora avante quero mostrar-me mais razoável e obter graça. Mas que asno reforçado eu fui, tomando por um deus este bêbado e inclinando-me diante deste imbecil!

PRÓSPERO — Vai logo. Fora! Ide repor essas quinquilharias no lugar onde estavam.

SEBASTIÃO — De onde foram roubadas, é o mais certo.

(*Saem Calibã, Estéfano e Trínculo.*)

PRÓSPERO — Senhor, convido Vossa Alteza e os vossos a entrar em minha pobre cela, para descansar esta noite, pretendendo parte dela empregar com narrativas de tão grande atração que — não o duvido — depressa passará: a história toda de minha vida e, assim, os acidentes por que passei até chegar a esta ilha. Logo pela manhã hei de levar-vos ao vosso barco e, logo após, a Nápoles, onde espero assistir ao matrimônio destes dois entes que nos são tão caros. Daí me acolherei ao meu Milão, onde cada terceiro pensamento será dicado à minha sepultura.

ALONSO — Estou ansioso por ouvir a história de vossa vida, que há de estranhamente prender-nos a atenção.

PRÓSPERO — Contarei tudo, prometendo-vos mares calmos, auras auspiciosas e velas tão velozes que alcançareis, dentro de pouco tempo, vossa real esquadra. (*À parte, a Ariel.*) Meu Ariel, deixo isso a teu cuidado, e, após, sê livre nos elementos. Passa bem, querido. — Por obséquio, senhores, entrai logo. (*Saem.*)

Epílogo

Dito por Próspero.

Meu encanto terminado, reduzi-me ao próprio estado, que é bem precário, em verdade. Agora, vossa vontade aqui poderá deixar-me ou a Nápoles enviar-me. Mas é certo que alcancei meu ducado, e já perdoei quem mo roubara. Por isso, não queira vosso feitiço que eu nesta ilha permaneça tão estéril e revessa, mas dos encantos malsãos livrai-me com vossas mãos. Vosso hálito deve inflar minhas veias pelo mar; caso contrário, meu plano de agradar será vesano, pois de todo ora careço da arte negra de alto preço, que os espíritos fazia surgir de noite ou de dia. Restou-me o temor escuro; por isso, o auxílio procuro de vossa prece que assalta até mesmo a Graça mais alta, apagando facilmente as faltas de toda gente. Como quereis ser perdoados de todos vossos pecados, permiti que sem violência me solte vossa indulgência.

Antônio e Cleopatra

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

Cena 8

Cena 9

Cena 10

Cena 11

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

Cena 8

Cena 9

Cena 10

Cena 11

Cena 12

Cena 13

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Personagens

MARCO ANTÔNIO, triúnviro,
OTÁVIO CÉSAR, triúnviro,
M. EMÍLIO LÉPIDO, triúnviro,
SEXTO POMPEU,
DOMÍCIO ENOBARBO, amigo de Antônio,
VENTÍDIO, amigo de Antônio,
EROS, amigo de Antônio,
ESCARO, amigo de Antônio,
DERCETAS, amigo de Antônio,
DEMÉTRIO, amigo de Antônio,
FILO, amigo de Antônio,
MECENAS, amigo de César,
AGRIPA, amigo de César,
DOLABELA, amigo de César,
PROCULEIO, amigo de César,
TIREU, amigo de César,
GALO, amigo de César,
MENAS, amigo de Pompeu,
MENÉCRATES, amigo de Pompeu,
VARRIO, amigo de Pompeu,
TAURO, tenente-general de César,
CANÍDIO, tenente-general de Antônio,
SÍLIO, oficial sob as ordens de Ventídio,
EUFRÔNIO, embaixador de Antônio para César,
ALEXAS, servidor de Cleópatra,
MARDIAN, servidor de Cleópatra,
SELEUCO, servidor de Cleópatra,
DIOMEDES, servidor de Cleópatra,
Um adivinho,
Um bobo,
CLEÓPATRA, rainha do Egito,
OTÁVIA, irmã de César e esposa de Antônio,
CHARMIAN, criada de Cleópatra,
IRAS, criada de Cleópatra,
Oficiais, soldados, mensageiros e gente de serviço

Ato 1

Cena 1

Alexandria. Um quarto no palácio de Cleópatra. Entram Demétrio e Filo.

FILO — Não! Passa da medida essa loucura do nosso general. Aqueles olhos altivos que brilhavam como Marte com seu arnês chapeado, dominando multidões de soldados em revista, ora se abaixam, ora se desviam do ofício e devoção que lhes são próprios, para uma fronte escura. Aquele grande coração, que na grita das batalhas monumentais fazia que saltassem, partidas, as fivelas da couraça, agora renegou o autodomínio, para tornar-se a ventarola e o fole que acalmar tenta o ardor de uma cigana. Vede onde eles vêm vindo! (*Entram Antônio e Cleópatra, com os respectivos séqüitos; eunucos a abanam.*) Tomai nota, e observareis como um dos três pilares do mundo no palhaço de uma simples rameira se mudou. Examinai-os!

CLEÓPATRA — Se é amor, realmente, revelai-me quanto.

ANTÔNIO — Pobre é o amor que pode ser contado.

CLEÓPATRA — Vou pôr um marco, para o ponto extremo do amor assinalar.

ANTÔNIO — Fora preciso descobrir novos céus, uma outra terra.

(*Entra um ajudante.*)

AJUDANTE — Novas de Roma, meu bondoso chefe.

ANTÔNIO — Que estais! Vamos lá: resume a história.

CLEÓPATRA — Não, Antônio! Ouvi tudo. Talvez Fúlvia se encontre estomagada, ou talvez ainda o César quase imberbe vos haja ordens mandado peremptórias: "Faze isto e aquilo; toma aquele reino, liberta este outro! Cumpre as minhas ordens, se não quiseres receber castigo."

ANTÔNIO — Como, querida?

CLEÓPATRA — Talvez? Não; é certo: não podereis ficar aqui mais tempo; César já vos enviou a demissão. Por isso, Antônio, ouvi: onde é que se acha a expressa ordem de Fúlvia... isto é, de César... de ambos? — Fazei entrar os mensageiros. — Tão certo como eu ser do Egito a rainha, Antônio, tu coraste. Esse teu sangue é a maior homenagem feita a César, se não for o tributo da vergonha que tuas faces pagam, quando a língua estrídula de Fúlvia te repreende. Olá! Os mensageiros!

ANTÔNIO — Que se afunde Roma no Tibre e de seus gonzos salte a gigantesca abóbada do império. Meu espaço é este aqui. Todos os remos são argila, mais nada; nossa terra cenagosa alimenta homens e brutos, indiferentemente. Com nobreza viver é proceder desta maneira,

(*Abraça-a.*) quando se encontra um par tão ajustado, como se dá conosco. Desafio todo o mundo, sob pena de castigo, para vir convencer-se de que somos sem confronto possível.

CLEÓPATRA — Admirável falsidade! Por que casou com Fúlvia, se não lhe tinha amor? Quero a aparência manter da tola que não sou realmente; continuará Antônio sendo o mesmo.

ANTÔNIO — Mas amimado agora por Cleópatra. Mas, pelo amor do Amor e de seus brandos momentos, não gastemos nosso tempo com debates fastientos. Nossas vidas não contêm um minuto, um só, que deva passar sem nos deixar qualquer ventura. Qual é o divertimento desta noite?

CLEÓPATRA — Ouvi os embaixadores.

ANTÔNIO — Que rainha implicante, em que tudo assenta bem: repreender, rir, chorar, e em que se esforçam as paixões porque em ti se tornem belas e admiradas. Nenhum correio, salvo se vier de tua parte. Os dois, sozinhos, percorreremos hoje à noite as ruas, para observarmos como vive o povo. Vamos, minha rainha, que isso mesmo queríeis ontem. Não; ficai calada.

(*Saem Antônio e Cleópatra com seus séqüitos.*)

DEMÉTRIO — Como! Tão pouco caso faz Antônio de César a esse ponto!

FILO — Algumas vezes, senhor, isso se dá, quando ele deixa de ser Antônio e se desfaz um pouco daquela dignidade que devia sempre estar com Antônio.

DEMÉTRIO — Fico triste por ver que ele confirma os maldizentes da rua que sobre ele em Roma falam. Mas esperemos que amanhã revele mais dígna compostura. Bom repouso.

(*Saem*)

Cena 2

O mesmo. Outro quarto. Entram Charmian, Iras, Alexas e um adivinho.

CHARMIAN — Senhor Alexas, suave Alexas, extraordinário Alexas, onde está o adivinho que tanto elogiastes à rainha? Oh! Quero que ele me mostre o marido que, como dizeis, terá de pôr grinaldas nos cornos.

ALEXAS — Adivinho!

ADIVINHO — Que desejais!

CHARMIAN — É este o homem? Sois vós, senhor, que conheceis as coisas?

ADIVINHO — No grande livro da natura, alguma coisa consigo ler.

ALEXAS — Mostrai-lhe a mão.

(*Entra Enobarbo.*)

ENOBARBO — Aprestai o banquete, sem demora, com vinho em profusão, para à saúde de Cleópatra beberem.

CHARMIAN — Meu bom senhor, dai-me uma boa sorte.

ADIVINHO — Não dou sorte; apenas a revelo.

CHARMIAN — Então, por obséquio, revelai a minha.

ADIVINHO — Ainda ficareis mais clara do que sois.

CHARMIAN — Ele se refere à carne.

IRAS — Não; é que vos pintareis, quando ficardes velha.

CHARMIAN — Que as rugas não o permitam!

ALEXAS — Não perturbeis sua presciência; prestai atenção.

CHARMIAN — Silêncio!

ADIVINHO — Amareis mais do que sereis amada.

CHARMIAN — Prefiro aquecer o fígado com bebida.

ALEXAS — Não; ouçamo-lo.

CHARMIAN — Muito bem; agora qualquer sorte fora do comum. Fazei-me casar com três reis, numa única manhã, e enviuvar deles todos; fazei que eu tenha um filho aos cinqüenta, a quem prestará homenagem Herodes da Judéia; revelai que vou casar-me com Otávio César, e

equiparai-me, assim, à minha senhora.

ADIVINHO — Sobrevivereis à senhora a que servis.

CHARMIAN — Oh! excelente! Gosto mais de vida longa do que de figos.

ADIVINHO — Já vistes e provastes melhor sorte do que a que vos espera.

CHARMIAN — Então, é que meus filhos ficarão sem nome. Mas, por obséquio: ao todo, quantos meninos e quantas meninas irei ter?

ADIVINHO — Um milhão, se cada um de vossos desejos tivesse ventre e pudesse ser fecundado.

CHARMIAN — Vai saindo, tolo! Mas enfim, por seres bruxo, te perdôo.

ALEXAS — Pensáveis que vossos anelos só eram conhecidos da roupa da cama?

CHARMIAN — Vamos! vamos! Contai agora a sorte de Iras.

ALEXAS — Nós todos queremos saber a nossa sorte.

ENOBARBO — A minha sorte, como a da maior parte da dos presentes, hoje à noite consistirá... em ir bêbedo para a cama.

IRAS — Quando mais não seja, haveis de descobrir castidade na palma desta mão.

CHARMIAN — Parece o Nilo, que, quando transborda, pressagia fome.

IRAS — Vai saindo, estouvada! Não entendes de vaticínios.

CHARMIAN — Ora essa! Se uma palma untuosa não for indício de fecundidade, não poderei coçar as orelhas. Por favor, predizei-lhe apenas uma morte vulgar.

ADIVINHO — Vossa sorte é igual à dela.

IRAS — Como assim? Como assim? Descei a particularidades.

ADIVINHO — Já disse o que tinha a dizer.

IRAS — Então não tenho nem uma polegada de sorte mais do que ela?

CHARMIAN — Bem; mas dando-se o caso de terdes mesmo uma só polegada de sorte mais do que eu, onde a iríeis procurar?

IRAS — Não haveria de ser no nariz do meu marido.

CHARMIAN — Possa o céu endireitar nossos pensamentos piores. Agora Alexas! A sorte dele! A sorte dele! Ó suave Ísis só te peço que o façais casar com uma mulher que não ande. E que ela venha a morrer, para dar lugar a outra pior, seguindo-se sempre à pior outra pior ainda, até que a pior de todas o acompanhe, rindo, à sepultura, cinqüenta vezes corno manso! Exalça-me esse voto, bondosa Ísis, ainda que me venhas a negar matéria de mais peso. Imploro-te, bondosa Ísis.

IRAS — Amém. Querida deusa, atende às orações do povo, por que assim como aperta o coração ver mal casado um belo rapaz, mata de tristeza ver um rústico sem cornos. Por isso,

bondosa Ísis, sem ofender o decoro, dai-lhe a sorte que ele merece.

CHARMIAN — Amém.

ALEXAS — Ora vede! Se dependesse delas fazer-me cabrão, tornar-se-iam prostitutas, só para que isso acontecesse.

ENOBARBO — Cuidado! Eis aí Antônio.

CHARMIAN — Não; é Cleópatra.

(*Entra Cleópatra*)

CLEÓPATRA — Não vistes meu senhor?

ENOBARBO — Não o vi, senhora.

CLEÓPATRA — Aqui não se encontrava?

CHARMIAN — Não, senhora.

CLEÓPATRA — Estava bem disposto; mas, de súbito, uma idéia romana o deixou triste. Enobarbo!

ENOBARBO — Senhora?

CLEÓPATRA — Sai em busca dele e o traze até aqui. Onde está Alexas?

ALEXAS — Aqui, às vossas ordens. Eis meu amo.

(*Entra Antônio, com mensageiros e criados.*)

CLEÓPATRA — Não desejamos vê-lo. Vem conosco.

(*Saem Cleópatra, Enobarbo, Alexas, Iras, Charmian, o adivinho e criados.*)

MENSAGEIRO — Fúlvia, tua mulher, foi quem primeiro se pôs em campo.

ANTÔNIO — Contra o mano Lúcio?

MENSAGEIRO — Sim. Essa guerra, porém, terminou logo; a condição do tempo os fez amigos, a juntar-se levando-os contra César que, vitorioso no primeiro embate, da Itália os expulsou.

ANTÔNIO — Bem; que há de pior?

MENSAGEIRO — As más notícias infectado deixam quem tiver de contá-las.

ANTÔNIO — Só no caso de interessarem um covarde ou um tolo. Vamos, falai; o passado não tem força nenhuma sobre mim. É o que te digo. Quem me conta a verdade, embora a morte se ache no que disser, por mim é ouvido como se me adulasse.

MENSAGEIRO — Então, Labieno — eis a notícia amarga — desde o Eufrates com suas forças partas tomou a Ásia; seu estandarte vencedor levado foi da Síria até à Lídia e à Iônia, enquanto...

ANTÔNIO — Antônio, ias dizer...

MENSAGEIRO — Oh! meu senhor!

ANTÔNIO — Sê franco em teu falar; não atenues a linguagem do povo; chama Cleópatra como em Roma lhe chamam; fala dela no fraseado de Fúlvia e censurando-me todas as faltas com o atrevimento só próprio da verdade e da malícia. Oh! é certo: de nós brotam cizânias quando repousam nossos ventos céleres. Enumerar nosso defeitos vale tanto quanto mondá-los. Por enquanto, deixa-me só.

MENSAGEIRO — Às vossas gratas ordens. (*Sai.*)

ANTÔNIO — Onde está o mensageiro de Sicíone?

PRIMEIRO CRIADO — Há alguém aí que viesse de Sicíone?

SEGUNDO CRIADO — Aguarda vossas ordens.

ANTÔNIO — Então, que entre. Preciso arrebentar os fortes elos do Egito; do contrário, viro tonto. (*Entra outro mensageiro.*) Quem sois?

SEGUNDO MENSAGEIRO — Fúlvia, tua esposa, já não vive.

ANTÔNIO — Morreu? Onde?

SEGUNDO MENSAGEIRO — Em Sicíone. O decurso da doença e tudo o mais de relevância, que te importa saber, aqui se encontra. (*Entrega-lhe uma carta.*)

ANTÔNIO — Podes sair. (*Sai o segundo mensageiro.*) Partiu um grande espírito! E assim o desejei! O que o desprezo muitas vezes atira para longe, reaver desejaríamos. O gozo presente, declinando no seu curso, vem a tornar-se o oposto de si mesmo. Boa tornou-se por já ter morrido; a mão que a repeliu desejaria atraí-la de novo. É necessário que eu largue esta rainha feiticeira. Dez mil calamidades, mais que todos os males que eu conheço, está chocando minha grande nação. Olá, Enobarbo!

(*Volta Enobarbo.*)

ENOBARBO — Que desejais, senhor?

ANTÔNIO — Sair daqui o mais depressa possível.

ENOBARBO — Se isso acontecer, mataremos as nossas mulheres. Dá pena eliminá-las por um motivo tão pequeno, muito embora com relação a uma grande causa elas todas devam ser tidas na conta de coisa nenhuma. Aos primeiros ruídos da partida Cleópatra morrerá instantaneamente; já a vi morrer vinte vezes por motivos muito mais insignificantes. Estou convencido de que na morte há qualquer substância que exerce influência amorosa sobre ela, tal é a freqüência com que ela tem morrido.

ANTÔNIO — Sua astúcia escapa à compreensão humana.

ENOBARBO — Ah, senhor! Não! Suas paixões são feitas exclusivamente do mais puro amor; não podemos dar o nome de suspiros e de lágrimas aos furacões que lhe saem do peito e às catadupas que lhe brotam dos olhos: são vendavais e tempestades mais terríveis do que os que o calendário anuncia. Não, não pode ser astúcia de sua parte, pois se assim fosse, ela seria capaz de produzir chuva tanto como Jove.

ANTÔNIO — Quem me dera que nunca a tivesse visto!

ENOBARBO — Oh, senhor! Teríeis deixado de ver uma obra-prima maravilhosa, ficando vossa viagem desacreditada por esse fato.

ANTÔNIO — Fúlvia morreu.

ENOBARBO — Senhor!

ANTÔNIO — Fúlvia morreu.

ENOBARBO — Fúlvia!

ANTÔNIO — Morta!

ENOBARBO — Neste caso, senhor, aprestai às divindades um sacrifício gratulatório. Quando aos deuses apraz tirar a mulher a algum marido, este descobre neles o alfaiate da terra, consolando-se com a idéia de que, quando as roupas velhas se tornam imprestáveis, não faltam membros para fazer outras mais novas. Se em todo o mundo não houvesse outra mulher além de Fúlvia, então, sim; teríeis, realmente, recebido um corte, o que seria de lamentar. Essa mágoa é coroada pelo consolo de que a vossa velha camisola de mulher dará nascimento a uma saia nova. Em verdade, as lágrimas que se contêm numa cebola, dariam para lavar essa tristeza.

ANTÔNIO — Os negócios de Estado que por ela eram sempre tratados, não permitem agora minha ausência.

ENOBARBO — E os negócios de que tratais aqui, só se conservam de pé por vossa causa, principalmente o de Cleópatra, que depende só e só de vossa permanência.

ANTÔNIO — Basta de brincadeiras. Comunica aos nossos oficiais o que intentamos. Vou me abrir com a rainha sobre as causas desta nossa partida, o assentimento dela esperando obter. Não só a morte de Fúlvia com sinais mais insistentes nos concita a isso mesmo: muitas cartas de Roma, de igual modo, de pessoas dedicadas reclamam nossa volta. Sexto Pompeu lançou um repto a César; todo o império do mar a ele obedece. Nosso povo inconstante — cujo afeto nunca ao homem de mérito se liga, senão depois que o mérito está morto — já começou a ver Pompeu, o grande, com suas dignidades, em seu filho que alto já se acha por estado e nome, mas mais ainda pelo gênio e sangue como o maior guerreiro se apresenta. Se a crescer continuar, os próprios flancos do mundo põe em risco. Muita coisa se acha incubada que, tal como os fios da crina do cavalo fabuloso, tem vida apenas, mas carece ainda do veneno da serpe. Nosso alvitre — dize a todos que estão sob as nossas ordens — ordena que partamos sem demora.

ENOBARBO — Assim farei.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Outro quarto. Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Alexas.

CLEÓPATRA — Onde está ele?

CHARMIAN — Não o vejo há tempo.

CLEÓPATRA — Vede onde está, que faz, quem o acompanha. Não vos mandei. Se virdes que está triste, dizei que estou dançando; se contente, que me vi atacada de mal súbito. Ide logo e voltai.

(*Sai Alexas.*)

CHARMIAN — Senhora, creio que, se lhe dedicam amor sincero, em prática não pondes o que fora preciso para o mesmo alcançar dele.

CLEÓPATRA — Como fora preciso que fizesse?

CHARMIAN — Em tudo concordar com ele, nunca contrariá-lo.

CLEÓPATRA — Qual tola tu me ensinas o modo de perdê-lo.

CHARMIAN — Sede cauta; não o tenteis. Por vezes, muito cedo votamos ódio ao que nos causa medo. Mas aí vem Antônio.

(*Entra Antônio.*)

CLEÓPATRA — Aborrecida me encontro e doente.

ANTÔNIO — Muito me entristece ter de comunicar-vos meu intento...

CLEÓPATRA — Ajuda-me a sair, querida Charmian; sinto que vou cair. Isto não pode continuar assim por muito tempo. A natureza não resiste a tanto.

ANTÔNIO — Agora, minha cara soberana...

CLEÓPATRA — Por obséquio, afastai-vos mais um pouco.

ANTÔNIO — Que aconteceu?

CLEÓPATRA — De vosso olhar deduzo que chegaram notícias lisonjeiras. Que diz vossa mulher? Podeis ir logo. Quem me dera que ela nunca vos tivesse deixado vir; e, sobretudo, nunca possa dizer que eu sou quem vos retenho. Em vós não mando; sois somente dela.

ANTÔNIO — Os deuses sabem muito bem...

CLEÓPATRA — Oh! nunca se viu uma rainha assim traída. Mas desde o início vi brotar a insídia.

ANTÔNIO — Cleópatra...

CLEÓPATRA — Como posso dar-vos crédito sobre me pertencerdes de verdade, embora vossas juras abalassem o alto trono de Jove, se perjuro com relação a Fúlvia vos mostrastes? Loucura rematada, ver-se presa nas malhas dessas juras só de boca, que se quebram por si, quando enunciadas!

ANTÔNIO — Rainha mui querida...

CLEÓPATRA — Nada, nada de apresentar desculpas para a viagem. Dizei adeus e parti logo. Quando para ficar pedíeis, era tempo somente de palavras; em partida não se falava; a eternidade tínhamos nos olhos e nos lábios; grã ventura das sobrancelhas sempre nos pendia. Não havia parcela em nós, por ínfima que fosse, que do céu não derivasse. E tudo ainda está no mesmo ponto, salvo se tu, o herói de mais destaque no mundo todo, te mudaste agora no maior mentiroso.

ANTÔNIO — Então, senhora?

CLEÓPATRA — Quisera ter as tuas polegadas; verias que há um coração no Egito.

ANTÔNIO — Escutai-me, rainha. A mais premente necessidade exige meus serviços noutro lugar, mas fica aqui convosco todo meu coração. Rebrilha ao longe nossa Itália com os gládios de seus filhos; junto ao porto de Roma já se encontra Sexto Pompeu. As forças balançadas de dois núcleos nativos alimentam dissensão cautelosa. Quem odiado era até há pouco, forte se tornando, passou a ser amado pelo povo. O proscrito Pompeu, rico das honras paternas, na afeição sabe insinuar-se dos que no estado atual não prosperaram, cujo número é enorme. Pela inércia tornada doente, a paz procura alívio em qualquer variação desesperada. O motivo pessoal que me preocupa, mas que perante vós me justifica, é o da morte de Fúlvia.

CLEÓPATRA — Embora a idade não me preservasse, de todo, da loucura, pelo menos credulidade não me deu de criança. Fúlvia pode morrer?

ANTÔNIO — Morreu, rainha. Lê isto, e no teu ócio soberano fica sabendo quanta barafunda pôde ela suscitar. Por fim, inteira-te de como ela morreu e onde foi isso.

CLEÓPATRA — Oh mui fingido amor! Onde se encontram os vasos sacrossantos que devias encher com tuas lágrimas doloridas? Agora vejo, vejo pela morte de Fúlvia como vai ser recebida a notícia da minha.

ANTÔNIO — Parai logo com essas objeções e preparai-vos para ficar sabendo meu intento, que ficará de pé ou vem abaixo, conforme resolverdes. Pelo fogo que anima o lodo do sagrado Nilo, parto daqui soldado teu ou servo; guerra farei, ou paz, como quiseres.

CLEÓPATRA — Charmian, desata-me este laço; vamos! Não; deixa. Sinto-me depressa doente e boa a um tempo. É assim o amor de Antônio.

ANTÔNIO — Por obséquio, rainha incomparável, acreditai no amor que ele vos vota, pois resiste a uma prova muito honrosa.

CLEÓPATRA — É o que Fúlvia me ensina. Por obséquio, ide chorá-la a um canto.

Dirigi-me, depois, as despedidas, declarando que ao Egito essas lágrimas pertencem. Vamos; representai mais uma cena de excelente dissímulo, fazendo-a passar por mostras da mais alta fama.

ANTÔNIO — Com isso me esquentais o sangue. Chega.

CLEÓPATRA — Podeis fazer melhor; mas isso basta.

ANTÔNIO — Por minha espada...

CLEÓPATRA — E pelo meu escudo... Melhorou, mas ainda falta muito. Charmian, vê como assentam bem nesse Hércules romano os surtos de uma grande cólera.

ANTÔNIO — Senhora, vou deixar-vos.

CLEÓPATRA — Delicado senhor, uma palavra. É necessário que aqui nos separemos... Não; não é isso. Senhor, já nos amamos... Não; não é isso. Tudo isso vós sabeis, e alguma coisa foi por minha vontade. Oh! que memória! É um verdadeiro Antônio! Esqueci tudo.

ANTÔNIO — Se o capricho não fosse vosso súdito, diria que sois ele em carne e osso.

CLEÓPATRA — Trabalho cansativo é trazer sempre junto do coração um tal capricho, como Cleópatra faz. Mas desculpai-me, senhor, porque me causa a morte tudo que em mim vai bem, mas não vos causa agrado. A honra vos chama; assim, continuai mudo para minha tolice irremediável. E que todos os deuses vos escoltem. Que a láurea da vitória carregada seja por vosso gládio e que o brando êxito de flores atapete vossa estrada.

ANTÔNIO — Partamos logo. Nossa despedida desta maneira foge e permanece: aqui permanecendo, vais comigo; eu, fugindo de ti, fico contigo. Em caminho!

(*Saem.*)

Cena 4

Roma. Um quarto em casa de César. Entram Otávio César, Lépido e criados.

CÉSAR — Lépido, podeis ver e, doravante, sabendo ficareis que não é vício próprio de César odiar o nosso grande competidor. De Alexandria são estas as notícias: ele pesca, bebe e consome as lâmpadas da noite em contínuas orgias; não se mostra mais viril do que Cleópatra, nem esta — viúva de Ptolomeu — efeminada também é mais do que é ele. Raramente dá audiência ou condescende em recordar-se de que ainda tem colegas. Nele vedes um indivíduo que os defeitos todos dos homens compendia.

LÉPIDO — A convencer-me não chego de que possa haver defeitos bastantes para obnubilar-lhe os traços nativos de bondade. Nele as faltas são como as manchas que no céu se vêem, no contraste das trevas mais terríveis, que ele mudar não pode, sendo força seguir-lhes o pendor.

CÉSAR — Sois indulgente por demais. Admitamos que não haja grande mal em no tálamo deitar-se de Ptolomeu, em dar um reino em troco de uma pilhéria, em se sentar ao lado de um escravo e beber com ele à roda, cambalear pelas ruas a desoras e trocar socos com qualquer labrego que fede a suor... Dizei-me que isso lhe orna — conquanto deva ser muito estranhável a natureza que não sai manchada de semelhantes atos. — Mas é certo que não se justifica dos defeitos, porque sobre nós pesa todo o fardo de sua leviandade. Se o ócio ele enche com a volúpia, terá de justar contas com a saciedade e a consumpção dos ossos. Mas malgastar o tempo que o desperta dos prazeres com toques de rebate, e que tão alto como a nós. lhe fala do dever a cumprir, é revelar-se merecedor de justa reprimenda, como criança de saber maduro que por fugaz prazer empenha todas as lições do passado e se rebela contra a própria razão.

(*Entra um mensageiro.*)

LÉPIDO — Mais novidades.

MENSAGEIRO — Executadas foram tuas ordens, ó muito nobre César. De hora em hora novas receberás do que se passa lá por longe. Pompeu domina os mares, parecendo que é amado por aqueles que só temiam César. Para os portos os descontentes correm, comentando todos que ele sofreu grande injustiça.

CÉSAR — Fácil me fora tal coisa ter previsto. Ensina-nos a história desde o início do tempo que quem é, só e querido até chegar a ser, e que a pessoa que se acha no declínio e que não fora prezada enquanto dígna era de sê-lo, grata se torna por estar ausente. Essa turba sem

nome se assemelha aos sargaços que bóiam na corrente, sem direção nenhuma, servos sempre da variável maré e que com o próprio movimento se esfazem.

MENSAGEIRO — César, trago-te a nova de que Menas e Menécrates, corsos de alto valor, o mar obrigam a obedecer-lhes, que com muitas quilhas eles lavram, abrindo fundos sulcos. Feros assaltos dão por toda a Itália; os moradores da orla ficam pálidos só de pensar em tal; a mocidade valorosa se insurge. Nenhum barco pode sair do porto; sendo visto, tomado é incontinenti, pois só o nome de Pompeu pode mais do que sua própria campanha organizada.

CÉSAR — Antônio, deixa teus banquetes lascivos! Quando, há tempo, foste expulso de Módena por teres morto Hirto e Pansa, cônsules, a fome seguiu-te os calcanhares. Mas lutaste com ela, muito embora sempre vida tivesses dissipada, revelando resistência maior que a de um selvagem. Urina de cavalo então bebeste e o charco cintilante que refugam os próprios animais. Não desdenhava teu paladar o mais azedo fruto das mais silvestres sebes. Como o cervo, quando a neve recobre todo o pasto, chegaste a roer das árvores a casca. Nos Alpes, dizem, de uma carne estranha te alimentaste que causava a muitos a morte só de ver. E todas essas privações — a lembrança delas a honra te açoita neste instante — suportaste-as como brioso soldado, de tal modo que nem murchas as faces te ficaram.

LÉPIDO — Dá pena.

CÉSAR — Que depressa o chame a Roma seu próprio brio, pois é mais que tempo de na campanha aparecermos juntos. Para esse fim reunamos o conselho. Lucra Pompeu com nossa ociosidade.

LÉPIDO — Amanhã, César, poderei dizer-vos com segurança até que ponto chegam minhas forças de mar e terra para fazer face à presente situação.

CÉSAR — Até nos vermos, vou fazer o mesmo. Adeus.

LÉPIDO — Adeus, senhor. O que souberdes sobre as desordens que se dão lá fora, far-me-eis grande obséquio revelando-mas.

CÉSAR — Ficai tranqüilo, meu senhor, sobre isso; conheço meu dever.

(*Saem.*)

Cena 5

Alexandria Um quarto no palácio. Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Mardian.

CLEÓPATRA — Charmian!

CHARMIAN — Senhora?

CLEÓPATRA — Ah! Quero beber mandrágora.

CHARMIAN — Mandrágora, senhora? Para quê?

CLEÓPATRA — Para que possa passar dormindo toda a grande brecha de tempo em que está ausente o meu Antônio.

CHARMIAN — Pensais por demais nele.

CLEÓPATRA — Ele traiu-me!

CHARMIAN — Não penso assim, senhora.

CLEÓPATRA — Eunuco Mardian!

MARDIAN — Agora que deseja Vossa Alteza?

CLEÓPATRA — Não te ouvir cantar hoje. Não me agrada quanto os eunucos têm. É muito grande felicidade, sendo destituído, como és, do sexo, não fugirem nunca do Egito teus vadios pensamentos. Acaso tens desejos?

MARDIAN — Sim, senhora.

CLEÓPATRA — De fato?

MARDIAN — Assim, de fato, não senhora; pois só me é permitido agir de modo perfeitamente honesto. Mas desejos tenho ardorosos e reflito sempre em quanto Marte praticou com Vênus.

CLEÓPATRA — Ó Charmian! Onde é que pensas que ele esteja neste momento? Está de pé? Sentado? Passeia, porventura? Está a cavalo? Ó ginete feliz, por carregares todo o peso de Antônio! Oh, sê brioso, corcel! Não adivinhas quem te monta? O meio Atlas da terra, o braço e o elmo dos homens. Neste instante ele murmura: "Acaso onde estará minha serpente do velho Nilo?" É assim que ele me chama. Agora vivo de um veneno raro. De mim se lembrará, que os amorosos raios do ardente Febo enegreceram e que enrugada vai deixando o tempo? César de fronte larga, quando neste solo estiveste eu era apetecível para qualquer monarca, tendo o grande Pompeu parado para olhar-me a fronte. Ali quisera ele ancorar os olhos E morrer contemplando a própria vida.

(*Entra Alexas.*)

ALEXAS — Soberana do Egito, salve!

CLEÓPATRA — Como com Marco Antônio não pareces nada! Mas vindo de sua parte, essa tintura das tinturas te fez ficar dourado. Como passa meu bravo Marco Antônio?

ALEXAS — Querida soberana, a última coisa que ele fez foi beijar — depois de muitos beijos dobrados — esta rica pérola. Trago no coração suas palavras.

CLEÓPATRA — De lá hão de tirá-las meus ouvidos.

ALEXAS — "Caro amigo", falou, "o fiel Romano, dize-lhe, envia à majestade egípcia este tesouro que provém de uma ostra. Para a insignificância do presente compensar, a seus pés pretendo reinos acumular, para deixar mais rico seu opulento trono. Todo o Oriente, lhe dirás, vai chamar-lhe soberana." Ao concluir, acenou-me, e, altivamente, subiu para o seu rápido ginete, cujo nitrido ressoou tão forte que brutalmente abafa tudo quanto eu pudesse dizer.

CLEÓPATRA — Como estava ele: alegre ou triste?

ALEXAS — Parecia o tempo que medeia entre os dois extremos do ano, de calor e de frio. Não estava nem alegre nem triste.

CLEÓPATRA — Oh equilibrada disposição! Atenta nisso, Charmian; observa bem: é o homem. Toma nota. Triste não se encontrava, pois queria lançar luz sobre quantos a postura pautam segundo a dele. Nem alegre, parecendo indicar que o pensamento tinha no Egito, onde a alegria estava. Mas entre os dois. Oh celestial mistura! Fiques alegre ou triste... Em nenhuma outra pessoa, como em ti, tão bem assenta qualquer desses extremos. Encontraste meus correios, acaso?

ALEXAS — Sim, senhora; uns vinte, em separado. Por que os mandas tão amiúde?

CLEÓPATRA — Quem nascer no dia em que eu a Antônio não mandar recado, morrerá na miséria. Boa Charmian, traze tinta e papel. Bondoso Alexas, sejas bem-vindo. Em algum tempo, Charmian, eu amei César tanto?

CHARMIAN — Oh! bravo César!

CLEÓPATRA — Que um outro grito desses te asfixie. Dize: Que bravo Antônio!

CHARMIAN — Grande César!

CLEÓPATRA — Por tais, ficarás com os dentes rubros, se novamente comparares César com esse homem único.

CHARMIAN — Com vosso perdão gracioso, mas estou cantando segundo vosso tom.

CLEÓPATRA — Oh inexperiência de minha mocidade, quando verde eu tinha o juízo e frio o sangue! Vamos: dá-me papel e tinta. Hei de mandar-lhe um mensageiro diário, embora venha a despovoar o Egito.

(Saem.)

Ato 2

Cena 1

Messina. Um quarto em casa de Pompeu. Entram Pompeu, Menécrates e Menas.

POMPEU — Se os deuses poderosos forem justos, hão de amparar quem se mostrar mais justo.

MENÉCRATES — Como sabeis, digno Pompeu, demora não é recusa.

POMPEU — Enquanto suplicamos diante do trono deles, vai ficando mais fraca a causa por que lhes pedimos.

MENÉCRATES — Por nos desconhecermos, muitas vezes pedimos o que mal causar nos pode, o que as sábias potências nos denegam, visando ao nosso bem. Assim, lucramos em não ver nossos votos exalçados.

POMPEU — Hei de vencer. O povo me idolatra e o mar é meu. Em progressivo aumento minhas forças estão, prognosticando-me as esperanças que elas hão de em breve chegar à cheia máxima. No Egito Marco Antônio está à mesa, não pensando em lutar extramuros. Onde César obtém dinheiro, os corações alija. Lépido adula os dois, sendo por eles adulado também, porém não ama nenhum, pois só desprezo ambos lhe votam.

MENAS — Lépido e César já em campo se acham, à frente de uma força poderosa.

POMPEU — Quem vos disse isso? É falsa essa notícia.

MENAS — De Sílvio a ouvi, senhor.

POMPEU — Está sonhando. Sei que eles dois em Roma agora se acham e a Antônio esperam. Que os encantos todos do amor, ardente Cleópatra, te deixem mais macios ainda os lábios murchos! Acrescenta a magia à formosura, e às duas a lascívia. O libertino deixa preso num campo de festejos, a mente lhe mantendo sempre em névoas. Despertem-lhe o apetite cozinheiros epicúreos, com molhos esquisitos, e que o sono e os festins lhe arrastem a honra até a apatia ele alcançar do Lete. (*Entra Várrio.*) Então, Várrio, que é que há?

VÁRRIO — É inteiramente certo o que vou dizer. Em Roma espera-se Marco Antônio chegar a cada instante. O tempo desde o dia da partida dele do Egito dava para viagem mais longa ainda.

POMPEU — De bom grado ouvira notícias menos grave. Não pensava, Menas, que esse amoroso libertino chegasse a pôr o capacete para ingressar numa guerra tão mesquinha. Como guerreiro, ele sozinho pesa mais do dobro dos outros dois reunidos. Mas elevemos o conceito próprio, por ver que nossa espora teve força para arrancar dos braços da viúva do Egito a

Marco Antônio, esse devasso que jamais se sacia.

MENAS — Não espero que Antônio e César a entender-se venham.A falecida esposa do primeiro ofendeu muito a César; o irmão dele também o combateu, embora eu pense que nisso Antônio não tivesse parte.

POMPEU — Não sei, Menas, não sei como as pequenas inimizades dão lugar às grandes. Não fosse termos de lutar com todos, bom fora que eles entre si brigassem, pois motivo não falta a nenhum deles para sacar da espada. Mas até onde poderá o medo que lhes inspiramos cimentar a cisão que entre eles houve e liga pôr em suas rixazinhas, não sei dizê-lo. Seja tudo como quiserem nossos deuses. Nossa vida vai depender, tão-só, desta partida. Menas, vamos!

(*Saem.*)

Cena 2

Roma. Um quarto em casa de Lípido. Entram Enobarbo e Lépido.

LÉPIDO — Caro Enobarbo, é obra meritória, dígna de vós, levar o vosso chefe a falar com bons modos.

ENOBARBO — Convencê-lo pretendo a responder como ele mesmo. Se César o irritar, que Antônio o mire sobranceiro e depois tão alto fale como o estrondo de Marte. Sim, por Júpiter, se eu fosse o portador da barba dele, hoje a não rasparia.

LÉPIDO — Não é tempo de briguinhas pessoais.

ENOBARBO — Não; qualquer tempo serve para os assuntos dele próprio.

LÉPIDO — Mas é preciso que os assuntos mínimos cedam lugar aos grandes.

ENOBARBO — Não, no caso de haverem sido aqueles os primeiros.

LÉPIDO — Em vós fala a paixão. Mas, por obséquio, não sopreis no borralho. Ali vem vindo o nobre Antônio.

(*Entram Antônio e Ventídio.*)

ENOBARBO — E, mais adiante, César.

(*Entram César, Mecenas e Agripa.*)

ANTÔNIO — Se fizermos aqui um bom acordo: contra os partos. Ouviste bem, Ventídio?

CÉSAR — Não sei, Mecenas; pergunta isso a Agripa.

LÉPIDO — Caros amigos, de importância máxima era o que nos uniu; não permitamos que uma ação secundária nos separe. O que estiver errado, com paciência deverá ser ouvido. Se elevarmos a voz para tratar de assuntos diários, causaremos a morte do que tínhamos intenção de curar. Por isso, nobres colegas, vos conjuro instantemente a que trateis dos pontos mais difíceis com termos delicados, sem deixardes que se imiscua a ofensa.

ANTÔNIO — Bem falado; em frente a nossas forças, no momento de se iniciar a pugna, não seria outra a minha linguagem.

CÉSAR — Sois bem-vindo a Roma.

ANTÔNIO — Agradecido.

CÉSAR — Sentai-vos.

ANTÔNIO — Sentai-vos, senhor.

CÉSAR — Então, que seja.

ANTÔNIO — Soube que muitas coisas vos parecem más, sem que o sejam, mas que, embora o fossem, não vos dizem respeito.

CÉSAR — Merecia que de mim rissem, se por coisa alguma, por quase nada, eu me considerasse tão ofendido assim, principalmente com relação a vós; e mais ainda fora de censurar se com desprezo viesse a nomear-vos, quando não tivesse razões para citar o vosso nome.

ANTÔNIO — Que é que tínheis que ver, César, com minha permanência no Egito?

CÉSAR — Nada, decerto, se, estando eu em Roma, residísseis no Egito. Mas no caso de em meu Estado influirdes lá do Egito, muito me importa o ponto em que morardes.

ANTÔNIO — Que entendeis por influir?

CÉSAR — Ser-vos-á fácil atinar com o sentido, refletindo com o que se tem passado. Vossa esposa com vosso mano me fizeram guerra; éreis o tema do debate deles, a senha de combate.

ANTÔNIO — Começastes por um caminho errado, pois o mano não me envolveu jamais em seus negócios. Investiguei o caso e fidedignas informações obtive de pessoas que por vós se bateram. Não é fato que ele prejudicou tanto o meu crédito como o vosso, e fez guerra de igual modo contra mim, que amparava vossa causa? De tudo isso ficastes inteirado por minhas várias cartas. Se quiserdes forjicar uma briga a toda força, tereis de procurar outro pretexto, que esse já não vos serve.

CÉSAR — Elogiais-vos com me imputardes raciocínio errado; mas isso é forjicar, tão-só, desculpas.

ANTÔNIO — De forma alguma! Não! Tenho certeza de que não careceis da perspicácia precisa para compreender que eu, sendo como sou, vosso aliado numa causa por ele combatida, não podia lançar olhares meigos a essas guerras que a própria paz ameaçar me vinham. Quanto à minha consorte, desejara que seu espírito encontrásseis noutra. Vosso é um terço do mundo, pela rédea podereis dirigi-lo, o que é impossível com uma mulher daquelas.

ENOBARBO — Oh! se todos esposa assim tivéssemos! Iriam para a guerra os maridos e as consortes.

ANTÔNIO — Inflexível como era — seus tumultos, César, nasciam do temperamento — não lhe faltando astúcia — é com tristeza que o confesso também — vos foi motivo de grande inquietação. Porém sobre isso só vos cabe dizer que eu não podia alterar coisa alguma.

CÉSAR — Enviei-vos cartas, quando em Alexandria vos acháveis, num rega-bofe eterno; mas puseste-las no bolso sem as ler e com sarcasmos despachastes da audiência o meu correio.

ANTÔNIO — Ele me surpreendeu sem ser chamado, quando três reis eu recebia à mesa. Faltava-me a disposição que eu tinha pela manhã. Mas logo no outro dia eu mesmo lhe falei, o que eqüivale a apresentar desculpas. Que esse tipo em nada influa em nossa divergência. Se de

brigar tivermos, afastai-o de nossas dissensões.

CÉSAR — Não mantivestes o juramento feito, o de que nunca podereis acusar-me.

LÉPIDO — Mais brandura, César!

ANTÔNIO — Deixai-o, Lépido. Sagrada é a honra a que ele se refere e de que me presume carecente. Vamos, César: qual foi o juramento?

CÉSAR — De vir em meu auxílio com soldados e numerário, quando vos pedisse, o que me recusastes.

ANTÔNIO — Melhor fora dizer: negligenciei; e isso na fase em que horas venenosas me deixavam privado da consciência de mim mesmo. Quanto em mim estiver, quero mostrar-vos meu arrependimento; mas a minha honestidade diminuir não há de minha grandeza, como sem aquela não há de o meu poder mostrar-se nunca. É verdade que Fúlvia, para atrair-me do Egito, aqui fez guerra. Tendo eu sido disso a causa inocente, peço escusas até onde for possível, sem desdouro, a minha honra inclinar-se.

LÉPIDO — Nobre fala.

MECENAS — Se concordardes, não leveis avante tais recriminações, pois esquecê-las de todo lembrar fora que a presente necessidade inculca paz entre ambos.

LÉPIDO — Mui bem dito, Mecenas.

ENOBARBO — Ou então, no caso de cada um pedir, tão-somente, por empréstimo, o amor do outro, fareis a devolução devida logo que não mais ouvirdes falar de Pompeu. Tempo não vos há de faltar para disputas, quando não tiverdes outra coisa a fazer.

ANTÔNIO — Sois um soldado, apenas; ficai quieto.

ENOBARBO — Ia-me esquecendo de que a verdade não pode falar.

ANTÔNIO — Perturbais a conversa. Assim, calai-vos.

ENOBARBO — Então, que seja. Vossa pedra pensante.

CÉSAR — O que me desagrada em sua fala não é o assunto, mas o modo, apenas, de apresentá-lo. Assim, não é possível continuarmos amigos, quando temos maneira de viver tão diferente. Se eu conhecesse, ao menos, a cadeia que poderia conservar-nos juntos, de um pólo a outro iria procurá-la.

AGRIPA — César, dá-me licença.

CÉSAR — Fala, Agripa.

AGRIPA — Tens uma irmã do lado teu materno, a admirável Otávia. Não se encontra viúvo agora o grande Marco Antônio?

CÉSAR — Não digais isso, Agripa, pois se Cleópatra vos ouvisse, teríeis merecido a pecha receber de temerário.

ANTÔNIO — Mas eu não sou casado, César. Vamos ouvir Agripa.

AGRIPA — Para em amizade perpétua vos manter, irmãos deixar-vos e os corações num laço indissolúvel vos trazer sempre, tome Antônio a Otávia por consorte. A beleza que lhe é própria pede para marido o melhor homem; seus dotes naturais e a graça inata falam melhor do que qualquer linguagem. Com esse casamento as pequeninas invejas que ora nos parecem grandes, e os grandes medos, que perigo inculcam, a nada se reduzem. As verdades parecerão história, ao passo que hoje meias histórias passam por verdades. O amor que ela vota a ambos, um para o outro há de atrair, enquanto vosso afeto para ela vos inclina. Mas perdoai-me quanto vos disse. É um plano meditado maduramente, não fugaz capricho.

ANTÔNIO — A isso que diz César?

CÉSAR — Nada, enquanto não se certificar até onde Antônio abalado se tenha com essa idéia.

ANTÔNIO — E que poder Agripa tem, no caso de eu lhe dizer: "Pois assim seja, Agripa!" para bom termo dar a esse projeto?

CÉSAR — Todo o poder de César e a influência deste junto de Otávia.

ANTÔNIO — Nunca eu possa levantar objeções, nem mesmo em sonhos contra uma idéia tão encantadora! Dá-me a mão; leva avante esse projeto gracioso e que, a partir deste momento, um coração de irmãos dirija os nossos sentimentos e nossos grandes planos.

CÉSAR — Eis minha mão. Mais ternamente nunca irmã nenhuma foi amada como a que ora vos entrego. Que ela viva para que o coração nos una e os remos, não vindo nunca mais a abandonar-nos nosso sincero amor.

LÉPIDO — Amém! Amém!

ANTÔNIO — Não pensei em sacar de novo a espada contra Pompeu, porque recentemente tem ele a meu respeito dado provas de estranha cortesia. Vou mandar-lhe meus agradecimentos, porque minha memória não padeça vitupério. Mas, logo após, pretendo desafiá-lo.

LÉPIDO — O tempo nos concita a procurarmos Pompeu se não quisermos que ele venha para nos dar combate.

ANTÔNIO — Onde está ele?

CÉSAR — Junto ao monte Miseno.

ANTÔNIO — Já são grandes suas forças de terra?

CÉSAR — Já são grandes e sempre em crescimento; mas das águas é senhor absoluto.

ANTÔNIO — A fama é essa. Se lhe houvesse falado! Há muita pressa. Antes, porém, de nos armarmos, vamos arrematar o assunto de que há pouco nos ocupamos.

CÉSAR — Sim, com todo o gosto. Convido-vos a visitar a mana, para a casa de quem vou conduzir-vos.

ANTÔNIO — Não nos priveis de vossa companhia, Lépido.

LÉPIDO — Não, Antônio, nem doença poderia reter-me.

(*Fanfarra. Saem César, Antônio e Lépido.*)

MECENAS — Sede bem-vindo, senhor, de vossa viagem ao Egito.

ENOBARBO — Metade do coração de César, digno Mecenas! Meu virtuoso amigo Agripa!

AGRIPA — Valente Enobarbo!

MECENAS — Temos razão para nos alegrarmos, por se terem as coisas resolvido tão bem. A vida vos corria bem lá no Egito.

ENOBARBO — Perfeitamente, senhor; dormíamos o dia todo e iluminávamos a noite com patuscadas.

MECENAS — Oito javalis selvagens, assados inteirinhos, para almoço de doze pessoas! É verdade isso?

ENOBARBO — Isso é como um mosquito ao lado de uma águia. Com relação a festanças tivemos histórias muito mais gigantescas do que essa, que mereciam ser contadas.

MECENAS — A serem verdadeiros os rumores, é uma mulher extraordinária.

ENOBARBO — Empalmou o coração de Marco Antônio no primeiro encontro que teve com ele, no rio Cidno.

AGRIPA — Sim, foi lá, realmente, que ela lhe apareceu, se é que meu informante não mentiu nesse ponto.

ENOBARBO — Vou contar-vos. A barca em que ela estava, trono fúlgido, as águas incendiava; sua popa era de ouro batido; as velas, púrpura, e a tal ponto cheirosas, que vencidos de amor os ventos todos se mostravam. Eram de prata os remos, que ao compasso se moviam de flautas, apressando com seus golpes as águas percutidas, como amorosas deles. Com respeito a ela própria, mendiga aqui se torna a melhor descrição. Deitada estava num pavilhão todo tecido de ouro, vencendo a própria Vênus, em que vemos a arte passar de muito a natureza. Ao lado dela estavam dois meninos rechonchudos e lindos — sorridentes Cupidos — que agitavam ventarolas de mil cores cambiantes, cujo sopro parecia deixar muito mais vivo o rubor de suas faces delicadas, que acalmar se propunha, desfazendo, dessa maneira, a um tempo, o que fazia.

AGRIPA — Que jóia para Antônio!

ENOBARBO — Qual nereidas, suas damas, sereias numerosas, dos olhos dela o olhar nunca apartavam, em adorno tomando seus meneios. Uma sereia, ao parecer legítima, o leme dirigia, cujas cordas argentinas se inflavam ao contacto daquelas mãos de rosa que com tanto donaire a dura obrigação faziam. De toda a barca se evolava estranho e invisível perfume, que os sentidos tonteava dos embarcadouros próximos. A cidade lançou para ela toda sua população, tendo em seu trono ficado Antônio, só, na praça pública, a sibilar para o ar, que se não fora ter modo de fazer um grande vácuo, também correra para ver Cleópatra e um buraco no mundo ocasionara.

AGRIPA — Extraordinária egípcia!

ENOBARBO — Quando em terra tocou a barca, um mensageiro Antônio lhe mandou com o convite para o almoço, ao que ela replicou que melhor fora que hóspede dela Antônio se tomasse, tendo nisso insistido. Nosso afável Antônio, de quem nunca uma senhora ouviu o termo "Não", tendo-se feito barbear mais de dez vezes, foi à festa, com o coração, como de praxe, havendo pago tudo o que os olhos devoraram.

AGRIPA — Que real rameira! Fez que o grande César no leito dela depusesse a espada. Ele a lavrou, mas dela foi a safra.

ENOBARBO — De certa vez a vi saltar cinqüenta passos, não mais, na rua. Tendo o fôlego perdido, estaca, quer falar, arqueja, e em graça transformando a deficiência esbaforida se revela forte.

MECENAS — Antônio agora há de esquecer-se dela.

ENOBARBO — Jamais! Não fará isso. Não a deixa fanada o tempo, nem sua variedade maravilhosa poderá tornar-se, com o hábito, sediça. Qualquer outra mulher farta o apetite a que dá pasto; mas ela quanto mais der alimento, mais a fome desperta. As mais abjetas coisas assentam nela de tal modo que os sacerdotes santos a abençoam, quando ela está lasciva.

MECENAS — Se beleza, modéstia, discrição prender puderem o coração de Antônio, é a sorte grande para ele vir a desposar Otávia.

AGRIPA — Vamos. Caro Enobarbo, ficais sendo hóspede meu, enquanto aqui estiverdes.

ENOBARBO — De todo o coração vos agradeço.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Um quarto em casa de César. Entram César e Antônio; entre eles, Otávia; criados.

ANTÔNIO — O mundo e meu dever, algumas vezes de vossos braços me farão ausente.

OTÁVIA — Todo esse tempo, então, diante dos deuses hão de dobrar-se meus joelhos, para pedir por vosso bem.

ANTÔNIO — Senhor, boa noite. Minha Otávia, não leias meus defeitos nos rumores do mundo. Não me tenho mantido na medida; doravante, porém, tudo farei conforme a regra. Boa noite, cara esposa.

OTÁVIA — Boa noite, meu senhor.

CÉSAR — Boa noite.

(*Saem César e Otávia.*)

(*Entra o adivinho.*)

ANTÔNIO — Então, maroto, retornar quiséreis agora para o Egito?

ADIVINHO — Melhor fora que eu de lá não me houvesse retirado, nem vós daqui.

ANTÔNIO — Vossas razões, se as tendes?

ADIVINHO — No meu íntimo as vejo, não as trago, por enquanto, na língua. Mas depressa retornai para o Egito.

ANTÔNIO — Revelai-me quem há de ter mais elevada sorte: César ou eu?

ADIVINHO — Ah! César. Por isso mesmo, Antônio, não prossigas ao lado dele. Teu demônio — o espírito, digo, que te protege — é corajoso, nobre, alto, incomparável, quando perto não se encontra o de César. Mas quando ele se aproxima do teu, este se mostra tomado de pavor, como vencido. Assim, deixa que entre ambos vós espaço bastante se interponha.

ANTÔNIO — Não me tornes a falar nisso.

ADIVINHO — A mais ninguém eu falo; só quando estamos sós. Se te empenhares com ele em qualquer jogo, não há dúvida de que a perder virás. Naturalmente tem mais sorte que tu, vindo a vencer-te contra quaisquer vantagens que possuas. Teu espírito, tomo a prevenir-te, dirige-te com medo junto dele; longe dele, porém, volta a ser nobre.

ANTÔNIO — Podes te retirar. Dize a Ventídio que desejo falar-lhe. (*Sai o adivinho.*) Para a Pártia terá de seguir logo... Seja acaso, seja por meio de arte, falou certo. Os próprios

dados lhe obedecem sempre; em nossas justas minha habilidade ao lance acidental se dobra dele; se tiramos a sorte, ganha sempre; meus galos sempre perdem para os dele, a despeito de todos os prognósticos, e sua codorniz bate na rinha sempre a minha, apesar das desvantagens. Vou voltar para o Egito. Muito embora tenha levado a cabo o casamento para ter paz, no Oriente é que se encontra toda minha ventura. (*Entra Ventídio.*) Oh! vinde logo, Ventídio! Seguireis já para a Pártia. Está pronta a ordem; vinde recebê-la.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Uma rua. Entram Lépido, Mecenas e Agripa.

LÉPIDO — Deixai de vos incomodar com isso. Por obséquio, segui logo no rasto de vossos generais.

AGRIPA — Marco Antônio, senhor, deseja apenas beijar Otávia. Seguiremos logo.

LÉPIDO — Adeus, adeus, até que vos reveja com vestes de guerreiro, que vos há de assentar muito bem.

MECENAS — Pelo que posso conjeturar da viagem, chegaremos primeiro do que vós ao cabo, Lépido.

LÉPIDO — Vossa rota é menor, porque meus planos me obrigam a uma volta; certamente alcançareis dois dias de vantagem.

MECENAS e AGRIPAS — Senhor, feliz sucesso!

LÉPIDO — Adeus.

(*Saem.*)

Cena 5

Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Cleópatra Charmian, Iras, Alexas e um criado.

CLEÓPATRA — Dai-me música, música, alimento triste de todos os que o amor mantém.

CRIADO — Olá, música!

(*Entra Mardian.*)

CLEÓPATRA — Não; deixemos isso. Vamos para o bilhar. Segue-me, Charmian.

CHARMIAN — O braço me incomoda. Por obséquio, jogai com Mardian.

CLEÓPATRA — Tanto faz ser nosso parceiro uma mulher como um eunuco. Vamos, senhor: quereis jogar comigo?

MARDIAN — Quanto em mim estiver, minha senhora.

CLEÓPATRA — Quando há boa vontade, embora saia tudo aquém de qualquer expectativa, desculpa-se ao ator. Mas já não quero. Traze-me a vara de pescar e vamos para a margem do rio. Ali, ouvindo música ao longe, surpreenderei peixes de escuras barbatanas. Com meu curvo gancho atravessarei suas viscosas mandíbulas, e, na hora de tirá-los da água, imaginarei que cada um deles é outro Antônio e lhe direi: "Peguei-te!"

CHARMIAN — Como eram divertidas as apostas que com ele fazíeis, quando vosso mergulhador prendia no anzol dele qualquer peixe do mar que ele, mui sôfrego, puxava logo!

CLEÓPATRA — Nesse tempo — oh tempo! — eu ria dele de deixá-lo fulo, e à noite eu ria para acomodá-lo, e na manhã seguinte, antes das nove, já o tinha emborrachado de tal modo, que se punha a dormir com meus vestidos, enquanto eu punha à cinta sua espada vencedora em Filipos. (*Entra um mensageiro.*) É da Itália. Finca-me nos ouvidos as notícias que me trouxeste, pois há muito tempo sem trato eles estão.

MENSAGEIRO — Minha senhora...

CLEÓPATRA — Morreu Antônio? Se disseres isso, biltre, assassinarás tua senhora. Mas com saúde e livre... Se o trouxeres assim, aqui tens ouro e aqui tens minha mão de veias azuis para a beijares, esta mão em que reis bebericaram, beijando-a com temor.

MENSAGEIRO — Primeiramente, senhora, ele está bem.

CLEÓPATRA — Toma mais ouro. Mas olha lá, maroto! toma nota: costumamos dizer dos mortos isso. Se for esse o sentido, este ouro todo, mandarei derretê-lo e derramá-lo por essa goela de ruins notícias.

MENSAGEIRO — Boa senhora, ouvi-me.

CLEÓPATRA — Estou ouvindo. Vamos, prossegue! Mas não tens no rosto nada de bom. Se Antônio se acha livre, por que assume feições assim tão ácidas o trombeteiro de notícias boas? Se não estiver bem, vens como Fúria coroada de serpentes, não como homem.

MENSAGEIRO — Não quereis escutar-me?

CLEÓPATRA — Só tenho ímpeto de te bater antes de me falares. Se disseres, porém, que Antônio vive, que está bem de saúde, vive em termos amistosos com César, não estando como seu prisioneiro, chuva de ouro farei cair em ti, seguida de uma saraivada de pérolas.

MENSAGEIRO — Senhora, ele está bem.

CLEÓPATRA — Muito bem dito.

MENSAGEIRO — E em bons termos com César.

CLEÓPATRA — És um bravo.

MENSAGEIRO — Ele e César jamais foram tão íntimos.

CLEÓPATRA — Basta quereres, para seres rico.

MENSAGEIRO — Contudo...

CLEÓPATRA — Não me agrada esse "contudo"; estraga todo o bem que disseste antes. Para longe o "contudo!" Esse "contudo" é como um carcereiro que liberta da prisão algum monstro criminoso. Amigo, por favor, despeja logo nos meus ouvidos tuas novidades, as boas e as ruins, ao mesmo tempo. Amigo ele é de César, já o disseste; está bem de saúde e acrescentaste que se acha livre.

MENSAGEIRO — Livre? Oh! não, senhora! A Otávia se acha preso.

CLEÓPATRA — De que jeito?

MENSAGEIRO — Do melhor jeito que encontrar na cama.

CLEÓPATRA — Charmian, não fiquei pálida?

MENSAGEIRO — Senhora, casou-se com Otávia.

CLEÓPATRA — Que em ti caia a mais nociva peste!

(*Bate-lhe.*)

MENSAGEIRO — Boa dama, tende paciência.

CLEÓPATRA — Que disseste? Fora! (*Bate-lhe de novo.*) Fora daqui, vilão abominável! se não quiseres que te trate os olhos como se fossem bolas de desporto. Vou deixar-te a cabeça sem cabelos. (*Sacode-o pelos cabelos.*) com arame trançado azorragar-te, pôr-te em salmoura, vivo, para em molho de dores definhares.

MENSAGEIRO — Mui graciosa senhora, trouxe apenas a notícia, não fiz o casamento.

CLEÓPATRA — Dize que isso não é verdade e te farei presente de uma província, além

de tua sorte deixar envaidecida. Essas pancadas que recebeste valem como multa por me haveres a cólera agitado. Mais, ainda: dar-te-ei todos os mimos com que possa sonhar tua modéstia.

MENSAGEIRO — Senhora, está casado.

CLEÓPATRA — Miserável, já viveste demais!

(*Saca de um punhal.*)

MENSAGEIRO — Vou já safar-me. Senhora, que pensais? Não tenho culpa. (*Sai.*)

CHARMIAN — Boa senhora, não percais a calma. Esse homem é inocente.

CLEÓPATRA — O raio atinge a muitos inocentes. Que o Nilo trague o Egito e se transformem em serpes todas as criaturas dóceis. Chama de novo o escravo, que eu não mordo, conquanto esteja louca. Traze-o logo.

CHARMIAN — Tem receio de vir.

CLEÓPATRA — Não vou bater-lhe. (*Sai Charmian.*) Estas mãos se envilecem por baterem em quem me é inferior; pois sou eu própria que contra mim invento esses motivos. (*Volta Charmian com o mensageiro.*) Senhor, aproximai-vos. Muito embora seja honesto, não é aconselhável trazer ruins notícias. Às mensagens agradáveis dai um milhão de línguas; mas deixai que as infaustas ocorrências se anunciem por si, quando sentidas.

MENSAGEIRO — Cumpri o meu dever.

CLEÓPATRA — Está casado? Odiar-te mais não me será possível, se me disseres novamente "sim".

MENSAGEIRO — Senhora, está casado.

CLEÓPATRA — Ainda o repetes? Que os deuses te confundam.

MENSAGEIRO — Deveria mentir, senhora?

CLEÓPATRA — Oh! como o desejara! Ainda que meio Egito se alagasse, vindo a tomar-se uma cisterna cheia de serpes escamadas. Vai-te embora. Nem que de rosto fosses um Narciso, me serias medonho. Está casado?

MENSAGEIRO — Perdoai-me, alteza...

CLEÓPATRA — Dize: está casado?

MENSAGEIRO — Não vos zangueis com quem não vos ofende. Punir-me pelo que mandais que eu faça parece injusto. Desposou Otávia.

CLEÓPATRA — Oh! que seu erro te haja transformado num miserável, ainda que não sejas o que és seguramente. Vai-te embora. Os gêneros romanos que trouxeste são caros por demais; fica com eles; e que por eles venhas a arruinar-te.

(*Sai o mensageiro.*)

CHARMIAN — Minha querida alteza, ficai calma.

CLEÓPATRA — Louvando Antônio eu desfazia em César.

CHARMIAN — Muitas vezes, senhora.

CLEÓPATRA — Castigada estou sendo por isso. Retirai-me daqui. Vou desmaiar. Não, não é nada. Oh! Iras! Charmian! Bondoso Alexas, vai atrás desse homem e procura saber como é Otávia, que idade tem, seus gostos, sem que deixe de dizer de que cor tem os cabelos. Traze logo a resposta. (*Sai Alexas.*) Abandonamo-lo para sempre... Oh, bondosa Charmian! Não. Embora às vezes seja como a Górgona, às vezes é outro Marte. (*A Mardian.*) Dize a Alexas que me venha contar a altura dela. Apiada-te de mim, Charmian, mas nada me fales. Leva-me para outra sala.

(*Saem.*)

Cena 6

Nos arredores de Miseno. Fanfarras For um lado entram Pompeu e Menas, com trombeta e tambor; por outro, César, Antônio, Lépido, Enobarbo, Mecenas, com soldados em marcha.

POMPEU — Tenho os vossos reféns; tendes os meus. Conversemos, assim, antes da pugna.

CÉSAR — É de vantagem conversarmos antes. Por isso mesmo enviamos por escrito, com antecipação, nossas propostas. Se pensaste sobre elas, comunica-nos se as consideras suficientes para deixar-te atada a espada descontente, fazendo regressar para a Sicília muitos moços viçosos que viriam talvez hoje a morrer.

POMPEU — É avós que eu falo, vós três que constituís todo o senado, representantes únicos dos deuses: não sei porque meu pai careceria de vingadores, tendo filho e amigos, se o espírito de César, que em Filipos tanto ao bondoso Bruto perseguia, vos vê agora a trabalhar por ele. Qual foi a causa que levou o pálido Cássio à conspiração? que fez o honrado romano, o honesto Bruto, com seus cúmplices armados, todos eles namorados da bela liberdade, o Capitólio banhar de sangue? Apenas o desejo de que não fosse alguém mais do que um homem. Eis a razão que a aparelhar a minha esquadra me levou, com a qual penso disciplinar a ingratidão que Roma lançou sobre meu pai em tudo nobre.

CÉSAR — Mais devagar.

ANTÔNIO — Com todas essas velas, Pompeu, amedrontar-nos não consegues. Falaremos contigo sobre as águas; em terra sabes quanto te excedemos.

POMPEU — Em terra, é muito certo, tu me excedes na casa de meu pai. Mas como o cuco jamais constrói para si mesmo, fica nela quanto puderes.

LÉPIDO — Poderíeis ter a bondade de dizer-nos — que isso foge de nosso assunto — de que modo recebeis nossa oferta?

CÉSAR — O ponto é esse.

ANTÔNIO — Pressão não vos fazemos: sopesai-o com vagar, se quiserdes aceitá-lo.

CÉSAR — E o mais que pode acontecer, no caso de quererdes tentar maior fortuna.

POMPEU — Consiste vossa oferta em me entregardes a Sicília e a Sardenha; devo, ainda, dos piratas limpar todas as águas; concedido isso tudo, despedirmo-nos sem entalhos nos gládios, carregando para casa os broquéis sem mossa alguma.

CÉSAR, ANTÔNIO e LÉPIDO — Justamente.

POMPEU — Ficai, então, sabendo que ao vir aqui, disposto eu me encontrava a aceitar essa oferta. Marco Antônio, porém, encontrou meio de irritar-me. Embora meu louvor fique empanado por ser eu próprio que vos falo nisso, deveis lembrar-vos de que quando César e vosso irmão brigavam, na Sicília vossa mãe encontrou boa acolhida.

ANTÔNIO — Sim, Pompeu, soube disso, e preparado já me encontrava para o pagamento dos agradecimentos que vos devo.

POMPEU — Dai-me a mão. Não pensei que poderia, senhor, vos encontrar neste momento.

ANTÔNIO — As camas do Nascente são macias. Grato vos sou, no entanto, por me terdes chamado antes do tempo. Ganhei muito por ter vindo mais cedo.

CÉSAR — São notáveis as modificações que em vós observo desde a última conversa que tivemos.

POMPEU — Não sei que contas a Fortuna adversa no rosto me escreveu; mas é certeza que em meu peito ela nunca há de insinuar-se para deixar-me o coração escravo.

LÉPIDO — Feliz encontro.

POMPEU — É assim que eu penso, Lépido. Estamos, pois, de acordo. Agora espero que este nosso contrato seja posto por escrito e selado por nós mesmos.

CÉSAR — É o que faremos logo.

POMPEU — Depois disso festejemo-nos antes de partirmos, mostrando a sorte quem vai dar começo.

ANTÔNIO — Quero iniciar, Pompeu; consente nisso.

POMPEU — Não, Antônio; é por sorte. Mas embora o primeiro sejais ou o derradeiro, vossa cozinha egípcia primorosa a perder não virá sua alta fama. Ouvi dizer que o nosso Júlio César só de comer por lá ficou mais gordo.

ANTÔNIO — Ouvistes muita coisa.

POMPEU — Tenho honestas intenções, meu senhor.

ANTÔNIO — E honestamente vos expressais.

POMPEU — Foi quanto me disseram. Ouvi dizer também que Apolodoro carregara nos ombros...

ANTÔNIO — Basta! É certo.

POMPEU — Certo, quê?

ENOBARBO — Num colchão uma rainha para César.

POMPEU — Agora reconheça-te. Como vais, camarada?

ENOBARBO — Bem, e espero continuar assim, pois temos quatro festins em perspectiva.

POMPEU — Dá-me a mão. Nunca te votei ódio, mas ao ver-te pelejar invejei tua postura.

ENOBARBO — Senhor, nunca vos tive muito afeto; mas já vos elogiei, quando dez vezes mais, talvez, merecêsseis do que tudo que eu pudesse dizer.

POMPEU — Sê sempre franco, que não te fica mal essa linguagem. Para minha galera vos convido. Quereis passar na frente, meus senhores?

CÉSAR, ANTÔNIO e LÉPIDO — Senhor, mostrai-nos o caminho. Vamos.

(*Saem todos, com exceção de Menas e Enobarbo.*)

MENAS — Teu pai, Pompeu, jamais teria feito um tratado nessas condições. Creio que já nos vimos, senhor.

ENOBARBO — No mar, se não estou enganado.

MENAS — Perfeitamente, senhor.

ENOBARBO — Realizastes grandes feitos na água.

MENAS — Assim como vós, em terra.

ENOBARBO — Estou pronto a elogiar quem me elogiar, muito embora não se possa negar o que eu fiz em terra.

MENAS — Nem o que eu fiz na água.

ENOBARBO — Contudo, para vossa própria segurança, tereis que negar alguma coisa. Fostes um grande ladrão do mar.

MENAS — Assim como vós, de terra.

ENOBARBO — Nesse ponto eu nego os meus serviços de terra. Mas dai-me a mão. Se nossos olhos tivesse autoridade, Menas, prenderiam agora dois ladrões que se beijam.

MENAS — O rosto dos homens é sempre honesto, façam as mãos o que fizerem.

ENOBARBO — Mas nunca houve mulher bonita com rosto honesto.

MENAS — Sem querer caluniá-las, roubam corações.

ENOBARBO — Viemos aqui para nos batermos convosco.

MENAS — Por minha parte, entristece-me ter acabado tudo em bebedeira. Sorrindo, Pompeu dá hoje um empurrão na própria sorte.

ENOBARBO — Se o fizer, não poderá depois, com lágrimas, chamá-la para trás.

MENAS — É como dizeis, senhor. Não esperávamos encontrar aqui Marco Antônio. Por obséquio, ele se casou com Cleópatra?

ENOBARBO — A irmã de César se chama Otávia.

MENAS — É muito certo, senhor; foi casada com Caio Marcelo.

ENOBARBO — Mas agora é esposa de Marco Antônio.

MENAS — Que me dizeis, senhor?

ENOBARBO — A pura verdade.

MENAS — Nesse caso, César e ele estão unidos para sempre.

ENOBARBO — Se eu tivesse que profetizar a respeito dessa união, não me exprimiria nesses termos.

MENAS — Sou de opinião que os interesses políticos entraram com muito maior contingente para a realização desse enlace do que o próprio amor dos interessados.

ENOBARBO — É também o que eu penso. Mas ainda chegareis a ver que o laço que parece unir a amizade deles dois se transformará justamente na corda que vai estrangular-lhes a afeição. Otávia é casta, fria e de exterior sereno.

MENAS — Quem não desejara uma esposa desse jeito?

ENOBARBO — Quem não for assim, a saber: Marco Antônio. Ele voltará para a gamela de sua egípcia. Então, os suspiros de Otávia atiçarão o fogo de César e, como disse há pouco, o que constitui hoje o forte da amizade deles dois, se afirmará como o fator imediato da discórdia entre ambos. Antônio não desviará de lá sua afeição; só desposou aqui sua própria necessidade.

MENAS — É possível que seja assim. Vinde, senhor. Não quereis ir para bordo? Desejo beber à vossa saúde.

ENOBARBO — Aceito, senhor. No Egito trabalhamos bem com a garganta.

MENAS — Então vamos logo.

(*Saem.*)

Cena 7

A bordo da galera de Pompeu, junto do Cabo Miseno. Música. Entram dois ou três criados com uma mesa posta.

PRIMEIRO CRIADO — Vão chegar, homem! Vão chegar! Muitos desses caules estão com a raiz podre; o menor vento os lançará por terra.

SEGUNDO CRIADO — Lépido já está muito corado.

PRIMEIRO CRIADO — Fizeram-no beber o resto de todas as garrafas

SEGUNDO CRIADO — Quando eles beliscam reciprocamente suas disposições, ele grita: "Não prossigais!" reconcilia-os com suas súplicas e a si próprio com a bebida.

PRIMEIRO CRIADO — Suscitando com isso dissídio ainda maior entre ele e a própria discrição.

SEGUNDO CRIADO — Ora, isso acontece quando se tem o nome na companhia dos grandes homens. Prefiro um caniço que não me sirva para nada a uma partazana que eu não possa levantar.

PRIMEIRO CRIADO — Ser convidado para uma alta esfera e não ser visto mover-se, quando ela se desloca, é ser como essas órbitas sem olhos que deformam lastimosamente os rostos.

(*Toque de trombetas. Entram César, Antônio, Lépido, Pompeu, Agripa, Mecenas, Enobarbo, Menas e outros capitães.*)

ANTÔNIO — Assim fazem. Do Nilo a altura tomam por meio de umas marcas na pirâmide. Pela marca mais alta, média e baixa sabem se vai haver falta ou abundância. Quanto mais sobe o Nilo, mais promete. Quando reflui, o semeador espalha na lama e lodo os grãos, vindo a colheita pouco tempo depois.

LÉPIDO — Tendes por lá serpentes esquisitas.

ANTÔNIO — É verdade, Lépido.

LÉPIDO — Vossa serpente do Egito nasce do vosso lodo pela ação de vosso sol, o mesmo acontecendo com o crocodilo.

ANTÔNIO — É o que se dá, realmente.

POMPEU — Sentai-vos! Vamos ao vinho! À saúde de Lépido!

LÉPIDO — Não me sinto tão bem como quisera, mas nessas coisas nunca fico de fora.

ENOBARBO (*a parte*) — Enquanto não vos pondes a dormir. Mas receio muito que até lá ficareis dentro.

LÉPIDO — Não, é certo. Ouvi dizer que as pirâmides de Ptolomeu são coisas extraordinárias. Sim, foi o que me disseram.

MENAS — Pompeu uma palavra.

POMPEU — Segredai-ma. Que aconteceu?

MENAS — Deixa o lugar, meu chefe, para me ouvires uma palavrinha.

POMPEU — Espera um pouco. Vinho para Lépido!

LÉPIDO — De que jeito é o vosso crocodilo?

ANTÔNIO — Parece-se muito consigo mesmo, senhor, e é da largura que lhe é própria. Sua altura não passa da que ele tem, movimentando-se ele com seus próprios membros. Vive do que o alimenta e, uma vez dispersados os elementos, transmigra para outra parte.

LÉPIDO — De que cor é ele?

ANTÔNIO — De sua própria cor.

LÉPIDO — É uma serpente muito esquisita.

ANTÔNIO — Perfeitamente; e suas lágrimas são úmidas?

CÉSAR — Essa descrição o satisfaz?

ANTÔNIO — Sim, depois dos brindes de Pompeu. Fora disso, é um verdadeiro epicuro.

POMPEU — Ide enforcar-vos! Para que falar-me? Fazei o que vos disse. Que é da taça que vos pedi há pouco?

MENAS — Se por tudo quanto te fiz quiseres atender-me, deixa a cadeira e vem.

POMPEU — Estás maluco? Que aconteceu?

(*Afastam-se.*)

MENAS — Diante de tua sorte sempre fui reverente.

POMPEU — Tens-me sempre servido com lealdade. Que mais posso dizer-te. — Meus senhores, alegria!

ANTÔNIO — Tomai cuidado, Lépido, com esses bancos de areia; podem absorver-vos.

MENAS — Queres ficar senhor do mundo todo?

POMPEU — Que estás dizendo?

MENAS — Torno a perguntar-te: queres ficar senhor do mundo todo?

POMPEU — Como fora possível?

MENAS — Se me deres consentimento, embora eu seja pobre, poderei dar-te o mundo de presente.

POMPEU — Tens bebido bastante?

MENAS — Não, Pompeu abstive-me de todo. Se quiseres, ficarás sendo o Júpiter terreno. Tudo o que o oceano cerca e o céu abarca ficará sendo teu, se o desejares.

POMPEU — Dize-me como poderá ser isso.

MENAS — Os três competidores, que em três partes o mundo dividiram, ora se acham a bordo de teu barco. Se me deres consentimento, cortarei os cabos. Uma vez afastados, lhes cairemos no pescoço, e tudo isto te pertence.

POMPEU — Ah! fora bom se houvesses feito tudo sem me dizeres nada. Bom serviço de tua parte, em mim fora vileza. Fica sabendo que não é o lucro que a honra me impulsiona; é a honra mesma. É pena que tua língua houvesse sido traidora de teu ato. Se tivesses feito em silêncio, eu acharia jeito, depois, de achar bem feito. Mas agora repilo a idéia. Assim, desiste e bebe.

MENAS (*à parte*) — Só por isso nunca mais seguirei tua sorte pálida. Quem algo almeja e não o aceita, quando lho oferecem, jamais volta a encontrá-lo.

POMPEU — À saúde de Lépido!

ANTÔNIO — Levai-o para terra. Pompeu, falo eu por ele.

ENOBARBO — À tua, Menas!

MENAS — Enobarbo, salve!

POMPEU — Enchei a taça até que suma toda.

ENOBARBO — Ali está um tipo bem forte, Menas.

(*Apontando para o criado que sai carregando Lépido.*)

MENAS — Por quê?

ENOBARBO — Ora, homem! Pois vai carregando uma terça parte do mundo, não estás vendo?

MENAS — Bêbeda se acha essa terceira parte. Se assim o mundo todo se encontrasse, andaria de rodas.

ENOBARBO — Então bebe também; aumenta as rodas.

MENAS — Vamos.

POMPEU — Ainda falta muito para que isto se transforme em festim de Alexandria.

ANTÔNIO — Está perto. Batei as taças, oh! Agora para César!

CÉSAR — Poderia passar sem isso agora? É esforço insano verificar que quanto mais o cérebro tento lavar, mais ele se me enturva.

ANTÔNIO — Sê filho de teu tempo.

CÉSAR — Não, domina-o; é como te respondo. Preferira passar sem comer nada quatro

dias, a beber tanto num.

ENOBARBO (*A Antônio*) — Meu bravo imperador, não dançaremos agora a bacanal egípcia, para chorar a bebedeira?

POMPEU — Vamos, mostra-nos, camarada, como é.

ANTÔNIO — Às mãos nos demos, até que o vinho vencedor nos tenha mergulhado os sentidos no suave e delicado Lete.

ENOBARBO — Às mãos trancemos; os ouvidos deixemos atordoados com música bem forte. Nesse em meio, designarei a todos seus lugares. Este rapaz dará começo ao canto. Dirão a um tempo todos o estribilho com tanta força quanto permitirem os pulmões resistentes.

Canção.

Vem depressa, rei do vinho, nédio Baco em desalinho. Acabemos com as dietas em tuas tinas repletas, e grinaldas de teus ramos em torno à fronte ponhamos. Mais vinho! Que vire o mundo! Mais vinho! Que vire o mundo!

CÉSAR — Que quereis mais? Pompeu muito boa noite. Permiti, caro mano, que vos leve. Nossos graves cuidados nos censuram por esta leviandade. Meus senhores, fiquemos por aqui, pois estais vendo que em brasa o rosto temos. O fortíssimo Enobarbo é mais fraco do que o vinho, fendendo minha língua quanto eu digo. Estas vestes selvagens, em palhaços a todos nós mudaram. Que diremos ainda? Boa noite. Caro Antônio, dá-me a mão.

POMPEU — Vou levar-vos até à praia.

ANTÔNIO — Pois não, senhor; aceito vossa oferta. Sim, dai-me a mão.

POMPEU — Antônio, arrebatastes-me a casa de meu pai. Mas pouco importa; somos amigos. Vamos para o bote.

ENOBARBO — Tomai cuidado para não cairdes. (*Saem Pompeu, César, Antônio e criados.*) Menas, não saltarei.

MENAS — De forma alguma. Para o meu camarote. Esses tambores! essas trombetas! essas flautas! Ouve Netuno, a despedida barulhenta que damos a esses grandes companheiros. Vamos! Barulho, vamos! Que se enforquem!

(*Toque de trombeta, e tambores.*)

ENOBARBO — Urra! é o que eu digo. Eis o meu gorro.

MENAS — Urra! Meu nobre capitão, avante!

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Planície na Síria Entra Ventídio em triunfo, com Sílio e outros romanos; Oficiais e soldados. A frente é trazido o corpo de Pacoro.

VENTÍDIO — Dardos da Pártia, fostes subjugados e agora vingador a sorte amável do trespasse me faz de Marco Crasso. Ponde à frente do exército o cadáver do filho do monarca. Teu Pacoro, Orodes, isto paga a Marco Crasso.

SÍLIO — Nobre Ventídio, enquanto tua espada com o sangue parto ainda se encontra quente, persegue os fugitivos, pela Média, pela Mesopotâmia, nos abrigos em que eles, dispersados, se acolheram. Assim, teu grande capitão Antônio te cingirá a fronte com guirlandas, carregando-te em carro de triunfo.

VENTÍDIO — Ó Sílio! Sílio! Fiz o suficiente. Um subalterno — toma nota — nunca deve fazer qualquer ação brilhante. Pois Sílio, aprende que é de mais proveito deixar de fazer algo do que fama adquirir por um feito, quando ausente se encontrar nosso chefe. Antônio e César sempre ganharam mais por seus prepostos do que por eles mesmos. O tenente de Antônio, meu antecessor na Síria, Sóssio, alto nome havendo conquistado rapidamente, por vitórias múltiplas, perdeu o favor dele. Quem na guerra faz mais que o capitão, cedo transforma-se em capitão do próprio capitão. A ambição, que é a virtude do soldado, prefere uma derrota a uma vitória que venha a desservi-la. Eu poderia fazer muito mais coisas para Antônio; mas isso fora ofensa, e nessa ofensa naufragara meu mérito.

SÍLIO — Ventídio, és dotado de certas qualidades sem as quais um soldado e sua espada mal podem distinguir-se. Não pretendes escrever para Antônio?

VENTÍDIO — Humildemente lhe comunicarei o que em seu nome — essa palavra mágica da guerra — pudemos realizar, como, com suas bandeiras e seus homens mui bem pagos, do campo escorraçamos os cavalos jamais batidos dos soldados partos.

SÍLIO — Onde está ele agora?

VENTÍDIO — Pretendia ir para Atenas, onde é nosso intento procurá-lo com a pressa permitida pelo peso do espólio que levamos. Sigamos logo. Avante!

(*Saem.*)

Cena 2

Roma. Um quarto em casa de César. Entram Agripa e Enobarbo, por lados diferentes.

AGRIPA — Como! Os manos já foram?

ENOBARBO — Assentaram com Pompeu alguns pontos importantes. Pompeu já foi; os outros três se ocupam em selar o tratado. Otávia chora por deixar Roma; César está triste; Lépido, desde a festa de Pompeu, como diz Menas, sofre de icterícia.

AGRIPA — Como Lépido é nobre!

ENOBARBO — Primoroso! E como ele ama César!

AGRIPA — Certo! Certo! Mas também como adora Marco Antônio!

ENOBARBO — César? Oh! Ele é o Júpiter dos homens.

AGRIPA — E Antônio que será? O deus de Júpiter.

ENOBARBO — Falais de César? Oh! é sem segundo!

AGRIPA — Oh Antônio, Antônio! Pássaro da Arábia!

ENOBARBO — Para elogiarmos César, é bastante dizermos "César", sem nenhum acréscimo.

AGRIPA — Oh! ele soube dispensar a ambos os elogios mais extraordinários.

ENOBARBO — Mas ama mais a César. Ama a Antônio. Oh! línguas, corações, pintores, bardos, poetas, escritores não conseguem pensar, falar, cantar, plasmar, dar forma, ah! ao amor que a Antônio ele dedica. Mas em frente de César, ajoelhai-vos, caí de joelhos e mostrai espanto.

AGRIPA — Dedica amor aos dois.

ENOBARBO — Eles os élitros são daquele, que é escaravelho de ambos. (*Trombetas dentro.*) É o toque de montar. Adeus, Agripa.

AGRIPA — Adeus, digno soldado. Muita sorte.

(*Saem.*)

(*Entram César, Antônio, Lépido e Otávia.*)

ANTÔNIO — Não mais longe, senhor.

CÉSAR — Levais de mim uma porção bem grande. Nela me dai condigno tratamento. Mana, revela-te uma esposa como penso que és em verdade e como as minhas mais altas

esperanças o desejam. Meu nobre Antônio, não deixeis que o esteio de virtude que entre nós dois pusemos, para firmar de vez nossa amizade, no aríete se mude, destinado a sacudir-lhe as bases. Melhor fora para nós dois que amado nos tivéssemos sem este traço de união, que virmos em qualquer tempo a não querer-lhe muito.

ANTÔNIO — Não me ofendais com vossa desconfiança.

CÉSAR — Tenho dito.

ANTÔNIO — Por mais que vos mostrásseis exagerado nisso, nunca havíeis de achar um traço ao menos do que tanto manifestais receio. Assim, que os deuses vos amparem, deixando concertados a vossos fins os corações romanos. Aqui nos despedimos.

CÉSAR — Adeus. Adeus, também, irmã querida. Sejam-te os elementos generosos, deixando-te os sentidos bem dispostos. Adeus.

OTÁVIA — Meu nobre mano

ANTÔNIO — Abril tem ela nos olhos, primavera dos amores, que por esse aguaceiro é conduzida. Fica alegre.

OTÁVIA — Senhor, olhai a casa de meu marido, e...

CÉSAR — Que disseste, Otávia?

OTÁVIA — Vou dizer-vo-lo no ouvido.

ANTÔNIO — Ao coração desobedece a língua, tal como aquela a esta. De igual modo, no alto da onda mantém-se a plumazinha do cisne, à maré cheia, sem voltar-se para lado nenhum.

ENOBARBO (*à parte, a Agripa*) — Será que César vai chorar?

AGRIPA — Uma nuvem tem no rosto.

ENOBARBO — Isso já fora ultraje num cavalo. Que não será num homem?

AGRIPA — Enobarbo, ao ver Antônio a Júlio César morto, quase rugiu de dor, e chorou muito quando morto em Filipos achou Bruto.

ENOBARBO — Naquele ano ele andava endefluxado. Chorava o que ele destruiu de grado? Só se eu também chorar é que hei de crê-lo.

CÉSAR — Não, doce Otávia, mandarei notícias; o tempo não apaga tua imagem.

ANTÔNIO — Vamos, senhor. Quero lutar convosco com respeito ao amor. Eis meu abraço. Deste modo vos solto e vos entrego à proteção dos deuses.

CÉSAR — Passai bem. Sede feliz.

LÉPIDO — Que todas as estrelas te iluminem a estrada.

CÉSAR — Adeus.

(*Beija Otávio.*)

ANTÔNIO — Adeus.

(*Soam trombetas. Saem.*)

Cena 3

Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Alexas.

CLEÓPATRA — Onde está o homem?

ALEXAS — Não quer vir; tem medo.

CLEÓPATRA — Vai, vai buscá-lo. (*Entra o mensageiro.*) Vinde aqui, senhor.

ALEXAS — Bondosa Alteza, Herodes da Judéia a olhar-vos não se atreve senão quando vos achais bem disposta.

CLEÓPATRA — É meu desejo vir a ter a cabeça desse Herodes. Mas para quem hei de pedi-la, estando de lá ausente Antônio? Isso, aproxima-te.

MENSAGEIRO — Graciosa majestade!

CLEÓPATRA — Viste Otávia?

MENSAGEIRO — Vi, sim, rainha venerável.

CLEÓPATRA — Onde?

MENSAGEIRO — Senhora, em Roma. Contemplei-lhe o rosto e vi-a entre o irmão dela e Marco Antônio.

CLEÓPATRA — É tão alta quanto eu?

MENSAGEIRO — Não é, senhora.

CLEÓPATRA — Falar a ouviste? Fala baixo ou alto?

MENSAGEIRO — Ouvi, sim; fala baixo.

CLEÓPATRA — É mau indício; ele não a amará por muito tempo.

MENSAGEIRO — Como! Amá-la? Oh, por Ísis! Impossível.

CLEÓPATRA — É também o que eu penso. Charmian, fala sossegada e é baixota. E sua marcha, revela majestade? Pensa nisso, se é que já contemplaste majestade.

MENSAGEIRO — Ela se arrasta, tanto faz mover-se como ficar parada, é a mesma coisa. Parece mais cadáver do que gente, estátua pura, não dotada de alma.

CLEÓPATRA — Estais seguro disso?

MENSAGEIRO — Salvo se olhos eu não tiver.

CHARMIAN — Não temos três pessoas no Egito que melhor observar saibam.

CLEÓPATRA — Ele sabe o que diz, estou notando. Então ela carece de atrativos. Este homem sabe ajuizar as coisas.

CHARMIAN — Otimamente.

CLEÓPATRA — E a idade dela? Quantos anos terá?

MENSAGEIRO — Ela era viúva, minha senhora.

CLEÓPATRA — Charmian, escuta: viúva!

MENSAGEIRO — Penso que tem trinta anos.

CLEÓPATRA — E o feitio do rosto, ainda te lembras? É redondo ou alongado?

MENSAGEIRO — Oh! bem redondo; chega a ser defeituosa.

CLEÓPATRA — A maior parte das pessoas assim são abobadas. E de que cor são os cabelos dela?

MENSAGEIRO — Senhora, escura, e tem tão baixa fronte quanto ela própria desejar pudera.

CLEÓPATRA — Recebe este ouro. A mal levar não deves minha aspereza de antes. Tenho idéia de encarregar-te novamente disso, pois vejo que dás conta do recado. Vai preparar-te. As cartas estão prontas.

(*Sai o mensageiro.*)

CHARMIAN — É um sujeito capaz.

CLEÓPATRA — Muito, realmente. Pesa-me, agora, tê-lo molestado. Por sua descrição essa criatura não vale grande coisa.

CHARMIAN — Nada, nada, minha senhora.

CLEÓPATRA — Ele já viu, decerto, majestade, sabendo, porventura...

CHARMIAN — Se já viu majestade? Isis me ampare! Servindo-vos aqui há tanto tempo?

CLEÓPATRA — Tenho uma coisa ainda a perguntar-lhe, boa Charmian. Mas isso pouco importa. Leva-o para onde eu vou fazer as cartas. Talvez ainda conciliemos tudo.

CHARMIAN — Garanto-vos, senhora.

(*Saem.*)

Cena 4

Atenas. Um quarto em casa de Antônio. Entram Antônio e Otávia.

ANTÔNIO — Não, não Otávia; não é isso apenas. Isso fora escusável, isso e inúmeros outros fatos iguais. Recentemente contra Pompeu abriu de novo guerra; o testamento fez e leu-o em público. Falou de mim mui perfunctoriamente, e quando tinha de prestar-me homenagem, expressava-se com frieza e a contragosto, só medindo-me por bitola acanhada. Quando tinha boa oportunidade, desprezava-a, de caso bem pensado, ou mui de leve, tão-somente, a pegava.

OTÁVIA — Ó caro esposo! não deis crédito a tudo, ou, caso o derdes, não leveis tudo a mal. Mulher alguma mais infeliz — se vier a tomar vulto tal desinteligência — colocada se viu entre os dois campos contendores a rezar pelos dois. Hão de zombar de mim os deuses plácidos, quando rezar me ouvirem: "Protegei meu senhor e marido!" e, destruindo logo após esse voto, exclamar alto: "Protegei meu irmão!" Vença o marido, vença o irmão... um pedido destrói o outro. Nesses extremos não há meio termo.

ANTÔNIO — Nobre Otávia, coloca o teu afeto onde ele possa ser mais bem guardado. Se eu perder a honra, perco-me a mim mesmo. Prefiro não ser vosso, a pertencer-vos tão desgalhado assim. Mas acedendo no que pedis, fareis de medianeira entre mim e ele. Nesse meio tempo, senhora, tratarei dessa campanha que a vosso irmão irá deixar na sombra. Se puserdes bastante pressa nisso, realizados vereis vossos desejos.

OTÁVIA — Obrigada vos fico. O poderoso Júpiter fez de mim, fraca, tão fraca, vossa conciliadora. Uma contenda entre vós, fora como se o universo viesse a rachar, devendo corpos mortos soldar a grande fenda.

ANTÔNIO — Logo que virdes de onde vem a causa do dissídio entre nós, para essa banda fazei pender o vosso desagrado. Pois nunca poderão ser nossas faltas tão iguais que mereçam tratamento igual de vosso amor. Cuidai da viagem. Vós mesma escolhereis as componentes de vosso séqüito e fareis o cômputo das despesas que achardes necessárias.

(*Saem.*)

Cena 5

O mesma Outro quarto. Entram Enobarbo e Eros, que se encontram.

ENOBARBO — Então, amigo Eros!

EROS — Chegaram notícias muito estranhas, senhor.

ENOBARBO — Que notícias, homem?

EROS — César e Lépido atacaram Pompeu.

ENOBARBO — Ora, isso já é velho. E qual foi o resultado?

EROS — César, tendo-se aproveitado de Lépido na guerra contra Pompeu, recusou-se a reconhecer nele um seu igual, não permitindo que lhe tocasse nenhuma parte da glória desse feito. E sem parar aí, acusa-o, ainda, de haver escrito antes a Pompeu, motivo por que o prendeu, com base na acusação por ele próprio formulada. Assim, o pobre triúnviro está na grade, até que a morte alargue sua prisão.

ENOBARBO — Desse modo ficaste — ó mundo, apenas com um par de queixadas, e ainda mesmo que entre elas jogues tudo o que tiveres, entre si hão de moer-se. Onde está Antônio?

EROS — Passeia no jardim — assim — e pisa a erva que acha, a exclamar de quando em quando: "Que estúpido, esse Lépido!" o pescoço do oficial ameaçado que sem vida deixou Pompeu.

ENOBARBO — Aparelhada nossa grande esquadra se encontra.

EROS — Para o ataque contra César e a Itália. Mais, Domínio; meu amo quer falar-vos com urgência. Depois vos contarei o que ainda falta.

ENOBARBO — Há de ser quase nada. Pouco importa. Levai-me a Antônio.

EROS — Então, senhor, segui-me.

(*Saem.*)

Cena 6

Roma. Um quarto em casa de César. Entram César, Agripa e Mecenas.

CÉSAR — Em menoscabo a Roma fez tudo isso, mas em Alexandria fez pior. Passou-se assim: em meio à praça pública em tronos de ouro, sobre uma tribuna de prata ele e Cleópatra se achavam. Aos pés deles Cenário se encontrava, que é filho de meu pai, segundo dizem, e todos os produtos ilegítimos a que a lascívia deles dois deu vida. Então Antônio conferiu a Cleópatra o governo do Egito e proclamou-a soberana absoluta não somente de Chipre e Lídia, mas da baixa Síria.

MECENAS — E isso à vista de todos?

CÉSAR — No recinto público das ginásticas. O filho dele foi proclamado rei dos reis. A Alexandre ele deu a grande Média, a Pátria e a Armênia; enfim, a Ptolomeu a Fenícia doou, Síria e Cilícia. Nesse dia Cleópatra vestiu-se como a deusa Isis, sendo voz corrente que desse jeito, muitas vezes, antes ela audiência já deu.

MECENAS — É necessário que Roma saiba disso.

AGRIPA — Já bastante desgostosa com seu descaramento, de toda estima há de privá-lo logo.

CÉSAR — O povo sabe disso; as queixas dele já foram feitas.

AGRIPA — A quem ele acusa?

CÉSAR — A César, alegando que, após termos na Sicília tomado todo o espólio de Pompeu, a lhe dar nos recusamos a sua parte da ilha. Alega, ainda, que eu não lhe devolvi alguns navios que me havia emprestado. Finalmente, acha-se estomagado por ter Lépido perdido o triunvirato e nós nos termos apossado de todos os bens dele.

AGRIPA — É preciso, senhor, responder a isso.

CÉSAR — Já foi feito. Partiu o mensageiro. Fiz-lhe ver como Lépido se tinha mostrado muito cruel e que abusara de sua autoridade, merecendo, por isso, tal castigo. Nas conquistas feitas por mim ele teria parte; porém que a mesma coisa eu exigia de sua Armênia e de outros reinos que ele havia conquistado.

MECENAS — Nunca ele há de conceder esse ponto.

CÉSAR — Nesse caso naquele outro também não cederemos.

(*Entra Otávia, com seu séqüito.*)

OTÁVIA — Salve, senhor! Meu caro César, salve!

CÉSAR — Chegar a ver-te um dia repudiada!

OTÁVIA — Nunca assim me chamastes; não há causa.

CÉSAR — Por que vens surpreender-nos desse modo? Não te apresentas como irmã de César. A consorte de Antônio deveria ter como introdutor um grande exército, servindo-lhe o relincho dos cavalos de sinal de chegada, muito tempo antes de ela surgir. Por toda a estrada carregadas as árvores deviam mostrar-se de homens e a curiosidade definhar por querer o que lhe falta. Mais, ainda: até à abóboda celeste chegar devia a poeira, levantada pela população cheia de júbilo. Mas como rapariga do mercado viestes a Roma, assim deixando frustras as manifestações de meu afeto que, muitas vezes, sem ser visto, fica também sem ser amado. Deveríamos ter ido ao vosso encontro assim em terra como no mar, as estações enchendo de saudações crescentes.

OTÁVIA — Meu bondoso senhor, não vim forçada desse jeito, mas por livre vontade. Meu marido, Marco Antônio, ao saber que vos armáveis para a guerra, instruções deu minuciosas a meu aflito ouvido. Obtive dele permissão para vir.

CÉSAR — Por ele dada com presteza, por serdes um obstáculo posto entre ele e a lascívia.

OTÁVIA — Não, bondoso senhor; não digais isso.

CÉSAR — Tenho-o sempre de olho; o vento me traz notícias dele. Em que lugar ele se encontra agora?

OTÁVIA — Em Atenas, senhor.

CÉSAR — Não é verdade, muito enganada irmã; já lhe fez Cleópatra sinal, chamando-o. A uma prostituta deu ele seu império, e os reis da terra ambos, agora, para a guerra incitam. Assim, já convocou Baco, da Líbia, o rei da Paflagônia, Filadelfo, Abdala, rei da Trácia, o rei do Ponto, Herodes da Judéia, o soberano da Capadócia, que Arquelau se chama, Mitridates de Comagene, Amintas e Polemão, de Licaônia e Média, e outra lista maior de reis cetrados.

OTÁVIA — Ai de mim, infeliz, que dividido tenho ora o coração entre dois seres que reciprocamente se maltratam!

CÉSAR — Sede bem-vinda. Retardaram vossas cartas vossa partida. Desejávamos, convencer-nos, também, de quanto tínheis sido ultrajada, e nós assim, corrido grande risco com tanta negligência. Reanimai-vos, sem vos amofinardes com o presente que sobre vossa dita tantas preocupações tem atirado. Sem nos queixarmos, aceitemos quanto nos impõe o destino no seu curso. A Roma sois bem-vinda. Sobre tudo vos dedico afeição. Não pode a mente conceber quanto fostes ultrajada. Os altos deuses, para vos fazerem justiça, em seus ministros nos transformam e a todos que vos prezam. Reanimai-vos e sede sempre para nós bem-vinda.

AGRIPA — Sois bem-vinda, senhora.

MECENAS — Mui prezada senhora, sois bem-vinda. Todos os corações de Roma, a um

tempo, vos amam e lastimam. Só o adúltero Antônio, inteiramente mergulhado em suas ignomínias, vos repele e seu poder a uma rameira entrega, que contra nós atroa.

OTÁVIA — É assim, senhor?

CÉSAR — Decerto. Mana, sois bem-vinda. Tende paciência, por obséquio, irmã querida!

(*Saem.*)

Cena 7

Acampamento de Antônio, junto do promontório de Actio. Entram Cleópatra e Enobarbo.

CLEÓPATRA — Certeza podes ter de que haveremos de ficar quites.

ENOBARBO — Mas por quê? Por quê?

CLEÓPATRA — Por desaconselhardes minha vinda a esta guerra, julgando-a deslocada.

ENOBARBO — E dai? E dai?

CLEÓPATRA — Ainda mesmo que não houvesse sido declarada contra nós, por que não comparecermos em pessoa a esta guerra?

ENOBARBO (*à parte*) — Poderia dizer que se trouxéssemos cavalos e éguas para a campanha, ficaríamos sem cavalos, que as éguas se veriam a carregar forçadas os cavalos e os cavaleiros.

CLEÓPATRA — Que é que estás dizendo?

ENOBARBO — Vossa presença embaraçaria Antônio, reclamar-lhe-ia o coração, o cérebro, fá-lo-ia perder tempo, justamente quando nada desviar nos é possível. Já o acoimam de fútil, comentando-se em Roma que esta guerra é dirigida pelo eunuco Fotino e vossas criadas.

CLEÓPATRA — Desapareça Roma e que apodreçam todas as línguas que de nós falarem. Tenho função nesta campanha, e como cabeça de meu reino hei de mostrar-me soldado de valor. Não me retruques; não ficarei atrás.

ENOBARBO — Estou calado. Aí vem o imperador.

(*Entram Antônio e Canídio.*)

ANTÔNIO — Não te parece muito estranho, Canídio, que ele tenha, partindo de Tarento e de Brundísio, tão velozmente atravessado o Jônio e tomado Torine? Não Ouvistes falar nisso, querida?

CLEÓPATRA — Os negligentes é que a celeridade mais admiram.

ANTÔNIO — Excelente resposta, que ficaria muito bem no melhor dos combatentes, visando a repreender a negligência. No mar, Canídio, vou lutar com ele.

CLEÓPATRA — No mar? Que há mais?

CANÍDIO — Por que vai fazer isso, meu senhor?

ANTÔNIO — Porque fomos desafiados.

ENOBARBO — Meu senhor poderia desafiá-lo, se assim é, para duelo.

CANÍDIO — Justamente, e trazê-lo a Farsália, para o embate, onde Pompeu e César se encontraram. Propostas que lhe são desfavoráveis são sempre recusadas. Deveríeis fazer como ele faz.

ENOBARBO — Vossos navios estão mal equipados; a maruja se compõe de azeméis e segadores, gente alistada compulsoriamente. Nos navios de César se acham muitos que já contra Pompeu provados foram. Seus barcos são ligeiros; mais pesados, todos os vossos. Não será desonra nenhuma recusardes um combate no mar, se forte vos achais em terra.

ANTÔNIO — No mar! No mar!

ENOBARBO — Meu muito digno chefe, abris mão, desse modo, da absoluta supremacia que no firme tendes; enfraqueceis o exército, composto, em sua maioria, de pedestres já provados na guerra; sem proveito vossa fama deixais e a alta experiência, desviai-vos do caminho que promete melhor sucesso, para vos lançardes nos perigos do azar, abandonando de todo a segurança.

ANTÔNIO — Vou bater-me no mar.

CLEÓPATRA — Dou-vos sessenta embarcações. César não tem melhores.

ANTÔNIO — Queimaremos nosso excesso de barcos. Com os restantes, bem tripulados, bateremos César, quando ele vier se aproximando de Actio. No caso de perdermos, poderemos desbaratá-lo em terra. (*Entra um mensageiro.*) Que notícias?

MENSAGEIRO — É certo, meu senhor, ele está à vista. César tomou Torine.

ANTÔNIO — Ele, em pessoa, lá! Não é possível. E estranho que tivesse tanta força. Em terra tomarás conta de nossas dezenove legiões, Canídio, e nossos doze mil de cavalo. Para bordo! Vem, minha Tétis.

(*Entra um soldado.*)

SOLDADO — Ó nobre imperador, não combatais no mar, não ponhais vossa confiança em pranchas podres. Por acaso já não confiais neste meu gládio e nestas extensas cicatrizes? Que os egípcios e os fenícios mergulhem; nós estamos afeitos a vencer em terra firme, lutando pé com pé.

ANTÔNIO — Bem, bem, sigamos!

(*Saem Antônio, Cleópatra e Enobarbo.*)

SOLDADO — Por Hércules! no entanto, estou convicto de que tenho razão.

CANÍDIO — Tens, sim, soldado; mas é que os atos dele já não se acham guiados pela razão, pois dirigido vai sendo quem devia dirigir-nos, e a soldados ficamos reduzidos de uma mulher, apenas.

SOLDADO — O comando de todos os cavalos e dos homens de pé vos foi confiado, não é verdade?

CANÍDIO — Marco Otávio e também Marco Justeio com Publícola e Célio o mar dirigem. Nós temos ordem de ficar em terra. É incrível essa rapidez de César.

SOLDADO — Em Roma estando ele ainda, suas forças iam saindo em tão pequenos grupos que a todos os espiões mistificavam.

CANÍDIO — Quem os comanda, sabereis dizer-me?

SOLDADO — Um Tauro, dizem.

CANÍDIO — Ah! Conheço o homem.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — O imperador mandou chamar Canídio.

CANÍDIO — De novidades está prenhe o tempo; nasce uma a cada instante.

(*Saem.*)

Cena 8

Planície perto de Actio. Entram César, Tauro, oficiais e outras pessoas.

CÉSAR — Tauro!

TAURO — Senhor?

CÉSAR — Evita choque em terra; não espalhes os homens; não provoques a batalha sem que no mar tenhamos decidido. Atém-te às instruções aqui exaradas. Nossa sorte depende deste lanço.

(*Saem.*)

(*Entram Antônio e Enobarbo.*)

ANTÔNIO — Põe nossos esquadrões naquele lado do monte, olhando o exército de César. Divisamos dali todos os barcos, para agirmos de acordo.

(*Saem.*)

(*Entra Canídio com sua força de terra, e marcha por um lado da cena; Tauro, tenente de César, marcha pelo outro lado. Depois de passarem, ouve-se o ruído do combate naval.*)

(*Alarma. Volta Enobarbo.*)

ENOBARBO — Está tudo perdido! Tudo, tudo! Ver isso é-me impossível. A Antonfada, a capitânia egípcia, juntamente com seus sessenta barcos, vira bordo, pondo-se em fuga. Isso me estraga a vista.

(*Entra Escaro.*)

ESCARO — Deuses e deusas e o concílio inteiro!

ENOBARBO — Por que essa exclamação?

ESCARO — A mais notável porção do mundo vai ficar perdida, por simples ignorância. Entre dois beijos abrimos mão de remos e províncias.

ENOBARBO — E a pugna, como está!

ESCARO — De nossa parte, como a peste, em que a morte é inevitável. A marafona egípcia — possa a lepra levá-la de uma vez! — em plena luta, quando a fortuna, como um par de gêmeos se comportava, mas o nosso um tanto maior, ao parecer, tal como a vaca de Juno, que o tavardo exasperasse, iça velas e foge.

ENOBARBO — Presenciei isso, os olhos me doeram ante esse quadro, sem que

suportassem contemplá-lo mais tempo.

ESCARO — Uma vez ela virada a barlavento, a nobre ruína de seu feitiço, Antônio, tatalando suas asas marinhas, como pato no cio, deixa a pugna, no momento culminante, e em pós dela sai fugindo. Jamais vi ato de tamanho opróbrio. A experiência, a coragem, a honra nunca se rebaixaram tanto.

ENOBARBO — Oh céus! Oh céus!

(*Entra Canídio.*)

CANÍDIO — Nossa sorte no mar está sem fôlego e naufraga por modo lamentável. Se nosso general tivesse sido o que ele sabe ser, à maravilha tudo, então, nos correra. Seu exemplo oprobrioso nos serviu de norma, para também fugirmos.

ENOBARBO — Ah! Chegastes a esse ponto? Boa noite, então.

CANÍDIO — Fugiram para o Peloponeso.

ESCARO — Será fácil chegarmos até lá, onde pretendo aguardar o que o tempo nos reserva.

CANÍDIO — Vou entregar a César meus cavalos e todas as legiões. Seis reis a estrada que vai à rendição já me indicaram.

ENOBARBO — Continuarei a acompanhar a sorte mal ferida de Antônio, muito embora se sente contra mim o entendimento na corrente do vento.

(*Saem.*)

Cena 9

Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Antônio e criados.

ANTÔNIO — Alto! A terra não quer que eu pise nela; tem vergonha de mim. Amigos, vinde! De tal modo atrasei-me neste mundo, que para sempre me desviei da estrada. Tenho um navio carregado de ouro. Ficai com ele e dividi-o; as pazes fazei com César.

CRIADOS — Como! Nós, fugirmos?

ANTÔNIO — Eu não fugi? Não ensinei aos fracos de que modo correr e virar costas? Amigos, ide; entrei por um caminho que de vós não precisa. Abandonai-me. No porto se acha o meu tesouro; é vosso. Oh! fui no encalço do que neste instante me faz ficar corado só de olhá-lo. Revolta sinto até nestes cabelos, pois os brancos acusam de imprudência aos pretos, assacando estes àqueles só medo e presunção. Amigos, ide. Vou escrever a alguns amigos para que a estrada vos aplanem. Por obséquio, não fiqueis tristes, nem me deis respostas a contragosto. Aproveitai o aceno que vos dirijo em tanto desespero. Abandonai quem a si mesmo deixa. Ide diretamente para a praia, lá vos entregarei o barco e o ouro. Deixai-me alguns instantes, por obséquio. Fazei isso, vos peço, que, em verdade, ordens já não sei dar. Por isso, peço. Dentro de pouco havemos de rever-nos.

(*Senta-se.*)

(*Entra Cleópatra conduzida por Charmian e Iras; Eros a segue.*)

EROS — Senhora, ide falar-lhe, consolai-o.

IRAS — Sim, fazei isso, cara soberana.

CHARMIAN — Fazei, fazei! Que mais?

CLEÓPATRA — Quero sentar-me. Oh, Juno!

ANTÔNIO — Não, não, não, não!

EROS — Senhor, não a estais vendo?

ANTÔNIO — Oral Ora!

CHARMIAN — Senhora!

IRAS — Minha senhora! Boa soberana!

EROS — Senhor! Senhor!

ANTÔNIO — É certo, meu senhor. Ele, em Filipos levava a espada como um dançarino.

enquanto eu abatia o magro Cássio e liquidava o tresloucado Bruto. Tudo o que ele fazia era por meio dos tenentes, sem ter nenhuma prática dos destemidos esquadrões da guerra. No entanto, agora... Pouco importa.

CLEÓPATRA — Ah! Fica!

EROS — É a rainha, senhor: a soberana.

IRAS — Senhora, ide falar-lhe. Ele está fora de si, inteiramente, de vergonha.

CLEÓPATRA — Pois que seja. Amparai-me. Oh!

EROS — Muito nobre senhor, eis a rainha. Levantai-vos. A cabeça pendida, a morte dela se amparará, se não lhe fordes logo levar algum consolo.

ANTÔNIO — Ofendi minha glória enormemente. Um desvio, privado de nobreza.

EROS — A rainha, senhor.

ANTÔNIO — Para onde, Egito, me conduziste? Vê como eu afasto de tua vista meu imenso opróbrio, olhando para trás de mim e vendo quanto ficou em ruína e desonrado.

CLEÓPATRA — Ó meu senhor, perdoai as minhas velas medrosas, em excesso. Não pensava que podíeis seguir-me.

ANTÔNIO — Tu sabias perfeitamente, Egito, que em teu leme com fio atado o coração eu tinha, e que me levarias arrastado. Tinhas consciência da supremacia que sobre mim exerces e que a um simples aceno teu eu infringira as ordens dos próprios deuses.

CLEÓPATRA — Oh! perdão!

ANTÔNIO — Agora será preciso que a esse moço eu mande proposições humildes, que me valha de fingimentos e desvios longos, de traças vergonhosas, eu, que tinha meio mundo nas mãos, como brinquedo, e carreiras fazia e desfazia. Sabias muito bem quanto me tinhas sob teu domínio, e que esta minha espada tornada fraca pelo amor, só a este, em qualquer circunstância, obedecera.

CLEÓPATRA — Perdão! Perdão!

ANTÔNIO — Não, não chores. Só uma dessas lágrimas vale mais do que tudo que eu perdesse. Dá-me um beijo; já estou com isto pago. Mandamos nosso preceptor falar-lhe. Já retornou? Amor, sinto-me agora como se fosse chumbo! — Tragam vinho! Aí! Tragam comida! — Sabe a sorte que quanto mais apanho mais sou forte.

(*Saem.*)

Cena 10

Egito. Acampamento de César. Entram César, Dolabela, Tireu e outros.

CÉSAR — Que entre o enviado de Antônio. Conhecei-lo?

DOLABELA — César, é o preceptor dos filhos dele. Preciso é que ele esteja depenado completamente, para que nos mande uma pena tão fraca, ele que tinha, não há bastantes luas, soberanos como seus mensageiros.

(*Entra Eufrônio.*)

CÉSAR — Entra e fala.

EUFRÔNIO — Tal como sou, da parte vim de Antônio. Até bem pouco eu era tão pequeno para seus planos como o fresco orvalho numa folha de mirto, comparado com a grandeza do mar.

CÉSAR — Que seja assim. Dá logo o teu recado.

EUFRÔNIO — Ele te envia saudares, como ao dono de sua sorte, e te pede poder viver no Egito. Sendo-lhe isso negado, diminui de muito seu pedido, suplicando-te que respirar o deixes entre a terra e ao alto céu, como cidadão de Atenas. Quanto a ele, só. E agora, quanto a Cleópatra: ante tua grandeza ela se inclina, ao teu poder se entrega e de ti pede deixar para seus filhos o diadema dos Ptolomeus, de que dispõe tua graça.

CÉSAR — Dize a Antônio que ouvidos não possuo para quanto ele diga. A soberana não ficará sem ser ouvida, sendo-lhe concedido o que pede, se ao Egito ela expulsar seu degradado amigo, ou lá mesmo o matar. Fazendo ela isso, não pedirá em vão. Para ambos disse.

EUFRÔNIO — Que te diga a Fortuna.

CÉSAR — Acompanhai-o com uma escolta pelo Acampamento. (*Sai Eufrônio.*) (*A Tireu.*) Chegou o momento de experimentares tua eloquência. Põe bem depressa nisso. De Cleópatra separa Marco Antônio. Concede em nosso nome tudo quanto te pedir, e oferece o que julgares conveniente inventar. Nos dias prósperos as mulheres não são bastante fortes, mas a necessidade leva à quebra dos votos a vestal nunca tocada. Tireu, revela tua habilidade e faze o edito para o teu trabalho, que, como lei, por tudo respondemos.

TIREU — Partirei, César.

CÉSAR — Vê como é que Antônio recebe esse revés e nos transmite teu modo de pensar de como os fatos possam influir nele.

TIREU — Fá-lo-ei, César.

(*Saem.*)

Cena 11

Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Cleópatra, Enobarbo, Charmian e Iras.

CLEÓPATRA — Que fazer, Enobarbo, depois disso?

ENOBARBO — Pensar; depois, morrer.

CLEÓPATRA — Quem é culpado: Antônio ou nós?

ENOBARBO — Antônio; apenas ele, que deixou dominar seu apetite, por completo, à razão. Se desertastes da grande face da batalha, cujas filas umas às outras punham medo, por que razão seguir-vos? O prurido de seu afeto não devera nunca no mando dele influir, principalmente quando o mundo lutava meio a meio, sendo ele o assunto próprio da contenda. Não foi menor opróbrio do que perda correr em pós de vossos estandartes fugitivos, deixando seus navios de todo atarantados.

CLEÓPATRA — Paz, te peço.

(*Entra Antônio com Eufrônio.*)

ANTÔNIO — Foi isso que ele disse?

EUFRÔNIO — Foi, senhor.

ANTÔNIO — E a rainha achará demência nele, no caso de querer sacrificar-me?

EUFRÔNIO — Isso mesmo.

ANTÔNIO — É preciso que ela o saiba. Basta que envies ao mancebo César esta minha cabeça já grisalha, para que vejas cheios até à borda teus desejos de reinos.

CLEÓPATRA — Como! Tua cabeça, meu senhor?

ANTÔNIO (*a Eufrônio*) — Retorna a César. Dize-lhe que ele a flor da mocidade traz em sua pessoa, de que o mundo alguma coisa espera. Suas moedas, suas legiões, seus barcos poderiam a um covarde servir, sobressaindo-se seus auxiliares tanto sob o mando de César como sob o de uma criança. Assim, o desafio a pôr de lado suas vantagens todas e a medir-se com meu ocaso, espada contra espada, nós dois apenas. Vou escrever-lhe isso. Acompanha-me.

(*Saem Antônio e Eufrônio.*)

ENOBARBO (*à parte*) — Pois não. Seria muito interessante que o vitorioso César degradasse sua felicidade, para aos olhos do público mostrar-se medindo armas com um espadachim. Vejo que o juízo dos homens é uma parte diminuta de sua sorte. As coisas exteriores as faculdades interiores puxam, para o mesmo sofrerem. Sonhar ele — que tão

equilibrado se mostrava — que César cheio vai mandar resposta a sua vacuidade! Derrotaste, César, também o julgamento dele.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Um correio de César

CLEÓPATRA — Como! Agora? Sem mais formalidades? Damas, vede: diante da rosa aberta o nariz tapam os que adoravam o botão fechado. Fazei-o entrar, senhor.

(*Sai o criado.*)

ENOBARBO (*à parte*) — Em luta franca nos encontramos, eu e a honestidade. Querer ser fiel a um louco, é deixar louco até o próprio dever. Mas quem consegue manter-se fiel a um senhor caído, domina o vencedor de seu próprio amo, e herda um lugar na história.

(*Entra Tireu.*)

CLEÓPATRA — Que manda César?

TIREU — Dir-to-ei à parte.

CLEÓPATRA — São só amigos; fala francamente.

TIREU — Mas amigos, quiçá, também de Antônio?

ENOBARBO — Ele tem precisão, de tantos amigos quanto César; do contrário, nos dispensara a todos. Concordando César com isso, correrá meu amo para ser dele amigo. Quanto aos outros, bem o sabeis, amigos somos sempre de quem for ele amigo, isto é: de César.

TIREU — Que seja, então. Ó tu, rainha ilustre, César te pede que não consideres em tua situação senão apenas que ele é César.

CLEÓPATRA — Adiante. Como príncipe.

TIREU — Ele sabe que é menos por afeto do que por medo que abraçais Antônio.

CLEÓPATRA — Oh!

TIREU — Apiada-se, por isso, dos estragos causados em vossa honra e os considera manchas à força impostas, não buscadas por vontade.

CLEÓPATRA — Ele é um deus, e, assim, conhece a verdade integral. Abandonada não foi minha honra, mas tão-só vencida.

ENOBARBO (*à parte*) — Para disso poder obter certeza vou perguntar a Antônio. Amigo, amigo, tanta água estás fazendo, que nos basta deixar-te naufragar, pois tua própria querida te abandona. (*Sai.*)

TIREU — Digo a César o que dele almejais? Pois ele quase pede que supliqueis alguma coisa. Ficaria contente se quisésseis um cajado fazer da sorte dele, para vos apoiardes. Mas ao cúmulo chegara da alegria se me ouvisse dizer que Antônio abandonastes, para vos colocardes sob o amparo dele, o senhor do universo.

CLEÓPATRA — Vosso nome?

TIREU — Tireu me chamo.

CLEÓPATRA — Caro mensageiro, dizei ao grande César que eu lhe beijo, por comissão, as mãos conquistadoras. Comunicai-lhe que disposta me acho a lhe depor aos pés minha coroa e, ali mesmo, ajoelhar-me. Revelai-lhe que seu hálito todo-poderoso o destino do Egito irá dizer-me.

TIREU — Muito nobre é o caminho que escolhestes. Quando a sabedoria entra em conflito com a fortuna, se não ousa aquela nada além do possível, abalada não será pelo acaso. Concedei-me depor em vossa mão minha incumbência.

CLEÓPATRA — O pai de vosso César, muitas vezes, quando pensava em conquistar impérios, nesse lugar indigno os lábios punha, que então choviam beijos.

(*Volta Antônio e Enobarbo.*)

ANTÔNIO — Como! Graça? Por Jove atroador! Quem és maroto?

TIREU — Alguém que apenas executa as ordens do mais poderoso homem, do mais digno de ser obedecido.

ENOBARBO (*à parte*) — Não escapas da chibata.

ANTÔNIO — Aproxima-te! És tu mesma, víbora! Agora — deuses e demônios! — sinto que se me escapa a autoridade. Antes, quando eu gritava "Olá!" tal como criança em jogo, os reis se apressuravam gritando: "Que quereis?" Não tendes ouças? Ainda sou Antônio. (*Entram criados.*) Levai este malandro e chibateai-o!

ENOBARBO (*à parte*) — É melhor provocar um leãozinho do que um leão já velho e moribundo.

ANTÔNIO — Pela lua e as estrelas! Chibateai-o! Embora fossem vinte dos mais fortes tributários de César, se os achasse com tamanho desplante a mão pegando desta... Sim, qual seu nome, depois que ela Cleópatra já não é? Azorragai-o, amigos, até que ele, como criança, contraia o rosto e compaixão implore. Levai-o bem depressa.

TIREU — Marco Antônio...

ANTÔNIO — Levai-o logo; e, uma vez bem zurzido, trazei-o aqui de novo. Esse lacaio de César vai levar-lhe meu recado. (*Saem criados com Tireu.*) Quando vos conheci, já vos acháveis meio passada. Ah! Ter deixado em Roma meu travesseiro, sem pôr nele a marca da cabeça; privar-me de uma prole legítima com minha esposa rara, para abusado assim me ver por uma mulher que dá atenção a parasitas!

CLEÓPATRA — Meu bondoso senhor...

ANTÔNIO — Sempre fostes versátil. Quando o calo criamos no vício — oh opróbrio! — os deuses sábios os olhos nos embuçam, atolando-se no próprio lodo o nosso claro juízo; fazem que nossos erros adoremos, riem de nós, enquanto, mui vaidosos, marchamos para nossa decadência.

CLEÓPATRA — Como! Chegamos a isso?

ANTÔNIO — Fui achar-vos como um bocado frio na travessa do falecido César... Não, apenas uma migalha para Cneu Pompeu; sem mencionarmos as ardentes horas que a fama não marcou e que soubestes abocar com luxúria. Pois embora possais saber o que é a temperança — disso tenho certeza — nunca a vistes.

CLEÓPATRA — Aonde quereis chegar?

ANTÔNIO — Deixar que um tipo que recebe propinas e responde: "Que Deus vos recompense!" se mostre íntimo de minha companheira de folguedos, dessa mão, timbre real, penhor donoso de altivos corações! Oh! se eu me achasse sobre o monte Basan, para mais alto mugir ainda do que os bois de chifre! Tenho razões selvagens para tanto. Moralmente aduzi-las fora como se um pescoço no laço ao seu carrasco agradecesse a grande habilidade. (*Voltam os criados com Tireu.*) Foi chibateado?

PRIMEIRO CRIADO — Sim, senhor; de rijo.

ANTÔNIO — Gritou? Pediu perdão?

PRIMEIRO CRIADO — Pediu piedade.

ANTÔNIO — Se teu pai vive, que ele se arrependa de não teres nascido filha dele. Enquanto a ti, reflete o que acontece aos que acompanham César em seu triunfo, Pois só por isso fostes azorragado. Fica com febre doravante, à vista das brancas mãos de uma senhora; treme tão-só de olhar para elas. Vai; retorna para César e dize como foste recebido por mim. Vê: vais dizer-lhe que irritado em excesso ele me deixa, por altivo mostrar-se e desdenhoso, a tocar sempre e sempre a mesma música: o que sou, porém não — o que ele sabe muito bem — o que fui. Isso me irrita, o que ora é muito fácil, porque os astros benfazejos, meus guias até há pouco, vazias suas órbitas deixaram, disparando seus fogos tão-somente nos abismos do inferno. Caso minhas palavras o exasperem, tudo o que houve, lembra-lhe que com ele se acha Hiparco, meu escravo liberto, que, à vontade, pode ele chibatear, pôr a tormentos, enforcar... como queira, para quite ficar comigo. Põe bem depressa nisso. Fora daqui com essas pisaduras!

(*Sai Tireu.*)

CLEÓPATRA — Já terminastes?

ANTÔNIO — Ah! nossa terrena lua sofreu eclipse e só proclama o declínio de Antônio.

CLEÓPATRA — Dar-lhe-ei tempo para que se refaça.

ANTÔNIO — Poderíeis, para adular a César, lançar olhos morteiros para quem lhe amarra os laços?

CLEÓPATRA — Desconheceis-me ainda?

ANTÔNIO — Indiferente serdes comigo? Coração ter frio?

CLEÓPATRA — Ah, querido! Se eu for assim, que deste coração frio o céu granizo faça e na fonte o envenene, e que a primeira pedra atingir me venha no pescoço, com minha vida, a um tempo, se esfazendo. Caia em Cesário a outra, até que, aos poucos jazam todos os frutos de meu ventre sem sepultura, e meus egípcios bravos nessa alude de pedras, té que as moscas e os

mosquitos do Nilo a todos eles dêem a tumba das presas.

ANTÔNIO — Basta-me isso. César está em frente a Alexandria, onde pretendo desafiar-lhe a sorte. Nossas forças de terra se portaram nobremente; os navios dispersados se reuniram de novo e ora navegam, os mares ameaçando. Onde te achavas, meu coração? Escutas-me, senhora? Se eu voltar novamente da campanha para os lábios beijar-te, recoberto de sangue me verás. Eu e esta espada para a lenda entraremos. A esperança não se apagou de todo.

CLEÓPATRA — És meu valente Senhor!

ANTÔNIO — Sinto-me agora com três vezes mais coração, com triplicado fôlego, com músculos dobrados para à luta me atirar com violência. Quando as minhas horas eram risonhas e felizes, a vida os inimigos resgatavam com simples brincadeiras. Mas agora os dentes rangerei e para as trevas mandarei quem me vier barrar o passo. Vem! Aprestemos outra noite alegre; convoca os capitães atribulados; mais uma vez enchamos nossas taças e zombemos do sino da alta noite.

CLEÓPATRA — Hoje é meu natalício. Imaginara que iria festejá-lo pobremente. Mas, uma vez que meu senhor Antônio voltou a ser, eu também sou Cleópatra.

ANTÔNIO — Tudo há de melhorar.

CLEÓPATRA — Dizei aos nobres capitães que venham falar com meu senhor.

ANTÔNIO — Manda chamá-los. Isso mesmo. Desejo conservá-los Essa noite hei de dar-lhes tanto vinho, que vai jorrar até das cicatrizes. Vamos, rainha; ainda temos seiva. No próximo combate a própria morte vai amar-me; pretendo concorrência fazer ao seu pestilencial alfanje.

(*Saem todos, com exceção de Enobarbo.*)

ENOBARBO — Ofuscar pretende ele ora o relâmpago. Ficar enfurecido é revelar-se assombrado de medo. Neste estado, contra o avestruz se atreve a própria pomba. Verifico também que toda falha no cérebro dá ânimo à coragem de nosso capitão. Sempre que presa faz da razão a própria valentia, corrói a espada que à defesa serve. Vou procurar um meio de deixá-lo. (*Sai.*)

Ato 4

Cena 1

Diante de Alexandria. Acampamento de César. Entra César, lendo uma carta; Agripa, Mecenas e outras pessoas.

CÉSAR — Chama-me de menino e me repreende, como se força ele tivesse para do Egito me expulsar. Meu emissário foi por ele açoitado. Desafia-me para um duelo: Antônio contra César. Pois que o velho bufão fique sabendo que eu sei de outros caminhos para a morte. Mas até lá seu desafio apenas o riso me provoca.

MECENAS — César deve considerar que quando uma pessoa tão grande se revela assim furiosa, e que se sente acuada ao ponto extremo. Não lhe deis trégua para refazer-se, mas procurai tirar todo o partido de sua distração. Jamais a cólera foi boa guardadora de si própria.

CÉSAR — Dizei aos capitães que amanhã cedo tencionamos travar a derradeira das numerosas pugnas da campanha. Entre nossas fileiras temos muitos que até bem pouco tempo ainda serviam a Marco Antônio, em número bastante para apossar-se da pessoa dele. Providenciai logo isso. Dai comida a nossos homens. Temos provimento e eles bem o merecem. Pobre Antônio!

(*Saem.*)

Cena 2

Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Antônio, Cleópatra Enobarbo, Charmian, Iras, Alexas e outras pessoas.

ANTÔNIO — Domício, não se baterá comigo.

ENOBARBO — É certo.

ANTÔNIO — E por que não?

ENOBARBO — Porque, julgando-se com sorte vinte vezes mais risonha, pensa que a luta, assim, travada fora de vinte contra um.

ANTÔNIO — Em mar e em terra lutarei amanhã; ou continuo com vida, ou banharei a moribunda glória em meu sangue, para que reviva. Pretendes lutar bem?

ENOBARBO — Hei de bater-me gritando: "Toma tudo!"

ANTÔNIO — Mui bem dito. Vamos; chama meus criados. Que haja mesa liberal esta noite. (*Entram três ou quatro criados.*) Dá-me a mão. Honesto sempre foste. E eu, também. E tu, e tu... Vós sempre me servistes muito bem, tendo reis por companheiros.

CLEÓPATRA (*à parte, a Enobarbo*) — Que é que ele quer?

ENOBARBO (*à parte, a Cleópatra*) — É uma dessas baldas que faz nascer do cérebro a tristeza.

ANTÔNIO — Tu também és honesto. Desejara poder ser dividido em muitos homens, e que vós num Antônio vos reunísseis, porque tão bons serviços vos prestasse como a mim tendes feito.

CRIADOS — Oh! que os deuses não o permitam

ANTÔNIO — Caros companheiros: servi-me ainda esta noite, não poupando minhas taças. Fazei comigo como se também um de vós fosse meu reino e as ordens me acatasse.

CLEÓPATRA (*à parte, a Enobarbo*) — Que quer ele?

ENOBARBO (*à parte, a Cleópatra*) — Fazer que os criados chorem.

ANTÔNIO — Servi-me ainda esta noite. É bem possível que vossa obrigação aí termine. Talvez não me vejais de novo, ou apenas como a sombra disforme; talvez a outro senhor ireis servir amanhã mesmo. Olho-vos como alguém que se despede. Meus fiéis amigos, não vos mando embora; como amo, desposei vossos serviços, de que só pela morte me separo. Servi-me ainda esta noite duas horas; mais não peço, e que os deuses vos premiem.

ENOBARBO — Senhor, por que deixá-los abatidos? Olhai, estão chorando, e eu, um grande asno, julgo também cebola ter nos olhos. Ora, ora! Não façais de nós mulheres.

ANTÔNIO — Ho, ho, ho! Leve-me a bruxa, se eu pensava nisso. Nasce a felicidade dessas gotas. Caros amigos, dais um doloroso sentido ao meu discurso; quanto eu disse foi com a intenção apenas de animar-vos, para a noite com tochas incendiardes. Sabei, meus corações, que espero muito do dia de amanhã, e que vos levo para onde hei de alcançar vida gloriosa, não a morte com honra. Para a ceia sigamos, e afoguemos a tristeza.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Diante do palácio. Entram dois soldados, para ficarem de guarda.

PRIMEIRO SOLDADO — Bom dia, irmão; é amanhã o dia.

SEGUNDO SOLDADO — Que vai decidir tudo. Passai bem. Ouviste algo estranho pelas ruas?

PRIMEIRO SOLDADO — Não ouvi coisa alguma. Que há de novo?

SEGUNDO SOLDADO — Talvez seja só boato. Boa noite.

PRIMEIRO SOLDADO — Pois não, senhor; o mesmo vos desejo.

(*Entram dois outros soldados.*)

SEGUNDO SOLDADO — Prestai muita atenção durante a guarda.

TERCEIRO SOLDADO — Vós também. Boa noite. Boa noite.

(*Os dois primeiros soldados se colocam em seus lugares.*)

QUARTO SOLDADO — Nós dois, aqui. (*Colocam-se também nos seus.*) Caso amanhã a armada leve a melhor, tenho esperança plena de que as forças de terra fiquem firmes.

TERCEIRO SOLDADO — É um exército bravo e decidido.

(*Música subterrânea, como de oboés.*)

QUARTO SOLDADO — Paz! Que barulho é esse?

PRIMEIRO SOLDADO — Ouvi! Ouvi!

SEGUNDO SOLDADO — Ouvi!

PRIMEIRO SOLDADO — Música no ar.

TERCEIRO SOLDADO — Não, sob a terra.

QUARTO SOLDADO — É bom sinal, pois não?

TERCEIRO SOLDADO — Não.

PRIMEIRO SOLDADO — Paz, vos digo. Por que será essa música?

SEGUNDO SOLDADO — É o deus Hércules tão amado de Antônio e que o abandona.

PRIMEIRO SOLDADO — Vamos saber se os outros guardas ouvem o que estamos ouvindo.

(*Adiantam-se para o outro posto.*)

SEGUNDO SOLDADO — Então, amigos?

SOLDADOS — Que é que há! Que é que há? Ouvis alguma coisa?

PRIMEIRO SOLDADO — Ouvimos; não é estranho?

TERCEIRO SOLDADO — Estais ouvindo, mestres? Estais ouvindo?

PRIMEIRO SOLDADO — Acompanhemos o ruído até onde for a guarda. Vejamos como acaba.

SOLDADOS — Certo. É estranho.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Um quarto no palácio. Entram Antônio e Cleópatra, Charmian e outros servidores

ANTÔNIO — Eros, minha armadura.

CLEÓPATRA — Dorme um pouco.

ANTÔNIO — Não, pombinha. Vem, Eros! A armadura! (*Entra Eros, com a armadura.*) Vamos, amigo; veste-me esses ferros. Se hoje a fortuna não ficar conosco, é porque a desafiamos. Vamos logo.

CLEÓPATRA — Não, eu a ajudo. Para que serve isto?

ANTÔNIO — Não, deixa isso, és o armeiro do meu peito. Errado! Errado!... É assim.

CLEÓPATRA — Devagarinho, quero ajudar também. Deve ser isto.

ANTÔNIO — Muito bem; muito bem. Dá tudo certo. Vos, bom amigo? Agora vai armar-te.

EROS — Sem demora, senhor.

CLEÓPATRA — Afivelado não ficou tudo bem?

ANTÔNIO — Otimamente. Quem vier desfazer isto, antes de termos resolvido gozar de algum repouso, colherá tempestades. Não tens jeito, Eros, nenhum; minha rainha mostra-se escudeiro mais hábil. Vamos logo. Ó amor! não te ser possível hoje ver-me lutar e compreender um pouco da real atividade! Então verias um verdadeiro mestre. (*Entra um soldado armado.*) A ti, bom dia. Bem vindo sejas. Mostras pelo aspecto que conheces o ofício dos guerreiros. Cedo nos levantamos para quanto dedicamos amor e, mui contentes, a tarefa iniciamos.

SOLDADO — Um milheiro de soldados, senhor, desde bem cedo, como eu, vestiram-se de ferro e aguardam à porta vossas ordens.

(*Ouvem-se exclamações. Fanfarra.*)

(*Entram capitães e soldados*)

CAPITÃO — Radiosa está a manhã. Muito bom dia, general.

TODOS — General, muito bom dia.

ANTÔNIO — Boa música, amigos. Esse dia começa com o espírito de um jovem que promete ser grande desde cedo. Assim... Dá-me isso... Bem. Muito bem dito. Senhora, adeus. Seja qual for meu dia, eis um beijo marcial. (*Beija-a.*) Fora mostrar-me passível de censura,

digno mesmo de crítica oprobriosa, por mais tempo ficar aqui sem cumprimentos baixos. Como homem de aço vou deixar-te agora. Os que quiserem ir lutar, me sigam, pois saberei guiá-los. Bem; adeus.

(*Saem Antônio, Eros, o capitão e os soldados.*)

CHARMIAN — Por favor retirai-vos para o quarto.

CLEÓPATRA — Conduze-me. Partiu galantemente. Oh! se ele e César esta grande guerra decidissem em luta corpo a corpo! Então, Antônio... Mas assim... Que seja!

(*Saem.*)

Cena 5

Alexandria. Acampamento de Antônio. Toque de trombeta. Entram Antônio e Eros; um soldado avança ao encontro de ambos.

SOLDADO — Que hoje os deuses a Antônio dêem bom dia.

ANTÔNIO — Ah! quem me dera que eu te houvesse ouvido, quando instavas, com essas cicatrizes, para eu lutar em terra!

SOLDADO — Se o tivesses feito, os monarcas que se revoltaram contra ti, e o soldado que hoje cedo te abandonou, contigo seguiriam.

ANTÔNIO — Quem fugiu hoje cedo?

SOLDADO — Quem? Pessoa muito chegada a ti. Chama Enobarbo, que ele não te ouvirá, ou então, do campo de César, te dirá: "Não sou dos teus."

ANTÔNIO — Que me dizes?

SOLDADO — Senhor, está com César.

EROS — Senhor, suas canastras e tesouros, ele deixou aqui.

ANTÔNIO — Então partiu?

SOLDADO — Nada mais certo.

ANTÔNIO — Envia-lhe, Eros, tudo, todo o tesouro. Sim, faze isso logo, é o que te digo. Escreve-lhe uma carta — assiná-la-ei — com cordiais adeuses e cumprimentos, e que faço voto para que ele jamais tenha motivo de uma vez mais vir a mudar de mestre. Oh! minha sorte infausta chegou mesmo a corromper os bons. Vai. Enobarbo!

Cena 6

Diante de Alexandria. Acampamento de César. Fanfarra. Entra César com Agripa, Enobarbo e outros.

CÉSAR — Vai, Agripa; inicia logo a luta. Meu desejo é que Antônio seja feito prisioneiro; fazei sabê-lo a todos.

AGRIPA — Perfeitamente, César. (*Sai.*)

CÉSAR — Aproxima-se a paz universal. Se o dia de hoje for venturoso, o mundo de três cantos levará livre o ramo de oliveira.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Antônio está no campo de batalha.

CÉSAR — Então ordena a Agripa que coloque todos os desertores na vanguarda, para que, de algum modo, Antônio gaste contra si mesmo a fúria.

(*Sai César com seu séqüito.*)

ENOBARBO — Alexas desertou; indo à Judéia a negócios de Antônio, o grande Herode persuadiu a passar-se para César, abandonando seu senhor Antônio. Como prêmio, enforcá-lo mandou César. Canídio e os mais que a Antônio abandonaram, têm tratamento, mas não muito honroso. Procedi muito mal e disso mesmo de tal modo me acuso, que impossível me será readquirir minha alegria.

(*Entra um soldado de César.*)

SOLDADO — Enobarbo, mandou-te, Antônio toda tua riqueza, com mais outras dádivas generosas. O portador achou-me no meu posto de guarda; neste instante em tua tenda descarrega as mulas.

ENOBARBO — Podes ficar com tudo.

SOLDADO — Estás pensando que é pilhéria, Enobarbo? Falo sério. Farias bem em escoltar teu hóspede até fora do campo, que eu preciso cuidar da obrigação. Se não fora isso, eu próprio o acompanhara. Continua sendo um Júpiter vosso imperador. (*Sai.*)

ENOBARBO — Sou o único vilão de toda a terra, e sinto-o fundamente. Ó Antônio! Antônio! tesouro inesgotável de favores! Como não pagarias meus serviços, se coroas com ouro a vilania? Partem-me o coração tantos abalos. Se o remorso veloz não o arrebenta. há de haver meio mais veloz do que ele. Mas é certeza: só o remorso basta. Eu, lutar contra ti? De forma

alguma. Hei de achar uma fossa onde enterrar-me; a mais imunda é a que convém a última parte de minha vida. (*Sai.*)

Cena 7

Campo de batalha entre os dois acampamentos. Fanfarra. Tambores e trombetas. Entram Agripa e outros.

AGRIPA — Convém recuar, pois avançamos muito. O próprio César vê-se assoberbado. Vai muito além de nossa expectativa a pressão que eles fazem.

(*Saem.*)

(*Alarma. Entram Antônio e Escaro, ferido.*)

ESCARO — Oh bravo imperador! Isto, realmente, é que é saber lutar! Se nós tivéssemos feito assim desde o início, enxotaríamos todos eles com a testa amarrotada.

ANTÔNIO — Estás sangrando muito.

ESCARO — Esta ferida tinha a forma de um T; mas, acrescida de outra, virou H.

ANTÔNIO — Eles recuam.

ESCARO — Havemos de batê-los, até mesmo no interior das privadas. Ainda tenho lugar para levar mais seis gilvazes.

(*Entra Eros.*)

EROS — Vencemo-los, senhor; nossa vantagem vale por uma esplêndida vitória.

ESCARO — Risquemo-lhes as costas e agarremo-los como se faz com as lebres: pelo dorso. É desporto malhar um fugitivo

ANTÔNIO — Hei de pegar-te o gênio sempre alegre e premiar-lhe dez vezes a bravura. Acompanhai-me.

ESCARO — Irei; embora aos pulos.

(*Saem.*)

Cena 8

Junto aos muros de Alexandria. Fanfarra. Entra Antônio, em marcha militar, seguido de Escaro e de soldados.

ANTÔNIO — Forçamo-lo a acolher-se ao próprio campo. Vá alguém na frente para nossos feitos anunciar à rainha. Amanhã cedo, antes de o sol nos ver, derramaremos o sangue que deixou de correr hoje. A todos agradeço. Valorosos vos mostrardes, lutando não apenas como se a causa de outrem defendêsseis, mas cada um, tal como eu, a causa própria. Outros tantos Heitores parecíeis. Entrai um pouco na cidade, vossas esposas abraçai, vossos amigos. Contai-lhes vossos feitos. Ledas lágrimas vos limparão de coágulos as chagas, beijos farão sarar os nobres talhos. (*A Escaro.*) Dá-me a mão. (*Entra Cleópatra, com séqüito.*) A esta fada extraordinária recomendo teus feitos. Recompensem-te seus agradecimentos. Luz do mundo, em teus braços aperta-me o pescoço. Salta-me ao coração com todos esses adornos, através desta couraça, e lá te embala no pular glorioso.

CLEÓPATRA — Rei dos reis, heroísmo sem limites, sorridente escapaste da cilada gigantesca do mundo?

ANTÔNIO — Meu querido rouxinol, para a cama os expulsamos. Então, menina, embora uns fios brancos já se mostrem no meio dos castanhos, cérebro temos que alimenta os nervos e com os moços disputa a primazia. Contempla este guerreiro; aos lábios dele concede tua mão. Beija-a, meu bravo. Hoje ele combateu como se um deus, por ódio à humanidade, lhe tivesse tomado a forma para dizimá-los.

CLEÓPATRA — Vou dar-te, amigo, uma armadura de ouro; pertenceu a um monarca.

ANTÔNIO — Ele a merece, embora de rubis fosse ela cheia, como o sagrado carro do alto Febo. Dá-le tua mão; faze uma bela marcha por toda Alexandria, carregando nossos escudos de tão grandes brechas, como seus próprios donos. Se pudesse nosso grande palácio abrigar todos os seus soldados, juntos cearíamos e brinde levantaríamos ao dia de amanhã, que perigo régio apresta. Trombeteiros, com vosso som metálico ensurdecei o ouvido da cidade, de mistura com o rufo dos tambores, para que o céu e a terra soem juntos e nossa marcha aplaudam.

(*Saem.*)

Cena 9

Acampamento de César. Sentinelas a postos.

PRIMEIRO SOLDADO — Dentro de uma hora, se não nos renderem, será preciso que nos recolhamos para o corpo da guarda. Há claridade; às duas horas da manhã, disseram, será iniciada a pugna.

SEGUNDO SOLDADO — O dia de ontem foi para nós terrível.

(*Entra Enobarbo.*)

ENOBARBO — Noite, serve-me de testemunha!

TERCEIRO SOLDADO — Quem será esse homem?

SEGUNDO SOLDADO — Ficai perto e escutai.

ENOBARBO — Ó lua santa, quando em futuro forem relembrados com memória odiosa os desertores, testemunha me sejas de que em tua face o pobre Enobarbo se arrepende.

PRIMEIRO SOLDADO — Enobarbo!

TERCEIRO SOLDADO — Silêncio! Ouçamos mais.

ENOBARBO — Ó grande soberana das tristezas verdadeiras, em mim despeja todos os vapores pestíferos da noite, porque a vida, já agora divorciada de meu querer, em mim não mais se prenda. Joga meu coração de encontro à rocha e à dureza de minha grande falta, que, ressecado estando de tristeza, vai transformar-se em pó, dando remate, desta arte, aos pensamentos vergonhosos. Ó Antônio — mais nobre és do que vilíssima foi minha deserção — possas em tua alma perdoar o que te fiz e, após, que o mundo me inscreva em seu registo como trânsfuga e ingrato ao próprio dono. Oh Antônio, Antônio! (*Morre.*)

SEGUNDO SOLDADO — Vamos falar-lhe.

PRIMEIRO SOLDADO — Não; fiquemos quietos. A César pode interessar tudo isso.

TERCEIRO SOLDADO — Bem; que seja. Parece estar dormindo.

PRIMEIRO SOLDADO — Ou melhor, desmaiou, pois ninguém reza dessa maneira, quando vai deitar-se.

SEGUNDO SOLDADO — Vamos chamá-lo.

TERCEIRO SOLDADO — Olá, senhor, falai-nos! Meu senhor, acordai!

SEGUNDO SOLDADO — Estais ouvindo?

PRIMEIRO SOLDADO — A mão da morte já baixou sobre ele. (*Tambor ao longe.*) Ouvi! O rufo dos tambores deixa despertos os que dormem. Tranportemo-lo para o corpo da guarda. É gente fina. Já passou nosso quarto.

TERCEIRO SOLDADO — Vamos, ainda pode voltar a si.

(*Saem carregando o corpo.*)

Cena 10

Planície entre os dois acampamentos. Entram Antônio e Escaro, com forças, em marcha.

ANTÔNIO — Hoje os preparativos deles visam a um combate no mar; não lhes deixamos boa impressão em terra.

ESCARO — Visam a ambos, meu senhor.

ANTÔNIO — Desejara que quisessem brigar no ar e no fogo que eu iria batê-los até lá. Mais eis o ponto: a Infantaria ficará conosco na colina mais perto da cidade. Para o mar já dei ordens. Os navios o porto abandonaram, colocando-se onde melhor possamos observá-los e ver como manobram.

(*Saem.*)

(*Entra César com suas forças, em marcha.*)

CÉSAR — Se não nos atacarem, ficaremos quietos em terra, que é como pensamos que vai acontecer, pois as galeras ele equipou com seus melhores homens. Desçamos para o vale. Sede atento para quanto nos possa dar vantagem.

(*Saem.*)

(*Voltam Antônio e Escaro.*)

ANTÔNIO — Ainda não se chocaram. De onde aquele pinheiro se alça poderei ver tudo. Logo virei contar-te o que acontece. (*Sai.*)

ESCARO — Nas antenas de Cleópatra construíram ninhos as andorinhas. Consultados, os áugures respondem que não sabem, que não podem falar, fazem carranca, não se atrevendo a revelar-nos nada. Antônio ora é valente, ora abatido, com sobressaltos, sua sorte inquieta lhe infunde medo ou o deixa reanimado, conforme considere o que já obteve ou o que falta alcançar.

(*Barulho ao longe, como de batalha naval.*)

(*Volta Antônio.*)

ANTÔNIO — Perdido tudo! Traiu-me a Egípcia infame; minha esquadra se passou para o imigo; os marinheiros jogam para o ar os gorros e, formando grupos ali, alegremente bebem como amigos há muito separados. Três vezes prostituta! fui vendido por ti a esse noviço. A ti, somente, meu coração faz guerra. Dize a todos que fujam, pois quando eu puder vingar-me da feiticeira, terei feito tudo. Dize a todos que fujam. Vai depressa. (*Sai Escaro.*) Ó sol! não mais verei teu nascimento. Antônio e sua sorte aqui se apartam; as mãos nos apertamos neste ponto.

Chegaremos a isto? Os corações que vinham rastejar a meus pés, como sabujos, aos quais eu sempre fiz todos os gostos, agora se dispersam, derramando sobre o flórido César seus perfumes. E fendido se encontra este pinheiro que a todos abrigava. Fui traído. O coração enganador do Egito, fatal feitiço cujos olhos sempre me armavam para a guerra ou me faziam dela sair, em cujo peito eu tinha minha coroa, a meta da existência! tal como uma cigana, em enganaste de todo jeito e me lançaste ao próprio coração da desgraça! Eros! Eros! (*Entra Cleópatra.*) Para trás, malefício!

CLEÓPATRA — Por que se acha com seu amor o meu senhor zangado?

ANTÔNIO — Some de minha vista; do contrário, dar-te-ei o que mereces, estragando o triunfo, assim, de César. Que te pegue, que te exponha aos apupos da canalha! Vai atrás de seu carro, como a grande mancha de todo o sexo. Por um óbolo, pela menor entrada serás vista como um dos monstros mais característicos; e que com suas unhas bem afiadas a meiga Otávia te lacere o rosto. (*Sai Cleópatra.*) Fizeste bem fugindo, se se pode dizer assim, por continuares viva. Fora melhor que presa ora te visses de minha fúria, que tua morte, apenas, prevenira muitas. Eros! Eros! A camisa de Nessus me comprime. Alcides, meu antepassado, ensina-me tua cólera! Deixa que nos cornos da lua eu ponha Licas, e com esta mesma mão que brandiu a dava ingente a melhor parte de mim próprio extinga. Que morra a feiticeira! Ela vendeu-me para o jovem romano; caio vítima da conjura dos dois. Morra por isso. Eros, olá! (*Sai.*)

Cena 11

Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Mardian.

CLEÓPATRA — Auxiliai-me, querida. Ele se acha mais louco do que o próprio Telamônio, quando perdeu o escudo. O javali da Tessália jamais ficou tão bravo.

CHARMIAN — No mausoléu fechai-vos e mandai-lhe dizer que já morrestes. A alma e o corpo não lutam com mais força ao se apartarem, como a grandeza, quando vai embora.

CLEÓPATRA — Sim, para o túmulo. Vai, Mardian; dize-lhe que eu me matei. Deves também contar-lhe que, ao expirar, minha última palavra foi "Antônio". Mas, por favor, exprime-te com bastante ênfase. Vai, Mardian, logo, e vem contar-me de que modo a nova recebeu dessa morte. Para o túmulo!

(*Saem.*)

Cena 12

O mesmo. Outro quarto. Entram Antônio e Eros.

ANTÔNIO — Eros, ainda me vês?

EROS — Sim, nobre chefe.

ANTÔNIO — Às vezes contemplamos uma nuvem que parece dragão; às vezes forma toma o vapor de leão ou feroz urso, de cidade com torres, pedra ingente de promontório azul coroado de árvores, que oscila sobre o mundo, e nossa vista deixa atemorizada sem motivo. Sinais como esses já tens visto muitos; são fantasmas das tardes enubladas.

EROS — Sim, meu senhor, já vi.

ANTÔNIO — O que um ginete parecia transformar-se, no instante de refletires, e desaparece como água na própria água.

EROS — Justamente.

ANTÔNIO — Eros, bravo menino, um corpo desses agora é o teu senhor. Ainda Antônio sou neste instante, mas durar não pode muito tempo esta forma que aparece. Fiz as guerras do Egito. Mas Cleópatra, no entanto — cujo coração meu era, pois o meu era dela, e em todo o tempo que foi meu anexava muitos outros, um milhão mais... todos perdidos todos — ela, Eros, como disse, jogou cartas com César e roubou minha alta glória, para triunfar do imigo. Não, não chores, meu gentil Eros, pois nos resta ainda darmos fim a nós próprios. (*Entra Mardian.*) Tua vil ama me roubou a espada!

MARDIAN — Não, Antônio; minha ama te adorava e a sorte dela entrelaçou com a tua.

ANTÔNIO — Fora daqui, eunuco imundo! Fora! Ela traiu-me e vai morrer por isso.

MARDIAN — Ninguém duas vezes paga à morte a dívida. A dela já está paga. O que querias fazer foi feito perto de ti mesmo Sua última palavra foi "Antônio! meu muito nobre Antônio!" um lacerante gemido em dois partiu de Antônio o nome, que ficou dividido entre seus lábios e o coração. Assim perdeu a vida, sepultando teu nome nela própria.

ANTÔNIO — Então, morreu?

MARDIAN — Morreu.

ANTÔNIO — Eros, desarma-me. A tarefa do dia está concluída, precisamos dormir. (*A Mardian.*) Parte com vida; paga-te isso o trabalho ricamente. (*Sai Mardian.*) Arranca-me tudo isto. Nem o escudo de Ajaz, de sete folhas, poderia conter os batimentos com que ao peito me

ataca o coração. flancos, abri-vos! Coração, uma vez somente mostra-te mais poderoso do que teu invólucro, arrebentando tua frágil caixa. Depressa, Eros, depressa! O combatente já se extinguiu. Ide, pedaços soltos; fostes usados com alguma honra. Eros, deixa-me só por uns momentos. (*Sai Eros.*) Vou alcançar-te, Cleópatra, e, com lágrimas, obter o meu perdão. Tem de ser isso; qualquer tardança, agora, é sofrimento. Extinta a tocha, deita-te, deixando de andar por descaminhos. Todo esforço, de agora em diante estragaria a obra. Até o próprio vigor se embaraçara na resistência própria. Põe o selo, e tudo está acabado. Eros, atende-me! — Já vou, minha rainha! — Eros, escuta-me! Onde as almas repousam sobre flores, mão com mão nós iremos, e os espectros deixaremos atônitos com nossa postura apaixonada. Sem cortejo vai ficar Dido e seu querido Enéías, correndo todos para nós. Vem, Eros!

(*Volta Eros.*)

EROS — Que deseja meu amo?

ANTÔNIO — Desde a morte de Cleópatra tão baixa é a minha vida que somente asco tem causado aos deuses. Eu que com a espada o mundo retalhava e construída cidades de navios no glauco dorso de Netuno, agora me maldigo por ver que sou mais fraco que uma mulher e por não ter o espírito nobre daquela que por sua morte ao nosso César disse: "De mim própria fui a conquistadora." Prometeste-me, Eros, que quando fosse necessário — o que acontece justamente agora — e nas costas eu visse a inevitável perseguição do horror e da desgraça, a um sinal meu a vida me tiraras. Faze isso. Chegou a hora. Não me feres, assim fazendo; a César é que frustras. Põe um pouco de cor nessas bochechas.

EROS — Os deuses que me amparem! Poderia fazer o que jamais as flechas partas, apesar de inimigas, conseguiram, falhando todas o alvo?

ANTÔNIO — Eros, querias de uma janela da grandiosa Roma ver teu amo de braços amarrados, o submisso pescoço assim dobrado, a fronte baixa ante a vergonha imensa, enquanto roda à frente dele o carro do venturoso César, mais relevo dando com isso à sua humilhação?

EROS — Não desejara vê-lo.

ANTÔNIO — Então vem logo; um golpe, só, me vai deixar curado. Saca essa honesta espada, que serviços tão valiosos já tem prestado à pátria.

EROS — Oh! poupai-me, senhor!

ANTÔNIO — Ao libertar-te, não me juraste que farias isso no instante em que o pedisse? Então sê pronto, para que teus serviços não pareçam frutos do acaso, apenas, sem propósito. Saca da espada e vem.

EROS — Bem; nesse caso virai para o outro lado o nobre aspecto, em que o respeito está do mundo todo.

ANTÔNIO (*virando-se*) — Vem logo, então.

EROS — Já estou de espada em punho.

ANTÔNIO — Usa-a depressa para o que a tiraste.

EROS — Meu caro mestre, capitão querido, meu caro imperador, deixai que eu diga, antes de dar esse sangüíneo golpe, deixai que eu diga adeus.

ANTÔNIO — Pois, não, amigo; adeus.

EROS — Adeus, meu chefe. Posso ferir agora?

ANTÔNIO — Podes, Eros.

EROS — Então, que seja. Assim fujo à tristeza de lastimar Antônio. (*Mata-se.*)

ANTÔNIO — Oh! três vezes mais nobre do que eu mesmo. Meu valente Eros, mostra-me o que eu próprio, não tu, fazer devia. O gesto altivo de Eros e da rainha me fizeram despertar a nobreza. Mas desejo ser o noivo da morte e dirigir-me para ela como para o leito amado. Que venha, então. E assim, Eros, teu amo deixará a vida como teu discípulo. A fazer isto me ensinaste. (*Deixa-se cair sobre a espada.*) Como! Não morri? Não morri? Olá! A guarda! Oh! Acabai de vez com minha vida.

(*Entram Dercetas e Guardas.*)

PRIMEIRO GUARDA — Quem faz esse barulho?

ANTÔNIO — Ó meus amigos, fiz mal o meu trabalho. Dai remate a quanto principiei.

SEGUNDO GUARDA — Baixou a estrela.

PRIMEIRO GUARDA — E chega ao fim o tempo.

TODOS — Oh! que desgraça!

ANTÔNIO — Quem me amar, venha dar-me o mortal golpe.

PRIMEIRO GUARDA — Eu, não.

SEGUNDO GUARDA — Nem eu.

TERCEIRO GUARDA — Nenhum de nós, por certo.

(*Saem os guardas.*)

DERCETAS — Tua morte e os desastres afugentam teus seguidores. Basta que esta espada leve eu a César e lhe dê a nova, para por ele ser bem recebido.

(*Entra Diomedes.*)

DIOMEDES — Onde está Antônio?

DERCETAS — Aqui, aqui, Diomedes.

DIOMEDES — Está com vida? Não respondes, homem?

(*Sai Dercetas.*)

ANTÔNIO — Estais aí, Diomedes? Tira a espada e vem ferir-me até chegar a morte.

DIOMEDES — Alto senhor, aqui mandou-me Cleópatra.

ANTÔNIO — Quando foi isso?

DIOMEDES — Agora, meu senhor.

ANTÔNIO — Onde ela está?

DIOMEDES — Fechou-se no sepulcro. Tomada viu-se de um pressentimento angustioso do que podia dar-se. Pois ao certificar-se — o que impossível será que se confirme — de que tínheis suspeita de ter ela combinado qualquer coisa com César — e incurável era vosso furor — mandou dizer-vos que se havia matado. Mas, receando as conseqüências da notícia, logo me enviou para dizer-vos a verdade. Mas temo ter chegado muito tarde.

ANTÔNIO — Sim, bondoso Diomedes, muito tarde. Por favor, chama a guarda.

DIOMEDES — Olá! a guarda do Imperador! A guarda! vinde logo; o senhor é que chama!

(*Entram quatro ou cinco homens, da guarda de Antônio.*)

ANTÔNIO — Bons amigos, levai-me para onde está Cleópatra. É o último serviço que vos peço.

PRIMEIRO GUARDA — Que desgraça, senhor, não terdes vida para a nós todos até o fim dar ordens.

TODOS — Que dia carregado!

ANTÔNIO — Bons amigos, não deixeis que o destino amargo ria de vossas dores. Deve ser bem-vindo o que venha punir-vos; e punamo-lo, por nosso lado, recebendo-o alegres. Levantai-me. Já vos guiei bastante; agora me arrastai, caros amigos. Por tudo, agradecido.

(*Saem, levando Antônio.*)

Cena 13

O mesmo. Um túmulo. Em cima entra Cleópatra com seu séqüito, Charmian e Iras.

CLEÓPATRA — Oh Charmian! Nunca mais sairei daqui.

CHARMIAN — Consolai-vos, embora.

CLEÓPATRA — Não, não quero. Será bem-vindo quanto for terrível e extraordinário. Desprezamos toda palavra de consolo. Nossa forma de tristeza, medida por sua causa, terá de ser proporcionada sempre com o que a fez nascer. (*Entra, em baixo, Diomedes.*) Então! Morreu?

DIOMEDES — Paira sobre ele a morte, mas ainda não está morto. Olhai para o outro lado do vosso monumento; os guardas dele o trazem para aqui.

(*Entra, em baixo, Antônio, carregado pelos guardas.*)

CLEÓPATRA — Ó sol, abrasa a grande esfera em que te moves, deixa sem luz a estrela deste mundo vário! Oh Antônio, Antônio, Antônio! Acode, Charmian! Iras, acode! Amigos aí de baixo, ajudai a trazê-lo para cima.

ANTÔNIO — Silêncio! Não foi César e sua força que derrubou Antônio, mas Antônio de si próprio triunfou.

CLEÓPATRA — Assim devia, realmente, acontecer. Somente Antônio conquistaria Antônio. Mas é lástima que tal se desse.

ANTÔNIO — Morro, Egito; morro. Só por um pouco aqui detenho a morte, até que eu possa, de um milhão de beijos, dar-te nos lábios o último, o mais pobre.

CLEÓPATRA — A descer não me atrevo, meu querido — Oh meu senhor, perdão! — Não, não me atrevo, com medo de ser presa. No cortejo do sobremodo afortunado César jamais virei a ser qualquer enfeite. Se as facas, as serpentes e os venenos tiverem corte, acóleo ou eleito certo, salva estarei. Vossa consorte Otávia, com seu gesto tranqüilo e olhos modestos não vai enaltecer-se, contemplando-me e torcendo o nariz. Mas vem, Antônio! Mulheres, ajudai-me! Precisamos pô-lo aqui em cima. Vinde, bons amigos.

ANTÔNIO — Depressa, se não morro.

CLEÓPATRA — Que exercício! Como pesais, senhor! A nossa força mudou-se em pesadume, contribuindo para aumentar o peso. Se eu tivesse todo o poder da majestosa Juno, a resistência de Mercúrio alado, iria levantar-te, colocando-te lado a lado de Jove. Vem um pouco. Quem faz votos é tola. Vem, vem, vem! (*Colocam Antônio no alto, ao lado de*

Cleópatra.) Sê bem-vindo, bem-vindo. Vem o espírito exalar justamente onde viveste. Reanima-te com beijos; se meus lábios tivessem tal poder, eu os gastara.

TODOS — Oh! que triste espetáculo!

ANTÔNIO — Estou morrendo, Egito; estou morrendo. Dá-me um pouco de vinho, porque possa falar ainda um pouco.

CLEÓPATRA — Não, eu falo; e em voz tão alta farei minhas queixas, que a senhora Fortuna, sempre falsa, a roda quebrará, de enraivecida, pelo que lhe disser.

ANTÔNIO — Uma palavra, doce rainha: segurança e honra procura junto a César.

CLEÓPATRA — Nunca juntas andam as duas.

ANTÔNIO — Ouve-me, querida: dos que circundam César, não confies senão em Proculejo.

CLEÓPATRA — Só confio nas minhas mãos, no brio muito próprio; em ninguém junto a César.

ANTÔNIO — Não choreis a mudança lastimosa que em meu fim se observou; não seja causa de vos entristecerdes; mas de minha sorte anterior alimentai o espírito, quando eu era o maior senhor do mundo, o de maior nobreza, que nesta hora não morre baixamente. Não com medo ao meu patrício entrego o capacete; por um romano foi heroicamente dominado um romano. Meu espírito já me abandona. Mais, não me é possível.

CLEÓPATRA — Oh! Vais morrer, criatura nobilíssima? De mim não fazes caso? É então preciso que eu permaneça neste mundo estúpido que, privado de ti, valerá tanto como simples cocheira? Oh! vede, vede, mulheres, o que passa. (*Antônio morre.*) Derreteu-se a coroa da terra. Meu Senhor! Murcha a grinalda dos combates se acha; o estandarte caiu. No mesmo nível dos homens estão moços e meninas; planificou-se tudo, não ficando na terra nada mais que se destaque nas visitas da lua. (*Desmaia.*)

CHARMIAN — Calma, calma, minha senhora.

IRAS — Nossa soberana também morreu.

CHARMIAN — Senhora!

IRAS — Olá, princesa!

CHARMIAN — Oh princesa! princesa!

IRAS — Real Egito! Imperatriz!

CHARMIAN — Calma, Iras; fica quieta.

CLEÓPATRA — Agora sou uma mulher apenas, por paixões dominadas, como criada do estábulo, ocupada em vis misteres. Jogar agora me cumpria o cetro nos deuses maliciosos e dizer-lhes que nosso mundo igual ao deles era enquanto eles privado não nos tinham de nossa jóia rara. Tudo é nada. A paciência é estúpida; a impaciência só fica bem para um cachorro louco. Será crime correr para a secreta casa da morte sem chamados sermos? Mulheres, que

fazeis? Vamos? Coragem! Charmian, que é isso? Nobres raparigas... Ah! meninas, meninas! Vede: nossa lâmpada se apagou; estava exausta. Coragem, bons amigos. Vamos logo cuidar da morte dele. Após, nos resta fazer o que for nobre e muito ousado, segundo a moda altíssima de Roma, porque de nós possa orgulhar-se a morte. Vamos embora. Já está frio o invólucro deste espírito nobre. Ó minhas caras, vamos embora, vamos! Só nos resta, depois disto, um auxílio sempre à mão: um fim rápido e pronta decisão.

(*Saem carregando o corpo de Antônio.*)

Ato 5

Cena 1

Alexandria Acampamento de César. Entram César. Agripa, Dolabela, Mecenas, Galo, Proculeio e outros.

CÉSAR — Vai Dolabela, procurá-lo; intima-o a que se renda e dize-lhe que, estando tão por baixo, só faz tornar-se objeto de mofa, por perder todo esse tempo.

DOLABELA — César, assim farei. (*Sai.*)

(*Entra Dercetas com a espada de Antônio.*)

CÉSAR — Que significa tal coisa, e quem és tu para atreveres-te a aparecer assim em nossa frente?

DERCETAS — Sou chamado Dercetas; no serviço de Marco Antônio estive, o homem mais digno de ser mais bem servido. Enquanto esteve de pé e ordens me dava, foi meu amo, fazendo eu uso, só, de minha vida contra seus inimigos. Se quiseres receber-me tal como eu fui para ele, assim servirei César; do contrário, te entrego minha vida.

CÉSAR — Que disseste?

DERCETAS — Digo, César, que Antônio já está morto.

CÉSAR — A queda de uma coisa desse porte deveria fazer maior barulho. Em todo o mundo os leões correr deviam para o meio das ruas, procurando suas covas os homens da cidade. O trespasse de Antônio não é um caso particular, pois esse nome abrange metade do universo.

DERCETAS — Já está morto, César; não pelo braço da justiça pública, nem por ferro assalariado. A própria mão que em feitos altanados escreveu sua glória, com a coragem que o coração lhe dava, lacerado lhe deixou o coração. Eis sua espada que eu roubei de seu golpe; podes vê-la manchada com seu sangue muito nobre.

CÉSAR — Amigos, ficais tristes? Tal notícia — embora os deuses possam castigar-me — até os olhos dos reis deixa molhados.

AGRIPA — É estranho que nos force a natureza a chorar o que mais obter queríamos.

MECENAS — Seus defeitos e méritos se achavam em perfeito equilíbrio.

AGRIPA — Nunca espírito mais raro dirigiu a raça humana; mas com faltas, ó deuses! nos fizestes, a fim de que pudéssemos ser homens. César está abalado.

MECENAS — Quando põem diante dele um espelho desse porte, forçoso é que se mire.

CÉSAR — Ó Antônio! Antônio! para isso te segui? Mas lancetamos certas doenças do corpo. Inevitável era mostrar-te um dia de declínio, ou contemplar o teu. Juntos não fora possível que coubéssemos no mundo. Mas quero lastimar com estas lágrimas tão soberanas como o próprio sangue do coração, que, meu irmão, meu êmulo no alto de toda empresa, igual no mando, amigo e companheiro nas batalhas, o braço deste corpo e o coração em que meu pensamento se aquecia, os nossos astros irreconciliáveis nos hajam dividido, embora fôssemos tão iguais. Bons amigos, escutai-me. (*Entra um egípcio.*) Não; depois voltaremos a esse ponto. Nas feições a mensagem traz este homem. Ouçamo-la. Da parte de quem vens?

EGÍPCIO — Uma pobre mulher egípcia, a minha senhora e soberana, confinada a tudo que ora é dela — o próprio túmulo — deseja conhecer os teus projetos, porque enveredar possa pela estrada a que seguir a forçam.

CÉSAR — Tranqüiliza-a. Por um de nós, dentro de pouco tempo, vai ter conhecimento da maneira carinhosa por que será tratada, pois César descortês não será nunca.

EGÍPCIO — Que os deuses te conservem. (*Sai.*)

CÉSAR — Proculeio, vem cá. Vai já dizer-lhe que não receie humilhação nenhuma. Dá-lhe o conforto que exigir o gênero de sua dor, porque ela, em seu orgulho, por um golpe mortal não nos escape, pois com sua vida, em Roma, deixaremos eterno nosso triunfo. Vai e traze-nos o mais rapidamente que puderes notícia do que quer que ela houver dito e de como a tiveres encontrado.

PROCULEIO — César, assim farei. (*Sai.*)

CÉSAR — Galo, acompanha-o. (*Sai Galo.*) Onde está Dolabela? Que acompanhe Proculeio, também.

AGRIPA e MECENAS — Oh Dolabela!

CÉSAR — Não, deixai-o; pois me recordo agora que o incumbi de um recado. Virá logo. Vamos à minha tenda. Heis de ver nela como entrei nesta guerra a contragosto, como revelo gentileza e calma nos meus escritos. Vinde, vinde, para verdes as provas do que digo.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. O túmulo. Entram, em cima, Cleópatra, Charmian e Iras.

CLEÓPATRA — O próprio desespero me inicia numa vida melhor. É pouca coisa ser tão-somente César. Ele julga-se a Fortuna, mas é o seu lacaio, subserviente a seus gestos. É grandioso realizar o que a tudo põe remate, no caso põe grilhões, tranca as mudanças, faz dormir, sem jamais provar da lama de que o mendigo e César se alimentam.

(*Entram, em baixa, Proculeio, Galo e soldados.*)

PROCULEIO — À rainha do Egito envia César muitos saudares e te pede veres que pedido razoável ele pode satisfazer-te agora.

CLEÓPATRA — Qual teu nome?

PROCULEIO — Chamo-me Proculeio.

CLEÓPATRA — Já me tinha de vós falado Antônio, aconselhando-me a ter confiança em vós. Mas não se importa de poder ser burlada quem proveito nenhum tirar deseja da confiança. Se quer vosso amo que como mendiga lhe fale uma rainha, declarai-lhe que a majestade, para ser coerente, não pode menos de pedir-lhe um reino. Se ele quiser dar a meu filho o Egito conquistado, ter-me-á, assim, dado tanto do que é meu mesmo, que hei de, agradecida, ajoelhar-me a seus pés.

PROCULEIO — Ficai tranqüila. Nada temais; estais na mão de um príncipe. Ao meu senhor vos entregai confiante, pois sua graça é tanta que se estende a todos os que dela necessitam. Permiti que lhe conte o modo brando por que vos submeteis, e vereis que ele, qual vencedor, prefere a complacência, sempre que apelo é feito à sua graça.

CLEÓPATRA — Comunicai-lhe, por favor, que serva sou de sua fortuna, e que lhe envio a grandeza por ele conquistada. A cada hora que passa, aprendo as regras da obediência e, de grado, neste instante de frente o contemplara.

PROCULEIO — Excelsa dama, vou dizer-lhe isso mesmo. Ficai calma, pois sei que vossa condição comove quem foi seu causador.

GALO — Bem vedes como é fácil surpreendê-la. (*Proculeio e dois guardas sobem para o monumento por uma escada, por trás de Cleópatra. Outros guardas tiram as trancas dos portões, patenteando o compartimento inferior do monumento.*) Guardai-a bem, até que César chegue. (*Sai.*)

IRAS — Real rainha!

CHARMIAN — Cleópatra, princesa, estás presa!

CLEÓPATRA — Depressa, mãos bondosas! (*Saca de um punhal.*)

PROCULEIO — Parai, parai, dígna senhora! Calma! (*Segura-a e desarma-a.*) Não façais a vós própria essa injustiça. Amparada aqui fostes, não traída.

CLEÓPATRA — Até mesmo da morte que liberta da peste nossos cães?

PROCULEIO — Cleópatra, sede prudente, não deixando assim frustrada a generosidade de meu amo, com vos fazerdes ora essa violência. Possa o mundo admirar sua nobreza, que, com vosso trespasse, ficaria para sempre abafada.

CLEÓPATRA — Onde estás, morte? Vem aqui; vem depressa apoderar-te de uma rainha que, por certo, vale bem um monte de crianças e mendigos.

PROCULEIO — Moderação, senhora.

CLEÓPATRA — De ora em diante não comerei, senhor, nem beberei. E se preciso for falar à toa, não dormirei também. Em ruínas hei de deixar a mortal casa. Faça César o que puder. Ficai, senhor, sabendo que amarrada jamais hei de deixar-me mostrar na corte de vosso alto mestre, nem castigada pelo olhar tranqüilo daquela Otávia estúpida. Teria de ser içada e, assim, ficar exposta à gritante ralé da altiva Roma? Antes achar amena sepultura numa vala do Egito; antes na lama do Nilo me postai, de todo nua, para que em monstro as moscas me transformem; antes forca fazerem das pirâmides altas de minha terra, para delas ficar dependurada por cadeias.

PROCULEIO — Expandis mais os pensamentos tétricos do que podeis razão achar em César.

(*Entra Dolabela.*)

DOLABELA — César, teu amo, sabe, Proculeio, tudo quanto tens feito. Mandou ordem para que retornasses. Quanto à rainha, fica sob minha guarda.

PROCULEIO — Assim me agrada, Dolabela, com ela sê bondoso. (*A Cleópatra.*) Direi a César o que desejardes, se de mim vos servirdes.

CLEÓPATRA — Pois dizei-lhe que desejo morrer.

(*Saem Proculeio e os soldados.*)

DOLABELA — Nobre rainha, certamente de mim falar já ouviste?

CLEÓPATRA — Não poderei dizer-te.

DOLABELA — Certamente me conheceis.

CLEÓPATRA — Ora, senhor, que importa quanto eu já tenha ouvido ou conhecido? Certamente achais graça quando as crianças ou as mulheres vos falam de seus sonhos. É essa vossa pilhéria?

DOLABELA — Não compreendo minha senhora.

CLEÓPATRA — Sim, sonhei que havia um rei por nome Antônio. Ah! se eu pudesse mais uma vez dormir para, de novo, ver um homem como ele!

DOLABELA — Se quiserdes...

CLEÓPATRA — Como o céu tinha o rosto; nele havia sol e lua, que o giro perfaziam e a terra iluminavam, este zero pequenino.

DOLABELA — Criatura soberana...

CLEÓPATRA — Abarcava com as pernas o oceano; seu braço, levantado, de cimeira servia para o mundo. A voz tinha ele como a harmonia das esferas, sempre que aos amigos falava; mas querendo fazer tremer o mundo ou amedrontá-lo, era um trovão atroante. Para sua munificência não havia inverno; era um constante outono, que aumentava a cada novo corte. Seus deleites eram como o golfinho: o dorso sempre deixavam ver por sobre as próprias ondas. Coroas e diademas apertavam-se em seu séqüito, remos e ilhas eram quais moedas que do bolso lhe caíssem.

DOLABELA — Cleópatra...

CLEÓPATRA — Imaginais que pode haver um homem, que houve algum homem como o do meu sonho?

DOLABELA — Gentil senhora, não.

CLEÓPATRA — Mentis, por tudo quanto os deuses ouvem. Porém que tenha havido ou existir possa uma pessoa assim, é o que ultrapassa, de muito, qualquer sonho. À natureza falta matéria para concorrência fazer à fantasia. Mas o fato de um Antônio haver criado, é o maior golpe da natureza contra a fantasia, que o descrédito lança em seus produtos.

DOLABELA — Boa senhora, ouvi-me. Vossa perda, tal, como vós, é grande, sendo certo que acarretais com todo o peso dela. Que nunca realizado eu ver consiga nenhum anseio antigo; na ruína do vosso eu sinto uma tristeza imensa, que o coração me fere no mais íntimo.

CLEÓPATRA — Obrigada, senhor. Sabeis, acaso, o que César de mim fazer pretende?

DOLABELA — Desejaria que soubésseis quanto me repugna dizer-vos.

CLEÓPATRA — Por obséquio...

DOLABELA — Embora seja generoso...

CLEÓPATRA — Pensa em me levar no triunfo?

DOLABELA — Sim, senhora; tenho certeza disso.

(*Vozes, dentro: "Abri caminho! Abri caminho! César!"*)

(*Entram César, Galo, Proculeio, Mecenas, Seleuco e criados.*)

CÉSAR — A rainha do Egito está presente?

DOLABELA — Senhora, é o imperador.

(*Cleópatra se ajoelha.*)

CÉSAR — Não; levantai-vos, levantai-vos, Egito, por obséquio.

CLEÓPATRA — Senhor, os deuses querem desse modo; submissa ao meu senhor sou totalmente.

CÉSAR — Abandonai os pensamentos tristes. Muito embora o relato das ofensas que nos fizestes tenha sido escrito em nossa carne, delas nos lembramos como de fatos casuais, apenas.

CLEÓPATRA — Único árbitro do mundo, não consigo definir minha causa de maneira que vos pareça clara; mas confesso que sobre mim pesavam muitas faltas que sempre envergonharam nosso sexo.

CÉSAR — Sabei Cleópatra: sempre preferimos aliviar a agravar. Se vos mostrardes sensata em relação a nossos planos — que a respeito de vós são generosos — benefício achareis nessa mudança; porém se o peso sobre mim lançardes de uma crueldade, entrando pela via seguida por Antônio, dos benéficos efeitos vos privais de meus projetos e expondes vossos filhos à ruína de que pretendo resguardá-los, caso me reveleis confiança. Aqui despeço-me.

CLEÓPATRA — Podeis atravessar o mundo todo. Pertence-vos. E nós, vossos escudos e troféus da vitória, ficaremos pregados onde quer que vos agrade. Aqui, nobre senhor...

CÉSAR — Em tudo havemos de vos ouvir no que respeita a Cleópatra.

CLEÓPATRA — (*entregando-lhe um papel*) — Aqui se encontra a relação das jóias, do dinheiro e a baixela que eu possuo, em seu valor exato, sem incluirmos coisinhas sem valor. Onde se encontra Seleuco?

SELEUCO — Aqui, senhora.

CLEÓPATRA — É o tesoureiro. Consenti, meu senhor, que ele vos diga, nisso empenhando a própria vida, como nada me reservei. Fala a verdade, Seleuco.

SELEUCO — Senhora, antes selada ter a boca do que sob, penhor da própria vida, dizer uma inverdade.

CLEÓPATRA — Alguma coisa foi desviada por mim?

SELEUCO — O suficiente para comprar o que ora declarastes.

CÉSAR — Cleópatra, não coreis; aprovo nisso vossa sabedoria.

CLEÓPATRA — Vede, César, oh! vede como a pompa atrai os homens! Todos os meus, agora vos pertencem; mas se trocássemos as sortes, todos os vossos meus seriam. Dementada me deixa a ingratidão desse Seleuco. Ó escravo, em que se pode confiar tanto como no amor comprado! Como? foges? Fazes bem em fugir, posso afiançar-te. Mas hei de os olhos arrancar-te, embora sejam dotados de asas. Vil escravo, vilão sem alma, cão, canalha raro!

CÉSAR — Acalmai-vos, bondosa soberana.

CLEÓPATRA — Ó César, como dói tamanho opróbrio! Na hora em que concordais em visitar-me, a mim, tão pequenina: vir meu próprio servidor aumentar minha desgraça com a parcela da inveja muito sua. Digamos, meu bom César, que de lado tivesse eu posto algumas

ninharias de que as mulheres gostam, coisas simples e sem valor nenhum, desses objetos que costumamos dar aos conhecidos, ou digamos, também, que eu apartasse qualquer lembrança um tanto mais valiosa destinada por mim a Lívia e Otávia, para que a meu favor intercedessem: poderia ter sido denunciada por quem houvesse de meu pão comido? Deuses! isso me faz cair mais baixo do que já me encontrava. (*A Seleuco.*) Vai-te embora; caso contrário, sentirás as brasas do meu furor por entre a cinza fria do meu próprio destino. Caso fosses homem, de mim terias te apiedado.

CÉSAR — Vai-te embora, Seleuco.

(*Sai Seleuco.*)

CLEÓPATRA — É sabido que nós, os grandes, somos responsáveis por quanto os outros fazem, e que, quando caímos, nosso nome serve para cobrir o alheio mérito. Por isso somos dignos de piedade.

CÉSAR — No rol não incluiremos da conquista, Cleópatra, quanto houvésseis apartado, nem mesmo nada do que declarastes. Tudo é vosso; disponde disso como melhor vos aprouver. E podeis crer-me: César não é um comerciante, vindo para convosco regatear o preço do que é vendido pelos comerciantes. Ficai, portanto, alegre, não fazendo vossa prisão dos próprios pensamentos. Cara rainha, não; pois pretendemos convosco proceder sempre de acordo com vossa orientação. Alimentai-vos; ide dormir. Tanto cuidado temos, e piedade, de vós, que continuamos amigo sendo vosso. E agora, adeus.

CLEÓPATRA — Meu mestre e meu senhor!

CÉSAR — Não, não! Adeus.

(*Fanfarra. Sai César com seu séqüito.*)

CLEÓPATRA — Ele fala comigo, caras, fala somente para que eu não continue nobre comigo mesma. Mas escuta, Charmian. (*Fala-lhe ao ouvido.*)

IRAS — Concluí, minha senhora; o dia radioso terminou; agora estamos em plena escuridão.

CLEÓPATRA — Vai lá de novo; já falei nisso; está providenciado. Vai logo; apressa-te.

CHARMIAN — Pois não, senhora.

(*Volta Dolabela.*)

DOLABELA — Onde está a rainha?

CHARMIAN — Ali, senhor. (*Sai.*)

CLEÓPATRA — Dolabela!

DOLABELA — Senhora, preso à jura que de mim exigistes, que meu zelo transforma num dever, digo-vos isto: César pretende atravessar a Síria, sendo sua intenção, nestes três dias na frente vos mandar com vossos filhos. Como puderdes, fazei uso disto. Como o queríeis, fiz o prometido.

CLEÓPATRA — Sou vossa devedora, Dolabela.

DOLABELA — E eu, vosso servo. Adeus, boa rainha. Preciso esperar César.

CLEÓPATRA — Vai; adeus. De novo, agradecida. (*Sai Dolabela.*) Iras, que dizes disso tudo? És uma boneca egípcia e, como eu, vais em Roma ser mostrada. Escravos artesãos, de avental sujo, réguas e malhos, hão de levantar-nos para melhor nos verem. Envolvidas vamos ser por seus hálitos pesados que a alimentos grosseiros, só, tresandam, e que a aspirar forçadas nos veremos.

IRAS — Os deuses nos amparem!

CLEÓPATRA — Não; é certo, Iras; é mais que certo. Descarados lictores, como a prostitutas, hão de vir apalpar-nos, e versistas pífios nos cantarão fora de metro e rima. Histriões habilidosos, no tablado nos improvisarão, representando nossas festas joviais de Alexandria. Antônio, bêbedo, há de entrar no palco, tendo eu de ver algum menino-Cleópatra de voz fina imitar minha grandeza com gestos de rameira.

IRAS — Oh grandes deuses!

CLEÓPATRA — Podes acreditar-me.

IRAS — Nunca hei de ver tal coisa; tenho as unhas — estou certa — mais duras do que os olhos.

CLEÓPATRA — Bravo! É o caminho de lograr seus planos e destruir-lhes o intento mais que absurdo. (*Volta Charmian.*) Agora, Charmian minhas companheiras, vinde arranjar-me como a uma rainha. Trazei o meu vestido mais custoso. De novo terei de ir ao Cidno, para ver-me com Marco Antônio. Iras, vai logo. Agora estamos prontas, nobre Charmian. E quando houveres feito esse serviço, liberdade te dou para brincares até o dia do juízo derradeiro. Traze a coroa e tudo o mais. (*Sai Iras. Ouve-se barulho.*) Que é isso?

(*Volta um dos guardas.*)

GUARDA — Aí fora está um rústico que insiste em ver Vossa Grandeza. Traz-vos figos.

CLEÓPATRA — Manda-o entrar. (*Sai o guarda.*) Como uma ação grandiosa pode ser feita por um meio humilde! Trouxe-me a liberdade. Continuo na mesma decisão, sem coisa alguma de mulher ter em mim. Tal como o mármore, sou da cabeça aos pés: inabalável. A lua incerta não é o meu planeta.

(*Volta o guarda com o bobo, que traz uma cesta.*)

GUARDA — Eis aqui o homem.

CLEÓPATRA — Vai-te embora e deixa-o. Então, trouxeste o bonitinho verme do Nilo que, sem dor, põe termo à vida?

BOBO — Trouxe-o, com certeza; mas não serei eu que vos aconselhe a tocar nele, porque sua picada é mortal. Os que morrem em conseqüência disso, raramente, ou nunca, se restabelecem.

CLEÓPATRA — Sabes de alguém que assim morrido houvesse?

BOBO — Oh! em quantidade! Homens e mulheres também. Ainda anteontem ouvi falar de um caso: uma mulher de grande honestidade, mas um tanto amiga de mentir — o que a mulher nunca deve fazer, senão por maneira muito honesta — como veio a morrer da picada e que dores sentiu. Realmente, ela deu uma ótima informação do verme; mas quem der crédito a tudo o que as mulheres dizem, não se salvará com a metade do que elas próprias fazem. Mas isso é muito falível, o verme é um verme muito caprichoso.

CLEÓPATRA — Bem, até logo; podes retirar-te.

BOBO — Desejo que tenhais muito prazer com o verme. (*Depõe a cesta no chão.*)

CLEÓPATRA — Adeus.

BOBO — Não deveis esquecer, vede bem, que o verme tem suas manhas.

CLEÓPATRA — Pois não; pois não. Adeus.

BOBO — Vede bem! Não se pode confiar no verme, a não ser sob a guarda de gente muito experta, porque, de fato, não há nele sombra de bondade.

CLEÓPATRA — Não te preocupes, que eu saberei tratar dele.

BOBO — Perfeitamente Não lhe dês nada a comer, que ele não vale o que come.

CLEÓPATRA — Será que ele comeria?

BOBO — Não haveis de pensar que eu seja tão simplório para não saber que o próprio diabo não come uma mulher. Sei muito bem que a mulher é prato para os deuses, quando não é o diabo que o prepara. Mas em verdade, esses malditos diabos causam muito mal aos deuses com as mulheres, porque de cada dez que estes aprontam, os diabos estragam cinco.

CLEÓPATRA — Bem, podes ir embora. Adeus.

BOBO — Sim, por minha fé! Desejo-vos muita alegria com o verme. (*Sai.*)

(*Volta Iras com o manto, a coroa, etc.*)

CLEÓPATRA — Dá-me o manto; coloca-me a coroa. Anseios imortais em mim se agitam. Nunca jamais há de molhar-me os lábios o líquido de nossa vinha egípcia. Vamos, Iras; depressa! Só parece que ouço Antônio chamar-me; levantar-se vejo-o e elogiar meu ato valoroso. Ouço como ele zomba da ventura de César, que aos mortais os deuses cedem para depois justificar sua cólera. Caro esposo, eis-me aqui! Minha coragem irá provar que faço jus ao título. Sou ar e fogo; os outros elementos cedo à vida inferior. Já concluíste? Então vem e recebe de meus lábios o calor derradeiro. Adeus, querida Charmian; Iras querida, um longo adeus. (*Beija-as; Iras cai e morre.*) Tenho, acaso, nos lábios a serpente? Como! Caíste! Se te separaste da natureza assim tão gentilmente, é que o golpe da morte é como aperto de namorado, que machuca um pouco mas sempre é desejado. Estás tranqüila? Se assim te foste, é porque ao mundo contas que digno ele não é de despedida.

CHARMIAN — Nuvem, espalha o teu negrume e chove, para que eu dizer possa que até

os deuses estão chorando.

CLEÓPATRA — Isto só prova a minha pusilanimidade. Se primeiro do que eu ela encontrar o meu Antônio de cabelos cacheados, ele o beijo nela dará que para mim é o céu. Vem, coisinha fatal; (*Aplica a serpente ao seio.*) com o dente agudo o nó complexo vem soltar da vida. Fica zangado, tolo venenoso; termina de uma vez. Oh! se falasses, chamarias o grande César de asno sem nenhuma visão.

CHARMIAN — Estrela do nascente!

CLEÓPATRA — Oh, não! Silêncio! Não vês que ao seio tenho o meu menino, na ama, a dormir, mamando?

CHARMIAN — Parai! Parai!

CLEÓPATRA — Tão doce como bálsamo, brando como o ar, gentil... Oh meu Antônio!... Sim, tu também terás o meu carinho. (*Aplica no braço outra serpente.*) Por que haveria de ficar mais tempo... (*Morre.*)

CHARMIAN — ...neste mundo tão vil? Assim, adeus. Agora, morte, podes vangloriar-te de que uma rapariga incomparável em teus braços sustentas. Ó janelas emplumadas, fechai-vos! Ó radioso Febo jamais será de novo visto por uns olhos tão reais. Vossa coroa ficou pendida; vou endireitá-la e, após, representar a minha parte.

(*Entra um guarda, precipitadamente.*)

PRIMEIRO GUARDA — Onde está a rainha?

CHARMIAN — Falai baixo, para não despertá-la.

PRIMEIRO GUARDA — César mandou...

CHARMIAN — ...um mensageiro lerdo. (*Aplica em si própria uma serpente.*) Vem depressa. Termina. Mal te sinto.

PRIMEIRO GUARDA — Aproximai-vos, ah! Algo se passa. César foi enganado.

SEGUNDO GUARDA — Dolabela veio da parte dele, ide chamá-lo.

PRIMEIRO GUARDA — Que é que houve por aqui? Ó Charmian! Charmian! Achas que foi bem feito?

CHARMIAN — Foi bem feito, digno de uma princesa que descende de tantos reais monarcas. Ah! soldado... (*Morre.*)

(*Volta Dolabela.*)

DOLABELA — Que aconteceu aqui?

SEGUNDO GUARDA — Morreram todas.

DOLABELA — César, teus pensamentos se confirmam neste particular. Tu próprio chegas para ver realizado o horrível ato que evitar procuraste tanto e tanto!

(*Dentro: "Daí passagem a César. Dai passagem!"*)

(*Volta César, com todo o seu séqüito.*)

DOLABELA — Ó senhor! sois um áugur de confiança; o que receáveis, deu-se.

CÉSAR — Corajosa foi até o fim. Por ter desconfiado de nossas intenções, como legítima soberana, tomou o caminho próprio. Como morreram? Não percebo sangue.

DOLABELA — Quem por último esteve junto delas?

PRIMEIRO GUARDA — Um vil campônio, que lhe trouxe figos dentro desta cestinha.

CÉSAR — Então, estavam envenenados.

PRIMEIRO GUARDA — César, esta Charmian até há pouco vivia. Estava pálida e falou. Encontrei-a endireitando o diadema da morta. Ela tremia e caiu de repente.

CÉSAR — Oh muito nobre fraqueza! Se elas ingerido houvessem algum veneno, logo o conhecêramos pelo inchaço exterior. Mas aparência tem ela de quem dorme, de quem fosse prender um Outro Antônio nas cadeias fortes de seus encantos.

DOLABELA — Sobre o seio tem um ponto de sangue, um pouco inchado, tal como aqui no braço.

PRIMEIRO GUARDA — É a marcazinha de uma áspide; estas folhas de figueira deixam ver lodo, tal como se encontra nas cavernas do Nilo em que há serpentes.

CÉSAR — É bem provável que ela assim morresse. Seu médico me disse que ela tinha feito infinitas experiências sobre os meios de morrer mais facilmente. O leito carregai; do monumento o corpo retirai também das criadas. Sepultada vai ser junto do corpo do Marco Antônio dela. Nenhum túmulo jamais encerrará em toda a terra um tão famoso par. Altos eventos como este aqui comovem até mesmo seus próprios causadores. Sua história tão dígna foi causa de chorados serem. Com solene aparato, nosso exército o enterro seguirá. Depois, a Roma. A maior pompa. Dolabela, é que há de determinar esta solenidade.

(*Saem.*)

Coriolano

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

Cena 8

Cena 9

Cena 10

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Personagens

CAIO MÁRCIO, depois Caio Márcio Coriolano.
TITO LÁRCIO, General contra os volscos.
COMÍNIO, General contra os volscos.
MENÊNIO AGRIPA, amigo de Coriolano.
SICÍNIO VELUTO, Tribuno do povo.
JÚNIO BRUTO, Tribuno do povo,
O jovem Márcio, filho de Coriolano.
Um arauto romano.
Tulo Aufídio, general dos volscos.
Tenente de Aufídio.
Conspiradores com Aufídio.
Nicanor, um romano.
Um cidadão de Ântio.
Adriano, um volsco.
Dois guardas volscos.
VOLÚMNIA, mãe de Coriolano.
VERGÍLIA, mulher de Coriolano.
VALÉRIA, amiga de Vergília.
Damas, ao serviço de Vergília.
Senadores romanos e volscos, patrícios, edis, lictores, soldados, cidadãos, mensageiros, criados de Aufídio e outros servidores.

Ato 1

Cena 1

Entra um grupo de cidadãos amotinados, com bastões, varas e outras armas.

PRIMEIRO CIDADÃO — Antes de irmos adiante, ouvi-me.

TODOS — Falai! Falai!

PRIMEIRO CIDADÃO — Estais mesmo decididos a morrer, de preferência a passar fome?

TODOS — Estamos! Estamos!

PRIMEIRO CIDADÃO — Inicialmente, sabeis que Caio Márcio é o principal inimigo do povo.

TODOS — Sabemos! Sabemos!

PRIMEIRO CIDADÃO — Matemo-lo, portanto, e teremos trigo pelo preço que bem entendermos. Resolvido?

TODOS — A esse respeito, nem mais uma palavra. Passemos à ação. Vamos! Vamos!

SEGUNDO CIDADÃO — Uma palavra, bons cidadãos.

PRIMEIRO CIDADÃO — Somos tidos na conta de cidadãos pobres; só os patrícios é que são bons. O que deixa fartos os dirigentes bastaria para aliviar-nos. Se nos cedessem apenas as sobras deles, que ainda estivessem em boas condições, poderíamos imaginar que eles nos aliviavam humanamente. Mas acham que somos por demais caros. A magreza que nos aflige, retrato de nossa miséria, é como que o inventário minucioso da riqueza de todos eles. Para eles nosso sofrimento é lucro. Vinguemo-nos, portanto, com nossos bastões, antes de ficarmos reduzidos a ripas; pois os deuses sabem que o que me faz dizer isso é a fome de pão, não a sede de vingança.

SEGUNDO CIDADÃO — Quereis agir especialmente contra Caio Márcio?

PRIMEIRO CIDADÃO — Contra ele em primeiro lugar; é um verdadeiro cão para o povo.

SEGUNDO CIDADÃO — Já pensastes nos serviços que ele prestou ao país?

PRIMEIRO CIDADÃO — Perfeitamente, e com muito gosto lhe faria por isso boas referências; mas ele se apaga com o próprio orgulho.

SEGUNDO CIDADÃO — Ora! falai sem maldade.

PRIMEIRO CIDADÃO — É o que vos digo. O que ele fez de glorioso foi apenas para esse fim. Muito embora as pessoas de consciência delicada possam dizer com suficiência que ele fez tudo isso pela pátria, fê-lo para agradar a mãe e por causa do seu próprio orgulho, que, sem dúvida, vai de par com seu merecimento.

SEGUNDO CIDADÃO — Considerais vício nele o que é inerente à sua natureza. Pelo menos não podereis dizer que ele seja cúpido

PRIMEIRO CIDADÃO — Se não posso dizê-lo, nem por isso fico sem acusações contra ele. Tem defeitos de sobra, que cansaria enumerar. (*Gritos ao longe.*) Que gritos serão esses? O outro lado da cidade já se revoltou. E nós que fazemos aqui, a tagarelar? Ao Capitólio!

TODOS — Vamos! Vamos!

PRIMEIRO CIDADÃO — Silêncio! Quem vem aí?

(*Entra Menênio Agripa.*)

SEGUNDO CIDADÃO — É o digno Menênio Agripa. Sempre se mostrou amigo do povo.

PRIMEIRO CIDADÃO — É muito honesto. Quem nos dera que todos fossem como ele.

MENÊIO — Que tendes, meus concidadãos, em mira? Para onde ides com paus e cachaporras? Que se passa? Dizei-me, por obséquio.

PRIMEIRO CIDADÃO — Nossa causa não é desconhecida do senado; nestes quinze dias eles já farejaram o que pretendemos fazer e que vamos mostrar-lhes agora com os próprios fatos. Eles dizem que os suplicantes pobres têm fôlego comprido; mas hão de ver que nossos braços também são compridos.

MENÊIO — Mestres, caros amigos, bons vizinhos, quereis arruinar-nos?

PRIMEIRO CIDADÃO — Isso não será possível, senhor; já estamos arruinados.

MENÊIO — Acreditai-me, amigos: os patrícios têm por vós todos a mais caridosa solicitude. Com respeito a vossas necessidades e o que estais sofrendo com essa carestia, tanto vale bater no céu com todas essas armas, como jogá-las no romano Estado, que seguirá seu curso, arrebentando dez mil freios mais fortes do que quanta resistência pudésseis antepor-lhe. No que respeita à carestia — os deuses, não os patrícios, são seus causadores — remédio lhe virá de vossos joelhos, não dos braços. Oh céus! Fostes levados pela calamidade aonde maiores, ainda, vos esperam. Caluniastes os pilotos do Estado, que de todos vós cuidam como pais, sempre zelosos, enquanto os insultais como a inimigos.

PRIMEIRO CIDADÃO — Cuidam de nós? Muito certo, realmente! Nunca se incomodaram conosco; deixam-nos morrer de fome, enquanto seus celeiros estão abarrotados de trigo; promulgam editos sobre a usura, para favorecerem os onzeneiros; revogam diariamente dispositivos estabelecidos contra os ricos e promulgam todos os dias estatutos cada vez mais vexatórios, para encadear e oprimir o povo. Se as guerras não nos devorarem antes, eles o farão. É esse todo o amor que revelam a nosso respeito.

MENÊIO — De duas uma: ou confessais que sois muito maldosos, ou tolos por demais. Vou relatar-vos uma fábula muito interessante. Decerto a conheceis; mas como serve muito bem a meus fins, vou arriscar-me a contá-la de novo.

PRIMEIRO CIDADÃO — Muito bem; vamos ouvi-la, senhor; mas não vades imaginar que podereis chasquear de nossa miséria com uma fabulazinha qualquer. Não tem importância; quando quiserdes podereis principiar.

MENÊIO — Contra o estômago os membros se insurgiram certo dia, acusando-o de no meio do corpo colocar-se, preguiçoso sempre e inativo, e, como sorvedouro, absorver, insaciável, a comida, sem nunca contribuir com sua parte para o comum trabalho, enquanto os outros órgãos viam, andavam, refletiam, sentiam e falavam, contribuindo cada um, assim, com sua parte, para proverem às comuns necessidades e apetites do corpo. Respondeu-lhes o estômago...

PRIMEIRO CIDADÃO — Ora bem, senhor: qual foi a resposta do estômago?

MENÊIO — Vou dizer-vos, senhor. Com uma espécie de sorriso, que não se originava dos pulmões, um sorriso deste modo — pois, no final de contas, tanto posso dotar o estômago de fala como fazer que ele sorria — com um sorriso desdenhoso falou aos insurrectos, aos membros sediciosos que invejavam suas atividades absorventes, tal como ora fazeis, só por maldade, com nossos senadores, por não serem em tudo iguais a vós.

PRIMEIRO CIDADÃO — Mas a resposta do estômago? Que disse? Se a cabeça de real coroa, os olhos vigilantes, o conselheiro coração, os braços nossos soldados, os corcéis — as pernas — a língua nosso trombeteiro e as outras aparelhagens e menores peças de nossa construção, se todos, disse...

MENÊIO — E então? E então? Mas como ele é eloqüente! E então, que aconteceu?

PRIMEIRO CIDADÃO — Se todos ficam lesados pelo estômago voraz, que é a sentina do corpo...

MENÊNIO — Bem, e agora?

PRIMEIRO CIDADÃO — Se eles, os principais, fizeram queixa, que poderia responder o estômago?

MENÊIO — Já vou dizer-vos. Se me concederdes um pouco do que quase nada tendes, que é paciência, direi sua resposta.

PRIMEIRO CIDADÃO — Quantas voltas fazeis para dizê-la!

MENÊIO — Atenção, caro amigo! Nosso estômago, sempre grave, manteve-se tranqüilo, sem revelar exaltação nenhuma, como seus detratores. Deste modo lhes respondeu: “É certo, meus amigos incorporados”, disse, “que eu recebo, antes de outro qualquer, todo o alimento de que viveis, e é justo que assim seja, por ser eu o depósito e celeiro de todo o corpo. Mas se estais lembrados, pelos canais de vosso sangue tudo de novo mando à corte, ao coração, à alta sede do cérebro, e assim, pelos sinuosos passos da oficina humana, os nervos mais potentes e as menores arteríolas de mim recebem tudo de quanto necessitam para a vida. E muito embora

todos vós, a um tempo, meus bons amigos...” isso disse o estômago, observai bem.

PRIMEIRO CIDADÃO — Pois não, senhor. Adiante!

MENÊIO — “E muito embora todos vós, a um tempo, não vejais o que eu dou em separado para cada um, mui fácil é provar-vos por um cálculo certo e rigoroso, que recebeis de mim toda a farinha, sobrando-me de tudo só o farelo.” Que dizeis a isso?

PRIMEIRO CIDADÃO — Foi resposta boa. E a sua aplicação?

MENÊIO — Os senadores de Roma são esse bondoso estômago; vós, os membros rebeldes. Seus conselhos examinai, suas canseiras todas, e heis de reconhecer que os benefícios gerais que recebeis vêm tão-somente da parte deles, nunca de vós mesmos. E vós aí, que pensais disto, sendo, como sois, o dedão do pé do grupo?

PRIMEIRO CIDADÃO — Eu, o dedão do pé? Por que o dedão?

MENÊIO — Porque sendo, como és, um dos mais baixos, mais pobres e ordinários desta muito sapiente rebelião, vais sempre à frente. E se assim fazes, é porque farejas qualquer vantagem própria. Vamos! Ide preparar vossas clavas resistentes, vossos bastões, que Roma está no ponto de bater-se com os ratos. Um dos lados terá de ser malhado. (*Entra Caio Márcio.*) Nobre Márcio, Salve!

MÁRCIO — Muito obrigado. Que acontece, marotos rezingueiros, que de tanto coçar a pobre crosta da vaidade vos transformais em sarna?

PRIMEIRO CIDADÃO — Só palavras boas é que nos dais.

MÁRCIO — Quem vos desse palavras boas vos adularia de produzir engulhos. Que vos falta, cães ordinários, se não vos agrada nem a paz nem a guerra? Esta vos causa pavor; aquela vos aumenta a empáfia. Quem se fiasse de vós, na hora precisa, em vez de leões encontraria lebres; em lugar de raposas, simples patos. Não; mais seguros não vos mostrais nunca do que um carvão ardente sobre o gelo, ou saraiva no sol. Vossa virtude consiste em exaltar quem abatido se acha das próprias faltas, para, logo, malsinar a justiça. Quem se mostra merecedor de glória, de vosso ódio também se mostra. Tal como os desejos de certos doentes são vossos impulsos, que visam sobretudo quanto possa aumentar-lhes a doença. Quem depende de vossa graça nada com espadanas de chumbo e abate robles com gravetos. Enforcai-vos! Confiar em vós? Mudais de idéia a cada instante; achais que é nobre quem vosso ódio até há pouco merecia, e infame o que era vosso emblema máximo. Que aconteceu? Por que motivo em vários quarteirões da cidade gritais tanto contra o nobre senado que sob a égide dos deuses vos mantém sempre com medo, que, do contrário, vos devoraríeis uns aos outros? — Dizei: que é que eles querem?

MENÊIO — Trigo por preço que eles estipulem, pois acham que há bastante na cidade.

MÁRCIO — Vão todos se enforcar! Acham? Ao fogo! Ficam sentados e saber presumem quanto no Capitólio está passando: quem poderá subir, quem enriquece, quem declina; a facções diversas se unem, conjeturais alianças põem por terra, reforçam seus partidos e enfraquecem os que no desagrado lhes caíram, pondo-os abaixo dos sapatos rotos. Acham que há muito trigo?

Se a nobreza pusesse a compaixão de lado e a espada deixasse que eu usasse, logo um monte faria de pedaços desses biltres, da altura desta lança.

MENÊIO — Não; estes estão já persuadidos, pois embora lhes falte em grande escala qualquer discernimento, são covardes a mais não poder ser. Mas, por obséquio, que diz o outro magote?

MÁRCIO — Dispersaram-se. Que se enforquem! Disseram-se esfomeados. Sopravam certas máximas: que a fome rompe muralhas; ou que até cachorro precisa de alimentos; que comida foi feita para as bocas, e que os deuses não deram trigo apenas para os ricos. Com esses trapos é que fazem vento para suas lamúrias. Responderam-lhes, e tendo sido satisfeito numa das exigências — coisa perigosa, de arrebentar o próprio coração da generosidade e deixar pálido o poder mais altivo — logo os gorros a jogar para cima começaram, como se pretendessem espetá-los lá nos cornos da lua, arrefecendo de pronto a grande ardência.

MENÊIO — E que vitória aí alcançaram?

MÁRCIO — A de terem cinco tribunos, por escolha livre deles, para defesa da sabedoria do populacho. Júnio Bruto é um deles, e Sicínio Veluto, e... os outros. — Bolas! — Como posso saber? Destelharia primeiro essa canalha Roma inteira, antes de obter de mim uma tal coisa. O tempo os deixará mais fortes, sobre dar nascimento a temas de mais peso, para novas revoltas.

MENÊIO — É curioso!

MÁRCIO — Ide embora, fragmentos! Para casa!

(*Entra apressadamente um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Onde está Caio Márcio?

MÁRCIO — Aqui. Que é que houve?

MENSAGEIRO — Senhor, a novidade é que esses volscos estão em armas.

MÁRCIO — Muito isso me alegra; assim, teremos oportunidade de ventilar um pouco as nossas sobras emboloradas. Vede, aí vêm vindo nossos graves anciões.

(*Entram Comínio, Tito Lárcio e outros senadores; Júnio Bruto e Sicínio Veludo.*)

PRIMEIRO SENADOR — Márcio, é verdade quanto nos referistes não faz muito: que se haviam os volscos levantado.

MÁRCIO — É que eles têm um chefe, Tulo Aufídio, que vos dará trabalho. Tenho inveja, confesso-o, da nobreza que lhe é própria. Não fosse eu ser eu mesmo, desejara ser ele, tão-somente.

COMÍNIO — Já tivestes ocasião de com ele medir forças.

MÁRCIO — Se metade do mundo se encontrasse com a outra parte em luta, e ele estivesse do meu lado, eu passara para o inimigo, só para o combater, só pelo orgulho de caçar esse leão.

PRIMEIRO SENADOR — Então, meu digno Márcio, servi sob a ordem de Comínio.

COMÍNIO — Assim o prometestes.

MÁRCIO — Sim, confirmo, senhor, minha promessa; sou constante. Tito Lárcio, hás de ver-me novamente atacar Tulo Aufídio. Como! Coxo? Vais ficar fora?

TITO — Não, meu Caio Márcio; antes firmar-me numa das muletas e combater com a outra, do que ver-me excluído dessa pugna.

MENÊIO — Oh sangue nobre!

PRIMEIRO SENADOR — Ide conosco até ao Capitólio, onde os nossos melhores companheiros, tenho certeza, estão à nossa espera.

TITO (*a Comínio*) — Ide na frente. (*A Márcio.*) Acompanhai Comínio; seguiremos atrás. A precedência o mérito é que indica.

COMÍNIO — Nobre Márcio!

PRIMEIRO SENADOR (*aos cidadãos*) — A vossa casas recolhei-vos. Vamos!

MÁRCIO — Não; que nos sigam todos. Têm os volscos bastante trigo; levai esses ratos para roerem os celeiros deles. Dignos amotinados, vosso brio já começa a dar frutos. Vinde! Vinde!

(*Saem os senadores, Comínio, Márcio, Tito e Menênio; os cidadãos se dispersam.*)

SICÍNIO — Há alguém, como este Márcio, tão soberbo?

BRUTO — Não há ninguém como ele.

SICÍNIO — Quando escolhidos fomos para o cargo de tribunos do povo...

BRUTO — Não notastes os olhos dele e os lábios?

SICÍNIO — Não; apenas seus sarcasmos.

BRUTO — Achando-se irritado, não teme criticar os próprios deuses.

SICÍNIO — Nem fazer troça da modesta lua.

BRUTO — Que esta guerra o devore! Está ficando muito infindo de sua valentia.

SICÍNIO — Tal natureza, lisonjeada pelo grande êxito, desdenha a própria sombra em que pisa de dia. Só me admiro de que sua insolência se conforme em ficar sob o mando de Comínio.

BRUTO — A fama a que ele visa e que de graças já o cumulou bastante, nunca pode ser obtida tão bem como num posto subalterno ao primeiro, porque todos os reveses à conta são lançados do general somente, muito embora este tivesse feito o que cabia nos recursos humanos, e a censura leviana, então, houvera proclamado: "Oh! se Márcio estivesse à frente disto!"

SICÍNIO — Além do mais, correndo bem as coisas, a opinião, que de Márcio tanto pende, roubará de Comínio todo o mérito.

BRUTO — Sim; metade das glórias de Comínio será de Márcio, muito embora Márcio não as tenha ganhado, e suas faltas redundarão, também, em glória deste, conquanto não lhe

caiba nenhum mérito.

SICÍNIO — Vamos saber agora as providências determinadas e com que recursos, além de seu valor, ele se apresta para a presente guerra.

BRUTO — Vamos logo.

(*Saem.*)

Cena 2

Coríolos. O senado. Entram Tulo Aufídio e senadores.

PRIMEIRO SENADOR — Assim, Aufídio, sois de parecer que os de Roma conhecem nossos planos e a par estão de quanto ora intentamos.

AUFÍDIO — Não é o vosso também? Qual é a idéia que já foi agitada em nosso Estado e em nosso Estado realizar-se pôde sem que, antes, Roma a não deixasse frustra? Há quatro dias, só, ouvi sobre isso, estas mesmas palavras... Não, presumo que a carta está comigo. Aqui está ela. "Aliciaram soldados; não se sabe, porém, se é para leste ou para oeste. É grande a carestia; amotinado se acha o povo, e o boato está correndo por aqui fora que Comínio, Márcio, vosso velho inimigo — mais odiado da própria Roma do que de vós mesmo — e Tito Lárcio, esse viril romano, que os três dirigirão os contingentes para onde se destinam, sendo quase certo que é contra vós. Pensai no caso."

PRIMEIRO SENADOR — Já temos nossas forças na campanha. Não duvidamos nunca de que prontos para a guerra os romanos estivessem.

AUFÍDIO — Nem se vos figurou nunca tolice guardar sigilo sobre o plano ousado, até que por si mesmo se mostrasse. Mas pelo jeito, Roma soube disso ainda na chocadeira. Semelhante particularidade nos encurta demais o plano de tomar de assalto muitas cidades antes de ter Roma notícia de que estávamos em campo.

SEGUNDO SENADOR — Assumi vosso posto, nobre Aufídio, tomando logo a direção das tropas. De guarda ficaremos em Coríolos. Se eles vierem cercar-nos, trazei logo para aqui vossos homens. Mas eu penso que seus preparativos não vos visam.

AUFÍDIO — Oh! não o duvideis; falo com provas. Mais, ainda: uma parte de seus homens já está em marcha, e para nossas bandas. Deixo Vossas Nobrezas. Se eu e Caio Márcio nos encontrarmos, já fizemos o juramento de lutar sem pausa, até que um de nós dois fique por terra.

TODOS — Que os deuses vos assistam.

AUFÍDIO — E conservem Vossas Honras em paz.

PRIMEIRO SENADOR — Adeus.

SEGUNDO SENADOR — Adeus.

TODOS — Adeus.

(*Saem.*)

Cena 3

Roma. Um quarto em casa de Márcio. Entram Volúmnia e Vergília; sentam-se em dois tambores e começam a costurar.

VOLÚMNIA — Cantai alguma coisa, filha, por obséquio, ou exprimi-vos por qualquer outro modo prazenteiro. Se meu filho fosse meu marido, eu me mostraria mais alegre com essa ausência, em que ele ganha honra, do que com os abraços do leito nupcial com que ele me testemunhasse mais amor. Quando ele ainda era grácil de corpo e o único filho de minhas entranhas; quando sua adolescência, com a graça muito própria, atraía todos os olhares; quando qualquer outra mãe, ainda que instada durante um dia todo por um rei, não se teria privado de uma hora da satisfação de contemplá-lo: eu, considerando que o mais adequado adorno de sua beleza seria a glória e que ele valeria tanto como um quadro pendurado na parede, se aquela não o animasse, aprazia-me em mandá-lo procurar perigo onde pudesse encontrar a fama. Mandei-o para uma guerra cruel, de onde ele retornou com a fronte coroada de louros. Digo-te, filha, que não foi menor a minha alegria ao ouvir que havia dado à luz a um varão, do que ao saber pela primeira vez que ele se afirmara como homem.

VERGÍLIA — Mas se ele tivesse morrido nesse negócio, senhora: que aconteceria depois?

VOLÚMNIA — Depois, o meu filho ficaria sendo seu belo nome, que me teria dado posteridade. Permite que te confesse com sinceridade: se eu tivesse uma dúzia de filhos, todos iguais em meu amor, e nenhum menos caro do que o teu e o meu bom Márcio, preferira ver onze morrer nobremente por sua pátria a que um somente se fartasse numa inação cheia de volúpia.

(*Entra uma dama.*)

DAMA — A senhora Valéria veio ver-vos.

VERGÍLIA — Dai-me licença para retirar-me.

VOLÚMNIA — Não; de jeito nenhum. Só me parece que ouço o tambor, daqui, de vosso esposo; vejo-o a puxar pelo cabelo Aufídio, fugindo dele os volscos como as crianças fogem dos ursos; vejo-o como bate com o pé no chão, assim, e como grita: "Poltrões, segui-me! Concebidos fostes no medo, embora em Roma ao mundo viésseis!" A fronte ensangüentada, então, limpando com a mão de malha, segue para diante, tal como o ceifador que recebera por tarefa segar toda a lavoura, se receber quiser o estipulado.

VERGÍLIA — A fronte ensangüentada! Oh não! Por Júpiter! Sangue, não!

VOLÚMNIA — Oh! calai-vos, minha tola. Sangue é adorno mais belo, para os homens,

do que troféu dourado. O seio de Hécuba amamentando Heitor, mais agradável aparência não tinha do que a fronte do próprio Heitor, quando estilava sangue nos prélios contra os gregos. — A Valéria dize que ela é bem-vinda a nossa casa.

(*Sai a dama.*)

VERGÍLIA — Que os céus amparem meu marido contra o terrível Aufídio!

VOLÚMNIA — Ele há de a fronte fazer vergar de Aufídio até aos joelhos, e o pescoço pisar-lhe.

(*Volta a dama com Valéria e um porteiro.*)

VALÉRIA — Minhas senhoras, bom dia para ambas.

VOLÚMNIA — Querida senhora!

VERGÍLIA — Alegro-me por Vossa Graça.

VALÉRIA — Como estais passando? Ambas sois notoriamente caseiras. Que estáveis cosendo? Belo modelo, em verdade. Como está vosso filhinho?

VERGÍLIA — Fico muito agradecida a Vossa Graça: está passando bem, minha boa senhora.

VOLÚMNIA — Ele prefere ver espadas e ouvir tambor, a olhar para o mestre-escola.

VALÉRIA — Dou minha palavra em como é igualzinho ao pai. Iria jurar que é uma criança linda. Por minha fé, na quarta-feira eu o contemplei durante meia hora: tem uma fisionomia decidida. Vi-o correr empós de uma borboleta dourada; depois de a ter pegado, soltou-a de novo; depois, tornou a persegui-la por várias vezes, sempre a correr atrás dela, até tornar a apanhá-la. Por último, ou por ter ficado exasperado por ter caído, ou por outra razão qualquer, rangeu os dentes assim e a despedaçou. Oh! deveríeis ter visto como a deixou em pedacinhos!

VOLÚMNIA — Revela os mesmos caprichos do pai.

VALÉRIA — Realmente; é uma nobre criança.

VERGÍLIA — É muito esperto, minha senhora.

VALÉRIA — Vamos, ponde de lado essa costura; passareis comigo a tarde de hoje como donas de casa desocupadas.

VERGÍLIA — Não, minha boa senhora; hoje não porei os pés fora da porta.

VALÉRIA — Não poreis os pés fora da porta?

VOLÚMNIA — Sim, sim; ela o fará.

VERGÍLIA — Não, não, se mo permitirdes. Não transporei o umbral da casa enquanto meu senhor não voltar da guerra.

VOLÚMNIA — Ora! Encarcerais-vos por maneira absurda. Vamos; precisais ir visitar a boa senhora que teve criança.

VERGÍLIA — Almejo-lhe pronto restabelecimento e a visitarei com minhas orações, mas não poderei ir à sua casa.

VOLÚMNIA — E por quê, pergunto-vos?

VERGÍLIA — Não será para furtar-me a esse trabalho, nem por falta de amizade.

VALÉRIA — Deveríeis ser uma segunda Penélope. No entanto há quem diga que toda a lã que ela fiou na ausência de Ulisses só serviu para encher Ítaca de traças. Vinde; desejara que vossa cambraia fosse tão sensível quanto vossos dedos, para que, por compaixão, deixasses de espetá-la. Vamos; tereis de sair conosco.

VERGÍLIA — Não, minha boa senhora; desculpai-me, mas não sairei de casa.

VALÉRIA — Por minha fé, vinde comigo, que vos darei excelentes notícias de vosso esposo.

VERGÍLIA — Oh! minha boa senhora; não pode ter chegado ainda nenhuma notícia.

VALÉRIA — É certo; não estou brincando: chegaram notícias ontem à tarde.

VERGÍLIA — É verdade, senhora?

VALÉRIA — Falando com toda a seriedade: é certo. Ouvi-as da boca de um senador. Passou-se deste modo: os volscos têm em campo um exército, contra o qual partiu Comínio, na qualidade de general, com parte de nossas forças romanas. Vosso marido e Tito Lárcio puseram cerco à cidade de Coríolos. Eles não têm a menor dúvida com respeito à vitória e ao término da campanha. Eis a verdade, por minha honra. Assim, vos peço, vinde conosco.

VERGÍLIA — Perdoai-me, minha boa senhora; porém mais tarde vos serei obediente em tudo o mais.

VOLÚMNIA — Deixemo-la sozinha, minha senhora; no estado em que está, só poderá estragar-nos a alegria.

VALÉRIA — Realmente, é também o que penso. Passai bem, então. Vamos, boa e querida senhora. Por obséquio. Vergília, põe tua solenidade porta fora e vem passear conosco.

VERGÍLIA — Não, decididamente, minha senhora.

VALÉRIA — Está bem. Então, adeus.

(*Saem.*)

Cena 4

Diante de Coríolos. Entram com tambores e estandartes Márcio, Tito Lárcio, oficiais e soldados. Depois, aproxima-se um mensageiro.

MÁRCIO — Ali vem novidade. Apostar quero em como houve combate.

LÁRCIO — Meu cavalo contra o vosso: não houve.

MÁRCIO — Aceito.

LÁRCIO — Aceito.

MÁRCIO — Dize: encontrou o general os volscos?

MENSAGEIRO — Estão à vista, mas não se falaram.

LÁRCIO — O bom cavalo é meu.

MÁRCIO — Compro-o de volta.

LÁRCIO — Não o vendo nem o dou, mas vo-lo empresto por cinqüenta anos. Intimai Coríolos para parlamentar.

MÁRCIO — A que distância os dois corpos estão?

MENSAGEIRO — Há milha e meia.

MÁRCIO — Então é certo ouvirmos seus rebates e eles os nossos. Marte, ouve meu voto! Dá que possamos terminar logo isto, para, de espadas fumegantes, irmos auxiliar os amigos na campanha. Corneteiro, o sinal! (*Toque para parlamentar. Sobre os muros aparecem dois senadores e vários cidadãos.*) Dentro dos muros se encontra Tulo Aufídio?

PRIMEIRO SENADOR — Não; não temos na cidade ninguém que vos receie menos que ele, o que é menos do que nada. (*Toque de tambor.*) Ouvi! Nossos tambores os mancebos levam para o combate. Antes, decerto, derruirmos nossos muros, que ficarmos encurralados neles. Nossas portas, que julgais bem trancadas, estão presas apenas por caniços: por si mesmas hão de se escancarar. Ouvi ao longe! (*Rebate longínquo.*) É Tulo Aufídio. Ouvi de longe o estrago que ele faz, como fenda, em vosso exército.

MÁRCIO — Então já se atracaram.

LÁRCIO — Que esse estrondo nos sirva de lição. Escadas, eh!

(*Os volscos passam para o palco.*)

MÁRCIO — Não nos temem, pois saem da cidade. Em frente ao coração ponde os

escudos e combatei com corações mais duros do que os próprios escudos. Bravo Tito, para a frente. O desdém que eles demonstram ultrapassa de muito o que pensávamos. Suo de indignação. Meus companheiros, avançai! Tomarei por um dos volscos quem eu vir a recuar, e hei de mostrar-lhe se meu aço é cortante.

(*Alarma. Os romanos são repelidos até suas próprias trincheiras. Volta Márcio.*)

MÁRCIO — Que os flagelos do sul sobre vós caiam! Sois o opróbrio de Roma, sois rebanho... Que as úlceras e as chagas vos emplastrem, para que vos torneis aborrecidos antes mesmo de terdes sido vistos, e cada um a infecção transmita aos outros, contra o vento, a uma milha de distância. Almas de pato com feitio de homens! Fugis de escravos. Até mesmo os monos os teriam batido. Pluto e inferno! Todos feridos por detrás! As costas rubras e as faces pálidas de medo febril, todos fugis! Voltai à carga, pelos fogos do céu! Caso contrário, deixarei o inimigo e farei guerra contra vós todos. Tende mais coragem! Vinde! Se persistirmos, a eles todos para as próprias esposas tocaremos, como conosco estão fazendo agora para nossas trincheiras. (*Novo rebate. Tornam a entrar os volscos e os romanos, sendo renovada a pugna. Os volscos se retiram para Coríolos, perseguindo-os Márcio até às portas da cidade.*) Vede, as portas estão escancaradas; secundai-me. A sorte se abre para os que perseguem, não para os fugitivos. Vede tudo que eu fizer e segui-me. (*Entra na cidade.*)

PRIMEIRO SOLDADO — Que loucura! Não o acompanharei.

SEGUNDO SOLDADO — Nem eu, tampouco.

(*Fecham-se as portas da cidade.*)

TERCEIRO SOLDADO — Ei-lo trancado.

TODOS — Está perdido, aposto.

(*O alarma continua.*)

(*Volta Tito Lárcio.*)

LÁRCIO — Que foi feito de Márcio?

TODOS — Morto, chefe, sem dúvida nenhuma.

PRIMEIRO SOLDADO — Perseguindo bem rente aos calcanhares os fugintes, entrou com eles. Mas a porta, súbito, sobre ele se fechou. Está sozinho, para a toda cidade fazer frente.

LÁRCIO — Ó nobre companheiro! que insensível! sendo, faz mais do que o insensível gládio e firme se mantém onde este dobra! Estás abandonado, Caio Márcio. Uma pedra preciosa de teu porte não fora jóia de maior valia. Eras guerreiro em tudo condizente com os votos de Catão: não só com golpes rudes e violentos, mas também com a tua mirada pavorosa e as atroadoras pancadas de tua voz, os inimigos estremecer fazias, parecendo que tremia de febre o mundo todo.

(*Volta Márcio, coberto de sangue, perseguido pelos inimigos.*)

PRIMEIRO SOLDADO — Olhai, senhor!

LÁRCIO — É Caio Márcio! Vamos libertá-lo ou, se não, morrer com ele.

(*Batem-se, entrando todos na cidade.*)

Cena 5

Coríolos. Uma rua. Entram alguns romanos, com despojos.

PRIMEIRO ROMANO — Levo isto para Roma.

SEGUNDO ROMANO — E eu, isto aqui.

TERCEIRO ROMANO — Ora que peste! Parecia prata!

(*O tumulto prossegue ao longe.*)

(*Entram Márcio e Tito Lárcio, com um corneteiro.*)

MÁRCIO — Vede essa gente ativa, que avalia seu tempo pelas dracmas já, fendidas. Só colheres de chumbo, travesseiros, ferro velho, gibões como os carrascos com os próprios donos enterrar costumam... É o com que estes escravos se preocupam antes de estar a pugna terminada. Abaixo com eles todos! Vede a bulha que faz o general! Vamos salvá-lo! Eis ali o ódio de minha alma, Aufídio, a espetar os romanos... Nobre Tito, ficai com gente suficiente para segurar a cidade, enquanto eu corro com os que forem dotados de coragem, a socorrer Comínio.

LÁRCIO — Caro amigo, estás sangrando muito; teu esforço foi por demais violento, para em outra refrega te arriscares.

MÁRCIO — Deixai desses elogios, senhor, que meu trabalho não me esquentou ainda. Passai bem. O sangue extravasado é mais saudável para mim que nocivo. É deste modo que quero ver Aufídio e combatê-lo.

LÁRCIO — Agora que Fortuna, a bela deusa, se enamore de ti e com seus grandes encantamentos deixe confundidas as espadas imigas. Destemido gentil-homem, que tenhas como pajem sempre a felicidade.

MÁRCIO — E que não menos amiga se te mostre, como a quantos ela mais favorece. E agora, adeus!

LÁRCIO — Oh meu notável Márcio! (*Sai Márcio.*) Vai logo soar o toque de trombeta na praça do mercado, convocando todos os oficiais do burgo, para ficarem conhecendo nosso intento. Depressa!

(*Saem.*)

Cena 6

Perto do acampamento de Comínio. Entra Comínio com suas forças, em retirada.

COMÍNIO — Tomai fôlego, amigos. Combatemos muito bem. Procedemos em tudo isto como romanos: nem sem pouco tino em nossa resistência, nem covardes na hora da retirada. Acreditai-me, senhores, vamos ter novo recontro. Enquanto nos batíamos, nas pausas, o vento nos fazia ouvir a bulha dos ataques de nossos companheiros. Deuses romanos! dai que eles alcancem tudo o que para nós também queremos, porque nossos exércitos se juntem com faces sorridentes e vos prestem, em gratidão, solene sacrifício! (*Entra um mensageiro.*) Que aconteceu?

MENSAGEIRO — Os homens de Coríolos as portas transpuseram da cidade e em luta se acham já com Lárcio e Márcio. Vi nossos homens repelidos para nossas trincheiras. Nisso, vim correndo.

COMÍNIO — Embora digas a verdade, creio que não falaste bem. Há quanto tempo foi isso?

MENSAGEIRO — Há mais de uma hora, meu senhor.

COMÍNIO — Daqui lá há uma milha. Há pouco ouvimos seus tambores. Por que gastaste uma hora para andar uma milha e nos trazeres notícias atrasadas?

MENSAGEIRO — Sentinelas volscas me perseguiram, obrigando-me a fazer uma volta de três milhas ou quatro, mais ou menos. Não fora isso, meu senhor, eu teria em meia hora cumprido esta missão.

COMÍNIO — Quem aparece naquele ponto, como se tivesse sido esfolado vivo? Oh deuses grandes! tem a forma de Márcio, sendo certo que já o vi desse modo.

MÁRCIO (*dentro*) — Cheguei tarde?

COMÍNIO — Não distingue o pastor com mais acerto entre o trovão e o rufo de tambores, como eu distingo a voz do grande Márcio entre outras mais humildes.

(*Entra Márcio.*)

MÁRCIO — Cheguei tarde?

COMÍNIO — Sim, caso não tragais sangue inimigo como manto, mas próprio.

MÁRCIO — Num abraço como do meu noivado vos aperto de encontro ao coração tão jubiloso como no casamento, quando tochas para o leito de núpcias me levavam.

COMÍNIO — Flor dos guerreiros, que é de Tito Lárcio?

MÁRCIO — Está ocupado apenas com decretos, uns à morte condena, outros, a exílio; deste se compadece, a um outro ameaça, aceita o preço do resgate de outro, Coríolos conservando para Roma tal como dócil galgo na correia que à vontade afrouxamos.

COMÍNIO — Onde se acha o poltrão que me disse que vós tínheis recuado até às trincheiras? Onde se acha? Chamai-o aqui.

MÁRCIO — Deixai-o, pois vos disse, tão-somente, a verdade. Quanto a nossos cavalheiros, a plebe numerosa — a peste em todos! e vão ter tribunos! — nunca do gato correu tanto o rato, como eles de poltrões piores do que eles.

COMÍNIO — Teremos tempo para tais histórias? Onde está o inimigo? Sois senhores do campo? Se o não sois, por que parastes antes de sê-lo?

COMÍNIO — Márcio, não tivemos sorte no encontro e fomos obrigados a recuar até aqui, por estratégia.

MÁRCIO — Onde está o inimigo? Sabeis a ordem de suas tropas e onde dispuseram seus homens de confiança?

COMÍNIO — Penso, Márcio, que as tropas da vanguarda são de antíates, as de maior confiança, sob o mando de Aufídio, o próprio coração de suas mais gratas esperanças.

MÁRCIO — Pelos prélios em que já temos combatido juntos; pelo sangue que, juntos, derramamos; por nossos votos de amizade eterna, conjuro-vos a enviar-me sem demora ao encontro de Aufídio e seus antíates. Não deixeis escapar a conjuntura; mas, enchendo o ar de espadas e de lanças, aproveitemos a hora.

COMÍNIO — Muito embora preferisse vos ver num grato banho e, após, os membros reforçar com bálsamo, não ouso denegar vosso pedido: escolhei, pois, os que melhor vos podem auxiliar nessa empresa.

MÁRCIO — Os mais capazes são os de boa vontade. Assim, vos digo: se houver alguém aqui — fora pecado duvidá-lo — que tenha amor à tinta com que me vejo agora besuntado; que por sua pessoa menos tema do que por um mau nome, e considere que é preferível uma heróica morte à vida mal vivida; alguém que a pátria coloque muito acima de si mesmo: que esse valente — seja um só, ou muitos — agite o braço assim, para mostrar-nos sua disposição, e siga Márcio. (*Todos prorrompem em exclamações, agitam as espadas, carregam Márcio e jogam os bonés para o alto.*) Oh, deixai-me! Pensais que eu seja espada? Se essas demonstrações forem sinceras, quem não valerá mais que quatro volscos? Não há entre vós outros quem não possa antepor um escudo ao grande Aufídio, tão duro quanto o dele. Muito embora a todos agradeça, um certo número, somente, escolher vou. Em qualquer outro recontro os mais terão a sua parte, conforme as circunstâncias o exigirem. Em frente, pois. E agora, bem depressa, quatro entre vós escolham para minha sortida os mais dispostos.

COMÍNIO — Ide, amigos, a lealdade provai de vosso gesto; conosco parte igual tereis em tudo.

(*Saem.*)

Cena 7

As portas de Coríolos. Tito Lárcio, tendo posto sentinelas nas portas de Coríolos, sai da cidade com tambor e corneta, para ir ao encontro de Caio Márcio, acompanhado de um tenente, um destacamento de soldados e de um batedor.

LÁRCIO — Assim; guardai as portas; cumpri todas as minhas instruções. Enviai-me aquelas centúrias, se eu mandar pedir reforço.

TENENTE — Podeis ficar tranqüilo.

LÁRCIO — Entrai, fechando sobre nós vossas portas. Vamos, guia; conduze-nos ao campo dos romanos.

(*Saem.*)

Cena 8

Um campo de batalha entre o acampamento dos romanos e dos volscos. Alarma. Entram por lados diferentes Márcio e Aufídio.

MÁRCIO — Só lutarei contigo, pois te odeio mais ainda que a um perjuro.

AUFÍDIO — Justamente como eu a teu respeito. Não possui a África uma serpente que eu odeie mais do que a tua glória insuportável. Firma o pé.

MÁRCIO — Como escravo do outro morra quem primeiro correr e que o condenem depois os imortais.

AUFÍDIO — Se eu fugir, Márcio, escorraça-me como a lebrezinha.

MÁRCIO — Há pouco menos de três horas, Tulo, sozinho combati em vossos muros. Fiz lá o que bem quis. Não é meu sangue que vês a revestir-me. Para tua vingança, pois, arma tua força ao máximo.

AUFÍDIO — Ainda que Heitor tu fosses, o flagelo de que se ufana vossa altiva raça, não poderias escapar-me agora. (*Batem-se. Entram alguns volscos em socorro de Aufídio.*) Serventes, não guerreiros, vosso auxílio amaldiçoado me cobriu de opróbrio!

(*Saem combatendo, perseguidos por Márcio.*)

Cena 9

O acampamento romano. Rebate. Toque de retirada. Fanfarras. Entram, por um lado, Comínio e soldados romanos; por outro, Márcio com o braço na tipóia, e outros romanos.

COMÍNIO — Tivesse eu de contar-te os feitos todos que hoje fizeste, não darias crédito algum ao que eu dissesse. Mas reservo-me para narrá-los onde os senadores vão misturar com lágrimas sorrisos, onde os grandes patrícios a princípio encolherão os ombros, acabando por demonstrar espanto; onde as senhoras, com medo e a estremecer alegremente, quererão ouvir mais; onde os tribunos obtusos e os plebeus embolorados, que ódio entranhado a tua glória votam, a seu mau grado exclamarão: "Aos deuses agradecemos terem dado a Roma semelhante guerreiro!" De nossa festa só terás migalhas, pois já comeste à farta.

(*Entra Tito Lárcio com suas tropas, de volta da perseguição ao inimigo.*)

LÁRCIO — Ó general! eis o corcel; nós somos a gualdrapa, tão-somente. Não viste...

MÁRCIO — Deixai disso, por favor. Minha mãe, que carta branca possui para exaltar seu próprio sangue, me ofende ao elogiar-me. Não fiz nada que não houvésseis feito, isto é: o possível... Como vós, animado... Pela pátria foi tudo. Quem mostrou boa vontade, fez o que eu fiz.

COMÍNIO — Não ireis ser o túmulo de vosso próprio mérito; é preciso que Roma venha a conhecer seus filhos. Fora receptação pior do que roubo, tão vil como a calúnia, vossos feitos ocultar e calar os elogios do que, elevado aos galarins da fama, parecera modesto. Assim, vos peço, em sinal do que sois, não como prêmio do que fizestes, que eu, em vossa frente fale a nossos soldados.

MÁRCIO — Tenho algumas feridas pelo corpo, que me doem, quando são relembradas.

COMÍNIO — Se as deixarmos no esquecimento a ingratidão podia fazê-las gangrenar, vindo a curá-las, assim, com a própria morte. Dos cavalos apreendidos — e há muitos e excelentes de todos os tesouros que reunimos na cidade e no campo de batalha, o décimo vos damos, que apartado deverá ser por vossa própria escolha, antes da divisão do grande espólio.

MÁRCIO — Agradecido, general, vos fico; contudo, o coração não me consente receber peita para minha espada. Recuso-me a aceitá-la, persistindo em reclamar o lote, simplesmente, que me toca em comum com os que tomaram parte ativa no feito.

(*Fanfarra prolongada. Todos gritam: "Márcio! Márcio!" e atiram os bonés e as lanças. Comínio e Lárcio descobrem a cabeça.*)

MÁRCIO — Que não tomem a soar os instrumentos que profanais assim. Se aduladores na campanha os tambores e as cornetas a tal ponto se mostram, que nas cortes e cidades pulule o servilismo de refalsado olhar. Quando o aço fica tão brando quanto a seda do vadio, façamos desta a proteção da guerra. Basta, vos digo. Por não ter ainda lavado o sangue do nariz nem posto por terra algum coitado, o que fizeram muitos outros também sem mais alarde, exaltais-me com vivas exagerados, como se eu gostasse de alimentar a minha pouquidade com louvores molhados em mentiras.

COMÍNIO — É excesso de modéstia. Revelais-vos mais desumano para vossa glória do que reconhecido aos companheiros que vo-la damos com sinceridade. Com vossa permissão, mas se violência contra vós próprio praticais, algemas vos poremos — tal como se procede com quem se prejudica — e, após, falamos com calma e segurança. Assim, que fique conhecido de nós, do mundo todo, que a Márcio toca a palma da vitória. Em testemunho disso, presenteio-o com meu nobre cavalo, conhecido no nosso acampamento, acompanhado de todos os pertences. De hoje em diante, por causa de seus feitos em Coríolos, será — com a aclamação de todo o exército — chamado Caio Márcio Coriolano! Possas usar o nome com nobreza.

TODOS — Caio Márcio Coriolano!

(*Fanfarra. Sons de trombetas e tambores.*)

CORIOLANO — Vou lavar-me; depois de limpo o rosto, vereis se eu coro ou não. De qualquer forma, vos fico agradecido. De bom grado monto em vosso cavalo, prometendo trazer esse bonito sobrenome como penacho do elmo e enaltecê-lo quanto em mim estiver.

COMÍNIO — Agora vamos para as tendas; mas antes do descanso escreveremos para Roma sobre nosso grande sucesso. Tito Lárcio, tereis de retornar para Coríolos e nos mandar os cidadãos mais dignos com quem posamos conversar acerca dos nossos interesses e dos deles.

LÁRCIO — Assim farei, senhor.

CORIOLANO — Já começaram os deuses a zombar de mim. Havendo neste momento recusado dádivas principescas, forçado ora me vejo a pedir um favor ao general.

COMÍNIO — De antemão está feito. Que desejas?

CORIOLANO — De uma feita em Coríolos hospedei-me em casa de um pobre homem, que acolhida muito amiga me deu. Vi-o há momentos prisioneiro; gritou para o meu lado. Mas nesse instante descobri Aufídio, abafando-me a cólera a piedade. Requeiro-vos, assim, a liberdade de meu pobre hospedeiro.

COMÍNIO — Oh! bem pedido! Fosse ele o matador de um de meus filhos, livre seria como o próprio vento. Tito, soltai-o.

LÁRCIO — Márcio, e o nome dele?

CORIOLANO — Por Júpiter, esqueci! Estou cansado. Sinto a memória fraca. Não teremos vinho aqui perto?

COMÍNIO — Vinde a nossa tenda. Está secando o sangue em vosso rosto. É tempo de

cuidarmos disso. Vamos.

(*Saem.*)

Cena 10

O acampamento dos volscos. Fanfarra. Toque de corneta. Entra Tulo Aufídio, coberto de sangue, acompanhado de dois ou três soldados.

AUFÍDIO — Foi tomada a cidade!

PRIMEIRO SOLDADO — Vai ser restituída em vantajosas condições.

AUFÍDIO — Condições! Quisera ser romano, pois não posso, como volsco, ser tudo o que sou mesmo. Condições! Que tratado conter pode condições boas para uma das partes que à mercê está da outra? Cinco vezes, Márcio, lutei contigo, e cinco vezes fui derrotado, o que se dará sempre, quero crer, se medíssemos as forças o número de vezes que comemos. Oh! pelos elementos! Se de novo com ele me encontrar barba com barba, meu será ou eu dele. Já não mostra meu ardor a lealdade costumeira. Antes, pensava em vir a dominá-lo em iguais condições de resistência: espada honrosa contra espada... Agora, se de novo o atacar, de qualquer jeito hei de vencê-lo: por astúcia ou força.

PRIMEIRO SOLDADO — Ele é o demônio.

AUFÍDIO — Muito mais ousado, mas menos astucioso. Envenenado meu valor se acha agora pela ofensa feita por ele. Só por causa dele fugirá de si mesmo. Nem santuário, nem sono, o estado de nudez, de doença, nenhum templo, nem mesmo o Capitólio, a hora do sacrifício, as santas preces dos sacerdotes, todos esses óbices antepostos à fúria, nada pode doravante antepor seus privilégios e usos embolorados contra o grande ódio que eu voto a Márcio. Vindo a achá-lo, seja na minha casa, sob a guarda de meu irmão, e até contra o direito sagrado que a todo hóspede devemos, no sangue de seu coração pretendo lavar a mão feroz. Ide à cidade saber que força há lá e que pessoas como reféns terão de ir para Roma.

PRIMEIRO SOLDADO — E vós, não vindes?

AUFÍDIO — Não; vou esperar-vos no bosque de ciprestes. For obséquio — fica no sul dos moinhos da cidade — ide contar-me como vai o mundo. Conforme os passos dele, hei de esforçar-me por apressar os meus.

PRIMEIRO SOLDADO — Pois não, senhor.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Roma. Uma praça pública. Entram Menênio, Sicínio e Bruto.

MENÊIO — O áugur me disse que esta noite vamos ter notícias.

BRUTO — Boas ou más?

MENÊNIO — Pouco conformes aos votos do povo, pois ele não gosta de Márcio.

SICÍNIO — A natureza ensina os animais a conhecer os amigos.

MENÊIO — For obséquio, a quem ama o lobo?

SICÍNIO — Ao cordeiro.

MENÊIO — Sim, para devorá-lo, tal como os plebeus famintos desejariam fazer com Márcio.

BRUTO — É um cordeiro, com efeito, que bala como urso.

MENÊIO — É um urso, com efeito, que vive como cordeiro. Ambos vós sois velhos; respondei ao que vos vou perguntar.

SICÍNIO e BRUTO — Perfeitamente, senhor.

MENÊIO — De que enormidade é Márcio pobre, que não tenhais em abundância?

BRUTO — Ele não é pobre de nenhum defeito, senão bem provido de todos eles.

SICÍNIO — Principalmente de orgulho.

BRUTO — E a todos ultrapassa em jactância.

MENÊIO — É extraordinário! Não sabeis em que conceito sois tidos aqui na cidade, quero dizer, por nós outros da ala direita? Não o sabeis?

AMBOS — Como assim? De que nos censuram?

MENÊIO — Já que falais de orgulho... Mas não ireis ficar zangados, não?

AMBOS — Falai, senhor! Falai!

MENÊIO — Ora, não tem muita importância, porque o pequeno ladrão oportunidade vos roubará uma grande dose de paciência. Soltai as rédeas ao capricho e ficai aborrecidos quanto quiserdes, no caso de encontrardes prazer nisso. Censurais Márcio por causa de seu orgulho?

BRUTO — Não somos os únicos a fazê-lo, senhor.

MENÊIO — Sei muito bem que, sozinhos, fazeis muito pouca coisa, porque sem

bastantes auxiliares vossos feitos se tornam espantosamente escassos. Tendes qualidades muito infantis para, sozinhos, realizardes muita coisa. Falais de orgulho... Oh! se pudésseis virar a vista para a nuca e passar em revista vosso interior! Oh! se o pudésseis!

BRUTO — Que aconteceria, senhor?

MENÊIO — Ora, então descobriríeis um par de magistrados — aliás bobos — orgulhosos, sem merecimento, arbitrários e cabeçudos, como não há iguais em toda Roma.

SICÍNIO — Menênio, vós também sois bastante conhecido.

MENÊIO — Sim, sou conhecido como um patrício bem humorado, que aprecia um bom copo de vinho quente sem mistura de nenhuma gota do Tibre; que passa por ter o pequeno defeito de prestar ouvidos às primeiras reclamações; vivo e inflamável aos menores estímulos; um sujeito que se mostra mais familiar com o traseiro da noite do que com a fronte da manhã... Digo o que penso, gastando nesse esforço toda a minha maldade. Ao encontrar dois conselheiros como vós — não poderei dizer que sois Licurgos redivivos — no caso de me ser desagradável ao paladar a bebida que me derdes, faço logo uma careta. Não poderei dizer que Vossas Senhorias elucidaram bem a matéria, quando descubro asneira em todas as vossas palavras; e conquanto precise mostrar-me satisfeito com os que dizem que sois pessoas graves e reverendas, ainda assim mentem descaradamente os que afirmam que tendes fisionomias agradáveis. Se ledes todas essas coisas no mapa de meu microcosmo, conclui-se que sou bastante conhecido? Que defeito poderá descobrir em meu caráter vossa sagacidade míope, admitindo-se que eu seja mesmo tão conhecido assim?

BRUTO — Vamos, senhor; vamos; conhecemos-vos perfeitamente.

MENÊIO — Não me conheceis, como não conheceis a vós mesmos nem a coisa nenhuma. Só ambicionais os chapéus e as pernas dos pobres diabos; gastais uma saudável e santa manhã só em ouvir uma disputa entre um taberneiro e uma vendedora de laranja, e adiais para outra audiência essa controvérsia que não vale três vinténs. Quando estais ouvindo a discussão entre as partes, se por acaso sois pinçados pela cólica, fazeis caretas de mascarados; levantais a bandeira vermelha contra toda paciência e, reclamando aos gritos um urinol, despedis uma controvérsia sangrenta, que fica ainda mais enleada depois de vossa audiência, consistindo todo o vosso acordo em chamardes de marotos a ambos os litigantes. Um bem estranho par é o que sois.

BRUTO — Vamos, vamos, senhor; vê-se perfeitamente que sois mais hábil como palhaço de mesa do que como juiz no Capitólio.

MENÊIO — Até os nossos sacerdotes se tornam zombadores, quando encontram tipos ridículos como vós. O que dizeis com mais discernimento não paga o trabalho que tendes com agitar a barba, não merecendo vossas barbas túmulo mais honroso do que servir de enchimento de travesseiro. No entanto dizeis que Márcio é orgulhoso, Márcio que, num cálculo muito por baixo, vale por todos os vossos antepassados até Deucalião, muito embora seja bem possível que os melhores dentre eles não tivessem passado de carrascos hereditários. Muito boa tarde para Vossas Senhorias. Uma conversação mais prolongada convosco poderia infectar-me o

cérebro, por serdes pastores dos bestiais plebeus. Tomo a ousadia de despedir-me de ambos. (*Bruto e Sicínio se afastam.*) (*Entram Volúmnia, Vergília e Valéria.*) Então, minhas formosas e nobres damas — e a lua, se fosse terrena, não teria mais nobreza — para onde vos leva os olhos com tanta pressa?

VOLÚMNIA — Digno Menênio, o meu nobre Márcio está a chegar. Pelo amor de Juno, vamos logo!

MENÊIO — Como! Márcio está de volta?

VOLÚMNIA — Está, meu digno Menênio; com a mais feliz confirmação.

MENÊIO — Fica com o meu boné, Júpiter, e ainda te agradecerei. Olá! Márcio está de volta!

VOLÚMNIA e VERGÍLIA — É certo! É certo!

VOLÚMNIA — Aqui está uma carta dele; o governo recebeu outra; sua esposa, uma terceira, e eu penso que em casa há outra para vós.

MENÊIO — Hoje à noite porei minha casa de pernas para o ar. Uma carta para mim!

VERGÍLIA — Sim, é isso; uma carta para vós. Eu própria a vi.

MENÊIO — Uma carta para mim! Isso me deixa com saúde para sete anos, durante os quais assobiarei para o médico. Comparada com esse cordial, a mais soberana prescrição de Galeno não passa de mezinha ridícula, que vale tanto como remédio de cavalo. Não foi ferido? Ele sempre costumava voltar ferido para casa.

VERGÍLIA — Oh! não, não, não!

VOLÚMNIA — Oh, sim! Está ferido; dou graças aos deuses por semelhante fato.

MENÊIO — Como eu também o faço, se as feridas não forem perigosas. Traz a vitória no bolso? As feridas sempre lhe vão bem.

VOLÚMNIA — Na fronte, Menênio; pela terceira vez ele retorna da guerra com a coroa de carvalho.

MENÊIO — E Aufídio, ele castigou com vontade?

VOLÚMNIA — Tito Lárcio escreveu que eles se bateram, mas Aufídio conseguiu escapar.

MENÊIO — Escapou a tempo, posso asseverar-lhe; que se ele houvesse persistido, eu não desejara ser aufidiuzado daquele jeito nem por todas as arcas de Coríolos. O senado já foi informado de tudo?

VOLÚMNIA — Sigamos, boas senhoras. Sim, sim, sim; o senado recebeu cartas do general, que atribui a meu filho toda a glória da guerra. Nesta campanha ele ultrapassou do dobro suas proezas anteriores.

VALÉRIA — Realmente, contam-se coisas prodigiosas a seu respeito.

MENÊIO — Prodigiosas, sim, posso garantir-vos, e não sem o devido mérito de sua parte.

VERGÍLIA — Permitam os deuses que sejam verdadeiras.

VOLÚMNIA — Verdadeiras? Ora! ora!

MENÊNIO — Verdadeiras, sim. Fosso jurar em como são verdadeiras. Onde é que ele foi ferido? (*Aos tribunos.*) Deus guarde Vossas Reverências! Márcio está de volta; traz novos motivos de orgulho. (*A Volúmnia.*) Onde é que ele foi ferido?

VOLÚMNIA — No ombro e no braço esquerdo. Ficará com cicatrizes grandes, para mostrar ao povo, quando tiver de pleitear um posto. Na expulsão de Tarquínio ele recebeu sete ferimentos.

MENÊIO — Um no pescoço e dois na coxa... Que eu saiba, são nove.

VOLÚMNIA — Antes desta expedição ele tinha vinte e cinco cicatrizes.

MENÊNIO — Então, agora tem vinte e sete; cada fenda representa o túmulo de um inimigo. (*Fanfarras e aclamações.*) Escutai: trombetas!

VOLÚMNIA — São os emissários de Márcio; à frente ele traz barulho; atrás só deixa lágrimas. O gênio escuro traz no braço forte; feroz o vibra: é para todos morte.

(*Sinal de advertência. Trombetas. Entram Comínio e Tito Lárcio; entre eles, Coriolano com a coroa de carvalho, capitães, soldados e um arauto.*)

ARAUTO — Fica sabendo, Roma, que, sozinho, Márcio lutou nas portas de Coríolos, onde ganhou, com honra, mais um nome, que a Caio Márcio seguirá com glória: Coriolano! Bem-vindo sois a Roma, glorioso Coriolano!

(*Fanfarras.*)

TODOS — Sois bem-vindo, glorioso Coriolano!

CORIOLANO — Basta! basta! Isso magoado o coração me deixa. For obséquio, é o bastante.

COMÍNIO — Olhai, senhor, vossa mãe.

CORIOLANO — Oh! Já sei que conjurastes todos os deuses para o meu bom êxito. (*Ajoelha-se.*)

VOLÚMNIA — Não! de pé, meu soldado valoroso, meu gentil Márcio, meu mui digno Caio, e o nome ganho com recentes glórias... Como é?... Devo chamar-te Coriolano? Mas, oh! tua mulher!

CORIOLANO — Meu gracioso silêncio, salve! Como! Terias rido, acaso, se eu tivesse voltado num esquife, já que choras por me veres em triunfo? Ó minha cara! Olhos assim, somente têm as viúvas de Coríolos e as mães que os filhos choram.

MENÊIO — Possam os deuses coroar-te agora.

CORIOLANO — Como! Ainda vives? (*A Valéria.*) Oh! perdão, senhora!

VOLÚMNIA — Não sei para onde me virar. Bem-vindo! Bem-vindo, general, e assim vós todos.

MENÊIO — Um milhão de bem-vindos. Posso, a um tempo, chorar e rir; estou pesado e leve. Bem-vindo sois. Que a maldição atinja de cheio o coração de quem não fica contente por te ver. Roma devia por vós três estar sempre apaixonada. Mas pela fé, em nossas terras temos umas macieiras bravas que não podem ser enxertadas para vosso gosto. Não importa. Bem-vindos sois, guerreiros! Urtiga é sempre urtiga; não lhe damos outro nome; e os defeitos da estultícia serão sempre tolices.

COMÍNIO — Muito certo.

CORIOLANO — Menênio, sempre! sempre!

ARAUTO — Abri caminho por ali e avançai.

CORIOLANO — A mão... A vossa também. Antes de em casa ir a cabeça refrescar, tenho de ir fazer visita àqueles bons patrícios que me encheram não só de cumprimentos, mas, com estes, um fardo de honrarias.

VOLÚMNIA — Tive vida bastante para ver meus mais ardentes desejos realizados e concluído o edifício de minha fantasia. Só uma coisa ainda falta que, estou certa, nossa Roma terá de conceder-te.

CORIOLANO — Ficai sabendo, boa mãe: prefiro servi-los como entendo a ser partícipe do comando como eles entenderem.

COMÍNIO — Ao Capitólio, vamos!

(*Fanfarras de cornetas. Saem solenemente como entraram; os tribunos ficam.*)

BRUTO — Todas as bocas falam dele, e para vê-lo as vistas já turvas põem óculos. Vossa ama tagarela seu pimpolho deixa gritar a ponto de afogar-se. só para falar nele; a varredora de cozinha ata em torno do pescoço pouco limpo seu pano mais valioso e, para olhá-lo, se pendura ao muro. As lojas, as sacadas, as janelas estão cheias, repletos os telhados; as cumeeiras, montadas por figuras as mais variadas, todos empenhados, tão-só, em contemplá-lo. Os próprios flâmines, tão raramente vistos, se comprimem por entre a multidão e ora se esbofam para um lugar obterem junto à plebe. Nossas damas de véus a guerra entregam entre o rosado e o branco em suas faces belamente pintadas aos estragos livres dos beijos do ardoroso Febo. Tamanha é a confusão, que até parece que o deus que o guia houvesse, de mansinho, penetrado em seu corpo transitório, para graça emprestar-lhe à compostura.

SICÍNIO — Afirmo desde já que vai ser cônsul.

BRUTO — Nossas funções, então, em seu governo poderão cochilar.

SICÍNIO — Ele não há de ter o comedimento necessário para até ao fim levar as honrarias; acabará perdendo o que ganhou.

BRUTO — É o que nos deixa, em parte, mais tranqüilos.

SICÍNIO — Não o duvideis um só momento: o povo, que nós representamos, com seu velho e habitual ódio, ao menor pretexto há de esquecer seus títulos recentes, sendo ele mesmo que há de oferecer-lhes essa oportunidade, estou certíssimo, máxime porque timbra em demonstrá-lo.

BRUTO — Jurar o ouvi que se a pleitear o posto viesse de cônsul, não se mostraria na praça do mercado, nem as vestes sujas dos suplicantes vestiria, nem, como de uso, mostraria as suas cicatrizes ao povo de mau hálito, para pedir-lhes voto.

SICÍNIO — É muito certo.

BRUTO — Foram suas palavras: preferira não alcançar o posto, a vir a obtê-lo por outro meio que não seja o voto dos senhores e o anelo da nobreza.

SICÍNIO — Nada me agrada tanto como vê-lo persistir nessa idéia e pô-la em prática.

BRUTO — É o que fará, decerto.

SICÍNIO — E que há de em nosso proveito redundar, sendo para ele segura destruição.

BRUTO — Se não a dele, então será a de nossa autoridade. For isso relembremos aos do povo o ódio que Márcio votou sempre a todos e como, se pudesse, os transformara em animais de carga, silenciara seus defensores e cortara todas as suas liberdades, sobre tê-los em tal conceito quanto aos atos próprios do ser humano e o esforço produtivo, que mais alma não chega a conceder-lhes do que aos próprios camelos de campanha, que alimentos só obtêm, quando carregam pesados fardos, e pancada a rodo, quando caem sob a carga.

SICÍNIO — Tal idéia, como o dissestes, sugerida a tempo, quando sua insolência insuportável houver deixado o povo mais alerta — sendo que essa ocasião virá depressa, se excitá-lo soubermos, o que muito mais fácil nos será do que cachorros açular contra ovelhas — esse o fogo vai ser que incendiará sua palha seca, e cujas labaredas para sempre vão deixá-lo tisnado.

(*Entra um mensageiro.*)

BRUTO — Que há de novo?

MENSAGEIRO — No Capitólio vos reclamam. Dizem que Márcio vai ser cônsul. Apertarem-se vi mudos para vê-lo, e muitos cegos para ouvi-lo falar. Nossas matronas atiram luvas; damas e meninas, lenços e charpas à passagem dele. Dobram-se os nobres como se estivessem ante a estátua de Jove, tendo os próprios comuns feito uma chuva de trovoada com seus gorros e vivas. É inaudito.

BRUTO — Vamos ao Capitólio; disponhamos de olhos e ouvidos para o dia de hoje, mas de disposição para o que possa resultar de tudo isso.

SICÍNIO — Irei convosco.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo, O Capitólio. Entram dois oficiais para colocar almofadas.

PRIMEIRO OFICIAL — Vamos! vamos! Eles já vêm perto. Quantos são os candidatos para o consulado?

SEGUNDO OFICIAL — Três, é o que dizem; mas todos estão certos de que Coriolano ganhará o pleito.

PRIMEIRO OFICIAL — É um sujeito valente, mas orgulhoso a conta inteira, e não gosta do povo comum.

SEGUNDO OFICIAL — For minha fé, há muitas personagens de projeção que adularam o povo, sem nunca lhes terem dedicado a menor afeição, como há outros que o povo amou sem saber porquê. Ora, se o povo ama sem saber porquê, também odeia sem maior fundamento. Assim, não se preocupando nem com o amor nem com o ódio que os plebeus possam votar-lhe, Coriolano prova que conhece perfeitamente a disposição de todos eles, o que revela à saciedade com sua nobre indiferença.

PRIMEIRO OFICIAL — Se ele não se preocupa nem com o ódio nem com o amor dos plebeus, mantém-se em equilíbrio, sem lhes fazer bem nem mal. Mas a verdade é que procura o ódio deles com mais empenho do que eles poderiam ser capazes de revelar-lho, sem deixar por fazer nada que possa apresentá-lo como inimigo declarado de todos. Ora, procurar tão abertamente o ódio e o descontentamento do povo é tão prejudicial como o que ele próprio reprova; adulá-lo para obter-lhe as graças.

SEGUNDO OFICIAL — Ele se tornou benemérito da pátria; sua ascensão não se fez por degraus tão suaves como os dos que subiram à força de se mostrarem insinuantes e corteses para o povo, desfazendo-se em zumbaias, sem que nada mais houvessem feito para se afirmarem em sua estima e apreciação. Não; de tal modo plantou ele a honra nos olhos de todos e seus grandes feitos no coração do povo, que ficarem caladas as bocas, sem proclamarem essa verdade, fora ingratidão culposa, e contestá-lo, maldade inominável que, dando a si própria o desmentido, provocaria de quem quer que o ouvisse protestos e reprovações.

PRIMEIRO OFICIAL — Bem; não falemos mais dele; é um homem digno. Abramos caminho, que eles já estão chegando.

(*Toque de trompa. Entram, precedidos de lictores, o Cônsul Comínio, Menênio, Coriolano, grande número de senadores, Sicínio e Bruto. Os senadores sentam-se em seus lugares; os tribunos sentam-se à parte.*)

MENÊIO — O negócio dos volscos terminado e após termos mandado a Tito Lárcio ordem para voltar, o assunto máximo desta nossa reunião extraordinária vai consistir em premiar os nobres serviços de quem soube com tal êxito defender sua pátria. Assim, vos resta pedir agora, venerandos padres, que o atual cônsul que na feliz campanha foi nosso general nos conte um pouco de todas as ações extraordinárias feitas por Caio Márcio Coriolano, a quem agradecer agora vamos e enaltecer com honras dignas dele.

PRIMEIRO SENADOR — Bom Comínio, falai, sem omitir nada por ser extenso, convencendo-nos de que antes poderá mostrar-se Roma deficiente no prêmio do que falhos de gratidão seus filhos. (*Aos tribunos.*) De vós outros, tribunos populares, reclamamos amigável ouvido e, após, a vossa benigna interferência junto ao povo, para que aprove quanto aqui fizermos.

SICÍNIO — Aqui comparecemos convocados para um pacto amigável, encontrando-nos de coração dispostos a dar honras ao assunto agitado e a incentivá-lo.

BRUTO — O que faremos tanto mais felizes, se doravante ele mostrar que o povo tem em mais alto apreço do que sempre revelou no passado.

MENÊIO — Vamos logo! Passemos ao que importa. Preferível fora nada dizer. Não quereríeis ouvir falar Comínio?

BRUTO — De bom grado; mas minha restrição tem mais cabida do que vossa censura.

MENÊIO — Ele aprecia vosso povo; mas não deveis forçá-lo a dormir a seu lado. Agora fale o mui digno Comínio. (*Coriolano se levanta e faz menção de retirar-se.*) Não; ficai.

PRIMEIRO SENADOR — Sentai-vos, Coriolano, sem corardes das gloriosas ações que praticastes.

CORIOLANO — Nobres, perdoai-me; mas preferiria ter de pensar de novo estas feridas a ouvir contar como cheguei a obtê-las.

BRUTO — Quero crer, meu senhor, que não deixastes vosso lugar por causa do que eu disse.

CORIOLANO — Oh não, senhor! Porém já se tem dado resistir eu a golpes e, no entanto, pôr-me em fuga por causa de palavras. Não me adulastes; logo, não feristes. Vosso povo, avalio-o pelo peso.

MENÊIO — For obséquio, sentai-vos.

CORIOLANO — Preferira que ao sol o crânio todo me arranhassem, quando soasse o alarma, a aqui sentar-me sem fazer coisa alguma e ouvir meus nadas transformados em monstros assombrosos. (*Sai.*)

MENÊIO — Homens do povo, como poderia ele adular vossa cambada infinda — onde, entre mil, um bom, somente, se acha — quando, como estais vendo, ele prefere todos os membros arriscar pela honra, a deixar que um só ouvido ouça seus feitos? Comínio, principiai.

COMÍNIO — A voz me falta. Proclamados não podem ser os feitos de Coriolano por um

peito débil. A virtude suprema — afirmam todos — é a coragem, que mais que tudo os homens eleva e dignifica. Sendo certa semelhante premissa, em todo o mundo não há quem possa ser equiparado ao varão de que falo. Quando tinha dezesseis anos e Tarquínio contra Roma se levantou, ele nas pugnas se distinguiu de todos. O então nosso ditador, a quem cito com louvores, o viu lutar, tendo testemunhado como ele, com seu queixo de amazona, correr fazia lábios bigodudos. Defendeu um romano que caíra, tendo, à vista do cônsul, derrubado três dos opositores. Sim, ao próprio Tarquínio se atreveu e o fez, de um golpe, tocar com o joelho em terra. Nesse dia de altos feitos, em que ele poderia representar como mulher na cena, provou ser o mais farte da campanha e alcançou a coroa de carvalho. Tendo passado, assim, da adolescência para virilidade tão gloriosa, como o oceano cresceu, e no entrechoque de dezessete pugnas, depois disso, os louros empalmou dos gládios todos. De seu último feito, diante e dentro de Coríolos, confesso que não posso, falar como devera. Fugitivos soube deter, e por seu raro exemplo fez os covardes terem por brinquedo quanto era, então, terror. Como sargaços diante da quilha de um navio à vela, dobravam-se os imigos e ficavam debaixo de seu beque. Sua espada, timbre da morte, não deixava nunca de marcar no alvo certo. Da cabeça aos pés era uma coisa só de sangue, cujas passadas eram concertadas com gritos de agonia. Ele, sozinho, entrou na mortal porta da cidade que tingiu com o destino inevitável; sem auxílio, escapo e, de repente, com súbito reforço foi em cima, de Coríolos cair como um planeta. Tudo, então, lhe pertence. E quando, aos poucos, o clangor da batalha o ouvido fino começou de ferir-lhe, in continenti duplamente restauram-lhe os espíritos o que na carne se encontrava lasso, e voltou para a luta, onde passava fumegante por sobre a vida de homens como se fosse a destruição perpétua. E só quando a cidade e o vasto campo pudemos chamar nosso, foi que pausa ele se permitiu, para que fôlego viesse enfim a tomar.

MENÊIO — Digno romano!

PRIMEIRO SENADOR — Adequadas à sua envergadura são as honras que vamos conferir-lhe.

COMÍNIO — Em nosso espólio deu com o pé, olhando para as coisas mais ricas, como se elas não passassem de escória vil terrena. Cobiça menos do que poderia dar-lhe a própria miséria. A recompensa de seus atos, e encontra-a em realizá-los, e, arrematando-os, passa alegre o tempo.

MENÊIO — É nobre em toda linha. Convocai-o.

PRIMEIRO SENADOR — Que chamem Coriolano!

OFICIAL — Já vem vindo.

(*Volta Coriolano.*)

MENÊIO — Alegra-se o senado, Coriolano, em fazer de ti cônsul.

CORIOLANO — Minha vida sempre lhes deverei e meus serviços.

MENÊIO — Só falta dirigirdes-vos ao povo.

CORIOLANO — Peço-vos dispensardes-me desse uso, pois não posso vestir a loba

humilde, de cabeça despida apresentar-me e suplicar ao povo que por minhas feridas me conceda seus sufrágios Dispensai-me, vos peço, dessa parte.

SICÍNIO — Senhor, o povo deve ter seu voto. Jamais abaterão uma partícula desse cerimonial.

MENÊIO — Não forceis muito, por favor; conformai-vos a essa praxe e recebei essa honra como todos vossos predecessores: como é de uso.

CORIOLANO — É uma comédia que eu só represento vermelho de vergonha e que podia muito bem ser do povo retirada.

BRUTO (*à parte, a Sicínio*) — Estais vendo?

CORIOLANO — Gabar-me diante deles: "Fiz isto e aquilo!" patentear-lhes minhas cicatrizes inócuas, que de todos eu devera ocultar, como se houvesse ganho essas marcas só pelo salário do hálito deles todos!

MENÊIO — Basta! Basta! Não insistais sobre isso. A vós, tribunos do povo, apresentamos a proposta, e ao nosso nobre cônsul desejamos honra e felicidade!

SENADORES — A Coriolano honra e felicidade!

(*Fanfarra. Saem todos, com exceção de Sicínio e Bruto.*)

BRUTO — Só por isso, vedes como ele vai tratar o povo.

SICÍNIO — Oh! possam eles perceber-lhe o intento! Irás falar-lhes como quem se indigna de que dependa deles conceder-lhes o que lhes vai pedir.

BRUTO — Vamos embora. Vou informá-los do que aqui fizemos. Tenho ciência de que nos esperam na praça do mercado.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. O foro. Entram vários cidadãos.

PRIMEIRO CIDADÃO — Em resumo: se ele pedir nossos votos, não devemos negar-lhos.

SEGUNDO CIDADÃO — Poderemos, senhor, se o quisermos.

TERCEIRO CIDADÃO — Temos esse direito; mas é um direito que não temos o direito de exercer. Forque se ele nos mostrar suas feridas e nos relatar seus feitos, teremos de emprestar nossas vozes àquelas feridas e de falar por elas. Desse modo, se ele nos contar seus nobres feitos, por nossa parte teremos de exprimir-lhe nossa nobre aprovação. A ingratidão é coisa monstruosa; deixar que a multidão se torne ingrata é transformá-la em monstro; ora, sendo nós membros da multidão, passaremos a ser membros monstruosos.

PRIMEIRO CIDADÃO — Não será precisa muita coisa para que não seja muito melhor do que isso o juízo que ele faz de todos nós, porque no tempo em que nos amotinamos por causa do trigo ele não vacilou em chamar-nos de monstro de mil cabeças.

TERCEIRO CIDADÃO — Muita gente já nos tem dado esse nome, que não vem do fato de haver entre nós cabeças louras, castanhas, pretas ou calvas, mas de termos o espírito de colorido diferente. E, em verdade, estou convencido de que se todos os nossos pensamentos tivessem de sair de um só crânio, voariam de pronto para leste, norte e sul, só havendo unanimidade, quanto ao caminho direito, em se dispersarem imediatamente pelos quatro pontos cardeais.

SEGUNDO CIDADÃO — Essa é a vossa opinião? Para que lado, então, pensais que meu pensamento voaria?

TERCEIRO CIDADÃO — Ora, vosso pensamento não escaparia tão velozmente como o de qualquer outra pessoa; está muito fortemente encavilhado numa cabeça de pau. Mas no caso de libertar-se, é certeza que seguiria para o lado do sul.

SEGUNDO CIDADÃO — E por que para esse lado?

TERCEIRO CIDADÃO — Para perder-se num nevoeiro; depois de ficar com três quartas partes dissolvidas nas brumas pútridas, retornaria a quarta, por questão de consciência, para ajudar-vos a arranjar uma mulher.

SEGUNDO CIDADÃO — Estais, sempre com brincadeiras. Continuai! continuai!

TERCEIRO CIDADÃO — Estais, portanto, resolvidos a dar o vosso voto? Pouco

importa. É a maioria que decide. Penso que se ele se inclinar para o povo, não haverá homem mais digno. (*Entra Coriolano, com traje humilde, e Menênio.*) Aí vem ele com vestes humildes; observai sua atitude. Não devemos ficar juntos; passemos por ele insuladamente, ou em grupos de dois e de três. Terá de fazer o pedido a cada cidadão, com o que cada um de nós ganhará honra em dar-lhe o voto com a própria voz e a própria boca. For isso, acompanhai-me, que eu vos indicarei o modo de vos aproximardes dele.

TODOS — De acordo! de acordo!

(*Saem os cidadãos.*)

MENÊIO — Senhor, estais errado; pois decerto sabeis que os cidadãos mais conceituados assim mesmo fizeram.

CORIOLANO — De que modo falar-lhes? "Peço-vos, senhor..." Malditos! Não posso pôr a língua nesse passo. "Contemplai, meu senhor, estas feridas; no serviço da pátria ganhei todas, quando muitos dos vossos companheiros aos urros debandavam, só de ouvirem nossos próprios tambores."

MENÊIO — Pelos deuses! não faleis assim. Deveis levá-los a pensar sobre vós.

CORIOLANO — Pensar em mim? Que se enforquem! Prefiro que se esqueçam do que me diz respeito, como o fazem com a virtude que, em pura perda, os padres gastam com eles todos.

MENÊIO — Desse modo estragaríeis tudo. Vou deixar-vos. For obséquio, falai-lhes, por obséquio, por maneira razoável.

CORIOLANO — Nesse caso mandai que todos vão lavar o rosto e limpar mais os dentes. (*Sai Menênio.*) Eis que chega uma parelha deles. (*Voltam dois cidadãos.*) Com certeza sabeis, senhor, por que me encontro aqui.

PRIMEIRO CIDADÃO — Perfeitamente, senhor; dizei-nos o que vos levou a isso.

CORIOLANO — Meu próprio mérito.

SEGUNDO CIDADÃO — Vosso próprio mérito!

CORIOLANO — Sim, que não foi meu desejo.

PRIMEIRO CIDADÃO — Como! Não vosso desejo?

CORIOLANO — Não, senhor, pois nunca desejei incomodar com pedidos os pobres.

PRIMEIRO CIDADÃO — Deveis imaginar que se vos dermos alguma coisa será com a esperança de obter alguma recompensa.

CORIOLANO — Então dizei-me, por obséquio, qual é o preço do consulado?

PRIMEIRO CIDADÃO — O preço é um pedido delicado.

CORIOLANO — Delicado! Ora, senhor! concedei-mo, por obséquio. Tenho que mostrar-vos cicatrizes, o que poderei fazer em particular. Vosso bom voto, senhor... Que me dizeis?

SEGUNDO CIDADÃO — Será vosso, digno senhor.

CORIOLANO — Negócio feito, senhor. Ao todo, já mendiguei dois dignos votos. Aceito vossos óbolos. Adeus.

PRIMEIRO CIDADÃO — Tudo isso é um pouco estranho!

SEGUNDO CIDADÃO — Se tivéssemos de concedê-lo de novo... Ora! não importa.

(*Saem os dois cidadãos.*)

(*Voltam dois outros cidadãos.*)

CORIOLANO — Por obséquio, se se concilia com o tom de vossa voz que eu venha a ser cônsul, aqui me encontro com as vestes do estilo.

TERCEIRO CIDADÃO — Tomastes-vos com nobreza merecedor da pátria, e não vos tomastes merecedor com nobreza.

CORIOLANO — Vossa charada?

TERCEIRO CIDADÃO — Fostes flagelo para os inimigos dela; fostes açoite para seus amigos. O certo é que jamais amastes o povo comum.

CORIOLANO — Tanto maior é o cabedal de virtude que deveríeis levar à minha conta, por eu não ter sido comum em minhas afeições. Vou adular, senhor, meus irmãos jurados, as pessoas, do povo, para merecer deles mais cordial estima... por ser essa a condição que eles consideram amável. E por preferirem eles, em sua sabedoria, meu chapéu a meu coração, vou exercitar-me nas curvaturas aduladoras, para sair-me do caso com o mais-completo fingimento. Quero dizer, senhor, vou imitar a fascinação de algum homem popular e concedê-la a mancheias a quantos a desejarem. Por isso, concordai, vos peço em que eu venha a ser cônsul.

QUARTO CIDADÃO — Esperamos encontrar em vós um amigo; por isso, de coração vos damos nossos votos.

TERCEIRO CIDADÃO — Recebestes muitas feridas na defesa da pátria.

CORIOLANO — Não desejo selar vosso conhecimento com mostrar-vo-las. Farei grande cabedal de vossos votos, não desejando incomodar-vos por mais tempo.

AMBOS OS CIDADÃOS — Que os deuses vos dêem alegria, senhor, de todo o coração.

(*Saem.*)

CORIOLANO — Que votos agradáveis! Antes morrer de fome, alarvemente, do que ter de pedir a tanta gente quanto já nos pertence. Como logo vestido, assim, que faço — grande bobo! — pedindo a Pedro e a João o voto estulto? Chamam a isso costume; é quase um culto; mas se seguirmos o costume em tudo, o pó do tempo ficará rabudo, e tal montanha de erros se levanta, que a verdade, de vez, enfim suplanta. Se não quiser estupidificar-me deixemos logo o ofício com seu carme para quem se dispõe a exercitá-lo. Já consegui vencer meio intervalo. Ora, tendo sofrido uma metade, a outra, por isso, perecer não há de. Eis outros votos que nos chegam. (*Voltam mais três cidadãos.*) Vossos votos, senhores. Foi por vossos votos que eu combati; velei por vossos votos; recebi duas dúzias de feridas, ou mais, por vossos votos. Vi batalhas e ouvi três vezes seis; só pelos vossos votos fiz muitas coisas; umas, grandes; outras,

pequenas. Bem; os vossos votos. Desejara ser cônsul.

QUINTO CIDADÃO — Ele se conduziu com nobreza, não podendo, portanto, deixar de alcançar o voto das pessoas honestas.

SEXTO CIDADÃO — Então, que se torne cônsul. Que os deuses lhe concedam alegria e o façam amigo do povo.

TODOS — Amém! Amém! Deus te proteja, nobre cônsul!

(*Saem os cidadãos.*)

CORIOLANO — Dignos votos!

(*Volta Menênio, com Bruto e Sicínio.*)

MENÊIO — Passastes bem o prazo estipulado. Os tribunos vos dão a voz do povo. Agora só vos resta pôr as vestes oficiais e logo ir para o senado.

CORIOLANO — Aqui já terminou?

SICÍNIO — Satisfizestes os costumes do rogo. Assim, o povo vos aprova, ficando convocado para a confirmação de vossa escolha.

CORIOLANO — Onde isso? No senado?

SICÍNIO — Sim, lá mesmo.

CORIOLANO — Posso trocar de roupa?

SICÍNIO — Sim, mui digno senhor; podeis.

CORIOLANO — Vou fazer isso logo; e, depois de voltar a ser eu mesmo, irei para o senado.

MENÊIO — Irei convosco. Não vindes?

BRUTO — Vamos esperar o povo.

SICÍNIO — Passai bem. (*Saem Coriolano e Menênio.*) Alcançou o que queria. No olhar revela, quero crer, o ardor que tem no coração.

BRUTO — Com que arrogância envergou ele as vestes da humildade! Despedireis o povo?

(*Voltam os cidadãos.*)

SICÍNIO — Então, meus mestres? Elegestes esse homem?

PRIMEIRO CIDADÃO — Teve os nossos votos, senhor.

BRUTO — Só peço aos deuses que ele mereça vosso amor.

SEGUNDO CIDADÃO — Amém, senhor. Segundo minha humilde observação, de nós zombava ao nos pedir os votos.

TERCEIRO CIDADÃO — É certo: motejou de ponta a ponta.

PRIMEIRO CIDADÃO — Não, não zombou de nós; fala assim mesmo.

SEGUNDO CIDADÃO — A não ser vós, há quem não afirme que nos tratou com insolência extrema. Não nos mostrou as cicatrizes de honra que recebeu lutando pela pátria.

SICÍNIO — Como! Mostrou; tenho certeza disso.

TODOS — Não! Não! Ninguém as viu.

TERCEIRO CIDADÃO — Somente disse que tinha cicatrizes e que estava pronto a mostrá-las em particular. Agitando, depois, com ar de escárnio, deste modo, o chapéu, "Desejaria ser cônsul" disse, "e cônsul não consente o uso antigo que seja sem que obtenha vossos votos. Por isso: vossos votos!" E após lhos concedermos: "Agradeço", prosseguiu, "vossos votos; obrigado vos sou por esses votos inefáveis. Mas, uma vez que vos comprometestes, liquidemos as contas". Não é isso, dizei, puro sarcasmo?

SICÍNIO — E como fostes tão ignaros que não o percebestes, ou, tendo-o percebido, revelastes tamanha ingenuidade, para dar-lhe vosso voto amigável?

BRUTO — Não podíeis ter-lhe dito, tal como vos instruímos, que quando ele não tinha força alguma, qual subalterno servidor do Estado, era vosso inimigo, falou sempre contra vosso direito e os privilégios de que gozais no corpo da república? E agora, após ter alcançado um posto poderoso no leme do governo, se continuar a se mostrar inimigo maligno dos plebeus, não poderia dar-se que vossos votos a ser venham a maldição que contra vós se vira? Deveríeis ter dito que assim como seus dignos feitos mereciam quanto pretendia ele então, também seria de esperar que ele em sua natureza graciosa se lembrasse de vós todos e dos votos pedidos, transformando-se em amizade a sua malquerença e ele em vosso afetuoso protetor.

SICÍNIO — Essa linguagem, como vos dissemos antecipadamente, lhe teria calado fundo na alma e posto à prova seu pendor verdadeiro, sobre ter-lhe promessas amigáveis arrancado, de que depois vos aproveitaríeis conforme as ocasiões; ou então deixara corroída sua natureza abrupta, que não se dobra a imposição nenhuma. Ora, uma vez zangado, poderíeis ter tirado partido de sua cólera, para não elegê-lo.

BRUTO — Percebestes o sarcasmo com que ele vos falava, pedindo vosso apoio, quando tinha necessidade de alcançar uns votos, e imaginais que seu desprezo nunca virá a vos ser nocivo, quando força ele tiver para esmagar a todos? Como! Não tendes coração no corpo? Só língua para gritar contra os próprios preceitos da razão?

SICÍNIO — Já recusastes muitos pedintes, para agora dardes a quem nada pediu e riu de todos, vossos sufrágios tão solicitados?

TERCEIRO CIDADÃO — Não foi ainda confirmado; fácil nos fora recusá-lo.

SEGUNDO CIDADÃO — E assim furemos; tenho quinhentos votos desse timbre.

PRIMEIRO CIDADÃO — E eu duas vezes isso, sem contarmos os votos dos amigos deles todos.

BRUTO — Ide logo dizer a esses amigos que eles agora um cônsul elegeram que os privará de suas liberdades e a voz dos cães, apenas, vai deixar-lhes, nos quais batemos por ladrarem, sendo que os criamos para isso.

SICÍNIO — Ide reuni-los; e que, após julgamento mais sadio, essa escolha desfaçam mais que estúpida. Insisti sobre o orgulho e no velho ódio que sempre vos dicou, e, sobretudo, não deixeis de falar no alto desprezo com que envergou as vestes da humildade; como vos desprezava com toda a alma. Lembrai, porém, que vossas simpatias, tomando em conta seus atuais serviços, a esquecer vos levou sua conduta neste momento, impertinente e fútil, pauta apenas no ódio inveterado que a todos vós dedica.

BRUTO — Toda a culpa descarregai em nós, vossos tribunos, dizendo que nos esforçamos para remover os obstáculos, fazendo que vossa escolha recaísse nele.

SICÍNIO — Dizei-lhes que o escolhestes mais por nossas injunções do que mesmo iluminados por vossos verdadeiros sentimentos; e que, tendo ocupado, assim, o espírito mais com o que vos impunham do que mesmo com o que fazer, apenas, deveríeis, contra vossos desejos o elegestes para esse cargo. Ponde em nós a culpa.

BRUTO — Isso! Não nos poupeis, dizendo a todos como vos doutrinamos várias vezes sobre os serviços que ele, ainda tão jovem, prestou a nossa terra e continua prestando, e sobre o trono originário, a casa nobilíssima dos Márcios, de onde Anco Márcio veio, aquele filho de uma filha de Numa, que o reinado aqui teve depois do grande Hostílio. Da mesma casa foram Públio e Quinto, que a melhor água por canais nos deram... Mais: Censorino, assim apelidado — com honra, pois censor foi duas vezes — foi mui glorioso antepassado dele.

SICÍNIO — Com uma origem dessas e, por cima, com predicados próprios que o tornavam digno do posto, fui recomendado por nós a vossa estima. Mas achastes, depois de sopesar sua conduta presente com o passado, que ele é vosso figadal inimigo e que, por isso, retirais vosso voto irrefletido.

BRUTO — Dizei-lhes que jamais teríeis feito tal coisa — insisti muito nesse ponto — sem nossa sugestão. E quando todos estiverem reunidos, dirigi-vos direto ao Capitólio.

TODOS — Assim faremos. Quase todos estão arrependidos de semelhante escolha.

(*Saem os cidadãos.*)

BRUTO — Que prossigam. Será melhor correr os riscos deste levantamento do que, sem certeza, condições mais propícias esperarmos. Se, com o gênio que tem, ficar furioso com a recusa deles, observemos bem sua cólera e tiremos dela o máximo proveito.

SICÍNIO — Ao Capitólio! Antes da onda do povo lá estaremos, parecendo, o que em parte é verdadeiro, que por impulso próprio agiram, quando, de fato, os aguilhoamos.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Roma. Uma rua. Cornetas. Entram Coriolano, Menênio, Comínio, Tito Lárcio, senadores e patrícios.

CORIOLANO — É certo, então, que Tulo Aufídio se acha novamente de pé?

LÁRCIO — Perfeitamente, senhor, sendo essa a causa de nos termos unido tão depressa.

CORIOLANO — Então os volscos se encontram como no princípio, prontos, conforme as circunstâncias, a atacar-nos.

COMÍNIO — Tão gastos, senhor cônsul, estão todos, que mui dificilmente em nossas vidas veremos seus pendões outra vez soltos.

CORIOLANO — Vistes Aufídio?

LÁRCIO — Veio procurar-me com passe livre, tendo amaldiçoado todos os volscos, por cedido haverem a cidade com tanta covardia. Retirou-se para Ântio.

CORIOLANO — Falou de mim?

LÁRCIO — Falou, senhor,

CORIOLANO — Mas como? Que disse?

LÁRCIO — Que convosco se encontrara muitas vezes, espada contra espada; que não há coisa alguma sobre a terra de que ele, como a vós, tanto ódio tenha, e que de grado arriscaria todos os seus bens em parada perigosa, contanto que pudesse ser chamado de vosso vencedor.

CORIOLANO — Vive ora em Ântio?

LÁRCIO — Em Ântio.

CORIOLANO — Desejara ter motivo para ir lá procurá-lo e, assim, opor-me de cheio, ao seu rancor. Sois mui bem-vindo. (*Entram Sicínio e Bruto.*) Os tribunos do povo, vede! a língua da boca dos comuns! Tenho por eles só desprezo, por causa da maneira por que se pavoneiam nos seus cargos. Não há paciência nobre que os suporte.

SICÍNIO — Parai aí!

CORIOLANO — Que é que houve? Que acontece?

BRUTO — Seria perigoso ir mais adiante.

CORIOLANO — Qual foi a causa de uma tal mudança?

MENÊIO — Que aconteceu?

COMÍNIO — Não foi, acaso, eleito pelos nobres e, assim, pelos comuns?

BRUTO — Não, Comínio; não foi.

CORIOLANO — Então só obtive votos de criança?

PRIMEIRO SENADOR — Abri-nos o caminho, tribunos; ele vai para o mercado.

BRUTO — Exaltado contra ele se acha o povo.

SICÍNIO — Detende-vos; se não, sairá barulho.

CORIOLANO — Esse é o vosso rebanho? Será digno de votar quem promete seu sufrágio para, no mesmo instante, retirá-lo? Que foi feito de vossa autoridade? Se a boca sois do povo, por que causa não dirigis seus dentes? Porventura não os espicaçastes?

MENÊIO — Calma! calma!

CORIOLANO — É de caso pensado; houve conjura para dobrar o voto da nobreza. Tolerai isso e, após vivei com quem não sabe nem mandar nem ser mandado.

BRUTO — Não faleis de conjura. O povo grita que o ludibriastes e que há pouco tempo, quando foi distribuído trigo grátis, vós murmurastes e fizestes troça de seus representantes e os chamastes de criados do momento, aduladores, inimigos dos nobres.

CORIOLANO — Mas tudo isso era mais que sabido.

BRUTO — Não de todos.

CORIOLANO — Quer dizer que depois os informastes?

BRUTO — Eu, informá-los? Como!

CORIOLANO — Sois capazes de semelhantes atos,

BRUTO — Pelo menos sou capaz de melhores do que os vossos.

CORIOLANO — Então, por que eu teria de ser cônsul? Oh! pelas nuvens! Arranjai um jeito de, como vós, eu me tornar inepto e me nomeai tribuno ao vosso lado.

SICÍNIO — Revelais em excesso o que tem feito tanto excitar o povo. Se quiserdes alcançar o alvo a que visais, forçoso vos será procurar a estrada certa, de que vos afastais, com outro espírito, ou nunca alcançareis o nobre posto de cônsul, nem sereis jungido ao lado dele como tribuno.

MENÊIO — Ficai calmos.

COMÍNIO — Semelhantes trapaças não são dignas de Roma, nem merece Coriolano que atiremos com tanta falsidade na estrada reta de seu grande mérito lixo tão desonroso.

CORIOLANO — Ora! falarem-me de trigo! Novamente vou dizer-vos qual foi o meu discurso.

MENÊIO — Não agora! Depois! Depois!

PRIMEIRO SENADOR — Nem nesse estado de alma, caro senhor.

CORIOLANO — Por minha vida, agora! Quero falar. Meus nobres companheiros, peço vosso perdão. Quanto aos muitos, mutáveis sempre, e sempre mal cheirosos, que em mim venham mirar-se — que eu a ninguém adulo — e se conheçam. Repito: lisonjeando-os desse modo, contra nosso senado alimentamos o germe da revolta, da insolência, da rebelião, lançado por nós próprios no sulco aberto e no terreno ao longe semeado e dispersado, com os termos trazido para o número dos nobres que de virtude nem poder carecem, senão das que deixamos aos mendigos.

MENÊIO — É o bastante! É o bastante!

PRIMEIRO SENADOR — Nem mais uma palavra, por obséquio.

CORIOLANO — Nem mais uma? Como! Do mesmo modo que na guerra o sangue derramei por minha pátria sem temer força externa, hão de palavras cunhar os meus pulmões até pararem, contra estes lazarentos, que receamos possam contaminar-nos, mas fazemos tudo para pegar a doença deles.

BRUTO — Falais do povo como se um deus fôsseis para punir, e não um homem fraco como qualquer um deles.

SICÍNIO — Bom seria que fôssemos falar ao povo disso.

MENÊIO — Como! Falar de quê? De sua cólera?

CORIOLANO — Cólera? Embora eu fosse calmo como o sono da meia-noite — pelo grande Jove! — meu modo de pensar seria o mesmo.

SICÍNIO — É um modo de pensar que ficar deve, como veneno que é, no lugar próprio, sem que continuar possa a ser nocivo.

CORIOLANO — Deve ficar? Ouvistes o que disse o tritão das sardinhas? Percebestes seu absoluto “deve”?

COMÍNIO — Foi um lapso de expressão.

CORIOLANO — Como! “Deve”? Ó generosos mas levianos patrícios! Como, graves senadores, porém imprevidentes, permitistes a essa hidra que escolhesse representante para, com um “deve” impudente, ele que é, tão-só, a tromba e o barulho do monstro, ter o ousio de pretender mudar num fosso estreito a corrente de vossa autoridade, transformando no dele vosso leito? Se ele é potente, então acomodai-vos em vossa estupidez; se não, que acorde vossa indulgência mais que perigosa. Se sois esclarecidos, que não seja vossa conduta como a dos idiotas; não o sendo, então, que eles também se sentem ao vosso lado em moles almofadas. Sois plebeus, se eles forem senadores; e menos não serão desde que, tendo misturado seus votos com os dos nobres, sente o fino padar ao gosto deles. Escolheram os seus representantes do tipo deste que antepôs seu “deve”, seu “deve” popular, a este conclave de graves senadores, como nunca franziu outro na Grécia o cenho augusto. Por Jove! Isso rebaixa nossos cônsules. Sofro até o fundo da alma, quando vejo dois poderes de pé, sem que o primado nenhum alcance, e como facilmente penetra a confusão no espaço entre ambos, vindo, assim, mutuamente a se destruírem.

COMÍNIO — Bem: mas vamos à praça do mercado.

CORIOLANO — Quem teve a idéia de distribuir grátis o trigo dos depósitos, tal como algumas vezes já se fez na Grécia...

MENÊIO — Muito bem! muito bem! Sobre isso basta.

CORIOLANO — ...embora o povo lá tivesse muito mais força que entre nós, com isso apenas trabalhou para a ruína da república.

BRUTO — Como! Poderá o povo dar seu voto para quem fala assim?

CORIOLANO — Vou dar-vos minhas razões, que valem mais que o voto deles. Eles tinham certeza de que o trigo que lhe demos não era recompensa por coisa alguma, pois jamais haviam feito jus a tal prêmio. Quando instados para a guerra, no instante em que a república atingida se via nas entranhas, não ousaram pôr pé fora das portas. Merecerá serviço desse gênero distribuição de trigo? Na campanha, seus motins e revoltas, com os quais todos sobretudo mostravam valentia, a favor deles não falavam nunca. As recriminações que, tão freqüentes, contra nosso senado levantaram, todas elas de causa inexistente, não poderiam nunca ser motivo de dádiva tão franca. Bem; e agora? Como essa multidão de vista curta digere a cortesia do senado? Que traduzam seus atos os discursos em tudo iguais àqueles: "Exigimos; somos a grande massa, tendo sido por puro medo que eles concederam tudo quanto pedimos". Rebaixamos, assim, a natureza do mandato, justificando que a canalha o nome de medo dê ao que é solicitude. Dentro de pouco, as portas do senado serão forçadas e no seu recinto os corvos bicarão as próprias águias.

MENÊIO — Vamos; já chega.

BRUTO — Chega com excesso.

CORIOLANO — Não, ouvi o que falta. Quanto as juras constituem, humanas e divinas, sele agora o meu fecho. Esse o governo de dois poderes, no qual uma parte sente desprezo, com razão, da outra, sendo por ela, sem nenhum motivo, coberta só de injúrias; em que os títulos, a experiência, a nobreza não conseguem decidir coisa alguma sem que alcancem o sim ou o não da estupidez dos muitos: acabará das reais necessidades se descuidando, para ver-se presa da inconstante fraqueza. Quando todos os propósitos, todos, morrem frustros, tudo passa a ser feito sem propósito. Por isso vos conjuro, vós que menos medrosos quereis ser do que discretos; que amais os fundamentos da república bastantemente para não quererdes vê-los modificados; que uma vida com nobreza antepondes à existência prolongada e sem cor, e arríscaríeis aplicar um remédio perigoso num corpo que, sem isso, perecera: já já tirai à multidão a língua; que ela não lamba o mel que é seu veneno. Vosso rebaixamento deixa em postas o são juízo e priva o alto governo da inviolabilidade, indispensável, que nenhum bem agora fazer pode pelo mal que o dirige.

BRUTO — Falou muito.

SICÍNIO — Falou como traidor, devendo a pena receber dos traidores.

CORIOLANO — Grande tolo, que o desprezo te esmague! Que é que pode fazer o povo com tribunos calvos? Porque depende deles, nega toda reverência ao poder mais elevado. Foi

uma rebelião que os elegeu, quando a coação é lei, não o direito. Denominai, numa hora mais propícia, direito o que é direito e ao pó da rua atirai seu poder.

BRUTO — Traição patente!

SICÍNIO — Isto é ser cônsul? Nunca!

BRUTO — Olá! Edis! Venham logo prendê-lo.

(*Entra um edil.*)

SICÍNIO — Chama o povo, (*Sai o edil.*) em cujo nome eu te detenho, como inovador traiçoeiro e da república declarado inimigo. Ordeno-o; segue-me e entrega-te à justiça.

CORIOLANO — Velho bode, para trás!

SENADORES — De caução lhe serviremos.

COMÍNIO — Velho, abaixai a mão!

CORIOLANO — Sai, coisa podre! do contrário, farei saltar-te os ossos de dentro dessa roupa.

SICÍNIO — Cidadãos! Socorro, cidadãos!

(*Entram outros edis, com um magote de cidadãos.*)

MENÊIO — De ambos os lados, mais reflexão.

SICÍNIO — Ali podeis ver o homem que quisera deixar-vos sem direitos.

BRUTO — Edis, prendei-o!

CIDADÃOS — Abaixo! Abaixo!

SENADORES — Armas! Armas! Armas! (*Correm todos, aos gritos, para o lado de Coriolano.*) Tribunos! Cidadãos! Patrícios! Oh! Sicínio! Bruto! Coriolano! Amigos! Paz, paz! Detende-vos! Silêncio! Paz!

MENÊIO — Que se vai dar? Estou quase sem fôlego. Estamos na iminência de um desastre. Não sei falar... Tribunos populares, vós aí... Coriolano, mais paciência! Bom Sicínio, falai!

SICÍNIO — Povo, escutai-me!

CIDADÃOS — Nosso tribuno vai falar! Ouçamo-lo! Paz! Silêncio!... Falai, falai, falai!

SICÍNIO — Arriscados estais a perder todas as vossas liberdades; desejara Márcio vo-las tirar, Márcio que cônsul acabais de eleger.

MENÊIO — Ora, que coisa! Isso é aumentar, não extinguir a chama.

PRIMEIRO SENADOR — A cidade destruir, arrasar tudo.

SICÍNIO — E que é a cidade, se não for o povo?

CIDADÃOS — Sim, é certo: a cidade é o próprio povo.

BRUTO — Fomos eleitos seus representantes pelo voto geral.

CIDADÃOS — E nesse posto continuareis.

MENÊIO — É o que parece, mesmo.

COMÍNIO — Esse é o caminho de arrasar os muros, de pôr o teto rente aos alicerces e enterrar quanto ainda se acha em ordem sob um montão de ruínas.

SICÍNIO — Será a morte para isso a pena certa.

BRUTO — Ou damos prova de nossa autoridade, ou perdê-la-emos definitivamente. Declaramos, pois, em nome do povo, cuja força nos elegeu representantes dele, que Caio é digno de imediata morte.

SICÍNIO — Segurai-o, portanto, e o levai logo para a rocha Tarpéia, de onde seja precipitado e morto.

BRUTO — Edis, prendei-o!

CIDADÃOS — Márcio, entrega-te!

MENÊIO — Ouvi-me num palavra. Conjuro-vos, tribuno: uma palavra, tão-somente.

EDIS — Silêncio! Paz!

MENÊIO — Agora sede o que pareceis: amigos certos de vossa pátria e procedei com calma para o conserto do que por violência pretendeis corrigir.

BRUTO — Senhor, processos frios como esse, que com mui prudentes recursos se assemelham, são veneno quando o mal é violento. — Segurai-o! Para a rocha arrastai-o!

CORIOLANO — Não; primeiro me tirarão a vida. (*Arranca a espada.*) Alguns dos vossos Já me viram lutar. Vinde e em vós próprios experimentai o que fazer me vistes.

MENÊIO — Abaixai essa espada! Retirai-vos, tribunos, um momento.

BRUTO — Segurai-o!

MENÊIO — Socorrei Márcio! — Aqui! Socorrei Márcio. vós da nobreza! Aqui, moços e velhos!

CIDADÃOS — Abaixo Coriolano! Abaixo! Abaixo!

(*No tumulto os tribunos, os edis e o povo são repelidos.*)

MENÊIO — Já! retirai-vos para vossas casas; se não, tudo irá mal.

SEGUNDO SENADOR — Sim, retirai-vos!

CORIOLANO — Fiquemos firmes, pois é igual o número de amigos e inimigos.

MENÊIO — Chegaremos a esse ponto?

PRIMEIRO SENADOR — Que os deuses não o permitam! Peço-te, nobre amigo, por obséquio, vai para casa e deixa a nosso cargo o tratamento disto.

MENÊIO — Dói-nos muito não poderdes pensar vós mesmo a chaga. Por favor, retirai-vos.

COMÍNIO — Vinde, vinde, meu senhor!

CORIOLANO — Desejara que eles fossem bárbaros — como o são, embora tenham tido todos em Roma a manjedoura — não romanos — o que não são, realmente, muito embora paridos tenham sido todos junto ao portão do Capitólio...

MENÊIO — Retirai-vos, sem pôr em vossa boca tanta cólera nobre. Ainda veremos o dia da vingança.

CORIOLANO — Em campo liso bateria quarenta desses biltres.

MENÊIO — Eu próprio me incumbira de um par deles, os mais valentes, sim, os dois tribunos.

COMÍNIO — Mas a desproporção agora é enorme; passa da conta, merecendo o nome de loucura a coragem que se oponha a um edifício que a cair esteja. Não quereis ir antes que a corja volte? Sua raiva parece-se com a água represada, que vence os altos diques que vencê-la soíam.

MENÊIO — Ide, peço-vos. Quero ver se ainda dá meu velho espírito para tratar com quem nenhum possui. É indiferente a cor do pano usado como remendo.

COMÍNIO — Vamos, vamos logo.

(*Saem Coriolano, Comínio e outros.*)

PRIMEIRO PATRÍCIO — Este homem estragou a própria sorte.

MENÊIO — De natural é em demasia nobre para este mundo. Não adularia Netuno sob ameaça do tridente, nem Jove pela força de seu raio. A boca é o coração; ao que se forja dentro do peito a língua dá saída. Chega a esquecer, quando encolerizado, que o nome ouviu da morte em qualquer tempo. (*Barulho dentro.*) Vamos ter coisa.

SEGUNDO PATRÍCIO — Fossem para as camas!

MENÊIO — No Tibre é que os quisera. Com os demônios! Mas por que causa não falou com modos?

(*Voltam Bruto e Sicínio, com a ralé.*)

SICÍNIO — Onde está aquela víbora que Roma quisera despovoar para tornar-se todo o mundo ele só?

MENÊIO — Dignos tribunos...

SICÍNIO — Com rigorosas mãos será atirado já da rocha Tarpéia. Resistiu à lei; por isso a lei desprezar deve quaisquer formalidades e entregá-lo ao rigor do poder do próprio povo por ele desprezado tanto e tanto.

PRIMEIRO CIDADÃO — Fique ele, assim, sabendo que os tribunos são a cabeça do povo e nós, seus braços.

CIDADÃOS — Oh! vai ficar sabendo.

MENÊIO — Mas senhores...

SICÍNÍO — Calai-vos!

MENÊIO — Não griteis "Avança!" quando caçar só poderíeis com direitos em tudo relativos.

SICÍNIO — Por que causa, meu senhor, o ajudastes nesta fuga?

MENÊIO — Ouvi-me um pouco. Assim como conheço todo o valor do cônsul, também posso apontar suas faltas.

SICÍNIO — Cônsul? Que cônsul!

MENÊIO — O cônsul Coriolano.

BRUTO — Cônsul, ele?

CIDADÃOS — Não, não, não, não!

MENÊIO — Se com o consentimento dos tribunos e o vosso, meu bom povo, eu conseguisse dizer-vos uma ou duas palavrinhas, quando muito algum tempo perderíeis.

SICÍNIO — Então sede sucinto, porque estamos determinados a matar aquele viperino traidor. Grande perigo fora expulsá-lo; nossa morte certa, conservá-lo entre nós. Ficou assentado, por isso, que esta tarde a morrer venha.

MENÊIO — Os deuses não permitam que a famosa Roma, cujo alto apreço por seus filhos meritórios impresso está no livro do grande Jove, mãe desnaturada se revele, comendo os próprios filhos.

SICÍNIO — É doença que precisa ser cortada pela raiz.

MENÊIO — Oh não! É um membro doente, tão-somente. Cortá-lo é perigoso; curá-lo é fácil. Que fez ele a Roma que só mereça a morte? Ter matado nossos inimigos? Quando perdeu sangue — que ultrapassa de muitas onças, posso vos afirmar, quanto ele ainda possua — derramado foi todo pela pátria. Se sua pátria agora derramasse o pouco que lhe resta, para todos nós que nisso tivermos parte, ou formos simples espectadores, fora infâmia que duraria até acabar o mundo.

SICÍNIO — Pura tolice, tudo.

BRUTO — E sem propósito. Quando ele amou a pátria, esta o exaltou.

MENÊIO — Se nosso pé gangrena, deixaremos de estimar seus serviços anteriores?

BRUTO — Basta de palavrório. Ide buscá-lo em sua própria casa, de lá mesmo tirando-o à força, para que essa doença, que pega facilmente, não se alastre.

MENÊIO — Uma palavra, ainda; uma palavra! Essa fúria de pés de tigre, quando perceber os prejuízos resultantes da precipitação, há de, mui tarde, desejar ter nos pés libras de chumbo. Prossegui desse modo, para verdes — que ele é muito estimado — levantarem-se os partidos em luta e ser saqueada a grande Roma pelos próprios filhos.

BRUTO — Se tal se desse...

SICÍNIO — Para que falardes? Já não ficamos conhecendo a sua desobediência? Não nos desafiou? Não bateu nos edis? Sigamos logo.

MENÊIO — Refleti que ele criado foi nas guerras desde que pôde manejar a espada, mal iniciado foi nos artifícios da linguagem polida, misturando sem distinção a boa e a má farinha. Se me derdes licença, irei buscá-lo, para que ele responda legalmente, em paz, correndo os riscos e perigos que ele próprio criou.

PRIMEIRO SENADOR — Nobres tribunos, esse é o caminho humano; o outro processo por demais sanguinário se revela, não conhecendo o fim seu próprio início.

SICÍNIO — Ireis ficar, então, nobre Menênio, como oficial do povo. Abaixai vossas armas, meus mestres.

BRUTO — Não vos recolhais.

SICÍNIO — Ide já para a praça do mercado. (*A Menênio.*) Lá vos esperaremos; mas no caso de não levardes Márcio, em nosso plano prosseguiremos.

MENÊIO — Não; hei de levá-lo. (*Aos senadores.*) Desejo que me acompanheis; forçoso será que venha; do contrário, graves serão as conseqüências.

PRIMEIRO SENADOR — Então vamos.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Um quarto em casa de Coriolano. Entram Coriolano e patrícios.

CORIOLANO — Ainda mesmo que todos eles venham dilacerar-me a orelha, ou ameaçar-me de morte pela roda ou esquartejado por cavalos selvagens; ainda mesmo que dez colinas empilhadas ponham sobre a rocha Tarpéia, porque a queda se venha a dar sem que a visão a alcance: não modificarei minha atitude.

PRIMEIRO PATRÍCIO — Tanto mais nobre ela será em tudo.

CORIOLANO — O que me admira é ver que não concorda comigo minha mãe sobre este ponto, ela que sempre lhes chamou escravos de roupa de algodão, coisinhas feitas para o comércio de vintém, apenas, e para nas reuniões aparecerem de cabeça despida, boca aberta, sem dizerem palavra, revelando grande espanto, quando um do meu calibre se alça para falar de paz e guerra. (*Entra Volúmnia.*) Falo de vós. Por que desejaríeis ver-me mais brando? Preferis que eu seja infiel à minha própria natureza? Fora melhor quererdes que meu próprio papel eu represente.

VOLÚMNIA — Oh homem! homem! homem! Quisera que primeiro o posto tivésseis alcançado, embora viésseis depois a malgastá-lo.

CORIOLANO — Pouco importa.

VOLÚMNIA — Poderíeis ter sido inteiramente o homem que sois, sem tanto empenho em sê-lo. Vossas disposições teriam vindo a encontrar menos óbices, no caso de não terdes mostrado aos adversários quais elas eram antes que eles força pudessem ter para contradizer-vos.

CORIOLANO — Ora! forca para eles.

VOLÚMNIA — E fogueira.

(*Entram Menênio e vários senadores.*)

MENÊIO — Vamos, vamos! Vós fostes muito brusco, muito brusco, realmente. É necessário virdes conosco, para endireitardes o que foi feito.

PRIMEIRO SENADOR — Não há outro meio. Caso não concordeis com isso, nossa boa cidade ficará cindida em duas partes, vindo a destruir-se.

VOLÚMNIA — Sede cordato, peço-vos. Possuo também um coração tão impetuoso quanto o vosso. Contudo, tenho cérebro que sabe dirigir a estuosa cólera para vantagem própria.

MENÊIO — Muito certo, nobre dama! Antes que ele se curvasse perante a turba, se violenta crise do tempo não pedisse esse remédio, para que todo o Estado a sarar viesse, envergaria eu próprio minhas armas que mal sustentar posso.

CORIOLANO — Que é preciso que eu faça?

MENÊIO — Ir para junto dos tribunos.

CORIOLANO — Muito bem! Muito bem! E depois disso?

MENÊIO — Retratar-vos de tudo o que dissestes.

CORIOLANO — Como! Perante o povo? Se nem mesmo perante os deuses poderei fazê-lo serei forçado agora a retratar-me?

VOLÚMNIA — Sois muito rigoroso. Muito embora grande nobreza em tudo revelásseis, fala a necessidade. Não dissestes uma vez que na guerra a astúcia e a honra, como grandes amigas, de mãos dadas andam todos os dias? Concedei-me esse ponto e dizei-me em que uma delas pode perder na paz, para que tenha de separar-se da outra?

CORIOLANO — Basta! Basta!

MENÊIO — Excelente questão.

VOLÚMNIA — Se em vossas guerras for honra parecer o que não sois — o que, para ganhar, vos manda a astúcia — em que será menor ou deprimente as duas amizades não fazerem na paz como na guerra, se isso exigem ambas com o mesmo empenho?

CORIOLANO — Por que causa sobre isso insistis tanto?

VOLÚMNIA — Porque importa muito falardes hoje para o povo, não segundo a experiência vos ditar, nem como o coração vos aconselha, mas com palavras que só tenham curso superficial na língua, pensamentos bastardos e fraseado sem nenhuma relação com a lealdade do imo peito. Ora, isso vos desonra tanto como tomar um burgo com palavras brandas sem as quais vos veríeis obrigado a confiar na fortuna sempre móvel e a arriscar muito sangue. Eu dissimularia a natureza, quando a própria fortuna e a dos amigos em perigo o exigissem de minha honra. É assim que eu penso, vossa esposa, o filho, todos os senadores, nossos nobres. Mas preferis mostrar aos farrapentos como franzis o cenho, a um sorrisinho gastar com eles, para que a herdar viésseis o que, de outra maneira, se perdera.

MENÊIO — Nobre senhora! Vamos! Vamos logo! Falai direito para remediardes não somente o presente perigoso, como os males passados.

VOLÚMNIA — Sim, meu filho, dirige-te para eles com teu gorro na mão, assim, levando-o bem à frente, e deixa que teu joelho beije a terra, porque nesses assuntos a eloqüência melhor é o gesto; muito mais instruído é o olho do ignorante do que o ouvido; inclina a fronte assim, que muitas vezes o altivo coração te repreendeu, e tão humilde a deixa como a amora madura que mal pede ser tocada. Ou então lhes dize que és soldado deles, e por teres crescido nas campanhas desconheces os meios delicados — confessarás também — mais condizentes com a atitude que fora de exigir-se de quem implora o bom favor de todos: mas que

ao feitio deles, em verdade, pretendes adaptar-te quanto a tua pessoa e as energias permitirem.

MENÊIO — Fazei apenas quanto ela aconselha e tereis ganho o coração de todos, pois a perdoar tão prontos estão, sempre, quando solicitados, como fáceis se mostram de palavras sem propósito.

VOLÚMNIA — Vamos; sê comedido, por obséquio, embora eu saiba que preferirias ir em perseguição de teu inimigo num abismo de chamas, a adulá-lo num relvado macio. Aí vem Comínio.

(*Entra Comínio.*)

COMÍNIO — Venho da praça pública; é preciso, senhor, que reforceis vossos adeptos ou que cuideis de vossa salvação pela moderação ou pela ausência. A indignação é grande.

MENÊIO — Dirigi-lhes palavras amigáveis.

COMÍNIO — Suficientes poderão ser, tenho certeza disso, se o gênio ele dobrar nesse sentido.

VOLÚMNIA — Há de fazê-lo e de bom grado. Vamos! dizei que assim quereis e parti logo.

CORIOLANO — Será preciso, então, mostrar a todos a cabeça raspada? Com fingida língua imporei ao coração altivo uma mentira dessas? Bem; que seja. Mas se em perigo apenas estivesse este terrão, o molde deste Márcio, antes disso o teriam reduzido a poeira fina e a arremessado aos ventos. Bem; para a praça pública! Impusestes-me um papel que jamais será possível representar direito.

COMÍNIO — Vamos, vamos; serviremos de ponto.

VOLÚMNIA — Eu te suplico, meu caro filho: tens asseverado que ficaste guerreiro tão-somente pelos meus elogios. Ora cumpre representares um papel inédito.

CORIOLANO — Bem; representá-lo-ei. Fora, nativa disposição! De mim se aposse agora o espírito de alguma prostituta. Minha goela guerreira, que fazia coro com meu tambor, torne-se cânula tão fina como a voz de eunuco ou virgem, quando no berço embala as criancinhas. Que em minhas faces fixe moradia o riso dos poltrões; tape as janelas de meus olhos o choro de meninos; que em minha boca a língua de mendigo se ponha em movimento e que estes joelhos armados, nunca afeitos a dobrarem-se senão para montar, ora se curvem como os do pobre que recebe esmola! Não! Não farei tal coisa, que não posso deixar de honrar minha verdade intrínseca, o que faria se, pela atitude do corpo, à alma ensinasse tal baixeza.

VOLÚMNIA — Como queiras, então; maior desonra é para mim pedir-te do que mesmo dirigires-te ao povo. Venha abaixo tudo quanto há, que é preferível dares a sentir a tua mãe teu grande orgulho a fazê-la recear-se, em qualquer tempo, de tua perigosa teimosia, pois rio-me da morte com tanto ânimo como tu próprio. Faze o que quiseres; teu heroísmo vem de mim; mamaste-o com meu leite; porém todo esse orgulho só a ti mesmo deves.

CORIOLANO — Por obséquio, mãe, acalmai-vos. Vou para o mercado; já decidi. Parai

com esses ralhos. Pretendo escamotear o amor de todos, o coração furtar-lhes, retornando adorado por todos os artífices de nossa Roma. Vede: já vou indo. Dai recomendações a minha esposa. Voltarei como cônsul; do contrário, nunca mais confiarei em minha língua no que à bajulação disser respeito.

VOLÚMNIA — Fazei o que quiserdes. (*Sai.*)

COMÍNIO — Vamos logo! Os tribunos já estão à vossa espera. Disponde-vos a lhes falar com calma, pois em reservas, dizem todos, têm acusações mais forte do que quantas já vos houvessem feito.

MENÊIO — "Brandamente", é a senha de hoje.

CORIOLANO — Vamos, por obséquio. Que inventem contra mim o que quiserem, que minha honra será toda a resposta.

MENÊIO — Com brandura, porém.

CORIOLANO — Sim, com brandura. Que seja: com brandura!

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. O foro. Entram Sicínio e Bruto.

BRUTO — Sobre esse ponto carregai com força: que ele aspira ao poder da tirania. No caso de escapar-nos, acusai-o de odiar o povo e de não ter, até hoje, feito a distribuição do grande espólio conquistado na guerra dos antíates. (*Entra um edil.*) Como é: vem ou não vem?

EDIL — Já está chegando.

BRUTO — E quem agora vem com ele?

EDIL — O velho Menênio e os senadores que costumam satisfazê-lo em tudo.

SICÍNIO — Conseguistes organizar a lista, por cabeça, das vozes que do nosso lado se acham?

EDIL — Consegui; está pronta.

SICÍNIO — Organizaste-las segundo as tribos?

EDIL — Sim.

SICÍNIO — Então, depressa convocai todo o povo. No momento em que me ouvirem declarar: "De acordo com o direito e a vontade dos comuns, será desta maneira", quer se trate de morte, multa ou banimento, todos, se eu disser: multa! gritar devem "Multa" se: morte! gritem "Morte", persistindo nos velhos privilégios e na força da verdade da causa.

EDIL — Hei de informá-los do que dizeis.

BRUTO — E desde que tiverem começado a gritar, não se detenham; com confuso alarido exijam pronta execução de quanto resolvermos, seja qual for a pena.

EDIL — Muito bem.

SICÍNIO — Fortes os conservai e sempre atentos ao sinal que teremos de fazer-lhes.

BRUTO — Ponde pressa em tudo isso. (*Sai o edil.*) Tratai logo de deixá-lo colérico. Ele se acha acostumado a dominar em tudo, afirmando o valor na resistência. Uma vez alterado, não se deixa refrear pela prudência e fala tudo que tem no coração, só parecendo que se empenha, com nossa interferência, em quebrar o pescoço.

SICÍNIO — Aí vem ele.

(*Entram Coriolano, Menênio, Comínio, senadores e patrícios.*)

MENÊIO — Calma, é só o que vos peço.

CORIOLANO — Sim, tal como o servente que por íntima moedinha engole pencas de "velhacos" que os altos deuses sempre amparem Roma, as cadeiras provejam da justiça com pessoas de bem, e entre nós todos a concórdia semeiem. Que com cenas de paz apinhem sempre nossos templos, não as ruas com mostras belicosas.

PRIMEIRO SENADOR — Amém.

MENÊIO — Um nobre voto.

(*Volta o edil, seguido de cidadãos.*)

SICÍNIO — Aproximai-vos, povo!

EDIL — Ouvi os tribunos! Prestai toda atenção. Silêncio! digo.

CORIOLANO — Permiti que eu comece.

AMBOS OS TRIBUNOS — Bem; falai. Silêncio, aí!

CORIOLANO — Acabarão, acaso, minhas acusações com essas de hoje?

SICÍNIO — Pergunto se vos submeteis ao voto do povo, se aceitais seus magistrados e concordais em que se instaure pronta sindicância com relação às faltas que imputadas vos forem.

CORIOLANO — Sim, concordo.

MENÊIO — Cidadãos! Ele disse que concorda. Considerai agora seus serviços durante a guerra a refleti nas marcas que no corpo ele traz e que parecem sepulturas num santo cemitério.

CORIOLANO — Pequenos arranhões de espinho, apenas, esfoladuras que provocam riso.

MENÊIO — Além do mais, consideremos que ele não fala como cidadão, a todos qual soldado se mostra, não devendo, portanto, serem tidos seus acentos ásperos como fala maliciosa. mas, como disse, própria de um soldado, sem que possa ofender-vos.

COMÍNIO — Bem; já basta.

CORIOLANO — Por que motivo, tendo eu sido eleito por unanimidade para o posto de cônsul, na mesma hora sofro a afronta de minha indicação ver anulada?

SICÍNIO — A vós é que compete responder-nos.

CORIOLANO — Falai; é certo.

SICÍNIO — Nós vos acusamos de tentar suprimir de Roma todos os postos constituídos e de ao mando tirânico aspirar, assim tornando-vos traidor ao povo.

CORIOLANO — Como assim! Traidor?

MENÊIO — Com mais calma. Lembrai-vos da promessa.

CORIOLANO — Que as chamas do mais baixo inferno envolvam de uma vez esse povo! Eu, insultado de traidor, e por ti, tribuno infame! Embora nesses olhos se assentassem vinte mil mortes e em tuas mãos crispadas outros tantos milhões, em tua língua caluniosa os dois números

somados, dir-te-ia “Mentes!” com uma voz tão livre como quando oro aos deuses.

SICÍNIO — Observastes o que ele disse, povo?

CIDADÃOS — Para a rocha! Para a rocha com ele!

SICÍNIO — Não! Silêncio! Não precisamos de matéria nova para contra ele fazer carga. Tudo quanto o vistes fazer e dele ouvistes: de insultos vos cobrir, bater em vossos representantes, pela força bruta às leis se opor, desafiar agora a autoridade que julgá-lo iria... Este atentado, por si só, tão grande, merece a pena de mais dura morte.

BRUTO — Mas, à vista de ter servido Roma...

CORIOLANO — Por que tagarelar de meus serviços?

BRUTO — Digo o que sei.

CORIOLANO — Quem? Vós?

MENÊIO — Essa é a promessa que a vossa mãe fizestes?

COMÍNIO — Por obséquio, ficai sabendo...

CORIOLANO — Não! Não quero coisa nenhuma. Eles que me condenem à alcantilada morte da Tarpéia, ao vagabundo exílio, a me arrancarem aos poucos toda pele, a definhar-me lentamente no cárcere, só tendo por alimento um grão em cada dia: não comprarei nunca o favor deles à custa de um só termo delicado, nem a minha coragem eu refreara por todos seus presentes, muito embora só “Bom dia” dizer-lhes me custasse.

SICÍNIO — Tendo-se em vista que por várias vezes — quanto dele, somente, dependia — conspirou contra o povo, procurando meios para privá-lo dos poderes, chegando a se valer recentemente da violência culposa, o que foi feito não só em frente da justiça augusta, mas até na dos próprios servidores que incumbidos estão de ministrá-la: em nome, assim, do povo e dos poderes que nos são inerentes, nós, tribunos, o declararmos, a partir de agora banido da cidade, não podendo, sob pena de jogado ser a rocha Tarpéia, nunca as portas transpor de Roma. Em nome, pois, do povo, repito-o: assim será!

CIDADÃOS — Assim será! Assim será! Que parta!

COMÍNIO — Ouvi-me, mestres e comuns amigos...

SICÍNIO — Já foi dada a sentença; agora é tarde.

COMÍNIO — Permiti que vos fale. Já fui cônsul, podendo vos mostrar no corpo as marcas dos golpes dos inimigos da cidade. Dedico ao bem-estar de minha pátria mais respeitoso amor e mais profundo, mais terno e sacrossanto que a mim mesmo, minha esposa estimada, seus rebentos, tesouros de meus flancos. Vou dizer-vos...

SICÍNIO — Já sabemos qual seja vosso intento. Vamos! Que ireis dizer?

BRUTO — Já não há nada para dizer, senão que está banido como inimigo do povo e da cidade. Assim será!

CIDADÃOS — Assim será! Assim será!

CORIOLANO — Vil matilha de cães, cujo mau hálito odeio como o pântano empestado, e cuja simpatia estimo tanto quanto o cadáver insepulto e podre que deixa o ar corrompido e irrespirável: sou eu que vos desterro, e aqui vos deixo com vossa inconsistência. Que o mais fraco rumor o coração vos deixe inquieto, e que só com moverem seus penachos vos insuflem terror os inimigos. Ficai com força para banir todos os vossos defensores, até o dia em que vossa ignorância, que só entende quanto venha a sentir, tiver limpado com todos, menos vós — os inimigos de vós mesmos — alfim vos entregando como fracos escravos a algum povo que vos conquiste sem fazer esforço. Por vossa causa desprezando Roma dou-lhe as costas. O mundo é muito grande.

(*Saem Coriolano, Comínio, Menênio, senadores e patrícios.*)

EDIL — O inimigo do povo já partiu!

CIDADÃOS — Foi-se nosso inimigo! Está banido! Hu! Hu!

(*Todos prorrompem em aclamações e atiram os gorros para o alto.*)

SICÍNIO — Acompanhem-no todos até à porta, como ele fez convosco, demonstrando-lhe o máximo desprezo. Atormentai-o, que ele bem o merece. Mandai uma guarda nos escoltar pela cidade.

CIDADÃOS — Vamos! Acompanhemo-lo até à porta! Vamos todos! Os deuses nos conservem sempre os nobres tribunos! Vamos todos!

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Roma. Em frente da porta da cidade. Entram Coriolano, Volúmnia, Vergília, Menênio, Comínio e muitos jovens patrícios.

CORIOLANO — Vamos, vamos! parai com essas lágrimas. Apenas uma despedida rápida. Empurra-me o animal de mil cabeças. Ora, mãe! Onde está vossa coragem? Costumáveis dizer que a adversidade põe à prova os espíritos; que os homens comuns suportam bem as ocorrências mais vulgares; que estando o mar sereno, bons veleiros são todos os navios; mas que quando a fortuna assesta os golpes com força, para os suportar com calma faz-se mister de nobre habilidade. Muitas e muitas vezes carregastes-me de regras que invencível deixariam o coração que viesse a assimilá-las.

VERGÍLIA — Oh céus! Oh céus!

CORIOLANO — Não, por favor, querida...

VOLÚMNIA — Que a peste rubra agora ataque todos os artesãos e extinga seus ofícios.

CORIOLANO — Tá, tá, tá! Tornar-me-ei querido deles. quando a sentir vierem minha falta. Assim não, mãe! Mostrai aquele espírito que a dizer vos levava tantas vezes que se tivésseis sido esposa de Hércules teríeis feito seis de seus trabalhos e muito suor poupado a vosso esposo. Adeus, Comínio! Levantai a fronte. Adeus, esposa! Minha mãe, adeus! Tudo acabará bem. Meu fiel e velho Menênio, mais amargas são tuas lágrimas do que as de um moço e, assim, mais venenosas para teus olhos. Meu antigo chefe, severo já te tenho visto, e muitas vezes já contemplaste cenas duras, de deixarem de pedra o coração: explica a estas mulheres pesarosas que tão pueril é lastimar os golpes inevitáveis como zombar deles. Minha mãe, bem sabeis que meus perigos sempre grande alegria vos causaram; podeis crer firmemente que, partindo sozinho como parto, solitário dragão vou parecer que de seu charco mais medo infunde e assanha comentários do que se deixa ver. Ou vosso filho se elevará de muito sobre a plebe, ou será preso pelas armadilhas e laços da traição.

VOLÚMNIA — Meu primogênito, para onde irás? Leva até certo ponto contigo o bom Comínio; toma alguma decisão quanto ao teu itinerário, sem te expores a todos os acasos que te possam surgir na estrada incerta.

CORIOLANO — Oh deuses!

COMÍNIO — Ficarei um mês contigo; combinaremos o retiro juntos, para que possas receber notícias de nós e nós de ti. Assim, no caso de nos lançar o tempo algum pretexto para te repatriar, nós não teremos necessidade de correr o mundo tão vasto em busca de uma só pessoa,

sem que venhamos a perder o ensejo que sempre se arrefece, quando ausente se acha o necessitado.

CORIOLANO — Adeus a todos. Tens muitos anos sobre ti e te achas por demais carregado das orgias da guerra para ires correr mundo com quem ainda está sem pisaduras. Vem até à porta; vem, querida esposa, minha adorada mãe, caros amigos de nobre toque! Quando além dos muros eu estiver, dizei-me adeus sorrindo. Vamos, vamos, vos peço. Enquanto firme eu estiver na terra, haveis de novas ouvir a meu respeito, porém nada que não seja tal como eu antes era.

MENÊIO — Nada mais digno ouviu orelha alguma. Paremos de chorar. Ah! se eu pudesse tirar das velhas pernas e dos braços pelo menos sete anos, pelos deuses bondosos, passo a passo te seguira.

CORIOLANO — Dá-me a mão. Vamos! Vamos!

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Uma rua perto da porta da cidade. Entram Sicínio, Bruto e um edil.

SICÍNIO — Mandai que se recolham; já partiu. Vamos parar aqui, que os nobres se acham irritados conosco, pois bem vimos como todos ficaram de seu lado.

BRUTO — Tendo provado nossa força, vamos mostrar mais humildade após o feito do que durante a ação.

SICÍNIO — Mandai que todos vão para suas casas. O inimigo máximo, lhes direis, já foi embora, tendo eles recobrado a força antiga.

BRUTO — Mandai que se recolham para casa. (*Sai o edil.*) (*Entram Volúmnia, Vergília e Menênio.*) Aí vem a mãe dele.

SICÍNIO — Retiremo-nos.

BRUTO — Por que razão?

SICÍNIO — Dizem que ficou louca.

BRUTO — Já nos viu; continuemos o caminho.

VOLÚMNIA — Oh! chegais muito a tempo. Recompense-vos os deuses a afeição com seus flagelos acumulados.

MENÊIO — Paz! Falai mais baixo.

VOLÚMNIA — Não fossem minhas lágrimas, havíeis de ouvir-me... Não! Tereis de ouvir um pouco. (*A Bruto.*) Já quereis ir embora?

VERGÍLIA (*A Sicínio*) — É necessário que também vós fiqueis. Ah! se eu pudesse dizer a mesma coisa a meu marido!

SICÍNIO — Sois ser humano, acaso?

VOLÚMNIA — Sim, idiota; será vergonha sê-lo? Que cretino! Não foi homem meu pai? E tu, que espécie de raposa serás, para banires de Roma o herói que a seu favor mais golpes dera do que palavras já disseste?

SICÍNIO — Oh céu bendito!

VOLÚMNIA — Mais gloriosos golpes pela causa de Roma do que em todas as sensatas palavras de tua vida. Vou dizer-te... Não; vai... É bom que fiques. Quisera que meu filho se encontrasse na Arábia, e diante dele tua tribo à distância de sua boa espada.

SICÍNIO — Bem; e depois?

VERGÍLIA — Depois? Extinguiria tua posteridade.

VOLÚMNIA — Sim, bastardos e tudo o mais. Quantas feridas ele recebeu pela pátria!

MENÊIO — Vamos! Vamos!

SICÍNIO — Quisera que ele houvesse continuado como de início, sem soltar o laço glorioso que o prendia à sua pátria.

BRUTO — Eu também.

VOLÚMNIA — Eu também? Gatos! Todos vós apreciar podeis seu grande mérito como eu penetrar posso nos mistérios que o céu não quer que a terra a saber venha.

BRUTO — Partamos, por favor.

VOLÚMNIA — Sim, homens, ide! Realizastes um ato de bravura! Mas antes de vos irdes ouvi isto: Como ultrapassa o Capitólio as casas mais humildes de Roma, assim, meu filho que foi por vós banido — o esposo desta senhora que aqui vedes — vos excede. Sim, a vós todos.

BRUTO — Bem; vamos deixar-vos.

SICÍNIO — Por que ficarmos tanto tempo imóveis, servindo de alvo para as invectivas de uma pessoa que perdeu o juízo?

VOLÚMNIA — Levai as minhas preces. (*Saem os tribunos.*) Desejara que nada mais para fazer tivessem os deuses a não ser dar cumprimento às minhas maldições. Se os encontrasse uma vez, pelo menos, cada dia, aliviaria o coração do peso que tanto o oprime.

MENÊIO — Destes-lhes de rijo. E com razão, por minha fé, vos digo. Vamos cear.

VOLÚMNIA — Meu alimento é a cólera; ceio a mim mesma; e, assim, morro de fome, de tanto me fartar. Vamos embora. Parai com esses pios abafados e lamentai-vos tal como eu: colérica, como outra Juno! Vamos! vamos! vamos!

MENÊIO — Ora! ora!

(*Saem.*)

Cena 3

Estrada real entre Roma e Ântio. Um romano e um volsco se encontram.

ROMANO — Conheço-vos, senhor; como vós também me conheceis. Se não me engano, chamais-vos Adriano.

VOLSCO — É isso mesmo, senhor. Mas, por minha fé, não me recordo de vós.

ROMANO — Sou de Roma; mas, como vós, trabalho contra os romanos. Reconheceis-me agora?

VOLSCO — Nicanor, não?

ROMANO — Ele mesmo, senhor.

VOLSCO — Tínheis mais barba, quando vos vi pela última vez; mas, pela voz, reavivam-se-me na memória vossos traços fisionômicos. Que novidades há em Roma? Recebi do governo volsco a incumbência de procurar-vos lá; poupastes-me um dia de caminho.

ROMANO — Em Roma houve insurreições extraordinárias: o povo contra os senadores, patrícios e nobres.

VOLSCO — Houve? Então já terminaram? Nossos governantes não pensam desse modo; estão promovendo enormes preparativos bélicos, esperando surpreender os romanos no maior ardor de suas dissenções.

ROMANO — As labaredas mais fortes já passaram; mas a menor coisa poderá reavivá-las. Porque os nobres se apaixonaram a tal ponto com o banimento de Coriolano, que se encontram maduramente dispostosa retirar todo o poder do povo e privar este para sempre de seus tribunos. É uma brasa debaixo de cinza, posso afiançar-vos, que se acha quase no ponto de reacender-se com violência.

VOLSCO — Coriolano, banido?

ROMANO — Banido, senhor.

VOLSCO — Com essa notícia, Nicanor, sereis bem-vindo.

ROMANO — A ocasião lhes é propícia. Tenho ouvido dizer que a melhor hora para seduzir uma mulher é quando ela briga com o marido. Vosso nobre Tulo Aufídio vai sobressair-se nestas guerras, uma vez que seu grande adversário. Coriolano, ficou sem função em sua pátria.

VOLSCO — Não tem por onde escolher. Considero-me feliz, por vos ter acidentalmente

encontrado. Convosco termina minha missão; com muito prazer vos acompanharei até vossa casa.

ROMANO — Até à hora da ceia vos contarei coisas miríficas dos romanos, tendentes todas para a felicidade de seus adversários. Estais novamente com um exército em pé de guerra, não é verdade?

VOLSCO — E um exército verdadeiramente real. Os centuriões e seus corpos já se encontram nos quartéis, a soldo do governo, prontos a marchar com uma hora de aviso.

ROMANO — Alegra-me saber que estão de prontidão, parecendo-me que sou eu o homem que os vai pôr em movimento. Assim, senhor, dou-vos de coração as boas-vindas e me declaro encantado com vossa companhia.

VOLSCO — Assim me privais do que me pertence, senhor; sou eu que tenho mais razões para alegrar-me com a vossa.

ROMANO — Muito bem; sigamos juntos.

(*Saem.*)

Cena 4

Ântio. Defronte da casa de Aufídio. Entra Coriolano, disfarçado, com vestes humildes e a cabeça encoberta.

CORIOLANO — Bela cidade, esta Ântio. Tuas viúvas, ó cidade! fui eu que fiz. Inúmeros herdeiros destes belos edifícios em minhas guerras vi precipitarem-se com estertores. Não me reconheças agora, para que, de espeto armadas tuas mulheres, e de pedra os filhos, não me venham matar numa batalha que pareça de anões. (*Entra um cidadão.*) O céu vos guarde, meu senhor.

CIDADÃO — Como a vós.

CORIOLANO — Se vos agrada, mostrai-me onde reside o grande Aufídio. Está em Ântio?

CIDADÃO — Está, e nesta noite dá para os nobres da cidade, em sua própria casa, uma festa.

CORIOLANO — Por obséquio, onde fica essa casa?

CIDADÃO — É essa que vedes em vossa frente.

CORIOLANO — Muito agradecido, meu senhor; passai bem. (*Sai o cidadão.*) Ó mundo, mundo, de voltas inconstantes! Dois amigos jurados, que nesta hora pareciam ter um só coração no duplo peito; cujos leitos, lazeres, exercícios e refeições de acordo sempre andavam, gêmeos ao parecer, inseparáveis pela força do amor: dentro de uma hora, por uma divergência de coisinha, na mais amarga divergência explodem. Assim também ferrenhos inimigos, cujas paixões e planos destrutivos impediam de ao sono se entregarem, por um simples acaso, algum pretexto que não vale um centil, tornam-se amigos do peito e dão-se em casamento os filhos. Assim se dá comigo: odeio a pátria; amo agora a cidade do inimigo. Vou entrar. Caso a vida ele me tire, fará, tão-só, justiça; em me acolhendo, à pátria dele prestarei serviço. (*Sai.*)

Cena 5

O mesmo. Vestíbulo em casa de Aufídio. Música dentro. Entra um criado.

PRIMEIRO CRIADO — Vinho! vinho! vinho! Que serviço dessa gente! Só parece que todos estão dormindo! (*Sai.*)

(*Entra outro criado.*)

SEGUNDO CRIADO — Onde está Cotus? O patrão está chamando. Cotus! (*Sai.*)

(*Entra Coriolano.*)

CORIOLANO — Bela casa! A ceia cheira bem; eu é que não pareço hóspede.

(*Volta o primeiro criado.*)

PRIMEIRO CRIADO — Que desejais, amigo? De onde sois? Aqui não há lugar para vós. Ficai na porta, por obséquio. (*Sai.*)

CORIOLANO — Não mereço acolhida mais afável, já que sou Coriolano.

(*Volta o segundo criado.*)

SEGUNDO CRIADO — De onde sois, senhor? O porteiro estará com os olhos no lugar, para permitir a entrada a um tipo desses? Por obséquio, ide embora.

CORIOLANO — Arreda!

SEGUNDO CRIADO — "Arreda?" Vós é que tereis de arredar-vos.

CORIOLANO — Mostrai-vos insolente.

SEGUNDO CRIADO — Ah! sois tão valente assim? Já vamos ter uma conversazinha.

(*Entra o terceiro criado; volta o primeiro.*)

TERCEIRO CRIADO — Quem é esse sujeito?

PRIMEIRO CRIADO — É um tipo original, como nunca vi outro assim. Não consigo fazê-lo sair daqui. Vai chamar o patrão, por obséquio.

TERCEIRO CRIADO — Amigo, que tens a fazer aqui? Por obséquio, evita esta casa.

CORIOLANO — Permiti que me conserve de pé; não causarei dano à lareira.

TERCEIRO CRIADO — Quem sois?

CORIOLANO — Um gentil-homem.

TERCEIRO CRIADO — Admiravelmente pobre.

CORIOLANO — É o que sou, de fato.

TERCEIRO CRIADO — Por favor, gentil-homem pobre, escolhei pousada. Aqui não há lugar para vós. Ide embora, por obséquio. Vamos!

CORIOLANO — Continuai com vossas ocupações; empanturrai-vos de frios. (*Dá-lhe um empurrão.*)

TERCEIRO CRIADO — Ah! não quereis? Por favor, faze saber ao patrão que hóspede estranho ele tem aqui.

SEGUNDO CRIADO — Vou já. (*Sai.*)

TERCEIRO CRIADO — Onde moras?

CORIOLANO — Debaixo da abóbada.

TERCEIRO CRIADO — "Debaixo da abóbada?"

CORIOLANO — Sim.

TERCEIRO CRIADO — E onde fica isso?

CORIOLANO — Na cidade dos milhanos e dos corvos.

TERCEIRO CRIADO — "Na cidade dos milhanos e dos corvos?" Que grande asno! Nesse caso, moras também com as gralhas?

CORIOLANO — Não; não estou a serviço de teu patrão.

TERCEIRO CRIADO — Como assim, senhor! Tendes alguma coisa que ver com meu patrão?

CORIOLANO — Sim, alguma coisa mais honesta do que seria intrometer-me com tua patroa. Não paras de falar. Leva teu prato! Fora daqui! (*Expulsa-o com pancada.*)

(*Entra Aufídio e o primeiro criado.*)

AUFÍDIO — Quem é esse camarada?

SEGUNDO CRIADO — Aqui, senhor. Eu o teria batido como num cão, se não fosse o receio de incomodar lá dentro os nobres.

AUFÍDIO — Que queres? De onde vens? Qual o teu nome? Por que não falas? Vamos, homem: fala! Como te chamas?

CORIOLANO (*descobrindo o rosto*) — Se não me conheces ainda, Tulo, e, vendo-me, não pensas quem eu seja, de fato, será força que eu mesmo me nomeie.

AUFÍDIO — Qual teu nome?

(*Os criados se afastam para o fundo.*)

CORIOLANO — Um nome dissonante para os volscos e duro aos teus ouvidos.

AUFÍDIO — Dize: o nome? Tens aspecto sanhoso, mas revelas o mando nas feições, e embora roto tragas todo o velame, inculcas barco de nobre compostura. Qual teu nome?

CORIOLANO — Então prepara a fronte; vais franzi-la. Inda não me conheces?

AUFÍDIO — Não; teu nome?

CORIOLANO — Meu nome é Caio Márcio, que a ti próprio e aos volscos todos causa foi de males e prejuízos inúmeros, conforme meu sobrenome o prova: Coriolano. Os trabalhos penosos, os perigos por que passei, as incontáveis gotas de sangue derramadas pela minha pátria de todo ingrata, me valeram tão-somente este nome, monumento magnífico e penhor do ódio e repulsa que me deves votar. Resta-me apenas esse título. A inveja e a má vontade do povo, consentidas pelos nossos nobres bastardos, que me abandonaram, tudo o mais consumiram. Sim, deixaram que de Roma eu chegasse a ser expulso pela voz dos escravos. Foi tão grande calamidade que ao teu lar me trouxe; não na esperança — quero que me entendas — de conservar a vida. Se eu tivesse medo da morte, dentre os homens todos, de ti, principalmente, fugiria. Foi o rancor, apenas, o desejo de com meus proscritores justar contas que à tua frente me trouxe. Se tiveres um coração cheio de raiva, pronto para vingar os males a ti feitos e endireitar os aleijões que o opróbrio em tua pátria causou: não percas tempo e de minha desgraça te aproveita; usa-a de forma que meus vingadores serviços favoreçam teus intentos, pois combater pretendo minha pátria gangrenada com toda a odiosidade dos demônios do inferno. Mas no caso de não quereres arriscar-te a tanto, de já estares cansado de aventuras... Para ser breve: mais do que enfarado da vida me declaro e ao teu antigo rancor estendo agora este pescoço. Tolo te mostrarás, se o não cortares, pois teus passos segui sempre com ódio, do seio de tua pátria toneladas de sangue fiz correr, já não podendo viver senão para teu grande opróbrio, a menos que serviços te prestasse.

AUFÍDIO — Ó Márcio! Márcio! Uma por uma as tuas palavras arrancaram-me do peito as raízes de meu rancor antigo. Se Júpiter, com sua voz divina, do alto daquela nuvem me dissesse: "É certo!" não lhe dera maior crédito do que te dou, meu Márcio, em tudo nobre. Deixa que eu passe os braços nesse corpo em que cem vezes eu quebrei a lança e de estilhaços arranhei a lua. Cinjo a bigorna, assim, de minha espada, e com tanta veemência e com nobreza luto com teu afeto, como sempre lutei com fúria cobiçosa contra tua bravura. A ti, somente, o digo: amava a jovem que ora é minha esposa. Jamais noivo nenhum soltou suspiros tão sinceros que os meus. Porém, ao ver-te neste momento — a ser em tudo nobre! — mais enlevado o coração no peito sinto saltar, do que quando a soleira transpôs de casa pela vez primeira minha esposa recente. Ora te conto, Marte, que já aprestamos Outro exército, e que eu tinha a intenção de novamente tentar das carnes arrancar-te o escudo, ou perder nisso o braço. Derrotaste-me doze vezes a fio, e desde essa época sonhei todas as noites com recontros entre nós dois. Travados, no meu sono, rolávamos no chão, o capacete um do outro a desatar, e nos pescoços, encrispados, os dedos, do que sempre meio morto sem causa eu despertava. Digno Márcio, se mais nenhuma queixa de Roma nós tivéssemos, afora teres sido banido, alistaríamos de doze até setenta os homens todos e nas entranhas dessa ingrata Roma faríamos correr a guerra como rio impetuoso que transborda e alaga. Vem para dentro e aperta a mão amiga de nossos senadores, que aqui vieram trazer-me as despedidas, pois armado ora estou contra vossos territórios, muito embora não contra a própria Roma.

CORIOLANO — Ó deuses, abençoais-me?

AUFÍDIO — Assim, guerreiro sem par, se a direção tomar quiseres de tua própria represália, aceita metade de meus homens e, de acordo com teu alto saber neste domínio, já que conheces a fraqueza e a força de teu país, regula a tua marcha, ou seja para contra as próprias portas dos romanos bater, ou com violência visitá-los nas partes mais remotas e derrotá-los antes de destruí-los. Mas entra! Quero logo apresentar-te aos que terão de dizer "Sim" a todos os teus desejos. Vezes mil boas-vindas! E agora mais amigo do que sempre fui inimigo. E, Márcio, eu o fui de fato. Vossa mão. Sois bem-vindo.

(*Saem Coriolano e Aufídio.*)

PRIMEIRO CRIADO (*avançando*) — Eis aí uma modificação extraordinária.

SEGUNDO CRIADO — Por esta mão, tinha pensado em bater-lhe com um porrete; mas agora me diz o espírito que a roupa dele não dizia o que ele era.

PRIMEIRO CRIADO — E que punho ele tem! Só com um dedo e o polegar fez-me rodar que nem um pião.

SEGUNDO CRIADO — Pelo rosto eu vi que ele não era pouca coisa. Homem, ele tinha feições, parece-me... Nem sei como caracterizá-las.

PRIMEIRO CRIADO — É certo. Parecia... Quero ser enforcado se eu não suspeitei de que ele encerrava mais do que eu poderia imaginar.

SEGUNDO CRIADO — Eu também posso jurá-lo. É simplesmente o homem mais raro do mundo.

PRIMEIRO CRIADO — É isso mesmo; mas decerto conheceis um guerreiro maior do que ele.

SEGUNDO CRIADO — Quem é? Meu amo?

PRIMEIRO CRIADO — Isso nem se pergunta.

SEGUNDO CRIADO — Vale seis como ele.

PRIMEIRO CRIADO — Não, não tanto assim; mas considero-o maior guerreiro.

SEGUNDO CRIADO — Com a breca! Ora vede... A gente nem sabe como dizer, mas para a defesa de uma cidade, nosso general é excelente.

PRIMEIRO CRIADO — Sim, e também para um assalto.

(*Entra o terceiro criado.*)

TERCEIRO CRIADO — Ó escravos! Posso contar-vos novidades! Novidades, marotos!

PRIMEIRO e SEGUNDO CRIADOS — Quais! quais? quais? Conta-nos algumas.

TERCEIRO CRIADO — Entre todos os povos, não quisera ser romano; equivaleria a estar condenado.

PRIMEIRO e SEGUNDO CRIADOS — Por quê? Por quê?

TERCEIRO CRIADO — Ora, acha-se lá dentro quem estava acostumado a zurzir nosso general: Caio Márcio.

PRIMEIRO CRIADO — Por que dissestes: "zurzir nosso general?"

TERCEIRO CRIADO — Não digo que ele tenha zurzido nosso general; mas sempre lhe deu muito trabalho.

SEGUNDO CRIADO — Vamos, aqui entre nós, somos amigos e companheiros; foi sempre muito duro para ele; ouvi o próprio general dizer-lhe isso.

PRIMEIRO CRIADO — Era muito duro para ele. Para dizer a verdade sem rodeios: diante de Coríolos ele o cortou e retalhou como um carbonado.

SEGUNDO CRIADO — E se tivesse natureza de canibal, o teria comido assado.

PRIMEIRO CRIADO — Mas continua a contar as novidades.

TERCEIRO CRIADO — Ora, lá dentro ele está sendo tratado como se fosse filho e herdeiro de Marte; deram-lhe a cabeceira da mesa; nenhum senador lhe faz qualquer pergunta, a não ser de pé, na frente dele e de cabeça descoberta. Até nosso general o trata como a namorada, benze-se com uma das mãos e revira os olhos, quando ele fala. Mas o ponto principal da novidade é que o nosso general foi cortado em dois, já não sendo senão a metade do que era ontem, porque o outro ficou com a outra metade, por instância e consentimento de toda a mesa. Diz ele que vai puxar as orelhas do porteiro de Roma; vai ceifar tudo o que encontrar, deixando raso o caminho.

SEGUNDO CRIADO — E ele é tão capaz de fazer isso, como qualquer pessoa que eu imagine.

TERCEIRO CRIADO — Capaz? Há de fazê-lo. Porque, ora vede, senhor: tanto ele tem amigos como inimigos, os quais amigos, senhor — por assim dizer — não ousam — ora vede, senhor — como dizemos — declarar-se amigos, enquanto o virem na indireção.

PRIMEIRO CRIADO — Indireção? Que quer dizer isso?

SEGUNDO CRIADO — Mas quando eles virem, senhor, o homem em condições, com a crista novamente de pé, todos eles sairão das tocas como coelhos depois que chove e virão banquetear-se com ele.

PRIMEIRO CRIADO — Mas para quando será isso?

TERCEIRO CRIADO — Amanhã, hoje, neste momento. Hoje à tarde ouvireis rufar o tambor. É, por assim dizer, a primeira parte do festim, para ser executada antes de limparem os lábios.

SEGUNDO CRIADO — Bem; nesse caso vamos ver outra vez o mundo de pernas para o ar. Esta paz só serve para enferrujar o ferro, engordar os alfaiates e aumentar o número dos fazedores de baladas.

PRIMEIRO CRIADO — Que venha a guerra, é o que eu digo; ela ultrapassa tanto a paz como o dia a noite; é lesta, de ouvido fino e cheia de atividades. A paz é uma verdadeira

apoplexia, um letargo, obtusa, surda, sonolenta, insensível e é maior geradora de bastardos do que a guerra é destruidora de homens.

SEGUNDO CRIADO — É isso mesmo. E assim como a guerra, de algum modo, pode ser denominada o maior fautor de violação, não se pode negar que seja a paz grande fazedora de cabrões.

PRIMEIRO CRIADO — Sim, é causa de se odiarem os homens.

TERCEIRO CRIADO — E a razão é que eles, então, têm menos necessidade uns do outros. Guerra, custe quanto custar! Espero ver os romanos por preço tão barato quanto os volscos. Estão se levantando da mesa! Estão se levantando!

TODOS — Entremos! Entremos!

(*Saem.*)

Cena 6

Roma. Uma praça pública. Entram Sicínio e Bruto.

SICÍNIO — Nada ouvimos falar a seu respeito; não precisamos, pois, ter medo dele. Seu furor se acalmou com a paz reinante e a quietação do povo, que vivia em desordem selvagem. Seus amigos diante de nós envergonhados ficam por tudo correr bem; prefeririam muito embora também a sofrer viessem, ver desordeiros perturbar as ruas a ver os negociantes em suas lojas cantar alegremente ou dirigirem-se em paz para o trabalho.

(*Entra Menênio.*)

BRUTO — Soubemos escolher o tempo certo. Não é Menênio?

SICÍNIO — É ele! É ele! Amável se tem mostrado ultimamente. Salve, senhor!

MENÊIO — Meus cumprimentos.

SICÍNIO — Ninguém sente falta, senhor, de vosso Coriolano, excluídos seus amigos. A república continua de pé e assim ficara, embora mais raivoso ele se achasse.

MENÊIO — Tudo está bem; porém melhor seria se ele tivesse contemporizado.

SICÍNIO — Para onde foi? Sabeis?

MENÊIO — A esse respeito não ouvi coisa alguma. A mãe e a esposa não têm notícias.

(*Entram três ou quatro cidadãos.*)

CIDADÃOS — Deus a ambos ampare.

SICÍNIO — Boa tarde, vizinhos.

BRUTO — Boa tarde para todos! Boa tarde para todos!

PRIMEIRO CIDADÃO — Nós, com mulher e filhos, nos sentimos na obrigação de orar por vós de joelho.

SICÍNIO — Vivei e prosperai.

BRUTO — Adeus, vizinhos. Desejara que Márcio vos amasse como nós dois.

CIDADÃOS — Os deuses vos protejam.

SICÍNIO e BRUTO — Adeus! Adeus!

(*Saem os cidadãos.*)

SICÍNIO — O tempo agora é muito mais alegre e melhor de viver do que quando estes

camaradas corriam pelas ruas gritando por socorro.

BRUTO — Caio Márcio na guerra sempre foi oficial digno, mas insolente, pelo orgulho inflado, ambicioso sem conta, muito egoísta...

SICÍNIO — E desejoso de estar só no trono, sem assistente algum.

MENÊIO — Não penso assim.

SICÍNIO — Para nosso pesar é o que teríamos verificado, se ele conseguisse ter sido cônsul.

BRUTO — Felizmente os deuses preveniram tal coisa e agora Roma sem ele continua calma e firme.

(*Entra um edil.*)

EDIL — Dignos tribunos, um escravo preso por nós e encarcerado trouxe a nova de que os volscos, em dois distintos corpos, os nossos territórios invadiram e com furor guerreiro incontrastável derrubam tudo o que acham no caminho.

MENÊIO — É Aufídio, que do exílio tendo ouvido do nosso Márcio, novamente ao mundo mostra os cornos, que sempre conservara dentro da concha, sem ousar tirá-los, quando ao lado de Roma estava Márcio.

SICÍNIO — Por que falais de Márcio?

BRUTO — Mandai logo chicotear esse espalhador de boatos. É impossível que os volscos se atrevessem a romper nossos pactos.

MENÊIO — É impossível? Sabemos muito bem que isso é possível; só em meu tempo vi três vezes isso. Mas convém conversar com esse escravo antes de castigá-lo, e perguntar-lhe onde ele se informou. Não aconteça virdes a chibatear o próprio aviso e dar no mensageiro que vos manda ter cautela com o que há de ser temido.

SICÍNIO — Não faleis nisso; sei que isso é impossível.

BRUTO — Não pode ser.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Todos os nobres foram para o senado muito cabisbaixos. Chegou qualquer notícia que a eles todos deixou completamente transtornados.

SICÍNIO — Foi o escravo; mandai que o chibateiem diante do povo. Isso é trabalho dele; foi a notícia, apenas.

MENSAGEIRO — Sim, mui digno senhor; foi confirmada essa notícia, além de outras bem mais, bem mais terríveis.

SICÍNIO — Que outras notícias mais terríveis?

MENSAGEIRO — Fala-se por muitas bocas, claramente — ignoro quanto haja de verdade nisso tudo — que Márcio, juntamente com Aufídio, contra Roma dirige um grande

exército, prometendo vingança da largura da distância que vai das coisas velhas às mais recentes.

SICÍNIO — É de acreditar.

BRUTO — Foi espalhada essa notícia apenas para que a gente de ânimo abatido deseje a volta do bondoso Márcio.

SICÍNIO — Eis todo o ardil da coisa.

MENÊIO — É inverossímil; ele e Aufídio concordam tanto como duas contradições irredutíveis.

(*Entra outro mensageiro.*)

SEGUNDO MENSAGEIRO — Do senado vos chamam. Um exército pavoroso, com Caio Márcio à frente, com Aufídio associado, assola nossos territórios; à força abrem caminho; o incêndio espalham e tomam tudo o que acham.

(*Entra Comínio.*)

COMÍNIO — Oh! realizastes um trabalho e tanto!

MENÊIO — Que aconteceu? Quais são as novidades?

COMÍNIO — Oh! violar conseguistes vossas filhas, sobre vossas cabeças todo o chumbo da cidade fundir, em vossos próprios narizes desonrar vossas esposas...

MENÊIO — Que novidades há? Que novidades?

COMÍNIO — Vossos templos queimados até à base, vossas imunidades, de que tanto caso fazíeis, apertadas dentro de um furo de verruma.

MENÊIO — Por obséquio, que novidades há? — Fizestes obra magistral, é o que temo. — Por obséquio, vossas notícias? Se, em verdade, Márcio com os volscos se juntou...

COMÍNIO — "Se?" É o deus dos volscos. Condu-los como um ser que houvesse sido por um criador formado, diferente da natureza e mais habilidoso na feitura dos homens, e eles todos sob sua direção avançam contra nossos bonecos tão confiantes como meninos que perseguem borboletas ou açougueiros quando matam moscas.

MENÊIO — Belo trabalho o vosso e o desses homens de avental, que importância dáveis tanto aos votos dos artífices e ao hálito dos comedores de alho.

COMÍNIO — Vossa Roma vai ele sacudir em vossas próprias orelhas.

MENÊIO — Tal como Hércules fazia nas árvores de frutas. Que trabalho admirável o vosso!

BRUTO — Mas é certo, senhor, o que dizeis?

COMÍNIO — Ora, certíssimo. Podeis tornar-vos pálido até achardes notícias em contrário. Sorridentes, passam-se muitos para os volscos; quantos procuram resistir são transformados em alvo de chacota pela ignávia valorosa, morrendo como todos de provada

constância. Quem o pode censurar? Tanto os vossos inimigos como os dele o valor lhe reconhecem.

MENÊIO — Estaremos perdidos, se o mui nobre vencedor não tiver de nós piedade.

COMÍNIO — Quem irá suplicar-lhe? Por vergonha não o farão os tribunos, merecendo sua demência o povo como o lobo merece a do pastor. Se lhe dissessem seus melhores amigos: "Sê benigno para Roma", teriam procedido como os que o ódio dele mereceram, comportando-se, assim, como inimigos.

MENÊIO — É certo; caso o viesse atear em minha casa o fogo que iria consumi-la, não teria coragem de dizer-lhe: "Parai, vos peço!" Bela mão tivestes nesse negócio, vós e todos esses artesãos de mãos destras. Trabalhastes belamente com as mãos.

COMÍNIO — Chamastes sobre Roma um tremor que desafia a cura.

SICÍNIO e BRUTO — Não digais que o chamamos.

MENÊIO — Como! É isso por caso, obra nossa? Nós o amávamos; porém como animais e nobres fracos o entregamos a vossa malta informe, que o expulsou, entre apupos, da cidade.

COMÍNIO — Mas receio que aos urros eles todos o reconduzam. Tulo Aufídio, o nome segundo entre os ilustres, obedece, como subordinado, às ordens dele. O desespero é toda a arte política, toda a força e defesa de que Roma ora dispõe contra ele.

(*Entra um bando de cidadãos.*)

MENÊIO — Aí vem o bando. — Então Aufídio está com ele? — Fostes vós que empestastes o ar, quando jogáveis para o alto vossos gorros fedorentos e engordurados, e soltáveis gritos pelo exílio de Márcio. Ele aí vem vindo, não havendo um cabelo na cabeça de seus soldados que ora não se mude num bom chicote. Todos os idiotas que para cima os gorros atiraram vai ele derrubar para pagar-se dos votos alcançados. Não importa; mesmo que ele a nós todos consumisse num só tição: de sobra o merecemos.

CIDADÃOS — Em verdade, a notícia é assustadora.

PRIMEIRO CIDADÃO — Por minha parte, quando eu disse: "Voto pela expulsão!" acrescentei: "E pena!"

SEGUNDO CIDADÃO — O mesmo eu fiz.

TERCEIRO CIDADÃO — Eu também; e, para dizer a verdade, muitos outros disseram a mesma coisa. O que fizemos foi pelo melhor, e embora tivéssemos concordado voluntariamente em que ele fosse banido, deu-se isso contra nossa vontade.

COMÍNIO — Bela coisa sois todos vós, com vossos votos!

MENÊIO — Ótima coisa vós e vossa malta conseguistes fazer. E agora, vamos ao Capitólio?

COMÍNIO — Sim, que mais faremos?

(*Saem Comínio e Menênio.*)

SICÍNIO — Ide, meus mestres, para vossas casas. Não fiqueis assustados. Esses fazem parte de um grupo que se alegraria se visse confirmado o que simula, tão-somente, temer. Ide, acolhei-vos a vossas casas, sem mostrar receio.

PRIMEIRO CIDADÃO — Que os deuses se amerceiem de nós! Vamos, mestres; vamos para casa. Eu sempre disse que procedíamos mal em bani-lo.

SEGUNDO CIDADÃO — E assim todos. Mas vamos para casa.

(*Saem os cidadãos.*)

BRUTO — Essa notícia não me agrada em nada.

SICÍNIO — Nem a mim.

BRUTO — Vamos ao Capitólio. Perderia metade de meus bens com muito gosto, só para desmenti-la.

SICÍNIO — Vamos logo.

(*Saem.*)

Cena 7

Acampamento a pequena distância de Roma. Entram Aufídio e seu tenente.

AUFÍDIO — Continua passando muita gente para o Romano?

TENENTE — Ignoro o seu feitiço, mas para vossos homens ele é a prece de antes das refeições, toda a conversa à mesa, e as graças quando se levantam. Nesta campanha, meu senhor, ficastes eclipsado até mesmo para os vossos.

AUFÍDIO — Não é possível fazer nada agora, para não estropiar a própria marcha de meus planos, com quanto ora empregasse. Sua atitude é muito mais altiva, até mesmo comigo, do que fora de imaginar no instante de abraçá-lo pela primeira vez. Inalterável, porém, é a sua natureza, sendo-me forçoso desculpar o que não pode jamais ser corrigido.

TENENTE — No entretanto, senhor, eu desejara — e só digo isso visando vosso bem — que não tivésseis a direção com ele dividido. Deveria o comando ser só vosso, ou dele, tão-somente.

AUFÍDIO — Sim, compreendo-te. Mas podes ficar certo de que quando ele tiver de prestar contas, hei de dele exigir o que ele nem suspeita. Muito embora pareça, e ele assim pense, e ao próprio olho do vulgo se afigure que ele administra bem o Estado volsco, luta como um dragão, bastando a espada sacar para vencer: algo ele deixa por fazer, que o pescoço irá quebrar-lhe, ou pôr o meu em risco, quando as contas tivermos de justar.

TENENTE — Uma pergunta, senhor: acreditais, realmente, que ele venha a conquistar Roma?

AUFÍDIO — Toma todos os burgos antes mesmo de cercá-los; a nobreza de Roma lhe pertence; amam-no os senadores e os patrícios; os tribunos não lutam, e seu povo será tão pressuroso em repatriá-lo como foi na expulsão precipitado. Sou de opinião que ele fará com Roma como com o peixe faz a águia marinha, que o apanha por direito soberano da natureza. Foi primeiro um nobre servidor do país, mas sempre inapto para mostrar moderação nas honras, fosse isso por orgulho, com que o êxito de todo dia mancha o homem de sorte, ou por qualquer defeito do juízo, que o impede sempre de tirar partido dos casos de que é dono; ou fosse efeito de sua natureza que não muda de atitude no casco e na almofada, levando-o a ser na paz tão rigoroso e austero que na guerra: uma somente dessas faltas — pois germe tem de todas — não todas — quero ser com ele justo — o fez temido, odiado e, alfim, banido. É grande o seu merecimento, é certo; mas asfixia-o quando o manifesta. Nossas virtudes são medidas pelo julgamento do tempo, não possuindo qualquer poder, de si recomendável, mais notório, sepulcro

do que a cátedra de onde é feito seu próprio panegírico. O prego expulsa o prego; a chama, a chama; perante um título outro perde a fama. A força vence a força... Que prossiga! Quando tiveres Roma como amiga, caro Márcio, mais pobre ficarás e em pouco tempo em meu poder cairás.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Roma. Uma praça pública. Entram Menênio, Comínio, Bruto, Sicínio e outros.

MENÊIO — Não, não irei; ouvistes o que disse ao seu antigo general; que o amava por maneira especial... Dava-me o nome de pai; mas que importa isso? Ide vós mesmos que o banistes; prostrai-vos a uma milha de sua tenda e percorrei, de joelhos, a estrada que possa ir diretamente à sua compaixão. Uma vez que ele não quis ouvir Comínio, vou deixando-me ficar por aqui mesmo.

COMÍNIO — Ele fingiu que não me conhecia.

MENÊIO — Estais ouvindo?

COMÍNIO — Mas uma vez chamou-me pelo nome. Falei-lhe em nossas relações antigas e nas gotas que, juntos, derramamos. Não atendeu ao nome "Coriolano", proibindo-me de dar-lhe qualquer outro, por julgar-se sem título, uma espécie de coisa alguma, até que um novo nome na fornalha de Roma ele forjasse.

MENÊIO — Vedes que bela coisa realizastes? Dois tribunos que se sacrificaram no banco de tormentos, porque em Roma carvão barato houvesse. Belo feito!

COMÍNIO — Cheguei a lhe lembrar quanta nobreza há no perdão que já ninguém espera. Disse ser isso petição mesquinha de um Estado à pessoa que ele próprio mandara castigar.

MENÊIO — Perfeitamente. Poderia falar de outra maneira?

COMÍNIO — Procurei o interesse despertar-lhe para os amigos a ele mais chegados. Toda sua resposta foi que tempo não lhe sobrava para separá-los de um monte de refugos bolorentos. Era loucura, disse, só por causa de um pobre grão ou dois, não lançar fogo no monturo que o olfato nos ofende.

MENÊIO — Um pobre grão ou dois! Eu sou um deles. A mãe, a esposa, o filho, este valente companheiro os grãos somos. Os refugos bolorentos sois vós, cujo mau cheiro chega a passar a lua. Assim, teremos de ser queimados só por vossa causa.

SICÍNIO — Não, tende compaixão? Se vosso auxílio nos recusais numa necessidade tão grande como nunca, pelo menos exprobrar não queirais nossa desgraça. Mas é certeza: se vos resolvêsseis a causa a defender de vossa pátria, vossa bela palavra, mais potente, muito mais, do que a força que pudéssemos improvisar, deter conseguiria nosso compatriota.

MENÊIO — Não; não entro nisso. De forma alguma.

SICÍNIO — Ide falar-lhe, por compaixão.

MENÊIO — Que poderei fazer?

BRUTO — Tentar, apenas, o que para Roma junto de Márcio vosso amor consegue.

MENÊIO — Bem; mas digamos que ele me despeça, como fez com Comínio, sem ouvir-me... E depois? Um amigo molestado, atingido de cheio pela mágoa de sua grosseria... E se for isso?

SICÍNIO — Vossa boa vontade, nesse caso, terá alcançado a gratidão de Roma, por terdes procedido nobremente.

MENÊIO — Bem, vou tentar; espero ser ouvido. Mas ter mordido o lábio e resmungado para nosso Comínio, me apavora. Não foi bem apanhado; certamente ainda estava sem jantar. Vazias as veias, nosso sangue se arrefece, indispostos ficamos desde cedo, incapazes de dar e de perdoar. Mas quando enchemos os canais e as calhas de nosso sangue com comida e vinho, fica-nos a alma muito mais maleável do que durante esses jejuns de padre. Vou esperar, assim, que entre na dieta de meu pedido, para então falar-lhe.

BRUTO — Conheceis o caminho da bondade que lhe é própria; extraviar-vos é impossível

MENÊNIO — Por minha fé! vou pô-la à prova, venha daí o que vier. Dentro de pouco ficarei conhecendo meu prestígio. (*Sai.*)

COMÍNIO — Jamais ele o ouvirá.

SICÍNIO — Não?

COMÍNIO — É o que eu penso. Sentado está em ouro; os olhos, rubros como para lançar o incêndio em Roma, sendo sua própria injúria o carcereiro de sua compaixão. Ajoelhei-me na frente dele; muito vagamente murmurou: Levantai-vos! despedindo-me assim, com a mão muda. O que pretende fazer, depois mandou-me por escrito, e o que jamais fará; por juramento se acha obrigado a cumprir tudo à risca. Assim, não temos esperança alguma. a menos que sua nobre mãe e a esposa, conforme me disseram, se resolvam a lhe impetrar piedade para a pátria. Vamos, pois, procurá-las, apressando-as quanto estiver em nossa justa instância.

(*Saem.*)

Cena 2

O acampamento volsco diante de Roma. Os guardas estão em seus postos; Menênio aproxima-se deles.

PRIMEIRO GUARDA — Alto aí! De onde vindes?

SEGUNDO GUARDA — Nem um passo mais para a frente!

MENÊIO — Sois, valentes guardas. Mas, com licença: oficial eu sou do Estado e vim falar com Coriolano.

PRIMEIRO GUARDA — De que parte?

MENÊIO — De Roma.

PRIMEIRO GUARDA — Então não pode; forçoso é que volteis; o nosso chefe não quer ouvir de lá coisa nenhuma.

SEGUNDO GUARDA — Vereis Roma entre chamas, antes mesmo de poderdes falar com Coriolano.

MENÊIO — Caros amigos, se já ouvistes vosso chefe falar de Roma e dos amigos que ele tem lá: aposto cem contra um que meu nome já vos feriu o ouvido: Menênio.

PRIMEIRO GUARDA — Pouco importa qual seja ele. Para trás, que a virtude desse nome aqui não tem passagem.

MENÊIO — Companheiro, teu general, repito, é meu amigo. O livro tenho sido de seus atos valorosos, no qual os homens leram sua fama sem par, até aumentada, que exaltar sempre eu soube meus amigos — dos quais ele é o primeiro — com a amplitude que a verdade comporta sem declínio. Algumas vezes, mesmo, como bola num terreno macio, estive a ponto de ultrapassar a meta; em louvor dele quase pus a chancela nas mentiras. Por isso tudo, amigo, é necessário deixardes-me passar.

PRIMEIRO GUARDA — Em verdade, senhor, ainda mesmo que houvésseis dito tantas mentiras a seu favor quantas palavras pronunciastes em vosso próprio proveito, não passaríeis aqui. Não; nem que fosse tão virtuoso mentir, como viver castamente. Por obséquio, retornai.

MENÊIO — Por obséquio, amigo, lembrai-vos de que meu nome é Menênio, adepto sempre entusiasta de vosso general.

SEGUNDO GUARDA — Ainda que tivésseis sido seu caluniador — como há pouco o confessastes — sou homem que digo a verdade sob as ordens dele, razão por que vos declaro

que não podeis passar. Por isso, retornai.

MENÊIO — Poderás informar-me se ele já jantou? Porque só desejo falar-lhe depois do jantar.

PRIMEIRO GUARDA — Sois romano, não é verdade?

MENÊIO — Sou o que é teu general.

PRIMEIRO GUARDA — Nesse caso deveríeis ter ódio a Roma, como ele tem. Poderíeis, quando pusestes porta fora seu verdadeiro defensor, e, numa crassa ignorância popular, entregastes vosso escudo ao inimigo, poderíeis crer que seríeis capazes de conter sua vingança com os gemidos fáceis das velhas, as palmas virgens de vossas filhas ou com a interferência paralítica de um velho tonto como pareceis ser? Acreditais, mesmo que o incêndio que está prestes a destruir vossa cidade possa ser apagado com um sopro assim tão fraco? Não; estais enganado. Voltai, pois, para vossa Roma e preparai-vos para a execução. Estais condenados, nosso general não vos concederá trégua nem perdão.

MENÊIO — Maroto, se teu capitão soubesse que me encontro aqui, tratar-me-ia com consideração.

SEGUNDO GUARDA — Vamos! Meu capitão não vos conhece.

MENÊIO — Quero dizer: teu general.

PRIMEIRO GUARDA — Meu general não se preocupa convosco. Para trás! Já disse; do contrário, derramarei a meia pinta de sangue... Para trás!... que é só o que vos resta. Para trás!

MENÊIO — Sim... Mas, companheiro! companheiro!

(*Entram Coriolano e Aufídio.*)

CORIOLANO — Que é que há?

MENÊIO — Agora, companheiro, vou mostrar-vos como as coisas são; vereis em que conceito eu sou tido. Chegou o momento de verificardes que não cabe nas obrigações de um João-porteiro separar-me de meu filho Coriolano. Deduz, da maneira por que vou ser recebido, se não te encontras em perigo de ser enforcado ou de qualquer outra morte mais demorada para os espectadores e mais cruel para o paciente. Olha agora bem de frente e desmaia por causa do que te espera. (*A Coriolano.*) Que os deuses gloriosos se reúnam a todas as horas em conselho, para tratar de tua prosperidade, e que não te amem menos do que o teu velho pai Menênio. Ó meu filho! meu filho! Preparas fogo para nós. Olha: aqui trago água para apagá-lo. Custou-me a decidir-me a vir falar-te; mas por estar convencido de que somente eu poderia comover-te, deixei que os suspiros me trouxessem até vossas portas, para conjurar-te a perdoar a Roma e a teus compatriotas suplicantes. Que os deuses bondosos abrandem tua cólera e lancem sua borra sobre este tipo que, como um bloco de pedra, me negou acesso a tua presença.

CORIOLANO — Para trás!

MENÊIO — Como! Para trás!

CORIOLANO — Esposa, mãe e filho, desconheço-os. Confiados a outros tenho os meus

negócios. É certo que a vingança me pertence; porém minha demência ora se encontra no coração dos volscos. A amizade que tivemos, primeiro o olvido ingrato deixará venenosa, que a piedade poderá avaliar. Por isso, parte. Mais fortes são os meus ouvidos contra vossos pedidos do que vossas portas contra minha investida. No entretanto, por já te ter amado, recebe isto. (*Dá-lhe um papel.*) Foi escrito somente por tua causa, e tencionava enviar-to. Outra palavra, Menênio, não desejo que me digas. Aufídio, este homem foi meu bem-amado na cidade de Roma. No entretanto, como vês...

AUFÍDIO — Revelai-vos sempre firme.

(*Saem Coriolano e Aufídio.*)

PRIMEIRO GUARDA — Então, senhor, vosso nome é Menênio?

SEGUNDO GUARDA — Como vistes, é uma palavra mágica, de grande eficiência. Agora aprendestes o caminho de casa.

PRIMEIRO GUARDA — Ouvistes como fomos censurados, por termos interceptado a passagem de Vossa Grandeza.

SEGUNDO GUARDA — Que razão imaginais que eu tenha para desmaiar?

MENÊIO — Não me preocupo nem com o mundo nem com vosso general. Seres como vós dois, nem chego a conceber que possam existir, tão insignificantes sois. Quem tem a possibilidade de morrer por suas próprias mãos, não tem medo de que os outros o matem. Que vosso general pratique as piores barbaridades. Quanto a vós, continuai por muito tempo sendo o que sois, e que com a idade aumente vossa miséria. Digo-vos o que me disseram: para trás! (*Sai.*)

PRIMEIRO GUARDA — Um nobre companheiro, posso asseverar.

SEGUNDO GUARDA — O companheiro mais digno é nosso general: é uma rocha, um carvalho, que vento algum consegue abalar.

(*Saem.*)

Cena 3

Tenda de Coriolano. Entram Coriolano, Aufídio e outros.

CORIOLANO — Acamparemos amanhã defronte das muralhas de Roma. Como sócio meu que sois nesta empresa, aos comandantes volscos relatareis minha lisura em todo este negócio.

AUFÍDIO — Só cuidastes dos interesses deles, e os ouvidos fechastes para as súplicas romanas; não admitistes o menor cochicho de ninguém, nem ainda dos amigos que se prezavam de maior prestígio.

CORIOLANO — O último, aquele velho que eu reenviei com o coração partido para Roma, tinha por mim mais do que amor paterno. Sim, chegava a endeusar-me. A vinda dele representa o último recurso. Embora me mostrasse com ele muito ríspido, levando em conta nosso antigo afeto de novo ofereci-lhes as primeiras condições, já por eles recusadas e que, por isso, não serão aceitas. Fiz isso para prestigiar o amigo que alcançar muito mais imaginava. Cedi, alguma coisa. Doravante, porém, ouvidos não terei para outras embaixadas ou súplicas, ou venham do Estado, ou dos amigos, meus privados. (*Clamor fora.*) Que clamor será esse? Porventura quererão obrigar-me a ser perjuro na hora precisa em que formulo o voto? Tal não farei. (*Com vestes de luto entram Vergília, Volúmnia que conduz o jovem Márcio, Valéria e criadas.*) À frente, minha esposa; depois, a honrosa forma em que este tronco foi plasmado, trazendo pela mão o neto de seu sangue. Fora, fora, compaixão! Arrebentem-se os liames e os privilégios todos da natura. Ser obstinado, agora, é ser virtuoso. Que significam essas reverências, esses olhos de pomba, que podiam deixar perjuros até aos próprios deuses? Comovo-me. Não sou feito de argila mais forte do que os outros. Até ao solo se curva minha mãe, como se o Olimpo diante de um monte de toupeira viesse, humilhado, abaixar-se; e meu filhinho feições de suplicante ora apresenta, que a declarar obriga a natureza: "Não recuses!" Que os volscos arem Roma e o rastrilho por toda a Itália passem. Nunca o papel farei dos gansozinhos que ao instinto obedecem; mas como homem resistirei, que houvesse de si mesmo sido gerado e que não conhecesse nenhum parente.

VERGÍLIA — Meu senhor e esposo!

CORIOLANO — Não vejo as coisas como via em Roma.

VERGÍLIA — A tristeza que tanto nos transforma é que vos faz pensar dessa maneira.

CORIOLANO — Tal como ator estúpido, esqueci-me do meu papel e fui vaiado e expulso. Ó tu, parte melhor de minha carne, perdoa ao meu rigor, mas não me digas que aos

romanos perdoe. E agora um beijo tão longo quanto meu exílio, doce como minha vingança. Pela cólera da rainha do céu, digo-te que este beijo eu tomei de ti, minha querida, e desde então a minha fiel boca virgem se conservou. Oh deuses! Falo sem medida, e a mais nobre mãe do mundo deixo sem saudação! Dobra-te, joelho, até ao chão e na terra imprime marcas de tua reverência mais profundas que as do filhos comuns.

VOLÚMNIA — Oh, não! Levanta-te e sê bendito. Eu, sim, que em almofada mão mais mole que a pedra, dobro os joelhos diante de ti e impropriamente mostro reverência, tal como se durante toda a vida enganado me tivesse com a atitude dos pais para seus filhos.

CORIOLANO — Como! Diante de mim vos ajoelhais? Então, que os seixos da marinha praia nos astros vão bater. Então, que os ventos amotinados lancem contra o ardente sol os cedros altivos, o impossível matando, com deixar trabalho fácil o que não pode ser.

VOLÚMNIA — És meu guerreiro; foste feito por mim. Não reconheces esta senhora aqui?

CORIOLANO — É a nobre irmã de Publícola; a lua ela é de Roma, casta como o cristal feito da neve mais pura que do templo de Diana estivesse a pender: cara Valéria.

VOLÚMNIA — Este é um pobre resumo de vós próprio, que com o aperfeiçoamento do futuro talvez consiga vos pegar em tudo.

CORIOLANO — Que o deus dos combatentes, com a anuência de Júpiter supremo, de nobreza te inspire o pensamento, porque possas mostrar-te invulnerável ao opróbrio e ficar nas batalhas como grande baliza que resiste às tempestades e salva a quantos para ti olharem.

VOLÚMNIA — Pequeno, ajoelha-te.

CORIOLANO — É o meu bravo filho.

VOLÚMNIA — Sim, ele, vossa esposa — esta senhora — e eu própria somos vossos suplicantes.

CORIOLANO — Por obséquio, calai-vos. Ou, no caso de falardes, lembrai-vos de que nunca podeis considerar como recusa de minha parte o que por juramento obrigado me vejo a recusar-vos. Não mandeis que eu despeça meus soldados ou que a capitular de novo venha com os artesãos de Roma. Não desejo que me mostreis o em que desnaturado pareço agora, nem que minha cólera e meu rancor tenteis tranqüilizar com o frio raciocínio.

VOLÚMNIA — Oh! basta! basta! Não nos concedeis nada, já o dissestes, pois a pedir não temos outra coisa a não ser o que já nos recusastes. Contudo, vamos formular a súplica, pois se nos recusardes o pedido só em vosso rigor recaia o opróbrio. Por isso, ouvi-nos.

CORIOLANO — Tomai nota, Aufídio; e vós, volscos, também; pois não queremos ouvir de Roma coisa alguma à parte. Qual é o vosso pedido?

VOLÚMNIA — Se ficássemos calados, sem dizer palavra alguma, nossas vestes e o estado destes corpos mostrariam a vida que levamos depois de teu exílio. Considera quanto mais infelizes do que todas as mulheres nós somos no momento de procurar-te, pois a tua vista,

que deveria, de prazer, os olhos marejar-nos de lágrimas e aos saltos o coração deixar-nos, de conforto, de pavor e tristeza força aqueles a chorar e a este deixa estremecido, com obrigar a esposa, a mãe e o filho a verem o marido, o filho e o pai as entranhas rasgar da própria pátria. A nós, coitadas, muito mais que às outras é teu ódio fatal, pois nos impede de aos deuses dirigirmos nossas súplicas, o que grande conforto é para todas, com exceção de nós. Pois como fora possível — ai de nós! — como nos fora possível implorar por nossa pátria — como é nosso dever — e, ao mesmo tempo, pedir que possas alcançar vitória, como é nosso dever? Ah! é preciso que percamos a pátria, a ama querida, ou então tua pessoa, nosso amparo e alegria na pátria. Inevitável calamidade sobre nós se apresta, seja qual for o voto que se exalce quanto à final vitória. Pois forçoso será que, como um malfeitor estranho, passes em ferros pelas nossas ruas, ou que pises triunfante nos escombros de tua pátria e a palma a alcançar venhas por haveres o sangue derramado bravamente da esposa e de teu filho. Porque, meu filho, protelar não hei de até que possa decidir a sorte sobre o fim desta guerra. Se impossível me é de todo fazer que, enfim, te mostres com as duas partes nobre e generoso, em vez de a ruína de uma procurares, fica sabendo que não hás de os muros assaltar da cidade — isso é certeza — sem passares primeiro sobre o ventre da mãe que te deu vida.

VERGÍLIA — E também sobre o meu, onde gerado foi teu filho, porque teu nome nele perpetuasses.

MENÊIO — Sobre o meu corpo ele não pisa, que hei de sair correndo, e quando ficar grande, volto para brigar.

CORIOLANO — Se não quisermos na alma ter de mulher a semelhança, ver não devemos nem mulher nem criança. Já esperei muito tempo. (*Levanta-se.*)

VOLÚMNIA — Desse modo não nos deixeis. Se nossa interferência a favor dos romanos implicasse a destruição dos volscos, a serviço dos quais estais agora, poderíeis ver em nós o veneno de vossa honra. Não; não há tal. Queremos, tão-somente, que a reconciliação façais entre eles, de forma que dizer os volscos possam: "Mostramo-nos clementes", e os romanos: "Com relação a nós", rompendo todos em calorosos vivas para tua pessoa com dizerem: "Sê bendito por semelhante paz!" Meu grande filho, como bem sabes, toda guerra é incerta. Mas uma coisa é certa: se chegares a ganhar Roma, lucrarás apenas um nome que há de ser por toda parte dito com maldição e cuja crônica repetirá: "Era pessoa nobre. mas com o último feito rebaixou-se: destruiu a pátria, havendo transmitido para a posteridade um nome abjeto". Fala, meu filho. Sempre te esforçaste por ter os delicados traços da honra, por imitar dos imortais a graça, com teus trovões dilacerando as largas bochechas do ar, mais disparando um raio capaz apenas de fender um roble. Por que não dizes nada? Acaso pensas que seja honroso para um nobre sempre relembrar as injúrias? Falai, filha; ele não dá valor ao vosso choro. Menino, fala tu, é bem possível que comovê-lo possa mais que nossas razões tua inocência. Não há filho que mais deva a sua mãe; no entanto, deixa-me falar agora sem parar, tal como condenado no cepo. Em toda a vida nunca deste a tua mãe prova de afeto. Ela — pobre ave! não se preocupava com segunda ninhada — para as guerras com seu cacarejar sempre te enviava e, coberto de glória, te fazia voltar são para casa. Dize apenas que meu pedido é injusto e me repele. Mas, se tal não se der,

faltas com a honra, castigando-te os deuses por me haveres recusado a obediência que me toca por direito de mãe. Ele se vira! De joelho, damas! Possam humilhá-lo nossas genuflexões. O sobrenome Coriolano lhe infunde mais orgulho que compaixão todas as nossas súplicas. De joelhos; acabemos. Vai ser a última tentativa. Voltemos para Roma e com nossos vizinhos pereçamos. Não; olha para nós. Este menino que não sabe dizer o que pretende, mas apenas se ajoelha e as mãos levanta, traz razões mais potentes do que possas aduzir em contrário. Mas voltemos. Por mãe este homem teve mulher volsca; a esposa está em Coríolos; o filho só por acaso tem os traços dele. Mas despachemo-nos; quero ficar quieta até nossa cidade ver em chamas; depois ainda direi alguma coisa.

CORIOLANO — (*tomando Volúmnia, que se cala, pela mão.*) Mãe! ó mãe! que fizestes? Oh! entreabrem-se os céus, e os deuses que nos vêem riem desta cena contrária à natureza. Ó minha mãe! Ó mãe! Ó minha mãe! Ganhastes para Roma uma vitória muito feliz, mas para vosso filho, podeis crer-me — oh! podeis — prevalecestes sobre ele por maneira perigosa, se mortal não lhe for. Porém que venha. Aufídio, muito embora eu já não possa dirigir guerra leal, ao menos posso concluir honrosa paz. Bondoso Aufídio, se em meu lugar agora vos achásseis, teríeis, porventura, ouvido menos vossa mãe, caro Aufídio, ou concedido menos do que pedisse?

AUFÍDIO — Comovido fiquei, confesso.

CORIOLANO — Eu o asseveraria. E, amigo, podeis crer que pouca coisa dos olhos não me faz pingar piedade. Meu bondoso senhor, aconselhai-me sobre a paz que quereis fazer com eles. Por minha parte não irei a Roma; retornarei convosco. Por obséquio, neste passo auxiliai-me. Oh mãe! oh esposa!

AUFÍDIO (*à parte*) — Muito me alegra ver que em tua alma lutam a compaixão e a honra. Com isso tudo saberei refazer a antiga sorte.

(*As senhoras fazem sinal a Coriolano.*)

CORIOLANO — Neste momento. Mas bebamos juntos, e levareis a Roma um testemunho melhor do que palavras, que haveremos de subscrever em condições idênticas. Vamos, entremos juntos. Vós, senhoras, um templo mereceis que vos construam; as espadas da Itália, suas armas confederadas, nunca chegariam a alcançar uma paz como a de agora.

(*Saem.*)

Cena 4

Roma. Uma praça pública. Entram Menênio e Sicínio.

MENÊIO — Estais vendo aquela saliência do Capitólio, a pedra angular?

SICÍNIO — Estou; mas a que vem isso?

MENÊIO — Se conseguirdes abalá-la com o dedo mínimo, haverá alguma esperança de que as damas de Roma, principalmente a mãe dele, consigam alguma coisa. Mas, como disse, não há esperança; estamos com as gargantas sentenciadas à espera somente da execução.

SICÍNIO — Será possível que um tempo tão curto modifique a esse ponto a natureza de uma pessoa?

MENÊIO — Há muita diferença entre a crisálida e a borboleta; no entanto, a borboleta já foi crisálida. De homem, este Márcio se transformou em dragão; adquiriu asas; é algo mais do que um ser que rasteja.

SICÍNIO — Era muito afeiçoado à mãe.

MENÊIO — Como a mim também o foi. Mas agora ele se recorda tanto de sua mãe como de um cavalo de oito anos. A aspereza de seu rosto azeda uvas maduras. Quando anda, move-se como uma máquina de guerra, rachando-se o solo às suas passadas. Só com o olhar é capaz de furar um arnês; fala como um dobre de finados e seu murmúrio é uma bateria. Senta-se em sua cadeira como quem representa Alexandre. O que ele ordena que se faça, fica feito só com a simples ordem. Para ser um deus só lhe falta a eternidade e um céu para servir-lhe de trono.

SICÍNIO — Oh! compaixão! se o descreveis com fidelidade.

MENÊIO — Na descrição atenho-me ao seu caráter. Observai a graça que sua mãe alcançou junto dele. Há piedade nele como leite em um tigre macho, é o de que terá de certificar-se nossa cidade. E tudo isso é trabalho vosso.

SICÍNIO — Que os deuses se compadeçam de todos nós.

MENÊIO — Não; num caso destes eles não se compadecerão de nós. Quando banimos Coriolano, não fizemos conta dele; voltando Coriolano agora para cortar-nos o pescoço, não farão conta de nós.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Senhor se amais a vida, recolhei-vos para casa. Os plebeus se apoderaram de vosso companheiro de mandato, dão-lhe empurrões e juram que se as damas

romanas não trouxerem boas novas, hão de tirar-lhe a vida aos pedacinhos.

(*Entra outro mensageiro.*)

SICÍNIO — Que novidades há?

SEGUNDO MENSAGEIRO — Boas notícias? Boas notícias! boas! Às matronas prevaleceram. Já o acampamento os volscos levantaram, Márcio foi-se. Nunca viu Roma tão alegre dia, nem mesmo quando expulso foi Tarquínio.

SICÍNIO — Amigo, tens certeza do que dizes? Não haverá engano?

SEGUNDO MENSAGEIRO — Tenho tanta certeza como de que o sol é fogo. Por onde vos metestes, para terdes dúvida sobre o que houve? Nunca as águas da maré se comprimem com tanto ímpeto debaixo do arco, como os aliviados se atiram pelas portas da cidade. Mas Ouvi! (*Soam trombetas, oboés e tambores em confusão; aclamações dentro.*) Sacabuxas, harpas, pífaros, trombetas, címbalos, tambores, vivas dos romanos à dança o sol arrastam. (*Aclamações dentro.*) Estais ouvindo?

MENÊIO — É muito boa a nova. Vou ao encontro das senhoras. Essa Volúmnia vale uma cidade cheia de senadores, cônsules e nobres; de tribunos assim, um mar repleto, toda a terra. Soubestes rezar hoje. Esta manhã eu não daria um óbolo para comprar dez mil gargantas vossas. Ouvi, quanta alegria!

(*Aclamações e música.*)

SICÍNIO — Inicialmente, abençoem-vos os deuses pelas novas; depois vos dou meus agradecimentos.

SEGUNDO MENSAGEIRO — Motivos todos nós temos bastantes para agradecimentos sublimados.

SICÍNIO — Já se estão da cidade aproximando?

SEGUNDO MENSAGEIRO — Já no ponto de entrar.

SICÍNIO — Saiamos todos a encontrá-los e o júbilo aumentemos.

(*Retiram-se.*)

(*Atravessam o palco as damas acompanhadas dos senadores, patrícios e povo.*)

PRIMEIRO SENADOR — Vede a vida de Roma, a protetora de todos nós! Reuni todas as tribos; orai aos deuses e acendei fogueiras de regozijo; atapetai de flores o caminho por onde elas passarem. Com novos vivas abafei os gritos que de Roma expulsaram Caio Márcio. Nas saudações da mãe chamai-o à pátria. Gritai todos: Senhoras, sois bem-vindas!

TODOS — Senhoras, sois bem-vindas!

(*Fanfarras e tambores. Saem todos.*)

Cena 5

Coríolos. Uma praça pública. Entra Tulo Aufídio com criados.

AUFÍDIO — Anunciai aos senhores da cidade que eu já cheguei e dai-lhes este escrito. Depois de o terem lido convocai-os para o mercado, onde, no ouvido deles e nos do povo provarei tudo isso. Quem eu acuso já transpôs as portas da cidade e pretende apresentar-se ante o povo, esperando com palavra justificar-se. Muita pressa em tudo. (*Saem os criados.*) (*Entram três ou quatro conspiradores do partido de Aufídio.*) Sede bem-vindos.

PRIMEIRO CONSPIRADOR — Como vai passando o nosso general?

AUFÍDIO — Como pessoa envenenada pela própria esmola e que a bondade mata.

SEGUNDO CONSPIRADOR — Muito nobre senhor, se persistirdes no projeto para o qual desejastes nosso auxílio, nós nos incumbiremos de livrar-vos dessa grande coação.

AUFÍDIO — Nada vos posso dizer, senhor; teremos de portar-nos conforme virmos que se mostra o povo.

TERCEIRO CONSPIRADOR — O povo ficará sempre indeciso, enquanto entre vós dois houver discórdia. A queda de um fará de tudo herdeiro o que sobreviver.

AUFÍDIO — É muito certo. Os motivos que tenho de atacá-lo são mais do que plausíveis. Elevei-o e por sua lealdade empenhei a honra. Mas ele, uma vez no alto, as novas plantas irrigou com o orvalho da lisonja, seduziu meus amigos, violentando para esse fim sua própria natureza, conhecida até então como indomável, independente e brusca.

TERCEIRO CONSPIRADOR — Sua empáfia, senhor, quando ele obteve o consulado, que a perder veio por não ter sabido tergiversar em tempo...

AUFÍDIO — Ia falar-vos a esse respeito. Tendo sido expulso por isso mesmo, veio a minha casa e o pescoço estendeu à minha faca. Acolhi-o; fiz dele meu consócio, dei-lhe azo a que os desejos expandisse. Fiz mais: deixei que ele escolhesse dentre meus próprios contingentes os melhores e mais dispostos homens, porque a cabo levasse seus projetos. Em pessoa servi aos seus desígnios, ajudando-o a madurar a fama que na ceifa para ele, só, ficou, tendo ele orgulho revelado em fazer-me essa injustiça. Em remate, chegamos a tal ponto, que mais seu subalterno eu parecia do que mesmo parceiro, tendo-me ele recompensado com seus ademanes como se mercenário dele eu fosse.

PRIMEIRO CONSPIRADOR — Justamente, senhor; e muito espanto causou isso no exército. Por último, quando Roma já tínhamos vencido e fé todos fazíamos no espólio, como na

glória...

AUFÍDIO — É aí que bate o ponto, contra ele tenso meus tendões deixando. Por algumas gotinhas de catarro de umas senhoras, que são tão baratas quanto mentiras, o trabalho e o sangue vendeu ele de nosso esforço ingente. Por isso morrer deve; sua queda me fará levantar. Mas, escutemos!

(*Barulho de trombetas e de tambores, de mistura com aclamações do povo.*)

PRIMEIRO CONSPIRADOR — Como se fôsseis um correio entrastes na cidade natal, sem que boas-vindas tivésseis de ninguém; mas ele volta rasgando o ar com o barulho.

SEGUNDO CONSPIRADOR — Esses pacíficos todos a quem ele privou dos filhos, rasgam as goelas vis no louvor deles.

TERCEIRO CONSPIRADOR — Para vossa vantagem, desse modo, antes que ele se expanda e possa o povo comover com discursos, vossa espada dai-lhe a provar, que vos secundaremos. Jogando ele por terra, sua história contada a vosso jeito, juntamente com o corpo enterrará seus argumentos.

AUFÍDIO — Nem mais uma palavra; eis os senhores.

(*Entram os nobres da cidade.*)

NOBRES — Sois entre nós bem-vindo.

AUFÍDIO — Não mereço semelhante acolhida. Mas senhores, lestes atentamente meu escrito?

NOBRES — Lemos, sim.

PRIMEIRO NOBRE — E ficamos contristados. Suas primeiras faltas, é o que penso, podiam ser sanadas facilmente. Mas terminar onde primeiro estava, abrir mão das vantagens do armamento, à nossa própria custa indenizar-nos, onde houve rendição firmar tratados, desculpas não admite.

AUFÍDIO — Ei-lo que chega; vós próprios o ouvireis.

(*Entra Coriolano com tambores e bandeiras; grande número de cidadãos o segue.*)

CORIOLANO — Salve, senhores! Como vosso soldado aqui retorno, sem que do amor da pátria ora me encontre mais infectado do que no momento em que parti daqui, mas o supremo comando vosso obediente sempre. Passo a dizer-vos que com muita sorte fiz esse ataque, tendo por caminhos sanguinosos levado vossas guerras até às portas de Roma. O que trouxemos como espólio ultrapassa pelo menos de um terço das despesas da campanha. Concluímos uma paz tão digna para vós antíates como vergonhosa para os romanos. Eis que vos transmito, pelos patrícios assinado e os cônsules, juntamente com o selo do senado, o acordo que firmamos com os romanos.

AUFÍDIO — Nobres senhores, não leiais o escrito, mas dizei ao traidor que em grau muito alto ele abusou de vossa autoridade.

CORIOLANO — Traidor! Como?

AUFÍDIO — Traidor, Márcio. Isso mesmo.

CORIOLANO — Márcio?

AUFÍDIO — Sim, Márcio: Caio Márcio. Pensas, acaso, que enfeitar-te vou com o nome roubado, Coriolano, e isso em Coríolos? Senhores e cabeças da república, ele traiu os vossos interesses perfidamente, e por algumas gotas salgadas entregou vossa cidade, Roma — sim, digo: vossa! — à mãe e à esposa, rompendo os juramentos e os propósitos como um laço de fita apodrecida. Nunca ouviu um conselho de campanha, mas da mãe ante as lágrimas pôs fora, choramingando e urrando, vossos louros, o que os pajens deixou enrubescidos e os homens de valor fez entreolharem-se, tomados de estupor.

CORIOLANO — Ouviste, Marte?

AUFÍDIO — Não invoques o deus, chorão menino.

CORIOLANO — Ah!

AUFÍDIO — Não prossigas.

CORIOLANO — Mentiroso imenso, grande demais o coração deixaste-me, para caber no peito. Quê! "Menino?" Miserável... Perdoai-me, meus senhores; é a vez primeira que a insultar me forçam. Vosso juízo, ponderados nobres, vai dar o desmentido a este cachorro; e sua própria consciência — que as estrias de meus golpes ainda tem presentes, marcas que há de levar ao próprio túmulo — há de vos secundar no desmentido.

PRIMEIRO NOBRE — Ficai quietos e deixai que eu fale.

CORIOLANO — Cortai-me em pedacinhos, volscos! Homens e moços, vinde em mim manchar os gládios. "Menino!" Cão hipócrita! Se houvésseis vossos anais escrito com verdade, lá poderíeis ler que tal como águia num pombal pus em fuga os vossos volscos, em Coríolos. Eu, eu só! "Menino!"

AUFÍDIO — Como! nobres senhores, quereis mesmo que as façanhas da sorte dele cega — vosso opróbrio — vos sejam relembradas por este fanfarrão desnaturado, ante vossos ouvidos, vossos olhos?

CONSPIRADORES — Que ele morra por isso.

TODOS OS CIDADÃOS — Espedaçai-o, já já! — Matou meu filho! — Minha filha!- Matou meu pai! — Matou meu primo Marco!

SEGUNDO NOBRE — Silêncio aí! Nada de insultos. Calma! É um homem nobre e sua fama ocupa o orbe todo da terra. A última ofensa que nos fez há de ser regularmente em juízo discutida. Pára, Aufídio; não perturbes a paz.

CORIOLANO — Ah! se o tivesse com seis outros Aufídios e sua tribo ao alcance de minha leal espada!

AUFÍDIO — Celerado insolente!

CONSPIRADORES — Morte! Morte para ele! Morte! Morte!

(*Aufídio e os conspiradores sacam da espada e matam Coriolano, que cai. Aufídio põe o pé sobre o cadáver.*)

NOBRES — Não! Parai! Parai! Parai! Parai!

AUFÍDIO — Meus nobres mestres, deixai que vos explique o que houve.

PRIMEIRO NOBRE — Oh Tulo!

SEGUNDO NOBRE — Chora a coragem ante o que fizeste.

TERCEIRO NOBRE — Não o piseis. Senhores, acalmai-vos! Guardai vossas espadas.

AUFÍDIO — Meus senhores, quando a saber chegardes — o que neste grande furor, por ele suscitado, possível não será — todo o perigo com que nos ameaçava a vida dele, ficareis satisfeitos por ter sido morto ele deste modo. Vossas Honras podem chamar-me à frente do Senado, que hei de provar que sou vosso fiel servo, ou submeter-me a vosso grave juízo.

PRIMEIRO NOBRE — Levai daqui o corpo. E pranteai-o. Será tido na conta do mais nobre cadáver que já foi acompanhado pelo arauto até à urna funerária.

SEGUNDO NOBRE — Seu arrebatamento justifica por uma boa parte o erro de Aufídio. Tiremos disso todas as vantagens.

AUFÍDIO — Minha fúria passou. Sinto-me agora tomado de tristeza. Levantai-o. Ajudai três guerreiros, dos melhores; serei o quarto. Bate em teu tambor, de forma que ele fale tristemente. Abaixai vossas lanças. Muito embora tenhamos ainda na cidade muitas mulheres que sem filhos, sem maridos ele deixou e que ainda se ressentem de seus golpes até este momento, há de alcançar mui nobre monumento. Carreguemos.

(*Saem levando o corpo de Coriolano, ao som de uma marcha fúnebre.*)

Hamlet

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 2

Cena 1

Cena 2

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Personagens

CLÁUDIO (*rei da Dinamarca*)
HAMLET (*filho do defunto rei e sobrinho do rei reinante*)
FORTIMBRAS (*príncipe da Noruega*)
HORÁCIO (*amigo de Hamlet*)
POLÔNIO (*camareiro-mor*)
LAERTES (*seu filho*)
VOLTIMANDO (*cortesão*)
CORNÉLIO (*cortesão*)
ROBENCRANTZ (*cortesão*)
GUILDENSTERN (*cortesão*)
OSRICO
Um nobre
Um padre
BERNARDO (*oficial*)
MARCELO (*oficial*)
FRANCISCO (*soldado*)
REINALDO (*criado de Polônio*)
Um capitão
Embaixadores ingleses
Atores, coveiros
GERTRUDES (*rainha da Dinamarca, mãe de Hamlet*)
OFÉLIA (*filha de Polônio*)
Nobres, senhoras, oficiais, soldados, marinheiros, mensageiros e criados
O Fantasma do pai de Hamlet

Ato 1

Cena 1

Esplanada do castelo de Elsinor. Francisco, de sentinela; Bernardo entra.

BERNARDO — Quem está aí?

FRANCISCO — Não; responda-me; pare e diga o nome.

BERNARDO — Viva o rei!

FRANCISCO — Bernardo?

BERNARDO — Ele mesmo.

FRANCISCO — Vindes exatamente na vossa hora.

BERNARDO — Meia-noite, Francisco. Vai deitar-te.

FRANCISCO — Muito grato vos sou por me renderdes. Que frio! Chega a doer-me o coração.

BERNARDO — Foi calma a guarda?

FRANCISCO — Não buliu nem rato.

BERNARDO — Então, boa noite. Se vires por aí Marcelo e Horácio, dize-lhes que se apressem; estão ambos escalados comigo.

FRANCISCO — Julgo ouvi-los. Olá! Não se aproximem. Quem está aí? (*Entram Horácio e Marcelo*)

HORÁCIO — Amigos desta terra.

MARCELO — E súditos do rei da Dinamarca.

FRANCISCO — Boa noite para todos.

MARCELO — Outro tanto te desejamos nós, meu bom soldado. Quem te rendeu na guarda?

FRANCISCO — Foi Bernardo. Mais uma vez, boa noite. (*Sai*)

MARCELO — Olá, Bernardo!

BERNARDO — Fale. Horácio está aí?

HORÁCIO — Ele em pessoa.

BERNARDO — Bem-vindo, Horácio; salve, bom Marcelo.

MARCELO — E a tal coisa, esta noite apareceu?

BERNARDO — Não vi nada.

MARCELO — Horácio diz que tudo é fantasia; não quer acreditar no que contamos sobre a visão que duas vezes vimos. Por isso, o convidei a vir fazer-nos companhia nas horas desta noite. Dessa forma ele confirma nossos olhos, se a aparição voltar, e fala com ela.

HORÁCIO — Qual! Não vem! Não vem nada.

BERNARDO — Bem, sentemo-nos; renovemos o assalto aos teus ouvidos, que tão fortes se mostram para a história do que vimos duas noites.

HORÁCIO — Pois sentemo-nos, para ouvir a Bernardo sobre o assunto.

BERNARDO — Na última noite, ao vir iluminar aquela estrela, que está a oeste do pólo, a parte exata do céu em que ora brilha, eu e Marcelo, ao soar uma hora o sino...

MARCELO — Pára! Não continues; ei-lo de novo. (*Entra o Fantasma*)

BERNARDO — Exatamente a forma do rei morto.

MARCELO — Fala-lhe tu, Horácio, que és instruído.

BERNARDO — Não é igual ao rei? Vê bem, Horácio.

HORÁCIO — Igual; o espanto e o medo me confundem.

BERNARDO — Deseja que lhe falem.

MARCELO — Fala, Horácio.

HORÁCIO — Quem és, que assim usurpas estas horas da noite e a forma nobre e belicosa que ostentava, marchando, a majestade do sepultado rei da Dinamarca? Pelo céu, fala; ordeno-te!

MARCELO — Ofendeu-se.

BERNARDO — Vai recuando.

HORÁCIO — Detém-te e fala! Intimo-te! (*Sai o Fantasma*)

MARCELO — Foi-se, sem dizer nada.

BERNARDO — Então, Horácio? Assim tremendo e pálido... Não é mais do que simples fantasia? Que pensais de tudo isso?

HORÁCIO — Perante meu Deus, nisso poderia não ter acreditado sem a sensível e verdadeira testemunha de meus próprios olhos.

MARCELO — Ao rei se assemelha?

HORÁCIO — Como tu te assemelhas a ti mesmo. Essas as armas que trazia, quando derrubou o ambicioso Norueguês; desse modo franziu o sobrecenho, depois da discussão, quando no gelo jogou a resistente machadinha. É muito estranho.

MARCELO — Por duas vezes, já, nesta hora morta, passou por nós com o mesmo ar belicoso.

HORÁCIO — Não posso achar explicação; contudo, de maneira geral, penso que o fato é indício de algum mal para nós todos.

MARCELO — Sentem-se, então, e quem souber nos diga donde vem fatigarem-se os vassalos deste reino com guardas rigorosas; e mais: por que fundir canhões de bronze, por que tanto armamento do estrangeiro, por que trabalham tanto os arsenais, sem das semanas separar os sábados? Que nos ameaça, para que essa faina suarenta a noite mude em companheira de trabalho do dia? Quem me pode dar disso a explicação?

HORÁCIO — Eu, quero crê-lo. É o que se fala, ao menos: o defunto monarca, de quem vimos, ora, a imagem, foi desafiado, como é bem sabido, por Fortimbrás, a quem ciumento orgulho dava ousadia. O nosso bravo Hamlet — que assim por estes mundos lhe chamavam — matou o Norueguês, que, por contrato selado e sancionado pelas normas da nobreza, legava ao adversário todos os territórios ocupados, se a vida a perder viesse na compita. Nosso rei, por seu lado, o equivalente de terras empenhou, que caberiam a Fortimbrás, no caso de afirmar-se vitorioso, tal como, pela força desse artigo, as daquele para Hamlet foram deixadas. Mas agora o moço Fortimbrás, ardoroso porém falho de experiência, alistou pela fronteira da Noruega, só a preço de comida, uns tipos corajosos e sem terras, que antevêem qualquer empresa gorda — que não é outra, justamente, como nosso Estado, de há muito, o reconhece — senão nos constranger pela violência das armas a entregar-lhes esses domínios que de seu pai nos vieram. Eis a origem principal, quero crer, de tanta azáfama, a causa desta guarda e a maior fonte da lufa-lufa em que se agita o reino.

BERNARDO — É o que eu penso, também; deve ser isso. É o que explica passar por nossa guarda semelhante portento sob o aspecto do rei que foi e é causa desta guerra.

HORÁCIO — O olho da inteligência um argueiro o turva. Na época mais gloriosa da alta Roma, pouco antes de cair o grande Júlio, saíram dos sepulcros os cadáveres em seus lençóis, gemendo pelas ruas. Depois, chuviscou sangue, apareceram manchas no Sol, cometas; e o úmido astro que tem força no reino de Netuno, do eclipse padeceu do fim das coisas. Idênticos sinais de cruéis eventos — precursores que são sempre dos Fados e prólogo de agouros iminentes — enviaram juntamente o céu e a terra por sobre o nosso clima e nosso povo. Mas, silêncio! Cautela! Ei-lo que volta. (*Entra o Fantasma*) Vou falar-lhe, ainda mesmo que me mate. Pára, ilusão! Se tens o uso da fala, responde-me! Se é de necessidade fazer algo de bom, que te alivie e me dê graça, fala-me! Se estás a par de algum mal iminente de tua pátria, e que possa ser desviado, oh, fala-me! Ou, ainda, se escondeste sob a terra, quando vivo, tesouros extorquidos, razão, se diz, de as almas retornarem, (*Um galo canta*) detém-te e fala. Agarra-o bem, Marcelo.

MARCELO — Posso dar-lhe com minha partasana?

HORÁCIO — Se resistir.

BERNARDO — Aqui!

HORÁCIO — Por este lado! (*Sai o Fantasma*)

MARCELO — Desapareceu! Foi mal de nossa parte, em tanta mostra de majestade, usarmos de violência. Como o ar, é invulnerável, não passando de brincadeira os nossos golpes

vãos.

BERNARDO — Ia falar; o galo o não deixou.

HORÁCIO — Nesse instante, tremeu como culpado diante da citação de ruim presságio. Ouvi dizer que o galo, essa trombeta da manhã, com sua voz vibrante e clara, desperta o deus do dia, e que a esse aviso, quer no mar, quer no fogo, no ar, na terra, os errantes espíritos retornam para seus postos, do que temos clara confirmação em quanto presenciamos.

MARCELO — Quando o galo cantou, desvaneceu-se. Dizem que quando o tempo se aproxima de a data festejarmos do natal do nosso Salvador, essa ave canta durante toda a noite. Então, espírito nenhum anda vagante, dizem; todas as noites são salubres; os planetas não têm influência, os gnomos, os bruxedos: tão gracioso é esse tempo e tão sagrado.

HORÁCIO — Ouvi falar, também, e em parte o creio. Mas vede: a aurora com seu manto rubro passeia sobre o orvalho além do morro. Ponhamos fim à guarda. Sou de aviso que os fatos desta noite os transmitamos ao moço Hamlet, pois, por minha vida, esse espírito mudo há de falar-lhe. Concordais em fazer-lhe esse relato que o dever e a afeição de nós o exigem?

MARCELO — Façamo-lo, vos peço; eu sei o ponto em que é fácil falar-lhe esta manhã. (*Saem*)

Cena 2

Uma sala de recepção no castelo. Entram o Rei, a Rainha, Hamlet, Polônio, Laertes. Voltimando, Cornélio, nobres e séquito.

O REI — Conquanto esteja fresca, ainda, a memória do traspasso de Hamlet, o irmão saudoso, e chorá-lo devêssemos, contraindo toda a corte em tristeza o sobrecenho: tanto a razão se impõe à natureza que com sábia tristura o relembramos ao tempo em que pensamos em nós mesmos. Por isso, à que era nossa irmã, e agora nossa rainha, a imperial herdeira deste reino guerreiro, com alegria, por bem dizermos, parcialmente frustra, num dos olhos o choro, no outro o riso, ledos no funeral, tristes na igreja, sabendo equilibrar a dor e o encanto, tomamos como esposa, após ouvirmos vossos conselhos, sempre e em tudo livres. Nossos agradecimentos por tudo isso. Agora Fortimbrás, o moço, como bem o sabeis, subestimando nossa força, ou mesmo pensando que o traspasso de nosso irmão poria o Estado fora dos eixos, sonha com vantagens pessoais, não cessando de inquietar-nos com mensagens que visam a reaver-nos as terras que seu pai petdeu na luta, conforme as condições estipuladas com nosso bravo irmão. Sobre ele, basta. Passemos a tratar de nós e desta convocação: é o caso que escrevemos a Noruega, tio desse moço Fortimbrás, que, de cama e muito doente, de certo ignora os planos do sobrinho, pedindo-lhe intervenha no sentido de sofrear-lhe o ardor, visto que as levas e alistamentos estão sendo feitos nos seus domínios. Daí vos despacharmos, bom Cornélio, e também vós, Voltimando, com meu saudar ao velho Norueguês, sem mais poder pessoal para tratardes com o rei, além do que estiver previsto nas vossas instruções. E agora, adeus; que a pressa recomende o vosso zelo.

CORNÉLIO e VOLTIMANDO — Demonstrá-lo-emos nisto, como em tudo.

O REI — Estamos certos disso; passai bem. (*Voltimando e Cornélio saem*) Dize agora, Laertes, que pretendes. Já nos falaste de algo. Que é, Laertes? Não se dará que percas as palavras, se falares com senso ao soberano da Dinamarca. Que nos poderias pedir, Laertes, que não fosse nossa dádiva, não pedido de tua parte? A cabeça não é tão bem casada com o coração, nem serve a mão à boca com mais zelo, que ao trono teu bom pai. Que desejas, Laertes?

LAERTES — Real senhor, permissão de regresso para a França. Ainda que de bom grado eu tenha vindo à vossa coroação, confessar devo que, cumprido o dever, meus pensamentos e desejos, sujeitos à vossa alta benevolência, à França me conduzem.

O REI — Teu pai já o consentiu? Que diz Polônio?

POLÔNIO — Sim, milorde, arrancou de mim meu tardo consentimento à custa de insistência, tendo eu, por fim, selado seu pedido com meu custoso "sim". Por isso, peço-vos

consentirdes que volte para a França.

O REI — Laertes, a hora é boa; usa o teu tempo e a teu sabor e dotes o aproveita. E agora, primo Hamlet, primo e filho...

HAMLET (*à parte*) — Parente, mais; querido, muito menos.

O REI — Por que sempre o teu rosto com essas nuvens?

HAMLET — Nem tanto, meu senhor, o Sol me aquece.

A RAINHA — Despe-te, bom Hamlet, desse luto, e deita olhar amigo à Dinamarca. Não prossigas assim, de olhos caídos, a procurar teu nobre pai na poeira. É lei comum, tu o sabes; quantos vivem, passam da natureza para a vida da eternidade.

HAMLET — É lei comum, realmente, minha senhora.

A RAINHA — Então, se é assim com todos, que te parece estranho nesse caso?

HAMLET — Não parece, senhora; é. Não conheço "pareces", boa mãe. Nem esta capa sombria, nem as vestes costumeiras de solene cor negra, os tempestuosos suspiros arrancados do imo peito, as torrentes fecundas que me descem dos olhos, o semblante acabrunhado, nem todas as demais modalidades da mágoa poderão nunca, em verdade, definir-me. Parecem, tão-somente, pois são gestos de fácil fingimento. Mas há algo dentro em mim que não parece. Tudo isso é roupa e enfeite do infortúnio.

O REI — Recomenda-te, Hamlet, a natureza chorares o teu pai dessa maneira Mas, lembra-te: teu pai perdeu um pai, que o seu, também, perdera. Ao filho vivo cabe o grato dever de lastimá-lo por algum tempo. Mas mostrar tão grande obstinação no luto, é dar indícios de teima e de impiedade; é a dor dos fracos; revela uma vontade ímpia e rebelde, coração débil, mente anarquizada, inteligência pobre e sem cultivo. Se tem de ser assim, tal como as coisas mais comuns que aos sentidos nos afetam, para que nos mostrarmos rigorosos e pueris? Ora! É ofensa ao próprio céu, à natureza, aos mortos, mais que absurda para a razão, cujo princípio básico é o traspasso dos pais, e que não cessa de proclamar desde a hora do primeiro cadáver até ao morto deste instante: Tinha de ser assim. Vamos, te peço, deixa essa dor estéril e nos trata como a pai. Sim, que o mundo tome nota: o mais chegado és tu ao nosso trono. Não menos generosos sentimentos dedica ao filho um pai do que os que à tua pessoa consagramos. Teu desejo de voltar novamente para a escola de Vitemberga opõe-se ao nosso alvitre. Por isso, conjuramos-te a ficares sob o grato prazer de nossos olhos, dos nobres o primeiro, primo e filho.

A RAINHA — Não deixes que tua mãe gaste suas súplicas em vão, Hamlet. Peço-te ficares conosco. Não te vás a Vitemberga.

HAMLET — Quanto em mim for, senhora, serei dócil.

O REI — Isso sim, que é falar sensato e amável. Sê como nós na Dinamarca. Vamos, senhora. O voluntário "sim" de Hamlet sorri-me ao coração. Por isso, os brindes de hoje de Dinamarca o canhão grande deverá transmiti-los até às nuvens. O céu vai repetir, a cada taça do rei, trovões da terra. E agora, vamo-nos. (*Saem o Rei, a Rainha, Laertes, Polônio e o séqüito*)

HAMLET — Oh, se esta carne sólida, tão sólida, se esfizesse, fundindo-se em orvalho! Ou se ao menos o Eterno não houvesse condenado o suicídio! Ó Deus! Ó Deus! Como se me afiguram fastidiosas, fúteis e vãs as coisas deste mundo! Que horror! Jardim inculto em que só medram ervas daninhas, cheio só das coisas mais rudes e grosseiras. Chegar a isso! Morto há dois meses! Não, nem tanto... Dois? Um rei tão bom, que, confrontado com este, era Apolo ante um sátiro... Tão terno para a esposa, que ao próprio vento obstava de bater-lhe no rosto com violência. Oh céus! Recordá-lo-ei? Pendia dele como se seus desejos aumentassem com a saciedade. E um mês depois... Paremos. Fragilidade, nome de mulher... Só um mês, sem ter gasto ainda os sapatos com que o corpo seguiu do meu bom pai, qual Níobe, só lágrimas. Sim, ela — Ó céu! Um animal que é destruído da faculdade da palavra, certo choraria mais tempo! — desposada! pelo irmão de meu pai, mas que tem tanto dele tal como eu de Hércules. Num mês, antes que o sal das lágrimas tão falsas secassem de seus olhos tumefeitos estar ela casada! Oh! pressa iníqua de subir para o tálamo incestuoso! Não pode acabar bem... Mas despedaça-te, coração; é mister ficar calado. (*Entram Horácio, Marcelo e Bernardo*)

HORÁCIO — Deus guarde a Vossa Alteza.

HAMLET — Alegra-me rever-te com saúde... Horácio, se a memória não me falha.

HORÁCIO — O mesmo criado, príncipe, de sempre.

HAMLET — Amigo, amigo; é o nome que eu te dou. Qual a razão de haveres tu deixado. Vitemberga?... Marcelo?

MARCELO — Meu bom príncipe...

HAMLET — Muito prazer. (*A Bernardo*) Bons dias. Mas falando sério, por que deixaste Vitemberga?

HORÁCIO — Simples disposição de um preguiçoso.

HAMLET — Não quisera ouvir isso de teus próprios inimigos. Por isso, não me faças ao ouvido a violência de depores contra ti próprio. Não, não és vadio. Qual o motivo que a Elsinor te trouxe? Conosco aprenderás a beber muito.

HORÁCIO — Senhor, os funerais de vosso pai.

HAMLET — Meu caro condiscípulo, não zombes; creio que vieste para o casamento. de minha mãe.

HORÁCIO — Realmente, foi bem perto.

HAMLET — Economia, Horácio! Os bolos fúnebres serviram para os frios do esposório. Preferira encontrar no céu o inimigo mais ferrenho, a viver tal dia, Horácio. Meu pai! Às vezes julgo ver meu pai.

HORÁCIO — Como, senhor?

HAMLET — Com os olhos da alma, Horácio.

HORÁCIO — Vi-o uma vez; um grande rei, de fato.

HAMLET — Um homem, na acepção lata do termo; jamais poderei ver alguém como ele.

HORÁCIO — Creio, senhor, que o vi nesta noite última.

HAMLET — A quem?

HORÁCIO — A vosso pai, senhor.

HAMLET — O rei meu pai?

HORÁCIO — Prestai-me ouvidos, refreando o espanto por algum tempo, até que eu vos relate tal maravilha, sob o testemunho destes senhores.

HAMLET — Pelo céu, falai.

HORÁCIO — Duas noites a fio estes senhores, o Bernardo e o Marcelo, quando guarda montavam, na hora morta da meia-noite, viram uma figura parecida com vosso pai, armado da cabeça até aos pés, avançando com postura lenta e grave. Três vezes pelos olhos pávidos lhes passou, à só distância de um bastão de comando. Eles, gelados pelo medo, ficaram sem ter ânimo para falar-lhe. O fato me confiaram, sob a maior reserva, ainda abalados. Montei guarda com eles na outra noite... E eis que na hora indicada, sob a forma que eles a descreveram, tudo exato, voltou a aparição... Sim, vosso pai; conheci-o; estas mãos não se parecem tanto.

HAMLET — Onde foi tudo isso?

MARCELO — Na esplanada, senhor, onde ficávamos de guarda.

HAMLET — Falaste-lhe?

HORÁCIO — Falei-lhe, sim, meu príncipe, mas não me respondeu. Contudo, quis-me parecer que ele o rosto levantava, pondo-se em movimento, como prestes a falar. Mas, nessa hora, cantou o galo. A esse canto, esgueirou-se ele apressado, sumindo à nossa vista.

HAMLET — É muito estranho.

HORÁCIO — Por minha vida, príncipe, é a verdade. Pensamos que o dever nos prescrevia dar-vos conta de tudo.

HAMLET — Não vos encubro a minha inquietação. Montais guarda esta noite?

MARCELO e BERNARDO — Sim, alteza.

HAMLET — Tinha armas, o dissestes?

MARCELO e BERNARDO — Sim, alteza.

HAMLET — Da cabeça aos pés?

MARCELO e BERNARDO — Sim, de alto a baixo.

HAMLET — Então não lhe pudestes ver o rosto.

HORÁCIO — Como não? A viseira estava erguida.

HAMLET — E as feições, carregadas?

HORÁCIO — Expressão mais de dor do que de cólera.

HAMLET — Corado ou pálido?

HORÁCIO — Muito pálido.

HAMLET — E o olhar? Chegou a fitar-vos?

HORÁCIO — Durante todo o tempo.

HAMLET — Desejara tê-lo visto.

HORÁCIO — Sem dúvida, isso havia de causar-vos profunda admiração.

HAMLET — Muito provavelmente. E demorou-se?

HORÁCIO — O tempo de contar, com certa calma, até cem.

MARCELO e BERNARDO — Muito mais! Muito mais tempo!

HORÁCIO — Não quando o vi.

HAMLET — E a barba? Era grisalha?

HORÁCIO — Tal como a vi, quando ele ainda era vivo: negro-prateada.

HAMLET — À noite, eu farei guarda; talvez ele retorne.

HORÁCIO — É quase certo.

HAMLET — Se ele me aparecer sob a figura de meu pai, falar-lhe-ei, ainda que o inferno se me abrisse e mandasse ficar quieto. Mas peço a todos: se a ninguém falastes dessa visão, sede discretos nisso. A qualquer ocorrência desta noite, trocai sinais apenas, não palavras. Saberei ser-vos grato. Passai bem. Na esplanada, entre as onze horas e as doze, pretendo aparecer.

TODOS — Nossos respeitos.

HAMLET — Vosso amor, como o meu. E agora, adeus. (*Horácio, Marcelo e Bernardo saem*) A sombra de meu pai em armas! Tudo vai muito mal. Temo qualquer desgraça. Ah! Quem dera que a noite já chegasse! Mas até lá, minha alma, sê paciente. As ações más, embora a terra as cubra, aos olhos dos mortais não se subtraem. (*Sai*)

Cena 3

Um quarto em casa de Polônio. Entram Laertes e Ofélia.

LAERTES — Tudo o que é meu já se acha a bordo; adeus. Cara irmã, se houver ventos benfazejos e navios no porto, não te ponhas a dormir: dá notícias.

OFÉLIA — E duvida-o?

LAERTES — O que respeita a Hamlet, e seu namoro, toma-o como capricho, simples moda, violeta que a estação produziu cedo, passageira e aromosa, não durável, perfume e refrigério de um minuto, nada mais.

OFÉLIA — Nada mais?

LAERTES — Isso, mais nada. Nosso corpo, ao crescer, não ganha apenas volume e músculos; o templo expande-se, e a par, também, se alarga o espírito e a alma com seu culto interior. É bem possível que te ame agora, sem que fraude alguma lhe macule a virtude do alvedrio. Mas deves ter cautela, que os de sua posição não são donos de si mesmos. Ele é escravo do próprio nascimento; não pode, como o faz gente do povo, eleger para si, que dessa escolha depende a segurança e o bem do Estado. Daí, necessitar subordiná-la ao voto e aprovação do corpo, cuja cabeça ele é. Se te disser que te ama, cumpre à tua prudência dar-lhe crédito na medida em que seja permitido passar do verbo à ação, o que mais longe não irá do que a voz da Dinamarca. Pensa na mancha, irmã, para tua honra, se desses ao seu canto ouvido crédulo e o coração perdesses, ou se abrisses o teu casto tesouro aos seus assaltos. Cuidado, irmã! Cuidado, Ofélia amiga! Fica na retaguarda dos anseios, a coberto dos botes dos desejos. Já prodigalidade é uma virgem revelar a beleza à própria lua. Da calúnia a virtude não se livra. Muitas vezes, o verme estraga as flores primaveris, bem antes de se abrirem. No orvalho e na manhã da mocidade o vento contagioso é mais nocivo. Sê cautelosa; o medo é amparo certo. A mocidade é inimiga de si mesma.

OFÉLIA — Encerrarei no peito, como guardas, essas sábias lições. Mas, caro irmão, não faças como alguns desses pastores que aconselham aos outros o caminho do céu, cheio de abrolhos, enquanto eles seguem ledos a estrada dos prazeres, sem dos próprios conselhos se lembrarem.

LAERTES — Nada receies; mas é tempo; aí vem nosso pai. (*Entra Polônio*) Dupla bênção, graça dupla. O acaso me concede este outro adeus.

POLÔNIO — Ainda aqui, Laertes? Para bordo! O vento se acha a tergo de tua vela; já te reclamam. Vai com a minha bênção, e grava na memória estes preceitos: Não dês língua aos teus

próprios pensamentos, nem corpo aos que não forem convenientes. Sê lhano, mas evita abastardares-te. O amigo comprovado, prende-o firme no coração com vínculos de ferro, mas a mão não calejes com saudares a todo instante amigos novos. Foge de entrar em briga; mas, brigando, acaso, faze o competidor temer-te sempre. A todos, teu ouvido; a voz, a poucos; ouve opiniões, mas forma juízo próprio. Conforme a bolsa, assim tenhas a roupa: sem fantasia; rica, mas discreta, que o traje às vezes o homem denuncia. Nisso, principalmente, são pichosas as pessoas de classe e prol na França. Não emprestes nem peças emprestado; que emprestar é perder dinheiro e amigo, e o oposto embota o fio à economia. Mas, sobretudo, sê a ti próprio fiel; segue-se disso, como o dia à noite, que a ninguém poderás jamais ser falso. Adeus; que minha bênção tais conselhos faça frutificar.

LAERTES — Humildemente me despeço, senhor.

POLÔNIO — O tempo é curto; vai logo, que os criados já te esperam.

LAERTES — Adeus, Ofélia; guarda o que eu te disse.

OFÉLIA — Guardei-o na memória, e a chave a levas.

LAERTES — Adeus. (*Sai*)

POLÔNIO — Que palavras, Ofélia, ele te disse?

OFÉLIA — Se o permitis, falou de lorde Hamlet.

POLÔNIO — Ah, bem pensado. Já me disseram que ele te dispensa alguma intimidade e que tu própria tens sido liberal em dar-lhe ouvidos. Se é assim, de fato — o que me revelaram à guisa de advertência — devo ser-te franco: não te comportas com a prudência que compete à minha honra e à minha filha. Que é que há entre vós dois? Fala a verdade.

OFÉLIA Senhor, ultimamente fez-me muitas propostas de afeição.

POLÔNIO — Ora, afeição! Falas tal qual mocinha inexperiente do perigo de certas situações. E tu? Acreditas em tais propostas?

OFÉLIA — Não sei como pensar, meu pai, sobre isso.

POLÔNIO — Ouve, então: é preciso que não passes de um bebê, para teres recebido como moeda corrente essas propostas. Propõe agora juízo, se não queres — e a pobre frase o agüenta — para tolo me propor.

OFÉLIA — Mas senhor, sua insistência sempre foi de moral honrosa e digna.

POLÔNIO — Moral! Bela expressão. Adiante! Adiante!

OFÉLIA — E ele soube firmar os seus protestos de amor com os mais sagrados juramentos.

POLÔNIO — Conheço isso; armadilha para tordos. Sempre que o sangue ferve, à língua os votos que a alma não regateia vêm e esplendem com mais luz que calor para extinguirem-se à só promessa frustros antes do ato. Não os tomes por fogo. Doravante restringe a tua virginal presença; não deves pôr muito elevado preço nessas propostas, como se ordens fossem para

parlamentar. Enquanto a Hamlet, confia nele até este ponto: é moço, sobre dispor de corda bem mais frouxa, para andar, do que a tua. Em suma, Ofélia, descrê dos seus protestos; são agentes que desmentem a cor do hábito externo, mendigos de desejos inconfessos, que respiram candura e santidade para melhor lograrem. Novamente e em termos simples: doravante proíbo-te que sejas perdulária de teu ócio, pondo-te a conversar com lorde Hamlet. Vê bem que o ordeno. E agora, põe-te a andar.

OFÉLIA — Ser-vos-ei obediente. (*Saem*)

Cena 4

A esplanada. Entram Hamlet, Horácio e Marcelo.

HAMLET — Que vento forte! O frio é insuportável.

HORÁCIO — E o ar cortante e agitado.

HAMLET — Que horas são?

HORÁCIO — Penso que falta pouco para as doze.

HAMLET — Não; já bateram.

HORÁCIO — Já? Não ouvi; então não falta muito para que o fantasma volte a aparecer-nos. (*Toque de trombetas e tiros de canhão atrás da cena*) Que significa esse barulho, príncipe?

HAMLET — O rei está acordado e dá banquete. Bebe a valer, rodando tudo em torno. Cada gole de Reno é por trombetas e timbales marcado, que o triunfo do brinde lhe proclamam.

HORÁCIO — É costume?

HAMLET — É, de fato. Mas a meu ver — embora aqui eu tivesse o berço e a educação — é um desses hábitos cuja quebra honra mais do que a observância. Essas orgias torpes nos difamam de leste a oeste, junto aos outros povos. Só nos chamam de bêbedos, alcunha que nos deprime, por privar os nossos empreendimentos, ainda os mais brilhantes, da essência medular de nosso mérito. Isso acontece às vezes noutros meios: se nasce alguém com algum defeito ingênito — do que não é culpado, porque a origem para si não escolhe a natureza, pelo excesso de sangue, que, por vezes, os fortes da razão e os diques rompem, ou somente por hábito, que estraga a moral cotidiana — esse coitado, que leva pela vida tal defeito, seja mancha do acaso ou vestimenta da natureza, embora suas virtudes sejam tão puras quanto a graça e em número infinito, no máximo de nossa capacidade, perde no conceito geral por essa falha. A massa nobre se torna recalcada e diminuída pelo grão do defeito. (*Entra o Fantasma*)

HORÁCIO — Ei-lo, meu príncipe!

HAMLET — Anjos do céu, correi em nosso auxílio! Quer sejas um bom gênio ou alma penada, quer tragas ar do céu ou sopro infecto, quer tenhas intenções ruins ou amoráveis, tão duvidosa é a forma que assumiste, que resolvo falar-te. Dou-te o nome de Hamlet, rei, meu pai, régio Danês! Não me deixes em trevas; dize a causa de teus ossos, que a morte já guardara, terem rompido o invólucro; o motivo de te haver o sepulcro, em que te vimos recolhido, lançado de suas fortes mandíbulas de mármore. Que pode significar vestires assim de aço, para o luar de

novo visitares, tornando a noite hedionda, e a nós, ludíbrio da criação, abalares deste modo com pensamentos que ultrapassam muito o âmbito limitado de nossa alma? Fala; que é isso? A causa? Que faremos? (*O Fantasma faz sinal a Hamlet*)

HORÁCIO — Faz-vos sinal para irde-vos com ele, como se pretendesse algo dizer-vos sem testemunhas.

MARCELO — Vede o gesto cortês com que ele indica que em lugar apartado quer falar-vos. Não deveis atender.

HORÁCIO — De forma alguma.

HAMLET — Assim, não falará; bem, segui-lo-ei.

HORÁCIO — Ficai, senhor!

HAMLET — De que posso temer-me? Minha vida? Não vale um alfinete. Quanto a minha alma, em nada há de ofendê-la, por ser algo imortal como ele próprio. Acena-me de novo; vou segui-lo.

HORÁCIO — E se vos arrastar para a água, príncipe, ou para o pico horrendo do rochedo que no mar se acha a prumo de sua base, para assumir, então, forma espantosa e privar da razão a Vossa Alteza, levando-vos à insânia? Refleti. Sem outra qualquer causa, o simples fato do lugar, faz nascer desesperadas fantasias em todo e qualquer cérebro que de tão grande altura o mar contemple e o ouça em baixo rugir.

HAMLET — De novo acena-me. Caminha! Já te sigo.

MARCELO — Não deveis ir, meu príncipe.

HAMLET — Soltai-me.

HORÁCIO — Sede razoável, príncipe: ficai.

HAMLET — Meu destino me chama; é ele que deixa as menores artérias do meu corpo com a mesma resistência que a dos músculos do leão de Neméia. (*O Fantasma acena*) Outro sinal! Largai-me! (*Desvencilha-se*) Ou, pelo céu, faço um fantasma do primeiro que ousar ainda deter-me. Caminha, digo; irei aonde tu fores. (*Saem o Fantasma e Hamlet*)

HORÁCIO — O delírio o conduz ao desespero.

MARCELO — Não devíamos ter-lhe obedecido.

HORÁCIO — Sigamo-lo. Que fim vai ter tudo isso?

MARCELO — Algo está a apodrecer na Dinamarca.

HORÁCIO — O céu dará remédio.

MARCELO — Acompanhemo-lo. (*Saem*)

Cena 5

Outra parte da esplanada. Entram o Fantasma e Hamlet.

HAMLET — Para onde me conduzes? Não darei mais um passo.

FANTASMA — Ouve-me!

HAMLET — Isso é o que desejo.

FANTASMA — Já está perto o momento em que é forçoso que de novo me entregue às labaredas sulfúreas do tormento.

HAMLET — Pobre espírito!

FANTASMA — Não me lastimes; ouve com atenção o segredo que passo a revelar-te.

HAMLET — Fala, que estou obrigado a dar-te ouvidos.

FANTASMA — E também a vingar-me, após ouvires-me.

HAMLET — Como!?

FANTASMA — Sou a alma de teu pai, por algum tempo condenada a vagar durante a noite, e de dia a jejuar na chama ardente, até que as culpas todas praticadas em meus dias mortais sejam nas chamas, alfim, purificadas. Se eu pudesse revelar-te os segredos do meu cárcere, as menores palavras dessa história te rasgariam a alma; tornar-te-iam, gelado o sangue juvenil; das órbitas fariam que saltassem, como estrelas, teus olhos; o penteado desfar-te-iam, pondo eriçados, hirtos os cabelos, como cerdas de iroso porco-espinho. Mas essa descrição da eternidade para ouvidos não é de carne e sangue. Escuta, Hamlet! Se algum dia amaste teu carinhoso pai...

HAMLET — Ó Deus!

FANTASMA — Vinga o seu assassínio estranho e torpe.

HAMLET — Assassínio?

FANTASMA — Sim, assassínio torpe, como todos; mas esse é estranho, vil e inconcebível.

HAMLET — Conta-me, a fim de que eu, com asas rápidas como a meditação ou os pensamentos de amor, possa vingar-te.

FANTASMA — Acho que podes. Mais lerdo do que a espessa planta que nas margens do Letes apodrece, se isso não te abalasse. Escuta, Hamlet! Contaram que uma cobra me picara,

quando, a dormir, eu no jardim me achava. Assim, foi ludibriado todo o ouvido da Dinamarca por uma notícia falsa de minha morte. Mas escuta, nobre mancebo! A cobra que peçonha lançou na vida de teu pai, agora cinge a coroa dele.

HAMLET — Oh minha alma profética! Meu tio!

FANTASMA — Sim, esse monstro adúltero e incestuoso. Com o feitiço pessoal e com presentes — ó dotes maus, ó brindes, que tal força tendes de sedução! —; pôde a vontade da rainha conquistar, que parecia tão virtuosa, dobrando-a para o vício. Que queda, Hamlet! Do meu amor, que tinha tal pureza que andava a par com o voto que eu fizera no nosso casamento — a um miserável que em confronto comigo nada vale! Mas se a virtude é firme, ainda que o vício sob a forma do céu vá cortejá-la, a luxúria, conquanto a um anjo presa, num leito celestial cedo se enfara, sonhando com carniça. Mas, devagar! Pressinto o ar da manhã. Serei breve. Ao achar-me adormecido no meu jardim, na sesta cotidiana, teu tio se esgueirou por minhas horas de sossego, munido de um frasquinho de meimendro e no ouvido despejou-me o líquido leproso, cujo efeito de tal modo se opõe ao sangue humano, que corre pelas portas e caminhos do corpo, tão veloz como o mercúrio, fazendo coagular com vigor súbito o sangue puro e fino, como o leite quando o ácido o conturba. Assim, comigo: no mesmo instante impingens me nasceram, qual se eu fosse outro Lázaro, nojentas, pelo corpo macio. Adormecido, desta arte, me privou o irmão, a um tempo, da vida, da coroa e da rainha, morto na florescência dos pecados, sem óleos, confissão nem sacramentos, sem ter prestado contas, para o juízo enviado com o fardo dos meus erros. É horrível, sim, horrível, muito horrível! Se sentimento natural tiveres, não suportes tal coisa. Não consintas que o leito real da Dinamarca fique como catre de incesto e de luxúria. Contudo, se nesse ato te empenhares, não te manches. Que tua alma não conceba nada contra tua mãe; ao céu a entrega, e aos espinhos que o peito lhe compungem. Deles seja o castigo. E agora, adeus! Mostra-me o pirilampo da madrugada; já seu fogo inativo empalidece. Adeus, Hamlet! Lembra-te de mim. (*Sai*)

HAMLET — Legiões do céu! Ó terra! Que mais, ainda? Invocarei o inferno? Firme, firme, coração! Não fiqueis velhos de súbito, músculos; agüentai-me! Que me lembre de ti? Sim, pobre fantasma, sim, enquanto tiver sede a memória neste globo conturbado. Lembrar-me? Sim; das tábuas da memória hei de todas as notícias frívolas apagar, as vãs sentenças dos livros, as imagens, os vestígios que dos anos e a experiência aí deixaram. Essa tua ordem, só, há de guardar-se no volume e no livro do meu cérebro, sem mais escórias. Sim, pelo alto céu, ó mulher perniciosa! Vilão, vilão que ri! Vilão maldito! Meu canhenho... Preciso tomar nota que o homem pode sorrir e ser infame. Sei que ao menos é assim na Dinamarca. (*Escreve*) Aí vou, meu tio. Agora minha senha vai ser: Adeus, recorda-te de mim. Assim jurei.

HORÁCIO (*dentro*) — Milorde Hamlet!

MARCELO (*dentro*) — Príncipe!

HORÁCIO (*dentro*) — Que o céu o ampare.

MARCELO (*dentro*) — Amém.

HORÁCIO — Olá! Olá! Senhor!

HAMLET — Olá, menino! Vem, meu passarinho! (*Entram Horácio e Marcelo*)

MARCELO — Que aconteceu, senhor?

HORÁCIO — Que houve, senhor?

HAMLET — Extraordinário!

HORÁCIO — Bom senhor, contai-nos.

HAMLET — Não, que o revelaríeis.

HORÁCIO — Eu, não, senhor; por Deus!

MARCELO — Nem eu, tampouco.

HAMLET — Que julgais? A alma humana poderia concebê-lo? Jurais não revelá-lo?

HORÁCIO e MARCELO — Pelo céu o juramos, meu senhor.

HAMLET — Não há em toda a Dinamarca um biltre que possa ser tratante mais chapado.

HORÁCIO — Não era necessário que nos viesse do outro mundo um fantasma dizer isso.

HAMLET — Está bem, está bem; tendes razão. Desse modo, sem mais formalidades, apartemos as mãos e dispersemo-nos. Vós, para onde os negócios e os pendores vos levarem — que todos os possuem, sejam quais forem. — Quanto à minha pobre parte... Ora vede: vou rezar.

HORÁCIO — São palavras sem nexo, meu senhor.

HAMLET — Em verdade, compunge-me ofender-vos. De coração.

HORÁCIO — Não há ofensa, príncipe.

HAMLET — Por São Patrício, há ofensa, Horácio, e grande, quanto à visão de há pouco. Só vos digo que é um fantasma honesto. Mas, quererdes saber o que passou entre mim e ele, não pode ser; sofreai-vos como for. E agora, bons amigos — sim, que o somos, companheiros de escola e de caserna — concedei-me um favor.

HORÁCIO — Que pode ser, meu príncipe? Está feito.

HAMLET — Não contar o que vistes esta noite.

HORÁCIO e MARCELO — Nada diremos.

HAMLET — Bem; então, jurai-o.

HORÁCIO — Sob palavra de honra, serei mudo.

MARCELO — Eu também; sob palavra.

HAMLET — Em minha espada.

HORÁCIO — Já o juramos, senhor.

HAMLET — Bem, mas agora jurai sobre esta espada.

FANTASMA (*em baixo*) — Jurai!

HAMLET — Olá, garoto! Estás aí, valente. Ouvistes que da adega ele nos fala. Prestai o

juramento.

HORÁCIO — Formulai-o.

HAMLET — Jamais falar de quanto presenciastes. Sobre esta espada

FANTASMA (*em baixo*) — Jurai!

HAMLET — Hic et ubique? Mudemos de lugar. Aqui, senhores. Ponde as mãos novamente sobre a espada. Não falareis jamais sobre o que vistes. Jurai por minha espada.

FANTASMA (*em baixo*) — Jurai!

HAMLET — Bravo, velha toupeira! E como furas a terra, bom mineiro! Ainda mais longe, meus amigos.

HORÁCIO — Ó dia e noite! É estranho!

HAMLET — Recebamo-lo, então, como a estrangeiro. Há muita coisa mais no céu e na terra, Horácio, do que sonha a nossa pobre filosofia. Vinde novamente. Jurai de novo, assim Deus vos ajude, por mais que eu me apresente sob aspecto extravagante, tal como em futuro é possível que eu venha a comportar-me, que jamais — se me virdes alguma hora cruzar assim os braços, ou a cabeça sacudir deste jeito, ou dizer frases sem nexo: "Muito bem", ou "Poderíamos se o quiséssemos", ou "Vontade tenho de falar", ou discursos desse gênero — mostrareis saber algo. Que a divina Graça e a Misericórdia vos amparem.

FANTASMA (*em baixo*) — Jurai!

HAMLET — Sossega, alma penada! E agora, amigos, com todo o meu amor me recomendo. E tudo o que um pobre homem como Hamlet possa fazer, no empenho de agradar-vos, não faltará, querendo-o Deus. E vamo-nos. Peço silêncio; os dedos sobre os lábios. Dos gonzos saiu o tempo. Maldição! Ter vindo ao mundo para endireitá-lo! Partamos juntos. Vamo-nos. (*Saem*)

Ato 2

Cena 1

Um quarto em casa de Polônio. Entram Polônio e Reinaldo.

POLÔNIO — Reinaldo, dá a meu filho este dinheiro, juntamente com as notas.

REINALDO — Assim farei, senhor.

POLÔNIO — Andarás sabiamente, bom Reinaldo, antes de visitá-lo, se inquirires de sua conduta.

REINALDO — Assim o tencionava.

POLÔNIO — Muito bem dito; muito bem; mas olha: colhe primeiro informações acerca dos nossos conterrâneos que se encontram em Paris: quais os nomes, como vivem, com quem e quanto gastam. Se notares, com essa digressão, que eles conhecem meu filho, chegar-te-ás para mais perto, de maneira que os toques com as perguntas. Concede que o conheces vagamente; por exemplo: o pai dele, alguns amigos, e a ele em parte. Compreendes, bom Reinaldo?

REINALDO — Pois não; perfeitamente, meu senhor.

POLÔNIO — A ele em parte. Dirás depois: não muito se é o mesmo que suponho, é um turbulento, com tais e tais defeitos, e atribuí-lhe quantos te parecer, mas não a ponto de causar-lhe desonra. Tem cuidado; somente alguns deslizes, tão-só aqueles mais da moda e, entre os moços, compatíveis com a liberdade.

REINALDO — O jogo, por exemplo.

POLÔNIO — Sim; bebidas, esgrima, juras, brigas e mulheres. Irás até esse ponto.

REINALDO — Mas isso, meu senhor, o mancharia.

POLÔNIO — Não, se tiveres tino em teu ataque. Não farás dele assunto só de escândalos, como se fosse dado à incontinência. Não é isso; retrata-lhe os defeitos, quais manchas naturais da liberdade, explosões de um espírito fogoso, selvajaria, só, de sangue indômito que investe contra tudo.

REINALDO — Mas, senhor...

POLÔNIO — Por que tudo isso?

REINALDO — É o que eu desejara saber, meu bom senhor.

POLÔNIO — Eis o meu plano, e a meu ver o artifício é proveitoso: se a meu filho imputares essas manchas, como que provenientes do trabalho, toma nota, teu interlocutor, que irás sondando, no caso de ao rapaz ter visto nelas, sem receio de errar, podes crer nisso, há de

logo aderir-te à conseqüência: “Caro senhor”, ou “amigo”, ou “cavalheiro”, de acordo com o falar da terra ou o título da pessoa...

REINALDO — Compreendo, meu senhor.

POLÔNIO — Nessa altura ele faz... ele faz... Que é que eu estava a dizer? Pela Santa Missa! Queria dizer algo... Onde foi que eu fiquei?

REINALDO — “Há de logo aderir-te à conseqüência” e “amigo ou coisa assim” e “cavalheiro”.

POLÔNIO — Sim, aderir à conseqüência Esplêndido! Adere assim: “Conheço o cavalheiro; vi-o ontem, ou anteontem, ou em tal dia, com tais e tais. É certo o que dissestes; joga muito, embriagou-se de uma feita, no tênis discutiu”, ou, porventura: “Vi-o entrar uma vez em casa imunda, videlicet, bordel”, e assim por diante. Agora vê: a isca da falsidade apanha a carpa da verdade. Assim nós, os entendidos, usando de cautela e circunlóquios, chegamos ao caminho por desvios. Seguindo os meus conselhos, faze o mesmo sobre meu filho. Entendes o que eu digo?

REINALDO — Sim, senhor.

POLÔNIO — Que Deus seja contigo; passa bem.

REINALDO — Meu bom senhor!

POLÔNIO — Observa por ti mesmo seus pendores.

REINALDO — É o que farei, senhor.

POLÔNIO — Mas que ele continue com sua música.

REINALDO — Perfeitamente.

POLÔNIO — Adeus. (*Sai Reinaldo*) (*Entra Ofélia*)

OFÉLIA — Oh, meu senhor, causou-me tanto medo!

POLÔNIO — Fala, em nome do céu! Medo por quê?

OFÉLIA — Estava a costurar no quarto, quando, descomposto, me surge lorde Hamlet, gibão aberto, sem chapéu, as meias caídas nos artelhos, e tão branco quanto a camisa; os joelhos lhe tremiam; o olhar, tão cheio de piedade, como vindo do inferno para relatar-me os eternais horrores. Desse modo me apareceu.

POLÔNIO — Louco de amor por ti?

OFÉLIA — Não sei, senhor; mas, em verdade, o temo.

POLÔNIO — Que disse ele?

OFÉLIA — Tomou-me fortemente pelo punho e afastou-me à distância de seu braço; depois, com a outra mão por sobre os olhos, o rosto me fitou, como querendo desenhá-lo. Algum tempo assim quedou-se. Por fim, depois de sacudir-me o braço e menear a cabeça por três vezes, suspirou tão profundo e tão piedoso, como a despedaçar-se-lhe a estatura e firnar-se-lhe

o ser. Alfim, soltou-me; e a cabeça virada, parecia que, sem o uso da vista se orientava, pois a porta passou a sem a ter visto, em mim o olhar mantendo sempre fixo.

POLÔNIO — Vem comigo; contemos isso ao rei. É o delírio do amor, nem mais nem menos, que com a própria violência se aniquila, conduzindo a vontade ao desespero como o não faz outra paixão, de quantas sob o céu nos afligem. Estou triste. Não foste áspera com ele ultimamente?

OFÉLIA — Não, meu pai; mas, conforme o prescrevestes, lhe devolvi as cartas e neguei-me a recebê-lo.

POLÔNIO — Foi o que o pôs doido. Pesa-me não o haver considerado com mais vagar; pensei que era namoro, e que sua intenção fosse perder-te. Maldita desconfiança! Em nossa idade é comum sempre o excesso nos juízos, como é próprio dos moços carecerem de discrição. Convém contá-lo ao rei. Mor dano colheremos se calarmos, do que ódio, se esse amor lhe revelarmos. Vem. (*Saem*)

Cena 2

Um quarto no castelo. Entram Rei, a Rainha, Rosencrantz e Guildenstern.

O REI — Bem-vindos, Rosencrantz e Guildenstern! Ainda que desejássemos rever-vos, a urgência de empregar-vos deu motivo a este chamado. Certo ouvistes algo sobre a transformação de Hamlet; assim lhe chamo, que o exterior dele e o seu íntimo não são agora os mesmos. Qual a causa, fora a morte do pai, que o pôs desta arte, tão alheio a sua própria inteligência, não na posso saber. Por isso, peço-vos — já que ambos fostes criados juntos com ele, tão afins no caráter e na idade — que vos digneis ficar em nossa corte por algum tempo, para o distrairdes com vossa companhia, e também para investigardes, sempre que possível, se algo que nos escapa o mortifica, e que, uma vez sabido, remediemos.

A RAINHA — Tem falado bastante nos senhores. Não pode haver outras pessoas que ele tanto aprecie. Se vos for do agrado mostrar-nos boa vontade e gentileza, despendendo conosco vosso tempo para lucro tão-só de nosso anseio, terá nossa visita prêmio digno do reconhecimento de um monarca.

ROSENCRANTZ — Está em Vossas Majestades, pelo jus da soberania, não pedir-nos favor, mas ordenar-nos, como o queira vosso augusto prazer.

GUILDENSTERN — Estamos prontos a obedecer-vos. Tensos até ao máximo, viemos nos pôr aos pés de Vossa Alteza, para sermos mandados.

O REI — Muito obrigado Rosencrantz, querido Guildenstern.

A RAINHA — Muito obrigada Guildenstern, querido Rosencrantz. É com muito carinho que vos peço visitardes meu filho, que se encontra tão mudado. — Um daí sirva de guia e conduza até Hamlet estes senhores.

GUILDENSTERN — Praza ao céu que lhe seja útil e grato nosso auxílio e presença.

A RAINHA — Deus o queira. (*Saem Rosencrantz, Guildenstern e alguns criados*) (*Entra Polônio*)

POLÔNIO — Regressaram contentes da Noruega, meu bom senhor, os nossos emissários.

O REI — Sempre fostes o pai de boas novas.

POLÔNIO — Não é verdade? Posso assegurar-vos que eu dedico o dever, assim como a alma, primeiro a Deus, depois ao meu querido soberano. E ora penso — salvo se esta cabeça já não segue como dantes o rasto da prudência — haver achado o motivo de estar Hamlet louco.

O REI — Revelai-mo; a notícia me alvoroça.

POLÔNIO — Primeiro os emissários; a notícia vai ser a sobremesa do banquete.

O REI — Pois faze-lhes as honras e os conduze. (*Sai Polônio*) Disse, minha querida, haver achado as origens da doença de teu filho.

A RAINHA — Temo que seja apenas a mais grave: o traspasso do pai e nosso enlace.

O REI — Sondá-lo-emos. (*Volta Polônio, com Voltimando e Cornélio*) Bem-vindos, bons amigos. Dizei-me, Voltimando, o que trouxestes de nosso irmão Noruega.

VOLTIMANDO — Retribui-vos cumprimentos e envia-vos saudares. Mal nos ouviu, mandou suspender todas as levas do sobrinho, que julgava serem preparações contra o Polaco, mas que, certo, depois soube visarem Vossa Alteza. Indignado com tamanho desrespeito à sua idade e ao próprio achaque da velhice, mandou vir Fortimbrás preso, que lhe obedece prontamente, e após ser admoestado por Noruega, promete ao tio que jamais as forças empregaria contra Vossa Alteza, com o que o velho Noruega, jubiloso, três mil coroas de pensão lhe outorga, com a permissão de usar contra o Polaco justamente os soldados alistados, ao lado do pedido aqui explanado, (*Entrega uma carta*) de que vos seja grato o livre trânsito dessas tropas por vosso território em condições de inteira segurança, contidas nesta carta.

O REI — Muito bem; vamos lê-la com a calma necessária, responder-lhe e pensar sobre a matéria. Agradecemos vossos bons serviços. Agora descansai; cearemos juntos. Bem-vindos ao meu lar. (*Saem Voltimando e Cornélio*)

POLÔNIO — Foi bem solucionada essa pendência. Meu rei, minha senhora: pretender explicar o que seja a majestade ou o dever, porque o dia é dia e a noite é noite, e o tempo é tempo, vale o mesmo que malgastar o dia, a noite e o tempo. É certo: a concisão é a alma do espírito, como a prolixidade os seus suportes e flores exteriores. Vou ser breve. Vosso filho está louco; sim, é o termo mais acertado; pois em que consiste a loucura, senão em sermos loucos? Que seja.

A RAINHA — Mais matéria, menos arte.

POLÔNIO — Juro que não faço uso de arte alguma. Que é louco, é certo; é certo e mete pena. Mete pena ser certo; ruim antítese. Pois deixemo-la; quero falar simples. Louco é como lhe chamo; só nos falta descobrir qual a causa desse efeito, ou melhor: qual a causa do defeito, que o efeito defeituoso tem sua causa. Assim ficou; o resto é como segue. Considerai: Tenho uma filha — tenho, enquanto é minha — a qual, fiel à obediência que me deve, notai bem, me deu isto. Ora, concluí: "Ao ídolo de minha alma, à divina e embelezada Ofélia". Expressão horrorosa e banal: Embelezada! Muito banal. Mas ouvi até ao fim: "Ao seu seio cândido e delicado, estas, etc."

A RAINHA — Hamlet lhe enviou isso?

POLÔNIO — Senhora, mais paciência; direi tudo. "Duvida da luz dos astros, de que o Sol tenha calor, duvida até da verdade, mas confia em meu amor. Querida Ofélia: não sou muito forte na contagem das sílabas: não possuo a arte de medir os meus suspiros; mas que te amo muitíssimo, infinitamente, podes crer-me. Adeus. O teu para sempre, querida menina, enquanto

esta máquina lhe pertencer, Hamlet." Eis o que minha filha me contou, por obediência; e mais: suas instantes declarações, segundo o modo, o tempo e as oportunidades.

O REI — E ela, como o acolheu?

POLÔNIO — Que pensais, senhor, de mim?

O REI — Que sois pessoa honrada e de confiança.

POLÔNIO — Pois prová-lo-ei. Que havíeis de pensar, se eu visse alçar o vôo amor tão férvido — e o percebi, vos digo, antes de minha filha mo revelar — que pensaríeis, ou a minha majestade aqui presente, se eu tivesse servido de carteira ou pasta de papéis, ou então piscado ao coração, ficando quieto e mudo, e indiferente contemplasse o caso? Que pensaríeis? Não; pus-me em campanha, e falei deste modo à senhorita: "Lorde Hamlet está acima de tua esfera; não pode ser", e dei-lhe bons conselhos para que ela o evitasse daí em diante, recusasse recados e presentes. Pôs-se ela a aproveitar-se dos conselhos, e ele — para ser breve — repelido, cai em melancolia a que se segue jejum, falta de sono, abatimento e distração. E assim, piorando sempre, cai na loucura em que ora se debate e nos punge.

O REI — Pensais, então, seja isso?

A RAINHA — Pode ser; bem plausível.

POLÔNIO — Já aconteceu — anseio por sabê-lo — ter eu dito: "Tal coisa é deste modo", que assim não fosse?

O REI — Não, que o saiba.

POLÔNIO (*indicando a cabeça e os ombros*) — Arrancai esta destes, se isso é falso. Pelo rasto descubro onde se encontra escondida a verdade, ainda que seja no próprio centro.

O REI — E como comprová-lo?

POLÔNIO — Sabeis que ele passeia horas seguidas aqui na galeria.

A RAINHA — É hábito seu.

POLÔNIO — Mandarei minha filha vir falar-lhe; nós ficamos atrás desta cortina. Observai bem os fatos; se a não ama, mudai-me da função de conselheiro para a de carroceiro ou camponês.

O REI — Façamos a experiência.

A RAINHA — Mas vede. Como é triste! O pobrezinho vem lendo um livro!

POLÔNIO — É urgente; deveis ambos sair, eu vos suplico. Vou falar-lhe. (*Saem o Rei, a Rainha e os criados*) (*Entra Hamlet, lendo*) Como passa o meu bom príncipe Hamlet?

HAMLET — Bem, graças a Deus.

POLÔNIO — Conheceis-me, milorde?

HAMLET — Perfeitamente; sois um peixeiro.

POLÔNIO — Eu, não, milorde.

HAMLET — Pois quisera que fôsseis tão honesto.

POLÔNIO — Honesto, príncipe?

HAMLET — Sim, porque do jeito em que o mundo anda, ser honesto equivale a ser escolhido entre dez mil.

POLÔNIO — É muito certo isso, príncipe.

HAMLET — Porque, se o sol gera vermes no cadáver de um cão, carniça muito bela para ser beijada... Não tendes uma filha?

POLÔNIO — Tenho, milorde.

HAMLET — Então não a deixeis passear ao sol; a concepção é uma bênção; não porém, como vossa filha pode conceber. Cuidado, amigo!

POLÔNIO — Que quereis dizer com isso? (*À parte*) Sempre com a idéia em minha filha. No entanto, a princípio não me reconheceu, tendo-me tomado por um peixeiro. O mal já vai longe. Mas, para ser franco, na minha mocidade o amor me fez sofrer bastante. Cheguei quase a esse ponto. Vou falar-lhe outra vez. Que é que o meu príncipe está lendo?

HAMLET — Palavras, palavras, palavras...

POLÔNIO — A que respeito, príncipe?

HAMLET — Entre quem?

POLÔNIO — Refiro-me ao assunto de vossa leitura, príncipe.

HAMLET — Calúnias, meu amigo. Este escravo satírico diz que os velhos têm a barba grisalha, a pele do rosto enrugada, que dos olhos lhes destila âmbar tenue e goma de ameixeira, sobre carecerem de espírito e possuírem pernas fracas. Mas embora, senhor, eu esteja íntima e grandemente convencido da verdade de tudo isso, não considero honesto publicá-lo; por que se pudésseis ficar tão velho quanto eu, sem dúvida alguma andaríeis para trás como caranguejo.

POLÔNIO (*à parte*) — Apesar de ser loucura, revela método. Não quereis sair do vento, príncipe?

HAMLET — Entrar na sepultura?

POLÔNIO — Realmente, desse modo sairíeis do vento. (*À parte*) Como são agudas, não raro, as suas respostas! É uma felicidade da loucura, algumas vezes, felicidade que a razão e o bom senso não alcançam com a mesma facilidade. Vou deixá-lo, a fim de arranjar maneira de que se encontre com minha filha. Meu muito digno senhor, desejo humildemente pedir permissão para despedir-me.

HAMLET — Pois não; não podeis pedir coisa que eu cedesse de melhor boa vontade; exceto a vida, exceto a vida, exceto a vida.

POLÔNIO — Passai bem, meu príncipe. (*Retirando-se*)

HAMLET — Esses velhos cacetes e sem miolo! (*Entram Rosencrantz e Guildenstern*)

POLÔNIO — Procurais lorde Hamlet? Está aqui.

ROSENCRANTZ — Deus vos guarde, senhor. (*Sai Polônio*)

GUILDENSTERN — Nobre senhor...

ROSENCRANTZ — Meu querido príncipe...

HAMLET — Caros amigos! Como passais, Guildenstern? Ah, Rosencrantz! Bons amigos, como ides passando?

ROSENCRANTZ — Como filhos medíocres da terra.

GUILDENSTERN — Felizes por não o sermos em demasia. Não somos o botão mais alto do gorro da Fortuna.

HAMLET — Nem a sola de seus sapatos?

ROSENCRANTZ — Nem isso, príncipe.

HAMLET — Então viveis na zona da cintura, ou no meio de seus favores?

GUILDENSTERN — De fato, vivemos em sua intimidade.

HAMLET — Nas partes secretas da Fortuna? Realmente, é uma meretriz. Que novidades há?

ROSENCRANTZ — Nenhuma, príncipe; a não ser que o mundo se tornou honesto.

HAMLET — Nesse caso, aproxima-se o dia do Juízo. Mas para ficarmos no caminho trilhado da amizade, que vos trouxe a Elsinor?

ROSENCRANTZ — Fazer-vos uma visita, príncipe; nada mais.

HAMLET — Sou um mendigo que sofre de penúria até de agradecimentos. Contudo, agradeço-vos; com a certeza, meus caros, de que esses agradecimentos já serão caros demais por um real. Não fostes chamados? Viestes de moto próprio? Trata-se de visita espontânea? Vamos, vamos! Sede sinceros comigo; dizei-me a verdade.

GTJILDENSTERN Que poderemos dizer, senhor?

HAMLET — Qualquer coisa, contanto que sirva ao caso. Fostes chamados; leio em vosso olhar uma espécie de confissão, que a modéstia que vos é própria não consegue mascarar. Sei perfeitamente que o bom rei e a rainha mandaram chamar-vos.

ROSENCRANTZ — Com que fim, senhor?

HAMLET — É o que ireis dizer-me. Mas, conjuro-vos pelos direitos de nossa camaradagem, pela consonância da idade, pelas obrigações de nossa sempre comprovada afeição e por tudo de mais caro que pudesse ser invocado por um orador mais convincente do que eu; sede sinceros comigo: fostes ou não fostes chamados?

ROSENCRANTZ — (*à parte para Guildenstern*) — Que dizeis a isso?

HAMLET (*à parte*) — Não vos perco de vista. Se me tendes amizade, nada de evasivas.

GUILDENSTERN — De fato, príncipe, fomos chamados.

HAMLET — Vou dizer-vos o motivo; desse modo, antecipando-se minhas presunções a vossas declarações, não oscilará no mínimo a discrição que deveis ao rei e à rainha. De tempos a esta parte — por motivos que me escapam — perdi toda a alegria e descuidei-me dos meus exercícios habituais. Tão grave é o meu estado, que esta magnífica estrutura, a terra, se me afigura um promontório estéril; este maravilhoso dossel — ora vede — o ar, este excelente firmamento que nos cobre, este majestoso teto, incrustado de áureos fogos, tudo isto, para mim não passa de um amontoado de vapores pestilentos. Que obra-prima, o homem! Quão nobre pela razão! Quão infinito pelas faculdades! Como é significativo e admirável na forma e nos movimentos! Nos atos quão semelhante aos anjos! Na apreensão, como se aproxima dos deuses, adorno do mundo, modelo das criaturas! No entanto, que é para mim essa quintescência de pó? Os homens não me proporcionam prazer; sim, nem as mulheres, apesar de vosso sorriso querer insinuar o contrário.

ROSENCRANTZ — Não pensei em semelhante coisa, príncipe.

HAMLET — Então, por que sorristes, quando eu disse que os homens não me proporcionam prazer?

ROSENCRANTZ — Por pensar que, se isso acontece, os atores vão ter uma recepção de quaresma. Apanhamo-los em caminho; vêm para oferecer-vos os seus serviços.

HAMLET — Será bem-vindo o que representa o rei; Sua Majestade receberá as minhas homenagens; o cavalheiro andante fará uso do florete e do escudo; o amante não suspirará de graça; o caprichoso irá em paz até ao fim do seu papel, o bobo fará rir aos que tiverem pulmões que disparem ao menor toque, as damas exporão livremente o seu pensar, para que o verso branco não fique estropiado. Que espécie de atores são eles?

ROSENCRANTZ — Os mesmos de que tanto gostáveis: os atores da cidade.

HAMLET — E por que estão viajando? Se ficassem fixos, só poderiam ganhar, assim na reputação como em vantagens materiais.

ROSENCRANTZ — Penso ser isso resultado da última sedição.

HAMLET — Ainda gozam de conceito igual ao do tempo em que eu estava na cidade?

ROSENCRANTZ — Não tanto, meu senhor.

HAMLET — E qual a causa? Ficaram enferrujados?

ROSENCRANTZ — Não; esforçam-se como de costume; mas apareceu por aí uma ninhada de crianças, uns frangotes que trazem a público todas as particularidades da questão, pelo que são barbaramente aplaudidos. Estão agora em moda, cacarejando de tal maneira nos teatros comuns — como eles lhes chamam — que muita gente de espada receia ir lá, com medo das penas de pato.

HAMLET — Como assim! São crianças? E quem os mantem? Quem lhes paga ordenados? Só exercerão a arte enquanto puderem cantar? Não dirão mais tarde, se se tornarem

atores comuns — o que é de presumir, uma vez que lhes faltam maiores cabedais — não dirão que os escritores abusaram deles, fazendo os declamar contra seu próprio futuro?

ROSENCRANTZ Em verdade, de parte a parte não tem faltado matéria para brigas, sem que o povo revele escrúpulos em espicaçá-los. Época houve em que a peça nada rendia, se o poeta e o ator não fossem às vias de fato com seus adversários.

HAMLET — É possível?

GUILDENSTERN — Oh! Tem havido grande desperdício de inteligência.

HAMLET — E os meninos, carregaram os louros da vitória?

ROSENCRANTZ — Foi, realmente, o que se deu, milorde; carregaram Hércules e mais o seu fardo.

HAMLET — Não admira; meu tio é rei da Dinamarca, e aqueles que lhe faziam caretas em vida de meu pai, dão agora vinte, quarenta, cinqüenta, e até cem ducados por seu retrato em miniatura. Por minha vida! Há algo de sobre-natural em tudo isso. Assim pudesse a filosofia descobri-lo. (*Ouve-se toque de clarins*)

GUILDENSTERN — São os atores que chegam.

HAMLET — Senhores, sois bem-vindos a Elsinor. Apertemo-nos as mãos; os cumprimentos e cortesias são as pertenças das boas-vindas. Consenti que vos saúde deste modo, para que minha atitude em relação aos atores — e posso assegurar-vos que vai ser de brilhante aparência — não pareça acolhimento mais afetuoso do que o que vos dispenso. Sois bem-vindos; mas meu tio-pai e minha tia-mãe se enganaram.

GUILDENSTERN — Em quê, senhor?

HAMLET — Eu só fico louco quando o vento sopra de nornoroeste; com vento sul, distingo perfeitamente um falcão de uma garça. (*Entra Polônio*)

POLÔNIO — Meus cumprimentos, senhores.

HAMLET — Escuta, Guildenstern; e tu também; para cada ouvido um ouvinte: esse bebê grande que estais vendo, ainda não saiu dos cueiros.

ROSENCRANTZ — Nesse caso, voltou a usá-los, porque dizem que a velhice é uma segunda infância.

HAMLET — Sou capaz de adivinhar que vem falar-me dos atores. Tendes razão, senhor; foi justamente na manhã de segunda-feira.

POLÔNIO — Meu senhor, tenho uma notícia a dar-vos.

HAMLET — Meu senhor, tenho uma notícia a dar-vos: quando Roscius era ator em Roma...

POLÔNIO — Os atores acabam de chegar, príncipe.

HAMLET — Lará, lará...

POLÔNIO — Palavra de honra.

HAMLET — Então, cada um veio montado na sua besta.

POLÔNIO — São os melhores do mundo para tragédia, comédia, história, pastoral, comédia pastoral, pastoral histórica, pastoral trágico-histórica, trágicocômico-histórica, cenas sem divisão ou poesia sem limite. Para eles, Sêneca não é muito pesado nem Plauto leve demais. São únicos, tanto para ler como no improviso.

HAMLET — Ó Jefté, juiz de Israel, que tesouro possuías!

POLÔNIO — Que tesouro era, príncipe?

HAMLET — Ora... Tinha uma filha, nada mais, que ele adorava sobre tudo.

POLÔNIO (*à parte*) — Sempre com minha filha na idéia.

HAMLET — Não tenho razão, velho Jefté?

POLÔNIO — Se me chamais de Jefté, senhor, tenho uma filha a quem adoro sobre todas as coisas.

HAMLET — Não é essa a conseqüência.

POLÔNIO — Qual será, príncipe?

HAMLET — Ora, A sorte só pôs o que Deus dispôs. O resto, sabeis muito bem: Daí ter-se dado o que era esperado. A primeira parte dessa canção de Natal vos informará melhor; mas aí vem vindo o resumo do meu discurso. (*Entram quatro ou cinco atores*) Bem-vindos, senhores; sois todos bem-vindos. Alegro-me ver-te com saúde. Bem-vindos, bons amigos. Olá, meu velho amigo! Da última vez que te vi, não tinhas essas franjas no rosto. Vieste à Dinamarca para pegar-me pela barba? Oh! a minha menina e senhora! Por Nossa Senhora, Vossa Senhoria está mais perto do céu do que da última vez que a vi, a diferença de um chapim. Queira Deus que não tenha acontecido com a voz como com as moedas que são retiradas da circulação, por ficarem rachadas junto da orla. Senhores, sede todos bem-vindos. Façamos, porém, como os falcoeiros franceses, que solam contra tudo o que vêm. Linguagem direta: dai-me uma amostra de vossa arte, um discurso bem patético.

PRIMEIRO ATOR — Qual será, príncipe?

HAMLET — De uma feita ouvi-te declamar um trecho que nunca foi levado à cena, ou, quando muito, uma única vez. Lembra-me perfeitamente; a peça não agradou aos milhões; era caviar jogado ao povo. Mas, segundo o meu modo de ver e o de pessoas, cuja opinião no assunto é mais autorizada do que a minha, era uma peça excelente, com boa disposição de cenas e escrita com tanta sobriedade quanta argúcia. Recorda-me ter ouvido a alguém que os versos não continham nada de picante para torná-los aceitáveis, e que nenhuma expressão traía afetação por parte do autor; o estilo foi qualificado de honesto, tão sadio quanto agradável, e aprazível sem rebuscamentos. Apreciava muitíssimo certa passagem, e fala de Enéias a Dido, especialmente quando ele trata do assassínio de Príamo. Se a tens de memória... Começa pela frase... Espera um pouco... Deixa ver... Como tigre da Hircânia, o feroz Pirro... Não, não é isso.

Começa com Pirro: Esse Pirro feroz, que armas trazia da cor do próprio intenso, igual à noite. que o envolvia no ventre do cavalo sinistro e malfadado, a negra forma com brasões mais sinistros ora cobre: da cabeça até aos pés é todo rubro; enfeita-o horrendamente o triste sangue dos pais, das mães, das filhas, dos filhinhos, ressecado nas ruas abrasadas, que emprestam uma luz maldita e bárbara a seus crimes nefandos. A arder de ira, empastado de sangue coagulado, os olhos a brilharem quais carbúnculos, Pirro, o maldito, busca o venerando Príamo. Agora prossegue.

POLÔNIO — Por Deus, príncipe; muito bem declamado; boa cadência e discrição.

PRIMEIRO ATOR — Conseguiu por fim achá-lo, a lutar sem vantagem contra os gregos. Sua antiquada espada, ao braço infensa, fica onde cai, rebelde a seus mandados. Em duelo desigual, Pirro o acomete; mas ao simples sibilo de seu gládio, tomba o velho enervado. Exânime, Ílio pareceu ressentir-se desse golpe: dobra até à base o pico de suas chamas, e com medonho estrondo prende o ouvido de Pirro. Vede! A espada que já vinha baixando sobre a cândida cabeça do venerando Príamo, parece que o próprio ar a detém: desta arte, Pirro, qual tirano em pintura, fica imóvel, como que neutro entre a vontade e o braço, sem fazer nada. Mas, tal como pouco antes das tormentas silêncio em todo o céu, calmas as nuvens, os ventos sem falar, e a terra embaixo tão quieta quanto a morte — quando o raio de súbito fuzila: assim, depois da parada de Pirro, a despertada vingança o compeliu para outros feitos. Os malhos dos Ciclopes nunca as armas de Marte percutiram, fabricadas para ampararem sempre, com tão pouco remorso, como bate a espada rubra de Pirro sobre Príamo. Fortuna! fora, meretriz! Ó deuses do conselho geral, tirai-lhe a força! Quebrai pinas e raios de seu carro, e fazei do alto céu rolar o cubo para o centro do inferno!

POLÔNIO — Acho muito comprido.

HAMLET — Enviai-a, então, ao barbeiro, para que a corte juntamente com vossa barba. Continua, peço-te eu; a não ser em farsas ou histórias obscenas, ele adormece logo. Prossegue; cheguemos logo a Hécuba.

PRIMEIRO ATOR — Oh! Quem visse a rainha encapuzada!

POLÔNIO — Não fica mal; rainha encapuzada; vai muito bem.

PRIMEIRO ATOR — Descalça corre, as chamas ameaçando; as lágrimas a cegam; por diadema cinge apenas um trapo, e, como vestes, sobre os lombos delgados e sofridos, um cobertor, às pressas apanhado. Quem visse tal, com língua envenenada, acusara a Fortuna de traidora. Mas se os deuses, nessa hora, a contemplassem, quando ela a Pirro deparou no esporte maligno de cortar do esposo os membros: o clamor subitâneo de sua mágoa — se os mortais não lhe são de todo estranhos — faria enlanguescer os olhos quentes do céu e os próprios deuses se apiedarem.

POLÔNIO — Vede como ele muda de cor e tem os olhos marejados de lágrimas. Não prossigas, peço-te.

HAMLET — Está bem; depois me dirás o resto. Caro senhor, quereis incumbir-vos da hospedagem destes atores? Mas tomai nota: que sejam bem tratados, porque são o espelho e a

crônica resumida da época. Ser-vos-ia preferível um ruim epitáfio depois de morto, a andardes em vida difamados por eles.

POLÔNIO — Pois não, príncipe; hei de tratá-los de acordo com seu merecimento.

HAMLET — Com a breca, homem! Muito melhor! Se fôsseis tratar todas as pessoas de acordo com o merecimento de cada uma, quem escaparia da chibata? Tratai deles de acordo com vossa honra e dignidade. Quanto menor o seu merecimento, maior valor terá a vossa generosidade. Levai-os.

POLÔNIO — Vamos, senhores.

HAMLET — Amigos, acompanhai-o. Amanhã teremos representação. (*Sai Polônio com os atores, com exceção do primeiro ator*) Ouviste, velho amigo, podes representar a peça "A Morte de Gonzaga"?

PRIMEIRO ATOR — Perfeitamente, senhor.

HAMLET — Então será amanhã à noite. E ser-te-á possfvel, em caso de necessidade, decorar um discurso de doze ou dezesseis linhas, que vou escrever, para insertar na peça? É possível?

PRIMEIRO ATOR — Perfeitamente, meu senhor.

HAMLET — Muito bem; acompanha aquele senhor; mas peço-te que não zombes dele. (*Sai o primeiro ator*) Meus bons amigos, vou deixá-los até à noite. Sois bem-vindos a Elsinor.

ROSENCRANTZ — Meu bom senhor! (*Saem Rosencrantz e Guildenstern*)

HAMLET — Que Deus os acompanhe. Enfim, sozinho! Que velhaco sou eu, que vil escravo! Pois não será monstruoso? Este ator pôde, numa simples ficção, num sonho apenas de paixão, forçar a alma aos seus preceitos, a ponto de fugir-lhe a cor do rosto, marejarem-lhe os olhos, o conspecto confundir-se-lhe, a voz tornar-se trêmula, e toda a compostura conformar-se às suas influições. Tudo por nada, por Hécuba! Que é ele de Hécuba, Hécuba que é dele, para chorar por ela? Que faria, se tivesse, como eu, deixas violentas? Inundara de lágrimas o palco, rasgara o ouvido a todos com seus gritos; assombrados deixara os inocentes, insanos os culpados, confundidos os ignorantes; sim, deixara atônitos os sentidos usuais da vista e ouvido. Ao passo que eu, um parvo feito só de lama, um néscio, como um joão-sonhador, sem nenhum plano de vingança, me calo, quando a vida preciosa e o trono um rei a perder veio por maneira tão bárbara e maldita. Serei covarde? Quem me lança o apodo de vilão? a cabeça me abre em duas? a barba arranca-me e atira-ma no rosto? puxa-me do nariz? de mentiroso me acoima até os pulmões? Quem me faz isso? Ah! Fora bem feito. E a causa não é outra: tenho sangue de pombo, o fel me falta que a opressão torna amarga, ou já teria dado as entranhas desse escravo a todos os abutres do céu. Vilão nojento, sanguinário, traidor, devasso, estéril! Oh vingança! Oh! Que grande asno eu sou! Como é ser bravo! Filho de um pai querido, assassinado, a quem o inferno e o céu mandam vingar-se, e aliviar-me a falar como uma simples meretriz, a insultar como uma criada! Que vergonha! Vamos, cabeça, a postos! Tenho ouvido dizer que os criminosos, quando assistem a representações, de tal maneira se comovem com a cena, que

confessam na mesma hora em voz alta seus delitos, pois embora sem língua, o crime fala por modo milagroso. Esses atores irão representar para meu tio a morte de meu pai. Hei de observar-lhe os olhos e sondar-lhe a alma até o fundo. Se se assustar, conheço o meu caminho. Talvez que o espírito que eu vi não passe do demônio, que pode assumir formas atraentes. Sim, talvez mesmo tencione perder-me, aproveitando-se de minha melancolia e pouca resistência, como sói proceder com tais espíritos. Preciso de razões mais convincentes do que isso tudo. E a peça é a coisa, eu sei, com que a consciência hei de apanhar o rei. (*Sai*)

Ato 3

Cena 1

Um quarto no castelo. Entram o Rei, a Rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz e Guildenstern.

O REI — Não tivestes ensejo, na conversa, de saber o que o pôs nessa desordem que seus dias de calma tanto abala com demência inquieta e perigosa?

ROSENCRANTZ — Confessa que se sente perturbado: mas a causa, persiste em não dizê-la.

GUILDENSTERN — Não o achamos disposto a ser sondado; com a astúcia da loucura, se esquivava sempre que pretendíamos levá-lo a falar de si mesmo.

A RAINHA — Como vos recebeu?

ROSENCRANTZ — Como perfeito cavalheiro.

GUILDENSTERN — Conquanto algo forçado.

ROSENCRANTZ — Avaro em perguntar, mas respondendo com liberalidade.

A RAINHA — Convidaste-o para algum passatempo?

ROSENCRANTZ — Aconteceu, senhora, que encontramos em caminho uns atores. A notícia, recebeu-a com mostras de alegria. Já se acham no palácio. Penso, mesmo, que vão representar para ele, à noite.

POLÔNIO — É verdade; pediu-me que falasse com Vossas Majestades, concitando-vos a ver e ouvir a peça.

O REI — De todo o coração; muito me alegra sabê-lo assim disposto. Continuai, cavalheiros, a animá-lo, despertando-lhe o gosto para as festas.

ROSENCRANTZ — Pois não, senhor! (*Saem Rosencrantz e Guildenstern*)

O REI — Doce Gertrudes, deixa-nos; mandamos vir secretamente a Hamlet, para que ele se encontre com Ofélia, como por acidente. Eu e seu pai, legítimos espias, vendo sem sermos vistos, poderemos avaliar do encontro imparcialmente e concluir, do seu procedimento, se é amor, em verdade, ou se outra é a causa que o faz sofrer assim.

A RAINHA — Já me retiro. No que te toca, Ofélia, só desejo que seja a tua beleza a feliz causa da loucura de Hamlet, pois espero que tua virtude o leve à trilha antiga, para honra de ambos.

OFÉLIA — Eu, de mim, o espero, também, minha senhora. (*Sai a Rainha*)

POLÔNIO — Chega, Ofélia, para aqui... Majestade, ora busquemos nosso lugar. E tu, lê neste livro; a leitura pretexto será para tua solidão. Freqüentes vezes somos passíveis de censura, pois abundam provas sobre isso, de que com bondade simulada e ações pias conseguimos tornar açucarado o próprio diabo.

O REI (*à parte*) — Quão verdadeiro! Como essas palavras me chicoteiam fundo a consciência! O rosto rebocado das rameiras não é mais feio, sob a artificial beleza, do que a minha ação debaixo do verniz com que a enfeitam meus discursos. Oh fardo horrível!

POLÔNIO — Ei-lo que chega, meu senhor; saiamos. (*O Rei e Polônio saem*) (*Entra Hamlet*)

HAMLET — Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer... dormir... mais nada... Imaginar que um sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, é solução para almejar-se. Morrer.., dormir... dormir... Talvez sonhar... É aí que bate o ponto. O não sabermos que sonhos poderá trazer o sono da morte, quando alfim desenrolarmos toda a meada mortal, nos põe suspensos. É essa idéia que torna verdadeira calamidade a vida assim tão longa! Pois quem suportaria o escárnio e os golpes do mundo, as injustiças dos mais fortes, os maus-tratos dos tolos, a agonia do amor não retribuído, as leis amorosas, a implicância dos chefes e o desprezo da inépcia contra o mérito paciente, se estivesse em suas mãos obter sossego com um punhal? Que fardos levaria nesta vida cansada, a suar, gemendo, se não por temer algo após a morte — terra desconhecida de cujo âmbito jamais ninguém voltou — que nos inibe a vontade, fazendo que aceitemos os males conhecidos, sem buscarmos refúgio noutros males ignorados? De todos faz covardes a consciência. Desta arte o natural frescor de nossa resolução definha sob a máscara do pensamento, e empresas momentosas se desviam da meta diante dessas reflexões, e até o nome de ação perdem. Mas, silêncio! Aí vem vindo a bela Ofélia. Em tuas orações, ninfa, recorda-te de meus pecados.

OFÉLIA Como tem passado, príncipe, no correr de tantos dias?

HAMLET — Muitíssimo obrigado; bem, bem, bem.

OFÉLIA — Tenho algumas lembranças suas, príncipe, que há muito devolver eu desejara; receba-as, por favor.

HAMLET — Eu, não; eu, não; eu nunca te dei nada.

OFÉLIA — O príncipe bem sabe que é verdade, e com palavras de tão doce anélito, que o valor dos presentes aumentava. Mas, evolado o aroma, agora os trago. Os brindes se empobrecem, para uma alma bem-nascida, de par com os sentimentos de quem os dá. Ei-los aqui, meu príncipe.

HAMLET — Ah! Ah! És honesta?

OFÉLIA — Como assim, príncipe?

HAMLET — És bela?

OFÉLIA Que quer dizer Vossa Alteza com isso?

HAMLET — É que se fores, a um tempo, honesta e bela, não deves admitir intimidade entre a tua honestidade e a tua beleza.

OFÉLIA Mas, príncipe, poderá haver melhor companhia para a beleza do que a honestidade?

HAMLET — Realmente, que a beleza, com o seu poder, levaria menos tempo para transformar a honestidade em alcoviteira do que esta em modificar a beleza à sua imagem. Já houve época em que isso era paradoxo; mas agora o tempo o confirma. Cheguei a amar-te.

OFÉLIA — Em verdade, o príncipe me fez acreditar nisso.

HAMLET — Não deverias ter-me dado crédito, porque a virtude não pode enxertar-se em nosso velho tronco, sem que deste não remanesça algum travo. Nunca te amei.

OFÉLIA — Tanto maior é a minha decepção.

HAMLET — Entra para um convento. Por que hás de gerar pecadores? Eu, de mim, considero-me mais ou menos honesto, mas poderia acusar-me de tais coisas, que teria sido melhor que minha mãe não me houvesse dado à luz. Sou orgulhoso, vingativo, cheio de ambição, e disponho de maior número de delitos do que de pensamentos para vesti-los, imaginação para dar-lhes forma, ou tempo para realizá-los. Para que rastejarem entre o céu e a terra tipos como eu? Todos somos consumados velhacos; não deves confiar em ninguém. Toma o caminho do convento. Onde se encontra teu pai?

OFÉLIA — Em casa, alteza

HAMLET — Que lhe fechem as portas, a fim de impedirem que faça papel de tolo, a não ser em sua própria casa. Adeus.

OFÉLIA — Ajuda-o, céu de bondade.

HAMLET — Se tiveres de casar, dou-te por dote a seguinte maldição: ainda que sejas casta como o gelo e pura como a neve, não escaparás à calúnia. Vai; entra para o convento; adeus. Ou então, se tiveres mesmo de casar, escolhe um néscio para marido, porque os assisados sabem perfeitamente em que monstros as mulheres os transformam. Para o convento, vai; e isso depressa. Adeus.

OFÉLIA — Poderes celestiais, restituí-lhe a razão!

HAMLET — Conheço muito bem vossas pinturas; Deus vos deu um rosto e arrumais outro; andais aos pulinhos e com requebros, falais cheias de esses e dais nomes indecentes às criaturas de Deus, fazendo vossa leviandade passar por inocência. Vai; não insisto, porque foi isso que me deixou louco. O que digo é que não teremos casamentos; os que já são casados, com exceção de um, hão de continuar vivos; os de mais, prosseguirão como estão. Para o convento; vai! (*Sai*)

OFÉLIA — Que nobre inteligência assim perdida! O olho do cortesão, a língua e o braço do sábio e do guerreiro, a mais florida esperança do Estado, o próprio exemplo da educação, o

espelho da elegância, o alvo dos descontentes, tudo em nada! E eu, a mais desgraçada das mulheres, que saboreei o mel de suas juras musicais, ter de ver essa admirável razão perder o som, qual sino velho, essa forma sem par, a flor da idade, fanada pela insânia! Ó dor sem fim! Ter já visto o que vi, e vê-lo assim! (*Entram o Rei e Polônio*)

O REI — Qual amor! Sua doença não vem disso. Depois, o que ele disse, ainda que estranho, não parece loucura. Na alma dele algo a melancolia está chocando; e não duvido que o produto possa causar algum perigo, que é preciso prevenir. Daí eu ter nisto assentado depressa: mandá-lo-ei sem mais delongas à Inglaterra, a cobrar velhos tributos. É possível que o mar, o novo clima e a diferença dos objetos venham a libertá-lo dessa qualquer coisa com que o cérebro dele se preocupa, alheando-o de si mesmo. Que pensais?

POLÔNIO — Há de ganhar com isso; porém creio que a origem e o começo da tristeza vêm de amor desprezado. Então, Ofélia? Não precisas falar de lorde Hamlet; ouvimos tudo. Procedei, senhor, como entenderdes; mas, se achardes útil, fazei que ele se encontre com a rainha depois da peça, para, a sós, falar-lhe sobre o que o traz assim. E que ela seja franca. Eu, de mim, se o consentis, me ponho a ouvi-los escondido. Se ela nada conseguir, enviá-lo-ei sem mais demora para a Inglaterra, ou então mandareis pó-lo onde quer que a prudência vos indique.

O REI — Far-se-á dessa maneira. É sempre ousada a loucura dos grandes não vigiada. (*Sai*)

Cena 2

Entram Hamlet e alguns atores.

HAMLET — Tem a bondade de dizer aquele trecho do jeito que eu ensinei, com naturalidade. Se encheres a boca, como costumam fazer muitos dos nossos atores, preferira ouvir os meus versos recitados pelo pregoeiro público. Não te ponhas a serrar o ar com as mãos, desta maneira; sê temperado nos gestos, por que até mesmo na torrente e na tempestade, direi melhor, no turbilhão das paixões, é de mister moderação para torná-las maleáveis. Oh! Dói-me até ao fundo da alma ver um latagão de cabeleira reduzir a frangalhos uma paixão, a verdadeiros trapos, trovejar no ouvido dos assistentes, que, na maioria, só apreciam barulho e pantomima sem significado. Dá gana de açoitar o indivíduo que se põe a exagerar no papel de Termagante e que pretende ser mais Herodes do que ele próprio. Por favor, evita isso.

PRIMEIRO ATOR — Vossa Alteza pode ficar tranqüilo.

HAMLET — Também não é preciso ser mole demais; que a discrição te sirva de guia; acomoda o gesto à palavra e a palavra ao gesto, tendo sempre em mira não ultrapassar a modéstia da natureza, porque o exagero é contrário aos propósitos da representação, cuja finalidade sempre foi, e continuará sendo, como que apresentar o espelho à natureza, mostrar à virtude suas próprias feições, à ignomínia sua imagem e ao corpo e idade do tempo a impressão de sua forma. O exagero ou o descuido, no ato de representar, podem provocar riso aos ignorantes, mas causam enfado às pessoas judiciosas, cuja censura deve pesar mais em tua apreciação do que os aplausos de quantos enchem o teatro. Oh! já vi serem calorosamente elogiados atores que, para falar com certa irreverência, nem na voz, nem no porte mostravam nada de cristãos, ou de pagãos, ou de homens sequer, e que de tal forma rugiam e se pavoneavam, que eu ficava a imaginar terem sido eles criados por algum aprendiz da natureza, e pessimamente criados, tão abominável era a maneira por que imitavam a humanidade.

PRIMEIRO ATOR — Quero crer que entre nós tudo isso está bem modificado.

HAMLET — Faze uma reforma radical! Que os truões não digam mais do que o que lhes compete, pois há deles que vão a ponto de rir, somente para provocarem riso aos parvos, até mesmo em passagens com algo merecedor de atenção. É vergonhoso, sobre revelar ambição estúpida por parte de quem se vale de semelhante recurso. Vai aprontar-te. (*Entram Polônio, Rosencrantz e Guildenstern*) Então, senhor, o rei irá ouvir a nossa peça?

POLÔNIO — E a rainha também, sem nenhum atraso.

HAMLET — Nesse caso, apressai os atores. (*Sai Polônio*) Não poderíeis ajudá-lo nessa

tarefa?

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN — Com todo o gosto meu príncipe.

HAMLET — Olá, Horácio! (*Entra Horácio*)

HORÁCIO — Aqui me tendes, senhor, às vossas ordens.

HAMLET — Horácio, és a pessoa mais talhada para meu companheiro e confidente.

HORÁCIO — Meu príncipe...

HAMLET — Não penses que é lisonja. Que fora de esperar que me emprestasses, se só tens como renda a tua alma grande, que te veste e alimenta? Por que a um pobre lisonjear? Não; a língua açucarada lambe as pompas estúpidas; os gonzos moles dos joelhos dobram-se onde lucros advêm do rastejar. Estás me ouvindo? Dês que minha alma cara foi senhora de julgar as pessoas, escolheu-te para si própria, pois tens sido um homem que mostra não sofrer, sofrendo muito, que aceita indiferente bens e males do destino. Abençoado quem revela tal mistura de sangue e julgamento, e por isso jamais pode ser pífaro com que a Fortuna se divirta. Mostra-me o homem liberto das paixões; pó-lo-ei no coração, no próprio coração do coração, tal como o fiz contigo. Mas basta. Hoje há espetáculo ante o rei, com uma cena igual às circunstâncias da morte de meu pai, como eu te disse. Quando chegar essa passagem, peço-te que com todas as forças de tua alma observes a meu tio. Se seu crime não se manifestar ante um discurso, é que era alma penada o que nós vimos e mais negras as minhas fantasias que a forja de Vulcano. Observa-o bem. Hei de os olhos cravar-lhe no semblante; juntaremos depois nossos juízos para julgar-lhe o aspecto.

HORÁCIO — Bem, meu príncipe; se algo ele surrupiar durante a cena e conseguir fugir, pago o prejuízo.

HAMLET — Já vêm chegando; é urgente disfarçarmos; vai para o teu lugar. (*Marcha dinamarquesa; clarins. Entram o Rei, a Rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz, Guildenstern e outras pessoas*)

O REI — Como vive o nosso primo Hamlet?

HAMLET — Otimamente, na verdade; da comida dos camaleões; alimento-me de ar e entupo-me com promessas. Desse jeito não podereis engordar capões.

O REI — Nada tenho que ver com semelhante resposta, Hamlet; essas palavras não me dizem respeito.

HAMLET — E já agora, nem a mim, também. (*A Polônio*) Já representastes uma vez na Universidade, não mo dissestes?

POLÔNIO — É certo, príncipe; e fui considerado bom ator.

HAMLET — E que representastes?

POLÔNIO — Júlio César; era assassinado no Capitólio; Bruto me matava.

HAMLET — Bem bruto era ele, para matar um bezerro capital desse porte. Os atores

estão prontos?

ROSENCRANTZ — Estão, príncipe; aguardam apenas vossas ordens.

A RAINHA — Vem para o meu lado, querido Hamlet; senta-te perto de mim.

HAMLET — Não, minha mãe; o ímã deste metal tem mais poder.

POLÔNIO (*ao Rei*) — Oh! Oh! Observastes bem?

HAMLET — Senhorita, poderei sentar-me no vosso regaço? (*Senta-se ao pé de Ofélia*)

OFÉLIA — Não, príncipe.

HAMLET — Quero dizer, recostar a cabeça em vosso regaço?

OFÉLIA — Sim, príncipe.

HAMLET — Pensastes que eu estivesse usando linguagem do campo?

OFÉLIA — Não pensei nada, príncipe.

HAMLET — Bonita idéia, deitar-se a gente entre as pernas de uma donzela.

OFÉLIA — Que idéia, príncipe?

HAMLET — Nada.

OFÉLIA — O príncipe está hoje muito alegre.

HAMLET — Quem, eu?

OFÉLIA — O príncipe, pois não?

HAMLET — Sou apenas vosso bobo. Que pode uma pessoa fazer de melhor, a não ser ficar alegre? Vede minha mãe, como apresenta semblante prazenteiro; no entanto, meu pai morreu apenas há duas horas.

OFÉLIA — Não, príncipe; duas vezes dois meses.

HAMLET — Há tanto tempo assim? Então que o diabo se cubra de luto, que eu vou vestir-me de zibelina. Oh céus! Morto há dois meses e ainda não esquecido? Nesse caso, há esperança de que a memória de um grande homem lhe sobreviva meio ano. Por Nossa Senhora, que trate de fundar igrejas, ou ninguém pensará nele, como se deu com o cavalo de pau, cujo epitáfio rezava: Pois oh! Pois oh! O cavalo de pau ficou esquecido! (*Clarins*) Entra a pantomima: um rei e uma rainha, com mostras de muito afeto; a rainha abraça o rei e este a ela. A rainha se ajoelha diante do rei e por meio de gestos lhe assegura submissão. Ele a faz erguer-se e inclina a cabeça sobre seu ombro; depois, senta-se sobre um banco de flores. Ao vê-lo adormecido, ela o deixa. Logo depois, entra um indivíduo que lhe tira a coroa, beija-a, despeja veneno no ouvido do rei e sai. Volta a rainha e, ao verificar que o rei morrera, dá mostras de grande mágoa. O envenenador volta com duas ou três pessoas, parecendo lamentar-se com a rainha. O corpo é removido. O envenenador requesta a rainha com presentes; a princípio, a rainha parece relutar, mas acaba aceitando o seu amor. (*Saem*)

OFÉLIA — Que significa isso, príncipe?

HAMLET — Maroteira disfarçada; significa infortúnio.

OFÉLIA — Sem dúvida a pantomima serve de argumento à peça. (*Entra o Prólogo*)

HAMLET — É o que vamos ver por este freguês. Os atores não guardam segredo. Vereis como vão revelar tudo.

OFÉLIA — Irá dizer-nos o que significam aqueles gestos?

HAMLET — Não só aqueles, mas quantos quiserdes representar-lhe. Se não ficardes acanhada, ele também não o ficará, para explicar-lhes o sentido.

OFÉLIA — O príncipe é mau; o príncipe é mau; vou prestar atenção à peça.

O PRÓLOGO: Para nós toda a indulgência, para a tragédia e demência de vossa alta paciência.

HAMLET — Isso é prólogo ou emblema de anel?

OFÉLIA — Foi curto.

HAMLET — Tal como o amor das mulheres.

O REI DA PEÇA — Trinta vezes já o Sol o giro há feito por Télus e Netuno, e com perfeito cômputo trinta vezes doze vezes a lua assinalou ao mundo os meses, dês que as mãos Himeneu e Amor o afeto. nos ligaram num vínculo concreto.

A RAINHA DA PEÇA — Que a luz e o Sol nos dêem iguais jornadas, sem que as rosas do amor fiquem fanadas. Mas tão cansado te acho e tão mudado da alegria primeira, certo, o estado normal em ti, que o susto ora se apossa de mim, sem que isso, aliás, turvar-te possa, pois o amor, na mulher, se casa ao medo: ou grandes até ao fim, ou morrem cedo. Já dei provas de ser, no amor, constante, mas se o amor é tranqüilo, o medo é instante; um grande amor nos sustos se confirma; crescendo o medo, o amor também se afirma.

O REI DA PEÇA — Muito cedo deixar-te me é forçoso, que me oprime a fraqueza. No formoso mundo tens de viver, sempre acatada, porventura escolhida e muito amada por um segundo...

A RAINHA DA PEÇA — Basta! Basta! Um feito de tal negror me condenara o peito. Só se alegra com outro companheiro quem foi causa da morte do primeiro.

HAMLET (*à parte*) — Isso é absinto.

A RAINHA DA PEÇA — O interesse mesquinho, nunca o amor, do segundo consórcio é o causador. Fora o esposo matar do mesmo jeito a cada beijo do outro no seu leito.

O REI DA PEÇA — Sei que és sincera; mas é bem freqüente não cumprirmos a jura mais ardente. Da memória a intenção é simples serva; forte ao nascer, o tempo a não conserva; fruto que está no galho por ser duro, para cair por si quando maduro. Parece necessário que no olvido se atire o que a nós próprios é devido. O que a paixão concebe de perfeito, suprimida a paixão fica desfeito. A violência da dor ou da alegria com sua própria atuação não dura um dia. Onde o prazer se exalta a dor se encolhe; um nada a dor extingue e o riso tolhe. O mundo passa; é

natural, portanto, que com a fortuna o amor se altere tanto; pois é problema que ainda está sem norte, se a sorte guia o amor, ou o amor a sorte. Cai um dos grandes, somem-se os amigos; sobe um pequeno, adulam-no inimigos. Daí ligar-se o amor sempre à fortuna; tem amigos quem nunca a outro importuna; pois quem ao falso amigo pede, vê-se de um imigo aumentado, sem que o cresse. Mas, para terminar pelo começo, entre a vontade e a sorte há sempre empeço. Nossos planos são frutos só do acaso; a idéia é nossa; os fins, de cada caso. Não digas que de novo não te casas; morto o esposo, o propósito bate asas.

A RAINHA DA PEÇA — Que a luz o céu me negue; a terra, o pão; a noite, a calma; o dia, distração; que a esperança se mude em desespero; penitência no cárcere é o que eu espero. Que quanto enturva o rosto da alegria se me antolhe a afligir-me noite e dia. Repudiada seja eu por todo o povo, se, chegando a enviuvar, casar, de novo.

HAMLET — E se ela quebrar o juramento?

O REI DA PEÇA — Palavras bem solenes; mas, querida, deixa-me; sinto a fronte dolorida; quero dormir. (*Adormece*)

A RAINHA DA PEÇA — Repousa sossegado; que nenhuma aflição nos dê cuidado. (*Sai*)

HAMLET — Que tal acha a peça, minha senhora?

A RAINHA — Parece-me que a dama faz protestos demasiados.

HAMLET — Oh! Mas ela é de palavra.

O REI — Ouviste o argumento? Não contém nenhuma ofensa?

HAMLET — Não, não; é tudo por brinquedo; envenenam por brinquedo; é o que não existe no mundo, ofensa.

O REI — Como se intitula a peça?

HAMLET — "A Ratoeira"; mas, já se vê, simples metáfora. A peça se baseia na história de um crime ocorrido em Viena; Gonzago é o nome do duque; Batista, o da mulher. Ides ver dentro de pouco: pura velhacaria. Mas, que importa? Nem Vossa Majestade, nem eu, que temos a consciência limpa, somos atingidos. Os sendeiros que esperneiem; não estamos com o lombo pisado. (*Entra um ator, no papel de Luciano*) Esse é um tal Luciano, sobrinho do rei.

OFÉLIA — O príncipe serve muito bom de coro.

HAMLET — Poderia servir de ponto numa vossa conversa com o namorado, se visse os movimentos dos títeres.

OFÉLIA — O príncipe está muito afiado hoje, muito afiado.

HAMLET — Havia de custar-vos gemidos embotar-me o fio.

OFÉLIA — De bem para melhor; de mal para pior.

HAMLET — Os maridos são desse jeito. Vamos, assassino, começa logo! Deixa tua cara amaldiçoada, peste, e principia de uma vez! Vamos. O corvo, em seu grasnar, chama a vingança!

LUCIANO — Pensamentos escuros, droga a jeito, tempo oportuno, mãos para esse feito,

ninguém perto... Bebida desprezível, três vezes à meia-noite com a terrível maldição de Hécate mexida: neste corpo despeja os males que escondeste! (*Despeja veneno no ouvido do Rei adormecido*)

HAMLET — Envenena-o no jardim, por causa do reino; chama-se Gonzago. A história existe; foi escrita em italiano primoroso. Vereis dentro de pouco como o assassino obtém o amor da mulher de Gonzago.

OFÉLIA — O rei se levantou.

HAMLET — Que é isso? Medo de um falso alarma de fogo?

A RAINHA — Como passa o meu senhor?

POLÔNIO — Suspendam a representação!

O REI — Tragam-me luzes! Vamos-nos embora! (*Saem todos, com exceção de Hamlet e Horácio*)

HAMLET — Que sangre o veado e ponha-se a fugir, enquanto descansa; uns precisam velar, outros dormir; desta arte o mundo avança. Uma cena como essa e mais uma floresta de penas — se algum dia a Fortuna se me tornar madrasta — e um par de rosetas nos sapatos rasos, não me assegurariam um lugar em qualquer matilha de comediantes?

HORÁCIO — Com metade dos lucros, como não?

HAMLET — Nada disso, todo o lucro, pois bem sabes, Damon, que o próprio Jove este reino desfez; agora está no trono um verdadeiro... direi tudo?... um pavão.

HORÁCIO — Poderíeis ter rimado.

HAMLET — Meu bom Horácio! Aposto mil contra um na palavra do fantasma. Percebestes?

HORÁCIO — Perfeitamente, príncipe.

HAMLET — Na hora do veneno?

HORÁCIO — Com a máxima atenção.

HAMLET — Ah! Ah! Venha música! Tragam os fiajolés! Porque se a peça ao rei em nada agrada, não vale coisa alguma, está julgada. Vamos! Tragam música! (*Entram Rosencrantz e Guildenstern*)

GUILDENSTERN — Meu bom senhor, concedei-me uma palavra.

HAMLET — Até uma historia inteira.

GUILDENSTERN — O rei, senhor...

HAMLET — Como vai ele passando?

GUILDENSTERN — ... recolheu-se indisposto para seus aposentos.

HAMLET — De bebida?

GUILDENSTERN — Não, senhor; de cólera.

HAMLET — Vossa sabedoria se revelaria mais opulenta, se contásseis isso ao seu médico; porque se eu lhe aplicar uma purga, talvez lhe faça aumentar ainda mais a cólera.

GUILDENSTERN — Ponde ordem, meu bom senhor, em vossas palavras, sem vos desviardes tanto do propósito.

HAMLET — Já amansei; podeis falar.

GUILDENSTERN — A rainha vossa mãe, que se acha muito consternada, mandou que vos procurasse.

HAMLET — Pois sede bem-vindo.

GUILDENSTERN — Essa cortesia não vem a propósito, príncipe. Se for de vosso agrado dar-me uma resposta sadia, desincumbir-me-ei do recado de vossa mãe; em caso contrário, com vosso perdão e minha retirada darei por finda a missão a que vim.

HAMLET — Não me é possível, senhor.

GUILDENSTERN — Que é que vos é impossível, príncipe?

HAMLET — Dar-vos uma resposta sadia. Meu espírito está doente. Mas ponho a vossas ordens a resposta que me for possível, ou, como o dissestes, às ordens de minha mãe. Por isso, entremos logo no assunto. Minha mãe, íeis dizendo...

ROSENCRANTZ — Manda dizer-vos que vossa conduta lhe causou assombro e admiração.

HAMLET — Oh filho estupendo, que chega a causar assombro à própria mãe! Mas no calcanhar da admiração da mãe não segue nenhuma conseqüência? Vamos lá.

ROSENCRANTZ — Deseja falar-vos em seus aposentos, antes de vos recolherdes.

HAMLET — Obedeceria, ainda que ela fosse dez vezes minha mãe. Não tendes nenhum outro assunto a tratar comigo?

ROSENCRANTZ — Houve tempo, príncipe, que me tínheis amizade.

HAMLET — Até hoje sou o mesmo; juro-o por estes gadanhos de ladrão.

ROSENCRANTZ — Meu bom senhor, qual é o motivo de vossa alteração? Pondes trancas em vossa liberdade, negando-vos a revelar a um amigo o motivo de vossa tristeza.

HAMLET — Falta-me ser promovido.

ROSENCRANTZ — Como é isso possível, se contais com a palavra do próprio rei de que o sucedereis no trono da Dinamarca?

HAMLET — É certo: mas, "Enquanto a grama cresce..." o provérbio já está enferrujado. (*Entram alguns atores com flajolés*) Oh, flajolés! Deixa-me ver um. Falando-vos em particular, por que motivo me rodeais desse jeito, a tomar o meu faro, como se quisésseis levar-me para alguma cilada?

GUILDENSTERN — Oh, príncipe! Se o meu dever é ousado, minha amizade é incivil.

HAMLET — Não atino bem com o sentido. Mas, não quereis tocar nesta flauta?

GUILDENSTERN — Não posso, príncipe.

HAMLET — Por obséquio.

GUILDENSTERN — Acreditai-me, príncipe, não posso.

HAMLET — Fazei-me esse favor.

GUILDENSTERN — Não conheço uma só posição, príncipe.

HAMLET — É tão fácil quanto mentir. Com os quatro dedos e o polegar regulais estes orifícios; depois, bastará soprar, para que saia música muito agradável. Vede: aqui estão as chaves.

GUILDENSTERN — Mas não está em mim tirar a menor harmonia, príncipe; não possuo essa habilidade.

HAMLET — Ora vede que coisa desprezível fazeis de mim. Pretendíeis que eu fosse um instrumento em que poderíeis tocar à vontade, por presumirdes que conhecíeis minhas chaves. Tínheis a intenção de penetrar no coração do meu segredo, para experimentar toda a escala dos meus sentimentos, da nota mais grave à mais aguda. No entanto, apesar de conter este instrumento bastante música e de ser dotado de excelente voz, não conseguis fazê-lo falar. Com a breca! Imaginais, então, que eu sou mais fácil de tocar do que esta flauta? Dai-me o nome do instrumento que quiserdes; conquanto voz seja fácil escalavrar-me, jamais me fareis produzir som. (*Entra Polônio*) Deus vos guarde, senhor.

POLÔNIO — Senhor, a rainha deseja falar-vos quanto antes.

HAMLET — Estais vendo aquela nuvem em forma de camelo?

POLÔNIO — Pela Santa Missa! Parece, de fato, um camelo!

HAMLET — Creio que parece mais uma doninha.

POLÔNIO — É certo; o dorso é de doninha.

HAMLET — Ou uma baleia?

POLÔNIO — Uma baleia, realmente; muito semelhante.

HAMLET — Bem; se assim é, irei ter com minha mãe neste momento. (*À parte*) Esta gente brinca de doido comigo, ao ponto de arrebentar-me a paciência. (*Alto*) Irei neste momento.

POLÔNIO — Dir-lhe-ei isso mesmo. (*Sai*)

HAMLET — Neste momento é fácil de dizer. Deixai-me, amigos. (*Saem todos, menos Hamlet*) Estamos na hora tétrica da noite em que se abrem os túmulos e o inferno lança no mundo a peste. Poderia beber, neste momento, sangue quente e realizar tais coisas que fariam tremer o próprio dia. Mas, silêncio! Procuremos agora minha mãe. Coração, não te esqueça o de quem és. Que neste peito firme jamais entre a alma de Nero; ríspido, mas nunca desnaturado;

espadas, só na língua, sem que delas me valha: que se irmanem na hipocrisia a língua e o coração. Se a palavra sair demais pesada, minha alma, não lhe dês forma adequada. (*Sai*)

Cena 3

Um quarto no castelo. Entram o Rei, Rosencrantz e Guildenstern.

O REI — Não me agrada. Além disso, constitui perigo para nós deixar sem peias sua loucura. Assim, ide aprontar-vos, que vossas instruções mandarei logo e ele para a Inglaterra irá convosco. Nossa real dignidade não comporta os riscos que a toda hora seus caprichos fazem nascer.

GUILDENSTERN — Iremos aprontar-nos. O medo religioso e santo cuida da salvação de tantas existências que se nutrem de Vossa Majestade.

ROSENCRANTZ — A própria vida singular precisa, com toda a força e as armas do intelecto, defender-se de danos. Que dizer-se da alma de que depende sempre a vida de tanta gente? Nunca a majestade morre sozinha; qual voragem, chupa quanto está perto; é roda gigantesca que nos raios contêm dez mil coisinhas encaixadas, e cuja queda implica a ruína fragorosa das menores peças que se lhe prendem. O gemido do rei sempre é geral, sempre é alarido.

O REI — Peço vos apresseis para a viagem; queremos pôr grilhetas nesse medo que passeia tão livre.

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN — Já nos vamos. (*Saem Rosencrantz e Guildenstern*) (*Entra Polônio*)

POLÔNIO — Ele já foi, senhor, para o aposento da rainha. Por trás do reposteiro vou pôr-me a ouvi-los. É certeza, ela há de repreendê-lo; e, conforme sabiamente dissestes, é preciso que outro ouvido que não o materno, pois a natureza fê-lo parcial, escute o que falarem. Passai bem, meu senhor; chamar-vos-ei antes de vos deitardes, para dar-vos conta do que souber.

O REI — Muito obrigado. (*Sai Polônio*) Está podre o meu crime; o céu já o sente. A maldição primeira pôs-lhe o estigma: fratricida. Rezar, não me é possível, muito embora o pendor siga à vontade; a culpa imana vence o belo intento. Tal como alguém que empreende dois negócios ao mesmo tempo, mostro-me indeciso sobre qual inicie, acontecendo vir ambos a perder. Se esta maldita mão de sangue fraterno se cobrisse, não haveria chuva suficiente no céu, para deixá-la como a neve? Para que serve a Graça, se não serve para enfrentar o rosto do pecado? E a oração, não contem dupla virtude, de prevenir a queda e obter completo perdão para os que caem? Alço os olhos. Meu crime já passou; mas, que modelo de oração servirá para o meu caso? "Perdoai-me o crime monstruoso e horrendo?" Não pode ser, que me acho, ainda,

de posse de quanto me levou a praticá-lo: o trono, meus anelos e a rainha. Perdão alcança quem retêm o furto? Nos processos corruptos deste mundo pode a justiça ser desviada pela mão dourada do crime, e muitas vezes o prêmio compra a lei; mas não lá em cima, onde não valem manhas; o processo não padece artifícios, e até mesmo nos dentes e na fronte do delito teremos de depor. Que ainda me resta? Tentar o que o arrependimento pode. Oh! Como é poderoso! Mas que pode fazer com quem não sabe arrepender-se? Terrível situação! Ó peito mais escuro do que a morte! Ó alma viscosa, quanto mais te esforças, mais te sentes enleada! Anjos, socorro! Dobra-te, joelho altivo! Coração de aço, fica tão brando quanto os músculos de um recém-nato. Tudo talvez volte a ser como era. (*Afasta-se e ajoelha*) (*Entra Hamlet*)

HAMLET — É propícia a ocasião; acha-se orando. Vou fazê-lo. Desta arte, alcança o céu... E assim me vingaria? Em outros termos: mata um biltre a meu pai; e eu, seu filho único, despacho esse mesmíssimo velhaco para o céu. É soldo e recompensa, não vingança. Assassinou meu pai, quando este estava pesado de alimentos, com seus crimes floridos como maio. O céu somente saberá qual o estado de suas contas; mas, de acordo com nossas presunções, não será bom. Direi que estou vingado, se o matar quando tem a alma expungida e apta para fazer a grande viagem? Não. Aguarda, espada, um golpe mais terrível, no sono da embriaguez, ou em plena cólera, nos prazeres do tálamo incestuoso, no jogo, ao blasfemar, ou em qualquer ato que o arraste à perdição. Nessa hora, ataca-o; que para o céu vire ele os calcanhares, quando a alma estiver negra como o inferno, que é o seu destino. Espera-me a rainha; prolonga-te a doença esta mezinha. (*Sai*) (*O Rei se levanta e adianta-se*)

O REI — O som se evola; o pensamento cansa; um sem o outro jamais o céu alcança. (*Sai*)

Cena 4

Aposento da Rainha. (*Entram a Rainha e Polônio*)

POLÔNIO — Ele aí vem; repreendei-o asperamente; mostrai que se excedeu nas brincadeiras, e como se interpôs Vossa Grandeza entre ele e a grande cólera. Mais nada; somente vos reitero: sede ríspida.

HAMLET — (*dentro*) Mãe! Mãe!

A RAINHA — Podeis ficar tranqüilo; retirai-vos; está ele chegando. (*Polônio se esconde atrás do reposteiro*) (*Entra Hamlet*)

HAMLET — Então, mãe, que há de novo?

A RAINHA — Grande ofensa a teu pai fizeste, Hamlet.

HAMLET — Grande ofensa a meu pai fizeste, mãe.

A RAINHA — Devagar; respondeis com língua ociosa.

HAMLET — Vamos, que me falais com língua ociosa.

A RAINHA — Que é isso, Hamlet?

HAMLET — Que há de novo agora?

A RAINHA Esquecestes quem sou?

HAMLET — Não, pela Cruz! Não me esqueci. Sei bem que sois a rainha, casada com o irmão de vosso esposo e — prouvera o contrário — minha mãe.

A RAINHA Vou chamar quem convosco falar possa.

HAMLET — Vamos, sentai-vos; não saireis enquanto não vos apresentar eu um espelho que o recôndito da alma vos reflita.

A RAINHA Que pretendes fazer? Não vais matar-me? Socorro! Socorro!

POLÔNIO (*atrás*) — Que é que há? Socorro! Socorro!

HAMLET (*desembainhando a espada*) — Que é isso? Um rato? (*Dando uma estocada no reposteiro*) Aposto que o matei.

POLÔNIO (*atrás*) — Estou morto!

A RAINHA — Santo Deus, que fizeste!

HAMLET — Ignoro-o. Não era o rei?

A RAINHA — Que ação precipitada e sanguinária!

HAMLET — Ação precipitada e sanguinária? Tão ruim, boa mãe, quanto matar um rei e desposar o irmão do morto.

A RAINHA — Matar um rei?

HAMLET — Um rei; foi o que eu disse. (*Levanta o reposteiro e descobre o corpo de Polônio*) Adeus, bobo apressado e intrometido. Julguei que era o teu chefe; é o teu destino. Vês que o ser serviçal traz seus perigos. Não torçais tanto as mãos; sentai-vos; quero lutar com vosso coração; no caso de ser ele amolgável, se o maldito costume o não deixou duro como o aço, tornando-o resistente à persuasão.

A RAINHA — Que fiz eu para usares de linguagem tão grosseira?

HAMLET — Uma ação que mancha a graça e o rubor da modéstia, que a virtude transforma em falsidade, muda as rosas da fronte prazenteira do amor puro em chaga repugnante, e os juramentos dos cõnjuges em pragas de viciados. Uma ação que do corpo dos contratos tira a própria alma e muda em palavrório a doce religião; a própria face do céu cora de pejo; sim, o mundo compacto, nas feições mostra a tristeza do juízo final, diante desse ato.

A RAINHA — Ai! que ação tão monstruosa, que troveja estrondeando, com o simples enunciado?

HAMLET — Mirai este retrato e mais este outro, que dois irmãos fielmente representam; vede a graça que encima esta cabeça, cachos de Apolo, a fronte alta de Júpiter, o olhar de Marte, ao mando e à ameaça afeito, o porte de Mercúrio, o mensageiro, quando pousa nos cumes altanados; uma forma, em resumo, perfeitíssima, em que os deuses seus selos imprimiram para que o mundo visse o que era um homem: esse, foi vosso esposo. Agora o resto: eis vosso esposo, espiga definhada que o irmão sadio empesta. Tendes olhos? Deixastes a pastagem deste belo monte por um pau? Ah! tendes olhos? Não chameis a isso amor, que em vossa idade o sangue se arrefece, fica humilde e obedece à razão. E que razão passa deste para este? Sois sensível, pois vos moveis; mas tendes os sentidos paralisados. A loucura acerta; nunca os sentidos ficam subjugados pela paixão, a ponto de falharem totalmente na escolha. Que demônio vos logrou de uma vez na cabra-cega? O olho sem tato, o tato sem visão, o ouvido só por si, o olfato apenas, a menor parte, em suma, de um sentido verdadeiro, jamais se estontearia desse feitio. Pudor, por que não coras? Se nos ossos de uma matrona, inferno, te rebelas, que a continência fique, para os moços ardentes, como a cera, que amolece no próprio fogo; nem de mancha fales, quando no ataque se atirar o instinto, uma vez que é tão quente a própria geada e a razão é alcoveta da vontade.

A RAINHA — Não fales mais, Hamlet; a olhar me forças no mais íntimo da alma, onde acho manchas profundas e tão negras, que não perdem jamais a cor.

HAMLET — Viver num leito infecto que tresanda a fartum, onde fervilha a podridão, juntando-se em carícias num chiqueiro asqueroso!

A RAINHA — Oh! Não prossigas! Apunhalam-me o ouvido essas palavras. Basta,

querido Hamlet!

HAMLET — Um assassino, um vil escravo, que não é um vigésimo do outro marido, um rei-bufão, um simples gatuno do governo desta terra, que a coroa empalmou da prateleira e a pôs no bolso.

A RAINHA — Basta!

HAMLET — Um rei-palhaço, em trajes de mendigo... (*Entra o Fantasma*) Estendei sobre mim, legiões celestes as asas protetoras! Que deseja vossa imagem graciosa.

A RAINHA — Ai de mim! Está louco.

HAMLET — Não viestes censurar o filho tardo, que deixa a ira assentar, e tão remisso se mostra no cumprir vossos preceitos? Oh, dizei!

O FANTASMA — Não te esqueças: minha vinda só visa a estimular-te o intento rombo. Mas vê que em tua mãe se assenta o espanto. Corre a interpor-te entre ela e a sua alma em luta, que nas pessoas fracas é terrível o estrago da ilusão. Fala-lhe, Hamlet.

HAMLET — Senhora, que sentis?

A RAINHA — Que se passa contigo, que os olhos assim pousas no vazio e com o ar incorpóreo deblateras? Como se te ilumina a alma nos olhos! E tais como soldados, quando o alarma vem tirá-los do sono, teus cabelos, parecendo com vida, se desmancham, se curiçam na tua fronte. Ó meu bom filho! Lança a fria paciência sobre as chamas e o fogo do teu mal. Mas, para onde olhas?

HAMLET — Para ele, sim; quão pálido nos fixa! Seu destino e sua forma, se influissem nas pedras, racionais as tornariam. Tirai de mim os olhos, para que esse gesto piedoso não transmude minhas ásperas intenções, pois o que tenho para fazer exige cores vivas. Necessito de sangue em vez de lágrimas.

A RAINHA — Para quem falas isso?

HAMLET — Ninguém vedes?

A RAINHA — Ninguém; no entanto vejo o que nos cerca.

HAMLET — E nada ouviste?

A RAINHA — Nada; a nós somente.

HAMLET — Vede ali! Vede! Já se afasta... Meu pai, tal como em vida se vestia. Acaba — vede-o! — de transpor a porta. (*Sai o Fantasma*)

A RAINHA — Isso é fruto, somente, de teu cérebro. É sempre muito fértil o delírio no inventar essas coisas.

HAMLET — Delírio! Meu pulso, como o vosso, é compassado; toca música sã. Não foi loucura quanto falei; ponde-me à prova: posso dizer tudo de novo. Um desvairado divagaria. Mãe, por vossa graça, não lisonjeeis vossa alma, acreditando que ouvis um louco e não vosso delito. A úlcera externa, assim, se fecharia, enquanto a corrupção minara tudo por dentro, sem

ser vista. Ao céu volvei-vos; mostrai-vos do passado arrependida; evitai o futuro, sem que o joio adubeis e lhe deis, assim, mais viço. Perdoai-me esta virtude, que nesta época bem cevada e de fôlego cortado necessita a virtude rebaixar-se ao próprio vício e apresentar-lhe escusas por tudo o que de bem possa fazer-lhe.

RAINHA — Hamlet, o coração em dois me partes.

HAMLET — Jogai fora a metade que não presta, para com a outra parte serdes pura. Boa noite. Mas evitai a cama do meu tio; fazei-vos de virtuosa, se o não fordes. O hábito, esse demônio que devora todos os sentimentos, nisso é um anjo, pois para o uso de ações boas e belas empresta vestimenta ou capa externa que lhes vão bem. Abstende-vos por hoje, que isso há de conferir facilidade à próxima abstinência; a outra, mais fácil vos há de parecer, que o uso consegue quase modificar a natureza, dominar o demônio e até expeli-lo com poder prodigioso. Uma vez mais, boa noite. Hei de pedir a vossa bênção, quando dela também necessitardes. Enquanto a este homem, faz-me pena; qui-lo desta arte o céu: punir a mim por ele, e a ele por mim. Fui servo, a um tempo, e açoite. Vou cuidar dele; fico responsável por esta morte. E ainda uma vez: boa noite. Preciso ser cruel para ser bom; o ruim começa; o pior já se acha feito. Uma palavra mais, senhora.

A RAINHA — Que é preciso que eu faça?

HAMLET — Nada do que vos disse neste instante. Que outra vez para o leito o rei balofo, vos conduza e no rosto vos belisque vos chame de ratinha, e que dois beijos infectos e carícias com as mãos grossas em vossas costas pronto vos induzam a revelar-lhe que estou bom do juízo, mas que finjo loucura. Dizei-lhe isso. Que rainha sensata, bela e honesta esconderia coisas tão preciosas de um sapo, de um morcego? É concebível? Apesar do bom senso, abri a gaiola no telhado e deixai fugir o pássaro; depois, como o macaco conhecido, entrai nela e fazei logo a experiência para em baixo partirdes o pescoço.

A RAINHA — Fica tranqüilo; se o falar consiste em respirar, e o fôlego for vida, não terei vida alguma que respire quanto me revelaste.

HAMLET — Parto para a Inglaterra; já o sabíeis?

A RAINHA — Ai! que o esquecera... Assim ficou assentado.

HAMLET — Selaram cartas; meus dois companheiros de escola, em quem me fio como em dentes de víbora, se encontram com a incumbência de aplanar-me o caminho e conduzir-me direto ao cativeiro. Pois trabalhem! Há de ser engraçado ver a bomba fazer saltar o autor. Por mais dificil que seja, hei de cavar mais fundo ainda, para jogá-los no alto. Como é belo ver a astúcia vencer a própria astúcia! Este homem me ajudou a fazer as malas; vou pôr no quarto anexo esta barriga. Boa noite, mãe. Realmente, o conselheiro que era tão falador, está sisudo: quietinho, bem discreto, grave e mudo. Vamos, senhor, dar fim a este negócio. Boa noite, mãe. (*Saem por lados diferentes, arrastando Hamlet o corpo de Polônio*)

Ato 4

Cena 1

Um quarto no castelo. Entram o Rei, a Rainha, Rosencrantz e Guildenstern.

O REI — Devem ter uma causa esses suspiros. Conta-ma; desejamos conhecê-la. Onde se acha teu filho?

A RAINHA (*A Rosencrantz e Guildenstern*) — Deixai-nos ficar sós por um momento. (*Saem Rosencrantz e Guildenstern*) Caro esposo, que coisa eu vi esta noite!

O REI — Que foi, Gertrudes? Como achaste Hamlet?

A RAINHA — Tão louco quanto o mar e o vento, quando lutam pelo primado. Em seu desvairo, vendo atrás da cortina algo mexer-se, saca da espada e grita: um rato! um rato! para matar no acume do delírio o bom velho que estava ali escondido.

O REI — Que triste coisa! O mesmo nos tocara, se estivéssemos lá. Sua liberdade implica para todos grande ameaça, para ti, para nós, para qualquer. Como explicar esse ato sanguinário? Hão de culpar-nos, por não termos tido a idéia de prender o desvairado moço, para evitar possíveis males. Mas nosso amor não permitiu sabermos o que quisesse ocultar um mal imundo, só fizemos deixar que nos corroesse a medula vital. Aonde foi ele?

A RAINHA — Foi sepultar o corpo de Polônio, de quem tirou a vida. E nisso a insânia, como grão de ouro em meio à ganga impura, se manifesta estreme: chora a morte que ele mesmo causou.

O REI — Ó Gertrudes! saiamos! O sol não beijará de novo os montes, sem que a Hamlet embarquemos. No que toca a esta ação vil, teremos de aceitá-la, justificando-a à custa de artifícios e de nossa grandeza. Ó Guildenstern! (*Voltam Rosencrantz e Guildenstern*) Amigos, procurai quem vos ajude. Hamlet a delirar matou Polônio, tendo o corpo tirado do aposento da rainha. Falai-lhe com bem jeito, e ponde na capela o pobre morto. Muita pressa, vos peço, nisso tudo. (*Saem Rosencrantz e Guildenstern*) Convoquemos, Gertrudes, os amigos, para participar-lhes nosso intento e o ato precipitado. É bem possível que desta arte a calúnia, que sussurra tão certeira de um pólo até outro pólo, quanto a bala que no alvo o canhão joga, nos poupe o nome e açoite apenas o ar, sem mais prejuízo. Vamo-nos; minha alma, em discórdia e terror, não se acha calma. (*Saem*)

Cena 2

Outro quarto no castelo. Entra Hamlet.

HAMLET — Está em lugar seguro.

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN — Hamlet! Lorde Hamlet!

HAMLET — Que barulho é esse? Quem chama por Hamlet? Oh! Ei-los que chegam. (*Entram Rosencrantz e Guildenstern*)

ROSENCRANTZ — Onde o corpo pusestes, lorde Hamlet?

HAMLET — Associei-o ao pó, de que é parente.

ROSENCRANTZ — Dizei-nos onde está, porque possamos depô-lo na capela.

HAMLET — Não deis crédito a semelhante coisa.

ROSENCRANTZ — A quê, meu príncipe?

HAMLET — Que eu possa guardar o vosso segredo e não o meu. Além do mais, ser interrogado por uma esponja! Que poderá responder-lhe um filho de rei?

ROSENCRANTZ — Tomais-me por uma esponja, príncipe?

HAMLET — Sim, senhor, que chupa os favores, as recompensas e a autoridade reais. Aliás, semelhantes cortesãos prestam ótimo serviço ao rei, que procede com eles como o macaco, conservando-os por algum tempo no canto da boca, antes de engoli-los. Quando tem necessidade do que acumulastes, basta espremer-vos, para que, esponjas, fiqueis novamente enxutos.

ROSENCRANTZ — Não compreendo o que dizeis, senhor.

HAMLET — O que muito me alegra. As sutilezas dormem no ouvido dos parvos.

ROSENCRANTZ — Príncipe, dizei-nos onde está o corpo e acompanhai-nos à presença do rei.

HAMLET — O corpo está com o rei, mas o rei não está com o corpo. O rei é uma coisa...

GUILDENSTERN — Uma coisa, príncipe?

HAMLET — ...de nada. Levai-me à sua presença. Esconde-te, raposa! Um atrás do outro! (*Saem*)

Cena 3

Outro quarto no castelo. Entram o Rei e criados.

O REI — Mandei chamá-lo e procurar o corpo. Que perigo deixar a esse homem solto! Contudo, é-me impossível ser severo, porque ele é amado pela turba néscia que escolhe tão-somente pela vista. Importa, nessas condições, apenas pensar na repressão, jamais na culpa. Para evitar desgostos, é preciso que esta viagem pareça ser produto de reflexão madura. Para males desesperados, só remédio enérgico, ou nenhum. (*Entra Rosencrantz*) Como então, que aconteceu?

ROSENCRANTZ — Não conseguimos que ele nos dissesse o lugar onde o corpo está enterrado.

O REI — E ele, onde se acha?

ROSENCRANTZ — Aí fora, majestade, bem guardado, esperando vossas ordens.

O REI — Pois a nossa presença o conduzi.

ROSENCRANTZ — Ó Guildenstern! Traze lorde Hamlet! (*Entram Hamlet e Guildenstern*)

O REI — Então, Hamlet, onde está Polônio?

HAMLET — Está ceando.

O REI — Ceando! Onde?

HAMLET — Não onde ele come, mas onde é comido. Certa assembléia de vermes políticos se ocupa justamente dele. Um verme desse gênero é o verdadeiro imperador da dieta. Engordamos as criaturas, para que nos engordem, e engordamo-nos para dar de comer aos gusanos. Um rei gordo e um mendigo magro são iguanas diferentes; dois pratos, mas para a mesma mesa: eis tudo.

O REI — Oh Deus!

HAMLET — Pode-se pescar com um verme que haja comido de um rei, e comer o peixe que se alimentou desse verme.

O REI — Que queres dizer com isso?

HAMLET — Nada; apenas mostrar-vos como um rei pode fazer um passeio pelos intestinos de um mendigo.

O REI — Onde está Polônio?

HAMLET — No céu; mandai procurá-lo lá, e, se o mensageiro não o encontrar, procurai vós mesmo em outra parte. Mas, se dentro de um mês ainda não o tiverdes achado, havereis de descobri-lo pelo olfato, quando subirdes a escada da galeria.

O REI (*a alguns criados*) — Procurem-no nesse lugar.

HAMLET — Ele espera até que chegueis. (*Saem os criados*)

O REI — Hamlet, para tua segurança, que tão cara nos é quão doloroso o ato que praticaste, é necessário que te ausentes daqui. Vai preparar-te. O navio está pronto, o vento a jeito, à espera os companheiros... tudo para a Inglaterra.

HAMLET — Inglaterra?

O REI — Sim, Hamlet.

HAMLET — Bem.

O REI — Bem, de fato, dirias, se soubesses dos nossos planos todos.

HAMLET — Vejo um querubim que os vê... Partamos, pois! Para a Inglaterra! Adeus, querida mãe.

O REI — E teu pai afetuoso, Hamlet?

HAMLET — Minha mãe. Pai e mãe são marido e mulher; marido e mulher, uma e a mesma carne. Logo, minha mãe. Vamos, para a Inglaterra! (*Sai*)

O REI — Levai-o para bordo sem detença. É mister que esta noite esteja longe. Ide; quanto respeita a este negócio já está selado e pronto. Ide depressa. (*Saem Rosencrantz e Guildenstern*) Se prezas, Inglaterra, nossa aliança — visto teres sentido minha força, que as cicatrizes ainda se acham frescas dos golpes infligidos pela espada dinamarquesa e preito voluntário nos renderes — não deves demorar-te no cumprir nossas ordens soberanas exaradas nas cartas e que exigem que Hamlet morra. Isso, Inglaterra, faze, que ele o sangue me queima tal qual a hética. Urge livrar-me deste mal. Realmente, ele vivo, não posso estar contente. (*Sai*)

Cena 4

Uma planície na Dinamarca. Entram Fortimbrás, um capitão e soldados, em marcha.

FORTIMBRÁS — Saudai de minha parte a Dinamarca, acrescentando que com sua licença Fortimbrás pede franco e livre trânsito por seu reino. Sabeis onde devemos encontrar-nos. Se Sua Majestade quiser falar-nos algo, em sua presença presto estaremos. Dai-lhe esse recado.

O CAPITÃO — Assim farei, senhor.

FORTIMBRÁS — Em frente, devagar. (*Fortimbras e os soldados saem*) (*Entram Hamlet, Rosencrantz, Guildenstern e outros*)

HAMLET — Amigo, de quem são esses soldados?

O CAPITÃO — Da Noruega Senhor.

HAMLET — Por obséquio, qual é o seu destino?

O CAPITÃO — Combater uma parte da Polônia.

HAMLET — Quem é o comandante?

O CAPITÃO — Fortimbrás, o sobrinho de Noruega.

HAMLET — Visam toda a Polônia, ou porventura um ponto da fronteira?

O CAPITÃO — Para falar verdade, sem acréscimo, vamos lutar por uma nesgazinha que outro lucro não deixa além da glória. Cinco ducados, cinco, eu não daria para arrendá-la, nem mais obteriam a Noruega e a Polônia, se a vendessem.

HAMLET — Nesse caso, o Polaco a não defende.

O CAPITÃO — Como não? Já se encontra guarnecida.

HAMLET — Duas mil almas, vinte ducados não perfazem o preço dessa palha; é o apostema da paz e da riqueza, que rompe para dentro, sem que nada por fora a morte inculque. Muito grato.

O CAPITÃO — Que Deus vos acompanhe. (*Sai*)

ROSENCRANTZ — Continuamos o caminho?

HAMLET — Segui, já vos alcanço. (*Saem todos, com exceção de Hamlet*) Como tudo me acusa, espicaçando-me à vingança! Que é o homem, se sua máxima ocupação e o bem maior não passam de comer e dormir? Um simples bruto. Decerto, quem nos criou com a faculdade

que ao passado e ao futuro nos transporta, não nos deu a razão divina, para que fique inútil. Seja esquecimento bestial, ou mesmo escrúpulo covarde que me leva a pensar demais nas coisas — pensamento com um quarto de bom senso e três de covardia — ignoro a causa de ficar a dizer: "Devo fazê-lo", se para tal me sobram meios, força, causa e disposição. Exemplos grandes como a terra me exortam: este exército de tal poder e número, chefiado por um príncipe moço e delicado, cuja coragem a ambição divina faz exaltar, levando-o a defrontar-se com os fatos invisíveis e a sua parte mortal e pouco firme a pôr em risco contra o que ousa a fortuna, o acaso e a morte, por uma casca de ovo. O ser, de fato, grande não é empenhar-se em grandes causas; grande é quem luta até por uma palha, quando a honra está em jogo. E eu, deste modo, com o pai assassinado, a mãe poluida — razões de estimular o sangue e o brio — nada me esperta? Vejo, envergonhado, vinte mil homens próximos da morte, que por simples capricho da vaidade caminham para o túmulo tal como se fossem para o leito, e lutam pela conquista de um terreno em que não cabem, e que como sepulcro ainda é pequeno para esconder sequer os que aí tombarem. Doravante terei só pensamentos de sangue ou sem valor, soltos aos ventos. (*Sai*)

Cena 5

Elsinor. Um quarto no castelo. Entram a Rainha, Horácio e um nobre.

A RAINHA — Não quero falar a ela.

O NOBRE — De fato, ela é importuna no desvario. Compungem os seus modos.

A RAINHA — Que a preocupa?

O NOBRE — Fala muito no pai; diz ter sabido que o mundo é mau, bate no peito, e geme, zangando-se por nada. Diz palavras dúbias e sem sentido: nada, em suma, conquanto esse seu modo leve o ouvinte a tirar conclusões, interpretando-lhe as palavras ao jeito do que pensam, concluindo de seus gestos, da maneira de piscar, dos meneios da cabeça, que algo querem dizer. Ainda que sejam suposições, tudo desgraça inculca.

A RAINHA — Seria bom falar-lhe, que ela pode suscitar conjeturas dos maldosos. Fazei-a entrar. (*Sai O nobre*) Para a alma criminosa e feperjura, tudo anuncia alguma desventura. Tanto se agita o crime, em tal enredo, que a si mesmo se trai, de puro medo. (*Volta o nobre, com Ofélia*)

OFÉLIA — Onde se encontra a bela Majestade da Dinamarca?

A RAINHA — Que há de novo, Ofélia?

OFÉLIA (*canta*) — Como reconhecer em meio à turba o jovem meu amado? Pelo chapéu de conchas, as sandálias, e mais pelo cajado.

A RAINHA — Minha doce menina, a que vem isso?

OFÉLIA — Que dizeis? Escutais, vos peço, agora: (*Canta*) Senhora, ele se foi; não mais existe; morreu; nada mais ousa. À cabeça lhe nasce um tufo de erva; sobre o corpo uma lousa. Oh! Oh!

A RAINHA — Querida Ofélia, escuta...

OFÉLIA — Por favor, escutai: (*Canta*) Como um monte de neve era a mortalha (*Entra o Rei*) enfeitada de flor; orvalhada baixou para o sepulcro, pelo pranto do amor.

O REI — Como vai passando, gentil menina?

OFÉLIA Bem, graças a Deus. Dizem que a coruja era filha de um padeiro. Sabemos, senhor, o que somos, mas não o que viremos a ser. Deus assista na vossa mesa.

O REI — Alusão ao pai.

OFÉLIA — Por favor, não falemos mais disso; mas se vos perguntarem o que significa, dizei-lhes: (*Canta*) Raiou o dia de São Valentim; de pé todos estão. Para ser vossa Valentina, irei pôr-me à janela, então. Ela se alça depressa, a roupa veste e a porta lhe franqueou, fazendo entrar a virgem, que, assim, virgem, não mais ali passou.

O REI — Meiga Ofélia...

OFÉLIA Realmente, vou concluir sem nenhum juramento: (*Canta*) Pela Virgem e a Santa Caridade, que vergonha, meu Deus! Os moços o farão, se aí se encontrarem... Vergonha para os seus. Antes de ao chão tu me jogares, tinhas prometido casar. Fá-lo-ia, respondeu, caso ao meu leito não quisesses entrar.

O REI — Há quanto tempo está ela assim?

OFÉLIA — Espero que tudo corra bem. Precisamos de paciência, conquanto não possa deixar de chorar, ao pensamento de que vão depô-lo no chão frio. Meu irmão há de ficar sabendo disso. Muito obrigada pelo conselho amigo. Que venha o meu carro. Boa noite, senhoras! Boa noite, encantadoras senhoras! Boa noite! Boa noite! (*Sai*)

O REI — Ide-lhe em pós; vigiai-a com cuidado. (*Sai Horácio*) Dor profunda a envenena; provém tudo do traspasso do pai. Cara Gertrudes, as tristezas não andam como espias, mas sempre em batalhões. Primeiro, a morte do pai; depois, a ausência de teu filho, causador de seu próprio banimento; o povo alvoroçado, crasso e impuro, conjetura em cochichos sobre a morte do bom Polônio; foi inexperiência sepultá-lo às ocultas; ora, Ofélia, solitária de si e do próprio juízo, sem o qual somos brutos ou pinturas... Por último, o que vale mais que tudo, seu irmão que voltou secretamente, anda cheio de pasmo, vai às nuvens, sem que os murmuradores lhe faleçam com ditos pestilentos sobre a causa da morte do pai dele, sem falarmos que a própria confusão, não conhecendo como as coisas realmente se passaram, não deixará de envenenar-me o nome de ouvido para ouvido. Ó minha cara Gertrudes, isso tudo, como peça mortífera disposta em várias partes, morte sobeja ora vai dar-me. (*Ouve-se barulho*)

A RAINHA — Que houve? (*Entra um nobre*)

O REI — Onde estão meus suíços? Que defendam as portas. Que há de novo?

O NOBRE — Majestade, fugi! O oceano, quando rompe os diques, não devora a planície com mais ímpeto do que Laertes, à testa dos rebeldes, vence a tropa legal. O populacho lhe chama lorde, e tal como se o mundo fosse recomeçar, sem que mais lembrem tradições, esquecidos os costumes — sustentáculos firmes das palavras — grita: Elejamos rei! Seja Laertes! As línguas e os chapéus, as mãos o aplaudem até às nuvens: Laertes, nosso rei!

A RAINHA — Como ladram joviais na pista falsa! Errastes, falsos cães dinamarqueses!

O REI — Arrombaram as portas. (*Ouve-se barulho*) (*Entra Laertes, armado, seguido de dinamarqueses*)

LAERTES — Onde está o rei? Senhores, ficai fora!

DINAMARQUESES — Não; entremos.

LAERTES — Suplico-vos, deixai-nos!

DINAMARQUESES — Pois não! Pois não! (*Afastam-se para trás da porta*)

LAERTES — Obrigado; guardai todas as portas. Rei desprezível, dai-me o meu bom pai.

O REI — Calma, meu bom Laertes.

LAERTES — A gota de meu sangue que ficasse calma, me insultaria de bastardo, mancharia meu pai, lançando a pecha de meretriz na fronte imaculada de minha santa mãe.

O REI — Qual é o motivo, Laertes, de assumir ares gigantes essa rebelião? Deixa-o, Gertrudes; nada temas por nós. De tal maneira o caráter divino ao rei protege, que a traição mal espreita o que almejara, sem nada conseguir... Dizei, Laertes, o que vos pôs assim. Gertrudes, deixa-o. Falai, jovem.

LAERTES — Meu pai, que é dele?

O REI — Morto.

A RAINHA — Mas não por ele.

O REI — Deixa que me fale.

LAERTES — Como morreu? Não quero ser ludíbrio de ninguém. Para o inferno os juramentos! Fidelidade, os diabos a carreguem! Consciência e graça, o abismo as sorva logo! Venha a condenação! Chego até ao ponto de arriscar esta vida e a porvindoira, sem medir conseqüências, tão-somente para a meu pai vingar.

O REI — Que vos detém?

LAERTES — Afora o meu querer, nem todo o mundo. Quanto aos recursos, hei de encontrar jeito de obter muito com pouco.

O REI — Ouvi, Laertes; se desejais, de fato, saber como vosso pai faleceu, acha-se escrito nos vossos planos, que deveis num lance, sem distinção de amigos e inimigos, arrastar os culpados e inocentes?

LAERTES — Não, só seus inimigos.

O REI — Desejais conhecê-los?

LAERTES — A quantos se mostrarem seus amigos, os braços tenho abertos e, como o pelicano, com meu sangue lhes darei vida e alento.

O REI — Essas palavras são de bom filho e bravo gentil-homem. Minha inocência relativa à morte de vosso pai, e a mágoa de perdê-lo hão de ao juízo tão claro aparecer-vos como aos olhos a luz.

DINAMARQUESES (*dentro*) — Deixai-a entrar.

LAERTES — Que significa esse barulho? (*Entra Ofélia*) Febre. seca-me o cérebro! Corroei-me, lágrimas sete vezes salgadas, a virtude dos olhos! Pelo céu! tua loucura será pesada até que desça o prato da balança. Rosa de maio, irmã, doce menina, querida Ofélia! Ó

céu! É então possível que a razão de uma jovem seja frágil como o alento de um velho? A natureza se depura no amor e, florescendo, empresta à coisa amada algo da essência preciosa de si mesma.

OFÉLIA (*canta*) — Levaram-no a enterrar sem cobertura... Tra-lá, la-rá! Quanto choro lhe rega a sepultura! Adeus, pombinho!

LAERTES — Se com toda a razão me concitasses a vingar-te, nem tanto me abalaras.

OFÉLIA — Deveríeis cantar: "Abaixo! abaixo! Chamai-o para baixo!" Oh! Como a roda lhe vai bem! É da canção do intendente falso que raptou a filha do amo.

LAERTES — Este nada vale mais do que tudo.

OFÉLIA — Aqui está rosmaninho, para lembrança. Não te esqueças de mim, querido. Estes amores-perfeitos são para o pensamento.

LAERTES — Uma sentença na loucura: a lembrança e o pensamento harmonizados!

OFÉLIA — Para vós, funcho e aquiléia; arruda para vós, e um pouco para mim, também. Poderemos chamar-lhe erva da graça dos domingos, mas a vossa deverá ser usada de outro jeito. Eis aqui uma margarida. Quisera dar-vos algumas violetas, mas murcharam todas, quando meu pai morreu. Dizem que ele teve um fim muito bonito. (*Canta*) Para o doce pintarroxo é toda minha alegria!

LAERTES — À tristeza, à paixão, ao próprio inferno, a tudo ela dá graça e empresta encanto.

OFÉLIA (*canta*) — Nunca mais o veremos? Não mais retornará? Sumiu deste mundo; baixai para o fundo, que ele não voltará. Barba branca de neve, de linho a cabeleira. Já foi, sem parar; é inútil chorar; que no céu Deus o queira e a todas as almas cristãs, é o que eu rogo a Deus. Deus seja convosco! (*Sai*)

LAERTES — Vedes isto, ó Deus?

O REI — De vossa mágoa, Laertes, compartilho; é meu direito. Agora retirai-vos por uns momentos e os mais ajuizados amigos escolhei, porque nos ouçam, para entre mim e vós serem juízes. Se achardes culpa em nós, mediata embora, será vossa a coroa, nosso reino, a própria vida e tudo quanto é nosso, como satisfação. No caso oposto, contentai-vos de ouvir-nos com paciência, que, a vossa alma associados, cuidaremos de ressarcir-lhe a dor.

LAERTES — Seja. A maneira por que morreu, o enterro misterioso, sem brasão, nem espada sobre o túmulo, a ausência do ritual e pompas fúnebres, clamam, como atroando o céu e a terra, pedindo explicações.

O REI — Ser-vos-ão dadas. E onde houver culpa, caia a machadinha. Vinde comigo, peço-vos. (*Saem*)

Cena 6

Outro quarto no castelo. Entram Horácio e um criado.

HORÁCIO — Quem quer falar comigo?

O CRIADO: Marinheiros, senhor; são portadores de umas cartas.

HORÁCIO — Que entrem, pois. (*Sai o criado*) Tirando lorde Hamlet, em todo o mundo não sei quem poderia enviar-me cartas. (*Entra um marinheiro*)

MARINHEIRO — Deus vos abençoe, senhor.

HORÁCIO — E a ti também.

MARINHEIRO — Assim o fará, senhor, se for de sua vontade. Esta carta, senhor, é para vós; vem da parte do embaixador que deveria ir para a Inglaterra, se vos chamardes Horácio, como me afirmaram.

HORÁCIO (*lê*) — "Horácio, quando passares os olhos por esta, proporciona a esses homens meios de chegarem até ao rei; são portadores de cartas para ele, também. Não havia ainda dois dias que nos encontrávamos no mar, quando nos deu caça um corsário de grande aparelhagem bélica. A morosidade das velas nos tornou valentes à força, havendo eu saltado para a tolda do inimigo logo que o abordamos. No mesmo instante conseguiram desvencilhar-se de nosso navio, ficando eu como único prisioneiro. Procedem comigo como ladrões misericordiosos; mas eles sabem o que fazem, pois esperam tirar de mim grande proveito. Faze chegar ao rei as cartas que lhe envio e vem ter comigo com a pressa que empregarias em fugir da morte. Tenho a dizer-te ao ouvido palavras que te deixarão mudo, muito embora ainda sejam leves demais para o calibre do assunto. Essa boa gente há de informar-te onde me encontro. Rosencrantz e Guildenstern continuam a caminho da Inglaterra. Tenho muito que contar-te a respeito deles. Aquele que conheces como te pertencendo, Hamlet." Vinde comigo: vou facilitar-vos a entrega dessas cartas, porque logo me leveis à pessoa que as enviou. (*Saem*)

Cena 7

Outro quarto no castelo. Entram o Rei e Laertes.

O REI — Vossa consciência, agora, me confirma quitação mais que plena. Podeis mesmo ao peito aconchegar-me como amigo, pois já sabeis, de ouvir de ciência certa, que quem matou a vosso nobre pai também me quis matar.

LAERTES — É o que parece. Mas, por que não punistes esses atos, de si tão criminosos, como a vossa dignidade o obrigava, a segurança, tudo, em suma?

O REI — Oh! São duas as razões, que talvez vos pareçam despiciendas, mas que pesam. Sua mãe vive somente de seus olhares. Quanto ao que me toca — seja virtude ou doença, pouco monta — de alma e corpo me sinto a ela tão preso, que assim como não sai da órbita a estrela, sem ela me não mexo. O outro motivo que me impede de com ele justar contas é o grande amor que lhe devota a plebe, que, na afeição banhando seus defeitos, como as fontes que o lenho em pedra mudam, de ferros faz relíquias. Minhas setas, talhadas em madeira muito leve para tão forte vento, voltariam para o arco, sem que no alvo se encravassem.

LAERTES — E assim perdi meu nobre pai, e vejo caída na demência minha irmã, cujo valor, se é lícito falar-se do que já foi, nenhum outro acharia que pudesse igualá-lo em perfeição. Mas espero vingar-me.

O REI — Vosso sono não perturbeis com semelhante idéia, nem penseis, porventura, que sejamos composto de matéria tão grosseira, que deixemos puxar-nos pela barba com violência e ainda achemos que é brinquedo. Breve ouvireis o resto. Era afeiçoado a vosso pai; amamos a nós mesmos, por isso espero que havereis de, em breve... (*Entra um mensageiro*) Que há de novo?

MENSAGEIRO — Senhor, cartas de Hamlet, para a rainha e Vossa Majestade.

O REI — De Hamlet? Quem as trouxe?

MENSAGEIRO — Marinheiros, senhor, segundo dizem não lhes falei; foi Cláudio quem mas deu; a este é que o portador as entrega.

O REI — Laertes, vais ouvi-las. Podes ir. (*Sai o mensageiro*) (*Lê*) "Alto e poderoso senhor: sabei que fui trazido nu para vosso reino. Amanhã vos pedirei permissão para contemplar vossos reais olhos, quando pretendo, depois de obtido consentimento, relatar-vos os motivos de meu inesperado e muito estranho regresso. Hamlet." Que é isso? E os companheiros, voltariam? Não será tudo apenas uma farsa?

LAERTES — E a letra?

O REI — Os traços são de Hamlet: "Nu"; e adiante, em pós-escrito, diz: "Sozinho". Podeis aconselhar-me?

LAERTES — Não sei também que faça. Mas que venha. Sinto que se me inflama o peito à idéia de viver e poder dizer-lhe aos dentes: Assim fizeste!

O REI — Se assim é, Laertes, e por que não? Por que de outra maneira? Quereis que vos oriente?

LAERTES — Então, senhor! Contanto que de paz não seja o assunto.

O REI — Vossa paz, simplesmente. Já que a viagem ficou frustrada e que ele já não cuida de reiniciá-la, penso em concitá-lo a um feito em que de há muito estou pensando, que a morte dele implica, sem que vento de censura nenhum nos incomode; a própria mãe verá no efeito o acaso, chamando-lhe acidente.

LAERTES — Estou de acordo e mais ainda estarei, se dispuserdes que seja eu o instrumento.

O REI — Vem a tempo. Dês que viajastes, fostes elogiado na presença de Hamlet por um dote em que, se diz, primais. Todas as outras qualidades, reunidas, não tiveram o poder de espertar-lhe tanto a inveja, como essa, que, a meu ver, é a mais modesta.

LAERTES — Que talento, senhor, gabaram tanto?

O REI — Um laço no chapéu da juventude, conquanto necessário; porque aos moços cai bem a vestimenta leve e simples, como peles e mantos à velhice, que a protegem, tornando-a circunspecta. Aqui esteve, há dois meses, um normando. Lutei contra os franceses; sei, de viso, que são bons cavaleiros. Esse bravo, contudo, fez milagres, de tal modo se unia à sela, e tais e tantas coisas ao cavalo obrigava. Pareciam um só corpo e que meia natureza do formoso animal ele possuísse. De tal modo excedeu meu pensamento, que só de imaginar voltas e saltos fico aquém de seus efeitos.

LAERTES — Um normando?

O REI — Normando, sim.

LAERTES — Lamord, por minha vida!

O REI — Esse mesmo.

LAERTES — Conheço-o bem; é a pérola e a jóia de seu povo.

O REI — Fez-vos grandes encômios, elogiando-vos de tal maneira na arte e no manejo das armas, sobretudo do florete, que proclamavam digno de ser visto, se alguém vos desafiasse. Os esgrimistas de sua pátria, jurava, careciam de vista, precaução e agilidade, quando em jogo convosco. Esses encômios envenenaram tanto a alma de Hamlet, que vivia a querer que regressásseis porque logo convosco se medisse. Ora, assim sendo...

LAERTES — Sendo assim, senhor?

O REI — Laertes, vosso pai vos era caro, ou sois tal como a imagem da tristeza, rosto sem coração?

LAERTES — Por que isso agora?

O REI — Não penso que esse amor vos falecesse; mas sei que o amor no tempo se origina, sobre haver-me a experiência demonstrado que o tempo lhe modera o ardor e o brilho. No centro dessa chama se acha sempre uma mecha ou pavio que a amortece. Nada conserva sempre o mesmo aspecto; que até mesmo a bondade, em demasia, morre do próprio excesso. O que queremos, deve ser feito, que o querer varia, mostrando tantas quedas e delongas quantas línguas existem, mãos e casos, e o "devia" se muda num suspiro que alivia e faz mal. Mas vamos à úlcera: Hamlet volta; como demonstráreis que de tal pai sois filho, mais com atos do que simples palavras?

LAERTES — Cortar-lhe-ia o pescoço na igreja.

O REI — De fato, não devia haver santuário que o homicida amparasse, nem limites para a vingança. Mas, bondoso Laertes, se concordais, ficai no vosso quarto. Hamlet vai saber que já voltastes; cuidarei que de vós lhe falem muito, pondo duplo verniz nos elogios do francês. Em resumo: aproximamo-nos e faremos apostas. Desatento como ele é, sobre nobre e sem suspeita, as armas não verá. Daí ser fácil, na confusão, ficardes com o florete não protegido, o que vos ensejará, num bote calculado, compensá-lo por vos ter morto o pai.

LAERTES — Aceito o alvitre, e ainda mais: enveneno minha espada. Comprei de um charlatão certa mistura tão mortal que, banhando nela a faca, uma vez feito o sangue, não há emplastro, ainda que preparado só de simples virtuosos sob a lua, que consiga dar vida a quem tocado for de leve. Vou pôr esse veneno na minha arma, porque esflorar o contendor já seja para ele a morte.

O REI — Vamos tratar disso. Pesemos ora o tempo e as circunstâncias adequadas ao caso. Se essa traça falhar, transparecendo nosso intento por falecer-nos jeito, melhor fora não ter tentado. Daí o ser preciso novo plano, numa espécie de reforço, para o caso de a prova não dar certo. Esperai... Quero ver... Apostaremos por maneira solene na arte de ambos... Eis aqui! Quando a luta vos der calor e sede — esforçai-vos para isso nos ataques — e ele quiser beber, hei de uma taça ter à mão. Bastará que nela molhe de leve os lábios, caso ele consiga livrar-se do florete envenenado, porque o plano dê certo. Mas, que é isso? (*Entra a Rainha*) Então, meiga rainha?

A RAINHA — Tanto as desgraças correm, que se enleiam no encalço umas das outras. Vossa irmã afogou-se, Laertes.

LAERTES — Afogou-se? Onde? Como?

A RAINHA — Um salgueiro reflete na ribeira cristalina sua copa acinzentada. Para aí foi Ofélia sobraçando grinaldas esquisitas de rainúnculas, margaridas, urtigas e de flores de púrpura, alongadas, a que os nossos campônios chamam nome bem grosseiro, e as nossas jovens "dedos de defunto". Ao tentar pendurar suas coroas nos galhos inclinados, um dos ramos invejosos quebrou, lançando na água chorosa seus troféus de erva e a ela própria. Seus vestidos

se abriram, sustentando-a por algum tempo, qual a uma sereia, enquanto ela cantava antigos trechos, sem revelar consciência da desgraça, como criatura ali nascida e feita para aquele elemento. Muito tempo, porém, não demorou, sem que os vestidos se tornassem pesados de tanta água e que de seus cantares arrancassem a infeliz para a morte lamacenta.

LAERTES — Afogou-se, dissestes?

A RAINHA — Afogou-se.

LAERTES — Querida irmã, já tens água de sobra; não te darei mais lágrimas. Contudo, somos assim, que a natureza o obriga, sem que importe a vergonha; uma vez fora, deixou de ser mulher. Adeus, senhor. Com as palavras, só chamas me sairiam, se não fosse apagá-las a tolice. (*Sai*)

O REI — Sigamo-lo, Gertrudes. Que trabalho me custou para a cólera acalmar-lhe! Receio que de novo a explodir venha. Sigamo-lo, portanto. (*Saem*)

Ato 5

Cena 1

Um cemitério. Entram dois coveiros, com alviões e pás.

PRIMEIRO COVEIRO — Poderá ser-lhe dada sepultura cristã, se foi ela quem procurou a salvação?

SEGUNDO COVEIRO — Digo-te que sim: por isso, trata de abrir logo a sepultura; o magistrado já fez investigações, tendo concluído pelo sepultamento em chão sagrado.

PRIMEIRO COVEIRO — Como assim, se ela não se afogou em defesa própria?

SEGUNDO COVEIRO — Foi o que decidiram.

PRIMEIRO COVEIRO — Então foi se ofendendo; não pode ter sido de outro modo, que o ponto principal é o seguinte: se eu me afogar voluntariamente, pratico um ato; um ato é composto de três partes: agir, fazer e realizar. Logo afogou-se porque quis.

SEGUNDO COVEIRO — Mas ouvi, compadre coveiro...

PRIMEIRO COVEIRO — Com licença. Aqui está a água; bem. Aqui está o homem; bem. Se o homem vai para a água e se afoga, é ele, quer o queira quer não, que vai até lá. Toma nota. Mas se a água vem para ele e o afoga, não é ele que se afoga. Logo, quem não é culpado de sua própria morte, não encurta a vida.

SEGUNDO COVEIRO — E isso é lei?

PRIMEIRO COVEIRO — É, de acordo com as conclusões do magistrado.

SEGUNDO COVEIRO — Quereis que vos seja franco? Se não se tratasse de uma senhorinha de importância, não lhe dariam sepultura cristã.

PRIMEIRO COVEIRO — Tu o disseste; é pena que neste mundo os grandes tenham mais direito de se enforcarem e afogarem do que os seus irmãos em Cristo. Dá-me a pá. Não há nobreza mais antiga do que a dos jardineiros, dos abridores de fossas e dos coveiros; todos exercem a profissão de Adão.

SEGUNDO COVEIRO — Adão era nobre?

PRIMEIRO COVEIRO — Foi quem primeiro usou armas.

SEGUNDO COVEIRO — Como, se não as possuía?

PRIMEIRO COVEIRO — Quê! És pagão? Como é que interpretas a Escritura? A Escritura diz que Adão cavou. Como poderia ele cavar, se não possuisse armas? Vou fazer-te outra pergunta; se não responderes certo, terás de confessar que és...

SEGUNDO COVEIRO — Pois que venha a pergunta.

PRIMEIRO COVEIRO — Quem é que constrói mais solidamente do que o pedreiro, o carpinteiro e o construtor de navios?

SEGUNDO COVEIRO — O que levanta cadafalsos, porque suas construções sobrevivem a milhares de inquilinos.

PRIMEIRO COVEIRO — Realmente, aprecio a tua vivacidade. O cadafalso faz bem. Mas, para quem faz ele bem? Para os que fazem mal. Por isso, fizeste mal em dizer que o cadafalso é mais sólido do que a Igreja. Logo o cadafalso te faria bem. Vamos, responde logo.

SEGUNDO COVEIRO — Quem é que constrói mais solidamente do que o pedreiro, o carpinteiro e o construtor de navios?

PRIMEIRO COVEIRO — Justamente. Responde isso e sai da canga.

SEGUNDO COVEIRO — Desta vez vou acertar.

PRIMEIRO COVEIRO — Veremos.

SEGUNDO COVEIRO — Com a breca! Não o consigo. (*Hamlet e Horácio aparecem no fundo*)

PRIMEIRO COVEIRO — Não dês tratos à bola, que o teu asno preguiçoso não andará mais depressa com as chibatadas. Quando te fizerem de novo essa pergunta, responde que é o coveiro, porque a casa que êle constrói dura até o dia do Juízo. Corre à hospedaria e traze-me uma caneca de aguardente. (*Sai o segundo coveiro*)

PRIMEIRO COVEIRO (*canta, continuando a cavar*):

Quando rapaz amei, amei bastante
Quão doce me sabia
tudo aquilo! Que tempo! Um só instante
mais que tudo valia.

HAMLET — Esse sujeito não terá o sentimento da profissão, para cantar, quando está abrindo uma sepultura?

HORÁCIO — O hábito facilitou-lhe a tarefa.

HAMLET — É isso; as mãos que trabalham pouco são mais sensíveis.

PRIMEIRO COVEIRO (*canta*):

Mas a idade, com passo de ladrão,
nas garras me apanhou,
tirando-me do mundo folgazão;
e tudo se acabou.

(*Joga um crânio*)

HAMLET — Tempo houve em que aquele crânio teve língua e podia cantar; agora, esse velhaco o atira ao solo, como se se tratasse da mandíbula de Caim, o primeiro homicida. É bem

possível que a cabeça que esse asno maltrata desse jeito seja de algum político que enganava ao próprio Deus, não te parece?

HORÁCIO — É bem possível, milorde.

HAMLET — Ou de algum cortesão que sabia dizer: "Bom dia, meu doce senhor! Como vai passando, meu bom senhor?" Talvez a de lorde Fulano, que elogiava o cavalo de lorde Cicrano, quando tinha a intenção de pedir-lho, não é verdade?

HORÁCIO — É isso mesmo.

HAMLET — E agora, depois de pertencer a lorde Verme, que lhe comeu as carnes, este sujeito lhe bate com a enxada no maxilar. Se pudéssemos acompanhá-lo em todas as fases, surpreenderíamos nisso uma bela revolução. Levarem tanto tempo esses ossos para se formarem, só para virem a servir de bola! Só de pensar em tal coisa, sinto doer os meus.

PRIMEIRO COVEIRO (*canta*)

Uma enxada e uma pá bem resistente,
mais um lençol bem-feito
e uma cova de lama indiferente,
fazem do hóspede o leito.

(*Joga outro crânio*)

HAMLET — Mais um crânio. Por que não há de ser o de um jurista? Onde foram parar as sutilezas, os equívocos, os casos, as enfiteuses, todas as suas chicanas? Por que consente que este maroto rústico lhe bata com a enxada suja, e não lhe arma um processo por lesões pessoais? Hum! É bem possível que esse sujeito tivesse sido um grande comprador de terras, com suas escrituras, hipotecas, multas, endossos e recuperações. Consistirá a multa das multas e a recuperação das recuperações em ficarmos com a bela cabeça assim cheia de tão bonito lodo? Não lhe arranjaram seus fiadores, com as fianças duplas, mais espaço do que o de seus contratos? Os títulos de suas propriedades não caberiam em seu caixão; não obterão os herdeiros mais do que isso?

HORÁCIO — Nada mais, milorde.

HAMLET — Pergaminho não é feito de pele de carneiro?

HORÁCIO — Perfeitamente, príncipe; e também de bezerro.

HAMLET — Não passam de carneiros e de bezerros os que procuram segurar-se nisso. Vou dirigir-me a esse maroto. De quem é essa cova, camarada?

PRIMEIRO COVEIRO — É minha, senhor. e uma cova de lama indiferente fazem do hóspede o leito.

HAMLET — Estou vendo que é tua, de fato, porque te encontras dentro dela.

PRIMEIRO COVEIRO — Estais fora dela, senhor; logo, não vos pertence. Enquanto a mim, muito embora não esteja deitado nela, posso dizer que é minha.

HAMLET — Não é certo dizeres que te pertence porque estás dentro dela. Sepultura é para os mortos, não para os que estão com vida. Logo, estás mentindo.

PRIMEIRO COVEIRO — Uma mentira viva, senhor, que voltará de mim para vós.

HAMLET — Para que homem estás cavando essa sepultura?

PRIMEIRO COVEIRO — Não é para nenhum homem, senhor.

HAMLET — Para que mulher, então?

PRIMEIRO COVEIRO — Não é para mulher, tampouco.

HAMLET — Quem é que vai ser enterrado nela?

PRIMEIRO COVEIRO — Alguém que foi mulher, senhor, e que — Deus a tenha em sua santa guarda — já faleceu.

HAMLET — Como esse sujeito é meticuloso! Precisamos falar-lhe com a bússola na mão; qualquer equivoco poderá ser-nos fatal. Por Deus, Horácio, tenho observado que nestes três últimos anos o mundo se torna cada vez mais sutil. O pé do campônio toca tão de perto no calcanhar do nobre, que causa esfoladuras. Há quanto tempo és coveiro?

PRIMEIRO COVEIRO — Entre todos os dias do ano, iniciei a profissão no dia em que o nosso defunto Rei Hamlet venceu a Fortimbrás.

HAMLET — E quanto tempo faz isso?

PRIMEIRO COVEIRO — Não sabeis? Qualquer bobo poderia dizer-vos: foi no dia em que nasceu o moço Hamlet, aquele que ficou louco e que mandaram para a Inglaterra.

HAMLET — Ah, sim? E por que o mandaram para a Inglaterra?

PRIMEIRO COVEIRO — Ora, porque enloqueceu. Lá, ele há de recuperar o juízo; mas se o não fizer, importa pouco.

HAMLET — Por que razão?

PRIMEIRO COVEIRO — É que ninguém se aperceberá disso; todos por lá são tão loucos quanto ele.

HAMLET — E como foi que ele enloqueceu?

PRIMEIRO COVEIRO — Por maneira muito estranha, dizem.

HAMLET — Como estranha?

PRIMEIRO COVEIRO — Ora, perdendo o juízo.

HAMLET — E onde foi isso?

PRIMEIRO COVEIRO — Ora, aqui na Dinamarca. Entre rapaz e homem feito, sou coveiro há trinta anos.

HAMLET — Quanto tempo pode uma pessoa ficar na terra, sem apodrecer?

PRIMEIRO COVEIRO — A la fé, se já não começara a apodrecer em vida, que hoje em

dia há muitos bexiguentos que mal esperam pela inumação, poderá durar-vos coisa de oito anos ou nove; um curtidor demora nove anos.

HAMLET — E por que ele mais tempo do que os outros?

PRIMEIRO COVEIRO — Ora, senhor, é que a profissão lhe endurece a pele, tornando-a impermeável à água, que é o mais ativo destruidor do bandido do cadáver. Temos aqui outro crânio, que vos ficou na terra seus vinte e três anos.

HAMLET — De quem era este?

PRIMEIRO COVEIRO — Do mais extravagante louco que já se viu. Quem pensais que ele fosse?

HAMLET — Não posso sabê-lo.

PRIMEIRO COVEIRO — Para o diabo com sua loucura! Certa vez atirou-me à cabeça uma botija de vinho do Reno. Esse crânio aí, senhor, esse crânio ai, senhor, era o crânio de Yorick, o bobo do rei.

HAMLET — Este?

PRIMEIRO COVEIRO — Precisamente.

HAMLET — Deixa-me vê-lo. (*Toma o crânio*) Pobre Yorick! Conheci-o, Horácio; um sujeito de chistes inesgotáveis e de uma fantasia soberba. Carregou-me muitas vezes às costas. E agora, como me atemoriza a imaginação! Sinto engulhos. Era aqui que se encontravam os lábios que eu beijei não sei quantas vezes. Onde estão agora os chistes, as cabriolas, as canções, os rasgos de alegria que faziam explodir a mesa em gargalhadas? Não sobrou uma ao menos, para rir de tua própria careta? Tudo descarnado! Vai agora aos aposentos da senhora e dize-lhe que embora se retoque com uma camada de um dedo de espessura, algum dia ficará deste jeito. Faze-a rir com semelhante pilhéria. Dize-me uma coisa, Horácio, por obséquio.

HORÁCIO — Que é, príncipe?

HAMLET — Acreditas que Alexandre, depois de enterrado, tivesse este mesmo aspecto?

HORÁCIO — Igual, igual, príncipe.

HAMLET — E este cheiro? Puá! (*Joga o crânio*)

HORÁCIO — O mesmo, príncipe.

HAMLET — A que usos ínfimos temos de prestar-nos, Horácio. Por que não acompanhar a imaginação as nobres cinzas de Alexandre, até encontrá-las servindo para tapar um barril?

HORÁCIO — É ir muito longe, considerar as coisas por esse modo.

HAMLET — De forma alguma. Acompanhemo-las com bastante modéstia, deixando-nos guiar apenas pela verossimilhança. Mais ou menos deste jeito: Alexandre morreu; Alexandre foi enterrado; Alexandre tornou-se pó. O pó é terra; da terra faz-se argila; por que, então, não se poderá tapar um barril de cerveja com a argila em que ele se converteu? O grande César morto e em pó tornado, pode a fenda vedar ao vento irado. O pó que o mundo inteiro trouxe atento, ora

o muro protege contra o vento. Mas, silêncio; cautela. Afastemo-nos. Aí vem o rei. (*Entram padres, etc. em procissão. O corpo de Ofélia, Laertes, as carpideiras; o Rei, a Rainha, séquito, etc*) A corte toda, a rainha! A quem sepultam com ritos incompletos? Isso indica que a pessoa a que trazem suicidou-se com mão desesperada. E era de estado. Vamo-nos ocultar para observá-los. (*Retira-se com Horácio*)

LAERTES — Que cerimônia mais?

HAMLET — Esse é Laertes, jovem da alta prosápia; observa-o bem.

LAERTES — Que cerimônia mais?

PRIMEIRO PADRE — Quanto nos foi possível, prolongamos-lhe as obséquias. Sua morte foi suspeita, e a não ser a pressão sobre nossa ordem, seria sepultada em chão profano até ao clarim final. Em vez de pias orações, lhe teríamos jogado seixos, tições e cardos. Ao invés disso, consentimos nas flores sobre a tumba, a coroa de virgem e no dobre de finados durante o saimento.

LAERTES — Não se fará mais nada?

PRIMEIRO PADRE — Nada mais; mancharíamos agora esse serviço se cantássemos Réquiem, como em casos de morte em santa paz.

LAERTES — Ponde-a na terra! Que de sua carne pura e não manchada nasçam violetas. Padre bronco, digo-te que minha irmã vai ser um anjo, enquanto tu ficarás a contorcer-te em urros.

HAMLET — Que ouço? A bela Ofélia?

A RAINHA — Para a fragrância, mais perfume. Adeus. Sempre esperei que viesses a casar-te com meu Hamlet; imaginara o leito de núpcias enfeitar-te, doce criança, jamais a sepultura.

LAERTES — Maldição tríplice, triplicada mais dez vezes, caia sobre a cabeça amaldiçoada do infame causador de teu desvairo. Parai com a terra, até que nestes braços a aperte novamente. (*Salta na cova*) Agora ponde sobre o vivo e o cadáver vossa poeira, até que o chão transformeis numa montanha que vença o velho Pélio ou a azul cabeça do celestial Olimpo.

HAMLET — Quem se queixa com ênfase tão grande e com palavras que detêm as estrelas em seu curso como ouvintes pasmados? Sou Hamlet, sim, o Dinamarquês. (*Salta na cova*)

LAERTES — O diabo te leve a alma! (*Atraca-se com ele*)

HAMLET — Não rezaste direito. Digo-te que me soltes a garganta, pois embora eu não seja nem furioso nem frenético, posso conter algo de que deves recear-te. Tira as mãos!

O REI — Separem-nos!

A RAINHA — Hamlet! Hamlet!

TODOS — Calma!

HORÁCIO — Príncipe, por favor... (*Alguns dos presentes os apartam; saem da sepultura*)

HAMLET — Por tal motivo lutarei com ele enquanto eu conseguir mover as pálpebras.

A RAINHA Que motivo, meu filho?

HAMLET — Amava Ofélia; quarenta mil irmãos não poderiam, com todo o seu amor multiplicado, perfazer o total do que eu lhe tinha. Que farias por ela?

O REI — Laertes, está louco.

A RAINHA — Evitai-o, por Deus.

HAMLET — Com os diabos! Dize logo o que farias. Chorar? Brigar? Jejuar? Fazer-te em tiras? Beber vinagre e até engolir inteiro um crocodilo? Tudo isso eu posso. Que vieste aqui fazer? Gemer apenas? Desafiar-me na cova? Se desejas que te enterrem, também posso imitar-te. Se falas de montanhas, que despejem sobre nós milhões de acres, até que o solo vá queimar-se de encontro à zona ardente, deixando o Ossa tornar-se uma verruga. Como vês, eu também falo empolado.

A RAINHA — É da loucura; o acesso dura pouco; mas logo, tão quietinho como a pomba, quando os gêmeos lhe nascem de cor de ouro, as asas o silêncio lhe adormece.

HAMLET — Respondei-me, senhor: por que motivo me tratais desse modo? Amei-vos sempre. Mas isso pouco importa; deixai que Hércules faça como entender; o gato mia; o cachorro também terá seu dia. (*Sai*)

O REI — Meu caro Horácio, peço-te, acompanha-o. (*Sai Horácio*) (*A Laertes*) Fortifica a paciência no que à noite conversamos, que breve decidimos esse assunto. (*À Rainha*) Boa Gertrudes, cuida de teu filho. (*À parte*) Esta cova há de ter movimento vivo. Uma hora de sossego ainda virá; com paciência esperemos até lá. (*Saem todos*)

Cena 2

Uma sala no castelo. Entram Hamlet e Horácio.

HAMLET — Sobre esse assunto, é quanto basta; agora cuidemos do outro. Lembras-te de todas as particularidades?

HORÁCIO — Se me lembro!

HAMLET — Uma luta travou-se-me no peito, que o sono me tirou; sofria como revoltosos em ferro. De repente — Viva a temeridade! — É muito certo que a indiscrição por vezes nos ampara, quando a trama periga. Isso nos mostra que um deus aperfeiçoa nossos planos, ainda que mal traçados.

HORÁCIO — É bem certo.

HAMLET — Saí do camarote envolto às pressas no meu roupão de viagem, para achá-los na escuridão. Consigo o intento, lanço mão do pacote e me retiro para meu quarto novamente. Com audácia, que o medo vence o brio, os selos quebro da grande comissão, achando, Horácio — oh banditismo real! — uma ordem clara, com vários argumentos relativos ao bem da Dinamarca e da Inglaterra e não sei mais que duendes e fantasmas, no caso de com vida me deixarem, para que na mesma hora, sem delongas, nem sequer a de afiar a machadinha, me degolassem.

HORÁCIO — Quê! É então possível?

HAMLET — Aqui tens o mandato. Podes lê-lo com vagar. Mas não queres que te conte como me decidi?

HORÁCIO — Com todo o gosto.

HAMLET — Cercado assim por tantas vilanias, mesmo antes de eu poder dizer o prólogo, representava o cérebro. Sentei-me e escrevi com capricho nova carta. Já pensei, como os nossos estadistas, que é feio escrever bem, tendo insistido, até, em desaprendê-lo; mas, nessa hora muito bom me foi isso. Quererias saber qual o conteúdo da mensagem?

HORÁCIO — Com todo o gosto, príncipe.

HAMLET — Rogo instante do rei, considerando que a Inglaterra era fiel subordinada, que o amor entre os dois povos deveria florescer como a palma, que a concórdia a grinalda de trigo apresentava como traço-de-união entre as coroas, e outros considerandos de igual porte, para que, conhecido o teor da carta, fossem mortos depressa os portadores, sem delongas, e até sem dar-lhes tempo de confessar as culpas.

HORÁCIO — Bem; e o selo?

HAMLET — Nisto o céu me ajudou. Tinha na bolsa o sinete que fora de meu pai e que serviu de norma para o selo da Dinamarca. Após, dobrada a carta, subscritada e impresso nela o timbre, pu-la no lugar da outra, sem vestígio deixar da troca. Deu-se no outro dia o combate. Já sabes tudo o mais.

HORÁCIO — Desta arte, Rosencrantz e Guildenstern seguiram seu caminho.

HAMLET — Ora, homem; foram eles que namoraram esse emprego. Remorso algum me vem por ter feito isso. Caem, por terem sido intrometidos. É perigoso, para a gente baixa, ficar entre os floretes inflamados de dois opositores poderosos.

HORÁCIO — E dizer-se que é rei!

HAMLET — Não achas que fiz bem? Ele privou-me do meu pai, prostituiu-me a mãe, meteu-se entre a escolha do povo e meus anelos, jogou o laço, visando até a matar-me, e com tanta perfídia... Em sã consciência, não cabe a este meu braço dar-lhe o troco? Não é crime deixar um verme desses corroer-me por mais tempo a própria carne?

HORÁCIO — Dentro de pouco tempo hão de chegar-lhe notícias da Inglaterra sobre o caso.

HAMLET — Até lá o tempo é meu. A vida humana não dura mais do que a contagem de um. Mas, meu bondoso Horácio, fico triste por me haver esquecido de mim mesmo, frente a Laertes; vejo em minha causa representada a sua. Estimo-o muito; mas, realmente, as bravatas nos lamentos deixaram-me furioso.

HORÁCIO — Basta. Vede quem vem chegando. (*Entra Osrico*)

OSRICO — Vossa Alteza é muito bem-vindo à Dinamarca.

HAMLET — Humildemente vos agradeço, meu senhor. (*À parte, a Horácio*) Conheces esse mosquito?

HORÁCIO — (*à parte, a Hamlet*) Não, caro príncipe.

HAMLET — Tanto melhor para a tua salvação, porque é vício conhecê-lo. Possui muitas terras e todas férteis. Se fosse animal o rei dos animais, a manjedoura deste ficaria sempre ao lado da mesa do rei. É um bisbórria, mas, como disse, dono de grandes extensões de lama.

OSRICO — Meu doce senhor, se Vossa Alteza dispuser de tempo, farei uma comunicação da parte de Sua Majestade.

HAMLET — Recebê-la-ei com a máxima atenção. Usai vosso chapéu de acordo com a sua finalidade; foi feito para a cabeça.

OSRICO — Agradeço a Vossa Senhoria; mas faz muito calor.

HAMLET — Ao contrário, podeis crer-me; faz muito frio; é vento norte.

OSRICO — Realmente, príncipe, está fazendo bastante frio.

HAMLET — Conquanto me pareça que o tempo está abafado e quente para a minha

compleição.

OSRICO — Sim, não há dúvida, algo abafado, de certo modo... Não sei como me exprima. Mas, senhor, Sua Majestade me incumbiu de comunicar-vos que apostou uma grande quantia sobre vossa pessoa. O caso é o seguinte...

HAMLET (*concitando a cobrir-se*) — Peço-vos, não vos esqueçais...

OSRICO — Deixai, meu caso senhor; estou à vontade. Mas senhor, Laertes chegou à corte há pouco tempo; um cavalheiro, podeis crer-me, na acepção lata do termo, com excelentes qualidades, boa presença e conversação agradável. De fato, para falar dele com toda a propriedade, é a carta ou almanaque da cortesania, por encontrar-se nele a súmula de todos os dotes que pode um gentil-homem ambicionar.

HAMLET — O seu elogio nada perdeu em vossa boca, conquanto eu saiba que se fôssemos fazer um inventário de suas qualidades, padeceria a aritmética da memória sem que na rota em que ele vai se observasse a menor guinada. Para exaltá-lo com toda a sinceridade, considero-o um espírito muito aberto, com dotes tão preciosos e raros, que, para tudo dizer em uma só palavra, igual a ele, só poderá encontrar em seu próprio espelho. Qualquer outra tentativa para retratá-lo redundaria em sua simples sombra.

OSRICO — Vossa Alteza fala com convicção.

HAMLET — A que respeito, senhor? Mas, afinal, porque motivo estamos a envolver esse cavalheiro em nosso grosseiro fôlego?

OSRICO — Senhor?

HORÁCIO — Não seria possível fazerem-se ambos compreender em outra língua? Decerto o podem.

HAMLET — A que vem agora o nome desse cavalheiro?

OSRICO — De Laertes?

HORÁCIO — Esvaziou-se-lhe a bolsa; estão gastas todas as palavras de ouro.

HAMLET — Dele mesmo, senhor.

OSRICO — Sei que não ignorais...

HAMLET — Folgo com isso, conquanto não me recomende muito o fato de o saberdes. Prossegui, senhor.

OSRICO — ... não ignorais a que ponto Laertes prima...

HAMLET — Não me atrevo a dizer que sim, com medo de comparar-me ao seu merecimento; conhecermos bem uma pessoa, é conhecermos a nós mesmos.

OSRICO — Refiro-me à sua habilidade de manejar arma; o conceito de que desfruta nesse terreno não lhe permite competidor.

HAMLET — E qual é a sua arma?

OSRICO — Florete e adaga.

HAMLET — Seriam, então, duas. Mas, prossegui.

OSRICO — O rei, senhor, empenhou seis cavalos berberes, contra os quais, se diz, Laertes joga seis espadas francesas com todas as suas pertenças: cinturões, talabartes e o resto. Três desses trens são realmente soberbos, bem adaptados aos punhos, trabalhados com esmero e de invenção admirável.

HAMLET — A que dais o nome de trem?

HORÁCIO — Já sabia que haveríeis de recorrer à nota marginal, antes de chegar ele ao fim.

OSRICO — Trens, meu senhor, são os sustentáculos.

HAMLET — A expressão assentaria, se usássemos canhões à cinta. Até lá, fiquemos com sustentáculos. Mas, prossegui: seis cavalos berberes contra seis espadas com todos os seus acessórios e mais três desses trens de elevada invenção: uma aposta da França contra a Dinamarca. Mas, por que motivo, para usar de vossa expressão, empenharam tudo isso?

OSRICO — O rei, senhor, apostou que em doze botes entre Laertes e Vossa Alteza, aquele não levará mais do que três de vantagem; Laertes aposta que vos tocará nove vezes em doze, o que poderá ser posto imediatamente à prova, se Vossa Alteza se dignar de responder-lhes.

HAMLET — E se eu me decidir pela negativa?

OSRICO — Quero dizer, príncipe, no caso de quererdes expor vossa pessoa.

HAMLET — Senhor, vou pôr-me a passear nesta sala; se for do agrado de Sua Majestade, estarei na hora de tomar um pouco de ar fresco. Tragam os floretes, uma vez que o cavalheiro consinta; se o rei persiste em seu intento, ganharei para ele o que puder; em caso contrário, lucrarei apenas a vergonha e os golpes sobressalentes.

OSRICO — Posso transmitir vossa resposta nesses termos?

HAMLET — O sentido é esse, senhor, ficando-vos facultado florear de acordo com vossa capacidade.

OSRICO — Minha gratidão se recomenda a Vossa Alteza.

HAMLET — A minha, a minha. (*Sai Osrico*) Fez ele muito bem em recomendar-se, que não há línguas que pudessem fazê-lo.

HORÁCIO — Esse abibe fugiu do ninho com a casca do ovo na cabeça.

HAMLET — Para mamar ele fazia mesuras aos peitos da ama; como os muitos do mesmo rebanho, que constituem o encanto de nossa época superficial, adquiriu apenas o tom da moda e o verniz da sociedade, que, como espuma fina, o fazem passar através das opiniões mais joeiradas e batidas. Mas bastará soprar, para que as bolhas se desfaçam. (*Entra um nobre*)

O NOBRE — Alteza, Sua Majestade se recomendou a vós pelo moço Osrico, que de

vossa parte lhe disse o aguardaríeis na sala. Agora manda-me saber se é de vosso agrado medir-vos logo com Laertes, ou se preferes adiar a partida.

HAMLET — Sou constante em meus intentos; meus intentos seguem o prazer do rei. Se falar a sua conveniência, a minha nada terá a objetar: agora, ou em qualquer tempo, uma vez que me encontre tão forte como agora.

O NOBRE — O rei, a rainha e toda a corte se encaminham para cá.

HAMLET — Em boa hora.

O NOBRE — É desejo da rainha que Vossa Alteza dirija palavras de cortesia a Laertes, antes de iniciardes a partida.

HAMLET — É razoável o que aconselha. (*Sai o nobre*)

HORÁCIO — Ides perder essa partida, príncipe.

HAMLET — Não creio; desde que ele foi para a França, não deixei de praticar a esgrima; vou ganhar dentro da margem que me concede. Mas não fazes idéia de como sinto apertar-se-me o coração. Não importa...

HORÁCIO — Se assim é, príncipe...

HAMLET — Tolice... Um pressentimento apenas, mas que bastaria para preocupar uma mulher.

HORÁCIO — Se vosso espírito revela qualquer repugnância, convém obedecer-lhe, irei ao encontro deles, para dizer-lhes que vos achais indisposto.

HAMLET — De forma alguma; desafio os presságios. Há uma especial Providência na queda de um pardal. Se tem de ser já, não será depois; se não for depois, é que vai ser agora; se não for agora, é que poderá ser mais tarde. O principal é estarmos preparados, Uma vez que ninguém sabe o que deixa, que importa que seja logo? que seja! (*Entram o Rei, a Rainha, Laertes, nobres, Osrico, e ajudantes, com floretes, etc*)

O REI — Recebe, Hamlet, a mão que te apresento. (*O Rei coloca a mão de Laertes sobre a de Hamlet*)

HAMLET — Perdoai, senhor; causei-vos grande ofensa. Sabem-no os circunstantes, e decerto já ouvistes comentar, que estou sofrendo de atroz melancolia. Tudo o que fiz, que a vossa natureza porventura ofendesse, e a honra e o caráter, proclamo-o: foi loucura. Foi Hamlet que a Laertes magoou? Jamais. Se Hamlet de si mesmo se abstrai e, sem ser ele, causa a Laertes uma ofensa, Hamlet não foi o causador, pode afirmá-lo. Quem foi, então? Sua loucura. Logo, Hamlet está do lado do ofendido; seu maior inimigo é a própria doença. Deixai, senhor, que, em face dos presentes, o franco renegar de maus intentos me absolva ante vossa alma generosa. É como se uma flecha eu disparasse por sobre a casa e o irmão, sem ver, ferisse.

LAERTES — Declaro satisfeita a natureza que razões encontrava de à vingança concitar-me. No campo estrito da honra, contudo, impugnarei qualquer proposta de reconciliação, até que mestres idosos, de lealdade comprovada, firmados na experiência, me declarem limpo o meu

nome. Antes, porém, que chegue essa hora, aceitarei vossa amizade, qual é, sem a magoar.

HAMLET — Isso me alegra. Encetarei lealmente esta compita fraternal. Os floretes!

LAERTES — Vamos; quero um, também.

HAMLET — Vou servir de fundo para vosso brilho, Laertes. Minha inépcia fará luzir vossa arte, como a noite a uma estrela fulgente.

LAERTES — Estais zombando.

HAMLET — Por estas mãos o juro.

O REI — Jovem Osrico, entrega-lhes as armas. Conheces, primo Hamlet, as condições?

HAMLET — Conheço-as. Vossa Graça dá vantagens para o mais fraco.

O REI — Não receio nada; já os vi lutar; mais se ele fez progressos, que seja para nós a diferença.

LAERTES — Este é muito pesado; mostrai-me outro.

HAMLET — Este é bom; todos são de igual tamanho?

OSRICO — Todos, meu bom senhor. (*Colocam-se*)

O REI — Ponde as jarras de vinho sobre a mesa. Se Hamlet da primeira ou da segunda vez o tocar, ou se aparar o golpe na terceira investida, que abram fogo todas as baterias, O rei bebe à saúde de Hamlet, pondo dentro de sua taça uma pérola mais rica do que as que em seus diademas ostentaram os quatro últimos reis da Dinamarca. Tragam taças. Transmitam os timbales a notícia às trombetas, estas logo aos canhoneiros fora o sinal levem, os canhões para o céu, o céu à terra: à saúde de Hamlet que o rei bebe! Vamos logo! E vós, juizes, olho atento!

HAMLET — Vamos.

LAERTES — Em guarda, príncipe.

HAMLET — Uma.

LAERTES — Não.

HAMLET — O juiz que o decida.

OSRICO — Tocado, não há dúvida.

LAERTES — De novo.

O REI — Descansem; tragam vinho. Hamlet, a pérola é em teu louvor. Saúde! Dêem-lhe a taça. (*Soam trombetas; disparos de canhões no fundo*)

HAMLET — Depois; primeiro novo assalto. Vamos. (*Lutam*) Novamente tocado; que dizeis?

LAERTES — Fui tocado, confesso-o.

O REI — Nosso filho vai ganhar.

A RAINHA — Está suando e perde o fôlego. Toma o meu lenço, Hamlet; limpa a fronte.

A rainha ora bebe ao teu bom êxito.

HAMLET — Nobre senhora!

O REI — Não, não bebas, Gertrudes.

A RAINHA — Consenti, caro esposo; é meu desejo.

O REI (*à parte*) — A taça envenenada; é muito tarde.

HAMLET — Não quero ainda, senhora; mais um pouco.

A RAINHA — Vem até aqui, para enxugar-te o rosto.

LAERTES — Pretendo desta vez, senhor, tocá-lo.

O REI — Não creio.

LAERTES (*à parte*) — Contudo, é quase contra minha própria consciência.

HAMLET — Vinde, Laertes, para o terceiro assalto. Estais brincando. Peço-vos que empregueis toda a perícia. Temo que me trateis como a uma criança.

LAERTES — É assim? Pois bem. (*Lutam*)

OSRICO — De parte a parte, nada.

LAERTES — Tomai cuidado agora. (*Laertes fere a Hamlet; depois, no afogo da luta, trocam as armas e Hamlet fere a Laertes*)

O REI — Separem-nos! Excedem-se!

HAMLET — Não! Não! Em guarda! (*A Rainha cai*)

OSRICO — Oh! A rainha! Vede-a!

HORÁCIO — Ambos se acham feridos. Como estais, príncipe?

OSRICO — Como estais vós, Laertes?

LAERTES — Como um galo silvestre, Osrico, preso no seu laço; fui vítima de minha felonia.

HAMLET — Que é que houve com a rainha?

O REI — Desmaiou por ter visto sangue em ambos.

A RAINHA — Não é isso... a bebida... Oh! caro Hamlet! A bebida... a bebida... envenenada... (*Morre*)

HAMLET — Oh! Vilania! Fechem bem as portas! Traição! Ah! Procuremos os culpados! (*Laertes cai*)

LAERTES — Aqui, Hamlet, aqui! Estás perdido; nada no mundo existe que te salve; não tens nem meia hora mais de vida. O instrumento fatal se acha em tuas mãos, sem guarda e envenenado. Minha astúcia se virou contra mim. Jazo por terra para sempre. Tua mãe.., envenenada. Não posso mais... O rei... É ele o culpado.

HAMLET — A ponta envenenada? Então, veneno, prossegue em teu trabalho. (*Fere o*

Rei)

TODOS — Traição! Traição!

O REI — Amigos, defendei-me! Estou apenas ferido.

HAMLET — Incestuoso assassino, Dinamarquês maldito, bebe, bebe tua parte, também. Contém tua pérola? Vai, vai com minha mãe. (*O Rei morre*)

LAERTES — É justo! É justo! O veneno, ele mesmo o preparara. Perdoemo-nos, agora, nobre Hamlet. Que minha morte e a de meu pai não caiam sobre ti, nem a tua sobre mim.(*Morre*)

HAMLET — O céu te absolva; sigo-te. Estou morto, Horácio. Infeliz mãe, adeus, adeus. Vós que empalideceis a esta catástrofe, que não passais de mudos assistentes desta cena... Se o tempo me sobrasse — que a Morte, o beleguim que não conhece contemplações, é sempre rigorosa — Se pudesse contar-vos! Que importa! Horácio, eu morro, mas tu vives; perante os descontentes, justifica-me e à minha causa.

HORÁCIO — Não; não penseis nisso; sou mais romano antigo do que mesmo dinamarquês. Na taça ainda há veneno.

HAMLET — Como o homem que és, entrega-me essa taça. Entrega-ma, por Deus! Larga-a! Desejo-a! Ó Deus! Que nome eu deixo, Horácio caso continuem confusas essas coisas. Se algum dia em teu peito me abrigaste, priva-te por um tempo da ventura e respira cansado mais um pouco neste mundo tão duro, para a todos contares minha história. (*Marcha ao longe; tiros de canhão por trás da cena*) Que barulho marcial se está ouvindo?

OSRICO — É o jovem Fortimbrás que da Polônia retorna vitorioso e os emissários da Inglaterra saúda desse modo.

HAMLET — Morro, Horácio; o veneno me domina já quase todo o espírito; não posso viver para saber o que nos chega da Inglaterra. Contudo, profetizo que há de ser escolhido Fortimbras. Meu voto moribundo é também dele. Dize-lhe isso e lhe conta mais ou menos quanto ora aconteceu... O resto é silêncio. (*Morre*)

HORÁCIO — Um nobre coração que assim se parte. Boa noite, meu bom príncipe. Que os anjos com seu canto ao repouso te acompanhem. E esse tambor agora? (*Entram Fortimbrás, os embaixadores da Inglaterra e outros*)

FORTIMBRÁS — Onde é esta cena?

HORÁCIO — Que espécie procurais? Se de infortúnio, ou de assombro, parai com vossas buscas.

FORTIMBRÁS — Destroço é o que se vê. Ó feroz Morte! Que festim se processa em tua cela, para que de um só golpe tantos príncipes banhes em sangue?

PRIMEIRO EMBAIXADOR — A vista é pavorosa. Chegamos atrasados; surdos se acham os ouvidos que audiência deveriam conceder-nos, a fim de lhes contarmos da execução de seu mandado: mortos se encontram Rosencrantz e Guildenstern. Quem há de agradecer-nos?

HORÁCIO — Não o rei, certamente, ainda que vida lhe sobrasse para isso, pois não

dera ordem no que respeita à morte de ambos. Mas, uma vez chegados a esta cena sangrenta, um da Inglaterra, outro da guerra da Polônia, ordenai que os corpos sejam expostos num tablado bem à vista, que eu contarei ao mundo, que ainda o ignora, como tudo se deu. Ouvireis todos falar de atos carnais, de incestos, sangue, julgamentos casuais, mortes fortuitas, de crimes por acaso ou pela astúcia, e de planos gorados, que caíram sobre os próprios autores. Com verdade, tudo isso contarei.

FORTIMBRÁS — Que seja logo. Convoquemos os nobres ao conselho Enquanto a mim, com dor abraço a sorte: tenho sobre este reino alguns direitos, que o interesse me faz ora lembrados.

HORÁCIO — Tenho algo que dizer também sobre isso, em nome de uma boca cujo voto muitos há de arrastar. Ponhamos pressa na execução de tudo, enquanto inquietos os espíritos se acham, para novas desgraças evitar, oriundas de erros ou de tramas conscientes.

FORTIMBRÁS — Que quatro capitães a Hamlet levem como a um soldado e o ponham sobre o leito. Se o trono ele alcançasse, tudo o indica, seria um grande rei. Que à sua passagem música militar e salvas bélicas falem alto por ele. Removei logo os corpos; esta vista é própria só dos campos de batalha; neste lugar, porém, é em tudo falha. Uma salva geral! (*Marcha fúnebre. Saem carregando os corpos, depois do que se ouve uma salva de artilharia*).

Júlio César

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Personagens

JÚLIO CÉSAR,
OTÁVIO CÉSAR, Triúnviro depois da morte de Júlio César,
MARCO ANTÔNIO, Triúnviro depois da morte de Júlio César,
M. EMÍLIO LÉPIDO,Triúnviro depois da morte de Júlio César,
CICERO,Senador,
PÚBLIO, Senador,
POPÍLIO LENA, Senador,
MARCO BRUTO, Conspirador contra Júlio César,
CÁSSIO,Conspirador contra Júlio César,
CASCA, Conspirador contra Júlio César,
TREBÔNIO, Conspirador contra Júlio César,
LIGÁRIO, Conspirador contra Júlio César,
DÉCIO BRUTO, Conspirador contra Júlio César,
METELO CÍMBER, Conspirador contra Júlio César,
CINA, Conspirador contra Júlio César,
FLÁVIO e **MARULO**, tribunos,
ARTEMIDORO, sofista de Cnido,
Um adivinho,
CINA, poeta,
Outro poeta,
LUCÍLIO, **TITÍNIO**, **MESSALA**, o moço Catão e Volúmnio; amigos de Bruto e Cássio,
VARRO, **CLITO**, **CLÁUDIO**, **ESTRATO**, **LÚCIO**, **DARDÂNIO**, criados de Bruto,
PÍNDARO, criado de Cássio,
CALPÚRNIA, esposa de César,
PÓRCIA, esposa de Bruto,
Senadores, cidadãos, guardas, pessoas do séqüito, etc.

Ato 1

Cena 1

Roma. Uma rua. Entram Flávio, Marulo e alguns cidadãos.

FLÁVIO — Fora daqui, mandriões! Hoje é feriado? Já todos para casa! Sendo artífices, não podeis ignorar que não devíeis sair à rua em dia de trabalho sem trazerdes os símbolos do ofício. Que profissão é a tua? Vamos, dize.

PRIMEIRO CIDADÃO — Carpinteiro, senhor; carpinteiro.

MARULO — E tua régua, onde está? Onde puseste teu avental de Couro? Por que causa vestiste hoje esse traje domingueiro? E o vosso ofício, amigo?

SEGUNDO CIDADÃO — Para dizer a verdade, senhor, em relação a um trabalhador de classe, não passo, como diríeis, de um remendão.

MARULO — Mas de que ofício? Vamos, dize logo.

SEGUNDO CIDADÃO — Um ofício, senhor, que espero poder exercer com a consciência tranqüila. Esse ofício, senhor, consiste em remendar solas estragadas.

MARULO — Que ofício, maroto? Responde logo, biltre: que ofício?

SEGUNDO CIDADÃO — Por obséquio, senhor, não estragueis a paciência por minha causa; mas o certo é que, se ficardes estragado, poderei remendar-vos.

MARULO — Que queres dizer com isso, atrevido: remendar-me?

SEGUNDO CIDADÃO — Perfeitamente, senhor; pôr-vos um remendo de sola.

FLÁVIO — Assim, queres dizer que és remendão de sapateiro, não é isso?

SEGUNDO CIDADÃO — É certo, senhor; vivo exclusivamente de minha sovela. Não me meto em assuntos de mercadores nem de mulheres; só me ocupo com a minha sovela. Para dizer tudo, senhor, sou um cirurgião de sapatos velhos; quando estes se acham em grande perigo, restituo-lhes a saúde. Não há gente fina que ande sobre couro de boi, que não pise em trabalho feito por estas mãos.

FLÁVIO — Mas por que hoje saíste da oficina? Por que andas pelas ruas com estes homens?

SEGUNDO CIDADÃO — Para falar franco, senhor, é para que eles gastem os sapatos e eu venha a obter mais trabalho. Mas a verdade, senhor, é que fizemos feriado para ver César e nos regozijarmos com o seu triunfo.

MARULO — Por que regozijar? Qual foi a grande conquista que ele fez? Que tributários

o acompanham a Roma, para as rodas enfeitar-lhe do carro com seus liames do cativeiro? Não passais de troncos e de pedras; sois piores do que as coisas insensíveis. Corações duros, todos! Romanos cruéis, já não vos lembra o nome de Pompeu? Quantas vezes não trepastes pelos muros e ameias e nas torres ficastes e janelas e até mesmo no alto das chaminés, com vossos filhos nos braços e, pacientes, esperastes o dia todo, só para poderdes ver o grande Pompeu, quando passasse pelas ruas de Roma? E quando o carro dele víeis, embora só de longe, vivas não dáveis, com ardor tamanho que no seu leito o Tibre estremecia ao estrondo que os ecos espalhavam por suas margens côncavas? E ora vestis vossas melhores roupas e inventais um feriado? Espalhais flores à passagem de quem marcha em triunfo no sangue de Pompeu? Fora daqui! Recolhei-vos a casa, ajoelhai-vos e aos deuses suplicai que a peste afastem que tanta ingratidão torna iminente.

FLÁVIO — Ide, bons cidadãos; por esta falta reuni os coitados como vós, e às margens do Tibre os conduzi, para chorar-lhe no leito, até que as ondas mais humildes os mais altos barrancos beijar possam. (*Saem os cidadãos.*) Vede se não se derreteu o baixo metal de que são feitos. Retiraram-se com a língua atada pela própria culpa. Tomai a direção do Capitólio, que eu sigo por aqui. Despojai todas as estátuas que achardes enfeitadas.

MARULO — Poderemos fazê-lo? Deveis estar lembrado de que o dia hoje é das Lupercais.

FLÁVIO — Ora! Que importa? Não deixeis que os troféus de César pendam de estátua alguma. Vou correr as ruas e espalhar o povinho. A mesma coisa fareis vós, onde os virdes aos magotes. Essas penas nascentes, arrancadas à asa de César, vão cercear-lhe o vôo, só o deixando elevar-se a um plano médio. Caso contrário, pairaria longe da mirada dos homens, conservando-nos atados ao temor servil e baixo.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Uma praça pública. Entram, em procissão com música César, Antônio preparando para a corrida, Calpúrnia, Pórcia, Décio, Cícero, Bruto, Cássio e Casca, seguidos de grande multidão, na qual se acha um adivinho.

CÉSAR — Calpúrnia!

CASCA — Olá! Silêncio! César fala!

(*Pára a música.*)

CÉSAR — Calpúrnia!

CALPÚRNIA — Aqui, senhor!

CÉSAR — Fica no ponto por onde Antônio há de passar correndo. Antônio!

ANTÔNIO — César, meu senhor!

CÉSAR — Antônio, não vos esqueça, quando aqui passardes, de tocar em Calpúrnia. Já diziam nossos maiores que a mulher estéril, de sua maldição se via livre, quando tocada neste santo curso.

ANTÔNIO — Não hei de me esquecer. Sempre que César diz: Faze isto! já está feito.

CÉSAR — Começai, sem que rito algum se omita.

(*Música.*)

ADIVINHO — César!

CÉSAR — Eh! Quem me chama?

CASCA — Silêncio, novamente! Pare tudo!

(*Pára a música.*)

CÉSAR — Quem dentre a multidão disse meu nome? Ouvi uma voz, mais alta do que a música, bradar por César. Fala; César se acha disposto para ouvir-te.

ADIVINHO — Tem cuidado com os idos de março!

CÉSAR — Que homem é esse?

BRUTO — Um adivinho; manda acautelardes-vos com os idos de março.

CÉSAR — Pois trazei-mo; quero ver-lhe as feições.

CÁSSIO — Amigo, avança; sai do meio da turba; vem ver César.

CÉSAR — Que me dizes agora? Outra vez fala.

ADIVINHO — É dos idos de março. Tem cuidado!

CÉSAR — É um sonhador. Deixemo-lo. Sigamos!

(*Fanfarra. Saem todos, menos Bruto e Cássio.*)

CÁSSIO — Não ides ver a ordem da corrida?

BRUTO — Não.

CÁSSIO — Ide, peço-vos.

BRUTO — Não sou jovial; careço desse espírito vivaz que há em Antônio. Mas não quero servir-vos de empecilho nesse ponto. Vou deixar-vos.

CÁSSIO — Bruto, há algum tempo vos observo e noto que no olhar já não tendes a brandura, aquelas mostras de amizade que antes eu costumava achar. Usais de modos por demais esquisitos, muito duros com respeito a um amigo que vos ama.

BRUTO — Meu caro Cássio, não vos iludais; se o olhar tenho velado, é apenas contra mim mesmo que dirijo meu desgosto. Paixões de diferente natureza me afligem de algum tempo, pensamentos que tão-somente a mim dizem respeito, e que minha conduta, porventura, sujam de algumas manchas. Mas não seja isso motivo, Cássio, para mágoa por parte dos amigos — entre o número dos quais estais incluído — não convindo que procureis explicação diversa senão dizer que Bruto, estando em guerra consigo mesmo, esquece-se, por vezes, de patentear o amor que vota aos outros.

CÁSSIO — Então, Bruto, enganei-me sobremodo quanto à causa de estardes alterado, razão de haver até hoje aqui no peito sepultado importantes pensamentos, dignos de reflexão. Bondoso Bruto, podeis, acaso, ver vosso conspecto?

BRUTO — Não, Cássio; o olho a si mesmo não se enxerga, senão pelo reflexo em outra coisa.

CÁSSIO — É justo. Por isso, Bruto, é que por toda a parte se lastima não terdes um espelho que aos olhos vos reflita o oculto mérito, porque pudésseis ver a própria sombra. Já ouvi os romanos de maior respeito — exceto o imortal César — referirem-se a Bruto e, suspirando sob o jugo de nosso ingrato tempo, lastimarem que Bruto olhos não tenha.

BRUTO — A que perigos, Cássio, quereis levar-me, concitando-me a procurar em mim o que me é estranho?

CÁSSIO — Então, bondoso Bruto, ouvi-me atento; e uma vez que sabeis ser impossível a vós próprio vos verdes, sem usar de um reflexo qualquer, eu, vosso espelho, por maneira modesta vou mostrar-vos o que de vós desconheceis ainda. Não suspeiteis de mim, bondoso Bruto; se eu fosse um desses zombadores fúteis, como há tantos no mundo, e o meu afeto prostituísse com juras ordinárias com o primeiro falador solene que se me apresentasse; se souberdes de mim que os homens lisonjear costumo, de encontro ao peito os prendo e, após, lhes lanço as maiores calúnias; ou se, acaso, me tomais por um desses que se expandem nos

banquetes dos muitos... bem, concordo em ser considerado perigoso.

(*Ouvem-se clarins e aclamações.*)

BRUTO — Essas aclamações que significam? Receio que haja o povo dado a César o título de rei.

CÁSSIO — Ah! Receais isso? Concluo, assim, que tal não desejáreis.

BRUTO — Realmente, Cássio; no entretanto, eu o amo. Mas por que me detendes tanto tempo? Que tendes a confiar-me? Sendo assunto do bem público, em frente de um dos olhos me ponde a honra e na do outro a feia morte, que eu, sem tremer, as fixarei de face. Sejam-me em tudo os deuses favoráveis, como a honra prezo e a morte não receio.

CÁSSIO — Sei, Bruto, que possuís essa virtude, como conheço vosso aspecto externo. A honra vai ser o assunto da conversa. Ignoro o que pensais e os outros homens sobre esta vida; mas com referência a mim próprio, direi que preferira não viver, a viver sempre com medo de um ser tal como sou. Nasci tão livre quanto César, tal qual se deu convosco; nós dois, tão bem quanto ele, nos criamos, como podemos suportar, como ele, os rigores do inverno. De uma feita, numa tarde enublada e tempestuosa, em que o Tibre agitado se batia dentro das próprias margens, perguntou-me César: "Cássio, ousarias atirar-te, junto comigo, na corrente infensa e nadar até ali?" Mal acabara de falar-me, vestido como estava, joguei-me na água e a me seguir chamei-o, o que ele fez de fato. A correnteza roncava; nós lutávamos contra ela com membros indefesos, apartando-a e à sua fúria opondo o ousado peito. Mas antes de alcançarmos nossa meta, César gritou: "Socorro, Cássio! Afogo-me!" Então, tal como Enéias, nosso grande progenitor, que carregam aos ombros o velho Anquises e o salvara às chamas que Tróia devastavam: da corrente do Tibre, assim, tirei o exausto César. Num deus, agora, está mudado esse homem, sendo Cássio uma mísera criatura que precisa curvar-se, quando César com enfado lhe faz um gesto vago. Na Espanha apanhou febre; e, quando o acesso lhe vinha, notei bem como tremia. Sim, esse deus tremia; seus covardes lábios ficaram pálidos, e os mesmos olhos que ao mundo todo inspiram medo o brilho a perder vieram. Muitas vezes o ouvi gemer. Sim, essa mesma língua que os romanos deixava estupefactos, levando-os a guardar os seus discursos, ah! gritava tal qual donzela doente: "Água, Titínio! Dá-me um pouco de água!" Muito me espanta, ó deuses! ver que um homem de uma constituição assim tão fraca tenha passado à frente neste mundo majestoso e, sozinho, obtido a palma.

(*Fanfarras e aclamações*)

BRUTO — Aclamações de novo. Esses aplausos devem significar que novas honras vão sendo acumuladas sobre César.

CÁSSIO — Ele cavalga, amigo, o mundo estreito como um outro Colosso, enquanto os homens pequeninos lhe andamos por debaixo das pernas gigantescas e espreitamos por toda parte, a fim de ver se túmulos desonrados achamos. Há momentos em que os homens são donos de seus fados. Não é dos astros, caro Bruto, a culpa, mas de nós mesmos, se nos rebaixamos ao papel de instrumentos. Bruto e César! Que pode haver nessa palavra "César", para soar melhor que vosso nome? Escrevei-os a par; tão belo é o vosso como o dele, não menos. Pronunciai-os:

tanto um como outro assenta bem na boca. Pesai-os; quilibram-se. Valei-vos deles para esconjuros; é certeza que "Bruto" fará vir qualquer espírito com a mesma rapidez que o fará "César". Em nome, pois, dos deuses em conjunto, dizei-me de que pratos nosso César se alimentou para ficar tão grande? Tempo, estás conspurcado! Já perdeste, Roma a semente de teu sangue nobre! Que idade, das inúmeras passadas desde o grande dilúvio, ficou célebre por um homem somente? Quem já disse, ao referir-se a Roma, que seus muros uma pessoa, apenas, abarcavam? Roma aí está, sendo realmente grande, se dentro dela só houver um homem. Oh! Ambos nós de nossos pais ouvimos que outro Bruto já houve, que aceitara com igual disposição em Roma a corte postar o diabo ou um rei.

BRUTO — Que me tendes amor, não ponho dúvida; o que esperais de mim, quase o adivinho; o que sobre isso penso e de nossa época, mais tarde vos direi. Mas por enquanto, se como amigo franco falar posso, desejaria que não insistísseis comigo. Vou pensar no que dissestes; com paciência ouvirei o que ainda tendes a me dizer, e ocasião propícia hei de encontrar para trocarmos nossas impressões sobre assunto de tal monta. Até então ruminai, prezado amigo, nestas palavras: Bruto preferira ser um aldeão a se contar no número dos filhos da alta Roma sob as duras condições que estes tempos nos ameaçam.

CÁSSIO — Alegro-me, por ver que minhas fracas palavras conseguiram tantas chispas fazer saltar de Bruto.

BRUTO — Terminaram os jogos; não demora, César volta.

CÁSSIO — Quando por nós passarem, puxai Casca pela manga, que em seu falar azedo nos contará o que houve de importante.

(*Entra César com seu séqaito.*)

BRUTO — Farei dessa maneira. Porém Cássio, observai como brilha no semblante de César o sinal de grande cólera, e como os outros todos têm o aspecto de criados repreendidos. Muito pálida está Calpúrnia, e lança olhares Cícero de furão, tão ardentes como quando no Capitólio o vemos, ao sentir-se contraditado pelos senadores.

CÁSSIO — Casca nos contará o que há de novo.

CÉSAR — Antônio!

ANTÔNIO — César!

CÉSAR — Ao meu lado só quero gente gorda, pessoas de cabelos luzidios, que durmam toda a noite. Aquele Cássio é seco por demais; inculca fome, pensa muito. É indivíduo perigoso.

ANTÔNIO — Não tenhas medo dele; não é homem perigoso, senão romano nobre e bem intencionado.

CÉSAR — Desejara que não fosse tão magro. Pouco importa! Não o temo. Contudo, se meu nome comportasse algum medo, não conheço ninguém a que evitar eu procurasse como esse magro Cássio, que lê muito. É um grande observador e possui vista que devassa as razões dos nosso atos; não aprecia o teatro, como o fazes, Antônio, nem se apraz em ouvir música. Raramente sorri, e de tal modo sempre o faz, que parece estar zombando de si mesmo, por ter-se

comovido a ponto de sorrir por qualquer coisa. Indivíduos assim nunca se sentem bem ao lado de alguém maior do que eles, sendo por isso muito perigosos. Digo-te antes o que é para temer-se, Não o que temo, pois sou sempre César. Põe-te à minha direita, pois não ouço bem deste ouvido, e dize-me o que pensas a seu respeito, usando de franqueza.

(*Clarins. Sai César com seu séqüito; Casca fica para trás.*)

CASCA — Puxastes o meu manto; tendes algo para falar comigo?

BRUTO — Tenho, Casca. Contai-me o que passou, para que César ficasse de ar severo.

CASCA — Ora, estivestes junto dele, pois não?

BRUTO — Se tal se houvesse dado, por que eu teria feito a Casca semelhante pergunta?

CASCA — Ora, ofereceram-lhe uma coroa, e no ato de lha ofertarem ele a repeliu com o dorso da mão, deste jeito. Então o povo prorrompeu em aclamações.

BRUTO — E qual foi a causa da segunda gritaria?

CASCA — Ora, a mesma coisa.

CÁSSIO — Houve três aclamações. A última, por que foi?

CASCA — Ora, a mesma coisa.

BRUTO — Ofereceram-lhe três vezes a coroa?

CASCA — Sim, por minha fé, e ele a repeliu três vezes, cada uma com gesto mais brando; e de cada vez que a afastou de si, os meus honestos vizinhos prorrompiam em aclamações.

CÁSSIO — Quem lhe ofereceu a coroa?

CASCA — Antônio.

BRUTO — Amável Casca, conta-nos como isso se passou.

CASCA — Posso deixar-me enforcar tão bem como dizer a maneira por que isso se deu. Pura palhaçada; não prestei a menor atenção. Vi Marco Antônio oferecer-lhe uma coroa, não uma coroa de verdade, mas uma espécie de diadema. E, como já disse, ele a afastou de si uma vez; mas no meu modo de ver, apesar de tudo ele desejaria ficar com ela. Depois Antônio lha ofereceu de novo, tendo-a ele recusado mais uma vez; mas, segundo penso, custou-lhe retirar os dedos de cima dela. Então, pela terceira vez, ele a afastou de si, e, a cada recusa, a ralé prorrompia em aclamações, batia as mãos calosas, atirava para o ar os gorros suarentos de dormir e exalava um hálito de tal modo repugnante, por haver César recusado a coroa, que quase asfixiou César, pois ele desmaiou e caiu. De minha parte, não ousei rir, de medo de abrir a boca e aspirar o mau ar.

CÁSSIO — Devagar, por obséquio. Como! César desmaiou?

CASCA — Caiu na praça pública; tinha espuma na boca e ficou sem fala.

BRUTO — É possível, pois sofre de ataques.

CÁSSIO — Não, não é César, mas sois vós e eu e o honesto Casca que sofremos disso.

CASCA — Ignoro o que quereis dizer com isso; mas tenho certeza de que César caiu. Se a gentalha não o aplaudia e apupava, conforme o prazer ou o desprazer que achava nele, tal como costuma fazer no teatro com os comediantes, quero deixar de ser homem honesto.

BRUTO — E que disse ele quando voltou a si?

CASCA — Ora, antes de cair, ao perceber que o rebanho público se alegrava por haver ele recusado a coroa, abriu as vestes e ofereceu o pescoço para que lho cortassem. Se eu fosse um desses homens de trabalho, teria ido para o inferno com os patifes, se não lhe houvesse segurado a palavra. Nessa altura, ele caiu. Quando recuperou os sentidos, declarou que se por acaso houvesse feito ou dito algo inconveniente, pedia a Suas Senhorias que levassem isso à conta da doença. Três ou quatro marafonas que se achavam ao meu lado exclamaram: "Oh! Que bela alma!" e lhe perdoaram de todo o coração. Mas essa opinião carece de valor, porque elas teriam dito a mesma coisa, se César lhes houvesse apunhalado as próprias mães.

BRUTO — E depois disso ele se retirou aborrecido?

CASCA — Sim.

CÁSSIO — Cícero disse alguma coisa?

CASCA — Sim; falou em grego.

CÁSSIO — Com que intenção?

CASCA — Se vê-lo disser, desejo nunca mais olhar-vos o rosto; mas os que o compreenderam riram uns para os outros e sacudiram a cabeça; mas para mim era grego. Posso contar-vos mais algumas novidades. Marulo e Flávio, por haverem despojado das insígnias as estátuas de César, ficaram mudos para sempre. Passai bem. Houve outras palhaçadas, mas esqueceram-me.

CÁSSIO — Quereis cear hoje comigo, Casca?

CASCA — Não, já tenho compromisso.

CÁSSIO — Quereis jantar comigo amanhã?

CASCA — Sim, no caso de estar vivo, de não mudardes de idéia e de ser convidativo o jantar.

CÁSSIO — Muito bem; então espero-vos.

CASCA — Podeis esperar. Passai bem. (*Sai.*)

BRUTO — Como ficou grosseiro este sujeito! No tempo de colégio era mui vivo.

CÁSSIO — Apesar de assumir essa aparência, ainda não mudou, quando se trata de executar algo de ousado ou nobre. Nele a rudeza é apenas o tempero de espírito sadio, que o apetite aos homens abre, porque facilmente digerir possam todos seus discursos.

BRUTO — É isso mesmo. Por ora, vou deixar-vos. Vou procurar-vos amanhã, no caso de quererdes falar-me, ou, se o quiserdes, vinde até aqui, que por vós espero.

CÁSSIO — Prefiro ir. Até lá, pensai no mundo. (*Sai Bruto.*) Muito bem Bruto; és nobre. No entretanto, percebo que o ouro honrado de que és feito pode ser alterado. Desse modo, seria conveniente que os espíritos nobres só convivessem com seus pares; pois quem será tão firme que não possa ser reduzido? César me tem ódio, mas ama a Bruto. Se ora eu fosse Bruto, sendo ele Cássio, César não viria condescender comigo. Vou jogar-lhe na janela, hoje à noite, alguns bilhetes de letra diferente, para que ele pense que são diversos os autores que acordam no exalar o alto conceito que dele Roma faz. De modo vago, mencionada será a ambição de César. Que César se acautele depois disso, pois vai conosco ter muito serviço. (*Sai.*)

Cena 3

O mesmo. Uma rua. Trovões e relâmpagos. Por lados diferentes entram Casca, de espada em punho, e Cícero.

CÍCERO — Boa Noite, Casca. Acompanhastes César? Por que estais alterado e assim sem fôlego?

CASCA — Não ficais comovido, quando tremem os pilares da terra, como coisa sem resistência? Ó Cícero! Já tenho presenciado borrascas em que os ventos ralhadores fendiam os nodosos carvalhos, e já vi o oceano altivo, cheio de espuma e raiva, intumescer-se como se desejasse ir até às nuvens ameaçadoras. Mas até hoje à noite, até agora, jamais atravessei borrasca que chovesse apenas fogo. Ou há guerra civil no firmamento, ou este mundo, insolente em demasia com relação aos deuses, os incita a enviar-nos destruição.

CÍCERO — Já presenciastes nada mais espantoso?

CASCA — Um vil escravo — conhecei-lo de vista — levantou a mão esquerda que queimava e ardia tal como vinte tochas. No entretanto, a mão, sem perceber o ardor do figo, permanecia intacta. Além de tudo — desde esse instante não guardei a espada — encontrei um leão no Capitólio que em mim o olhar fixou e, sem tocar-me, prosseguiu, a rosnar, o seu caminho. Uma centena de mulheres pálidas num grupo se apinhavam mais adiante, transtornadas de medo, e que juravam ter visto homens de fogo pelas ruas. E ontem de dia o pássaro da noite desceu até ao mercado, enchendo os ares de pios e gemidos. Sempre que esses prodígios a tal ponto se congregam, não me venham dizer: "Têm suas causas, são fatos naturais!" pois estou certo de que são coisas de funesto agouro para a região desta arte assinalada.

CÍCERO — Nossa época é realmente muito estranha. Mas os homens os fatos interpretam conforme bem entendem, sem dar crédito aos fins dos próprios fatos. Virá César ao Capitólio?

CASCA — Vem, depois disse a Antônio que vos participasse isso amanhã.

CÍCERO — Então, boa noite, Casca; não devemos sair à rua com um tempo destes.

CASCA — Boa noite, Cícero.

(*Sai Cícero.*)

(*Entra Cássio.*)

CÁSSIO — Quem está ai?

CASCA — Um romano.

CÁSSIO — Se a voz é dele, é Casca.

CASCA — Ótimo ouvido, Cássio. Mas que noite!

CÁSSIO — Noite agradável para gente honesta.

CASCA — Quem ameaças do céu já viu desta arte?

CÁSSIO — Os que a terra conhecem por faltosa. Por minha parte, atravessei as ruas expondo-me aos perigos desta noite, e assim, desabotoado, como vedes, o peito ofereci ao duro raio. E quando parecia que o relâmpago azul em cruz ao céu rasgava o peito, no alvo me punha de seu forte brilho.

CASCA — Por que tentais os céus dessa maneira? Os mortais deveriam mostrar medo, quando os deuses potentes nos enviam sinais terríveis para aterrorar-nos.

CÁSSIO — Sois lerdo, Casca; ou careceis das vivas centelhas que devia haver no peito de todos os romanos, ou, se as tendes, não fazeis uso delas. Estais pálido, olhais estarrecido, revelando-vos cheio de medo e espanto ante o espetáculo da cólera dos céus pouco freqüentes. Mas se a escrutar as verdadeiras causas vos resolvêsseis desses fogos todos dos fantasmas errantes, desses pássaros e animais esquisitos; porque os velhos, os tolos e os meninos profetizam, porque essas coisas todas mudam tanto, suas leis, natureza, faculdades inatas em monstruosas aparências, veríeis que se o céu nelas infunde tal espírito é só para empregá-las como instrumento de terror e aviso para os homens de uma época monstruosa. No entanto, Casca, eu poderia um homem nomear-te igual a esta terrível noite, um homem que troveja e emite raios, abre sepulcros e espantoso ruge tal qual o leão do Capitólio, um homem que em si mesmo não é mais poderoso do que eu ou tu, mas que cresceu por modo miraculoso, como todas essas estranhas erupções.

CASCA — Falas de César, não é verdade, Cássio?

CÁSSIO — Pouco importa quem seja. São dotados os romanos de músculos e membros como nossos antepassados; mas, para desgraça de todos, morto está, bem morto, o espírito de nossos pais, passando a governar-nos a alma de nossas mães. Nossa paciência no sofrer, nosso jugo, é bem o indício de que somos mulheres.

CASCA — É verdade; os senadores amanhã — murmura-se — querem fazer de César rei, podendo este usar a coroa em toda parte, no mar e em terra, exceto aqui na Itália.

CÁSSIO — Então já sei como hei de usar a adaga. Cássio há de libertar o próprio Cássio da escravidão. Deixais, para isso, ó deuses! os fracos fortes e, para isso, ó deuses! derrubais os tiranos. Não há torre de pedra nem muralha de aço duro, nem calabouço infecto ou fortes elos que à força possam resistir do espírito. A vida, quando lassa dos entraves deste mundo, recursos não lhe faltam de pôr termo a si própria. Se sei isso, sabe o resto do mundo que a parcela de tirania sob a qual eu gemo, poderei arrojá-la para longe no instante em que o quiser.

(*Trovões*)

CASCA — Como eu, também. Assim, o escravo tem nas mãos os meios de cancelar o próprio cativeiro.

CÁSSIO — Então, por que há de César ser tirano? Pobre homem! Não ficara sendo lobo, sei-o bem, se não visse que os romanos não passam de carneiros. Quem deseja fazer depressa uma fogueira deve começar por gravetos. Que refugo, que montoeira de lixo ou bagaceira deve ser Roma, para transformar-se no baixo material que serve apenas para luz emprestar a uma criatura tão pífia quanto César! Mas, ó dor! para onde me levaste! Eu talvez fale diante de quem é escravo voluntário. Devo, pois, preparar minha resposta. Mas pouco importa; estou armado; todos os perigos me são indiferentes.

CASCA — Falais a Casca, não a um desses homens zombadores e amigos de cochichos. Dai-me a mão. Cabalai porque possamos reparar esses males, que hei de pôr-me junto dos que estiverem na dianteira.

CÁSSIO — Combinado. Ficai sabendo, Casca, que eu pude convencer alguns romanos mais bem intencionados a ajudarem-me numa empreitada, cujas conseqüências podem ser arriscadas e gloriosas. Neste momento esperam-me no pórtico de Pompeu, pois em noite assim medonha como a de hoje ninguém vem para as ruas fazer agitação ou divertir-se. O aspecto e a inquietação dos elementos parece-se com a empresa que intentamos: cheia de fogo e sangue e mui terrível.

CASCA — Cuidado! Aí vem vindo alguém com pressa.

CÁSSIO — É Cina; reconheço-o pelos passos. É amigo. (*Entra Cina*) Cina, por que tanta pressa?

CINA — Ia a vossa procura. Quem é esse? Metelo Címber?

CÁSSIO — Casca, um associado de nosso planos. Cina, acaso esperam-me?

CINA — Muito me alegra. Mas que noite horrível! Alguns dos nossos companheiros viram formas estranhas.

CÁSSIO — E eu, sou esperado, Cina? Respondei logo.

CINA — Sim, esperam-vos. Ó Cássio! Se pudésseis ganhar o nobre Bruto para a causa!

CÁSSIO — Ficai tranqüilo. Meu bondoso Cina, tomai este papel e ide depô-lo na curul do pretor, para que Bruto tenha de achá-lo; este outro, pela sua janela atirareis; este, com cera deverá ser fixado ao pé da estátua do velho Bruto. Depois disso vinde à sala de Pompeu, onde estaremos. Décio Bruto e Trebônio já estão lá?

CINA — Salvo Metelo Címber, já estão todos. À vossa casa Címber foi buscar-vos. Vou logo distribuir estes bilhetes conforme me indicastes.

CÁSSIO — Isso feito, comparecei ao teatro de Pompeu. (*Sai Cina.*) Vinde, Casca. Eu e vós, antes da aurora veremos Bruto em casa. Já são nossas três partes dele, vindo a pertencer-nos o homem todo, ao primeiro assalto nosso.

CASCA — Oh! Lugar muito grande ele tem sempre no coração do povo. Tudo quanto de nossa parte parecera ofensa, sua reputação, com alquimia poderosa, em virtude transmudara e em mérito elevado.

CÁSSIO — Com justeza o indivíduo apreciastes e seus méritos, e como precisamos dele. Vamos; passa de meia-noite. Antes do dia teremos de acordá-lo e conquistá-lo.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Roma. No jardim de Bruto. Entra Bruto.

BRUTO — Olá, Lúcio! Eh! Pela altura dos astros não consigo saber quanto ainda falta para o dia. Lúcio! Não ouves? Lúcio! Quem me dera ter sono assim pesado. Lúcio! Acorda! Vamos, Lúcio, levanta-te! Não me ouves?

(*Entra Lúcio.*)

LÚCIO — Chamaste-me, senhor?

BRUTO — Lúcio, põe uma vela no meu quarto; e, depois de acendê-la, vem chamar-me.

LÚCIO — Pois não, senhor. (*Sai.*)

BRUTO — Preciso é que ele morra. Eu, por meu lado, razão pessoal não tenho para odiá-lo, afora a do bem público. Deseja ser coroado. Até onde influirá isso em sua natureza, eis a questão. É o dia claro que as serpentes chama, aconselhando-nos a andar com jeito. Ele, coroado? Sim, mas é certeza com isso darmos-lhe um ferrão, que o deixa capaz de realizar o mal que entenda. A grandeza exorbita, quando aparta da consciência o poder. Para ser franco com relação a César, nunca soube que as paixões ou a razão nele tivessem qualquer preponderância. Mas é coisa sabida em demasia que a humildade para a ambição nascente é boa escada. Quem ascende por ela, olha-a de frente; mas, uma vez chegado bem no cimo, volta-lhe o dorso, e as nuvens, só, contempla, desprezando os degraus por que subira. César assim fará. Antes que o faça, será bom prevenir. E, como a luta não poderá alegar o que ele é agora, argumentemos que se a sua essência vier a ser aumentada, é bem possível que incorra em tais e tais extremidades. Consideremo-lo ovo de serpente que, chocado, por sua natureza, se tornará nocivo. Assim, matemo-lo, enquanto está na casca.

(*Volta Lúcio.*)

LÚCIO — Senhor, já está no quarto a vela acesa. Ao procurar, senhor, a pederneira na janela, encontrei este papel, selado como está. Tenho certeza de que lá não se achava, no momento em que fui para a cama.

BRUTO — Vai deitar-te novamente; ainda é noite. Mas, menino, não são os idos, amanhã, de março?

LÚCIO — Não sei senhor.

BRUTO — Vai ver no calendário e vem dizer-me.

LÚCIO — Perfeitamente, senhor. (*Sai.*)

BRUTO — Os meteoros que zunem pelos ares clareiam tanto que é possível ler. (*Abre a carta.*) "Bruto, dormes. Desperta e te contempla! Deverá Roma, etc. Fala, fere, conserta o que está torto! Bruto, dormes. Desperta!" Insinuações como esta me têm sido jogadas no caminho "Deverá Roma, etc." A mim compete acrescentar o resto: Deverá Roma ter pavor de um homem? Como? Roma? Tarquínio foi expulso de suas ruas por meus antepassados, ao ser nomeado rei. "Fala, fere, conserta o que está torto!" assim, me incitam a falar e a ferir? Ó Roma! Tenho contigo o juramento de, no caso de haver reparação, das mãos de Bruto satisfação completa receberes.

(*Volta Lúcio.*)

LÚCIO — Meu senhor, já expirou o décimo quarto dia do mês de março.

(*Batem.*)

BRUTO — Bem. Bateram; vai ver quem é. (*Sai Lúcio.*) Não durmo desde o instante em que me incitou Cássio contra César. Entre a realização de algum projeto pavoroso e a primeira idéia dele, o intervalo é um fantasma, um sonho horrível. O gênio e os mortais órgãos permanecem em conselho, ficando o estado do homem, como um pequeno reino, a sofrer todos os males inerentes às revoltas.

(*Volta Lúcio.*)

LÚCIO — Senhor, vosso irmão Cássio é que está à porta; deseja conversar-vos.

BRUTO — Está só?

LÚCIO — Não, senhor; estão com ele outras pessoas.

BRUTO — Reconheceste alguém?

LÚCIO — Ninguém, senhor; o chapéu todos trazem bem puxado, e no manto escondido, quase, o rosto, razão de não poder reconhecê-los.

BRUTO — Então faze-os entrar. (*Sai Lúcio.*) Conspiração, se à noite tens vergonha de descobrir o rosto perigoso, quando os males circulam livremente: onde acharás, então, durante o dia, caverna assaz escura, porque o rosto monstruoso esconder possas? Não procures, conspiração, caverna desse jeito; esconde-o entre sorrisos e mesuras, pois se sob teu aspecto verdadeiro resolveres andar, nem o próprio Érebo será bastante escuro porque possa livrar-te de ser vista.

(*Entram os conspiradores Cássio, Casca, Décio, Cina, Metelo Címber e Trebônio.*)

CÁSSIO — Bom dia, Bruto. Acaso incomodamos? Receio que sejamos importunos.

BRUTO — Não dormi até agora; a noite inteira tenho estado de pé. Essas pessoas são minhas conhecidas?

CÁSSIO — Todas elas. Não há entre os presentes quem não faça alto juízo de vós, sendo desejo de todos que tivésseis de vós próprio o conceito que tem todo romano de nobre e honrado sangue. Este é Trebônio.

BRUTO — Seja bem-vindo.

CÁSSIO — Este outro é Décio Bruto.

BRUTO — Também bem-vindo.

CÁSSIO — Aqui, Casca; aqui, Cina; e este, Metelo Címber.

BRUTO — Sejam todos bem-vindos. Que cuidados vigilantes se vos interpuseram entre os olhos e esta noite agitada?

CÁSSIO — Poderemos dizer uma palavra?

(*Bruto e Cássio conversam baixo.*)

DÉCIO — Deste lado fica o nascente. O sol não nasce ali?

CASCA — Não.

CINA — Perdão, senhor, mas nasce. Aquelas raias cinzentas pelas nuvens anunciam que o dia vai nascer.

CASCA — Haveis agora de confessar que estais muito enganados. Deste ponto que minha espada mostra é que o sol se levanta, o qual já avança bastante para o sul e a sazão jovem do ano consigo leva. Mais dois meses, e há de ele ao norte conduzir os raios. O alto nascente, como o Capitólio, fica diretamente deste lado.

BRUTO — Dai-me as mãos; um por um.

CÁSSIO — Ora juremos nossa resolução.

BRUTO — De forma alguma; nada de juramentos. Se o conspecto dos homens, o que na alma já sofremos, os abusos do tempo, se tudo isso não for motivo suficiente, nesse caso será melhor não prosseguirmos e aos leitos preguiçosos retornarmos. Que faça o que entender a tirania, sorteando nossa morte quando o queira. Porém se essas razões, do que estou certo, contam fogo bastante para os próprios covardes inflamar e deixar rijo o espírito maleável das mulheres: então, concidadãos, que outros acúleos, além de nossa causa, serviriam de espicaçar-vos para o desagravo? Que outro liame mais forte, do que terem empenhado romanos fidedignos a palavra, sem virem a quebrá-la? Que melhor juramento, do que a própria honestidade à honestidade aliada no compromisso de fazer tal coisa, ou de morrer na empresa? Façam juras os padres, os covardes e os astutos, e esses tipos sem fibra, e as almas tímidas que saúdam, de grado, as injustiças. Jure nas ruins causas essa gente que inspira desconfiança. Não manchemos, porém, a alta virtude desta empresa nem nosso irresistível ardimento, com admitir que exige nossa causa, nossa resolução, alguma jura. Porque todas as gotas, até à última, do sangue de um romano, e sangue nobre, ficariam passíveis da suspeita de bastardia, se ele a quebrar viesse a menor parte da palavra dada.

CÁSSIO — E Cícero? Convém sondá-lo, acaso? É quase certo que nos apoiara com bastante entusiasmo.

CASCA — É conveniente termo-lo ao nosso lado.

CINA — Oh! Seguremo-lo.

METELO — Precisamos ganhá-lo para a causa. Seus cabelos prateados nos granjeiam valiosas opiniões e vão trazer-nos vozes que recomendem nossos feitos. Dir-se-á que as mãos tivemos dirigidas por seu entendimento, não deixando seu venerando aspecto que se note quanto há de tumultuoso e irrefletido em nossa mocidade.

BRUTO — Oh! Não o nomeeis. Não lhe contemos nada, que ele nunca tomará parte em algo cuja idéia parta de outra pessoa.

CÁSSIO — Então deixemo-lo.

CASCA — Realmente, não convém.

DÉCIO — Além de César, ninguém mais cairá?

CÁSSIO — Mui bem pensado, Décio. No meu modo de ver todo esse assunto. Marco Antônio, tão amado de César, não devia sobreviver a César. Haveremos de encontrar nele um hábil intrigante. Sabeis que se ele lançar mão dos meios de que dispõe, nos irá dar trabalho. A fim de evitar isso, é conveniente que Antônio e César caiam.

BRUTO — Sanguinária parecera essa empresa, Caio Cássio, se a cabeça cortássemos e os membros fizéssemos em postas, como a cólera assassina a que a inveja, depois, segue. Membro de César é Antônio, apenas. Caio, sejamos sacrificadores, não carniceiros. Todos nós estamos agora contra o espírito de César, e no espírito do homem não há sangue. Se o espírito de César atingíssemos, sem desmembrarmos César! Impossível, infelizmente. Assim, por causa dele, César tem de sangrar. Nobres amigos, cortemo-lo em pedaços como prato para os deuses, em vez de mutilá-lo como carcaça própria para cães. Que nossos corações procedam como certos amos astutos, que dão ordem aos servos para um ato de violência, fingindo censurá-los depois disso. Assim, parecerá, quanto fizermos, necessário, sem laivo algum de inveja, o que aos olhos do povo há de ensejar-nos sermos chamados purificadores, não assassinos. Quanto a Marco Antônio, não penseis nele; só será possível que ele chegue aonde for a mão de César, quando a cabeça a César deceparmos.

CÁSSIO — Apesar disso, inspira-me receio; pois no amor arraigado que ele a César...

BRUTO — Ora, bondoso Cássio, deixai disso! Se ele ama a César, só contra ele pode refluir quanto faça: lastimar-se, morrer por César, e isso será muito, pois é dado aos prazeres e às loucuras, gostando de estar sempre acompanhado.

TREBÔNIO — Não há de que temer; que fique vivo, para rir, em futuro, de tudo isto.

(*Um relógio bate horas.*)

BRUTO — Paz! Contemos as horas.

CÁSSIO — Três pancadas.

TREBÔNIO — Já é hora de irmos.

CÁSSIO — Mas é duvidoso que César hoje saia; ultimamente tem-se mostrado mui supersticioso, ao invés do que era antes, no tocante aos sacrifícios, fantasia e sonhos. É bem

possível que os prodígios claros desta noite, o terror inusitado e a palavra dos áugures o impeçam de ir hoje ao Capitólio.

DÉCIO — Deixai isso por minha conta. Caso ele resolva por esse modo, sei como dobrá-lo. Gosta de ouvir dizer que os unicórnios com árvores se pegam, com espelhos os ursos, os leões com fortes redes, os elefantes com profundas covas e os homens com lisonjas. Mas, se digo que ele detesta aduladores, dá-me razão, sem perceber quanto se deixa levar pela lisonja mais patente. Deixai-me trabalhar; saberei dirigir-lhe a fantasia, sendo certo levá-lo ao Capitólio.

CÁSSIO — Vamos todos buscá-lo à casa dele.

BRUTO — Às oito em ponto, não?

CINA — O mais tardar. É preciso que nisso ninguém falte.

METELO — Caio Ligário não suporta César, que censurou umas palavras suas em louvor de Pompeu. Estranho muito nenhum de vós ter-se lembrado dele.

BRUTO — Passai em casa dele, bom Metelo; dedica-me afeição, tendo-lhe eu dado motivo para tanto. Ele que venha falar-me, que hei de em pouco convencê-lo.

CÁSSIO — A manhã nos alcança. Amável Bruto, vamos partir. Amigos, dispersemo-nos, mas lembrai-vos de tudo o que dissestes e mostrai-vos romanos verdadeiros.

BRUTO — Cavalheiros, mostrai semblante alegre, sem revelar no olhar nossos protestos. Imitai nisso os nossos comediantes, com vivo espírito e formal constância. E agora, adeus; bom dia para todos. (*Saem todos, com exceção de Bruto.*) Pequeno! Lúcio! Adormeceu de novo? Ora, que mal há nisso? Goza o orvalho doce e grave do sono. Não te inquietam esses fantasmas e as visões que o zelo sempre ativo nos cérebros engendra. Por isso dormes tão profundamente.

(*Entra Pórcia.*)

PÓRCIA — Querido esposo! Bruto!

BRUTO — Pórcia, que houve! Por que vos levantastes? É imprudência expor o corpo grácil aos rigores de uma manhã tão fria.

PÓRCIA — O mesmo eu digo com relação a vós. Por modo pouco delicado fugistes-me do leito, e ontem à noite, à ceia, bruscamente vos levantastes e, de mãos nas costas, vos pusestes a andar de um lado e do outro, a meditar e a suspirar freqüente. E ao perguntar-vos o que acontecera, em mim fixastes um olhar severo. Insisti; a cabeça, então, coçando, no solo o pé batestes impaciente. Não desisti, contudo, sem resposta nenhuma obter, afora me acenardes com a mão, como a indicar que vos deixasse. Obedeci, de medo que pudesse irritar ainda mais a impaciência que parecia estar tão inflamada, afagando a esperança de que tudo fosse efeito do humor que em nosso espírito tem, por vezes, suas horas. O apetite vos tirou esse humor, não vos deixando dormir nem conversar, de tal maneira predominando sobre vosso espírito e a forma vos mudando, que até eu própria, Bruto, vos desconheço. Caro esposo, comunicai-me a causa dessa mágoa.

BRUTO — Não me sinto disposto; é apenas isso.

PÓRCIA — Bruto é sábio; se doente ele estivesse, procuraria os meios de curar-se.

BRUTO — É o que faço, realmente, boa Pórcia; ide deitar-vos.

PÓRCIA — Bruto está doente... É saudável, então, sair de casa mal vestido e aspirar este humor úmido da manhã? Como! Bruto está doente, e se esgueira do leito agasalhado, para expor-se ao contágio vil da noite, a este ar assim tão úmido e nocivo, para aumentar seus males? Não, meu Bruto, no espírito é que tendes uma doença, que, por direito e obrigação de esposa, preciso conhecer. Assim, de joelhos, pela beleza que já me elogiastes, pelas juras de amor que me fizestes e por aquele voto tão solene que nos uniu num corpo, uma pessoa fazendo de nós dois: peço dizerdes-me, a mim, vós próprio, a mim, vossa metade, o que vos deixa assim tão pensativo e que homens eram esses que esta noite vos vieram procurar; sim, pois é certo que aqui estiveram seis ou sete vultos que até da noite os rostos escondiam.

BRUTO — Gentil Pórcia, levanta-te.

PÓRCIA — De joelhos não ficara, se fosseis gentil Bruto. Dizei-me, Bruto, se constava cláusula no contrato do nosso casamento, segundo a qual eu nunca deveria tomar conhecimento dos assuntos que vos tocam de perto. Eu sou vós próprio, mas, por assim dizer, com toda sorte de restrições? Apenas para o leito vos partilhar, estar convosco à mesa, e conversar por vezes? Moro apenas no subúrbio de vossa inclinação? Se for assim, esposa não é Pórcia de Bruto, mas apenas concubina.

BRUTO — Sois minha honrada e verdadeira esposa, tão cara como as gotas que me afluem ao triste coração.

PÓRCIA — Se fosse certo quando dizeis, saber eu deveria qual seja esse segredo. Sou, de fato, mulher; mas a mulher que o senhor Bruto escolheu para esposa. Sou, de fato, mulher; porém mulher mui respeitada: sou filha de Catão. Pensais que, tendo tal pai e tal marido, eu não consiga. vencer o próprio sexo? Revelai-me vossos segredos, que hei de ser discreta. Há pouco pus minha constância à prova, em mim mesma causando esta ferida, aqui, na coxa. A dor suportaria com paciência e os segredos não guardara que o esposo me confiasse?

BRUTO — Ó deuses! deuses! Deixai-me digno de tão nobre esposa! (*Batem.*) Escuta! Estão batendo. Pórcia, afasta-te, que pouco a pouco ao seio hei de contar-te quanto ora o coração me traz inquieto. Revelar-te-ei meus compromissos todos, quanto se lê neste semblante triste. Sai logo. (*Sai Pórcia.*) Lúcio, alguém bateu à porta?

(*Volta Lúcío, com Ligário.*)

LÚCIO — É uma pessoa doente, que convosco deseja conversar.

BRUTO — Caio Ligário, de que falou Metelo! Fica à parte, menino. Então, Caio Ligário?

LIGÁRIO — De uma débil língua aceitai muito bom dia.

BRUTO — Oh! que tempo escolhestes, bravo Caio, para estar doente! Se estivésseis são!

LIGÁRIO — Estarei bom, se em mente tiver Bruto qualquer ação digna do nome da honra.

BRUTO — Tenho em mente essa ação, Caio Ligário, se ouvido são tiverdes para ouvi-la.

LIGÁRIO — Oh! pelos deuses ante os quais se curvam os romanos, liberto-me da doença. Alma de Roma! Bravo filho, oriundo de rins honestos! Tal como exorcista, conjuraste-me o espírito dolente. Manda agora que eu corra, pois me sinto capaz de empreender coisas impossíveis e sair vencedor. Que há por fazer?

BRUTO — Algo capaz de deixar bom os doentes.

LIGÁRIO — E não teremos de deixar doente alguém que ainda está são?

BRUTO — Isso também. O que seja, meu Caio, hei de contar-te em caminho do ponto em que tivermos de executar o ato.

LIGÁRIO — Ide na frente que, com o peito inflamado, hei de seguir-vos, para realizar o que ainda ignoro. Basta ser Bruto o guia.

BRUTO — Então segui-me.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Em casa de César. Trovões e relâmpagos. Entra César, em camisa de dormir.

CÉSAR — Não ficaram em paz o céu e a terra durante toda a noite. Em meio ao sono, por três vezes gritou Calpúrnia: "Acudam!" "Estão matando César!" — "Venha alguém!"

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Senhor?

CÉSAR — Manda que os sacerdotes sacrifiquem e traze-me depressa um bom augúrio.

CRIADO — Pois não, senhor.

(*Entra Calpúrnia*)

CALPÚRNIA — César, que pretendeis? Quereis sair? Não poreis hoje o pé fora de casa.

CÉSAR — César sairá. As coisas que me ameaçam, só me olham pelas costas; quando devem de César ver o rosto, já sumiram.

CALPÚRNIA — César, jamais dei crédito a prodígios, mas ora tenho medo. Aí dentro há alguém que a tudo que nós vimos e escutamos acrescenta visões apavorantes que aos guardas esta noite apareceram. Uma leoa na rua teve o parto; abriram-se sepulcros, expulsando seus mortos; pelas nuvens incendiados guerreiros digladiavam em fileiras e esquadrões ordenados, como em guerra, tendo sangue manchado o Capitólio. Agitava-se no ar a gritaria da batalha; cavalos relinchavam; gemiam moribundos, e os fantasmas, dando gritos, as ruas percorriam. Ó César! essas coisas ultrapassam a comum experiência e me amedrontam.

CÉSAR — Podemos evitar o que por meta assentaram os deuses poderosos? Apesar disso, César vai sair, pois essas predições se relacionam tanto ao mundo em geral como a ele apenas.

CALPÚRNIA — Quando morrem mendigos não se vêem surgir cometas, mas o céu se incumbe de iluminar a morte dos monarcas.

CÉSAR — Muito antes de morrer, morre o covarde; só uma vez o homem forte prova a morte. Das coisas raras de que tenho ciência, sempre me pareceu a mais estranha terem os homens medo, embora saibam que a morte, um fim a todos necessário, vem quando vem. (*Volta o criado.*) Os áugures que dizem?

CRIADO — Que não deveis hoje sair de casa. Retirando da vítima as entranhas, verificaram que ao animal faltava o coração.

CÉSAR — Os deuses fazem isso para vergonha, só, da covardia. César fora animal sem coração, se hoje, de medo, não saísse à rua. Não; César vai sair. Sabe o perigo que mais do que ele é César perigoso. Somos dois leões, nascidos num só dia; mas o mais velho eu sou e o mais terrível. César sairá.

CALPÚRNIA — Ó meu senhor! Anula-se vossa sabedoria ante esse arrojo. Não saiais hoje. Declarai a todos que o que vos prende em casa é o meu receio, não o vosso. Mandaremos ao senado Marco Antônio, incumbido de dizer-lhes que não vos sentis bem. Que assim, de joelho, eu consiga de vós alcançar isso.

CÉSAR — Marco Antônio dirá que estou indisposto; para agradar-te ficarei em casa. (*Entra Décio.*) Eis Décio Bruto; ele dará o recado.

DÉCIO — Salve, César! Bom dia, digno César. Só vim para levar-vos ao senado.

CÉSAR — Chegais na hora precisa, para aos dignos senadores levardes meus saudares e lhes comunicar que hoje não saio. Que não posso... seria uma mentira. Não me atrevo... pior. Dize-lhes, Décio, apenas que hoje não sairei de casa.

CALPÚRNIA — Podeis acrescentar que ele está doente.

CÉSAR — César pode mentir? Teria, acaso, tão longe o braço posto nas conquistas, para vir a ter medo de a verdade dizer a uns barbas-brancas? Décio, dize-lhes que César não sairá.

DÉCIO — Mui poderoso César, contai-me alguma causa, ao menos, porque de mim não riam ao falar-lhes.

CÉSAR — Minha vontade é a causa: não sairei. Como razão para o senado, basta. Mas, porque vos estimo, para vossa satisfação, vou ser-vos mais explícito. Minha esposa, Calpúrnia, é que me prende, não querendo que eu saia. Viu, em sonho, minha estátua, esta noite, como fonte que despejava sangue por cem bocas, na qual as mãos banhavam, sorridentes e robustos romanos. Ela toma semelhante visão como advertência de perigo iminente e mau agouro, tendo, de joelho, suplicado que hoje de casa eu não saísse.

DÉCIO — Mas o sonho foi mal interpretado! É auspiciosa toda a visão e de feliz agouro. Vossa estátua a jorrar por muitos canos o sangue em que romanos sorridentes mergulhavam as mãos, é sinal certo de que de vós há de tirar mui breve sangue renovador a grande Roma, empenhando-se os homens mais ilustres por alcançar de vós brasões mais novos, relíquias e penhores. Isso, apenas, é o que revela o sonho de Calpúrnia.

CÉSAR — Mui bem o interpretaste desse modo:

DÉCIO — Máxime, quando ouvirdes o que tenho para comunicar. Ouvi, portanto. Decidiu o senado ofertar hoje uma coroa ao poderoso César. Se ficardes em casa e lhes mandardes recado por alguém, nesse sentido, talvez mudem de idéia. Além do mais, poderão pilheriar a esse respeito, se alguém vier a dizer: “Será prudente adiarmos a sessão até que a esposa de César tenha sonhos mais risonhos”. Pode a ausência de César ser motivo de cochichar alguém ao companheiro: “Olá! César tem medo”. Perdoai-me, César! Mas é o amor profundo por quanto vos atinja que me leva a criticar assim vossa atitude. E à razão segue o

amor sempre em tais casos.

CÉSAR — Calpúrnia, como o vosso medo agora se nos mostra ridículo! Envergonho-me de lhe ter dado ouvidos. Dai-me a toga, pois resolvi sair. (*Entram Públio, Bruto, Ligário, Metelo, Casca, Trebônio e Cina*) Eis aí Metelo; veio buscar-me.

PÚBLIO — Salve, grande César!

CÉSAR — Sede bem-vindo, Públio. Como, Bruto! Tão cedo e já de pé? Bom dia, Casca. Caio Ligário, nunca vosso inimigo foi César tanto, como agora a febre que vos deixou tão magro. Que horas são?

BRUTO — César, bateram oito.

CÉSAR — Muito grato vos sou pelo trabalho e cortesia. (*Entra Antônio.*) Vede! Antônio, que as noites passa em festa, já está de pé tão cedo. Salve, Antônio!

ANTÔNIO — Bom dia ao nobre César.

CÉSAR — Dai dentro ordem para que se preparem. A demora vai deixar-me passível de censura. Como? Cina e Metelo, então? Trebônio, temos uma horazinha de conversa. Não vos esqueça visitar-me ainda hoje; ficai perto de mim, porque me lembre.

TREBÔNIO — Pois não, César. (*À parte.*) Tão perto hei de ficar, que hão de querer os vossos partidários ver-me um pouco mais longe.

CÉSAR — Entrai, amigos; bebamos vinho juntos. Depois disso, sigamos todos como bons amigos.

BRUTO (*à parte*) — Que o que parece igual nem sempre é o mesmo, sangra ao pensar o coração de Bruto.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Uma rua perto do Capitólio. Entra Artemidoro, lendo um papel.

ARTEMIDORO — César, acautela-te de Bruto; toma cuidado com Cássio; não te aproximes de Casca; fica de olho com Cina; não confies em Trebônio; observa bem Metelo Címber; Décio Bruto não te ama; ofendeste Caio Ligário. Todos esses homens estão animados de uma única intenção, que se volta contra César. Se não fores imortal, olha à volta de ti. A negligência favorece a conspiração. Que os deuses poderosos te defendam. Teu amigo Artemidoro. Esperarei a vinda, aqui, de César, para dar-lhe isto como suplicante. O coração confrange-se-me à idéia de que escapar jamais possa a virtude às dentadas da inveja. Se me leres, ó César! viverás. Caso contrário, é que o destino também te é nefário. (*Sai.*)

Cena 4

O mesmo. Outra parte da mesma rua, em frente à casa de Bruto. Entram Pórcia e Lúcio.

PÓRCIA — Pequeno, por favor, corre ao senado. Não percas tempo com respostas; corre! Que é que aguardas?

LÚCIO — Senhora, vossas ordens.

PÓRCIA — Quisera ter-te lá e aqui de volta, sem que fosse preciso mandar nada. Assiste-me, firmeza! Não me deixes, e entre meu coração e a minha língua põe de permeio uma montanha ingente. Tenho coragem de homem, mas a força é toda feminina. Quão difícil é para uma mulher guardar segredo! Ainda estás ai?

LÚCIO — Que é necessário fazer, minha senhora? Ao Capitólio correr, mais nada? E retornar, mais nada?

PÓRCIA — Isso, menino. Traze-me notícia de teu amo. Ele bem não se sentia no instante de sair. E toma nota do que faz César, quais os suplicantes que insistem junto dele. Quieto, Lúcio! Que barulho foi esse?

LÚCIO — Não percebo barulho algum, senhora.

PÓRCIA — Fica atento! Ouça um certo rumor, como de luta, que nos viesse trazido pelo vento dali do Capitólio.

LÚCIO — Sob palavra, minha senhora, mas não ouço nada.

(*Entra o adivinho.*)

PÓRCIA — Vem cá, amigo; vens vindo de que lado?

ADIVINHO — Do lado de onde moro, boa dama.

PÓRCIA — Que horas já são?

ADIVINHO — Senhora, quase nove.

PÓRCIA — César se achará no Capitólio?

ADIVINHO — Ainda não, senhora. Eu, justamente, vou procurar lugar, para que possa vê-lo, quando passar.

PÓRCIA — Tens um pedido para fazer a César, não é isso?

ADIVINHO — Justamente, senhora. Caso César ouvir-me queira por amor de César, dir-lhe-ei que seja amigo de si mesmo.

PÓRCIA — Como assim? Tens notícia de que intentem algum dano contra ele?

ADIVINHO — Não prevejo nenhum mal conhecido, mas receio que possa acontecer muita desgraça. Mas passai bem; a rua, aqui, é estreita. A multidão que marcha atrás de César, senadores, pretores, suplicantes de toda espécie, poderia, quase, matar um pobre velho. Vou postar-me num lugar mais folgado, porque possa de passagem falar ao grande César. (*Sai*.)

PÓRCIA — Preciso ir para dentro. Oh! Como é frágil o coração de uma mulher! Ó Bruto! O céu te assista nesse empreendimento! — O pequeno me ouviu, decerto. — Bruto tem um requerimento que não há de ser do gosto de César. — Oh! Desmaio. Corre depressa. Lúcio, recomenda-me ao meu senhor. Dá-lhe notícias minhas. Estou alegre, dize-lhe; e retorna, porque sua resposta me repitas.

(*Saem por lados diferentes*.)

Ato 3

Cena 1

Roma. Diante do Capitólio. O senado está em sessão. Grande multidão na rua do Capitólio, na qual se vêem Artemidoro e o adivinho. Clarins. Entram César, Bruto, Cássio, Casca, Décio, Metelo, Trebônio, Cina, Antônio, Popílio, Públio e outros.

CÉSAR (*Ao adivinho*) — Chegaram os idos de março.

ADIVINHO — É certo, César; porém ainda não passaram.

ARTEMIDORO — Salve, César! Lê este pedido.

DÉCIO — Trebônio pede que esta humilde súplica mais de espaço por vós seja atendida.

ARTEMIDORO — Ó César! lê primeiro a minha, que ela toca a César de perto. Grande César!

CÉSAR — Com o que nos diz respeito não há pressa.

ARTEMIDORO — Não demores, ó César! Lê depressa.

CÉSAR — Como! É louco esse tipo?

PÚBLIO — Sai, maroto! Arreda do lugar!

CÉSAR — Que é isso? Todos apresentam na rua as petições? Entrai no Capitólio.

(*César sobe para o senado; os demais o seguem. Os senadores se levantam.*)

POPÍLIO — Desejo que sejais bem sucedido no empreendimento de hoje.

CÁSSIO — Não compreendo, Popílio, essas palavras.

POPÍLIO — Passai bem.

(*Vai para perto de César.*)

BRUTO — Que vos disse Popílio Lena?

CÁSSIO — Votos para que nosso empreendimento de hoje seja bem sucedido. Tenho medo de que hajam descoberto nosso plano.

BRUTO — Observai bem como ele fala a César.

CÁSSIO — Casca, há urgência; receio, que possamos ser nisso antecipados. Bruto, que há de fazer-se? Se falharem nossos planos, ou Cássio ou César ficará sem vida, pois é certo eu matar-me.

BRUTO — Sede firme, Cássio; Popílio Lena não lhe fala de nosso empreendimento. Está

sorrindo, sem que César altere a compostura.

CÁSSIO — Trebônio tem noção do tempo. Vede, Bruto, como ele afasta Marco Antônio.

(*Saem Antônio e Trebônio. César e os senadores se sentam.*)

DÉCIO — Metelo Címber onde esta? Que venha apresentar a César seu pedido.

BRUTO — Está pronto; fiquemos perto dele, a fim de secundá-lo.

CINA — Sereis vós, Casca, o primeiro a levantar o braço.

CASCA — Estamos prontos? Não há queixa alguma que César e o Senado atender possam?

METELO — Muito alto, mui glorioso e forte César, Metelo Cfmber joga ante o teu sólio um coração humilde. (*Ajoelha-se.*)

CÉSAR — Antes de tudo, Címber, quero advertir-te: essas zumbaias e esses salamaleques porventura a um homem baixo o sangue agitar podem e mudar uma ordem já emitida e uma sentença séria em lei de criança. Não sejas tolo de pensar que César tem sangue tão rebelde, que se deixe esbulhar de sua força verdadeira pelo que os tolos enternece, apenas. Por isso entendo essas palavras doces, reverências servis e essas carícias de cão adulador. Teu irmão se acha banido por decreto. Se te agachas, e acaricías, e por ele pedes, expulso-te daqui como a um cachorro. Deves saber que César não é injusto e que ninguém, sem causa suficiente, consegue demovê-lo.

METELO — Não há voz mais valiosa do que a minha que aos ouvidos do grande César soe mais agradavelmente, para a volta do meu banido irmão?

BRUTO — Beijo-te as mãos César, mas sem lisonja, desejando que Públio Címber possa em breve tempo no gozo entrar de plena liberdade.

CÉSAR — Como? Bruto!

CÁSSIO — Perdão, César! Perdão! A esses pés se ajoelha, humilde, Cássio, para a volta pedir de Públio Címber.

CÉSAR — Se eu fosse vós, pudera comover-me. Se eu soubesse pedir, também seria maleável aos pedidos. Mas sou firme como a estrela do norte, cuja essência constante e inabalável não encontra paralelo no vasto firmamento. Ornam os céus inúmeras faíscas, de fogo todas e indizível brilho; mas uma apenas de lugar não muda. Assim, no mundo: de homens está cheio, homens de carne e sangue e inteligência. Mas, em tamanha cópia, um só, conheço que, inatacável, seu lugar não deixa, sempre surdo a pedidos: sou esse homem. Deixai-me, pois, mostrar agora um pouco que, ao banir Címber, fui constante, como constante sou, no exílio conservando-o.

CINA — Ó César!...

CÉSAR — Fora daqui! Queres virar o Olimpo?

DÉCIO — Grande César!...

CÉSAR — Bruto não se ajoelhou sem obter nada?

CASCA — Braços, falai por mim.

(*Apunhalam César.*)

CÉSAR — Et tu, Bruto? Então, que morra César. (*Morre.*)

CINA — Morreu a tirania! Liberdade! Proclamai pelas ruas! Liberdade!

CÁSSIO — Suba alguém às tribunas e proclame "Independência, liberdade e ordem!"

BRUTO — Senadores e povo, ficai calmos; não precisais revelar medo; a dívida da ambição já foi paga.

CASCA — Sobe ao púlpito, Bruto.

DÉCIO — Cássio também.

BRUTO — Onde está Públio?

CINA — Aqui, de todo desolado, à vista dos acontecimentos.

METELO — Ficai juntos, para que não se dê que um dos amigos de César...

BRUTO — Não falemos disso agora; nada de ficar juntos. Públio, anima-te! Ninguém pensa em fazer-te mal algum, nem a qualquer romano. Ide dizer-lhes isso mesmo.

CÁSSIO — Convém deixar-nos, Públio, para evitar que o povo, ao atacar-nos, vos cause dano às cãs.

BRUTO — Sim, fazei isso, e que não chame a si ninguém esse ato, senão nós, seus autores.

(*Volta Trebônio.*)

CÁSSIO — Onde está Antônio?

TREBÔNIO — Em casa, estupefacto. Pais, mães e filhos olham-se perplexos, correm em gritos, como se estivéssemos no dia do juízo.

BRUTO — Fado, mostra o que de nós pretendes. Que haveremos de morrer, já o sabemos; é só o tempo e a sucessão dos dias que a esse ponto deixa os homens aflitos.

CASCA — Quem vinte anos tira da vida, encurta de igual tempo o medo de morrer.

BRUTO — Se isso aceitarmos, ficará sendo a morte um benefício. De César somos, desse modo, amigos, pois o medo da morte encurtamos. Romanos, abaixai-vos! Abaixai-vos! Os braços mergulhemos neste sangue e com ele tinjamos as espadas. Sangue é de César. Depois disso, vamos à praça pública e, agitando os gládios ensanguentados, a uma voz gritemos: "Independência, paz e liberdade!"

CÁSSIO — Abaixai-vos, então, e as mãos tingi. Quantas vezes, nos séculos vindoiros, há de ser posto em cena nosso feito sublime, em povos por nascer e línguas ainda não constituídas!

BRUTO — Quantas vezes sangrará por brinquedo o grande César, que aos pés da estátua

de Pompeu se encontra valendo quanto o pó.

CÁSSIO — Todas as vezes que isso se vir, de nós dir-se-á que fomos os que demos à pátria liberdade.

DÉCIO — Como é, vamos ou não?

CÁSSIO — Vamos, reunidos. À testa marche Bruto; nós os passos lhe enfeitaremos com romanos peitos de ousadia e firmeza inigualáveis.

(*Entra um criado.*)

BRUTO — Quietos. Vem vindo alguém. Ah! É um amigo de Marco Antônio.

CRIADO — Bruto, desse modo me ordenou meu senhor que eu me ajoelhasse, e assim, prostrado, me ordenou dizer-vos: Bruto é valente, nobre, sábio e honesto; César foi grande, altivo, real e bom. Dize que eu amo a Bruto e sei honrá-lo. Dize-lhe mais que a César eu temia, amava e honrava. Permitindo Bruto que, salvo, Antônio dele se aproxime, para saber de que maneira César mereceu essa morte, Marco Antônio não há de amar César defunto tanto quanto Bruto com vida, mas, fielmente, há de seguir as obras e o destino do nobre Bruto em todos os azares deste estado de coisas não trilhado. Assim falou meu amo Marco Antônio.

BRUTO — Romano bravo e sábio é o teu senhor. Nunca o julguei ruim. Dize-lhe que se for do agrado dele vir até aqui, far-lhe-ei nisso a vontade, asseverando, sob palavra de honra, que partirá ileso.

CRIADO — Vou buscá-lo. (*Sai.*)

BRUTO — Sei que ele há de ficar sendo um dos nossos.

CÁSSIO — É o que desejo; mas em mim se agita algo que o teme, e meus pressentimentos, por desgraça, são sempre confirmados.

(*Volta Marco Antônio.*)

BRUTO — Eis Marco Antônio. Sê bem-vindo, Antônio.

ANTÔNIO — Ó poderoso César! Tão por baixo! Todas as tuas glórias, as conquistas, teus espólios e triunfos, a medida tão pequena ficaram reduzidos? Adeus! Não sei o que pensais, senhores, sobre os que ainda devem perder sangue, por ter sangue demais. Se achais preciso que eu o derrame, hora não há melhor do que esta em que deixou de viver César, nem instrumento que em valor se iguale ao de vossas espadas, ora ricas do sangue mais precioso deste mundo. Suplico-vos, no caso de me terdes como suspeito, executai o intento sem perda de um instante, enquanto as rubras mãos ainda vos fumegam. Se eu vivesse mil anos, impossível fora achar-me tão apto para morte como agora. Nenhum lugar me agradaria tanto para morrer, nem gênero de morte, como junto de César, sendo eu morto pelos maiores homens de nossa época.

BRUTO — Não nos peças, Antônio, morte alguma. Embora pareçamos sanguinários neste momento, e cruéis, como nos mostra o ato por estas mãos levado a termo, vedes apenas nossas mãos e a empresa sanguinosa por elas realizada. Os corações não vedes; mas são todos compassivos. Assim, foi a piedade — tal como o fogo é pelo fogo expulso, a piedade à piedade

dá combate — que em César isto fez. Nossas espadas, para vós, Marco Antônio, são de chumbo. Nestes braços, isentos de malícia, e em corações de fraternal afeto, vos acolhemos com amor sincero, reverência e intenções em tudo retas.

CÁSSIO — E na distribuição das dignidades nenhuma voz será mais poderosa do que a vossa.

BRUTO — Pedimos-vos paciência, tão-somente, até ver se conseguimos acalmar este povo, que, de medo, ficou fora de si. Depois, diremos porque eu, que amava César ao golpeá-lo, me decidi a realizar este ato.

ANTÔNIO — Vossa sabedoria me conforta. Dêem-me todos, agora, as mãos sangrentas. Primeiramente, Marco Bruto, a vossa; agora a vossa, Caio Cássio; o mesmo faremos, Décio Bruto; vós Meteleo; vós, também, Cina; vós, valente Casca, e vós, meu bom Trebônio, conquanto o último não o menos querido. Cavalheiros... Ai de mim! Que direi? Neste momento minha reputação se acha em terreno tão escorregadio, que é forçoso verdes-me por dois prismas igualmente deformadores: ou como covarde, ou como adulador. Que eu te votava, César, amor sem par, oh! é verdade. Se nos contempla agora o teu espírito, não será para ti mais doloroso que a própria morte, veres teu Antônio fazer as pazes com teus inimigos — ó nobre César! — diante de teu corpo? Se tantos olhos eu tivesse quantas feridas em ti vejo, porque todos lágrimas derramassem como o sangue que delas ora escorre! Melhor fora para mim, do que ter com teus inimigos concluído assim um pacto de amizade. Perdão, meu Júlio. Como foste acuado, bravo cervo! Tombaste neste ponto; teus caçadores aqui mesmo se acham, do espólio opimo altivos, e ainda rubros das águas do teu Lete. Ó mundo, foste deste cervo a floresta, bem como ele, teu próprio coração. Oh mundo! Como pareces onde te achas, uma caça por fidalgos altivos abatida!

CÁSSIO — Marco Antônio...

ANTÔNIO — Perdoa, Caio Cássio. Poderiam ser ditas tais palavras por inimigos de César; proferidas, porém, por um amigo, ainda revelam muita moderação.

CÁSSIO — Não vos censuro por elogiardes César desse modo. Mas como pretendeis ficar conosco? No número incluído dos amigos? Seguiremos avante, sem que em nada dependamos de vós?

ANTÔNIO — Para isso mesmo apertei-vos as mãos; mas esqueceu-me no instante de ver César. Sou amigo de todos vós, e amor a todos voto, esperando que haveis de revelar-me porque e como era César perigoso.

BRUTO — Se não o fosse, isto tudo não passara de espetáculo selvagem. Tão razoáveis são os motivos que ora nos dirigem, que embora fosseis, Marco Antônio, filho de César, ficaríeis satisfeito.

ANTÔNIO — Não desejo outra coisa. Mas quisera também a permissão de pôr o corpo na praça do mercado e, como amigo do morto, discursar na cerimônia.

BRUTO — Pois não, Antônio.

CÁSSIO — Bruto, uma palavra. (*À parte, para Bruto*) Não lhe deis permissão de ir à tribuna, durante os funerais. Fazeis idéia de como o povo poderá deixar-se mover por seu discurso?

BRUTO — Perdão, Cássio; mas eu, primeiro, falarei de público, para as razões expor do passamento do nosso César. Quanto Marco Antônio disser depois, explicarei, é feito com nossa permissão e inteiro acordo. E mais: que permitimos tenha César todas as honras fúnebres e os ritos que a lei faculta aos mortos Tiraremos de tudo mais vantagem do que dano.

CÁSSIO — Quem sabe o que daí resultar pode? Nada disso me agrada.

BRUTO — Marco Antônio, aqui tendes o corpo. No discurso fúnebre não deveis lançar nenhuma censura sobre nós. Dizei de César todo o bem que quiserdes, explicando que permissão vos demos para tanto. A não ser isso, ficareis excluído das cerimônias fúnebres. E ainda: será vossa oração dita da mesma tribuna em que eu falar, quando concluído eu tiver o discurso.

ANTÔNIO — Mais do que isso não desejo. Está bem.

BRUTO — Prepara, então, o corpo e vem conosco.

(*Saem todos, com exceção de Antônio.*)

ANTÔNIO — Ó pedaço de terra a verter sangue, perdoa o revelar-me humilde e brando com estes carniceiros! És a ruína do mais nobre homem que jamais vivera na corrente do tempo. Ai, ai da mão que fez correr tão precioso sangue! Faço uma profecia em face destas feridas que, de bocas mudas, abrem os lábios de rubi para pedir-me à lingua voz e fala: sobre os homens pesará maldição, lutas internas e uma guerra civil das mais terríveis todas as partes encherão da Itália; o sangue e a destruição de tal maneira ficarão familiares, que somente há se sorrir as mães perante a vista dos filhos massacrados pela guerra; asfixiada a piedade vai tornar-se pelo hábito do crime, e o grande espírito de César, sequioso de vingança, com Ate ao lado, rubra ainda do inferno, em tom de mando gritará por todos estes confins: "Nenhum quartel!" enquanto desprende os cães da guerra. Este ato horrível emprestará a terra de cadáveres que reclamam condigna sepultura. (*Entra um criado.*) Servis a Otávio César, não é isso?

CRIADO — Perfeitamente, Marco Antônio.

ANTÔNIO — César lhe havia escrito que viesse a Roma.

CRIADO — Recebeu sua carta e está em caminho, havendo-me ordenado que oralmente vos relatasse... (*Percebendo o cadáver*) — Oh César!

ANTÔNIO — Tens glorioso coração. Fica à parte e chora a flux. É contagiosa a dor, percebo-a agora, pois vendo-te nos olhos essas contas da tristeza, os meus sinto umedecidos. Teu amo, então, virá?

CRIADO — Ainda esta noite dormiu a sete léguas, só, de Roma.

ANTÔNIO — Então monta depressa e vai contar-lhe quanto aqui se passou. Uma lugente Roma é esta, uma Roma perigosa, uma Roma que a Otávio não faculta nenhuma segurança. Vai

depressa; relata-lhe o que viste. Não! Espera. Só irás depois que o corpo eu tiver posto na praça do mercado e haja sondado com minha oração fúnebre a maneira por que o povo interpreta as conseqüências da ação desses sujeitos sanguinários. Conforme o resultado, ao moço Otávio contarás em que pé estão as coisas. Dai-me a mão.

(*Saem com o corpo de César.*)

Cena 2

O mesmo. O Foro. Entram Bruto e Cássio, seguidos de grande número de cidadãos.

CIDADÃOS — Dai-nos explicações.

BRUTO — Então, amigos, vinde comigo e me prestai ouvidos. Caio Cássio, tomai por outra rua; dividamos o povo. Deixai aqui tão-só os que ouvir-me queiram; os que quiserem ir com Cássio, sigam-no. Serão ditos em público os motivos de havermos morto César.

PRIMEIRO CIDADÃO — Eu não saio; quero ouvir Bruto.

SEGUNDO CIDADÃO — Eu, Cássio. Desse modo, confrontar poderemos os motivos de ambos, depois de ter ouvido à parte.

(*Sai Cássio com alguns cidadãos; Bruto sobe à tribuna.*)

BRUTO — Sede pacientes até o fim. Romanos, concidadãos e amigos! Ouvi a exposição da minha causa e fazei silêncio, para que possais ouvir. Crede em minha honra e respeitai minha honra, para que possais acreditar nela. Julgai-me segundo vossa sabedoria e ficai com os sentidos despertos, para que possais julgar melhor. Se houver alguém nesta reunião, algum amigo afetuoso de César, dir-lhe-ei que o amor que Bruto dedicava a César não era menor do que o dele. E se esse amigo, então, perguntar por que motivo Bruto se levantou contra César, eis minhas resposta: não foi por amar menos a César, mas por amar mais a Roma. Que teríeis preferido: que César continuasse com vida e vós todos morrêsseis como escravos, ou que ele morresse, para que todos vivêsseis como homens livres? Por me haver amado César, pranteio-o; por ter sido ele feliz, alegro-me; por ter sido valente, honro-o; mas por ter sido ambicioso, matei-o. Logo: lágrimas para a sua amizade, alegria para sua fortuna, honra para o seu valor e morte para a sua ambição. Haverá aqui, neste momento, alguém tão vil que deseje ser escravo? Se houver alguém nessas condições, que fale, porque o ofendi. Haverá alguém tão grosseiro para não querer ser romano? Se houver, que fale, porque o ofendi. Haverá alguém tão desprezível, que não ame sua pátria? Se houver, que fale, porque o ofendi. Faço uma pausa, para que me respondam.

CIDADÃOS — Ninguém, Bruto; ninguém.

BRUTO — Nesse caso, não ofendi ninguém. Não fiz a César se não o que faríeis a Bruto. O inquérito sobre sua morte se acha depositado no Capitólio; sua glória não foi depreciada, com referência aos seus merecimentos, não tendo sido, também, exagerados os crimes pelos quais veio a sucumbir. (*Entram Antônio e outros, com o corpo de César.*) Aí vem o seu corpo, chorado por Marco Antônio, que, muito embora não houvesse tomado parte em sua morte, será

beneficiado por ela, pois passará a ocupar um cargo na República. Quem de vós, também, não ocupará um cargo? Despeço-me com isto: assim como matei o meu melhor amigo por amor de Roma, assim também conservarei o mesmo punhal para mim próprio, quando minha pátria necessitar que eu morra.

CIDADÃOS — Viva Bruto! Viva! Viva!

PRIMEIRO CIDADÃO — Levai-o para casa triunfalmente.

SEGUNDO CIDADÃO — Uma estátua erijamos e ponhamo-la ao lado das dos seus antepassados.

TERCEIRO CIDADÃO — Que César ele seja.

QUARTO CIDADÃO — As boas partes de César hão de em Bruto ser coroadas.

PRIMEIRO CIDADÃO — Por entre aclamações e grande júbilo levá-lo-emos a casa.

BRUTO — Concidadãos...

SEGUNDO CIDADÃO — Silêncio! Ficais quietos, que Bruto vai falar!

PRIMEIRO CIDADÃO — Olá! Silêncio!

BRUTO — Caros concidadãos, é meu desejo voltar só para casa; porém peço-vos que por amor de mim fiqueis com Antônio. Prestai honras ao corpo, aqui, de César, e ao discurso em que Antônio há de suas glórias enaltecer, o que lhe permitimos. Encarecidamente a todos peço que, a não ser eu, ninguém daqui se arrede até que Marco Antônio haja falado. (*Sai.*)

PRIMEIRO CIDADÃO — Ficai todos! Ouçamos Marco Antônio.

TERCEIRO CIDADÃO — Subi à tribuna! Vamos escutá-lo. Nobre Antônio, subi.

ANTÔNIO — Muito obrigado vos fico, por amor, tão-só, de Bruto. (*Sobe à tribuna.*)

QUARTO CIDADÃO — Que disse ele de Bruto?

TERCEIRO CIDADÃO — Que obrigado ficava a todos nós por amor dele.

QUARTO CIDADÃO — Será bom que ele aqui não diga nada contra o nome de Bruto.

PRIMEIRO CIDADÃO — Que tirano foi esse César!

TERCEIRO CIDADÃO — Justo. Para Roma, foi grande bênção ficar livre dele.

SEGUNDO CIDADÃO — Ficai quietos! Ouçamos Marco Antônio!

ANTÔNIO — Generosos romanos...

CIDADÃOS — Psiu! Ouçamo-lo.

ANTÔNIO — Concidadãos, romanos, bons amigos, concedei-me atenção. Vim para o enterro fazer de César, não para elogiá-lo. Aos homens sobrevive o mal que fazem, mas o bem quase sempre com seus ossos fica enterrado. Seja assim com César. O nobre Bruto vos contou que César era ambicioso. Se ele o foi, realmente, grave falta era a sua, tendo-a César gravemente expiado. Aqui me encontro por permissão de Bruto e dos restantes — Bruto é

homem honrado, como os outros; todos, homens honrados — aqui me acho para falar nos funerais de César. César foi meu amigo, fiel e justo; mas Bruto disse que ele era ambicioso, e Bruto é muito honrado. César trouxe numerosos cativos para Roma, cujos resgates o tesouro encheram. Nisso se mostrou César ambicioso? Para os gritos dos pobres tinha lágrimas. A ambição deve ser de algo mais duro. Mas Bruto disse que ele era ambicioso, e Bruto é muito honrado. Vós o vistes nas Lupercais: três vezes recusou-se a aceitar a coroa que eu lhe dava. Ambição será isso? No entretanto, Bruto disse que ele era ambicioso, sendo certo que Bruto é muito honrado. Contestar não pretendo o nobre Bruto; só vim dizer-vos o que sei, realmente. Todos antes o amáveis, não sem causa. Que é então que vos impede de chorá-lo? O julgamento! Foste para o meio dos brutos animais, tendo os humanos o uso perdido da razão. Perdoai-me; mas tenho o coração, neste momento, no ataúde de César; é preciso calar até que ao peito ele me volte.

PRIMEIRO CIDADÃO — Penso que em sua fala há muito senso.

SEGUNDO CIDADÃO — Se bem considerardes, procederam muito mal contra César.

TERCEIRO CIDADÃO — Sim, amigos? Temo que em seu lugar venha outro pior.

QUARTO CIDADÃO — Prestastes atenção no que ele disse? Recusou a coroa. Logo, é certo não ter sido ambicioso.

PRIMEIRO CIDADÃO — Isso provado, muita gente terá de pagar caro.

SEGUNDO CIDADÃO — Pobre alma! Tinha os olhos como fogo, à força de chorar.

TERCEIRO CIDADÃO — Em toda Roma não há ninguém mais nobre do que Antônio.

QUARTO CIDADÃO — Atenção! Ele vai falar de novo.

ANTÔNIO — Até ontem a palavra do alto César podia resistir ao mundo inteiro. Hoje, ei-lo aí, sem que ante o seu cadáver se curve o mais humilde. Ó cidadãos! Se eu disposto estivesse a rebelar-vos o coração e a mente, espicaçando-os para a revolta, ofenderia Bruto, ofenderia Cássio, que são homens honrados, como vós bem o sabeis. Não pretendo ofendê-los; antes quero ofender o defunto, a mim e a vós, do que ofender pessoas tão honradas. Vede este pergaminho: traz o selo de César. Encontrei-o no seu quarto; é o testamento dele. Caso o povo sua leitura ouvisse — desculpai-me, mas não pretendo lê-lo — correriam todos a depor beijos nas feridas do morto César e a tingir os lenços em seu sagrado sangue. Mais: viriam mendigar-lhe um cabelo, por lembrança, que, ao morrerem, seria em testamento transmitido aos herdeiros sucessivos, como rico legado.

QUARTO CIDADÃO — Desejamos ouvir o testamento. Lede-o, Antônio.

CIDADÃOS — O testamento! Lede o testamento de César!

ANTÔNIO — Acalmai-vos, bons amigos. Não posso lê-lo; não convém ficardes sabendo quanto César vos amava. Não sois de pedra, nem de pau, mas homens; e, como tal, se ouvísseis a leitura do testamento dele, poderíeis inflamados ficar, ficar furiosos. Conveniente não é ficardes todos sabendo que os herdeiros sois de César; pois se o soubésseis, que não se daria?

QUARTO CIDADÃO — O testamento! Lede o testamento de César, Marco Antônio! Lede-o logo!

ANTÔNIO — Não podeis acalmar-vos um momento? Fui indiscreto ao vos falar sobre isso. Temo ofender quantos honrados homens apunhalaram César. Temo-o muito.

QUARTO CIDADÃO — Homens honrados, nada! São traidores.

CIDADÃOS — São vilãos e assassinos todos eles. O testamento! Lede o testamento!

ANTÔNIO — Forçais-me, então, a ler o testamento? Sendo assim, vinde em círculo pos tar-vos ao redor do cadáver, porque eu possa apontar-vos o autor do testamento. Posso descer? Consentireis que o faça?

CIDADÃOS — Vinde para cá.

SEGUNDO CIDADÃO — Descei.

(*Antônio desce da tribuna.*)

TERCEIRO CIDADÃO — Estais autorizado a fazê-lo.

QUARTO CIDADÃO — Façamos um círculo.

PRIMEIRO CIDADÃO — Afastai-vos do ataúde Afastai-vos do corpo!

SEGUNDO CIDADÃO — Demos lugar para Antônio, para o muito nobre Antônio!

ANTÔNIO — Não me aperteis tanto. Afastai-vos um pouco.

CIDADÃOS — Recuai! Espaço! Recuai!

ANTÔNIO — Se lágrimas tiverdes, preparai-vos neste momento para derramá-las. Conheceis este manto. Ainda me lembro quando César o estreou; era uma tarde de verão, em sua tenda, justamente no dia em que vencera os fortes nérvios. Vede o furo deixado pela adaga de Cássio; contemplai o estrago feito pelo invejoso Casca; através deste apunhalou-o o muito amado Bruto, e ao retirar seu aço amaldiçoado, observai com cuidado como o sangue de César o seguiu, como querendo vir para a porta, a fim de convencer-se se era Bruto, realmente, quem batia por modo tão grosseiro, porque Bruto, como o sabeis, era o anjo do finado. Julgai, ó deuses! quanto o amava César. De todos, foi o golpe mais ingrato, pois quando a Bruto viu o nobre César, a ingratidão mais forte do que o braço dos traidores, de todo o pôs por terra. O coração potente, então, partiu-se-lhe e, no manto escondendo o rosto, veio cair o grande César justamente ao pé da estátua de Pompeu, que sangue todo o tempo escorria. Que queda essa, caros concidadãos! Eu, vós, nós todos nesse instante caímos, alegrando-se sobre nós a traição rubra de sangue. Oh! Vejo que chorais, que sois sensíveis à impressão da piedade. Delicadas lágrimas derramais. Mas chorais tanto, bondosas almas, só de o manto verdes do nosso César, cheio, assim, de furos? Então olhai para isto, o próprio corpo de César, deformado por traidores.

PRIMEIRO CIDADÃO — Oh espetáculo lamentável!

SEGUNDO CIDADÃO — Oh nobre César!

TERCEIRO CIDADÃO — Oh dia de luto!

QUARTO CIDADÃO — Oh celerados! Oh traidores!

PRIMEIRO CIDADÃO — Que espetáculo sangrento!

SEGUNDO CIDADÃO — Queremos vingança!

CIDADÃOS — Vingança! Vamos procurá-los! Fogo! Morte! Fogo! Matemos os traidores!

ANTÔNIO — Parai, concidadãos!

PRIMEIRO CIDADÃO — Silêncio! Ouçamos o nobre Antônio.

SEGUNDO CIDADÃO — Queremos ouvi-lo; iremos para onde ele for; queremos morrer com ele!

ANTÔNIO — Bons e amáveis amigos, não desejo levar-vos a uma súbita revolta. Os autores deste ato são honrados. Ignoro as causas, ai! particulares que a este extremo os levaram; mas são sábios, todos eles, e honrados, e decerto vos dariam razões do que fizeram. Não vim aqui roubar-vos, meus amigos, o coração. Careço da eloqüência de Bruto. Sou um homem franco e simples, como bem o sabeis, que tinha o mérito de amar o seu amigo, o que sabiam perfeitamente quantos permitiram que eu viesse falar dele. Pois é fato: não tenho espírito, valor, palavras, gesto, eloqüência e a força da oratória para inflamar o sangue dos ouvintes. Contento-me em falar tal como falo, simplesmente, dizendo-vos apenas o que todos sabeis, e ora vos mostro as feridas do nosso caro César — pobres bocas sem fala! — concitando-as a falarem por mim. Se eu fosse Bruto, sendo ele Antônio, agora aqui teríeis um Antônio capaz de levantar-vos o espírito e em cada uma das feridas de César uma voz pôr, que faria revoltarem-se as pedras da alta Roma.

CIDADÃOS — Revolta, sim! Revolta!

PRIMEIRO CIDADÃO — Queimaremos logo a casa de Bruto.

TERCEIRO CIDADÃO — Então partamos sem demora. Peguemos os traidores.

ANTÔNIO — Concidadãos, ouvi-me. Vou falar-vos.

CIDADÃOS — Que fale Antônio, o muito nobre Antônio!

ANTÔNIO — Sabeis, amigos, o que estais a ponto de realizar? Em que mereceu César ser a tal ponto amado de vós todos? Ah! não o sabeis. Preciso, então, contar-vos. E o testamento, já vos esquecestes, de que falei há pouco?

CIDADÃOS — É certo! É certo! O testamento! Ouçamos a leitura do testamento!

ANTÔNIO — Aqui vo-lo apresento, com o selo ainda de César. César deixa para cada romano em separado setenta e cinco dracmas.

SEGUNDO CIDADÃO — Nobilíssimo César! Vamos vingar a morte dele!

TERCEIRO CIDADÃO — Oh real César!

ANTÔNIO — Ouvi-me com paciência.

CIDADÃOS — Olá! Silêncio!

ANTÔNIO — Além disso, deixou-vos seus passeios, caramanchões privados e os recentes jardins por ele feitos neste lado do Tibre. Sim, deixou-vos, para sempre, para vossos herdeiros, como pontos de diversão comum, porque pudésseis passear e distrair-vos. Foi um César, realmente! Outro igual, quando teremos?

PRIMEIRO CIDADÃO — Nunca! Nunca! Sigamos para a praça sagrada, a fim de o corpo ali queimarmos, e com os tições as casas incendiemos de todos os traidores. Carreguemos o corpo.

SEGUNDO CIDADÃO — Trazei fogo.

TERCEIRO CIDADÃO — Derrubemos os bancos.

QUARTO CIDADÃO — Derrubai logo janelas, cadeiras, o que for.

(*Saem os cidadãos, com o corpo de César.*)

ANTÔNIO — Que vá por diante. Desgraça, estás de pé; toma ora o curso que bem te parecer. (*Entra um criado.*) Então, amigo?

CRIADO — Senhor, Otávio já chegou a Roma.

ANTÔNIO — Onde está ele?

CRIADO — Em casa estão de César, ele e Lépido.

ANTÔNIO — Vou já já visitá-lo. Chega a tempo. A Fortuna está alegre e, assim disposta, não nos regateará coisa nenhuma.

CRIADO — Ouvi quando ele disse que teriam Bruto e Cássio, a galope, como loucos, ganho as portas de Roma.

ANTÔNIO — É que decerto souberam da disposição do povo agitado por mim. Leva-me a Otávio.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Uma rua. Entra o poeta Cina.

CINA — Sonhei que César e eu nos banqueteávamos. A fantasia tenho assoberbada por idéias sinistras. Sem nenhuma vontade me acho de sair de casa; mas algo a isso me obriga.

(*Entram cidadãos.*)

PRIMEIRO CIDADÃO — Como vos chamais?

SEGUNDO CIDADÃO — Para onde ides?

TERCEIRO CIDADÃO — Onde morais?

QUARTO CIDADÃO — Respondei diretamente a cada um de nós.

PRIMEIRO CIDADÃO — Sim, e em poucas palavras.

QUARTO CIDADÃO — E com sabedoria.

TERCEIRO CIDADÃO — E com franqueza, é o que vos aconselhamos.

CINA — Como me chamo? Para onde vou? Onde moro? Se sou casado ou solteiro? Então, para responder diretamente a cada um de vós, e em poucas palavras, com sabedoria e franqueza: sabiamente direi que sou solteiro.

SEGUNDO CIDADÃO — O que equivale a dizer que são loucos os que se casam. Receio que essa resposta vos possa custar caro.

CINA — Diretamente, vou aos funerais de César.

PRIMEIRO CIDADÃO — Como amigo ou como inimigo?

CINA — Como amigo.

SEGUNDO CIDADÃO — Isso foi diretamente respondido.

QUARTO CIDADÃO — E agora, brevemente, quanto à morada.

CINA — Moro perto do Capitólio.

TERCEIRO CIDADÃO — Vosso nome, senhor, francamente.

CINA — Francamente, meu nome é Cina.

SEGUNDO CIDADÃO — Despedaçai-o! É conspirador!

CINA — Eu sou o poeta Cina! Eu sou o poeta Cina!

QUARTO CIDADÃO — Despedaçai por causa de seus maus versos.

CINA — Não sou o conspirador Cina!

SEGUNDO CIDADÃO — Pouco importa; tem o nome de Cina. Tiremos-lhe do coração apenas o nome e deixemo-lo ir.

TERCEIRO CIDADÃO — Despedacemo-lo! Despedacemo-lo! Fogo! Tições! À casa de Bruto! De Cássio! Queimemos tudo! Sigam alguns para a casa de Décio, outros para a de Casca, outros para a de Ligário. Vamos! Vamos!

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Roma. Um quarto da casa de Antônio. Antônio, Otávio e Lépido, à volta de uma mesa.

ANTÔNIO — Estes também têm de morrer; os nomes estão assinalados.

OTÁVIO — E vós, Lépido, tendes o irmão marcado para a morte. Concordais?

LÉPIDO — Sim, concordo.

OTÁVIO — Assinalai-o, Antônio.

LÉPIDO — Mas com a condição expressa de que Públio não viva, Marco Antônio, filho de vossa irmã.

ANTÔNIO — Não viverá. Vede: com um risco apenas o despacho. Mas Lépido, ide até à casa de César buscar o testamento. Precisamos fazer nele alguns cortes onerosos.

LÉPIDO — E onde vos encontrar depois? Aqui?

ANTÔNIO — Aqui ou no Capitólio. (*Sai Lépido.*) É um homem fútil e de nulo mérito. Só serve para dar recados. Justo vos parece que o mundo dividido, como vai ser, em três, fique ele sendo dono de uma das partes?

OTÁVIO — Fazeis dele esse juízo? No entanto lhe pedistes a opinião sobre o nome das pessoas condenadas à morte em nossa lista negra de proscrições.

ANTÔNIO — Já vi, Otávio, mais dias do que vós. Se sobre esse homem acumulamos honras, porque o peso nos poupemos de fardos infamantes, ele as carrega tal como ouro o burro, que geme e sua sob a carga ingente e é tocado ou levado pela estrada que bem nos aprouver. Levado todo nosso tesouro ao ponto que queríamos, dos fardos o aliviamos e o deixamos como burro sem carga, porque à solta as orelhas sacuda e se regale nas pastagens do Estado.

OTÁVIO — Procedei como quiserdes; mas é um bom soldado, valente e experimentado.

ANTÔNIO — Meu cavalo, Otávio, também o é; por essa causa lhe dou sua ração. É uma criatura que ensinei a brigar, virar depressa, correr para atacar, parar de chofre, e cujos movimentos são regidos pela minha vontade. Em muitas coisas Lépido é apenas isso. É necessário adestrá-lo, educá-lo, dirigi-lo; é um sujeito de espírito acanhado, que se alimenta só de rebotalhos, de imitações, apenas, fora de uso, já bastante surradas, que ele adota por moda. Só falai a seu respeito como de um instrumento manejável. E agora, Otávio, ouvi coisas grandiosas: Bruto e Cássio aliciam muita gente. Precisamos opor-lhes resistência o mais breve possível. Para tanto assentemos de vez nossas alianças, conquistemos amigos e ponhamos de pé todos os meios. Por enquanto, reunamo-nos, a fim de decidirmos como contar certos assuntos

graves e a maneira segura de podermos fazer face aos perigos mais urgentes.

OTÁVIO — Façamos isso, pois nos encontramos amarrados ao posto e por inimigos numerosos acuados, sem contarmos que muitos que ora riem, é o que temo, no coração escondem mil perfídias.

(*Saem*)

Cena 2

Diante da tenda de Bruto, no acampamento perto de Sardes. Tambor. Entram Bruto, Lucílio, Lúcio e soldados. Titínio e Píndaro entram por outro lado.

BRUTO — Alto lá!

LUCÍLIO — Dizei a senha e fazei alto!

BRUTO — Novidades, Lucílio? Chegou Cássio?

LUCÍLIO — Está à mão, tendo Píndaro chegado com saudações da parte de seu amo.

(*Píndaro entrega a Bruto uma carta.*)

BRUTO — São oportunos esses cumprimentos. Vosso amo, Píndaro, ou porque mudasse, ou por ter sido mal aconselhado, deu-me razões para querer que muitas coisas já feitas ainda se encontrassem por fazer. Mas se perto ele se encontra, vai explicar-me tudo.

PÍNDARO — Não duvido que meu muito nobre amor há de mostrar-se tal como sempre foi: honrado e digno.

BRUTO — Ninguém põe isso em dúvida. Lucílio, uma palavra, ainda: saber quero como fostes por ele recebido.

LUCÍLIO — Com cortesia e mostras de respeito, mas sem aquela familiaridade e aquele modo cordial e franco que conosco ele sempre revelara.

BRUTO — Descreveste um amigo acalorado que arrefeceu de todo. Toma nota, Lucílio: sempre que a amizade adoece, para acabar sumindo, é inevitável: lança mão dessas fórmulas forçadas. Não se coadunam esses artifícios com a boa fé singela. Mas os homens pouco sinceros, são como ginetes difíceis de conter, que nos dão mostras de seu ardor, fazendo muitas voltas. Mas se as esporas rubras lhes chegamos, deixam cair a crina e, tal como éguas de aparência ilusória, a prova perdem. Os homens dele vêm?

LUCÍLIO — Esta noite pensam dormir em Sardes. É de Cássio o comando de quase todo o exército e da cavalaria.

(*Ouve-se música de marcha.*)

BRUTO — Ei-lo que chega. Saiamos a encontrá-lo com doçura.

(*Entra Cássio com soldados.*)

CÁSSIO — Alto lá! Oh!

BRUTO — Alto lá! Transmiti ordens às filas!

PRIMEIRO SOLDADO — Alto!

SEGUNDO SOLDADO — Alto!

TERCEIRO SOLDADO — Alto!

CÁSSIO — Meu nobre irmão, foste comigo injusto.

BRUTO — Julgai-me, ó deuses! Se aos meus inimigos nunca jamais fiz injustiça alguma, como admitir que tenha sido injusto para o meu próprio irmão?

CÁSSIO — A sobriedade, Bruto, que vos é própria, encobre ofensas; e quando as praticais...

BRUTO — Cássio, acalmai-vos; exponde com bravura vossas queixas. Conheço-vos de perto. Não briguemos ante o conspecto, assim, de nossas forças, que em nós só devem perceber concórdia. Mandai que fiquem longe, e em minha tenda, Cássio, far-me-eis explanação de tudo, que vos darei ouvidos.

CÁSSIO — Dize, Píndaro, aos nossos comandantes que removam daqui de perto as tropas.

BRUTO — Lucílio, faze o mesmo; não consintas que alguém de nossa tenda se aproxime antes de terminarmos a conversa. Lúcio e Titínio ficarão de guarda.

(*Saem*)

Cena 3

Na tenda de Bruto. Entram Bruto e Cássio.

CÁSSIO — Consiste a ofensa em terdes infligido pena infamante em Lúcio Pela, em vista de ter sido peitado pelos sardos, sem levardes em conta minhas cartas a seu favor, porque eu conheço o homem.

BRUTO — A vós mesmo ofendestes, escrevendo-me a favor dele.

CÁSSIO — Em semelhante tempo não convém esmiuçar pequenas faltas.

BRUTO — Permiti que vos fale com franqueza, Cássio, mas vos acusam de prurido nas mãos, de traficardes os empregos e de vendê-los a sujeitos baixos.

CÁSSIO — Eu, prurido nas mãos? Sabeis que é Bruto quem fala desse modo; não fora isso, seria esse o vosso último discurso.

BRUTO — A corrupção se sente enobrecida pelo nome de Cássio; eis o motivo de esconder o castigo ora a cabeça.

CÁSSIO — Ó castigo!

BRUTO — Recordai-vos de março! Recordai-vos dos idos desse dia! O grande Júlio não sangrou com justiça? Que malvado pôs nele as mãos e o apunhalou, se a causa justa não defendia? Como! Dá-se que tenhamos matado o mais notável homem do mundo, só por haver ele protegido ladrões, e que ora os dedos tenhamos de sujar com vis presentes e de trocar o círculo imponente de nossa dignidade por uns poucos tarecos que na mão fechar podemos? Prefiro ser cachorro e uivar à lua, a ser romano de tão baixa marca.

CÁSSIO — Bruto, não me irriteis, que o não suporto. Esqueceis de quem sois, para tomardes comigo essa atitude. Sou soldado mais experimentado e, assim, mais apto do que vós para impor tais e tais cláusulas.

BRUTO — Qual! Não sois nada disso, Cássio.

CÁSSIO — Sou.

BRUTO — Afirmo que o não sois.

CÁSSIO — Não me irriteis, que perco o autodomínio. Pensai na própria vida, desistindo de me irritar.

BRUTO — Retira-te, homem fraco!

CÁSSIO — Como! Será possível?

BRUTO — Escutai-me, pois desejo falar. Terei de o passo ceder a vossa cólera? Assustar-me, quando um louco me fixa?

CÁSSIO — Oh deuses! deuses! Ver-me forçado a suportar tudo isso!

BRUTO — Tudo isso? Mais, ainda. Amofinai-vos até romper-se o coração altivo. Aos escravos mostrai toda essa cólera; vossos servos deixai cheios de medo. Precisarei curvar-me? Estar atento ao menor gesto vosso? Conservar-me de pé, ou rastejar, de acordo sempre com vossa rabugice? Pelos deuses, tereis de digerir todo o veneno de vossa bile, ainda que com isso venhais a arrebentar. Sim, de hoje em diante vou divertir-me a vossa custa, rir-me quando vos vir raivoso.

CÁSSIO — A isto chegamos?

BRUTO — Afirmastes que sois melhor soldado. Pois demonstrai-o, apresentando a prova de que tem fundamento essa jactância, que folgarei com isso. Gosto sempre de aprender algo com pessoas nobres.

CÁSSIO — De todo jeito me ofendestes, Bruto; de todo jeito. Disse mais antigo soldado, não melhor. Disse, realmente, "melhor?"

BRUTO — Pouco me importa o que dissestes.

CÁSSIO — César jamais teria tido o ousio de irritar-me a esse ponto.

BRUTO — Calma! Calma! Vós é que, César vivo, não teríeis coragem de a tal ponto provocá-lo.

CÁSSIO — Não teria coragem?

BRUTO — Não.

CÁSSIO — Como! Não ousaria provocá-lo?

BRUTO — Não o ousaríeis, por amor à vida.

CÁSSIO — Não confieis por demais em meu afeto, que eu posso fazer algo de que venha depois a arrepender-me.

BRUTO — Já fizestes alguma coisa de que deveríeis estar arrependido. Não contêm, Cássio, terror algum vossas ameaças. De tal modo me ampara a honestidade, que por mim passam como o vento ocioso, de que nem me apercebo. Recusastes-me certa quantia, que mandei privar-vos. Não sei fazer dinheiro por processos pouco recomendáveis. Preferira cunhar o coração, e todo o sangue, gota por gota, transformar em dracmas, a arrancar das calosas mãos dos rústicos, por processos esconsos, suas tristes farandolagens. Para o pagamento de minhas legiões se destinava quanto então vos pedi e mo negastes. Era de Cássio tal procedimento? Teria eu respondido a Caio Cássio por semelhante modo? Quando Marco Bruto ficar interesseiro, a ponto de esconder dos amigos vis moedas, deixai em forma, ó deuses, vossos raios, e reduzi-o a nada!

CÁSSIO — Essa quantia, não vo-la recusei.

BRUTO — Sim, recusaste-la.

CÁSSIO — Afirmo-vos que não. Minha resposta vos foi levada por um mentecapto. O coração me partiu Bruto ao meio. O amigo sabe desculpar as faltas de seus amigos; mas as minhas, Bruto deixa maiores do que são, realmente.

BRUTO — Só o fiz depois de lhes sentir o efeito.

CÁSSIO — Afeição não me tendes.

BRUTO — Não me agradam vossos defeitos.

CÁSSIO — Nunca o olhar amigo deveria enxergá-los.

BRUTO — Não os vira o olhar do adulador, embora fossem tão grandes quanto o Olimpo.

CÁSSIO — Vinde, Antônio! Jovem Otávio, vinde, para em Cássio sozinho, vos vingardes, que ele se acha enfarado do mundo, estando odiado por quem tanto e tanto ama, provocado pelo seu próprio irmão, tratado como qualquer escravo. Suas faltas todas são escritas de cor, para me serem atiradas aos dentes. Oh! Quisera pelos olhos chorar o próprio espírito! Eis meu punhal; o peito nu vos mostro, no qual se encontra um coração mais caro do que a mina de Pluto, mais valioso do que o próprio ouro. Sendo tu romano, arranca-mo do peito. Recusei-te ouro, mas dou-te o coração em troca. Fere-o como o fizeste no de César, porque estou certo de que no auge do ódio lhe tinhas mais amor do que puderas em qualquer tempo dedicar a Cássio.

BRUTO — Guardai esse punhal; ficai colérico quanto vos aprouver; sois livre nisso. Fazei o que entenderdes; a desonra será divertimento. Ó Cássio! O jugo recebestes ao lado de um cordeiro no qual se contém cólera tal como fogo na pederneira, que, batida muitas vezes, revela passageira faísca e, logo, torna a ficar fria.

CÁSSIO — Terá vivido Cássio apenas para ser objeto de escárnio e de risada de seu querido Bruto, quando a mágoa e os humores revoltos o deixavam perturbado de todo?

BRUTO — Ao dizer isso, também tinha os humores revoltados.

CÁSSIO — Concedeis-me esse ponto? Dai-me a mão.

BRUTO — E o coração também.

CÁSSIO — Oh Bruto!

BRUTO — Que houve?

CÁSSIO — Não me tendes amor bastante, para desculpar-me nas horas em que o gênio violento que de minha mãe me veio me faz ficar ingrato?

BRUTO — Tenho, Cássio. E de ora avante, sempre que com vosso Bruto vos excederdes, há de Bruto pensar que é vossa mãe quem deblatera, e em paz vos deixará.

(*Barulho no interior.*)

O POETA (*dentro*) — Deixai-me entrar! Preciso ver os generais! Entre eles há

desacordo. É mal ficarem sós.

LUPÍCIO (*dentro*) — É proibida a entrada.

O POETA (*dentro*) — A morte, apenas, me poderá deter.

(*Entra o poeta, seguido de Lucílio, Titínio e Lúcio.*)

O POETA — Vergonha, generais! Que estais pensando? Sede amigos; um do outro ficai perto. Mais anos do que vós já vi, decerto.

CÁSSIO — Ah! Ah! Que rimas péssimas as deste cínico!

BRUTO — Fora, logo, vagabundo! Fora, tipo lascivo!

CÁSSIO — Suportai-o, Bruto, que ele é assim mesmo.

BRUTO — Suportá-lo? Quando ele conhecer o seu lugar. Qual é a utilidade, numa guerra, desses versistas tolos? Fora, bobo!

CÁSSIO — Saí logo! Depressa! Retirai-vos!

(*Sai o poeta.*)

BRUTO — Vós, Lucílio e Titínio, aos comandantes dizei que tratem de alojar as tropas, para a noite passarem.

CÁSSIO — Depois disso, voltai em companhia de Messala, o mais presto possível.

(*Saem Lucílio e Titínio*)

BRUTO — Uma copa de vinho, Lúcio.

(*Sai Lúcio.*)

CÁSSIO — Nunca imaginara que pudésseis estar tão irritado.

BRUTO — Ó Cássio! Sofro, a um tempo, tantas dores!

CÁSSIO — Uso algum não fareis dos sãos princípios que vos são caros, se atenção prestardes aos males transitórios.

BRUTO — Nenhum homem suporta a dor como eu. Pórcia está morta.

CÁSSIO — Como! Pórcia?

BRUTO — Morreu.

CÁSSIO — Como escapei com vida, contrariando-vos? Oh perda comovente e insuportável! De que morreu?

BRUTO — Da dor de minha ausência e de pesar por terem aumentado tanto as forças de Otávio e Marco Antônio. Recebi a notícia desse fato ao mesmo tempo que a de sua morte. Desvairada ficou e, aproveitando-se de a terem só deixado alguns momentos, engoliu fogo.

CÁSSIO — E assim morreu?

BRUTO — Morreu.

CÁSSIO — Oh deuses imortais!

(*Volta Lúcio, com vinho e tochas.*)

BRUTO — Não falemos mais dela. Agora dai-me uma copa de vinho. Nisto, Cássio, sepulto todo sentimento baixo. (*Bebe.*)

CÁSSIO — O coração sedento se me mostra de tão nobre penhor. Enche-me a taça, Lúcio, até transbordar. Em se tratando da amizade de Bruto, nunca muito quanto eu venha a beber. (*Bebe.*)

BRUTO — Entrai, Titínio. (*Volta Titínio com Messala.*) Bem-vindo, bom Messala. Ora assentemo-nos ao pé aqui da tocha e conversemos sobre as necessidades do momento.

CÁSSIO — Ó Pórcia, já morreste!

BRUTO — Não falemos mais nisso, por obséquio. Bom Messala, nestas cartas informam-me que Otávio e Marco Antônio vêm ao nosso encontro com forças poderosas, e que para Filipos ora a expedição dirigem.

MESSALA — Recebi cartas de teor idêntico.

BRUTO — Sem mais nenhum acréscimo?

MESSALA — Fora da lei por editais os pondo, Otávio, Antônio e Lépido fizeram perecer cem senadores.

BRUTO — Nesse ponto divergem nossas cartas. As minhas falam de setenta mortos por essas proscrições; Cícero, um deles.

CÁSSIO — Cícero, um deles!

MESSALA — Cícero está morto por proscrição, também. Essas notícias vos vieram, meu senhor, de vossa esposa?

BRUTO — Não, Messala.

MESSALA — E a seu respeito, nada vos informam?

BRUTO — Nada, Messala.

MESSALA — É extraordinário o caso.

BRUTO — For que perguntais isso? Dizem algo a seu respeito as vossas?

MESSALA — Não, senhor.

BRUTO — Se sois romano, revelai-me tudo.

MESSALA — Como romano, então, ouvi a verdade: morreu, é certo, e por maneira estranha.

BRUTO — Nesse caso, adeus, Pórcia! Morreremos todos, Messala, é certo. O pensamento de que ela um dia ou outro deveria também morrer, me dá coragem para suportar esse golpe.

MESSALA — Ë assim que os grandes homens devem sofrer as grandes dores.

CÁSSIO — Adoto como vós certos princípios; Mas nesse ponto a minha natureza se confessa impotente.

BRUTO — E agora, vivos, voltemos ao trabalho. Que diríeis de marcharmos já já para Filipos?

CÁSSIO — Não me parece bem.

BRUTO — Vossas razões?

CÁSSIO — É melhor que o inimigo nos procure; esgotará os recursos, os soldados se cansarão em prejuízo próprio, enquanto nós, ficando aqui parados, estamos descansados, protegidos e prontos para o embate.

BRUTO — As razões boas devem ceder lugar para as melhores. De Filipos aqui os moradores só à força se nos mostram dedicados, pois as contribuições têm sido dadas com muito má vontade. Se o inimigo fizer esse percurso, os efetivos reforçará, decerto, aqui chegando com tropas repousadas e acrescidas e de ânimo elevado. Essas vantagens ficarão anuladas, se em Filipos formos fazer-lhe face, atrás deixando todos os moradores desta zona.

CÁSSIO — Bondoso irmão, ouvi-me.

BRUTO — Com licença. Deveis, ainda, observar que já pusemos os amigos a provas excessivas; nossos quadros estão mais do que cheios; nossa causa, madura. Dia a dia, reforça-se o inimigo; nós, no ápice, já atingimos o ponto de descida. Os negócios humanos apresentam altas como as do mar: aproveitadas, levam-nos as correntes à fortuna; mas, uma vez perdidas, corre a viagem da vida entre baixios e perigos. Ora flutuamos na maré mais alta. Urge, portanto, aproveitar o curso da corrente, ou perder nossas vantagens.

CÁSSIO — Bem; uma vez que assim quereis, sigamos para Filipos, que também iremos encontrar o inimigo nesse ponto.

BRUTO — O negrume da noite baixou sobre nossa conversação, sendo preciso que a natureza acate as ordens dadas pela necessidade. Concedamos-lhe como sovinas, pois, o modesto óbolo de um pequeno descanso. Já tratamos de todos os assuntos?

CÁSSIO — Já. Boa noite. Levantaremos amanhã bem cedo, e logo partiremos.

BRUTO — Lúcio! (*Volta Lúcio.*) A toga. Passai bem, bom Messala. Boa noite. Titínio. Boa noite e bom repouso, meu nobre, nobre Cássio.

CÁSSIO — Ó, caro irmão! Quão triste foi o início desta noite! Que jamais a discórdia nos divida, de novo, o coração. Nunca mais, Bruto.

BRUTO — Tudo passou.

CÁSSIO — Boa noite, caro amigo.

BRUTO — Boa noite, mano.

TITÍNIO e MESSALA — General, boa noite.

BRUTO — Boa noite para todos. (*Saem Cássio, Titínio e Messala.*) (*Volta Lúcio, com a toga.*) Dá-me a toga. E o instrumento, onde está!

LÚCIO — Aqui na tenda.

BRUTO — Falas com tanto sono? Pobre criança, não te culpo; não tens dormido nada. Vai chamar Cláudio e mais alguns serventes; dormirão aqui dentro em travesseiros.

LÚCIO — Varro! Cláudio!

(*Entram Varro e Cláudio.*)

VARRO — Chamaste-nos, senhor?

BRUTO — For obséquio, dormi dentro da tenda. Pode dar-se que eu vos acorde, para mandar algum recado ao mano Cássio.

VARRO — Se for do vosso agrado, não dormimos.

BRUTO — Não; assim, não. Deitai-vos, bons amigos. Talvez mude de idéia. Olha aqui, Lúcio, o livro que eu pensava ter perdido. No bolso o achei da toga.

(*Varro e Cláudio deitam-se.*)

LÚCIO — Eu bem sabia que Vossa Senhoria não mo dera.

BRUTO — Sê paciente comigo, bom menino; estou muito esquecido. Ser-te-á fácil manter abertas mais alguns instantes as pálpebras pesadas e uma ou duas modulações tirar desse instrumento?

LÚCIO — Sim, meu senhor; se for do vosso agrado.

BRUTO — Perfeitamente, meu menino; faço-te cansar demais; mas sempre foste dócil.

LÚCIO — É meu dever, senhor.

BRUTO — Mas fora justo que eu não te forçasse no cumprimento dele. O sangue moço, sei-o perfeitamente, quer repouso.

LÚCIO — Já passei pelo sono, meu senhor.

BRUTO — Fizeste bem; e vais dormir de novo. Será por pouco. Caso eu fique vivo, será bom para ti. (*Música e canto.*) A toada é de pessoa sonolenta. Ó sono criminoso! A plúmbea clava deixas cair em cima de meu pajem, quando ele toca música? Boa noite, gentil menino. Não serei grosseiro, fazendo-te acordar. Se cabeceares, quebrarás o instrumento. Vou tirá-lo. E agora, meu menino, bom repouso. E ora vejamos: não tereis deixado virada a folha onde parei de ler? Parece que é esta mesma. (*Entra o fantasma de César.*) Que luz péssima a desta vela! Oh! Quem vem lá! Decerto é a fraqueza da vista que me mostra tão feia aparição. Vem do meu lado! És qualquer coisa? Alguma divindade, algum anjo, talvez, qualquer demônio, que o sangue, assim, me gela, e me arrepia, de tal modo, os cabelos? Quem és? Fala!

FANTASMA — Teu espírito mau, Bruto.

BRUTO — Ao que vens?

FANTASMA — Dizer-te que em Filipos nos veremos.

BRUTO — Muito bem. Quer dizer que ainda hei de ver-te?

FANTASMA — Sim, em Filipos.

BRUTO — Pois que seja! Em Filipos nos veremos. (*Desaparece o fantasma.*) Agora que eu estava encorajado, foi que desapareceste. Mau espírito, quisera ainda falar contigo um pouco. Pequeno! Lúcio! Varro! Cláudio! Cláudio! Senhores, despertai!

LÚCIO — Senhor, as cordas não estão boas.

BRUTO — Pensa que ainda se acha a tocar o instrumento. Lúcio, acorda!

LÚCIO — Senhor?

BRUTO — Sonhaste, Lúcio para assim gritares?

LÚCIO — Se gritei, meu senhor, não sei.

BRUTO — Gritaste. Não viste nada?

LÚCIO — Nada, meu senhor.

BRUTO — Então dorme de novo, Lúcio. Cláudio! Companheiro! Desperta!

VARRO — Senhor?

CLÁUDIO — Senhor?

BRUTO — Por que gritais no sono desse modo?

VARRO e CLÁUDIO — Nós gritamos, senhor?

BRUTO — Gritastes. Vistes, acaso, alguma coisa?

VARRO — Não vi nada, senhor.

CLÁUDIO — Nem eu, senhor.

BRUTO — Recomendai-me, então, ao mano Cássio e lhe dizei que parta com seus homens logo que amanhecer, que hei de segui-lo.

VARRO e CLÁUDIO — Pois não, senhor; dar-lhe-emos o recado.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Planície de Filipos. Entram Otávio e Antônio, com suas tropas.

OTÁVIO — Agora, Antônio, nossas esperanças ficaram confirmadas. Afirmastes que as forças inimigas não viriam para a planície, preferindo os montes. Mas o contrário é o que se verifica. Estão à mão. Aqui mesmo em Filipos pretendem desafiar-nos, respondendo-nos antes mesmo de havermos perguntado.

ANTÔNIO — Ora devasso-lhes o peito, estando perfeitamente a par do que pretendem. Teriam preferido estar algures, mas descem com bravura temerosa, imaginando que ante essa manobra nos dão prova de insólita coragem. Mas não é isso.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Generais, a postos! Com bastante ordem o inimigo baixa, o estandarte sangrento solto aos ventos. Algo terá de acontecer em pouco.

ANTÔNIO — Estendei devagar, Otávio, os vossos homens no lado esquerdo da planície.

OTÁVIO — À esquerda fica tu; eu, do outro lado.

ANTÔNIO — Por que me contrariais nesta premência?

OTÁVIO — Não contrario; apenas farei isso.

(*Toque de marcha.*)

(*Tambores. Entram Bruto, Cássio e suas tropas; Lucílio, Titínio, Messala e outros.*)

BRUTO — Querem parlamentar; estão parados.

CÁSSIO — Pára, Titínio; vamos para a frente, a fim de conversá-los.

OTÁVIO — Marco Antônio, convém dar o sinal para o combate?

ANTÔNIO — Não, César; esperemos que comecem. Adiante! Os generais querem falar-nos.

OTÁVIO — Aguardai o sinal.

BRUTO — Palavras, antes; depois, golpe; certo, concidadãos?

OTÁVIO — Não é por antepormos, como o fazeis, aos golpes as palavras. Boas palavras valem mais, Otávio, do que maus golpes.

ANTÔNIO — Mas vossos maus golpes, Bruto, andam sempre com palavras boas, do que é prova cabal o furo feito no coração de César, ao dizerdes: “Salve, César! Que tenhas vida

longa!”

CÁSSIO — Antônio, ainda ninguém sabe o alcance de vossos golpes; mas vossas palavras as abelhas degradam do próprio Hibla, sem mel deixando-as.

ANTÔNIO — Mas o aguilhão fica.

BRUTO — Oh, não! Ficam sem ele e ficam mudas, que também lhes roubastes o zumbido, motivo de ameaçardes sabiamente, quando quereis picar.

ANTÔNIO — Não procedestes, miseráveis, assim, quando as adagas vis nos flancos de César enterrastes. Como monos, os dentes, só, mostráveis; como cães, rastejáveis servilmente, e, como escravos, vos curváveis todos, beijando os pés de César, no momento em que o maldito Casca, como débil cãozinho, por detrás atingiu César, em plena nuca. Aduladores todos!

CÁSSIO — Aduladores! Bruto, a vós, apenas, deveis agradecer esse elogio. Não nos ofenderia hoje essa língua, se a voz de Cássio houvesse sido ouvida.

OTÁVIO — Entremos no que importa. Se é verdade que suamos só de argumentar, a prova nos fará derramar vermelhas gotas. Vede: Contra conspiradores tiro a espada. Quando julgais que torne a embainhá-la? Nunca antes de ficarem bem vingadas as vinte e três feridas do alto César, ou enquanto não tiver um novo César acrescentado mais um morticínio à espada dos traidores.

BRUTO — Nunca, Otávio, te matarão traidores, se ao teu lado jamais os consentires.

OTÁVIO — É o que espero; não nasci para vítima de espada de Bruto.

BRUTO — Caso fosses o mais nobre de tua geração, mancebo, nunca poderias achar tão digna morte.

CÁSSIO — Não merece tanta honra um colegial petulante, que tem por companheiro um farsista e um estróina.

ANTÔNIO — O velho Cássio sempre a falar!

OTÁVIO — Antônio, retiremo-nos. Traidores, atiramos-vos aos dentes o desafio. Se hoje, ainda, tiverdes coragem de lutar, ao campo vinde; se não, quando julgardes conveniente.

(*Saem Otávio e Antônio, com seu exército.*)

CÁSSIO — Agora, soprai, ventos! Levantai-vos, ondas, e nade o barco! A tempestade se acha desencadeada. Impera o acaso.

BRUTO — Olá! Lucílio, uma palavra.

LUCÍLIO — Meu senhor?

(*Bruto e Lucílio falam à parte.*)

CÁSSIO — Messala!

MESSALA — O general chamou-me?

CÁSSIO — Bom Messala, hoje é o meu natalício; justamente no dia de hoje Cássio veio

ao mundo. Messala, dá-me a mão. És testemunha de que é forçado, como o foi Pompeu, que arrisco numa só batalha todas as nossas liberdades. De Epicuro, bem o sabeis, sou fervoroso adepto e de sua doutrina. Mas agora mudei de parecer e em parte creio que pode haver presságios. Quando vínhamos de Sardes, duas águias vieram pôr-se no estandarte da frente. Colocadas aí, avidamente recebiam alimento das mãos dos nossos homens. Assim vieram conosco até Filipos. Mas hoje cedo levantaram vôo e desapareceram, sobrevoando-nos as cabeças, não águias, porém corvos, gaviões e gralhas, que nos olham do alto, como se presas fôssemos inermes. Sua sombra parece-se com um pálio de mau agouro, sob o qual o exército se ache no ponto de exalar o espírito.

MESSALA — Não deis crédito a isso.

CÁSSIO — Em parte, apenas, terei de dar, pois sou de ânimo forte e me acho decidido a enfrentar todos os perigos com a máxima constância.

BRUTO — Isso mesmo, Lucílio.

CÁSSIO — Agora, muito nobre Bruto, propícios hoje os deuses todos nos sejam, para que possamos, como amigos, em paz, guiar os dias, até ficarmos velhos. Mas não sendo segura nunca a sorte dos humanos, raciocinemos sobre o que nos possa de pior acontecer. Se acaso viermos a perder a batalha, não teremos nenhuma outra ocasião de nos falarmos. Como pensais agir nessa emergência?

BRUTO — De acordo com os princípios da doutrina que me levou a censurar Catão por se ter suicidado. Não consigo compreender a razão, mas considero covarde e vil, apenas pelo medo do que ainda possa vir a acontecer-nos, encurtarmos o prazo da existência. De paciência saberei armar-me, para esperar alguma providência do poder que lá do alto nos governa.

CÁSSIO — Sendo assim, se perdermos a batalha, ficareis satisfeito quando em triunfo pelas ruas de Roma vos levarem?

BRUTO — Não, Cássio; não. Não penses, como nobre romano que és, que Bruto possa, um dia ser levado em correntes para Roma. É de espírito altivo. Mas o dia de hoje irá dar remate ao que nos idos de março começou. Ignoro se ainda viremos a encontrar-nos. Despeçamo-nos, por isso, para sempre. Se de novo nos virmos, sorriremos. Sendo o oposto, fizemos bem de assim nos despedirmos.

CÁSSIO — Bruto, adeus para sempre; para sempre. Realmente, se nos virmos, sorriremos. Sendo o oposto, foi bom nos despedirmos.

BRUTO — Muito bem. Avançai. Oh, se soubéssemos o fim desta jornada antes do início! Mas basta que este dia chegue ao término, que o fim já saberemos. Vamos! Vamos!

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. O campo de batalha. Alarma. Entram Bruto e Messala.

BRUTO — Corre, Messala, corre e entrega a nota às legiões do outro lado. (*Maior alarma.*) Devem todas avançar de uma vez, pois noto na ala de Otávio alguns indícios de tibieza. Uma arrancada súbita os dispersa. Corre, Messala; corre! Venham todos!

(*Saem.*)

Cena 3

Outra parte do campo de batalha. Alarma. Entram Cássio e Titínio

CÁSSIO — Olha, Titínio, aqueles miseráveis estão fugindo. Eu próprio transformei-me em inimigo dos nossos. Este lábaro tinha virado costas; dei a morte ao poltrão que o levava e o tomei dele.

TITÍNIO — Ó Cássio, Bruto deu o sinal cedo. Tendo alguma vantagem sobre Otávio, precipitou-se muito na ofensiva. Seus soldados entregam-se à pilhagem, enquanto Antônio, aqui, nos traz cercados.

(*Entra Píndaro.*)

PÍNDARO — Senhor, fugi, fugi para mais longe! Marco Antônio se encontra em vossas tendas. Nobre Cássio, fugi para mais longe!

CÁSSIO — Desta colina enxerga-se mui longe. Olha Titínio, escuta: aquelas tendas em que percebo fogo são as minhas?

TITÍNIO — Perfeitamente, meu senhor.

CÁSSIO — Titínio, se me amas, monta em meu cavalo, calca-lhe as esporas, até que àquelas tropas te leve e aqui te traga de retorno, pois saber quero com certeza se elas são amigas, ou não.

TITÍNIO — Com a rapidez do pensamento, aqui estarei de novo. (*Sai.*)

CÁSSIO — Vai, Píndaro, coloca-te no ponto mais alto da colina. Minha vista sempre foi fraca. Observa bem Titínio e dize-me o que vês por todo o campo. (*Píndaro sobe a colina.*) No dia de hoje vim ao mundo; o tempo já deu a volta. Tenho de finar-me no ponto da partida. Minha vida completou o circuito. Olá! Que é que há!

PÍNDARO (*de cima*) — Oh, meu senhor!

CÁSSIO — Que novidades há!

PÍNDARO — Titínio está cercado por guerreiros de cavalo, que à espora fita o seguem. Mas das suas também ele faz uso. Estão quase sobre ele... Isso, Titínio! Alguns apearam... Ele também desce... Foi feito prisioneiro. (*Ouvem-se aclamações.*) Estão contentes.

CÁSSIO — Vem para cá; já chega o que observaste. Oh, como sou covarde! Viver tanto, para ver preso meu melhor amigo, perto dos próprios olhos! Aproxima-te, rapaz. Foi na guerra contra os partos que te fiz prisioneiro. Mas deixando-te com vida, então, juraste-me que havias

de cumprir tudo quanto eu te ordenasse, fosse o que fosse. Vem; cumpre a palavra. Livre és daqui por diante, e, fazendo uso desta excelente espada que nas vísceras de César penetrou, fere este peito. Não repliques; segura aqui no punho, e quando vires que eu cobri o rosto, tal como o faço agora, empurra a espada. César, foste vingado, justamente com a mesma espada que te deu a morte. (*Morre.*)

PÍNDARO — Desse modo ganhei a liberdade; mas livre não seria, se eu tivesse podido agir por mim. Oh Cássio! Píndaro fugirá para longe desta terra, onde romano algum possa notá-lo. (*Sai.*)

(*Voltam Titínio e Messala.*)

MESSALA — Uma coisa por outra, simplesmente. Otávio foi vencido pelas forças do nobre Bruto, assim como o foi Cássio pelas legiões de Antônio.

TITÍNIO — Essas notícias reconfortarão Cássio.

MESSALA — Onde o deixastes?

TITÍNIO — Nesta colina, de ânimo abatido. Píndaro, seu escravo, o acompanhava.

MESSALA — Não será ele que está ali no solo?

TITÍNIO — Parece não ter vida. Oh, coração!

MESSALA — Não é ele?

TITÍNIO — Era ele, sim, Messala; Cássio já não existe. Ó sol da tarde! Do mesmo modo que com raios rubros somes na noite, o dia, assim, de Cássio mergulha no seu sangue purpurino. Entrou o sol de Roma. Nosso dia já se foi. Nuvens, brumas e perigos terão de vir. Nossa obra está completa. Este ato decorreu da desconfiança de que eu pudesse ser bem sucedido.

MESSALA — De que ainda haver pudesse bom sucesso. Ó erro odioso, filho da tristeza! Por que mostrais ao vivo pensamento dos homens o que é falso? Muito cedo concebido, careces sempre e sempre de um feliz nascimento, pois a morte da própria mãe engendras.

TITÍNIO — Olá! Píndaro! Píndaro, onde te encontras?

MESSALA — Vai em busca dele, Titínio, enquanto eu vou à procura do nobre Bruto, para que os ouvidos lhe fira ante a notícia desta morte. Sim, digo bem: ferir pois o aço agudo e a seta envenenada não seriam aos ouvidos de Bruto menos gratos do que a notícia do que estamos vendo.

TITÍNIO — Apressa-te, Messala, que entrementes vou ver se encontro Píndaro. (*Sai Messala.*) Meu bravo Cássio, por que mandaste que me fosse? Amigos teus não eram todos quantos ao encontro me sairam? Sobre a fronte não me puseram eles esta bela coroa da vitória, desejando que a ti transmitisse? Não ouviste suas exclamações? Ah, nobre amigo! Interpretaste mal todas as coisas. Mas recebe na fronte esta coroa; teu Bruto me ordenou que ta entregasse. Executo suas ordens. Vem depresa, Bruto, certificar-te da maneira por que honrei Cássio. Desculpai-me, deuses; é hábito dos romanos: vamos, gládio de Cássio, encontra o peito de Titínio. (*Mata-se.*)

(*Alarma. Volta Messala, com Bruto, o moço Catão, Estrato, Volúmnio e Lucílio.*)

BRUTO — Messala, onde ficou caído o corpo?

MESSALA — Ali; Titínio chora ao lado dele.

BRUTO — Está de rosto para cima.

CATÃO — Morto.

BRUTO — Júlio César, ainda és poderoso! Teu espírito vaga pela terra e faz virar nossas espadas contra nossas próprias entranhas.

(*Alarma ao longe.*)

CATÃO — Valoroso Titínio! Não foi ele que a coroa pôs no defunto Cássio?

BRUTO — Existirão dois romanos como estes? Derradeiro dos romanos, adeus! Não é possível que de futuro Roma gerar possa alguém igual a ti. Devo mais lágrimas, amigos, a este corpo, do que possa vir a pagar. Mas pouco importa, Cássio; para isso hei de achar tempo, hei de achar tempo. Vamos; enviemos para Tasso o corpo. Não deverão ser feitas as obséquias em nosso acampamento; poderiam deixar-nos abatidos. Vem, Lucílio; jovem Catão, partamos para o campo de batalha; Labéu e Flávio devem guiar nossas legiões. Já são três horas. Tentaremos de novo nossa sorte, antes que a noite baixe. Vida ou morte!

(*Saem.*)

Cena 4

Outra parte do campo de batalha. Alarma. Entram, a lutar, soldados dos dois lados; depois, Bruto, o moço Catão, Lucílio e outros.

BRUTO — Assim, concidadãos! Coragem! Vamos!

CATÃO — Quem não terá coragem? Só bastardos poderiam falhar-nos. Quem me segue? Por todo o campo de batalha mando proclamar o meu nome. Ouvi-me! Filho sou de Marco Catão, inimigo acérrimo dos tiranos, amigo dos romanos. Sou o filho de Catão!

BRUTO — E eu, Marco Bruto! Marco Bruto! Escutai-me! Bruto! Amigo de minha pátria. Como a Bruto, ouvi-me!

(*Enquanto Bruto sai perseguindo o inimigo, Catão é sobrepujado e cai.*)

LUCÍLIO — Ó Catão, nobre e jovem! Já caiste? Morres como Titínio: bravamente. Qual filho de Catão, serás honrado.

PRIMEIRO SOLDADO — Rende-te, se não, morres.

LUCÍLIO — Só me rendo para morrer. (*Oferecendo-lhe dinheiro.*) Toma isto; é o suficiente para morte me dares imediata. Mata Bruto e, com isso, fica honrado.

PRIMEIRO SOLDADO — Não devemos fazê-lo; é presa nobre.

SEGUNDO SOLDADO — Abri caminho! Ide dizer a Antônio que Bruto caiu preso.

PRIMEIRO SOLDADO — Vou levar-lhe a notícia. Mas eis o general. (*Entra Antônio.*) Senhor, prendemos Bruto.

ANTÔNIO — Onde está ele?

LUCÍLIO — Em segurança, Antônio; Bruto se acha salvo em lugar seguro. Uma só coisa vos posso asseverar: nenhum inimigo jamais prenderá vivo o nobre Bruto. Os deuses o defendam desse opróbrio. Onde quer que o encontrardes, vivo ou morto, igual será a si próprio, igual a Bruto.

ANTÔNIO — Não é Bruto esse, amigo; mas garanto-vos que não é presa de valor somenos. Guardai este homem em lugar seguro, dispensando-lhe trato generoso. Prefiro não ter tais homens como amigos a tê-los como inimigos. Apressai-vos; ide ver se está Bruto vivo ou morto. Depois, à tenda me direis de Otávio como tudo correu.

(*Saem.*)

Cena 5

Outra parte do campo de batalha. Entram Bruto, Dardânio, Clito, Estrato e Volúmnio.

BRUTO — Vinde, resto minguado dos amigos; descansai nesta pedra.

CLITO — Houve quem visse a tocha de Estatílio; no entretanto, senhor, ele não veio; ou ficou preso, ou já se encontra morto.

BRUTO — Clito, senta-te. "Matar" é a senha; o feito está em moda. Escuta, Clito.

(*Fala-lhe ao ouvido.*)

CLITO — Que dizeis, senhor? Não, pelo mundo todo.

BRUTO — Então, caluda!

CLITO — Prefiro suicidar-me.

BRUTO — Ouve, Dardânio.

(*Fala-lhe ao ouvido.*)

DARDÂNIO — Eu, incumbir-me de tal coisa? Nunca!

CLITO — Oh, Dardânio

DARDÂNIO — Oh, Clito!

CLITO — Que pedido funesto te fez Bruto?

DARDÂNIO — O de matá-lo. Vê; ele medita.

CLITO — Esse vaso admirável se acha, agora, tão cheio de amargura, que dos próprios olhos se lhe transbordam.

BRUTO — Bom Volúmnio, chega-te para perto; uma palavra.

VOLÚMNIO — Que disse meu senhor?

BRUTO — Isto, Volúmnio: o espírito de César por duas vezes me apareceu de noite; em Sardes, uma; e, na noite passada, aqui nos campos de Filipos. Minha hora já soou.

VOLÚMNIO — Não é assim, senhor.

BRUTO — É sim, Volúmnio. Bem vês, Volúmnio como as coisas correm: neste combate, nossos inimigos até à beira do abismo nos trouxeram. É mais digno de nós saltarmos nele, do que esperar que venham empurrar-nos. Meu bondoso Volúmnio, como sabes, à escola fomos juntos. Ora, em nome dessa antiga amizade, instante peço-te: segura-me esta espada, que sobre

ela me precipitarei.

VOLÚMNIO — Isso, senhor, não é serviço que um amigo faça

(*Alarma ao longe.*)

CLITO — Fugi, senhor. Aqui correis perigo.

BRUTO — Adeus a vós, e a vós; e a ti, Volúmnio. Dormiste, Estrato, quase todo o tempo; adeus, também, Estrato. Compatriotas, o coração me salta de alegria pelo fato de nunca haver achado ninguém que não me houvesse sido fiel. Mais glória ganharei nesta jornada desastrosa, que Otávio e Marco Antônio hão de alcançar com sua vil conquista. A vós todos, adeus; pois dentro em pouco a voz de Bruto acabará sua história. A noite escura os olhos me recobrem; já me pedem repouso os lassos ossos, que só se azafamaram tanto e tanto, para esta hora alcançarem.

(*Alarma. Gritos, dentro: "Fugi todos!"*)

CLITO — Fugi, senhor!

BRUTO — Depressa! Já vos sigo. (*Saem Clito, Dardânio e Volúmnio.*) Estrato, por obséquio, fica ao lado de teu amo. És pessoa bem formada; chispas de honra tens sempre revelado. Segura-me esta espada e vira o rosto, porque nela eu me atire. Far-me-ás isso?

ESTRATO — Dai-me, primeiro, a mão, meu senhor.

BRUTO — Adeus, bondoso Estrato. (*Atira-se de encontro à espada.*) César, podes acalmar-te; contente a morte aceito, como no instante de ferir-te o peito. (*Morre.*)

(*Alarma. Retirada. Entram Otávio, Antônio, Messala, Lúcio e o exército.*)

OTÁVIO — Quem é este homem?

MESSALA — O criado de meu amo. Onde se encontra, Estrato, teu senhor?

ESTRATO — Livre dos elos, Messala, que vos pesam. Cinza, apenas, poderão fazer dele os vencedores. Bruto só foi vencido por si mesmo: ninguém mais se gloria com sua morte.

LUCÍLIO — É assim mesmo que Bruto deveria ser encontrado. Agradecido, Bruto, te fico por haveres confirmado quanto Lucílio disse.

OTÁVIO — A meu serviço hão de ficar quantos serviram Bruto. Queres servir-me, amigo, de ora em diante?

ESTRATO — Se Messala quiser recomendar-me.

OTÁVIO — Fazei isso, Messala.

MESSALA — Estrato, como pereceu teu amo?

ESTRATO — A espada eu segurei; jogou-se nela.

MESSALA — Então, Otávio, aceita-o, que ao seu amo prestar soube ele o último serviço.

ANTÔNIO — Foi o mais nobre dos romanos. Todos os mais conspiradores, tirante ele, o

feito realizaram por inveja de César. Bruto, apenas, foi levado por uma idéia honesta e o bem de todos a ligar-se aos demais. Era de vida tranqüila, e os elementos de tal modo nele vieram a se unir, que a natureza podia levantar-se e ao mundo inteiro proclamar: "Eis aqui, de fato, um homem!"

OTÁVIO — De acordo com seu mérito o tratemos, realizando com o máximo respeito os ritos funerais. Esta noite seu corpo ficará na minha tenda com honras adequadas a um guerreiro. Mandai tocar repouso para o exército. Quanto a nós, dividamos com alegria as glórias deste grande e feliz dia.

(*Saem.*)

Macbeth

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

Personagens

DUNCAN, rei da Escócia.
MALCOLM, seu filho
DONALBAIN, seu filho.
MACBETH, General do exército do rei
BANQUO, General do exército do rei.
MACDUFF, Nobre da Escócia.
ROSS, Nobre da Escócia.
MENTEITH, Nobre da Escócia.
ANGUS, Nobre da Escócia.
CAITHNESS, Nobre da Escócia.
FLEANCE, filho de Banquo.
SIWARD, duque de Northumberland, general do exército inglês.
O jovem Siward, seu filho.
SEYTON, oficial ligado a Macbeth.
Menino, filho de Macduff.
Um médico inglês.
Um médico escocês.
Um sargento.
Um porteiro.
Um velho.
Lady Macbeth
Lady Macduff
Criado de quarto de Lady Macbeth.
Hécate e três bruxas.
Nobres, gentis-homens, oficiais, soldados, assassinos, criados e mensageiros. O fantasma de Banquo e outras aparições.

Ato 1

Cena 1

Lugar deserto. Trovões e relâmpagos. Entram três bruxas.

PRIMEIRA BRUXA — Quando estaremos à mão com chuva, raio e trovão?

SEGUNDA BRUXA — Depois de calma a baralha e vencida esta batalha.

TERCEIRA BRUXA — Hoje mesmo, então, sem falha.

PRIMEIRA BRUXA — Onde?

SEGUNDA BRUXA — Da charneca ao pé.

TERCEIRA BRUXA — Para encontrarmos Macbeth

PRIMEIRA BRUXA — Graymalkin, não faltarei.

SEGUNDA BRUXA — Paddock chama.

TERCEIRA BRUXA — Depressa!

TODAS — São iguais o belo e o feio; andemos da névoa em meio.

(*Saem*).

Cena 2

Um campo perto de Forres. Alarma dentro. Entram o rei Duncan, Malcolm, Donalbain, Lennox e pessoas do séquito. Encontram um sargento ferido.

DUNCAN — Quem é esse indivíduo ensangüentado? Pelo que mostra, pode dizer algo sobre o estado recente da revolta.

MALCOLM — É o sargento que, como bom e intrépido soldado, me livrou do cativeiro. Salve, valente amigo! Ao rei relata quanto sabes da luta até ao momento em que saíste dela.

SARGENTO — Duvidoso era o desfecho, como dois cansados nadadores que um no outro se embaraçam, a arte prejudicando mutuamente. O impiedoso Macdonwald, digno em tudo de ser mesmo um rebelde — que as inúmeras vilanias do mundo em torno dele como enxames esvoaçam — suprimentos das ilhas do oeste recebeu de quernes e galowglasses; e a fortuna, rindo para sua querela amaldiçoada, mostrou-se prostituta de um rebelde. Mas tudo isso foi fraco em demasia, porque o bravo Macbeth — merece o título — desdenhando a fortuna, de aço em punho, a fumegar da execução sangrenta, tal como o favorito da bravura, soube um caminho abrir até postar-se bem na frente do escravo, não lhe tendo apertado a mão nem dito nenhum adeus, enquanto de alto a baixo não o descoseu e em nossos parapeitos pendurou-lhe a cabeça.

DUNCAN — Oh bravo primo! Que digno gentil-homem!

SARGENTO — Como nascem tempestades terríveis e arrebentam pavorosos trovões do mesmo lado em que o sol principia a levantar-se: da mesma fonte, assim, de onde o socorro parecia manar, surgiu o alarma. Presta atenção agora, rei da Escócia: mal havia a justiça, redobrada pelo valor, forçado os ágeis quernes a confiar nos próprios calcanhares, quando o senhor dos noruegueses, tendo percebido a vantagem, com polidas armas e gente fresca de reforço, recomeçou o assalto.

DUNCAN — E porventura temor não causou isso em nossos cabos Banquo e Macbeth?

SARGENTO — Como os pardais às águias ou a lebre ao leão. Para dizer o que houve, terei de relatar que pareciam canhões com dupla carga reforçados. Assim eles redobravam no imigo duplos golpes. Se queriam banhar-se em fumegantes feridas, se dar fama a um outro Gólgota, não sei dizê-lo. Mas temo desmaiar; minhas feridas reclamam por socorro.

DUNCAN — Teu relato te orna tão bem como esses ferimentos; lídimo sabor de honra eles revelam. Ide buscar um cirurgião para ele. (*Sai o sargento, acompanhado.*) (*Entra Ross.*) Quem vem aí?

MALCOLM — O muito digno thane de Ross. Nos olhos dele, quanta pressa! O olhar

assim teria quem nos viesse dar notícias de fatos muito estranhos.

ROSS — Que Deus proteja o rei.

DUNCAN — Mui digno thane, de onde vens?

ROSS — Grande rei, venho de Fife, onde as bandeiras norueguesas zombam do céu e deixam fria nossa gente com sua agitação. O soberano norueguês em pessoa, com terrível número, reforçado pelo thane de Cawdor o traidor desleal e pérfido, deu início a um conflito pavoroso, até que o forte noivo de Belona, à prova de valor, veio com ele defrontar-se em combate singular, espada contra espada, braço contra braço rebelde, e fez que seu espírito altivo se curvasse. Em conclusão: a vitória pendeu do nosso lado.

DUNCAN — Grande felicidade!

ROSS — De tal medo que Sweno, o norueguês, paz nos implora. Mas não o deixamos sepultar os mortos sem que, antes, em Saint Colme, dez mil dólares houvesse pago para nossa caixa.

DUNCAN — Jamais de novo há de trair o thane de Cawdor nosso afeto. Sem delongas o condenai à morte e com seu título saudai Macbeth.

ROSS — A mim tomo esse encargo.

DUNCAN — Folga Macbeth com o que para ele é amargo.

(*Saem).*

Cena 3

A charneca. Trovões. Entram as três bruxas.

PRIMEIRA BRUXA — Onde estiveste, irmã?

SEGUNDA BRUXA — Matando porco.

TERCEIRA BRUXA — E tu, irmã?

PRIMEIRA BRUXA — Cheio o regaço tinha de castanhas a mulher de um marujo, e mastigava, mascava, mastigava. "Cede-me uma", lhe disse. "Vai-te embora, bruxa!" grita-me a gorda comedora de babugem. Em caminho de Alepo está o marido, como chefe do "Tigre". Mas como rato cotó numa peneira vou só. E roque, roque, roque!

SEGUNDA BRUXA — Vou dar-te um bom vento.

PRIMEIRA BRUXA — Vem a meu contento.

TERCEIRA BRUXA — Com mais um podes contar.

PRIMEIRA BRUXA — Saberei outros achar e os portos de mais zunidos e os pontos deles sabidos na carta dos marinheiros. Vou deixá-lo como enguia, sem que o sono, noite e dia, lhe baixe aos olhos um nada. Vai ser vida amaldiçoada. Semanas noventa e nove, fraco e magro, nem se move; e embora não perca o barco, de tufões não será parco. Vê o que eu trouxe!

SEGUNDA BRUXA — Mostra-me! Mostra-me!

PRIMEIRA BRUXA — O dedo de um marinheiro que naufragou no roteiro.

(*Barulho de tambor, dentro.*)

TERCEIRA BRUXA — Tambor! Tambor! Eis Macbeth, o vencedor!

TODAS — As três bruxas, mãos unidas, por estradas não batidas, por mar e terra se vão. Três para ti, três a mim. três para nove no fim. Silêncio! O encanto está pronto.

(*Entram Macbeth e Banquo.*)

MACBETH — Nunca vi dia assim, tão feio e belo.

BANQUO — A que distância ainda se encontra Forres? Quem são essas criaturas tão mirradas e de vestes selvagens, que habitantes não parecem da terra e, no entretanto, nela se movem? Acaso tendes vida? Sois algo a que perguntas dirijamos? Pareceis compreender-me, pois a um tempo levais os dedos ósseos a esses lábios encarquilhados. Quase vos tomara por mulheres; no entanto vossas barbas não me permitem dar-vos esse nome.

MACBETH — Respondei, se puderdes: quem sois vós?

PRIMEIRA BRUXA — Viva, viva Macbeth! Nós te saudamos, thane de Glamis!

SEGUNDA BRUXA — Viva, viva Macbeth! Nós te saudamos, thane de Cawdor!

TERCEIRA BRUXA — Viva Macbeth, que há de ser rei mais tarde!

BANQUO — Meu bondoso senhor, por que motivo vos mostrais assustado, parecendo recear o que de ouvir é assim tão belo? Em nome da verdade, imaginárias sereis realmente, ou o que mostrais por fora? Meu nobre companheiro foi saudado com títulos, por vós, de atual valia e grande predição de haveres nobres e de real esperança, que parece deixá-lo arrebatado. Porém nada me dissestes. Se podeis ver a seara do tempo e predizer quais as sementes que hão de brotar, quais não, falai comigo, que não procuro nem receio vosso ódio ou vosso favor.

PRIMEIRA BRUXA — Salve!

SEGUNDA BRUXA — Salve!

TERCEIRA BRUXA — Salve!

PRIMEIRA BRUXA — Menor do que Macbeth, porém maior!

SEGUNDA BRUXA — Não tão feliz, mas muito mais feliz!

TERCEIRA BRUXA — Gerarás reis, embora rei não sejas! Assim, viva Macbeth e viva Banquo!

PRIMEIRA BRUXA — Viva Banquo e Macbeth! A todos, viva!

MACBETH — Um momento, oradoras imperfeitas. Falai-me mais um pouco. Pela morte de Sinel eu fiquei thane de Glamis. Mas, Cawdor, de que jeito? Vive o thane de Cawdor, gentil-homem muito próspero; e ser rei ultrapassa os horizontes da crença tanto ou mais do que ser Cawdor. Dizei de onde tirastes tão insólita notícia e por que causa nos fizestes parar nesta charneca desolada, com saudações proféticas? Intimo-vos a me falar.

(*As bruxas desaparecem.*)

BANQUO — A terra tem borbulhas, tal como a água. Elas são justamente isso. Mas para onde sumiram?

MACBETH — No ar; e tudo quanto nos parecia ser corpóreo se fundiu como ao vento nosso anélito. Oh! se tivessem demorado um pouco!

BANQUO — Aqui estiveram, mesmo, essas criaturas sobre que conversamos, ou teríamos comido da raiz malsã que deixa prisioneira a razão?

MACBETH — Reis, vossos filhos?

BANQUO — Chegareis a rei.

MACBETH — E assim, thane de Cawdor. Não foi isso?

BANQUO — Esse, o tom e as palavras. Quem vem vindo?

(*Entram Ross e Angus.*)

ROSS — Macbeth, com alegria o rei as novas recebeu da vitória que obtiveste, e quando ouve falar que aventuraste tua pessoa contra esses rebeldes, põem-se nele a lutar os elogios e a admiração sobre que parte fora justo te reservar, qual a ele próprio. Se sobre isso não fala, compendiando quanto houve neste dia extraordinário, descobre-te na fila dos intrépidos noruegueses, impávido ante as formas da morte estranhas por ti próprio criadas. Bastos como granizo, os mensageiros se sucediam, todos portadores de encômios para ti nesta grandiosa defesa de seu reino, derramando-lhe aos pés os elogios.

ANGUS — Aqui estamos para trazer-te os agradecimentos de nosso real senhor e te levarmos à sua frente, não para pagar-te.

ROSS — E como arras de uma honra de mais vulto, por ele devo te chamar de thane de Cawdor. Salve, pois, mui digno thane, por essa promoção, pois teu é o título.

BANQUO — Como! Falou o diabo, então, verdade?

MACBETH — Vive o thane de Cawdor; qual a causa de me vestirdes com a roupagem de outrem?

ANGUS — O que foi thane ainda está com vida: mas sob pesado juízo a vida se acha que ele malbaratou. Ou mantivesse combinação com os próprios noruegueses, ou por meios secretos os rebeldes procurasse auxiliar, ou dos dois lados se empenhasse na ruína de sua pátria, não sei dizê-lo; mas o certo é que altas traições, já confessadas e provadas, o fizeram cair.

MACBETH (*à parte*) — Glamis e thane de Cawdor... O maior virá a seu tempo. (*A Ross e Angus.*) Agradeço o trabalho. *(A Banquo.*) Esperançado não ficais de que venham vossos filhos a ser reis, uma vez que as que de thane de Cawdor me chamaram, não menores coisas lhes prometeram?

BANQUO — Uma grande confiança na promessa poderia vos inflamar para chegar ao trono, mais que thane de Cawdor. Mas é estranho; por vezes, para nos perdermos, contam-nos os agentes das trevas alguns fatos verídicos, seduzem-nos com coisas inocentes, porém de pouca monta, para nos arrastar a conseqüências incalculáveis. Primo, uma palavrinha, por obséquio.

MACBETH (*à parte*) — Duas verdades foram ditas, prólogo feliz do ato elevado, cujo tema é simplesmente real. — Muito obrigado. senhores. (*À parte.*) Essa solicitação tão sobrenatural pode ser boa, como pode ser má... Se não for boa, por que me deu as arras de bom êxito, relatando a verdade? Sou o thane de Cawdor. Sendo boa, por que causa ceder à sugestão, cuja figura pavorosa os cabelos me arrepia, fazendo que me bata nas costelas o coração tão firme, contra as normas da natureza? O medo que sentimos é menos de temer que as mais terríveis mas fictícias criações. Meu pensamento no qual o crime por enquanto é apenas um fantasma, a tal ponto o pobre reino de minha alma sacode, que esmagada se torna a vida pela fantasia, sem que haja nada além do que não é.

BANQUO — Como ficou absorto nosso amigo!

MACBETH (*à parte*) — Se o acaso quer que eu seja rei, o acaso me poderá coroar sem que eu me mexa.

BANQUO — As honras mais recentes caem nele como em nós roupa nova, que somente com o uso vêm a se ajeitar no corpo.

MACBETH (*à parte*) — Venha o que vier, que a hora da alegria chega depois do mais cansado dia.

BANQUO — Digno Macbeth, por vós é que esperamos.

MACBETH — Desculpai-me; mas meu pesado cérebro se ocupava com coisas esquecidas. Vosso trabalhos, dignos cavalheiros, gravados ficam onde diariamente virar eu possa as folhas para lê-los. Procuremos o rei. *(A Banquo.*) Pensai no que houve, que mais tarde, depois de refletirmos, com o coração aberto falaremos.

BANQUO — Pois não.

MACBETH — Por hoje basta. Amigos, vamos!

(*Saem.*)

Cena 4

Forres. Um quarto no palácio. Fanfarra. Entram Duncan, Malcolm, Donalbain, Lennox e pessoas do séqüito.

DUNCAN — Cawdor já foi executado? Os homens incumbidos do feito já voltaram?

MALCOLM — Meu suserano, ainda não vieram; mas falei com alguém que o viu morrer, que me disse haver ele confessado francamente as traições, pedido a Vossa Grandeza lhe perdoasse e revelado grande arrependimento. Nada em vida tanto o ornou como o modo de deixá-la. Morreu tal como se estudado houvesse como na hora da morte desfazer-se do mais precioso bem, como se fosse de somenos valor.

DUNCAN — Não existe arte que ensine a ler no rosto as feições da alma. Era um fidalgo em quem depositava absoluta confiança. (*Entram Macbeth, Banquo, Ross e Angus.*) Ó digno primo! Neste instante pesava-me o pecado de minha ingratidão. Tão na dianteira te achas agora, que as mais lestes asas da recompensa se revelam tardas demais para alcançar-te. Quem me dera que teus méritos fossem mais modestos, porque estivesse em mim a conta certa dos agradecimentos e da paga! Só me resta dizer-te que mereces mais, muito mais do que as mais ricas messes.

MACBETH — O serviço e a lealdade que vos devo por si mesmos se pagam, competindo tão-somente a Vossa Honra contar sempre com nossa obrigação, consistindo esta em bem servir o trono, o Estado, os filhos e os servidores, que só fazem quanto devem fazendo tudo quanto podem com relação a vosso amor e glória.

DUNCAN — Sê bem-vindo. A plantar-te comecei; hei de esforçar-me, assim, para que alcances crescimento completo. Nobre Banquo, que menos não fizeste e cujos feitos ficar não devem menos conhecidos: permite que te abrace e aperte muito de encontro ao coração.

BANQUO — Se em tal terreno eu me der bem, vossa será a colheita.

DUNCAN — As minhas abundantes alegrias, ébrias de plenitude, ora procuram ocultar-se nas togas da tristeza. Filhos, parentes, thanes, e vós outros que vos achais mais próximos: sabei que reforçar queremos nosso Estado em nosso primogênito Malcolm a quem nomeamos doravante príncipe de Cumberlândia. Mas não há de essa honra a ele somente ornar. Não; como estrelas, títulos brilharão de alta nobreza sobre quem merecer. (*A Macbeth.*) Daqui sigamos para Inverness, a fim de que se dobrem minhas obrigações para convosco.

MACBETH — Trabalho será o ócio que em proveito vosso não for usado. Eu mesmo quero ser o aposentador de Vossa Alteza, para que jubilosos os ouvidos deixe de minha esposa

com a notícia de que em breve estareis em nossa casa. Assim, despeço-me.

DUNCAN — Meu digno Cawdor!

MACBETH (*à parte*) — Já príncipe de Cumberlândia! É escolho que ao mar me joga, se eu não abrir o olho. Estrelas, escondei a luz jucunda, para que a escuridão não veja funda de meus negros anseios! Que na frente da mão o olho se feche prestesmente; mas que se concretize o que, acabado, faça o olho estremecer de horrorizado. (*Sai.*)

DUNCAN — É certo, digno Banquo; é mui valente. Dos elogios dele me alimento; são para mim banquete. Acompanhemo-lo. O zelo dele vai na nossa frente para nos preparar o acolhimento. Não há parente igual.

(*Fanfarras. Saem.*)

Cena 5

Inverness. Castelo de Macbeth. Entra lady Macbeth, lendo uma carta.

LADY MACBETH — "Elas me encontraram no dia da vitória e pude verificar, pela mais exata confirmação, que são dotadas de saber mais do que humano. Quando eu ardia em desejos de continuar a interrogá-las, desfizeram-se em ar, no qual se dissiparam. Enquanto eu me encontrava tomado de estupor com o que acontecera, chegaram mensageiros do rei, que me cumprimentaram a uma voz como "Thane de Cawdor", título com que, antes, me haviam saudado as irmãs feiticeiras, referindo-se ao meu futuro por este modo: "Salve! Ainda virás a ser rei!". Pareceu-me bem comunicar-te o que se passou, companheira querida de minha grandeza, para que não viesses a perder a parte que te cabe dessa felicidade, com ignorares o futuro que te está prometido. Guarda isto no coração e adeus."

Glamis já és e Cawdor, e em futuro virás a ser o que te prometeram. Temo, porém, a tua natureza cheia de leite da bondade humana, que entrar não te consente pela estrada que vai direito à meta. Desejaras ser grande, e não te encontras destituído, de todo, de ambição; porém careces da inerente maldade. O que desejas com fervor, desejaras santamente; não queres jogo ilícito, ruas queres ganhar mal. Desejaras, grande Glamis, possuir o que te grita: "Desse modo precisarás fazer, para que o tenhas!" Mas antes medo tens de fazer isso do que desejas que não fique feito. Vem para cá, para que meus espíritos nos ouvidos te deite e com a ousadia de minha língua chicoteie quantos obstác'los te separam do áureo círculo com que o destino e o auxílio metafísico como que desde já te coroaram. (*Entra um mensageiro.*) Quais são as novidades?

MENSAGEIRO — Hoje à noite o rei chegará aqui.

LADY MACBETH — Como! Estás louco? Acaso teu senhor não está com ele? Não deixaria de instruções mandar-me, para os preparativos.

MENSAGEIRO — Com licença. mas é verdade. Vai chegar o thane. Um dos meus camaradas a dianteira dele tomou, de estafa quase morto, mal lhe restando o fôlego preciso para dar o recado.

LADY MACBETH — Cuidem dele com carinho; traz grandes novidades. (*Sai o mensageiro.*) Rouco está o próprio corvo que crocita a chegada fatídica de Duncan à minha fortaleza. Vinde, espíritos que os pensamentos espreitais de morte, tirai-me o sexo, cheia me deixando, da cabeça até aos pés, da mais terrível crueldade! Espessai-me todo o sangue; obstruí os acessos da consciência, porque batida alguma compungida da natureza sacudir não venha minha hórrida vontade, promovendo acordo entre ela e o ato. Ao feminino peito baixai-me, e fel bebei por leite, auxiliares do crime, de onde as vossas substâncias incorpóreas sempre se

acham à espreita de desgraças deste mundo. Vem, noite espessa, e embuça-te no manto dos vapores do inferno mais sombrios, porque as feridas meu punhal agudo não veja que fizer, nem o céu possa espreitar através do escuro manto e gritar: "Pára! Pára!" (*Entra Macbeth.*) Grande Glamis, digno Cawdor, maior do que ambos, ainda, pela futura saudação. Tua carta além me pôs deste presente néscio, sentindo eu futuro neste instante.

MACBETH — Duncan, meu caro amor, chega esta noite.

LADY MACBETH — E quando vai embora?

MACBETH — Amanhã mesmo, segundo pensa.

LADY MACBETH — O sol, oh! nunca, nunca verá esse amanhã. Vosso rosto, meu thane, é um livro aberto em que podemos ler coisas estranhas. Para o mundo enganardes, a aparência tomai do mundo; tende boas-vindas nas mãos, nos olhos e na própria língua; a todos parecei flor inocente, mas sede a serpe que na flor se esconde. Cuidemos do hóspede que chega, sendo que a meu cargo deveis deixar o grande negócio desta noite, que nos há de legar dias e noites de alegria, de mando soberano e de valia.

MACBETH — Depois conversaremos.

LADY MACBETH — Só te digo que a voz mudar é revelar perigo. Deixa o resto comigo.

(*Saem.*)

Cena 6

O mesmo. Diante do castelo. Oboés e tochas. Entram Duncan, Malcolm, Donalbain, Banquo, Lennox, Macduff, Ross, Angus e pessoas do séquito.

DUNCAN — É bela a posição deste castelo. O ar afaga os sentidos delicados por maneira agradável e serena. Os hóspedes do estio, as andorinhas, dos templos familiares, bem demonstram com seus ninhos mimosos que o celeste hálito aqui cativa com o perfume. Não há sacada, friso, arcobotante, ou favorável canto em que esses pássaros não suspendam seu leito e o berço fértil. Onde eles gostam de viver, notei-o, o ar é mui delicado. (*Entra lady Macbeth.*) Vede! Vede! Nossa hospedeira ilustre! O amor que segue nossos passos, por vezes nos perturba. Mas, sendo amor, agradecemos sempre. Com isso vos ensino a dirigir-nos um "Deus vos recompense" pelos muitos trabalhos que vos damos, e a os incômodos ainda agradecer-nos.

LADY MACBETH — Fossem duplos nossos trabalhos, sob qualquer aspecto, e depois redobrados, ainda foram coisinhas sem valor, se comparados com as honrarias grandes e profundas com que sobrecarrega nossa casa vossa alta majestade. Pelos velhos benefícios e as honras mais recentes que lhe acrescentastes, confessamo-nos como vossos devotos.

DUNCAN — E onde o thane de Cawdor se meteu? No encalço dele corremos até aqui, pensando mesmo que de aposentador lhe serviríamos. Mas ele monta muito bem, e o grande afeto que nos vota, agudo como suas esporas, à sua própria casa o trouxe antes de nós. Formosa e digna hospedeira, esta noite ficaremos aqui como vosso hóspede.

LADY MACBETH — A existência tiveram sempre os servos, eles próprios e seus haveres todos como simples depósito ao dispor de Vossa Alteza, pronto a ser devolvido.

DUNCAN — A mão vos tomo; para o meu hospedeiro conduzi-me. Temos-lhe grande amor e mostrar-lhe-emos provas ainda mais de nossa graça. Permiti-me, hospedeira.

(*Saem.*)

Cena 7

O mesmo. Um quarto no castelo. Oboés e tochas. Um trinchante atravessa o palco com diversos criados, que carregam pratos e acessórios da mesa. Depois entra Macbeth.

MACBETH — Se feito fosse quanto fosse feito, seria bom fazermo-lo de pronto. Se o assassínio enredasse as conseqüências e alcançasse, com o fim, êxito pleno; se este golpe aqui fosse tudo, e tudo terminasse aqui em baixo, aqui somente, neste banco de areia da existência, a vida de após morte arriscaríamos. Mas é aqui mesmo nosso julgamento em semelhantes casos; só fazemos ensinar as sentenças sanguinárias que, uma vez aprendidas, em tormento se viram do inventor. Essa justiça serena e equilibrada a nossos lábios apresenta o conteúdo envenenado da taça que nós mesmos preparáramos. Ele está aqui sob dupla salvaguarda. De início, sou parente dele e súdito, duas razões de força contra esse ato; depois, sou o hospedeiro, que devera fechar a porta a seus assaltadores, não levantar contra ele minha faca. Esse Duncan, por fim, tem revelado tão brandas qualidades de regente, seu alto ofício tem exercitado por maneira tão pura que suas claras virtudes hão de reclamar, sem dúvida, contra o crime infernal de sua morte. E a piedade, tal como um recém-nado despido, cavalgando a tempestade, ou querubim celeste que montasse nos corcéis invisíveis das rajadas, há de atirar esse ato inominável contra os olhos de todas as pessoas, até que o vento as lágrimas afoguem. Esporas não possuo, para os flancos picar do meu projeto, mas somente a empolada ambição que, ultrapassando no salto a sela, vai cair sobre outrem. (*Entra lady Macbeth.*) Que há de novo?

LADY MACBETH — Já está no fim da ceia. Por que saístes?

MACBETH — Perguntou por mim?

LADY MACBETH — Pois ainda me fazeis essa pergunta?

MACBETH — Não iremos mais longe neste assunto. Muitas honras me fez ultimamente, havendo eu conquistado áureo conceito junto de toda gente, que desejo mostrar com o novo brilho, não de lado jogar sem mais nem menos.

LADY MACBETH — Encontra-se embriagada a esperança que até há pouco vos revestia? Adormeceu, decerto, desde então e acordou agora, pálida e verde a contemplar o que ela própria começara tão bem? Desde este instante para mim teu amor vale isso mesmo. Tens medo de nos atos e coragem mostrar-te igual ao que és em teus anelos? Queres vir a possuir o que avalias como ornamento máximo da vida, mas qual poltrão viver em tua estima, deixando que um "Não ouso" vá no rasto de um "Desejara", como o pobre gato de que fala o provérbio?

MACBETH — Paz, te peço. Ouso fazer tudo o que faz um homem; quem fizer mais, é que

deixou de sê-lo.

LADY MACBETH — Que animal foi, então, que teve a idéia de me participar esse projeto? Quando ousastes fazê-lo éreis um homem, e querendo ser mais do que então éreis tanto mais homem a ficar viríeis. Lugar e tempo então não concordavam; no entanto desejáveis ajeitá-los; e ora que se acomodam por si mesmos, essa boa vontade vos abate! Já amamentei e sei como é inefável amar a criança que meu leite mama; mas no momento em que me olhasse, rindo, o seio lhe tirara da boquinha desdentada e a cabeça lhe partira, se tivesse jurado, como o havíeis em relação a isso.

MACBETH — Se falharmos...

LADY MACBETH — Falharmos? Bastará aparafusardes vossa coragem até o ponto máximo, para que não falhemos. Quando Duncan se puser a dormir — e a rude viagem de hoje o convidará para isso mesmo — ambos os camareiros de tal modo dominarei com vinho, que a memória, essa guarda do cérebro, fumaça tão-somente será e o receptáculo da razão, alambique. E quando os corpos nesse sono de porco se encontrarem, como se mortos fossem, que de coisas não faremos em Duncan indefeso, que culpas não imputaremos a esses servidores-esponjas, porque fiquem responsáveis por nosso grande crime?

MACBETH — Só deves dar à luz a filhos homens, pois teu vigor indômito só pode filhos homens nutrir. Será aceitável, quando de sangue besuntado houvermos os dois homens que dormem no seu quarto, e seus próprios punhais também usado, que foram eles os autores disso?

LADY MACBETH — Quem ousará pensar de outra maneira, quando rugirmos nossa dor e os altos clamores rimbombarem sobre o morto?

MACBETH — Preparado me encontro e deixo tensos todos os nervos para esse ato horrível. Vamos! Recomponhamo-nos primeiro; coração falso e rosto lisonjeiro.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Inverness. Pátio no interior do castelo. Entram Banquo e Fleance, precedidos de um criado com uma tocha.

BANQUO — Quanto da noite já será, menino?

FLEANCE — Não ouvi bater horas, mas a lua já se escondeu.

BANQUO — Ela se esconde às doze.

FLEANCE — Penso, senhor, que será mais do que isso.

BANQUO — Toma aqui minha espada. Há economia no céu; todas as luzes se apagaram. Fica também com isto. Em mim se exerce uma pressão pesada como chumbo. No entretanto, quisera não dormir. Detende em mim, poderes criadores, os pensamentos maus que a natureza permite aos que repousam. (*Entra Macbeth, acompanhado de criado, com uma tocha.*) Quem vem lá?

MACBETH — Um amigo.

BANQUO — Como, senhor! Ainda estais de pé? O rei já foi deitar-se; revelava insólita alegria, tendo enchido de grossos cabedais vossos celeiros. Saúda vossa esposa, oferecendo-lhe este diamante, como à mais bondosa das hospedeiras. Foi-se para o quarto com um contentamento sem limites.

MACBETH — Tomada de surpresa, nossa boa vontade se mostrou serva da falta. Se não, teria inteira liberdade.

BANQUO — Tudo vai bem. Sonhei na última noite com as três irmãs fatais. Muito verídicas com relação a vós se revelaram.

MACBETH — Não penso nelas; no entretanto, quando tivermos alguma hora favorável dedicaremos a isso umas palavras, se o tempo vos sobrar.

BANQUO — Com todo o gosto.

MACBETH — Se no tempo oportuno concordardes com meu modo de ver, ganhareis honra.

BANQUO — Se não vier a perdê-la no propósito de fazê-la aumentar, puro deixando-me o coração e límpida a obediência, ouvir-vos-ei de grado.

MACBETH — Bom repouso até esse dia.

BANQUO — Muito agradecido, meu senhor; iguais votos vos dirijo.

(*Saem Banquo e Fleance.*)

MACBETH — Vai dizer à senhora que me faça sinal com o sino, quando estiver pronta minha bebida. Depois disso, deita-te. (*Sai o criado.*) Será um punhal que vejo em minha frente com o cabo a oferecer-se-me? Peguemo-lo. Não te apanhei ainda; no entretanto, vejo-te sempre. Não serás sensível, visão funesta, ao tato como à vista? Ou de um punhal não passas, simplesmente, do pensamento, uma criação fictícia, procedente do cérebro escaldante? Percebo-te, no entanto, e tão palpável como este que ora empunho. Mostras-me a estrada que seguir eu devo e o instrumento que a usar serei forçado. Se meus olhos joguete não se mostram de meus outros sentidos, sobrepujam todos eles. Ainda te percebo, manchado o cabo e a lâmina de gotas de sangue que antes não estava neles. Não existe tal coisa; é o sanguinário projeto que a meus olhos toma forma. Em metade do mundo, neste instante, parece estar sem vida a natureza; os sonhos maus iludem sob as pálpebras o sono bem velado; feiticeiras o rito exercem singular da pálida Hécate; o esquálido assassino, posto de alerta pela sua sentinela, o lobo, cujo uivar lhe serve de horas, com passo de ladrão e o andar furtivo de Tarquínio, da meta se aproxima, tal qual fantasma. Ó terra forte e sólida, não ouças o barulho de meus passos, seja qual for a direção que tomem, porque as próprias pedrinhas não propalem para onde eu vou e dissipar não façam o horror desta hora que tão bem lhe fica. Eu ameaço; ele vive; congelada pelo meu sopro a ação se torna em nada. (*O sino soa.*) Já vou; está feito. O sino me convida. Duncan, não ouças; é um chamado eterno que para o céu te leva ou para o inferno. (*Sai.*)

Cena 2

O mesmo. Entra lady Macbeth.

LADY MACBETH — O que os embebedou me deu coragem: fogo me deu o que os deixou extintos. Ouvi! Silêncio! É o pio da coruja, sentinela fatal que augura a mais sinistra noite. Vai dar o golpe; a porta se acha aberta; o ressonar dos guardas embriagados zomba do ofício deles. Pus mistura na bebida de todos, de tal forma que a morte e a natureza neles lutam sobre se vão morrer ou ficar vivos.

MACBETH (*dentro*) — Quem está aí? Olá!

LADY MACBETH — Que pena! Temo, que acordassem e nada esteja feito. O que nos atrapalha é a tentativa, somente, não a ação. Ouvi! De jeito deixei os punhais deles; não podiam ficar despercebidos. Se não fosse parecer-se no sono com meu pai, eu própria o realizara. — Meu marido!

(*Entra Macbeth.*)

MACBETH — Realizei o ato. Ouviste algum barulho?

LADY MACBETH — O pio, apenas, da coruja, e o grito do grilo. Não falastes?

MACBETH — Quando?

LADY MACBETH — Agora.

MACBETH — Quando eu descia?

LADY MACBETH — Sim.

MACBETH — Escuta um pouco. Quem é que está naquele quarto ao lado?

LADY MACBETH — Donalbain.

MACBETH (*Contemplando as mãos*) — Oh, que vista lastimável!

LADY MACBETH — É um pensamento néscio dizer isso: "Que vista lastimável!"

MACBETH — Um, no sono, sorriu, e o outro gritou: "Ai! Assassínio!" E, com isso, acordaram. Escutando-os, me detive. Mas eles murmuraram orações, tão-somente, e dispuseram-se a dormir outra vez.

LADY MACBETH — No mesmo quarto se acham dois.

MACBETH — Um gritou: "Deus nos ampare!" E "Amém" disse o outro, como se tivessem percebido as mãos sujas do carrasco. Ao escutar-lhe o temor, não pude dizer "Amém",

quando eles murmuraram "Deus nos ampare".

LADY MACBETH — Não será prudente pensar tanto sobre isso.

MACBETH — Por que causa não pude, então, dizer "Amém?" De bênção tinha necessidade mui premente; mas na garganta o "Amém" ficou pegado.

LADY MACBETH — Essas coisas não devem ser pensadas dessa maneira. É de deixar-nos loucos.

MACBETH — Uma voz pareceu-me ouvir, aos gritos de: "Não durmais! Macbeth matou o sono!" o meigo sono, o sono que desata a emaranhada teia dos cuidados, que é o sepulcro da vida cotidiana, banho das lides dolorosas, bálsamo dos corações feridos, a outra forma da grande natureza, o mais possante pábulo do banquete da existência.

LADY MACBETH — Que pretendeis dizer?

MACBETH — Por toda a casa continuava a gritar: "Basta de sono! Não durmais! Glamis destruiu o sono! Por isso Cawdor já dormir não pode, Macbeth dormir não pode!"

LADY MACBETH — Quem gritava por esse modo? Ora, meu digno thane, relaxais vossas nobres energias considerando as coisas por maneira tão doentia. Arranjai um pouco de água, para das mãos tirardes todas essas testemunhas manchadas. Por que causa trouxestes os punhais de onde se achavam? Precisam ficar lá. Tomai a pô-los em seus lugares e sujai de sangue os criados que ainda dormem.

MACBETH — Não; não volto. Tenho pavor só de pensar no feito; voltar a contemplá-lo me é impossível.

LADY MACBETH — Oh! que vontade fraca! Dai-me as armas. Os mortos e os que dormem são pinturas, nada mais. É somente o olho da criança que tem medo do diabo desenhado. Se estiver a sangrar, deixarei tintos com isso o rosto de seus próprios criados, pois é preciso que pareça que eles o crime cometeram.

(*Sai. Pancadas dentro.*)

MACBETH — Onde batem? Que se passa comigo, para um simples ruído apavorar-me? E aquelas mãos, ai! que os olhos me arrancam? Todo o oceano do potente Netuno poderia de tanto sangue a mão deixar-me limpa? Não; antes minha mão faria púrpura do mar universal, tornando rubro o que em si mesmo é verde.

(*Volta lady Macbeth.*)

LADY MACBETH — De vossa cor as mãos agora tenho; mas de possuir ficara envergonhada um coração tão branco. (*Pancadas dentro.*) Ouvi! Novas batidas. Ide logo vestir vosso roupão; se nos chamarem, não devemos mostrar que não dormimos. Não deveis entregar-vos a essas cismas tão miseravelmente.

MACBETH — Conhecer o que fiz... Melhor me fora se não me conhecesse. (*Pancadas dentro.*) Acordam Duncan batendo desse modo. Ah! se acordasses!

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Pancadas dentro. Entra o porteiro.

PORTEIRO — Isso, sim, é que é bater! Quem fosse porteiro no inferno não faria outra coisa senão virar a chave. (*Pancadas dentro.*) Bate, bate, bate! Quem está aí, em nome de Belzebu? Eis que chega um lavrador que se enforcou, na expectativa de uma boa colheita. Chegais na hora. Trazei boa carga de lenços, por isso que tereis de suar aqui a valer. (*Pancadas dentro.*) Bate, bate, bate! Quem está aí, em nome do outro diabo? Por minha fé, é um sujeito de língua equívoca, que poderia jurar em qualquer um dos pratos da balança, contra o outro prato, que cometeu bastantes traições por amor de Deus, mas não pôde equivocar o céu. Oh! entrai, meu equivocador! (*Pancadas dentro.*) Bate, bate, bate! Quem está ai? Por minha fé, é um alfaiate inglês que vem para cá por ter roubado uns calções franceses. Entrai, senhor alfaiate! Aqui podereis aquecer à vontade vosso ferro de engomar. (*Pancadas dentro.*) Bate, bate! Não há sossego de jeito nenhum. Quem sois? Mas, para inferno, este lugar é muito frio. Não continuarei nele por mais tempo como porteiro do diabo. Tinha pensado em deixar entrar gente de todas as profissões, que vai para os fogos eternos pela estrada semeada de rosas. (*Pancadas dentro.*) Um momento! Um momento! Por obséquio, não vos esqueçais do porteiro. (*Abre o portão.*)

(*Entram Macduff e Lennox.*)

MACDUFF — Fostes, amigo, vos deitar tão tarde para demorar tanto a levantar-vos?

PORTEIRO — Em verdade, senhor, ficamos a beber até ao segundo canto do galo, e a bebida, senhor, é um grande provocador de três coisas.

MACDUFF — Quais são as três coisas que a bebida provoca especial mente?

PORTEIRO — Ora, senhor, nariz vermelho, sono e urinas. A lascívia, senhor, ela provoca e deixa sem efeito; provoca o desejo, mas impede a execução. Por isso pode-se dizer que a bebida usa de subterfúgios com a lascívia: ela a cria e a destrói; anima-a e desencoraja-a; fá-la ficar de pé e depois a obriga a não ficar de pé. Em resumo: leva-a a dormir com muita lábia e, lançando-lhe o desmentido, abandona-a a si mesma.

MACDUFF — Penso que a bebida te lançou o desmentido esta noite.

PORTEIRO — Foi isso mesmo, senhor, que ela fez comigo, pela garganta a dentro. Mas eu lhe dei o troco do desmentido; porque sendo, como penso ser, mais forte do que ela, embora por vezes ela me quisesse passar rasteira, acabei por jogá-la ao solo.

MACDUFF — Teu senhor já se levantou? (*Entra Macbeth.*) O barulho acordou-o. Ei-lo

que chega.

LENNOX — Nobre senhor, bom dia.

MACBETH — Para todos também bom dia.

MACDUFF — O rei, mui digno thane, já terá acordado?

MACBETH — Não, ainda.

MACDUFF — Pediu-me que o chamasse bem cedinho. Por pouco perdi a hora.

MACBETH — Vou levar-vos até onde ele se encontra.

MACDUFF — Sei que alegre vos deixa esse trabalho. Porém sempre será trabalho.

MACBETH — O trabalho agradável é remédio da canseira. Eis a porta.

MACDUFF — A liberdade vou tomar de bater, pois a incumbência que recebi foi essa. (*Sai.*)

LENNOX — O rei parte hoje?

MACBETH — Parte; assim decidiu.

LENNOX — A noite toda foi desassossegada. Onde dormimos o vento derrubou a chaminé. Dizem que no ar se ouviram muitos prantos, gritos de morte estranhos, profecias, em terríveis acentos, de horrorosas devastações, confusos acidentes, ninhada destes tempos ominosos. Durante toda a noite a ave das trevas não deixou de piar. Dizem que a terra teve febre e tremeu.

MACBETH — Foi uma noite muito rude, em verdade.

LENNOX — Minha jovem memória não se lembra de outra igual.

(*Volta Macduff.*)

MACDUFF — Horror, horror, horror! Não pode a língua, não pode o coração nem conceber-te nem dar-te nome algum.

MACBETH e LENNOX — Que aconteceu?

MACDUFF — A destruição concluiu sua obra-prima. Arrombou o sacrílego assassínio o templo ungido do Senhor, e a vida roubou do próprio altar.

MACBETH — Como dissestes? A vida?

LENNOX — Pretendeis dizer que é a vida de Sua Majestade?

MACDUFF — Ide até o quarto e a vista destruí ante outra Górgona. Quero ficar calado. Ide vós mesmos, para depois falardes. (*Saem Macbeth e Lennox.*) Despertai! Despertai! Traição e morte! Malcolm, Banquo, Donalbain, depressa, sacudi esse sono de penugem, simulacro da morte, e vinde a própria morte encarar. De pé! A imagem vede do grande julgamento. Malcolm! Banquo! Vinde como das tumbas, como espíritos, para ver este horror. Tocai o sino!

(*Soa o sino.*)

(*Entra lady Macbeth.*)

LADY MACBETH — Que aconteceu aqui, para que, tão medonha, uma trombeta desperte os moradores desta casa, para parlamentar? Falai! Falai!

MACDUFF — Ó gentil dama, não deveis ouvir-me no que tenho a dizer. Esse relato, repetido ao ouvido de uma dama, produziria a morte. (*Entra Banquo.*) Ó Banquo! Banquo! assassinado foi nosso real amo.

LADY MACBETH — Ai! como? Em nossa casa?

BANQUO — Oh! muito cruel, pouco importa onde fosse. Caro Duff, desmente-te a ti próprio, por obséquio, e dize que houve engano.

(*Voltam Macbeth e Lennox.*)

MACBETH — Se eu tivesse morrido uma hora, apenas, antes de isto se dar, teria tido uma vida abençoada. Doravante nada mais há de sério no universo. Tudo é farandolagem; a honra e a glória já não existem. Esgotado se acha o vinho da existência, só restando simples borra no fundo desta adega com que possa jactar-se.

(*Entram Malcolm e Donalbain.*)

DONALBAIN — Que foi que aconteceu?

MACBETH — Como! Estais vivos e não sabeis o que houve? A fonte, a origem, o princípio secou de vosso sangue, a própria origem já parou de todo.

MACDUFF — Vosso real pai se encontra assassinado.

MALCOLM — Oh! E por quem?

LENNOX — Ao que parece, foram seus próprios camareiros que o mataram. De sangue o rosto e as mãos tinham manchados, como os punhais que sem bainha achamos sobre seus travesseiros. De olhar fixo se achavam, como alheados. Não deviam ter-lhes confiado a vida de ninguém.

MACBETH — Agora me arrependo de os ter morto na minha indignação.

MACDUFF — Por que o fizestes?

MACBETH — Quem sábio pode ser e estupefacto, moderado e furioso, leal e neutro na mesma hora? Ninguém. A diligência do meu amor violento deixou longe a razão vagarosa. Neste ponto se achava Duncan, com sua cute branca acairelada pelo sangue de ouro; as feridas abertas pareciam brechas da natureza, adrede feitas para a entrada da ruína vastadora; além, os assassinos, embebidos da cor da profissão, monstruosamente recobertas de sangue as próprias armas... Quem poderia reprimir-se, tendo coração para amar e, nele, o brio de tornar conhecidos seus pendores?

LADY MACBETH — Oh! Tirai-me daqui!

MACDUFF — Vede a senhora.

MALCOLM — (*à parte, a Donalbain*) — Por que ficamos mudos, se este caso de perto nos atinge mais que a todos?

DONALBAIN (*à parte, a Malcolm*) — Por que falar aqui, onde o destino, a espiar de algum buraco, poderia lançar-se sobre nós? Fujamos; nossas lágrimas não estão bem preparadas.

MALCOLM (*à parte, a Donalbain*) — Nem nossa grande dor para a vingança.

BANQUO — Socorrei a senhora. (*Lady Macbeth é levada para fora.*) E após agasalharmos a fraqueza, muito sensível a este tempo frio, reunamo-nos a fim de interrogarmos esta obra enormemente sanguinária, para com mais vagar a conhecermos. A dúvida e o receio nos abalam. Na grande mão de Deus ora me encontro, disposto a combater as não sabidas intenções da malícia criminosa.

MACDUFF — Como eu.

TODOS — Como nós todos.

MACBETH — Com presteza viril nos aprontemos para em pouco nos reunirmos na sala.

TODOS — Bem pensado.

(*Saem todos, com exceção de Malcolm e Donalbain.*)

MALCOLM — Que pretendeis fazer? Não nos unamos com essa gente. É muito fácil para o homem fingido aparentar tristeza. Irei para a Inglaterra.

DONALBAIN — E eu para a Irlanda. Separados, assim, nossos destinos cuidarão de nós dois com maior zelo. Os sorrisos aqui punhais escondem. Quanto mais perto o sangue dos parentes, maior é a afinidade sanguinária.

MALCOLM — A mortífera flecha disparada ainda não caiu; nosso caminho mas seguro é evitar-lhe a trajetória. A cavalo, portanto, sem perdermos tempo com despedidas delicadas. Saiamos de mansinho. Condenável não pode ser o roubo da prudência, quando não há nem rasto de demência.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Do lado de fora do castelo. Entram Ross e um velho.

O VELHO — Posso lembrar-me bem de setenta anos; nesse espaço de tempo vi terríveis horas e coisas por demais estranhas; mas esta noite triste deixa longe tudo quanto até agora eu conhecia.

ROSS — Ó meu bom pai! O céu, como estás vendo, indignado com o jogo dos humanos, comina ameaças ao sanguíneo palco. Pelo relógio, é dia; no entretanto, atrasa a lâmpada ambulante a noite caliginosa. E tão potente a noite? É a vergonha do dia que permite que a treva cubra o rosto, assim, da terra, a que beijar devera a luz radiosa?

O VELHO — É contra a natureza, tal como o ato que aqui foi perpetrado. Na passada terça-feira um falcão que se gloriava no remígio habitual, preado e morto foi por uma coruja caça-ratos.

ROSS — E os cavalos de Duncan — fato estranho por demais, porém certo — tão velozes e formosos, ornatos de sua raça, tornaram-se selvagens, as cocheiras arrebentaram, contra as ordens todas, puseram-se a correr, como querendo guerrear a humanidade.

O VELHO — Dizem que eles se devoraram mutuamente.

ROSS — É certo; para perplexidade destes olhos, que tudo presenciaram. Aí vem vindo o bondoso Macduff. (*Entra Macduff*) Então, senhor, como vai indo o mundo?

MACDUFF — Então não vedes?

ROSS — Já se conhece o autor desse atentado mais do que sanguinário?

MACDUFF — Os camareiros apunhalados por Macbeth.

ROSS — Oh dia! E acaso a que vantagens aspiravam?

MACDUFF — Estavam subornados; os dois filhos do rei, Malcolm e Donalbain, fugiram, o que faz cair neles a suspeita.

ROSS — Sempre contrário à natureza! Ó fútil ambição que destróis as próprias fontes de tua vida! Assim, é bem possível que Macbeth suba ao trono.

MACDUFF — Proclamado já foi, tendo ido agora para Scone, a fim de ser coroado.

ROSS — E que fizeram do cadáver de Duncan?

MACDUFF — Foi levado para Kolmekill, sacra sepultura de seus antepassados e guarida de seus restos mortais.

ROSS — Ireis a Scone?

MACDUFF — Não, primo; vou a Fife.

ROSS — Pois eu vou.

MACDUFF — Que tenhais festa alegre e sem fadiga, não vindo a lastimar a roupa antiga.

ROSS — Adeus, pai.

O VELHO — Deus vos proteja e a quantos sabem a arte de trazer o inimigo à boa parte.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Forres. Um quarto no palácio. Entra Banquo.

BANQUO — Tens tudo agora: és rei, Cawdor e Glamis, como as bruxas proféticas disseram. Mas temo que roubado ao jogo houvésseis. Mas foi dito também que não havia de ficar isso em tua descendência e que viria a ser raiz e tronco de numerosos reis. Se falam certo, como se deu, Macbeth, a teu respeito, por que — se tudo quanto te auguraram se tornou realidade — não hão de elas ser-me o mesmo que oráculo, deixando-me também esperançado? Mas, silêncio!

(*Fanfarra. Entram Macbeth, como rei; lady Macbeth, como rainha; Lennox, Ross, nobres, damas e pessoas do séqüito.*)

MACBETH — Eis nosso convidado principal.

LADY MACBETH — Se olvidado ele houvesse sido, fora como um vazio em nossa grande festa, vindo tudo a falhar.

MACBETH — Uma solene ceia, senhor, daremos esta noite, esperando que nela tomeis parte.

BANQUO — Bastará que mo ordene Vossa Alteza, a quem me liga minha obediência, para sempre, por laços inquebráveis.

MACBETH — Viajareis esta tarde?

BANQUO — Sim, milorde.

MACBETH — Se não, pedira vossos bons conselhos — que de peso são sempre e proveitosos — para a reunião que vamos ter agora. Nesse caso, amanhã vos ouviremos. Ides longe?

BANQUO — O suficiente, meu senhor, apenas para o tempo ocupar de agora à ceia. Se não se esforçar muito meu cavalo, à noite poderei pedir de empréstimo uma ou duas de suas horas foscas.

MACBETH — Vinde sem falta para nossa festa.

BANQUO — Não faltarei, milorde.

MACBETH — Notícia já tivemos de que nossos sanguinários parentes se passaram para a Inglaterra e Irlanda, e que ainda negam o parricídio cruel, enchendo as ouças de todos com estranhas fantasias. Mas sobre isso, amanhã, já que teremos de tratar de um negócio de

importância relativo ao Estado. Levais Fleance?

BANQUO — Sim, meu senhor; o tempo nos reclama.

MACBETH — Desejo-vos cavalos de pés firmes e bem velozes, e ao costado deles vos recomendo. Adeus. (*Sai Banquo.*) Todos agora o tempo gastem como lhes parecer melhor, até às sete horas. Porque depois nos seja a sociedade muito mais agradável, até à ceia iremos ficar só. Até esse instante, que Deus seja convosco. (*Saem todos, com exceção de Macbeth e um criado.*) Olá, maroto, uma palavra! Aguardam nossas ordens aqueles indivíduos?

CRIADO — Sim, milorde, no portão do palácio.

MACBETH — Ide buscá-los. (*Sai o criado.*) Ser rei assim, é nada; é necessário sê-lo com segurança. É muito grande nosso medo de Banquo; em sua postura soberana domina qualquer coisa que deve ser temido. E corajoso como poucos e à têmpera indomável do espírito une uma sabedoria que faz o valor no alvo acertar sempre. Tirante ele, não há pessoa alguma de quem eu tenha medo, e junto dele meu gênio se intimida, como dizem que com o de Marco Antônio acontecia, quando junto de César. Dirigiu-se corajoso às irmãs, interpelando-as quando o nome de rei elas me deram, forçando-as a falar-lhe a seu respeito, ao que elas, quais videntes, o saudaram como pai de uma série de monarcas. Na cabeça puseram-me a coroa sem frutos e nas mãos o cetro estéril, para que mo arrebate um punho estranho, pois para herdeiro nenhum filho tenho. Se for assim, para a posteridade de Banquo, tão-somente, sujei a alma; matei para eles o gracioso Duncan; por causa deles ódio pus no vaso da minha paz, havendo entregue a minha jóia eterna ao comum imigo do homem, para fazê-los reis, para dos filhos de Banquo fazer reis! Antes que venha isso a se dar, que à liça baixe o fado, para o combate eterno. Quem vem lá? (*Entra o criado, com dois assassinos.*) Fica na porta e espera até que eu chame. (*Sai o criado.*) Não foi ontem que juntos conversamos?

PRIMEIRO ASSASSINO — Sim, com vossa licença, majestade.

MACBETH — Muito bem; refletistes no que eu disse? Sabeis, pois, que foi ele quem, até hoje, vos tem deixado em posição precária, o que pensáveis que era culpa minha. Tudo isso vos expus à farta em nossa última conferência; apresentei-vos as provas da maneira por que tendes sido prejudicados e burlados, os instrumentos, quem os manejava, e tudo o mais, que proclamar faria até mesmo meia alma ou tipo idiota: “Eis o que Banquo fez!”

PRIMEIRO ASSASSINO — Sim, explicastes-nos.

MACBETH — Sim; mas fiz mais ainda, o que é o objeto desta nossa segunda conferência. Porventura a paciência predomina tanto em vós, que deixeis passar tudo isso? Tão religiosos sois, que poderíeis rezar pela prosperidade deste bom homem e dos seus, sendo verdade que sua mão pesada à sepultura vos fez vergar e para todo o sempre vos arruinou a casa?

PRIMEIRO ASSASSINO — Somos homens, meu suserano.

MACBETH — Sim, passais por homens no catálogo, como os perdigueiros, os galgos e os mastins, alãos e gosos, molossos, braços, dogues e rafeiros também de cães, por junto, são

chamados; mas distingue o registo o vagaroso, o veloz, o guardião, o de bom faro, cada um conforme as próprias qualidades que lhe haja dado a liberal natura e que um título à parte lhes granjeia na lista em que se encontram conglobados. Com os homens dá-se o mesmo. Assim, se tendes um lugar no registo, não sendo ele o mais mesquinho e vil da humanidade, falai, que então vos confiarei ao peito certo assunto, de cujo cumprimento resultará ficar vosso inimigo supresso para sempre e vós mais presos à nossa gratidão e nosso afeto, pois também se ressente nosso estado da vida dele, e só se refará se vier a falecer.

SEGUNDO ASSASSINO — Meu suserano, sou um indivíduo que os maldosos golpes do mundo e seus embates irritado de tal modo deixaram, que faria não importa o que for para vexá-lo.

PRIMEIRO ASSASSINO — E eu sou outro tão lasso de desastres, tão amassado pelo vil destino, que a vida arriscaria em qualquer lance, para de vez perdê-la ou endireitá-la.

MACBETH — Sabeis que Banquo foi vosso inimigo.

SEGUNDO ASSASSINO — É certo, meu senhor.

MACBETH — E meu é ainda, em conflito a tal ponto sanguinário, que os minutos de toda a sua vida ferem de perto o coração da minha. É bem verdade que eu podia, às claras, varrê-lo para longe, reportando-me tão-só ao meu querer. Mas me contenho por causa de comuns amigos, cuja afeição não desejo ver perdida. Terei de lastimar, assim, a morte de quem eu derrubei. Esse o motivo de recorrer agora a vosso auxílio, pois me forçam razões de muito peso a evitar que se vulgue esse negócio.

SEGUNDO ASSASSINO — Senhor, faremos quanto nos mandardes.

PRIMEIRO ASSASSINO — Embora nossas vidas...

MACBETH — A coragem transparece de vós. Dentro de uma hora, no máximo, hei de vos mostrar o ponto em que deveis ficar e a par vos ponho da ocasião mais propícia para a coisa, do momento adequado, pois que tudo precisará ser feito ainda esta noite, a uma certa distância do palácio, sem que vos esqueçais de que preciso ficar sem mancha nisso. Juntamente com ele — para que o trabalho saia sem o menor senão — Fleance, seu filho, que com ele também saiu de viagem e cujo afastamento não me importa menos do que o do pai, compartir deve também dessa hora negra. Tomai vossas resoluções à parte; já vos sigo.

SEGUNDO ASSASSINO — Já resolvemos, meu senhor.

MACBETH — Em pouco vos chamarei; ficai dentro de casa. (*Saem os assassinos.*) Está feito. Se há ponto em que se acoite, Banquo, tua alma no céu, será esta noite. (*Sai.*)

Cena 2

O mesmo. Outro quarto no palácio. Entram Lady Macbeth e um criado.

LADY MACBETH — Banquo deixou o pátio?

CRIADO — Deixou, senhora; mas retorna à noite.

LADY MACBETH — Vai, dize ao rei que eu quero ter com ele uma conversa rápida.

CRIADO — Isso mesmo, senhora, lhe direi. (*Sai.*)

LADY MACBETH — Tudo é perdido, quando o desejo fica repartido. Toca ao morto decerto melhor sorte que a de alegrar-se assim quem lhe deu morte. (*Entra Macbeth.*) Então, marido, por que só ficardes, tendo por companhia as fantasias mais desconsoladoras e ocupando-vos com pensamentos que já deveriam ter morrido com quem se relacionam? O que não tem remédio, não devera ser pensado sequer. O que está feito, não está por fazer.

MACBETH — Nós só talhamos a serpe, sem matá-la. Em pouco tempo se refará e volta a ser o que era, ficando o nosso miserável ódio de novo exposto ao seu antigo dente. Que a estalar venham todas as junturas das coisas e a gemer ambos os mundos, antes de termos de tomar os nossos alimentos com medo e de dormirmos na aflição desses sonhos pavorosos que nos têm abalado as noites todas. Muito melhor nos fora estar com o morto que, para nossa própria paz, mandamos para o seio da paz, do que vivermos no banco de tormento de nossa alma, numa angústia sem fim. Duncan descansa no sepulcro; tranqüilo dorme, agora, depois das convulsões febris da vida. A traição lhe fez tudo o que podia; a perfídia doméstica, o veneno, o aço, a invasão de fora, nada pode, doravante, atingi-lo.

LADY MACBETH — Caro esposo, saiamos. Alisai esse olhar crespo; sede claro e jovial com todos hoje.

MACBETH — Sê-lo-ei, amor; o mesmo vos desejo. A Banquo dedicai todas as vossas atenções, distinguindo-o dentre todos com palavras e olhares. Pouco firme é nossa situação, enquanto for preciso lavar nossas honras nessa corrente aduladora e as feições empregarmos como máscara do coração, que os traços lhe disfarce.

LADY MACBETH — Precisais deixar isso.

MACBETH — Oh! tenho o espírito cheio de escorpiões, querida esposa! Sabeis que vivem Banquo e seu Fleance.

LADY MACBETH — Mas eterna não é neles a cópia da natureza.

MACBETH — É o que consola a gente; são vulneráveis. Fica, pois, alegre. Antes de

completar o vôo em torno do convento o morcego e Hécate negra ter ordenado que o besouro córneo com seu zumbido surdo dê o toque sonolento da noite, será feito algo aqui de memória pavorosa.

LADY MACBETH — O que é que vai ser feito?

MACBETH — Não macules tua inocência com saberes isso, minha pombinha, até saudares o ato. Vem, noite cega, tapa os olhos ternos do dia compassivo, e com sangrentas mãos e invisíveis rasga o grande pacto que me deixa tão pálido! Escurece; para a mata sombria voa a gralha. Vacila o claro agente, de fraqueza; mas a noite se atira para a presa. Admiras-te; mas fica sossegada, que o mal reforça a ação mal começada. Por favor, acompanha-me.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Um parque com uma estrada que vai ter ao palácio. Entram três assassinos.

PRIMEIRO ASSASSINO — Quem te disse que viesses ter conosco?

SEGUNDO ASSASSINO — Não há razão de desconfiarmos, porque ele se acha a par de tudo quanto nos incumbiram, repetindo ponto por ponto as instruções.

PRIMEIRO ASSASSINO — Fica conosco. Ainda brilham no poente algumas riscas da luz solar. É a hora em que o viajante retardado esporeia a montaria para alcançar o desejado albergue, e de nós se aproxima o que esperamos.

TERCEIRO ASSASSINO — Silêncio! Ouço cavalos.

BANQUO (*dentro*) — Uma luz, Aí! Tragam-nos luz! Olá!

SEGUNDO ASSASSINO — É ele, não há dúvida. Os outros convidados já se encontram no pátio.

PRIMEIRO ASSASSINO — Seu cavalo fez um desvio.

TERCEIRO ASSASSINO — Quase de uma milha. Mas, como todos, ele comumente vai a pé deste ponto até o palácio.

SEGUNDO ASSASSINO — Uma luz! Uma luz!

TERCEIRO ASSASSINO — É ele.

PRIMEIRO ASSASSINO — É agora

(*Entram Banquo e Pleance, com uma tocha.*)

BANQUO — Vai chover hoje à noite.

PRIMEIRO ASSASSINO — Então que caia. (*Atiram-se sobre Banquo.*)

BANQUO — Oh! traição! Foge, foge, bom Fleance! Podes vingar-me. Foge! Que bandido! (*Morre.*)

TERCEIRO ASSASSINO — Quem apagou a luz?

PRIMEIRO ASSASSINO — Não era o certo?

TERCEIRO ASSASSINO — Um, somente, caiu, o filho foi-se.

SEGUNDO ASSASSINO — Metade, então, perdemos do trabalho.

PRIMEIRO ASSASSINO — Bem; mas vamos contar quanto foi feito.

(*Saem.*)

Cena 4

Um salão do palácio. Mesa posta para banquete. Entram Macbeth, lady Macbeth, Ross, Lennox, nobres e pessoas do séqüito.

MACBETH — Conheceis vossos postos; assentai-vos. E de uma vez por todas: sois bem-vindos de todo coração.

NOBRES — Agradecemos a Vossa Majestade.

MACBETH — Desejamos misturar-nos em vossa companhia, na qualidade de hóspede modesto. Nossa hospedeira fica no seu posto; mas no momento certo lhe daremos as boas-vindas.

LADY MACBETH — Dai-a em meu nome, caro marido, a todos os amigos; pois diz-me o coração que são bem-vindos.

(*O primeiro assassino aparece à porta.*)

MACBETH — Vê, todos eles agradecimentos de coração te enviam. Os dois lados estão iguais; sentar-me-ei no centro. Ficai alegres; logo beberemos uma rodada. (*Aproxima-se da porta.*) Sangue tens no rosto.

ASSASSINO — Nesse caso, é de Banquo.

MACBETH — Antes por fora de ti que dentro dele. Liquidados?

ASSASSINO — A garganta, senhor, tem ele aberta. Fiz-lhe isso.

MACBETH — És o melhor dos cortadores de garganta. Porém será tão hábil quem tiver feito a Fleance a mesma coisa.

ASSASSINO — Meu muito real senhor, Fleance escapou.

MACBETH — Volta-me, então, o acesso. Não fora isso, e eu estaria bom, firme qual rocha, inteiro como o mármore, tão largo, tão vasto e universal como o ar ambiente. Mas agora estou preso, barricado, metido num curral, atado ao poste do medo das angústias insolentes. Mas Banquo está seguro?

ASSASSINO — Sim, milorde; no fundo de uma vala, tendo vinte feridas na cabeça, das quais uma qualquer já fora mais que suficiente.

MACBETH — Obrigado por isso. A velha serpe já se encontra vencida; o vermezinho que conseguiu fugir tem natureza para mais tarde produzir veneno, mas carece de dentes por enquanto. Vai-te logo; amanhã conversaremos.

(*Sai o assassino.*)

LADY MACBETH — Meu real senhor, não animais os hóspedes. Fica estragada a festa, quando muitas e muitas vezes, enquanto ela dura, não afirmamos quanto nos é grata. Para comer, têm todos suas casas; o tempero melhor em casa alheia é sempre a cortesia, parecendo sem ela as reuniões lugar deserto.

MACBETH — Galante conselheira! Que à alegria da mesa a digestão venha associar-se. À saúde das duas!

LENNOX — Vossa Alteza não quererá sentar-se?

(*Entra o fantasma de Banquo e se senta no lugar de Macbeth.*)

MACBETH — Nosso teto abrigaria agora as honras todas da nação, se a pessoa primorosa de Banquo aqui estivesse, a quem desejo antes ter de ralhar por faltazinha que lastimar qualquer desastre grave.

ROSS — Sua ausência, senhor, manchou a promessa por ele feita. Queira Vossa Graça distinguir-nos com vossa real presença.

MACBETH — A mesa está completa.

LENNOX — Aqui, milorde, há um lugar reservado.

MACBETH — Onde?

LENNOX — Aqui mesmo, meu bom senhor. Que é que vos abala dessa maneira?

MACBETH — Qual de vós fez isso?

NOBRES — Fez quê, meu bom senhor?

MACBETH — Dizer não podes que fui eu que fiz isso. Não sacudas para mim teu cabelo ensangüentado.

ROSS — Levantai-vos, senhores; Sua Alteza está passando mal.

LADY MACBETH — Ficai, amigos; meu marido é assim mesmo desde criança. Sentai-vos, por obséquio; o acesso passa. Se atenção lhe prestardes, insistente, podereis ofendê-lo, contribuindo para agravar o mal. Comei, portanto, sem olhardes para ele. — Não sois homem?

MACBETH — Sim, corajoso, que se atreveria a encarar o que espanta o próprio diabo.

LADY MACBETH — Que matéria admirável! É o produto do medo, apenas; é o punhal aéreo que — dissestes — a Duncan vos levara. Esse olhar espantado, esses tremores que o verdadeiro medo parodiam, muito bem estariam numa história que uma mulher contasse ao pé do fogo com a aprovação da avó. Envergonhai-vos! Por que tantas caretas? Feita a conta, só olhais uma cadeira.

MACBETH — Vede ali, por favor! Olhai! Olhai! Que me dissestes? Ora, que me importa. Se sacudir consegues a cabeça, é que podes falar. Se as sepulturas e as carneiras os mortos nos reenviam que nelas enterramos, das entranhas dos abutres faremos nossos túmulos.

(*O fantasma desaparece.*)

LADY MACBETH — Quê! Desvirilizou-vos a loucura?

MACBETH — Tão certo como achar-me aqui, eu o vi.

LADY MACBETH — Fora, fora! Que opróbrio!

MACBETH — Derramado muito sangue já foi, nos velhos tempos, antes que a humana lei limpado houvesse o mundo dos pagãos, sim, e até mesmo depois têm sido perpetrados crimes terríveis de se ouvir. Já houve tempo em que, saltado o cérebro, morria de vez alguém e... tudo estava feito. Mas os mortos, agora, se levantam com vinte fatais golpes na cabeça e de nossas cadeiras nos empurram. E mais estranho do que o próprio crime.

LADY MACBETH — Vossos nobres amigos, caro esposo, já sentem vossa a ausência.

MACBETH — É que o esquecera... Caros amigos, não fiqueis pasmados. pois sofro há muito de uma doença estranha, que nada significa para quantos me conhecem de perto. Vinde; a todos, amizade e saúde. Vou sentar-me. Dai-me vinho. Bem cheio; beber quero à saúde e à alegria dos presentes e à do nosso querido amigo Banquo, que não está conosco. Oh! se estivesse! A todos! Ao ausente! Tudo a todos!

TODOS — Com lealdade homenagem vos prestamos.

(*Volta ao fantasma.*)

MACBETH — Fora, fora de minha vista! Esconda-te a terra! Os ossos tens sem vida alguma; enregelado o sangue. Não tens vista nesses olhos que tanto resplandecem.

LADY MACBETH — Não vejais, nobres pares, em tudo isso senão algo habitual. Não é outra coisa. Apenas nos estraga a festa de hoje.

MACBETH — O que o homem ousa eu ouso. Tal qual híspido urso da Rússia vem para o meu lado, rinoceronte encouraçado, tigre da Hircânia. Assume qualquer forma, menos essa; nenhuma os nervos firmes conseguirá abalar-me. Ou torna à vida e, de espada na mão, me lança um repto para um lugar deserto. Acontecendo que a tremer eu me mostre, de menino me acoima ou rapariga. Pavorosa sombra, fora daqui! Caricatura fingida, fora! fora! (*O fantasma desaparece.*) Bem, agora que sumiste, me sinto outra vez homem. Por obséquio, sentai-vos.

LADY MACBETH — Expulsastes a alegria, estragastes o convívio com esse desarranjo mais que insólito.

MACBETH — Podem dar-se tais coisas e envolver-nos como nuvem de Outono, sem que o espanto mais alto nos provoque? Assim, fazeis-me duvidar de mim próprio, quando vejo que encarais tais visões, sem que das faces se vos altere o natural rosado, enquanto eu fico pálido de medo.

ROSS — Que visões, meu senhor?

LADY MACBETH — Não, por obséquio, não lhe faleis. Está piorando muito. As perguntas o deixam mais furioso. Boa noite para todos. A saída não vos preocupe a ordem. Ide logo, sem outras cerimônias.

LENNOX — Boa noite; muitas melhoras para Sua Alteza.

LADY MACBETH — Uma noite tranqüila para todos

(*Saem os nobres e as pessoas do séqüito.*)

MACBETH — Afirmam todos que isso chama sangue; o sangue chama sangue. As pedras podem mover-se, já foi visto, e falar a árvore. Os áugures e ocultas relações já conseguiram pela voz das gralhas, pegas e corvos descobrir os crimes de sangue mais ocultos. Em que ponto se encontra a noite?

LADY MACBETH — A competir com o dia, sem que se saiba qual vantagens tenha.

MACBETH — Que dizes de Macduff ter recusado nosso invite solene?

LADY MACBETH — Acaso enviastes-lhe, senhor, algum recado?

MACBETH — Casualmente soube disso; mas vou mandar-lhe um próprio. Não há ninguém em cuja casa eu deixe de ter algum espia. Amanhã mesmo, bem cedinho, vou ver as irmãs bruxas. Terão de falar mais alguma coisa, pois estou decidido a saber tudo pelos piores meios. Para minha salvação tudo tem de abrir caminho. A tal ponto atolado estou no sangue que, esteja onde estiver, tão imprudente será recuar como seguir à frente. Tenho em mente uma idéia pervertida, que urge concretizar numa investida.

LADY MACBETH — Careceis do que à vida é grato: sono.

MACBETH — Vamos dormir; minha ilusão selvagem é muito nova; falta-lhe coragem. Somos moços demais.

(*Saem.*)

Cena 5

A charneca. Trovão. Entram as três bruxas, que encontram Hécate.

PRIMEIRA BRUXA — Hécate, que houve? Pareceis zangada.

HÉCATE — Causa não tenho, feiticeiras? Qual a razão, bisbilhoteiras, de ser Macbeth neste negócio de morte e enigmas vosso sócio, enquanto eu, dona de vós todas, que apresto sempre as negras bodas, não fui chamada a tomar parte no brilho e glória de nossa arte? E o que é pior: quanto fizestes a tudo vos mostrando prestes, foi para um tipo truculento de mui grosseiro acabamento. que não vos tem nenhuma estima e só de egoísmo em tudo prima. Mas emendai-vos; e defronte do fundo charco do Aqueronte amanhã cedo ide encontrar-me, que ele em estado está de alarme, e para lá, quase sem tino, irá saber de seu destino. Vasos e encantos tende à mão; de tudo basta provisão. Para o ar me vou; na noite escura farei bem cedo uma ação dura. De uma grande obra a fantasia será completa enquanto é dia. Ora uma gota espessa e crua dos cornos pende ali da lua. Vou apanhá-la antes que caia, pois, destilada, de atalaia gênios porá de tanto alcance que, por sua força, ele se lance na destruição, à morte e ao fado a resistir qual renegado, pondo a esperança acima em tudo da própria graça e o medo agudo. Para os mortais a segurança é o imigo mor, que jamais cansa. (*Canção dentro: "Vinde, vinde," etc.*) Chamam-me; é meu espírito travesso que me aguarda das nuvens num cabeço. (*Sai.*)

PRIMEIRA BRUXA — Apressemo-nos; ela volta logo.

(*Saem.*)

Cena 6

Forres. Um quarto no palácio. Entram Lennox e outro nobre.

LENNOX — Meu discurso anterior só mui de leve tocou em vossos pensamentos, sendo-vos agora facultado interpretá-lo como vos aprouver. Direi somente que tudo se passou por modo estranho. Por Macbeth foi chorado o meigo Duncan. Que pena! Estava morto. Muito tarde saiu de casa o nosso bravo Banquo, que, podereis dizer, se assim quiserdes, Fleance matou, pois Fleance fugiu logo. É perigoso passear de noite. A quem não ocorreu o pensamento de quão monstruoso foi haver Malcolm e Donalbain o pai assassinado? Que ação maldita! E como entristecido deixou Macbeth! Pois ele, na mesma hora, arrebatado de um furor piedoso, em pedaços não fez os dois facínoras, servos do sono e escravos da bebida? Não foi nobre tudo isso? E foi prudente. Pais qualquer coração se tornaria por demais irritado, quando os homens negar ouvisse o fato. Assim, vos digo, soube fazer a coisa, como penso que se ele vier a ter sob chave os filhos de Duncan — o que nunca, Deus louvado, chegará a conseguir — hão de ver ambos o que é matar o pai. E o mesmo, Fleance. Mas, silêncio! Por causa de palavras um tanto livres e por ter faltado à festa do tirano, soube há pouco que em desgraça Macduff agora vive. Caro senhor, dizer-me poderíeis em que lugar ele encontrou abrigo?

NOBRE — Na corte da Inglaterra vive o filho de Duncan, cuja herança verdadeira o tirano retém, e é recebido pelo piedoso Eduardo com tal graça que a má vontade da fortuna em nada do alto respeito merecido o priva. Para lá foi Macduff, a fim de ao santo rei suplicar auxílio, no sentido de estimular Northumberland e o bravo Siward, e assim, com a ajuda desses nobres — confirmando lá do alto Deus tudo isso — possamos restituir a nossas mesas os alimentos, sono a nossas noites, livrar nossos festejos e banquetes das facas sanguinárias, homenagens da lei prestar e receber as honras a que temos direito, coisas essas que nos faltam de todo. Essa notícia exasperou o rei de tal maneira que aprontando se está para uma guerra.

LENNOX — Mandou ele a Macduff algum recado?

NOBRE — Mandou; porém o mensageiro turvo com um resoluto "Eu não, senhor!" as costas voltou-me decidido, resmungando, como quem diz: "Haveis de arrepender-vos do tempo que me impõe essa resposta".

LENNOX — Que isso o ensine a ser cauto, conservando-se a distância que possa aconselhá-lo sua sabedoria. Se um santo anjo fosse à Inglaterra e desse o seu recado antes de ele chegar, para que pronta bênção se espalhe logo em nossa pátria que geme ao peso dessa mão maldita!

NOBRE — Mandaria com ele minhas preces.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Uma caverna. No meio, um caldeirão a ferver. Trovão. Entram as três bruxas.

PRIMEIRA BRUXA — Gato malhado já miou três vezes.

SEGUNDA BRUXA — Três e mais uma já guinchou o ouriço.

TERCEIRA BRUXA — A harpia já gritou: "É hora! É hora!"

PRIMEIRA BRUXA — Atirai no caldeirão entranhas em podridão. Os sapos das pedras frias que durante trinta e um dias suaram seu bom bocado, jogai no pote encantado.

TODAS — Mais dores para a barrela. mais fogo para a panela.

SEGUNDA BRUXA — Lombo de cobra novinha atirai no pote asinha, pé de sapo e lagartixa, de cão a língua que espicha, pêlos brandos de morcego, asa de bufo-sossego, de lagarto a perna fina, acúleo de colubrina jogai na sopa do mal nesta mistura infernal.

TODAS — Mais dores para a barrela, mais fogo para a panela.

TERCEIRA BRUXA — Três escamas de dragão, com bucho de tubarão que os mareantes intimida; cicuta à noite colhida, bofes de um judeu malvado, ramo de teixo tirado em noite de muito escuro; beiço de tártaro, o duro nariz de turco, o dedinho de uma criança sem linho que matado a mãe houvesse sem dizer nenhuma prece. Deixai bem forte a mistura; juntai do tigre a fressura, porque nosso caldeirão tenha caldo em profusão.

TODAS — Mais dores para a barrela, mais fogo para a panela.

SEGUNDA BRUXA — Esfriai com sangue de mico que o encanto ficará rico.

(*Entra Hécate.*)

HÉCATE — Muito bem feito; seu quinhão todas por isto ainda terão. Agora como elfos e fadas cantai à volta, de mãos dadas, para que o encanto se complete.

(*Música e a canção "Espíritos negros" etc.*)

SEGUNDA BRUXA — Meu dedão está coçando. Vem algum patife andando. Ferrolhos, fora! Estamos na hora.

(*Entra Macbeth*)

MACBETH — Que fazeis, misteriosas e sombrias bruxas de meia-noite?

TODAS — Algo sem nome.

MACBETH — Conjuro-vos por vosso próprio ofício, seja qual for sua origem:

respondei-me. Mesmo que os ventos a soltar viésseis, jogando-os contra as torres das igrejas; mesmo que as ondas escumantes venham a destruir os navios e a tragá-los; ainda que o trigo verde caia todo e as árvores se vejam derrubadas; embora o cimo dos castelos caia na cabeça dos guardas, e as pirâmides e os palácios os picos altanados nivelem com suas bases; muito embora venha a desmoronar todo o tesouro dos germes da natura, de tal modo que a própria destruição se mostre farta: respondei às perguntas que vos faço.

PRIMEIRA BRUXA — Fala.

SEGUNDA BRUXA — Pergunta.

TERCEIRA BRUXA — Vamos responder-te.

PRIMEIRA BRUXA — Que preferes: ouvir de nossas bocas ou da de nossos mestres?

MACBETH — Invocai-os; desejo vê-los.

PRIMEIRA BRUXA — Sangue de porca, então, nesse fogo atira, que comesse seus nove filhos, gordura de uma corda bem segura, de que pendesse, enforcado, um suicida amaldiçoado.

TODAS — Mostra agora que és ousado.

(*Trovão. Primeira aparição: uma cabeça, armada de capacete.*)

MACBETH — Ouve-me, força ignota...

PRIMEIRA BRUXA — Não prossigas. Sabe o que pensas. Ouve e nada digas.

PRIMEIRA APARIÇÃO — Macbeth, Macbeth, Macbeth! Toma cuidado com Macduff, acautela-te com o thane de Fife! Desobriga-me; é o bastante.

(*Desce.*)

MACBETH — Quem quer que sejas, fico-te obrigado pela boa advertência. Isso concorda com meus receios. Mais uma palavra...

PRIMEIRA BRUXA — Não aceita injunções. Eis que vem outro ainda mais forte que ele.

(*Trovões. Segunda aparição: uma criança ensangüentada.*)

SEGUNDA APARIÇÃO — Macbeth, Macbeth, Macbeth!

MACBETH — Se três ouvidos tivesse, te ouviria.

SEGUNDA APARIÇÃO — Sanguinário sê sempre, ousado e resoluto, e aprende a rir do homem, porque ninguém nascido de mulher poderá, em nenhum tempo, fazer mal a Macbeth.

MACBETH — Então, Macduff, podes viver. Por que de ti recear-me? Contudo, quero a segurança em dobro segurar, e penhor obter do fado. Vivo não ficarás, para que eu possa dizer que mente o medo de alma pálida e, apesar dos trovões, dormir tranqüilo. (*Trovão. Terceira aparição: uma criança coroada, com uma árvore na mão.*) Quem é que surge como descendente de um soberano e na infantil cabeça traz o fecho e diadema do comando?

TODAS — Escuta só; não fales.

TERCEIRA APARIÇÃO — Veste a força do leão, sê orgulhoso e não te importes com

quem quer que resmungue ou se rebele, ou contra ti conspire, pois vencido não há de ser Macbeth, enquanto o grande bosque de Birnam não subir contra ele ao alto Dunsinane. (*Desce.*)

MACBETH — Jamais isso poderá dar-se, pois quem tem poderes para a floresta armar e dizer à árvore que liberte a raiz fixa na terra? Ótimo indício! Belo! Não eleves, rebelião, a cabeça sem que o bosque de Birnam se levante, e assim o nosso grande Macbeth há de chegar ao termo da natureza até ao alento extremo, segundo o mortal uso. Mas agita-me o coração esta fatal pergunta: Dizei-me — se vossa arte chega a tanto — alcançarão um dia os descendentes de Banquo o trono e o cetro deste reino?

TODAS — Não queiras saber mais.

MACBETH — Não; é preciso satisfazer-me. Se não me fizerdes esta vontade, apenas, que uma eterna maldição vos destrua. Saber quero. Par que este caldeirão está afundando? E que barulho é esse?

PRIMEIRA BRUXA — Vê!

SEGUNDA BRUXA — Vê!

TERCEIRA BRUXA — Vê!

TODAS — Mostrai-vos como visão, angustiai-lhe o coração, aparecendo qual sombra, para sumir pela alfombra.

(*Aparece uma seqüência de oito reis, tendo o último um espelho na mão; segue-o o fantasma de Banquo.*)

MACBETH — Pareces muito o espírito de Banquo. Desce! Tua coroa cauteriza-me os olhos; teus cabelos — tu, uma outra fronte de ouro cingida — se parecem com os do primeiro, tal como o terceiro que se lhe segue. Bruxas repugnantes, por que me mostrais isto? Outro! É o quarto! Olhos, estarrecei. Como! esta linha se estenderá até ao fim do mundo? Mais um, ainda? o sétimo? Não quero ver mais nada; porém eis que surge o último com um espelho na mão, que muitos outros, ainda, me revelam. Uns distingo com duplo globo e cetro triplicado. Pavorosa visão! Agora vejo que é verdade, pois Banquo, recoberto de sangue, me sorri e mos indica, como se filhos dele fossem todos. (*As visões desaparecem.*) Como! É assim!

PRIMEIRA BRUXA — É assim mesmo. Mas por que Macbeth treme do que vê? Manas, ele desvaria; infundamos-lhe alegria, revelando de nossa arte a mais sedutora parte. No ar porei muitos encantos. enchendo-o de sons e cantos, enquanto vós a rodada deixareis bem acabada, para que este rei potente conosco fique contente.

(*Música. As bruxas dançam, desaparecendo depois, com Hécate.*)

MACBETH — Onde estão? Já se foram? Que maldita se torne sempre esta hora perniciosa no calendário. — Entrai! Quem está aí?

(*Entra Lennox.*)

LENNOX — Que quer Vossa Grandeza?

MACBETH — Acaso vistes as irmãs feiticeiras?

LENNOX — Não, milorde.

MACBETH — Infectado seja o ar em que cavalgam e maldito quem quer que lhes dê crédito. Há pouco ouvi barulho de cavalo. Chegou alguém?

LENNOX — Sim; dois ou três correios, milorde, que a notícia vos trouxeram de que Macduff fugiu para a Inglaterra.

MACBETH — Para a Inglaterra!

LENNOX — Sim, senhor bondoso.

MACBETH — Ó tempo! antecipaste-te a meus atos assustadores! Nunca alcançaremos a intenção fugitiva, se com ela não fizemos seguir o ato expedito. Doravante ser-me-ão os primogênitos do coração também os primogênitos do braço. E agora mesmo, porque fiquem coroadas as ações com os pensamentos, em prática ponhamos essa idéia. Vou surpreender o burgo de Macduff, de Fife apoderar-me, sua esposa passar à espada, os filhos e, assim, todas as almas desgraçadas de sua raça. Ameaças não farei qual um demente; dobra-se o ferro enquanto ele está quente. Basta de aparições. É os tais senhores, onde se encontram? Conduzi-me a eles.

(*Saem.*)

Cena 2

Fife. Castelo de Macduff. Entram lady Macduff, seu filho e Ross.

LADY MACDUFF — Que fez, para exilar-se assim de súbito?

ROSS — Precisais ser paciente, nobre dama.

LADY MACDUFF — Ele o não foi. Loucura foi a fuga; quando não pelos atos, pelo medo nos mostramos traidores.

ROSS — Não sabemos se o medo há nisso parte ou só prudência.

LADY MACDUFF — Prudência? Abandonar a esposa e os filhos, a casa, as dignidades, numa parte de onde ele mesmo foge? Não nos ama; não possui coração. A carricinha — dos passarinhos o de menor porte — em defesa da prole no seu ninho briga com a coruja. O medo é tudo, nada o amor, e a prudência é coisa alguma numa fuga assim fora de propósito.

ROSS — Querida prima, sede moderada, por obséquio, pois vosso esposo é sábio, nobre, sensato e, mais do que nós todos, conhece as injunções do nosso tempo. Não me atrevo a falar mais claramente, mas cruel é o tempo em que traidores somos sem o sabermos, quando ouvimos boatos sobre o que receamos, sem sabermos o que nos faz ter medo, desgarrados vamos num mar violento e tempestuoso, sem direção alguma. Bem, despeço-me. Dentro de pouco aqui estarei de volta. As coisas, quando o ponto pior atingem, ou aí param, ou de novo sobem para onde antes estavam. Lindo primo, que Deus vos abençoe.

LADY MACDUFF — Ainda tem pai; no entanto, é como se já não tivesse.

ROSS — Revelo-me insensato; se mais tempo ficasse aqui, podia desgraçar-me, sobre prejudicar-vos. Bem, despeço-me definitivamente.

(*Sai.*)

LADY MACDUFF — Olá, menino, vosso pai está morto. Que destino tereis agora? Como vivereis?

O FILHO — Como os pássaros, mãe.

LADY MACDUFF — Como! De vermes e de mosquitos?

O FILHO — Não; do que encontrar, foi o que eu quis dizer; como eles fazem.

LADY MACDUFF — Pobre bichinho! Nunca terás medo de laço, máquina e armadilha.

O FILHO — Medo por quê? Não foi tudo isso feito para os pássaros pobres. Ainda vive meu paizinho, apesar do que dissestes.

LADY MACDUFF — Não, morreu. Como vais fazer agora para arranjar um pai?

O FILHO — De que maneira fareis, também, para arranjar marido?

LADY MACDUFF — Ora, em qualquer mercado compro vinte.

O FILHO — Então os comprareis para vendê-los?

LADY MACDUFF — Falas com muito espírito e, de fato, bastante para a idade.

O FILHO — Mãe, meu pai foi um traidor?

LADY MACDUFF — Sim, é o que ele foi.

O FILHO — Que é um traidor?

LADY MACDUFF — Ora, é toda pessoa que jura e mente.

O FILHO — Todos os que fazem isso são traidores?

LADY MACDUFF — Quem quer que assim proceda, é traidor e merece ser enforcado.

O FILHO — E precisam ser enforcadas todas as pessoas que juram e mentem?

LADY MACDUFF — Todas.

O FILHO — E quem é que as enforca?

LADY MACDUFF — Ora, os homens de bem.

O FILHO — Então os mentirosos e os que juram não passarão de grande tolos, pois há mentirosos e jurados bastantes para darem nos homens de bem e para os enforcarem.

LADY MACDUFF — Que Deus te ajude agora, macaquinho. Mas, como farás para arranjar outro pai?

O FILHO — Se ele tivesse morrido, haveríeis de chorar a morte dele. Se o não fizésseis, seria sinal certo de que eu logo iria ter novo pai.

LADY MACDUFF — Pobre tagarela, como sabes falar!

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Formosa dama, Deus vos abençoe. Não sabeis quem eu sou, conquanto eu saiba tudo o que se refere ao vosso estado. Temo que algum perigo esteja prestes a vos tocar. No caso de aceitardes o conselho de um homem tão singelo, não vos deixeis ser encontrada aqui. Fugi com vossos filhos. Estou certo de que, atemorizando-vos, procedo como selvagem; mas ser mais explícito fora crueldade bárbara, que muito perto de vós já se acha. O céu vos guarde. Não me atrevo a ficar aqui mais tempo. (*Sai.*)

LADY MACDUFF — Para onde hei de fugir? Nunca fiz mal. Mas agora me ocorre que me encontro neste mundo terreno, onde é louvável fazer o mal, às vezes, e, por vezes, o bem fazer é insânia perigosa. Par que valer-me, então, dessa defesa feminina, dizendo simplesmente que não fiz mal? (*Entram assassinos.*) Que caras serão essas?

ASSASSINO — Onde está vosso esposo?

LADY MACDUFF — Não há de estar, espero-o, em nenhum ponto tão profano que possa ser achado por tipos como tu.

ASSASSINO — É um traidor.

O FILHO — Mentes, peludo!

ASSASSINO — Como, espécie de Ovo? Filhinho da traição! (*Apunhala-o.*)

O FILHO — Ele matou-me, mãe. Fugi, sem demora. (*Morre.*)

(*Lady Macduff sai gritando "Assassínio!" perseguida pelos assassinos.*)

Cena 3

Inglaterra. Diante do palácio do rei. Entram Malcolm e Macduff

MALCOLM — Busquemos uma sombra desolada para desafogar os tristes peitos, chorando seus pesares.

MACDUFF — Não! Saquemos da espada cortadora e, como bravos, amparar procuremos nossa pátria que ameaça desabar. Novas viúvas, cada manhã, ululam; novos órfãos soluçam; novas dores no céu batem, que ressoa tal como se sofresse juntamente com a Escócia e as mesmas sílabas emitisse de dor.

MALCOLM — Chorar só hei de sobre o que creio; creio o que conheço, e assim que o tempo se mostrar amigo, estando em mim fazer alguma coisa tornando-se-me o tempo favorável, farei o que puder. O que dissestes, talvez seja verdade. Esse tirano, cujo nome, tão-só, nos deixa a língua coberta de feridas, como honesto já foi considerado. Vós o amastes. Atingido por ele ainda não fostes. Sou moço; mas por mim talvez pudésseis torná-lo vosso devedor. A astúcia manda sacrificar um cordeirinho pobre, inocente e fraco, para a cólera propiciar de um deus.

MACDUFF — Não sou traidor.

MALCOLM — Mas traidor é Macbeth. Pode dobrar-se uma leal natureza e em tudo boa ante uma imperial ordem. Mas preciso que me perdoeis; modificar não posso com o pensamento o que realmente sois. Os anjos ainda brilham, muito embora tenha caído o mais brilhante deles. Se as feições da virtude os vícios todos a assumir viessem, ela nem por isso deixaria de ter o mesmo aspecto.

MACDUFF — Já perdi a esperança.

MALCOLM — Porventura no mesmo ponto em que achar fui a dúvida. Par que razão deixastes, tão de súbito e sem vos despedir, a esposa e os filhos, esses caros penhores, elos fortes do verdadeiro amo? Nessas suspeitas não vejais, por obséquio, mancha alguma que vos possa atingir, mas tão-somente minha tranqüilidade. Mui sincero podereis ser, pense eu o que pensar.

MACDUFF — Sangra, então, grande pátria. Poderosa tirania, reforça tua base, porque a virtude contra ti não se alça. Carrega o roubo, pois o teu direito já viste confirmado. Adeus, milorde; ser não quero o vilão que ora imaginas, nem por todas as terras que nas garras se encontram do tirano, acrescentadas das riquezas do Oriente.

MALCOLM — Ofensa alguma desejara fazer-vos. Não por medo absoluto de vós assim me exprimo penso que nossa pátria sob o jugo sucumbe do tirano; chora e sangra, vendo

aumentar-lhe cada dia as chagas uma ferida nova. Sei que muitas mãos se levantariam na defesa de meus direitos, e aqui mesmo acaba de ofertar-me a Inglaterra generosa alguns milhares delas. Mas, ao cabo, depois de haver pisado na cabeça do tirano, ou de tê-la em minha espada, ficará minha pátria desditosa com mais vícios do que antes, padecendo muito mais, por maneiras mais variadas do que nunca, debaixo do domínio de quem lhe suceder.

MACDUFF — Quem será esse?

MALCOLM — Eu mesmo, é claro, em quem percebo vícios enxertados tão bem que, se algum dia a pegar vierem, até mesmo o negro Macbeth parecerá nitente neve, considerando-o nossa pobre pátria como um cordeiro, quando comparado com minha enormidade de defeitos.

MACDUFF — Nem mesmo nas legiões do hórrido inferno poder-se-ia encontrar um mais completo demônio que a Macbeth no mal se iguale.

MALCOLM — Concedo que ele seja sanguinário, lúbrico, falso, enganador, avaro, violento, malicioso e com os sentidos sempre vivos a todos os pecados que possam ser nomeados; porém fundo não tem, não pode ter, minha lascívia. Vossas esposas, vossas filhas, vossas matronas, vossas virgens jamais hão de deixar plena a cisterna de meus vícios, vindo a vencer minha avidez os óbices que ao meu desejo, acaso, se opuserem. Antes Macbeth que um rei com tais defeitos.

MACDUFF — A licenciosidade é tirania da própria natureza, que bastantes tronos felizes já deixou vazios antes do tempo e ocasionou a queda de muitos reis. Mas não tenhais receio de vos apoderar do que já é vosso. Podereis expansão dar aos prazeres em toda plenitude, parecendo, no entanto, frio e, assim, burlando o mundo. Damas condescendentes não nos faltam. Não é possível que abrigueis abutre no íntimo, que devore quantas forem entregar-se à grandeza que pendida para elas perceberem.

MALCOLM — Além disso, de minha natureza mal formada nasce avareza tão descomedida que, vindo eu a reinar, darei a morte a muitos nobres, para despojá-los de suas propriedades; os tesouros deste cobiçarei; deste outro, a casa. Todo aumento de bens ser-me-á tempero para excitar-me a fome, de tal modo que farei suscitar brigas injustas entre os melhores e mais leais vassalos, para destruí-los e ficar com tudo.

MACDUFF — A avareza penetra mais, emite raízes mais nocivas que a luxúria transitória do estio; foi o gládio que matou nossos reis. Mas pouco importa: nada temais; a Escócia tem recursos para saciar-vos só com o que for vosso. Tudo isso é suportável, que as virtudes contrabalançam tudo.

MALCOLM — Mas é o que eu não possuo! As qualidades próprias de um rei: justiça, temperança, perseverança, devoção, piedade, coragem, destemor, magnificiência me são de todo estranhas, e eu me alegro com dividir os vícios em diversas variedades, a fim de praticá-los de todas as maneiras. Se estivesse em meu poder, atiraria logo no inferno o doce leite da concórdia, a paz universal deixara esfeita e confundira toda segurança que no mundo existisse.

MACDUFF — Oh Escócia! Escócia!

MALCOLM — Se é digno de reinar um homem desses, falai, pois sou tudo isso que vos disse.

MACDUFF — Se é digno de reinar? Nem de viver. Ó povo miserável, governado por um monstro ilegítimo, de cetro cheio de sangue! Quando novamente poderás ver teus dias de saúde, se o herdeiro mais autêntico do trono, maldito se declara, blasfemando contra sua própria raça? Teu virtuoso pai foi um santo rei; a soberana que à luz te deu, vivendo mais de joelhos do que de pé, matava os dias todos de sua própria vida. Meus; os males que em tua própria cabeça despejaste me baniram da Escócia. Ó coração! tua esperança acaba neste ponto!

MALCOLM — Macduff, essa emoção em tudo nobre, nascida da pureza, a negra dúvida me tirou da alma e, alfim, meus pensamentos reconciliou com tua fé sem jaça e tua probidade. O demoníaco Macbeth tem procurando por enredos desse gênero pôr-me ao seu alcance, ensinando-me, assim, a mais modesta sabedoria a desconfiar da pressa crédula por demais. Mas que lá do alto juiz Deus seja entre nós dois agora, pois desde este momento sob a tua direção me coloco. Aqui renego minha autodetração e abjuro todos os vícios e defeitos que em mim próprio lançara há pouco, como incompatíveis com minha natureza. Nunca tive contacto com mulher, não fui perjuro mal cobicei aquilo que é meu mesmo, jamais quebrei qualquer promessa feita, demônio algum traí para seus próprios companheiros do inferno. Como à vida, tenho amor à verdade. Minha estréia na mentira foi esta a meu respeito. O que eu realmente sou se encontra à tua disposição e do meu pobre povo. Para auxiliá-lo aqui se achava há pouco, no instante de chegares, o ancião Siward com dez mil aguerridos combatentes, no ponto de partirem. Vamos juntos; que o favor da vitória corresponda à justiça de nossa discordância. Por que ficais calado?

MACDUFF — É mui difícil reconciliar eventos a um só tempo não gratos e agradáveis.

(*Entra um médico.*)

MALCOLM — Bem; voltaremos a falar sobre isso. Dizei-me, por obséquio: o rei vem vindo?

O MÉDICO — Sim, senhor; numerosos desgraçados o auxílio dele aguardam, pois a doença de que padecem tem zombado da arte. Mas sua mão — tal é a santidade com que o céu a dotou — vai sãos deixá-los no instante de os tocar.

MALCOLM — Agradecido, doutor, vos fico.

(*Sai o médico.*)

MADCUFF — De que doença fala?

MALCOLM — Chamam-lhe o mal. Miraculoso feito realiza este bom rei, já presenciado várias vezes por mim, desde que me acho no reino da Inglaterra. De que modo consegue o céu mover, só ele sabe. Mas pessoas tocadas de moléstias estranhas, cheias de úlceras, tristíssimo espetáculo a todos, desespero da medicina, sãs ele tem posto com lhes pôr ao pescoço uma áurea estampa, ao tempo em que murmura santas preces. Dizem também que aos reis seus sucessores transmitirá esse poder bendito de curas realizar. Mas além dessa virtude estranha, o

dom possui celeste da profecia, sobre lhe cercarem o trono várias bênçãos que o declaram cheio de graças.

MACDUFF — Olhai quem vem chegando!

MALCOLM — Um dos meus compatriotas; mas ainda não o conheço.

(*Entra Ross.*)

MACDUFF — Sede aqui bem-vindo, meu sempre gentil primo.

MALCOLM — Reconheço-o agora. Ó Deus bondoso, afasta em tempo tudo quanto estrangeiros nos tem feito.

ROSS — Amém, senhor.

MACDUFF — A Escócia continua no mesmo lugar de antes?

ROSS — Pobre pátria, revela medo até de conhecer-se. De nossa mãe não pode ser chamada, mas nossa sepultura, porque nela só ri ainda quem ignora tudo; os gritos e suspiros, os gemidos que os ares dilaceram, emitidos apenas são, sem serem percebidos. As mais violentas dores assemelham-se a emoção cotidiana; os dobres fúnebres passam despercebidos e as pessoas de bem fenecem antes de murcharem as flores do chapéu e a vida perdem sem virem a adoecer.

MACDUFF — Oh! relação muito precisa e, no entretanto certa!

MALCOLM — Qual é a última dor?

ROSS — A que de vida tem uma hora faria ser vaiado quem viesse relatá-la; a cada instante nasce uma nova dor.

MACDUFF — E minha esposa, como ficou?

ROSS — Ora, essa ficou bem.

MACDUFF — E meus filhos?

ROSS — Também.

MACDUFF — A paz de todos não havia o tirano ainda assaltado?

ROSS — Não; deixei-os em paz ao despedir-me.

MACDUFF — Sede menos avaro de palavras. Que aconteceu?

ROSS — No instante em que eu trazia para aqui essas novas que tão fundo pesavam sobre mim, soube do boato de que bastantes homens valorosos se tinham posto em campo, o de que logo me convenci ao ver os contingentes do tirano aprestados para a luta. Eis o momento de intervirmos. Vossos olhares, lá na Escócia, aprestariam soldados, levariam para a luta nossas mulheres, para porem termo à desgraça indizível.

MALCOLM — Sirva a todos de consolo saber que já me encontro a caminho da Escócia. Dez mil homens cedeu-nos a Inglaterra, comandados pelo bondoso Siward. Mais completo guerreiro e mais idoso não se encontra em toda a Cristandade.

ROSS — Ah! se eu pudesse dar-vos notícia tão reconfortante! Mas trouxe-vos palavras para serem uivadas no ar deserto, onde não possam ser percebidas por nenhum ouvido.

MACDUFF — A que dizem respeito? À causa pública? Ou trata-se, talvez, de sofrimento particular, que a um peito, apenas, toca?

ROSS — Todas as almas nobres têm sua parte; mas a maior, decerto, vos pertence.

MACDUFF — Se me pertence, não me priveis dela. Vamos; dai-ma depressa.

ROSS — Que não fiquem vossos ouvidos para sempre odiando minha língua, por ter de molestá-los com os sons mais tristes que jamais ouviram.

MACDUFF — Hum! Presumo o que seja.

ROSS — Vosso burgo foi assaltado; vossa esposa e os filhos, mortos selvagemente. Relatar-vos como se deu, o mesmo fora ao monte de caças abatidas vosso corpo sem vida acrescentar.

MALCOLM — Oh céu piedoso! Não, homem! Levantai vosso chapéu! Dai palavras à dor. Quando a tristeza perde a fala, sibila ao coração, provocando de pronto uma explosão.

MACDUFF — Meus filhinhos também?

ROSS — Esposa, filhos, criados, tudo o que acharam.

MACDUFF — E eu, ausente! Também minha mulher?

ROSS — Já vo-lo disse.

MALCOLM — Coragem! Aprestemos o remédio para essa dor mortal com prepararmos nossa vingança.

MACDUFF — Ah! Ele não tem filhos! Todos os meus pequenos tão graciosos? Dissestes "todos?" Oh infernal abutre! Como! Todos? Os lindos pequerruchos juntamente com a mãe, num só mergulho?

MALCOLM — Como homem, resisti.

MACDUFF — É o que farei; mas preciso também sentir como homem. Não consigo esquecer que hajam vivido essas pessoas que tão caras me eram. O céu viu isso, sem que os amparasse? Depravado Macduff Por tua causa assassinados todos eles foram; por mim, que nada valho. Não por culpas próprias, mas pelas minhas, tão-somente, caiu a morte sobre as almas deles. Que o céu lhes dê sossego.

MALCOLM — Que seja isso a pedra de amolar de vossa espada. Fazei que a dor se vos transforme em cólera; não emboteis o peito: enraivecei-o.

MACDUFF — Como mulher, agora, poderia representar com os olhos e mostrar-me valente só com a língua. Ó céu bondoso! põe termo às dilações e, face a face com o demônio da Escócia me coloca, ficando ele ao alcance de meu gládio: vindo a escapar, que lhe perdoe o céu.

MALCOLM — Viril é essa cantiga. Vamos, vamos procurar logo o rei. Prestes se

encontram nossas forças; só falta despedirmo-nos. Macbeth está maduro para a queda, já tendo prestes os poderes do alto os instrumentos que hão de sacudi-lo. Criai coragem; não há noite fria, por mais longa que seja, sem seu dia.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Dunsinane. Um quarto no castelo. Entram um médico e uma camareira.

O MÉDICO — Estive de vigília convosco durante duas noites consecutivas, mas não posso descobrir indício de verdade em tudo o que dissestes. Quando foi que ela andou como sonâmbula pela última vez?

A CAMAREIRA — Desde que Sua Majestade foi para a campanha eu a tenho visto levantar-se da cama, atirar sobre si o roupão de dormir, abrir a escrivaninha, tira uma folha de papel, dobrá-la, escrever alguma coisa, ler o que escreveu, selar depois a folha e voltar em seguida para a cama, fazendo tudo isso, no entanto, no mais profundo sono.

O MÉDICO — É indício de uma grande perturbação da natureza receber os benefícios do sono e executar, simultaneamente, os atos de vigília. Nessa inquietação do sono, além desses passeios e de ocupações concretas, não percebestes se, por vezes, ela dizia alguma coisa?

A CAMAREIRA — Ouvi coisas, senhor, que não me atrevo a repetir.

O MÉDICO — A mim podereis dizer o que ouvistes, sendo mesmo de vantagem que o façais.

A CAMAREIRA — Nem a vós nem a ninguém, uma vez que não tenha testemunha para confirmar o que disser. (*Entra Lady Macbeth, com uma vela.*) Vede! Aí vem ela! É assim mesmo que sempre faz, e, por minha vida, a dormir profundamente. Observai-a; aproximai-vos dela um pouco.

O MÉDICO — Como conseguiu essa luz?

A CAMAREIRA — Ora, estava perto dela. Tem sempre luz ao pé de si; são ordens expressas.

O MÉDICO — Como vedes, está com os olhos bem abertos.

A CAMAREIRA — É certo; mas os sentidos estão fechados.

O MÉDICO — Que faz ela agora? Vede como esfrega as mãos.

A CAMAREIRA — É um gesto habitual nela, fazer como quem lava as mãos. Já a vi continuar desse jeito durante um quarto de hora.

LADY MACBETH — Aqui ainda há uma mancha.

O MÉDICO — Atenção! Está falando. Vou tomar nota do que ela disser, para reforçar a memória.

LADY MACBETH — Sai, mancha amaldiçoada! Sai! Estou mandando. Um dois... Sim, já é tempo de fazê-lo. O inferno é sombrio... Ora, marido! Ora! Um soldado ter modo? Por que termos medo de que alguém o venha a saber, se ninguém poderá pedir contas a nosso poder? Mas quem poderia imaginar que o velho tivesse tanto sangue no corpo?

O MÉDICO — Ouvistes o que ela disse?

LADY MACBETH — O thane de Fife tinha uma mulher. Onde se encontra ela agora? Como! Estas mãos nunca ficarão limpas? Basta, senhor; não falemos mais nisso. Estragais tudo com essa vacilação.

O MÉDICO — Ide, ide! Ficastes sabendo mais do que seria conveniente.

A CAMAREIRA — Ela falou o que não devia, tenho certeza. Só Deus sabe o que ela sabe.

LADY MACBETH — Aqui ainda há odor de sangue. Todo o perfume da Arábia não conseguiria deixar cheirosa esta mãozinha. Oh! Oh! Oh!

O MÉDICO — Que suspiro! Tem o coração por demais opresso.

A CAMAREIRA — Eu não quisera ter no peito um coração assim, nem pelas dignidades de todo o corpo.

O MÉDICO — Bem, bem, bem.

A CAMAREIRA — Rogai a Deus, senhor, para que seja assim.

O MÉDICO — Esta doença ultrapassa minha arte. No entanto, conheci sonâmbulos que morreram santamente em suas camas.

LADY MACBETH — Ide lavar as mãos; vesti vosso roupão de dormir. Não fiqueis assim tão pálido. Torno a dizer-vos que Banquo está enterrado; não poderá sair da sepultura.

O MÉDICO — Também isso?

LADY MACBETH — Para o leito! Para o leito! Estão batendo no por tão. Vinde, vinde! Dai-me a mão. O que está feito não está por fazer. Para o leito, para o leito, para o leito! (*Sai.*)

O MÉDICO — E agora, ela vai para o leito?

A CAMAREIRA — Diretamente.

O MÉDICO — Circulam por aí terríveis boatos. feitos contra a natura sempre engendram conseqüências doentias. As consciências manchadas descarregam seus segredos nos surdos travesseiros. Mais de padre tem ela precisão do que de médico. Deus, Deus que nos perdoe! Acompanhai-a. Deixai bem longe dela quanto possa causar-lhe qualquer dano. E ora, boa noite. Ela deixou-me o espírito confuso e a vista absorta com tamanho abuso. Penso, mas não me atrevo a dizer nada.

A CAMAREIRA — Boa noite, bom doutor.

(*Saem.*)

Cena 2

Planície perto de Dunsinane. Entram com bandeiras e tambores Menteith, Caithness, Angus, Lennox e soldados

MENTEITH — As forças da Inglaterra já estão perto. Trá-las Malcolm, seu velho tio Siward e o valente Macduff. Arde a vingança neles todos, pois uma causa dessas fará os próprios mortos levantarem-se para o combate atroz e sanguinário.

ANGUS — Decerto vamos encontrá-los perto da floresta de Birnam; vêm por lá.

CAITHNESS — Alguém sabe informar se Donalbain vem com o irmão?

LENNOX — Decerto não, senhor. Possuo a lista da nobreza toda; nela o filho se encontra do bom Siward e muitos outros moços ainda imberbes, que como homens estréiam.

MENTEITH — E, o tirano, que está fazendo?

CAITHNESS — Alenta a resistência do grande Dunsinane. Alguns murmuram que ele está louco; outros, que o odeiam menos, o nome dão de fúria valorosa. Mas certo é que ele sua natureza desmanchada abarcar já não consegue no cinturão da regra.

ANGUS — Ele ora sente como as mãos se lhe envisgam com seus crimes secretos. A toda hora uma revolta lhe exprobra a deslealdade. Seus soldados não os move o amor; ordens somente cumprem. Começou a notar que a dignidade do título de rei lhe envolve o corpo como faria a roupa de um gigante a um anão que a roubasse.

MENTEITH — Quem pudera censurar-lhe os sentidos, exaltados por tantos sobressaltos e recuos, quando tudo o que há nele se envergonha por nele se encontrar?

CAITHNESS — Então sigamos para a frente; prestemos a obediência pelo dever imposta. Dirijamo-nos para o médico desta terra doente, e, para restaurarmos nossa pátria, derramemos com ele todo o sangue de nossas veias.

LENNOX — Ou somente quanto bastar para orvalhar a flor bendita e afogar a cizânia parasita. Marchemos para Birnam.

(*Saem marchando.*)

Cena 3

Dunsinane. Um quarto no castelo. Entram Macbeth, o médico e pessoas do séqüito.

MACBETH — Deixai de me trazer essas notícias. Que fujam todos, pois enquanto a mata de Birnam não chegar a Dunsinane, não poderá manchar-me o frio medo. Que é o pequeno Malcolm? Porventura não nasceu de mulher? Ora, os espíritos que os processos mortais mui bem conhecem, a meu respeito assim se pronunciaram: "Nada temas, Macbeth, pois nenhum homem nascido de mulher pode vencer-te". Fugi, portanto, miseráveis thanes, e ide associar-vos aos ingleses lúbricos. Jamais se dobrará meu forte espírito sob o peso da dúvida, nem há de mostrar meu coração menor vontade. (*Entra um criado.*) Que o diabo te condene em negro, biltre de cara de coalhada. Onde encontraste essas feições de ganso?

CRIADO — É que há dez mil...

MACBETH — Gansos, vilão?

CRIADO — Soldados, meu senhor.

MACBETH — Vai esfregar o rosto e de vermelho pintar o medo, fígado de lírio! Que soldados, poltrão? Morte de tua alma! Essas bochechas brancas como linho são ministro do medo. Que soldados, cara de leite?

CRIADO — Não vos desagrade, os soldados ingleses.

MACBETH — Tira a tua cara daqui. Depressa! (*Sai o criado.*) Seyton! Dói-me demais o coração, quando contemplo... Seyton! torno a chamar... Essa batalha vai-me dar alegria para sempre ou tirar-me do trono neste instante. Já vivi muito; minha vida inclina-se para o Outono de folhas amarelas, e a nada do que deve vir no rasto da velhice: amor, honras, obediência, amigos, poderei eu aspirar. Em lugar disso, maldições, não ditas em voz alta, mas fundas; homenagens à flor da boca apenas, que, de grado o pobre coração contestaria, conquanto não se atreva... Seyton! digo.

SEYTON — Que é o vosso prazer gracioso agora?

MACBETH — Quais são as outras novidades?

SEYTON — Quanto vos disseram, senhor, foi confirmado.

MACBETH — Hei de lutar até que me retalhem toda a carne dos ossos. Dai-me logo minha armadura. Vamos!

SEYTON — Ainda é cedo.

MACBETH — Quero vesti-la já. Mais cavaleiros mandai já limpar a redondeza. Dai-me a armadura. Como vai passando vossa doente, doutor?

O MÉDICO — Não se acha doente, propriamente, senhor, mas perseguida por freqüentes visões que do repouso de todo a têm privado.

MACBETH — Cura-a disso. Não podes encontrar nenhum remédio para um cérebro doente, da memória tirar uma tristeza enraizada, delir da mente as dores aí escritas e com algum antídoto de oblívio doce e agradável aliviar o peito que opresso geme ao peso da matéria maldosa que comprime o coração?

O MÉDICO — Para isso deve o doente achar os meios.

MACBETH — Então atira aos cães a medicina. Não quero saber dela. Vamos logo! Minha armadura! Dai-me o meu bastão. Seyton, manda sair... Doutor, os thanes fogem de mim. — Vamos! Mais pressa nisso! — Se examinar, doutor, pudesses a água do meu reino, encontrar a doença dele, restituir-lhe por meio de uma purga a saúde primeira, tão notória, aplaudir-te-ia que os próprios ecos aplaudissem de novo. — Fora! digo — Que ruibarbo, que sene ou droga drástica nos limpará desses ingleses todos? Já ouviste falar deles?

O MÉDICO — Sim, bondoso senhor; vossos reais preparativos nos forçam a ouvir algo.

MACBETH — Não hei de ter da morte medo inane, se Birnam não vier a Dunsinane.

O MÉDICO (*à parte*) — E eu se longe estivesse neste dia, nenhum lucro a voltar me obrigaria.

(*Saem.*)

Cena 4

Planície perto da mata de Dunsinane. Entram com tambores e bandeiras Malcolm, o velho Siward e seu filho, Macduff, Menteith, Caithness, Angus, Lennox, Ross e soldados, marchando.

MALCOLM — Primos, creio que o dia se aproxima de ficarem seguras nossas casas.

MENTEITH — Não o duvidamos.

SIWARD — Que floresta é esta?

MENTEITH — É a floresta de Birnam.

MALCOLM — Que cada homem corte um galho e o carregue, pois, com isso, não só faremos sombra para as tropas, como a erro induziremos o inimigo no cômputo dos nossos.

SOLDADOS — Será feito.

SIWARD — Só o que ouvimos dizer é que o tirano, confiante sempre, em Dunsinane se acha, onde vai resistir ao nosso cerco.

MALCOLM — É nisso que depõe toda a esperança, pois sempre que ocasião se tem mostrado, todos o deixam, grandes e pequenos, só à força o servindo os que ainda restam, mas sem que o coração influa nisso.

MACDUFF — Que nosso justo juízo aguarde a marcha dos acontecimentos. Enquanto isso, em prática ponhamos toda a nossa ciência de bons soldados.

SIWARD — Está na hora de ficarmos sabendo com certeza quem tem a haver, quem fez maior despesa. Da mente nasce uma esperança inglória; mas dos golpes certeiros, a vitória, que é para onde marchamos.

(*Saem marchando.*)

Cena 5

Dunsinane. No interior do castelo. Entram com tambores e bandeiras Macbeth, Seyton e soldados.

MACBETH — Desfraldai as bandeiras nas muralhas de fora. A senha é sempre: "Aí vêm eles!" Nosso forte castelo ri de um cerco de brinquedo como este. Que aí fiquem, até que a fome e a peste os extermine. Se eles não se tivessem reforçado com os que do nosso lado estar deviam, barba com barba nós os enfrentáramos sem receio nenhum e os tocaríamos, vencidos, para casa.

(*Ouve-se dentro um grito de mulher.*)

SEYTON — Um grito de mulher, meu bom senhor. (*Sai.*)

MACBETH — Quase esqueci que gosto tem o medo. Já houve tempo em que um só grito, à noite, gelados os sentidos me deixava, e a relação de qualquer fato horrendo eriçar os cabelos me fazia, como se vivos fossem. Entupi-me de tal modo com coisas pavorosas, que o horror, já agora familiar das minhas cogitações de morte, não consegue abalar-me no mínimo. (*Volta Seyton.*) Que houve?

SEYTON — A rainha morreu, senhor.

MACBETH — Devia ter morrido mais tarde; então, houvera ocasião certa para tal palavra. O amanhã, o amanhã. Outro amanhã, dia a dia se escoam de mansinho, até que chegue, alfim, a última sílaba do livro da memória. Nossos ontens para os tolos a estrada deixam clara da empoeirada morte. Fora! apaga-te, candeia transitória! A vida é apenas uma sombra ambulante, um pobre cômico que se empavona e agita por uma hora no palco, sem que seja, após, ouvido; é uma história contada por idiotas, cheia de fúria e muita barulheira, que nada significa. (*Entra um mensageiro.*) Vens para usar a língua; fala logo.

MENSAGEIRO — Meu gracioso senhor, desejara dizer-vos o que penso ter visto, mas não sei como expressar-me.

MACBETH — Muito bem; pois falai, caro senhor.

MENSAGEIRO — Quando estava de guarda na colina, olhei naturalmente para Birnam, tendo-me parecido que a floresta começava a mover-se.

MACBETH — Mentiroso lacaio!

MENSAGEIRO — Que em mim caia vossa cólera, se não for mesmo assim, pois à distância de três milhas podeis vê-la avançando: uma floresta em movimento. É isso.

MACBETH — Se estiveres mentindo, no mais próximo galho serás dependurado vivo, até que a fome venha ressecar-te; se a verdade falaste, não me importa que comigo procedas de igual modo. De coragem revisto-me e começo a suspeitar do equívoco do demo que mente sob a capa da verdade. “Nada temas até que a Dunsinane chegue a mata de Birnam.” E ora acontece que uma floresta vem a Dunsinane! Às armas, logo! Às armas! Para fora! Se o que ele disse é certo, é indiferente fugir daqui ou combater na frente. Começo a achar a luz do sol enjoada. Ah! se este mundo se acabasse em nada! Tocai o alarma! Abri-vos, sepultura! Posso morrer, mas dentro da armadura.

(*Saem.*)

Cena 6

O mesmo. Uma planície diante do castelo. Entram com tambores e bandeiras Malcolm, o velho Siward, Macduff etc. e seu exército, com galhos de árvores.

MALCOLM — Eis-nos bastante perto; jogai fora vosso amparo de folhas e mostrai-vos como sois mesmo. Vós, meu digno tio, com vosso nobre filho, meu bom primo, comandareis nosso primeiro corpo. Nós e o digno Macduff encarregados ficaremos do mais, de acordo em tudo com nossas próprias ordens.

SIWARD — Passai bem. Se hoje eu achar as forças do tirano, que a morrer venha, se não causar dano.

MACDUFF — Tocai logo os clarins; soprai bem forte nesses arautos de sangueira e morte.

(*Saem.*)

Cena 7

O mesmo. Outra parte da planície. Alarma. Entra Macbeth.

MACBETH — Amarraram-me ao poste; é-me impossível fugir, sendo preciso que, como urso, agüente o ataque deles. Onde se acha quem não houvesse de mulher nascido? Esse é que eu temer devo; mais ninguém.

(*Entra o jovem Siward.*)

O JOVEM SIWARD — Teu nome?

MACBETH — Terás medo só de ouvi-lo.

O JOVEM SIWARD — Não; ainda mesmo que mais quente fosse do que o de todos que no inferno se acham.

MACBETH — Então, Macbeth me chamo.

O JOVEM SIWARD — O próprio diabo não poderia pronunciar um título que mais odioso fosse a meus ouvidos.

MACBETH — Não; nem mais de temer.

O JOVEM SIWARD — Mentes, tirano detestável. Com a ponta desta espada vou provar que mentiste.

(*Batem-se; o jovem Siward é morto.*)

MACBETH — Tu nasceste de mulher. Para mim são como o vento golpes de quem teve esse nascimento. (*Sai.*)

(*Alarma. Entra Macduff*)

MACDUFF — Deste lado é o barulho. Mostra o rosto, tirano! Se não cais por minha espada, perseguido serei eternamente pelo fantasma de minha esposa e pelos de meus filhinhos caros. Impossível me será atacar esses coitados que trazem armas só pelo salário. Ou te encontro, Macbeth, ou na bainha reponho a espada, intacta e sem trabalho. Deves estar ali. Aquele estrépito quer anunciar alguém de grande fama. Faze que o encontre, ó Fado! Mais não peço. (*Sai. Alarma.*)

(*Entram Malcolm e o velho Siward.*)

SIWARD — Por aqui, meu senhor; sem resistência entregou-se o castelo. Estão lutando dos dois lados os homens do tirano. Os nobres thanes nesta guerra deram provas de alto valor. O próprio dia está a vosso favor; já quase nada resta para fazer.

MALCOLM — Vimos de perto como o imigo lutava.

SIWARD — Eis o castelo, caro senhor, entrai.

(*Saem. Alarma.*)

(*Volta Macbeth.*)

MACBETH — Por que fazer como o romano bobo e o corpo atravessar com a própria espada? Enquanto vidas eu achar, os golpes serão para elas, não para o meu corpo.

(*Volta Macduff*)

MACDUFF — Volta-te, cão do inferno!

MACBETH -Dentre todos os homens só a ti tenho evitado. Retira-te; tenho a alma carregada por demais de teu sangue.

MACDUFF — Não me sobram palavras; minha voz é minha espada, monstro mais sanguinário do que possa expressar a linguagem.

(*Batem-se.*)

MACBETH — É trabalho perdido o teu. Com mais facilidade poderias fender o ar impalpável com tua espada aguda do que sangue do meu corpo arrancar. Deixa que a lâmina caia sobre cimeiras vulneráveis. Ampara-me um encanto; a vida tenho assegurada contra qualquer homem nascido de mulher.

MACDUFF — Perde a confiança em tal encantamento, e que o mau anjo a que serviste até hoje te declare que do ventre materno foi Macduff tirado antes do tempo.

MACBETH — Maldita seja a língua que diz isso, pois com medo deixou a melhor parte de minha intrepidez, e que não sejam cridos jamais esses demônios falsos que nos enganam com palavras dobres e sustenta a promessa feita a nossos ouvidos, sem que a nossas esperanças intacta a deixem nunca. Não pretendo cruzar armas contigo.

MACDUFF — Então, entrega-te, covarde, e vive para te tornares espetáculo e assombro do universo. Como fazemos com esses monstros raros, teu retrato será posto num mastro, tendo em baixo a inscrição: “Eis o tirano!”

MACBETH — Não me rendo; beijar não hei de a terra diante dos pés do juvenil Malcolm, nem de isca servirei para a canalha. Embora Birnam viesse a Dunsinane e tu, que me resistes, não tivesses nascido de mulher, vou tentar o último recurso. Ponho assim, em frente ao corpo, meu escudo guerreiro. Vem, Macduff! E que por todos seja amaldiçoado quem primeiro gritar: “Estou cansado!”

(*Saem, lutando.*)

(*Retirada. Voltam, com tambores e bandeiras, Malcolm, o velho Siward, Ross, thanes e soldados.*)

MALCOLM — Desejara que salvos estivessem os amigos que faltam.

SIWARD — E forçoso que alguém pereça. Mas, por quanto vejo, custou barato um dia

tão glorioso.

MALCOLM — Falta Macduff e vosso nobre filho.

ROSS — Vosso filho, senhor, pagou a dívida de soldado. Viveu até ser homem; logo que pôde comprovar a força no posto em que, sem vacilar, lutava, como homem pereceu.

SIWARD — Então, morreu?

ROSS — Sim; seu corpo, também, já foi trazido do campo de batalha. Não podemos medir a causa de vosso alto luto pelo mérito dele, o que seria deixá-la sem limites.

SIWARD — Foi ferido na frente?

ROSS — Sim, na frente.

SIWARD — Que soldado de Deus, então, se torne. Se tantos filhos eu tivesse quantos cabelos, não quisera mais bonita morte para nenhum. Esse é o seu dobre de finados.

MALCOLM — Merece maior luto; disso me incumbirei.

SIWARD — Não; não merece. Dizem que morreu bem; pagou o escote. Assim, Deus o acompanhe. Mas diviso novo conforto que nos chega a tempo.

(*Volta Macduff, com a cabeça de Macbeth.*)

MACDUFF — Salve, rei! pois que o és. Olha onde se acha a cabeça maldita do tirano. O mundo já está livre. Ora te vejo cercado pelas jóias de teu reino, que saudação te enviam do imo peito e a cujas vozes associo a minha: sê feliz, Rei da Escócia!

TODOS — Sê feliz, Rei da Escócia!

(*Fanfarras.*)

MALCOLM — Não deixaremos que se passe o tempo sem que com vosso amor justemos contas e, assim, fiquemos quites com vós todos. Meu thanes e parentes, sede condes de hoje em diante, os primeiros que na Escócia tal título recebem. Quanto resta para fazer e que será plantado, segundo as próprias condições do tempo: como o repatriamento dos amigos que para longe foram, porque às malhas fugissem da astuciosa tirania; o julgamento dos cruéis ministros do carniceiro morto e sua esposa tão infernal quanto ele e que, segundo consta, pôs termo à vida com violência, por suas próprias mãos: tudo isso e quanto mais ainda for preciso, pela graça da Graça a cabo havemos de levar na medida do tempo e do lugar. Convido-vos, assim, de mui bom grado, para que em Scone me vejais coroado.

(*Fanfarras. Saem.*)

Otelo

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Personagens

O Doge de Veneza.
BRABÂNCIO, senador. Outros senadores.
GRACIANO, irmão de Brabâncio.
LUDOVICO, parente de Brabâncio.
OTELO, mouro nobre, a serviço da República de Veneza.
CÁSSIO, seu tenente.
IAGO, seu alferes.
RODRIGO, fidalgo veneziano.
MONTANO, governador de Chipre antes de Otelo.
BOBO, criado de Otelo.
DESDÊMONA, filha de Brabâncio e esposa de Otelo.
EMÍLIA, esposa de Iago.
BIANCA, amante de Cássio.
Marinheiro, oficiais, gentis-homens, mensageiros, músicos, arautos, criados.

Ato 1

Cena 1

Veneza. Uma rua. Entram Rodrigo e Iago.

RODRIGO — Cala-te! Não me fales. Aborrece-me demais verificar que justamente tu, Iago, que dispunhas à vontade de minha bolsa, como se teus fossem seus cordões, conhecesses isso tudo...

IAGO — Mas escuta-me, ao menos! Se eu já sonhei alguma vez com isso, podes abominar-me.

RODRIGO — Dito me havias que lhe tinhas ódio.

IAGO — Despreza-me, se não for assim mesmo. Três pessoas de grande influência aqui vieram falar-lhe, chapéu na mão, com humildade, para que fizesse de mim o seu tenente. E por minha fé de homem, tenho plena consciência do que valho; não mereço posto menor do que esse. Ele, no entanto, consultando somente o orgulho e os próprios interesses, furtou-se com fraseado bombástico, recheado só de epítetos de guerra. Em conclusão: não entendeu aos meus intercessores. "Pois já escolhi meu oficial", lhes disse. E quem é ele? Ora, por minha fé, um matemático, um tal Micael Cássio, um florentino, um tipo quase pelo próprio inferno fadado a ser uma mulher bonita, que nunca comandou nenhum soldado em campo de batalha e que conhece tanto de guerra como uma fiandeira; erudição de livros, simplesmente, sobre o que podem dissertar com a mesma proficiência que a dele os nossos cônsules togados; palavrório sem sentido, carecente de prática: eis sua arte. No entanto, meu senhor, foi o escolhido; ao passo que eu, que aos próprios olhos dele provas cabais já dera em Chipre e Rodes e em muitos outros pontos habitados por cristãos e pagãos, terei de, agora, ficar a sota-vento e calmaria, só por causa do dever-e-haver de um simples calculista, que — oh tempos! — vai tornar-se tenente, enquanto que eu — Deus me perdoe! — continuarei sendo do Mouro o alferes.

RODRIGO — Pelo céu, preferira ficar sendo carrasco dele.

IAGO — Já não há remédio. É a maldição do ofício: as promoções se obtêm só por pedidos e amizades, não pelos velhos meios em que herdava sempre o segundo o posto do primeiro. Ora, senhor, ajuizai vós mesmos se razões tenho para amar o Mouro.

RODRIGO — Assim, eu não ficara sob suas ordens.

IAGO — Ó senhor, acalmai-vos. Se me ponho sob suas ordens é só em proveito próprio. Mestres nem todos podem ser, nem todos os mestres podem ter bons servidores. Já tereis visto por aí bastantes sujeitos obsequiosos, de flexíveis joelhos que, apaixonados pela própria escravidão, o tempo todo gastam como o asno do amo, só pela comida; e, quando ficam velhos:

despedidos. Chicote nessa gente muito honesta! Outros há que sabendo a forma externa revelar do dever, as feições próprias, o coração conservam sempre atentos no proveito pessoal; enquanto aos amos dispensam mostras de serviço, apenas, prosperam muito bem, e, ao mesmo tempo que os casacos lhes forram, a si próprios prestam boa homenagem. Esses tipos têm alguma alma, e entre eles eu me incluo, posso afiançar-vos. Pois senhor, tão certo como serdes Rodrigo, se em verdade eu fosse o Mouro, não queria um Iago sob minhas ordens, pois seguindo-o, apenas sigo a mim próprio. O céu é testemunha: não me move o dever nem a amizade, mas, sem o revelar, só o interesse. Se as mostras exteriores de meus atos me traduzissem os motivos próprios do coração em traços manifestos, carregaria o coração na manga, para atirá-lo às gralhas. Ficai certo: não sou o que sou.

RODRIGO — Que sorte a desse tipo de lábios grossos, se puder, realmente, levar isso até ao fim.

IAGO — Chama o pai dela; desperta-o; corre atrás do Mouro, põe-lhe veneno na alegria; o nome dele proclama pelas ruas, os parentes dela deixa excitados, e ainda que ele more em clima adorável, atormenta-o com praga de mosquitos. Muito embora sua alegria seja verdadeira, com tais contrariedades o persegue, que a cor a perder venha.

RODRIGO — Fica aqui mesmo a casa do pai dela; vou chamar em voz alta.

IAGO — Mas com vozes de medo e uivos terríveis, como quando por negligência, à noite, o fogo estala num burgo populoso.

RODRIGO — Olá, Brabâncio! Senhor Brabâncio, olá!

IAGO — Ladrões! Brabâncio! Brabâncio, despertai! Ladrões! Ladrões! Cuidai de vossa casa, vossa filha, de vossos cofres! Acordai! Ladrões!

(*Brabâncio aparece na janela.*)

BRABÂNCIO — Qual é o motivo de tão grande bulha? Que aconteceu?

RODRIGO — Senhor, tendes aí dentro toda vossa família?

IAGO — Vossos quartos estão fechados?

BRABÂNCIO — Ora, qual a causa de perguntardes isso?

IAGO — Com mil diabos, senhor, fostes roubado; por vergonha, ide vestir a toga; arrebentado tendes o coração; metade da alma já vos foi alienada. Agora mesmo, neste momento, um velho bode negro está cobrindo vossa ovelha branca. Tocai o sino, para que despertem os cidadãos que roncam; do contrário, o diabo vos fará ficar avô. Despertai! É o que eu digo.

BRABÂNCIO — Mas que é isso! Perdestes o juízo?

RODRIGO — Venerável senhor, reconheceis-me pela voz?

BRABÂNCIO — Não; mas quem sois?

RODRIGO — Rodrigo; assim me chamo.

BRABÂNCIO — Pior nome não podias revelar-me. Não te proibi de me rondar a casa? Não me ouviste dizer, com leal franqueza, que para ti não era minha filha? Por que me vens agora, transtornado pela ceia e os vapores da bebida, com tua tratantagem maliciosa perturbar-me o repouso?

RODRIGO — Meu senhor, senhor, senhor...

BRABÂNCIO — Mas podes ficar certo de que minha coragem e meu posto na república têm poder bastante para fazer-te amargurar por isso.

RODRIGO — Paciência, bom senhor.

BRABÂNCIO — Por que me falas em roubo? Estamos em Veneza; minha casa não é uma granja.

RODRIGO — Venerável senhor, vim procurar-vos com lisura.

IAGO — Ora, senhor! Sois uma dessas pessoas que se negariam a servir a Deus, se fosse o diabo que lhes ordenasse. Por que viemos prestar-vos um serviço e nos tendes na conta de velhacos, quereis que vossa filha seja coberta por um cavalo berbere e que vossos netos relinchem atrás de vós? Quereis ter cordeis como primos e ginetes como parentes?

BRABÂNCIO — Quem és tu, miserável licencioso?

IAGO — Sou um homem, senhor, que vim revelar-vos que vossa filha e o Mouro se acham no ponto de fazer o animal de duas costas

BRABÂNCIO — Sois um vilão.

IAGO — E vós... um senador.

BRABÂNCIO — Vais pagar-me. Conheço-te, Rodrigo.

RODRIGO — Responderei por tudo. Mas pergunto-vos, senhor, se foi com vosso assentimento, vosso sábio conselho — como quase fico a pensar — que vossa linda filha, na calada de noite tão escura, saiu em companhia de um sujeito nem melhor nem pior do que um velhaco por qualquer alugado, num gondoleiro, para aos abraços torpes entregar-se de um Mouro luxurioso; se, realmente, sabeis de tudo e concordais com isso, bem: nesse caso é certo vos fazermos inominável e atrevida ofensa. Mas se desconheceis o que se passa, ensina-me o costume que não tendes razão de censurar-nos desse modo. Não creiais que tão falho eu me revele de cortesia, para vir agora zombar de vossa grande reverência. Vossa filha — de novo vos declaro — se não lhe destes permissão, mui grave pecado cometeu, unindo o espírito, a beleza, o dever e seus haveres a um estrangeiro andejo e desgarrado daqui e de toda parte. Convencei-vos neste momento: se no quarto dela fordes achá-la, ou mesmo em toda casa, entregai-me à justiça da república por vos ter enganado desse modo.

BRABÂNCIO — Acendei fogo! Olá! Dai-me uma vela! Despertai todo mundo. Este incidente não destoa dos sonhos que já tive. Só de pensar em tal, me sinto opresso. Luz, repito! Um vela!

(*Retira-se da janela.*)

IAGO — Adeus; não posso ficar mais tempo aqui. Não é prudente — dado o meu posto — nem recomendável ser chamado a juízo contra o Mouro, o que aconteceria se eu ficasse. Pois sei-o bem: o Estado, muito embora venha a afligi-lo com alguma crítica, não pode dispensar-lhe os bons serviços sem correr grande risco. Com tão fortes razões o encarregaram da campanha contra os chipriotas — que ora se acha em curso — que para a vida assegurar de todos não encontram ninguém de igual calibre capaz de dirigir esse negócio. Por isso, muito embora lhe vote ódio como às penas do inferno, sou forçado pelas necessidades do presente a arvorar a bandeira da amizade que não passa de simples aparência. Para terdes certeza de encontrá-lo, encaminhai na direção do albergue do Sagitário os que hão de procurá-lo. Lá, como ele estarei. E agora, adeus. (*Sai.*)

(*Entram Brabâncio e criados, com tochas.*)

BRABÂNCIO — Minha infelicidade é mais que certa. Fugiu mesmo. Do tempo desprezível que me resta de vida não espero senão tão-só tristezas. Onde a viste, Rodrigo? — Oh! que menina sem juízo! — Junto com o Mouro, foi o que disseste? — Quem quisera ser pai! — Por quais indícios vieste a reconhecê-la? Oh! Iludiu-me de modo inconcebível. Que te disse? — Olá! Trazei mais velas! Despertai todos os meus parentes! — Acreditas que se tenham casado?

RODRIGO — É o que parece, para vos ser sincero.

BRABÂNCIO — Oh céus! Que meios ela encontrou para sair de casa? Oh! que traição do sangue! Doravante, pais, não confieis no espírito das filhas só por suas ações. Não há feitiços capazes de alterar as qualidades das virgens inocentes? Nunca lestes, Rodrigo, qualquer coisa a esse respeito?

RODRIGO — Em verdade, senhor, li qualquer coisa.

BRABÂNCIO — Ide chamar o mano. — Oh! se a tivésseis desposado! — Cada um vá por um lado. — Sabeis onde podemos apanhá-la juntamente com o Mouro?

RODRIGO — Estou bem certo de poder encontrá-los, se quiserdes dar-me uma boa escolta e vir comigo.

BRABÂNCIO — Servi de guia. Baterei em todas as casas; meu poder é muito grande. — Trazei armas, olá! Fazei que venha logo a ronda! — Sigamos, bom Rodrigo; hei de saber vos ser agradecido.

(*Saem.*)

Cena 2

Outra rua. Entram Otelo, Iago e criados com tochas.

IAGO — Muito embora no ofício de soldado eu já tenha matado muita gente, assunto considero de consciência premeditar um crime. Muitas vezes pensei nove ou dez vezes em furá-lo aqui, sob a costela.

OTELO — Está melhor como está.

IAGO — Sim; porém ele palrava de tal modo e assacava tais vilezas contra vossa honra, que o meu pouco temor de Deus a custo conseguiu sofrear-me. Uma só coisa vos pergunto, senhor: estais realmente casado? Há segurança? Uma certeza podereis ter: que é muito venerado entre nós e Magnífico, valendo sua voz como a do doge em tudo quanto nele toca de perto. Se o divórcio não conseguir levar a cabo, ele há de causar-vos tanto incômodo e desgosto quanto o Direito, com sua força toda, lhe afrouxar as amarras.

OTELO — Desabafe como bem entender, porque os serviços que eu prestei ao Conselho, suas queixas todas suplantarão. Eis o momento de se saber — o que tornarei público quando essa ostentação constituir honra — que o ser e a vida eu recebi de berço de descendência real e que meus méritos aspirar podem, de cabeça erguida, à posição que até hoje me alcançaram. Porque te juro, Iago: se não fosse o amor que voto à mui gentil Desdêmona, eu não iria pôr a minha livre condição de solteiro em nenhum elo que viesse confiná-la. Não; por todos os tesouros do mar. Mas olha: luzes! Vêm nesta direção.

IAGO — É o pai, decerto, com os parentes que foram despertados. Seria mais prudente retirar-vos.

OTELO — De forma alguma! Quero que me encontrem. Meus serviços, meu posto, a alma tranqüila vão demonstrar-lhes quem eu sou, de fato. Mas são eles?

IAGO — Por Jano! Não parece.

(*Entram Cássio e certos oficiais, com tochas.*)

OTELO — São pessoas do doge e o meu tenente. Que a noite vos proteja, bons amigos. Que novidades há?

CÁSSIO — O doge manda saudar-vos, general, e vos convida com o máximo de pressa a aparecerdes agora mesmo na presença dele.

OTELO — Sabeis para que seja?

CÁSSIO — Algum assunto com relação a Chipre, é o que presumo; negócio muito

urgente. Já mandaram das galeras uns doze mensageiros desde que ficou noite, um após o outro. Muitos dos membros do Conselho foram despertados e estão junto com o doge. Com bastante insistência vos procuram, e, como em casa não vos encontrassem, enviaram mensageiros por três partes diferentes, a fim de vos chamarem.

OTELO — Foi bom haver sido eu por vós achado. Vou apenas dizer duas palavras a esta casa; depois vos acompanho. (*Sai.*)

CÁSSIO — Alferes, que faz ele aqui?

IAGO — Ora essa! Esta noite abordou uma caraca terrestre. Sendo a presa declarada legítima, realmente, ele está feito.

CÁSSIO — Não compreendo.

IAGO — Casou.

CÁSSIO — Casou com quem?

IAGO — Ora essa, com... (*Volta Otelo.*) Não vamos, capitão?

OTELO — Estou pronto.

CÁSSIO — Aí vem uma outra tropa, para vos convocar.

IAGO — Muito cuidado, general! É Brabâncio. Ele não vem com boas intenções.

(*Entram Brabâncio, Rodrigo e oficiais, armados e com tochas.*)

OTELO — Olá! Parai!

RODRIGO — Senhor, é o Mouro.

BRABÂNCIO — Morte a esse ladrão!

(*De ambos os lados se desembainham espadas.*)

IAGO — Vós, Rodrigo? Senhor, estou convosco.

OTELO — Guardai essas espadas, que o sereno vai causar-lhes ferrugem. Venerável senhor, maior autoridade vossos anos impõem que todas essas armas.

BRABÂNCIO — O infame raptor! onde escondeste minha filha? Infernal como és, decerto a enfeitiçaste. Apelo para todos os seres de sentido: se não fosse ter sido presa por cadeias mágicas, como uma jovem tão formosa e terna, tão feliz, tão avessa ao casamento que evitava a presença dos mancebos ricos e de cabelos anelados de nosso Estado, como poderia, expondo-se à irrisão de toda gente fugir de seu guardião, para abrigar-se no seio escuro e cheio de fuligem de uma coisa como és, mais feito para susto causar do que qualquer deleite? Sirva de testemunha o mundo inteiro de como praticaste encantamentos com ela, abomináveis, abusaste de sua mocidade inexperiente com inúmeras drogas que no espírito atuam e o enfraquecem. Vou prová-lo. É fato indiscutível, evidente. Por isso te detenho e prendo como a embusteiro universal, que exerce arte ilegal proibida pelo Estado. Prendei-lo logo. Caso vos resista, usai de força, embora com perigo de perder ele a vida.

OTELO — As mãos detende, tanto os que estão comigo como os outros. Se minha deixa fosse de combate, dispensaria o ponto. Aonde é preciso que eu vá, para vos dar cabal resposta sobre o de que me argüis?

BRABÂNCIO — Para a prisão, até que decorrido o tempo certo a uma sessão legal tu compareças, para me responderes.

OTELO — E no caso de vos obedecer? Como há de o doge mostrar-se satisfeito, se ao meu lado tenho seus emissários, incumbidos de me levarem para onde ele se acha, para tratar de assuntos de república?

OFICIAIS — Muito nobre senhor, o que ele disse é tudo verdadeiro. O doge se acha no Conselho, e estou certo de que Vossa Nobreza foi chamado.

BRABÂNCIO — Como! O doge convocou o Conselho? E em plena noite! Levai-o! Minha causa é de importância; o próprio doge e os manos do governo hão de sentir a ofensa como própria. Se um crime tal não for bem castigado, pagãos e escravos mandarão no Estado.

(*Saem.*)

Cena 3

A Câmara do Conselho. O doge e senadores, sentados à mesa. Oficiais de pé.

DOGE — As notícias não são de todo acordes, porque possamos dar-lhes muito crédito.

PRIMEIRO SENADOR — É certo; minha carta fala em cento e setenta galeras.

DOGE — Fala a minha só em cento e quarenta.

SEGUNDO SENADOR — Pois a minha se refere a duzentas. Mas embora não haja acordo nesse ponto — como sói dar-se quando é feito o cômputo por simples conjeturas — todas elas concordes são em afirmar que a armada do turco ora veleja para Chipre.

DOGE — É quanto basta para um juízo certo. Um erro de minúcias não me impede de ficar apreensivo quanto ao ponto de maior importância.

MARINHEIRO (*dentro*) — Olá! Olá!

OFICIAL — Um novo mensageiro das galeras.

(*Entra um marinheiro.*)

DOGE — Então, que novas há?

MARINHEIRO — A armada turca veleja para Rodes, é o recado que ao senado mandou o signior Ângelo.

DOGE — E agora que dizeis dessa mudança?

PRIMEIRO SENADOR — Não pode ser; é contra a boa lógica. É uma ilusão, tão-só, para obrigar-nos a olhar para o outro lado. Reflitamos na importância de Chipre para o turco, muito maior ainda que a de Rodes e como lhe será muito mais fácil conquistá-la, por ter poucas defesas, enquanto Rodes está muito armada: se em tudo isso pensarmos, haveremos de compreender que o turco não é tão cego que para último deixe o que lhe importa primacialmente, abrindo mão de um ganho mais do que certo e, sobretudo, fácil, para correr um risco sem proveito.

DOGE — Não se trata de Rodes, é certeza.

OFICIAL — Chega outra novidade.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Os otomanos, reverendo e gracioso, estão de rota batida para Rodes, e em caminho se reforçaram com uma nova armada.

PRIMEIRO SENADOR — Tal qual como pensei. E quantas velas imaginais que sejam?

MENSAGEIRO — Trinta. E agora fazem caminho inverso, dirigindo, sem rodeios o curso para Chipre. É o que o signior Montano, vosso bravo e dedicado servidor, vos manda comunicar com a liberdade própria de seu dever, pedindo inteiro crédito para a notícia.

DOGE — Assim, é mais que certo vão para Chipre. E na cidade se acha Marcos Luccico?

PRIMEIRO SENADOR — Não; está em Florença.

DOGE — Escrevei-lhe de nossa parte e urgência, muita urgência, inculcai-lhe.

PRIMEIRO SENADOR — Aí vem Brabâncio com o valente Mouro.

(*Entram Brabâncio, Otelo, Iago, Rodrigo e oficiais.*)

DOGE — Bravo Otelo, precisamos mandar-vos neste instante contra o inimigo comum, contra o otomano. (*A Brabâncio.*) Não vos vira, gentil senhor; bem-vindo. Vosso conselho e ajuda nos faltaram na reunião desta noite.

BRABÂNCIO — E a mim os vossos. Perdoe-me Vossa Graça, mas não foram minhas obrigações nem quaisquer novas relativas ao Estado que do leito me tiraram a esta hora; os interesses gerais me importam pouco, pois a minha mágoa particular é de tal modo transbordante e impetuosa que em seu curso submerge e absorve todas as tristezas sem se alterar em nada.

DOGE — Que foi que houve?

BRABÂNCIO — Oh! Minha filha! Minha filha!

DOGE e SENADORES — Morta?

BRABÂNCIO — Sim, para mim. Foi seduzida, foi-me roubada, corrompida por feitiços e drogas adquiridas de embusteiros. Para que se desgarre a natureza por modo tão absurdo, sem que seja nem defeituosa, coxa dos sentidos, nem privada de vista, é necessário que haja feitiçaria.

DOGE — Seja quem for que tenha usado desses processos vis para deixar privada vossa filha do juízo e, assim, vós mesmo de vossa própria filha: o sanguinário livro das leis haveis de interpretá-lo como vos aprouver, no mais amargo sentido das palavras, sim, ainda que nosso próprio filho fosse o objeto de tal acusação.

BRABÂNCIO — Humildemente vos agradeço. Aqui se encontra o homem, este Mouro, que foi, ao que parece, por especial recado aqui chamado para assuntos do Estado.

DOGE e SENADORES — Penaliza-nos semelhante notícia.

DOGE (*a Otelo*) — E vós, que tendes sobre isso a responder?

BRABÂNCIO — Nada; é assim mesmo.

OTELO — Muito acatados, graves e potentes senhores; muito nobres e aprovados mestres, em tudo justos; que eu tivesse raptado a filha deste senhor velho, é mais do que

verdade, como é certo já tê-la desposado. A fronte e o cimo de minha ofensa vão até a esse ponto, nem mais nem menos. Rude sou de fala, estranho ao doce linguajar da paz, pois desde que estes braços alcançaram a força de sete anos, até agora, deduzidas algumas nove luas, tão-somente, em mais nada se empregaram com mais amor do que às ações dos campos abarracados. Sobre muito pouca coisa posso falar no vasto mundo se não for de batalhas e contendas. Por isso, quando exponho assunto próprio não saberei orná-lo com vantagens. Mas se vossa graciosa paciência me permitir, um pálido relato farei, sem digressões, de todo o curso de meu amor, que drogas, que feitiços, que conjuros, que mágica potente — pois disso tudo, agora, é que me acusam — usei para ganhar a filha dele.

BRABÂNCIO — Uma jovem tão tímida, de espírito tão sossegado e calmo, que corava de seus próprios anseios! E a despeito da natureza, do país, da idade, do crédito, de tudo, apaixonar-se do que de olhar, tão-só, a apavorava! Só um juízo coxo e falho é que afirmara que desviar-se a saúde poderia das leis da natureza. É necessário que as infernais astúcias admitamos, quanto tal coisa ocorre. Por tudo isso, de novo afirmo que, com algum composto de influência sobre o sangue, ou beberagem enfeitiçada para tal efeito, ele sobre ela atuou.

DOGE — Somente a simples afirmação não basta para a prova, porque, sem testemunho mais patente, não passa de suspeitas e aparências sem consistência o que afirmais contra ele.

PRIMEIRO SENADOR — Mas, Otelo, falai! Por meios indiretos e violentos dominastes, acaso, e envenenastes o amor dessa donzela? Ou deu-se tudo por meio de declarações e ditos sinceros, como uma alma a outra alma fala?

OTELO — Suplico-vos mandar buscar a dama no Sagitário, permitindo que ela diante do próprio pai relate o caso. Se em sua fala encontrardes algo indigno sobre minha pessoa, despojai-me do meu ofício, da confiança antiga que em mim depositáveis; mais: que vossa sentença atinja minha própria vida.

DOGE — Trazei aqui Desdêmona.

OTELO — Ide, alferes, buscá-la, pois sabeis onde ela se acha. (*Saem Iago e alguns criados.*) E enquanto ela não vem, quero, com a mesma lealdade com que o céu confesso as faltas do meu sangue, contar a esses ouvidos severos como pude apaixonar-me dessa donzela e ser por ela amado.

DOGE — Contai-nos isso, Otelo.

OTELO — O pai dela me amava; convidou-me muitas vezes, fazia-me perguntas sobre a história de toda a minha vida, ano por ano, prélios, cercos, lances por que passara. E narrava-lhe tudo, desde os dias de minha infância, até o momento em que ele me mandara falar, enumerando-lhe situações perigosas, acidentes no mar e em terra, em tudo emocionantes, como salvei a vida por um fio, na brecha perigosa, como fora pelo insolente inimigo aprisionado, vendido como escravo, e de que modo, depois, me resgatara, e dos sucessos que em minhas viagens a esses se seguiram, quando, então, lhe falava de cavernas descomunais, rochedos escabrosos, ilhas desertas, montes cujos picos no céu iam tocar. E assim por diante, no mesmo tom dos canibais falava, que uns aos outros se comem, de antropófagos e de homens com cabeça

sob os ombros. Para isso ouvir, Desdêmona se achava sempre inclinada; mas os afazeres da casa muitas vezes a obrigavam a se afastar, o que ela quase sempre depressa arrematava, porque viesse novamente, com ávidos ouvidos, devorar meu discurso. Percebendo-o, da hora me aproveitei e encontrei meios de lhe arrancar a súplica ardorosa, para que lhe contasse sem rodeios as minhas aventuras, cuja história só por partes ouvira, desconexas. Fiz-lhe a vontade; e muitas vezes pude roubar-lhe algumas lágrimas, no instante de lhe narrar algum sucesso triste por que passara minha mocidade. Minha história concluída, ela me dava por tanta dor um mundo de suspiros e jurava em verdade, que era estranho, mais do que estranho, por demais tocante, muito comovedora. Desejara jamais a ter ouvido, mas quisera que o céu houvesse feito dela esse homem. Agradeceu-me e disse-me que, quando algum amigo eu viesse a ter, que a amasse, bastaria ensinar-lhe o modo simples de contar minha história, para que ele, sem falta, a conquistasse. Aproveitando tal insinuação, disse-lhe tudo. Ela me amou à vista dos perigos por que passei, e muito amor lhe tive, por se ter revelado compassiva. Foi essa toda a minha bruxaria. Mas aí vem a dama; ela que fale.

(*Entram Desdêmona, Iago e pessoas do séquito.*)

DOGE — Quero crer que uma história tal como essa seduziria minha própria filha, caro Brabâncio. Examinai por outro prisma o assunto que se acha mutilado. É mais vantagem fazermos uso de armas já partidas, do que das mãos vazias.

BRABÂNCIO — Por obséquio, permiti que ela fale. Dizendo ela que assim favoreceu essa conquista, caia-me a destruição sobre a cabeça, se novamente eu dirigir a este homem qualquer doesto ofensivo. Aproximai-vos, gentil menina, e respondei-me: acaso percebeis neste círculo seleto alguém a quem deveis mais obediência?

DESDÊMONA — Meu nobre pai, percebo um dividido dever: A vida e a educação vos devo, educação e vida que me ensinam a saber respeitar-vos. Sois o dono do meu dever, sendo eu, pois, vossa filha. Mas também aqui vejo meu marido; e quanto minha mãe vos foi submissa, preferindo-vos mesmo aos próprios pais, tanto agora pretendo revelar-me em relação ao Mouro, a quem pertenço.

BRABÂNCIO — Deus esteja convosco. Já acabei. Se Vossa Graça desejar, passemos a tratar dos negócios da república. Antes filha adotiva que gerada. Mouro, vem para cá. De todo o coração te dou aquilo que se já teu não fosse, eu recusara de todo o coração. Por vossa causa, minha jóia, sinto a alma jubilosa, por não ter outra filha; tua fuga ensinado me houvera a ser tirano, pondo-a no cepo. Terminei, senhor.

DOGE — Permiti-me falar como vós mesmo de certo falaríeis, pronunciando uma sentença que degrau e escada vai ser para que os dois enamorados possam vir a integrar-se novamente no vosso afeto. O que não tem remédio está sanado só em ver o perigo já passado. Chorar, depois de salvo, uma desgraça, é chamar outra ainda mais feia e crassa. O que nos for tirado pela sorte, qual perda há de ser tido não de porte. O roubado que ri, rouba ao ladrão; o que chora, a si rouba outra porção.

BRABÂNCIO — Que o Turco, então, roubar-vos Chipre venha; vamos rir e cantar com

voz roufenha. Só escuta de bom grado uma setença quem em proveito próprio nela pensa. Mas fica duplamente atribulado quem perder a paciência ante o recado. Conselhos, ou de açúcar ou de fel, ambíguos sempre são como hidromel. Palavras são palavras; pelo ouvido jamais o coração será atingido. Humildemente suplico a Vossa Graça que passemos aos assuntos do Estado.

DOGE — O Turco se dirige para Chipre com preparativos poderosos. Otelo, conheceis perfeitamente os meios de defesa daquela praça. E embora tenhamos nela um lugar-tenente de indiscutida competência, a opinião pública, a mais alta soberana do êxito, vos distingue com o seu voto. Por isso, será forçoso embaçardes o brilho de vossa recente fortuna com esta expedição por demais teimosa e barulhenta.

OTELO — A tirania do hábito, severos senadores, da cama de aço e pedra da guerra fez-me um leito de penugem. Confesso que as empresas arriscadas sempre me deixam álacre e disposto. Assim, aceito a direção da guerra contra esses otomanos. Mas, curvando-me mui respeitosamente ante vós outros, suplico que tomeis as convenientes disposições para que minha esposa alojamento venha a ter e trato condignos de seu alto nascimento.

DOGE — Em casa do pai dela.

BRABÂNCIO — Não concordo.

OTELO — Nem eu.

DESDÊMONA — Nem eu tampouco. Não desejo voltar a morar lá, porque não deixe de meu pai os sentidos impacientes com minha vista. Mui gracioso doge, favoráveis ouvidos concedei para o que vou dizer, porque na vossa palavra eu achar possa um privilégio para minha fraqueza.

DOGE — Que desejas, Desdêmona?

DESDÊMONA — Eu amei o Mouro, para viver junto com ele, é o que proclama ao mundo todo minha ação violenta. Submeteu-se-me o coração à essência mesma de meu marido, vi o retrato de Otelo em seu espírito, e a suas honras e partes valorosas, minha sorte e a alma inteira dediquei. Assim, meus caros senhores, se eu ficar qual parasita da paz e ele partir para essa guerra, privada me verei das qualidades que amá-lo me fizeram, sobre ser-me necessário agüentar esse intervalo moroso e fatigante de sua ausência. Deixai, pois, que com ele eu também siga.

OTELO — Dai-lhe essa permissão. Por testemunha invoco o céu de como fazendo esse pedido não desejo dar pábulo ao paladar dos apetites nem acalmar o ardor da mocidade — que já deixei de lado — ou secundárias satisfações pessoais, mas tão-somente para fazer justiça a seu espírito. E não permita o céu que em vossos puros corações a admitir venhais que eu possa prejudicar negócios de tal monta, de tanta gravidade, só porque ela vai ficar ao meu lado. Não; se um dia o alado devaneio de Cupido me selar com sensual embotamento as faculdades especulativas e os órgãos para a ação, vindo os prazeres a manchar meu dever e corrompê-lo, que do meu elmo vossas cozinheiras façam um caldeirão, e os mais indignos opositores se levantem contra o apreço em que sou tido.

DOGE — Seja como vos aprouver, ou ela fique ou siga. O assunto exige pressa; diligente deve ser a resposta.

PRIMEIRO SENADOR — É necessário partirdes esta noite.

OTELO — De bom grado.

DOGE — Amanhã às nove horas voltaremos a reunir-nos aqui. Deixai, Otelo, um oficial, para que vos transmita nossas ordens e o mais que diz respeito a vosso posto e às honras inerentes.

OTELO — Se concordais, o alferes é pessoa honesta e de confiança. A seus cuidados confio minha esposa e tudo quanto Vossa Graça quiser depois mandar-me.

DOGE — Que seja assim. Boa noite para todos. (*A Brabâncio.*) Muito nobre senhor, se de beleza a virtude não for destituída, mais belo é vosso genro do que preto.

PRIMEIRO SENADOR — Adeus, valente Mouro; sê bondoso para Desdêmona.

BRABÂNCIO — Cuidado, Mouro! Se olhos tens, abre-os bem em toda a parte; se o pai ela enganou, pode enganar-te.

(*Saem o doge, senadores, oficiais, etc.*)

OTELO — Pela sua lealdade empenho a vida! Honesto Iago, confio-te Desdêmona. Dá-lhe por companheira tua esposa e, logo que te for possível, leva-a para junto de mim. Vamos, Desdêmona; só disponho de uma hora para assuntos mundanos e ordens várias, que há de ser-te dedicada também. É necessário ao tempo nos mostrarmos obedientes.

(*Saem Otelo e Desdêmona.*)

RODRIGO — Iago!

IAGO — Que disseste, nobre coração?

RODRIGO — Que imaginas que eu vou fazer?

IAGO — Ora, deitar-te e dormir.

RODRIGO — Vou imediatamente afogar-me.

IAGO — Bem; se fizeres tal coisa, nunca mais te terei amizade. E por que isso, meu tolo?

RODRIGO — É tolice viver quando a vida é um tormento, dispondo nós da prescrição de morrer, quando a morte é nosso médico.

IAGO — Oh, miserável! Contemplo o mundo há quatro vezes sete anos, e desde que me tornei capaz de distinguir de uma injúria um benefício, nunca encontrei um homem que soubesse como amar a si mesmo. Antes de eu dizer que pretendia afogar-me por causa de uma galinha-d'angola, trocaria a forma humana pela de um bugio.

RODRIGO — Que devo fazer? Confesso que me sinto envergonhado, por me sentir a esse ponto tomado de paixão; mas não encontro em minha virtude o remédio para isso.

IAGO — Virtude? Uma figa! Depende de nós mesmos sermos assim ou assado. Nossos

corpos são nossos jardins, cujos jardineiros são nossas vontades; de modo que se quisermos plantar urtiga e semear alface, deixar hissopo ou arrancar tomilho, provê-los apenas de determinada espécie de erva ou enchê-los de muitas variedades, esterilizá-los pela preguiça ou cultivá-los pelo trabalho... Ora, o poder exclusivo e a força reguladora de tudo reside apenas em nossa vontade. Se a balança de nossa vida não dispusesse de um prato de razão para contrabalançar o da sensualidade, o sangue e a baixeza de nossa natureza nos conduziriam às mais absurdas situações. Mas possuímos a razão para acalmar nossos instintos furiosos, os acúleos da carne, os desejos desenfreados. De onde concluo que o que denominais amor não é mais do que um sarmento ou uma vergôntea.

RODRIGO — Não pode ser.

IAGO — É apenas um apetite do sangue e uma concessão da vontade. Vamos! Sê homem! Afogares-te? Faze isso com gatos e cãezinhos recém-nascidos. Declarei que sou teu amigo e me confesso ligado ao teu serviço por cabos de resistência à toda prova. Nunca te poderei ser tão útil como agora. Põe dinheiro na bolsa, toma parte nesta guerra, desfigura as feições com uma barba postiça. Repito: põe dinheiro na bolsa! Não é possível que Desdêmona continue apaixonada do Mouro por muito tempo — põe dinheiro na bolsa! — nem ele dela. Foi um começo muito violento, da parte dela, ao que ainda verás seguir-se uma separação correspondente. Põe dinheiro na bolsa! Esses mouros são muito inconstantes em suas inclinações — enche de dinheiro tua bolsa! — O prato que para ele, agora, é tão agradável como alfarroba dentro de pouco lhe será tão amargo como coloquíntida. É fatal que ela o troque por um moço; quando ficar saciada do corpo dele, perceberá o erro da escolha que fez. Terá de trocá-lo por outro: é fatal. Por isso, põe dinheiro na bolsa! Mas se queres absolutamente condenar-te às penas eternas, fazê-o por um processo mais delicado do que o afogamento. Arranja quanto dinheiro puderes! Se a santidade de um juramento frágil entre um bárbaro errático e uma veneziana arquisabida não for coisa muito dura para minha inteligência e para todas as tribos do inferno, acabarás gozando-a. Por isso, trata de arranjar dinheiro! A peste para o teu afogamento! Nada tem que ver com este negócio. Farás melhor enforcando-te depois de satisfazeres os teus desejos do que afogando-te sem proveito nenhum.

RODRIGO — Dispões-te a apoiar minhas esperanças, no caso de eu me firmar nesse propósito?

IAGO — Podes contar comigo. Vai; arranja dinheiro. Já te disse muitas vezes e tomo a dizê-lo pela centésima vez: odeio o Mouro; tenho para isso motivos arraigados no coração. Não te faltam, também, para isso razões igualmente ponderosas. Unamo-nos, portanto, para nos vingarmos dele. Se lhe puseres um par de chifres, para ti será um prazer, e para mim um divertimento. O seio do tempo encerra muitos acontecimentos que terão de concretizar-se. Em frente! Marcha! Trata de arranjar dinheiro. Amanhã voltaremos a falar sobre isso. Adeus.

RODRIGO — Onde nos encontraremos amanhã?

IAGO — No meu aposento.

RODRIGO — Estarei lá bem cedo.

IAGO — Vai; adeus. Compreendeste, Rodrigo?

RODRIGO — Que dissestes?

IAGO — Afastai a idéia de afogamento, estais ouvindo?

RODRIGO — Já refleti melhor; vou tratar de vender todas as minhas terras.

IAGO — Vai; adeus. Põe bastante dinheiro na bolsa. (*Sai Rodrigo.*) Assim, de um tolo faço minha bolsa. Profanaria, meus conhecimentos, se gastasse meu tempo com um idiota desta marca, a não ser para proveito próprio ou por distração. Odeio o Mouro. Há quem murmure que ele o meu trabalho já fez em meus lençóis. Se é certo, ignoro-o. Pelo sim, pelo não, agir pretendo como se assim, realmente, houvesse sido. Tem-me afeição. Meu plano, desse modo, sobre ele vi atuar com mais certeza. Cássio é um homem de bem. Ora vejamos como posso alcançar o lugar dele e enfeitar meu desejo com dobrada patifaria. Como? De que modo? Reflitamos. Deixar passar o tempo e embair-lhe os ouvidos, declarando-lhe que Cássio mostra muita intimidade com a mulher dele. O exterior de Cássio e seu todo insinuante o predispõem a tomar-se suspeito facilmente. Foi feito para seduzir mulheres. De natureza é o Mouro livre e aberta; honesto julga ser quem aparenta, tão-só, honestidade. Sem trabalho pelo nariz poderá ser levado, tal qual os asnos. Pronto; já está gerado. A noite e o inferno à luz hão de trazer meu plano eterno. (*Sai.*)

Ato 2

Cena 1

Porto de mar em Chipre. Praça perto do cais. Entram Montano e dois gentis-homens.

MONTANO — Que distinguis no mar, desde essa ponta?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Nada a distância; as ondas se encapelam; entre o alto mar e o céu não se percebe vela nenhuma.

MONTANO — O vento falou alto para terra, parece-me. Jamais tão desenfreada tempestade abalou nossas ameias. Se em pleno mar rugiu dessa maneira, que costela de roble ficou firme no encaixe, ao derreterem-se sobre ela montanhas desse porte? Que teremos?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — A dispersão, tão-só, da armada turca. Basta a praia espumante examinares. Só parece que as ondas ralhadoras as nuvens chicoteiam; a mareta de crina gigantesca, sacudida pelo vento, parece jogar água na Ursa inflamável e apagar as guardas do pólo sempre fixo. Não vi nunca revolta assim das ondas irritadas.

MONTANO — Se não pôde abrigar-se a armada turca nalgum porto ou baía, está perdida. É impossível que houvesse resistido.

(*Entra um terceiro gentil-homem.*)

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Novas, rapazes! Acabou-se a guerra! Maltratou a furiosa tempestade os turcos de tal jeito, que seus planos ficaram mancos. Um navio nobre de Veneza assistiu ao pavoroso naufrágio e sofrimento da mor parte da armada deles.

MONTANO — Como! É então verdade?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — O barco está no porto; é de Veneza. Miguel Cássio, tenente do guerreiro mouro, Otelo, saltou em terra; o próprio Mouro se acha no mar, com carta branca, a caminho de Chipre.

MONTANO — Muito alegre me deixa essa notícia; é um muito digno governador.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Mas esse mesmo Cássio, muito embora se exprima com confiança sobre as perdas dos turcos, está triste, rezando pela salvação do Mouro, pois violenta e medonha tempestade dele o fez separar-se.

MONTANO — O céu o atenda, pois servi sob o Mouro; ele é soldado na mais lata acepção. Mas vamos logo para o porto, não só porque vejamos o barco recém-vindo, como para olhar também do lado que há de vir-nos o bravo Otelo, até que a nossos olhos desapareça o mar e o azul-celeste.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Façamos isso, sim; cada momento nos traz a expectativa de outros barcos.

(*Entra Cássio.*)

CÁSSIO — Meus agradecimentos aos valentes desta ilha valorosa, por mostrardes tanta afeição ao Mouro. Oh! Que lhe dêem os céus defesa contra os elementos pois o perdi num mar perigosíssimo.

MONTANO — Está num bom navio?

CÁSSIO — Seu barco tem altivos vigamentos e dispõe de piloto experimentado bastantes vezes, sendo só por isso que, não tendo esperança empanturrada para morrer, confio em sua cura.

VOZES (*dentro*) — Uma vela! Uma vela!

(*Entra um mensageiro.*)

CÁSSIO — E esses gritos?

MENSAGEIRO — Deserta está a cidade; sobre a borda do mar o povo todo, em filas, grita: Uma vela! Uma vela!

CÁSSIO — Diz-me o peito que é a do governador.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Disparam tiros de cortesia. É amigo, pelo menos.

CÁSSIO — Por obséquio, senhor, ide informar-vos e trazei-nos notícias mais precisas.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Perfeitamente. (*Sai.*)

MONTANO — Mas meu bom tenente, casou-se o vosso general?

CÁSSIO — Por sorte; traz uma esposa que ultrapassa toda descrição e alta fama, deixa longe os conceitos da pena aduladora, e que no respeitante às qualidades naturais da criação, deixa estafado, só com ela, o inventor. (*Volta o segundo gentil-homem.*) Então, quem era?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — É um certo Iago, alferes junto ao nosso general.

CÁSSIO — Realizou a travessia em boas condições e pouco tempo. A própria tempestade, o mar furioso. os ventos sibilantes, os penedos escarpados, os bancos movediços traidores de emboscada para os barcos inocentes prenderem — todos, todos, como se do sentido da beleza fossem dotados, transmudada sua natureza nociva, permitiram que por eles passasse, sã e salva, a divina Desdêmona.

MONTANO — Quem é ela?

CÁSSIO — A de quem vos falei, a capitoa de nosso capitão. Em companhia ele a mandou do destemido Iago, cuja vinda ultrapassa nossos cálculos de uma semana. O poderoso Jove, protege Otelo e enfuna suas velas com teu bafejo todo poderoso, porque abençoar ele nos venha o porto com seu navio, palpitar nos braços carinhosos de sua bem-amada, reacender-nos o espírito apagado e trazer alegria a toda Chipre! (*Entram Desdêmona, Emília, Iago, Rodrigo e séquito.*) Oh! Vede! Já desembarcados foram os tesouros do barco. Ajoelhai-vos, moradores de

Chipre! Salve, dama! Possa diante de ti ficar a Graça celestial, por detrás, por toda a parte, envolvendo-te toda.

DESDÊMONA — Agradecida, valente Cássio. Que notícia tendes do meu marido?

CÁSSIO — Ainda não chegou. Não sei mais nada, salvo que ele se acha com saúde e que breve aqui estará.

DESDÊMONA — Contudo, tenho medo. Qual a causa por que vos separastes?

CÁSSIO — A atroz luta das águas e do céu me afastou dele. Mas, ouvi: uma vela!

VOZES (*dentro*) — Vela! Vela!

(*Ouvem-se tiros de canhão.*)

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — O barco está saudando a cidadela. É outro amigo.

CÁSSIO — Vai ver o que há de novo. Bem-vindo, bom alferes. (*A Emília.*) Vós, senhora, também sois mui bem-vinda. Que não seja causa de se enturvar vossa paciência, bondoso Iago, a extensão dos meus saudares. É minha educação que me confere saudações de tamanho atrevimento. (*Beija a Emília.*)

IAGO — Se ela vos desse, meu senhor, dos lábios tanto quanto da língua me concede, em pouco tempo ficaríeis farto.

DESDÊMONA — Coitada, ela nem fala!

IAGO — Não? Demais. Quando quero dormir é que o percebo. Mas em frente de Vossa Senhoria a espertalhona guarda um pouco a língua no coração e ameaça em pensamento.

EMÍLIA — Não tendes causa para assim falardes.

IAGO — Vamos; fora de casa sois pinturas; nos quartos, sinos; na cozinha, gatos; santas, quando ofendeis; demônios puros, quando sois ofendidas; chocarreiras no governo da casa e boas donas do lar quando na cama.

DESDÊMONA — Oh! vai saindo, caluniador!

IAGO — Quero ser turco, caso não seja assim. Brincais o dia inteiro; só na cama há trabalho verdadeiro.

EMÍLIA — Não haveis de escrever meu elogio.

IAGO — Nem o desejo.

DESDÊMONA — E como escreverias, se incumbido te visses de elogiar-me?

IAGO — Cuidado, gentil dama, que outra coisa não sou, tirante um crítico modesto.

DESDÊMONA — Tentai, tentai! — Alguém foi até ao porto?

IAGO — Foi, sim, senhora.

DESDÊMONA — Alegre não me sinto, mas engano meu próprio estado, simulando o gosto. Vamos: de que maneira me elogiaras?

IAGO — Já estou quase no ponto; mas do casco me sai sempre a invenção como da bolsa visco de passarinho: vem o cérebro, e tudo o mais, grudado. Minha musa, porém, começa a sentir dores fortes e à luz, por fim, dá isto: Se ela tiver espírito e beleza, aquele é dádiva; natureza.

DESDÊMONA — Ótimo! E se for preta e espirituosa?

IAGO — Preta e espirituosa... Que mistura! Mas um branco há de achar para a feiúra.

DESDÊMONA — De mal para pior.

EMÍLIA — E se for bela e tonta?

IAGO — Mulher tonta não há, sendo bonita, pois sabe arranjar filho e ser catita.

DESDÊMONA — São paradoxos velhos, para fazer rir os tolos nas cervejarias. Que mísero elogio reservaste para as feias e tontas?

IAGO — Não há feia tão tola que não possa nas belas e sabidas fazer mossa.

DESDÊMONA — Oh ignorância maciça! Fizeste maior elogio das piores. Mas que dirás em louvor da mulher verdadeiramente merecedora de encômios, que, escudada em seu merecimento, obriga a render-se à própria maledicência?

IAGO — A que bela foi sempre, não vaidosa, e, podendo falar, não foi verbosa; a que, tendo ouro à larga, não se enfeita, e, coibindo-se, diz: numa outra feita; a que, ofendida e a ponto de vingar-se, sabe conter-se e a fúria deixa alar-se; a que não fosse néscia que trocasse salmão por bacalhau com alegre face; a que pensasse e não dissesse nada e aos chichisbéus fugisse recatada; tal mulher, se existisse, claro seja...

DESDÊMONA — De que fora digna?

IAGO — De criar pascácios e provar cerveja.

DESDÊMONA — Oh! Semelhante conclusão é por demais coxa, muito débil. Emília, não aprendas nada com ele, embora seja teu marido. Que pensais, Cássio? Não é um conselheiro licencioso e de muito má língua?

CÁSSIO — A linguagem dele é rude, de fato, minha senhora; é preciso ficardes apreciando nele mais o soldado do que o erudito.

IAGO (*à parte*) — Ele a segura pela mão. Muito bem! Cochicha-lhe aos ouvidos. Com uma teiazinha tão pequena assim, pretendo pegar uma mosca do tamanho de Cássio. Sim, dirige-lhe sorrisos; mais um pouco, e eu te amarrarei com tuas próprias cortesias. Tendes razão: é assim mesmo. Se vierdes a perder o posto de tenente por umas frioleiras desse porte, melhor vos teria sido não ter beijado tantas vezes os três dedos, como ainda vos mostrais disposto a fazer, para vos apresentardes como senhor de respeito. Muito bem! Belo beijo! Excelente cortesia! É assim mesmo, não há dúvida. Levais mais uma vez os dedos à boca? Quisera que vos servissem com outras tantas cânulas de clister... (*Ouve-se toque de trombeta.*) Mouro! Conheço o som da trombeta dele.

CÁSSIO — É ele mesmo.

DESDÊMONA — Vamos ao encontro dele para recebê-lo.

CÁSSIO — Ei-lo que chega.

(*Entra Otelo e séqüito.*)

OTELO — Minha linda guerreira!

DESDÊMONA — Caro Otelo!

OTELO — Tanto contentamento quanto espanto me causa ver que antes de mim chegastes. Ó alegria de minha alma! Caso viesse sempre depois da tempestade semelhante bonança, poderiam soprar os ventos de acordar a morte. Que o meu barquinho escale montes de água tão altos quanto o Olimpo e, após, afunde tanto quanto distar do céu o inferno. A morte, agora, para mim seria uma felicidade, pois tão grande é a ventura que da alma se me apossa, que não pode, receio-o, reservar-me outra igual o futuro nebuloso.

DESDÊMONA — Permita o céu que nosso amor e nossa felicidade cresçam como os dias que ainda temos de vida.

OTELO — Amém, poderes inefáveis! Não posso falar muito sobre esse assunto. Sinto-me abafado: é excessiva alegria. (*Beijando Desdêmona.*) Recebe este, e este também. Que a única discórdia de nossos corações tenha este aspecto.

IAGO (*à parte*) — Oh! Por enquanto estais bem afinados; mas eu me incumbo de afrouxar as cordas que produzem tal música; tão certo como eu ser gente honesta.

OTELO — Vamos logo para o castelo. Trago novidades, caros amigos. Acabou-se a guerra; os turcos se afogaram. Como passam os moradores da ilha, meus amigos? Vais ser amor, muito querida em Chipre. Em todos encontrei muita amizade. Ó minha doce amiga, estou pulando de um assunto para outro, desconexo; tanta felicidade me estonteia. Por obséquio, bom Iago, vai ao porto, desembarca meus cofres e conduze ao forte o comandante. É um homem digno; seus méritos impõem só respeito. Desdêmona, subamos. Novamente: és mui bem-vinda a Chipre.

(*Saem todos, com exceção de Iago e Rodrigo.*)

IAGO — Vai logo encontrar-me no porto. Aproxima-te. Se fores um rapaz valente, sendo verdade, como dizem, que as pessoas de baixa extração, quando apaixonadas revelam mais nobreza do que seria de esperar de sua natureza: escuta-me. Hoje à noite o tenente ficará de vigia no corpo da guarda. Para começar, preciso dizer-te o seguinte: Desdêmona está apaixonada por ele.

RODRIGO — Por ele? Não é possível.

IAGO — Põe o dedo assim e deixa que tua alma se instrua. Recorda a violência com que de início ela amou o Mouro, só por causa de suas fanfarronadas e de suas aventuras mentirosas. Amá-lo-ia sempre por sua tagarelice? Que o teu coração discreto não acredite em semelhante coisa. Ela precisará espairecer a vista; e que deleite poderá encontrar na contemplação do demônio? Quando o sangue se torna pesado pelo ato do prazer, para inflamá-lo de novo e para

despertar o apetite à saciedade é preciso que o amante seja de aparência agradável e que haja uma espécie de simpatia quanto à idade, os costumes e os encantos pessoais, o de que o Mouro carece por completo. Ora, não existindo esses requisitos vantajosos, sua ternura delicada ficará desiludida, sentirá náuseas, revelando, por fim, repulsa e asco pelo Mouro. A própria natureza lhe ensinará essas coisas, levando-a a fazer uma segunda escolha. E agora, senhor, uma vez admitido isso — proposição mais do que certa e não forçada — quem se acha mais alto do que Cássio na escada dessa felicidade? É um tipo volúvel, cuja escrupulosidade só vai até ao ponto de permiti-lo assumir a simples forma de uma aparência afável e educada, para melhor satisfazer os apetites mais inconfessos e licenciosos. Ninguém mais! Ninguém mais! É um tipo astucioso e equívoco, sempre à cata de oportunidades, com um olho que pode cunhar e falsificar vantagens, muito embora a verdadeira vantagem nunca chegue a se apresentar... Um sujeito diabólico! Ao lado disso, de figura apresentável, moço, com todos os requisitos que atraem o olhar do povinho inexperiente e desmiolado; é um biltre pestilencioso a conta inteira, que já chamou a atenção da mulherzinha.

RODRIGO — Não posso acreditar em tal coisa, em se tratando dela; é exornada das mais celestes qualidades.

IAGO — Celestes, uma figa! O vinho que ela bebe é feito de uva; se fosse celeste, nunca se teria apaixonado do Mouro. Um pudim celeste! Não viste como ela brincava com a mão dele? Não observaste isso?

RODRIGO — Vi, sem dúvida; mas era por simples cortesia.

IAGO — Lascívia, por esta mão! Índice e prólogo obscuro de uma história de luxúria e de pensamentos libidinosos. Ficaram com os lábios tão próximos, que seus hálitos se abraçaram. Pensamentos torpes, Rodrigo! Quando essas reciprocidades iniciam a campanha, segue-lhe no rasto a manobra principal, a conclusão carnal. Ora! Mas, senhor, deixai-vos guiar por mim. Trouxe-vos de Veneza. Ficai de guarda hoje à noite; eu mesmo vos indicarei o ponto. Cássio não vos conhece; não ficarei muito longe. Arranjai oportunidade de irritar Cássio, ou falando-lhe muito alto, ou transgredindo suas determinações, ou por qualquer outro meio que a ocasião vos sugerir.

RODRIGO — Bem.

IAGO — Ele é violento e se encoleriza com facilidade, podendo acontecer que vos bata. Provocai-o, para que ele faça isso mesmo, pois pretendo valer-me desse pretexto, justamente, para amotinar o pessoal de Chipre, cuja pacificação só poderá ser restabelecida com a destituição de Cássio. Desse modo, encurtareis o caminho de vossos desejos, graças aos meios que eu arranjar para promovê-los, ficando removido com facilidade o obstáculo sem o qual não poderemos esperar nenhum êxito.

RODRIGO — É o que farei, no caso de encontrar oportunidade.

IAGO — Por isso eu me responsabilizo. Vai logo procurar-me no forte; tenho de desembarcar a bagagem do Mouro. Adeus.

RODRIGO — Adeus. (*Sai.*)

IAGO — Que amor lhe tenha Cássio, é o que acredito; que ela o ame, é quase certo e compreensível. O Mouro, embora eu suportar não o possa, por natureza é firme, nobre e amável, tendo eu plena certeza de que ele há de ser o marido ideal para Desdêmona. Mas eu também a amo, não por simples concupiscência, muito embora eu seja também passível dessa grande falta. Não; é para saciar minha vingança, pois suspeito que o Mouro luxurioso pulou na minha sela, pensamento esse que, como mineral nocivo, me corrói as entranhas, sem que nada possa ou deva deixar-me a alma aliviada antes de virmos nisso a ficar quites: é mulher por mulher. Falhando o plano, farei tal ciúme despertar no Mouro, que não possa curá-lo o raciocínio. Para obter isso — caso este sabujo de Veneza, que à trela sempre trago, saiba encontrar o rasto e correr firme — pegarei Miguel Cássio pelo flanco, pois temo que ele também tenha usado meu gorro de dormir. Assim, o Mouro me amará, ficar-me-á reconhecido, e um prêmio me dará por eu ter feito dele um asno completo, e o ter privado da paz e do sossego, até nas raias ir bater da loucura. Aqui está tudo. Meio confuso, é certo; mas, inteira, nunca se mostra, nunca, a bandalheira. (*Sai.*)

Cena 2

Uma rua. Entra um arauto com uma proclamação; seguem-no pessoas do povo.

ARAUTO — É vontade de Otelo, nosso nobre e valente general, que, por motivo das notícias do complexo desbarato da arma da turca, festejem todos esse triunfo com trajes alegres, ou seja dançando, ou acendendo fogueiras, ou entregando-se aos divertimentos e prazeres a que estiverem mais inclinados. Porque além dessas notícias auspiciosas, celebra Otelo também o seu casamento. Assim, determinou que se fizesse esta proclamação. Todas as lojas ficarão abertas, havendo inteira liberdade de diversão, desde agora, cinco horas da tarde, até dar o sino o sinal das onze. Que o céu abençoe a ilha de Chipre e o nosso nobre general Otelo!

(*Saem.*)

Cena 3

Uma sala no castelo. Entram Otelo, Desdêmona, Cássio e pessoas do séqüito.

OTELO — Caro Miguel, cuidai da guarda à noite. Mostremos pelo exemplo a decorosa moderação, porque não haja excesso nas festas permitidas.

CÁSSIO — Já dei ordens, para Iago, a esse respeito. Não obstante, pessoalmente irei ver tudo de perto.

OTELO — Iago é pessoa honesta. Boa noite, Miguel; quanto mais cedo for possível, vinde amanhã falar-me. (*A Desdêmona.*) Vamos, querida; já fizemos a compra; ora é preciso saber aproveitá-la com juízo.

(*Saem Otelo, Desdêmona e séqüito.*)

(*Entra Iago.*)

CÁSSIO — Sede bem-vindo, Iago. Precisamos ir para a guarda.

IAGO — Ainda falta muito tempo, tenente; não são dez horas. Nosso general nos despediu assim tão cedo por amor de sua Desdêmona, pelo que, aliás, não podemos censurá-lo; ainda não passou uma noite regalada com ela, que é um pratinho para Jove.

CÁSSIO — É uma senhora admirável.

IAGO — É deliciosa, posso asseverar.

CÁSSIO — Realmente, uma criatura muito louçã e delicada.

IAGO — E que olhos tem! Soam-me como um convite para o assalto.

CÁSSIO — Olhar atraente, de fato, mas muito modesto.

IAGO — E quando fala, não parece uma alvorada para o amor?

CÁSSIO — É, de fato, a perfeição em pessoa.

IAGO — Muito bem; felicidade para seus lençóis. Vamos, tenente; tenho um quartal de vinho e aí fora um par de galantes chipriotas que de bom grado beberiam à saúde do negro Otelo.

CÁSSIO — Não hoje à noite, meu bom Iago; tenho a cabeça muito fraca para bebidas. Desejara que a cortesia inventasse outras maneiras de manifestarmos a alegria.

IAGO — Oh! são nossos amigos! Um copo, somente; beberei em vosso lugar.

CÁSSIO — Só bebi esta noite um copo, e assim mesmo muito diluído; mas, apesar disso,

podeis ver que desarranjo produziu aqui. É um defeito lastimável; não quero pôr à prova mais uma vez a minha fraqueza.

IAGO — Ora, homem! A noite, hoje, é de folia! Os rapazes que insistem.

CÁSSIO — Onde se encontram?

IAGO — Aqui, à porta; chamai-os, por obséquio.

CÁSSIO — Vou fazê-lo, mas a contragosto. (*Sai.*)

IAGO — Se eu puder empurrar-lhe mais um copo além do que ele já bebeu à tarde, ficará tão rixendo e quereloso como uma cadelinha. Aquele tonto, Rodrigo, a quem o amor virou no avesso, esta noite, à saúde de Desdêmona bebeu potes seguidos. Vai dar guarda. Mais três rapazes de alto e nobre espírito, que em distância prudente a honra conservam, elementos desta ilha belicosa, esta noite deixei meio confusos com copos transbordantes. Todos eles irão também dar guarda. Ora, no meio de tantos bêbados, farei que Cássio pratique qualquer ato que alboroto venha na ilha a causar. Ei-los que chegam. Se condisser com os sonhos a seqüela, meu barco correrá com vento e vela.

(*Volta Cássio, acompanhado de Montano e vários cavalheiros. Entram criados com vinho.*)

CÁSSIO — Por Deus! Já me fizeram beber uma boa caneca.

MONTANO — Pequenita, por minha fé; não chegava a uma pinta; tão certo como eu ser soldado.

IAGO — Tragam-nos vinho, olá! (*Canta.*) Fazei tinir a caneca! Fazei tinir a caneca!... A vida é quente, soldado é gente... Soldado... que leve a breca! Mais vinho, rapazes!

CÁSSIO — Por Deus, excelente canção.

IAGO — Aprendi-a na Inglaterra, onde se bebe, em verdade, largamente. Vosso dinamarquês, vosso alemão e vosso holandês pançudo — à saúde, olá! — são nada, comparados com os ingleses.

CÁSSIO — Vosso inglês é tão entendido em bebidas, assim?

IAGO — Ora, com a maior facilidade ele bebe de matar vosso dinamarquês não chega a suar para derrubar vosso alemão e faz vosso holandês vomitar antes de encherem de novo a caneca.

CÁSSIO — À saúde do nosso general!

MONTANO — O mesmo eu digo, tenente; faço-vos justiça.

IAGO — Oh, doce Inglaterra! (*Canta.*) O rei Estêvão, mui digno par, deu pelas calças uma coroa; mas achou caro; não quer pagar; chama o alfaiate de coisa à-toa. Era de casa de grande fama; mas tu não passas de um gafanhoto. O orgulho o reino joga na lama; por isso veste teu manto roto. Mais vinho, olá!

CÁSSIO — Essa canção é ainda mais esquisita do que a outra.

IAGO — Desejais que a repita?

CÁSSIO — Não, porque considero indigno de seu posto quem se conduz por esse modo. Sim, Deus está acima de tudo; há almas que devem salvar-se e há almas que não devem salvar-se.

IAGO — É certo, meu bom tenente.

CÁSSIO — No que me diz respeito — longe de mim a intenção de ofender o general ou qualquer outra pessoa de posição espero salvar-me.

IAGO — Eu também, tenente.

CÁSSIO — Sim; mas, com vossa permissão, não antes de mim; o tenente deve ser salvo antes do alferes. Não falemos mais disso; voltemos para nosso trabalho. Deus perdoe nossos pecados. Cavalheiros, cuidemos da obrigação. Não vades pensar, cavalheiros, que eu estou bêbado. Este aqui é o meu alferes; esta, a minha mão direita; esta, a esquerda. Agora não estou bêbado; posso manter-me de pé e falar sem atrapalhar-me.

TODOS — Perfeitamente!

CÁSSIO — Então, muito bem; não deveis imaginar que eu estejá embriagado. (*Sai.*)

MONTANO — À esplanada, senhores! Para a guarda!

IAGO — Vistes o tipo que saiu há pouco? É soldado que a César não desonra; digno de comandar. Mas vede o vício, equinócio adequado de seu mérito: um, tão longo quanto o outro. Faz-me pena. Temo sinceramente que a confiança que Otelo nele deposita, possa numa hora aziaga sacudir esta ilha.

MONTANO — Fica assim muitas vezes?

IAGO — Sempre o prólogo esse é do sono dele. Duas voltas completas do relógio ele consegue ficar de sentinela, quando o vinho não lhe sacode o leito.

MONTANO — Bom seria que ao general falássemos sobre isso. Decerto ignora tudo; ou, porventura, sua bondade louva em Cássio apenas a virtude aparente, sem das faltas tomar conhecimento. Não é verdade?

(*Entra Rodrigo.*)

IAGO (*à parte, a Rodrigo*) — Que há de novo, Rodrigo? Por obséquio, ide atrás do tenente.

(*Sai Rodrigo.*)

MONTANO — É lastimável que o nobre Mouro arrisque um lugar desse, em importância logo após o dele, com um sujeito tachado de fraqueza. Ação honesta fora alguém com o Mouro falar a esse respeito.

IAGO — Eu, não! Nem mesmo por esta formosa ilha. Gosto muito de Cássio; hei de fazer todo o possível para curá-lo dessa enfermidade. Mas, escutai! Que barulheira é essa?

GRITOS (*dentro*) — Socorro! Socorro!

(*Entra Cássio, empurrando Rodrigo.*)

CÁSSIO — Miserável! Patife!

MONTANO — Que acontece, tenente?

CÁSSIO — Um pulha destes, pretendendo ensinar-me o dever. Pois vou inflá-lo numa garrafa, à custa de pauladas.

RODRIGO — Bater em mim?

CÁSSIO — Ainda resmungas, choldrar? (*Bate em Rodrigo.*)

MONTANO (*segurando Cássio*) — Meu bom tenente, calma, por obséquio! Detende a mão.

CÁSSIO — Senhor, deixai-me livre; caso contrário, amasso-vos o crânio.

MONTANO — Deixai disso; estais bêbado.

CÁSSIO — Eu, bêbado?

(*Lutam.*)

IAGO (*à parte, a Rodrigo*) — Saí, vos digo. Ide tocar alarma. (*Sai Rodrigo.*) Não, meu caro tenente! Oh Deus! Senhores! Socorro, olá! Tenente! Bom Montano! Socorro, olá! Que bela guarda temos! (*O sino toca.*) Quem estará tocando o sino? Diabo! Vão alarmar toda a cidade. Calma! Calma, senhores! Calma! Para sempre vos heis de envergonhar.

(*Entram Otelo e séqüito.*)

OTELO — Que aconteceu?

MONTANO — Com a breca! Estou sangrando; estou ferido gravemente.

OTELO — Parai, por vossas vidas!

IAGO — Calma, tenente! Cavalheiros, calma! Porventura perdestes todo o senso do dever e lugar? Parai! Que opróbrio!

OTELO — Então, que aconteceu? Como foi isso? Viramos turcos para permitir-nos o que o céu não consente aos otomanos? Pelo pudor cristão, parai com essa gritaria de bárbaros. Aquele que se mexer para saciar a raiva, não faz caso da vida; é homem morto. Fazei calar esse terrível sino, que ele espanta a ilha e a tira de seus hábitos. Que aconteceu, senhores? Honesto Iago, pareces morto de tristeza; dize-me: quem começou? Por teu amor, intimo-te.

IAGO — Não sei; amigos éramos há pouco, neste momento, em termos como noivos, quando se despem antes de ir deitar-se. De repente, agorinha mesmo, como se algum planeta houvesse o mundo todo deixado dementado, espadas fora, visando o peito um do outro, em sanguinária oposição. Dizer não posso como principiou esta odiosa diferença. Fora melhor haver no campo de honra perdido as pernas que me conduziram para ser parte nisto.

OTELO — Qual a causa, Miguel, de vos haverdes esquecido de vós mesmo a este ponto?

CÁSSIO — Só vos peço que me perdoeis, porque falar não posso.

OTELO — Digno Montano, sempre fostes probo; conhece o mundo a calma e a gravidade de vossa mocidade; vosso nome grande é na boca dos juízes sábios. Que aconteceu, para que vossa fama desabotoeis assim e a vossa rica reputação gasteis só pelo nome de brigador noturno? Respondei-me.

MONTANO — Digno Otelo, ferido estou de morte. Iago, vosso oficial, pode informar-vos — porque eu me poupe, que falar me cansa — tudo o que sei. Não sei de nada errado que esta noite eu tivesse dito ou feito, a não ser que o amor-próprio seja um vício e pecado nos pormos em defesa, quando alguém nos ataca.

OTELO — Agora, pelo céu, sinto que o sangue começa a dirigir-me o entendimento, e que a paixão, já tendo obscurecido minha razão, procura arrebatar-me. Se eu me mexer ou levantar o braço, o melhor dentre vós cairá ao peso de minha repreensão. Dizei-me como teve princípio esse tropel estúpido, quem foi o causador. Quem quer que tenha sido o culpado de tão cru delito — irmão gêmeo me fosse, de um só parto — de mim o afastarei. Pois como! Numa praça de guerra inquieta ainda, todos com o coração a transbordar de medo, provocarem questões particulares, de noite e no local, precisamente, da guarda e segurança! Oh! É monstruoso.

MONTANO — Se razões de amizade ou de hierarquia a dizer te levarem mais ou menos do que a verdade, é que não és soldado.

IAGO — Não me aperte assim. Preferiria que da boca esta língua me cortassem, a ofender de algum modo a Miguel Cássio. Mas convencido estou de que a verdade mal nenhum lhe fará. Eis como tudo se passou, general. Eu e Montano a conversar estávamos. De súbito, a gritar por socorro entra um sujeito perseguido por Cássio, que, de espada desembainhada, a ponto se encontrava de desferir-lhe um golpe. Este fidalgo, senhor, deteve Cássio, procurando demovê-lo do intento. Eu saí logo em pós do tipo que corria aos berros, para ver se evitava que seus gritos — como se deu, de fato — provocassem o alarma na cidade. Mas, dotado de pé velozes, ele, em pouco tempo, me frustrou a intenção, tendo eu achado mais prudente voltar, por ter ouvido tinir de espadas e exaltadas juras proferidas por Cássio, o que impossível me fora acreditar até esta noite. Ao retomar porque tudo isso fora obra de alguns momentos — encontrei-os engalfinhados, em defesa e ataque, tal como estava, quando aqui chegastes, para vir separá-los. É tudo quanto sei sobre esse assunto. Mas os homens são homens, e por vezes o melhor pode errar. Embora Cássio houvesse feito alguma ofensa ao outro — pois quando arrebatados, machucamos até o melhor amigo — estou convicto de que ele recebeu do que fugia uma dessas injúrias nunca ouvidas, que admitir a paciência não consegue.

OTELO — Iago, sei bem que a tua honestidade e teu bom coração ora te levam a atenuar este assunto, para que ele pese menos em Cássio. Cássio, estimo-te; mas nunca mais serás meu oficial. (*Entra Desdêmona, acompanhada.*) Vede! Acordaram minha terna esposa! (*A Cássio.*) Um castigo exemplar pretendo dar-te.

DESDÊMONA — Que aconteceu?

OTELO — Tudo está bem querida. Retorna para o leito. (*A Montano.*) Desses golpes,

senhor, o cirurgião serei eu próprio. Levai-o logo. (*Montano é conduzido.*) Iago, inspeciona bem toda a cidade e tranqüiliza os que essa vil querela possa ter alarmado. Vem, Desdêmona; é sempre assim a vida de um soldado: ter amiúde o sono despertado.

(*Saem todos, com exceção de Iago e Cássio.*)

IAGO — Quê! Estais ferido, tenente?

CÁSSIO — Sim, sem possibilidade de cura.

IAGO — Oh! Não o permita o céu.

CÁSSIO — Reputação, reputação, reputação! Oh! perdi a reputação, perdi a parte imortal de mim próprio, só me tendo restado a bestial. Minha reputação, Iago; minha reputação!

IAGO — Tão certo como eu ser um homem honesto, pensei que houvesses recebido algum ferimento no corpo; há mais prejuízo nisso do que na reputação. A reputação é um apêndice ocioso e enganador; obtido, muitas vezes, sem merecimento, e perdido sem nenhuma culpa. Não perdestes nenhuma reputação, a menos que vos considereis como tendo sofrido semelhante perda. Que é isso, homem! Há muitos meios de reconquistar a estima do general; fostes despedido apenas em um momento de mau humor; um castigo aplicado mais por considerações de ordem geral do que por maldade, justamente como no caso de bater alguém em seu cãozinho inofensivo, para amedrontar um leão temível. Implorai-lhe perdão e ele se tornará vosso outra vez.

CÁSSIO — Preferira implorar o seu desprezo a enganar um comandante tão bom com um oficial tão leviano, bêbado e indiscreto. Embriagado! Falando como papagaio! Provocar brigas, fazer fanfarronadas, jurar e falar empolado com a própria sombra! Ó espírito invisível do vinho! Se não és ainda conhecido por nenhum nome, recebe o de demônio.

IAGO — Quem era o sujeito a quem perseguíeis de espada em punho? Que vos havia feito?

CÁSSIO — Não sei.

IAGO — Será possível?

CÁSSIO — Recordo-me de uma infinidade de coisas, mas nada distintamente; de uma briga, porém não de seus motivos. Oh Deus! Terem os homens o inimigo na própria boca, para roubar-lhes o cérebro! Constituir para nós alegria, prazer, divertimento e júbilo isso de nos transformarmos em brutos!

IAGO — Mas é interessante que estais agora inteiramente lúcido! De que modo recuperastes os sentidos assim tão depressa?

CÁSSIO — Aprouve ao demônio da embriaguez ceder o lugar ao demônio cólera. Uma imperfeição me mostra outra, ensinando-me a detestar-me sem reservas.

IAGO — Ora, vamos; sois um moralista muito severo. Considerando-se o momento, o lugar e as condições da cidade, sinceramente, eu preferira que tudo isso não houvesse acontecido; mas já que é como é, tratai de consertar as coisas em proveito próprio.

CÁSSIO — Vou pedir-lhe que me reintegre no meu posto; ele vai responder-me que eu sou um bêbado. Se eu tivesse tantas bocas como a hidra, semelhante respostas mas entupiria todas. Há pouco eu era um indivíduo ajuizado; logo depois, um tolo; e neste momento, um bruto. Oh! é terrível! E amaldiçoado todo copo bebido fora da conta, sendo o seu conteúdo o próprio diabo.

IAGO — Vamos, vamos; o bom vinho é um camarada bondoso e de confiança, quando tomado com sabedoria; não continueis a falar mal dele. E, meu bom tenente, creio que tendes çerteza de que vos tenho amizade.

CÁSSIO — Já tive disso sobejas provas, senhor. Eu, bêbado!

IAGO — Ora, homem! Vós, ou qualquer pessoa viva podeis embriagar-vos de vez em quando. Vou dizer-vos o que deveis fazer. A mulher do nosso general é agora o general. Posso exprimir-me dessa maneira, por ter-se ele devotado e dedicado à contemplação, ao exame e à observação de suas partes e graças. Falai-lhe com franqueza; importunai-a, que ela vos ajudará a reconquistar esse lugar. É de uma disposição tão franca e generosa, tão bondosa e abençoada, que em sua bondade considera vício não fazer mais do que o que se lhe pede. Pedi-lhe que conserte a fratura da articulação existente entre vós e o marido dela. E todos os meus bens contra qualquer coisa sem valor em como essa fratura do vosso amor vai ficar mais forte do que era antes.

CÁSSIO — Dais-me um bom conselho.

IAGO — Podeis crer que o faço com a maior sinceridade e com afeição honesta.

CÁSSIO — Tenho certeza disso; logo que amanhecer, vou pedir à virtuosa Desdêmona que interceda a meu favor. Perderei a confiança na sorte, se ela me for contrária neste passo.

IAGO — Tendes razão. Boa noite, tenente; preciso ir para a guarda.

CÁSSIO — Boa noite, honesto Iago. (*Sai.*)

IAGO — Quem poderá dizer que eu represento papel de celerado, se o conselho que eu dei é honesto e leal, muito plausível e em verdade o caminho para ao Mouro vir a reconquistar? Sim, porque é muito fácil de conseguir que a complacente Desdêmona se empenhe em qualquer súplica honesta; é dadivosa com a terra. E para obter do Mouro qualquer coisa — muito embora para ele se tratasse de abrir mão do batismo, das insígnias e símbolos de uma alma redimida — tanto ele o coração traz encadeado na afeição de Desdêmona, que tudo fazer ou desfazer ela consegue, como entender, reinando como deusa sua vontade sobre o fraco esposo. Estarei sendo, acaso, um celerado, por ter mostrado a Cássio esse caminho que vai dar ao seu bem, diretamente? Divindades do inferno! Quando os diabos querem dar corpo aos mais nefandos crimes, celestial aparência lhes emprestam, tal como agora faço. Pois, enquanto este imbecil honesto pede à bela Desdêmona que cure a sua sorte, e ela sobre isso insiste junto ao Mouro, veneno deitarei no ouvido dele, com dizer que ela o faz só por luxúria; quanto mais houver feito ela por ele, mais, junto ao Mouro, há de perder o crédito. Transformarei em pez sua virtude, e com a própria bondade apresto a rede que há de a todos pegar. (*Volta Rodrigo.*) Então, Rodrigo?

RODRIGO — Sigo-te nesta caçada não como um cachorro que persegue, mas como o que apenas completa a matilha. Já gastei quase todo o meu dinheiro; esta noite fui sovado de rijo, estando certo de que o resultado final consistirá em ganhar experiência à custa própria, e, assim, sem dinheiro nenhum e com um pouco mais de sabedoria, voltar para Veneza.

IAGO — Quão pobre é quem carece de paciência! Qual é a ferida que não sara aos poucos? Bem sabes que eu trabalho com a cabeça, não por meio de mágica, e em tudo depende aquela do tardio tempo. Não vai tudo tão bem? Cássio bateu-te; e em troca dessas dores de brinquedo fizeste que ele o seu lugar perdesse. Posto sazone o sol todos os frutos, os da primeira floração se tornam maduros mais depressa. Sê paciente. Mas, pela Missa! Já é quase dia! Os folguedos e a ação as horas fazem parecer muito curtas. Mas retira-te; vai logo para o teu alojamento. Não te demores, digo; mais de espaço te contarei o que há. Vamos, retira-te. (*Sai Rodrigo.*) E agora, duas coisas: sobre Cássio, falar minha mulher junto à senhora; vou concitá-la já. Nesse entrementes, chamarei o Mouro para que venha encontrar Cássio, quando falando estiver este com Desdêmona. Esse é o caminho certo; que a tardança não me faça perder a segurança. (*Sai.*)

Ato 3

Cena 1

Chipre. Diante do castelo. Entram Cássio e alguns músicos.

CÁSSIO — Mestres, cantai; pagar-vos-ei o incômodo. Algo bem curto; e, ao fim, falai desta arte: "Bom dia, general!"

(*Música.*)

(*Entra o bobo.*)

BOBO — Olá, mestres! Vossos instrumentos estiveram em Nápoles, para falarem assim pelo nariz?

PRIMEIRO MÚSICO — Como assim, senhor?

BOBO — Por obséquio: é a isso que chamais instrumentos de vento?

PRIMEIRO MÚSICO — Perfeitamente, senhor.

BOBO — Então eles devem ter um apêndice.

PRIMEIRO MÚSICO — Como apêndice, senhor?

BOBO — Ora, senhor, como muitos instrumentos de vento que eu conheço. Mas, caros mestres, trago-vos este dinheiro. O general aprecia tanto vossa música, que em nome da amizade vos pede não continuardes com esse barulho.

PRIMEIRO MÚSICO — Perfeitamente, senhor; não continuaremos.

BOBO — Se tiverdes alguma música que não se ouça, então que venha essa; mas com a que se ouve, o general não se preocupa, nem eu tampouco.

PRIMEIRO MÚSICO — Dessa espécie não temos, senhor.

BOBO — Nesse caso, enfiai as flautas nos sacos, porque preciso retirar-me. Vamos! Desaparecei no ar! Toca!

(*Saem os músicos.*)

CÁSSIO — Estás ouvindo, meu honesto amigo?

BOBO — Não; não estou ouvindo vosso honesto amigo; estou vos ouvindo.

CÁSSIO — Por obséquio, pára com essas graças. Aqui tens uma pequena moeda de ouro. Se a dama de companhia da senhora do general já estiver de pé, dize-lhe que aqui fora se encontra um certo Cássio que solicita dela alguns momentos de atenção. Far-me-ás isso?

BOBO — Ela já está de pé, senhor; no caso de vir ela até este ponto, dar-lhe-ei vosso

recado.

CÁSSIO — Sim, caro amigo. (*Sai o bobo.*) (*Entra Iago.*) Em feliz hora, Iago.

IAGO — Então, não vos deitastes?

CÁSSIO — Oh, não! Raiou o dia, quando nos separamos. Tomei, Iago, a liberdade de mandar um próprio chamar vossa mulher; quero pedir-lhe o obséquio de me obter uma entrevista com a virtuosa Desdêmona.

IAGO — Sem falta, farei que vos procure agora mesmo. Além do mais, vou arranjar um meio para distrair o Mouro e, assim, poderdes falar de vosso assunto livremente.

CÁSSIO — De todo coração vos agradeço. (*Sai Iago.*) Nunca vi florentino tão honesto e serviçal.

(*Entra Emília.*)

EMÍLIA — Bom dia, bom tenente. Estou penalizada por vos terdes desavindo com Otelo. Mas em pouco, tudo acabará bem. Neste momento o general e a esposa falam nisso, com ardor pleiteando ela vossa causa. Mas o Mouro lhe objeta que a pessoa que feristes é em Chipre conceituada e de alta parentela, aconselhando-o por isso, a demitir-vos a prudência. Por outro lado, afirma que vos ama, não tendo precisão de outros padrinhos além da afeição própria, e que só espera momento azado para reintegrar-vos.

CÁSSIO — Contudo, vos suplico — se julgardes conveniente ou possível — a vantagem me obterdes de eu falar a sós com ela, numa entrevista curta.

EMÍLIA — Por obséquio, acompanhai-me. Arranjarei as coisas de modo que possais com liberdade desafogar o peito.

CÁSSIO — Agradecido vos sou de todo o coração por isso.

(*Saem.*)

Cena 2

Um quarto no castelo. Entram Otelo, Iago e gentis-homens.

OTELO — Iago, entrega estas cartas ao piloto, e que ao Senado ele me recomende. Nesse entrementes, vou olhar as obras; vai ter comigo lá.

IAGO — Perfeitamente, meu bom senhor.

OTELO — Quereis, meus caros nobres, inspecionar aquela fortaleza?

GENTIS-HOMENS — Estamos ao dispor de Vossa Graça.

(*Saem.*)

Cena 3

Diante do castelo. Entram Desdêmona, Cássio e Emília.

DESDÊMONA — Podeis ficar tranqüilo, meu bom Cássio; farei por vós o que me for possível.

EMÍLIA — Sim, bondosa senhora; meu marido se aborreceu tanto com isso, como se fosse dele o caso.

DESDÊMONA — Oh! Que homem de valor! Não tenhais dúvida, Cássio, que hei de fazer que vós e Otelo vos torneis bons amigos como dantes.

CÁSSIO — Generosa senhora, seja a sorte qual for de Miguel Cássio, nunca ele há de ser outra coisa, senão tão-somente vosso leal servidor.

DESDÊMONA — Tenho certeza disso e vos agradeço. Amais a Otelo; há muito o conheceis. Ficai, pois, certo que a frieza dele durará somente, enquanto as conveniências o exigirem.

CÁSSIO — Pois não, senhora; mas as conveniências poderão ser morosas e viverem com dieta tão aguada e delicada ou com tais circunstâncias se nutrirem, que, ausente eu me encontrando e já ocupado meu posto, acabará por olvidar-se meu general do meu amor e préstimos.

DESDÊMONA — Que isso não te preocupe. Aqui, em frente de Emília te asseguro o antigo posto. Podes ficar tranqüilo; quando eu faço um voto de amizade, cumpro-o à risca. Meu marido não mais terá sossego; hei de amansá-lo à custa de vigílias; sua paciência será posta à prova; escola vai virar o leito dele; confessionário, a mesa. Em tudo quanto quiser fazer, misturarei a súplica de Cássio. Por tudo isso, Cássio, alegra-te; porque, antes de desistir de tua causa há de a vida perder teu advogado.

(*Entram Iago e Otelo e se conservam a distância.*)

EMÍLIA — Senhora, aí vem meu amo.

CÁSSIO — Senhora, aqui despeço-me.

DESDÊMONA — Esperai para ouvir-me defender-vos.

CÁSSIO — Noutra ocasião, senhora; estou indisposto e incapaz de servir meu próprio intuito.

DESDÊMONA — Como quiserdes.

(*Sai Cássio.*)

IAGO — Isso não me agrada!

OTELO — Como disseste?

IAGO — Nada, meu senhor; ou, talvez... Já não sei.

OTELO — Não era Cássio que estava a conversar com minha esposa?

IAGO — Cássio, senhor? Acreditar não posso que ele como culpado se esgueirasse, quando vos viu chegar.

OTELO — Creio que era ele.

DESDÊMONA — Oh! meu marido! Estive a conversr com um suplicante; que vosso desfavor faz definhar.

OTELO — A quem vos referis?

DESDÊMONA — Oh! a vosso tenente Cássio. Caro marido, se eu possuo graça ou força para vos comover, reconciliai-vos com ele desde já. Se não se trata de uma pessoa que vos é afeiçoada sinceramente, e errou mais por descuido do que por intenção, não sei, de fato, reconhecer uma feição honesta. Peço-te que o reintegres no seu posto.

OTELO — Daqui não saiu ele agora mesmo?

DESDÊMONA — Sim, e tão abatido que comigo deixou parte das mágoas que ainda me compungem. Chama-o, caro!

OTELO — Mais tarde, agora não, cara Desdêmona.

DESDÊMONA — Mas será logo?

OTELO — Logo que possível, minha querida, já que assim desejas.

DESDÊMONA — Hoje de noite, à ceia?

OTELO — A noite, não.

DESDÊMONA — Então amanhã cedo, à hora do almoço?

OTELO — Não estarei em casa amanhã cedo; almoçarei com os capitães no forte.

DESDÊMONA — Quando? Amanhã à noite? Ou terça-feira pela manhã? ou à noite? ou quarta-feira cedinho? Por obséquio: marca a data; contanto que não passe de três dias. Arrependeu-se, é certo. Aliás, seu erro, segundo o são juízo — se não fosse dizerem que na guerra é necessário castigar os melhores, para exemplo — é falta que mal pode ser punida. Quando poderá vir? Dizei-me, Otelo. Pergunto-me, admirada, o que podíeis pedir-me que eu negasse, ou me deixasse vacilante a esse ponto. É incompreensível! Miguel Cássio, esse mesmo que se achava convosco, quando a corte me fizestes, e que, mais de uma vez, se acontecia eu de vós dizer algo em desacordo, vos defendia logo: terei tanto trabalho para reempossá-lo agora? Acreditai-me: eu poderia muito...

OTELO — Por favor, não prossigas. Pois que venha, quando bem entender; não te recuso

coisa nenhuma.

DESDÊMONA — Ora, isso não é graça; é como se eu pedisse que pusésseis as luvas ou comêsseis pratos pingues, não vos resfriásseis, insistindo muito sobre algo que vos fosse de proveito. Não; se vos faço algum pedido, para pôr vosso amor à prova, será sempre de muito peso e mui penoso fardo, de grave concessão.

OTELO — Não te recuso coisa nenhuma. Mas, por isso mesmo te suplico um favor; vais conceder-mo, deixando-me um pouquinho a sós comigo.

DESDÊMONA — Eu, recusar-to? Não. Adeus, senhor.

OTELO — Adeus, querida; é só por uns momentos.

DESDÊMONA — Emília, vamos logo. Seja tudo como vossos caprichos entenderem. Tal como fordes, hei de obedecer-vos. (*Sai com Emília.*)

OTELO — Adorável criatura! Que minha alma a apanhe a perdição, se eu não te amar; e se não te amo, que este mundo volte de novo para o caos.

IAGO — Nobre senhor...

OTELO — Que queres, Iago?

IAGO — Acaso Miguel Cássio estava a par de vossos sentimentos, quando a corte fizestes à senhora?

OTELO — Desde o início até o fim. Por que o perguntas?

IAGO — Para satisfazer o pensamento; não há malícia alguma.

OTELO — Como, Iago! Que pensamento?

IAGO — É que eu pensava que ele então não a conhecesse.

OTELO — Oh! Conhecia! Muitas vezes serviu de intermediário entre nós dois.

IAGO — Realmente?

OTELO — Sim, realmente. Encontras algo, nisso, censurável? Ele não é honesto?

IAGO — Honesto, meu senhor?

OTELO — Honesto, sim; honesto.

IAGO — Por tudo o que sei dele...

OTELO — E que é que pensas?

IAGO — Que penso, meu senhor?

OTELO — "Que penso, meu senhor?" Oh! Pelo céu! Ele me serve de eco! Só parece que traz no pensamento um monstro horrível, horrível por demais, para ser visto. Alguma coisa deves ter em mente. Há pouco, quando Cássio se afastava, Iago, disseste-me: "Isso não me agrada". Que é que não te agrada? E ao declarar-te que ele de confidente me servira, quando eu fazia a corte à minha esposa, exclamaste: "Realmente?" e contraíste, fechaste o sobrecenho,

parecendo que trancavas, então, dentro do cérebro, alguma idéia horrível. Caso me ames, revela-me o que pensas.

IAGO — Sabeis, senhor, quanto vos quero bem.

OTELO — Sei disso; e por saber quanto és honesto, quanta afeição albergas, e que pesas tuas palavras antes de insuflar-lhes o sopro animador, mais intranqüilo me deixa o interrompê-las. Se essas coisas se passassem com algum sujeito à-toa, sem lealdade nem fé, eu as tomara por manhas habituais. Em se tratando, porém, de um homem justo, são avisos e delações sinceras, escapadas de um coração que dominar não pode seus próprios movimentos.

IAGO — Quanto a Cássio, atrevo-me a jurar que ele é honesto.

OTELO — É também o que eu penso.

IAGO — Deveriam os homens ser somente o que parecem, ou então não parecer o que não fossem.

OTELO — Sim, deveriam ser o que parecem.

IAGO — Sendo assim, considero Cássio honesto.

OTELO — Não, não; ocultas algo. Peço-te que me fales o que pensas, como as idéias fores ruminando, e as mais terríveis digas com palavras mais terríveis também.

IAGO — Senhor, perdoai-me; mas conquanto obrigado esteja a todos os atos do dever, sinto-me livre para me recusar a fazer algo que dos próprios escravos não se exige. Qual é o palácio em que não se introduzem, por vezes, coisas sujas? E que peito tão puro pode haver, que não contenha culpáveis apreensões, que não se assentem nos tribunais, para emitir sentenças lado a lado às idéias mais legítimas?

OTELO — Conspiras, Iago, contra teu amigo se, julgando-o ultrajado, seus ouvidos deixas como estrangeiros ao que pensas.

IAGO — Suplico-vos, no caso de algo errôneo haver no que suspeito — pois confesso que minha natureza se ressente desse defeito de aventar maldades e que por vezes meu ciúme inventa faltas que não existem — que ora a vossa sabedoria não empreste a mínima importância a quem pensa por maneira tão defeituosa, nem fundeis vexames no que ele possa ter conjeturado por modo tão disperso e pouco firme. Não fora de vantagem para vosso repouso e paz de espírito, nem para minha sabedoria, honestidade, meus sentimentos de homens, conhecerdes o que ora estou pensando.

OTELO — Que pretendes dizer com isso?

IAGO — Um nome imaculado, caro senhor, para a mulher e o homem é a melhor jóia da alma. Quem da bolsa me priva, rouba-me uma ninharia; é qualquer coisa, nada; pertenceu-me, é dele, escravo foi de mil pessoas. Mas quem do nome honrado me espolia, me priva de algo que não o enriquece, mas me deixa paupérrimo.

OTELO — Pelo céu, saber quero o que ora pensas.

IAGO — Não o poderíeis, mesmo que tivésseis meu coração nas mãos, máxime,

achando-se ele sob minha guarda.

OTELO — Ah!

IAGO — Acautelai-vos senhor, do ciúme; é um monstro de olhos verdes, que zomba do alimento de que vive. Vive feliz o esposo que, enganado, mas ciente do que passa, não dedica nenhum afeto a quem lhe causa o ultraje. Mas que minutos infernais não conta quem adora e duvida, quem suspeitas contínuas alimenta e ama deveras!

OTELO — Oh miséria!

IAGO — Quem com sua pobreza está contente, é rico, muito rico; mas riquezas infinitas são como o frio inverno, para quem medo tem de ficar pobre. Livrai-me, céu bondoso, e as almas todas de minha tribo, de sentir ciúmes!

OTELO — Por quê? Por que tudo isso? Crês, de fato, que eu passaria a vida tendo ciúmes e as mudanças da lua acompanhara com suspeitas crescentes? Não; a dúvida já me traria a solução do caso. Troca-me por um bode, se o andamento de minha alma eu torcer, com base apenas em infladas e vácuas conjeturas, como ora as apresentas. Não me deixa enciumado dizerem-me que minha mulher é linda, que aprecia a mesa, gosta da sociedade, é de linguagem mui desembaraçada, dança, canta e representa bem. Onde há virtude, tudo isso mais virtuoso, ainda, se torna. Não tirarei de meu modesto mérito o menor medo ou dúvida a respeito de seu procedimento; ela tinha olhos e me escolheu. Não, Iago; primeiro hei de ver para duvidar. E após a dúvida, precisarei de provas; feitas essas, uma só coisa resta: liquidemos de vez o amor e o ciúme.

IAGO — Isso me alegra, porque me enseja base suficiente para provar-vos com mais franco espírito a afeição e lealdade que vos voto. Assim, já que o dever a isso me obriga, sincero vou falar, mas não de provas, por enquanto. Vigiai vossa consorte; observai bem como ela e Cássio falam; lançai-lhe olhar assim, nem enciumado, nem confiante demais. Não desejara que vossa natureza leal e nobre vítima viesse a ser por causa, apenas, da generosidade que lhe é própria. Vigiai-os bem. Conheço minha terra; em Veneza as mulheres não se correm de confessar ao céu as leviandades que ocultam dos maridos. Para todas a virtude consiste apenas nisto: Não deixes de fazer, mas em segredo.

OTELO — Crês que seja assim mesmo?

IAGO — Ao pai ela enganou com desposar-vos; ao fingir que tremia à vossa vista, mais vos era afeiçoada.

OTELO — Isso é verdade.

IAGO — Tirai a conclusão: uma donzela que finge a ponto de deixar os olhos do pai como vendados, obrigando-o a achar que era feitiço... Mas confesso-me passível de censura. Humildemente vos peço me perdoeis tanta amizade.

OTELO — Obrigado te fico para sempre.

IAGO — Percebo que ficastes abalado com o que vos disse.

OTELO — Nada! Nem um pouco!

IAGO — Em verdade, receio-o. Mas espero que considerareis tudo o que eu disse como oriundo, tão-só, do meu afeto. Mas estais comovido. Instantemente vos peço não tirar de meu discurso forçadas conclusões, nem distendê-lo senão até à suspeita.

OTELO — Apenas isso.

IAGO — Se tal fizésseis, meu senhor, tiráreis de minha fala conseqüências crassas, que não me obriga a mente. Considero Cássio meu digno amigo. Porém vejo, senhor, quanto abalado...

OTELO — Nada disso! Mas não posso deixar de ter Desdêmona como muito virtuosa.

IAGO — Vida longa tenha ela assim, e vós também, guardando semelhante certeza.

OTELO — No entretanto, como pode transviar-se a natureza...

IAGO — Sim, esse é o ponto. Para falar franco convosco: recusado haver propostas de casamento de sua própria terra, estado e parentesco, em que se achara conforme em tudo a própria natureza... Bah! poder-se-ia farejar no caso uma vontade mais do que corrupta, instintos pervertidos, pensamentos contrários à natura. Mas perdoai-me; não avanço essas coisas, tendo em vista a ela precisamente, muito embora chegue a recear que seus desejos possam vir dar de encontro a um juízo mais sadio e com seus compatriotas confrontar-vos, levando-a, porventura, a arrepender-se.

OTELO — Adeus, adeus; se de algo mais souberes, não deixes de contar-mo. Dá à tua esposa a incumbência de espiá-la. Deixa-me, Iago.

IAGO — Despeço-me, senhor. (*Retirando-se.*)

OTELO — Por que casei? Esta criatura honesta sabe mais, muito mais do que revela.

IAGO (*retornando*) — Desejara, senhor, poder pedir-vos que não pensásseis mais sobre esse assunto. Confiai-o ao tempo. Embora Cássio deva ser reintegrado em seu antigo posto — em que, em verdade, ele se desempenha com muita habilidade — no entretanto se mantê-lo quisésseis afastado mais algum tempo, poderíeis logo conhecer o indivíduo e seus processos. Notai se vossa esposa pede a volta dele com insistência muito incômoda. Já fora muita coisa. Nesse em meio, deixai-me parecer exagerado nos meus receios — como tenho causas para pensar que o seja — e inteiramente livre a deixai; é o que a Vossa Honra eu peço.

OTELO — Serei discreto em tudo.

IAGO — Mais uma vez despeço-me. (*Sai.*)

OTELO — Esse rapaz é a própria honestidade; de espírito experiente, os móveis todos discernir sabe das ações humanas: Se ela se revelar falcão rebelde, ainda que seus atilhos fossem fibras do próprio coração que aqui me bate, assobiarei, soltando-a, para que alce vôo a favor do vento e faça presas como a sorte o ensejar. Porque sou negro e de fala melíflua não disponho qual petimetre, ou porque já me encontro no declive da idade — mas não tanto — ela se foi, havendo-me enganado. Meu consolo vai ser agora, apenas, ter aversão por ela. Oh!

Maldição do casamento! Ser-nos facultado nossas chamas a essas criaturas frágeis e não seus apetites! Preferira ser um sapo e viver só dos vapores de um cárcere, a ceder uma partícula da coisa amada para que outrem a use. Serem os grandes sempre flagelados por ter quinhão menor que o dos pequenos, é coisa inevitável como a morte. Esta peste farpada já se achava para nós destinada ao nascimento. Mas vede que ela chega! Se for falsa, é que o céu de si próprio está zombando.

(*Entram Desdêmona e Emília.*)

DESDÊMONA — Então, querido Otelo? A ceia e os nobres insulanos que havíeis convidado estão à vossa espera.

OTELO — Sou passível de censura.

DESDÊMONA — Por que falais tão fraco? Sentis-vos indisposto?

OTELO — Dói-me a fronte.

DESDÊMONA — É que tendes velado todo o tempo. Há de passar; deixai que vos aperte bem a cabeça e heis de sarar numa hora.

OTELO — É por demais pequeno vosso lenço. (*Desdêmona deixa cair o lenço.*) Deixai! Deixai! Vamos; irei convosco.

(*Saem Otelo e Desdêmona.*)

EMÍLIA — Fico contente por haver achado justamente este lenço, que é a primeira lembrança a ela ofertada pelo Mouro. Meu estranho marido umas cem vezes me pediu que o roubasse. Mas tão grato para ela é o mimo — por pedir-lhe o esposo que o conservasse sempre — que a toda hora o traz consigo, e o beija, e com ele fala. Mandarei que me tirem uma cópia e darei este a Iago. Qual a sua intenção, não sei dizê-lo; mas seus caprichos me despertam zelo.

(*Entra Iago.*)

IAGO — Que fazeis aqui só?

EMÍLIA — Não vos zangueis; tenho um presente a dar-vos.

IAGO — Um presente? Coisa é muito comum...

EMÍLIA — Ah!

IAGO — ... ter uma mulher louca.

EMÍLIA — Oh! nada mais? Então, que me daríeis por este lenço aqui?

IAGO — Como! Que lenço?

EMÍLIA — Que lenço? Ora, o que o Mouro deu como primeiro mimo de seu amor, e me mandastes tantas vezes roubar.

IAGO — Dela o tiraste?

EMÍLIA — Não; por descuido ela o deixou cair. Aproveitando o ensejo, estando eu perto, levantei-o do chão. Ei-lo; aqui o vedes.

IAGO — És uma rapariga e tanto! Dá-mo.

EMÍLIA — Que pretendeis fazer com ele, para que me pedísseis com tamanho empenho que o escamoteasse?

IAGO — E que vos importa isso?

(*Arrebata-lhe o lenço.*)

EMÍLIA — Se não for para alguma coisa boa, restituí-mo. Coitada da senhora! Ficará louca ao dar por falta dele.

IAGO — Finge que nada sabes. Tenho emprego para ele. Podes ir. (*Sai Emília.*) Dentro do quarto de Cássio jogarei o lenço, para que ele o venha a encontrar. As ninharias leves com o ar, para quem tem ciúmes, são verdades tão firmes como trechos da sagrada Escritura. Disto pode sair alguma coisa. Meu veneno já produziu alterações no Mouro. Certos conceitos são por natureza verdadeiros venenos que, de inicio, não provocam nenhuma repugnância, mas logo que no sangue atuam, queimam como mina de enxofre. Não me engano. Ei-lo que chega! (*Entra Otelo.*) Agora, nem papoula, mandrágora, nem todos os xaropes sonolentos do mundo poderiam dar-te de novo o doce sono de ontem.

OTELO — Ah! Ah! Ela, enganar-me?

IAGO — Então, meu general? Parai com isso.

OTELO — Retira-te! Retira-te! Puseste-me a tratos. Pelo céu, é preferível ser enganado muito, a saber pouco do que se passa.

IAGO — Como, meu senhor?

OTELO — Que percepção eu tinha de suas horas roubadas de luxúria? Não sabia de nada, não pensava em coisa alguma, nada me compungia. A noite toda dormia bem; livre me achava e alegre. Não encontrava em sua boca os beijos de Cássio. Quem não dá por falta nunca de algo que lhe tirassem, continue na ignorância, pois nunca foi roubado.

IAGO — Entristece-me ouvir-vos.

OTELO — Feliz teria sido, muito embora todo o campo, inclusive a recovagem, lhe tivesse provado o doce corpo, sem que eu conhecimento houvesse disso. Oh! mas agora, adeus tranqüilidade de espírito! Oh! Adeus, contentamento! Para sempre. Adeus, tropas de penacho, exércitos altivos, que em virtude mudam toda ambição! Adeus! Adeus! Adeus cavalos relinchantes, trompas belicosas, tambores animosos, pífaros estrindentes, reais bandeiras, tudo o que o orgulho constitui, a pompa e a aparelhagem da gloriosa guerra! E a vós também, adeus, mortais engenhos, cujas rudes gargantas os estrondos terrorantes imitam do alto Jove: a obra de Otelo já não tem sentido.

IAGO — É possível, senhor?

OTELO — Infame, dá-me a prova de que minha mulher é prostituta. Fica certo: quero prova evidente; ou, pelo mérito de minha alma imortal, melhor te fora teres nascido cão que responderes agora à minha cólera desperta.

IAGO — Chegamos a esse ponto?

OTELO — Quero prova visível ou, no mínimo, uma coisa que não tenha nem gancho nem presilha onde a dúvida possa pendurar-se. Se não, ai de tua vida!

IAGO — Muito nobre senhor...

OTELO — Se a caluniaste e me torturas, rezar já não precisas; abandona todo o remorso; sobre o horror empilha novos horrores; com teus crimes faze chover o céu, estarrecer a terra: não acrescentarás mais nada à tua condenação que aquilo sobrepuje.

IAGO — Oh Graça! Céu, ampara-me! Sois homem? Tendes alma e sentidos! Deus vos guarde. Tirai-me o posto. Ó desgraçado idiota, teres vivido até hoje, para veres tachar de vício tua honestidade! Mundo monstruoso! Toma nota, mundo! É perigoso ser sincero e honesto. Agradeço a lição; mas doravante renuncio à amizade, pois ofensa pode causar quem nisso menos pensa.

OTELO — Não, fica; deverias ser honesto.

IAGO — Não; devera ser sábio. A honestidade, como tolo, ao patrão só dá prejuízo.

OTELO — Pelo mundo! Ora penso que é virtuosa, ora penso que é infiel; sincero te acho, e, ao mesmo tempo, falso. Quero provas. O nome dela, que era tão singelo como o rosto de Diana, ora se encontra como meu próprio rosto: negro e sujo. Se cordas ainda houver, facas, veneno, fogo ou água asfixiante, então não hei de suportar esse insulto. Oh! se eu tivesse uma prova qualquer!

IAGO — Meu senhor, vejo que a paixão vos corrói. Arrependido me sinto por ter sido a causa disso. Quereríeis a prova?

OTELO — Quereria, não; quero!

IAGO — Podeis tê-la. De que modo? Como haveis de vos dar por convencido? Aberta a boca, ficareis no posto de espectador estúpido, no instante em que ela for coberta?

OTELO — Morte e inferno.

IAGO — Quero crer que seria uma tarefa assaz dificultosa convencê-los a se deixarem ver sob esse aspecto. O demo que os carregue, se possível for a olhar de mortais, tirante o deles, vê-los deitados juntos. Que me resta para dizer? Que provas posso dar-vos? Não vos será possível ver tal coisa, embora ardentes fossem como bodes, quentes como macacos, luxuriosos como lobos no cio e tão grosseiros como o ser mais alvar, quando embriagado. Contudo, vos direi, se alguns indícios, circunstâncias de peso, que conduzem diretamente à porta da verdade vos deixarem convicto, haveis de tê-las.

OTELO — Dá-me uma prova real de que ela é falsa.

IAGO — Não me agrada esse ofício. Mas já que fui tão longe nesse caso, levado pela honestidade estúpida e a amizade, tão-só, não me detenho. Passei com Cássio uma das noites últimas; mas por estar sentindo dor de dentes, não podia dormir. Ora, há pessoas de alma tão largada que no sono revelam seus negócios. Cássio é dos tais; pois estando a dormir, ouvi

quando ele murmurava: "Desdêmona querida, sejamos cautelosos, encubramos bem nosso amor!" Então, senhor, pegando-me das mãos e as apertando, suspirava: "Oh criatura adorável!" e beijava-me com tamanho furor, como se os beijos pela raiz colhesse de meus lábios. Depois, a perna colocou por cima de minha coxa, suspirou, beijou-me de novo e disse: "Oh fado amaldiçoado, que te foi entregar para esse Mouro!"

OTELO — Oh! Monstruoso! Monstruoso!

IAGO — Mas tudo isso era somente sonho.

OTELO — Sim, mas sonho que experiências passadas nos inculcam; suspeita atroz, embora só de sonhos.

IAGO — E que podem deixar mais consistentes outras provas que tênues ainda se achem.

OTELO — Vou deixá-la em pedaços.

IAGO — Sede cauto; ainda não vimos nada; é bem possível que seja honesta. Ora dizei-me apenas o seguinte: não vistes porventura na mão de vossa esposa, algumas vezes, um lenço com bordados de morangos?

OTELO — Dei-lhe um assim; foi meu primeiro mimo.

IAGO — Ignorava esse fato; porém tenho certeza plena de ter hoje visto Cássio passar na barba um lenço desses, que foi de vossa esposa.

OTELO — Se era o mesmo...

IAGO — O mesmo, ou outro qualquer dos lenços dela, é prova muito forte, ao lado de outras.

OTELO — Oh! Se a escrava tivesse dez mil vidas! Uma só será pouco, muito pouco, para minha vingança. Agora vejo que tudo era verdade. Iago, olha aqui: sopro assim para o céu meu amor néscio; já não existe. Negra vingança, surge do oco inferno! Passa tua coroa, ó amor, e o trono do coração para o ódio mais ferino! Intumesce-te, peito, com tua carga de línguas de serpentes!

IAGO — Ficai calmo.

OTELO — Oh! Sangue! sangue! sangue!

IAGO —Ficai calmo, torno a dizer; podeis mudar de idéia.

OTELO — Jamais, Iago. Tal como o Ponto Euxino, cuja corrente fria e o forte curso não se ressentem do refluxo nunca, e seguem sem parar para a Propôntida, para o Helesponto: assim meus pensamentos sanguinários, com passos furibundos avançam sempre, sem jamais olharem para trás nem refluírem para o amor, até que uma vingança avassalante e ampla os envolva e absorva. (*Ajoelhando-se.*) Por aquele céu de mármore, empresto a essas palavras a gravidade de um sagrado voto.

IAGO — Não vos levanteis ainda. (*Ajoelha-se.*) Testemunhas me sede, luzes sempiternas do alto; vós, também, elementos, que por todas as partes nos cingis: Iago dedica as mãos, o

coração e todo o espírito ao ultrajado Otelo. Dando ele ordens, por mais cruéis que sejam, será caso, para mim, de consciência, obedecer-lhe.

OTELO — Agradeço teu voto, não com termos formais, apenas, mas com sentimento de gratidão, estando decidido a recorrer já aos teus serviços: nestes três dias quero que me digam que Cássio já morreu.

IAGO — Morto está meu amigo; será feita vossa vontade. Mas poupai Desdêmona.

OTELO — Que baixe para o inferno essa lasciva prostituta! Que baixe para o inferno! Fica à parte comigo; retirar-me desejo, para refletir nalguma modalidade suave de extermínio para esse belo diabo. Doravante serás o meu tenente.

IAGO — E eu me declaro vosso por toda a vida.

(*Saem.*)

Cena 4

Diante do castelo. Entram Desdêmona, Emília e o bobo.

DESDÊMONA — Maroto, por acaso sabes onde pousa o tenente Cássio?

BOBO — Não me atrevo a dizer que ele pouse em qualquer parte.

DESDÊMONA — Por quê, homem?

BOBO — Por ser ele soldado; dizer que um soldado pousa, é arriscar-se a ser apunhalado.

DESDÊMONA — Vamos, dize, maroto! Onde ele mora?

BOBO — Se eu vos dissesse onde ele mora, era o mesmo que dizer onde iria pôr o pescoço.

DESDÊMONA — Haverá quem possa entender isso?

BOBO — Não sei onde ele mora; se lhe atribuísse qualquer morada e vos dissesse que ele se deita neste ou naquele lugar, seria pôr em risco o próprio pescoço.

DESDÊMONA — E não poderias informar-te a esse respeito?

BOBO — Vou catequizar o mundo inteiro a respeito dele, isto é, apresentar perguntas e responder a elas.

DESDÊMONA — Vai procurá-lo e dizer-lhe que venha até aqui. Participa-lhe que eu já deixei meu marido inclinado a seu favor, e que espero termine tudo bem.

BOBO — Semelhante incumbência cai dentro do âmbito do entendimento humano; por isso vou tentá-la. (*Sai.*)

DESDÊMONA — Onde eu deixei aquele lenço, Emília?

EMÍLIA — Não sei, minha senhora.

DESDÊMONA — Podes crer: preferira ter perdido minha bolsa, repleta de cruzados. Não fosse ter meu pobre Mouro o espírito estreme de suspeita e das escórias das criaturas ciumentas, essa perda poderia inspirar-lhe pensamentos de todo maus.

EMÍLIA — Ele não é ciumento?

DESDÊMONA — Quem? Ele? Ao vir ao mundo, estou bem certa, o sol lhe retirou do sangue todos os humores do ciúme.

EMÍLIA — Ei-lo que chega!

DESDÊMONA — Não o deixarei, enquanto no seu posto não tiver sido Cássio reintegrado. (*Entra Otelo.*) Como passais, senhor?

OTELO — Dai-me essa mão. Úmida está, senhora.

DESDÊMONA — Até este instante, não conheceu velhice nem cuidados.

OTELO — Isso revela desperdício e, em tudo, coração liberal. Úmida e quente! Esses sinais indicam que é preciso cercear a liberdade e, assim, impor-vos jejuns e rezas, pios exercícios e mortificações, pois um demônio suarento aqui demora, que costuma rebelar-se. A mão tendes muito boa, muito franca, em verdade.

DESDÊMONA — A vós assiste razão para afirmá-lo, pois foi ela que de meu coração vos fez presente.

OTELO — Mão liberal. Os corações antigos davam mãos; mas a nova ciência heráldica de coração carece; só tem mãos.

DESDÊMONA — Sobre isso nada entendo. Mas falemos outra vez da promessa.

OTELO — Que promessa, minha pomba?

DESDÊMONA — Mandei recado a Cássio, para vos vir falar.

OTELO — Estou sofrendo de um catarro importuno. Por obséquio, empresta-me teu lenço.

DESDÊMONA — Ei-lo, senhor.

OTELO — Aquele que vos dei.

DESDÊMONA — Não o tenho aqui.

OTELO — Não?

DESDÊMONA — Realmente, senhor.

OTELO — É grande falta. Esse lenço foi dado a minha mãe por uma egípcia. Era uma feiticeira que podia ler, quase, os pensamentos das pessoas. Disse-lhe, então, que enquanto o conservasse, grata a meu pai seria, e ao amor dela preso o teria sempre. Mas no caso de perdê-lo ou presente fazer dele, os olhos de meu pai com repugnância passariam a vê-la e seu espírito correria após outras fantasias. Ao morrer, minha mãe mo deu de herança, tendo recomendado que, no instante em que o destino me trouxesse esposa, com ele a presenteasse, o que já fiz. Tomai cuidado, pois, e o tende sempre como jóia tão cara quanto os olhos. Perdê-lo ou dá-lo a alguém fora desgraça de proporções incríveis.

DESDÊMONA — É possível?

OTELO — É como estou dizendo. Seu tecido contém virtude mágica; por uma sibila que na terra já contara do sol duzentas voltas foi bordado durante acessos de furor profético. De vermes consagrados viera o fio, que tinto foi no suco retirado de corações de virgens e habilmente conservado até então.

DESDÊMONA — Realmente! É certo?

OTELO — Mais do que certo. Assim, tomai cuidado.

DESDÊMONA — Quem dera, então, que nunca o houvesse visto!

OTELO — Oh! Por quê?

DESDÊMONA — Por que causa me falais assim brusco e violento?

OTELO — Foi perdido? Como? Dizei-me: não podeis achá-lo?

DESDÊMONA — O céu nos abençoe.

OTELO — Que disseste?

DESDÊMONA — Perdido não se encontra. Mas, no caso...

OTELO — Como?

DESDÊMONA — Repito: não está perdido.

OTELO — Então trazei-o aqui; desejo vê-lo.

DESDÊMONA — Ora, senhor; faria, se o quisesse; mas não agora. Vejo que isso é um meio para que eu não vos faça meu pedido. Por obséquio, chamai de novo Cássio.

OTELO — Ide buscar o lenço; meu espírito pressente algo funesto.

DESDÊMONA — Vamos, vamos; não achareis ninguém mais competente.

OTELO — O lenço!

DESDÊMONA — Por favor, falai de Cássio.

OTELO — O lenço!

DESDÊMONA — Uma pessoa que durante toda a vida fundou sua fortuna. sobre vossa amizade e sempre esteve nos perigos convosco.

OTELO — O lenço, digo!

DESDÊMONA — Sois digno de censura.

OTELO — Fora! Fora! (*Sai.*)

EMÍLIA — Então este homem não será ciumento?

DESDÊMONA — Nunca o vi assim antes. É certeza conter aquele lenço algo de extraordinário. Desolada me sinto com sua perda.

EMÍLIA — Nem dois anos são suficientes para conhecermos os homens. São estômago, somente, e nós, os alimentos. Todos eles nos devoram com ânsia; mas, repletos, nos vomitam. Oh! Cássio e meu marido!

(*Entram Iago e Cássio.*)

IAGO — Não há outro caminho senão esse; ela há de consegui-lo. Oh! Quanta sorte! Insisti junto dela.

DESDÊMONA — Então, bom Cássio, que há de novo convosco?

CÁSSIO — Ainda e sempre, minha senhora, aquele meu pedido. Peço-vos que, por vossa interferência virtuosa, eu existir outra vez possa, voltando a ser um membro da amizade de quem com todo o coração venero. Basta de dilações; se minha falta tão mortal se afigura, que os serviços passados, as tristezas do presente e a determinação de comportar-me melhor para o futuro não conseguem devolver-me a amizade de meu chefe, que ao menos disso eu possa ter certeza. Já me fizera bem, pois assumira alegria forçada e me dispunha a aguardar o que a sorte me aprestasse por vias diferentes.

DESDÊMONA — Oh, três vezes amável Cássio! Minha intercessão, neste momento, está desafinada. Otelo está mudado; não me fora fácil reconhecê-lo, se o caráter alterado tivesse como o rosto. Tão certo como eu desejar a ajuda dos espíritos do alto, vossa causa foi por mim defendida com carinho, chegando eu, até mesmo, a transformar-me no alvo do seu desgosto pela minha franqueza de falar. É necessário mostrardes-vos paciente. Farei quanto me for possível; farei mais, ainda, do que me atreveria em causa própria. Que isso vos satisfaça por enquanto.

IAGO — O general acaso está irritado?

EMÍLIA — Saiu daqui agora mesmo e, certo, num estado de estranha agitação.

IAGO — Ele, irritado? É incrível. Muitas vezes, muitas, vi o canhão lançar seus homens pelos ares e, como atroz demônio, seu próprio irmão dos braços arrancar-lhe. Mostrar-se ele irritado? Alguma coisa de grave aconteceu. Vou procurá-lo. Se está irritado, é que há motivo sério.

DESDÊMONA — Faze isso, por obséquio. (*Sai Iago.*) Algum negócio, certamente, de Estado, ou de Veneza, ou conluio, talvez, aqui de Chipre turvou-lhe o claro espírito. Em tais casos, da natureza humana é muito próprio irritar-se por coisas despiciendas, quando se ocupa com razões de peso. É sempre assim. Quando nos dói o dedo, aos membros sãos ele transmite o incômodo. Não pensemos que os homens sejam deuses; esperar deles não podemos sempre tratamento de noivos. Mas tens muita razão, Emília, para censurar-me, pois me portei como guerreira injusta, na alma o acusando de ter sido duro; mas vejo que peitei as testemunhas e o acusei falsamente.

EMÍLIA — Praza aos céus que só sejam, mesmo, assuntos de Estado, como credes, não caprichos nem veneta de ciúme, que vos digam respeito mui de perto.

DESDÊMONA — Oh dia infausto! Nunca lhe dei motivo para tanto.

EMÍLIA — Mas os ciumentos não atendem a isso; não precisam de causa para o ciúme: têm ciúme, nada mais. O ciúme é monstro que se gera em si mesmo e de si nasce.

DESDÊMONA — Que o céu proteja o espírito de Otelo de semelhante monstro.

EMÍLIA — Amém, senhora.

DESDÊMONA — Vou procurá-lo. Neste em meio, Cássio, ficai passeando aqui. Se o achar disposto, pleitearei vossa causa, sem recurso nenhum deixar de lado.

CÁSSIO — Agradecido vos fico humildemente.

(*Saem Desdêmona e Emília.*)

(*Entra Bianca.*)

BIANCA — Bom dia, amigo Cássio.

CÁSSIO — Que negócios vos tiraram de casa? Como passa minha formosa Bianca? Francamente, caro amor, ia agora procurar-vos.

BIANCA — E a vossa casa eu também ia, Cássio. Uma semana ausente? Sete dias e sete noites? Cento e sessenta horas com mais oito de quebra? E horas passadas longe do amante, que mais longas são cento e sessenta vezes do que as horas do mostrador. Oh cálculo penoso!

CÁSSIO — Bianca, perdão. Todo esse tempo estive premido por preocupações de chumbo. Mas quando eu dispuser de alguma folga, riscarei essas dívidas da ausência. Querida Bianca, (*Dando-lhe o lenço de Desdêmona.*) tira cópia disto.

BIANCA — De onde veio isto, Cássio? Algum presente, decerto, de outra amiga. Agora entendo o motivo da ausência tão sentida. Chegamos a esse ponto? Muito bem.

CÁSSIO — Saí daí, mulher! Jogai aos dentes do diabo vossas infernais suspeitas, pois dele as recebestes. Só ficastes com ciúme por pensardes que é lembrança de alguma amiga. Podeis crer-me, Bianca, juro que não.

BIANCA — Então, a quem pertence?

CÁSSIO — Não sei, querida; achei-o no meu quarto. Mas gostei do trabalho; e antes que o venham reclamar — o que certo não demora — quero mandar copiar esse desenho. Levai-o, pois, deixando-me sozinho.

BIANCA — Deixar-vos? Para quê?

CÁSSIO — Espero aqui o general e penso de nenhuma vantagem ser por ele visto na situação de amaridado.

BIANCA — E o motivo, senhor?

CÁSSIO — Não é por falta de amor da minha parte.

BIANCA — É só por falta de amor da vossa parte. Por obséquio, acompanhai-me um pouco e declarai-me se ainda vos verei antes da noite.

CÁSSIO — Não posso acompanhar-vos muito longe, pois neste ponto o espero. Será logo.

BIANCA — Que assim seja; terei de conformar-me.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Chipre. Diante do Castelo. Entram Otelo e Iago.

IAGO — Será crível tal coisa?

OTELO — Crível, Iago?

IAGO — Beijar às escondidas!

OTELO — Foram beijos proibidos.

IAGO — Ou ficar uma hora ou duas nua no leito, ao lado de um amigo, sem ruins intenções.

OTELO — Nua no leito, sem ruins intenções? Hipocrisia fora, com relação ao próprio diabo. Os que assim fazem com tenções virtuosas, a virtude lhes tenta o diabo, enquanto tentam eles o céu.

IAGO — Se nada fazem é um pecado venial. Porém no caso de eu dar um lenço à minha esposa...

OTELO — E então?

IAGO — Ora, senhor; seria dela o lenço. E, dela sendo, penso que podia dá-lo a quem entendesse.

OTELO — Da própria honra ela é também guardiã. Por isso pode fazer presente dela?

IAGO — A honra é uma essência que não cai na vista. Muitas vezes a tem quem nunca a teve. Mas quanto ao lenço...

OTELO — Pelo céu! Mui de grado me esquecera de semelhante coisa. Ias dizendo — Oh! à memória me retorna o assunto como o corvo aos lugares emprestados. gritando a todos — que ele tem meu lenço?

IAGO — Bem; e depois?.

OTELO — É coisa muito grave.

IAGO — E que se dera se eu tivesse dito que ele vos ultrajara, ou que falara por aí fora, como certos biltres que — tendo conquistado alguma dama, ou por impertinência nos assaltos, ou com o consentimento dela própria. depois de convencida — de indiscretos falam por toda a parte.

OTELO — E ele, disse algo?

IAGO — Sim, senhor. Mas podeis ter a certeza de que não disse nada que não possa negar sob juramento.

OTELO — Que disse ele?

IAGO — Oh céu! Que tinham... Que sei eu?... Que tinha...

OTELO — Quê? Quê? Falai.

IAGO — Deitado...

OTELO — Quê! Com ela?

IAGO — Com ela ou em cima dela, o que quiserdes.

OTELO — Deitar-se ele com ela! Em cima dela! Dizemos que alguém se deita por cima dela, quando a está cobrindo. Deitar-se ele com ela! Oh! é asqueroso! O lenço... a confissão... o lenço! Confessar, e, pelo trabalho: forca! Primeiro, a forca; depois a confissão. Estou tremendo. A natureza não se deixaria abafar por sentimentos tão escuros, se não se tratasse de alguma advertência. Não me deixo abalar assim por meias palavras. Ora! Narizes, orelhas, lábios... Será possível? Confessai!... O lenço... Oh, diabo! (*Cai com um ataque.*)

IAGO — Trabalha, meu veneno! Trabalha! Desse modo é que pegamos os idiotas crédulos. E é assim, também, que muitas damas dignas e castas, sem senão, ficam faladas. Olá, senhor! Senhor, repito! Otelo! (*Entra Cássio.*) Então, Cássio?

CÁSSIO — Que é que houve?

IAGO — É um ataque de epilepsia que teve o general. Este é o segundo, pois já teve um ontem.

CÁSSIO — Friccionai-o nas têmporas.

IAGO — Deixemo-lo. Deve seguir seu curso a letargia, sem atropelos. Do contrário, em breve, com a boca ficará cheia de espuma, caindo, após, em furioso acesso de loucura. Ora vede: já se mexe. Ficai de lado por alguns instantes. Ele vai despertar. Após sua ida, quero falar-vos de um assunto grave. (*Sai Cássio.*) Como então, general! Não machucastes a cabeça?

OTELO — De mim estás zombando?

IAGO — Eu, zombando de vós? Não, pelo céu. Como homem, suportai vosso destino.

OTELO — O homem de chifres é animal, é monstro.

IAGO — Então numa cidade populosa há muitos desses animais e muitos monstros civilizados.

OTELO — Ele próprio o contou?

IAGO — Meu bom senhor, sede homem e lembrai-vos de que todo tipo de barba, quando sob a canga, pode puxar convosco o mesmo carro. Há no mundo milhões de homens que dormem à noite em camas de outrem, cujos donos juram que são unicamente suas. Vosso caso é melhor. Oh! é ironia do inferno, arqui-sarcasmo do demônio beijar uma rameira em leito limpo e imaginá-la casta. Não; preciso saber o que há; sabendo o que sou mesmo, sei o que vai ser dela.

OTELO — Tens razão; é assim mesmo.

IAGO — Ficai um pouco à parte; numa liça paciente confinai-vos. Enquanto vos acháveis dominado por vossa grande dor — paixão imprópria de um homem como vós — Cássio chegou. Mandei-o embora, dando uma desculpa para vosso desmaio, mas lhe disse que aqui voltasse para conversarmos, no que ele concordou. Ficai de espia e observai seus remoques e sarcasmos, o notável desdém que se lhe expande do rosto todo, pois pretendo agora levá-lo a relatar-me outra vez tudo: como, onde, de que modo, há quanto tempo, quantas vezes deitou-se e há de deitar-se com vossa esposa. Os gestos observai-lhe. Mas é preciso calma. Do contrário, direi que estais colérico e não tendes de homem coisa nenhuma.

OTELO — Ouves-me, Iago? Vou mostrar-me astucioso em minha calma, porém — estás me ouvindo? — sanguinário.

IAGO — Não será mal; mas tudo tem seu tempo. Não quereis afastar-vos? (*Otelo se coloca à parte.*) Bem; agora vou conversar com Cássio sobre Bianca, rapariga que vende seus favores para comprar, com a venda, pão e roupa. É doidinha por Cássio; mas é sina das prostitutas enganarem muitos para por um, também, serem logradas. Quando ouve falar dela, quase estoura de tanto rir. A postos; aí vem ele. (*Volta Cássio.*) Com isso Otelo vai ficar furioso; seus ciúmes ignorantes hão de errôneo sentido dar aos gestos e sorrisos do pobre Cássio e à sua leviandade. — Então, tenente, como estais agora?

CÁSSIO — Tanto pior, por me dardes esse título, cuja falta me mata.

IAGO — Com Desdêmona falai sobre isso, que obtereis o posto. (*Abaixando a voz.*) Se de Bianca o pedido dependesse, tudo se arranjaria num momento.

CÁSSIO — Ah! Coitadinha dela!

OTELO (*à parte*) — Vede! Vede! Já começou a rir.

IAGO — Mulher alguma já vi que tanto amor tivesse a um homem, como ela vos dedica.

CÁSSIO — Pobre diaba! Creio que ela, realmente, me idolatra.

IAGO — Escuta, Cássio.

OTELO (*à parte*) — Agora ele o importuna, para que a história conte por miúdo. Continuai. Muito bem!

IAGO — Ela assoalha por aí fora que ides desposá-la. Haverá sombra de verdade nisso?

CÁSSIO — Ah ah, ah!

OTELO (*à parte*) — Romano, estás triunfando? Estás triunfando?

CÁSSIO — Eu, casar-me com ela? Uma mulher pública? Por favor, sede mais complacente com meu espírito, não imaginando que ele esteja tão depravado. Ah, ah, ah!

OTELO (*à parte*) — Assim, assim ri quem está ganhando.

IAGO — É o que vos digo: corre por aí o boato de que ides desposá-la.

CÁSSIO — Por favor, deixai de brincadeira.

IAGO — Quero ser um biltre, se não estiver dizendo a verdade.

OTELO (*à parte*) — Já me pusestes o ferrete? Muito bem.

CÁSSIO — E aquela macaca mesma que anda dizendo isso. A idéia de que eu possa desposá-la nasceu de sua própria ilusão, não de qualquer promessa de minha parte.

OTELO (*à parte*) — Iago me fez um sinal; vai começar a história.

CÁSSIO — Neste momento ela esteve aqui; persegue-me por toda arte.Há dias eu estava na praia a conversar com certos venezianos, quando, de repente, surge essa coisinha e me salta ao pescoço, deste modo...

OTELO (*à parte*) — A suspirar: "Meu querido Cássio!" O gesto expressivo.

CÁSSIO — Ela se pendura em mim, gruda-me comigo e chora e me puxa e me repele deste modo... Ah, ah, ah!

OTELO (*à parte*) — Ele está contando agora como ela o puxou para o meu quarto. Oh! Estou vendo vosso nariz, mas não sei ainda para que cão hei de atirá-lo.

CÁSSIO — Preciso afastar-me dela.

IAGO — Santo Deus! Ei-la que vem chegando!

CÁSSIO — E uma outra doninha e, ainda por cima, perfumada. (*Entra Bianca.*) Que pretendeis comigo, para me perseguirdes desse modo?

BIANCA — Que o diabo e sua mãe vos persigam! Que pretendeis fazer com aquele lenço que me destes há pouco? Fui uma grande tonta em aceitá-lo. E para eu tirar uma cópia, pois não? E terei de acreditar que o achastes em vosso quarto, sem saber quem o deixara ali... É presente de alguma sirigaita, e eu ainda terei de copiar o modelo! Pois aqui o tendes; dai-o a vossa queridinha. Tenha ele vindo de onde quer que seja, não copiarei coisa nenhuma.

CÁSSIO — Como assim, minha querida Bianca! Como assim!

OTELO (*à parte*) — Pelo céu! Pode ser o meu lenço!

BIANCA — E se quiserdes vir cear esta noite, podereis fazê-lo. Caso contrário, vireis quando tiverdes vontade. (*Sai.*)

IAGO — Correi atrás dela! Correi atrás dela!

CÁSSIO — É o que precisarei fazer; se não, ela se porá a dizer disparates por aí fora.

IAGO — Pretendeis cear em casa dela?

CÁSSIO — Em verdade, pretendo.

IAGO — Bem; é possível que nos encontremos lá, porque tenho grande necessidade de falar-vos.

CÁSSIO — Sim, por obséquio. Ireis lá?

IAGO — Parti logo; nem mais uma palavra.

(*Sai Cássio.*)

OTELO (*avançando*) — Como fazer para matá-lo, Iago?

IAGO — Percebestes como ele ria de seu próprio ato pecaminoso?

OTELO — Oh, Iago!

IAGO — E vistes o lenço?

OTELO — Era o meu?

IAGO — Sim, o vosso, por esta mão. Vede em que apreço ele tem a tonta da vossa esposa. Ela lhe fez presente do lenço, e ele o deu a outra pessoa.

OTELO — Desejaria levar nove anos a assassiná-lo. Uma mulher tão bela, tão encantadora, tão meiga!

IAGO — Será preciso esquecer tudo isso.

OTELO — Que ela apodreça, que morra, que seja condenada esta noite mesmo. Porque não continuará viva. Não! Meu coração já se tornou de pedra; ao golpeá-lo, sinto que me dói a mão. Oh! Não havia criatura mais doce em todo o mundo; era digna de compartilhar do leito de um imperador e de ditar-lhe leis.

IAGO — Estais vos afastando do assunto principal.

OTELO — Ela que se enforque! Disse apenas o que ela era. Tão habilidosa na agulha! Tão admirável na música! Oh! Com uma canção poderia domesticar um urso. Com um espírito tão rico e elevado, tão inventivo!

IAGO — Tudo isso só deixa mais censurável sua conduta.

OTELO — Sim, mil vezes mais. E de um caráter tão franco!

IAGO — Sim, muito franco.

OTELO — Sem dúvida. Mas, que pena, Iago! Que pena, Iago!

IAGO — Se vos encontrais tão apaixonado de sua iniqüidade, concedei-lhe patente para pecar, porque se não fordes atingido, ninguém mais o será.

OTELO — Vou deixá-la reduzida a cacos... Enganar-me!

IAGO — Oh! É abominável!

OTELO — Com o meu oficial!

IAGO — Mais abominável, ainda.

OTELO — Arranja-me algum veneno, Iago. Esta noite. Não quero ter com ela nenhuma explicação, de medo que seu corpo e seus encantos me desarmem a intenção. Esta noite, Iago.

IAGO — Não deveis recorrer a veneno; estrangulai-a no leito, no próprio leito que ela poluiu.

OTELO — Bem, bem; agrada-me essa justiça. Muito bem.

IAGO — Quanto a Cássio, deixai a meu cargo essa tarefa. Lá pela meia-noite ouvireis mais alguma coisa a esse respeito.

OTELO — Excelente. (*Ouve-se dentro um toque de trombeta.*) Que trombeta é essa?

IAGO — Notícia de Veneza, certamente. É Ludovico, enviado pelo doge. E vede! Vossa esposa vem com ele.

(*Entram Ludovico, Desdêmona e séqüito.*)

LUDOVICO — Deus vos guarde, mui digno general!

OTELO — De todo coração vos agradeço.

LUDOVICO — O doge e os senadores de Veneza vos enviam saudar. (*Entrega-lhe uma carta.*)

OTELO — Beijo este intérprete das ordens deles todos. (*Abre a carta e lê.*)

DESDÊMONA — E as novidades, bom primo Ludovico?

IAGO — Muito alegre, signior, me deixa vossa vista. Sois bem-vindo a Chipre.

LUDOVICO — Agradecido. E como passa o tenente Cássio?

IAGO — Senhor, vivo.

DESDÊMONA — Houve uma certa desavença, primo, entre ele e meu marido. Mas espero que possais conciliá-los.

OTELO — Tendes plena certeza disso?

DESDÊMONA — Como, meu senhor?

OTELO — "Não deixeis de fazê-lo, quando houverdes..."

LUDOVICO — Não vos chamou; a carta é que o preocupa.

DESDÊMONA — Muito de lastimar. Daria tudo para reconciliá-los, pelo afeto que diquei sempre a Cássio.

OTELO — Fogo e enxofre!

DESDÊMONA — Meu senhor?

OTELO — Sois discreta?

DESDÊMONA — Que acontece, para ele estar zangado?

LUDOVICO — Com certeza isso é efeito da carta, pois parece-me que ordem lhe veio de ir para Veneza, deixando Cássio aqui no lugar dele.

DESDÊMONA — Isso me alegra, podeis crer-me.

OTELO — É certo?

DESDÊMONA — Meu senhor?

OTELO — Eu também fico contente por vos ver louca.

DESDÊMONA — Por que causa, Otelo?

OTELO — Demônia! (*Dá-lhe uma bofetada.*)

DESDÊMONA — Mereci receber isso?

LUDOVICO — Houve excesso, senhor, de vossa parte. Ninguém acreditara isso em Veneza, muito embora eu jurasse que o observara. Desculpas lhe pedi; está chorando.

OTELO — Oh, demônio! Demônio! Se, com lágrimas de mulher fosse a terra fecundada, cada gota gerara um crocodilo. Fora da minha vista!

DESDÊMONA — Já que minha presença vos ofende, eu me retiro. (*Faz menção de retirar-se.*)

LUDOVICO — Que esposa tão cordata! Senhor, tende a bondade de chamá-la.

OTELO — Senhora!

DESDÊMONA — Que ordenais?

OTELO — Dizei-lhe agora que quereis dela.

LUDOVICO — Eu, meu senhor?

OTELO — Vós mesmo. Pedistes que a chamasse. Ei-la, senhor. Ela pode virar uma e mais vezes, ir embora, voltar de novo. Pode, também, chorar, senhor; chorar. É muito cordata. Assim dissestes. Mui cordata. Continuai a chorar. — No que respeita a este assunto, senhor — oh sentimento bem pintado! — chamado fui de novo. — Podeis sair! mandar-vos-ei recado dentro de pouco. — Acatarei as ordens, senhor, e voltarei para Veneza. — Fora daqui! Depressa! — (*Sai Desdêmona.*) Deixo Cássio no meu lugar. Cearemos juntos hoje, caro senhor. Sois mui bem-vindo a Chipre. Bodes e micos! (*Sai.*)

LUDOVICO — É esse o nobre Mouro que nossos senadores não se cansam de proclamar perfeito e capacíssimo? A criatura de prol que sacudida nunca é pelas paixões? Cuja virtude jamais foi atingida pelos tiros da sorte e os arremessos da fortuna?

IAGO — Está muito mudado.

LUDOVICO — Estará no uso perfeito da razão? Não terá fraca, porventura, a cabeça?

IAGO — Ele é o que é. Manifestar não devo o meu juízo. Se ele não é o que devera ser... Prouvera ao céu que o fosse!

LUDOVICO — Inconcebível! Bater na própria esposa!

IAGO — Isso, em verdade, não fica bem. Mas só quisera, mesmo, saber que o pior foi essa bofetada.

LUDOVICO — É sempre assim? Ou, porventura, a carta no sangue atuando, à fala deu origem?

IAGO — Ai de mim! Será quebra de lealdade revelar o que sei ou tenho visto? Vós mesmo o observareis; sua conduta vai revelá-lo tal como é, poupando-me, assim, de dizer algo.

Mas segui-o, para ver de que modo ele prossegue.

LUDOVICO — Dói-me ter-me enganado a seu respeito.

(*Saem.*)

Cena 2

Um quarto no castelo. Entram Otelo e Emília.

OTELO — Nada vistes, então?

EMÍLIA — Nem ouvi nada, nem suspeitas tive.

OTELO — Porém com Cássio a conversar já a viste.

EMÍLIA — Mas nada vi de mal, e todas, todas as sílabas ouvi que pronunciaram.

OTELO — Então não cochichavam?

EMÍLIA — Nunca, nunca, meu senhor.

OTELO — Nem mandavam que saísses?

EMÍLIA — Nunca, também.

OTELO — Para ir buscar o leque, sua máscara, a luva, ou qualquer coisa?

EMÍLIA — Nunca, senhor.

OTELO — É estranho.

EMÍLIA — Apostaria que ela é honesta, senhor, pondo minha alma, por causa dela, a tratos. Se outras coisas imaginais, tirai-as da cabeça, que vos causam distúrbio. Se algum biltre vos fez acreditar em tal absurdo, que faça o céu cair sobre ele a própria maldição da serpente. Pois se honesta não for, casta e sincera, haver não pode marido algum feliz, porque a mais santa das esposas ainda é mais horrenda do que a própria calúnia.

OTELO — Vai chamá-la. (*Sai Emília.*) É uma sutil rameira, gabinete muito seguro, chave dos segredos mais íntimos. No entanto, ajoelhar pode para rezar. Já a vi nessa postura.

(*Volta Emília com Desdêmona.*)

DESDÊMONA — Que desejais, senhor?

OTELO — Aproximais-vos, minha pombinha.

DESDÊMONA — Que mandais que eu faça?

OTELO — Mostrai-me os olhos; frente a frente olhai-me.

DESDÊMONA — Que fantasia horrível é essa agora?

OTELO (*a Emília*) — Reassumi por um pouco vosso ofício, minha senhora, a sós alguns instantes deixando-nos procriar. Fechai a porta; tossi ou gritai "Hum!" se virdes gente. Vosso

mister! Vosso mister! Depressa!

(*Sai Emília.*)

DESDÊMONA — De joelhos vos pergunto que é que exprime semelhante discurso. Entendo a cólera de vossas expressões, não as palavras.

OTELO — Ora, que és tu?

DESDÊMONA — Senhor, sou vossa esposa, vossa esposa leal e verdadeira.

OTELO — Vem jurar-me e condena-te, sim, para que, por um anjo te tomando, o diabo se tema de pegar-te. Assim, condena-te duas vezes, jurando que és honesta.

DESDÊMONA — O céu sabe de tudo.

OTELO — O céu bem sabe que és falsa como o inferno.

DESDÊMONA — Falsa como, meu senhor? Para quem? De que maneira vos tenho sido falsa?

OTELO — Oh céu! Desdêmona! Para trás! Para trás!

DESDÊMONA — Oh dia horrível! Por que chorais? Sou eu a causa dessas lágrimas, meu senhor? Se porventura suspeitais que meu pai tenha influído na ordem que vos mandaram a Veneza, não me imputeis a culpa. Se o perdestes, também eu o perdi.

OTELO — Se o céu tivesse querido pôr-me à prova de amarguras, mil cuidados e afrontas me fazendo cair sobre a cabeça, na miséria mais profunda até aos lábios me enterrando, e se me houvesse aprisionado e às minhas mais caras esperanças, eu teria nalguma parte de minha alma achado ao menos uma gota de paciência. Mas, ai! na estátua imóvel transformar-me que com o dedo que aos poucos se desloca marca a hora do escarninho... Também isso pudera suportar. Bem; muito bem. Mas onde eu tinha enceleirado o próprio coração, de onde eu tinha de ter vida, se morrer não quisesse; o nascedoiro que meu curso alimenta, para que ele não se resseque... Ser dali expulso, ou conservá-lo como uma cisterna cheia de horríveis sapos, que se juntam para reproduzir!... Empalidece paciência, querubim de lábios róseos, e enfarruscada fica como o inferno!

DESDÊMONA — Estou certa de que meu nobre esposo me considera honesta.

OTELO — Oh, sim! Sem dúvida! como as moscas no açougue, que recebem vida da podridão. Ó erva daninha, tão bela ao parecer e tão cheirosa que ofendes os sentidos! Oh! se nunca tivesses vindo ao mundo!

DESDÊMONA — Que pecado cheguei a cometer, sem que o soubesse?

OTELO — Teria sido feito um tão formoso papel, tão belo livro, para nele ficar escrito o nome "Prostituta"? Que cometeste? Como! Cometeste, mulher pública? Destas minhas faces faria fráguas que reduziriam a cinzas a modéstia, se eu chegasse a dizer o que fazes. Cometeste? Tapa o nariz o céu; a lua, os olhos; o zéfiro lascivo que, à passagem, beija tudo o que encontra, se acomoda no oco das minas para que não saiba tudo o que fazes. Como! Que fizeste, rameira descarada?

DESDÊMONA — Injustamente me acusais, pelo céu.

OTELO — Não sois rameira?

DESDÊMONA — Não; tão verdade, como eu ser cristã. Se este vaso guardar para o meu dono imune de qualquer contacto impuro for não ser prostituta, não sou isso.

OTELO — Como! Não sois rameira?

DESDÊMONA — Não; tão certo como quero ser salva.

OTELO — É então possível?

DESDÊMONA — Que o céu de nós se apiade.

OTELO — Nesse caso, peço perdão, pois tinha-vos tomado pela rameira astuta de Veneza que desposara Otelo. — E vós, senhora que o ofício oposto tendes de São Pedro na porteira do inferno! (*Volta Emília.*) Vós! Vós mesma! Já chegamos ao fim. Eis vossa paga. Passai a chave, por obséquio, e sede discreta nisto tudo. (*Sai.*)

EMÍLIA — Oh céus, que idéia veio a este cavalheiro? E vós, senhora, como vos encontrais? Que estais sentindo?

DESDÊMONA — Por minha fé, com muito sono.

EMÍLIA — Boa senhora, que acontece com meu amo?

DESDÊMONA — Com quem?

EMÍLIA — Ora, senhora; com meu amo.

DESDÊMONA — Quem é teu amo?

EMÍLIA — O vosso, boa dama.

DESDÊMONA — Amo não tenho, Emília; não me fales. Chorar não me é possível e não posso responder a não ser com muitas lágrimas. Por obséquio, esta noite põe na cama meu vestido de noiva. Não te esqueças. E chama teu marido.

EMÍLIA — Que mudança radical houve aqui! (*Sai.*)

DESDÊMONA — É muito justo que ele me trate assim; é muito justo. Que fiz eu para que ele pendurasse sua menor suspeita no mais ínfimo descuido meu?

(*Volta Emília, com Iago.*)

IAGO — Que desejais, senhora? Como passais?

DESDÊMONA — Dizer não posso nada. Os que educam crianças usam meios brandos e lhes impõem tarefas curtas. Ele bem poderia ter ralhado comigo desse modo, que, em verdade, sou como criança para ouvir censuras.

IAGO — Que aconteceu, minha senhora?

EMÍLIA — Oh, Iago! Chamou-a o general de prostituta e o rosto lhe atirou tão baixos termos, pesados e insultuosos, que um sincero coração suportar não poderia.

DESDÊMONA — Sou esse nome, Iago?

IAGO — Bela dama, que nome?

DESDÊMONA — O nome que ela disse há pouco, que o meu senhor dissera a meu respeito.

EMÍLIA — Chamou-lhe prostituta. Essa palavra nem mesmo um vagabundo, embriagado aplica à sua amásia.

IAGO — E a razão disso?

DESDÊMONA — Ignoro-a; porém sei que não sou isso.

IAGO — Não choreis! Não choreis! Oh dia triste!

EMÍLIA — Ter renunciado a tantos casamentos, ao próprio pai, à pátria, aos conhecidos, para chamada ser de prostituta! Não é para fazer chorar a gente?

DESDÊMONA — É o meu triste destino.

IAGO — Caiam nele todas as maldições. E de que modo lhe veio essa loucura?

DESDÊMONA — O céu o sabe.

EMÍLIA — Quero ser enforcada se tudo isso não for obra de algum vilão diabólico, de algum pulha insinuante e intrometido, de algum escravo que rasteja e adula para alcançar um posto e haja inventado semelhante calúnia. Que me enforquem, se não for isso.

IAGO — Ora essa! Não existe um bomem desse jeito. Não é possível.

DESDÊMONA — E caso exista, o céu que lhe perdoe.

EMÍLIA — Perdoe-lhe mas é a forca e lhe corroa o inferno os ossos todos. Por que causa lhe chamou prostituta? Que pessoa recebeu ela? Em que lugar? que tempo? sob que pretexto? O Mouro foi logrado por algum miserável, algum pulha de baixeza notória, algum tinhoso. Ó céu! por que não nos descobres o homem e um chicote não pões na mão de todas as pessoas honestas, porque o biltre seja açoitado, nu, por todo o mundo, de leste a oeste?

IAGO — Não faleis tão alto, que ouvir podem lá fora.

EMÍLIA — Que ouçam todos! Um tipo desses foi que vosso espírito virou no avesso, a suspeitar levando-vos de que eu com o Mouro tinha alguma coisa.

IAGO — Sois bem louca. Saí!

DESDÊMONA — Ó bondoso Iago, como devo fazer para que possa reaver o meu marido? Ide falar-lhe, meu caro, pois, por esta luz celeste, não sei como o perdi. Aqui me ajoelho. Se a seu amor, em qualquer tempo, a minha vontade transgrediu, ou pelos meandros do pensamento ou por ações concretas; se pelos olhos ou qualquer sentido me veio algum prazer com referência a outra pessoa que não fosse a dele; se como até hoje, agora e em todo o tempo não lhe dedico o afeto mais sincero, muito embora a atirar-me ele ainda venha ao divórcio indigente: que a alegria de todo me abandone. A grosseria consegue muito; sua austeridade pode destruir-me a vida, mas não há de jamais manchar-me o amor. Dizer não posso “Prostituta”;

horroriza-me somente pronunciar esse termo, sem que todas as vaidades do mundo conseguissem levar-me a realizar o menor ato que me fizesse merecer tal nome.

IAGO — Sossegai; é um capricho passageiro; os negócios do Estado o irritam muito; por isso vos repreende.

DESDÊMONA — Oh! se fosse isso!

IAGO — Posso afiançar-vos; é isso, tão-somente. (*Trombetas.*) Ouvi! É o toque que anuncia a ceia. Os mensageiros de Veneza aguardam para serem servidos. Ide logo; não choreis; tudo ainda acaba bem.

(*Saem Desdêmona e Emília.*)

(*Entra Rodrigo.*)

RODRIGO — Acho que não estás procedendo lealmente comigo.

IAGO — Que tens a contestar?

RODRIGO — Todos os dias tu me logras com algum pretexto, Iago, parecendo-me, agora, que, muito longe de obteres para mim a vantagem da menor esperança, afastadas de mim todas as oportunidades. Estou decidido a não suportar por mais tempo semelhante situação, sem que me tenha convencido a digerir em silêncio tudo o que até agora venho sofrendo estupidamente.

IAGO — Quereis ouvir-me, Rodrigo?

RODRIGO — Em verdade, já vos ouvi demais, porque vossas palavras e vossas ações não têm nenhuma afinidade entre si.

IAGO — Acusais-me injustamente.

RODRIGO — Só digo o que é verdade. Dissipei toda a minha fortuna; as jóias que vos entreguei para que as désseis a Desdêmona, teriam bastado para corromper uma freira. Dissestes-me que ela as havia aceito e me destes esperanças e o consolo de uma aproximação e de favores para breve, sem que nada disso se concretize.

IAGO — Bem; continuai; muito bem!

RODRIGO — "Muito bem! Continuai!" Desse jeito, homem, não poderei continuar, nem vai muito bem coisa nenhuma. Por esta mão, afirmo que tudo isso é muito indecente e que já começo a perceber que estou sendo ludibriado.

IAGO — Muito bem.

RODRIGO — Torno a dizer que nada está muito bem. Vou procurar Desdêmona; se ela me devolver as jóias, paro com minhas pretensões e me arrependo das minhas solicitações ilícitas. Caso contrário, posso assegurar-vos, haveis de me dar satisfações.

IAGO — Já terminastes?

RODRIGO — Já, e não disse senão o que estou no firme propósito de realizar.

IAGO — Ora bem; começo a perceber que és um rapaz corajoso, e a partir deste momento passo a fazer de ti uma opinião mais lisonjeira do que antes. Dá-me a mão, Rodrigo; levantas-te contra mim uma objeção muito justa; no entanto, posso asseverar-te que tenho procedido com lisura neste negócio.

RODRIGO — Não parece.

IAGO — Realmente, concordo em que não parece, não sendo vossas suspeitas de todo carecentes de sentido e de sagacidade. Mas, Rodrigo, se possuis o que mais do que nunca eu tenho razões para imaginar que possuis, a saber: iniciativa, coragem e valentia, prova-o esta noite. Se na próxima noite não vieres a possuir Desdêmona, tira-me traiçoeiramente deste mundo e inventa suplícios para fazer-me morrer.

RODRIGO — Bem, de que se trata? É alguma coisa razoável e possível?

IAGO — Senhor, veio uma ordem especial de Veneza, para que Cássio fique no lugar de Otelo.

RODRIGO — Isso é verdade? Nesse caso Otelo e Desdêmona terão de voltar para Veneza.

IAGO — Oh, não! Ele vai para a Mauritânia e levará consigo a bela Desdêmona, a menos que sua permanência aqui seja prolongada por algum acidente, não havendo nenhum mais decisivo do que o afastamento de Cássio.

RODRIGO — E que entendeis por isso: "O afastamento de Cássio?"

IAGO — Ora, ficar incapaz de ocupar o lugar de Otelo, por lhe terem estourado os miolos.

RODRIGO — E é isso que desejais que eu faça?

IAGO — Sim, no caso de quererdes tirar partido com o exercício de vosso diretor. Hoje à noite ele vai jantar em casa de uma cortesã, onde pretendo visitá-lo. Ainda não sabe nada a respeito de sua honrosa felicidade. Se quiserdes ficar de espreita no momento em que ele se dirigir para lá o que arranjarei que se dê entre as doze e uma hora — podereis surpreendê-lo com segurança. Estarei por perto, para auxiliar-vos no ataque, sendo certeza que não nos escapará. Vamos, não fiqueis tão estupefacto; vinde comigo. Vou demonstrar-vos de tal modo a necessidade da morte dele, que vos sentireis na obrigação de matá-lo. Mas já estamos mais do que em tempo de cear, e a noite corre. Mão à obra!

RODRIGO — Desejo que me apresenteis razões mais convincentes.

IAGO — Haveis de ficar satisfeito.

(*Saem.*)

Cena 3

Outro quarto no castelo. Entram Otelo, Ludovico, Desdêmona, Emília e criados.

LUDOVICO — Não vos canseis, senhor, por minha causa.

OTELO — Não é trabalho; faz-me bem passear.

LUDOVICO — Senhora, boa noite! Humildemente me despeço de Vossa Senhoria.

DESDÊMONA — Vossa Honra é mui bem-vindo.

OTELO — Vamos logo, meu senhor? Oh, Desdêmona!

DESDÊMONA — Senhor?

OTELO — Ide deitar-vos imediatamente; voltarei neste instante. Mandai a camareira embora. Cuidai disso.

DESDÊMONA — Assim farei, meu senhor.

(*Saem Otelo, Ludovico e os criados.*)

EMÍLIA — E como vão as coisas? Ele mostra-se agora mais afável.

DESDÊMONA — Avisou-me de que voltava logo, tendo dito que me deitasse e, após, vos despedisse.

EMÍLIA — Despedir-me!

DESDÊMONA — Sim; foram suas ordens. Por isso, boa Emília, dá-me logo minha camisa de dormir, e adeus. Convém não contrariá-lo em coisa alguma.

EMÍLIA — Desejara que nunca o houvésseis visto.

DESDÊMONA — Pois eu não. A tal ponto o recomenda meu amor, que até mesmo suas teimas, repreensões e violências são dotadas de certa graça e encanto.

EMÍLIA — Pus na cama os lençóis que pedistes.

DESDÊMONA — Está bem. Oh céus! Como por vezes somos loucas! Caso eu venha a morrer primeiro, envolve-me num lençol destes.

EMÍLIA — Ora, que tolice, tudo isso!

DESDÊMONA — Minha mãe teve uma criada de nome Bárbara. Ela amou a um moço que a abandonou, por ser um doidivanas. Cantar soía a letra do salgueiro, balada antiga, porém mui de acordo com seu destino. E se finou cantando-a. Essa balada não me sai da mente toda esta noite. Tenho de conter-me, para a cabeça não deixar pendida e, como a pobre Bárbara,

cantá-la. Põe pressa nisso. Vamos!

EMÍLIA — Trago vossa camisa de dormir?

DESDÊMONA — Não; tira todos os alfinetes. Esse Ludovico é bem apessoado.

EMÍLIA — Bem bonito.

DESDÊMONA — Conversa muito bem.

EMÍLIA — Conheço uma senhora de Veneza que iria a pé à Palestina, descalça, só por um ligeiro contacto de seu lábio inferior.

DESDÊMONA — A suspirar cantava a coitadinha à sombra do salgueiro. Canto de dor coração lhe vinha: Oh salgueiro! salgueiro! Triste, ouvia-a o regato todo o dia: Oh salgueiro! salgueiro! O pranto a pedra dura amolecia. Deixa esse de lado. Oh salgueiro! salgueiro! Mais pressa, por favor; ele já chega. De salgueiro farei minha coroa. Não o censureis, que o seu desdém me é grato. Não é a vez disso. Escuta! Quem bateu?

EMÍLIA — Foi o vento.

DESDÊMONA — Chamei-o de perjuro. E ele, que disse? Elas me vêem... Conquista-os... Que tolice! Vai-te embora. Boa noite. Doem-me os olhos. Será indício de choro?

EMÍLIA — Coisa alguma!

DESDÊMONA — Ouvi dizer que sim. Oh! Esses homens! Esses homens! Em sã consciência, Emília, dize-me se acreditas que haja esposas capazes de enganar os seus maridos por modo tão grosseiros?

EMÍLIA — Sim, há algumas, não há dúvida.

DESDÊMONA — E tu, farias isso, por todo o mundo?

EMÍLIA — Ora essa! Não o faríeis?

DESDÊMONA — Não; pela luz celeste.

EMÍLIA — O mesmo eu digo: não pela luz celeste. Poderia fazê-lo, mas no escuro.

DESDÊMONA — Então farias isso por todo o mundo?

EMÍLIA — O mundo todo é muita coisa; preço exorbitante para um pequeno vício.

DESDÊMONA — Não, não creio que tu sejas capaz de fazer isso.

EMÍLIA — Em verdade, penso que sim, para desfazer depois o que houvesse feito. Não faria tal coisa por uma aliança dupla, nem por alguns côvados de cambraia, nem por vestidos, saias e toucas, nem por qualquer presentezinho de pouca monta. Mas pelo mundo todo! Que mulher não enganaria o marido, para fazê-lo monarca? Para tanto, eu arriscaria o purgatório

DESDÊMONA — Maldita eu venha a ser, se fizer isso, por todo o mundo.

EMÍLIA — Ora, o ultraje só é ultraje no mundo; e se ganhásseis o mundo por vosso trabalho, seria um ultraje em vosso próprio mundo que poderíeis corrigir rapidamente.

DESDÊMONA — Não creio que haja uma mulher assim.

EMÍLIA — Sim, há uma dúzia delas, e com tantas de crescença, que foram suficientes para prover o mundo que por prêmio lhes fosse dado. Mas estou convicta de que os maridos é que são culpados da queda das esposas. Logo, afrouxam de seus deveres, em regaço estranho derramam nossos bens, ou então explodem em ciúme impertinente, ou nos impõem peias de todo gênero, ou nos batem, fazendo pouco de quanto antes éramos. Ora, nós temos fel; e ainda que boas, poderemos vingar-nos. Os maridos devem se convencer de que as esposas têm sentidos como eles: vêem e cheiram, distinguir sabem o que é azedo e doce, tão bem como os maridos. Que é que fazem todos eles, trocando-nos por outra? Será que é diversão? Penso que sim. Haverá nisso amor? É bem possível. Será a fraqueza que erra tanto neles? Justamente. Ora bem. E nós, acaso não temos afeições, prazer não temos para os divertimentos, ou fraqueza, tal como os homens? Eles que nos tratem, portanto, bem, e saibam que é com eles que aprendemos também a zombar deles.

DESDÊMONA — Bem, boa noite! O céu me ajude, para do mal tirar toda a virtude.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Chipre. Uma rua. Entram Iago e Rodrigo.

IAGO — Fica atrás do pilar; ele vem logo. Arranca a tua boa espada e vibra-a com segurança. Vamos logo! Vamos! Não tenhas medo, que eu estarei por perto. Disso depende tudo, não te esqueças: ou subirmos agora, ou nos perdermos. Afirma-te, portanto, no propósito.

RODRIGO — Ficai perto, que eu posso errar o golpe. (*Afasta-se.*)

IAGO — Estou à mão. Coragem! Vai, esconde-te.

RODRIGO — Não me sinto inclinado a fazer isso. Mas razões suficientes ele deu-me. Será um de menos. Vamos, minha espada; sai logo da bainha! Vou matá-lo.

IAGO — Esfreguei tanto esta borbulha jovem, de quase a arrebentar. Está arruinado. Agora, se ele matar Cássio, ou Cássio o eliminar, ou os dois se trucidarem, ganharei dos dois lados. Se Rodrigo ficar vivo, virá pedir-me a volta de tudo o que me deu em ouro e jóias, e que dele eu tirei sob o pretexto de presentear Desdêmona. Isso não pode ser. Sobrando Cássio, beleza cotidiana tem na vida que me deixa horroroso, sem contarmos que o Mouro pode revelar-lhe tudo. Corro grande perigo. Não; precisa morrer. Que morra, então. Ei-lo que chega.

(*Entra Cássio.*)

RODRIGO — Conheço o passo dele. Morre, biltre! (*Dá um bote em Cássio.*)

CÁSSIO — Quase inimigo meu fora esse golpe, se mais duro não fosse o meu casaco do que pensavas. Vou provar o teu. (*Saca da espada e fere Rodrigo.*)

RODRIGO — Oh! Oh! Estou ferido!

(*Iago, por trás de Cássio o fere na perna e sai.*)

CÁSSIO — E eu, aleijado para sempre. Socorro, oh! Assassino! (*Cai,*)

(*Entra Otelo, a distância.*)

OTELO — É a voz de Cássio; Iago tem palavra.

RODRIGO — Que miserável sou!

OTELO — É assim, de fato.

CÁSSIO — Socorro Luz! Socorro! Um cirurgião!

OTELO — É ele. Ó valente Iago, honesto e justo! Que nobreza revelas ante o ultraje de teu amigo! Ensinas-me Pombinha, teu querido está morto e teu destino já se aproxima. Aqui vou

eu, rameira! Do coração retiro o teu feitiço; teu sangue mau vai terminar tudo isso. (*Sai.*)

(*Entram Ludovico e Graciano, a distância.*)

CÁSSIO — Ronda, olá! Ninguém vem? Crime! Assassino!

GRACIANO — O grito é de aflição. É coisa grave.

CÁSSIO — Socorro!

LUDOVICO — Escutai!

RODRIGO — Vilão maldito!

LUDOVICO — São dois ou três gemidos. É noite alta; pode ser fingimentos. É perigoso ir até lá sem termos um reforço.

RODRIGO — Ninguém me acode? Morro dessangrado.

LUDOVICO — Escutai.

(*Volta Iago, com uma luz.*)

GRACIANO — Eis alguém em camisa, com luz e arma.

IAGO — Quem está aí? Quem grita por socorro?

LUDOVICO — Não o sabemos. Ouvistes algum grito?

CÁSSIO — Aqui! Socorro! Pelo céu, socorro!

IAGO — Que aconteceu?

GRACIANO — Parece que é o alferes do general Otelo.

LUDOVICO — Ele, em pessoa, rapaz de muito mérito.

IAGO — Que tendes, para gritar assim tão dolorido?

CÁSSIO — É Iago? Uns assassinos me assaltaram. Presta-me algum socorro.

IAGO — Ó tenente, quem foi que vos fez isso?

CÁSSIO — Penso que um deles deve estar por perto; não pode ter fugido.

IAGO — Oh, miseráveis! (*A Ludovico e Graciano.*) Quem Sois? Vinde ajudar-me.

RODRIGO — Socorro! Aqui! Socorro!

CÁSSIO — É um dos meliantes.

IAGO — Oh, vilão! Assassino! (*Apunhala Rodrigo.*)

RODRIGO — Maldito Iago! Cão desumano!

IAGO — Assassinar pessoas no escuro! Esses bandidos sanguinários por onde se meteram? Que silêncio nesta cidade! Acudam! Homicídio! E vós, quem sois? Amigos ou inimigos?

LUDOVICO — Para louvar-nos, ponde-nos à prova.

IAGO — É o signior Ludovico?

LUDOVICO — Ele mesmo.

IAGO — Peço desculpas, mas aqui está Cássio ferido por ladrões.

GRACIANO — Cássio?

IAGO — Mano, que tens?

CÁSSIO — Feriram-me na perna.

IAGO — O céu não queira que seja assim. Senhores, luz! Com minha camisa vou pensá-lo.

(*Entra Bianca.*)

BIANCA — Que acontece? Quem gritou por socorro?

IAGO — Quem gritou?

BIANCA — Oh meu querido Cássio! Doce Cássio! Cássio, Cássio, Cássio!

IAGO — Oh notável rameira! Cássio, tendes, porventura, suspeita de quem sejam os ladrões que aleijado vos deixaram?

CÁSSIO — Não.

GRACIANO — Pesa-me por achar-vos nesse estado, pois vinha procurar-vos.

IAGO — Emprestai-me uma liga. Está bem. Ah! Se pudéssemos carregá-lo daqui numa cadeira!

BIANCA — Oh, desmaiou! Oh Cássio, Cássio, Cássio!

IAGO — Cavalheiros, suspeito que esta coisa tem parte neste crime. Ficai calmo, bondoso Cássio. Vamos, vamos logo. Iluminai aqui. Conheceremos esta fisionomia? Oh! Meu amigo, meu conterrâneo! És tu, Rodrigo? Não é... Sim... Com certeza. Oh céus! Rodrigo!

GRACIANO — Aquele de Veneza?

IAGO — Justamente. Conhecei-lo?

GRACIANO — Decerto que o conheço.

IAGO — Signior Graciano? Peço-vos desculpas; estas cenas sangrentas justificam minha conduta, assim vos esquecendo.

GRACIANO — Estou contente por vos ver de novo.

IAGO — Cássio, como ides? A cadeira logo!

GRACIANO — Rodrigo!

(*Trazem uma cadeira.*)

IAGO — Ele, ele mesmo. Enfim, eis a cadeira! Com cuidado alguns homens caridosos o transportem daqui. Vou buscar logo o cirurgião do general. Senhora, quanto a vós, não vos deis tanto trabalho. Cássio, o ferido, e eu somos amigos. entre vós dois havia alguma coisa?

CÁSSIO — Nada no mundo; não conheço o homem.

IAGO (*a Bianca*) — Por que ficais tão pálida? — Oh! Tirai-o do vento! (*Cássio e Rodrigo são carregados para fora.*) Não vos retireis, senhores. Mudais de cor, senhora? — Percebestes que ar espantado tem? Se estais atônitos, cedo haveremos de saber mais coisas. Observai-a, senhores, por obséquio. Viste-la, cavalheiros? Sim, a culpa se trai, embora a língua fique muda.

(*Entra Emília.*)

EMÍLIA — Que aconteceu, marido? Que foi que houve?

IAGO — Cássio foi atacado aqui no escuro, por Rodrigo e outros tipos que escaparam. Está grave; Rodrigo a morrer veio.

EMÍLIA — Bom gentil-homem! Ah! Bondoso Cássio!

IAGO — Tudo isso é por ter sido mulherengo. Mas procura saber, Emília, logo, onde ele ontem ceou. Como! Tremestes?

BIANCA — Ceou comigo; mas não fiquei trêmula.

IAGO — Ah, foi assim? Então acompanhai-me.

EMÍLIA — Ora, rameira à-toa!

BIANCA — Não sou isso; sou tão honesta como quem me insulta.

EMÍLIA — Como eu? Não tens vergonha?

IAGO — Cavalheiros, tratemos de pensar o pobre Cássio. Vós, agora, senhora, ireis contar-nos uma outra história. Corre ao forte, Emília, e dize tudo ao meu senhor e à esposa. Quereis passar à frente? (*À parte.*) Minha sorte se decide hoje: ou caio, ou fico forte.

(*Saem.*)

Cena 2

Um quarto de dormir, no castelo. Desdêmona dorme, no leito. Uma candeia acesa. Entra Otelo.

OTELO — Esta é a causa, minha alma. Oh! Esta é a causa! Não vo-la nomearei, castas estrelas! Esta é a causa! Não quero verter sangue, nem ferir-lhe a epiderme ainda mais branca do que neve e mais lisa que o alabastro. Mas é fatal que morra; do contrário, virá ainda a enganar mais outros homens. Apaga a luz! Depois... Apaga a luz! Se te apagar, ministro flamejante, poderei restituir-te a luz primeira, se vier a arrepender-me. Mas extinta que seja tua luz, ó tu, modelo primoroso da excelsa natureza! de onde o fogo trazer de Prometeu, para dar nova luz à tua chama? Se tua rosa colher, é-me impossível o vital crescimento restituir-lhe: fatal é que feneça. Vou aspirá-la no próprio galho. (*Beija-a.*) O hálito aromoso, que quase a convencer chegaste a própria Justiça a espedaçar a sua espada! Mais um! Mais um! Se assim ficares, morta, quero tirar-te a vida, e, após, amar-te. Mais outro; será o último; um tão doce jamais foi tão fatal. Chorar preciso lágrimas impiedosas; é celeste meu sofrimento, pois castiga ao que ama. Vai acordar!

DESDÊMONA — Quem está aí? Otelo?

OTELO — Sim, Desdêmona.

DESDÊMONA — Não vindes para o leito, meu senhor?

OTELO — Desdêmona, rezastes esta noite?

DESDÊMONA — Oh, decerto, senhor!

OTELO — Se vos lembrardes de alguma falta não perdoada ainda pelo céu e sua graça, cuidai logo de tê-la redimida.

DESDÊMONA — Ó meu senhor! Que pretendeis dizer com isso?

OTELO — Bem; fazei o que vos disse e sede breve. Passarei nesse em meio; não desejo trucidar-vos o espírito manchado. Não pelo céu! Não vos matarei a alma.

DESDÊMONA — Quê! Falais em matar?

OTELO — Sim, é isso mesmo.

DESDÊMONA — Então que o céu de mim tenha piedade.

OTELO — Amém, de coração.

DESDÊMONA — Se assim falais, é que não pretendeis matar-me agora.

OTELO — Hum!

DESDÊMONA — Contudo, sinto medo, pois terrível sois sempre, quando revirais os olhos dessa maneira. A causa desse medo, não sei dizê-lo, pois não sou culpada; porém sinto que tenho muito medo.

OTELO — Pensa nos teus pecados.

DESDÊMONA — Só consistem no amor que vos dedico.

OTELO — Pois por ele vais agora morrer.

DESDÊMONA — É contra a natureza dar a morte a alguém por ter amor. Ah! Por que causa mordeis o lábio assim? Toda a postura tendes ora abalada, por alguma sanguinária paixão. É mau agouro; contudo espero, espero que nenhuma ameaça me comine.

OTELO — Paz e aquieta-te.

DESDÊMONA — Estou quieta. Que é que há?

OTELO — O lenço que te dei, que eu tanto amava, a Cássio o deste?

DESDÊMONA — Não, por minha vida, por minha alma, não o dei. Mandai chamá-lo e interrogai-o.

OTELO — Juízo, querida alma, não jures falso, pois estás agora no teu leito de morte.

DESDÊMONA — Sim, no leito, mas não para morrer.

OTELO — Sim, neste instante. Assim, confessa francamente a culpa, pois se com juramentos contestasses ponto por ponto, em nada isso alterara ou sustara o propósito em que me acho e que gemer me faz. Urge que morras.

DESDÊMONA — Que Deus de mim se apiade.

OTELO — Digo amém.

DESDÊMONA — Sede também piedoso. Em toda a vida jamais vos ofendi. Nunca amei Cássio, só lhe tendo dedicado essa amizade que o céu permite, e nunca o presenteei.

OTELO — Pelo céu, vi meu lenço na mão dele. Mulher perjura, em pedra me transmudas o coração e o nome dás de crime ao que eu pensava ser um sacrifício. Vi o lenço! Eu mesmo!

DESDÊMONA — Então, é que ele o achou. Nunca lho dei. Mandai chamá-lo, para vir confessar o que há.

OTELO — Já confessou.

DESDÊMONA — Confessou quê, senhor?

OTELO — Que te possuiu.

DESDÊMONA — Como? Ilicitamente?

OTELO — Sim.

DESDÊMONA — Absurdo! Não dirá isso.

OTELO — Não, porque tapada já tem a boca, pois o honesto Iago tomou suas providências.

DESDÊMONA — Oh! Meu medo tinha razão de ser! Então, morreu?

OTELO — Se seus cabelos todos vivos fossem, minha grande vingança os devorara.

DESDÊMONA — Ai de mim! Foi traído e estou perdida!

OTELO — Sai, prostituta infame! Vais chorá-lo na minha frente?

DESDÊMONA — Ó meu senhor! Bani-me de vossa vista, mas deixai-me viva.

OTELO — Para trás, prostituta!

DESDÊMONA — Hoje, não; amanhã! Deixai-me viva!

OTELO — Se resistires...

DESDÊMONA — Meia hora apenas.

OTELO — Não há trégua; está feito.

DESDÊMONA — O tempo, apenas, de rezar uma vez.

OTELO — É muito tarde. (*Asfixia-a.*)

EMÍLIA (*dentro*) — Senhor! Senhor! Olá Senhor! Senhor!

OTELO — Que ruído é esse? Como! Não morreu? Não morreu de uma vez? Embora eu seja cruel, sou compassivo. Não desejo causar-te sofrimento prolongado. Assim... Assim...

EMÍLIA (*dentro*) — Olá, senhor! Senhor!

OTELO — Quem está aí?

EMÍLIA (*dentro*) — Senhor, uma palavra convosco, por obséquio.

OTELO — Sim; é Emília... Devagar... Está morta... Com certeza vem me falar de Cássio; fez barulho. Como! Já não se mexe? Está quieta como uma sepultura... Deixo-a entrar? Seria de vantagem?... Penso que ainda se mexe um pouco. Não. Que fazer devo? Se eu deixar que entre, há de querer falar com minha esposa... Que esposa? É o que não tenho. Que hora pesada! Oh coisa insuportável! Fora bem se se desse um grande eclipse do sol como da lua e que o assustado globo em dois se fendesse a essa mudança.

EMÍLIA (*dentro*) — Por obséquio, senhor, uma palavra! Ó bondoso senhor!

OTELO — Ia esquecendo de ti. Oh, entra, Emília! Neste instante. — Só o tempo de correr estas cortinas. — Onde estás? (*Abre a porta.*) Que é que tens para dizer-me?

EMÍLIA — O bondoso senhor! Um crime horrível aconteceu lá fora!

OTELO — Como! Agora?

EMÍLIA — Neste momento, meu senhor.

OTELO — É efeito do desvio da lua; ela aproxima-se agora mais da terra do que de hábito, e deixa os homens loucos.

EMÍLIA — Cássio matou Rodrigo, meu senhor, um moço de Veneza.

OTELO — Quê! Rodrigo foi morto? E Cássio, também morto?

EMÍLIA — Não, não! Cássio não foi morto.

OTELO — Não foi morto? Então está fora de tom a morte e a agradável vingança desafina.

DESDÊMONA — Oh dor! Assassinada injustamente!

EMÍLIA — Que é que há? Que grito é esse?

OTELO — Como? Como?

EMÍLIA — Oh! É a voz da senhora. Aqui! Socorro! O senhora, falai de novo! Doce Desdêmona, falai! Minha senhora!

DESDÊMONA — Morro, e morro inocente.

EMÍLIA — Oh! Quem fez isso?

DESDÊMONA — Ninguém; eu mesma. Adeus! Faze que sempre de mim se lembre meu querido esposo. (*Morre.*)

OTELO — Por que haveria de ter sido morta?

EMÍLIA — Quem poderá sabê-lo?

OTELO — Ouvistes que ela disse que não fui eu.

EMÍLIA — Sim, ela o disse; vou espalhar a verdade.

OTELO — Para as chamas do inferno foi como uma mentirosa: quem a matou fui eu.

EMÍLIA — Tanto mais anjo ela é por isso; e vós, demônio negro.

OTELO — Entregara-se ao vício; era rameira.

EMÍLIA — Não passas de um demônio a caluniá-la.

OTELO — Era falsa como a água.

EMÍLIA — E tu és selvagem como o fogo, dizendo que era falsa. Não! Ela te era fiel celestialmente.

OTELO — Cássio a manchou. Pergunta a teu marido o mais que desejares. Condenado devera eu ser no ponto mais profundo do inferno, se tivesse procedido dessa maneira sem motivos justos. Teu marido está a par de tudo o que houve.

EMÍLIA — Meu marido?

OTELO — Sim, teu marido.

EMÍLIA — Que aos seus deveres ela fora falsa?

OTELO — Sim, com Cássio. Se fiel tivesse sido e o céu um mundo diferente houvesse feito de um só crisólito admirável, não o trocara por ela.

EMÍLIA — Meu marido!

OTELO — Sim, foi ele o primeiro a prevenir-me. É um homem muito honrado e odeia a lama que adere às ações baixas.

EMÍLIA — Meu marido!

OTELO — Ora, mulher! Por que repetes isso? Teu marido, já disse.

EMÍLIA — Oh, querida ama! Diverte-se com o amor a vilania. Meu marido afirmou que ela era falsa?

OTELO — Sim, mulher; ele mesmo, teu marido. Compreendes o que digo? Teu marido, meu amigo, o honesto Iago, mais que honesto...

EMÍLIA — Se ele for tal, que sua alma perniciosa meio grão apodreça cada dia. Mentiu conscientemente. Apaixonada ela estava de sua indigna escolha.

OTELO — Ah!

EMÍLIA — Faze o que houver de pior. Tão indigno é do céu este teu feito como és indigno dela.

OTELO — Mais lucraras se te calasses.

EMÍLIA — Não dispões de força que me faça sofrer nem a metade do que posso agüentar. Ó néscio! Ó estúpido! Tão ignorante como a própria lama! Cometeste uma ação... Não tenho medo dessa espada! Vou dar-te a conhecer, embora a perder venha vinte vidas. Socorro! Assassino! Olá! Socorro!

(*Entram Montano, Graciano, Iago e outros.*)

MONTANO — Que é que houve, general? Que aconteceu?

EMÍLIA — Ó Iago! também viestes? Procedestes otimamente, para que ao pescoço os homens seus delitos vos atirem.

GRACIANO — De que se trata?

EMÍLIA — Desmente este vilão, se fores homem. Ele afirmou que foi de ti que soube que a esposa lhe era infiel. Tenho certeza de que não poderias ter dito isso. Não és pulha a esse ponto. Fala logo, que tenho o coração por demais cheio.

IAGO — Disse-lhe o que pensava, sem que houvesse contado nada além do que ele próprio julgara natural e verdadeiro.

EMÍLIA — Mas dissestes-lhes que ela fora infiel?

IAGO — Disse.

EMÍLIA — Dissestes uma infâmia odiosa. Por minha alma, ele mente; é um pervertido. Ela, falsa com Cássio? E assim? Com Cássio?

IAGO — Com Cássio, sim senhora. Retirai-vos daqui e ponde cobro nessa língua.

EMÍLIA — Não ponho cobro em nada. Falar quero. Minha ama ali se encontra,

assassinada.

TODOS — Não o permita o céu!

OTELO — Senhores, não vos espanteis; é a pura verdade o que ela disse.

GRACIANO — Muito estranha verdade!

MONTANO — Ato monstruoso!

EMÍLIA — Infâmia, infâmia! Penso nisso, torno a pensar... Suspeito... Oh vilania! Já havia suspeitado. Vou matar-me só de tristeza. Oh infâmia!

IAGO — Como! Ficastes louca? Retirai-vos para casa, já, já!

EMÍLIA — Caros senhores permiti-me falar. Sei que lhe devo plena obediência; não, porém, agora. Talvez, Iago, eu não volte para casa.

OTELO — Oh, oh, oh! (*Atira-se sobre o leito.*)

EMÍLIA — Sim, rebolca-te e ruge, pois a morte deste à mulher mais inocente e meiga que jamais viu a luz.

OTELO — Era culpada. Não vos reconheci, meu tio. Vossa sobrinha ali se encontra, cujo alento por estas mãos foi abafado há pouco.

GRACIANO — Pobre Desdêmona! Por sorte minha, teu pai já faleceu. Este consórcio para ele foi fatal: e débil fio da vida pela dor teve cortado. Se vivesse, esta vista o levaria, decerto, ao desespero, amaldiçoara seu anjo tutelar, escorraçando-o de seu lado e, com isso, se perdera.

OTELO — Dá-me pena; mas Iago sabe que ela com Cássio praticou mais de mil vezes o ato impudico. Cássio o confessou, tendo-lhe ela os trabalhos amorosos recompensado com o penhor e mimo de amor que, de princípio, eu lhe ofertara: era um lenço, lembrança muito antiga que a minha mãe meu pai outrora dera.

EMÍLIA — Oh céu! Poderes celestiais!

IAGO — Silêncio! Fica quieta!

EMÍLIA — Preciso dizer tudo! Preciso dizer tudo! Eu, ficar quieta, senhor? De forma alguma. Falar quero tão livre como o vento. O céu, os homens, todos os diabos, tudo, tudo pode exprobar-me esta ação, mas falar quero.

IAGO — Sê prudente e retorna para casa.

EMÍLIA — Não vou.

(*Iago ameaça ferir Emília.*)

GRACIANO — Virar contra a mulher a espada!

EMÍLIA — Ó Mouro bruto! o lenço de que falas foi por mim encontrado casualmente e dei-o a meu marido, pois bem vezes com mui séria insistência — mais, de fato, do que tal ninharia merecia — pedira que o roubasse.

IAGO — Vil rascoa!

EMÍLIA — Ela o ter dado a Cássio? Não! Achei-o e o dei a meu marido.

IAGO — É falso, imunda!

EMÍLIA — Pelo céu, cavalheiros, é a verdade. Oh palhaço assassino! Que haveria de fazer um cretino rematado com uma mulher tão boa?

OTELO — Por que as pedras todas do céu só servem para o raio? Celerado completo!

(*Corre para Iago; Iago apunhala Emília e sai.*)

GRACIANO — Ela desmaia! Creio que ele matou a própria esposa.

EMÍLIA — Ai, ai! Deitai-me ao lado de minha ama.

GRACIANO — Fugiu, mas a mulher deixou sem vida.

MONTANO — É um notório vilão. Guardai esta arma que eu ao Mouro tomei. Vigiai a porta, não deixando que saia. Antes, matai-o. Vou procurar aquele miserável; é um escravo maldito.

(*Saem Montano e Graciano.*)

OTELO — Já valente não sou; qualquer menino me desarma. Deve a honra viver mais do que a virtude? Que leve o demo tudo.

EMÍLIA — Que queria, senhora, pressagiar tua cantiga? Vou fazer como o cisne; morro e canto: Oh, salgueiro, salgueiro! Mouro, ela era casta. Cruel Mouro, ela o amava muito. Assim minha alma seja salva, como digo a pura verdade. Desse modo falando como penso... morro... morro. (*Morre.*)

OTELO — Tenho outra arma no quarto, antiga espada de Espanha, temperada em água fria. Ah! Ei-la! Tio, abri, para que eu saia.

GRACIANO (*dentro*) — Se tentares sair, custar-te-á caro. Não tens armas; preciso é, pois, que sofras.

OTELO — Então me olha e me fala; do contrário, embora desarmado, hei de assaltar-te.

(*Volta Graciano.*)

GRACIANO — Que é que se passa?

OTELO — Vê, tenho outra espada. Melhor do que esta nunca ao lado esteve da coxa de um soldado. Já vi o dia em que este curto braço e esta boa arma me franqueavam caminho com obstáculos vinte vezes mais sérios do que os vossos. Mas, oh bravata inútil! Quem o fado dominar pode? Já não é assim, Nada receies, por me veres de arma. Cheguei ao fim da viagem, esta é a meta, a baliza da minha última vela. Recuais pálido assim? É medo inútil. Se alguém vier contra Otelo com um caniço, Otelo recuará. Para onde iria? Que aspecto tens agora, malfadada rapariga? Da cor do teu sudário. Quando nos encontrarmos para o ajuste de contas, teu olhar há de minha alma precipitar do céu, apoderando-se dela os demônios logo. Estás gelada, minha menina, tão gelada como tua própria castidade. Oh! maldito, maldito celerado!

Demônios, com açoites expulsai-me da vista desta aparição divina! Entregai-me aos tufões, no enxofre assai-me, em tanques me lavai de fogo líquido. Oh Desdêmona! Morta! Oh, oh! Desdêmona!

(*Entram Ludovico, Montano, Cássio carregado em uma cadeira, e oficiais com Iago, prisioneiro.*)

LUDOVICO — Onde está o violento e infeliz homem?

OTELO — Esse que foi Otelo? Aqui me encontro.

LUDOVICO — E onde se encontra a víbora? Trazei-nos esse infame.

OTELO — Procuro ver-lhe os pés. Mas não... É pura fábula. Se fores o diabo, não conseguirei matar-te. (*Fere Iago.*)

LUDOVICO — Tomai-lhe a espada.

IAGO — Estou ferido, apenas, senhor; mas não morri.

OTELO — Não me aborrece saber isso; é melhor que fiques vivo, pois a morte, a, meu ver, é grã-ventura.

LUDOVICO — Ó tu, Otelo, que tão bom já foste, como vieste a cair nas artimanhas de um celerado? Que dirão de ti?

OTELO — O que quiserem. Assassino honrado, se assim vos aprouver, porque fiz tudo pela honra, não por ódio.

LUDOVICO — Este patife já confessou em parte as vilanias. Mas é verdade, mesmo, que com ele tínheis premeditado matar Cássio?

OTELO — É...

CÁSSIO — Meu general, eu nunca vos fiz nada.

OTELO — Disso estou certo e peço-vos perdão. Perguntai, por favor, a este demônio porque a alma e o corpo me enleou a tal ponto.

IAGO — Não me pergunteis nada; o que sabeis, já sabeis. Não direi, de agora em diante, nem mais uma palavra.

LUDOVICO — Quê! Nem mesmo para rezar?

GRACIANO — Haveis de abrir a boca no banco de tormentos.

OTELO — Sim, faze isso.

LUDOVICO — Ireis saber agora tudo o que houve, senhor, o que decerto ainda ignorais. Esta carta se achava num dos bolsos do corpo de Rodrigo. Aqui está outra. Numa delas se lê que deveria Rodrigo matar Cássio.

OTELO — Oh, miserável!

CÁSSIO — Bárbaro a todo ponto e repulsivo.

LUDOVICO — Esta outra carta cheia de censuras também estava num dos bolsos dele. Parece que Rodrigo pretendia enviá-la a este malvado; mas decerto nesse em meio ele deu-lhe explicações.

OTELO — Oh biltre pernicioso! De que modo, Cássio, vos foi parar às mãos o lenço de minha esposa?

CÁSSIO — Achei-o no meu quarto, e o próprio Iago confessou, há pouco, que ali o jogara, tendo em vista um plano que muito lhe importava.

OTELO — Oh! Tolo, tolo!

CÁSSIO — Lêem-se também na carta de Rodrigo censuras dele a Iago por havê-lo forçado a provocar-me, quando estávamos de guarda, o que me fez perder meu posto. E agora mesmo, tendo de si voltado, depois de estar por morto, declarou-nos que Iago o ferira e que por ele mesmo tinha sido instigado.

LUDOVICO — Forçoso é que deixeis este aposento, para virdes conosco. Do comando já fostes destituído. Agora é Cássio quem manda em Chipre. Quanto a este bandido, se houver algum tormento prolongado que o faça durar muito, será dele. Ficareis como nosso prisioneiro, até que o Estado de Veneza tome conhecimento do que aqui fizestes. Vamos! levai-o logo!

OTELO — Docemente! Uma palavra ou duas antes de irdes. Prestei alguns serviços à República, o que é sabido. Mas sobre isso, basta. Peço-vos por favor que em vossas cartas, ao relatardes estes tristes fatos, faleis de mim tal como sou, realmente, sem exagero algum, mas sem malícia. Então a alguém tereis de referir-vos que amou bastante, embora sem prudência; a alguém que não sabia ser ciumento, mas, excitado, cometeu excessos, e cuja mão, tal como o vil judeu, jogou fora uma pérola mais rica do que toda sua tribo; a alguém com olhos vencidos e que embora pouco usados aos sentimentos moles, maior número de gotas derramaram do que as árvores da Arábia fazer soem com sua goma medicinal. Contai-lhes isso tudo. E também que em Alepo, certo dia, um turco de turbante e malicioso bateu num veneziano e em termos baixos falou do Estado, e que eu, pela garganta detendo aquele cão circuncidado, o feri deste modo, assim... assim... (*Apunhala-se.*)

LUDOVICO — Oh conclusão sangrenta!

GRACIANO — Foi inútil tudo quanto dissemos.

OTELO — Dei-te um beijo antes de te matar. Só me restava (*Caindo sobre o corpo de Desdêmona.*) morrer beijando a quem eu tanto amara. (*Morre.*)

CÁSSIO — Receava isso mesmo; mas sem armas julgava que estivesse. Era pessoa de grande coração.

LUDOVICO (*a Iago*) — Ó cão de Esparta, mais cruel que a fome, a angústia e o próprio oceano! Contempla nesse leito o fardo trágico. É tua obra. Envenena a vista o quadro. Tapemo-lo. Graciano, a casa, agora, vos pertence; guardai os bens do Mouro, pois sois o herdeiro dele. A vós compete, senhor governador, dar o castigo a este biltre infernal. Marcai o dia, o lugar e a tortura. Oh! rigorosa! De bordo escreverei para o senado, relatando tudo isto, angustiado.

(*Saem.*)

Rei Lear

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Personagens

LEAR, rei da Bretanha.
O rei da França.
O duque de Burgúndia.
O duque de Cornualha.
O duque de Albânia.
O conde de Kent.
O conde de Gloster.
EDGAR, filho de Gloster.
EDMUNDO, filho bastardo de Gloster.
CURAN, um cortesão.
OSVALDO, intendente de Goneril.
Um velho, caseiro de Gloster.
Um médico.
O bobo.
Um oficial, empregado por Edmundo.
Um gentil-homem, ligado a Cordélia.
Um arauto.
Criados de Cornualha.
GONERIL, filha de Lear
REGANE, filha de Lear
CORDÉLIA, filha de Lear
Cavaleiros do séqüito de Lear, oficiais, mensageiros, soldados e criados.

Ato 1

Cena 1

Salão nobre do palácio do Rei Lear. Entram Kent, Gloster e Edmundo.

KENT — Sempre pensei que o rei fosse mais afeiçoado ao duque de Albânia do que ao de Cornualha.

GLOSTER — Era o que também me parecia; mas agora, na divisão do reino, não se pode saber qual dos dois duques ele aprecia mais, porque as partes foram pesadas com tal eqüidade, que a mais impertinente curiosidade não saberá decidir-se por nenhuma delas.

KENT — Este rapaz é vosso filho, milorde?

GLOSTER — Sua educação, senhor, esteve a meu cargo. Tantas vezes corei de confessá-lo, que presentemente já me encontro calejado.

KENT — Não posso compreender-vos.

GLOSTER — Mas a mãe deste mancebo o compreendia perfeitamente, senhor; tanto assim, que ficou com o ventre arredondado com um filho que arranjou para seu berço, antes de conseguir um marido para o seu leito. Percebeis alguma falta nisso?

KENT — Não posso desejar que a falta não houvesse sido cometida, à vista da graça de suas conseqüências.

GLOSTER — Mas possuo um filho legítimo, senhor, coisa de um ano mais velho do que este, que nem por isso tenho em mais alta estima. É verdade que este peralta veio ao mundo com certo descoco, antes de ser chamado; mas também é verdade que sua mãe era muito linda. Foi gerado na folia, sendo-me agora preciso reconhecer o bastardo. Conheceis este gentil-homem, Edmundo?

EDMUNDO — Não, milorde.

GLOSTER — É o milorde de Kent; de agora em diante lembra-te dele como de honrado amigo meu.

EDMUNDO — Ao dispor de Vossa Senhoria.

KENT — Desejo amar-vos e peço que me ensejeis oportunidades de conhecer-vos mais de perto.

EDMUNDO — Esforçar-me-ei por merecê-lo, senhor.

GLOSTER — Esteve fora nove anos e precisará sair de novo. O rei vem vindo.

(*Fanfarra. Entram Lear, Cornualha, Albânia, Goneril, Regane, Cordélia e séqüito.*)

LEAR — Gloster, fazei entrar na sala os nobres da França e da Burgúndia.

GLOSTER — Neste instante, meu soberano.

(*Saem Gloster e Edmundo.*)

LEAR — Enquanto isso, mostrar pretendo nossos desígnios mais recônditos. Um mapa! Ficai sabendo, assim, que dividimos nosso reino em três partes, sendo nossa firme intenção livrar-nos, na velhice, dos cuidados, bem como dos negócios, para confiá-los a mais jovens forças, e, assim, nos arrastarmos para a morte, de qualquer fardo isento. Nosso filho de Cornualha, assim como vós, Albânia, filho também não menos caro, temos o propósito certo, neste instante, de declarar publicamente o dote de nossas filhas, para que a discórdia futura fique obviada desde agora. Os príncipes da França e da Burgúndia, grandes rivais no amor de nossa filha mais nova, em nossa corte já fizeram sua parada longa e apaixonada. Ora aguardam resposta. Minhas filhas — já que neste momento nos despimos do governo, não só, dos territórios e cuidados do Estado — ora dizei-me qual de vós mais amor nos tem deveras, porque alargar possamos nossa dádiva onde contende a natureza e o mérito. Fale primeiro Goneril, a nossa filha mais velha.

GONERIL — Senhor, amo-vos mais do que as palavras poderão exprimir, mais ternamente do que a visão, o espaço, a liberdade, muito mais do que tudo que é prezado, raro ou valioso, tanto quanto à vida com saúde, beleza, honras e graça, como jamais amou filha nenhuma ou pai se viu amado; é amor que torna pobre o alento e o discurso balbuciante. Amo-vos para além de todo extremo.

CORDÉLIA (*à parte*) — Cordélia que fará? Ama e se cala.

LEAR — Todo este trecho aqui, de uma a outra linha, com suas matas e campinas ricas, com rios caudalosos e seus prados de larga bordadura, te pertencem. De tua prole e de Albânia, como posse perpétua vai ficar. Que diz agora nossa segunda filha, a queridíssima Regane, esposa de Cornualha? Fala.

REGANE — De igual metal que minha irmã sou feita e pelo preço dela me avalio. No imo peito descubro que ela soube dar expressão ao meu amor sincero. Mas ficou muito aquém, pois inimiga me declaro de quantas alegrias se contenham na mui preciosa esfera dos sentidos tão-só. Achei minha única felicidade na afeição de Vossa mui querida Grandeza.

CORDÉLIA (*à parte*) — Então, coitada de Cordélia! Contudo, nem por isso, pois estou certa de que meu afeto mais rico é do que a língua.

LEAR — Que para ti e os teus fique de herança permanente este terço avantajado do nosso belo reino, em rendas, graças e extensão não menor em nenhum ponto do que o que em sorte coube a Goneril. Nossa alegria, agora, conquanto a última, não a menor, e cujo afeto jovem os vinhedos da França e o branco leite da Burgúndia disputam: que podeis dizer-nos para um terço mais opimo virdes a obter do que os das vossas manas? Falai.

CORDÉLIA — Meu senhor, nada.

LEAR — Nada?

CORDÉLIA — Nada.

LEAR — De nada sairá nada. Novamente dizei alguma coisa.

CORDÉLIA — Oh desditosa! Trazer não posso o coração à boca. Amo a Vossa Grandeza como o dever me impõe, nem mais nem menos.

LEAR — Que é isso, Cordélia? Concertai um pouco vossas palavras, para não deitardes a perder vossa dita.

CORDÉLIA — Meu bondoso senhor, vós me gerastes, educastes e me amastes, pagando eu todos esses benefícios qual fora de justiça: com obediência e amor vos honro sempre extremamente. Por que têm maridos minhas irmãs, se dizem que vos amam sobre todas as coisas? Se algum dia vier a casar, há de seguir o dono do meu dever apenas a metade de meu amor, metade dos cuidados e das obrigações. Certeza é nunca vir a casar-me como as duas manas, para amar a meu pai por esse modo.

LEAR — Do coração te veio o que disseste?

CORDÉLIA — Sim, meu senhor.

LEAR — Tão jovem e tão áspera?

CORDÉLIA — Tão jovem, meu senhor, e verdadeira.

LEAR — Então vai ser teu dote só a tua veracidade. Pois pela sagrada irradiação do sol, pelos mistérios de Hécate e, assim, da noite, pelas grandes operações dos orbes que nos fazem viver e definhar: desde este instante me desligo dos laços consanguíneos, preocupações de pai e parentesco, passando a te considerar como uma pessoa estranha a mim e a meu afeto, de agora para sempre. O cita bárbaro ou selvagem que faz da prole pábulo para o apetite, há de ser mais vizinho do meu seio, acolhido e consolado, do que tu, que não és já filha minha.

KENT — Meu senhor...

LEAR — Kent, silêncio; não te metas entre o dragão e sua grande cólera. Predileção lhe tinha e pensei sempre que haveria de achar grato repouso em seus carinhos. Foge-me da vista! Tão certo como eu ter paz no sepulcro, o coração de pai lhe tiro agora. Chamai França! Que é que ainda se mexe? Chamai Burgúndia aqui! Cornualha e Albânia, acrescentai mais este dote aos outros de minhas duas filhas. Que se case com ela o orgulho, a que franqueza chama. Juntamente comigo vos invisto no meu poder, minhas prerrogativas e em todas as extensas dignidades que à majestade se unem. Nós, seguindo nisso o curso mensal e reservando cem cavaleiros, cujo encargo fica por vossa conta, nossa casa havemos de na vossa fazer por modo alterno. De rei, o nome apenas reteremos, com suas dignidades; mas o mando, a execução das leis, as rendas, tudo, caros filhos, é vosso. E como certo penhor do que ora afirmo, esta coroa dividirei entre ambos.

KENT — Real Lear, a quem como meu rei acatei sempre, amei como a meu pai, acompanhei como a senhor e a quem nas minhas preces tinha como padroeiro...

LEAR — O arco está armado; sai da frente da seta!

KENT — Não; dispara-a, embora a farpa o coração me atinja. Descortês será Kent, se é louco Lear. Que estás fazendo, velho? Acaso pensas que o dever tenha medo de falar, quando o poder se abaixa até à lisonja? A honra obriga à franqueza, quando tomba na loucura, assim tanto, a majestade. Anula o teu decreto, e recorrendo aos teus mais ponderosos argumentos, reprime logo essa medonha pressa. Minha vida em penhor do que te afirmo; afeição inferior não te dedica tua terceira filha, nem tampouco sentirão menos as pessoas cuja voz grave não ressoa no vazio.

LEAR — Por tua vida, Kent, nem mais um pio!

KENT — Penhor a vida me foi sempre, para contra os teus inimigos arriscá-la. Perdê-la não receio, quando o exige tua própria salvação.

LEAR — Fora da minha vista!

KENT — Vê melhor, Lear, e ora consente que a mira de teus olhos eu me torne.

LEAR — Agora, por Apolo...

KENT — Por Apolo, agora em vão juraste por teus deuses.

LEAR — Oh vassalo! Insolente! (*Leva a mão à espada.*)

ALBÂNIA e CORNUALHA — Não; detende-vos, caro senhor.

KENT — Manda matar teu médico e à impura doença entrega os honorários! Revoga o teu decreto; do contrário, enquanto alento me restar no peito, direi que estás errado.

LEAR — Ouve-me, biltre! Por teu dever de vassalagem, ouve-me! Já que tentaste provocar a quebra de nosso voto — o que jamais fizemos — e com teimoso orgulho te meteste entre nossa sentença e nosso trono — o que não pode suportar a nossa natureza, nem menos nosso posto — de pé nosso poder, toma tua paga: cinco dias te damos, porque possas contra os males do mundo premunir-te; ao sexto voltarás o dorso odioso a todo o nosso reino; e se no décimo esse corpo banido for achado dentro de nossas terras, esse instante será tua morte. Já daqui! Por Júpiter, não haverá revogação agora.

KENT — Adeus, rei. Declarar quero a verdade: o exílio é aqui, e longe, a liberdade. (*A Cordélia.*) Possam os deuses te amparar, menina, cujo pensar com o bom discurso afina. (*A Regane e Goneríl.*) Que por bons atos sejam confirmados vossos largos discursos e empolados. — Kent, assim, se despede dos presentes e a novas terras leva os pés dolentes. (*Sai.*)

(*Fanfarra. Volta Gloster com França, Burgúndia e pessoas do séqüito.*)

GLOSTER — Senhor, França e Burgúndia estão presentes.

LEAR — Milorde de Burgúndia, primeiramente a vós nos dirigimos, que sois rival, com este soberano, na corte à nossa filha. Qual o mínimo que exigis como dote e em cuja falta desistis do pedido?

BURGÚNDIA — Muito nobre majestade, não peço nada acima do que já ofereceu Vossa Grandeza, que menos não dará.

LEAR — Nobre Burgúndia, quando cara nos era, nós a tínhamos nesse preço; mas ora baixou muito. Senhor, ali está ela. Se algum traço dessa coisinha de nenhum realce ou até mesmo ela toda, redobrada de nosso desfavor, sem mais acréscimo, pode do agrado ser de Vossa Graça: ela aqui está; pertence-vos.

BURGÚNDIA — Ignoro que responder.

LEAR — Quereis, com as faltas todas que lhe são próprias, sem nenhum amigo, adotada por nosso recente ódio, com toda nossa maldição por dote, expulsada por nosso juramento, levá-la ou recusá-la?

BURGÚNDIA — Real senhor, perdão; mas nessas condições, é claro, ninguém faz uma escolha.

LEAR — Então deixai-a, senhor; porque vos assevero, em nome do poder que me criou, que toda a sua fortuna é o que vos disse. (*A França.*) Vós, potente soberano, de vosso amor não quero tão longe me afastar, que almeje ver-vos unido a quem odeio. Assim, suplico-vos desviar vossa afeição para um objeto mais dígno do que a mísera criatura que a natureza quase se envergonha de declarar por sua.

FRANÇA — É muito estranho que aquela que, até há pouco, era a mais rara jóia de vosso afeto, o tema excelso de vossos elogios, vosso bálsamo na velhice, a melhor, a mais querida, pudesse cometer assim, de pronto, um crime tão monstruoso que desmanche tantas pregas da graça. Com certeza mui contrário à natura foi seu crime, e muito a deturpou, se vosso afeto tão notório não é o que antes era. Acreditar tal coisa a seu respeito, só com o auxílio da fé, pois, sem milagre, a isso a razão jamais me levaria.

CORDÉLIA — Suplico entanto a Vossa Majestade — pois careço dessa arte lisa e untuosa de falar em contrário ao próprio intento, pois o que fazer quero já realizo, mesmo antes de falar — que deixeis claro não ter sido nenhum vício infamante, velhacaria alguma, ato impudico, nem qualquer passo menos decoroso que de vosso favor e vossa graça me privou neste instante, mas apenas a carência daquilo que me deixa mais rica ainda: o olhar adulador e língua que não ter muito me alegra muito embora essa falta seja a causa de me fazer perder vossa amizade.

LEAR — Melhor te fora nunca ter nascido, do que deixares de agradar-me agora.

FRANÇA — Então, foi isso apenas? Uma certa lentidão natural, que, muitas vezes, deixa de relatar a própria história do que fazer pretende? Que dizeis, milorde de Burgúndia, desta noiva? O amor não é amor, quando se mescla de considerações que muito aberram da meta principal. Ficais com ela?

BURGÚNDIA — Dai-lhe, real Lear, unicamente a parte que havíeis prometido, e, neste instante, tomo Cordélia pela mão e a faço Duqueza de Burgúndia.

LEAR — Nada; sou firme; fiz um juramento.

BURGÚNDIA — Muito me pesa, então, que após haverdes perdido o pai, também percais o esposo.

CORDÉLIA — Seja a paz com Burgúndia! Já que havia em seu amor intuitos de riquezas, não serei sua esposa.

FRANÇA — Linda Cordélia, pobre, ainda és mais rica; mais procurada, ainda, no abandono, e mais amada, quando desprezada: de ti, dessas virtudes, apodero-me neste momento. Seja, assim, legítimo apanhar o que foi jogado fora. Que estranho, ó deuses! que um glacial desprezo o respeito me inflame e deixe preso! Deserdando tua filha, ó rei! deste ansa para rainha eu a fazer da França. Nenhum dos duques da Burgúndia aquosa a noiva minha levará preciosa. Cordélia, adeus lhes dize, cruéis embora; perdes aqui, para ganhar lá fora.

LEAR — França, leva-a contigo; é tua; nós tal filha já não temos, não, e após o que houve ela perdeu, por mais que faça, nosso amor, nossa bênção, nossa graça. Vamos, nobre Burgúndia.

(*Fanfarras. Saem Lear, Burgúndia, Cornualha, Albânia, Gloster e séqüito.*)

FRANÇA — Dizei adeus agora a vossas manas.

CORDÉLIA — Jóias de nosso pai, com olhos úmidos Cordélia ora vos deixa. Eu vos conheço, mas como irmã não quero dar o nome verdadeiro de vossas faltas todas. Cuidai de nosso pai; entrego-o a vossos peitos que os próprios méritos proclamam. No entanto, ai! se em sua graça eu me encontrasse, talvez melhor asilo lhe mostrasse. Assim, adeus para ambas.

REGANE — Não queirais ensinar nossos deveres.

GONERIL — Procurai agradar vosso marido que como esmola vos pegou da sorte. Revelastes caráter obstinado; digna, portanto, sois do vosso fado.

CORDÉLIA — O tempo há de mostrar quem tem malícia, que a vergonha é o castigo da estultícia. Passai bem.

FRANÇA — Vamos, linda Cordélia.

(*Saem França e Cordélia.*)

GONERIL — Mana, não é pouco o que tenho a dizer sobre um assunto que nos toca muito de perto. Creio que nosso pai vai partir esta noite.

REGANE — Isso é certeza, e em vossa companhia. No próximo mês ficará conosco.

GONERIL — Vistes como sua velhice é caprichosa; não é das menos valiosas a observação que tivemos oportunidade de fazer; sempre revelou muito mais afeição para nossa irmã, transparecendo agora claramente a falta de senso com que acaba de expulsá-la.

REGANE — É a fraqueza da idade, sendo certo que ele sempre se conheceu mal.

GONERIL — Até mesmo na melhor idade e de mais vigor, costumava revelar precipitação. Por isso, preparemo-nos para receber de sua velhice não somente os defeitos enraizados de longa data, como também as rabugices inconvenientes que trazem consigo os anos achacosos e irritáveis.

REGANE — Teremos de assistir ainda a muitas explosões súbitas, como essa de que resultou o banimento de Kent.

GONERIL — Ainda terão de realizar-se as cerimônias complementares da despedida entre ele e França. Unamo-nos, é o que vos peço; se nosso pai conservar o poder com semelhante disposição, essa última abdicação de sua vontade só nos poderá ser prejudicial.

REGANE — Havemos de refletir melhor sobre isso.

GONERIL — Precisaremos fazer qualquer coisa, enquanto o assunto está quente.

(*Saem.*)

Cena 2

Sala no castelo do conde de Gloster. Entra Edmundo com uma carta.

EDMUNDO — Sê minha deusa agora, natureza! A tuas leis empenho meus serviços. Porque terei de me curvar à peste do costume e deixar que a impertinência das nações me despoje, tão-somente porque nasci algumas doze luas, ou catorze, depois de qualquer mano? Por que bastardo? Por que mal nascido, se minhas proporções são tão bem feitas, a alma tão franca e a compostura toda tão certa como a de qualquer rebento de uma senhora honesta? Por que causa, pois, nos estigmatizam de baixeza, bastardo, baixo, baixo?... Por que baixos todos nós que no furto deleitoso da natureza recebemos partes mais ajustadas e mais alto espírito do que acontece nos cansados leitos, antiquados e insípidos, só feitos para criar uma chusma de casquilhos, entre o sono e a vigília concebidos? Assim, Edgar legítimo, preciso ficar com vossas terras. Tem o afeto de nosso pai não só o bastardo Edmundo, como o filho legítimo. "Legítimo!" bela expressão! Espero, meu legítimo, que se esta carta for bem despachada e meu plano der certo, o baixo Edmundo vai passar o legítimo. Prospero... Cresço... Amparai, ó deuses! os bastardos.

(*Entra Gloster.*)

GLOSTER — Banido Kent assim! França, colérico, se despediu, e o rei partiu à noite! Resignou ao poder, tendo ficado com pensão reduzida! E tanta coisa em menos de um segundo! Olá, Edmundo, que novidades há?

EDMUNDO (*escondendo a carta*) — Não há novidades, se não for do desagrado de Vossa Senhoria.

GLOSTER — Por que escondeis com tanta precipitação essa carta?

EDMUNDO — Não sei de nenhuma novidade, senhor.

GLOSTER — Que papel estáveis lendo?

EDMUNDO — Nada, milorde.

GLOSTER — Nada? Que necessidade havia, então, de enfiá-lo tão depressa no bolso? O que em si mesmo é nada, não tem necessidade de ser escondido desse modo. Deixai-me ver! Vamos! Se for mesmo nada, não precisarei de óculos.

EDMUNDO — Peço-vos, senhor, que me perdoeis; é uma carta de meu irmão, que eu ainda não li até ao fim; mas pelo que pude ver assim por cima, penso que seu conteúdo é impróprio para vossa vista.

GLOSTER — Dai-me essa carta, senhor!

EDMUNDO — Farei mal tanto em recusá-la com em dar-vo-la. Seu conteúdo, pelo que pude alcançar, é censurável.

GLOSTER — Quero vê-la; quero vê-la.

EDMUNDO — Quero crer, como justificativa de meu irmão, que ele escreveu apenas com o intuito de provar ou confirmar minha virtude.

GLOSTER — "Nossas instituições e o respeito à velhice tornam o mundo amargo para os nossos melhores anos, privam-nos dos bens até que nossa caduquice não se possa aproveitar deles. Começo a ver uma escravidão inútil e presunçosa na opressão da tirania envelhecida, que governa não porque tenha poder, mas por ser tolerada. Procurai-me, para que eu possa expandir-me a esse respeito. Se nosso pai dormisse até que eu o despertasse, gozaríeis para sempre da metade das rendas dele e seríeis o bem-amado de vosso irmão Edgar." — Hum! Conspiração! "Se dormisse até que eu o despertasse, gozaríeis da metade das rendas dele." — Meu filho Edgar teve mão para escrever isto? coração e cérebro para concebê-lo? Como te veio isto ter às mãos? Quem te trouxe esta carta?

EDMUNDO — Não foi trazida, senhor, e nisso é que consiste toda a treta; foi jogada pela janela de meu quarto.

GLOSTER — Reconheceis a letra de vosso irmão?

EDMUNDO — Se o assunto fosse bom, milorde, eu iria jurar que a letra é dele; mas quando o considero mais de perto, quero crer que não seja.

GLOSTER — É dele, sim.

EDMUNDO — A mão é dele, milorde; mas espero que o coração não esteja no conteúdo.

GLOSTER — Antes, ele nunca vos sondou a esse respeito?

EDMUNDO — Nunca, milorde; mas por várias vezes já o ouvi asseverar que quando os filhos atingem a idade adulta e os pais começam a declinar, o pai deveria tornar-se como que pupilo do filho, ficando seus bens sob a direção deste.

GLOSTER — Oh celerado! celerado! A mesma coisa que ele diz na carta! Celerado execrável! Celerado desnaturado, odioso, bestial! Pior do que bestial! Vai buscá-lo imediatamente. Vou prendê-lo. Abominável celerado! Onde está ele?

EDMUNDO — Ao certo não sei, milorde. Se concordardes em sustar vossa indignação contra meu irmão, até que possais tirar dele melhores testemunhos de suas intenções, seguireis por um caminho certo; ao passo que se procederdes com violência e vos enganardes quanto aos seus planos, abrireis em vossa honra uma grande brecha e destruireis o próprio coração de sua obediência. Atrevo-me a apostar a vida em como ele escreveu isso tudo apenas para pôr à prova a afeição que eu voto a Vossa Honra, sem qualquer intenção maldosa.

GLOSTER — Pensais desse modo?

EDMUNDO — Se Vossa Honra concordar, eu vos colocarei em um lugar de onde possais

ouvir-nos conversar a esse respeito, vindo desta arte a convencer-vos pelo próprio testemunho dos ouvidos, e isso sem delongas, ainda esta tarde.

GLOSTER — Não é possível que ele seja tão monstruoso...

EDMUNDO — De forma alguma; tenho certeza.

GLOSTER — ... com relação a seu próprio pai, que lhe dedica amor tão terno e desinteressado... Céu e terra! Edmundo, ide procurá-lo; sondai-o, por obséquio; arranjai tudo de acordo com vossa sabedoria. Daria todos os meus haveres para poder alcançar plena certeza a esse respeito.

EDMUNDO — Vou procurá-lo, senhor, neste momento; farei tudo do melhor modo possível e vos porei a par do que houver.

GLOSTER — Esses últimos eclipses do sol e da lua não nos anunciam nada bom. Muito embora a ciência da natureza possa explicá-los desta ou daquela maneira, a própria natureza se sente chicoteada pelos efeitos que se lhes seguem. O amor esfria, a amizade desaparece, os irmãos se desavêm; nas cidades, tumultos; nos campos, discórdias; nos palácios, traições, rompendo-se os laços entre filhos e pais. Esse meu filho desnaturado confirma aqueles sinais: é filho contra pai. O rei se afasta da trilha da natureza: é pai contra filho. Já vimos o melhor de nosso tempo: maquinações, imposturas, traições e toda sorte de desordens ruinosas nos acompanham sem sossego até à sepultura. Vai buscar-me esse celerado, Edmundo; nada terás a perder. Procede com cautela. E o nobre e magnânimo Kent, banido! Seu crime, a honestidade! É muito estranho! (*Sai.*)

EDMUNDO — Essa é a maravilhosa tolice do mundo: quando as coisas não nos correm bem — muitas vezes por culpa de nossos próprios excessos — pomos a culpa de nossos desastres no sol, na lua e nas estrelas, como se fôssemos celerados por necessidade, tolos por compulsão celeste, velhacos, ladrões e traidores pelo predomínio das esferas; bêbedos, mentirosos e adúlteros, pela obediência forçosa a influências planetárias, sendo toda nossa ruindade atribuída à influência divina... Ótima escapatória para o homem, esse mestre da devassidão, responsabilizar as estrelas por sua natureza de bode. Meu pai se juntou à minha mãe sob a cauda do Dragão e minha natividade se deu sob a Grande Ursa: de onde se segue que eu tenho de ser violento e lascivo. Pelo pé de Deus! Eu teria sido o que sou, ainda que a mais virginal estrela do firmamento houvesse piscado por ocasião de minha bastardização. Edgar... (*Entra Edgar.*) Pronto! Ei-lo que chega, tal qual a catástrofe na velha comédia. Minha deixa é "Melancolia pérfida", com um suspiro como os de Tom de Bedlam. Oh! Esses eclipses pressagiam as desordens que vemos. Fá, sol, lá, mi!

EDGAR — Olá, mano Edmundo! Que graves meditações são essas?

EDMUNDO — Estava pensando, mano, numa predição que li num dia destes, sobre o que há de seguir-se a estes eclipses.

EDGAR — Preocupai-vos com essas coisas?

EDMUNDO — Posso afirmar-vos que por infelicidade se realizam os efeitos

anunciados, tal como: sentimentos contra as leis da natureza entre pais e filhos; mortes, fome, dissolução de amizades antigas, divisões no Estado, ameaças e maldições contra os reis e os nobres, suspeitas injustificadas, proscrição de amigos, dispersão de coortes, infrações conjugais e não sei o que mais.

EDGAR — Há quanto tempo sois sectário da astronomia?

EDMUNDO — Vamos, vamos... Quando vistes meu pai pela última vez?

EDGAR — Ontem à noite.

EDMUNDO — Falastes-lhe?

EDGAR — Sim; duas horas seguidas.

EDMUNDO — Despedistes-vos em bons termos? Não observastes nele nenhum sinal de descontentamento, quer na fisionomia, quer nas expressões?

EDGAR — Absolutamente nenhum.

EDMUNDO — Refleti melhor sobre o que poderíeis ter feito para ofendê-lo, e fazei-me neste ponto a vontade, evitando sua presença, até que o tempo se incumba de esfriar o ardor de seu desagrado, que neste momento de tal modo se mostra revolto, que dificilmente poderia acalmar-se com maltratar vossa pessoa.

EDGAR — Algum celerado me fez isso.

EDMUNDO — É o que eu receio. Peço que o eviteis com paciência, até que se torne mais vagaroso o ímpeto de sua cólera. E, como disse, retirai-vos para os meus aposentos, onde disporei as coisas de modo que possais ouvir milorde conversar. Ide logo, por obséquio. Se vos arriscardes a sair, que seja armado.

EDGAR — Armado, irmão?

EDMUNDO — Mano, eu vos aconselho para vosso bem; saí armado. Não quero ser homem de bem, se em tudo isso houver algo de bom para vós. Contei-vos o que vi e ouvi, mas muito por cima, sem vos apresentar a imagem horrorosa da coisa. Peço-vos, ide logo.

EDGAR — Terei logo notícias vossas?

EDMUNDO — Neste negócio estarei a vosso inteiro dispor. (*Sai Edgar.*) Um pai simplório e um mano em tudo nobre, que, pela própria condição, tão longe se acha de qualquer mal, que nem suspeitas sobre isso pode ter e em cuja tola probidade montar vai facilmente minha velhacaria. A coisa é clara: terras vou ter, ganhando-as com finura; falhando o berço, o espírito as segura. (*Sai.*)

Cena 3

Um quarto no palácio do duque de Albânia. Entram Goneril e seu intendente Osvaldo.

GONERIL — Meu pai bateu no gentil-homem, por ter este ralhado com o bobo dele?

OSVALDO — Sim, minha senhora.

GONERIL — Dia e noite me ofende. Não se passa nenhuma hora sem que ele não fuzile com qualquer grosseria, que a nós todos traz somente discórdia. Não o suporto; turbulentos estão seus cavaleiros e a censurar-nos ele próprio vive por dá cá aquela palha. Não pretendo falar com ele, quando vier da caça. Dizei que estou doente; e, se cumprirdes com certa negligência algum serviço, estará bem; responderei por tudo.

OSVALDO — Ei-lo, senhora; ouço o barulho dele.

(*Ouve-se toque de trompa.*)

GONERIL — Mostrai a negligência que quiserdes, vós e os outros de casa, pois desejo que me venha falar a esse respeito. Se não gostar, então que se transfira para a casa da mana, cujo modo de pensar, estou certa, está de acordo com o meu, em não querer ser governada. Velho caduco, a pretender o mando sobre o que já doou! Por minha vida, os velhos tontos são de novo crianças; com ralhos, só, precisam ser tratados. Lembrai-vos do que eu disse.

OSVALDO — Sim, senhora.

GONERIL — E lançai frio olhar para seus homens. Pouco importa o que vier; avisai todos. Quero achar nisso tudo algum pretexto para poder falar. Sem mais delongas, escreverei à mana, para que ela faça como eu. Prepara logo a ceia.

(*Saem.*)

Cena 4

Uma sala no mesmo. Entra Kent disfarçado.

KENT — Se eu puder conseguir uma outra fala que torne a minha estranha, é bem possível que minha boa empresa a alcançar venha o êxito pleno pelo qual as próprias feições desfigurei. Banido Kent, se ora servir puderes lá mesmo de onde há pouco foste expulso, pode se dar que o mestre a que tanto amas te encontre serviçal.

(*Toque de trompa. Entram Lear, cavaleiros e séqüito.*)

LEAR — Não me façam esperar nem um segundo pelo jantar. Vai logo aprontá-lo. (*Sai o criado.*) Então, quem és tu?

KENT — Um homem, senhor.

LEAR — Qual é a tua profissão? Que pretendes de nós?

KENT — Minha profissão é não ser menos do que pareço; servir fielmente a quem confiar em mim; amar quem for honesto; conversar com quem for sábio e falar pouco; temer a justiça; brigar quando não houver outro jeito, e não comer peixe.

LEAR — Quem és tu?

KENT — Um tipo de coração honesto e tão pobre quanto o rei.

LEAR — Se como súdito és tão pobre quanto ele como rei, és, realmente, paupérrimo. Que desejas?

KENT — Serviço.

LEAR — A quem queres servir?

KENT — A vós.

LEAR — Conheces-me, companheiro?

KENT — Não, senhor; mas revelais algo em vossa postura, que me leva a vos chamar de mestre.

LEAR — E que coisa é essa?

KENT — Autoridade.

LEAR — Que serviços podes prestar?

KENT — Sei guardar um segredo honesto, montar a cavalo, correr, estropiar uma história interessante, dizer grosseiramente uma mensagem fácil. Tudo o que um homem ordinário pode

fazer, eu também posso, sendo o melhor em mim a diligência.

LEAR — Que idade tens?

KENT — Não sou tão jovem, senhor, para amar uma mulher por causa de seu canto, nem tão velho para me apaixonar por ela sem motivo: tenho quarenta e oito anos na carcunda.

LEAR — Segue-me; irás servir-me. Se depois do jantar não me pareceres pior, não nos separaremos muito logo. O jantar, olá! Onde está o meu rapaz? O meu bobo? — Vós, aí: ide chamar o meu bobo. (*Sai um criado.*) (*Entra Osvaldo.*) Vós aí, maroto: onde está minha filha?

OSVALDO — Se o permitis... (*Sai.*)

LEAR — Que foi que disse aquele tipo? Chamai-me aqui esse rústico. (*Sai um cavaleiro.*) Onde está o meu bobo, eh! Só parece que o mundo está dormindo. Então, onde está esse mastim?

(*Volta o cavaleiro.*)

CAVALEIRO — Ele disse, milorde, que vossa filha não está passando bem.

LEAR — Por que motivo aquele escravo não voltou, quando o chamei?

CAVALEIRO — Senhor, ele me respondeu redondamente que não queria voltar.

LEAR — Não queria?

CAVALEIRO — Senhor, não sei o que acontece, mas, a meu ver, Vossa Alteza não é tratado com a afeição cerimoniosa a que estáveis acostumado. Observa-se sensível quebra de carinho, não só com relação à conduta da criadagem, como com a do próprio duque e a de vossa filha.

LEAR — Ah! És dessa opinião?

CAVALEIRO — Suplico-vos, milorde, que me perdoeis, se eu estiver enganado, mas o meu zelo não pode ficar calado, quando penso que Vossa Alteza está sendo prejudicado.

LEAR — Fazes-me lembrado de minha própria percepção; ultimamente tenho notado um certo quê de negligência, que eu atribuía mais à minha própria natureza desconfiada do que a qualquer intenção real e ao propósito de descortesia. Vou examinar isso de mais perto. Mas onde está o meu bobo? Há dois dias que não o vejo.

CAVALEIRO — Desde que a minha jovem senhora partiu para a França, senhor, o bobo definhou bastante.

LEAR — Sobre isso, basta; já o havia notado muito bem. — Vós aí! Ide dizer a minha filha que desejo falar-lhe. (*Sai o criado.*) E vós, ide chamar o meu bobo! (*Sai outro criado.*) (*Entra Osvaldo.*) Oh! Vós, Senhor! Vinde cá, senhor! Quem sou eu, senhor?

OSVALDO — O pai da senhora.

LEAR — "O pai da senhora"? O criado do senhor, cão! Bastardo, escravo, maroto!

OSVALDO — Com vossa permissão, milorde, mas não sou nada disso.

LEAR — Atreves-te a fitar-me desse modo, biltre? (*Bate-lhe.*)

OSVALDO — Não consinto que me batam, milorde.

KENT — Nem que te dêem um pontapé, meu jogador de futebol? (*Dá-lhe um pontapé.*)

LEAR — Agradeço-te, companheiro; tu me serves, e eu passarei a estimar-te.

KENT — Vamos, senhor, levantai-vos! Fora daqui! Vou ensinar-vos a distinguir as pessoas. Fora! Fora! Se quiserdes medir outra vez vosso comprimento de labrego, é só continuardes aqui. Caso contrário, fora! Vamos! Não tendes senso? Assim! (*Empurra Osvaldo para fora.*)

LEAR — Muito obrigado, amigo servidor; aqui está pelo teu serviço. (*Dá dinheiro a Kent.*)

(*Entra o bobo.*)

BOBO — Eu também desejo recompensá-lo; aqui está o meu barrete. (*Oferece o gorro a Kent.*)

LEAR — Então, meu belo peralta, que estás fazendo?

BOBO — Amigo, farias bem em aceitar o meu gorro.

KENT — Por quê, bobo?

BOBO — Por teres tomado o partido de quem já caiu no desagrado. É assim; se não puderes sorrir do lado do vento, em pouco tempo apanharás resfriado. Toma; fica como meu gorro. Ora vê, este sujeito baniu duas de suas filhas e fez um grande favor à terceira, contra a própria vontade dela. Se vais segui-lo, precisarás usar o meu gorro. Então, meu tio? Quisera ter dois gorros e duas filhas.

LEAR — Por quê, menino?

BOBO — Se eu chegasse a lhes dar todos os meus haveres, me reservaria os gorros. Este aqui me pertence; pede outro a tuas filhas.

LEAR — Toma cuidado com a chibata, maroto!

BOBO — A verdade é um cachorro que se mete na casinha e precisa ser chibateada para sair, enquanto a senhora galga pode ficar a feder junto do fogo.

LEAR — Pestilência amarga para mim!

BOBO (*a Kent*) — Amigo, vou ensinar-te um discurso.

LEAR — Ouçamo-lo.

BOBO — Toma nota, tio: Não esbanjes teu estado; embora o saibas, calado; não andes, sejas levado; no aprender, muito cuidado; guarda sempre o maior bocado; deixa as mulheres e o vinho; não te metas com o vizinho, porque em uma e outra dezena terás mais uma vintena.

KENT — Isso tudo e nada é a mesma coisa, bobo.

BOBO — Então é como discurso de advogado sem salário. Destes-me nada por ele. Tio,

poderíeis fazer algum uso de nada?

LEAR — Não, menino; nada pode ser feito de nada.

BOBO (*a Kent*) — Por obséquio, dize-lhe a quanto monta a renda de suas terras; ele não acredita num bobo.

LEAR — Um bobo amargo.

BOBO — Saberás dizer, meu rapaz, que diferença há entre um bobo amargo e um bobo doce?

LEAR — Não, menino; ensina-ma.

BOBO — Quem o conselho te deu de doar todas as tuas terras põe aqui ao lado meu, e o dele toma; não erras: verás logo, lado a lado, o doce bobo e o amargoso; um aqui, sarapintado, o outro aí mesmo, achacoso.

LEAR — Com isso queres dizer que eu sou bobo, menino?

BOBO — Já abriste mão de todos os outros títulos; esse é o único que te veio do berço.

KENT — Milorde, o que ele disse não é inteiramente destituído de senso.

BOBO — Não, por minha fé; os senhores e os grandes não permitirão que eu fique sozinho; se eu obtiver o monopólio, eles hão de querer sua parte, e as senhoras também; não deixarão que toda a loucura fique comigo; virão arrebatar-me um pedaço. Tio, dá-me um ovo, que te darei duas coroas.

LEAR — Que espécie de coroas?

BOBO — Ora, depois de haver cortado o ovo em duas partes e comido o seu conteúdo, as duas coroas do ovo. Quando partiste pelo meio a tua coroa e deste as duas metades, carregaste o burro às costas através do atoleiro. Não tinhas espírito em tua coroa calva, quando fizeste presente da de ouro. Se eu falar sobre isso como costumo, que seja chicoteado o primeiro que me compreender.

Nunca os lobos passaram tanto apuro.

O sábio é tolo e fraco;

a mente não podendo usar no escuro,

vive como macaco.

LEAR — Desde quando ficaste tão amigo de canções, maroto?

BOBO — Ora, tio, desde que de tuas filhas fizeste tuas mães. Porque desde que lhes entregaste a vergasta e desceste os calções, elas choram de alegria; de tristeza eu rio e canto, por ver um rei na folia mas na cabeça, nem tanto. Tio, por obséquio, arranja um mestre-escola que ensine teu bobo a mentir. Desejara muito aprender a mentir.

LEAR — Se mentires, maroto, serás açoitado.

BOBO — Não posso compreender que tu e tuas filhas sejais aparentados; elas me

açoitam por eu dizer a verdade, enquanto tu pretendes fazer o mesmo no caso de eu mentir, sem contarmos que algumas vezes tenho sido açoitado por estar quieto. Quisera ser tudo neste mundo, menos bobo, mas não desejo ser o que és, tio; dos dois lados raspaste o espírito, sem deixar nada no meio. Aí vem vindo uma das raspadoras.

(*Entra Goneril.*)

LEAR — Então, filha? Por que esse diadema carrancudo? Ultimamente só parece que andais sempre de sobrecenho fechado.

BOBO — Tu eras um belo tipo, quando não precisavas preocupar-te com as suas carrancas; agora és um zero sem número. Presentemente, sou mais do que tu; sou um bobo, ao passo que tu és nada. (*A Goneril.*) Pois não, pois não! Vou segurar a língua, que é o que vossa fisionomia me está ordenando, muito embora nada houvésseis dito. Mum, mum! Quem não guardou mel nenhum, tem de viver em jejum. Ali está uma ervilha sem grão. (*Apontando para Lear.*)

GONERIL — Não somente, senhor, o vosso bobo, que se permite muitas liberdades, como outros cavaleiros insolentes de vosso séqüito, a cada hora brigam e suscitam questões, fazendo arruaças de todo intoleráveis. Pois, senhor, pensei que, pondo-vos a par do fato, acharia remédio; mas começo, realmente, a me temer, pelo que há pouco dissestes e fizestes, que esse abuso apoio encontra em vós, tomando alento em vossa tolerância. Se for isso, não deixará de ser punida a falta nem de velar os meios de defesa que, ao bem-estar de todos só visando, poderá ofender-vos por maneira que, em outras conexões, fora aprobriosa, mas que a necessidade o nome empresta de conduta discreta.

BOBO — Porque, como sabeis, tio, tanto ao pardal o cuco deu bom milho, que a cabeça esmagou-lhe o próprio filho. E assim a luz se apagou e nós ficamos no escuro.

LEAR — Sois nossa filha?

GONERIL — Desejara que usásseis o bom senso de que vos sei provido e que pusésseis de lado essas disposições recentes que a tal ponto vos tem mudado a essência.

BOBO — Não saberá um asno, quando a carroça puxa o cavalo? "Toca, Jug! Eu te amo!"

LEAR — Conhece-me ainda alguém? Não, não é Lear. Andava Lear assim? Falava assim? Onde terá os olhos? Há de fraca ter a razão e rombos os sentidos. Estarei acordado? Não. Quem pode vir-me contar quem em verdade eu seja?

BOBO — A sombra de Lear.

LEAR — Desejaria aprender isso, porque pelos atributos da soberania, do conhecimento e da razão, eu seria levado a crer que tive filhas.

BOBO — Que fariam de vós um pai obediente.

LEAR — Como vos chamais, bela senhora?

GONERIL — Esse espanto, senhor, é mui do gosto de vossa nova telha. Desejara que compreendêsseis bem minha intenção. Por velho e venerável, deveríeis ser sensato também.

Uma centena de cavaleiros e escudeiros tendes para servir-vos, gente de tal modo desordeira, atrevida e depravada, que nossa corte, corrompida pelas práticas deles todos, se assemelha a taberna em motim. O epicurismo e a torpeza fizeram-na tornar-se mais taberna e bordel do que palácio cheio de tradições. O próprio pejo está a exigir uma medida urgente. Deixai-vos, pois, rogar por quem, sem isso, vos tomara o que pede, isto é, de um pouco reduzir vosso séqüito, devendo ser o restante, apenas, destinado a vos cuidar da idade e, sobretudo, ter consciência de vós e dessa gente.

LEAR — Demônio e inferno! Tragam meu cavalo! Reuni logo meu séqüito! Bastarda degenerada, não desejo ser-te pesado em nada. Resta-me outra filha.

GONERIL — Bateis na minha gente, e essa canalha desordenada trata os superiores como se fossem criados.

(*Entra Albânia.*)

LEAR — Ai de quem se arrepende tardiamente! (*A Albânia.*) Ó senhor, vós aqui? São ordens vossas? Falai, senhor! — Olá! Mandai trazer-me o meu cavalo! — Ingratidão, demônio de coração de mármore, mais feio, quando numa criança se revela, do que o monstro marinho.

ALBÂNIA — Por obséquio, senhor, ficai mais calmo.

LEAR (*a Goneril*) — Detestável harpia, estás mentindo! Minha gente toda é escolhida e de costumes limpos; conhecedores são de seus deveres e com muito cuidado mantêm sempre a honra do próprio nome. Ó faltazinha, como em Cordélia apareceste feia! Tu, como banco de tormento, as traves de minha natureza deslocaste de seu estado fixo e todo o afeto me chupaste do peito, transformando-o no fel mais amargoso. Ó Lear! Ó Lear! (*Batendo na testa.*) Bate agora a esta porta, que a loucura deixou entrar e o teu tão caro juízo permitiu que saísse. Vamos, vamos, minha gente!

ALBÂNIA — Senhor, sou inocente, como não sei também qual o motivo que vos deixou colérico.

LEAR — É possível, meu senhor. Natureza, agora me ouve! Deusa querida, atende-me! Suspende teus desígnios, se acaso pretendias deixar fecunda agora esta criatura; ao ventre lança-lhe a esterilidade, ressequidos lhe deixa os órgãos todos da procriação, não permitindo nunca que lhe nasça do corpo desprezível uma criança que a possa honrar um dia. Se tiver de procriar, que tenha um filho feito só de malícia, porque viva para um desnaturado e pervertido tormento lhe ser sempre. Que lhe faça muitas rugas nascer na fronte jovem e, com ardentes lágrimas, profundos sulcos lhe abra nas faces; que compense com chacotas e riso os sofrimentos e cuidados maternos, para que ela possa ver como dói mais fundamente que o dente da serpente a filha ingrata. Fora daqui! Partamos!

ALBÂNIA — Deuses do alto, que adoramos, que é que houve?

GONERIL — Não vos seja preocupação saberdes o motivo. Que seus caprichos tenham livre o campo que sua caduquice lhes confere.

(*Volta Lear.*)

LEAR — Como! Cinqüenta dos meus homens, postos de lado, de uma vez, em quinze dias?

ALBÂNIA — Que aconteceu, senhor?

LEAR — Já vou contar-te. (*A Goneril.*) Vida e morte! Envergonha-me que tenhas poder para abalar dessa maneira minha virilidade e que estas lágrimas escaldantes, que à força se me escapam, te façam parecer condigna delas. Caiam em ti nevoeiros e rajadas. Que as feridas profundas da paterna maldição os sentidos te corroam. Velhos olhos e tontos, se chorardes novamente essa causa, hei de arrancar-vos para ao barro atirar-vos e, com as gotas que estiverdes perdendo, amolecê-lo. Chegamos a este ponto? Pois que seja! Outra filha me resta, estando eu certo de que ela é para mim bondosa e afável. Quando vier a saber o que fizeste, há de com as próprias unhas arranhar-te essas feições de lobo. Então, a forma me verás reassumir que ora presumes perdida para sempre. É o que te digo.

(*Saem Lear, Kent e o séqüito.*)

GONERIL — Ouvistes tudo?

ALBÂNIA — Goneril, não posso ser tão parcial, embora vos estime...

GONERIL — Por obséquio, é o bastante. Olá! Osvaldo! (*Ao bobo.*) Vós, senhor, mais velhaco do que bobo, segui vosso patrão.

BOBO — Tio Lear! Tio Lear! Espera aí e leva o bobo contigo! Se uma raposa eu pegasse com sua filha repace e o couro dela tirasse... De gorro assim sobre a face, seria o bobo da classe. (*Sai.*)

GONERIL — Esse homem tem razão: cem cavaleiros! Fora boa política, em verdade, deixá-lo com cem homens que, por nada, qualquer queixa, capricho ou fantasia, armas à caduquice lhe dariam, ficando dependendo nossas vidas só de sua mercê. Olá, Osvaldo!

ALBÂNIA — Vosso medo é excessivo.

GONERIL — É mais seguro do que confiar demais. E preferível o obstáculo afastar de que me temo, a temer ser pegada de surpresa. Conheço-o muito bem; já por escrito comuniquei à mana o que ele disse. Se ela o aceitar com todos os seus homens depois de eu ter mostrado... (*Entra Osvaldo.*) Então, Osvaldo, já escrevestes a carta para a mana?

OSVALDO — Sim, escrevi, senhora.

GONERIL — Levai convosco alguns dos nossos homens e parti a cavalo. Dai-lhe plenas informações de tudo o que receio, acrescentando o que quiserdes, para reforçar o recado. Parti logo, e, assim, voltai depressa. (*Sai Osvaldo.*) Não, milorde, essa brandura que mostrais, leitosa, conquanto eu não censure, permiti-me que vos diga, porém: mais censurado sois por falta de senso do que mesmo louvado por bondoso em demasia.

ALBÂNIA — Não sei até onde vosso olhar alcança, mas temo que estragueis a boa usança.

GONERIL — Então...

ALBÂNIA — Bem, bem; os fatos o dirão. (*Saem.*)

Cena 5

Pátio diante do mesmo. Entram Lear, Kent e o bobo.

LEAR — Parti na frente, para Gloster, com estas cartas. Não conteis a minha filha do que sabeis senão o que ela vos perguntar com relação ao assunto da carta. Se não fordes muito diligente no recado, chegarei lá primeiro.

KENT — Não dormirei, senhor, enquanto não tiver entregue vossa carta. (*Sai.*)

BOBO — Se o homem tivesse o cérebro no calcanhar, não correria o risco de apanhar frieira?

LEAR — Correria, pequeno.

BOBO — Então peço-te que fiques alegre, porque o teu espírito não irá andar de chinelas.

LEAR — Ah, ah, ah!

BOBO — Vais ver como tua outra filha te trata bem, porque embora ela se pareça tanto com esta aqui como uma maçã silvestre com uma maçã comum, posso dizer o que posso dizer.

LEAR — Que é que podes dizer, pequeno?

BOBO — Que ela te vai ser de gosto tão idêntico ao gosto desta como o de duas maçãs silvestres. Saberás dar-me a razão de termos o nariz no meio do rosto?

LEAR — Não.

BOBO — Ora, é para ficarmos com um olho de cada lado do nariz, a fim de espiarmos o que não pudermos cheirar.

LEAR — Fui injusto com ela...

BOBO — Sabes como é que a ostra fabrica a valva?

LEAR — Não.

BOBO — Nem eu; mas poderei dizer-te porque o caracol tem casa.

LEAR — Por que é?

BOBO — Ora, é para guardar a cabeça e não a dar às filhas ficando, assim, sem ter onde guardar os cornos.

LEAR — Quero esquecer minha natureza. Um pai tão carinhoso! Estão prontos os cavalos?

BOBO — Teus asnos foram procurá-los. A razão por que sete estrelas não são mais de sete é muito interessante.

LEAR — Não é por não serem oito?

BOBO — Justamente. Darias um excelente bobo.

LEAR — Retomá-lo pela força! Ingratidão monstruosa!

BOBO — Se tu fosses o meu bobo, tio, eu te daria uma sova por teres ficado velho antes do tempo.

LEAR — Como assim?

BOBO — Não devias ter envelhecido antes de ficares sábio.

LEAR — Não quero ficar louco, céu bondoso! Mantém-me o juízo; tudo menos louco! (*Entra um gentil-homem.*) Então, estão prontos os cavalos?

GENTIL-HOMEM — Estão prontos, senhor.

LEAR — Vamos, pequeno.

BOBO — A donzela que rir de mim neste momento, donzela não será, se é certo o que ora avento.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Pátio diante do castelo do duque de Gloster. Entram Edmundo e Curan, que se encontram.

EDMUNDO — Deus te guarde, Curan.

CURAN — E a vós também, senhor. Estive com vosso pai e lhe dei a notícia de que o duque de Cornualha e Regane sua duquesa chegarão aqui esta noite.

EDMUNDO — E por que isso?

CURAN — Ignoro-o. Não ouvistes as notícias que correm por aí? Refiro-me apenas às que são cochichadas e que não são mais do que assuntos soprados aos ouvidos.

EDMUNDO — Eu? Não. Por obséquio, quais são elas?

CURAN — Não ouvistes dizer que é muito provável uma guerra entre os duques de Cornualha e de Albânia?

EDMUNDO — Nem uma palavra.

CURAN — Então ainda haveis de ouvir algo a esse respeite. Passai bem, senhor. (*Sai.*)

EDMUNDO — O duque aqui esta noite? Melhor... Ótimo! Isso cai mesmo certo no meu plano. Meu pai pôs gente em busca de meu mano e um negócio nauseoso ainda me resta para ser posto em prática. Mãos à obra. Celeridade e sorte! Mano, mano! Uma palavra! Vinde! Estou chamando! (*Entra Edgar.*) Meu pai está de espreita. Oh! Fugi logo; deixai o esconderijo, que este ponto já se tornou sabido. É conveniente aproveitar a noite. Por acaso não vos manifestastes em prejuízo do duque de Cornualha? Ele vem vindo para aqui, apressado, em plena noite, e Regane com ele. Não dissestes a favor dele nada, contra o duque de Albânia? Pensai bem.

EDGAR — Não disse nada, tenho certeza.

EDMUNDO — Ouço meu pai que chega. Perdoai-me, mas por fingimento, apenas, tirai também a espada e defendei-vos, só por simulação. Parti, agora. — Rendei-vos! Vamos ante nosso pai! Luz, aqui! — Fugi, mano! — Tochas! Tochas! — Assim. Adeus, adeus. (*Sai Edgar.*) Agora um pouco de sangue há de fazer nascer a idéia de um combate mais sério. (*Fere-se no braço.*) Já vi bêbedos fazer por brincadeira mais do que isso. Pai! Pai! Prendei! Prendei! Ninguém me ajuda?

(*Entram Gloster e criados, com tochas.*)

GLOSTER — Edmundo, onde está o biltre?

EDMUNDO — Aqui se achava, no escuro, espada em punho, depravados conjuros resmungando e, como a dama auspiciosa, a invocar a própria lua.

GLOSTER — Mas onde está?

EDMUNDO — Senhor, estou sangrando.

GLOSTER — Mas onde está esse vilão, Edmundo?

EDMUNDO — Fugiu por lá, senhor, quando viu que era de todo inútil...

GLOSTER — Lá? Ide atrás dele! (*Saem alguns criados.*) "De todo inútil..." Quê?

EDMUNDO — Sim, persuadir-me a vos tirar a vida. Respondi-lhe que os deuses vingadores desferiam seus duros raios contra os parricidas; lembrei-lhe os laços múltiplos e fortes que aos pais os filhos prendem. Em resumo, senhor: vendo o desgosto que eu opunha a suas intenções desnaturadas, enraivecido, espada em punho, ataca-me o corpo exposto e o braço aqui me fere. Mas ao ver que os espíritos eu tinha bem despertos e que pela justeza da causa a combatê-lo se atreviam, ou por eu ter muito barulho feito, de repente, fugiu.

GLOSTER — Pode esconder-se onde quiser, que neste território encontrado há de ser. E, uma vez preso... liquidado. Meu mestre, o nobre duque, meu mui dígno patrono e amado príncipe chega esta noite. Assim, proclamarei, com sua autoridade, que há de nossa graça alcançar quem quer que encontre o biltre e o covarde assassino entregue ao cepo. E se alguém o esconder, morra igualmente!

EDMUNDO — E quando procurava dissuadi-lo de semelhante intento, achando-o cada vez mais determinado em realizá-lo, e ameacei denunciá-lo, respondeu-me: "Bastardo sem haveres, então pensas que, se acareados fôssemos, alguma confiança em teu valor, virtude ou mérito reforçar poderia o que dissesses? Não; pois o que eu negasse — e hei de fazê-lo, embora apresentasses cartas minhas — atribuiria tudo a teus conselhos, traça e manobras pérfidas. Preciso fora deixares tolo o mundo inteiro, para que ninguém visse quanto o lucro de minha morte te seria estímulo para que a procurasses".

GLOSTER — Celerado teimoso e endurecido! Negaria sua própria carta? Não, não é meu filho. (*Fanfarras.*) Atenção! As trombetas são do duque. Não sei por que motivo nos visita. Os portos fecharei, para que o biltre não nos possa escapar. O duque me há de permitir isso. Espalharei por toda parte o retrato dele; assim, o reino conhecerá seus traços. Minhas terras, rapaz fiel e natural, recursos hei de arranjar para que a herdá-las venhas.

(*Entram Cornualha, Regane e séqüito.*)

CORNUALHA — Então, meu nobre amigo? Desde o instante que aqui cheguei — e foi neste momento — soube coisas mui raras.

REGANE — Confirmadas, toda vingança ainda não bastara para ir sobre o ofensor. Então, milorde?

GLOSTER — Ó senhora, senhora! Espedaçado ficou-me o coração. Espedaçado!

REGANE — Como! O afilhado de meu pai tentou contra vossa existência? Aquele

mesmo em que meu pai pôs nome? Vosso Edgar?

GLOSTER — Ó senhora! A vergonha ora me manda ficar calado.

REGANE — Acaso ele não era companheiro dos homens turbulentos que servem a meu pai?

GLOSTER — Não sei, senhora Oh! É terrível tudo!

EDMUNDO — Sim, senhora; pertencia a esse bando.

REGANE — Se assim é, não admira que mostrasse sentimentos tão baixos. Partiu deles a idéia de matar o velho, para desbaratarem logo seus haveres. De minha irmã recebi hoje cedo boas informações sobre essa gente, com tantas advertências, que, se acaso quiserem ir parar em minha casa, não me encontrarei lá.

CORNUALHA — Nem eu, Regane. Edmundo, soube agora que prestastes a vosso pai serviços de bom filho.

EDMUNDO — Só fiz o meu dever.

GLOSTER — Fez frustrar a manobra do outro, tendo recebido a ferida que aqui vedes, quando tentou prendê-lo.

CORNUALHA — Seguiu gente no encalço dele?

GLOSTER — Sim, meu bom senhor.

CORNUALHA — Sendo apanhado, havemos de deixá-lo em condições de nunca mais receio vir a causar a alguém. Tomai vós mesmo todas as providências e disponde do meu poder como vos for do agrado. E vós, Edmundo, tão recompensado neste momento, assim pela obediência como pela virtude, sereis nosso. Pessoas de lealdade tão provada são muito necessárias. Começamos, assim, por nos apoderar de vós.

EDMUNDO — Embora mais não faça, hei de lealmente servir a meu senhor.

GLOSTER — Muito agradeço por ele a Vossa Graça.

CORNUALHA — Com certeza não sabeis a razão desta visita...

REGANE — . . .assim fora de tempo, abrindo nosso caminho pela noite de olhos negros. Motivos, nobre Gloster, de algum peso tornam vossos conselhos necessários. Nosso pai nos escreve, e nossa mana, sobre certos dissídios, parecendo-me mais acertado responder a todos longe de nossa casa. Os mensageiros estão aqui à espera da resposta. Velho e bondoso amigo, deixai calmo, de todo, o coração, e em nosso auxílio vinde com bons conselhos sobre assunto que exige muita urgência.

GLOSTER — Ao vosso inteiro dispor, senhor, me encontro. Vossas Graças são bem-vindas aqui.

(*Saem.*)

Cena 2

Diante do castelo de Gloster. Entram Kent e Osvaldo, por lados diferentes.

OSVALDO — Boa manhã para ti, amigo; és desta casa?

KENT — Sou.

OSVALDO — Onde poderemos pôr os cavalos?

KENT — No charco.

OSVALDO — Informa-me, por obséquio, se me tens amizade.

KENT — Não te tenho amizade nenhuma.

OSVALDO — Nesse caso não me preocuparei contigo.

KENT — Se eu te pegasse no curral de Lipsbury, obrigar-te-ia a te preocupares comigo.

OSVALDO — Por que me tratas desse modo? Não te conheço.

KENT — Mas eu te conheço, traste.

OSVALDO — Por quem me tomas tu?

KENT — Por um biltre, um canalha, devorador de restos; um biltre ignóbil, atrevido, oco, indigente, de três librés, massabruta, imundo, de meias estragadas; um biltre com fígado de lírio, um chicanista; nascido na sarjeta, namorador do espelho, espinha mole, petimetre; um lacaio que só herdou uma roupa, um tipo que servirá de alcoviteiro, à guisa de bons serviços, mas que não passa de um misto de velhaco, mendigo, covarde, alcoviteiro e herdeiro de uma cadela bastarda; um tipo em que darei uma coça de arrancar rugidos, no caso de contestares a menor sílaba de todos estes teus títulos honoríficos.

OSVALDO — Ora, que sujeito monstruoso és tu, para deblaterares contra uma pessoa que nem te conhece nem é conhecida por ti?

KENT — Que tipo de cara de bronze és tu, para dizeres que não me conheces, se há dois dias eu te dei um pontapé na frente do rei? Saca a tua espada, pulha; ser noite não importa, visto que há luar; vou fazer de ti uma sopa à luz da lua. (*Sacando da espada.*) Vamos, desembainha também a tua espada, maroto, coisa à toa, peralvilho! Vamos, desembainha!

OSVALDO — Retira-te daqui! Não tenho nada que ver contigo.

KENT — Desembainha, maroto! Trouxestes cartas contra o rei e tomais o partido da boneca vaidosa, contra a realeza do pai dela. Saca a espada, biltre; se não retalho-te as canelas.

Saca da espada, biltre! Toma posição!

OSVALDO — Socorro! Olá! Assassino! Socorro!

KENT — Ataca, escravo! Defende-te, patife! Defende-te! Vamos, ataca, lacaio! (*Bate-lhe.*)

(*Entra Edmundo, de florete na mão.*)

EDMUNDO — Então, que aconteceu?

KENT — É convosco, se vos aprouver, meu rapazinho. Vinde, meu jovem mestre, que desejo dar-vos uma lição.

(*Entram Cornualha, Regane, Gloster e criados.*)

GLOSTER — Espadas! Armas! Que se passa aqui?

CORNUALHA — Por vossa vida, paz! Morre quem prosseguir. Que é que se passa?

REGANE — Os mensageiros são do rei e da mana.

CORNUALHA — Qual o motivo dessa briga? Vamos!

OSVALDO — Quase não posso respirar, milorde.

KENT — Não admira, pois forçaste demais a valentia. Pulha covarde! A natureza te renega; foste feito por algum alfaiate.

CORNUALHA — És um tipo curioso; um alfaiate fazer um homem?

KENT — Sim, um alfaiate, senhor; um escultor ou um pintor não o teriam feito tão mal, ainda que só trabalhassem duas horas.

CORNUALHA — Falai vós agora: que foi que originou essa briga?

OSVALDO — Este velho desordeiro, senhor, cuja vida eu poupei só por causa daquelas barbas brancas...

KENT — Ó amaldiçoado! Letra inútil! Milorde, se o permitirdes, amassarei num pilão esse vilão grosseiro, para enlambuzar com ele as paredes da latrina. Então poupastes-me as barbas brancas, meu ranheta?

CORNUALHA — Silêncio, biltre! Grosseirão, desconheces o respeito?

KENT — Conheço, sim senhor; mas é que a cólera também tem privilégios.

CORNUALHA — Por que causa ficastes tão colérico?

KENT — Por ver de espada um pulha destituído de honestidade. Os biltres sorridentes como este aqui, tal qual os ratos, roem os laços sacrossantos que, por fortes, não podem desmanchar; adulam todas as paixões que refervam no imo peito de seus amos; no fogo põem mais óleo; mais neve, nos humores, de si frios; afirmam, negam, viram seus pescoços de alcião, de acordo com as menores brisas e variações dos amos, ignorando, como os cães, tudo o mais, senão seguir. A peste nessa cara de epiléptico! Do meu discurso ris como de um tolo? Ganso, se eu te apanhasse na planície de Sarnum, tocar-te-ia a Camelot, fazendo-te grasnar.

CORNUALHA — Que é isso, velho? Ficastes louco?

GLOSTER — Qual a razão disso? Vamos, falai.

KENT — Não pode haver contrários que revelem maior antipatia do que eu e esse patife.

CORNUALHA — Por que causa o chamas de patife? Que te fez?

KENT — Não vou com a cara dele.

CORNUALHA — Nem com a minha não é assim? E a deste aqui, e a dela?...

KENT — Senhor, tenho por hábito ser franco: em minha vida toda já vi rostos mais agradáveis do que quantos posso discernir sobre os ombros dos presentes.

CORNUALHA — É algum sujeito que por já ter sido louvado de franqueza, usa linguagem rude e insolente, contra as próprias vestes de sua natureza. É-lhe impossível adular. Não! Caráter reto e honesto. Só diz o que é a verdade; os mais que a aceitem, se puderem; se não, falou sincero. Conheço muito bem esses bargantes, cuja franqueza abriga mais enganos e corruptos intentos do que vinte desses coitados cheios de zumbaias que cumprem belamente seus deveres.

KENT — Por minha alma, senhor, pela verdade, com a permissão de vosso augusto aspecto, cujo poder é como a auréola rútila da cabeça de Febo coruscante...

CORNUALHA — Que pretendeis com isso?

KENT — Deixando de lado meu estilo, que tanto desaprovais, senhor, sei perfeitamente que não sou bajulador. Quem vos enganou com fraseado polido não passava de um velhaco, o que, de minha parte, não pretendo ser, ainda que disso me adviesse conquistar o vosso desagrado.

CORNUALHA — Que ofensa lhe fizestes?

OSVALDO — Eu? Nenhuma. Por um mal-entendido, não faz muito, aprouve ao rei, seu mestre, castigar-me. Para adular-lhe a cólera, atirou-se-me este aqui por detrás e derrubou-me, sobre insultar-me, por me ver caído, remoques atirando-me e estadeando tanta virilidade, como se algo, de fato, fosse, e encômios ganhou logo do rei, porque atacara quem já estava vencido por si mesmo. E ora, animado pelo êxito de tão grandioso feito, me atacou novamente.

KENT — Todos esses covardes e mandriões fazem de bobo ao próprio Ajax.

CORNUALHA — Tragam-me logo o cepo! Maroto pertinaz, encanecido fanfarrão, haveremos de ensinar-vos...

KENT — Senhor, para aprender sou muito velho. Para mim não mandeis trazer o cepo. Pertenço ao rei, e foi por seu mandado que vos vim procurar. Revelaríeis pouco respeito e excesso de arrogância contra a pessoa e a graça de meu amo, pondo no cepo o mensageiro dele.

CORNUALHA — Trazei-me o cepo! Por minha alma e honra, há de ficar aí até ao meio-dia.

REGANE — Meio-dia? Até à noite, meu senhor; a noite toda, aliás.

KENT — Como, senhora! Se eu fosse o cão de vosso pai, decerto não me daríeis esse tratamento.

REGANE — Mas dou-vo-lo, por serdes seu criado.

CORNUALHA — Este tipo é da cor dos que nos fala nossa irmã. Vamos; tragam logo o cepo!

(*O cepo é trazido.*)

GLOSTER — Deixai-me suplicar a Vossa Graça que não façais tal coisa. Sua falta foi grande; mas o rei, seu bondoso amo, saberá castigá-lo. A pena baixa que ora lhe destinais só é aplicável aos mais vis transgressores, por delitos ordinários ou crimes de pilhagem. O rei há de achar mal ver-se tratado com tão pouco respeito no emissário que aqui vai ficar preso.

CORNUALHA — Isso é comigo; responderei por tudo.

REGANE — Pior ainda há de achar minha irmã que houvesse sido agredido e insultado o gentil-homem da parte dela. — Assim; prendei-lhe os pés. Caro senhor, partamos.

(*Kent é posto no cepo.*)

(*Saem todos, com exceção de Gloster e Kent.*)

GLOSTER — Amigo, dás-me pena; mas o duque foi que o determinou, sabendo todos que seu temperamento não suporta ser friccionado em nada ou posto em xeque. Hei de pedir por ti.

KENT — Não, por obséquio, senhor; não dormi nada e andei bastante. Parte do tempo dormirei; o resto passarei assobiando. Pode dar-se que pelos calcanhares cresça a sorte de um homem de valor. Dou-vos bom dia.

GLOSTER — Está errado o duque. Isto vai mal. (*Sai.*)

KENT — Bom rei, confirmas o brocardo antigo: deixas as bênçãos de um céu calmo e límpido pelo sol escaldante. Vem para perto, luz do mundo baixo, porque eu consiga ler esta missiva sob os teus raios brandos. Quase nunca vemos milagres, se não for apenas quando infelizes. Veio-me esta carta, sei-o bem, de Cordélia, que, por sorte, ficou sabendo de meu curso obscuro e há de achar ocasião, nesta nossa época desordenada, para dar remédio ao que estiver doente. Tão cansados por contínuas vigílias, alegrai-vos, olhos pesados, por não conseguirdes ver bem neste aposento vergonhoso. Fortuna, passa bem; sorri de novo e faze andar mais uma vez a roda. (*Adormece.*)

Cena 3

Uma parte da charneca. Entra Edgar.

EDGAR — Eu próprio ouvi o pregão em que diziam que me acho foragido, tendo à caça conseguido escapar no oco de uma árvore. Não há porto algum livre, nenhum ponto em que não haja guarda e rigorosa vigilância, no intuito de apanhar-me. Salvo estarei enquanto fugir deles, pretendendo assumir a mais abjeta, mais humilde aparência com que nunca, no seu desprezo aos homens, a miséria dos animais se houvesse aproximado. Lama no rosto hei de passar, nos lombos porei qualquer coberta, desmanchados trarei sempre os cabelos, e, com minha nudez patente, hei de enfrentar a fúria dos ventos e do céu. Tenho modelos e precedentes aqui mesmo, nesses mendigos tresloucados que, com urros, nos braços nus e entorpecidos cravam alfinetes, espinhos, pregos, ramos de rosmaninho e, assim, de aspecto horrível, nas cabanas, nas vilas miseráveis, nos apriscos de ovelhas, nos moinhos, com imprecações de loucos ou com rezas a caridade forçam. Pobre Tom! Pobre Turlu! Já sou alguma coisa; mas, como Edgar, serei coisa nenhuma. (*Sai.*)

Cena 4

Diante do castelo de Gloster. Kent no cepo. Entram Lear, o bobo e um gentil-homem.

LEAR — É estranho que de casa se partissem sem me terem reenviado o mensageiro.

GENTIL-HOMEM — Pelo que saber pude, até esta noite tenção não tinham de sair de casa.

KENT — Salve, meu nobre mestre!

LEAR — Como! Fazes da vergonha recreio?

KENT — Não, milorde.

BOBO — Ah! ah! Usa ligas muito duras. Os cavalos são amarrados pela cabeça; cachorros e ursos, pelo pescoço; os macacos, pela cintura, e os homens pelas pernas. Quando alguém tem as pernas muito desenvoltas, calça meias de pau.

LEAR — Quem errou a tal ponto com teu posto, para te pôr aí?

KENT — Foi ele e ela; o filho e a filha vossa.

LEAR — Não!

KENT — É certo.

LEAR — Não, repito.

KENT — O contrário eu também digo.

LEAR — Não fariam tal coisa.

KENT — Pois fizeram.

LEAR — Juro por Júpiter que não.

KENT — Por Juno, torno a jurar que sim.

LEAR — Não o ousariam, não poderiam tê-lo feito. For a pior do que um assassínio tal ultraje ao respeito infligir. Com a mais decente pressa agora me conta de que modo pudeste merecer, ou antes, eles infligir-te essa pena, se aqui vieste de nossa parte como mensageiro.

KENT — No instante em que, senhor, na casa deles a missiva entreguei de Vossa Alteza, sem que tivesse tido tempo ainda de alçar-me do lugar em que se achava meu dever ajoelhado, fumegante chegou um correio, em água todo esfeito de tanta pressa, o fôlego cortado, a arquejar cumprimentos de sua ama, Goneril. Entregou-lhes uma carta — sem se importar com meu recado em curso — que lida foi de pronto, e a cujo assunto os homens logo reúnem, vão diretos para os

cavalos, dizem-me que os siga e o vagar da resposta aqui esperasse, dirigindo-me sempre olhares frios. Tendo o outro mensageiro aqui encontrado, cuja chegada, vira-o bem, a minha havia envenenado — e que era o mesmo velhaco que se comportara contra Vossa Alteza com tanto atrevimento — mostrando-me mais homem do que sábio, saquei da espada, enquanto ele alarmava toda a casa com berros de covarde. Acharam, vosso filho e vossa filha, essa infração bastante grave, para o opróbrio merecer por que ora passo.

BOBO — O inverno ainda não passou, no caso de voarem nesta direção os patos selvagens. Quando os pais só vestem trapos, os filhos nem querem vê-los; quando são ricos e guapos, são para eles só desvelos. A Fortuna marafona sempre os pobres abandona. Mas apesar de tudo, tuas filhas te proporcionarão mais dólares do que possas contar em um ano.

LEAR — Oh! Como ao peito esta paixão me sobe! Desce, "histerica passio", dor que sobe! É em baixo teu lugar. E onde está a filha?

KENT — Senhor, com o conde, aí dentro.

LEAR — Não me sigas; espera aqui. (*Sai.*)

GENTIL-HOMEM — Nenhuma ofensa, acaso, fizestes, a não ser a que contastes?

KENT — Nenhuma. Mas por que traz o rei tão pouca gente?

BOBO — Se tivesses sido posto no tronco por essa pergunta, fora bem merecido.

KENT — Por quê, bobo?

BOBO — Vamos pôr-te a aprender com uma formiga, que te ensinará que no inverno não há trabalho. Todas as pessoas que seguem o nariz são levadas pelos olhos, com exceção dos cegos, não havendo um só nariz, entre vinte, que não perceba quem está fedendo. Solta a roda grande, quando ela começar a rolar colina abaixo, se não quiseres quebrar o pescoço; mas quando a roda grande subir a colina, bem: que te arraste atrás dela. Quando um sábio te der melhor conselho, dá-lhe o meu de retorno. Quisera que só fosse seguido pelos velhos, por ser conselho de bobo. Quem a outrem serve e lucro tem em mira, e tudo o mais desleixa, se chove, apronta a trouxa e se retira, e no pegão o deixa. Mas eu não fugirei; o bobo fica; seja o sábio fujão. Bobo se torna um biltre, quando estica; mas biltre o bobo, não.

KENT — Onde aprendeste isso, bobo?

BOBO — Não foi no cepo, bobo.

(*Volta Lear, com Gloster.*)

LEAR — Recusam-se a falar-me? Estão doentes? Fatigados? Viajaram toda a noite? Meras tretas; imagens, tão-somente, de revolta e abandono. Arranja-me outra resposta mais razoável.

GLOSTER — Meu querido senhor, conheceis bem a natureza colérica do duque e como sempre persistente se mostra e irredutível em quanto determina.

LEAR — Vingança! Peste! Morte! Confusão! Colérica? Que natureza? Ó Gloster, escuta: falar quero, neste instante, com o Duque de Cornualha e sua esposa.

GLOSTER — Pois não, senhor; já lhes mandei recado.

LEAR — "Já lhes mandei recado!" Entendes-me, homem?

GLOSTER — Entendo, bom senhor.

LEAR — O rei deseja conversar com Cornualha, o pai querido deseja conversar com a própria filha; quer ser obedecido. Já lhes deram semelhante "recado"? Sangue e vida! Colérico! O duque é mui colérico! Dizei ao duque ardente... Não; é cedo. Pode ser que se encontre doente mesmo. A descuidar nos levam sempre as doenças dos deveres que impõe, sempre, a saúde. Já não somos nós mesmos, quando, opressa, ordena a natureza ao próprio espírito que padeça com o corpo. Esperar devo; combater quero este pendor violento que me leva a tomar o acesso mórbido pelo homem são. Que morra o meu prestígio! (*Olhando para Kent.*) Por que razão ele se encontra ali? Esse ato me persuade de que a ausência do duque e da duquesa é fingimento. Ponham logo meu criado em liberdade! Ide dizer ao duque e sua esposa que desejo falar-lhes neste instante; agora mesmo! Saiam para ouvir-me; se não, em frente aos aposentos deles irei tocar tambor de dar a morte ao sono com o barulho.

GLOSTER — Quem me dera que entre vós tudo viesse a concertar-se! (*Sai.*)

LEAR — Ai de mim! Sinto o coração subir. Para baixo, de novo!

BOBO — Grita com ele, tio, como fazia a cozinheira com as enguias, ao pô-las vivas na frigideira. Batia-lhes na cabeça com uma vara e gritava-lhes: "Para baixo, mal-educadas! Para baixo!" No entanto, tinha um irmão que, por pura bondade, passava manteiga no feno do cavalo.

(*Entram Cornualha, Regane, Gloster e criados.*)

LEAR — Bom dia aos dois.

CORNUALHA — E salve Vossa Graça.

(*Kent é posto em liberdade.*)

REGANE — Fico alegre por ver Vossa Grandeza.

LEAR — Sim, Regane, sei disso; como as causas também de pensar dessa maneira. Se o não ficasses, eu me divorciara da tumba de tua mãe como da de uma mulher adúltera. (*A Kent.*) Então, liberto? Depois falamos nisso. Minha cara Regane, ah! tua irmã não vale nada. Ó Regane! a maldade corroedora ela amarrou aqui, como um abutre. (*Indica o coração.*) Mal te posso falar. Não poderias conceber a maneira desumana... Ah, Regane!

REGANE — Por obséquio, senhor, tende paciência. Penso que estais tão longe de apreciar-lhe todo o mérito, como de esquecer-se ela de seus deveres.

LEAR — De que modo?

REGANE — Não posso crer que minha irmã se tenha descuidado no mínimo de suas obrigações. Se acaso, meu senhor, procurou restringir a turbulência de vossos seguidores, deu-se tudo com bases tais e tão recomendáveis intenções, que de toda pecha a expungem.

LEAR — Lanço-lhe a maldição!

REGANE — O senhor, já estais velho! A natureza chegou em vós ao seu confim postremo. Devereis ser guiado e governado por alguém que, melhor do que vós mesmo, vossas necessidades compreendesse. Assim, vos peço, retornai para ela, senhor, e confessai que injusto fostes.

LEAR — Eu, pedir-lhe perdão? Vede como isso vai bem com nossa casa: Amada filha, confesso que sou velho, sendo certo que a velhice é trambolho. Assim, de joelhos, (*Ajoelha-se.*) peço-vos conceder-me cama, roupa e um pouco de alimento.

REGANE — Meu bondoso senhor, não prossigais. São descabidas essas momices. Retornai para ela.

LEAR (*levantando-se*) — Jamais, Regane; ela cortou-me o séqüito de metade dos homens, dirigiu-me olhares carrancudos, alcançando-me o coração com a língua viperina. Que em sua fronte ingrata caiam todas as vinganças que o céu guardado tenha. Insuflai-lhe nos ossos jovens, ares pestilenciais, humores deformantes!

CORNUALHA — Ora, senhor, que coisa!

LEAR — Lançai-lhe, raios ágeis, vossas flamas ofuscantes nos olhos desdenhosos! Infectai-lhe a beleza, brumas densas aspiradas dos charcos e engendradas pelo potente sol, para que venha a abater-se-lhe o orgulho e encarquilhar-se.

REGANE — Oh deuses abençoados! Iguais votos me fareis, quando vosso humor violento tomar conta de vós.

LEAR — Jamais, Regane; jamais terás a minha maldição. Teu ser mui delicado não te leva a nenhuma aspereza. Os olhos dela são ferozes; os teus, porém, confortam, não causam queimaduras. Não se casa com tua natureza rogar praga contra minhas vontades, reduzir-me o séqüito, lançar-me termos ásperos, limitar-me a pensão e, finalmente, ferrolhos antepor à minha entrada. Não; mais do que ela sabes os deveres da natureza, obrigações dos filhos, o que a delicadeza impõe a todos e à gratidão devemos. Esquecida não estás da metade do meu reino, que te entreguei por dote.

REGANE — Retornemos ao assunto, senhor.

LEAR — Quem pôs meu homem no cepo?

(*Ouve-se toque de trombeta.*)

CORNUALHA — Que trombeta será essa?

REGANE — Conheço o toque; é minha irmã. Sua carta fica assim confirmada com a notícia de que viria aqui. Chegou a senhora?

(*Entra Osvaldo.*)

LEAR — Eis um escravo, cujo orgulho fácil e barato repousa nos favores instáveis da senhora a que ele serve. Fora da minha vista, sacripanta!

CORNUALHA — Que quer dizer com isso Vossa Graça?

LEAR — Quem ao cepo prendeu este meu criado? Regane, espero que não saibas disto. Mas quem vem lá? (*Entra Goneril.*) Ó céus, se amais os velhos, se com a obediência vosso cetro brando se compadece, se também sois velho, tomai o meu partido e vinde pôr-vos ao meu lado. (*A Goneril.*) Não tens vergonha, acaso, de olhar para estas barbas? Ó Regane! tomá-la pelas mãos?

GONERIL — Por que não há de fazê-lo, meu senhor? Qual foi meu erro? Nem tudo é ofensa que a tolice julga e a loucura nomeia.

LEAR — Ó flancos! duros sois por demais! Resistireis ainda? Por que no cepo foi parar meu homem?

CORNUALHA — Fui eu que o pus aí, senhor; mas suas desordens não faziam jus a tanta promoção.

LEAR — Como assim! Fostes vós mesmo?

REGANE — Por obséquio, meu pai; já que sois fraco, comportai-vos de acordo. Se até ao prazo final de vosso mês vos conformardes em voltar para a mana, e lá ficardes, despedindo metade desse séquito, vinde, então, para mim. Agora me acho fora de casa, sem dispor dos meios necessários a vosso tratamento.

LEAR — Procurá-la de novo? Cinqüenta homens despedidos? Jamais! Preferiria abjurar todo abrigo e expor-me à própria inimizade do ar, em companheiro transformar-me do lobo e da coruja, sob a dura pressão da adversidade. Voltar para ela? Esse ardoroso França, que recebeu sem dote minha filha mais nova, para mim fora mais fácil diante do trono dele ir ajoelhar-me e, tal qual escudeiro, mendigar-lhe pensão mesquinha que esta vida abjeta permita sustentar. Voltar para ela! Antes tornar-me escravo ou ser azêmola deste palafreneiro detestável. (*Mostrando Osvaldo.*)

GONERIL — Senhor, à vossa escolha.

LEAR — Filha, peço-te que não me deixes louco. Não desejo, menina, incomodar-te por mais tempo. Adeus. Não nos veremos nunca mais; nunca mais voltaremos a encontrar-nos. Mas és meu sangue, minha carne: filha. Ou melhor: uma doença em minha carne, a que forçado sou a chamar minha; és um inchaço, uma úlcera pestosa, um carbúnculo podre e tumefeito no meu sangue corrupto. Contudo, não quero repreender-te. Que a vergonha venha quando quiser; não vou chamá-la. Não pedirei ao portador de raios que troveje, nem nada a teu respeito direi de mal a Jove, o juiz supremo. Se puderes, emenda-te; melhora quando quiseres. Posso ser paciente. Posso ficar em casa de Regane com meus cem cavaleiros.

REGANE — Mais cuidado! Não contava convosco, nem me encontro preparada para vos dar condigno acolhimento. Ouvi, senhor, a mana. Quem põe razão nesses acessos vossos facilmente conclui que já estais velho. Logo... Ela sabe o que convém ao caso.

LEAR — Isso foi bem falado?

REGANE — Quero crê-lo, senhor. Como! Cinqüenta seguidores? Não vos bastam? Quereis mais gente ainda? Precisareis de tantos? Sim, que os próprios perigos e as despesas

esse número desaconselham. Como poderia haver paz numa casa entre tão grande número de homens sob comando duplo? É difícil se não quase impossível.

GONERIL — Por que não poderíeis ser servido pela gente da mana ou pela minha?

REGANE — Por que não, meu senhor? Se qualquer deles de vós se descuidasse, fora fácil repreendê-los por isso. Se quiserdes, assim, morar comigo — e agora vejo que tal coisa é arriscada — pediria que trouxésseis apenas vinte e cinco. Para mais não terei lugar nem mesmo disposição.

LEAR — Fui eu que vos dei tudo...

REGANE — E em tempo certo o destes.

LEAR — Instituí-vos minhas depositárias e tutoras, reservando-me apenas uma escolta desse número. Como! Deveria procurar-vos, então, com vinte e cinco? Regane, assim falastes?

REGANE — E repito-o; nem mais um, meu senhor.

LEAR — Certas criaturas boa aparência apresentar conseguem, quando outras em maldade as sobrepujam. Não sendo as piores, cabem-lhe elogios. Contigo ficarei; os teus cinqüenta o dobro são dos vinte e cinco dela, e o seu amor tu vales duas vezes.

GONERIL — Senhor, ouvi-me. Que necessidade tendes de vinte e cinco, dez, ou cinco pessoas para vos servir, em casa que dispõe até mais do dobro disso para tratar de vós?

REGANE — E por que de uma?

LEAR — Oh! não faleis sobre a necessidade. Nossos mendigos mais necessitados muita coisa supérflua ainda possuem. À natureza concedei apenas o que ela própria exige, e a vida humana tão barata será como a das feras. És uma dama. Se já fosse luxo andarmos aquecidos, não teria necessidade alguma a natureza dessas vestes luxuosas que em matéria de aquecimento em nada te protegem. Mas a necessidade verdadeira... Ó céus, dai-me paciência! É de paciência que necessito agora. Ó deuses! vedes aqui um pobre velho, tão pesado de anos que de cuidados, duplamente desgraçado! Se acaso levantastes o coração das filhas contra os pais, não me deixeis tão parvo que suporte tudo isso humildemente; nobre cólera fazei que em mim desperte, sem deixardes que as armas da mulher, as gotas de água, as faces varonis manchar me venham. Não, bruxas desumanas! Tal vingança hei de tomar de vós, que o mundo inteiro... Farei tais coisas — quais, ainda o ignoro — que hão de ser o terror de toda a terra. Pensais talvez que vou derramar lágrimas? Não, não hei de chorar. Tenho causas sobejas para tanto; mas antes de fazê-lo, há de partir-se-me o coração em vinte mil pedaços. Bobo, vou ficar louco!

(*Saem Lear, Gloster, Kent e o bobo.*)

CORNUALHA — Recolhamo-nos; vai haver tempestade.

(*Ouve-se a tempestade à distância.*)

REGANE — É mui pequena a casa para comportar o velho e mais seus seguidores.

GONERIL — É só dele toda a culpa. Privou-se do conforto, tendo, assim, de provar da própria insânia.

REGANE — De grado o acolheria; mas só ele, sem nenhum de seus homens.

GONERIL — É o que eu penso, também. Mas onde está milorde Gloster?

CORNUALHA — Acompanhou o velho. Ei-lo de volta.

(*Volta Gloster.*)

GLOSTER — Está furioso o rei.

CORNUALHA — Para onde foi?

GLOSTER — Pede cavalos; mas não sei para onde tenciona dirigir-se.

CORNUALHA — Pois deixemo-lo; saberá conduzir-se.

GONERIL — Não insteis, senhor, de jeito algum para que fique.

GLOSTER — Oh céus! A noite vem baixando, e os ventos penetrantes já sopram com veemência. Em muitas milhas em redor não se acha facilmente um arbusto.

REGANE — Ora, senhor! os teimosos aprendem com os incômodos que a si mesmos procuram. Fechai logo vossas portas; os homens que o acompanham são capazes de tudo. O que eles podem induzi-lo a fazer — sendo de ouvidos tão fáceis de enganar — manda a prudência que com razão temamos.

CORNUALHA — Fechai logo vossas portas, senhor. Minha Regane vos dá um bom conselho. A noite é horrível; saí da tempestade. Recolhamo-nos.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Uma charneca. Tempestade, com trovões e relâmpagos. Entram Kent e um gentil-homem, que se encontram.

KENT — Além do tempo mau, quem está aí?

GENTIL-HOMEM — Alguém inquieto como o próprio tempo.

KENT — Conheço-vos. E o rei, que faz agora?

GENTIL-HOMEM — Luta com os elementos agitados; manda ao vento que ao mar atire a terra, ou eleve as ondas crespas muito acima dos continentes, para que se mudem todas as coisas, ou de vez acabem; puxa os cabelos brancos que as rajadas impetuosas em seu furor apanham com cega raiva, reduzindo a nada; em seu mundo pequeno de homem, luta por zombar do conflito sempre móvel dos ventos e da chuva. Nesta noite, em que, depois de amamentar os filhos, a ursa não se levanta, e o leão e o lobo famintos sem molhar a pele ficam, cabeça descoberta ele se agita, à destruição total jogando tudo.

KENT — E quem está com ele?

GENTIL-HOMEM — O bobo, apenas, que tenta dissipar-lhe com gracejos a dor do coração tão trabalhado.

KENT — Conheço-vos, senhor; por isso atrevo-me, sob o penhor de tal conhecimento a vos contar um caso muito grave. Há discórdia, conquanto ainda encoberta se ache de parte a parte pela astúcia, entre Albânia e Cornualha. Eles possuem — o mesmo não se dá com todos quantos a grande estrela exalta e põe num trono? — criados, ao parecer, mas que, de fato, são espias de França e informadores, e que se encontram sempre a par de tudo que aqui se passa: as rixas e as conjuras dos dois duques e, após, o modo altivo que contra o velho rei têm revelado, ou algo porventura mais profundo de que seja tudo isso mero apêndice: o certo é que um exército da França penetrou neste reino dividido, o qual o pé firmou muito em segredo, valendo-se de nossa negligência, no nosso melhor porto, e ora se encontra no ponto de mostrar os estandartes. Ora é convosco: se puderdes algo construir sobre as minhas referências a ponto de ir a Dover sem demora, encontrareis decerto ali quem há de saber agradecer-vos, quando justo relato lhe fizerdes das tristezas desnaturais e em tudo abaladoras por que o rei tem passado. Por sangue e educação sou gentil-homem; é com conhecimento, pois, de causa, e confiança que disso vos incumbo.

GENTIL-HOMEM — Falaremos sobre isso mais de espaço.

KENT — De forma alguma. Para convencer-vos de que eu sou muito mais do que pareço,

ficai com o conteúdo desta bolsa. Se avistardes Cordélia — o que há de dar-se, ficai bem certo disso — apresentai-lhe este anel, que ela, então, vos dirá logo quem é o camarada que nesta hora ainda não conheceis. Mas que tormenta! Vou procurar o rei.

GENTIL-HOMEM — Dai-me a mão. Nada mais quereis dizer-me?

KENT — Pouco; porém, de fato, mais que tudo: Quando acharmos o rei — deveis, por isso, seguir por este lado; eu, por aquele — quem primeiro o encontrar grita para o outro.

(*Saem por lados diferentes.*)

Cena 2

Outra parte da charneca. A tempestade continua. Entram Lear e o bobo.

LEAR — Ventos, soprai de arrebentar as próprias bochechas! Enraivai! Soprai com força! Trombas e cataratas, derramai-vos até terdes coberto os campanários e afogado seus galos! Sulfurosos raios, velozes como o pensamento, vanguarda dos coriscos que os carvalhos abrem de meio a meio, chamuscai-me a cabeleira branca! E tu, trovão de tudo abalador, achata a espessa redondeza do mundo, quebra os moldes da natureza e de uma vez desfaze todos os germes geradores do homem sem gratidão.

BOBO — Ó tio, mais vale água benta no pátio de uma casa seca, do que toda esta água de chuva ao ar livre. Vai para dentro, bom tio, e pede a bênção de tuas filhas. Uma noite como esta não se apiada nem de sábios nem de bobos.

LEAR — Deixa o vento roncar! Escarra, fogo! Jorra, chuva! Os trovões, o vento, o fogo, minhas filhas não são. Não vos acuso de ingratos, elementos. Nunca um reino vos dei, nem vos chamei sequer de filhos. Não me deveis nenhuma obediência. Que caia, pois, vosso prazer horrível. Aqui me encontro, vosso escravo, um velho pobre, fraco, sem forças, desprezado. No entretanto, declaro-vos ministros servis, pois com duas filhas perniciosas, travais vossas batalhas de alta origem contra uma fronte tão encanecida e tão velha como esta. Oh! Que vergonha!

BOBO — Quem tem uma casa onde enfiar a cabeça, dispõe de um bom chapéu. Quando a braguilha quer casa, sem que o dono tenha abrigo dos piolhos é a grande vasa, que isso é vida de mendigo. Quem põe o dedão do pé onde tem o coração, vive a gemer — a-la-fé! — por calos que insônia dão, pois nunca houve mulher bonita que não fizesse caretas ao espelho.

(*Entra Kent.*)

LEAR — Quero ser um modelo de paciência; não direi nada.

KENT — Quem está aí?

BOBO — Ora, uma majestade e uma braguilha, isto é, um sábio e um bobo.

KENT — Oh senhor! Vós aqui? Nenhuma coisa que da noite se agrada, se acomoda a uma noite como esta. Os céus furiosos metem medo até mesmo nos rondantes da escuridão, retendo-os em seus antros. Desde que me fiz homem não me lembro de ter presenciado tantas faixas de fogo, tanto estouro de terríficos trovões, tantos lamentos e bramidos dos ventos e da chuva. A natureza do homem não pode suportar o medo e a aflição que vêm disso.

LEAR — Grandes deuses, que tanto estrondo sobre nós retendes, agora procurai vossos inimigos! Treme, malvado, em quem se ocultam crimes pela justiça ainda não punidos! Mão sanguinária, oculta-te! Perjuro, tu também; como tu, falso virtuoso, que praticas o incesto! Em estilhaços arrebenta, bargante, que atentaste contra a vida de alguém sob aparência tranqüila e sedutora! Atrocidades no fundo ocultas, estourai as capas que vos escondem e implorai as graças desses admoestadores pavorosos! Quanto a mim, sou mais vítima de culpa, do que mesmo culpado.

KENT — Oh! que tristeza! Cabeça descoberta! Meu gracioso soberano, aqui perto há uma cabana, que oferecer-vos pode algum abrigo contra o mau tempo. Recolhei-vos a ela, enquanto eu volto àquela casa dura — mais dura do que as pedras de que é feita, e que, há momentos, quando eu pretendia saber notícias vossas, me negou até mesmo a entrada — para que lhes force a avara cortesia.

LEAR — Sinto o espírito girar em torno. Vamos, meu pequeno! Como te sentes, caro? Muito frio? Eu também. Companheiro, onde é que há palha? É por demais estranha a arte dos pobres que faz preciosas as mais baixas coisas. Vossa cabana... Seja! Pobre bobo, tenho no coração um lugarzinho que se apiada de ti.

BOBO — Se não perdeste de todo a mente, com hei com hô, com tamanha chuva, com a própria sorte fica contente, embora chova todos os dias.

LEAR — É certo, meu pequeno; vamos, leva-nos para essa tal cabana.

(*Saem Lear e Kent.*)

BOBO — Eis uma bela noite para deixar fria uma cortesã. Mas antes de sair quero fazer uma profecia: Quando por obras converter a Igreja e água puser o dono na cerveja; quando o nobre for mestre do alfaiate, e a fogueira não mais o herege mate, mas apenas o amante apaixonado; quando só houver processo bem julgado, dívidas não tiver o cavaleiro e a calúnia poupar o mundo inteiro; quando evitar o experto a turbamulta e a arca do avaro não ficar oculta; quando as alcoviteiras eloqüentes construírem templos caros e imponentes: cairá em confusão este reino de Albion. Então verá quem vivo ainda estiver que com os pés andam o homem e a mulher. Esta profecia será feita por Merlin, porque eu vivo antes do tempo dele. (*Sai.*)

Cena 3

Um quarto no castelo de Gloster. Entram Gloster e Edmundo.

GLOSTER — Ah, Edmundo, Edmundo! Não me agrada esse procedimento desnaturado. Quando lhes pedi permissão para apiedar-me dele, privaram-me do uso de minha própria casa, proibindo-me, sob pena de seu perpétuo descontentamento, de falar a respeito dele, de interceder a seu favor ou de ir-lhe em auxílio de qualquer maneira.

EDMUNDO — Por demais selvagem e contrário à natureza.

GLOSTER — Acomoda-te; não digas nada. Há divisão entre os duques, e pior do que isso. Esta noite recebi uma carta. É perigoso falar nisso. Tranquei-a no meu gabinete. Os sofrimentos por que o rei agora está passando, serão oportunamente vingados. Parte do exército já desembarcou; teremos de ficar do lado do rei. Vou procurá-lo secretamente e ajudá-lo. Ide conversar com o duque, para que não seja percebida minha caridade. Se ele perguntar por mim, estou doente e de cama. Ainda que eu venha a perder a vida — que é o menos com que estou ameaçado — é preciso que o rei, meu velho amo, seja socorrido. Há alguma coisa muito estranha em perspectiva, Edmundo. Aconselho-vos cautela. (*Sai.*)

EDMUNDO — A caridade que te foi proibida será comunicada logo ao duque, como a carta também, o que parece serviço meritório que me rende quanto meu pai perder, a saber: tudo. Exulta o moço, o velho fica mudo. (*Sai.*)

Cena 4

A charneca. Diante de uma choupana. Entram Lear, Kent e o bobo.

KENT — É aqui, senhor. Meu bom senhor, entrai. É por demais severa a tirania da noite descoberta, para as forças de nossa natureza.

(*A tempestade continua.*)

LEAR — Não; afasta-te! Desejo ficar só.

KENT — Entrai aqui, senhor.

LEAR — Quereis partir-me o coração?

KENT — Primeiro partiria o meu. Bondoso senhor, entrai.

LEAR — Estais fazendo grande cabedal desta chuva revoltada, que nos molha até os ossos. É que a sentes dessa maneira. Porém quando a doença maior penetra, as outras não se sentem. Se corres do urso, mas em tua fuga fores bater nas ondas rugidoras, voltarás frente para a goela dele. Livre o espírito, o corpo é delicado. A tempestade que na mente eu trago nada me deixa perceber por meio dos sentidos, afora o que ali bate: a ingratidão filial. Não fora o mesmo, se a boca decepar quisesse a mão que até ela se alça para alimentá-la? Mas saberei tomar cabal vingança. Cessarei de chorar. Fechar-me a porta numa noite como esta! Mais! Despeja, que hei de agüentar! E numa noite assim! Ah Goneril! Regane! Vosso velho pai, tão bondoso, que vos dera tudo com franco coração! Oh! A loucura vem desse lado. Vamos evitá-la. Sobre isso, basta.

KENT — Bem, milorde; entremos.

LEAR — Não; por favor, primeiro tu; procura tua comodidade. Este aguaceiro me impede de cuidar de muitas coisas que muito maior dor me causariam. Mas vou entrar. (*Ao bobo.*) Menino, vai na frente. Pobreza sem abrigo... Entra, entra logo. Rezo primeiro; dormirei depois. (*O bobo entra na choupana.*) Onde quer que estejais, pobres sem roupa, que os golpes suportais desta impiedosa tempestade, dizei-me: de que modo vossos flancos mirrados e as cabeças desprotegidas, vossos trapos ricos em furos e janelas hão de o corpo vos proteger numa estação como esta? Oh! muito pouco me ocupei com isso! Cura-te, fausto! Vai sentir o mesmo que os miseráveis sentem, porque possas sobre eles derramar o teu supérfluo e os céus mostrar mais justos.

EDGAR (*dentro*) — Pobre Tom! Braça e meia! Braça e meia!

(*O bobo sai a correr da choupana.*)

BOBO — Não entres aí, meu tio! Há um espírito lá dentro. Socorro! Socorro!

KENT — Dá-me a mão. Quem está lá?

BOBO — Um espírito! Um espírito! Ele disse que se chama o pobre Tom.

KENT — Quem és tu, que te pões a rosnar assim na palha? Vem para fora!

(*Entra Edgar, disfarçado de demente.*)

EDGAR — Afastai-vos, que o inimigo me acompanha. Através do espinheiro sopra o vento; vê se te aqueces em teu leito frio.

LEAR — Deste às tuas duas filhas tudo o que tinhas, para ficares desse jeito?

EDGAR — Quem dá alguma coisa para o pobre Tom? O malígno o levou através do fogo, através da flama, através do vau e do redemoinho, através do lamaçal e do charco; pôs facas embaixo de seu travesseiro e corda em sua cama; armou ratoeira em sua sopa; deixou-o orgulhoso por poder montar num cavalo baio trotão, por cima das pontes de quatro polegadas, em perseguição da própria sombra, como um traidor. Que sejam abençoados os teus cinco espíritos. Tom está com frio. Oh! do dê, do dê, do dê! Que o céu te ampare contra os furacões, estrelas funestas e malefícios. Fazei alguma caridade ao pobre Tom, que o demônio impuro atormenta. Poderia pegá-lo agora, e aqui, e ali outra vez, e aqui...

LEAR — Como! Suas filhas o trouxeram a isso? Nada te reservaste? Deste tudo?

BOBO — Não! Ele reservou para si um cobertor; caso contrário, teríamos do que nos envergonharmos.

LEAR — Que caiam sobre tuas filhas todas as misérias que impendem do ar e ameaçam os pecados dos homens!

KENT — Senhor, ele não tem filhas.

LEAR — Morre, traidor! Pois nada poderia rebaixar de tal modo a natureza, senão filhas ingratas. Será moda que os pais, depois de despedidos, tenham tão pouca pena de sua própria carne? Castigo judicioso, que essa carne deu nascimento às filhas-pelicanas.

EDGAR — Pilicoc se achava empoleirado no monte Pilicoc! Alô! Alô! Oh oh!

BOBO — Esta noite gelada vai acabar fazendo de nós todos bobos ou loucos.

EDGAR — Acautela-te contra o malígno; obedece a teus pais; mantém tua palavra; não jures; não cometas adultério com a esposa legítima do teu próximo; não enfeites tua morada com atavios vãos. Tom está com frio.

LEAR — Que eras antes?

EDGAR — Um moço de servir, de coração e espírito altivos, que frisava os cabelos, trazia luvas no chapéu, satisfazia a luxúria da patroa, perpetrando com ela o ato das trevas; fazia tantos juramentos quantas palavras pronunciava, para violá-los ante a doce face do céu; um tipo que adormecia com planos de libertinagem e acordava para pô-los em prática. Amava de coração o vinho, os dados, com a máxima ternura; e com relação às mulheres, metia na massa o

próprio turco; coração falso, ouvidos levianos, mãos sanguinárias. Porco, na preguiça; raposa, na astúcia; lobo, na voracidade; cão, na raiva; leão, na pilhagem. Não deixes que o ranger dos sapatos e o ruído das sedas entregues às mulheres teu pobre coração. Mantém os pés fora dos bordéis, as mãos fora do colete, as pernas longe do livro do onzeneiro e desafia o malígno. O vento frio ainda sopra através do espinheiro, gritando zum, mum, ha hô, no ni! ... Delfim, meu filho, meu filho! Cessa! Deixa-o trotar!

(*A tempestade continua.*)

LEAR — Estarias melhor na sepultura do que enfrentando com o corpo descoberto estes extremos da estação. Não é o homem mais do que isto? Considerai-o bem. Ao verme não deves a seda, ao animal o abrigo, ao carneiro a lã e ao gato de algalia o perfume. Ah! Dos presentes, três somos adulterados; tu és a coisa em si. O homem sem atavios não passa de um pobre animal, nu e fendido como tu. Fora, fora com todos estes empréstimos! Vamos! Desabotoai-me aqui. (*Rasga as vestes.*)

BOBO — Tio, por obséquio, fica quieto; a noite está muito ruim para nadarmos. Neste momento, um pequeno fogo em campo grande faria o efeito do coração de um velho libertino: uma faiscazinha de nada, e o resto do corpo, que nem gelo. Vê, aí vem vindo um fogo ambulante.

(*Entra Gloster com uma tocha.*)

EDGAR — É o demônio impuro Flibbertigibbet; chega com o toque de apagar fogo e ronda até ao primeiro canto do galo; produz belidas e catarata, olho vesgo e beiço-de-lebre; faz embolorar o trigo branco e atormenta a pobre criatura terrestre. Três vezes São Vital percorre os trilhos, e achando a mula-sem-cabeça e os filhos, mandou que ali parasse e preito lhe prestasse. Sai logo, bruxa! Deixa limpa a estrada!

KENT — Como passa Vossa Graça?

LEAR — Quem é?

KENT — Quem está aí? A quem procurais?

GLOSTER — Quem sois? Como vos chamais?

EDGAR — O pobre Tom que se alimenta de rãs nadadoras, sapos, girinos, lagartixas e água; que na fúria de seu coração, quando o inimigo imundo esbraveja, devora estrume de vaca como se fosse salada; engole ratos velhos e cachorro pirento; bebe o manto verde do charco estagnado; que é chibateado de paróquia em paróquia, posto no cepo ou na prisão; que já teve três mudas para o dorso, seis camisas para o corpo, cavalo para montar e espada para carregar. Há sete anos que Tom só se conserva com ratazanas, ratos e caterva. Tomai cuidado com o meu perseguidor. Fica quieto, Smulkin! Fica quieto, demônio!

GLOSTER — Como! Não tem Vossa Graça melhor companhia?

EDGAR — O príncipe das trevas é um gentil-homem; chama-se Modo e Mahu.

GLOSTER — A tal ponto, senhor, degenerados temos o sangue e a carne, que a odiar chegam a quem vida lhes deu.

EDGAR — O pobre Tom está com frio.

GLOSTER — Senhor, vinde comigo. Não se dobra meu dever às sentenças implacáveis de vossas filhas. Muito embora tenham dado ordem para que eu fechasse a porta, a esta noite terrível entregando-vos, ousei vir procurar-vos, porque possa levar-vos onde há fogo e mesa pronta.

LEAR — Primeiro permiti que a este filósofo dirija umas perguntas. Qual é a causa do trovão?

KENT — Aceitai, senhor, o invite que ele vos faz; à casa recolhei-vos.

LEAR — Uma palavra a este tebano sábio: em que vos aplicais?

EDGAR — Em fugir do demônio e matar piolho.

LEAR — Desejo vos pedir algo em segredo.

KENT — Insisti outra vez, senhor, com ele, para abrigar-se. Já revela indícios de que não tem bastante firme o espírito.

(*A tempestade continua.*)

GLOSTER — Poderás censurá-lo? Suas filhas querem a morte dele. Ah! o bom Kent! Disse que tudo a dar viria nisto. Pobre exilado! Asseveraste há pouco que o rei está ficando louco. Digo-te, que eu também estou quase nesse ponto. Tive um filho, que se acha desde pouco banido do meu sangue. Contra a minha vida tentou — agora mesmo, agora! — Amava-o como pai tão ternamente jamais ao filho amou. Para ser franco contigo, a dor me perturbou o espírito. (*A tempestade continua.*) Que noite! Peço, instante, a Vossa Graça...

LEAR — Peço perdão, senhor. Nobre filósofo, fazei-nos companhia.

EDGAR — Tom está com frio.

GLOSTER — Amigo, vem para a cabana; aquece-te.

LEAR — Entremos todos.

KENT — Por aqui, milorde.

LEAR — Junto com ele; quero ficar sempre perto do meu filósofo.

KENT — Fazei-lhe nisso a vontade, bom senhor, deixando-o levar esse homem.

GLOSTER — Bem; cuidai vós dele.

KENT — Vamos, amigo; vem também conosco.

LEAR — Vamos, bom ateniense.

GLOSTER — Quietos! Vamos!

EDGAR — O cavaleiro Rolão chegou perto do bastião dizendo fim, fu e fão! Sinto cheiro de bretão.

(*Saem.*)

Cena 5

Um quarto no castelo de Gloster. Entram Cornualha e Edmundo.

CORNUALHA — Hei de vingar-me antes de deixar a casa dele.

EDMUNDO — As censuras, milorde, de que eu poderei ser alvo, por permitir que a natureza ceda a tal ponto à lealdade, deixam-me bastante apreensivo.

CORNUALHA — Percebo agora que não foram absolutamente as más inclinações de vosso irmão que o levaram a procurar a morte dele, senão o meritório impulso que se viu estimulado pela ruindade condenável dele próprio.

EDMUNDO — Como é pérfido o meu destino, que me leva a arrepender-me de ser justo! Aqui está a carta de que ele falou; traz a prova de que é partidário dos interesses da França. Oh céus! Quem me dera que não houvesse semelhante traição, ou que não fosse eu o delator!

CORNUALHA — Vem comigo procurar a duquesa.

EDMUNDO — Se for verdadeiro o conteúdo dessa folha, tendes em mãos um negócio muito sério.

CORNUALHA — Verdadeiro ou falso, ele te fez conde de Gloster. Descobre onde está teu pai, para que eu providencie logo sua prisão.

EDMUNDO (*à parte*) — Se eu o encontrar confortando o rei, isso virá reforçar as suspeitas do duque. — Hei de manter-me na trilha da lealdade, por mais doloroso que seja o conflito entre ela e meu sangue.

CORNUALHA — Depositarei em ti minha confiança; em meu amor encontrarás um pai mais carinhoso.

(*Saem.*)

Cena 6

Uma cabana próxima do castelo. Entram Gloster, Lear, Kent, o bobo e Edgar.

GLOSTER — Aqui é melhor do que ao ar livre; aceitai de bom coração. Vou providenciar para o vosso conforto como me for possível; não me demorarei.

KENT — Toda a força de seu espírito cedeu diante da indignação. Que os deuses recompensem vossa bondade.

(*Sai Gloster.*)

EDGAR — Frateretto me chama para dizer que Nero é um pescador no lago das trevas. Reza, inocente, e toma cuidado com o inimigo impuro.

BOBO — Tio, por obséquio, dize-me se um louco é gentil-homem ou fazendeiro.

LEAR — Um rei! Um rei!

BOBO — Não; foi o fazendeiro que teve um filho gentil-homem; porque é preciso ser fazendeiro louco, para deixar que o filho se torne gentil-homem antes dele.

LEAR — Oh! Se mil, a um só tempo, de espetos rubros, se atirassem sobre elas, assobiando...

EDGAR — O demônio impuro está me mordendo as costas.

BOBO — Louco é quem se fia na mansidão do lobo, na saúde do cavalo, no amor de um rapaz e no juramento de uma prostituta.

LEAR — Assim farei. Vou intimá-las já. (*A Edgar.*) Senta-te aqui, doutíssimo juiz. (*Ao bobo.*) E vós, aqui, sábio senhor. E agora passemos às raposas.

EDGAR — Vede! está ele com os olhos fixos! Precisas de olhos para o processo, madame? Vem para cá, Bessy; pula o regato.

BOBO — O barco dela é furado; por isso ela tem cuidado. Por que, então, não arrisca a vir por cima?

EDGAR — O demônio impuro persegue o pobre Tom sob a voz de um rouxinol; Hopdance grita na barriga de Tom por dois arenques brancos. Pára de coaxar, anjo negro! Não tenho alimento para dar-te.

KENT — Como passais, senhor? Ficai mais calmo. Não quereis repousar no travesseiro?

LEAR — Primeiro quero ver o julgamento. Trazei as testemunhas. (*A Edgar.*) Juiz togado,

senta-te logo. (*Ao bobo.*) E tu, seu companheiro de jugo na Justiça, ao lado dele. (*A Kent.*) Vós sois da comissão; sentai-vos aí!

EDGAR — Procedamos com justiça. Dormes ou velas, belo pastorzinho? teu anho está no trigo. Mas a um grito de tua rósea boca, não correrá perigo. Prrr! O gato é cinzento.

LEAR — Citei esta em primeiro lugar; é Goneril. Presto juramento diante desta honrada assembléia em como ela deu um pontapé no pobre rei seu pai.

EDGAR — Vinde mais para a frente, moça! Vosso nome é Goneril?

LEAR — Não poderá negá-lo.

BOBO — Peço desculpas, mas tomei-vos por um tamborete.

LEAR — Aqui está a outra, cujo olhar de esguelha proclama o que no coração se abriga. Prendei-a logo! Armas! espada, fogo! A corrupção campeia! Juiz corrupto, por que deixaste que ela fosse embora?

EDGAR — Abençoados sejam teus cinco espíritos!

KENT — Oh! piedade, senhor! Onde pusestes a paciência de que faláveis tanto, jurando conservá-la?

EDGAR (*à parte*) — Tanto as lágrimas ficam do lado dele, que me ameaçam estragar todo o plano.

LEAR — Este cãozinho, vede, e os outros, Gracioso, Fiel e Neve, se atiram contra mim.

EDGAR — Tom vai atirar-lhes sua própria cabeça. Fora daqui, mastins! De goelas brancas ou pretas, dentes sujos e caretas, mastim, galgo ou perdigueiro, molosso tardo ou ligeiro, de pêlo curto ou lanzudo, Tom vai dar cabo de tudo. Contra eles o coco atiro, fazendo-os correr em giro. Do, de, de, de. Sessa! Vamos, marchai para as festas de igreja, feiras e mercados. Pobre Tom, teu chifre está vazio.

LEAR — Agora dissequem Regane, para ver o que brota de junto do coração dela. Há alguma causa natural que torne endurecidos esses corações? (*A Edgar.*) Vós, senhor, considero-vos um dos meus cem homens; apenas não me agrada o corte de vossas vestes. Ireis dizer-me que foram feitas à moda persa. Contudo, será conveniente mudá-las.

KENT — Agora, meu bom senhor, ide deitar-vos um pouco, para repousar.

LEAR — Nada de barulho, nada de barulho... Correi a cortina... Assim, assim, assim... Pela manhã cearemos. Assim, assim, assim...

BOBO — E ao meio-dia irei deitar-me.

(*Volta Gloster.*)

GLOSTER — Aproxima-te, amigo. Onde está o rei, meu mestre?

KENT — Aqui, senhor; mas não o perturbeis; perdeu a razão.

GLOSTER — Carrega-o, caro amigo, por obséquio. Há uma conjura contra a vida dele.

Aqui perto há uma maca; deita-o nela e corre, amigo, para Dover, onde irás achar boa acolhida e amparo. Levanta teu senhor; se demorares meia hora que seja, a vida dele, como a tua e a de todos os que o seguem, correm para uma perda inevitável. Levante-o com bom jeito e vem comigo, que vou prover-te com bastante urgência do que for necessário.

KENT — A natureza cansada adormeceu. Este repouso poderia deitar-te um linimento nos nervos torturados, que, na falta de boas condições, dificilmente chegarão a sarar. (*Ao bobo.*) Vamos, ajuda-me a carregar teu mestre. Tu não podes, também, ficar aqui.

GLOSTER — Vamos logo.

(*Saem Kent, Gloster e o bobo, carregando Lear.*)

EDGAR — Ao veres teu senhor sofrer teus males, convences-te de que de nada vales. Quem sofre só, padece em pensamento, por na dita passada estar atento. O espírito não fica em desalinho, quando consegue a dor algum vizinho. Quão leve me parece o fardo ingente que me deixa encurvado e o rei gemente! Fez-me meu pai o que para ele as filhas. Tom, cuidado com as vozes! Tu te humilhas somente enquanto a falsidade dura te conservar desviado da ventura. Venha o que vier, contanto que o rei fuja. Atenção! Atenção! (*Sai.*)

Cena 7

Um quarto no castelo de Gloster. Entram Cornualha, Regane, Goneril, Edmundo e criados.

CORNUALHA — Parti com toda pressa para onde está milorde vosso marido e mostrai-lhe esta carta. O exército da França desembarcou. — Procurai o traidor Gloster.

REGANE — Enforcai-o imediatamente.

GONERIL — Arrancai-lhe os olhos.

CORNUALHA — Deixai-o aos cuidados do meu desprazer. Edmundo, fazei companhia a nossa irmã; as vinganças que vamos ser forçados a tomar de vosso pai traidor não são adequadas para vossa vista. Avisai o duque, para a casa de quem vos dirigis, que se prepare com a maior urgência possível, porque faremos o mesmo. Nossos correios não se pouparão, para manter entre nós o entendimento preciso. Adeus, querida irmã; adeus, milorde de Gloster. (*Entra Osvaldo.*) Então! Onde está o rei?

OSVALDO — Levou-o para longe lorde Gloster. Cerca de trinta e cinco ou trinta e seis de seus homens, sequiosos de encontrá-lo, o esperaram à porta, e em companhia de outros homens do lorde se fizeram no caminho de Dover, onde todos se jactam de possuir sócios armados.

CORNUALHA — Prepara a condução para a senhora.

GONERIL — Adeus, doce senhor; adeus, irmã.

CORNUALHA — Adeus, Edmundo. (*Saem Goneril, Edmundo e Osvaldo.*) Ide e trazei-me Gloster, esse traidor; os braços algemai-lhe como a um ladrão e em nossa frente o ponde. (*Saem outros criados.*) Embora não possamos pronunciar-nos, sem as formas legais, contra sua vida, poderá nossa força cortesia fazer à nossa cólera, o que os homens talvez censurem, mas obstar não podem. Quem vem lá! Ó traidor?

(*Voltam os criados, com Gloster.*)

REGANE — Raposa ingrata! É ele mesmo.

CORNUALHA — Amarrai-lhe os braços leves.

GLOSTER — Que intendem Vossas Graças? Bons amigos, considerai que sois aqui meus hóspedes. Não me trateis, amigos, com desprezo.

CORNUALHA — Amarrai-o, já disse!

(*Os criados amarram Gloster.*)

REGANE — Com mais força! Traidor infecto!

GLOSTER — Dama sem piedade, não sou o que dizeis.

CORNUALHA — Nesta cadeira; amarrai-o! Vilão, vais ver agora...

(*Regane puxa a barba de Gloster.*)

GLOSTER — Pelos deuses bondosos, é ignomínia puxar-me pela barba.

REGANE — Tão branco e tão traidor!

GLOSTER — Perversa dama, os fios que do queixo ora me arrancas, hão de ficar de pé para acusar-te. Meus hóspedes sois todos; não devíeis com mãos rapaces machucar-me os traços de dono desta casa. Que quereis?

CORNUALHA — Vamos, senhor; dizei-me: que notícias recebestes de França?

REGANE — Sede breve no que disserdes, pois sabemos tudo.

CORNUALHA — E que pacto firmastes com os traidores que saltaram há pouco em nosso reino?

REGANE — A que mãos entregastes o rei louco? Falai!

GLOSTER — Às mãos me veio uma missiva baseada em conjeturas de pessoa neutra e imparcial, não de qualquer inimigo.

CORNUALHA — Astuciosa.

REGANE — Traidora.

CORNUALHA — E o rei, para onde o enviaste?

GLOSTER — Para Dover.

REGANE — Por que Dover? Avisado não foras, sob o risco...

CORNUALHA — Por que Dover? Primeiro responde a isso.

GLOSTER — Estou atado ao poste; é-me impossível fugir destes assaltos.

REGANE — Por que Dover?

GLOSTER — Porque essas unhas cruéis não lhe arrancassem os pobres olhos, velhos e cansados, nem tua irmã selvagem lhe enterrasse no corpo ungido as presas de javardo. O mar em tempestade como a que ele suportou na cabeça descoberta nesta noite infernal, se empolaria para apagar o fogo das estrelas. E o pobre coração, tão velho, a chuva do céu fez aumentar! Se os próprios lobos, com um tempo destes, ululado houvessem diante de tuas portas, certamente terias dito: “Bom porteiro, vira depressa a chave!” Todas as crueldades ficariam riscadas. Mas ainda hei de ver a vingança de asas fortes cair sobre tais filhos.

CORNUALHA — Veres? Nunca! Segurai a cadeira com firmeza. Vou pôr os pés em cima de teus olhos.

GLOSTER — Quem espera viver até à velhice, venha ajudar-me agora. Oh monstro! Oh

deuses!

(*É arrancado um dos olhos de Gloster.*)

REGANE — O outro também, para não rir daquele.

CORNUALHA — Se virdes a vingança...

PRIMEIRO CRIADO — Suspendei, milorde, a mão. Servi-vos desde criança; mas nunca vos prestei tão bom serviço, como ao pedir agora que parásseis.

REGANE — Como, cachorro?

PRIMEIRO CRIADO — Se trouxésseis barba no queixo eu a arrancara nesta briga. Que pretendeis?

CORNUALHA — Um dos meus criados? Como! (*Saca da espada.*)

PRIMEIRO CRIADO — Avançai, pois, e vos medi com a cólera. (*Desembainha a espada; lutam.*)

(*Cornualha é ferido.*)

REGANE — Empresta-me tua espada. Rebelar-se um rústico a este ponto! (*Toma da espada e fere o criado pelas costas.*)

PRIMEIRO CRIADO — Oh! Estou morto! Ainda vos resta um olho, milorde, para vê-lo desgraçado. (*Morre.*)

CORNUALHA — Porque não posso ver, façamos isto: fora, geléia vil! Qual é teu brilho neste momento?

GLOSTER — Escuro em toda parte, desolação total. Onde se encontra meu filho Edmundo? Edmundo, acende as chispas da natureza e vinga este ato horrível!

REGANE — Vilão traidor, invocas quem te odeia. Foi ele próprio quem nos deu notícia de tua falsidade, ele em pessoa. É bom demais para de ti ter pena.

GLOSTER — Oh! Que tolo que fui! Então Edgar foi caluniado! Deuses bons, perdoai-me, e que ele possa prosperar.

REGANE — Jogai-o fora da porta e que procure a estrada de Dover pelo cheiro. (*Sai um criado conduzindo Gloster.*) Então, milorde, como estais?

CORNUALHA — Recebi uma ferida. Senhora, acompanhai-me. Jogai fora esse vilão sem olhos; no monturo atirai esse escravo. Estou sangrando demais, Regane; veio-me este golpe muito fora de tempo. Dai-me o braço.

(*Sai Cornualha apoiado em Regane.*)

SEGUNDO CRIADO — Não quero ter preocupação alguma com qualquer vilania, se este tipo vier ainda a acabar bem.

TERCEIRO CRIADO — Se vida longa ela tiver e, ao fim, achar o curso comum da morte, todas as mulheres virarão monstros.

SEGUNDO CRIADO — Vamos à procura do velho conde, para que levado seja pelo maníaco para onde ele o determinar. Suas manias de vagante se prestam para tudo.

TERCEIRO CRIADO — Vai; enquanto isso, arranjarei um pouco de linho e clara de ovo, para pôr-lhe no rosto ensanguentado. O céu que o ajude!

(*Saem por lados diferentes.*)

Ato 4

Cena 1

A charneca. Entra Edgar.

EDGAR — Melhor assim: saber que é desprezado do que sê-lo sob capa de lisonja. O mais ínfimo ser, com mais desprezo tratado pela sorte, ainda conserva certa esperança e vive sem temores. Só muda para pior o que é perfeito; o pior volta à alegria. Sê bem-vindo, portanto, ar impalpável que respiro! O infeliz que jogaste tão por baixo a essas tuas rajadas nada deve. Mas quem vem vindo aí? (*Entra Gloster, conduzido por um velho.*) Como! Meu pai, trazido por um pobre? Ó mundo! mundo! Sem tuas mutações inesperadas que nos levam a odiar-te, nunca a vida chegara até à velhice.

O VELHO — Ó bom senhor, de vosso pai e vosso fui rendeiro por volta de oitenta anos.

GLOSTER — Bem; retira-te, bondoso amigo. Vai-te. Teus consolos bem algum me farão, mas poderiam prejudicar-te.

O VELHO — Não vereis a estrada.

GLOSTER — Não tenho estrada; não preciso de olhos. Tropecei, quando via. Muitas vezes já se tem visto o bem-estar deixar-nos preocupados e a necessidade redundar em proveito. Ó meu querido filho Edgar, alimento da iludida cólera de teu pai, se eu tiver vida para te ver ainda, pelo tato, direi que achei os olhos.

O VELHO — Quem vem lá?

EDGAR (*à parte*) — Oh deuses! Quem diria: "Não é possível chegar a pior estado!" Nunca estive em piores condições.

O VELHO — É Tom, o louco.

EDGAR (*à parte*) — E mais ainda poderei descer. Nunca sofremos o pior, enquanto dizer podemos: "Isto é o pior de tudo".

O VELHO — Para onde vais, amigo?

GLOSTER — É algum pedinte?

O VELHO — Pedinte, a um tempo, e louco.

GLOSTER — Um pouco de razão ainda conserva, sem o que mendigar não poderia. Na noite que passou, da tempestade, vi um sujeito assim, que ao pensamento me trouxe que o homem não é mais que um verme. Lembrei-me de meu filho, muito embora dificilmente, então, amigo dele meu espírito fosse. Depois disso aprendi muito. O que para os garotos são as

moscas, nós somos para os deuses: matam-nos por brinquedo.

EDGAR (*à parte*) — Que é que importa tudo isso? Triste é a profissão que obriga a zombar da desgraça, para incômodo de si próprio e dos outros. (*A Gloster.*) Salve, mestre!

GLOSTER — É o tal mendigo nu?

O VELHO — Ele, milorde.

GLOSTER — Por favor, então deixa-me. Se acaso quiseres, por amor de mim, buscar-nos daqui a uma milha ou duas, no caminho de Dover, faze-o por antigo afeto, e traze roupa para esta alma nua, a quem vou explicar que me conduza.

O VELHO — Oh senhor! Ele é louco!

GLOSTER — Esse é o castigo do tempo, conduzir ao cego o louco. Faze o que eu disse, ou faze o que quiseres; mas, sobretudo, vai-te.

O VELHO — Vou dar-lhe a minha melhor roupa, venha-me disso seja o que for. (*Sai.*)

GLOSTER — Eh! Homem nu!

EDGAR — O pobre Tom tem frio. (*À parte.*) É-me impossível fingir mais tempo.

GLOSTER — Vem aqui, amigo.

EDGAR (*à parte*) — Mas é preciso. — Abençoados sejam teus doces olhos, pois estão sangrando.

GLOSTER — Conheces o caminho para Dover?

EDGAR — Cancelas e porteiras, caminhos de cavalo e de pé. Espantaram o espírito do pobre Tom. Filho do homem pio. Deus te preserve do demônio impuro. Cinco demônios entraram a um só tempo no pobre Tom: Obidicut, o demônio da luxúria; Obbididance, príncipe do mutismo; Mahu, do roubo; Modo, do homicídio; e Flibbertigibbet, das caretas e contorções, que desde então deixou possessas as criadas e governantes. Salve, portanto, mestre!

GLOSTER — Fica com esta bolsa, ó tu, que as pragas do céu aos golpes todos humilharam. Minha desgraça mais feliz te deixa. Procedei sempre assim, ó céus! Que o homem saturado de bens e de prazeres que deixa subservientes vossas máximas e nada vê porque não sente nada, sinta depressa toda vossa força. A divisão, assim, destrói o excesso, tocando a todo o mundo alguma coisa. Conheces Dover?

EDGAR — Sim, conheço, mestre.

GLOSTER — Lá se encontra um penhasco de cabeça alta e inclinada, que olha com receio para o abismo horroroso. Vamos; leva-me até ao rebordo dele, que hei de a tua miséria remediar com algum objeto de valor que ora trago. Daí em diante dispensarei teus passos.

EDGAR — Dá-me o braço; o pobre Tom vai te servir de guia.

(*Saem.*)

Cena 2

Diante do palácio do Duque de Albânia. Entram Goneril e Edmundo.

GONERIL — Sois bem-vindo, senhor. Estranho muito que o nosso brando esposo não nos tenha saído a receber. (*Entra Osvaldo.*) Que é de vosso amo?

OSVALDO — Senhora, está lá dentro; porém nunca homem nenhum mudou, como ele, tanto. Contei-lhe que desembarcaram forças. Sorriu à nova. Disse-lhe que vínheis para cá; respondeu: "Tanto pior". Ao lhe falar da alta traição de Gloster e da lealdade de seu filho Edmundo, chamou-me de papalvo, declarando-me que eu havia tomado o pior partido. Tudo quanto ele detestar devia, lhe ensejava prazer.

GONERIL (*a Edmundo*) — Não é preciso, portanto, irdes mais longe. É seu espírito covarde e aterrorado que não ousa decidir-se por nada. Não deseja sentir o ultraje que à resposta o force. Os votos que fizemos em caminho talvez se efetuarão. Voltai, Edmundo, para o mano; reuni seus homens logo e o comando assumi de seu exército. Terei de me aprestar com nossas armas e pôr na mão de meu marido a roca. Este fiel servidor irá servir-nos de intermediário. Dentro de pouquinho — se algo arriscardes para vosso ganho — ordens recebereis de vossa dama. Usai isto. (*Dá-lhe uma prenda.*) Poupai qualquer discurso. Abaixai a cabeça. Ora, este beijo se a falar se atrevesse, exalçaria teu espírito às nuvens. Vai; compreende e passa bem.

EDMUNDO — Confesso-me por vosso nas fileiras da morte.

GONERIL — Meu caríssimo Gloster! (*Sai Edmundo.*) Oh! Que distância vai de um homem para outro! Bem mereces os serviços de uma mulher. Meu bobo é que me usurpa presentemente o leito.

OSVALDO — Aí vem meu amo. (*Sai.*)

(*Entra Albânia.*)

GONERIL — Antes eu merecia um assobio.

ALBÂNIA — Ó Goneril, digna não sois da poeira que vos atira ao rosto o vento rude. Inspira-me pavor vosso caráter. Quando renega um ser a própria origem, em si mesmo contido não prossegue. Quem se arranca a si próprio e se desgalha da seiva substancial, é inevitável que a secar venha e pela morte caia.

GONERIL — Basta; o texto é cretino.

ALBÂNIA — Para o baixo o saber e a bondade são mesquinhos. Só a si mesma aprecia a

sujidade. Que perpetrastes? Tigres, sim, não filhas: que fizestes? Um pai, um velho afável, cuja figura régia até mesmo um urso preso à corda afagara, por vós duas — degeneradas! bárbaras! — lançado foi à loucura. Como se compreende que meu bondoso irmão o permitisse, um nobre, um homem que por ele próprio fora beneficiado a mãos repletas? Se o céu não enviar logo seus espíritos visíveis para que aqui em baixo venham reprimir essas vis atrocidades, será fatal: vão devorar-se os homens uns aos outros, como os monstros do abismo.

GONERIL — O sujeito de fígado de leite, com rosto para receber pancada e fronte para insultos! Não tens olhos que possam distinguir a honra do insulto. Desconheces que são somente os tolos que mostram compaixão do celerado, quando a pena recebe, antes de tempo ter de fazer o mal. Onde se encontra teu tambor? Já desfralda os estandartes a França em nossa terra silenciosa. Teu matador, com elmo empenachado, te ameaça, e tu, meu tolo moralista, permaneces sentado e choramingas: "Ah! Por que fez ele isso?"

ALBÂNIA — Olha em ti própria, demônia! A original deformidade não é tão repelente nos demônios, como numa mulher.

GONERIL — Oh tolo tímido!

ALBÂNIA — Cria vergonha, criatura falsa, que de ti própria retiraste a máscara, e cessa de animalizar os traços! Se me ficasse bem deixar que ao sangue as mãos obedecessem, mui capazes seriam de quebrar-te os ossos todos e lacerar-te as carnes. Mas embora sejas o próprio diabo, ora te ampara a forma de mulher.

GONERIL — Como valente se tornou num instante!

(*Entra um mensageiro.*)

ALBÂNIA — Que há de novo?

MENSAGEIRO — Senhor, morreu o duque de Cornualha. Matou-o um criado, quando pretendia arrancar o segundo olho de Gloster.

ALBÂNIA — Como! Os olhos de Gloster?

MENSAGEIRO — Um dos próprios servidores, por ele mesmo criado, se opôs ao ato, a espada então sacando contra seu grande mestre, o qual, colérico contra ele se lançou e o prostrou morto, não, porém, sem aquele fatal golpe que depois o matou.

ALBÂNIA — Isso demonstra que morais aí em cima, ó Justiceiros! para punirdes com tamanha pressa os crimes cá de baixo. Mas é certo que perdeu o outro olho o pobre Gloster?

MENSAGEIRO — Ambos, senhor. Resposta urgente exige, senhora, esta missiva. Vem da parte de vossa irmã.

GONERIL (*à parte*) — Agrada-me isso a meias. Mas estando viúva e ao lado dela meu Gloster se encontrando, é bem possível que os castelos de minha fantasia esmagar venham minha vida odiosa. Porém por outro lado essa notícia não me parece má. (*Ao mensageiro.*) Vou lê-la e logo responderei. (*Sai.*)

ALBÂNIA — E onde se achava o filho, no momento em que os olhos lhe arrancaram?

MENSAGEIRO — Para cá tinha vindo com a senhora.

ALBÂNIA — Mas aqui não se encontra.

MENSAGEIRO — Não, milorde; encontrei-o de volta novamente.

ALBÂNIA — Soube ele dessa infâmia?

MENSAGEIRO — Sim, bondoso senhor; o delator foi ele próprio, tendo saído para que o castigo tivesse livre curso.

ALBÂNIA — Gloster, vivo para te dar os agradecimentos pelo amor que mostraste ao rei e para vingar teus olhos. Vem aqui, amigo; conta o mais que souberes.

(*Saem.*)

Cena 3

O acampamento francês, perto de Dover. Entram Kent e um gentil-homem.

KENT — Por que o rei da França retornou com tanta pressa? Sabeis a razão?

GENTIL-HOMEM — Deixou em suspenso algum assunto de Estado, que o preocupa desde que de lá partiu e que, importando para o reino muito temor e perigo, impôs como necessidade urgente a volta do rei.

KENT — Quem deixou ele atrás como general?

GENTIL-HOMEM — O Marechal de França, Monsieur La Far.

KENT — Vossas cartas arrancaram da rainha alguma demonstração de tristeza?

GENTIL-HOMEM — Pois não, senhor; tomou-as e na minha presença as leu. De quando em quando lágrimas as faces delicadas lhe sulcavam. Parecia a rainha da tristeza que, tal como os rebeldes, procurava dominá-la de vez.

KENT — Oh! comoveu-se!

GENTIL-HOMEM — Mas sem ficar colérica; a paciência e a dor lutavam para apresentá-la sob o mais grato aspecto. Com certeza já vistes sol e chuva ao mesmo tempo; pois nela mais encantadores ainda eram o riso e o choro. Os sorrisinhos graciosos que na boca lhe brincavam, pareciam não ter conhecimento dos hóspedes dos olhos, que deixavam a grata hospedaria como pérolas que caem de diamantes. Em resumo: a tristeza seria raridade muito querida, se ficasse em todas as pessoas tão bem.

KENT — Não fez perguntas?

GENTIL-HOMEM — Sim, suspirou por uma ou duas vezes o nome "pai", gemendo, dolorida, como se o coração ele abafasse. Clamava: "Irmãs! Vergonha das mulheres! Irmãs! Kent! Meu pai! Como! De noite? Na tempestade? A compaixão é um mito!" A água benta, depois, cair deixando dos olhos celestiais, que lhe os queixumes umedeciam, súbito partiu-se para lutar sozinha com sua mágoa.

KENT — São os astros, os astros lá de cima, que determinam nossas condições; se não, o mesmo par não poderia filhos gerar assim tão diferentes. Falastes-lhe depois?

GENTIL-HOMEM — Não.

KENT — E isso tudo se deu antes da volta do monarca?

GENTIL-HOMEM — Não; depois.

KENT — Muito bem, senhor; o pobre e inditoso Lear se acha na cidade. Por vezes, quando está mais bem disposto, ocorre-lhe a razão de nossa vinda. Porém de modo algum quer ver a filha.

GENTIL-HOMEM — Por quê, meu bom senhor?

KENT — Vergonha extrema tanto o deprime — a rispidez com que ele privou da bênção sua própria filha, entregando-a a acidentes estrangeiros e transferindo a bela herança dela para as irmãs de coração canino — tudo isso o coração de tal maneira com dardo venenoso lhe transpassa, que uma vergonha abrasadora longe de Cordélia o detém.

GENTIL-HOMEM — Ah! pobre rei!

KENT — E nada ouvistes sobre os dois exércitos, de Cornualha e de Albânia?

GENTIL-HOMEM — Estão em marcha.

KENT — Pois muito bem, senhor; vou conduzir-vos a nosso mestre Lear, lá vos deixando para tratardes dele. Alguns negócios de importância a ficar me obrigam ainda mais algum tempo oculto. Porém logo que eu revelar quem sou, não tereis causa de vos arrepender desta amizade. Por obséquio, segui-me.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Uma tenda. Entram com toque de tambor e bandeiras desfraldadas Cordélia, o médico e soldados.

CORDÉLIA — É ele mesmo, ai de mim! Neste momento foi visto, tão furioso como o oceano revoltado, a cantar alto e sozinho, coroado de áspera fumária, urtiga, cicuta, cardamina, pegamassa, joio, cizânia e quanta erva daninha viceja em nosso trigo alimentício. Mandai cem homens; que examinem jeira por jeira da lavoura já crescida, e a nossa vista o tragam. (*Sai um oficial.*) Com que meios conta a sabedoria humana, para restituir-lhe a razão? Quanto possuo ficará sendo de quem quer que o cure.

O MÉDICO — Há recursos, senhora. A ama de nossa natureza é o repouso, justamente o de que ele carece, o que é possível nele obter pela ação de muitos simples que baixarão a pálpebra da angústia.

CORDÉLIA — Surgi com minhas lágrimas, segredos abençoados, virtudes ainda ocultas da natureza! Vinde em nosso auxílio, remediando a desgraça do bom velho! Procurai-o depressa! Procurai-o, antes que seu furor desordenado lhe dissolva a existência carecente de eficaz direção.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Novas, senhora! As forças da Bretanha se aproximam.

CORDÉLIA — Disso conhecimento já tivemos, e à sua espera estamos. É a tua causa, querido pai, que eu sirvo. Esse o motivo de ter-se o grande França de meu choro apiedado e de meu luto. A vazia ambição não foi que o braço nos armou para a luta, mas apenas o amor, o terno amor, bem como a causa de nosso idoso pai. Pudesse eu vê-lo dentro de pouco e ouvi-lo!

(*Saem.*)

Cena 5

Um quarto no castelo de Gloster. Entram Regane e Osvaldo.

REGANE — Mas as forças do mano estão em campo?

OSVALDO — Sim, senhora.

REGANE — E ele próprio à frente delas?

OSVALDO — Com muita relutância; vossa mana é melhor combatente.

REGANE — Lorde Edmundo não falou com vosso amo em casa deste?

OSVALDO — Não, senhora.

REGANE — Qual pode ser o assunto da carta dela, então?

OSVALDO — Não sei, senhora.

REGANE — É certeza ter sido enviado em muito séria missão. Foi erro indesculpável deixar Gloster com vida, após os olhos lhe termos arrancado. Onde aparece levanta os corações, contra nós todos. Edmundo, quero crer, compadecido de sua dor, foi dar remate logo a sua vida enoitada e, ao mesmo tempo, tentar saber das forças do inimigo.

OSVALDO — Preciso partir logo, para a carta, senhora, lhe entregar.

REGANE — As nossas tropas partirão amanhã. Fica conosco, pois não há segurança nas estradas.

OSVALDO — Senhora, não é possível; a patroa confia em minha diligência nisso.

REGANE — Qual a necessidade que ela tinha de escrever a Edmundo? Não podíeis transmitir verbalmente seu recado? Talvez... Alguma coisa... Como posso sabê-lo? Amar-te-ia imensamente se permitisses que eu abrisse a carta.

OSVALDO — Preferira, senhora...

REGANE — Não ignoro que vossa ama não gosta do marido. Tenho certeza disso. Quando da última vez ela esteve aqui, lançou estranhos olhares, eloqüentes sobremodo, para o nobre Edmundo. Confidente dela sei bem que sois.

OSVALDO — Como! Eu, senhora?

REGANE — Sei o que estou dizendo: confidente, tenho certeza disso. Mas sugiro-vos aceitar meu conselho. Meu marido faleceu; eu e Edmundo já falamos a esse respeito, sendo mais razoável, assim, que ele me peça a mão, deixando de lado a mana. Deduzi o resto. Se o

encontrardes, dai-lhe isto, por obséquio. E quando conversardes com vossa ama sobre este assunto, peço concitarde-la a readquirir sua usual prudência. Portanto, passai bem. Se vierdes a encontrar o traidor cego, ganhará muito quem der cabo dele.

OSVALDO — Oh! Quem dera que o visse! Assim, mostrara de que lado me encontro.

REGANE — Passai bem.

(*Saem.*)

Cena 6

Região perto de Dover. Entram Gloster e Edgar vestido como camponês.

GLOSTER — Quando estarei no cimo da colina?

EDGAR — Já estais subindo. Vede nosso esforço.

GLOSTER — Tenho a impressão de que o terreno é plano.

EDGAR — Horrivelmente abrupto. Não ouvis o barulho do mar?

GLOSTER — Não, em verdade.

EDGAR — E que os outros sentidos tendes fracos pelo que os olhos sofrem.

GLOSTER — É possível. Parece-me que tens a voz mudada e que com mais sentido agora falas e melhor expressão.

EDGAR — É puro engano de vossa parte; em nada estou mudado, se não for nestas vestes.

GLOSTER — Não; parece-me que te exprimes melhor.

EDGAR — Vamos, senhor; eis o lugar. Chegamos. Ficai quieto. Como é terrível! É de dar vertigens olhar nesta distância para baixo. Como os corvos e as gralhas que transvoam o ar intermédio ficam pequeninos como besouros! Vê-se à meia altura, suspenso, um homem que procura funcho. Profissão arriscada! A impressão tenho de que ele é do tamanho da cabeça. Os pescadores que andam pela praia parecem-se com ratos; a barcaça ali ancorada, tão pequena se acha como o próprio escaler, e este se encontra reduzido a uma bóia, pequenina demais para ser vista. As marulhosas vagas que batem nos inumeráveis e preguiçosos seixos não se fazem ouvir de tanta altura. É-me impossível olhar mais tempo assim, pois tenho medo de vir a ter vertigens, atirando-me a vista de cabeça para baixo.

GLOSTER — Coloca-me no ponto em que te encontras.

EDGAR — Dai-me a mão; só um passo vos separa da borda extrema. Por quanto há debaixo da lua, eu não saltara dessa altura.

GLOSTER — Solta-me a mão; recebe esta outra bolsa; dentro dela há uma jóia que merece ficar com algum pobre. Os deuses todos e as fadas te protejam. Vai-te embora; dize adeus, pois desejo ouvir teus passos.

EDGAR — Passai bem, bom senhor.

GLOSTER — Agradecido de todo coração.

EDGAR (*à parte*) — A brincadeira que faço com a desgraça dele, visa, tão-somente, curá-lo.

GLOSTER — Ó deuses grandes, renuncio a este mundo e, em vossa vista, paciente, me despojo do meu grande sofrimento! Pudesse eu suportá-lo por mais tempo, sem luta abrir com vossa vontade irresistível, este abjeto morrão da natureza se deixara consumir até ao fim. Se ainda com vida estiver meu Edgar, oh! abençoai-o! E agora, amigo, adeus. (*Cai para a frente.*)

EDGAR — Adeus, senhor; já fui embora. (*À parte.*) Conceber não posso como a imaginação roubar consegue da vida a rara jóia, quando a própria vida se presta ao roubo. Se se achasse onde pensava estar, neste momento pensar já não pudera. Vivo ou morto? (*A Gloster.*) Então, senhor! Amigo! Estais me ouvindo? Poderia morrer... Mas não; revive. Que sois, senhor? Dizei-me.

GLOSTER — Vai-te embora e deixa-me morrer.

EDGAR — Se algo mais fosses do que ar, teia de aranha, leve pluma, caindo assim de tantas braças do alto, partido já estarias como um ovo. Mas respiras, possuis pesado corpo, não perdes sangue, estás inteiro, filas. Dez mastros superpostos não bastaram para medir a altura de onde caíste perpendicularmente. Verdadeiro milagre é tua vida. Vamos, fala!

GLOSTER — Mas eu caí ou não?

EDGAR — Sim, lá do pico desta penha calcária. Olha para o alto; ver e ouvir não se pode a cotovia de garganta estridente. Olha para o alto!

GLOSTER — Ai de mim! Não tenho olhos! É negada à desgraça o benefício de pôr termo com a morte á própria angústia. Era consolo para o sofrimento poder lograr a raiva do tirano e frustrar seus intentos orgulhosos.

EDGAR — Dai-me o braço. De pé! Então, e agora? Sentis as pernas? Eis-vos levantado.

GLOSTER — Bem; muito bem.

EDGAR — Tudo isso é muito estranho. Que era que estava no alto do penhasco e se apartou de vós?

GLOSTER — Um miserável. Um mendigo infeliz.

EDGAR — Daqui debaixo onde me achava, pareciam duas luas os olhos dele. Dotado era de mil narizes, cornos retorcidos e ondeados como os sulcos do mar bravo. Decerto era um demônio. Por tudo isso, lembra-te, feliz pai, que os deuses claros que da importância dos mortais constroem toda sua glória, a vida te salvaram.

GLOSTER — Agora penso nisso; de hoje em diante pretendo suportar o sofrimento até que por si mesmo ele me grite: "Basta! Basta!" e pereça. Por um homem tomei a coisa a que vos referistes. Dizia muitas vezes: "O demônio!" Foi ele que me pôs naquela ponta.

EDGAR — Possas agora ter só pensamentos tranqüilos e confiantes. Mas, que vejo! Quem vem aí? (*Entra Lear, fantasticamente enfeitado com flores.*) Jamais a sã razão vestirá seu senhor dessa maneira.

LEAR — Não; não poderão pegar-me por cunhar moedas; sou o rei.

EDGAR — Oh espetáculo de transpassar o coração!

LEAR — Nisto a natureza sobrepuja a arte. Eis vosso soldo. Aquele sujeito maneja o arco como se fosse um espantalho... Cortai-me uma jarda de pano. Vede! Um rato! Paz! Paz! Este pedaço de queijo frio resolverá o assunto. Eis minha luva; medir-me-ei com um gigante. Trazei as alabardas escuras. Oh! Bonito vôo, passarinho! No alvo! No alvo, hu! A senha, vamos!

EDGAR — Doce manjerona.

LEAR — Passai.

GLOSTER — Conheço essa voz.

LEAR — Ah! Goneril de barba branca! Adularam-me como um cão e me disseram que os pêlos brancos de minha barba nasceram antes dos pretos. Responder "sim" e "não" a tudo o que eu dizia! "Sim" e "não" ao mesmo tempo não era boa teologia. No dia em que a chuva veio para molhar-me e o vento para me fazer bater o queixo, e em que o trovão se recusava a obedecer-me, foi quando as encontrei; foi quando lhes percebi o cheiro. Ide embora; não têm palavra. Disseram-me que eu era tudo. É mentira! Não estou à prova de febre.

GLOSTER — Lembro-me dessa voz perfeitamente. Não é o rei?

LEAR — Rei da cabeça aos pés. Vede os vassalos como tremem, quando fito neles os olhos. Ora apraz-me perdoar a este homem. Qual o crime dele? Adultério? Não morrerás! Morrer por adultério? Não; isso faz o pintassilgo, e à minha vista a mosca dourada é libertina. Porque o filho bastardo do bom Gloster foi melhor para o pai que minhas filhas lealmente geradas. A vontade, luxúria, em toda parte! Preciso de soldados. Vede aquela senhora sorridente, cujo rosto anuncia pura neve na união das coxas. Só virtude mostra, sacudindo a cabeça sempre que ouve o nome do prazer. O furão e o corcel arrebatado não revelam mais lúbrico apetite. Abaixo da cintura são centauros, muito embora mulheres para cima. Até à cintura os deuses é que mandam; para baixo, os demônios. Ali é o inferno, escuridão, abismo sulfuroso, calor, fervura, cheiro de podridão... Xi! Xi! Pá! Ó bondoso boticário, dá-me uma onça de almíscar, para eu temperar a imaginação. Aqui tens dinheiro.

GLOSTER — Deixai-me beijar essa mão.

LEAR — Primeiro deixai que a limpe; cheira a mortalidade.

GLOSTER — Ó arruinada peça da natura! O imenso mundo há de gastar-se todo, reduzindo-se a nada. Reconheces-me?

LEAR — Lembro-me perfeitamente de teus olhos. Estás piscando para mim? Não, Cupido cego; por mais que faças, não chegarei a amar-te. Lê este desafio; observa bem o traço das letras.

GLOSTER — Se outros tantos sóis fossem, não as vira.

EDGAR (*à parte*) — Se mo dissessem, não o acreditara. No entanto é certo e o coração me parte.

LEAR — Lê!

GLOSTER — Como! Com as órbitas apenas?

LEAR — Oh! oh! Alcançastes-me nesse ponto? Nem olhos na cabeça, nem dinheiro na bolsa? Tendes os olhos pesados e a bolsa leve; no entanto, podeis ver como vai o mundo.

GLOSTER — Vejo-o porque o sinto.

LEAR — Como! Estais louco! A gente pode ver sem olhos como vai o mundo. Olha com as orelhas; vê como aquele juiz invectiva contra um simples ladrão. Escuta aqui, só uma palavrinha ao ouvido. Muda de lugar... Um, dois, três! E agora: qual é o ladrão? Qual é o juiz? Já viste um cachorro de fazendeiro ladrar para um mendigo?

GLOSTER — Já, sim senhor.

LEAR — E a criatura fugir do mastim? Nisso poderás contemplar a grande imagem da autoridade: um cachorro no desempenho de suas funções é obedecido. Oficial de justiça desonesto, suspende a mão sangrenta! Por que açoitas essa pobre rameira? Vira contra ti próprio essa chibata. Estás ardendo de desejos de com ela realizares o ato por que a castigas. O onzeneiro põe na forca o ladrão. As faltazinhas se deixam ver nos furos dos andrajos; mas as togas e as peles tudo encobrem. Forra de ouro o pecado, e a forte lança da Justiça se quebra sem feri-lo; cobre-o de trapos, e uma simples palha vibrada por pigmeu vai transpassá-lo. Ninguém comete falta, é o que te afirmo; ninguém. A todos sirvo de fiador. Podes acreditar-me, amigo; fala-te quem força tem para fechar a boca da acusação. Arranja umas lunetas e, como vil político, imagina ver coisas que não vês. Bum, bum, bum, bum! Tirai-me as botas. Força! Força!... Assim...

EDGAR (*à parte*) — Que mistura de senso e de incoerência! A razão na loucura.

LEAR — Toma meus olhos, se chorar desejas minha infelicidade. Sei de sobra quem és. Teu nome é Gloster. Pois bem sabes: ao respirarmos pela vez primeira, choramos e gememos. Vou fazer-te sobre isso um bom sermão; sê, pois, atento.

GLOSTER — Oh dia triste!

LEAR — Mas nascemos, choramos por nos vermos neste grande tablado de dementes. Que bela forma de chapéu! Seria idéia mui sutil pôr ferraduras de feltro nos cavalos de uma tropa. Vou tentá-lo; e, uma vez caindo em cima de meus genros: matar, matar, matar!

(*Entra um gentil-homem, com criados.*)

GENTIL-HOMEM — Oh, ei-lo aqui! Com jeito segurai-o. Meu senhor, vossa filha muito amada...

LEAR — Não há socorro! Como! Prisioneiro? Sou realmente joguete da fortuna. Tratei-me bem; pagar-vos-ei resgate. Trazei-me um cirurgião, pois tenho o cérebro muito ofendido.

GENTIL-HOMEM — Haveis de ter de tudo.

LEAR — Ninguém vem ajudar-me? Estou sozinho? Isso em homem de sal mudara um homem, para fazer de irrigador os olhos, sim, e a poeira do outono deixar úmida.

GENTIL-HOMEM — Meu bom senhor...

LEAR — Morrerei como bravo, como noivo... Como! Jovial hei de mostrar-me. Vamos! Sou rei, meus mestres; ignorais tal coisa?

GENTIL-HOMEM — É rei notável, a quem muito amamos.

LEAR — Então ainda há vida. Se a alcançardes, há de ser na carreira. Sá, sá, sá!... (*Sai; os criados o acompanham.*)

GENTIL-HOMEM — Lastimoso já fora este espetáculo no mais ínfimo ser e desgraçado. Num rei, não cabe no discurso humano. Uma filha ainda tens que a natureza limpa da maldição geral que as outras fizeram vir sobre ela.

EDGAR — Salve, senhor.

GENTIL-HOMEM — Senhor, o céu vos guarde. Que desejais?

EDGAR — Ouvistes, porventura, falar de uma batalha a ser travada?

GENTIL-HOMEM — É certo e mui sabido. Todo o mundo que sons distingue, ouviu falar sobre isso.

EDGAR — Mas, por obséquio: a que distância se acha o outro exército?

GENTIL-HOMEM — Perto, e vem com pressa. À vista surgirá dentro de uma hora; é o que se espera.

EDGAR — Agradecido. É tudo.

GENTIL-HOMEM — Muito embora a rainha aqui se encontre por um motivo especial, o exército dela avançou.

EDGAR — Bem; muito agradecido.

(*Sai o gentil-homem.*)

GLOSTER — Ó deuses sempre bons! tirai-me a vida, não permitindo que meu mau espírito tentar me venha novamente, para que à vossa revelia eu peça a morte.

EDGAR — Pai, rezais muito bem.

GLOSTER — Quem sois, amigo?

EDGAR — Indivíduo mui pobre, que os reveses da fortuna amansou e que pela arte das desgraças alheias e das próprias à compaixão se revelou sensível.

GLOSTER — Do imo peito agradeço. Que a bondade do céu e sua bênção te acompanhem sempre e sempre.

(*Entra Osvaldo.*)

OSVALDO — Oh! Cabeça posta a prêmio! Encontro mui feliz! Essa cabeça sem olhos só criou carne porque a minha fortuna prosperasse. Miserável traidor, concentra-te depressa, a espada que vai tirar-te a vida está sacada.

GLOSTER — Então põe força em tua mão amiga.

(*Edgar se interpõe.*)

OSVALDO — Por que te atreves, rústico atrevido, a amparar um traidor, publicamente como tal proclamado? Vai-te embora; do contrário, a infecção da sorte dele passará para ti. Larga-lhe o braço!

EDGAR — Não largo ele, seu moço; não há percisão disso.

OSVALDO — Solta-o, escravo! Do contrário, morrerás.

EDGAR — Ide embora, seu moço; ide embora e deixai o pobre viver. Se as ameaças pudessem tirar-me a vida, esta teria sido encurtada de uma quinzena. Não vos aproximeis do velho; ficai de longe, é o que eu digo, ou então vamos tirar a prova para ver o que é mais duro, se vosso coco ou este meu cacete. Gosto de franqueza.

OSVALDO — Sai da frente, monturo!

EDGAR — Vou curar vossos dentes, seu moço. Vinde. Vossos botes não me metem medo.

(*Batem-se; Edgar o abate.*)

OSVALDO — Oh! matas-te-me, escravo! Coisa à-toa, fica com minha bolsa. Se desejas prosperar, sepultura dá a meu corpo e entrega as cartas que aqui trago a Edmundo, conde de Gloster. Morte intempestiva! (*Morre.*)

EDGAR — Sei quem és, um velhaco diligente; tão dedicado aos vícios da patroa quanto a maldade desejar pudera.

GLOSTER — Como! Morreu?

EDGAR — Pai, repousai; Sentai-vos. Revistemos-lhe os bolsos. Essas cartas de que falou serão talvez amigas. Morreu; só me aborrece não ter ele tido um outro carrasco. Mas vejamos. Permiti mole cera; e vós, costumes, não nos culpeis; porque saber possamos as idéias de nossos inimigos os próprios corações lhes abriríamos. Abrir cartas, assim é mais legítimo. "Lembrai-vos de nossos juramentos recíprocos. Tendes muitas oportunidades de suprimi-lo; se vontade não vos faltar, oportunidade e lugar haveis de ter de sobra. Nada se terá feito se ele voltar como vencedor, porque ficarei como sua prisioneira e o leito dele como minha prisão. Libertai-me, portanto, desse calor odioso, e, pelo vosso trabalho, ficai com o lugar dele. Vossa — esposa é o que eu desejara chamar-me — serva afetuosa Goneril." Oh insondável campo da perfídia feminina! Uma conjura contra a vida de um marido tão virtuoso, para ser por meu mano substituído! Vou enterrar-te aqui na areia mesmo, sacrílego correio de assassinos luxuriosos, a fim de em tempo certo ferir a vista do ameaçado duque com este papel fatal. E está com sorte por eu poder contar-lhe de tua morte.

GLOSTER — O rei ficou insano; quão teimoso meu vil juízo se mostra, permitindo-me ficar de pé e intacto me deixando o sentido de minha dor imensa. Fora melhor ficar de todo louco. Assim se apartariam das tristezas os pensamentos, que as desgraças perdem a autoconsciência, quando sob o império de errôneas fantasias.

(*Ruído de tambor ao longe.*)

EDGAR — Dai-me a mão. Ouço ao longe um tambor, se não me engano. Vamos, pai; vou confiar-vos a um amigo.

(*Saem.*)

Cena 7

Uma tenda no acampamento francês. Entram Cordélia, Kent, um médico e um gentil-homem.

CORDÉLIA — Ó meu bondoso Kent, de que maneira posso viver e agir, para que a tua bondade recompense? Minha vida será curta demais, sem que eu disponha de medida adequada.

KENT — Já me sobram, senhora, os vossos agradecimentos Vai de par meu relato com a mais simples verdade, sem acréscimos nem falhas.

CORDÉLIA — Veste roupa melhor; essa roupagem faz lembrar dos momentos muito tristes. Por favor, troca-a.

KENT — Não, cara senhora; perdoai-me; mas prejudicara muito meus planos dar-me a conhecer agora. Como graça vos peço continuardes sem me reconhecer, até que o tempo e eu concordemos nisso.

CORDÉLIA — Pois que seja, meu bondoso senhor. (*Ao médico.*) Que faz o rei?

O MÉDICO — Ainda dorme, senhora.

CORDÉLIA — Ó divindades piedosas, deixai boa a grande brecha de sua natureza maltratada! Afinai os sentidos em desordem e dissonantes deste pai que em criança voltou a transformar-se.

O MÉDICO — Vossa Alteza permitirá que o rei nós despertemos? Já dormiu muito.

CORDÉLIA — Segui nisso apenas vossos conhecimentos, procedendo como melhor julgardes. Já o vestiram?

(*Entra Lear numa cadeira, carregado por criados.*)

GENTIL-HOMEM — Já sim, senhora, pois no mais pesado do sono lhe trocamos toda a roupa.

O MÉDICO — Ficai junto, senhora, no momento de o despertarmos, pois não tenho dúvidas quanto a suas melhoras.

CORDÉLIA — Muito bem.

(*Música.*)

O MÉDICO — Aproximai-vos, por favor. A música, aí, mais alto!

CORDÉLIA — Ó meu querido pai! Em meus lábios suspende teus remédios, convalescença, e deixa que este beijo repare a imensa dor que minhas manas produziram em tua

reverência.

KENT — Minha boa princesa e mui querida!

CORDÉLIA — Mesmo que pai não fosse delas duas, estes cabelos brancos lhes teriam forçado à compaixão. Uma cabeça como esta poderia ser exposta à fúria das rajadas? defrontar-se com o trovão pavoroso e o mais terrível ziguezaguear de temerosos raios? Ficar de guarda — pobre sentinela! — com este elmo tão fino? O próprio cão do meu inimigo, embora me tivesse mordido, houvera, numa noite dessas, permanecido junto do meu fogo. E tu, meu pobre pai, foste forçado a abrigar-te com porcos e mendigos numa pouca de palha embolorada! Ai, que dor. Maravilha é não haveres a um só tempo perdido a vida e o espírito. Vai acordar; falai-lhe.

O MÉDICO — Vós, senhora; será melhor.

CORDÉLIA — Como se sente agora meu real senhor? E Vossa Majestade como passa?

LEAR — Foi mal de vossa parte retirar-me do túmulo. És uma alma da bem-aventurança; eu, porém, me acho a uma roda de fogo sempre atado, que minhas próprias lágrimas escaldam como chumbo fundido.

CORDÉLIA — Conheceis-me, senhor?

LEAR — És um espírito; conheço-te. Desde quando morreste?

CORDÉLIA — Divagando sempre por muito longe.

O MÉDICO — Concedei-lhe mais algum tempo; despertou há pouco.

LEAR — Onde estive? Onde estou? É dia claro? Oh! Procederam muito mal comigo; morrer de compaixão eu poderia, se visse alguém tratado desse modo. Não sei o que dizer; jurar não quero que estas mãos sejam minhas. Mas vejamos: sinto esta alfinetada. Quem me dera saber quem sou, realmente.

CORDÉLIA — Senhor, olhai para o meu lado, e as mãos estendei sobre mim, para abençoar-me. Não, meu senhor! Não vos ponhais de joelhos!

LEAR — Ah! Não zombeis de mim, é o que vos peço. Sou um velho imprestável e caduco, para cima de oitenta, nem uma hora mais nem menos. E, para ser sincero, receio ter o espírito avariado. Creio vos conhecer e, assim, a este homem; mas em dúvida me acho, pois ignoro de todo onde me encontro, sem que possa lembrar-me destas vestes. De igual modo não sei onde passei a última noite. Oh! não riais de mim! Porque tão certo como eu ser homem, quer afigurar-me que esta dama é Cordélia, minha filha.

CORDÉLIA — Sou ela mesma, meu senhor; sou ela.

LEAR — Tendes lágrimas úmidas? Realmente. Não choreis, é o que peço. Se tiverdes veneno para dar-me, hei de bebê-lo. Sei que amor não me tendes. Vossas manas — tanto quanto me lembro — procederam comigo muito mal. Mas tendes causa; ao passo que nenhuma delas tinha.

CORDÉLIA — Nenhuma causa! Não; nenhuma causa!

LEAR — Estou na França?

KENT — Em vosso próprio reino, senhor.

LEAR — Não me enganeis.

O MÉDICO — Ficai tranqüila, boa senhora. Já está morta nele, como estais vendo, a grande fúria. Agora perigoso é fazê-lo novamente subir ao longo do perdido tempo. Levai-o para dentro, sem cansá-lo com perguntas, até que se refaça.

CORDÉLIA — Quererá Vossa Alteza andar um pouco?

LEAR — Precisareis comigo ter paciência. Esquecei e perdoai-me, por obséquio. Estou velho e caduco.

(*Saem Lear, Cordélia, o médico e os criados.*)

GENTIL-HOMEM — Confirmou-se a notícia, senhor, de que o duque de Cornualha foi morto?

KENT — Perfeitamente, senhor.

GENTIL-HOMEM — Quem está à testa de seus homens?

KENT — Ao que dizem, o filho bastardo de Gloster.

GENTIL-HOMEM — Dizem que Edgar, seu filho exilado, está na Alemanha com o conde de Kent.

KENT — Os boatos variam. É tempo de abrirmos os olhos; as forças do reino se aproximam com presteza.

GENTIL-HOMEM — A decisão promete ser sangrenta. Passai bem, senhor. (*Sai.*)

KENT — Ou boa ou má, a minha conclusão os golpes de hoje à luz sair farão. (*Sai.*)

Ato 5

Cena 1

O acampamento inglês, perto de Dover. Entram, com tambores e bandeiras desfraldadas, Edmundo, Regane, oficiais, soldados e outras pessoas.

EDMUNDO — Ide saber do duque se seu último projeto está de pé, ou se por causas intercorrentes já mudou de plano. Instável sempre se revela e cheio de queixas de si próprio. Sua firme decisão me trazei.

REGANE — O mensageiro de minha mana se perdeu, decerto.

EDMUNDO — É o que devemos recear, senhora.

REGANE — Já conheceis, meu caro lorde, quanto bem vos quero. Dizei-me francamente uma verdade só: amais à mana?

EDMUNDO — Sim, com amor honroso.

REGANE — Mas acaso nunca o caminho achastes de meu mano, para o lugar proibido?

EDMUNDO — Tal idéia, senhora, vos ofende.

REGANE — Tenho medo de com ela ligado vos achardes e de tal modo unido, que podíeis ser tido como dela.

EDMUNDO — Por minha honra, senhora, o afirmo.

REGANE — Nunca o permitira. Não vos mostreis tão familiar com ela, caro senhor.

EDMUNDO — Podeis ficar tranqüila. Ela aí vem, com o duque, seu marido.

(*Entram, com tambores e bandeiras desfraldadas, Albânia, Goneril e soldados.*)

GONERIL (*à parte*) — Preferira perder esta batalha a perdê-lo por causa desta mana.

ALBÂNIA — Muito querida irmã, feliz encontro. Senhor, soube que o rei se uniu à filha — com outros que o rigor de nosso jogo a protestar forçou. — Onde não posso mostrar-me honesto, nunca sou valente. Esta campanha nos atinge apenas por haver França entrado em nossas terras, não por ter ajudado o rei e os outros que se levantam contra nós, receio, por motivos mui justos e de peso.

EDMUNDO — Falastes nobremente.

REGANE — Qual a causa de discutirmos isso?

GONERIL — Dirijamos nossas forças conjuntas contra o inimigo; são fora de propósito essas tricas particulares e questões domésticas.

ALBÂNIA — Estudemos então nossa estratégia com o alferes da guerra.

EDMUNDO — A vossa própria tenda irei procurar-vos neste instante.

REGANE — Vireis conosco, irmã?

GONERIL — Não.

REGANE — Seria conveniente. Por obséquio, vinde também.

GONERIL (*à parte*) — Oh oh! Compreendo o enigma. (*Alto.*) Irei.

(*Entra Edgar, disfarçado.*)

EDGAR — Se em algum tempo Vossa Graça já conversou com um pobre tão humilde, ouvi-me uma palavra.

ALBÂNIA — Já vos ouço.

(*Saem Edmundo, Regane, Goneril, oficiais, soldados e criados.*)

EDGAR — Antes da pugna, lede esta missiva. No caso de vencerdes, que a trombeta chame seu portador. Embora aspecto tão pobre eu apresente, tenho meios de fazer vir um campeão que pode provar tudo o que aí está afirmado. Se vierdes a perder, vossos negócios mundanos chegarão também ao termo, terminando as intrigas. Que a Fortuna vos acompanhe.

ALBÂNIA — Ficai até que eu leia a carta.

EDGAR — Foi-me proibido fazer isso. Mas no tempo preciso, bastará que o arauto chame, para que eu me apresente.

ALBÂNIA — Então, adeus. Vou ler o teu papel.

(*Sai Edgar.*)

(*Volta Edmundo.*)

EDMUNDO — O inimigo está à vista. Ponde em linha vossos soldados. Eis aqui o cômputo de seu poder exato e de suas forças, segundo explorações bem conduzidas. Mas o momento vos obriga à pressa.

ALBÂNIA — Saberemos saudar o tempo certo. (*Sai.*)

EDMUNDO — Jurei amor às duas; uma da outra desconfia, tal como da serpente, quem picado já foi. Qual me reservo? Ambas? Uma? Nenhuma? Com nenhuma me alegrarei, ficando vivas ambas. Ficar com a viúva é exasperar a outra, Goneril; é deixá-la como louca, não podendo eu ganhar minha partida, se seu marido continuar com vida. Aproveitemo-nos de seu prestígio para a batalha em curso. Uma vez ganha, ela, então, que de grado o despachara, os recursos mais aptos excogite de logo liquidá-lo. No que tinge ao plano dele de a Cordélia e Lear conceder o perdão, ganha a batalha e eles em nossa mão, jamais tal graça chegará a alcançar. Impõe-me o posto pouco falar e trabalhar com gosto. (*Sai.*)

Cena 2

Um campo entre os dois acampamentos. Alarma. Com tambores e estandartes desfraldados, entram Lear, Cordélia e suas tropas. Saem. Entram Edgar e Gloster.

EDGAR — Acolhei-vos aqui, pai, a esta sombra de árvore como a um hospedeiro grato. Rezai para que vença a boa causa. Se algum dia eu voltar, será para trazer-vos doce alívio.

GLOSTER — Possa a Graça, senhor, acompanhar-vos.

(*Sai Edgar.*)

(*Alarma. Depois, retirada. Volta Edgar.*)

EDGAR — Fujamos, velho! Dai-me a mão. Fujamos! Perdeu rei Lear: presos, ele e a filha. Dai-me a mão; vamos logo.

GLOSTER — Não, senhor; não darei nem mais um passo. Pode-se apodrecer em qualquer parte.

EDGAR — Como! De novo pensamentos negros Precisamos mostrar-nos conformados com a nossa vinda ao mundo e ao nos partirmos. Estarmos preparados é o que importa. Vamos daqui.

GLOSTER — Tudo isso é muito certo.

(*Saem.*)

Cena 3

O acampamento inglês, perto de Dover. Entra Edmundo, como vencedor, com tambores e bandeiras; Lear e Cordélia, prisioneiros; oficiais, soldados, etc.

EDMUNDO — Alguns oficiais os levem logo. Que fiquem bem guardados, até que a alta vontade se conheça das pessoas que terão de julgá-los.

CORDÉLIA — Os primeiros não somos a ficar sobre braseiros com boas intenções. Rei oprimido, por ti, somente, falta-me o sentido, que eu, por mim, poderia, carrancuda, enfrentar as carrancas da Fortuna. Tais irmãs e tais filhas não veremos?

LEAR — Não, não, não, não! Levai-nos para o cárcere. Nós dois, sozinhos, cantaremos como pássaros na gaiola. No momento de a benção me pedires, eu me ajoelho e te imploro perdão. Dessa maneira viveremos, dizendo nossas preces, cantando e velhos contos enarrando, rindo das borboletas variegadas e ouvindo os pobres diabos discorrerem sobre os boatos da corte, aos quais, decerto, nos juntaremos para dar palpite sobre quem perde ou ganha, quem se encontra no alto da escada ou em baixo, discorrendo sobre os altos mistérios do universo como se espiões de Deus, acaso, fôssemos. Gastaremos, assim, no duro cárcere, os partidos e as lutas dos graúdos que com a lua sobem sempre e descem.

EDMUNDO — Levai-os!

LEAR — Sobre um sacrifício destes, minha boa Cordélia, os próprios deuses jogam incenso. Tenho-te bem presa? Quem quiser separar-nos há de um facho trazer do céu, para tocar-nos, como a raposas. Enxuga, enxuga os olhos. A carne e a pele a peste há de comer-lhes antes de que eles a chorar nos forcem. Primeiro morrerão de fome. Vamos!

(*Saem Lear e Cordélia, escoltados.*)

EDMUNDO — Capitão, vem aqui. Toma este escrito. Ouve-me atento. Segue-os até o cárcere. Já te beneficiei de um grau; no caso de cumprires esta ordem, o caminho terás franqueado da mais nobre sorte. Reflete no seguinte: os homens mudam conforme as épocas. Uma alma terna não se casa com a espada. Este mandato não permite objeções: ou vais cumpri-lo, ou procura subir por outros meios.

OFICIAL — Senhor, hei de cumpri-lo.

EDMUNDO — Cuida disso, e, feito isso, feliz te considera. Ouve-me bem: sem perda de um momento, e cumpre as minhas instruções à risca.

OFICIAL — Puxar carro não sei, nem comer feno; mas se é trabalho de homem, já está

feito. (*Sai.*)

(*Fanfarra. Entram Albânia, Goneril, Regane, oficiais e criados.*)

ALBÂNIA — Senhor, mostrastes vossa altiva raça e bem guiado fostes pela sorte. Tendes os prisioneiros que adversários nossos foram na luta deste dia. De vós os requeremos, para dar-lhes tratamento conforme o próprio mérito o exigir e, assim, nossa segurança.

EDMUNDO — Pareceu-me, senhor, mais conveniente mandar o velho e desgraçado rei para alguma prisão, sob guarda certa, pois de grande feitiço se revela sua díade e, ainda mais, o próprio título para arrastar o coração do vulgo, voltar fazendo contra nossos olhos as lanças que nós mesmos alistamos. Pelas mesmas razões foi a rainha juntamente com ele. Ambos se encontram prontos, amanhã cedo ou mais de espaço, para comparecer onde quiserdes formar o tribunal. De suor e sangue todo coberto ainda estou; o amigo perdeu o amigo e, no calor, as lutas mais altas são amaldiçoadas pelos que o corte delas sentem. O problema de Cordélia e do pai requer um sítio mais conveniente.

ALBÂNIA — Não vos desagrade, senhor, mas nesta guerra considero-vos súdito, não irmão.

REGANE — Irmão, lhe digo, o que me apraz dele fazer. Parece-me que devia ter sido consultado nosso prazer antes de tal discurso. Foi nosso general, representante de mim própria e de minha dignidade, intimidade que bem pode a fronte levantar para vosso irmão chamar-se.

GONERIL — Por que tanto calor? Seu próprio mérito o exalta mais que vossas distinções.

REGANE — Com meus direitos, minha investidura, aos melhores se iguala.

GONERIL — Atingiria, decerto, o ápice, vindo a desposar-vos.

REGANE — Por vezes os trocistas se revelam verdadeiros profetas.

GONERIL — Olará! O olho que vos disse isso estava vesgo.

REGANE — Não estou bem, senhora; não fora isso, vos daria a resposta merecida. General, toma conta dos meus homens, dos prisioneiros, meus haveres todos. Dispõe deles, de mim; teu é este burgo. Seja o universo testemunha em como te creio agora meu senhor e mestre.

GONERIL — Pensais que já sois dele?

ALBÂNIA — Não depende de vós a permissão.

EDMUNDO — Oh! nem de ti!

ALBÂNIA — Depende, sim, tipo de meio sangue.

REGANE — Faze soar o tambor, e que este prove que meu título é teu.

ALBÂNIA — Um momentinho; a razão escutai: Edmundo, prendo-te por traição capital, e juntamente contigo esta serpente cheia de ouro, (*Apontando para Goneril.*) porque, formosa irmã, me oponho a vossas pretensões, no interesse, tão-somente, de minha esposa, que ligada se acha a este senhor por um formal contrato. Eu, seu marido, oponho-me, portanto, a esses vossos

proclamas. Se quiserdes casar, fazei-me a corte, que esta dama já está comprometida.

GONERIL — Que comédia!

ALBÂNIA — Gloster, estás armado. Que a trombeta dê logo o toque. Caso ninguém venha para ao rosto lançar-te as tuas próprias traições odiosas, múltiplas e claras, aqui está meu penhor. (*Atira a luva.*) Nessa cabeça demonstrarei antes de novamente provar pão, que és tudo isso que ora afirmo.

REGANE — Oh! doente, muito doente!

GONERIL (*à parte*) — De outro modo não voltara a confiar na medicina.

EDMUNDO — Eis meu penhor, também. (*Joga a luva.*) Em todo o mundo quem quer que de traidor ouse chamar-me, mente como um vilão. Soe a trombeta! Contra quem se atrever a apresentar-se, contra ele, contra vós, contra quem seja, firme defenderei a honra e a lealdade.

ALBÂNIA — Eh! Um arauto!

EDMUNDO — Olá! O arauto! O arauto!

ALBÂNIA — Confia apenas na coragem própria; pois teus soldados, alistados todos em meu nome, já foram licenciados.

REGANE — Meus incômodos crescem!

ALBÂNIA — Não se encontra passando bem; levai-a para a tenda. (*Sai Regane, amparada.*) Aproxima-te, arauto. (*Entra um arauto.*) Que a trombeta soe logo e, depois, proclama isto.

OFICIAL — Soe a trombeta!

(*Ouve-se um toque de trombeta.*)

ARAUTO — "Se houver nas fileiras do exército qualquer homem de qualidade ou posição que queira sustentar contra Edmundo, suposto conde de Gloster, que ele é muitas vezes traidor, apresente-se ao terceiro toque da trombeta. Edmundo está decidido a defender-se."

EDMUNDO — Tocai!

(*Primeiro toque.*)

ARAUTO — Outra vez!

(*Segundo toque.*)

ARAUTO — Outra vez!

(*Terceiro toque.*)

(*Uma trombeta responde dentro.*)

(*Entra Edgar, armado, precedido de um trombeteiro.*)

ALBÂNIA — Interrogai-o sobre seus intuitos e porque veio ao toque da trombeta.

ARAUTO — Quem sois vós? Vosso nome? Vosso estado? Por que viestes aqui a esta

chamada?

EDGAR — Meu nome se perdeu, ficai sabendo. Roeu-o o dente da traição, deixando-o lacerado de todo. Mas sou nobre tanto quanto o adversário que procuro.

ALBÂNIA — Quem é esse adversário?

EDGAR — Quem responde pelo conde de Gloster, por Edmundo?

EDMUNDO — Ele próprio. Que tens para dizer-lhe?

EDGAR — Saca da espada, para que, no caso de um nobre coração vir meu discurso magoar, justiça obtenhas por teu braço. Eis aqui a minha, como privilégio de minha qualidade, juramentos e honrarias, que aqui venho afirmar-te, apesar de tua força, mocidade, posição e alto estado; não obstante tua sorte forjada há pouco tempo e a espada vitoriosa, tua grandeza, valentia e coragem, que és traidor, falso aos deuses, ao próprio irmão e ao pai, conspirador contra este ilustre príncipe, e que do ponto extremo da cabeça ao mais baixo do pé que pisa a poeira, és um traidor manchado como o sapo. Se "Não" disseres, esta espada, o braço, minha melhor coragem vão provar-te no coração que mentes.

EDMUNDO — A prudência me mandaria perguntar teu nome. Mas visto teres um exterior tão belo, tão marcial, e expressar os pensamentos tua língua com nobreza, com desprezo ponho de lado todas as delongas que as próprias regras da cavalaria sem desdouro nenhum me asseguraram. Essas traições, em tua fronte as jogo, e o coração aperto-te na própria calúnia odiosa como o duro inferno. De leve, tão-somente, me tocaram. Por isso, minha espada vai mostrar-lhes neste instante o caminho para o ponto em que repouso irão achar eterno. Falai, trombetas!

(*Alarma; batem-se; Edmundo cai.*)

ALBÂNIA — Poupai-lhe a vida!

GONERIL — É uma cilada, Gloster! Segundo as leis das armas, não devias aceitar luta com um desconhecido. Vencido não caíste; foste vítima do embuste e da traição.

ALBÂNIA — Fechai a boca, senhora; do contrário, eu mesmo a tapo com esta carta. Olha para este lado, senhor, pior do que os mais feios nomes; lê teu próprio delito. Não, senhora! Não a rasgueis! Vejo que a conheceis. (*Dá a carta a Edmundo.*)

GONERIL — E se fosse esse o caso? A lei é minha, não tua. Quem me chamará a juízo? (*Sai.*)

ALBÂNIA — Oh! Monstruoso! Conheces essa carta?

EDMUNDO — Oh! não me perguntei o que eu conheço.

ALBÂNIA — Ide atrás dela; está desesperada. Vigiai-a bem.

(*Sai o oficial.*)

EDMUNDO — Sim, perpetrei os crimes de que ora me acusais, e muitas coisas, ainda, muitas mais. Aos poucos há de revelá-las o tempo. Mas tudo isso já passou, tal como eu. Mas

quem és tu, que tal vantagem sobre mim tiveste? Se fores nobre, o meu perdão concedo-te.

EDGAR — Então reciproquemos caridade. Não é menor que o teu meu sangue, Edmundo. Se maior for, maior será tua culpa com relação a mim. Chamo-me Edgar; sou filho de teu pai. Justos os deuses sempre são, e instrumentos de castigo fazem de nossos vícios agradáveis. Custou-lhe os olhos o lugar vicioso onde foste gerado.

EDMUNDO — Com acerto falaste; é verdadeiro o que disseste. Estou aqui: ficou completo o círculo.

ALBÂNIA — Bem vi que tua forma revelava uma nobreza real. Quero abraçar-te. Que a dor me parta o coração, se acaso te tive ódio, ou a teu pai, em qualquer tempo.

EDGAR — Sei disso, digno príncipe.

ALBÂNIA — Em que ponto vos escondestes? Como a saber viestes das misérias de vosso pobre pai?

EDGAR — Tratando delas, meu senhor, apenas. Ouvi uma história curta, e logo que ela tiver sido contada, oh! que me estale de dor o coração. Da sanguinária proclamação porque escapar pudesse, que tão de perto os passos me seguia — Ó doçura da vida, que nos fazes preferir morrer de hora em hora as dores da morte a de uma vez morrer de todo! — precisei disfarçar-me com os andrajos de um demente, assumindo uma aparência que até mesmo os cachorros repelia. Com essas vestes fui achar meu pai, cujos anéis sangrentos as preciosas pedras tinham perdido. Transformei-me em seu guia, pedi para ele esmola, por toda parte o conduzi, salvei-o do desespero, sem que nunca — oh falta! — lhe houvesse revelado quem eu era, senão há cerca de meia hora, quando já me encontrava armado. Não me achando seguro de vencer, pedi-lhe a bênção e minha peregrinação contei-lhe, do começo até ao fim. Mas seu rachado coração, ah! muito fraco porque a luta pudesse suportar dos dois extremos da paixão, alegria e sofrimento, sorrindo arrebentou.

EDMUNDO — Vosso discurso me comoveu, sendo possível, mesmo, que produza algum bem. Mas prossegui; parece que ainda não contastes tudo.

ALBÂNIA — Se houver outras misérias, ocultai-as, porque no ponto de chorar me encontro, ouvindo o que contastes.

EDGAR — Julgaria quem não amasse a dor que esse relato já representa tudo. Porém se outro viesse juntar-se ainda a tantos males, ampliando-os muito e muito, ultrapassara decerto o ponto extremo. Quando a clamar de dor eu me encontrava, chegou um homem que me vira em minha ínfima condição e se esquivara de minha companhia repelente, mas que, ao notar, então, quem era o grande sofredor, em seus braços vigorosos me apertou o pescoço, urrou a ponto de arrebentar o céu, lançou-se em cima do corpo de meu pai e a mais dorida história me contou sobre ele e Lear, que jamais percebeu o ouvido humano. Ao relatá-la, a dor o dominava, começando a estalar-lhe as próprias cordas da vida. Mas nessa hora duas vezes soou a trombeta e exânime o deixei.

ALBÂNIA — Mas quem é ele?

EDGAR — Kent, senhor; o mesmo Kent exilado, o qual sob um disfarce seguia o rei seu inimigo, tendo lhe prestado serviços nada próprios, ai! nem mesmo de escravos.

(*Entra um gentil-homem com uma faca ensangüentada.*)

GENTIL-HOMEM — Aqui, socorro! Socorro, aqui!

EDGAR — Socorro de que jeito?

ALBÂNIA — Fala, homem.

EDGAR — E essa faca ensangüentada?

GENTIL-HOMEM — Está quente; fumega; neste instante saiu do coração dela... Oh! Morreu!

ALBÂNIA — Quem morreu, homem? Fala.

GENTIL-HOMEM — Vossa esposa, senhor, vossa consorte, e a irmã por ela envenenada; confessou o fato.

EDMUNDO — Fiquei noivo das duas; na mesma hora casamo-nos os três.

EDGAR — Kent aí vem vindo.

ALBÂNIA — Trazei os corpos, mortos ou com vida. Este juízo dos céus, que nos abala, não nos deixa, por isso, enternecido. (*Sai o gentil-homem.*) (*Entra Kent.*) Oh! É ele mesmo? Não permite o tempo saudá-lo como a cortesia manda.

KENT — Só vim aqui para dizer boa noite ao meu rei e senhor. Não se acha aqui?

ALBÂNIA — Oh! Esquecemos do que mais importa! Dize-nos, Edmundo, onde está o rei? Onde ficou Cordélia? Kent, vês isto?

(*São trazidos os corpos de Goneril e Regane.*)

KENT — Oh! Como aconteceu?

EDMUNDO — No entanto, Edmundo foi amado! Uma deu veneno à outra, por minha causa, e se matou depois.

ALBÂNIA — Justamente; cobri-lhes ora o rosto.

EDMUNDO — A vida já me foge, mas quisera fazer ainda algum bem, embora contra minha própria feição. Mandai depressa, bem depressa, ao castelo. Meu escrito ameaça a vida de Cordélia e Lear. Não percais tempo.

ALBÂNIA — Corre! Corre! Corre!

EDGAR — Para onde, meu senhor? Qual a pessoa que está disso incumbida? É necessário enviares um penhor como contra-ordem.

EDMUNDO — Foi bem pensado; toma minha espada e a entrega ao capitão.

ALBÂNIA —Por tua vida, não percas tempo.

(*Sai Edgar.*)

EDMUNDO — A comissão tem ele de tua esposa morta e minha, para na prisão a Cordélia dar a morte, atribuindo, depois, ao desespero dela mesma sua própria destruição.

ALBÂNIA — Que os deuses a protejam! Retirai-o.

(*Entram Lear, com Cordélia nos braços, morta; Edgar, oficiais e outras pessoas.*)

LEAR — Uivai! Uivai! Uivai! Sois empedrados! Se vossas línguas e olhos eu tivesse, usara-os de tal modo, que faria rachar a abóbada celeste. Foi-se para sempre! Conheço muito bem quando alguém está morto ou quando vive. Morta está como terra. Ide buscar-me um espelho; no caso de seu hálito embaçar ou cobrir a superfície, então é que ela ainda está com vida.

KENT — Este é o fim prometido?

EDGAR — Ou bem a imagem de tanto horror?

ALBÂNIA — Cai de uma vez e acaba.

LEAR — A pluma está a mexer! Ela está viva! Oh! se for assim mesmo, é uma ventura que recompensa todos os pesares por que tenho passado.

KENT (*ajoelhando-se*) — Oh meu bom mestre!

LEAR — Sai, por favor!

EDGAR — É Kent, o vosso amigo.

LEAR — A peste sobre vós, traidores todos! Sois todos assassinos! Poderia tê-la salvo, mas foi-se para sempre. Ó Cordélia! Cordélia! Espera um pouco! Ah! Que disseste? A voz tinha sempre branda, agradável e baixa, predicado na mulher de valor inestimável. Matei o escravo, quando te enforcava.

OFICIAL — É certo, meu senhor; matou-o, de fato.

LEAR — Não é verdade, amigo? Já houve tempo em que com minha espada de bom gume os fazia dançar. Ora estou velho e estes trabalhos todos me deprimem. Quem sois? Não vejo bem. Vou já dizer-vos.

KENT — Se blasona a fortuna de a dois seres ao mesmo tempo haver odiado e amado, a um deles aqui vemos.

LEAR — Tenho a vista um tanto baça. Acaso não sois Kent?

KENT — O mesmo; Kent, o vosso servidor. Onde se encontra vosso criado Caius?

LEAR — Um bom sujeito, posso asseverar-vos; sabe bater nos outros com aprumo. Está morto e bem podre.

KENT — Não, bondoso senhor; sou ele mesmo...

LEAR — Verei isso neste momento.

KENT — ...que desde o começo de vossos infortúnios e declínio vos tem seguido os lastimosos passos.

LEAR — Sois bem-vindo.

KENT — Ninguém é aqui bem-vindo. Tudo é sem alegria, escuro e morto. Vossas filhas mais velhas se mataram, morrendo em desespero.

LEAR — Oh! Acredito-o.

ALBÂNIA — Já não sabe o que diz; absurdo fora tentarmos conversar com ele.

KENT — É inútil.

(*Entra um oficial.*)

OFICIAL — Edmundo faleceu, milorde.

ALBÂNIA — Nada significa isso agora. Vós, senhores e meus caros amigos, comunico-vos minha intenção, que é dar todo o conforto que com esta grande ruína se coadune. Enquanto a nós, durante a vida desta cândida majestade, conferimos-lhe todo o nosso poder. (*A Kent e Edgar*). A vós, as vossas honrarias, que vossos grandes préstimos mais do que mereceram. Os amigos receberão a paga da virtude provando todos nossos inimigos da copa do castigo. Oh! Vede! vede!

LEAR — Foi enforcada minha bonequinha! Não, não! Vida nenhuma! Por que causa terá vida um cavalo, um cão, um rato, e tu, fôlego algum? Não voltarás, oh! nunca, nunca, nunca, nunca, nunca! Por obséquio, soltai-me este botão. Obrigado, senhor. Oh! vedes isto? Olhai para ela! Vede os lábios dela! Olhai aqui! Olhai aqui! (*Morre.*)

EDGAR — Desmaia! Senhor! Senhor!

KENT — Estala, coração! Estala, peço-te.

EDGAR — Senhor, olhai-me!

KENT — Não lhe molesteis a alma. Que se fine. Ódio lhe tem quem desejar deitá-lo por mais tempo no banco de tormentos deste mundo tão duro.

EDGAR — Já não vive, realmente.

KENT — O que é admirável é que tenha agüentado a esse ponto. Sua vida já era usurpada.

ALBÂNIA — O corpo removei. Luto geral vai ser a nossa ocupação precípua. (*A Kent e Edgar.*) Amigos d'alma, governai o Estado, que tão ferido se acha e malfadado.

KENT — Para uma viagem longa vou partir. O mestre é que me chama; tenho de ir.

ALBÂNIA — Do tempo triste somos os arrimos; digamos tão-somente o que sentimos. Muito o velho sofreu; mais desgraçada nossa velhice não será em nada.

(*Saem ao som de uma marcha fúnebre.*)

Romeu e Julieta

PERSONAGENS

PRÓLOGO

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

PRÓLOGO

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Personagens

ESCALO, Príncipe de Verona.
PÁRIS, jovem nobre, parente do príncipe.
MONTECCHIO, chefe de uma das casa rivais.
CAPULETO, chefe de uma das casa rivais.
Um tio de Capuleto.
ROMEU, filho de Montecchio.
MERCÚCIO, parente do príncipe, (*amigo de Romeu*).
BENVÓLIO, sobrinho de Montecchio, (*amigo de Romeu*).
TEBALDO, sobrinho da senhora Capuleto.
FREI LOURENÇO, franciscano.
FREI JOÃO, da mesma Ordem.
BALTASAR, criado de Romeu.
SANSÃO,criado de Capuleto
GREGÓRIO, criado de Capuleto.
PEDRO, criado da ama de Julieta.
ABRAÃO, criado de Montecchio.
Um boticário.
Três músicos.
Pajem de Mercúcio; pajem de Párís; outro pajem; o oficial.
SENHORA MONTECCHIO, esposa de Montecchio.
SENHORA CAPULETO, esposa de Capuleto.
JULIETA, filha de Capuleto.
AMA de Julieta.
Coro.

Prólogo

Entra o coro.

CORO — Duas casas, iguais em dignidade — na formosa Verona vos dirão — reativaram antiga inimizade, manchando mãos fraternas sangue irmão. Do fatal seio desses dois rivais um par nasceu de amantes desditosos, que em sua sepultura o ódio dos pais depuseram, na morte venturosos. Os lances desse amor fadado à morte e a obstinação dos pais sempre exaltados que teve fim naquela triste sorte em duas horas vereis representados. Se emprestardes a tudo ouvido atento, supriremos as faltas a contento.

Ato 1

Cena 1

Verona. Uma praça pública. Entram Sansão e Gregório, armados de espada e broquel.

SANSÃO — Por minha palavra, Gregório: não devemos levar desaforo para casa.

GREGÓRIO — É certo; para não ficarmos desaforados.

SANSÃO — O que quero dizer é que quando eu fico encolerizado puxo logo da espada.

GREGÓRIO — Sim, mas se quiseres viver, toma cuidado para não ficares encolarinhado.

SANSÃO — Quando me irritam, eu ataco prontamente.

GREGÓRIO — Mas não te irritas prontamente para atacar.

SANSÃO — Até um cachorro da casa dos Montecchios me deixa irritado.

GREGÓRIO — Ficar irritado é pôr-se em movimento, e ser valente é estacar. Logo, se ficares irritado, pôr-te-ás a correr.

SANSÃO — Um cachorro daquela casa me fará fazer pé firme. Encostar-me-ei na parede contra qualquer homem ou rapariga da casa de Montecchio.

GREGÓRIO — Isso prova que não passas de um escravo fraco, porque o mais fraco é que se encosta à parede.

SANSÃO — É certo; é por isso que as mulheres, como vasilhas mais fracas, são sempre encostadas à parede. Por isso, afastarei da parede os homens de Montecchio e encostarei nela as raparigas.

GREGÓRIO — A pendência é entre nossos amos e nós, seus servidores.

SANSÃO — Pouco importa; hei de revelar-me tirano: depois de lutar com os homens, serei cruel com as raparigas; arranharei a pele de todas as virgens.

GREGÓRIO — Como! A pele de todas as virgens?

SANSÃO — Perfeitamente; a pele de todas as virgens, ou sua pele de virgem. Interpreta isso no sentido que quiseres.

GREGÓRIO — As que o sentirem, que o interpretem no seu verdadeiro sentido.

SANSÃO — A mim elas terão de sentir, enquanto eu for capaz de resistir, pois bem sabes que sou um belo pedaço de carne.

GREGÓRIO — É bom que não sejas peixe; porque se o fosses, não passarias de

bacalhau. Vamos; arranca teus instrumentos, que ai vêm vindo dois da casa de Montecchio.

(*Entram Abraão e Baltasar.*)

SANSÃO — Minha arma nua já está fora; briga tu que eu defenderei tuas costas.

GREGÓRIO — Como assim? Viras as costas e corres?

SANSÃO — Não tenhas medo de mim.

GREGÓRIO — Ora essa! Eu, ter medo de ti?

SANSÃO — Fiquemos com a lei do nosso lado; eles que principiem.

GREGÓRIO — Vou franzir o rosto, quando passar por eles; e eles que interpretem isso como entenderem.

SANSÃO — Não; como ousarem. Vou morder o polegar, o que para eles será desonroso, no caso de não retrucarem.

ABRAÃO — É para nós que estais mordendo o polegar, senhor?

SANSÃO — Estou mordendo o polegar, senhor.

ABRAÃO — É para nós que mordeis o polegar, senhor?

SANSÃO (*à parte, a Gregório*) — Se eu disser que sim, ficaremos com a lei de nosso lado?

GREGÓRIO (*à parte, a Sansão*) — Não.

SANSÃO — Não, senhor; não é para vós que estou mordendo o polegar; mas estou mordendo o polegar, senhor.

GREGÓRIO — Estais querendo brigar, senhor?

ABRAÃO — Eu, senhor, querendo brigar? Não, senhor.

SANSÃO — Porque, se o quiserdes, senhor, estou às vossas ordens; sirvo a um senhor tão bom quanto o vosso.

ABRAÃO — Porém não melhor.

SANSÃO — Perfeitamente, senhor.

GREGÓRIO (*à parte, a Sansão*) — Dize “melhor”; aí vem vindo um parente de nosso amo.

SANSÃO — Sim, senhor: melhor.

ABRAÃO — Estais mentindo.

SANSÃO — Desembainhai, se fordes homem! Gregório, não te esqueças de teu bote de fundo.

(*Batem-se.*)

(*Entra Benvólio.*)

BENVÓLIO — Loucos, parai com isso! Guardai vossas espadas. Não sabeis o que fazeis.

(*Entra Tebaldo.*)

TEBALDO — Como! Sacas da espada contra uns pobres corçozinhos sem força? Aqui, Benvólio! Vem encarar a morte!

BENVÓLIO — Procurava separar esta gente. Guarda a espada e me ajuda a acalmá-los.

TEBALDO — Como! Falas em paz e a espada arrancas? Tão grande ódio tenho a esse termo como ao próprio inferno, a todos os Montecchios e a ti mesmo. Defende-te, covarde!

(*Batem-se.*)

(*Entram partidários das duas casas, que se misturam com os combatentes; depois entram cidadãos, armados de paus e partasanas.*)

CIDADÃOS — Varas e partasanas! Derrubai-os! Descei o pau! Abaixo os Capuletos! Fora os Montecchios!

(*Entra Capuleto, de roupão de dormir, e a Senhora Capuleto.*)

CAPULETO — Que barulho é esse? Minha espada comprida! Ide buscá-la! Olá!

SENHORA CAPULETO — Muletas, isso sim: muletas! Por que pedir espada?

CAPULETO — A espada! digo. Chega o velho Montecchio e brande a lâmina, para fazer-me acinte.

(*Entram Montecchio e a Senhora Montecchio.*)

MONTECCHIO — Capuleto, Vilão!... Deixai! Tem de se haver comigo.

SENHORA MONTECCHIO — Não darás um só passo para o inimigo.

(*Entra o príncipe com seu séqüito.*)

PRÍNCIPE — Súditos revoltosos, inimigos da paz, que profanais vossas espadas no sangue dos vizinhos... Quê! Não ouvem? Olá, senhores, animais selvagens que as chamas apagais de vossa fúria perniciosa na fonte purpurina de vossas próprias veias. Sob ameaça de tortura, jogai das mãos sangrentas as armas para o mal, só, temperadas, e a sentença escutai de vosso príncipe irritado. Três vezes essas lutas civis, nascidas de palavras aéreas, por tua causa, velho Capuleto, por ti, Montecchio, a paz de nossas ruas três vezes perturbaram. Os provectos cidadãos de Verona, despojando-se das vestes graves que tão bem os ornam, nas velhas mãos lanças antigas brandem, vosso ódio enferrujado. Se de novo vierdes a perturbar nossa cidade, pela quebrada paz dareis as vidas. Por agora, que todos se retirem. Vós, Capuleto, seguireis comigo, e vós Montecchio, à tarde ireis à velha Cidade-Franca, à corte da Justiça, para conhecimento, assim, tomardes de quanto resolvermos sobre o caso. Já! Sob pena de morte, dispersai-vos!

(*Saem todos, com exceção de Montecchio, a senhora Montecchio e Benvólio.*)

MONTECCHIO — Quem reavivou esta querela antiga? Sobrinho, dize: onde te achavas

na hora?

BENVÓLIO — Antes de eu vir aqui já se encontravam em luta engalfinhados vossos homens e os de vosso inimigo. Tencionando separá-los, saquei de minha espada. Nesse instante, porém, chegou o ardente Tebaldo, espada em punho, que, soprando-me desafios sem conta, não parava de voltear a arma em torno da cabeça, cortando, assim, os ventos que, de nada molestados com isso, só faziam assobiar para ele com desprezo. Enquanto revidávamos os botes e as estocadas, foi chegando gente que aumentou o furor de ambas as partes, até que o duque separasse as partes.

SENHORA MONTECCHIO — Oh! E onde está Romeu? Sabes, acaso? Alegra-me não vê-lo neste caso.

BENVÓLIO — Uma hora antes de haver o sol sagrado cortado as franjas de ouro do nascente, senhora, me levou o inquieto espírito a fazer um passeio lá por fora, onde à sombra de um bosque de sicômoros que se estende para oeste da cidade vi vosso filho a andar, que madrugara. Dirigi-me para ele; mas, havendo-me pressentido, esgueirou-se para a sombra mais densa do arvoredo. Eu, que seu íntimo medira pelo meu, que mais procura justamente onde nada achar consegue, demais já sendo para mim eu próprio, meu capricho segui, deixando o dele, e de grado evitei quem me evitava.

MONTECCHIO — Muitas manhãs tem ele sido visto nesse bosque, a aumentar com suas lágrimas o orvalho matutino e acrescentando com seus suspiros fundos novas nuvens às nuvens existentes. Porém logo que principia o sol, que tudo alegra, a abrir no este longínquo o véu sombroso do tálamo da Aurora, da luz foge meu filho atribulado, recolhendo-se à casa, onde se fecha no seu quarto, cerra as janelas, a luz clara expulsa, e noite artificial, assim, prepara. Poderá acabar mal todo esse enliço, se não for afastada a causa disso.

BENVÓLIO — Meu nobre tio, conheceis a causa?

MONTECCHIO — Não, nem consigo saber dele nada.

BENVÓLIO — Acaso já insististes junto dele?

MONTECCHIO — Não só eu, como alguns amigos nossos. Mas ele confidente de suas próprias inclinações — ignoro até que ponto verdadeiro se mostra — tão discreto consigo mesmo é sempre e tão distante de se deixar sondar e patentear-se como o botão que o verme escuro morde antes que no ar ostente as doces folhas e a formosura à luz do sol dedique. Se a causa eu conhecesse da tristeza deixá-lo-ia curado, isso é certeza.

BENVÓLIO — Ei-lo que chega. Ponde-vos de lado; há de falar-me ou se mostrar zangado.

MONTECCHIO — Oh! Quem dera que o ouvisses, em boa hora, em confissão! Vamos, madame, embora.

(*Saem Montecchio e a senhora.*)

(*Entra Romeu.*)

BENVÓLIO — Bom dia, primo.

ROMEU — Como assim! Já é dia?

BENVÓLIO — São nove horas.

ROMEU — A dor é um tardo guia. Não foi meu pai que se afastou com pressa?

BENVÓLIO — Perfeitamente; mas que dor as horas retarda de Romeu?

ROMEU — Não ter aquilo que, se o tivesse, as deixaria curtas.

BENVÓLIO — No amor?

ROMEU — Fora...

BENVÓLIO — Do amor?

ROMEU — Fora do amor de quem me traz cativo.

BENVÓLIO — Ah! que aparência tenha amor tão branda, mas, de fato, seja áspero e tirano

ROMEU — Ah! que, apesar da venda, amor consiga descobrir seus caminhos sem fadiga. Onde iremos comer? Oh! que batalha por aqui houve? Mas não contes nada, que já soube de tudo. O ódio dá muito trabalho por aqui; mas mais, o amor. Então, amor brigão! Ó ódio amoroso! És tudo, sim; do nada fostes criado desde o princípio. Leviandade grave, vaidade séria, caos imano e informe de belas aparências, chumbo leve, fumaça luminosa, chama fria, saúde doente, sono sempre esperto, que não é nunca o que é. Eis aí o amor que eu sinto e que me causa apenas dor. Não queres rir?

BENVÓLIO — Não, primo; chorar quero.

ROMEU — Por quê, bondoso amigo?

BENVÓLIO — Por ver que tens opresso o coração.

ROMEU — Do amor é sempre assim a transgressão. As dores próprias pesam-me no peito; mas agora redobras-lhes o efeito com mostrares as tuas; o tormento que revelaste, ao meu deu mais alento. O amor é dos suspiros a fumaça; puro, é fogo que os olhos ameaça; revolto, um mar de lágrimas de amantes... Que mais será? Loucura temperada, fel ingrato, doçura refinada. Adeus, primo. (*Faz menção de retirar-se.*)

BENVÓLIO — Mais calma; irei também; se me deixardes não procedeis bem.

ROMEU — Ora, já me perdi. Não sou Romeu. Esse está longe. Está não sei bem onde.

BENVÓLIO — Dizei-me seriamente a quem amais.

ROMEU — Como! Precisarei gemer o tempo todo que te falar?

BENVÓLIO — Gemer? Oh, não! Mas dizer, em verdade, quem seja ela.

ROMEU — Mandai fazer o doente o testamento. Que idéia triste para o desalento! Primo, em verdade: adoro uma mulher.

BENVÓLIO — Acertado também nesse alvo eu tinha, ao vos imaginar apaixonado.

ROMEU — Ótimo atirador! E ela é formosa.

BENVÓLIO — Primo, acertar assim é grande dita.

ROMEU — Nisso vos enganais. Ela é catita. A seta de Cupido não cogita de bater nela. Sábia como Diana, a castidade é sua soberana. Do arco gentil do amor está amparada e, assim, da lenga-lenga apaixonada. Resistir pode a todos os assaltos dos olhares morteiros, não chegando nunca a cair-lhe no regaço a chuva de ouro que os próprios santos tem vencido. Oh! é rica em beleza, mais que bela, porque a beleza morrerá com ela.

BENVÓLIO — Então jurou que sempre há de ser casta?

ROMEU — Jurou; e sua avareza tão nefasta grandes estragos fez, pois a beleza com tal severidade, de fraqueza quase veio a morrer, tendo ficado sem prole alguma. Incrível atentado! É muito bela e sábia, sabiamente formosa para estar sempre contente com me fazer sofrer. Fez juramento de não amar jamais, um só momento. E nesse voto infausto eu vivo morto só de a todos contar meu desconforto.

BENVÓLIO — Por mim guiar te deixes nisso: esquece-a

ROMEU — Oh! A esquecer-me ensina o pensamento.

BENVÓLIO — Dá liberdade aos olhos; examina outras belezas.

ROMEU — Esse é o meio certo de mais consciente me tornar ainda de sua formosura em tudo rara. Essas felizes máscaras que as frontes beijam das jovens belas, sendo pretas pensar nos fazem que a beleza escondem. Quem chegou a cegar, jamais se esquece da jóia rara que perdeu com a vista. Mostrai-me uma mulher de inexcedível formosura; para algo servir pode, senão de sugestão para que eu leia quem a excedeu em tanta formosura? Não, nunca hás de ensinar-me o esquecimento.

BENVÓLIO — Hei de nisso empregar o meu talento.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Uma rua. Entram Capuleto, Páris e um criado.

CAPULETO — Tanto eu como Montecchio recebemos igual penalidade. Como velhos em paz viver não nos será difícil.

PÁRIS — Ambos gozais de altíssimo conceito, sendo de lastimar que há tanto tempo vivais em desavença. Mas agora, milorde, que dizeis de meu pedido?

CAPULETO — Repito o que já disse. Minha filha ainda é uma estrangeira neste mundo; mal o curso notou de quatorze anos. De dois estios murchará o orgulho, sem que ouçamos das núpcias o barulho.

PÁRIS — Mães venturosas já são muitas outras jovens mais moças ainda.

CAPULETO — As que começam antes do tempo, também morrem cedo. Todas as minhas esperanças foram tragadas pela terra; somente essa me resta, herdeira grata do que tenho. Mas meu Páris gentil, falai com ela; nisso, minha vontade uma parcela, tão-só, é do seu querer. Sendo do gosto dela, no mesmo ponto estou disposto a dar, alegre, o meu consentimento. Seguindo agora o velho regimento, darei hoje uma festa de alegria para a qual convidei a companhia de pessoas amigas. Vós, também, sendo mais um, fazeis, como ninguém, jus ao convite. Completai a lista, sem ser preciso que eu sobre isso insista. Em minha pobre casa heis de irradiantes estrelas hoje ver, que, mui galantes, da terra lançam luz ao céu sombrio. A sensação que tem o homem sadio, quando abril ataviado segue os passos do coxo inverno, trêmulos e lassos, em casa hoje heis de ter, no mesmo instante em que virdes o bando deslumbrante de botões femininos. Sede atento para todas, mostrai contentamento com a que vos parecer mais bem prendada. Entre muitas, também, examinada minha filha há de ser, que embora possa ter mérito, a nenhuma fará mossa. Vinde comigo. (*Entrega um papel a um dos criados.*) Olá, rapaz! Depressa corre à bela Verona e os nomes dessa lista procura, a todos anunciando que hoje terão de minha casa o marido.

(*Saem Capuleto e Páris.*)

CRIADO — Procurar os donos dos nomes desta lista! Está escrito que o sapateiro se ocupará com sua jarda, o alfaiate com suas formas, o pescador com seu pincel, o pintor com suas redes. Mas a mim me incumbem de procurar os donos dos nomes escritos aqui, sem que eu jamais possa encontrar os nomes anotados pela pessoa que escreveu isto. Tenho de procurar gente instruída. Oh! Em boa hora!

(*Entram Benvólio e Romeu.*)

BENVÓLIO — Ora, rapaz! Incêndio a incêndio cura. Uma dor faz minguar a mais antiga. Desvirar do virar sara a tontura. Um desespero a velha dor mitiga. Deixa os olhos pegar nova infecção, porque da velha possas ficar são.

ROMEU — Vossa folha de plátano para isso fora excelente.

BENVÓLIO — Para quê, amigo?

ROMEU — Para perna quebrada.

BENVÓLIO — - Estás maluco, Romeu?

ROMEU — Maluco? Não; mas mais atado do que um louco furioso; encarcerado, morto de fome, chibateado, posto no banco de tormento e... Salve, amigo

CRIADO — Deus vos salve, senhor. Por obséquio, senhor, sabeis ler?

ROMEU — Sei, sim; minha miséria e a própria sorte.

CRIADO — Talvez tivésseis aprendido isso sem o auxílio de livros. Mas, por obséquio, sereis capaz de ler tudo o que virdes?

ROMEU — Sou, se souber a língua e vir o escrito.

CRIADO — Falais com honestidade. Passai bem. (*Faz menção de retirar-se.*)

ROMEU — Espera aí, rapaz; sei ler. "Signior Martino, sua esposa e filhas; o conde Anselmo com suas encantadoras irmãs; a senhora viúva de Vitrúvio; signior Placêncio e suas amáveis sobrinhas; Mercúcio e seu irmão Valentino; meu tio Capuleto, sua esposa e filhas; minha linda sobrinha Rosalina; Lívia: o signior Valêncio com seu primo Tebaldo; Lúcio e a encantadora Helena." Belo conjunto. Onde é que será isso?

CRIADO — Lá em cima.

ROMEU — Onde?

CRIADO — Na ceia em nossa casa.

ROMEU — Casa de quem?

CRIADO — Do meu amo.

ROMEU — Com efeito; é o que eu deveria ter perguntado em primeiro lugar.

CRIADO — Mas vou dizer-vos, sem que mo pergunteis. Meu amo é o grande e rico Capuleto, e se não fordes da casa dos Montecchios, peço-vos que também vades esvaziar uma taça de vinho. Prossegui alegre. (*Sai.*)

BENVÓLIO — Nessa tradicional festividade de Capuleto vai cear a tua formosa Rosalina, juntamente com as demais beldades de Verona. Vai também, e com olhos imparciais compara o rosto dela com o de quantas eu te mostrar por lá, que sem estorvo, verás teu cisne transformado em corvo.

ROMEU — Se meus olhos devotos falsidade tão grande sustentarem, que em fogueira de suas lágrimas morra sem piedade, como hereges passíveis de cegueira. Mais linda que ela!

Nunca o sol radiante no mundo todo viu tão bela amante.

BENVÓLIO — Pesaste-a nos dois pratos da balança de teus olhos, sem outra vizinhança. Mas sopesa nos pratos de cristal tua beldade e outra qualquer vestal que eu te mostrar brilhante nessa festa, e logo a tua te será indigesta.

ROMEU — Irei; não para ver tal resplendor, mas para me ofuscar em meu amor.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Um quarto em casa de Capuleto. Entram a senhora Capuleto e a ama.

SENHORA CAPULETO — Ama, onde está Julieta? Vai chamá-la

AMA — Por minha virgindade quando eu tinha doze anos: já a chamei. Minha ovelhinha. Vem cá, meu coração! Deus me perdoe, mas onde está a menina? Oh, Julieta!

(*Entra Julieta.*)

JULIETA — Que é que houve? Quem me chama?

AMA — Vossa mãe.

JULIETA — Senhora, aqui estou eu. Que desejais?

SENHORA CAPULETO — Eis o assunto... Ama, deixa-nos sozinhas por algum tempo. Tenho de falar-lhe muito em particular. Não, ama: volta! Lembrei-me agora que é preciso que ouças nossa conversa, pois há muito tempo conheces minha filha.

AMA — É certo, posso dizer que idade tem, hora por hora.

SENHORA CAPULETO — Tem quatorze anos incompletos.

AMA — Jogo quatorze de meus dentes — muito embora, para minha aflição, só tenha quatro — em como não fez ainda quatorze anos. Para um de agosto quanto falta ainda?

SENHORA CAPULETO — Uma quinzena e pouco.

AMA — Pouco ou muito, não importa. O que é certo é que no dia um de agosto completa quatorze anos. Ela e Susana — Deus ampare as almas cristãs! — eram da mesma idade. Bem; Susana está com Deus. Mas, como disse: na noite de primeiro ela completa quatorze anos. É certo: quatorze anos. Lembro-me bem. Desde o tremor de terra, onze anos se passaram. Desmamada foi nesse tempo; nunca hei de esquecê-lo, pois nos seios passado havia losna, sentada ao sol, embaixo do pombal. Vós e o patrão em Mântua vos acháveis — Oh! que memória a minha! — Mas, como ia dizendo: quando ela sentiu o gosto de losna no mamilo e o achou amargo — coisinha tola! — como ficou brava! como bateu nos seios! Nisso, "Crac!" fez o pombal. Não foi preciso mais para eu mexer-me. Já se passaram, desde então, onze anos. De pé, sozinha, ela já então ficava. Sim, pela Santa Cruz, podia mesmo correr a cambalear por toda a casa, pois no dia anterior ferira a testa. Foi quando meu marido — Deus conserve sempre sua alma! Era de gênio alegre — levantou a menina. "Sim", disse ele, "caís agora de frente? Pois de costas cairás, quando tiveres mais espírito. Não é, Julu?" E, pela Santa Virgem, parando de chorar, a pirralhinha respondeu: "Sim". Uma pilhéria *fina verti* sempre a tempo. Juro que ainda

mesmo que mil anos eu viva, jamais hei de me esquecer do episódio. Perguntou-lhe: "Não é, Julu?" E aquela pirralhinha parando de chorar, respondeu: "Sim".

SENHORA CAPULETO — Sobre isso, basta. Fica quieta, peço-te.

AMA — Pois não, senhora; mas não me é possível deixar de rir, ao recordar como ela interrompeu o choro e disse "Sim". No entretanto, crescera-lhe na testa, jurar posso. um calombo grande como testículo de galo. Que pancada! E ela chorava amargamente. "É certo", disse-lhe meu marido; "cais de frente, não é assim? Mas vais cair de costas, quando fores maior. Não é, Julu?" E ela, já sem chorar, respondeu: "Sim".

JULIETA — Então pára também, ama; é o que peço.

AMA — Bem, já acabei. Que Deus te tenha em graça. Foste a criança mais linda que eu criei. Se algum dia eu puder ver-te casada, é tudo o que desejo.

SENHORA CAPULETO — Pois foi para falar em casamento que te chamei. Filha Julieta, dize-me: em que disposição estás para isso?

JULIETA — É uma honra com a qual jamais sonhei.

AMA — Honra! Se não tivesses tido apenas uma ama, afirmaria que, com o leite, tinhas mamado juízo.

SENHORA CAPULETO — Pois estamos na época de pensar em casamento. Mais jovens do que vós, aqui em Verona, senhoras de respeito, já são mães. Se não me engano, vossa mãe tornei-me com a mesma idade em que ainda sois donzela. Para ser breve: o valoroso Páris requesta vosso amor.

AMA — Que homem, menina! Um homem desses... Não... Em todo o mundo... Só feito de encomenda.

SENHORA CAPULETO — A primavera de Verona não tem mais bela flor.

AMA — Sim, uma flor! A verdadeira flor.

SENHORA CAPULETO — Que dizeis? Sois capaz de amar o jovem? Hoje à noite vê-lo-eis em nossa festa. Folheai o livro de seu jovem rosto, que nele encontrareis doces encantos escritos pela pena da beleza. Examinai-lhe os traços delicados e vede como se acham bem casados. E se no livro achardes algo obscuro, encontrareis nos olhos o esconjuro. Esse manual de amor só necessita de uma capa adequada e bem bonita. Vive no mar o peixe; é muito certo que deva o amor ficar algo encoberto. As letras de ouro da lombada a glória terão em parte da formosa história. Ficareis, pois, com ele associada sem que vos diminuais, com isso, em nada.

AMA — Oh! não diminuirá. Pelo contrário; as mulheres com os homens sempre aumentam.

SENHORA CAPULETO — Enfim, que me dizeis do amor de Páris?

JULIETA — Vou ver se prendo nele os meus olhares. Mas a vista chegar além não há de do que me consentir vossa vontade.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Senhora, os hóspedes já chegaram; a comida está na mesa; estais sendo procurada; reclamam a presença da senhorita; na copa amaldiçoam a ama. Tudo está de pernas para o ar. Tenho de voltar para servir. Por obséquio, vinde logo, vinde logo.

SENHORA CAPULETO — Já te sigo. Julieta, o conde espera.

AMA — Belas noites te almejo; sou sincera.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo Uma rua. Entram Romeu, Mercúcio, Benvólio, com cinco ou seis mascarados, portadores de tochas e outras pessoas.

ROMEU — Por escusas faremos um discurso, ou entramos sem nenhuma apologia?

BENVÓLIO — Muito falar destoa deste dia. Não precisamos hoje de Cupido com venda sobre os olhos e arco tártaro de ripa multicor, que infunde medo, como espantalho o faz, no mulherio. Não; nem também de prólogo matado, que o ponto diz antes de nossa entrada. Que nos tomem por quem melhor acharem; mediremos com todos alguns passos e, após, saímos.

ROMEU — Dai-me uma das tochas; não me acho hoje disposto para saltos. Estando enfarruscado, aclaro a estrada.

MERCÚCIO — Não; tereis de dançar, gentil Romeu.

ROMEU — Não; podeis crer-me: tendes sapatinhos de sola leve, própria para dança. Eu, tenho alma de chumbo que, prendendo-me à terra, não me deixa dar um passo.

MERCÚCIO — Sois um apaixonado. Por empréstimo tomai as lestes asas de Cupido, que heis de pairar por sobre a mediania.

ROMEU — Tão traspassado estou por suas setas que suas lestes asas não conseguem transportar-me para o alto: tão peado, que não posso deixar a dor obscura, sob o fardo do amor gemendo sempre.

MERCÚCIO — Mas para estar sob ele, é necessário que carregueis o amor, peso excessivo para coisa tão terna.

ROMEU — Coisa terna julgais que seja o amor? Não; muito dura: dura e brutal, e fere como espinho.

MERCÚCIO — Se o amor convosco é duro, sede duro também com ele, revidando todas as pancadas que der. Ponde-o no chão. Dai-me uma cobertura para o rosto. Em cima de uma máscara ponho outra. Que me importa que o olhar curioso possa perceber a feiúra? Por mim hão de corar estas salientes sobrancelhas.

BENVÓLIO — Vamos bater e entrar e, uma vez dentro, que bom uso das pernas todos façam.

ROMEU — Dai-me uma tocha; que esses rapazolas de leve coração cócegas façam com os sapatos nos juncos insensíveis. Já meu avô dizia sentencioso: seguro a luz e fico a observar tudo. Fora, muita algazarra; eu, triste e mudo.

MERCÚCIO — Mudo é o rato no charco, diz o guarda. Se mudo te tornares, arrancamos-te do charco — com licença! — de Cupido, onde estás enterrado até às orelhas. Sigamos, que isto é acender luz de dia.

ROMEU — Não, não é isso.

MERCÚCIO — Minha alegoria, senhor, indica que, como de dia, gastamos nossa luz inutilmente. Conservai esse dito sempre em mente, que mais saber contém do que, reunidos, todos os nossos cinco ou seis sentidos.

ROMEU — Sim, é o que faço nesta mascarada; mas é absurdo.

MERCÚCIO — Por que não vos agrada?

ROMEU — Tive um sonho esta noite.

MERCÚCIO — Oh! eu também.

ROMEU — Sobre quê?

MERCÚCIO — Sonho algum verdade tem.

ROMEU — Quando dormimos, tudo neles cabe.

MERCÚCIO — Oh! Visitou-vos a Rainha Mab.

BENVÓLIO — Quem é a Rainha Mab?

MERCÚCIO — É a parteira das fadas, que o tamanho não chega a ter de uma preciosa pedra no dedo indicador de alta pessoa. Viaja sempre puxada por parelha da pequeninos átomos, que pousam de través no nariz dos que dormitam. As longas pernas das aranhas servem-lhe de raios para as rodas; é a capota de asa de gafanhotos; os tirantes, das teias mais sutis; o colarzinho, de úmidos raios do luar prateado. O cabo do chicote é um pé de grilo; o próprio açoite, simples filamento. De cocheiro lhe serve um mosquitinho de casaco cinzento, que não chega nem à metade do pequeno bicho que nos dedos costuma arredondar-se das criadas preguiçosas. O carrinho de casca de avelã vazia, feito foi pelo esquilo ou pelo mestre verme, que desde tempo imemorial o posto mantém de fabricante de carruagens para todas as fadas. Assim posta, noite após noite ela galopa pelo cérebro dos amantes que, então, sonham com coisas amorosas; pelos joelhos dos cortesãos, que com salamaleques a sonhar passam logo; pelos dedos dos advogados, que a sonhar começam com honorários; pelos belos lábios das jovens, que com beijos logo sonham, lábios que Mab, às vezes, irritada, deixa cheios de pústulas, por vê-los com o hálito estragado por confeitos. Por cima do nariz de um palaciano por vezes ela corre, farejando logo ele, em sonhos, um processo gordo. Com o rabinho enrolado de um pequeno leitão de dízimo, ela faz coceiras no nariz do vigário adormecido, que logo sonha com mais um presente. Na nuca de um soldado ela galopa, sonhando este com cortes de pescoço, ciladas, brechas, lâminas de Espanha e copázios bebidos à saúde, de cinco braças de alto. De repente, porém, estoura pelo ouvido dele, que estremece e desperta e, aterrorado, reza uma ou duas vezes e, de novo, põe-se a dormir. É a mesma Rainha Mab que a crina dos cavalos enredada deixa de noite e a cabeleira grácil dos elfos muda em sórdida melena que, destrançada, augura maus eventos. Essa é a bruxa que, estando as raparigas de costas, faz

pressão no peito delas, ensinando-as, assim, como mulheres, a agüentar todo o peso dos maridos. É ela, ainda...

ROMEU — Paz, Mercúcio! Paz!

MERCÚCIO — Sim, só falo de sonhos, prole ociosa de um cérebro vadio, a qual de nada provém senão da inútil fantasia, que é tão firme como o ar, mais inconstante do que o vento que faz a corte ao frio seio do norte e, sendo repelido, volta de lá bufando e o rosto vira para o sul orvalhoso.

BENVÓLIO — Pois o vento de que falais nos toca para longe de nós próprios. A ceia está acabada; chegamos muito tarde.

ROMEU — Oh! muito cedo, tenho receio. Apreende meu espírito algo que ainda pende das estrelas e que vai iniciar seu fatal curso na festa desta noite, pondo termo à vida desprezível que eu carrego no peito, com qualquer delito absurdo de morte extemporânea. Mas Aquele que se acha no timão de minha viagem vai dirigir-me a vela. Adiante, amigos

BENVÓLIO — Tocai, tambor!

(*Saem.*)

Cena 5

O mesmo. Um salão em casa de Capuleto. Músicos esperam. Entram criados.

PRIMEIRO CRIADO — Onde está o Caçarola, que não vem ajudar a tirar a mesa? Aquele troca-pratos! Olá, Raspa-pratos!

SEGUNDO CRIADO — Retira esses tamboretes, arrasta o aparador. Cuidado com a baixela! Amigo, separa para mim um pedaço de massapão. E se me tens amizade, dize ao porteiro que deixe entrar Nell e Susana Grindstone. Antônio! Caçarola!

TERCEIRO CRIADO — Aqui, rapaz! Estamos prontos.

PRIMEIRO CRIADO — Estão vos chamando, estão vos procurando, reclamam vossa presença na sala grande.

TERCEIRO CRIADO — Não podemos estar aqui e lá ao mesmo tempo.

SEGUNDO CRIADO — Alegria, rapazes! Ficai lépidos pelo menos uma vez na vida. Quem viver mais tempo, ficará com tudo.

(*Afastam-se para o fundo.*)

(*Entram Capuleto, Julieta e outras pessoas da casa, que se encontram com hóspedes e mascarados.*)

CAPULETO — Cavalheiros, bem-vindos. As senhoras que não sofrerem no dedão de calos hão de dançar convosco. Olá, senhoras! Qual de vós há de agora recusar-se a dar uma voltinha? A que mimosa se mostrar por demais, faço uma aposta em como terá calos. Como! Agora ficamos juntos? Sede aqui bem-vindos, meus senhores! Já vi também os dias em que punha uma máscara e sabia cochichar uma ou duas palavrinhas nuns ouvidos bonitos. E agradavam! Mas já lá vai o tempo... Tudo passa. Sois bem-vindos, senhores. Vinde, músicos! Tocai logo! Licença! Abri caminho... Com licença! Meninas, ligeireza! (*Música e dança.*) Mais luz, marotos! Arrastai as mesas e apagai esse fogo, que está muito quente aqui dentro. Ah! essas brincadeiras inesperadas chegam sempre a tempo. Sim, sentai-vos, sentai-vos, caro primo Capuleto; nós dois já não estamos na idade de dançar. Há quanto tempo deixamos de pôr máscara?

SEGUNDO CAPULETO — Trinta anos, pela Virgem; trinta anos.

CAPULETO — Como, primo! Não, não faz tanto tempo; é muita coisa. Foi desde o casamento de Lucêncio. Venha quando quiser o Pentecostes, serão vinte e cinco anos.... Nós, de máscara...

SEGUNDO CAPULETO — Muito mais! Muito mais! O filho dele, senhor, tem mais idade; tem trinta anos.

CAPULETO — Que dizeis! Pois se esse filho dele há uns dois anos maior não era ainda!

ROMEU — Que dama é aquela que enriquece o braço daquele cavalheiro?

CRIADO — Desconheço-a, meu senhor.

ROMEU — Oh! ela ensina a tocha a ser luzente. Dir-se-ia que da face está pendente da noite, tal qual jóia mui preciosa da orelha de uma etíope mimosa. Bela demais para o uso, muito cara para a vida terrena. Como clara pomba ao lado de gralhas tagarelas, anda no meio das demais donzelas. Vou procurá-la, ao terminar a dança porque a esta rude mão possa dar ansa de tocar nela e, assim, ficar bendita. Meu coração, até hoje, teve a dita de conhecer o amor? Oh! que simpleza! Nunca soube até agora o que é beleza.

TEBALDO — Pela voz este aqui é algum Montecchio. Rapaz, vai buscar logo minha espada. Como! Esse escravo atreve-se a, com máscara grotesca, vir aqui, para de nossa festividade rir e fazer pouco? Pela honra do meu sangue e nobre estado, dar-lhe a morte não julgo ser pecado.

CAPULETO — Que tens, sobrinho? Que se dá contigo?

TEBALDO — Tio, aquele é um Montecchio, nosso inimigo; um vilão que aqui entrou por zombaria, para nos estragar toda a alegria.

CAPULETO — Não é o jovem Romeu?

TEBALDO — O mesmo, o biltre Romeu.

CAPULETO — Gentil sobrinho, fica quieto; deixa-o tranqüilo. Ele se tem mostrado perfeito gentil-homem. Para ser-te franco, Verona tem orgulho dele, como rapaz virtuoso e mui polido. Nem por toda a riqueza da cidade quisera que ele aqui fosse ofendido. Acalma-te, portanto, e fica alegre; essa é a minha vontade. Se a acatares, fica alegre e desfaze essa carranca que não vai bem com nossa alacridade.

TEBALDO — Vai, sim, quando um vilão se mete nela. Não o suporto.

CAPULETO — Terás de suportá-lo. Como, rapaz! Estou mandando: deixa-o! Quem manda aqui, acaso; vós ou eu? Ora, não o suportais! Deus me salve a alma. Quereis fazer barulho entre meus hóspedes? Provocar briga? Ser mandão na festa?

TEBALDO — Mas, tio, é vergonhoso...

CAPULETO — Ide, ide. Sois petulante, não? Prejudicar-vos ainda pode esta história. Sei de tudo. Procurais contrariar-me? Eis o momento. — Muito bem, corações! — Sois um fedelho. Ide acalmar-vos — Luz! Mais luz! — Que opróbrio! Já vou deixar-vos quieto. — Assim, meus caros! Alegria! Alegria!

TEBALDO — A paciência e o furor, equilibrados, inativos me deixam com seus brados. Vou sair; mas o intruso que hoje é mel, será amanhã o mais amargo fel. (*Sai.*)

ROMEU (*a Julieta*) — Se minha mão profana o relicário em remissão aceito a penitência: meu lábio, peregrino solitário, demonstrará, com sobra, reverência.

JULIETA — Ofendeis vossa mão, bom peregrino, que se mostrou devota e reverente. Nas mãos dos santos pega o paladino. Esse é o beijo mais santo e conveniente.

ROMEU — Os santos e os devotos não têm boca?

JULIETA — Sim, peregrino, só para orações.

ROMEU — Deixai, então, ó santa! que esta boca mostre o caminho certo aos corações.

JULIETA — Sem se mexer, o santo exalça o voto.

ROMEU — Então fica quietinha: eis o devoto. Em tua boca me limpo dos pecados. (*Beija-a.*)

JULIETA — Que passaram, assim, para meus lábios.

ROMEU — Pecados meus? Oh! Quero-os retornados. Devolve-mos.

JULIETA — Beijais tal qual os sábios.

AMA — Vossa mãe quer falar-vos, senhorita.

ROMEU — Quem é a mãe dela?

AMA — Ora essa, cavalheiro! A dona desta casa, certamente, uma digna senhora, honesta e sábia. Amamentei-lhe a filha, a senhorita com que falastes. E uma coisa eu digo, com certeza: quem vier a desposá-la, ficará cheio de ouro.

ROMEU — É Capuleto? Oh conta cara! Minha vida é dívida de hoje em diante no livro do inimigo.

BENVÓLIO — A festa já acabou; vamos embora.

ROMEU — Acabou? Para mim começa agora.

CAPULETO — Não, cavalheiros, não saiais tão cedo; ainda teremos uma ceiazinha. Mas partis mesmo? A todos, obrigado. Muito obrigado, honesto cavalheiro. Boa noite. — Trazei-me aqui mais tochas! Sendo assim, vou deitar-me. É certo, amigo: já está ficando tarde. Vou deitar-me.

(*Saem todos, com exceção de Julieta e a ama.*)

JULIETA — Ama, quem é aquele gentil-homem?

AMA — Herdeiro e filho de Tibério, o velho.

JULIETA — E aquele que ora passa pela porta?

AMA — Se não me engano, é o filho de Petrucchio.

JULIETA — E aquele que ali vai, que não dançou?

AMA — Não sei quem seja.

JULIETA — Então vai perguntar-lhe como se chama. Vai! Se for casado, um túmulo será

todo o meu fado.

AMA — Romeu é o nome dele; é um dos Montecchios, filho único do vosso grande inimigo.

JULIETA — Como do amor a inimizade me arde! Desconhecido e asnado muito tarde. Como esse monstro, o amor, brinca comigo: apaixonada ver-me do inimigo!

AMA — Como assim? Como assim?

JULIETA — Isso é uma rima que aprender fui com quem dancei há pouco.

AMA — Já vamos! Um momento! — Está na hora; já se foram os hóspedes embora.

(*Saem.*)

Prólogo

(*Entra o coro.*)

CORO — Moribundo se encontra o antigo afeto, querendo o novo amor ser seu herdeiro; da beldade fatal o externo aspecto frente a Julieta é monstro verdadeiro. Ama Romeu, sendo também amado. Cada um nos olhos do outro acha feitiço; queixa-se ele do inimigo proclamado; na mais pungente dor cria ela viço. Sendo inimigo, acesso junto dela não obtém ele para suas juras; nem ela sabe, como, com cautela, lhe poderá dizer palavras puras. Mas o amor, em tamanha extremidade, sabe fazer da dor felicidade.

Ato 2

Cena 1

Verona. Um beco junto do muro do jardim de Capuleto. Entra Romeu.

ROMEU — Como afastar-me, se daqui não pode sair meu coração? Dá meia-volta, pesada argila, e o centro teu procura.

(*Escala o muro e salta para o jardim.*)

(*Entram Benvólio e Mercúcio.*)

BENVÓLIO — Romeu! Primo Romeu!

MERCÚCIO — Ele é prudente, por minha fé, e soube achar a estrada para o leito macio.

BENVÓLIO — Em disparada veio até aqui, tendo pulado o muro que dá para o jardim. Chama-o, Mercúcio.

MERCÚCIO — Vou conjurá-lo, sim. Romeu! Capricho! paixão! sujeito louco! enamorado! Vem sob a forma de um gemido fundo; dize uma rima só, que isso me basta. Geme "ai!" e rima "amor" com "trovador", dize à comadre Vênus algo belo; o filho cego e herdeiro dela insulta, Cupido, o moço archeiro que um disparo fez tão airoso, quando o Rei Cofétua se apaixonou de uma mendiga jovem. Não ouve, não se mexe, está parado. O macaco está morto. Vou fazer-lhe um conjuro mais forte. Eu te conjuro pelos olhos sem par de Rosalina, por sua fronte, os lábios escarlates, os delicados pés, as belas pernas, as tremulantes coxas e os domínios adjacentes. Conjuro-te, repito, que, tal como és, em nossa frente surjas.

BENVÓLIO — Se ele te ouve, decerto vais magoá-lo.

MERCÚCIO — Não, isso não o magoa. O que o magoara fora invocar no círculo da amada um espírito estranho e ai deixá-lo até que ela o tivesse exorcismado. Isso sim, poderia aborrecê-lo; mas minha invocação é bela e honesta; o nome digo de sua própria amada, só para que ele possa reanimar-se.

BENVÓLIO — Vamos; ele ocultou-se entre essas árvores, para perto ficar da úmida noite. Seu cego amor diz bem com a escuridão.

MERCÚCIO — Se o amor é cego, nunca acerta no alvo. Agora vai sentar-se sob a fronde de um nespereiro, a desejar que a amada fosse a fruta que as jovens chamam nêspera, quando riem sozinhas. Ó Romeu! se ela fosse um "Et cetera", realmente, bem aberto, e tu, pêra açucarada! Romeu, boa noite! Vou para meu leito de rodas; esta cama de campanha para mim é muito úmida. — Não vamos?

BENVÓLIO — Vamos, então; pois é canseira inútil procurar quem não quer ser

encontrado.

Cena 2

O mesmo. Jardim de Capuleto. Entra Romeu.

ROMEU — Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo. (*Julieta aparece na janela.*) Mas silêncio! Que luz se escoa agora da janela? Será Julieta o sol daquele oriente? Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, por ter visto que, como serva, és mais formosa que ela. Deixa, pois, de servi-la; ela é invejosa. Somente os tolos usam sua túnica de vestal, verde e doente; joga-a fora. Eis minha dama. Oh, sim! é o meu amor. Se ela soubesse disso! Ela fala; contudo, não diz nada. Que importa? Com o olhar está falando. Vou responder-lhe. Não; sou muito ousado; não se dirige a mim: duas estrelas do céu, as mais formosas, tendo tido qualquer ocupação, aos olhos dela pediram que brilhassem nas esferas, até que elas voltassem. Que se dera se ficassem lá no alto os olhos dela, e na sua cabeça os dois luzeiros? Suas faces nitentes deixariam corridas as estrelas, como o dia faz com a luz das candeias, e seus olhos tamanha luz no céu espalhariam, que os pássaros, despertos, cantariam. Vede como ela apoia o rosto à mão. Ah! se eu fosse uma luva dessa mão, para poder tocar naquela face!

JULIETA — Ai de mim!

ROMEU — Oh, falou! Fala de novo, anjo brilhante, porque és tão glorioso para esta noite, sobre a minha fronte, como o emissário alado das alturas ser poderia para os olhos brancos e revirados dos mortais atônitos, que, para vê-lo, se reviram, quando montado passa nas ociosas nuvens e veleja no seio do ar sereno.

JULIETA — Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu? Renega o pai, despoja-te do nome; ou então, se não quiseres, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo.

ROMEU (*à parte*) — Continuo ouvindo-a mais um pouco, ou lhe respondo?

JULIETA — Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.

ROMEU — Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.

JULIETA — Quem és tu que, encoberto pela noite, entras em meu segredo?

ROMEU — Por um nome não sei como dizer-te quem eu seja. Meu nome, cara santa, me é odioso, por ser teu inimigo; se o tivesse diante de mim, escrito, o rasgaria.

JULIETA — Minhas orelhas ainda não beberam cem palavras sequer de tua boca, mas reconheço o tom. Não és Romeu, um dos Montecchios?

ROMEU — Não, bela menina; nem um nem outro, se isso te desgosta.

JULIETA — Dize-me como entraste e porque vieste. Muito alto é o muro do jardim, difícil de escalar, sendo o ponto a própria morte — se quem és atendermos — caso fosses encontrado por um dos meus parentes.

ROMEU — Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso, tentando o amor tudo o que o amor realiza. Teus parentes, assim, não poderiam desviar-me do propósito.

JULIETA — No caso de seres visto, poderão matar-te.

ROMEU — Ai! Em teus olhos há maior perigo do que em vinte punhais de teus parentes. Olha-me com doçura, e é quanto basta para deixar-me à prova do ódio deles.

JULIETA — Por nada deste mundo desejara que fosses visto aqui.

ROMEU — A capa tenho da noite para deles ocultar-me. Basta que me ames, e eles que me vejam! Prefiro ter cerceada logo a vida pelo ódio deles, a ter morte longa, faltando o teu amor.

JULIETA — Com quem tomaste informações para até aqui chegares?

ROMEU — Com o amor, que a inquirir me deu coragem; deu-me conselhos e eu lhe emprestei olhos. Não sou piloto; mas se te encontrasses tão longe quanto a praia mais extensa que o mar longínquo banha, aventurara-me para obter tão preciosa mercancia.

JULIETA — Sabe-lo bem: a máscara da noite me cobre agora o rosto; do contrário, um rubor virginal me pintaria, de pronto, as faces, pelo que me ouviste dizer neste momento. Desejara — oh! minto! — retratar-me do que disse. Mas fora! fora com as formalidades! Amas-me? Sei que vais dizer-me "sim", e creio no que dizes. Se o jurares, porém, talvez te mostres inconstante, pois dos perjúrios dos amantes, dizem, Jove sorri. Ó meu gentil Romeu! Se amas, proclama-o com sinceridade; ou se pensas, acaso, que foi fácil minha conquista, vou tornar-me ríspida, franzir o sobrecenho e dizer "não", porque me faças novamente a corte. Se não, por nada, nada deste mundo. Belo Montecchio, é certo: estou perdida, louca de amor; daí poder pensares que meu procedimento é assaz leviano; mas podeis crer-me, cavalheiro, que hei de mais fiel mostrar-me do que quantas têm bastante astúcia para serem cautas. Poderia ter sido mais prudente, preciso confessá-lo, se não fosse teres ouvido sem que eu percebesse, minha veraz paixão. Assim, perdoa-me, não imputando à leviandade, nunca, meu abandono pronto, descoberto tão facilmente pela noite escura.

ROMEU — Senhora, juro pela santa lua que acairela de prata as belas frondes de todas

estas árvores frutíferas...

JULIETA — Não jures pela lua, essa inconstante, que seu contorno circular altera todos os meses, porque não pareça que teu amor, também, é assim mudável.

ROMEU — Por que devo jurar?

JULIETA — Não jures nada, ou jura, se o quiseres, por ti mesmo, por tua nobre pessoa, que é o objeto de minha idolatria. Assim, te creio.

ROMEU — Se o amor sincero deste coração...

JULIETA — Pára! não jures; muito embora sejas toda minha alegria, não me alegra a aliança desta noite; irrefletida foi por demais, precipitada, súbita, tal qual como o relâmpago que deixa de existir antes que dizer possamos: Ei-lo! brilhou! Boa noite, meu querido. Que o hálito do estio amadureça este botão de amor, porque ele possa numa flor transformar-se delicada, quando outra vez nos virmos. Até à vista; boa noite. Possas ter a mesma calma que neste instante se me apossa da alma.

ROMEU — Vais deixar-me sair mal satisfeito?

JULIETA — Que alegria querias esta noite?

ROMEU — Trocar contigo o voto fiel de amor.

JULIETA — Antes que mo pedisses, já to dera; mas desejara ter de dá-lo ainda.

ROMEU — Desejas retirá-lo? Com que intuito, querido amor?

JULIETA — Porque, mais generosa, de novo to ofertasse. No entretanto, não quero nada, afora o que possuo. Minha bondade é como o mar: sem fim, e tão funda quanto ele. Posso dar-te sem medida, que muito mais me sobra: ambos são infinitos. (*A ama chama dentro.*) Ouço bulha dentro de casa. Adeus, amor! Adeus! — Ama, vou já! — Sê fiel, doce Montecchio. Espera um momentinho; volto logo. (*Retira-se da janela.*)

ROMEU — Oh! que noite abençoada! Tenho medo, de um sonho, lisonjeiro em demasia para ser realidade.

(*Julieta torna a aparecer em cima.*)

JULIETA — Romeu querido, só três palavrinhas, e boa noite outra vez. Se esse amoroso pendor for sério e honesto, amanhã cedo me envia uma palavra pelo próprio que eu te mandar: em que lugar e quando pretendes realizar a cerimônia, que a teus pés deporei minha ventura, para seguir-te pelo mundo todo como a senhor e esposo.

AMA (*dentro*) — Senhorita!

JULIETA — Já vou! Já vou! — Porém se não for puro teu pensamento, peço-te...

AMA (*dentro*) — Menina!

JULIETA — Já vou! Neste momento! — ... que não sigas com tuas insistências e me deixes entregue à minha dor. Amanhã cedo te mandarei recado por um próprio.

ROMEU — Por minha alma...

JULIETA — Boa noite vezes mil. (*Retira-se.*)

ROMEU — Não, má noite, sem tua luz gentil. O amor procura o amor como o estudante que para a escola corre: num instante. Mas, ao se afastar dele, o amor parece que se transforma em colegial refece.

(*Faz menção de retirar-se.*)

(*Julieta torna a aparecer em cima.*)

JULIETA — Psiu! Romeu, psiu! Oh! quem me dera o grito do falcoeiro, porque chamar pudesse esse nobre gavião! O cativeiro tem voz rouca; não pode falar alto, senão eu forçaria a gruta de Eco, deixando ainda mais rouca do que a minha sua voz aérea, à força de cem vezes o nome repetir do meu Romeu.

ROMEU — Minha alma é que me chama pelo nome. Que doce som de prata faz a língua dos amantes à noite, tal qual música langorosa que ouvido atento escuta?

JULIETA — Romeu!

ROMEU — Minha querida?

JULIETA — A que horas, cedo, devo mandar alguém para falar-te?

ROMEU — Às nove horas.

JULIETA — Sem falta. Só parece que até lá são vinte anos. Esqueci-me do que tinha a dizer.

ROMEU — Deixa que eu fique parado aqui, até que te recordes.

JULIETA — Esquecê-lo-ia, só para que sempre ficasses ai parado, recordando-me de como adoro tua companhia.

ROMEU — E eu ficaria, para que esquecesses, deixando de lembrar-me de outra casa que não fosse esta aqui.

JULIETA — É quase dia; desejara que já tivesses ido, não mais longe, porém, do que travessa menina deixa o meigo passarinho, que das mãos ela solta — tal qual pobre prisioneiro na corda bem torcida — para logo puxá-lo novamente pelo fio de seda, tão ciumenta e amorosa é de sua liberdade.

ROMEU — Quisera ser teu passarinho.

JULIETA — O mesmo, querido, eu desejara; mas de tanto te acariciar, podia, até, matar-te. Adeus; calca-me a dor com tanto afã, que boa-noite eu diria até amanhã.

ROMEU — Que aos teus olhos o sono baixe e ao peito. Fosse eu o sono e dormisse desse jeito! Vou procurar meu pai espiritual, para um conselho lhe pedir leal. (*Sai.*)

Cena 3

O mesmo. Cela de frei Lourenço. Entra frei Lourenço com um cesto.

FREI LOURENÇO — Ri para a noite escura a manhã bela e de riscas as nuvens acairela; como um bêbedo, foge cambaleante a escuridão, na estrada do levante, deixando atrás o carro do Titã. Antes, porém, que o sol venha a manhã tornar alegre, com seu olho ardente e o orvalho desmanchar da flor pendente, encher vou de sementes perigosas meu paneiro e de flores venenosas. A terra é a mãe e a tumba da natura; ministra a morte e, assim, apresta a cura. Filhos de vária espécie, no seu seio a mamar encontramos, sem receio; uns, por várias virtudes, excelentes; cada um com a sua, todos diferentes. Oh! é admirável a potente graça que há nas ervas, na flor, na pedra crassa, pois até mesmo o que há de vil na terra algo de bom, influência dela, encerra; nem nada bom existe, que, torcido do uso normal, não se revele infido à própria natureza e nascimento. Até mesmo a alta virtude, num momento, mal aplicada, em vício se transforma, e este, por vezes, ao dever dá a norma. Na corola infantil desta florzinha veneno mora que dá morte asinha. Cheirado, ao corpo todo dá alegria; mas pára o coração no mesmo dia, quando dado a beber. Dois reis potentes nas plantas e nos homens oponentes acampamento têm: a atroz cobiça e a graça benfazeja. Se insubmissa se mostra a pior, então vem logo o verme da morte e rói essa plantinha inerme.

(*Entra Romeu.*)

ROMEU — Bom dia, meu bom padre.

FREI LOURENÇO — Benedicite! Quem me fala a estas horas? Como! Disse-te algo ruim o coração tão cedo, que te causasse, assim, cuidado ou medo? Nas pálpebras dos velhos o cuidado de guarda sempre está; e onde um soldado desses se encontra, o sono não penetra. Mas cedo ou tarde, em plena noite tetra, quando os membros estende a mocidade despreocupada e livre — bela idade! — domina o sono de ouro. Por tudo isso tua aparência, assim, de pleno viço, nesta hora matutina me assegura que algo escondes de grave na postura. Ou então direi, se acaso em erro estou, que esta noite Romeu não se deitou.

ROMEU — Sim, mas tive um repouso papafina.

FREI LOURENÇO — Ah! Deus que te perdoe; com Rosalina?

ROMEU — Rosalina, bom padre? Que pergunta! Esqueci esse nome e a dor adjunta.

FREI LOURENÇO — És meu bom filho. Então, onde estiveste?

ROMEU — Vou te contar, pois permissão me deste. Fui à casa do nosso grande inimigo, onde ferido fui, para castigo, por quem feri também. Nosso remédio só nos poderá vir por

intermédio de teu auxílio e sacra medicina. Santo homem, não agraves minha sina, porque este meu pedido — observa-o bem — a minha imiga amparará também.

FREI LOURENÇO — Sê mais claro, meu filho; a confissão por enigmas não chega à absolvição.

ROMEU — Ouve então, sem me teres por faceto, que amo a filha do rico Capuleto. Meu coração é dela; o dela é meu. Tudo está combinado; no apogeu do amor estamos, só faltando, agora, que nos designes o lugar e a hora para o sagrado enlace. Mais de espaço te contarei, sem alterar um traço, onde nos vimos, como nos falamos e de que modo os votos confirmamos. Mas não concluas que te falo a esmo; desejo que nos cases hoje mesmo.

FREI LOURENÇO — Por São Francisco! Que mudança é essa? Rosalina adorada e tão depressa posta no esquecimento? O coração no amor dos moços nada influi, senão somente os olhos. Ai! Jesus Maria! Quantas ondas salgadas, noite e dia, a postura banharam-te amarela, só pelo amor de Rosalina bela? Quanta água salsa em vão jogada fora por um amor que ele não sente agora! Não desfez ainda o sol, em muitos giros, os vapores, no céu, de teus suspiros. Sinto ainda tuas queixas nos ouvidos. Eis em tua face, aqui, dos tempos idos, uma lágrima ainda não lavada, que origem teve em tua namorada. Se o mesmo ainda és, que só de amor se fina, foi causa de tudo isso Rosalina. Mudaste tanto? Ouve a sentença amara: cai a mulher, quando o homem não a ampara.

ROMEU — Censuravas o amor a Rosalina.

FREI LOURENÇO — Não o amor, o exagero que se fina.

ROMEU — Disseste que o enterrasse.

FREI LOURENÇO — Não em cova, para aqui fora achar paixão mais nova.

ROMEU — Não me censures, pois a minha amada na afeição não me fica a dever nada, o que com a outra não acontecia.

FREI LOURENÇO — Oh! Explica-se: é que ela bem sabia que o amor era de cor, não soletrava. Mas vem contar-me essa paixão tão brava, meu jovem sonhador. Vem, vem comigo, que nesse lance me terás contigo, pois é possível que tão bela aliança faça mudar esse ódio que não cansa.

ROMEU — Oh! Vamos logo. Estou com muita pressa.

FREI LOURENÇO — Prudência! Quem mais corre mais tropeça.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Uma rua. Entram Benvólio e Mercúcio.

MERCÚCIO — Onde diabo meteu-se esse Romeu? Passou a noite em casa, porventura?

BENVÓLIO — Não na do pai, pois conversei com este.

MERCÚCIO — Oh! é essa mesma Rosalina pálida de coração de pedra que o atormenta, a ponto de deixá-lo quase louco.

BENVÓLIO — Tebaldo, aquele tipo aparentado com o velho Capuleto, enviou uma carta à casa do pai dele.

MERCÚCIO — É um desafio, posso jurar.

BENVÓLIO — Romeu vai responder-lhe.

MERCÚCIO — Qualquer pessoa que saiba escrever, pode responder a uma carta.

BENVÓLIO — Não; ele irá mostrar ao autor da carta como sabe desafiar, quando é desafiado.

MERCÚCIO — Ah! pobre Romeu! Já está morto; apunhalado pelos olhos negros de uma donzela branca; atravessados tem os ouvidos por uma canção de amor; partida a mais secreta cavilha do coração, pela seta sem barbela do archeiro cego. Será o homem apropriado para enfrentar Tebaldo?

BENVÓLIO — Ora, quem é esse Tebaldo?

MERCÚCIO — Não é nenhum príncipe dos gatos, posso afiançar-vos. Oh! é o valente capitão dos salamaleques. Bate-se como cantais uma ária, por música, sem perder os tempos, nem o compasso, nem o tom. Observa suas pausas: uma, duas... A terceira será em vosso peito. Verdadeiro carniceiro dos botões de seda, um duelista! Um cavalheiro da primeira linha em todas as causas de primeira e segunda categorias. Ah! o imortal "passado!" o "punto reverso!" o ponto "aí!"

BENVÓLIO — O ponto quê?

MERCÚCIO — A peste que carregue esses pelotiqueiros ridículos, que falam cheios de esses e com afetação, esses afinadores de novos tons! "Por Jesus, que lâmina excelente! Que belo rapagão! Que rameira de truz!" Ora, meu velho, não é lamentável que nos vejamos perseguidos por essas moscas estrangeiras, por esses criadores de modas, esses *pardonnez-moi* que se escarrancham tão bem nas últimas maneiras que nem podem sentar-se comodamente

em nossos velhos bancos? Oh, e os seus *bien, bien*!...

(*Entra Romeu.*)

BENVÓLIO — Mas sem suas milharas, seco como um bacalhau. Ó carne! carne! como estás peixificada! Agora ele só aprecia as consonâncias derramadas por Petrarca. Comparada com sua dama, Laura não era mais do que uma criada de cozinha — com a breca! — mas teve um amante que sabia rimá-la muito bem; Dido, uma lambisgóia; Cleópatra, uma cigana; Helena e Hero, bruxas e prostitutas; Tisbe, uma sujeitinha de olho cinzento, ou coisa parecida, mas destituída de importância. Signior Romeu, bom dia! Aqui tendes uma saudação francesa para vossas bragas francesas. Esta noite passaste-nos uma bela moeda falsa.

ROMEU — Bom dia para ambos. Que moeda falsa vos passei?

MERCÚCIO — A de vila-diogo, senhor! A de vila-diogo! Não me compreendeis?

ROMEU — Perdão, meu Mercúcio; mas tinha um negócio muito importante em mãos; e num caso desses parece-me lícito forçar um pouco a cortesia.

MERCÚCIO — O que eqüivale a dizer que num caso como o vosso somos forçados a dobrar a perna.

ROMEU — Sim, por cortesia.

MERCÚCIO — Acertastes com muita galantaria.

ROMEU — É uma exposição muito cortês.

MERCÚCIO — É que eu sou um legitimo alfinete da cortesia.

ROMEU — És um alfinete de flor.

MERCÚCIO — Perfeitamente.

ROMEU — Só assim eu ficaria com os sapatos floridos.

MERCÚCIO — Muito espirituoso. Continua com a pilhéria, até gastares os sapatos, porque quando sua única sola estiver gasta, ficará também sozinha a tua pilhéria singular.

ROMEU — Isso é que se chama pilhéria de sola fina, e apenas espirituosa por ser isso mesmo.

MERCÚCIO — Corre em meu auxílio, bondoso Benvólio, que sinto o espírito desfalecer.

ROMEU — Chicote e espora nele! Chicote e espora nele! Caso contrário, cantarei vitória.

MERCÚCIO — É natural; se o teu espírito tomar parte na corrida de pato, dou-me antecipadamente por vencido, por teres mais de pato-selvagem em um só dos teus espíritos, do que eu — tenho certeza — em todos cinco. Mas estive lá contigo por causa de algum pato?

ROMEU — Nunca estiveste comigo que não fosse por causa de alguma pata.

MERCÚCIO — Só por essa brincadeira vou morder-te a ponta da orelha.

ROMEU — Não, bondoso pato, não me mordas.

MERCÚCIO — Teu espírito é uma verdadeira maçã agridoce; possui caldo bem picante.

ROMEU — E não irá bem com uma patinha doce?

MERCÚCIO — É espírito de pele de cabrito, que, espichado, vai de uma polegada à largura de um côvado.

ROMEU — Pois vou espichá-lo ainda mais, só por causa dessa largura, que acrescentada ao patinho, prova que não passas de um pato largo.

MERCÚCIO — E não será melhor ser isso do que andar a suspirar de amor? Mas agora, sim, revelas-te sociável. Agora, sim: és homem; agora és o que és, por arte e natureza. Por que esse teu amor disparatado é tal qual um grande idiota que corre a cambalear por aí tudo, para, no fim, esconder sua bugiaria em qualquer buraco.

BENVÓLIO — Pára aí! Pára aí!

MERCÚCIO — Queres que eu corte a minha história e a deixe cotó?

BENVÓLIO — Sim, que do contrário ficaria de rabo muito comprido.

MERCÚCIO — Oh! estás enganado; ficaria curto, pois eu já havia atingido o fundo da história, não tencionando prosseguir no argumento.

ROMEU — Eis aqui um assunto retesado.

(*Entram a ama e Pedro.*)

MERCÚCIO — Uma vela! Uma vela!

BENVÓLIO — Duas! duas! Uma camisa e um casaco.

AMA — Pedro!

PEDRO — Que mandais?

AMA — Meu leque, Pedro.

MERCÚCIO — Sim, Pedrinho, para esconder o rosto; por que dos dois, o leque ainda é o mais passável.

AMA — Deus vos dê bom dia, cavalheiros.

MERCÚCIO — E para vós, boa tarde, bela dama.

AMA — Já é boa tarde?

MERCÚCIO — Não será menos, é o que vos digo, porque a mão obscena do mostrador segura neste momento o ponteiro do meio-dia.

AMA — Ficai longe da minha vista! Que espécie de homem sois?

ROMEU — Um homem, nobre dama, que Deus fez para que ele próprio se estragasse.

AMA — Por minha fé, muito bem dito: "Para que ele próprio se estragasse!" Cavalheiros, algum dos senhores poderá dizer-me onde eu poderei encontrar o jovem Romeu?

ROMEU — Eu posso; mas no instante em que encontrardes o jovem Romeu, ele estará mais velho do que quando o procuráveis. Sou eu o mais moço desse nome, em falta de outro pior.

AMA — Dizeis bem.

MERCÚCIO — Como! O pior, então, está bem? Bem apanhado, de fato. Com argúcia, com muita argúcia.

AMA — Se sois ele mesmo, senhor, desejara ter convosco uma conversa particular.

BENVÓLIO — Deve ser convite para alguma ceia.

MERCÚCIO — Uma alcoviteira, uma alcoviteira, oh! oh!

ROMEU — Que estás farejando nisso?

MERCÚCIO — Não será uma lebre, senhor; a menos que seja alguma lebre de pastel de quaresmas já meio passada e embolorada, antes mesmo de ser comida.

(*Canta.*)Uma lebre embolorada, uma lebre embolorada na quaresma é um bom petisco. Porém lebre embolorada vale menos do que nada quando cria muito cisco. Romeu, não ides à casa de vosso pai? Vamos jantar lá.

ROMEU — Já vos sigo.

MERCÚCIO — Adeus, antiga dama; adeus. (*Canta.*) Dama, dama, dama...

(*Saem Mercúcio e Benvólio.*)

AMA — Sim, adeus. Por obséquio, senhor: quem é esse tipo desavergonhado, que só traz velhacarias na cabeça?

ROMEU — É um cavalheiro, ama, que tem prazer em ouvir a própria voz e que em um minuto prometerá mais coisas do que possa realizar em um mês.

AMA — Mas se ele disser algo contra minha pessoa, eu o demolirei, ainda que seja mais forte do que parece, e vinte bobos como ele. E se não puder fazê-lo, saberei encontrar quem o faça por mim. Piolhento! Não sou nenhuma aloucada; não sou dessas doudivanas. (*A Pedro.*) E tu, estás ai e permites que qualquer velhaco faça de mim o que bem entender?

PEDRO — Nunca vi ninguém fazer de vós o que bem entendesse; que, se o visse, minha espada teria saltado logo da bainha, posso asseverar-vos. Saco da espada com tanta rapidez como qualquer pessoa, sempre que topo com uma boa briga e tenho a lei de meu lado.

AMA — Agora, diante de Deus, fiquei de tal modo colérica, que sinto todo o corpo tremer. Sujeito à-toa! Uma palavra, senhor, por obséquio. Como já vos disse, minha jovem senhora mandou que vos procurasse. O que ela me ordenou que vos dissesse, guardarei dentro de mim. Mas primeiro permiti que vos diga que se pretendeis levá-la para o paraíso dos loucos, como se diz, seria um péssimo procedimento, por assim dizer. Porque a senhorita é jovem, e se fizerdes com ela jogo duplo, realmente, será coisa muito má, para ser feita com uma nobre senhorita, ação muito censurável.

ROMEU — Ama, recomenda-me à tua senhora. Juro-te...

AMA — Oh! que lindeza! Realmente, vou dizer-lhe isso mesmo. Oh Senhor! como ela vai ficar contente!

ROMEU — Mas que é que irás dizer-lhe, ama, se nem ouves o que eu falo?

AMA — Dir-lhe-ei, senhor, que jurastes, o que me parece ser uma promessa de gentil-homem.

ROMEU — Dize-lhe que procure pretexto de hoje à tarde ir confessar-se, que na cela de frei Lourenço ela há de confessar-se e casar. Agora aceita isto pelo trabalho.

AMA — Não, em verdade, senhor; nem uma moedinha.

ROMEU — Vamos, aceita; estou dizendo.

AMA — Esta tarde, senhor. Bem; estará lá.

ROMEU — Boa mulher, espera um pouco. Dentro de uma hora, atrás do muro da abadia irás ver meu criado com uma escada de cordas, que há de me levar ao pico do mastaréu de minha grande dita, na calada da noite. Adeus. Conserva-te fiel que eu saberei recompensar-te. Dá recomendações à senhorita.

AMA — Agora, que Deus do céu te abençoe. Escutai, senhor.

ROMEU — Que disseste, querida ama?

AMA — Poderemos confiar em vosso criado? Pois bem sabeis: dois guardarão segredo, quando um nada souber de todo o enredo.

ROMEU — Posso asseverar-te que o meu homem é tão firme quanto o aço.

AMA — Muito bem, senhor; minha ama é uma senhora muito gentil. Ah, senhor! senhor! Quando ela ainda era uma coisinha tagarela... Oh! na cidade há um nobre, um tal Páris, que de muito bom grado lançaria o seu arpão para abordá-la. Mas aquele coraçãozinho prefere ver um sapo, um sapo de verdade, a olhar para ele. Às vezes eu a deixo irritada com dizer-lhe que não há moço tão bonito quanto Páris. Mas, posso asseverar-vos que sempre que eu digo isso ela se torna tão pálida como qualquer cueiro no mundo universal. Rosmaninho e Romeu não começam pela mesma letra?

ROMEU — Sim, ama. Mas por que isso? Ambos começam por R.

AMA — Isso é rosnado de cão. R é para... Não; sei muito bem que começam por outra letra, tendo ela composto sobre vós e o rosmaninho as mais lindas sentenças que teríeis muito gosto em ouvir.

ROMEU — Recomenda-me à tua senhora.

AMA — Pois não; mil vezes. (*Sai Romeu.*) Pedro!

PEDRO — Que ordenais?

AMA — Pedro, segura meu leque e vai na frente

(*Saem.*)

Cena 5

O mesmo. Jardim de Capuleto. Entra Julieta.

JULIETA — Nove horas o relógio tinha soado, quando eu mandei a ama. Prometeu-me que voltaria dentro de meia hora. Talvez não o encontrasse... Oh! ela é coxa. Como arautos do amor só deveriam servir os pensamentos, que mais céleres dez vezes são que os raios do sol claro, quando as sombras expulsam das colinas. É por isso que o amor sempre é levado por alígeras pombas, e Cupido, como o vento veloz, tem asas lestes. Agora o sol está na altura máxima de seu curso diurno; há das nove horas até às doze três horas demoradas. No entanto, ela não chega. Se dotada fosse ela de paixões e sangue moço, correria veloz como uma bala; minhas palavras a teriam feito lançar-se contra o meu amor, e as dele para mim a jogara. Mas gente velha nunca chega ao porto; é chumbo escuro e lerdo, quase morto. (*Entram a ama e Pedro.*) Oh Deus! ei-la, afinal! Que novidades me trouxeste, doce ama? Acaso o viste? Manda embora teu criado.

AMA — Pedro, espera lá fora. (*Sai Pedro.*)

JULIETA — Então, mãezinha? Oh Deus! Por que estás triste? Se forem tristes tuas novidades, conta-as alegremente; sendo alegres, não estragues a música, tocando-a com uma cara tão tétrica.

AMA — Deixai-me repousar um momento; estou cansada. Como os ossos me doem! Que corrida!

JULIETA — Quisera que tivesses os meus ossos, e eu, tuas novidades. Vamos; peço-te, boa ama: fala logo.

AMA — Quanta pressa, Jesus! Não podereis esperar nada? Pois então não notais que estou sem fôlego?

JULIETA — Como sem fôlego, se estás com fôlego bastante para me dizer que fôlego não tens para falar? Esse pretexto de tanta dilação é mais comprido do que a história a que serve de desculpa. Tuas notícias são ruins ou boas? Responde-me logo isso, que as minúcias escutarei depois, com mais paciência. Satisfaze-me nisso: más ou boas?

AMA — Bem; fizestes uma escolha muito simples; não sabeis escolher homem. Romeu... Não, ele não! Conquanto ele tenha o rosto mais bonito do que não importa quem for, suas pernas levam vantagem sobre as de todos os homens. Quanto às mãos, pés e o corpo, muito embora nada se tenha a dizer, estão acima de qualquer confronto. Não é a flor da cortesia; mas, posso asseverar-vos, é manso como um cordeiro. Prossegui nesse caminho, menina e continuai

servindo a Deus. Como! já jantaram por aqui?

JULIETA — Não, não; mas isso tudo eu já sabia. E sobre o casamento, que disse ele?

AMA — Oh! que dor de cabeça! Que cabeça, senhor, a minha! Como bate! Creio que estalar vai em vinte pedacinhos. E, do outro lado, as costas! Oh! as costas! Oh! que esse coração seja punido por me ter feito procurar a morte, a galopar sem pausa.

JULIETA — Sim, contrista-me saber que não estás bem. Mas, minha doce, doce ama, que te disse meu amor?

AMA — Vosso amor disse, como cavalheiro honesto e cortês, e bondoso, e belo, e — posso assegurá-lo — virtuoso... Onde está vossa mãe?

JULIETA — Onde está minha mãe? Está lá dentro. Onde podia estar? Oh! que resposta! "Vosso amor diz, qual cavalheiro honesto, onde está vossa mãe?"

AMA — Oh Santa Virgem! Por que tamanho ardor? Ide, vos digo; é essa, somente, vossa cataplasma para meus pobres ossos? De hoje em diante, de vossas comissões cuidai vós mesma.

JULIETA — Quantos rodeios! E Romeu, que disse?

AMA — Podeis ir confessar? Tendes licença?

JULIETA — Tenho.

AMA — Não percais tempo, então, e à cela correi de frei Lourenço, onde um marido achareis que vos vai deixar mulher. Ora vos sobe ao rosto o sangue lúbrico; a qualquer nova, torna-se escarlate. Correi à igreja, que a outra parte eu tenho de ir depressa, prover-me de uma escada, para que vosso amor consiga o ninho do pássaro alcançar, quando for noite. Besta de carga sou de vossa festa, mas a noite um bom peso vos apresta. Vou jantar. Ide à cela bem contrita.

JULIETA — Adeus, querida; é para minha dita.

(*Saem.*)

Cena 6

O mesmo. Cela de frei Lourenço. Entram frei Lourenço e Romeu.

FREI LOURENÇO — Que o céu sorria para este ato santo, sem que horas tristes venham perturbar-nos.

ROMEU — Amém, amém! Porém que venham quantas tristezas vierem, que apagar não podem a troca de alegria que sua vista num minuto me dá. Basta que as mãos nos juntes com palavras consagradas; e que a morte, depois, que o amor devora, faça o que bem quiser. A mim já chega poder chamar-lhe minha.

FREI LOURENÇO — Essas violentas alegrias têm fim também violento, falecendo no triunfo, como a pólvora e o fogo, que num beijo se consomem. O mel mais delicioso é repugnante por sua própria delícia, confundindo com seu sabor o paladar mais ávido. Tem, pois, moderação, que o vagaroso, como o apressado, atrasam-se do pouso. (*Entra Julieta.*) Eis a dama que chega; uns pés tão leves não gastarão jamais a pedra eterna. O amante pode andar por sobre as teias que no ar balouçam, álacre, do estio, sem, contudo, cair; leve é a vaidade.

JULIETA — Para o meu santo confessor, bom dia.

FREI LOURENÇO — Filha, Romeu por nós vai responder-te.

JULIETA — Ele está nisso incluído; do contrário, longo seria quanto ele dissesse.

ROMEU — Ah! Julieta, se cheia como a minha já estiver a medida de teu gozo, e se possuíres a arte de enfeitá-lo, o ar ambiente embalsama com teu hálito, deixando que a variada e rica música de tua língua desdobre a grata imagem da ventura que um do outro recebemos neste encontro feliz.

JULIETA — Mais rico o sentimento em conteúdo do que em palavras, sente-se orgulhoso com a própria essência, não com os ornamentos. São só os mendigos que contar conseguem quanto dinheiro têm. Mas a tal ponto meu amor verdadeiro tomou vulto, que a metade, sequer, não me é possível avaliar do que tenho.

FREI LOURENÇO — Vamos, vamos; simplifiquemos o ato. Aqui, sozinhos, não pretendo deixar-vos um momento, sem que a Igreja celebre o casamento.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Verona. Uma praça pública. Entram Mercúcio, Benvólio, pajem e criados.

BENVÓLIO — Peço-te, bom Mercúcio: retiremo-nos. Quente está o dia; os Capuletos andam pela cidade. Caso os encontremos, não poderemos evitar contendas. O sangue ferve nestes dias quentes.

MERCÚCIO — Tu te assemelhas a esses tipos que, mal entram numa taberna, batem com a espada em cima da mesa e gritam: "Queira Deus que eu não venha a ter necessidade de ti!" e que após o efeito do segundo copo, sacam-na contra o taberneiro sem a menor necessidade.

BENVÓLIO — Serei, acaso, um tipo desse gênero?

MERCÚCIO — Vamos, vamos; és tão esquentado como quem mais o for em toda a Itália; muito prontamente raivoso para ser arrebatado.

BENVÓLIO — E a propósito de quê?

MERCÚCIO — Se houvesse mais outro tipo como tu, dentro de pouco tempo não existiria nenhum, porque vos mataríeis mutuamente. És capaz de brigar com um homem por que tem um fio a mais ou a menos na barba do que tu; brigarás com quem estiver quebrando nozes, sem outro motivo além do de teres os olhos cor de nozes. Que olhos, a não serem esses mesmos, seriam capazes de descobrir semelhante briga? Tua cabeça é tão cheia de rixas como de alimento o ovo, se bem que, por causa de brigas, tenha sido batida tantas vezes como clara de ovo. Já brigaste com um homem que tossiu na rua e despertou o teu cão, que dormia ao sol. Pois não tiveste uma rixa com um alfaiate, só por ter ele vestido um casaco novo, antes da Páscoa? E com outro, por ter amarrado os sapatos novos com cordões usados? Sendo, pois, o que és, pretendes dar-me lições de prudência?

BENVÓLIO — Se eu fosse tão briguento como tu, ninguém compraria os bens alodiais de minha vida, simplesmente por uma hora e um quarto.

MERCÚCIO — Simplesmente? Que simplicidade!

BENVÓLIO — Por minha cabeça, ai vem vindo um Capuleto.

MERCÚCIO — Por meu pé, a mim isso pouco importa.

(*Entram Tebaldo e outros.*)

TEBALDO — Ficai perto de mim, pois vou falar-lhe. Cavalheiros, bom dia; uma palavra com qualquer um de vós.

MERCÚCIO — Só uma palavra com um de nós? Acrescentai mais alguma coisa; que seja uma palavra e uma estocada.

TEBALDO — Haveis de encontrar-me disposto para isso, quando me fornecerdes oportunidade.

MERCÚCIO — Não achais oportunidade, sem que vo-la ofereçam?

TEBALDO — Mercúcio, tu estás concertado com Romeu...

MERCÚCIO — Concertado? Como! Tomas-nos por músicos? Se nos tomares por músicos, prepara-te para ouvir só desarmonias. Aqui está o arco da minha rabeca, que vos fará dançar. A-la-fé! Concertado!

BENVÓLIO — Estamos conversando numa praça bastante freqüentada. Retiremo-nos para algum ponto à parte ou ide embora, que sobre nós os olhos estão fixos.

MERCÚCIO — Para ver é que os olhos foram feitos. Que nos vejam. Daqui não dou um passo.

(*Entra Romeu.*)

TEBALDO — Ficai em paz, senhores; eis meu homem.

MERCÚCIO — Que me enforquem se ele usa vossa farda. Para o campo segui, que ele irá junto. Nesse sentido, é certo: ele é vosso homem.

TEBALDO — O ódio, Romeu, que me despertas, sabe dizer-te apenas isto: és um vilão.

ROMEU — A razão de te amar, que eu tenho agora, Tebaldo, escusa à saciedade a raiva de uma tal saudação. Não sou o que dizes. Adeus; bem vejo que não me conheces.

TEBALDO — Isso, rapaz, não basta como escusa para quantas injúrias me tens feito. Faze, pois, meia-volta e arranca a espada.

ROMEU — Protesto que jamais te fiz injúria. Tenho-te mais amor do que imaginas, até que saibas o motivo disso. Assim, bom Capuleto — oh nome caro! tão caro quanto o meu — fica contente.

MERCÚCIO — Oh calma submissão, vil e insultuosa! *Alla stoccata!* Decidamos logo. (*Saca da espada.*) Tebaldo, caçador de rato, queres dar voltazinhas?

TEBALDO — Que desejas?

MERCÚCIO — Nada mais, meu bom rei dos gatos, além de uma das vossas nove vidas, que tomarei a liberdade de tirar, deixando as outras oito para malhar depois, conforme o tratamento que me derdes. Não vos resolveis a puxar vossa espada pela orelha e tirá-la da bainha? Mas ponde pressa nisso, para que a minha não vos atinja as orelhas antes de ficar de fora a vossa.

TEBALDO (*sacando da espada*) — Estou ao vosso dispor.

ROMEU — Gentil Mercúcio, guarda a espada.

MERCÚCIO — Vamos, senhor; vosso passado.

(*Batem-se.*)

ROMEU — Benvólio, saca a espada; desarmemo-los. Cavalheiros, que opróbrio! Evitai isso. Oh Mercúcio! Tebaldo! O príncipe proibiu expressamente essas brigas nas ruas de Verona. Tebaldo! Bom Mercúcio!

(*Sai Tebaldo com seus partidários.*)

MERCÚCIO — Estou ferido. A peste caia em vossas casas. Morto! E ele não teve nada? Foi embora?

BENVÓLIO — Como! Foste ferido?

MERCÚCIO — Um arranhão, um arranhão somente; mas já chega. Que leve a breca! E o pajem, onde se acha? Patife, vai buscar um cirurgião.

(*Sai o pajem.*)

ROMEU — Coragem, homem! O ferimento não deve ser profundo.

MERCÚCIO — Não; não é tão fundo quanto um poço, nem tão largo quanto porta de igreja. Mas é o suficiente e quanto basta. Perguntai por mim amanhã, que haveis de encontrar-me bem quieto. Para este mundo já estou salgado, posso afiançar-vos! Um cão, um rato, um camundongo, um pulha, um biltre, que briga segundo as regras da aritmética! Por que diabo vos metestes entre nós? Fui ferido por baixo de vosso braço.

ROMEU — Eu estava bem-intencionado.

MERCÚCIO — Conduze-me, Benvólio, a alguma casa; senão, desmaio. A peste em vossas casas! De mim fizeram pasto para os vermes. Já tenho a minha parte. Vossas casas!

(*Saem Mercúcio e Benvólio.*)

ROMEU — Este fidalgo, próximo parente do príncipe, sincero amigo meu, por mim, tão-só, ferido foi de morte. Minha reputação está manchada com o insulto de Tebaldo, esse Tebaldo que meu parente foi durante uma hora. Doce Julieta! Tua formosura fez de mim um maricas; a coragem do aço se abranda e verga no meu peito.

(*Volta Benvólio.*)

BENVÓLIO — Romeu, Romeu, o bom Mercúcio é morto! Foi para as nuvens esse bravo espírito que desprezou tão cedo o pó terreno.

ROMEU — Hoje o fado somente dá o rebate para que o tempo as dores arremate.

(*Volta Tebaldo.*)

BENVÓLIO — O furioso Tebaldo está de volta.

ROMEU — Vivo! Em triunfo! E morto o bom Mercúcio? Vai para o céu, brandura respeitosa! Fúria de olhar de fogo, sê meu guia! Tebaldo, ora recebe de retorno o "vilão" que me deste não faz muito, pois a alma de Mercúcio ainda se encontra perto de nossas fontes,

aguardando que a tua vá fazer-lhe companhia. Um de nós dois terá, pois, de ir com ele.

TEBALDO — Pobre rapaz, que estavas de seu lado, és tu que vais partir.

ROMEU — Pois decidamos.

(*Batem-se; Tebaldo cai.*)

BENVÓLIO — Romeu, foge depressa! Os cidadãos se amotinaram. Morto está Tebaldo. Não fiques aturdido, pois o príncipe vai condenar-te à morte, se encontrado fores aqui. Despacha-te depressa!

ROMEU — Sou o bobo da fortuna.

BENVÓLIO — Foge! Ora essa!

(*Sai Romeu.*)

PRIMEIRO CIDADÃO — Para onde foi o que matou Mercúcio? O assassino, Tebaldo, onde se encontra?

BENVÓLIO — Tebaldo? Aqui.

PRIMEIRO CIDADÃO — Em nome, então, do príncipe, vos intimo, senhor; vinde comigo.

(*Entra o príncipe, com séqüito; Montecchio, Capuleto, suas esposas e outras pessoas.*)

PRÍNCIPE — Quem desafiou, assim, o meu castigo?

BENVÓLIO — Dizer-te posso, ó príncipe, a maneira por que teve começo esta cegueira. Pelo jovem Romeu ali se encontra morto o homem que matou o teu parente, nosso bravo Mercúcio.

SENHORA CAPULETO — Como! O primo Tebaldo? O filho do meu caro irmão? Primo, marido, príncipe, no chão vejo o sangue correr de um meu parente. Se veraz fores, príncipe, realmente, sangue desses Montecchios há de, agora, ser também derramado, sem demora. Oh primo! primo!

PRÍNCIPE — Quem deu começo à luta dolorida?

BENVÓLIO — Tebaldo, que Romeu deixou sem vida; Romeu, que lhe falou com termos brandos, com ele instando para que pensasse na ausência de motivo da querela, tendo invocado, até, vosso desgosto, tudo isso com voz doce, olhar tranqüilo e ademanes corteses, sem que tréguas conseguisse alcançar da grande cólera do furioso Tebaldo, que com aço pontiagudo visava uma e mais vezes o peito de Mercúcio valoroso. Este, só chamas, ponta opõe a ponta; com desprezo marcial, a fria morte faz afastar com uma das mãos, ao tempo em que com a outra a devolvia célere ao peito de Tebaldo que, habilmente, de retorno lha enviava. Em altas vozes Romeu gritava: "Amigos, separai-vos!" E mais rápido, ainda, que sua língua, seu ágil braço desviava as pontas, entre ambos se interpondo. Mas por baixo do braço dele um golpe malfadado de Tebaldo a existência atinge em cheio do valente Mercúcio. Então Tebaldo se põe em fuga, mas retorna logo para Romeu, que, nesse instante, havia concebido a vingança. Mais

velozes que o raio se engalfinham e, assim, antes de eu poder separá-los, cai sem vida o valente Tebaldo, a cuja vista Romeu fugiu. Se nisto houver maldade, vivo Benvólio prosseguir não há de.

SENHORA CAPULETO — Parente é dos Montecchios; bom serviço presta aos seus com mentir-vos em tudo isso. Foi de vinte, no mínimo, a sortida, para tirar apenas uma vida. Justiça, príncipe! e que seja breve: Romeu matou Tebaldo; morrer deve.

PRÍNCIPE — Matou quem a Mercúcio antes matara. Quem paga o preço dessa vida cara?

MONTECCHIO — Príncipe, não Romeu; ele era amigo de Mercúcio; só fez dar o castigo que a própria lei impunha: incontinenti dando a morte a Tebaldo imprevidente.

PRÍNCIPE — Por essa transgressão de nosso édito ficará de Verona já proscrito. Vosso ódio atinge a mim, também, de perto; sangra-me o coração por ele aberto. Mas hei de vos impor a. pena dura que minha dor desde hoje vos augura. Surdo serei a escusas e pedidos; nem lágrimas nem preces os ouvidos poderão abalar-me. Assim, com pressa fazei Romeu partir; ordem é expressa. Porque se acaso nisso houver demora, ouvido ele terá sua última hora. Levai o corpo. O excesso de demência causa mortes também, por imprudência.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Jardim de Capuleto. Entra Julieta.

JULIETA — Correi, correi, corcéis de pés de fogo, para a casa de Febo. Um condutor como Faetonte vos teria há muito tocado para o poente e, na mesma hora, trazido a noite escura. Espalha tua cortina, ó noite, guarda dos amores, porque os olhos curiosos nada vejam e a estes braços Romeu se precipite, de manso e sem ser visto. Os namorados enxergam no ato do amoroso rito, pela própria beleza; ou então, se é cego, de fato, o amor, diz bem com a negra noite. Vem, noite circunspecta, com teu manto de matrona severa, todo preto, e me ensina a perder uma partida que já está ganha e em que se jogam duas virgindades sem mancha. Ao rosto sobe-me o sangue tímido; em teu manto envolve-o, até que o amor esquivo, já se tendo tornado corajoso, só inocência veja no ato do amor sincero e puro. Vem, noite! Vem, Romeu! tu, noite e dia, pois vais ficar nas asas desta noite mais branco do que neve sobre um corvo. Vem, gentil noite! vem, noite amorosa de escuras sobrancelhas! Restitui-me o meu Romeu, e quando, mais adiante, ele vier a morrer, em pedacinhos o corta, como estrelas bem pequenas, e ele a face do céu fará tão bela que apaixonado o mundo vai mostrar-se da morte, sem que o sol esplendoroso continue a cultuar. Comprei a casa de um amor, sem estar na posse dela; vendida embora me ache, possuída não fui ainda. Tão tedioso e lento é este dia, tal como a noite em véspera de alguma grande festa para criança impaciente que tenha roupa nova, mas não possa vesti-la. Oh! aí vem a ama. (*Entra a ama, com cordas.*) Traz novidades, sim. Todas as línguas que só sabem dizer Romeu, Romeu, falam com eloqüência celestial. Então, ama, que é que há? Que trazes aí? As cordas de Romeu?

AMA — Sim, sim; as cordas. (*Atira-as ao chão.*)

JULIETA — Ai de mim! Que acontece? Por que torces as mãos dessa maneira?

AMA — Oh dia! Oh dia! Morreu! morreu! morreu! Oh! dia! Estamos perdidas, senhorita! Sim! perdidas! Mataram-no! Que dia! Está sem vida!

JULIETA — Tão invejoso o céu pode mostrar-se?

AMA — Romeu o pode, embora o céu não possa. Oh Romeu! Oh Romeu! Quem poderia ter pensado em tal coisa?

JULIETA — Por que diabo me atormentas assim? Essa tortura rugida deveria ser no inferno. Suicidou-se Romeu? Basta dizeres "sim" que essa palavrinha mais veneno para mim conterá do que a mirada fatal do basilisco. Morta me acho, se esse "sim" existir, se já estiverem sem vida os olhos que esse "sim" indicam. Já morreu? Vive? Dize "sim" ou "não"; um som é

tudo para o coração.

AMA — Vi a ferida, vi com estes olhos — Deus nos acuda! — em seu valente peito. Pobre cadáver! pobre e ensangüentado; pálido como cinza, recoberto de coágulos de sangue. A esse espetáculo desmaiei.

JULIETA — Coração, então estala! Ide para a prisão, olhos ociosos, porque não mais vereis a liberdade. Argila vil, a morte aqui não erra; que em Romeu e em ti pese a mesma terra.

AMA — Ó Tebaldo, Tebaldo! grande amigo! Ó Tebaldo polido, cavalheiro de grande honestidade! Ter eu vida para morto te ver!

JULIETA — Que tempestade de golpes tão atravessados? Morto foi Romeu e Tebaldo está sem vida? Meu caro primo, meu querido esposo? Então, fatal trombeta, soa o juízo final! Quem poderá ficar com vida, se os dois mortos estão?

AMA — Assassinado foi Tebaldo, e Romeu se acha banido; tendo-o matado, logo foi banido.

JULIETA — Deus! A mão de Romeu derramou o sangue de meu primo Tebaldo?

AMA — Derramou, derramou. Oh! que dia! Derramou.

JULIETA — Oh coração serpente, mascarado com feições de uma flor! Em algum tempo dragão já houve em cova tão formosa? Monstro atraente, angélico demônio, corvo de belas penas, cordeirinho devorador como o insaciável lobo, substância desprezível de aparência mais que divina, justamente o oposto do que mostravas ser! Santo maldito, muito honrado vilão! Ó natureza, que tinhas a fazer no negro inferno, quando puseste um infernal espírito no mortal paraíso de uma carne tão bela e tão perfeita? Já houve livro de matéria tão vil, que encadernado fosse com tanto esmero? Oh! que a mentira tenha morada num palácio desses!

AMA — Nos homens não há fé, não há confiança, nenhuma honestidade. Todos eles são mentirosos, falsos e perjuros. Não valem nada. Onde está meu criado? Dêem-me *aqua vitae*. Todas estas dores, estas tristezas me deixaram velha. Caia o opróbrio em Romeu!

JULIETA — Que tua língua de pústulas se cubra, por haveres formulado esse voto! Para o opróbrio não nasceu ele. Sobre sua fronte o opróbrio se envergonha de sentar-se, pois é trono em que pode ser coroada a honra como monarca incontestável da terra universal. Oh! fui autêntico animal, por haver falado dele.

AMA — Elogiais quem matou vosso parente?

JULIETA — Poderei falar mal de meu marido? Ah! meu pobre senhor, que língua pode teu nome acariciar, se eu, há três horas apenas, tua esposa, o mutilei? Mas por que deste a morte, miserável, a meu primo? É que o primo miserável teria dado a morte a meu marido. Voltai, lágrimas tolas, para vossa fonte de origem; à tristeza são devidas as gotas tributárias que por engano ofereceis ao riso. Vivo está meu esposo, que Tebaldo desejava matar; morto, Tebaldo, que teria matado meu marido. Isso consola. Então, por que chorar? Mas há uma palavra pior ainda que a morte de Tebaldo e que me mata. Desejara esquecê-la; mas, oh dor! pesa-me na memória: "Assassinado foi Tebaldo e Romeu se acha banido!" Essa palavra só, esse

“banido”, matou dez mil Tebaldos. Essa morte de Tebaldo já fora dor bastante, se terminasse aí. Ou, ainda mesmo que a dor amarga amasse a companhia, e acompanhada se fizesse sempre de outras desgraças, por que causa, quando ela disse: “Tebaldo está sem vida”, não se seguiu, também: “teu pai foi morto”, ou “tua mãe”, ou ambos, sim, que fora razão de sobra para as ordinárias lamentações? Mas vindo a retaguarda da morte de Tebaldo com este título: “Romeu banido foi”, não há limite, medida, fim, nem termo para a morte dessa palavra. Tudo está sem norte. Meus pais, ama, onde estão?

AMA — A morte fria de Tebaldo lastimam neste dia. Quereis ir vê-los? Posso conduzir-vos.

JULIETA — Eles lavam com lágrimas doridas o corpo de Tebaldo. Mais sentidas as minhas correrão neste momento para chorar do amor o banimento. Junta estas cordas. Ai! fostes logradas, assim como eu, ó cordas malfadadas! porque Romeu agora está no exílio. Ele contava com o vosso auxílio para chegar até meu virgem leito; mas viúva vai achar-me, deste jeito. Vem, ama; traze as cordas, pois à morte, não a Romeu, me liga a triste sorte.

AMA — Recolhei-vos a vossos aposentos. Hei de encontrar Romeu, para trazer-vos algum consolo. Sei onde se encontra. Ficai certa de tê-lo aqui esta noite. Vou buscá-lo já já. Está escondido na cela de Lourenço.

JULIETA — Oh! traze-o logo! Dá-lhe este anel e dize ao meu amado que me venha trazer o último adeus.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Cela de frei Lourenço. Entra frei Lourenço.

FREI LOURENÇO — Romeu, vem cá, homem medroso! As aflições de ti se enamoraram. Desposaste a desgraça.

(*Entra Romeu.*)

ROMEU — Padre, que novidades? E a sentença do príncipe, qual foi? Qual é a tristeza que eu ainda não conheço e que deseja tocar-me a mão de perto?

FREI LOURENÇO — O meu querido filho por demais íntimo se mostra com essas companhias tão adversas. Vou contar-te o que foi que disse o príncipe, qual foi sua sentença,

ROMEU — Não teria sido o juízo final sua sentença?

FREI LOURENÇO — Dos lábios lhe saiu uma sentença mais branda: não a morte para o corpo, mas o exílio do corpo.

ROMEU — Exílio! exílio! Sê clemente, dizendo logo "morte", pois mais horror contém no olhar o exílio que a própria morte. Assim, não me repitas essa palavra: "Exílio".

FREI LOURENÇO — Estás banido de Verona. Reveste-te de calma, pois o mundo é bastante grande e largo.

ROMEU — Mundo não pode haver fora dos muros de Verona, mas dores, purgatório, o próprio inferno. Estar daqui banido, é banido também estar do mundo, e semelhante banimento é a morte. Alcunha, assim, da morte é "banimento". Dando à morte esse nome, com machado de ouro a cabeça me apartais do tronco rindo do golpe que me tira a vida.

FREI LOURENÇO — Oh pecado mortal! Oh rude e absurdo desagradecimento! Nossas leis dão o nome de morte à tua falta, Mas o benígno príncipe, tomando teu partido, a lei pôs de lado, logo, e em exílio mudou o escuro termo. É graça, e grande, e tu não queres vê-la!

ROMEU — É tortura, não graça. O céu se encontra onde Julieta vive. Um simples gato, um ratinho, um cachorro, as coisas ínfimas aqui vivem no céu e podem vê-la. Mas não o pode Romeu. Mais importância, mais dignidade, mais cortesania se acham nas varejeiras dos monturos, que no pobre Romeu. Tocar conseguem no cândido milagre da querida mão de Julieta e mortal bênção podem dos lábios lhe roubar que, com modéstia pura e vestal, corados ainda ficam por julgarem que os beijos são pecado. As moscas fazem isso; e eu sou forçado a muscar-me daqui; são povo livre; eu, banido. E ainda dizer que esse exílio não significa a morte? Não possuis mistura venenosa, faca afiada, ou qualquer meio rápido de morte, por mais baixo que

seja e que me mate, tirante esse "banido"? Ora, banido! Ó frade! essa palavra os condenados usam no inferno e de urros a acompanham. Na qualidade de homem santo, sendo, como és, um confessor, que tem poderes para perdoar pecados, meu amigo declarado, pretendes esmagar-me com esse termo: "Banido"?

FREI LOURENÇO — Homem sem juízo, ouve-me ao menos uma palavrinha.

ROMEU — Oh! vais falar de exílio novamente.

FREI LOURENÇO — Vou emprestar-te uma armadura, para esse termo amparar: filosofia, o leite doce e são da adversidade, que te há de confortar, embora estejas, em verdade, banido.

ROMEU — Mas, "banido"! Põe a filosofia numa forca, a menos que a filosofia possa fazer uma Julieta, uma cidade mudar, ou deixar írrito um decreto. Se não, de nada vale, para nada pode servir-me. Não me fales nisso.

FREI LOURENÇO — Vejo que os loucos não possuem orelhas.

ROMEU — Como tê-las, se os sábios não têm olhos?

FREI LOURENÇO — Deixa-me discorrer sobre o teu caso.

ROMEU — Falar não podes sobre o que não sentes. Se, como eu, fosses moço; se Julieta te pertencesse, por se ter tornado tua esposa há uma hora; se tivesses morto Tebaldo, e louco, apaixonado como eu te visses: bem, assim podias falar, arrepelar a cabeleira, jogar-te ao solo como o faço agora, para dar a medida de uma cova que ainda vai ser aberta.

(*Batem dentro.*)

FREI LOURENÇO — Estão batendo, Romeu. Levanta-te depressa e esconde-te.

ROMEU — Não; a menos que o sopro dos gemidos do coração, à guisa de neblina, me ocultasse da busca dos olhares.

(*Batem.*)

FREI LOURENÇO — Escuta! Estão batendo novamente. — Quem está aí? — Romeu, Romeu, levanta-te. Podes ser preso. — Um momentinho apenas. — (*Batem.*) Levanta-te! Esconde-te em meu quarto. — Já vou! Já vou! — Por Deus, como és teimoso! — (*Batem.*) Já vou! Quem bate com tamanha força? Da parte de quem vindes? Que quereis?

AMA (*dentro*) — Deixai-me entrar, para que eu dê o recado. A senhora Julieta é que me manda.

FREI LOURENÇO — Bem-vinda sois, então. (*Entra a ama.*)

AMA — Ó santo frade, dizei-me, santo frade, onde se encontra o senhor de minha ama? Onde está ele? Romeu, que é dele?

FREI LOURENÇO — Ali, jogado ao solo, embriagado por suas próprias lágrimas.

AMA — Oh! justamente o caso de minha ama! Justamente o seu caso.

FREI LOURENÇO — Oh simpatia dolorosa, terrível situação!

AMA — Ela está justamente assim, deitada, chorando e lastimando-se, chorando sem parar. Levantai-vos! levantai-vos! Sede homem, por amor, sim, de Julieta. Por que vos consumirdes em lamentos?

ROMEU — Ama?

AMA — Ah meu senhor! A morte é o fim de tudo.

ROMEU — Fala-me de Julieta. Como pensa? Não me julga assassino inveterado, pelo fato de eu ter manchado a infância de nossa grande dita com um sangue tão próximo do seu? Onde está ela? Que faz? Que diz minha secreta esposa do nosso amor destruído?

AMA — Oh! não diz nada, senhor; mas chora, chora sem parar. Ora se joga ao leito, ora levanta-se, chama "Tebaldo", grita o vosso nome, e cai de novo.

ROMEU — Como se esse nome, por um canhão contra ela disparado, lhe desse a morte, como a mão maldita de tal nome o fizera com seu primo. Ó frade, dize-me: em que parte abjeta de minha anatomia está meu nome? Dize, que eu saquearei, no mesmo instante, a casa do inimigo.

(*Saca da espada.*)

FREI LOURENÇO — Detém essa desesperada mão. Acaso és homem? Tua postura o afirma, mas as lágrimas são de mulher, mostrando esses teus atos desesperados o furor selvagem dos próprios animais. Ó deformada mulher, sob a aparência de um mancebo, ou animal deturpado, sob a forma de ambos: pasmado estou. Pela minha ordem sagrada: sempre fiz outro juízo de teu temperamento. Não mataste Tebaldo? Agora queres suicidar-te e, assim, matar a tua própria esposa, que de tua vida vive, revertendo contra ti próprio esse ódio amaldiçoado? Por que insultas o berço, o céu e a terra? O berço, o céu e a terra unidos se acham em ti, e de uma vez perdê-los queres? Ora, envergonhas tua forma, o espírito, o amor, que em barda tens, como usurário, sem que nada uses no seu vero emprego para te ornar a forma, o amor, o espírito. Tua nobre figura é como imagem de cera, se o vigor viril lhe falta; teu amor tão prezado, oco perjúrio que mata o amor que proteger juraste; o espírito, esse ornato da postura, como do amor, se encontra deformado pela conduta de ambos, como pólvora no frasco de um soldado inexperiente, que por tua própria ignorância explode, com tuas próprias armas desmembrando-te. Vamos, homem: levanta-te! Está viva tua Julieta, por quem te achas quase no ponto de morrer. Estás com sorte. Tebaldo quis matar-te; a morte deste-lhe. Nisso foste também mui venturoso. A lei se mostra tua amiga, a pena de morte atenuando para exílio: outra ventura. Sobre o dorso um fardo de bênçãos te caiu. Com seus mais ricos atavios te vem fazendo a corte sempre a felicidade; mas no jeito de um rapaz não polido e caprichoso, com a sorte e o amor amuado te revelas. Toma cuidado! Quem assim procede, acaba sempre mal. Vamos, levanta-te! Vai ter com teu amor, como assentamos. Escala o quarto e leva-lhe conforto. Tem cautela, porém; não te demores até que venham iniciar a guarda, porque então para Mântua não saíras, que é onde vais viver até que achemos a hora oportuna de anunciar as bodas, a reconciliação fazer de todos os vossos conhecidos, e a demência do príncipe alcançar, para chamar-te, finalmente, de volta,

retornando tu com cem vezes mil mais alegrias do que tinhas de dores ao partires. Ama, segue na frente. Recomenda-me à senhorita e dize-lhe que cuide de mandar para a cama toda a casa, a isso disposta pelos cruéis eventos. Romeu vai logo.

AMA — Oh Deus! Aqui ficara toda a noite, para ouvir bons conselhos. Quanto vale, quanto, a instrução! Senhor, à senhorita anunciarei vossa ida.

ROMEU — Sim, e dize-lhe que se prepare para repreender-me.

AMA — Eis um anel, senhor, por ela entregue para que vo-lo desse. Vamos, vinde depressa que já está ficando tarde. (*Sai.*)

ROMEU — Como isto o coração me fortalece!

FREI LOURENÇO — Saí, boa noite, e toda vossa dita sabeis depende disto: ou saí antes de iniciarem a guarda, ou, muito cedo disfarçado, deixai nossa cidade. Ficai em Mântua, que eu acharei meios de encontrar vosso criado. Ele vos há de com freqüência levar as boas novas do que se for passando em nosso meio. Dai-me a mão. Passai bem, Há pressa. Adeus.

ROMEU — Não fosse a dita me levar daqui, sentira dor em me afastar de ti. Adeus.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Um quarto da casa de Capuleto. Entram Capuleto, a senhora Capuleto e Páris.

CAPULETO — As coisas, meu senhor, tomaram rumo tão infeliz, que tempo não tivemos de advertir nossa filha. Vede bem: dedicava afeição sincera ao primo Tebaldo. Tal como eu. Bem; só nascemos para morrer. Já é muito tarde; agora ela não descerá. Posso afiançar-vos que, se não fosse vossa companhia, há uma hora já me houvera recolhido.

PÁRIS — Este tempo de dor não é propício para a corte fazermos. Bem, despeço-me. Senhora, passai bem. A vossa filha recomendai-me.

SENHORA CAPULETO — Farei isso mesmo. Saberei cedo o pensamento dela. Hoje ela está na dor enclausurada.

CAPULETO — Senhor Páris, atrevo-me a afiançar-vos o amor de minha filha. Ela se deixa, quero crer, dirigir por mim em tudo. Sim, estou certo disso. Ao quarto dela subi, mulher, antes de vos deitardes. Contai-lhe o amor de nosso filho Páris e, notai bem, contai-lhe que na próxima quarta-feira... Porém, que dia é hoje?

PÁRIS — Segunda, meu senhor.

CAPULETO — Ah! ah! Segunda! Muito bem. Quarta-feira é muito cedo. Será na quinta. Sim, comunicai-lhe que ela desposará na quinta-feira este mui nobre conde. Estareis pronto? Aprovais tanta pressa? Não faremos muito barulho; uns dois ou três amigos, nada mais, ora vede; porque, tendo sido morto Tebaldo, há pouco tempo, poderemos dar azo a que se pense que não lhe dedicávamos estima como a parente, e que comemos muito. Por isso reuniremos uma dúzia de amigos, tão-somente, e... ponto nisso. E agora que dizeis de quinta-feira?

PÁRIS — Senhor, quisera que essa quinta-feira já fosse amanhã mesmo.

CAPULETO — Podeis ir. Muito bem. Pois que seja quinta-feira. Antes de vos deitar, ide falar-lhe. Preparai-a para esse casamento. Adeus, senhor. Olá! Luz no meu quarto! Aqui, primeiro! Aqui! Já é tão tarde, que, com mais um pouquinho, poderemos dizer que é cedo. Bem, adeus. Boa noite.

(*Saem.*)

Cena 5

O mesmo. Quarto de Julieta. Entram Romeu e Julieta.

JULIETA — Já vais partir? O dia ainda está longe. Não foi a cotovia, mas apenas o rouxinol que o fundo amedrontado do ouvido te feriu. Todas as noites ele canta nos galhos da romeira. É o rouxinol, amor; crê no que eu digo.

ROMEU — É a cotovia, o arauto da manhã; não foi o rouxinol. Olha, querida, para aquelas estrias invejosas que cortam pelas nuvens do nascente. As candeias da noite se apagaram; sobre a ponta dos pés o alegre dia se põe, no pico das montanhas úmidas. Ou parto, e vivo, ou morrerei, ficando.

JULIETA — Não é do dia aquela claridade, podes acreditar-me. É algum meteoro que o sol exala, para que te sirva de tocheiro esta noite e te ilumine no caminho de Mântua. Assim, espera. Não precisas partir assim tão cedo.

ROMEU — Que importa que me prendam, que me matem? Serei feliz, assim, se assim o quiseres. Direi que aquele ponto acinzentado não é o olho do dia, mas o pálido reflexo do diadema da alta Cíntia, e também que não foi a cotovia, cujas notas a abóbada celeste tão longe ferem sobre nossas frontes. Ficar é para mim grande ventura; partir é dor. Vem logo, morte dura! Julieta quer assim. Não, não é dia.

JULIETA — É dia; foge! A noite se abrevia. Depressa! É a cotovia, sim, que canta desafinada e rouca, discordantes modulações forçando e insuportáveis. Dizem que ela é só fonte de harmonia; não é assim, pois ora nos divide. Há quem diga que o sapo e a cotovia mudam os olhos. Oh! quisera agora que ambos a voz também trocado houvessem, pois ela nos separa e, assim tão cedo, como grito de caça mete medo. Oh vai! A luz aumenta a cada instante.

ROMEU — A luz? A escuridão apavorante.

(*Entra a ama.*)

AMA — Senhora!

JULIETA — Ama?

AMA — Vossa mãe se dirige para cá. Sede prudente; já raiou o dia, como podereis ver. (*Sai.*)

JULIETA — Então, janela, que o dia entre no quarto e a vida fuja.

ROMEU — Adeus, adeus! Um beijo, e desço logo.

(*Desce.*)

JULIETA — Já foste? Meu senhor! Amor! Amigo! Notícias quero ter todas as horas, porque um minuto encerra muitos dias. Fazendo a conta assim, ficarei velha antes de ver de novo o meu Romeu.

ROMEU — Adeus. Não deixarei passar um só momento sem te mandar contar o meu tormento.

JULIETA — Oh! pensas mesmo que ainda nos veremos?

ROMEU — Não o duvides; todas estas dores nos servirão ainda unicamente para doces deixar nossos colóquios.

JULIETA — Oh Deus! Um coração tenho agourento. Vendo-te assim, tão longe, só parece que estás sem vida, dentro de um sepulcro. Ou vejo mal, ou estás, realmente, pálido.

ROMEU — Podes crer-me, querida; de igual modo tu me pareces. A aflição sedenta nos bebe todo o sangue. Adeus! Adeus! (*Sai.*)

JULIETA — Ó fortuna! fortuna! Os homens todos de inconstante te chamam. Se inconstante fores, mesmo, que tens a ver com ele, pela fidelidade tão famoso? Sê inconstante, fortuna, pois espero que em vez de o seqüestrares muito tempo, logo o farás voltar.

SENHORA CAPULETO (*dentro*) — Ó filha! filha! Já estás de pé?

JULIETA — Quem é que está chamando? É minha mãe? Não se deitou ainda, ou já acordou tão cedo? Qual o insólito motivo que a faz vir falar-me agora?

(*Entra a senhora Capuleto.*)

SENHORA CAPULETO — Então, Julieta, como estás?

JULIETA — Senhora, não estou boa.

SENHORA CAPULETO — Ainda a chorar te achas a morte de teu primo? Acaso queres com lágrimas tirá-lo do sepulcro? Inda que o conseguisses, impossível te fora dar-lhe vida. Assim, deixa isso. Alguma dor é indício de amizade; mas muito choro indica pouco espírito.

JULIETA — Mas deixai-me chorar tão grande perda.

SENHORA CAPULETO — Sentis a perda, apenas, não o amigo, cuja perda chorais.

JULIETA — Sentindo a perda tanto assim, outra coisa não me resta senão chorar o amigo.

SENHORA CAPULETO — Sim, menina; não choras tanto pela morte dele, como porque está vivo o miserável que da vida o privou.

JULIETA — Que miserável, minha senhora?

SENHORA CAPULETO — Esse vilão Romeu.

JULIETA (*à parte*) — Vilão e ele estejam separados por milhares de léguas. — Que perdoado seja por Deus como por mim já o foi. Contudo, homem nenhum tanto, como ele, me oprime o coração.

SENHORA CAPULETO — É que esse biltre, esse assassino ainda está com vida.

JULIETA — Sim, e longe do alcance destas mãos. Oh! se eu, tão-só, vingar pudesse a morte do meu querido primo!

SENHORA CAPULETO — Ainda haveremos de vingá-lo; por isso não te aflijas. Pára, pois, com essas lágrimas. A Mântua, exílio onde se encontra o renegado, mandarei quem lhe dê uma bebida tão fora do comum, que logo ele há de companhia fazer para Tebaldo. E assim, espero-o, ficarás contente.

JULIETA — Decerto, nunca ficarei contente com Romeu sem o ter em frente — morto. Assim meu pobre coração lamenta a perda de meu primo. Se pudésseis, senhora, achar uma pessoa, ao menos, que levasse o veneno, eu o preparara de modo que Romeu, tomando-o, logo repousaria em paz. Oh! como sente meu coração ouvir-lhe o nome odioso, sem conseguir aproximar-me dele para vingar o amor que eu dedicava ao meu primo Tebaldo, sobre o corpo de quem o assassinou.

SENHORA CAPULETO — Encontra os meios, que eu acharei esse homem. Mas agora vim trazer-te notícias mais alegres.

JULIETA — Vem a tempo a alegria em tal tristeza. E em que consistem essas alegrias, minha senhora, poderei sabê-lo?

SENHORA CAPULETO — Bem, bem, menina; tens um pai zeloso, que para te livrar dessa tristeza excogitou um dia de alegria como nem tu esperas, nem eu própria poderia pensar.

JULIETA — Oh! vem a tempo! Mas, senhora, que dia será esse?

SENHORA CAPULETO — Filha, vê só! Na quinta-feira próxima na igreja de São Pedro o conde Páris, valente moço e nobre gentil-homem, para sua ventura, alegre noiva te fará finalmente.

JULIETA — Ora, por essa igreja de São Pedro, e por São Pedro, de mim não fará ele noiva alegre. Estranho tanta pressa; por esposo ter eu de receber uma pessoa antes até de me fazer a corte! Dizei, senhora, a meu senhor e pai, que não quero casar; é muito cedo; e que, quando o fizer, posso jurá-lo, antes escolherei Romeu, que odeio como bem o sabeis, que o conde Páris. Eis aí novidade de primeira.

SENHORA CAPULETO — Aí vem vosso pai; dizei-lhe tudo isso vós mesma e vede as conseqüências.

(*Entram Capuleto e a ama.*)

CAPULETO — Quando o sol morre, o céu chuvisca orvalho; mas na morte do filho de meu mano chove torrencialmente. Então, menina, que goteira é essa? Ainda e sempre em lágrimas? Que é isso? Sempre a chover? Num corpo pequenino, o mar imitar queres, barco, ventos? Pois teus olhos, a que de mar eu chamo, fluxo e refluxo mostram, só de lágrimas; teu corpo é o barco nesse mar salgado; teus suspiros, os ventos, que em conflito permanente com as lágrimas se encontram e que hão de soçobrar-te o frágil corpo tão maltratado pela tempestade, se não fizer a tempo calmaria. Então, mulher: falastes-lhe a respeito de nossa decisão?

SENHORA CAPULETO — Sim, conversamos. Ela, porém, com isso não concorda. Muito vos agradece. Eu desejara que essa tola casasse com seu túmulo.

CAPULETO — Mais devagar, mulher! Levai-me junto! Como! Não quer casar? E ainda agradece? Não se sente orgulhosa? Não se julga muito feliz — sendo, como é, indigna — por lhe termos obtido um noivo desses, tão digno gentil-homem?

JULIETA — Orgulhosa não estou, mas vos sou agradecida. Não posso ter orgulho do que odeio; mas agradeço justamente esse ódio que significa amor.

CAPULETO — Que quer dizer tudo isso? Como assim, minha sofista? "Agradecida" e "não agradecida", "orgulhosa" e também "não orgulhosa"... Não precisais agradecer-me os vossos agradecidos, nem mostrar orgulho dos orgulhosos ou o que quer que seja. Mas tratai de aprontar vossas juntinhas galantes para, quinta-feira próxima, a igreja de São Pedro irdes com Páris. Caso contrário, para lá te levo dentro de uma carroça. Fora! Fora! carniça doente! Fora, marafona! cara de vela!

SENHORA CAPULETO — Ora essa! Estais maluco?

JULIETA — Bondoso pai, de joelhos vos suplico ouvirdes-me, paciente, uma palavra.

CAPULETO — Vai te enforcar, rapariguinha à-toa! Tipo desobediente! Já te mostro. Vai quinta-feira à igreja, ou não me encares nunca mais, nunca mais! Não me repliques coisa nenhuma. Basta! Não me fales. Nos dedos sinto cócegas. Pensávamos, mulher, que nossa dita era pequena, porque Deus só nos dera uma menina; mas vejo agora que esta já nos sobra e que com ela a maldição nos veio. Rameira à-toa!

AMA — Deus do céu que a ampare! Procedeis mal, senhor, por insultá-la desse modo.

CAPULETO — Por quê, dona prudência? Guardai na boca a língua sabe-tudo. Ide mas é ensinar vossas comadres.

AMA — De mal não disse nada.

CAPULETO — Bom proveito.

AMA — Não se pode falar?

CAPULETO — Paz, resmungona. Velha tonta! Guardai vossas sentenças para vossas iguais. Não precisamos delas aqui.

SENHORA CAPULETO — Estais muito excitado.

CAPULETO — Sacramento de Deus! É de deixar-me louco de todo. Dias e mais dias, a toda hora, de noite, o ano inteirinho, no trabalho, no jogo, só, no meio dos companheiros, tinha apenas uma preocupação: sabê-la, enfim, casada. E agora que arranjei um gentil-homem de nobre parentesco, jovem, rico, de fina educação, forrado, como se costuma dizer, de qualidades excepcionais, e tão proporcionado como melhor não fora concebível, lá vem uma coisinha choramingas, uma boneca cheia de lamúrias, ao lhe sorrir a sorte, declarar-me:"Sou muito nova", "amar não me é possível", "não desejo casar-me", "desculpai-me, por obséquio". Pois não, vou desculpar-vos, se não quereis casar. Procurai pasto onde bem entenderdes, que aqui em

casa não ficareis comigo. Refleti; vede bem; gracejar não é meu hábito. Quinta-feira está perto; aconselhai-vos com o coração. Se fordes minha filha, por mim a meu amigo sereis dada. Mas se o não fordes, enforcai-vos, ide pedir esmola, perecer de fome, morrer na rua, pois — pela alma o juro! — jamais hei de reconhecer-te e nunca quanto for meu te poderá ser útil. Reflete bem, pois não serei perjuro. (*Sai.*)

JULIETA — Não haverá piedade em meio às nuvens, para dor me sondar até o mais fundo? Oh! não me repilais, bondosa mãe! Adiai esse esposório pelo prazo de um mês, uma semana; ou se impossível vos for tal coisa, preparai o tálamo nupcial no monumento em que Tebaldo se encontra sepultado.

SENHORA CAPULETO — Não me fales. Não digo nada; faze o que entenderes, que para mim não representas nada. (*Sai.*)

JULIETA — Oh Deus! Ó ama! como evitar isso? Tenho o esposo na terra, a fé, no céu. De que modo essa fé poderá vir-me de novo para a terra, a menos que ele do céu ma envie, após deixar a terra? Conforta-me; aconselha-me. Oh tristeza! usar o céu de tais estratagemas com um ser tão delicado! Não me dizes uma palavra, ao menos? Como pensas, ama? Nenhum consolo?

AMA — Sim, digo isto: Romeu está banido; o mundo todo contra nada, em como ele não retorna para vos reclamar. Mas ainda mesmo que retorne, forçoso é que isso seja muito às ocultas. Ora, estando as coisas nesse pé, mais razoável me parece desposardes o conde. Oh! que fidalgo tão gracioso! Romeu, ao lado dele, não é mais do que um pano de cozinha. Uma águia, senhorita, não tem olhos tão penetrantes, verdes e bonitos como os de Páris. Quero que maldito fique meu coração, se venturosa não vos fizer este segundo esposo. De muito o outro ele vence; e ainda mesmo que não vencesse, aquele já está morto, ou é como se estivesse, por viverdes aqui, sem uso algum fazerdes dele.

JULIETA — Falas de coração?

AMA — E também de alma.

JULIETA — Amém.

AMA — Como?

JULIETA — Soubeste consolar-me maravilhosamente. Vai e dize a minha mãe que por haver deixado meu pai aborrecido, fui à cela de frei Lourenço, com o fim de confessar-me para ser absolvida.

AMA — Dir-lhe-ei isso; procedeis bem. (*Sai,*)

JULIETA — Oh velha amaldiçoada! Oh demônio perverso! Que pecado será maior: querer-me ver perjura, ou insultar meu senhor com a mesma boca que o exaltou sobre tudo neste mundo tantos milhões de vezes? Conselheira, podes ir. Dora em diante, separados tu e meu peito estais. Vou ver o monge. Dar-me-á remédio. Vindo a falhar tudo, porei na morte todo o meu estudo. (*Sai.*)

Ato 4

Cena 1

Verona. Cela de Frei Lourenço. Entram frei Lourenço e Páris.

FREI LOURENÇO — Quinta-feira, senhor? O prazo é curto.

PÁRIS — Foi o pai Capuleto que assim quis, sem que eu propenso esteja para frouxa deixar a pressa dele.

FREI LOURENÇO — Mas dissestes que não sabeis ainda o que a donzela sobre isso resolveu. Esse caminho não o considero certo; não me agrada.

PÁRIS — Chora sem pausa a morte de Tebaldo. Por essa causa, pouco conversamos a respeito de amor; não sorri Vênus numa casa de lágrimas. Agora, senhor, ficai sabendo que o pai dela considera nocivo ela entregar-se desse modo à tristeza, e tem em sua sabedoria posto pressa às núpcias, para sustar a inundação das lágrimas. O que na solidão toma incremento, pode minguar na vida em sociedade. Sabeis, pois, as razões de tanta pressa.

FREI LOURENÇO (*à parte*) — Quisera não saber quais os motivos que à dilação obrigam. — Vede, conde: aí vem a dama em direção à cela.

(*Entra Julieta.*)

PÁRIS — Feliz encontro, minha esposa e dona!

JULIETA — Assim poderá ser, quando casar-me.

PÁRIS — O "poderá" será na quinta-feira próxima.

JULIETA — O que tiver de ser, será.

FREI LOURENÇO — É um dito muito certo.

PÁRIS — Aqui viestes para vos confessar com este monge?

JULIETA — Dar-vos uma resposta, já seria confessar-me convosco.

PÁRIS — Revelai-lhe que me tendes amor.

JULIETA — A vós diria que lhe dedico amor.

PÁRIS — Do mesmo modo lhe direis que me amais, tenho certeza.

JULIETA — Se assim fosse, teria mais valia não vos dizer no rosto, mas nas costas.

PÁRIS — Pobre alma, o rosto as lágrimas te ofendem.

JULIETA — É vitória pequena para as lágrimas, pois, antes disso, ele já era feio.

PÁRIS — Mais o ofendeste agora, assim falando, do que com tuas lágrimas.

JULIETA — Calúnia não foi, senhor; só disse o que é verdade.

PÁRIS — Teu rosto é meu; com isso o caluniaste.

JULIETA — Pode ser, que a mim mesma não pertence. Tendes vagar agora, santo padre, ou voltar devo à tarde, para a missa?

FREI LOURENÇO — Tenho vagar agora, minha filha pensativa. Senhor, será preciso que nos deixeis sozinhos.

PÁRIS — Deus não queira que eu possa perturbar a devoção! Julieta, quinta-feira, bem cedinho, hei de vos despertar. Até esse instante, adeus: Ficai com este beijo pio. (*Sai.*)

JULIETA — Oh! fecha a porta logo! E, após a teres fechado, vem também chorar comigo. Já não há esperança, nem remédio, não há socorro algum.

FREI LOURENÇO — Ó Julieta! já sei do teu desgosto. Ele ultrapassa de muito meus espíritos. Disseram-me que vais casar na quinta-feira próxima com o Conde Páris, sem que nada possa adiar a cerimônia.

JULIETA — Não me fales, padre, no que soubeste a esse respeito, se o meio não disseres de evitá-lo. Se em toda tua ciência não achares nenhum recurso, ao menos chamai sábia minha resolução, pois esta faca já já me ensejará remédio pronto. Meu coração e o de Romeu reunidos foram por Deus; as mãos tu nos juntaste. Antes, pois, que esta mão, por ti fechada na de Romeu, possa servir de timbre para outra transação, ou que o meu fido coração, com perfídia revoltosa, corra para outro, assim os dois liquido. Por tudo isso, com tua experiência, dá-me logo um conselho. Do contrário, verás como esta faca sanguinária de árbitro vai servir entre mim própria e a minha dor imensa, decidindo sobre o que a autoridade de teus anos e de tanto saber não conseguiram levar a termo honroso. Não retardes a resposta. Viver me causa tédio, se falar não me vieres do remédio.

FREI LOURENÇO — Pára, filha! Vislumbro uma esperança, mas a tal ponto desesperadora, como é desesperado o que queremos impedir que aconteça. Se energia tens suficiente para suicidar-te, só para a mão não dar ao Conde Páris, será melhor, então, que te resolvas a empreender algo que suicídio lembra, para afastar o opróbrio, assim lutando com a morte, para dela te furtares. Se ousares isso, arranjarei os meios.

JULIETA — Oh! mandai que eu me jogue das ameias daquela torre, mas de casamento com o conde não faleis; ou concitai-me a andar pelas estradas de assaltantes, ou a esconder-me em ninhos de serpentes; amarrai-me com ursos rugidores; numa carneira me fechai à noite, cheia de ossos humanos, que se choquem, de tíbias negras, crânios sem mandíbulas; mandai-me entrar num túmulo recente, para esconder-me, ao lado do defunto, sob sua própria mortalha; coisas essas que, só de ouvir, tremer já me fizeram. Sem a menor vacilação, sem medo, tudo farei, contanto que prossiga como esposa sem mancha de quem amo.

FREI LOURENÇO — Escuta, então: vai para casa, mostra-te alegre e dize que disposta te achas a desposar o conde. Quarta-feira é amanhã; amanhã, à noite, deita-te sozinha, sem que

fique a ama no quarto. Toma este frasco, e quando te deitares em tua cama, bebe seu conteúdo, que pelas veias, logo, há de correr-te humor frio, de efeito entorpecente, sem que a bater o pulso continue em seu curso normal, parando logo. Calor nenhum nem hálito tua vida poderão atestar; mudadas ficam essas rosas das faces e da boca em cinza desmaiada, a cair vindo as janelas dos olhos, como quando fecha o dia da vida a morte escura. Do maleável poder os membros todos ficando, então, privados, hão de frios e rígidos tornar-se como a morte. Vinte e quatro horas ficarás com esse tétrico aspecto da engelhada morte, para acordar como de um doce sono. Quando, portanto, cedo vier o noivo despertar-te do leito, estarás morta. Então — como é costume em nossa terra — com belas vestes, num esquife aberto, posta serás no mesmo antigo túmulo em que toda a família Capuleto tem sido sepultada. Nesse em meio, antes de despertares, Romeu há de, por minhas cartas, conhecer o que houve e virá para cá. Aguardaremos, eu e ele, que despertes, conduzindo-te Romeu, na mesma noite, para Mântua. Do opróbrio ameaçador esse projeto te livrará, se o medo feminino ou o capricho volúvel, à última hora, não te privarem do valor consueto.

JULIETA — Dai-mo! dai-mo! e vereis se tenho medo.

FREI LOURENÇO — Eis aqui. Parti logo e conservai-vos nessa resolução. Vou mandar prestes a Mântua um portador com uma carta de minha parte para teu marido.

JULIETA — Triunfe o amor, e eis tudo resolvido. Adeus, meu caro padre. (*Saem.*)

Cena 2

O mesmo, Sala em casa de Capuleto. Entram Capuleto, senhora Capuleto, ama e criados.

CAPULETO — Convidai as pessoas desta lista. (*Sai o criado.*) E tu, maroto aí! Vai contratar-me vinte hábeis cozinheiros.

SEGUNDO CRIADO — Não arranjareis nenhum cozinheiro ruim, senhor, porque eu me incumbirei de verificar se eles sabem lamber os dedos.

CAPULETO — E de que modo conseguirás isso?

SEGUNDO CRIADO — Ora, senhor, o cozinheiro que não sabe lamber os dedos, não presta. Por isso, deixarei de trazer os que não souberem fazê-lo.

CAPULETO — Está bem; vai logo. (*Sai o segundo criado.*) Vai faltar muita coisa; o tempo é curto. Quem saberá dizer-me se Julieta foi à cela do monge?

AMA — Foi, realmente.

CAPULETO — Talvez ele lhe dê um bom conselho. É uma rapariguinha cabeçuda.

AMA — Ei-la contente; vem da confissão.

(*Entra Julieta.*)

CAPULETO — Então, cabeçudinha? Onde estivestes saracoteando?

JULIETA — Onde aprendi, realmente, a arrepender-me do pecado grave de desobedecer a vossas ordens, tendo-me frei Lourenço, esse santo homem, ordenado que viesse aqui prostrar-me para pedir perdão. Perdão vos peço. De hoje em diante sereis meu guia em tudo.

CAPULETO — Ide chamar o conde; contai-lhe isso. Será firmado o enlace amanhã cedo.

JULIETA — Vi o conde na cela de Lourenço, tendo-lhe dado tudo o que é possível conceder dentro da área da modéstia.

CAPULETO — Isso me alegra muito. Bem; levanta-te. Assim vai tudo bem. Vou ver o conde. Com a breca! Olá, maroto! vai buscá-lo. Deus louvado. Esse frade reverendo, toda a cidade o tem em grande estima.

JULIETA — Quereis, ama, ir comigo até o meu quarto para escolhermos juntas os enfeites que mais próprios achardes para a festa?

SENHORA CAPULETO — Não; até quinta-feira há muito tempo.

CAPULETO — Vai, ama; vai com ela. Nós iremos até à igreja amanhã.

(*Saem Julieta e a ama.*)

SENHORA CAPULETO — Vão faltar provisões, e é quase noite.

CAPULETO — Oh diabo! Vou mexer-me; e tudo, tudo, mulher, termina bem, posso afirmar-te. Vai ajudar Julieta nos enfeites. Deixem-me só; hoje não vou deitar-me. Por esta vez serei dona de casa. Olá, rapazes! Qual! saíram todos. Irei sozinho ver o Conde Páris, para animá-lo para amanhã cedo. O coração por demais leve sinto desde que essa menina criou juízo.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Quarto de Julieta. Entram Julieta e a ama.

JULIETA — Sim, estas são as peças mais bonitas. Mas, gentil ama, deixa-me esta noite; desejo ficar só, pois necessito de rezar muito, para que consiga fazer sorrir o céu para o meu lado, pois bem sabeis: tenho a alma atormentada e cheia de pecados.

(*Entra a senhora Capuleto.*)

SENHORA CAPULETO — Ocupada bastante, não? Necessitais de mim?

JULIETA — Não, senhora; escolhemos, tão-somente, quanto nos pareceu mais necessário para amanhã vestir na cerimônia. Assim, vos peço me deixeis sozinha, dormindo a ama esta noite em vosso quarto, pois sei que vos achais assoberbada de ocupações para esta festa súbita.

SENHORA CAPULETO — Boa noite, então. E tu, podes deitar-te; não temos precisão de teus serviços.

(*Saem a senhora Capuleto e a ama.*)

JULIETA — Adeus. Deus sabe quando nos veremos outra vez. Pelas veias me passeia um medo frio e lânguido, que quase deixa o calor da vida inteiriçado. Vou chamá-los de novo para darem-me coragem. Ama!... Mas, por que vir cá? Precisarei representar sozinha meu terrível papel. Vamos, frasquinho. E se esta droga não fizer efeito? Terei de me casar amanhã cedo? Não; isto o impedirá. Fica aqui perto. (*Põe de lado um punhal.*) E se for um veneno que esse frade com astúcia me deu para matar-me, temendo o opróbrio que podia vir-lhe do casamento, por me haver casado com Romeu antes disso? Sinto medo. Contudo, quero crer, não o faria, pois como santo é tido há muito tempo. Não devo ter tão baixo pensamento. E se, depois de estar na sepultura, eu vier a despertar, sem que Romeu chegue para salvar-me? Oh caso horrível! Não ficarei asfixiada dentro da sepultura, cuja boca imunda não respira ar sadio, e, assim, morrendo sufocada sem vir o meu Romeu? Ou se eu viver, não será mui plausível que aquela imagem de negror e morte, associada ao pavor do próprio ponto — um sepulcro, carneira onde há centenas de meus antepassados; onde se acha desde pouco Tebaldo ensangüentado, a decompor-se em seu sudário branco; onde, assim dizem, em determinadas horas da noite espíritos vagueiam?... Ai! ai de mim! Pois não será possível que eu venha a despertar antes do tempo?... Aquele cheiro repugnante, os gritos que como o das mandrágoras, ao serem arrancadas da terra, influem loucura em todos quantos porventura os ouvem... Ao despertar não ficarei demente no meio desses medos pavorosos, pondo-me, louca, a remexer nos ossos de meus antepassados, e a puxar de seu lençol Tebaldo mutilado? Ou, tomada de fúria, com um osso de um dos meus

bisavós, que irá servir-me de clava não farei saltar meu cérebro desesperado? Oh! vede! o espírito parece de meu primo, que anda em busca de Romeu, que espetou seu pobre corpo na ponta do punhal. Pára, Tebaldo! Romeu, aqui! Bebo isto por tua causa.

(*Cai sobre o leito, para dentro das cortinas.*)

Cena 4

O mesmo. Sala da casa de Capuleto. Entram a senhora Capuleto e a ama.

SENHORA CAPULETO — Ama, toma estas chaves e nos traze mais temperos e cheiro.

AMA — Os pasteleiros querem marmelo e tâmara.

(*Entra Capuleto.*)

CAPULETO — Depressa! Mexam-se! Vamos! O segundo galo já cantou e o sinal de apagar fogo há muito já foi dado. São três horas. Cuida dos bolos, minha boa Angélica, sem poupar coisa alguma.

AMA — Ide, ide embora, metediço; o lençol está chamando. Por minha fé, assim ficais doente, por haverdes velado a noite toda.

CAPULETO — Nem um pouquinho. Ora essa! Muitas noites já passei acordado por motivos bem menores, sem ter ficado doente.

SENHORA CAPULETO — É certo, em vossa mocidade andáveis a caçar ratos; mas agora eu tomo sobre mim o trabalho de poupar-vos de tais caçadas.

(*Saem a senhora Capuleto e a ama.*)

CAPULETO — Oh ciúmes! ciúmes! (*Entram três ou quatro criados, com espetos, achas de lenha e cestos.*) Amigos, que levais aí dentro?

PRIMEIRO CRIADO — Coisas que o cozinheiro reclamou, senhor; não sei bem o que seja.

CAPULETO — Pressa! pressa! (*Sai o primeiro criado.*) e tu, maroto, traze lenha seca; Pedro pode indicar onde é o depósito.

SEGUNDO CRIADO — Tenho cabeça para achar a lenha; não vou incomodar para isso o Pedro. (*Sai.*)

CAPULETO — Raios! Boa resposta! O sem-vergonha tem gênio alegre, ah! ah! Dará bom cepo. Por minha fé, já é dia; mais um pouco e o conde chegará mais os seus músicos. Foi o que ele que disse. (*Ouve-se música..*) Ei-lo! Já o ouço. Ama! Mulher! Estou chamando. Olá! (*Volta a ama.*) Vai acordar Julieta e prepará-la. Vou conversar com Páris. Toda pressa! Mais pressa nisso! O noivo já está pronto. Mais pressa! digo.

(*Saem.*)

Cena 5

O mesmo. Quarto de Julieta. Entra a ama.

AMA — Senhora, olá! Julieta! É quase certo que ainda esteja a dormir. Eh, ovelhinha! Então, senhora? Então? Que dorminhoca! Então, amor? Senhora! Estou chamando... Coraçãozinho! Noiva!... Como! Muda? Agora desforrais a vossa parte, dormindo uma semana; mas garanto-vos que na noite que vem o Conde Páris repouso não terá, porque repouso também não possais ter. Deus me perdoe. Santa Virgem e amém! Que sono calmo! Mas preciso acordá-la. Olá, senhora! Que o conde venha vos tirar da cama, e hei de vos espantar. Não falei certo? Como assim? Já vestistes toda a roupa, e outra vez a dormir? Vou despertá-la, Senhora! Olá!... Oh Deus!... Socorro! A patroa está morta!... Aqui!... Socorro! Oh dia triste! Assim nunca eu nascesse. *Aqua vitae*! Senhor! Senhora!... Acudam!..

(*Entra a senhora Capuleto.*)

SENHORA CAPULETO — Que barulheira é essa?

AMA — Oh dia triste!

SENHORA CAPULETO — Que aconteceu?

AMA — Olhai, senhora... Oh dia!

SENHORA CAPULETO — Oh! minha única filha! Minha filha! Reanima-te, olha para mim, ou deixa-me morrer também contigo. Aqui! Socorro! Vai chamar gente!

(*Entra Capuleto.*)

CAPULETO — Que vergonha! Trazei Julieta logo; o noivo já chegou.

AMA — Está sem vida, morta, sem vida! Oh dia desgraçado!

SENHORA CAPULETO — Oh que dia! Morreu! Morreu! Morreu!

CAPULETO — Deixai-me vê-la. Oh dor! Já está gelada. O sangue está parado; os membros, duros. Estes lábios e a vida há muito tempo separados já estão. A morte se acha sobre ela como geada mui precoce sobre a flor mais gentil de todo o campo.

AMA — Oh dia lamentável!

SENHORA CAPULETO — Oh tristeza!

CAPULETO — A morte que a tirou de mim com o fito de fazer-me gemer, a língua me ata, não me deixando pronunciar palavra.

(*Entram frei Lourenço e Páris, com músicos.*)

FREI LOURENÇO — A noiva já está pronta para a igreja?

CAPULETO — Sim, para ir para a igreja, sem que nunca possa de lá voltar. Ó filho, a morte, na véspera do dia de tuas núpcias, deitou-se com tua noiva; é minha herdeira; cortejou minha filha. Morrer quero, para levar à morte o que possuo: vida, bens; tudo é dela.

PÁRIS — Quis tanto ver a face deste dia, para enfim contemplar este espetáculo?

SENHORA CAPULETO — Dia infeliz, maldito, desgraçado! A hora mais triste que já viu o tempo em toda a sua peregrinação comprida e laboriosa. Uma só filha, uma só, pobre filha, e tão amada, para gozo e consolo um ser apenas, e a cruel morte arrancar-ma, assim, da vista

AMA — Oh dia triste! Oh dia triste! Oh dor! O dia mais escuro e lamentável que eu vi em toda. a vida. Oh dia triste! Oh dia odioso! Oh dia! Oh dia triste Nunca vi dia de tão densas trevas. Oh dia triste! Oh dia!

PÁRIS — Ludibriado, ofendido, separado desprezado, destruído... Morte odiosa, ludibriado por ti, por ti, cruel morte, arruinado de todo. Oh amor! Oh vida...! Não, vida não: amor na própria morte!

CAPULETO — Odiado, desprezado, desolado, martirizado, morto! Inconsolável tempo, por que motivo vieste agora matar, matar nossa solenidade? Oh filha! Filha, não: alma querida! Já não vives! morreste! Ah! minha filha já não vive e, com ela, sepultada vai ser minha alegria.

FREI LOURENÇO — Calma! peço-vos; a cura da desordem vir não pode da desorientação. Tal como vós, tinha o céu parte nesta bela criança. Agora o céu tem tudo, o que é, por certo, melhor para a donzela. Não vos fora possível subtrair da morte a parte que tínheis nela, mas o céu à dele vida eterna vai dar. O que queríeis era vê-la elevada; todo o vosso céu consistia justamente nisso. E agora a lastimais, vendo-a exaltada, tão acima das nuvens, no alto céu? Com vosso amor amais a vossa filha tão mal que vos mostrais desesperados por sabê-la tão bem? As bem casadas não são as que assim vivem muito tempo; mas bem casada está quem morre cedo. Interrompei o pranto; sobre o belo corpo espalhai bastante rosmaninho, e, tal como é de praxe, em suas vestes mais vistosas levai-o para a igreja. Embora chorar mande a natureza, ri a razão ao choro da tristeza.

CAPULETO — Tudo o que havia para o festival usado ora vai ser no funeral. Os instrumentos viram melancólicos sinos; nosso festim, jantar funéreo; nossos hinos solenes, puras nênias; as flores nupciais irão de enfeite servir para o cadáver, transmudando-se, assim, em seu contrário as coisas todas.

FREI LOURENÇO — Retirai-vos, senhor; acompanhai-o, minha senhora; e vós, conde, também. Que todos se preparem para o belo corpo levar à tumba. Porventura o céu vos pune por qualquer maldade; não o irriteis, pois essa é a sua vontade.

(*Saem Capuleto, a senhora Capuleto, Páris e monge.*)

PRIMEIRO MÚSICO — Por minha fé, podemos guardar as gaitas e ir embora.

AMA — Ah! meus homens, guardai-as, guardai-as, que isso é um caso doloroso!

PRIMEIRO MÚSICO — Oh! é certo; poderia ser melhor.

(*Entra Pedro.*)

PEDRO — Músicos! Olá! "Alegra-te, coração! Alegra-te, coração!" Se quereis que eu viva, tocai "Alegra-te coração!"

PRIMEIRO MÚSICO — Por que "Alegra-te, coração?"

PEDRO — Oh! músicos, porque meu próprio coração toca "O coração me pesa de tristeza". Oh! tocai uma litania alegre, para reconfortar-me.

SEGUNDO MÚSICO — Não, nada de litanias; não é hora de tocar música.

PEDRO — Então não quereis tocar?

MÚSICOS — Não.

PEDRO — Nesse caso vou tratar-vos como o mereceis.

PRIMEIRO MÚSICO — De que modo pretendes tratar-nos?

PEDRO — Não será com dinheiro, é claro; mas com pilhérias. Vou arranjar-vos um arranhador de rabeca.

PRIMEIRO MÚSICO — Nesse caso eu arranjarei para ti um servente de cozinheiro.

PEDRO — E eu vos atirarei na cabeça a faca do servente de cozinheiro. Eu sou assim; não levo semínimas para casa. Vou fazer de vós ré e fá. Tomastes nota?

PRIMEIRO MÚSICO — Se de nós fizerdes ré e fá, viraremos notas.

SEGUNDO MÚSICO — Por obséquio, por obséquio: esconde essa faca e mostra o espírito.

PEDRO — Tomai cuidado com meu espirito! Vou malhar-vos com meu espírito de aço e embainhar minha faca. Respondei-me como homens: Quando a dor e a tristeza libertinas me oprimem a cabeça e o coração, a música de notas argentinas... Por que "notas argentinas"? Por que "música de notas argentinas"? Que dizeis a isso, Simão Catling?

PRIMEIRO MÚSICO — Ora, senhor, porque a prata tem um som agradável.

PEDRO — Tolice! Que pensais, Hugo Rabeca?

SEGUNDO MÚSICO — Penso que "notas argentinas" significam que os músicos tocam suas notas para adquirir prata.

PEDRO — Oh! peço perdão. E sois cantores! Vou dar a explicação por vós. A frase "música de notas argentinas" significa que os músicos nunca vêem ouro com suas notas...a música de notas argentinas com seu poder me deixa outra vez são.

PRIMEIRO MÚSICO — Que sujeito pestilencioso!

SEGUNDO MÚSICO — Que se enforque! Vamos; entremos, para assistir ao enterro e

esperar pelo jantar.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Mântua. Uma rua. Entra Romeu.

ROMEU — Se eu tiver de dar crédito à verdade do sono aduladora, os sonhos dizem-me que está iminente alguma alegre nova. Em seu trono sentado está de leve o senhor do meu peito, e o dia todo com risonhas imagens um espírito desconhecido me ergue do chão duro. Sonhei que meu amor tinha chegado e me encontrara morto. Estranho sonho, que não destrói no morto o pensamento! E com beijos tal vida me insuflava que eu revivi e imperador tornei-me. Quão doce deve ser o amor possuído, se assim tão venturoso é sua sombra! (*Entra Baltasar, de botas.*) Notícias de Verona! Que acontece, Baltasar? Frei Lourenço mandou carta? E meu pai, está bem? Minha Julieta, como a deixaste? Torno a perguntar-te, nada irá mal, se bem ela estiver.

BALTASAR — Então ela está bem; nada está mal. Seu corpo está dormindo no sepulcro dos Capuletos e a imortal essência vive agora entre os anjos. Vi quando ela foi deposta na tumba da família. Perdoai-me por trazer-vos tais notícias; mas destes-me, senhor, essa incumbência.

ROMEU — É assim? Então, estrelas, desafio-vos! Sabes bem onde eu moro; vai buscar-me papel e tinta e aluga-me uns cavalos. Partirei esta noite.

BALTASAR — Revesti-vos de paciência, senhor, vos peço; tendes pálidas as feições e desvairadas, pressagiando desgraça.

ROMEU — Não; enganas-te. Vai logo e faze o que te disse há pouco. Não me mandou o monge alguma carta?

BALTASAR — Nenhuma, bom senhor.

ROMEU — Bem; não importa. Vai tratar logo de alugar cavalos; irei já para casa. (*Sai Baltasar.*) Bem, Julieta; deitar-me-ei ao teu lado ainda esta noite. Procuremos os meios... Ó desgraça! como rapidamente te intrometes nos pensamentos dos desesperados! Lembro-me de ter visto um boticário — mora aqui perto — não faz muito tempo, maltrapilho, de cenho carregado, a separar suas ervas. Rosto esquálido, tinha-o roído até aos ossos a miséria. Pendida via-se uma tartaruga em sua pobre loja, um crocodilo morto e empalhado, e muitas outras peles de peixes desconformes; pelas sujas prateleiras, uns montes miseráveis de caixinhas vazias, potes verdes, bexigas e sementes bolorentas, restos de fios, velhos pães de rosas, magramente espalhados para efeito. Vendo tanta miséria, a sós comigo observei que se alguém necessitasse algum dia veneno que, sob pena de morte agora não se vende em Mântua, ali vivia um desgraçado escravo que decerto o vendera. Oh! essa idéia veio muito antes da necessidade.

Esse coitado vai vender-me a droga. Se não me engano, a casa é aqui defronte. Sendo feriado, a loja está fechada. Olá! oh!... Boticário!

(*Entra o boticário.*)

BOTICÁRIO — Quem me chama com tanta força?

ROMEU — Vem aqui, amigo. Vejo que és pobre; toma estes quarenta ducados, mas arranja-me uma dracma de veneno, mas droga tão violenta que tão veloz se espalhe pelas veias, que a pessoa cansada desta vida, bebendo-a, caia morta, e que do corpo o fôlego se aparte tão depressa como pólvora acesa, ao desprender-se do fatal ventre do canhão medonho.

BOTICÁRIO — Possuo esse veneno perigoso; porém as leis de Mântua morte certa cominam para quantos o venderem.

ROMEU — És tão nu e tão cheio de misérias, e a morte ainda receias? Tens a fome nas faces; as angústias e o infortúnio de fome em teu olhar estão morrendo; do dorso pendem-te a miséria e a ofensa. Não se te mostra amigo o mundo e, menos ainda, a lei do mundo. Em todo o mundo não há uma lei para deixar-te rico. Não sejas pobre, então; passa por cima da lei e toma isto.

BOTICÁRIO — Aceita a minha pobreza o que me dás, não a vontade.

ROMEU — Não a vontade, pago-te a pobreza.

BOTICÁRIO — Ponde isto em qualquer líquido; tomando-o, embora a resistência possuirdes de vinte homens, caireis de pronto morto.

ROMEU — Eis teu ouro, veneno mais nocivo para as almas dos homens, que mais crimes tem cometido neste mundo sujo, do que essas pobres drogas misturadas que não podes vender. Dei-te veneno; não tu a mim. Adeus. Compra alimento e engorda um pouco mais. Vamos, cordial, não veneno. Ao sepulcro vem comigo de Julieta, mostrar que és meu amigo.

(*Saem.*)

Cena 2

Verona. Cela de frei Lourenço. Entra frei João

FREI JOÃO — Santo irmão franciscano! Olá, irmão!

(*Entra frei Lourenço.*)

FREI LOURENÇO — A voz é de frei João. Deve ser ele. Ó tu que vens de Mântua, sê bem-vindo. Romeu que disse? Ou então, se o pensamento mandou escrito, dá-me sua carta.

FREI JOÃO — Fui procurar um frade de nossa ordem de pés descalços, que visita os doentes, para ir comigo a Mântua, mas os guardas da cidade, pensando que tivéssemos estado numa casa em que a infecciosa pestilência domina, as portas logo fecharam, não deixando que saíssemos. Desta arte minha pressa de ir a Mântua ficou parada.

FREI LOURENÇO — E quem levou a carta para Romeu?

FREI JOÃO — Não pude remetê-la — ei-la aqui outra vez — tentei, embalde, achar um portador para levá-la, tanto medo têm todos de infecção.

FREI LOURENÇO — Quanta falta de sorte! Por minha ordem, essa carta não é sem importância, mas de peso e conteúdo muito grave. O atraso pode ser de conseqüências muito sérias. Frei João, vai bem depressa buscar uma alavanca; estou na cela.

FREI JOÃO — Pois não, irmão; levá-la-ei já já. (*Sai.*)

FREI LOURENÇO — Agora tenho de ir sozinho ao túmulo. Dentro destas três horas vai a bela Julieta despertar; vai maldizer-me porque Romeu ficou sem ter notícias de quanto aconteceu. Mas para Mântua vou escrever de novo; em minha cela vou deixá-la escondida, até que possa Romeu chegar aqui. Pobre cadáver vivo, enterrado numa sepultura! (*Sai.*)

Cena 3

O mesmo. Um cemitério, com o túmulo dos Capuletos. Entram Páris e seu pajem, trazendo flores e uma tocha.

PÁRIS — Dá-me a tocha, rapaz, e fica à parte. Não, apaga-a; não quero que me vejam. Deita-te ali embaixo do cipreste e o ouvido encosta junto do oco solo. Assim, não pisará o cemitério nenhum pé, sendo o solo pouco firme, frouxo e escavado pelas sepulturas, sem que o percebas. Deves assobiar-me, em sinal de que vem chegando gente. Dá-me essas flores. Faze o que te disse.

PAJEM (*à parte*) — Sinto um pouco de medo, por sozinho me ver no cemitério. Mas que seja. (*Sai.*)

PÁRIS — Minha querida flor, espalho flores em teu leito — Oh! de pedras é o dossel! — De água à noite trarei irrigadores ou o pranto amargo de meu fado cruel. Os funerais de nossa desventura flores far-te-ão nascer na sepultura. (*O pajem assobia.*) O menino me avisa que vem gente. Que pé maldito pisa estes caminhos durante a noite, para perturbar-me nos funerais e ritos do amor puro? Como! Traz uma tocha? Noite, esconde-me durante alguns instantes. (*Retira-se.*)

(*Entram Romeu e Baltasar, com uma tocha, enxadão, etc.*)

ROMEU — Dá-me o ferro e o enxadão. Toma esta carta. Logo que amanhecer tens de entregá-la ao meu senhor e pai. Agora, a tocha. Por tua vida te exorto: embora vejas e ouças seja o que for, fica a de parte, sem vires perturbar-me. Se ora desço a este leito de morte, em parte é apenas para o rosto ainda ver de minha esposa, mas, sobretudo, para de seu dedo de morta o anel tirar muito precioso que necessito para um caso extremo. Por isso, parte logo. Mas se, acaso só por curiosidade retornares para espiar o que fazer pretendo: pelo céu! quebrar-te-ei todas as juntas e encherei o faminto cemitério com partes de teu corpo. Meus intuitos a esta hora são selvagens, mais violentos e inexoráveis ainda do que o tigre faminto e o mar revolto.

BALTASAR — Vou-me embora, senhor, sem vos atrapalhar em nada.

ROMEU — Assim, me provarás tua amizade. Toma isto para ti; vive e prospera. E agora, bom amigo, passa bem.

BALTASAR (*à parte*) — Mas apesar de tudo, vou esconder-me por aqui mesmo. Não confio nele e temo seu olhar. (*Retira-se.*)

ROMEU — Matriz da morte. detestável maxila, que estás cheia da mais cara partícula da terra: assim te forço os maxilares podres (*Abre a sepultura.*) e te obrigo a aceitar mais alimento.

PÁRIS — Este é o Montecchio altivo, que banido foi por ter morto o primo de Julieta, por cuja dor a morrer veio aquela criatura incomparável. Ei-lo agora que vem para fazer nesses cadáveres alguma vilania oprobriosa. Vou prendê-lo. (*Adianta-se.*) Interrompe teu maldito trabalho, vil Montecchio! Como! É crível que a vingança vá além da própria morte? Estás preso, banido desprezível. Obedece e me segue; morrer deves.

ROMEU — Devo morrer, é fato; foi para isso que vim aqui. Mancebo generoso, tentar não queiras um desesperado. Foge daqui e deixa-me; reflete nestes mortos e que eles te amedrontem. Suplico-te, mancebo, não me faças arcar com o peso de mais um pecado, pois aqui vim contra mim próprio armado. Não fiques; vai-te e dize no porvir que foi um louco que te fez fugir.

PÁRIS — Importância não dou a teu pedido e prendo-te por seres criminoso.

ROMEU — Queres me provocar? Então defende-te.

(*Batem-se.*)

PAJEM — Batem-se, oh Deus! Vou já chamar a guarda. (*Sai.*)

PÁRIS (*cai*) — Estou morto! Se fores compassivo, abre a tumba e me deita com Julieta. (*Morre.*)

ROMEU — Em verdade o farei. Porém vejamos estas feições: o nobre conde Páris, parente de Mercúcio! Que me disse meu criado, quando juntos caminhávamos para cá e minha alma atormentada não escutava nada? Não me disse que Páris e Julieta iam casar-se? Não foi assim, ou terá sido sonho? Ou então, por estar louco, pensei nisso, quando ele me falava de Julieta? Dá-me essa mão, ó tu que estás inscrito, como eu também, no livro do infortúnio. Vou depor-te num túmulo glorioso. Túmulo? Não, mancebo assassinado; uma lanterna, pois Julieta se acha deitada aí e sua formosura faz desta abóbada uma sala régia, transbordante de luz. Repousa, morto, por um morto enterrado. (*Coloca no túmulo o corpo de Páris.*) Quantas vezes, no ponto de morrer, ledos se mostram os homens? É o clarão da despedida, dizem quantos o doente estão velando. Oh! poderei chamar clarão a esta hora? Ó meu amor! querida esposa! A morte que sugou todo o mel de teu doce hálito poder não teve em tua formosura. Não; conquistada ainda não foste; a insígnia da beleza em teus lábios e nas faces ainda está carmesim, não tendo feito progresso o pálido pendão da morte. Tebaldo, jazes num lençol de sangue? Oh! que maior favor fazer-te posso do que com esta mesma mão que a tua mocidade cortou, destruir, agora, também, a do que foi teu inimigo? Primo, perdoa-me. Ah! querida esposa, por que ainda és tão formosa? Pensar devo que a morte insubstancial se apaixonasse de ti e que esse monstro magro e horrível para amante nas trevas te conserve? Com medo disso, ficarei contigo, sem nunca mais deixar os aposentos da tenebrosa noite; aqui desejo permanecer, com os vermes, teus serventes. Aqui, sim, aqui mesmo fixar quero meu eterno repouso, e desta carne lassa do mundo sacudir o jugo das estrelas funestas. Olhos, vede mais uma vez; é a última. Um abraço permiti-vos também, ó braços! Lábios, que sois a porta do hálito, com um beijo legítimo selai este contrato sempiterno com a morte exorbitante. Vem, condutor amargo! Vem, meu guia de gosto repugnante! Ó tu, piloto desesperado! lança de um só golpe contra a rocha escarpada teu

barquinho tão cansado da viagem trabalhosa. Eis para meu amor. (*Bebe.*) Ó boticário veraz e honesto! tua droga é rápida. Deste modo, com um beijo, deixo a vida. (*Morre.*)

(*Entra pelo outro lado do cemitério frei Lourenço com lanterna, alavanca e uma pá.*)

FREI LOURENÇO — São Francisco me ajude! Quantas vezes esta noite meus pés enfraquecidos tropeçaram em túmulos? Quem vive?

BALTASAR — É um amigo, que muito vos conhece.

FREI LOURENÇO — Deus te abençoe. Querido amigo, dize-me que tocha é aquela ali que embalde a sua luz aos vermes empresta e aos crânios cegos? Ao que parece, está no monumento dos Capuletos.

BALTASAR — Sim, é lá, santo homem. Lá se acha meu senhor, de quem gostais.

FREI LOURENÇO — Quem é ele?

BALTASAR — Romeu.

FREI LOURENÇO — Há quanto tempo está ele lá?

BALTASAR — Há cerca de meia hora.

FREI LOURENÇO — Vem comigo até o túmulo.

BALTASAR — Não ouso fazer isso, senhor; meu amo pensa que eu fui embora e me ameaçou de morte se eu ficasse a espreitá-lo.

FREI LOURENÇO — Então espera; irei só; já começo a sentir medo. Oh! receio algum caso desastrado.

BALTASAR — Tendo dormido sob aquele teixo, vi em sonhos, parece, que meu amo se batia com outro, tendo-o morto.

FREI LOURENÇO (*adiantando-se*) — Romeu! Romeu! Oh dor! Que sangue é este que mancha a entrada pétrea do sepulcro? Que quererão dizer estas espadas sem dono, a estilar sangue e descoradas, neste lugar de paz? (*Entra no túmulo.*) Romeu! Oh, pálido! Quem mais? Quê! Também Páris? E encharcado de sangue? Oh! que hora dura teve culpa deste acontecimento lamentável? A senhora se mexe.

(*Julieta desperta.*)

JULIETA — Ó meu bom frade, onde está meu senhor? Sei muito bem onde eu devia estar, onde me encontro. Mas onde está Romeu?

(*Barulho dentro.*)

FREI LOURENÇO — Ouço bulha. Saí, senhora, desse ninho de morte, de contágio e sono contrário à natureza. Uma potência por demais forte para que a vençamos frustrou nossos intentos. Vem, bem logo! Teu marido em teu seio se acha morto; Páris também. Vem logo; vou levar-te para um convento de piedosas freiras. Não percas tempo com perguntas; vamos; a guarda está chegando. Vem, bondosa Julieta; não me atrevo a esperar mais.

JULIETA — Vai, que eu daqui não sairei jamais. (*Sai frei Lourenço.*) Que vejo aqui? Um copo bem fechado na mão de meu amor? Certo: veneno foi seu fim prematuro. Oh! que sovina! Bebeste tudo, sem que me deixasses uma só gota amiga, para alivio. Vou beijar esses lábios; é possível que algum veneno ainda se ache neles, para me dar alento e dar a morte. (*Beija-o.*) Teus lábios estão quentes.

PRIMEIRO GUARDA (*dentro*) — Vamos, guia-me, rapaz; qual é o caminho?

JULIETA — Ouço barulho. Preciso andar depressa. Oh! sê bem-vindo, punhal! (*Apodera-se do punhal de Romeu.*) Tua bainha é aqui. Repousa ai bem quieto e deixa-me morrer. (*Cai sobre o corpo de Romeu e morre.*)

(*Entram os homens da guarda, com o pajem de Páris.*)

PAJEM — É ali o ponto, onde está acesa a tocha.

PRIMEIRO GUARDA — Há sangue pelo chão. Passai revista em todo o cemitério, e se encontrardes alguém, prendei-o. (*Saem alguns guardas.*) Oh vista dolorosa! Aqui se encontra, assassinado, o conde, e Julieta a sangrar de novo e morta recentemente, que há dois dias fora posta neste sepulcro. Ide depressa chamar os Capuletos e os Montecchios. Na busca prossegui vós outros. (*Saem outros guardas.*) Vemos o terreno de tantas desventuras; mas o terreno verdadeiro destas desgraças lastimáveis, só podemos ficar sabendo após maior estudo.

(*Voltam alguns guardas com Baltasar.*)

SEGUNDO GUARDA — É o criado de Romeu; fomos achá-lo dentro do cemitério.

PRIMEIRO GUARDA — Segurai-o com bem cautela, até que chegue o príncipe.

(*Volta outro guarda, com frei Lourenço.*)

TERCEIRO GUARDA — Aqui está um frade que suspira e chora, sem parar de tremer. Nas mãos trazia uma pá e este ferro, e deste lado vinha do cemitério.

PRIMEIRO GUARDA — São indícios suspeitos; segurai também o frade.

(*Entra o príncipe com seu séqüito.*)

PRÍNCIPE — Que desgraça se deu aqui tão cedo, para tirar assim nossa pessoa de seu sono habitual?

(*Entram Capuleto, a senhora Capuleto e outros.*)

CAPULETO — Por que esses gritos por toda parte? Que houve?

SENHORA CAPULETO — Pelas praças o nome de Romeu o povo grita; outros, o de Julieta; outros, de Páris, correndo com clamores toda a gente para o lado do nosso monumento.

PRÍNCIPE — Que horror é esse que nos fere a vista?

PRIMEIRO GUARDA — Príncipe, aqui está, morto o conde Páris; morto, Romeu; e a que antes falecera, Julieta, quente está e outra vez morta.

PRÍNCIPE — Investigai por outra parte como se deu este horroroso morticínio.

PRIMEIRO GUARDA — Aqui está um frade e aqui, também, o criado de Romeu; instrumentos carregavam para arrombar o túmulo dos mortos.

CAPULETO — Oh céus! Mulher, vê nossa filha: sangra! Enganou-se o punhal; sua bainha se acha vazia ao lado de Montecchio. Está mal colocado em nossa filha.

SENHORA CAPULETO — Ai de mim! Este quadro só de mortes é como um toque fúnebre que a minha velhice chama para a sepultura.

(*Entram Montecchio e outros.*)

PRÍNCIPE — Vem cá, Montecchio; cedo te levantas para mais cedo ver baixar teu filho.

MONTECCHIO — O meu senhor! durante a noite a minha senhora faleceu; cortou-lhe o fôlego a tristeza do exílio de meu filho. Que mais conspira contra minha idade?

PRÍNCIPE — Olha e verás.

MONTECCHIO — O néscio! néscio! que costume é esse de, antes do pai, entrar na sepultura?

PRÍNCIPE — Sela a boca do ultraje por um pouco, até que este mistério esclareçamos e fiquemos sabendo sua origem e verdadeiro curso. Depois disso, comandante serei de vossas dores e conduzir-vos-ei à própria morte. Até lá sossegai e que a desgraça se submeta à paciência. Apresentai-nos as pessoas suspeitas.

FREI LOURENÇO — Dos presentes sou eu o mais suspeito, muito embora seja o que menos pode fazer algo, visto acusarem-me o lugar e a hora. Eis-me a acusar-me, a um tempo, e a defender-me, num só momento condenado e absolto.

PRÍNCIPE — Dize então logo o que sobre isto sabes.

FREI LOURENÇO — Serei breve, porque meu curto fôlego não é mais longo do que história insípida. Romeu, aqui sem vida, era marido desta Julieta, assim como ela, morta também aqui, era a fiel consorte deste Romeu. Fui eu que os desposei. O dia dessas núpcias clandestinas foi o do final juízo de Tebaldo, cuja morte baniu de nosso burgo o recente marido. Era por causa dele, não por Tebaldo, que Julieta se vinha definhando. Vós, com o fito de expulsar-lhe do peito essa tristeza, ao conde a prometestes, tencionando casá-la a contragosto. Procurou-me desvairada e pediu-me que inventasse qualquer recurso que a livrasse desse segundo casamento, ou então lá mesmo, sem vacilar, poria termo à vida. Dei-lhe então — por minha arte aconselhado — um estupefaciente que sobre ela o efeito produziu por mim visado, a aparência emprestando-lhe da morte. A Romeu escrevi nesse entrementes, para que ele aqui viesse nesta noite de horrores ajudar-me a retirá-la de seu falso sepulcro, pois o efeito do veneno nessa hora cessaria. Mas a pessoa que levou a carta, Frei João, detido foi por acidente, tendo-ma devolvido ontem à noite. Então, sozinho, na hora prefixada para ela despertar, vim retirá-la do túmulo dos seus, a idéia tendo de escondê-la na minha pobre cela, até chamar Romeu. Aqui chegando, porém — alguns minutos antes da hora de Julieta acordar — encontrei mortos antes de tempo o nobre conde Páris e o fiel Romeu. Julieta despertou. Roguei-lhe que fugisse e que aceitasse com paciência o que o céu lhe destinara. Nisso, um barulho me afastou

do túmulo, sem que, em seu desespero, ela comigo se retirasse, tendo, ao que parece, posto termo à existência. Sei só isso. A ama se achava a par do casamento. Se algo nisto falhou por minha culpa, que minha velha vida, algumas horas antes do tempo, o expie em sacrifício, sob o rigor da mais severa pena.

PRÍNCIPE — Por um santo homem sempre te tivemos. E o criado de Romeu, que nos informa?

BALTASAR — Fui portador a meu senhor da nova da morte de Julieta. Ele, apressado, veio de Mântua para cá, para este mesmo túmulo, tendo-me ordenado que esta carta a seu pai desse bem cedo. Ao penetrar no túmulo, ameaçou-me de morte se eu não fosse logo embora e não o deixasse aqui.

PRÍNCIPE — Dá-me essa carta; quero ver o que diz. E onde está o pajem do conde Páris, que chamou a guarda? Que fazia teu amo aqui, pequeno?

PAJEM — Veio com flores para a sepultura de sua noiva, tendo-me ordenado que ficasse de parte. Obedeci-lhe. Depois, com luz, chegou um homem, para violar a sepultura, tendo logo sacado meu senhor contra ele a espada. Saí correndo e fui chamar a guarda.

PRÍNCIPE — Confirma a carta o que nos disse o monge: como o amor decorreu, a falsa nova da morte dela. Aqui ele nos conta que veneno comprou de um boticário e que vinha morrer neste sepulcro, para ficar ao lado de Julieta. Onde se encontram esses inimigos? Capuleto! Montecchio! Vede como sobre vosso ódio a maldição caiu e como o céu vos mata as alegrias valendo-se do amor. Por minha parte, por ter condescendido com vós todos, dois parentes perdi. Fomos punidos.

CAPULETO — Dá-me tua irmão, irmão Montecchio; é o dote de minha filha. Mais, pedir não posso.

MONTECCHIO — Mas eu posso dar mais, pois hei de a estátua dela mandar fazer do mais puro ouro. Enquanto for Verona conhecida, nenhuma imagem terá tanto preço como a da fiel e mui veraz Julieta.

CAPULETO — Romeu fama também dará à cidade; vítimas são de nossa inimizade.

PRÍNCIPE — Esta manhã nos trouxe paz sombria: esconde o sol, de pesadume, o rosto. Ide; falai dos fatos deste dia; serei clemente, ou rijo, a contragosto, que há de viver de todos na memória de Romeu e Julieta a triste história.

(*Saem.*)

Tito Andrônico

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Personagens

SATURNINO, filho mais velho do último imperador de Roma, posteriormente proclamado imperador.
BASSIANO, irmão de Saturnino
TITO ANDRÔNICO, general romano.
MARCO ANDRÔNICO, tribuno do povo e irmão de Tito.
LÚCIO, filho de Tito Andrônico
QUINTO, filho de Tito Andrônico
MÁRCIO, filho de Tito Andrônico
MÚCIO, filho de Tito Andrônico
O MENINO LÚCIO, filho de Lúcio.
PÚBLIO, filho de Marco Andrônico
SEMPRÔNIO, parente de Tito
CAIO, parente de Tito
VALENTINO, parente de Tito
EMILIO, nobre romano.
ALARBO, filho de Tamora
DEMÉTRIO, filho de Tamora
QUIRÃO, filho de Tamora
AARÃO, mouro amante de Tamora
Um capitão, tribunos, mensageiros, um bobo; romanos.
Godos e romanos.
TAMORA, rainha dos godos.
LAVÍNIA, filha de Tito Andrônico.
Uma ama, e a criança negra.
Senadores, tribunos, oficiais, soldados e criados.

Ato 1

Cena 1

Roma. Vê-se o túmulo dos Andrônicos. Em cima, os tribunos e os senadores. Depois entra por um lado Saturnino com seus partidários, e por outro, Bassiano em companhia dos dele, com tambores e bandeiras.

SATURNINO — Nobres patrícios, da justiça amparo, com armas defendei a minha causa! E vós, meus compatriotas e ajudantes, com vossos gládios defendei meus títulos hereditários. Sou o primogênito do que na fronte carregou por último o diadema imperial de nosso burgo. Que a glória de meu pai em mim prossiga, sem de meus anos se tornar imiga.

BASSIANO — Romanos, companheiros, bons amigos, defensores de minha justa causa, se até hoje graça achou ante os reais olhos da alta Roma Bassiano, descendente de César, tomai conta da passagem que vai ao Capitólio, não deixando que a desonra se achegue ao trono altivo consagrado à virtude, à continência, à justiça e à nobreza, Brilhe o mérito numa eleição honesta. A liberdade, romanos, defendei com vossa escolha.

(*Em cima entra Marco Andrônico, com a coroa.*)

MARCO — Príncipes, que por meio de partidos e de amigos, buscais, ambiciosos, o governo exercer, ficai sabendo que os romanos, dos quais com muito zelo defendemos a causa, por unânime resolução na escolha de seu chefe a Andrônico indicou, chamado o Pio, pelos serviços leais e numerosos que a Roma tem prestado. Mais valente guerreiro, mais nobre homem não se encontra atualmente entre os muros da cidade. Pelo Senado à pátria foi chamado das duras guerras contra os godos bárbaros. Com seus filhos, dos nossos inimigos terror constante, subjugou um povo de valor e adestrado nos combates. Dez anos já passaram desde que ele tomando a peito a causa da alta Roma, castigou com as armas a arrogância de nossos inimigos. Recoberto de sangue, cinco vezes veio a Roma, dos campos de batalha carregando em esquife seus filhos valorosos. Agora, finalmente, carregado de gloriosos espólios, volta a Roma o mui famoso Tito, o alto Andrônico, em toda sua glória de guerreiro. Concito-vos, pela honra de tal nome, daquele para quem quereis um digno sucessor, e também pelos direitos do Capitólio e pelos do Senado, que pretendeis honrar com deferência, a retirar-vos, desistir da força, dispersar vossos homens, para, humildes e em paz, como compete a candidatos, defender vossos méritos.

SATURNINO — Que efeito sedativo em mim teve a bela fala desse tribuno!

BASSIANO — De tal modo, Marco, tenho confiança em tua integridade nunca abalada, e tanto te honro, e estimo teu nobre mano Tito e seus rebentos, e aquela a quem meu pensamento acata, a graciosa Lavínia, alto ornamento de Roma, que aqui mesmo os meus amigos devotados

disperso e minha causa à sorte entrego e à proteção do povo, a fim de que ele a ponha na balança.

(*Saem os seguidores de Bassiano.*)

SATURNINO — Amigos que ampararam meu direito, a todos agradeço e vos dispenso, e ao amor e ao favor de minha pátria me entrego, como entrego minha causa. (*Saem os seguidores de Saturnino.*) Roma, justa e graciosa sê comigo, como confiante e bom eu sou contigo. Abri as portas e deixai que eu entre.

BASSIANO — Como eu, tribunos, candidato humilde.

(*Fanfarras. Todos se dirigem para o Senado.*)

(*Entra um capitão.*)

CAPITÃO — Romanos, dai lugar! Eis que Andrônico, patrono da virtude, o mais valente campeão de Roma, vencedor em todas as batalhas, retorna agora, rico de glórias e fortuna, dos lugares que ele delimitou com sua espada, sob o jugo calcando os inimigos.

(*Soam trombetas e tambores; depois entram Márcio e Múcio; a seguir, dois homens carregando um esquife coberto de preto; depois, Lúcio e Quinto. Logo após entra Tito Andrônico; a seguir, Tamora com Alarbo, Quirão, Demétrio, Aarão e outros godos, prisioneiros. Soldados e povo. Os carregadores depõem o esquife no chão e Tito fala.*)

TITO — Salve Roma, no luto vitoriosa! Tal como o barco que mui longe havia sua mercadoria transportado, e com lastro precioso volta ao porto de que muito antes a âncora soltara: assim volta Andrônico, coroado com ramos de loureiro, para a pátria saudar com lágrimas, porém com lágrimas de verdadeiro júbilo, por causa de seu regresso a Roma. O grande guarda do nosso Capitólio, lança olhares graciosos para os ritos que iniciamos. De vinte e cinco filhos valorosos, romanos, — a metade, justamente, do número dos filhos do rei Priamo — contemplai os despojos miseráveis, vivos e mortos. Recompense Roma com amor os que vivem e com o túmulo junto dos seus antepassados quantos eu trouxe para o pouso derradeiro. Somente aqui os godos consentiram que eu embainhasse a espada. Por que causa, tão cruel e indiferente ao próprio sangue, Tito, consentes que, insepultos ainda, teus filhos errem pela praia horrível da Estige pavorosa? Abri caminho para junto dos manos os depormos. (*O túmulo é aberto.*) Lá recebei a saudação silente a que os mortos já se acham habituados e em paz dormi, ó vós que perecestes em defesa da pátria! O consagrado depósito de minhas alegrias, doce morada de ânimo e nobreza, quantos filhos aí dentro vi caídos, que jamais me serão restituidos!

LÚCIO — Dos prisioneiros godos entregai-nos o de mais alto brio, porque os membros lhe decepemos e, num monte, as carnes sacrifiquemos ad manes fratrum ante a prisão terrena de seus ossos, porque acalmadas fiquem logo as sombras, sem que na terra venham perseguir-nos, depois, os seus espectros.

TITO — Aqui te entrego o mais nobre de todos, o primeiro filho desta rainha desgraçada.

TAMORA — Parai, irmãos romanos! Vitorioso Tito, conquistador muito gracioso, tem piedade das lágrimas que eu verto, por uma mãe vertidas por seu filho. Se em algum tempo um

filho te foi caro, oh! não deixes o meu ao desamparo! Não basta termos vindo para Roma para dar brilho ao teu triunfal retorno como tua cativa, e mais: dobrada sob o jugo romano? E necessário que na rua meu filho seja morto, por ter com brilho defendido a pátria? Se para ti dever sagrado é a luta em defesa do rei e da república, conosco dá-se o mesmo. Não macules, Andrônico, com sangue o monumento. Se a natureza queres ter dos deuses, então faze como eles: sê bondoso, que o penhor da nobreza é a própria graça. Oh! poupa, Tito, o meu primeiro filho!

TITO — Acalmai.vos, senhora, e desculpai-me. Os irmãos aqui vedes dos que os godos viram vivos e mortos. Pelos mortos eles exigem religiosamente sacrifício condigno. Vosso filho foi marcado para isso; morrer deve para acalmar as sombras que partiram.

LÚCIO — Levai.o logo e acendei presto a chama. Após, com nossos gládios, na fogueira os membros lhe cortemos, até serem consumidos de todo.

(*Saem Lúcio, Quinto, Márcio e Múcio, com Alarbo.*)

TAMORA — Oh! que piedade cruel e irreligiosa!

QUIRÃO — Em qualquer tempo metade disso foi a Cítia bárbara?

DEMÉTRIO — Não compareis — oh não! — Cítia com Roma. Alarbo foi para o repouso eterno; mas nós vivemos para sentir medo sob a vista de Tito ameaçadora. Coragem, pois, senhora, mas ao mesmo tempo esperai, que as mesmas divindades que à rainha de Tróia ensejo deram de, por modo cabal, tomar vingança do tirano da Trácia em sua tenda, ajudarão Tamora, a soberana dos godos — quando os godos eram godos e Tamora rainha — a, nos inimigos, vingar-se dos ultrajes sanguinários.

(*Voltam Lúcio, Quinto, Márcio e Múcio com as espadas ensangüentadas.*)

LÚCIO — Vede, pai e senhor, como cumprimos os costumes romanos. Decepamos de Alarbo os membros todos; as entranhas dele as sagradas chamas alimentam, cuja fumaça, parecendo incenso, vai perfumar o céu. Só resta agora sepultarmos os manos e com altos cumprimentos em Roma os acolhermos.

TITO — Faça-se desse modo, e que dirija Andrônico a suas almas o adeus último. (*Toque de trombeta; o esquife é depositado no túmulo.*) Em paz e honra repousai, meus filhos. Defensores de Roma valorosos, ao abrigo ficai aqui das dores e das vicissitudes deste mundo. Deste ponto a traição não vos espreita, a inveja não se exalta, não prosperam ervas malditas, não há tempestades nem barulho; só calma e sono eterno. Em paz e honra repousai, meus filhos.

(*Entra Lavínia.*)

LAVÍNIA — Em paz e honra viva o senhor Tito! Viva com glória meu senhor e pai! Vê como a este sepulcro trago as minhas lágrimas tributárias, para os ritos fúnebres de meus manos, e com lágrimas de júbilo a teus pés ora me ajoelho, por haveres voltado. Oh! abençoa-me com tua mão guerreira, cuja sorte os melhores romanos enaltecem.

TITO — Ó boa Roma, que me preservaste com carinho o remédio da velhice, para alegria ao coração trazer-me! Que à glória de teu pai, e à senectude sobrevivas, Lavínia, com virtude.

MARCO — Viva bastante o mano, o senhor Tito, herói gracioso aos olhos dos romanos.

TITO — Agradecido, meu gentil tribuno, Marco, meu nobre irmão.

MARCO — Sede bem-vindos, também, sobrinhos, dessa feliz guerra; os que viveis e os que dormis na glória. Bravos senhores, sorte igual tivestes todos quantos os gládios empunhastes no serviço da pátria. Porém triunfo mais brilhante é toda esta pompa fúnebre que à dita de Solão deu cumprimento, vencendo o acaso neste leito de honra. Tito Andrônico, o povo da cidade, de que defensor leal sempre tu foste, por mim te envia, seu fiel tribuno, este pálio de brilho imaculado e te convida para concorreres à eleição para chefe do governo com os filhos de nosso último monarca. Sê candidato, pois; veste este manto e dá cabeça a Roma que, nesta hora, carece de cabeça.

TITO — A esse glorioso corpo melhor ficara uma cabeça que não tremesse de fraqueza e idade. Por que envergar a toga e incomodar-vos, ser, por aclamação, hoje escolhido, amanhã resignar o trono e a vida, e a todos aprestar novos trabalhos? Roma, fui teu soldado quarenta anos, conduzi com vantagem teus exércitos e enterrei vinte e um filhos valorosos; todos, no campo feitos cavaleiros, de armas na mão tombaram como bravos, a serviço de sua nobre pátria. Dai-me um bastão, honroso para um velho, não cetro de comando para o mundo: soube empunhá-lo o que o empunhou por último.

MARCO — Tito, obterás o império, se o pedires.

SATURNINO — Orgulhoso tribuno, que disseste?

TITO — Príncipe Saturnino, ficai calmo.

SATURNINO — Romanos, sede justos; as espadas, patrícios, arrancai, sem que de novo as embainheis, enquanto Saturnino não ficar sendo imperador de Roma. Andrônico, antes para o inferno houvesses ido, do que a tal ponto me privares do coração do povo.

LÚCIO — Saturnino presunçoso, interrompes o magnânimo Tito no que de bom te destinasse.

TITO — Calma, príncipe; vou restituir-te o coração do povo, procurando de si mesmo aliená-lo.

BASSIANO — Não te adulo, Andrônico, mas te honro e hei de fazê-lo enquanto vivo for. Se reforçares meu partido com teus amigos certos, agradecido te serei. Bem sabes que o reconhecimento, para as almas generosas, é nobre recompensa.

TITO — Povo de Roma, e vós, tribunos dignos, peço vosso sufrágio e vosso apoio. Para Andrônico os concedeis de grado?

TRIBUNOS — Para a Andrônico sermos agradáveis e celebrarmos seu feliz retorno, o povo aceitará seu candidato.

TITO — Tribunos, obrigado. Ora vos peço que seja eleito o filho primogênito do imperador defunto, Saturnino, cuja virtude, espero-o, sobre Roma há de lançar sua luz como na terra faz o Titã, deixando sazonada nesta nossa repúblIca a justiça. Assim, se vos guiais por

meus conselhos, coroai-o e a uma voz gritai comigo: "Que viva muito nosso imperador!"

MARCO — Com sinais de alegria os mais variados. patricios e plebeus, nós elegemos imperador de Roma Saturnino, gritando: "Viva muito Saturnino!"

(*Prolongado toque de trombeta.*)

SATURNINO — Tito Andrônico, pelo teu auxílio hoje em nossa eleição, como o mereces, os agradecimentos te apresento, prometendo pagar-te a gentileza por meio de atos claros. E de inicio, Tito, para exalçar tua família em tudo nobre, e tua própria fama, de Lavínia farei minha consorte, imperatriz de Roma, de meu peito dominadora, e no Panteão sagrado prometo desposá-la. Ouve Andrônico: essa moção te deixará contente?

TITO — Sim, meu digno senhor; com esse enlace considero-me honrado sumamente por Vossa Graça. À vista, assim, de Roma, a Saturnino, rei e comandante da república, imperador do mundo, consagro minha espada, o carro e todos os prisioneiros, dons em tudo dignos do senhor imperial da grande Roma. Recebe-os, pois, como tributos próprios; aos pés te ponho os meus troféus honrosos.

SATURNINO — Muito obrigado, muito, alto Andrônico, pai da minha existência. Quanto orgulho sinto por tua causa e teus presentes, Roma virá a saber; e caso eu venha em qualquer tempo a me esquecer da mínima parcela destes dons inestimáveis, romanos, retirai-me vosso apoio.

TITO (*a Tamora*) — Prisioneira, senhora, sois agora de nosso imperador, que, bem lembrado de vossa posição e dignidade, vos dará tratamento em tudo nobre e a vossos seguidores.

SATURNINO — Em verdade, que dama encantadora! uma beleza que eu escolhera, se tivesse ainda de escolher outra vez. Bela rainha, clareai esse semblante nebuloso. Conquanto os acidentes de uma guerra a alegria te tenham conturbado, não vieste para Roma a fim de que alvo possas servir do opróbrio, pois tratada serás como princesa em toda parte. Fia-te no que eu digo, não deixando que a tristeza te abata as esperanças. Senhora, quem vos diz essas palavras poderá vos deixar maior ainda que a rainha dos godos. Não vos causa desagrado, Lavínia, quanto eu disse?

LAVÍNIA — Não, senhor, pois uma real nobreza vos garante as palavras, é certeza.

SATURNINO — Doce Lavínia, muito agradecido. Vamos, romanos. Sem nenhum resgate, libertemos os presos. Nosso título proclamai com trombetas e tambores.

(*Fanfarra. Saturnino, por mímica, faz a corte a Tamora.*)

BASSIANO — Senhor Tito, com vossa permissão, esta donzela é minha. (*Apodera-se de Lavínia.*)

TITO — Como! Como!meu senhor! Por acaso falais sério?

BASSIANO — Sim, nobre Tito, e resolvido, ainda, a defender à força o meu direito.

MARCO — Suum cuique, é a justiça dos romanos; só reclama o que é dele nosso

príncipe.

LÚCIO — E há de obtê-lo, se Lúcio tiver vida.

TITO — Traição! traição! Onde se encontra a guarda do imperador? Traição, senhor! Lavínia foi surpreendida.

SATURNINO — Surpreendida, como? Por quem?

BASSIANO — Por quem agora arrebatara de todo o mundo a sua noiva cara.

(*Saem Marco e Bassiano, com Lavínia.*)

MÚCIO — Ajudai-nos, irmãos, a retirá-la; com meu gládio defendo esta saída.

(*Saem Lúcio, Quinto e Márcio.*)

TITO — Príncipe, ide em pós dela, que, de volta, vo-la trarei já já.

MÚCIO — Por este lado, senhor, não passareis.

TITO — Menino à-toa como! Queres barrar-me a estrada em Roma? (*Apunhala Múcio.*)

MÚCIO — Socorro, Lúcio! Aqui. (*Morre.*)

(*Volta Lúcio.*)

LÚCIO — Fostes injusto, meu senhor, mais do que isso, pois matastes numa querela injusta vosso filho.

TITO — Não, filhos meus não sois, nem vós nem ele. Nunca meus filhos me desonrariam por esse modo. Vamos, restitui Lavínia, biltre, ao nosso imperador.

LÚCIO — Morta, se o desejares, porém nunca para ser sua esposa, por achar-se prometida para outro. (*Sai.*)

SATURNINO — Não, não, Tito, o imperador já não precisa dela, nem de ti, de ninguém de tua estirpe. As cegas não confio em quem fez mofa de mim alguma vez; em ti tampouco, nem em teus filhos, falsos e insolentes, que se reuniram para desonrar-me. Tirante Saturnino, não havia quem em Roma servisse de brinquedo? Mui de acordo esses atos, Andrônico, estão com tua afirmativa tola de que eu pedi de tuas mãos o império.

TITO — Monstruoso! Que censura me assacaste?

SATURNINO — Prossegue assim em teu caminho; entrega essa mulher volúvel ao que a espada por ela manejou. Vais ter um genro muito valente, feito para aliar-se à malta de teus filhos turbulentos, que o alvoroto implantaram na república.

TITO — O coração ferido essas palavras me atingem como acúleos.

SATURNINO — Por tudo isso, soberana dos godos, admirável Tamora, que, tal como Febe augusta entre suas ninfas, na penumbra deixas as romanas mais belas e galantes: se concordares nesta minha súbita resolução, escolho-te, Tamora, para noiva, criando-te ora mesmo de Roma a imperatriz. Dize, rainha dos godos: não aplaudes minha escolha? E agora juro pelos nossos deuses, já que padre e água-benta temos perto, e os fachos brilham tanto,

estando tudo pronto para o himeneu, que me é impossível rever de Roma as ruas ou de novo entrar em meu palácio, se comigo daqui não te levar como consorte.

TAMORA — E ante a face do céu a Roma eu juro que se elevar até ele Saturnino a rainha dos godos, ela escrava será de seus desejos, amorável ama e mãe para sua mocidade.

SATURNINO — Bela rainha, vamos ao Panteão. Acompanhai, senhores, vosso digno imperador e sua bela noiva, mandada pelo céu a Saturnino, que lhe dará futuro mais risonho. Realizaremos Já o desposório.

(*Saem todos, com exceção de Tito.*)

TITO — Convite não me fez para o cortejo. Tito, quando ficaste tão sozinho, desonrado e de ultrajes encurvado?

(*Voltam Marco, Lúcio, Quinto e Márcio.*)

MARCO — O Tito, Tito! Vê o que fizeste: numa disputa estúpida mataste um filho tão virtuoso!

TITO — Não, tribuno tolo, não é meu filho, como nada és para mim, nem tu nem nenhum desses que a ti se uniram para esse ato baixo que desonrou nossa família toda. Filhos indignos! Irmão és indigno!

LÚCIO — Mas deixai que o enterremos como cumpre: junto dos manos deponhamos Múcio.

TITO — Traidores, para trás! O corpo dele não será colocado no sepulcro. Já tem quinhentos anos este túmulo que eu mandei refazer com todo o esmero. Em honra aqui repousam tão-somente guerreiros e de Roma defensores, não quem venha a morrer vilmente em rixas, Sepultai-o onde bem vos aprouver, que aqui não será posto.

MARCO — Isso é impiedade, senhor, de vossa parte. Os altos feitos de meu sobrinho Múcio muito o exaltam; tem de ser sepultado com seus manos.

QUINTO e MÁRCIO — Terá de sê-lo, ou então o seguiremos.

TITO — Terá de ser? Que biltre afirmou isso?

QUINTO — Quem o sustentará em toda parte, menos aqui.

TITO — Como! Estareis disposto, mesmo, a inumá-lo, embora a meu mau grado?

MARCO — Não, nobre Tito; mas te conjuramos a perdoar Múcio e dar-lhe sepultura.

TITO — Tu também, Marco, me assentaste um golpe e com esses rapazes me deixaste estraçalhado o nome. Considero-vos a todos inimigos. Assim sendo, cessai de importunar-me e parti logo.

MÁRCIO — Está fora de si, vamos embora.

QUINTO — Não me retirarei, enquanto os ossos não sepultar de Múcio.

(*Marco e os filhos de Tito se ajoelham.*)

MARCO — Irmão, implora em semelhante nome a natureza...

QUINTO — Pai, nesse nome a natureza faia...

TITO — Silêncio, para que eu os outros ouça.

MARCO — Grande Tito, metade de minha alma...

LÚCIO — Querido pai, substância de nós todos...

MARCO — Permite que teu mano Marco enterre neste ninho virtuoso seu sobrinho que com honra morreu e na defesa da causa de Lavínia. És um romano, não sejas bárbaro, que os próprios gregos, após conselho, deram sepultura a Ajaz que se matara, tendo o filho prudente de Laertes defendido com calma os funerais. Assim, não queiras excluir deste sepulcro o jovem Lúcio, teu filho predileto até há momentos.

TITO — Marco, levanta-te. Este é o mais terrível dia que eu já vivi. Ser por meus filhos em Roma desonrado! Bem; enterra-o, e a mim logo depois.

(*O corpo de Múcio é deposto no túmulo.*)

LÚCIO — Querido Múcio, repousa aí, ao lado dos amigos, até que te enfeitemos o sepulcro.

TODOS (*ajoelhando-se*) — Ninguém derrame lágrimas no corpo do jovem Múcio, pois com glória vive quem morreu pela causa da virtude.

MARCO — Senhor, porque a tristeza dissipemos, como acontece que a sutil rainha dos godos tão de súbito tivesse subido tanto em Roma?

TITO — Não sei, Marco; só sei que é isso mesmo. Se houve astúcia, somente o céu dizer nos poderia. Mas não deve ela obrigações ao homem que a fez feliz, trazendo-a de tão longe?

MARCO — Decerto; e há de premiá-lo nobremente.

(*Fanfarra. Entram, por um lado, Saturnino com seu séqüito, Tamora, Demétrio, Quirão e Aarão; por outro Bassiano, Lavínia e outras pessoas.*)

SATURNINO — Bassiano, assim ganhastes vosso prêmio; que Deus, senhor, vos dê felicidade com vossa bela esposa.

BASSIANO — E a vós com a vossa, meu senhor; não vos digo senão isso, nem menos vos desejo. E aqui despeço-me.

SATURNINO — Traidor, havendo lei em Roma ou força no nosso braço, tu e teus sequazes vireis a arrepender-vos deste roubo.

BASSIANO — Chamais, senhor, de roubo o apoderar-me do que é meu mesmo, a que era minha noiva e ora é minha consorte? Que decidam sobre isso as leu de Roma, que, entrementes. de posse fico do que me pertence.

SATURNINO — Pois não, senhor. Tratais-nos secamente: mas, se vida tivermos, haveremos de vos tratar mais secamente ainda.

BASSIANO — Senhor, por quanto fiz, do melhor modo que possível me for, sou responsável, embora nisso empenhe a própria vida. Apenas direi isto a Vossa Graça: por meus deveres todos para Roma, este nobre senhor, o nobre Tito foi ultrajado na honra e no conceito, pois, tentando Lavínia restituir-vos, com a própria mão matou seu filho Múcio, por zelo a vossa causa e de indignado por contrariado ver-se numa dádiva tão espontânea e livre. Assim, concede-lhe o teu favor de novo, Saturnino, pois em seus atos ele pai e amigo de ti se mostrou sempre e da cidade.

TITO — Deixa de defender meus atos, príncipe Bassiano. Desonrado eu fui somente por ti e esses ai. Roma e o céu justo podem testemunhar o acatamento e o amor que votei sempre a Saturnino.

TAMORA — Muito digno senhor, se em qualquer tempo teus olhos reais algum prazer acharam em contemplar Tamora, então permite que imparcialmente sobre todos fale: perdoa, amor, o que passou, te peço.

SATURNINO — Como, senhora! Ver-me desonrado de público, e perdoar covardemente, sem de nada tomar cabal vingança?

TAMORA — Não, meu caro senhor. As divindades de Roma não consintam que eu me torne para vós um motivo de desonra. Mas a honra atrevo-me a empenhar em como o senhor Tito em tudo está inocente. A franqueza da cólera é que exprime seu imenso pesar. Para agradar-me, portanto, lança-lhe um olhar benigno. Não percas, por suposições sem base, um amigo tão digno, nem aflijas seu gentil coração olhando-o duro. (*À parte a Saturnino.*) Senhor, deixai que eu vos oriente nisto; cedei, dissimulai vosso desgosto. É de temer que o povo, juntamente com os patrícios, após melhor exame, se passe para Tito, derrubando-vos, então, sob o pretexto de que fostes para com ele ingrato, o que reputa Roma um dos crimes mais abomináveis. Concedei-me esse ponto e aos meus cuidados deixai o resto, que hei de achar o dia para matar a todos e a família destruir e seu partido, o cruel Tito juntamente com seus traidores filhos, a quem a vida supliquei, embalde, de meu querido filho. Hei de ensinar-lhes o que seja ajoelhar-se uma rainha em plena rua e suplicar em vão. (*Alto.*) Querido imperador, vem! Andrônico, vem para cá. Levanta este bom velho, e o coração lhe alegra, que sucumbe à vista dos bulcões de teu conspecto.

SATURNINO — De pé, Tito, de pé, que minha esposa prevaleceu.

TITO — A Vossa Alteza e a ela, senhor, muito agradeço. Essas palavras e esses olhares me dão outra vida.

TAMORA — Incorporada a Roma, Tito, me acho, reconhecida agora felizmente como romana. Cumpre-me, portanto, aconselhar o imperador em tudo. Morrem hoje, Andrônico, as rixas todas; deixai que seja o meu mais belo título, meu senhor, ter-vos eu reconciliado com estes vossos amigos. Dei a minha palavra de honra, príncipe Bassiano, ao meu marido em como de futuro vos mostrareis mais dócil e tratável. Assim, ficai tranqüilos, meus senhores. E vós, também, Lavínia. E agora todos, seguindo meu conselho, arrependidos ireis ficar de joelho, para a Sua Majestade pedir que vos perdoe.

LÚCIO — Assim faremos, e juramos diante de Sua Alteza que fizemos tudo com boas intenções, visando apenas a honra de nossa irmã e a nossa própria.

MARCO — E o que eu também confirmo sob palavra.

SATURNINO — Retirai-vos; cessai de incomodar-nos.

TAMORA — Não, não, meu caro imperador; teremos de ser amigos. Marco e seus sobrinhos vos imploram de joelhos. Impossível será que indefirais esse pedido. Vira para o meu lado, coração.

SATURNINO — Por teu pedido, Marco, e de teu mano, bem como pelas súplicas instantes da graciosa Tamora, minha esposa, perdôo a falta odiosa destes moços. Levantai-vos, Lavínia, muito embora me tivésseis deixado como a um biltre, tive sorte, tendo jurado pela morte certa não me afastar do altar como solteiro. Vamos; se houver espaço no palácio do imperador para um noivado duplo, meus hóspedes sereis, Lavínia, e todos esses vossos amigos. Hoje o dia vai ser de amor, Tamora.

TITO — Caso Vossa Majestade concorde, amanhã mesmo comigo caçareis pantera e veado. Com latidos e trompa, muito cedo vos daremos bom dia.

SATURNINO — Pois que seja, Tito, assim mesmo; muito agradecido.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Roma. Diante do palácio. Entra Aarão.

AARÃO — Tamora já subiu para o alto Olimpo, fora dos botes da fortuna incerta; ao abrigo se encontra, entronizada, do estrondo do trovão e, assim, do fogo do relâmpago longe das ameaças da descorada inveja. Assim como o áureo sol saúda a manhã e, tendo o oceano dourado com seus raios e o zodíaco medido como seu carro esplendoroso, paira por cima dos mais altos montes: assim Tamora faz. Dobram-se ao seu espírito as terrenas honrarias e, ao cenho seu fechado, para e treme a virtude. Aarão, por isso, reforça o coração e aguça o espírito, para alcançar tua imperial senhora na altura em que ela está, já que de há muito em teu triunfo prisioneira a trazes, acorrentada aos elos amorosos, e ao fascinante olhar de Aarão mais presa do que amarrado Prometeu no Cáucaso. Fora as vestes de escravo e idéias baixas! Luzido quero ser, brilhar com pérolas e ouro para servir à soberana recém-casada. Quê! Para servi-la? Direi melhor: para folgar com ela, esta rainha, deusa, esta Semiramis, ninfa, sereia que encantar vai prestes a Roma do consorte, conduzindo para o naufrágio o imperador e o Estado.

(*Entram discutindo Demétrio e Quirão.*)

DEMÉTRIO — Quirão, teus poucos anos mostram falha de entendimento; teu entendimento não tem penetração, não tens maneiras para que te insinues deste modo junto de quem aceita minha corte e que, pelo que viste, é conquistável.

QUIRÃO — Demétrio, sempre foste presumido, como agora te mostras, pretendendo que com tuas bravatas me intimide. A diferença de um ou de dois anos não há de me deixar menos gracioso, ou a ti com mais ventura. Considero-me tão hábil como tu e tão capaz de alcançar o favor de uma senhora.

AARÃO — Aqui! Aqui! Dois namorados brigam!

DEMÉTRIO — Menino, se, por imprudência, nossa mãe vos deu essa espada de brinquedo, tanto vos exaltais, que contra um próprio parente arremeteis? Deixai guardada vossa ripa até terdes aprendido como deveis brandi-la.

QUIRÃO — Nesse em meio, senhor, a minha pouca habilidade te mostrará quanto a fazer me atrevo.

DEMÉTRIO — Como, menino! Estais tão exaltado?

(*Sacam das espadas.*)

AARÃO — Senhores, ora! Ousais sacar da espada tão perto, assim, da casa do monarca,

e defender vossa querela em público? Conheço bem a causa dessa rixa. Mas não quisera por nenhum tesouro que vos ouvisse quem tem parte nisso, nem vossa mãe por muito mais quisera vir a ficar tão desonrada em Roma. Corai do que fazeis. Guardai a espada!

DEMÉTRIO — Não, só o farei depois de mergulhá-la no peito dele e, pela goela abaixo, ter-lhe empurrado os termos insultuosos que ele aqui disse para desonrar-me.

QUIRÃO — Para isso estou disposto e preparado, covardão desbocado, que trovejas apenas com palavras, sem coragem teres de fazer uso desse gládio.

AARÃO — Para trás, digo! Agora, pelos deuses que os guerreiros godos adoram, esta rixazinha poderá desgraçar-nos num momento. Senhores, não pensastes, porventura, no risco que correis, para pisardes nos direitos de um príncipe? Lavínia terá caído tanto, ou tão sem brio Bassiano está, que pelo afeto dela possam surgir disputas, sem nenhuma proibição, castigo nem vingança? Muito cuidado, jovens! Se a rainha viesse a saber a causa desta briga, desafinada a música acharíeis.

QUIRÃO — Que me importa o saiba ela e todo o mundo? Amo Lavínia mais que a todo o mundo.

DEMÉTRIO — Mocinho, tem cuidado; faze escolha mais modesta, porque Lavínia é a meta de teu irmão mais velho.

AARÃO — Porventura ficastes loucos? Ignorais, acaso, como os homens em Roma são violentos e impacientes, sem nunca permitirem competição no amor? Senhores, digo-vos que assim fazendo procurais a morte.

QUIRÃO — Aarão, aceitaria dez mil mortes para vir a possuir a minha amada.

AARÃO — Possuir! De que maneira?

DEMÉTRIO — Que te causa esse espanto? Ela é mulher; pode ser cortejada. Ela é mulher; pode ser conquistada. Ela é Lavínia; poderá ser amada. Ora, homem! Ora! Muito mais água passa pelo moinho do que o moleiro pensa, e é muito fácil — sabe-lo bem — tirar uma fatia de um pão antes cortado. Embora seja Bassiano irmão do rei, gente mais alta já tem usado o enfeite de Vulcano.

AARÃO — (*À parte*) — Pois não, tão alta como Saturnino.

DEMÉTRIO — Então, por que desesperar quem sabe fazer a corte com olhares meigos, palavras e presentes? Como! Nunca te aconteceu matar estranha corça e carregá-la ante o nariz do dono?

AARÃO — Um rapto, ou coisa assim, bem me parece, melhor vos conviria nesse caso.

QUIRÃO — Oh! conviria.

DEMÉTRIO — Aarão, deste no vinte.

AARÃO — Prouvera que também houvésseis dado, porque ora eu não me visse tão cansado com todo este barulho. Ouvi-me! ouvi-me! Sois tão tolos assim, para brigardes por semelhante coisa? Ficaríeis aborrecidos, se ambos obtivésseis êxito junto dela?

QUIRÃO — Eu não, decerto.

DEMÉTRIO — Nem eu também, se tomar parte nisso.

AARÃO — Ora, que opróbrio! Que vos faça amigos quanta ora vos separa. Com política e habilidade alcançareis o intento. Seja este vosso plano: não podendo levar a cabo o que é do vosso agrado, por violência alcançai o que puderdes. Aceitai meu conselho: mais pudica do que Lucrécia nunca foi Lavínia, a esposa de Bassiano. Precisamos encontrar uma estrada mais direta do que tantos requebros demorados. Encontrei o caminho. Meus senhores, uma caçada esplêndida se apresta. As romanas gentis tomarão parte. Espaçosas e grandes alamedas a floresta apresenta, como passos em quantidade menos freqüentados, próprios para a violência ou qualquer crime. Fazei que para um ponto desses vossa corça gentil se aparte e dominai-a pela força, se não por argumentos. Só assim podereis ter esperanças; de outro jeito, nenhuma. Contar vamos a nossa imperatriz esse projeto; seu espírito agudo, consagrado a toda sorte de vingança e infâmias, com seus conselhos mais limados há de deixar nossos recursos, não querendo que venhais a brigar. Pelo contrário: a ambos porá no cimo dos desejos. Como a casa da Fama é nossa corte: cheio de línguas, de olhos e de ouvidos o palácio está sempre, mas a mata é insensível, terrível, surda e obtusa. Ali falai e agi, bravos rapazes, saciai vosso apetite, protegidos do claro olhar do céu e no tesouro de Lavínia à vontade regalai-vos.

QUIRÃO — Teu conselho, rapaz, não mostra cheiro de covardia.

DEMÉTRIO — Sit fas aut nefas até que a corrente possa encontrar em que acalmar o fogo, qualquer encanto para os meus transportes. Per Styga, per manes vehor.

(*Saem.*)

Cena 2

Uma floresta. Ouve-se toque de trombeta e latido de cães. Entra Tito Andrônico com caçadores, etc., Marco. Lúcio, Quinto e Márcio.

TITO — Principiou a caçada, bela e clara vem rompendo a manhã; cheiroso é o campo, verdejantes os bosques. Desatrela neste lugar os cães, que sua bulha desperte o imperador e a bela esposa, faça acordar o príncipe. Toquemos um carrilhão de caça, porque à volta toda a corte reboe. Filhos, seja vosso cuidado, como é também nosso, zelar com bem carinho da pessoa do imperador. Durante toda a noite incomodado fui por pesadelos; mas conforto me deu o novo dia. (*Latido de cães e toque de trompa em confusão. Entram Saturnino, Tamora, Bassiano, Lavínia, Demétrio, Quirão e pessoas do séqüito.*) Muitos bons dias para Vossa Altezal E para vós, princesa, o mesmo número de dias venturosos. Prometi-vos uma caçada muito barulhenta.

SATURNINO — E alegre, meu senhor, mas porventura cedo demais para recém-casadas.

BASSIANO — Lavínia, que dizeis?

LAVÍNIA — Não acho cedo; acordada já estava havia duas horas ou mais.

SATURNINO — Então vamos embora. Tragam-nos logo carros e cavalos. (*A Tamora.*) Assistireis agora a uma caçada romana, cara esposa.

MARCO — Meus cachorros, senhor, farão correr a mais ardente pantera da floresta, e são capazes de subir ao mais alto promontório.

TITO — E meus cavalos seguirão a caça por onde quer que vá, de leve o plairio roçando como lestes andorinhas.

DEMÉTRIO (*à parte*) — Quirão, não temos galgos nem cavalo, mas nossa corça nos dará regalo.

(*Saem.*)

Cena 3

Trecho isolado da floresta. Entra Aarão com uma bolsa de ouro.

AARÃO — Quem tem inteligência há de julgar-me destituído dela, porque embaixo de uma árvore tanto ouro enterrar venho, dele, assim, me privando inteiramente. Fique sabendo, pois, quem tão mesquinho conceito faz de mim que todo este ouro um plano me cunhou que, se com jeito for realizado, há de trazer ao mundo uma obra-prima de velhacaria. Ouro, aí fica e o mal produze asinha em quem achar a esmola da rainha. (*Esconde o ouro.*)

(*Entra Tamora.*)

TAMORA — Querido Aarão, por que te mostras triste, quando tudo em redor é provocante de tanta alacridade? Os passarinhos em cada ramo cantam melodias, a serpente se aquece ao sol risonho, as folhas tremem sob o vento fresco, no chão fazendo sombra axadrezada. Descansemos, Aarão, sob este abrigo, e enquanto os ecos brincalhões despistam os cães, com voz aguda repetindo a fanfarra das trompas harmoniosas como se a um só tempo percebêssemos uma dupla caçada, descansemos para apreciar esse latido alegre. E depois do conflito apaixonado que o herói errante e Dido — é o que se conta — outrora aproximou, quando se viram por feliz tempestade surpreendidos e em discreta caverna se abrigaram: assim, nos braços um do outro presos, concluído o passatempo, poderemos dormir um sono de ouro, enquanto as trompas, o latido dos cães, a voz dos pássaros serão o canto, para nós, das amas, que faz dormir no berço a criancinha.

AARÃO — Minha senhora, muito embora Vênus mande em vossos desejos, é Saturno dominador dos meus. Que significa meu olhar fixo e anunciador da morte, meu silêncio, esta atroz melancolia, este velo lanoso de cabelos que se distende agora como serpe que se prepare para o fatal bote? Não, princesa, não são sinais de Vênus. No coração abrigo só vingança, morte tenho nas mãos, sangue e vindita martelam-me a cabeça. Ouve, Tamora, rainha de minha alma, que só aspira conservar teu céu íntimo; este dia vai ser para Bassiano decisivo; ficará muda a sua Filomela; teus filhos vão roubar-lhe a castidade e a mão lavar no sangue de Bassiano. Vês esta carta? Lê-a, por obséquio e ao rei entrega este fatal escrito. Não me perguntes nada mais, estamos sendo espiados. Eis que vem chegando uma parte do nosso gordo espólio que não suspeita de sua queda próxima.

TAMORA — Oh! doce mouro, para mim mais doce que a própria vida!

AARÃO — Nada mais, rainha; Bassiano já vem perto. Neste em meio vou procurar teus filhos e ajudá-los, seja qual for a causa que defendam. (*Sai.*)

(*Entram Bassiano e Lavínia.*)

BASSIANO — Oh! quem vemos? De Roma a alta rainha, separada de seu brilhante séqüito? Ou será Diana com a aparência dela. que seus bosques sagrados abandona para ver a caçada na floresta?

TAMORA — Atrevido censor de nossos passos particulares, se eu tivesse a força que a Diana todos dão, desde este instante com os cornos de Actéone ficaras, e os cachorros a forma transmudada te dilacerariam, insolente, intrometido que és.

LAVÍNIA — Com vossa graça, gentil imperatriz, mas todos dizem que em matéria de cornos sois sabida, sendo de crer que vós e o vosso mouro vos apartastes dos demais apenas para tentar a prova. Ampare Jove dos cães vosso marido neste dia, que poderão tomá.lo por um gamo.

BASSIANO — Rainha, podeis crer, vosso noturno cimeriano vossa honra deixa escura como a epiderme dele: detestada, manchada, abominável. Por que causa vos encontrais do séqüito afastada? Por que deixastes vosso bom cavalo branco de neve e viestes esconder-vos neste recanto obscuro, pelo bárbaro mouro seguida, se não vos houvesse trazido algum desejo obsceno e torpe?

LAVÍNIA — E tendo sido perturbada em vosso divertimento, é justo que meu nobre senhor seja acoimado de impudente. Por favor, vamos logo, concedamos-lhe os prazeres do amor da cor de corvo. Este vale é mui próprio para o feito.

BASSIANO — O rei meu mano, vai saber de tudo.

LAVÍNIA — Apontado já foi por essas coisas. Bom rei, como tens sido ludibriado!

TAMORA — Como tenho paciência para tanto?

(*Entram Demétrio e Quirão.*)

DEMÉTRIO — Querida soberana, mãe graciosa, qual a razão de achar-se Vossa Alteza tão pálida e confusa?

TAMORA — Porventura não terei causa para ficar pálida? Estas duas pessoas me atraíram para este vale, como vedes, árido e desolado; as árvores, embora no verão estejamos, desfolhadas e ressequidas se acham, pelo musgo dominadas e pelo fatal visgo. Nunca se mostra o sol, nada aqui vive, se não for tão-somente o fatal corvo e a coruja noturna. E, ao me mostrarem este passo horroroso, me disseram que aqui, durante a noite, às horas mortas, dez mil espíritos, silvantes serpes, dez mil túmidos sapos e outros tantos ouriços tão terrível e confusa gritaria levantam, que a pessoa mortal que a perceber logo enlouquece, quando não cai in continenti morta. Mal tinham terminado o infernal conto, ameaçaram-me os dois de me amarrarem no tronco deste teixo pavoroso, para eu vir a morrer por modo horrível. Chamaram-me, depois, de infame adúltera, goda lasciva, enfim, todos os termos insultuosos que nunca ouvido humano tenha entendido para tal efeito. E, se, por um milagre, não tivésseis aparecido aqui, eles teriam levado a cabo o plano. Assim, vingai-me, se amais a vossa mãe e não quiserdes que de chamar de filhos eu vos deixe.

DEMÉTRIO — Eis a prova de que ainda sou teu filho. (*Apunhala Bassiano.*)

QUIRÃO — E isto vai demonstrar se eu tenho força. (*Apunhala também Bassiano, que morre.*)

LAVÍNIA — Semíramis... Não, não! Tamora bárbara, pois só te fica bem teu próprio nome, é tua a vez.

TAMORA — Empresta-me essa adaga. Vereis que a mão de vossa mãe, meus filhos, punir sabe os insultos a ela feitos.

DEMÉTRIO — Parai, senhora! Ela vai ver mais que isso. Malhai primeiro o trigo e, após, a palha às chamas entregai. Da castidade se orgulha esta boneca, de seu voto conjugal, da lealdade, e com virtude tão bem pintada contra vós se atreve. Levará, pois, tudo isso para o túmulo?

QUIRÃO — Se tal se der, eunuco me declaro. Levemos o marido dela para qualquer lugar secreto e de seu corpo sem vida um travesseiro para nossa luxúria preparemos.

TAMORA — Após terdes, porém, provado o mel, tirai a vida dessa vespa, porque ela não nos pique.

QUIRÃO — Sobre isso, vos afirmo: tomaremos nossas medidas. Vamos, minha bela, teremos de provar, à força, dessa virtude que guardais com tanto zelo.

LAVÍNIA — O Tamora! tens rosto feminino...

TAMORA — Levai-a logo, não desejo ouvi-la.

LAVÍNIA — Pedi-lhe, meus senhores, que me escute só uma palavrinha.

DEMÉTRIO — Dai-lhe ouvidos, bela senhora. Seja vossa glória contemplar suas lágrimas, mas que estas ao coração vos sejam como as gotas da chuva para a rocha inabalável.

LAVÍNIA — Em que tempo se viu os tigrezinhos algo à mãe ensinarem? Essa fúria já a recebeste dela, não lha ensines. O leite que mamaste virou mármore; tua crueldade vem do peito dela. Mas os filhos nem sempre saem à mãe. (*A Quirão.*) Concita-a a ser como mulher: piedosa.

QUIRÃO — Desejas que bastardo me declare?

LAVÍNIA — Não gera o corvo a cotovia, é certo. Porém já ouvi contar — oh! se isso agora se confirmasse! — que pela piedade movido, o leão consente que lhe aparem as garras reais, como há também quem diga que os corvos dão comida aos pequeninos enjeitados, enquanto nos seus ninhos deixam morrer à fome os próprios filhos. Oh! muito embora o coração de pedra te diga não, revela-te comigo, não direi tão bondosa, mas amiga

TAMORA — Não sei o que seja isso. Vamos logo!

LAVÍNIA — Oh! deixa que to ensine agora. Em nome de meu pai que podendo dar-te a morte, te deixou viva, não te mostres dura, abre os ouvidos surdos.

TAMORA — Muito embora nunca ofendido me tivesses, nunca, justamente por causa desse nome teria de mostrar-me sem piedade. Lembrai-vos, filhos, que eu chorei debalde para

que vosso irmão salvar pudesse do sacrifício, mas o fero Tito não se deixou mover. Assim, levai-a e com ela fazei o que entenderdes. Quanto pior para ela, mais aplausos de mim recebereis.

LAVÍNIA — Oh! sê rainha gentil, Tamora, e neste mesmo instante com tua própria mão me tira a vida. Não era a vida que eu pedia tanto; morto Bassiano, eu também morta fora.

TAMORA — Que pedias, então? Deixa-me, louca!

LAVÍNIA — Quero a morte imediata, simplesmente, e algo mais, que dizer não me permite a língua da modéstia. Oh! não permitas que eles dêem expansão a essa luxúria que é muito pior que a morte. Nalgum fosso me atira, horrível, onde o olhar humano jamais possa enxergar-me. Assim fazendo serás uma assassina caridosa.

TAMORA — Meus filhos privarei de sua paga? Essa bondade seu prazer estraga.

DEMÉTRIO — Vamos! Já nos prendeste muito tempo.

LAVÍNIA — Nenhuma compaixão nem graça encontro? ó criatura bestial, mancha e inimiga de nosso comum nome: que a ruína te caia em cima...

QUIRÃO — A boca vou tapar-te. Traze o marido dela; é nesta furna que Aarão mandou lançássemos o corpo.

(*Demétrio atira o corpo de Bassiano no precipício; depois saem Demétrio e Quirão arrastando Lavínia.*)

TAMORA — Adeus, filhos; em bom lugar a ponde. Jamais conhecerá prazer legitimo meu coração, enquanto não ficarem os Andrônicos todos liquidados. Vou ver agora o meu querido mouro. E que ela perca logo o seu tesouro. (*Sai.*)

(*Entra Aarão, com Quinto e Márcio.*)

AARÃO — Vinde, senhores, o pé firme adiante. Vou mostrar-vos o horrível precipício em que a pantera vi adormecida profundamente.

QUINTO — Tenho a vista turva; não sei o que seja isso.

MÁRCIO — Eu também tenho, posso afirmar. Não fosse ter vergonha, deixava a caça e descansava um pouco. (*Cai no fosso.*)

QUINTO — Como! Caíste! Que traiçoeiro fosso será este, de boca recoberta de espinhos rudes, cujas folhas mostram gotas de sangue fresco, tão recente como o orvalho nas flores matutinas? Esse lugar parece ser funesto. Fala, mano; feriste-te na queda?

MÁRCIO — Sim, feri-me no quadro mais horrendo que ao coração chorar já fez a vista.

AARÃO (*à parte*) — Agora vou fazer que o rei os ache, para que pense, pelas aparências, que são os assassinos do irmão dele. (*Sai.*)

MÁRCIO — Por que não me confortas nem me ajudas a sair desta cova amaldiçoada e manchada de sangue?

QUINTO — Apoderou-se de mim um medo horrível, suor frio me escorre pelas juntas

vacilantes. O coração suspeita muita coisa que a vista não percebe.

MÁRCIO — Para veres como teu coração foi verdadeiro, com Aarão olha para aqui, contempla esta cena de sangue e morticínio.

QUINTO — Aarão já foi embora; o comovido coração não consente que meus olhos se fixem no que trêmulos o deixam por simples conjeturas. Mas descreve-me o que se passa; nunca fui tão criança como nesta hora, para sentir medo, sem saber bem de quê.

MÁRCIO — O nobre príncipe Bassiano está todo banhado em sangue, como ovelha abatida, neste fosso maldito, escuro e recendente a crime.

QUINTO — Como o reconheceste, se está escuro?

MÁRCIO — É que ele trás no dedo ensangüentado uma pedra preciosa que ilumina toda a caverna e que, tal como círio de túmulo, a feição terrosa aclara do cadáver e mostra os intestinos rugosos deste fosso. Não mais pálida brilhou a lua sobre o pobre Píramo na noite em que ele morto se encontrava no sangue virginal. Oh mano! ajuda-me com tua fraca mão — temo que o medo, tal como a mim, fraca a tivesse feito — a sair deste horrendo receptáculo, odioso como as fauces do Cocito.

QUINTO — Estende-me tua mão, para que eu possa ajudar-te a sair. Caso eu não tenha força para prestar-te esse serviço nas fauces tragadoras desse abismo serei também lançado, à sepultura de Bassiano infeliz. Vigor não tenho para fazer que venhas até à borda.

MÁRCIO — Nem eu para subir sem teu auxilio.

QUINTO — Dá-me outra vez a mão; não vou soltá-la enquanto não puder pôr-te aqui fora, ou aí dentro cair. Vir não consegues para onde estou: irei ficar contigo. (*Precipita-se.*)

(*Volta Aarão com Saturnino.*)

SATURNINO — Vem comigo; desejo ver o fosso e quem acaba de saltar lá dentro. Responde-me: quem és, que neste instante nessa fenda da terra penetraste?

MÁRCIO — Do velho Tito o filho desgraçado, num momento infeliz aqui trazido, para achar morto teu irmão Bassiano.

SATURNINO — Meu irmão? Deve ser pilhéria tua. Ele e a esposa se encontram na barraca do lado norte deste ameno bosque. Não faz uma hora que os deixei lá mesmo.

MÁRCIO — Não podemos saber onde o deixastes, mas — ó dor! — encontramo-lo aqui morto.

(*Volta Tamora com pessoas do séqüito, Tito Andrônico e Lúcio.*)

TAMORA — Onde está meu marido?

SATURNINO — Aqui, Tamora, embora aflito por mortal tristeza.

TAMORA — E teu irmão Bassiano?

SATURNINO — Ora mexeste no mais fundo da chaga; o desgraçado Bassiano assassinado ali se encontra.

TAMORA — Tarde demais, então, venho trazer-te este fatal escrito, todo o plano da tragédia nefasta. (*Entrega-lhe uma carta.*) Causa pasmo que o rosto humano esconda entre sorrisos agradáveis um crime tão hediondo.

SATURNINO — "Se não nos for possível alcançá-lo de jeito, caro caçador — refiro-me a Bassiano — não deixes, pelo menos, de abrir-lhe a sepultura. A recompensa a encontrarás no meio das urtigas, ao pé do sabugueiro, junto ao fosso em que devemos enterrar Bassiano. Faze isso e terás ganho amigos certos." Este é o fosso, e este o pé de sabugueiro. Vede, senhores, se encontrais por perto o caçador que assassinou Bassiano.

AARÃO — Eis a bolsa de moedas, caro príncipe.

SATURNINO (*a Tito*) — Dois cães de tua estirpe sanguinária a vida a meu irmão aqui tiraram. Arrancai-os, senhores, desse fosso e os ponde sob custódia, até que eu tenha pensado nalgum meio de inaudita tortura para os dois.

TAMORA — Como! Estão dentro desse buraco? Oh coisa extraordinária! Um crime se descobre facilmente.

TITO — Possante imperador, sobre os meus fracos joelhos quero suplicar-te a graça — com lágrimas a custo derramadas — de que este crime horrível de meus filhos amaldiçoados, sim, amaldiçoados, se realmente ficar provado o crime...

SATURNINO — Provado? Como vês, está patente. Quem achou esta carta? Vós, Tamora?

TAMORA — Não, o próprio Andrônico.

TITO — Sim, realmente, senhor; mas permiti que eu fique sendo o fiador deles. Pela sepultura veneranda de meus antepassados, a um aceno de Vossa Majestade eles prontos estão para, com o sangue, se defenderem de qualquer suspeita.

SATURNINO — Fiador não serás deles, vem comigo; alguém traga o cadáver, sem demora; outros, os assassinos, não deixando que conversem. A culpa está patente. Pois, em verdade, se pior fim houvesse do que a morte, esse fim seria o deles.

TAMORA — Tito, intercederei a favor deles junto do rei. Não temas por teus filhos; tudo acabará bem.

TITO — Saiamos, Lúcio; não pares para conversar com eles.

(*Saem Por lugares diferentes.*)

Cena 4

Outra parte da floresta. Entram Demétrio e Quirão, conduzindo Lavínia, violada, com as mãos e a língua decepadas.

DEMÉTRIO — Se falar podes, vai contar agora quem te violou e te cortou a língua.

QUIRÃO — Escreve o pensamento, exprime a idéia e, se puderes, faze desses cotos o papel de escrivão.

DEMÉTRIO — Vê como pode garatujar só com sinais e gestos.

QUIRÃO — Vai buscar água para as mãos lavares.

DEMÉTRIO — Língua não tem para pedir, nem mãos com que possa lavar-se. Ora deixemo-la sozinha em seu passeio silencioso.

QUIRÃO — Fosse eu, e me haveria já enforcado.

DEMÉTRIO — Ah! se pudesses preparar a corda!

(*Saem Demétrio e Quirão.*)

(*Entra Marco.*)

MARCO — Quem é? Minha sobrinha, que se escapa tão velozmente? Prima, uma palavra. Onde está vosso esposo? Se isto é sonho, que meus bens todos possam despertar-me. Se estou desperto, venha algum planeta por terra derrubar-me, porque possa dormir o sono eterno. Fala, meiga sobrinha, que impiedosas mãos e bárbaras te mutilaram desse modo e o corpo te deixaram privado dos dois galhos, esses doces ornatos, cuja fronde sombrosa os próprios reis se disputavam, para nela dormir, sem que pudessem jamais a dita obter incalculável de conquistar-te o amor? Por que não falas? Oh dor! Um rio carmesim de sangue quente, como fonte revolta pelo vento, se eleva e cai entre os teus lábios róseos, sumindo e aparecendo com teu hálito. Algum Tereu, decerto, violentou-te, e, para que não fosse descoberto, a língua te cortou. Viras o rosto — ah! — de vergonha, e não obstante teres perdido tanto sangue, que despejas como fonte com bocas três abertas, incendem-se e as faces como o rosto do Titã, quando encontra alguma nuvem. Devo falar por ti? Foi isso mesmo? Oh! se o teu coração eu conhecesse e soubesse quem foi o miserável e o amaldiçoasse, para meu alívio! A mágoa reprimida, como forno cuja boca é tapada, abrasa o peito, deixando o coração desfeito em cinzas. A linda Filomela a língua, apenas, veio a perder, e num dorido pano pode bordar tudo o que lhe ia na alma. Mas ficaste privada desse meio, adorável sobrinha, que um mais forte Tereu vieste a encontrar. Ele cortou-te os delicados dedos, que sabiam bordar muito melhor que

Filomela. Oh! se esse monstro houvesse visto as tuas mãos, como as folhas de frondoso choupo, palpitarem nas cordas do alaúde, não lhes tocara nem para salvar-se. Ou se tivesse nalgum tempo ouvido a harmonia celeste produzida por essa doce língua, a faca houvera soltado e adormecera, como Cérbero aos pés do poeta trácio. Vamos logo deixar teu pai sem vista, porque um quadro como este deixa cego qualquer pai. Uma hora de tormenta alaga os prados mais fragrantes. Que não farão dos olhos de teu pai meses e anos só de prantos? Vem, não me fujas; chorarei contigo. Fosse meu choro à tua dor abrigo!

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Roma. Uma rua. Entram senadores, tribunos e oficiais de justiça com Márcio e Quinto que, amarrados, vão sendo conduzidos para o lugar de execução; Tito, como suplicante. vai à frente.

TITO — Meus venerandos padres, escutai-me! Parai, nobres tribunos! Por piedade à minha idade, cujos anos jovens foram gastos em guerras perigosas, enquanto vós dormíeis calmamente; por todo o sangue que eu verti na grande causa de Roma, pelas noites frias que a velar eu passei e pelas lágrimas que ora vedes a encher os velhos sulcos de minhas faces: sede compassivos para meus filhos ora condenados, que alma tão corrompida não possuem, como em geral se pensa. Pelos outros vinte e dois filhos nunca chorei tanto, porque morreram no alto leito da honra. Por estes, estes, na poeira escrevo, nobres tribunos, a profunda mágoa do coração com minhas tristes lágrimas. (*Atira-se ao chão. Os senadores, tribunos, etc. passam por ele e saem com os prisioneiros.*) Lágrimas, apagai a sede seca da terra; o doce sangue de meus filhos a deixaria rubra de vergonha. (*Entra Lúcio, com a espada desembainhada.*) Tribunos reverendos, gentis velhos, soltai meus caros filhos, comutai-lhes a sentença de morte, permitindo que vos afirme quem não chorou nunca que hoje lágrimas teve eloqüentíssimas.

LÚCIO — Ó nobre pai! é em vão que chorais tanto. Nenhum tribuno vos está ouvindo; não há ninguém aqui. À pedra dura relatais vossas mágoas.

TITO — Ah! meu Lúcio! deixa-me interceder por teus irmãos. Graves tribunos, peço-vos de novo...

LÚCIO — Meu gracioso senhor, nenhum tribuno vos ouve neste instante.

TITO — Pouco importa, rapaz. Se eles me ouvissem, não veriam minha pessoa; mas embora a vissem, de mim não se apiedaram. Mas preciso pedir-lhes, muito embora sem proveito. Por isso digo às pedras meus pesares. Se às minhas dores responder não podem, num ponto são melhores que os tribunos, por não interromperem meu relato. Quando choro, recebem minhas lágrimas, humildes, a meus pés, só parecendo que de mim se condoem. Se em solene vestuário se envolvessem, não teria Roma tribunos de tão grande preço. A pedra é mole como cera; duros como pedra são todos os tribunos. Calada é a pedra e não nos incomoda; os tribunos, com sua fala, à morte condenam qualquer um. (*Levanta-se.*) Mas por que causa estás de espada nua?

LÚCIO — Para os manos livrar da morte, e, por tentado havê-lo, os juízes me exilaram para sempre.

TITO — Oh! que homem venturoso! Revelaram-se amigos teus. Como, insensato Lúcio, não percebeste que não passa Roma de um deserto de tigres? Necessitam de presa os tigres, não havendo em Roma presa alguma, afora eu e minha gente. Quanto és feliz, por teres-te afastado desses devoradores! Mas, que vejo? Quem é que o mano Marco vem trazendo?

(*Entram Marco e Lavínia.*)

MARCO — Tito, prepara para o choro os velhos olhos, ou o nobre coração para partir-se. Trago para teus anos dor pungente.

TITO — Irá matar-me? Então desejo vê-la.

MARCO — Esta foi tua filha.

TITO — É ainda, Marco.

LÚCIO — Oh! que desgraça! Mata-me este quadro.

TITO — Levanta-te, maricas, e olha-a fixo! Lavínia, fala: qual a mão maldita que à vista de teu pai, sem mãos, te manda? Que louco quis ao mar deitar mais água ou um feixinho de lenha na fogueira de Tróia incandescente? Minha mágoa no auge se achava, antes de aqui chegares, mas, como o Nilo, ela desdenha as margens. Dá-me essa espada, as mãos quero amputar-me também, porque debalde se esforçaram pela causa de Roma; alimentando minha vida cuidavam de meus males; em preces vãs têm elas sido alçadas; delas fiz uso sem nenhum proveito. A única coisa que ora exijo delas, por isso, é que uma ajude a cortar a outra. É bom, Lavínia, que ora mãos não tenhas; para servirem Roma inúteis foram.

LÚCIO — Dize, gentil irmã: quem te fez isso?

MARCO — Que dor! Esse instrumento delicioso do pensamento dela, que eloqüência tão agradável modulava sempre, foi arrancado da gentil gaiola, onde, tal como pássaro melódico, cantava suaves notas e variadas, que as ouças de nós todos deleitavam.

LÚCIO — Fala por ela: quem lhe fez tal coisa?

MARCO — Oh! no parque a encontrei assim, vagante, procurando esconder-se, como a corça quando é ferida de incurável golpe.

TITO — Sempre ela foi a minha corçazinha. Quem a feriu me deu mais fundo golpe do que se me matasse. Agora me acho como alguém num rochedo circundado pelo mar bravo, que a maré montante vê subir em cada onda e espera apenas que uma vaga invejosa enfim o absorva nas salgadas entranhas. Foi por este caminho que meus filhos desgraçados seguiram para a morte; este outro filho aqui está: exilado foi de Roma. Meu mano aqui, minhas desgraças chora. Mas o que mais me punge a alma angustiada é a querida Lavínia, mais querida do que minha própria alma. Se eu te houvesse apenas em pintura visto assim, teria enlouquecido. Que é preciso que faça agora, vendo-te em pessoa maltratada a esse ponto? As mãos te faltam para limpar as lágrimas, careces de língua para revelar o nome de quem te executou esse martírio. Teu marido morreu; por sua morte sentenciados teus irmãos se viram, vindo a morrer por isso. Ah! Olha, Márcio! Lúcio, meu filho, olha para ela! Quando falei nos irmãos dela, frescas lágrimas lhe umedeceram de repente as faces, tal como o doce orvalho sobre o lírio colhido e

quase murcho.

MARCO — Talvez chore a morte do marido; talvez mesmo por saber que os irmãos são inocentes.

TITO — Se eles mataram teu esposo, fica contente, pois punidos foram ambos. Não, impossível é que cometido tivessem tão feio ato, como o prova a dor que a própria irmã revela agora. Deixa, Lavínia, que eu te beije os lábios, ou por sinais me dize de que modo poderei aliviar-te. Não desejas que eu, teu bom tio, com teu mano Lúcio, juntamente contigo nos sentemos à volta de uma fonte, cabisbaixos, para as faces fanadas contemplarmos, porém não secas, tal como as baixadas que a inundação cheias de lama deixa? Fixaremos a fonte tanto e tanto até que sua limpidez se turve pelo amargor de nossas quentes lágrimas? Ou as mãos, tal como as tuas, cortaremos? Ou com os dentes a língua amputaremos, para passar em pantomima os dias odiosos que nos restam? Que faremos? Nós, que ainda temos língua, combinemos algum projeto de miséria extrema que espanto de nós faça no futuro.

LÚCIO — Pai, deixai de chorar; vede que nossas lamentações a soluçar convidam minha infeliz irmã.

MARCO — Cara sobrinha, paciência, meu bom Tito, enxuga os olhos.

TITO — Ah Marco, Marco! Sei perfeitamente, mano, que esse teu lenço não consegue enxugar uma só das minhas lágrimas, porque com as tuas o inundaste, amigo.

LÚCIO — Querida irmã, vou enxugar-te as faces.

TITO — Olha, Marco, compreendo os gestos dela. Se ela tivesse língua, ora diria ao mano o que eu te disse: que não pode ser-lhe de utilidade o lenço dele para enxugar-lhe as faces, por achar-se tão embebido de piedosas lágrimas. Que harmonia! tão longe do sorriso quanto do limbo dista o paraíso.

(*Entra Aarão.*)

AARÃO — Tito Andrônico, o imperador meu amo te manda dizer isto: se a teus filhos tens amor, que então Marco, Lúcio, ou mesmo tu, velho Tito, uma das mãos decepe e a envie para o rei, que ele, de volta, te mandará com vida teus dois filhos, sendo essa a multa pelo crime deles.

TITO — Oh gracioso monarca! Aarão bondoso! Canta o corvo tal como a cotovia, que da aurora nos traz feliz notícia? Alegre ao rei uma das mãos envio. Não queres auxiliar-me a decepá-la, bondoso Aarão?

LÚCIO — Pára, senhor! A tua nobre mão, que venceu tantos inimigos, não lhe será enviada. Para o caso a minha vai servir. A mocidade, mais do que vós, pode esbanjar o sangue, que a vida vai salvar de meus dois manos.

MARCO — Em defesa de Roma qual das vossas mãos não se ergueu, brandindo a machadinha sangrenta e a destruição deixando impressa no castelo do inimigo? Oh! as mãos de ambos são altamente heróicas, mas a minha se mostrou preguiçosa. Ora, servindo para livrar da morte meus sobrinhos, para um fim digno as conservei até hoje.

AARÃO — Decidi qual das mãos será amputada, porque eles, antes, a morrer não venham.

MARCO — A minha.

LÚCIO — Pelo céu! não essa; a minha.

TITO — Deixai de discutir, senhores! Erva seca como esta é para ser cortada. Por isso, a minha.

LÚCIO — Pai bondoso, tenho de ser considerado vosso filho; livrar deixai-me os meus irmãos da morte.

MARCO — Por nosso pai e nossa mãe, consente que amor fraterno eu te revele agora.

TITO — Decidi entre vós, não corto a minha.

LÚCIO — Vou buscar um machado.

MARCO — Mas apenas para eu me servir dele.

(*Saem Lúcio e Marco.*)

TITO — Vem cá, Aarão; vou burlar ambos. Tua mão me empresta, que te darei a minha.

AARÃO (*à parte*) — Se isto o nome de burla merecer, vou ser honesto, a ninguém mais burlando em toda a vida. Mas enganar-vos vou de outra maneira, o que havereis de ver dentro de uma hora. (*Corta a mão de Tito.*)

(*Voltam Lúcio e Marco.*)

TITO — Parai com vossa discussão agora; pois já foi feito o que era necessário. Entrega minha mão ao rei, Aarão, e dize-lhe que contra mil perigos ela sempre o amparou. Ele que a inume. Mereceu muito mais; conceda-lhe isso. Quanto a meus filhos, dize-lhe que os tenho na conta de obras-primas, adquiridas por baixo preço e, no entretanto, caro, pois comprei o que é meu.

AARÃO — Vou já, Andrônico. Em troca de tua mão, dentro de pouco receberás teus filhos. (*À parte.*) A cabeça deles, quero dizer. Oh! como a idéia, tão-só, dessa partida me deleita! Os tolos que achem na bondade gosto; a alma Aarão tem tão negra como o rosto. (*Sai.*)

TITO — Agora ao céu elevo a mão restante e a ruína fraca para a terra inclino. Se algum poder das lágrimas se apiada dos infelizes, a ele me dirijo. (*A Lavínia.*) Como! Queres também ficar de joelho? Faze isso, coração, que nossas preces o céu nos há de ouvir, nossos suspiros hão de deixar a abóbada embaçada, ou com sua espessa bruma o sol manchamos como as nuvens com ele às vezes fazem, quando o escondem no seio úmido e mole.

MARCO — Ó mano, fala com mais senso; deixa de atirar-te em abismos tão profundos.

TITO — Não é profunda minha dor? sem fundo? Que seja assim também minha tristeza.

MARCO — Mas que a razão governe teus queixumes.

TITO — Se houvesse uma razão para a miséria, em limites a dor confinaria. Quando o

céu chora, a terra não transborda? Quando o vento enlouquece, não se torna furioso o mar, a abóbada ameaçando com o rosto intumescido? E ainda reclamas razão para esta dor? Eu sou o oceano. Ouve como suspira minha filha. Ela, em prantos, é o céu, eu sou a terra. Seus suspiros terão, assim, de as minhas ondas intumescer, e minhas várzeas com seu pranto contínuo hão de mudar-se num dilúvio, inundadas e afogadas. Minhas entranhas não podendo as dores comportar que ela mostra, como uni bêbedo terei de vomitá-las. Não mo impeças, portanto, pois quem perde encontra alivio para a opressão nos termos amargosos.

(*Entra um mensageiro, que traz duas cabeças e uma mão.*)

MENSAGEIRO — Muito mal pago foste, alto Andrônico, pela mão que mandaste ao soberano. Eis as cabeças de teus nobres filhos, e aqui, tua mão, que, por escárnio, volta. É desporto para ele tua mágoa; tua resolução, divertimento. Dor grande sinto em tua dor pensando, maior que à idéia de meu pai defunto.

MARCO — Que o Etna, agora, na Sicilia esfrie. Seja meu coração inferno ardente. Ultrapassam de muito estas misérias a resistência humana. Algum alívio obtém quem se lastima com quem chora; mas dupla morte é a dor escarnecida.

LÚCIO — Oh! que esta vista cause tais feridas, sem que se extinga a vida detestada! Que a morte empreste o próprio nome à vida, quando a esta apenas os suspiros restam!

(*Lavínia beija Tito.*)

MARCO — Ah! pobre coração! Essa carícia é tão inoperante quanto o gelo para a serpe faminta e enregelada.

TITO — Quando termina este terrível sono?

MARCO — Lisonja, adeus! Morre, Andrônico, morre; não poderás dormir. Vê as cabeças de teus dois filhos, tua mão guerreira, a filha mutilada, este outro filho banido que, em presença deste quadro, ficou exangue e pálido, e teu mano, eu, como estátua, frio e entorpecido. Nunca mais te direi que fiques calmo. Arranca esses cabelos cor de prata; com os dentes dilacera a mão restante, deixando que este horrível espetáculo para sempre nos feche a infeliz vista. É a hora de atacar. Por que te calas?

TITO — Ah! ah! ah!

MARCO — Por que estás rindo? Não é hora disso.

TITO — Ora, não me sobrou uma só lágrima. Demais, essa tristeza é um inimigo que pretende tornar meus olhos úmidos e com o tributo os arrasar de lágrimas. Assim, como depois achar pudera a cova da vingança? Estas cabeças parece que me falam, ameaçando-me de perder a ventura, enquanto todas estas atrocidades não voltarem para a garganta dos autores delas. Vejamos, pois, o que fazer me resta. Vós, gente desgraçada, circundai-me, para que eu possa dirigir-me a todos e jurar que essa ofensa vingaremos. Jurei. Mano, segura uma cabeça; com esta mão carregarei a outra. Lavínia, tu também vais ajudar-nos: carrega minha mão, filha, nos dentes. E tu, rapaz, some de minha vista; ficar não podes, pois estás banido. Vai para os godos e alicia gente. Se me amas, como o penso, despeçamo-nos com um beijo; muito que fazer nos

resta.

(*Saem Tito, Marco e Lavínia.*)

LÚCIO — Adeus, meu pai! adeus, nobre Andrônico, o ser mais infeliz que já viu Roma. Adeus, Roma orgulhosa; até que Lúcio retorne deixa aqui penhor mais caro do que sua própria vida. Adeus, Lavínia, nobre irmã. Oh! quem dera que ainda fosses como antes eras! Mas Lavínia e Lúcio no esquecimento, apenas, ora vivem, no sofrimento odioso. Conseguindo Lúcio viver, há de vingar-te a ofensa. O altivo Saturnino e sua esposa, como Tarquínio, hão de esmolar à porta. Vou formar um exército entre os godos, que me vingue de Roma e Saturnino. (*Sai.*)

Cena 2

O mesmo. Casa de Tito em Roma. Um banquete preparado. Entram Tito, Marco, Lavínia e um menino, filho de Lúcio.

TITO — Assim, assim, sentai-vos. Não comamos senão o suficiente para a força nos preservar para vingarmos nossos amargos infortúnios. Caro Marco, desata-me este nó do desespero. Eu e tua sobrinha — pobres almas! — carecemos de mãos e não podemos aliviar nossa dor decuplicada cruzando nossos braços. Esta pobre destra me foi deixada para o peito poder tiranizar. E quando, louco de dor, o coração quiser alçar-se na prisão cava desta minha carne, deste modo o reprimo. (*A Lavínia.*) Tu, mapa de desgraças, que só falas por meio de sinais! quando teu pobre coração te atacar selvagemente, não poderás dar nele e reprimi-lo. Fere-o, menina, com suspiros; mata-o com teus gemidos, ou uma pequenina faca toma entre os dentes e abre um furo perto do coração, para que todas as gotas que caírem de teus olhos corram para esse poço e, após enchê-lo, o tolo afogues com salgadas lágrimas, que só sabe queixar-se.

MARCO — Ora essa, mano! não lhe ensines o modo de matar-se com mãos violentas.

TITO — Ora, Marco! Ora essa! Só eu tenho o direito de ser louco. Com mãos violentas ela suicidar-se? Por que falaste em mãos? Isso é pedirmos a Enéias que relate duas vezes como Tróia acabou e na miséria se viu ele atirado. Oh! não nos fales em mãos; muda de tema, pois podemos lembrar-nos de que mãos já não possuímos. Ora! como carece de sentido minha linguagem! como se possível fosse não nos lembrarmos de que estamos sem mãos, no caso de que não tivesse Marco falado nisso. Vamos, vamos comecemos. Come isto, rapariga. Aqui não há bebida. Escuta, Marco, quanto ela diz. Interpretar consigo todos os seus sinais martirizados. Diz que sua bebida é apenas lágrimas, fermentadas na dor e misturadas em suas faces. Querelante muda, leio-te o pensamento; tua mímica vai ficar sendo para mim tão íntima quanto as sagradas preces para o monge. Não hás de suspirar nem ajoelhar-te, fazer qualquer sinal, um gesto mudo, sem que eu forme de tudo um alfabeto e, aplicando-me, venha a interpretá-lo.

MENINO — Avozinho, deixai esses lamentos; alegrai minha tia com uma história.

MARCO — Ah! pobre criança! Pela dor movido, chora a grande tristeza do avozinho.

TITO — Acalma-te, pimpolho, és só de lágrimas, e estas te podem derreter a vida. (*Marco bate com a faca no prato.*) Em que bateste, Marco, com tua faca?

MARCO — Nesta mosca, senhor, deixei-a morta.

TITO — Fora, assassino! O coração me partes. De tirania tenho os olhos fartos. Não fica bem para um irmão de Tito matar um inocente. Vai-te embora; não tens cabida em minha

companhia.

MARCO — Mas senhor, foi apenas uma mosca.

TITO — E se essa mosca mãe e pai tivesse? Como cair deixara as asas de ouro, zumbindo no ar gemidos e lamentos! Pobre e inocente mosca, que com seu melodioso cantozinho veio para alegrar-nos! e mataste-a!

MARCO — Perdão, senhor, mas era um moscão negro, de feia catadura, como o mouro da imperatriz. Daí, tê-lo matado.

TITO — Oh! oh! oh! Então perdoa haver-te repreendido, pois realizaste uma obra meritória. Dá-me tua faca, que exultar desejo com enganar-me que aqui tenho o mouro que viesse adrede para envenenar-me. Este é teu! Este aqui é de Tamora... Ah, bandido! Penso que ainda não descemos tanto que reunidos matar não consigamos uma mosca que venha importunar-nos sob a figura do retinto mouro.

MARCO — Pobre homem! De tal modo a dor o abate, que a sombra toma pela vera essência.

TITO — Vamos; tirai tudo isso. Vem, Lavínia; vamos para o teu quarto, para lermos histórias tristes de passadas eras. Vem, pequeno, também; tens vista jovem. Lerás um pouco ao se enturvar a minha.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Roma. Jardim da casa de Tito. Entram Tito e Marco; depois entram o jovem Lúcio e Lavínia, que corre atrás dele.

MENINO — Avozinho, socorro! Minha tia Lavínia vai para onde eu vou; não posso saber o que ela quer. Bom tio Marco, vede como ela corre! Pobre tia, não posso adivinhar o vosso intento.

MARCO — Pára, Lúcio; não tenhas medo dela.

TITO — Demasiado ela te ama, Lúcio, para querer fazer-te mal.

MENINO — É certo; amava-me, quando meu pai ainda estava em Roma.

MARCO — Que quererá dizer, minha sobrinha com todos esses gestos?

TITO — Nada temas, Lúcio, ela quer dizer alguma coisa. Observa, Lúcio, como ela te agrada. Com certeza deseja que a acompanhes. Ah, menino! jamais com tanto zelo Cornélia leu para seus próprios filhos como contigo tua tia estuda a Oratória de Túlio e a alta poesia.

MARCO — Saber não podes por que ela insta tanto?

MENINO — Não, meu senhor, adivinhar não posso; salvo se for acesso de loucura, pois ouvi muitas vezes do avozinho que a dor extrema deixa os homens loucos, e tenho lido que Hécuba de Tróia enlouqueceu de dor. Dai, ter medo, embora saiba, meu senhor, que minha nobre tia me tem amor materno, não podendo querer, por isso mesmo, medo infundir em minha mocidade, a não ser num momento de loucura. Isso me fez jogar o livro longe e fugir dela, sem razão, decerto. Boa tia, perdão. Porém, senhora, se o tio Marco quiser vir comigo, de grado irei com Vossa Senhoria.

MARCO — Sim, Lúcio; farei isso.

(*Lavínia mexe nos livros que Lúcio deixara cair.*)

TITO — Então, Lavínia? Marco, que será? Decerto quer folhear um livro desses. Qual é deles, menina? Abre-os, pequeno. Porém és mais instruída e ler consegues outros escritos. Vem comigo e escolhe entre os meus livros quantos desejares para distrair tua mágoa, até que possa mostrar o céu o autor desse atentado. Por que ela agita um braço depois do outro?

MARCO — Penso que ela deseja revelar-nos que houve mais de um culpado nesse crime. Sim, decerto, mais de um. Salvo se os braços dirige ao céu para implorar vingança.

TITO — Lúcio, que livro é esse em que ela mexe?

MENINO — São "As Metamorfoses", avozinho, de Ovídio. Minha mãe foi quem mo deu.

MARCO — Por amor da defunta, certamente, separou-o dos demais.

TITO — Cuidado! Vede como ela vira as folhas. Auxiliemo-la. Que quer ela? Poderei ler, Lavínia? E a história trágica de Filomela, da traição de Tereu e da violência; e a violência, receio-o muito, se acha no fundo de sua pena.

MARCO — Observa, mano, como ela indica a página!

TITO — Lavínia, surpreendida assim foste, doce filha, ultrajada e violada, como outrora Filomela forçada foi nas matas infindáveis, injustas e impiedosas? Vede! vede! Há um vale assim, onde uma vez caçamos — se nunca lá tivéssemos estado! — tal como o poeta o dele aqui descreve, para a violência feito e para o crime.

MARCO — Por que faria a natureza um antro tão medonho, se os deuses não achassem deleite nas tragédias?

TITO — Filha, fala-nos por meio de sinais, somos amigos. Que romano fidalgo ousou tal crime? Não se terá esgueirado Saturnino para junto de ti, como Tarquínio, quando deixou o acampamento, para manchar o sacro leito de Lucrécia?

MARCO — Boa sobrinha, senta-te; vem, mano, sentar-te aqui também. Apolo, Palas, Jove e Mercúrio iluminar-me possam, para que eu venha a descobrir o crime. Olhai aqui, senhor; olha, Lavínia. O terreno é arenoso; se puderes, gira este pau, tal como o faço agora. (*Escreve na areia, segurando o bastão com a boca e dirigindo-o com os pés.*) Consegui escrever o próprio nome, sem o auxílio das mãos. Maldito seja no fundo da alma quem nos força a tanto. Boa sobrinha, escreve, e alfim nos mostra quanto quer Deus que fique manifesto para a vingança. O céu te guie a pena para expressares claramente as mágoas, porque fiquemos, afinal, sabendo toda a verdade e o nome dos traidores.

(*Lavínia segura o bastão com a boca e escreve, guiando-o com os braços mutilados.*)

TITO — Consegues ler, senhor, o que ela escreve? "Estupro. Quirão. Demétrio."

MARCO — Como! Os filhos lascivos de Tamora são os autores deste crime hediondo?

TITO — Magni dominator poli, Tam lentus audis scelera? tam lentus vides?

MARCO — Acalma-te, senhor, embora eu saiba que o que ficou escrito sobre a terra seja o bastante para uma revolta suscitar nos espíritos mais calmos e armar os corações até das crianças. Ajoelha-te comigo; e tu, Lavínia, faze o mesmo também. Menino, ajoelha-te — és a esperança do romano Heitor — e comigo prestai o juramento que outrora fez ao infeliz esposo e ao pai da casta dama desonrada Júnio Bruto, ao violada ser Lucrécia: que empregaremos todos os recursos para tomar cabal vingança desses pérfidos godos, e ou derramaremos o sangue deles, ou sob esse ultraje perderemos a vida.

TITO — Uma vez isso determinado, resta achar os meios. Irás despertar a ursa, se bulires com os filhos dela. Toma, pois, cuidado: se ela te farejar, lembra-te sempre que em liga estreita com o leão se encontra, o acalenta, deitando-se de costas; e, vindo ele a dormir, faz

quanto queira. Marco, és um caçador inexperiente. Deixa isso. Vem comigo; vou prover-me de uma folha de ferro, e com uma ponta de aço gravarei nela essas palavras, para depois guardá-las, que o violento vento norte dispersa toda a areia, tal como o faz com a folhas da Sibila. E que será, assim, de vosso texto? Que achas disso, menino?

MENINO — Acho, avozinho, que, se eu fosse homem, não seria o quarto da mãe deles amparo suficiente para esses malfeitores que se encontram sob o jugo romano.

MARCO — Assim, menino! Muitas vezes teu pai fez isso mesmo para esta pátria ingrata.

MENINO — Caso eu viva, tio, farei de novo a mesma coisa.

TITO — Vamos à sala de armas. Quero armar-te, Lúcio. Depois, menino, alguns presentes de minha parte levarás aos filhos da imperatriz. Vem logo. Vamos. Hás de fazer o que te peço, não é certo?

MENINO — Cravando meu punhal no peito deles.

TITO — Não, menino; assim, não. Vou ensinar-te quanto deves fazer. Vamos, Lavínia. Marco, cuida da casa; vou com Lúcio fazer algo na corte. É certo, amigo. Pelo céu! vamos ser muito aplaudidos.

(*Saem Tito, Lavínia e o menino.*)

MARCO — Deuses, ouvis gemer um homem destes, sem mostrardes piedade nem ternura? Não o abandones, Marco, em seu delírio. Mais cicatrizes de tristeza mostra no coração, que marcas dos inimigos no escudo deformado. No entretanto, tão fiel se mostra que não quer vingar-se. Vingai o velho, ó céus! ó alto Andrônico. (*Sai.*)

Cena 2

O mesmo. Um quarto no palácio. Entram, por um dos lados, Aarão, Demétrio e Quitão; por outro, o menino Lúcio e um criado com um feixe de armas, que trazem inscrições em versos.

QUIRÃO — Eis o filho de Lúcio, que nos trouxe, Demétrio, uma mensagem.

AARÃO — Sim, alguma mensagem louca de seu louco avô.

MENINO — Com a humildade possível, meus senhores, trago-vos saudações do alto Andrônico. (*À parte.*) E que os deuses romanos vos confundam.

DEMÉTRIO — Obrigado, menino. Que foi que houve?

MENINO (*à parte*) — O que houve é que já fostes descobertos como dois celerados acoimados de sedução. (*Alto.*) Se for de vosso gosto, bem avisado meu avô mandou-vos as mais vistosas armas e prestantes de sua coleção, para ornamento de vossa mocidade em tudo honrosa, esperança de Roma. Isso me disse que vos dissesse, como o faço agora, a Vossas Senhorias entregando seus mimos, para que fiqueis armados e defendidos, quando for preciso. Dito isto, me despeço de vós ambos. (*À parte.*) Como de celerados sanguinários.

(*Saem o menino e o criado.*)

DEMÉTRIO — Que é isto? Um rolo de papel, escrito todo à volta! Vejamos: (*Lê.*) Integer vitae, scelerisque purus, Non eget Mauri jaculis, nec arcu.

QUIRÃO — Oh! são versos de Horácio! Sim, recordo-me, há muito tempo os li numa gramática.

AARÃO — Isso! um verso de Horácio. Sois ladino. (*À parte.*) Como é feio ser asno! Não se trata de pilhéria. O velhote está sabendo quais são os criminosos e lhes manda armas com versos que penetram fundo sem que eles o percebam. Se estivesse nossa sagaz imperatriz desperta, aplaudiria a mente de Andrônico. Mas que descanse em seu descanso inquieto. (*Alto.*) Então, jovens senhores, não foi astro bondoso que nos trouxe para Roma, estrangeiros como éramos e, ainda, na situação de escravos, para em pouco tempo chegarmos a esta culminância? A mim fez bem, na porta do palácio desafiar o tribuno na presença do próprio irmão.

DEMÉTRIO — E a mim, ver um fidalgo com mimos adular-nos baixamente.

AARÃO — E não terá razão, senhor Demétrio? Não tratastes tão bem a filha dele?

DEMÉTRIO — Desejara dispor de mil romanas, para, à vontade, nelas nos saciarmos.

QUIRÃO — Voto cheio de amor e caridoso.

AARÃO — Somente vossa mãe está faltando para dizer amém.

QUIRÃO — O que faria cons relação a vinte mil romanas.

DEMÉTRIO — Vamos logo; rezemos para os deuses por nossa mãe, que está com tantas dores.

AARÃO (*à parte*) — Para o diabo, que os deuses nos deixaram.

(*Ouve-se um toque de trombeta.*)

DEMÉTRIO — Por que soa a trombeta do monarca?

QUIRÃO — Sem dúvida por ter nascido um filho do imperador.

DEMÉTRIO — Silêncio! Quem vem vindo?

(*Entra a ama, trazendo nos braços uma criança de cor preta.*)

AMA — Bom dia, meus senhores. Informai-me: Vistes o mouro Aarão?

AARÃO — Está presentes se não tiver saído. Eis aqui Aarão. Que é que desejais dele?

AMA — Ó gentil mouro, estamos desgraçados! É preciso que nos ajudes, se te queres salvo.

AARÃO — Que aconteceu? Por que todo esse miado? Que é que procuras ocultar nos braços?

AMA — O que dos olhos esconder quisera do próprio céu, o opróbrio da rainha, a desonra de Roma soberana. Já descansou, senhores, a rainha; já descansou.

AARÃO — Descansou, como?

AMA — Digo que deu à luz um filho.

AARÃO — Bom descanso o céu lhe dê. Que foi que lhe enviou ele?

AMA — Um diabo.

AARÃO — E que ela, então, é a mãe do diabo. Que bela conseqüência!

AMA — Conseqüência triste, maldita, tão negra e desgraçada. Eis a criança, tão feia como um sapo que se encontrasse junto dos meninos de nossa terra. A imperatriz ta envia, tua impressão tua chancela pura, e manda que o batizes com teu gládio.

AARÃO — Sai, prostituta! Preto é cor tão feia? Certo te julgas uma flor bonita com uma cara dessas.

DEMÉTRIO — Que fizestes, miserável?

AARÃO — O que já não consegues desfazer.

QUIRÃO — Nossa mãe está perdida.

AARÃO — Não, vilão; pois por mim foi encontrada.

DEMÉTRIO — E assim, cão infernal, a desgraçaste. Coitada dela! Amaldiçoada seja sua escolha asquerosa, e condenado o produto de um diabo tão lodoso.

QUIRÃO — Não deverá viver.

AARÃO — Não deverá morrer.

AMA — Aarão, é a própria mãe que assim resolve.

AARÃO — Ah! É assim, ama? Então, pessoa alguma, a não ser eu, há de aplicar a pena em minha própria carne e no meu sangue.

DEMÉTRIO — Vou fisgar o girino no meu gládio. Ama, entrega-mo; vou por pressa nisso.

AARÃO — Antes, a espada te enfiarei nas tripas. (*Toma da ama a criança e saca da espada.*) Assassinos, parai! Quereis a vida tirar do próprio irmão? Pelos ardentes fachos do firmamento, que brilhavam quando foi concebida esta criança, na ponta desta minha cimitarra morrerá quem tocar no meu herdeiro, no meu primeiro filho. Jovens, digo-vos que nem o próprio Encélado com todos os filhos de Tifão, bando espantoso, nem Alcides glorioso e o deus da guerra. das mãos paternas tirarão a presa. Vamos, vamos, meninos coradinhos, de coração vazio, variegados escudos de taberna, muros brancos de caiadura: a cor mais firme é a preta como carvão, pois não suporta as outras, pois toda a água do oceano as negras pernas do cisne não consegue deixar brancas, embora sempre as lave na corrente. Dizei à imperatriz que eu tenho idade para amparar meus bens, Que me desculpe como puder.

DEMÉTRIO — Trair, então, pretendes, dessa maneira, tua nobre amante?

AARÃO — Amante é amante, esta criancinha, entanto, sou eu mesmo, o vigor, o próprio quadro de minha mocidade. Que a prefira a tudo o mais é certo. Contra o mundo saberei defendê-la, e dura pena sofrerá quem de vós lhe fizer dano.

DEMÉTRIO — A nossa mãe traz isso opróbrio eterno.

QUIRÃO — Por essa transgressão tão reprovável vai Roma desprezá-la.

AMA — Em sua cólera o imperador vai condená-la à morte.

QUIRÃO — Coro só de pensar nessa ignomínia.

AARÃO — Ora, esse é o privilégio da beleza que vos define. Fora, cor traidora! que trai pelo rubor os sentimentos do coração e seus secretos planos. Eis um garoto Feito de outra tinta. Vede como o negrinho está sorrindo para seu pai, tal como se dissesse: “Meu velho, sou teu mesmo”. E vosso mano, meus senhores, recentemente feito do mesmo sangue a que deveis a vida; do mesmo ventre em que estivestes presos foi ele libertado e à luz trazido. E vosso irmão do lado certo, embora no rosto traga impresso meu carimbo.

AMA — Que devo, Aarão, dizer à imperatriz?

DEMÉTRIO — Pensa, Aarão, no que cumpre ora fazermos, que nós concordaremos com teu plano. Salva a criança, contanto que nos salves.

AARÃO — Sentemo-nos, então, e reflitamos. Eu e meu filho ficaremos de olho em vós ambos. Sentai-vos aí. E agora falai em salvação. (*Sentam-se.*)

DEMÉTRIO — Quantas mulheres viram a criança?

AARÃO — É isso, meus senhores: quando estamos de acordo eu sou cordeiro. Mas se o mouro irritais, Aarão se exalta como o mar bravo, o javali sanhoso, a leoa das montanhas. Mas dizei-me: quantas pessoas viram esta criança?

AMA — A parteira Cornélia, apenas, e eu, sem incluirmos, decerto, a parturiente.

AARÃO — Vós, a parteira e a imperatriz... E isso? Duas pessoas guardarão segredo, quando falta a terceira. Assim, vai logo contar à imperatriz que eu te disse isto: "Coé! Coê!" (*Apunhala-a.*) Assim grita um leitão esfaqueado.

DEMÉTRIO — Que pretendes, Aarão? Por que a mataste?

AARÃO — Oh senhor! Por um ato de política. Iríamos deixá-la viva, para revelar nossa falta? Uma comadre faladora como ela? Não, meus caros. E agora vos direi todo o meu plano. Mora aqui perto meu compatriota Mulei, cuja mulher na última noite deu à luz uma criança parecida com ela e, como vós, de pele clara. Ide assentar com ele esse negócio; à mulher dai dinheiro, contai a ambos tudo o que aconteceu e como o filho deles irá subir de agora em diante, passando a ser o herdeiro da coroa, pois no lugar do meu vai ficar sempre, para acalmar o furacão da corte. E que o rei o acalente como próprio. Olhai aqui, senhores; como vedes, dei-lhe o remédio certo. (*Apontando para a ama.*) É necessário que trateis das exéquias dela agora. O campo é perto; sois valentes moços. Feito isso, não deveis perder mais tempo: mandai logo a parteira procurar-me. Uma vez a parteira e a ama afastadas, as mulheres que falem quanto queiram.

QUIRÃO — Pelo que vejo, Aarão, nem mesmo ao vento confias um segredo.

DEMÉTRIO — Esse cuidado que tens com nossa mãe a deixa e aos filhos penhorados contigo para sempre.

(*Saem Demétrio e Quirão carregando o corpo da ama.*)

AARÃO — E agora, tão veloz como andorinhas corramos para os godos, para, entre eles, guardar este tesouro e com os amigos da imperatriz falar secretamente. Vamos, beiçudo, vou depor-vos longe, que a causa sois de toda a trapalhada. Raízes comereis e frutas bravas, coalhada e soro. Mamareis em cabra, morareis em caverna e, após crescerdes, vos tornareis guerreiro e comandante. (*Sai levando a criança.*)

Cena 3

O mesmo. Uma praia publica. Entra Tito carregando setas, em cujas pontas estão presas cartas; seguem-no Marco, o menino Lúcio, Públio, Semprônio, Caio e outros senhores, com arcos.

TITO — Vem, Marcos; vem! Este é o caminho, primos. Garoto, agora mostra quanto és hábil na pontaria. Puxa bem a corda, que a seta irá direito. Terras Astraea reliquit. Sim, Marcos, não te esqueças disto: foi-se, fugiu. Agora, meus senhores, todos peguem nos instrumentos. Vós, meu primo, o oceano rondareis, jogai a rede. Porventura no mar ireis achá-la, muito embora a justiça esteja ausente de lá, como da terra. Não, não, Públio! Não, Semprônio! é preciso fazer isso. Precisareis cavar com pá e enxada até o centro da terra mais profundo. Então, chegados à região de Pluto, peço-vos, entregai-lhe este pedido, dizendo-lhe que trata de um pedido de justiça, de ajuda, e que mandado pelo velho Andrônico foi, de dores acabrunhado nesta ingrata Roma. Ah! Roma... Bem, deixei-te, miserável, quando os sufirágios alcancei do povo para eleger a quem me tiraniza. Ide embora, vos peço. Sede cautos, sem que deixeis de investigar em todos os navios de guerra. E bem possível que esse maldito imperador a tenha levado para bordo e, assim, parentes, podemos assobiar: Adeus, Justiça!

MARCO — Ó Públio! não é coisa dolorosa ver desvairar nosso tão nobre tio?

PÚBLIO — Por isso mesmo, meu senhor, devemos dia e noite cuidar muito bem dele, satisfazendo-lhe os caprichos quanto for possível, até que o tempo mostre qualquer remédio azado.

MARCO — Sua mágoa, primos, já não tem cura. Para os godos vos passai e, em campanha assoladora desafogai-vos dessa ingrata Roma e ao traidor Saturnino dai a paga.

TITO — Então, Públio? Meus mestres, como fostes? Conseguistes saber onde ela se acha?

PÚBLIO — Não, bondoso senhor. Porém mandou-vos Pluto dizer que se quereis vingança da parte dele podereis obtê-la. Quanto à Justiça, é de opinião que se acha no céu ou em qualquer parte, em desempenho de incumbência de Júpiter. Forçoso será, portanto, que espereis um pouco.

TITO — Comigo é injusto protelando tanto. Vou mergulhar no lago chamejante e do Aqueronte pelos calcanhares para cima trazê-la. Somos, Marco, arbustozinhos, não possantes cedros, não gigantes, no jeito dos Ciclopes. Somos de ferro, Marco, é certo; temos as costas de aço, mas o sofrimento fê-la dobrar além do suportável. Porém já que a Justiça nem na terra se

encontra nem no inferno, bater quero no céu e comover os deuses, para que a Justiça nos mande, porque nossas injúrias vingue logo. Mãos à obra! Marco, és um bom archeiro. (*Dá-lhe flechas.*). "Ad Jovem", esta é para vós. Esta outra: "Ad Apollinem", "ad Martem", para mim. Aqui, menino, para Palas; aqui, para Mercúrio. Esta outra, Caio, vai para Saturno, não para Saturnino; melhor fora disparar contra o vento. Ficai prestes. Menino! Marco! A um sinal meu, soltai-as. Sob palavra, escrevi à maravilha, sem deixar de pedir a um só dos deuses.

MARCO — Disparai, primos, para a corte as flechas; humilhemos o orgulho do monarca.

TITO — Disparai, mestres. (*Todos disparam suas setas.*) Bravo, Lúcio! Bravo! Menino, a Virgo no regaço. a Palas!

MARCO — Mais de milha, senhor, passei da lua; vossa missiva já chegou a Júpiter.

TITO — Ah! que fizeste, Túlio! Vê: bateste num dos cornos de Taurus.

MARCO —A pilhéria, meu senhor, está nisso, justamente. Tendo Públio atirado, enraivecido ficou o Touro, e tamanha cabeçada deu em Aries, que os cornos do Carneiro foram parar na corte. E quem havia de encontrá-los, senão o próprio biltre da imperatriz? Rindo, ela disse ao mouro que outro meio não tinha senão dá-lo de presente ao nuarido.

TITO — Otimamente. Deus dê alegria a Sua Senhoria. (*Entra o bobo, com dois pombos num cesto.*) Novas, novas do céu! Marco, o correio! Maroto, que nos contas? Trazes cartas? Terei justiça? Júpiter, que disse?

BOBO — Quem, o carrasco? Mandou dizer que ainda não levantou a forca porque o homem só poderá ser executado na próxima semana.

TITO — Mas Júpiter que disse? E o que pergunto.

BOBO — Ora, senhor, não conheço Júpiter. Em toda minha vida nunca bebemos juntos.

TITO — Como, vilão! Não és carteiro, acaso?

BOBO — Sim, senhor, de meus pombos; de mais ninguém.

TITO — Não vieste, então, do céu?

BOBO — Do céu? Ora, senhor! Nunca estive lá. Deus me livre de ter a ousadia de querer penetrar no céu durante os meus dias de mocidade. Vede, dirijo-me com meus pombos para o tribunal popular, para acalmar uma pendência entre meu tio e um dos criados do imperador.

MARCO — Ora vede, senhor; isto vem a calhar para mandar vossa petição. Dizei-lhe que entregue de vossa parte os pombos ao imperador.

TITO — Dize-me: saberás transmitir com graça uma súplica ao imperador?

BOBO — Não, senhor; de forma alguma. Nunca disse uma graça em toda a minha vida.

TITO — Vamos, maroto; basta de conversa. Dai ao imperador os vossos pombos. Farei que de suas mãos justiça alcances. Espera um pouco; toma este dinheiro por tua comissão. Dêem-me papel e tinta. Então, maroto, com graças saberás dar um recado?

BOBO — Sim, senhor.

TITO — Então aqui tendes o pedido. E quando chegardes à frente dele, será preciso que logo vos ajoelheis. Depois, beijai-lhe os pés; depois, entregai-lhe os pombos e, a seguir, aguardai a recompensa. Ficarei por perto, senhor; fazei as coisas com decisão.

BOBO — Ficai sem cuidado, meu senhor, deixai isso a meu encargo.

TITO — Não terás uma faca aí, maroto? Deixa-me vê-la. Embrulha-a no pedido, Marco; pois como humilde suplicante foi que o escreveste. E tu, depois de o teres dado ao imperador, vem ao meu quarto contar-me o que ele disse.

BOBO — Que Deus esteja convosco, senhor. Assim farei.

TITO — Vamos, Marco, partamos. Públio, segue-me.

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. Diante do palácio. Entram Saturnino, Tamora, Demétrio, Quirão, nobres e outras pessoas. Saturnino tem nas mãos as flechas disparadas por Tito.

SATURNINO — Que pensais, meus senhores, desta ofensa? Em qualquer tempo o imperador de Roma já se viu perseguido desse modo, confundido, vexado e, por ter sido sempre imparcial, tratado com desprezo? Senhores, bem sabeis, como os potentes deuses também o sabem — por mais que esses perturbadores da tranqüilidade de nosso reino falem junto ao povo — que não foi feito nada contra os filhos vis do velho Andrônico sem do nosso lado termos a lei. Dando-se o caso de que a dor a razão lhe transtornasse, perseguido teremos de ser sempre por seus delírios, frenesis, doidices? Agora aos deuses escreveu pedindo reparação dos males. Eis a carta para Júpiter; esta é de Mercúrio; esta, de Apolo; esta, do deus da guerra, inocentes escritos para serem jogados pelas ruas da cidade! Que quer isso dizer, senão apenas difamar o Senado e apresentar-nos por toda a parte como prepotente? Pilhéria espirituosa, não, senhores? Como quem diz: não há justiça em Roma. Hão de ficar sabendo, ele e os parentes, que em Saturnino é que a Justiça vive. Se ela, acaso, dormita, ele há de logo despertá-la, de forma que em sua cólera a destruir venha o mais intolerável conspirador do mundo.

TAMORA — Meu gracioso senhor, meu mui querido Saturnino, senhor de minha vida, dirigente dos pensamentos meus: não te exasperes e considera as faltas da velhice de Tito como efeitos da tristeza, por ter perdido os valorosos filhos, o que fundo o atingiu, atravessando-lhe o coração. Procura consolá-lo em sua triste sorte, sem castigo cominar ao maior, ao mais humilde, por todas as afrontas. (*À parte.*) E com lábia que à astuciosa Tamora convém sempre falar com todo o mundo. Mas eu soube, Tito, ferir-te e fiz correr o sangue do coração. Se Aarão for cauteloso, tudo vai bem e ao porto chegaremos. (*Entra o bobo.*) Que há? Queres falar conosco, amigo?

BOBO — Sim, em verdade, se Vossa Senhoria for imperial.

TAMORA — A imperatriz sou eu, e aquele que está sentado ali é o imperador.

BOBO — E ele. Deus e Santo Estêvão vos dêem uma boa tarde. Trouxe-vos uma carta e um casal de pombos.

(*Saturnino lê a carta.*)

SATURNINO — Daqui o levai e o pendurai na forca.

BOBO — Quanto dinheiro eu vou ganhar?

TAMORA — Vamos, maroto, vais ser mas é enforcado.

BOBO — Enforcado? Pela Virgem! Assim, trouxe o pescoço para um belo fim. (*Sai escoltado.*)

SATURNINO — Acintoso demais, intolerável! Terei de suportar esses insultos? Sei bem de onde procede a brincadeira. Terei de agüentar tudo isso? Como se seus filhos traidores, que morreram por terem nosso irmão assassinado, por meu alvitre injustamente houvessem sido mortos no cepo! ide buscar-me pelos cabelos esse miserável. Nem a velhice, nem as dignidades lhe servirão de amparo. Só por esta zombaria vou ser o teu carrasco. Velhaco louco e astuto, ao me ajudares a conquistar o trono, só pensavas em vir a governar em mim e em Roma. (*Entra Emilio.*) Que novidades há?

EMILIO — Armas, armas, senhor! Nunca houve em Roma tanta razão para isso. Novamente levantaram-se os godos. Com uma força de homens dispostos, que ao espólio visam, vêm contra nós, ao mando obedecendo de Lúcio, o filho de Andrônico, o velho, que em sua fúria repetir ameaça quanto fez Coriolano outrora em Roma.

SATURNINO — É o bravo Lúcio o general dos godos? Essa notícia me enregela, e a fronte deixo cair tal como as flores fazem após a geada, ou a grama nas tormentas. Sim, as preocupações já se aproximam. Sempre foi estimado pelo povo. Eu próprio ouvi falar bastantes vezes entre os comuns, quando passeava incógnito, que banido ele fora injustamente. sendo geral aspiração que Lúcio venha a imperar em Roma.

TAMORA — De que tendes tanto receio? Roma não é forte?

SATURNINO — E; mas os cidadãos preferem Lúcio e me abandonarão para auxiliá-lo.

TAMORA — Seja rei, qual teu nome, teu espírito: imperial. Porventura o sol se empana, quando voa uma mosca? As águias deixam que os passarinhos cantem, sem nenhuma preocupação com seu trinado alegre, certas de que com a sombra de suas asas poderão reduzi-los ao silêncio, quando bem entenderem. Coisa idêntica farás com esses romanos inconstantes. Ânimo, então, imperador! Pois sabe que eu pretendo encantar esse Andrônico com palavras mais doces e, no entanto, mais fatais do que a isca para o peixe ou, para a ovelha, o trevo de carvalho: uma na isca vai ferir-se; a outra, empachada vem a morrer do cibo delicioso.

SATURNINO — Mas ele junto ao filho, certamente não falará por nós.

TAMORA — Caso Tamora a isso o concite, falará decerto. Posso adular-lhe o ouvido encanecido, cheio deixando-o com promessas áureas. Tivesse o coração inexpugnável e surdo o ouvido, coração e ouvido obedientes à minha voz seriam. (*A Emilio.*) Vai na frente; sê nosso embaixador. Dize que o rei parlamentar deseja com o valoroso Lúcio e marca o encontro justamente na casa de Andrônico.

SATURNINO — Desempenha-te, Emilio, honrosamente dessa nossa mensagem. Se ele, acaso, pedir reféns para ficar tranqüilo, ele que diga qual penhor deseja.

EMILIO — Com zelo cumprirei vosso mandado. (*Sai.*)

TAMORA — Vou já à procura de Andrônico, o velho, para, com meus recursos, convencê-lo a fazer que se passe dos guerreiros godos o bravo Lúcio. E agora, amável

imperador, fica de novo alegre, sepultando o temor em meus conselhos.

SATURNINO — Vai convencê-lo, então, e obtém bom êxito.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Planície perto de Roma. Fanfarra. Entra Lúcio com um exército de godos, com tambores e bandeiras.

LÚCIO — Guerreiros valorosos, bons amigos, recebi cartas da grandiosa Roma, que o ódio refletem que ao monarca votam e o desejo que todos têm de ver-nos. Por isso, bons senhores, como vossos títulos o confirmam, revelai-vos altivos e impacientes de vingar-vos das injúrias sofridas. Por um dano que Roma vos tivesse ocasionado, paga tripla podeis haver agora.

PRIMEIRO GODO — Bravo rebento do ínclito Andrônico, cujo nome já foi pavor dos godos, ora nosso conforto, cujos feitos altanados e fama sempiterna pagou a ingrata Roma com desprezo ignominioso: sê conosco ousado. Iremos todos aonde nos levares, como abelhas armadas, que nos dias mais quentes do verão o mestre leva para os prados floridos, e vinguemo-nos da maldita Tamora.

GODOS — O que ele disse, todo o exército diz.

LÚCIO — Humildemente lhe agradeço e a vós todos. Mas quem chega conduzido por um alegre godo?

(*Entra um godo, conduzindo Aarão que traz nos braços seu próprio filho.*)

SEGUNDO GODO — Alto Lúcio, afastei-me das fileiras para ver as ruínas de um mosteiro; e quando os olhos eu fixava atento numa casa assolada, ouvi de súbito choro de criança por detrás de um muro. Para lá dirigi-me; mas nessa hora a voz ouvi de alguém que procurava desta maneira consolar a criança: "Cala-te, escravo escuro! Em meu socorro vem e de tua mãe. Que o colorido de tua pele não te traia a origem. Se a natureza ao menos te tivesse dado a cor de tua mãe, ser poderias imperador. Mas quando o touro e a vaca são cor de leite, nunca o bezerrinho sairá como carvão. Quieto, velhaco! Fica quietinho aí!" — Dessa maneira, realmente, consolava ele o menino — "Vou entregar-te a um godo de confiança que, quando a saber vier que tu nasceste de uma alta imperatriz, há de com zelo cuidar de ti por causa de tua mãe." Nessa altuira, sacando minha espada, de súbito o peguei e vo-lo trouxe, porque dele trateis como quiserdes.

LÚCIO — O godo, este é o demônio em carne e osso que a Andrônico privou da mão valente, a pérola que fascinou os olhos da imperatriz, e aqui se encontra o baixo produto da luxúria ardente de ambos. Dize-me, escravo de olho branco: aonde pretendias levar esta futura imagem de tua face demoníaca? Por que não falas? Como! És surdo e mudo? Soldados, uma

corda! Pendurai-o nesta árvore, e ao seu lado o bastardinho.

AARÃO — Não toqueis no menino; é de real sangue.

LÚCIO — Mui semelhante ao pai, para que possa ser bom. Primeiro pendurai a criança, porque ele veja como ela esperneia, e assim se aflija o coração paterno. Uma escada!

(*Trazem uma escada, na qual Aarão é forçado a subir.*)

AARÃO — Não mates, Lúcio, a criança. De minha parte à imperatriz a entrega. Se fizerdes assim, coisas miríficas te contarei, que te serão muito úteis. Se não me ouvires, bem; que me aconteça seja o que for. Direi apenas isto: a peste e a maldição sobre vós todos!

LÚCIO — Fala. Se me agradar o que disseres, viva ela ficará, cuidando eu próprio de sua educação.

AARÃO — Se te agradares do que eu disser? Oh! posso assegurar-te que na alma há de pungir-te o meu discurso, porque falar pretendo de assassínios, violações e massacres, atos negros da escura noite, abomináveis feitos, traições, conjuras, vilanias, fraudes terríveis de se ouvir, mas realizadas por modo lastimável. Isso tudo sepultado vai ser com minha morte, se não me prometeres que meu filho vivo continuará.

LÚCIO — Dize o que sabes. Prometo que teu filho fica vivo.

AARÃO — Jura primeiro, que a falar começo.

LÚCIO — Jurar! Por quê? Não crês que Deus exista. Se assim é, como crês num juramento?

AARÃO — Que importa que eu não creia? É assim, de fato. Mas sei que és religioso e que uma coisa tens chamada consciência, e que dás crédito a vinte ou trinta ritos e momices sacerdotais, que cumpres com bem zelo. Eis o motivo de exigir que jures; pois uma vez sabendo que um idiota por um deus toma suas bugigangas e a palavra mantém por ela dada, nessa base reclamo dele a jura. Assim, terás de me jurar por esse mesmo deus — pouco importa qual seja ele adorado por ti e reverenciado, que salvarás meu filho e o criarás. Caso contrário, não te direi nada.

LÚCIO — Juro pelo meu Deus que farei isso.

AARÃO — Fica sabendo, então, logo de início, que a imperatriz é a mãe deste meu filho.

LÚCIO — Oh mulher de luxúria insaciável!

AARÃO — Ora, Lúcio! isso foi apenas ato de caridade, junto com o que ainda terás de ouvir de mim. Foram seus filhos que mataram Bassiano e, após, violaram tua irmã, lhe amputaram as mãos brancas, a língua lhe cortaram, enfeitando-a da maneira que viste.

LÚCIO — Ó miserável! Chamas a isso enfeitar?

AARÃO — Ora, lavada foi, cortada, enfeitada, tendo sido tudo isso para os dois belo brinquedo.

LÚCIO — Oh! monstros como tu, bestiais e bárbaros!

AARÃO — Realmente, o guia eu fui do que fizeram. Da mãe lhes veio o espírito lascivo, tão certo como haver na mesa o trunfo; mas a sede de sangue foi comigo, parece, que aprenderam, tão verdade como atacar um cão de frente sempre. Bem, que meus atos provem quanto valho. Atraí teus irmãos para a traiçoeira cova onde o corpo de Bassiano estava. E minha a carta por teu pai achada, tendo sido eu, também, que escondi o ouro de que nela se fala, combinado tendo tudo isso com Tamora e os filhos. Que fato houve, em resumo, de que causa não achasses de dor, em que eu deixasse de tomar parte ativa? Usei de fraude para a mão de teu pai ver decepada, e, ao recebê-la, retirei-me à parte, chegando quase a arrebentar o peito, de tanta gargalhada. Colocara-me a espiar por um buraco da parede, quando a cabeça recebeu dos filhos, em troco da mão dele. Vi suas lágrimas e ri-me tanto que fiquei com os olhos molhados como os deles, e após, no instante de contar à rainha a brincadeira, ela quase morreu de tanto gosto, ao ouvir minha história divertida, vinte beijos me dando pela nova.

PRIMEIRO GODO — Como! Contas tudo isso sem ficares enrubescido?

AARÃO — Sim, como um cão negro, como diz o provérbio.

LÚCIO — Não te sentes arrependido dessas vilanias?

AARÃO — Sim, por não ter dez mil como essas feito. Agora mesmo amaldiçôo o dia — e creio que bem poucos caem dentro do círculo maldito — em que eu deixasse de praticar qualquer notória infâmia, como seja: tirar a alguém a vidaa, ou, quando menos, maquinar-lhe a morte, violar uma donzela ou dar a idéia para tal fim, sob falso juramento contra algum inocente fazer carga, entre amigos semear a odiosidade, fazer que do alto caia e se arrebente o rebanho do pobre, às altas horas da noite incendiar medas e celeiros, para aos donos gritar que com suas lágrimas as chamas apagassem. Muitas vezes desenterrei dos túmulos os mortos, colocando-os de pé, junto das portas dos amigos queridos, justamente quando a dor já se achava quase extinta, na pele dos cadáveres gravando com minha faca, tal como na casca das árvores se faz, em caracteres romanos: “Não deixeis que a dor se extinga, conquanto eu já morresse”. Ora! milhares de ações terríveis fiz com a mesma calma com que mato uma mosca, nada havendo que tanto me entristeça como a idéia de mais dez mil não realizar como essas.

LÚCIO — Levai esse demônio, sua morte deve ser prolongada; a forca, apenas, fora branda demais.

AARÃO — Se houver demônios, desejo ser um deles, porque viva no fogo eterno a me queimar, contanto que ao meu lado vos tenha lá no inferno, só para vos atormentar sem pausa com minhas invectivas amargosas.

LÚCIO — Tapai-lhe a boca; não deixeis que fale.

(*Entra um godo.*)

GODO — Chegou, senhor, de Roma um mensageiro que deseja poder falar convosco.

LÚCIO — Fazei-o entrar. (*Entra Emilio.*) Emilio, és mui bem-vindo. Que noticia de Roma nos trouxeste?

EMILIO — Glorioso Lúcio e vós, fidalgos godos, o imperador romano vos saúda por

minha boca. Por haver sabido que em armas vos achais, propõe que em casa de vosso pai convosco a falar venha. Podeis pedir reféns, se o desejardes, que vos serão entregues sem delongas.

PRIMEIRO GODO — Que diz o general?

LÚCIO — Emílio, caso Saturnino a meu pai e ao tio Marco entregue seu penhor, não faltaremos. Avante! Marcha!

(*Saem.*)

Cena 2

Roma. Diante do casa de Tito. Entram Tamora, Demétrio e Quirão, disfarçados.

TAMORA — Com esta triste e estranha vestimenta falarei a Andrônico, declarando-lhe que eu sou a Vingança, lá de baixo enviada para a ele me agregar e dar alívio ao seu incomportável sofrimento. Batei logo no quarto; dizem que ele se fecha aí, a excogitar projetos estranhos de vingança pavorosa. Dizei-lhe que a Vingança aqui se encontra para a ruína acelerar de todos os inimigos dele.

(*Quirão e Demétrio batem na porta.*)

(*Tito aparece em cima.*)

TITO — Quem veio perturbar meu pensamento? Vosso plano é forçar-me a abrir a porta para que sumam meus projetos tristes, frustro ficando todo o meu trabalho? Mas estais enganados. Vede! Quanto fazer pretendo já deixei fixado nestas linhas de sangue, pretendendo realizar tudo o que se encontra escrito.

TAMORA — Tito, só vim aqui para falar-te.

TITO — Não, nem uma palavra; como posso falar com graça, se de mão careço para com o gesto sublinhar a fala? Sobre mim tens vantagens. Foral Fora!

TAMORA — Se soubesses quem sou, desejarias comigo conversar.

TITO — Não estou louco; sei muito bem quem és; de testemunho sirva este pobre coto, sirvam estas linhas da cor de. sangue, estes profundos sulcos cavados pelo sofrimento; sirvam também de testemunho os dias inacabáveis, as pesadas noites, as dores infindáveis... Sim, conheço-te perfeitamente, como sendo a nossa soberba imperatriz, a poderosa Tamora. Vens tirar-me a mão restante?

TAMORA — Sabe, homem triste, que não sou Tamora; essa é tua inimiga; eu, tua amiga. Sou a Vingança, enviada pelo inferno para aplacar o abutre corrosivo que tens no pensamento, com deixar-te plenamente vingado dos inimigos. Vem, pois, saudar-me neste mundo claro; falemos sobre mortes e assassínios. Não há esconderijo, escura cova, vale brumoso, funda obscuridade onde se escondem, tímidos, o crime sanguinolento, o detestado estupro. que de encontrar mui fácil não me seja. Segreda a todos meu terrível nome, Vingança, e logo o criminoso treme.

TITO — És a Vingança, então, e foste enviada para que os inimigos eu torture?

TAMORA — Ela mesma; assim, desce e vem saudar-me.

TITO — Um serviço me presta, antes que eu desça. Ao lado teu o Estupro e a Morte vejo. Agora prova que a Vingança és mesmo: apunhala-os, ou passa com teu carro por cima deles, que eu irei saudar-te, de cocheiro servir-te, para em volta do globo nós girarmos. Dois ginetes apropriados arranja, negros, negros como azeviche, para velozmente teu carro vingador daqui levarem e procura assassinos em seus antros. Quando teu carro com as cabeças deles estiver carregado, então eu salto para correr junto das rodas como criado humilde, de pé o dia todo, desde que Hipério se alce no levante. Farei todos os dias isso tudo, se o Estupro e a Morte, que aí estão, matares.

TAMORA — São meus ministros ambos, acompanham-me.

TITO — São teus ministros? Como são chamados?

TAMORA — Morte e Estupro: esses nomes receberam por castigarem os culpados disso.

TITO — Deus bondoso! como eles se parecem com os filhos da rainha e tu com ela! Mas nós, homens terrenos, temos olhos enganadores, miseráveis, loucos. Ó Vingança agradável, não demoro; vou já falar-te. E se te basta o abraço de um lado só, neste momento mesmo te apertarei ao peito. Desço logo. (*Recolhe-se.*)

TAMORA — Convém ao seu estado concordarmos assim com seus caprichos. Com palavras apropriadas dai força a qualquer plano que eu, acaso, inventar para alimento de sua fantasia tresloucada. Convicto está de que a Vingança eu seja. Uma vez certo dessa idéia louca, dir-Ihe-ei que mande alguém chamar o filho, Lúcio, e, enquanto o retenho num banquete, hei de fazer que se dispersem todos os godos inconstantes, ou inimigos seus, ao menos, fazer de todos eles. Aí vem ele. Volto ao meu papel.

(*Entra Tito.*)

TITO — Há muito tempo estou desamparado, e tudo por tua causa. Sé bem-vinda, terrível Fúria, à minha casa triste. Roubo e Morte, a vós dois também saúdo. Mas como à imperatriz e seus dois filhos vos pareceis! Só falta para.o grupo terdes convosco o mouro. Todo o inferno fornecer não vos pôde um tal demônio? Pois sei que a imperatriz não dá um passo sem ter o mouro em sua companhia. Para a representardes com capricho indispensável fora que obtivésseis semelhante demônio. Pouco importa: sois bem-vindos assim. Mas, que faremos?

TAMORA — Andrônico, que queres que façamos?

DEMÉTRIO — Mostra-me um assassino, e logo o prendo.

QUIRÃO — Mostra-me um celerado que violado tivesse alguém, porque o castigue logo.

TAMORA — Mil sujeitos me mostra, que te houvessem feito algum dano, para que os castigue.

TITO — Corre as malditas ruas da cidade, e quando — ó Morte! — achares um sujeito parecido contigo, mata-o logo, porque é um assassino. Vai com ele, bondoso Estupro; e quando, por teu lado, encontrares alguém que se pareça milito contigo, meu bondoso Estupro, mata-o: um violador é de mulheres. Parte no encalço deles, pois na corte do imperador há uma rainha sempre seguida por um mouro. Muito fácil te será conhecê-la, pois é tua cópia perfeita, da

cabeça aos pés. Inflige-lhes, te peço, qualquer gênero de morte pavorosa. pois mostraram-se cruéis comigo e minha gente toda.

TAMORA — As tuas instruções serão cumpridas. Antes, porém, bondoso Tito, peço-te que mandes um recado para Lúcio, teu filho triplamente valoroso, que contra Roma traz guerreiros godos, e a um banquete o convida em tua casa. Uma vez ele ali, precisamente em teu festim solene, hei de trazer-te a imperatriz e os filhos, o monarca, todos os teus inimigos, que hão de, humildes, a teus pés ajoelhar e suplicar-te, podendo tu descarregar em todos as tristezas que o peito te angustiam. Que diz desse expediente o alto Andrônico?

TITO — Mano Marco! Quem chama é o infeliz Tito. (*Entra Marco.*) Marco, procura teu sobrinho Lúcio; encontrá-lo-ás entre os valentes godos. Da minha parte, dize-lhe que venha falar-me em minha casa, acompanhado dos mais notáveis príncipes dos godos. Que onde estiver acampe seus soldados. O imperador e a imperatriz, lhe dize, num festim tomam parte em minha casa, devendo Lúcio vir, para saudá-los. Se amor me tens, dá-lhe o recado certo; e ele que faça tudo o que te disse, se a vida preza de seu pai idoso.

MARCO — Farei tudo isso e voltarei depressa. (*Sai.*)

TAMORA — Agora vou cuidar de teus negócios; comigo levo estes meus dois ministros.

TITO — Não, não! Deixa comigo o Estupro e a Morte! Do contrário, farei voltar o mano, confiando a Lúcio, apenas, o vingar-me.

TAMORA (*à parte, aos filhos*) — Que achais, meninos? Ficareis com ele, enquanto eu vou contar ao meu marido que surtiu bom efeito a brincadeira? Cedei ao seus caprichos, adulai-o, falai-lhe com bons modos, entretendo-o até ao meu retorno.

TITO (*à parte*) — Reconheço-os perfeitamente, muito embora pensem que estou fora do juízo. Hei de apanhá-los em sua própria armadilha, a esses malditos mastins do inferno e à mãe que os pôs no mundo.

DEMÉTRIO (*à parte, a Tamora*) — Podeis sair, senhora, sem cuidado, deixando-nos aqui.

TAMORA — Sim, Andrônico; cuidar vai a Vingança dos castigos que irão já receber teus inimigos. (*Sai.*)

TITO — Adeus, doce Vingança; estou contente.

QUIRÃO — Dize-nos velho: que fazer devemos?

TITO — Silêncio! Reservei-vos muita coisa. Públio, vem cá! Vem, Caio! Valentino!

(*Entram Públio e outras pessoas.*)

PÚBLIO — Que desejais?

TITO — Conheces estes dois?

PÚBLIO — Os filhos são da imperatriz, Demétrio, parece-me, e Quirão.

TITO — Ora, ora, Públio! Estás muito enganado, Morte e Crime, é como eles se chamam.

Por tudo isso, meu gentil Públio, amarra-os; Valentino, Caio, as prestantes mãos sobre eles ponde. Suspirar já me vistes muitas vezes por este instante que ora se apresenta. Amarrai-os, portanto, com bem força, e a boca lhes tapai, se protestarem.

(*Sai. Públio e os outros seguram Quirâo e Demétrio.*)

QUIRÃO — Miseráveis, parai! Somos os filhos da imperatriz.

PÚBLIO — Por isso mesmo vamos dar cumprimento às ordens recebidas. A boca lhes tapai, não permitindo que pronunciem uma só palavra. Estás bem preso? Ponde força nisso.

(*Volta Tito cons uma faca, e Lavínia com uma bacia.*)

TITO — Vem ver, Lavínia; vem. Estão bem presos os teus dois inimigos. Amarrai-lhes a boca, não deixando que me falem. O Quirão e Demétrio! Celerados! Eis aqui a fonte que deixastes turva com todo o vosso lodo, o ameno estio que destruístes com vosso frio inverno. Matastes-lhe o marido; condenados por esse crime foram seus dois manos. Perdi uma das mãos por mero escárnio; ela, as duas, a língua, e o que é mais caro que mãos e língua: a pura castidade, por vós roubada, monstros impiedosos! Que poderíeis alegar em vossa defesa, se falar eu vos deixasse? Miseráveis! Implorar graça o pejo não vos permitiria. Ouvi, bandidos, de que modo pretendo castigar-vos. Ficou-me uma das mãos para o pescoço cortar-vos neste instante, enquanto fixa Lavínia nos dois cotos a bacia que aparar vai vosso culposo sangue. Sabeis que vossa mãe vem banquetear-se comigo, daqui a pouco, apresentando-se como a Vingança, por julgar-me louco. Ouvi-me, celerados! Vossos ossos vou reduzir a poeira, que no sangue misturada uma pasta me forneça com que uma torta aprontarei de vossas cabeças infamantes, para, logo, dizer àquela prostituta, vossa maldita mãe, que, como a própria terra, devorar venha os filhos. Esse é o banquete para que a convidei, sendo esse o prato com que ela vai fartar-se. Pois se minha filha sofreu bem mais que Filomela, mais do que Progne hei de vingar-me agora. Preparai as gargantas. Vem, Lavínia. (*Degola-os.*) Apara o sangue, e, após terem morrido, a poeira lhes reduzo os ossos todos, porque a misture neste odioso líquido e as vis cabeças coza nessa pasta. Vamos! Vamos! Que todos se azafamem no aprestar o banquete, pois pretendo mais sinistro deixá-lo e sanguinário que o festim dos Centauros. Carregai-os... Assim... Assim... Vou ser o cozinheiro, para arranjar as coisas de maneira que, ao vir a mãe, eles estejam prontos.

(*Saem carregando os cadáveres.*)

Cena 3

O mesmo. Pátio da casa de Tito. Um banquete preparado. Entram Lúcio, Marco e godos, com Aarão prisioneiro.

LÚCIO — Tio, Marco, uma vez que é da vontade de meu pai que eu retorne para Roma, por vós me deixo guiar.

MARCO — Como nós todos por ti, venha o que vier.

LÚCIO — Bondoso tio, guardai o mouro bárbaro, esse tigre devorador, demônio amaldiçoado. Não lhe deis alimento, acorrentai-o até que seja conduzido à frente da imperatriz, para servir de prova contra a conduta criminosa dela. Temo que o imperador contra nós todos rumine alguma insídia.

AARÃO — Que um demônio maldições me segrede e me permita soltar a língua e articular todo o ódio venenoso que o peito me angustia.

LÚCIO — Para trás, cão maldito! escravo infame! Senhores, ajudai meu tio nisso. (*Saem os godos com Aarão; soam trombetas.*) O toque é indício de que o rei vem perto.

(*Entram Saturnino e Tamora, com Emilio, senadores, tribunos e outras pessoas.*)

SATURNINO — Que tal? Há mais de um sol no firmamento?

LÚCIO — Por que motivo como sol te julgas?

MARCO — Imperador de Roma, caro Lúcio, interrompei a fala. Estas querelas resolvidas terão de ser com calma. Está pronto o festim que o cuidadoso Tito aprestou com um intento honroso, para o amor, a concórdia e o bem de Roma. Tomai vossos lugares, por obséquio.

SATURNINO — Assim faremos, Marco.

(*Soam oboés.*)

(*Entram Tito, vestido de cozinheiro, Lavínia com um véu no rosto, o menino Lúcio e outras pessoas. Tito coloca os pratos na mesa.*)

TITO — Gracioso imperador, sois mui bem-vindo. Bem-vinda sois, rainha temerosa. Guerreiros godos, salve! Salve, Lúcio! Saúdo a todos. Muito embora seja pobre a comida, há de satisfazer-vos. Começai, por obséquio.

SATURNINO — Qual a causa de vos vestirdes, Andrônico, assim?

TITO — Para ter a certeza de que nada há de faltar para condignamente servirmos Vossa

Alteza e a imperatriz.

TAMORA — Meu bondoso Andrônico, muito gratos vos ficamos por isso.

TITO — Vossas Honras realmente o ficariam, se soubessem quanto em meu coração se passa agora. Meu nobre imperador, resolvei-me isto: Teria procedido com acerto o impetuoso Virgínio, ao dar a morte com a própria mão à filha, por ter sido manchada, desonrada e deflorada?

SATURNINO — Sim, Andrônico, com acerto.

TITO — E as vossas razões, grande senhor?

SATURNINO — E que a donzela sobreviver não deveria à própria desonra nem as dores reavivar-lhe.

TITO — Forte razão, possante e decisiva. Exemplo, precedente, penhor vivo para que eu, infeliz, o mesmo faça. Morre, morre, Lavínia, e o teu opróbrio, com ele morre o opróbrio de teu pai. (*Mata Lavínia.*)

SATURNINO — Bárbaro, desumano, que fizeste?

TITO — Matei quem me deixou sem vista os olhos. Tão desgraçado sou quanto Virginio, e mil razões mais que ele tenho para perpetrar este crime. Já está feito.

SATURNINO — Como! Ela foi violada? Então revela-nos quem foi o autor desse ato.

TITO — Vossa Alteza não quererá comer? Desdenha o invite?

TAMORA — Por que matar o pai a própria filha?

TITO — Não fui eu que a matei, porém Demétrio com Quirão juntamente. Após haverem dela abusado, a língua lhe cortaram. Eles, apenas, lhe fizeram isso.

SATURNINO — Ide buscá-los; imediatamente!

TITO — Ora, ora! Ambos estão naquela torta com que a mãe deles tem-se regalado, comendo, assim, a própria carne que ela mesma engendrou. E certo, é certo; atesta-o a ponta aguda desta minha faca. (*Mata Tamora.*)

SATURNINO — Morre, louco, por essa ação maldita! (*Mata Tito*)

LÚCIO — Não pode ver o filho ao pai sangrante, sem que a retribuição dê num instante. (*Mata Saturnino. Grande tumulto, O povo se dispersa em confusão. Marco, Lúcio e seus partidários sobem à janela.*)

MARCO — Povo e filhos de Roma, de semblante perplexo, que estas mortes dispersaram como aves que debandam sob o impulso dos ventos tempestuosos: permiti-me que vos ensine a recolher de novo numa paveia o trigo tresmalhado, num corpo só os arrancados membros! Não deixei-nos que Roma se transforme no seu próprio flagelo, nem forcemos a cidade, ante a qual possantes reinos se têm curvado, a lançar mãos violentas em si própria, tal como o vil proscrito que o abandono levasse ao desespero. Se estes sinais de geada, estes meus sulcos, testemunhas mui graves de experiência profunda e verdadeira, não puderem vos induzir

a ouvir minhas palavras, (*a Lúcio*) fala, amigo de Roma, como outrora fez nosso antepassado, quando em grave discurso relatou ao triste ouvido da apaixonada Dido toda a história daquela noite lastimosa e rubra em que os gregos astutos surpreenderam o rei de Tróia, Priamo. Revela-nos o Sinão que os ouvidos nos burlou, ou quem foi que nos trouxe a fatal máquina que produziu em nossa Tróia, em Roma, a ferida intestina. Nem de pedra nem de aço tenho o coração, nem posso dar forma a todo o meu queixume amargo; afogada se vê minha oratória nestas ondas de lágrimas que cortam minhas palavras, justamente quando deveriam mover-vos a escutar-me, ensejando-me vossa simpatia. Aqui tendes um chefe, ele que conte tudo o que se passou, que seu relato o coração em prantos vai deixar-vos.

LÚCIO — Ficai sabendo então, nobre auditório, que Demétrio e Quirão, esses infames, os assassinos foram de Bassiano, irmão de nosso rei, tendo sido eles, outrossim, que violaram nossa irmã. Por seus crimes nefandos nossos manos foram decapitados, desprezadas de nosso pai as lágrimas sentidas, sobre o terem privado por embuste da mão leal que a causa defendera de Roma em tantas pugnas e os inimigos enviara para o túmulo. Por último, injustamente fui daqui banido; vi contra mim fecharem-se os portões, a chorar fui expulso da cidade, para, entre os próprios inimigos dela pedir auxilio, os quais em minhas lágrimas sinceras afogaram seus rancores, nos braços, como a amigo, recebendo-me. Pois bem, ficai sabendo que eu, proscrito, fui que comprei a salvação de Roma à custa de meu sangue, tendo a espada do inimigo desviado de seu peito, com receber todo o aço neste corpo. Jamais fui fanfarrão, sabei-lo todos. As cicatrizes de meu corpo, embora sejam mudas, atestam que o relato que vos fiz é sincero e verdadeiro. Mas, devagar! Receio ter feito uma digressão muito grande com lembrar-vos do meu pequeno mérito. Perdoai-me; mas somos obrigados a elogiar-nos, quando perto não há pessoa amiga.

MARCO — Minha é a vez de falar. Vede esta criança. Tamora a deu à luz; foi concebida por um mouro sem fé, autor precípuo conspirador de todas estas dores. Esse infame ainda está com vida em casa de Tito, e muito embora seja um réprobo, confirmar pode quanto vos afirmo. Julgai agora se não tinha Tito razão para vingar tantos ultrajes inenarráveis, que ultrapassam quanto suportar possa qualquer ser humano. Agora que a verdade toda ouvistes, romanos, que dizeis? Se houve exagero no que fizemos, apontai-nos onde, que deste mesmo ponto em que nos vedes, nós todos, os restantes Andrônicos, sem vacilarmos, de mãos dadas, vamos precipitar-nos de cabeça baixa, para que nessas pedras pontiagudas partamos a cabeça e assim, de pronto, ponhamos fim a nossa pobre casa. Romanos, repeli um suplicante, que eu e Lúcio morremos neste instante.

EMILIO — Vamos, vamos, romano venerável, pela mão traze nosso imperador, sim, nosso imperador, Lúcio, ele mesmo, pois o povo comum, tenho certeza, vai aclamá-lo com a maior presteza.

ROMANOS — Salve Lúcio, de Roma o real senhor!

MARCO (*aos criados*) — Ide à triste mansão do velho Tito e arrastai para aqui o mouro incrédulo, para que condenado seja a um gênero de morte sanguinária e pavorosa como pena de sua vida infame.

(*Saem os criados.*)

(*Lúcio, Marco e os demais descem da sacada.*)

ROMANOS — Salve Lúcio, de Roma o real senhor!

LÚCIO — Romanos, obrigado. Só desejo vir a ter no governo o grato ensejo de dar remédio aos males da cidade, curando suas dores. Gentil povo, um momentinho, ainda, concedei-me que um pesado dever a natureza de mim agora exige. Ficai longe; mas vós, tio, aqui perto, para lágrimas sentidas derramarmos neste corpo. Na boca fria, agora, um beijo quente, (*Beija o cadáver de Tito.*) estas lágrimas tristes em teu rosto cheio de sangue, as últimas obséquias de teu amado filho.

MARCO — A mesma coisa teu mano Marco faz nesses teus lábios: beijos por beijos, lágrimas por lágrimas. E se infinita fosse a soma deles, ilimitada, todos eu pagara.

LÚCIO — Vem para aqui, menino; vem e aprende conosco a derreter-te de tristeza. Teu avô te estimava grandemente. Quantas e quantas vezes sobre os joelhos não te punha a dançar, cantarolava para que adormecesses, ajeitando-te para dormir no próprio peito dele! Que de histórias bonitas não sabia, próprias para tua idade de alegria! Como filho amoroso, assim, lembrado de tudo isso, derrama algumas gotas de tua tenra fonte, que a bondosa natureza assim manda: com os amigos ficaremos, na dita e nos perigos. Dize-lhe adeus; entrega o corpo à terra; dize-lhe adeus e te despede dele.

MENINO — Avozinho, avozinho! Quem me dera ter morrido, contanto que vivesseis Oh Senhor! Impossível me é dizer-lhe qualquer palavra, que mo impede o pranto. Se abrir a boca, em lágrimas me afogo.

(*Voltam os criados com Aarão.*)

PRIMEIRO ROMANO — Ponde remate às dores, Andrônicos, e a sentença dizei do miserável que foi o causador destas desgraças.

LÚCIO — Enterrai-o até o peito, porque à fome venha a morrer. Que fique assim, raivoso, gritando por comida. E havendo, acaso, quem o socorra ou compaixão revele, venha a morrer por isso. Essa é a sentença. Cuide alguém de enterrá-lo como eu disse.

AARÃO — Oh! por que é muda a raiva e surda a cólera? Não sou criança medrosa, para às baixas orações recorrer e, muito menos, para me arrepender dos crimes feitos. Cometera outros, dez mil vezes piores, se possível me fosse realizá-los. Se em toda a vida fiz uma ação boa, no fundo da alma, agora me arrependo.

LÚCIO — Agora o imperador alguns amigos daqui removam, para sepultá-lo no túmulo de seus antepassados. Meu pai e minha irmã depositados vão ser na sepultura da família. Quanto a essa odiosa tigre, essa Tamora, não terá ritos fúnebres, nem prantos, nem dobre melancólico de sinos por ocasião do enterro. Não; jogai-a para pasto das feras e das aves. Vida animal teve ela, sem piedade; não teremos com ela, assim, piedade. Providenciai para que seja logo feita justiça nesse mouro infame, fonte e origem de nossos males todos. Apliquemos depois todo o cuidado no bem-estar do nosso grande Estado.

(*Saem.*)

Henrique IV — Parte 1

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Personagens

REI HENRIQUE IV.
HENRIQUE, Príncipe de Gales, filho do rei
JOÃO DE LENCASTRE, filho do rei.
CONDE DE WESTMORELAND.
Sir WALTER BLUNT.
TOMÁS PERCY, Conde de Worcester.
HENRIQUE PERCY, Conde de Northumberland.
HENRIQUE PERCY, chamado Hotspur, seu filho.
EDMUNDO MORTIMER, Conde de March.
RICARDO SCROOP, Arcebispo de York.
ARQUIBALDO, Conde de Douglas.
OWEN GLENDOWER.
Sir RICARDO VERNON.
Sir JOHN FALSTAFF.
Sir MICAEL, amigo do Arcebispo de York.
POINS.
GADSHILL.
PETO.
BARDOLFO.
LADY PERCY, mulher de Hotspur e irmã de Mortimer.
LADY MORTIMER, filha de Glendower e mulher de Mortimer.
MISTRESS QUICKLY, estalajadeira da taberna "Cabeça de javali", em Eastcheap.
Nobres, oficiais, xerife, taberneiro, criados, dois carreteiros, viajantes e gente de serviço.

Ato 1

Cena 1

Londres. Palácio. Entram o Rei Henrique, Westmoreland e outros.

REI HENRIQUE — Muito embora ainda pálido e abalado pelas preocupações, achamos tempo para deixar que a Paz aterrorada e arquejante nos fale em termos curtos de outras lutas em plagas bem remotas. As fauces ressecadas deste solo não mais os lábios tingirão com o sangue dos próprios filhos, nem a guerra os campos cortará com trincheiras ou as flores esmagará com os cascos inimigos. Os olhos incendiados, quais meteoros em turvo céu, só de uma natureza todos eles, de uma única substância, até há pouco travados em contendas internas e hecatombes fratricidas, marcharão ora em filas harmoniosas por um mesmo caminho, sem mais luta contra amigos, aliados e parentes. A guerra, como faca em bainha velha, não mais o dono há de ferir. Por isso. amigos, até ao túmulo de Cristo — de quem soldados somos, obrigados a lutar sob a cruz sempre bendita — levaremos guerreiros da Inglaterra, de braços conformados na mãe-pátria para os pagãos vencer dos campos sacros onde os pés abençoados assentaram, e onde, há quatorze séculos, na amarga cruz, para nosso bem, foram cravados. Essa resolução data de um ano; inútil será, pois, dizer que iremos; não viemos discuti-la neste instante. Dizei-nos, caro primo Westmoreland, o que esta noite fez nosso Conselho em prol de tão grandiosa e cara empresa.

WESTMORELAND — Meu soberano, a pressa foi pesada devidamente e as verbas aprovadas ainda esta noite; mas atravessou-se-nos um correio de Gales, carregado de notícias, das quais a pior dizia respeito ao nobre Mortimer, que gente de Herefordshire havia conduzido contra o insurrecto e rústico Glendower, e que nas mãos caiu desse galense. Pereceram mil homens de suas tropas, cujos corpos com tal brutalidade, com tão bestial furor foram tratados pelas galenses, que não é possível, sem rubor, falar nisso ou repeti-lo.

REI HENRIQUE — Parece que a notícia desse fato frustra a viagem ideada à Terra Santa.

WESTMORELAND — Sim, gracioso senhor, ao lado de outras, pois notícias mais cruas e importunas do norte nos chegaram, que referem como ali se chocou, no dia exato da Santa Cruz, o moço Henrique Percy, o valoroso Hotspur, contra Arquibaldo, o escocês sempre bravo e sempre esperto, em Holmedon, onde uma hora bem triste eles passaram, a julgar pelos trons da artilharia e ainda outros indícios. O emissário que a notícia nos trouxe, cavalgara no momento mais árduo da refrega, sem saber com certeza o resultado.

REI HENRIQUE — Eis que acaba de apear-se do cavalo um amigo querido e diligente, Sir Walter Blunt, que vem todo coberto de manchas, apanhadas no caminho entre Holmedon e

nossa augusta sede, e que novas mui gratas nos refere: derrotado a estas horas se acha o Conde de Douglas; dez mil homens escoceses, vinte e dois cavaleiros, viu Sir Walter no próprio sangue tintos, pelos plainos de Holmedon; prisioneiros fez Hotspur Mordake, o herdeiro do vencido Douglas, Duque de Fife, e os Duques de Angus, Murray, de Athol e de Menteith. Em verdade, um despojo muito honroso, não vos parece, hem, primo, um belo prêmio?

WESTMORELAND — De fato, é uma conquista destinada a encher de orgulho um príncipe.

REI HENRIQUE — Fazes-me triste e, mais, pecar me fazes, pois tenho inveja ao pai abençoado, Lorde Northumberland, por ter tal filho, tema constante da honra, a mais esbelta árvore da floresta, o delicado favorito e, ainda, o orgulho da Fortuna, ao passo que eu, sua glória contemplando, vejo o vício e a desonra na pessoa do meu jovem Henrique. Oh! se possível fosse provar que um gênio buliçoso trocara nossos filhos, dando o nome de Percy ao meu e ao seu Plantageneta, meu fora o seu Henrique e o dele meu. Mas esqueçamos isso. Que pensais, primo, da altanaria desse jovem Percy? Intenta ficar, para uso próprio, com os prisioneiros todos capturados nessa aventura, e manda-me recado de que Mordake só, Duque de Fife, me reserva.

WESTMORELAND — É o que o tio lhe ensina; Worcester sempre em tudo é vosso desafeto, donde vem envaidar-se Percy e a jovem crista levantar contra Vossa Dignidade.

REI HENRIQUE — Mas intimei-o a vir prestar-me contas, motivo de deixarmos por um tempo nosso santo propósito da viagem até Jerusalém. Primo, na próxima quarta-feira o Conselho reuniremos em Windsor; informai todos os lordes, mas voltai para nós com toda a pressa, que ainda falta dizer e fazer muito mais do que me permite a indignação.

WESTMORELAND — Pois não, meu soberano!

(*Saem.*)

Cena 2

Palácio. Um quarto dos aposentos do príncipe. Entram o príncipe e Falstaff.

FALSTAFF — Então, Hal! Que horas são, rapaz?

PRÍNCIPE — Embruteceste de tal modo, à força de beber xerez, de desabotoar-te depois da ceia e de dormir à tarde sobre os bancos, que te esquece perguntar o que, realmente, mais importa saberes. Que diabo tens tu que ver com o tempo? A menos que as horas sejam copos de xerez; os minutos, capões; os relógios, línguas de alcoviteiras; o quadrante, escudo de bordel, e o próprio sol abençoado, fogosa e bela rameira vestida com tafetá flamejante, não vejo razão para fazeres perguntas supérfluas, como essa relativa às horas.

FALSTAFF — Deste no vinte, Hal, não há que ver, porque nós outros, os tomadores de bolsas, nos guiamos pela lima e as sete estrelas, não por Febo, "o belo cavaleiro errante". Uma coisa te peço, meu querido, quando fores rei — conserve Deus tua graça — majestade, queria dizer, porque o certo é que isso de graça nunca terás nenhuma.

PRÍNCIPE — Como! Nenhuma?

FALSTAFF — Palavra! Nem mesmo a suficiente para servir de prólogo a um ovo com manteiga.

PRÍNCIPE — Bem; e que mais? Arredonda logo o discurso.

FALSTAFF — Já chego lá, meu caro: quando fores rei, não permitas que nós outros, os cavaleiros da Ordem da Noite sejamos denominados ladrões da beleza do dia; que nos dêem o nome de guardas florestais de Diana, gentis-homens da sombra, favoritos da lua, e que nos considerem gente de bom governo, visto sermos governados da mesma maneira que o mar, por nossa nobre e casta senhora, a lua, sob cuja proteção roubamos.

PRÍNCIPE — Dizes bem e com propriedade, porque a fortuna dos que nós chamamos homens de bem deve ter fluxo e refluxo como o mar, uma vez que é governada pela lua. E a prova, aqui a temos: uma bolsa de ouro, resolutamente roubada na noite de sexta-feira e mais dissolutamente esvaziada na terça, adquirida com o dito de "Larga!" e gasta com os gritos de "Traga-me!" agora, com a maré baixa, no pé da escada, para depois, com a cheia, tocar no alto da forca.

FALSTAFF — Por Deus, tens razão, rapaz; mas dize-me uma coisa: a hoteleira da taberna não é uma criatura deliciosa?

PRÍNCIPE — Tanto quanto o mel de Hibla, meu velho fanfarrão. E não é verdade

também que um colete de búfalo é peça que dura muito tempo?

FALSTAFF — Que estás a dizer, maluco? Outra vez com sarcasmos e sutilezas? Que diabo tenho eu que ver com um colete de búfalo?

PRÍNCIPE — E que me importa a mim a hoteleira da taberna?

FALSTAFF — Como não? Muitas e muitas vezes a tens chamado para pagar-lhe a conta.

PRÍNCIPE — E já te chamei alguma vez para que pagasses a tua parte?

FALSTAFF — Não, justiça seja feita; lá, sempre pagaste tudo.

PRÍNCIPE — E em outros lugares, também, uma vez que disponha de numerário; e, quando falta o dinheiro, recorro ao crédito.

FALSTAFF — É fato; e de tal modo usas dele, se não fosse presumir-se que és o herdeiro presuntivo... Mas dize-me uma coisa, delicioso pândego, quando fores rei, ficará de pé alguma forca na Inglaterra? E será a resolução maltratada como hoje em dia, pelo freio enferrujado dessa antiqualha que se chama lei? Não enforques nenhum ladrão, quando fores rei.

PRÍNCIPE — Não; tu o farás.

FALSTAFF — Verdade? Oh boniteza! Por Deus, vou dar um juiz admirável.

PRÍNCIPE — Começas julgando mal; o que eu quis dizer é que tu próprio enforcarás os ladrões, tornando-te, assim, excelente carrasco.

FALSTAFF — Muito bem, Hal; de certo modo isso vai com o meu temperamento, tanto como ficar de espera na ante-sala do palácio, asseguro-te.

PRÍNCIPE — Para obter proventos?

FALSTAFF — Sim, para obter roupas, porque, como sabes, o guarda-roupa dos carrascos sempre está bem provido. Com a breca! Encontro-me hoje tão melancólico quanto um gato velho ou um urso com mordaça.

PRÍNCIPE — Ou como um leão decadente ou o alaúde de um namorado.

FALSTAFF — Ou como o ronco de uma gaita-de-foles de Lincolnshire.

PRÍNCIPE — E que dizes de uma lebre ou da melancolia do charco de Moor-ditch?

FALSTAFF — Sempre te vales das comparações mais desagradáveis, sendo, como de fato o és, o mais comparativo, maroto e delicioso principezinho que já se viu. Mas, meu caro Hal, por favor não me fales mais dessas vaidades. Por Deus, desejaria que eu e tu soubéssemos onde se pode comprar provisão de bons nomes. Um velho lorde do Conselho me admoestou em público, recentemente, por vossa causa, senhor, mas não lhe dei atenção alguma; falou muito assisadamente, mas não olhei para o seu lado; no entanto, falou assisadamente, e no meio da rua, tudo isso.

PRÍNCIPE — Fizeste bem, que a sabedoria grita pelas ruas, mas ninguém lhe dá ouvidos.

FALSTAFF — Fazes sempre citações execráveis; és capaz de corromper um santo. Tu me

tens prejudicado muitíssimo, Hal; Deus te perdoe. Antes de conhecer-te, Hal, ignorava tudo; e agora, para dizer toda a verdade, valho pouco mais que um pecador. Preciso deixar esta vida, e hei de deixá-la. Por Deus, se o não fizer, não passarei de um rematado velhaco; não quero ir para o inferno por causa de nenhum filho de rei da Cristandade.

PRÍNCIPE — Onde roubaremos uma bolsa amanhã, Jack?

FALSTAFF — Cáspite! Onde quiseres, rapaz: adiro ao bando; se eu recuar, podes chamar-me de vilão e zombar de mim quanto quiseres.

PRÍNCIPE — Estou vendo que te encontras, realmente, no caminho da regeneração: passas da prece para o roubo.

(*Entra Poins, a distância.*)

FALSTAFF — Que queres, Hal? E vocação. Não se pode censurar ninguém, por trabalhar de acordo com a vocação. Poins! Vamos ficar sabendo neste instante se Gadshill tem alguma coisa em perspectiva. Oh, se os homens tivessem de salvar-se pelo merecimento, que buraco no inferno será bastante quente para este? E o mais onipotente dos velhacos que já gritaram "Alto lá!" para um homem de bem.

PRÍNCIPE — Bom dia, Ned.

POINS — Bom dia, caro Hal. Que diz Monsieur Remorso? que diz Sir John Vinho-com-açúcar? Jack, como te arranjaste com o diabo a respeito de tua alma, que lhe vendeste na última sexta-feira santa por um copo de madeira e uma perna fria de capão?

PRÍNCIPE — Sir John cumprirá a palavra e o diabo obterá a parte que lhe toca na barganha. Sir John jamais desmentiu nenhum provérbio; há de dar ao diabo o que é do diabo.

POINS — Então te condenarás por cumprires a palavra dada ao diabo.

PRÍNCIPE — De outra sorte se condenaria, também, por tê-lo enganado.

POINS — Muito bem, rapazes; amanhã bem cedo, pelas quatro horas, em Gadshill. Haverá peregrinos para Cantuária com ricas oferendas e comerciantes para Londres com bolsas recheadas. Arranjei máscaras para todos; cavalos, já os possuís. Gadshill fica esta noite em Rochester; a ceia de amanhã em Eastcheap já está encomendada; será tão fácil fazer a coisa como dormir. Se me acompanhardes, encher-vos-ei de coroas as bolsas; se não o quiserdes, ficai em casa e enforcai-vos.

FALSTAFF — Escuta, Eduardo: se eu ficar em casa e não te acompanhar, mandarei enforcar-te por teres ido.

POINS — Então vais mesmo, costeleta?

FALSTAFF — E tu, Hal, não aderes ao bando?

PRÍNCIPE — Eu, ladrão? salteador? Por minha fé, que não.

FALSTAFF — Em ti não se encontra nem honestidade, nem coragem, nem espírito de camaradagem. Demonstrarás não provires de sangue real, se não te atreveres a um assalto por

dez xelins.

PRÍNCIPE — Bem, seja; farei uma loucura, pelo menos uma vez na vida.

FALSTAFF — Isso é que é falar com acerto.

PRÍNCIPE — Não; não vou; ficarei em casa, venha o que vier.

FALSTAFF — Por Deus, tornar-me-ei traidor, quando fores rei.

PRÍNCIPE — E a mim, que importa?

POINS — Sir John, por obséquio, deixai-me só com o príncipe. Hei de apresentar-lhe tais razões em prol dessa aventura, que ele não deixará de tomar parte nela.

FALSTAFF — Bem; Deus te conceda o espírito da persuasão e a ele ouvidos de aproveitar, para que as tuas palavras o abalem e ele acredite no que lhe disseres e, desse modo, um príncipe verdadeiro se transforme, por passatempo, em um falso salteador. Os pobres abusos desta época necessitam de amparo. Adeus, encontrar-me-ás em Eastcheap.

PRÍNCIPE — Adeus, primavera retardada; adeus, verão de Todos-os-Santos.

(*Sai Falstaff.*)

POINS — E agora, meu querido príncipe de açúcar, vinde conosco amanhã; tenho uma brincadeira engatilhada, que não posso levar a cabo sozinho. Falstaff, Bardolfo, Peto e Gadshill roubarão essa gente que já temos em mira; nem vós nem eu estaremos lá; mas, se depois de se haverem desapossado da presa, não lhe pusermos a mão em cima, podeis separar-me dos ombros a cabeça.

PRÍNCIPE — E como nos livrarmos deles à saída?

POINS — Muito fácil: partiremos antes ou depois deles e marcaremos lugar de encontro, a que não havemos de comparecer. Desse modo, eles se aventurarão sozinhos à empresa; unia vez levada esta a efeito, cairemos em cima deles.

PRÍNCIPE — Bem; mas poderão reconhecer-nos pelos cavalos, ou pela roupa. ou por qualquer outra particularidade.

POINS — Ora! Não verão os cavalos, porque os esconderei no bosque; as máscaras, trocaremos logo que nos separamos deles; além do mais, arranjei capas de bocaxim para vestirmos por cima da roupa.

PRÍNCIPE — Mas ainda assim, receio que não possamos com eles.

POINS — Qual! Considero dois deles os mais alentados de quantos poltrões já se puseram em fuga; quanto ao terceiro, se lutar mais do que for razoável, abjuro do ofício das armas. O chiste de tudo isso está na mentirada que esse velho pançudo há de contar-nos quando nos reunirmos para a ceia: como se terá batido com trinta pelo menos; quantas paradas tenha feito, os golpes que haja recebido, os perigos por que tenha passado. O auge da brincadeira consistirá, precisamente, em lhe darmos o desmentido.

PRÍNCIPE — Não há dúvida, irei contigo; prepara o que se fizer necessário, que amanhã

à noite nos encontraremos em Eastcheap, para cear. Adeus.

POINS — Passe bem, meu príncipe.

(*Sai.*)

PRÍNCIPE — Eu vos conheço, e quero, por um tempo, prestar-me ao vosso humor vadio e infrene. Com isso, imitarei o sol radioso que consente que nuvens desprezíveis, ante o mundo, a beleza lhe atenuem, porque, quando lhe apraz ser ele próprio, faça o anelo crescer a admiração, ao cortar ele as brumas e vapores que pareciam prestes a asfixiá-lo. Se o ano todo só fosse de feriados, como o trabalho, o esporte entediaria; mas, porque não freqüentes, são bem-vindos. Os acidentes raros sempre agradam. Assim, mal eu me dispa desta vida desregrada que levo, e me disponha a pagar até mesmo o que não devo, serei tanto melhor do que prometo, quanto mais enganar a expectativa do mundo inteiro. Como metal brilhante em fundo escuro, há de minha reforma sobre os erros resplandecer, mostrando-se mais bela de ver e mais atraente, que a virtude cujo brilho nenhum contraste exalta. Serei assim, pelo erro convertido, quando todos me derem por perdido.

(*Sai.*)

Cena 3

Londres. Outra sala no palácio. Entram o Rei Henrique, Northumberland, Worcester, Hotspur, Sir Walter Blunt e outros.

REI HENRIQUE — Bem temperado e frio está meu sangue, incapaz de agitar-se a essas vilezas, certo o notastes, para assim pisardes em minha paciência. Mas afianço-vos que vou ser doravante o que fui sempre: poderoso e temido, não untuoso como o óleo e de macieza de penugem, o que me fez perder o alto respeito que aos grandes sempre os grandes tributaram.

WORCESTER — Não merece, senhor, a nossa casa que o poder a flagele desse modo, justamente o poder que a nossos braços tanto deve.

NORTHUMBERLAND — Senhor!

REI HENRIQUE — Retira-te, Worcester, que em teus olhos os meus já vêem perigo e rebelião. Senhor, vossa presença é por demais audaz e peremptória; não deve suportar a majestade carrancas atrevidas de um vassalo. Tendes licença de sair; se acaso necessitar de vossos altos préstimos ou conselhos, de novo hei de chamar-vos. (*Sai Worcester.*) Íeis falando...

NORTHUMBERLAND — Sim, meu soberano, sobre esses prisioneiros reclamados por Vossa Majestade e que Harry Percy, aqui presente, em Holmedon fizera. Conforme diz, não foram recusados tal como a Vossa Alteza o noticiaram. A inveja, porventura, ou acaso, engano foram causa desse erro, não meu filho.

HOTSPUR — Meu soberano, não vos neguei nada; ocorre-me, porém, que, finda a luta, quando, sedento, esfomeado, exausto, por causa do furor com que lutara, apoiado me achava em minha espada, chegou-se-me um senhor mui bem vestido, tão guapo quanto um noivo, a barba feita como campo de sega após a festa. Parecia um modista perfumado; trazia uma caixinha entre o dedo índice e o polegar, que às vezes encostava no nariz, ora dele o retirava, até que este, irritado com a insistência, se pusesse a espirrar. Ria e palrava, e ao passarem soldados com cadáveres, chamou-lhes grosseirões, mal-educados, porque punham um corpo feio e sujo entre o vento e sua alta Senhoria. Interrogou-me usando só de termos raros e efeminados, reclamando-me, entre outras coisas mais, os prisioneiros para Vossa Grandeza. Nesse instante, com a dor das feridas que esfriavam, já farto de aturar o bonifrate, por demais irritado e sem paciência, respondi qualquer coisa: que os teria... que não lhos dava... Louco me deixava vê-lo assim tão casquilho e perfumado, a falar tal qual uma camareira, de tiros de canhão, tambor e golpes — Deus lhe perdoei — sobre asseverar-me que para as contusões internas nada no mundo se compara ao espermacete, e que era grande lástima, em verdade, que o vilão do salitre fosse extraído das entranhas da terra inofensiva, para a tantos varões grandes e belos destruir

covardemente, acrescentando que sem esses canhões tão desprezíveis com certeza soldado ele seria. A esse tão descosido palavrório respondi, como disse, vagamente. Não consintais, vos peço, que seus ditos venham meter-se entre o meu grande amor e vossa alta e acatada Majestade.

BLUNT — Dadas as circunstâncias, bom senhor, de tudo o que Harry Percy há relatado, semelhante pessoa, em tal momento, no local indicado, em suma, quanto nos contou, pode bem ser enterrado para não mais surgir, nem, de algum modo, prejudicá-lo, visto retratar-se de quanto porventura houvesse dito.

REI HENRIQUE — O fato é que só entrega os prisioneiros com a expressa condição de resgatarmos à nossa própria custa o seu cunhado, Mortimer, esse idiota, que traiu, por minha alma, a sabendas, quantas vidas levara a combater contra o maldito feiticeiro Glendower, cuja filha, segundo ouvi dizer, acaba o Conde de March de esposar. Esvaziaremos nossos cofres por causa de um traidor? Compraremos traição? Transigiremos com poltrões que a si mesmo se perderam? Não; que morra de fome nas montanhas estéreis; não terei mais como amiga a pessoa que vier pedir-me um pêni para com ele pagar todo o resgate deste rebelde Mortimer.

HOTSPUR — Mortimer, um rebelde! Ele não vos deixou, meu soberano, senão pela inconstância da fortuna. Para prová-lo, basta uma só língua de todas as feridas, que têm boca, e que ele recebeu galhardamente quando da pugna singular nas ribas juncosas do Severne prazenteiro, em que a melhor porção de uma hora, em duelo, gastou ele, trocando, mão por mão, ousadias com o ínclito Glendower. Três vezes descansaram, três beberam, sob acordo, do rápido Severne, que, com medo de seus sangrentos vultos, tratando de ocultar a crespa fronte pelos trêmulos juncos se esgueirava, em sua margem cavada, retingidas com o sangue dos valentes inimigos. Nunca a traição mesquinha e repugnante manchou sua própria obra com feridas tão mortais, nem possível fora ao nobre Mortimer receber tantas e todas de bom grado. Que cessem, pois, as vozes caluniosas que o acusam de traição.

REI HENRIQUE — Mentes a favor dele, Percy, mentes; ele nunca lutou contra Glendower, afianço-te. Melhor lhe fora ver-se a sós com o diabo, do que ter Owen Glendower por inimigo. Não te envergonhas? Que daqui por diante não vos ouça falar mais nesse Mortimer. Mandai-me os prisioneiros logo e logo, ou, como agora, haveis de ouvir-me, certo, coisas que vos serão desagradáveis. Lorde Northumberland, tendes licença para vos retirardes, juntamente com vosso filho. Mas enviai-me logo todos os prisioneiros; do contrário, ainda ouvireis algo sobre o assunto.

(*Saem o Rei Henrique, Blunt e a comitiva.*)

HOTSPUR — Recusara-os, ainda que os pedisse o diabo com rugidos. Vou atrás dele para dizer-lho; desabafo o peito, muito embora com risco da cabeça.

NORTHUMBERLAND — Que é isso? Tanta cólera? Acalmai-vos; eis vosso tio.

(*Volta Worcester.*)

HOTSPUR — Falarei de Mortimer! Com a breca, hei de falar! Que se condene minha alma, se com ele eu não me unir. Por ele esgotarei todas as veias, gota a gota, a pingar na areia o

sangue, contanto que levante o pobre Mortimer à altura desse ingrato soberano, o torpe, o gangrenoso Bolingbroke.

NORTHUMBERLAND — O rei deixou vosso sobrinho louco.

WORCESTER — Quem deu causa a esse fogo em minha ausência?

HOTSPUR — Vede! Quer que lhe entregue os prisioneiros! E ao falar-lhe de novo no resgate do irmão de minha esposa, ficou pálido, ao rosto me lançando o olhar da Morte, a tremer, só de ouvir falar em Mortimer.

WORCESTER — Não o censuro. Não foi, acaso, Mortimer considerado o herdeiro mais direto pelo extinto monarca?

NORTHUMBERLAND — Sim; eu mesmo lhe ouvi a proclamação. Passou-se o fato quando esse infeliz rei — Deus lhe perdoe os pecados! — seguiu para a campanha da Irlanda, donde veio bruscamente para ser destronado e executado.

WORCESTER — E, pela morte dele, a grande boca do mundo nos vomita infâmia e injúria.

HOTSPUR — Devagar! Por favor: o Rei Ricardo proclamou meu irmão Edmundo Mortimer herdeiro da coroa?

NORTHUMBERLAND — Eu próprio o ouvi.

HOTSPUR — Então ao rei seu primo eu não censuro por querer que ele morra nas montanhas estéreis. Mas concebe-se que vós, que a coroa pusestes na cabeça desse homem sem memória, e que por ele carregais o labéu de um assassínio deprimente; concebe-se que todos suporteis maldições que vos rebaixam ao papel secundário de sequazes, de carrascos, de cordas e de escadas? Mas perdoai-me por ter descido tanto no afã de revelar-vos em que nível vos encontrais sob esse rei astuto. Dir-se-á em nossos dias — que vergonha! — falarão disso as crônicas futuras, que homens de tal nobreza e poderio se empenharam em causa tão injusta como vós ambos — Deus que vos perdoei — fizestes, arrancando a suave rosa — Ricardo — e, após, plantando em lugar dela este espinho, este cancro Bolingbroke. E se dirá, para maior vergonha, que fostes enganados e alijados por quem tão grande opróbrio padecestes? Não; vossa honra banida pode agora ser resgatada; é tempo de subirdes novamente no juízo são do mundo, de vos vingardes do humilhante escárnio desse rei orgulhoso que só pensa, noite e dia, em pagar o que vos deve fazendo-vos sofrer sangrenta morte. Por isso eu digo...

WORCESTER — Calma, primo! Basta! Ora um livro secreto vou folhear-vos e ler ao vosso perspicaz desgosto coisas tão perigosas quão profundas, tão pejadas de riscos e de audácia quanta a que se requer para torrente rugidora vencer sobre uma lança vacilante em pinguela improvisada.

HOTSPUR — Quem despencar, boa noite! Ou nada, ou some. Se o perigo mandardes de este a oeste, desde que a honra de norte a sul o encontre, que se avenham! O sangue é mais ativo na caçada de um leão do que na simples corrida de uma lebre.

NORTHUMBERLAND — A só imaginação de um grande feito fá-lo transpor as raias da

paciência.

HOTSPUR — Pelo céu! Penso ser coisa de nada saltar à lua pálida para a honra brilhante dai tirar, ou no mais fundo descer do abismo, onde jamais a sonda chegar consegue, e, assim, pelos cabelos arrastá-la, uma vez que toda a glória do feito o salvador a alcançar venha. Jamais hei de aceitar a glória a meias.

WORCESTER — Vê um mundo de imagens, sem a forma perceber, que importava fosse vista. Primo, dai-me atenção por um momento.

HOTSPUR — Apresento desculpas.

WORCESTER — Esses nobres escoceses, os vossos prisioneiros...

HOTSPUR — Todos são meus! Por Deus, esse monarca não há de obter nenhum dos escoceses, embora a salvação de um só lhe viesse. Não os terá! Por esta mão, são meus.

WORCESTER — Exaltai-vos por nada, sem prestardes atenção aos meus ditos. Guardareis os prisioneiros.

HOTSPUR — Sim, nem se discute! Disse que não resgataria Mortimer; proibiu-me à língua de falar em Mortimer; mas hei de achá-lo quando entregue ao sono, e no ouvido gritar-lhe: Acorda! Mortimer! Mais: Hei de ensinar a um papagaio o nome de Mortimer e dar-lho de presente, com o fim de exacerbar-lhe sempre a cólera.

WORCESTER — Ouvi-me, primo; uma palavra, ao menos.

HOTSPUR — Renuncio a qualquer preocupação, exceto a de irritar o Bolingbroke e o Príncipe de Gales, o arruaceiro. Se eu não soubesse que seu pai não o ama e que folgara, até, com algum desastre, com um jarro de cerveja o envenenara.

WORCESTER — Adeus, parente; voltarei a falar-vos, quando vir que já estais disposto a ouvir-me.

NORTHUMBERLAND — Que abelha te picou, ou que impaciente loucura te domina, que assim ficas tal qual uma mulher, sem dar ouvidos a nenhuma outra língua além da tua?

HOTSPUR — E que me sinto flagelado, todo cortado de chicote e em verdadeiro formigueiro, quando ouço o nome apenas desse politiqueiro Bolingbroke. No tempo de Ricardo — qual o nome do lugar? Que o carregue, então, o diabo! — Fica em Gloucestershire, onde morava seu tio, o duque louco, o Duque de York, onde eu dobrei os joelhos diante desse rei dos sorrisos pela vez primeiras sim, esse Bolingbroke, quando viestes de Ravenspurgh com ele.

NORTHUMBERLAND — No castelo de Berkeley.

HOTSPUR — Justamente! Quantos salamaleques esse galgo me dispensou ali! “Querido primo!” e “Gentil Harry Percy!” e “Quando a sua fortuna, ainda infantil, se tornar grande...” Vão para o inferno os primos dessa laia! Deus me perdoe. E agora, tio, vamos ouvir a vossa história; terminei.

WORCESTER — Se acaso o não fizestes, sem nenhuma cerimônia, contai tudo de novo.

HOTSPUR — Não, terminei; palavra!

WORCESTER — Voltemos, pois aos vossos prisioneiros: cedei-os sem resgate e usai o filho de Douglas como vosso agente para ganhar os escoceses. Por diversas razões que por escrito hei de mostrar-vos, será coisa bem fácil, asseguro-vos.

(*Para Northumberland.*)

Vós, milorde, enquanto vosso filho pela Escócia estiver operando, deveis coar-vos no ânimo desse nobre e venerado sacerdote, o arcebispo...

HOTSPUR — De York, não?

WORCESTER — Certo. Ele ainda se ressente do traspasso do irmão, em Bristol, Lorde Scroop. Não falo por simples conjeturas, nem de coisas que presumo factíveis, mas de quanto foi ruminado, resolvido e escrito, e que apenas espera ver o rosto da ocasião, a fim de realizar-se.

HOTSPUR — Já o farejo. Por Deus! Vai ser magnífico!

NORTHUMBERLAND — Sempre soltas os cães antes de haveres a caça levantado.

HOTSPUR — Como assim? É impossível melhor plano. E depois: o poder de York e da Escócia a Mortimer se juntam, não?

WORCESTER — É isso.

HOTSPUR — Realmente, tudo está bem combinado.

WORCESTER — Razão não despicienda nos apressa: salvar nossas cabeças, colocando-nos na cabeça de tropas; pois embora nos comportemos todos com modéstia, o rei há de julgar-se sempre em dívida conosco, por pensar que não estamos satisfeitos, até que encontre o ensejo de ajustar contas. Vistes todos como principia a afastar-nos de sua graça.

HOTSPUR — É assim, de fato; importa, pois, vingarmo-nos.

WORCESTER — Adeus, primo; fiquemos nesta altura; por carta eu vos guiarei no ulterior curso. Quando a hora for chegada — e há de ser breve — saberei até Mortimer esgueirar-me e Glendower. Então vós, Lorde de Douglas e nossas forças lá nos reuniremos sem dano algum, que a tudo hei de prover, para que em nossos braços resistentes sustentemos o peso da Fortuna que por ora parece vacilante.

NORTHUMBERLAND — Adeus, mano; confio no nosso êxito.

HOTSPUR — Adeus, tio; que as horas sejam curtas até que os campos de batalha, e golpes, e gemidos conosco rejubilem.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Rochester. Pátio de uma taberna. Entra um carreteiro com uma lanterna na mão.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Olá! Quero ser enforcado, se já não forem quatro horas da manhã. O carro lá do alto já se encontra por cima da nova chaminé, e até agora o nosso cavalo ainda não foi atrelado. Olá, palafreneiro!

PALAFRENEIRO (*dentro*) — Um momento!

PRIMEIRO CARRETEIRO — Por favor, Tom, bate a sela de Cut e enche um pouco mais as almofadas; o pobre animal está com o lombo que dá pena.

(*Entra outro carreteiro.*)

SEGUNDO CARRETEIRO — As ervilhas e as favas daqui são tão úmidas como o capeta; não há coisa melhor para fazer que os pobres animais fiquem com vermes. Esta casa ficou uma desordem depois da morte do palafreneiro Robim.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Bom amigo aquele! Não teve um momento de alegria desde a alta da aveia; foi o que o matou.

SEGUNDO CARRETEIRO — Em toda a estrada de Londres não se encontra casa mais infame do que esta, por causa das pulgas. Estou picado que nem uma tenca.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Uma tenca? Pela Santa Missa! Nenhum rei de toda a Cristandade foi mais picado do que eu, desde que o galo começou a cantar.

SEGUNDO CARRETEIRO — E isso; nunca põem urinol para a gente; servimo-nos da própria chaminé, o que, em matéria de pulgas, transforma o quarto em verdadeiro viveiro de cadozes.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Palafreneiro, eh! vem para a forca, demônio!

SEGUNDO CARRETEIRO — Tenho de levar até Charing Cross um presunto e duas raízes de gengibre.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Com todos os demônios! Os perus do meu cesto estão quase mortos de fome. Palafreneiro! Que um raio te parta! Não tens olhos na cara? Estás surdo? Quero ser o maior velhaco, se abrir-te a cabeça não for tão gostoso como beber um trago. Vem para a forca! Não tens consciência?

(*Entra Gadshill.*)

GADSHILL — Bom dia, rapaz; que horas são?

PRIMEIRO CARRETEIRO — Penso que já são duas horas.

GADSHILL — Empresta-me, por obséquio, a tua lanterna, para ir ver na cocheira o meu cavalo.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Mais devagar, meu velho! Conheço uma pilhéria que vale por duas dessas.

GADSHILL — Empresta-me a tua, por obséquio.

SEGUNDO CARRETEIRO — Como é o negócio? Empresta-me a lanterna? Para o diabo! Primeiro hei de ver-te enforcado.

GADSHILL — Senhor carreteiro, a que horas esperais chegar a Londres?

SEGUNDO CARRETEIRO — A tempo de ir para a cama com um candeeiro, asseguro-te. Vizinho Mugs, vamos acordar aqueles senhores; desejam ir em nossa companhia porque levam muita carga.

(*Saem os carreteiros.*)

GADSHILL — Servente!

SERVENTE (*dentro*) — Ligeiro como um batedor de carteira!

GADSHILL — O que eqüivale a: ligeiro como um servente, porque a diferença que há entre ti e um batedor de carteira é a mesma que existe entre a indicação e a execução. És tu que preparas o golpe.

(*Entra o servente.*)

SERVENTE — Bom dia, mestre Gadshill. As coisas continuam no mesmo pé de que vos falei ontem. Acha-se aqui um rendeiro das selvas de Kent, que traz consigo trezentos marcos de ouro. Ouvi-o ontem à noite, por ocasião da ceia, quando falava nisso a um dos de sua companhia, uma espécie de auditor, que traz também um mundo de volumes; só Deus sabe o que contêm. Já se levantaram; pediram ovos com manteiga; vão partir logo.

GADSHILL — Dou-te este pescoço, amigo, se eles não se encontrarem com os irmãos de São Nicolau.

SERVENTE — De nada me serviria; deixa-o para o carrasco, porque bem sei que és tão devoto de São Nicolau quanto um indivíduo sem fé.

GADSHILL — Por que me falares em carrasco? Se me pendurarem, completarei um par de forcas adiposas; sim, se me enforcarem, o velho Sir John me fará companhia, e tu bem sabes que ele não está ético. Babau! Há outros troianos com que nem sonhas, que se dignam de emprestar alguma graça à profissão, por simples amor ao desporto, e que se incumbiriam de arranjar as coisas, para seu próprio crédito, no caso de querer alguém bisbilhotar. Eu não me ligo com vagabundos de pé no chão, esses indivíduos armados de grandes paus, que assaltam por seis pences, nem com bigodudos aloucados, de rosto vermelho de tanto chuparem cerveja, mas com senhorios e sereníssimas, burgomestres e tesoureiros, gente de responsabilidade, mais dispostos a bater do que a falar, a falar do que a beber, a beber do que a rezar, isto é, minto, que

eles não cessam de ajoelhar-se diante do seu santo, o erário público. Ajoelhar-se diante dele, digo mal: montar nele, porque cavalgam livremente daqui para ali, fazendo botas do erário público.

SERVENTE — Como!? Do erário público eles fazem botas? E serão elas à prova de água nas estradas ruins?

GADSHILL — Perfeitamente; a própria Justiça se incumbiu de azeitá-las. Roubamos com tanta segurança como em um castelo à prova de fogo; possuímos o segredo da receita das sementes de feto, que nos permitem andar sem sermos vistos.

SERVENTE — Por minha fé, penso que isso de não serdes vistos deveis mais à noite do que às sementes de feto.

GADSHILL — Aperta aqui! Hás de ter a tua parte da presa, tão certo como eu ser homem de bem.

SERVENTE — Não, prefiro que a prometas por seres um ladrão falsificado.

GADSHILL — Ora deixa! Homo é o nome comum a todos os homens. Dize ao palafreneiro que traga da estrebaria o meu cavalo. Adeus, imundo!

(*Saem.*)

Cena 2

Estrada de Gadshill. Entram o príncipe e Poins.

POINS — Vamos! Ocultemo-nos! Escondi o cavalo de Falstaff e este está ringindo como veludo engomado.

PRÍNCIPE — Esconde-te.

(*Afastam-se.*)

(*Entra Falstaff.*)

FALSTAFF — Poins! Que te enforquem! Poins!

PRÍNCIPE (*avançando*) — Silêncio, maroto enxundioso! Que gritaria é essa?

FALSTAFF — Onde está Poins, Hal?

PRÍNCIPE — Foi ao alto da colina; vou à sua procura.

(*Sai.*)

FALSTAFF — E preciso que eu seja amaldiçoado para roubar na companhia desse ladrão. O velhaco furtou-me o cavalo e o amarrou não sei onde. Se eu andar mais o comprimento de quatro pés, fico sem fôlego. Deixa estar! Não duvido de que hei de ter uma boa morte, se escapar da forca por tirar a vida a esse bigorrilhas. Faz vinte e dois anos que, hora por hora, eu juro livrar-me da companhia desse biltre; até parece feitiço. Quero ser enforcado, se esse patife não me deu a beber qualquer mezinha para que lhe tenha amor. Poins! Hal! Que a peste vos carregue! Bardolfo! Peto! Quero morrer de fome, se der mais um passo para roubar. Se não for certo que é tão boa ação beber e tornar-me honrado, quero ser o mais chapado biltre que já mascou com um dente. Oito jardas a pé num terreno acidentado eqüivalem para mim a setenta milhas, o que esses vilões de coração de pedra sabem muito bem. Que a peste leve os ladrões que não guardam verdade aos próprios companheiros. (*Ouve-se um assobio.*) Huf! Que a peste vos carregue! Meu cavalo, bandidos! Dêem-me o meu cavalo e vão para a forca!

PRÍNCIPE (*avançando*) — Fica quieto, salsichão! Deita-te aí; cola o ouvido ao solo e dize-me se percebes passos de viajantes.

FALSTAFF — Tendes porventura alavancas para levantar-me, depois que eu estiver deitado? Com os diabos! Não carregarei mais a minha carne um só passo adiante, por todas as moedas do tesouro de teu pai. Que peste vos levou a pisar-me deste modo?

PRÍNCIPE — Enganas-te; não estás pisado; estás peado.

FALSTAFF — Meu bom príncipe Hal, ajuda-me a achar o cavalo, excelente filho de rei.

PRÍNCIPE — Sai daí, velhaco! Porventura sou teu palafreneiro?

FALSTAFF — Enforca-te em tua própria liga de herdeiro presuntivo. Se eu for preso, denunciar-vos-ei por causa disto. Quero ser envenenado com um copo de vinho, se não vos puser a todos em versos, que farei cantar nas toadas mais sujas. Quando a brincadeira chega a esse ponto, e ainda por cima, de pé, não é comigo.

GADSHILL — Alto lá!

FALSTAFF — E o que eu tenho a fazer, quer queira, quer não.

POINS (*avançando*) — Oh! É o nosso perdigueiro! Conheci-o pela voz.

(*Entram Bardolfo e Peto.*)

BARDOLFO — Que novidade há?

GADSHILL — Disfarçai-vos! Ponde as máscaras! O dinheiro do rei vem descendo o morro; vai para o tesouro real.

FALSTAFF — Mentes, velhaco; vai para a taberna real.

GADSHILL — Há o suficiente para elevar a todos nós.

FALSTAFF — Até à forca.

PRÍNCIPE — Senhores, vós quatro os enfrentareis no desfiladeiro. Ned Poins e eu iremos mais devagar; se eles vos escaparem cairão em nossas mãos.

PETO — Quantos são ao todo?

GADSHILL — Oito ou dez.

FALSTAFF — Salta! Não poderão roubar-nos?

PRÍNCIPE — Como! Covarde, Sir John Pança?

FALSTAFF — Em verdade, não digo que eu seja vosso avô João de Gaunt; mas covarde, Hal, isto é que não.

PRÍNCIPE — É o que vamos ver agora.

POINS — Amigo Jack, teu cavalo está atrás da cerca; quando precisares dele, será fácil achá-lo. Adeus e agüenta firme!

FALSTAFF — Se pudesse moê-lo de pancada, embora me enforcassem por isso!

PRÍNCIPE (*à parte para Poins*) — Ned, onde estão os nossos disfarces?

POINS — Aqui ao lado. Escondei-vos.

(*Saem o príncipe e Poins.*)

FALSTAFF — E agora, mestres, quem tiver mais sorte pegará o melhor quinhão. Que todos se esforcem.

(*Entram viajantes.*)

PRIMEIRO VIAJANTE — Vamos, vizinho; o menino descerá a colina com os cavalos; andemos um pouco para esticar as pernas.

LADRÕES — Alto lá!

VIAJANTES — Valha-nos Jesus!

FALSTAFF — Pau neles! Ao chão com todos! Cortai o pescoço a esses biltres! Ah, gusanos miseráveis! comedores de toucinho! Têm inveja de nós, por sermos moços! Ao chão com todos! Depenemo-los!

VIAJANTES — Oh! Estamos arruinados para todo o sempre; nós e toda a nossa família.

FALSTAFF — Enforcai-vos, birbantes barrigudos! Qual arruinados, pançudos de uma figa! Quisera que se encontrasse aqui toda a vossa fortuna. Vamos, cevados, toca a andar! Que estais dizendo? Nós, os moços, também precisamos viver. Sois grandes jurados, não é verdade? Pois vamos jurar-vos desta vez.

(*Despojam-nos, amarram-nos e saem.*)

(*Voltam o príncipe e Poins.*)

PRÍNCIPE — Os ladrões amarraram os homens de bem; se pudéssemos, agora, roubar aos ladrões e voltar alegres para Londres, teríamos assunto para uma semana, gargalhadas para um mês e uma boa pilhéria para sempre.

POINS — Escondei-vos; ei-los que chegam.

(*Voltam os ladrões.*)

FALSTAFF — Agora, amigos, vamos repartir o bocado, e tratemos de montar antes que nasça o dia. Se o príncipe e Poins não forem dois poltrões de marca, já não há seriedade no mundo. Há tanta coragem nesse Poins quanta num pato silvestre.

PRÍNCIPE — A bolsa ou a vida!

POINS — Vilões!

(*Enquanto se achavam dividindo a presa, o príncipe e Poins caem sobre eles; correm todos; Falstaff, depois de trocar um ou dois golpes, foge com os outros, deixando todo o espólio.*)

PRÍNCIPE — Fácil vitória! E agora, galopar! Dispersos os ladrões, tal medo os enche, que enfrentar a si mesmos não se atrevem. Cada um vê no outro a sombra de um polícia. Vamos, amigo Eduardo! Falstaff sua de morrer e o caminho vai deixando que é só gordura. Se não fosse tudo para rirmos, teria pena, dele.

POINS — E que urros o velhaco vai soltando!

(*Saem.*)

Cena 3

Warkworth. Um quarto no castelo. Entra Hotspur, lendo uma carta.

HOTSPUR — "No que apenas a mim se refere, milorde, ficaria bastante satisfeito se me encontrasse aí, pelo amor que dedico a vossa casa." Ficaria satisfeito e Então, por que não vem? Pelo amor que dedica a nossa casa: revela com isso que é mais afeiçoado a sua granja do que a nossa casa. Vejamos mais um pouco: "A empresa que tentais é perigosa". Certo! É perigoso, também, tomar um resfriado, dormir, beber; mas afianço-vos, milorde estúpido, que é do espinho do perigo que se colhe a flor da segurança. "A empresa que tentais é perigosa; os amigos que nomeastes, incertos; o próprio momento, inoportuno, e o plano em si muito leve para o contrapeso de tamanha oposição." E assim? Pois eu vos digo também que mentis e que não passais de um rústico sem coragem. Por Deus! Nosso plano é tão bom como os melhores; nossos amigos, verdadeiros e constantes: bom plano, bons amigos e ótima expectativa; plano excelente, amigos fidelíssimos. Que alma de gelo tem esse biltre! No entanto, milorde de York aprova o plano e a marcha geral da ação. Com todos os demônios! se eu pegasse agora esse vilão, abrir-lhe-ia o crânio com o leque da própria esposa. Então, meu pai, meu tio e eu próprio não nos encontramos nisso? Lorde Edmundo Mortimer, o Arcebispo de York e Owen Glendower? E os Douglas, ainda por cima? Não tenho em meu poder cartas deles todos, em que afirmam que virão em armas unir-se a mim no dia 9 do próximo mês? Alguns, até, já não se encontram em caminho? Que pagão miserável! Renegado! É certeza que com a sinceridade do medo e da pusilanimidade ele vai revelar ao rei todos os nossos projetos. Oh! Dá vontade de picar-me em pedacinhos e de esbofetear-me, por haver metido esse pote de coalhada em empreendimento de tal monta! Que se enforque! Que conte ao rei! Estamos preparados; partirei ainda esta noite.

(*Entra Lady Percy.*)

Então, Kate! Tenho que deixar-te dentro de duas horas.

LADY PERCY — Por que te achas tão só, querido esposo? Que fiz eu para estar há uma quinzena exilada do leito do meu Harry? Conta-me, esposo amado, qual a causa que de todo te priva do apetite, da alegria e do sono da inocência? Por que os olhos assim cravas na terra, e estremeces amiúde, quando ficas sozinho? Por que o sangue rubicundo das faces te fugiu? Por que assim trocas meu tesouro e o direito sobre ti, pela meditação de olhar sombrio e essa melancolia amaldiçoada? Observando-te o sono tão inquieto, ouvi-te murmurar de lutas férreas e incitar teu cavalo irrefreável com gritos de "Coragem!" "Para a frente!" Falavas de saídas, retiradas, barracas e trincheiras, paliçadas, fortins e parapeitos, basiliscos, canhões e

colubrinas, de soldados sem vida, de resgates, e de quanto um combate ardente integra. Tanto, dentro de ti, se achava em guerra teu espírito, e tanto te agitava que o suor, em bagas, te banhava a fronte como bolhas em riacho remexido. Estranhas contrações tu revelavas no rosto, talqualmente essas pessoas que o fôlego detêm, quando no ponto de súbita entrepresa. Que presságios são esses? Meu senhor tem algo em mente, que vai dizer-me; a menos que não me ame.

HOTSPUR — Olá!

(*Entra um criado.*)

O Guilherme partiu já com o pacote?

CRIADO — Há uma hora, senhor.

HOTSPUR — Butler trouxe os cavalos do xerife?

CRIADO — Acaba de chegar trazendo um deles.

HOTSPUR — Qual deles? Por acaso o ruão cabano?

CRIADO — Esse mesmo, senhor.

HOTSPUR — Farei dele o meu trono. Vou montá-lo sem mais perda de tempo. Oh, Espérance! Dize a Butler que o leve para o parque.

(*Sai o criado.*)

LADY PERCY — Atendei-me, senhor.

HOTSPUR — Que dissestes, senhora?

LADY PERCY — Que vos leva de minha companhia?

HOTSPUR — Meu cavalo, querida, meu cavalo.

LADY PERCY — Sai, macaco estouvado! Uma doninha revelara menos caprichos. Em verdade, Harry, desejo saber o que vos traz tão preocupado. Temo que meu irmão Mortimer queira defender seus direitos e que auxílio buscasse em vós. Se vos partis, realmente...

HOTSPUR — A pé, tão longe, cansaria, amor.

LADY PERCY — Vamos, meu periquito, respondei-me diretamente a quanto vos pergunto. Juro, Harry, que o minguinho vou quebrar-te no caso de ocultares a verdade.

HOTSPUR — Adiante, cabecinha de vento. Amar-te? Nunca! Não me interessas, Kate. Achas que é hora de brincar com boneca e parolar? Precisamos agora de narizes partidos e coroas amassadas, que passemos por boas. Meu cavalo, santo Deus! Que disseste, Kate? Queres de mim alguma coisa?

LADY PERCY — Não me amais, não é certo? Pois que seja. E porque não me amais, vou desprezar-me a mim própria, também. Odiais-me, é certo? Dizei se falais sério ou por brinquedo.

HOTSPUR — Não queres ver-me cavalgar, querida? Quando estiver montado, hei de

jurar-te que te amo até o infinito. Porém, Kate, escutai-me; não quero mais ouvir-vos perguntar aonde eu vou, nem nada sobre semelhantes questões. Vou aonde devo. Enfim, para concluir: ainda esta tarde. Sei que sois muito prudente, mas não mais do que a esposa de Percy. Sois constante; contudo, sois mulher. Quanto a segredos, ninguém te vence em discrição; mas creio que não revelarás o que não sabes. A minha confiança, gentil Kate, vai até esse ponto.

LADY PERCY — Não mais longe?

HOTSPUR — Nem uma polegada mais. Ouvi-me, porém, Kate: aonde eu for, também ireis; hoje eu saio; amanhã partireis vós. Contentais-vos com isso, Kate?

LADY PERCY — Sim, não há outro remédio.

(*Saem.*)

Cena 4

Eastcheap. Um quarto na taberna "Cabeça de javali". Entram o príncipe e Poins.

PRÍNCIPE — Por favor, Ned, sai desse quarto engordurado e ajuda-me a rir um pouco.

POINS — Por onde tens andado, Hal?

PRÍNCIPE — Com três ou quatro lorpas, em meio de sessenta ou oitenta barricas. Fiz soar a corda mais baixa da humildade. E certo, amigo, entrei para a irmandade de três caixeiros de taberna e posso chamá-los pelos nomes de batismo, Tom, Dick, Francis. Todos eles juram pela própria salvação que embora eu não passe de príncipe de Gales, já sou o rei da cortesia, e me afirmam no rosto que eu não sou qualquer Jack cheio de empáfia, como Falstaff, mas um verdadeiro coríntio, um bom menino, um rapaz de valor — palavra! é assim que eles se referem à minha pessoa! — acrescentando que, quando eu for rei da Inglaterra, assumirei o comando de todos os bons rapazes de Eastcheap. Beber à farta, na sua linguagem, é tingir de escarlate, e, quando respirais ao beber, gritam "Hum!" incitando-vos a não parar até ao fim. Em suma, fiz tais progressos em um quarto de hora, que por toda a vida me sinto capaz de beber com qualquer caldeireiro em sua própria língua. Afianço-te, Ned, que perdeste a oportunidade de ganhar muita honra, não me acompanhando em semelhante ação. Mas, doce Ned, para adoçar-te o nome dou-te estes dois vinténs de açúcar com que há pouco me presenteou um caixeiro de taberna que em toda a vida não falou mais inglês do que "Oito xelins e seis pences" e "Sede bem-vindo!" com o acréscimo estridente: "Neste momento, senhor! Vou buscar uma pinta de bastardo na Meia-lua!" e algo pelo estilo. Agora, Ned, para passarmos o tempo até que chegue Falstaff, vai para uma das peças contíguas, enquanto eu pergunto ao simplório do caixeiro para que fim ele me deu o torrão de açúcar. Não deixes de chamar "Francis!" para que ele não possa dizer mais do que "neste momento!" Põe-te aqui ao lado, para eu mostrar-te como deve ser feito.

POINS — Francis!

PRÍNCIPE — Magistral.

POINS — Francis!

(*Sai Poins.*)

(*Entra Francis.*)

FRANCIS — Neste momento, senhor! Neste momento! Ralph, vai ver o que na Romã estão querendo.

PRÍNCIPE — Vem cá, Francis.

FRANCIS — Senhor!

PRÍNCIPE — Francis, quanto tempo ainda terás de servir?

FRANCIS — Por Deus, cinco anos e tanto como...

POINS (*dentro*) — Francis!

FRANCIS — Neste momento, senhor! Neste momento!

PRÍNCIPE — Cinco anos? Por Nossa Senhora! prazo enorme para fazer tinir o estanho. Mas, Francis, não terás tu a coragem suficiente para revelar-te medroso diante desse contrato e mostrar-lhe um belo par de calcanhares, fugindo dele?

FRANCIS — Oh, senhor! Posso jurar sobre todos os livros da Inglaterra que eu teria coragem bastante para...

POINS (*dentro*) — Francis!

FRANCIS — Neste momento, senhor!

PRÍNCIPE — Que idade tens, Francis?

FRANCIS — Deixai ver... No próximo São Miguel farei...

POINS (*dentro*) — Francis!

FRANCIS — Neste momento! Esperai um momento, milorde.

PRÍNCIPE — Escuta, Francis; o açúcar que tu me deste custou-te um pêni, não é verdade?

FRANCIS — Oh, senhor! Quisera que houvesse custado dois.

PRÍNCIPE — Vou dar-te mil libras por ele; quando as quiseres, é só pedir, e serão tuas.

POINS (*dentro*) — Francis!

FRANCIS — Neste momento! Neste momento!

PRÍNCIPE — Neste momento, Francis? Não, Francis, amanhã, Francis; ou, Francis, na quinta-feira; ou melhor, Francis, quando o quiseres. Mas, Francis...

FRANCIS — Milorde!

PRÍNCIPE — Atrever-te-ias a roubar um sujeito de colete de couro, com botões de cristal, de cabelos cortados rentes, com anel de ágata, meias cor de pulga, ligas de lã, voz melosa, bolsa espanhola...

FRANCIS — Oh, senhor! Que quereis dizer com isso, milorde?

PRÍNCIPE — Ora bem; estou vendo que só bebeis do vosso bastardo escuro. Toma cuidado, Francis; a tua camisa de linho branco pode sujar-se. Na Berberia, senhor, não chegará a tanto.

FRANCIS — Como, senhor?

POINS (*dentro*) — Francis!

PRÍNCIPE — Toca, moleque! Não estás ouvindo que te chamam?

(*O príncipe e Poins chamam por Francis ao mesmo tempo; Francis fica atrapalhado, sem saber para que lado corra.*)

(*Entra o taberneiro.*)

TABERNEIRO — Como é que ficas parado, quando te chamam desse jeito? Corre a servir os fregueses. (*Sai Francis.*) Milorde, o velho Sir John com mais uma meia dúzia de companheiros se encontra aí fora. Devo fazê-lo entrar?

PRÍNCIPE — Que esperem um pouco; depois abre-lhes a porta. (*Sai o taberneiro.*) Poins!

POINS — Neste momento, neste momento, senhor!

PRÍNCIPE — Escuta lá: Falstaff e os demais ladrões estão ai. Vamos divertir-nos um pouco?

POINS — Como grilos, rapaz. Mas contai-me como vos saístes na brincadeira com o caixeiro. Qual foi o resultado?

PRÍNCIPE — Sinto-me agora com todos os humores que se revelaram humores desde os velhos dias do honesto Adão até a hora juvenil da meia-noite que acaba de soar.

(*Francis atravessa o quarto, levando vinho.*)

Que horas são, Francis?

FRANCIS — Neste momento, senhor! Neste momento!

PRÍNCIPE — É inconcebível que seja filho de mulher um sujeito como esse, que conhece menor número de palavras do que um papagaio. Toda sua habilidade consiste em subir e descer escadas; sua eloqüência, a nota dos fregueses. Ainda não estou com a disposição de Percy, o Esporão quente do norte, o tal que vos mata seis ou sete dúzias de escoceses antes do almoço, lava as mãos e diz à mulher: "Que raio de vida ociosa! Necessito de movimento!" "Meu querido Harry", diz ela, "quantos mataste hoje?" "Dêem de beber ao meu ruão", diz ele; e, uma hora depois: "Uns quatorze", responde; "uma ninharia!" Manda Falstaff entrar. Vou fazer o papel de Percy e esse javali dos diabos, o de Lady Mortimer, sua mulher. Rivo, como dizem os bêbados. Chama a esse fardo de toucinho, esse monte de sebo.

(*Entram Falstaff, Gadshill, Bardolfo, Peto e Francis.*)

FALSTAFF — Que a peste carregue com todos os covardes, é só o que eu digo, e que a vingança os persiga. É isso; amém. Rapaz, traze-me um copo de xerez. A continuar nesta vida, prefiro fiar meias, remendá-las e até pisá-las. Que a peste leve os poltrões. Vamos, maroto; dá-me um copo de xerez. Já não há virtude neste mundo?

(*Bebe.*)

PRÍNCIPE — Nunca viste o Titã de coração bondoso beijar um prato de manteiga e esta

derreter-se sob as carícias do sol? Se já o viste, olha para esse conjunto.

FALSTAFF — Maroto, .este vinho contém cal. De velhaco só pode vir velhacaria, apesar de que um poltrão é pior do que um copo de xerez com cal. Poltrão infame! Segue teu caminho, velho Jack; morre quando te aprouver. Se o heroísmo, o verdadeiro heroísmo, não desaparecer da face da terra, não passo de um arenque seco. Na Inglaterra só há três pessoas de bem que ainda não foram enforcadas e uma delas é gorda e começa a envelhecer. Que Deus nos ampare. Mundo infame, é só o que eu digo. Quisera ser tecelão, para cantar salmos ou coisas do mesmo gênero. Uma vez mais, que a peste leve a todos os poltrões.

PRÍNCIPE — Que é que estás resmungando, saco de lã?

FALSTAFF — Um filho de rei! Se eu não te expulsar de teu reino com uma espada de pau, tocando na tua frente a todos os teus súditos como um bando de gansos selvagens, não quero ter mais um só pelo no rosto. Vós, príncipe de Gales?

PRÍNCIPE — Mas, afinal, que é que houve, pançudo de uma figa?

FALSTAFF — Sois ou não covarde? Respondei a isso. E aquele Poins, também.

POINS — Com todos os diabos, barrigudo! Se me chamais de covarde, coso-te a punhaladas.

FALSTAFF — Eu, chamar-te de covarde? Primeiro te verei no inferno, antes de fazê-lo. Mas é certo que eu daria mil libras para correr como tu. Tendes as espáduas direitas e não vos importais que vos vejam pelas costas. E a isso que chamais escorar os amigos? Para o diabo com semelhantes escoras! Arranjem-me quem me olhe de frente. Vamos! Um copo de xerez! Macaco me morda, se eu já bebi hoje alguma vez.

PRÍNCIPE — Oh, descarado! Ainda estás com os lábios úmidos do último copo de vinho!

FALSTAFF — É a mesma coisa. (*Bebe.*) O que eu digo é que a peste leve a todos os covardes.

PRÍNCIPE — Mas, afinal, que aconteceu?

FALSTAFF — Que aconteceu? Esta manhã, quatro dos que aqui estão presentes puseram a mão em cima de mil libras.

PRÍNCIPE — Onde estão elas, Jack? Onde estão?

FALSTAFF — Onde estão? Tomaram-nas de nós; uma centena contra quatro infelizes.

PRÍNCIPE — Como assim, homem! Uma centena?

FALSTAFF — Quero ser o maior velhaco se não cruzei espadas com uma dúzia deles pelo espaço de duas horas. Escapei por milagre; atravessaram-me oito vezes o gibão e quatro os calções; meu escudo é só buracos; a espada parece mais uma serra: ecce signum! Desde que sou homem, nunca briguei tão bem. Que a peste leve os poltrões. Aqueles ali que o digam, e, se não contarem a verdade, sem tirar nem pôr, é que não passam de velhacos e de filhos das trevas.

PRÍNCIPE — Falai, senhores: como se deu o caso?

GADSHILL — Nós quatro caímos sobre uns doze...

FALSTAFF — Dezesseis, pelo menos, milorde.

GADSHILL — ... e os amarramos.

PETO — Não; não foram amarrados.

FALSTAFF — Como não, birbante! Foram todos amarrados, até ao último, ou eu não passo de um judeu, um judeu hebreu.

GADSHILL — Quando nos achávamos na repartição do espólio, seis ou sete indivíduos de fresco caíram sobre nós...

FALSTAFF — ...e soltaram os prisioneiros, que logo se juntaram a eles.

PRÍNCIPE — Que é isso? E lutastes contra eles todos?

FALSTAFF — Todos? Não sei o a que dais o nome de todos; mas se eu não lutei com quarenta, quero ser um feixe de rabanetes, e se cinqüenta e dois ou cinqüenta e três não caíram em cima do velho Jack, então não sou criatura de duas pernas.

PRÍNCIPE — Queira Deus que não tenhas morto a alguns deles.

FALSTAFF — Já não adianta rezar. Empimentei a dois dos tais; dois, com certeza, ficaram liquidados, dois patifes com roupa de bocaxim. Uma coisa eu digo, Hal, se eu estiver mentindo, podes cuspir-me na cara e chamar-me de cavalo. Conheces muito bem minha velha guarda: era assim que eu estava, a espada desse jeito. Quatro velhacos de bocaxim caíram sobre mim...

PRÍNCIPE — Como quatro, se acabaste de dizer que eram dois?

FALSTAFF — Quatro, Hal; eu disse quatro.

POINS — Sim, sim; falou em quatro.

FALSTAFF — Esses quatro me atacaram de frente; todos de uma vez. Mas eu não me dei por achado e com o meu escudo aparei-lhes as sete pontas, assim!

PRÍNCIPE — Sete! Mas neste momento não passavam de quatro!

FALSTAFF — De bocaxim.

POINS — É isso: quatro, vestidos de bocaxim.

FALSTAFF — Sete! Pela empunhadura desta espada, ou eu não sou mais do que um velhaco de marca.

PRÍNCIPE — Deixa-o prosseguir, que ainda vai aparecer mais gente.

FALSTAFF — Estás me ouvindo Hal?

PRÍNCIPE — Sim, e também observando-te, Jack.

FALSTAFF — Fazes muito bem, que a história merece ser ouvida. Esses nove de

bocaxim de que te falei...

PRÍNCIPE — Já apareceram mais dois.

FALSTAFF — ... uma vez saltados os botões...

POINS — Caíram-lhes as calças.

FALSTAFF — ... começaram a ceder-me terreno; mas cosime aos tais, pé com pé, mão por mão, e num abrir e fechar de olhos, liquidei sete dos onze.

PRÍNCIPE — Que portento! Onze indivíduos de bocaxim saídos de dois!

FALSTAFF — Mas nesse ponto o diabo trouxe três bandidos com roupa de cor verde de Kendal, que me atacaram pelas costas, obrigando-me a recuar; porque fazia tamanha escuridão, Hal, de não se enxergar a mão diante dos olhos.

PRÍNCIPE — Essas mentiras são tais como o pai que as gerou: do tamanho de um monte, visíveis, palpáveis. Lingüiça com miolo de barro, imbecil de cabeça encalombada, sujo, indecente, monte de sebo...

FALSTAFF — Que é isso? Estás louco? A verdade é a verdade.

PRÍNCIPE — É certo; mas como pudeste perceber que as vestes desses homens eram de cor verde de Kendal, se a escuridão era tamanha que não enxergavas a mão? Vamos; dá-nos a tua razão; que respondes a isso?

POINS — Vamos; vossa razão, Jack; vossa razão!

FALSTAFF — Como! Sob coação? Ainda que me pusessem na polé ou me aplicassem todos os suplícios do mundo, coagido, não vos diria coisa alguma. Apresentar razões sob coação! Ainda que elas fossem mais abundantes do que amoras, obrigado, não apresentaria uma sequer. Eis aí.

PRÍNCIPE — Não quero continuar por mais tempo como cúmplice de semelhante pecado; este poltrão sangüíneo, este entorta-camas, este descadeira-cavalos, este montão de carne...

FALSTAFF — Sai daí, faminto, pele de duende, língua defumada de vaca, vergalho de boi, bacalhau seco! Oh! quisera ter fôlego para dizer tudo com que te pareces, bainha, vara de alfaiate, caixa de guardar arco, espadim imprestável...

PRÍNCIPE — Muito bem; agora, respira um pouco, para recomeçares, e quando houveres esgotado todas as comparações ignóbeis, ouve-me por um instante.

POINS — Toma nota, Jack.

PRÍNCIPE — Nós dois vimos quando vós quatro caístes sobre quatro indivíduos, os amarraram e se apoderaram de seus haveres. E agora ouve como te reduzo a zero com uma história muito simples. Logo depois, nós dois caímos sobre vós quatro, tendo bastado uma palavra para tomar-vos a presa, que se acha conosco e que poderá ser-vos mostrada aqui mesmo nesta casa. Quanto a ti, Falstaff, jogaste as tripas ao ombro e te puseste a correr

lestamente, berrando por clemência, não cessando de correr e de berrar como jamais ouvi a nenhum bezerro. E preciso que sejas um mentiroso de marca para deixares a espada naquele estado e depois vires dizer que foi em combate. Que artimanha, que estratagema, que escapatória vais inventar agora para esconder-te de tão grande e manifesta vergonha?

POINS — Vamos ver, Jack; que vais inventar agora?

FALSTAFF — Por Deus! Eu vos reconheci tão bem como quem vos fez. Agora, caros mestres, ouvi-me: é crível que eu pudesse matar o herdeiro da coroa? rebelar-me contra o príncipe legítimo? Sabes perfeitamente, Hal, que eu sou tão valente quanto Hércules. Mas observa o instinto: o leão não toca no verdadeiro príncipe. O instinto é uma grande coisa: fui covarde por instinto. Enquanto viver, hei de ter opinião mais elevada de mim mesmo e de ti: de mim, como leão valente; de ti, como príncipe de verdade. Com a breca, rapazes, alegra-me saber que o dinheiro está convosco. Estalajadeira, fecha as portas! Velarás hoje à noite, rezarás amanhã! Valentes rapazes, companheiros, corações de ouro, deixai-me dar-vos todos os títulos da boa camaradagem. Toca a divertir! Vamos improvisar uma comédia?

PRÍNCIPE — Boa idéia; tua fuga servirá de argumento.

FALSTAFF — Se me tens amizade, Hal, não me fales mais nisso.

(*Entra a estalajadeira.*)

ESTALAJADEIRA — Oh Jesus! milorde príncipe!

PRÍNCIPE — A senhora hospedeira! Que tens a dizer-me?

ESTALAJADEIRA — É que, milorde, se acha à porta um nobre da corte, que deseja falar-vos; disse que vem a mandado de vosso pai.

PRÍNCIPE — Pois dá-lhe o suficiente para fazer dele um indivíduo de coroa e manda-o de volta para minha mãe.

FALSTAFF — Que espécie de homem é ele?

ESTALAJADEIRA — Um velho.

FALSTAFF — Que faz a gravidade fora do leito à meia-noite? Queres que lhe dê a resposta?

PRÍNCIPE — Sim, Jack.

FALSTAFF — Deixa isso por minha conta, que o despacharei em dois tempos.

(*Sai.*)

PRÍNCIPE — Pois foi assim, senhores! Por Nossa Senhora! lutastes valentemente; e vós, Peto; e vós, também, Bardolfo; sois leões, também, correstes por instinto, por não quererdes tocar no príncipe... Ora, deixai de conversa!

BARDOLFO — É certo; eu só corri, quando vi os outros correrem.

PRÍNCIPE — Mas, falando sério, dizei-me como foi que a espada de Falstaff ficou tão cheia de dentes.

PETO — Foi ele mesmo que fez isso com a adaga, afirmando que havia de jurar por quanta verdade há na Inglaterra que vos faria acreditar que fora em combate. Depois, concitou-nos a fazer o mesmo.

BARDOLFO — Sim, e mandou que esfregássemos grama no nariz até sair sangue, para com ele mancharmos as vestes e podermos jurar que se tratava de sangue de verdadeiros homens. Aconteceu comigo o que, havia sete anos, não se dava: corei de ouvi-lo inventar tantas mentiras.

PRÍNCIPE — Oh tratante! Há dezoito anos foste apanhado, quando roubavas um copo de xerez, e desde essa época vives sempre corado ex tempore. Com esse fogo e a espada ao lado, por que te puseste a correr? Que instinto te impeliu?

BARDOLFO (*mostrando o rosto*) — Milorde, vedes estes meteoros? Percebeis estas exalações?

PRÍNCIPE — Perfeitamente.

BARDOLFO — Que pensais que significam?

PRÍNCIPE — Fígado quente e bolsa fria.

BARDOLFO — Bile, milorde; bile, para o bom entendedor.

PRÍNCIPE — Não é isso; para o bom entendedor significa forca.

(*Volta Falstaff.*)

Aí vem o magro Jack, o nosso esqueleto. Então, meu doce boneco de assoprar, há quanto tempo não enxergas os teus próprios joelhos?

FALSTAFF — Os joelhos? Quando eu tinha a tua idade, Hal, era mais fino do que uma garra de águia; poderia esgueirar-me pelo anel de um vereador. Que a peste carregue suspiros e tristezas! E isso que faz a gente ficar que nem uma bexiga estufada. Correm notícias miseráveis. Quem esteve aí foi Sir John Bracy, a mandado de vosso pai; deveis apresentar-vos à corte pela manhã. Esse louco do norte, Percy, e o tal galense que deu uma sova em Amaimon, pôs cornos em Lúcifer e obrigou o diabo a jurar-lhe vassalagem sobre a cruz de uma alabarda galense... Como diabo lhe chamais?

POINS — Owen Glendower.

FALSTAFF — Owen, Owen, esse mesmo, e o seu genro Mortimer, e o velho Northumberland, e o mais vivo escocês dos escoceses, Douglas, que sobe a cavalo por uma encosta a pique...

PRÍNCIPE — E a galope mata com um tiro de pistola um pardal em vôo.

FALSTAFF — Acertaste no alvo.

PRÍNCIPE — Como ele nunca o fez quanto ao pardal.

FALSTAFF — Sim, mas é um bandido de coragem; esse não há de fugir.

PRÍNCIPE — E por que então, desgraçado, o elogias por correr tão bem?

FALSTAFF — A cavalo, meu cuco, que a pé ele não dará um único passo.

PRÍNCIPE — É certo, Jack, por instinto.

FALSTAFF — De acordo, por instinto. Mas, como ia dizendo, esse também toma parte na coisa, e um tal Mordake, e mais um milheiro de gorros azuis. Worcester fugiu esta noite; a barba de teu pai branqueou com a notícia. As terras vão ficar ao preço de cavala podre.

PRÍNCIPE — E se tivermos um junho quente e demorar muito essa pancadaria civil, poderemos comprar virgindade como eles compram cravos para ferradura, aos centos.

FALSTAFF — Pela Santa Missa, rapaz, é isso mesmo! Não há dúvida, vamos fazer ótimos negócios nesse ramo. Mas dize-me uma coisa, Hal, não sentes um medo horrível? Sendo tu o herdeiro presuntivo, não irá o mundo obrigar-te a enfrentar três inimigos do porte desse endemoninhado Douglas, esse louco Percy e esse diabo Glendower? Não sentes um medo horrível? Teu sangue não congela?

PRÍNCIPE — Nada absolutamente, asseguro-te; falta-me um pouco do teu instinto.

FALSTAFF — Bem; mas amanhã vais ser repreendido de verdade, quando te apresentares diante de teu pai. Se me tens amor, prepara uma resposta.

PRÍNCIPE — Então faze o papel de meu pai e examina-me sobre particularidades de minha vida.

FALSTAFF — Verdade? Com muito gosto. Esta cadeira vai servir-me de trono; esta adaga de cetro e este coxim de coroa.

PRÍNCIPE — Teu trono passará por uma cadeira furada, o cetro de ouro, por uma adaga de chumbo e tua coroa preciosa e rica, por miserável tonsura.

FALSTAFF — Pouco importa; se não te encontrares inteiramente destituído do fogo da Graça, vais ficar abalado. Dá-me um copo de xerez, para que meus olhos fiquem vermelhos e pareça que chorei, pois disponho-me a falar com afogo e na veia do Rei Cambises.

(*Bebe.*)

PRÍNCIPE — Muito bem; eis aqui minha reverência.

FALSTAFF — E eis aqui meu discurso. Senhores nobres, ponde-vos de lado.

ESTALAJADEIRA — Oh Jesus! Excelente passatempo, não há que ver.

FALSTAFF — Não choreis, doce rainha, que pouco adiantam agora esses chorrilhos de lágrimas.

ESTALAJADEIRA — Santo Deus! Como ele se compenetra do papel!

FALSTAFF — Por Deus, senhores! Tirai daqui a minha triste rainha, que as lágrimas lhe obstruem as comportas dos olhos.

ESTALAJADEIRA — Interessante! Ele faz tal qual os cômicos indecentes que eu já vi representar.

FALSTAFF — Silêncio, dona caneca! Fique quieta, senhora cachaça! Harry, não me causam apenas admiração os lugares em que perdes o tempo, como a espécie de gente de que te cercas. Porque embora a camomila cresça tanto mais rapidamente quanto mais pisada for, a mocidade se consome na medida em que é devastada. Que és meu filho, convence-me em parte a palavra de tua mãe, em parte minha opinião pessoal, mas, principalmente, um maldito sestro que revelas nos olhos e essa maneira estúpida de deixar cair o lábio inferior. Sendo, pois, tu meu filho, bato no ponto: por que motivo, sendo tu meu filho, chegas a ser apontado desse modo? Deve, acaso, o bendito filho dos céus andar sem rumo pelos campos, a comer amoras? Eis uma pergunta que pode ser formulada. Deve o filho da Inglaterra proceder como qualquer ladrão e batedor de carteiras? Eis uma pergunta que deve ser apresentada. Existe uma coisa, Harry, de que já ouviste falar freqüentes vezes, e a que muitas pessoas de nossa terra dão o nome de pez; esse pez, conforme o afirmam escritores vetustos, costuma sujar: o mesmo se dá com a companhia que freqüentas. Porque, Harry, neste momento eu não te falo sob a influência da bebida, porém das lágrimas; não por prazer, mas indignado; não simplesmente com palavras, mas também com aflições. Contudo, há um homem virtuoso que eu já vi em tua companhia, mas que não sei como se chama.

PRÍNCIPE — A que espécie de homem se refere Vossa Majestade?

FALSTAFF — A-la-fé, um indivíduo corpulento, de presença majestosa, semblante alegre, olhar prazenteiro e ademanes nobres, que poderá ter cinqüenta anos ou talvez mesmo já se abeire dos sessenta. Sim, agora me recordo: chama-se Falstaff. Se esse indivíduo for inclinado à devassidão, é que me iludiu redondamente, porque leio, Harry, virtude nos seus olhos. Se se conhece a árvore pelo fruto, como o fruto pela árvore, declaro peremptoriamente que há virtude nesse Falstaff. Liga-te a ele e desterra os demais. E agora me dize, lacaio mal-educado, por onde tens andado todo este mês.

PRÍNCIPE — Falas como rei? Põe-te no meu lugar, que eu vou fazer o papel de meu pai.

FALSTAFF — Depões-me? Se revelares na palavra e no gesto a metade, ao menos, da gravidade e da majestade de que dei mostras, pendura-me pelos pés como um coelho ou lebre na porta de um vendedor de aves.

PRÍNCIPE — Muito bem; sento-me aqui.

FALSTAFF — E aqui fico eu. Agora julgai, senhores.

PRÍNCIPE — Então, Harry, de onde vens?

FALSTAFF — De Eastcheap, meu nobre senhor.

PRÍNCIPE — São muito graves as queixas que ouço a teu respeito.

FALSTAFF — Com a breca, senhor, é tudo mentira. Longe disso; ides ver que maravilha de príncipe vou mostrar-vos.

PRÍNCIPE — Estás praguejando, mal-educado? De hoje em diante não levantes mais os olhos para mim. Encontraste muito desviado do caminho da salvação; há um demônio que te persegue sob a figura de um velho gordo. Tens por companheiro um tonel humano. Por que

freqüentas esse baú de humores, essa tina de bestialidade, esse volume inchado de hidropisia, essa pipa monstruosa de xerez, essa maleta de intestinos, esse boi assado de Manningtree com o ventre recheado de pudim, esse vício reverendo, essa iniqüidade grisalha, esse padre alcoviteiro, essa vaidade encanecida? Para que presta ele, a não ser para provar xerez e bebê-lo? Em que se mostra puro e limpo, senão em trinchar um capão e devorá-lo? Em que consiste sua habilidade, a não ser na astúcia? ou sua astúcia, afora as vilanias? Em que é ele vil, se o não for em todas as coisas? e em que louvável, se não em coisa nenhuma?

FALSTAFF — Desejara que Vossa Graça me permitisse acompanhá-lo: a quem Vossa Graça se refere?

PRÍNCIPE — A esse abominável canalha, corruptor da juventude, Falstaff, esse velho Satanás de barba branca.

FALSTAFF — Conheço o homem, milorde.

PRÍNCIPE — Sei perfeitamente que o conheces.

FALSTAFF — Mas dizer que reconheço nele mais defeitos do que em mim mesmo, será dizer mais do que sei. Que infelizmente é velho, provam-no seus cabelos brancos; mas que seja, com perdão de Vossa Reverência, libertino, nego-o de pés juntos. Se xerez e açúcar constituem falta, que Deus perdoe aos que erram; se é pecado ser velho e alegre, nesse caso estão condenados muitos hoteleiros do meu conhecimento; se a gordura provoca ódios, então louvemos as vacas magras de Faraó. Não, meu bom senhor, desterrai Peto, desterrai Bardolfo, desterrai Poins; mas quanto ao doce Jack Falstaff, o gentil Jack Falstaff, o verdadeiro Jack Falstaff, o valente Jack Falstaff, e tanto mais valente por tratar-se do velho Jack Falstaff, esse não desterreis da companhia do teu Harry: desterrai o gordanchudo jack e tereis desterrado o mundo inteiro!

PRÍNCIPE — Fá-lo-ei; quero-o.

(*Ouvem-se batidas.*)

(*Saem a estalajadeira, Francis e Bardolfo.*)

(*Volta Bardolfo, a correr.*)

BARDOLFO — Oh milorde! milorde! acha-se à porta o xerife com uma patrulha monstro.

FALSTAFF — Fora daqui, maroto! Concluamos a peça; ainda tenho muito que dizer em defesa desse Falstaff.

(*Volta a estalajadeira.*)

ESTALAJADEIRA — Oh Jesus! Milorde! Milorde!

PRÍNCIPE — Eh! eh! O diabo cavalga um arco de violino. Que é que há?

ESTALAJADEIRA — Estão aí o xerife e a patrulha; vieram revistar a casa. Deixo-os entrar?

FALSTAFF — Estás ouvindo, Hal? Nunca digas que é falsa uma moeda de ouro verdadeira; tu és falso de verdade, sem que o pareças.

PRÍNCIPE — E tu, um covarde natural, sem instinto.

FALSTAFF — Nego a maior. Se não quiserdes receber o xerife, bem; caso contrário, deixai-o entrar. Se eu não fizer tão boa figura numa carreta como qualquer outro, que a peste leve a minha educação! Penso que uma corda me estrangulará tão depressa como aos outros.

PRÍNCIPE — Anda, esconde-te atrás da cortina; os demais subam. E agora, meus senhores, bom semblante e boa consciência.

FALSTAFF — Já tive ambos, mas isso já se foi; portanto, sumo daqui.

(*Saem todos, com exceção do príncipe e de Peto.*)

PRÍNCIPE — Fazei entrar o xerife.

(*Entram o xerife e um carreteiro.*)

Que desejais de mim, mestre xerife?

XERIFE — Primeiro, desculpar-me. O clamor público seguiu certas pessoas a esta casa.

PRÍNCIPE — Que espécie de pessoas?

XERIFE — Uma delas, meu príncipe, é bastante conhecida: um indivíduo grande e gordo.

CARRETEIRO — Gordo como manteiga.

PRÍNCIPE — Esse homem, podeis crer-me, aqui não se acha, pois eu mesmo lhe dei certa incumbência. E, xerife, eu te dou minha palavra que hei de enviá-lo amanhã depois do almoço para que ele responda em tua presença, ou de quem for, por quanto lhe atribuem. Podeis, pois, retirar-vos desta casa.

XERIFE — Pois não, milorde. Aí fora se acham dois senhores que perderam nesse roubo trezentos marcos.

PRÍNCIPE — Pode ser. No caso de os ter ele roubado, há de pagar-lhes o que lhes for devido. Passai bem.

XERIFE — Boa noite, bom senhor.

PRÍNCIPE — Penso que é já bom dia, não é mesmo?

XERIFE — E isso, senhor; são duas horas, creio.

(*Saem o xerife e o carreteiro.*)

PRÍNCIPE — Esse velhaco oleoso é tão conhecido quanto a igreja de São Paulo. Chama-o.

PETO — Falstaff! Adormeceu atrás da cortina e ronca como um cavalo.

PRÍNCIPE — Ouve como ele respira com dificuldade. Revista-lhe os bolsos.

(*Peto remexe nos bolsos de Falstaff.*)

Que encontraste?

PETO — Apenas alguns papéis, milorde.

PRÍNCIPE — Vejamos o que contêm. Lê.

PETO (*lê*) — Item: um capão, 2 xelins e 2 pences. Item: molho, 4. pences. Item: 2 galões de xerez, 5 xelins e 8 pences. Item: enchovas e xerez depois da ceia, 2 xelins e 6 pences. Item: pão, 1/2 pêni.

PRÍNCIPE — Oh monstro! Apenas meio pêni de pão para toda essa quantidade de xerez! Guarda o resto, para examinarmos mais de espaço. Deixa que durma até clarear. Irei à corte pela manhã. Todos teremos de ir para a guerra; esse velhaco obeso obterá um posto honroso. Vou arranjar-lhe um lugar na infantaria, por saber que uma caminhada de cem passos liquidará com ele. O dinheiro vai ser restituído com juros. Vem ter comigo pela manhã. E com isso, bom dia, Peto.

PETO — Bom dia, meu bom senhor.

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Bangor. Um quarto na casa do arcediago. Entram Hotspur, Worcester, Mortimer e Glendower.

MORTIMER — Brilhantes, as promessas; as pessoas, seguras; o começo é esperançoso.

HOTSPUR — Lorde Mortimer, e vós, primo Glendower, não resolveis sentar-vos? Tio Worcester... Que a peste leve tudo! Esqueci-me do mapa.

GLENDOWER — Aqui está ele. Sentai-vos, primo Percy, caro Hotspur, pois sempre que Lencastre vos nomeia desse modo, suspira e empalidece, desejando poder ver-vos no céu.

HOTSPUR — E a vós no inferno, sempre que ouve falar em Owen Glendower.

GLENDOWER — Não posso censurá-lo, que no dia em que eu nasci, cobriu-se o céu de estranhas figuras e de tochas incendiadas. Na hora em que eu vim à luz, os fundamentos e a estrutura da terra, só de medo, puseram-se a tremer.

HOTSPUR — O mesmo se teria dado, se naquela hora a gata pertencente a vossa mãe houvesse tido gatinhos e se nunca houvésseis nascido.

GLENDOWER — Quando eu nasci, tremeu a terra. Disse!

HOTSPUR — Pois eu digo que a terra não pensava como eu, se imaginais que o fez de medo.

GLENDOWER — O céu, em fogo; a terra a tremer toda.

HOTSPUR — Vendo em chamas o céu, tremeu a terra, não por causa do vosso nascimento. Padece a natureza muitas vezes de estranhas erupções. A terra grávida freqüentemente sofre de uma espécie de cólica, dos ventos irrefreáveis dentro em seu seio, que sair tentando, a boa terra abalam, e derrubam campanários e torres com seus musgos. Quando nascestes, nossa avó se achava com essa indisposição; daí tremer.

GLENDOWER — Primo, de poucos homens eu suporto contradizerem-me. De novo digo que no instante em que eu vi a luz do dia, o céu ficou coberto de figuras fulgurantes; as cabras se atiravam dos montes e os rebanhos não cessavam de atroar as planícies espantadas. Tais sinais inculcavam coisas grandes. Toda a minha existência é a melhor prova de que escapo do rol dos homens baixos. Onde se acha o mortal, em todo o vasto recinto da Inglaterra, Escócia e Gales, que o mar circunda, que chamar-me possa de aluno, ou que me tenha ensinado algo? Um filho de mulher mostrai-me, ao menos, que me tenha assistido na senda áspera das artes, ou comigo cooperado em quaisquer transcendentes experiências.

HOTSPUR — Melhor galês, decerto, ninguém fala. Vou jantar.

MORTIMER — Calma, primo! Com isso o deixais louco.

GLENDOWER — Posso evocar espíritos do abismo.

HOTSPUR — Isso, até eu, e assim qualquer pessoa; mas eles vêm, no caso de os chamardes?

GLENDOWER — Posso ensinar-te, primo, a ter domínio sobre o diabo.

HOTSPUR — Como eu, primo, também posso ensinar-te a zombar do demônio com a verdade: fala a verdade e zomba do demônio. Se podes evocá-lo, põe-no aqui, que eu me incumbo, depois, de zombar dele. Falai sempre a verdade, para rirdes do demônio.

MORTIMER — Já basta. Vinde! Vinde! Parai com essa conversa sem proveito.

GLENDOWER — Henrique Bolingbroke por três vezes desafiou meu poder; por outras tantas, desde as margens do Wye e do arenoso Severne o fiz voltar para a Inglaterra descalço e sob os golpes do mau-tempo.

HOTSPUR — Para casa, descalço e exposto à chuva! E como conseguiu evitar febres?

GLENDOWER — Eis o mapa. Ora vede: partiremos nossos domínios ao sabor de nossa tríplice convenção?

MORTIMER — Já o arcediago dividiu tudo em partes muito iguais: a Inglaterra, do Trento e do Severne por leste e sul até este ponto, é minha; tudo o que fica a oeste do Severne, Gales e as terras férteis deste espaço, para Owen Glendower; tudo o mais que sobra para o norte do Trento, caro primo, vos coube por quinhão. Já se acham prontos nossos contratos tripartidos; falta selá-los alternadamente, coisa que poderá ser feita ainda esta noite. E amanhã, primo Percy, iremos ambos, juntos com o meu bondoso Lorde de Worcester, ao vosso pai juntar-nos e aos soldados escoceses, conforme o combinado, em Shrewsbury. Meu pai Glendower ainda não está pronto; aliás não precisamos de seus homens por toda esta quinzena. (*A Glendower*) — Aproveitai esse ínterim reunindo vossos arrendatários e afeiçoados, bem como os cavalheiros da região.

GLENDOWER — Em menos tempo estarei lá, senhores, levando em minha companhia vossas esposas. Ora cumpre que vos vades sem que vos despeçais, que é certo termos um dilúvio de lágrimas no instante em que delas quiserdes separar-vos.

HOTSPUR — Vejo que a minha parte, aqui de Burton para o norte, é menor que as outras duas. Notai como este rio vem serpeando, e corta do melhor de minhas terras este enorme pedaço em meia-lua. Vou fazer neste ponto uma barragem; em novo leito o claro e alegre Trento correrá suavemente e sem tropeços. Não mais continuará dando essas voltas para roubar-me terras tão valiosas.

GLENDOWER — Não dará mais? Bem vedes que é preciso.

MORTIMER — Notai, contudo, como ele aqui prossegue e me desfalca com igual desvantagem deste lado, mutilando no oposto continente tanto quanto vos tira naquele outro.

WORCESTER — Com bem pouca despesa o cortaríamos aqui, lucrando ao norte esta

saliência: desta arte correrá sem mais obstáculos.

HOTSPUR — É o que eu reclamo; o gasto é pouca coisa.

GLENDOWER — Não quero alterações.

HOTSPUR — Ah! não quereis?

GLENDOWER — Nem na fareis.

HOTSPUR — E quem mo impedirá?

GLENDOWER — Eu, sem dúvida.

HOTSPUR — Então arranjai modo de eu não vos entender; falai galês.

GLENDOWER — Posso falar, milorde, inglês tão puro quanto vós, porque fui criado na corte da Inglaterra, onde moço ainda, compunha cantigas em inglês, para harpa, dando modulações benéficas à língua, virtude que jamais em vós se há visto.

HOTSPUR — De todo o coração me alegro com isso; preferira ser gato e miar sem pausa, a ser compositor de tais baladas; gosto mais do ringir desses candeeiros de cobre e do eixo seco de uma roda. Nada aos dentes me faz tanta gastura, como ouvir recitar uma poesia pretensiosa: é tal qual o falso trote de um cavalo que raspa o chão com o casco.

GLENDOWER — Basta! basta! Podeis desviar o Trento.

HOTSPUR — Não faço caso; em terra, isso, três vezes eu daria a qualquer amigo certo; mas em negócios, tomai nota, eu brigo pela novena parte de um cabelo. Já estão passados os contratos? Vamo-nos?

GLENDOWER — Faz belo luar; podeis partir de noite. Vou apressar o escrevente e, ao mesmo tempo, dar a vossas esposas a notícia.

Temo se torne louca minha filha, de tal modo é apegada ao seu esposo.

(*Sai.*)

MORTIMER — Como tratais meu pai, Percy! Que coisa!

HOTSPUR — Não está em mim; amiúde me exaspera falando da toupeira e da formiga, do encantador Merlin, de profecias, peixes sem barbatana, dragos, grifos de asas cortadas, corvos, quando em muda, de um leão deitado, um gato rastejante, e não sei mais que coisas que me põem fora do siso. Digo mais: na noite passada ele prendeu-me umas nove horas a enumerar os nomes dos demônios que o servem. Eu dizia: Hum! Adiante! sem prestar atenção. É mais cacete do que mulher colérica ou cavalo cansado, muito pior do que uma casa cheia de fumo. Fora preferível viver à parte num moinho, apenas de queijo e de alho, a ser rico de tudo, tendo de suportá-lo, em qualquer casa luxuosa de verão da Cristandade.

MORTIMER — Digo que é um gentil-homem de valor, muito lido e senhor de extraordinários segredos, tão valente como um leão, afável como poucos, generoso como as minas das Índias. Acho, primo, que ele tem vosso gênio em grande apreço, pois domina sua própria natureza, quando o contraditais. Certo: domina-se. Juro-vos que não há viva alma

alguma que, como o tendes feito, o provocasse, sem incorrer no risco da resposta. Sede mais cauteloso, é o que eu vos peço.

WORCESTER — Sois passível, milorde, de censura. Desde que aqui chegastes, fazeis tudo para que ele a paciência a perder venha. Urge desse defeito corrigir-vos; pois embora, por vezes, seja prova de coragem, grandeza, sangue nobre — o que de mais gracioso vos confere — amiúde é sinal de ímpeto colérico, ausência de domínio, de cordura, presunção, altivez, desdém e orgulho. O menor deles num fidalgo basta para alienar os corações e deixa mácula na beleza das virtudes, tirando-lhes o mérito inerente.

HOTSPUR — Muito bem; aprendi; sede bonzinhos. Aí vêm nossas esposas; despeçamo-nos.

(*Volta Glendower com Lady Percy e Lady Mortimer.*)

MORTIMER — Mortal contrariedade! Minha esposa não fala inglês, nem eu galês entendo.

GLENDOWER — Chora porque vos ides sem levá-la; deseja ser soldado e ir para a guerra.

MORTIMER — Bondoso pai, dizei-lhe que ela e a tia Percy irão ter conosco brevemente, sob vossa proteção.

(*Glendower fala em galês com Lady Mortimer, e esta lhe responde na mesma língua.*)

GLENDOWER — Ela está desesperada; é uma bichinha teimosa e cabeçuda, que não atende a coisa alguma.

(*Lady Mortimer fala a Mortimer em galês.*)

MORTIMER — Compreendo teus olhares; o adorável galês que me despejas desses túmidos céus, conheço-o bem; não fora o pejo, no mesmo linguajar te respondera.

(*Lady Mortimer torna a falar em galês.*)

Teus beijos, os compreendo; os meus, entendes: eis tudo para um diálogo sensível. Mas não descansarei, querida, enquanto não houver aprendido teu idioma, pois tua língua o galês deixa tão doce quanto suaves canções que uma rainha num bosque de verão canta com meigas modulações ao toque do alaúde.

GLENDOWER — Bali! Se vos derreteis, ela enlouquece.

(*Lady Mortimer torna a falar.*)

MORTIMER — Sou a própria ignorância nessa língua.

GLENDOWER — Pede que vos deiteis nos juncos leves e a cabeça pouseis em seu regaço, que ela vos cantará quanto quiserdes, o deus do sono aos olhos fará vir-vos e vos encantará em deliciosa languidez, separando da vigília o sono de tal forma, como se acha da noite o dia, na hora em que a divina parelha o áureo percurso a este começa.

MORTIMER — De todo coração desejo ouvi-la, enquanto, é de supor, a ata se apronta.

GLENDOWER — Fazei-o; os músicos que devem deleitar-vos a mil léguas daqui, no ar, ainda se acham; não tardarão a vir; sentai-vos logo para escutá-los.

HOTSPUR — Vem, Kate, para aqui; em questão de deitar, tu és mestra. Vamos! Depressa! depressa! para que eu recoste a cabeça em teu regaço.

LADY PERCY — Vamos, ganso estouvado.

(*Glendower fala algumas palavras em galês, e logo se ouve música.*)

HOTSPUR — Vejo agora que o diabo entende galês; não admira que seja tão caprichoso. É certo: ótimo músico!

LADY PERCY — Nesse caso deveríeis ser excelente músico, por serdes governado por caprichos. Mas ficai quieto, celerado, e escutai a lady cantar em galês.

HOTSPUR — Preferira ouvir minha cachorra Lady uivar em irlandês.

LADY PERCY — Queres que te parta a cabeça?

HOTSPUR — Não.

LADY PERCY — Então fica quieto.

HOTSPUR — Também não; é defeito das mulheres.

LADY PERCY — Que Deus te guie.

HOTSPUR — Para a cama da dama galesa.

LADY PERCY — Que foi que dissestes?

HOTSPUR — Caluda! Ela está cantando.

(*Lady Mortimer canta um romance galês.*)

HOTSPUR — Kate, desejo ouvir também vossa canção.

LADY PERCY — Eu não canto; palavra de honra.

HOTSPUR — Palavra de honra! Meu coração, jurais tal qual mulher de confeiteiro. “Eu não canto, palavra de honra!” e: “Tão certo como estar viva!” e: “Deus que me perdoe!” e: “Por esta luz do dia!” em tanta seda as juras envolvendo, como se teus passeios não chegassem adiante de Finsbury. Kate, faze-me um juramento como a dama que és, com a boca cheia, e deixa as tais palavras de honra e esses protestos de confeitos para essa gente em trajes de veludo, que passeia aos domingos. Vamos, canta.

LADY PERCY — Não quero cantar.

HOTSPUR — Não há como isso para fazer passar por alfaiate ou educador de pássaros. Se os contratos já estiverem prontos, partirei dentro de duas horas. Portanto, vinde quando quiserdes.

(*Sai.*)

GLENDOWER — Lorde Mortimer, vinde; sois tão lento para partir quanto é fogoso

Percy no ardor em que se agita. Já estão prontos os contratos; agora, é só selá-los e montar a cavalo in continenti.

MORTIMER — De todo coração.

(*Saem.*)

Cena 2

Londres. Um quarto no palácio. Entram o Rei Henrique, o príncipe e lordes.

REI HENRIQUE — Deixai-nos, lordes, que eu preciso agora falar com o príncipe de Gales. Mas não vades para longe, que teremos, breve, necessidade de vós todos.

(*Saem os lordes.*)

Não sei se Deus assim quis que se desse em seu desígnio oculto, por alguma falta de minha parte, que a um só tempo me nascesse do sangue a pena e o açoite. Mas em todo o decurso de tua vida fazes-me crer que estás assinalado para a vingança ardente e atroz vergasta de minhas transgressões. Se não, responde, como paixões tão baixas e selvagens, ações de tal vileza, impuras e ínfimas, tão estéreis prazeres, sociedade tão soez como aquela que freqüentas, a nobreza do sangue te acompanham e ao teu sentir de príncipe se igualam?

PRÍNCIPE — Se Vossa Majestade consentisse, desejara poder justificar-me de minhas faltas todas como tenho certeza de apagar muitas de quantas se me atribuem. Por isso vos imploro que depois de eu destruir muitas das fábulas que chegam ao ouvido da grandeza por vis novidadeiros e risonhos bajuladores, venha a ser perdoado graças à confissão de alguns deslizes que não nego e em que a minha mocidade mal dirigida e irregular, se tenha porventura extraviado.

REI HENRIQUE — Deus te perdoe. Contudo, Henrique, admiro-me de tuas afeições, que em direção contrária o vôo soltam à de todos os teus antepassados. Já perdeste teu lugar no Conselho, ora ocupado por teu irmão mais moço, e te tornaste estranho a toda a corte e mesmo aos príncipes de meu sangue; a esperança e expectativa de teu futuro se acham arruinadas, não havendo ninguém que na alma deixe de prever tua queda inevitável. Se eu houvesse também malbaratado minha presença servilmente, expondo-me aos olhares dos homens, por vender-me tão barato à vulgar gente do povo, a opinião, que me fez subir ao trono, fiel teria ficado ao rei legítimo, deixando-me em desterro desonroso como homem sem valor e sem futuro. Mas, sendo pouco visto, despertava admiração, como os cometas, sempre que me mexia. Aos filhos uns diziam: É aquele! E outros: Qual deles? onde se acha Bolingbroke? E eu, nessa hora, arrebatava do céu as homenagens e vestia-me com tamanha humildade, que obediência do coração de todos recolhia, e das bocas os vivas e os saudares, té mesmo quando junto ao rei coroado. Desta arte conservei-me intacto e novo: minha presença, como vestimenta pontifical, causava sempre assombro por sua raridade: deste modo minha passagem, rara, mas suntuosa, quase sempre uma festa parecia; a própria raridade lhe emprestava tal caráter solene. O rei estróina com bufões deambulava e com essa gente de cabeça de palha que se extingue mal começa a acender;

malbaratava seu estado, manchando a realeza com saltimbancos; seu augusto nome com sarcasmos insulsos profanava, consentindo, a despeito de quem era, em aplaudir motejos de seus pajens e a ser alvo, até, de ínfimas pilhérias de qualquer peralvilho desbarbado. Tornou-se familiar das vias públicas e se deu como feudo ao populacho, que, por vê-lo a toda hora e sem medida, desse mel se fartaram, começando a mostrar repugnância até à doçura, que, um pouco mais de nada, é já excessiva. Por isso, quando acaso se mostrava, era tal qual o cuco em mês de junho: ouvido; não notado; visto apenas por olhos fatigados pelo abuso, não mais afeitos à visão mirífica do sol da majestade, que mui raras vezes cai sob as vistas extasiadas, olhos adormecidos, cujas pálpebras caiam diante dele como soem homens sombrios frente aos inimigos de presença enjoativa e fatigante. Nesse mesmo caminho, Harry, te encontras, após teres perdido os privilégios de tua posição com tais comparsas. Todos os olhos se acham fatigados de teu banal aspecto, com exceção dos meus, que mais e mais mirar-te anseiam, e que ora, a meu malgrado ficam cegos por este absurdo excesso de ternura.

PRÍNCIPE — De futuro, senhor, hei de mostrar-me mais digno de mim mesmo.

REI HENRIQUE — Exatamente como és agora era Ricardo, quando vim de França e saltei em Ravenspurgh, e como eu, nesse tempo, é Percy agora. Pelo meu cetro e por minha alma, Percy se mostra muito mais digno do trono do que tu que és herdeiro só de nome, pois sem sombra sequer de algum direito cobre os campos do reino com soldados, afronta a goela do leão sanhudo, e sem dever aos anos mais que tu, guia lordes antigos e prelados reverendos a pugnas sanguinosas e combates mortais. Que excelsa glória ganhou vencendo o tão famigerado Douglas, cujas façanhas, atrevidas incursões e o alto nome, entre os soldados por grande maioria lhe asseguram o título de chefe incontestado onde quer se acate a lei de Cristo! Por três vezes Hotspur, esse guerreiro na infância, Marte em cueiros, pode o grande Douglas desbaratar; numa das vezes o aprisionou, deixando-o livre após; fez-se-lhe amigo, para encher a boca do desafio, e a paz e a segurança do nosso trono, assim, pôr em perigo. Que dizes a tudo isso? Percy, Mortimer, Douglas, Northumberland, mais o arcebispo de York contra nós se levantaram. Mas por que revelar-te essas notícias? Por que falar-te, Henrique, de adversários, se és meu maior inimigo e o mais querido? És bem capaz, talvez, por servil medo, baixo pendor, ou mesmo algum capricho, de lutar contra mim sob o alto Percy, seguir-lhe como um cão todos os passos e agachar-te a seus gritos, tão-somente para que todos vejam quanto e quanto de mim degeneraste.

PRÍNCIPE — Não, tal não se dará; não penseis nisso. Que Deus perdoe a quantos a afeição de Vossa Majestade me desviaram. Na cabeça de Percy hei de tudo isso redimir, e, depois de uma jornada gloriosa, quero ter, alfim, o orgulho de poder declarar-me vosso filho, quando vestes trajar tintas de sangue, e, de sangue, no rosto trouxer máscara, que, lavada, a vergonha há de limpar-me. Será no dia, pouco importa quando, em que esse filho da Honra e da Fortuna, o galante Hotspur, o mui louvado cavaleiro, e o vosso Harry já esquecido derem de se encontrar. Que as honras todas que no elmo ostenta, em número crescessem, redobrando as vergonhas que me pesam sobre a cabeça! Há de vir tempo, afirmo-o, em que esse herói do norte suas proezas trocará pelas minhas ignomínias. Percy, senhor, é apenas um preposto que guarda, para mim, seus altos feitos; mas hei de pedir contas tão severas, que ele há de restituir-me as

glórias todas, até o menor louvor, ou, do contrário, com a conta o coração hei de arrancar-lhe. Isso em nome de Deus aqui vos juro, e se Ele consentir que o leve a cabo, suplico a Vossa Majestade queira pensar essas feridas de meus vícios; senão, visto partir a Morte os vínculos, passar por cem mil mortes eu prefiro, a quebrar desta jura a menor parte.

REI HENRIQUE — Cem mil rebeldes morrem com esta jura. Terás pleno poder e inteiro apoio.

(*Entra Sir Walter Blunt.*)

Bondoso Blunt, a pressa tens nos olhos.

BLUNT — E no assunto, também, que aqui me trouxe. Lorde Mortimer manda-nos da Escócia a notícia do encontro dos rebeldes ingleses e de Douglas no dia onze deste mês, em Shrewsbury. Mais temível e poderosa força — se as promessas feitas de parte a parte se cumprirem — jamais causou no Estado tal distúrbio.

REI HENRIQUE — O conde de Westmoreland partiu hoje com Lorde de Lencastre, meu filho; o aviso viera, há cinco dias. Seguirás quarta-feira próxima, Harry; marcharemos na quinta; nosso encontro se dará em Bridgeworth. Deves, Harry, cortar Gloucestershire. Desse modo, dentro de doze dias, por meu cálculo, é certo nos juntarmos em Bridgeworth. Há muito por fazer; vai, que eu te sigo; nossa demora é a vida do inimigo.

(*Saem.*)

Cena 3

Eastcheap. Um quarto na taberna "Cabeça de Javali". Entram Falstaff e Bardolfo.

FALSTAFF — Bardolfo, não achas que eu decaí vergonhosamente depois desse último feito? Não estou menor? Não estou desaparecendo? Vê como a minha pele está pendurada, tal qual roupa de velha; encontro-me tão murcho que nem maçã cozida. Vou cuidar do arrependimento, enquanto me restam algumas carnes; dentro de pouco tempo, com o desânimo, me faltará energia para tanto. Se eu já não me esqueci de como é feito o interior de uma igreja, quero ser grão de pimenta ou cavalo de cervejeiro. O interior de uma igreja! As companhias, as más companhias é que foram a minha perdição.

BARDOLFO — Sir John, andais tão irritado que não podeis viver muito tempo.

FALSTAFF — Sim, é isso; canta-me algo obsceno, para alegrar-me. Eu era dotado da virtude necessária para um cavalheiro; sim, bastante virtuoso: blasfemava pouco, não jogava mais de sete vezes por semana, não entrava em casas suspeitas mais de uma vez em cada quarto... de hora, paguei três ou quatro dívidas, vivia bem e sempre com muita medida. E agora, vivo sem ordem alguma e fora de toda medida.

BARDOLFO — Sois tão gordo, Sir John, que necessitais andar fora de toda medida, de toda medida razoável, Sir John.

FALSTAFF — Reforma primeiro tua cara, que eu reformarei minha vida. Es o nosso almirante; trazes a lanterna na popa, isto é, pendente do nariz: és o cavaleiro da lâmpada ardente.

BARDOLFO — Ora, Sir John, minha cara não vos faz nenhum mal.

FALSTAFF — É certo, posso jurá-lo; tiro dela o mesmo proveito que para algumas pessoas tem um crânio ou um memento mori; sempre que olho para o teu rosto, me lembro do fogo do inferno e do rico que vivia na púrpura; ali está ele, de fato, com suas vestes, ardendo, ardendo. Se revelasses um resquício de virtude, eu juraria pelo teu rosto da seguinte maneira: Por este fogo divino! Mas estás perdido de todo; a não ser pela luz que irradias do rosto, poderias ser considerado filho das trevas. Quando subias Gadshill, a correr, de noite, para pegar o meu cavalo, se eu não te tomei por um ignis fatuus ou uma bola de fogo de artifício, então o dinheiro já não tem valor. És um triunfo perpétuo, uma fogueira perene. Já me poupaste uns mil marcos de cirios e tochas, por andares comigo de taberna em taberna, mas o xerez que me chupaste daria para comprar luz do mais careiro fabricante de vela de toda a Europa. Há trinta e dois anos que eu alimento o fogo dessa salamandra. Que Deus me recompense por isso.

BARDOLFO — Com todos os demônios! Quisera que meu rosto estivesse em vossa barriga!

FALSTAFF — Misericórdia! Só assim eu morreria de azia.

(*Entra Mistress Quickly.*)

Então, dona Galinha Partlet, a senhora já verificou quem me esvaziou os bolsos?

ESTALAJADEIRA — Ora, Sir. John! Que estais pensando, Sir John? Imaginais, porventura, que em minha casa eu dou abrigo a ladrões? Procurei por tudo; eu e meu marido interrogamos homem por homem, menino por menino, criado por criado. Em minha casa nunca ninguém perdeu a décima parte de um cabelo.

FALSTAFF — Estais mentindo, estalajadeira; Bardolfo fez-se barbear aqui e perdeu muito cabelo. Juro que me limparam os bolsos. Ide embora; não passais de uma mulher; ide.

ESTALAJADEIRA — Quem? Eu? Quanto a isso, eu te desafio. Pela luz divina, até hoje nunca fui tratada desse jeito em minha casa.

FALSTAFF — Ide-vos logo; conheço-vos muito bem.

ESTALAJADEIRA — Não, Sir John; não me conheceis, Sir John; eu, sim, é que vos conheço, Sir John; deveis-me dinheiro, Sir John, e agora armais essa briga, para ver se eu me esqueço disso. Comprei uma dúzia de camisas para cobrir-vos as costas.

FALSTAFF — Grosseira linhagem, sem nenhum valor! Dei-as a umas padeiras, para que fizessem peneiras delas.

ESTALAJADEIRA — Isso agora! Tão certo como eu ser uma mulher honesta, as camisas eram de holanda de oito xelins a vara. Além disso, Sir John, deveis-me refeições, bebidas extraordinárias e ainda dinheiro emprestado, num total de vinte e quatro libras.

FALSTAFF — Aqui está quem também tomou parte nisso; ele que pague.

ESTALAJADEIRA — Esse coitado? É pobre; não tem coisa nenhuma.

FALSTAFF — Pobre? Vede-lhe o rosto. A que dais o nome de rico? Ele que mande cunhar o nariz e as bochechas. Não pagarei um centavo. Tomais-me por um mocinho inexperiente; não posso repousar na hospedaria que freqüento, sem que me revistem os bolsos? Tiraram-me o anel que foi de meu avô, e que valia quarenta marcos.

ESTALAJADEIRA — Jesus do céu! Já ouvi o príncipe dizer não sei quantas vezes que esse anel era de cobre.

FALSTAFF — Como!? O príncipe é um João-ninguém, um palhaço. Se ele estivesse aqui e me dissesse isso, eu o espancaria como a um cão.

(*Entram o príncipe e Poins, marchando; Falstaff lhes sai ao encontro, usando do bastão como de flauta.*)

FALSTAFF — Que há de novo, rapaz? Sopram os ventos aqui pelo quarto? Teremos de seguir, também?

BARDOLFO — Que dúvida! Dois a dois, à moda de Newgate.

ESTALAJADEIRA — Milorde, por obséquio, ouvi-me.

PRÍNCIPE — Que é que há, Mistress Quickly? Como vai passando o teu marido? Quero-lhe muito bem; é um homem honesto.

ESTALAJADEIRA — Meu bom senhor, ouvi-me.

FALSTAFF — Manda-a embora e escuta-me.

PRÍNCIPE — Que estás a dizer, Jack?

FALSTAFF — Roubaram-me aqui a noite passada, quando eu adormeci atrás da cortina. Esta casa está ficando com muito má fama; revistam o bolso da gente.

PRÍNCIPE — E que perdeste, Jack?

FALSTAFF — .Acreditar-me-ás, Hal? Três ou quatro cédulas de quarenta libras e um anel que foi de meu avô.

PRÍNCIPE — Uma frioleira! Quando muito poderia valer oito pences.

ESTALAJADEIRA — Foi o que lhe disse, milorde, acrescentando que ouvira isso de Vossa Graça. Milorde, ele fala de vós em termos muito baixos, como desbocado que é; afirmou que havia de espancar-vos.

PRÍNCIPE — Como!? Não é possível.

ESTALAJADEIRA — Se não o disse, quero que não haja em mim nem fé, nem verdade, nem sexo.

FALSTAFF — Não há mais fé em ti do que em uma maçã cozida, nem mais verdade do que em uma raposa arrancada da toca. Quanto ao sexo, a donzela Mariana se prestaria muito melhor do que tu para mulher de um inspetor de quarteirão. Sai daí, coisa!

ESTALAJADEIRA — Como coisa? Dizei: que coisa?

FALSTAFF — Que coisa? Ora, um genuflexório.

ESTALAJADEIRA — Eu não sou nenhum genuflexório, é bom que o saibas; sou mulher de um homem de bem; ao passo que tu, se pusermos de parte a tua condição de cavaleiro, és um grande maroto por me dares esse nome.

FALSTAFF — E se pusermos de parte a tua condição de mulher, és um bicho por dizeres o contrário.

ESTALAJADEIRA — Como bicho, velhaco? Que espécie de bicho?

FALSTAFF — Que espécie? Ora, uma lontra.

PRÍNCIPE — Uma lontra, Sir John? Por que uma lontra?

FALSTAFF — Por quê? Por não ser nem carne nem peixe; a gente não sabe por onde pegá-la.

ESTALAJADEIRA — És injusto falando por esse modo; como todo o mundo, sabes muito bem por onde pegar-me. Velhaco!

PRÍNCIPE — Tens razão, estalajadeira; ele te calunia grosseiramente.

ESTALAJADEIRA — E a vós também, milorde; ainda outro dia ele disse que lhe deveis mil libras.

PRÍNCIPE — Miserável! Eu vos devo mil libras?

FALSTAFF — Mil libras, Hal? Um milhão! Teu amor vale um milhão. Deves-me o teu amor.

ESTALAJADEIRA — Fez mais, milorde; chamou-vos de João-ninguém e prometeu espancar-vos.

FALSTAFF — Eu disse isso, Bardolfo?

BARDOLFO — Em verdade, Sir John, vós o dissestes.

FALSTAFF — Sim, não o nego, no caso de dizer ele que o meu anel era de cobre.

PRÍNCIPE — Pois repito que é de cobre; atreves-te agora a fazer o que prometeste?

FALSTAFF — Bem sabes, Hal: considerando que és apenas homem, atrever-me-ia; mas na qualidade de príncipe, temo-te como ao rugido de um filhote de leão.

PRÍNCIPE — E por que não o leão?

FALSTAFF — O rei é que é para ser temido como um leão; pensas, então, que eu tenho tanto medo de ti como de teu pai? Se for o caso, peço a Deus que o meu cinturão arrebente.

PRÍNCIPE — Oh! Se tal acontecesse, as tripas viriam bater-te nos joelhos. Grande patife, em teu corpo não há lugar nem para a fé, nem para a verdade, nem para a honestidade: só contém intestinos e diafragma. Acusar uma mulher honesta de esvaziar-te os bolsos! Velhaco estufado e sem vergonha, se em teus bolsos havia mais do que contas de taberna, endereços de casas de má fama e um miserável torrão de açúcar do valor de um pêni, para dar-te um pouco mais de fôlego; se teus bolsos continham outras riquezas, além dessas porcarias, quero ser um vilão chapado. E ainda vos obstinais, sem quererdes embolsar um desmentido! Não tens vergonha?

FALSTAFF — Escuta, Hal; bem sabes que Adão pecou no estado de inocência. Que poderia fazer o pobre Jack Falstaff nesta época de corrupção? Bem vês que tenho mais carne do que ninguém e, conseguintemente, mais fragilidade. Confessais, então, que me esvaziastes os bolsos?

PRÍNCIPE — E o que se conclui da história.

FALSTAFF — Eu te perdôo, estalajadeira. Vai logo aprontar o almoço; ama a teu marido, vigia os criados, cuida dos hóspedes; sempre me encontrarás disposto a acatar razões honestas. Como vês, já me acalmei. Vai, não recomeces; vai embora, por favor.

(*Sai Mistress Quickly.*)

E agora, Hal, as notícias da corte: em que deu a questão do assalto?

PRÍNCIPE — Ó meu suculento rosbife! Continuo sendo o teu anjo da guarda: o dinheiro foi restituído.

FALSTAFF — Não me agrada isso de restituir dinheiro: é trabalho dobrado.

PRÍNCIPE — Eu e meu pai, agora, somos amigos; posso fazer o que quiser.

FALSTAFF — Então começa roubando o tesouro real, e o faze sem lavar as mãos.

BARDOLFO — Isso mesmo, milorde.

PRÍNCIPE — Jack, arranjei-te um posto na infantaria.

FALSTAFF — Ficaria mais satisfeito com cavalaria. Onde poderei achar quem saiba roubar com perfeição? Oh! um bom ladrão de seus vinte e dois anos! Estou inteiramente desprevenido. Deus seja louvado por causa desses rebeldes; só fazem mal aos virtuosos; eu, de mim, os aprecio e aplaudo.

PRÍNCIPE — Bardolfo!

BARDOLFO — Milorde?

PRÍNCIPE — Leva esta carta a meu irmão João, João de Lencastre; dá esta a milorde de Westmoreland. Vamos, Poins; a cavalo, que até à hora do jantar precisamos ter vencido trinta milhas de chão. Jack, procura-me amanhã em Temple-Hall, pelas duas horas. Ficarás conhecendo tuas funções, e, com dinheiro, ser-te-ão dadas ordens para equipar teus homens.

A terra queima; Percy está nos cimos; eles ou nós a sorte decidimos.

(*Saem o príncipe, Poins e Bardolfo.*)

FALSTAFF — Bela frase! Que mundo! O almoço, flor! Fizesse eu da taberna o meu tambor!

(*Sai.*)

Ato 4

Cena 1

O campo dos rebeldes, perto de Shrewsbury: Entram Hotspur, Worcester e Douglas.

HOTSPUR — Belo, nobre escocês! Se falar franco neste mundo sutil não fosse o mesmo que adulação, tais elogios Douglas ora receberia, que o mais bravo soldado destes tempos não correra com mais fama por todo o vasto mundo. Por Deus! não sei fingir; desprezo as línguas desses aduladores; mas é certo que em minha alma ninguém mais alto posto reclama do que vós. Ponde-me à prova, milorde; segurai-vos do que eu digo.

DOUGLAS — Es o rei da honra; não há ninguém tão forte sobre a terra que eu não reptasse.

HOTSPUR — A mim; é bom que o faças.

(*Entra um mensageiro, com cartas.*)

Que trazes tu?

(*A Douglas.*)

Só posso agradecer-vos.

MENSAGEIRO — Cartas de vosso pai.

HOTSPUR — De sua parte! Por que causa não veio ele em pessoa?

MENSAGEIRO — Não pode vir, milorde; está doente.

HOTSPUR — Com os demônios! Como acha ele ocasião de adoecer em tal tempo? E suas tropas, quem as conduz? Quem marcha à frente delas?

MENSAGEIRO — Suas cartas o dirão; não eu, milorde.

WORCESTER — Informa-me uma coisa: está de cama?

MENSAGEIRO — Sim, milorde, fazia quatro dias; e no instante de minha despedida os médicos se achavam muito inquietos.

WORCESTER — Desejara que as coisas melhorassem primeiro, antes que a doença o visitasse. Jamais seu bem-estar valeu como hoje.

HOTSPUR — Adoecer agora! Perder forças! Essa doença infecciona os próprios estos de nosso empreendimento; seus efeitos se estenderão por todo o nosso campo. Escreve-me que é interna a enfermidade, que não pode apressar os partidários por meio de recados, pois receava semelhante missão, tão perigosa quão prezada, confiar fosse a quem fosse. Contudo, nos envia o

audaz conselho de avançarmos com as nossas fracas forças para ver se a Fortuna está conosco, pois, escreve, recuar é já impossível, porque o rei deve estar a par de todos os nossos planos. Que pensais sobre isso?

WORCESTER — Essa doença deixou-nos mutilados. Terrível golpe; é um membro que nos cortam. Mas, vendo bem, nem tanto; exageramos a falta que nos faz. É aconselhável arriscar quanto temos num só lanço de dados e jogar tão rica presa no duvidoso azar de uma hora incerta? Não fora bem; poríamos às claras a alma e o fundo de nossas esperanças, o termo, o limite último de nossas aspirações.

DOUGLAS — Realmente; assim façamos, que nos resta, ainda, bela expectativa; podemos gastar tudo, na esperança do que há de vir. Fica-nos o consolo de um recuo.

HOTSPUR — Um refúgio, um lugar onde abrigar-nos, se o demônio e a má sorte cobiçarem as primícias de nosso empreendimento.

WORCESTER — Ainda assim, desejara que conosco vosso pai se encontrasse. A natureza de nosso intento não admite quebras nem divisões. Quem não souber a causa de achar-se ausente, há de pensar que o conde se afastou por lealdade ou por prudência, ou mesmo antipatia ao que fazemos. Semelhante apreensão, pensai bem nisso, pode fazer que uma facção medrosa venha a mudar de curso, ocasionando questões no seio mesmo da entrepresa. Pois bem sabeis que nós, os que exigimos, precisamos fugir de exames longos, tapar todas as fendas e os buracos por onde o olho do juízo espiar-nos possa. Essa ausência descerra uma cortina que mostra ao ignorante um novo medo com que antes não sonhara.

HOTSPUR — Avançais muito. Vejo nela, ao invés, certa vantagem, que é ter a nossa empresa maior brilho, maior autoridade e mais prestígio do que se o conde aqui estivesse. Os homens pensarão que se nós, sem tal auxílio, podemos fazer face à monarquia, com ele a deixaríamos de borco. Por enquanto estão sãs nossas junturas; tudo está bem.

DOUGLAS — É a visão da coragem, pois na Escócia a palavra temor não se ouve nunca.

(*Entra Sir Ricardo Vernon.*)

HOTSPUR — Primo Vernon! Bem-vindo, por minha alma!

VERNON — Deus permita que as novas o mereçam! O Conde de Westmoreland, forte de sete mil, se acha em caminho; o Príncipe João também vem com ele.

HOTSPUR — Não faz mossa; que mais?

VERNON — Soube, além disso, que se pôs o monarca mesmo em campo, ou se dispõe a vir celeremente para cá, comandando ingentes forças.

HOTSPUR — Também será bem-vindo. E onde se encontra seu filho, tão ligeiro e tresloucado, o Príncipe de Gales? Onde o bando que o acompanha e que o mundo pôs de parte, mandando que não pare?

VERNON — Em armas todos; todos bem equipados, semelhantes a avestruzes, ao vento as plumas soltas, sacudidos como águias ao banharem-se, nas cotas de ouro o brilho das

imagens, cheios de vida como o mês de maio e, como o sol do estio, esplendorosos; na inquietação, cabritos, e selvagens como touros. O moço Henrique hei visto, de viseira calada e armado a ponto, levantar-se do solo como o alado Mercúrio, e tão ligeiro à sela alçar-se tal como se das nuvens viesse um anjo para domar um Pégaso altanado e o mundo enfeitiçar com sua destreza.

HOTSPUR — Basta! basta! Pior que o sol de maio, gera febre esse encômio. Pois que venham! Chegam já ataviadas como vítimas que vamos ofertar quentes e rubras à deusa de olhos ígneos dos combates fumacentos. Com sangue até às orelhas em seu altar vai Marte ora sentar-se. Ardo ao pensar que, assim tão perto, ainda não é nossa tal presa. Meu cavalo, ides ver, vai lançar-me como um raio contra o peito do Príncipe de Gales. Corcéis em fogo, Henrique contra Henrique lutará até que morto um deles fique. Oh, se Glendower cá estivesse!

VERNON — Há novas: em Worcester ouvi, quando em caminho, que ele não poderá reunir seus homens antes de quinze dias.

DOUGLAS — Esta é a pior até agora de todas as notícias.

WORCESTER — Sem dúvida nenhuma, um som glacial.

HOTSPUR — A quanto monta o exército do rei?

VERNON — Trinta mil.

HOTSPUR — Pois que chegue até a quarenta. Mesmo estando meu pai e Glendower ausentes, lutarão nossas forças mui contentes. Façamos a revista; o último dia já está perto; morramos com alegria.

DOUGLAS — Não faleis em morrer; não temo a sorte, nem, ainda, este meio ano, a mão da Morte.

(*Saem.*)

Cena 2

Uma estrada pública perto de Coventry. Entram Falstaff e Bardolfo.

FALSTAFF — Bardolfo, vai indo na frente, até Coventry, e enche-me uma garrafa de xerez. Nossos soldados atravessarão a cidade; teremos de chegar à noite a Sutton-Colfield.

BARDOLFO — Quereis dar-me o dinheiro, capitão?

FALSTAFF — Gasta, gasta à vontade.

BARDOLFO — Esta garrafa custa um anjo.

FALSTAFF — Se é assim, toma pelo trabalho, ainda que custe vinte, fica com todos eles, que eu respondo pela cunhagem. Dize ao meu tenente Peto que me procure na outra ponta da cidade.

BARDOLFO — Assim farei, capitão; passai bem.

(*Sai.*)

FALSTAFF — Quero ser bacalhau seco, se os meus soldados não me envergonham. Abusei miseravelmente da ordem real de alistamento. Por cento e cinqüenta soldados, ganhei trezentas e tantas libras; só alisto proprietários sólidos e filhos de lavradores; procuro informar-me dos noivos cujos proclamas já tenham sido lidos duas vezes, esses comodistas bem agasalhados que preferem ouvir o diabo a um tambor, aos quais um tiro de espingarda infunde maior medo do que a uma ave assustadiça ou a pato silvestre ferido. Só recrutei desses torradas-com-manteiga, de coração situado no ventre e pequenino como uma cabeça de alfinete. Todos compraram a dispensa do serviço, motivo por que a minha tropa se compõe agora de porta-bandeiras, sargentos, tenentes, oficiais de companhia, uns pobres-diabos tão esfarrapados quanto Lázaro dos panos de decoração, a quem os cachorros do glutão lambem as chagas; indivíduos que nunca sentaram praça, criados despedidos por desonestidade, os filhos mais jovens dos filhos segundos, criados de taberna que fugiram ao emprego e estalajadeiros arruinados, cancros, todos eles, de uma sociedade tranqüila e de uma paz prolongada, dez vezes mais vergonhosamente andrajosos do que velha bandeira remendada. É essa a gente de que disponho para pôr no lugar dos que compraram a dispensa do serviço, a ponto de imaginardes que se trata de cento e cinqüenta filhos pródigos andrajosos que até então cuidassem de porcos, compartilhando de seus bagaços e babugens. Um tipo aloucado, que passou por mim na estrada, disse que eu havia esvaziado as forcas e recrutado cadáveres. Jamais olho humano contemplou semelhantes espantalhos. É de ver que eu não atravessarei Coventry com eles, tanto mais que estes velhacos marcham de pernas abertas como se carregassem grilhetas, porque em verdade

os mais deles vieram das prisões. Não há mais do que uma camisa e meia em toda a companhia, não passando essa metade de dois guardanapos costurados e postos sobre os ombros, no jeito da túnica sem mangas dos arautos. Quanto à camisa, para dizer toda a verdade, foi roubada do meu hoteleiro em Santo Albano, se é que não o foi do homem de nariz vermelho do albergue de Daventry. Mas, que tem isso? Não lhes faltará roupa branca por todas essas cercas.

(*Entram o príncipe e Westmoreland.*)

PRÍNCIPE — Então, Jack pançudo? Como vai isso, acolchoado?

FALSTAFF — Olá, Hal! Que tal, maluquinho? Que diabo andas fazendo por Warwickshire? Meu bom lorde de Westmoreland, peço-vos perdão; julgava que Vossa Honra já estivesse em Shrewsbury.

WESTMORELAND — De fato, Sir John; era mais que tempo; ambos nós já devíamos ter lá chegado; no entanto, minha tropa ainda está por aqui. Posso afiançar-vos que o rei conta com a vossa cooperação; teremos de andar a noite toda.

FALSTAFF — Babau! Não vos preocupeis comigo; sou sempre tão vigilante quanto gato no ponto de furtar creme.

PRÍNCIPE — Bem apanhado: furtar creme! porque, à força de o fazeres, te transformaste em manteiga. Mas, dize-me uma coisa, Jack, que gente é essa que vem aí atrás?

FALSTAFF — Minha, Hal; minha.

PRÍNCIPE — Nunca vi chusma mais miserável.

FALSTAFF — Ora, ora! bons de sobra para serem espetados. Carne para canhão, carne para canhão. Saberão encher um fosso tão bem como os melhores. Pois é, amigo: homens mortais, homens mortais.

WESTMORELAND — Não há dúvida, Sir John; mas parece-me que estes são por demais pobres e mal nutridos; excessivamente andrajosos.

FALSTAFF — A pobreza, não sei de onde lhes veio; quanto ao serem mal nutridos, tenho certeza de que não aprenderam comigo.

PRÍNCIPE — É o que eu ia jurar; a menos que dês o nome de magreza a três dedos de gordura nas costelas. Mas vamos logo; Percy já se encontra no campo de batalha.

FALSTAFF — Como! O rei já acampou?

WESTMORELAND — Já, Sir John; receio que estejamos demorando demais.

FALSTAFF — Bem; para guerra no fim e almoço posto, mau soldado e conviva bem disposto.

(*Saem.*)

Cena 3

O campo dos rebeldes, perto de Shrewsbury. Entram Hotspur, Worcester, Douglas e Vernon.

HOTSPUR — À noite atacaremos.

WORCESTER — Não é possível.

DOUGLAS — Dar-lhe-eis vantagens.

VERNON — Absolutamente.

HOTSPUR — Por que o dizeis? Não espera ele reforços?

VERNON — Tal como nós.

HOTSPUR — Os dele são seguros.

WORCESTER — Prudência, primo; é conveniente não atacar de noite.

VERNON — Isso, milorde.

DOUGLAS — Vosso conselho é mau; o medo e o frio do coração vos faz falar agora.

VERNON — Douglas, não me injurieis. Por minha vida! — sustentarei com a vida o que vos digo — desde que a honra prudente me aconselha, dou tanto ouvido ao fraco medo, como qualquer escocês vivo, ou vós, milorde. Amanhã, na batalha, mostraremos qual de nós dois tem medo.

DOUGLAS — Ainda esta noite.

VERNON — Que seja.

HOTSPUR — À noite, digo.

VERNON — Vamos, não pode ser. Muito me espanta que vós todos, caudilhos tão conspícuos, não vejais a seqüência de empecilhos que a empresa nos retarda. Alguns cavalos do primo Vernon ainda não chegaram, só tendo hoje alcançado o nosso campo os do vosso tio Worcester, que se acham no momento com o brio entorpecido pelo cansaço e faltos de coragem, valendo cada um deles a metade da metade do que eram.

HOTSPUR — Em conjunto, do mesmo modo estão os do inimigo: cansados das jornadas e abatidos. Dos nossos, os melhores já folgaram.

WORCESTER — Os do rei sobreexcedem muito aos nossos. Por Deus, primo, aguardai que cheguem todos.

(*Ouve-se toque de corneta, anunciando a chegada de um parlamentar.*)

(*Entra Sir Walter Blunt.*)

BLUNT — Trago do rei propostas mui graciosas, se quiserdes ouvir-me e respeitar-me.

HOTSPUR — Sir Walter Blunt, bem-vindo! O céu quisesse que estivésseis também do nosso lado. Muitos aqui vos amam; e esses mesmos o bom nome e os trabalhos vos invejam por não serdes de nossa qualidade, mas a todos tratardes como inimigos.

BLUNT — Deus impeça o contrário, enquanto os lindes transgredirdes das leis, alevantando-vos desta arte contra a sacra majestade. Mas, ao que vim: mandou-me o rei com o fito de saber vossas queixas e o motivo de hostil vos levantardes desse modo, no seio da paz pública, ensinando tamanha crueldade a seu leal povo. Se o rei pode olvidar vossos serviços — que são grandes, conforme o reconhece — formulai vossas queixas, pois com a pressa possível heis de ter, com juros, tudo o que pedirdes, sobre conceder-vos absoluto perdão, que abrange quantos por vossas sugestões se achem transviados.

HOTSPUR — Muita bondade de sua parte; todos vemos bem que o rei sabe quando é tempo de prometer e tempo de pagar. Meu pai, meu tio e eu próprio lhe ofertamos o cetro que ora ostenta. Quando apenas tinha vinte e seis anos e era muito mal visto em toda parte, pobre e mísero, um banido sem nome, que na pátria só podia viver às escondidas, meu pai foi recebê-lo em nossas praias. E quando o ouviu jurar que como Duque de Lencastre, somente, é que voltava, a reclamar seus bens e a paz, com lágrimas de inocência e protestos de lealdade, meu pai, dele apiedado, comovido, jurou prestar-lhe auxílio e foi sincero. Mas, logo que os barões e os lordes viram Northumberland para eles inclinado, vieram todos, os grandes e os pequenos, saudá-lo reverentes, nas cidades, vilas e lugarejos; esperavam-no nas pontes, nos caminhos; presenteavam-no; prestavam juramentos e entregavam-lhe os filhos para pajens, em douradas multidões sempre aos passos a seguir-lhe. Mas a grandeza se conhece, e agora fica ele um pouco acima da promessa feita a meu pai, no tempo em que era pobre, em Ravenspurgh, na praia desolada. Hoje intenta a reforma de uns editos — imaginai! — de alguns decretos rígidos, que pesam demasiado sobre o povo, grita contra os abusos e se mostra compungido com os males da república. E com esse rosto, sob essa aparência de justiça, conquista os corações de quantos ele engoda. Foi mais longe: mandou decapitar os favoritos do rei ausente que este aqui deixara no seu lugar, no tempo em que partira para a guerra da Irlanda.

BLUNT — Não vim para ouvir isso.

HOTSPUR — Chego ao ponto: depôs o rei dentro de pouco tempo; da existência o privou logo após isso; impôs taxas pesadas sobre o Estado; ainda pior: permitiu que seu parente March — que, com rigor, houvera sido seu verdadeiro rei — ficasse em Gales preso e por lá deixado sem resgate; defraudou-me da glória dos meus louros, procurou enredar-me em seus manejos, destituiu meu tio do Conselho, raivoso demitiu meu pai da corte, quebrou jura após jura, errou cem vezes, forçando-nos, em suma, a neste exército procurar segurança, sobre termos de contestar-lhe o título que achamos doloso por demais para ser dele.

BLUNT — Deverei dar ao rei essa resposta?

HOTSPUR — Não, Sir Walter; queremos combinar. Retomai para o rei; que ele nos

mande caução para o retorno do emissário, e amanhã muito cedo irá meu tio levar-lhe nossas condições. Adeus.

BLUNT — Desejo que aceiteis amor e graça.

HOTSPUR — É bem possível.

BLUNT — Deus proveja nisso.

(*Saem.*)

Cena 4

Um quarto no palácio do arcebispo. Entram o Arcebispo de York e Sir Micael.

ARCEBISPO — Meu bom Sir Micael, levai nas asas da pressa ao Lorde Marechal a carta selada que aqui tendes. Para o primo Scroop esta outra; as demais, conforme os nomes dos endereços. Creio que poríeis toda a pressa, se o assunto conhecêsseis.

SIR MICAEL — Meu bom senhor, suspeito o que contêm.

ARCEBISPO — É bem possível. Amanhã, meu bondoso Sir Micael, a fortuna de dez mil homens deve passar por prova decisiva. É certo: porque em Shrewsbury, Sir, conforme pude colher de fonte limpa, o rei com forças poderosas e à pressa levantadas, deve atacar Lorde Harry. Sir Micael, receio que a doença de milorde Northumberland, em cujas forças todos confiávamos, e a ausência de Glendower, que de apoio valioso lhes servira, mas que não foi, por certas profecias, receio que o poder de Percy seja fraco demais para enfrentar as forças do rei sem dilação.

SIR MICAEL — Não vejo causa para assustar-vos, meu bom lorde; o Douglas lá se encontra e, com ele, Lorde Mortimer.

ARCEBISPO — Não; Mortimer não foi.

SIR MICAEL — Mas Lorde Percy, Mordake, Vernon, sem levarmos em conta Lorde de Worcester e um pugilo de nobres valorosos.

ARCEBISPO — De fato; mas está com o rei a nata de todo o reino: o Príncipe de Gales, Lorde João de Lencastre, o nobre Westmoreland, Blunt ardoroso, e muitos outros concorrentes, todos experientes guerreiros de prestígio.

SIR MICAEL — Não o duvideis: hão de encontrar repulsa.

ARCEBISPO — É o que espero; contudo é bom ter medo. Para evitar o pior, sir, apressai-vos. Se Percy for vencido, o rei tenciona, antes de dissolver suas forças, vir-nos fazer uma visita, pois já sabe que entramos na conjura. É mui prudente fortificarmo-nos. Portanto, pressa, que ainda vou escrever a outros amigos. E com isso, passai bem, Sir Micael.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

O acampamento do rei, perto de Shrewsbury. Entram o Rei Henrique, o Príncipe João de Lencastre, Sir Walter Blunt e Sir John Falstaff.

REI HENRIQUE — Como surge sangrento o sol nos bosques daquela elevação! Parece pálido o dia, a tal conspecto.

PRÍNCIPE — A seus desígnios o vento sul faz de trombeta, uivando roucamente nas folhas o presságio de um pavoroso dia de tormenta.

REI HENRIQUE — Faz causa com os vencidos, que aos que vencem coisa alguma sombrio lhes parece.

(*Soam trombetas.*)

(*Entram Worcester e Vernon.*)

Como! milorde de Worcester, não fica bem que nós dois nos encontremos nestas circunstâncias. Burlastes a confiança que em vós depositávamos; forçaste-nos a despir a ampla veste da quietude e a apertar no aço duro os velhos membros. Isso não é bom, milorde; isso é bem triste. Que respondeis? Quereis de novo o laço desatar de uma guerra abominável, retornando para a órbita de sempre, onde luz natural e tão radiosa vos distinguia, sem mais continuardes como úmido meteoro que suscita pavor, presságio certo de desgraças que impendem sobre os tempos não nascidos?

WORCESTER — Meu soberano, ouvi-me. De meu lado, ficara satisfeito, se passasse o restante da existência gozando as horas quietas, pois protesto que jamais hei buscado este desgosto.

REI HENRIQUE — Não o buscastes? De onde, então, proveio?

FALSTAFF — Encontrou no caminho a rebelião.

PRÍNCIPE — Empadão, fica quieto!

WORCESTER — Quis Vossa Majestade o olhar da graça desviar de minha casa e de mim próprio, conquanto vos relembre que nós fomos vossos primeiros e mais fiéis amigos. Quebrei, por vós, no tempo de Ricardo, meu bastão de comando; dia e noite viajei para que a mão vos osculasse, quando em prestígio e posição não éreis como eu tão poderoso e afortunado. Fomos, eu próprio, meu irmão, seu filho, os que vos repatriamos, enfrentando os perigos do tempo. Então jurastes — e foi isso em Doncaster — que não tínheis em mente nada contra o Estado, e apenas vínheis reivindicar vosso direito sobre Gaunt, o ducado de Lencastre. Nessas

bases, juramos-vos ajuda. Mas a Fortuna logo choveu tanto sobre vossa cabeça, e tão grande onda vos colheu de venturas: nosso auxílio, a ausência do monarca, os desvarios de uma época corrupta, os sofrimentos aparentes que tínheis suportado e os ventos que o monarca tanto tempo prenderam na infeliz guerra da Irlanda, a tal ponto que todos na Inglaterra o julgavam sem vida. Nesse enxame de vantagens risonhas encontrastes a ocasião de fazer que vos pedissem enfeixásseis na mão todo o governo; esquecestes a jura de Doncaster; como o cuco, essa raça ingrata e rude, faz com o pardal: tomastes-nos o ninho; com a nossa ajuda tanto vos inchastes, que de vós nosso afeto se afastava para não ser tragado; sim, forçoso nos foi, por segurança, bater asas para onde não nos vísseis, e estas mostras de guerra organizar. Ora contamos com quanto contra vós próprio forjastes com atitudes odiosas e ações graves e a violação de toda a fé que tínheis afiançado no albor de vossa empresa.

REI HENRIQUE — As coisas que ora articulastes foram proclamadas nas ruas dos mercados, lidas em todas as igrejas, para dar brilho à vestimenta da revolta com cores que encantar a vista possam de alguns novidadeiros e dos pobres descontentes que ficam boquiabertos e o cotovelo coçam, à notícia dessas reviravoltas imprevistas. Nenhuma insurreição careceu nunca de cores de aquarela para a sua causa dar certo brilho, nem da inquieta canalha, que faminta sempre se acha de confusões, ruínas e desordens.

PRÍNCIPE — De parte a parte muitas almas devem pagar caro este encontro, se em verdade viermos a combater. Dizei a vosso sobrinho que com todo o mundo o Príncipe de Gales se associa no elogio de Harry Percy. Por minhas esperanças! se pusermos de parte esta entrepresa, não creio que haja nobre algum mais bravo, mais ativo e valente, ou moço e forte, mais audaz e arrojado e digno em tudo de o tempo engalanar com atos nobres. Por minha parte — coro ao confessá-lo — tenho sido o mandrião dos cavaleiros, opinião, que o sei bem, de mim faz ele. Mas ante a majestade de meu pai, declaro que terei grande alegria se ele ficar com todas as vantagens de seu nome e da fama e estiver pronto, para pouparmos sangue dos dois lados, a tentar só por só comigo a sorte.

REI HENRIQUE — Nós, Príncipe de Gales, te arriscamos, ainda que a isso se oponham infinitas objeções. Não, bom Worcester; não, não; amamos nosso povo, é certo; amamos até mesmo os que se acham seduzidos pelo vosso sobrinho. E se aceitarem nossa graça na oferta que lhes damos, ele e eles, como vós, todos, em suma, serão nossos amigos e eu de todos. Dizei a vosso primo isso e trazei-me sua resposta. Mas, caso não ceda, a força e a repressão conosco se acham, e farão seu ofício. Podeis ir-vos. Não quero mais cansar-me com essa fala; boa é a oferta; tratai de aproveitá-la.

(*Saem Worcester e Vernon.*)

PRÍNCIPE — Por minha vida! Não serão aceitas. Juntos, Douglas e Hotspur, como se encontram, o mundo inteiro armado desafiam.

REI HENRIQUE — Avante, pois; os chefes em seus postos. Assim que responderem, lá estaremos; que Deus ampare a nossa causa justa.

(*Saem o rei, Blunt e João de Lencastre.*)

FALSTAFF — Hal, se me vires tombar na batalha, cobre-me com o teu corpo; é preito de amizade.

PRÍNCIPE — Somente um colosso poderia prestar-te semelhante preito de amizade. Dize as tuas orações, e adeus.

FALSTAFF — Desejara, Hal, que fosse hora de deitar e que tudo estivesse bem.

PRÍNCIPE — Ora, deves uma morte a Deus.

(*Sai.*)

FALSTAFF — A letra ainda não está vencida; repugna-me pagá-la antes do termo. Que necessidade tenho eu de ir ao encontro de quem não me chama? Bem, não importa: é a honra que me incita a avançar. Sim, mas, se a honra me levar para o outro mundo, quando eu estiver avançando? E então? Pode a honra encanar uma perna? Não. Ou um braço? Não. Ou suprimir a dor de uma ferida? Não. Nesse caso, a honra não entende de cirurgia? Não. Que é a honra? Uma palavra. Que há nessa palavra, honra? Vento, apenas. Bela apreciação! Quem a possui? O que morreu na quarta-feira. Pode ele senti-la? Não. Ou ouvi-la? Não. Trata-se, então, de algo insensível? Sim, para os mortos. E não poderá ela viver com os vivos? Não. Por quê? Opõe-se a isso a maledicência. Logo, não quero saber dela: a honra não passa de um escudo de porta de casa de defunto. E aqui termina o meu catecismo.

(*Sai.*)

Cena 2

O acampamento dos rebeldes, peito de Shrewsbury. Entram Worcester e Vernon.

WORCESTER — Sir Ricardo, não deve o meu sobrinho saber que o rei foi liberal na oferta.

VERNON — Fora bom que o soubesse.

WORCESTER — Nesse caso. todos nós estaríamos perdidos. Não é possível, nunca pode dar-se que o rei nos ame sempre, como o disse; sempre há de desconfiar e de achar tempo de punir esta ofensa noutras faltas; cheia de olhos será sempre a suspeita, porque confiamos na traição do mesmo modo que na raposa: por mais dócil, domesticada e presa, não se esquece dos selvagens ardis da própria raça. Mostremos o semblante alegre ou triste, nosso olhar há de ser sempre suspeito; nossa vida será a do boi no estábulo: se o tratamento é bom, perto está a morte. O erro do meu sobrinho será fácil de esquecer, que o desculpa o sangue ardente da mocidade, além da alcunha em tudo privilegiada de chamar-se o doido Hotspur e de possuir miolo de lebre. Sobre a cabeça de seu pai e a minha cairão seus erros todos: educamo-lo; e já que se estragou por nossa culpa, como fonte do mal, tudo expiaremos. Por isso, caro primo, que Harry nunca venha a saber das condições propostas.

VERNON — Falai como entenderdes, que eu confirmo; vosso primo aí vem vindo.

(*Entram Hotspur e Douglas; atrás, oficiais e soldados.*)

HOTSPUR — Meu tio já voltou; soltai milorde de Westmoreland. Que novas, meu bom tio?

WORCESTER — O rei vai atacar-nos sem detença.

DOUGLAS — Enviai-lhe um desafio por milorde de Westmoreland.

HOTSPUR — Lorde Douglas, dizei-lhe essas palavras.

DOUGLAS — Como não? Bem contente e sem demora.

(*Sai.*)

WORCESTER — Não há no rei nem sombra de demência.

HOTSPUR — E acaso a mendigastes? Deus nos livre.

WORCESTER — Com bons termos falei de nossas queixas e de seus juramentos quebrantados, o que ele pensa corrigir jurando que não quebrou nenhum. Dá-nos o nome de traidores, rebeldes, e promete castigar pelas armas nosso gesto.

(*Volta Douglas.*)

DOUGLAS — Às armas, cavalheiros! Já no rosto lancei do rei Henrique um repto ousado; Westmoreland, que era refém, levou-o; isso há de aqui trazer-no-lo depressa.

WORCESTER — Diante do rei o Príncipe de Gales para combate singular, sobrinho, vos reptou.

HOTSPUR — Oh! Quem dera que a contenda sobre nossas cabeças repousasse e que ninguém, salvo eu e Harry Monmouth, a vida hoje perdesse! Dizei logo: em que termos o fez? Mostrou desprezo?

VERNON — Não, por minha alma; nunca em minha vida soube de desafio mais modesto, a menos que um irmão a outro invitasse para exercício de armas amigável. Quanto a um homem adorna, concedeu-vos; em linguagem de príncipe teceu-vos o elogio; falou de vossos feitos como uma crônica, deixando sempre seus encômios aquém de vossos méritos, por julgá-los acima de elogios. Depois, tal como a um príncipe compete, fez crítica severa de si mesmo, censurando seus erros com tal graça, como se dispusesse de dois dotes, o de ensinar e o de aprender a um tempo. Nisso ficou. Ao mundo, entanto, eu digo que se ele sobrevive ao presente ódio, jamais terá a Inglaterra uma esperança tão bela e promissora e ao mesmo tempo tão mal interpretada em seus desvios.

HOTSPUR — Primo, penso que estais enamorado de suas estroinices. Nunca houve príncipe tão devasso e amalucado. Mas, seja ele o que for, antes da noite, com braços de soldado hei de apertá-lo, derrubando-o com minha cortesia. Armai-vos logo! E, amigos, camaradas, considerai melhor vossos deveres do que eu, tão carecente de eloqüência, poderia dizer para exaltar-vos.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Milorde, aqui estão cartas para vós.

HOTSPUR — Não é possível lê-las. Cavalheiros, a vida é muito curta; mas gastar em baixezas esse tempo, fora longo demais, ainda que a vida cavalgasse o ponteiro de um relógio, para extinguir-se dentro de uma hora. Viver, para pisar em reis e príncipes; morrer, mas com bravura, e eles conosco. Quanto à nossa consciência, belas sempre são as armas, se o espírito for justo.

(*Entra outro mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Preparai-vos, milorde, o rei já chega.

HOTSPUR — Sou-lhe grato por vir interromper-me. Não gosto de discursos; isto, apenas: que se esforce cada um o mais possível. Saco de minha espada, cuja lâmina pretendo enrubescer no melhor sangue que se me deparar nas aventuras deste dia tão cheio de perigos. E ora: Espérance! Percy! e avançar sempre. Mandai tocar os nobres instrumentos de guerra e ao seu clangor nos abracemos, porque — o céu contra a terra! — muitos, certo, jamais renovarão tal cortesia.

(*Soam trombetas; abraçam-se e saem.*)

Cena 3

Planície entre os dois acampamentos. Entra o rei com suas forças; toque de combate; depois, entram Douglas e Sir Walter Blunt.

BLUNT — Que nome tens, para que assim me cruzes no caminho da luta? Que honras buscas sobre minha cabeça?

DOUGLAS — Vais sabê-lo: meu nome é Douglas; e se assim me afano sempre em teu seguimento na batalha, é por me haverem dito que és o rei.

BLUNT — Contaram-te a verdade.

DOUGLAS — Lorde Stafford pagou hoje bem caro parecer-se contigo, Rei Henrique; matou-o, em teu lugar, a minha espada, que o mesmo a ti fará, se, porventura, não te entregares logo prisioneiro.

BLUNT — Orgulhoso escocês, não nasci fraco; vais encontrar um rei que vinga a morte de Lorde Stafford.

(*Combatem; Blunt é morto; entra Hotspur.*)

HOTSPUR — Ó Douglas, se tivesses desse jeito lutado em Holmedon, eu não teria jamais a um escocês levado a palma.

DOUGLAS — Vencemos; acabou-se: eis morto o rei.

HOTSPUR — Onde?

DOUGLAS — Aqui.

HOTSPUR — Esse, Douglas? Jamais! Conheço-o bem; um guerreiro de prol, chamado Blunt, que como o próprio rei trazia as armas.

DOUGLAS — Que um louco a alma te siga em toda parte. Pagaste caro o título emprestado. Por que disseste, então, que eras o rei?

HOTSPUR — Vestido como o rei, muitos o seguem.

DOUGLAS — Por minha espada, vou matar-lhe as cotas, e, mais, peça por peça, o guarda-roupa, até que, enfim, o rei seja encontrado.

HOTSPUR — Prossigamos, então; nossos soldados mais que nunca se mostram esforçados.

(*Saem.*)

(*Toque a rebate; entra Falstaff.*)

FALSTAFF — Embora eu haja conseguido escapar de Londres, sem pagar, receio ter de prestar contas aqui. Neste lugar a conta é riscada no toutiço do freguês. Devagar! Quem és tu aí? Sir Walter Blunt! Que honra para vós! Quanta vaidade! Estou tão quente como chumbo derretido; tão quente e tão pesado! Deus me preserve de chumbo; não necessito de mais peso do que o de minhas próprias entranhas. Deixei os meus farrapos de gente onde os apimentaram a valer: dos cento e cinqüenta, escaparam apenas três, e assim mesmo em condições de só prestarem para mendigar o resto da vida nas portas da cidade. Mas quem vem aí?

(*Entra o príncipe.*)

PRÍNCIPE — Estás parado? Empresta-me a tua espada. Muitos nobres tombaram duros e hirtos sob os cascos do inimigo jactancioso, sem serem vingados. Dá-me a tua espada.

FALSTAFF — Oh Hal! Por piedade, deixa-me respirar um pouco. O turco Gregório jamais realizou as façanhas guerreiras que eu fiz hoje. Justei contas com Percy; pu-lo em lugar seguro.

PRÍNCIPE — Não duvido que o esteja; encontra-se vivo para matar-te. Vamos, empresta-me a tua espada.

FALSTAFF — Não! Por Deus, Hal; se Percy ainda está com vida, não terás a minha espada; mas, caso queiras, podes levar a minha pistola.

PRÍNCIPE — Pois seja. Mas que vejo! Ainda se encontra no estojo.

FALSTAFF — Sim, Hal; está quente, está quente; dará para engarrafar uma cidade.

(*O príncipe arranca do estojo uma garrafa de xerez.*)

PRÍNCIPE — Como! Isto é hora de brincadeiras e de galhofas?

(*Atira-lhe a garrafa e sai.*)

FALSTAFF — Está bem; se Percy ainda vive, vou furá-lo; bem entendido, no caso de atravessar-se ele em meu caminho, porque no caso de eu ir, por minha vontade, ao seu encontro, pode ele reduzir-me a carne assada. Não me agrada absolutamente a honra careteira que adorna Sir Walter. Dêem-me vida! Se puder conservá-la, bem; se não, a glória virá sem ser chamada. E com isso chegamos ao fim.

(*Sai.*)

Cena 4

Rebate. Movimento de tropas. Entram o Rei Henrique, o príncipe, João de Lencastre e Westmoreland.

REI HENRIQUE — Peço-te, Henrique, sai do campo; estás sangrando. Lorde João de Lencastre, ide com ele.

LENCASTRE — Não, milorde; eu também quero sangrar.

PRÍNCIPE — Peço que Vossa Majestade volte para a luta; receio que essa ausência desanime os amigos.

REI HENRIQUE — Vou fazê-lo. Milorde de Westmoreland, levai-o para a tenda.

WESTMORELAND — Vinde, milorde; vou acompanhar-vos.

PRÍNCIPE — Acompanhar-me? Não, não necessito de vossa ajuda. Deus me livre que uma simples arranhadura tire o Príncipe de Gales deste campo de batalha em que a nobreza está sendo esmagada e os rebeldes triunfam no massacre.

LENCASTRE — Já descansamos bem; vamo-nos, primo de Westmoreland, que ali se acha o caminho do dever. Por amor de Deus, partamos!

(*Saem João de Lencastre e Westmoreland.*)

PRÍNCIPE — Por Deus, Lencastre, muito me enganavas; não julgava que fosses de tal têmpera. Amor fraterno, João, te devotava, porém, como a própria alma, hoje te prezo.

REI HENRIQUE — Eu o vi fazer frente a Lorde Percy com tal desenvoltura, como nunca se esperara de um moço inexperiente.

PRÍNCIPE — Essa criança a nós todos encoraja.

(*Sai.*)

(*Rebate. Entra Douglas.*)

DOUGLAS — Outro rei! São tais quais cabeças da Hidra. Eu sou o Douglas fatal a quantos usam semelhantes insígnias. Quem és tu, que a pessoa do rei desta arte imitas?

REI HENRIQUE — O próprio rei, que sente muito, Douglas, por teres encontrado tantas sombras dele em vez dele próprio. Meus dois filhos a Percy e a ti procuram na batalha. Mas já que tive a sorte deste encontro, vou experimentar-te. Assim, defende-te.

(*Lutam; no momento em que o rei se encontra em perigo, entra o príncipe.*)

PRÍNCIPE — Vil escocês, levanta essa cabeça, ou jamais o farás. O braço anima-me o espírito de Shirley, Stafford, Blunt. E o Príncipe de Gales que te ameaça, que nunca prometeu, sem que pagasse.

(*Combatem; Douglas foge.*)

Refazei-vos, milorde. Como se acha Vossa Majestade? Sir Nicolas Gawsey mandou socorros, como Clifton também; corro para este.

REI HENRIQUE — Pára; respira um pouco. Redimiste teu crédito perdido, demonstrando todo o apreço que tens à minha vida com o socorro tão nobre que me deste.

PRÍNCIPE — O Deus! Injuriaram-me a esse ponto, dizendo que eu queria vossa morte? Se assim fosse, deixara que a mão ímpia de Douglas sobre vós pesasse agora, que vos teria dado fim tão rápido quanto os venenos todos deste mundo, poupando essa traição a vosso filho.

REI HENRIQUE — Vai para onde está Clifton; vou juntar-me a Sir Nicolas Gawsey.

(*Sai.*)

(*Entra Hotspur.*)

HOTSPUR — És Henrique Monmouth, se não me engano?

PRÍNCIPE — Presumias, acaso, que o negasse?

HOTSPUR — Chamo-me Henrique Percy.

PRÍNCIPE — Neste caso, vejo um bravo rebelde desse nome. Sou o Príncipe de Gales. Deixa, Percy, de disputar-me a glória por mais tempo. Não se movem dois astros numa esfera, nem pode na Inglaterra haver, tampouco, dois cetros: o do Príncipe de Gales e o de Harry Percy.

HOTSPUR — É certo, Harry; o momento chegou de um de nós dois deixar a vida. Quisesse Deus que tua glória de armas fosse agora tão grande quanto a minha!

PRÍNCIPE — Vou fazê-la maior ao separarmo-nos, ceifando do teu casco os botões da Honra, para tecer coroa que me adorne.

HOTSPUR — Enfara-me essa tua gabolice.

(*Combatem.*)

(*Entra Falstaff.*)

FALSTAFF — Bem respondido, Hal! A ele, Hal! Isto aqui não é passatempo de crianças, podes crer-me.

(*Entra Douglas, que combate com Falstaff, o qual se atira ao solo, fingindo-se morto; Douglas sai; Hotspur é ferido e cai.*)

HOTSPUR — Roubaste-me, Harry, a mocidade. A perda, porém, da vida frágil me dói menos do que os títulos nobres que em mim ganhas. Meu pensamento sofre mais que a carne ferida por tua espada. Mas escravo da vida é o pensamento, e a vida é apenas bufão do tempo, e o tempo, que domina tudo o que existe, há de parar um dia. Oh! quisera falar do teu futuro, mas a

fria e terrosa mão da Morte me pesa sobre a língua. És poeira, Percy, só poeira e pasto...

(*Morre.*)

PRÍNCIPE — De vermes, bravo Percy. Adeus, coração grande! Mal tecida ambição, como agora te engrouvinhas! Quando este corpo a uma alma dava abrigo, limite ainda acanhado lhe era um reino; mas agora dois passos de vil terra são-lhe espaço bastante. Não se encontra cavalheiro mais nobre nessa terra que sustenta o teu corpo. Se ainda fosses sensível aos encômios, não faria demonstração tão franca de meu preito. Mas que minhas insígnias te recubram o rosto mutilado. Eu me agradeço tal prova delicada de ternura. Leva ao céu tão-somente os elogios; que em tua sepultura durma a tua desonra, não lembrada no epitáfio.

(*Percebe Falstaff caído.*)

Um velho conhecido! Tanta carne não reteve um pouquinho só de vida? Adeus, meu pobre Jack! Melhor fora se eu tivesse poupado melhor homem. Perder-te me pesara hoje, em verdade, se afeiçoado ainda eu fosse da vaidade. Muitos corpos a Morte hoje há colhido, mas nenhum como o teu, gordo e querido. Vou mandar estripar-te; até que o faça, de Percy jaze no cruor, na graça.

(*Sai.*)

FALSTAFF (*levantando-se*) — Estripar-me! Se me estripares hoje, consinto em que amanhã me salgues e depois me comas. Com os demônios! Já era tempo de fingir de morto, antes que esse escocês turbulento me livrasse das dívidas. Fingir, minto; não fingi coisa alguma. Morrer é que é fingimento, porque quem não tem vida de homem, não passa de fingimento de homem; mas, fingir de morto para conservar a vida, não é fingir a imagem da vida, senão representá-la com verdade e perfeição. A prudência é a parte melhor do valor; salvei a vida, graças a essa parte melhor. Com a breca! Apesar de morto, esse Percy pólvora de canhão me mete medo. E se ele também estivesse fingindo e se levantasse agora? Receio bem que saiba fingir melhor do que eu. Por isso mesmo, vou pô-lo em lugar seguro; sim, e hei de jurar que o matei. Por que motivo não poderá ele levantar-se tão bem como eu o fiz? Só poderiam contestar-me, se me vissem, o que não acontece neste momento. Por isso, amigo — (*dá-lhe uma punhalada*) — vinde comigo com mais este, ferimento na perna.

(*Põe às costas o cadáver de Percy.*)

(*Entram o príncipe e João de Lencastre.*)

PRÍNCIPE — Vamos, mano! Estreaste bravamente tua espada ainda virgem.

LENCASTRE — Devagar!

Quem nos surge! Não tinhas dito que esse homem gordo morrera?

PRÍNCIPE — Disse; eu próprio o vi no chão, sangrento e inanimado. Estás vivo, ou não passas de ilusão de nossos olhos? Peço-te, responde. Não confiamos na vida sem o ouvido; não és o que pareces.

FALSTAFF — É certo; não sou um homem duplo; mas se não sou Jack Falstaff, quero ser

um João-ninguém. Aqui está Percy — (*Atira o corpo ao solo.*) — Se vosso pai quiser conceder-me alguma honra, bem; caso contrário, que ele mesmo mate o próximo Percy. Espero tornar-me conde ou duque, posso assegurar-vos.

PRÍNCIPE — Mas se Percy foi morto por mim, ao tempo em que te encontravas sem vida!

FALSTAFF — Por ti? Senhor! Senhor! Como este mundo é mentiroso! Concedo que me achava no solo, sem fôlego. O mesmo se dava com ele; mas nos levantamos logo e combatemos uma boa hora, calculada pelo relógio de Shrewsbury. Se acreditarem no que eu digo, bem; se não, que semelhante pecado recaia sobre a cabeça dos que têm por obrigação premiar o valor. Morro dizendo que fui eu que lhe fiz esta ferida da coxa. Se o homem estivesse vivo e quisesse negá-lo, obrigá-lo-ia a engolir um pedaço de minha espada.

LENCASTRE — Jamais soube de caso tão curioso.

PRÍNCIPE — É que esse tipo, mano, é o mais curioso de quantos têm vivido. Pois carrega com nobreza teu fardo. De meu lado, se uma mentira te for útil, quero dourá-la com as palavras mais bonitas.

(*Ouve-se toque de retirada.*) Tocam a retirada; o dia é nosso. Vamos agora, mano, ver no campo que amigos estão vivos, quais morreram.

(*Saem o príncipe e João de Lencastre.*)

FALSTAFF — Vou segui-lo, como se diz, atrás da recompensa. Que Deus recompense quem me recompensar. Se eu crescer, diminuirei, porque pretendo purgar-me, abandonar o xerez e viver limpamente, como convém a um gentil-homem.

(*Sai.*)

Cena 5

Outra parte do campo de batalha. Trombetas. Entram o Rei Henrique, o príncipe, João de Lencastre, Westmoreland e outros, com Worcester e Vernon, prisioneiros.

REI HENRIQUE — Sempre encontrou castigo a rebelião. Não vos mandamos graça, malvado Worcester, perdão para vós todos e amizade? Expuseste o contrário do que eu disse, e abusaste da fé de teu sobrinho. Três cavaleiros nossos, mortos hoje, um nobre conde e muitas mais criaturas ainda estariam vivos, se, como bom cristão, tivesses dado bom recado entre os dois campos contrários.

WORCESTER — Só fiz o que exigia a minha própria segurança. Paciente, aceito o fado que inevitavelmente em mim recai.

REI HENRIQUE — Levai Worcester logo para a morte, e também Vernon com ele. Sobre os outros rebeldes, com vagar decidiremos.

(*Saem Worcester e Vernon, escoltados.*)

Em que pé se acha o campo de batalha?

PRÍNCIPE — O nobre escocês Douglas percebendo que a sorte da jornada era contra ele, o nobre Percy morto, os outros homens prestes a debandar, fugiu com o resto, mas machucou-se tanto numa queda, que logo o aprisionaram. Douglas se acha na minha tenda; peço a Vossa Graça que eu possa dispor dele.

REI HENRIQUE — De bom grado.

PRÍNCIPE — Esse ato honroso de bondade, mano João de Lencastre, cabe a vós agora: ide a Douglas e ponde-o em liberdade plena, incondicionada e sem resgate. Seu valor, comprovado em nossas armas, ensinou-nos a honrar os altos feitos até mesmo no peito dos inimigos.

LENCASTRE — Desejo agradecer a Vossa Graça tão grande cortesia; serei prestes.

REI HENRIQUE — Ainda nos resta dividir as forças: filho João, vós com o primo Westmoreland sobre York marchareis a toda pressa, contra Northumberland e o Bispo Scroop, os quais, segundo ouvimos, se azafamam; a Gales, filho Henrique, iremos ambos, contra o Duque de March e Owen Glendower. Mais um dia como este e a rebelião rojará certamente pelo chão. Depois de tal vitória, não paremos sem que nossos bens todos conquistemos.

(*Saem.*)

Henrique IV — Parte 2

PERSONAGENS

INTRODUÇÃO

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

EPÍLOGO

Personagens

O RUMOR, apresentador da peça.
REI HENRIQUE IV.
HENRIQUE, Príncipe de Gales, depois Henrique V, seu filho.
TOMAS, Duque de Clarence, seu filho.
JOÃO DE LENCASTRE, seu filho
HUMPHREY DE GLOSTER.
CONDE DE WARWICK, partidário do rei.
CONDE DE WESTMORELAND, partidário do rei.
CONDE DE SURREY, partidário do rei.
GOWER, partidário do rei.
HARCOURT, partidário do rei.
BLUNT, partidário do rei.
LORDE GRANDE JUIZ, do Tribunal do Rei.
Um oficial do Lorde Juiz.
RICARDO SCROOP, Arcebispo de York, adversário do rei.
LORDE MOWBRAY, adversário do rei.
LORDE HASTINGS, adversário do rei.
LORDE BARDOLFO, adversário do rei.
SIR JOHN COLEVILE, adversário do rei.
TRAVERS e **MORTON**, criados de Northumberland.
SIR JOHN FALSTAFF.
Seu pajem.
BARDOLFO.
PISTOLA.
POINS.
PETO.
SHALLOW e **SILÊNCIO**, juizes rurais.
DAVY, criado de Shallow.
Mofado, Sombra, Verruga, Fraco e Bezerro, recrutas.
Garra e Cilada, oficiais do xerife.
Um porteiro.
Um dançarino, locutor do epílogo.
LADY NORTHUMBERLAND.
LADY PERCY.
Mistress Quickly, estalajadeira em Eastcheap.

Doll Tearsheet.
Fidalgos, oficiais, soldados, mensageiros, moços de taberna, beleguins, lacaios, etc.

Introdução

Warkworth; diante do castelo de Northumberland. Entra o Rumor, com vestes em que se vêem pintadas muitas línguas.

RUMOR — Abri os ouvidos! Quem quer pôr entraves à passagem dos sons, ao vir falar-vos o Rumor barulhento? De este a oeste, valendo-me do vento como posta, relato o que se passa nesta bola terrestre. Em minha língua sempre se acham imposturas, que em todos os idiomas eu anuncio, enchendo de mentiras os ouvidos dos homens. Falo apenas de paz, quando a fingida hostilidade, sob o riso tranqüilo, o mundo talha. Quem, se não eu, quem mais, se não o Rumor, bandos reúne medrosos, faz defesas, enquanto a época, inchada de outros males, passa por estar grávida de Marte, quando tal não se dá? O Rumor é flauta de conjeturas, ciúmes e suspeitas, instrumento tão simples e tão fácil, que o monstro rude de cem mil cabeças, a ondeante multidão, sempre indecisa, pode tocá-lo. Mas, por que meu corpo tão conhecido dissecar na frente dos próprios familiares? Qual a causa de encontrar-se o Rumor aqui nesta hora? Corro mais que a vitória do Rei Harry que nos campos sangrentos de Shrewsbury venceu o moço Hotspur e seus guerreiros, as chamas apagando da orgulhosa rebelião com o sangue dos rebeldes. Mas por que dizer isso? Meu ofício é contar que caiu Harry Monmouth sob o gládio feroz do nobre Hotspur e que o rei, ante a cólera de Douglas, até à morte inclinou a fronte ungida. Foi isso que espalhei pelas aldeias, desde o campo de lutas de Shrewsbury até esta fortaleza carcomida em que finge estar doente o velho pai de Hotspur, Northumberland. Cansados, os correios se sucedem, não contando eles mais do que as notícias que aprenderam comigo. Pelas línguas do Rumor chegam ledos e ligeiros, mais fatais do que males verdadeiros.

(*Sai.*)

Ato 1

Cena 1

Warkworth; diante do castelo de Northumberland. Entra Lorde Bardolfo.

LORDE BARDOLFO — Quem é o porteiro aqui?

(*O porteiro abre o portão.*)

Onde está o conde?

PORTEIRO — A quem devo anunciar?

LORDE BARDOLFO — Dá-lhe a notícia de que Lorde Bardolfo o está esperando.

PORTEIRO — Sua Excelência se encontra no jardim; se Vossa Honra quiser bater à porta, ele mesmo abrirá.

(*Entra Northumberland.*)

LORDE BARDOLFO — Vem vindo o conde.

(*Sai o porteiro.*)

NORTHUMBERLAND — Lorde Bardolfo, que notícias? Cada minuto agora engendra um fato grave. Os tempos são difíceis; a discórdia, qual cavalo de trato primoroso, insana, o freio perde e, à sua passagem, derruba quanto encontra.

LORDE BARDOLFO — Nobre conde, trago-vos certas novas de Shrewsbury.

NORTHUMBERLAND — Boas, se Deus quiser.

LORDE BARDOLFO — Como as deseja o coração: o rei se acha ferido mortalmente e, na glória de milorde vosso filho, foi morto o Príncipe Harry; às mãos de Douglas os dois Blunts morreram; Westmoreland e João, o jovem príncipe, com Stafford a batalha abandonaram; o roliço chumaço de Monmouth, Sir John, caiu nas mãos de vosso filho. Dia assim, disputado e tão bem ganho, nunca o tempo exornou com tanto lustre, desde as glórias de César.

NORTHUMBERLAND — Quem vos disse? Vistes o campo? Viestes de Shrewsbury?

LORDE BARDOLFO — Falei, milorde, com alguém que veio justamente de lá, um gentil-homem de bom sangue e alto nome, que a notícia como certa me deu sem que eu o pedisse.

NORTHUMBERLAND — Ai vem meu criado Travers, que eu mandei na última terça-feira a colher novas.

LORDE BARDOLFO — Alcancei-o, milorde, no caminho; não traz maior certeza do que

quanto pudesse ter ouvido de meus lábios.

(*Entra Travers.*)

NORTHUMBERLAND — Que boas novas, Travers, vêm convosco?

TRAVERS — Milorde, Sir John Umfrevile fez-me voltar da estrada com notícias ótimas; porque melhor montado, ultrapassou-me. Depois dele, a esporear com todo o empenho, veio um fidalgo, morto de fadiga, que ao meu lado estacou para ao cavalo sangrento dar descanso. Perguntou-me pela estrada de Chester; dele soube notícias certas de Shrewsbury; disse que a rebelião não tinha tido sorte e que o esporão de Percy estava frio. Com isso, as rédeas larga ao bruto altivo e, inclinando-se, enterra o armado salto nos flancos palpitantes do coitado, té o botão da roseta. Desse modo, partiu sem falar mais, só parecendo que tragava o caminho.

NORTHUMBERLAND — Ah! Novamente: frio estava o esporão de Henrique Percy? Em vez de Esporão-quente, Esporão-frio? Que a rebelião tivera sorte adversa?

LORDE BARDOLFO — Milorde, ouvi-me: se milorde moço, vosso filho, a vitória não obteve, pela minha honra, troco a baronia por um laço de fita. Não falemos mais nisso.

NORTHUMBERLAND — Então por que esse gentil-homem, que por Travers passou, disse isso tudo?

LORDE BARDOLFO — Esse tal? Com certeza algum medroso que roubara o cavalo e que falava por falar. Eis notícias mais recentes.

(*Entra Morton.*)

NORTHUMBERLAND — Sim, a fronte deste homem, como a capa de certos livros, fala de tragédia. É esse o aspecto da praia em que a ressaca deixou a marca do império incontrastável. Fala, Morton: vens vindo de Shrewsbury?

MORTON — Sim, meu nobre senhor, vim de Shrewsbury, onde a Morte terrível pôs a máscara mais feia que possuía para o nosso partido amedrontar.

NORTHUMBERLAND — Como se encontram meu filho e meu irmão? Tremes; mais apta que tua língua, a palidez do rosto me diz o teu recado. Um mensageiro como tu, já sem forças, alquebrado, no olhar a Morte, louco de infortúnio, a cortina de Príamo, nas horas mortas da noite, descerrou, querendo dar-lhe a notícia de que Tróia ardia pela metade. Mas o fogo Príamo encontrou antes que ele a língua achasse, e a morte do meu Percy eu, sem que fales. Dir-me-ias: "Vosso filho fez tais atos; vosso irmão outros tais: o nobre Douglas assim lutou", enchendo-me os ouvidos vorazes com seus feitos audaciosos. Mas no fim, entupindo-os de verdade, com um suspiro esfarias os encômios, para finalizares: "Filho, irmão, todos morreram".

MORTON — Douglas ainda vive, bem como vosso irmão. Quanto a milorde vosso filho...

NORTHUMBERLAND — Ah! morreu! Vede que língua pronta tem a suspeita. Quem receia algo que conhecer lhe infunde medo, lê nos olhos dos outros, por instinto, se deu justamente o que receava. Agora fala, Morton; dize ao conde que seu pressentimento é

mentiroso, e eu terei esse insulto por brinquedo, sobre tornar-te rico pela ofensa.

MORTON — Sois muito grande para eu contestar-vos; fiel, o pressentimento; o medo, justo.

NORTHUMBERLAND — Mas, apesar de tudo, não me venhas revelar que Harry Percy já não vive. Estranha confissão leio em teus olhos; abanas a cabeça, parecendo-te medo ou falta contar toda a verdade. Se morreu, conta-o; não ofende a língua que sua morte anuncia; erra somente quem calunia um morto, não quem fala para dizer que o morto não tem vida. Contudo, o portador de infaustas novas exerce um triste ofício; sua fala ressoa como dobre de finados que a perda de um amigo nos recorda.

LORDE BARDOLFO — Não posso crer, milorde, que morresse.

MORTON — Dói-me ter de obrigar-vos a dar crédito ao que não desejara — Deus o sabe — jamais ter visto. Mas estes meus olhos o viram dessangrado, revidando, quase sem força e alento, os feros golpes de Harry Monmouth, cuja incontida cólera fez o invencível Percy vir ao solo de onde, vivo, não mais devia alçar-se. Em suma, a morte de Harry Percy — cujo espírito animava os mais remissos — logo que foi sabida, o ardor e o fogo gelou dos mais dispostos de sua tropa. Ao partido o seu aço dava a têmpera; morto ele, a ser o que eram todos voltam: chumbo por demais rombo e assaz pesado. E como as coisas que em si mesmas pesam, quando forçadas, voam mais velozes, nossos homens, com a perda de Harry Percy, tão leves se tornaram pelo medo, que, semelhos à flecha, quando a mira procura, desertaram da batalha, só cuidando de pôr a vida a salvo. Foi então que o nobre Worcester deixou-se aprisionar e que esse escocês louco, Douglas sangrento, cuja espada excelsa três espectros do rei já havia morto, sentiu baquear-lhe o peito e honrou a vergonha dos que volviam costas, sendo preso na fuga, ao tropeçar de puro medo. O rei venceu, em suma, e a vosso encontro, milorde, já enviou forças ligeiras, à testa das quais vêm João de Lencastre e Westmoreland. Eis todas as notícias.

NORTHUMBERLAND — Para chorar, o tempo há de sobrar-me. O veneno é remédio; essas notícias, que, se eu bom estivesse, mal fariam, doente, de certo modo, me curaram. E tal como o infeliz, de juntas fracas pela febre, qual mola que se encurva sob o peso da vida, e que num rasgo de furor, como o fogo, se liberta dos braços do enfermeiro: assim meus membros, de dor enfraquecidos e furiosos, são três vezes o que eram. Fora, fora, muleta inútil! E a manopla dura de escamas de aço que, daqui por diante, vai servir-me de luva. Fora, gorro de doente! És proteção muito irrisória para a cabeça que visar costumam príncipes altanados. Minha fronte cingi de ferro, e que a hora se aproxime mais funesta que o tempo e o sofrimento possam trazer para ameaçar o iroso Northumberland. Que a terra e o céu se beijem! Que a mão da natureza não detenha mais as ondas selvagens! A ordem morra! Deixe o mundo de ser, daqui por diante, um palco em que as contendas se sucedem com atos enfadonhos! Que no peito de todos reine o espírito somente do primogênito Caim, que os faça ávidos só de sangue, porque o drama brutal possa chegar ao termo exato e o coveiro dos mortos seja a Noite.

TRAVERS — Essa emoção, milorde, vos faz mal.

LORDE BARDOLFO — Um, meu caro conde, a honra à prudência.

MORTON — A vida das pessoas que vos seguem pende de vossas forças. Entregando-vos desse modo às paixões, é inevitável que cedo elas decaiam. Calculastes, meu nobre lorde, as conseqüências todas desta guerra e pesastes seus azares antes de à frente dela vos postardes. Conjeturastes, certo, a sós convosco, que, na distribuição dos golpes, vosso filho talvez morresse. Bem sabíeis que ele andava por cima dos perigos, numa crista, da qual era provável que viesse a despenhar-se, sem transpô-la. Sabíeis que não era invulnerável sua carne aos ataques e que o nobre caráter o impelia aos mores riscos. Contudo, o incentivastes: Vai! Nenhuma dessas razões tão fortes deter pode vossa obstinada ação. Que é que de estranho sucedeu? Que gerou a audaz empresa se não o que era justo se previsse?

LORDE BARDOLFO — Quantos nos enredamos nesta perda, sabíamos que o mar que navegávamos fervilhava de escolhos e que tínhamos uma em dez ocasiões de nos salvarmos. Todavia, arriscamos, que a esperança da glória compensava a expectativa do perigo provável. Já que fomos derrotados, tentemos novamente. Vamos! Joguemos tudo: os bens e os corpos!

MORTON — É mais que tempo. Nobre e alto senhor, sei de fonte segura, e a nova posso secundar, que o valente Bispo de York se levantou com tropas bem munidas. É um homem que com dupla segurança prende e liga os adeptos do partido. Milorde vosso filho só dispunha de corpos; meras sombras, aparências de homens para lutar, porque o vocábulo “rebelião” lhes trazia dissociados a alma e o corpo; com náuseas e forçados é que lutavam, como quem ingere poção. De nosso lado apenas tínhamos suas armas, porque as almas, à palavra “rebelião”, se tornaram congeladas como peixes no tanque. Mas o bispo transforma a insurreição em religião. Porque honesto e de santos pensamentos, de alma e corpo é seguido, e, ademais, sabe fortalecer a causa que defende com o sangue de Ricardo, o bom, raspado das pedras de Pomfret; do céu deriva seus princípios e a causa da revolta, propondo-se livrar a infeliz terra que geme sob o grande Bolingbroke. Os grandes e os pequenos se lhe agregam.

NORTHUMBERLAND — Já o sabia; contudo, a falar franco, fizera-me esquecê-lo a dor de agora. Ficai comigo e aconselhai-me a via mais segura da glória e da vingança. Expedi cartas; conquistai amigos; nunca são por demais nestes perigos.

(*Saem.*)

Cena 2

Londres. Uma rua. Entra Sir John Falstaff, seguido de um pajem que traz o escudo e a espada dele.

FALSTAFF — Olá, gigante, que disse o doutor de minhas águas?

PAJEM — Disse, senhor, que, em si mesmas, as águas eram boas e sadias, mas que a pessoa a que pertenciam devia ter mais doenças do que ele suspeitava.

FALSTAFF — Homens de toda a espécie encontram prazer em zombar de mim. O cérebro desse estúpido composto de argila que se denomina homem não é capaz de inventar coisa alguma que provoque o riso, além do que eu invento ou do que se inventa a meu respeito; não somente sou espirituoso por mim mesmo, como também a causa de que outros venham a ter espírito. Andando deste modo diante de ti, pareço uma porca que houvesse esmagado todos os leitões, com exceção a um. Se o príncipe não te pôs a meu serviço apenas para que eu sobressaísse pelo contraste, é que careço completamente de juízo. Filho espúrio da mandrágora, ficarias melhor espetado no meu chapéu do que me seguindo os calcanhares. Nunca tive, até hoje, uma ágata; mas não é por isso que vou encastoar-vos em ouro ou prata, se não em trajos pífios, para devolver-vos a vosso patrão, como jóia de valor; sim, vosso patrão, o príncipe, esse juvenal de queixo ainda desprovido de penugem. O que eu digo é que primeiro me nascerá barba na palma das mãos do que a ele no queixo. No entanto, não tem escrúpulo de afirmar que possui cara real. Deus lhe dará à cara a última demão, quando bem lhe aprouver, que não se perderá com isso nenhum pelo. Diga ele o que quiser; mas nessa cara real o barbeiro não ganhará nunca seis pences. No entanto, assume sempre uns ares de importância, como se já passasse por homem no tempo em que seu pai ainda era solteiro. Pois que fique com a sua graça, que na minha é que ele não mais se encontra, posso assegurar-lhe. Que disse mestre Dombledon a respeito do cetim para o meu manto curto e meus calções?

PAJEM — Disse, senhor, que era necessário aval melhor do que o de Bardolfo; recusa tanto as letras deste como as vossas; considera-as pouco seguras.

FALSTAFF — Pois que seja condenado como o glutão rico, e que a língua se lhe torne ainda mais quente! Miserável Arquitofel! Velhaco das dúzias! Fazer esperar a um gentil-homem, para, no fim, pedir fiança! Esses malditos carecas, agora só usam sapatos altos e molho de chaves na cintura, e quando alguém lhes compra honestamente alguma coisa, emperram nas fianças. Preferira que me enchessem a boca com pó de matar rato a taparem-na com as tais fianças. Por ser eu fidalgo de verdade, estava certo de que me mandaria vinte e duas jardas de cetim; e, ao invés disso, me envia pedido de fianças! Bem; que durma em paz, visto possuir o

corno da abundância, através do qual brilha a ligeireza de sua mulher. No entanto, não vê nada, muito embora tenha sua própria lanterna para alumiá-lo. Onde está Bardolfo?

PAJEM — Foi a Smithfield, a fim de comprar um cavalo para Vossa Senhoria.

FALSTAFF — Comprei-o em São Paulo, e ele vai comprar-me um cavalo em Smithfield! Se me fosse possível, ao menos, arranjar uma mulher num alcouce, ficaria servido, montado e casado.

(*Entram o Lorde Grande Juiz e um beleguim.*)

PAJEM — Senhor, aí vem o nobre que prendeu o príncipe, quando este bateu nele por causa de Bardolfo.

FALSTAFF — Fica perto de mim; não quero vê-lo.

LORDE JUIZ — Quem é aquele que vai ali?

BELEGUIM — Com licença de Vossa Senhoria, é Falstaff.

LORDE JUIZ — O que foi processado por causa do roubo?

BELEGUIM — Esse mesmo, milorde; mas depois disso prestou bons serviços em Shrewsbury e, segundo ouvi dizer, vai agora em missão junto a Lorde João de Lencastre.

LORDE JUIZ — Como! A York? Chamai-o.

BELEGUIM — Sir John Falstaff!

FALSTAFF — Rapaz, dize-lhe que eu sou surdo.

PAJEM — Falai mais alto; meu amo é surdo.

LORDE JUIZ — Acredito-o; para ouvir notícia boa. Puxa-o pelo cotovelo; preciso falar-lhe.

BELEGUIM — Sir John!

FALSTAFF — Como! Tão moço e já mendigando? Porventura não há guerra? não há emprego? não necessita de súditos o rei e de soldados os rebeldes? Embora só não seja vergonhoso pertencer a um dos partidos, é mais vergonhoso mendigar do que ficar do lado pior, por pior que possa conter-se no nome "rebelião".

BELEGUIM — Enganais-vos a meu respeito, senhor.

FALSTAFF — Como, senhor? Acaso eu disse que sois um homem honesto? Pondo de parte a minha qualidade de cavaleiro e de soldado, seria um mentiroso de marca, se houvesse afirmado semelhante coisa.

BELEGUIM — Pois bem, senhor: ponde de lado vossa qualidade de cavaleiro e de soldado e permiti que vos declare que não passais de um mentiroso de marca, se afirmais que eu não sou um homem honesto.

FALSTAFF — Eu, dar-te permissão para me dizeres isso? Pôr de lado o que faz parte de mim mesmo? Se o obtiveres de mim semelhante licença, quero que me enforques, e se vieres a

consegui-la, melhor te valeria ser enforcado. Fora daqui, sabujo! Toca!

BELEGUIM — Senhor, milorde deseja falar-vos.

LORDE JUIZ — Sir John Falstaff, uma palavra.

FALSTAFF — Meu bom lorde! Deus conceda a Vossa Senhoria um bom dia. Alegra-me imenso ver a Vossa Senhoria aqui fora; tinha ouvido dizer que Vossa Senhoria estava doente; espero que Vossa Senhoria saísse por indicação do médico. Porque, embora não se possa dizer que Vossa Senhoria já não seja moço, é certo que se ressente do sabor dos anos, algo picante da salmoura do tempo; por isso rogo humildemente a Vossa Senhoria cuidar da saúde com o máximo respeito.

LORDE JUIZ — Sir John, eu vos mandei intimar antes de vossa expedição a Shrewsbury.

FALSTAFF — Com licença de Vossa Senhoria, ouvi dizer que Sua Majestade voltou indisposto do país de Gales.

LORDE JUIZ — Não estou falando agora de Sua Majestade; não atendestes à minha intimação.

FALSTAFF — Além disso, ouvi dizer que Sua Alteza ficou também atacado dessa infame apoplexia.

LORDE JUIZ — Bem; o céu dará remédio a isso. Mas permiti que vos fale, por obséquio.

FALSTAFF — Essa apoplexia, no meu fraco pensar, é uma espécie de letargia, com licença de Vossa Senhoria; uma espécie de adormecimento no sangue, uma zoeira dos demônios.

LORDE JUIZ — Mas a que vem isso, afinal? Seja ela o que for.

FALSTAFF — Provém de tristezas, do estudo e de perturbações do cérebro. Li em Galeno a causa de seus efeitos: é uma espécie de surdez.

LORDE JUIZ — Acho que é disso que estais sofrendo, porque não ouvis o que vos falo.

FALSTAFF — Perfeitamente, milorde, perfeitamente; mas, com vossa licença, o que me aflige mais é a doença de não escutar, de não prestar atenção.

LORDE JUIZ — Um castigo nos calcanhares faria melhorar essa desatenção dos ouvidos; não se me dava de ser o vosso médico.

FALSTAFF — Sou tão pobre quanto Jó, milorde, porém não tão paciente; para a minha pobreza, Vossa Senhoria poderá ministrar a mezinha da prisão; mas, quanto ao sabermos se eu teria paciência para seguir as vossas prescrições, é ponto sobre o qual os sábios podem alimentar uma dracma de escrúpulos, ou, ainda, um escrópulo inteiro.

LORDE JUIZ — Mandei chamar-vos para falar-me, quando pendiam sobre vós acusações de importância vital.

FALSTAFF — E eu, seguindo nisso o parecer do meu advogado, que é muito entendido nas leis do país, não compareci.

LORDE JUIZ — Bem; mas a verdade, Sir John, é que viveis em grande relaxamento.

FALSTAFF — Quem afivela um cinto do tamanho do meu, não pode viver com menos.

LORDE JUIZ — Vossos meios são escassos e os gastos excessivos.

FALSTAFF — Quisera que fosse o inverso: os meios, maiores, e o desgaste, insignificante.

LORDE JUIZ — Desencaminhastes o jovem príncipe.

FALSTAFF — Foi o jovem príncipe que me desencaminhou; eu sou o homem de ventre volumoso e ele o meu cão.

LORDE JUIZ — Bem; não quero reabrir uma ferida que acabou de cicatrizar; vossos feitos do dia de Shrewsbury douraram, de algum modo, as façanhas noturnas de Gadshill; podeis agradecer à inquietação da época a quietude com que tudo isso terminou.

FALSTAFF — Milorde!

LORDE JUIZ — Mas, uma vez que tudo está bem, acomodai-vos; não desperteis o lobo que dorme.

FALSTAFF — Despertar um lobo é tão ruim como cheirar uma raposa.

LORDE JUIZ — Sois uma vela, cuja parte melhor já se gastou.

FALSTAFF — Uma vela de festa, milorde; toda de sebo, infelizmente. Fosse ela de cera de minha fabricação, não pararia de crescer.

LORDE JUIZ — Todos esses fios brancos da barba deveriam dar testemunho de vossa gravidade.

FALSTAFF — Gravidade, gravidade, peso...

LORDE JUIZ — A todas as partes seguis o príncipe como seu anjo ruim.

FALSTAFF — Não é bem isso, milorde; vosso anjo ruim é leve demais; mas penso que basta verem-me para me aceitarem sem pesar-me; mas, ainda assim, concordo que, sob certos aspectos, não posso entrar em circulação. Nesta época de verdureiros, a virtude é tão pouco acatada, que o valor legítimo se tornou guardador de ursos; o engenho virou taberneiro, malgastando em contas a agudeza de espírito; os demais dotes do homem, do jeito que os deforma a corrupção do século, não valem uma groselha. Os velhos como vós, não percebem as faculdades que nós, moços, possuímos; calculais o valor de nosso fígado pelo amargor de vossa bile; e nós, que nos encontramos na vanguarda da mocidade, forçoso será confessar, somos por vezes bem marotos.

LORDE JUIZ — Inscreveis o vosso nome na lista da juventude, assinalado, como o estais, com os caracteres da velhice? Não tendes olhos úmidos, mãos secas, faces descoradas, barba branca, pernas cada vez mais curtas, ventre a aumentar sempre de volume? Não tendes a voz entrecortada, o fôlego curto, o queixo duplo, o espírito simples, todas as vossas faculdades, em suma, estragadas pelo tempo? E apesar de tudo, vos chamais de jovem. Ora, Sir John!

FALSTAFF — Milorde, eu nasci por volta das três horas da tarde com a cabeça branca e o ventre um tanto crescido. Quanto à minha voz, estraguei-a à força de cantar no coro. Não vos apresentarei outras provas de minha juventude; a verdade é que eu só sou velho no juízo e no entendimento; quem quiser apostar cabriolas comigo, por mil marcos, é só passar-me o dinheiro e cuidar de si. Quanto à bofetada que vos deu o príncipe, deu-a como príncipe grosseiro, e vós a recebestes como lorde sensível. Repreendi-o por esse ato, penitenciando-se o leãozinho do que fez, não, evidentemente, entre cilício e cinzas, mas com vestes novas de seda e xerez velho.

LORDE JUIZ — Que Deus conceda ao príncipe um companheiro melhor!

FALSTAFF — Que Deus conceda ao companheiro um príncipe melhor! Não posso livrar-me dele.

LORDE JUIZ — Bem; o rei já vos separou do Príncipe Harry. Ouvi dizer que seguis com Lorde João de Lencastre contra o arcebispo e o Conde de Northumberland.

FALSTAFF — Sim, graças ao vosso amável e delicioso espírito. Todos os que beijais em casa a milady Paz, rezai para que os nossos exércitos não se encontrem em dia muito quente, porque só trouxe comigo duas camisas, não pretendendo suar muito. Se tal se der em um dia quente e eu brandir alguma coisa além de minha garrafa, não quero cuspir branco nunca mais. Não pode aparecer um caso perigoso, sem que me joguem no meio. Está certo: não hei de durar eternamente; mas é sestro velho de nossa nação inglesa banalizar o que tem de bom. Mas, uma vez que insistis em dizer que eu já estou velho, deveríeis arranjar meios de eu descansar. Prouvesse Deus que meu nome fosse menos temido do inimigo. Preferira que a ferrugem me gastasse a ver-me reduzido a nada por um movimento perpétuo.

LORDE JUIZ — Bem; sede honesto; sede honesto; e que Deus abençoe vossa expedição.

FALSTAFF — Vossa Senhoria não estaria disposto a emprestar-me mil libras para o meu equipamento?

LORDE JUIZ — Nem um pêni! Nem um pêni! Mostrais-vos muito pressuroso em carregar os cruzados. Passai bem; recomendai-me ao primo Westmoreland.

(*Saem o Lorde Grande Juiz e o beleguim*)

FALSTAFF — Se o fizer, que me achatem a marretadas. É tão impossível a um mortal separar a velhice da avareza, como da luxúria a mocidade; a gota atormenta uma e o mal gálico belisca outra, motivo por que ambas dispensam a minha maldição. Rapaz!

PAJEM — Senhor!

FALSTAFF — Quanto dinheiro há na bolsa?

PAJEM — Sete vinténs e dois pences.

FALSTAFF — Não posso encontrar remédio para a consumpção da bolsa; pedir emprestado só serve de paliativo, que o mal é incurável. Leva esta carta para milorde de Lencastre; esta outra para o príncipe; esta para o Conde de Westmoreland, e esta para a velha Mistress Ursula, a quem todas as semanas juro desposar, desde que percebi o primeiro fio

branco em minha barba. Toca! Já sabes onde encontrar-me. (*Sai o pajem.*) Que o mal gálico leve a esta gota, ou esta gota ao mal gálico! Ambos se divertem no dedão de meus pés. Não importa; se eu mancar, a guerra servirá de pretexto; assim, a minha pensão parecerá mais justa. Quem tem cabeça, aproveita tudo; vou tirar partido das doenças.

Cena 3

York. Um quarto no palácio do arcebispo. Entram o arcebispo de York e Lordes Mowbray, Bardolfo e Hastings.

ARCEBISPO — Conheceis nossa causa e nossos meios. Nobres amigos, peço-vos dizer-me francamente o que achais de nossos planos. O Lorde Marechal fale primeiro.

MOWBRAY — Convenho com as razões de nossas armas, mas desejara que se me explicasse como, com nossos meios, poderemos olhar com fronte altiva e assaz possante para a força e o poder do soberano.

HASTINGS — Nossa revista revelou que temos vinte e cinco mil homens escolhidos, sem se meter em conta que do grande Northumberland nos chegarão reforços, pois seu peito se abrasa com as injúrias recebidas.

LORDE BARDOLFO — O caso, pois, Lorde Hastings, se reduz a saber se os vinte e cinco mil homens poderão lutar sem ele.

HASTINGS — Com ele, poderemos.

LORDE BARDOLFO — Eis a dúvida. Mas, se sem ele nos julgarmos fracos, penso que não devemos ir mais longe antes de vir o auxílio que esperamos, pois num plano de face tão sangrenta não cabem conjeturas, aparências ou espera de reforços duvidosos.

ARCEBISPO — Tendes razão, Lorde Bardolfo; deu-se isso mesmo em Shrewsbury, com Hotspur.

LORDE BARDOLFO — Sim, milorde; entupiu-se de esperanças, comendo o ar de promessas de socorros; lisonjeou-se com a idéia de um reforço menor que o mais modesto dos seus sonhos; e assim, com sua grande fantasia, própria de louco, os seus levou à morte, jogando-se no abismo sem ver nada.

HASTINGS — Perdão! Não vejo mal em desejarmos o plausível e em termos esperanças.

LORDE BARDOLFO — Como não há? Em guerra desta espécie, dado o primeiro passo, a ação premente, ter esperança é estar contando com esses botões que a primavera deita cedo, produzindo menor expectativa de virem a dar fruto do que medo de mordidas da geada. Quando vamos construir, estudamos o terreno, traçamos o modelo, e ao contemplarmos o desenho da casa é que fazemos o cálculo do custo da obra toda. Se vemos que ultrapassa nossos meios, que fazemos, se não traçar um plano menos custoso, ou mesmo pôr de lado a idéia de construir?

Principalmente nesta obra gigantesca, em que se trata de derrubar um reino e de erguer outro, devemos estudar bem o terreno da situação, rever todo o modelo, acordar na questão dos alicerces, falar com o construtor, pesar os meios, ver se estes são idôneos e capazes de contrabalançar os do inimigo. De outro modo, é ser forte em algarismos e no papel, é usar apenas nomes em lugar de seus donos, como aquele que concebesse o plano de uma casa sem pensar nos recursos e a largasse por terminar, deixando a parte feita com tanto custo às lágrimas das nuvens e à tirania rústica do inverno.

HASTINGS — Dado que nossos sonhos tão risonhos morram no nascedouro e que tenhamos o último homem que fora de esperar, penso que, como estamos, poderemos medir-nos com as forças do monarca.

LORDE BARDOLFO — Como! Só conta o rei com vinte e cinco mil homens, porventura?

HASTINGS — Contra nós, apenas isso; não, nem tanto, Lorde Bardolfo, que suas forças, nestes tempos de tumulto, em três corpos se partiram: contra os franceses, um; contra Glendower, o segundo; forçoso é que um terceiro destine contra nós. Desta arte o débil rei se divide em três, só ressoando seus cofres com o vazio da penúria.

ARCEBISPO — Não é de recear que ele reuna num só corpo suas forças divididas e venha contra nós.

HASTINGS — Se tal fizer, desguarnece as espáduas, com os franceses e os galeses ladrando-lhe no rasto. Disso não vos temais.

LORDE BARDOLFO — Quem poderia vir contra nós à frente de suas forças?

HASTINGS — Westmoreland e o Duque de Lencastre; ele próprio e Monmouth, contra os galeses, mas não tenho notícias muito certas de quem vai contra a França.

ARCEBISPO — Avante, pois! Demos a conhecer nossos motivos. E por própria eleição que o Estado sofre; seu muito ávido amor se mostra farto. Casa vertiginosa e pouco firme tem quem constrói no coração da plebe. Ó cega multidão! Com que atroadores aplausos abençoaste Bolingbroke antes dele tornar-se o que querias que fosse! E ora que se acha acomodado segundo os teus desejos, tão saciado, glutão bestial, te mostras, que provocas irritação com o fim de vomitá-lo. Assim, povo canino, de teu ventre insaciável lançaste o Rei Ricardo, e agora desejaras novamente comer o corpo morto que expeliste, chamando-o com teus ladros. Tempo ingrato! Os que queriam ver Ricardo morto, quando ele ainda vivia, estão agora de sua sepultura enamorados. Tu que lançaste terra em sua cabeça, quando ele, a suspirar, atravessava Londres altiva, no soberbo rasto de Bolingbroke, gritas agora: "Ó terra! restitui-nos aquele rei, toma este!" O pensamento de malditos: o que é, não tem valor; só ao que foi e há de ser se vota amor!

MOWBRAY — Reunimos nossos homens? Partiremos?

HASTINGS — Somos filhos do tempo; não paremos.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Uma rua de Londres. Entram Mistress Quickly, Garra e seu criado, seguidos de Cilada.

ESTALAJADEIRA — Entrastes com a ação em juízo. mestre Garra?

GARRA — Perfeitamente.

ESTALAJADEIRA — Onde está vosso oficial? É sujeito de confiança? Não baqueará antes do tempo?

GARRA — Olá! Onde está Cilada?

ESTALAJADEIRA — Oh, senhor! O bom mestre Cilada!

CILADA — Aqui estou! Aqui estou!

GARRA — Cilada, temos de prender Sir John Falstaff.

ESTALAJADEIRA — Sim, bom mestre Cilada, intentamos-lhe uma ação completa.

CILADA — Pode bem dar-se que uns tantos tenhamos de perder a vida, que é certo fazer ele uso do punhal.

ESTALAJADEIRA — Que dia! Tomai cuidado! Apunhalou-me em minha própria casa e de maneira mais brutal. Uma vez arrancada a arma, não mede as conseqüências; dá botes que nem o diabo, sem perdoar homem, mulher ou criança.

GARRA — Uma vez grudado com ele, pouco me importam seus botes.

ESTALAJADEIRA — Nem eu, tampouco; ficarei perto, para ajudar.

GARRA — Se chegar a dar-lhe ao menos um murro... Se ele me cair nas unhas...

ESTALAJADEIRA — Sua partida me arruina. Asseguro-vos que a conta dele, aqui em casa, não tem fim. Bom mestre Garra, segurai-o firme; bom mestre Cilada, cuidado, não o deixeis escapar. Ele vem sempre a Pie-Corner — com licença do vosso respeito — comprar sela, e está agora invitado a jantar na "Cabeça de Leopardo", à Rua de Lumbert, com mestre Smooth, comerciante de seda. Pelo amor de Deus, uma vez que a minha ação já deu entrada e que todo o mundo sabe do meu caso, obrigai-o a prestar contas. Cem marcos é muita coisa para uma mulher sozinha. No entanto, eu agüentei, agüentei, agüentei; e ele foi adiando, adiando, de um dia para outro, que dá vergonha só em recordá-lo. Isso não é sério, a menos que se faça da mulher um asno, um animal para suportar os mal-feitos de qualquer maroto. Ali vem ele, acompanhado do consumado velhaco de nariz de malvasia, o tal de Bardolfo. Cumpri vosso ofício, mestre Garra e mestre Cilada; cumpri-me vosso ofício.

(*Entram Sir John Falstaff, o pajem e Bardolfo.*)

FALSTAFF — Então? De quem era a mula que morreu? Que novidades há?

GARRA — Sir John, eu vos detenho a requerimento de mistress Quickly.

FALSTAFF — Para trás, canalha! Saca da espada, Bardolfo! Corta-me a cabeça a esse velhaco! Atira essa bruaca no canal!

ESTALAJADEIRA — Atirar-me ao canal? Eu é que vou atirar-te ao canal, bastardo imundo. Experimenta, experimenta! Homicídio! Homicídio! Velhaco assassino, pretendes matar os oficiais de Deus e do rei? És um assassino, um matador de homens e de mulheres.

FALSTAFF — Espalha essa canalha, Bardolfo.

GARRA — Socorro! Socorro!

ESTALAJADEIRA — Boa gente, ajudem aqui... Uma ou duas pessoas... Ah! é assim? Não queres, não? Toma, velhaco; toma, assassino.

FALSTAFF — Desafasta, lava-pratos! Víbora! coisa à-toa! se não queres que te faça cócegas na catástrofe.

(*Entra o Lorde Grande Juiz com seu séquito.*)

LORDE JUIZ — Que aconteceu? Quietos, eh!

ESTALAJADEIRA — Meu bom senhor, sede-me favorável; ficai do meu lado, por compaixão.

LORDE JUIZ — Então, Sir John! Aqui nesta algazarra? Condiz isso com vosso tempo e cargo, com vossa posição? Na estrada de York é que há muito devíeis de encontrar-vos.

ESTALAJADEIRA — Oh meu muito venerável lorde, com licença de Vossa Graça, eu sou uma pobre viúva de Eastcheap, e ele está detido a meu requerimento.

LORDE JUIZ — E quanto é a soma que ele deve?

ESTALAJADEIRA — É mais do que soma, milorde; é tudo junto, tudo o que eu tenho. Devorou-me com a casa e os bens; pôs toda a minha substância naquele ventre enxundioso. Mas hei de recuperar alguma coisa; se não, hei de cavalgar-te, como pesadelo, todas as noites.

FALSTAFF — Eu é que poderia montar na mula, se tivesse a vantagem do terreno.

LORDE JUIZ — Que significa isso, Sir John! Que vergonha! Que homem honesto suportaria semelhante tempestade de exclamações? Não vos envergonhais de obrigar uma pobre viúva a recorrer a meios tão ásperos para recuperar o que lhe pertence?

FALSTAFF — Quanto te devo ao todo, afinal?

ESTALAJADEIRA — Por minha alma, se fosses homem de bem, confessarias que me deves tua pessoa e mais o dinheiro que me pediste. Juraste-me sobre uma taça meio dourada, sentado no meu quarto do Delfim, na mesa redonda, ao pé de um bom fogo de carvão, numa quarta-feira de Pentecostes, quando o príncipe te quebrou a cabeça por haveres comparado seu

pai a um cantor de Windsor — não juraste, quando eu te lavava a ferida, que haverias de casar comigo e fazer-me milady tua esposa? Atreves-te a negá-lo? Não entrou nesse momento a boa Keech, mulher do açougueiro, e não me tratou ela de comadre Quickly? Não veio ela pedir-me um pouco de vinagre, dizendo que tinha um bom prato de camarões; e não desejaste comer alguns, tendo eu dito não ser bom para ferida aberta? E não me disseste, quando ela desceu as escadas, que eu não devia mostrar-me familiar com gente baixa, acrescentando que dentro de pouco tempo me chamariam madame? E não me beijaste, então, pedindo que te fosse buscar trinta xelins? Vamos; avivo-te agora o juramento; nega-o, se fores capaz.

FALSTAFF — Milorde, esta pobre mulher é louca; anda espalhando pela cidade que o seu filho mais velho se parece convosco. Já esteve bem; mas a verdade é que a pobreza a deixou avariada das idéias. No que respeita a estes oficiais imbecis, peço-vos que me deixeis desagravar-me.

LORDE JUIZ — Sir John, Sir John, conheço perfeitamente vosso costume de torcer a boa causa pelo mau caminho. Não há de ser um semblante confiado, nem esse chorrilho de palavras que deixais escapar com descaramento mais que impudente, que me farão quebrar a serenidade. Parece-me claro que abusastes do espírito crédulo desta mulher, levando-a a servir-vos com a bolsa e com a pessoa.

ESTALAJADEIRA — É isso mesmo, milorde.

LORDE JUIZ — Caluda! Pagai o que lhe deveis, e reparai a vilania que lhe fizestes; uma coisa, poderá ser feita com moeda corrente; a outra, com arrependimento sincero.

FALSTAFF — Milorde, não deixarei passar sem protesto semelhante repreensão. Chamais de descaro impudente a franqueza honrada. Para vós é virtuoso todo indivíduo que se desmancha em mesuras e não vos objeta coisa alguma. Não, milorde; sem me olvidar de meu humilde dever, não vos falarei como suplicante; digo-vos apenas que preciso ficar livre destes oficiais, porque me encontro em missão urgente, da parte de Sua Majestade.

LORDE JUIZ — Falais como se tivésseis poder para fazer o mal; mas respondei de acordo com vosso caráter e satisfazei a essa pobre mulher.

FALSTAFF — Vem aqui, estalajadeira.

(*Chama-a à parte.*)

(*Entra Gower.*)

LORDE JUIZ — Então, mestre Gower! Que novidades há?

GOWER — O rei, milorde, e o Príncipe de Gales estão perto; o restante a carta o diz.

(*Entrega uma carta.*)

FALSTAFF — Pela minha qualidade de gentil-homem!

ESTALAJADEIRA — Isso mesmo já o dissestes outras vezes.

FALSTAFF — Palavra de cavaleiro! Vamos, não falemos mais nisso.

ESTALAJADEIRA — Por este chão celeste em que eu piso, vejo-me forçada a empenhar toda a minha baixela de prata e os tapetes das salas de jantar.

FALSTAFF — Copos, copos, é só do que se necessita para beber! Quanto às paredes, qualquer coisa engraçada, ou a história do filho pródigo, ou a caçada alemã em aquarela valem mais do que mil dessas cortinas de cama ou desses tapetes comidos de moscas. Que sejam dez libras, se te for possível. Vamos, tirando o teu gênio, não há mulher tão boa como tu em toda a Inglaterra. Vai lavar o rosto e retirar a queixa. Vamos, não te aborreças comigo. Não me conheces? Vamos, vamos; sei bem que foste insinuada.

ESTALAJADEIRA — Por favor, Sir John, vinte nobres não bastariam? Juro que me custa empenhar as minhas pratas; por Deus!

FALSTAFF — Então não falemos mais nisso; saberei arranjar-me; és a tonta de sempre.

ESTALAJADEIRA — Pois hei de obter essa importância, ainda que tenha de empenhar a própria roupa. Penso que viestes para cear. Pagar-me-eis tudo junto, não é verdade?

FALSTAFF — Viverei? (*A Bardolfo.*) Vai com ela! Vai com ela! Não a deixes!

ESTALAJADEIRA — Quereis que eu convide Doll Tearsheet para a ceia?

FALSTAFF — Nem mais uma palavra; que venha.

(*Saem mistress Quickly, Bardolfo, oficiais e o pajem.*)

LORDE JUIZ — Ouvi melhores notícias.

FALSTAFF — Quais são, meu bom lorde?

LORDE JUIZ — Onde dormiu o rei a última noite?

GOWER — Em Barsingstoke, milorde.

FALSTAFF — Espero, milorde, que tudo esteja bem; quais são as notícias, milorde?

LORDE JUIZ — Todas as suas forças já voltaram?

GOWER — Mil e quinhentos peões e mais quinhentos de cavalo seguiram para unir-se às forças de milorde de Lencastre, contra Northumberland e o bispo de York.

FALSTAFF — Volta o rei ao país de Gales, meu nobre lorde?

LORDE JUIZ — Breve entregar-vos-ei algumas cartas. Vinde comigo, meu bom mestre Gower.

FALSTAFF — Milorde!

LORDE JUIZ — Que é que há?

FALSTAFF — Mestre Gower, poderei convidar-vos para cear comigo?

GOWER — Tenho de aguardar aqui as ordens de meu bom lorde. Muito obrigado, meu bom Sir John.

LORDE JUIZ — Sir John, perdeis muito tempo por aqui, visto estardes incumbido de

recrutar soldados nos condados por que passardes.

FALSTAFF — Quereis cear comigo, mestre Gower?

LORDE JUIZ — Qual foi o tonto que vos ensinou essas maneiras, Sir John.

FALSTAFF — Mestre Gower, se elas não me vão bem, é que foi um tonto quem mas ensinou. A perfeita graça da esgrima, milorde, consiste nisto: elas por elas, e ao se separarem, os amigos de sempre.

LORDE JUIZ — Que o Senhor te ilumine! És um grande louco.

(*Saem.*)

Cena 2

Londres. Outra rua. Entram o príncipe e Poins.

PRÍNCIPE — Podes crer que me sinto cansado a mais não poder.

POINS — Chegou a esse ponto? Sempre pensei que o cansaço não ousasse ligar-se a pessoa de tão alto sangue.

PRÍNCIPE — No entanto, é o que se dá comigo, embora confessá-lo faça empalidecer a minha grandeza. Não é sinal de vulgaridade, em mim, ter vontade de beber cerveja fraca?

POINS — Não se concebe um príncipe com educação negligente a esse ponto, para lembrar-se, sequer, de composição tão mesquinha.

PRÍNCIPE — É que, com certeza, o meu apetite não é de natureza real, pois não me sai da idéia essa pobre criatura, a cerveja fraca. Em verdade, essas considerações humildes me fazem detestar a própria grandeza. Que desgraça é para mim lembrar-me de teu nome, ou ter de ver amanhã o teu rosto, ou observar quantos pares de meia de seda possuis, a saber, essas aí e as que já foram de cor de pêssego; ou fazer o inventário de tuas camisas, mais ou menos deste jeito: uma no corpo e uma sobressalente... Nesse ponto o guarda do campo de tênis é ainda mais bem informado do que eu, porque quando empunhas uma raqueta é que andas em maré baixa de roupa, o que há muito tempo não se dá, por terem os países-baixos achado jeito de consumir a tua holanda. Só Deus sabe se chegarão a herdar o teu reino os que andam a berrar nas ruínas de tua roupa branca. Aliás, dizem as parteiras que as crianças não têm culpa; e com isso o mundo se povoa e a parentela se fortalece cada vez mais.

POINS — Como vos fica mal falar tanta futilidade depois de haverdes trabalhado com tanto afinco! Dizei-me, quantos jovens príncipes fariam o que fazeis, se tivessem os pais no estado em que se encontra o vosso?

PRÍNCIPE — Queres que te diga uma coisa, Poins?

POINS — Sim, com tal que seja algo excelente.

PRÍNCIPE — Será adequado para entendimentos do alcance do teu.

POINS — Pois que venha; agüentarei de pé firme o que disserdes.

PRÍNCIPE — Pois digo-te que não fica bem mostrar-me triste com a doença de meu pai, conquanto pudesse assegurar-te como a alguém a quem me apraz, em falta de melhor, chamar de amigo — que estou, de fato, bem triste, bem triste mesmo.

POINS — Ninguém acreditará que seja por essa causa.

PRÍNCIPE — Juro-te por esta mão! Pensas que eu já me encontro no livro do Diabo, como tu e Falstaff, por perversidade e obstinação? O tempo se incumbirá de prová-lo; mas afianço-te que, por dentro, o meu coração está sangrando, por causa do estado de meu pai. É pelo fato de freqüentar companhias tão vis, como a tua, que me coíbo de qualquer demonstração de tristeza.

POINS — E a razão?

PRÍNCIPE — Que pensarias de mim, se me visses chorar?

POINS — Pensaria que és o mais principesco dos hipócritas.

PRÍNCIPE — É o que todo o mundo haveria de pensar, também; és um rapaz feliz, por pensares como todo o mundo. Não há pensamento que trilhe tão bem a estrada batida como o teu; de fato; todo o mundo me tomaria por hipócrita. E que é o que leva vosso muito digno pensamento a pensar dessa maneira?

POINS — Ora essa, por terdes sido sempre dissoluto e muito ligado a Falstaff.

PRÍNCIPE — E a ti.

POINS — Por esta luz, eu não ando na boca do povo, e o que se diz de mim, posso ouvi-lo com estes ouvidos. O pior que poderão dizer é que sou irmão segundo e que sei valer-me das mãos, coisas essas, confesso-o sem rebuços, que não está em mim modificar. Pela Santa Missa! Aí vem Bardolfo!

(*Entram Bardolfo e o pajem.*)

PRÍNCIPE — Juntamente com o pajem que eu dei a Falstaff. Entreguei-lhe um cristão; vê agora como aquele velhaco obeso fez dele um macaco.

BARDOLFO — Deus salve a Vossa Graça!

PRÍNCIPE — E a vossa também, muito nobre Bardolfo.

BARDOLFO (*ao pajem*) — Chega-te mais para perto, asno virtuoso! tolo envergonhado! Precisas corar dessa maneira? Por que ficares rubro? Que soldado virgem me saíste! É tão grande coisa, assim, roubar a virgindade de um jarro de cerveja?

PAJEM — Há pouco, milorde, ele me chamou através de umas rótulas vermelhas, o que impediu que eu lhe distinguisse o rosto, a tal ponto se confundia com a janela! Por fim, percebi-lhe os olhos, e tive a impressão de que ele houvesse feito dois furos na saia nova da taberneira, por onde me estivesse espiando.

PRÍNCIPE — Não é que o rapazinho aproveitou?

BARDOLFO — Fora daqui, maldito coelho de dois pés; fora!

PAJEM — Fora daqui, também, indecente sonho de Altéia!

PRÍNCIPE — Explica-nos isso, pajem; de que sonho se trata?

PAJEM — Não o sabeis, milorde? Altéia sonhou que havia parido um tição ardente. É por isso que lhe chamo sonho de Altéia.

PRÍNCIPE — Essa explicação vale uma coroa. Toma para ti, rapaz.

(*Dá-lhe dinheiro.*)

POINS — Prouvera que semelhante flor se livrasse dos vermes! Bem, aqui tens mais seis pences para te protegerem.

BARDOLFO — Se não conseguirdes que ele vos faça companhia na forca, o prejuízo será desta.

PRÍNCIPE — Como vai passando teu amo, Bardolfo?

BARDOLFO — Bem, milorde; soube que Vossa Graça se encontrava na cidade e mandou-vos esta carta.

POINS — Que foi mui respeitosamente entregue. E como vai passando o veranico do teu patrão?

BARDOLFO — Com saúde corpórea, senhor.

POINS — Com a breca! A parte imortal necessita de médico; mas isso pouco se lhe dá; embora doente, não há de morrer.

PRÍNCIPE — Tenho permitido a esse quisto a mesma familiaridade que a meu cão, do que ele sabe tirar partido. Vede só como me escreve.

POINS — "John Falstaff, cavaleiro." É o que todo o mundo tem de ficar sabendo, sempre que encontra ensejo para falar de si mesmo, exatamente como certas pessoas aparentadas com o rei, que não se espetam no dedo sem exclamar: "Lá se vai um pouco de sangue real." "Como assim?", pergunta quem quer que finja não ter compreendido a alusão, a que se segue a resposta tão pronta como a saudação de quem usa gorro emprestado: "E que eu sou o pobre primo do rei, senhor".

PRÍNCIPE — Sim, querem ser nossos parentes, ainda que tenham de subir até Jafé. Mas vamos à carta.

POINS — "Sir John Falstaff, cavaleiro, ao filho do rei, o primeiro depois de seu pai, Henrique, Príncipe de Gales, cumprimentos." Parece mais uma certidão.

PRÍNCIPE — Caluda!

POINS — "Imitarei o honrado Romano em sua brevidade." Refere-se, sem dúvida, à brevidade do fôlego, à curteza da respiração. "Eu me recomendo a ti, eu te recomendo e eu te deixo. Não sejas muito familiar com Poins, porque ele abusa de teus favores, a ponto de jurar que estás para casar com sua irmã Nell. Penitencia-te como puderes nas horas vagas, e com isso, adeus. Teu, sim ou não — o que eqüivale a dizer, conforme o tratares — Jack Falstaff, para os meus familiares; John, para os meus irmãos e irmãs; Sir John, para toda a Europa." Milorde, vou enfiar esta carta em xerez e obrigá-lo a engoli-la.

PRÍNCIPE — Seria o mesmo que obrigá-lo a engolir vinte de suas próprias palavras. Mas, é assim que procedes comigo, Ned? E então verdade que vou casar-me com tua irmã?

POINS — Que Deus não conceda tão ruim sorte à rapariga! Jamais disse semelhante coisa.

PRÍNCIPE — E assim gracejamos com o tempo, enquanto o espírito dos sábios, sentado nas nuvens, troça de vós. Vosso amo está em Londres?

BARDOLFO — Está, milorde.

PRÍNCIPE — Onde se encontra? O velho javali ainda babuja no antigo chiqueiro?

BARDOLFO — No mesmo lugar, milorde; em Eastcheap.

PRÍNCIPE — Em companhia de quem?

PAJEM — Efésios, milorde, da velha igreja.

PRÍNCIPE — Vão mulheres também à ceia?

PAJEM — Nenhuma, milorde; com exceção de mistress Quickly e de mistress Doll Tearsheet.

PRÍNCIPE — Que espécie de pagã é essa?

PAJEM — Uma senhora alinhada, milorde, parenta de meu amo.

PRÍNCIPE — Sim, parenta, do mesmo modo que as vacas da paróquia o são dos touros da cidade. Vamos surpreendê-los durante a ceia, Ned?

POINS — Sou vossa sombra, milorde; seguir-vos-ei a toda parte.

PRÍNCIPE — Olha, rapazinho; e tu, Bardolfo: nem uma palavra a vosso amo de que me encontro na cidade. Aqui tendes para ficardes calados.

(*Dá-lhes dinheiro.*)

BARDOLFO — Não terei língua, senhor.

PAJEM — Quanto à minha, senhor, saberei governá-la.

PRÍNCIPE — Passai bem; ide embora!

(*Saem Bardolfo e o pajem.*)

Essa Doll Tearsheet deve ser alguma estrada.

POINS — Afianço-vos que é tão freqüentada quanto o caminho de Santo Albano a Londres.

PRÍNCIPE — Como será possível arranjar modo de vermos Falstaff em suas verdadeiras cores, sem que ele o perceba?

POINS — Ponhamos jaqueta de couro e avental e vamos servi-lo à mesa como se fossemos empregados da taberna.

PRÍNCIPE — De Deus a touro: que queda pesada! Foi o caso de Júpiter. De príncipe a servente: que baixa transformação! Será o meu caso, porque em todas as coisas a intenção deve equilibrar-se com a loucura. Acompanha-me, Ned.

(*Saem.*)

Cena 3

Warkworth. Diante do castelo de Northumberland. Entram Northumberland, Lady Northumberland e Lady Percy.

NORTHUMBERLAND — Querida esposa e meiga filha, curso deixai livre a meus graves pensamentos; não tomeis as feições das circunstâncias para serdes, como elas, contra Percy.

LADY NORTHUMBERLAND — Já parei; não direi mais coisa alguma; fazei como quiserdes; que vos guie vossa prudência.

NORTHUMBERLAND — Ah, minha doce esposa, minha honra está empenhada; apenas essa resolução consegue redimi-la.

LADY PERCY — Por Deus do céu, não vades a essa guerra! Já quebrastes, meu pai, vossa palavra, quando dela pendíeis mais do que hoje, na hora em que o vosso Percy, o Harry querido de minha alma, lançava para o norte, tantas vezes, o olhar, na expectativa da ajuda de seu pai. Mas foi debalde. Quem vos suadiu a não sair de casa? Duas reputações ali tombaram: a vossa e a dele. A vossa — possa o brilho restituir-lhe o céu! — A de Harry Percy se lhe aderia como o sol na abóbada azul do firmamento, dirigindo com sua luz os fidalgos da Inglaterra para altos feitos. Sim, ele era o espelho ante o qual a nobreza se enfeitava; todos os próprios passos lhe imitavam; sua fala ceceosa — que do berço lhe viera esse defeito — converteu-se em linguagem dos bravos, que até os mesmos que podiam falar doce e pausado, trocavam pela mácula as vantagens, para serem como ele. Na linguagem, no regime de vida, gostos, modo de andar, nas preferências, nos caprichos do sangue e nos preceitos militares, era o espelho e o modelo, a cópia e o livro por que os outros se guiavam. E a ele — que homem! verdadeiro milagre! — o abandonastes! Quem era sem segundo, secundado não foi por vós; com desvantagem viu-se forçado a olhar o horrível deus da guerra, a disputar um campo de batalha que como defensão contava apenas com o som do nome Hotspur. Abandonado! Nunca, oh! nunca façais à sua alma a afronta de serdes mais fiel aos outros que a ele. Deixai-os sós; o marechal e o bispo se acham fortes. Se o meu querido Henrique tivesse tido apenas a metade de seus homens, pendente do pescoço do meu Hotspur, agora eu poderia falar da sepultura de Monmouth.

NORTHUMBERLAND — Doce filha, maldigo esse teu gênio; privas-me da coragem, lamentando-te por erros do. passado. Mas importa que eu mesmo vá buscar ali o perigo; do contrário, ele alhures me procura, para achar-me, quiçá, desprevenido.

LADY NORTHUMBERLAND — Oh, foge para a Escócia, até que os nobres e as

comunas armadas ocasião tenham de se medir com os inimigos.

LADY PERCY — Caso ganhem terreno e outras vantagens, uni-vos a eles como viga de aço que lhes enrijará mais a pujança. Mas, por tudo o que amamos, que a experiência eles façam primeiro. Vosso filho dessa arte procedeu; Vós o quisestes; e assim eu enviuvei, sem que me seja dado viver bastante para as minhas recordações regar com o choro, a ponto de crescerem e o céu alto atingirem, em memória do meu nobre marido.

NORTHUMBERLAND — Vamos; entrai comigo; meu espírito, neste instante, se encontra como as águas na mais alta maré, quietas e calmas, sem que defluam para lado algum: de grado eu o arcebispo procurara, mas mil razões contrárias me retêm. Vou para a Escócia; ali deixo ficar-me, té que o tempo e a ocasião vão lá buscar-me.

(*Saem.*)

Cena 4

Londres. Um quarto da taberna "Cabeça de Javali", em Eastcheap. Entram dois criados.

PRIMEIRO CRIADO — Que diabo trouxeste aí? Peras de São João? Bem sabes que Sir John não suporta essas peras.

SEGUNDO CRIADO — Com a breca! Tens razão. Certa vez o príncipe pôs diante dele um prato de peras de São João e lhe disse que ali se continham mais cinco Sir Johns. Depois, tirando o chapéu, disse: "Agora vou despedir-me destes seis redondos, secos e enrugados cavaleiros". Isso o irritou até à alma; mas já esqueceu.

PRIMEIRO CRIADO — Nesse caso, cobre-as e vai servi-lo, para depois veres se encontras a barulheira de Sneak; mistress Tearsheet gostaria de ouvir um pouco de música. Vamos, despacha-te! A sala em que eles ceiam está muito quente; não demora, eles estarão aí.

SEGUNDO CRIADO — Olha, o príncipe e mestre Poins vão chegar daqui a pouco; vão usar nossas jaquetas e aventais, mas Sir John não deve sabê-lo; foi o que Bardolfo veio dizer.

SEGUNDO CRIADO — Vou ver se encontro Sneak.

(*Sai.*)

(*Entram mistress Quickly e Doll Tearsheet.*)

ESTALAJADEIRA — E muito certo, coraçãozinho, parece que vos encontrais agora em ótima temperatura; vosso pulsozinho bate tão extraordinariamente, quanto pode desejar o coração, além de estardes vermelha como uma rosa. Verdade! Mas o fato é que bebestes canárias um pouco mais da conta, que é um vinho que sobe à maravilha e perfuma o sangue antes que se possa perguntar: que houve? Como vos sentis agora?

DOLL — Melhor do que há pouco.

ESTALAJADEIRA — Antes assim; um bom coração vale ouro. Vede! Sir John vem vindo ali!

(*Entra Falstaff, cantando.*)

FALSTAFF — Quando Artur veio à corte a vez primeira... Vai despejar o urinol!

(*Sai o primeiro criado.*)

Que grande rei aquele! Então, mistress Doll?

ESTALAJADEIRA — Não está se sentindo bem; tem náuseas.

FALSTAFF — Assim são todas; quando as deixamos calmas, adoecem.

DOLL — Velhaco imundo, é esse o consolo que me dás?

FALSTAFF — Deixais gordos os velhacos, mistress Doll.

DOLL — Eu! Sou eu que os faço engordar? A gula e as doenças é que os deixam estufados, não eu.

FALSTAFF — Se o cozinheiro é auxiliar da gula, vós o sois das doenças, Doll. É de vós que as apanhamos, Doll; é de vós que as apanhamos. Concordai nisso, minha virtude; concordai nisso.

DOLL — Sim, de nós apanhais jóias e correntes.

FALSTAFF — Ah, vossos broches, pérolas e brincos! pois, como bem o sabeis, quem serve como bravo, volta coxo. Avançar para a brecha, brandindo a lança como um bravo, e enfrentar bravamente o cirurgião... Aventurar-se contra as peças carregadas...

DOLL — Vai te enforcar, congro imundo!

ESTALAJADEIRA — É sempre a mesma história! Nunca estais juntos sem brigar. Sois tão reumáticos como duas torradas secas; um não suporta as conformidades do outro. Ora, por tudo o que há! é preciso que um agüente o outro, e isso compete a vós, por serdes o vaso mais fraco, como eles dizem, o mais vazio.

DOLL — Como pode um vaso fraco e vazio suportar um tonel cheio como este? Traz no corpo um carregamento de bordéus. Nunca se viu navio tão carregado. Mas façamos as pazes, Jack, uma vez que vais para a guerra. Quanto a saber-se se ainda voltarei a ver-te, é assunto que não interessa a ninguém.

(*Volta o primeiro criado.*)

PRIMEIRO CRIADO — Senhor, o porta-bandeira Pistola está lá em baixo e deseja falar-vos.

DOLL — Enforquem esse maldizente de uma figa! Não o deixeis entrar aqui; não há boca mais suja em toda a Inglaterra.

ESTALAJADEIRA — Se ele é maldizente, não o deixeis entrar. Não, por Deus! Preciso viver bem com os vizinhos; não quero saber de mexeriqueiros; gozo de bom nome e boa fama entre a melhor gente. Fechai as portas! Aqui não entra nenhum maldizente; não cheguei com a vida até hoje para vir a ser falada. Peço-vos a todos; fechai as portas.

FALSTAFF — Escuta, estalajadeira...

ESTALAJADEIRA — Nada de histórias, Sir John; não me venhais com essa! O vosso insigne maldizente não pisará dentro destas paredes. No outro dia eu fui apresentada ao mestre Físico, deputado, e, como ele me disse — e não faz muito tempo, foi na quinta-feira última — "Vizinha Quickly", disse-me ele — achava-se presente mestre Dumbe, nosso ministro — "vizinha Quickly", disse-me ele, "recebei em vossa casa apenas pessoas de bem, porque", disse ele, "não gozais de boa reputação" — eu bem sei porque ele se exprimiu dessa maneira —

“porque“, disse ele, “sois uma mulher honesta e considerada. Por isso, tende cuidado com a espécie de gente a que dais acolhida; que não seja gente desordeira”. Dessa marca não me entra ninguém. Havíeis de benzer-vos, se o houvésseis ouvido falar. Não, não quero saber de maldizentes em minha casa.

FALSTAFF — Ele não é maldizente, estalajadeira; um tanto falador, é certo, mas inofensivo. Podeis acariciá-lo com tanta meiguice como a um pequeno galgo; não faria frente a uma galinha de Berberia, se esta arrepiasse as penas para defender-se. Manda-o subir, rapaz.

(*Sai o primeiro criado.*)

ESTALAJADEIRA — Falador, dissestes? Não fecho a minha casa para nenhum homem de bem, embora seja falador de profissão; mas detesto barulhos, afianço-vos. Fico até doente, só de ouvir falar em arruaceiros. Vede, senhores, como estou a tremer; podeis crer-me; olhai para isto.

DOLL — Realmente, estalajadeira.

ESTALAJADEIRA — Não é verdade? Sim, por minha fé, até pareço uma folha de álamo, de tanto que eu tremo; não suporto arruaceiros.

(*Entram Pistola, Bardolfo e o pajem.*)

PISTOLA — Deus vos salve, Sir John!

FALSTAFF — Sê bem-vindo, porta-bandeira Pistola. Eis aqui, Pistola: carrego-te com um copo de xerez; agora descarrega na minha estalajadeira.

PISTOLA — Vou descarregar nela, Sir John, com duas balas.

FALSTAFF — Ela está à prova de pistola, meu caro senhor; dificilmente podereis ofendê-la.

ESTALAJADEIRA — Não sou eu que vou engolir vossas provas e vossas balas; não bebo nada só para ser agradável a quem quer que seja; só beberei o que me fizer bem.

PISTOLA — Então será convosco, mistress Dorotéia; vou carregar-vos.

DOLL — Carregar-me! Eu te arrenego, piolhento! Como! Um sujeito esfarrapado, sem eira nem beira, um falador! Para trás, bolorento! Eu sou iguaria só para o teu patrão.

PISTOLA — Nós nos conhecemos, mistress Doll.

DOLL — Sai, indecente batedor de carteira! Ladrão imundo, para trás! Por este vinho, enfiarei minha faca nessa queixada podre, se vos meterdes comigo. Para trás, botija de cerveja, espadachim desenxabido! Desde quando, senhor, por obséquio? Tem graça! Por causa dessas duas riscas nos ombros, que não valem nada?

PISTOLA — Que Deus não me deixe viver! Vou assassinar-te a gorja por tudo isso.

FALSTAFF — Basta, Pistola! Não desejo que estales aqui; vai descarregar longe de nossa companhia.

ESTALAJADEIRA — Não, meu bom capitão Pistola; aqui não, meu doce capitão.

DOLL — Capitão! Não te envergonhas, maldito, trapaceiro de uma figa, de te chamarem de capitão? Se os capitães pensassem como eu, te dariam uma coça por usares o título antes de o mereceres. Capitão tu, biltre? Capitão por quê? Por haveres arrebentado em um bordel a gola a uma pobre rapariga? Capitão, ele! Vai te enforcar, velhacão! Um sujeito que só come ameixas podres e bolo seco! Capitão! Pela luz divina, esses tratantes acabam deixando a palavra capitão tão odiosa como a expressão possuir, que era vocábulo excelente antes de lhe haverem emprestado acepção ruim. Os capitães que tomem cuidado.

BARDOLFO — Por favor, porta-bandeira, vai embora!

FALSTAFF — Uma palavrinha, mistress Doll.

PISTOLA — Daqui eu não saio! Digo-te uma coisa, sargento Bardolfo: preciso vingar-me; vou deixar essa mulher em tiras.

PAJEM — Por favor, descei logo.

PISTOLA — Primeiro hei de vê-la condenada por estas mãos no lago danado de Plutão, nas profundezas do inferno, debaixo do Erebo e das mais terríveis torturas. Tirai a linha e o anzol, é só o que eu digo. Descer, cães? Descer, traidores? Não temos Irene aqui?

ESTALAJADEIRA — Acomodai-vos, meu bom capitão Pistola; já é tarde; agravai a vossa cólera.

PISTOLA — Que brincadeira! Os animais de carga, esses sendeiros da Ásia, ocos e fartos, que fazem trinta milhas só por dia, podem ser, por acaso, comparados aos canibais e aos Césares, ou mesmo aos troianos da Grécia? Não; que sejam com o rei Cérbero todos condenados, e ruja o firmamento. Acaso vamos brigar por ninharias?

ESTALAJADEIRA — Por minha fé, capitão; são bem amargas essas palavras.

BARDOLFO Meu bom alferes, ide embora; isso vai acabar novamente em barulho.

PISTOLA — Que os homens morram como cães! Jogadas como alfinetes, vejam-se coroas! Não temos por acaso Irene aqui?

ESTALAJADEIRA — Dou-vos minha palavra, capitão; é o que não temos. Que tempos! Pensais que o negaria? Acomodai-vos, pelo amor de Deus.

PISTOLA — Então, come a fartar, bela Calípolis! Vamos, dá-me xerez. Si fortuna me tormenta, sperato me contenta. Por que temer as salvas? Que o inimigo faça fogo. Xerez, vamos! Repousa neste canto, benzinho.

(*Depõe a espada.*)

Concluiremos? Vamos deixar de lado esses et céteras.

FALSTAFF — Pistola, desejo ficar quieto.

PISTOLA — Excelso cavaleiro, beijo-te a escrava. Ora! Já não vimos o sete-estrêlo?

DOLL — Jogai-o pelas escadas! Não suporto a linguagem empolada desse biltre.

PISTOLA "Jogai-o pelas escadas"? Desconhecemos, acaso, os cavalinhos de Galloway?

FALSTAFF — Atira-o lá para baixo, Bardolfo, como um xelim de jogo; se só sabe dizer sandices, está sobrando aqui.

BARDOLFO — Vamos, vá descendo.

PISTOLA — Vamos ter incisões? fazer sujeiras?

(*Sacando da espada.*)

Acalenta-me, Morte, no meu sono! Encurta-me esta vida tão sofrida! Que os mais terríveis golpes e profundos cindam as três irmãs. Atropos, vinde!

ESTALAJADEIRA — Vai haver coisa grossa!

FALSTAFF — Dá-me a minha espada, rapaz.

DOLL — Jack, por compaixão, não saques da espada.

FALSTAFF — Vamos, descei logo!

(*Empurra-o.*)

ESTALAJADEIRA — Que tumulto! É preferível não ter casa a passar por semelhantes trancos e sustos. Vai haver morte, podeis crer-me. Por favor! Por favor! Embainhai as espadas, embainhai as espadas!

(*Saem Bardolfo e Pistola.*)

DOLL — Peço-te, Jack, fica quietinho; aquele birbante já se foi. Que bandido valente me saíste!

ESTALAJADEIRA — Não estás ferido na virilha? Quis parecer-me que ele vos deu um bote traiçoeiro na barriga.

(*Volta Bardolfo.*)

FALSTAFF — Puseste-o porta fora?

BARDOLFO — Sim, senhor; o velhaco está bêbado; vós o feristes no ombro.

FALSTAFF — Um biltre desses afrontar-me!

DOLL — Ah, bandidinho querido! Pobre macaquito, como estás suando! Deixa que te enxugue o rosto; vamos, presunto de uma figa. Ah, bandido! não há dúvida, amo-te muito. És tão valente como Heitor de Tróia; vales por cinco Agamémnones e dez vezes mais do que os nove heróis. Ah, vilão!

FALSTAFF — Miserável escravo! Vou mantear esse bandido.

DOLL — Faze-o, se o coração te pede isso, que eu te ajudarei entre um par de lençóis.

(*Entram músicos.*)

PAJEM — Chegou a música, senhor.

FALSTAFF — Que toquem! Tocai, senhores! Doll, senta-te em meus joelhos. Fanfarrão miserável! O velhaco escapou-me como azougue.

DOLL — Isso mesmo! E tu o perseguiste como uma igreja. Ah, bandido leitãozinho de São Bartolomeu! Quando deixarás de brigar durante o dia e de dar estocadas à noite para começares a remendar o teu velho corpo para o céu?

(*Entram pelos fundos o príncipe e Poins, disfarçados de criados.*)

FALSTAFF — Fica em paz, querida Doll; não fales como uma caveira; não me obrigues a pensar no meu fim.

DOLL — Então dize-me de que humor é o príncipe.

FALSTAFF — Um moço superficial; daria um bom padeiro; cortaria pão à maravilha.

DOLL — Dizem que Poins é muito espirituoso.

FALSTAFF — Espirituoso! Que me enforquem esse macaco! Seu espírito é tão espesso quanto a mostarda de Tewksbury; não tem mais entendimento do que um pedaço de pau.

DOLL — Então por que o príncipe lhe dedica tanta afeição?

FALSTAFF — Porque ambos têm as pernas do mesmo tamanho e ele joga malha muito bem, come congro com funcho, engole tocos de vela acesos em lugar do vinho, brinca de cavalo com as crianças em um cabo de vassoura, sabe pular por cima dos bancos, blasfema com donaire, traz as botas sempre tão justas como pernas penduradas no portal, não se mete em barulhos por contar histórias discretas, além de outras faculdades de saltador, que são mostras de corpo flexível e de entendimento mesquinho, causas de aceitá-lo o príncipe ao seu lado. E que o príncipe é outro como ele, um fio de cabelo faria inclinar a balança que os pesasse.

PRÍNCIPE — Não cortaremos as orelhas a este cubo de roda?

POINS — Vamos dar-lhe uma coça diante da amásia.

PRÍNCIPE — Vê se esse velho enrugado não tem a cabeça calva, tal qual a de papagaio.

POINS — Não é estranho que o desejo sobreviva tanto tempo à capacidade de satisfazê-lo?

FALSTAFF — Dá-me um beijo, Doll.

PRÍNCIPE — Saturno e Vênus em conjunção este ano! Que diz a isso o almanaque?

POINS — Vede ali o trígono de fogo, seu escudeiro, como lambe o velho registro do patrão, seu livro de notas, a confidente.

FALSTAFF — Teus beijos são aduladores.

DOLL — Juro que te beijo de todo o coração.

FALSTAFF — Estou velho! Estou velho!

DOLL — Quero-te mais do que a todos esses casquilhos.

FALSTAFF — De que fazenda desejas o saiote? Receberei dinheiro na quinta-feira; amanhã terás o gorro. Vamos, uma canção alegre! Está ficando tarde; é hora de deitar; quando eu me for embora, tu nem te lembrarás de mim.

DOLL — Se te pões a falar assim, far-me-ás chorar. Hás de ver se usarei roupa nova, enquanto estiveres longe. Espera até ao fim.

FALSTAFF — Francis, um pouco de xerez!

O PRÍNCIPE e POINS — Neste momento, senhor! Neste momento!

FALSTAFF — Ah! Um filho bastardo do rei! E tu, não és o seu irmão, Poins?

PRÍNCIPE — Globo de continentes impuros, que vida a tua!

FALSTAFF — Melhor do que a tua; sou um gentil-homem, ao passo que tu não passas de um tirador de cerveja.

PRÍNCIPE — Perfeitamente, meu senhor; aqui vindo para tirar-vos as orelhas.

ESTALAJADEIRA — Que o Senhor preserve tua Graça! Por minha alma, sê bem-vindo a Londres! Que o Senhor abençoe tua doce figura. Oh, Jesus! Chegastes de Gales?

FALSTAFF — Ó tu, maldito composto de loucura e majestade! Por esta carne fraca e este sangue corrupto, (*apontando para Doll.*) bem-vindo sejas!

DOLL — Como, louco enxundioso! Eu te desprezo.

POINS — Milorde, o que ele quer é fazer-vos esquecer da vingança e levar tudo em brincadeira; não vos descuideis.

PRÍNCIPE — Imunda mina de sebo, que coisas abjetas disseste agora mesmo de mim, diante desta senhora honesta e virtuosa!

ESTALAJADEIRA — Bendito seja vosso bondoso coração! Em verdade, é o que ela é.

FALSTAFF — Estavas me ouvindo?

PRÍNCIPE — Estava; e vós me reconhecestes, como no dia em que correstes em Gadshill; sabíeis que eu me encontrava ali atrás, e só falastes daquele modo com o fito de experimentar-me a paciência.

FALSTAFF — Não, não, não é assim; não imnaginava que podias estar escutando o que eu dizia.

PRÍNCIPE — Nesse caso vou obrigar-vos a confessar que os insultos foram premeditados, sabendo depois como tratar-vos.

FALSTAFF — Não houve insulto, Harry; palavra de honra; não houve insulto.

PRÍNCIPE — Então não é insulto menoscabar a minha pessoa, chamar-me de saquiteiro, cortador de pão, e não sei o que mais?

FALSTAFF — Não houve insulto, Hal.

POINS — Não houve insulto?

FALSTAFF — Não houve, Ned; de espécie alguma, honesto Ned. O que eu fiz foi depreciá-lo diante dos réprobos, para que estes não lhe adquirissem afeição. Procedi como amigo zeloso e súdito leal; teu pai deve ser-me agradecido por isso. Não houve insulto, Hal;

nenhum, Ned, nenhum; palavra, rapazes, não houve insulto.

PRÍNCIPE — Ora vê, como por puro medo e covardia, injurias a esta senhora virtuosa, para te reconciliares conosco. Faz ela parte dos réprobos? Está incluída, também, entre os réprobos a estalajadeira aqui presente? É réprobo o pajem? E o honesto Bardolfo, cujo zelo arde no próprio nariz, faz também parte dos réprobos?

POINS — Responde a isso, olmo morto, responde!

FALSTAFF — Bardolfo já está assinalado pelo demônio por maneira irremissível; seu rosto é a cozinha particular de Lúcifer, em que a toda hora se assam os bêbados; quanto ao rapaz, é certo que um anjo bom o acompanha; mas já se acha dominado pelo diabo.

PRÍNCIPE — E as mulheres?

FALSTAFF — Uma já está a arder no inferno, pobre alma! Enquanto à outra, devo-lhe dinheiro, ignorando se ela vai ser condenada por isso.

ESTALAJADEIRA — Não, posso assegurar-vos.

FALSTAFF — Não o serás; penso que disso estás quite. Mas pesa sobre ti outra acusação, por permitires que se coma carne em tua casa, contrariamente às leis, pelo que me parece que vais urrar.

ESTALAJADEIRA — Todos os donos de estalagem fazem o mesmo; que são um ou dois quartos de carneiro em toda a quaresma?

PRÍNCIPE — Vós, distinta senhora...

DOLL — Que disse Vossa Graça?

FALSTAFF — Sua Graça disse algo contra o que sua carne se rebela.

(*Batem.*)

ESTALAJADEIRA — Quem bate com tanta força? Vai ver, Francis.

(*Entra Peto.*)

PRÍNCIPE — Então, Peto, que novidades há?

PETO — O soberano vosso pai se encontra em Westminster e com ele se acham vinte mensageiros exaustos de fadiga, que do norte acabaram de chegar. Em caminho passei por uma dúzia de capitães, suarentos, sem chapéus, que batiam em todas as tabernas, perguntando notícias de Sir John.

PRÍNCIPE — Pelo céu, Poins; confesso-me culpado por gastar em brinquedo um tempo destes, em que a tormenta da desordem, como vento sul a arrastar vapores negros, começa a derreter e chove em nossas cabeças desarmadas. Minha espada, vamos, e minha capa! Adeus, Falstaff.

(*Saem o príncipe, Poins, Peto e Bardolfo.*)

FALSTAFF — Agora, justamente, que vinha o pedaço mais apetecível da noite, é-nos

forçoso partir sem tocar nele! Mais batidas!

(*Batem.*)

BARDOLFO — Deveis apresentar-vos imediatamente à corte, senhor. Uma dúzia de capitães vos esperam lá embaixo.

FALSTAFF — Paga os músicos, moleque! Adeus, estalajadeira; adeus, Doll. Bem vedes, raparigas, como os homens de mérito são procurados. Quem não presta para nada, pode dormir à vontade, enquanto o homem de ação é solicitado. Adeus. Se não me despacharem com urgência, ainda vos verei antes de partir.

DOLL — Nem posso falar... Se o meu coração não arrebentar... Adeus, Jack adorado, toma cuidado contigo.

FALSTAFF — Adeus, adeus.

(*Saem Falstaff e Bardolfo.*)

ESTALAJADEIRA — Adeus. Na próxima estação das ervilhas verdes fará vinte e nove anos que nos conhecemos. Homem mais honrado e de coração sincero... Adeus.

BARDOLFO (*dentro*) — Mistress Tearsheet!

ESTALAJADEIRA — Que é que há?

BARDOLFO (*dentro*) — Dizei a mistress Tearsheet que venha ter com o meu amo.

ESTALAJADEIRA — Corre, Doll, corre! Corre, bondosa Doll!

(*Saem.*)

Ato 3

Cena 1

Westminster. Um quarto no palácio. Entra o Rei Henrique, em trajos de noite, com um pajem.

REI HENRIQUE — Chama os Condes de Surrey e de Warwick; mas que antes de aqui virem leiam estas cartas e as considerem. Vai depressa.

(*Sai o pajem.*)

Quantos súditos meus dormem tranqüilos a estas horas! Ó sono! Ó gentil sono! ama da natureza, que motivo de espanto em mim descobres, para as pálpebras não me vires cerrar, nem mergulhares meus sentidos no olvido? Por que, sono, te comprazes em choças enfumadas, e em enxergões incômodos te estendes, pelo ruído embalado dos insetos noturnos, em vez de ires para os quartos perfumados dos grandes, sob esplêndidos e faustosos dosséis, acalentado pelo som das mais suaves melodias? Ó deus inepto, por que causa dormes com o miserável, em imundos catres, e o leito real transformas em guarita de sentinela ou sino para alarma? Nos mastros mais vertiginosos selas os olhos do grumete e lhe acalentas a cabeça nas águas imperiosas e no ímpeto dos ventos que acometem pelas cristas as ondas desalmadas e as cabeças monstruosas lhes erriçam, suspendendo-as nas nuvens fugitivas com trons de ensurdecer, a cujo estrondo desperta a própria Morte. Podes, sono parcial, dar teu repouso ao tiritante grumete em hora assim tão rude, ao passo que na noite mais calma e silenciosa, com as solicitações mais confortantes o recusas a um rei? Dormi, portanto, tranqüilos, pequeninos, que pesada sempre se encontra a fronte coroada.

(*Entram Warwick e Surrey.*)

WARWICK — Mil bons dias a Vossa Majestade.

REI HENRIQUE — Já é bom dia, milorde?

WARWICK — já é pouco mais de uma hora.

REI HENRIQUE — Então, bom dia a todos, caros lordes. Lestes com atenção aquelas cartas?

WARWICK — Lemos, meu soberano.

REI HENRIQUE — Então sabeis quão doente se acha o corpo do nosso reino e como ingentes males e perigos o peito lhe consomem.

WARWICK — Mas não passa de um corpo perturbado, que pode readquirir a força prisca com pouca medicina e bons conselhos; Lorde Northumberland cedo arrefece.

REI HENRIQUE — Ó Deus! Se se pudesse ler o livro do destino e as mudanças ver do

tempo: montanhas que se aplainam, continentes — enfarados da sólida estrutura — fundirem-se no mar! Ou, noutras épocas, ver a úmida cintura dos oceanos larga para as costelas de Netuno, e as chacotas da sorte, e a variedade de licores da taça da inconstância! Se se visse tudo isso, o mais risonho mancebo, ao contemplar a estrada ingente, os perigos passados, os desgostos em perspectiva, o livro fecharia e a chamar pela morte se deitara. Dez anos não passaram desde que Ricardo com Northumberland se regalavam juntos, como amigos. E, dois anos depois, se combatiam! Há oito anos esse Percy era a pessoa mais chegada à minha alma; em meus trabalhos, como irmão, me ajudava; punha a vida e a afeição a meus pés; foi mesmo a ponto de lançar a Ricardo um desafio. Qual de vós lá se achava? (*A Warwick.*) Primo Nevil, lembra-me agora, vós, quando Ricardo, com os olhos marejados, posto em xeque já por Northumberland, disse as palavras que proféticas ora se tornaram: "Northumberland, escada de que o primo Bolingbroke se serve para vir até o meu trono..." ainda que eu não tivesse — Deus o sabe — semelhante intenção; mas o infortúnio tanto o Estado abaixou, que eu e a grandeza nos vimos compelidos a beijar-nos: "Há de chegar o tempo", continuou, "há de vir tempo em que este crime hediondo romperá qual postema". Desse jeito prosseguiu, predizendo os fatos de hoje e a divisão de nossos sentimentos.

WARWICK — Na vida dos mortais há sempre um fato que é símbolo dos tempos decorridos. Observando-o, podemos ser profetas, quase sem erro, do volver das coisas não nascidas que ainda entesouradas se acham nos fracos germes e começos. Tais coisas o ovo e o fruto são do tempo. De sua forma necessária pode Ricardo a conclusão tirar que o grande Northumberland, então falso para ele, de semelhante germe cresceria a uma traição maior, cujas raízes careceriam de terreno, a menos que fosse em vós.

REI HENRIQUE — São, pois, necessidade esses eventos? Como necessidade os aceitemos. É esse o termo que agora nos concita. Dizem que o bispo com Northumberland têm cinqüenta mil homens.

WARWICK — Impossível, milorde! Como a voz do eco, duplica sempre o rumor as coisas que se temem. Repouse Vossa Graça. Por minha alma, milorde, as forças que mandastes contra eles, conseguirão vitória fácil. Para melhor tranqüilizar-vos, digo que soube do trespasse de Glendower. Há quinze dias Vossa Majestade não tem passado bem; essas vigílias agravarão, decerto, vossos males.

REI HENRIQUE — Sigo o vosso conselho. E uma vez livres as mãos da guerra que nos prende agora, à Terra Santa iremos sem demora.

Cena 2

Pátio diante da casa do juiz Shallow, em Gloucestershire. Entram Shallow e Silêncio, que se encontram; no fundo, Mofado, Sombra, Verruga, Fraco, Bezerro e criados.

SHALLOW — Vinde, vinde, senhor! Dai-me a mão, senhor, dai-me a mão! Um bom madrugador, pela Santa Cruz! Como vai passando o meu bom primo Silêncio?

SILÊNCIO — Bom dia, bom primo Shallow.

SHALLOW — Como passa a prima, vossa companheira de leito? E a nossa bela filha, a minha afilhada Helena?

SILÊNCIO — Ah! um melro negro, primo Shallow.

SHALLOW — Pelo sim pelo não, atrevo-me a dizer que o primo Guilherme deu ótimo estudante. Ainda está em Oxford, não é verdade?

SILÊNCIO — É fato, senhor; à minha custa.

SHALLOW — Se assim é, dentro de pouco irá para a Escola de Direito. Freqüentei a de São Clemente, onde penso que ainda se lembram do amalucado Shallow.

SILÊNCIO — Éreis ali conhecido como "o robusto Shallow", primo.

SHALLOW — Pela Santa Missa! Chamavam-me de todo jeito; eu fazia coisas do arco da velha, sem pensar nas conseqüências. Éramos eu, o pequeno João Doit de Staffordshire, e o negro Jorge Barnes, e Francis Pickbone, e Will Squele, de Costwold. Nunca houve em toda a escola quatro ferrabrases como nós. E uma coisa vos asseguro: sabíamos onde encontrar o pessoalzinho e tínhamos sempre as melhores à nossa disposição. Nesse tempo Jack Falstaff, hoje Sir John, era menino, pajem de Tomás Mowbray. Duque de Norfolk.

SILÊNCIO — É esse mesmo Sir John, primo, que vem fazer aqui o recrutamento?

SHALLOW — O mesmo Sir John, o mesmo. Vi-o certa vez quebrar a cabeça a Skogan, na porta da escola; era um pirralho deste tamanho. No mesmo dia eu briguei com Um tal Sansão Stockfish, fruteiro, atrás da Escola de Gray. Jesus! Jesus! que dias de loucura aqueles! E lembrar agora quantos desses velhos conhecidos já morreram!

SILÊNCIO — Todos nós teremos de segui-los, primo.

SHALLOW — É certo, é certo; não há dúvida, não há dúvida. A morte, como diz o salmista, é o que há de mais positivo; todos nós ternos de morrer. Qual é o preço de uma junta de bois na feira de Stamford?

SILÊNCIO — Para falar certo, primo, não estive lá.

SHALLOW — A morte não falha. Ainda vive o velho Double de vossa cidade?

SILÊNCIO — já morreu, senhor.

SHALLOW — Jesus, Jesus, morreu! Atirava otimamente com arco; e morreu! João de Gaunt lhe tinha grande afeição e costumava apostar muito dinheiro sobre ele. Morreu! Acertava mio alvo a duzentos e quarenta passos; a duzentos e oitenta, e até mesmo a duzentos e noventa ele vos lançava uma flecha, que era um gosto presenciar. Qual é o preço de uma vintena de ovelhas?

SILÊNCIO — Isso depende; uma vintena de boas ovelhas pode valer dez libras.

SHALLOW — Então o velho Double já morreu!

SILÊNCIO — Aí vêm dois dos homens de Sir John Falstaff, segundo creio.

(*Entra Bardolfo acompanhado de um homem.*)

BARDOLFO — Bom dia, honrados cavalheiros. Por obséquio, quem é o juiz Shallow?

SHALLOW — Sou eu, Roberto Shallow, senhor, senhor; um pobre rendeiro deste condado e um dos juizes de paz do rei. Que desejais de mim?

BARDOLFO — Meu capitão, senhor, manda-vos muitas recomendações; meu capitão, Sir John Falstaff, um gentil-homem de boa estatura — como não! — e valente oficial.

SHALLOW — Agradeço-lhe os cumprimentos, senhor. Conheci-o como ótimo esgrimista. Como passa esse excelente cavaleiro? Poderei, também, pedir notícias de milady sua esposa?

BARDOLFO — Perdão, senhor; mas um soldado se acomoda melhor sem mulher.

SHALLOW — Muito bem dito, senhor, por minha fé, muito bem dito. "Acomoda-se melhor!" muito bem! Excelente! As boas frases são seguramente, e sempre o foram, muito recomendáveis. Acomodado! Vem de "accommodo"; ótimo! Bela frase!

BARDOLFO — Perdão, senhor! já ouvi essa palavra. Chamais a isso frase? Por tudo o que há, não conheço a frase; mas manterei com a minha espada que essa palavra é uma palavra soldadesca e de excelente comando. Acomodado, isto é, quando o indivíduo está, como se diz, acomodado; ou, quando ele está, estando, por onde se possa imaginar que esteja acomodado, o que é uma excelente coisa.

(*Entra Falstaff.*)

SHALLOW — Justíssimo. Mas vede! Aí vem o bom Sir John. Dai-me vossa boa mão! Dai-me a boa mão de Vossa Senhoria! Por minha fé! Estais com ótima aparência e carregais admiravelmente os anos. Sede bem-vindo, bom Sir John.

FALSTAFF — Alegra-me vê-lo com saúde, bom mestre Roberto Shallow, Mestre Sure-card, se não me engano?

SHALLOW — Não, Sir John; esse é o meu primo Silêncio, que está comissionado

comigo.

FALSTAFF — Bom mestre Silêncio, assenta-vos muito bem essa ocupação pacífica.

SILÊNCIO — Vossa Senhoria é muito bem-vindo.

FALSTAFF — Uf! Que calor está fazendo, cavalheiros! Arranjastes-me uma meia dúzia de homens aptos para o serviço?

SHALLOW — Perfeitamente. Não quereis sentar-vos?

FALSTAFF — Deixai-me vê-los, por obséquio.

SHALLOW — Onde está a lista? Onde está a lista? Onde está a lista? Vejamos, vejamos, vejamos... É isso, é isso... Sim, aqui está ela, senhor. Rodolfo Mofado! Venham vindo à medida que eu for chamando; não façam confusão. Vejamos: onde está o Mofado?

MOFADO — Aqui, senhor, com vossa licença.

SHALLOW — Que vos parece, Sir John? Um rapagão bem constituído, moço forte e de boa família.

FALSTAFF — Teu nome é Mofado?

MOFADO — Sim, senhor; com vossa licença.

FALSTAFF — Então já é mais que tempo de seres usado.

SHALLOW — Ah, ah, ah! Excelente, em verdade! Os objetos que criam mofo necessitam de uso. Particularmente excelente. Realmente, muito bem dito, Sir John, muito bem dito.

FALSTAFF — Uma espetada nele.

MOFADO — Eu já tenho sido espetado demais na vida: bem podíeis deixar-me tranqüilo. Minha velha patroa vai ficar desesperada, sem ter quem lhe cuide da lavoura e dos de mais afazeres. Não há necessidade de espetardes o meu nome; há gente muito mais capaz do que eu para seguir.

FALSTAFF — Cala a boca, Mofado! Haveis de seguir, Mofado; já é tempo de serdes usado.

MOFADO — Usado!

SHALLOW — Quieto, rapaz! Quieto! Ficai de lado; não sabeis onde vos encontrais? Quanto aos demais, Sir John... Vejamos: Simão Sombra!

FALSTAFF — Com a breca! Quero esse para sentar-me embaixo dele. Deve ser um soldado refrigerante.

SHALLOW — Onde está o Sombra?

SOMBRA — Aqui, senhor!

FALSTAFF — Sombra, de quem és filho?

SOMBRA — Sou filho de minha mãe, senhor.

FALSTAFF — Filho de tua mãe? Sim, é muito provável, e também sombra de teu pai. Desse modo, o filho da mulher é a sombra do marido, que é o que se dá na mais das vezes, mas sem a substância deste.

SHALLOW — Convém-vos este, Sir John?

FALSTAFF — Sombra vai servir no verão; uma espetada nele, porque temos muitas sombras para encher a lista do recrutamento.

SHALLOW — Tomás Verruga!

FALSTAFF — Onde se encontra esse?

VERRUGA — Aqui senhor!

FALSTAFF — Teu nome é Verruga?

VERRUGA — Sim, senhor.

FALSTAFF — Pois és uma verruga bem andrajosa.

SHALLOW — Uma espetada também nesse, Sir John?

FALSTAFF — Seria supérfluo, porque ele traz às costas toda a bagagem, apoiando-se o conjunto do edifício sobre dois alfinetes. Não; basta de espetadas.

SHALLOW — Ah, ah! Podeis fazê-lo, senhor; podeis fazê-lo. Felicito-vos por isso. Francisco Fraco!

FRACO — Presente, senhor!

FALSTAFF — Fraco, qual é a tua profissão?

FRACO — Alfaiate de senhoras, senhor.

SHALLOW — Uma espetada nesse também, senhor?

FALSTAFF — Decerto; mas se ele fosse alfaiate de homens, seria sua a vez de espetar-vos. És capaz de fazer tantos furos nas fileiras dos inimigos quantos já fizeste nas saias das senhoras?

FRACO — Farei o que me for possível, senhor; não podeis exigir mais.

FALSTAFF — Muito bem respondido, excelente alfaiate de senhoras! Muito bem dito, corajoso Fraco! Hás de ser tão valente como uma pomba enfurecida ou um rato magnânimo. Uma espetada no alfaiate de senhoras! Muito bem, mestre Shallow! Com força, mestre Shallow!

FRACO — Eu queria que Verruga também seguisse, senhor!

FALSTAFF — Eu queria que fosses alfaiate de homens para que o remendasses e o deixasses apto para seguir. Não posso fazer um simples soldado de quem conduz às costas tantos milheiros deles. Que isso te baste, fortíssimo Fraco.

FRACO — É o bastante, senhor.

FALSTAFF — Sou-vos muito agradecido, reverendo Fraco. Quem segue?

SHALLOW — Pedro Bezerro do Prado!

FALSTAFF — Magnífico! Vejamos esse bezerro.

BEZERRO — Presente, senhor!

FALSTAFF — Por Deus, um rapagão! Vamos, uma espetada nesse bezerro, até que ele torne a mugir.

BEZERRO — Oh, senhor! Meu bom lorde capitão...

FALSTAFF — Que é isso! Estás mugindo antes de te espetarem?

BEZERRO — Oh, Jesus, Senhor! Eu sou um homem doente.

FALSTAFF — De que doença sofres?

BEZERRO — De um bandido resfriado, senhor; uma tosse, senhor, que apanhei à força de repicar os negócios do rei, no dia de sua coroação, senhor.

FALSTAFF — Bem; irás para a guerra com roupão; havemos de tirar-te esse resfriado e vou arranjar as coisas de modo que teus amigos repiquem por ti. Não há mais ninguém?

SHALLOW — Foram chamados dois a mais do número; mas só deveis escolher quatro, senhor; e, com isso, convido-vos para cear comigo.

FALSTAFF — Tomarei apenas um trago; não posso ficar para a ceia. Alegra-me revê-lo, mestre Shallow; palavra de honra.

SHALLOW — Oh, Sir John! Ainda vos lembrais da noite que passamos no moinho de vento do campo de São Jorge?

FALSTAFF — Não falemos mais nisso, bom mestre Shallow; não falemos mais nisso.

SHALLOW — Ah! Que noite alegre! Ainda vive a Jane Nightwork?

FALSTAFF — Vive, mestre Shallow.

SHALLOW — Ela não passava sem mim.

FALSTAFF — Não passava, mesmo; estava sempre a dizer que não suportava o mestre Shallow.

SHALLOW — E como eu sabia deixá-la enfurecida! Naquele tempo ela era uma boa rapariga. Ainda está bem conservada?

FALSTAFF — Velha, velha, mestre Shallow.

SHALLOW — Tem de estar velha, mesmo; não há por onde escolher; sim, decerto está velha. Teve a Robin Nightwork do velho Nightwork antes de eu entrar para a Escola de São Clemente.

SILÊNCIO — Lá se vão já cinqüenta anos.

SHALLOW — Ah, primo Silêncio, se tivésseis visto o que eu e este cavaleiro vimos! Não é verdade, Sir John?

FALSTAFF — Ouvimos os carrilhões da meia-noite, mestre Shallow.

SHALLOW — Ouvimos, ouvimos, Sir John; é verdade, ouvimos mais. Tínhamos como senha: "Hê rapazes!" E agora vamos comer. Jesus! Que dias nós vimos! Vamos, vamos.

(*Saem Falstaff, Shallow e Silêncio.*)

BEZERRO — Bom mestre caporal Bardolfo, sede meu amigo; aqui tendes quatro henriques de dez xelins em moeda francesa. Para dizer a verdade, senhor, gosto tanto de ser enforcado como de seguir para a guerra. Não é que eu me importe de ir; mas é que não tenho desejo disso, além de que, por minha parte, prefiro ficar com os meus amigos. Não fosse isso, senhor, de minha parte pouco se me dava.

BARDOLFO — Bem; passa para este lado.

MOFADO — Meu bom mestre sargento capitão, pela saúde de minha velha patroa, interceda também a meu favor. Quando eu me for, ela ficará sem ninguém a seu lado para ajudá-la; já está muito velha; não pode fazer nada. Dou-vos quarenta xelins, senhor.

BARDOLFO — Bem; passa para cá.

FRACO — Para mim, tanto faz; a gente só morre uma vez; devemos uma morte a Deus. Não me rebaixarei; se for esse o meu destino, bem; se não for, bem. Ninguém é demasiado bom para servir ao príncipe; tome o caminho que tomar, quem morrer este ano ficará quite para o próximo.

BARDOLFO — Muito bem dito; és um rapaz de coragem.

(*Voltam Falstaff, Shallow e Silêncio.*)

FALSTAFF — Vejamos, senhor: quais são os homens que eu devo levar?

SHALLOW — Quatro, a vosso critério.

BARDOLFO (*à parte, a Falstaff*) — Uma palavra, senhor: recebi três libras para deixar livres a Mofado e a Bezerro.

FALSTAFF (*à parte, a Bardolfo*) — Está bem; podes ir.

SHALLOW — Vejamos, Sir John; quais são os quatro que escolheis?

FALSTAFF — Escolhei vós por mim.

SHALLOW — Nesse caso, escolho Mofado, Bezerro, Fraco e Sombra.

FALSTAFF — Mofado e Bezerro: vós, Mofado, ficai em casa até que vos torneis imprestável para o serviço; no que vos respeita, Bezerro, crescei, até ficardes em condições; não quero nenhum de vós.

SHALLOW — Sir John, Sir John, não vos prejudiqueis! Esses dois são justamente os mais capazes. O meu desejo é que fiqueis bem servido.

FALSTAFF — Mestre Shallow, quereis ensinar-me a escolher homens? Importam-me, acaso, os membros, os nervos, a estatura, o volume e o aspecto grandalhão de uma pessoa? Dai-

me o espírito, mestre Shallow. Aqui tendes o Verruga! Vede que aparência andrajosa ele apresenta; pois é certeza que ele vos carregará e descarregará uma arma com a presteza de um martelo de picheleiro; irá daqui para ali com a rapidez de quem enforca o balde de cerveja na manivela. E aquele vosso amigo de meia cara apenas, o Sombra! Dai-me esse. Um homem assim não oferece alvo ao inimigo, para quem tanto faz apontar nele como no fio de um canivete. E numa retirada! Com que presteza este indivíduo fraco passará pelo alfaiate de senhoras! Oh! dai-me apenas homens insignificantes, que para mim os grandalhões nada significam. Põe-me um arcabuz na mão de Verruga, Bardolfo.

BARDOLFO — Assim, Verruga; apontar! Assim, assim.

FALSTAFF — Manobrai-me vosso arcabuz. Assim, muito bem. Outra vez! Excelente! Oh! dêem-me só atiradores pequenos, magros, velhos, ossudos e sem cabelo. Perfeitamente, Verruga; és um bicho. Toma lá um tostão.

SHALLOW — Ele não entende do ofício; não sabe manobrar direito. Lembra-me que no prado de Mile-end, quando eu cursava a Escola de São Clemente — nesse tempo eu fazia o papel de Sir Dagonet na pantomima de Artur — havia um rapazinho lesto, que vos manejava a peça deste modo: fazia meias-voltas sucessivas, ia para lá, tornava a vir, "rata-tá", dizia ele, "bum!" dizia ele, e tornava a ir, e tornava a vir. Nunca mais encontrei ninguém como ele.

FALSTAFF — Estes aqui servirão muito bem, mestre Shallow. Deus vos guarde, mestre Silêncio. Não desperdiçarei palavras convosco. Ficai com Deus, cavalheiros. Agradeço-vos. Ainda tenho de andar doze milhas esta noite. Bardolfo, dá farda a estes soldados.

SHALLOW — Sir John, o céu vos abençoe e faça prosperar vossos negócios. Deus vos dê paz. De volta, aparecei em nossa casa; renovemos nossa velha amizade; é provável que eu vá convosco à corte.

FALSTAFF — É o que eu desejo também, mestre Shallow.

SHALLOW — Parti, já disse tudo; Deus vos acompanhe.

FALSTAFF — Adeus, gentis cavalheiros.

(*Saem Shallow e Silêncio.*)

Vamos, Bardolfo; leva esses homens.

(*Saem Bardolfo, os recrutas, etc.*)

Quando eu voltar, pretendo sondar esses juizes; já vi o fundo do juiz Shallow. Oh, Senhor, Senhor! Quão sujeitos estamos os velhos ao vício da mentira! Este mesmo juiz faminto nada mais fez do que dar à língua a respeito de suas loucuras da mocidade e de suas proezas na rua Turnbull; não dizia três palavras sem uma mentira, que pagava ao ouvinte com maior pontualidade do que a do tributo do Turco. Lembro-me dele em São Clemente, como uma dessas figuras feitas depois das refeições com a casca do queijo; sem roupa, parecia um rabanete partido, em que se houvesse cortado com faca uma cabeça fantástica. Era tão franzino, que uma pessoa de pouca vista não podia distingui-lo; verdadeiro gênio da fome. No entanto, lascivo

como macaco; as mulheres da vida alegre lhe chamavam Mandrágora; andava sempre na retaguarda da moda e cantava a suas companheiras mais do que engraxadas as cantigas que ouvia dos carreteiros, jurando que eram invenções próprias ou serenatas. E agora temos esta espada de Arlequim feito proprietário; fala de João de Gaunt com a familiaridade de um irmão de armas. Estou a jurar que só o viu uma vez, no campo de justas, quando lhe partiram a cabeça por ter ido meter-se entre os homens do marechal. Vi-o nessa ocasião, e disse a João de Gaunt que estavam batendo em seu próprio nome, porque poderíeis metê-lo em uma pele de enguia com todos os seus pertences. O estojo de um oboé lhe serviria de casa, verdadeiro palácio. No entanto, agora possui terras e gado. Muito bem; se eu voltar, estreitaremos relações; e não terei sorte se não o transformar em dupla pedra filosofal para meu uso. Se salmonete novo é comida de primeira para lúcio velho, não encontro nenhuma razão na lei da natureza para que eu não possa engoli-lo. Quando chegar a ocasião, já tudo estará feito.

(*Sai.*)

Ato 4

Cena 1

Uma floresta em Yorkshire. Entram o arcebispo de York, Mowbray, Hastings e outros.

ARCEBISPO — Como se chama esta floresta?

HASTINGS — Chama-se floresta de Gaultree, com permissão de Vossa Graça.

ARCEBISPO — Aqui ficai, milordes, e espias enviai, a fim de o número sondar dos inimigos.

HASTINGS — Já o fizemos.

ARCEBISPO — Ótima providência. Meus amigos, meus irmãos neste grave empreendimento, devo dar-vos a nova de ter cartas recém-datadas de Northumberland. Esta é a substância, o tom e o assunto frio: desejara aqui estar com força digna de sua posição; mas impossível lhe foi reuni-la, e, conseguintemente, foi esperar na Escócia que a ventura crescente ali madure. Ardentes votos envia, ao terminar, para que vossos esforços a melhor sobre o azar levem e o encontro temeroso do inimigo.

MOWBRAY — Desta arte as esperanças que sobre ele fundávamos, se esfazem totalmente.

(*Entra um mensageiro.*)

HASTINGS — Que novidades há?

MENSAGEIRO — A menos de uma milha a oeste da selva, em boa forma, o inimigo se aproxima; pelo espaço que ocupam, faço o cálculo de serem trinta mil ou pouco menos.

MOWBRAY — Exatamente quanto calculamos. Vamos ao seu encontro na planície.

(*Entra Westmoreland.*)

ARCEBISPO — Que chefe tão armado se aproxima?

MOWBRAY — Lorde de Westmoreland, se não me engano.

WESTMORELAND — Saudações cordiais do general de nossas forças, Lorde João, Príncipe e Duque de Lencastre.

ARCEBISPO — Sem receio, Lorde de Westmoreland, nos revelai o fim de vossa vinda.

WESTMORELAND — Então, milorde, é sobretudo a vós que ora dirijo a substância de todo o meu discurso. Viesse esta rebelião, em si coerente, com multidões abjetas e sem crédito, inspirada na cólera, trazida por uma juventude sanguinária, e apoiada por moços e mendigos; se

tão maldita comoção, repito, desta arte aparecesse, em seu feitio mais próprio e natural, na forma inata, vós, reverendo padre, e estes fidalgos não seríeis aqui para vestirdes os feios traços da sangrenta e baixa revolução com vossa alta aparência. E vós, Lorde Arcebispo, cuja sede sob a paz se conserva, cuja barba pela argentina mão da paz foi benta, que à paz deveis a ciência e as belas-letras, que refletis nas vestes a inocência, a pomba e o santo espírito da paz, por que tão mal vos traduzis da língua da paz, que tanta graça nos sugere, na da guerra tão áspera e violenta, transformando em perneiras vossos livros, em sangue vossa tinta, em lança a pena, e a linguagem divina da trombeta barulhenta que soa para a guerra?

ARCEBISPO — Por que faço isso? E fácil responder-vos à questão. Todos nós estamos doentes; a lascívia e os excessos nos causaram febre ressecadora, que reclama sangria muito urgente. Dessa doença foi que morreu Ricardo. Mas meu nobre Lorde de Westmoreland, eu não pretendo que me tomeis por médico nesta hora, nem é na qualidade de inimigo da paz que a homens armados me incorporo; se assumo esta aparência por instantes, é com o fim de cuidar de almas que sofrem e remover as obstruções que as veias da vida nos ameaçam. Serei claro: em balança imparcial pesei os males que podemos causar e os sofrimentos que vimos suportando, e achamos que estes pesam mais do que tudo o que fizermos. Vemos a direção que o tempo toma: é a rude correnteza da ocasião que nos tira de nossa esfera quieta. Já se acham sumariadas nossas queixas; no momento oportuno esses artigos serão apresentados, o que, há muito, pudéramos ter feito, se o monarca não se houvesse esquivado de escutar-nos. Se injustiça sofremos e queremos expor-lhe as nossas mágoas, vemos logo vedado o acesso à sua pessoa, pelos mesmos que mais prejuízos nos causaram. Os perigos dos dias mais chegados — cuja memória a terra ainda conserva com sangue bem visível — e os exemplos de todos os minutos, casos de hoje, a estas armas impróprias nos levaram, não para a paz romper ou um de seus ramos, mas para que uma paz aqui fundemos em que concorra o nome e a qualidade.

WESTMORELAND — Quando vos foi negada, acaso, audiência? Em que vos tem magoado o soberano? Que par foi subornado em vossa perda, para o selo divino colocardes neste livro ilegal de uma sangrenta rebelião, consagrando o fio amargo da arma das comoções e das revoltas?

ARCEBISPO — Dos malfeitos ao Estado e das crueldades infligidas ao meu irmão de sangue faço o assunto de minhas próprias queixas.

WESTMORELAND — Não cabe desagravo algum; mas mesmo que fosse o caso, a vós tal não compete.

MOWBRAY — Por que a ele não, em parte, e aos outros todos que sentimos os golpes do passado e mais ainda sofremos no presente, cuja mão grave e injusta calca sobre nossa honra postergada?

WESTMORELAND — Ó meu bom Lorde Mowbray, julgai o tempo pelos fatos e concluireis, sem dúvida, que é o tempo, não o rei, que vos faz tais injustiças. Contudo, enquanto a vós, quer parecer-me que nem o tempo, nem o rei vos deram um nada de terreno em que pudésseis construir alguma queixa. Não vos vistes reintegrado na posse dos domínios do Duque

de Norfolk, vosso mui digno genitor, de colenda e alta memória?

MOWBRAY — Em que meu pai perdera na honra, para que fosse necessário eu reanimá-la? Por injunções do Estado, o rei, que o amava, a expatriá-lo se viu, então, forçado. E isso quando? Quando ele e Bolingbroke, montados ambos, ambos já nas selas, os cavalos nitrindo sob a espora, no riste as lanças, as vizeiras caídas, faiscando os olhos pelas fendas de aço, e a sonora trombeta o estimulá-los... Nessa hora, quando nada mais podia desviar de Bolingbroke a lança aguda de meu pai, deixou o rei cair por terra seu bastão de comando. A própria vida, com o bastão, de si mesmo ele arrojava; condenava-se, assim, e a todos quantos, à espada ou por sentença, sob o peso de Bolingbroke, até hoje pereceram.

WESTMORELAND — Falais, Lorde Mowbray, do que ignorais. O Conde de Hereford era então tido como o par mais valente da Inglaterra. Como saber a quem teria a sorte sorrido então? Mas, ainda que a vitória vosso pai alcançasse, chegaria de Coventry a sair ele com vida? De modo unânime o país o odiava; todas as preces dele e todo o afeto objetivavam Hereford, que o povo abençoava e endeusava sobre tudo, muito mais do que o próprio soberano. Mas com isso me afasto do meu ponto. Venho em nome do príncipe somente para ouvir vossas queixas e dizer-vos que Sua Graça vos concede audiência. Se vossas exigências forem justas, serão logo atendidas, esquecendo-se quanto possa inquinar-vos de inimigos.

MOWBRAY — Essa oferta, nós mesmos lha impusemos; não o move o amor, apenas a política.

WESTMORELAND — Mowbray, muita arrogância isso revela; vem da demência a oferta, não do medo. Vede que, perto, nossos homens se acham, e, por minha honra! todos mui confiantes para darem guarida ao pensamento, sequer, do medo. Nomes mais ilustres se vêem em nossas filas; nossos homens no manejo das armas são mais destros; são como as vossas, nossas armaduras; nossa causa, melhor. Temos, portanto, razão de estar deveras animados. Não digais que é forçada a nossa oferta.

MOWBRAY — Não deve haver acordo, é o que eu proponho.

WESTMORELAND — Isso prova a consciência da injustiça; uma causa ruim não sofre exame.

HASTINGS — Tem o Príncipe João plenos poderes de seu pai, e irrestrita autoridade para ouvir-nos e, após, apresentar-nos as condições que o caso lhe sugira?

WESTMORELAND — Isso está compreendido no seu título de general; admira tal pergunta.

ARCEBISPO — Nesse caso, milorde Westmoreland, recebei esta cédula, em que se acham expostas nossas queixas. Seus artigos devem ser atendidos pontualmente; todos os implicados nesta causa, daqui ou de alhures, devem ser perdoados por maneira sincera e insofismável. E que logo nos seja assegurada a execução de quanto objetivamos. Então reingressaremos nos limites veneráveis da lei, para nos braços da paz nossos poderes enlaçarmos.

WESTMORELAND — Mostrarei tudo ao general. Milordes, se concordardes, falaremos, ainda, à vista dos dois campos. Praza a Deus que paz firmemos; do contrário, as armas decidirão lá mesmo a diferença.

ARCEBISPO — Milorde, assim faremos.

(*Sai Westmoreland.*)

MOWBRAY — Algo na alma me diz que as condições apresentadas não podem ser duráveis.

HASTINGS — Não o temais; se pudermos concluir a paz em termos tão amplos e absolutos como o exigem as nossas condições, há de ser firme nossa paz como a rocha da montanha.

MOWBRAY — Sim; mas de tal maneira hão de julgar-nos, que o mais leve pretexto e o mais fortuito, o motivo mais vão, trivial e fútil, ao rei farão lembrar nossa revolta. Embora como mártires provássemos nossa lealdade, com tão rude vento seríamos joeirados, que até mesmo nosso grão subiria como palha, sem que o bom do ruim se distinguisse.

ARCEBISPO — Não, não, milorde; ouvi-me; o rei está farto de tantas queixas vãs e complicadas; já viu que sufocar uma com a morte, é despertar duas outras mais pujantes nos herdeiros da vida. Esse o motivo de agora ele querer limpar as telas da memória, expungindo aí as lembranças que lhe possam mostrar a todo instante seus desastres passados, pois bem sabe que é impossível carpir todo o terreno de quanto lhe sugere a suspicácia. De tal maneira amigos e inimigos se encontram vinculados, que tentando um destes arrancar, abala aqueles. Desta arte a terra toda é como esposa provocadora que o irritasse ao máximo e que, ao ser castigada, lhe mostrasse seu próprio filho, a pena suspendendo do braço que devia executá-la.

HASTINGS — Além do mais, o rei gastou suas varas nos últimos culpados, o que implica não ter mais instrumentos de castigo. Seu poder, como leão sem garras, pode apenas ameaçar, atacar, não.

ARCEBISPO — É verdade; por isso, meu bom Lorde Marechal, ficai certo de que se hoje resolvermos o caso, a paz firmada há de ser como um membro fraturado que se mostra mais forte após a cura.

MOWBRAY — Antes assim. Mas eis que vem de volta Lorde de Westmoreland.

(*Torna a entrar Westmoreland.*)

WESTMORELAND — O príncipe está à mão; fora do agrado de Vossa Senhoria a igual distância de nossas forças entender-se com ele?

MOWBRAY — Que Vossa Graça de York, então, em nome de Deus tome a dianteira.

ARCEBISPO — Antes, milorde, cumprimentai Sua Graça; já chegamos.

(*Saem.*)

Cena 2

Outra parte da floresta. Entram, por um lado, Mowbray, o arcebispo, Hastings e outros; pelo outro lado, João de Lencastre, Westmoreland, oficiais e séquito.

LENCASTRE — Primo Mowbray, sois mui bem-vindo aqui; bom dia, meu gentil Lorde Arcebispo, e a vós também, Lorde Hastings, e a vós todos. Milorde de York, tínheis melhor vista, quando vosso rebanho, ao som dos sinos, vos circundava, para, reverentes, ouvir-vos comentar o texto sacro, de que nessa armadura que vos cinge, a animar multidão de rebelados, ao rufo dos tambores, transmudando em morte a vida, em armas a palavra. Quem reside no peito de um monarca e à luz do seu favor amadurece, quando chega a abusar dessa confiança, que de estragos não causa, acobertado por tamanha grandeza! O mesmo, Lorde Bispo, se dá convosco. Quem não sabe que nos livros de Deus sois mui profundo? Como orador de seu congresso sempre vos tivemos, a voz do próprio Deus, o intérprete, o acatado intermediário entre a graça do céu, com seus favores, e os nossos rudes feitos. Quem previra que iríeis abusar da reverência de vossa posição; a ajuda e a graça do céu malbaratando, como um falso cortesão que usa o nome do monarca para atos pouco honrosos? Sublevastes, sabendo aparentar o amor de Deus, os súditos de seu representante, meu pai; é contra a paz do céu, contra ele, que ora os amotinais.

ARCEBISPO — Meu caro Lorde de Lencastre, não vim como inimigo da paz de vosso pai; mas, como disse a Lorde Westmoreland, foi a desordem simplesmente do tempo, em sentido amplo, que nos reuniu, sob esta forma insólita, em defesa de nossa liberdade. Já enviei a Vossa Graça a relação minuciosa de todos os agravos — com desdém pela corte repelidos — causa de haver nascido a hidra da guerra. Mas é possível encantar-lhe os olhos ameaçadores, com satisfazerdes nossas reclamações legais e justas; a obediência sincera, então, curada, virá, mansa, curvar-se ante a realeza.

MOWBRAY — Caso contrário, a sorte tentaremos até o último soldado.

HASTINGS — E se tombarmos, teremos quem nos leve adiante a empresa, como outros o terão, se fracassarem, o que fará nascer uma seqüência de insurreições, que de um para outro herdeiro fará passar a luta, enquanto houver gerações sobre o solo da Inglaterra.

LENCASTRE — Sois bem pouco profundo, Hastings, bem pouco, para a sonda lançardes no futuro.

WESTMORELAND — Dir-nos-á Vossa Graça, sem rebuços, o que pensais de nossas pretensões?

LENCASTRE — Aceito todas elas e as aprovo; e juro aqui, pela honra de meu sangue, que meu pai não tem sido compreendido; muitos dos seus validos lhe adulteram, com freqüência, a opinião e a autoridade. Vossas queixas, milorde, por minha alma, serão sanadas. Se isso vos agrada, reenviai para suas terras vossas forças, como vamos fazer também com as nossas. E aqui, entre os exércitos, bebamos cordialmente e abracemo-nos, a fim de que todos os olhos levar possam para casa o penhor de nosso afeto renovado e do amor que aqui se afirma.

ARCEBISPO — A palavra de um príncipe me basta.

LENCASTRE — Dou-vos minha palavra e hei de mantê-la. E ora bebo à saúde de vós todos.

HASTINGS (*a um oficial*) — Transmiti, capitão, a nossos homens essas novas de paz; que sejam pagos e se dispersem. Sei que a nova a todos agradará. Depressa, capitão!

(*Sai o oficial.*)

ARCEBISPO — A vós, meu nobre Lorde Westmoreland!

WESTMORELAND — Também à Vossa Graça. Se soubésseis que de esforço esta paz me vem custando, beberíeis à larga; mas espero que o meu amor se vos revele em pouco mais claramente.

ARCEBISPO — Não me inspirais dúvida.

WESTMORELAND — Alegro-me sabê-lo; e ora à saúde de milorde Mowbray, meu gentil primo.

MOWBRAY — Desejais-me saúde em tempo azado, porque me sinto agora algo indisposto.

ARCEBISPO — Na véspera de um mal, fica-se alegre, mas a tristeza inculca eventos gratos.

WESTMORELAND — Alegrai-vos, portanto, primo, que essa tristeza apenas diz: Boas notícias chegarão amanhã.

ARCEBISPO — Acreditai-me, hoje eu me sinto muito bem disposto.

MOWBRAY — Tanto pior, se for certa a vossa máxima.

(*Ouvem-se aclamações.*)

LENCASTRE — A paz foi anunciada; ouvem-se vivas.

MOWBRAY — Mais ruidosos seriam, se tivéssemos vencido.

ARCEBISPO — A paz é como uma conquista: com nobreza as duas partes se submetem; nenhuma delas perde.

LENCASTRE — Ide, milorde, e dispersai também o nosso exército.

(*Sai Westmoreland.*)

E, meu bom lorde, se acordais, façamos desfilar ante nós ambas as tropas, porque

vejamos que homens nós teríamos de combater.

ARCEBISPO — Ide, meu bom Lorde Hastings, fazei-os desfilar antes de se irem.

(*Sai Hastings.*)

LENCASTRE — Espero, lordes, que hoje à noite havemos de dormir juntos.

(*Volta Westmoreland.*)

Primo, por que causa ainda se acha parado o nosso exército?

WESTMORELAND — Os chefes, aos quais destes outras ordens, não querem dispersar sem vos ouvirem.

LENCASTRE — Conhecem seu dever.

(*Volta Hastings.*)

HASTINGS — Milorde, nossas forças já se foram. Como novilhos livres, debandaram para este, oeste, norte e sul; ou como crianças depois da escola, correm todos em direção de casa ou dos folguedos.

WESTMORELAND — Boas novas, Lorde Hastings. Como prêmio, eu te prendo, traidor de alta traição; e vós, Lorde Arcebispo, e vós, Mowbray, por traição capital a ambos detenho.

MOWBRAY — Semelhante conduta é justa e honrosa?

WESTMORELAND — Vossa sublevação o é, por acaso?

ARCEBISPO — Faltareis, desse modo, ao juramento?

LENCASTRE — Não jurei coisa alguma; apenas disse que iria corrigir alguns abusos de que vos lamentáveis. Por minha honra! com consciência cristã hei de fazê-lo. Mas vós, rebeldes, heis de ter a paga que se deve à traição e a atos quejandos. Com simpleza a esses homens aliciastes, e ora mais loucamente os dispersastes. Persigamo-los, pois! Toca a rebate! Não somos nós, é Deus que hoje combate. Para o cepo os traidores sigam breve, que é o leito onde a traição expirar deve.

(*Saem.*)

Cena 3

Outra parte da floresta. Rebate. Movimento de tropas. Entram Falstaff e Colevile, e se encontram.

FALSTAFF — Qual é o vosso nome, senhor? Qual a vossa condição? De que lugar sois, por obséquio?

COLEVILE — Sou um cavaleiro, senhor; chamo-me Colevile do Vale.

FALSTAFF — Muito bem; Colevile é o vosso nome; cavaleiro, vosso título e o vale o vosso lugar. Pois Colevile ficará sendo o vosso nome para sempre, traidor o vosso título e o calabouço vosso lugar, aliás, lugar bem fundo: desse modo continuareis sendo Colevile do vale.

COLEVILE — Não sois Sir John Falstaff?

FALSTAFF — Tão bom quanto ele, senhor, seja eu quem for. Ides render-vos, senhor, ou será que terei de suar por vossa causa? Mas se eu suar, hão de ser lágrimas de teus amigos no pranto de tua morte. Por isso, desperta o medo e o tremor e entrega-te à minha clemência.

COLEVILE — Penso que sois Sir John Falstaff; e nessa crença me entrego.

FALSTAFF — Carrego nesta pança uma escola de línguas, e nenhuma delas sabe pronunciar outra palavra além do meu nome. Se eu tivesse um ventre como todo o mundo, seria o camarada mais ativo da Europa. Esta pança, esta pança é que me prejudica. Aí vem o nosso general.

(*Entram João de Lencastre, Westmoreland, Blunt e outros.*)

LENCASTRE — Passou o calor; mais longe não os sigamos; bom primo Westmoreland, chamai as tropas.

(*Sai Westmoreland*)

Onde andastes, Falstaff, todo esse tempo? Quando tudo termina é que chegais. Por minha vida, essas graçolas hão de qualquer dia quebrar alguma forca.

FALSTAFF — Causar-me-ia grande pesar, milorde, se tal não acontecesse, pois tenho observado que as censuras e reprimendas sempre foram a recompensa do valor. Tomais-me por uma andorinha, uma flecha ou uma bala? Disponho, por acaso, na minha pobre e velha mobilidade, da rapidez do pensamento? Corri até aqui sem o atraso de uma polegada; estrompei cento e oitenta cavalos de posta, e, apesar disso, ao chegar aqui, com todas estas pinturas do caminho, e com o meu valor puro e imaculado aprisionei Sir John Colevile do Vale, cavaleiro furiosíssimo e inimigo dos mais bravos. Mas, para que insistir? Bastou ver-me, para entregar-

se, de forma que, com toda a justiça, poderia dizer como o Romano de nariz de gancho: cheguei, vi e venci.

LENCASTRE — Isso foi mais cortesia dele do que valor vosso.

FALSTAFF — Não saberei dizê-lo; aqui está ele e aqui vo-lo entrego. Suplico a Vossa Graça que esta façanha seja devidamente anotada com os demais feitos do dia; caso contrário, por tudo o que há, mandarei compor uma balada especial, com meu retrato no alto e Colevile beijando-me os pés. Se chegar a esse ponto e todos vós não ficardes ao meu lado como moedas de dois pences, enquanto eu brilhar no claro céu da fama, ofuscando-vos como faz a lua cheia com as chispas do firmamento, que ao seu lado não passam de cabeças de alfinete, podeis descrer da palavra de um fidalgo. Por isso, concedei-me o meu direito e deixai subir o merecimento.

LENCASTRE — O teu é pesado demais para subir.

FALSTAFF — Então, deixai-o brilhar.

LENCASTRE — É demasiado espesso para isso.

FALSTAFF — Fazei qualquer coisa, meu bom lorde, que me seja favorável, e dai-lhe o nome que vos aprouver.

LENCASTRE — Teu nome é Colevile?

COLEVILE — Sim, milorde.

LENCASTRE — És um rebelde famoso, Colevile.

FALSTAFF — E foi um súdito famosamente leal que o aprisionou.

COLEVILE — Sou, senhor, o que são os superiores que aqui me conduziram. Fossem eles por mim trazidos, e a vitória, certo, vos teria custado bem mais caro.

FALSTAFF — ignoro por quanto se venderam; mas o que é certo é que tu, como bom camarada, te entregaste de graça; agradeço-te a pessoa.

(*Volta Westmoreland.*)

LENCASTRE — Mandastes recolher os nossos homens?

WESTMORELAND — Já se retiram; finda está a matança.

LENCASTRE — Enviai logo para York a Colevile com os demais companheiros, para serem executados sem detença. Blunt, fica ele a vosso cargo; sede atento.

(*Saem Blunt e outros, com Colevile.*)

Ora, milorde, vamos para a corte; soube que o rei meu pai se acha bem doente. Devem antecipar-nos as notícias, cabendo a vós, meu primo, transmiti-las a Sua Majestade; seguiremos com sóbria rapidez em vosso encalço.

FALSTAFF — Eu desejaria permissão, milorde, de ir por Gloucestershire e que me fôsseis na corte bom senhor, enaltecendo-me.

LENCASTRE — Adeus, Falstaff; em minha qualidade direi mais do que cabe ao vosso mérito.

(*Saem todos, menos Falstaff.*)

FALSTAFF — Só desejara que tivesses espírito; valeria mais do que o teu ducado. Por minha fé, esse moço de sangue frio não me tem afeição. Nada o faz sorrir; mas isso não admira; não bebe vinho. Os jovens de temperamento muito sisudo jamais dão coisa que preste; a sobriedade no beber e o excesso de peixe na comida, de tal jeito lhes esfria o sangue, que caem em uma espécie de anemia masculina, só gerando filhas, depois de casados. No mais das vezes são estúpidos e covardes, o que também seríamos, se não nos inflamássemos. Um bom copo de xerez é de duplo efeito; sobe-me ao cérebro, seca-me ali todos os vapores tontos, obtusos e ásperos que o envolvem, deixando-o sagaz, vivo, imaginoso, cheio de formas leves, petulantes e deleitosas, que, entregues à voz, recebem vida da língua e se convertem em excelente espírito. A segunda propriedade do vosso excelente xerez é a de aquecer o sangue, que, por ser naturalmente frio e pesado, deixa o fígado branco e pálido, sinal certo de pusilanimidade e covardia; mas o xerez o aquece e o faz correr do interior para as partes extremas, ilumina o rosto, que, como farol que é, chama às armas a esse pequenino reino denominado homem. E então todos os moradores e os pequenos espíritos da província se congregam em torno do seu chefe, o coração, que, aumentado e envaidecido com o cortejo, se torna capaz de qualquer empreendimento de valor. Todo esse valor vem do xerez, a tal ponto que a habilidade no manejo das armas de nada vale sem o xerez, que é o que a põe em movimento. O saber não é mais do que uma mina de ouro guardada por um demônio, que só vale depois que o xerez a explora e a põe em obra e uso. E daí que vem a valentia do príncipe Harry, porque o sangue frio que ele herdou naturalmente do pai, tal como terreno mesquinho, desnudo e estéril, foi por ele lavrado, adubado e cultivado com o excelente esforço de beber grandes e grandes quantidades do fértil xerez, que deixou o príncipe ardente e valoroso. Se eu tivesse mil filhos, o primeiro princípio humano que lhes inculcava, seria absterem-se de bebidas fracas e entregarem-se ao xerez.

(*Entra Bardolfo.*)

Então, Bardolfo?

BARDOLFO — O exército foi licenciado e já se dispersou.

FALSTAFF — Deixa-los. Irei por Gloucestershire, onde pretendo visitar mestre Roberto Shallow, esquire. Já o amolguei um tanto entre o polegar e o indicador; dentro de pouco lhe porei o meu selo. Vamo-nos.

(*Saem.*)

Cena 4

Westminster. Sala de Jerusalém. Entram o Rei Henrique, Clarence, Gloster, Warwick e outros.

REI HENRIQUE — Se Deus, milordes, permitir bom êxito ao debate que sangra em nossas portas, decidimos levar os nossos moços a mais altas campanhas e somente fazer uso de espadas consagradas. A postos está a armada, as forças prontas, investido quem deve substituir-nos, tudo, em suma, conforme o desejamos. Só de força pessoal é que careço; assim, descansaremos até que esses rebeldes ao governo se submetam.

WARWICK — Coisas que, certo, a Vossa Majestade mui breve hão de alegrar.

REI HENRIQUE — Humphrey, meu filho de Gloster, onde se acha o vosso irmão?

GLOSTER — Penso que foi caçar, milorde, a Windsor.

REI HENRIQUE — E quem o acompanhou?

GLOSTER — Não sei, milorde.

REI HENRIQUE — E Tomás de Clarence, está com ele?

GLOSTER — Não, milorde; esse se acha aqui presente.

CLARENCE — Que deseja de mim meu pai e senhor?

REI HENRIQUE — Apenas o teu bem, Tomás Clarence. Por que longe te encontras de teu irmão? Ele te ama, e tu dele te deslembras; em seu afeto tens mais alto posto do que os outros irmãos; conserva-o, filho. Desta arte preencherás o nobre ofício de mediador, após a minha morte, entre os outros irmãos e sua grandeza. Não o evites, portanto; não embotes seu amor, nem desprezes as vantagens de sua graça, por frio pareceres ou mesmo indiferente a seus desejos, pois quando procurado, ele é atencioso; sempre tem uma lágrima voltada para a piedade, e, aberta como o dia, sempre a sua mão à caridade é afeita. Não obstante, irritado é como pedra, sombrio como o inverno e tão violento como no amanhecer rajada fria. Estuda-lhe o temperamento, exprobra-lhe os defeitos, mas faze-o com cordura, quando o vires de humor propenso à graça; irritado, porém, solta-lhe a linha, té que as paixões, como baleia em seco, debatendo-se, parem. Aprende isso, Tomás, para que possas transformar-te em amparo eficaz de teus amigos, o laço de ouro que os irmãos te prenda, porque o vaso comum do vosso sangue com o veneno de estranha sugestão — o que há de vir com o tempo — não se turve, ainda que tenha ação tão poderosa como o acônito e pronta como a pólvora. CLARENCE — Cuidarei dele com carinho e amor.

REI HENRIQUE — Tomás, por que não te achas com ele em Windsor?

CLARENCE — Ora lá não está; vai cear em Londres.

REI HENRIQUE — E os companheiros, sabes quais são eles?

CLARENCE — Os companheiros? Poins e os mais de sempre.

REI HENRIQUE — Terra boa é sujeita a muita praga; ele, imagem mui nobre de mim mesmo, por elas invadido ora se encontra. Eis porque muito além da hora da morte minha dor se prolonga. O sangue em lágrimas me sai do coração, quando me esforço por figurar os dias de extravio e a corrupção que haveis de presenciar, quando eu dormir com meus antepassados. Carecendo de freio os seus excessos, quando a cólera e o sangue ardente forem seus conselheiros únicos, e os meios a prodigalidade estimularem, com que asas seus pendores hão de alçar-se para aos perigos atirá-lo e à ruína!

WARWICK — Meu gracioso senhor, não o conheceis: o príncipe só estuda os companheiros como língua estrangeira, que nos força, para ser aprendida, a buscar todos os termos imodestos; mas, sabidos que sejam, Vossa Alteza não o ignora, ficam à margem, sem nenhum emprego, em completo desdém. Como com os termos grosseiros, fará o príncipe no tempo de descortino com esses companheiros, cuja memória servirá somente de modelo, ou melhor, de exemplo vivo, com que Sua Graça há de julgar os outros, aproveitando, assim, do seu passado.

REI HENRIQUE — Raro a abelha abandona o favo feito na carniça.

(*Entra Westmoreland*)

Quem chega? Westmoreland!

WESTMORELAND — Saúde a meu bom lorde, e que outras ditas às que ora vim trazer-vos acrescentem. Oscula a mão de Vossa Graça o príncipe João, vosso filho. O bispo Scroop, Mowbray, Hastings e os outros todos, sob o jugo correcional de vossa lei já se acham. Já não há uma espada de rebelde desembainhada; a paz, por toda parte, faz brotar o seu ramo de oliveira. A maneira por que isto conseguimos, com mais vagar lerá Vossa Grandeza neste relato certo e minucioso.

REI HENRIQUE — Ó Westmoreland! És como o pássaro estival que canta sempre na anca do inverno o nascimento do dia.

(*Entra Harcourt.*)

Olhai! Mais novas vêm chegando.

HARCOURT — De inimigos o céu proteja Vossa Majestade, e quando eles se insurgirem, que caiam como aqueles de que venho nesta hora relatar. Lorde Bardolfo, o Conde de Northumberland, com as forças inglesas e escocesas, o xerife de Yorkshire os esmagou completamente. O modo e a ordem verídica da luta neste despacho se acham consignados.

REI HENRIQUE — Por que me fazem mal tão boas novas? Nunca a Fortuna vem de mãos repletas, mas sempre escreve os termos mais bonitos com letras repulsivas; dá apetite, mas recusa a comida: é o que acontece com o pobre de saúde; ou dos banquetes a apetência

retira: assim são os ricos, que vivem na fartura e não na gozam. Alegrar-me quisera com estas novas, mas a vista me foge e o mundo oscila. Sinto-me muito mal; acorrei todos!

(*Desmaia.*)

GLOSTER — Coragem, Majestade!

CLARENCE — Ó meu real pai!

WESTMORELAND — Abri os olhos, senhor; tende coragem!

WARWICK — Paciência, príncipes; sabeis que acessos como este são comuns em Sua Alteza. Afastai-vos; dai-lhe ar, que já melhora.

CLARENCE — Não, não; não poderá por muito tempo suportar essas dores. As idéias sempre em luta, e os trabalhos incessantes de tal maneira o muro que os envolve corroeram, que consegue espiar a vida através dele, ansiosa de escapar.

GLOSTER — O povo me faz medo; já observaram filhos que não têm pai, partos monstruosos da natureza. As estações se alteram, como se o ano tivesse achado meses a dormir e saltasse por sobre eles.

CLARENCE — Três marés teve o rio, sem refluxo; a gente velha, crônica dos tempos, conta que o mesmo aconteceu pouco antes de cair doente o nosso avô Eduardo.

WARWICK — Príncipes, falai baixo; o rei desperta.

GLOSTER — O fim virá depois da apoplexia.

REI HENRIQUE — Rogo-vos levantar-me e conduzir-me para outra sala. Por favor, com jeito.

(*Saem.*)

Cena 5

Outro quarto. O Rei Henrique, no leito; Clarence, Gloster Warwick e outros, de pé.

REI HENRIQUE — Que não façam barulho, meus amigos, a menos que mão lenta e carinhosa música me sussurre ao lasso espírito.

WARWICK — Fiquem no quarto perto os tocadores.

REI HENRIQUE — Ponde a coroa aqui nesta almofada.

CLARENCE — Está com os olhos fundos; mudou muito.

WARWICK — Silêncio! Falai baixo.

(*Entra o príncipe.*)

PRÍNCIPE — Quem viu o Duque de Clarence?

CLARENCE — Aqui me encontro, irmão, prostrado de tristeza.

PRÍNCIPE — Como assim? Chuva dentro e nada fora? Como está o rei?

GLOSTER — Bem mal.

PRÍNCIPE — Não soube as novas? Transmiti-as.

GLOSTER — Piorou quando as contaram.

PRÍNCIPE — Se é de alegria a doença, escusa médicos.

WARWICK — Menos ruído, milordes; baixo, príncipe; vosso pai se dispõe ora a dormir.

CLARENCE — Retiremo-nos, pois, para o outro quarto.

WARWICK — Quererá Vossa Graça acompanhar-nos?

PRÍNCIPE — Não; fico aqui sentado, a cuidar dele.

(*Saem todos, menos o príncipe.*)

Por que se acha a coroa na almofada, se do leito é comparsa tão molesto? Ó desordem brilhante, áurea ansiedade, que escancaras as portas do repouso para as noites insones! Dorme com ela, mas não tão bem, nem tão profundamente como quem põe na fronte um simples gorro e fica a ressonar. Ó majestade! oprimes quem te leva como rica armadura que, em dia muito quente, só protege abrasando. Nos portões de seu hálito vê-se uma peninha, que não se mexe; se ele respirasse, essa pena, tão leve, se movera. Meu gracioso senhor, meu pai querido! Este sono é profundo, certo; é o sono que já fez divorciar-se deste círculo de ouro a muitos monarcas da Inglaterra. Devo-te apenas lágrimas, tristezas de meu sangue, que o amor, a natureza e a ternura

filial, pai extremoso, te pagarão sobejamente. Deves-me esta coroa real, que por direito de sangue e sucessão a mim me toca. Ei-la aqui posta!

(*Coloca-a na cabeça.*)

O céu que ma conserve; e ainda que o mundo inteiro toda a força num só braço gigante a reunir venha, jamais me privará desta honra avita. Como a recebo, aos meus a deixarei.

(*Sai.*)

REI HENRIQUE (*Despertando*) — Gloster! Clarence! Warwick!

(*Voltam Warwick, Gloster, Clarence e outros.*)

CLARENCE — O rei chamou?

WARWICK — Que manda Vossa Majestade? Como se encontra Vossa Graça?

REI HENRIQUE — Por que causa, milordes, me deixastes tão sozinho?

CLARENCE — O príncipe ficara aqui, senhor, resolvido a velar Vossa Grandeza.

REI HENRIQUE — O Príncipe de Gales? Onde se acha? Chamai-o; não está aqui.

WARWICK — Foi por aquela porta que se acha aberta.

GLOSTER — Não passou pelo quarto em que nós nos encontrávamos.

REI HENRIQUE — Quem tirou a coroa da almofada?

WARWICK — Estava aqui, senhor, quando saímos.

REI HENRIQUE — O príncipe a levou; ide chamá-lo. Tão apressado se acha, que com a morte confunde o meu repouso? Lorde de Warwick, chamai-o; repreendei-o.

(*Sai Warwick.*)

Sua conduta alia-se à doença, para o fim me apressarem. Vede, filhos como sois! Quão depressa a natureza se revolta, quando o ouro é o seu objetivo! E por isso que os pais, em tanta insânia, com o pensamento o sono desfizeram, com cuidados, a mente, e, com trabalhos, os próprios ossos; e tão-só para isso acumularam montes de ouro impuro, vindos de estranhos; é para isso que eles em iniciar os filhos se afanaram nas artes e nas práticas da guerra. Enquanto, como abelhas, nós tiramos de cada flor a seiva generosa, cheias de cera as coxas, de doce mel a boca, que levamos para a colmeia, tal como a elas fazem, nos matam como prêmio. Esse gosto acre ao moribundo pai confere o ganho.

(*Volta Warwick.*)

Então, onde se encontra o que não pode esperar que sua amiga me liquide?

WARWICK — Milorde, eu fui achar no quarto próximo o príncipe a banhar o gentil rosto com lágrimas sinceras, e tomado de tão grande tristeza e tão profunda, que a própria Tirania, que só bebe sangue, se o visse ali, lavara o gládio nas gotas que dos olhos lhe corriam. Ei-lo que vem chegando.

REI HENRIQUE — E por que carregou ele a coroa?

(*Volta o príncipe.*)

Ah! Aproxima-te, Harry. Retirai-vos do quarto. porque sós ambos fiquemos.

(*Saem Warwick e os demais.*)

PRÍNCIPE. — Pensei que não tornasse mais a ouvir-vos.

REI HENRIQUE — Teu desejo era pai de tal idéia. Minha demora, eu sei, te cansa muito; tanta fome revelas de meu trono vazio, que envergaste minhas honras pouco antes de tua hora? Ah moço insano! A grandeza a que aspiras vai calcar-te. Espera apenas um momento; a nuvem de minha dignidade está sustida por um vento tão fraco, que não falta nada para fundir-se. É quase noite. Roubaste o que seria teu sem crime dentro de poucas horas; em meu leito de morte o selo pões em meus receios. Em vida demonstraste que não me amas, do que queres que eu morra convencido; nos pensamentos mil punhais escondes, que no teu pétreo coração afiaste para ferir-me no último momento. Como! Nem meia hora me concedes? Vai, pois, tu mesmo e cava-me o sepulcro; faze que os ledos sinos te anunciem que estás coroado, não que eu me acho morto. Sejam todas as lágrimas que o féretro me deveram banhar, gotas de bálsamo para santificar-te a fronte augusta; mistura-me no pó do esquecimento; entrega aos vermes quanto te deu vida; toca os meus criados, meus decretos rasga, que é chegado o momento da desordem: Henrique quinto é rei! Viva a folia! Abaixo a real grandeza! Fora, sábios conselheiros! A corte da Inglaterra vinde de toda parte preguiçosos macacos! Regiões próximas livrai-vos de vossa escória! Se possuís rufiões que saibam blasfemar, folgar à noite, roubar, beber, dançar, cometer toda sorte de crimes por processos novos, ficai felizes, que eles vão deixar-vos! A Inglaterra vai dar duas mãos de ouro em sua tríplice infâmia; vai premiá-los com poder, honra e postos, porque Henrique, quinto de nome, vai tirar o açaimo da impudência domada, para os dentes poder cravar impune na inocência a cadela selvagem. Pobre reino, que padeces de lutas intestinas! Se meus cuidados não te libertaram de tais desordens, como hás de viver, quando for a desordem quem te assista? Voltarás à barbárie, a ser povoado de lobos, teus antigos habitantes.

PRÍNCIPE — Perdoai-me, meu senhor; mas se não fossem as lágrimas, esse úmido empecilho do meu discurso, houvera antecipado tão cruel e tão profunda reprimenda, para que não falásseis tão sentido, nem eu chegasse a ouvir-vos a esse ponto. Eis a vossa coroa. Possa o que usa a coroa imortal guardar-vos esta por muito tempo. Mas se outra valia nela descubro além da vossa honra, que não mais eu consiga levantar-me desta postura humilde, que me ensina meu espírito leal e verdadeiro, mostra exterior de minha reverência. Deus o sabe: ao chegar e convencer-me de que faltava o alento a Vossa Graça, que frio me transiu o íntimo peito! Se tudo for mentira, oh! desejara morrer agora, assim, como um perdido, sem conseguir provar ao mundo incrédulo a troca radical que me propunha. Ao ver-vos, presumindo-vos sem vida, quase morto também de assim julgar-vos, à coroa falei, vituperando-a, como se me entendesse: “Os sobressaltos que a ti se prendem se locupletaram no corpo de meu pai; por isso, embora do melhor ouro, és ouro desprezível; outro de menos lei é mais precioso, porque como remédio à vida é grato. Tu, porém, tão formosa, honrada e célebre, devoraste o teu dono”. Assim, meu muito real suserano, amaldiçoando-a, pu-la na cabeça com o fim de experimentá-la, tal como a

um inimigo que, ante os olhos, me houvesse morto o pai, querela, certo, de um muito leal herdeiro. Mas se o sangue me infeccionou de gozo ou o pensamento fez inchar pela mácula do orgulho, se em mim espírito rebelde ou fútil fez nascer um resquício do desejo de acolhida ao poder que ali se encerra, que Deus a tenha sempre distanciada de minha fronte e me converta agora no mais pobre vassalo que se ajoelha diante dela, a tremer e reverente.

REI HENRIQUE — Ó meu filho! Foi Deus quem te inspirou para levá-la, porque o amor de teu pai acrescentasses advogando tua causa desse modo. Chega-te, Henrique, assenta-te em meu leito e ouve — assim penso — os últimos conselhos que posso respirar. Deus é que sabe, meu filho, por que vielas e caminhos tortuosos eu cheguei até à coroa, não ignorando eu próprio quão pesada me foi sempre à cabeça. Bem mais calma desce ela para ti, com mais respeito da opinião, por estar ratificada, que as manchas da conquista irão comigo para o sepulcro. Em mim, se afigurava somente honra pilhada com mão forte; tive de suportar que muita gente me fizesse lembrado o havê-lo obtido com a ajuda que me deram, causa sempre de contendas, de golpes sanguinosos, numa paz ilusória. Esses temores arrogantes — tu o sabes — arrostei-os com assaz perigo, pois o meu reinado não passou de uma cena em que essa idéia fosse desenvolvida. Minha morte vai mudar isso tudo, pois o que era compra, te passa agora por maneira mais digna, por direito hereditário. Contudo, embora estejas mais seguro, não te achas ainda firme, pois as queixas não murcharam de todo. Os meus amigos — que teus deverão ser — somente há pouco se privaram de dentes e de garras; à sua ajuda brutal devendo o trono, receava sempre vir a ser deposto pela força que tinham. Dividi-os, a fim de evitar isso, e era meu plano conduzi-los agora à Terra Santa, para que o ócio e o repouso não lhes dessem vagar de examinar-me mui de perto. Toma por norma, Henrique, ocupar esses espíritos inquietos em contendas distantes, porque a ação longe da pátria perder faça a memória do passado. Mais te diria; mas tão gastos se acham meus pulmões, que falar não me é possível. A coroa... que Deus me perdoe à alma, e te conceda usá-la com mais calma.

PRÍNCIPE — Meu gracioso senhor, foi por vós ganha e usada; agora a obtenho; legítimo direito nela eu tenho. A defendê-la correrei primeiro, ainda mesmo que a ataque o mundo inteiro.

(*Entra João de Lencastre.*)

REI HENRIQUE — Oh! Meu João de Lencastre vem chegando.

LENCASTRE — Pai, saúde e sossego, meu real pai!

REI HENRIQUE — Sossego e paz me trazes, João, meu filho; a saúde, ai de mim! nas asas jovens já fugiu deste tronco dessangrado. Sob tua própria vista meus negócios no mundo o termo alcançam. Onde se acha milorde de Warwick?

PRÍNCIPE — Milorde de Warwick!

(*Voltam Warwick e outros.*)

REI HENRIQUE — Tem algum nome especial o quarto em que eu fui atacado de desmaio?

WARWICK — Jerusalém lhe chamam, Majestade.

REI HENRIQUE — Que Deus seja louvado! É ali que a minha vida deve acabar. Há muito fora profetizado que em Jerusalém viria eu a morrer, tendo eu suposto vãmente que seria a Terra Santa. Levai-me para lá; que ali eu fique; nessa Jerusalém feneça Henrique.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Gloucestershire. Sala em casa de Shallow. Entram Shallow, Falstaff, Bardolfo e o pajem.

SHALLOW — Por tudo o que há, senhor, não partireis esta noite. Olá, Davy!

FALSTAFF — Desculpar-me-eis, mestre Roberto Shallow.

SHALLOW — Não, não vos desculparei; não ficareis desculpado; não se admitem desculpas; não há desculpa que sirva. Olá, Davy!

(*Entra Davy.*)

DAVY — Presente, senhor!

SHALLOW — Davy, Davy, Davy, Davy, como direi? Davy... Como direi? Sim, precisamente, William, o cozinheiro; dize-lhe que venha até aqui. Não, Sir John, não sereis desculpado.

DAVY — Sim, senhor; aqueles mandatos não podem ser executados. E uma vez mais, senhor, devemos semear trigo no alqueive?

SHALLOW — Trigo vermelho, Davy. Quanto ao cozinheiro William, não há pombos novos?

DAVY — Sim, senhor. E agora aqui está a conta do ferreiro, relativa às ferraduras e os ferros do arado.

SHALLOW — Que seja conferida e paga. Não, Sir John, não tereis desculpa, Sir John.

DAVY — Além do mais, senhor, é preciso pôr alça nova no balde. É verdade, senhor, não pretendeis tirar um tanto do ordenado de William, para pagar o saco que ele perdeu no outro dia na feira de Flinckley?

SHALLOW — Responderá por isso. Alguns pombos, Davy, duas galinhas nanicas, um quarto de carneiro e algumas miudezas saborosas. Avisa William.

DAVY — O homem de guerra vai ficar aqui a noite toda, senhor?

SHALLOW — Sim, Davy; desejo tratá-lo bem. Mais vale um amigo na corte do que uma moeda na bolsa. Trata bem seus homens, Davy, porque são uns marotos de marca, e podem sujar-nos pelas costas.

DAVY — Não nos poderão sujar mais do que o fazem a si próprios, senhor, porque a roupa branca de todos eles está maravilhosamente imunda.

SHALLOW — Bem apanhado, Davy; e agora o teu serviço, Davy.

DAVY — Eu queria, senhor, que protegêsseis William Visor de Wincot, contra Clemente Perkes da Colina.

SHALLOW — Há muitas queixas, Davy, contra esse Visor; esse Visor, pelo que eu sei, é um refinado tratante.

DAVY — Concordo com Vossa Excelência que ele seja tratante, senhor; contudo, senhor, Deus não permita que um tratante não possa encontrar proteção por pedido de um amigo. Um homem de bem, senhor, pode defender-se, o que não se dá com os velhacos. Há oito anos que eu sirvo a Vossa Excelência com fidelidade; e se eu não puder, uma ou duas vezes em cada trimestre, interceder a favor de um velhaco, contra um homem de bem, é sinal de que não gozo de crédito junto de Vossa Excelência. Esse tratante é um amigo honesto; por isso, rogo a Vossa Excelência que o favoreça.

SHALLOW — Podes ir; prometo que nada lhe acontecerá. Cuida do serviço, Davy. (*Sai Davy.*) Onde estais, Sir John? Vinde para cá; arrancai as botas. Vossa mão, mestre Bardolfo.

BARDOLFO — Alegra-me rever Vossa Excelência.

SHALLOW — Agradeço-te de coração, gentil mestre Bardolfo. (*Ao pajem.*) Bem-vindo, grande amigo. Vamos, Sir John.

FALSTAFF — Já vos sigo, bom mestre Roberto Shallow. (*Sai Shallow.*) Bardolfo, cuida dos cavalos (*Saem Bardolfo e o pajem.*) Se me serrassem em pedaços, daria quatro dúzias de bordões de eremitas barbados como mestre Shallow. É coisa admirável verificar a coerência existente entre o espírito de seus empregados e o seu: aqueles, à força de observá-lo, comportam-se como juizes tontos; ele, pelo trato com os seus homens, já se converteu em criado de juiz. Os espíritos deles todos de tal modo se casaram, pela convivência, que só andam em bandos, como patos silvestres. Se eu tivesse de fazer algum pedido a mestre Shallow, adularia seus criados somente com dizer-lhes que desfrutam da intimidade do patrão; no caso de necessitar daqueles, faria cócegas em mestre Shallow, afirmando não haver quem melhor dirija seus próprios empregados. Não há dúvida: a sabedoria e a ignorância se transmitem como as doenças; daí a necessidade de saber escolher as companhias. Este mestre Shallow vai dar-me assunto de sobra para deixar o príncipe Harry em contínua hilaridade, durante seis modas — que eqüivalem a quatro termos ou duas ações — a rir sem intervalo. Oh! é inconcebível o que pode alcançar uma mentira secundada por juramento leve, ou uma pilhéria dita com semblante sisudo a um rapaz que nunca sofreu de dor nas espáduas. Oh! vê-lo-eis rir até que o rosto se lhe torne como capa molhada e vestida com descaso.

SHALLOW (*dentro*) — Sir John!

FALSTAFF — Já vou, mestre Shallow! Já vou, mestre Shallow!

(*Sai.*)

Cena 2

Westminster. Um quarto no palácio. Entram Warwick e o Lorde Juiz.

WARWICK — Para onde ides, meu Grande Lorde Juiz?

LORDE JUIZ — Como está o rei?

WARWICK — Otimamente; as penas se acabaram.

LORDE JUIZ — Não morreu, quero crer.

WARWICK — Fez o caminho da natureza; para nós, morreu.

LORDE JUIZ — Desejara que Sua Majestade me tivesse levado; os leais serviços que em vida lhe prestei, ora me deixam exposto a toda sorte de vexames.

WARWICK — Penso que o jovem rei não vos tolera.

LORDE JUIZ — Não o ignoro, e já me acho armado para sofrer as conseqüências; ninguém pode olhar-me com mais fera catadura do que eu próprio concebo em fantasia.

(*Entram Lencastre, Clarence, Gloster, Westmoreland e outros.*)

WARWICK — Aí vem a prole do defunto Henrique. Quem nos dera que o Henrique vivo o gênio revelasse do pior destes três nobres! Quantos nobres nos postos ficariam, sem terem de arriar vela ante a gentalha!

LORDE JUIZ — Prevejo uma completa viravolta.

LENCASTRE — Bom dia, meu primo Warwick; mui bom dia.

GLOSTER e CLARENCE — Bom dia, primo.

LENCASTRE — Encontramos pessoas que perderam, parece, o uso da fala.

WARWICK — Ainda falamos; mas nossos argumentos são pesados demais para admitirem muita prática.

LENCASTRE — Que tenha paz quem nos deixou tão tristes.

GLOSTER — Ó meu bom lorde! É certo que perdestes um grande amigo. Não fingis, sem dúvida; esse aspecto tristonho é vosso, mesmo.

LENCASTRE — Conquanto ninguém saiba até que ponto cairá na graça a vossa expectativa, parece muito fria. Isso me pesa; desejara que fosse de outro modo.

CLARENCE — Ora deveis tratar Sir John Falstaff com toda a cortesia, o que é contrário à corrente de vossa dignidade.

LORDE JUIZ — Quanto fiz, caros príncipes, foi guiado pelos ditames da honra, pela norma imparcial de minha alma. Jamais heis de ver-me solicitar perdão indigno. Se a verdade e a inocência me faltarem, irei para onde está meu rei defunto e lhe direi quem me mandou após ele.

WARWICK — Aí vem vindo o príncipe.

(*Entra o Rei Henrique quinto.*)

LORDE JUIZ — Bom dia; salve Vossa Majestade!

REI HENRIQUE V — Esse novo vestuário, majestade, não me assenta tão bem como o julgais. Irmãos, revelais medo em vosso luto; isto é terra de ingleses, não de turcos; Amurat não sucede a outro Amurat, mas Henrique a outro Henrique. Aliás, é justo que reveleis tristeza; isso vos orna. Tal realeza revela o vosso luto, que eu vou adotar a moda e carregá-lo no imo do coração. Sede, pois, tristes; mas considerai isso, irmãos queridos, como um fardo comum que nos oprime. Enquanto a mim, por Deus, ficai tranqüilos, pai e irmão quero ser para vós todos. Dai-me amor, que vos livro dos cuidados. Chorai a Henrique morto, como o faço; mas vive o Henrique que vos troca as lágrimas em outras tantas horas de alegria.

LENCASTRE, etc. — Todos nós esperamos isso mesmo de Vossa Majestade.

REI HENRIQUE V — Olhais-me todos estranhamente. (*Ao Lorde Juiz.*) Sobretudo vós. Com certeza sabeis que eu não vos amo.

LORDE JUIZ — Com toda a retidão, não terá Vossa Majestade motivo para odiar-me.

REI HENRIQUE V — Não! Concebe-se que um príncipe de tantas esperanças, como eu, venha a esquecer-se de quanta indignidade lhe causastes? Como! Descomposturas, reprimendas, prender tão rudemente o herdeiro próximo da Inglaterra! É isso pouco? Pode, acaso, ser lavado no Lete e não lembrado?

LORDE JUIZ — Representava eu vosso pai, nessa época; a imagem de sua força em mim se achava. E enquanto eu me afanava no bem público, a administrar suas leis, Vossa Grandeza se comprazeu em esquecer meu posto, a majestade e a força da Justiça, a figura do rei que em mim se via, chegando a esbofetear-me em plena audiência. Vendo em vós o ofensor de vosso pai, foi que fiz uso enérgico de toda a minha autoridade, a fim de enviar-vos para a prisão. Se o feito é condenável, ora que estais coroado, imaginai um vosso filho a desprezar os vossos decretos, a arrancar da sede augusta vossa justiça, a lei lançar por terra, ou a embotar a espada que assegura vossa paz e sossego. Mais, ainda: a desdenhar a vossa real imagem e rir do que fizer vosso outro corpo. Fazei vosso esse caso; aconselhai-vos com vossos reais conceitos; por instantes sede pai, figurando-vos um filho: ouvi que vosso brio se enxovalha; vede que vossas leis mais temerosas com escárnio são tratadas; contemplai-vos desprezado a esse ponto por um filho, e imaginai-me, então, de vosso lado, para, com a vossa força e sem violência, impor a vosso filho que se cale. Pós esse frio exame, sentenciai-me. Já que sois rei, falai-me como rei: que fiz, em desacordo com meu posto, minha pessoa, ou a própria dignidade, e a nobreza do meu real soberano?

REI HENRIQUE V — Tendes razão, Juiz; é com eqüidade que pesais isso tudo; conservai, pois, a espada e a balança. Só desejo que vossas honras cresçam té que a vida vos chegue, para verdes que meu filho vos ofende e obedece como o fiz. Possa eu também viver para as palavras repetir de meu pai: "Feliz me julgo por ter um servidor de tanta têmpera, que se atreve a julgar meu próprio filho, e não menos feliz por ter um filho que assim entrega sua grandeza ao braço da Justiça". Pusestes-me em custódia; por isso, em mãos vos ponho, agora, a espada sem mancha que a levar-vos afizestes, com a recomendação de que a useis sempre com o mesmo espírito imparcial e justo que usastes contra mim. Eis minha mão; pai ides ser da minha mocidade; só dirá minha voz o que disserdes; sujeitarei, humilde, os meus intentos à vossa direção sábia e sensata. Vós, ó príncipes, crede no que eu digo: zangado foi meu pai para o sepulcro; meus erros lá com ele ora se encontram; seu espírito austero em mim revive para burlar a expectação do mundo, zombar das profecias e o consenso carcomido apagar que me condena pela aparência. Até hoje a maré cheia do meu sangue derrama só vaidades; ora reflui e para o mar retorna, porque com as ondas todas se misture, reassumindo a consueta majestade. Convoquemos agora o Parlamento, e escolhamos tais membros do Conselho, que possa equiparar-se o grande corpo do nosso Estado às mais bem governadas nações do mundo. A paz e a guerra, ou ambas, daqui por diante devem ser-nos coisas familiares, (*Ao Lorde Juiz.*) nas quais, pai, heis de sempre manter a preeminência. Como o disse, depois da coroação convocaremos nossos Estados todos; e no caso de ser-me Deus propício, jamais súdito lhe pedirá, por falta de alegria, que encurte a feliz vida de Harry um dia.

(*Saem.*)

Cena 3

Gloucestershire. Jardim da casa de Shallow. Entram Falstaff, Shallow, Silêncio, Bardolfo, o pajem e Davy.

SHALLOW — Não; ireis agora ver a minha horta, onde, debaixo do caramanchão, haveis de comer uma maçã raineta do último ano, enxertada por mim, com um prato de doces e outras guloseimas. Vamos, primo Silêncio; depois, para o leito.

FALSTAFF — Por Deus! Tendes uma ótima residência e terras ricas.

SHALLOW — Estéril, estéril, estéril; somos todos mendigos, Sir John; somos mendigos. Realmente, os ares são bons. Põe a mesa, Davy; põe a mesa, Davy; muito bem, Davy.

FALSTAFF — Esse Davy vos presta bons serviços; é criado e trabalhador do campo ao mesmo tempo.

SHALLOW — Um bom criado, bom criado, excelente criado, Sir John. Pela Santa Missa! Bebi demasiado na ceia. Agora sentai-vos, agora sentai-vos. Vinde, primo.

SILÊNCIO — Caramba! Como se diz, só faremos, só faremos comer e viver ledos, agradecendo a Deus os anos cheios; a carne está barata, as fêmeas caras, e os rapazes rondando em galanteios, alegremente, sim, muito alegremente!

FALSTAFF — Isso é que se chama coração alegre! Bom mestre Silêncio, vou beber desta vez à vossa saúde.

SHALLOW — Vinho .a mestre Bardolfo! Vamos, Davy!

DAVY — Caro senhor, sentai-vos. Voltarei neste instante. Sentai-vos, caríssimo senhor. Mestre pajem, meu bom mestre pajem, sentai-vos. Toque! O que vos falta em carne, teremos em bebida; mas haveis de desculpar; a boa intenção vale tudo.

(*Sai.*)

SHALLOW — Alegria, mestre Bardolfo! E o meu pequeno soldado ali, alegria!

SILÊNCIO — Alegria! A mulher que se amofine. Nenhuma escapa; todas fazem mal; onde há só barba, encontra-se a alegria. Que venha o carnaval! Alegria! alegria!

FALSTAFF — Não sabia que mestre Silêncio era tão folgazão.

SILÊNCIO — Quem, eu? Em toda a vida, só fiquei alegre uma ou duas vezes.

(*Volta Davy.*)

DAVY — Aqui está um prato de maçãs de casca dura.

(*Pondo-as diante de Bardolfo.*)

SHALLOW — Davy!

DAVY — Vossa Excelência! (*A Bardolfo.*) Voltarei neste momento. Um copo de vinho, senhor?

SILÊNCIO — Bebida fina que manais da vinha, quero saudar a amada que ainda é minha. E alegre a vida inteira!

FALSTAFF — Muito bem, mestre Silêncio.

SILÊNCIO — E preciso que nos alegremos; estamos no melhor trecho da noite.

FALSTAFF — Saúde e vida longa, mestre Silêncio.

SILÊNCIO — Ponde o copo até à borda; hei de esvaziá-lo, muito embora a uma milha esteja o fundo.

SHALLOW — Bem-vindo, mestre Bardolfo; se precisares de alguma coisa e não pedires, então vai para os quintos. (*Ao pajem.*) Bem-vindo, garotinho, muito bem-vindo. Bebo à saúde de mestre Bardolfo e de todos os cavaleiros de Londres.

DAVY — Espero ainda conhecer Londres antes de morrer.

BARDOLFO — Se eu te pegasse lá, Davy...

SHALLOW — Pela Santa Missa! Ainda haveis de beber juntos um quartilho, eh! Não é verdade, mestre Bardolfo?

BARDOLFO — Sim, senhor; um jarro de duas canadas.

SHALLOW — Com a breca! Muito obrigado; o rapaz vai grudar-se em ti, posso asseverá-lo; não te largará; é de bom sangue.

BARDOLFO — Eu também grudarei nele, senhor.

SHALLOW — Isso é que se chama falar como rei. Nada de cerimônias; alegrai-vos. (*Batem.*) Vê quem está à porta.

(*Sai Davy.*)

FALSTAFF (*a Silêncio, que esvazia um copázio*) — Agora, sim, jogais com as minhas armas.

SILÊNCIO — Dai-me essas armas, dai-me armadura... Samingo! Não é assim?

FALSTAFF — Isso mesmo.

SILÊNCIO — Isso mesmo? Como vedes, os velhos ainda servem para alguma coisa.

(*Volta Davy.*)

DAVY — Com licença de Vossa Senhoria, encontra-se aí um tal Pistola, que acaba de chegar da corte com novidades.

FALSTAFF — Da corte? Manda-o entrar.

(*Entra Pistola.*)

Então, Pistola?

PISTOLA — Deus vos guarde, Sir John.

FALSTAFF — Que vento vos trouxe para estes lados, Pistola?

PISTOLA — Não foi o vento mau que nunca sopra coisa boa. Meu doce cavaleiro, presentemente és um dos maiores homens do reino.

SILÊNCIO — Por Nossa Senhora! Também concordo, mas depois do compadre Puff de Barson.

PISTOLA — Puff! Puff em teu dente, baixo e vil covarde! Sir John, o teu Pistola e amigo certo até aqui sem parar tem cavalgado, para trazer notícia alvissareira, tempos áureos e novas de alto preço.

FALSTAFF — Peço-te, então, que mas contes, no estilo de gente deste mundo.

PISTOLA — O diabo leve o mundo e a gente dele! Que o rei Cofétua saiba o que se passa.

SILÊNCIO (*canta*) — E Robin Hood, Scarlet e João.

PISTOLA — Os vira-latas contra os filhos de Hélicon? Zombadas as notícias de tal monta? Nesse caso, Pistola, deita a fronte no regaço das Fúrias.

SHALLOW — Honesto gentil-homem, não entendo os vossos modos.

PISTOLA — Então, ide chorar.

SHALLOW — Perdão, senhor; mas se trazeis novas da corte, penso que só há dois caminhos: dizê-las, ou calar. Desfruto de alguma autoridade, senhor, junto ao rei.

PISTOLA — De que rei, vagabundo? Fala ou morre!

SHALLOW — Junto do rei Henrique.

PISTOLA — Quarto ou quinto?

SHALLOW — Henrique quarto.

PISTOLA — Ao diabo o teu ofício! Sir John, o teu cordeiro está coroado: Henrique quinto é o homem! Falo certo. Se Pistola mentir, faze-lhe figa como o orgulhoso hispano.

FALSTAFF — Como! Morreu o velho rei?

PISTOLA — Como prego na porta. Falo certo.

FALSTAFF — Toca, Bardolfo! Encilha-me o cavalo. Mestre Roberto Shallow, escolhe no reino o emprego que quiseres, que teu será. Pistola, vou carregar-te com dupla carga de dignidades.

BARDOLFO — Ó dia alegre! Não troco a minha sorte por um título.

PISTOLA — Não são boas as novas?

FALSTAFF — Levai mestre Silêncio para a cama. Mestre Shallow, milorde Shallow, sê o que te aprouver, que eu me encontro agora no posto de mordomo da Fortuna. Vai calçar as botinas; teremos de galopar a noite toda. Ó, doce Pistola! Toca, Bardolfo! (*Sai Bardolfo.*) Vem para cá, Pistola, conta-me mais alguma coisa, enquanto pensas no que possa convir-te. As botas, as botas, mestre Shallow; tenho certeza de que o moço rei está doente por ver-me. Tomemos os cavalos sejam lá de quem forem; as leis da Inglaterra agora se encontram à minha disposição. Felizes dos que se mostraram meus amigos, e ai do milorde Juiz! PISTOLA — Que os bofes lhe devorem vis abutres! "Onde está a vida que eu levava?" dizem; pois bem: ela está aqui. Viva a folia!

(*Saem.*)

Cena 4

Londres. Uma rua. Entram dois beleguins, arrastando a mistress Quickly e Doll Team-sheet.

ESTALAJADEIRA — Não, velhaco de uma figa! Quisera que Deus me matasse, para que fosses parar na forca; arrancaste-me do lugar o ombro.

PRIMEIRO BELEGUIM — O oficial de paz ma entregou, e agora ela vai apanhar uma sova de mestre, é só o que eu digo. Ultimamente mataram um ou dois homens por causa dela.

DOLL — É mentira, gancho de apanhar nozes! Eu só te digo uma coisa, maldito velhaco com cara de tripa: se o filho que eu trago no ventre nascer antes do tempo, fora melhor para ti bater em tua própria mãe, vilão de cara de papel.

ESTALAJADEIRA — Oh, Senhor! Se Sir John aqui estivesse! Muita gente havia de ter um dia cheio de sangue. Só peço a Deus que o fruto de suas entranhas nasça antes do tempo.

PRIMEIRO BELEGUIM — Se tal acontecesse, teríeis de usar novamente doze almofadas, em lugar das onze que ora levais. Vamos! Ambas estão intimadas a acompanhar-me, por ter morrido o homem em quem destes uma surra juntamente com Pistola.

DOLL — Vou dizer-te uma coisa, figura mirrada de braseiro: por causa disto ainda hás de ser balouçado em regra, mosca azul de uma figa! Se não levares uma boa coça, deixarei de usar o meu saiote.

PRIMEIRO BELEGUIM — Vamos, cavaleira errante; toca a andar!

ESTALAJADEIRA — Oh! que o direito se sobreponha desse modo à força! Está bem; depois do sofrimento virá a alegria.

DOLL — Vamos, vilão; vamos; leva-me à presença do juiz.

ESTALAJADEIRA — Sim, vamos, sabujo faminto.

DOLL — Compadre esqueleto! É ver a Morte!

ESTALAJADEIRA — Tu, esqueleto! Tu!

DOLL — Vamos, coisa fina! Vamos, velhaco!

PRIMEIRO BELEGUIM — Muito bem.

(*Saem.*)

Cena 5

Praça pública, perto da abadia de Westminster. Entram dois criados, espalhando junco.

PRIMEIRO CRIADO — Mais junco: mais junco.

SEGUNDO CRIADO — As trombetas já soaram duas vezes.

PRIMEIRO CRIADO — Eles não virão da coroação antes das duas; despachemo-nos logo.

(*Entram Falstaff, Shallow, Pistola, Bardolfo e o pajem.*)

FALSTAFF — Ficai perto de mim, mestre Roberto Shallow; farei que o rei vos distinga com a sua graça. Quando ele passar, hei de piscar-lhe deste jeito; prestai atenção na cara que ele vai fazer-me.

PISTOLA — Deus te abençoe os pulmões, bom cavaleiro.

FALSTAFF — Vem para cá, Pistola; fica por trás de mim. Oh! se eu tivesse tido tempo de mandar fazer uma libré nova, teria gasto as mil libras que vos pedi emprestado. Pouco importa; é melhor assim mesmo, com esta aparência pobre; desse modo dou provas da minha diligência em revê-lo.

SHALLOW — Realmente.

FALSTAFF — É a prova da sinceridade de minha afeição.

SHALLOW — Perfeitamente.

FALSTAFF — Da devoção que lhe consagro.

SHALLOW — Com efeito, com efeito, com efeito.

FALSTAFF — Cavalgar, desse jeito, noite e dia, sem pensar em mais nada, sem me lembrar de nada, sem paciência até para trocar de roupa...

SHALLOW — É muito certo.

FALSTAFF — Postar-me aqui, ainda com as marcas da viagem, suando só de impaciência de revê-lo; sem pensar em outra coisa, olvidando-me de todos os outros assuntos, como se só importasse vê-lo de novo.

PISTOLA — É semper idem, porque absque hoc nihil est. É assim em toda parte.

SHALLOW — Assim é, realmente.

PISTOLA — Meu nobre cavaleiro, vou inflamar-te o peito generoso e fazer-te raivar. A

tua Doll, a Helena dos teus sonhos se acha num duro transe e infecto cárcere, lançada ali por desprezíveis mãos e em tudo imundas. Desperta do antro de ébano a serpente vingadora de Alecto, porque Doll se acha no pau. Pistola nunca mente.

FALSTAFF — Hei de libertá-la.

(*Ouvem-se aclamações e toques de trombeta.*)

PISTOLA — Muge o mar; a trombeta alegre soa!

(*Entra o Rei Henrique V com o séqüito, no qual se vê o Lorde juiz.*)

FALSTAFF — Deus salve tua graça, rei Hal, meu real Hal!

PISTOLA — Os céus te guardem e te preservem, augusto garfo da Fama!

FALSTAFF — Deus te proteja, meu doce menino.

REI HENRIQUE V — Falai a esse homem vão, Lorde Juiz.

LORDE JUIZ — Sabeis o que dizeis? Estais no juízo?

FALSTAFF — Meu rei, meu Jove! É a ti que eu falo, amor!

REI HENRIQUE V — Não te conheço, velho; vai rezar. Como vão mal as cãs num galhofeiro! Muito tempo sonhei com um homem destes, profano e velho, inchado pela orgia; mas, desperto, renego do meu sonho. Diminui o teu corpo, aumenta a graça, deixa a gula; compreende que o sepulcro vai abrir para ti boca três vezes maior que para os outros. Não repliques com uma dessas chalaças de bufão; não presumas que eu seja o que já fui, pois Deus bem sabe — e o mundo há de notá-lo — que me livrei de minha antiga forma e outro tanto farei com os companheiros. Quando ouvires dizer que eu sou o que fui, volta para tornares-te o que foste: tutor e incitador dos meus excessos. Mas até lá, desterro-te, sob pena de morte, como fiz com os outros todos que me descaminhavam, não deixando que a dez milhas de mim eles estejam. Quanto aos meios de vida, vou prover-vos, porque ao mal a carência não vos leve; e se virmos que vos regenerastes, dar-vos-emos emprego na medida do vosso esforço e mérito. Incumbi-vos, milorde de dar corpo a nossas ordens.

(*Saem o Rei Henrique e o séquito.*)

FALSTAFF — Mestre Shallow, devo-vos mil libras.

SHALLOW — Perfeitamente, Sir John; e eu vos peço que me deixeis levá-las para casa.

FALSTAFF — Será muito difícil, mestre Shallow; mas não vos amofineis: hei de ser chamado em particular para falar-lhe. Vede bem, é preciso que para o mundo ele apareça assim. Não temais pela quantia que me adiantastes; ainda hei de ser o homem que vos tornará grande.

SHALLOW — Não atino como possa ser isso, a menos que me désseis vosso gibão e me enchêsseis de palha. Meu bom Sir John, por compaixão, das mil entregai-me quinhentas.

FALSTAFF — Cavalheiro, hei de manter a minha palavra; tudo o que ouvistes, não passa de simples cor.

SHALLOW — Só receio que venhais a morrer dessa cor, Sir John.

FALSTAFF — Não temais as cores; vinde cear comigo. Vamos, tenente Pistola; vamos, Bardolfo; serei chamado antes da noite.

(*Voltam João de Lencastre e o Lorde juiz, com oficiais.*)

LORDE JUIZ — Vamos, conduzi logo para a armada Sir John Falstaff e seus comparsas todos.

FALSTAFF — Milorde, milorde!

LORDE JUIZ — Não posso agora; ouvir-vos-ei depois. Levai-os.

PISTOLA — Si Fortuna me tormenta, espero contenta.

(*Saem Falstaff, Shallow, Pistola, Bardolfo, o pajem e oficiais.*)

LENCASTRE — Agrada-me esse gesto do monarca: deseja que os antigos companheiros sejam mui bem tratados; mas desterra a eles todos, até que sua conduta ante o mundo se mostre mais modesta.

LORDE JUIZ — É certo; fez com todos.

LENCASTRE — Milorde, o rei já convocou o Parlamento.

LORDE JUIZ — De fato.

LENCASTRE — Quanto apostais? Desejo dar-vos ansa: nosso brio nativo irá até à França dentro de pouco. Um pássaro mo disse, e essa música ao rei causa ledice. Vamos; não quereis vir?

(*Saem.*)

Epílogo

(*Dito por um dançarino.*)

Primeiro, meu temor; depois minha cortesia; por último, meu discurso. Meu temor é vosso desagrado; minha cortesia, meu dever; e meu discurso, pedir-vos perdão. Se estiverdes esperando um bom discurso, estou perdido, porque o que vou dizer é de minha própria invenção, receando eu muito que o que devo dizer redunde em meu prejuízo. Mas, entremos logo no assunto, confiando na sorte. Sabereis, pois — como bem o sabeis — que já estive aqui no final de uma peça desagradável, para pedir a vossa complacência e prometer outra melhor. Era meu intento, sem dúvida, pagar-vos com esta; mas se for mal sucedida como uma operação infeliz, irei à bancarrota e vós todos, gentis credores, perdereis. Prometi que aqui estaria, e aqui entrego minha pessoa a vossa generosidade. Se fizerdes algum abatimento, pagar-vos-ei alguma coisa, além de apresentar-vos promessas infinitas, no jeito da maioria dos devedores. Se minha língua não conseguir convencer-vos e obter quitação, mandareis que eu faça uso das pernas? Seria isso um modo muito fácil de pagamento, liquidar a dívida com danças. Mas uma boa consciência deve dar todas as satisfações imagináveis, que é o que eu vou fazer agora. As senhoras aqui presentes já me perdoaram; e se os cavalheiros o não fizerem, é porque não estão de acordo com as senhoras, coisa que nunca se viu em uma reunião como esta. Mais uma palavrinha, por obséquio. Se ainda não estiverdes enjoados de carne gorda, o nosso humilde autor continuará a história, com Sir John dentro, e vos fará rir com a bela Catarina de França, na qual história, tanto quanto posso saber, Falstaff morrerá de suor, a menos que já o tenha matado a vossa opinião severa, porque Oldcastle morreu como mártir, e esse não é nosso homem. Tenho a língua cansada; quando as pernas também o estiverem, dir-vos-ei boa noite; e assim me ajoelho diante de todos, mas, de fato para rogar pela rainha.

Henrique VIII

PERSONAGENS

PRÓLOGO

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

ATO 4

Cena 1

Cena 2

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

EPÍLOGO

Personagens

O REI HENRIQUE VIII.
CARDEAL WOLSEY.
CARDEAL CAMPEIO.
CAPÚCIO, embaixador do imperador Carlos V.
CRANMER, Arcebispo de Cantuária.
DUQUE DE NORFOLK.
DUQUE DE SUFFOLK.
DUQUE DE BUCKINGHAM.
CONDE DE SURREY.
LORDE CHANCELER.
LORDE CAMAREIRO.
GARDINER, Bispo de Winchester.
BISPO DE LINCOLN.
LORDE ABERGAVENNY.
LORDE SANDS.
SIR TOMAS LOVELL.
SIR HENRIQUE GUILDFORD.
SIR ANTÔNIO DENNY.
SIR NICOLAU VAUX.
Secretários de Wolsey.
CROMWELL, criado de Wolsey.
GRIFFITH, gentil-homem da câmara da Rainha Catarina.
Três gentis-homens.
Oficial da Ordem da Jarreteira.
Doutor Butts, médico do rei.
Intendente do Duque de Buckingham.
Brandon e um sargento de armas.
Porteiro da Câmara do Conselho.
Porteiro e seu ajudante.
Pajem de Gardiner.
Pregoeiro.
RAINHA CATARINA, esposa do Rei Henrique; depois, divorciada dele.
ANA BOLENA, sua dama de honra; depois, rainha.
Uma velha dama, amiga de Ana Bolena.
PACIÊNCIA, dama da Rainha Catarina.

Nobres e damas; criadas da rainha; espíritos que lhe aparecem; escrivães, oficiais, guardas e outros servidores.

Prólogo

Hoje não venho provocar-vos riso. Cenas agora de mais peso e siso, sérias, graves e tristes, imponentes e nobres quadros, que vos hão de ardentes lágrimas arrancar é o que em verdade viemos aqui trazer. Quem de piedade for capaz, pode dar à nossa peça uma lágrima ou duas, porque ela essa homenagem merece. Quem dinheiro só despende em assunto verdadeiro, nela achará verdade. Quem se alegra com uma ou duas vistas e, de regra, não regateia aplausos, se paciente se revelar e calmo, há de, contente, multiplicar o seu vintém modesto num rápido espetáculo e em tudo honesto. Somente quem deleite acha na vista de cena alegre ou torpe, e que imprevista barulheira agradece, golpes, duelo de algum tipo vestido de amarelo, será decepcionado. Pois, de fato, gentis ouvintes, por um pugilato, fazer entrar um bobo numa peca, não seria faltar, tão-só, a promessa de nosso próprio crédito, no intento de vos representar algo a contento, mas também alienar para o futuro de um amigo sensato o afeto puro. Em nome, pois, do céu, por serdes tido na conta do auditório mais sabido, do mais esclarecido da cidade, mostrai, como o desejo, gravidade: imaginai na forma mais notória as pessoas de nossa nobre história, tal como em vida foram. Na grandeza própria as acompanhai, na mais acesa companhia de tantos seguidores, turba anelante que enche os corredores. Mas vede agora como a cena séria vai bater tristemente na miséria, e vos direi, se rirdes um momento, que é possível chorar num casamento.

Ato 1

Cena 1

Londres. Na antecâmara do palácio. Entra por uma porta o Duque de Norfolk; por outra, o Duque de Buckingham e Lorde Abergavenny.

BUCKINGHAM — Feliz encontro e venturoso dia. Como passastes desde que nos vimos ultimamente em França?

NORFOLK — A Vossa Graça muito agradeço. Com saúde, e sempre admirador de quanto vi por lá.

BUCKINGHAM — Um acesso de febre inoportuna me fez ficar no quarto prisioneiro, quando esses sóis da glória, luminares da humanidade, em Ardres se encontraram.

NORFOLK — Foi entre Guines e Ardres. Eu me achava presente e os vi saudarem-se a cavalo; contemplei-os depois, quando se apearam, e abraçarem-se os vi de tal maneira, como se confundidos estivessem. E se assim fosse, mesmo, onde acharíamos quatro tronos que, postos na balança, eqüivalessem a esse trono duplo?

BUCKINGHAM — Todo esse tempo eu prisioneiro estava no meu quarto de doente.

NORFOLK — Então perdestes a visão do que a terra tem de grande. Poder-se-ia dizer que até aquela hora solteira estava a pompa e que nesse ato com algo se casou acima dela. Cada dia vencia os anteriores, até que chegasse o último e deixasse como próprio o prodígio deles todos. Quando os franceses, somente ouro e brilho, como deuses pagãos nos ofuscavam, no dia imediato nós fazíamos da Grã-Bretanha a Índia: qualquer homem que se alçasse, uma mina parecia. Os anõezinhos pajens dir-se-iam querubins, todos de ouro; as próprias damas, não afeitas à lida, quase suavam sob o peso do orgulho, de tal forma que o trabalho de enfeite lhes servia. Se qualquer mascarada se dissesse incomparável, a da subseqüente noite a deixava estúpida e mendiga. Cada um dos dois monarcas, de igual lustre, mais ou menos brilhante se ostentava, conforme aparecesse. Era louvado de per si qualquer deles; quando juntos, dizia-se que um só se percebia, não se atrevendo os próprios entendidos a confrontá-los nunca, que esses astros — pois assim lhes chamavam — desafiavam, por seus arautos, para as altas justas seus espíritos nobres, realizavam feitos além de quanto é concebível, de tal forma que as fábulas de antanho, como possíveis tendo-se afirmado, ganharam novo crédito, levando-nos a ter por certo o que nos conta Bevis.

BUCKINGHAM — Oh! ides muito longe.

NORFOLK — Tão verdade como em ser nobre e a honestidade na honra procurar sempre: os diferentes lances dessa festa algum brilho perderiam nos mais altos discursos, pois

para eles a melhor língua era dos próprios feitos. Tudo ali era real; nenhuma parte colidia com outra; a ordem fazia ressaltar tudo, executando todas as funções seu papel à maravilha.

BUCKINGHAM — Quem dirigiu, pergunto, quem, segundo vossa opinião, reuniu o corpo e os membros dessa esplêndida festa?

NORFOLK — Alguém, decerto, que inclinação nenhuma demonstrara para um negócio desses.

BUCKINGHAM — Por obséquio, milorde, quem fez isso?

NORFOLK — Regulado foi tudo pelo engenho extraordinário do muito reverendo Cardeal de York.

BUCKINGHAM — O diabo que o carregue! Em todo bolo mete o dedo ambicioso. Que tinha ele que ver com tanto excesso de vaidade? Espanto-me de ver que uma montanha de sebo, só com seu volume, possa os raios absorver do sol benéfico e da terra desviá-los.

NORFOLK — Certamente, senhor, há nele estofo que assegura tão grande resultado, pois o apoio não tendo de linhagem mui notória, cujo prestígio abre caminho aos netos, nem havendo prestado altos serviços à coroa, nem tendo como aliadas pessoas de valor, mas, como a aranha que de si própria tece a fina teia, prova que é a força de seu próprio mérito que lhe franqueia a estrada, dom celeste que um lugar lhe assegura junto ao trono.

ABERGAVENNY — O que lhe deu o céu, não sei dizê-lo; que olhar mais penetrante isso descubra. Mas seu orgulho posso ver, que espia por todos os seus traços. De onde o obteve? Se não do inferno, é que é mesquinho o diabo, ou já deu quanto tinha, e ele outro inferno dentro de si se pôs a criar de novo.

BUCKINGHAM — Nessa excursão de França, por que diabo chamou a si o encargo, à revelia do rei, de designar os que deviam constituir seu séqüito? Ele mesmo a lista preparou dos gentis-homens, de maneira geral só escolhendo os a que ele pretende impor um fardo muito grande para honra secundária. Uma simples cartinha de seu punho — sem consulta ao Conselho generoso — faz do destinatário auxiliar dele.

ABERGAVENNY — Sei de parentes meus — três, nesse caso, pelo menos, se encontram — que com isso de tal modo esgotaram seus haveres, que jamais poderão voltar ao prístino bem-estar da família.

BUCKINGHAM — Oh! muita gente teve a espinha quebrada pelo peso de suas propriedades, só para irem nessa imponente viagem. Tanta mostra de vaidade, no entanto, tão-somente serviu para animar umas conversas de consistência nula.

NORFOLK — É pesaroso que eu penso que essa paz entre os franceses e nós não vale quanto nos custou.

BUCKINGHAM — Não houve quem, depois da tempestade que veio logo após, não se sentisse como inspirado e, sem consulta prévia, não fizesse, de pronto, a profecia de que essa tempestade, assim tirando da paz o tênue véu, só pressagiava sua ruptura súbita.

NORFOLK — É bem claro, pois já quebrou a França o compromisso e embargou em Bordéus a carga toda de nossos mercadores.

ABERGAVENNY — Foi por isso que nosso embaixador foi despedido?

NORFOLK — Sim, sem dúvida alguma.

ABERGAVENNY — Belo pacto, comprado por um preço exorbitante.

BUCKINGHAM — E todo esse negócio, dirigido foi por nosso cardeal mui reverendo.

NORFOLK — Perdoe-me Vossa Graça, todo o Estado conhecimento tem da desavença que entre vós e o cardeal há muito existe. Assim, vos aconselho — e aceitai isto de um coração que vos deseja apenas honra e prosperidade muito sólida — considerardes como equivalentes o poder do cardeal e sua astúcia; e mais: que a tudo quanto seu grande ódio deseje pôr em prática, não há de faltar nunca o instrumento sempre a jeito. Não ignorais a natureza dele; sabeis que é vingativo, e eu tenho ciência de que sua espada é de mui fino corte. E comprida; podemos dizer, mesmo, que alcança longe; e onde atingir não possa, decidido ele a joga. No imo peito guardai este conselho, pois haveis de achá-lo salutar. Eis que vem vindo a rocha que evitar vos aconselho.

(*Entra o Cardeal Wolsey; a bolsa é trazida na sua frente; alguns guardas e dois secretários com papéis o seguem. De passagem, o cardeal e Buckingham trocam olhares desdenhosos.*)

WOLSEY — Olá! O processo do inspetor do Duque de Buckingham está ai?

PRIMEIRO SECRETARIO — Aqui se encontra, senhor.

WOLSEY — E ele está pronto, pessoalmente?

PRIMEIRO SECRETARIO — Sim, quando a Vossa Graça for servido.

WOLSEY — Bem; depois trataremos desse assunto. Buckingham vai baixar o olhar altivo.

(*Sai Wolsey com seu séquito.*)

BUCKINGHAM — Esse cão de açougueiro tem a boca venenosa e eu não posso amordaçá-la. Assim, não despertá-lo é aconselhável. O livro do mendigo tem vantagem sobre o sangue de um nobre.

NORFOLK — Como assim! Ficastes exaltado? É conveniente pedir a Deus moderação, que é o único remédio que reclama vossa doença.

BUCKINGHAM — Li algo contra mim nos olhos dele. Seu olhar me humilhou, como ao mais ínfimo dos servos, e ora mesmo me traspassa traiçoeiramente. Foi falar com o rei; sigo-lhe já no encalço, para os olhos obrigá-lo a baixar.

NORFOLK — Parai, milorde, e que vossa razão com vossa cólera se ponha a discutir sobre esse intento. Quem altos montes galga, de começo progride lentamente. A zanga é como um cavalo ardoroso que, podendo seguir por onde queira, o próprio fogo logo o deixa cansado.

Na Inglaterra não há quem poderia aconselhar-me como vós; sede pois para vós mesmo o que seríeis para vosso amigo.

BUCKINGHAM — Vou procurar o rei, e pela boca da honra aos gritos farei que a empáfia desse tipo de Ipswich ao pó lançada seja; se não, proclamarei que se anularam todas as diferenças entre os homens.

NORFOLK — Sede sensato, não deixando quente por demais a fornalha do inimigo, para que não venhais a cair nela. Ultrapassar podemos, por excesso de rapidez, a meta a que almejávamos, perdendo-a, assim, por esse próprio excesso. Como o sabeis, a chama que o licor faz subir na vasilha e derramar-se, parecendo aumentá-lo, o esgota apenas. Sede sensato, torno a aconselhar-vos. Na Inglaterra não há cabeça alguma capaz de dirigir-vos como a vossa, se quiserdes com a seiva da prudência, quando não apagar, deixar mais brando o fogo da paixão.

BUCKINGHAM — Senhor, por isso vos fico agradecido; vou guiar-me por vossa prescrição. Mas esse tipo arqui-orgulhoso — não me leva o excesso de cólera a nomeá-lo desse modo, mas honesta emoção — por muito certos indícios, provas claras como as fontes no mês de julho, quando distinguimos no fundo os grãos de areia, tenho em conta de corrupto e traiçoeiro.

NORFOLK — Não "traiçoeiro"; não digais isso.

BUCKINGHAM — Vou dizê-lo ao rei, e minhas provas hão de ser tão fortes como praia de rocha. Sede atento. Esta santa raposa, ou lobo, ou ambos — pois tão voraz ele é quanto astucioso, e tão propenso a excogitar maldades, a executá-las sempre, de alma e posto que reciprocamente se infeccionam, contanto que estadeie aqui e em França toda essa pompa — ao nosso soberano sugeriu esse pacto tão custoso, essa entrevista que absorveu tesouros de tal valia e que acabou partindo-se, qual vidro ao ser limpado.

NORFOLK — É certo, é certo, por minha fé; fez isso.

BUCKINGHAM — Por obséquio, senhor! Esse cardeal astuto e fino redigiu os artigos do contrato como bem entendeu, tendo sido eles ratificados com ter declarado: "Faça-se assim!" Mas são tão úteis como muletas para um morto. Pouco importa! Foi o conde-cardeal o autor de tudo; o digno Wolsey, que errar não pode nunca, foi quem fez isso. Mas o que se segue — que a meu ver é uma espécie de ninhada da velha mãe Traição — é apenas isto: Carlos, o imperador, sob o pretexto de vir ver a rainha sua tia — foi apenas pretexto, que, em verdade, veio ele para cochichar com Wolsey — fez-nos uma visita. Ele temia que do encontro marcado entre os monarcas da Inglaterra e da França lhe pudesse surgir qualquer prejuízo, que, em verdade, nessa liga ele via qualquer coisa que podia ameaçá-lo. Assim, com nosso cardeal ele tratou muito em segredo — como imagino, sim, tenho certeza, pois convencido estou de que o monarca pagou antes de obter o prometido, com o que teve a intenção assegurada bem antes de enunciá-la. — Em suma, havendo franqueado a estrada e de ouro atapetado, desta arte o imperador manifestou-se: que nele estava obter que o rei o curso desviasse da política e o contrato de paz viesse a romper. É necessário que o rei saiba — e por mim virá a sabê-lo — que o cardeal deste modo compra e vende a honra do reino, e tudo em seu proveito.

NORFOLK — Entristece-me ouvir tais coisas dele; desejara saber que há nisso equívoco.

BUCKINGHAM — Não, nem no menor ponto; apresentei-o com os verdadeiros traços com que ele há de desmascarado ser dentro de pouco.

(*Entra Brandon, precedido de um sargento de armas.*)

BRANDON — Vosso ofício, sargento, executai-o. É convosco, senhor Duque de Buckingham e Conde de Hereford, Stafford e Northampton; em nome de nosso alto soberano, por crime de traição eu te detenho.

BUCKINGHAM — Milorde, sobre mim caiu a rede; a vida perco por traição e astúcia.

BRANDON — Pesa-me ver-vos sem a liberdade e ter de ao fim levar esta incumbência. A determinação de Sua Alteza é que sejais levado para a Torre.

BUCKINGHAM — Protestar inocência fora inútil; a mancha que em mim pesa deixa negra minha própria brancura. Seja feita a vontade do céu, agora e sempre. Obedeço. Oh! adeus, adeus, milorde de Abergavenny.

BRANDON — Não; ele também vos fará companhia.

(*A Abergavenny.*)

É da vontade do monarca que vades para a Torre até poderdes ser certificado do que ele decidir.

ABERGAVENNY — Tal como o duque, também direi que em tudo seja feita a vontade do céu, e obediente me declaro ao prazer do soberano.

BRANDON — Ordem expressa aqui trago do rei para a prisão de Lorde Montacute, devendo, após, prender João de la Car, o confessor do duque, um tal Gilberto Peck, seu chanceler...

BUCKINGHAM — Bem, bem; os membros dessa conspiração. É tudo, creio.

BRANDON — Há um monge cartuxo.

BUCKINGHAM — Como! Como! Nicolau Hopkins?

BRANDON — Esse.

BUCKINGHAM — É um miserável meu intendente. O cardeal imenso lhe ofereceu dinheiro. Tenho os dias contados; sou a pobre sombra, apenas, de Buckingham, que neste instante a forma de uma nuvem assume, para escuro deixar meu claro sol. Milorde, adeus.

(*Saem.*)

Cena 2

Sala do Conselho. Entra o rei, apoiado no ombro do cardeal, os nobres do Conselho, Sir Tomás Lovell, oficiais e pessoas do séquito. O cardeal vai sentar-se aos pés do rei, ao lado direito.

REI HENRIQUE — Sim, toda a minha vida, do mais fundo do coração vos agradece tanto cuidado e vigilância. Eu me encontrava na iminência de ser estraçalhado pela deflagração de uma conjura. Mas frustraste-la; muito agradecido. Trazei a nossa frente o gentil-homem da família de Buckingham; desejo ouvi-lo pessoalmente. Vai contar-me mais uma vez, sem discrepância alguma, as traições de seu amo.

(*Ouvem-se vozes, dentro: "Passagem para a rainha!" Entra a Rainha Catarina, introduzida pelos Duques de Norfolk e de Suffolk. Ela ajoelha-se. O rei se alça do trono, levanta-a, beija-a e fá-la sentar-se ao seu lado.*)

RAINHA CATARINA — Não; preciso ficar de joelhos? vim como pedinte.

REI HENRIQUE — Levantai-vos e, ao nosso lado, vinde tomar vosso lugar. Não é preciso que nos digais metade do pedido. A metade possuís de nosso mando; sem ser pedida, a outra metade é vossa. Dizei o que quereis, que já está feito.

RAINHA CATARINA — Muito agradeço a Vossa Majestade. Que vos ameis e, nesse grande afeto, não deixeis nunca de atender vossa honra, nem de vosso alto posto a dignidade, o objeto constitui de meu pedido.

REI HENRIQUE — Senhora, continuai.

RAINHA CATARINA — Tenho-me visto solicitada por não poucos súditos, os de maior apreço, que se queixam de grandes aflições que todos sofrem. Para eles comissões têm sido enviadas que o coração estraçalhar conseguem da lealdade de todos. E conquanto, meu bom Lorde Cardeal, eles dirijam contra vós as censuras mais acerbas, de serdes o fautor dessas violências, o rei, nosso senhor — que o céu conserve seu nome isento de qualquer vileza! — escapar não consegue dos discursos desrespeitosos, sim, dessa linguagem que os flancos arrebenta da lealdade e quase em rebelião se manifesta.

NORFOLK — Não "quase"; manifesta-se, realmente. Pois sob esses impostos tão pesados, todos os fabricantes de tecidos, sustentar não podendo tanta gente, em massa despediram seus fiandeiros, pisoeiros, tecelões e cardadores, que, incapazes de uma outra atividade, pela fome acossados, sem recurso, premidos pelo desespero, os fatos atacam pela frente. Todos se acham presentemente em franca rebelião, servindo em suas filas o perigo.

REI HENRIQUE — Impostos? De que espécie? Quais são eles? Senhor cardeal, que vos achais conosco censurado igualmente por tudo isso, que sabeis a respeito desse imposto?

WOLSEY — Se o permitis, senhor, conheço apenas uma pequena parte dos negócios relativos ao Estado e me coloco junto dos outros que comigo marcham.

RAINHA CATARINA — Sim, milorde, é verdade: mais que os outros não sabeis; mas sois vós o autor de coisas que do conhecimento são de todos e que não são saudáveis para quantos ignorá-los de todo quereriam, mas forçados se vêem a conhecê-las. Sim, essas exações, de que informado quer ser o soberano, só o ouvi-las nos causa mal as ouças; suportá-las... não resistimos sob o peso delas. Dizem que fostes vós o autor da idéia; não sendo assim, estais sendo inculpado por maneira mui grave.

REI HENRIQUE — Como! Como! Mais exações? Vejamos: de que espécie? De que espécie são elas?

RAINHA CATARINA — Grande risco existe em pôr a prova, desse modo, vossa paciência; mas encontro apoio na promessa de Vossa Majestade, de que me perdoaria. A geral queixa provém das comissões, que deles todos exige a sexta parte dos haveres, que arrecadada tem de ser com urgência, sendo o pretexto que para isso alegam, vossas guerras na França. Isso dá pábulo às línguas atrevidas; longe as bocas cospem todo o respeito e se congela nos frios corações toda a lealdade. Onde moravam preces, moram pragas, chegando tudo ao ponto de que a dócil obediência em escravo transformou-se da vontade exaltada. Desejara que sem delongas Vossa Alteza desse a máxima atenção a esse negócio. Mais urgente não há.

REI HENRIQUE — Por minha vida, contraria isso tudo nosso gosto.

WOLSEY — Por mim, não fui mais longe nisso tudo do que por meio de um singelo voto, só o tendo dado após o assentimento de juizes ponderados. Se acusado estou sendo por línguas ignorantes que, sem nada saberem de meus planos e de minha pessoa, de meus feitos em crônica se arvoram, permiti-me dizer-vos que essa é a sorte de meu posto, a vereda de espinhos que a virtude terá de atravessar. Não é possível coibir-me de fazer o que é preciso, com medo de ir bater nos maliciosos censuradores, que procedem sempre como peixes vorazes, que na esteira se põem de barco de recente fábrica, embora outra vantagem não consigam, além da inveja inútil. Muitas vezes o que fazemos de melhor, no juízo dos fracos ou maldosos julgadores, feito não foi por nós, ou implica abuso, e nossos piores atos — é freqüente — interpretados por grosseiro espírito, são proclamados como grandes feitos. Se imóveis nos pusermos, pelo medo de que possam zombar de nossos passos, ou cobri-los de opróbrio, criaremos raiz onde estivermos, ou ficamos na posição de estátua, simplesmente.

REI HENRIQUE — A ação louvável, feita com cuidado, a si mesma se isenta de censura, mas de temer em suas conseqüências é a que não acha apoio no passado. Em algum precedente vos baseastes para tal exação? Em nenhum, creio. Arrancar não devemos nossos súditos de nossas leis, nem menos amarrá-los ao nosso despotismo. A sexta parte dos haveres? Que imposto apavorante! É como se tirássemos das árvores a copa, a casca e parte, até, do tronco; muito embora as raízes lhes deixássemos, mutilada a esse ponto, o ar absorvera, sem falta, toda

a seiva. Que se enviem cartas nossas a todos os condados em que houve lançamento desse imposto, perdão amplo anunciando a todos quantos à nossa execução se revoltaram. Por favor, cuidai logo desse assunto; deixo isso a vosso encargo.

WOLSEY (*ao secretário*) — Uma palavra muito em particular. Enviai missivas a todos os condados, anunciando graça e perdão da parte do monarca. É-nos contrário o povo desgostoso. Fazei, por isso, propalar o boato de que houve nossa interferência nessa revogação e no perdão de todos. Sobre esse assunto vos darei em breve maiores instruções.

(*Sai o secretário.*)

(*Entra o intendente.*)

RAINHA CATARINA — Sentida me deixou saber que o Duque de Buckingham caiu recentemente no vosso desagrado.

REI HENRIQUE — Muita gente, também, ficou sentida. É um gentil-homem muito instruído, orador de raros dotes, com quem foi liberal a natureza, de tal educação que poderia conselhos ministrar e ensinamentos aos mais conspícuos mestres, sem que nunca para si próprio ajuda procurasse. E, contudo, quando esses altos dotes não são bem aplicados, corrompida que a alma se torne, em vícios todos eles se transformam, dez vezes mais horrendos do que antes eram belos e atraentes. Esse homem tão completo, que alistado foi entre as maravilhas, que, do gozo de ouvi-lo nos fazia ter uma hora de conversa por um fugaz minuto; esse mesmo, senhora, às qualidades que lhe eram próprias emprestou roupagens monstruosas e ficou tão negro como se o próprio inferno o houvesse enegrecido. Ao nosso lado vinde ora sentar-vos. Ouvireis coisas — este gentil-homem já foi de sua inteira confiança — de deixar a honra triste. Ele que conte mais uma vez os fatos horrorosos de que fugir não poderemos nunca bastantemente, como não quiséramos sobre eles ouvir nada.

WOLSEY — Apresentai-vos e relatai com corajoso espírito, como compete a um súdito zeloso, quanto pudestes arrancar do Duque de Buckingham.

REI HENRIQUE — Com liberdade fala.

INTENDENTE — Primeiramente, como era costume dele, todos os dias empestava seu discurso dizendo que, no caso de vir o rei a falecer sem prole, arranjaria as coisas de maneira que o cetro a obter viria. Ouvi quando ele essas mesmas palavras disse ao genro, Lorde Abergavenny, a quem ele a jura fez de tomar vingança do cardeal.

WOLSEY — Observe Vossa Alteza a criminosa traça desse projeto. Não se achando com sua própria aspiração de acordo, profundamente hostil sua vontade se tornou contra vossa alta pessoa. Vai mais além: vossos amigos fere.

RAINHA CATARINA — Interpretai com caridade tudo, sábio Lorde Cardeal.

REI HENRIQUE — Vamos adiante. Como ele a presunção justificava, uma vez consumada nossa queda? Ouviste-o discorrer sobre esse ponto?

INTENDENTE — Foi levado a pensar dessa maneira por uma falsa e inútil profecia de Nicolau Hopkins.

REI HENRIQUE — Quem é esse Hopkins?

INTENDENTE — É um cartuxo, senhor, confessor dele, que a todos os momentos o alimenta com palavras de trono e de realeza.

REI HENRIQUE — E como soubeste isso?

INTENDENTE — Pouco tempo antes de Vossa Alteza ir para a França, na Rosa estando o duque, na paróquia de São Lourenço Poultney, perguntou-me que se falava em Londres dessa viagem. Temiam, respondi-lhe, uma perfídia por parte dos franceses, perigosa para nosso monarca. E logo o duque retrucou que em verdade havia causa para isso e que talvez se confirmasse certo dito profético de um monge de grande santidade, "que freqüentes vezes", acrescentou, "me tem mandado recado para que eu autorizasse meu capelão, João de la Car, a assunto de relevância dele ouvir em hora previamente assentada. E após haver-lhe solenemente o capelão jurado, tal como em confissão, que quanto dele pudesse ouvir, a ser nenhum com vida, a não ser a mim mesmo, transmitira, com toda a gravidade e segurança disse ele devagar: Nem o monarca nem seus herdeiros — contai isso ao duque — poderão prosperar; que ele se esforce por ganhar o favor do povo miúdo. Reinar ainda há de o duque na Inglaterra".

RAINHA CATARINA — Se estou bem informada, já estivestes como intendente dele, tendo o posto perdido pela queixa dos rendeiros. Tomai cuidado, para não manchardes uma nobre pessoa com vosso ódio, vindo a perder, assim, vossa nobre alma. Digo: tende cuidado; sim, concito-vos de todo o coração a fazer isso.

REI HENRIQUE — Deixai-o continuar; vamos, prossegue.

INTENDENTE — Só direi a verdade, por minha alma. Disse a milorde, o duque, que esse monge bem poderia vítima estar sendo das ilusões do diabo, e que era muito perigoso para ele demorar-se num pensamento desses até o ponto de formar algum plano que factível lhe parecesse, tal como acontece freqüentemente. Respondeu-me: "Cala-te! nunca isso poderá prejudicar-me", tendo dito depois que se o monarca morrido houvesse na última doença, Sir Tomás Lovell e o cardeal teriam cortadas as cabeças.

REI HENRIQUE — Oh! que zelo! Há maldade nesse homem. Tens alguma coisa mais a contar?

INTENDENTE — Tenho, senhor.

REI HENRIQUE — Então, prossegue.

INTENDENTE — Achava-me em Greenwich, de uma feita, depois que Vossa Alteza censura fez ao duque, por motivo de Sir Guilherme Blomer...

REI HENRIQUE — Lembro-me ainda desse fato: sendo ele do meu feudo, entre os vassalos dele o pôs o duque. Bem; e depois?

INTENDENTE — No caso, disse-me ele, de eu ter sido mandado para a Torre por causa disso, como fora crível, representado houvera a mesma parte que meu pai quis representar no tempo do usurpador Ricardo: em Salisbury se achando, permissão pediu de à frente comparecer do rei. Caso tivesse sido atendido — e era pretexto as suas homenagens prestar-lhe —

apunhalado haveria o monarca.

REI HENRIQUE — Oh gigantesco traidor!

WOLSEY — Que achais, senhora: poderia Sua Alteza viver tranqüilamente, estando esse homem livre?

RAINHA CATARINA — Possa tudo em Deus achar remédio!

REI HENRIQUE — Alguma coisa parece que ainda tens para contar-nos. Continua.

INTENDENTE — Depois de ter falado "na parte de meu pai" e, também, "faca", pôs-se de pé e, a mão assim na espada, a outra no peito, levantando os olhos, soltou um juramento pavoroso, dizendo que se viesse a sofrer algo, tanto ao pai se adiantara, quanto dista da execução o plano irresoluto.

REI HENRIQUE — Era seu fim fazer de nosso corpo bainha para espada. Já está preso. Levai-o sem demora ao julgamento. Se puder encontrar na lei amparo, concedido há de sê-lo; do contrário, em nós não há de achá-lo. Oh! noite e dia! revela na traição grande mestria!

(*Saem.*)

Cena 3

Um quarto no palácio. Entram o Lorde Camareiro e Lorde Sands.

CAMAREIRO — Como! Será possível que os encantos da França agora obriguem tanta gente a seguir essas modas arbitrárias?

SANDS — A moda, embora chegue a ser ridícula, indigna até dos homens, é seguida.

CAMAREIRO — Pelo que vejo, todas as vantagens que os ingleses ganharam nessa viagem não passam de uma ou duas carantonhas. Mas são horrendas; pois, ao assumi-las, poderíeis jurar no mesmo instante que seus narizes foram conselheiros de Pepino ou Clotário, tal a sua majestade e imponência.

SANDS — Todos eles têm pernas novas, porém sempre mancas. Quem nunca antes os visse andar, pensara que sofressem manqueira.

CAMAREIRO — Pela Morte, milorde! A roupa deles é de talho tão pagão, que é certeza haverem gasto tudo o que de cristãos possuíam antes.

(*Entra Sir Tomás Lovell.*)

Então, Sir Tomás Lovell! Que há de novo?

LOVELL — Por minha fé, milorde, não conheço novidade nenhuma, se tirarmos o edito que acabaram de afixar na porta do castelo.

CAMAREIRO — E seu objeto?

LOVELL — A reforma dos nossos perfumados viajantes, que de brigas deixam cheia a corte, de conversas e alfaiates.

CAMAREIRO — Isso me alegra. Agora pediria a esses monsieurs que aos cortesãos ingleses concedessem bom senso, embora nunca tivessem visto o Louvre.

LOVELL — É necessário — as condições são essas — que eles ponham de lado as plumas e demais tolices que trouxeram da França, juntamente com os muito honrosos pontos da ignorância que disso fazem parte, como duelos e fogos de artifício, o menosprezo de pessoas que valem mais do que eles e que alvo são do pedantismo exótico... Libertem-se da fé que têm no tênis, nas meias altas e calções com fofos, e todos esses símbolos da viagem, voltando a ser, como antes, gente honesta, ou as malas aprontem e retornem para os seus companheiros de loucura, onde eles poderão — é o que presumo — gastar *cum privilegio* o que lhes resta de impudicícia, à custa do ridículo.

SANDS — É tempo de lhes dar algum remédio; a doença está ficando contagiosa.

CAMAREIRO — Que perda para nossas damas, essa de tão raras vaidades!

LOVELL — Oh! decerto. Vai haver muito choro, meus senhores; esses bastardos astuciosos têm manha para fazer que as damas caiam: fazem grandes milagres.

SANDS — Que lhes sirva de rabequista o diabo! Bem, que partam todos eles, pois, é certeza, nunca virão a endireitar. Dagora em diante, qualquer fidalgo honesto da campanha, como eu, por tanto tempo conservado fora do jogo, poderá sua ária modesta apresentar e ser ouvido durante uma hora, sim, pela Madona, e até passar por músico aceitável.

CAMAREIRO — Muito bem, Lorde Sands; ainda tendes vossos dentes de leite.

SANDS — E conservá-los pretendo, enquanto me restar um coto.

CAMAREIRO — Para onde ides agora, Sir Tomás?

LOVELL — À casa do cardeal, e sei que Vossa Senhoria também foi convidado.

CAMAREIRO — Oh! decerto! Hoje à noite em casa dele vai haver um banquete de mão-cheia, para muitos fidalgos e senhoras. As belezas do reino hão de presentes estar à festa, posso asseverar-vos.

LOVELL — De coração magnânimo é esse príncipe da Igreja e mão fecunda como a terra, que alimento nos dá. Por toda parte se espalha o orvalho dele.

CAMAREIRO — É certo: é nobre. Boca negra há de ter quem outra coisa disser a seu respeito.

SANDS — Não lhe faltam razões, milorde, para ser magnânimo. No caso dele a economia fora pecado mais nocivo que a heresia. Os homens de seu timbre devem sempre ser liberais. O exemplo parte deles.

CAMAREIRO — Perfeitamente; porém poucos hoje dão tão grandes exemplos. Minha barca por mim espera; Vossa Senhoria irá comigo. Vamos, meu bondoso Sir Tomás; chegaremos atrasados; com Sir Henrique Guildford indicado fui para ser mordomo dessa festa.

SANDS — Fico às ordens de Vossa Senhoria.

(*Saem.*)

Cena 4

Sala no palácio de York. Oboés. Uma pequena mesa sob um dossel, para o Cardeal Wolsey; uma mesa grande para os hóspedes. Por uma porta entra Ana Bolena acompanhada de várias damas e senhoras de qualidade, como hóspedes; pela outra entra Sir Henrique Guildford.

GUILDFORD — Minhas senhoras, cordiais boas-vindas vos trago aqui por parte de Sua Graça. A todos vós e à distração dedica esta noite o cardeal, estando certo de que nenhum dos componentes deste nobre bando de casa trouxe a mínima preocupação. A todos ele almeja a alacridade que o bom vinho, as boas companhias e o bom acolhimento, de regra, a toda gente boa ensejam.

(*Entram o Lorde Camareiro, Lorde Sands e Sir Tomás Lovell.*)

CAMAREIRO — Ainda sois moço, Sir Henrique Guildford.

SANDS — Sir Tomás Lovell, se o cardeal tivesse metade, apenas, de meus pensamentos mundanos, asseguro-vos que muitas destas senhoras hoje encontrariam, antes de irem dormir, um bom refresco, oh! muito mais do agrado delas todas.

LOVELL — Se de uma ou duas Vossa Senhoria fosse hoje o confessor!

SANDS — Oh! quem me dera! Encontrariam branda penitência.

LOVELL — Branda, como?

SANDS — Tão branda quanto um leito de plumas ensejasse.

CAMAREIRO — Caras senhoras, não quereis sentar-vos? Sir Henrique, ficai daquele lado, que eu me encarrego deste. Sua Graça vem já. Não, não podeis ficar geladas; quando se sentam juntas duas damas, o tempo deixam frio. Lorde Sands, vós é que ireis deixá-las sempre espertas; vinde sentar-vos entre estas senhoras.

SANDS — Por minha fé, a Vossa Senhoria sou muito agradecido. Com licença, gentis senhoras.

(*Senta-se entre Ana Bolena e outra dama.*)

Se se der que eu fale com certo estouvamento, desculpai-me, que isso é herança paterna.

ANA — Ele era louco?

SANDS — Oh, em excesso! Louco, a conta inteira; no amor, também. Mas a ninguém mordia; como ora faço, poderia vinte beijos vos dar num fôlego.

(*Beija-a.*)

CAMAREIRO — Bem dito, milorde; agora, sim, estais sentado num bom lugar. A culpa, cavalheiros, será só vossa, se estas lindas damas daqui saírem com fechado rosto.

SANDS — Deixai-me só com o pouco que me toca.

(*Oboés. Entra o Cardeal Wolsey, acompanhado, e vai sentar-se sob o dossel.*)

WOLSEY — Sede bem-vindos, belos convidados. A gentil dama ou o nobre cavalheiro que não mostrar franca alegria agora, não tem amor a mim. Sede bem-vindos novamente. À saúde de vós todos.

(*Bebe.*)

SANDS — Vossa Graça é gentil. Dêem-me uma taça que conter possa os agradecimentos e um discurso me poupe.

WOLSEY — Lorde Sands, muito vos agradeço. Deixai ledas vossas vizinhas; não estão alegres. Cavalheiros, quem tem a culpa disso?

SANDS — Primeiro o rubro vinho há de subir-lhes, senhor, às belas faces, para que elas de tanto conversar nos deixem mudos.

ANA — Milorde Sands, sois um par alegre.

SANDS — Quando posso escolher a contraparte. Eis vinho para Vossa Senhoria. Se quiserdes beber... Porque se trata de uma coisa...

ANA — Que não podeis mostrar-nos.

SANDS — Não disse a Vossa Graça que haveriam de soltar logo a língua?

(*Ouve-se toque de trombetas e de tambores; descarga de artilharia.*)

WOLSEY — Que aconteceu?

CAMAREIRO — Alguém vá ver o que houve.

(*Sai um criado.*)

WOLSEY — Que ruído belicoso será esse? Que significará? Minhas senhoras, nada temais, pois tendes privilégios assegurados pelas leis da guerra.

(*Volta o criado.*)

CAMAREIRO — Então, que aconteceu?

CRIADO — Um nobre bando de estrangeiros, parece. Já saltaram do barco e se aproximam como grandes embaixadores de estrangeiros príncipes.

WOLSEY — Bondoso Lorde Camareiro, dai-lhes as boas-vindas, pois falais francês, e até nós os trazei, para que a todos este céu de belezas ilumine completamente. Alguns o ajudem nisso.

(*Sai o Lorde Camareiro, acompanhado. Todos os convivas se levantam; são removidas as mesas.*)

Tivestes o banquete interrompido; mas saberei remediar isso. Boa digestão a vós todos. E de novo vos dou as boas-vindas. Sois bem-vindos.

(*Oboés. Entram o rei e outros fidalgos, mascarados e fantasiados de pastores, introduzidos pelo Lorde Camareiro. Dirigem-se diretamente para o cardeal e o saúdam graciosamente.*)

Que nobre companhia. Que desejam?

CAMAREIRO — Pedem que diga a Vossa Graça, visto nenhum falar inglês, que, tendo ouvido pela alta Fama que uma companhia bela e nobre haveria de reunir-se neste ponto hoje à noite, não puderam menos de abandonar os seus rebanhos, movidos do respeito que à beleza sempre têm demonstrado, e sob o vosso patrocínio licença vos impetram para ver estas damas e uma hora de distração passar com todas elas.

WOLSEY — Dizei-lhes, Lorde Camareiro, que eles fazem muita honra à minha pobre casa; muito lhes agradeço e a todos peço que aqui procedam como bem quiserem.

(*Cada um tira uma dama para dançar; o rei tira Ana Bolena.*)

REI HENRIQUE — A mão mais bela que eu jamais toquei. Ó linda! Até hoje eu não te conhecera!

(*Música. Dança.*)

WOLSEY — Milorde!

CAMAREIRO — Vossa Graça?

WOLSEY — De minha parte, por favor, dizei-lhes que deve haver uma pessoa entre eles mais digna deste assento do que eu próprio, a quem, se a conhecesse, o cederia com meu amor e todo o meu respeito.

CAMAREIRO — Pois não, milorde.

(*Os mascarados cochicham uns para os outros.*)

WOLSEY — Que é que estão dizendo?

CAMAREIRO — Confessam que há, realmente, essa pessoa, mas querem que a descubra Vossa Graça, porque o lugar oferecido aceite.

WOLSEY — Vou tentar.

(*Levanta-se de seu lugar.*)

Cavalheiros, com licença: neste aqui faço a minha real escolha.

REI HENRIQUE (*tirando a máscara*) — Achaste-lo, cardeal. Encantadora companhia aqui tendes. Bem pensado. Sois um homem da Igreja; do contrário, cardeal, eu vos teria em mau conceito.

WOLSEY — Alegro-me por ver que Vossa Graça se mostra espirituoso.

REI HENRIQUE — Por obséquio, milorde camareiro, aproximai-vos: quem é aquela

dama encantadora?

CAMAREIRO — Se me permite Vossa Graça, é filha de Sir Tomás Bolena, do Visconde de Rochefort; ela é dama da rainha.

REI HENRIQUE — Pelo céu, é adorável. Minha jóia, descortesia fora rematada tirar-vos para a dança sem beijar-vos. Um brinde, meus senhores! Bebam todos.

WOLSEY — Sir Tomás Lovell, pronto está o banquete na câmara privada?

LOVELL — Sim, milorde.

WOLSEY — Vossa Graça, receio-o, pela dança ficou algo animado.

REI HENRIQUE — Em demasia, tenho muito receio.

WOLSEY — Na outra sala, milorde, o ar é mais fresco.

REI HENRIQUE — Levem todos suas damas. Afável companheira, não poderei deixar-vos por enquanto. Alegremo-nos todos. Meu bondoso Lorde Cardeal, beber ainda pretendo meia dúzia de brindes com estas damas e novamente à dança concitá-las. Depois disso, cada um terá licença de imaginar que foi o de mais sorte. Vamos! que soe a música!

(*Saem, com toque de trombetas.*)

Ato 2

Cena 1

Westminster. Uma rua. Entram dois gentis-homens, que se encontram.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Por que tamanha pressa?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Oh! Deus vos guarde. Ia direito à sala do conselho para ouvir o que vão fazer do grande Duque de Buckingham.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Então vos poupo, senhor, esse trabalho. Já está tudo concluído, tirante a cerimônia de levar novamente o prisioneiro.

SEGUN1)O GENTIL-HOMEM — Estivestes presente?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Sim, decerto.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Que aconteceu? Dizei-me, por obséquio.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Adivinhar podeis mui facilmente.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Ficou reconhecida a culpa dele?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Sem dúvida nenhuma, tendo sido, como tal, condenado.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Triste fico perante essa notícia.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Como muitas outras pessoas.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Mas, por gentileza, como se passou tudo?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Vou contar-vos em resumo o que vi. O grande duque apresentou-se ao tribunal, e a todos os itens que contra ele formularam respondeu, declarando-se inocente e alegando razões de muito peso porque da lei livrar-se conseguisse. O advogado do rei, por outro lado, fazia carga sobre o questionário, provas e confissões das testemunhas, com as quais o duque quis ser confrontado para, de viva voz, poder falar-lhes, depois do que contra ele depuseram seu intendente, Sir Gilberto Peck, também chanceler dele e, assim, John Car, que foi seu confessor, e aquele monge diabólico, sim, Hopkins, que culpa teve de tudo.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Não foi esse monge que o empanturrou com suas profecias?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Precisamente. Todos o acusaram com veemência. De grado ele teria destruído tantas provas; mas não pode. E assim, ante a evidência, os próprios pares o declararam réu de alta traição. Ele se defendeu por muito tempo e com sabedoria, porque a vida viesse a salvar; mas tudo foi somente lastimado ou esquecido na mesma hora.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — E após isso, como ele se portou?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Ao ser trazido novamente à barra do tribunal para o funéreo toque, sua sentença, ouvir, de grande angústia ficou tomado, em bagas lhe escorrendo pelas faces o suor; falou colérico qualquer coisa, apressado e sem sentido. Porém voltou a si em pouco tempo e, serenado, até o fim mui nobre resignação mostrou.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Não acredito que tenha medo à morte.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Não, decerto; jamais foi pusilânime. Contudo, tinha razão para ficar nervoso.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Com certeza o cardeal tem parte nisso.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — A pensar desse modo nos obrigam todas as conjeturas. De começo, foi detido Kildare, quando ainda era deputado da Irlanda. Uma vez ele retirado do posto, foi mandado para substituí-lo o Conde Surrey, com toda a urgência, porque não pudesse levar auxílio ao pai.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Essa manobra política revela muita astúcia.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Quando o conde voltar, isso é certeza, há de querer vingar-se dele. É fato mui notório que todas as pessoas que o monarca distingue, logo arranja jeito o cardeal para ocupá-la alhures, bem distante da corte.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Todo o povo lhe vota ódio entranhado e, por minha alma, desejaria de bom grado vê-lo dez braças sob a terra, enquanto ao duque todos são afeiçoados, só o chamando de generoso Buckingham é espelho de toda a cortesia.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Fazei pausa nessa altura, senhor, e vede o nobre par arruinado, sobre que faláveis.

(*Entra Buckingham, reconduzido do julgamento; oficiais de justiça o precedem, de machado, com o corte virado para o lado dele; alabardeiros de ambos os lados. Vêm com ele Sir Tomás Lovell, Sir Nicolau Vaux, Sim William Sands e gente do povo.*)

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Vamos ficar mais perto, para vê-lo.

BUCKINGHAM — Ó boa gente que de longe viestes por vos compadecerdes de meu fado: ouvi quanto vos digo e, abandonando-me, retornai para casa. Hoje a sentença recebi de traidor, sendo forçoso morrer com esse labéu. Contudo, sirva-me o céu de testemunha: caso eu tenha consciência, só desejo que, no instante de cair o machado, ela me deixe, tendo eu sido desleal. Não recrimino por minha morte a lei: justa foi ela, uma vez admitidas as premissas. Porém que fossem mais cristãos quisera aqueles que a aplicaram. Mas perdôo-lhes quanto eles intentaram. Não se mostrem jactanciosos, no entanto, na malícia, nem pretendam construir sua maldade no sepulcro dos grandes, que contra eles meu inocente sangue clamaria. Esperança não tenho de esta vida terrena prolongar, nem imploro isso, ainda que mais graças o rei tenha do que eu pecados cometer ousasse. Ó vós, pequeno número de amigos que me tendes amor e revelastes coragem de chorar a triste sorte de Buckingham, seus nobres companheiros e amigos, cuja despedida é a única amargura, para ele como a morte: como anjos bons vinde até o fim

comigo. E quando sobre mim cair o longo divórcio de aço, um doce sacrifício fazei com vossas preces, elevando minha alma para o céu. Vamos; levai-me logo, em nome de Deus.

LOVELL — Por caridade suplico a Vossa Graça: se algum ódio em qualquer tempo contra mim guardastes no coração, perdoai-me francamente.

BUCKINGHAM — Sim Tomás Lovell, tudo vos perdôo, tal como desejara ser perdoado. Perdôo tudo. Haver não pode ofensas inumeráveis que eu capaz não seja de esquecer por completo. A negra inveja não há de assinalar-me a sepultura. Recomendai-me a sua Graça; caso a Buckingham venha ele a referir-se, dizei-lhe, por obséquio, que o encontrastes a caminho cio céu. Meus votos todos e as orações ao rei dizem respeito, e enquanto não se despedir minha alma, só há de suplicar bênçãos para ele. Que mais anos viver ele consiga do que tempo me sobra de contá-los. Amado e amável seja seu governo. E ao baixar ao sepulcro em muita idade, num monumento viva com a bondade.

LOVELL — É preciso que eu leve Vossa Graça para o outro lado da água, onde este encargo transmitirei a Sir Nicolau Vaux, que ao vosso fim terá de acompanhar-vos.

VAUX — Preparai tudo! O duque está chegando. Ponde a barca de jeito e decorai-a de acordo com a grandeza que lhe é própria.

BUCKINGHAM — Não, não, Sir Nicolau; deixai tudo isso, que minha posição, de agora em diante, de mim só poderá fazer chacota. Quando aqui vim, era o alto condestável, Duque de Buckingham; porém agora sou apenas o pobre Eduardo Bohun. Porém mais rico sou do que os meus baixos acusadores, que jamais souberam o que fosse a lealdade, que ora eu selo com o próprio sangue, o qual há de fazê-los algum dia gemer. Meu nobre pai, Henrique de Buckingham, que contra a tirania de Ricardo foi o primeiro a rebelar-se, tendo pedido asilo em casa de seu criado Banister, porque estava na desgraça, foi traído por esse miserável, vindo logo a morrer sem julgamento. Que a paz de Deus seja com ele! Henrique VII, ao trono após tendo subido, sinceramente lastimando a sorte de meu pai, como príncipe às direitas, reintegrou-me nas honras e das ruínas fez meu nome sair com maior brilho. Mas agora seu filho Henrique VIII vida, honra e nome, quanto me deixava feliz, de um golpe fez que para sempre sumisse deste mundo. Julgamento concedido me foi, sendo forçoso que o declare: mui nobre, isso me deixa um pouco mais feliz do que o meu muito desventurado pai. Mas numa coisa nos iguala o destino: o termos sido traídos pelos criados, justamente pelas pessoas a que mais amávamos. Desleal serviço e contra a natureza! Seus fins o céu em toda a parte mostra. Porém vós que me ouvis, de um moribundo recebei este aviso indubitável: Sempre que fordes liberal com vossos conselhos e afeição, tende cautela, pois os próprios amigos que fizerdes, o coração lhes dando, ao perceberem a menor diferença em vossa sorte, de vós se afastarão como o faz a água, só retomando para assoberbar-vos e tragar-vos por fim. Gente bondosa, rezai por mim. Forçoso é que vos deixe. A hora postrema já soou de minha vida tão dilatada e cansativa. Adeus. Quando algo triste relatar quiserdes, contai como eu caí. Aqui termino. E que Deus me perdoe.

(*Sai Buckingham e o séquito.*)

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Que coisa lamentável! Isso chama, senhor, receio-o

muito, inumeráveis maldições sobre os próprios responsáveis.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Se inocente estiver o duque nisso, é terrível, de fato. No entretanto, poderia mostrar-vos uns indícios de uma calamidade em perspectiva, que, se vier a se dar, será, sem dúvida, muito maior do que esta.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Anjos bondosos, afastai-a de nós! Qual será ela? Confiai, senhor, tenho certeza disso, em minha discrição.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Esse segredo é de tal monta que requer a máxima confiança porque possa ser contado.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Revelai-mo; não sou de muita prosa.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Confio em vós, senhor; vou revelar-vo-lo. Não ouvistes, acaso, alguns rumores nestes últimos dias sobre o próximo divórcio entre o monarca e Catarina?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Ouvi, mas já passou, pois o monarca ficou encolerizado quando soube do que se comentava e mandou ordem para o Lorde Maior, porque fizesse parar in continenti esses rumores e as línguas responsáveis aquietasse.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Contudo, meu senhor, essa calúnia mostrou-se verdadeira, pois renasce com mais viço que nunca, estando todos convictos de que o rei vai tentar isso. Se não foi o cardeal, um dos validos da corte, por maldade tão-somente contra a boa rainha, sugeriu-lhe certo escrúpulo que há de arruiná-la. Confirma-se a notícia com a chegada muito recente do Cardeal Campeio, que veio só para isso, julgam todos.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Foi o cardeal, é certo; e tão-somente para do imperador tomar vingança, por não haver obtido o arcebispado de Toledo, conforme lhe pedira.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Estou certo de que batestes no alvo. Mas não é doloroso que seja ela, justamente, que venha a pagar tudo? Obterá o cardeal o que deseja, que é a queda da rainha.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Oh! é terrível. Mas aqui nos achamos muito à vista, para falarmos disso. Conversemos mais de espaço em algum lugar seguro.

(*Saem.*)

Cena 2

Uma antecâmara do palácio. Entra o Lorde Camareiro lendo uma carta.

CAMAREIRO — "Milorde: os cavalos que Vossa Senhoria encomendou foram, com todo o zelo, escolhidos por mim, montados e arreados. Eram mui novos e vistosos, e da melhor raça do Norte. Quando tudo já se achava no jeito de serem eles enviados para Londres, um dos homens do Lorde Cardeal, munido de comissão e de plenos poderes, mos arrebatou, sob a alegação de que seu amo tinha de ser servido, antes de qualquer súdito e até mesmo antes do rei, o que nos entupiu a boca, senhor." Sim, receio que o seja. Pois que fique com eles! Quer ficar com tudo, penso.

(*Entram os Duques de Norfolk e de Suffolk.*)

NORFOLK — Feliz encontro, Lorde Camareiro.

CAMAREIRO — Muito bom dia para Vossas Graças.

SUFFOLK — Que faz o rei?

CAMAREIRO — Deixei-o só, entregue a pensamentos tristes e a cuidados.

NORFOLK — E qual a causa disso?

CAMAREIRO — O casamento com a mulher de seu mano, ao que parece, mui de perto perturba-lhe a consciência.

SUFFOLK — Não; a consciência dele é que perturba de perto outra senhora.

NORFOLK — É assim, realmente. É obra do cardeal; do rei-cardeal. Esse filho dileto da fortuna, esse padre sem olhos, vira todas as coisas pelo avesso. Mas um dia quem ele é há de o rei ficar sabendo.

SUFFOLK — Deus o permita; pois, de outra maneira, jamais há de a si mesmo conhecer-se.

NORFOLK — Que santidade em todos os seus atos! Que zelo põe em tudo! Agora que ele a liga pôs por terra que entre o grande sobrinho da rainha e nós havia, o imperador, no coração mergulha do nosso rei, onde semeia dúvidas, remorsos de consciência, desesperos, perigos e temores, e tudo isso só por motivo desse casamento. E para o rei tirar desse embaraço aconselha o divórcio, a jogar longe de si próprio quem, como jóia rara, lhe pendeu do pescoço por vinte anos, sem que perdesse o brilho, a da que o ama com esse amor inefável que dedicam aos homens bons os anjos, juntamente a ela, que até sob o mais rude golpe da sorte, ainda abençoará o rei. Tudo isso não revela santidade?

CAMAREIRO — Deus me proteja contra tais alvitres! É bem verdade que essas novas andam por toda a parte; todos as comentam, sem que haver possa coração honesto que por isso não chore. Quem de perto se atreve a examinar esse negócio, o fim supremo dele enxerga logo: a irmã do Rei da França. O céu um dia os olhos há de abrir ao rei, que, para este homem mau, há tanto tempo dorme.

SUFFOLK — E livrar-nos de sua servidão.

NORFOLK — Precisamos rezar com fervor para sermos libertados; caso contrário, esse homem prepotente, de príncipes que somos, a nós todos vai transformar em pajens. Diante dele todas as honrarias a aparência tomam de massa informe que ele molda como bem lhe parece.

SUFFOLK — Por meu lado, senhores, nem amor ele me inspira, nem medo em mim desperta. Eis o meu credo. Não lhe devendo o meu estado, fico sendo o que sou, se ao rei for isso grato. Suas bênçãos me são indiferentes e suas maldições: um simples vento que passa sem ferir-me. Conheci-o como o conheço ainda; assim, o entrego a quem o fez tão orgulhoso: ao papa.

NORFOLK — Vamos entrar. Quem sabe se outro assunto distrai o rei dessas idéias tristes que tanto ora o deprimem? Companhia não nos fareis, milorde?

CAMAREIRO — Desculpai-me, mas o monarca me enviou alhures. Além do mais, receio que o momento não seja muito próprio... A ambos desejo muita e muita saúde.

NORFOLK — Agradecido, meu mui bondoso Lorde Camareiro.

(*Sai o Lorde Camareiro.*)

(*Norfolk abre uma porta de duas folhas; aparece o rei, sentado e lendo com ar pensativo.*)

SUFFOLK — Que ar de tristeza! É fato: algo o preocupa.

REI HENRIQUE — Olá! Quem está aí?

NORFOLK — Permita Deus que ele se encontre calmo.

REI HENRIQUE — Quem está aí? repito; como ousastes intrometer-vos desse modo em minhas meditações privadas? Quem sou eu?

NORFOLK — Um rei gracioso que perdoa a todas as ofensas isentas de maldade. Um negócio do Estado foi que a quebra do dever nos impôs, para sabermos qual seja a vossa decisão real.

REI HENRIQUE — Sois muito ousados. Ide! Hei de fazer-vos conhecer vossas horas de serviço.

(*Entram Wolsey e Campeio.*)

Quem está aí? Meu bom Lorde Cardeal! Ó meu Wolsey bondoso, o lenitivo de minha consciência tão ferida! És o remédio próprio de um monarca. (*A Campeio.*) Sois bem-vindo, mui sábio e reverendo senhor, a nosso reino. Podeis dele dispor como de nós. (*A Wolsey.*)

Bondoso lorde, tomai cuidado para que eu não venha a dizer coisas sem nenhum sentido.

WOLSEY — Senhor, não nas direis, se Vossa Graça nos conceder uma hora apenas, para conversarmos à parte.

REI HENRIQUE — (*a Norfolk e Suffolk*) — Ide; estamos ocupados agora.

NORFOLK (*à parte, a Suffolk*) — Não é certo que esse padre é orgulhoso?

SUFFOLK (*à parte, a Norfolk*) — É insuportável. Não quisera estar doente até esse ponto, nem mesmo a troco de seu posto agora. Mas é impossível que isso continue.

NORFOLK (*à parte, a Suffolk.*) — Se tal se der, arriscarei medir-me com ele numa queda.

SUFFOLK (*à parte, a Norfolk.*) — Eu também, noutra.

(*Saem Norfolk e Suffolk.*)

WOLSEY — Deu Vossa Graça uma lição de grande sabedoria a todos os monarcas, submetendo de grado vossas dúvidas à voz da cristandade. Quem agora poderia mostrar-se aborrecido? Que ódio vos alcançara? A Espanha, pelo sangue e pelos favores a ela presa, terá de confessar, se for sincera, que o debate foi justo e em tudo nobre. Todo o clero — refiro-me aos mais sábios da cristandade — têm opinião livre. Roma, esse berço da sabedoria, por vossa solicitação enviou-nos uma língua geral, este bom homem, este santo e erudito sacerdote, Cardeal Campeio, que de novo apresento a Vossa Alteza.

REI HENRIQUE — E, de braços abertos, eu de novo lhe dou as boas-vindas, ao sagrado conclave agradecendo o amor que todos assim me certificam, pois me enviaram o homem que desejar eu poderia.

CAMPEIO — Vossa Graça merece o amor de todos os estrangeiros, por tão nobre serdes. Nas mãos de Vossa Alteza ora deponho minha alta comissão, por cuja força e expressa ordem de Roma, associais-vos comigo, servo dela, vós, milorde Cardeal de York, para, com isenção de ânimo, julgarmos esse assunto.

REI HENRIQUE — Ambos são dignos. Vai ficar a rainha neste instante sabendo o que vos trouxe. Onde está Gardiner?

WOLSEY — Sei bem que Vossa Majestade sempre a amou com tantas veras, que impossível vos será recusar-lhe o que outra dama de menos posição exigiria com base no direito: alguns juristas com liberdade para defendê-la.

REI HENRIQUE — Sim, poderá dispor dos mais notáveis; e desde já prometo o meu amparo para o que a defender com maior brilho. Deus o contrário disso não permita. Por obséquio, cardeal, chamai-me Gardiner, meu novo secretário. Acho-o muito hábil.

(*Sai Wolsey.*)

(*Volta Wolsey com Gardiner.*)

WOLSEY (*à parte, a Gardiner.*) — Dai-me a mão; alegria vos desejo, muita

prosperidade. Desde agora pertenceis ao monarca.

GARDINER (*à parte, a Wolsey.*) — Porém para mandado sempre ser por Vossa Graça, cuja mão me elevou.

REI HENRIQUE — Vem para perto, Gardiner.

(*Conversam à parte.*)

CAMPEIO — Por acaso, Lorde de York, não ocupava um Doutor Pace o posto que este homem ora ocupa?

WOLSEY — Justamente.

CAMPEIO — E não passava por um grande sábio?

WOLSEY — Sem dúvida nenhuma.

CAMPEIO — Podeis crer-me, Lorde Cardeal, mas corre um boato feio que vos toca de perto.

WOLSEY — A mim! Como isso?

CAMPEIO — Sem reservas proclamam que o invejáveis. De medo que ele viesse a subir muito, por ser de grande mérito, o mantínheis ocupado nas cortes estrangeiras, o que tanto o magoou, que morreu louco.

WOLSEY — Que a paz do céu seja com ele. Como cristão é só o que digo. Para os vivos que murmuram, castigos não lhes faltam. Mas esse era um idiota, que queria ser virtuoso. Aquele outro que ali vedes faz tudo o que eu mandar, sem discrepância. Só quero gente assim junto do trono. Aprendei isto, irmão: não desejamos ser perturbados pelos subalternos.

REI HENRIQUE — Entregai com respeito isto à rainha.

(*Sai Gardiner.*)

Quero crer que o lugar mais adequado para essa erudição seja Black-Friars. Ali vos reunireis para esse assunto de tamanha importância. Meu caro Wolsey, mandai arranjar tudo. Oh! como custa, milorde, para quem tem sentimento, abandonar tão doce companheira. Mas, consciência, consciência! És delicada por demais. É preciso abandoná-la.

(*Saem.*)

Cena 3

Uma antecâmara dos aposentos da rainha. Entram Ana Bolena e uma velha dama da corte.

ANA — Por isso também não. Nisso é que o espinho nos provoca mais dor. Tendo Sua Alteza vivido ao lado dela tanto tempo, e sendo ela senhora tão bondosa, que jamais língua alguma dizer pode nada contra sua honra... Sim, de fato: nunca a ninguém fez mal... E agora, tendo ficado sobre o trono tantos cursos do sol, em plena pompa e majestade, que deixar é mil vezes mais amargo do que é doce alcançar, ser repelida depois de ter vivido desse modo, comover poderia qualquer monstro.

A VELHA DAMA — Os corações da têmpera mais dura se fundem em lamentações por ela.

ANA — O céu assim o quis. Bem melhor fora não ter a pompa conhecido nunca. Conquanto temporal, quando a Fortuna rixenta nos obriga a abandoná-la, produz-se um sofrimento tão pungente como o de separar-se do corpo a alma.

A VELHA DAMA — Volta a ser estrangeira! Pobre dama!

ANA — Mais um motivo para que a piedade se derrame sobre ela. Pois vos juro que é preferível vir de um berço obscuro e contente viver com gente humilde, a pavonear-se numa dor brilhante e carregar uma tristeza de ouro.

A VELHA DAMA — O que de melhor temos é a alegria.

ANA — Por minha fé e minha virgindade, não desejara ser rainha nunca.

A VELHA DAMA — Pois eu quisera sê-lo, por minha alma, e a própria virgindade arriscaria, bem como vós, com todo esse tempero de falsidade. Sendo possuidora, como o sois, dos encantos femininos, também tereis um coração de acordo, que sempre ambicionou a preeminência, soberania, bens, que são legítimas bênçãos, para ser franca, sendo certo que, a despeito de todos esses dengues, vossa consciência branda como pele de cabrito decerto aceitaria, bastando que para isso a distendêsseis.

ANA — Não, não, por minha fé.

A VELHA DAMA — Qual fé, qual nada! É certo: não quiséreis ser rainha?

ANA — Não, por quanto ouro sob o céu se encontra.

A VELHA DAMA — interessante! Pois qualquer moedinha me compraria — velha como me acho — para subir ao trono. Mas dizei-me, por favor, que pensais de uma duquesa? Tendes força bastante para o peso suportar desse título?

ANA — Nenhuma.

A VELHA DAMA — É que nascestes fraca. Diminuamos a carga um pouco. Não quisera ver-me em vossa estrada, como um conde jovem, para deixar-vos mais do que corada. Se vosso dorso não suporta o fardo, é que para uma criança é muito fraco.

ANA — Como falais! Pois juro novamente que nem por todo o mundo eu desejara chegar a ser rainha.

A VELHA DAMA — É muito certo: pela Inglaterrazinha arriscaríeis empunhar firme o cetro. Eu, do meu lado, fá-lo-ia pelo Carnavon, embora não mais do que isso pertencesse ao trono. Mas quem vem vindo aí?

(*Entra o Lorde Camareiro.*)

CAMAREIRO — Muito bom dia, minhas senhoras. Quanto me pedíreis para me revelardes o segredo sobre que conversáveis?

ANA — Não compensa vossa pergunta, meu bondoso lorde. A falar nos achávamos da sorte de nossa soberana.

CAMAREIRO — Mui louvável tema, decerto, e em tudo condizente com o sentimento de pessoas boas. Mas há esperança de que tudo ainda venha a terminar bem.

ANA — É só o que a Deus peço. Que assim seja.

CAMAREIRO — Tendes mui nobre coração. As bênçãos celestes caem sempre nas pessoas semelhantes a vós. E, bela dama, para mostrar-vos quão sincero eu falo e a que ponto têm sido apreciadas vossas altas virtudes, a grandeza do rei vos testemunha seu apreço, determinando honrar-vos de maneira não menos florescente do que o título de Marquesa de Pembroke vos dando, ao qual Sua Graça uma pensão ajunta de mil libras anuais.

ANA — Saber não posso de que maneira demonstrar-lhe todo meu reconhecimento. Tudo quanto sou é menos que nada; minhas preces não são santificadas, não passando meus votos de palavras sem substância. Ainda assim, só posso oferecer-lhe meus votos e orações. Suplico a Vossa Senhoria que exprima toda a minha gratidão e obediência a Sua Alteza, como de jovem que enrubesce e reza pela saúde dele e seu governo.

CAMAREIRO — De reforçar não deixarei, senhora, a opinião favorável que o monarca tem a vosso respeito. (*A parte.*) Examinei-a muito bem. A beleza e a dignidade de tal maneira nela se misturam, que o rei deixaram preso. Quem nos diz que desta dama não sairá uma jóia capaz de iluminar toda nossa ilha? (*Alto.*) Vou ver o rei; direi que nos falamos.

ANA — Muito estimado lorde!

(*Sai o Lorde Camareiro.*)

A VELHA DAMA — Como as coisas se passam! Vede! Vede! Dezesseis anos mendiguei na corte, e ainda sou mendiga, sem que nunca entre o cedo demais e o muito tarde pudesse achar o meio certo para meus pedidos de libras. E, oh destino! vós, um peixinho novo — fora! fora! com a sorte tão forçada! — encheis a boca antes mesmo de abri-la.

ANA — Estou perplexa.

A VELHA DAMA — Que gosto tem? É amargo? Não, aposto quarenta pences em como é bem gostoso. Era uma vez uma senhora — antigo conto assim começava — que por nada deste mundo quisera ser rainha; em absoluto, nem por toda a lama do Egito. Conhecei-lo?

ANA — Estais brincando.

A VELHA DAMA Com vosso tema aos céus eu remontara. Marquesa de Pembroke! Com uma renda de mil libras, por pura reverência, sem outra obrigação! Por minha vida, isso promete mais alguns milheiros. A cauda da grandeza é mais comprida que a frente do vestido. Agora vejo que podeis carregar uma duquesa. Não é certo que agora estais mais forte?

ANA — Minha boa senhora, distraí-vos com vossa fantasia, mas deixai-me fora desse brinquedo. Morrer quero, se isso é capaz de alvoroçar-me o sangue. Desfalecer me sinto à só idéia do que virá depois. A rainha se encontra inconsolável e nós nos esquecemos dela, ausentes assim por tanto tempo. Por obséquio, nada deveis dizer-lhe do que ouvistes.

A VELHA DAMA — Decerto! Que pensais a meu respeito?

(*Saem.*)

Cena 4

Uma sala em Black-Friars. Trombetas; fanfarras e toque de cornetas. Entram dois oficiais de justiça com varinhas de prata; seguem-nos dois escrivães com vestes de doutor; a seguir, o Arcebispo de Cantuária, sozinho; depois, os Bispos de Lincoln, Ely Rochester e Santo Asaph. Depois deles, a pequena distância, vem um gentil-homem com uma bolsa, o grande selo e um chapéu cardinalício; depois, dois padres, trazendo cada um uma cruz de prata. A seguir, entra um gentil-homem da câmara do rei, com a cabeça descoberta, acompanhado de um sargento de armas, que traz um cetro de prata; depois, dois gentis-homens, carregando dois grandes pilares de prata. Depois deles, lado a lado, os dois cardeais, dois cavalheiros com espada e cetro. Depois entram o rei e a rainha, com os respectivos séquitos. O rei se assenta sob o baldaquim; os dois cardeais se sentam abaixo dele, como juizes; a rainha se assenta a certa distância do rei; os bispos se colocam de cada lado da corte, em forma de consistório. Abaixo deles, os escrivães. Os nobres se sentam junto dos bispos. O pregoeiro e os outros oficiais de serviço se colocam no palco em ordem conveniente.

WOLSEY — Até que nossa comissão de Roma seja lida, mandai que haja silêncio.

REI HENRIQUE Qual a necessidade disso? Feita já foi publicamente essa leitura; sua validez está reconhecida de ponta a ponta. Assim, fora possível poupardes Esse tempo.

WOLSEY — Seja. Adiante!

ESCRIVÃO — Gritai: Rei Henrique da Inglaterra, comparecei a este tribunal!

PREGOEIRO — Rei Henrique da Inglaterra, comparecei a este tribunal!

REI HENRIQUE — Presente.

ESCRIVÃO — Gritai: Catarina, Rainha da Inglaterra, comparecei a este tribunal!

PREGOEIRO — Catarina, Rainha da Inglaterra, comparecei a este tribunal!

(*A rainha não responde; levanta-se de seu lugar, atravessa a sala, dirige-se para o rei, ajoelha-se aos pés dele e depois fala.*)

RAINHA CATARINA — Só direito e justiça é o que vos peço, senhor, e que de mim tenhais piedade. Sou uma pobre mulher, uma estrangeira, que veio ao mundo longe dos domínios que vos são próprios. Não disponho agora nem de juiz imparcial nem de esperança de tratamento equânime da corte. Ai de mim! Em que posso, acaso, tem-vos ofendido, milorde? Que motivo de desgosto vos deu minha conduta, para pensardes em mandar-me embora, de vossa graça e afeto me privando? O céu é testemunha de que sempre vos fui esposa humilde e

verdadeira; sempre me conformei ao vosso alvitre; com medo sempre, até, de despertar-vos desgosto, busquei sempre acomodar-me ao menor gesto vosso, alegre ou triste, conforme vos notasse. Em que momento tentei opor-me a qualquer ordem vossa, sem que fizesse minha? A qual dos vossos amigos por amar não me esforcei, muito embora na conta de inimigo sempre o tivesse tido? Ou a que pessoa de minhas relações eu continuei revelando afeição, quando ela vossa cólera provocasse? Na mesma hora não lhe fazia ver que passaria daí por diante a ser meu inimigo? Recordai-vos, senhor, de que durante mais de vinte anos, obediente sempre, hei sido vossa esposa e tive a bênção de vos dar muitos filhos. Se no curso desse tempo puderdes um só fato mencionar e provar contra minha honra, minha fidelidade, meu afeto, o respeito que devo a vossa sacra pessoa: em nome, sim, de Deus, lançai-me de vossa vista e que o mais negro opróbrio venha fechar-me as portas, entregando-me ao rigor mais severo da justiça. Escutai-me, senhor: o soberano vosso pai sempre foi considerado um príncipe prudente, de excelente julgamento e de muita perspicácia. Ferdinando, meu pai e Rei da Espanha, passava pelo príncipe mais sábio daquela terra, desde muitos anos, sendo fora de dúvida, portanto, que em cada reino eles reunido houvessem um conselho de sábios, que julgaram legal nossa união, depois de haverem bem estudado o assunto. Por tudo isso, senhor, humildemente vos suplico que me poupeis até que eu tenha tempo de me comunicar com meus amigos de Espanha e lhes pedir que me aconselhem. Mas em nome de Deus, caso contrário, também nisso se faça o que quiserdes.

WOLSEY — Senhora, aqui dispondes destes padres reverendos — a escolha tendes livre — homens de singular integridade e, todos eles, de saber mui raro, a nata da nação, que aqui se encontram para vos defender. Inútil fora, por isso, adiar o julgamento, tanto para vosso sossego como para deixar o rei sem causa de inquietude.

CAMPEIO — Com todo o acerto e muito sabiamente Sua Graça falou. Por isso tudo, senhora, é conveniente que prossiga esta real sessão, devendo logo ser apreciadas as razões das partes.

RAINHA CATARINA — Lorde Cardeal, é a vós que eu me dirijo.

WOLSEY — Qual é o vosso prazer, minha senhora?

RAINHA CATARINA — Senhor, estou no ponto de chorar. Mas refletindo que rainha somos — pelo menos assim me vi em sonhos por muito tempo — e com certeza filha de um monarca, transformo minhas lágrimas em chispas abrasantes.

WOLSEY — Ficai calma.

RAINHA CATARINA — Ficarei, quando humilde vos mostrardes; antes, não, porque Deus me puniria. Creio, firmada em provas convincentes, que sois meu inimigo. Assim, declaro-vos suspeito para funcionardes como juiz em minha causa, pois as chamas que se alçam entre mim e meu marido nasceram de vosso hálito. Prouvera que o orvalho do Senhor possa apagá-las! Mais uma vez declaro: abominando-vos como vos abomino, com toda a alma, para meu julgador não vos aceito, porque — tomo a dizer — vos considero inimigo maldoso, e não vos posso ter em conta de amigo da verdade.

WOLSEY — Preciso confessar que vos estranho por causa da linguagem, que bondosa sempre vos revelastes, demonstrando disposição gentil e em tudo branda, sobre sabedoria patenteardes que ultrapassava o sexo. Enormemente, senhora, me ofendeis; ódio não tenho com relação a vós, nem fui injusto jamais convosco ou com qualquer pessoa. Tudo quanto até agora tenho feito, da comissão do consistório emana, direi melhor: de todo o consistório de Roma. Contra mim fizestes carga de que eu soprei as chamas deste incêndio. Não é assim, o rei está presente. Se ele achasse que falso eu me mostrara, em seu poder estava castigar-me mui merecidamente a falsidade, sim, com o mesmo rigor com que zurzistes minha veracidade. Se ele sabe que eu me encontro inocente dessa pecha, sabe também que me fazeis ofensa. Dele depende, assim, reabilitar-me, o que pode fazer de vós tirando semelhantes idéias. Por tudo isso, antes que Sua Alteza a falar venha, graciosa dama, instante vos conjuro a retratar-vos, nunca mais voltando a usar essa linguagem.

RAINHA CATARINA — Ó milorde! eu sou uma mulher simples, muito fraca para lutar com toda vossa astúcia. Sois brando e de linguagem sempre humilde. Exerceis vosso posto e ministério com mostras exteriores de brandura, de perfeita humildade, mas de orgulho tendes o coração inflado sempre, de arrogância e rancor. Favorecido pela fortuna e o amparo de Sua Graça, subir pudestes com facilidade os degraus mais de baixo, ora encontrando-vos numa altura em que todos os poderes se constituíram vossos seguidores. Vossas palavras, como humildes servos, prestam-se a executar vossos desejos em tudo o que quiserdes. Sou-vos franca: mostrais-vos mais zeloso do prestígio pessoal do que mesmo dos deveres de vossa profissão em tudo digna. Como juiz recuso-vos, declaro-o novamente; e ora, em frente de vós todos, apelo para o papa, resolvida a levar minha causa até à presença de Sua Santidade, porque seja julgada com justiça.

(*Inclina-se diante do rei e faz menção de retirar-se.*)

CAMPEIO — Mui rebelde contra a justiça mostra-se a rainha, inclinada a acusá-la e desdenhosa de suas decisões. Não é bom isso. Já se vai retirando.

REI HENRIQUE — Convocai-a novamente.

PREGOEIRO — Catarina, Rainha da Inglaterra, comparecei ante este tribunal!

GR1FFITH — Chamaram-vos, senhora.

RAINHA CATARINA — Por que prestastes atenção a isso? Segui vosso caminho, por obséquio. Dai meia volta, quando vos chamarem. Deus venha em minha ajuda; é insuportável. Vamos; não ficarei aqui mais tempo, nem nunca mais porei os pés nas cortes convocadas por causa deste assunto.

(*Sai a rainha com seu séquito.*)

REI HENRIQUE — Vai, Kate; continua teu caminho. Se houver no mundo quem ousar gabar-se de ter acaso esposa mais valiosa, que em nada seja crido após tão grande, tão patente mentira. Estás sozinha com tuas raras qualidades, tua bondade natural, benignidade como de santa, dignidade em tudo feminina, obediência no comando... Todas essas virtudes soberanas e religiosas, se falar pudessem, te aclamariam, bem o sei, rainha das rainhas da terra. Tem

nobreza de nascimento, e por maneira nobre, com relação a mim, se portou sempre.

WOLSEY — Mui gracioso senhor, humildemente conjuro a Vossa Alteza que se digne declarar ante todos os presentes — pois onde eu fui roubado e acorrentado solto tenho de ser, mesmo no caso de não chegar a obter a merecida satisfação — se todo este negócio foi por mim sugerido a Vossa Alteza ou se, de qualquer modo, fiz escrúpulos em vós nascerem, que vos decidissem a propor a questão; se qualquer dito da boca me saiu — senão apenas louvores ao Senhor, por alcançado terdes tão alta esposa — que pudesse em detrimento vir do estado dela ou de leve atingir sua pessoa.

REI HENRIQUE — Milorde, eu vos desculpo. Por minha honra, absolto vos declaro. Não preciso dizer-vos quantos inimigos tendes, que o motivo de o serem desconhecem, aos cachorros de aldeia semelhantes, que ladram por ouvir ladrar os outros. Um desses contra vós fez irritar-se o ânimo da rainha. Desculpado — de todo vos achais. Mas se quiserdes que a justificação seja completa, direi que sempre desejastes que este negócio adormecesse, não querendo que fosse despertado. Muitas vezes, sim, muitos empecilhos levantastes nos caminhos que fossem dar até ele. Por minha honra declaro que o bondoso Lorde Cardeal não teve parte nisso. Absolvo-o por completo. Quanto às causas que me determinaram neste passo, da atenção dos presentes e do tempo pretendo ora abusar. Vede o começo. Foi assim; atenção prestai a tudo. Minha consciência viu-se perturbada pela Primeira vez, com certo escrúpulo, como que espicaçada, ante as palavras do embaixador francês numa dada época, o Bispo de Baiona, que aqui viera para negociar o casamento entre o Duque de Orléans e nossa filha Maria. No decurso das conversas, antes de termos assentado nada, ele — a saber: o bispo — requereu-nos que em suspenso deixássemos o assunto para que ele consulta ao rei fizesse sobre se nossa filha era legítima com relação ao nosso casamento com a rainha-mãe, que fora esposa de nosso próprio irmão. Esse intervalo abalou-me a consciência até ao mais fundo, na alma me penetrou com força ingente, a tremer o imo peito me deixando. Abrindo, assim, caminho, inumeráveis perplexidades em tropel afluíram, assoberbado me deixando o espírito. De início me ocorreu que o céu deixara de sorrir para mim, pois, tendo o mando sobre a natura, havia-lhe ordenado que se um filho varão de mim o ventre de minha esposa a conceber viesse, não lhe haveria de fazer serviço mais relevante do que faz aos mortos a sepultura. Com efeito: todos os filhos masculinos ou morriam onde gerados tinham sido, ou logo depois de respirarem o ar do mundo. Daí me ter nascido o pensamento de que isso era um castigo, que meu reino digno de ter o mais brilhante herdeiro, de mim não lhe viria essa alegria. Pus-me a pensar, depois, todo o perigo a que o país sujeito se encontrava, pela falta de herdeiro, o que do peito me arrancou sentidíssimos gemidos. Desse modo, flutuando no agitado mar de minha consciência, pus a mira neste remédio que é o motivo certo de nossa reunião. Por outros termos: pretendia aliviar minha consciência, que então sentia gravemente enferma e que ainda não se acha muito boa, em que possam ter feito os reverendos prelados e os doutores cá da terra. Comecei, Lorde Lincoln, consultando-vos em caráter privado. Certamente deveis estar lembrado como ao peso dessa opressão eu suspirava, quando pela primeira vez vos falei nisso.

LINCOLN — Perfeitamente, meu senhor.

REI HENRIQUE — Falei-vos longamente. Dizei vós mesmo agora o que, por consolar-me, então fizestes.

LINCOLN — Se a Vossa Majestade for do agrado, de tal modo confuso esse problema de início me deixou, não só por sua transcendente importância, como pelas terríveis conseqüências que seriam de esperar, que o conselho mais ousado à dúvida confiei, havendo logo proposto a Vossa Alteza a idéia que ora se concretiza aqui.

REI HENRIQUE — Falei convosco, Milorde de Cantuária, havendo obtido vosso consentimento para que esta reunião viesse a ser feita. Não há membro desta colenda corte que eu deixasse de consultar, foi tudo feito, tudo, com o apoio formal e o selo expresso ele cada um e de todos. Por tudo isso; prossegui, pois nenhuma antipatia contra a pessoa da gentil rainha, mas aqueles acúleos lancinantes das razões aduzidas suscitaram semelhante debate. Se provardes que nosso enlace é válido, por minha vida, por minha régia dignidade, felizes somos por participarmos com ela deste nosso mortal curso, com Catarina, nossa soberana, que antepomos a todas as criaturas do mundo, por mais primas e exemplares que porventura sejam.

CAMPEIO — Vossa Alteza me perdoe, mas a ausência da rainha nos impõe o adiamento desta corte. Até essa nova data deveremos insistir com empenho junto dela para que ela desista do recurso que em mandar pensa a Sua Santidade.

(*Levantam-se para sair.*)

REI HENRIQUE — Noto que estes cardeais estão fazendo troça de mim. Odeio essas delongas, essas manhas de Roma. Ó meu fiel Cranmer, meu sábio servidor e muito amado, conjuro-te a voltar, pois tua vinda, tenho certeza, me trará conforto. — Suspendei a sessão, digo... Saiamos.

(*Saem todos, na mesma ordem com que entraram.*)

Ato 3

Cena 1

O palácio de Bridewell. Um quarto dos aposentos da rainha. A rainha e suas damas de companhia estão trabalhando.

RAINHA CATARINA — Menina, vai buscar teu alaúde, que minha alma está aflita de cuidados. Se puderes, dispersa-os com teu canto. Larga o trabalho.

(*Canção*)

Com sua lira Orfeu fazia
dobrar-se a montanha fria
e os troncos, quando cantava.
Até, sem chuva e sem sol,
se via um lindo arrebol
e a primavera pompeava.

Ouvindo-o as coisas cantar,
as próprias ondas do mar
se quedavam pensativas.
Tem o canto tal condão
que as dores do coração
se tornam logo cativas.

(*Entra um gentil-homem.*)

RAINHA CATARINA — Que é que há?

GENTIL-HOMEM — Se Vossa Graça o permitir, encontram-se os dois grandes cardeais aí fora, à espera.

RAINHA CATARINA — Querem falar-me?

GENTIL-HOMEM — Tenho instruções deles para dizer que sim.

RAINHA CATARINA — Dizei-lhes que entrem.

(*Sai o gentil-homem.*)

Que quererão de mim, sendo eu tão pobre, uma fraca mulher, já sem prestigio? Quanto mais penso nisso, menos acho prazer nessa visita. Homens virtuosos deviam ser, de posição tão digna... Mas o hábito não faz o monge, é certo.

(*Entram Wolsey e Campeio.*)

WOLSEY — Paz para Vossa Alteza.

RAINHA CATARINA — Vossas Graças como dona de casa ora me encontram. O medo do futuro é que me obriga a estar em condições de fazer tudo. Reverendos senhores, qual a causa de quererdes falar-me?

WOLSEY — Se do agrado vos for, nobre senhora, passaremos para vosso aposento reservado, onde vos exporemos os motivos desta nossa visita.

RAINHA CATARINA — Mesmo aqui poderemos falar, pois, em consciência, até hoje nada fiz que não pudesse revelar francamente em qualquer parte. Prouvera ao céu que todas as mulheres pudessem declarar a mesma coisa com igual liberdade. Meus senhores, uma felicidade sempre tive: isso de não ligar nunca importância ao fato de meus gestos comentados serem por toda a gente, de ficarem sob a vista de todos, e como alvo dos ataques da inveja e da calúnia, tão certa me acho de ter vida limpa. Se vindes para examinar a minha conduta como esposa, sede francos. Sempre a verdade ama linguagem rude.

WOLSEY — Tanta est erga te mentis integritas, regina serenissima.

RAINHA CATARINA — Oh! nada de latim, meu bom senhor. Não tenho estado tão ociosa, desde minha chegada, que não aprendesse a língua dos que vivem no meu meio. Em língua estranha minha causa toma-se mais estranha e suspeita. Por obséquio, dai forma inglesa ao vosso pensamento. Se a verdade disserdes, as pessoas presentes vos serão agradecidas por sua pobre senhora. Acreditai-me: tratada tem sido ela rudemente. Lorde Cardeal, meu mais premeditado pecado pode ser perfeitamente absolvido em inglês.

WOLSEY — Nobre senhora, pesa-me ver que a minha integridade, e toda a devoção com que vos sirvo e a Sua Majestade só despertam suspeitas, apesar de toda a minha boa fé e lealdade. Aqui não vimos para acusar, para manchar uma honra que recebido tem somente bênçãos das almas bem formadas, nem, tampouco, para vos provocar novas tristezas — que é o que tendes bastante — mas apenas para ficarmos conhecendo como julgais a grave dissidência que houve entre o monarca e vós, e para dar-vos. — como pessoas livres e sinceras — nossa justa opinião e algum conforto.

CAMPEIO — Muito honrada senhora, o Lorde de York, movido por sua nobre natureza, pelo zelo e obediência que ele ainda professa a Vossa Graça, e já esquecido, por ser homem de bem, de vosso ataque contra ele próprio — muito longe, muito, vos deixastes levar — vos oferece, como o faço, os serviços e conselhos.

RAINHA CATARINA (*à parte*) — Para trair-me. (*Alto.*) Meus senhores, a ambos agradeço a intenção. Falastes como gente honesta — prouvera ao céu que o fôsseis! — Mas dar uma resposta tão de súbito sobre assunto de tanta gravidade, que tão de perto a honra vem ferir-me e muito mais, talvez, a própria vida... Com meu fraco juízo, diante de homens de tanta erudição e gravidade, com franqueza, não sei como fazê-lo. Encontrava-me em meio às minhas damas de companhia, longe — Deus o sabe — de pensar em visitas de tal porte e em semelhante assunto. Assim, em nome do que eu fui — pois percebo que se encontra no fim minha grandeza — a Vossas Graças suplico conceder à minha humilde causa um pouco de tempo e reflexão. Ah!

sou uma mulher fraca, sem amigos, sem esperança alguma.

WOLSEY — Nobre dama, ofendeis a afeição do soberano com semelhante medo. Não têm número vossos amigos, vossas esperanças.

RAINHA CATARINA — Na Inglaterra, de quase nenhum préstimo. Acreditais, senhores, que um inglês se atreveria a dar-me algum conselho, dizer-se amigo meu, abertamente, contra o prazer agir de Sua Alteza — dado que houvesse algum desesperado que honesto se mostrasse — continuando, depois disso, com vida? Não, decerto. Os amigos que o fardo poderiam sopesar de meu grande sofrimento, em quem confiar de todo eu poderia, aqui não vivem. Todos eles, como qualquer outro consolo, muito longe se acham daqui, na minha própria pátria.

CAMPEIO — Desejaria que por uns instantes Vossa Graça deixasse essas tristezas e ouvisse meu conselho.

RAINHA CATARINA — Qual é ele, senhor?

CAMPEIO — À proteção do soberano confiar a vossa causa. Ele é bondoso e por demais amável. De vantagem fora para vossa honra e vossa causa, pois se vos atingir o legal juízo, desonrada saireis.

WOLSEY — É com acerto que ele vos aconselha.

RAINHA CATARINA — Ele aconselha o que ambos desejais: minha ruína. É um conselho cristão? Oh! que vergonha para vós ambos! Ainda há céu, lá no alto um juiz se encontra a que nenhum monarca poderá corromper.

CAMPEIO — Vossa paixão nos interpreta mal.

RAINHA CATARINA — Pois tanto pior para ambos. Eu pensava que ambos fôsseis homens santos; é certo, por minha alma, duas cardeais virtudes e eminentes. Mas ambos não passais, receio-o muito, de pecados cardeais, corações falsos. Que vergonha, senhores! Reformai-vos! Esse é o vosso consolo, o lenitivo que trazeis a uma dama desgraçada? a uma mulher perdida neste meio, ridicularizada, escarnecida? Nem a metade, ao menos, vos desejo das infelicidades que me oprimem. Tenho mais caridade. Mas lembrai-vos de que ora vos advirto. Tomai tento, pelo céu, porque o fardo de meus males sobre vós não recaia.

WOLSEY — Nobre dama, estais fora de vós; isso é delírio; em suspeita mudais os bons intentos.

RAINHA CATARINA — E vós a mim, em nada. Amaldiçoados sejam todos os falsos conselheiros como vós. Quereríeis — se piedade tivésseis, sentimento de justiça, se de membros da Igreja possuísseis alguma coisa mais do que a roupagem — que nas mãos minha causa eu depusesse de quem só me tem ódio? Ai! há que tempo da afeição do monarca estou banida, e também do seu leito! Já estou velha, meus senhores; agora só perdura de nossa ligação minha obediência. Que é que de pior podia acontecer-me além dessa desgraça? Vosso esforço me acarretou a maldição que vedes.

CAMPEIO — O pior é Vosso medo.

RAINHA CATARINA — Vivi tanto — deixai que eu mesma o diga, que a virtude com amigos não conta — como esposa dedicada e — declaro-o sem vanglória — sem que a suspeita nunca me tivesse lançado o seu ferrete; tendo sempre dedicado ao monarca o meu afeto; depois de Deus, amando-o; obedecendo-lhe, levando meu amor à idolatria, chegando mesmo, para ser-lhe amável, a descuidar das orações, e tudo para premiada ser desta maneira? Oh! é duro, senhores! Apontai-me uma mulher constante a seu marido, uma mulher que nunca uma alegria sonhado houvesse além do prazer dele, a após ter ela feito tudo, tudo, a meu favor um mérito eu reclamo: minha grande paciência.

WOLSEY — Nobre dama, fugis dos bons intuitos que nos movem.

RAINHA CATARINA — Não quero cometer, milorde, o crime de renunciar de grado ao nobre título que me ligou ao vosso soberano. Somente a morte pode divorciar-me de minha dignidade.

WOLSEY — Ora atendei-me.

RAINHA CATARINA — Antes o pé nunca eu tivesse posto no solo da Inglaterra. nem provado da lisonja que nele cresce tanto. Tendes o rosto de anjo, mas é certo que vossos corações o céu conhece. Qual será a sorte desta desgraçada? Não há mulher tão infeliz quanto eu.

(*A suas damas de companhia.*)

Ah, pobrezinhas! que futuro tendes, naufragadas num reino onde a esperança não medra, nem amigos, nem piedade; onde por mim não chora um só parente e onde mal me concedem um sepulcro! Como a açucena, outrora soberana dos campos, onde havia florescido, pendo a cabeça e morro.

WOLSEY — Se pudesse Vossa Graça chegar a convencer-se de que nossos intuitos são honestos, mais tranqüila ficara. Por que causa, boa dama, por que motivo havíamos de vos prejudicar? Ah! nossos postos, o caráter de nossa dignidade, nos impedem de tal. Curar as mágoas é nossa missão própria, não semeá-las. Pelo céu, refleti no que fizerdes, como podeis prejudicar-vos, como, com tal procedimento, poderíeis afastar-vos de todo do monarca. O coração dos príncipes dá beijos na obediência, a tal ponto gosta dela; mas, em frente aos espíritos teimosos, levantam-se, explodindo tão terríveis como as grandes tormentas. Estou certo de que sois de gentil e nobre gênio, de alma tão calma como o mar tranqüilo. Pelo que somos, por favor, tomai-nos: mediadores da paz, amigos, servos.

CAMPEIO — Senhora, haveis de convencer-vos disso. Prejudicais demais vossa virtude com esse medo de mulheres débeis. Um espírito nobre como o vosso rejeita essas suspeitas como moedas de cunho duvidoso. O rei vos ama. Cuidai de conservar sempre o amor dele. Se confiardes em nós, estamos prontos a provar nosso zelo de servir-vos.

RAINHA CATARINA — Fazei o que quiserdes, meus senhores, e desculpai-me, por favor, no caso de eu me ter comportado incivilmente. Sabeis que sou mulher e que careço da arte de conversar com propriedade com pessoas tão altas. Meus respeitos oferecei a Sua Majestade; fazei-me esse favor. Ele ainda é dono do coração que neste peito bate, e enquanto eu

tiver vida, será dono de minhas orações. Vinde, mui dignos padres, aconselhai-me. Agora implora quem não pensou desde o primeiro dia que tão cara a realeza lhe sairia.

(*Saem.*)

Cena 2

Antecâmara dos apartamentos do rei. Entram o Duque de Norfolk, o Duque de Suffolk, o Conde de Surrey e o Lorde Camareiro.

NORFOLK — Se em vossas queixas ora vos unirdes e com vossa insistência as reforçardes, ao cardeal resistir será impossível. Mas no caso de não aproveitardes esta oportunidade, só vos digo que tereis de agüentar novas desgraças, além das que já tendes.

SURREY — Rejubilo-me por achar ocasião, embora mínima, que lembrado me faz de que meu sogro, o duque, tem de ser vingado nele.

SUFFOLK — Qual dos pares não foi menosprezado por ele, ou, quando nada, por maneira sempre estranha, esquecido? Em que pessoa, tirante a própria, ao cunho da nobreza respeito ele mostrou?

CAMAREIRO — Falais, milordes, somente o que sentis. Sei bem o que ele de mim e vós merece; mas, se há modo de contra ele fazermos qualquer coisa, nesta oportunidade. é o que duvido. Se o caminho barrar-lhe não puderdes que vai ter até ao rei, não tenteis nada nesse sentido, pois a língua dele sobre o monarca exerce poder mágico.

NORFOLK — Oh! nada de receios! Seu feitiço sobre o rei já acabou. pois o monarca contra ele descobriu alguma coisa que há de estragar o mel de seus discursos de uma vez para sempre. Ele se encontra definitivamente mergulhado no desprazer do rei.

SURREY — Como eu ficara satisfeito de ouvir uma notícia como essa de hora em hora!

NORFOLK — É verdadeira, podeis acreditar. Sua conduta, dúplice, no divórcio está patente. Nisso ele apareceu como eu quisera que aparecesse meu pior inimigo.

SURREY — Como se descobriram seus embustes?

SUFFOLK — Do modo mais estranho.

SURREY — Oh! Como? Como?

SUFFOLK — A carta que o cardeal mandara ao papa se extraviou, vindo ter às mãos do rei, e o rei viu que o cardeal pedia instante a Sua Santidade que parasse com a sentença a respeito do divórcio, “porque, sendo alcançado“, acrescentava, “é certo o rei achar-se apaixonado por uma das criaturas da rainha, Ana Bolena”.

SURREY — O rei tem essa carta?

SUFFOLK — Ficai certo.

SURREY — E será de algum efeito?

CAMAREIRO — O rei, com isso, vê como ele corta direito ou se desvia nos caminhos de seus próprios intentos. Mas sobre isso falham todas as artes; o remédio chega depois da morte do paciente: o rei já desposou a bela dama.

SURREY — Oh, quem nos dera!

SUFFOLK — Possa esse desejo deixar-vos venturoso, pois afirmo-vos que já está realizado.

SURREY — Alegremente saúdo esse consórcio.

SUFFOLK — Digo amém.

NORFOLK — Como todos o fazem.

SUFFOLK — Já estão sendo dadas as ordens para a coroação. Mas isso é novidade muito fresca, não é para ser dita a toda a gente. Mas, meus senhores, ela é uma criatura realmente extraordinária, assim no espírito como na forma extrema. Estou convicto de que dela virá tal ou qual bênção para esta terra, digna de memória.

SURREY — E o rei vai engolir aquela carta do cardeal? Não permita Deus tal coisa.

NORFOLK — Com a breca! Amém.

SUFFOLK — Não, não! Há outras vespas que em torno do nariz lhe estão zumbindo, para apressar o efeito da picada. Sem despedir-se, o Cardeal Campeio partiu furtivamente para Roma. Não deu remate à causa do monarca. Foi despachado no papel de agente do nosso Cardeal Wolsey, para força dar a suas intrigas. Asseguro-vos que o rei disse "Ah!" ao ter notícia disso.

CAMAREIRO — Que Deus o deixe exasperado, para dizer "Ah!" com mais força.

NORFOLK — Mas, milorde, quando retorna Cranmer?

SUFFOLK — Já se encontra de volta, sempre fiel à sua antiga maneira de pensar, e, juntamente com os colégios de mais subida fama de toda a cristandade, justifica o divórcio do rei. Dentro de pouco, quero crer, o segundo casamento será tornado público, assim como a coroação da nova soberana. Catarina não mais será chamada de rainha, porém princesa e viúva do falecido Artur. Oh! esse Cranmer é um sujeito de peso; teve muito trabalho com os negócios do monarca.

SUFFOLK — Decerto; e ainda havemos de, por isso, vê-lo como arcebispo.

NORFOLK — Ouvi falar a esse respeito.

SUFFOLK — É certo. Eis o cardeal!

(*Entram Wolsey e Cromwell.*)

NORFOLK — Observai-o! observai-o! Está zangado.

WOLSEY — Entregastes ao rei o embrulho, Cromwell?

CROMWELL — No quarto de dormir; dei-lho em mão própria.

WOLSEY — Viu de que se tratava?

CROMWELL — Na mesma hora tirou o selo, e o que pegou primeiro leu com ar muito sério, revelando grande preocupação. Mandou dizer-vos que hoje bem cedo viésseis esperá-lo.

WOLSEY — Pretende sair logo?

CROMWELL — Penso que ele não deve demorar.

WOLSEY — Deixai-me agora por uns instantes.

(*Sai Cromwell.*)

(*À parte.*)

Deve ser a Duquesa de Alençon, irmã do Rei da França. É essa que ele há de escolher para esposa. Ana Bolena! Não, não quero para ele a Ana Bolena. Não basta ter uma bonita cara. Ora, Bolena! Não queremos nada com Bolena nenhuma. Que demora com as notícias de Roma! Ora, a Marquesa de Pembroke!

NORFOLK — Ele não está contente.

SUFFOLK — Talvez já saiba que contra ele a cólera o rei já está afiando.

SURREY — Ó Deus! deixai-a com bom corte, se fores justo em tudo.

WOLSEY — Dama de companhia da rainha, filha de um cavaleiro, ama da ama, rainha da rainha! Esta candeia não está dando chama muito clara. Tenho de espevitá-la. Então, que acabe. Tem mérito e é virtuosa... Mas, que importa? Sei que ela é luterana apaixonada. Não é saudável para nossa causa que ela repouse do monarca ao peito, que tão dificilmente é governado. Depois, apareceu recentemente um herético, um herético dos piores, esse Cranmer, que no ânimo do rei soube insinuar-se e agora é dele o oráculo.

NORFOLK — Alguma coisa o deixa preocupado.

SURREY — Desejara que fosse alguma coisa que lhe estragasse a corda, a corda mestra do coração.

(*Entra o rei, lendo um codicilo, e Lovell.*)

SUFFOLK — O rei! O rei vem vindo!

REI HENRIQUE — Que quantidade imensa de riquezas soube ele acumular para si próprio, e que enormes despesas a toda hora de suas mãos escoam. De que modo pode ele conciliar as duas coisas? — Então senhores, vistes o cardeal?

NORFOLK — Aqui nos encontrávamos milorde, a observá-lo. Algo estranho tem no cérebro: morde os lábios, assusta-se, detém-se subitamente, os olhos no chão crava e, de repente, leva o dedo à fronte; sem que se espere, ágil estuga os passos; depois, detém-se, o peito fere duro, volvendo a olhar mais uma vez à lua. Nas mais estranhas posições o vimos.

REI HENRIQUE — Pode ser que em revolta tenha o espírito. Papéis do Estado esta

manhã mandou-me, conforme lhe pedira. Poderíeis acaso imaginar o que entre os mesmos fui encontrar, por pura inadvertência, posso vos garantir, da parte dele? O inventário, em verdade, relativo sua prataria, seus tesouros, finíssimos tecidos, ornamentos de sua casa que julga serem mostras de excessiva opulência, que ultrapassa de muito as posses de qualquer vassalo.

NORFOLK — O céu tem parte nisso; algum espírito decerto entre os papéis pôs essa lista para com ela os olhos abençoar-vos.

REI HENRIQUE — Se acreditar pudéssemos que suas meditações pairavam sobre a terra e alguma multa espiritual visavam, pudera prosseguir no devaneio. Mas receio que sejam sublunares suas idéias e, por isso, indignas de séria reflexão.

(*Senta-se no trono e fala baixo a Lovell, que se dirige a Wolsey.*)

WOLSEY — Deus me perdoe! Que o céu proteja sempre Vossa Alteza.

REI HENRIQUE — Meu bondoso senhor, mostrais-vos cheio de coisas celestiais e guardais na alma o inventário da graça mais preciosa, que decerto relíeis neste instante. Será difícil para vós, desse ócio pio tirar o mais fugaz momento para as contas terrestres. Considero-vos a esse respeito um péssimo intendente e alegre me declaro por achar-vos muito igual a mim mesmo neste ponto.

WOLSEY — Meu soberano, eu tenho um tempo para meus deveres sagrados, outro para dedicar aos negócios que me forem designados no Estado. A natureza, por sua vez, a fim de conservar-se, reclama alguns momentos que eu, por força, como seu filho frágil e no jeito de meus irmãos mortais, tenho de dar-lhe.

REI HENRIQUE — Palavras acertadas.

WOLSEY — Desejara que Vossa Alteza associasse sempre — como por merecê-lo hei de esforçar-me — com as palavras meus atos acertados.

REI HENRIQUE — Novamente bem dito; com acerto já procede quem fala desse modo. No entretanto, palavras não são atos. Meu pai vos estimava; assim dizia, tendo com os atos coroado o dito. Desde que o sucedi, sempre vos tive perto do coração. Assegurei-vos posições de proventos vantajosos. Mais: entrei em meu próprio patrimônio para vos estender meus benefícios.

WOLSEY (*à parte*) — Que quererá ele dizer com isso?

SURREY (*à parte*) — Deus faça prosperar este negócio.

REI HENRIQUE — Fiz de vós o primeiro homem do Estado, o primeiro, pois não? Dizei-me, peço-vos, se confirmais o que ora vos declaro. No caso de o fazerdes, respondei-nos se nos deveis obrigação por isso. Que nos dizeis?

WOLSEY — Meu digno soberano, confesso que as reais graças diariamente sobre mim derramadas ultrapassam de muito quanto eu vos fazer pudesse. Sim, vencem mesmo todo esforço humano. Sempre aquém meus esforços se deixaram ficar de meus desejos, porém nunca de minha habilidade. Meus intuitos pessoais só mereciam ser chamados de pessoais na medida

em que tendiam para o bem da pessoa sacratíssima de Vossa Majestade e o bem do Estado. Por todas essas graças derramadas sobre mim, tão indigno e pequenino, só agradecimentos de vassalo vos posso dirigir e minhas preces ao céu por vós, assim como a lealdade muito própria, que tem sempre crescido e sempre há de crescer, até que a morte, esse inverno, a aniquile.

REI HENRIQUE — Bela frase; retrata um obediente e fiel súdito. A honra o recompensa, como o opróbrio; caso contrário, será o seu castigo. Penso que ao tempo em que com benefícios vos estendia a mão, sincero afeto por vós do coração se me expandia, honras do trono sobre vós chovendo, mais do que sobre outra qualquer pessoa. Por isso tudo, vossa mão, o cérebro, o coração e todas as partículas de vosso ser deviam — não por força dos deveres gerais da vassalagem, mas, por assim dizer, por um afeto muito particular — ser-me afeiçoados, a mim, o vosso amigo, mais que aos outros.

WOLSEY — Só sei dizer que sempre hei trabalhado mais para o bem de Vossa Majestade do que para o meu próprio. Assim fui sempre, assim sou e hei de ser. Embora todos os homens viessem a quebrar as juras que a vós os prendem, arrancando-as da alma; muito embora os perigos se amontoassem em maior quantidade do que pode representar o próprio pensamento, sob formas pavorosas me surgindo: ainda assim, qual penedo em meio às ondas impetuosas, o meu dever de súdito desviaria a torrente irresistível e se conservaria sempre vosso.

REI HENRIQUE — Palavras muito nobres. Tomai nota, senhores, que ele tem muito leal peito, pois o vistes aberto. Ora lede isto.

(*Entrega-lhe uns papéis.*)

E, em seguida, isto; e, após, o vosso almoço, se apetite tiverdes para tanto.

(*Sai o rei, lançando um olhar colérico para o Cardeal Wolsey; os nobres se apressam a segui-lo, sorrindo e cochichando uns com os outros.*)

WOLSEY — Que quer dizer tudo isso? Essa ira súbita? Como fui provocá-la? Ele afastou-se com o rosto carrancudo, parecendo dos olhos irradiar minha ruína. É desse modo que o leão furioso encara o ousado caçador; ferido, muito embora, o aniquila. É necessário que eu leia este papel. Temo que nele se ache a história de toda a sua cólera. É isso mesmo; esta folha aniquilou-me. É a relação do mundo de riquezas que eu amontoei para proveito próprio, especialmente para ver se a sede do papado alcançava, e meus amigos de Roma, assim, pagar. Oh negligência! digna de pôr um imbecil por terra! Que demônio maldoso me teria levado a colocar este segredo de tamanha importância no pacote que eu mandei para o rei? Não há recurso para remediar isto? Traça alguma que esta idéia do cérebro lhe tire? Sei que ele vai ficar muito abalado; mas um meio conheço, que no caso de ser bem aplicado — embora a sorte se possa opor — me tirará do aperto. Que será isto? "Ao Papa!" A própria carta que eu enviei a Sua Santidade! Por minha vida! Agora está acabado. Não há remédio. Já alcancei o ponto mais alto da grandeza, e desse pleno meridiano de minha grande glória baixarei apressado para o ocaso. Vou cair como um lúcido meteoro, que ninguém mais enxerga.

(*Voltam os Duques de Norfolk e de Suffolk, o Conde de Surrey e o Lorde Camareiro.*)

NORFOLK — Escutai o prazer do rei, cardeal. Entregar-vos ordena sem delongas em nossas mãos o selo e à casa de Asher vos recolher, à sede do bispado de Winchester, até novas mais precisas terdes de Sua Alteza.

WOLSEY — Alto! Onde se acham vossos plenos poderes? Só palavras nunca trazem tão grande autoridade.

SUFFOLK — Quem pode contrariá-las, se da boca do rei, diretamente, elas dimanam?

WOLSEY — Até que eu veja mais do que palavras, ou vontade somente e a falsidade que vos caracteriza, ficai certos, senhores oficiosos, que eu me atrevo, que eu devo contestá-las. Vejo agora de que metal grosseiro fostes feitos: de inveja. Com que empenho seguis todos minha desgraça, como se alimento dela mesma tirásseis! Que brandura, que maciez revelais em tudo quanto pode apressar-me a queda! Em vosso curso de inveja continuai, homens maldosos; os deveres cristãos vos dão apoio; mas há de vir o tempo em que, sem dúvida, sereis recompensados. Este selo que de mim reclamais com tanto empenho, o soberano — meu senhor e vosso — com suas mãos me deu, asseverando que em toda a minha vida eu gozaria do posto e dignidade a ele inerentes. E para sua generosidade deixar bem clara, confirmou o dito com suas cartas patentes. Assim sendo, quem se atreve a tomar-mo?

SURREY — O rei, que o deu.

WOLSEY — Que seja ele em pessoa, então.

SURREY — Não passas de um traidor arrogante, padre.

WOLSEY — Mentes, lorde atrevido! Há quarenta horas, Surrey preferiria ter queimado a língua a falar desse modo.

SURREY — Tua empáfia, ó pecado escarlate, esta chorosa terra privou do muito nobre Buckingham, meu sogro. Todas as cabeças, todas de teus irmãos cardeais, contigo e quanto tiveres de melhor, pesavam menos que um só cabelo dele. A peste leve toda a vossa política. Enviastes-me para a Irlanda, afastando-me da ajuda que podia prestar-lhe, do monarca, de quantos o teriam desculpado do crime a ele imputado, enquanto a vossa grande bondade, por piedade santa, o absolveu com um machado.

WOLSEY — Isso, e assim tudo quanto este lorde falador quisesse doravante assacar-me, afirmo, é falso. Por lei o duque recebeu seu prêmio. De como eu fui isento de maldade particular na queda dele, prova-o o nobre júri e a própria ação nefanda. Milorde, se eu gostasse de discursos muito compridos, ora vos diria que sois destituído tanto de honra como de honestidade e que a respeito de lealdade e verdade ao soberano — meu sempre leal senhor — me considero melhor homem que Surrey e que todos quantos suas loucuras aprovavam.

SURREY — Padre, essa roupa longa vos protege, por minha alma. Se não fora isso, havias de sentir minha espada no teu sangue. Podeis, milordes, continuar ouvindo por mais tempo tamanhas arrogâncias? E logo deste tipo? Se mostrarmos mansidão a esse ponto, que permita a um retalho escarlate fazer pouco de nós todos, então: adeus, nobreza! Que prossiga Sua Graça e vos enxote com seu chapéu, tal como a cotovias.

WOLSEY — Para esse estômago é veneno o mérito.

SURREY — Sim, mas o mérito de haver reunido por meio da extorsão toda a riqueza da terra em vossas mãos, cardeal; o mérito do embrulho interceptado, da missiva que para o papa contra o rei mandastes. Já que me provocastes, vosso mérito vai ficar conhecido à saciedade. Milorde de Norfolk, se é que de nobre família descendeis e fazeis caso do bem-estar de todos, da grandeza de nossa condição espezinhada, de nossos filhos que, dificilmente, se ele viver, virão a ser fidalgos, lede a lista de todos os seus crimes, o resumo de todos os seus atos. Muito mais assustado vou deixar-vos do que o sagrado sino, quando aquela rapariga morena em vossos braços se recosta, cardeal, e vos dá beijos.

WOLSEY Como eu podia desprezar este homem, se não fosse impedir-me a caridade!

NORFOLK — Milorde, a lista de seus crimes se acha com o próprio rei, mas basta que o declare: são todos horrorosos.

WOLSEY — Mais formosa com isso, e imaculada, há de mostrar-se minha inocência, quando o soberano conhecendo ficar minha lealdade.

SURREY — Isso não vai salvar-vos. Felizmente tenho boa memória; ainda me lembro de alguns itens da lista. Vou dizê-los. Se capaz de corar ainda fordes, cardeal, e de dizer “culpado” a tudo, um resto mostrareis de honestidade.

WOLSEY — Falai, senhor, pois desafio vossas acusações. Corar eu poderia, mas por ver um fidalgo que de todo perdeu a compostura.

SURREY — Antes perdê-la que perder a cabeça. E agora ouvi-me. Primeiro, sem que o rei tivesse tido ciência disso ou nisso consentido, conseguistes o posto de legado, com o que mutilastes os direitos de nossos bispos.

NORFOLK — A seguir, em tudo quanto escrevíeis para o rei e para príncipes estrangeiros, sempre usáveis a pretensiosa fórmula seguinte: “Ego et Rex meus” com o que do rei fazíeis um subalterno vosso.

SUFFOLK — Mais, ainda: sem ter o rei nem o Conselho ciência, quando de embaixador servistes junto do imperador, tivestes a ousadia de a Flandres carregar o grande selo.

SURREY — Item, poderes plenos de vós teve Gregório de Cassado, para um pacto firmar entre Ferrara e Sua Alteza, sem de nada saber o rei e o Estado.

SUFFOLK — Depois, por simples ambição, mandastes gravar vosso chapéu sagrado em todas as moedas do rei.

SURREY — Depois, enviastes somas enormes — deixo agora à vossa consciência os meios por que foram ganhas — para Roma comprar e abrir caminho para mais altos postos; isso tudo sob as ruínas do país inteiro. Há mais; porém por serem coisas vossas, são odiosas; não vou sujar a boca.

CAMAREIRO — Ó senhor! não façais pressão tão grande contra um homem que cai; é caridade. Às leis estão patentes suas faltas; que elas, não vós, se incumbam de puni-lo. Aperta-

se-me o coração por vê-lo precipitado de tão grande altura.

SURREY — Por mim, perdôo-lhe.

SUFFOLK — Lorde Cardeal, eis o que o rei decide: tendo em vista que quanto ultimamente praticastes dentro deste país, na qualidade de legado, se encontra no domínio de um praemunire, contra vós se expressa uma ordem de confisco, relativa a tudo o que possuís, terras, castelos e quanto mais tiverdes, declarando-vos fora da proteção do soberano. Essa é a minha mensagem.

NORFOLK — E com isso a vossas reflexões vos entregamos, para vos reformardes. Quanto à vossa resposta de há momentos, obstinada, de não nos entregar o grande selo, o rei será informado e, certamente, vos agradecerá. E agora, adeus, meu pequenino e bom Lorde Cardeal.

(*Saem todos, com exceção de Wolsey.*)

WOLSEY — Adeus ao pouco bem que me votáveis. Adeus, um longo adeus a toda a minha grandeza. Esse é o destino de todo homem: hoje lhe nascem as folhinhas tenras da esperança; amanhã ele floresce, carregado ficando de honrarias; mas no terceiro dia vem a geada, uma geada mortal, e no momento preciso em que ele — quão simplório e calmo! — crê que sua grandeza está madura, ela a raiz lhe morde, caindo ele tal como agora eu caio. Aventurei-me como crianças que nadam com bexigas, durante estios vários num oceano de glórias, mas profundo em demasia. Minha vaidade, inflando-se ao extremo, arrebentou sob mim, ora deixando-me cansado e envelhecido no serviço, ao sabor de uma rude correnteza que para sempre acabará tragando-me. Glórias vãs deste mundo, pompas fúteis, tenho-vos ódio! O coração se me abre a novos sentimentos. Triste a sorte de quem depende do favor dos príncipes! Entre o sorriso a que ele aspira tanto, o aspecto prazenteiro do monarca, e sua ruína há mais angústia e medo do que na guerra ocorre ou nas mulheres. E quando a queda vem, quem cai é Lúcifer, privado da esperança.

(*Entra Cromwell, com aspecto consternado.*)

Que é que há, Cromwell?

CROMWELL — Para falar, senhor, não tenho forças.

WOLSEY — Como! Minha desgraça te consterna? Admitir teu espírito não pode que um grande homem decline? Estais chorando! Devo, então, ter caído de verdade.

CROMWELL — Como vai Vossa Graça?

WOLSEY — Bem, decerto; nunca fui tão feliz, bondoso Cromwell. Agora me conheço. No meu íntimo sinto uma paz que paira sobre todas as dignidades terrenas, uma consciência clara e tranqüila. Devo ao rei a cura; agradecido sou a Sua Graça, humildemente o digo. Destes ombros, por piedade, tirou pesado fardo que afundar poderia até uma frota: honra excessiva. Oh! que pesado fardo! É um fardo, meu bom Cromwell excessivo para quem põe no céu toda a esperança.

CROMWELL — Alegro-me por ver que Vossa Graça compreende a situação por essa

forma.

WOLSEY — Penso que sim, convicto estando agora — graças à força que no peito sinto — de que suportarei mais sofrimentos e muito mais intensos do que quantos meus inimigos de ânimo mesquinho a me infligir se atrevam. Que há de novo?

CROMWELL — A novidade pior e mais penosa é a boa graça do rei terdes perdido.

WOLSEY — Deus o ampare!

CROMWELL — A segunda é que nomeado foi em vosso lugar Sir Tomás More; é o Lorde Chanceler.

WOLSEY — É um tanto súbita, parece-me, a ascensão; mas é pessoa de saber comprovado. Faço votos para que ele por muito tempo saiba conservar-se nas graças do monarca e a justiça aplicar segundo as regras imparciais do dever e da consciência. Desse modo seus ossos, quando o curso completado ele houver e já se achar na bem-aventurança adormecido, alcançarão um túmulo banhado nas lágrimas dos órfãos. Há outras novas?

CROMWELL — Cranmer voltou e foi bem recebido; foi nomeado Arcebispo de Cantuária.

WOLSEY — Oh! isso é novidade!

CROMWELL — Finalmente, que Lady Ana, com quem muito em segredo havia muito tempo, o rei casara, hoje foi vista em público, quando ia para a capela real, sendo tratada como rainha. Só se fala agora em sua coroação.

WOLSEY — Foi esse peso que me jogou por terra. Oh Cromwell, Cromwell! O rei se me escapou. É para sempre, para sempre que eu perco minhas glórias nessa única mulher. Jamais o sol voltará a proclamar minha grandeza nem a doirar de novo os novos grupos que sempre meus sorrisos aguardavam. Afasta-te de mim, bondoso Cromwell; sou um pobre homem decaído, indigno de ser agora teu senhor e mestre. Vai procurar o rei. Jamais ocaso há de ter este sol, é o que desejo. Quem és lhe disse e quanto verdadeiro. Decerto há de ajudar-te. Algum resquício de consideração a meu respeito — conheço-lhe a alma nobre — há de impedi-lo de apagar teu serviço meritório. Bondoso Cromwell, não te esqueças dele; cuida de teu futuro, promovendo tua estabilidade.

CROMWELL — Ó meu senhor! Vou deixar-vos? Forçoso é, então, que eu perca tão bondoso senhor, tão leal e nobre? Atestem-me as pessoas que de ferro não têm o coração, em como é cheio de tristeza que Cromwell se despede de seu senhor e mestre, O soberano meus serviços terá; mas minhas preces sempre vossas serão, oh! sempre, sempre!

WOLSEY — Cromwell, nunca pensei que uma só lágrima viria a derramar em minha queda. Mas com tua lealdade e singeleza ao papel de mulher me reduziste. Enxuguemos os olhos. E ora escuta-me. Quando esquecido eu já estiver — que é certo vir a sê-lo — e dormir no frio mármore, quando ninguém pronunciar meu nome, dirás que eu te mostrei, dirás que Wolsey — que as estradas da glória percorrera e os abismos sondara mais profundos e as sirtes do comando — em seu naufrágio te mostrou o caminho da grandeza, o caminho seguro e

confortável que ele próprio perdera. Observa apenas minha queda e o que fez minha ruína. Despe-te de ambição, Cromwell, te peço. Esse pecado derrubou os anjos; como útil poderia ser aos homens, de Deus feitos à imagem? Não reveles egoísmo; ama aos próprios inimigos. Não lucrarás por meio do suborno mais do que com a verdade. Traze sempre na destra a doce paz, pala que as línguas invejosas reduzas ao silêncio. Se justo e nada temas. Que tuas metas se identifiquem sempre com as da pátria, de Deus e da verdade, pois, ó Cromwell! no caso de caíres, tua queda será a de um grande mártir. Serve ao rei e, por obséquio, deixa-me. O inventário farás de tudo quanto tenho, tudo, até o último pêni; ao rei pertence. Minha lealdade ao rei e minhas vestes é tudo o que me resta. Ó Cromwell, Cromwell! Se ao meu Deus eu tivesse revelado metade, só, do zelo com que sempre servi o soberano, ele decerto não me teria, nesta idade, entregue nu aos meus inimigos.

CROMWELL — Meu bondoso senhor, tende paciência.

WOLSEY — Tenho muita. Esperança da corte, agora, adeus; minha esperança se concentra em Deus.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Uma rua de Westminster. Entram dois gentis-homens, que se encontram.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Mais uma vez, bem-vindo.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Como vós.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Viestes tomar lugar, porque a Lady Ana possais ver, quando vier da coroação?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Perfeitamente. Ao nosso último encontro deixava o tribunal o grande Duque de Buckingham.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Porém naquele dia tudo era só tristeza. Hoje, por toda parte reina a alegria.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — E com razão. Os cidadãos revelam plenamente que dedicados são ao rei e ao trono. Façamos-lhe justiça; sempre se acham prontos a celebrar esta efeméride com representações, troféus e emblemas.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Mas nunca festivais houve tão belos, isso asseguro, nem mais adequados.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Se desculpardes a pergunta, posso saber que papel é esse?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Ora, sem dúvida. É a relação dos que vão pedir hoje novos postos, de acordo com o costume dia coroação. É o primeiro o Duque de Suffolk, que deseja ser nomeado grão-senescal; o Duque de Norfolk vem depois, como conde-marechal. Lede o resto vós mesmo.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Agradecido; se eu já não conhecesse esse costume, vosso papel muito útil me seria. Mas, por favor, dizei-me: que foi feito de Catarina? Falo da princesa viúva. Em que pé está o seu negócio?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Poderei informar-vos. O Arcebispo de Cantuária, com vários outros membros reverendos e sábios de sua ordem, reuniu uma corte de justiça há pouco, em Dunstable, distante só seis milhas de Ampthill, onde a princesa está morando, a qual diversas vezes foi citada, mas não apareceu. Para ser breve: por causa de sua ausência e dos escrúpulos recentes do monarca, proclamado foi o divórcio por geral consenso dos sábios personagens, sem efeito tendo ficado o casamento de ambos. Transferida depois foi ela para Kimbolton, onde agora se acha doente.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Pobre senhora!

(*Toque de trombetas.*)

Toque de trombetas! Basta, basta! A rainha vem chegando.

(*A ordem do cortejo*). (*Oboés.*)

1 — Dois juizes.

2 — O Lorde Chanceler, precedido da bolsa e da maça.

3 — Coristas cantando.

(*Música.*)

4 — O prefeito de Londres, com a maça; depois, o rei de armas, em traje de rigor, trazendo na cabeça uma coroa de cobre dourado.

5 — O Marquês Dorset, com um cetro de ouro, trazendo na cabeça uma meia coroa de ouro. Com ele vem o Conde de Surrey com o bastão de prata encimado por uma pomba, trazendo na cabeça uma coroa de conde; ao pescoço, colar da ordem, em forma de SS.

6 — O Duque de Suffolk, com seu manto de Estado, coroa pequena na cabeça, empunhando a varinha branca do grão-senescal. Com ele, o Duque de Norfolk, com o bastão de marechalato e coroa pequena. Colar de SS.

7 — Um dossel carregado por quatro barões dos Cinco-Portos; sob ele, a rainha, em traje de cerimônia; está coroada e com os cabelos enfeitados de pérolas. Ladeiam-na os Bispos de Londres e de Winchester.

8 — A velha Duquesa de Norfolk com uma grinalda de flores de ouro, sustentando a cauda da rainha.

9 — Numerosas damas nobres ou condessas com simples aros de ouro na cabeça, sem flores.

(*Atravessam o palco em ordem e com solenidade.*)

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Por minha vida! um séquito admirável! Conheço aqueles. Quem carrega o cetro?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — O Marquês Dorset; o bastão é o Conde de Surrey que carrega.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — É um gentil-homem nobre e valente. E aquele, porventura não será o Duque de Suffolk?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — O mesmo; como grão-senescal.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — E esse, milorde de Norfolk?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Ele mesmo.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — (*olhando para a rainha*) — O céu te ampare! Tens o mais belo rosto que eu já vi. Senhor, por minha vida, ela é um anjo. No braço leva o rei ambas

as Índias, sendo muito mais rico, oh! sem medida, quando nos braços cinge esta senhora. Não censuro a consciência do monarca.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Os que sobre ela o baldaquim sustentam, são quatro dos barões de Cinco-Portos.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Que homens felizes! e assim todos quantos se encontram perto dela. E acaso aquela que lhe segura a cauda do vestido não será a veneranda e nobre dama, a Duquesa de Norfolk?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Ela mesma, como condessas são todas as outras.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — As coroas o dizem. São estrelas todas elas; algumas, em declínio.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Sobre isso não falemos.

(*Sai a procissão ao toque estridente de fanfarras.*)

(*Entra um terceiro gentil-homem.*)

Deus vos salve, senhor! Onde ficastes tão assado?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Na abadia, onde o povo se aglomera de modo tal, que nem um dedo fora possível meter lá. Quase me matam com tanta exuberância de alegria.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Vistes a cerimônia?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Vi.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — E o jeito?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Mui digno de ser visto.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Bom amigo, contai-nos como foi.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Do melhor modo que possível me for. Tendo a rainha levado até um lugar no coro, a esplêndida onda de nobres damas e senhores um tanto se afastou. Lá, Sua Graça sentou-se um pouco, cerca de meia hora, num trono rico, ao povo patenteando toda a sua beleza. Acreditai-me, senhor: ela é a mulher mais admirável que ao lado já dormiu de qualquer homem. Quando o povo a admirou assim de perto, levantou-se um barulho como fazem as enxárcias num mar em tempestade, assim violento e vário: chapéus, mantos, creio que até casacos, tudo voava. E se as cabeças fixas não se achassem, nesse dia perdidas ficariam. Nunca vi tanto júbilo; mulheres grávidas, na semana já do parto, como os velhos aríetes de guerra, entre a turba se metiam, brechas abrindo facilmente. Não podia ninguém dizer: "Minha mulher é aquela", de tal maneira entrelaçados todos num só bloco se achavam.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — E após isso?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Finalmente Sua Graça levantou-se e com passos modestos dirigiu-se para o altar, ajoelhou-se e, na postura de uma santa, no céu fitando os olhos, rezou devotamente. Levantando-se, fez uma reverência para o povo. Após isso, o Arcebispo de Cantuária lhe deu as reais insígnias de seu posto: o óleo sagrado, a coroa que já fora de

Eduardo, o Confessor, a vara, a pomba da paz e todos os demais emblemas nobremente ao seu lado foram postos; logo depois, o coro, acompanhado da música melhor de todo o reino cantou o Te Deum. Assim foi ela embora, com a mesma cerimônia com que viera, para o palácio de York, onde festejos se estão realizando.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Doravante, senhor, já não será palácio de York. Isso foi no passado, pois o título com a queda do cardeal ficou extinto. Ora é do rei e o nome de Whitehall.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Perfeitamente. Porém tão recente foi a mudança, que seu velho nome me ocorre mais amiúde.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Qual o nome dos dois bispos tão graves que marchavam ao lado da rainha?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Stokesly e Gardiner, um, Bispo de Winchester; foi promovido; secretário do rei era até há pouco. O outro, Bispo de Londres.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — O de Winchester não é tido na conta de afeiçoado ao arcebispo, o virtuoso Cranmer.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Todo o país sabe isso. Por enquanto, porém, a divergência ainda é pequena. Mas se vier a aumentar, há de achar Cranmer um amigo que nunca há de deixá-lo.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Quem pode ser? Dizei-me.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Tomás Cromwell, pessoa que desfruta de muito alto prestígio junto ao rei; amigo certo, sem dúvida nenhuma. O rei fez dele o avaliador de seu real tesouro, já tendo sido nomeado para seu conselho privado.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Há de outros postos elevados obter.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Sim, nem há dúvida. Vamos juntos, senhores; vou à corte; ali sereis meus hóspedes; disponho de alguma autoridade. De caminho, sobre isso falaremos mais de espaço.

AMBOS — Estamos, meu senhor, às vossas ordens.

(*Saem.*)

Cena 2

Kimbolton. Entra a ex-Rainha Catarina, doente, conduzida por Griffith e Paciência.

GRIFFITH — Como se sente agora Vossa Graça?

CATARINA — Oh Griffith! É mortal minha doença. Como galhos de chumbo tenho as pernas, dobradas para a terra e desejosas de se desvencilharem de seu fardo. Trazei-me uma cadeira. Assim; agora me sinto mais a gosto. Não disseste, Griffith, quando me vinhas amparando, que esse famoso filho da grandezas o Cardeal Wolsey, tinha falecido?

GRIFFITH — Disse, minha senhora; mas pensava que ouvido não me tinha Vossa Graça, em virtude de vossos sofrimentos.

CATARINA — Conta-me, por obséquio meu bom Griffith, de que modo morreu. Se morreu bem, partiu na minha frente certamente para me dar exemplo.

GRIFFITH — Todos dizem, senhora, que foi bem. Após ter sido detido em York pelo altivo Conde Northumberland e conduzido para justificar-se das mais graves culpas que pesavam sobre ele, mui de súbito sentiu-se doente e de tal modo fraco que nem pode montar em sua mula.

CATARINA — Pobre homem!

GRIFFITH — Finalmente, a muito custo, Leiscester alcançou, tendo apeado na abadia, onde foi bem recebido pelo abade com todos os seus monges, a quem falou assim: "Ó padre abade, um ancião alquebrado pelas grandes tempestades do Estado, aqui se encontra para entre vós deixar os lassos ossos. Por caridade, concedei-lhe ao menos uma pouca de terra". Conduziram-no sem mais delongas para a cama, tendo feito a doença rápido progresso. E, já bem fraco, na terceira noite, pelas oito horas — que ele próprio havia predito que sua última seria — arrependido, em lágrimas banhado, contínuo meditar e ininterruptas preocupações, restituiu ao mundo suas pompas, ao céu a imortal parte, e adormeceu em paz.

CATARINA — E assim repouse Que não lhe pesem suas grandes faltas. Mas uma coisa, Griffith, me permite que a seu respeito eu diga, sem faltar-lhe com a caridade. Ele era um indivíduo de orgulho desmedido, que gostava de se ombrear com os príncipes, um homem que por meios secretos conseguira dominar todo o reino. A simonia para ele era o normal; seu próprio arbítrio, toda a lei. Até mesmo ante a evidência assoalhava mentiras; sempre dobre nas intenções e em tudo o que dizia. Piedade não mostrava, salvo quando premeditava arruinar alguém. No prometer, magnífico, tal como era ele então; mas, quanto a realizá-las, tal como é agora: nada. Pecou muito na própria carne, dando, assim, exemplo péssimo a todo o clero.

GRIFFITH — Nobre dama, os defeitos dos homens são gravados no bronze, mas as boas qualidades escrevemo-las na água. Vossa Alteza permitirá que bem eu fale dele?

CATARINA — Pois não, bondoso Griffith; de outro modo, maldosa eu me mostrara.

GRIFFITH — Esse cardeal, apesar de sua origem muito humilde, foi fadado, decerto, desde o berço para altas honrarias. Foi um sábio maduro e mui capaz, de extraordinária sagacidade, sempre bem falante e de grande poder de persuasão. Áspero e altivo para os desafetos, mas, como o estio, doce para todos os que o iam procurar. E muito embora no adquirir ele fosse incontentável — o que é grande pecado — revelava-se principesco no dar, nobre senhora. Sempre hão de provar isso esses dois gêmeos da ciência que ele para vós criou: Oxford e Ipswich; um, que caiu com ele, por não querer sobreviver ao próprio benfeitor; o outro, embora ainda incompleto, de marcha ascensional tão admirável, que nunca deixará a cristandade de tecer-lhe elogios. Sua queda fez sobre ele chover felicidades, pois a partir daí — nunca antes disso — pode adquirir consciência de si próprio, felicidade achando na ventura de ser pequeno, o que lhe deu mais honras à velhice que os homens o fariam. Morreu temente a Deus.

CATARINA — Depois de eu morta, não desejo outro arauto, mais brilhante relator de meus atos, porque fique da corrupção minha honra sempre isenta, do que um cronista honesto como Griffith. Quem em vida eu odiei, tu me obrigaste, com tão pia modéstia e reverência, a honrar depois de morto. Em paz descanse. Fica perto de mim, Paciência; deixa-me mais baixa um pouco; não vou dar-te incômodo por muito tempo mais. Bondoso Griffith, aos músicos ordena que ora toquem a ária tristonha que eu chamar costumo de meu dobre funéreo, pois sentada me quedarei a meditar naquela celestial harmonia que mui breve terei de conhecer.

(*Música triste e solene.*)

GRIFFITH — Está dormindo. Sentemo-nos, menina, bem quietinhos, para não despertá-la. Sem barulho, gentil Paciência.

(*A visão. Entram solenemente, uma após outra, seis personagens, vestidas de branco, com grinaldas de louro na cabeça e máscara de ouro no rosto; nas mãos trazem palmas de louro. Saúdam primeiro a rainha e depois dançam; a determinadas mudanças de figura, as duas primeiras sustentam sobre a cabeça da rainha uma grinalda pequena, ao tempo em que as outras quatro se inclinam com reverência. Depois, as duas que seguram a grinalda a passam para as duas seguintes, que observam a mesma ordem na mudança dos passos, mantendo-a sobre a cabeça da rainha. Depois, passam-na para as duas últimas, que repetem a cerimônia, com o que — como que por inspiração — a rainha faz no sono sinais de aprovação e levanta as mãos para o céu. As aparições, sem parar de dançar, desaparecem, levando a grinalda. A música continua.*)

CATARINA — Espíritos da paz, para onde fostes? Já desaparecestes e na minha miséria me deixastes?

GRIFFITH — Aqui estamos, minha senhora.

CATARINA — Não falei convosco. Vistes alguém entrar durante o tempo em que a

dormir fiquei?

GRIFFITH — Ninguém, senhora.

CATARINA — Não? Não vistes entrar neste momento um coro de anjos que me convidavam para um banquete? De brilhantes rostos, me iluminavam como o sol radioso, felicidade eterna me auguraram, lindas grinaldas me trouxeram, Griffith, que eu de aceitar ainda não sou digna. É cedo, porventura.

GRIFFITH — Regozijo-me por ver, senhora, que tão belos sonhos vos prendem os sentidos.

CATARINA — Manda a música parar; é dura e deixa-me abatida.

(*Cessa a música.*)

PACIÊNCIA — Notastes a mudança que de súbito Sua Graça apresenta? Como o rosto ficou mais longo! Como ela está pálida e fria como argila! Os olhos vede-lhos!

GRIFFITH — Está morrendo, filha. Reza! Reza!

PACIÊNCIA — Possa o céu ampará-la.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Se Vossa Graça...

CATARINA — Sois impertinente. Não merecemos mais respeito, acaso?

GRIFFITH — Censura mereceis, pois bem sabendo que ela abdicar não quer da costumeira majestade, falais com tal rudeza. Ajoelhai! Ajoelhai!

MENSAGEIRO — Humildemente peço perdão a Vossa Majestade. A pressa foi que me deixou grosseiro. Ai fora há um gentil-homem que deseja falar-vos. Vem da parte do monarca.

CATARINA — Griffith, manda-o entrar, mas que este tipo eu enxergar não torne.

(*Saem Griffith e o mensageiro.*)

(*Volta Griffith com Capúcio.*)

Se minha vista não me engana, da parte agora vindes do imperador, meu muito real sobrinho, e vos chamais Capúcio.

CAPÚCIO — Ele, senhora, servidor vosso.

CATARINA — Ó meu senhor, os tempos e os títulos mudaram muito, muito, desde que me ficastes conhecendo. Mas, por obséquio, que quereis de mim?

CAPÚCIO — Em primeiro lugar, nobre senhora, a Vossa Graça oferecer meus préstimos; depois, o rei determinou que eu viesse fazer esta visita. Muito aflito ele está por saber-vos assim fraca e por meu intermédio vos envia suas reais condolências, desejando sinceramente que crieis coragem.

CATARINA — Ó meu senhor! Este encorajamento me chega muito tarde; é como graça depois da execução. Esse remédio benigno, administrado em tempo certo, me teria curado. Mas

agora, consolo algum me serve, se excetuarmos apenas a oração. E Sua Alteza como passa?

CAPÚCIO — Senhora, com saúde.

CATARINA — Que continue assim, florente sempre, quando eu morar com os vermes e meu pobre nome estiver banido deste reino. Paciência, foi enviada aquela carta que eu te mandei fazer?

PACIÊNCIA — Ei-la, senhora.

(*Entrega a carta a Catarina.*)

CATARINA — Senhor, humildemente vos conjuro a entregar isto ao rei, meu soberano.

CAPÚCIO — De bom grado, senhora.

CATARINA — Recomendo nela à sua bondade a vera imagem de nosso casto amor, a filha dele — que em bênçãos incessantes caia o orvalho sempre do céu sobre ela! — e lhe suplico que lhe ministre educação virtuosa. É muito nova e de modesta e nobre natureza, esperando eu que ela saiba praticar a virtude, e que um pouquinho de amor lhe vote em consideração da mãe que o amou tão ternamente como só do céu é sabido. O outro pedido que humildemente faço é que Sua Graça tenha piedade destas infelizes mulheres que durante tanto tempo me acompanharam, sempre dedicadas, na fortuna variável, não havendo, posso afirmá-lo — e nisso falsidade não poderei dizer — nenhuma delas que, por virtudes e beleza da alma, honestidade e nobre compostura não mereça um marido de alto mérito. Que seja nobre, até, pois, em verdade, serão felizes os que as escolherem. Meu último pedido é para os criados. Pobres são todos, mas de mim não pode tirar nunca a pobreza nenhum deles. Sejam-lhes pagos, pois, os ordenados, sem falta alguma, com algum acréscimo, como recordação de minha parte. Se um pouco mais de vida o céu me houvesse concedido, e recursos, nos teríamos despedido melhor. Eis toda a carta, senhor. Por tudo quanto neste mundo tendes de caro, pela paz cristã que desejais aos mortos, sede amigo destes coitados, insistindo junto do soberano, para que ele esta última justiça me conceda.

CAPÚCIO — Pelo céu, assim farei, ou despojar-me quero desta figura humana.

CATARINA — Agradecida, muito digno senhor. Humildemente falai de mim a Sua Majestade. Dizei-lhe que já vai deixar o mundo o autor de seus cuidados demorados. Contai-lhe que eu o abençoei na morte, pois vou fazê-lo. Tenho os olhos turvos. Adeus, senhor; Griffith, adeus. Paciência, não, não saias ainda. Chama as outras; preciso ir para a cama. Estando eu morta, boa menina, trata-me com honra. Virginais flores põe no meu sepulcro, para que todos saibam que uma esposa casta eu fui até à morte. Embalsamai-me e exibi-me. Conquanto não rainha, como rainha quero que me enterrem, como filha de rei. Não posso mais...

(*Saem, levando Catarina.*)

Ato 5

Cena 1

Londres. Uma galeria do palácio. Entram Gardiner, Bispo de Winchester, um pajem com um archote, que encontram Sir Tomás Lovell.

GARDINER — Já é uma hora, menino?

PAJEM — Neste instante acabou de bater.

GARDINER — Uma hora dessas dicada deveria ser a nossas necessidades, não a diversões, momento para reparar as forças com salutar repouso, sem o tempo desperdiçarmos. Sir Tomás, boa noite. Para onde ides tão tarde?

LOVELL — Acaso viestes do rei, senhor?

GARDINER — Sim, Sir Tomás; deixei-o jogando uma partida de "primeiro" com o Duque de Suffolk.

LOVELL — Vou procurá-lo antes de ir me deitar. De vós despeço-me.

GARDINER — Não, não, Sir Tomás Lovell. Que acontece? Revelais muita pressa. Se puderdes — não havendo mal nisso — alguma coisa contai ao vosso amigo, do negócio que tão tarde vos prende. Esses assuntos que passeiam no jeito dos espíritos, à meia-noite, são de natureza mais estranha do que a dos que de dia procuram seu despacho.

LOVELL — Muito afeto vos dedico, milorde, e ouso confiar-vos segredo de mais peso que estas minhas ocupações. A soberana se acha em trabalho de parto e em grande risco; é o que dizem. Receio que sucumba.

GARDINER — Oro ferventemente pelo fruto que ela carrega, para que a bom termo venha a nascer e viva. Mas, quanto à árvore, Sir Tomás, vê-la quero sem raízes.

LOVELL — Capaz me sinto de dizer amém. Porém diz-me a consciência que ela é uma criatura boníssima, senhora de valor, que merece nossos votos.

GARDINER — Porém senhor, senhor! Prestai-me ouvidos, Sir Tomás. Sois fidalgo do meu jeito. Sei que sois muito sábio e religioso, mas deixai que vos diga: nunca, nunca há de isto acabar bem. Não, Sir Tomás, podeis acreditar-me, enquanto Cranmer e Cromwell, as mãos dela, juntamente com ela não dormirem no sepulcro.

LOVELL — Ora vos referistes aos dois homens mais notáveis do reino. Quanto a Cromwell, além de auferidor do real tesouro, foi nomeado arquivista e secretário de Sua Majestade, sem contarmos que se acha mesmo no momento azado de ter novos encargos. O arcebispo é a língua e a mão do rei; quem ousaria contra ele pronunciar uma só sílaba?

GARDINER — Há, sim, quem o ouse, Sir Tomás; eu próprio me arrisquei a expressar o pensamento. Hoje mesmo, senhor, posso dizer-vos, inculquei nos senhores do Conselho a idéia de que ele é — pois o conheço como tal, o que todos também sabem — um arqui-herético, uma pestilência que o país todo infecta. Comovidos com o que lhes disse, ao rei falaram logo, e este, do alto de sua grande graça, dos seus reais cuidados, pressentindo os terríveis perigos que lhe expunham nossas razões, ouviu nossos queixumes e convocou para amanhã bem cedo a reunião do Conselho. É erva daninha, Sir Tomás, que precisa ser cortada. Mas estou vos detendo muito tempo. Boa noite, Sir Tomás.

LOVELL — Muito boas noites. Ainda e sempre vosso servidor.

(*Saem Gardiner e o pajem.*)

(*Entram o rei e Suffolk.*)

REI HENRIQUE — Carlos, deixemos de jogar por hoje. Não me concentro; sois por demais forte.

SUFFOLK — Senhor, nunca antes de hoje eu vos vencera.

REI HENRIQUE — Sim, raras vezes, Carlos, e assim mesmo quando me distraía na partida. Lovell, então? Há alguma novidade da parte da rainha?

LOVELL — Pessoalmente não lhe dei a mensagem que mandastes, mas por uma de suas camareiras fi-la chegar a ela, que em resposta me disse que a rainha humildemente vos agradece e pede a Vossa Alteza rezar por ela com fervor agora.

REI HENRIQUE — Que disseste? Eu, rezar por ela? Como! Está sentindo dores?

LOVELL — Pelo menos, foi o que disse a sua camareira, havendo acrescentado que suas dores à dor da morte mesma quase igualam.

REI HENRIQUE — Pobre senhora!

SUFFOLK — Possa Deus do fardo aliviá-la com pouco sofrimento, porque se alegre Vossa Majestade com a vinda de um herdeiro.

REI HENRIQUE — É meia-noite, Carlos; vamos dormir. Em tuas preces não te esqueças de minha pobre esposa. Deixa-me só, pois tenho pensamentos que não vão bem na companhia de outrem.

SUFFOLK — São meus votos que Vossa Majestade tenha uma noite calma. Hei de lembrar-me da minha bondosíssima rainha nas minhas orações.

REI HENRIQUE — Boa noite, Carlos.

(*Sai Suffolk.*)

(*Entra Sir Antonio Denny.*)

Então, senhor: que é que há?

DENNY — Trouxe milorde arcebispo, senhor, como o ordenastes.

REI HENRIQUE — Como! Cantuária?

DENNY — Sim, meu bom senhor.

REI HENRIQUE — É certo, é certo. E onde está ele, Denny?

DENNY — Aguarda o bom prazer de Vossa Alteza.

REI HENRIQUE — Faze-o entrar.

LOVELL (*à parte*) — É sobre aquele assunto de que o bispo falou: cheguei a tempo.

(*Volta Denny com Cranmer*)

REI HENRIQUE — Deixai a galeria.

(*Lovell faz menção de ficar.*)

Não vos disse? Retirai-vos!

(*Saem Lovell e Denny.*)

CRANMER — Bastante medo sinto. Por que franze de assim o sobrecenho? O aspecto é do terror. Algo vai mal.

REI HENRIQUE — Então, milorde, desejais que eu diga porque vos fiz chamar?

CRANMER (*ajoelhando-se.*) — Ficar às ordens de Vossa Alteza é meu dever de súdito.

REI HENRIQUE — Levantai-vos, vos peço, meu gracioso Lorde de Cantuária. Vinde; juntos vamos dar uma volta. Tenho novas para contar-vos. Vamos: dai-me a mão. Ah! meu bondoso lorde, é com tristeza que vos falo; compunge-me o que tenho de vos dizer. Ouvi recentemente — contrariado, asseguro-vos — bastantes queixas de vós. É certo, é o que vos digo, milorde: queixas graves, que, tomadas em consideração, nós e o Conselho decidimos que à nossa frente viésseis esta manhã. E como estou convicto de que justificar-vos cabalmente não podereis, enquanto organizado não for o questionário a que resposta tereis de dar, será preciso agora que tenhais paciência muita, para na Torre preparar vossa morada. Por serdes par do reino, é necessário que eu faça, como faço; do contrário, não haverá ninguém que se resolva contra vós a depor.

CRANMER (*ajoelhando-se*) — Humildemente Vos agradeço. Mui feliz me sinto por se me oferecer esta excelente ocasião de no crivo ser passado, vindo a ficar, assim. todo o meu trigo separado do joio, pois é certo que não há quem como eu — um pobrezinho — se veja alvo das línguas caluniosas.

REI HENRIQUE — Bom Cantuária, levanta-te; a lealdade, a integridade que te é própria, criaram raiz profunda em nós, em teu amigo. Dá-me tua mão; levanta-te; passemos, por obséquio. Mas, pela Mãe de Deus, que espécie de homem sois? Eu estava certo, milorde, de que havíeis de pedir-me que eu me desse ao trabalho de levar-vos à presença de vossos inimigos, e mais: de vos ouvir em liberdade.

CRANMER — Augusto soberano, só me apoio na minha honestidade e em meu direito. Se eles me abandonarem, juntamente com meus inimigos cantarei triunfo, por ver-me derrubado,

pois sem eles careço de valor. Não tenho medo de quanto contra mim possa dizer-se.

REI HENRIQUE — Não sabeis o que todo o mundo sabe, qual seja a vossa situação no mundo? São numerosos vossos inimigos, e não pequenos; suas artimanhas são de igual importância, sendo certo que nem sempre a justiça de uma causa sentença favorável assegura. Com que facilidade almas corruptas podem peitar escravos corrompidos, para em juízo deporem? Fatos desses já têm acontecido. Muito fortes são vossos inimigos, de maldade que ao seu poder se iguala. Estais bem certo de que nisso de falsas testemunhas vireis a ter mais sorte do que o Mestre de que ministro sois, durante o tempo em que passou pela mesquinha terra? Vamos, vamos! julgais seja possível sem perigo saltar um precipício, e procurais a própria destruição.

CRANMER — Que Deus e Vossa Majestade amparem minha inocência, pois de outra maneira fugir não poderei desta armadilha.

REI HENRIQUE — Criai coragem. Não irão mais longe do que eu lhes permitir. Tranqüilizai-vos sem que pela manhã à frente deles deixeis de aparecer. Se porventura vossa prisão pedirem, em virtude das queixas contra vós acumuladas, não deixeis de usar grandes argumentos de poder persuasório, com a veemência que a ocasião vos ditar. Se vosso esforço não vos der resultado, apresentai-lhes este anel e apelai para nós próprio, na frente deles todos. Mas que é isso. A chorar o bom homem! Por minha honra, é honesto. Pela santa Mãe de Deus, é de coração leal, posso jurá-lo. Alma melhor não se acha no meu reino. Ide embora e fazei como vos disse.

(*Sai Cranmer.*)

Às lágrimas a fala lhe abafavam.

(*Entra uma velha dama.*)

GENTIL-HOMEM (*dentro*) — Voltai! Que ides fazer?

VELHA DAMA — Não voltarei; a notícia que eu tenho para dar-lhe deixa cortes o meu atrevimento. Que os bons anjos agora pairem sobre tua real cabeça e com suas asas benditas te protejam.

REI HENRIQUE — Leio tua mensagem no teu rosto. Deu-se o parto? Dize depressa "sim" e que é um menino.

VELHA DAMA — Sim, sim, meu soberano; e que menina! Que ora e sempre a abençoe o Deus do céu. É uma menina, que vos assegura para o futuro um filho. Vossa esposa, senhor, de vós reclama uma visita, para que conheçais essa estrangeira. Parece-se convosco como duas cerejas de um só galho.

REI HENRIQUE — Lovell! Lovell!

(*Volta Lovell.*)

LOVELL — Senhor?

REI HENRIQUE — Dai-lhe cem marcos. Vou depressa visitar a rainha.

(*Sai.*)

VELHA DAMA — Só cem marcos? Por esta luz, mereço mais. A um criado comum é que se paga desse modo. Hei de obter mais, ou brigarei com ele. Para ganhar tão pouco foi que eu disse que ela era a cara dele? Hei de obter mais; do contrário, desdigo-me. Batamos com força, enquanto o ferro está vermelho.

(*Saem.*)

Cena 2

Um corredor que vai dar à Câmara do Conselho. Entra Cranmer; pajens e oficiais, de pé.

CRANMER — Penso que não estou nada atrasado. No entanto, o gentil-homem que mandado me foi pelo Conselho, urgentemente pediu que me apressasse. Quê! Fechado? Que significará tal coisa? Olá! Quem é que está de guarda?

(*Entra o porteiro.*)

Conheceis-me?

PORTEIRO — Sim, milorde, conheço-vos; mas hoje não vos posso ajudar.

CRANMER — Por quê?

PORTEIRO — Forçoso será que Vossa Graça aguarde o aviso.

(*Entra o Doutor Butts.*)

CRANMER — Está bem.

BUTTS — Em tudo isto há só maldade. Fico contente por haver passado por aqui sem tropeço. O soberano vai ser logo informado.

CRANMER (*à parte*) — É Butts, o médico do rei. Quando passava, que terrível olhar me dirigiu! O céu permita que com isso sondado não tivesse minha infelicidade. Com certeza concebido foi tudo Por pessoas que me têm ódio — queira Deus mudar-lhes de todo o coração nunca a malícia provoquei de ninguém — para humilhar-me. Deviam ter vergonha de deixar-me à espera. assim, na porta, um conselheiro como eles, entre pajens e lacaios! Mas faça-se a vontade deles todos. Paciente, esperarei.

(*O rei e Butts aparecem em uma janela, no alto.*)

BUTTS — A Vossa Graça quero mostrar um quadro muito estranho.

REI HENRIQUE — Que quadro, Butts?

BUTTS — Decerto Vossa Graça coisa igual não tem visto muitas vezes.

REI HENRIQUE — Com a breca! Onde é que há isso?

BUTTS — Ali, milorde; o alto posto ali vedes de Sua Graça de Cantuária, de guarda ora postado diante da porta, entre serventes, pajens e oficiais.

REI HENRIQUE — Ah! é certo. É ele mesmo. É assim que eles se acatam mutuamente? É bom que ainda haja alguém acima deles. Pensei que eles tivessem ainda um pouco de

honestidade, ou mesmo algum resquício de decoro, que não lhes permitisse deixar um homem da posição dele e tão chegado a nós, numa antecâmara, na expectativa apenas da vontade de Suas Senhorias, como um criado carregado de embrulhos. Pela Santa Maria, Butts, isso é procedimento de gente sem caráter. Mas deixemo-los; corramos as cortinas; ainda havemos de ouvir falar sobre isso mais de perto

(*Saem.*)

Cena 3

A Câmara do Conselho. Entram o Lorde Chanceler, o Duque de Suffolk o Duque de Vorfolk, o Conde de Surrey, Lorde Camareiro, Gardiner e Cromwell. O chanceler se coloca na ponta de cima da mesa, à esquerda, ficando acima dele vazia uma cadeira, Como que destinada para o Arcebispo de Cantuária. Os demais se sentam por ordem, de ambos os lados da mesa. Cromwell, na ponta de baixo, como secretário. O porteiro, em seu lugar.

CHANCELER — Abri a audiência, mestre secretário. Que nos traz hoje aqui?

CROMWELL — Se Vossas Honras me permitem, o principal assunto diz respeito à Sua Graça de Cantuária.

GARDINER — Já foi ele informado?

CROMWELL — Já.

NORFOLK — Quem se acha à espera, aí?

PORTEIRO — Fora, meus nobres lordes?

GARDINER — Sim.

PORTEIRO — Milorde arcebispo; há meia hora vossas ordens aguarda.

CHANCELER — Então, que entre.

PORTEIRO — Vossa Graça já pode entrar na sala.

(*Cranmer entra e se aproxima da mesa do Conselho.*)

CHANCELER — Meu bom lorde arcebispo, é com tristeza que eu aqui me acho e vejo esta cadeira privada de seu dono. Mas nós todos somos homens, de natureza frágil e sujeitos à carne; muito poucos serão anjos. Assim, pela fraqueza levado e a irreflexão, vós que a nós todos devíeis dirigir, vós desmandastes, gravemente, ofendendo o soberano, depois, as leis, e enchendo o reino todo, pelas prédicas próprias e dos vigários — já soubemos de tudo isso de doutrinas recentes, muito estranhas e perigosas, puras heresias, que, se não forem reformadas, podem produzir grande dano.

GARDINER — Nobres lordes, urge que essa reforma seja pronta. Quem quer domar cavalos pelas mãos não os leva, porque dóceis a ficar venham, mas lhes tapa a boca com freio resistente e a espora calca nos flancos até que eles obedeçam. Se permitirmos — por condescendência, por piedade pueril, pelo conceito, tão-só, de um homem — que se alastre doença tão contagiosa: então, adeus remédio! Quais serão do desídio as conseqüências?

Revoltas, comoções, o Estado todo contaminado. Caro testemunho disso mesmo nos dão nossos vizinhos da alta Alemanha; é mui recente a coisa que a memória dorida nos compunge.

CRANMER — Lutei até hoje, meus bondosos lordes, assim na profissão como na vida, não sem grande trabalho, porque as minhas doutrinas e o decurso poderoso de minha autoridade, sempre juntos a mesma via certa percorressem. Sempre o bem tive em mira. Não existe — falo, milordes, com sinceridade — criatura que em consciência e no exercício de sua profissão mais ódio sinta do que eu aos destruidores da paz pública. Permita o céu que nunca o soberano venha a encontrar menos fiéis vassalos. Os que vivem da inveja e da malícia tortuosa ousam morder os mais prestantes. Suplico instante a Vossas Senhorias que nesta causa os meus acusadores, sejam quais forem, sejam confrontados comigo e falar possam livremente.

SUFFOLK — Não, não, milorde; sois um conselheiro; assim, ninguém se atreverá a acusar-vos.

GARDINER — Visto termos assuntos de mor peso, milorde, vamos ser convosco breves. É parecer de Sua Alteza e nosso que, visando à vantagem do processo, sejais daqui levado para a Torre, onde, voltando vós a ser um simples particular, vereis que muita gente contra vós deporá com ardimento maior do que esperais, receio-o muito.

CRANMER — Agradecido, meu bom Lorde de Winchester, sempre vos revelastes meu amigo. Por vosso parecer, sereis a um tempo jurado e juiz. Sois muito generoso. Percebo vosso intento: arruinar-me. Doçura e amor, milorde, mais assentam a um sacerdote do que a vã cobiça. Voltai a conquistar almas transviadas; não repilais nenhuma. Porque eu possa purificar-me, todo o peso ponde sobre minha paciência; tão pequeno trabalho isso há de dar-me, como escrúpulo vos causa praticar o mal amiúde. Poderia dizer muito mais coisas, mas o respeito a vosso ministério me obriga a moderar-me.

GARDINER — Não, milorde! A verdade, milorde, pura e simples é que sois um sectário. Vossas glosas tão polidas, a quantos vos compreendam não passam de palavras sem substância.

CROMWELL — Milorde de Winchester sois muito duro; permiti que vos diga. Os indivíduos de tal nobreza, ainda que faltosos, respeito sempre merecer deviam por tudo quanto foram. E crueldade fazer pressão em quem já está caindo.

GARDINER — Peço perdão, meu caro secretário; mas de quantos aqui na mesa se acham, sois o último a poder manifestar-se.

CROMWELL — Por quê, milorde?

GARDINER — Pois não sei, acaso, que sois adepto dessa nova seita? Não sois limpo.

CROMWELL — Limpo não sou?

GARDINER — Repito-o: não sois limpo.

CROMWELL — Quem dera que a metade disso fôsseis honesto, que então preces vos seguiriam, não o medo, apenas.

GARDINER — Nunca me esquecerei dessa linguagem desaforada.

CROMWELL — Nem de vossa vida desaforada

CHANCELER — É muito! É muito! Basta milordes. Que vergonha!

GARDINER — Pronto.

CROMWELL — Pronto.

CHANCELER — Voltando a vós, milorde, decidido, quero crer, foi por todos, que levado para a Torre sejais sem mais delongas. onde deveis ficar até sabermos o que decide o rei. Concordam todos, milordes?

TODOS — Concordamos.

CRANMER — Não há outro caminho de clemência? É inevitável que eu seja conduzido para a Torre?

GARDINER — Que outro caminho achar pretenderíeis? Sois enfadonho em demasia. Venham alguns guardas daí, para levá-lo.

(*Entra um guarda.*)

CRANMER — Para levar-me? Dais-me o tratamento que se dá aos traidores?

GARDINER — Recebei-o e até à Torre o levai com segurança.

CRANMER — Meus bons lordes, parai. pois ainda tenho algo para dizer. Olhai para isto, meus bons senhoras. Pela só virtude deste anel, eu retiro minha causa das garras destes homens e a confio a um mais nobre juiz: o rei meu mestre.

CHANCELER — É o próprio anel do rei.

SURREY — Sim, não é falso.

SUFFOLK — Sim, pelo céu, é o verdadeiro. A todos eu vos disse, no instante de quererdes tocar neste penhasco perigoso, que viria acabar por esmagar-nos.

NORFOLK — Acreditais, milordes, que o monarca permitirá que no dedinho, ao menos, deste homem nós toquemos?

CAMAREIRO — Não há dúvida; é mais que certo. E quanto a vida dele não vale junto ao rei! Só desejara poder sair decentemente disto.

CROMWELL — Tinha um pressentimento, quando fábulas e acusações fictícias reunia contra tal homem — cuja honestidade somente o diabo inveja e seus discípulos — que atiçáveis o fogo que vos queima. Agora, suportai-o.

(*Entra o rei, lança-lhes um olhar severo e se assenta.*)

GARDINER — Terrível soberano, como todos ao céu agradecemos diariamente por brindado nos ter com um tal príncipe, não só bondoso e sábio: religioso; um rei que com a máxima humildade da Igreja faz o principal objeto da própria honra, e que para dar mais força a esse dever sagrado, com respeito piedoso comparece pessoalmente ao nosso tribunal, porque sabendo fique da luta que se trava entre ela e seu grande ofensor.

REI HENRIQUE — Sempre mostrastes, Bispo de Winchester, grande habilidade no improvisar brilhantes elogios. Mas sabei que não vim para ouvir essas adulações de frente. São vazias por demais, muito finas, porque possam mascarar a maldade. Mas com isso não me atingis. Adulador cãozinho pareceis, que pretende conquistar-me só com mexer a língua. Porém faças de mim o juízo que fizeres, tenho-te por uni sujeito mau e sanguinário.

(*A Cranmer.*)

Senta-te, meu bom Cranmer. Só desejo ver quem tem a ousadia, o atrevimento de contra ti alçar um só dedinho. Por quanto há de sagrado, melhor fora morrer de inanição que um só momento pensar que este lugar não te pertence.

SURREY — Se a Vossa Graça for do agrado...

REI HENRIQUE — Não! não é do meu agrado! Imaginara que tinha em meu Conselho homens sisudos, de algum discernimento, mas não vejo nenhum como o quisera. Achais decente deixar que este homem, este bondoso homem — dentre vós muito poucos esse título podiam merecer — que este honesto homem ficasse à espera diante de uma porta como um sórdido criado? Uma pessoa da vossa posição? Oh, que vergonha! Estáveis obrigados pelas minhas instruções a esquecer-vos de vós próprios? Dei-vos poderes para que o julgásseis não como a um criado, mas um conselheiro. Entre vós vejo muitos que sem dúvida — mais por malícia do que honesto zelo — às mais terríveis provas o poriam, se viessem para isso ter ensejo. Mas tal não se dará, por certo, enquanto eu estiver com vida.

CHANCELER — Queira Vossa Graça, meu mui temido soberano, deixar que a todos nós eu justifique. A prisão dele foi deliberada — se há boa fé nos homens — mais para ele mesmo justificar-se plenamente perante o mundo do que por malícia, ao menos eu outro pensar não tive.

REI HENRIQUE — Bem, bem. Então honrai-o, meus senhores; dai-lhe, acolhendo-o, todo o tratamento, que ele o merece. A seu favor só digo que se um rei devedor pode sentir-se com relação a um súdito, eu me sinto desse modo a ele preso não somente pela sua afeição, mas por seus préstimos. Assim, deixai de me criar tropeços. Abraçai-o, abraçai-o! Sede amigos. Oh! por pudor! Milorde de Cantuária, quero fazer-vos um pedido e espero que não mo refuseis: ainda se encontra por batizar uma gentil menina. Vós sereis o padrinho, respondendo pelo futuro dela.

CRANMER — O mais potente monarca vivo ficaria ufano de uma tão subida honra. Como posso merecê-la, tão pobre e humilde súdito?

REI HENRIQUE — Vamos, vamos, milorde; estais querendo poupar vossas colheres. Tereis duas companheiras para esse ato: a velha Duquesa de Norfolk e a Marquesa de Dorset. São do vosso agrado? Mais uma vez concito-vos, milorde de Winchester: abraçai e amai este homem.

GARDINER — De todo o coração e amor fraterno.

CRANMER — O céu é testemunha de quão ledo me deixa esta palavra.

REI HENRIQUE — Bom amigo! Essas alegres lágrimas revelam teu fido coração. A voz

do povo vejo em ti confirmada. É nestes termos: “Fazei ao Lorde de Cantuária alguma partida de mau gosto e um grande amigo ganhareis para sempre”. Vamos, vamos, senhores; perdemos muito tempo. Já não vejo o momento de fazermos uma cristã da minha pequerrucha. Unidos quero ver-vos até à morte. Honrados ficareis; eu, sempre forte.

(*Saem.*)

Cena 4

Pátio do palácio. Barulho e tumulto por trás da cena. Entram o porteiro e seu ajudante.

PORTEIRO — Não parais com esse barulho, marotos? Pensais que a corte seja jardim de urso? Rústicos, parai com esse falatório!

UMA VOZ (*dentro*) — Bom mestre porteiro, eu faço parte da despensa.

PORTEIRO — Pertenceis mas é à forca, para serdes enforcado, biltre. Isto aqui é lugar para tamanhos urros? Arranje-me uma dúzia de varas de macieira, mas bem fortes, que estas não passam de gravetos. Vou fazer-vos cócegas na cabeça. Tereis de ver batizados. Grosseirões! viestes procurar aqui cerveja e bolos?

AJUDANTE — Tende paciência, meu senhor; a menos que usássemos canhões, tão impossível nos será dispersá-los neste instante como obrigá-los a dormir na cama na primeira manhã do mês de maio. Isso nunca acontecerá. Mais fácil do que expulsá-los nos seria a igreja de São Paulo abalar.

PORTEIRO — De que maneira conseguiram entrar?

AJUDANTE — Como sabê-lo? Como é que a maré sobe? Tanto quanto distribuir pauladas foi possível a um pau de quatro pés — os pobres restos ainda podeis ver — não poupei nada, senhor.

PORTEIRO — Nada fizestes; é isso mesmo.

AJUDANTE — Não sou Sansão, nem Guido, nem Colbrando, para a todos ceifar. Mas se um, que fosse, eu poupei, que tivesse uma cabeça boa para alvo, seja moço ou velho, ele ou ela, cornudo ou corneador, que nunca mais um bom assado eu veja, no que jamais consentirei, nem mesmo por uma vaca inteira. Deus a livre!

UMA VOZ (*dentro*) — Estais ouvindo, mestre porteiro?

PORTEIRO — Não demora, já chego aí, meu bom senhor velhaco. Toma conta da porta, maroto.

AJUDANTE — Que quereis que eu faça?

PORTEIRO — Que tereis de fazer, senão derrubá-los às dúzias? Acaso isto aqui é Moorfield, para fazerem uma parada? Ou terá chegado a esta corte alguma índia do estrangeiro, com uma grande cauda, para que as mulheres nos venham sitiar dessa maneira? Deus me abençoe! Quanta sem-vergonhice está acontecendo atrás das portas! Por minha consciência de cristão, este batizado vai dar nascimento a um milheiro de outros batizados; vai haver aqui hoje

pais e padrinhos, tudo junto.

AJUDANTE — Tanto maiores serão as colheres, senhor. Ali perto da porta há um sujeito que pelo rosto deve ser um caldeireiro, porque, por minha consciência, traz no nariz vinte dias de canícula. Todas as pessoas que se acham junto dele já passaram a linha; não precisam de outra penitência. Por três vezes bati na cabeça desse dragão de fogo, e três vezes seu nariz disparou para o meu lado; acha-se ali como um morteiro, para bombardear-nos. Ao lado dele está a mulher de um merceeiro, de muito pouco espírito, que tanto deblaterou contra mim, que lhe caiu da cabeça a sopeira de buracos, tal foi a conflagração que eu fiz despertar na república. De uma feita eu errei o meteoro e acertei na tal mulher, que começou a gritar: "Cacete, aqui!" Então percebi de longe que vinham em seu socorro uns quarenta bastoneiros, a esperança de Strand, onde ela tinha seus quartéis. Eles atacaram; eu resisti com galhardia; por último, vieram para cima de mim com cabos de vassoura. Continuei firme. Mas, de súbito, por trás deles, uma bateria de garotos, pequenos atiradores, dispararam para o meu lado tamanha saraivada de pedras, que eu tive de resguardar a honra e ceder-lhes o campo. O diabo estava no meio deles, por minha fé; tenho certeza disso.

PORTEIRO — São os rapazes que trovejam no teatro e se batem por pedaços de maçãs, e que nenhum auditório pode suportar a não ser o da Tribulação de Towerhill ou os freqüentadores de Limehouse, seus dignos confrades. já pus um par deles no Limbo Patrum, onde terão de dançar estes três dias, sem contar a sobremesa de duas chibatadas que ainda terão de receber.

(*Entra o Lorde Camareiro.*)

CAMAREIRO — Santo Deus! quanta gente aqui reunida! E sempre a chegar mais de toda parte! Até parece feira. Onde se metem esses porteiros, esses preguiçosos? Belo trabalho, amigos, consentindo que essa gentalha entrasse. Todos eles são vossos fiéis amigos dos subúrbios? Muitos lugares vão sobrar, decerto, para as senhoras, quando retornarem do batizado.

PORTEIRO — Como vê Vossa Honra, somos homens, apenas. Tudo quanto foi possível fazer sem que em pedaços nos deixassem, fizemos. Um exército não poderá contê-los.

CAMAREIRO — Por minha honra, se o rei me censurar por qualquer coisa, hei de pôr-vos em ferros, e isso logo, cingindo-vos as frontes, por castigo, com uma multa redonda. Sois mandriões; esvaziais os odres, quando tendes tanta coisa a fazer! Ouvi: trombetas! De retorno já estão do batizado. Rompei a multidão e abri caminho porque passe o cortejo livremente; se não, hei de encontrar algum convento em que possais vos divertir dois meses.

PORTEIRO — Ala para a princesa!

AJUDANTE — Olá, seu grandalhão! saí do caminho, se não quiserdes que eu vos dê dor de cabeça.

PORTEIRO — E vós aí, de jaqueta de camelão: descei da grade, se não quiserdes que eu vos empale com um desses varapaus.

(*Saem.*)

Cena 5

O palácio. Entram trombeteiros, tocando uma fanfarra; depois, dois vereadores, o Lorde Maior, o pregoeiro, Cranmer, o Duque de Norfolk com o seu bastão de marechalato, o Duque de Suffolk, dois nobres com duas grandes bacias para os presentes do batizado; depois, quatro nobres carregando um baldaquim, sob o qual vem a Duquesa de Norfolk, como madrinha, que carrega a criança envolvida em um rico manto; uma dama da corte sustenta a cauda de seu vestido; depois vem a Marquesa de Dorset como segunda madrinha, e outras damas da corte. O cortejo atravessa a cena e o pregoeiro fala.

PREGOEIRO — Ó céu! do alto de tua infinita bondade envia uma vida próspera, longa e sempre feliz para a muito alta e poderosa Princesa da Inglaterra, Elisabete!

(*Fanfarra. Entra o rei com seu séquito.*)

CRANMER (*ajoelhando-se.*) — A Vossa Graça real e à boa rainha eis a minha oração e a dos meus nobres companheiros: que todas as venturas, toda a alegria que o céu tem de parte para a dita dos pais, a todo instante caiam sobre esta mui graciosa dama.

REI HENRIQUE — Meu bom Lorde Arcebispo, agradecido. Qual é o nome dela?

CRANMER — Elisabete.

REI HENRIQUE — Levantai-vos, senhor.

(*O rei beija a menina.*)

Com este beijo recebe minha bênção. Deus te ampare; nas mãos dele te entrego.

CRANMER — Amém.

REI HENRIQUE — Minhas nobres comadres, fostes pródigas. De coração vos agradeço. O mesmo fará esta senhorita, quando o inglês dela for suficiente.

CRANMER — Permiti-me falar, senhor, que o céu é que me inspira, sem que ninguém como lisonja tome minhas palavras, que há de o tempo dar-lhes plena confirmação. Esta real criança — que o céu a ampare sempre! — embora ainda no berço se ache a este país promete bênçãos inumeráveis, que maduras hão de ficar com o tempo. Há de tornar-se — dos presentes mui poucos hão de vida ter para ver tal coisa — inigualável modelo para todos os monarcas de seu tempo e dos tempos porvindoiros. Nunca a Rainha de Sabá foi vista mais ávida e sequiosa de virtude e de sabedoria do que esta alma pura há de revelar-se. As graças todas que as criaturas reais sempre exornaram e as virtudes que aos bons servem de adorno nela serão dobradas. A verdade vai niná-la; os celestes e sagrados pensamentos serão seus conselheiros.

Será temida e amada ao mesmo tempo; os seus a abençoarão; seus inimigos hão de tremer como no campo o trigo, de tristeza cair deixando a fronte. Crescerá o bem com ela; em seu reinado todos hão de comer tranqüilamente, no seu lar próprios o que plantado houverem, cantando para todos os vizinhos belas canções de paz. Reconhecido será Deus em verdade; os que a cercarem, por ela guiados, entrarão na via direita da honra, assim engrandecendo, não por meio de sangue. Nem com ela há de acabar a paz. Do mesmo modo que essa ave prodigiosa, a virgem fênix, das cinzas, ao morrer, engendra a herdeira tal como ela, há de assim, Elisabete deixar a alguém seus peregrinos dotes — quando o céu a tirar desta caligem — que das cinzas sagradas da honra dela como astro se alçará a igual altura, fixo aí se mantendo. O amor, o medo, o sossego, a verdade, a plenitude que tiverem servido a esta criança passarão a esse alguém, indo apegar-se-lhe como a vinha ao tutor. Onde o brilhante sol do céu irradiar, a glória dele brilhará, a grandeza de seu nome novas nações fundando. Há de florir; e, como o cedro da montanha, os ramos estenderá para a planície em torno. Nossos bisnetos ou tataranetos hão de ver isso e ao céu entoar louvores.

REI HENRIQUE — Maravilhas nos contas.

CRANMER — Para a dita da Inglaterra será princesa idosa. Muitos dias verá, mas nenhum dia sem um feito qualquer para coroá-lo. Oh! desejara não saber mais que isso. Mas terá de morrer; sim, porque os santos a querem ainda virgem; como lírio imaculado baixará à terra e o mundo todo chorará por ela.

REI HENRIQUE — ó milorde arcebispo! Homem de novo me fizeste. Nunca, antes do nascimento desta criança, tivera eu qualquer coisa. Esta inefável profecia encantou-me de tal forma que, ao me encontrar no céu, ver só desejo o que esta criança faz e entoar louvores ao meu Criador. A todos agradeço. Meu bom Lorde Maior, a vós e aos vossos bons colegas declaro-me obrigado. A presença de todos me honrou muito; haveis de achar-me sempre agradecido. Sigamos, meus senhores; a rainha tereis de ver. Ela há de agradecer-vos, que, do contrário, ficaria doente. Não cuide ora ninguém de ir para casa. Hoje aqui todos ficarão, porque esta menina o dia vai encher de festa.

(*Saem.*)

Epílogo

Aposto dez contra um em como a peça não cumpriu para todos a promessa. Uns aqui vieram só por desfastio, para dormir um ato ou dois a fio, tendo eu receio, assim, que despertado tivessem com as trombetas. Nesse estado, não admira que digam: “Bem fraquinha!” Outros desejariam ver na espinha toda a cidade e, assim: “Que espirituoso!” gritar por entre palmas; o que é ocioso, pois não fizemos tal. Dessa maneira, receio que a acolhida lisonjeira com que eu contava para nossa peça dependa agora da alegria expressa das nossas boas damas de virtude. Uma assim lhes mostrei. Se de atitude mudarem, pois, e rirem, afirmando: “Até que não foi má!” já estou jurando que, dentro de um minuto, os cavalheiros aplausos nos darão muito fagueiros, pois fora indício ele viciosas almas patear, quando as senhoras pedem palmas.

Vida e Morte do Rei João

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

ATO 2

Cena 1

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

Personagens

REI JOÃO.
PRÍNCIPE HENRIQUE, filho do rei.
CONDE DE PEMBROKE.
CONDE DE ESSEX.
CONDE DE SALISBURY.
LORDE BIGOT.
HUBERT DE BURGH.
ROBERTO FAULCONBRIDGE, filho de sir Roberto Faulconbridge.
FILIPE, o Bastardo, seu irmão materno.
JAMES GURNEY, criado de lady Faulconbridge.
PETER DE POMFRET, profeta.
FILIPE, rei da França.
LUIS, delfim.
LIMOGES, duque da Áustria.
CARDEAL PANDOLFO, legado do papa.
MELUN, nobre francês.
CHATILLON, embaixador da França.
RAINHA ELEONOR, mãe do rei João.
CONSTANÇA, mãe de Artur.
BRANCA DE ESPANHA, sobrinha do rei João.
LADY FAULCONBRIDGE.
Nobres, fidalgos, cidadãos de Angers, xerife, arautos, oficiais, soldados, mensageiros e gente de serviço.

Ato 1

Cena 1

A sala do trono no palácio. Entram o rei João, a rainha Eleonor, Pembroke, Essex, Salisbury e outros, com Chatillon.

REI JOÃO — Agora dize, Chatillon: a França que deseja de nós?

CHATILLON — Após saudar-vos, desta arte o rei da França por mim fala ao Poder, à emprestada Majestade da Inglaterra.

ELEONOR — Começo muito estranho: Majestade emprestada!

REI JOÃO — Não falemos, bondosa mãe; ouçamos a embaixada.

CHATILLON — Filipe, rei da França, com o direito que lhe herdou teu irmão já falecido, filho de Godofredo, Artur, de nome Plantagenet, reclama legalmente esta bela ilha e mais os territórios de Anjou, Poictiers, Touraine, Irlanda e Maine; deseja que de lado a espada ponhas que te defende os usurpados títulos, e ao moço Artur a entregues, teu sobrinho e, já agora, também teu soberano.

REI JOÃO — E que resultará se renuirmos?

CHATILLON — O jugo altivo de uma guerra a um tempo violenta e sanguinosa, que demonstre pela força o direito contestado.

REI JOÃO — Então guerra por guerra, dize à França, sangue por sangue e força contra força.

CHATILLON — Por minha boca, pois, o desafio te deixo do meu rei; é o extremo encargo de minha comissão.

REI JOÃO — Leva-lhe o meu, também, e parte em paz Sê um relâmpago para os olhos da França, que, bem antes de poderes dar conta da embaixada, eu farei que o trovão por lá se escute dos meus canhões. Vai logo! Sê a trombeta de nossa cólera, o ruim presságio de vossa própria perda. Que lhe seja dada uma escolta honrosa; cuidai disso, Pembroke. Chatillon, é tudo; adeus.

(*Saem Chatillon e Pembroke.*)

ELEONOR — Então, meu filho? Eu não dizia que essa ambiciosa Constança não parava enquanto não houvesse posto fogo na França e em todo o mundo para a causa do filho defender? Essa pendência poderia ter sido prevenida, fora fácil, somente com protestos de amizade. Ora é força que dois reinos a decidam por meios sanguinosos.

REI JOÃO — Nosso direito e a força nos amparam.

ELEONOR — A força apenas, temo; do contrário, muito mal eu e vós ora estaríamos. Permiti que em segredo conversemos o que o céu, tão-somente, e nós sabemos.

(*Entra um xerife, que fala baixo a Essex.*)

ESSEX — Meu príncipe, aqui temos a pendência mais estranha do mundo, que vos chega do interior, a fim de ser julgada. Posso mandar entrar os querelantes?

REI JOÃO — Sim, fazei-os entrar.

(*Sai o xerife.*)

As abadias e os prioratos hão de pagar todos os gastos dessa guerra.

(*Volta o xerife com Roberto Faulconbridge e Filipe, seu irmão bastardo.*)

Quem Sois?

O BASTARDO — Sou súdito fiel, de origem nobre, nascido aqui em Northamptonshire e filho mais velho, como penso, de Roberto Faulconbridge, soldado que foi feito cavaleiro no campo de batalha pela mão generosa de Ricardo Coração-de-Leão.

REI JOÃO — E tu, quem és?

ROBERTO — Filho e herdeiro do mesmo Faulconbridge.

REI JOÃO — Como! Se este é o mais velho, és tu o herdeiro? Tendes mãe diferente, ao que parece.

O BASTARDO — Uma só mãe, decerto, poderoso monarca; isso é sabido; e um pai apenas, segundo creio. Mas sobre esse ponto somente ela e o alto céu é que vos podem revelar a verdade. Eu, como todo filho de homem, mantenho as minhas dúvidas.

ELEONOR — Sai daí, grosseirão! Com essas suspeitas feres tua mãe e o nome lhe enxovalhas.

O BASTARDO — Eu, senhora? Jamais tive motivo para tanto. A questão foi levantada por meu mano, que, vindo a aduzir provas do que afirmou, me levará uma renda de nada menos que quinhentas libras. Deus as terras me ampare e a honra materna.

REI JOÃO — Que tipo franco! E por que causa, sendo mais moço, ele reclama a tua herança?

O BASTARDO — Ignoro-o; mas talvez cobice as terras. De uma feita acoimou-me de bastardo. Mas se o meu nascimento foi legítimo ou não, só minha mãe é responsável. Quanto ao saber-se se eu fui bem gerado, meu nobre soberano — em paz repousem os ossos que por mim se azafamaram! — julgai vós mesmo, os rostos comparando-nos. Se o velho Sir Roberto nos gerou, realmente, e é nosso pai, e se esse filho se parece com ele, ó Sir Roberto, meu bom velho, agradeço aos céus de joelho por não te ver quando me vejo ao espelho!

REI JOÃO — Que espírito estouvado o céu nos manda!

ELEONOR — Há um quê de parecença com Ricardo Coração-de-Leão; a voz é a mesma. Não achais alguns traços de meu filho na avantajada compleição deste homem?

REI JOÃO — Meus olhos o examinam e concluem que é Ricardo tal qual. E vós, que causa vos leva a reclamar as terras dele?

O BASTARDO — Por ter como meu pai só meio rosto, quer com ele abiscoitar-me as propriedades; um perfil de moeda vai render-lhe a ninharia de quinhentas libras.

ROBERTO — Meu soberano, vosso irmão, em vida de meu pai, o empregou freqüentes vezes.

O BASTARDO — Assim não heis de obter as minhas terras. O que cumpre saber é de que jeito ele então empregava minha mãe.

ROBERTO — ... e o mandou de uma feita em embaixada à Alemanha tratar de altos negócios com o Imperador. O rei soube valer-se de sua ausência e morou nesse entrementes em casa de meu pai. Quanto ele pode conseguir, envergonha-me dizê-lo; mas a verdade é uma: muitas léguas de água e de terra se interpunham entre minha mãe e meu pai — como por vezes ouvi meu pai dizer — quando este alegre senhor foi concebido. No seu leito de morte legou-me ele seus haveres e jurou por aquela hora solene que este filho de sua esposa, filho dele não era, salvo se tivesse nascido antes do tempo nada menos de quarenta semanas. Por tudo isso, meu soberano, permiti que eu entre na posse do que é meu: as propriedades de meu pai, tal como este o desejava.

REI JOÃO — Vosso irmão é legítimo; a consorte de vosso pai o teve após as núpcias. Se ela prevaricou, a falta é sua, falta, aliás, que se inclui entre os azares de quem toma mulher. Se não, dizei-me: meu irmão, que, segundo o revelastes, se esforçou na feitura deste filho de vosso pai, o reclamou acaso? Vosso pai, caro amigo, poderia ficar com o bezerro de sua vaca contra a opinião de todos. Sim, podia, sem dúvida. ainda mesmo que ele fosse de meu irmão, o mano não teria nenhum direito, como não podia vosso pai recusá-lo, embora dele com certeza não fosse. Em suma: o filho de minha mãe foi quem gerou o herdeiro de vosso pai; o herdeiro, então, que fique com os bens que vosso pai possuía em vida.

ROBERTO — Então de nada vale o testamento de meu pai, nem tem força para um filho deserdar que ele disse não ser dele?

O BASTARDO — Não tem força, senhor, de deserdar-me. como não teve de gerar-me, creio.

ELEONOR — Que preferes: chamar-te Faulconbridge e, como teu irmão, ter propriedades, ou ser considerado como filho de Coração-de-Leão, senhor de tua nobreza, tão-somente, sem fortuna?

O BASTARDO — Se meu irmão, senhora, uma aparência como a minha possuísse, e eu, por meu lado, com Sir Roberto em tudo parecesse, tal como ele, e tivesse as pernas finas que nem duas varas de montar, os braços como peles de enguias estofadas, e um rosto tão delgado que uma rosa na orelha eu não pusesse, só de medo de alguém dizer: Olá! Uma moeda nova! E,

se com essa figura, eu fosse herdeiro de toda a terra, afirmo-o, não quisera dar mais um passo e abrira mão de tudo, até do último real, para ser esse mesmo sou, embora não comesse.

ELEONOR — Agradas-me; não queres tua fortuna renunciar e a teu irmão ceder as terras, para me acompanhares? Sou um soldado e de viagem me encontro para a França.

O BASTARDO — Irmão, ficai com tudo; aceito esta ansa; bela renda ganhaste com esta cara, que por cinco vinténs ainda era cara. Até à morte, senhora hei de seguir-vos.

ELEONOR — Não; prefiro que vades vós na frente.

O BASTARDO — Os melhores que nós têm precedência.

REI JOÃO — Como te chamas?

O BASTARDO — Filipe, primogênito da esposa de sir Roberto, que já em paz repousa.

REI JOÃO — Passarás doravante a usar o nome de quem trazes a forma. Dobra os joelhos como Filipe e te alça como o grande sir Ricardo e Plantagenet. Levanta-te!

O BASTARDO — Irmão materno, a mão! Eu herdo um nome; vós, terras; nunca mais passarei fome. Louvarei noite e dia o instante azado em que, ausente Roberto, eu fui gerado.

ELEONOR — Plantagenet legitimo no gênio! Ricardo, eu sou tua avó; dá-me esse nome.

O BASTARDO — Por acaso é que o sois; mas que importa isso? Quem não pode andar certo, anda de esguelha, pula a janela ou mesmo a clarabóia, foge da luz, com a noite se aconselha para ser rico, embora com tramóia. Um pouco mais ou menos de fuligem... Se eu sou quem sou, que importa a minha origem?

REI JOÃO — Já tens, Ricardo, quanto te apetece; um cavalheiro pobre te enriquece. Vamos, vamos, senhora, para a França com toda a pressa; a hora solene avança.

O BASTARDO — Adeus, irmão; o céu de ti se agrade; foste gerado em plena honestidade.

(*Saem todos, menos o Bastardo.*)

Sou agora um pé de honra mais do que antes, mas perdi muitos pés de terras boas. Posso fazer senhora qualquer Joana. "Bom-dia, sir Ricardo!" "Deus vos guarde!" lhe respondo; e se Jorge for seu nome, Pedro lhe chamarei porque a nobreza concedida de pouco troca os nomes às pessoas, é indício de respeito na nova situação e de importância. Mas passemos agora à sobremesa, que o nosso amigo, a palitar os dentes se acha no meu lugar. Quando bem farto sentir o nobre estômago, um pouquinho chupo os dentes e digo ao elegante provinciano: "Meu caro..." assim falando me apoio ao cotovelo, deste modo: "Peço-vos..." A Pergunta, agora, é tudo. A Resposta é igualzinha à da cartilha: "Oh, meu senhor", diz a Resposta, "às vossas ordens; em tudo vosso, caro amigo!" "Não", retruca a Pergunta, "eu é que em tudo me acho ao vosso dispor". E assim, muito antes de saber a Resposta o que deseja dela a Pergunta, em cumprimentos toda se desfazendo e a parolar, sem pausa, do rio Pó, dos Alpes e Apeninos e até dos Pireneus, espicha a sua conclusão até a mesa levantar-se. Mas isso é sociedade respeitável que diz bem com um espírito elevado como o meu, pois não passa de um bastardo do tempo

quem não tem faro aguçado para sentir o alto valor das formas — aliás bastardo eu sou de qualquer jeito — não somente o que diz respeito aos traços exteriores, às vestes e à conduta, como também quem não gerar veneno desde o íntimo, bem doce, muito doce, para o gosto do tempo, o que hei de logo procurar aprender, não com o intuito de enganar, mas tão-só como defesa, para aliviar-me o esforço da subida. Mas quem chega apressada, à cavaleira? Uma mulher-correio? Não tem ela marido que o trabalho a si tomasse de anunciar com um corno a sua chegada?

(*Entram lady Faulconbridge e James Gurney*)

Que vejo! Minha mãe! Então, senhora, que é que vos traz à corte com tal pressa?

LADY FAULCONBRIDGE — Onde se acha teu mano, aquele biltre que atassalha minha honra em toda a parte?

O BASTARDO — Roberto, meu irmão? Filho do velho sir Roberto? O gigante irresistível, Colbrant, o homem de força mais que humana? Buscais o filho, então, de Sir Roberto?

LADY FAULCONBRIDGE — Como, rapaz irreverente! Filho de sir Roberto? Zombas, porventura, de sir Roberto? Não é ele, acaso, tão filho de Roberto como tu?

O BASTARDO — James Gurney, não queres afastar-te por algum tempo?

GURNEY — Sim, meu bom Filipe.

O BASTARDO — Filipe? suba! James, há um zunzum aí por fora. Depois conversaremos.

(*Sai Gurney.*)

Minha mãe, eu não sou filho do velho sir Roberto, que bem podia a parte que ele em mim tem comer na sexta-feira da Paixão sem quebrar, com isso, o jejum. Sir Roberto era gente; mas, franqueza: podia ele gerar-me? Sir Roberto não podia fazê-lo; conhecemos sua marca. Por isso, mãe querida, a quem devo a feitura destes membros? Sir Roberto jamais fez esta perna.

LADY FAULCONBRIDGE — Estás mancomunado com Roberto, quando devias a honra defender-me para vantagem própria? Que traduzem semelhantes palavras, malcriado?

O BASTARDO — Boa mãe, cavaleiro, cavaleiro, como o foi Basilisco. Fui armado cavaleiro; ainda trago a marca no ombro. Mas, minha boa mãe, eu não sou filho de sir Roberto. Já abri mão de tudo, de sir Roberto e de suas terras: nome, nascimento legítimo, acabou-se! Por isso, mãe, falai-me à puridade: quem foi meu pai? Algum sujeito digno quero crer. Mas seu nome mãe querida.

LADY FAULCONBRIDGE — Renegaste o teu nome Faulconbridge?

O BASTARDO — Como se renegasse o próprio diabo

LADY FAULCONBRIDGE — O rei Ricardo Coração de Leão foi teu pai. Após longas e veementes investidas, pode ele convencer-me de deixá-lo subir para o meu leito conjugal. Não me puna o céu por isso. És o produto dessa cara ofensa que me deixou sem forças e indefensa.

O BASTARDO — Por esta luz, senhora, se de novo tivesse eu de nascer, não desejara melhor pai. Há pecados que desfrutam de certos privilégios. Nesse caso se acha o vosso; não foi loucura a falta. importava rendêsseis a vontade, como tributo voluntário, ao ímpeto da paixão ele Ricardo, a cuja cólera e força irresistíveis nem o impávido leão o ousio teve de antepor-se, deixando nas mãos fortes do adversário o coração real. Quem teve força para arrancar o coração às feras, facilmente vencera uma mulher. Agradeço-te, ó mãe, mui cordialmente, o ter o pai que tenho. E se algum biltre disser que eu não nasci de amor eterno, mandarei sua alma logo para o inferno. Agora a meus parentes vou mostrar-te. Todos dirão, verás, que foi honroso no teu leito Ricardo tomar parte. E quem o não disser é mentiroso.

(*Saem*)

Ato 2

Cena 1

França. Diante dos muros de Angers. Entram, por um lado, o duque d'Áustria, com tropas, por outro, Filipe, rei da França, com tropas, Luís, Constança, Artur e séquito.

REI FILIPE — Salve, diante de Angers, Áustria valente! Artur, teu grande antepassado, aquele Ricardo que arrancou ao rei das feras o coração e foi na guerra santa da Palestina, prematuro ao túmulo baixou por causa deste bravo duque, que ora, em reparação aos descendentes, aqui se acha, atendendo a nossas súplicas, com as cores desfraldadas na defesa do teu direito e, assim, para castigo da usurpação de teu perverso tio, o inglês João. Abraça-o, por tudo isso. tem-lhe amor e lhe almeja as boas-vindas.

ARTUR — Possa o céu perdoar-vos pela morte de Coração-de-Leão, já que ora vindes dar vida a seus herdeiros, amparando-lhes o direito sob vossas fortes asas. Dou-vos as boas-vindas com mão fraca, mas com amor sem mancha a transbordar-me do peito. Sede, pois, bem-vindo, duque.

FILIPE — Nobre criança, quem não te amparara?

ÁUSTRIA — Este beijo afetuoso que na face te deponho, é o carimbo do contrato por que me obrigo a não voltar a casa enquanto Angers e o jus que tens na França com esta praia pálida, esta praia de faces brancas, cujo pé rechaça as ondas mugidoras do oceano e contra o assalto dos demais países protege os insulares; enquanto essa Inglaterra, cercada pelas ondas, esse baluarte de muralhas líquidas. confiar na proteção que a põe a salvo de estranhas incursões: enquanto esse último recanto do ocidente não te houver saudado como rei. Até esse instante, não pensarei em ver a minha casa, nem deporei as armas, belo jovem.

CONSTANÇA — Aceitai o que pode dar-vos uma viúva e mãe: somente muitas graças, até que vosso braço forte o mostre vigoroso bastante, para dar-vos outras provas de amor mais adequadas.

ÁUSTRIA — A paz do céu está com quem empunha a espada em tal pendência justa e santa.

FILIPE — Mãos à obra, pois. Viremos contra o rosto da cidade rebelde os nossos fortes canhões. Chamai os entendidos na arte da guerra, porque os planos nos indiquem de melhores vantagens. Os reais ossos deixaremos defronte destes muros, andaremos a vau em puro sangue francês, até o mercado, mas, submissa a cidade a esta criança entregaremos.

CONSTANÇA — Esperai a resposta da embaixada, porque as espadas não se tinjam antes de haver necessidade. É bem possível que da Inglaterra Chatillon nos traga precisamente a

paz que ora intentamos obter pela violência. Cada gota nos pesara, do sangue que uma cólera impensada desse azo a se perder.

(*Entra Chatillon.*)

FILIPE — Um milagre, senhora! Vosso anelo se positiva: eis Chatillon que chega! O que disse a Inglaterra, dize em poucas palavras, gentil lorde. Todos calmos, vamos ouvir-te. Fala, Chatillon.

CHATILLON — Virai, pois, vossas forças deste cerco mesquinho e as aplicai num grande feito. Inglaterra, irritado com a justiça de vossa causa, encontra-se ora em armas. A monção, que foi causa da demora do meu retorno, lhe deu tempo para desembarcar junto comigo as suas legiões que a esta cidade se encaminham. Suas forças são fortes; os soldados, confiantes em si próprios. Com ele, ainda, vem a rainha-mãe, Ate medonha, que a sangue e lutas sem cessar o incita. Lady Branca de Espanha, sua sobrinha, a acompanha, e o bastardo do monarca falecido. O vigor irrefreado do país, voluntários ardorosos. turbulentos sem medo, de aparência feminil, mas com ímpeto de ardentes e temíveis dragões, de seus haveres na pátria desfizeram-se e, orgulhosos, agora o patrimônio ao dorso trazem, para nova fortuna aqui tentarem. Em resumo: um pugilo tão seleto de peitos indomáveis, como os que ora nas quilhas da Inglaterra se balouçam, jamais flutuou nas ondas empoladas para a ruína trazer à cristandade.

(*Ouve-se ruído de tambor.*)

Dispensam seus tambores impudentes fúteis divagações; acham-se à mão, ou para luta, ou para conferência. Preparai-vos, portanto.

FILIPE — Como chega fora de tempo semelhante exército!

ÁUSTRIA — Quanto mais imprevisto, mais é força que primemos nos meios de defesa. Exalta-se a coragem com o momento. Sejam bem-vindos; prontos nos achamos.

(*Entram o rei João, Eleonor, Branca, o bastardo, nobres e tropas.*)

REI JOÃO — A paz seja com a França, caso a França nos permitir em paz a justa posse do que temos direito. Do contrário, venha a sangrar a França e a paz se evole, enquanto nós, iroso mandatário da cólera de Deus, corrigiremos a insolência que expulsa a paz divina.

FILIPE — Seja a paz com a Inglaterra, se esta guerra da França se virar de vez contra ela, a fim de em paz ali viver. Amamos a Inglaterra; é por ela, tão-somente, que suamos sob o peso destas armas. É a ti que competia este trabalho; mas o amor da Inglaterra está tão longe de dar-te algum cuidado, que arruinaste seu próprio rei legítimo, cortaste-lhe a ordem da sucessão, lançaste escárnio sobre a menoridade da realeza e violaste a inocência da coroa. Contempla aqui as feições de teu irmão Godofredo: estes olhos, esta fronte, foram moldados por seus traços; este pequenino resumo abrange quanto morreu em Godofredo; a mão do Tempo vai transformá-lo num volume grande. Mais velho do que tu Godofredo era; é seu filho este aqui. Era a Inglaterra de Godofredo por direito, que ora passou por sucessão para seu filho. Em nome, pois, de Deus, como se explica o chamares-te rei, se nestas fontes pulsa ainda o sangue vivo a que compete, tão-somente, a coroa que usurpaste?

REI JOÃO — quem te confere, França, ora o direito de exigires de mim tantas respostas?

FILIPE — O juiz superno que desperta em todos os peitos generosos o desejo de descobrir as manchas e desonras ao Direito infligidas, esse mesmo juiz que me fez tutor deste menino, que hei de salvaguardar de toda injúria. Com seu auxílio espero castigar-te.

REI JOÃO — Não queiras usurpar autoridade.

FILIPE — Perdão! A usurpação é que eu coíbo.

ELEONOR — França, a quem chamas tu de usurpador?

CONSTANÇA — Eu quero responder: teu próprio filho.

ELEONOR — Para trás, insolente! Desejaras que teu bastardo fosse rei, somente para, como rainha, governares.

CONSTANÇA — Meu leito sempre foi fiel a teu filho como o teu, porventura, a teu marido, e este menino tem mais parecença com seu pai Godofredo do que, acaso, no gênio, João contigo, em que pareçam como água e chuva, o diabo e a própria mãe. Bastardo, o meu filhinho! Por minha alma! Não creio que seu pai tivesse sido gerado mais lealmente. Não! Como isso fora possível, se a ele deste vida?

ELEONOR — Que mãe, menino, que a teu pai difama!

CONSTANÇA — Que avó, meu filho, que infamar-te almeja!

ÁUSTRIA — Ficai quietas!

O BASTARDO — Ouçamos o pregoeiro!

ÁUSTRIA — Que diabo és tu?

O BASTARDO — Alguém que há de convosco, senhor, fazer de diabo, quando acaso vos encontrar sozinho e a vossa pele. Sois a lebre da fábula, que puxa pela barba ao leão morto; se de jeito vos pegar, o casaco hei de sujar-vos. Acautelai-vos, tipo; hei de fazê-lo!

BRANCA — Assentam bem as vestes do leão a quem ao próprio leão soube roubá-las.

O BASTARDO — Assentam-lhe tão bem ao dorso, como as de Hércules num asno. Vou tirar-vos, asno, das costas esse fardo ingente e outro pôr que vos vai deixar doente.

ÁUSTRIA — Quem é o fanfarrão que nos aturde as orelhas com fôlego supérfluo?

FILIPE — Decide logo, Luís, o que faremos.

LUIS — Olá, mulheres e homens sem juízo, cessai de discutir! Rei João, eis quanto nos importa: a Inglaterra, Maine, Irlanda, Anjou e Touraine eu as reclamo, como pertencentes a Artur. Estás disposto a resigná-las e a depor as armas?

REI JOÃO — Antes a vida. França, desafio-te! Vem, Artur de Bretanha! A mim confia-te; meu amor vai te dar mais do que quanto pudesse conquistar a mão covarde da França. Vem, menino!

ELEONOR — Vem, meu filho; é tua avó que te chama.

CONSTANÇA — Vai, meu bem; vai com tua avó e lhe oferece um reino, que tua avó te dará uma cereja, passas e figo. É uma excelente avó!

ARTUR — Paz, minha boa mãe! Desejara já estar na sepultura. Não sou digno da luta que se trava por minha causa.

ELEONOR — Coitadinho! Chora; sua mãe o envergonha.

CONSTANÇA — Em vós recaia toda a vergonha se isso for verdade. Os insultos da avó, não a vergonha da mãe são que lhe arrancam essas pérolas que o céu comovem e que o céu recebe como penhor. E certo: esse rosário de cristal vai peitar o céu, levando-o a fazer-lhe justiça e castigar-vos.

ELEONOR — Monstro que o céu e a terra calunia!

CONSTANÇA — Monstro que ao céu e à terra atira injúrias! Não digas que me valho de calúnias. Tu e teu filho é que usurpais as terras, a realeza e os direitos desta criança desprotegida, filho de teu filho mais velho, que em ti, só, encontra causa de chamar-se infeliz. Os teus pecados são castigados nesta pobre criança. A lei o atinge, visto ele encontrar-se separado do ventre do pecado por duas gerações, tão simplesmente.

REI JOÃO — Basta, louca!

CONSTANÇA — Direi mais isto, apenas: que meu filho não é só castigado pelos pecados dela; Deus fez dela, como de seus pecados, o castigo deste seu descendente, castigado por ela e por sua causa. O seu pecado à criança causa dano, é o responsável por tudo. Na pessoa desta criança ela é punida. A peste que a carregue!

ELEONOR — Boca ferina, eu poderia o título de teu filho anular com um testamento.

CONSTANÇA — Quem o duvida! Ora essa! Um testamento de mulher, de uma avó sem coração.

FILIPE — Calma, senhora, calma nessa língua! Este lugar é impróprio para palmas a essas repetições desafinadas. Chame algum trombeteiro para os muros os cidadãos de Angers. Que nos declarem qual o título que eles reconhecem: o de Artur ou o de João.

(*Toque de trombeta; aparecem cidadãos sobre os muros.*)

PRIMEIRO CIDADÃO — Quem nos convoca para parlamentar desta muralha?

FILIPE — França, pela Inglaterra.

REI JOÃO — Inglaterra, por si. Vós, cidadãos de Angers, meus fiéis súditos...

FILIPE — Vós, homens de Angers, a Artur sujeitos, convocou-vos nossa trombeta para amável fala...

REI JOÃO — ... que nos toca de perto. Ouvi-nos, pois. As bandeiras da França, desfraldadas ante a vista e as feições desta cidade, aqui vieram, tão-só, para arruinar-vos. Seus canhões têm entranhas transbordantes de cólera e se encontram preparados para cuspir em vossos muros sua indignação de ferro. Os impiedosos preparativos para um cerco horrível os

olhos ora ameaçam da cidade, estas portas fechadas. Se não fosse nossa vinda, essas pedras sonolentas que, como cinto protetor, vos cercam, a estas horas teriam de seu leito de cal sido arrancadas pela força da atroz artilharia, que estadeara larga brecha por onde a sanguinosa violência vossa paz destruir pudesse. Mas à vista do vosso rei legítimo — que, com bastante sacrifício, em marchas forçadas conseguiu colocar forças eficientes em face destes muros, a fronte protegendo da cidade — os franceses, tomados de surpresa, em uma conferência condescendem, e agora, em vez de balas envolvidas em fogo, para febre abaladora nos muros produzir-vos, eles jogam palavras brandas em fumaça envoltas porque os ouvidos a erro vos induzam. Concedei-lhes o apreço que merecem, caros concidadãos, e entrada franca permiti-nos, a vosso soberano, cujo ânimo, no afã de tantas marchas cansativas reclama asilo certo no recinto de vossa alta cidade.

FILIPE — Depois de eu ter falado, respondei-nos. Aqui vedes à minha mão direita que se votou diante de Deus à causa do bem e da justiça, o jovem príncipe Plantagenet, sobrinho que é deste homem, por ser filho de seu irmão mais velho e, por isso, seu rei e de quanto ele possa ter. E no nome da eqüidade conspurcada que a relva ante estes muros calcamos com o aparato belicoso de nossa expedição, ainda que vossos inimigos não somos, senão quanto de nós o exige o zelo hospitaleiro que a consciência nos dita para alívio desta criança oprimida. É de justiça, portanto, que presteis fidelidade a quem for de direito: ao jovem príncipe. E como urso açaimado, nossas armas, tirante o aspecto, mansas vão tornar-se; a malícia de nossa artilharia será vãmente gasta contra as nuvens invulneráveis do alto; em retirada sem cólera e entre bênçãos, livres nossos elmos de qualquer mossa, espadas limpas, a casa o sangue alegre levaremos que viemos derramar ante estes muros, e as esposas e os filhos vos deixamos, bem como a vós, em paz. Mas se afastardes nossa oferta amigável, loucamente, não será, por sem dúvida, a espessura de vossos muros carcomidos que há de proteger-vos de nossos mensageiros da guerra, muito embora estes ingleses, com sua disciplina, abrigo achassem em seu âmbito rude. Declarai-nos, portanto, se a cidade nos conhece como donos, e donos que aqui viemos desafiar-vos, ou se é, ainda, preciso fazer soar o sinal de nossa cólera irreprimível e através de sangue alcançarmos a posse do que é nosso.

PRIMEIRO CIDADÃO — Em resumo: guardamos a cidade para o rei da Inglaterra, de quem somos.

REI JOÃO — Reconhecei-me, pois; deixai-me entrar.

PRIMEIRO CIDADÃO — Não pode ser; ao que provar que é rei, nos mostraremos leais; mas, até então, ao mundo inteiro as portas fecharemos.

REI JOÃO — Não servirá de prova esta coroa? Se não bastar, aduzo testemunhas: trinta mil corações da cepa inglesa...

O BASTARDO — Bastardos e outros.

REI JOÃO — ... que com a vida o direito nos defendem.

FILIPE — Tão numerosos e tão bem nascidos...

O BASTARDO — Também com alguns bastardos...

FILIPE — ... estes aqui lhe negam tal direito.

PRIMEIRO CIDADÃO — Enquanto não provardes quem possui melhores títulos, em nome desse mais digno vos negamos submissão.

REI JOÃO — Que Deus absolva, então, todas as almas que hoje subirem para a sua eterna morada, antes que chegue a tarde rórida.

FILIPE — Amém! Amém! Às armas, cavalheiros!

O BASTARDO — São Jorge, que o dragão malhou de rijo, e que montado em seu cavalo ainda hoje se acha na tabuleta sobre a porta da hospedagem em que eu resido há tempos, que me ensine a brigar!

(*Ao duque d'Áustria.*)

Olá, maroto! se na vossa caverna eu me encontrasse com vossa leoa, eu colocara nessa pele de leão uns alentados chifres, em monstro transformando-vos.

ÁUSTRIA — Silêncio!

O BASTARDO — Tremei, que estais ouvindo o leão rugir.

REI JOÃO — Para a planície, porque nossas tropas disponhamos em ordem de combate.

O BASTARDO — Com pressa, então; fiquemos com a vantagem do terreno.

ÁUSTRIA — Será dessa maneira.

(*A Luís.*)

Na outra colina conservai as tropas de reserva. E ora: Deus e nossa causa!

(*Saem.*)

(*Toque de rebate e movimento de tropas; depois, retirada. Entra um arauto francês, com trombetas, e avança até às portas da cidade.*)

ARAUTO FRANCÊS — Abri de par em par, homens de Angers, vossas portas a Artur, o jovem duque da Bretanha, que graças à mão forte da França deu assunto para lágrimas a muitas mães inglesas, cujos filhos sobre o solo sangrento ora se encontram. Muitas viúvas, também, vêem os maridos abraçando, sem vida, a terra pálida. Com poucas perdas a vitória exulta nos lábaros franceses que, triunfantes, já se acham desfraldados para entrarem como conquistadores e, aqui dentro, proclamarem o duque da Bretanha rei da Inglaterra e vosso soberano.

(*Entra um arauto inglês, com trombetas.*)

ARAUTO INGLÊS — Homens de Angers, mandai tocar os sinos em sinal de alegria, que o rei João, rei da Inglaterra e vosso soberano, já se aproxima como vencedor deste dia difícil e agitado. Suas armas, tão brancas até há pouco, voltam tintas no sangue dos franceses; nenhuma pena, ondeante, a nossos elmos, foi tirada por lanças inimigas; nossas bandeiras ainda vêm trazidas pelas mãos que, ao partirmos, as levavam. E como caçadores turbulentos que os alegres ingleses ora voltam, com mãos empurpuradas pela tinta que correu da matança dos inimigos. Abri, pois, vossas portas à vitória!

PRIMEIRO CIDADÃO — Arautos, destas torres nós pudemos acompanhar o assalto e a retirada das forças em combate, sem que nossos melhores olhos censurar pudessem seu perfeito equilíbrio: sangue a sangue comprou, golpes a golpes respondiam, força a força se opunha, resistências iguais se confrontavam. Sois iguais. Assim, de ambos gostamos igualmente. Mas é preciso que um de vós dê provas de superioridade. Enquanto fordes de peso igual, não há de ser a nossa cidade de nenhum, mas de vós ambos.

(*Voltam os dois reis com suas tropas, separadamente.*)

REI JOÃO — Ainda podes perder, França, mais sangue? Dize-nos se a corrente do direito que defendemos já tem livre curso. Irritada com tua resistência, vai ela o leito abandonar e em fúria vastadora inundar os teus domínios, a menos que consintas vão suas águas argentinas defluindo no seu curso pacífico, até o oceano.

FILIPE — Ouve, Inglaterra: nesta prova ardorosa não poupaste uma gota de sangue mais que a França. Perdeste muitas mais. Por esta mão que impera até onde o clima aqui se estende, juramos não depor as nossas armas votadas à Justiça, sem que ao solo te joguemos, escopo desta guerra, ou aumentemos o número dos mortos de uma unidade real, para que a lista que relatar o morticínio ingente se enriqueça com o nome de um monarca.

O BASTARDO — Ó Majestade! como a tua glória sobe de ponto, quando o rico sangue dos monarcas se incende! Agora a morte recobre de aço os fortes maxilares; são-lhe dentes e garras as espadas dos soldados; alegre banqueteia-se, tragando carne humana nas contendas indecisas dos reis. Por que se encontram estupefactas essas tropas reais? Gritai "Chacina!" ó reis! Levai de novo para o campo sangrento vossas forças equilibradas, vossos inflamados espíritos! Depois, que a perda de uma das partes a vitória da outra afirme. Mas até lá, só golpes, sangue e morte!

REI JOÃO — A gente da cidade com quem fica?

FILIPE — Falai pela Inglaterra, cidadãos: quem é vosso monarca?

PRIMEIRO CIDADÃO — É o da Inglaterra, logo que o conhecermos.

FILIPE — Nesse caso, reconhecei-o em nós, que o defendemos.

REI JOÃO — Em nós, representantes de nós próprios, e que nossa pessoa aqui trazemos, donos de nós, de vós e da cidade.

PRIMEIRO CIDADÃO — Um poder mais possante do que o nosso não nos deixa aceder. Enquanto a luta não ficar decidida, trancaremos com portas bem fechadas nosso medo, que em nós há de mandar, até que venha depô-lo e desfazê-lo um rei de fato.

O BASTARDO — Ó reis! Essa canalha está zombando de todos vós! Postados nas ameias dos muros, como em teatro, sem correrem perigo algum, criticam calmamente vossas cenas sutis e atos de morte. Que vossas reais presenças sigam nisso meu conselho: firmai pacto amistoso, como em Jerusalém de certa feita os rebeldes fizeram e, de acordo, dirigi contra os muros da cidade toda a vossa malícia destruidora. Poste a França e a Inglaterra a leste e a oeste seus canhões carregados até à boca, para que seus bramidos terrorantes façam ruir por terra os

pétreos membros da cidade impudente. Em vosso caso, eu não daria trégua a esses velhacos, enquanto não ficassem entre as ruínas tão despidos como o ar que respiramos. Isso feito, apartai de novo as forças e as bandeiras que unidas estiveram; oponde rosto a rosto e ponta a ponta sanguinosa, e a Fortuna, em pouco tempo, seu feliz favorito dentre as vossas filas há de escolher, a quem, bondosa, cederá toda a glória da jornada, conferindo-lhe o beijo da vitória. Poderosos Estados, agradais-vos do conselho selvagem? Não revela certo sabor, que lembra o da política?

REI JOÃO — Por este céu, que no alto se distende, agrada-me o conselho. Queres, França, unir as forças e arrasar Angers, para, após, decidirmos pelas armas quem deve governá-la?

O BASTARDO — Se tiveres brio de rei, magoado como deves estar qual nós estamos, com as ofensas desta cidade impertinente, faze como nós: vira a tua artilharia contra esta fortaleza petulante, porque depois de ao solo a nivelarmos, daremos pábulo a nosso ódio eterno em luta pelo céu ou pelo inferno.

FILIPE — Que seja. E ora dizei-nos: de que ponto dareis o assalto?

REI JOÃO — Do oeste mandaremos destruição ao peito da cidade.

ÁUSTRIA — Eu, do norte.

FILIPE — Do sul, nossos trovões despejarão seus raios contra os muros.

O BASTARDO — Sul contra norte! Oh! esplêndida estratégia! França e Áustria, assim, com a artilharia rouca uma à outra há de fazer calar a boca. Convém espicaçá-los. Toca! Avante!

PRIMEIRO CIDADÃO — Grandes reis, atendei-nos um instante. Vou mostrar-vos o modo de firmardes paz, tornar-vos amigos, a cidade conquistar sem mais perdas nem violência, permitindo que a Morte, de futuro, no leito alcance as vidas que nos campos agora ao sacrifício se acham prontas. Não prossigais, monarcas, e atendei-nos.

REI JOÃO — Fala; tens permissão; vamos ouvir-te.

PRIMEIRO CIDADÃO — Essa filha da Espanha, lady Branca, aí presente, é parenta da Inglaterra. Contai os anos dessa linda moça e os do delfim Luís. Se o vigoroso Amor saísse em busca de beleza, onde a achara mais bela do que em Branca? Se o Amor zeloso ansiasse por virtude, onde a achara mais pura do que em Branca? Se, cheio de ambição, o Amor fizesse questão de nascimento, onde encontrara sangue de mais nobreza do que o sangue que em suas veias pulsa? Tal como ela, em beleza, virtude e nascimento, é, também, o Delfim, completo em tudo. Se algo falece, é que ele ela não é. A ela, por sua vez, nada lhe falta — se em falta se falar — a não ser que ela, não sendo ele, não pode ser completa. Ele é a metade de um feliz mancebo, que deve ser por ela completada; ela, excelência em parte dividida, que espera a perfeição dele somente. Se essas correntes argentinas vierem a se unir algum dia, glória imensa conferirão às margens que as ladeiem. Sede, portanto, ó reis, para essas duas correntes confundidas as fronteiras, os limites, as praias, contribuindo para a união dos dois jovens. Esse enlace será de mais efeito sobre os nossos bem fechados portões que toda a fúria de vossas baterias, pois mais

rápido que a pólvora, fará que se escancarem para vos dar passagem. Mas sem ele, não há de ser mais surdo o mar furioso, os leões, mais resolutos, nem mais firmes montanhas e rochedos; nem a própria Morte poderá ser mais peremptória do que nós na defesa da cidade.

O BASTARDO — Eis um pregão que a pútrida carcaça da Morte faz mexer-se nos seus trapos! Boca imensa, de fato, que vomita morte e montanhas, mares e rochedos, e tão familiarmente se refere a leões ferozes, como, a seus cãezinhos, menina de treze anos. Terá sido gerado esse sujeito tão valente por algum canhoneiro? Só se exprime por canhões, fogo, fumo, estrondo e gritos. Com a língua, bastonadas ele aplica; rompe-nos os ouvidos; não profere palavra que não bata mais certeira do que um punho francês. Nunca as palavras me desancaram tanto, dês que o nome de papai dei ao pai de meu irmão.

ELEONOR (*à parte, ao rei João*) — Filho, aceita a proposta, firma as núpcias; prontifica-te a dar um dote grande para nossa sobrinha, que esse laço de tal modo a coroa pouco firme virá consolidar-te; luz propícia jamais poderá ter aquela criança para os frutos opimos que promete. No semblante de França leio anuência. Vê como eles cochicham. Vamos! Urge com eles insistir, enquanto na alma revelam ambição, para que o zelo da piedade e da súplica de novo não se congele e volte a ser o que era.

PRIMEIRO CIDADÃO — Por que as duas grandezas nada dizem à idéia amiga da cidade aflita?

FILIPE — Inicie Inglaterra, por ter sido quem a cidade interpelou primeiro. Que dizeis?

REI JOÃO — Se o Delfim, teu nobre filho, ler neste livro de beleza "Eu amo", como de uma rainha será o dote da noiva, porque Anjou, Touraine bela, Maine, Poictiers e tudo quanto deste lado das águas — excetuando apenas esta cidade a que ora pomos cerco — a nossa Dignidade está sujeito, dourará o leito à noiva e a fará rica em poderios, títulos e estima, como em sangue, beleza e fino trato ela a qualquer princesa se equipara.

FILIPE — Que dizes, filho? Olha de frente a moça.

LUIS — É o que eu faço, senhor, e maravilha nos olhos lhe descubro, ou bem, milagre maravilhoso: minha sombra aí vejo, que embora seja a sombra, simplesmente, de vosso filho, em sol se torna e deixa vosso filho a uma sombra reduzido. Juro que nunca amei tanto a mim mesmo como agora, ao me ver reproduzido na tela aduladora desses olhos.

(*Fala em segredo com Branca.*)

O BASTARDO — Desenhado na tela dos seus olhos! Pendente de um dos ganchos das pestanas! No peito, esquartejado! Que de abrolhos no caminho do amor! Só sinto ganas de esquartejar, de fato, esse pascácio que para amar recorre a tal prefácio.

BRANCA — Neste particular acedo a quanto meu tio decidir. Se ele vir algo que lhe possa agradar em vosso todo, seja o que for, farei com que esse adorno para minha vontade se transfira, ou, se o quiserdes, sem ambages: hei de saber recomendá-lo ao meu afeto. Mais não direi, milorde, lisonjeando-vos, que me merece amor quanto em vós vejo. Direi somente que não vejo nada — ainda que viesse a Inveja ora julgar-vos — que ódio ou repulsa despertar

consiga.

REI JOÃO — Que diz o jovem par? E vós, sobrinha?

BRANCA — Que a honra obriga a fazer sempre o que vossa sabedoria decidir por ela.

REI JOÃO — Então, Delfim, responde-nos se podes amar esta beldade.

LUIS — Perguntai-me se me é possível de adorá-la abster-me, porque lhe tenho amor sinceramente.

REI JOÃO — Com ela, então, te dou cinco províncias: Anjou, Poictiers, Vexin, Touraine e Maine, com mais trinta mil marcos de ouro inglês. Vê, Filipe da França, se concordas em que teus filhos ora as mãos apertem.

FILIPE — Apraz-nos, sim; uni, filhos, as mãos.

ÁUSTRIA — E os lábios, por que não? Nem fareis mais do que eu, quando asselei meus esponsais.

FILIPE — Abri as portas, agora, homens de Angers, para entrar a aliança que firmastes, pois vão ser celebradas logo as núpcias na capela dicada à mãe de Deus. Não está lady Constança entre os presentes? Vejo que não; caso contrário, fora perturbada a alegria desta aliança. Onde ela está? E o filho? Quem o sabe?

LUIS — Triste, à tenda se foi de Vossa Alteza.

FILIPE — Por minha fé, a aliança que firmamos só dará pouco alívio às suas penas. Caro irmão da Inglaterra, de que modo contentaremos a rainha viúva? Viemos a defendê-la; no entretanto, Deus o sabe, desviamo-nos da estrada, para nossa vantagem.

REI JOÃO — Será fácil sanar tudo isso: o título daremos ao moço Artur de duque da Bretanha e conde de Richmond, sobre fazermo-lo senhor desta cidade rica e bela. Sem demora chamai lady Constança; vá logo um mensageiro convidá-la para a solenidade. Penso ser-nos possível, quando não toda a medida encher de seus desejos, pelo menos satisfazê-la de tal modo que ela ficará sem motivo de queixar-se. Vamos com a pressa que nos for possível para a festa imprevista e improvisada.

(*Saem todos, com exceção do Bastardo. Os cidadãos se retiram das ameias.*)

O BASTARDO — Mundo louco! Reis loucos! Louca aliança! Para deter as pretensões, por junto, de Artur, de grado João cede uma parte; a França, que com as armas da consciência seria invulnerável e que o zelo cristão e a caridade transformaram num soldado de Deus, impulsionando-a para o campo da luta, ouvidos presta a esse muda-projetos, a esse diabo manhoso, o alcoviteiro que transforma no contrário a lealdade, jura falso cem vezes por minuto e ganha sempre de todos, de mendigos, reis, mancebos, raparigas e anciões, e que, no caso de não ter a perder mais coisa alguma senão o termo "virgem", burla as virgens; esse senhor de tão macio rosto, o Interesse insinuante e adulador, sim, o Interesse, a rampa em que despenha, sem se deter, o mundo, que em si mesmo revelava equilíbrio e que rolava lisamente em terreno sempre plano até que esse proveito, essa ladeira viciada, esse fautor de movimento, o Interesse,

o tirasse do equilíbrio, de toda a direção, projeto e intento! E esse mesmo pendor, esse Interesse, esse alcaiote tecedor de intrigas, palavra que transforma tudo a todos os momentos, lançado contra os olhos da França tão volúvel, fez que logo desistisse do auxílio que ela própria decidira prestar e de uma guerra principiada com honra, para, agora, concluir uma paz vil e infamante. Por que cubro de injúrias o Interesse? Tão-somente por não me ter ainda conquistado. E certeza: eu não teria coragem de fechar a mão, se, acaso, se dispusessem seus bonitos anjos a me cumprimentar. Não tendo sido tentada ainda, ela é como a dos pobres mendigos que os ricaços vitupera. Pois o mesmo farei, enquanto pobre: não há pecado como o da riqueza, direi então; mas quando ficar rico, direi ser a miséria o único vício. Se a ambição, entre os reis, é quase uma arte, Interesse, és meu deus: quero adorar-te.

(*Sai.*)

Ato 3

Cena 1

França. A tenda do rei francês. Entram Constança, Artur e Salisbury.

CONSTANÇA — Foram casar-se! A paz vai ser jurada! Sangue perjuro unido a sangue falso! Vão ser amigos! Luís fica com Branca, e esta fica de posse das províncias! Não pode ser; ouviste mal; enganas-te. Reflete bem; repete a tua história; não pode ser assim; és tu que o dizes, simplesmente. Confio que não posso confiar no que disseste, que a palavra saída da tua boca é o sopro, apenas, de indivíduo comum. Fica sabendo, homem, que não te creio; oposta a isso, tenho a jura de um rei. Vais ser punido por me assustares tanto; eu sou sensível ao medo, sou doente, acabrunhada de injustiças. Por isso, tenho medo; não tenho já marido, sou viúva, medrosa, sou mulher, naturalmente nascida para estar sujeita ao medo. E embora confessasses que querias apenas gracejar, eu não pudera mais sossegar o espírito assustado que vai ficar tremendo o dia todo. Por que a cabeça abanas tanto e tanto? Por que tão tristemente olhas meu filho? Por que essas tristes lágrimas te escapam dos olhos, como rio que transborda? Confirmam tais sinais o que disseste? Fala de novo, não a história toda de há pouco, mas somente uma palavra: se é verdade ou mentira o que contaste.

SALISBURY — Tão verdadeiro, como credes falsos quantos os que têm culpa de sentirdes a verdade de toda a minha história.

CONSTANÇA — Se me ensinas a crer nessa tristeza, mostra à tristeza o meio de matar-me, fazendo que se encontre a crença e a vida, como a fúria de dois desesperados que se chocam, a um tempo e, mortos, caem. Luís casar com Branca! Onde te encontras, meu filho? Amiga a França da Inglaterra, que de mim será feito? Homem, retira-te! Já não suporto ver-te! Essa noticia te transforma em criatura horripilante.

SALISBURY — Senhora, que fiz eu, senão contar-vos o mal que outras pessoas praticaram?

CONSTANÇA — Tão odioso é esse mal em sua essência, que quem dele se ocupa causa dano.

ARTUR — Acalmai-vos, senhora, eu vos suplico.

CONSTANÇA. — Se tu, que me concitas a acalmar-me, fosses feio, ridículo, a vergonha do ventre de tua mãe, cheio de nódoas repugnantes, de manchas repulsivas, coxo, idiota, cambaio, negro, monstro, cheio de horríveis marcas, de verrugas desagradáveis, pouco me importara; poderia ficar, até, contente, porque, assim, não te amara, não terias sido merecedor de tua alta estirpe, nem da coroa. No entretanto, és belo; ao nasceres, criança, a natureza com a

Fortuna, em porfia, te exaltaram. Em dons da natureza tu suportas paralelo com os lírios inocentes e com os botões de rosa. Mas a falsa Fortuna se mudou, foi corrompida, desviada do teu lado; ela comete a toda hora adultério com teu tio; com sua mão dourada incita França a pisar os direitos da realeza, transformando-o num reles alcaiote. França faz o papel de alcoviteiro entre a Fortuna e João, essa Fortuna prostituta e o rei João usurpador! Dize, amigo, se França não é perjuro. Envenena-o ao menos com palavras, ou retira-te e as dores abandona que suportar a mim, tão-só, compete.

SALISBURY — Perdão, senhora, mas sem vós não posso retornar à presença dos monarcas.

CONSTANÇA — Podes e deves; não irei contigo. Vou ensinar a tristeza a ter orgulho, que a dor é altiva e ao sofredor faz digno. Os reis que me procurem nos domínios da minha grande dor. Tão grande ela é, que só poderá ter como suporte a imensidão da terra. Aqui me fico; com tal dor não me sinto em abandono; venham curvar-se os reis ante o meu trono.

(*Senta-se no chão.*)

(*Entram o rei João, o rei Filipe, Luís, Branca, Eleonor, o Bastardo, o duque d'Áustria e séquito.*)

FILIPE — Sim, filha encantadora, a França há de esta data comemorar daqui por diante. Para solenizá-la, o sol glorioso vai deter a sua marcha para ao jeito fazer dos alquimistas, transformando, com o brilho dos seus olhos, esta magra costa da terra em ouro cintilante. A volta anual de semelhante dia há de ser para nós sempre feriado.

CONSTANÇA (*levantando-se*) — Feriado não! Um dia amaldiçoado! Qual o valor do dia, que fez ele para ficar inscrito em letras de ouro como alto festival do calendário? Não! Deveis apagá-lo da semana, porque indica opressão, perjúrio e opróbrio. No caso ele ficar, então que rezem as mulheres em véspera de parto porque do peso não se vejam livres neste dia maldito, só de medo de monstros se tornarem seus anelos. Só neste dia os viajantes devem ter medo de naufrágio; nele, apenas, não mantenham palavra os contratantes. Quanto for começado nesta data, terá de acabar mal; até a lealdade se mudará na vil hipocrisia.

FILIPE — Penso, senhora, que não tendes causa de amaldiçoar os feitos deste dia. Não tendes em penhor minha realeza?

CONSTANÇA — Passastes-me uma moeda com a aparência, tão-só, dessa realeza, que não pode resistir aos exames. Sois perjuro, perjuro! Armado viestes para o sangue verter dos meus inimigos, mas agora com vossas armas reforçais as deles. O vigor combativo e a catadura da guerra se embrandecem na amizade, no artifício da paz; esse contrato vai buscar força em nosso sofrimento. Armai-vos, céu! Puni os reis perjuros! É uma viúva que clama! Esposo sede-me! Que as horas deste dia amaldiçoado não transcorram em paz, mas que muito antes de o sol se recolher nasça a discórdia entre estes reis perjuros. Atendei-me!

ÁUSTRIA — Lady Constança, calma!

CONSTANÇA — Guerra! Guerra! não paz! A paz é guerra para mim. Ó Limoges! Ó

Áustria! — tu envergonhas teu espólio sangrento! Miserável, covarde, escravo indigno! Tu, valente pequeno, grande apenas nas torpezas! Só reforças o lado dos mais fortes. Pioneiro da Fortuna, tu não lutas senão quando essa dama caprichosa se acha perto e te enseja a salvaguarda. És perjuro, também, porque bajulas a grandeza. Que tolo primoroso te revelaste, um tolo rastejante, para te pavoneares tanto e tanto no meu lado e jurares defender-me! Não trovejaste do meu lado, escravo de sangue frio, que me ampararias? Não me disseste que confiasse em tua fortuna, em teu poder? E não passaste para os meus inimigos? Trazes uma pele de leão. Retira-a, envergonhado; põe nesses ombros vis a de um carneiro.

ÁUSTRIA — Se um homem me dissesse essas palavras!

O BASTARDO — Põe nesses ombros vis a de um carneiro.

ÁUSTRIA — Por tua vida, vilão, não mo repitas!

O BASTARDO — Põe nesses ombros vis a de um carneiro.

REI JOÃO — Esqueces-te de ti; não gosto disso.

(*Entra Pandolfo.*)

FILIPE — O legado do Papa vem chegando.

PANDOLFO — Salve, ungidos de Deus e deputados do céu! E a ti, rei João, que se dirige minha missão sagrada. Aqui me encontro, eu, Pandolfo, cardeal de Milão bela, como legado de Inocêncio, para te perguntar por ele, em sã consciência, por que com tanta obstinação maltratas a Igreja, nossa mãe, e por que causa com violência expulsaste de sua sede a Estêvão Langton, arcebispo eleito de Cantuária? E em nome do citado santo papa Inocêncio, que eu te faço todas essas perguntas.

REI JOÃO — Qual é o nome terreno que se arroga o privilégio de impor qualquer tarefa ao livre sopro de um monarca sagrado? Não podias, cardeal, citar um nome tão ridículo, tão indigno e vazio, para a alguma resposta me forçar, como o do papa. Pois conta-lhe isso e o que ora sai da boca da Inglaterra: nenhum padre italiano receberá em nossas terras dízimos ou qualquer outro imposto. Porque somos sob o céu o poder mais elevado, determinamos governar sozinhos onde afeta nos é a supremacia, sem o auxílio de mão mortal alguma. Dize isso ao papa, sem maior respeito a ele ou sua usurpada autoridade.

FILIPE — Blasfemais, caro mano da Inglaterra!

REI JOÃO — Ainda que os reis da cristandade em peso vos deixeis conduzir grosseiramente por esse padre intrometido, e medo mostreis da maldição que se abastarda, uma vez que se compra por vil ouro, por escórias, por poeira, o corrompido perdão de um indivíduo que na venda mercadeja o perdão dele somente; embora enriqueçais com vossas rendas, vós e os mais, a esse astuto feiticeiro, eu sozinho — sozinho! — me levanto contra o papa, passando doravante a ter por inimigos seus amigos.

PANDOLFO — Então, pelo poder de que me encontro revestido, és maldito e excomungado! Abençoado será quem seu apoio negar daqui por diante a um tal herege, e meritória seja a mão chamada, canonizada e tida como santa, que conseguir truncar, de qualquer

jeito, essa vida execranda.

CONSTANÇA — Oh, que me seja permitido também, por um momento, amaldiçoar com Roma! Dizei amém meu bom padre cardeal, a meus ardentes votos de maldição. Sem os motivos dos meus agravos, todos, língua alguma poderá com direito amaldiçoá-lo.

PANDOLFO — A minha maldição, senhora, encontra confirmação na lei.

CONSTANÇA — Também a minha. Quando não pode a lei fazer justiça, é legal impedir que seja injusta. Por lei, meu filho não obtém seu reino, porque quem o detém, detém a lei. Se a lei, pois, é injustiça, como pode obstar que minha língua amaldiçoe?

PANDOLFO — Filipe, deixa a mão desse arqui-herético, se não queres ficar amaldiçoado, e levanta contra ele toda a França, a menos que ele a Roma se submeta.

ELEONOR — Empalideces, França? Não retires a mão.

CONSTANÇA — Atenção, Diabo! Não consintas que França tire a mão; perdes uma alma.

ÁUSTRIA — Rei Filipe de França, ouvi o cardeal.

O BASTARDO — Põe nos ombros a pele de um carneiro!

ÁUSTRIA — Sou forçado a embolsar, biltre, essa afronta, porque...

O BASTARDO — ... tendes as calças bem folgadas.

REI JOÃO — Filipe, que respondes ao cardeal?

CONSTANÇA — Que poderá dizer, senão o que o próprio cardeal já enunciou?

LUÍS — Pai, refleti, que a diferença é a maldição pesada de Roma ou a leve perda da Inglaterra. Abri mão da mais leve.

BRANCA — A maldição de Roma.

CONSTANÇA — Luis, sê firme; o diabo veio tentar-te sob a forma de uma noiva de cabelos ao vento.

BRANCA — Não se exprime lady Constança com lisura; apenas fala a necessidade.

CONSTANÇA — Se concedes essa necessidade, que só vive porque a fé pereceu, ser-te-á forçoso inferir que vivera a fé de novo, caso a necessidade perecesse. Quando a necessidade derrubares, a fé se elevará resplandecente; deixa aquela de pé que esta se abate.

REI JOÃO — O rei está comovido; não responde.

CONSTANÇA — Dele te afasta e dize-lhe o que importa.

ÁUSTRIA — Faze isso, rei Filipe; não prossigas mais suspenso.

O BASTARDO — Suspende a pele, apenas, de um carneiro, ó meu doce paspalhão!

FILIPE — Estou perplexo; o que dizer, não sei.

PANDOLFO — Mais perplexo hás de ser com o que disseres, Se ficares maldito e

excomungado.

FILIPE — No meu lugar vos ponde, reverendo, e dizei-me o que havíeis de fazer. Esta real mão e a minha, não faz muito, viram-se unidas; acham-se casados os corações, ligados no imo peito pela força de votos religiosos e liames sacrossantos. O nosso último alento que fez soar umas palavras tratava de amizade, amor sincero, paz e fidelidade entre os dois reinos e nossas reais pessoas. No entretanto, pouco antes dessas tréguas, não mais tempo do que o preciso para as mãos lavarmos, a fim de que esse pacto real firmássemos, só Deus o sabe, estavam elas sujas do pincel carregado da chacina com que a Vingança desenhado havia o terrível dissídio entre monarcas. E ora essas mãos, que só de pouco se acham limpas de sangue, tão recentemente no amor entrelaçadas, que tão fortes em ambos se mostravam, esses laços irão quebrar e os sacros juramentos? Zombar, assim, da fé? Brincar com as coisas sagradas, como crianças inconstantes, e desligar as mãos tão bem unidas? Mostrarem-se perjuros, sobre o leito de núpcias, todo em flor, lançar um hóspede sanguinoso e aprestar um morticínio na gentil fronte da amizade pura? Ó reverendo padre, homem sagrado, resolvei de outro modo! Em vossa graça excogitai, imponde outra medida menos severa, que feliz seremos em acatá-la, continuando amigos.

PANDOLFO — Informe é a forma e desordeira a ordem que contra o amor inglês não se opuserem. Por isso, às armas! Sê campeão da Igreja; caso contrário, a Igreja, nossa mãe, a maldição te lança, maldição de uma mãe contra o filho revoltado. França, ser-te-á mais fácil segurares pela língua a serpente, o leão zangado pela pata terrível e o famélico tigre pelos queixais, do que nas tuas essa mão prosseguires apertando.

FILIPE — Posso a mão retirar, não a palavra.

PANDOLFO — Fazes da honra a inimiga da própria honra; como em civil discórdia, juramento opões a juramento, língua a língua. Em primeiro lugar, realiza o voto que ante o céu assumiste, isto é, de seres campeão de nossa Igreja; o que juraste depois, contra ti próprio foi jurado; por ti mesmo não pode ser cumprido, pois tudo o que juraste erradamente, se com acerto obrares, se corrige. Onde a ação tende ao mal, o certo, sempre, consistirá em não fazer mais erros. O melhor, sempre que algo de incorreto pretendemos fazer, é errar de novo. Conquanto isso consista num desvio, este vai dar, alfim, no bom caminho. A falsidade cura a falsidade, tal como o fogo abranda o próprio fogo dentro das veias que o cautério abrasa. E a religião que os votos nos preserva. Foi contra a religião que te empenhaste; jurando por aquilo por que juras, apresentaste um juramento como penhor de tua fé, numa emergência contra esse juramento. A fé, no entanto, que a jurar te levou, te obriga, apenas, a não seres perjuro. Do contrário, que escárnio não seria o juramento! Juraste para ser, tão-só, perjuro, o que serás mais ainda, persistindo. Teu voto último, pois, contra o primeiro é revolta de ti contra ti mesmo, jamais conseguirás maior vitória do que armando a constância e o que de nobre tens no imo peito contra esses engodos. É para essa porção que dirigimos nossas preces, no caso de atendê-las. Caso contrário, sabe que o perigo de nossa maldição sobre ti pende por maneira tão grave que impossível ser-te-á livrar-te dela, sendo força pereceres sob esse negro fardo.

ÁUSTRIA — E franca rebelião!

O BASTARDO — Não tapará essa boca uma pele de carneiro?

LUIS — Pai, às armas!

BRANCA — No dia de tuas núpcias? Contra o sangue que acabas de esposar? Como! Festejaremos nosso enlace com corpos mutilados? As trombetas atroantes e os tambores rumorosos — clamor do inferno — marcarão o compasso para o nosso cortejo? O esposo, escuta-me! Esposo! Como é nova essa palavra dita por mim! Por esse nome caro, que eu jamais pronunciei até este instante, imploro-te de joelhos não pegares armas contra meu tio.

CONSTANÇA — Nestes joelhos, à força de ajoelhar tão calejados, ó virtuoso Delfim, eu te suplico não mudares o curso do destino que o céu determinou!

BRANCA — Ora vou ver se me amas. Qual o nome que mais te obrigará do que o de esposa?

CONSTANÇA — O que ampara teu próprio sustentáculo: sua honra! Luís, tua honra, a tua própria honra!

LUÍS — Por que tão frio Vossa Majestade se mostra, quando tem tantos motivos para atuar sem delongas?

PANDOLFO — Vou lançar-lhe a maldição.

FILIPE — Não tens necessidade. Inglaterra, separo-me de ti.

CONSTANÇA — Oh! retorno admirável da banida Majestade!

ELEONOR — Oh! traição mais do que abjeta da inconstância francesa!

REI JOÃO — Antes de uma hora, França, vais lastimar este momento.

O BASTARDO — Se o velho Tempo concordar, o calvo relojoeiro que inuma as horas todas, muito bem, vai a França arrepender-se.

BRANCA — De sangue se acha o sol ora coberto. Dia formoso, adeus! Para que lado decidir-me? Sou de ambos. Cada exército me prende uma das mãos; a ambos estando presa, é força que fique desmembrada, quando se separarem. Caro esposo, rezar não posso para tua vitória; tio, devo pedir que tu não venças; pai, não posso almejar tua fortuna; avó, não quero que teus votos vinguem. Vença quem for, a perda será minha; minha derrota se acha assegurada, antes mesmo que o jogo principie.

LUIS — Tua fortuna se acha onde eu me encontro.

BRANCA — Onde ela vive, minha vida morre.

REI JOÃO — Primo, reúne logo as nossas forças.

(*Sai o Bastardo.*)

França, queima-me cólera esbraseante. O calor que me inflama é de tal monta que nada o aplacará, senão só sangue, sangue do mais precioso que haja em França.

FILIPE — Ficarás consumido pela cólera, a cinzas reduzido, antes que o nosso sangue

possa apagar esse braseiro. Toma conta de ti; ao Fado escuta.

REI JOÃO — Faze o mesmo, também. A luta! A luta!

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Planície perto de Angers. Rebate. Movimento de tropas. Entra o Bastardo com a cabeça do duque d'Áustria.

O BASTARDO — Por minha vida, o dia está ficando quente demais. Algum demônio aéreo paira no céu e faz chover desgraças. Cabeça de Áustria, fica aí enquanto Filipe toma fôlego.

(*Entram o rei João, Artur e Hubert.*)

REI JOÃO — Hubert, guarda o menino. Toda a pressa, Filipe. Minha mãe foi assaltada em nossa tenda e aprisionada, temo.

O BASTARDO — Eu a salvei, milorde; Sua Alteza se acha em lugar seguro; não temais. Mas continuemos, meu senhor; um pouco mais de esforço dará bom fim a tudo.

(*Sai.*)

Cena 3

O mesmo. Rebate. Movimento de tropas. Entram o rei João, Eleonor, Artur, o Bastardo, Hubert e nobres.

REI JOÃO (*a Eleonor*) — Será assim; bem guardada, Vossa Graça vai ficar para trás. Não te amofines, caro primo; tua avó te ama, e teu tio por ti fará como um segundo pai.

ARTUR — Oh! minha mãe vai sucumbir de angústia!

REI JOÃO — Para a Inglaterra, primo, a toda pressa! E antes de nós chegarmos, trata logo de sacudir os sacos do tesouro dos prelados; liberta os anjos presos. As costelas da paz vão ser o pingue sustento dos famintos. Cumpre nossa comissão sem pesar as conseqüências.

O BASTARDO — Sinos, livros e velas força alguma terão para impedir que eu me aproxime, quando o ouro e a prata o invite me fizerem. Deixo Vossa Grandeza. Boa avó, hei de rezar — no caso de ter tempo para tornar-me um tanto religioso — por vossa segurança. As mãos vos beijo.

ELEONOR — Adeus, meu gentil primo.

REI JOÃO — Primo, adeus.

(*Sai o Bastardo.*)

ELEONOR — Meu netinho, vem cá; quero falar-te.

(*Afasta-se com Artur.*)

REI JOÃO — Vem aqui, meu caro Hubert. Ó caro Hubert, devo-te muito! Dentro destes muros de carne, uma alma habita que te exalta como credor sem par, determinando pagar-te o amor com juros generosos. Teu juramento voluntário, amigo, com carinho se encontra neste peito. Dá-me a mão. Tencionava dizer-te algo, mas vou deixar para momento azado. Pelo céu, Hubert! Quase me envergonha confessar a amizade que te voto.

HUBERT — Sou muito grato a Vossa Majestade.

REI JOÃO — Caro amigo, não tens ainda motivo para exprimir-te assim. Mas hás de tê-lo. O tempo há de em seu curso demorado propiciar ocasião de bem fazer-te. Ia dizer-te... Bem; deixemos isso. Brilha o sol no alto; esse orgulhoso dia é frívolo demais, é muito alegre para me ouvir. Se porventura o sino da meia-noite soasse com sua boca de aço e língua de ferro uma pancada na noite sonolenta; se estivéssemos num cemitério e tu te visses presa de desgostos sem conta; se esse espírito triste, a Melancolia, te fizesse crasso e pesado o sangue, embaraçando-o de correr e nas veias fazer cócegas, para que o riso idiota dominasse os olhos e tornasse as

belfas túmidas numa ociosa alegria — mostras essas odiosas a meus planos — ou se, acaso, me enxergasses sem olhos e me ouvisses sem ouvidos, podendo responder-me sem à voz recorreres, só valendo-te do pensamento, sem ouvidos, olhos e o nocivo barulho das palavras... então eu te confiara ao peito quanto na alma retenho, sem temor do dia vigilante que os gestos nos espia. Não, não quero!... Contudo, amo-te muito. E penso que também tu me amas muito.

HUBERT — Tanto, milorde, que podeis mandar-me fazer seja o que for. Embora a morte a isso esteja ligada, hei de cumpri-lo.

REI JOÃO — Porventura não o sei? Hubert, bom Hubert, contempla aquela criança. Escuta, amigo: é uma serpente que se me depara no caminho; onde quer que eu ponha o pé, ela sempre se encontra. Tu me entendes; deixo-a sob tua guarda.

HUBERT — Hei de guardá-la de maneira que a Vossa Majestade não possa ela ofender.

REI JOÃO — Morte!

HUBERT — Milorde?

REI JOÃO — Quero uma sepultura.

HUBERT — Entendo.

REI JOÃO — Basta. Posso alegrar-me, agora. Hubert, eu te amo. Bem, nada te direi do que tenciono fazer por ti; recorda-te. Senhora, passai bem; vou mandar aquelas tropas para guarda de Vossa Majestade.

ELEONOR — Recebe minha bênção.

REI JOÃO — Parti, primo, para a Inglaterra; como companheiro tereis Hubert, em tudo devotado. Não percais tempo. Vamos! A Calais!

(*Saem.*)

Cena 4

O mesmo. A tenda do rei da França. Entram o rei Filipe, Luís, Pandolfo e séquito.

FILIPE — Por uma tempestade, assim, nas ondas, a armada inteira as velas viu destruídas e dispersada toda sua maruja.

PANDOLFO — Coragem! Tudo ainda há de correr bem.

FILIPE — Que é que pode correr, senão nós mesmos? Não fomos derrotados? Não perdemos Angers? Não se acha Artur em mãos inimigas? Muitos amigos nossos não morreram? E Inglaterra sangrento não se encontra novamente a caminho da Inglaterra, a despeito da França e dos obstáculos?

LUÍS — Quanto ganhou, soube deixar bem firme. Tamanha rapidez com tanta ordem, tudo tão bem pensado em meio à pressa, é sem exemplo. Quem já leu ou, ao menos, já ouviu falar de coisa semelhante?

FILIPE — O elogio à Inglaterra eu suportara, se pudesse encontrar algum modelo para nossa vergonha.

(*Entra Constança.*)

Eis quem nos chega! O sepulcro de uma alma que, bem contra seu alvedrio, o sempiterno espírito ainda retém no cárcere aflitivo do próprio peito. Por favor, senhora, vinde comigo.

CONSTANÇA — Vede o resultado da vossa paz!

FILIPE — Paciência, nobre dama! Gentil Constança, calma!

CONSTANÇA — Não! Desprezo qualquer conforto, todo desagravo, com exceção do conforto verdadeiro, o último desagravo: a morte! a morte! Ó Morte amável, podridão cheirosa, sã carniça, levanta-te do leito da Noite sempiterna, tu que nutres ódio e terror a tudo o que prospera, e hei de beijar-te os ossos detestáveis e os olhos pôr nessas vazias órbitas; adornarei os dedos com teus vermes, entupirei com poeira repugnante esta frincha de alento, para monstro putrefeito virar como tu própria! Vou fazer-te caretas, porque eu pense que me sorris e beijos te prodiga como se noivos fôssemos! Ó amante miserável, assiste-me!

FILIPE — O magnífica aflição, tende calma!

CONSTANÇA — Não, não hei de ficar calada, enquanto tiver fôlego para gritar! Oh, se eu tivesse a língua da boca do trovão! Abalaria com minha dor o mundo e despertara do seu sono fatal esse esqueleto maldoso que se mostra surdo aos débeis queixumes de uma dama e faz caçoada das fórmulas comuns dos exorcismos.

PANDOLFO — Senhora, isso é loucura, não tristeza.

CONSTANÇA — Um homem santo não me desmentira desse modo. Não estou fora do juízo; os cabelos que arranco, me pertencem; sou Constança; já fui a esposa amada de Godofredo; o moço Artur — ai dele! — é meu filho... Perdido para sempre! Não estou louca. Ao céu assim prouvera, porque então me esquecera de mim própria. Oh, se eu ficasse louca, de que imensa tristeza eu me livrara! Prega-me uma filosofia que me deixe louca de todo, e tu serás canonizado, Cardeal! Não sendo louca e continuando sensível ao sofrer, procura a parte racional que me é própria o meio azado de livrar-me das dores, ensinando-me a enforcar-me ou matar-me. Fosse eu louca, poderia esquecer-me do filhinho, ou imaginar que ele era, tão-somente, um boneco de trapos. Não sou louca; sinto perfeitamente as variadas torturas de cada uma das desgraças.

FILIPE — Prendei as tranças... Quanto amor eu noto na bela multidão desses cabelos! Se cai neles, acaso, uma só lágrima argentina, de pronto pressurosos amigos, aos milhares, aí se colam numa comunidade de tristeza, tal como amantes fiéis e inseparáveis que nas calamidades se congregam.

CONSTANÇA — Vamos para a Inglaterra, Se o quiserdes.

FILIPE — Prendei esses cabelos.

CONSTANÇA — Sim, fá-lo-ei. Mas para que prendê-los? Ao soltá-los dos atilhos, gritei: Oh, se pudessem estas mãos libertar meu caro filho como o fazem, soltando estes cabelos! Agora invejo a liberdade deles e de novo prendê-los desejara, por saber que meu filho se acha preso. Cardeal, já vos ouvi dizer que havemos de ver e conhecer nossos amigos no céu. Se isso é verdade, então eu hei de tornar a ver meu filho. Desde o dia em que Caim nasceu, o primeiro homem que veio à luz, até à última criança que ontem, somente respirou gritando, jamais nasceu criatura tão graciosa. Ora, porém, o cancro da tristeza vai corroer meu botão e de suas faces expulsar o frescor e encantos próprios, deixando-o com a aparência dos espectros, tão magro quanto a febre e, assim, tão triste, para, alfim, perecer. Ressuscitado, quando, acaso, o encontrar na corte empírea, não poderei sequer reconhecê-lo. Por isso nunca mais terei a dita, — nunca mais! — de rever o meu Artur, meu gracioso filhinho.

PANDOLFO — Isso revela um odioso respeito à desventura.

CONSTANÇA — Quem assim fala nunca teve filho.

FILIPE — Estimais igualmente a dor e o filho.

CONSTANÇA — A dor tomou o lugar de meu filhinho, deita-se no seu leito, anda ao meu lado, assume aquele olhar, repete apenas suas palavras, traz-me a todo o instante à memória seus dotes inefáveis, reveste a forma dele com os vazios trajos que lhe são próprios. Logo, eu tenho razões de sobra para amar a minha dor incomensurável. Passai bem. Se tivésseis perdido o que eu perdi, eu vos consolaria por maneira melhor do que o fazeis. Não mais suporto na cabeça este enfeite, quando tenho no espírito a desordem. Ó Senhor! Meu Artur, meu menino, meu filhinho, minha vida e alegria, meu sustento, meu tudo neste mundo, meu consolo de viúva, meu remédio na tristeza!

(*Sai.*)

FILIPE — Temo alguma violência; vou segui-la.

(*Sai.*)

LUIS — Nada há no mundo que me faça alegre. A vida é tão tediosa como história duas vezes contada, que importuna o ouvido de pessoa sonolenta. Uma vergonha amarga de tal modo me estragou todo o gosto deste mundo, que amargor e ignomínia em tudo sinto.

PANDOLFO — Antes da cura de uma doença grave, no instante do vigor e da melhora, o acesso é sempre forte. Quando os males se despedem, o fazem com violência. Que perdestes com a perda deste dia?

LUIS — Todos os dias belos e gloriosos.

PANDOLFO — Isso seria, se o tivésseis ganho. Não, não! Quando a Fortuna quer aos homens fazer um benefício, ela os contempla com olhos pouco amigos. É espantoso quanto o rei João perdeu no dia em que ele julga tão bem concluído. Não vos causa tristeza o ver Artur seu prisioneiro?

LUIS — Tão cordialmente quanto ele se alegra por tê-lo como presa.

PANDOLFO — Tendes a alma tão jovem quanto o sangue. Ouvi-me agora, que vos falo com espírito profético. O sopro do que entendo ora dizer-vos vai tirar todo o pó, qualquer palhinha, os menores obstáculos da estrada que deverás pisar para alcançares o trono da Inglaterra. Ouve-me atento: João prendeu Artur; enquanto o sangue correr quente nas veias dessa criança, em sua posição tão deslocada não poderá ter João uma hora, menos, um minuto sequer, em que lhe seja possível repousar tranqüilamente. Um cetro arrebatado com violência precisa ser mantido por processos iguais aos da conquista. Quem se encontra em lugar pouco firme não despreza meio algum por que possa sustentar-se. Para que João se firme, é necessário que Artur caia. Não há outro dilema.

LUIS — E que posso lucrar com a queda dele?

PANDOLFO — Pelo direito da senhora Branca, vossa esposa, podeis, certo, arrogar-vos as pretensões de Artur.

LUIS — E, como Artur, também perder a vida e tudo o mais.

PANDOLFO — Como sois novo neste velho mundo! João conspira por vós; o tempo o ajuda, pois quem mergulha a salvação em sangue, só alcança salvação sangüínea e falsa. Esta ação, concebida com perfídia, vai esfriar o peito de seus súditos e o zelo enregelar-lhes de tal modo que eles procurarão todo pretexto, ainda o menos razoável, para o trono investir-lhe e abalar-lhe. Os sinais todos do céu, por mais comuns, qualquer fenômeno natural, uma tarde enfarruscada, um vento inesperado, ou mesmo um fato não previsto, serão por todos logo despojados de suas causas simples, tornando-se prodígios, advertências do céu, presságios, maus sinais, abortos que chamam contra João a ira celeste.

LUIS — É possível que a vida ele não tire do moço Artur, tratando de firmar-se tão-

somente com tê-lo prisioneiro.

PANDOLFO — Oh céus! Quando ele ouvir que estais chegando, fará morrer o moço Artur, se este ainda vivo estiver acaso. Então, seus súditos a afeição lhe retiram, para os lábios beijar de uma mudança inesperada, encontrando pretexto suficiente de cólera e revolta no espetáculo dos dedos reais, com sangue real manchados. Parece que já vejo deflagrada toda essa confusão. Oh! Como as coisas se arranjarão ainda melhor em vosso benefício do que eu posso contar-vos! Faulconbridge, o bastardo, se acha agora na Inglaterra, pilhando nossos templos, manchando a caridade. Se uma dúzia de franceses armados lá estivessem, valeriam por grito de chamada para logo reunir dez mil ingleses do lado deles, como um flocozinho de neve que, ao rolar, vira montanha. É inconcebível quanto pode vir-nos do descontentamento dessa gente. Ora que o ódio fermenta na alma deles, cuidemos de passar para a Inglaterra. Eu vou tratar de estimular o rei.

LUIS — Os grandes feitos nascem da razão; se dizeis sim, o rei não dirá não.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Northampton. Um quarto no castelo. Entram Hubert e dois criados.

HUBERT — Aquecei logo os ferros e vos ponde por detrás da cortina. Ao me escutardes bater com o pé no chão, sem mais delongas acorrei e amarrai bem firmemente na cadeira o menino que encontrardes comigo! Sede cautos. Ide! A postos!

PRIMEIRO CRIADO — Espero que em tudo isso tereis plena responsabilidade.

HUBERT — Ora, que escrúpulos descabidos! Por que tanto receio? Mãos à obra, logo!

(*Saem os criados.*)

Vinde cá, menino; tenho algo que dizer-vos.

(*Entra Artur.*)

ARTUR — Hubert, bom-dia!

HUBERT — Meu pequeno príncipe, bom-dia!

ARTUR — Tão pequeno, na verdade, quanto possível, possuindo título para ser maior príncipe. Estais triste!

HUBERT — Já estive mais alegre, é fato.

ARTUR — Oh céus! Pensava que eu, somente, tinha causa para estar triste. Mas agora ocorre-me que na França os rapazes, por capricho, pareciam tão tristes como a noite. Pelo meu cristianismo, se eu me visse livre desta prisão e a guardar cabras, alegre ficaria o dia todo. Sim, até mesmo aqui podia sê-lo, se não fosse o cuidado de que intenta meu tio contra mim qualquer maldade. Receia-se de mim, tal como eu dele. É minha a culpa, acaso, de ser filho de Godofredo? Não; de forma alguma. Quem dera, Hubert, que eu fosse vosso filho, porque, assim, me teríeis muito amor.

HUBERT (*à parte*) — Se eu me puser a conversar, a sua garrulice inocente acorda a minha piedade que está morta. Urge, portanto, não perder tempo e pôr um ponto nisso.

ARTUR — Hubert, sentis-vos mal? Hoje estais pálido. Desejara, de fato, que estivésseis um pouco doente, só para que as noites eu passasse de guarda a vosso leito. Uma coisa é certeza: que eu vos amo mais do que vós a mim.

HUBERT (*À parte.*) — Suas palavras prendem-me o coração.

(*Mostrando um papel.*)

Lede isto, Artur! (*À parte.*) E agora esta água estúpida, tocando porta a fora a tortura! Urge apressar-me, se não a decisão me cai dos olhos como lágrimas débeis de mulher. Não podeis ler? Não se acha bem escrito?

ARTUR — Até demais para uma ação tão vil. Com ferro quente ides queimar-me os olhos?

HUBERT — É preciso, menino.

ARTUR — E ides fazê-lo?

HUBERT — Sim, estou decidido.

ARTUR — Não vos falta coragem? Ao doer-vos a cabeça, amarrei-vos a testa com meu lenço, o melhor que eu possuía; uma princesa bordara-o para mim. No entanto, nunca pedi que o devolvêsseis. Suspendi-vos a cabeça com jeito em meio à noite; e assim como os minutos cuidam da hora, eu, sem pausa, animava o lerdo tempo dizendo: "Que vos falta?" "Onde vos dói?" ou "Que prova de amor vos posso eu dar?" Muitos meninos pobres ficariam sem se importar convosco e sem dizer-vos uma palavra, ao menos, de carinho. No entanto tínheis um enfermeiro príncipe! Talvez imagineis que o meu afeto seja fingido e o batizeis de astúcia. Fazei como o quiserdes. Se a vontade do céu for que eu receba alguma ofensa de vossa parte, bem: deveis fazê-lo. Arrancar-me-eis os olhos? Estes olhos que nunca olhar severo vos lançaram, nem jamais o farão?

HUBERT — Dei a palavra; por isso, com estes ferros vou queimá-los.

ARTUR — Somente nesta nossa idade férrea é que há quem possa praticar tal ato! O próprio ferro, embora ao rubro aceso, ao tocar-me nos olhos, minhas lágrimas beberia, estancando a indignação, justamente por ver minha inocência. Mais, ainda: estragara-se em ferrugem depois disso, por ter contido fogo capaz de me ofender os fracos olhos. Sois mais duro que o ferro endurecido? Ainda que viesse um anjo procurar-me para dizer-me que Hubert pretendia tirar-me os olhos, não no acreditara; somente no próprio Hubert eu creria.

HUBERT (*batendo com o pé no chão*) — Vinde logo!

(*Entram os criados, com cordas, ferros, etc.*)

Fazei como vos disse.

ARTUR — Socorro, Hubert, socorro! Ao só aspecto destes homens ferozes sinto os olhos saltarem-me das órbitas!

HUBERT — Os ferros entregai-me, vos digo, e atai-o bem.

ARTUR — Ai de mim! Por que serdes tão violentos? Não farei resistência; vou manter-me quieto como uma pedra. Pelo céu, Hubert, não consintais que eles me amarrem, e eu ficarei sentado, tão quietinho como uma ovelha; não direi palavra, não farei gesto algum, não hei de aos ferros lançar olhar zangado. Mandai esses homens embora e eu vos perdôo quantas torturas ainda vierdes a infligir-me.

HUBERT — Retirai-vos; deixai-me só com ele.

PRIMEIRO CRIADO — Alegra-me sair deste negócio.

(*Saem os criados.*)

ARTUR — Ai de mim, que perdi um grande amigo! E de olhar duro, sim, mas de boníssimo coração. Novamente o mandai vir, porque sua compaixão desperte a vossa.

HUBERT — Vamos, menino, preparai-vos!

ARTUR — Como! Não há remédio algum?

HUBERT — Nenhum, afora ficardes sem os olhos.

ARTUR — Oh meu Deus! Se nos vossos houvesse um grão apenas, um argueiro, um mosquito, uma poeirinha, um pequeno cabelo, qualquer coisa que o precioso sentido vos turvasse: então, sentindo como as coisas mínimas ali causam tormento, vosso abjeto plano vos parecera mais que horrível.

HUBERT — Foi isso o que me prometestes? Vamos, refreai essa língua.

ARTUR — Em se tratando de assunto da defesa de dois olhos, não é demais a fala de duas línguas. Não mandeis que eu me cale, Hubert; deixai-me continuar a falar, ou, se o quiserdes, Hubert, a língua me arrancai, contanto que os olhos eu conserve. Sim, poupai-nos, ainda que seja só para eu vos ver. Olhai como o instrumento já está frio; não me quer fazer mal.

HUBERT — Posso aquecê-lo.

ARTUR — O fogo se extinguiu só de tristeza, por se ver obrigado a causar dores, ele que fora criado tão-somente para espalhar o bem. Vede vós mesmo: não tem malícia este carvão ardente; o céu soprou-lhe a chama, e na cabeça deitou-lhe as cinzas do arrependimento.

HUBERT — Posso avivá-la, criança, com meu sopro.

ARTUR — Fareis, com isso, apenas que ele core, Hubert, e se enrubesça por vosso ato. Talvez aos olhos ele vos atire faíscas e, tal como o cão que o dono quer obrigar à luta, a mão ofenda que tentar incitá-lo. As coisas todas que empregardes com o fim de molestar-me, se negarão a isso. Vós, somente, careceis de bondade que é inerente ao duro ferro e ao fogo, que são tidos como elementos sem piedade alguma.

HUBERT — Vede para viver; não hei de os olhos vos tocar, nem por todos os tesouros de vosso tio. No entretanto, criança, jurei fazê-lo e tinha resolvido que eu próprio os queimaria com estes ferros.

ARTUR — Finalmente voltastes a ser Hubert! Até este instante estáveis disfarçando.

HUBERT — Nem mais uma palavra! Vosso tio não poderá saber que estais com vida. Vou jogar a esses cães que nos espiam falsas notícias. Adorável criança, dorme tranqüila, que Hubert, nem todo ouro do mundo o levará nunca a ofender-te.

ARTUR — Oh céus! Eu te agradeço, Hubert.

HUBERT — Caluda! Nem mais uma palavra. Vem comigo; por tua causa eu corro atroz perigo.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. A sala do trono no palácio. Entram o rei João, coroado, Pembroke, Salisbury e outros nobres, O rei se senta no trono.

REI JOÃO — Eis-nos aqui de novo, novamente coroado e, quero crê-lo, objeto apenas de olhares amistosos.

PEMBROKE — Se não for a Vossa Alteza grato, o "novamente" se tornara supérfluo, pois já estáveis coroado; a alta realeza não vos tinha sido arrancada, a fé de vossos súditos não se vira manchada com revoltas, o país não se achava perturbado por nenhuma esperança ou velho anseio de alteração para melhor estado.

SALISBURY — Por isso, tomar posse duas vezes, enriquecer um título já rico, dourar ouro de lei, pintar o lírio, despejar mais perfume na violeta, querer deixar o gelo ainda mais liso, nova cor ajuntar ao arco-íris, ou presumir que a luz de vela pode dar mais brilho ao formoso olho celeste, é ridículo excesso, sobre inútil.

PEMBROKE — Tirante vosso real prazer, esse ato se assemelha a uma história já sabida que, ao ser contada, engendra apenas tédio, por ser lembrada fora de propósito.

SALISBURY — Desse modo a aparência digna e simples dos costumes antigos se transforma, e, como faz o vento incerto, muda de sua diretriz o pensamento, de forma tal que a consideração se espanta e assusta, adoece a opinião sã e a verdade não pode mais ser crida por trocar, só por moda, a vestimenta.

PEMBROKE — Os artesãos que querem fazer muito, por ambição a habilidade estragam, e, tentando por vezes desculpar-se de uma falta, por fim mais grave a tornam, como remendo posto num pequeno rasgão, que, em vez de o mascarar, o deixa mais à vista do que antes do conserto.

SALISBURY — A esse respeito conversamos antes da nova coroação, mas foi do agrado de Vossa Alteza não levar em conta nosso modo de ver, o que nos deixa satisfeitos, por vermos que as menores partes do que queremos vão quebrar-se ante a vossa vontade irresistível.

REI JOÃO — Já vos apresentei alguns motivos da dupla coroação, que julgo fortes, e quando diminuir o meu receio vos darei outros mais, bem mais valiosos. Até lá, me pedi somente quanto julgardes que precisa de reforma, porque vos convençais de quanto almejo ouvir-vos e atender a vossas queixas.

PEMBROKE — Nesse caso, como órgão, escolhido pelos presentes, eu, por mim, por eles, a bem de vossa própria segurança, que constitui o objeto dos cuidados de nós todos, vos

peço a liberdade de Artur, cuja prisão dá pasto aos lábios dos descontentes, que se apegam a este perigoso argumento: se o que tendes em paz vos pertencesse por direito, não vos levara o medo — que, segundo todos dizem, sequaz é da injustiça — a prender um parente delicado, seus dias oprimir na mais selvagem ignorância e negar-lhe à mocidade a alta vantagem do exercício livre. Para que os vossos inimigos de hoje não se possam valer desse argumento, permiti que um pedido dos que, há pouco, nos mandaste fazer, seja o de pordes em liberdade o jovem prisioneiro. Só cuidamos de nossos interesses por dizer nosso bem, que em tudo se acha dependente do vosso, que a soltura de Artur ao vosso bem é imprescindível.

(*Entra Hubert.*)

REI JOÃO — Que seja; entrego a sua mocidade à vossa direção. Hubert, que novas?

(*Conversam à parte.*)

PEMBROKE — Eis quem devia executar o feito; ele próprio mostrou a um meu amigo a ordem do infando crime, que nos olhos se lhe reflete. Seu sombrio aspecto denuncia o conflito do imo peito. Diz-me o medo que é fato consumado tudo quanto temíamos que o fosse.

SALISBURY — A cor do rei se encontra vacilante entre sua consciência e seus intentos, como arauto postado entre dois campos de temíveis exércitos. Madura sua emoção se encontra; estala prestes.

PEMBROKE — Receio muito que, ao estalar, expila a corrupção da morte de uma criança.

REI JOÃO — Não podemos prender os fortes braços da Morte. Bons senhores, muito embora tenha eu vivo desejo de atender-vos, morreu vosso pedido, já não vive: disse-me ele que Artur não mais existe.

SALISBURY — Receávamos, de fato, que a doença de que sofria fosse sem remédio.

PEMBROKE — Já ouvíramos falar, realmente, que ele muito perto da morte se encontrava antes de a própria criança aperceber-se de que estava adoentada. Aqui ou alhures isso terá de ser chamado a contas.

REI JOÃO — Por que me olhais assim com tal conspecto? Imaginais, acaso, que eu disponho da tesoura do Fado, ou que no pulso da vida eu possa ter qualquer influência?

SALISBURY — O jogo é vergonhoso; causa pasmo que a grandeza se preste a tais manobras. Desejo-vos bom lucro. Passai bem.

PEMBROKE — Espera, Salisbury; irei contigo, em busca do legado dessa criança, o reinozinho de um forçado túmulo. Ó sangue a que tocava toda esta ilha, ocupa só três pés. Oh! mundo infame! É insuportável! Tudo está tão tenso, que explodirá mais cedo do que eu penso.

(*Saem os nobres.*)

REI JOÃO — Ardem de indignação; eu me arrependo. Não se constrói em sangue; vida alguma tranqüila pode haver com a morte de outrem.

(*Entra um mensageiro.*)

Tens o olhar espantado; onde está o sangue que eu já vi residindo nessas faces? Um céu assim tão lúgubre só pode tornar-se claro com uma tempestade. Despeja logo: em França que se passa?

MENSAGEIRO — Passa para a Inglaterra o que há na França. Nunca tais forças foram levantadas em terra alguma para invadir outra, porque, quando devíeis ter aviso de seus aprestos, o que chega é a nova de que todos já se acham deste lado.

REI JOÃO — E onde se embriagou nossa polícia? Onde dormiu? Onde se encontra o zelo de minha mãe, que nada ouviu na França acerca da reunião de tal exército?

MENSAGEIRO — Milorde, a poeira lhe enche ora os ouvidos; a primeiro de abril morreu a vossa nobre progenitora. Ouvi rumores de que lady Constança a precedera de três dias, após longo delírio. Mas, como o disse, ouvi da voz do povo, não podendo afirmar se isso é verdade.

REI JOÃO — Terrível ocasião, refreia o passo! Oh! liga-te comigo até que eu possa contentar os meus pares! Como! Morta minha mãe? Meus negócios pela França como andam, pois? E esse poder da França quem o comanda, para assim dizeres que já desembarcou em nossas praias?

MENSAGEIRO — O Delfim é que o traz.

REI JOÃO — Tuas notícias tão ruins, me deixaram com vertigens.

(*Entra o Bastardo, com Peter de Pomfret.*)

Que diz o mundo, então, de vossos atos? Não procureis meter-me na cabeça mais notícias ruins, que já está cheia.

O BASTARDO — Se ouvir o pior vos causa medo, então sobre vós caia o pior, sem ser ouvido.

REI JOÃO — Primo, desculpa-me; a maré deixou-me meio atordoado; mas agora inspiro de novo sobre as ondas e ouvir posso qualquer notícia, por pior que seja.

O BASTARDO — Quanto pude alcançar junto do clero, sabê-lo-eis pela soma que vos trouxe. Contudo, em minha viagem de retorno me foi dado ver gentes esquisitas, dominadas boatos, perseguidas por sonhos maus, que as causas ignoravam do medo que sentiam, mas com medo. Eis um profeta que comigo eu trouxe das ruas de Pomfret, onde o encontrei seguido de centenas de curiosos que lhe ouviam, cantado em versos rudes, o vaticínio de que Vossa Alteza vai, na manhã da próxima Ascensão, a coroa depor.

REI JOÃO — Por que motivo, sonhador mentiroso, disseste isso?

PETER — Porque conheço a ciência do futuro.

REI JOÃO — Fora daqui com ele, Hubert; atira-o na prisão e, daí, ao meio-dia, na data em que terei, como ele disse, de abdicar a coroa, à forca o levem. A boa guarda o entrega e volta logo, que eu preciso de ti.

(*Sai Hubert com Peter.*)

Ó gentil primo, não sabes quem chegou às nossas praias?

O BASTARDO — Os franceses, milorde; não há língua que fale de outra coisa. Mais, ainda: acabei de encontrar-me com dois lordes, Bigot e Salisbury, cujos olhos brilhavam mais que fogo recém-feito, e mais outros, que andavam à procura do túmulo de Artur, matado, afirmam todos, por vossa própria sugestão.

REI JOÃO — Meu gentil primo, sai e te mistura com eles; tenho um meio para o afeto de novo conquistar-lhes. Traze-os cá.

O BASTARDO — Vou procurá-los.

REI JOÃO — Sim, mas vai com pressa; um pé lá, outro cá. Não é possível ter como inimigos os meus próprios súditos, quando as cidades o estrangeiro espanta com mostras pavorosas de uma intrépida invasão. Sê Mercúrio na ida, usando asas nos pés, e volta tão depressa, da parte deles, como o pensamento.

O BASTARDO — O espírito do tempo me faz lestes.

REI JOÃO — Falas como um fidalgo entusiasmado.

(*Sai o Bastardo.*)

Acompanha-o; talvez ele precise de uma pessoa que entre mim e os pares sirva de intermediário: serás isso.

MENSAGEIRO — De todo o coração, meu soberano.

(*Sai.*)

REI JOÃO — Faleceu minha mãe!

(*Volta Hubert.*)

HUBERT — Dizem, milorde, que esta noite cinco luas apareceram: quatro, fixas, e mais uma que em torno delas dava giros extraordinários.

REI JOÃO — Cinco luas?

HUBERT — Velhos e velhas pelas ruas fazem profecias terríveis sobre o caso. A uma coisa, somente, se referem: o trespasso de Artur, e, assim fazendo, as cabeças sacodem, falam baixo, junto do ouvido. O que discorre, pega o punho ao companheiro, que estarrece, faz gestos de terror, a testa franze, vira os olhos, a fronte balanceia. Eu vi um ferreiro com o martelo, assim... Enquanto o ferro na bigorna esfriava, de boca aberta, ele engolia quanto contava um alfaiate, que a tesoura e a medida sustinha e que se achava de chinelas — na pressa, ele as calçara com os pés trocados — a falar de muitos milhares de franceses aguerridos que estão em Kent em ordem de combate. Outro artista, magrela e pouco limpo, lhe interrompeu a narrativa, para falar da morte do infeliz Artur.

REI JOÃO — Por que procuras inspirar-me susto? Por que insistes assim sobre o trespasso do moço Artur? Tu o mataste. Eu tinha razão para querer que ele morresse, mas tu, nenhuma para assassiná-lo.

HUBERT — Como, senhor! A instigação foi vossa.

REI JOÃO — É maldição dos reis serem servidos por escravos que vêem em seus caprichos ordens para irromper pela sangrenta casa da vida, leis num simples gesto de autoridade encontram, o sentido da perigosa majestade escrutam, quando, acaso, ela o sobrecenho enruga mais por irreflexão do que por zanga.

HUBERT — Vossa carta e este selo me asseguram por tudo quanto fiz.

REI JOÃO — Oh! quando forem feitas as contas entre o céu e a terra, vão servir contra nós de testemunhas essa carta e esse selo, para nossa condenação. Por vezes, a só vista do instrumento do mal provoca o fato. Se perto não te achasses, como um tipo marcado pela mão da natureza, apontado, escolhido para um feito vergonhoso, esse crime não me viera sequer ao pensamento. Mas notando-te o horroroso conspecto, por ter visto que eras apto para essas vilanias sanguinárias e pronto para os casos perigosos, falei-te vagamente sobre a morte de Artur, e para as graças conquistares de um rei, não vacilaste um momento em tirar a vida a um príncipe.

HUBERT — Milorde...

REI JOÃO — Se a cabeça tivesses sacudido, sequer, ou vacilado, quando em termos obscuros eu falei do meu projeto, ou me houvesses lançado olhar de dúvida, como a pedir que eu fosse mais explícito, eu teria calado de vergonha, sem mais dizer palavras; teus receios me teriam também feito receoso. Mas meus sinais te foram suficientes, e, por sinais, com o crime tu falaste; sim, sem vacilações prontificou-se-te o peito e, conseqüentemente, a rude mão a efetuar o ato que nós ambos coramos de nomear. Fora de minha presença! Não me surjas mais à vista! Meus nobres me abandonam, meus Estados vêem-se desafiados por exércitos estrangeiros até nas suas portas. Dentro mesmo do corpo desta terra de carne, nos confins do sangue e alento, reina a guerra civil e a hostilidade entre a minha consciência e esse delito, a morte do meu primo.

HUBERT — Armai-vos contra os outros inimigos, que eu me incumbo de firmar paz entre vossa alma e vós. Artur vive; esta mão ainda está virgem, é inocente, não se acha maculada de crimes sanguinários. Neste peito nunca entrou um terrível movimento, sequer, de pensamento criminoso. Caluniastes em mim a natureza; por mais rude que seja a minha forma, abriga uma alma demasiado bela para açougueiro ser de um pobre infante.

REI JOÃO — Vive Artur? Sai em busca de meus pares, derrama essa notícia em sua cólera inflamada e de novo os deixa dóceis para a obediência. Esquece os comentários que fez minha paixão sobre os teus traços, porque se achava cega a minha cólera, e os olhos, vendo sangue em toda parte, muito mais horroroso te faziam do que és em realidade. Oh! não respondas! Os nobres! Vai! Não sei mais como peça; sou lento no falar; vai mais depressa!

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Diante do castelo. Aparece Artur sobre a muralha.

ARTUR — A muralha é muito alta... Apesar disso, vou saltar. Chão bondoso, tem piedade, não me machuques. Poucos me conhecem, talvez ninguém... Mas mesmo assim, com este trajo de marinheiro, estou mudado. Tenho medo; contudo, é necessário. Se eu saltar sem quebrar-me, hei de achar meios para evadir-me. Tanto vale a morte, tentando a fuga, como de outra sorte.

(*Salta.*)

Meu tio influi de longe nesta terra! Ao céu dou a alma, os ossos, à Inglaterra.

(*Morre.*)

(*Entram Pembroke, Salisbury e Bigot.*)

SALISBURY — Senhores, vou estar com ele em Santo Edmundsbury. É a nossa salvação; urge aceitarmos a oferta amável deste tempo incerto.

PEMBROKE — Por quem o cardeal mandou esta carta?

SALISBURY — Pelo conde Melun, nobre da França, que pessoalmente me falou da parte do Delfim, com mais provas de amizade do que se deduzira dessas linhas.

BIGOT — Amanhã cedo, então, vamos-lhe ao encontro.

SALISBURY — Não! Partamos já, já, pois, para vê-lo, teremos de viajar dois longos dias.

(*Entra o Bastardo.*)

O BASTARDO — Senhores agastados, novamente bom-dia! O rei, por mim, manda chamar-vos.

SALISBURY — Privou-se o rei de nós por culpa própria. Nossa honra não se presta para forro de sua capa fina e maculada, nem pode ir nas pegadas de quem deixa sujo de sangue o chão por onde passa. Dizei-lhe isso; sabemos já o bastante.

O BASTARDO — Pensai como quiserdes, mas eu julgo que é conveniente uma resposta calma.

SALISBURY — Não fala agora a cortesia; as queixas é que em nós raciocinam.

O BASTARDO — Mas há poucas razões em vossas queixas; fora, entanto, razoável

revelardes-vos corteses.

PEMBROKE — A impaciência, senhor, tem privilégios.

O BASTARDO — Sim, de prejudicar quem se impacienta.

SALISBURY — Eis a prisão...

(*Vendo Artur.*)

Mas quem se acha aqui morto?

PEMBROKE — A Morte está vaidosa com a pureza desta beleza real. Não tem a terra um buraco onde esconda esta façanha.

SALISBURY — O criminoso, odiando seu próprio ato, deixou-o patente, a reclamar vingança.

BIGOT — Ou melhor: ao fadar esta beleza para o sepulcro, achou-a em demasia preciosa e principesca para um túmulo.

SALISBURY — Que pensais, sir Ricardo, de tudo isso? Já lestes ou já ouvistes o que vedes, podeis pensar, ou imaginais, apenas, que vedes, muito embora estejais vendo? Sem esta vista, acaso, existiria a idéia de tal ato? Eis o remate, o pináculo, a crista da cimeira das armas do assassino. E a mais sangrenta ignomínia, a crueldade mais selvagem, a ação mais repulsiva que já tenha em qualquer tempo a cólera esgazeada ou a raiva furibunda oferecido às lágrimas da branda compaixão.

PEMBROKE — Todos os assassínios do passado desculpa encontram neste; este, sozinho, na sua hediondez, vai tornar puras e santas as façanhas mais terríveis que o tempo no seu seio ainda conserva. Diante deste espetáculo horroroso, não passarão de simples brincadeira as mais terríveis efusões de sangue.

O BASTARDO — É uma ação sanguinária e amaldiçoada, ato imperdoável de uma mão grosseira, se é que pode haver mão para tal crime.

SALISBURY — Se é que pode haver mão para tal crime! Por um pressentimento, já sabíamos que isto viria a dar-se. É o vil trabalho da mão de Hubert, o efeito de um projeto do próprio soberano, a quem minha alma se recusa a prestar mais obediência. De joelhos ante a ruína desta vida, esparjo na excelência que não vive o incenso de uma jura sacrossanta: não provar dos prazeres deste mundo, nem ficar infectado com os deleites, nem ao ócio entregar-me e ao comodismo, sem dar glória a este braço, consagrando-o no culto da vingança.

PEMBROKE E BIGOT — Nossas almas com toda a unção confirmam esse voto.

(*Entra Hubert.*)

HUBERT — Senhores, aqueci-me a procurar-vos; Artur está com vida, o rei vos chama.

SALISBURY — Oh, que desfaçatez! Nem mesmo a morte o faz enrubescer! Fora, patife desprezível! Retira-te daqui!

HUBERT — Não sou patife.

SALISBURY (*sacando da espada*) — Violarei a lei?

O BASTARDO — Senhor, guardai a espada; ela está limpa.

SALISBURY — Enquanto a não meter num criminoso.

HUBERT — Detende-vos, milorde Salisbury! Pelo céu! minha espada é tão afiada quanto a vossa, é o que eu digo. Não desejo que venhais a esquecer-vos de vós próprio. nem a enfrentar o risco decorrente de uma justa defesa, porque diante dessas mostras de cólera eu podia olvidar-me de vossa dignidade e, assim, de vosso mérito e nobreza.

BIGOT — Fora, monturo! Insultas um fidalgo?

HUBERT — Por minha vida, não! Mas na defesa de minha vida honrada, não me temo nem de um imperador.

SALISBURY — És assassino!

HUBERT — Dai-me as provas. Não o sou. Quem quer que a língua use para tal fim, diz inverdades; quem não fala verdade, é mentiroso.

PEMBROKE — Picai-o em pedacinhos.

O BASTARDO — Paz, eu digo!

SALISBURY — Para trás, Faulconbridge; do contrário eu vos irritarei.

O BASTARDO — Fora mais prático. irritares o diabo, Salisbury. Se fizeres carranca ou o pé mexeres, ou ensinares a cólera a ofender-me, jogo-te morto ao solo. Guarda a espada, se não te malharei e a esse espeto, de maneira que penses seja o diabo que te surgiu do inferno.

BIGOT — Que pretendes, famoso Faulconbridge? Dar mão forte a um vilão e assassino?

HUBERT — Não sou isso, lorde Bigot.

BIGOT — E quem matou o príncipe?

HUBERT — Deixei-o bom, talvez não haja uma hora; tinha-lhe amor, honrava-o; enquanto o alento me sustentar, hei de chorar a perda de uma tão doce vida.

SALISBURY — Não confieis nas lágrimas astutas desses olhos, que a maldade é capaz de tais chorrilhos. Matreiro como ele é, faz que pareçam córregos de piedade e de inocência. Os que sentirem na alma repugnância a essas emanações de matadouro, venham comigo; sinto-me abafado com este miasma de crime.

BIGOT — Vamos todos para Bury; o Delfim lá nos aguarda.

PEMBROKE — Dizei ao rei que lá pode ele achar-nos.

(*Saem os nobres.*)

O BASTARDO — Vão indo bem as coisas... Conhecíeis este belo trabalho? Por mais ampla que seja a Graça, infinda, ilimitada, Se esta ação criminosa, Hubert, por obra de tua mão, no inferno já te encontras.

HUBERT — Senhor, ouvi-me ao menos...

O BASTARDO — Vou dizer-te uma coisa: Es um réprobo tão negro... Nada há tão negro. Estás mais condenado do que o príncipe Lúcifer; no inferno não pode haver demônio mais monstruoso do que tu, se mataste este menino.

HUBERT — Por minha alma...

O BASTARDO — Ainda mesmo que só tenhas dado o consentimento para este ato, podes perder toda a esperança. Caso necessites de corda, o mais delgado filamento que o ventre de uma aranha já expeliu servirá para esganar-te. Uma palhinha é força resistente para te pendurares; se quiseres afogar-te, é bastante despejares água numa colher: será um oceano para cobrir um biltre do teu porte. Desconfio demais de tua pessoa.

HUBERT — Se por ação, ou conivência, ou ao menos por pensamento eu tenho a menor culpa no roubo do doce hálito que nesta bela argila morava, só desejo que seja o inferno pobre de suplícios para me torturar.

O BASTARDO — Leva-o nos braços. Estou confuso, creio; desoriento-me pelos riscos e espinhos deste mundo. Como suspendes fácil a Inglaterra! Dessa migalha de realeza morta já se evolaram para o céu a vida, o direito e a verdade deste reino, só restando à Inglaterra engalfinhar-se, dilacerar, rasgar até com os dentes a sucessão sem dono da orgulhosa soberania. Por esse osso roído da majestade, a guerra, enraivecida, se eriça toda e rosna para os meigos olhos da paz. As forças estrangeiras e o descontentamento dos de casa já se encontraram num só ponto, achando-se ora a devastação à espreita, apenas — como os corvos o fazem ante a presa moribunda — da queda inevitável da realeza alcançada pela força. Feliz de quem possui cintura e manto para essa tempestade. Leva a criança e me segue depressa; o rei busquemos. Mil negócios nos surgem desta guerra; o próprio céu ameaça nossa terra.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Um quarto no palácio. Entram o rei João, Pandolfo com a coroa, e séquito.

REI JOÃO — Desta arte em vossa mão deponho o círculo de minha glória.

PANDOLFO (*entregando a coroa a João*) — Recebei de novo de minha mão, por jus que vem do papa, vossa grandeza real e autoridade.

REI JOÃO — Vossa palavra santa ora mantende, aos franceses buscai e toda a força de Sua Santidade usai com o intento de deter-lhes a marcha, antes que em chamas nós fiquemos. Os nobres se revoltam, com a obediência o povo se acha em luta, jurando submissão e amor sincero à realeza estrangeira e a sangue estranho. A inundação de tanta seiva azeda só por vós poderá ser corrigida. Por isso, não tardeis; tão doente se acha nosso tempo, que é urgente ministrar-lhe medicina adequada, se quisermos evitar conseqüências incuráveis.

PANDOLFO — Meu sopro deflagrou esta tormenta por vossa teima em resistir ao papa; mas uma vez que vos tornais um dócil convertido, farei que a tempestade belicosa se aplaque, restituindo a calma a vossa terra perturbada. Lembrai-vos que hoje, dia da Ascensão, depois de vos mostrardes fiel ao papa, eu saí ao encontro dos franceses para incitá-los a depor as armas.

(*Sai.*)

REI JOÃO — Hoje é a Ascensão? Não disse aquele vate que eu tinha de depor esta coroa na manhã deste dia? Assim se deu. Pensava que o faria constrangido; graças a Deus, foi tudo por vontade.

(*Entra o Bastardo.*)

O BASTARDO — Todo o Kent se rendeu; somente há luta no castelo de Dover. Como a um hóspede bem-vindo, Londres o Delfim recebe com todo o seu poder. Os vossos nobres não vos querem ouvir; foram em busca do inimigo, a oferecer-lhes os serviços. Terrível confusão transtorna os poucos amigos duvidosos que vos restam.

REI JOÃO — Não voltaram os nobres, quando ouviram dizer que o moço Artur estava vivo?

O BASTARDO — Encontraram-no morto em meio à rua, um escrínio vazio, de onde fora por mão danada arrebatada a jóia preciosa da existência.

REI JOÃO — O miserável Hubert me disse que ele estava vivo.

O BASTARDO — Disse, realmente, o que ele acreditava ser a verdade. Mas por que penderdes a cabeça? Por que vos mostrais triste? Sede grande nos atos como o fostes nos

pensamentos. Não perceba o mundo que o medo e a indecisão no movimento do olhar do rei influem. Sede vivo como o tempo; com o fogo sede fogo; gritai alto com quem vos faz ameaças, enfrentai a carranca jactanciosa do temor. Desse modo os olhos miúdos que a atitude dos grandes sempre imitam, com vosso exemplo hão de crescer, enchendo-se de decisivo e inelutável ânimo. Vamos! Brilhai tal qual o deus da guerra, quando ingressa nos campos de batalha. Mostrai confiança altiva e atrevimento! Virão, pois, procurar o leão na cova, para assustá-lo e medo lhe infundir? Oh! que ninguém diga isso. Correi logo contra a desgraça, para subjugá-la bem antes de ficar ela mais perto.

REI JOÃO — Esteve aqui o embaixador do papa: concluímos feliz paz, tendo ele dito que mandaria para a França as forças do Delfim.

O BASTARDO — Oh! que liga vergonhosa! Pois então, quando as terras nos invadem, enviamos saudações, nos resignamos a aceitar compromisso, a enviar recados, propor às armas invasoras trégua desonrosa? Um menino ainda imberbe, um maricas de seda há de manchar-nos a terra, estadear sua coragem neste solo guerreiro, e com os ociosos estandartes zombar de nossos ventos, sem achar resistência? Às armas, logo, meu soberano, às armas! E possível que não cumpra o cardeal o que promete; mas embora essa paz ele consiga, diga-se, ao menos, que eles todos viram, em nós, firme intenção de resistência.

REI JOÃO — Assume a direção deste momento.

O BASTARDO — Avante, pois! Com toda a alacridade evitemos que o inimigo nos degrade.

(*Saem.*)

Cena 2

Planície perto de Santo Edmundsbury. Acampamento francês. Entram, armados, Luís, Salisbury, Melun, Pembroke, Bigot e soldados.

LUÍS — Lorde Melun, tirai disto uma cópia que guardareis para memória nossa. O original convém que seja dado novamente a estes nobres, para que eles e eu, compulsando as notas aí contidas, nas quais nossos desejos se consignam, nos lembremos da causa de ora havermos tornado o sacramento, e mantenhamos firme e inviolável a palavra dada.

SALISBURY — Jamais de nosso lado a quebraremos. Mas meu nobre Delfim, ainda que jura vos tivéssemos feito de espontânea fidelidade e de uma voluntária devoção, não me apraz que esta enferma época ande usando revolta despicienda, como emplastro que cure uma ferida produzindo milhentas. Oh! Compunge-me a alma ter de arrancar do flanco a espada para tornar-me um fazedor de viúvas justamente onde o nome Salisbury significa socorro e salvamento. Mas assim é a infecção do nosso tempo; o zelo que a saúde do direito nos impõe sempre, sempre nos obriga a atuar tão-só com a mão da mais severa sem-razão e dos males da desordem. Não causa pena, ó amigos agravados! que nós, filhos e crianças desta terra, tenhamos vindo ao mundo para sermos testemunhas de um dia como o de hoje em que o seio da pátria nós pisamos nas pegadas de tropas estrangeiras, completando as fileiras inimigas — sou forçado a afastar-me, para ao choro me entregar, pela força desta escolha — para honrarmos nobreza peregrina e aqui mesmo juntarmo-nos a estranhos? Como! Aqui? Ó Nação! Se te mudasses! Se os braços de Netuno, que te abarcam, te tirassem de teu conhecimento, para em praia pagã te colocarem onde os cristãos em luta o exacerbado sangue correr fizessem pelas veias de uma aliança, em lugar de o derramarem pelo chão, como o fazem maus vizinhos!

LUÍS — Revelas nesse anelo alma de escol. A luta dos afetos nesse peito causa um tremor de terra de nobreza. Oh! que nobre combate sustentaste entre o bravo respeito e a compulsão! Permite-me que limpe o orvalho honroso que te desce das faces como prata. Já senti muitas vezes abalar-se-me o coração com o choro feminino, que é inundação, aliás, de todo dia; mas a efusão de lágrimas tão másculas, esse aguaceiro provocado pela tempestade de uma alma, os olhos deixa-me espantados e faz-me mais confuso do que se eu visse na sidérea abóbada multidão de meteoros incendiados. Famoso Salisbury, ergue esse rosto e, decidido, aplaca a tempestade; deixa essas águas para os olhos fracos dos meninos que nunca contemplaram o gigante do mundo enraivecido, nem jamais se encontraram com a Fortuna senão em festas, no calor do sangue, em galhofas inócuas e alegria. Vem mergulhar a mão na rica bolsa de que a Prosperidade se envaidece, bem como vós, ó nobres, que ajustastes à minha resistência os nervos fortes.

(*Entra Pandolfo, com séquito.*)

Julguei ouvir há pouco a voz de um anjo. Vede o santo Legado que nos chega para nos transmitir plenos poderes da mão do céu, e todos nossos atos justificar com seu sagrado sopro.

PANDOLFO — Saúde, nobre príncipe da França! Eis a última: o rei João fez paz com Roma; converteu-se-lhe o espírito, que tanta resistência mostrara à santa Igreja, a sede, a alta metrópole romana. Por isso enrola essas terríveis cores e aplaca o bravo espírito da guerra, para que esta se torne como leoa na mão alimentada, e venha, calma, deitar-se aos pés da paz, sem revelar-se perigosa, a não ser nas aparências.

LUIS — Perdoe-me Vossa Graça; eu não recuo. Nasci muito alto para ser mandado, para me submeter como um escravo que recebe ordens, como humilde e dócil servidor, o instrumento de que possa dispor a seu prazer qualquer potência. O vosso sopro foi que ateou as chamas do carvão apagado desta guerra entre mim e este reino tão culpado. Trouxestes material para animá-las; agora o fogo está muito alto para ser apagado pelo fraco vento que a princípio o avivou. Vós me ensinastes a conhecer a face do direito, a encontrar interesse nesta terra; mais, ainda: despertastes-me a vontade para tal entrepresa. E ora me vindes comunicar que João fez paz com Roma? Que me importa essa paz? Reclamo esta ilha para mim, pelo jus do matrimônio, visto ter falecido o moço Artur. E ora que me acho em meio da conquista, hei de recuar por ter o rei João feito paz com Roma? Serei de Roma escravo? Quanto dinheiro, acaso, gastou Roma, que homens mandou, que munições de guerra para apoiar a empresa? Não suporto sozinho todo o peso? Quem mais pode, afora eu e os que ao mando me obedecem, dizer que sua neste empreendimento e esta guerra sustenta? Por acaso não ouvi como os íncolas gritavam "Vive le roy!" quando por suas vilas eu costeava? Não me acho ora de posse das cartas decisivas para o jogo facilmente ganhar em que por prêmio foi posta uma coroa? E justamente nesta altura abrirei mão da partida? Por minha alma, ninguém dirá tal coisa.

PANDOLFO — Considerais o assunto só por fora.

LUIS — Ou por fora, ou por dentro, pouco importa. Não voltarei, enquanto a tentativa não estiver glorificada quanto foi prometido à minha alta esperança antes de eu ter reunido este pugilo de guerreiros, espíritos eleitos que do mundo tirei para esta empresa em que hão de conquistar alto renome nas fauces dos perigos e da morte.

(*Ouve-se toque de trombetas.*)

Que trombetas alegres nos convocam?

(*Entra o Bastardo, com séquito.*)

O BASTARDO — Seguindo nisto o belo uso do mundo dai-me audiência. Aqui vim para falar-vos. Por mandado do rei, meu santo lorde de Milão, vim saber o que fizestes por ele. Como for vossa resposta, ficarei conhecendo a liberdade que à língua me concedem, os seus liames.

PANDOLFO -.. Obstina-se o Delfim na resistência, sem querer atender a meu pedido; declara não querer depor as armas.

O BASTARDO — Por quanto sangue a Fúria já bebeu, tem razão! Escutai ora Inglaterra, pois sua real pessoa por mim fala: Ele está preparado e vos declara que esta entrada ridícula em suas terras, mascarada arnesada, rega-bofe sem reflexão, imberbe petulância, que estas tropas de crianças lhe provocam somente o riso, e que ele se acha pronto para expulsar a chicotadas essas armas-anãs, esses pigmeus-soldados, para além das fronteiras de suas terras. Pois a mão que vos deu tão grande tunda diante de vossas portas, obrigando-vos a procurar abrigo e, como baldes, a mergulhar em poços escondidos, a ficar sob o estrado resistente das camas; como coisas penhoradas, a demorar em cofres e canastras, dormir com porcos, procurar a doce salvação nas prisões e em catacumbas, a estremecer de medo até com o canto do galo nacional, por confundi-lo com o linguajar de algum inglês armado, vai fraquejar agora, ela que soube castigar-vos em vossos próprios quartos? Oh, não! Ficai sabendo que o valente monarca se acha armado e, como uma águia em suas altas ameias, está pronto para atirar-se sobre o menor vulto que o ninho lhe ameaçar. E vós, ingratos revoltosos, e vós, degenerados, vós, Neros que rasgais o ventre a vossa cara mãe, a Inglaterra, envergonhai-vos, corai de pejo! Até vossas mulheres vossas pálidas filhas, como nobres Amazonas, ao rufo dos tambores pressurosas acorrem, transformando os dedais em manoplas, as agulhas em lanças resistentes e a brandura que lhes é própria em sanguinária e altiva disposição.

LUIS — Aqui terminam tuas bravatas; vai-te em paz. Concedo: vences-nos em saber descompor. Adeus; não temos tempo para gastar em falatórios.

PANDOLFO — Deixai-me ora falar.

O BASTARDO — Não; falo eu mesmo.

LUIS — Não ouvirei nenhum. Tocai tambores! Fale a língua da guerra, na defesa de nossas pretensões neste momento.

O BASTARDO — Que seja! Ao lhes baterdes, os tambores hão de gritar, tal qual vós, quando fordes batidos. E bastante despertares a voz do teu tambor, para que logo responda outro tambor na mesma altura. Faze soar um terceiro, e, in continenti, outro mais alto abalará o ouvido do firmamento, rindo do profundo barulho do trovão, porque bem perto — por não confiar neste Legado coxo, de que ele se serviu mais por brinquedo que por necessidade — se acha João, que traz na fronte a Morte descarnada, cujo ofício vai ser, hoje, somente regalar-se em milhares de franceses.

LUIS — Tambores! Quero ver esse perigo.

O BASTARDO — Hás de vê-lo, Delfim; é só o que eu digo.

(*Saem.*)

Cena 3

O mesmo. Um campo de batalha. Rebate. Entram o rei João e Hubert.

REI JOÃO — Como está o dia para nós? Dize, Hubert.

HUBERT — Receio que vá mal. E Vossa Graça?

REI JOÃO — Esta febre, que nunca me abandona, pesa demais em mim. Oh! Dói-me tudo!

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Milorde, vosso primo valoroso, Faulconbridge, aconselha Vossa Graça a abandonar o campo e a aproveitar-me, para lhe enviar notícia do caminho que pretendeis tomar.

REI JOÃO — Para Swinstead, dizei-lhe; na abadia.

MENSAGEIRO — Reanimai-vos, porque os grande reforços esperados pelo Delfim, sofreram há três noites naufrágio nas areias de Goodwin. Foi trazida a Ricardo essa notícia, não faz muito. Os franceses já perderam o entusiasmo e o terreno vão cedendo.

REI JOÃO — Ai de mim! Esta febre me tortura; não me deixa gozar essa notícia. Vamos para Swinstead. Minha liteira! Sinto-me fraco. Vamos! Já desmaio.

(*Saem.*)

Cena 4

Outra parte do campo de batalha. Entram Salisbury, Pembroke, Bigot e outros.

SALISBURY — Jamais imaginei que o rei tivesse tantos amigos.

PEMBROKE — Novamente à carga! Animemos os francos; estaremos perdidos se caírem.

SALISBURY — Faulconbridge, esse diabo, a despeito do despeito, sozinho é o sustentáculo do dia.

PEMBROKE — Dizem que o rei João foi retirado do campo, muito doente.

(*Entra Melun, ferido, conduzido por soldados.*)

MELUN — Levai-me aos revoltosos da Inglaterra.

SALISBURY — Quando éramos felizes, não nos davam esse título.

PEMBROKE — É o conde de Melun.

SALISBURY — Mortalmente ferido.

MELUN — Fugi, nobres ingleses, porque estais todos vendidos. Desfiai a rebelião de aspecto rude e acolhei novamente a fé banida; procurai o rei João e aos pés caí-lhe, pois se o Francês ganhar esta jornada barulhenta, pretende indenizar-vos das penas, as cabeças vos cortando. Isso o Delfim jurou, e eu junto com ele, e outros muitos comigo, ao pé do altar de Santo Edmundsbury, justamente no altar em que vos tínhamos jurado gratidão e amor eterno.

SALISBURY — Será possível? Pode ser verdade?

MELUN — Diante de mim não vejo a morte hedionda? E a vida que me resta, quase nada, não dessangra aos pouquinhos, como forma de cera que se esfaz junto do fogo? Que me faria ora mentir no mundo, se nenhuma vantagem me vem disso? Por que seria eu falso, se é bem certo que aqui morrer eu devo para, adiante, reviver na verdade? Ouvi de novo: se Luís ganhar o dia e vós puderdes contemplar o nascer do sol no oriente mais uma vez, ele será perjuro. Não! Será nesta noite, cujo negro hálito venenoso já se exala do penacho esbraseante do sol velho, fraco e cansado do trabalho diurno. O imposto da traição foi avaliado justamente no fim traiçoeiro e infame de vossas vidas, caso Luís consiga vencer com vosso auxílio esta jornada. Recomendai-me a um Hubert, que se encontra com vosso rei. O amor que lhe dedico e o fato de eu provir de avós ingleses, me leva a confessar-vos estas coisas. Em recompensa, peço conduzirdes-me para longe do ruído e dos clamores da batalha, onde em paz reunir eu possa os pensamentos que me restam e a alma do corpo separar, voltado todo para a contemplação e

anseios pios.

SALISBURY — Acreditamos-te, e maldita seja minha alma, se eu não vier a amar a forma desta bela ocasião que nos enseja desandar o caminho a esta danada deserção. Como as águas na vazante da maré, deixaremos nosso curso violento e irregular, para reentrarmos nos limites que havíamos transposto, defluindo na mais plácida obediência até que em nosso mar desemboquemos, no nosso grande João. Auxílio certo vais achar nestes braços para pôr-te fora daqui, pois vejo nesses olhos os sinais da cruel luta da morte. Em fuga, amigos! Outra novidade, mas no rumo da prístina lealdade.

(*Saem.*)

Cena 5

O mesmo. O acampamento francês. Entra Luis com seu cortejo.

LUIS — Pareceu-me que o sol mostrava certa repugnância em baixar, tendo parado na descida e tingido o firmamento pelas bandas do ocaso, quando em fuga desarvorada o próprio solo pátrio os ingleses mediam. Oh! que bravo remate o nosso, quando lhes mandamos a última carga, quase dispensável depois de tanto sangue, ao lhes enviarmos nosso boa-noite e as flâmulas rasgadas enrolarmos, os últimos no campo de batalha e senhores, quase, dele.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Meu príncipe, o Delfim, onde se encontra?

LUIS — Aqui. Que novas há?

MENSAGEIRO — Morreu o conde Melun. Por seu conselho, os da Inglaterra novamente traíram. Os reforços que esperáveis há tanto, se perderam num naufrágio na praia de Goodwin.

LUIS — Que novas infernais! Maldito sejas por mas trazeres! Não pensei que havia de ficar esta noite assim tão triste. Quem foi que disse que o rei João fugira pouco antes de haver feito a noite incerta separar nossas forças esgotadas?

MENSAGEIRO — Quem o disse, milorde, não mentiu.

LUIS — Muito bem; ponde guardas vigilantes esta noite. Não há de o novo dia levantar-se antes que eu de pé me encontre para a bela aventura de amanhã.

(*Saem.*)

Cena 6

Praça descampada na vizinhança da abadia de Swinstead. Entram o Bastardo e Hubert, separadamente.

HUBERT — Quem está aí? Falai; falai depressa, se não disparo.

O BASTARDO — É amigo. E tu, quem és?

HUBERT — Da parte da Inglaterra.

O BASTARDO — Teu destino?

HUBERT — Que tens que ver com isso? Por que causa não posso eu perguntar de teus negócios como o fazes com os meus?

O BASTARDO — Penso que és Hubert.

HUBERT — Pensaste certo. A todo azar aposto que és um dos meus amigos, pois conheces tão bem meu tom de voz. Como te chamas?

O BASTARDO — Como o queiras. Se for do teu agrado, podes dar-me o prazer não despiciendo de pensar que o destino, em linha reta, ao dos Plantagenet ligou meu sangue.

HUBERT — Oh, que memória! Tu e a noite cega me envergonhastes. Bravo herói, perdoa-me por terem escapado alguns acentos de tua voz à minha percepção.

O BASTARDO — Basta de cortesias. Que há de novo?

HUBERT — Achava-me a passear na face escura da noite só com o fito de encontrar-te.

O BASTARDO — Sê breve, então; qual é a novidade?

HUBERT — Oh, meu doce senhor, novas de acordo com a noite: horríveis, negras, pavorosas e desencorajantes.

O BASTARDO — Sem rodeios mostra-me a chaga dessa má notícia; não sou mulher para cair de susto.

HUBERT — Temo que o rei se encontre envenenado por um frade; sem fala, quase, estava, quando o deixei. Depressa vim buscar-vos, para vos pôr a par da má notícia, porque pudésseis precaver-vos contra o imprevisto, melhor do que se viésseis a saber mais de espaço do ocorrido.

O BASTARDO — Veneno! Como foi? Quem provou antes?

HUBERT — Um frade, disse; um biltre decidido, cujas entranhas rebentaram logo. O rei

ainda falava; talvez seja possível escapar.

O BASTARDO — E quem deixaste para cuidar de Sua Majestade?

HUBERT — Pois não o sabeis? Os nobres já voltaram; estão ao redor dele; vieram juntos com o príncipe Henrique, a cuja súplica o rei perdoou a todos.

O BASTARDO — Céu potente, refreia a indignação, sem nos tentares além de nossas forças! Ouve-me, Hubert: esta noite, metade dos meus homens, ao passar os baixios, foi tragada pela maré; os lamaçais de Lincoln a todos devorou. Com muito custo pude escapar, por ter um bom cavalo. Vamos, leva-me ao rei; temo que a morte lhe venha, antes que possa estar com ele.

(*Saem.*)

Cena 7

Jardim da abadia de Swinstead. Entram o príncipe Henrique, Salisbury e Bigot.

PRÍNCIPE HENRIQUE — É muito tarde; corrompida se acha toda a vida do sangue. As incoerentes fantasias do cérebro — morada, segundo alguns, bem frágil de nossa alma — o fim predizem da mortalidade.

(*Entra Pembroke.*)

PEMBROKE — Sua Alteza ainda fala alguma coisa; pensa que se o expusermos ao ar livre, achará lenitivo para o fogo do veneno traiçoeiro que o domina.

PRÍNCIPE HENRIQUE — Determinai que sem demora o tragam para o jardim.

(*Sai Bigot.*)

Ainda está furioso?

PEMBROKE — Está agora mais calmo do que quando viestes de lá; há pouco ele cantava.

PRÍNCIPE HENRIQUE — Oh! vaidade da doença! O sofrimento, quando excessivo e demorado, acaba por deixar-nos à dor indiferentes. A morte, após fartar-se no de fora, deixa-o insensível, dirigindo o assalto contra o espírito, que ela espeta e fere com legiões de esquisitas fantasias, que, no aperto do embate contra este último reduto, acabam sempre confundindo-se. É curioso que a Morte cantar possa. O cisnezinho eu sou desse outro cisne descorado que entoa o lastimoso hino da própria morte e que com as notas da fraqueza canta a alma e o corpo canta, prestes a repousarem para sempre.

SALISBURY — Príncipe, sede forte; ao mundo viestes para impor alguma ordem na matéria, rude e informe que o rei deixa, ao morrer.

(*Volta Bigot, acompanhado de criados, que trazem o rei João em uma cadeira.*)

REI JOÃO — Minha alma agora está com o espaço livre; não quis sair por portas nem janelas. Sinto um verão tão quente no imo peito, que as entranhas em poeira se convertem. Sou uma figura desenhada em folha de pergaminho; vou me engruvinhando, pouco a pouco, a este fogo.

PRÍNCIPE HENRIQUE — Como passa Vossa Grandeza?

REI JOÃO — Envenenado, doente, morto, esquecido, abandonado, tudo... E ninguém manda vir o inverno e ordena na boca me enfiar a mão gelada, nem faz que os rios todos do meu

reino venham banhar-me o seio afogueado, nem pede ao Norte que seus ventos frios os lábios ressequidos me umedeçam e algo me reconfortem. Não vos peço nada excessivo: um pouco só de frio. Mas tão sovinas sois, além de ingratos, que até mesmo esse pouco me negais.

PRÍNCIPE HENRIQUE — Se houvesse em minhas lágrimas virtude para vos reanimar!

REI JOÃO — Contem sal quente. Trago o inferno aqui dentro, onde o veneno se confina à maneira de um demônio que tiranize o sangue condenado sem remissão possível.

(*Entra o Bastardo.*)

O BASTARDO — Oh! encontro-me quase a ferver, por ter corrido muito, no afã de poder ver Vossa Grandeza.

REI JOÃO — Vieste para fechar-me os olhos, primo. Amolgada e queimada está a polia do coração, achando-se a cordoalha do velame da vida reduzida a um filamento, um fio de cabelo. O coração trabalha sustentado por uma fibra apenas, que resiste tão-somente até o ponto de dizeres o que há de novo. Então, de tudo quanto vês aqui, restará somente um pouco de argila sem valor, imagem falsa da realeza destruída para sempre.

O BASTARDO — Prepara-se o Delfim para atacar-nos aqui mesmo. Só Deus sabe a maneira de resistir-lhe, pois numa só noite, um recuo intentando vantajoso, inesperadamente a melhor parte dos meus homens perdeu-se nuns baixios, submergida em maré traiçoeira e súbita.

(*O rei morre.*)

SALISBURY — A ouvidos mortos dais notícias mortas. Meu soberano! Meu senhor! Há pouco, tão grande majestade, ora isto apenas!

PRÍNCIPE HENRIQUE — Como ele, hei de correr e, assim, parar. De que vale a mais fúlgida carreira, se o que há pouco era rei, agora é poeira?

O BASTARDO — Partiste desse modo? Eu me demoro mais um pouco, somente o necessário para o obséquio prestar-te da vingança, depois do que minha alma irá servir-te no céu, como na terra vem fazendo. E agora, estrelas que girais em vossas legítimas esferas, onde se acha vosso poder? Mostrai-vos mais constantes e agora mesmo retomai comigo, para que repilamos a ruína e a vergonha perpétua para longe das fracas portas desta terra exausta! Antecipemo-los, se não seremos, procurados. Em nossos calcanhares o Delfim furibundo já vem vindo.

SALISBURY — Parece que sabeis menos que nós, porque o cardeal Pandolfo se acha aí dentro, descansando. Não faz uma hora, veio da parte do Delfim com uma proposta de paz que, sem desdouro, poderemos aceitar para pormos termo à guerra.

O BASTARDO — Mais apressado em tudo há de mostrar-se, quando souber que vamos defender-nos.

SALISBURY — Sim, de algum modo é coisa decidida, porque ele já mandou muita bagagem para o lado do mar, havendo entregue sua causa ao cardeal, a quem delega poderes irrestritos. É com este que eu, e vós, e outros nobres, se julgardes de bom aviso, ainda esta tarde

havemos de encontrar-nos, a fim de dar remate feliz a este negócio demorado.

O BASTARDO — Que seja assim. E vós, meu nobre príncipe, juntamente com outros que puderem ser dispensados, ficareis com o fito de cuidar das obséquias.

PRÍNCIPE HENRIQUE — Seus despojos em Worcester depois devem ser postos. Era esse o seu desejo.

O BASTARDO — Será feito como o determinou. E ora consiga suportar felizmente vossa grata pessoa o Estado e a glória desta terra! Com toda a submissão, de joelhos, ponho-vos aos pés os meus serviços, como preito do meu devotamento sempiterno.

SALISBURY — Nosso amor, de igual modo, vos dicamos, porque sem mancha fique eternamente.

PRÍNCIPE HENRIQUE — Minha alma desejara, amiga, dar-vos mostras de gratidão; porém só sabe fazê-lo se de lágrimas valer-se.

O BASTARDO — Só paguemos ao tempo a indispensável tristeza, por se ter antecipado demais à nossa dor. Esta Inglaterra nunca jamais caiu sob o orgulhoso pé de inimigo algum, senão no instante em que ela quis ferir o próprio seio. Mas agora que os príncipes voltaram, ainda que contra nós armados venham os três cantos do mundo, saberemos defender-nos. Jamais teremos causa de pesar, se, na paz como na guerra, fiel a si mesma for, sempre, a Inglaterra.

(*Saem.*)

Ricardo II

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 4

Cena 1

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Personagens

REI RICARDO II.
JOÃO DE GAUNT, duque de Lencastre, tio do Rei
EDMUNDO DE LANGLEY, duque de YORK, tio do rei.
HENRIQUE, cognominado Bolingbroke, duque de Hereford, filho de João de Gaunt, depois Henrique IV.
DUQUE DE AUMERLE, filho do duque de York.
TOMAS MOWBRAY, duque de Norfolk.
DUQUE DE SURREY.
CONDE DE SALISBURY.
LORDE BERKELEY.
BUSHY, do serviço do rei Ricardo.
BAGOT, do serviço do rei Ricardo.
GREEN, do serviço do rei Ricardo.
CONDE DE NORTHUMBERLAND.
HENRIQUE PERCY, cognominado Hotspur, seu filho.
LORDE ROSS.
LORDE WILLOUGHBY.
LORDE FITZWATER.
BISPO DE CARLISLE.
ABADE DE WESTMINSTER.
LORDE MARECHAL.
SIR PIERCE DE EXTON.
SIR STEPHEN SCROOP.
Capitão de um grupo de galenses.
Esposa do rei Ricardo.
DUQUESA DE GLOSTER.
DUQUESA DE YORK.
Damas de companhia da rainha.
Nobres, arautos, oficiais, soldados, jardineiros, carcereiro, mensageiro, palafreneiro e outros criados.

Ato 1

Cena 1

Londres. Um quarto no palácio. Entram o rei Ricardo, com séquito; João de Gaunt e outros nobres.

REI RICARDO — Lencastre honrado, velho João de Gaunt, conforme teu penhor e juramento trouxeste Henrique de Hereford, teu filho temerário, porque ele ora sustente a grave acusação que não pudemos ainda julgar e que ele fez, há pouco, contra Tomás Mowbray, duque de Norfolk?

GAUNT — Sim, veio ele comigo, Majestade.

REI RICARDO — Dize-me, ainda: acaso já o sondaste? Não se funda em antigas desavenças a acusação lançada contra o duque, ou provém essa queixa, como fora de esperar de um vassalo dedicado, de provas positivas de traição?

GAUNT — Tanto quanto sobre isso foi possível examiná-lo, trata-se, realmente, de perigo que ameaça Vossa Alteza, não de malícia alguma da denúncia.

REI RICARDO — À nossa real presença os trazei logo. Face a face, sobrolho carregado contra sobrolho, agora nos dispomos a ouvir o que disserem livremente.

(*Saem alguns homens do séquito.*)

São teimosos; da cólera no afogo surdos são como o mar, ardem qual fogo.

(*Voltam os homens com Bolingbroke e Mowbray.*)

BOLINGBROKE — Muitos anos de dias venturosos desejo ao meu gracioso soberano, meu senhor e meu rei idolatrado.

MOWBRAY — Que ultrapasse em venturas cada dia quantos o precederam, té que a inveja do céu, ante a terrena e feliz sorte, um título imortal vos acrescente.

REI RICARDO — A ambos agradecemos, muito embora seja um dos dois adulador, tal como se depreende da causa que vos trouxe, a alta traição de que vos acusais. Primo Hereford, que assacas contra Norfolk, Tomás Mowbray?

BOLINGBROKE — Primeiro o céu me sirva de testemunha! — é como devotado súdito, sempre cioso da saúde preciosa de seu príncipe, liberto de qualquer ódio baixo ou mal nascido, que no papel de acusador eu me acho na vossa real presença. Ora, Tomás Mowbray, é a ti que eu digo o que se segue; observa minha saudação, pois tudo quanto eu disser, na terra este meu corpo vai confirmar, ou responder minha alma divina no alto céu. És miserável e traidor; de origem boa para seres isso, e ruim demais para viveres. Quanto mais belo o céu, mais ele

esplende, mais feia é a nuvem que lhe o brilho ofende. E a fim de arrematar o caso, digo que és traidor e que para teu castigo, se meu rei consentir, a minha espada vai logo te privar da alma danada.

MOWBRAY — Que minhas expressões pouco violentas o zelo não me acusem. Nossa causa não será decidida pela prova de guerra entre mulheres, por grosseiros palavrões de duas línguas irritadas: quente está o sangue para que se esfrie por esse meio. Mas também não posso de paciência orgulhar-me assaz submissa para nada falar e ficar calmo. Em primeiro lugar, o alto respeito diante de Vossa Alteza não me deixa soltar as rédeas e calcar esporas em meu discurso livre, que teria disparado até haver lançado ao rosto deste homem, duplicada, a felonia de que ele ora me acusa. Se de parte pusermos a realeza de seu sangue, sem que do parentesco nos lembremos que o liga ao meu senhor, eu o desafio, cuspindo-lhe no rosto: dou-lhe os nomes de covarde, de vil e maldizente. Sustento quanto disse, concedendo-lhe vantagens, ainda mesmo que eu tivesse de ir a pé até aos picos congelados dos Alpes, ou a qualquer lugar inóspito em que jamais inglês haja pisado, isto defenderá minha lealdade contra sua perfídia e falsidade.

BOLINGBROKE — Eis, trêmulo covarde, que te atiro, também, o meu penhor, pondo de lado meu parentesco real e renunciando à nobreza do sangue, que teu medo, não o respeito, agora fez lembrada. Se o medo criminoso ainda te deixa força bastante para levantares o penhor de minha honra: então te abaixa para apanhá-lo, que, por ele e todo rito cavaleiresco, braço a braço, sustento agora quanto aqui te disse ou o que de pior tua malícia invente.

MOWBRAY — Levanto-o, e juro pela minha espada que a honra de cavaleiro gentilmente nos ombros me depôs, que hei de encontrar-te em qualquer condição lícita e justa, segundo as nobres regras dos costumes cavaleirescos. E, uma vez montado, não quero descer vivo se, em verdade, traidor eu for ou falto de lealdade.

REI RICARDO — Que acusação levanta o nosso primo contra Mowbray? Grande é, decerto, para nos fazer despertar o pensamento de algo ruim por ele praticado.

BOLINGBROKE — Vede: o que eu vou dizer, provo-o com a vida. Digo, pois, que Mowbray recebeu oito mil nobres como empréstimo do soldo do exército de Vossa Majestade, que ele desviou para uso inconfessável, como biltre injurioso e vil traidor. Afirmo, ainda, e o provarei na liça, aqui ou alhures, ou nas mais distantes paragens que olho inglês possa ter visto, que todas as traições imaginadas durante estes dezoito últimos anos têm no falso Mowbray a fonte e a origem. Digo mais, e pretendo sustentá-lo, tirando-lhe a existência miserável, porque surja a verdade, que ele a morte deu ao duque de Gloster, por ter feito sugestões aos seus crédulos inimigos, e assim, como traidor e pusilânime, em sangue lhe afogou a alma inocente, sangue esse que me grita, como o sangue de Abel sacrificado, das cavernas mudas de toda a terra, reclamando justiça pronta e justa punição. Por meus avós, eu perderei a vida ou lhe darei a pena merecida.

REI RICARDO — Como alto as suas decisões se elevam! Tomás de Norfolk, que respondes a isso?

MOWBRAY — Oh! que meu soberano vire o rosto e deixe surdo o ouvido alguns

instantes, até que eu mostre à mancha do seu sangue como Deus e as pessoas de respeito dedicam ódio a tais caluniadores.

REI RICARDO — Ouvidos e olhos imparciais eu tenho, Tomás Mowbray. Se irmão ele me fosse, digo mais: fosse o herdeiro da coroa — com ser apenas filho do meu tio — juro pelo respeito do meu cetro que a vizinhança ao nosso sacro sangue privilégio nenhum lhe ensejaria, nem deixara parcial a inabalável firmeza de minha alma íntegra e justa. És meu vassalo, como ele o é também; fala, pois, sem receio de ninguém.

MOWBRAY — Então te digo, Bolingbroke, ao baixo coração, pela porta estreita e falsa dessa garganta: mentes! Pois três partes do pagamento de Calais em tempo foram devidamente distribuídas entre os homens de Sua Majestade. A outra parte eu guardei, depois de obtido consentimento do meu rei. É que ele me devia ainda o resto de uma conta, do tempo em que eu à França fora enviado, para trazer-lhe a esposa. Agora engole toda a tua calúnia. Quanto à morte de Gloster, não fui eu seu assassino, mas por minha desgraça, neste caso me acusa a consciência de um descaso do dever. Quanto a vós, meu nobre lorde de Lencastre, muito alto e venerando pai do meu inimigo, uma cilada, de fato, eu preparei para matar-vos, pecado que me punge a alma angustiada. Mas antes de tomar o sacramento, não faz muito, eu contei todo o ocorrido, já tendo suplicado a Vossa Graça que me perdoasse a falta, o que, suponho, não me foi denegado. Eis o meu erro. Tudo o mais da denúncia nasce apenas do rancor de um vilão, de um miserável, da inveja de um traidor degenerado, contra o que eu próprio ainda hei de defender-me, motivo por que jogo a minha luva, também, aos pés desse traidor ousado para, no sangue que seu peito albergue, provar que sou um fido gentil-homem. Marque, pois, Vossa Alteza, sem demora, para o nosso recontro o dia e a hora.

REI RICARDO — Guiai-vos por mim, fidalgos enraivados, deixando-vos placar sem perder sangue. Sem ser médico, digo que não há de cortar fundo demais vossa maldade. Sede cordatos, esquecei; que o dia, diz o doutor, não é para sangria. Vamos, bondoso tio, achar um meio que ponha logo um fim a este torneio. Vós vos incumbireis de vosso filho; eu, de Mowbray: sairão ambos com brilho.

GAUNT — Esse ofício diz bem com a minha idade. Vamos, filho, revela urbanidade: solta o penhor do duque.

REI RICARDO — Faze o mesmo, Mowbray, com o dele.

GAUNT — Como! Acaso, a esmo falamos, Harry? A obediência manda que ordens eu dê usando de voz branda.

REI RICARDO — Norfolk, a luva joga; qual o dano que disso te advirá?

MOWBRAY — Meu soberano, atiro-me a teus pés. De minha vida podes dispor, porém não te é devida minha vergonha. Devo-te a primeira; mas meu nome, que a Morte, embora o queira, jamais me apagará da sepultura, só poderá viver com a fé mais pura. Acusado me vejo, escarnecido, tratado com desprezo imerecido, transpassado até na alma pela espada venenosa da infâmia, de que nada me poderá curar, senão somente todo o sangue do biltre cujo dente me fez esta ferida.

REI RICARDO — Não devemos soltar rédeas à cólera; os extremos se destroem: leões domam leopardos.

MOWBRAY — Mas perduram as manchas, pelos dardos provindos da calúnia. Se a vergonha me tirares, prometo que a peçonha não mais me há de lembrar. Meu soberano, o mais puro tesouro, o mais que humano benefício que o tempo nos concede é um nome imaculado, sem que adrede lhe manchemos o brilho. Não passamos. sem isso, de uma argila com recamos, simples poeira pintada. A mais preciosa jóia em cofre inviolável é danosa reputação num peito leal e puro. Minha honra é minha vida; meu futuro de ambas depende. Serei homem morto, se me privarem da honra, do conforto de um nome imaculado. Por tudo isso, meu caro rei, far-me-ás alto serviço, se me deixares defender com a vida minha reputação tão bem nascida.

REI RICARDO — Vamos, primo, começa.

BOLINGBROKE — Deus não queira que minha alma se manche por maneira tão vergonhosa. E crível que eu, à vista de meu pai, me rebaixe e que ele assista à minha humilhação, sem que eu me guarde de mostrar-me inferior a este covarde? Antes que a língua possa a honra ferir-me por maneira tão baixa, ou que confirme minha queda, chamando a parlamento vergonhoso, servindo-me do alento que me resta, com os dentes eu cortara o órgão servil da humilhação amara e ao rosto de Mowbray o jogaria, sangrento, onde se acoita a vilania.

(*Sai Gaunt.*)

REI RICARDO — Não temos por costume pedir nada, senão dar ordens. Já que não podemos vos deixar como amigos, aprestai-vos, respondendo com a vida nesse ponto, que em Coventry vos batereis no dia de São Lambert. As lanças e as espadas patentearão as intenções malvadas. Já que o não pude, incumba-se a justiça de fazer ressaltar a fé castiça. Marechal, aos arautos manda aviso para que vejam tudo o que é preciso.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Um quarto no palácio do duque de Lencastre. Entram Gaunt e a duquesa de Gloster.

GAUNT — Ai, a porção que me tocou do sangue de Gloster, muito mais do que essas queixas, me concita a ir de encontro aos carniceiros de sua vida. Mas, como o castigo se acha nas mãos que a falta cometeram, que punir não podemos, à vontade do céu entregue fica nossa causa. Quando vir que é chegada a hora oportuna sobre a terra, vinganças esbraseantes ele fará chover nos criminosos.

DUQUESA — Os laços fraternais não te esporeiam com mais vigor? O amor não tira chispas desse teu sangue velho? Os sete filhos de Eduardo, e tu és um deles, eram como sete vasos de seu sagrado sangue, ou sete ramos que de um tronco viessem. Destes, alguns secaram pelo próprio curso da natureza; outros cortados foram pelo destino antes do tempo. Mas Tomás, minha vida, meu querido senhor, meu Gloster, vaso do sagrado sangue de Eduardo, ramo florescente de seu real tronco, foi despedaçado, tendo-se derramado toda a seiva preciosa, foi cortado, emurchecendo-se as folhas estivais, pela mão dura da Inveja e a foice rubra do assassino. Ah, Gaunt, era o teu sangue! O leito, o seio, o coração, o molde de onde a forma recebeste, fez dele uma criatura, e, embora estejas vivo e ainda respires, nele a vida perdeste. De algum modo, concordas em que fosse o teu pai morto, vendo teu pobre irmão perder a vida, ele que de teu pai era o retrato. Não dês, Gaunt, a isso o nome de paciência; chama-lhe desespero. Consentindo que seja teu irmão assassinado, pões a nu o caminho de tua vida, mostrando ao duro criminoso o modo de te matar. O que nos homens baixos tem nome de paciência, é covardia pálida nas pessoas de alto sangue. Como direi? O meio mais seguro para salvaguardares a tua vida é vingar o assassínio do meu Gloster.

GAUNT — É de Deus a questão, porque essa morte foi causada por seu representante, o mensageiro ungido em seu conspecto. Se um crime cometeu, que Deus o puna, porque eu jamais levantarei o braço vingador para ir contra o seu ministro.

DUQUESA — A quem dirijo, pois, as minhas queixas?

GAUNT — A Deus, amparo e defensor das viúvas.

DUQUESA — Então, que seja. Velho Gaunt, adeus. Vais a Coventry para ver a luta que entre Mowbray, o sanguinário, e o nosso caro primo Hereford vai ser travada. Oh, se o dano causado ao meu esposo na espada de Hereford fizesse peso porque ela o peito atravessasse ao duro carniceiro Mowbray! Ou se a desgraça não o alcançar desde a primeira volta, que a culpa de Mowbray de tal maneira lhe oprima o peito, que o árdego cavalo tenha o dorso quebrado e o

cavaleiro ao comprido da liça atirar possa, pálido e trêmulo o entregando à fúria de Hereford. Velho Gaunt, adeus. A esposa de teu defunto irmão vai ter na vida por companheira a sua dor comprida.

GAUNT — Adeus, irmã; para Coventry eu sigo; consolo tenhas quanto vai comigo.

DUQUESA — Uma palavra, ainda. As grandes dores ressaltam de onde caem, não por serem vazias: pela ação do próprio peso. Despeço-me sem ter falado nada, que o luto torna a dor mais abafada. Dá recomendações a Edmundo York, meu caro irmão. E tudo. Agora podes partir. Não, não te vás! Conquanto seja tudo, um consolo à minha dor enseja. Ocorre-me dizer-lhe... Em que pensava? Que em Plashy me visite a toda pressa. Mas que pode o bom velho encontrar nessa morada, senão muros desornados, salões vazios, quartos sem pessoas, caminhos não pisados? Que ouvir pode, senão a dor que o peito me sacode? Que não pense em ir lá buscar tristeza, pois dela em toda parte será presa. Chorando aceito a minha triste sorte; desesperada parto para a morte.

(*Saem.*)

Cena 3

Área perto de Coventry. Liça demarcada. Um trono. Arautos, etc. Entram o lorde Marechal e Aumerle.

MARECHAL — Milorde Aumerle, Henrique de Hereford se acha pronto?

AUMERLE — De todo, só deseja poder entrar.

MARECHAL — Cheio de audácia e afogo, Tomás Mowbray aguarda tão-somente o sinal da trombeta do apelante.

AUMERLE — Sendo assim, preparados estão ambos os combatentes, dependendo o encontro da chegada de Sua Majestade.

(*Fanfarras. Entram o rei Ricardo, que se assenta no trono, Gaunt, Bushy, Bagot, Green e outros; que se colocam em seus lugares. A um toque de trombeta na cena, responde outro dentro. A seguir, entra Mowbray, completamente armado, precedido de um arauto.*)

REI RICARDO — Pergunta, marechal, ao cavaleiro que ali se encontra a causa de estar ele neste lugar, armado. Qual o nome, pergunta-lhe, também, e o juramento lhe toma de que vem por causa justa.

MARECHAL — Dize, em nome de Deus e do monarca, como te chamas, porque estás armado qual cavaleiro, contra quem vieste, e o motivo nos conta da pendença. Pela cavalaria que professas e por teu juramento, sê verídico. E assim te ampare o céu e o brio próprio.

MOWBRAY — Tomás Mowbray eu sou, duque de Norfolk; aqui me encontro por haver jurado — Deus não permita que perjuro eu fique! — lutar por minha lealdade e pela fé que me liga a Deus, ao rei e a sua linhagem, contra o duque de Hereford, que me acusa, e, desta arte, com o auxílio de Deus e deste braço, demonstrar-lhe, ao tempo em que a mim próprio me defendo, que ele traiu a Deus, ao rei e a mim. Como estou com a verdade, o céu me ampare.

(*Senta-se no seu lugar.*)

(*Soam trombetas. Entra Bolingbroke, apelante, com armadura e precedido de um arauto.*)

REI RICARDO — Pergunta, marechal, ao cavaleiro que armado ali se encontra, qual seu nome, por que razão aqui se acha vestido de couraça de guerra e, sempre às luzes de nossas leis, lhe obtém o depoimento da justiça da causa que defende.

MARECHAL — Como te chamas? Por que causa te achas diante do rei Ricardo e em sua liça? Contra quem te apresentas? Qual a queixa que aqui te trouxe? Como cavaleiro, dize a

verdade e o céu que te defenda.

BOLINGBROKE — Sou Harry de Hereford, Lencastre e Derby. Armado me apresento nesta liça para, com a ajuda do Senhor e minha própria força, provar que Mowbray, duque de Norfolk, execrando e perigoso, traiu a Deus, ao rei Ricardo e a mim. Como estou com a verdade, o céu me ampare.

MARECHAL — Pois, sob pena de morte, ninguém seja tão atrevido que ouse entrar na liça, senão somente o marechal e quantos oficiais ele tenha designado para a alta direção deste torneio.

BOLINGBROKE — Permiti, marechal, que a mão eu beije de Sua Graça e que os joelhos dobre ante o meu rei, porque Mowbray e eu próprio somos como pessoas que se aprestam para uma viagem longa e cansativa. Permiti, pois, façamos despedida cerimoniosa e adeus muito saudoso aos amigos que ficam presentemos.

MARECHAL — O apelante saúda com respeito Vossa Grandeza e solicita a graça de vos beijar a mão e despedir-se.

REI RICARDO (*descendo do trono*) — Para abraçá-lo, o trono nós deixamos. Primo Hereford, em sendo a causa justa, ampare-te a Fortuna nesta justa. Se meu sangue perderes, a departe te poderei chorar, mas sem vingar-te.

BOLINGBROKE — Olho nobre nenhum de mim se importe, se a espada de Mowbray me der a morte. Como o falcão no vôo, assim, confiante, contra Mowbray me atiro, a meu talante. Meu amado senhor, eu me despeço de vós e de meu primo, lorde Aumerle, não abatido, ainda que a morte eu vejo, mas moço e alegre e com vigor sobejo. Como nas festas pátrias, eu saúdo o mais doce manjar no fim de tudo: Ó tu, autor terreno do meu sangue, cujo espírito moço, renovado dentro de mim, me empresta vigor duplo para que eu me alce à. altura da vitória que, airosa, plana sobre a minha fronte, com tuas orações invulnerável a armadura me deixa, e, com tuas bênçãos, torna mais fina a ponta desta lança porque ela possa penetrar na cota de cera de Mowbray e brilho ao nome de João de Gaunt ainda aumentar consiga na atitude altanada de seu filho.

GAUNT — Deus te auxilie em tua causa justa. Como o raio, sê rápido na luta; que teus golpes, dobrados, redobrados, qual o trovão atroador, no casco de teu inimigo pernicioso caiam. Reanima o sangue jovem desse peito.

BOLINGBROKE — Com a ajuda de São Jorge e do Direito.

(*Senta-se em seu lugar.*)

MOWBRAY (*levantando-se*) — Como a Fortuna e o céu determinarem, vai morrer ou viver aqui um súdito fiel ao rei Ricardo, um gentil-homem honrado, leal e justo. Nenhum preso jamais com o coração tão levantado longe os ferros jogou do cativeiro, para abraçar com mostras delirantes a liberdade de ouro, como agora minha alma dança ao celebrar, alegre, esta festa de sangue. Poderoso monarca, companheiros de nobreza, meus votos vos dirijo com lhaneza. Como para um passeio eu me despeço, confiante em vir a obter alto sucesso.

REI RICARDO — Adeus, milorde; nesses olhos vejo da virtude e valor forte lampejo. Dai logo início, marechal, à pugna.

(*O rei e os nobres voltam para seus lugares.*)

MARECHAL — Henrique de Hereford, Lencastre e Derby, recebe a lança e que o Direito vença.

BOLINGBROKE (*levantando-se*) — Qual torre de esperança, "Amém" eu digo.

MARECHAL (*a um oficial*) — Leva ao duque de Norfolk esta lança.

PRIMEIRO ARAUTO — Henrique de Hereford, Lencastre e Derby, diante de Deus, do rei e de si próprio aqui se acha, sob pena de ser tido como impostor sem fé e sem coragem, para trazer a prova de que o duque Tomás Mowbray faltou com a lealdade ante Deus, ante o rei e ante ele mesmo, desafiando-o, por isso, para duelo.

SEGUNDO ARAUTO — Aqui também está o duque de Norfolk, Tomás Mowbray, sob pena de ser tido como desleal e falto de coragem, não somente em defesa de si próprio, como também para trazer a prova de que Harry de Hereford, Lencastre e Derby foi desonesto a Deus, ao rei e a ele, o que faz com vontade livre e altiva, só aguardando o sinal para o combate.

MARECHAL — Trombetas soai! À frente, combatentes!

(*Toque de ataque.*)

Parai! Parai! O rei soltou o bastão!

REI RICARDO — Pondo de lado o capacete e a lança, voltem a ocupar ambos seus lugares. Vinde conosco, e que as trombetas soem até voltarmos e trazermos nossa resolução que será dita aos duques.

(*Toque demorado de fanfarra*)

(*Aos combatentes*) — Aproximai-vos e ouvi o que decidimos no conselho. Porque o solo do reino não se manche com o caro sangue a que ele dera vida; por nos ser repugnante à vista o aspecto cruel das civis chagas, produzidas por espadas afins; e por pensarmos que o orgulho de asas de águia e os pensamentos cuja ambição ao céu remontam sempre, de par com a inveja que os rivais odeia foram causa de terdes despertado nossa paz que dormia infantil sono no berço calmo desta nossa terra, e que assim despertada pelo ruído dos tambores discordes, pelos gritos selvagens e estridentes das trombetas e o áspero choque das irosas armas, expulsará, talvez, a paz formosa dos nossos quietos lindes, resultando o mal de em sangue amigo mergulharmos: vos banimos de nossos territórios. Primo Hereford, sob pena de perderdes a vida, enquanto duas vezes cinco verões nossas campinas não dourarem, não saudareis nossos domínios belos mas os caminhos pisareis do exílio.

BOLINGBROKE — Seja como o dizeis. Minha alegria será, tão-só, no exílio, todo dia saber que o sol que aqui vos ilumina me dará, também, luz, e que a ruína de minha vida triste e malfadada dourará, como em fúlgida alvorada.

REI RICARDO — Norfolk, é mais pesada a tua pena, digo-te a contragosto: as

sorrateiras horas não marcarão jamais o termo do teu exílio caro e sem limite. Contra ti pronunciamos a implacável palavra "Nunca mais!" Ou isto ou a morte.

MOWBRAY — A sentença é terrível, soberano senhor. Eu não contava que da boca de Vossa Majestade ela me viesse. Dádiva mais valiosa, não tão grave mutilação como me ver lançado na infinda vastidão que a todos cabe, das mãos de Vossa Alteza eu merecera. A língua que durante quarenta anos eu aprendi, o inglês nativo, devo-a doravante esquecer. Vai ela, agora, ser para mim como viola ou harpa sem cordas, ou qualquer fino instrumento sempre no estojo, ou, quando fora dele, posto em mãos que de todo o jeito ignoram de tirar dele acordes harmoniosos. Em minha boca a língua me prendestes, trancando-a duplamente com a barreira dos dentes e dos lábios e deixando que a estúpida Ignorância, bronca e estéril, como meu carcereiro, de mim cuide. Sou muito velho para adular ama, muito avançado em anos para aluno voltar a ser. O que é, pois, a sentença cominada, senão a morte muda, que me tira da língua toda a ajuda?

REI RICARDO — Por que do teu sofrer fazer alarde? Para lamentações é muito tarde.

MOWBRAY — Então vou procurar onde me acoite: na treva espessa da infinita noite.

(*Faz menção de retirar-se.*)

REI RICARDO — Espera mais um pouco e faze um voto: ponde as banidas mãos na real espada que aqui tendes, e pela obediência que ao céu deveis — convosco nós banimos a porção que era nossa — prometei-nos cumprir a jura que ora formulamos: Que jamais — a verdade e Deus vos guiem! — vos ligareis no exílio pelos laços da amizade, nem nunca face a face vos vereis; que não há de haver entre ambos troca de cumprimentos ou de cartas, que não atenuareis a tempestade desses ódios domésticos e nunca vos vereis de pensado, ou seja para tramar, ou para maquinar alguma coisa contra nós próprios, nosso Estado, qualquer vassalo nosso ou nossa terra.

BOLINGBROKE — Juro.

MOWBRAY — Eu, também, juro cumprir tudo isto.

BOLINGBROKE — Norfolk, como entre inimigos se permite: a esta hora, se tivesse o rei querido, uma de nossas almas vaguearia pelo ar, banida do sepulcro frágil da nossa carne, como nossa carne banida agora se acha da Inglaterra. Confessa-te traidor, pois, antes de ires do reino. Já que partes para longe, não carregues por todo o mundo o fardo, tão pesado, de uma alma criminosa.

MOWBRAY — Não, Bolingbroke; se traidor eu fosse, quisera ver meu nome derriscado do livro da existência, e ser banido do céu, como da pátria. Mas o que és, só Deus, tu e eu sabemos. Mas suspeito de que cedo o rei venha a arrepender-se. Adeus, meu rei; é minha toda a terra, salva a estrada que vier ter à Inglaterra.

(*Sai.*)

REI RICARDO — Tio, no espelho desses olhos vejo que o coração te sangra. O triste aspecto conseguiu apagar quatro dos anos do exílio.

(*A Bolingbroke*) — Decorridos seis invernos, tragam-te a este país ventos galernos.

BOLINGBROKE — Que tempo enorme uma palavra encerra! Fala um monarca: quatro invernos frios ele respira e alegres quatro estios!

GAUNT — Agradeço ao meu rei ter encurtado, por consideração a mim, quatro anos do exílio de meu filho. Mas é mínima a vantagem que eu possa auferir disso. Porque antes de mudarem os seis anos do exílio de meu filho as suas luas e o curso completarem, minha lâmpada sem óleo, minha luz quase apagada, os anos as farão mergulhar cedo numa noite infinita. O meu pequeno pavio vai perder, em pouco, o brilho, sem que eu possa rever meu caro filho.

REI RICARDO — Tio, ainda contas com uma longa vida.

GAUNT — Não, porém, com uma hora mal sofrida que um rei me possa dar. Sim, poderias deixar mais curtos meus tristonhos dias, roubar-me longas noites de veladas, mas dar não podes róseas alvoradas. Ajudarás o tempo em seu trabalho de abrir sulcos em mim; mas será falho qualquer intento de deter o passo das lentas rugas em tão pouco espaço. Podes matar-me, sim, ninguém duvida; mas, morto eu, nem teu reino me dá vida.

REI RICARDO — Teu filho foi banido após conselho demorado, em que tua língua teve parte no veredicto. Por que causa procurar rebaixar nossa justiça?

GAUNT — Quanto a gula insaciável mais cobiça, mais nos pesa no estômago. Mandaste que eu fosse juiz direito num contraste com minhas emoções; eu preferira que falar me deixasses sem mentira, na posição de pai. Mais indulgente me teria mostrado, se na frente um estranho tivesse, não meu filho. Porque a suspeita não manchasse o brilho do meu nome, com a pecha de parcial, fui parte em minha pena capital. Esperei que um de vós me reprochasse tanto rigor e me dissesse em face que eu muito exagerava por ter sido fautor de meu destino dolorido. Consentistes, assim, que minha língua venha a ser causa de eu morrer à míngua.

REI RICARDO — Adeus, primo; repete-lhe, bom tio, que o exílio é de seis anos; seis, a fio.

(*Toque de clarins; saí o rei Ricardo com seu séquito.*)

AUMERLE — Adeus, primo; do exílio, por escrito, direis o mais que houver para ser dito.

MARECHAL — Não me despedirei, é só o que eu falo; até à fronteira iremos a cavalo.

GAUNT — Por que amealhas, assim, tuas palavras, não dando uma resposta aos teus amigos?

BOLINGBROKE — De muito poucas eu disponho agora para me despedir, quando devera pródiga ser a língua em seu ofício, para exprimir a dor que me angustia.

GAUNT — Tua dor é só ausência de algum tempo.

BOLINGBROKE — Sem alegria, é dor todo esse tempo.

GAUNT — Seis invernos que são? Passam depressa.

BOLINGBROKE — Para quem é feliz; mas a tristeza transforma uma hora em dez.

GAUNT — Pensa que te achas viajando por vontade e com proveito.

BOLINGBROKE — A esse nome de viagem suspirara-me o coração, por oprimi-lo a angústia da peregrinação forçada e longa.

GAUNT — Imagina que o círculo sombrio de teus cansados passos seja apenas o caixilho em que tens de pôr a jóia preciosa de tua volta para a pátria.

BOLINGBROKE — Não; cada trecho que eu andar, tedioso, lembrado me fará da porção grande do mundo que me afasta dessa jóia. Terei de entrar em longo aprendizado no estrangeiro, somente para, ao cabo do meu exílio, vir a vangloriar-me de que fui operário do infortúnio?

GAUNT — Qualquer lugar que o olho do céu visita, para o sábio é feliz enseada e porto de salvamento. Ensinar deves tua necessidade a assim julgar as coisas. Não há melhor virtude do que a própria necessidade. Pensa que não foste banido pelo rei, mas que, ao contrário, tu és o que o baniste. O sofrimento pesa mais onde observa que é levado com mais dificuldade. Ora imagina que eu te enviei para buscares honras, não que o rei te exilou. Supõe, ainda, que em nosso ar voraz peste ora se encontra, razão de procurares outros climas. Deves pensar que o que à alma te for caro se acha no ponto de chegada, nunca no lugar de onde vieste; considera músicos os canoros passarinhos, a grama em que pisares, lindo junco, belas mulheres quantas flores vires e teus passos não mais do que a cadência deliciosa da dança. Que a tristeza rosnadora com menos força morde quem com ela se põe menos acorde.

BOLINGBROKE — Oh! Quem nas mãos sustentaria fogo, imaginando ser o frio Cáucaso? Ou embotara a ponta do apetite, pensando apenas em manjares finos? Ou, nu, passeara as neves de dezembro, evocando fantásticos calores? Não! A imaginação do que é agradável torna mais doloroso o sentimento do que nos causa dor. Nunca destila tanto veneno o dente da tristeza como quando não mata logo a presa.

GAUNT — Quero mostrar-te, filho, o teu caminho: se eu fosse a ti, deixara o pátrio ninho.

BOLINGBROKE — Seja assim; adeus, solo da Inglaterra; querida terra, minha mãe, minha ama que me nutres ainda, adeus! Eu parto e, ufano, mostrar-me-ei ao mundo inteiro, sempre inglês, muito embora no estrangeiro.

(*Saem.*)

Cena 4

Londres. Um quarto no castelo real. Entram o rei Ricardo, Bagot e Green, por uma porta; Aumerle por outra.

REI RICARDO — Notamos, sim... Aumerle, até que ponto do caminho levaste o alto Hereford?

AUMERLE — Levei o alto Hereford, se vos agrada dar-lhe esse nome, até à estrada próxima, onde o deixei.

REI RICARDO — E à despedida. quantas lágrimas derramaste?

AUMERLE — Ora, nenhuma, ou, antes, o noroeste que soprava contra nós com violência e, desse modo, me endefluxou, fez que, por mero acaso, caísse em nossa fria despedida a graça de uma lágrima.

REI RICARDO — E que disse nosso primo no instante em que o deixaste?

AUMERLE — "Adeus." E como o coração não me deixasse profanar esse termo, arranjei forças para que o abatimento simulasse tanta dor, que as palavras pareciam sepultadas na tumba da tristeza. Com a breca! Se a palavra "Adeus" as horas alongasse e bastantes anos desse a esse pequeno exílio, ele teria recebido de mim muitos volumes de adeuses. Mas não tendo a faculdade de assim fazer, não recebeu nenhum.

REI RICARDO — E nosso primo, primo; mas chegado que seja o fim do exílio, é duvidoso que o parente a rever volte os amigos. Nós próprio, Green aqui, Bagot e Bushy observamos como ele costumava bajular o povinho, parecendo mergulhar-lhe no peito com saudares de cortesia familiar e humilde; como ele prostituía reverências com escravos, ganhando os operários a poder de sorrisos e fingindo paciente suportar o triste fado, como se para o exílio carregasse a afeição deles todos. Pois se o gorro tirou para uma vendedora de ostras! Dois carroceiros lhe gritaram: "Possa Deus vos servir de guia!" Ao que o tributo receberam de seus maleáveis joelhos com "Meus compatriotas! Agradeço-vos de todo o coração, caros amigos!" como se por herança ele tivesse recebido a Inglaterra e da esperança dos meus súditos fosse o degrau próximo.

GREEN — Bem, mas já foi e com ele, esses cuidados. Urge pensar na rebelião da Irlanda. Medidas prontas devem ser tomadas, meu soberano, antes que mais descanso lhe propicie recursos que redundem em prejuízo de Vossa Majestade.

REI RICARDO — Iremos em pessoa a essa campanha. E já que nossos cofres, com tão grande corte e tantas larguezas, se tornaram leves demais, seremos obrigados a penhorar nosso

real domínio. Servirá essa renda para os gastos do negócio imediato. Se for pouco, nossos representantes aqui dentro receberão letras em branco para fazer que grandes somas de ouro assinem as pessoas de haveres, o que logo nos enviarão para suprirmos nossas necessidades. Sim, que sem delongas embarcar pretendemos para a Irlanda.

(*Entra Bushy.*)

Bushy, que novidade?

BUSHY — O velho João de Gaunt está de cama, milorde, muito mal. Foi repentino. Mandou recado urgente porque Vossa Majestade lhe faça uma visita.

REI RICARDO — Onde se acha?

BUSHY — Em Ely House.

REI RICARDO — Deus, sugere a seu médico que o ajude a baixar, sem demora, para o túmulo! O forro de suas arcas vai servir-nos para enroupar os homens que levarmos para as guerras da Irlanda. Gentis-homens, vinde comigo! Vamos visitá-lo. Ainda que no caminho não paremos, Deus queira que cheguemos muito tarde.

TODOS — Amém.

(*Saem.*)

Ato 2

Cena 1

Londres. Um quarto em Ely House. Gaunt, no leito; junto dele, o duque de York e outros.

GAUNT — Dizei-me: o rei não vem? No último alento quero conselhos ministrar à sua mocidade inconstante.

YORK — Não seja isso causa de vos ralar, porque os conselhos nem de leve lhe tocam os ouvidos.

GAUNT — Sim, mas dizem que a fala dos que se acham no transe de morrer a atenção força qual profunda harmonia. Quando poucas são as palavras, raramente ficam desperdiçadas. Quem respira a custo, só respira a verdade, é sempre justo. Mais a atenção nos prende o moribundo do que o jovem estúrdio e tresloucado; o fim nos fere mais do que o jucundo passatempo da vida. O fatigado pôr do sol, como o fim das harmonias e as últimas porções das iguarias com mais força nos ficam na memória do que as coisas de fama transitória. Espero que Ricardo ora me atenda, que a voz da morte é sempre reverenda.

YORK — Não, que tem os ouvidos entupidos por sons aduladores: elogios ao seu governo, esses lascivos versos de ritmo venenoso, que não deixa de nas ouças calar da mocidade; as modas da vaidosa e altiva Itália, cujos costumes nosso povo tardo macaqueia, coxeando-lhe no encalço com vil imitação. Quando no mundo surgiu qualquer frivolidade — mesmo que seja desprezível, pouco importa — que depressa aos ouvidos não lhe viessem sussurrar? Os conselhos sempre chegam retardados, se se acham desacordes a vontade e a razão. Servir não queiras de guia a quem despreza o auxílio alheio; vais esgotar o alento em vão torneio.

GAUNT — Qual profeta inspirado ora eu me sinto. Eis o que, na hora extrema, a seu respeito vou predizer: durar não pode a sua chama impetuosa de dissipação, porque o fogo violento se consome depressa. As chuvas finas duram muito, mas são curtas as grandes tempestades. Quem faz imoderado uso da espora, termina por matar a montaria; quem come com sofreguidão, acaba por se asfixiar com os próprios alimentos. A vaidade falaz, corvo insaciável, após consumir tudo, se devora. Este real trono, esta ilha coroada, este solo de altiva majestade, esta sede de Marte, este novo Éden, este meio paraíso, fortaleza que a Natureza para si construiu contra as doenças e os braços invasores; esta raça feliz, mundo pequeno, esta pedra preciosa, colocada num mar de prata que lhe faz as vezes de muro intransponível ou de fosso que lhe defende a casa contra a inveja das terras menos fartas; este solo bendito, este torrão, esta Inglaterra, esta ama, esta matriz, sempre fecunda, de grandes reis, famosos pela origem, temidos pelo braço, celebrados por seus feitos em prol da cristandade e da cavalaria — tão

distante desta pátria, quão longe, entre os judeus teimosos o sepulcro se levanta do Salvador do mundo, o santo filho de Maria; esta terra de almas caras, este país caríssimo, querido pela reputação de que se goza no mundo, agora se acha hipotecado — só de dizê-lo, morro! — como casa particular ou herdade abandonada: a Inglaterra, que o mar triunfante cinge, cujas costas de pedra inutilizam os assaltos da inveja do marinho Netuno, de ignomínia está coberta, pelos apodrecidos pergaminhos dos contratos e manchas de escrituras: esta pátria querida, esta Inglaterra que terras outras conquistava, agora fez a triste conquista de si mesma. Ah! se possível fosse que esse escândalo com minha vida desaparecesse, feliz seria a morte que me adviesse.

(*Entram o rei Ricardo, a rainha, Aumerle, Bushy, Green, Bagot, Ross e Willoughby.*)

YORK — O rei chegou; poupai-lhe a mocidade, que os potros ardorosos, ao se verem espicaçados, mais furiosos ficam.

RAINHA — Como é que vai passando o nosso nobre tio Lencastre?

REI RICARDO — Então, homem, que é isso? Que foi que aconteceu com o idoso Gaunt?

GAUNT — Como diz esse nome com o meu todo! Gaunt, de fato; e guante, por ser velho, só pele em cima de ossos. A tristeza dentro de mim passa um jejum forçado. Quem fica sem comer, e não acaba como pele de guante? Fiz vigílias longas pela Inglaterra adormecida; as vigílias produzem só magreza, e a magreza é só pele. Fiquei sempre jejuno do que os pais tanto se alegram: a vista de meus filhos. Desse modo, à força de jejuar, tu me deixaste reduzido a este estado: ossos e pele. Pele de guante eu sou para o sepulcro, vazio como um túmulo, cujo oco vai receber de mim tão-somente ossos.

REI RICARDO — Podem doentes fazer tais trocadilhos com o próprio nome?

GAUNT — Não; mas a miséria folga em ser escarninha de si própria. Já que o meu nome em mim matas desta arte, rio-me dele — ó rei! — para adular-te.

REI RICARDO — Adulam moribundos aos que vivem?

GAUNT — Não, os vivos adulam os que morrem.

REI RICARDO — Estou vivo e me adulas: é patente.

GAUNT — Não; tu morres, embora eu seja o doente.

REI RICARDO — Estou forte, respiro; tu definhas.

GAUNT — Deus, que me fez, me diz que de mezinhas tu precisas e que já te avizinhas, como eu, do fim da vida. Tens por leito de morte a própria pátria, onde agoniza tua reputação. E tu, por seres um doente negligente, o ungido corpo aos cuidados confiaste dos que tantas feridas te causaram: os milhares de aduladores que se abrigam dentro da coroa, cujo âmbito, contudo, se mede apenas pela tua cabeça. Mas, com ser tão pequeno o ninho deles, estende-se a devastação por toda tua terra. Ah! se teu avô pudesse ter sabido que o filho de seu filho viria a ser a ruína de seus filhos, longe de ti ele teria posto tua grande desonra e te haveria deposto antes de seres empossado na posse que depor te ameaça agora. Sim, primo, embora fosses rei

do mundo, seria vergonhoso hipotecares este país. Cingindo-se o teu mundo a ele somente, é mais do que vergonha desonrá-lo a esse ponto. És o intendente da Inglaterra, tão-só, não seu monarca. O Estado soberano à lei se curva; mas tu...

REI RICARDO — ... és um lunático sem miolo, que te vales da febre, como se ela te concedesse privilégio para com teus glaciais conselhos nos deixares pálido o rosto, o sangue real tocando, colérico, de sua residência natural. Pois pela alta majestade do meu trono, se acaso tu não fosses irmão do filho do magnífico Eduardo, essa língua que rolas na cabeça com tal desembaraço, te faria também rolar dos ombros a cabeça.

GAUNT — Filho do mano Eduardo, não me poupes por eu ser filho de seu pai Eduardo. Já fizeste correr a jorros este sangue, tal como o pelicano, e nele te embriagaste. Meu mano Gloster, alma simples e boa — possas entre as almas gozar no céu da bem-aventurança! — constitui precedente eloqüentíssimo, que a todos mostra como não te corres de derramar o sangue de Eduardo. Alia-te aos achaques que me abatem presentemente, e o teu furor transforma na foice curva que de um golpe apare esta fanada flor. Vive na infâmia, mas que a infâmia não morra juntamente contigo. Que te sirvam de carrasco minhas palavras. Conduzi-me logo para o leito; depois, para o sepulcro.

(*Sai, carregado pelos criados.*)

REI RICARDO — E morra quem for velho e rabugento; o túmulo já está de ti sedento.

YORK — Eu peço, instante, a Vossa Majestade que impute essas palavras à velhice e à doença caprichosa. Ele vos ama, por minha vida, tão ardentemente como Hereford, se aqui fosse presente.

REI RICARDO — Como o deles é o meu amor, também. Lesado, assim, não ficará ninguém.

(*Entra Northumberland.*)

NORTHUMBERLAND — Meu nobre suserano, o velho Gaunt se recomenda a Vossa Majestade.

REI RICARDO — Que disse ele?

NORTHUMBERLAND — Já disse o que restava para ser dito. Tal como instrumento sem corda, tem a língua. O pensamento já se lhe foi, palavras, vida, tudo, reduzindo Lencastre a um corpo mudo.

YORK — Possa ser York o próximo a sofrer falência igual e, em paz, adormecer.

REI RICARDO — No tempo certo a fruta cai, madura. E lei geral; a vida humana dura para uns curta; para outros, longa. Ao termo da peregrinação ele chegara; nós ainda estamos longe. Mas, sobre isso basta. Agora falemos da campanha da Irlanda. E necessário dominarmos esses quernes selvagens de cabelos em desalinho, que prosperam como veneno onde veneno algum se encontra senão eles, que têm o privilégio de viver. É de vulto o empreendimento, mas impõe-nos despesas excessivas. Em vista disso, nós nos apossamos da prataria, do dinheiro e rendas, acrescidas de todos os bens móveis pertencentes ao nosso tio Gaunt.

YORK — Até quando terei de ser paciente? Até quando o respeito reverente me fará suportar tantas violências? Nem a morte de Gloster, nem o exílio de Hereford, os insultos dirigidos a Gaunt, nem as queixas intestinas da Inglaterra, os motivos que frustraram o casamento ao pobre Bolingbroke, nem as minhas desgraças conseguiram perturbar-me a paciente compostura, ou o semblante vincar-me, quando em frente do meu senhor. Eu sou o último filho do nobre Eduardo, cujo primogênito foi teu bom pai, o príncipe de Gales. Nunca se viu tão bravo leão na guerra, nem cordeiro, na paz, mais delicado do que esse real e jovem gentil-homem. Pareces-te com ele, que essas mesmas feições ele mostrava, quando o número de teus anos havia completado. Mas se o cenho fechava, era somente para os franceses, não para os amigos. Sua mão nobre conquistava quanto viesse ele a gastar, mas não gastava quanto seu pai triunfante houvesse ganho. Suas mãos não ficaram maculadas com o sangue dos parentes, mas vermelhas, tão-só, com o dos inimigos da família. Oh Ricardo! A tristeza fez que York fosse longe demais. A não ser isso, jamais teria feito esse confronto.

REI RICARDO — Ora, tio; que é que há?

YORK — Meu soberano, perdoai-me se o quiserdes; do contrário, resignar-me-ei por não me ver perdoado. Como! E vossa intenção vos apossardes dos bens e dos direitos soberanos do banido Hereford? Não morreu Gaunt? Não vive, ainda, Hereford? Não era honesto Gaunt, assim como leal sempre foi Harry? Herdeiro não merece ter aquele? Não é um filho digno o seu herdeiro? Espoliar Hereford de seus direitos eqüivale a tomar do tempo as cartas de privilégio e o seu direito usual. Desse modo impedis que o dia de hoje tenha por sucessor o de amanhã. Por que sois rei, senão por descendência legal e sucessão? Digo, portanto, diante de Deus — não queira Ele que seja verdade quanto eu falo! — se espoliardes, sem razão, Hereford de seus direitos, e não quiserdes receber as cartas patentes com que o seu representante reclamar sua posse e vassalagem, sobre vós mesmo chamareis milhares de perigos, vireis a perder muitos corações afetuosos, obrigando minha terna paciência a pensar coisas que a honra e a obediência me proíbem.

REI RICARDO — O certo é que seus bens e sua prata passarão a ser nossos nesta data.

YORK — Não verei isso; meu senhor, adeus. As conseqüências, só as conhece Deus; mas de ruins princípios, é sabido, jamais bons resultados têm saído.

(*Sai.*)

REI RICARDO — Bushy, vai logo procurar o conde de Wiltshire e dize-lhe que venha ver-nos em Ely House para vermos isso. Amanhã partiremos para a Irlanda, o que não é sem tempo, e nomeamos, em nossa ausência, o nosso tio York governador do reino. É leal, e sempre nos foi muito afeiçoado. Vinde, minha rainha; é inevitável separarmo-nos. Não fiqueis triste, que é por pouco tempo.

(*Clarins.*)

(*Saem o rei, a rainha, Bushy, Aumerle, Green e Bagot.*)

NORTHUMBERLAND — Lordes, morreu o duque de Lencastre.

ROSS — Não, vive ainda, que o seu filho é duque.

WILLOUGHBY — Tem o título, apenas, não a renda.

NORTHUMBERLAND — É rico de ambos, se ainda houver justiça.

ROSS — Sinto repleto o coração e a ponto de arrebentar, se do pesado fardo eu não o aliviar, falando às claras.

NORTHUMBERLAND — Expõe sem restrições teu pensamento; e que mudo se torne para sempre quem dano te causar, ao repeti-lo.

WILLOUGHBY — Quanto queres dizer-nos se refere ao duque de Hereford? Se for o caso, não te embarace o medo; presto ouvidos a tudo quanto seja em seu proveito.

ROSS — Não se trata de bem nenhum que eu possa proporcionar-lhe, a menos que tal nome dês ao fato de eu ter dele piedade por o ver esbulhado de sua herança.

NORTHUMBERLAND — E vergonhoso que essas injustiças se pratiquem com um príncipe de sangue e com outros mais de nobre nascimento nesta terra a tal ponto decadente. O rei mudou demais; guiado se acha por vis aduladores. Tudo o que estes lhe alvitram contra nós, movidos de ódio, põe em prática o rei, severamente, contra nossa fazenda, a vida e os filhos.

ROSS — Sobrecarrega o povo com pesados impostos, o que a todos dele afasta; multou, por questões velhas, muitos nobres, o que todos, também, afasta dele.

WILLOUGHBY — Todos os dias surgem novas taxas, como letras em branco, dons gratuitos e coisas desse gênero. Dizei-me, por Deus, que nos virá de tais processos?

NORTHUMBERLAND — A ruína geral não vem de guerras, que ainda o rei não declarou nenhuma. O que fez foi, em pactos vergonhosos, entregar quanto os seus antepassados haviam conseguido em campo aberto. Muito mais caro a paz lhe tem custado do que as grandes empresas deles todos.

ROSS — O reino se acha hipotecado ao conde de Wiltshire.

WILLOUGHBY — O rei faliu, qual negociante que fosse à bancarrota.

NORTHUMBERLAND — O opróbrio e a ruína pendem sobre ele.

ROSS — Meios não teria para a guerra da Irlanda, não obstante seus pesados impostos, se não fosse roubar a herança do exilado duque.

NORTHUMBERLAND — Seu digno primo. Oh, que monarca abjeto! Mas, senhores, o certo é que escutamos roncar a tempestade ameaçadora sem que tratemos de buscar abrigo que da procela resguardar nos venha. Vemos forçar os ventos nossas velas e, sem nos decidirmos a amainá-las, perecemos incautos e confiantes.

ROSS — Temos diante dos olhos o naufrágio que é força padecermos; o perigo tornou-se inevitável, porque todos concordamos com as causas do desastre.

NORTHUMBERLAND — Não é assim. Percebo que até mesmo das órbitas da morte a vida espia, mas não ouso dizer quanto está próxima a notícia que implica salvamento.

WILLOUGHBY — Dize o que pensas, como já o fizemos.

ROSS — Northumberland, sê franco em teu discurso. Nós três não somos mais do que tu próprio; será só pensamento o que disseres. Reveste-te, portanto, de coragem.

NORTHUMBERLAND — Eis o que soube, então, de Port le Blanc, baía da Bretanha: Harry Hereford, lorde Reinaldo Cobham, que de pouco rompeu com o duque de Exeter, seu mano que já foi arcebispo de Cantuária, sir Tomás Erpingham, sir Roberto Waterton, sir John Ramston, sir John Norbery e, ainda, Francisco Quoint, armados pelo duque da Bretanha, com oito altos navios e três mil homens prontos para a guerra, vêm vindo para cá com toda a pressa, calculando saltar dentro de pouco na nossa praia norte. Já podiam estar aqui muito antes, mas aguardam tão-somente que o rei vá para a Irlanda. Se sacudir quisermos, pois, o jugo, pôr novas penas na asa fraturada do país sucumbido, da hipoteca vergonhosa livrar logo a coroa, tirar o pó que o ouro do cetro encobre e restituir a forma à majestade, sigamos logo para Ravenspurgh. Mas se medo vos causa esse caminho, guardai reserva, que eu irei sozinho.

ROSS — De que ter medo? O meu corcel ligeiro!

WILLOUGHBY — Se o meu for bom, eu chegarei primeiro.

(*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Um quarto no palácio. Entram a rainha, Bushy e Bagot.

BUSHY — Senhora, Vossa Majestade se acha muito triste. Lembrai-vos da promessa, quando vos despedistes do monarca, de vos desvencilhar do abatimento prejudicial e de assumir alegre disposição.

RAINHA — É certo; mas só o disse para agradar ao rei, que, por mim mesma, não me fora possível. No entretanto, não sei qual o motivo por que deva, como a hóspede, acolher o pesadume, senão por ter-me despedido de hóspede tão suave como o meu doce Ricardo. Às vezes me parece ver chegar-se-me tristeza inexplicável, sazonada no ventre da Fortuna; por coisinhas minha alma se apavora, revelando maior sofrer do que o que lhe viria da despedida do meu rei e marido.

BUSHY — A essência da tristeza emite vinte sombras que com a tristeza se parecem, sem que o sejam, contudo, porque os olhos do desgosto, cegados pelas lágrimas, dividem cada corpo em mil objetos. Como se dá com os quadros que, mirados de frente, não revelam coisa alguma, mas permitem, de viés, ver a pintura: do mesmo modo Vossa Majestade, considerando de viés a ausência de vosso esposo, vê formas de agruras mais para lastimar do que ele próprio, as quais, vistas de frente, se revelam como sombras, tão-só, de coisa alguma. Não choreis, pois, graciosa soberana, mais do que a ausência dele, que só vedes isso, tão-só. Mas se outras coisas virdes, por acaso, é certeza estardes vendo pelos olhos da dor que, de ordinário, chora apenas o fato imaginário.

RAINHA — É possível, embora me convença do contrário o imo peito. Esteja tudo como devera estar, deixar não posso de revelar-me triste e, de tal modo, que, se em nada eu pensar, o pensamento desse nada me tira, quase, o alento.

BUSHY — Pura imaginação, graciosa dama.

RAINHA — Não; a imaginação sempre é gerada por tristeza anterior. Mas no meu caso tal não se dá. Ou nada foi a causa da angústia que me oprime, ou alguma coisa gerou o nada que me deixou triste. Minha dor me pertence de direito. O que ela seja, ninguém sabe ainda; é dor sem nome, creio, que não finda.

(*Entra Green.*)

GREEN — Deus guarde Vossa Majestade! Caros lordes, bom dia. Espero que o monarca não tenha ainda partido para a Irlanda.

RAINHA — Por que o esperas? Melhor fora esperares que já houvesse partido. Seus

projetos exigem toda pressa, e a pressa é origem de grandes esperanças. Por que esperas que não houvesse ainda ele embarcado?

GREEN — Porque nossa esperança, ele, suas forças deter pudesse e reduzisse ao máximo desespero a esperança de um inimigo que acaba de firmar-se em nosso solo: Bolingbroke, o banido, a si chamou-se do exílio e acaba de chegar, com forças, em Ravenspurgh.

RAINHA — Oh! Deus não o permita!

GREEN — Infelizmente é certo, majestade. Mas o pior é ter-se-lhe juntado lorde Northumberland, seu filho Henrique Percy, lordes de Ross, Beaumond e Willoughby com todos seus amigos influentes.

BUSHY — Por que razão não proclamastes lorde Northumberland traidor e toda a malta de revoltosos?

GREEN — Fi-lo; e à vista disso, o bastão de intendente o conde de Worcester quebrou, abandonando logo o cargo, depois do que se foi, com os que se achavam no palácio, juntar a Bolingbroke.

RAINHA — Desta arte, Green, serviste-me no parto de minha mágoa, sendo Bolingbroke o produto horroroso. E ora que ao monstro já deu à luz minha alma, como exausta parturiente eu me encontro, acrescentando dor sobre dor e angústia sobre angústia.

BUSHY — Não percais a esperança, Majestade.

RAINHA — Quem mo impede? Desejo o desespero; quero ser inimiga da esperança falaz: é aduladora e parasita; retarda a morte, brandamente os liames desata da existência com fingidas esperanças que a luta lhe prolongam.

(*Entra York.*)

GREEN — Aí vem o duque de York.

RAINHA — Traz nas velhas espáduas sinais certos de guerra; o olhar traduz negócios graves. Tio, por Deus, insinuai conforto.

YORK — Se o fizesse, enganara-me a mim próprio. O conforto é do céu; somos da terra, onde só se acham cruzes e tristezas, desespero e cuidados. Vosso esposo partiu para salvar o reino longe; mas aqui mesmo outros perder o fazem. Fiquei para servir de esteio ao reino; mas a idade e a fraqueza não permitem que a mim mesmo eu sustente. Eis chegada a hora doentia que se segue a todo excesso. Agora o rei terá de pôr à prova quantos amigos o adulavam antes.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Vosso filho, senhor, tinha partido antes de eu lá chegar.

YORK — Tinha ido embora? É assim? Que tudo, então, tome o caminho que entender. Já fugiu toda a nobreza; frio se mostra o povo, parecendo-me que ficará do lado de Hereford. Vem cá, maroto; vai depressa a Plashy; dize à minha irmã Gloster que me envie, sem demora, mil libras. Um momento: toma este anel.

CRIADO — Milorde, eu me esquecera de vos comunicar que, de passagem, eu cheguei até lá. Mas tenho medo de vos aborrecer contando o resto.

YORK — Que foi que houve, rapaz?

CRIADO — Falecera a duquesa, havia uma hora.

YORK — Deus nos ampare! Que ondas de infortúnios se vêm quebrar, a um tempo, nesta terra desgraçada! Não sei mais o que faça. Prouvera a Deus — assim tivesse sido possível irritá-lo sem valer-me de falsidade — sim, prouvera a Deus que o rei houvesse decepado a minha cabeça juntamente com a do mano. Até agora não foram enviados correios para a Irlanda? Como obtermos recursos para a guerra? Vinde, mana — prima, quero dizer; peço desculpas. — Rapaz, vai até casa, arranja uns carros e traze as armaduras que encontrares.

(*Sai o criado.*)

Aliciareis soldados, meus senhores? Se eu souber a maneira de pôr ordem nestes assuntos que em desordem vieram ter-me às mãos, não me deis mais nenhum crédito. Ambos são meus parentes. Ao monarca me obriga a defender o juramento, como o próprio dever; o outro é sobrinho, que o rei prejudicou por modo injusto, cujos direitos a consciência e os laços de parentesco mandam que eu defenda. Preciso fazer algo. Vinde, prima; vou vos pôr em lugar de menos risco. Senhores, chamai logo os vossos homens; depois nos reuniremos no castelo de Berkeley. A Plashy é necessário, também, que eu vá... Não há tempo de nada. Que má sorte! Todo o mundo carece de suporte.

(*Saem York e a rainha.*)

BUSHY — Os ventos são propícios para enviarmos notícias para a Irlanda, mas nenhuma de lá nos mandam. Aliciar soldados em proporção igual à dos inimigos, é de todo impossível.

GREEN — Além do mais, o termos nosso posto junto do amor do rei, nos deixa próximos do ódio dos que o não amam.

BAGOT — Sim, do povo sempre mudável, cujo amor se mede pelo estado da bolsa: o esvaziá-la enche-lhe o coração de mortal ódio.

BUSHY — Então por todos está o rei julgado.

BAGOT — Se do povo depende o julgamento, condenados estamos, visto termos sempre ficado ao lado do monarca.

GREEN — Vou, já já, refugiar-me no castelo de Bristol; para lá já foi o conde de Wiltshire.

BUSHY — Irei convosco. Pouco obséquio nos poderá prestar o povo odiento, senão, como lebréus, espostejar-nos. Acompanhais-nos?

BAGOT — Não; vou para a Irlanda, para onde Sua Majestade se acha. Adeus; se o coração fala a verdade, despedimo-nos para a eternidade.

BUSHY — A menos que York expulse Bolingbroke.

GREEN — Pobre duque! A tarefa que lhe coube eqüivale a contar a areia infinda, ou a beber todo o mar. Por um soldado que o defenda, mil vão para o outro lado. Adeus, pois, para sempre.

BUSHY — Ainda é possível que nos vejamos.

BAGOT — Não; jamais. É incrível!

(*Saem.*)

Cena 3

Nas florestas de Gloucestershire. Entram Bolingbroke e Northumberland, com forças.

BOLINGBROKE — Milorde, a que distância fica Berkeley?

NORTHUMBERLAND — Nobre lorde, asseguro-vos, sou estrangeiro aqui em Gloucestershire. Estes caminhos rudes e as colinas selvagens e altas nossas milhas deixam mais longas e a fadiga nos apressam. Vossa prosa agradável, no entretanto, fez o papel de açúcar, de tal modo que ficou doce o amargo da jornada. Por isso mesmo penso nas canseiras que hão de ter padecido Ross e Willoughby de Ravenspurgh até Cotswold, privados de vossa companhia, que, repito, atenuou muito a insipidez da viagem. Mas a deles, também, se acha atenuada pela esperança de gozarem logo da vantagem de que ora eu me enalteço. A esperança de um bem é pouco menos do que o bem alcançado. Por tudo isso, aos fatigados lordes há de a estrada parecer curta, como curta a achei, por possuir vossa nobre companhia.

BOLINGBROKE — Vale menos a minha companhia do que essas delicadas expressões. Mas quem vem lá?

(*Entra Henrique Percy.*)

NORTHUMBERLAND — Meu filho Henrique Percy, mandado, não sei de onde, com recado do mano de Worcester. Henrique, como passa o vosso tio?

HENRIQUE PERCY — Esperava, senhor, que me dissésseis como ia ele passando.

NORTHUMBERLAND — Como! Acaso não se acha com a rainha?

HENRIQUE PERCY — Não, milorde; abandonou a corte, após a vara de comando quebrar e ter a casa dispersado do rei.

NORTHUMBERLAND — E a razão disso? Na última vez que conversamos, ele não pensava em tal coisa.

HENRIQUE PERCY — Por ter sido proclamado traidor Vossa Grandeza. Foi para Ravenspurgh, milorde, pôr-se a serviço do duque de Hereford; a Berkeley me enviou para que eu visse com quantos homens conta o duque de York. As minhas instruções mandam que eu volte, depois, a Ravenspurgh.

NORTHUMBERLAND — Já te esqueceste do duque de Hereford? Que é isso, Henrique?

HENRIQUE PERCY — Não, meu senhor; que me esquecer não posso do que não me lembrou jamais. Suponho, até, que nunca o vi em minha vida.

NORTHUMBERLAND — Então aprende a conhecê-lo agora: eis o duque.

HENRIQUE PERCY — Gracioso lorde, ponho às vossas ordens meu serviço, jovem embora e inexperiente, mas que os dias da idade hão de deixar maduro e forte para melhor serviço e maior mérito.

BOLINGBROKE — Gentil Percy, obrigado. Podes crer-me que nada tão feliz me deixa como possuir um coração que não se esquece de seus amigos. Caso a minha sorte cresça com teu afeto, a recompensa ela será de teu amor sincero. Faz o peito o contrato; a mão o sela.

NORTHUMBERLAND — Berkeley quanto dista? Que proveito de seus soldados tira o bom velho York?

HENRIQUE PERCY — O castelo se encontra além daquele grupo de árvores, forte de trezentos soldados, me disseram. Nele se acham os lordes de York, Berkeley e Seymour. Não sei que outros fidalgos lá se encontrem.

(*Entram Ross e Willoughby.*)

NORTHUMBERLAND — Ai vêm vindo lordes Ross e Willoughby com as esporas sangrentas e afogueados de tanta pressa.

BOLINGBROKE — Meus saudares a ambos, milordes. Sei que vosso amor procura somente um sublevado posto fora da lei. Minha riqueza, por enquanto, são agradecimentos que não pesam, mas que serão, depois de enriquecidos, a justa recompensa dessas vossas canseiras e de vosso amor sincero.

ROSS — Vossa presença nos faz ricos, muito nobre senhor.

WILLOUGHBY — E com excesso paga todo o esforço que o obtê-la nos custasse.

BOLINGBROKE — Obrigado, de novo. Esse é o tesouro dos pobres, que franqueado há de manter-se à liberalidade que me é própria, até crescer a minha infantil sorte. Mas quem vem vindo aí?

(*Entra Berkeley.*)

NORTHUMBERLAND — Milorde Berkeley, segundo penso.

BERKELEY — E para vós, milorde de Hereford, a mensagem que me trouxe a este lugar.

BOLINGBROKE — Só vos darei resposta como Lencastre, nome que eu procuro presentemente na Inglaterra e que hei de ouvir de vossa boca antes que possa retrucar qualquer coisa ao que disserdes.

BERKELEY — Senhor, não compreendais mal o que eu disse; não tencionava suprimir um título, ao menos, de Vossa Honra. Vim, milorde, lorde do que quiserdes, por mandado do gracioso regente desta terra, o duque de York, a fim de me dizerdes a causa que vos leva a aproveitar-vos do tempo ausente e a alvoroçar, desta arte, nossa nativa paz com armas de guerra.

(*Entra York, com séquito.*)

BOLINGBROKE — Não vos empregarei como correio do que eu disser. Vem vindo aí, em pessoa, Sua Graça. Meu muito nobre tio...

(*Ajoelha-se.*)

YORK — Mostra-me o coração humilde e franco, não esses joelhos de obediência falsa e enganadora.

BOLINGBROKE — Meu gracioso tio...

YORK — Nada disso! Não tenho graça alguma, nem sou tio de ninguém, muito menos de um traidor. Essa palavra "Graça" se abastarda em boca desgraciosa. Por que causa esses pés interditos e banidos a tocar se atreveram na poeira do solo inglês? Mas ainda há mais "Porquês": Por que motivo ousaram tantas milhas andar no seu pacífico regaço, as pálidas aldeias assustando com a guerra e a ostentação de armas mesquinhas? Vieste por estar longe o rei ungido? Insensato! O monarca está presente; neste leal peito o seu poder se encontra. Se eu dispusesse, ainda, da fogosa mocidade, tal como quando, ao lado de teu valente pai, o bravo Gaunt, libertamos aquele jovem Marte, que de príncipe Negro nós chamávamos, das filas de milhares de franceses, este braço que preso ora se encontra pela paralisia, sem demora te aplicara o castigo reclamado por tua falta.

BOLINGBROKE — Meu gracioso tio, revelai-me essa falta. Em que consiste?

YORK — É das mais graves: rebelião grosseira, traição abominanda. Estás banido; contudo, antes do prazo aqui te encontras em pé de guerra contra o rei legítimo.

BOLINGBROKE — Se banido eu me achava, fui banido como Hereford; mas vim, como Lencastre. Por isso, nobre tio, instantemente suplico a Vossa Graça ver com olhos imparciais meu caso: em vós eu vejo meu pai, o velho Gaunt redivivo. Permitireis, então, meu pai, que eu fique condenado a viver qual vagabundo e que as prerrogativas e os direitos do meu nome me sejam arrancados, para esbanjados serem por uns tantos perdulários mimosos do destino? Então, por que nasci? Se o rei meu primo for o rei da Inglaterra, é inevitável que duque de Lencastre eu também seja. Tendes um filho: Aumerle, meu parente muito prezado. Se morrido houvésseis primeiro e ele se visse espezinhado como eu agora, certo ele teria um pai achado no seu tio Gaunt que as injustiças lhe vingara e à malta imporia respeito. Estou proibido de reclamar aqui os privilégios que por cartas-patentes me couberam. Meu patrimônio todo foi vendido e, como os outros bens, mal empregado. Que desejais que eu faça? Sou um vassalo; apelo para a lei: negam-me juizes. Por isso ora eu reclamo pessoalmente a herança que me toca por direito.

NORTHUMBERLAND — Abusaram demais do nobre duque.

ROSS — Dependerá de Vossa Graça, apenas, justiça ora fazer-lhe.

WILLOUGHBY — Suas rendas enriqueceram muita gente baixa.

YORK — Milordes da Inglaterra, ora escutai-me: senti também as injustiças feitas contra meu primo e procurei saná-las quanto me foi possível. Mas com armas ameaçadoras vir, desta maneira, ele próprio cortar o seu pedaço, abrir caminho, assim, fazer justiça por meio injusto...

Não; não pode ser! E vós que fomentais a rebelião, encorajando-o, sois também rebeldes.

NORTHUMBERLAND — O nobre duque nos jurou que veio só para reclamar o seu direito. Por nosso lado, nós também juramos ajudá-lo na empresa. Que não tenha jamais prazer quem se tornar perjuro.

YORK — Bem, bem; já estou enxergando as verdadeiras intenções destas armas. Desfazê-las, não me é possível, força é confessá-lo, que o meu poder é fraco e me foi tudo deixado em condições mais que precárias. Mas se eu pudesse — pelo céu o juro! — vos deteria todos, obrigando-vos a implorar a clemência do monarca. Mas já que me é impossível, vos declaro que me conservo neutro. E agora, adeus, salvo se entrar quiserdes no castelo, para ai repousardes esta noite.

BOLINGBROKE — Oferta, meu bom tio, que aceitamos. Mas Vossa Graça tem de acompanhar-nos ao castelo de Bristol, que, segundo nos disseram, se encontra sob o mando de Bagot e de Bushy, com seus cúmplices, essas pragas nocivas à república que eu jurei extirpar e consumir.

YORK — E possível que eu vá: mas dai-me tempo, que violar não me agrada as leis do reino. Amigo ou inimigo, pouco importa: entrai. Em caso desses, não direi nem ai.

(*Saem.*)

Cena 4

Um campo no País de Gales. Entram Salisbury e um capitão.

CAPITÃO — Milorde Salisbury, já esperamos dez dias. Tenho feito muito esforço para conter os nossos conterrâneos. Estamos sem notícias do monarca; por isso vamos dispersar; adeus.

SALISBURY — Espera mais um dia, fiel galense; a confiança do rei em ti repousa.

CAPITÃO — Dizem que ele morreu; não ficaremos. Mirrados estão todos os loureiros de nossa terra; meteoros causam medo às estrelas fixas; sobre os campos projeta luz sangüínea a lua pálida; profetas magros falam em segredo de mudanças terríveis; as pessoas ricas se mostram tristes, os mendigos dão saltos de alegria; um, porque teme perder quanto ora goza, outro, esperando vir a gozar pelo furor da guerra. Sem erro, esses sinais nos pressagiam morte ou queda de rei. Adeus; os nossos compatriotas se vão, eu inclusive, certos de que Ricardo já não vive.

(*Sai.*)

SALISBURY — Ah, Ricardo! Com os olhos da tristeza vejo tua glória que, como uma bólide, se precipita sobre a terra baixa. Teu sol, chorando, já procura o ocaso, conseqüência fatal do teu descaso. Reforçam teus amigos o inimigo; transmuda-se o teu bem, todo, em perigo.

(*Sai*)

Ato 3

Cena 1

Bristol. Acampamento de Bolingbroke. Entram Bolingbroke, York, Northumberland, Henrique Percy, Willoughby, Ross, seguidos de oficiais com Bushy e Green, prisioneiros.

BOLINGBROKE — Trazei-me logo os homens. Bushy e Green, não desejo atormentar-vos a alma — pois neste instante ireis perdê-la — inquirindo-vos sobre a perniciosa vida que ambos leváveis; fora falta de caridade. Mas, para lavar-me de vosso sangue as mãos, publicamente darei algumas das razões de estardes condenados à morte: a causa fostes de se transviar um príncipe, um monarca da mais alta nobreza, um gentil-homem no sangue e na aparência, que deixastes infeliz e de todo transmudado. Com vossas horas criminosas fostes, de algum modo, os fautores do divórcio entre o rei e a rainha; a legal posse do leito real rompestes; maculastes a beleza das faces de uma linda soberana, com o pranto provocado por vossas vilanias. Eu, um príncipe graças ao fado e o nascimento; eu, próximo do meu rei pelo sangue e, próximo, inda, pela afeição, até que lhe ensinásseis a me compreender mal, a cerviz tive de curvar sob o peso das injúrias que me assacastes e de meus suspiros ingleses exalar em céus estranhos, comendo o amargo e seco pão do exílio, enquanto em minhas posses vos fartáveis, limpáveis as coutadas, abatíeis minhas florestas e até o próprio escudo de família tiráveis das janelas de minha casa e o lema lhe apagáveis, sinal algum deixando, afora o sangue, meu sangue vivo, e o juízo dos estranhos que ao mundo revelassem que eu sou nobre. Tudo isso e muito mais, mais de dois tantos disto tudo é que à morte vos condena. Levai-os logo para a mão da Morte.

BUSHY — Acolho mais alegremente o golpe da morte do que a pátria a Bolingbroke. Lordes, adeus.

GREEN — Consola-me a certeza de que o céu vai abrir-nos suas portas e penas infernais dar à injustiça.

BOLINGBROKE — Lorde Northumberland, levai-os logo.

(*Saem Northumberland e outros, com Bushy e Green.*)

Tio, dissestes que a rainha se acha em vossa casa. Pelo céu, que nada lhe falte. Transmiti-lhe os meus saudares amistosos. Deveis pôr muito empenho em lhe fazer chegar meus cumprimentos.

YORK — Já lhe foi enviado um gentil-homem de minha casa com missivas cheias de expressões que vos pintam todo o afeto.

BOLINGBROKE — Caro tio, obrigado. Vamos, lordes, lutar contra Glendower e seus

comparsas. Um pouco mais de esforço e folgaremos.

(*Saem.*)

Cena 2

Praia no País de Gales. Ao longe, um castelo. Toque de clarins. Tambores e trombetas. Entram o rei Ricardo, o bispo de Carlisle, Aumerle e soldados.

REI RICARDO — E o castelo de Barkloughly que vemos?

AUMERLE — Sim, milorde. Como acha Vossa Graça o ar, depois de sofrer tantos abalos no mar revolto?

REI RICARDO — Bom tenho de achá-lo. A alegria me faz derramar lágrimas por de novo pisar o solo pátrio. Com a mão eu te saúdo, cara terra, muito embora com os cascos dos cavalos os rebeldes te firam. Qual saudosa mãe que longe do filho tenha estado e, ao revê-lo, sorri, terna, brincando com as próprias lágrimas: assim, sorrindo, minha terra, e chorando eu te saúdo e com estas reais mãos te acaricio. Não alimentes, minha gentil terra. os inimigos de teu soberano, nem com tuas doçuras satisfaças seus vorazes sentidos. Os caminhos lhes enche com as aranhas que te sugam o veneno e com os sapos vagarosos, porque lhes façam mal aos pés traiçoeiros que usurpadoramente te machucam. Aos meus inimigos dá somente acúleos: se de teu seio eles colherem flores, põe como guarda delas, eu te peço, uma serpente cuja língua bífida, de contacto fatal, a morte leve a quantos a teu rei adversos forem. Senhores, não zombeis desta insensata conjuração. Primeiro a terra é que há de sentidos revelar e destas pedras hão de sair soldados aguerridos, antes de vir seu rei a cair vitima dos golpes de uma infame rebelião.

CARLISLE — Milorde, não temais; a mesma força que vos fez rei terá poder bastante para vos conservar no vosso posto contra todas as forças. É preciso não desprezar os celestiais recursos, mas saber acatá-los; do contrário, se o céu o quisesse e nós nos opuséssemos aos seus intentos, eqüivaleria tal proceder a recusar o auxílio celeste e a toda oferta de socorro.

AUMERLE — Milorde, ele, com isso, está dizendo que somos indolentes e que a nossa tranqüilidade enseja a Bolingbroke aumentar os recursos e os amigos.

REI RICARDO — Primo desanimado, então não sabes que quando o olho do céu fica escondido por trás do globo, e o mundo lá de baixo deixa claro, passeiam sem ser vistos, por aqui, os ladrões e os bandoleiros, cometendo façanhas sanguinárias? Mas quando se alça da terrestre esfera e os cimos orgulhosos dos pinheiros orientais ilumina, dardejando sua luz pelos recantos criminosos, as traições, os pecados detestandos, todos os assassínios, porque o manto da noite os deixa agora descobertos, se patenteiam, nus e, de si próprios, dão mostras de pavor. Do mesmo modo, quando o ladrão, o biltre Bolingbroke — que se entrega, no escuro, a essas orgias, enquanto nós estávamos no lado dos antípodas — vir que nós surgimos em nosso claro trono do nascente, rubra a traição no rosto há de ficar-lhe, sem poder suportar a luz do dia,

tremendo de si mesmo e do pecado. Toda a água do mar áspero e selvagem o óleo santo não tira que foi posto na fronte de um monarca. O curto sopro de homens terrenos é impotente para depor um rei que foi por Deus eleito. Para cada homem alistado à força por Bolingbroke, para o aço astucioso levantar contra a nossa áurea coroa, tem Deus para Ricardo um dos seus anjos gloriosos, a que dá celeste paga. Se não há homem que essa força enfrente, vencerá a justiça plenamente.

(*Entra Salisbury.*)

Sede bem-vindo. A que distância se acham nossas forças, milorde?

SALISBURY — Não mais longe, gracioso soberano, nem mais perto do que este fraco braço. A falta de ânimo me guia a língua, não deixando que ela nada anuncie senão o desespero. Um dia apenas de retardo, temo, nobre senhor, escureceu teus dias felizes sobre a terra. Chama o dia de ontem, faze que o tempo atrás retorne, e doze mil soldados serão teus. Mas este hoje, este dia de amargura te destrói os amigos e a ventura, pois os galenses, que te julgam morto, foram buscar abrigo noutro porto.

AUMERLE — Coragem! Por que causa ficais pálido?

REI RICARDO — De doze mil soldados aguerridos o sangue, há pouco, eu tinha, na cabeça; se ele me foge e fico sem sentidos, que muito, pois, que pálido eu pareça? Quem quiser se salvar, me deixe agora, que a mão do tempo o meu brasão esflora.

AUMERLE — Lembrai-vos de quem sois, meu soberano.

REI RICARDO — Havia-me esquecido de mim próprio. Não sou rei? Indolente majestade, desperta! Estás dormindo. Pois não vale o só nome de rei vinte mil nomes? Às armas, nome! Um súdito mesquinho se atreveu a atacar tua grande glória. Não prossigais olhando para o solo, favoritos de um rei! Grandes não somos? Sejam grandes os nossos pensamentos. Meu tio York, estou certo, ainda tem forças para nos ajudar. Mas quem vem vindo?

(*Entra sir Stephen Scroop.*)

SCROOP — Mais saúde e ventura em sorte caiba ao meu rei do que pode ser-lhe dito por minha língua que a tristeza inspira.

REI RICARDO — O coração já tenho preparado e abertos os sentidos. Não me podes anunciar senão perdas deste mundo, nada mais. Dize, pois: perdi a coroa? Era preocupação. Será, então, perda ficarmos sem cuidados? Ora entende Bolingbroke igualar-nos em grandeza? Ultrapassar-nos não será possível. Se ele a Deus serve, a Deus nós serviremos também, para ficarmos ao seu lado. Revoltaram-se, acaso, os nossos súditos? Nada posso fazer; o juramento violaram, feito a Deus, como o fizemos. Fala de dor, de males em porfia; o pior é a morte, e essa há de ter seu dia.

SCROOP — Alegra-me saber que Vossa Alteza se encontra assim armado contra os golpes da adversidade. Como tempestuoso dia, fora de tempo, que os regatos cristalinos obriga a derramar-se pelos meigos vergéis, como se o mundo todo estivesse em lágrimas desfeito:

desta arte os seus limites passa a raiva de Bolingbroke, vosso amedrontado país cobrindo de aço duro e fúlgido e de peitos mais que o aço resistentes. Os barbas-brancas as cabeças calvas armaram contra Vossa Majestade; meninos de vozinha efeminada, que eles procuram deixar grave, os membros gráceis agitam dentro de armaduras tesas para atacarem-te a coroa. Até teus próprios capelães aprendem a armar o arco de teixo, duplamente fatal, contra o teu reino; as fiandeiras deixam as rocas e, com paus tostados, avançam contra ti. Moços e velhos se revoltam. É grave a situação, muito mais do que a minha descrição.

REI RICARDO — Contaste muito bem tua triste história. Mas onde se acha Green? Onde está o conde de Wiltshire? Onde está Bagot? Que foi feito de Bushy, para que eles permitissem que inimigo, desta arte perigoso, medisse nossas terras com seus passos imperturbáveis? Se ganharmos, todos me pagarão com a vida. Aposto que eles já firmaram a paz com Bolingbroke.

SCROOP — Sim, milorde; é verdade: já firmaram.

REI RICARDO — Biltres! Serpentes! Réprobos! Danados sem salvação possível! Cães, dispostos sempre a rojar aos pés de todo mundo! Víboras aquecidas no meu peito, que o coração me pungem! Oh! Três Judas, cada um mais traiçoeiro do que Judas! Fizeram paz? Que o inferno pavoroso a suas almas imundas faça guerra sem tréguas, pela ofensa praticada.

SCROOP — Vejo que o doce amor, quando se altera, em amargo e mortal ódio se muda. Retira a maldição que lhes lançaste: com a cabeça a paz eles fizeram, não com as mãos. Os que assim amaldiçoas, já os visitou a Morte que não erra, e em repouso se encontram sob a terra.

AUMERLE — Bushy está morto, e Green, e o conde Wiltshire?

SCROOP — Em Bristol a cabeça lhes cortaram.

AUMERLE — E onde está meu pai York com suas forças?

REI RICARDO — Não importa onde esteja. Não me fale ninguém mais em conforto, mas em túmulos, epitáfios e vermes. Transformemos em papel a poeira, e sobre o seio da terra as nossas mágoas escrevamos com olhos inundados. Aprestemos testamenteiros, e de testamento seja nossa conversa. Não! Cautela! Que poderíamos legar? Mais nada, senão, à terra, o corpo destronado. Nossas vidas, o reino, tudo, agora pertence a Bolingbroke. Nada resta a que chamemos nosso, afora a morte e esse punhado de infrutuosa argila que a nossos ossos serve de coberta. Pelo alto céu, no chão nos assentemos para contar histórias pesarosas sobre a morte de reis: como alguns foram depostos, outros mortos em combate, outros atormentados pelo espectro dos que eles próprios destronado haviam, outros envenenados pela esposa, outros mortos no sono: assassinados todos! E que, no centro da vazia coroa que circunda a real cabeça tem a Morte sua corte, e, entronizada aí, como os jograis, sempre escarnece da majestade e os dentes arreganha para suas pompas, dando-lhe existência fugaz, somente o tempo necessário para cena pequena, porque possa representar de rei, infundir medo, matar apenas com o olhar, inflada de ilusório conceito de si mesma, como se a carne que nos empareda na vida fosse de aço inquebrantável. E após se divertir à saciedade, com um pequeno alfinete ela se adianta, fura a muralha do castelo e, pronto: era uma vez um rei! Ponde os chapéus; não zombeis, com solenes reverências, do que é só carne e sangue. Despojai-vos do respeito, das formas, dos costumes

tradicionais, dos gestos exteriores, que equivocados todos estivestes a meu respeito. Como vós, eu vivo também de pão, padeço privações, necessito de amigos, sou sensível às dores. Se, a tal ponto, eu sou escravo, como ousais vir dizer-me que eu sou rei?

CARLISLE — Milorde, os sábios nunca se detêm para chorar seus males, mas atalham, resolutos, o passo às amarguras. Recear um inimigo, já que o medo oprime toda força, é dar mais força ao inimigo, à custa da fraqueza que revelais. Assim, vossa loucura luta contra vós próprio. Mostrai medo, e morto já estareis. Pior não nos pode suceder num combate. Achar a morte combatendo é destruí-la por si mesma; com temor, é ceder a uma avantesma.

AUMERLE — Meu pai dispõe de forças: procurai-o, para fazerdes de uma chispa um raio.

REI RICARDO — Tens razão de increpar-me, tens. Vaidoso Bolingbroke, eis-me pronto para dar-te combate e decidir nosso destino. O frio do temor era aparente; fácil coisa é ganhar o que é da gente. Fala, Scroop: onde se acha o nosso tio? Sê brando, embora o olhar tenhas sombrio.

SCROOP — Pelo aspecto do céu ó pastor sabe o estado e inclinação dizer do dia; o mesmo em meu olhar fazer vos cabe, que a língua vos falar não quereria. Sou como o algoz que a vítima atormenta pouco a pouco, deixando a pior notícia para o fim. Vosso tio York juntou-se a Bolingbroke. Todos os castelos do norte já caíram; os fidalgos do sul, em armas, se acham do seu lado.

REI RICARDO — Já falaste demais.

(*A Aumerle*) — Maldito sejas, primo, que deste modo me desviaste do meu doce caminho da desgraça. Que ides ora dizer-me? Que esperança ainda podemos ter? Votarei ódio — pelo céu! — para toda eternidade, a quem me vier falar ainda em conforto. Ao castelo de Flint nos recolhamos. Ali hei de finar-me; um rei, escravo da aflição, como rei, lhe acata as ordens. Dispensai meus soldados; a esperança da safra está perdida, a ruína avança. Vão todos se engajar para a colheita do novo rei; a minha está desfeita. Não me retruquem nada; fora em vão procurar demover-me da intenção.

AUMERLE — Senhor, uma palavra.

REI RICARDO — Dupla ofensa me fará quem mostrar língua propensa para a bajulação. Mandai embora todos os meus soldados, sem demora; saiam da noite de Ricardo, fria, para o de Bolingbroke excelso dia.

(*Saem.*)

Cena 3

País de Gales. Diante do castelo de Flint. Precedidos de tambores e estandartes, entram Bolingbroke e suas tropas, York, Northumberland e outros.

BOLINGBROKE — Ficamos, pois, sabendo, pelas últimas informações, que o exército galense se dispersou e que foi encontrar-se Salisbury com o rei, chegado há pouco a estas praias, seguido de um pequeno grupo de partidários.

NORTHUMBERLAND — A notícia, milorde, é bela e boa, que Ricardo a cabeça escondeu aqui por perto.

YORK — Seria conveniente que milorde Northumberland dissesse: "o rei Ricardo". Que tempo o nosso, em que um rei ungido necessita esconder a sacra fronte!

NORTHUMBERLAND — Vossa Graça se engana; foi apenas para encurtar que eu lhe tirei o título.

YORK — Já houve tempo em que se, assim, tão curto com ele houvésseis sido, ele teria sido curto convosco, por alçardes a cabeça a esse ponto, e vos deixara mais curto o comprimento da cabeça.

BOLINGBROKE — Não tomeis à má parte, caro tio, mais do que vos compete nestas coisas.

YORK — Não tomeis, caro primo, senão quanto vos competir, que vos seria fácil esquecer que o alto céu a todos cobre.

BOLINGBROKE — Sei-o, tio, e de forma alguma intento opor-me a seus desígnios. Mas, quem chega?

(*Entra Henrique Percy.*)

Harry, sejas bem-vindo. Este castelo, afinal, não se rende à nossa força?

HENRIQUE PERCY — É que ele está, milorde, guarnecido por modo real para impedir-te o ingresso.

BOLINGBROKE — Por modo real! Está algum rei lá dentro?

HENRIQUE PERCY — Sim, meu senhor, um rei: o rei Ricardo se encontra no interior desse recinto de cimento e de pedra. Estão com ele também, lordes Aumerle e Salisbury, sir Stephen Scroop, além de um sacerdote cujo nome não sei.

NORTHUMBERLAND — Ah! Com certeza é o bispo de Carlisle.

BOLINGBROKE (*a Northumberland*) — Nobre lorde, aproximai-vos do costado rude desse antigo castelo, por trombetas de bronze enviai aos seus ouvidos velhos convite a conferência e assim dizei-lhe: Henrique Bolingbroke de joelhos beija a mão do rei Ricardo, fidelidade pura e vassalagem envia à sua muito real pessoa. Aqui fui vindo para aos pés depor-lhe minhas armas e forças, admitindo-se que meu exílio seja revogado, restituídos meus bens e a posse destes reconhecida. Do contrário, é força que eu aproveite todas as vantagens do meu poder e aplaque a estival poeira com torrentes de sangue, despejadas das feridas dos nossos compatriotas. Quão longe se acha do sincero anseio de Bolingbroke provocar tão grande tempestade purpúrea sobre o verde regaço da aprazível propriedade do rei Ricardo, vai prová-lo a minha submissão respeitosa e reverente, ide lhe declarar tudo isso, enquanto ficamos a passear sobre o tapete deste ameno relvado. Conversemos sem o barulho ameaçador dos nossos tambores, porque sejam compreendidas, em todo o seu valor, pelas ameias instáveis do castelo as razoáveis propostas por nós feitas. Tão terrível, me parece, vai ser o nosso encontro como o dos elementos, a água e o fogo, quando seu choque tonitruante as faces nebulosas do céu abala e rasga. Seja ele o fogo; eu, a água que se entrega; ele, a cólera, enquanto eu sobre a terra lanço minhas torrentes. Sobre a terra, notai bem, não sobre ele. Avançai todos e notai bem como olha o rei Ricardo.

(*Ouve-se um toque para parlamentar, respondido logo do interior. Toque de clarins. Aparecem sobre as ameias o rei Ricardo, o bispo de Carlisle, Aumerle, Scroop e Salisbury.*)

HENRIQUE PERCY — Vede que o próprio rei Ricardo surge como o sol enfarado, que se tinge de vermelho, na porta flamejante do oriente, ao perceber que as invejosas nuvens a sua glória empanar querem ou macular o trilho do brilhante caminho para o ocaso.

YORK — No entretanto, seu olhar é de rei. Vede-lhe os olhos, brilhantes como os da águia, ora irradiam majestade imperiosa. Oh, que desgraça, tanta nobreza vir a ficar baça!

REI RICARDO (*a Northumberland*) Estamos admirados. Muito tempo ficamos esperando que dobrasses os trêmulos joelhos, por pensarmos que nos considerasses rei legítimo. Se ainda o somos, como se atreveram teus membros a esquecer o pagamento da homenagem terrível que é devida à nossa real presença? Se o não somos, mostra-me a mão de Deus que nos houvesse privado do poder. Pois bem sabemos que mão alguma existe, de osso e sangue, capaz de nos arrebatar o cetro, senão para roubá-lo ou profaná-lo. E embora imagineis que, a vosso exemplo, todos do peito os corações tirassem, para os desviar de nós, e que em penúria nos achamos de amigos: ficai certos de que Deus, meu senhor onipotentes para nos socorrer passa revista, neste instante, nas nuvens, em possantes exércitos de pestes, que hão de os filhos nascituros e ainda os não gerados atacar dos que a mão vassala ousarem levantar contra nós e se atreverem a ameaçar minha coroa excelsa. Dizei a Bolingbroke — pois parece que o vejo ali — que cada um dos seus passos em meu reino é traição horripilante. Veio ele para abrir o testamento purpúreo de uma guerra sanguinosa. Mas antes de ele ter, em paz, na fronte a almejada coroa, dez mil outras frontes sangüíneas de ardorosos filhos hão de desfigurar as róseas faces da Inglaterra, mudar a cor virgínea da paz em escarlate indignação e umedecer os campos arrelvados da pátria com o fiel sangue de seus filhos.

NORTHUMBERLAND — Não queira o rei do céu que o nosso caro senhor e rei se veja alvo das armas incivis e civis. Humildemente te beija as mãos teu primo muito nobre, Henrique Bolingbroke e jura pelo túmulo ilustre que contém os ossos de vossos reais avós, pela nobreza do sangue dele e vosso, originado da mesma fonte grata e favorável, e pela mão guerreira do defunto Gaunt, bem como por sua própria glória, por sua honra, incluindo tudo quanto jurar possa ou dizer: que sua vinda tem por finalidade, tão-somente, reclamar seus direitos e pedir-vos, de joelhos, a imediata liberdade. Se teu real consentimento deres ao que te pede, votará as armas brilhantes à ferrugem, o ajaezado ginete à estrebaria e o leal peito ao serviço de Vossa Majestade. Jura, como fidalgo, que isso é justo; e eu, como gentil-homem, creio nele.

REI RICARDO — Northumberland, transmite-lhe a resposta do rei: seu nobre primo é aqui bem-vindo. Suas reclamações eqüitativas vão-lhe ser concedidas sem protestos. Com o poder persuasivo que te é próprio transmite-lhe aos ouvidos atenciosos saudações amigáveis.

(*Northumberland vai para o lado de Bolingbroke.*)

(*A Aumerle*) — Rebaixamo-nos, primo, não te parece, por mostrarmos tanta pobreza e usarmos de linguagem a tal ponto benigna? Aconselharas chamar Northumberland e enviar por ele meu cartel ao traidor e, assim, morrermos?

AUMERLE — Não; que valham palavras por espadas até possuirmos armas aceradas.

REI RICARDO — Oh Deus! Oh Deus! É força, pois, que a língua que a sentença ditou do amargo exílio daquele insolente homem, com palavras brandas ora a revogue! Oh! Não ser eu tão grande quanto a minha dor, ou, ao menos, menor do que o meu nome! Oh! Se eu pudesse esquecer o que fui, ou não lembrar-me do que preciso ser neste momento! Estás inflado, coração altivo? Bate quanto quiseres; dou-te plena liberdade, que os nossos inimigos têm liberdade de bater em nós.

AUMERLE — Northumberland, de volta, já vem vindo.

REI RICARDO — Que é preciso que o rei agora faça? Submeter-se? Fá-lo-á. Deixar o trono? Ficará satisfeito o rei com isso. Perder o titulo de rei? Em nome de Deus, que seja assim. Darei as jóias por um rosário; meu palácio esplêndido, por um eremitério; as vestes ricas, por andrajos de pobre; minha alfaia lavrada, por um prato de madeira; meu cetro, por bastão de peregrino; meus vassalos, em troca das imagens de dois santos, e meu imenso reino, por sepultura exígua, pequenina sepultura, um sepulcro obscuro e humilde. Ou me inumem em meio à estrada real, onde haja movimento e o povo possa calcar com os pés, a todo instante, a fronte do soberano, sim, que sobre o peito já em minha vida eles estão pisando. Por que não me calcar, pois, a cabeça, depois de eu morto? Aumerle, estás chorando, primo sentimental? Com nossas lágrimas vamos deixar o tempo transtornado. Nossos suspiros vão fazer que o trigo do verão quebre todo, ocasionando miséria nesta terra revoltada. Ou distração faremos do infortúnio, inventando brinquedos divertidos com nossas próprias lágrimas? Desta arte, por exemplo: deixarmos que elas caiam sempre no mesmo ponto, até nos terem no solo aberto um par de sepulturas, sobre as quais a inscrição seria posta: "Aqui jazem dois primos que cavaram com o pranto, no chão duro, o próprio túmulo". Não nos faria bem nossa desgraça? Sim, sim; mas vejo

que disserto à toa e que zombas de mim. Potente príncipe, lorde Northumberland, que manda, agora, o alto rei Bolingbroke? É da vontade de Sua Alteza que Ricardo viva até que venha a falecer Ricardo? Dele e de vós o meu destino aguardo.

NORTHUMBERLAND — Milorde, ele se encontra à vossa espera no pátio baixo. Não quereis descer?

REI RICARDO — Descer... Descer... Já vou, como o brilhante Faetonte, que não tenha mais domínio sobre os corcéis indóceis. É para irmos ao pátio baixo? Pátio baixo, é certo, onde os reis se rebaixam, visitando traidores e ficando às ordens deles. Baixa, rei, que o sinistro mocho pia onde exultar devera a cotovia.

(*Retiram-se da ameia.*)

BOLINGBROKE — Que diz Sua Majestade?

NORTHUMBERLAND — Os infortúnios fazem-no divagar como um lunático. Contudo, aí vem.

(*Entra o rei Ricardo e séquito.*)

BOLINGBROKE — Ficai todos de parte, e respeitosos vos mostrai à Sua Majestade.

(*Ajoelhando-se.*)

Gracioso soberano...

REI RICARDO — Aviltais, caro primo, esses joelhos principescos, deixando que o vil solo se orgulhe de beijá-los. Eu quisera que o coração sentisse o vosso afeto, não, como agora, pôr os olhos tristes em vossa cortesia. Levantai-vos! Tendes o coração muito elevado, sei-o bem; pelo menos a esta altura,

(*leva a mão à altura da cabeça.*)

embora calque o joelho a terra dura.

BOLINGBROKE — Gracioso soberano, vim somente pelo que me pertence.

REI RICARDO — O que for vosso vos pertence; eu sou vosso; é vosso tudo.

BOLINGBROKE — Sede meu, meu temido soberano, até onde possa a minha lealdade merecer vosso amor.

REI RICARDO — Pois não; soubestes merecê-lo; merecem possuí-lo quantos sabem obtê-lo pela estrada segura da violência. Tio, a mão. Enxugai esses olhos, porque o pranto não é remédio salvador, conquanto vos traduza a afeição. Sou muito moço para servir de vosso pai, meu primo, muito embora sejais bastante velho para herdardes meu reino. Tereis tudo quanto quiserdes; dar-vo-lo-ei de grado, que ceder à violência sou forçado. Primo, Londres vai ser nossa estação?

BOLINGBROKE — Sim, meu bom lorde.

REI RICARDO — Então não direi "Não".

(*Toque de clarins. Saem.*)

Cena 4

Londres. Jardim do duque de York. Entram a rainha e duas damas.

RAINHA — Neste jardim que jogo intentaremos para expulsar o fardo dos cuidados?

PRIMEIRA DAMA — Vamos brincar com bolas, majestade.

RAINHA — A imaginar o jogo me obrigara que o mundo é só asperezas e que a minha fortuna em vão se esforça na ladeira.

PRIMEIRA DAMA — Vamos dançar, senhora.

RAINHA — Impossível ser-me-á manter no ritmo sempre os pés, quando, cheio de tristeza, o coração não bate certo nunca. Por isso, em dança, jovem, não falemos; outro qualquer desporto.

PRIMEIRA DAMA — Então, senhora, contaremos histórias.

RAINHA — As histórias serão tristes ou alegres?

PRIMEIRA DAMA — À vontade, senhora.

RAINHA — Então, nem tristes, nem alegres, rapariga; porque se for jocosa, faltando-me a alegria por completo, mais me fará lembrada da tristeza; se for um caso triste, tendo eu tantas tristezas a pesar-me, trará nova tristeza à minha falta de alegria. Não desejo dobrar o que já tenho; nem me quero queixar do que me falta.

PRIMEIRA DAMA — Senhora, eu cantarei.

RAINHA — Se tens motivo para isso, bem está; mas preferira que chorasses.

PRIMEIRA DAMA — Senhora, eu poderia chorar, se algum proveito achásseis nisso.

RAINHA — Eu chorar poderia, se com o choro me viesse algum alívio e eu não tivesse necessidade de pedir-te lágrimas. Mas pára aí; vêm vindo os jardineiros; ponhamo-nos à sombra destas árvores. Aposto as minhas amarguras contra um papel de alfinetes em como eles vão do Estado falar, que todo o mundo outra coisa não faz, quando há mudança; o infortúnio não pára; jamais cansa.

(*A rainha e as damas se retiram.*)

(*Entram o jardineiro e dois criados.*)

JARDINEIRO — Olha aqueles damascos pendurados; vai amarrá-los. São como crianças turbulentas que os pais a dobrar forçam sob a opressão de seu pródigo peso. Põe estacas nos

ramos mais descidos. Tu aí, faze ao jeito dos carrascos: decapita as vergônteas mais viçosas, as que se sobressaem na república. Em nosso Estado há uma bitola apenas. Enquanto cuidais disso, eu tiro as ervas daninhas, que desviam, sem proveito, toda a seiva do solo, em prejuízo das flores benfazejas.

PRIMEIRO CRIADO — Por que causa devemos observar, no âmbito estreito deste recinto, a lei, a forma e todas as proporções, mostrando, como exemplo digno de ser seguido, o nosso Estado de fundamentos firmes, quando é certo que nossa terra, esse jardim cercado pelo mar, está cheio de cizânias, suas flores mais belas se estiolam, asfixiadas, as árvores frutíferas carecentes de poda, arruinadas as sebes, os canteiros em desordem e as ervas boas cheias de lagartas?

JARDINEIRO — Cala-te! O causador de tal desordem da primavera já perdeu as folhas. As ervas más, que estavam protegidas por sua fronde extensa e que, tirando-lhe a seiva, pareciam sustentá-la, arrancadas já foram com as raízes por Bolingbroke; ao duque me refiro de Wiltshire, Bushy e Green.

PRIMEIRO CRIADO — Que estás dizendo? Morreram?

JARDINEIRO — Sim, morreram. Além disso, Bolingbroke apossou-se do monarca dissipador. Que pena não ter este cultivado o país como o fazemos com o jardim. Na sazão apropriada fazemos incisão na casca, a pele das árvores frutíferas, por medo de que o excesso de seiva e sangue as deixe muito orgulhosas, vindo a se destruírem pela própria riqueza. Se ele houvesse feito assim com as pessoas ambiciosas e de influência, elas teriam tido vida bastante para dar os frutos do dever e ele enfim os gostaria. Suprimimos os ramos parasitas para que os produtivos viver possam. Tivesse ele feito isso, e não teria perdido o cetro em tal madraçaria.

PRIMEIRO CRIADO — Acreditais que seja ele deposto?

JARDINEIRO — Já está abaixando; e, quanto a ser deposto, não há dúvida alguma. Ainda esta noite chegaram cartas para um grande amigo do bravo duque de York, noticiando coisas bem negras.

RAINHA — Isso me asfixia, impedindo-me a fala.

(*Avançando.*)

Ó tu, retrato do velho Adão, a este jardim trazido para vesti-lo, apenas: por que causa tem essa língua rude o atrevimento de propalar notícias tão penosas? Qual foi a Eva, revela-me, qual serpente tentou a anunciar mais uma queda do homem amaldiçoado? Por que dizes que o rei Ricardo foi deposto? Atreves-te, sendo pouco melhor do que esta terra, a pressagiar sua queda? Como, quando, onde obtiveste essas notícias lúgubres? Responde, miserável.

JARDINEIRO — Majestade, perdão. Pouca alegria me causa propalar essas notícias; mas só disse a verdade. O rei Ricardo na mão forte já está de Bolingbroke. Já foi pesada a sorte deles ambos. No prato em que se encontra vosso esposo nada mais há, senão poucas vaidades de nenhum peso, que mais leve o deixam; mas no lado do grande Bolingbroke se acham todos os pares da Inglaterra, sem contarmos com ele. Essa vantagem vai decidir a seu favor a sorte. Se a

Londres fordes, sabereis de tudo quanto fala entre nós o povo miúdo.

RAINHA — Ágil adversidade, de pés leves, tua embaixada a mim, só, diz respeito, e em sabê-la sou a última? Deixaste-me para o fim, para que eu muito mais tempo tua dor no imo peito conservasse. Vamos a Londres, moças, que o deposto rei de Londres se fina de desgosto. Nasci, então, para aumentar o triunfo de Bolingbroke e lhe servir de trunfo? Por tuas más noticias, jardineiro, vai-te o esforço frustrar Deus verdadeiro.

(*Saem a rainha e suas damas.*)

JARDINEIRO — Pobre rainha! A praga eu aceitara, se ela curasse a tua sorte amara. Neste ponto umas lágrimas, donosas, ela deixou cair. Não serão rosas que nele eu vou plantar, senão arruda, planta, da compaixão, da dor aguda, planta amarga da graça. Aqui, asinha, será sempre lembrada uma rainha.

(*Saem.*)

Ato 4

Cena 1

Londres. Sala de Westminster. Os lordes espirituais se encontram à direita do trono; os temporais, à esquerda; os comuns, em baixo. Entram Bolingbroke, Aumerle, Surrey, Northumberland, Henrique Percy, Fitzwater, outro lorde, o bispo de Carlisle, o abade de Westminster e séquito. No fundo, oficiais com Bagot.

BOLINGBROKE — Chamai Bagot. Agora, exprime livremente, Bagot, teu pensamento e nos revela quanto sabes da morte do altanado Gloster, quem a tramou com o rei; qual foi o braço que executou o ofício sanguinário de sua morte triste e prematura.

BAGOT — Ponde-me em frente, então, de lorde Aumerle.

BOLINGBROKE — Avança, primo, e fita esta pessoa.

BAGOT — Milorde Aumerle, eu sei que vossa ousada língua não se desdiz. No mortal tempo em que a morte de Gloster foi tramada eu vos ouvi dizer: "Não tenho o braço longo bastante para que da corte da Inglaterra a cabeça de meu tio possa em Calais tocar?" Pela mesma época, entre outras falas mais te ouvi dizer que preferias recusar a oferta de cem mil libras a assistir à volta de Bolingbroke, acrescentando, ainda, que fora sumo bem para a Inglaterra vir vosso primo a perecer no exílio.

AUMERLE — Nobres lordes e príncipes, dizei-me que resposta darei a este homem baixo? Rebaixarei minhas estrelas belas para, em termos iguais, dar-lhe o castigo? Sou forçado a fazê-lo; do contrário, terei a honra empanada pela mancha de uns lábios aleivosos. Eis a luva, meu sinete manual que vai deixar-te marcado para o inferno. Mentes, digo, e provarei no sangue que te corre no coração que o que disseste é falso, muito embora ele seja vil bastante para a espada manchar-me de fidalgo.

BOLINGBROKE — Bagot, não deves levantar a luva.

AUMERLE — Desejara que fosse o mais notável — com exceção de um só — entre os presentes o que me provocou dessa maneira.

FITZWATER — Se o teu valor reclama paridade de nascimento, eis meu penhor, Aumerle, como resposta ao teu. Por este belo sol que ilumina a tua fronte agora, ouvi quando disseste, e com jactância o afirmavas, que o nobre Gloster tinha sido morto por ti. Se vinte vezes negares o que afirmo, estás mentindo vinte vezes. Com a ponta desta espada te enfiarei no coração a tua falsidade, lugar de origem dela.

AUMERLE — Não tens coragem de viver, covarde, para ver esse dia.

FITZWATER — Por minha alma, desejara que fosse agora mesmo.

AUMERLE — Fitzwater, isso te condena ao inferno.

HENRIQUE PERCY — Aumerle, estás mentindo. Sua honra neste negócio está tão pura quanto culpado tu te encontras. Como prova, te lanço o meu penhor, que minha vida defenderá até o último suspiro. Abaixa-te e ergue-o, se tiveres brio.

AUMERLE — Se o não fizer, que minha mão se estrague, sem nunca mais poder brandir a espada vingadora sobre o elmo do inimigo.

OUTRO LORDE — Perjuro Aumerle, por igual motivo defendo eu o terreno e te espicaço com tantos desmentidos quantos possam ser gritados, de sol a sol, no ouvido de um traidor. Eis o meu penhor fidalgo; se te atreveres, alça-o para um duelo.

AUMERLE — Quem mais quer provocar-me? Desafio a todos, pelo céu! Meu peito abriga mil espíritos, prontos para o embate resistir de um milhão da vossa laia.

SURREY — Lorde Fitzwater, estou bem lembrado da época em que vós e Aumerle conversastes.

FITZWATER — E certo; estáveis perto. Será fácil confirmardes, assim, que foi verdade quanto eu disse.

SURREY — Pelo alto céu, tão falso quanto o céu, em si mesmo, é verdadeiro.

FITZWATER — Mentes, Surrey!

SURREY — Menino descarado, teu desmentido pesa em minha espada de tal modo que a paga ela vai dar-te, sobre vingar-me, até que o desmentido, com quem o disse, fiquem sob a terra tão quietos como o crânio de teu pai. Eis meu penhor fidalgo, como prova do que afirmo; levanta-o, se te atreves

FITZWATER — Como, sem tino, excitas um avalo de si tão ardoroso! Se coragem não me falece para estar com vida, nem para respirar e alimentar-me, ousarei num deserto enfrentar Surrey, no rosto lhe cuspir e dizer: mentes, mentes, de novo. Eis meu fiel contrato, para deixar-te preso à minha rude correção. Pelo meu maior desejo de subir nesta nova ordem de coisas, Aumerle é criminoso do que eu disse na minha acusação. E mais: recordo-me de ter ouvido do exilado Norfolk que tu, Aumerle, havias enviado dois homens de tua casa para o nobre duque, em Calais, privarem da existência.

AUMERLE — Entregue-me qualquer cristão honesto seu penhor. Como prova de que Norfolk mentiu, lanço o meu repto, para o caso de poder ele vir para bater-se.

BOLINGBROKE — Vão ficar em suspenso todas estas divergências até que seja Norfolk chamado do desterro. Sim, que em breve há de ser repatriado. Muito embora seja meu desafeto, restituído vai ter todos os bens e senhorios. Logo que retornar, aprestaremos tudo porque se batam ele e Aumerle.

CARLISLE — Jamais veremos esse dia honroso. Muitas vezes lutou o banido Norfolk por Jesus Cristo no glorioso campo da cristandade, desfraldando a insígnia da Cruz de Cristo

contra o pagão negro, turcos e sarracenos. Fatigado dos bélicos trabalhos, retirou-se para a Itália; em Veneza, essa aprazível região, entregou o corpo à terra e a alma tão pura ao comandante Cristo, sob cujas cores tanto se batera.

BOLINGBROKE — Como assim, bispo: Norfolk está morto?

CARLISLE — Sim, milorde; tão morto quanto eu vivo.

BOLINGBROKE — Que a doce paz conduza sua alma doce para o seio do meigo velho Abraão. Senhores querelantes, vossas rixas vão ficar em suspenso até que o dia determinemos para vos baterdes.

(*Entra York, com séquito*)

YORK — Grande Lencastre, venho procurar-te da parte de Ricardo despojado de seus ornatos, que, de motu-próprio, te adota por herdeiro e entrega em tuas mãos reais o alto cetro. Sobe ao trono que te pertence por herança próxima. E viva Henrique, o quarto desse nome!

BOLINGBROKE — Em nome, pois, de Deus, ao trono eu subo.

CARLISLE — Deus não o permita! Ainda que eu fale mal nesta assembléia de reis, dizer toda a verdade quero. Prouvera a Deus que neste nobre círculo houvesse alguém bastante nobre para servir como juiz direito e justo para o nobre Ricardo. A verdadeira nobreza, então, lhe ensinaria a abster-se de semelhante crime. Que vassalo pode julgar seu rei? E das pessoas aqui presentes, quem não é vassalo de Ricardo? Os ladrões só são julgados após serem ouvidos, até mesmo quando estão bem patentes seus delitos. E ora o emblema da própria majestade de Deus, seu capitão, representante por ele eleito, ungido e coroado há tanto tempo e sobre o trono posto, vai ser julgado sem presente achar-se, por um sopro inferior e dependente? Deus não permita que em país cristão almas de tal quilate a fazer venham ação tão imoral, odiosa e negra. A súditos eu falo, como súdito que em prol de seu monarca Deus inspira. Milorde de Hereford, aqui presente, a que chamais de rei, é um pusilânime traidor ao rei do nobre e alto Hereford. Se o coroardes, faço a profecia que o sangue dos nativos vai o solo fertilizar da pátria e que as idades futuras gemerão por esse crime detestando. Irá a paz dormir no meio de turcos e de infiéis, e na sua sede confundirá a guerra tumultuosa famílias e parentes. A anarquia, o horror, o medo, o saque desenfreado virão morar aqui, passando o nosso país a ser chamado o novo campo de Gólgota e depósito de crânios. Se levantardes casa contra casa, nascerá a divisão mais desastrosa que jamais viu este país maldito. Evitai esses males, retirando vosso apoio; se não, os vossos filhos e os filhos destes, mesmo com voz lassa, vos gritarão aos túmulos: Desgraça!

NORTHUMBERLAND — Argumentastes bem, senhor. Agora, pelo vosso trabalho, vos detemos por crime de traição contra a realeza. Damo-vos a incumbência, nobre lorde de Westmoreland, de o manter sob boa guarda até o dia em que houver de ser julgado. Acedeis, lordes, no que o povo pede?

BOLINGBROKE — Trazei Ricardo para que ele possa, de público, abdicar. Dessa maneira, ficaremos estremes de suspeita.

YORK — Serei seu condutor.

(*Sai.*)

BOLINGBROKE — Lordes, que à nossa ordem vos achais presos, dai-nos fiança para o dia do vosso julgamento.

(*A Carlisle*) — Pouco, bem pouco, ao vosso amor devemos; por isso, não contávamos convosco.

(*Volta York com o rei Ricardo e oficiais, que trazem a coroa, etc.*)

REI RICARDO — Ai de mim! Por que frente a um rei me chamam, antes que eu me despoje das idéias com que reinei? Não tive tempo, ainda, de insinuar-me, saudar, dobrar os joelhos, mostrar-me adulador. Deixai que a mágoa me ensine a submissão. No entanto, lembro-me das feições destes homens. Meus vassalos não foram todos? Não gritavam: "Salve!" amiúde para mim? Assim fez Judas com Cristo. Este, porém, de doze apóstolos só num hão encontrou fidelidade; eu em nenhum, de doze mil vassalos. Deus salve o rei! Ninguém me diz Amém? Terei de ser meu próprio sacristão? Pois não faz mal; direi Amém, embora rei deixasse de ser. Amém, de novo, se Deus pensar como não pensa o povo. A que serviço eu sou chamado agora?

YORK — Para fazer de motu-próprio o ofício que a lassa Majestade te autoriza: teu Estado e a coroa resignares a favor de teu primo Bolingbroke.

REI RICARDO — Dai-me a coroa. Primo, segurai-a. Aqui, primo. Minha mão deste lado; a vossa, no outro. Assemelha-se agora esta coroa de ouro a um poço profundo com dois baldes que em tempo diferente se enchem de água: dança no ar o vazio; o outro, no fundo, cheio de água, é invisível. O de lágrimas cheio, sou eu, que bebo as minhas dores; ascende o vosso: é todo riso e flores.

BOLINGBROKE — Pensei que resignáveis por vontade.

REI RICARDO — Sim, a coroa; não minha saudade. A glória me tirais; mas a tristeza que me é própria, terá sempre realeza.

BOLINGBROKE — Ficais sem a coroa e sem pesares.

REI RICARDO — Talvez; mas nestes dares e tomares nada podeis fazer-me. É meu cuidado não ter cuidado algum, pois quis o Fado que todos eu perdesse; mas os vossos cuidados vão crescer, ainda estão moços. Livrar-me dos cuidados não consigo; vão com a coroa e ficarão comigo.

BOLINGBROKE — Ficais contente em resignar o trono?

REI RICARDO — Sim, não; não, sim, pois tenho de ser nada; daí, não dizer não, que é tua a alçada. Vede agora a maneira por que eu próprio vou me destruir: esta coroa incômoda, retiro-a da cabeça; o cetro inútil, jogo-o longe, varrendo do imo peito todo o real orgulho de comando. Com as lágrimas eu próprio tiro o bálsamo de minha fronte; o diadema entrego com minhas próprias mãos; com minha língua renego meus sagrados privilégios; minha palavra anula os juramentos de todos os meus súditos; abdico da pompa régia e toda majestade; entrego todos

os meus bens, as rendas, todos os meus proventos; anulados considero meus atos e decretos. Deus não castigue quem me for perjuro e enseje aos teus vassalos bom futuro. Tudo me tirou ele; estou contente; tudo te deu; contigo é conivente. Possas ter vida longa, porque o trono conserves de Ricardo e, em abandono, possa este logo, sob a terra fria, vir a esperar em paz o último dia. Deus salve o rei Henrique, o felizardo, lhe diz o rei deposto, o ex-rei Ricardo, e lhe conceda muitas alegrias em longos anos de brilhantes dias. Que mais falta?

NORTHUMBERLAND (*Mostrando-lhe um papel*) — Mais nada, salvo lerdes estas acusações e os crimes bárbaros praticados por vós e os vossos cúmplices contra o interesse e as leis de nossa terra, porque depois de os terdes confessado, os corações humanos dizer possam que fostes destronado com justiça.

REI RICARDO — Precisarei fazê-lo? Será força que eu desfiz o tecido das loucuras praticadas por mim? Dize-me, caro Northumberland, se acaso os teus deslizes anotados ficassem, não terias pejo de os ler numa reunião como esta? Mas se o fizesses, neles encontraras uma odiosa passagem sobre a injusta deposição de um rei e a violação dos laços sacrossantos de uma jura que no livro do céu está marcada de preto e condenada para sempre. E todos vós que me fixais de longe, espicaçados pela minha própria miséria, embora alguns, como Pilatos, lavem as mãos, mostrando uma aparência de compaixão: Pilatos, entregastes-me à minha cruz de dor. Nada, nem toda a água, vos limpará deste pecado.

NORTHUMBERLAND — Lede logo, milorde, estes artigos.

REI RICARDO — Não posso ver; as lágrimas o impedem. No entanto, os olhos não me deixa cegos a água salgada, a ponto de não verem nesta reunião um grupo de traidores. Sim, quando os volto para mim, percebo que eu sou também traidor como os demais, porque meu coração foi conivente no despojar o corpo de um monarca, em deixar vil a glória, a potestade a escrava rebaixar, do altivo mando fazer vassalo e do meu reino um rústico.

NORTHUMBERLAND — Meu senhor...

REI RICARDO — Qual senhor, arrogante! Isso me ofende. Não mando em mais ninguém; não tenho nome nem título, usurpados eram todos os meus nomes, té mesmo o recebido na pia batismal. Infeliz dia! Ter eu tantos invernos já vivido, sem que possa saber como me chamo! Fosse eu um rei ridículo de neve posto em frente do sol de Bolingbroke, para me derreter em gotas de água! Rei bondoso, rei grande — no entretanto, não grandemente bom — se ainda tem curso minha palavra dentro da Inglaterra, manda vir um espelho, para que ele a minha própria imagem me apresente desde que a Majestade abriu falência.

BOLINGBROKE — Vá buscar um espelho alguém daí!

(*Sai um dos criados.*)

NORTHUMBERLAND — Lede o papel, enquanto o espelho chega.

REI RICARDO — Demônio! Começaste a atormentar-me antes de eu estar no inferno.

BOLINGBROKE — Deixai isso, lorde Northumberland.

NORTHUMBERLAND — Sem a leitura, não ficará o povo satisfeito.

REI RICARDO — Ficará satisfeito; hei de ler tudo, depois de ver o livro em que se encontram escritos meus pecados: minha própria pessoa.

(*Volta o criado com um espelho.*)

Dá-me o espelho. Vou ler nele. Como! Sem rugas, ainda, mais profundas? Tão grandes bofetadas a tristeza me aplicou, sem deixar marcas mais sérias? Ó espelho adulador! Como as pessoas que na prosperidade me seguiam, tu me estás enganando. Serão estas as feições de quem tinha diariamente dez mil pessoas sob seu teto e a todas alimentava? Será esta a face que, à maneira do sol, deixava cego quem a olhasse de frente? Era esta a face que fez face a loucuras incontáveis para, afinal, ter de baixar os olhos diante de Bolingbroke? Muito frágil é a glória que irradia desta face; tão frágil quanto a glória é a própria face.

(*Joga o espelho ao chão.*)

Ei-la aí, reduzida a cem pedaços. Não deixes de anotar, rei silencioso, a moral do meu gesto: como as mágoas em pouco tempo a face me destruíram.

BOLINGBROKE — Foi a sombra de vossas amarguras que a sombra, apenas, vos destruiu da face.

REI RICARDO — Repete-o: a sombra, só, das amarguras. Vejamos; é verdade, as minhas mágoas estão dentro. Estas mostras exteriores de desespero são somente a sombra da tristeza invisível que, em silêncio, se intumesce numa alma torturada. Eis a sua substância. Eu te agradeço, rei, a tua bondade incalculável, pois tu não só me deste a causa toda do desespero, como me ensinaste, também, a lastimá-la. Vou pedir-vos um favor, simplesmente; depois disso partirei, sem vos ser mais importuno. Conceder-me-eis?

BOLINGBROKE — Dizei-o, belo primo.

REI RICARDO — "Belo primo!" Maior eu sou que os reis. Quando era eu rei, os meus aduladores não passavam de súditos; agora que me tornei vassalo, um rei me adula. Sendo tão grande assim, não vejo causa por que deva pedir alguma coisa.

BOLINGBROKE — Pedi, contudo.

REI RICARDO — E alcançarei a graça?

BOLINGBROKE — Sem dúvida.

REI RICARDO — Deixai-me, então, partir.

BOLINGBROKE — Para onde?

REI RICARDO — Qualquer parte em que me encontre longe de vossa vista; isso é que importa.

BOLINGBROKE — Conduza-o um dos presentes para a Torre.

REI RICARDO — Oh, belo! Conduzir-me? Como açores em torno a um rei são vossos condutores.

(*Sai o rei Ricardo, levado por um guarda.*)

BOLINGBROKE — Marcamos para a quarta-feira próxima a coroação. Milordes, preparai-vos.

(*Saem todos, com exceção do bispo de Carlisle, o abade de Westminster e Aumerle.*)

ABADE — Triste demais a cena a que assistimos.

BISPO — Mais tristes serão outras; como espinhos, hão de na alma as sentir nossos filhinhos.

AUMERLE — Padres, não haverá qualquer conjura que a pátria limpe e a deixe outra vez pura?

ABADE — Milorde, antes de eu me expandir com liberdade sobre assunto tão grave, é necessário que, ao vos ser ministrado o sacramento, jureis não só guardar todo segredo sobre o meu plano, como pôr em prática quanto, acaso, eu mandar. Tendes a fronte, vejo-o bem, descontente, marejados de lágrimas os olhos, de tristezas o coração. Vamos cear; ufano vos deixarei, após contar meu plano.

(*Saem.*)

Ato 5

Cena 1

Londres. Uma rua que vai ter à Torre. Entram a rainha e uma dama de companhia.

RAINHA — O rei há de passar por este ponto. Este é o caminho que conduz à Torre de Júlio César, construída para triste finalidade, em cujo seio de pedra o meu senhor foi condenado a ficar prisioneiro pelo altivo Bolingbroke. Sentemo-nos um pouco, caso haja nesta terra revoltada lugar para repouso da consorte de seu rei verdadeiro.

(*Entram o rei Ricardo e guardas.*)

Mas, cuidado! Olhai, ou antes, não olheis a minha bela flor que emurchece. Contemplai-o, sim, porque de piedade venhais todas a róridas ficar e um banho fresco lhe deis com vosso orvalho de sinceras lágrimas de afeição. O tu, modelo do lugar onde estava a velha Tróia, tu, mapa-mundi da honra, tu, sepulcro do rei Ricardo, não o rei Ricardo: ó templo da beleza, por que causa dás abrigo à tristeza repulsiva, quando o triunfo se aloja numa tasca?

REI RICARDO — Não te alies à dor, bela consorte, para apressar meu fim. Daqui por diante, bela alma, aprende a ver em nosso estado primitivo somente um feliz sonho. Ora, despertos, vemos a verdade do que somos de fato. Boa amiga, uma jura me fez irmão da feia necessidade: ela e eu somos aliados até à morte. Vai logo para a França e entra para uma casa religiosa. Nossa vida, mal gasta foi o proêmio do que no céu vai ser o nosso prêmio.

RAINHA — Que vejo! O meu Ricardo está mudado na alma e no corpo, assim, e enfraquecido? Privou-te Bolingbroke do intelecto? No imo peito te entrou? Ainda nas vascas da morte, o leão possante estende as garras e, em falta de outra coisa, fere a terra, na raiva de se ver, alfim, domado. E tu, agora, como um colegial aceitas o castigo, a vara beijas, humildemente o ultraje acaricias, tu, que és um leão e o rei das bestas feras?

REI RICARDO — É certo: rei das feras. Se não fosse ter sido eu rei de feras, ainda estava como um feliz rei de homens. Não demores, minha boa rainha de outros tempos, vai para a França logo; como morto me considera, e que esta despedida foi o adeus que eu te disse do meu leito de morte. No correr das longas noites do inverno senta-te à lareira, ao lado de boa gente idosa e ouve as histórias que te contarem, de épocas terríveis, há muito acontecidas. Como paga, antes de lhes dizeres o boa-noite, conta-lhes minha história lamentável e em lágrimas os faze ir para o leito. Até mesmo os tições sem sentimento hão de simpatizar com os dolorosos acentos de tua língua comovida e de piedade extinguirão o fogo, chorando — alguns em cinza, outros com vestes cor de carvão — a sorte de um monarca legítimo que o trono a perder veio.

(*Entra Northumberland, com séquito.*)

NORTHUMBERLAND — Milorde, Bolingbroke já mudou de parecer: ireis para Pomfret, não para a Torre. Sobre vós, senhora, ficou também de pouco resolvido que deveis ser levada para a França.

REI RICARDO — Northumberland, escada de que o altivo Bolingbroke se utilizou para alcançar meu trono: não ficará o tempo muitas horas envelhecido antes que o teu delito vire postema e em podridão se esfaça. Ainda que Bolingbroke venha a dar-te metade do seu reino, acharás pouco, porque o ajudaste a conquistar o todo. Ele, também, sabendo que conheces o meio de implantar reis ilegítimos, há de pensar que por motivos fúteis acharás meio de jogá-lo abaixo do trono ilegalmente conquistado. Muda-se em medo o amor dos maus amigos; o medo em ódio; o ódio a um deles leva, ou a ambos, à luta e à morte merecida.

NORTHUMBERLAND — Que a minha falta sobre mim recaia, e acabemos com isto. Despedi-vos logo e apartai-vos, que deveis seguir.

REI RICARDO — Divorciado duas vezes! O homens sem consciência! Violais dois casamentos ao mesmo tempo: o meu com a coroa, e o meu com minha esposa idolatrada. Desmanchemos a jura que fizemos ao nos beijarmos. Não, não é possível, que um beijo a consagrou. Vem separar-nos, Northumberland: eu sigo para o norte, onde o clima é agravado pelas doenças e pelo frio horrível; para a França seguirá minha esposa, de onde, em pompa, ela veio, outro maio só de flores, para em Finados retornar de dores.

RAINHA — É certo, então, que nos separa a dor?

REI RICARDO — As mãos e os corações, meu grande amor.

RAINHA — Mandai comigo o rei para o desterro.

NORTHUMBERLAND — Compaixão isso fora, mas grande erro.

RAINHA — Deixai, então, que eu fique, também, presa.

REI RICARDO — Juntos, assim, os dois, uma tristeza, somente, perfaríamos. Na França, por mim, vais tu chorar; eu, em lembrança do que és me finarei só de cuidados. Antes longe que perto e separados. Medirás com suspiros teu caminho; eu, com gemidos.

RAINHA — Mais pungente espinho será a saudade em todo o meu percurso, por ser maior que o teu.

REI RICARDO — Mas no discurso do meu eu gemerei mais fundamente, porque mil passos minha dor aumente. Vamos logo; abreviemos o noivado da nossa dor, que vai ser demorado demais o casamento. Um terno beijo para o silêncio vai nos dar ensejo. Festejamos, assim, novo himeneu; levas meu coração, fico com o teu.

(*Beijam-se.*)

RAINHA — Não! Dá-me o meu de novo; cruel sorte fora ficar com o teu e dar-lhe a morte.

(*Tornam a beijar-se.*)

Agora, sim; é meu; mais nada aspiro; vou tentar dar-lhe a morte com um suspiro.

REI RICARDO — Da dor esta demora nos faz presa. Seja a última palavra a da tristeza. (*Saem.*)

Cena 2

O mesmo. Um quarto no palácio do duque de York. Entram York e a duquesa.

DUQUESA — Milorde, íeis contar-me o que faltava dizer do encontro, em Londres, dos dois primos, quando o pranto vos fez cortar a história.

YORK — Onde parei?

DUQUESA — Naquele ponto triste em que dissestes como mãos grosseiras e incivis atiravam das janelas terra e espurcícias sobre o rei Ricardo.

YORK — Então, como eu dizia, o grande duque, Bolingbroke, montado num fogoso e altanado corcel, que parecia conhecer o ambicioso cavaleiro, devagar avançou, mas imponente, enquanto as bocas todas o aclamavam num só tom: "Deus te ampare, Bolingbroke!" Direis que as janelas tinham fala, tantos olhos, ansiosos, se alongavam de seus caixilhos, de anciões e moços, para seu rosto, e bem assim que todas as paredes, colgadas de pinturas, a um só tempo gritavam: "Sê bem-vindo, Bolingbroke! Jesus te ampare sempre!" Ao que ele, para todos se virando, cabeça descoberta e ainda mais baixa que o colo do cavalo, respondia: "Meus caros compatriotas, obrigado!" E assim passou, fazendo sempre o mesmo.

DUQUESA — Pobre Ricardo! E, nesse meio tempo, como ele se mostrava em seu cavalo?

YORK — Como os espectadores de uma peça no teatro, após sair o ator querido, indiferentes olham para o que entra depois dele, julgando insuportável sua tagarelice: desse modo, se não com mais desprezo, os assistentes zombavam de Ricardo. Ninguém disse: "Deus te salve!" Nenhuma voz amável lhe deu as boas-vindas; atiravam-lhe terra na fronte consagrada, que ele sacudia com gesto de tristeza tão cativante, a luta revelando nas feições, entre as lágrimas e o riso, sinais de seu pesar e de paciência, que se Deus, por algum desígnio oculto, não tivesse deixado empedernido o coração dos homens, fora certo ficarem comovidos e sentirem piedade de Ricardo os próprios bárbaros. Mas nisso tem a mão Deus poderoso, cujo alvitre acatar nos é forçoso. Agora Bolingbroke é o novo rei; obediência e lealdade eu já jurei.

DUQUESA — Eis Aumerle, meu filho.

YORK — Aumerle, outrora; mas por ter sido amigo de Ricardo, mudou de nome. De ora em diante, minha senhora, só deveis chamar-lhe Rutland. Dei-me como fiador no parlamento de sua lealdade ao novo rei.

(*Entra Aumerle.*)

DUQUESA — Sede bem-vindo, filho. Que violetas ora o regaço enfeitam da ridente primavera?

AUMERLE — Senhora, não me ocupou no mínimo, com isso. Só Deus sabe que eu não me importo de ser uma delas.

YORK — Sede cauto na nova primavera; se não, a vossa vida se acelera: sereis ceifado antes do tempo. E agora, de Oxford, que novidades? Ainda duram as justas e os festejos?

AUMERLE — Sim, milorde, pelo que me disseram.

YORK — Deveríeis comparecer às festas.

AUMERLE — Deus querendo, essa é a minha intenção.

YORK — Que selo é esse que do peito te pende? Empalideces? Deixa-me ver o escrito.

AUMERLE — É sem valia, milorde.

YORK — Pouco importa; agora eu hei de saber o que é; desejo ver o escrito.

AUMERLE — Peço que Vossa Graça me perdoe, mas o assunto carece de importância. Contudo, não quisera revelá-lo.

YORK — Pois eu quero saber de que se trata. Tenho medo...

DUQUESA — De que podeis ter medo? Certamente há de ser alguma letra que ele aceitou para pagar os gastos com o vestuário da festa.

YORK — Aceitou letra que ainda traz consigo? És uma tonta, mulher. Rapaz, desejo ver o escrito.

AUMERLE — Peço que me perdoeis, mas é impossível mostrar-vo-lo.

YORK — Já o disse: quero vê-lo.

(*Toma-lhe, à força, o papel e o lê.*)

Traição! Crime! Traidor! Escravo! Biltre!

DUQUESA — Que é que há, senhor?

YORK — Olá! Há alguém aí dentro?

(*Entra um criado.*)

Sela o cavalo. Deus se apiade dele. Traição inominável!

DUQUESA — Que há, senhor? Que aconteceu?

YORK — Já o disse. As minhas botas! Apronta-me o cavalo!

(*Sai o criado.*)

Por meu nome, minha honra, a própria vida, eu mesmo quero denunciar o vilão.

DUQUESA — Mas o que é que houve?

YORK — Silêncio, mulher tonta.

DUQUESA — Não, não hei de ficar calada. O que foi que houve, Aumerle?

AUMERLE — Boa mãe, acalmai-vos; não fiz nada que minha vida resgatar não possa.

DUQUESA — Resgatares com a vida!

YORK — Traze as botas! Vou procurar o rei.

(*Entra o criado, com as botas.*)

DUQUESA — Bate-lhe, Aumerle. Pobre menino; estás estupefacto.

(*Ao criado*) — Retira-te, vilão, da minha vista!

YORK — Dá-me as botas, já o disse.

(*Sai o criado.*)

DUQUESA — Que pretendes fazer? Não dissimulas nem os deslizes de tua própria gente? Temos mais filhos? Porventura estamos em condições de os ter? O tempo, acaso, não fez secar minha fecundidade? Tencionas a velhice despojar-me do meu único filho e do bendito nome de mãe deixar-me órfã de todo? Não tem ele os teus traços? Não é teu filho?

YORK — Mulher louca, sem juízo, pretendes ocultar essa monstruosa conspiração? juraram doze deles, por ocasião do sacramento, e as próprias mãos, neste escrito, o fato confirmaram, matar o rei em Oxford.

DUQUESA — Não deixamos que ele vá; ficará aqui conosco. Que lhe importa tudo isso?

YORK — Sai, maluca, mulher sem juízo! Fosse vinte vezes ele meu filho e, certo, o denunciara.

DUQUESA — Se tivesses passado pelas dores que por ele eu passei, tu te mostraras mais compassivo. Mas somente agora compreendo o teu pensar: é que suspeitas que eu não fui leal ao nosso próprio leito. Um bastardo vês nele, não teu filho. Doce York, amado esposo, expunge ao espírito tão suspeitosa idéia! Tanto quanto possível, ele tem tuas feições. Não tem meus traços, nem de meus parentes. No entanto, eu o amo.

YORK — Sai, mulher indócil!

(*Sai.*)

DUQUESA — Vai atrás dele, Aumerle, em seu cavalo! Apressa-te; esporeia-o, porque possas chegar diante do rei primeiro que ele, para pedir perdão antes de seres acusado por ele. Eu não demoro; conquanto seja velha, não duvido que possa cavalgar tanto quanto York. Não me levantarei do solo, enquanto não te houver perdoado Bolingbroke. Vai logo! Não demores!

(*Saem.*)

Cena 3

Windsor. Um quarto no castelo. Entram Bolingbroke, como rei; Henrique Percy e outros nobres.

BOLINGBROKE — Ninguém me dá notícias de meu filho perdulário? Três meses já passaram da última vez que o vi. Se há malefício que sobre nós impenda, é ele, sem dúvida. Prouvera a Deus, senhores, que o encontrásseis. Investigai em Londres, nas tavernas, por ser aí, segundo dizem, que ele diariamente se encontra, acompanhado de gente licenciosa e sem princípios, tal como essas pessoas, é o que dizem, que ficam pelas vielas, procurando bater nos guardas e roubar quem passa, enquanto ele, esse moço libertino, rapaz efeminado, considera ponto de honra amparar tamanha corja de desbriados.

HENRIQUE PERCY — Milorde, eu vi o príncipe há cerca de dois dias e lhe disse que os festejos iriam ser em Oxford.

BOLINGBROKE — E que disse esse estúrdio?

HENRIQUE PERCY — Disse que tencionava ir a um alcouce para tomar a luva a uma rameira, que ele, como penhor, carregaria, jurando derrubar da sela quantos ousassem desafiá-lo nestas justas.

BOLINGBROKE — Tão libertino quanto ousado. Réstias entrevejo, no entanto, de melhores esperanças, que podem, de futuro, patentear-nos dias mais risonhos. Mas quem vindo aí?

(*Entra Aumerle.*)

AUMERLE — Onde está o rei?

BOLINGBROKE — Que quer o primo que olha desse modo?

AUMERLE — Deus guarde Vossa Graça. Imploro a Vossa Majestade secreta conferência com Vossa Graça.

BOLINGBROKE — Retirai-vos todos: deixai-nos sós.

(*Saem Henrique Percy e nobres.*)

E agora, primo, que há?

AUMERLE (*ajoelha-se*) — Desejo ter os joelhos ao chão presos, grudada a língua ao paladar. se acaso não me perdoardes antes de me ouvirdes e de eu ficar de pé.

BOLINGBROKE — Foi essa falta concebida somente ou posta em prática? Se o

pensamento mau não alçou vôo, para ganhar-te o afeto eu te perdôo.

AUMERLE — Então permite que esta porta eu feche, para que interromper ninguém nos venha antes de eu dizer tudo.

BOLINGBROKE — Como queiras.

(*Aumerle corre o ferrolho da porta.*)

YORK (*fora*) — Cautela, meu senhor; tomai cuidado, que está um traidor junto de Vossa Graça!

BOLINGBROKE (*arrancando da espada*) — Miserável! Vou pôr-te em condições de não me fazer mal.

AUMERLE — Sustai o braço vingador; nada tendes a recear.

YORK (*dentro*) — Abre a porta, acautela-te, rei louco! Será preciso, então, que, por lealdade, tenha eu de ser traidor? Abre essa porta, se não a arrombarei.

(*Bolingbroke abre a porta, correndo, de novo, logo depois, o ferrolho.*)

(*Entra York.*)

BOLINGBROKE — Tio, que é que houve? Falai; retomai fôlego; dizei-nos quão perto está o perigo, porque seja possível removê-lo pelas armas.

YORK — Verás por este escrito que perigo correste e corres, que ele está contigo.

AUMERLE — Lembra-te, quando o leres, da promessa que me fizeste. Estou arrependido. Não leias o meu nome; divorcia-se meu coração da mão que isso subscreve.

YORK — Mas estava a ela unida, biltre, até antes de teres assinado. Eu tirei isso do peito do traidor, meu soberano. Não é a dedicação, é o medo, apenas, que o induz a se mostrar arrependido. Não te lembres, portanto, de perdoar-lhe, porque tua piedade não se mude numa serpente que te morda o peito.

BOLINGBROKE — Oh, que monstruosa, enorme, temerária conspiração! Que pai sincero e digno de um filho falso! Ó fonte argêntea e límpida de onde provém esta corrente suja que por desvãos imundos se conspurca! Teu transbordante bem em mal se muda; mas há de ser o excesso de bondade que vai atenuar o mortal crime de teu transviado filho.

YORK — Desse modo será minha virtude a alcoviteira de seus vícios, pagando ele a vergonha com minha honra, como sempre o fazem os filhos perdulários com o dinheiro dos avarentos. Para ficar viva minha honra, há de morrer sua desonra; mas se esta não morrer, já não tenho honra. Se o deixares com vida, dás-me a morte. Decide, pois, ó rei, da nossa sorte.

DUQUESA (*dentro*) — Deixai-me entrar, meu caro soberano, por tudo o que é sagrado!

BOLINGBROKE — Quem suplica com voz tão estridente e assim tão alto?

DUQUESA (*dentro*) — Uma mulher, ó rei! Sou eu, tua tia! Fala-me! Tem piedade, abre essa porta! Quem te está implorando é uma mendiga que nunca mendigou.

BOLINGBROKE — A nossa peça virou comédia, permiti que o diga, e ora se chama: "O Príncipe e a Mendiga". Meu perigoso primo, abri essa porta que é vossa mãe, eu sei; mas pouco importa, que, de cansada, ela há de vir arfando para pedir por vosso crime infando.

(*Aumerle abre o ferrolho da porta.*)

YORK — Se lhe perdoardes, seja a que pedido, maiores crimes te farão rendido. Para que não se perca a vida cara, corta-se o membro podre; o corpo sara.

(*Entra a duquesa.*)

DUQUESA — Não o ouças, rei, que o filho ele difama; quem não ama a si próprio, a ninguém ama.

YORK — A que vens, louca? Em busca de algum meio para pôr novamente o monstro ao seio?

DUQUESA — Paciência, meu bom York.

(*Ajoelha-se.*)

Ouvi-me, ó rei!

BOLINGBROKE — Boa tia, de pé.

DUQUESA — Não; falarei como me encontro, sem que possa o dia de calma jamais ver e de alegria, Se não me deres a certeza, agora, de que meu filho não se encontra fora de teu bom coração, meu filho amado, meu Rutland, que aqui está como culpado.

AUMERLE — Dobro os joelhos; reforço o seu pedido

(*Ajoelha-se.*)

YORK — Pois contra ambos, senhor, meu corpo fido se prostra neste instante.

(*Ajoelha-se.*)

Só desgraças te virão da brandura; não desfaças tua felicidade.

DUQUESA — É ele sincero? Vede-lhe o rosto: acaso está severo? Lágrimas não derrama; sua prece não vem do coração; alma refece não traduz: é enunciada por brinquedo. Quanto ele diz, não passa de arremedo de palavras; as nossas, do imo peito se originam; são límpidas, no jeito de quem pede com alma e coração. Ele pede, querendo ouvir um "Não". Seus joelhos se alçariam de bom grado, sei-o bem; mas os nossos, com o cuidado que aqui nos trouxe, estreme de malícia, lançariam no chão raiz propícia. Sua prece revela hipocrisia; a nossa a dor e o zelo concilia. Mais do que a dele a nossa prece alcança; dai-nos, pois, o perdão, sem mais tardança.

BOLINGBROKE — Ficai de pé, boa tia.

DUQUESA — Não "de pé"; dize "perdão", primeiro, e, após, "de pé". Se a falar eu tivesse de ensinar-te, na palavra "perdão" toda a minha arte concentraria, para que a aprendesses em primeiro lugar. Oh! Dá corpo a esses meus anseios, ó rei! Dize: "perdão"; seja tua mestra, nisto, a compaixão. Termo curto, mas doce sem medida; quando um rei o profere, é a

própria vida.

YORK — Fala, rei, em francês: “Pardonnez moy”.

DUQUESA — Ensinas ao perdão a lição má, porque ela se destrua? Oh! que marido sem alma, coração empedernido, que a palavra contra ela própria lança. Dize “perdão”, acorde com a usança de nossa terra. A rude algaravia dos franceses inculca barbaria. Já começam teus olhos a falar; à língua ensina, pois, o linguajar do verdadeiro amor, ou põe o ouvido no coração piedoso, porque o ruído possas ouvir que fazem nossas preces e o almejado perdão tu nos apresses.

BOLINGBROKE — Ficai de pé.

DUQUESA — Não vim pedir apenas para ficar de pé, senão que as penas me alivies.

BOLINGBROKE — Concedo-lhe o perdão, para que Deus também me estenda a mão.

DUQUESA — Oh! Quanto pode um joelho que se curva! Mas o temor a mente ainda me enturva. Torna a dizer, que repetir o mesmo vocábulo não é perdoar a esmo, mas é dar-lhe asas para excelso vôo.

BOLINGBROKE — De todo o coração eu lhe perdôo.

DUQUESA — És um deus sobre a terra.

BOLINGBROKE — Quanto ao nosso fiel cunhado, e o abade, e todo o resto dessa malta de sócios, vou soltar-lhes no encalço a destruição. Bondoso tio, mandai para Oxford suficientes forças, ou para onde os traidores se encontrarem. Farei que sem demora o bando imundo de seu peso alivie o nosso mundo. Tio, adeus; caro primo, adeus também; soube tua mãe interceder com arte.

DUQUESA — Vamos, meu filho; Deus vai transformar-te.

(*Saem.*)

Cena 4

Outro quarto no castelo. Entram Exton e um criado.

EXTON Não prestaste atenção no que o rei disse? “Não terei um amigo que me livre deste receio vivo?” Não foi isso?

CRIADO — Foram exatamente essas palavras.

EXTON — “Não terei um amigo?” disse; e duas vezes o repetiu com bastante ênfase. Não é verdade?

CRIADO — É certo.

EXTON — Assim falando, ele me olhava fixo, como a dizer: “Quisera que tu fosses o homem capaz de me tirar do peito semelhante temor”, alusão clara ao soberano que em Pomfret se encontra. Vou demonstrar que sou do rei amigo e que ele poderá contar comigo.

(*Saem.*)

Cena 5

Pomfret. O calabouço do castelo. Entra o rei Ricardo.

REI RICARDO — Estive a refletir como me seja possível comparar esta angustiosa prisão ao vasto mundo. Sendo o mundo tão populoso e aqui não existindo, além de mim, nenhuma outra criatura, não sei como o consiga. Mas não paro de martelar a idéia: darei provas de que minha alma e o cérebro casaram e que uma geração de pensamentos, logo após, conceberam. E, são esses pensamentos que o meu pequeno mundo povoaram de caprichos, da maneira por que vemos no mundo, visto como jamais os pensamentos se acomodam. Os mais graduados, como os pensamentos relativos a assuntos religiosos, de dúvidas se mesclam, provocando conflito entre as palavras. Por exemplo: "Deixai que os pequeninos venham a mim". E após: "É bem mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que eles alcançarem o reino de meu pai". Os pensamentos ambiciosos cogitam só de absurdos: como estas fracas unhas abrir possam uma passagem através das pétreas costelas deste mundo, esta minha áspera prisão. E, porque falham, morrem vítima do próprio orgulho. Os pensamentos calmos se iludem com dizer não serem eles os primeiros escravos da Fortuna, nem os últimos, ainda, como certos imbecis que, no potro de suplícios, se consolam do opróbrio, com dizerem que outras pessoas por ali passaram e outras mais passarão. Com essa idéia eles experimentam certo alívio, jogando a desventura para as costas dos que passaram por iguais tormentos. Desta arte, eu represento ao mesmo tempo muitas pessoas, todas descontentes. Sou rei, por vezes. A traição, nessa hora, me leva a desejar ser um mendigo, e mendigo me torno. Então o peso da miséria de novo me persuade que eu estava melhor sendo monarca. Torno a ser rei; mas nesse mesmo instante ponho-me a imaginar que Bolingbroke me destronou e que eu não sou mais nada. Seja o que for, porém, nem eu nem homem algum, que seja um homem, simplesmente, com coisa alguma poderá mostrar-se contente, enquanto não ficar tranqüilo, virando nada. Mas que ouço? Música?

(*Ouve-se música.*)

Conservai o compasso! Como a doce música é insuportável para o ouvido, quando falha o compasso e não se observa nenhuma proporção. A mesma coisa se passa na harmonia da existência dos mortais. Aqui eu tenho ouvido fino para apanhar pequena dissonância de uma corda mal posta. No entretanto, não percebi a falta de compasso que deveria haver na consonância do meu tempo e do Estado. Malgastei todo meu tempo; o tempo ora me gasta, porque me vejo transformado agora no relógio do tempo. Os pensamentos são minutos, que com suspiros batem no quadrante dos olhos, onde se acha sempre meu dedo, à guisa de ponteiro para marcar as horas e limpá-las de lágrimas. Agora, meu querido Ricardo, o som que nos indica as

horas são suspiros profundos que me batem no coração: o sino. Assim, suspiros, lágrimas e gemidos, os minutos, o tempo e as horas marcam. Mas meu tempo corre atrás da alegria presunçosa de Bolingbroke, enquanto eu, como um néscio, me transformo no João de seu relógio. Mas estou quase louco com esta música! Parem com isso! Embora tenha a música restituído a razão a muitos loucos, no meu caso, parece, deixa os sábios loucos de todo. Não; bendito seja o coração que teve tal idéia. Revela amor; e amor para Ricardo é como jóia usada neste mundo tão cheio de ódios.

(*Entra um palafreneiro.*)

PALAFRENEIRO — Salve, real príncipe!

REI RICARDO — Nobre par, obrigado. O mais barato de nós dois ainda é caro dez vinténs. Mas quem és tu, rapaz? Por que motivo vieste até onde ninguém chega, afora esse sombrio cão que não se esquece de me trazer comida porque possa viver minha desgraça?

PALAFRENEIRO — Eu sou um pobre palafreneiro, ó rei, de teu serviço no tempo em que eras rei, que, de passagem para York, após muito trabalho, obtive permissão para o rosto contemplar do meu nobre senhor de antigamente. Como meu coração ficou apertado, quando em Londres, no dia dos festejos da coroação eu vi montar o altivo Bolingbroke no teu ruão Berbere, justamente o cavalo em que folgavas cavalgar, o cavalo, justamente, de que eu tratava com tamanho zelo!

REI RICARDO — Cavalgava o Berbere? Amigo, dize: como o animal, com ele ao dorso, estava?

PALAFRENEIRO — De tanto orgulho, desdenhava a terra.

REI RICARDO — Por carregar o altivo Bolingbroke, mostrava-se orgulhoso? Esse sendeiro já comeu pão em minhas mãos reais; esta mão já o deixou vaidoso, apenas com lhe dar palmadinhas. No caminho não tropeçou? Não sofreu queda alguma — já que é forçoso vir abaixo o orgulho — e o pescoço partiu do homem vaidoso que lhe usurpava o dorso? Mas perdoa-me, cavalo. Por que causa repreender-te, se foste criado para ser domado pelos homens e ao dorso carregá-los? Eu não nasci cavalo; no entretanto, como um asno carrego um fardo ingente e me vejo esporeado, até à canseira máxima, pelo altivo Bolingbroke.

(*Entra o carcereiro, com um prato.*)

CARCEREIRO — Basta, rapaz; vai logo dando o fora.

REI RICARDO — Se amor me tens, não fiques; vai-te embora.

PALAFRENEIRO — Nada pode dizer a alma que chora.

(*Sai.*)

CARCEREIRO — Não quereis dar início à refeição?

REI RICARDO — Antes, porém, deves prová-la, não?

CARCEREIRO — Não me atrevo, milorde, pois sir Pierce de Exton, que veio do palácio há pouco, trouxe ordens radicais nesse sentido.

REI RICARDO — O diabo leve a Henrique de Lencastre, juntamente contigo! Já está gasta minha paciência; estou cansado disto.

(*Bate no carcereiro.*)

CARCEREIRO — Socorro! Socorro!

(*Entram Exton e criados, armados.*)

REI RICARDO — Que quer a Morte neste rude assalto? Tua própria mão me vai dar o instrumento, bandido, de tua morte.

(*Arranca a espada de um dos criados e o mata.*)

E tu, vai logo, desce a ocupar outro lugar no inferno.

(*Mata outro criado; então, Exton o prostra.*)

Há de ficar nas chamas sempiternas essa mão que abalou minha pessoa. Exton, com sangue real tua mão ousada manchou a própria terra ao rei sagrada. Desça meu corpo, já de tudo falto; sobe, minha alma, teu lugar é no alto!

(*Morre.*)

EXTON — Cheio de ardor como de sangue real! Derramei ambos; não redunde em mal. O diabo, que a princípio me dizia que era bem feito, agora me cicia que este meu ato se acha para eterno registado na crônica do inferno. Vou levar ao rei vivo o rei defunto; enterrai estes corpos aqui junto.

(*Saem.*)

Cena 6

Windsor. Um quarto no castelo. Toque de clarins. Entram Bolingbroke e York, com nobres e séquitos.

BOLINGBROKE — Bondoso tio, as últimas notícias recebidas nos dizem que os rebeldes puseram fogo em Cicester, cidade de Gloucestershire. Contudo ignoro se conseguiram escapar ou não.

(*Entra Northumberland.*)

Sede bem-vindo. Que noticias há?

NORTHUMBERLAND — Primeiro, votos de felicidade ao teu sagrado Estado. A outra notícia é a seguinte: mandei já para Londres as cabeças de Spencer, Salisbury, Blunt e Kent. A maneira por que foram todos eles vencidos, neste maço de papéis podeis vê-la mais de espaço.

BOLINGBROKE — Gentil Percy, obrigado; a recompensa do teu trabalho não terá detença.

(*Entra Fitzwater.*)

FITZWATER — Mandei, milorde, de Oxford para Londres as cabeças de Brocas e sir Bennett Seely, dois dos traidores conjurados que em Oxford intentaram derrubar-te.

BOLINGBROKE — Não ficará teu mérito esquecido, que eu bem sei quão fiel tu me tens sido.

(*Entra Henrique Percy com o bispo de Carlisle.*)

HENRIQUE PERCY — O abade de Westminster, milorde, o grande conspirador, com o peso dos remorsos e da melancolia acabrunhante cedeu o térreo corpo à sepultura. Mas Carlisle aqui está, porque a sentença lhe comines de sua audácia imensa.

BOLINGBROKE — Carlisle, vais ouvir o teu castigo: escolhe logo algum secreto abrigo, de fama religiosa mais fervente do que foi sempre a tua, e aí, contente, passa teus dias. Nesse calmo asilo se bem viveres, morrerás tranqüilo. Conquanto sempre fosses meu contrário, sei bem que não possuis peito nefário.

(*Entra Exton, com criados que trazem um ataúde.*)

EXTON — Grande rei, neste esquife eu te apresento teu medo sepultado. Sem perigo mais para ti, aí jaz teu inimigo, Ricardo de Bordéus, por mim trazido.

BOLINGBROKE — Exton, não te agradeço; o cometido feito de que te orgulhas me

enxovalha, cobrindo a nossa pátria de mortalha.

EXTON — Tu mesmo, ó rei, me insinuaste o feito.

BOLINGBROKE — Quem recorre ao veneno, só proveito dele entende tirar; ódio lhe vota. Não te amo; muito embora eu a derrota de Ricardo almejasse, ora abomino, quanto lhe tenho amor, seu assassino. Em tua própria consciência, que te esmaga, procura agora a merecida paga, não em palavras de agradecimento, nem em favores reais e valimento. Como Caim, passa a vagar de noite, sem jamais encontrares quem te acoite. Senhores, asseguro-vos que da alma confrangida fugiu-me toda a calma, por ver que necessário se tornasse, para minha subida, este traspasse. Vinde chorar comigo o que eu lamento e ponde luto desde este momento. À Terra Santa pretendo ir, contrito, para limpar-me deste atroz delito. Solidários ficai na minha agrura, lastimando esta morte prematura.

(*Saem.*)

Ricardo III

PERSONAGENS

ATO 1

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 2

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

ATO 3

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Cena 6

Cena 7

ATO 4

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

ATO 5

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Cena 5

Personagens

RICARDO, Duque de Gloucester, (*mais tarde Rei Ricardo III*).
DUQUE DE CLARENCE, seu irmão, (*mais tarde o seu fantasma*).
SENHOR ROBERTO DE BRAKENBURY, Tenente da Torre.
SENHOR DE HASTINGS, o Camareiro-Mor, (*mais tarde o seu fantasma*).
DONA ANA, viúva de Eduardo, Príncipe de Gales, (*mais tarde o seu fantasma*).
TRESSEL, fidalgo do séquito de Dona Ana.
BERKELEY, fidalgo do séquito de Dona Ana.
Um alabardeiro
Um fidalgo
RAINHA ISABEL, mulher do Rei Eduardo IV
MARGARIDA, viúva do Rei Henry VI
SENHOR DE RIVERS, seu irmão
O SENHOR DE GREY, seu filho, (*mais tarde o seu fantasma*)
MARQUÊS DE DORSET, seu filho, (*mais tarde o seu fantasma*)
DUQUE DE BUCKINGHAM (*mais tarde o seu fantasma*).
STANLEY, CONDE DE DERBY
SENHOR GUILHERME CATESBY
Dois assassinos
Guarda da Torre
REI EDUARDO IV
SENHOR RICARDO DE RATCLIFFE
A DUQUESA DE YORK, mãe de Ricardo, Eduardo IV e Clarence
Menino, filho de Clarence
Menina, filha de Clarence
Três cidadãos
ARCEBISPO DE YORK
DUQUE DE YORK, filho mais novo do Rei Eduardo IV, (*mais tarde o seu fantasma*).
SENHOR CARDEAL BOURCHIER, Arcebispo de Gantuária
Alcaide de Londres
Um mensageiro
HASTINGS, um padre
SENHOR TOMÁS DE VAUGHAN
BISPO DE ELY, João Morton
DUQUE DE NORFOLK
SENHOR DE LOVELL

Um escrivão
Dois bispos (*Shaa e Penkier*)
Um pajem
SENHOR JAIME TYRREL
Quatro mensageiros
CRISTÓVÃO DE URSWICK, um padre
Xerife de Wiltshire
CONDE DE RICHMOND, depois Rei Henrique VII
CONDE DE OXFORD
SENHOR JAIME BLUNT
SENHOR WALTER HERBERT
CONDE DE SURREY
SENHOR GUILHERME DE BRANDON
Fantasma de **EDUARDO**, Príncipe de Gales, filho de Henrique VI
Fantasma do **REI HENRIQUE VI**
Um mensageiro
Guardas, alabardeiros, fidalgos, um passavante, senhores, criados, soldados.

Ato 1

Cena 1

Entra Ricardo, Duque de Gloucester.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — O inverno do nosso descontentamento foi convertido agora em glorioso verão por este sol de York, e todas as nuvens que ameaçavam a nossa casa estão enterradas no mais interno fundo do oceano. Agora as nossas frontes estão coroadas de palmas gloriosas. As nossas armas rompidas suspensas como troféus, os nossos feros alarmes mudaram-se em encontros aprazíveis, as nossas hórridas marchas em compassos deleitosos, a guerra de rosto sombrio amaciou a sua fronte enrugada. E agora, em vez de montar cavalos armados para amedrontar as almas dos temíveis adversários, pula como um potro nos aposentos de uma dama ao som lascivo e ameno do alaúde. Mas eu, que não fui moldado para jogas nem brincos amorosos, nem feito para cortejar um espelho enamorado. Eu, que rudemente sou marcado, e que não tenho a majestade do amor para me pavonear diante de uma musa furtiva e viciosa, eu, que privado sou da harmoniosa proporção, erro de formação, obra da natureza enganadora, disforme, inacabado, lançado antes de tempo para este mundo que respira, quando muito meio feito e de tal modo imperfeito e tão fora de estação que os cães me ladram quando passo, coxeando, perto deles. Pois eu, neste ocioso e mole tempo de paz, não tenho outro deleite para passar o tempo afora a espiar a minha sombra ao sol e cantar a minha própria deformidade. E assim, já que não posso ser amante que goze estes dias de práticas suaves, estou decidido a ser ruim vilão e odiar os prazeres vazios destes dias. Armei conjuras, tramas perigosas, por entre sonhos, acusações e ébrias profecias, para lançar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, num ódio mortífero, e se o Rei Eduardo for tão verdadeiro e justo quanto eu sou sutil, falso e traiçoeiro, será Clarence hoje mesmo encarcerado devido a uma profecia que diz será um "gê" o assassino dos herdeiros de Eduardo. Mergulhai, pensamentos, fundo, fundo na minha alma. Ali vem Clarence. (*Entram Clarence e Brakenbury com alguns guardas.*) Irmão, bom dia. Que significam estes guardas armados ao serviço de Vossa Graça?

CLARENCE — Sua Majestade, interessada na segurança da minha pessoa, enviou esta escolta para me conduzir à Torre.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — E qual a causa?

CLARENCE — Porque o meu nome é George.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Oh! Senhor meu, não, não é vossa a culpa. Deveria ele, por tal razão, prender vossos padrinhos. Oh, talvez Sua Majestade tenha intento de outra vez vos batizar na Torre. Mas que se passa, Clarence? Posso saber?

CLARENCE — Podes, Ricardo, quando eu próprio o souber, porque juro que não sei

ainda, mas, pelo que ouvi, ele crê em profecias e em sonhos, e do alfabeto escolhe a letra "gê", e diz que um mago feiticeiro lhe revelou que é por um "gê" que um dia será deserdada a sua prole e porque o meu nome começa por gê ele conclui que serei eu. Estas, quanto eu sei, e outras ninharias semelhantes levaram Sua Alteza a mandar-me prender.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Pois assim é quando os homens são dominados por mulheres. Não é o Rei quem vos manda para a Torre, mas a senhora de Grey, sua esposa, Clarence, é ela quem o leva a tais extremos. Não foi ela e aquele homem que tem fama tão subida, Antônio de Woodville, esse seu irmão, que o fizeram mandar Hastings para a Torre, donde hoje mesmo sairá? Não estamos a salvo, Clarence, não estamos a salvo!

CLARENCE — Oh, céus, não creio que alguém esteja a salvo afora os parentes da Rainha e os mensageiros da noite que percorrem a distância entre o Rei e essa senhora Shore. Não ouviste dizer quantas humilhações sofreu o senhor de Hastings para conseguir a liberdade?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Humildes súplicas a essa deidade concederam a Sua Excelência o Camareiro-Mor a liberdade. Uma coisa te direi: cuido que nosso caminho será, se nos quisemos manter nas boas graças de El-Rei, fazermo-nos servos dela e usar sua libré. Desde que nosso irmão as transformou em nobres damas, a viúva gasta e invejosa, e ela própria, são comadres poderosas neste reino nosso.

BRAKENBURY — Perdoem-me Vossas Graças: sua Majestade com rigor recomendou que ninguém, fosse quem fosse, pudesse em privado conversar com vosso irmão.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ah; sim? Se aprouver a Vossa Mercê, Brakenbury, podeis tomar parte em tudo o que dissemos. Não falamos de traição, homem, dizemos que o Rei é astuto e virtuoso, e a nobre Rainha bem conservada, formosa, e sem ciúme. Dizemos que a mulher de Shore tem pé de jaspe, boca de rubi, belos olhos, língua amável e fugaz; e que os parentes da Rainha agora são fidalgos. Que tendes a dizer, senhor? Ousais negar estas sentenças?

BRAKENBURY — Nada disso, senhor, me diz respeito.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Nada, nem a senhora Shore? Digo-te, companheiro, que, a não ser um só, quem com ela tiver trato melhor fará que o faça secretamente, a sós.

BRAKENBURY — Quem é esse "um só", senhor?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — O marido dela, velhaco! Querias trair-me.

BRAKENBURY — Imploro o perdão de Vossa Graça e ao mesmo tempo que cesse de falar com o nobre Duque.

CLARENCE — Sabemos o teu dever, Brakenbury, e obedeceremos.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Somos os míseros servos da Rainha, somos forçados a obedecer. Irmão, adeus. Vou ao encontro de El-Rei, seja o que for que me mandeis fazer, mesmo chamar "irmã" à viúva do Rei Eduardo eu o farei para vos libertar. Entretanto, este rude golpe nos fraternos laços fere-me mais profundamente do que podeis cuidar. (*Abraça*

Clarence, chorando)

CLARENCE — Eu bem sei que isso não apraz a nenhum dos dois.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Bom, vossa prisão não será longa. Libertar-vos-ei, ou eu me enredarei por vós. Em tanto, sofrei com paciência.

CLARENCE — Assim por força terei de fazer. Adeus.

(*Sai Clarence Brakenbury e guardas*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Vai, percorre esse caminho que não terás regresso. Simples, incauto Clarence, hei por ti tamanho amor que em breve enviarei para o céu a tua alma, se o céu aceitar o dom feito assim por nossas mãos. Mas quem vem aí? Hastings neste instante libertado?

(*Entra o senhor de Hastings*)

HASTINGS — O meu bom dia a meu ilustre senhor.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — O mesmo desejo a meu bom senhor, o Camareiro-Mor; mui bem-vindo sois a este ar puro e livre. Como suportou Vossa Senhoria a prisão?

HASTINGS — Com paciência, nobre senhor, como é dever dos cativos, mas viverei, senhor, para dar graças aos que foram causa da minha prisão.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Que assim seja! E o mesmo será com Clarence, porque os que eram inimigos vossos, dele o são também, e contra ele ganharam, como contra vós.

HASTINGS — Pena é haver águias prisioneiras quando milhafres e abutres rapinam em liberdade.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Que novas haveis de fora? Não há, de fora, nova tão má como esta cá de dentro: o Rei está enfermo, fraco e melancólico, e os físicos temem por ele.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Por São João essa nova é deveras má. Oh, ele teve por usança largo tempo nocivas regras e gastou em demasia sua real pessoa. É doloroso pensar em tal. Onde está ele, em seu leito?

HASTINGS — Em seu leito.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — I-vos adiante, eu vos seguirei. (*Sai Hastings*) Ele não viverá, assim espero, e não pode morrer antes de George ser mandado de carruagem para os céus. Vou procurar El-Rei para mais excitar seu ódio contra Clarence com mentiras temperadas de argumentos ponderosos; e se não errar este meu profundo intento, Clarence não terá nem mais um dia para viver. Feito isto, tenha Deus em sua misericórdia El-Rei Eduardo, e deixe a mim o mundo para eu me mover nele. Então desposarei a filha mais nova de Warwick. Que importa se lhe matei o marido e lhe matei o pai? A melhor forma de dar remédio ao mal que fiz à moça é tornar-me seu marido e seu pai também. É isto que eu quero, não tanto por amor mas por outro intento mui secreto que alcançarei casando-me com ela. Porém, cada coisa a seu tempo.

Clarence ainda respira, Eduardo ainda vive e reina; quando eles já não forem, então farei contas aos meus ganhos. (*Sai*)

Cena 2

Entra o corpo de Henrique VI com uma guarda de alabardeiros, e Dona Ana conduz o préstito acompanhada por Tressel, Berkeley e outros nobres.

ANA — Pousai, pousai vosso digno fardo se é que a dignidade pode ser amortalhada em ataúde, enquanto eu, em funérea cerimônia, lamento a queda prematura do virtuoso Lancastre. Pobre figura rígida e fria de um piedoso rei, pálidas cinzas da casa de Lancastre, tu, ó resto exangue daquele sangue real, que me seja permitido invocar o teu espírito para ouvir as lamentações da desafortunada Ana, esposa do teu Eduardo, teu filho assassinado, ferido por essa mesma mão que ora produziu estas feridas. Coitada de mim, nas frestas que deixam escoar a tua vida eu verto o bálsamo sem esperança destes meus coitados olhos. Oh, maldita seja a mão que causou estas feridas, maldito o coração que teve força de o fazer, maldito o sangue que derramou este sangue. Sobre o hediondo miserável que miseráveis nos tornou com a tua morte, mais horrores se abatam do que aqueles que posso desejar a serpentes, aranhas, sapos, a qualquer réptil venenoso que vivente seja. Se ele alguma vez tiver um filho, que seja aborto, temporão, monstruoso, de aspecto tão horrendo e desigual que temor terá, em o vendo, a esperançosa mãe, e que seja o herdeiro da sua má fortuna. Se ele algum dia tiver mulher, que ela por sua morte se sinta mais mísera e mesquinha do que eu me sinto agora pela do meu jovem senhor e pela tua. Vinde agora para Chertsey com vosso sagrado fardo trazido de Saint Paul para ali ser sepultado. E quantas vezes o peso vos cansar, descansai, enquanto eu choro o corpo do Rei Henrique.

(*Entra Ricardo*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ficai, vós que transportais o corpo. Pousai-o aqui.

ANA — Que negro mago esconjura este inimigo para que faça impedimento a atos piedosos e devotos?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ruins vilões! Pousai o corpo, ou, por São Paulo, de quem desobedece farei eu um corpo morto!

GUARDA — Afastai-vos, senhor, e deixai passar o ataúde.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Cão danado! Para quando te ordeno! Ergue a tua alabarda mais alto que o meu peito ou, por São Paulo, estendo-te a meus pés, e te esmago, miserável, pela tua ousadia.

ANA — O quê? Tremeis? Haveis medo? Pobre de mim, não vos posso censurar, que sois mortais, e os olhos dos mortais não podem sofrer o maligno. Vai-te de ante mim, temeroso

ministro dos infernos! Tão só sobre seu corpo mortal tinhas poder; a alma, essa, não a podes ter; por isso, vai-te.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Doce santa, por caridade, não blasfemeis assim.

ANA — Demônio imundo, vai-te por amor de Deus, e não nos atormentes; que da terra feliz fizeste o teu inferno, encheste-a com gritos de maldição e com profundos clamores. Se te deleitas em contemplar teus feitos odiosos, põe os olhos neste exemplo de tua carnificina. Oh, senhores! Olhai, olhai as feridas do Rei Henrique sem vida abrindo bocas congeladas e de novo sangrando. Vergonha para ti, vergonha, ó tu, massa informe de sórdida disformidade, pois que é tua presença que aqui faz verter o sangue das veias geladas e vazias onde o sangue já não tem morada! O teu feito inumano e contrário à natureza provoca este dilúvio contrário a toda a natureza. Oh, Deus! Tu que criaste este sangue, vinga a sua morte. Oh, terra! Tu que bebes este sangue, vinga a sua morte. Ou que os relâmpagos dos céus se abatam sobre o assassino, ou que a terra se abra e de súbito o devore, tal como tu, ó terra, sorves todo o sangue deste bondoso Rei que seu braço comandado pelo inferno tão cruelmente matou.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Senhora minha, não conheceis as leis da caridade que mandam retribuir com o bem o mal, com bênçãos as maldições.

ANA — Pérfido, tu não conheces nem a lei de Deus nem a lei dos homens. Não há besta alguma, por mais feroz, que não conheça a piedade.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Mas eu não a conheço, de sorte que não sou besta alguma.

ANA — Oh, maravilha, quando os demônios dizem a verdade!

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Mor maravilha quando os anjos se enfurecem desta sorte. Permiti, ó mulheril, divina perfeição, que me seja possível desses supostos crimes defender-me passo a passo.

ANA — Permite, ó varonil pestilenta infecção, que apenas me seja possível destes males conhecidos acusar tua maldita pessoa passo a passo.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ó mais formosa do que a língua pode dizer, dá-me um tempo paciente para me poder escusar.

ANA — Ó mais torpe do que o coração consegue imaginar, não podes manifestar outra escusa a não ser o teu próprio enforcamento.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Esse desespero seria a minha acusação.

ANA — E por esse desespero serás tu escusado por, finalmente digno, teres vingado em ti a carnificina indigna que cometeste noutros.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — E se eu não os tivesse assassinado?

ANA — Então é porque não foram abatidos mas estão mortos, e por ti, ó escravo do diabo.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Não matei o teu marido.

ANA — Então é que ele está vivo.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Não, está morto, e foi abatido pela mão de Eduardo.

ANA — Maior mentira nunca o mundo ouviu. A Rainha Margarida viu a tua lâmina assassina fumegante do seu sangue, a mesma que apontaste contra o peito seu mas cuja ponta os teus irmãos desviaram.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Fui provocado pela língua injuriosa da Rainha que lançava a culpa que eles tinham sobre os meus ombros sem culpa.

ANA — Foste provocado pelo teu espírito perverso que nunca sonha com mais nada senão carnificinas. Não mataste este Rei?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Concedo-vos que sim.

ANA — Concedes-me, porco-espinho! Pois me conceda Deus também uma maldição sobre ti por esse feito perverso. Oh, como ele era amável, doce e virtuoso.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Melhor para o Rei dos céus que o tem agora.

ANA — Está no céu, onde tu nunca entrarás.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Deixai que ele me agradeça para lá tê-lo enviado, pois era o seu lugar, mais esse que na terra.

ANA — E o teu lugar não é senão o inferno.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Sim, outro lugar ainda, se quiserdes que o nomeie.

ANA — Uma masmorra?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — A vossa alcova.

ANA — Que se abata a inquietude sobre a alcova onde te deitas.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Assim acontece, senhora, até que me deite convosco.

ANA — Assim o espero!

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Eu sei que assim é. Mas, gentil Dona Ana, deixemos esta arguta querela de nossos engenhos e retomemos mais vagaroso método: não será o causador das mortes prematuras destes Plantagenetas, Henrique e Eduardo, tão culpado como o seu executor?

ANA — Tu foste a causa e o seu mais vil efeito.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — A vossa formosura foi causa de tal efeito,a vossa formosura que me perseguia em sonhos a fim de me dar cargo da morte do mundo inteiro para que pudesse uma hora só viver sobre o vosso suave peito.

ANA — Se eu tal cuidasse, digo-te, homicida, estas unhas arrancariam a formosura de meu rosto.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Estes olhos meus não sofreriam os destroços dessa formosura, não vos desfiguraríeis, se eu estivesse ao pé de vós. Tal como o mundo todo se alegra com o sol, assim me alegro eu com vossa formosura, ela é o meu dia, ela é a minha vida.

ANA — Que a noite negra escureça teu dia, e a morte tua vida.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Não te amaldiçoes, formosa criatura, tu és ambas as coisas.

ANA — Prouvera que fosse, para me vingar de ti.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — É uma disputa horrenda, vingares-te em quem te ama.

ANA — É uma disputa justa e conforme à razão vingar-me de quem matou meu marido.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Quem te privou, senhora, de teu marido, fê-lo para te ajudar a encontrar marido melhor.

ANA — Não respira sobre a terra homem melhor do que ele.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Está vivo quem te ama mais do que ele pôde.

ANA — Diz que nome tem.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Plantageneta.

ANA — Isso era ele.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — O nome, o mesmo, mas alguém de mais nobre natureza.

ANA — Onde está ele?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Aqui. (*Ela cospe para cima dele*) Porque me cospes?

ANA — Oxalá, para teu bem, fosse veneno mortal.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Nunca de fonte tão doce brotou veneno.

ANA — Nunca escorreu veneno de sapo mais imundo. Fora da minha vista! Envenenas os meus olhos.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Teus olhos, gentil senhora, envenenaram os meus.

ANA — Oxalá fossem basiliscos para te matarem.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Oxalá fossem, para eu neste instante morrer, porque eles me matam agora de uma morte viva. Esses teus olhos arrancaram dos meus lágrimas amargas, envergonharam-lhes o aspecto com uma chuva de gotas infantis; estes olhos, que nunca derramaram uma só lágrima de remorso. Nem quando meu pai York e Eduardo choraram ao ouvir o queixume plangente que Rutland soltou quando o negro Clifford o trespassou com a espada, nem quando o teu belicoso pai, como criança, contou a triste história da morte de meu pai, e vinte vezes parou soluçando e chorando, de tal guisa que toda a companhia tinha as faces

molhadas como árvores desfeitas pela chuva. Naquela hora triste meus olhos viris desprezaram até uma humilde lágrima. E o que estas penas não lograram causar, logrou tua formosura, e com o próprio choro os cegou. Nunca supliquei a amigo, a inimigo, minha língua nunca experimentou suave e lisonjeira fala, mas eis que tua formosura é o reino que eu desejo, o meu orgulhoso coração suplica, e força a minha língua a falar. (*Ela olha para ele com escárnio*) Não ensines a teus lábios escárnio tal, porque foram feitos, senhora, para beijar, e não para tal desdém. Se teu coração, prenhe de vingança, não pode perdoar, aqui está, entrego-te esta espada de ponta afiada, para que a enterres, se te apraz, neste peito leal, e deixa partir a alma que te adora, exponho-o nu ao golpe mortal e de joelhos, humilde, te imploro a morte. (*Ajoelha-se descobre o peito, oferece-o ao mesmo tempo que a espada*) Não, não hesites, porque eu matei o Rei Henrique, mas foi a tua formosura que a tal me conduziu. Vá, depressa, fui eu que apunhalei o jovem Eduardo, mas foi o teu rosto celestial que a isso me forçou. (*Ela deixa cair a espada*) Levanta a espada, ou levanta-me a mim.

ANA — Ergue-te, homem enganador. Embora eu deseje a tua morte. (*Ele levanta-se*) Não serei eu o teu carrasco.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ordena então que eu me mate, e fá-lo-ei.

ANA — Já ordenei.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Isso foi em tua cólera. Repete agora, profere a palavra. Esta mão, que por teu amor matou o teu amor, matará, por teu amor, um amor bem mais leal. Cúmplice te tornarás em ambas essas mortes.

ANA — Quisera conhecer teu coração.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Está espelhado na minha língua.

ANA — Temo que ambos sejam falsos.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Então nunca existiu um homem verdadeiro.

ANA — Pois bem, embainhai então vossa espada.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — E tu diz que haverei paz.

ANA — Sabê-lo-ás mais tarde.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Mas poderei viver com uma esperança?

ANA — Todos os homens, espero, vivem assim.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Promete usar este anel.

ANA — Receber não é dar.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Vê como o meu anel se ajusta ao teu dedo, tal como o teu peito encerra meu triste coração. Usa-los ambos, porque ambos são teus,e se for lícito a este teu pobre e dedicado servo implorar um favor à tua graciosa mão, para todo o sempre assim confirmarias a sua felicidade.

ANA — Qual favor?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — O favor de deixares estes tristes deveres a quem tem mais razão para lamentar a morte e de partir já para Crosby Place, onde eu, depois de solenemente enterrar no Mosteiro de Chertsey este nobre rei, e de molhar seu túmulo com arrependidas lágrimas, vos procurarei para vos servir. Por várias e ignotas razões vos suplico que me concedais este favor.

ANA — De todo o coração. Muito me alegra também ver-vos tão arrependido. Tressel e Berkeley, vinde comigo.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Dizei-me adeus.

ANA — É mais do que mereceis, mas porque me ensinais a dar-vos louvores, imaginai então que já vos disse adeus.

(*Saem Tressel e Berkeley com Ana*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Senhores, levai o cadáver.

GUARDA — Para Chertsey, nobre senhor?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Não, para Whitefriars. Esperai aí por mim. (*Saem os fidalgos e alabardeiros com o cadáver*) Terá havido mulher de tal sorte cortejada? Terá havido mulher de tal sorte conquistada? Será minha, mas não por largo tempo. Quê, eu que lhe matei o marido e a este o pai, conquistá-la quando ela tinha o coração cheio do ódio mais extremo, com maldições nos lábios e lágrimas nos olhos. Junto da sangrenta testemunha do seu ódio, tendo contra mim Deus, a sua consciência e estas teias. E sem amigos que ajuda me dessem nessa obra, só o demônio e estes olhares enganadores, e mesmo assim conquistá-la, tanta coisa para nada! Ha! Já terá ela esquecido o formoso Príncipe Eduardo, seu senhor, que eu, há cerca de três meses, agastado apunhalei em Tewkesbury? Fidalgo mais galante e mais gentil, fruto duma natureza generosa, jovem, animoso, sábio, e sem dúvida qualquer de régia estirpe, não pode o vasto mundo de novo engendrar. Porém, ela aceita baixar a vista sobre mim, que colhi a dourada primavera deste doce Príncipe e que a tornei viúva em doloroso leito? Sobre mim, que inteiro não igualo metade de Eduardo? Sobre mim, que coxeio e sou assim disforme? O meu ducado contra um mísero vintém, tenho, todo este tempo, medido mal minha pessoa! Por minha vida ela pensa — embora eu não — que sou um homem honesto e maravilhoso. Comprarei um espelho, e aprazarei mais de vinte, mais de trinta alfaiates para estudarem as vestes que adornarão meu corpo. Já que me deleito com as minhas próprias graças, farei dispêndios para que a coisa assim perdure. Mas primeiro deitarei aquele para a cova, e então, com lamentos, tornarei ao meu amor. Brilha Sol, luminoso, até eu comprar um espelho para que minha sombra possa eu ver enquanto passo. (*Sai*)

Cena 3

Entra a Rainha Isabel, o senhor de Rivers, o senhor de Grey e o Marquês de Dorset.

RIVERS — Tende paciência, senhora, Sua Majestade retomará em breve a sua costumada saúde.

GREY — Quanto maior ânsia manifestardes pior lhe fareis, por isso, pelo amor de Deus, alimentai boa esperança e dai ânimo a Sua Graça com um olhar ledo e vivo.

ISABEL — Se ele morresse, que seria de mim?

GREY — Nenhum outro mal afora perder um tal senhor.

ISABEL — Perder um tal senhor inclui todos os males.

GREY — Os céus abençoaram-vos com um formoso filho e nele conforto encontrareis, quando o rei já não viver.

ISABEL — Oh!, ele é jovem, e como infante está entregue à guarda de Ricardo de Gloucester, homem que não me quer bem, nem a qualquer de vós.

RIVERS — Já está concluído ser ele o Protector?

ISABEL — Está decidido, concluído ainda não, mas assim terá de ser, se o Rei sucumbir.

(*Entram Buckingham e Stanley, Conde de Derby*)

GREY — Ali vêm os senhores de Buckingham e de Derby.

BUCKINGHAM — À Vossa Real Graça, o meu bom dia.

STANLEY — Deus faça feliz Vossa Majestade, como sempre tendes sido.

ISABEL — A Condessa de Richmond, meu bom senhor de Derby, à vossa boa prece a custo dirá amem. Contudo, Derby, apesar de ser ela vossa esposa, e de não me querer bem, ficai seguro, senhor, de que vos não odeio por sua fera arrogância.

STANLEY — Eu vos imploro, não tomeis por verdadeiras as calúnias invejosas dos seus falsos acusadores, ou se for ela acusada com verdade perdoai sua fraqueza, que eu cuido tem origem em doentio humor, e não em profunda maldade.

RIVERS — Vistes hoje El-Rei, meu senhor de Derby?

STANLEY — Agora mesmo o Duque de Buckingham e eu estivemos em presença de Sua Majestade.

ISABEL — Há esperança de melhoras, senhores?

BUCKINGHAM — Senhora, esperança há; Sua Graça fala alegremente.

ISABEL — Deus lhe dê saúde. Haveis praticado com ele?

BUCKINGHAM — Senhora, sim. Ele deseja pôr em paz o Duque de Gloucester e vossos irmãos, e eles e o senhor Camareiro-Mor, e mandou fossem chamados a sua real presença.

ISABEL — Oxalá tudo tenha bom fim, mas isso nunca será. Temo que nossa felicidade tenha chegado a seu cume.

(*Entram Ricardo e Hastings*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Eles procedem mal comigo, e eu tal não sofrerei. Quem se lamenta a El-Rei de eu ser, por Deus, fero e de não lhes querer bem? Por São Paulo, amam pouco Sua Graça aqueles que lhe enchem os ouvidos destes insanos rumores. Porque não sei dar lisonja nem ter aspecto afável, sorrir perante os homens, afagar, enganar e fingir, curvar-me como os franceses e arremedar cortesias, tenho de ser considerado um rancoroso inimigo? Não poderá ser que um homem simples viva e não pense mal, sem que a sua simples verdade não seja injuriada por uns quaisquer Joanes insinuantes e astutos?

GREY — A qual de nós aqui presentes se dirige Vossa Graça?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — A ti, que não tens honestidade nem tens graça. Quando foi que procedi mal para contigo? Quando foi que te fiz mal? Ou a ti? Ou a ti? Ou a alguém da vossa facção? Que a peste se abata sobre todos vós! A Sua Real Graça — e oxalá Deus o preserve mais do que o podeis vós desejar — não pode respirar em sossego um só momento sem que vós o perturbeis com vossas queixas depravadas.

ISABEL — Irmão Gloucester, não haveis entendido a questão: El-Rei, por sua própria e régia vontade, e não levado por pedido algum, havendo talvez em mente o vosso ódio profundo que se manifesta em vossos atos visíveis contra meus filhos, irmãos, e contra mim própria, manda chamar-vos, para saber a razão da vossa malquerença, e desse modo removê-la.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Não sei dizer. O mundo tornou-se tão perverso que as carriças fazem presas onde as águias não ousam pousar. Desde que qualquer Joane se muda em fidalgo, há muita gente fidalga que se transforma em Joane.

ISABEL — Então, então, sabemos o que quereis dizer, irmão Gloucester. Tendes inveja à minha ascensão e à dos meus amigos. Deus permita que nunca tenhamos necessidade de vós.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Entretanto, Deus permita que tenhamos nós necessidade de vós. Está preso o nosso irmão por culpa vossa, eu próprio desgraçado, e a nobreza é desprezada, enquanto dia a dia se concede nobre condição aos que ainda há menos de dois dias mal valiam um centil.

ISABEL — Por Deus que me elevou da felicidade tranqüila que eu gozava a essas alturas inseguras, nunca incitei Sua Majestade contra o Duque de Clarence, mas tenho sido, sim, advogado sério a interferir por ele. Senhor meu, lançais sobre mim infame injúria envolvendo-me com falsidade nestas suspeitas vis.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Podeis negar que não haveis sido a causa da recente prisão do senhor de Hastings?

RIVERS — Senhor, ela pode, porque...

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ela pode, senhor de Rivers. Pois quem o não sabe? Ela pode fazer mais, senhor, do que negar esse feito. Ela pode ajudar-vos à obtenção de muitos belos cargos e depois negar que foi a protetora mão em tudo isso, e atribuir honrarias a vosso subido mérito. O que é que ela não pode? Ela pode, sim, ela pode casar...

RIVERS — O quê, pode casar?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Pode casar com quem? Casar com um rei solteiro e mancebo formoso. Cuido que vossa avó fez pior casamento.

ISABEL — Meu senhor de Gloucester, sofri tempo de mais as vossas ásperas censuras e zombarias amargas. Pelos céus, irei contar a Sua Majestade os insultos ignaros que amiúde suportei.

(*Entra a velha Rainha Margarida*)

ISABEL — Quisera eu ser moça do campo antes que grande rainha, assim maltratada, escarnecida e ultrajada. Pequeno contentamento tenho eu em ser Rainha de Inglaterra.

MARGARIDA — (*À parte*) E que esse pequeno contentamento se torne mais pequeno ainda, eu vos imploro, meu Deus. Pertencem-me a tua honra, o teu estado e o teu lugar.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Quê, ameaçais contar a El-Rei? Contai, contai sem temperança. Lembrai-vos bem do que vos disse. Serei capaz de o afirmar em presença de El-Rei. Ouso aventurar-me a ser mandado para a Torre. É tempo de falar, já esqueceram os meus serviços.

MARGARIDA — (*À parte*) Fuge, demônio! Por demais me lembro eu deles: mataste na Torre meu marido Henrique, e Eduardo, meu filho, em Tewkesbury.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Antes de serdes Rainha, sim, ou o vosso esposo Rei, já eu era a besta de carga em seus importantes tratos, quem mondava seus orgulhosos adversários, quem premiava com liberalidade os seus amigos. Para coroar o sangue dele, cansei meu próprio sangue.

MARGARIDA (*À parte*) — Assim foi, e sangue bem melhor do que o dele e do que o teu.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Durante esse longo tempo, vós e o vosso esposo Grey éreis partidários da Casa de Lancastre. E Rivers, vós o haveis sido também. Não foi morto o vosso esposo na batalha de Margarida, em Santo Albano? Deixai-me que vos lembre, se não haveis memória disso, o que éreis antes disto, e o que sois e também o que eu era e o que ora sou.

MARGARIDA (*À parte*) — Um sórdido assassino, e ainda o és.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — O pobre Clarence abandonou seu pai Warwick,

sim, e perjurou — que Jesus lhe perdoe!

MARGARIDA (*À parte*) — Que Deus o vingue!

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Para lutar ao lado de Eduardo pela coroa, e como recompensa, pobre senhor, está encarcerado. Prouvera a Deus que meu coração fosse de pedra, como é o de Eduardo, ou que o de Eduardo fosse brando e misericordioso como é o meu. Sou demasiado tolo e pueril para este mundo.

MARGARIDA (*À parte*) — Esconde-te no inferno por vergonha e deixa este mundo. Ó tu, demônio, o teu reino é ali.

RIVERS — Meu senhor de Gloucester, nesses dias conturbados, que aqui recordais para dar prova de que fomos inimigos, seguíamos nós nosso senhor, o nosso Rei soberano. Também vós nós seguiríamos, se fosseis vós nosso rei.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Se fosse? Antes quisera ser mendigo! Longe viva do meu coração tal pensamento.

ISABEL — Como é pouca a alegria, senhor meu, que imaginais podíeis ter, se fôsseis Rei neste país, assim podeis imaginar ser pouca alegria que eu tenho em ser Rainha aqui.

MARGARIDA (*À parte*) — Sim, pouca alegria tem a Rainha, porque eu sou ela e também sem alegria. Não posso calar-me por mais tempo! (*Avança*) Ouvi-me, vós, piratas em contenda, que entre vós lutais ao dividir o que me haveis pilhado: qual de vós não treme ao olhar para mim? Ou porque sou a Rainha, e como súbitos vos curvais, ou porque, por vós deposta, como rebeldes tremeis? Ah, nobre vilão! Não te apartes daqui.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Bruxa velha e imunda, que fazes diante de mim?

MARGARIDA — Tão-só a narração de todos os teus estragos: isso farei, antes de te deixar partir.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Não foste para o exílio, para não sofreres a morte?

MARGARIDA — Fui, mas maior sofrimento encontro no exílio do que a morte me pode causar aqui em minha casa. Deves-me um marido e um filho; e tu um reino; vós todos lealdade. Esta mágoa que tenho é vossa por direito, e todos os prazeres que me usurpais são meus.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — A maldição que o meu nobre pai lançou sobre ti quando coroaste a sua fronte guerreira de papel, e com teu escárnio fizeste brotar rios dos seus olhos, e depois, para os secares, deste ao Duque um trapo embebido no sangue inocente do formoso Rutland, as suas maldições de então, do âmago da alma arrancadas contra ti, sobre ti caíram todas, e Deus, não fomos nós, castigou o teu feito sangrento.

ISABEL — Assim Deus é justo quando faz justiça ao inocente.

HASTINGS — Oh! Foi o mais ingente crime matar aquele infante, e a mais impiedosa obra que a memória guarda.

RIVERS — Os próprios tiranos verteram lágrimas ao ouvirem o relato.

DORSET — Não houve homem algum que não fizesse profecia de vingança.

BUCKINGHAM — Northumberland, então presente, chorou em vendo.

MARGARIDA — Quê? Estáveis vós todos rosnando antes da minha chegada prontos a filarem-se uns aos outros pelo pescoço e virais agora todos vós o ódio contra mim? A medonha maldição de York teve nos céus tal poder que a morte de Henrique, a morte de meu querido Eduardo, a perda do seu reino, o meu doloroso exílio, não são mais que o preço da morte dessa criança impertinente? Podem as maldições atravessar as nuvens e chegar até ao céu? Pois então, deixai passar negras nuvens, minhas lestas maldições. Que morra o vosso Rei não na guerra, mas por excessos, tal como o nosso às mãos do assassino, para que esse se tornasse Rei. Que morra na sua juventude, de igual modo vítima de violência precoce, Eduardo, teu filho, que agora é Príncipe de Gales. Por Eduardo, meu filho, que era Príncipe de Gales. Que tu própria Rainha, por mim que fui Rainha, sobrevivas à tua glória, tal como eu, infeliz. Que vivas muitos anos para chorar a morte dos teus filhos, e para ver uma outra ornada dos teus direitos, como que os teus dias felizes pereçam muito antes da tua morte. E que, após largas horas de sofrimento, morras sem já ser mãe, sem já ser esposa, nem Rainha de Inglaterra. Rivers e Dorset, vós estáveis presentes, e tu também, senhor de Hastings, quando com sangrentos punhais foi ferido o meu filho. Ó Deus, eu vos suplico que nenhum de vós chegue ao termo natural da sua idade, mas que sucumbais a imprevisto acidente.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Acabaste o teu feitiço, tu, odiosa velha bruxa?

MARGARIDA — Sem te incluir a ti? Fica aí, cão, porque terás de me ouvir. Se os céus tiverem concebido praga mais penosa do que aquela que consigo desejar-te, oh, que eles aguardem até estarem maduros teus pecados. E que então lancem sua ira sobre ti, perturbador da paz deste triste mundo. Que o verme da consciência te roa a alma; que suspeites teus amigos de traição enquanto vivo fores; e que tomes por teus íntimos amigos os maiores traidores; que o sono jamais cerre esses teus olhos mortíferos a não ser para que tormentosos sonhos te amedrontem com seu inferno de hediondos demônios. Tu, denominado aborto de refocilante porco, tu, que à nascença foste assinalado escravo da natureza, e filho dos infernos, tu, vergonha do ventre da tua mãe, tu, odiado produto dos quadris de teu pai, tu, farrapo de honra, tu, desprezível...

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Margarida!

MARGARIDA — Ricardo!

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Quê?

MARGARIDA — Não te chamei.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Peço-te perdão, cuidei que me tinhas tu chamado todos aqueles nomes amargos.

MARGARIDA — Assim foi, mas resposta não esperava. Oh, deixa-me acabar esta minha maldição!

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Eu a fiz, e termina em "Margarida".

ISABEL — Proferistes assim contra vós mesma a maldição.

MARGARIDA — Pobre rainha de fantasia, vã decoração da minha sorte, porque lanças tu açúcar sobre essa aranha inchada suja teia mortal te envolve toda? Louca, louca! Afias a faca para te matar. Virá o dia em que tu desejarás que eu te ajude à maldição deste sapo marreco e venenoso. Mulher fementida, acaba a tua maldição infrene, evitando assim que, para teu mal, nos esgotes a paciência.

MARGARIDA — Infâmia sobre vós todos, haveis esgotado a minha.

RIVERS — Bem vos serviria quem vos ensinasse os vossos deveres.

MARGARIDA — Para me bem servirdes, teríeis de cumprir vós vossos deveres. Ensinai-me a ser vossa Rainha e vós súbditos meus. Oh, servi-me bem, e aprendei bem esses deveres.

DORSET — Não despendais razões com ela, ensandeceu.

MARGARIDA — Paz, senhor Marquês. Sois desavergonhado. Vosso título recente ainda não é moeda usada. Oh, se a vossa tenra nobreza pudesse fazer juízo do que é perdê-la e assim ser miserável! Aqueles que estão no alto cume são por muitos ventos sacudidos, e, se caírem, em pedaços se repartem.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Bom conselho, por minha fé! Fazei por segui-lo, Marquês, fazei.

DORSET — Tanto toca a vós, senhor, como me toca a mim. Oh, e muito mais. Mas eu nasci em alto estado, o nosso ninho é no cimo de um cedro, e brinca com o vento e escarnece do sol.

MARGARIDA — E transforma o sol em sombra, coitada de mim, coitada! É testemunho o meu filho, agora na sombra da morte, cujos raios brilhantes, resplandecentes, a tua turva cólera envolveu em eterna escuridão. O teu ninho foi feito no nosso ninho. Oh, Deus, que tal vedes, não tolereis coisa assim. como foi ganho com sangue, assim também seja perdido.

BUCKINGHAM — Calai-vos, calai-vos, por vergonha se não for por caridade.

MARGARIDA — Não me peças caridade nem vergonha. Sem caridade haveis privado comigo e sem vergonha foram por vós cruelmente mortas as minhas esperanças. A minha caridade é o ultraje, a vida minha vergonha, e nessa vergonha viva sempre o furor das minhas mágoas.

BUCKINGHAM — Acabai, acabai!

MARGARIDA — Ó nobre Buckingham, beijarei a tua mão em sinal de aliança e amizade para contigo. Que os céus te sejam propícios e à tua nobre Casa, as tuas vestes não estão manchadas do meu sangue, nem tu cabes dentro da minha maldição.

BUCKINGHAM — Nem ninguém aqui, porque nunca as maldições passam dos lábios dos homens que as proferem.

MARGARIDA — Não cuide assim, porque elas sobem aos céus, e aí despertam a

dormente e gentil paz de Deus. Ó Buckingham, acautelai-te com aquele cão! Nota que quando ele nos afaga, morde; e quando morde o seu dente venenoso fere mortalmente. Não tenhas trato com ele, tem cuidado com ele, pecado, morte e inferno deixaram nele seus sinais, e todos os seus servos lhe obedecem.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Que diz ela, meu senhor de Buckingham?

BUCKINGHAM — Nada que eu acate, meu bom senhor.

MARGARIDA — Quê, desprezas-me por este meu conselho amigo, e adulas o demônio contra quem eu te previno? Oh, mas recorda este outro dia quando ele quebrar de dor o teu próprio coração, e diz que a pobre Margarida era profeta. Vivei, cada um de vós ao ódio dele sujeito, e ele ao vosso, e todos vós ao de Deus. (*Sai*)

BUCKINGHAM — Arrepiam-se-me as carnes de a ouvir proferir tais maldições.

RIVERS — E a mim também. Não entendo a razão de ela estar em liberdade.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Não a condeno. Pela santa mãe de Deus, ela sofreu duras ofensas, e eu me arrependo da parte que me cabe.

ISABEL — Nunca a ofendi, ciente que o fazia.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Tendes, no entanto, todo o proveito de suas ofensas. Por paixão fui levado a bem fazer a alguém que é demasiado frio para pensar nisso agora. Por minha fé, quanto a Clarence, ele está bem recompensado: por seus males fechado em pocilga para a engorda. Deus perdoe àqueles que foram causa de tal dano.

RIVERS — Conclusão cristã e virtuosa: orar por quem tais danos nos causou.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — É o que eu sempre faço de si para si bem avisado como sou. Se maldição eu agora tivera proferido, teria a maldição caído sobre mim.

(*Entra Catesby*)

CATESBY — Senhora, Sua Majestade chama por vós, E por Vossa Graça, e por vós, gentis senhores.

ISABEL — Catesby, eu vou. Senhores, vindes comigo?

RIVERS — Acompanhamos Vossa Graça.

(*Saem todos exceto Ricardo*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Eu faço o mal, e sou o primeiro a queixar-me. Os secretos agravos que amiúde vou tecendo faço que outros tomem deles penoso cargo. Clarence, a quem eu, decerto, lancei na escuridão, eu o lastimo frente a muitos galináceos, nomeadamente Derby, Hastings, Buckingham, e digo-lhes que é a Rainha e seus aliados que atiçam o Rei contra o Duque meu irmão. Crêem eles agora em tal, e me movem a vingar-me em Rivers, em Dorset e em Grey. Entretanto eu suspiro, e com uma palavra da Escritura, lhes digo que manda Deus retribuir o mal com o bem. E assim cubro a minha infâmia manifesta com estranhos farrapos das Sagradas Escrituras, e semelho a um santo, quando faço de diabo o mais que posso. (*Entram*

dois assassinos) Mas devagar, aí vêm os meus executores. Ora então, meus animosos companheiros, vigorosos e audazes, ides agora rematar a questão?

PRIMEIRO ASSASSINO — Vamos, senhor, e viemos buscar a licença. Que nos permita entrar no local onde ele está.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Bem pensado. Tenho-a aqui. Quando tiverdes concluído, ide a Crosby Place. Mais, senhores, sede lestos na execução. E sem remissão, não deis ouvidos a suas preces, porque Clarence tem boas falas e talvez possa mover a piedade vossos corações, se lhe prestardes atenção.

SEGUNDO ASSASSINO — Quê, senhor! Não nos quedaremos a falar. Quem muito fala pouco faz. Ficai certo de que vamos usar as nossas mãos, e não a nossa língua.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Dos vossos olhos caem pedras, quando dos olhos dos tolos brotam lágrimas. Gosto de vós, moços. Ao trabalho, já. Ide, ide, depressa.

AMBOS — Vamos, meu nobre senhor.

(*Saem*)

Cena 4

Entra Clarence e guarda.

GUARDA — Porque tem hoje Vossa Graça um aspecto tão grave?

CLARENCE — Oh, passei uma noite tormentosa, cheia de hórridos sonhos, de feras visões, tanto que eu, cristão e crente, não passaria nova noite assim, fora embora para comprar um mundo de dias felizes, tão prenhe de funesto horror foi esse tempo.

GUARDA — Que sonho foi esse, senhor? Dizei, vos peço.

CLARENCE — Cuidei ter fugido da Torre, e estava numa barca para ir até Borgonha; e em minha companhia, Gloucester, meu irmão, que me tentou para que deixasse o camarote e fosse ao tombadilho. Dali olhamos a Inglaterra e falamos dos mil difíceis tempos das guerras de York e de Lancastre, por que havíamos passado. Enquanto andávamos por sobre o chão escorregadio do tombadilho, cuidei que Gloucester tropeçava, e ao cair me lançou — a mim que, cuidava eu, o amparava — borda fora, para o fundo das altíssimas ondas do oceano. Oh, Deus! Cuidei saber a dor do afogamento, o terrífico ruído das ondas nos ouvidos, as visões da crua morte nos meus olhos! Cuidei que via mil funestos naufrágios, dez mil homens que os peixes devoravam, barras de ouro, âncoras ingentes, cômoros de pérolas, pedras preciosas, jóias de valor inestimável, tudo espalhado no fundo do mar. Algumas havia dentro de crânios de cadáveres, e nos buracos que outrora os olhos habitavam tinham-se alojado, como se escarnecessem dos olhos, pedras cintilantes, que faziam cortesia ao fundo enlameado das profundezas, e se riam dos ossos que por ali jaziam.

GUARDA — Haveis tido tempo à hora da morte de olhar esses segredos das profundezas?

CLARENCE — Cuido que tive. E muitas vezes me esforcei por exalar o último suspiro, porém a invejosa torrente retinha a minha alma, e não a deixava sair para encontrar os ares incertos, vastos e livres, Mas a escondia no meu arquejante peito, que quase rebentava ao vomitá-la no mar.

GUARDA — E não haveis despertado no meio dessa terrífica agonia?

CLARENCE — Não, não. Foi-se o meu sonho prolongando para além da vida. Oh, a procela começou então para a minha alma. Cuidei que passava o rio da melancolia com esse fero barqueiro de que falam os poetas, e que entrava no reino da noite sem fim. O primeiro a saudar a minha alma de forasteiro foi meu ilustre sogro, o famoso Warwick, que em voz alta chamou: “Que flagelo pelo perjúrio pode oferecer este escuro reino ao falso Clarence?” Posto o

que desapareceu. Surgiu então errante uma sombra que um anjo semellhava, de luminosos cabelos tingidos de sangue, e alto gritou: "Clarence é chegado, o perjuro, o falso Clarence das duas faces que me apunhalou na batalha de Tewkesbury! Agarrai-o, fúrias! Conduzi-o ao suplício!" Entretanto, cuidei, uma legião de sórdidos demônios me cercaram, e lançaram para o fundo de meus ouvidos gritos de tal modo hediondos que o próprio ruído me despertou em sobressalto, e por um tempo não ousava crer que não estava no inferno, tal a temerosa aflição causada pelo sonho.

GUARDA — Não é motivado espanto, senhor, o terror que sentistes; de vos ouvir, tão só, eu sinto terror.

CLARENCE — Oh, guarda, guarda, eu cometi esses feitos que agora testemunham contra a minha alma por amor de Eduardo, e vê como ele me paga. Oh, Deus, se minhas preces profundas não te podem abrandar, mas queres vingar-te dos meus crimes, abate a Tua ira apenas sobre mim. Oh, poupa minha mulher inocente e meus desgraçados filhos. Guarda, peço-te, senta-te por um momento ao pé de mim. Está grave a minha alma, e com vontade dormiria. Ficarei, senhor. Que Deus conceda a Vossa Graça um repousado descanso.

(*Entra Brakenbury, o Tenente*)

BRAKENBURY — A dor quebra as estações e as horas de repouso, faz da noite manhã, e da tarde noite. Os príncipes mais não têm que os títulos por glória, honras exteriores para um interior tormento, e em lugar de imaginados prazeres irreais, eles muitas vezes sentem um mundo de desassossegados cuidados. De sorte que entre seus títulos e um humilde nome não há qualquer diferença senão a fama exterior.

(*Entram os dois assassinos*)

PRIMEIRO ASSASSINO — Eh, quem está aqui?

BRAKENBURY — Que queres, companheiro? E como chegaste até aqui?

SEGUNDO ASSASSINO — Queria falar a Clarence, e cheguei aqui pelas minhas pernas.

BRAKENBURY — Quê, tão breve?

PRIMEIRO ASSASSINO — É melhor, senhor, do que ser importuno. Deixa-o ver a ordem que trazemos e não fales mais.

(*Brakenbury lê*)

BRAKENBURY — Isto me manda entregar o nobre Duque de Clarence em vossas mãos. Não discutirei o que trás isto se esconde. Ficarei eu inocente do intento. Ali está o Duque adormecido, e ali as chaves. Irei junto de El-Rei, e lhe direi que a vós entreguei o meu encargo.

PRIMEIRO ASSASSINO — Senhor, ide. Assim manda a prudência. Ide em paz.

(*Saem Brakenbury e guardas*)

SEGUNDO ASSASSINO — Então, mato-o enquanto dorme?

PRIMEIRO ASSASSINO — Não. Assim ele dirá, quando acordar, que agimos com covardia.

SEGUNDO ASSASSINO — Ora, ele nunca acordará senão no Dia do Juízo.

PRIMEIRO ASSASSINO — Ora, e então vai dizer que o matamos quando dormia.

SEGUNDO ASSASSINO — Essa palavra "juízo", de pesada, fez nascer em mim a modos que um remorso.

PRIMEIRO ASSASSINO — Quê, tens medo?

SEGUNDO ASSASSINO — Não de o matar — porque tenho ordem — mas de ser condenado por o ter morto, e disso não há ordem que defenda.

PRIMEIRO ASSASSINO — Cuidei que estavas determinado.

SEGUNDO ASSASSINO — E estou, a deixá-lo viver.

PRIMEIRO ASSASSINO — Irei junto do Duque de Gloucester e isso lhe contarei.

SEGUNDO ASSASSINO — Não, peço-te que fiques um instante. Espero que se mude este meu humor apaixonado. Costuma durar só o tempo de contar até aos vinte.

PRIMEIRO ASSASSINO — Como te sentes agora?

SEGUNDO ASSASSINO — Há ainda em mim uns restos de consciência.

PRIMEIRO ASSASSINO — Lembra-te do prêmio, quando o feito estiver cumprido.

SEGUNDO ASSASSINO — Com mil demônios, que morra! Já me esquecera o prêmio.

PRIMEIRO ASSASSINO — Onde está agora a tua consciência?

SEGUNDO ASSASSINO — Oh, na bolsa do Duque de Gloucester.

PRIMEIRO ASSASSINO — Quando ele abrir a bolsa para nos dar o prêmio, a tua consciência foge de lá?

SEGUNDO ASSASSINO — Isso não importa, deixa-a ir. Há poucos que a tenham, ou mesmo ninguém.

PRIMEIRO ASSASSINO — E se ela voltar outra vez para ti?

SEGUNDO ASSASSINO — Não quero pacto com ela, é causa de covardia. Não pode um homem roubar sem que ela o acuse; não pode um homem blasfemar sem que ela o censure; não pode um homem deitar-se com a mulher do vizinho, sem que ela o traia. É um espírito envergonhado, que cora, que faz motim no peito de um homem. Enche um homem de impedimentos. Uma vez fez-me entregar uma bolsa cheia de ouro que encontrei por acaso. Arruina todo aquele que ficar com ela. Foi expulsa das cidades e das vilas como coisa perigosa, e todo o homem que pretende viver bem faz por confiar em si e viver sem ela.

PRIMEIRO ASSASSINO — Com mil demônios, ela está agora mesmo aqui ao meu lado, a convencer-me a não matar o Duque.

SEGUNDO ASSASSINO — Agarra o diabo em teu espírito e nele não creias. Era capaz

de se meter por ti dentro só para te fazer suspirar.

PRIMEIRO ASSASSINO — Tenho forte estatura, não consegue vencer-me.

SEGUNDO ASSASSINO — Falaste como um valente que respeita a fama que tem. Anda, lancemo-nos ao trabalho!

PRIMEIRO ASSASSINO — Bate-lhe na cabeçorra com os copos da tua espada, e depois atiramo-lo para dentro do barril de malvasia que está no quarto ao lado.

SEGUNDO ASSASSINO — Oh, que excelente ardil! E faz-se dele umas sopas.

PRIMEIRO ASSASSINO — Chiu, que acorda.

SEGUNDO ASSASSINO — Bate-lhe!

PRIMEIRO ASSASSINO — Não, vamos argumentar com ele.

CLARENCE — Onde estás, guarda? Dá-me um copo de vinho.

SEGUNDO ASSASSINO — Tereis em breve, senhor, todo o vinho que quiserdes.

CLARENCE — Por Deus, quem és tu?

SEGUNDO ASSASSINO — Um homem, tal como vós.

CLARENCE — Mas não régio como eu.

PRIMEIRO ASSASSINO — Nem vós leal, como ele e eu.

CLARENCE — A tua voz é de trovão, mas o teu semblante humilde.

PRIMEIRO ASSASSINO — A minha voz agora é a do Rei, e o semblante é o meu.

CLARENCE — Quão sombria e funesta é a tua fala. Vossos olhos me ameaçam. Porque vos pusestes pálido? Quem vos mandou aqui? Para que viestes vós?

AMBOS — Para... para... para...

CLARENCE — Para me matar?

AMBOS — Sim, sim.

CLARENCE — Quase não tendes coração para mo dizer, E por isso não tereis coração para o fazer. Amigos, em que vos ofendi?

PRIMEIRO ASSASSINO — Não nos ofendestes a nós, ofendestes ao Rei.

CLARENCE — Ainda um dia estarei em paz com ele.

SEGUNDO ASSASSINO — Nunca, senhor. Por isso aparelhai-vos para a morte.

CLARENCE — Haveis sido arrancados ao mundo dos homens para matar o inocente? Que ofensa é a minha? Onde está a prova que me acusa? Que demanda forneceu o veredicto ao severo juiz? Ou quem pronunciou amarga sentença da morte do pobre Clarence? Antes de ser condenado pela força da lei, é mui fora de lei ameaçar-me com a morte. Eu vos ordeno, posto que esperais a redenção, pelo sagrado sangue de Cristo, derramado por nossos grandes pecados, que partais e que não ponhais vossas mãos sobre mim. É condenável o feito que

empreendeis.

PRIMEIRO ASSASSINO — O que faremos será por obediência.

SEGUNDO ASSASSINO — E foi o nosso Rei quem ordenou.

CLARENCE — Cegos vassalos! O Sumo Rei dos reis ordenou na grande tábua dos seus mandamentos: não matarás. Escarnecereis então da sua ordem, e cumprireis a ordem de um mortal? Havei cuidado! Porque Ele tem a vingança em Sua mão. Para a lançar sobre as cabeças dos que quebram Sua lei.

SEGUNDO ASSASSINO — E a mesma vingança ele a lança sobre ti. Por perjúrio e também por assassínio. No altar haveis jurado lutar pela Casa de Lancastre.

PRIMEIRO ASSASSINO — E, qual traidor do nome do Senhor, quebraste o voto, e com tua traiçoeira lâmina rasgaste as entranhas ao filho do teu Rei.

SEGUNDO ASSASSINO — A quem havias jurado estimar e defender.

PRIMEIRO ASSASSINO — Como podes chamar contra nós a terrível lei de Deus quando tu a violaste e tão fundamente?

CLARENCE — Coitado de mim, por quem cometi eu obra tão funesta? Por Eduardo, por meu irmão, por ele. Não vos manda ele matar-me por essa razão, porque em tal pecado está ele tão metido como eu. Se Deus quiser vingar um tal cometimento, ficai sabendo, Ele o fará sem qualquer encobrimento. Não usurpeis a querela ao Seu braço poderoso. Ele não precisa de meios ínvios ou sem lei para punir aqueles que O ofenderam.

PRIMEIRO ASSASSINO — Quem te tornou ministro sangrento quando o valoroso, galante e promissor Plantageneta, esse tenro príncipe, sucumbiu às tuas mãos?

CLARENCE — O amor a meu irmão, o demônio e a minha cólera.

PRIMEIRO ASSASSINO — O amor a teu irmão, o nosso dever e os teus crimes nos levam agora a matar-te.

CLARENCE — Oh, se amais meu irmão, não me odieis. Sou seu irmão, e tenho-o em grande estima. Se vos pagam por tal cometimento, ide-vos, e eu vos enviarei a meu irmão Gloucester, que pela minha vida maior prêmio vos dará do que Eduardo pela nova de minha morte.

SEGUNDO ASSASSINO — Estais enganado, vosso irmão Gloucester odeia-vos.

CLARENCE — Oh, não, ele ama-me, e tem por mim profunda estima. Ide da minha parte junto dele.

PRIMEIRO ASSASSINO — Pois, assim faremos.

CLARENCE — Dizei-lhe que quando o nosso ilustre pai York deu a bênção a seus três filhos com seu braço vitorioso, e do fundo da sua alma ordenou que nos amássemos uns aos outros, ele não tinha em mente esta amizade rompida. Dizei a Gloucester que atente nisto, e ele chorará.

PRIMEIRO ASSASSINO — Sim, pedras, assim nos ensinou a chorar.

CLARENCE — Oh, não o calunieis, porque ele é bom.

PRIMEIRO ASSASSINO — Decerto, como a neve para a seara. Vamos, estais a iludir-vos. É ele quem nos manda para aqui vos destruirmos.

CLARENCE — Não pode ser assim, porque ele chorou a minha sorte. E me abraçou, e jurou soluçando que havia de porfiar por alcançar a minha liberdade.

PRIMEIRO ASSASSINO — Pois é o que ele faz, com libertar-vos do vale de lágrimas desta terra para as alegrias do céu.

SEGUNDO ASSASSINO — Fazei a paz com Deus, porque ides morrer, senhor.

CLARENCE — Haveis em vossas almas esse sagrado sentimento que me dá conselho de fazer a paz com Deus e estais tão cegos com respeito a vossas almas que quereis fazer guerra a Deus com a minha morte? Ó senhores, considerai. Os que vos moveram a esta obra, por tal obra vos odiarão.

SEGUNDO ASSASSINO — Que faremos?

CLARENCE — Tende piedade, e salvai as vossas almas.

PRIMEIRO ASSASSINO — Ter piedade! Não, isso é covardia e feminil fraqueza.

CLARENCE — Não ter piedade é feroz, selvagem e próprio do demônio. Qual de vós, se fosse filho de um príncipe, estando como eu privado de liberdade, se dois assassinos como vós se aproximassem não imploraria a vida? Ah, vós havíeis de a pedir, se vivêsseis a minha má fortuna. (*Para o segundo assassino*) Amigo, entrevejo piedade no teu gesto. Oh, se os teus olhos não forem fingidores, passa para meu lado, e intercede por mim. Um príncipe pedinte, que pedinte o não lastima?

SEGUNDO ASSASSINO — Olhai para trás, senhor!

PRIMEIRO ASSASSINO — Toma! Toma! (*Apunhala-o*) Se tudo isto não bastar, vou afogar-vos no barril de malvasia. (*Sai com o corpo*)

SEGUNDO ASSASSINO — Feito sangrento, e cometido em desespero. Com vontade lavaria as mãos, como Pilatos, deste assassínio tão atroz. (*Entra o primeiro assassino*) E então? Que razões tiveste tu para me não ajudares? Com mil demônios, o Duque terá conhecimento da tua covardia.

SEGUNDO ASSASSINO — Oxalá ele soubesse que eu tinha salvo o irmão. Fica tu com o prêmio e conta-lhe o que eu te digo porque estou arrependido de estar assassinado o Duque. (*Sai*)

PRIMEIRO ASSASSINO — Eu não. Vai, covarde que tu és. Bem, vou esconder o corpo em alguma cova, até que o Duque ordene a sua sepultura, e quando tiver o meu prêmio, ir-me-ei, porque isto se saberá, e eu não posso ficar aqui. (*Sai*)

Ato 2

Cena 1

Toque de trombetas. Entram o Rei Eduardo, a Rainha Isabel, Dorset, Rivers, Hastings, Buckingham e Grey.

REI EDUARDO IV — Assim é, fiz o trabalho de um dia bom. Vós, pares, conservai unida esta aliança. Espero em cada dia uma embaixada do meu Redentor, para daqui me redimir, e numa paz maior partirá minha alma para os céus, eis que concertei a paz na terra entre os meus amigos. Rivers e Hastings, apertai a mão, não dissimuleis o vosso ódio, jurai o vosso amor.

RIVERS — Pelos céus, está minha alma limpa de ódios rancorosos, e com minha mão selo o amor de meu coração leal.

HASTINGS — Prospere eu tanto quanto é verdade essa mesma jura que ora faço.

REI EDUARDO IV — Acautelai-vos, não useis de fingimento perante vosso Rei, para que Aquele que é o Sumo Rei dos Reis não desconcerte vossa escondida falsidade e não determine ser cada um de vós o fim do outro.

HASTINGS — Prospere eu tanto quanto é perfeito o amor que eu ora juro.

RIVERS — E eu, que estimo Hastings do fundo do coração.

REI EDUARDO IV — Senhora, vós não sois estranha a isto. Nem vós, filho Dorset, Buckingham, nem vós. Haveis sido facciosos, um contra o outro. Esposa minha, estimai o senhor de Hastings, deixai-o beijar vossa mão. E o que fizerdes, fazei-o sem fingimento.

ISABEL — Aqui a tendes, Hastings. Não mais terei memória do nosso antigo ódio, assim eu e os meus prosperem.

REI EDUARDO IV — Dorset, abraçai-o. Hastings, estimai o senhor Marquês.

DORSET — Esta troca de estima, aqui o asseguro, por minha parte não será manchada.

HASTINGS — Assim também o juro.

(*Abraçam-se*)

REI EDUARDO IV — Agora, ilustre Buckingham, sela tu esta aliança, abraçando os aluados de minha esposa, e faz-me feliz com esta vossa união.

BUCKINGHAM — Se alguma vez Buckingham lançar seu ódio sobre Vossa Graça, se não vos estimar, a vós e aos vossos, com respeitoso amor, que Deus me castigue com o ódio daqueles de quem eu mais amor espero. No momento em que eu mais precisar de um amigo, e mais certeza tiver de que ele é amigo, que ele seja para mim escuro, vazio, enganador e cheio de

fel. É o que eu imploro a Deus quando meu amor tiver arrefecido para vós e para os vossos.

(*Abraçam-se*)

REI EDUARDO IV — Um doce refrigério, ilustre Buckingham, é este voto teu para meu doente coração. Falta agora aqui nosso irmão Gloucester para com felicidade firmar a nossa paz.

(*Entram Ratcliffe e Ricardo*)

BUCKINGHAM — E em boa hora ali vêm o senhor Ricardo de Ratcliffe e o Duque.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Um bom dia ao meu soberano Rei e à Rainha; e aos ilustres pares, um tempo feliz.

REI EDUARDO IV — Feliz, sim, como passamos o dia. Gloucester, fizemos ações caridosas, fizemos da inimizade paz, do ódio leal amor, entre estes pares arrogantes e sem razão incensados.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Abençoado trabalho, meu senhor mui soberano. Se, de entre esta ilustre companhia, alguém aqui, por perverso entendimento ou falsa suposição, me tem por inimigo, se eu, involuntariamente ou movido pela ira, tiver alguma vez cometido, o que com dificuldade se aceita, contra alguém aqui presente, desejo conciliar-me com sua amável paz, viver em inimizade é morte para mim. Eu tal odeio, e desejo a estima dos homens bons. Imploro primeiro a vós, senhora, uma vera paz. Que retribuirei com serviço respeitoso. E a vós, meu nobre primo Buckingham, se alguma vez ressentimento entre nós houve. E a vós, senhor de Rivers, e senhor de Grey, e a vós todos os que sem razão me malqueiram, duques, condes, senhores, fidalgos, a todos vós, a todos, não conheço inglês algum contra o qual minha alma se levante mais do que faria um menino acabado de nascer. Dou graças a Deus por minha humildade.

ISABEL — Este é um dia santo e para sempre assim guardado. Provera a Deus que houvesse remédio para todas as contendas. Meu soberano senhor, imploro a Vossa Alteza que estenda a Vossa Graça a nosso irmão Clarence.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Quê, senhora! Ofereci eu o meu amor para tal, para assim ser escarnecido nesta presença régia? Quem não sabe que está morto o gentil Duque? (*Todos se sobressaltaram*) Vós o injuriais, zombando do seu cadáver!

RIVERS — Quem não sabe que ele está morto? Mas quem sabe que ele está morto?

ISABEL — Céus que tudo vedes, que mundo é este?

BUCKINGHAM — Estarei tão pálido, senhor de Dorset, como estão todos os outros?

DORSET — Estais, senhor, e não há ninguém aqui presente a quem a cor do rosto se não tenha mudado.

REI EDUARDO IV — Clarence está morto? A ordem era já outra.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Mas ele, pobre homem, à vossa ordem primeira morreu, e essa um Mercúrio com asas transportou. Algum coxo vagaroso levou a ordem

contrária e chegou tão tarde que nem o enterro viu. Deus permita que alguns, menos nobres e menos leais, mais próximos nos pensamentos sanguinosos, mas menos no sangue, e que no entanto são livres de suspeição, mereçam a mesma sorte que o desditoso Clarence.

(*Entra Stanley, Conde de Derby*)

STANLEY — Recompensa, meu soberano, pelo serviço prestado!

REI EDUARDO IV — Deixa-me, eu te peço; minha alma é prenhe de amargura.

STANLEY — Não me levantarei enquanto Vossa Alteza não me ouvir.

REI EDUARDO IV — Então diz de contínuo o que desejas.

STANLEY — A graça, meu soberano, da vida de um meu criado que assassinou hoje um fidalgo desordeiro que a este tempo servia o Duque de Norfolk.

REI EDUARDO IV — Tenho língua que condena à morte o meu irmão e essa mesma língua dará perdão a um escravo? Meu irmão não matou homem algum, seu crime foi o pensamento, e contudo o castigo foi a morte amarga. Quem me rogou em seu favor? Quem, em minha ira, se ajoelhou a meus pés e me pediu que ponderasse? Quem falou de fraternal amor? Quem falou de amor? Quem me contou que aquela alma triste abandonou o poderoso Warwick e combateu por mim? Quem me contou que, na batalha, em Tewkesbury, quando Oxford me derrubou, ele me salvou e disse: "Querido irmão, vive e sê rei"! Quem me contou, quando estávamos nós ambos deitados no campo, quase mortos pelo frio, que ele me cobriu com suas próprias vestiduras, e se entregou magro e nu, à noite mui fria? Tudo isto de minha lembrança a bruta ira em pecado arrancou, e de entre vós não houve um só que tivesse bondade bastante para mo pôr em mente. Mas quando vossos carreteiros ou vossos servos ébrios cometem um assassínio, e maculam a preciosa imagem de nosso querido Redentor, logo vos pondes de joelhos pedindo "perdão, perdão!" E eu, injusto em demasia, sou forçado a concedê-lo. Mas em favor de meu irmão não falou homem algum. Nem eu, desgraçado, para mim próprio falei em seu favor, coitado. Os mais orgulhosos de entre vós deviam-lhe favores durante a vida, mas nenhum de vós intercedeu uma só vez pela vida dele. Ó Deus, temo que por tal se abata sobre mim Tua justiça, e sobre vós, e sobre os meus e sobre os vossos. Vinde, Hastings, ajudai-me a chegar a minha câmara. Oh, pobre Clarence!

(*Saem algumas pessoas com o Rei e a Rainha*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — São estes os frutos da leviandade: não haveis notado como os culpados parentes da Rainha empalideceram com ouvir dizer a morte de Clarence? Oh, foram eles que com insistência a exigiram de El-Rei. Deus vingá-lo-á. Vinde, senhores, vinde confortar Eduardo com a nossa companhia.

BUCKINGHAM — Servimos Vossa Graça.

(*Saem*)

Cena 2

Entra a velha Duquesa de York com os dois filhos de Clarence.

MENINO — Dizei-me, avó querida, o nosso pai morreu?

DUQUESA DE YORK — Não, menino.

MENINA — Porque chorais tantas vezes e porque bateis no peito? E porque gritais: "Oh, Clarence, meu desafortunado filho"?

MENINO — Porque olhais para nós e meneais a cabeça, e nos chamais órfãos, infelizes, condenados, se ainda vive o nosso nobre pai?

DUQUESA DE YORK — Meus primos queridos, não me haveis entendido: eu lamento a doença de El-Rei com medo de o perder, não a morte de vosso pai. Seria dor perdida chorar por quem perdido está.

MENINO — Confessais, então, avó, que ele morreu. El-Rei, meu tio, é culpado. Deus vingá-lo-á, Deus: a quem eu hei de importunar com preces honestas, todas a isso destinadas.

MENINA — E eu também.

DUQUESA DE YORK — Sossegai, meninos, sossegai. El-Rei ama-vos muito. Frágeis e néscios inocentes, não podeis imaginar quem foi causa da morte de vosso pai.

MENINO — Podemos, avó, porque meu bom tio Gloucester me disse que El-Rei, movido a tal pela Rainha, imaginou acusações para o prender, e quando meu tio me contou isto chorava e me lamentava, e com afeição me beijou a face. Mandou-me que confiasse nele como se fora meu pai e ele me amaria com ternura como se eu fora seu filho.

DUQUESA DE YORK — Oh, que a hipocrisia se disfarce em forma tão gentil e esconda o profundo vício com viseira virtuosa! Ele é meu filho, sim, e aí está minha afronta, mas não foi de meus peitos que ele bebeu hipocrisia.

MENINO — Cuidais, avó, que meu tio dissimulou?

DUQUESA DE YORK — Menino, assim o cuido.

MENINO — Eu não posso assim cuidar. Ouvi, que rumor é este?

(*Entra a Rainha Isabel com o cabelo desgrenhado, Rivers e Dorset atrás dela.*)

ISABEL — Ah! Quem me impedirá de lamentar e chorar, de maldizer minha sorte e de a mim própria me atormentar? Contra minha alma eu me juntarei ao negro desespero e farei de mim própria inimiga.

DUQUESA DE YORK — A que vem esta cena de tão rude impaciência?

ISABEL — Vem causar um ato de trágica violência. Eduardo, o meu senhor, teu filho, nosso Rei, morreu. Porque crescem os ramos, quando a raiz se foi? Porque não secam as folhas que necessitam da seiva? Se viverdes, lamentai. Se morrerdes, sede breves, para que as nossas almas de asas velozes possam apanhar a alma de El-Rei ou segui-lo como vassalos obedientes até seu novo reino de imutável noite.

DUQUESA DE YORK — Ah, tanto interesse tenho eu em tua dor, quanto tinha influição sobre teu nobre esposo. Chorei a morte de um esposo virtuoso, e vivi a contemplar suas imagens. Porém estora dois espelhos de sua figura de príncipe estão quebrados em pedaços pela maligna morte, e eu, por refrigério, não hei mais que um falso espelho, que me enoja quando vejo nele minha vergonha. Tu és viúva, porém és mãe, e teus filhos por amparo ainda tens. Mas a morte arrancou meu esposo dos meus braços e retirou das minhas débeis mãos duas muletas, Clarence e Eduardo. Oh, que razões não terei, se tuas queixas são só metade das minhas, para vencer tua dor e abafar teus brados.

MENINO — Ah, tia, não haveis chorado a morte de nosso pai. Como vos podemos nós confortar com nossos prantos?

MENINA — Nossa tristeza de meninos sem pai ninguém chorou. Que ninguém chore também a vossa dor de viúva.

ISABEL — Não me ajudeis em meus lamentos, sou bem capaz de manifestar meus nojos. Todas as fontes conduzem suas águas a meus olhos para que eu, governada pela úmida lua, possa verter lágrimas tamanhas que o mundo inundem. Oh, por meu esposo, por meu querido senhor Eduardo!

MENINOS — Oh, por nosso pai, por nosso querido senhor de Clarence!

DUQUESA DE YORK — Coitada de mim, por pelos dois, por meu Eduardo e por meu Clarence!

ISABEL — Não tinha outro amparo afora Eduardo, e ele é morto.

MENINOS — Não tínhamos outro amparo afora Clarence, e ele é morto!

DUQUESA DE YORK — Não tinha outros amparos afora eles, e eles são mortos.

ISABEL — Viúva nunca houve que sofresse perda tão dolorida.

MENINOS — Órfãos nunca houve que sofressem perda tão dolorida.

DUQUESA DE YORK — Mãe nunca houve que sofresse perda tão dolorida coitada de mim, sou mãe destes pesares. As dores que têm são pedaços, a dor que tenho é inteira. Ela chora um Eduardo, e eu também. Eu choro um Clarence, mas ela não. Estes meninos choram Clarence, e eu também. Eu choro um Eduardo, mas eles não. Coitada de mim; em triplicada dor, sobre mim vás três. Todas as vossas lágrimas verteis. Sou ama de vossa dor e com lamentações a embalarei.

DORSET — Conformai-vos, querida mãe. A Deus não apraz que sua obra aceiteis com

ingratidão. Nas coisas mundanas, sói dizer-se que é ingrato pagar com sombria malquerença uma dívida que mão generosa amavelmente consertou. Assim muito mais contrária estais ao céu que exige a régia dívida do empréstimo que vos fez.

RIVERS — Qual mãe extremosa, senhora, pensai no jovem Príncipe, vosso filho. Mandai-o buscar. Que ele seja coroado. Nele reside o vosso amparo. Enterrai a desatinada dor no túmulo de Eduardo morto e plantai as alegrias vossas no trono de Eduardo vivo.

(*Entram Ricardo, Buckingham, Stanley, Conde de Derby, Hastings e Ratcliffe.*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Irmã, conformai-vos. Todos nós temos razões de chorar o empalidecer de nossa estrela brilhante, mas ninguém chorando cura suas mágoas. Senhora, minha mãe, imploro-vos perdão, Vossa Graça não vi. Posto de joelhos humildemente a vossa bênção suplico. (*Ajoelha*)

DUQUESA DE YORK — Que Deus te abençoe, e ponha brandura em teu peito, amor, caridade, obediência e lealdade.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Amem. (*Levanta-se.*) (*À parte*). E me traga a morte em boa avançada idade. É esta a conclusão da bênção de uma mãe. Maravilhado estou que Sua Graça a tenha deixado fora.

BUCKINGHAM — Ó vós, soturnos príncipes e pares de coração despedaçado que suportais este tão pesado fardo mútuo de lamentações, alegrai-vos ora no amor entre vós todos. Se bem que tenhamos deste rei perdido nosso fruto, novo fruto colheremos de seu filho. O rancor que correu da chaga de vossos ódios, há tão pouco cortada, cosida e reunida, com temperança deve ser cuidado, tratado e resguardado. Julgo ser razão que o jovem príncipe com pequena companhia contino venha de Ludlow até Londres para ser coroado novo Rei.

RIVERS — Por quê com pequena companhia, meu senhor de Buckingham?

BUCKINGHAM — Por minha fé, senhor meu, para que não se abra na força do ajuntamento a chaga da maldade há tão pouco curada, o que teria tanto mais perigo quanto está tenro o estado e ainda sem governo. Quando os cavalos tomam as rédeas que os conduzem e podem dirigir-se como bem lhes apraz, cuido eu que devemos evitar tanto o temor do mal, como o mal que se vê.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Espero que o Rei nos tenha consertado a todos e o juramento é firme e leal dentro em mim. E dentro em mim também, e da mesma feição cuido, dentro em todos nós. Porém, como a paz é ainda muito tenra, não devia ser posta diante qualquer visível aparência de rompimento, que podia por acaso surgir com companhia assim. Por isso digo com o nobre Buckingham que avisado é mandar pelo Príncipe tão pouca gente.

HASTINGS — O mesmo digo eu.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Então que assim seja, e vamos determinar quem contino se partirá para Ludlow. Senhora, e vós, minha irmã, quereis dar vosso parecer nesta questão?

ISABEL e DUQUESA — De todo o coração.

(*Saem todos exceto Buckingham e Ricardo*)

BUCKINGHAM — Senhor meu, por Deus não fiquemos ambos em casa, seja quem for que viaje a buscar o príncipe, porque na jornada eu acharei ocasião, em seguimento do que há pouco conversamos, de apartar do príncipe os orgulhosos parentes da Rainha.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Meu outro eu, meu consílio, meu oráculo, meu profeta, meu querido primo, eu, como criança, por ti me deixarei guiar. Então para Ludlow, não ficaremos para trás.

(*Saem*)

Cena 3

Entra um cidadão por uma porta e outro por outra porta.

PRIMEIRO CIDADÃO — Bom dia, vizinho; aonde is com tanta pressa?

SEGUNDO CIDADÃO — Crede que nem eu próprio sei. Haveis ouvido as novas?

PRIMEIRO CIDADÃO — Ouvi, que o Rei morreu.

SEGUNDO CIDADÃO — Más novas, Jesus Maria José; uma nova má nunca vem só receio, receio que isto traga desgraças para o mundo.

(*Entra outro cidadão*)

TERCEIRO CIDADÃO — Vizinhos, Deus vos salve.

PRIMEIRO CIDADÃO — Tende um bom dia, senhor.

TERCEIRO CIDADÃO — É vera a nova da morte de El-Rei Eduardo?

SEGUNDO CIDADÃO — É senhor, sim, infelizmente é vera, Deus nos acuda.

TERCEIRO CIDADÃO — Então, meus senhores, aparelhai-vos para ver desgraças grandes.

PRIMEIRO CIDADÃO — Não, não, pela boa graça de Deus, o filho dele será Rei.

TERCEIRO CIDADÃO — Ai da terra governada por infante.

SEGUNDO CIDADÃO — Nele esperança de governação há, em sua idade menor, por um conselho em seu nome, e por si próprio em sua idade maior e em seus maduros anos. Decerto bom regimento haverá então e até lá também.

PRIMEIRO CIDADÃO — Assim estava o reino quando Henrique VI foi coroado em Paris na idade de apenas nove meses.

TERCEIRO CIDADÃO — Assim estava? Não, não, amigos meus, Deus é disso testemunha. Que nesse tempo esta terra era bem rica em sábios, sisudos conselheiros. Então o Rei tinha tios virtuosos que protegiam Sua Graça.

PRIMEIRO CIDADÃO — Ora, este também tem, tanto pelo pai como pela mãe.

TERCEIRO CIDADÃO — Antes fossem todos pelo pai, ou pelo pai nenhum houvesse, porque a disputa sobre quem estará mais perto, de mui perto nos tocará a todos, se Deus não nos poupar. Oh, mui perigoso é o Duque de Gloucester, e altivos e orgulhosos os filhos e irmãos da Rainha. E, se fossem governados e não governassem, esta terra achacosa bem podia retomar

suas forças como outrora.

PRIMEIRO CIDADÃO — Ora, ora, receamos o pior, tudo terminará bem.

TERCEIRO CIDADÃO — Quando vêem nuvens, os homens prudentes vestem suas capas; quando caem muitas folhas, está o Inverno chegando; quando o Sol se põe, quem há que não espere a noite? Tempestades fora de sazão fazem que os homens receiem a pobreza. Tudo pode terminar bem, mas se Deus assim quiser. É mais do que merecimento nosso, ou que esperança minha.

SEGUNDO CIDADÃO — De verdade, os corações dos homens prenhes de medo estão. Quase não é possível dispensar razões com homem que não semelhe cuidoso e temeroso.

TERCEIRO CIDADÃO — Sempre assim é antes dos dias de mudança. Por divino instinto as mentes dos homens pressentem o perigo que aí vem, como se vê subir as águas antes de grande procela.

SEGUNDO CIDADÃO — Por minha fé, fomos chamados aos juizes.

TERCEIRO CIDADÃO — E eu também. Irei em vossa companhia.

(*Saem*)

Cena 4

Entram o Arcebispo de York, o jovem Duque de York, a Rainha Isabel e a Duquesa de York.

ARCEBISPO — Ouvi contar que ontem à noite repousaram em Stony Stratford e que em Northampton se quedarão esta noite. Amanhã, ou depois, aqui estarão.

DUQUESA DE YORK — Desejo mui ardentemente ver o Príncipe espero que muito tenha crescido desde que o hei visto pela derradeira vez.

ISABEL — Ouvi contar que assim não é. Dizem que meu filho já quase o passou em altura.

DUQUE DE YORK — Sim, minha mãe, desejaria que eu assim não fosse.

DUQUESA DE YORK — Porque, meu bom primo? É bom crescer.

DUQUE DE YORK — Avó, uma noite, como estávamos sentados a cear, meu tio Rivers disse que eu tinha crescido mais que meu irmão. "Sim", disse meu tio Gloucester, "as plantas pequenas são graciosas, as ervas ruins crescem depressa" e por isso cuido que não gostaria de crescer com tanta pressa, porque as formosas flores são lentas e as ervas ruins apressuradas.

DUQUESA DE YORK — Pelos céus, tal ditado não se conserta com aquele que tal razão contra si despendeu. Era coisa mui mesquinha quando era criança, tão demorado no crescer, tão retardado, que se tal lei fora verdade ele seria a graça mesma.

ARCEBISPO — E sem dúvida o é, minha senhora graciosa.

DUQUESA DE YORK — Espero que assim seja, mas deixai que as mães possam duvidar.

DUQUE DE YORK — Por minha fé, se me lembrara, podia ter zombado da Graça de meu tio, escarnecendo de seu crescer mais do que ele do meu.

DUQUESA DE YORK — De que sorte, meu jovem York? Peço que mo contes.

DUQUE DE YORK — Ora, dizem que meu tio cresceu tão depressa que podia morder uma côdea com duas horas de idade. Eu bem dois anos vivi sem que um dente tivesse. Avó, isto seria um brinco mordace!

DUQUESA DE YORK — Diz-me, formoso York, quem te contou cenas tais?

DUQUE DE YORK — Avó, a ama dele mo contou.

ISABEL — A ama dele? Mas se ela morreu antes que tu nada fosses.

DUQUE DE YORK — Se não foi ela, já não sei quem foi.

ISABEL — Sagaz mancebo, és por demais astuto.

DUQUESA DE YORK — Senhora, não vos agasteis com o infante.

ISABEL — Ouve mais do que deve.

(*Entra um mensageiro*)

ARCEBISPO — Aí vem um mensageiro. Que novas?

MENSAGEIRO — Novas tais, senhor, que é doloroso contá-las.

ISABEL — Como está o Príncipe?

MENSAGEIRO — Senhora, bem e de boa saúde.

DUQUESA DE YORK — Que novas trazes?

MENSAGEIRO — O senhor de Rivers e o senhor de Grey foram mandados para Pomfret, e com eles o senhor Tomás de Vaughan, todos eles cativos.

DUQUESA DE YORK — Quem os prendeu?

MENSAGEIRO — Os poderosos duques de Gloucester e de Buckingham.

ARCEBISPO — Por que ofensa?

MENSAGEIRO — Tudo o que sabia já vos relatei: por que razão ou por quê os fidalgos foram presos, ignoro, meu gracioso senhor.

ISABEL — Coitada de mim! Vejo a ruína de minha casa: o tigre pilhou a tímida corça, a insultuosa tirania começa a engrossar por sobre o inocente e indefeso trono. Bem-vindos sejam o estrago, o sangue e a carnificina: vejo, como num mapa, o fim de tudo.

DUQUESA DE YORK — Inseguros e malditos dias de contendas, quantos de vós já meus olhos não viram! Perdeu meu marido a vida para alcançar a coroa, e amiúde foram meus filhos lançados ora acima, ora abaixo para que eu me alegrasse ou chorasse com seus ganhos ou perdas. E alcançado o poder, passadas que foram as domésticas tormentas, eles próprios, vencedores, repugnantes se arremessam em guerras, irmão contra irmão, sangue contra sangue, cada um contra si próprio. O ódio, desarrazoado e cheio de frenesi, põe fim a teu furor danado, ou deixa-me morrer, para que eu não volte a ver a morte.

ISABEL — Vem, vem, meu menino. Vamos para o santuário. Senhora, adeus.

DUQUESA DE YORK — Esperai, eu vos acompanho.

ISABEL — Não haveis para tal razão.

ARCEBISPO — Senhora minha, ide, e para lá levai vossas riquezas e vossos bens. Por mim, entrego a Vossa Graça o selo que guardo, e assim Deus me proteja tão bem quanto eu vos estimo a vós e aos vossos. Ide, conduzir-vos-ei ao santuário.

(*Saem*)

Ato 3

Cena 1

Soam trombetas. Entram o jovem Príncipe Eduardo, os Duques de Gloucester e de Buckingham, o senhor Cardeal Bourchier, Catesby e outros.

BUCKINGHAM — Bem-vindo, doce Príncipe, a Londres, vosso aposento.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Bem-vindo, querido primo, soberano dos meus pensamentos. O caminho, de cansaço tornou-vos melancólico.

PRÍNCIPE EDUARDO — Não, tio, mas as contrariedades na viagem tornaram-na aborrecida, trabalhosa e grave. Quero eu aqui mais tios para me acolherem.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Doce Príncipe, a virtude isenta de vossos anos não se internou ainda nos enganos do mundo. De um homem mais não podeis distinguir do que a sua forma aparente, a qual — Deus o sabe — poucas vezes, ou mesmo nunca, é conforme ao coração. Os tios que desejais eram perigosos. Vossa Graça ouviu as suas brandas falas mas não viu o veneno em seus peitos. Deus vos guarde longe deles, e de tão falsos amigos!

PRÍNCIPE EDUARDO — Deus me defenda de falsos amigos, mas eles não eram tal.

(*Entra o Alcaide com séquito.*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Meu senhor, o Alcaide de Londres, vem cumprimentar-vos.

ALCAIDE — Dê Deus a Vossa Graça saúde e felicidade!

PRÍNCIPE EDUARDO — Eu vos agradeço, meu bom senhor, e a todos vós. Cuidei que minha mãe e meu irmão York há largo tempo teriam ido ao nosso encontro. Vergonha! Que lesma é esse Hastings que não vem para nos dizer se são vindos ou não são.

(*Entra o senhor de Hastings.*)

BUCKINGHAM — E em boa altura aí vem o lasso senhor.

PRÍNCIPE EDUARDO — Bem-vindo, senhor. Então, virá a ver-nos nossa mãe?

HASTINGS — Por qualquer razão que só Deus sabe, eu não sei, a rainha vossa mãe e vosso irmão York seguiram para um santuário. Gostaria o jovem Príncipe de ter comigo vindo ao encontro de Vossa Graça, mas foi por sua mãe impedido de o fazer.

BUCKINGHAM — Vergonha! Que feição enganadora e arrogante. E a dela! Senhor Cardeal, poderá Vossa Graça persuadir a Rainha a neste momento mandar aqui o Duque de York junto de seu nobre irmão? Se ela negar, senhor de Hastings, ide vós com ele, e arrancai-o de

força a seus ciumentos braços.

BOURCHIER — Meu senhor de Buckingham, se minha fraca retórica puder arrancar o Duque de York a sua mãe, esperai-o em breve aqui. Mas se for ela surda a suaves pedidos, que Deus nos céus impeça que violemos o santo privilégio do sagrado santuário! Nem por amor desta terra toda seria eu culpado de pecado tão nefando.

BUCKINGHAM — Sois, senhor meu, demasiado insano e rigoroso, tendes demasiado acatamento por cerimônias e usanças. Ponde isso em balança com a rudeza destes tempos. Não violais o santuário ao filar o príncipe. O benefício do asilo está sempre assegurado aos que por seus atos tal lugar mereceram, e aos que têm a argúcia de tal lugar pedir. O Príncipe nem o pediu nem o mereceu: e por essa causa, em meu juízo, não o pode ter. E assim, retirando-o de um lugar que não é esse, não rompeis nem leis nem privilégios. Ouvi amiúde falar de homens com asilo em santuários, mas de crianças nunca até agora ouvi.

BOURCHIER — Por uma vez vencestes, senhor meu, meu pensamento. Vinde, senhor de Hastings, vindes comigo?

HASTINGS — Vou, senhor meu.

PRÍNCIPE EDUARDO — Bons senhores, ide tão lestos quanto puderdes. (*Saem o Cardeal e Hastings*) Dizei-me, tio Gloucester, se o nosso irmão chegar, onde moraremos nós até sermos coroados?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Onde melhor pareça a Vossa Real pessoa. Se conselho vos posso dar, um dia ou dois se quedará na Torre Vossa Alteza. Depois, onde quiserdes e onde for julgado mais conforme a vossa melhor saúde e vossa recreação.

PRÍNCIPE EDUARDO — Não gosto da Torre, não gosto, não. Foi Júlio César quem a edificou, senhor?

BUCKINGHAM — Foi ele, meu gracioso senhor, quem começou a edificá-la e depois, nas sucessivas eras, de novo a edificaram.

PRÍNCIPE EDUARDO — Está posto em crônica, ou é contado sucessivamente, de era em era, que ele a edificou?

BUCKINGHAM — Em crônica, meu gracioso senhor.

PRÍNCIPE EDUARDO — Mas dizei-me, senhor, se escrito não fosse cuido que a verdade viveria de era para era, porque seria contada a toda a posteridade até ao derradeiro dia.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) (*À parte*) — Tão sábio e tão jovem, como sói dizer-se, nunca haverá longa vida.

PRÍNCIPE EDUARDO — Que dizeis, tio?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Digo que mesmo sem uso fazer dos caracteres, todo o pregão tem longa vida. (*À parte*) E assim, tal como o diabo o faz nos autos, dou por moralidade a uma sentença dois sentidos.

PRÍNCIPE EDUARDO — Esse Júlio César era homem famoso. Seu espírito usou para dar vida a seu valor, aquilo com que seu valor a seu espírito deu riqueza. A morte não vence este vencedor. Porque ele em sua fama agora vive, que não em sua vida. Uma coisa vos direi, meu primo Buckingham.

BUCKINGHAM — Quê, meu gracioso senhor?

PRÍNCIPE EDUARDO — Se eu viver até ser homem, conquistarei de novo nosso direito antigo à França, ou morrerei soldado tal como rei vivi.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Verão curto, Primavera precoce.

(*Entram o jovem Duque de York, Hastings e o Cardeal.*)

BUCKINGHAM — Em boa hora chega o Duque de York.

PRÍNCIPE EDUARDO — Ricardo de York, como se encontra o nosso querido irmão?

DUQUE DE YORK — Bem, meu temível senhor — assim agora vos devo chamar.

PRÍNCIPE EDUARDO — Sim, irmão, por nossa grande mágoa, como por vossa. Bem pouco tempo há que morreu quem devia merecer tal tratamento, o qual por essa morte perdeu muita majestade.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Como se encontra o nosso primo, nobre senhor de York?

DUQUE DE YORK — Graças vos dou, gentil tio. Oh, senhor meu, Haveis dito que crescem depressa as ervas ruins; o Príncipe meu irmão cresceu muito mais que eu!

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Cresceu, senhor.

DUQUE DE YORK — E é por isso ruim?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ó meu formoso primo, tal não posso eu dizer!

DUQUE DE YORK — Então vos deve ele mais gratidão que eu.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ele pode governar-me como meu soberano, mas vós tendes sobre mim poder como parente.

DUQUE DE YORK — Peço-vos, tio, dai-me esse punhal.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — O meu punhal, meu pequeno primo? De todo o coração.

PRÍNCIPE EDUARDO — A pedir, irmão?

DUQUE DE YORK — A meu amável tio, que eu sei dará, por não ser mais que brinquedo, coisa que não é mágoa dar.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Dádiva maior farei eu a meu primo.

DUQUE DE YORK — Dádiva maior? Ah, é também a espada.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Sim, gentil primo, se ela mais leve fora.

DUQUE DE YORK — Oh, então vejo que vos separais só de coisas leves. Em coisas de mor peso negais a quem vos pede.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — É pesada de mais para Vossa Graça a usar.

DUQUE DE YORK — Cuido que é leve, ainda que mais pesada fora.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Quê, queríeis ter minha arma, meu pequeno senhor?

DUQUE DE YORK — Queria, para vos dar agradecimento igual ao nome por que me tratais.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Qual?

DUQUE DE YORK — Pequeno.

PRÍNCIPE EDUARDO — O meu senhor de York continua a ter língua perversa. Mas, sabe Vossa Graça, tio, suportá-lo.

DUQUE DE YORK — Quereis dizer suportar meu peso às costas, e não suportar-me a mim. Tio, meu irmão zomba de vós e de mim também. Por ser eu pequeno como o macaco, cuida seria meu peso que vós devíeis suportar em vossos ombros!

BUCKINGHAM — Com que engenho defende ele suas razões. Para mitigar o escárnio que lança sobre o tio escarnece de si próprio com ligeireza e graça. Maravilha é, tão jovem e tão sagaz.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Senhor, quereis vir? Eu e o meu bom primo Buckingham vamos ao encontro de vossa mãe, para assim lhe pedir que vos procure na Torre e vos saúde.

DUQUE DE YORK — Quê, ides para a Torre, senhor?

PRÍNCIPE EDUARDO — O senhor meu protetor assim o quer.

DUQUE DE YORK — Não dormirei em paz na Torre.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Por que razão, que receais?

DUQUE DE YORK — Que há de ser? A sombra irada de meu tio Clarence. Contou-me minha avó que foi lá assassinado.

PRÍNCIPE EDUARDO — Não me receio eu de tios que mortos são.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Nem de nenhum que vivo seja, espero!

PRÍNCIPE EDUARDO — E se vivos são, espero não precise de ter medo. Mas vinde, senhor. Com o coração grave, cuidando neles, eu me dirijo à Torre.

(*Toque de trombeta. Saem o Príncipe, York, Hastings, Dorset, Ricardo, Buckingham e Catesby*)

BUCKINGHAM — Não cuidais, senhor meu, que este pequeno Príncipe foi movido por sua sutil mãe a tão vergonhosamente zombar e escarnecer de vós?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Decerto, decerto. Oh, é mancebo perigoso: destemido, vivaz, engenhoso, atrevido, inteligente. Semelha a mãe, desde a cabeça às pontas dos pés.

BUCKINGHAM — Bom, deixai-os repousar. Vem aqui, Catesby. Hás jurado cumprir nossos intentos assim como guardar o que te confiamos. Conheces nossas razões, que te contamos na jornada. Que pensas tu? Não é empresa fácil trazer D. Guilherme, o senhor de Hastings, para o intento que temos de colocar este nobre Duque no régio assento desta afamada ilha?

CATESBY — Tem ele em tanta estima o Príncipe, por amor de seu pai, que nenhuma coisa o moverá a pôr-se contra ele.

BUCKINGHAM — E que pensas tu de Stanley? Ele não?

CATESBY — Fará tudo o que Hastings fizer.

BUCKINGHAM — Bom, então nada mais afora isto: vai, gentil Catesby, e como se de um rumor se tratara, colhe do senhor de Hastings o seu juízo acerca do nosso intento. E convoca-o para que amanhã na Torre esteja presente na coroação. Se cuidares que poderá ele pôr-se a nosso lado, encoraja-o, e conta-lhe todas as nossas razões. Se ele endurecido estiver, frio, gelado, contra nós, mostra-te assim também, e dá a conversação por finda, e diz-nos qual a sua disposição. Porque amanhã haverá dois conselhos separados, e neles tu próprio terás subido emprego.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Dá minhas saudações ao senhor D. Guilherme; diz-lhe, Catesby, que do antigo bando de seus adversários perigosos correrá amanhã sangue no Castelo de Pomfret. E diz ao senhor que, no regozijo destas boas novas, dê à senhora Shore um beijo mais.

BUCKINGHAM — Bom Catesby, vai cumprir bem esta empresa.

CATESBY — Senhores meus, com todo o zelo que posso.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Teremos novas de ti, Catesby, antes de nos deitarmos?

CATESBY — Tereis, senhor.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Em Crosby Place, aí nos encontrarás.

(*Sai Catesby*)

BUCKINGHAM — E que faremos, senhor, se virmos que o senhor de Hastings à nossa conjura não dá assentimento?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — A cabeça fora, homem, alguma coisa faremos. E olha, quando eu for rei pede-me o condado de Hereford e todos os seus bens movíveis que eram pertença de El-Rei, meu irmão.

BUCKINGHAM — Lembrarei essa promessa à mão de Vossa Graça.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — E olha que a cumprirei de todo o coração. Anda, vamos cear, para que depois possamos bem digerir nossas conjuras.

(*Saem*)

Cena 2

Entra um mensageiro, que para à porta do senhor de Hastings. Bate à porta.

MENSAGEIRO — Senhor, senhor!

HASTINGS (*De dentro*) — Quem está aí?

MENSAGEIRO — Alguém com recado do senhor de Stanley.

(*Entra Hastings.*)

HASTINGS — Que hora é?

MENSAGEIRO — Acabam de soar as quatro.

HASTINGS — Não poderá o senhor de Stanley passar estas aborrecidas noites em paz?

MENSAGEIRO — Parece que não, pelo que vos tenho a dizer. Antes do mais, ele saúda Vossa Nobre Senhoria.

HASTINGS — E que mais?

MENSAGEIRO — Mais declara a Vossa Senhoria que esta noite sonhou que o javali lhe havia destroçado o elmo. Diz ainda que haverá dois conselhos e o que num for decidido pode no outro voltar-se contra vós e contra ele. Manda por isso saber se Vossa Senhoria, neste mesmo instante, quererá pôr-se a cavalo e a toda a brida rumar com ele ao norte para escusar o perigo que sua alma adivinha.

HASTINGS — Vai, moço, vai. Volta junto de teu senhor. Diz-lhe que não tema os conselhos separados. Sua Senhoria e eu próprio estaremos presentes num deles, e no outro o meu bom amigo Catesby. Ali nenhuma coisa que nos toque poderá acontecer sem que eu de contino dela tome conhecimento. Diz-lhe que seus temores são sem causa, sem razão. E quanto ao sonho, maravilho-me que ele seja tão inocente que creia nos fingimentos de turvados sonhos. Fugir do javali antes que o javali nos siga, seria mover o javali a nos seguir, e a seguir-nos quando caçar não intentava. Vai, diz a teu amo que se levante e venha ao meu encontro, e iremos os dois à Torre, onde ele verá o javali fazer-nos gentil tratamento.

MENSAGEIRO — Irei, senhor, e dir-lhe-ei o que me estais dizendo.

(*Sai. Entra Catesby*)

CATESBY — Muitos bons dia a meu nobre senhor.

HASTINGS — Um bom dia, Catesby. Estais levantado muito cedo. Que novas, que novas haveis neste nosso instável reino?

CATESBY — Senhor, é, em verdade, um munido de mudança, e creio que nunca quedo será senão quando Ricardo cingir na fronte a palma do reino.

HASTINGS — Como, cingir a palma? Queres dizer a coroa?

CATESBY — Quero, meu bom senhor.

HASTINGS — Mandarei cortar dos ombros esta coroa minha antes que veja a coroa tão mal assentada. Mas imaginas tu que ele tem tal intento?

CATESBY — Tem, por vida minha, e espera ter-vos do seu lado para a conquista dela. E por essa causa vos envia esta boa nova, que hoje mesmo os inimigos vossos, os parentes da Rainha, morrerão em Pomfret.

HASTINGS — Em verdade, tal nova não lamento, que eles meus adversários foram sempre. Mas levantar eu minha voz por Ricardo para impedimento dos herdeiros do meu senhor, diretos descendentes, Deus sabe que o não farei, nem que por tal eu morra.

CATESBY — Deus guarde Vossa Senhoria nesse amável sentimento.

HASTINGS — Mas rirei bem doze meses passados, por vivo estar e ver o trágico fim daqueles que me lançaram o ódio do meu senhor. Bem, Catesby, quinze dias não viverei sem que eu do mundo expulse quem jamais em tal pensou.

CATESBY — É coisa horrenda morrer, meu gracioso senhor, quando os homens não estão aparelhados e não esperam tal.

HASTINGS — Oh, horrendo, horrendo! E assim é com Rivers, Vaughan, Grey; e assim será com alguns outros homens que se pensam em tanta seguridade quanto tu e eu, que como sabes somos estimados pelo nobre Ricardo e por Buckingham.

CATESBY — Ambos os príncipes vos têm em mui subida estima... (*À parte*) que na Ponte estimam ver vossa cabeça exposta.

HASTINGS — Eu sei, e bem o mereci. (*Entra Stanley, Conde de Derby.*) Vinde, vinde. Onde tendes a vossa lança, homem? Temeis o javali, e andais assim tão desarmado?

STANLEY — Senhor, bom dia. Bom dia, Catesby. Podeis gracejar, mas, pela Santíssima Cruz, não me aprazem estes conselhos vários, não me aprazem, não.

HASTINGS — Meu senhor, tanto prezo minha vida como vós a vossa, e nunca foi ela, aqui declaro, tão preciosa como para mim agora é. Cuidais que se não considerasse nossa situação segura estaria triunfante como ora estou?

STANLEY — Os fidalgos que estão em Pomfret, quando de Londres saíram ledos iam, e cuidavam estar seguros, e não tinham na verdade razão para não confiar, mas vede como o dia logo ensombreceu. Turva-me esta súbita estocada de rancor, oxalá prove ser covarde sem razão. Então, vamos à Torre? O dia é chegado. Então, então, ouvi, sabeis que mais, senhor? São hoje decapitados os fidalgos de quem haveis falado.

STANLEY — Por serem verdadeiros, das cabeças que têm são eles mais dignos do que dos chapéus que usam muitos dos que os acusaram. Mas vinde, senhor, partamos.

(*Entra Hastings, Passavante.*)

HASTINGS — Ide adiante. Quedo-me a falar com este bom companheiro. (*Saem Stanley e Catesby*) Bom encontro, Hastings; como vai contigo o mundo?

PASSAVANTE — Ainda melhor por Vossa Senhoria se dignar perguntar.

HASTINGS — Digo-te, homem, tudo melhor comigo se conserta agora do que na derradeira vez que te encontrei neste lugar mesmo. Ia então cativo para a Torre, por estímulo dos aliados da Rainha. Mas eu te digo agora e guarda-o para ti: são hoje executados esses inimigos, e eu em posição tão subida como nunca tive!

PASSAVANTE — Deus mantenha as coisas a vosso grado, senhor.

HASTINGS — Grã mercê te dou. Toma, bebe por mim. Atira-lhe a bolsa (*Sai*)

PASSAVANTE — Agradeço a Vossa Mercê.

(*Entra um padre.*)

PADRE — Bom encontro, meu senhor. Alegro-me em ver Vossa Mercê.

HASTINGS — Agradeço-te bom senhor D. João, de todo o meu coração. Ainda vos sou devedor de vosso último serviço. Voltai no próximo sábado e eu prêmio vos darei. Diz-lhe qualquer coisa ao ouvido

(*Entra Buckingham.*)

PADRE — Esperarei por Vossa Senhoria. (*Sai o padre*)

BUCKINGHAM — Quê, praticando com um padre, senhor Camareiro? Vossos amigos em Pomfret, esses bem necessitam de padre; Vossa Honra não terá necessidade de se confessar!

HASTINGS — Por minha fé, quando encontrei este santo homem lembrei-me dos homens de quem me falais. Então, ides à Torre?

BUCKINGHAM — Vou, meu senhor, mas por lá não me posso eu alongar. De lá tornarei eu antes de Vossa Senhoria.

HASTINGS — E possível, sim, pois lá me quedarei para o jantar.

BUCKINGHAM (*À parte*) — E para a ceia também, embora ainda o não saibais. Vinde — vamos?

HASTINGS — Eu vos acompanho, senhor.

(*Saem*)

Cena 3

Entra o senhor D. Ricardo de Ratcliffe, com alabardeiros, que conduzem os nobres Rivers, Grey e Vaughan para serem executados em Pomfret.

RATCLIFFE — Vinde, trazei os cativos.

RIVERS — Senhor D. Ricardo de Ratcliffe permite que te diga: vais ver hoje um súdito morrer pela verdade, pelo dever e pela lealdade.

GREY — Deus guarde o Príncipe do nefasto bando que vós sois! Sois uma companhia de malditas sanguessugas.

VAUGHAN — Está vivo quem um dia em alta grita lamentará tudo isto.

RATCLIFFE — Depressa, é chegado o limite de vossas vidas.

RIVERS — Ó Pomfret, Pomfret! Ó tu, masmorra sanguinosa, fatal e pressaga para nobres pares! Dentro do espaço criminoso dos teus muros foi Ricardo II assassinado. E para maior vergonha do teu lugar terrífico, damos-te a beber do nosso inocente sangue.

GREY — Caiu fera sobre nossas cabeças a maldição de Margarida quando a lançou sobre Hastings, sobre vós e sobre mim, por termos visto Ricardo quando apunhalou seu filho.

RIVERS — Então amaldiçoou Ricardo, então amaldiçoou Buckingham, então amaldiçoou Hastings. Ó, lembrai-Vos, Deus, de ouvir a sua prece por eles, como agora por nós e pela minha irmã e por seus régios filhos. Contentai-vos, Senhor, tão-só do nosso sangue leal, que, como sabeis, vai ser sem justiça derramado.

RATCLIFFE — Depressa, é chegada a hora da morte.

RIVERS — Vinde, Grey, vinde Vaughan, abracemo-nos. Adeus, até que no céu nos encontremos.

(*Saem*)

Cena 4

Entram Buckingham, Stanley, Conde de Derby, Hastings, o Bispo de Ely, Norfolk, Ratcliffe, Lovell e outros a uma mesa.

HASTINGS — Pois bem, nobres pares, aqui nos encontramos para sobre a coroação determinarmos. Em nome de Deus, falai: qual será do rei o dia?

BUCKINGHAM — Está tudo aparelhado para a cerimônia real?

STANLEY — Está, e falta só determinar o dia.

ELY — Amanhã, então, cuido ser dia feliz.

BUCKINGHAM — Quem conhece o pensamento do Protector? Quem está mais próximo do nobre Duque?

ELY — Vossa Graça, cuidamos, será quem mais depressa conhecerá seu parecer.

BUCKINGHAM — Os restos sabemos um do outro. Quanto a nossos corações, não sabe ele mais do meu do que eu dos vossos, ou eu do dele, senhor, ou vós do meu. Senhor Hastings, vós e ele, sois amigos próximos. Agradecido estou a Sua Graça, eu sei que ele bem me quer, mas quanto aos seus intentos sobre a coroação nenhuma coisa hei perguntado, nem ele me confiou o que neste caso te causaria prazer. Mas vós, meus nobres senhores, podeis assinalar o dia. E eu em nome do Duque levantarei minha voz, o que, cuido, de boa feição ele aceitará.

(*Entra Ricardo.*)

ELY — Em azado momento ali vem o próprio Duque.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Meus nobres senhores, e primos todos, bom dia. Dormi em excesso, mas cuido que minha ausência não terá feito retardar algum caso grave que em minha presença podia ter sido concluído.

BUCKINGHAM — Se não houvésseis entrado a tempo, senhor, D. Guilherme, senhor de Hastings, teria tomado vossa parte, quero dizer, teria sido a vossa voz sobre a coroação do rei.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Afora o meu senhor de Hastings ninguém tal ousar podia. Sua Senhoria conhece-me bem, e tem por mim grande afeição. Senhor de Ely, quando pela derradeira vez em Holborn estive vi belas amoras no vosso quintal. Peço-vos, mandai buscar algumas.

ELY — Céus, e assim farei senhor meu, de todo o coração. (*Sai*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Primo de Buckingham, uma palavra só. Catesby

inquiriu Hastings sobre o nosso caso e encontra firmeza tal no obstinado fidalgo que prefere a cabeça perder, mais que consentir que o filho de seu senhor (*como com acatamento diz*) perca de Inglaterra o real trono.

BUCKINGHAM — Apartai-vos por um pouco. Irei ao vosso encontro.

(*Saem Ricardo e Buckingham*)

STANLEY — Ainda não determinamos este dia triunfal. Amanhã, em meu parecer, é cedo em demasia porque eu próprio não estou tão bem aparelhado como estaria se fosse mais retardado o dia.

(*Entra o Bispo de Ely.*)

ELY — Onde está meu senhor, o Duque de Gloucester? Mandei buscar estas amoras que ele queria.

HASTINGS — Hoje tem Sua Graça ledo e doce semblante. Terá em mente algum pensamento que lhe apraz para dar os bons-dias com ânimo tal. Cuido não haver homem algum na cristandade que menos do que ele seu amor ou seu ódio saiba esconder, que pelo rosto se lhe conhece num pronto o coração.

STANLEY — Que haveis de seu coração entendido no seu rosto da alegria que hoje há manifestado?

HASTINGS — Céus, que não sente ofensa de homem algum aqui presente, porque, se sentisse, seu semblante o mostraria.

STANLEY — Rogo a Deus que não, vos digo.

(*Entram Ricardo e Buckingham.*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Peço-vos me digais o que merecem os que urdem minha morte em teias demoníacas de negra magia, e fizeram triunfar contra o meu corpo os seus feitiços malditos.

HASTINGS — A grande estima que por Vossa Graça tenho, meu senhor, faz-me ser quem primeiro nesta nobre assembléia condene os culpados, sejam eles quem forem. Digo, senhor meu, merecem a morte.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Então sejam vossos olhos testemunhas do seu maligno ato. Olhai como estou enfeitiçado! Vede, meu braço semelha uma vara seca e queimada! E foi a mulher de Eduardo, essa bruxa monstruosa, de parelha com essa mundanal manceba, a prostituta Shore, que assim me assinalaram com seus feitiços.

HASTINGS — Se elas tal feito cometeram, meu senhor...

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Se? Tu, protetor dessa maldita meretriz, falas-me em "ses"! Traidor és tu. Fora com a sua cabeça! Por São Paulo, juro que não jantarei hoje sem que tanto veja. Lovell e Ratcliffe, tratai do caso. Vós outros que afeição me têm, levantai-vos e segui-me.

(*Saem todos exceto Lovell e Ratcliffe e o senhor de Hastings*)

HASTINGS — Desgraçada, desgraçada Inglaterra! Mas não desgraçado de mim, porque eu, inocente em demasia, podia tê-lo evitado. Stanley sonhou que o javali lhe havia destruído o elmo, e eu escarneci de tal e desdenhei fugir. Três vezes hoje o meu cavalo aparelhado tropeçou e se turvou ao ver a Torre, como se lhe pesasse trazer-me ao matadouro. Agora sim. Falta-me o padre que comigo falou. Repentido estou de ter dito ao passavante, à maneira de triunfo, que os meus inimigos morreriam hoje em Pomfret em carnificina sangrenta. E que eu próprio seguro me sentia de estar em graça e favor. Ó Margarida, Margarida, eis que tua pesada maldição atingiu a mísera cabeça do pobre Hastings.

RATCLIFFE — Vinde, vinde, prestes. O Duque quererá jantar. Fazei breve confissão. Ele deseja ver vossa cabeça. Ó dos homens mortais a graça breve que nós mais procuramos do que de Deus a graça. Quem constrói a esperança nos ares de vosso bom semblante vive como marinheiro ébrio no topo de um mastro, a cada instante pronto a despenhar-se nas profundezas fatais do mar profundo.

LOVELL — Vinde, vinde, prestes. De nada valem lamentações. Ó sanguinoso Ricardo! Mísera Inglaterra, profetizo para ti o mais temeroso tempo que alguma vez época alguma contemplou. Vinde, conduzi-me ao cadafalso. Levai-lhe minha cabeça. Os que de mim escarnecem em breve mortos serão.

(*Saem*)

Cena 5

Entram Ricardo e Buckingham com armaduras ferrugentas, maravilhosamente feios.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Vá, primo, podes tremer e de cor mudar, assassinar teu sopro a meio de uma palavra, e então de novo começar, e voltar a parar, como se estivesses turvado e sandeu de terror?

BUCKINGHAM — Ora, eu sei mudar-me em grande trágico. Falar e olhar para trás e espreitar por todos os lados, tremor e assustar-me com o bulir de uma palha, manifestando suspeição profunda. Olhares terríficos tenho-os a meu mando tal como sorrisos fingidos, e ambos como meus servidores prontos estão em qualquer tempo a ajudar minha manhas. Mas quê, Catesby foi-se?

(*Entram o Alcaide e Catesby*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Foi, e olha, consigo vem o Alcaide.

BUCKINGHAM — Senhor Alcaide...

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Olha a Ponte, além!

BUCKINGHAM — Ouvi, um tambor!

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Catesby, vigia as muralhas!

(*Sai Catesby*)

BUCKINGHAM — Senhor Alcaide, a razão por que mandamos...

(*Entram Lovell e Ratcliffe, com a cabeça de Hastings.*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Olha para trás! Defende-te, são inimigos!

BUCKINGHAM — Que Deus e nossa inocência nos defendam e nos guardem

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Calma-te, amigos são: Ratcliffe e Lovell.

LOVELL — Eis a cabeça daquele ignóbil traidor, o perigoso e insuspeitado Hastings.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Tanta estima sentia por esse homem, que devo chorar. Cuidei que ele era a criatura mais simples e inocente, o cristão melhor que jamais na terra respirou, fiz dele meu livro onde minha alma gravava a história de todos seus sigilosos pensamentos, de tal forma ele escondia seu vício sob virtuoso aspecto, que, afora esta aparente e clara culpa, falo de suas práticas com a mulher de Shore. Ele vivia longe de toda a suspeição.

BUCKINGHAM — Ora, ora, foi o traidor mais fingido e disfarçado. Podíeis imaginar,

ou quase crer, que, se não fora por grande dita, não viveríamos hoje para vos contar que este sutil traidor tinha forjado hoje durante o conselho matar-me a mim e a meu bom senhor de Gloucester?

ALCAIDE — Isso fez ele?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Quê, cuidais que somos turcos ou infiéis? Ou que iríamos, contra o que dita a lei, decidir assim prontamente sobre a morte do ruim vilão, não fora o perigo extremo da questão, a paz de Inglaterra, e a seguridade de nossas pessoas, obrigar-nos a essa execução?

ALCAIDE — Que os céus vos abençoem! Ele mereceu a morte. E vós, senhores, haveis ambos procedido bem, para assim afastardes traidores de tais intentos

BUCKINGHAM — Nunca de suas mãos esperei boas ações depois que ele esteve em companhia da Senhora Shore. Porém não tínhamos determinado que ele morresse antes de Vossa Senhoria chegar para presenciar seu fim... O que a pressa amável destes amigos nossos não permitiu, posto que contra nossa intenção... Porque, meu senhor, gostaríamos nós que tivésseis ouvido o traidor falar, e timidamente confessar a guisa e a finalidade de sua traição, para que pudésseis contar aos cidadãos, que por acaso possam ter desconfiança de nós por causa sua e chorar sua morte.

ALCAIDE — Mas, meu bom senhor, as palavras de Vossa Graça servirão da mesma guisa que se eu o vira e ouvira falar; e, não tenhais dúvida, mui nobres príncipes, que darei conhecimento a nossos leais cidadãos de todos vossos justos cometimentos nesta causa.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — E para tal quisemos que viesse aqui Vossa Senhoria evitando assim maus juízos do maldizente mundo.

BUCKINGHAM — Mas, já que haveis chegado tarde demais para nosso intento, testemunhai então aquilo que ouvis termos intentado. E assim, meu bom Alcaide, nos despedimos.

(*Sai o Alcaide*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ide após ele, ide, primo Buckingham: o Alcaide dirige-se, apressurado ao Guildhall. Ali, na ocasião mais conforme, provai que são bastardos os filhos de Eduardo; dizei-lhes que Eduardo matou um cidadão só por este dizer que faria de seu filho o herdeiro da Coroa — tendo apenas em mente sua taberna, que por tal insígnia ter da coroa era chamada. E mais, falai da sua luxúria, e de seu bestial apetite na busca dos prazeres, que se estendia a servos, filhas, mulheres, por todo o lado que seu incendido olhar e coração selvagem sem regra cobiçassem fazer presa. Bem, e se for mister, em vossa prática rondai minha pessoa: dizei-lhes que quando minha mãe prenhe ficou desse insaciável Eduardo, pelejava o nobre York, meu nobre pai, em França, e ainda que, pelo contar do tempo, ele concluiu não ser o progenitor, o que bem se manifestou no próprio semblante, que em nada semelhava ao Duque, meu pai... Porém, falai nisto com mesura, como se o caso remoto fosse, porque, meu senhor, sabeis que é viva minha mãe.

BUCKINGHAM — Não duvideis, meu senhor. Orador serei como se fora meu o prêmio de ouro que alcançar intento. E assim, senhor meu, adeus.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Se tanto conseguirdes, levai-os ao Castelo de Baynard, onde me encontrareis em boa companhia Entre reverendos padres e doutos bispos.

BUCKINGHAM — Parto-me, e entre as três e as quatro horas esperais pelas novas que o Guildhall dará. (*Sai*)

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Vai, Lovell, a toda a pressa junto do doutor Shaa. (*Para Ratcliffe*) E tu junto de Frei Penker; diz a ambos que antes que passe uma hora me procurem no Castelo de Baynard. (*Saem Ratcliffe e Lovell*) Irei agora ordenar secretamente que façam desaparecer esses crianças de Clarence, e dar conhecimento que em tempo algum a ninguém é permitido chegar junto a esses príncipes. (*Sai*)

Cena 6

Entra um escrivão com um papel na mão.

ESCRIVÃO — Eis a condenação do bom senhor de Hastings escrita em grandes letras na melhor escritura para que hoje possa ser lida em Saint Paul. E notai a harmonia da sua ordenação: onze horas demorei eu a escrevê-la, entregue que me foi ontem à noite por Catesby; o original demorou o mesmo tempo a compor, e contudo faz agora cinco horas vivia Hastings inocente, sem julgamento, livre, em liberdade. Que bom mundo, este! Quem tão bruto é que não veja ardil tão manifesto? Porém, quem tão ousado é que diga que o está vendo? O mundo é mau, todas as coisas acabam no mal quando tais nefastos efeitos se têm de guardar no pensamento. (*Sai*)

Cena 7

Entram Ricardo e Buckingham por portas diferentes.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Então? Então? Que dizem os cidadãos?

BUCKINGHAM — Bem, pela Santíssima Mãe de Nosso Senhor, os cidadãos mudos estão e não dizem palavra alguma.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Haveis dito que os filhos de Eduardo eram bastardos?

BUCKINGHAM — Disse, e seu contrato com a senhora de Lucy, e seu outro contrato em França, por embaixador, a voracidade insaciável de seu desejo, e suas violências sobre as mulheres da cidade, sua tirania por coisas sem valia, ele próprio ser bastardo, pois concebido foi estando vosso pai em França, e ainda seu semblante não semelhar ao Duque. Entretanto, mencionei vossas feições, que de vosso pai são fiel retrato, não só na aparência como na nobreza do espírito, apresentei todas vossas vitórias na Escócia, Vossa disciplina na guerra, vossa ciência na paz, Vossa generosidade, virtude e não manchada humildade. De fato, nada omiti que pudesse favorecer Vosso intento, de tudo falei e a tudo aludi em meu discurso. E quando minha eloqüência chegou ao termo mandei os que amavam o bem de seu país bradar: "Viva Ricardo, Rei de Inglaterra!"

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — E eles bradaram?

BUCKINGHAM — Não, assim Deus me ajude, não disseram palavra alguma, mas como estátuas mudas ou pedras que respiram olharam-se uns aos outros e pálidos de morte se tornaram. Pelo que eu, nisto vendo, lhes fiz grande reprimenda. E perguntei ao Alcaide o sentido de tão obstinado silêncio. Sua resposta foi que o povo não era costumado a que, afora o arauto, alguém para ele falasse. Pedi-lhe então que repetisse o meu discurso: "isto diz o Duque; o Duque isto afirmou"... E nada disse de sua vontade. Quando chegou ao termo, alguns dos meus sequazes, no extremo da sala, arremessaram seus chapéus e algumas dez vozes bradaram "Viva El-Rei Ricardo!" Tirei então proveito destes poucos: "graças amigos e gentis cidadãos", disse eu, "este geral aplauso e estes alegres brados vossa ciência manifestam e vossa afeição por Ricardo." E neste ponto parei e fui-me dali.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Que, cepos mudos eram eles? Não hão querido falar! O Alcaide e sua confraria não querem vir aqui?

BUCKINGHAM — O Alcaide é aqui por perto. Fingi temor. Não deixeis que vos fale senão depois de forte instância. E não vos esqueça ter na mão um livro de orações, e

permanecer entre dois padres, meu bom senhor, que sobre tal farei eu santo sermão. E não vos deixeis facilmente vencer por nossos rogos, fazei de donzela: muito embora digais não, concedei.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Eu me vou, e se em nome deles intercederdes tão bem como eu por minha parte te saberei dizer não, sem dúvida levaremos este caso a seu bom termo.

BUCKINGHAM — Ide, ide para a galeria, o Alcaide bate à porta. (*Sai Ricardo*) (*Entram o Alcaide e cidadãos*) Sede bem-vindo, meu senhor. Aqui me encontro à espera. Cuido que o Duque não quer receber ninguém. (*Entra Catesby em cima.*) Então, Catesby, que diz vosso senhor a meu pedido?

CATESBY — Ele pede a Vossa Graça, meu nobre senhor, que amanhã o procure, ou no dia seguinte. Ele está aí dentro em companhia de dois reverendos padres, divinamente entregue à meditação, e súplica mundana nunca o levaria a afastar-se daquele santo exercício.

BUCKINGHAM — Volta, bom Catesby, junto do gracioso Duque: diz-lhe que eu próprio, o Alcaide e os homens-bons, acerca de assuntos graves, de casos de maior urgência, tão importantes como o bem de todos nós, aqui viemos para ter conversação com Sua Graça.

CATESBY — Isso mesmo lhe direi de imediato. (*Sai*)

BUCKINGHAM — Ah! Ah!, senhor meu, este príncipe não é um Eduardo, não se reclina em morno leito de amor, mas, posto de joelhos, medita, não se apraz com uma parelha de cortesãs, mas medita em companhia de dois venerandos padres, não dorme, para engordar seu corpo ocioso, mas reza, para enriquecer sua alma atenta. Feliz seria a Inglaterra se tão virtuoso Príncipe aceitasse sobre si a sua soberania. Mas temo que a tanto não o saibamos mover.

ALCAIDE — Céus, Deus não permita que Sua Graça nos diga "não"!

BUCKINGHAM — Temo que sim. (*Entra Catesby.*) Ali vem de novo Catesby. Então, Catesby, que diz Sua Graça?

CATESBY — Pergunta com que fim haveis chamado tais hordas de cidadãos que a ele se dirigem, do caso tudo ignorando Sua Graça. Teme, senhor, que vossos intentos não lhe sejam de feição.

BUCKINGHAM — Lamento que meu nobre primo possa suspeitar de que não lhe sejam de feição os meus intentos. Pelos céus, dele nos acercamos em perfeito amor. E assim, ide de novo e contai a Sua Graça. (*Sai Catesby*) Quando homens crentes, devotos e santos estão em suas preces, delas é difícil arrancá-los, tão doce é a fervorosa contemplação.

(*Entra Ricardo, no alto, entre dois bispos com Catesby.*)

ALCAIDE — Vede onde se tem Sua Graça, entre dois clérigos!

BUCKINGHAM — Duas escoras de virtude para um Príncipe cristão, que o impedem da queda na vaidade, e vede, um livro de orações entre as mãos... Veros ornamentos com que se conhece um homem santo. Afamado Pantageneta, mui gracioso Príncipe, presta ao que te

pedimos ouvidos favoráveis e perdoa-nos esta suspensão de tua devoção e de teu mui cristão fervor.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Meu senhor, escusado é tal pedido de desculpa. Perdão imploro a Vossa Graça, se, no ardor com que servia ao meu Deus, retardei a visita de meus amigos. Mas, deixemos isso, que apraz a Vossa Graça?

BUCKINGHAM — O mesmo que, espero, apraz a Deus lá no alto, e a todos os homens bons desta ilha sem governo.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Suspeito ter cometido uma ofensa, que parece desagradar aos olhos da cidade. E que aqui vindes repreender meu erro.

BUCKINGHAM — Assim é, meu senhor: e provera a Vossa Graça emendar com os nossos pedidos vosso erro.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Sem tal fazer, como poderia viver em terra cristã?

BUCKINGHAM — Sabei então, erro vosso é recusar o lugar supremo, o majestoso trono, o ofício coroado de vossos maiores, o estado que deveis a vossa fortuna e a vosso nascimento, à glória hereditária de vossa Casa Real, em favor da corrupção de um ramo maculado, enquanto na doçura de vossos sonolentos pensamentos, donde vos acordamos para o bem de nossa terra, a nobre ilha reclama seus veros membros com a face esfacelada por cicatrizes de infâmia, com o tronco real enxertado de ignóbeis plantas, e quase perdendo o pé no abismo devorador do negro esquecimento e do profundo nada. Para tanto prevenir, do coração rogamos a vossa graciosa pessoa que tomeis vós o cárrego e o régio regimento desta terra vossa, não como Protetor, intendente ou substituto, ou baixo servidor para proveito de outrem, mas por direito de linhagem de sangue para sangue, vosso direito de nascimento, vosso império, vossos bens. É para tanto que, consertado com os cidadãos, vossos mui devotos e leais amigos, e por sua veemente instigação, venho nesta justa causa demover Vossa Graça.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Não sei dizer o que melhor responde a meu estado ou a vossa condição. Se em silêncio apartar-me, ou se amargamente contra vós falar, se resposta não vos der, porventura poderíeis cuidar que minha ambição, a língua me prendendo, sem resposta dar, acedera a carregar o dourado jugo da soberania que vós amavelmente sobre mim aqui quereis impor. Se vos reprovar por esta vossa petição, assim condimentada pelo amor que por mim tendes, então, por outro lado, reprovava meus amigos. Portanto, para falar, e evitar o primeiro caso, e, ao falar, no segundo não cair, eu deste modo vos dou minha resposta final: merece vosso amor a minha gratidão, mas meu desmerecimento recusa, por imerecida, vossa subida instância. Primeiro, se todos os embargos estivessem removidos, e fora plano o meu caminho para o trono, por devida herança e por linhagem, ainda assim, é tal a pobreza de meu espírito, tantos e tamanhos são os meus defeitos, que antes quisera esconder-me de minha grandeza, eu frágil barca para cometer alteroso mar, que desejar em minha grandeza ser escondido e no vapor da minha glória sufocado. Mas, Deus seja louvado, de mim não careceis e eu de muito careço para ajuda vos dar, se dela carecerdes. A árvore régia nos deixou um régio fruto, o qual, sazonado pelas horas do tempo veloz, bem se ajustará ao majestoso assento, e,

decerto, nos tornará felizes com o seu reinado. Sobre ele deponho o que vós sobre mim depor quisestes: o direito e a fortuna de sua estrela feliz, e Deus não permita que eu lhos furte.

BUCKINGHAM — Meu senhor, isto prova consciência em Vossa Graça. Mas os motivos são ligeiros e banais, bem consideradas as circunstâncias todas. Dizeis que Eduardo é filho de vosso irmão. Também nós o dizemos. Mas não da mulher de Eduardo, porque primeiro foi comprometido com a senhora de Lucy. Vossa mãe é viva testemunha desse voto e por procuração casou depois com Bona, irmã do rei de França. Repudiadas ambas, uma pobre mulher, que petições fazia, mãe cuidadosa de muitos filhos, viúva triste e de beleza gasta, no entardecer já de seus melhores dias, conquistou e comprou seu libertino olhar, seduziu as alturas de seu estado até à decadência vil e infame bigamia. Dela, nesse leito ilegal, teve ele este Eduardo, a quem por cortesia damos o nome de Príncipe. Mais amargamente podia eu protestar, não fora impor discreto limite a minha língua por respeito a pessoas ainda em vida. Meu bom senhor, tomai pois sobre vossa real pessoa este benefício da dignidade que vos ofertamos. Se não for para nos tornar felizes, e conosco o país todo, será para arrancar vossa nobre linhagem da corrupção de tempos aviltantes para um curso reto e verdadeiro.

ALCAIDE — Aceitai, meu bom senhor. Vossos cidadãos assim vos rogam.

BUCKINGHAM — Não recuseis, poderoso senhor, o amor que assim vos ofertamos.

CATESBY — Oh, fazei-os felizes, acedei a seu legítimo pedido.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Ai de mim, porque me pondes tamanho peso em cima? Não sou feito para o trono e a majestade. Peço-vos, não mo tomeis a mal. Não posso, nem irei, a vós ceder.

BUCKINGHAM — Se recusardes, pois por amor e devoção Sois contrário a depor o infante, filho de vosso irmão. Como bem conhecemos a brandura de vosso coração, e a disposição gentil, amável e feminil que bem notamos com respeito a vossos parentes e que é de fato igual à que usais para todos os estados, sabei contudo que, quer aceiteis ou não a nossa petição, o filho de vosso irmão nunca será nosso Rei, antes um outro assentaremos no trono para desgraça e queda de vossa Casa e com esta decisão nós vos deixamos. Vinde, cidadãos. Por Deus, não peço mais!

RICARDO III (*Duque de Gloucester*) — Oh, não praguejeis, meu senhor de Buckingham!

(*Saem Buckingham, Alcaide e cidadãos*)

CATESBY — Chamai-os de novo, doce Príncipe. Aceitai seu pedido. Se o recusardes, todo o país lamentará.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Quereis forçar-me a um mundo de tormentos? Chamai-os de novo. Não sou feito de pedra, e me moverei a vossas amáveis diligências, posto que contra minha consciência e minha alma seja. (*Entram Buckingham e o resto*) Primo de Buckingham, e vós homens sábios e graves. Pois quereis afivelar-me a fortuna sobre o dorso para que lhe suporte o fardo queira eu ou não, devo ser paciente e suportar o peso. Mas se por acaso negro escândalo ou imunda censura chegar no seguimento de vossa imposição, vossa

coação por si só me libertará de qualquer sinal e mancha impura, porque Deus sabe, e vós talvez vereis em parte, quão longe estou de tal coisa desejar.

ALCAIDE — Deus abençoe Vossa Graça. Assim o vemos e assim o diremos.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Em o dizendo, direis só a verdade.

BUCKINGHAM — Eu vos saúdo então com este real apelido: viva Ricardo, digno Rei de Inglaterra!

TODOS — Amem.

BUCKINGHAM — Apraz-vos, senhor, amanhã ser coroado?

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Quando a vós aprouver, já que assim o quereis.

BUCKINGHAM — Esperaremos amanhã por Vossa Graça. E mui alegremente vos dizemos adeus.

RICARDO (*Duque de Gloucester*) — Vamos, tomemos a nosso santo trabalho. Adeus, meu primo, adeus, gentis amigos.

(*Saem*)

Ato 4

Cena 1

Entram a Rainha Isabel, a Duquesa de York, o Marquês de Dorset, por uma porta; Ana, Duquesa de Gloucester, por outra com a filha de Clarence.

DUQUESA DE YORK — Quem vem ao nosso encontro? Minha sobrinha Plantageneta trazida por mão de sua amável tia de Gloucester. Por minha fé, vai em direção da Torre, em missão de puro amor, saudar o tenro Príncipe. Filha, bom encontro é este.

ANA — Conceda Deus a Vossas Graças tempo contente e ledo neste dia.

ISABEL — Tanto como a ti, boa irmã. Onde ides?

ANA — Não mais longe do que a Torre, e, cuido eu, com o mesmo intento que a vós vos leva, lá saudar os gentis príncipes.

ISABEL — Boa irmã, eu vos agradeço. Em companhia entraremos. (*Entra Brackenbury.*) E em boa hora aqui vem o Tenente. Senhor Tenente, se mo permitis, peço me digais: como vai o Príncipe e o meu jovem filho York?

BRACKENBURY — Muito bem, senhora querida. Pacientai, não posso permitir vossa visita, o Rei com rigor ordenou o contrário.

ISABEL — O Rei? Quem é?

BRACKENBURY — Falo do senhor Protetor.

ISABEL — Que o Senhor o defenda desse título real! Ele impôs fronteiras entre mim e o amor que eles a mim têm. Sou sua mãe. Quem poderá deles apartar-me?

DUQUESA DE YORK — Sou a mãe de seu pai. Quero vê-los.

ANA — Por lei sou sua tia, sua mãe por amor leva-me a vê-los. Eu suportarei a tua culpa, e te libertarei do encargo, o risco será meu.

BRACKENBURY — Senhora, não, tal não posso permitir. Fiz juramento, e por tal me perdoeis.

(*Entra Stanley, Conde de Derby*)

STANLEY — Passe uma hora só, senhoras, e se vos encontrar saudarei Vossa Graça de York como mãe e veneranda testemunha de duas formosas rainhas. (*Para Ana*) Vinde, senhora, deveis ir sem detença a Westminster, onde sereis coroada real Rainha de Ricardo.

ISABEL — Ah, cortai-me o corpete para que meu dolorido coração ganhe espaço para bater, ou senão eu desfaleço a estas novas mortais.

ANA — Cruel mensagem! Oh, enojadas novas!

DORSET — Alento, minha mãe. Como passa Vossa Graça?

ISABEL — Ó Dorset, comigo não faleis, fuge. A morte e destruição ladram-te às canelas. O nome da tua mãe é funesto para os filhos. Se queres vencer a morte, vai, cruza os mares e vai viver com Richmond, longe do alcance do inferno. Vai, esconde-te, esconde-te longe deste matadouro ou tornarás maior o número dos mortos e me farás morrer como escrava da maldição de Margarida: nem mãe, nem esposa, nem rainha reconhecida de Inglaterra.

STANLEY — É vosso conselho, senhora, prenhe de sábia inquietude. (*Para Dorset*) Tirai prestes a vantagem destas horas. Levareis cartas minhas, a meu filho em vosso favor, para que vá ao vosso encontro no caminho. Não vos tardeis com demoras fora de razão.

DUQUESA DE YORK — Ó vento de miséria que o mal desparze! Ó maldito ventre meu, leito de morte! Deste ao mundo uma serpente cujo olhar, a que ninguém pode fugir, é assassino.

STANLEY — Vinde, senhora, vinde. Fui mandado a toda a pressa.

ANA — E eu irei com toda a minha malquerença. Oh provera a Deus que o círculo de ouro que deve cingir minha fronte fora incendido em brasa para me queimar até o cérebro. Ungida eu seja com mortal veneno, e morra antes que alguém possa dizer: viva a Rainha.

ISABEL — Vai, vai, pobre de ti, coitada! Inveja não tenho à tua glória. Para nutrires meu humor, não te desejes mal.

ANA — Não? Porquê? Quando aquele que ora é meu esposo veio ao meu encontro, acompanhava eu o corpo de Henrique, quando ele de suas mãos mal lavara ainda o sangue derramado por meu outro anjo e marido meu, e desse santo querido que eu em pranto acompanhava, Oh, quando, vos digo, olhei o rosto de Ricardo, foi este meu desejo: "Maldito sejas", disse eu, "por me tornares, tão nova, em viúva tão velha, e quando te casares que a dor te assombre o leito. E que tua mulher — se alguma por loucura o for — seja mais mísera por tua vida do que tu me fizeste pela morte de meu querido senhor". Coitada de mim, antes que possa aqui repetir a mesma maldição, em tempo tão pouco, meu coração de mulher deixou-se rudemente cativar por suas palavras de mel, e mudei-me em objeto da maldição de minha própria alma, o que, desde então, todo o repouso retirou aos olhos meus, pois em seu leito uma hora sequer jamais gozei do sono o dourado orvalho, sempre acordava com seus temerosos sonhos. E mais, ele tem-me ódio por meu pai Yarwick, e breve, não duvido, se livrará de mim.

ISABEL — Pobre coração, adieu. Lamento teus queixumes.

ANA — Não mais que em minha alma lamento eu os vossos.

DORSET — Adeus, ó tu que dolorosamente a glória agasalhas.

ANA — Adieu, pobre alma que dela te despedes.

DUQUESA DE YORK — (*Para Dorset*) Vai para junto de Richmond, e que te guie a boa sorte. (*Para Ana*) Vai para junto de Ricardo e que te guardem anjos bons. (*Para Isabel*) Vai para o santuário, e que te ocupem pensamentos bons. Eu vou para a minha sepultura, onde a paz

e a quietude comigo morarão. Oitenta anos de amargura já eu vi, e cada hora de alegria despedaçada por uma semana de dor.

ISABEL — Ficai, olhai ainda comigo a Torre. Vós, pedras antigas, tende piedade desses tenros infantes que a inveja encarcerou dentro de vossos muros, rude berço para tão lindos meninos, ama rude e esfarrapada, velha e severa companhia para tenros príncipes, dai bom tratamento a meus filhos. E assim a louca dor diz adeus a vossas pedras.

Saem

Cena 2

As trombetas anunciam um conselho. Entra Ricardo em grande pompa, coroado; Buckingham, Catesby Ratcliffe, Lovell com outros nobres e um pajem.

RICARDO III (*Rei*) — Afastai-vos todos. Primo de Buckingham!

BUCKINGHAM — Meu gracioso soberano!

RICARDO III (*Rei*) — Dá-me a tua mão. (*Sobe ao trono. Soam trombetas*) Aqui tão alto, por conselho teu e teu auxílio, se assenta o Rei Ricardo. Mas vestiremos estas glórias por um dia ou serão duradouras e nelas prazer teremos?

BUCKINGHAM — Agora vivas estão, e oxalá para sempre durem!

RICARDO III (*Rei*) — Ah, Buckingham, eu faço agora de pedra de toque para provar se és de verdade ouro de lei. Está vivo o jovem Eduardo, imagina agora o que eu dizer queria.

BUCKINGHAM — Continuai, meu estimado senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Ora, Buckingham, digo que queria ser Rei.

BUCKINGHAM — Ora, mas vós sois, meu senhor três vezes afamado.

RICARDO III (*Rei*) — Hã, Rei sou? Pois sim, mas está vivo Eduardo.

BUCKINGHAM — Em verdade, nobre Príncipe.

RICARDO III (*Rei*) — Oh seguimento amargo! Que ainda viva Eduardo em verdade, nobre Príncipe! Primo, não costumavas ter pouco entendimento. Queres que seja claro? Quero os bastardos mortos. E quero isto feito já, depressa. Que dizes agora? Fala prestes, sê breve.

BUCKINGHAM — Vossa Graça pode fazer o que lhe aprouver.

RICARDO III (*Rei*) — Tss, tss, és gelo, todo. Tua amizade arrefece. Diz, tenho teu consentimento para a sua morte?

BUCKINGHAM — Dai-me um tempo para respirar, uma pausa, querido senhor, antes de sobre isto meu juízo manifestar. Em breve aqui vos darei minha resposta. (*Sai*)

CATESBY — O Rei está irado. Vede, o lábio mordendo está.

RICARDO III (*Rei*) (*À parte*) — Eu conversarei com parvos de duro entendimento e moços sem consciência. Por mim não são os que me olham com olhos prudentes. O ilustre Buckingham torna-se cauteloso. Moço!

PAJEM — Senhor?

RICARDO III (*Rei*) — Conheces alguém que o ouro corruptor possa tentar a sigiloso feito de morte?

PAJEM — Conheço um fidalgo sem contentamento cujas humildes posses não se concertam com seu espírito altivo. O ouro valeria para ele vinte oradores, e por certo o tentará seja ao que for.

RICARDO III (*Rei*) — Qual é o seu nome?

PAJEM — O seu nome, senhor meu, é Tyrrel.

RICARDO III (*Rei*) — Conheço um pouco o homem. Vai chamá-lo aqui. (*Sai o pajem*) (*À parte*) O ponderado, engenhoso Buckingham não mais será vizinho para meus conselhos. Tanto comigo andou sem se cansar e para agora para respirar! Bom, assim seja! (*Entra Stanley, Conde de Derby*) Então, senhor de Stanley, que novas há?

STANLEY — Sabei, meu amável senhor, que o Marquês de Dorset, segundo ouvi, fugiu ao encontro de Richmond para as partes em que ele mora.

RICARDO III (*Rei*) — Vem cá, Catesby. Lança o rumor de que Ana, minha mulher, está com gravidade enferma. Ordenarei que ela seja mantida cativa. Descobre por aí um qualquer pobre e mísero fidalgo que eu possa já casar com a filha de Clarence... O mancebo parvo é e dele não me receio. Olha, tu estás sonhando? Outra vez te digo, espalha por aí que Ana, a minha Rainha, enferma é e quase morta. Vai, que me é forçoso cortar todas as esperanças cujo crescimento me possa mal fazer. (*Sai Catesby*) E mister que case com a filha de meu irmão, ou então tem meu reinado fundações de vidro. Assassinar-lhe seus irmãos, e desposá-la depois... Modo incerto de ganhar! Mas estou de tal guisa imerso em sangue que pecado causará novo pecado. A chorosa piedade não tem morada nestes olhos. (*Entra Tyrrel.*) O teu nome é Tyrrel?

TYRREL — Jaime Tyrrel, e o vosso mais obediente servidor.

RICARDO III (*Rei*) — Deveras?

TYRREL — Provai-me, meu gracioso senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Ousarias matar um amigo meu?

TYRREL — Se tal vos aprouver. Mas antes queria matar dois inimigos.

RICARDO III (*Rei*) — Aí os tens então, dois grandes inimigos, do meu repouso adversários e turvadores do meu doce sono. É deles que eu quereria que te ocupasses tu Tyrrel, falo dos bastardos na Torre.

TYRREL — Dai-me maneira de chegar a eles, e cedo vos livrarei do temor que tendes deles.

RICARDO III (*Rei*) — Cantas música suave. Ouve, vem cá, Tyrrel, toma este testemunho. Levanta-te e escuta bem. (*Segreda-lhe ao ouvido*) Mais não é que isto. Diz que feito está e eu te estimarei e por tal meu favorito serás. (*Sai*)

TYRREL — Vou sem tardança concluir o caso.

(*Entra Buckingham.*)

BUCKINGHAM — Senhor meu, em meu pensamento ponderei a última questão sobre a qual me haveis sondado.

RICARDO III (*Rei*) — Ora, deixai isso em paz. Dorset fugiu até junto de Richmond.

BUCKINGHAM — Ouvi a nova, meu senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Stanley, ele é o filho de vossa mulher. Bem, cuidai nisso.

BUCKINGHAM — Senhor meu, reclamo o prêmio, que por promessa me é devido. E pelo qual haveis penhorado vossa honra e vossa fé: o condado de Hereford e todos os pertences que haveis prometido eu iria possuir.

RICARDO III (*Rei*) — Stanley, vigiai vossa mulher. Se ela enviar cartas a Richmond, vós respondereis por isso.

BUCKINGHAM — Que diz Vossa Alteza a meu justo pedido?

RICARDO III (*Rei*) — Eu bem me lembro que Henrique VI profetizou que Richmond seria rei, quando Richmond era uma criança impertinente. Um rei!... talvez... talvez...

BUCKINGHAM — Senhor meu!

RICARDO III (*Rei*) — Como foi que não pode o profeta àquele tempo dizer-me, a mim que estava lá, que eu o mataria?

BUCKINGHAM — Senhor meu, vossa promessa do condado...

RICARDO III (*Rei*) — Richmond! Quando pela derradeira vez estive em Exeter, o Alcaide por cortesia me mostrou o castelo, e chamou-lhe Rougemont, e a esse nome tremi porque um bardo da Irlanda me disse uma vez que eu não viveria largo tempo depois de haver visto Richmond.

BUCKINGHAM — Senhor meu...

RICARDO III (*Rei*) — Sim... Que hora é?

BUCKINGHAM — Ouso lembrar a Vossa Graça a promessa que me fez.

RICARDO III (*Rei*) — Bem, mas que hora é?

BUCKINGHAM — Bateram as dez.

RICARDO III (*Rei*) — Bom, deixa bater.

BUCKINGHAM — Por que deixar bater?

RICARDO III (*Rei*) — Porque, como mecanismo de relógio, bate compasso entre teu pedido e minha meditação. Não estou hoje em humor de dar.

BUCKINGHAM — Será que vos apraz dar resposta a meu pedido?

RICARDO III (*Rei*) — Aborreces-me, não estou eu nesse humor. (*Sai seguido por todos, exceto Buckingham*)

BUCKINGHAM — Isso é assim? Paga ele meu subido serviço com tamanho desdém? Foi para tal que o fiz Rei? Oh, deixai-me pensar em Hastings e partirei para Brecknock enquanto ainda está sobre os ombros a minha cabeça ameaçada. (*Sai*)

Cena 3

Entra Tyrrel.

TYRREL — Cumprido está o tirânico e sangrento ato, o feito mais ingente de lamentável massacre de que alguma vez esta terra foi culpada. Dighton e Forrest, que eu subornei para cometer esta obra de ímpia carnificina, sendo embora carnívoros vilãos, sanguinosos mastins, movidos de ternura e suave compaixão, como crianças choraram contando a triste história de suas mortes. "Oh", disse Dighton, "assim repousavam os gentis meninos." "Assim, assim", disse Forrest, "um no outro enlaçados em seus inocentes braços de alabastro. Seus lábios eram quatro rosas vermelhas no mesmo ramo, e no verão da sua beldade se beijavam um ao outro. Um livro de orações sobre a almofada estava, que por instantes", disse Forrest, "quase mudou meu querer. Mas oh, o Demo." Aqui o ruim vilão parou, quando Dighton ainda disse: "Sufocamos a obra mais doce e mais perfeita que a natureza desde a primeira criação alguma vez formou!" Foram-se os dois com consciência e com remorso de tal guisa que nem falar podiam, e por isso eu os deixei para trazer a nova ao sanguinoso Rei. (*Entra o Rei Ricardo.*) E ei-lo que ali vem. Saúde, meu soberano senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Amável Tyrrel, acharei felicidade em tuas novas?

TYRREL — Se ter cumprido aquilo cujo cargo me haveis dado vos traz felicidade, sede então feliz, porque feito está.

RICARDO III (*Rei*) — Mas viste-los mortos?

TYRREL — Vi, meu senhor.

RICARDO III (*Rei*) — E enterrados, gentil Tyrrel?

TYRREL — O capelão da Torre os enterrou, mas onde, para dizer a verdade, eu o não sei.

RICARDO III (*Rei*) — Vai junto de mim, Tyrrel, logo depois da ceia. E então me contarás a sua morte com minúcia. Em tanto, pensa como te poderei bem fazer e sejas tu o herdeiro de teu próprio desejo. Adeus, até então.

TYRREL — Humildemente me despeço. (*Sai*)

RICARDO III (*Rei*) — O filho de Clarence em forte prisão o pus, a filha a mesquinho casamento a destinei, os filhos de Eduardo dormem no seio de Abraão, e Ana, minha mulher, disse ao mundo boa noite. Agora, pois sei que o bretão Richmond pretende a jovem Isabel, filha de meu irmão, e por esse laço olha com orgulho para a coroa, junto dela vou para com sucesso e

alegria a cortejar.

(*Entra Ratcliffe.*)

RATCLIFFE — Meu senhor!

RICARDO III (*Rei*) — Boas ou más novas, que assim vens tão pressuroso?

RATCLIFFE — Más novas, meu senhor. Morton tomou fuga para junto de Richmond, e Buckingham, sustentado pelos audazes galeses, está em guerra, e seu poder aumenta.

RICARDO III (*Rei*) — Ely com Richmond me trazem mais inquietude do que Buckingham e suas tropas pressurosamente recrutadas. Vem, aprendi que a medrosa discussão é plúmbea serva da escura tardança. A tardança comanda a miséria impotente e vagarosa como o caracol. Seja então a fogosa prontidão a minha asa, Mercúrio de Júpiter, arauto de um rei. Vai, chama forças. Meu escudo é meu conselho. Devemos ser breves, quando traidores desafiam à batalha.

(*Saem*)

Cena 4

Entra a velha Rainha Margarida.

MARGARIDA — Eis que a prosperidade começa a ser madura e a escorrer para dentro da boca podre da morte. Aqui destes confins com astúcia espiei para ver a decadência de meus inimigos. Testemunha sou de um prólogo terrível, e vou para França, esperando que o seguimento provará ser tão amargo, negro e trágico. (*Entram a Duquesa de York e a Rainha Isabel.*) Afasta-te, desgraçada Margarida, quem vem lá?

ISABEL — Ah, meus pobres príncipes! Ah, meu tenros meninos, minhas flores por desabrochar, botões que mal abriram! Se vossas almas gentis ainda voam pelos ares, e não estão presas em perpétua condenação, pairai em meu redor com vossas aéreas asas e escutai os lamentos de vossa mãe.

MARGARIDA — (*À parte*) Pairai em seu redor. Dizei-lhe que a justiça por justiça ensombreceu vossa manhã infante em noite idosa.

DUQUESA DE YORK — Tantas foram as desgraças que me quebraram a voz, que minha língua desgastada de dor está muda e queda. Eduardo Plantageneta, por que razão és morto?

MARGARIDA (*À parte*) — Plantageneta mata Plantageneta. Eduardo, por Eduardo, paga dívida de morte.

ISABEL — Pudeste, ó Deus, apartar-te de tais gentis cordeiros e arremessá-los para as entranhas do lobo? Estavas dormindo quando tal feito se fez?

MARGARIDA (*À parte*) — E quando morreu o santo Rei Henrique, e o meu doce filho?

DUQUESA DE YORK — Vida morta, vista cega, pobre fantasma vivo de um mortal, cena de dor, vergonha do mundo, propriedade do túmulo pela vida usurpada, breve sumário e registro de dias tediosos. (*Sentando-se*) Sossega teu desassossego no legítimo chão de Inglaterra, ilegitimamente embriagado com sangue inocente.

ISABEL — Ah, se me pudesses ofertar um túmulo tão prestes como me podes conceder um melancólico assento, aí eu esconderia então meus ossos, não os sossegaria aqui. (*Sentando-se*) Ah, quem afora nós tem causa de lamentos?

MARGARIDA — Se a dor antiga for mais veneranda dai à minha o benefício da avançada idade, e deixai que meus males sombrios fiquem em lugar cimeiro. Se a dor aceita companhia, contais vossos males de novo ao ver os meus. Eu tinha um Eduardo, até que um Ricardo o matou. Eu tinha um marido, até que um Ricardo o matou. Tu tinhas um Eduardo, até

que um Ricardo o matou. Tu tinhas um Ricardo, até que um Ricardo o matou.

DUQUESA DE YORK — Eu também tinha um Ricardo, e tu mataste-o. Eu também tinha um Rutland, tu ajudaste a matá-lo.

MARGARIDA — Tu também tinhas um Clarence, e Ricardo o matou. Do canil do teu ventre saiu rastejando um mastim do inferno que nos persegue até à morte. Esse cão, ele teve dentes antes de ter olhos, para assustar cordeiros e lamber seu gentil sangue. Esse grande e supremo tirano mais que todos da terra reina em mortificados olhos de plangentes almas. Esse imundo destruidor da obra de Deus, teu ventre o soltou para nos perseguir até nossas sepulturas. Ó Deus reto, justo e vero em suas sentenças! Como te agradeço que este rafeiro sangrento devore o que saído foi do corpo de sua mãe e que de outros na dor a faça companheira.

DUQUESA DE YORK — Ó, mulher de Henrique, não triunfes tu com minhas mágoas. Deus é testemunha que eu hei chorado pelas tuas.

MARGARIDA — Pacientai, tenho fome de vingança, e agora me sacio ao contemplá-la. Teu Eduardo, esse está morto, ele matou o meu Eduardo, teu outro Eduardo, morto, em paga de meu Eduardo. O jovem York, esse não é mais que demasia, porque os dois juntos não atingem a subida perfeição de minha perda. Teu Clarence, esse está morto, ele que apunhalou meu Eduardo, e as testemunhas deste impiedoso ato, o adúltero Hastings, Rivers, Vaughan, Grey, antes do tempo abafados em seus túmulos sombrios. Ricardo ainda vive, dos infernos negro agente. A ele só o guardam como feitor para comprar almas e as mandar para lá. Mas cerca, cerca está seu deplorável, não deplorado fim. Abre-se a terra, arde o inferno, rugem os demônios, oram os santos, para que daqui súbito o arranquem. Rompe, querido Deus, assim te peço, seu pacto com a vida, para que eu possa viver e dizer: “O cão é morto.”

ISABEL — Oh, tu hás profetizado que tempo viria em que eu desejasse que ajuda me desses na maldição dessa aranha inchada, desse sapo marreco.

MARGARIDA — Dei-te nome, então, de ornamento vão de minha vida, dei-te nome, então, de pobre sombra, rainha de fantasia, tão-só imagem do que eu fui, lisonjeiro sinal de horrífico espetáculo, tão alto posta, para tão baixo ser lançada, mãe burlesca de dois tenros meninos, sonho do que foste, garrido estandarte para alvo de cada perigoso tiro, sinal de dignidade, sopro, bolha, rainha de comédia, só para encher a cena. Onde está agora teu marido? Onde estarão teus irmãos? Onde estão os teus dois filhos? Em que encontras tu deleite? Quem suplica e se põe de joelhos e diz “Viva a Rainha!”? Onde estarão os pares que se curvavam para te lisonjear? Onde estarão as multidões que te seguiam? Lembra tudo isto, e vê o que ora és: em vez de esposa feliz, mui mísera viúva, em vez de mãe ditosa, mãe que desse nome se lamenta; em vez daquela a quem todos suplicavam, uma que humildemente suplica; em vez de Rainha, vera cativa de cuidados coroada; em vez daquela que de mim escarneceu, uma que por mim agora é escarnecida; em vez daquela voz que todos temiam, uma que vive agora em temor; em vez daquela que todos comandava, uma de ninguém obedecida. Assim rodou o curso da justiça e uma presa do tempo apenas de ti fez, nada mais tendo do que pensamento do que foste para mais te torturar, sendo o que és. Meu lugar usurpaste, e não usurpas tu a justa proporção de minha

mágoa? Agora teus ombros orgulhosos carregam a metade do meu pesado jugo, da qual eu aqui mesmo liberto minha lassa cabeça e sobre ti deixo todo o peso de meu fardo. Adeus, mulher de York, Rainha de má fortuna. Estas mágoas inglesas far-me-ão sorrir em França.

ISABEL — Ó tu, que tão sábia és em maldições, atende um pouco e ensina-me a maldizer meus inimigos.

MARGARIDA — Não consintas teu dormir de noite e faz jejum de dia, compara a felicidade morta com a mágoa viva, pensa que mais doces eram teus meninos do que de verdade eram, e aquele que os matou mais imundo do que é. Tua perda engrandecer é agravar o causador. Pensando nisto aprenderás a maldizer.

ISABEL — São rombas minhas palavras. Oh, aguça-as com as tuas.

MARGARIDA — Tuas mágoas as farão aguçadas como as minhas. (*Sai*)

DUQUESA DE YORK — Porque será a calamidade tão prenhe de palavras?

ISABEL — Advogadas de vento para as mágoas de seus clientes, diáfanas herdeiras de intestadas alegrias, pobres oradores de sopro para misérias! Deixai-lhes liberdade. Posto que o que elas ofereçam não sirva a mais nada, elas aliviam o coração.

DUQUESA DE YORK — Se assim é, não prendas tua língua. Comigo vem e sufoquemos no sopro de amargas palavras meu filho maldito, que teus dois gentis meninos sufocou. Soa a trombeta. Não poupes teus brados. (*Entram o Rei Ricardo e seu séquito incluindo Catesby marchando ao som de tambores e trombetas.*)

RICARDO III (*Rei*) — Quem me impede em minha expedição?

DUQUESA DE YORK — Oh, aquela que te poderia ter impedido, estrangulando-te em seu amaldiçoado ventre, todos os assassínios, miserável, que tu hás cometido.

ISABEL — Com uma coroa de ouro escondes essa fronte, que devia estar marcada, se justiça houvera, pelo assassínio do Príncipe a quem essa coroa pertencia e pela mísera morte de meus pobres filhos e irmãos? Diz-me tu, ruim vilão, onde estão meus filhos?

DUQUESA DE YORK — Tu, sapo, tu, sapo, onde está teu irmão Clarence, e o pequeno Ned Plantageneta, seu filho?

ISABEL — Onde está o gentil Vaughan, Grey?

DUQUESA DE YORK — Onde está o amável Hastings?

RICARDO III (*Rei*) — Soai trombetas. Tocai alarme, tambores! Não deixeis que os céus escutem estas comadres acusar o ungido do Senhor. Tocai, vos digo! (*Som de trombetas. Alarmes*) Pacientai, falai-me com brandura, se não, com clamorosos e belicosos rumores abafarei eu vossos brados.

DUQUESA DE YORK — És tu, meu filho?

RICARDO III (*Rei*) — Sim, pela graça de Deus, de meu pai e de vós mesma.

DUQUESA DE YORK — Então com paciência dá ouvidos a minha impaciência.

RICARDO III (*Rei*) — Senhora, herdei de vós esta feição de não poder sofrer o som da censura.

DUQUESA DE YORK — Oh, deixa-me falar.

RICARDO III (*Rei*) — Falai, mas não vos ouvirei.

DUQUESA DE YORK — Serei suave e gentil em meu falar.

RICARDO III (*Rei*) — E breve, boa mãe, que tenho pressa.

DUQUESA DE YORK — Estás assim tão apressado? Por ti esperei, Deus sabe, em tormenta e agonia.

RICARDO III (*Rei*) — E não cheguei por fim para vos dar conforto?

DUQUESA DE YORK — Não, pela Cruz Santíssima, tu mui bem sabes, vieste à terra para da terra fazeres o meu inferno. Grave fardo foi teu parto para mim; tua primeira idade, turbulenta e caprichosa; teus dias de escola, assustadores, desesperados, selvagens e furiosos; tua idade de mancebo audaz, atrevida e de aventura; tua idade madura orgulhosa, astuta, falsa e sangrenta: mais branda, todavia mais perigosa ainda, doce em seu odiar. Que hora de conforto podes tu dizer que alguma vez me tenha agraciado com tua companhia?

RICARDO III (*Rei*) — Por minha fé, nem uma, a não ser a hora em que Humphrey Vossa Graça convidou a almoçar longe de minha companhia. Se tão falto de graça sou a vossos olhos, permiti que me vá e que não vos ofenda, senhora. Soai, tambores!

DUQUESA DE YORK — Eu te peço, ouve-me falar.

RICARDO III (*Rei*) — É vosso falar demasiado amargo.

DUQUESA DE YORK — Ouve uma palavra minha, que nunca mais contigo falarei.

RICARDO III (*Rei*) — Seja!

DUQUESA DE YORK — Ou serás morto pela justa ordem de Deus antes que desta guerra sejas o vencedor, ou morrerei eu de dor e de pesada idade e teu rosto não mais verei. Por isso, contigo leva minha mais grave maldição, para que ela no dia da batalha te canse mais que a armadura inteira que tu vestes. Minhas preces combatem no campo do adversário, e que lá as alminhas dos filhos de Eduardo murmurem aos espíritos de teus inimigos e lhes prometam bom sucesso e a vitória. És sanguinoso, sanguinoso será teu fim. A vergonha serve a tua vida e espera a tua morte. (*Sai*)

ISABEL — Mor causa hei, porém mora em mim menos alento para maldizer. A ela digo. Amem.

RICARDO III (*Rei*) — Ficai, senhora. Tenho uma palavra para vos dizer.

ISABEL — Não tenho mais filhos de sangue real que tu possas matar. Porque minhas filhas, Ricardo, essas serão freiras que oram e não rainhas que choram. Não apontes a arma para atingir suas vidas.

RICARDO III (*Rei*) — Tendes uma filha de nome Isabel, virtuosa e bela, régia e

graciosa.

ISABEL — E por isso deverá morrer? Oh, deixa-a viver, e eu corromperei sua virtude, mancharei sua formosura, e me caluniarei como infiel ao leito de Eduardo. Sobre ela lançarei o véu da infâmia. Para que ela possa viver livre do assassínio sangrento confessarei que ela não era filha de Eduardo.

RICARDO III (*Rei*) — Não mancheis seu nascimento, é uma princesa real.

ISABEL — Para salvar sua vida eu direi que tal não é.

RICARDO III (*Rei*) — Sua vida tem segurança somente em seu nascimento.

ISABEL — E nessa segurança somente morreram seus irmãos.

RICARDO III (*Rei*) — Ai, em nascendo as boas estrelas lhes foram contrárias.

ISABEL — Não, maus amigos à sua vida se opuseram.

RICARDO III (*Rei*) — Inevitável é a condenação do destino.

ISABEL — Decerto, quando a graça evitada em destino se transforma. Meus meninos estavam destinados a mais justa morte se a graça te tivera abençoado com mais justa vida.

RICARDO III (*Rei*) — Falais como se eu tivera assassinado meus primos.

ISABEL — Primos em verdade! E pelo tio despojados de conforto, reino, parentes, liberdade, vida. De quem quer que fosse a mão que seus tenros corações apunhalou, tua cabeça foi que inviamente o mando lhe deu. Sem dúvida a assassina faca estava romba e embotada até que aguçada foi no teu coração de pedra para penetrar nas entranhas de meus cordeirinhos. Porém, se a usança constante da dor não demorar a dor selvagem, não nomeara minha língua a teus ouvidos meus meninos antes que minhas unhas ancoradas fossem em teus olhos, e que eu, nessa enseada de morte de tamanho desespero, qual pobre barca sem velas e sem remos, me despedaçasse contra teu rochoso peito.

RICARDO III (*Rei*) — Senhora, assim eu prospere em minha empresa e nos perigosos acasos das guerras sangrentas, como vos prometo maior bem a vós e aos vossos do que o mal que vós e os vossos por mim haveis sofrido.

ISABEL — Que bem, coberto pela face do céu, em sendo descoberto, me poderá ser bem?

RICARDO III (*Rei*) — A ascensão de vossos filhos, gentil senhora.

ISABEL — Ao cadafalso, para aí perderem suas cabeças.

RICARDO III (*Rei*) — À dignidade e aos cumes da fortuna, alto emblema imperial da glória desta terra!

ISABEL — Lisonjeia minha dor com tal relato. Diz-me: que estado, que dignidade, que honra a um filho meu podes tu conferir?

RICARDO III (*Rei*) — Tudo o que eu tenho, sim, e eu próprio, e tudo, quero eu doar a um filho teu, para que no Lethes de tua alma irada possas afogar a triste lembrança daquelas ofensas

que supões eu te hei causado.

ISABEL — Sê breve, para que o processo de tua bondade não dure mais que o tempo de tua bondade.

RICARDO III (*Rei*) — Sabe então que do fundo de minha alma eu amo tua filha.

ISABEL — A mãe de minha filha em sua alma pensa.

RICARDO III (*Rei*) — Que pensais?

ISABEL — Que amas minha filha do fundo de tua alma. Também do fundo de tua alma amaste seus irmãos, e do fundo do coração por isso te agradeço.

RICARDO III (*Rei*) — Não vos apresseis a mal entender meu pensamento. Quero dizer que com minha alma amo vossa filha e é meu intento fazer dela Rainha de Inglaterra.

ISABEL — Ora bem, quem pensas então que será seu Rei?

RICARDO III (*Rei*) — Precisamente quem dela fará Rainha. Quem mais seria?

ISABEL — Quê, tu?

RICARDO III (*Rei*) — Esse mesmo. Disso que pensais?

ISABEL — Como podes cortejá-la?

RICARDO III (*Rei*) — Isso poderia convosco aprender, já que a seu humor vós sois a mais costumada.

ISABEL — E isso comigo queres tu aprender?

RICARDO III (*Rei*) — Senhora, com todo o meu coração!

ISABEL — Manda-lhe, pelo homem que assassinou seus irmãos, dois corações sangrando. Neles cinzelai "Eduardo" e "York". Talvez que então ela chore. Em seguida oferece-lhe — como outrora Margarida fez a teu pai, embebido no sangue de Rutland — um lenço, o qual, diz-lhe, enxugou a purpúrea seiva do corpo de seu doce irmão, e diz-lhe que com ele seque seus chorosos olhos. Se este incentivo não a levar a amar, manda-lhe uma carta com teus nobres feitos. Diz-lhe que fizeste desaparecer seu tio Clarence, seu tio Rivers, sim, e que por amor dela breve te desfizeste de sua boa tia Ana.

RICARDO III (*Rei*) — Zombais de mim, senhora, não é esta a guisa de ganhar a vossa filha!

ISABEL — Outra guisa não há. A menos que pudesses tomar qualquer outra forma e não fosses Ricardo, e não houvesses tudo isto cometido.

RICARDO III (*Rei*) — E se lhe disser que tudo isto cometi por amor dela?

ISABEL — Não, que então ela outra escolha não teria afora o odiar-te, por teres comprado amor com tão sangrento espólio.

RICARDO III (*Rei*) — Olhai, o que feito está não pode mais ser emendado. Os homens agem por vezes sem razão e o porvir lhes concede tempo para arrependimento. Se a vossos

filhos eu tomei o reino, em reparação a vossa filha eu o darei. Se matei o fruto de vosso ventre, para dar vida a descendentes vossos, irei gerar fruto meu de sangue vosso em vossa filha. O nome de avó pouco menos tem de amor que o apaixonado título de mãe. São como filhos, num degrau mais em baixo; feitos do vosso metal, do vosso próprio sangue; da mesma dor, afora uma noite de gemidos que suporta aquela por quem vós igual pena haveis sofrido. Vossos filhos foram nojo para vossa juventude, mas o meu será conforto para vossos anos avançados. A perda que haveis é só um filho que era Rei e por essa perda será Rainha vossa filha. Não posso dar-vos a reparação que eu desejara, por isso aceitai a bondade de que sou capaz. Dorset, vosso filho, que com alma temerosa dá passos descontentes em estrangeiro solo, esta bela aliança breve o chamará ao lar para subidas promoções e grande dignidade. O Rei que chama esposa a vossa formosa filha, como parente chamará a teu Dorset irmão. Sereis de novo mãe de um Rei. E todas as ruínas de desgostosos tempos reparadas serão com dobradas riquezas de contentamento. Quê! Ainda veremos muitos e bons dias. As líquidas gotas das lágrimas que haveis derramado de novo voltarão mudadas em porias do Oriente, pagando delas o empréstimo com bons juros de dez vezes o dobrado ganho de felicidade. Vai então, minha mãe, vai adiante tua filha. Com vossa experiência animai seus tímidos anos, aparelhai seus ouvidos para ouvirem proposições de amor, ponde em seu tenro peito a chama desejosa da dourada soberania, dai conhecimento à Princesa das horas silenciosas e doces das alegrias do himeneu. E quando este meu braço houver punido o mísero rebelde, o pouco entendido Buckingham, regressarei cingido em triunfais coroas e guiarei tua filha ao leito de um vencedor. A ela contarei a vitória que ganhei e ela só será a vencedora, César do próprio César.

ISABEL — Que será melhor dizer? Que o irmão de seu pai quereria ser o seu senhor? Ou devo dizer seu tio? Ou aquele que assassinou os seus irmãos e seus tios? Qual título usarei para em teu nome cortejar, que Deus, a lei, minha honra e seu amor possam tornar amável a seus tenros anos?

RICARDO III (*Rei*) — Fala da paz da bela Inglaterra por meio desta aliança.

ISABEL — Que ela comprará com infindável guerra.

RICARDO III (*Rei*) — Diz-lhe que o Rei, que pode mandar, suplica.

ISABEL — Aquilo que, nas mãos dela, o Rei dos Reis proíbe.

RICARDO III (*Rei*) — Diz-lhe que será Rainha sublime e poderosa.

ISABEL — Para deixar o título como agora sua mãe.

RICARDO III (*Rei*) — Diz que toda a eternidade a amarei.

ISABEL — Mas essa eternidade quanto tempo dura?

RICARDO III (*Rei*) — Com doçura viverá, até que sua formosa vida tenha fim.

ISABEL — Mas quanto tempo durará sua doce vida em formosura?

RICARDO III (*Rei*) — Tanto tempo quanto o céu e a natureza o permitirem.

ISABEL — Tanto tempo como o inferno e Ricardo o desejarem.

RICARDO III (*Rei*) — Diz que eu, seu soberano, sou seu humilde súbdito.

ISABEL — Mas ela, vossa súbdita, odeia tal soberania.

RICARDO III (*Rei*) — Sê eloqüente diante dela em meu favor.

ISABEL — Mais favorece um conto honesto se for feito com simpleza.

RICARDO III (*Rei*) — Então diz-lhe com simpleza o conto de meu amor.

ISABEL — Simples e não honesto é estilo demasiado discordante.

RICARDO III (*Rei*) — Vossas razões são demasiado leves e demasiado vivas.

ISABEL — Oh, não, minhas razões são demasiado pesadas e mortas; demasiado pesados e mortos, pobres infantes, em seus túmulos.

RICARDO III (*Rei*) — Essa corda não deveis tanger, senhora, passado é.

ISABEL — Tangerei, até que se quebrem as cordas do coração.

RICARDO III (*Rei*) — Pois pelo meu São Jorge, pela minha Jarreteira e por minha coroa...

ISABEL — Profanado um, desonrada a outra e a terceira usurpada...

RICARDO III (*Rei*) — Juro...

ISABEL — Por nada, que isto não é juramento. O teu São Jorge, profanado, perdeu sua sagrada honra. A tua Jarreteira, manchada, penhorou sua fidalga virtude. A tua coroa, usurpada, desgraçou sua glória real. Se por alguma coisa quiseres jurar para que alguém te creia, jura então por coisa que não tenhas ofendido.

RICARDO III (*Rei*) — Bom, pelo mundo...

ISABEL — Prenhe está de imundas ofensas.

RICARDO III (*Rei*) — A morte de meu pai...

ISABEL — Tua vida a desonrou.

RICARDO III (*Rei*) — Então por mim próprio...

ISABEL — Tu próprio a ti próprio usaste mal.

RICARDO III (*Rei*) — Ora então, por Deus...

ISABEL — A ofensa a Deus é de todas a maior: se temeras quebrar uma jura que a Ele tiveras feito, a união que o Rei, meu marido, concertou, não a terias tu quebrado, nem meus irmãos morrido. Se houveras temido quebrar uma jura que por Ele tiveras feito, o metal imperial que ora cinge tua fronte teria ornado a suave testa de meu filho, e aqui estariam os dois príncipes que agora — dois tenros companheiros de leito destinados à poeira — a tua fé quebrada em presa de vermes transformou. Porque coisa podes agora jurar?

RICARDO III (*Rei*) — O tempo por vir!

ISABEL — Esse tu o ofendeste no tempo que é passado, que eu própria muitas lágrimas

tenho para lavar. O tempo por vir, pelo tempo passado que tu ofendeste. Vivem os filhos cujos pais assassinaste: juventude abandonada, que o lamentará na velhice. Vivem os pais cujos filhos tu com crueza mataste: velhas, estéreis plantas, que o lamentarão com a velhice. Não jures pelo tempo por vir, que esse ofendeste tu, antes de usado, por tempos mal usados do passado.

RICARDO III (*Rei*) — Tal como é meu intento prosperar e repentir-me, assim vença eu em meus tratos perigosos de armas hostis! Eu próprio a mim próprio me destrua! Deus e fortuna, negai-me horas felizes! Dia, não me concedas tua luz, nem tu, noite, teu repouso! Sede contrários, todos vós, planetas de boa sorte, a meus procedimentos, se, com o amor de um leal coração, imaculada devoção e subidos pensamentos, eu não amar tua real, formosa filha. Nela tem assento minha felicidade e a tua. Sem ela, haverá para mim e para ti, para ela própria, para a terra e para muita alma cristã, morte, desolação, ruína e decadência. Isto só assim se pode evitar. Portanto, querida mãe — assim vos devo chamar —, sede o advogado do meu amor por ela, falai do que eu serei, não do que eu hei sido; não naquilo que mereço mas do que hei de merecer. Instai na necessidade e no estado dos tempos, e não vos mostreis contrária a grandes intentos.

ISABEL — Deverei ser tentada assim pelo demônio?

RICARDO III (*Rei*) — Sim, se o demônio vos tentar a fazer bem.

ISABEL — Deverei a mim própria esquecer para ser eu própria?

RICARDO III (*Rei*) — Sim, se a lembrança de vós própria a vós própria ofender.

ISABEL — Porém, tu mataste meus filhos.

RICARDO III (*Rei*) — Mas no ventre de vossa filha eu os enterro, e aí, nesse oloroso ninho, renascerão de si próprios, para conforto vosso.

ISABEL — Deverei eu ir aparelhar minha filha para o teu desejo?

RICARDO III (*Rei*) — E sede, por esse feito, mãe feliz.

ISABEL — Eu vou. Escrevei-me muito em breve e sabereis de mim seu pensamento.

RICARDO III (*Rei*) — Levai-lhe o beijo de meu vero amor. Beija-a. E então adeus. (*Sai Isabel*) Resignada louca, mulher mutável e vazia! (*Entra Ratcliffe.*) Então, que novas?

RATCLIFFE — Mui poderoso soberano, na costa ocidental navega poderosa armada. Às nossas praias se dirige um ajuntamento de muitos amigos duvidosos, vazios de coração, desarmados, e pouco decididos a atacá-los. Pensam que Richmond é o almirante. E ali flutuam, tão-só esperando o auxílio de Buckingham para os acolher no desembarque.

RICARDO III (*Rei*) — Que um amigo lesto corra junto do Duque de Norfolk. Ratcliffe, tu, ou Catesby. Onde está ele?

CATESBY — Aqui, meu bom senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Catesby, voa junto do Duque.

CATESBY — Isso farei, meu senhor, com toda a pressa que convém.

RICARDO III (*Rei*) — Ratcliffe, vem cá. Corre a Salisbury. Quando voltares... (*Para Catesby*) Imbecil, miserável vilão! Porque estás ainda aqui e não te partiste junto do Duque?

CATESBY — Primeiro, poderoso senhor, dizei-me de vossa vontade, o que da parte de Vossa Graça deverei contar ao Duque.

RICARDO III (*Rei*) — Ó, é verdade, bom Catesby! Diz-lhe que levante de imediato as maiores forças e tropas que puder, e que vá de contínuo ao meu encontro em Salisbury.

CATESBY — Eu vou. (*Sai*)

RATCLIFFE — Dizei-me, se vos apraz, que devo fazer em Salisbury?

RICARDO III (*Rei*) — Porquê, que farias tu lá antes que eu fosse?

RATCLIFFE — Vossa Alteza me disse que eu devia correr antes.

RICARDO III (*Rei*) — Mudei meu intento. (*Entra Stanley, Conde de Derby.*) Stanley, que novas trazeis?

STANLEY — Nenhuma, meu suserano, que vos possa agradar ouvir. Nenhuma também tão má que a não deva bem contar.

RICARDO III (*Rei*) — Eia, uma adivinha! Nem boa nem má... É mister correr tantas milhas em redor se há caminho mais direto para me dizeres teu conto? Uma vez mais, que novas?

STANLEY — Richmond está no mar.

RICARDO III (*Rei*) — Que aí se afunde e que o mar o cubra! Renegado covarde! Que faz ele lá?

STANLEY — Não sei, poderoso soberano, apenas adivinho.

RICARDO III (*Rei*) — Sim e que adivinhas tu?

STANLEY — Movido por Dorset, Buckingham e Morton, vem a Inglaterra reclamar a coroa.

RICARDO III (*Rei*) — Está o trono vago? Não está empunhada a espada? Está morto o Rei? O império sem governante? Que outro herdeiro de York é vivo afora nós? E quem é Rei de Inglaterra senão o herdeiro do grande York? Dizei-me, então, que faz ele por sobre os mares?

STANLEY — Mais do que isto, meu suserano, não posso adivinhar.

RICARDO III (*Rei*) — Mais do que ele vir para ser vosso suserano não podeis adivinhar que coisa faz vir o Galês. Tu te revoltarás e fugirás junto dele, receio eu.

STANLEY — Não, meu bom senhor, não desconfieis de mim.

RICARDO III (*Rei*) — Onde está então tua força para o atacares? Onde são teus vassalos e os teus sequazes? Não são eles agora na costa ocidental desembarcando a salvo os revoltosos dos navios?

STANLEY — Não, meu bom senhor, meus amigos são a norte.

RICARDO III (*Rei*) — Frios amigos eles me são. Que fazem eles a norte, quando deviam servir seu soberano a ocidente?

STANLEY — Ordens tais não receberam, poderoso Rei, queira Vossa Majestade despedir-me. Ajuntarei meus amigos e encontrarei Vossa Graça onde e quando a Vossa Majestade aprouver.

RICARDO III (*Rei*) — Sim, sim, tu gostarias de ir, para te ajuntares a Richmond. Mas não confiarei em ti.

STANLEY — Mui poderoso soberano, razão não haveis de pôr em dúvida minha amizade. Falso nunca fui, nem nunca serei.

RICARDO III (*Rei*) — Ide então, e ajuntai homens... mas deixai para trás vosso filho George Stanley. Cuidai que seja firme vosso coração, ou bem fraca será a seguridade de sua cabeça.

STANLEY — Tratai com ele conforme as provas de lealdade que eu vos der. (*Sai*)

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Meu gracioso soberano, agora no condado de Devon — assim mo contaram amigos verdadeiros — o senhor Eduardo de Courtney e o altivo prelado, o Bispo de Exeter, seu irmão mais velho, com muitos mais confederados, se puseram em armas.

(*Entra outro mensageiro.*)

SEGUNDO MENSAGEIRO — Em Kent, meu suserano, os Guildfords se puseram em armas, e a cada hora mais companheiros se juntam aos revoltosos, e o seu poder recresce.

(*Entra outro mensageiro.*)

TERCEIRO MENSAGEIRO — Meu senhor, o exército do grande Buckingham...

RICARDO III (*Rei*) — Fora daqui, corujas! Nada mais que canções de morte? (*Bate-lhe*) Anda, torna, até que tragas novas melhores.

TERCEIRO MENSAGEIRO — As novas que tenho para Vossa Majestade é que, por repentinas cheias e muita chuva, o exército de Buckingham é disperso e desfeito, e ele próprio erra sozinho ninguém sabe por onde.

RICARDO III (*Rei*) — Suplico-te perdão. Aí está a minha bolsa, para curar a tua ferida. Algum prudente amigo houve que tenha proclamado alguma recompensa àquele que trouxer o traidor?

TERCEIRO MENSAGEIRO — Tal proclamação foi feita, meu senhor.

(*Entra outro mensageiro.*)

QUARTO MENSAGEIRO — O senhor Tomás de Lovell e o senhor Marquês de Dorset, diz-se, meu suserano, no condado de York se puseram em armas, mas este bom conforto trago eu a Vossa Alteza: a armada bretã foi dispersada pela procela. Richmond, no condado de Dorset, enviou uma embarcação à costa, para saber dos que estavam nas praias, se eram aliados seus, se

sim se não. Ao que lhe responderam que vinham da parte de Buckingham para o sustentar. Ele, neles não confiando, deu velas e navegou de novo rumo à Bretanha.

RICARDO III (*Rei*) — Marchemos, marchemos, pois que nos pusemos em armas, se não para lutar contra inimigos de fora, pelo menos para derrotar estes revoltosos cá de dentro.

(*Entra Catesby.*)

CATESBY — Meu suserano, o Duque de Buckingham está cativo. Esta nova é a melhor. Que o Conde de Richmond desembarcou com poderosa força em Milford e mais fria nova, contudo deverá ser dita.

RICARDO III (*Rei*) — Vamos para Salisbury! Enquanto aqui despendemos razões pode ser ganha ou perdida uma batalha real. Que alguém ordene que tragam Buckingham a Salisbury; os outros marchem comigo.

(*Toque de trombetas. Saem*)

Cena 5

Entram Stanley, Conde de Derby, e o senhor D. Cristóvão de Urswich.

STANLEY — Senhor D. Cristóvão diz de minha parte a Richmond que no antro do javali mais mortífero está retido meu filho George Stanley. Se me revolto, salta a cabeça do jovem George. Tal receio me impede de ajuda prestar neste momento. Agora vai-te. Encomenda-me ao teu senhor. Diz entanto que a Rainha do coração concedeu que ele desposasse sua filha Isabel. Mas diz-me, onde está ora o príncipe Richmond?

D. CRISTOVÃO — Em Pembroke, ou em Harfodwest, no País de Gales.

STANLEY — Que homens de nomeada a ele se juntaram?

D. CRISTOVÃO — O senhor D. Walter Herbert, um soldado famoso; o senhor D. Gilberto Talbot, o senhor D. Guilherme Stanley, Oxford, o terrível Pembroke, o senhor D. Jaime Blunt, e D. Rice a Thomas, com muitos homens valentes, e muitos outros de grande nome e valor, e para Londres dirigem suas hostes se no caminho não lhes puserem embargo.

STANLEY — Bom, vai junto de teu senhor. Beija-lhe a mão. Minha carta lhe dirá do meu intento. Adeus.

(*Saem*)

Ato 5

Cena 1

Entram o Xerife com alabardeiros e Buckingham a caminho do cadafalso.

BUCKINGHAM — Não permitirá El-Rei Ricardo que eu fale com ele?

XERIFE — Não, meu bom senhor, por isso pacientai.

BUCKINGHAM — Hastings e filhos de Eduardo, Grey e Rivers, Santo Rei Henrique, e teu formoso filho Eduardo, Vaughan, e todos aqueles que pereceram por fingida, corrompida e ignóbil injustiça, se vossas almas soturnas e sem contentamento contemplam através das nuvens a presente hora, juntamente por vingança zombai de meu estrago. Hoje é Dia de Finados, não é assim, companheiro?

XERIFE — É.

BUCKINGHAM — Pois então é o Dia de Finados o Dia do Juízo de meu corpo. Foi este o dia que, em tempos de El-Rei Eduardo, desejei se abatera sobre mim se provas houvera de minha falsidade a seus filhos e aliados da Rainha. Foi este o dia em que tive desejo de cair por falsa fé daquele em quem mais confiança tinha. Este, este Dia de Finados, é para minha temerosa alma o derradeiro prazo para a punição de minhas culpas. Ele que tudo vê e com quem usei de fingimento desviou minha fingida prece por sobre minha cabeça, e tomou por vero o que eu por brinco manifestava. Desta guisa ele força as espadas de ruins varões a voltarem suas pontas contra os peitos de seus donos. Desta guisa grave cai sobre meus ombros a maldição de Margarida. “Quando ele”, disse ela, “quebrar de dor o teu próprio coração, lembra-te de que Margarida era profeta!” Vinde, levai-me, guardas, para junto do cepo da vergonha, o agravo tem apenas o agravo e a culpa a dívida da culpa. (*Sai com os guardas*)

Cena 2

Entram Richmond, Oxford, Blunt, Herbert e outros, com tambores e bandeiras.

RICHMOND — Companheiros de armas e meus amigos mui queridos, feridos sob o jugo da tirania, até aqui, aqui dentro das entranhas da terra, avançamos sem embargo, e eis que de nosso pai Stanley recebemos laudas de bom agasalho e encorajamento. O javali usurpador, sanguinoso e miserável, que estrangulou vossas colheitas de verão e vossas vinhas frutíferas, sorve vosso sangue quente como se lavadura fora, e usa como gamela vossas entranhas abertas. Esse porco imundo ora é no centro mesmo desta ilha, cerca da cidade de Leicester, segundo soubemos. Tanworth não dista mais desse lugar que um dia de marcha. Em nome de Deus, alegremente avante, amigos valorosos, para que façamos ceifa de perpétua paz por este juízo sanguinoso de acendida guerra.

OXFORD — A consciência de cada homem vale mil homens no combate contra o culpado homicida.

HERBERT — Não duvido de que meus amigos se juntem a nós.

BLUNT — Ele não tem amigos afora aqueles que por temor amigos são, que dele fugirão quando a ele mais necessários forem.

RICHMOND — Tudo é em nosso favor. Então, em nome de Deus, marchemos. A vera esperança é veloz e voa com asas de andorinha, muda em deuses reis, e em reis criaturas mais humildes.

(*Saem*)

Cena 3

Entra o Rei Ricardo armado, com Norfolk, Ratcliffe, e o Conde de Surrey, com outros.

RICARDO III (*Rei*) — Assentai aqui nossa tenda, aqui mesmo no campo de Bosworth. (*Levantam a tenda de Ricardo, num lado do palco*) Meu senhor de Surrey, porque mostrais tão triste semblante?

SURREY — Meu coração é ledo dez vezes mais que meu semblante.

RICARDO III (*Rei*) — Meu senhor de Norfolk.

NORFOLK — Aqui, mui gracioso suserano.

RICARDO III (*Rei*) — Norfolk, muitas estocadas haverá... há, não haverá?

NORFOLK — Haverá para dar e receber, meu estimado senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Levantai minha tenda! Esta noite aqui me deitarei. Mas onde, amanhã? Bem, é tudo o mesmo. Quem descobriu o número dos traidores?

NORFOLK — Seis ou sete mil, não mais.

RICARDO III (*Rei*) — Ora, as nossas hostes triplicam essa conta! E mais, o nome do Rei é uma fortaleza de que carece a facção adversa. Levantai a tenda! Vinde, nobres fidalgos, estudemos os benefícios do terreno. Chamai alguns homens de boa experiência. Que não faleça o rigor, que não haja tardança, que amanhã, senhores, é dia operoso!

(*A tenda está agora pronta. Saem por uma porta*)

(*Entram pela outra porta Richmond, o senhor D. Guilherme de Brandon, Oxford e Herbert Blunt e outros, que armam a tenda de Richmond no outro lado do palco.*)

RICHMOND — O lasso sol em ouro se deitou, e pelo luminoso rasto de seu carro de fogo faz promessa para amanhã de um dia bom. Senhor D. Guilherme de Brandon, empunhareis meu estandarte. Meu senhor de Oxford, vós, senhor D. Guilherme de Brandon, e vós, senhor D. Walter Herbert, comigo permanecei. O Conde de Pembroke conserva seu regimento. Bom capitão Blunt, levai-lhe da minha parte a boa noite. E pela segunda hora da manhã pedi ao Conde que me procure na tenda. Uma coisa mais, porém, bom capitão, por mim fazei: onde assentou arraial o senhor de Stanley, sabeis?

BLUNT — A menos que eu tenha confundido suas cores, o que hei por certeza não ter feito, seu regimento se assenta pelo menos a meia milha a sul do poderoso exército do Rei.

RICHMOND — Se for possível sem perigo, amável Blunt, achai bons meios de com ele

falar. E dai-lhe da minha parte este papel mui necessário.

BLUNT — Por vida minha, senhor meu, tal farei eu. E assim Deus vos conceda bom repouso nesta noite.

RICHMOND — Boa noite, bom capitão Blunt. (*Sai Blunt*) Dai-me tinta e papel em minha tenda. Traçarei a forma e disposição de nossa batalha. Darei a cada chefe o limite de seus variados cargos, e com justa medida repartirei nosso pequeno exército. Vinde, senhores, despenderemos razões sobre os sucessos de amanhã. Entremos em minha tenda, o orvalho é frio e cru.

(*Richmond, Brandon, Oxford e Herbert vão para dentro da tenda. Os outros saem*)

(*Entram o Rei Ricardo, Ratcliffe, Norfolk, Catesby e guardas*)

RICARDO III (*Rei*) — Que hora é?

CATESBY — É hora da ceia, meu senhor, nove horas.

RICARDO III (*Rei*) — Não cearei eu esta noite. Dai-me tinta e papel. Então, é meu elmo mais suave do que era, e toda minha armadura é posta em minha tenda?

CATESBY — Assim é, meu suserano, e todas as coisas prestes são.

RICARDO III (*Rei*) — Bom Norfolk, vai lesto tomar teu cargo. Faz guarda cuidadosa, escolhe ordenanças seguras.

NORFOLK — Vou, meu senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Levanta-te amanhã com a cotovia, gentil Norfolk.

NORFOLK — Disso podeis estar certo, meu senhor. (*Sai*)

RICARDO III (*Rei*) — Catesby!

CATESBY — Meu senhor?

RICARDO III (*Rei*) — Manda um passavante junto do regimento de Stanley. Ordena-lhe que traga suas hostes antes que nasça o sol, ou seu filho George cairá no abismo cego da eterna noite. (*Sai Catesby*) Enchei-me uma taça de vinho. Dai-me uma candeia. Aparelhai o branco Surrey para a batalha, amanhã. Vede se são firmes minhas lanças, mas não pesadas demais.

RATCLIFFE — Meu senhor?

RICARDO III (*Rei*) — Hás visto o melancólico senhor de Northumberland?

RATCLIFFE — D. Tomás, o Conde de Surrey e ele próprio, à hora em que se deitam as galinhas, de companhia em companhia andaram pelo exército, e davam ânimo aos soldados.

RICARDO III (*Rei*) — Bem, contente sou. Dai-me uma taça de vinho. Não tenho eu aquela alacridade do espírito nem o regozijo que eu em minha mente usava ter. Põe isso aí. Está pronto o papel e a tinta?

RATCLIFFE — Está, meu senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Põe minha guarda em vigília. Deixa-me só. Ratcliffe, pelo meio

da noite vem à minha tenda e ajuda-me a vestir a armadura. Deixa-me, te digo eu.

(*Sai Ratcliffe. Ricardo desaparece dentro da tenda, soldados em guarda vigiam-na. Entra Stanley, Conde de Derby, na tenda de Richmond*)

STANLEY — Que a Fortuna e a Vitória pousem sobre teu elmo!

RICHMOND — Que todo o agasalho que a noite escura pode conceder seja para tua pessoa, nobre padrasto. Diz-me, como se encontra nossa querida mãe?

STANLEY — Em seu nome, eu te abençoo da parte de tua mãe, Que reza sem cessar pelo bem de Richmond. E quanto a isto terminei. As horas silenciosas seguem seu furtivo curso e a escuridão em lâminas se quebra por dentro do Oriente. Sendo breve, pois a tanto nos obriga a ocasião, prepara tua batalha de manhã mui cedo e depõe tua fortuna no arbítrio das sangrentas estocadas e da guerra de mortífero olhar. Eu, como puder — o que faria não posso eu fazer — da melhor sorte enganarei o tempo e socorro te darei neste recontro de armas duvidoso. Mas não será possível que eu tome com clareza tua parte por não teu irmão, o jovem George, ser diante de seu pai executado. Adeus. A prontidão e a hora temerosa impedem os usados votos do bem querer e o vasto comércio de práticas amenas em que amigos há longo tempo separados se deviam tardar. Deus nos dê ocasião para estes ritos do bem querer. Uma vez mais adieu; sê valente e que a fortuna te acompanhe.

RICHMOND — Bons senhores, conduzi-o a seu regimento. Tentarei, com turvados pensamentos, dormir um pouco para que amanhã o plúmbeo sono me não derrube quando montar devia com as asas da vitória. Uma vez mais, boa noite, amáveis senhores e fidalgos. (*Saem Stanley com Brandon, Oxford e Herbert*) (*Ajoelha-se*) Ó Tu, de quem me tomo por capitão, contempla minhas hostes com benigno olhar. Depõe em suas mãos os contundentes ferros de tua ira porque eles possam esmagar, com grave queda, os elmos usurpadores de nossos adversários. Nos torna em Teus ministros do castigo, porque na vitória Te possamos louvar. A Ti encomenda minha alma vigilante antes que deixe cair as fenestras de meus olhos. Adormecido e acordado, ó sempre me defende! (*Levanta-se, desaparece na tenda, deita-se e dorme*)

(*Entra o fantasma do jovem Príncipe Eduardo, filho de Henrique VI.*)

FANTASMA DO PRÍNCIPE EDUARDO (*ao Rei Ricardo*) — Sentirás o meu peso amanhã em tua alma. Lembra-te como me apunhalaste na Primavera da minha juventude em Tewkesbury. Por isso desespera e morre. (*Para Richmond*) Alegra-te, Richmond, que as maltratadas almas de príncipes assassinados lutam em teu favor. O filho do Rei Henrique, Richmond, te conforta.

(*Sai. Entra o fantasma de Henrique VI*)

FANTASMA DE HENRIQUE VI (*ao Rei Ricardo*) — Quando eu era mortal, meu corpo ungido por ti crivado foi de chagas mortais. Pensa na Torre e em mim. Desespera e morre. Henrique VI ordena que desesperes e morras! (*Para Richmond*) Virtuoso e santo, sê tu o vencedor. Henrique, que profetizou que Rei serias, em teu sono te conforta. Vive e floresce.

(*Sai. Entra o fantasma de Clarence.*)

FANTASMA DE CLARENCE (*ao Rei Ricardo*) — Que sintas amanhã meu peso em tua alma, eu, que fui morto em banho de imundo vinho, eu, pobre Clarence, por ti traído até à morte. Amanhã, na batalha, pensa em mim, e que caia sem gume tua espada. Desespera e morre. (*Para Richmond*) Tu, fruto da Casa de Lancastre, os maltratados herdeiros de York oram por ti. Guardem os anjos bons tua batalha. Vive e floresce.

(*Sai. Entram os fantasmas de Rivers, Grey e Vaughan*)

FANTASMA DE RIVERS (*ao Rei Ricardo*) — Que sintas amanhã meu peso em tua alma, sou Rivers que morreu em Pomfret. Desespera e morre.

FANTASMA DE GREY (*ao Rei Ricardo*) — Pensa em Grey e que tua alma desespere.

FANTASMA DE VAUGHAM (*ao Rei Ricardo*) — Pensa em Vaughan, e com culpado temor deixa cair tua lança. Desespera e morre.

TODOS (*para Richmond*) — Acorda e pensa que nossas ofensas no peito de Ricardo o vencerão. Acorda e ganha o dia.

(*Saem*)

(*Entra o fantasma de Hastings.*)

FANTASMA DE HASTINGS (*ao Rei Ricardo*) — Sanguinolento e culpado, em culpa acorda e em batalha sanguinolenta finda teus dias. Pensa na senhora de Hastings. Desespera e morre. (*Para Richmond*) Alma pura, calma, acorda, acorda. Arma-te, peleja e vence por amor da formosa Inglaterra.

(*Sai. Entram os fantasmas dos dois jovens príncipes.*)

FANTASMAS (*ao Rei Ricardo*) — Pensa em teus primos sufocados na Torre. Chumbo sejamos dentro em teu peito, Ricardo, e com nosso peso te arremessemos para a ruína, infâmia e morte. As almas de teus sobrinhos ordenam que desesperes e morras. (*Para Richmond*) Dorme, Richmond, dorme em paz, e com alegria acorda. Guardem-te os anjos bons dos ataques do javali. Vive e gera feliz linhagem de reis. Os infelizes filhos de Eduardo ordenam que floresças.

(*Saem. Entra o fantasma da senhora Dona Ana, sua esposa*)

FANTASMA DE ANA (*ao Rei Ricardo*) — Ricardo, tua mulher, essa mísera Ana, tua mulher, que não dormiu contigo uma só hora feliz, enche agora teu sono de turvações. Amanhã na batalha pensa em mim, e caia, sem gume, tua espada. Desespera e morre. (*Para Richmond*) Tu, alma tranqüila, dorme teu sono tranqüilo. Sonha bom sucesso e uma vitória feliz. A mulher de teu adversário ora por ti.

(*Sai. Entra o fantasma de Buckingham*)

FANTASMA DE BUCKINGHAM (*ao Rei Ricardo*) — Fui aquele que primeiro te ajudou a chegar à coroa, o último que sentiu a tua tirania. Oh, na batalha pensa em Buckingham, e morre no terror das tuas culpas. Sonha, sonha sanguinolentos feitos e morte. Em perdendo forças desespera, em desesperando, exala teu derradeiro sopro. (*Para Richmond*) Morri na esperança e antes que te pudesse ajudar, mas que teu coração se alegre, e não esmoreças. Deus e os anjos

bons pelejam ao lado de Richmond. E Ricardo cai do cume de todo seu orgulho. (*Sai*)

(*Ricardo acorda sobressaltado*)

RICARDO III (*Rei*) — Dai-me outro cavalo! Ligai minhas feridas! Tende piedade, Jesus! Chiu, tão-só sonhava. Ó covarde consciência, como me atormentas! As luzes ardem azuis, é a meia noite dos mortos. Gotas frias de terror são no meu corpo tremente. De que me receio? De mim próprio? Não é mais ninguém aqui. Ricardo ama Ricardo, ou seja, eu e eu. E aqui um assassino? Não! Sim, sou eu! Então fuge. Quê, de mim próprio? Boa razão há, não me vá eu vingar! Quê, eu próprio contra mim próprio? Coitado de mim, eu amo-me a mim próprio. Porquê? Pelos bens que eu próprio a mim próprio ofereci? Oh, não, pobre coitado, antes a mim próprio tenho ódio por feitos odiosos que eu próprio cometi. Sou ruim vilão... mas minto, eu o não sou! Sandeu, diz bem de ti próprio! Sandeu, não uses de lisonja! Minha consciência tem milhares de línguas diferentes e cada língua me diz um conto diferente, e cada conto me condena como ruim vilão: perjúrio, perjúrio, no mais subido grau; assassínio, assassínio horrendo, no mais horrífico grau. Todos os pecados diferentes, todos cometidos em cada grau, se ajuntam diante o juiz todos bradando: "Culpado, culpado!" Em desespero cairei. Não há criatura que me ame, e se eu morrer, ninguém me lamentará... E porque o fariam, se eu próprio em mim próprio por mim próprio não encontro dó? Cuido que as almas de todos os que assassinei vieram a minha tenda, e cada qual me ameaçou que amanhã a vingança tombaria sobre a cabeça de Ricardo.

(*Entra Ratcliffe.*)

RATCLIFFE — Meu senhor?

RICARDO III (*Rei*) — Pelo demo! Quem está aí?

RATCLIFFE — Ratcliffe, senhor, sou eu. O galo da alva na aldeia por duas vezes saudou a alvorada. Vossos amigos erguidos são e cingem suas armaduras.

RICARDO III (*Rei*) — Ó Ratcliffe, sonhei um sonho horrendo! Que cuidas: provarão nossos amigos todos ser leais?

RATCLIFFE — Não duvido, meu senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Ó Ratcliffe, hei grã temor, hei grã temor!

RATCLIFFE — Não, meu bom senhor, não vos arreceeis de sombras.

RICARDO III (*Rei*) — Por São Paulo Apóstolo, esta noite sombras hão lançado mais terror na alma de Ricardo do que a substância de dez mil soldados mui bem armados e conduzidos pelo inexperto Richmond. Ainda é longe o dia. Anda, vem comigo. Entre nossas tendas em sigilo escutarei, para que veja se alguém intenta apartar-se de mim.

(*Saem Ricardo e Ratcliffe*)

(*Entram os fidalgos na tenda de Richmond, que está sentado.*)

FIDALGOS — Bom dia, Richmond.

RICHMOND — Peço clemência, senhores e fidalgos em vigília, por aqui encontrardes

lento madraço.

PRIMEIRO FIDALGO — Como haveis dormido, senhor?

RICHMOND — O mais doce sono e os sonhos mais esperançosos que alguma vez entraram em dormida mente, eu os tive, meus senhores, desde que vós haveis partido. Cuido que as almas daqueles corpos que Ricardo assassinou vieram a minha tenda e bradaram por vitória. Eu vos dou por certo que minha alma se deleita na lembrança de sonho tão formoso. É mui avançada a manhã, senhores?

PRIMEIRO FIDALGO — Soam as quatro.

RICHMOND — É tempo então que nos armemos e que demos nossas ordens. (*Sai da tenda*) (*A sua oração aos soldados*) Mais do que hei já dito, amados homens de minha terra, a prontidão e a necessidade do momento não permitem demorar-nos. Porém, lembrai-vos disto: Deus, e nossa justa causa, lutam a nosso lado; as preces de sagrados santos e de almas ofendidas, semelhantes a mui altos baluartes, são diante nossos rostos. Afora Ricardo, aqueles contra quem lutamos antes queriam ver-nos vencedores do que aquele que eles seguem. Pois quem é aquele que seguem? Em verdade, senhores, um sanguinoso tirano e um homicida; um que se ergueu com sangue, e em sangue se firmou; um que não olhou a meios para alcançar o que tem, e assassinou aqueles que foram meios para o ajudar. Uma pedra imunda e vil, tornada preciosa polo encaste do trono de Inglaterra, onde está com falsidade assente; um que sempre há sido inimigo de Deus. E assim, se pelejardes contra o inimigo de Deus, Deus, por justiça, vos tomará por Seus soldados; se suardes para derrubar um tirano, dormireis em paz, sendo o tirano morto; se lutardes contra os inimigos de vossa terra, a riqueza de vossa terra vos pagará a renda de vossas dores; se lutardes pela seguridade de vossas mulheres, vossas mulheres recolherão em casa os vencedores; se libertardes vossos filhos da espada, os filhos de vossos filhos vos agasalharão na velhice. E assim, em nome de Deus e de todos estes direitos, erguei vossos estandartes, com coragem brandi vossas espadas! Para mim, a expiação de minha ousada empresa talvez seja jazer este corpo frio na face fria da terra. Mas se vencer, o ganho de minha empresa repartido será por cada um de vós. Soai, tambores e trombetas, com coragem e alegria. Deus e São Jorge! Richmond e vitória!

(*Saem Richmond e os seguidores*)

(*Entram R. Ricardo, Ratcliffe e soldados.*)

RICARDO III (*Rei*) — Que disse Northumberland, no que respeita a Richmond?

RATCLIFFE — Que nunca foi em armas ensinado.

RICARDO III (*Rei*) — Disse a verdade. E que disse Surrey?

RATCLIFFE — Sorriu, e disse: “Melhor para nós.”

RICARDO III (*Rei*) — Razão tinha, e assim decerto é. O relógio dá horas. Dizei a hora. Dai-me um almanaque. Quem viu hoje o Sol?

RATCLIFFE — Eu não, meu senhor.

RICARDO III (*Rei*) — Então ele desdenha brilhar, porque, conforme o livro, há uma hora já que ele devia ter aparecido a oriente. Dia negro será este para alguém. Ratcliffe!

RATCLIFFE — Meu senhor?

RICARDO III (*Rei*) — Hoje o Sol não será visto! O céu se turva e chora sobre nosso exército. Gostaria eu que estas lágrimas como orvalho subissem do chão. Hoje não brilhar? Ora, que é isso para mim mais que para Richmond? Porque o mesmo céu que sobre mim se turva a ele olha com tristeza.

(*Entra Norfolk.*)

NORFOLK — Armai-vos, armai-vos, meu senhor, o inimigo arrogante avança para o campo

RICARDO III (*Rei*) — Vamos, prestes, prestes! Ajaezai meu cavalo. (*Ricardo arma-se*) Chamai o senhor de Stanley. Mandai-o trazer suas hostes. Conduzirei de contino meus soldados à planície, e será ordenada assim minha batalha: a minha vanguarda toda se estenderá em comprimento e será formada de cavalos e peões; nossos arqueiros permanecerão no centro. D. João, Duque de Norfolk, D. Tomás, Conde de Surrey, comandarão esses peões e cavalos. Avançando eles, seguiremos nós no corpo da batalha, cuja puissance em cada lado será escudada por nossos melhores cavalos. Assim, e São Jorge ajudando! Que pensas, Norfolk?

NORFOLK — Boas ordens, soberano guerreiro. (*Mostra-lhe um papel*). Encontrei isto na minha tenda esta manhã.

RICARDO III (*Rei*) (*Lendo*) — "Palafreneiro de Norfolk, não sejas tão destemido, porque Ricardelho, teu amo, foi comprado e vendido." Cousa que o inimigo engendrou. Ide, senhores, cada homem a seu posto. Que nossos sonhos sandeus não amedrontem nossas almas. Consciência é tão-só uma palavra que os covardes usam, primeiro engendrada para causar temor aos fortes. Que nossos fortes braços sejam nossa consciência, as espadas nossa lei. Marchemos! Juntemos-nos com valentia. Lancemo-nos na confusão... Se não para o céu, então de mãos dadas para o inferno. (*A sua oração ao exército*) Que direi eu, mais do que já sugeri? Lembrai-vos quem são vossos adversários: uma horda de vagabundos, plebeus e fugitivos um bando de bretões e vis lacaios camponeses, que sua terra golfa em congestão e lança em desesperadas aventuras e segura destruição. A vós, que dormis em seguridade, eles trazem desassossego; a vós, que possuis terras e abençoados sois com esposas formosas, eles tornariam as primeiras e as outras desonrariam. E quem os comanda senão um homem vil que há muito vive na Bretanha a custos de nosso irmão? Um fraldiqueiro! Um homem que jamais em sua vida sentiu o frio da neve atravessar seus sapatos. Vamos escorraçar estes vagabundos de novo para o outro lado do mar, repelir daqui estes arrogantes miseráveis de França, estes pedintes famintos, lassos de suas vidas... Que, se não fora o sonho deste belo cometimento, por falta de meios, pobres ratos, se teriam enforcado. Se houvermos de ser vencidos, que sejam homens a vencer-nos! E não estes bastardos bretões, que nossos pais bateram em suas próprias terras, saquearam e espezinharam, e na história foram feitos herdeiros da sua ignomínia. Gozarão de nossas terras? Dormirão com nossas mulheres? Violarão nossas filhas? (*Soam*

tambores ao longe) Atentai, ouço seu tambor. Lutai, senhores de Inglaterra! Lutai, valorosos peões! Puxai, arqueiros, puxei vossas setas às cabeças! Esporeai forte vossos bravos cavalos e cavalgai em sangue! Assombrai o céu com vossas lanças quebradas! (*Entra um mensageiro*) Que diz o senhor de Stanley? Trará suas hostes?

MENSAGEIRO — Meu senhor, ele nega-se a vir.

RICARDO III (*Rei*) — Fora com a cabeça de seu filho George!

NORFOLK — Meu senhor, o inimigo passou o pântano! Depois da batalha mandai matar George Stanley.

RICARDO III (*Rei*) — Mil corações batem vivos em meu peito. Avançai, estandartes nossos! Lançai-vos sobre o inimigo! Que nosso velho brado de coragem, "por São Jorge", nos inspire com o alento de dragões de fogo! A eles! A vitória se assenta em nossos elmos.

(*Saem*)

Cena 4

Alarmes. Escaramuças. Entram Norfolk e soldados; depois por outra porta Catesby.

CATESBY — Socorro! Meu senhor de Norfolk, socorro, socorro! O Rei faz mais prodígios que um homem, ousando opor-se a todos os perigos. Seu cavalo é morto, e a pé combate, procurando Richmond na garganta da morte. Socorro, meu senhor, ou está perdido o dia!

(*Saem Norfolk e os soldados*)

(*Alarmes. Entra o Rei Ricardo*)

RICARDO III (*Rei*) — Um cavalo! Um cavalo! Meu reino por um cavalo!

CATESBY — Fugi, meu senhor, eu vos levarei um cavalo.

RICARDO III (*Rei*) — Escravo! Joguei aos dados minha vida, e suportarei o acaso do jogo. Cuido haver seis Richmonds no campo de batalha, cinco matei eu hoje em seu lugar. Um cavalo! Um cavalo! Meu reino por um cavalo!

(*Saem*)

Cena 5

Alarmes. Entram Rei Ricardo e Richmond; lutam. Ricardo é morto, soa então à retirada. Sai Richmond. Levam o corpo de Ricardo. Trombetas. Entram Richmond, Stanley, Conde de Derby com a coroa, e outros nobres e soldados.

RICHMOND — Deus e vossas armas sejam louvados, amigos vitoriosos. É nosso o dia. É morto o sanguinoso cão.

STANLEY — Valente Richmond, teu dever cumpriste bem! (*Apresentando a coroa*) Vede, aqui, esta realeza há longo tempo usurpada, da fronte morta deste sanguinoso miserável a arranquei para com ela ornar tua testa. Usa-a, goza-a e enobrece-a.

RICHMOND — Grande Deus dos céus, a todos eu digo amem! Mas dizei-me, ainda é vivo o jovem Stanley?

STANLEY — É, meu senhor, e em seguridade na cidade de Leicester, Para onde, se vos apraz, nos podemos agora partir.

RICHMOND — Que homens ilustres morreram em ambos os lados?

STANLEY — D. João, Duque de Norfolk, D. Walter, senhor de Fertrers, o senhor D. Roberto de Brakenbury e o senhor D. Guilherme de Brandon.

RICHMOND — Sepultai seus corpos como convém a seus nascimentos. Proclamai um perdão aos soldados que fugiram e que submissos a nós tornarem, e então, como solenemente houvemos jurado, uniremos a rosa branca e a vermelha. Sorride, céus, a esta ditosa aliança já que tão longo tempo haveis ensombrecido a sua inimizade. Que traidor me escuta e não diz amem? A Inglaterra muito há que é sandia e se tem a si própria maltratado: o irmão cegamente sangue de irmão derramou; o pai desrazoadamente seu próprio filho matou; o filho, mau grado seu, de seu pai foi carniceiro. Tudo isto dividiu York e Lancastre, dividiu, em medonha divisão. Oh, que estora Richmond e Isabel, veros sucessores de cada casa real, pela justa ordem de Deus se unam e que seus herdeiros, ó Deus, se assim te apraz, enriqueçam o tempo por vir com a paz de macio rosto, com ridente abundância e belos, prósperos dias. Torna rombas as espadas dos traidores, gracioso Senhor, que quiserem fazer reviver estes dias sangrentos e fazer chorar a pobre Inglaterra em torrentes de sangue. Não permitais que vivam para gozar a prosperidade desta terra os que com traição quiserem ferir a paz desta formosa terra. Agora as guerras internas estão cerradas; a paz vive de novo. Que ela aqui possa viver por longo tempo, ó Deus, diz Amem!

(*Saem*)